









# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 1 DE JANEIRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 105

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

## SUMMARIO

|  |                 |
|--|-----------------|
| Expediente.....                            | A REDACÇÃO.     |
| «A Semana».....                            | FILINDAL.       |
| Historia dos sete dias.....                | L. DE MENDONÇA. |
| A tempestade, poesia.....                  | V. MAGALHÃES.   |
| Paginas esquecidas: R. Correa, soneto..... | R. CORREA.      |
| Idem: A V. Magalhães, soneto.....          | JULIA LOPES.    |
| As violetas.....                           | J. D. DA ROCHA. |
| Por uma estrada, soneto.....               | S.              |
| Jornaes e revistas.....                    | SILVA RAMOS.    |
| Nessun maggior dolore, soneto.....         | F.              |
| Notas bibliographicas.....                 | PASSEPARTOUT.   |
| Aqui, ali, a colá.....                     | A. DE SOUZA.    |
| No Sahara, soneto.....                     | GALI-LÉN.       |
| Musica e musicos.....                      | E. MONTEIRO.    |
| Cartas de Lisboa.....                      | A.              |
| Gazetilha litteraria.....                  | G. MONTEIRO.    |
| Impressão, poesia.....                     | BIBIANO.        |
| Cnife das graças.....                      | L. M. BASTOS.   |
| Sport.....                                 | P. TALMA.       |
| Theatros.....                              | A. MENEOS.      |
| A escolha da morte, poesia.....            | FREI ANTONIO.   |
| Tratado á Bola.....                        | ENRICO.         |
| Factos e Noticias.....                     |                 |
| Correio.....                               |                 |
| Secção de honra.....                       |                 |
| Correio da Gerencia.....                   |                 |
| Recemos.....                               |                 |
| Annuncios.....                             |                 |

## A SEMANA

Rio, 1º de Janeiro de 1887.

Este numero é o primeiro do nosso terceiro anno.

Tendo pela primeira vez vindo a publico no dia 3 de Janeiro de 1885, tem *A Semana* sido publicada até hoje invariavel, britannicamente, todos os sabbados... Perdão: todos os sabbados não. Ella tem sido publicada uma ou outra vez, por conveniencias de oportunidade ou por outras,—á sexta-feira. Depois do sabbado é que nunca.

Quo o favor publico tem amparado e fortalecido a nosso folha prova-o facto da sua duração e, principalmente, o dos melhoramentos que *A Semana* hoje apresenta, ao iniciar o seu terceiro anno de vida.

Como deve ter notado o leitor, *A Semana* cresceu, e não cresceu pouco.

E' que já não podia com o seu primitivo formato satisfazer á abundancia e urgencia da collaboração, deixando por isso de publicar muitas vezes algumas de suas mais estimadas secções.

Com o actual formato fica *A Semana* habilitada a inserir-las todas e maior numero de trabalhos dos seus colaboradores, bem como a tractar mais demorada e desenvolvidamente dos acontecimentos dos sete dias decorridos de um numero a outro.

Em meio da pequenina guerra de ronias e apodos que actualmente divide e enfraquece a nossa imorensa, continuará *A Semana* a conservar-se neutra, tractando namavelmente os collegas amaveis e deixando sem a honra de uma resposta os que gratuitamente a aggredirem ou desconsiderarem.

O publico pôde esperar de nós, como até aqui, inteira isenção de animo e completa imparcialidade na maneira de apreciar os homens e os factos publicos, como as obras artisticas, scientificas ou litterarias.

*A Semana*, vivendo unicamente do apoio da grande entidade anonyma que se chama—o publico, não tem dependencias ou compromissos que a forcem a faltar á verdade ou a torcer a justiça. Os não pequenos sacrificios que tem feito para conquistar de mais em mais o favor da opinião, espera que lhe serão reconhecidos e compensados. «Trabalho e perseverança» é a nossa divisa. Com ella temos vencido, com ella continuaremos a vencer a indifferença publica.

Aos collegas e aos cavalheiros de que tem esta folha recebido finezas e serviços—o reconhecimento do director e dos redactores d'*A Semana*.

Continuaremos a publicar desenhos e gravuras sobre os homens e os factos do dia, sempre que nos seja possível, e a procurar corresponder do melhor modo á estima e á protecção do publico.

Os jornaes e revistas francezas de que tomamos assignatura habilitamos a trazer os nossos leitores sempre a par das novidades artisticas e litterarias da Europa e dos factos que mais occuparem a attenção de Paris, dando assim maior interesse ás nossas secções *Gazetilha Litteraria* e *Aqui, ali, acolá*.

Em todos os numeros publicaremos um conto original de auctor brasileiro ou portuguez. Para isso contamos com as pennas das Exmas. Sras. D. D. Julia Lopes e Adelina Vieira e dos Srs. Aluizio Azevedo, Alcindo Guanabara, Manoel Carneiro, Raul Pompeia e dos escriptores portuguezes Guilherme Gama, Mouteiro Ramalho e Garcia Monteiro. Neste numero encontrarão os leitores um delicioso conto de D. Julia Lopes — *As violetas*, e no proximo nu-

mero terão o prazer de ler um de Aluizio Azevedo. Além d'esses contos originaes, daremos alguns tradnzidos dos mais celebres *conteurs* francezes.

De todos as obras de alguma importancia que nos forem remetidas daremos conta em as *Notas bibliographicas* e das mais notaveis tractaremos em artigo especial.

No proximo numero publicaremos n primeira das *Cartas do Olympo* por *Phébo-Apollo*, pseudonymo de um dos nossos mais illustres poetas modernos. Essa carta está destinada a um grande successo.

De Alfredo Pnheta daremos um artigo em que ease nosso collaborador defende as idéas que expendeu ácerca da exposição de quadros de H. Bernardelli.

Proximamente serão distribuidos aos Srs. assignantes do anno findo os indices e frontespicio d'*A Semana*, como fizemos com o anno de 1885.

Para o n.º 53 d'*A Semana*, primeiro do nosso segundo anno, escrevemos o artigo abaixo transcripto, que produziu resultados superiores á nossa expectativa. Quasi todos os nossos assignantes satisfizeram o nosso pedido.

Por isso, e esperando o mesmo feliz resultado, o transcrevemos hoje, 1º numero do terceiro anno d'*A Semana*.

Eis o artigo:

### AOS SRS. ASSIGNANTES

«Com o presente numero enviamos a cada um dos nossos assignantes um prospecto d'*A Semana* com todas as explicações, condições de assignatura, vantagens que têm os assignantes, relação dos premios que offerecemos, etc.

Ora acontece que esse prospecto tem no verso uma LISTA DE ASSIGNATURAS. Se alguns dos nossos amaveis assignantes quizarem propor aos seus amigos, ou mesmo ao seu amigo, que seja assignante d'*A Semana*, nós lhes protestaremos a nossa gratidão eterna por seis mezes se o assignante novo fór de um semestre, e por doze mezes se fór de um anno.

Note-se que *A Semana* é, modestia á parte, o mais interessante e o mais espirituoso jornal de todo o Imperio, e que n preço da assignatura é tão diminuto que chega a commover a gente.

Os Srs. assignantes que receberem o referido prospecto, desde que hajam inscripto os nomes dos seus amigos, terão a bondade de reenvial-o a esta redacção, pelo que lhes ficará immensamente grata

A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Quando nada houvesse da registavel nesta semana, havia dois factos sufficientes para occupar todo o espaço de que me é dado dispor. Esses dois factos são—a entrada d'*A Semana* no terceiro anno da sua existencia e a entrada do novo anno. Temoa pois que celebrar duas entradas, o que sempre é melhor do que celebrar uma só, cá por coisas que não ha malicia que descortine.

Foi-ae o anno de 1886 e creio que se foi pra sempre.

Eu por mim, ee lançar um olhar retrospectivo atravez dos Jozs mezes decorridos, creio que encontrarei motivos mais para trietezas do que para alegrias. Não me correu bem o 86. No começo ainda tive uns diaa de ventura; depois mais nada, ou quasi mais nada. Não tirei nenhum premio na loteria, tendo comprado dois ou tres bilhetes dos melhores; assisti a uma porção de peças ruins e li por dever de profissão não sei quantos livros máus. Enfim, aconteceu-me uma porção de calamidadea que eu não reproduzo aqui, apesar de eaber quanto o leitor se interessa pela minha pessoa, para não eacandalisar os collegas, que andam agora a degladiar-ae por dá cá aquella palha.

A entrada d'*A Semana* no seu terceiro anno é, sem duvida alguma, um acontecimento dos de maior importancia para a Historia litteraria do Brazil; acontecimento que não se avalia agora, mas que mais tarde, quando a litteratura nacional houver jatingido valor apreciavel, ha de ser louvada e registrada como o maior esforço que neste paiz se tem feito em prol do movimento litterario; e não ficará apenas como um esforço esteril e infecundo: a Historia ha de notar que antes d'*A Semana* nunca houve um jornal de letras que passasse do primeiro semestre, e que este, que ainda hoje se apresenta com uma relativa modestia, começava o seu terceiro anno de existencia regularissima—augmentando o formato!

E é preciso não esquecer que *A Semana* sempre foi distribuida aos sabbados, sem nunca falhar, dando nos cento e quatro sabbados dos primeiros dois annos—cento e quatro numeros, como se pôde ver pelo ultimo,

E agora, neste momento verdadeiramente solemne da passagem para o novo anno, eó a modestia, este diabo de modestia que eu não posso vencer, é que me obriga a não declarar aqui em letra de fôrma que este esplendido triumpho *A Semana* deve-o sómente á *Historia dos sete dias*. Mas isto é coiaa que me fica encerrada no bahu da consciencia e que nunca ninguem aabrará. Eu não gosto de assoalhar as minhas glorias para poder tambem encobrir os

meus erros, que os tenho, como tendo mortal, — apesar de me estar cá dentro a palpitar que o não sou; sim, porque ha em mim qualquor coisa que brada, perdão... que me brada: — Tu és immortal, Filindal! Tu não morres, grande patife!... Com a tua graça caliste na graça dos deuses, Filindal!

Eu metto-me ainda mais no castiço da modestia e calo-me. Nem quero que estas coisas se saibam. Se por desgraça esta fama se derramasse pela cidade, amanhã tinbo ou aqui á porta o Instituto Historico com um diploma na mão á espera; e d'esta instituição, tão respeitavel quanto esmoalenta, é que eu me quero livrar.

A época está de featas e para festas. Eu abomino este velho costume de dar as festas muito meaos pelas que sou obrigado a dar do que pelas que sou obrigado a receber. Isto de festas são como os presentes de annos. Para mim não ha nada mais difficil, que mais me perturbe e embarace e atrapalhe e desorienta do que ter de escolher um presente de anno. Levo um tempo immenso a escolher e por fim faço sempre triste figura. Mas, com fraqueza o direi, não ha nada que mais me enalteste, que me ponha mais *gauche* e me faça abrir mais amarello sorriso do que o offercimento de um presente que me façam no meu anniversario.

Fico atrapalhadissimo, não sei que hei de dizer, nem como agradecer, nem nada; fico uma besta! Sobem-me um grande calor ás faces, remexo-me todo na cadeira, se estou sentado, vacillo e tremo, se estou em pé; sorrio-me, balbucio um agradecimento e faço tantos tregeitos que fico sempre á espera que o offerente me arrume com o presente nas ventas!

Com as festas do fim e do começo do anno dá-se em mim o mesmo singular phenomeno. Quando as quero dar não encontro ao alcance da minha magra bolça objecto digno da pessoa a quem as destio. Por que a uma mulher bonita, por exemplo, a quem dêmos o nosso coração, não lhe havemos de offercer coisas de comer. Nada de amendoas nem de *bon-bons*. São coisas que se não guardam, que têm um destino pouco convinavel com as leis da galanteria.

O que eu quizera dar á dona dos meus sonhos não ha dinheiro que o pague. Objectar-me-ão que ha para tudo um termo médio e que quem não possa dar uma pérola de Ceylão pôde dar um brilhante de Paris. Santissimo Padre Eterno da minha alma! não me digam semelhante coisa. Eu hei de dar objecto que se possa mostrar ou então prefiro não dar nada.

Eu sei sou assim. Entretanto, apesar de ter ainda maior repugnancia pelas receber, não darei nenhum desgosto ao meu querido leitor que por ventura me queira distinguir no dia festivo do anno-bom. Eu com os leitores prezo-me de ser muito delicado, amavel e attencioso. Não; mandem o que quizerem, que tudo acceptarei nobremmente.

N. B. — Tudo é um modo de dizer.

FILINDAL

Sobre as aguas quiz lançar-me  
E não temia morrer;  
Não me leutrei que morreado  
Mzo te poia mais vér.

(Cancioneiro dos Giganos)

## A TEMPESTADE

(CH. FOLEY)

Sobre a noite do mar a do céu se eshorde.  
Torva lucta, como um canhoneio, rehoá  
A trovoadá, esmagando as nuvens na oppressão,  
Bombardeiando a treva.

Um rúbido clarão,  
Como sangrento riso, ahe o cariz do espaço.  
Mas é um palpitar de luz rapido e escasso;  
E do ebbemero incendio a terra volta a estar  
No escuro. Comprimido entre a agua e o nimbus, o ar  
Dilata-se affaal com furia aterredora,  
Fende o céu, cava a onda; a tempestade estoura,  
E o rai, que se torce através do negror,  
Parece ferro em brazá entre o lamiaador.  
Bramem raivas triumphaes, e nas fortes lufadas  
Ao infinito o vento atira hoietadas.

Das ondas, que percorre um fr. nito febril,  
Eri gem-se de horror os vivos seios mil.

Nesse revólto chaos, entre as quatro oscillantes  
Taboas d'um barco, impresso o assombro nos semblantes,  
Offuscados, feições crispadas, espectraes,  
O marinheiro e o filho, immoveis, estão quaes  
Présus que actúa e morde e envolve de tormentos  
A matilha feroz das vagas e dos ventos.  
Ao mastro, ainda de pé, se agarra o pae, e ao pae  
Preade-se o filho, e sobre os dois tremula cae  
A vela esfarrapada — um sudario pendente;  
Parecem, no hatel, onde lugubremmente  
Retumba do naufragio o surdo caato-chão,  
Dois mortos que de pé se erguessem no caixão.

Geme o mastro, na angustia os costados estalam,  
E o barco ainda resiste ás ondas que o encurralam;  
Mas entra um vagalhão, logo outro surge após,  
E a matilha infernal ruge, innumera e atroz,  
Mil guelas alli e: tão para tragar o pohre...  
Um pé de vento o afunda, um rôlo d'agua o cobre,  
Abre-se um precipicio e serve a embarcação.

O homem, com um hraço, aperta o filho ao coração;  
Com o outro, uma táboa ainda ao vortice arranca;  
Atordoado ao bater d'uma avalanche, brance  
De espuma, que o arrasta e quasi o afoga, mal  
Pôde a criança suster a principio; afinal  
Já lucta, já respira, e tem o husto fóra.  
Era horrivel ha pouco. Ainda é peior agora;  
Resistindo, entre o céu escuro e o escuro mar,  
Aos despojos atém-se, e lá vão, a nadar;  
Como que por cruel e cobard. ironia  
O oceano prolonga, a briacar, a agoaia  
Dos miseros que vé no combate sea voz.  
Os pedaços do barco, um agora, outro apoz,  
Leva-os, e um apoz outro os naufragos os colhem.  
O espolio diminue, por mais que afflicto olbem,  
Vae-se o fragil arrimo, eis que só restam dois  
Pedaços do hatel, depois um só, depois...  
Nada!

Aos hombros do pae atira as mãos a criança.  
Naquelle apoio, sim, pode-se ter coafaaça.  
« Coragem diz-lhe, loage a tempestade vae;  
Parece que não tarda a amanhecer. »

O pae  
Pergunta-lhe em voz baixa, angustiado, arquejante:  
« Avistas terra? » E então, num grande esforço ovante,  
Nos braços o ergue ácima. O menino estendeu  
A vista para o longe, e alegre prorompeu:  
« Amahece. Lá vejo o môrro, a praia cbeia  
« De cabaaas, e a egreja; o pae, é a nossa aldeia.  
« Vamos dormir em casa ainda, se Deus quizer.  
« Anda; avisto seatada além uma mulher...  
« Mas tu deves estar cansado ... » — « Vae olbando »,  
Diz-lhe o pae, num esforço extremo o susteando.  
« E' manãe, é mamãe! é ella, vejo que é. »  
— « Tarde! » murmura o pae; falta-lhe a voz até.  
Oh como horrivelmente o filho lhe pesava!  
Os braços do infeliz a caimura inteiriçava;  
Exhauria o vigor nos arrancos finaes,  
Batia na agua, sim, mas não seguia mais.

A criança reflectiu, então: « Sou eu que o prendo;  
Meu peso é muito, o mar egore vae cedendo,  
« Clareia o céu, que bello o dia vae ficar  
« E que tumulo este, enorme e frio, o mar!  
« Mas quem ha de culdar dos irmãos? Sou cobarde,  
« Já o devia ter lergedo; fica tarde.  
« Sósinho, poderá chegar. Oh que prazer  
« Quando o abraçarem lá! E eu querie morrer  
« Sobre os joelhos teus, ó minha mamãesinha ... »

Rubra, por traz da serra, a madrugada vinbe;  
Do bombro do pae tirou a pequenina mão  
E em silencio afundou.

A' hora em que se vão  
Os pequenos deitar, o alegre e melgo bando  
Assustado repara: « Olha papae chorando ».   
E pellida, sem ter um riso para dar  
Aos seus risos, sem ter en menos um olhar  
Para as frentes gentis, no aposento sombrio  
A mãe vae se assentar juncto a um herço vasio.

Valença, 1886.

LUCIO DE MENDONÇA

## PAGINAS ESQUECIDAS

RAYMUNDO CORRÊA

(ANNUNCIO)

Fugiu-me, ha mais ou menos quize dias,  
Este excellent e extremecido amigo.  
A quem trouxe-me — um livro de Tobias;  
Protestarei, se alguém lhe dê abrigo.

Atteação aos signaes: — Fórmes esguias;  
De praxistas acerrimo inimigo;  
Cerebro aherto ás louras phantasias,  
E nas hotas, ás vezes, um « postigo ».

Adora os versos bons e o enunciante;  
« Toilette » pohre, intelligencia rica;  
Traja estylo impeccavel, frak preto;

Versos publica e fuma a todo instante;  
Se não fuma ou soaetos não publica,  
E' que o fumo desfaz, faz o soneto.

VALENTIM MAGALHÃES.

A VALENTIM MAGALHÃES

(RESPOSTA AO ANNUNCIO)

Fugiu-te o amigo, e um livro prometteste  
A quem trouxesse-o: Eu trago-o... Mas vé bem:  
Se elle pr'a longe foi, quando vieste,  
Porque pr'a longe vaes, quando elle vem?...

Não foi fiel o aannuncio que fizeste  
Do tal vate; asseguro-te, porém: —  
Se muitas cousas tem que não lhe déate,  
Cousas muitas lhe déste que não tem.

Nem te lembraste d'esta circumstancia:  
De que elle hoje é burguez e os magros dias  
Passa, como burguez, entre os burguezes;

Porém isso é de miaima importancia.  
Cá o tens!... Dá-me o livro do Tobias,  
Do Tobias Barreto de Menezes.

RAYMUNDO CORRÊA.





bellido, heijos grossos, bigode preto como o cabelo, que usa curto, apartado ao melo.

Sempre correctamente barbeado e vestido, de um dandy mo delicado e sobrio, como convem a um correspondente da *Gazeta de Noticias*, maneiras graves e finas, em que se adivinha o convívio habitual com senhoras, reservado com extranheza ou indifferentes, expansivo e alegre com companheiro com os seus amigos, sem ter tolavia em caso algum a *verve* palradora, desordenada, *entrain* endiabrado, grullo de seu irmão. Essa differença de indole dos dois irmãos explica as suas desintelligencias. Emquanto o Antonio, de palheta na mão, piuta o seu quadro, assoviando ou cantando um *couplet* da Trindade ou da revista do anno, palrando, mexendo, fazendo burlho, e mesmo dançando num ou noutro dos continuos intervalos; o escriptor, nervoso como todo artista, requer primeiro que tudo, como todo escriptor nuante da sua arte, requer para traballar, silencio, ordem, seriedade.

O seu gabinete de trabalho é num ultimo andar, na cidade alta, aonde o rumor da capital chega já muito atenuado como o de uma orquestra longiqua. De um lado as janellas dão sobre o Tejo, com um primeiro plano de telhados e traceiras de casas, com a paisagem da *outra-banda* por horizonte terminando para a direita na casaria occidental da cidade, polo rio e pelo mar. Do outro lado tem uma janella de agua-furtada, com uma platibanda, que dá para a rua, uma das principaes da capital, onde ás vezes noa outretreiros a ver o formigueiro de gente que passa lá em baixo.

É ali que elle tem os seus cravoiros para fornecimento da *boutonniere*, e é por ali que ás vezes nos vamos fazer uma excursão ao alto do telhado para vermos se chegou o paquete ou para examinarmos — a paisagem. De um lado é o gabinete de leitura; do outro o gabinete de trabalho. Neste uma pequena meza supporta a bibliotheca, uns 300 volumes, empilhados ás rimas, encostados á parede, na maior parte de litteratura e arte moderna, todos em brochura (por que elle não compra livros encadernados), illustrações e *plaquettes* artisticas. Noutro meza, muito larga, a meza de trabalho, rimas de jornaes, — o *Côll Blas*, a *Gazeta de Noticias* e jornaes portuguezes. Pelas paredes quadro, aquarellas, gravuras, chinezarias coloridas, *bibels*, etc.

A sua vida de todos os dias é uma vida perfectamente regulada, vida de trabalho, de escriptor consciencioso, convencido da verdade desta phrase de não sei que escriptor moderno: a inspiração é o trabalho de todos os dias. A não ser no dia immediato ao da correspondencia para a *Gazeta*, que para compensar a estopada da vespera, para *equilibrar*, se dá um feriado de vadiagem consoladora, ou um ou outro dia de *écho* *ppée* para o campo ou para o rio — para retemperar, passa todo o dia em casa trabalhando, tomando notas para a correspondencia, escrevendo, corrigindo, lendo, architectando novos trabalhos; isto desde pela manhã até ás 4 horas, em que uma campainha em comunicação com o 2º andar o clinha para jantar. As suas distracções são as visitas periódicas aos *ateliers* de Alberto Nunes, Columbo, Malhoa ou Gyrão, um passeio pelas livrarias ou pelas ruas para ver as vitrines e as mulheres, ou pelo rio até Belem, á tarde, se é verão. A noite é certo no Leão para conversar d'arte e dos acontecimentos do dia, e onde se demora até ás 11 ou meia noite, se não vne a S. Carlos ou para um serão de senhoras, onde não falta nunca. E com isto, não faltando, como genuino artista do seu tempo, a nenhuma das nossas poucas festas aristocraticas, da aristocracia da elegancia, do dinheiro, ou do talento, — salvas litterarias ou musicas, hermeses, exposições, festas populares; nos theatros — raras vezes, só quando vale a pena.

Se accrescentar que elle nasceu numa aldeola de Traz-os montes, á beira do Douro, entre montanhas, onde todos os annos va passar um mez de ferias para realentar o espirito com algum tempo de treguas no trabalho ininterrupto e violento da vida moderna, descanço tão necessario como o somno, heri dicto do homem e que importa para explicar o artista. Vejamos agora o artista, o escriptor.

(Conclue no proximo numero)

EMÍDIO MONTEIRO.

### GAZETILHA LITTERARIA

Por morte do academico Falloux vagou na Academia Franceza a cadeira que era por elle occupada, e que pertencera successivamente a Auger de Mauléon, Daniel de Priezac, Michel du Clerc, de Tourréel, Roland-Malet, Boyer e outros. Procedeu-se á eleição e por maioria de votos foi eleito o Sr. Gréard contra Haussonville que só obteve 11 votos e Oscar da Vallée que só teve tres. Gréard, o novo academico, é auctor de diversas obras notaveis sobre ensino e educação. A sua ultima obra publicada, que trata da educação do sexo feminino, com annotações e observações sobre os trabalhos congeneres de Mme de Maintenon, é trabalho notavel pela elegancia do estilo como pela profundesa dos conceitos.

Olavo Bilac, nosso estimado collaborador e já notavel poeta, vai publicar em volume as poesias que compoz durante o periodo de 1884 1886, dividindo-as em tres partes: *Panoptias*, *Via-Lactea* e *Sargos de Fogo*.

Brevemente, pois que já entrou para o prelo este livro onde ha bellissimas joias, os amantes das boas letras poderão ler, reter e decorar os bello versos de Olavo Bilac.

Mais uma edição do famoso romance de Alex. Dumas, d'aquelle, talvez, a que elle deve a celebridade, — acaba de ser posta á venda pela livraria Quantin, em Paris. O que apresenta de novo esta ultima edição da *Dama das Camélias* é que traz um prefacio do proprio auctor; prefacio interessantissimo como obra litteraria e cuja leitura proporcionaremos em um dos proximos numeros d'A Semana.

O drama philosophico de E. Renan — *A abadesa de Jouarre*, acaba de ser traduzido em italiano e será provavelmente representado no theatro Valle, em Roma.

Um notabilissimo livro de critica acaba de vir á luz edictado pela livraria Hachette, Paris. Esse livro de que é auctor o celebre prolector Gustave Larroumet intitula-se *Molière actor e director*.

Recommendamos esta obra de critica de arte áquelles que se occupam ainda de cousas de theatro.

O nosso collaborador Olavo Bilac autorisa-nos a declarar que, contra o que noticiaram as folhas diarias, não prefaciara o livro de versos que com o titulo *Sonatas* deve ser publicado proxlamente.

### IMPRESSÃO

Quando te veja fico sempre triste;  
Torna-se-me o olhar humilde;  
E da primeira vez que me sorriste  
Doeu-me o coração, já tão ferido.

Eu proenro-te mesmo: sinto um goso  
Neste lento pungir, nesta tortura.  
Hontem isto ainda foi mais doloroso,  
E eu reparei em ti com mais ternura.

Fi-puei assim a olhar-te longamente,  
Com o rosto entre as mãos escaudecidas.  
Depois, ancida, ergui-me de repente  
E saltaram-me as lagrimas sustidas.

Fez-te mal ver-me assim; causei-te espanto.  
A minha mão na tua estremeceu.  
Ah! não soubeste a causa d'esse printo...  
Pareces minha irmã que já morreu!

GARCIA MONTEIRO

### COPRE DAS GRAÇAS

— O' Gnstavo.  
— Que é João?  
— Tens reparado na assiduidade, com que o Lopea te visita?  
— Não.  
— Pois olha, é preciso cuidado: creio que tua mulher nos engana.

Authentica:  
Um pobre réu mostrava grande abatimento e tristeza durante a julgamento no jury.

— Cuidado! disse um aeu amigo, como está triste!  
— E' porque quer — disse um dos guardas do preso — porque eu já lhe dei uma *Gazeta* para distrahir-se.

— Porque será que o jornalista F. anda sempre a dormir?  
— Dizem que lê o que escreve.

— Homsm, disseram me hoje  
Que a vida publica foge,  
Sem ter motivos nem nada,  
A Miloa da Saude?  
— Deu-lhe uma dór de virtude  
E recolheu-se á privada.

Em uma officina de cbapeus de senhora, um saugeito exaltava as qualidades que tinham varias donzeilas empregadas no enfeite dos chapueos e dizia que ali é que havia boas esposas.

Um ouvinte, ao lado:  
— Ao menos hão de saber muito bem enfeitar os maridos.

A deslumbrante Amelita tem um amante, que além de velho é ciumento e estúpido; de vez emquando ha entre elles esta scena: Elle põe o cbapéu na cabeça e, ao sahir:  
— Até logo, bemzinho.  
— Quando voltas?  
— Não sei.  
— Olha, vem um pouco mais tarde.

Eulalia, tendo receio  
Que o Marquez de Val Secreto  
Não seja muito discreto,  
Não quer aceitar-lhe a côrte;  
Elle, pra' ver se a commove,  
Diz-lhe: «Tende confiança,  
Eu pareço-vos criança,  
Mas já fiz sessenta e nove».

BIBIANO.

### SPORT

Fsteve esplendida a nona e ultimo corrida extraordinaria do Derby-Club no domingo passado, apezar da chuva forte que por vezes cabiu durante o divertimento. Os pareos foram bem disputados e com grande animação applaudidos pelos amadores.

Eis o resultado:  
No 1º pareo (1450 metros) *Pirata* em 106 segundos venceu os seus competidores. *Jenny*, chegou em 2º e *Caporal* em 3º.

Tambem correram: *Aldace*, *Chapeco*, *Saltarelle*, *Marengo*, *Condor* e *Pretoria*. Não correram *Morena* e *Lucifer*.

No 2º pareo (1000 metros) *Druid* em 70 segundos fez boa corrida, vencendo os seus adversarios. *Nicoafy* em 2º, *Intima* em 3º, *Biscata* em 4º, e *Aymoré*, em 5º. *Vampa* e *Villa-Nova* ficaram no poste de partida.

*Boyardo* e *Dinorah* não correram. No 3º pareo (1.450 metros) *Cheapside* com facilidade, em 103 segundos, venceu *Cañita* que chegou em 2º. *Peruana* em 3º. *Regina*, *Waller* e *Dr. Jenner* vieram na bagagem.

No 4º pareo (1.450 metros) *Alfredo* em 106 segundos venceu facilmente os seus competidores. *Pancy* em 2º e *Diana* em 3º. *Phenicia* e *Daybrach* não correram.

No 5º pareo (1.600 metros) *handicap* — *Talisan* em 114 segundos sahiu vencedor de *Sibylla* que chegou em 2º e de

*Boreas* que veio na bagagem. *Nicoafy* chegou em 3º.

No 6º pareo (1750 metros) *Monitor* em 129 segundos fez boa corrida e facilmente baton os seus adversarios. *Mutus* chegou em 2º, *Odalisa* em 3º, *Floatsam* em 4º. *Galgo* na bagagem. *Dandy* não correu.

No 7º pareo (1600 metros) *Charybdes* em 111 segundos venceu galhardamente as seus comptidores. *Scylla* em 2º, *Salvatus* em 3º e *Coupon* em 4º. *Diomeis* não correu.

No 8º pareo (1450 metros) *Condor* em 110 segundos sahiu com grande surpresa vencedor, visto todas vezes desgarrar, mas desta não o fez. *Chapeco* em 2º e completamente esgotado. *Adila*, na bagagem. *Famalicao* não correu por ter sido protestado como parceheiro nacional.

Amanhã realisa mais uma corrida a distincta sociedade *Hyppodromo Guanabara*, apresentando-nos um programma importante. Estão inscriptos em todos os pareos parceiros de força.

Eis os nosaos palpites:  
1º pareo *Pastor*; 2º *Cantagallo*; 3º *Nicoafy*; 4º *Pancy*; 5º *Scylla*; 6º *Madama*; 7º *Argentino*.

L. M. BASTOS

### THEATROS

#### RECREIO DRAMATICO

A empresa d'este theatro levou á scena no dia 23 do mez findo o espectacularo drama de Victor Sejour — *O Filho da Noite*.

O merito dramatico d'esta peça cifra-se em uma intriga complicadissima, em situações commoventes, em abordegas, em combates, etc.

E' o genero que mais explorado está entre nós e que sempre offerece ás empresas theatracas largas e abundantes receitas.

O desempenho, por parte de todas os artistas, correu regularmente, sendo de justiça destacarmos, pela bella interpretação que deram aos seus papeis, os principaes da peça, as actrizes Ismenia dos Santos e Helena Cavalier, e os actores Eugenio do Magalhães, e Maia que creou um typo verdadeiramente original.

*O Filho da Noite* está posto em scena com luxo e com magnificas scenographias; vê-se que a empresa não poupa sacrificio e dinheiro, principalmente dinheiro.

O grande numero de espectadores que encheu a sala do *Recreio* applaudeo com enthusiasmo todos os actos, chamando á scena, no final, não só o fatigavel e distincto actor Dias Braga, como os seus companheira de trabalho.

No dia 10 do corrente fará beneficio no theatro Sant'Anna a atriz Cinira Polonio.

Deve-se ter representado hontem, no D. Pedro 2º, *O Carioco*, revista dos acontecimentos do anno findo, escripta pelos Srs. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

P. TALMA

### A ESCOLHA DA MORTE

Um sorriso nos labios cor de rosa  
Da bella filha, da querida filha.  
Emquanto a pae da estrada tortuosa  
Da triste vida a custo segue a triba.

Pranto nos olhos tremolos, doentes,  
Do pae cançado de contar os dias;  
E são da filha os olhos refulgentes  
Duma vida melhor melhores guias.

— Isto foi numa doce primavera;  
Mas na outra primavera a meiza, a linda,  
A idolatrada filha filiceira...  
E o pae sobreviveu e vive ainda:

ARTHUR MENDES

29 de Dezembro de 1886

## TRATOS Á BOLA

Eis as decifrações dos Tratos ultimos: Log. — Saltimbanco; ant. — Parede; em tercia. — Som, Oca, Mal; das modernas, — velha, guarda sol, velhaca, patriolada, velhacaria, que foram mandadas pelos Srs. Pépe, D. Jason, K. van, Linn Junior, Tico-Tico, Maravilha, Carapetao e Lima, ganhando os premios os Srs. Pépe e D. Janson que foram os decifradorez exactos.

Para hoje damos os seguintes tratos:

### ANTIOA

Se eu for á loja comprar  
Roupa pra no corpo pôr,  
Dentre toda n que encontrar  
Hei de escolher a que tiver melhor — 1 —  
Eu fui já medida antiga,  
Porem demitida fui. — 3 —  
Sou visto junto á cidade  
(Mas não cidade de Tui).

O. Brandão.

### MODERNAS

#### I

2-3—Não para mulher nesta cidade.

#### II

1-2—Verho de chifre que se arrasta.

### TELEGRAPHICAS

1-1—1—Polvora no jogo.  
1-1—Sapo voa.

M. M.

### NOVISSIMA

3-1—Arna que mata na China,  
E homem na esgrima valente.

1-2 Preposição cá da esquina  
Cousa que domina a gente.

Alexandrina Bellora.

E agora, carissimos irmãos, deitando-vos a minha costumeira benção, desejo-vos que este 1887 que acaba de nascer mais que o seu pae o fallecido 1886, farte as nossas algeibeiras com aquillo com que se compram os melões, vos dê muitíssima saúde e felicidades aos milhares.  
Amei!... digam os anjos na celestial morada.

FREI ANTONIO.

## FACTOS E NOTICIAS

No dia 24 de Dezembro encerraram-se as aulas da « Escola P. Neutralidade », do Dr. João Kopke. E' um dos melhores estabelecimentos de educação que possuímos.

Sob a presidencia do Dr. Henorio da Silva, teve lugar no domingo ultimo, a 2ª sessão da Associação organizada por varios professores com o fim de se aperfeiçoarem no magisterio. O Sr. Dr. João Kopke leu o programma de estudos e o Sr. Cyridião Buarque apresentou as hazes d'esta instituição que será dividida em tres corpos: a assemblea dos alumnos membros, a congregação dos professores, e o conselho fiscal e protector, que será composto de directores de casas de educação e pessoas influentes no ensino.

O fim d'esta associação é utilissimo. Damos parabens aos seus distinctos iniciadores.

A Sociedade Propagadora da Instrucção ás Classes Operarias da Freguezia da Lagoa, effectou a 30 do mez findo uma sessão solemne em a qual teve lugar a distribuição de premios aos

alumnos que mais se distinguiram no estudo durante o anno de 1886. Foi uma festa brilhante.

O Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos, habil professor de piano, realisarã em 7 do corrente, o terceiro concerto em que tomam parte todos os seus discipulos.

Os Srs. Ribeiro de Carvalho & C. proprietarios da Fabrica de Flores da rua do Passeio, solemnizam na proxima quarta-feira o 7º anniversario da fundação d'aquelle importante estabelecimento.

Nesse dia serão realisados os casamentos de duas das meninas orphãs ali empregadas, os quaes terão lugar na igreja da Gloria—um ás 3 e outro ás 5 horas da tarde.

A' noite reunirã os distinctos industriaes numerosas familias d'esta Corte, que desejam visitar a fabrica, terminando a festa com um baile para o que se fazem grandes preparativos.

Esteve muito concorrido e animado o baile que a *Societè Française de Gymnastique* deu hontem em seus salões.

A' sua directoria, prodiga de amabilidades para comnosco, agradecemos a gentilisa do convite que nos enviou.

Assistimos hontem á inauguração da segunda exposição dos trabalhos dos alumnos da Academia de Bellas Artes. D'ella tractará o nosso collaborador *Alfredo Falheta*.

O amavel proprietario da *Chapellaria Inglesa* apresentou-nos com duas escovas finas para chapéus de pello. Sempre que alisarmos as nossos cartolas lembrar-nos-emos da *Chapellaria Inglesa*.

### FOLHINHAS E ALMANACKS

Temos o *Almanack das Horas Romanticas*, publicação annual da casa editora de David Corazzi, de Lisboa. Traz o retrato do seu fallecido redactor Guilherme Gorjão e é ornado com varios chromos de costumes portuguezes. A parte litteraria é interessante e variada.

Os Srs. Gaspar da Silva & Oliveira Pimentel, estabelecidos á rua 1º de Março 57, offereceram-nos algumas elegantes ventarollas *Marca Cometa*. Cbe-garam muito a proposito. Foi uma distribuição geral cá por casa. Cá nos estamos abanando. Obrigadissimos.

Os conhecidos papeleiros, Srs. Guimarães & Ferdinandino mimosearam-nos com seis bellissimas folhinhas, dignas de figurar em artistico e elegante *boudoir* e de ser esfolhadas dia a dia por uns dedos de neve e rosa, dedos capazes de inspirar sonetos banvillianos. Decididamente aquellos rapazes são de um gosto pitoresco e exquisiteso.

Dos Srs. C. Bazin & C. tambem recebemos uma enorme folhinha de desfolhar.

Os Srs. Gonçalves Mendes & C.—firma que substituiu a de Fernandes da Silva & Mendes,—enviaram-nos uma folhinha tão *chic*, tão mimosa, tão original, que a depositámos nas delicadas mãos de uma graciosa e formosissima leitora d'*A Semana*, que, embrulhando-a em papel de seda, levou-a para pendural-a em frente do seu leito, entre os seus quadros e *bibelots*.

Será para ella o seu primeiro olhar todas as manhãs.

Ditosa folhinha!

### NECROLOGIA

Falleceu em Lisboa, victima de uma tyaica de larynge, n estimado e conhecido escriptor Leite Bastos, auctor d'*Os Crimes dos Braganças* trabalho que muito agradou e que foi publicado no *Seculo*.

O finado exerceu por alguns annos

um dos logares de redactor do *Diario de Noticias* e escreveu *O incendiario da Patriarchal* e a *Pena de Morte*, que, com applausos, subiram á scena no *Principe Real*.

No sahado passado falleceu o Sr. Arlindo Carneiro de Sampaio e Silva, antigo e estimado despachante da Alfandega.

O finado era pobre e deixou numerosa familia, legando á mesma um nome honrado.

Em 26 do mez passado falleceu o Sr. Dr. Jeronymo Bandeira de Mello, chefe da secção de estatistica da secretaria do Imperio. Alem d'este cargo, que desempenhou com muito talento, era o finado secretario do conselho superior de saude.

Falleceram no dia 30:

A's 4 horas da manhan o conhecido negociante e industrial Frederico Glette, fundador da Fabrica de tecidos do Rink e de outros estabelecimentos industriaes

No Rio Grande o Sr. desembargador Miguel Calmon du Pin e Almeida, presidente d'aquella provincia. O desembargador Miguel Calmon foi ha oito annos chefe de policia da Corte, e depois juiz do Commercio da 1ª vara.

## CORREIO

Sr. Simão Campello. — Nunca vi nome nem sobre nome mais adequado que os seus! Porque, realmente, desde que o Sr. é Simão, não podia ser senão Campello (leia-se *com-pello* para melhor comprehensão.) Carradas de razão tinha o Felletan quando dizia. *Le Monde marche...*

Quem quizer que se admire das maravilhas da electricidade, das pacholices do phonographo e dos feitos de outras que taes carangueijolas embasbacantes; que, enquanto a mim, o que me causa verdadeira pasmo é ver um simão poeta, não obstante a gente esbarrar a cada passo com um poeta simão. Intitula-se o seu soneto: *Macaquice...* ora pinhões! li como as minbas ventas! *Meiguice* é o que eu queria dizer. Eis como começa:

« Autes que nos empolgue um dia a parca  
furiunda... »

Que perigo! a parca furi... nada. Amigo Simão, fiquemos por aqui, sim?

Sr. Lúcio Selassu. — A sua poesia se não fosse tão estrada... seria curta, e se fosse curta iria para a sala de espera. Mas assim... Intitula-se *Dous Anéis* e começa por este modo:

« Dous anéis do cabelo da donzella »  
Depois diz o senhor na penultima estrophe:

« Nunca mais eu sorrira nesta terra, »

referindo-se á hypothese lamentavel de perder os referidos anéis do cabelo da casta virgem do seu derricho. Se tal cousa acontecer (por causa das duvidas, não deixe de dizer, benzendo-se: — agouro vá longe!) o senhbr tem de ver-se em papos d'aranbas para cumprir o protesto de não sorrir mais nesta terra, isto é: na terra em que reside, que eu não sei se é Pedra da Mulata. Passatres ou São José da Boa Morte (salvo seja!)

Sr. P. da M. Machado — Diamantina. A leitura de sua carta convenceu-nos de que algum abusou do seu nome para, sob elle, injuriar-nos. Podiamos nós adivinhar isso? Folgamos de ver que não merece V. S. de modo nenhum as duras palavras que, por meu intermedio, lhe dirigiu *A Semana* como represalia de grosseiros insultos. Que o infame que tão cobardemente abusou de nossa boa fé e do seu nome se desvanega com a gloria de tão bella açção.

Sr. C. B. — Cantagallo — A sua poesia *Captivo* resgata alguns senões com qualidades aproveitaveis. Pode ser publicada; não o fazemos, porém, sem que nos revele os nomes indicados por aquellaa iniciaes, revelação de que somente faremos uso se no-lo permittir.

Sr. Ricardo Azamor — Na carta que vem servindo de *avant coureur* á sua poesia — *Trez quedas*, quero dizer: *Trez quadras* começa o Sr. dizendo:

« Não tem V. S. basolutamente neste momento o direito de surprender-se com a leitura desta carta assim como com a assignntura desconhecida que a firma... » Ora, meu amigo, era desnecessario isto. Surprender-me, eul... Que ingenuidade! Isto de surpresas não é mais para mim, acredite. Ah!... é que S. S. não sabe da missa nem metade! Ignora que antes de vir tomar conta desta secção fiz testamento, e ungi-me e sacramentei-me em seguida, vindo logo preparado para o que desse e viesse! E' só por um milagre que eu tenho escapado ás arremetidas do *Contra-senso*!

Emfim, meu rico Sr. Ricardo, a sua poesia não é de todo detestavel. Posso mesmo dizer que é possivel. Agora se quizer esperar ahi uns dois annos... tres... talvez quatro; emfim, um lustro, quando muito... mande-nos dizer.

Sr. Sylvio Elysiu. — Que nome euphonico! Euphonico e poetico! Poetico e doce!... Doce, poetico e euphonico como o suspirar da brisa nas balsemas em flor (Bonito, hein?). Nome poetico e escriptor prosaico. Contradição das contradicções. E' assim o mundol Prosaico, sim senhor. Pois se o homem escreve prosa! O seu conto... Nem mesmo na sala de espera podemoso consentil-o, porque poderia, com o seu immanhe, tomar todo o logar dos que lá estão e dos que por certo inda não de ebegar.

Sr. L. Saül. — O seu soneto *Paysagem* é bonito e, honra lhe seja, não tem um só verso errado. Não o publicamos, porém, porque nelle, infelizmente, deparamos com alguns descuidos de forma.

Mande-nos, para outra vez, se quizer, coisa mais cuidadosamente feita, que é bem possivel que o possamos inserir.

Sr. B. Sergio d'Andrade. — Mercês do Pombal. Aqui temos sobre a mesa a sua poesia, ou, direi melhor: o seu recitativo intitulado: *O Trabalho*. Ora! o que é que o Sr. nos havia de mandar? um recitativo! Tenha paciencia, mas não podemos publical-o, não obstante vir offerecido a um redactor d'esta folha, que, muito penhorado, lhe agradece a fineza. O Sr. daria no vinte se, em vez de mandal-o para *A Semana*, o mandasse ahi a qualquer meiga donzella pudorosa, de olheiras violaceas, o poeticamente martyrisada por uma tossezinha secca, proveniente de perder as noites a contemplar, ao relento, o disco luminoso da lua merencorria.

Sr. C. V. — Embora reconheça que o Sr. tem mais graça do que 4 palhaços... .. mortos, vejo-me forçado, pela sua *chocarrice...* *violenta* a dar um pulo por cima da sua Camponeza (soneto) *Vesantica*, como por sobre um Cogumello Venenoso, a fim de ir analysar a mercadoria de outro freguez que me está a bater á porta.

Sr. A. A. — O seu... como o *havemos* nós de chamar? Conto, não é possivel! As suas — *Reminiscencias*, (chaniemol-o pelo titulo, o seu artigo) não é mausinho, mas não foi escripto com estylo. Nessas ligeiras produções, é necessario que o escriptor, para que ellas agradem, entorne muito colorido, que sejam feitas com certa gnrridade e entretedidas das mais fulgurantes imagens; des de que d'ellas não resalta uma idéia, desde que não visam senão o fim de deleitar os ouvidos por alguns instantes. Fosse um pouco mais bazarro, o seu artigo, e um pouco menos extenso, que o veria figurar nas columnas d'esta folha.

ENRICO.

## CORREIO DA GERENCIA

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 20, 56 57, 63 e 101 d'*A Semana*, a 500 rs. cada um.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos nossos agentes, nos honrarem com as suas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a punctualidade necessaria.

## SECÇÃO DE HONRA

Como prova do reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d'a *Semana*, e que se acham quites para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 59, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem addicionada os dos cavalheiros que, sendo igualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, vissem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro corrente.

## BARRA DE ITAPEMFRIM

D. Maria Amalia de Borja Pacca.

## ANTONINA

Mathias Bohm.

## S. FIDELIS.

Miguel Pinto Braga.

## SANTA RITA DO SAPUCAHY

Joaquim Carneiro de Paiva.

## MOGY-MIRIM

Dr. Alexandre Coelho.

## RIO CLARO.

Claudio de Andrade &amp; C.

## SACRA FAMILIA DO TINGUÁ.

José Eulalio de Andrade.

## S. GERALDO

Francisco Ribeiro.

Abilio Mesquita.

## TABOLEIRO GRANDE

José Antonio da Silva.

## ESTAÇÃO DA SERRARIA

João Gonçalves Paim Junior.

## LISBOA

Santos Bemvindo.

## ALAGOAS

Dr. F. J. da Silva Porto.

## S. JOSÉ DE UBÁ.

José Ferreira Ramos.

SANTO ANTONIO DOS TEIXEIRAS

Dr. Eduardo de Carvalho.

## IGUASSU.

Dr. João Antonio de Barros Junior.

## MANÁUS

Dr. Antonio Porto Filho.

## SANTA MARIA MAGDALENA.

Amalio Alves Marinho.

## CAPIVARA

Antonio Maria Fragozo.

## ITAJUBÁ

Dr. Liduardo R. Souza.

## CORTE.

Dr. Candido Barata Ribeiro.

J. L. Vaz.

Leocadio Joaquim Cordeiro.

J. da Silva Lopes.

Fernando Sampaio.

## RECEBEMOS

— Da casa David Corazzi: Os *Invenientes de Lisboa*, fasc. no 7 e *Historia de Gil Braz de Sant'Anna*, fasc. n. 32, e o n. 138 da *Biblioteca do Povo e das Escolas: Manual do typographo*, por Joaquim dos Anjos, compositor.

— *Salon de la Mode* 11<sup>o</sup> anno, n. 48 de 18 e 25 do passado, publicados pela importante casa *Le Petit journal*, dos Srs. Henry Nicoud & C.

— Discursos do Dr. José Luiz de Almeida Nogueira, pronunciados na Camara dos deputados nas sessões de 6, 10 e 31 de Agosto. 3 folhetos in 16.

— Relatório da Associação protectora da infancia desamparada, apresentado em sessão da assembleia geral a 24 de Fevereiro pela sua directoria.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. Notto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 3f, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmeria Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Advogado.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1<sup>o</sup> de Março n. 23.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das criancas.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 9f.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cozar Tavares Pais encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoço e optima cosinha. Esplendido torraço com caramanchões.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 AS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

DIREGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Theroza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

## DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca, vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25  
RIO DE JANEIRO

## ESCOLA P. NEUTRALIDADE

INSTITUTO—H. KÖPKE

## 10 RUA DOS VOLUNTARIOS DA PATRIA 10

Este estabelecimento de educação dará as férias do corrente anno lectivo de 24 do corrente a 6 de Janeiro.

A matricula para o anno lectivo que, nessa época, se inicia, poderá ser feita até 15 do mez proximo, não sendo a ella, posteriormente, admittido alumno algum. Aos matriculados dentro do prazo será, porém, permittido apresentarem-se á frequencia das aulas mais tarde se, por justo impedimento, não o puderem fazer, assim que começarem as mesmas.

A escola só admittio EXTERNOS, porque, reputando complementares as funcções de pais e educadores, não pôde prescindir da parte que immediatamente cabe á familia, e não aceita, sem ella, a responsabilidade da educação. E porque não entende de outro modo praticavel, com proveito para a sociedade, a missão do magisterio, auxilia-se da familia na tarefa da direcção, constituindo um conselho, escolhido annualmente d'entre os pais de seus alumnos—with attribuições fiscaes e consultivas, que ouvirá quando entender necessario, e que, por algum de seus membros ou pessoa de confiança dos mesmos, acompanhará a marcha das classes, o ensino dos professores e a applicação dos methodos, determinando sempre que julgue opportuno, exames parciais ou geraes em épocas incertas, conhecendo das reclamações e queixas dos pais, e resolvendo nos casos de disciplina que demandem a pena da eliminacão. No correr do anno lectivo vindouro comporão esse conselho os Exms. Srs.

Conselheiro Ruy Barboza.

Dr. José Maria Leitão da Cunha,

Conrado Jacob de Niemeyer.

Dr. Pedro Dias Carneiro.

Mensalmente, o medico do estabelecimento, Dr. Barata Ribeiro, procederá a exame no edificio, indicando as medidas a adoptar para corrigir inconvenientes que por ventura encontrar, examinando igualmente os alumnos para verificar a presença de quaesquer defeitos physicos ou enfermidades a que convenha, no estabelecimento ou na familia, attendendo, d'essa visita será lavrada uma acta, de que será remetida copia áquelles a quem interessarem as observações feitas.

O ensino é dado tendo em vista a cultura geral que encaminha para todas as especialisações academicas ou de actividade pratica, sem o esforço de PREPARAR, nem empenho em illudir,—seria, leal e solidamente.

Os interessados poderão, nos livros do estabelecimento, pela determinação das materias e distribuição dos exercicios correlatos, avaliar do espirito que o anima. Verificando pela assistencia ás aulas e exames escolares, sobre ser de seu interesse, é dever que lhes impõe a paternidade e exige n boa harmonia das suas relações com o educador. Um ponto releva, todavia, destacar; porque o ensino acompanha o desenvolvimento do alumno, NÃO HA ABSOLUTAMENTE A PREOCUPAÇÃO DE ENSINAR DEPRESSA.

A experiencia do director que, com applauso da opinião geral, exerceu em S. Paulo, desde 1872, o magisterio official e particular, é a garantia que pôde offerecer quanto ao desempenho das suas melindrosas attribuições, já em relação ao ensino, já em relação á disciplina.

Para commodidade dos alumnos, fornecerá a escola, em condições vantajosas, do centro da cidade ao estabelecimento, passagens de ida e volta, a todos aquelles, cujo accesso á linha de bonds do Jardim Botânico seja facil; e os fará acompanhar por um professor.

Informam os Srs.: Conselheiro Ruy Barbosa, Dr. J. M. Leitão da Cunha, Conrado Jacob de Niemeyer, Dr. P. Dias Carneiro, Dr. José Americo dos Santos, Rodolpho E. de Abren, Dr. Barata Ribeiro, Quintino Bocayuva e José Neves Pinto.

Condições:—No estabelecimento, das 12 horas em diante.

Rio de Janeiro, 29 de Dezembro de 1886

JOÃO KÖPKE,



# MARCA COMETA

## VINHOS E COGNACS

### PUROS DE UVA

Escolhidos e acondicionados com a maior solicitude e a mais rigorosa fiscalização

MARCA REGISTRADA E GARANTIDA PELAS LEIS DO BRAZIL E DA FRANÇA

| Bordeaux tintos        |         | Bourgogne tintos |         |
|------------------------|---------|------------------|---------|
| S. Emilion.            | 2 annos | Chambertin       | 5 annos |
| S. Julien.             | 2 »     | Pommard.         | 6 »     |
| Chateau Margaux        | 2 »     | Nuits            | 8 »     |
| Chateau Lafite         | 4 »     | Corton.          | 10 »    |
| Pontet Canet.          | 5 »     | Clos-Vougeot     | 12 »    |
| Chateau Léoville       | 6 »     | Richebourg       | 15 »    |
| Grand Mouton (reserve) | 9 »     |                  |         |
| Chateau Rauzan.        | 10 »    |                  |         |
| Branços                |         | Branços          |         |
| Sauternes.             | 4 annos | Chablis.         | 6 annos |
| Haut Sauternes.        | 6 »     | Montrachet       | 10 »    |
| Chateau Yquem.         | 10 »    |                  |         |

Todos estes vinhos são expeditos em garrafas e meias garrafas revestidas de uma rede de arame, sellada no fundo, afim de impedir a violação da rolha.

### CHAMPAGNE IMPERIAL (extra-fín)

Sec, Demi Sec et Doux

As garrafas d'estes vinhos são prateadas a fosco, para evitar a acção da luz

### COGNACS

|                      |          |
|----------------------|----------|
| Imperial (extra-fín) | 20 annos |
| Fine Champagne.      | 10 »     |
| Creme de Cognac.     | 10 »     |

UNICOS DEPOSITARIOS E RESPONSAVEIS

GASPAR DA SILVA & OLIVEIRA PIMENTEL

**57 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 57**

Encontram-se á venda nas casas de molhados, confeitarias, hotéis e cafés principaes.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

**25 RUA DA PRAINHA 25**

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annunci.

## A NACIONAL

**CARLOS MORAES & C.**

**66, RUA DA URUGUAYANA, 66**

Grande fabrica de luvas de pellica, pelle de snède, camurça, de fantasia e de seda.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMENDA EM DUAS HORAS

**RIO DE JANEIRO**

## MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS

Objectos de colchoaria, espelhos, aparelhos de porcellana, tapetas, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno de casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visital-a  
**172 RUA DO HOSPICIO 172**

David José de Oliveira

## GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

**ALFREDO DE PAIVA**

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

58000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

## ESTERNATO JOÃO DE DEUS

ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO

**60 RUA SETE DE SETEMBRO 60**

HORARIO

CURSO PRIMARIO

Leitura, calligraphia, contabilidade, arithmetica pratica, portuguez (2ª classe), francez (2ª classe), inglez (2ª classe), geographia do Brazil, noções de geographia geral, historia do Brazil, geometria elemental, cosmographia, desenho linear e elementos de sciencias naturaes. . . . . 9-3

CURSO SECUNDARIO

Portuguez . . . . . 12-1  
 Francez . . . . . 12-1  
 Inglez . . . . . 12-1  
 Latim . . . . . 9-10  
 Italiano . . . . . 9-10  
 Allemão . . . . . 11-12  
 Geographia . . . . . 1-2  
 Historia . . . . . 2-3  
 Arithmetica . . . . . 10-11  
 Algebra . . . . . 2-3  
 Geometria . . . . . 11-12  
 Rhetorica . . . . . 1-2  
 Philosophia . . . . . 1-2  
 Trigonometria . . . . . 3-4  
 Curso annexo . . . . . 2-3  
 Sciencias naturaes . . . . . 3-4

As aulas re-abrem-se no dia 8 de Janeiro.

O secretario,

**Alfredo Coutinho**

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

**RUA DO OUVIDOR, 45**

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recobem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 38, sobrado.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 8 DE JANEIRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 106

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                      |                 |
|--------------------------------------|-----------------|
| Expediente.....                      | A REDACÇÃO.     |
| «A Semana».....                      | FILINDAL.       |
| Historia dos sete dias.....          |                 |
| O 2º anniversario d'«A Semana».....  |                 |
| Cartas do Olympo—i.....              | PHEBO-APOLLO    |
| Uma boa partida.....                 | AL. AZEVEDO.    |
| Guerra e Paz, soneto.....            | F. D'ALMEIDA.   |
| «Livros e Opusculos».....            | G. BELLEGARDE.  |
| Cofre das graças.....                | BIBIANO.        |
| Os tres cabellos de Bismarck.....    | SERGINES.       |
| Tivvassão do infinito, soneto.....   | L. DELFINO.     |
| «Simples Historias».....             | X. MARQUES.     |
| Numero do «Intermezzo».....          | J. DE ARAÚJO.   |
| Musica e musicos.....                | GALI-LÉO.       |
| Drama familiar.....                  | BARÃO RECLAME.  |
| «Cartas de Lisboa».....              | E. MONTEIRO.    |
| Anjos, soneto.....                   | J. DE M. SILVA. |
| Sport.....                           | L. M. BASTOS.   |
| Theatros.....                        | P. TALMA.       |
| Parnaso Alegre, Fructa colossal..... | H. DE MAGALHÃES |
| Festas, bailes e concertos.....      | LONGNON.        |
| Estancias, poesia.....               | A. PARAÍZO.     |
| Correio (Declaração).....            | ENRICO.         |
| Factos e Noticias.....               |                 |
| Correio da Gerencia.....             |                 |
| Recebemos.....                       |                 |
| Annuncios.....                       |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
| CÔRTE          |        |
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'«A Semana». Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## A SEMANA

A todos os cavalheiros, assignantes d'«A Semana» e amigos de seus redactores, agradecemos cordialmente as cartas e cartões de anno bom e de hões festas que tivéram a gentileza de nos enviar, retribuindo-lhes penhoradamente os seus votos de felicidade.

Com equal sympathia e reconhecimento agradece «A Semana» os parabens

que pelo seu segundo anniversario recebeu.

Publicamos hoje, como haviamos prometido, a primeira das *Cartas do Olympo*. *Phebo—Apollo* é um dos nossos mais estimados poetas. Aceitando a preciosa collaboração que nos offereceu, demos-lhe, como é nosso costume, ampla liberdade de opiniões, apenas limitada pelas conveniencias de decôro e moderação que sempre temos mantido. Fazendo-o, está visto que não nos compromettemos a subscrever todas as suas opiniões nem a approvar sempre o modo por que por ventura as expenda. As *Cartas do Olympo* são, sobretudo, peças litterarias; e pelo prisma da arte é que, principalmente, devem ser vistas e julgadas.

A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

— Que calor!

E' esta a exclamação geral e continua nestes tempos que correm. Entretanto já nesta semana choveu, na segunda e na terça-feira; mas a chuva já não pode lutar com a intensidade do sol, este sol abraçador que nos queima e nos torra. Devemos todavia confessar-nos agradecidos á Divina Providencia que manda a chuva, porque ella attentia os efeitos do calor e é talvez a ella que devemos a brilhante ausencia da febre amarella.

Felizes os que podem remontar-se nestes dias torridos ao alto do Corcovado—o oasis d'este Sahara combusto—Lá, sim, pode-se passeiar e dormir á vontade. Por aquellas montanhas alpestres e escalvadas sopra continuamente uma viração agradável e salutar, vinda talvez do Estrangeiro, pela barra, saturada das propriedades hygienicas do largo oceano. E como é doce e vivificador almoçar a gente no jardim do hotel das Paineiras, *sub tegmine fagi*, ao lado do aqueducto da Carioca, sentindo e vendo correr as aguas, num marulho constante, arrastando, como pequenos bateis desgarrados, ora uma folha secca, ora o cadaver brilhante de um insecto doirado. Depois do almoço dá-se um passeio pela floresta ou vae-se caminho do aqueducto até á *Ponte do inferno*, admirando a deslumbrante paizagem da esquerda e colhendo á direita as begonias e os ramos de avenca do caminho; parando juncto á queda de uma cachoeira, bebendo agua apartada em folhas de catê, correndo na plataforma da estrada, marinbando pelos despenhadeiros, encabritando-se pelos rochedos, fatigando-se sem suar, ventarolados sempre pelas acres e perfumadas brisas florestaes, em pleno coração da Natureza; no meio de matias

enormes, á beira de precipicios espantosos, longe do becco das Cancellas e dos pianos urbanos, a duas ou tres leguas das charangas dos botequins, sem ouvir o ruído monotonico dos bonds, sem ouvir o Sr. senador Corrêa e sem ver o Sr. conselheiro Henriques nem alguma das coisas desagradaveis do grande centro populoso.

Quando se volta d'aquellas bandas para o conforto civilizado do hotel traz-se uma fome de mil demônios, e enquanto Mr. Piérre, o gerente, se esguella ao telephone, o *garçon* põe a meza no logar escolhido, por baixo de uma arvore, *sub umbra*, e a gente começa a jantar á tibia luz do sol moribundo, saudado no seu obito pelo grande hymno estrepitoso das cigarras incansaveis, que arrebentam sobre nós num mortal desespero de canto. A' noite, depois de um episodio qualquer—um companheiro myope que se precipita no lago do jardim, outro que deita a correr atraz da bengala, arrebatada pelas aguas do aqueducto,—joga-se uma partida de bilhar e em seguida vae-se para a galeria do hotel conversar, em cadeiras de balanço, gosando o magnifico luar argentino, vendo as mariposas e os besouros endoidecer á volta dos candieiros suspensos, na attracção vertiginosa da luz.

Ali não se sente calor, nem aborrecimento, nem canção. E' uma delicia.

Emquanto eu e alguns amigos gosavamos lá por cima a paz bucolica da Natureza livre e honesta, revolviam-se cá por baixo a cidade nos escandalos e nas patuscadas particulares, publicas e officiaes.

Numa casa de banhos, por exemplo, o consul de uma republica européa era sorprendido no quarto de banho de uma visinha, onde entrara subrepticamente, abrindo uma taboa do tabique divisorio, contra a vontade d'ella, (visinha) pensando encontrar outra pessoa que aquella hora costumava servir-se do mesmo quarto. Aos gritos da visinha, atemorizada por ver Neptuno em piúgas, acudio o dono do estabelecimento, cuja presença não deve ter sido muito agradável ao D. Juan marinho.

Al! Aquillo devia ser uma coisa olympica! Depois do banho de mar, com o sangue agitado pelos movimentos natatorios, com a pelle irritada pelo iodo e pelo sal, vir encontrar a *nympha* dos sonhos no desalinho proprio da estancia, a casta Suzana igualmente predisposta pelo salso elemento para as expansões do coração; trocar o heijo amoroso e prohibido, longe da policia e da vigilancia local, seguro da impunidade, na irritante e mutua seducção do crime, invocando a *mamádo* deus vendado e o proprio deus, e pedindo a este o obsequio de espetar alguns palitos nos dois corações amantes, e aquella o de lhes derramar nas feridas

abertas o balsamo suave e capitoso das suas caricias divinas.

Olympico! Olympico... ou denico!

Tomaram hontem posse das suas cadeiras os novos vereadores. Foi passeiar o bando das patótinhas do matadouro, uma das administrações municipaes mais escandalosas que tem tido o nosso municipio. De cada camara eleita espera-se a regeneração municipal e a ordem nos negocios urbanos; mas se lançar mos um olhar para o passado, quasi podemos concluir que as camaras têm sido todas peiores. Será melhor a que hontem começou?

Deixo aqui esta interrogação para que o futuro me responda.

Partiram do dia 5, a bordo do *Valparaíso*, para a Europa, S. S. A. A. imperiaes a priuceza D. Izabel, seu esposo e filhos.

Tudo quanto ha de medalhões e de medalhados nesta Côte reunio-se no arsenal de marinha, ás 10 horas da manhã d'aquelle dia. Era aquelle o local escolhido pelos viajantes augustos para as despedidas dos seus numerosos amigos e admiradores. Eu nunca vi uma pobre senhora indefesa ser agredida por tanto beijo na sua mão aristocratica. Uma verdadeira calamidade. Senhoras, cavalheiros e loiras crianças, todos á porfia disputavam a mão principesca que ha de suster um dia as redeas da cavalgadura rhetorica do Estado, para nella depor o osculo respeitoso da sua adherencia ao systema monarchico que felizmente nos rege. Viam-se ali, além da imperial familia, muitas pessoas gradas, entre as quaes pude notar seis ministros (Não vi o da Justiça), o corpo diplomatico estrangeiro, S. A. R. o principe Obá II d'África, fardado e empennachado, de grande uniforme de alferes, varios senadores e deputados, veadores e medicos do paço, empregados publicos e capitalistas, officiaes do exercito e da armada. Um mundo interessante, variado, gravibundo, solemne, pittoresco. Havia tambem muitas senhoras feias, algumas bonitas e nenhuma formosa.

Fazia um calor de mil diabos, é o Sr. conde d'Eu, nosso amavel assignante, muito vermelho e muito suado, de chapéo alto, tambem muito suado, na mão—andava de um lado para o outro, muito atarefado. despede aqui, sorri ali, tropeça acolá, sem ouvir nada d'aquelle barulho de vozes e de passos e gritando de quando em quando—Senhorrr Barron de Ivinheima!

O Sr. Barão de Ivinheima, tambem muito vermelhinho e suadinhosinho, apparecia debaixo de um chapéo de dois bicos, alisando ás pressas as suas suicas curtas e brancas, e recebia as ordens do Sr. Conde.

Quando os príncipes iam pelo pátio do arsenal para o cas de embarque, deu-se uma scena verdadeiramente pathetica, que a principio horrorizou e depois consternou os assistentes; Seguiam suas altezas tranquillamente, á frente do filho dos grandes do Estado, com os olhos fitos no ceu purissimo da patria, começando talvez a sentir no coração as primeiras saudades e nas glandulas lacrymas as primeiras perolas nestalgicas do apartamento,— quando se lhes atirou na frente o vulto gigante do principe Obá, aquelle mesmo II d'África a que acima me referi. O Sr. conde d'Ítu levou instinctivamente a mão ao lugar onde costuma dependurar-se a sua espada gloriosa, mas encontrou apenas o cós das calças. Também ns intenções do collega eram pacíficas: o que elle queria, o malandro, era também beijar a mão da augusta princeza e deitar para ni umas cantigas, rimadas na vespem; felizmente não teve tempo para tudo e contentou-se de beijar a mão da princeza, nperatar a do collega, desejar a todos boa viagem, com vento de feição no má undoso e vorta breve ás plagas do *Brazi*.

Depois d'esta scena commoventissima, a familia imperial e o Sr. Dr. Ramiz Galvão, carregando o principe pequenos, embarcaram na galeota imperial, acompanhados de varias pessoas, das gradissimas.

Quando a imperial embarcação começou a mover-se nas aguas limpidas do Guanabara, S. A. o principe Obá,— ainda o II d'África— levantou os vivas do estylo, aos quenes corresponderam quatro homens de hõa vontade, sendo o mais entusiasmado d'elles aquelle que tem hoje do alto d'estas pyramides a honra de desejar galernos ventos em mar de rosas aos futuros commandantes da nau do Estado.

#### FILINDAL

### O 2º anniversario d'«A Semana»

Verdadeiramente o anniversario d'«A Semana» é no dia 3 de Janeiro, porque foi naquelle dia, do 1885, que o seu primeiro numero appareceu; mas parece-nos razoavel que se considere dia anniversario naquelle que appareceu o primeiro numero de cada anno. Foi o que fizemos d'esta vez e é o que faremos d'oravante.

Assim, sendo no dia 1.º que se publicou o nosso primeiro numero d'este anno, como viessem nesse dia cumprimentar-nos e snudar-nos varias pessoas, amigos, collahoradores e affieçados, improvisámos aqui mesmo nas nossas salas um modesto banquete, que esteve animadissimo e ao qual tivemos o prazer de ver que assistiram varias pessoas de elevada posição social. Podemos citnr, entre outras, as seguintes:

Pela redacção do *Jornal do Commercio*, os Srs. Drs. Pederneiras e Carlos de Laet; pela *Gazeta de Noticias* os Srs. Drs. Ferreira de Araujo e Dermeval de Fonseca; pelo *Paiz* os Srs. Visconde de S. Salvador e Quintino Bocayuva; pelo *Diario de Noticias* os Srs. Dr. Osner Pederneiras e Paula Ney; pelo *Rio de Janeiro* o Sr. Dr. José Avelino; pela *Italia* o Sr. Dr. Fogliani; pela *Gazeta da Tarde* os Srs. José do Patrocínio e A. Guanahara; pela *Revista Illustrada* os Srs. Angelo Agostini e Luiz de An-

drado; pelo *Mequetrefe* o Sr. Pereira Netto; pela *Vida Moderna* os Srs. Dr. Luiz Murat e Arthur Azevedo; pelo *Rataplam* os Srs. Lopes Cardoso o Bolmiro de Almeida; estiveram também os Srs. Visconde de Paranaguá, Barão de Paranapiacaba, ministro da Republica Argentina, ministro do Chile, consul francez, Sagastume, Dr. Rosendo Moniz, Barão de S. Felix e muitas outras pessoas gradas. Também nos honraram com suas presenças os nossos excellentes collahoradores Drs. Henrique de Sá e Gonzaga Filho, Machado de Assis, Alherito de Oliveira, Olavo Bilac, Cyro de Azevedo, R. Porciuncula, Rodrigo Octavio, L. M. Bastos, Bernardo de Oliveira e outros.

Durante o banquete foram recebidos e lidos os seguintes telegrammas:

De Lucio de Mendonça, Valença:  
— «Saúdo com entusiasmo *Semana* e abraço Valentim e Filinto.»  
De Raymundo Corrêa, Vassouras:  
— «Cumprimento e felicito Valentim pelo anniversario de sua filha mais...» — *A Semana*.»

De Wenceslau de Queiroz, Jacaréhy (S. Paulo):

— «Um abraço aos redactores do primeiro jornal litterario do Brazil pelo faustoso e brilhante dia de hoje.»

— De Gaspar da Silva e Leo de Affonseca, S. Paulo:

— «Viva *A Semana*! Viva o Valentim! Viva o Filinto! e viva o *Mercantil*, que os sauda hoje com furor.»

Ao terminar o hauquete, quebrou-se a ultima taça de *champagne* depois que o Dr. Rodrigo Octavio recitou o seguinte soneto:

*A' amiguinha «Semana», que hoje um anno  
Jas juncta ao rol dos annos seus e que ha de  
Por vida ter a toda a eternidade,  
Saudar eu venho, o aspecto grato e ufano.*

*Toma a palavra, Musa, e ao soberano  
Apollo pede que ella sempre agrade,  
Tanto mais moça quanto mais edade  
Augmente, e nem por sombras pense em danno.*

*Pede-lhe bellas cousas, cousas puras  
De estylo, ás quaes em graça nada eguale:  
Deseja-lhe depois, mil e uma vezes,*

*Felicidades mil e mil venturas  
Do amigo poeta, que de nada vale,  
Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes.*

1 de Janeiro de 1887 —

Foi uma festa em que a simplicidade correu parellas com a amabilidade dos conyivos que nos honraram com a sua animação pessoal e com o prestigio do seu nome.

Uma pandega!

### CARTAS DO OLYMPO

#### I

Que a Terra, de Oeste a Leste,  
Do Norte ao Sul, polo a polo,  
Ouça a critica celeste  
Das rimas de ouro de Apollo.

Notae que as rimas são de outro:  
Dae-lhes todo o vosso apreço.  
Nunca Banville thesouro  
Possuin de tanto preço.)

Retomo a lyra que outrora,  
Nos saudosos tempos idos,  
Ora era em supplicas, ora  
Se desfazia em gemidos.

Ha quanto tempo não pouso  
N'ella os meus dedos divinos:  
Depois de tanto repouso  
Sóem de novo os meus hymnos.

Al! pobre lyra, que brada  
De tão velha! As cordas rugem  
Na armação rota, quebrada,  
Roida pela ferrugem;

Mas inda assim, que suaves  
As estrophes, de uma em uma,  
Saltam como um bando de aves,  
Abrindo os iris da pluma!

E que nectar doce mana  
D'estas redoudilbas que armo!  
Recebe-as, linda *Semana*!  
Alerta, rua do Carmo!

Homens! Do Olympto mergulho  
O olhar no pantano immuudo  
Que habitaes, filhos do orgulho...  
Homens! fallemos do mundo.

Sabei que, de quando em quando,  
Chegam a esta eminencia,  
Pelos espaços echoando,  
Novas da vossa existencia.

Não é á toa que, abrindo  
As igneus palpebras, velam  
As estrelas, descobrindo  
O que depois me revelam.

Ingenuas estrellas puras!  
Antes nada, nada ouvisséis,  
Nem essas cousas impuras,  
Adivinhasseis ou visseis!

Fôra bem melhor... Comtudo,  
Astros, contae-me o que ouvirdes;  
E diverti-me com tudo  
Que adivinhardes ou virdes.

Fallemos da terra. A terra  
Está desmoralisada:  
Pois se até se occupa e aterra  
Com cousas que valem nada:

Por exemplo: inda se falla  
No temperamento bilio—  
— nervoso e na atroz bengala  
Do senhor doutor Abilio.

Ah! como inda hoje o negocio  
Do tal menino diverte  
Os deuses, bebendo, em ocio,  
O nectar que Hebe lhes verte!

Celebre caso foi este,  
Que alvorogou todo o Olympto.  
Doutor, em que te metteste!  
Vamos tirar tudo a limpo:

Um pedagogo, aos sopapos  
Avesso, puo entre os puros,  
Vi-se ahi mettido em papos  
De aranha e em serios apuros.

Nunca a mão d'este illustrado  
Mestre, exemplo de brandura,  
O cabo duro e instrado  
Vibrou da ferula dura.

Um dia... Adeante! — «Mis morra  
O sicario!» — o povo em ancia  
Brada — «mettam na masmorra  
O bate-costas da infancia!»

Em resposta, o doutor urra,  
E a justa raiva não doma:  
— «Nem men collegio é Suburra,  
Nem Botafogo é Sodoma!»

E tudo porque um sujeito,  
Um homem de tenra idade,  
Mudando ás cousas o geito,  
Fugiu da vulgaridade!

Mas... prudencia! Calo-me, antes  
Que a Terra honesta me enxote;  
— Tão honesta que Cervantes'  
Castra, e emenda o D. Quichote.

Por hoje calo-me, e passo  
A vos enviar, por estas  
Linhas, através do espaço  
As divinas boas-festas.

Que vos ajude o destino:  
Dê allivio — ás vossas dores,  
A's vossas mulheres — tino,  
Brandura — aos vossos credores.

PHEBO-APOLLO.

### UMA BOA PARTIDA

— Su'ama está em casa, rapariga?  
— Está, sim senhor. Tenha a bondade de dizer quem é.  
— Diga-lho que é naquella pessoa que ella espera para jantar.  
— Ah! Pôde ontrar... Minh'ama vem já.

Entrei, e reconheci n salota onde ou d'ntes tantas vezes fóra recebido pela viuvinha do genornl.

Quanta recordação! Uma noite via no Club de Regatas; apresentou-n'a um jornalista então na moda; d'ausamos e conversámos muito. Ao despedirmo-nos, ella com um sorriso disse-me que costumava receber nos domingos os nmigos em sua casa e que eu lhe apparecesse.

Fui, e um mez depois eramos mais do que amigos, eramos amntes.

Adoravel crenturinha: simples, intelligente e meiga; no entanto, o meu amor por ella fóra sempre um tanto frouxo e preguiçoso; accetava a sua ternura como quem accettn um obsequio de cortezia. Teria por ventura o direito de recusar-a?...

E, assim como nascoram, acabaram os nossos amores; uma occasião cheguei tarde de mais á entrevista; de uma outra vez lá não fui; depois esperei-a e ella não veio; até que um dia, quando dei por mim, reparei que já não era seu amante.

Seis mezes já lh se iam depois d'isto, e eis que uma bella manhã, ao levantar-me da cama, entregam-me uma carta.

Era della.

« Meu smigo.

« Sei que conserva ns unhnas cartas e peço-lhe que m'ns rostita. Venha jantar commigo, mas não se apresente sem ellas; é um cnso serio, acredite.

« São vinte. Não me falte, sim? »  
« E conte com a estima de quem lhe espere merecer este ultimo obsequio. Ahanço-lhe que será o ultimo.

Sua amiga.

Laura.»

— Para que diabo quereria elle as suas cartas?... Teria receio do que eu as mostrasse a algum?... Impossivel!  
— Principavam-me a nascer estas considerações, quando rasgou-se a cortina, e a viuvinha do general surtiu na sala.

— Com effeito! disse ella. — Só assim o tornaria a ter em minha casa! Bons olhos o vejam!

— Eu me havia levantado já, beijei-lhe a mão.

— Trouxe? perguntou.  
— Suas cartas? Pois não. Bem sahe que para mim as suas ordens são sagradas...

— Ainda hem. Sente-se.

Sentamo-nos ao lado do outro; ella rescendia a um cheiro muito agradável de Kananga do Japão e sahonetes inglez; tinha um vestido de linho enfeitado de rendas, e na frescura avelludada do collo hispava-se-lhe um medalhão de onix.

— Então, que phantasia foi essa?... interroguei depois de um silencio em que nos contemplámos com o mesmo sorriso.

E no intimo já estava gostando de haver lá ido. Achava-a mais galante, quasi que me parecia mais moça o mais bonita.

— Que phantasia!...

— A de exigir as suas cartas...

Ella fez do seu meio sorriso um sorriso inteiro.

— Tinha receio de que algum as visse?... perguntei, tomando-lhe a mão entre as minhas.

— Não. Sei que é cavalheiro...

— Então?

— Mas para que deixal-as lá?... Está tudo acabado entre nós...

E retirou a mão.

Eu cheguei-me mais para ella.

— Quem sahe?... disse.

Laura soltou uma risadinha:

— Você ha de ser sempre o mesmo! Não se lembraria de mim se não recehesse o meu hilhete... Typo!

— Não digas tal, que é uma injustiça!

— Espere! Tire a mão da cintura! Tenha juizo!

— Já não te mereço nada!...

— Deixe em paz o passado, e tractemos do futuro. Eu quero que você seja meu amigo!









**FESTAS, BAILES E CONCERTOS**

**FABRICA DE FLORES**

É sempre com viva satisfação que assistimos ás festas do trabalho, feitas ou que evidentemente se conhece a perseverança e tino com que são dirigidos certos estabelecimentos industriaes. Referimo-nos á Fabricao de flores, da rua do Passeio, pertencente aos Srs. Ribeiro de Carvalho & C., que em 5 do corrente solemnizaram o 7º anniversario da fundação d'aquelle estabelecimento, no qual cerca de cincoenta orphãs recebem esmerada educação e as noções precisas para mais tarde se tornarem boas esposas e carinhosas mães de familia.

Tanto a sim é, que tres das orphãs empregadas n'aquella fabrica matrimoniarão-se, no referido dia 5, com empregados e ex-empregados do estabelecimento, dando assim estes actos mais solemnidade á festa.

A entrada do edificio estava vistosamente ornamentada com flores naturais, arbutos e flores artificiaes, trabalhadas primorosamente pelo pessoal da fabrica.

Muitas senhoras o cavalheiros da nossa primeira sociedade enchião os vastos salões, profuamente illuminados; uma excellente banda de musica incitava no prazer das danças, que se succederam ininterrompidamente, sempre animadas, até ás 6 horas da manhã.

Cerca da 1 hora da noite, foi servido um opiparo banquete, em que, a par de uma franca alegria, se trocaram os mais amistosos e cordiaes brindes, convergindo elles, na sua maior parte para o distincto industrial director da fabrica, e para sua Exa. esposa a Sra. D. Amelia Augusta de Carvalho, que, com tanto critério e carinho, se devella, como segunda mãe, na educação e instrução das desamparadas crianças que ali procuram abrigo e trabalho honesto.

Toda a imprensa da Corte se fez representar na sympathica festa, notando-se tambem muitas autoridades e outros cavalheiros distinctos por sua posição no funcionalismo e no commercio que assim ficam habilitados a attestar, de vista, os perseverantes esforços empregados pelos Srs. Ribeiro de Carvalho & C. para fazerem do seu estabelecimento, como já é, o primeiro no seu genero.

D'aqui os saudamos novamente, desejando-lhes que multissimas vezes se repita a commemoração anniversaria da fundação da sua fabrica.

**CONGRESSO GYMNASIICO PORTUGUEZ**

Esta distincta associação festejou a vespéra de Reis com um esplendido baile a que concorreu grande numero de Exmas. familias, socios e convidados.

A festa principiou pela execução de diferentes exercicios gymnasticos, dessempanhados galhardamente por alguns socios, sendo em seguida entregue ao socio protector, Sr. José Carvalho da Silva, uma rica medalha de ouro, preza em fita encarnada, em attenção aos relevantes serviços por S. S. prestados ao Congresso. Orou por essa occasião o Sr. Edmundo Doux, 1º secretario.

Lueta cein foi pretexto para a troca de animados brindes entre a digna directoria, convidados e representantes da imprensa.

As danças prolongaram-se animadamente até ao romper da manhã, o que sempre acontece nesta sympathica associação.

Agradecemos a gentileza do convite com que fomos obsequiados.

LORGNON.

**ESTANCIAS**

A aragem que perpassa baloçando Os ramos verdes dos arbustos finos, Faz-me sonbar naquelle tempo, quando se erguia a Primavera modulando Dentro em meu peito uns cançicos divinos.

E vejo então essas manhanas formosas Repassadas de um casto aroma augusto, Embalando as esp'ranças radosas, Que a miub'alma vastiam, luminosas, Quaes verdes ramos dnm franzo arbusto.

1886 — Porto.

ALBERTINA PARAIZO.

**CORREIO**

**DECLARAÇÃO**

Em o numero de 1 do corrente registramos aqui o censuravel abuso de confiança praticado por não se sabe quem com o Sr. Pedro da Matta Machado, de Diamantina, escrevendo-nos com a assignatura d'este senhor uma carta grosseira e offensiva. Pois nesse mesmo numero foi de novo illaqueada a nossa boa fé. O Sr. Ricardo Azamor, a quem repondeu o *Correio* sobre uma carta e uma vereos que *A Semana* havia recebido assignadoe com aquelle nome, proenrou o director da folha para lhe declarar que haviam abusado do seu nome, pois nada nos tinha remetido. *A Semana* sente-se pezarosa de haver, embora involuntariamente, causado áquelles senhores tal desgosto, e dá-lhes as mais amplas satisfações. Para evitar a reprodução de semelhantes factos, que denotam falta de espirito e de educação, resolveu o director d'esta folha que no *Correio* só se publicassem pseudonymos, sendo os nomes indicados apenas por iniciaes.

E' o que faremos d'ora avante.

ENRICO.

**FACTOS E NOTICIAS**

**COMPENDIO DE MUSICA**

Recebemos um exemplar do compendio de musica que o applaudido e estimado maestro Miguel Cardoso extrahio da sua «Grammatica Musical» publicada recentemente e que tantos elogios recebeu de toda a imprensa e dea professores.

Este novo trabalho, que é dedicado aos professores de musica do Rio de Janeiro e que vem sem duvida propagar cada vez mais o ensino da musica, satisfaz as exigencias do ensino da theorin rudimentar, tanto mais quanto a exiguidade do preço o põe ao alcance de todos.

Reahrem-se depois d'amanhã as aulas do *Collegio Internacional*, de Santa Thereza, dirigido pelo Sr. E. Gambaro. Este collegio reúne todas as condições pedagogicas necessarias a um estabelecimento de educação de primeira ordem. Os resultados hrihantes dos seus alumnos nos exames geraes attostam as habilitações do seu pessoal docente. O local é saluberrimo e o predio, o antigo palacete do Curvello, tem todas as condições hygienicas. Recommendamos aos Srs. paes de familia o excellent *Collegio Internacional*.

O concerto do pianista Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos, que devia realizar-se hontem, ficou transferido para quando se annuciar, por ter fallecido ha poucos dias um seu presado parente.

No dia 27 do corrente faz annos a Exa. Sra. D. Anna C. Nobrega, digaa esposa do Sr. commendador Lino Rodrigues Nobrega, distincto negociante d'esta praça.

**FOLHINHAS E ALMANAES**

Os Srs. Silva, Carneiro & C. estabelecidos em Campos com casa de perfumarias e modas, offereceram-nos nma grande folhinha.

O Sr. Felix Torquato de Oliveira, estabelecido á rua do Theatro n. 5 e 7, offereceu-nos uma bella folhinha de esfolbar.

**CORREIO DA GERENCIA**

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 56, 57 e 63 d'A Semana, a 500 rs. cada um.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos noaos agentes, nos honrarem com as snas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem auas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a pontualidade necessaria.

**RECEBEMOS**

Da casa editora David Corazzi: — *Historia do Gil Bras de Santilhana*, fascs. ns. 33 e 34; *Fabulas de Lafontaine*, fasc. a. 23, 6 Os *Incivezes de Lisboa*, fascs. ns. 8 e 9. — *Distração* — n. 113. — *Estatutos e Regimento interno do Club Beethoven*. — *Revista de Engenharia* — n. 152. Acompanha este n. um indice dos trabalhos publicados na *Revista* durante o anno findo. — *O Mequetrefe* — n. 431. A pagina central — *Revista do anno de 1886* é magnifica, talvez a melhor que tem sahido do lapis do Netto, e o texto bem escripto e variado. — *Salon de la mode*, n. 51 do 12º anno. — *Le Printemps*, n. 21 do 21º anno. — Ambas estas publicações são aqui distribuidas com a maior pontualidade pela acreditada casa *Au Petit Journal*, dos Srs. Henri Nicoud & C.

**ANNUNCIOS**

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde — *Rua do Carmo n. 36*.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pegenha e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da harateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e apparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continua a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

J. M. Villas Boas da Cama, —dentista— extrahé dentes sem dor. Muzaminho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, ebimico e oleographo. Rua de Santo Antonio—Santos.

**EMULSÃO**

**SCOTT**  
DE OILLO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA: Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simplee de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicase e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

Cognac e licôres de Marie Brisard & Roger — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Roger são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhuma addicção de outra qualidade de aguardente. Pele-se toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unicos agentes nesta corte: Karl Valais & C., 34 rua da Alfandega.

**ESTERNATO JOÃO DE DEUS**

ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO  
60 RUA SETE DE SETEMBRO 60

HORARIO  
CURSO PRIMARIO  
Leitura, calligraphia, contabilidade, arithmetica pratica, portuguez (2ª classe), francez (2ª classe), inglez (2ª classe), geographia do Brazil, noções de geographia geral, historia do Brazil, geometria elementar, cosmographia, desenho linear e elementos de ciencias naturaes... 9-3

CURSO SECUNDARIO  
Portuguez..... 12- 1  
Francez..... 12- 1  
Inglez..... 12- 1  
Latim..... 9-10  
Italiano..... 9-10  
Allemaõ..... 11-12  
Geographia..... 1- 2  
Historia..... 2- 3  
Arithmetica..... 10-11  
Algebra..... 2- 3  
Geometria..... 11-12  
Rhetorica..... 1- 2  
Philosophia..... 1- 2  
Trigonometria..... 3- 4  
Curso annexo..... 2- 3  
Ciencias naturaes..... 3- 4  
As aulas re-abrem-se no dia 8 de Janeiro.

O secretario,  
Alfredo Coutinho

**DR. GONZAGA FILHO**

CONSULTORIO E RESIDENCIA  
Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 AS 3 DA TARDE  
Especialidades:

Fehres em geral, molestias pulmonares e do coração.

**ALFAIATARIA AURORA DO RIO**  
FREIRE & COELHO  
131 RUA DO HOSPICIO 131

# COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR E. GAMBARO

## PALACETE DO CURVELLO, MORRO DE SANTA THEREZA

Reabrem-se as aulas no dia 10 de corrente. O director d'este estabelecimento, considerando, a grande importancia do ensino primario e suas difficuldades, resolveu encarregar-se, auxiliado por sua Senhora, das aulas primarias de 1º e de 2º gráo: as cadeiras de curso secundario continuam confiadas aos mesmos prevecetes professores que tão bons resultados deram durante o anno proximo passado.

O edificio do Collegio Internacional pôde ser desde já visitado, a qualquer hora, pelas pessoas que desejarem certificar-se da sua situação excepcional no ponto de vista hygienico. A quem desejar colher informações d'este estabelecimento o director fornecerá uma lista dos paes dos alumnos que têm frequentado o collegio desde a sua fundação.

Os estatutos do Collegio Internacional são encontradas nas principaes livrarias.

### SPORT FLUMINENSE PRIMEIRA CORRIDA DOMINGO 9 DE JANEIRO AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo — CARRIS URBANOS—1.020 metros—Animas peludados que ainda não tenham ganho.—Premios: 100\$ ao 1º, 20\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

| Ns. | NOMES            | NATURALIDADE        | PESO          | PROPRIETARIOS           |
|-----|------------------|---------------------|---------------|-------------------------|
| 1   | Barigny.....     | Paraná.....         | 52 kilos..... | Coudelaria Argentina.   |
| 2   | Balbina.....     | R. de Janeiro.....  | 48 ».....     | B.                      |
| 3   | Juventude.....   | Idem.....           | 48 ».....     | A. M. Lopes.            |
| 4   | Rabanete.....    | R. Grande.....      | 50 ».....     | M. V. Gouvêa.           |
| 5   | Quem sou eu..... | R. da Prata.....    | 59 ».....     | Mancuel da Silva.       |
| 6   | Macaco.....      | R. Grande.....      | 54 ».....     | M. C.                   |
| 7   | Derby.....       | Idem.....           | 51 ».....     | A. P. S.                |
| 8   | Barão Sebô.....  | Rio de Janeiro..... | 50 ».....     | O. Bastos.              |
| 9   | Castroto.....    | S. Paulo.....       | 54 ».....     | Idem.                   |
| 10  | Malandro.....    | R. Grande.....      | 54 ».....     | Coudelaria H. e Gloria. |

2º pareo — INDEPENDENCIA — 1.020 metros — Peldro e peldras nacionaes de 3 annos, até meio sangue—Premios: 250\$ ao 1º, 50\$ ao 2º e 3º, libra a entrada.

|   |                  |                    |               |               |
|---|------------------|--------------------|---------------|---------------|
| 1 | Gilbert.....     | R. de Janeiro..... | 48 kilos..... | M. C.         |
| 2 | Vermouth.....    | S. Paulo.....      | 52 ».....     | W.            |
| 3 | Mandarin II..... | R. de Janeiro..... | 48 ».....     | J. Guimarães, |
| 4 | Favorita.....    | Idem.....          | 48 ».....     | V. Coitinho.  |

3º pareo — EMULAÇÃO — 1.600 metros — (grande premio)—Animas peludadas — Premios: 300\$ ao 1º, 50\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

|   |                       |                     |               |                    |
|---|-----------------------|---------------------|---------------|--------------------|
| 1 | Savana.....           | Rio Grande.....     | 50 kilos..... | J. C.              |
| 2 | Orione.....           | Rio da Prata.....   | 59 ».....     | T. M. de O. Braga. |
| 3 | Serodio.....          | Rio Grande.....     | 58 ».....     | Cond. Parahyba.    |
| 4 | Tufão.....            | Rio de Janeiro..... | 52 ».....     | J. M. S.           |
| 5 | Paulista, ex-Eucharis | S. Paulo.....       | 50 ».....     | Coud. Honestidade. |

4º pareo — SPORT FLUMINENSE — 1.600 metros — Animas de paiz de meio sangue — Premios: 400\$ ao 1º, 100\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

|   |                  |                     |               |                     |
|---|------------------|---------------------|---------------|---------------------|
| 1 | Gengiscan.....   | Rio de Janeiro..... | 52 kilos..... | Cond. Campista.     |
| 2 | Pandora.....     | Idem.....           | 54 ».....     | Rodolpho Silva.     |
| 3 | Pirata.....      | Idem.....           | 52 ».....     | Luciano A. Ribeiro. |
| 4 | Aurelia.....     | Idem.....           | 50 ».....     | M. L.               |
| 5 | Iumby-Caena..... | Paraná.....         | 52 ».....     | Coud. Honestidade.  |

5º pareo — EXPERIENCIA — 1.020 metros — Animas peludadas. — Premios: 200\$ ao 1º, 10\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

|   |                       |                   |               |                    |
|---|-----------------------|-------------------|---------------|--------------------|
| 1 | Savana.....           | Rio Grande.....   | 52 kilos..... | J. C.              |
| 2 | Orione.....           | Rio da Prata..... | 61 ».....     | F. M. de O. Braga. |
| 3 | Victoria.....         | Rio Grande.....   | 51 ».....     | Z.                 |
| 4 | Paulista, ex Eucharis | S. Paulo.....     | 50 ».....     | Coud. Honestidade. |
| 5 | Malandro.....         | Rio Grande.....   | 54 ».....     | Idem H. e Gloria.  |
| 6 | Barigny.....          | Paraná.....       | 52 ».....     | Idem Argentina.    |

6º pareo — SETE DE SETEMBRO — 1.100 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 250\$ ao 1º, 50\$ ao 2º e 3º libra a entrada.

|   |                  |                     |               |                     |
|---|------------------|---------------------|---------------|---------------------|
| 1 | Sans-Souci.....  | Minas.....          | 54 kilos..... | J. C. Moreira.      |
| 2 | Aurelia.....     | Rio de Janeiro..... | 50 ».....     | M. L.               |
| 3 | Mulata.....      | Idem.....           | 50 ».....     | F. S. B.            |
| 4 | Iumby-Caena..... | Paraná.....         | 52 ».....     | Coud. Honestidade.  |
| 5 | Pirata.....      | Rio de Janeiro..... | 52 ».....     | Luciano A. Ribeiro. |

Rio, 5 de Janeiro de 1887. — O 1º SECRETARIO, VIRGLIO NETO.

## A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.  
66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES  
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

### RIO DE JANEIRO

#### MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS  
Objectos de colchoaria, espelhos, aparelhos de porcellana, tapetes, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno de casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visital-a  
172 RUA DO HOSPICIO 172  
David José de Oliveira

#### GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS  
Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da Gazeta Litteraria, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do Courier de Paris e socio da Agence de Publicité Etrangere.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso (Pagamento adiantado)  
Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

#### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.  
PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recehem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25  
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

## DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca, vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25  
RIO DE JANEIRO

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1907  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 407

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,  
Aluizio Azevedo,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARY

|                                  |                      |
|----------------------------------|----------------------|
| Expediente.....                  | A REDACÇÃO.          |
| «A Semana».....                  | FILINDAL.            |
| Historia dos sete dias.....      | PIEDRO-APOLLO        |
| Crônica do Olympo—H.....         | L. DE MENDONÇA.      |
| A Crônica.....                   | A. CELESTINO JUNIOR. |
| Anjo enfermo, soneto.....        | ALIZ-ALAZ.           |
| «Amelia Smith»,.....             | R. CORREA.           |
| Nova alegria, soneto.....        | S.                   |
| Jornaes e revistas.....          | PICOLINO.            |
| Entre os mortos.....             | R. OCTAVIO.          |
| Mors et amor, poesia.....        | A. PALHEIRA.         |
| Bellas artes.....                | W. DE QUEIROZ.       |
| Novos haec, sonetos.....         | L. M. BASTOS.        |
| Spart.....                       | G. G.                |
| Luiz II da Baviera.....          | H. DE MAGALHÃES      |
| No confessionalario, poesia..... | P. TALMA.            |
| Theatros.....                    | LORONON.             |
| Festas, haec e concertos.....    | ENRICO.              |
| Factos e Noticias.....           | FR. ANTONIO.         |
| Correio.....                     |                      |
| Secção de honra.....             |                      |
| Correio da Gerencia.....         |                      |
| Tratado á bola.....              |                      |
| Recebemos.....                   |                      |
| Anuncios.....                    |                      |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro fiado de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviamos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Neste escriptorio compram-se exemplares dos ns. 56, 57, 63, e 96 d'A Semana, á 500 rs. cada um.

Aos cavalheiros que, por intermedia dos nossos agentes, nos honrarem com as suas assignaturas, ragamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a punctualidade necessaria.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo correante anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Drcux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## A SEMANA

Temos o prazer de annunciar aos nossos assignantes que entrou para a redacção d'esta folha o Sr. Aluizio Azevedo, que desde o começo d'ella a tem abrilhaatado com a sua collaboração.

Da cooperação effectiva do seu provado e multiplo talento muito tem a esperar A Semana, que mais uma vez demonstra o seu desejo de bem corresponder á sympathia e ao favor publico.

Publicaremos no proximo numero uma carta de Camillo Castello Branco acerca dos *Vinte Contos*.

### A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Nunca mais vi noticia alguma do cholera em Matto Grosso, noticia que o telegrapho nos transmittio e na qual parece que ninguem mais acreditou senão eu, que, entretanto sou, com certeza, dos que menos temem a terrivel molestia asiatica.

E' singular este nosso povo! Quando vieram os primeiros telegrammas annunciando o cholera em Buenos Ayres, elle, o Zé Povo, atterrou-se e sobresaltou-se de uma maneira desusada. A principio ainda os telegrammas eram lidos com algum interesse, depois esse interesse foi esfriando e a opição brazileira mostrou-se quasi indifferente á calamidade visinba, continuando o terror apenas no Rio Graude do Sul. Ultimamente sabe-se que houve casos de cholera numa provincia do Imperio, o governo maada para lá dois medicos e uma maca, e o povo nem ao menos commenta este facto, sobre o qual a imprensa se conserva um mutismo de peixe morto!

Que deveremos pensar?

Ha ou não ha cholera em Matto Grosso? Devemos suppor que a molestia, se por lá appareceu, não chegou a fazer victimas, pois que nunca mais soubemos de nada, nem official nem particularmente, do seu desenvolvimento naquella provincia. Antes assim,

E para mudar de assumpto passo a dar rapidamente os meus parabens ao cartoca pacato e iadifferente por não ter nem ao menos motivo para se preveair, coisa aliás que não gosta nada de fazer, o malaadro.

De quando em quando um paratoxosinho não escandalisa muito a rua do Carmo e põe uns pruridos de contontamento na do Ouvidor. Pois lembrei-me agora de um, ao percorrer como um passaro os jornaes da semana para espiutar a memoria. E para que o meu leitor não tenha um ataque de impaciencia, para que elle, o meu bom, gentil, amavel e pio leitor não fique espremidado na engrenagem fatal do desespero, eu vou pôr-lhe já para aqui o meu paradoxo, que toma uns ares de sentença, de conceito philosophico ou de coisa assim que ninguem entende e que só pôde ser escripta em latim, que é para melhor se não entender...

Não. Agora, no momento em que eu ia a immortalisar com o pequeno instrumento de cauda que se chama pena a phrase paradoxal, o meu canario, muito entendido de jornalismo — que até já esteve para ser redactor do *Apostolo* e da *Carta*, — o meu canario disse-me, no seu purissimo trinado argentino, que disixasse o melbor para a fim, como fazem as crianças, que são, como as selvagens, quem melbor comprehende as coisas da natureza, posto que não comprehendam a natureza das coisas.

Sigo o conselho da pequenina avc amarella, d'esta vibrante e musical gemma de ovo que me entorna todos os dias no ouvida atteato as sonorosas cascatas do seu canto mavioso e terno, trazendo-me pelo encaato dos sons a pacificação do coração e do espirito.

Alguns jornaes indiscretos disseram-me aqui ao ouvido que os principes D. Pedro e D. Augusto jantaram um dia d'estes no *restaurant* do Club Beethoven. A noticia foi dada seccamente, sem um commentario, sem nenhuma consideração, sem critica, sem aada! Isto prova a indifferença do nosso publico e da nossa imprensa diaria. Pois um facto de tão apreciavel interesse social, um facto em que tão fortemente se demoastra a longanimidade dos principes augustos — Augustos e Pedros — passa despercebido e descommetado, como se fora um insecto vulgar que passasse rapido e mudo sobre as aossas cabeças!

Pois a imprensa noticiosa nem ao menos nos poude dizer se as princepa gostaram da sopa e apreciaram a *mayonaise*? Então eu, sabendo que os principes jantaram no Beethoven, hei de ficar aem saber se elles foram Lnculos ou Succis, se lhse agradaram os vinhos, se o *dessert* não lhes deu esbo dos im-

perias: estomagos e visceras snbjacentes?

Não! Protesto. Tada vez que os jornaes me disserem que os principes jantaram — fosse no Beethoven, fosse no *Renaissance* — eu, que nunca pude acreditar que principes de sangue fosse sem capazes de juntar, exijo que elles me digam quaes os piteus que saborearam os augustos e quaes as drogas que ingeriram.

Se as jornaes me não explicarem tudo por miudo, eu maucommuno-me com o II d'Afric e faço de suicia com elle a revolução social.

Não foi acontecimento capital — porque não foi accorrido na Capital — a conflicto havido em Ubá entre o Dr. Mesquita Barros e a Juiz de Direito da comarca, Dr. Antonio Cezario. Agora, porém, a proposito d'essa, pegaram-se pelos apedidos os Srs. conselheiro Affonso Celso e Cezario Alvim, e o gro e irmão dos *conflicentes*. Naturalmente toda a familia descerá á arena e é provavel que haja alguma coisa que ver. Felizmente a origem do facto parece que é toda politica; e assim, como a dignidade politica differe muito da dignidade individual commum, a honra cahirá illusa do combate incruento.

A municipalidade da córte está reduzida a dois vereadores, dizem folbas de hontem. Essas folbas explicam as razões do phenomeno, mas explicam-as de uma maneira tão confusa, que só poderei explical-as ao meu leitor quando algum me explicar a mim a explicação.

A mim a que me parece é que não se deveria mais bulir naquillo. Acho preferivel dois a vinte e um *versadores*, porque ninguem é capaz de me convencer de que dois não sejam menos do que vinte e um. Ora, como isto de *vereadores* quanto menos melbor, eu inclino-me a pedir que, ou nos doixem ficar apenas os doia, ou que nos deem ajuda mais menos. Um vereador, um vereador é que éra delicia!... Naa; nenhum, nenhum vereador é que seria o ideal!

Tambem não me atrevo a pedir menos. Eu cá soa rasoavel e cordato como um cordeiro.

Nesta semaaa quente, de calor ardentissimo, foi o que houve de *chronificavel*: aada de novo, nem um escandalo, nem coisa nenhuma. Tudo morto, tudo parado, tudo frio.

De onde se pode concluir que as semanas quanto mais quentes — mais frias.

Com franqueza: En tinha promettido um paradoxo ou coisa que o valesse; mas não o pude arranjar nem a caceta e peço ao leitor que agnente isso que ahí fica.

E não me torça o nar...

FILINDAL

## CARTAS DO OLYMPO

II

Quando bontem viu, contendo e custo  
O largo trote dos ethontes,  
Eo olhar lancei, do carro augusto  
Aos horizontes,

Inda as estrellas eram quietas  
No calmo céu, velando, em paz...  
Punjo os corceis, as euresas settas  
Tiro ao carcaz.

Eil-as, de subito, no infindo  
Páramo azul e resplendente,  
Ao ver-ma, tremulas, fugindo  
Rapidamente.

Delive-as: — «Tá: que pressa a vossa,  
Amigas miilhas! de vagar?  
Por que razão vos alvoroça  
O meu olhar?

Cuidais que é dia? Vim mais cedo  
Para falar-vos um momento.—  
Pararam, lividas de medo,  
No firmamento.

— «Que bouve de novo?» — E uma, acor-  
dando

Como de um extasi, agitou  
A chamma viva, e, a voz alçando,  
Principiu:

— «Que espanto, Apollo! Em caleirios  
De estranho pasmo, as almas tremem;  
E num concerto de elogios  
Os prelos gemem.

Que concepção? que bello estudo!  
Que estylo terso e natural!  
Que llido enredo sobretudo,  
E que moral!

Amelia Smith! Amelia Smith!  
(Numa só voz a imprensa exclama)  
Certo não ha drama que imite  
Aquelle drama!

E tanto incenso o litterato  
Cercado tem, que até lhe vão  
— Dizem alguns—dar o retrato  
Num mealhão —»

Falou segunda: — «Uma algazarra,  
Um cavaignac atrapalhado,  
Um jornalista prezo á garra  
De um deputado...»

O deputado em furia impelle,  
A blasphemar contra o Jornal,  
O jornalista prezo á L.  
Ao tribunal.

Mas o coelho — cousa estranha! —  
Misca-se em meio do caminho:  
Porque afinal sempre a montanha  
Pare um ratinho. —»

Disse terceira: — «Triste sorte  
A do Brazil! coitado! além  
De tudo mais que lhe dá morte,  
Ellas laubem!

Setenta e tres... seringa ao hombro,  
E em punho o forceps e a lanceta:  
Trazem de Hippocrates o assombro  
Na bôca preta.

Ai! que desgraça para os povos!  
Que ameaça funebre. Não vos?  
Setenta e tres medicos novos,  
Setenta e tres!

E eis-os em campo, aterradores,  
Os inimigos, em conversa:  
Engole o cholera aos doutores,  
Ou vice-versa? —»

E a quarta: — «Olá! que galhardia!  
A vereação...» — E a quinta: — «Olá!  
Nem em funcões entrar podia  
Com melhor pé? —»

E a sexta... e a sétima... Fallavam  
Num vozear enfebrecido,  
E a enorme abcbada abalavam  
Com o alarido...

Mas dei de rédeas, e na ilbarga  
Os corceis lépidos feri...  
E ao dia ancioso — a porta larga  
Do Oriente abri.

Logo ás primeiras luzes, ellas  
Todas sumiram-se assustadas,  
Como um rebanho de gazellas  
Alvoroçadas...

Venus, porém, limpida e pura  
Como uma perola de Opbir.  
Permaneceu na immensa altura  
Sem nada ouvir.

E vi que, em extasi pro unda,  
Albera a tudo, o rosto bello  
Venus volvia para o mundo,  
Para o castello.

E attento, ao oculo pregado,  
Tambem em extasi, — notei  
Que a namorava extasiado  
O olho de um rei.

PHEBO-APOLLO.

## A CRITIQUE

O Sr. Sylvio Romero, na quasi completa ausencia de critica litteraria entre nós, vae, cada vez mais, assumindo uma dictadura funesta e incompetente, á qual urge oppor, pelo menos, a resistencia de um protesto.

Os mais capazes, — não de enfrentar com aquelle escriptor, que não é para ahí nenhum gigante, nem sequer adversario que reclame competidor de grande alento, — os mais capazes de corrigir e encaminhar, ou, em outro ponto de vista, de dar a conhecer a nossa poesia, — criticos como Machado de Assis, ou Araripe Junior, ou Capistrano de Abreu, ou Carlos de Laet, ou Macedo Soares, ou Octaviano, ou Joaquim Serra, ou Joaquim Nabuco, deixam-se ficar mudos e inertes, emquanto o Sr. Sylvio, — talentoso e instruido sem duvida, mas obeso de vaidade, vósge de rancores, e, principalmente, sem nenhuma aptidão especial para apreciar poesia, porque é um detestavel poeta, sem comprehensão nem sentimento dos segredos da arte, — vive a distribuir diplomas de merito poetico, á lei de suas sympathias e prevenções pessoais, quasi sempre injustas.

O seu artigo — *Estudos de critica litteraria*, idéia geral do romantismo brasileiro, — estampado na *Gazeta de Noticias* de 23 de Dezembro, é exemplo fiel do que deixamos dicto.

Nesse artigo, aliás um dos mais sensatos do auctor, ha iniquidades d'este jaez: apresentar Faguades Varella, que é para muitos o nosso primeiro poeta lyrico, no mesmo plano de Franklin Doria, Gomes de Souza e Bittencourt Sampaio, como méro satellite de Alvares de Azevedo; pretender que Castro Alves houvesse sido sectario de Tobias Barreto; nomear como discipulos de Victor Hugo, sob a influencia indirecta de Castro Alves, Carlos Ferreira e Mello Moraes Filho, omitindo: entre os nossos que reflectiram a grande luz da *Légende des Siciles* e dos *Châtiments*, — os mesmos José Bonifacio e Pedro Luiz, os poetas do *Redivivo* e da *Terribilis Dica*, apenas citados como lyricos; do grupo capitaneado por Alvares de Azevedo, — o Luiz Delfino da *Solemnia Verba*; e entre os novos, — muito mais que Carlos Ferreira e Mello Moraes Filho, — Assis Brazil, Affonso Celso Junior, Valentim Magalhães, Fountoura Xavier; deixar de citar, entre os nossos poetas notaveis, além dos ultimos quatro aqui nomeados e de outros não poucos, Machado de Assis, Almeida Braga (Flavio Reimar), Maciel Monteiro, Guimarães Junior, Joaquim Serra, Octaviano, Manoel Antonio de

Almeida, Americo Lobo, Brazilio Machado e Ezequiel Freire, tondo tido entretanto o inqualificavel desembaraço de nos impingir ainda uma voz o nome de um Sr. Alfinio de Araujo, tão poeta e cremos que tão sergipano como o proprio Sr. Sylvio.

A justiça que só agora começa a prestar a Luiz Delfino, deve-a o inspiorado poeta, — é duro, mas forçoso dizê-lo, — unicamente aos louvores que teceu, pela *Gazetinha*, aos *Dias e Noites*, do Victor Hugo da Escada.

\*

Menos aceitavel ainda do que aquelle outro artigo é, como especimen de critica litteraria, o que publicou o Sr. Sylvio na *Gazeta* de 30 do mez passado, a proposito do marquez de Sapucahy, com um curto, verdadeiramente curto, olhar sobre a nossa poesia elegiaca.

«Tres se me antolham, escreve o Sr. Romero, em todo o lyrismo brasileiro as peças elegiacas de valor, e nas quaes um sentimento real e positivo (?) coa atrevez da simplicidade da fórma.»

Quaes são as tres? São os versos, roalmente lindissimos, do marquez de Sapucahy, que transcreve; são depois uns versos mediocres de Laurindo Rabello, que os tem, valha a verdade, mais notaveis; e, por ultimo, umas quadriplas, de simplicidade muito estudada e pretenciosa, do indefectivel Tobias.

E mostra o Sr. Sylvio desconhecer, — ou, se não desconhece, mostra não comprehender devidamente, — a incomparavel elegia de Varella — o *Cantico do Calvario*, a singela e encantadora elegia de Octaviano — a *Flôr do Valle*, e a *Boa Vista* de Castro Alves, a volta ao lar paterno, já érmo e abandonado, sob cuja melancolica inspiração tambem Brazilio Machado escreveu, nas *Madresileas*, a formosa elegia das *Ruinias*.

Qualquer d'estas poesias é, no genero, incomparavelmente superior ás de Laurindo e Tobias, ante as quaes se extasia o Sr. Romero num embasbacamento que lhe não abona muito a solidez do criterio — e do queixo.

Valença, Janeiro de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

## ANJO ENFERMO

Gemo no berço, enferma, a criancinha  
Que não fala, não anda e já padece...  
Penas assim cruéis porque as merece  
Quem mal entrando na existencia vinha?!

O' melindroso ser, ó filha minha,  
Se os céus ouvisses a paterna prece,  
E a mim o teu soffrer passar pudesse,  
— Goso me fóra a dor que te espesinha...

Como te aperta a angustia o fragil peito!  
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,  
Deus que é bom, Deus que é pac, Deus que é per-  
feito...

Sim, é pac, mas, — a creença nol'o ensina: —  
— Se tio morrer Jesus, quando homem feito,  
Nunca teve uma filha pequenina!.

AFFONSO CELSO JUNIOR.

## AMELIA SMITH

A recente obra do distincto escriptor Escragnolle Taunay não está infelizmente na altura do nome illustre de S. Ex. Se ella fóra publicada ahí por qualquer principiante ou qualquer desprotegido das tepidas e acarinhadoras azas do officialismo, é natural que a estas horas o misero auctor estivesse já apodrecendo enforcado no mastro gran-

de do ridiculo, e com toda a certeza cada um dos jornalistas inilicantes d'esta boa terra toria pendurado já nos pés da victima todas as pilhérias que lhe sobrassem, das suas chronicas de obrigaçáo.

Mas o auctor de *Amelia Smith* tem realiaes que o salvam da força; de sorte que, á proporção que os senhores criticos vão dizendo cá fora que o drama do Sr. Taunay é um alhojão litterario, na imprensa vão se succedendo os elogios a respeito da obra, e até parece que cada qual dos jornalistas não quer gastar monos louvor do que aquelle que o precedeu.

Os pobres dos Srs. criticos têm se visto em uma posição verdadeiramente critica: De um lado a consciencia a reclamar o encarnado, e do outro a conveniencia a exigir o azul.

D'ahi esse hibrido derramamento de opiniões roxas que se tem entornado em cima do livro do Sr. Taunay. Este diz que a obra é um conjunto de cousas mediocres e ruins, mas que o resto é bom; aquelle que ella não é romantica, mas que tambem não é naturalista, sem contudo deixar de ser romantica e sem deixar de ser naturalista; este outro, sentindo escrupulo em dizer bem do livro e ao mesmo tempo não querendo dizer mal, chama de fóra um amigo do auctor, entrega-lhe a vara da critica, e passa a ensabonar-se na bacia em que Pilatos lavou as mãos; aquelle outro, entalado na posição de critico aggressivo e implacavel que elle proprio arranjou para si, tremendo receio de marear os seus alvarás de julgador independente e ao mesmo tempo tirando com o modo de desagradar a um senador do imperio, finge que sopra o amor proprio do auctor, mas não des-cerra os dentes, o finge que o morde, mas não abre a bocca. Um declara que o trabalho do Sr. Taunay é um excellento drama, mas que não se presta a ser representado; outro que elle é uma das melhores produções da litteratura brasileira, mas que se deviam suprimir o primeiro e o ultimo acto, a metade do terceiro e uma parte do segundo; outro que a obra demonstra mais uma aptidão litteraria do brilhantissimo e admiravel talento do Sr. Taunay, mas que foi feita para reclamar da propaganda da grande immigração, con-trapando a robustez britannica de Smith ao depauperamento do Dr. Castro.

Roxo! roxo! Tudo roxo! nem uma só opinião livremente encarnada! nem uma só opinião francamente azul! Nós, porém, que nos compromettemos com a nossa consciencia de jornalistas a nunca faltar á sinceridade em questões de arte; nós, que, entendemos que o Sr. Escragnolle Taunay não precisa, para a gloria do seu nome, dos falsos louvores de quem quer que seja; nós, que achamos que taes lisonjas são tão feias para quem as faz, como para quem os recebe; nós que as julgamos um attentado contra o direito dos poucos brasileiros que conseguem enriquecer as letras patrias; nós decla ramos que a obra do Sr. Taunay é sumamente mediocre; quer encarnada pelo lado da concepção; quer pelo lado da forma; quer pelo desenvolvimento que lhe deu o auctor.

Como concepção é immoral, mesquinha e prosaica; como drama é irre-presentavel; como forma é mal escripta. Immoral, porque tenta engrandecer e tornar sympathico do publico um casal de miseraveis vulgares que se chafurda na degradação de amores inconfessaveis, illaqueando a boa fé de um pobre homem de bem; é mesquinha, porque não ha em toda ella uma scena, um episodio que nos eleve o espirito, que nos enthusiasme; não ha uma d'essas phrases, uma dessas palavras que ás vezes surgem em meio de um livro e sobre as quaes o nosso pensamento fica a girar impressionado como se girasse sobre a aresta de um diamante; não ha um facto que nos apresente uma observação real, uma impressão sincera da natureza; ali é tudo terra á terra, sem nunca ser da terra; é um idealismo a meia tinta, embaciado e fuso, sem estrellas, sem lagrymas, sem risos, sem dores de homem nem alegrias de anjo. Para ser uma obra ideal — falta-lhe a poesia; para ser uma obra naturalista — falta-lhe a verdade.

Amelia Smith, a protagonista do drama, é filha de uma familia da Bahia







**Gabinete** no Brazil, teve no saudoso Sr. Eduardo de Lemos, um dos seus mais entusiasticos iniciadores, tem nos Srs. commentadores Ramalho Ortigão e Castro dois valentes e dedicados continuadores. E' desejo da directoria realizar a inauguração no dia 10 de Setembro d'este anno, dia memoravel para o Gabinete, porque nelle se completará o primeiro meio seculo da sua fundação.

Com uma sessão em homenagem a Pestalozzi, reabriu-se na quarta feira o Instituto Pestalozzi, dirigido pelos professores — bacharel Honório da Silva e Cyrdião Buarque.

Casou-se em Minas o sympathico poeta bacharel Joaquim Campos Porto com a Exma. Sra. D. Maria Barboza, filha do illustre naturalista Barboza Rodrigues.

Felicidades.

Fallecer a 8 e foi sepultada a 9 do corrente, no cemiterio de S. João Baptista, a veneranda mãe do Sr. Dr. Luiz de Castro, redactor-chefe do *Jornal do Commercio*. Ao enterramento compareceram numerosos amigos e collegas do Sr. Dr. Castro, fazendo-se representar toda a imprensa diaria, com excepção da *Gazeta da Tarde*, e da periodica — a *Revista Illustrada* e *A Semana*, e todo o corpo da redacção do *Jornal*.

## CORREIO

— *Sr. P. e C.* (S. Paulo) O seu soneto: *Christovão Colombo* vai para a sala de espera, até que lhe chegue a vez de fazer a sua entrada na *Collaboração*.

— *Sr. Florus*. A apreciação e resposta do seu soneto, christinado com o nome de *Poetas*, estão incluídos nelle proprio, pois que nelle diz, referindo-se a poetas de versos de pés quebrados:

« E assim de improviso são poetas. Mas eu creio que são antes patetas! » Pois, meu caro senhor, é enfiar a cabeça na cabeça, que lhe ha de assentar como uma luva!

— *Sra. D. Lucia*. Minha senhora, li com alguma attenção o seu pequeno e despretencioso conto, e não posso deixar de confessar-lhe que a leitura que d'elle fiz, foi uma compensação ao sacrificio que faço mergulhando nesses natiferos, em prosa e verso (verso! Que blasphemia, santo Deus!) de que por vezes me occupo. Ha nelle correcção e sentimento. Nota-se-lhe, porém, o que quer que seja da maneira de G. Gama, o auctor das *Prosas simples*. E não é só no estylo que se assemelha um pouco o seu aos contos do referido prosador; e tambem no titulo *Contos singelos*, com que V. Exa. epygraphou o seu escripto.

E' sempre motivo de verdadeiro regoijo para todos nós, que, bem, ou mal manejamos este instrumento honroso de trabalho que se chama a penna, o notarmos que vem uma senhora honrar as nossas illeiras, amenzando os labores do lar com as labuteções da litteratura.

Trabalhe e estude, esforçando-se, sobretudo, por angariar estylo proprio, que a gloria não lhe ha de dar as costas.

Entretanto fica o seu conto na sala de espera, até que se nos depare ensejo de fazel-o apparecer.

ENRICO.

## SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d'*A Semana*, e que se acham quites para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 99, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem adicionados os dos cavalheiros que, sendo egualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, vierem ou mandarem quitars: até 31 de Dezembro do anno passado.

CORTE.

(Continuação)

João Baptista V. Machado.  
Honório Pinto Pereira Magalhães.  
Dr. Joaquim José de Sequeira.  
George Diniz Santiago.  
Aleixo de Miranda Castro.  
Miguel Abilio Borges.  
Marcos Pinheiro da Fonseca.  
Matheus dos Santos.  
João Marques.  
Dr. Marianno Silva.  
José Leite de Castro.  
Miguel Dias.  
Raphael Ferreira da Silva.  
Visconde de S. Clemente.  
Conselheiro Rodolpho Dantas.  
Delgado de Carvalho Junior.  
Nicoláo Midosi.  
Antonio Nogueira.  
Samuel Mascarenhas.  
Dr. Fernando Mendes de Almeida.  
Antonio Francisco Chaves.  
Rodolpho de Abreu.  
Frederico de Carvalho.  
Dr. João Alves Meira.  
José Caetano Andrade Camisão.

(Continúa.)

## CORREIO DA GERENCIA

Sr. A. Lutherback. — Cantagallo. — A sua assignatura está paga até 30 de Junho do corrente anno.

## TRATOS Á BOLA

Os *tratos* ultimos foram decifrados pela firma *Caporal & Mineira*. Os nossos estimados irmãos *Fricinal Vassico* e *Josephina B.* não acertaram com uma das telegraphicas.

Eis as decifrações: *Corcovado, Andaluçia, Serpente, Palota, Carão, Espadachim e Eucauto*.

Agora, carissimos tratistas, eis o que tenho a dar-vos; agucem a bola:

MODERNAS

A cidade e a medida encontra-se na geometria.—2—2.

E' igual o pranto na capital.—1—3.

O instrumento nas arvores é inhabitavel.—1—2.

O K. Rioca.

(Pôde voltar, Sr. K. Rioca, que, encontrará sempre aberta e ás ordens a cella de Fr. Antonio).

ANTIGA

(A Exma. Sra. D. Josephina B.)

De longe vem trazido pelo vento.—1

Como se fosse esta ave corredora.—2

Pra cantar, nestes versos, o talento

De charadista tão enciniadora.

LOGOGRAPHO

Do viajante 4, 3, 7, 8.

Arma funesta 6, 5, 7, 7, 8.

Sempre ignorante 7, 3, 2, 3.

Navega esta. 1, 4, 3, 7, 8.

Pertence a planta 7, 8, 2, 3.

Que é d'esta adorno; 1, 2, 3, 4, 8.

A vida encanta; 2, 8, 4.

Mistér de forro. 7, 3, 6, 7, 8, 4.

Podia, com muito engenho:

Achar mil combinações,

Que, fazendo confusões,

Vos endoidecessem logo.

Mas sou piedoso, não tenho

Desejos de fazer mal.

Eia! entree! mas reverentes

E silenciosos, vos rogo,

E enchei vossas almas crentes

Da graude luz do ideal!

Um exemplar dos *Pampanos* ao primeiro decifrador.

Para terminar agradeço a *Fricinal*

*Vassico* a sua charada — acrostico, que

incluo nas apresentadas supra.

Eil-o:

Grade illustre e santarrão,

peleve tanta ousadia,

esta cousa, este borrão,

quidino servo lhe envia.

Pnda tudo ao meu contento,

Zão me sae nada contrario,—1

Hé me vem lá no convento

Onde tenho o meu sacario.—2

Zada temo a tempestade,

—so chova ou faça vento;

Ondo estou não ha maldade!

FREI ANTONIO.

## RECEBEMOS

— *O Sabichão* — Tango caracteristico por Eduardo G. Cerile. Este tango é dedicado ao actor Mattos que n' *O Carioca* fez o papel de Dr. Sá Bicho.

— *Considerações* sobre o requerimento apresentado ao corpo legislativo pedindo concessão a favor do projecto da abertura de uma nova rua nesta capital, pelos Srs G. Foglien e Dr. Ferreira de Araujo.

— *Precurssoras*. Versos de Rodrigues Piao Filho. Vemos ler.

— *Revista Illustrada*—n. 417. anno 13.

— « *Lyrica* » — *Sonatas e Rimas* do Luiz Guimarães, segunda edição, revista e augmentada, com prefacio de Filho de Almeida e retrato do actor.

— *Lavas*, carta do Pará, por Marques de Carvalho, com prefacio de Alvares da Costa.

— *Idylls dos vers*, por Alberto Pimental, com prefacio de Camillo C. Braaco. Lisboa.

De todos estes livros escreveremos proximo.

— *Historia de Gil Brax de Santilhana*, fasciculo n. 55, com honito chromo. Edição da importante casa David Corazzi, de que é representante Jose de Mello, á rua da Quitenda 36.

— *Fabulas de Lafontaine*, fasc. n. 23, edição da mesma casa.

Ha neste fasciculo traducções de Curvo Semmedo, Gaspar da Silva, Couto Guerreiro, Raymundo Corêa e Filinto Ely-ro.

— *Os inventores de Lisboa*, por Gervasio Lobato e Jayme Victor, fasc. 10, edic. da mesma casa.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é contratado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

## MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS

Objectos de colchoaria, espelhos, aparelhos de porcellana, tapetes, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno de casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visital-a.

172 RUA DO HOSPICIO 172

David José de Oliveira

## LIVROS

Vendem-se por preços baratissimos na *Livraria Carioca* —1, rua da Carioca.

Compram-se livros novos e usados.

# COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR E. GAMBARO

## PALACETE DO CURVELLO, MORRO DE SANTA THEREZA

Reabriram-se as aulas no dia 10 do corrente. O director d'esto estabelecimento, considerando a grande importancia do ensino primario e suas difficuldades, resolveu encarregar-se, auxiliado por sua Senhora, das aulas primarias do 1º e do 2º grão; as cadeiras do curso secundario continuam confiadas aos mesmos provetos professores que tão bons resultados deram durante o anno proximo passado.

O edificio do Collegio Internacional pôde ser desde já visitado, a qualquer hora, pelas pessoas que desejarem certificar-se da sua situação excepcional no ponto de vista hygienico. A quem desejar colher informações d'este estabelecimento o director fornecerá uma lista dos paes dos alumnos que têm frequentado o collegio desde a sua fundação.

Os estatutos do Collegio Internacional são encontrados nas principaes livrarias.

# HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMA DA 4ª CORRIDA QUE DEVERÁ REALIZAR-SE EM 16 DE JANEIRO DE 1887  
AO MEIO-DIA EM PONTO

| NOMES   | PELLO       | IDADE   | NATURAL.     | PESO                    | CORES DAS VESTIMENT.       | PROPRIETARIO          |
|---|-------------|---------|--------------|-------------------------|----------------------------|-----------------------|
| <b>1º parco — DR. TAVARES — 1.300 metros — Animas de qualquer paiz, de 3 annos — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.</b>                                       |             |         |              |                         |                            |                       |
| 1   | Poney       | 3 annos | Zaino        | Rio da Prata. 48 kilos  | Cereja, verde e amarello.. | V. M.                 |
| 2   | Frontin     | 3 »     | Idem         | França. 50 »            | Encarnado e preto.....     | Coud. Rio de Janeiro. |
| 3   | Daybreak    | 3 »     | Castanho     | Inglaterra. 48 »        | Ouro .....                 | D. Julia Vieira       |
| 4   | Phenicia    | 3 »     | Alazão       | Idem. 48 »              | Enc. e mangas azues.....   | Coud. Brasileira      |
| 5   | Castiglioni | 3 »     | Zaino        | França. 50 »            | Azul e ouro.....           | Coud. Santa Cruz.     |
| <b>2º parco — COMMENDADOR POSSULO — 1.150 metros — Animas do paiz de meio sangue que não tenham ganho no Hippodromo — Premios: 350\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.</b>   |             |         |              |                         |                            |                       |
| 1   | Orpheu      | 6 annos | Preto        | S. Paulo. 51 kilos      | Vermelho e bonet preto...  | J. Lemos.             |
| 2   | Caporal     | 4 »     | Alazão tost. | Idem. 52 »              | Branco e encarnado.....    | Coudelaria Excelsior  |
| 3   | Damon       | 4 »     | Idem         | Idem. 52 »              | Azul e encarnado.....      | J. Machado.           |
| 4   | Bonita      | 5 »     | Idem         | Idem. 52 »              | Branco e encarnado.....    | J. Machado.           |
| 5   | Africana    | 4 »     | Tordilho     | R. de Janeiro. 50 »     | Encarnado e azul.....      | P. G.                 |
| 6   | Aldace      | 4 »     | Douradillo   | S. Paulo. 50 »          | Azul marinho e ouro.....   | J. V.                 |
| 7   | Pirata      | 4 »     | Tordilho     | R. de Janeiro. 52 »     | Azul e branco .....        | Cond. Nitheroyense    |
| 8   | Jenny       | 4 »     | Vermelho     | S. Paulo. 50 »          | Preto e branco.....        | J. Lemos.             |
| 9   | Marengo     | 6 »     | Idem         | Idem. 51 »              | Vermelho.....              | Coudelarin Mirim.     |
| 10  | Villa Nova  | 4 »     | Zaino        | Paraná. 50 »            | Azul e branco.....         | Coud. Esperança.      |
| 11  | Ivon        | 4 »     | Idem         | Idem. 52 »              | Enc. preto e branco.....   | C. P.                 |
| 12  | Biscaia     | 4 »     | Alazão tost. | S. Paulo. 50 »          | Azul e ouro.....           | Coud. Santa Cruz.     |
| <b>3º parco — VELOCIDADE — 1.000 metros — Animas de qualquer paiz, que não tenham ganho o parco Hippodromo Guanabara — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.</b> |             |         |              |                         |                            |                       |
| 1   | Cheapside   | 4 annos | Alazão       | Inglaterra. 49 kilos    | Enc. branco e ouro.....    | Coudelarin Paulista.  |
| 2   | Madame      | 4 »     | Idem         | França. 49 »            | Azul, branco e enc.....    | Coud. Cruzeiro.       |
| 3   | Dr. Jemmer  | 4 »     | Zaino        | Rio da Prata. 50 »      | Grénat e ouro.....         | G. L.                 |
| 4   | Gaudriole   | 4 »     | Castanho     | França. 49 »            | Encarnado e preto.....     | Coud. Rio de Janeiro. |
| 5   | Catita      | 4 »     | Idem         | Idem. 49 »              | Azul.....                  | F. Guimarães.         |
| <b>4º parco — DR. PAULO CEZAR — 1.750 metros — Animas nacionaes até meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.</b>                                      |             |         |              |                         |                            |                       |
| 1   | Vampa       | 4 annos | Zaino        | Rio Grande. 54 kilos    | Grénat e manchas azues.    | Coudelaria Paraizo..  |
| 2   | Intima      | 5 »     | Castanho     | S. Paulo. 52 »          | Grénat e lirio.....        | C. Coutinho.          |
| 3   | Nicoafy     | 4 »     | Idem         | Paraná. 52 »            | Encarnado e azul.....      | Coud. Romana          |
| 4   | Camagallo   | 5 »     | Zaino        | Idem. 52 »              | Azul e rosa.....           | H. J. da Silva        |
| 5   | Bitter      | 5 »     | Preto        | S. Paulo. 51 »          | Grénat e azul.....         | Idem.                 |
| <b>5º parco — SUPPLEMENTAR — 1.000 metros — Animas de 3 annos de qualquer paiz — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.</b>  |             |         |              |                         |                            |                       |
| 1   | Argentino   | 3 annos | Castanho     | R. de Janeiro. 49 kilos | Grénat e lirio.....        | C. Coutinho           |
| 2   | Frontin     | 3 »     | Zaino        | França. 52 »            | Encarnado e preto.....     | Coud. Rio de Janeiro  |
| 3   | Poney       | 3 »     | Idem         | Rio da Prata. 57 »      | Cereja, verde e amarello.. | V. M.                 |
| 4   | Daybreak    | 3 »     | Castanho     | Inglaterra. 52 »        | Ouro.....                  | D. Julia Vieira       |
| 5   | Castiglioni | 3 »     | Idem         | França. 52 »            | Azul e ouro.....           | Coud. Santa Cruz.     |
| <b>6º parco — INTERNACIONAL — 1.450 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.</b>   |             |         |              |                         |                            |                       |
| 1   | Cheapside   | 4 annos | Alazão       | Inglaterra. 52 kilos    | Enc. branco e ouro.....    | Coud. Paulista        |
| 2   | Dr. Jemmer  | 4 »     | Idem         | Rio da Prata. 52 »      | Grénat e ouro.....         | G. L.                 |
| 3   | Gazida      | 4 »     | Alazão       | França. 50 »            | Verde, branco e enc.....   | Coud. Excelsior.      |
| 4   | La Ferthé   | 4 »     | Idem         | Idem. 50 »              | Encarnado.....             | Coud. Brasileira.     |
| 5   | Mastin      | 4 »     | Castanho     | Idem. 52 »              | Encarnado e azul.....      | A. M. P.              |
| 6   | Scylla      | 4 »     | Idem         | Inglaterra. 50 »        | Encarnado e preto.....     | Coud. Rio de Janeiro. |
| <b>7º parco — ANIMAÇÃO — 1.000 metros — Animas nacionaes até meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.</b>   |             |         |              |                         |                            |                       |
| 1   | Vampa       | 4 annos | Zaino        | Rio Grande. 52 kilos    | Grénat e mangas azues...   | Coudelaria Paraizo.   |
| 2   | Intima      | 5 »     | Castanho     | S. Paulo. 51 »          | Grénat e lirio.....        | C. Coutinho.          |
| 3   | Americana   | 4 »     | Tordilho     | R. de Janeiro. 50 »     | Encarnado e azul.....      | P. G.                 |
| 4   | Nicoafy     | 4 »     | Castanho     | Paraná. 56 »            | Encarnado e azul.....      | Coud. Romana          |
| 5   | Bitter      | 5 »     | Preto        | S. Paulo. 56 »          | Grénat e azul.....         | H. J. da Silva        |
| 6   | Pirata      | 4 »     | Tordilho     | Rio de Janeiro. 52 »    | Azul e branco.....         | Coud. Nitheroyense.   |
| 7   | Ivon        | 4 »     | Zaino        | Paraná. 52 »            | Enc. preto e branco.....   | C. P.                 |
| 8   | Biscaia     | 4 »     | Alazão tost. | S. Paulo. 50 »          | Azul e ouro.....           | Coud. Santa Cruz      |
| <b>8º parco — NITHEROY — 1.000 metros — Animas nacionaes de menos de meio sangue que não tenham ganho este anno — Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.</b>       |             |         |              |                         |                            |                       |
| 1   | Quacho      | 3 annos | Chita        | Rio Grande. 52 kilos    | Grénat o mangas azues..    | Coudelaria Paraizo    |
| 2   | Africana    | 4 »     | Preto        | Paraná. 54 »            | Azul e rosa.....           | H. G. da Silva        |
| 3   | Bariguy     | 4 »     | Zaino        | Idem. 54 »              | Branco e encarnado.....    | J. F. Nunes           |
| 4   | Moema       | 4 »     | Idem         | S. Paulo. 53 »          | Encarnado.....             | Coud. Brasileira      |
| 5   | Savana      | 5 »     | Castanho     | Rio Grande. 50 »        | Grénat e rosa.....         | F. G.                 |

Os animas inscriptos no primeiro parco deverão achar-se no ensilhamento ás 10 1/2 horas em ponto.  
Haverá bonds extraordinarios da ponte de Nitheroy e barcas da Corte em direitura ao prado ás 7, 10 1/2, 11 e 12 1/2, sendo as das 7 e 10 1/2 para condução de animas e tambem para passageiros e as outras somente para estes.  
Depois das corridas haverá um trem especial que partirá da plataforma do prado ás 6 horas da tarde conduzindo os passageiros do interior.

O 2º secretario, AFFONSO A. NUNES.

## EXTERNATO CRUZEIRO DO SUL

(PROXIMO AO COLLEGIO D. PEDRO II)

N 133 RUA DA IMPERATRIZ N 133

METHODO INTUITIVO

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

PREPARA ALUMNOS PARA OS COLLEGIOS D. PEDRO II E NAVAL

CURSO ESPECIAL PARA O COMMERCIO E ANNEXO A ESCOLA POLYTECHNICA

Estão funcionando todas as aulas desde o dia 10 de Janeiro

## EMULSÃO

DE  
**SCOTT**

DE OLHO PURO DE  
**FIGADO DE BACALHÃO**  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE RECOMENDADO PARA  
Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades toniccas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' vendn nas drogarias e boticas.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

**25 RUA DA PRAINHA 25**  
**9 C LARGO DO ROSARIO 9 C**  
47 Rua do Carmo 47

Em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta — annuncio.

**Cognac e licôres do Marie Brisard & Rogor** — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Rogor são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhuma addição de outra qualidade de nguardente. Pede-se toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Rogor. Unicos agentes nesta corte: Karl-Valais & C., 31 rua da Alfandega.

## GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

**ALFREDO DE FAIVA**

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio, Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.  
O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignnutes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

**RUA DO OUVIDOR, 45**

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

**GRANDES ARMAZENS**  
DE  
**FAZENDAS, MODAS E ARMARINHO**  
DE  
**VILLA VERDE & NUNES**  
**53 RUA DO OUVIDOR 53**  
**66 B RUA DA QUITANDA 66 B**  
**AU PARC ROYAL**  
**10 E 12 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 10 E 12**  
**AU BOULEVARD**  
**6 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 6**

Os proprietarios destes importantes estabelecimentos, talvez os mais bem sortidos no seu ramo de negocio nesta Corte, collocaram-se em circumstancias especiaes a fim de fornecerem aos seus freguezas todos os artigos do seu importante sortimento por preços consideravelmente baratos, e **sem comprometto**, com a dupla vantagem de receberem semanalmente todas as novidades que apparecem nas principaes praças da Europa.

O systema adoptado de vender só a dinheiro á vista com limitadissimo interesse, por ser o unico conveniente para o consumidor, tem-nos facultado o ensejo de augmentar sensivelmente as vendas em nossos estabelecimentos e por conseguinte obriga-nos a ter sempre um completo sortimento de tudo quanto é concernente ao nosso ramo de negocio, como se vé do resumo abaixo:

### RESUMO

Sedas, gazes, grenadines, setins e velludos.  
Tecidos de lã em peças, para vestidos, e em cortes.  
Tecidos de algodão, de grande fantasia, proprios para a actual estação.  
Fustões, mousselines, setinetas, percales, resilles, bayadères, cassas, nanzouks, cambraias de linho e de algodão, chitas, riscados, etc., etc.  
Morins, cretonnes, linhos para lençoes e para fronhas, irlandas e algodões.  
Tecidos para estofos, cortinas e reposteiros; cortinas, cortinados, colxas, de seda, de algodão, cobertores, enxovaes bordados para cama, fronhas lençoes, tapetes de todos os tamanhos.  
Camisas para homem, para meninos e para senhoras; ceroulas, meias, saias, lençoes, camisas de seda, de flanela, de meia de algodão, etc., etc.  
Leques, luvas, ligas, chapéos de sol lisos e de fantasia, para senhoras e crianças.  
Capas, fichús, paletots, vestidinhos, cbaes, sahidas de baile e grande diversidade de confecções.  
Enxovaes para baptisado, toucas, chapéos de setim e fustão, binoculos para theatro, bolsinhas, carteiras, etc.  
Rendas, fitas e tudo quanto é concernente ao mais bem sortido armarinho.  
Tomam-se encomendas de vestidos por medida, feitos com a maxima perfeição pelas melhoras costureiras.  
Fornecese enxovaes completos para noivas, desde o preço de 100\$ com os mais elegantes sapatos de setim, inclusive.

Convidamos pois todas as Exmas. familias a visitarem es nossos estabelecimentos, onde, a par da maior modicidade de preços, encontrarão tudo quanto se possa desejar de bom gosto.

**Villa Verde & Nunes.**

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 22 DE JANEIRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 108

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,  
Aluizio Azevedo,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                 |
|--|-----------------|
| Expediente.....                            | A. DUMAS filho. |
| «A Semana».....                            | R. OCTAVIO.     |
| Historia dos sete dias.....                | V. MAGALHÃES.   |
| «Vinte Contos» carta de.....               | JULIA LOPES.    |
| Os organitos, soneto.....                  | F. PALMEIRA.    |
| O novo prefacio d'«Damo das Camélias»..... | F.              |
| Poesia e poetas:                           | S.              |
| «Nenuphars».....                           | S. LORGNON.     |
| «Cantos tropicaes».....                    | A. MENDES.      |
| O diaheiro.....                            | V. MAGALHÃES.   |
| O meu canario, soneto.....                 | P. TALMA.       |
| Notas bibliographicas.....                 | L. M. BASTOS.   |
| Jornaes e revistas.....                    | M. DA HORTA.    |
| Festas, bailes e concertos                 | FR. ANTONIO.    |
| A urne menina loira, soneto.....           | S. SONIAJ.      |
| Paginas esquecidas—Cancão.....             | ENRICO.         |
| Theatros.....                              |                 |
| Secção de honra.....                       |                 |
| Sport.....                                 |                 |
| Parnaso Alegre—Sonho Oriental.....         |                 |
| Tretos á boia.....                         |                 |
| Factos e Noticias.....                     |                 |
| Collaboração—Conversa com minha filha..... |                 |
| Correio.....                               |                 |
| Recebemos.....                             |                 |
| Annuncios.....                             |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, o ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 56, 57, 63, e 96 d'A Semana, a 500 rs. cada um.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos nossos agentes, nos honrarem com as suas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a punctualidade necessaria.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindegos, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por

Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptae por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vioira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindegos, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## A SEMANA

Do nosso estimadissimo collaborador Dr. Affonso Celso Junior, — cujo soneto *Anjo enfermo* tão vivo successo alcançou, em o nosso ultimo numero — temos a promessa de algumas notas da viagem por S. Ex. realizada ha mezes á republica do Prata, em companhia do eu honrado e illustre pae.

A *Semana* espera offerecer em breve aos seus leitores essas paginas, seguramente notaveis pela jnsteza das observações como pelo primor da fórma.

Por enfermidade do nosso collaborador *Phébo-Apollo* não damos hoje *Cartas do Olympo*.

### A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

As noticias do cholera em terras do Brazil vêm vindo aos poucos, medrosamente, subrepticamente, com pés de lan, não querendo causar terror. Ha pouco citava-se como infestada a provincia de Matto Grosso, sem particularidades de povoação. Agora, alguns jornaes mais animosos, mais intrepidos, mais desabusados, já se atrevem a dizer que o local recolhido pela molestia para nos fazer a sua desagradavel visita de apresentação foi Cornumbá.

Isto vaes indo, ou, antes, isto vem vindo assim de vagar, paulatinamente. Primeiro Corumbá, depois, naturalmente, Cuyabá, depois Goyaz, depois Minas; quando chegar a terras vizinhas do canal do Mangue, virá no vehiculo dos microbios, guiada pela celliga Amarella até os dominios da Candelaria e de S. José, via direita e Ajnda, como resavam topographicamente os lettreiros dos antigos bonds de Botafogo.

Têm sido louvaveis porque têm sido nteis, os esforços da Inspectoria de Hygiene; mas que poderão elles contra o audaz inimigo que encontra os portos abertos e os microbios desoccupados,

abandonados na eua culntra pelo sabio Dr. Freire?

O calor teu estado de rachar e, por mais que me digam que não, esta temperatura elevada, comburente, serve ao desenvolvimento da terrivel molestia asiatica.

O Estado, tirante os cuidados da Inspectoria da Hygiene, não se importa com a saude publica, nem mesmo quando, como agora, o perigo se mostra imminente. Assim, é cada qual tratar de se prevenir por si mesmo, antes do brado desesperado e desesperador do *saue qui peut!*

Para isso, entre as multissimas coisae que nos aconselha a sciencia médica, estão o abuso da limpeza e a abstenção das bebidas alcoolicas. Muita agua e pouco *cognac* são os meios mais efficazes de evitar o cholera. Felizmente, para snpprir os *grogs* e as bebidas fermentadas, que predispoem o organismo para receber o microbio, temos agora cajúe com abundancia, e todos sabemos quanto essa bella e saborosa fructa, além de ser de um sabor exquisito e agradável, é util pelas suas excepçionaes qualidades depurativas, tonicas e refrigerantes.

O caso da semana foi o assassinato do agente secreto de policia Bastos pelo pobre louco hespanhol Raphael Hecht.

A policia, em vez de obrigar a familia do desgraçado louco a recolhê-lo a uma casa de saude, fel-o acompanhar por um agente secreto. O infeliz, que tinha a mania das perseguições, julgou que o agente era mais um perseguidor peitado pela sua familia e matou-o com tres ou quatro ou cinco tiros de revolver, no café de Java, em plena rua do Ouvidor.

Agora interrogam o enfermo desesperadamente: mas que valor podem ter as declarações de um louco, cuja razão ajuda mais se aggravou com o crime commettido?

Parece quo e empenho actual da policia é saber se a familia perseguia o criminoso irresponsavel e se a esposa não lhe prodigalisava todos os carinhos coojngaes. Mas que diabo tem que vér com isso a policia?

Bado que o lar domestico de Raphael não fôsse um exemplo de paz edenica por causa da esposa — o que, entretanto, não se tem podido inferir dos depoimentos das testemunhas, — a policia nada tinha que vér com isso, nem mesmo agora, depois do crime perpetrado, porque essa causa remota não poderia constituir objecto de criminalidade.

Se a lei permittisse ou admittisse tal principio juridico, as prisões seriam pequenas e poucas para encerrar Exmas. sogras que perturbam a paz domestica, desarranjam o miolo, e espatifam a tranquillidade dos genros.

O caso offerece apenas uma solução; não ha que hesitar: recolhiam o criminoso a um hospicio de alienados — com tanto que não seja o pavoroso *Asylo* de Mendigos — e submettam-no a um rigoroso tractamento scientifico.

D'essa maneira talvez se possa salvar um homem e quiçá reconstituir uma familia.

Causou grande e profunda consternação a noticia, dada aqui pelos jornaes de 15, do pavoroso sinistro acontecido em Lisboa ao vapor francez *Ville de Victoria*, no dia 24 do passado, pelas 4 horas da madrugada.

Todos leram nas folhas diarias a descripção minuciosa d'esse terrivel naufragio, todos se commoveram com as peripecias tragicas d'esse espantoso decaastro.

A bordo do *Ville de Victoria*, na occasião do sinistro, tambem estavam quatro pessoas brazileiras: Galdino José da Rosa, a viuva Rodrigues da Silva e dois criados, uma preta e um mulato. Este ultimo morreu afogado.

A coragem com que se houve a viuva Rodrigues da Silva e á qual deveu a vida, foi verdadeiramente heroica, e a narração das peripecias por que passou são commoventissimas.

A chronica registra a triste e dolorosa impressão que lhe causou, como ao publico, esta horrivel tragedia. Ella passou-se longe de nós, mas o nosso espirito adivinha as angustias soffridas, e o nosso coração empresta-nos uma lagryma piedosa para os pobres mortos.

Para desanuviar a fronte publica (Caramba! bonita imagem) d'esta tristeza local temos recommçada a historia alegre da carne podre.

Os açougueiros, se fornecem a carne podre aos seus freguezes, em compensação vendem-lha mais cara. Fica uma coisa pela outra.

A mim, artista e poeta desde a copa do chapéu ás solas dos sapatos, não me desagradava inteiramente que a carne chegue estragada a S. Diogo, porque vejo neste facto a confirmação positiva de uma velha figura de rhetorica. Eu nunca pude comprehender por qual razão se chamava *verde* á carne de boi do consumo.

Nos tempos remotos em que os açougues vendiam carne em bom estado, ella chegava-lhes sempre vermelha, rubra, sanguinea e elles affirmavam convictamente que aquelle genero era *verde*. Eu pasmava-me e ia remoendo o bife em silencio; attonito mas com muito appetite. Agora condoeu-se de mim a illma. Camara: Aquillo a que se chama *carne verde* é um genero perfeitamente verde, verde como o capim, verde como a substancia ignota da fabrica Fritz Mack! E' a decomposição ao ser-





afecto de uma menina pobre, accedendo num candidez d'alma boa os seus protestos de amor e de fidelidade eterna!

O mundo tem desses dramas, infelizmente communs. Evelina é que os não comprehendem. A fatalidade deu-lhe um exemplo perto e doloroso. Agora viu que o dinheiro não é só o positivo da vida, a magna lucta da sociedade; mais, é a maxima gloria, a unica felicidade que sonham attingir os que não têm a alma outra riqueza.

Osol illuminava brandamente a terra, como uma caricia maternal. Brillavam reluzentes os comoros reivosos do jardim. Esvoaçavam entre flores as borboletas alegres, doidejantes; e Evelina, cercada de confortos e em plena mocidade, invejav a mais bumlde das mulhieres, que entrando descalça em casa, vinda do trabalho ao sol, ao vento ou á chuva, visse sentados ao lado um do outro os paes, com as mãos entrelaçadas, em mais doce e serena intimidade.

JULIA LOPES.

### O MEU CANARIO

A. D. ADELINA PEREIRA LOPES.

Canora gemma de ovo, o meu canario  
Solta á luz da manhan seu meigo canto;  
Encrespa as jaldes plumas do aureo manto  
Dos soas o doído e fino lapidatio.

A multidão, que segue o seu fadario,  
Indifferente passa e corre, enquanto  
Só eu comprehendo o singular encanto  
Das canções do poeta solitario.

Aquelle canto de saudades chora,  
Aquelle doce voz, unvida e pura,  
Vae para as bandas d'onde nasce a aurora.

Assim minh'alma chora de amargura,  
Assim vae juncto a vós, minha senhora,  
Que juncto a vós está minha ventura.  
20 de Janeiro, de 87.

FILINTO D'ALMEIDA.

### NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

*Idylho dos Reis*—Sob este titulo chegamos de Portugal uma collecção de poemets devidos á penna do illustre litterato portuquez—Alberto Pimentel. Camillo Castello Branco, o pujante escriptor e o luminoso romancista que todos conhecemos e admiramos, prefacia com sua prosa de ouro os *Idylhos dos Reis*.

A *ultima noite de Tira Dentes* é um poemeto dramatico que fez honra ao talento do seu auctor, o conhecido poeta Luiz Murat, nosso ex-collaborador effectivo, hoje reductor da *Vida Moderna*. Como moulogio theatrical é talvez demasiado extenso, e tem, como obra historica—philosophica, fraqueza na caracterisação moral do personagem, de modo que aquella *ultima noite* tanto podia ser a do primeiro martyr da Liberdade no Brazil como a de qualquer outro heróe que por ella se sacrificasse em outro qualquer paiz.

Isto aparte, é merecedor o trabalho do Dr. Luiz Murat de francos applausos.

Tem alguns trechos de notavel vigor, a ideia é sempre elevada e nobre e o verso cor recto, fuente, harmonioso.

Um bello poemeto, emfim, e uma louvavel obra de justiça historica.

Veio-nos de Lisboa, offertado pelo auctor, um volume do segundn edição, revista e augmentada, dos *Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães. É um bellissimo volume in-8o fr., de 222 paginas, prioritosamente impresso na typographia Elzeviriana de Lisboa. A edição é da casa Tavares Cardoso & Irmão, d'aquelle capital, e está adornada com um bello retrato do poeta.

Este formoso livro do nosso distinctissimo patricio já foi sobejamente tractado pela critica, e consagrado pelo publico, que esgotou a primeira edição, impressa em Roma em 1880.

Nesta segunda edição foi apenas

supprimida a poesia *Lenda antiga* e ha mais dez sonetos do que na primeira.

O novo livro é precedido de um brilhante prefacio de Filho d'Almeida, em que este escriptor ostuda rapidamente a evolução da poesia e faz a apologia das soberbas qualidades de Luiz Guimarães.

*Sonetos e Rimas* é um livro primoroso, de grande correção artistica, de uma poesia singularmente unvida de sentimento e de expressão, de um lyrismo moderno, suave e doce como um favo, um pouco melancolico talvez, mas sempre muito elegante, muito altivo, muito nobre. O poeta canta de preferença os sentimentos ternos, os affectos de coração, a vida da alma. A paisagem, levemente esbatida e sempre cor de rosa, forma-lhe o fundo aos quadros galantes, onde o azul do céu apenas serve para o esvoacar das andorinhas e das pombas; onde os campos são a scena dos amores simples; onde o largo oceano é aproveitado para os idylhos nocturnos no tombadiho dos transatlanticos, á musica saudosa e amarga do marulho das ondas, sob a chuva de prata do luar melancolico, que fala da patria e dos ausentes amados, na profunda solidão tranquilla das aguas, em noites mansas e quentes.

Avultam nesta obra os perús femininos, vasados como que num molde unico, só variados nas cores e nos adornos, mas sempre com a mesma linha correcta e nobre do modelo amado que começa por aureolar de beijos vivos o poeta esposo, e vem ainda depois do insondado mysterio da campá, visão adorada, phantasma sagrado e augusto, depor o beijo terrissimo da saudade inextincta na fronte pendula do bardo viuvo.

Esta ternura suavissima é que é o segredo de Luiz Guimarães, e como parece encher-lhe toda a vida psychologica, preoccupa-lhe o espirito, fecundalhe a inspiração o bordnlhe os versos. D'ahi o ser elle um poeta todo feminino, sem energias masculinas, sem audacias e sem impetos. D'ahi tambem uma certa monotonia na sua arte, uma cansativa egualdade na sua fórma. Como sentimento, não varia; não varia a estrutura do verso que o encerra; é o defeito da sua mais eminente qualidade de poeta lyrico; defeito só para artistas, entretanto, e do qual decorre para a sua obra uma egualdade estetica muito apreciada pela critica pautada dos principios fundamentaes abstractos, mas que a boa arte condemna pela monotonia.

Não cabo nestas notas juizo mais amplo do formoso livro nem d'elle já necessita a brilhante reputação do auctor.

### JORNAL E REVISTAS

Mais uma publicação destinada á classe médica « *Progresso Médico*, revista mensal de medicina, cirurgia e pharmacologia ».

É seu reductor o Dr. Agostinho de Araujo. Tem 50 paginas este primeiro n., bom papel e boa impressão. Sumario variado e muito interessante para os profissionaes.

Desejamos que sejam os louvaveis esforços do Sr. Dr. Agostinho de Araujo coroados por completo exito.

Bellissimo o n. 288 d' *O Occidente*, que se publica em Portugal. D'entre as gravuras que ornam este n. destacam-se as que têm por titulos— *A Vava de Arão transformada em cobra e Os campinos* (supplemento) que é copia de um quadro de Silva Porto. Em homenagem a este distincto pintor, traz *O Occidente* o seu retrato na primeira pagina, acompanhando-o, no texto, por umas linhas firmadas por Caetano Alberto.

Illuminam a parte litteraria d'esta importante revista as pennas de Gervasio Lobato, Monteiro Ramalho e Brito Rebello.

Publicou-se no sabbado ultimo o primeiro numero, da 2ª phase do *Jornal dos Economistas*, revista quiazenal, cuja redacção acaba-se a cargo dos Srs. Silva Figueiró e Dr. Joaquim José de Siqueira. Do artigo *O nosso programma do Jor-*

nal dos Economistas, o leitor facilmente d'prehenderá o quanto é imprescindivel a existencia de uma folha que se occuppe exclusivamente de assumptos que digam respeito aos nossos interesses economicos.

Neste numero lemos um bem elaborado artigo sobre protecção aduaneira e outros mais de utilissima leitura.

Desejamos que d'esta vez o collegu encontre elementos para uma vida mais longa, uma vez que a merece.

Fazemos sinceros votos para que não lhe sejam indifferentes os economistas e... os economicos.

Está publicado o primeiro numero do *II Brazil*, revista agricola, commercial, industrial e financeira, sob n direcção e redacção do Sr. Pietro Mallan. Recomendamos, muito principalmente á colonia italiana, os importantes artigos da nova publicação.

O n. 1º do 16º anno d' *A Estação* é uma soberba promessa do muito que tem de bom a produzir esta estação do anno da imprensa—em flores e fructos. (Desculpem a insolencia do trocadilho: saltou-nos do entusiasmo).

Alem de vasta sementeira de moldes, figurinos e desenhos diversos, traz augmentada a sua parte litteraria, da qual pedimos venia para transcrever em outro numero d'esta folha uns bellos versos de Lucio de Mendonça.

Parabens ao bonrado Sr. Lombaerts pela brilhante carreira da sua revista de modas.

Acaba de apparecer o primeiro numero d' *O Brazil Medico*, importante revista hebdomadaria, sob a redacção principal do conhecido facultativo Dr. Azevedo Sodré. *O Brazil Medico* é collaborado por alguns dos nossos melhores e mais conhecidos clinicos. Isso é o quanto basta para saber-se que contem artigos de subido valor, os quaes não devem passar despercebidos.

Contém o numero 5 do *Jornal do Domingo*, além de alguns trabalhos litterarios dos nossos melhores escriptores, um bom artigo sobre o jornalismo, assignado pelo Sr. Manoel Carneiro.

*A Procellaria*, n. 2— Como o numero anterior, á excellente revista de Julio Ribeiro traz artigos de subido valor, cuja leitura recommendamos, especialmente o primeiro, que é magistral.

*Lombard Street*, n. 1— Util publicação mercantil sob a redacção do Sr. José Ricardo Moniz.

Terça-feira, 25, apparecerá o primeiro n. das *Novidades*, folha diaria, de redacção de Alcindo Guanabara e Moreira Sampaio.

Esperamol-a com a mais viva sympathia.

Consta-nos que o Dr. Augusto de Castro não desistio da ideia de fundar e dirigir um jornal diario, tendo feito já para á Europa a encomenda do material typographicco.

Todos reconhecem as grandes aptidões jornalisticas d'aquelle provecito collega; mas, jornalista formado no velbo, rotineiro e pesado *Jornal do Commercio*, terá o Dr. Castro (Augusto) a necessaria habilidade para uma folha pequena, viva, interessante, variada, leve, spirituosa, moderna, emfim?

*That is the question.*

O n. 448 da *Revista Illustrada* (que, por signal, está muito interessante com o seu *Zé Caipora*) dá uma extensa e minuciosa noticia do banquete com que commemorámos a entrada d' *A Semana* no seu terceiro anno. D'essa noticia transcrevemos os ultimos periodos por que ahí se encontram informações que nos esquecem ministrar aos nossos leitores. Fazendo-o, confirmamos a verdade de todas ellas. Fala o collega:

« A mesa, ornada com gosto, repre-

sentava a 1ª paglna do nosso collega apoiada sobre as quatro columnas que lhe sustentam o titulo.

A festa correu ininteravel de contentamento, como nesses reciatos paradisiacos em que as sombras diaphanas dos grandes homens divagam, encoantra-se, mas não podem brigár.

O menu era dos melhoeres.

Damos um extracto, para que os leitores possam fazer uma ideia dessa bella festa:

POTAGE  
*Purée aux oignons d'Egypte.*

RELEVÉS  
*Poisson d'Avril.*  
*Suprême de gibier du Maranhão.*

ENTRÉS  
*Beuf garni aux Abonnés.*  
*Paté de foie gras à la Munchausen.*

ROTTIS  
*Canards truffés, à la Gascogne.*  
*Jambon de Pachyderme.*

COUF DU MILIEU  
*Punch can-can de journalístes.*

ENTREMETS  
*Plum-pudding aux floges mutuels.*  
*Blanc-manger à la diplomate.*

PIÈCE MONTÉE  
*Galions de Vigo.*

DESSERT ASSORTI  
VINS: *Champagne frappé* (Fritz Mack), *Porto de 1820* (A. C.), *Rhum Jamaïque*, *Madeira*, etc.

A festa esteve divina, e não seremos exaggerados comparando-a a um sonho, um encanto, uma scena das mil e uma noites, reinando, sempre, a maior cordialidade. Felicitamos os nossos colegas por essa bella lembrança e por não ter haavido indigestões.

Muito obrigados á *Revista* e especialmente ao amigo *Blitz*, auctor da noticia.

S.

### A UMA MENINA LOIRA

*Refulge a me deslumbra o teu aureo cabelo,  
Criança, meigo ser, alma angelica e pura,  
Quando te vejo a rir, encantado por sel-o  
Tão loiro e a fulgurar como a aurora fulgura!*

*Uma estrella talvez que da azulada altura  
Cahisse cá no mundo o fez assim tão bello!  
Decerto em uma estrella a tua formosura  
Deus um dia acabou, todo amor e desejo!*

*Não sei porque é que a vida, ó creancinha loira,  
Quando a subtime luz do teu cabelo a doira,  
Neste mundo me faz risonho e satisfeito!*

*Quem dera aos olhos meus verem-te eternamente!  
Quem me dera viver a contemplar somente  
Esse cabelo teu de fulva estrella feito!*

17 de Janeiro de 1887.

### FESTAS, BAILES E CONCERTOS

CONGRESSO BRAZILEIRO

A chuva torrencial do sabbado não impedio que o sarão-concerto do Congresso Brasileiro fosse enormemente concorrido, taes e tantas são as sympathias de que mercendentemente gosa a distincta associação.

O programma da parte musical foi brilhantemente executado, distinguindo-se, no desempenho de diferentes peças, as Exas. Sras. D. D. Rozalina de Lima e Eugenia Gamba, applaudidas amadoras.

As danças que se seguiram ao coacerto só terminaram ao romper da madrugada, prova evidente da animação e jovialidade que reinam sempre nas festas do Congresso, o que, em grande parte, é devido á amabilidade e gentileza da digna directoria para com os socios e convidados.

LORGNON.

PAGINAS ESQUECIDAS

CANÇÃO

*Isto canta-me dentro, enche-me o coração  
 e ae-me por alma afóra...*

Alberto de Oliveira.

*Não! Não existe Dôr, Morte, Infortunio, Pranto,  
 Enquanto fores minha e meu o teu amor!  
 Jámais blasphemares a Luz e ao Sor, enquanto  
 No coração sentir o teu calor, ó ar,  
 O teu perfume, ó flor!*

*Vives? — o meu viver é limpido, suave...  
 Amas-me? — A existência é um canticão de amor!  
 Como surri o azul! Como cantam as águas!  
 Como me brilha n'alma a tua voz, ó ave,  
 Tua pureza, ó flor!*

*Vejo-te?... — que é que exprime esta palavra:  
 «mágoas»?*

*Sorris-me? — o vendaval é um astro a rutilar!  
 A Vida é uma ovação, o Universo — um beijo!...  
 Sinto falar-me Deus, ó flor, no teu bafejo,  
 Ó ave, em teu cantar!*

*Choras? Vence-te a dôr? Vêrgas ao soffrimento?  
 Ah! Já sei o que são pranto, mágoas e dor...  
 O céu, piedoso e bom, ruge neste momento...  
 Dão-me a idéa da Morte, ó ave, o teu lamento,  
 Tua tristeza, ó flor!*

1880

VALENTIM MAGALHÃES.

THEATROS

Ah! se o publico soubesse da grande surpresa, do precioso mimo artistico que o Vasques está preparando para lhe offorecer na noite do seu beneficio! Nós, que somos talvez os unicos ou, pelo menos, fomos os primeiros, a saber do grande segredo, — nós nada podemos revelar porque ella, o endiabrado Vasques, a grande Vasques, não quer e absolutamente prohibe que se diga alguma coisa a tal respeito.

Nada diremos por enquaato. A não ser isto: que o novo trabalho que elle está preparando é digno do seu grande talento e que com elle o discipulo de João Caetano se ha de mostrar mais uma vez digno do mestre.

LUCINDA

Neste theatro estreou-se ua quarta feira uma nova companhia dramatica sob a direcção do conhecido actor Boldrini. A peça escolhida para a estreia foi *O Corcunda*, grande drama em um prologo e oito quadros, de Féval e Bourgeois. E' uma peça dos moldes que mais agradam ao publico em geral; tem grandes lances, situações violentas, scenas espaventosas e terriveis, luctas e assassinatos, raptos e todos os ingredientes com que se guizam os dramas de sensação.

A nova empresa empregou na montagem todos os recursos de que podia dispor. Os vestuarios, a Luiz XIV, são regulares, e os scenarios do habil scenographo Colliva são muito bem pintados e de bello effeito, especialmente o do segundo quadro.

O desempenho, diga-se a verdade, não foi sublime; mas, em todo caso, não desagradou ao publico, que por vezes o applaudiu com furor.

Boldrini foi bem no papel do cavalheiro de Lagardere (protagonista) fazendo-se applaudir em varias situações. Dos seus companheiros distinguiram-se Heitor, Teixeira, Santos Silva, Primo da Costa e Peroira.

Claireville foi uma Aurora muito ingenua; Maria Maia foi uma discreta de Caylus; Maria do Rocha uma estalajadeira desembaraçada; Branca uma cigana mentadora; Guiomar e Leopoldina muito graciosas nos papeis de pagem e de Toiô.

RECREIO

Continuam com *A Roubadora de crianças* e ensaia o grande drama *Uma família phantastica* e a comedia franceza *O tio*, traduzida por Figueiredo Coimbra.

Dizem-nos que *O tio* é uma comedia engraçadissima, cheia de erva, e que ha de ser uma dos grandes successos do Recreio.

PRINCEPE IMPERIAL

A *princeza Azulina* tem feito boa carreira neste theatro. O Machado agora vae tambem atirar-se ás revistas e prepara para Fevereiro proximo o *Zé Caipora*, revista do anno passado, escripta pelo nosso collega da *Diario de Noticias* Dr. Oscar Pejerneiras.

Pessoa que assistio a alguns ensaios affirma-nos que o *Zé Caipora* dispõe de elementos seguros do exito, que tem muitissima graça e situações inteiramente novas neste genero de peças.

PHENIX DRAMATICA

Cremos que bem aviesda andou a empresa d'este theatro, montando o drama phantastico *O espectro*, traduzido e accomodado á scena portugueza pelo Sr. M. Zagallo. A peça, de uma contextura que prende, do principio ao fim, a attenção do espectador, está cheia de scenas commovedoras, e de lances perfeitamente preparados, sendo peça, porém, que o Sr. Zagallo aão a expurgasse um pouco de algumas scenas que, por inuteis ou por muito longas, se tornam enfadonhas, prejudicando o entreocho geral do drama. Ainda assim as boas qualidades da peça vencem estes senões e o publico sahe satisfeito.

Tem o papel mais trabalhoso o actor Galvão, disse-o com verdade e em muitas scenas foi felicissimo.

O actor Lisboa fez Jorge Muller, o sympathico da peça, dando-lhe muito colorido, especialmente nas scenas do 4º acto.

Os demais papeis do sexo feio foram distribuidos a Portugal, Pestana, Mendes Braga, Motta e Nazareth, que os desempenharam muito correctamente.

A novel actriz Francisca de Salles, que revela grandissima aptidão e boa vontade para a scena, encarregou-se da parte de Amelia de Stockausen, e representou-a muito conscienciosamente. A jovem artista, se procurar ser encaminhada, no cultivo da arte que abraçou, por bons mestres que a afastem dos escolhos em que muitas naufragam, será, de futuro, um dos mais bellos ornamentos dos nossos theatros, tão pobres, infelizmente, de artistas de genero.

Julia de Lima e Maria Augusta, embora em papeis secundarios, deram-lhes bastante relevo e agradaram muito.

A peça está bem montada: uma grande parte do scenario é completamente nova, os vestuarios satisfazem e a *mise-en-scene* é, em geral, muito cuidada.

Parece-nos que *O espectro* deve fazer carreira, pelo que felicitamos a empresa e o habil accomodador, o Sr. Zagallo.

Em 7 do mez passado representou-se pela primeira vez em Paris, na *Opera comica* «Egmont», o drama lyrico em quatro actos, por Alberto Wolff e Alberto Millaud, musica de Gastão Silvyre.

Coquelina já marcou já o dia 17 de junho para a sua viagem á America; teucioua seguir fielmente o itinerario feito por Sarah Bernhard, e gastar em toda a excursão sete mezes, pouco mais ou menos.

P. TALMA

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d'*A Semana*, e que se acham quites para cam esta empresa, continnamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o. n. 99, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem adicionados os dos cavalheiros que, sendo egualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha,

vierem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro do anno passado.

CORTE

(Continuação)

Conseelheiro Ruy Barbosa.  
 Conselheiro Affonso Gaioso d'Assis Figueiredo.  
 Adriaao de Barros.  
 Conselheiro Fraaklia A. de Meazes Doria.

Manoel Ricardo de Souza Dias.  
 Alexandro Gasparoni Filho.  
 D. Amelia Salgado.  
 Quintino Bacayuva.  
 Rosa Nunes.  
 Dr. Magalhães Castro.  
 Manuel José de Souza e Silva.  
 Dr. João Pizarro Gabizzo.  
 Aatouio Adriana de Cerqueira.  
 João Mendes.  
 José Lemos.

D. Ernestina Lemos.  
 A. A. Cardoso de Almeida.  
 Dr. Menezes Vieira.  
 Dr. Feliciano Fernaudes.  
 Antonio Pereira ds Silva.  
 Joaquim Anthero de Carvalho.  
 Mello Batalha.  
 Dr. Custodio dos Santos.  
 José Nunes Belfort Guimarães.  
 Manuel Ramos de Paula.

(Continúa)

SPORT

Com bastante concurrecia o animação realiso o Hippodromo Guanabara maie uma corrida no domingo passado, sendo os pareos, em geral, bem disputados. Eis o resultado:

No 1º pareo (1.300 metros) *Phenicia* com alguma facilidade venceu os seus competidores. *Pancy* chegou em 2º lugar e *Castiglione* em 3º. *Daybreack* não correu.

No 2º pareo (1.450 metros) houve divisão em duas turmas:

Na 1ª turma — *Americana* chegou em 1º, *Orpheu* em 2º, *Caporal* em 3º. Tambem correram *Aldeia, Romita e Danon* que fizeram má corrida.

Na 2ª turma — *Biscaya* facilmente sahio vencedor. *Iran* em 2º, *Purita* em 3º, *Villa Nova, Jenny e Warrango* chubar em em bagagem.

No 3º pareo (1.000) *Cheapside* fez boa corrida, vencendo com alguma facilidade os seus competidores. *Caixa* em 2º e *Gauiriole* em 3º. *Mudama* não correu.

No 4º pareo (1.750 metros) *Vampa* sahio vencedor. *Intima* em 2º e *Nicoafy* em 3º, fazendo má corrida. *Cantagallo* e *Bitter* chegaram em ultimo.

No 5º pareo (1.000 metros) inscreveram-se *Pancy, Castiglione, Argentino* e *Daybreack* que não correu. E' inutil, inteiramente, classificarmos o vencedor porque a *ecandalo da patota* foi tão desastroso, que nos envergonha dizer qual chegou na frente. Consta que a digna directoria tomou coaherimento do facto e resolverá com energia, para que se não reproduzam scenas desta orlão no seio de uma sociedade bem constituída e bem intencionada. Aguardamos a resolução.

No 6º pareo (1450 metros) *Scylla* facilmente sahio vencedora. *Mastin* em 2º e *Gazida* em 3º. *Cheapside* não correu.

No 7º pareo (1.000 metros) *Vampa* facilmente sahio vencedora. *Biscaya* em 2º, e *Intima* em 3º. *Bitter* e *Nicoafy* não correram.

No 8º pareo (1.000 metros) *Savana* foi vencedora, *Guacho* em 2º, *Bariguy* em 3º. *Morena* não correu.

Com um bom programma realisa amanhã outra corrida esta sociedade.

L. M. BASTOS

PARNASO ALEGRE

SONHO ORIENTAL

I

Dormindo, um dia, achei-me em Stambul, num mimoso Serralho, onde estive de hours circundado...

O morno ambiente achava-se impregnado

Da fragrançis de incenso unctuoso

E ouvia um flebil tom queixoso

De terno arrabil prateado,

Feliz, meio inclinado

Num leita velludoso.

Fora, ao passar das sragens,

D'altos bambúe ciciava a moita;

Desfolhavam-se as verde ramagens...

Emquanto deatro, ao soar da castanhola,

Circssiana em torno bailava-me affoita,

Lembrando-me a jovial saltarina hespanhola.

II

Como nas erss priscas,

Stava a bella no requinte

De um lnxo, que não ha quem pinte.

Seus pesinhos, quaes rôlas ariscas,

Travessos voavam; — quando, de odaliscas —

Risaahas, surgiu-me uma esquadra de vinte,

Com uns argolões de prata e de oiro retininte.

E uns turbantes de seda e vestuarios de riscas.

Afogam-me aos beijos... mas, como espantallo,

Salta o Snitão co'um chaço; e eu, com receio,

Zás! desperto!... E que é d'elle, o serralhe?!

Sultanas? oh!... (leitor que julgas?...

Em vez d'ellas me acho em meio

De um rebanho de pulgas!

MANOEL DA HORTA.



# LOTERIA DO GRAM-PARA'

## 200:000\$000

7ª PARTE DA 1ª LOTERIA

### EXTRACÇÃO—TERÇA-FEIRA 25—EXTRACÇÃO AO MEIO DIA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES  
E NA AGENCIA

Remessa para fóra com antecedencia e sem commissão

## 23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

# EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PELO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hy-  
gieno e autorizada pelo  
governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, os-  
trophulitas, rachitis, anemia,  
debilidade em geral,  
delluxos, tosse chronica e af-  
focções do peito e da  
garganta

E' muito superior ao oleo simples de  
figado de bacalhão, porque, além de ter  
cheiro e sabor agradaveis, possui to-  
das as virtudes medicavaes e nutritivas  
do oleo, além das propriedades tonicis  
e reconstituintes dos hypophosphi-  
tos. A' venda nas drogarias e boticas.

# GRANDE LOTERIA

DA

# PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrucção Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR

## 2,000:000\$000

PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR A 12 DE FEVEREIRO PROXIMO FUTURO, IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até hoje teem apparecido; com a diminuta quantia de 18000 póde-se obter 100:0118000

| EXTRACÇÃO   | PLANO           | EXTRACÇÃO            |
|---|-----------------|----------------------|
| 12 DE FEVEREIRO   |                 | 12 DE FEVEREIRO      |
| PROXIMO FUTURO  |                 | PROXIMO FUTURO       |
| Não ha transferencia  |                 | Não ha transferencia |
| PREMIO MAIOR  |                 | PREMIO MAIOR         |
| 2,000:000\$000  |                 | 2,000:000\$000       |
| 1 Premio de.....  | 2.000:000\$000  |                      |
| 1 dito de.....  | 1.000:000\$000  |                      |
| 1 dito de.....  | 500:000\$000    |                      |
| 1 dito de.....  | 200:000\$000    |                      |
| 1 dito de.....  | 100:000\$000    |                      |
| 3 ditos de.....   | 100:000\$000    |                      |
| 10 ditos de.....  | 200:000\$000    |                      |
| 30 ditos de.....  | 300:000\$000    |                      |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a  | 405:000\$000    |                      |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a  | 198:000\$000    |                      |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a  | 99:000\$000     |                      |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a  | 49:500\$000     |                      |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a  | 29:700\$000     |                      |
| 5.000 ditos para todas as centenas cujos dous algaris-<br>mos de terminação forem eguaes ao                           |                 |                      |
| da sorte grande, inclusivê, a.....  | 200\$000        | 1.000:000\$000       |
| 50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de<br>terminação for egual ao da sorte<br>grande, inclusivê, a..... | 20\$000         | 1.000:000\$000       |
| 2 aproximações para o 1º premio a.....  | 50:000\$000     | 100:000\$000         |
| 2 ditas para o 2º premio a.....   | 30:000\$000     | 60:000\$000          |
| 2 ditas para o 3º premio a.....   | 20:000\$000     | 40:000\$000          |
| 2 ditas para o 4º premio a.....   | 10:000\$000     | 20:000\$000          |
| 2 ditas para o 5º premio a.....   | 4:400\$000      | 8:800\$000           |
| 55.552 premios no valor de.....   | 7.500:000\$000  |                      |
| Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais<br>despezas.....   | 2.500:000\$000  |                      |
| 500.000 bilhetes a 20\$000.....   | 10.000:000\$000 |                      |

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com antecedencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

# N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico--Pardal--Caixa do Correio n. 301--Rio de Janeiro

# HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA DA 5ª CORRIDA

EM 23 DE JANEIRO DE 1887

1º pareo—EXPERIENCIA—3.200 metros—Andares—Premios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo—Inscrição 20\$000.

| NS. | NOMES         | IDADE  | PELLO | PESOS | PROPRIETARIOS |
|-----|---------------|--------|-------|-------|---------------|
| 1   | Alegria.....  | 6 ans. | ..... | ..... | J. A. P.      |
| 2   | Nhonhô.....   | 7 »    | ..... | ..... | H. S.         |
| 3   | Buccacio..... | 6 »    | ..... | ..... | J. A. P. C.   |
| 4   | Pastor.....   | 9 »    | ..... | ..... | A. R.         |
| 5   | Es-aravelho.. | 8 »    | ..... | ..... | J.C. S.       |
| 6   | Macacio.....  | 12 »   | ..... | ..... | E. I. V.      |
| 7   | Neu.....      | 3 «    | ..... | ..... | A. L.         |

2º pareo—COMMENDADOR POSSOLO—1.450 metros—Animaes nacionaes até meio sangue, que não tenham ganho—Premios: 350\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

|   |               |        |               |          |                        |
|---|---------------|--------|---------------|----------|------------------------|
| 1 | Mavengo....   | 6 ans. | Vermelho..... | 54 kils. | Coudelaria Mirim.      |
| 2 | Orpheu.....   | 5 »    | Preto.....    | 51 »     | J. Lemos.              |
| 3 | Bayocco.....  | 5 »    | Castanho..... | 54 »     | Oliv. Junior & Lopes.  |
| 4 | Feiticeira... | 3 »    | Alazão.....   | 48 »     | S. M.                  |
| 5 | Bacarat II..  | 4 »    | Gateado.....  | 52 »     | C. & F.                |
| 6 | Ivon.....     | 3 »    | Zaino.....    | 50 »     | C. P.                  |
| 7 | Bamhú.....    | 7 »    | Idem.....     | 54 »     | Coudelaria Brasileira. |
| 8 | Pirata.....   | 4 »    | Tordilho..... | 52 »     | Coud. Nichtheroyense   |

3º pareo—GONDE DE HERZBERG—1.300 metros—Animaes nacionaes até 4 annos e estrangeiros até 3 annos—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

|   |               |        |                  |          |                     |
|---|---------------|--------|------------------|----------|---------------------|
| 1 | Castiglione.. | 3 ans. | Zaino.....       | 55 kils. | Coud. Santa Cruz.   |
| 2 | Biscaia.....  | 4 »    | Alazão tostado.. | 50 »     | Idem.               |
| 3 | Daybreak....  | 2 »    | Zaino.....       | 55 »     | D. Julia Vieira.    |
| 4 | Vampa.....    | 4 »    | Idem.....        | 52 »     | Coudelaria Paraiso. |

4º pareo—HIPPODROMO GUANABARA—2.200 metros—Animaes de qualquer paiz até meio sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

|   |                  |               |               |                       |                 |
|---|------------------|---------------|---------------|-----------------------|-----------------|
| 1 | Madama.....      | 4 ans.        | Castanho..... | 47 kils.              | Coud. Cruzeiro. |
| 2 | La Ferthé... 4 » | Alazão.....   | 45 »          | Idem Brasileira.      |                 |
| 3 | Daybreak.... 3 » | Zaino.....    | 48 »          | D. Julia Vieira.      |                 |
| 4 | Dr. Jenner.. 4 » | Idem.....     | 50 »          | G. L.                 |                 |
| 5 | Scylla..... 4 »  | Castanho..... | 47 »          | Coud. Rio de Janeiro. |                 |
| 6 | Mastin..... 3 »  | Idem.....     | 50 »          | A. M. P.              |                 |

5º pareo—SUPPLEMENTAR—1.700 metros—Animaes nacionaes de meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

|   |                 |              |               |               |                          |
|---|-----------------|--------------|---------------|---------------|--------------------------|
| 1 | Bonita.....     | 5 ans.       | Alazão.....   | 52 kils.      | J. Machado.              |
| 2 | Damon.....      | 4 »          | Idem.....     | 52 »          | Idem.                    |
| 3 | Bayocco.....    | 5 »          | Castanho..... | 54 »          | Oliveira Junior & Lopes. |
| 4 | Nicoafy.....    | 4 »          | Idem.....     | 52 »          | Coud. Romana.            |
| 5 | Mandarim... 4 » | Rosilho..... | 52 »          | Idem Paraiso. |                          |
| 6 | Vampa.....      | 4 »          | Zaino.....    | 52 »          | Idem.                    |
| 7 | Boyardo....     | 5 »          | Alazão.....   | 51 »          | Idem Guanahara.          |

6º pareo—INTERNACIONAL—1.450 metros—Animaes de qualquer paiz que não tenham ganho nesta distancia—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

|   |                  |               |             |                       |                 |
|---|------------------|---------------|-------------|-----------------------|-----------------|
| 1 | Madama.....      | 4 ans.        | Alazão..... | 50 kils.              | Coud. Cruzeiro. |
| 2 | La Ferthé... 4 » | Idem.....     | 50 »        | Idem Brasileira.      |                 |
| 3 | Dr. Jenner.. 4 » | Zaino.....    | 52 »        | G. L.                 |                 |
| 4 | Mastin..... 4 »  | Castanho..... | 52 »        | A. M. P.              |                 |
| 5 | Gaudriule... 4 » | Idem.....     | 50 »        | Coud. Rio de Janeiro. |                 |

7º pareo—DR. PAULO CESAR—1.750 metros (Handicap)—Animaes nacionaes até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

|   |                   |               |                  |                    |                   |
|---|-------------------|---------------|------------------|--------------------|-------------------|
| 1 | Biscaia.....      | 4 ans.        | Alazão tostado.. | 52 kils.           | Coud. Santa Cruz. |
| 2 | Saltarelle... 6 » | Zaino.....    | 54 »             | J. W.              |                   |
| 3 | Americana.. 4 »   | Tordilho..... | 54 »             | Coudelaria Romana. |                   |

8º pareo—NICTHEROY—1.000 metros—Animaes nacionaes de menos de meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 200\$ ao primeiro, 40\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

|   |               |        |               |          |                        |
|---|---------------|--------|---------------|----------|------------------------|
| 1 | Africano..... | 4 ans. | Preto.....    | 54 kils. | Hermenegildo J. Silva. |
| 2 | Guacho.....   | 3 »    | Chita.....    | 52 »     | Coudelaria Paraiso.    |
| 3 | Ella.....     | 4 »    | Tordilho..... | 52 »     | Idem Brasileira.       |
| 4 | Moema.....    | 4 »    | Zaino.....    | 52 »     | Idem.                  |

Os animaes inscriptos no primeiro pareo deverão achar-se no ensilhamento ás 11 1/4 horas em ponto.

Haverá honds extraordinarios, da ponte de Nichtheroy, e harcas da estação da córte, em direitura ao prado, ás 7, 10 1/2, 11 e 11 1/2, sendo as das 7 e 10 1/2 para condução de animaes e tambem para passageiros, e as outras somente para estes. Depois das corridas haverá um trem especial, que partirá da plataforma do prado ás 6 horas da tarde conduzindo os passageiros do interior.

Nichtheroy, 18 de Janeiro de 1887.

O 2º secretario, AFFONSO A. NUNES,

# CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

6 RUA DO CONDE DE BOMFIM 6  
GRANDE FESTA EM 23 DO CORRENTE

ÁS 5 HORAS DA TARDE EM PONTO

PROGRAMMA DAS CORRIDAS

1º pareo—ANIMAÇÃO—300 metros—Corrida raza para socios que ainda não levantaram premio este anno. Premio: um tinteiro de prata lavrada, 14 inscriptos.

2º pareo—DOZE DE JULHO—300 metros—Corrida raza para meninas de 8 a 12 annos com vantagens. Premio: 1º, uma pulseira de ouro, 2º, um alfinete de ouro, 10 inscriptas.

3º pareo—CONSOLAÇÃO—1.500 metros—Velocipedes para socios que ainda não levantaram premio, com vantagens. Premio: uma guarnição de ouro de lei com perolas, 5 inscriptos.

4º pareo—VELOCIDADE—300 metros—Corrida raza para homens, com vantagens. Premio: um alfinete com brilhante para gravata, 14 inscriptos.

5º pareo—PROGRESSO—1.500 metros—Velocipedes para meninos, com vantagens. Premio: um serviço de prata dourada para escriptorio, 6 inscriptos.

6º pareo—CLUB ATHLETICO FLUMINENSE—3.000 metros—Velocipedes para homens, com vantagens. Premios: 1º, uma corrente de ouro de lei; 2ª, uma lapizeira de ouro, 8 inscriptos.

7º pareo—EXPERIENCIA—600 metros—Corrida raza para homens, com vantagens. Premio: uma cigarreira de prata lavrada, 12 inscriptos.

8º pareo—ENSAIO—300 metros—Corrida raza para meninos, com vantagens. Premio: uma hongala com castão de ouro, 20 inscriptos.

PAREOS SUPPLEMENTARES

1º pareo—80 metros—Corrida raza para meninos até 7 annos, com vantagens. Premios: ao 1º, uma caixa com brinquedos diversos; a cada um dos outros, uma surpresa, 8 inscriptos.

2º pareo—60 metros—Corrida raza para meninas até 7 annos, com vantagens. Premios: a 1ª, uma honca de cêra; a cada uma das outras, uma surpresa—4 inscriptos.

A. SOARES 1º secretario.

## A NACIONAL

### CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taholeta—annuncio.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado

## EXTERNATO CRUZEIRO DO SUL

(PROXIMO AO COLLEGIO D. PEDRO II)

N 133 RUA DA IMPERATRIZ N 133

METHODO INTUITIVO

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

PREPARA ALUMNOS PARA OS COLLEGIOS D. PEDRO II E NAVAL

CURSO ESPECIAL PARA O COMMERCIO E ANNEXO A' ESCOLA POLYTECHNICA

Estão funcionando todas as aulas desde o dia 10 de Janeiro

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 29 DE JANEIRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 409

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
Alcides Azevedo,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                   |                    |
|-----------------------------------|--------------------|
| Expediente.....                   | A REDACÇÃO.        |
| «A Semana».....                   | FILINTO D'ALMEIDA. |
| Historia dos sete dias.....       | PHILINDAL.         |
| Cartas do Olympo—III.....         | PHILINDAL.         |
| Canhenho de um excursionista..... | A. CELSO JUNIOR.   |
| Almendra, poesia.....             | G. CAESPO.         |
| Notas bibliographicas.....        | F. D'ALMEIDA.      |
| Noite no campo, soneto.....       | A. GUANABARA.      |
| Questão orthographica.....        | L. DE OLIVEIRA.    |
| Nolt, poesia.....                 | PASSEPARTOUT.      |
| Aqui, ali, acolá.....             | S. BIBIANO.        |
| Jornaes e revistas.....           | A. DE MENDONÇA.    |
| Gazetilha litteraria.....         | BIBIANO.           |
| Votos, poesia.....                | L. M. BASTOS.      |
| Cofre das graças.....             | P. TALMA.          |
| A vida alegre.....                | C. MAGNO.          |
| Sport.....                        | V. J. DA ROSA.     |
| Theatros.....                     |                    |
| Paras allegres.....               |                    |
| O roxinol entre as corujas.....   |                    |
| Decapção.....                     |                    |
| Secção de honra.....              |                    |
| Correio da Gerencia.....          |                    |
| Factos e Noticias.....            |                    |
| Collaboração—Corina.....          |                    |
| Recobemos.....                    |                    |
| Anuncios.....                     |                    |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
| CÔRTE          |        |
| Trimestre..... | 28000  |
| Semestre.....  | 48000  |
| Anno.....      | 88000  |
| PROVINCIAS     |        |
| Semestre.....  | 58000  |
| Anno.....      | 108000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos nossos agentes, nos honrarem com as suas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a punctualidade necessarin.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á vendn.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas

por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## A SEMANA

Com o titulo geral *Canhenho de um excursionista*, encetamos hoje a publicação das notas de viagem do Dr. Afonso Celso Junior nas republicas americanas.

O nosso illustre collaborador prevenio-nos modestamente de que «são notas desprezenciosas sobre os homens e sobre as cousas, sem estylo, copiadadas fielmente algumas da carteira de viagem.»

Essa despretenção de critica e de estylo e essa annotação rapida, feita no *car-net* de *touriste* com a palpitação viva do natural, da ingrança das observações, constituem justamente o grande merecimento d'esta especie de escriptos, porque só os escriptores de raça e os fins observadores sahem e podem, como Afonso Celso Junior, observar justo e bem e annotar rapidamente as impressões recebidas, com o pittoresco, a verdade e a simplicidade das proprias cousas observadas, com traços vivos e exactos, de uma sobriedade decisiva.

Essa naturalidade, essa leveza, essa desprezenciosa fluencia de escripto com que Afonso Celso Junior registrou no seu precioso *Canhenho* as suas observações, constituem raras qualidades litterarias.

E' da maior oportunidade a publicação do primeiro artigo da série, sobre D. Maximo Santos, pois coincide com a noticia que nos chega de haver sido approved pelo parlamento uruguayo o projecto de hanimento do ex-dictador do territorio da republica.

Estamos certos de que o *Canhenho* de um *excursionista* obterá o successo a que tem direito.

A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Agora creio que ninguem mais usará duvidar de que temos aquella delicia do cholera na provincia de Matto Grosso. Além das noticias officiaes sabemos que varios mattogrossenses se reuniram aqui, sob a presidencia do illustre Dr. Murтинho, com o fim de pedir ao governo paternal do Sr. de Cotegipe providencias contra o terrivel flagello.

O que me admira e o que me espanta é a profunda tranquillidade do publico e das autoridades sanitarias em face da atroz molestia, que já nos entrou por onde nos têm entrado os grandes males,—por Matto Grosso. Na reunião dos mattogrossenses decidio-se energeticamente, não debellar o flagello,—mas pedir providencias no governo.

Agora sim; des de que o governo providencie acabou-se o cholera! Não o teremos por cá, porque o Sr. de Cotegipe naturalmente ha de responder á commissão impetrante:—O cholera só entrará na Côte passando por cima do meu cadaver!

Isto tranquillizará os animos, e nós ficaremos apenas com a *Amarella* para nos divertirmos.

O cholera já se desenvolveu em Montevideo e já entrou no Chile. Em Buenos-Ayres fez os maiores estragos e agora, segundo diz um telegramma d'O *Paris* de hontem, até já matou um medico—a tiro!

E' verdade. O telegramma é explicito: «Por causa de uma polemica na imprensa, a respeito da epidemia reinante, hateram-se em duello os Drs. Solar e Carho, tendo sido morto o primeiro.»

De maneira que a terrivel epidemia, depois de ter matado centenas de doentes, matou também um medico, e sem cólicas. Foi o primeiro caso e queira Deos que seja o ultimo.

O calor diminuiu, felizmente, com as chuvas de ante-hontem. A temperatura está boa, a Juncta de Hygiene está de pé atrás e, com a promessa do cadaver do Sr. presidente do Conselho, está salva a patria e a febre amarella.

Todo o mundo anda preocupado com o cometa. Todos o querem ver a olho nu, mas, não sei se por prohibição do Conservatorio Dramatico, que não consente nada nu, ou se por qualquer outro motivo, o caso é que ninguem consegue ver o radioso astro, como em 82 vimos o outro.

Eu tambem tencionava procurar agora o cometa; mas já me disseram que aquillo são vassouras de luz com que Jupiter varre o Infinito, e isto esfriou-me o entusiasmo. Todavia, se elle apparecer por cá eu sempre lhe deitarei o luzio.

Chegou o general Deodoro da Fonseca, o ex-commandante das armas do Rio Grande do Sul, o revolucionario da questão militar. Esta chegada obrigou o Sr. general Severiano da Fonseca, irmão do chegado, a pedir demissão de director da escola militar.

Os estudantes d'aquella escola, entusiasmados com a chegada do illustre guerreiro, illudiram a vigilancia dos guardas, saltaram os muros do edificio, dormiram na praia, e mal a aurora

apontou as roseas côres da sua face no azul purissimo do firmamento, foram-se todos cumprimentar, a nado, o illustre general rebelde.

Com o gsneral Deodoro chegaram tambem os Srs. tenente-coronel Madureira e coronel José Simeão. Uma trempe de officiaes superiores do exorcito, que veio apresentar-se ao Sr. ministro, não sei bem para que, mas desconfio que ha de ser para alguma coisa...

Isto é que não ms sae da cabeça desde quinta-feira; já se me tornou idéa fixa; é quasi uma monomania. Pois, senhora, sejamos sérios: porque não ha de ser para alguma coisa? Para mim é fóra de duvida. Vamos a vsr que é que decide o Sr. ministro. Eu estou doído de curiosidade...

O conflicto dos russos tem dado que fazer á policia. De uns murros e de umas espaldeiradas distribuidas entre marinheiros da corveta *Rynda* e a policia, originou-se quasi um conflicto internacional. A respeito d'esta questão eu estou com o meu amigo João Beltrão, das *Novidades*: No tempo d'elle—o meu, ai, ai!—a policia não intervinha nas brigas dos marinheiros: elles esmurravam-se entre si, faziam as pazes em seguida, ficavam amigos como dentes, e os conflictos não ultrapassavam os limites geographicos do caes Pharo.

Hoje a policia toma parte nas luctas dos marinheiros ébrios, fore-os á capada, prende depois os feridos, as autoridades russas reclamam contra a violencia, e o Brazil fica ameaçado de não poder mandar mais café para S. Petersburgo!

Ora esta só pelo diabo!

Voltou a mania do suicidio. E' triste para um chronista alegre o ter de tractar d'estas coisas; mas são factos, e se contra factos não ha argumentos—ha chronicas.

*Noblesse oblige.*

Dos suicídios ultimos, o que produziu no animo publico mais dolorosa impressão foi o da infeliz engommadeira Barbet, uma velhinha de setenta annos que precisou de contrahir um emprestimo para atrahir a morte: Foram emprestados por uma amiga os dez tostões que ella gastou no verde de Paris que ingerio.

Coitada! Eu só lamento que a minha penna não tenha a mesma sensibilidade do meu coração, porque a faria tambem derramar uma lagryma sobre estes desesperos imprescritiveis. Quanta mizeria vae por este mundo, bom Deus!

Depois de Mme. Barbet foi um rapaz de trinta e poucos annos, Jean Seiller, que cravou uma bala no coração, segunda-feira, no Corcovado.

Aquella matou-se por mizeria, este matou-se por amor. Diz Bocage, no soneto—*Variedade dos effeitos de amor*:

« Amor ou desalface, ou pára, ou corre; E, segundo as diversas naturezas, Um porlla, este esquece, aquelle morre.»

O grande poeta esqueceu-se do outra variedade, não menos vulgar, — a dos que se matam.

A *Gazeta* de quinta-feira traz no fim da terceira columna esta siugela noticia:

« Suicidou-se, em Campos, Anna Maria da Conceição, por haver perdido um filho, a quem muito estimava. »

Eu nunca fui mãe, posso affirmalo alto e bom som; nunca fui mãe, mas comprehendo este suicidio. Dizem-me que o amor de mãe é o mais profundo e o mais vasto dos affectos humanos. Há uma pessoa a quem eu do fundo d'alma venero e amo, que já me contestou esta opiuião universal, e contestou-a com um argumento irresponsivel; todavia, eu comprehendo que uma mãe se mate pela perda de um filho. Quando elle é pequenino, quando constitue o unico encanto, a derradeira consolação, a alegria do presente, a esperança do futuro; quando é o unico elo que prende uma mulher á tenebrosa cadeia da existencia; quando uma mãe, viuva de outros amores mundanos, vê perderem-se-lhe com o fillo todos os contentamentos e voarem-lhe com a alma candida da criança pelo espaço afora, como um cortejo luminoso, todas as suas esperanças, todas as suas illusões, todos os seus sonhos—para que diabo lhe serve o farrapo de vida que lhe ficou,—que ha de ella, a misera, fazer no inclemente deserto da existencia, onde não luz a palmeira ideal de um affecto, onde o simon da indifferença lhe ha de crear os labios sedentos que não mais encontrarão o refrigerio dos vermelho e purissimos labios infantis que a morte cerrou e arrebatou para sempre?

De nada lhe servia a vida. Matar-so foi aperceber-se para a eterna viagem. Uma bala ou um pouco de arsenico podiam dar-lhe a esperança de ir encontrar em caminho, no espaço azul insondavel, no mundo ignoto de alguma estrella, o anjo alado que lhe roubaram. Encontrando-o, o seu fillo, o ente que ella concebera e criara, que era como um membro indispensavel do seu proprio corpo,—encontrando-o, todos os sacrificios possiveis da vida de além tumulo lhe pareceriam gosos celestiaes, todos os martyrios prazeres nunca sonhados, todas as dores alegrias jamais sentidas; as lagrymas instantaneas seriam os eteros risos, e as torturas (provaveis do passamento parecer-lhe-iam um tumultuar de sonhos de gloria, ou de cherubins do Senhor, queimando perfumes e entoando canticos, adormeceriam o infante joiro, em cuja bocca haveria um sorriso só para ella, só para ella, só para ella!...

Pobre e desventurada mãe! o teu snicidio, sim, foi heroico e sublime, ainda que a minha razão indifferente e fria de desconhecido t'o deva reprovár em nome da sociedade que offendeste e das leis naturaes que desprezaste.

Ora façam-me o obsequio de dizer se eu, depois d'aquella tirada sentimental posso tractar com habilidade o caso picaresco, funambulesco e burlesco das setas dos dois S.S. Sebastiãoes patuscos, dos dois paliteiros divinos da igreja do Sacramento, que, deante os fieis embasbacados e o monsenhor Brito invocante, principiam a deixar cahir os palitos.

Posso? Com franqueza,—posso?

Ninguem me responde e eu raspo-me. Já estou vendo sobre a minha caboga, terrivel, ameaçadora, monstruosa como o chapéu do Sr. conelheiro Christiano Ottoni—a cholera da Irmandade do Sacramento. Ora eu já espero com a possivel resignação a molestia que anda a passear pelo Prata; se me vem por ahi abaixo tambem a devota Irmandade, estou perdido.

Duas choleras são demais para um só povo. Até á vista.

FILINDAL

## CARTAS DO OLYMPO

III

Salve! De novo aos povos mando A minha chronica rimada: E da tristeza e da molestia em que ando Extraio a custo uma risada.

Da vida triste e enferma em que vegeto, Salte eu, de subito, um momento, Como um sapo que sahe do lodo abjecto Para fitar o firmamento.

Salte um momento da incerteza Em que, como num pantano, jazia: E a alma tire dos braços da tristeza, Para afiral-a aos da alegria.

Que a inspiração, pulando, arteira Do jugo atroz das regras mófe: E os versos vão de irregular maneira, Seguindo a forma irregular da estropha.

Que a rima douda e tagarella Enchugue as lagrymas de outr'ora, E, abrindo ao fim do verso uma janella, Ponha o focinho para fora...

... Nisto, o pio leitor brada espantado, Ebugalhando o olhar: — Existe Deus que fique no Olympto adocentado, Deu que fique no Olympto fiquê triste?

Pois este Phebo loiro e nedio Troca o riso jovial pelo gemido, E amhos os pulsos aos grrhões do tedio Entrega, torvo e aborrecido?

Deixa-te d'isso, amigo Apollo! E o olhar lançando á vida humana, Põe a lyra sagrada a tiracollo, E conta as novidades da semana: —

Ora! pedir-me novidades Chega, leitor, a ser — repara — A ingenuidade das ingenuidades: Para que serve o Guanabara?

O Filindal que as dé, muitas e frescas; E as dores conte e as alegrias, E as peripicias tragicó-burlescas Dos derradeiros sete dias.

Malvolto bruna e agudas faça As redondilhas, que maneja rindo, — Armas com que o ridiculo espicaça, Chagas occultas deschohrindo.

Elles que a chronica apresentem Leve, tinindo os aureos guizos; E, uprimando os periodos, commentem Todos os prantos, todos os sorrisos.

Elles que as magoas e a loncura Refiram d'este, o assassínio Digan d'aquelle, e a cholera e a tortura Dos outros mais, acto por acto.

Digam tudo, que eu volto á antiga vida, A' dor de ligado inclemente. Ai! a vida é uma historia tão comprida! E então viver eternamente...

Em vão da vida em que vegeto Tentei sahir, de subito, nm momento, Como um sapo que sahe do lodo abjecto, Para fitar o firmamento.

Em vão tentei dar sos leitores Limpida chronica faceta... Ora! vou dist'ahir as minhas dores Correndo os céos, montado no cometa.

PHEBO-APOLLO.

## CAHENHO DE UM EXCURSIONISTA

I

D. MAXIMO SANTOS

A nada menos de 9 chefes ou ex-chefes de Estado tenho tido a honra de apertar a mão:—Maximo Santos, Lourenço, La Torre, Bertholomé Mitre, Sarmiento, Avellaneda, Julio Roca, Cbester Arthur, Nicolau Piérola e Juarez Calman. Eis o que sobre cada um d'elles reza textualmente a minha carteira de excursionista:

Foi n'um dos opulentos salões do *Palacio del Gobierno* em Montevidéo, que vi pela primeira vez D. Maximo Santos. Recebeu-me com magestosa affabilidade, muito correcto no seu riquissimo uniforme, litteralmente recamado de bordados. Sentou-se em larga cadeira de espadar, debaixo de uma especie de docel, indicando-me ao lado um assento mais baixo, enquanto jovens officiaes de elevada patente, a julgar pelos galões, de olhar arrogante, esbeltos e donairosos, permaneciam de pé. Só o Presidente falou durante o nosso curto colloquio. Fez-me algumas perguntas sobre o Brazil, num tom incisivo de commando, cortando-me a palavra quando eu lhe ia responder. Era então um guapo mancebo, de trinta e poucos annos, tez alvissima, ampla testa abahulada, cabellos negros e ondeados, arremessados para traz, gestos rapidos, maneiras bruscas, olhar penetrante, desconfiado, vivissimo. Do seu todo resumbrava uma forte expressão de audacia, de selvagem energia, qualquer cousa de estranho, mesclado, entretanto, de graça insinuante. Sympathisei com D. Maximo Santos, confesso.

Volvidos 4 annos, vi-o de novo agora no eeo magnifico palacio de marmore branco, *calle 18 de Julio*. Vestia todo de preto, gravata clara, ornada de uma grande perola, rodeada de brilhantes. A bala explosiva de Ortiz deformou-lhe a face esquerda, entumescida, dilacerada, com uma profunda depressão de ferida, de bordos violaceos. Estava extremamente pallido, os olhos ainda mais vivos, os modos cada vez mais rapidos, enquanto a barba curta e espessa que deixara crescer para encobrir o *gilvaz*, accentuava-lhe a feição voluntariosa do semblante. Tresandava fortemente a acido plenico. Immenso, extraordinario o luxo e o bom gosto do palacio! Na antecâmara uma guarda, exclusivamente formada de alentados negros, de avantajada estatura, com deslumbrantes fardas, commandada por um coronel ainda mais negro, mais alto e mais crivado de bordados de ouro. Foi esse commandante preto quem nos annunciou, pedindo, ao mesmo tempo, desculpas da demora de « S. Ex. el Sr. Capitan General, Presidente de la Republica, que estaba haciendo su curativo. » No vasto salão em que nos achavamos era tudo ouro e ebano, numa severa magnificencia. Mil objectos artisticos, preciosos e raros, adornavam os moveis. Fofos tapetes avelludados cobriam o sólo, com as iniciaes M. S. em relevo de ouro nos cantos. N'uma das paredes um graciosissimo grupo a oleo dos 7 filhos pequenos de D. Maximo Santos, os bustos emergindo de nuvens e, no centro, o

mais moço, de poucos mozes apenas, a choramingar.

— « Tive hoje noticias telegraphicas do vosso paiz;— disse o general, mal nos cortejou — morreu Bonifacio de Andrada, e houve em Pernambuco um conflicto entre a tropa e a policia; mas não ha de ser nada, faço votos para que não seja nada ».

Fala com difficuldade, a voz rouquenha e tropega, por causa da fistula sublingual que lhe deixou o tiro do malgrado alferes. Ao referir-se ao telegramma do Brazil, levantou-se para procural-o, precipitadamente. Encontrou-o a dois passos de distancia, com outros papeis, dentro de um livro. Dir-se-ia que tudo fóra intencional. Esteve, de resto, amabilissimo, todo cheio de offercimentos e expressões de amisade.

Tinhamos ido agradecer-lhe a gentileza que nos dispensara, mandando a bordo o Coronel Silveira, Capitão-mór dos portos, para, em seu nome, cumprimentar-nos e facilitar-nos o desembarque.

Ao despedirmo-nos, voltou-se para o Coronel Silveira, que nos acompanhava, e com voz auctoritaria: « Ponha-se ás ordens d'estes cavalheiros, mostre-lhes tudo, dirigindo-os, em meu nome, aos chefes das repartições. » Pouco depois soubemos que minutos antes de nos receber resolvera elle a criar ministerial, que inesperadamente transformou as condições politicas do Estado Oriental.

E' complexa a impressão que deixa esse homem, de andar miúdo e nervoso, movimentos tigrinos e olhos percutientes. A imaginação popular pinta-o com carregadas cores. Ama as artes, o luxo, as mulheres. Fundou uma sociedade de 13 amigos, militares quasi-todos, que impreterivelmente, a 13 de cada mez, se reúnem-se em lauto festim. Contam que no esplendido quartel do 5º batalhão de caçadores, a que elle deve a sua elevação, tinha jaulas de tigres e leões forozes, aos quaes, como os antigos despotas, arremessava os seus desaffectedos. Possui, ao que propalam, fortuna superior a 30 mil contos. Exercer durante cerca de 6 annos dominio absoluto em sua patria, disfrutando todas as vanglorias do pleno poder. Tem fanaticos e detractores atrozes. O seu retrato, em grande gala, o fitão presidencial a tiracollo, ornado o peito de varias condecorações, a cabeça, soberba de altaneria e de posse, sobresahia em todos os cantos. Por subscrição popular, mandaram modelar-lhe na Europa uma estatua aqestre de metro e meio de altura, que, sobre um pedestal forrado de velludo, dominava o centro de todos os salões dos edificios publicos da cidade e de muitas casas particulares. Accusam-n'o de mil barbaridades, fazem-n'o heroe de historias extraordinarias para explicar a sua rapida e imprevista ascenção. Mas, quem quer que converse com elle durante cinco minutos; que experimente o effluvio dominador que exhala todo o seu ser; que observe imparcialmente as phases culminantes da sua vida; que ouça desprevenidamente as disparatadas versões que correm sobre a sua pessoa; que verifique a influencia irresistivel, a acção magnetica que elle exerce sobre não pequena porção de seus compatriotas, ha de confessar em consciencia:— pôde ser tudo quanto queiram, porém, com certeza, aão é uma vulgaridade!

AFFONSO CELSO JUNIOR.





rua quando um vaso de flores, cahindo de uma janella, puzte a cabeça da esposa.

O marido, ainda assustado: — Sufo! Felizmente não foi sobre mim que elle cahiu.

Um bohemio, fazendo um brinde no Club dos Democraticos, terminou com estas palavras:

— Vivam os deuses do vinho Viva Baccho! Viva Noé! Viva Galileu!

O presidente do Club indignou-se e fez ver ao orador que o nome de Galileu não vinha a proposito naquelle brinde.

— Como não? tornou o bohemio — Galileu foi um grande bebado, e a prova é que estyva sempre a dizer que a terra andava á roda.

Um philosopho a quem roubaram a mulher, publicou a seguinte declaração nas folhas diarias:

« Minha mulher Joanna Rosa de Almeida, arribou de minha casa on fez-se raptar por qualquer tolo. Previno que estou disposto a quebrar as costellas de quem tentar restituir-m'a. Quanto ás dividas, que essa velhaca por ventura fazia em meu nome, declaro que não tenho por costume pagar as minhas, quanto mais as d'ella »

— Oh! isso é feio. Pois você recohe-se á casa á meia noite, com uma mulher que não conhecia na vespera!

— Sim, mas uma mulher honesta, asseguro-te!

BIBIANO.

A VIDA ALEGRE

O Club dos Democraticos deu na noite de 19 do corrente um esplendido baile, no qual não faltaram animação o brilhantismo. Ao som de saltitantes polkas, de arrebatadoras valsas, de tentadoras quadrilhas e de outras delicias obrigadas no compasso, á figura e ao çan-can, aquella ruidosa rapaziada e os seus convidados erraram em pleno paiz da alegria até que a poetica madrugada oxotou as estrelas que abrilhantaram aquella festa.

Os Politicos, estes endiabrados rapazes que enteuem que se deve levar a vida a folgar e a folgar, no que fazem muito bem, arrullaram no ultimo sabando em seu esplendido polcio; e para isso convidaram mil endiabradas rolas e fizeram saltar sem rolo as rollas de espumoso champagne por entre vertiginosas danças.

Ali, rapazlada!... É folgar! Folgar!

PONSARDIN

SPORT

Realisou no domingo passado a sua 5a corrida o Hippodromo Guanabara. A concorrencia foi numerosa e os pareos foram regularmente disputados.

Eis o resultado: No 1o paroo (3200 metros) Andares—Macacão obteve a victoria em 8 minutos Boccacío chegou em 2o logar. Os demais parelheiros foram distanciados.

No 2o paroo (1450 metros) Bygocco em 102 segundos, fez boa corrida sahindo victorioso. Marengo em 2o.

No 3o paroo (1300 metros) Vampa em 93 segundos venceu Castiglione que chegou em 2o logar. Biscain e Daybrack não correram.

No 4o paroo (2200 metros) Mastin em 161 segundos foi o vencedor. Madama em 2o logar. Daybrack e Scilla não correram.

No 5o paroo (1700 metros) Vampn novamente em 122 segndos obteve a victoria. Bygocco chegou em 2o logar. Nicofy e Mandarim e Boyrdo não correram. Damon e Bonita na bagagem.

No 6o paroo (1450 metros) Mastin novamente, em 100 segundos, obteve n victoria; Goudriole chegou em 2o logar. Madama negou a partida.

O 7o paroo (1750 metros) foi annullado, No 8o paroo (1000 metros) Africano

em 72 segundos sahio vencedor. Guacho que era o favorito fez triste figura, deixando os seus adeptos de carn á banda.

Com programma atraahente annunciou mais uma corrida para amanhã o Hippodromo Guanabara. Pelo conjunto dos pareos deve ser esta corrida bem interessante.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Eis como se exprime a respeito d'O Crocodilo, a ultima peça de Sardou, representada em Patiz no dia 22 de dezembro, o reputado critico theatrical Adolpho Brisson:

« Ao fim do primeiro acto todas as physionomias estavnn alegres e expansivas; ao fim do segundo annuviaram-se; quando cahio o pauco sobre o terceiro acto lia-se nellas algum enfado, e ao acabar a peça todos manifestavam por energicos bocejos o seu desapontamento. Tinha empalidecido a estrella do Sr. Sardou. Foi noite de fiasco a de quarta-feira. O Crocodilo não dará mais de cem representações.

E o Sr. Duquesnel que contava com trezentas — pelo menos! Que catastrophe! »

Deve ter-se realisado no dia 10 de janeiro no theatro Francez a primeira representação da comedia de Dumas filho — Francine.

O Odéon fez répribe do drama Michel Pauper, de Henri Becque—actor das magistraes peças La Parisienne e Les corbeaux. A peça não agradou inteiramente ao publico porque está crivada de paradoxos brutaes e de ouisdias imprevisistas.

De Michel Pauper diz um critico : « E' uma peça desigual, chocante, eloquente, irritante, movimentada, em que se adivinham, atravez das fraquezas de um estreitante, as soberbas qualidades de um mestre. »

SANT'ANNA

Representou-se nte-hontem o acto novo d'O Carioca, intitulado A princeza Flor de Neve, original de Eloy, o heróe & C. (como dizem os annuncios).

E' um appendice escripto com alguns disparates mas com bastante graça. Trata-se do julgamento do plagio d'O Carioca.

O tribunal funciona em scena, perante um juiz, não sabemos de que vara, servindo de accusador o commendador Fagundes e de defensor dos réus, actores do supposto plagio, o matuto Anacleto.

Depõem como testemunhas a negra Flor de Neve, o Mandarim, a Cocota e o Bilontra.

O novo acto agradou muito. Para esse resultado concorreram Vasques, que fez um admiravel typo de juiz decrepito, gottoso, encatbarroado — uma verdadeira creação comica—; Xisto Babia, que foi um engraçadissimo matuto de Caravellas; Phebo, que fez com perfeição o Peixoto da Maison Moderne; Matos, um chistoso typo; Martins, o conhecido Xin-Yau-Fá; Isabel Porto, a alegre Cocota de 1881; Mesquita, um Bilontra despenpenado; Lishôa, que por mais um pouquinho seria o proprio Arthur Azevedo, em barriga e osso; Silva, que foi uma espaventosa negra mina; Enfrazia, que fez graciosamente o sen papelinho. Todos, enfim, concorreram para o exito do uovo acto, especialmente os tres primeiros citados.

Agradou muito a musica, fazendo successo a cantiga popular do Norte — O Camelão, cautada com muitissima graça pelo iuppagavel Bahia; o fado de Abdon Milanez e um tango do Dr. Dermal da Fonseca, que é bonitinho, (o tango). O Camelão será, dentro em pouco, cantado, assobiado, guinchado, miado, moído em tutta citá.

Apenas uma cousa parece-nos indigna dos actores: a cólica inexplicavel e indiscreta que faz sahirem de

scena os personagens a correr, com as mãos na barriga. E' shocking.

Provavelmente o novo acto trará, como é de justiça, bellas enchentes ao Sant'Anna.

RECREIO

E' hoje a primeira da Familia Phantastica, espiituosa comedia de M. Ordonneau e P. Burani, traaluzida pelo esperançoso joven Figueiredo Coimbra. A peça, por não ter ficado prompto o scenario, foi transferida de quinta-feira para hoje.

LUCINDA

A companhia Boldrini tem contynuado com O Corcund. Agora ensaia com todo o afan a famosa comedia Sulivan, do repertorio de Rossi.

Já estão de volta da excursão que fizeram por S. Paulo os nossos estimados artistas Furtado Coelho, Lucinda, o velbo e sympathico Simões e os demais actores e actrizes da extincta companhia do theatro Lucinda.

PRINCIPE IMPERIAL

Sobe hoje á scena Zé Caipora, revista comica dos acontecimentos de 1896, escripta pelo nosso collega do Diario de Noticias, Dr. Oscar Pederneirs, em 1 prologo e 3 actos, divididos em 9 quadros.

Musica, poemn, scenarios, tudo prognotistica um successo real. Amen!

P. TALMA

PARNAZO ALEGRE

O ROUZINOL ENTRE AS CORUJAS

Eu, entre uns poetas de agua doce, (oh! poetas, Que não sois d'agua doce nem salgada, Attende!) recitava uma poesia De Hugo, que, acaso, tinha de memoria; E deram-me os patetas, Com pés e mãos, horrivel apurada!... Calmo e impassivel, eu, poreu, sorria, A recordar-me da seguinte historia, Por Hugo, pelo mesmo auctor, contada: — A' casa das corujas foi, um dia, O rouzinoI fazer uma visita... — Oh! que feio animal! O feio bando das corujas grita, E como canta mal! —

R.

DECEPÇÃO

Eu, que adoro o cabelo negrejante, Amei-a, — ao ver-lhe ao hambro, fluctuante, A cabellera escura; Ai! d'ella ao ver as flaccidas novellos Negros, tresvarrei... oh! que cabellos! Que aromosa negrura!...

Pela manhã de um dia sorridente, Penetrei-lhe no ninho ile repente, E, — oh! céos! — a minha dama, Eu vi, comquanto escapulisse arisca, Que tinha a negra coma de odalisca... .. Mais ruiva do que a chamma!

ASCANIO MAGYO.

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a

fundação d'A Semana, e que se acham qntes para com esta empresa, contynuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em 9. 10, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem addicinnados os dns cavalheiros que, senlo egualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, vierem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro do anno p'asado.

CORTE

(Continuação)

- Sua Magestade o Imperador. Sua Alteza o Conde d'Eu. Dr. Nuno Alves Dunrte Silva. Vianna & Costa. Guimaraes & Ferdinando. Comendador Guilherme Bellegardo. Clodoaldo da Fonseca. Alberto Pires. Alvaro de Albuquerque. Henrique Lyrio. Conselheiro Manuel Dantas Filho. Arthur Bandeira. Avelino Pereira da Silva. Gaspar de Oliveira Barros. Alexandre Pinto de Carvalho Ramos. Francisco Teixeira Moreira Junior. Antonio Nogueira Saabra. Alexandro Ribeiro & C. J. Cypriano. João Garcia de Almeida. José Pinheiro de Carvalho. Amílcar Ferreira Soares. Dr. Rochn Lima. Manuel José Gomoa Junior. Dr. João Alves da Silva Oliveira.

CORREIO DA GERENCIA

Sr. Silvino Martins Cndoso. — Rio Bonito. Nossos agradecimentos pela gentileza com que V. S. se dignou atender ao nosso pedido, enviando-nos uma lista de assignaturas.

Sr. Vicente Toixeira Marques. — Santos. Egualmente agradecidos. Quanto á sua assignatura, venceu-se ella em 31 de Dezembro passado, tendo V. S. de enviar-nos 9\$000 pelo anno de 1896 e 10\$000 pelo corrente anno.

Sr. Afonso de Aguiar—Juiz do Fóra. Agradecidos pelos seus cumprimentos. Não ha a menor duvida em attendermos ao seu pedido.

Sr. Antonio de Souza Menezes—S. José de Leonissa. A colleccão, encardernada, do anno de 85, custa 15\$000. Remessa por nossa conta.

Sr. Braz Martins da Costa. — Itahira do Matto de Dentro. — Seguem hoje as folhas que lhe faltavam. Não se recebeu consulta alguma. Venha uma segunda via.

FACTOS E NOTICIAS

O CHOLERA EM MATTO GROSSO

Alguns dos mais distinctos matto-grossenses aqui domiciliados reuniram-se para deliberar sobre os meios de impedir o alastamento da terrivel peste negra na sua provincia, inteiramente baldia de recursos necessarios para lhe fazer face, e evitar-lhe o desenvolvimento. Ao que parece, foi um imperdoavel descuido do actual presidente que levou á provincia tão grande calamidade. Que S. Ex. procure remediar o grande mal involuntariamente causado

que o governo saiba cumprir com n seu dever. O cholera está no Brazil, e estando em Matto Grosso está, dentro de mais ou menos tempo, na capital do imperio.

A situação é gravíssima; que o não esqueça o Sr. ministro do imperio.

Honra aos dignos filhos da inditosa provincia, que tão bello exemplo de bem entendido provincialismo acabam de dar, apontando ao governo as providencias necessarias para soffocar a terrivel peste ou, pelo menos, minorar-lhe os horribéis effeitos.

Corro hoje a loteria de 600:000\$000, da Provincia de Minas. Os bilhetes premiados serão pagos integralmente, nesta Corte, pelo Sr. Delfim Carneiro da Silva, thesoureiro do Centro Commercial de Loterias.

O Club de Equitação Luso Brasileiro deu uma festa *sui generis* no ultimo sabbado. Exercícios equestres, em que tomaram parte algumas senhoras, gymnastica, jogos de florete, de espada e de pao, musica, danças, etc. campunham o programma da *soirée*, que se prolongou, animadissima, até a madrugada seguinte.

Éis uma associação, em que, a par de uma mensalidade relativamente modica, a nossa mocidade tem muito que aprender.

Cumprimentamos a gentil directoria pelas distincções com que nos honrou e felicitamol-a pelo bom resultado dos seus perseverantes esforços.

Esteve extraordinariamente concorrida a ultima festa do Club Athletico Fluminense. A raia e as archibancadas apresentavam um aspecto encantador, e era de ver-se o afan com que socios e convidados se interessavam pelo resultado das corridas.

Uma bellissima festa, emfim, que honra sobre modo a digna directoria do Club, á qual enviamos as nossas felicitações e os nossos agradecimentos pela gentileza do seu convite.

#### CONGRESSO LITTERARIO GONÇALVES DIAS

Este Congresso, em sessão litteraria do dia 25, conferio o titulo de socios honorarios aos Srs. Dr. José Joaquim do Carmo, Dr. Hermes de Avila Cavalcante, Machado de Assis e Olavo Bilac.

Alem d'isso nomeou uma commissão composta dos socios: Tiburcio Caribé, Polybio Garcia e Bráulio Cordeiro Junior, afim de organizar o festival litterario que se realisará a 19 de Fevereiro em commemoração do 4º anniversario da sua fundação.

Será orador official o Sr. Alberto de Oliveira.

Foram lidos trabalhos litterarios por varios associados.

#### FOLHINHAS E ALMANAKS

Sob o titulo *Almanack do Pará* recebemos, editada pelos Srs. Pinto Barboza & C. d'aquella provincia, uma importante collecção de indicações e informações uteis ao commercio e ao publico. É este o primeiro anno em que é publicado. Pois que o seja em muitos e bons.

#### COLLABORAÇÃO

CORINA

(NO SEU 3º ANIVERSARIO NATALICIO)

Meiga Corina, innocente,  
Alma do meu coração,  
Encanto da minha vida,  
Minha extremosa affeição;

Tu, que desde tenra infancia  
Junto de mim tens vivido,  
Como se fosses de amores  
Conjugas fructo colhido;

Tu que de minha consorte  
Recebes beijos, caricias,  
E que tambem d'ella fazes  
Os prazeres, as delicias;

Esquecer era impossivel  
O dia dos annos teus,  
A tua terceira aurora,  
Formoso anjinho de Deus!

Do ceu as bençãos sagradas  
Te acompanhem na existencia,  
E que sempre da virtude  
Respirar possas a essencia.

Que os nossos votos unidos  
Subirão ao Creador  
Pedindo por ti, Corina,  
Deste lar mimosa flor!

Nestes dois beijos que imprimo  
Nas tuas faces gentis,  
Por mim, por minha consorte  
Dizem d'alma: Sé feliz!

Rio, 26 de Janeiro de 1887.

VICTORINO J. DA ROSA.

#### RECEBEMOS

— *P. L. M.* — Romance de Xavier de Montepin — 1º Fasc. Acompanham-n'o dous bellissimo chromos.

— *Theses* — Dr. André Jorge Rangel, versa sobre os hospitaes.

— *Theses* dos Drs. Rodolpho Galvão, Olympio Viriato Portugal, Luiz Carlos Duque Estrada e Fernandes Figueira.

— *Salon de la Mode* — n. 52 — por intermedio da importante casa Henri Nicoud & C.

— *Revista Philotechnica* — n. 6. Orgão do Instituto Philotechnico. É este o seu sumario: *Dinamica applicada* — por Teixeira de Freitas, *Estradas de Ferro*, (apontamentos) por P. N. Pereira da Cunha, *Chimica organica*, (estudo da benzina) por Francisco Ramos e *Industria*.

#### ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

#### MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS

Objectos de colchoaria, espelhos, aparelhos de porcellana, tapetes, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno de casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quiser visital-a.

172 RUA DO HOSPICIO 172

David José de Oliveira

#### COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

#### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, aseim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Cognac e licôres do Marie Brisard & Rogor — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Rogor são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhuma addição de outra qualidade de aguardente. Pede-se toda a cautela contra as falsificações ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Rogor. Unicos agentes nesta corte: Karl-Valais & C., 34 rua da Alfandega.

#### ORIENTE

É geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

Em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

#### GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos euplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

É correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso (Pagamento adiantado)

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

600:000\$000  
LOTERIA DE MINAS GERAES

4ª PARTE DA 1ª LOTERIA

A MELHOR E A MAIS VANTAJOSA DE TODAS DO IMPERIO

EXTRACÇÃO

SABBADO, 5 DE FEVEREIRO DE 1887

Unica que com a diminuta quantia de 18 dá direito á invejavel somma de

30:006\$000

REMESSAS PARA O INTERIOR COM TODA A PONTUALIDADE E

SEM COMMISSÃO ALGUMA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES

E NO ESCRITORIO DO CENTRO COMMERCIAL DE LOTERIAS

45 RUA DO OUVIDOR 45

SOBRADO

Ou em Juiz de Fóra em casa do thesoureiro o Sr. Francisco Antonio Brandi

# LOTERIA DO GRAM-PARA'

## 200:000\$000

8ª PARTE DA 1ª LOTERIA

**EXTRACÇÃO** — Quinta-feira 3 de Fevereiro — **EXTRACÇÃO**

**AO MEIO DIA**

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES  
E NA AGENCIA

Romessa para fóra com antecedencia e sem commissão

# 23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

# EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA  
Tísica, bronchitos, es-crophulas, rachitis, anomia, debilidade em geral, dofluxos, tosse chronica e af-ecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

# GRANDE LOTERIA

DA

# PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrucção Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR **2,000:000\$000** PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR A 12 DE FEVEREIRO PROXIMO FUTURO, IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até hoje teem apparecido ; com a diminuta quantia de 1\$000 póde-se obter 100:011\$000

| EXTRACÇÃO   |                 | EXTRACÇÃO            |                |
|---|-----------------|----------------------|----------------|
| 12 DE FEVEREIRO   |                 | 12 DE FEVEREIRO      |                |
| PROXIMO FUTURO  |                 | PROXIMO FUTURO       |                |
| Não ha transferencia  |                 | Não ha transferencia |                |
| PREMIO MAIOR  |                 | PREMIO MAIOR         |                |
| 2,000:000\$000  |                 | 2,000:000\$000       |                |
| 1 Premio de.....  | 2.000.000\$000  | 1.000.000\$000       | 1.000.000\$000 |
| 1 dito de.....  | 1.000.000\$000  | 500.000\$000         | 500.000\$000   |
| 1 dito de.....  | 500.000\$000    | 200.000\$000         | 200.000\$000   |
| 1 dito de.....  | 200.000\$000    | 100.000\$000         | 100.000\$000   |
| 2 ditos de.....   | 100.000\$000    | 50.000\$000          | 50.000\$000    |
| 10 ditos de.....  | 50.000\$000     | 20.000\$000          | 20.000\$000    |
| 30 ditos de.....  | 20.000\$000     | 10.000\$000          | 10.000\$000    |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a  | 5.000\$000      | 405.000\$000         | 405.000\$000   |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a  | 2.000\$000      | 198.000\$000         | 198.000\$000   |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a  | 1.000\$000      | 99.000\$000          | 99.000\$000    |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a  | 500\$000        | 49.500\$000          | 49.500\$000    |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a  | 300\$000        | 29.700\$000          | 29.700\$000    |
| 5.000 ditos para todas as centenas cujos dous algarismos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivé, a..... | 200\$000        | 1.000.000\$000       | 1.000.000\$000 |
| 50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for igual ao da sorte grande, inclusivé, a.....           | 20\$000         | 1.000.000\$000       | 1.000.000\$000 |
| 2 aproximações para o 1º premio a.....  | 50.000\$000     | 100.000\$000         | 100.000\$000   |
| 2 ditas para o 2º premio a.....   | 30.000\$000     | 60.000\$000          | 60.000\$000    |
| 2 ditas para o 3º premio a.....   | 20.000\$000     | 40.000\$000          | 40.000\$000    |
| 2 ditas para o 4º premio a.....   | 10.000\$000     | 20.000\$000          | 20.000\$000    |
| 2 ditas para o 5º premio a.....   | 4.400\$000      | 8.800\$000           | 8.800\$000     |
| 55.552 premios no valor de.....   | 7.500.000\$000  |                      |                |
| Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despezas.....  | 2.500.000\$000  |                      |                |
| 500.000 bilhetes a 20\$000.....   | 10.000.000\$000 |                      |                |

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com antecedencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

# N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico--Pardal--Caixa do Correio n. 301--Rio de Janeiro

# COLLEGIO ABILIO DA CORTE

Corpo docente, de inspecção e de administração no corrente anno de 1887

## CURSO PRIMARIO

Ensino intuitivo segundo o methodo do barão de Macabubas

PARA MENINOS DE 6 A 11 ANNOS

|  |  |
|--|--|
| <p><b>Leitura, ensino pratico da lingua materna</b></p> <p>Domingos José Lisboa, <i>professor publico</i>,<br/>Alberto Benecke, <i>chefe de disciplina do collegio</i>.</p> <p><b>Arithmotica, metrologia, geometria</b></p> <p>Joaquim Gomes Michaeli, <i>ex-professor do collegio Abilio, de Barbacena</i>.</p> <p><b>Calligraphia</b></p> <p>Domingos José Lisboa.<br/>J. Valentim de Figueiró Filho, <i>professor do Imperial Lyceu de Artes e Officios</i>.</p> | <p><b>Francez pratico</b></p> <p>Baccharel Ednardo Benet, <i>professor no externato Hewitt e no Collegio Alberto Brandão</i>.<br/>Alberto Benecke.</p> <p><b>Inglez pratico</b></p> <p>F. H. Lips.</p> <p><b>Geographia, cosmographia, historia</b></p> <p>J. Rabello Leite Sobrinho, <i>ex-examinador da Instrução Publica, professor no Instituto dos Surdos-Mudos</i>.</p> <p><b>Instrucção oral scientifica—(lição de cousas, conhecimentos uteis)</b></p> <p>Dr. Joaquim Abilio, <i>co-proprietario do collegio Abilio</i>.</p> |
|--|--|

## CURSO SECUNDARIO

Ensino de todos os preparatorios exigidos para a matricula nos cursos e escolas superiores de ensino

LIMITE MAXIMO PARA MATRICULA—15 ANNOS

|  |  |
|--|--|
| <p><b>Portuguez</b></p> <p>Dr. Arthur F. Fernandes de Barros, <i>ex professor do Collegio Abilio de Barbacena</i>.<br/>Domingos José Lisboa.</p> <p><b>Francez</b></p> <p>Baccharel Eduardo Benet, <i>professor no Externato Hewitt e no Collegio Alberto Brandão</i>.<br/>Dr. Lino de Andrade, <i>professor na Escola Militar</i>.</p> <p><b>Inglez</b></p> <p>James Hewitt, <i>director do Externato Hewitt</i>.<br/>F. H. Lips, <i>antigo professor de linguas</i></p> <p><b>Latim</b></p> <p>Dr. Lino de Andrade, <i>lente da Escola Militar</i>.<br/>Dr. João Coelho Lisboa.</p> <p><b>Allemao</b></p> <p>F. H. Lips.</p> <p><b>Italiano</b></p> <p>Marcos Martini.</p> | <p><b>Mathematica</b></p> <p>Dr. José de Vasconcellos, <i>professor no Collegio Beurem</i>.<br/>J. J. Villela Tavares.</p> <p><b>Geographia e cosmographia</b></p> <p>José Felicissimo Ferreira Braga.<br/>José Rabello Leite Sobrinho, <i>ex-examinador da Instrução Publica</i>.</p> <p><b>Historia</b></p> <p>José Felicissimo Ferreira Braga, <i>antigo professor do Collegio dos Padres Paivas</i>.<br/>Dr. Aquino da Fonseca, <i>professor do Externato Hewitt</i>.</p> <p><b>Rhetorica e poetica</b></p> <p>Dr. Joaquim Abilio.</p> <p><b>Philosophia</b></p> <p>Dr. Joaquim Abilio.</p> <p><b>Sciencias physicas e naturaes</b></p> <p>Dr. Pedro Barreto Galvão, <i>lente da Escola Normal</i>.</p> <p><b>Instrucção civica</b></p> <p>Dr. Joaquim Abilio.</p> |
|--|--|

**Conferencias.**—Todas as sextas-feiras, das 6 1/2 de 7 1/2 da tarde, ha conferencias sobre hygiene, physiologia, phenomenos physicos e historia natural, com demonstração nos appparelhos e deante dos objectos naturaes, dos modeloes, mappas e vistas do appparelho de projecção.

**Curso annexo da Escola Polythecnica.**—O Dr. José de Vasconcellos explica no collegio, em curso especial, as materias do curso annexo.

## CURSO COMMERCIAL

|  |   |
|--|---|
| <p><b>Direito commercial</b></p> <p>Dr. Joaquim Abilio.</p> <p><b>Escripturação mercantil</b></p> <p>Edmundo Pereira da Costa, <i>guarda livros e professor publico</i>.</p> | <p><b>Linguas. mathematica, geographia e calligraphia</b></p> <p>Oe professores do curso eecundario</p> |
|--|---|

## BELLAS ARTES

|  |  |
|--|--|
| <p><b>Desenho e pintura.</b></p> <p>Manoel Teixeira da Rocha, <i>professor do Lyceu de Artes e Officios</i>.</p> <p><b>Deseño geometrico, architectonico e de machinas</b></p> <p>José Luiz Riheiro, <i>professor do Lyceu de Artes e Officios</i>.</p> <p><b>Calligraphia</b></p> <p>Domingos José Lisboa e J. Valentim de Figueiró Filho, <i>do Lyceu de Artes e Officios</i>.</p> | <p><b>Musica vocal e instrumental</b></p> <p>Noberto Amancio de Carvalho, <i>ex-professor da Escola Normal</i>.</p> <p><b>Piano</b></p> <p>J. J. Fernandes de Souza, <i>professor na Sociedade Amante da Instrucção</i>.</p> <p><b>Cartographia</b></p> <p>Claudio Lomelino de Carvalho, <i>organizador e gravador do Atlas do Brazil</i>.</p> |
|--|--|

## EDUCAÇÃO PHYSICA

Gymnastica, esgrima e exercicios militares

Vicente Casali, *professor do Imperial Collegio D. Pedro II*.  
Dansa—Natação—Equitação—Em cursos especiaes.

## DISCIPLINA

|   |  |
|---|--|
| <p><b>Chefe do disciplina</b></p> <p>Alberto Benecke.</p> <p><b>Primeira classe</b></p> <p>J. F. de Macedo Junior.</p> <p><b>Segunda classe</b></p> <p>J. Soares Pinto Pereira.</p> | <p><b>Terceira classe</b></p> <p>João Antonio de Siqueira e Silva.</p> <p><b>Vigilante nocturno</b></p> <p>J. Bezerra Guedes.</p> <p><b>Vigilante nocturno</b></p> <p>Cyro da Costa e Silva.</p> |
|---|--|

## ADMINISTRAÇÃO

|   |   |
|---|---|
| <p><b>Secretario</b></p> <p>Edmundo Pereira da Costa.</p> <p><b>Cobrador</b></p> <p>Joaquim Alves da Costa.</p> <p><b>Observação.</b>—Quasi todos os professores e maie em pregados são antigos no Collegio Abilio.</p> | <p><b>Caixa</b></p> <p>J. J. de Araujo Coutinho.</p> <p><b>Mordomo</b></p> <p>Vicente de Cerbo.</p> |
|---|---|

O Secretario,

**EDMUNDO PEREIRA DA COSTA**

Rio de Janeiro, 23 ds Janeiro de 1887.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 5 DE FEVEREIRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 410

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
Aluizio Azevedo,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                    |                  |
|------------------------------------|------------------|
| Expediente.....                    |                  |
| Galeria do elogio mútuo:           |                  |
| IX Arthur Azevedo.....             | M. SAMPAIO.      |
| Historia dos sete dias.....        | FILINDAL.        |
| Cartas do Olympo—IV.....           | PNEBO-APOLLO     |
| Canhenho do um excursionista.....  | A. CELSO JUNIOR. |
| Mãe, soneto.....                   | O. BILAC.        |
| Jornaes e revistas.....            | S.               |
| A. Credora.....                    | G. MENDES.       |
| No alto da serra, soneto           | P. PALMEIDA.     |
| Theatros.....                      | P. TALMA.        |
| Festas, bailes e concertos         | LOGNON.          |
| O escandorijo da alma, soneto..... | H. DE MAGALHÃES  |
| Trates á bola.....                 | FR. ANTONIO.     |
| Factos e Noticias.....             |                  |
| Secção de honra.....               |                  |
| Correio da Gerencia.....           |                  |
| Rocubemos.....                     |                  |
| Annuncios.....                     |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Prevenimos os nossos assignantés que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser ontro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem no nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um tempo, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gill, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.



E' hom que a historia o saiba: elle chama-se Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo.

E' o primeiro, e, provavelmente, será o ultimo Nabantino que tenho conhecido em minha vida.

Um dia a provincia do Maranhão commetteu o attentado de produzir o celebre *Maranhense* de escandalosa memoria; mas, por grave que fosse tal delicto, não pôde pezar a consciencia de quem tem dado ao Brazil os nomes gloriosos de João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Henrique Leal, Gomes de Souza, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Candido Mendes, Celso de Magalhães, Joaquim Serra, Gentil Homem de Almeida Braga, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Aluizio Azevedo e Teixeira Mendes.

Pois bem; o meu homem teve a felicidade de deixar cahir o umbigo naquella terra de eleitos e de Mendes, e tanto bastou para que as musas, dando-se as mãos e entoando um côro adequado á circumstancia, o sagramsem no berço com um de seus filhos dilectos.

Palavra! se eu não fosse bahiano, quizarn ser maranhense.

Em que dia cahiu o umbigo de Arthur não sei dizer, mas foi provavelmente a 11 ou 13 de Julho de 1853, pois que elle soltára o primeiro vagido a 7 d'aquelle mez e anno.

Aos quatro annos de idade Arthur já lia; aos nove já fazia versos e versos superiores aos que muito marmanjo barhado publica de quando em vez nos — a pedidos — do *Jornal do Commercio*; aos treze o pae netteu-o no commercio,

ambicioando vel-o algum dia dono de uma loja no Maranhão. Felizmente, porém, para as letras patrias, Arthur sentia completa negação pelo negocio; o balcão horrorisava-o; o covado, então usado, aterrava-o não tanto como medida de fazendas, mas por servir ás vezes de medida da colera dos patrões.

As letras attrahiam o caixeirinho e o resultado de tal attracção foi que o rapasinho fundou um jornal denominado — *O Domingo*, que enchia com suas produções.

Ora caixeiro redactor de jornal é caixeiro perdido, e assim foi que Arthur, despedido por inepto de algumas casas commerciaes, vio-se obrigado, em boa hora, a abandonar o commercio, que, naturalmente, rendeu graças ao céu por ter ganho aquella perda.

Do commercio passou o nosso Nabantino para a secretaria do governo, onde não esquentou logar, porquanto, sendo-lhe attribuida uma satyra que apparecera contra altos potentados da terra, o presidente da provincia mandou-o passar.

Ignoro se Arthur algum dia manifestou a sua gratidão ao presidente: — se o não fez andou mal. Era caso para isso, pois da demissão dada em 1873 originou-se a sua partida para o Rio de Janeiro, onde o Arthur Nabantino tornou-se o Arthur Azevedo que todos admiramos e applaudimos.

Vir para a côrte é cousa facil; mas encontrar um emprego, *hoc opus hic labor est*.

— Vou empregar-me em algum col-

legio, pensou Arthur; ensinari-me-minos.

Com esta resolução dirigiu-se a um collegio importante.

— O que pôde o senhor ensinar? perguntou-lhe o director.

— Francez.

— Ah! Temos um excellento professor d'essa materia...

— A' a suas ordens, Doseculpe...

E lá se foi o meu Arthur para outro collegio.

— Então o senhor propõe-se ensinar...

— Francez e geographia.

— Sou su mesmo quem lecciona essa materia... por isso sinto muito...

— Oh! senhor! queira desculpar.

Nun terceiro collegio:

— Posso ensinar francez, geographia, portuguez e até mesmo arithmetica.

Ah! nós precisamos de um professor de latim... Emfim, deixe-me a sua residencia, se houver necessidade...

— E' favor. A's suas ordens.

No collegio Pinheiro:

— ...?

— Tudo!

O director gostou da resposta; Arthur explicou-lhes a sua posição e ficou empregado como professor de portuguez.

Ensinando no collegio, trabalhando no jornal *A Reforma*, que então existia, viveu o meu amigo até 1875, em que foi nomeado mnunense da secretaria da agricultura, onde até hoje se tem conservado com grande satisfação de seus chefes que nelle encontram um excellento e zeloso auxiliar, digno de honbrear com os melhores funcionarios publicos.

Tendo firmado uma posição que o abrigava das primeiras necessidades, Arthur entregou-se á vontade aos trabalhos litterarios.

O poeta desenvolveu-se; o prosador aperfeicou-se; o critico revelou-se; o comediographo snrgio possante e fecundo.

As faces, porém, mais esalientes do talento de Arthur Azevedo são, incontestavelmente o theatro e a poesia.

A sua primeira composição dramatica representada foi o — *Amor por anneris*, excellente comedia em um acto, que ainda hoje figura no repertorio ds algumas companhias e que até em Lisboa foi exhibida com geral agrado.

Seguiu-se a *Vespera de Reis*; mais tarde — *A Filha de Maria Angil*, um dos maiores, senão o maior successo de opereta no Brazil, e que abriu de par eu par ao seu auctor as portas de todos os theatros.

De então para cá tem sido um nunca acabar de triumphos, que não ennumero por não caber a enumeração nos limites deste despretencioso artigo, o qual não ambiciona nome de biographia, visto que a biographia de Arthur Azevedo não se pôde escrever em duas ou tres columnas, mas em alentado volume.

Poucos escriptores, bem poucos, terão produzido tanto como elle num periodo de dez annos.

Arthur é incansavel; faz verdadeiros prodigios de trabalho.

Não ha muito que elle era a um tempo: empregado publico, redactor do *Diario de Noticias*, da *Vida Moderna*, e do *Mequetrefe*, correspondente do *Diario Mercantil*, de S. Paulo, e collaborador da *Estação*.

E durante todo este periodo não cessaram os theatros de fazer representações composições suas.

Devo des de já declarar, em hem dos creditos do official da Secretaria da Agricultura, que das 9 horas da manhá

ás 3 ds tarde das-lhas uteis elle só trabalha para o Estado.

Imaginem que tempo tem para descansar?

Pois apesar d'isso engorda, engorda cada vez mais.

Os invejosos, que os tem Arthur em não pequeno numero, vendo-o produzir tanto, accusam-no de escrever tudo sobre a perna.

Que grande accusação!

Quem dera a muitos d'elles produzir sobre a meza e com vagar, pensadamente, metade e tão bom.

E depois, que dinbo! o jornalista que é obrigado a escrever *au jour le jour* hade forçosamente escrever sobre a perna, do contrario não será jornalista.

Outra pedra de escandalo explorada contra o meu amigo foi o elle declarar-se homem pratico.

Homem pratico, o Arthur!

Só quem o não conhecer pode acreditar em tal.

Arthur é o homem menos pratico do mundo, tudo quanto ha de menos pratico.

Não tivesse elle a alma que tem, alma grande, nobre e generosa, e só assim poderia ser homem pratico.

— Tão pouco pratico é, que, ganhando muito dinheiro, se morrer amanhã apenas deixará em testamento á familia, o que talvez não possam deixar muitos dos que, mais praticos do que elle, o accusam, honradez e pobreza.

Arthur é um — mãos rotas — conhece tanto o verbo — dar — como desconhece o — guardar —; e, se algum dos que o apodam de pratico lhe for pedir dez mil réis e elle só tiver cinco, irá tomar emprestados os cinco que faltam para completara quantia.

Se isto é ser pratico, por Deus! vivam os jornalistas *theoreticos* que têm cusns e aplices!

MOREIRA SAMPAIO.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Gracás, hom Deus dos chronistas semanaes, gracás! que nos deste uma semana chein!

Pelas suas sete veias correram. com o sangue dos suicidios e das tentativas de assassinato, os escandalos, as reuniões incandescentes, as noticias de sensação.

Eu e os meus collegas, lambões insaciáveis de assumpto, não nos poderemos queixar senão de excesso d'elle nesta semana. O difficil está em escolher e em ser sobrio. E' preciso temer as indigestões, de qualquer caracter que sejam.

O que principalmente agitou a semana, o que a sacudiu e queimou de febre intensa foi a já famosa questão militar, que jazia adormecida, mas não extincta, sob a cinza do esquecimento que tudo cobre neste paiz de indifferentes.

A chegada dos illustres officiaes protestantes foi que avivou a questão dorminte. Os tres distinctos officiaes não se contentaram com chegar; não senhores! Chegando, foram apresentar-se ao Sr. ministro da Guerra; ninguém soube para que fim, mas eu já no sabado passado disse desconfiar que era para alguma coisa. Oh! os meus presentimentos são como os de todo o mundo: — nunca me enganam. Foi effectivamente para alguma coisa que elles se apresentaram ao ministro: — foi para protestar! E' verdade; ninguém o diria, mas é evidente que foi para isso.

Não contentes, porém, com essa resolução heroica, resolveram tambem reunir-se na quarta-feira no Recreio Dramatico, ainda para protestar. Nesse memoravel dia, horas depois da reunião, encontrei na rna do Ouvidor um

amigo atorrado, que, dirigindo-se a mim e tomando-me mysteriosamente do braço, disse-me cheio de terror:

— Sabes? Vae haver o diabo! Os coronéis deram-se no Recreio aos mais descnfrizados excessos...

— Quo me dizes, homem?

— Digo-to isto! E mais...

— Então que fizeram ellos?

— Que fizeram, desgraçado, que fizeram; queres saber o que elles fizeram?

— Descnbutcha, ou matas-me de curiosidade!

— Pois nhí vae; aguenta-te lá: Nomearam uma...

— ?

— Uma commissão!

— Um commi...

Não pude acabar... Fui d'alí carregado em hrças para a pharmacia Soulié, onde me applicaram dois synapismos nas pernas e me deram a beber uma talba d'agua.

Mais tarde, já senhor de mim e restabelecido inteiramente do terrivel susto, soube que não era verdade. Os briosos militares não tinham nomeado commissão nenhuma. O que elles tinham feito fora redigir uma moção e encarregar o Sr. general Deodoro de a apresentar ao imperador.

Nessa moção diz o exercito que não julga terminado com honra para si o conflicto suscitado entre elle e o governo, enquanto perdurarem os effectos dos avisos inconstitucionaes etc, etc;

Que pensa tambem que só a cessação de qualquer medida tendente a perseguir os officiaes adherentes á questão, poderá acalmar a irritação e o desgosto que reinam nas suas fileiras;

Que recorre confiante á alta justiça do chefe da nação para pôr termo ao estado de agitação em que se acha ainda a classe militar que só provas de resignação e disciplina até hoje tem dado.

Nós, que não somos de modo nenhum interessados no conflicto, que não somos nem pelo exercito nem pelo ministro, poderíamos discutir os termos d'essa moção. Não o faremos. O que porém, nos parece de costa arriba é que o exercito nos venha dizer, exactamente quando se declara agitado, desgostoso e irritado, — que só tem dado até hoje provas de resignação e disciplina!

O Sr. director da escola militar é que parece não ser dos adherentes nos seus collegas protestantes. Este official nomeou uma commissão de inquerito, segundo diz a *Gazeta* de hontem, para saber quaes foram os alumnos d'aquella escola que assistiram na quarta-feira á reunião havida no theatro Recreio. A commissão compõe-se de um tenente coronel, um major e um capitão.

Ora o director da escola, que quer saber quaes os alumnos presentes á reunião, não é, decerto, para lhes dar o habito de Christo, ou para lhes distribuir mãe-hentas. Para que será pois? Será para dar aos seus collegas do Recreio Dramatico uma prova da *cessação das medidas tendentes a perseguir os officiaes pelo facto de terem adherido á questão militar?*

Respondem os bravos defensores da patria.

Que lhes direi, leitores caros e baratos, das temerosas noticias de Campos?

Falar-lhes-ei das revoltas da goiabada? Mas vós não me screditareis por saberdes ser a goiabada de Campos nm dos mais famosos adstringentes.

Entretanto, e desgraçadamente, as noticias da patria do Sr. Malvino não

são para rir. Houve grosso conflicto no recinto onde se effectava umn conferencia abolicionista. D'esse conflicto resultaram varios ferimentos o uma morte. Poissenhos, om Campos ninda se mata gente por causa da generosa idéa da abolição dos escravos?

Mas Campos então, perdõe-me o illustre o commendadorissimo Sr. Malvino — Campos então está mais atrazada do que a costa d'Africa!

Nas regiões do Zamboze e do Congo já se não mata ninguem por ter uma idéa.

E os incendios dos cannaviaes? E' com certeza uma infamia lançar fogo aos pobres cannaviaes inermes; mas que adjectivo caberá a um governo que, para descobrir os auctores d'esse crime, promette aos delatores dinheiro ou a liberdade se forem captivos?

D'aqui a pôr-se a premio as cabeças dos criminosos, vae apenas um passo. E' o systema dos tempos nefastos da velha Roma dissoluta dos tyrannos, resuscitando por um paiz novo, muito penetrado de dissolução, é verdade, mas novo!

Veremos no que dá a inquisição do governo em Campos.

Deu-se tambem na quarta-feira um grande acontecimento theatral; o leilão das joias, objectos de scena, vestuarios theatraes, e archivo manuscrito do repertorio de Lucinda e Furtado Coelho.

Este leilão entristeceu-me. Furtado Coelho havia-me dicto, antes de partir para S. Paulo, que depois d'aquella excursão non elle nem Lucinda tornariam a representar; que abandonavam definitivamente a scena. Eu, porem, que sei como os artistas em geral são voluveis, não acreditei na resolução dos notabilissimos creadores de Olivier de Jalin e da baroneza d'Ange no Brazil.

Agora, esto leilão inesperado confirma o que me dissera Furtado Coelho.

Eu por mim declaro-me roubado. Façam-me o favor de dizer quem me hade representar agora em portuguez os primores da comedia franceza; digam-me quem hade interpretar com toda a finura, com toda a correção, com toda a malicia, com toda a ironia e com todo o talento de Lucinda aquella arrebatadora d'Anje, aquella temivel Falconière, aquella leviana e graciosa Cypriana, aquella esplendida Thereza Raquin, e tantos outros typos da finissima e complicadissima comedia moderna!

E Carnioli, e de Jalin, e Bellac, e Jorge Duval? Quem hade supprir o grande artista que lhes emprestava o encanto inimitavel da sua dicção, a graça da sua alta elegancia, a noheza da sua grande distincção?

Com Furtado Coelho desaparece da scena o ultimo *diseur*, e acaba-se o ensaiador primoroso e incomparavel, que montava uma peça com o capricho e os carinhos com que montava a sua propria caea; vae-se o mestre intelligente, á roda de quem não appareceu nunca principiante que se não pudesse ver ou ouvir; com Furtado Coelho perde o theatro do Brazil o artista eminente que mais o ten presado e honrado pelo talento, pelo trabalho, pela dedicação. O grande educador artistico do nosso theatro, aquelle homem verdadeiramente superior, que mantinha pelo seu enorme prestigio o respeito do palco e a veneração da platéia; o actor, o poeta,

o musico, o dramaturgo, Furtado Coelho omfim — retira-se definitivamente da scena, abandonn a arte, vae passeiar o divertir-se, ser industrial, talvez, ou proprietario, querá!

E' mais. Elle não vae só: arrasta criminosamente consigo a sua esposa, aquella adoravel Lucinda; ronba-a aos nppinuos e á admiração do publico, em plena mocidade, na esplendida primavera do talento, quando podia começar a ser verdadeiramente grande, pela consagração unanime das platéias, quando podia formar e completar a galeria de typos que immortalisam os artistas dramaticos!

Nadn! Não me enganasa, caçador. Eu penso como o velho Simões: — Quem tem a *faguha* nunca abandona de todo a arte.

Ainda não estava de todo esquecido o caso da prisão illegal do Sr. Bevilaqua e já a policia, ou alguém por ella, proedia do mesmo modo com um empregado no commercio, o Sr. Turio Eduardo. Eu, como não quero emmarnhar-me nos *cavaignacs* policiaes, não commento o caso. Calo-me; metto prudemente a viola no sacco.

No mez passado veio-nos de Lisboa a noticia circumstanciada do terrivel desastre do paquete *Ville de Victoria*; nesta semana chegou-nos um telegramma de Maceió em que se diz simplesmente ter havido em alto mar, a 500 milhas d'aquelle porto, o abalroamento da barca *Adamelmore* pela galéra *Kapunda*, ambas inglezas.

Sabe-se que neste duplo naufragio pereceram 304 pessoas!

Que horror!

Houve tambem suicidios, tentativas de suicidios e ditas de assassinato. D'estas tragedias foram distribuidos os papéis romanticsos no Sr. Eduardo del Castillo Junior e á cidadan franceza Maria Fernandes. Elles amavam-se e viviam maritalmente na casa de peusão da praia do Flamengo n. 72. Ultimamente, o rapaz, que é americano, sonhando naturalmente com a liberdade, resolveu ir para New York. Msria sentio o demonio do ciume a berrar-lhe no cerebro e a mostrar-lhe cutellarias e drogarias. No dia 1, pela madrugada, quando o amante dormia o somno da innocencia, ella pegou de um punhal e ferio-o no peito; Castillo levantou-se, luctou com ella e desarmou-a; ella então, que já tinha ingerido acido oxalico, disparou dois tiros do revolver contra si propria. Felizmente, Castillo desviou-lhe o braço e as balas pouco a feriram.

Como ella, além do veneno, se deu uma porção de punhaladas, o seu estado é grave. Os ferimentos do rapaz são levs.

Que direi d'este drama de amor e de ciume? Amparar-me-ei a Shakespeare e a Victor Hugo, ou deixarei que o leitor faça por mim os comentarios? Agrada-me mais a segunda hypothese. Dá-me menos trabalho; e depois, que diabo! o amor precisa d'estas emoções, e um pouco de sangue de vez em quando não é coisa que assuste amantes resolutos ou romanticsos, dos que olham para a lua como para um astro poetico e protector...

Magnifico, *O Paiz* de hontem!

Dá-nos a importante noticia de que o

Sr. capitão de mar e guerra E. Wandenkolk está tractando de melhorar o ponto de desembarque do lazareto da ilha Grande, arrebatando as pedras existentes no fundo do mar. E termina:

« O distincto official praata assim um ralavante serviço, no mesmo tempo que amproga a sua guarnição em um trabalho que não será talvez a unica occasião a se lhe deparar. »

Isto ha do quorer dizer que sua guarnição que fará se lhe deparar o que lhe depare nas pedras da consequencia grammatical do lazareto não obstante.

Em clareza nunca vi nada mais alctraão!

Para compensar, porém, aquelle desnatrado periodo, ha na primeira pagina um artigo de fundo notabilissimo. Nesse artigo, onde se revela toda a pericia, todo o talento, toda a finura e toda a habilidade do redactor politico d'O Paiz, as idéas são claras e elevadissimas, o ponto de vista social é criterioso, a linguagem é de uma eloquencia pasmoa, o estylo puro, as imagens luminosas e nureoladas por um claro nimbo de grandeza e de concepção. E, finalmente, um artigo de mestra, cheio de enthusiasmo, de isempção, e que só por si daria ao seu auctor a reputação de primeiro jornalista do Brazil, se elle ainda carocesse d'essa alta distincção.

A questão politica da actualidade, que preoccupa os espiritos rectos, o estado actual da sociedade brasileira, as relações do povo com o governo, os deveres civicos dos cidadãos, as aspirações da nacionalidade, as ambições civilisadoras da raça americana; tudo, todos os ideas o todas as idéas, todas as questões de peso, todos os problemas sociais que se agitam no Brazil, desde o do elemento servil ao das prerogativas militares; tudo é nesse esplendido artigo tractado, discutido, resolvido — á luz da scioncia, ao criterio da razão clara, numa elevação a que o jornalismo nacional nunca attingio! O artigo intitula-se singelmente — *A Solução.*

O jornalista que traça uma peça de tão grande valor litterario e politico, pode quebrar a sua penna. Ella nunca mais traçará linhas eguaes, porque não ha escriptor que na sua vida escreva duas obras de tamanha valia!

O Paiz nunca deveria ter publicado outro artigo e não poderá publicar d'oravante nenhum onde a penna do seu illustro redactor não siga o caminho trilhado naquelle fulgor estupendo do espirito humano, que no seu numero de hontem se chama singelmente — *A Solução!*

Parabéns n O Paiz e profraças ao Brazil, que possui um organ tão bom compenetrado dos seus interesses e das suas necessidndes sociais.

FILINDAL

CARTAS DO OLYMPO

IV

(Guerra... Gritos atroadores, Surdos sons, surdos abalos, Rufos roucos de tambores, Tropel veloz de cavallos...

Rolam as ondas ardentes Dos compactos batalhões Exordios incandescentes, Acezas perorações.

Os olhos pulam; crispadas As boccas torcem-se e gritam; E como duras espadas As duras liguas se agitam.

Animos quentes... Batalha De discursos a granel: Faz mais rumor que a metralha O apsech de um coronel.

Pois de nenhum modo aterra Luctar no Theatro Recreio A quem no theatro da guerra Sempre luctou sem receio.

Espanta gloria tamanha: Já não é pouco saber Vencer no ardor da campanha, E na tribuna vencer.

Gloria aos bravos que puziram, Ministro, a tua imprudencia! Vergonha ás chaves que abriram As torneiras da eloquencia!

Por sua causa o Theatro, Que os *calembourgs* escutou E as phrases e os diabo a quatro Da Familia de Orjonneau,

E que a acção commovedora Viu desenrolar-se inteira Da *Martyr*, da *Roubadora*, E dos *Crimes da Parreira*,

Agora escuta ollegante, Em vez do dicto jovial, A tormenta retumbante Das iras de um general.

Mortaes guerrellos: de cima Do monte de ouro que habito, — Do Olympe que a luz anima De um sol eterno e infinito,—

Ardendo em jubilo e gloria, Mando-vos o parabem De Marte—o deus da victoria E... das *conquistas* tambem.

Marte, que a fronte cansada Pousa no seio de Venus, E a alma triste e angustiada Bauba em seus olhos serenos,

Marte que, velho, os pezares Geme aos pés da mãe de Amor, — Ouvindo-vos, militares, Sae, de um pulo, do torpor.

E, enthusiasmo e contente, Empunha o pavez, e busca Brandir com a mão impotente A enferrujada farrusca:

— « Meus filhos! ( brada, tremendo De alegria ) Batalhae! E, batalhar não podendo, Filhos, ao menos... fala! — »

PHÉBO-APOLLO.

CANHENHO DE UM EXCURSIONISTA

LATORRE, MITRE E SARMIENTO

II

De D. Lourenço Latorre, ex-dictador da Republica Oriental do Uruguay, só fugitivos traços pude colber. Vi-o duas vezes em Buenos Ayres, onde se achava exilado, E' um sujeito alto e ossudo, meio desengonçado, trefeg, irrequieto, com siguaes de escrophulas no pescoço. Fala gritando, entrecertadas as phrases de grandes risadas. Referindo-se á sua patria, repatio-me o que affirma no manifesto famoso com que inesperadamente largou o poder: « E' um paiz ingovernavel, senhor, ingovernavel. » E, pondo-se de repente de pé, cruzando os braços num movimento brusco, cravando os olhos nos meus, os sobrólhos carregados, soltou uma estrepitosa gargalhada.

Por essa epocha D. Lourenço Latorre havia sido privado ( borrado, como lá

dizem ) de todas as suas patentes e regalias do Estado Oriental. Não se mostrava absolutamente preocupado com isso, nem queixoso do excessivo rigor das actoridades brasileiras quando se effectuou a sua internação no Rio Grande do Sul. Falava-se em que os seus inimigos planejavam assassinalo na rua. Vultos suspeitos haviam-no aeguido por mais de uma vez. Alludio a isso sorrindo; e, como eu lhe ponderasse o perigo, indicou com um expressivo mexer de labios desdenhosos a salieacia que, sobre o qundril, debaixo da sobrecasaca, ceremoniosamente abotoada, fazia a coronha de um grosso revolver.

Bella, sympathica, impressionadora a cabeça de D. Bartholomé Mitre, destacando, pallida e energica, com uma profunda cicatriz em meio da larga testa, dos livros e jornaes da mesa de trabalho, em um severo gabinete, na redacção da *Nación*, afogado na mein luz peculiar a todos os salões do Rio da Prata. Diante da figura sombria e erecta do velho ex-commandante em chefe dos exercitos da triplice alliança, sente-se uma ovanagação de nusteria melancolia, uma irrdiação de grandes desillusões e fe chimeras altivas, um echo de nobres palpitações dolorosas, um perfume ideal da superioridade... Fui-lhe apresentado por seu filho, o meu distincto e infeliz amigo Adolpho Mitre, que ha dois annos tão de subito e trumfente falleceu. Politico, jornalista, historiador, orador, poeta, litterato, pasinou-me o general com a sua erudição e com a amenidade do seu tracto. Converso em diapasão oratorio, accentuando as palavras num rythmo lento, a voz veada, a espaços, de tons soturnos. Parece estar sempre n preferir cousas graves e mysteriosas.

« A primeira vez que tive a honra de procurar o vosso imperador, referio Mitre, recebeu-me elle com uma noticia má:—perguntou-me se eu já tinha conhecimento de uma recente e terrivel excursão de indios em meu paiz. Sem pestanejar, retorqui que ignorava esse facto, mas que me cabia a satisfação de comunicar a Sua Magestade a abertura de mais uma estação na estrada de ferro transandina. O monarcha sorrio e acabamos muito bons amigos. »

Mitre é um dos homens mais respeitdos da Confederação. O seu jornal, a *Nación*, exerce acção incontestavel sobre a orientação publica. E' um dos primeiros jornaes da America do Sul, ou, pelo menos, um dos mais compridos e largos do mundo. As suas columnas são quasi do tamanho de um homem, o que torna assás incommoda a sua leitura. Em compensação, os escriptos, posto muito extensos, primam sempre pelo criterio e elevação. Não admitta a pedidos, nem folhetins. Traz diariamente duns e tres columnas de telegrammas do mundo inteiro e um artigo de fundo, massivo e colossal. Entre os seus correspondentes da Europa, conta-se Emilio Castellar. Mitre nem sempre escreve, porem inspeciona toda a redacção, residindo no proprio predio da typographia,—um verdadeiro palacete. Abi recebe os seus numerosos partidarios, pertencentes em geral á moderna geração argentina, que a sua inspiração, eteroamente moça, illumina, aconselha e guia. Ha quem note na inalteravel circumspecção de sua compostura, a gravidade dos seus tuodos magestosos, na sua lingnagem pomposa, alguma coisa de estudado e de theatral.

A verdade é que a gente, a orelha-o, leva dentro em ai rutilos reflexos, experimentando a dilatação de sentimentos e de ideias, a impulsão para cima que produz o attrito de um espirito auperior.

Domingo Sarmiento é um insinuante velho, phisionomia aberta e expressiva, muito acieado, muito falante, muito negro, muito vivo, vestindo a ingleza, a barba sempre escrupulosamente esanhoada. Anda invariavelmente acompanhado de um dos seus netos, porque já lhe vae avançada a idade e está quasi completamente surdo. Cita a cada passo os Estados Unidos, onde representou por largo tempo o seu paiz. Refere-se tambem constantemente aos serviços que tem prestado á instrucção publica: serviços eminentes, na realidade. E' conversador inesgotavel e instructivo, mas incommodo pela surdez. Não me lembra se foi elle ou se foi Mitre quem me contou que tondo de ir ao paço de S. Christovão, cumprimentar o Imperador, durante todo o trajecto foi presa de uma preocupação importuna: a do beija-mão, então em voga. « Não beijar a mão ao soberano, reflectia o narrador, é faltar á atiquista; porém beijar-lha repugna-me positivamente. » (Qual não foi a sua satisfação chegando ao Paiz, ao ver o Imperador, de mãos intencionalmente cruzadas nraz das costas, corteja-o com a cabeça, num tom familiar, chamando-o pelo nome, dirigindo-lhe a palavra em hespanhol! « E' muito amavel D. Pedro; concludio. Ao retirar-me, já lhe beijaria acm custo a mão, se elle m'a estendesse. »

Entre mim e Sarmiento deu-se um quiproquó interessante. Fui-lhe apresentado na mesma occasião que o Sr. Conde de S. Salvador de Matosinhos e muito rapidamente. Trocámos apenas as phrases banaes de etiqueta, não prestando o ex-presidente muita attenção aos nossos respectivos nomes. Dias depois, tendo eu deixado um cartão em sua residencia, fez-me elle a honra de visitar-me no hotel, em que eu occupava um aposento proximo ao d'aquelle illustre titular. Havia outras pessoas presentes. Sarmiento dirigia-se a mim com a maior affabilidade, mas, ao cabo de algumas minutos, entrei a notar que me tractava de—*Senor Conde*. Surprehendido a principio, percebi claramente, com o seguimento da conversação, que elle me tomava pelo meu nobre companheiro. Reclamei por mais de uma vez, tentando dissipar a aliás para mim honrosa confusão.

O defeito de audição do meu interlocutor frustrava os meus esforços, feitos, demnis, em lingua castelhana, com cuja pronuncia nunca me pude familiarisar.

Resignei-me a aer—*Senor Conde*, até que Sarmiento se despedio dizendo: « Vou agora visitar o deputado brasileiro. »

O neto que o acompanhava, entretilio até então a conversar de outro lado, tocou-lhe no braço, e murmurou algumas palavras, articuladas syllaba por syllaba com demorada nitidez. O ex-presidente fitou-me surprehendido; porém, sem desconcertar-se, fez-me um amavel cumprimento e retirou-se com o seu ar de velho pedagogo, a que a residencia nos Estados Unidos sobrepoz alguma coisa de yankee.

AFFONSO CELSO JUNIOR.





vir á minha humillissima cella receber os prometidos premios.

Eis as decifrações: *Almofada, Violino, Corpinho e Mocho.*

E para hoje, meus bons e amabilissimos irmãos, dou-vos estas difficuldades quo com multissimos tratos á bola serão vencidas.

Eil-as:

LOGOGRIFFO  
(Por letras)

E' seu canto tão plangente.—8, 3, 1, 5, 8, 9.  
Tão delicado e suave.—8, 2, 3, 7, 2.  
Qual se pertencesse a um've.—7, 4, 7, 1, 6.  
Qual de um rio o deslizar.—8, 6, 3, 3, 9, 7, 8, 9.  
Tem a belleza de uns versos.—5, 6, 7, 9, 8, 2.  
Que me lembravam chimeras.—5, 3, 7, 1, 2, 5.  
E' tão alegre como éras.—3, 4, 5, 6, 7, 1, 2.  
Quando te ouvia cantar.—8, 9, 7, 6, 3.

Fica n'isto o logogripho,  
Que, mal cuidado e mal feito,  
Nem de bom tem o conceito  
Quanto mais o todo em si...  
Nello estrelas bas de ver.  
Nuvens e astros verás...  
Porém nunca poderás  
Tel-o bem perto de ti!

PEDRO RABELLO.

EM QUADRO

Do pedra e cal,  
No coração;  
Dõe e faz mal.  
No tempo estão!

ANTIGAS

E' usado na grande fidalguia  
Quem nos hespanhoessa ascendencia.  
Eis ahí bom leitor sem ironia  
Da palavra que dou sua existencia — 1.

Se guardas com cuidado e devagar  
Um mino de mui grande estimação,  
Vás mostrando, de pressa, sem cansar,  
Em qualquer gesto teu tua afeição—2

Conceito queres? Por ora  
Digo-te aqui venturoso:  
Chame-se Letia ou Theodora  
Sempre é do sexo formoso»

JOSEPHINA B.

2—1—Rasa a nota esta medida.  
1—2—E' grande por ser de barro  
no defunto.  
1—2—No navio é verbo este verbo.

Agora, meus estimados irmãos, prometto ao primeiro decifrador d'estes tratos um bellissimo premio e deitando-vos a minha religiosa benção recolho-me á minha cella onde estou a resar por vós e ás vossas ordens.

FREI ANTONIO.

A ultima hora chegou o Sr. Chico, *brim-pinta* com as suas decifrações. Oh! meu irmão Chico, meu caro *brim* meu caro *pinta*, pois agora é que V. vem? e quer o premio, não é? Tenha paciencia. V. acertou mas... Ignês é morta. Para outra vez não tome o bond do Sacco do Alferes.

F. A.

## FACTOS E NOTICIAS

D. AUGUSTA DE SÁ CARVALHO

A senhora cujo nome encima esta noticia foi uma aproveitada alumna da Escola Normal de Nieheroy, que a diplomou professora publica, depois de um curso brilhante. Havendo desposado a Sr. Aldano L. Cesar de Oliveira, escrivão da collectoria do Rio Bonito, teve este cavalheiro a infelicidade de perdê-la pouco tempo depois do casamento. Para honrar a sua memoria de mansira digna dos seus merecimentos, instituiu o Sr. Aldano um premio denominado «Premio D. Augusta de Sá Carvalho», constante de uma moeda de ouro do valor de 20\$000, para ser entregue á alumna d'aquella escola do curso de 1886 que mais se honresse distinguindo nos exames; premio que conbê á

Exma. Sra. D. Ignês de Castro Barbosa, que, a juizo da commissão examinadora, foi a que mais se distinguio nos ultimos exames, tendo sido habilitada a exercer o magisterio publico. O Sr. Aldano do Oliveira tenciona offercer annualmente o dicto premio, enquanto o permittirem as suas condições de fortuna.

E' uma acção piedosa e util, que muito o honra.

Partio hontem para S. Paulo o eximio pianista e compositor Carlos de Mesquita.

Vae áquella capital dar um concerto, que será certamente um novo triumpho para o nosso joven compatriota.

Acha-se completamente restabelecido da grave molestia de que foi acometido, o distincto latinista e illustre litterato Dr. Castro Lopes.

Appareceu em Lisboa o esperado livro de José de Souza Monteiro — *Os amores de Julia* (scenas da antiga Roma) E' uma obra de excepcional valor litterario e historico, tirada apenas em uma edição de tresentos exemplares. Vae entrar em concurso com *A Reliquia* de Eça de Queiroz para a obtenção do premio annual da Academia Real de Sciencias de Lisboa.

E a proposito, Sra. *Gazeta de Noticias*, que é da prometida *Reliquia*?

FALLECIMENTO

Victima de uma lesão cardiaca, falleceu no dia 2.º honrado e bravo capitão Ataliba Manuel Fernandes.

A' sua Exma. familia e ao seu sobrinho o nosso companheiro Alfredo de Souza damos os nossos sinceros peza-mes.

## SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação *da Semana*, e que se acham quitos para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 33, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem adicionados os dos cavalheiros que, sendo igualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, virem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro do anno passado.

CORTE

(Continuação)

Conselheiro Sancho de Barros Pimentel  
Exma. Viuva Buarque de Macedo.  
Dr. Francisco Ramos Paz.  
Dr. Feliciano de Lima Duarte.  
Luiz Carlos Nazareth.  
Major Marianno Antonio Amorim Carrão.  
Padre Manoel Antonio Ferreira,  
Henrique Joaquim d'Avila.  
Manoel José da Cunha Osorio Junior.  
Munoel Antonio Osorio.  
Joaquim Rodrigues da Silva.  
Capitão Austriclinio Villarim.  
Alfredo Cesar da Silveira.  
Benigno Salgado.  
Honorio Pinto.  
Adriano A. Gallo.  
Fidelis Velloso Lessa.  
Joaquim Rodrigues Ferreira Valle.  
Ulysses Cabral.  
Fortunato Ferrão.  
D. Senhorinha de Mello.  
Domingos Rodrigues do Nascimento.  
Dr. Charles de Bailly.  
Dr. Silva Araujo.  
Eduardo Nobrega.

## CORREIO DA GERENCIA

Sr. Antonio de Souza Menezes—S. José de Leonissa. A collecção, encardernada, do anno de 85, custa 15\$000. Remessa por nossa conta.

Sr. F. M. Torros Braga—Tanguá—E' V. S. um dos cavalheiros a quem mais reconhecimento devo a empreza d'esta folha. Manifestando-l'ho aqui, só cumprimos um gratissimo dever.

## RECEBEMOS

*Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculos ns. 56 e 57. Impressão nitida, gravuras boas.  
— *Revista Phiotecnica*, n. 6. Trata da dinamica applicada, Estradas de ferro, da chimica organica, Industria e outras coisas scientificas e praticas, quo são de grande utilidade para os nossos tempos.

— *Os incisivos de Lisboa*, fasciculos 11 e 12; grande fanca de Gervasio Lobato & Jayme Victor.

— *La Union Ibero-Americana*. Um folheto, especie de relatorio.

Vamos ler.  
— *As injeções hypodermicas nas crianças*, tratado de grande utilidade clinica, escripto pelo Sr. Dr. Aquino Fonseca.  
Este generoso livro vem preencher uma lacuna deveras sentida em nossa vida medica. O hypodermismo nas crianças tem sido até hoje entre nós um tanto descuidado, quando é aliás um ponto que por todas as razões merece ser estudado attentamente.

O livro do Dr. Aquino é escripto em linguagem simples e laconica, como convem ás obras do genero a que esta pertence.

Da importante casa *du Petit Journal*, dos Srs. Henri Nicoud & C. os esplendidos jornais de modas *Printemps* e *Salon de la mode*.

## ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

## AMERICANA

Esta excellente bebida, composta de substancias inteiramente inoffensivas á saude, como o demonstrou a analyse feita no Laboratorio de Hygiene pelo distincto medico Dr. Borges da Costa, acha-se á disposição do publico no estabelecimento de

FARIA BRAGA & C.

14 Rua da Guarda Velha 14

## RASOIR MECANIQUE

NAVALHA MECANICA  
Onze medalhas de ouro em exposições na Europa e Estados Unidos

FACIL DE MANEJAR E IMPOSSIVEL DE FERIR  
INDISPENSAVEL A TODOS

LAMINAS EXTRAORDINARIAS PARA O RASOIR

Umbelino Dias—unico importador na America do Sul

60 Rua da Uruguayana 60

Distribuição gratuita do almanack Bain.

## MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS

Objectos de colchoaria, ospelhos, aparelhos de porcellana, tapetes, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno do casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visitala.  
172 RUA DO HOSPICIO 172

David José de Oliveira

## COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Cognac e licôres de Marie Brisard & Roger — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Roger são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhuma addição de outra qualidade de aguardente. Pede-se toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offercidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unicos agentes nesta corte: Karl Valais & C., 34 rua da Alfandega.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

## A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

# LOTERIA DO GRAM-PARA'

## 200:000\$000

8ª PARTE DA 1ª LOTERIA

### EXTRACÇÃO — Quinta-feira 10 de Fevereiro — EXTRACÇÃO

AO MEIO DIA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES  
E NA AGENCIA

Remessa para fóra com antecedencia e sem commissão

## 23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

# EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela Junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulus, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao olio simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do olio, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

# GRANDE LOTERIA

DA

# PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrução Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR **2,000:000\$000** PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR A 12 DE FEVEREIRO PROXIMO FUTURO, IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até heje tem apparecido ; com a diminuta quantia de 1\$000 pôde-se obter 100:011\$000

| EXTRACÇÃO  |   | EXTRACÇÃO            |     |
|--|---|----------------------|-----|
| 12 DE FEVEREIRO  |   | 12 DE FEVEREIRO      |     |
| PROXIMO FUTURO   |   | PROXIMO FUTURO       |     |
| Não ha transforencia   |   | Não ha transferencia |     |
| PREMIO MAIOR   |   | PREMIO MAIOR         |     |
| 2,000:000\$000   |   | 2,000:000\$000       |     |
| PLANO  | 1 Premio de.....  | 2.000:000\$000       | UNO |
|  | 1 dito de.....  | 1.000:000\$000       |     |
|  | 1 dito de.....  | 500:000\$000         |     |
|  | 1 dito de.....  | 200:000\$000         |     |
|  | 1 dito de.....  | 100:000\$000         |     |
|  | 2 ditos de.....   | 100:000\$000         |     |
|  | 10 ditos de.....  | 20:000\$000          |     |
|  | 30 ditos de.....  | 10:000\$000          |     |
|  | 99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a.....   | 5:000\$000           |     |
|  | 99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a.....   | 2:000\$000           |     |
|  | 99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a.....   | 1:000\$000           |     |
|  | 99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a.....   | 500\$000             |     |
|  | 99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a.....   | 300\$000             |     |
|  | 5.000 ditos para todas as centenas cujos dous algarismos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivé, a..... | 200\$000             |     |
|  | 50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for igual ao da sorte grande, inclusivé, a.....           | 20\$000              |     |
| 2 aproximações para o 1º premio a.....                               | 50:000\$000   | 1.000:000\$000       |     |
| 2 ditos para o 2º premio a.....                                      | 30:000\$000   | 100:000\$000         |     |
| 2 ditos para o 3º premio a.....                                      | 20:000\$000   | 60:000\$000          |     |
| 2 ditos para o 4º premio a.....                                      | 10:000\$000   | 40:000\$000          |     |
| 2 ditos para o 5º premio a.....                                      | 4:400\$000  | 20:000\$000          |     |
| 55.552 premios no valor de.....                                      | 7.500:000\$000  | 8:800\$000           |     |
| Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despesas..... | 2.500:000\$000  |                      |     |
| 500.000 bilhetes a 20\$000.....                                      | 10.000:000\$000   |                      |     |

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com antecedencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

# N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico--Pardal--Caixa do Correio n. 301--Rio de Janeiro

# MOINHO FLUMINENSE

SOCIEDADE EM COMMANDITA

## GIANELLI & COMPANHIA

CAPITAL..... 2,000:000\$000

Dividido em 4.009 acções de 500\$000 cada uma, das quaes os incorporadores se subscrevem por 400 acções

SÉDE NESTA CORTE

BANQUEIRO: THE LONDON & BRAZILIAN BANK, LIMITED

### FIM DA SOCIEDADE

O fim desta sociedade é a exploração da moagem do trigo e de outros cereaes em grande escala e fomentar por todos os meios a seu alcance o desenvolvimento da cultura dos cereaes ao Brazil.

**CHAMADA DE CAPITAL** — Gianelli & C. preteadem chamar sómente 50 % do capital que julgam sufficiente para a realização do objecto social, sendo as entradas feitas do modo seguinte: a 1ª de 10 % no acto da assignatura do contracto social; a 2ª de 15 % trinta dias depois desta data e a 3ª 25 % até o dia 15 de Junho do corrente anno.

**PRASO SOCIAL** — As suas operações deverão ter principio no dia 1º de Julho do correute anno e durarão emquanto convier.

**FABRICA** — O estabelecimento do Moinho Fluminense deverá ficar prompto para fuaccionar até o mez de Agosto do corrente anno; sorá situado em um predio da rua da Saude com caes para embarque e descarga dos generos e mercadorias a receber e expedir por mar; assim como com facilidade para embarques pelas estradas de ferro e coasumo local.—Os machinismos encomendados aos melhores fabricantes da Inglaterra, quo garantem o typo mais moderno e a installação mais aperfeçoada para fabricar as melhores farinhas pelo systema Austro-Hungaro, serão montados por profissionais competentes e sob a direcção e fiscalisação de Carlos Gianelli, o qual se obriga a entregar o estabelecimento montado e prompto para trabalhar no praso fixado e pelo custo de 600.000\$000.—Os machinismos terão capacidade para moer cerca de 80 toneladas de trigo por dia, podendo ser aumentados, quando convier, até o duplo da moagem para o que tem o estabelecimento as necessarias proporções.

**GÉRENCIA** — O moinho será dirigido por Carlos Gianelli e Leopoldo Gianelli que são os socios solidarios, sob a firma de GIANELLI & C.; ambos têm longos annos de pratica neste ramo de industria, tanto no Rio da Prata como no Rio de Janeiro.

Uma das grandes vantagens, com que conta esta sociedade, é ter entre os seus accionistas a maior parte de negociaates de farinha e padeiros.—Os calculos juntos dos lucros provaveis apresentam um lucro liquido de 30 % sobre o capital realizado, deixando-se 94.195\$400 para cobrir dividas perdidas, depreciação dos machinismos e differença de cambio aa compra do trigo; e sendo os preços da venda das farinhas e do farello tomados muito abaixo dos actuaes do mercado, e o preço do trigo consideravelmente mais alto do que se tem verificado até aqui, os Srs. Gianelli & C. não exageram apresentando os lucros provaveis de 30 %.

**COMISSÃO FISCAL** — Será nomeada todos os annos uma comissão de accioistas a fim de fiscalizar os negocios da sociedade.—Propomos para membros desta comissão os Srs. accionistas:

E. A. E. Phipps — (Phipps Irmãos & C.)

Joaquim de Mattos Vieira — (Camara & Gomes.)

José Leite de Castro — (Moraes, Castro & C.)

José Maria Vieitez — (Vieitez & C.)

sujeito á sua acceptação e confirmação na 1ª assembléa geral.

Esta comissão tomará a si o encargo, além dos negocios da sociedade, de fiscalizar as obras, machinismos, etc. do moinho em projecto durante a sua construcção.

A subscrição de acções foi aberta no London & Brazilian Bank, Limited, á rua da Alfandega, no dia 25 do corrente, onde está exposta a planta do moinho. Para informações e prospectos no mesmo Banco; na rua do Ouvidor n. 34, sobrado, e nos escriptorios dos Srs. Phipps Irmãos & C., rua do Visconde de Iahúma n. 16, e Moraes Castro & C., n. 63 rua do Carmo.

Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1887.

Gianelli & C.

N. B. — As entradas serão feitas do modo seguinte :

5 % no acto da subscrição das acções no Banco.  
5 % no acto da assignatura do contracto social.  
15 % trinta dias depois deste acto, e a 4ª de  
25 % até o dia 15 de junho do corrente anno.

## CALCULOS DOS LUCROS PROVAVEIS

ASSIGNADO POR CARLOS GIANELLI

|   |                |                |             |                |
|---|----------------|----------------|-------------|----------------|
| <b>Trigo:</b>   |                |                |             |                |
| 80 toneladas de trigo por dia, em 300 dias de trabalho, 24,000 toneladas por anno, a 95\$ por tonelada.....                   | 2.280.000\$000 |                |             |                |
| <b>Carvão:</b>  |                |                |             |                |
| 1.600 toneladas a 20\$000.....  | 32.000\$000    |                |             |                |
| SUPERINTENDENCIA, mão de obra e pessoal de escriptorio.....   | 50.000\$000    |                |             |                |
| DESEZAS DE AZEITE, concertos de correias e outras miudezas.....   | 4.000\$000     |                |             |                |
| SEGUROS de predio, machinas e mercadorias em deposito.....  | 9.000\$000     |                |             |                |
| IMPOSTOS e decimas.....   | 1.000\$000     |                |             |                |
| EXPEDIENTE da Alfandega.....  | 48.000\$000    |                |             |                |
| SACCOS ou barricas para farinha.....  | 115.999\$800   |                |             |                |
| SACCOS para farello.....  | 40.600\$000    |                |             |                |
| JUROS e corretagem.....   | 25.000\$000    |                |             |                |
| PARA COBRIR dividas perdidas.....   | 20.000\$000    |                |             |                |
| DEPRECIACÃO de machinismo e do edificio.....  | 20.000\$000    |                |             |                |
| EVENTUAES como ser differenças de cambio, etc.....  | 54.195\$400    |                |             |                |
| <b>GERENTE</b> .....  | 18.000\$000    |                |             |                |
| LUCROS estimados (30 % liquido).....  | 300.000\$000   |                |             |                |
|   | 3.017.795\$200 |                |             |                |
| <b>FARINHA EXTRA</b> , igual á melhor de Trieste, 35 % do trigo, 8.400 toneladas, 93.333 barricas a 15\$500....               |                | 1.446.661\$500 |             |                |
| <b>FARINHA PRIMEIRA</b> , igual ás melhores americanas, 30 % de trigo, 7.200 toneladas, 80.000 barricas a 14\$500.....        |                | 1.160.000\$000 |             |                |
| <b>FARINHA SEGUNDA</b> , para bolacha e fabrica de tecidos, 7 1/2 % do trigo, 1.800 toneladas, 20.000 barricas a 12\$000..... |                | 240.000\$000   |             |                |
|   |                | 2.846.661\$500 |             |                |
| Desconto de 7 %.....  |                | 199.266\$300   |             | 2.647.395\$200 |
| <b>Farello:</b>   |                |                |             |                |
| 24 1/2 % de trigo, 5.880 toneladas, 140.000 saccos a 2\$000.....  |                | 280.000\$000   |             |                |
| Desconto de 2 %.....  |                | 5.600\$000     |             | 274.400\$000   |
| <b>Saccos vazios grossos:</b>   |                |                |             |                |
| Vindos com trigo, 240.000 a 400 rs. cada um.....  |                |                | 96.000\$000 |                |
|   |                |                |             | 3.017.795\$200 |

Rio de Janeiro, 1º de Fevereiro de 1887

CARLOS GIANELLI

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 12 DE FEVEREIRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 111

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
Aluizio Azevedo,  
A. de Souza e R. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                   |                    |
|-----------------------------------|--------------------|
| Expediente.....                   |                    |
| Galeria do elogio mutuo:          |                    |
| X-Moreira Sampaio.....            | A. AZEVEDO.        |
| Arthur Mendes.....                | A. REDACÇÃO.       |
| Historia dos sete dias.....       | FILINDAL.          |
| Canhenho de um excursionista..... | A. CRISO JUNIOR.   |
| De Henri Heine, poesia.....       | J. DE S. MONTEIRO. |
| «Francillon».....                 | AMIZ-ALAZ.         |
| Gazetilla litteraris.....         | A.                 |
| O chorão, poesia.....             | H. DE MAGALHÃES.   |
| Jornaes e revistas.....           | S.                 |
| Aqui, ali, acolá.....             | PASSEPARTOUT.      |
| Notas bibliographicas.....        | F.                 |
| Thestros.....                     | P. TALMA.          |
| Correio.....                      | ENRICO.            |
| Correio da Gerencia.....          |                    |
| Secção de honra.....              |                    |
| Factos e Noticias.....            |                    |
| Festas, balles e concertos.....   | LOAGNON.           |
| Recebemos.....                    |                    |
| Anuncios.....                     |                    |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviamos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contas*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas orienturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivos biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.



Vae fazer trinta e sete annos, e é ainda imberbe. Ninguém lhe dá mais de vinte e cinco primaveras. Ninguém lhe dá nem elle pede.

Nasceu na Bahia aos 9 de Agosto de 1851, e veio muito criouca para a Côte.

Metteram-no no collegio Pinheiro, e elle apaixonou-se pelo estudo e por uma das filhas do director do collegio.

Um dia, *horresco referens!* apanhou meia duzia de bolos em presença da namorada; entretanto, essa humilhação, longe de desmoralisal-o aos olhos della, inflammou-o e decidiu-o definitivamente a amal-o com todas as forças de um coração de virgem. Entendam lá estns coisas! Casaram-se, e já agora têm uma encantadora filha de 14 annos. Estão aqui estão avós.

Moreira Sampaio, á custa de muito sacrificio, formou-se em medicina na Faculdade desta Côte em Janeiro de 1873; mas teve o imperdoavel desaso de trocar a nobre e independente profissão de medico pela de empregado publico. Tres annos depois de formado, entrou para a Bibliotheca Nacional.

Em Janeiro de 1879, por occasião da reforma da Secretaria do Imperio, fizeram-no official desta Repartição, onde até hoje se tem conservado.

O meu amigo teve sempre um pendor irresistivel para a imprensa. Nos tempos de estudante, e mesmo depois de formado, fundou os periodicos *Minerva*

e *Aurora litteraria*. Além disso, collaborou em muitas folhas, e ainda ultimamente, na *Vida Moderna*. As *Novidades* não são, pois, como se tem dito, a sua estreia de jornalista.

Mas o que elle é, sobretudo, é um comediographo; é essa a feição mais pronunciada do seu talento. Tivessemos um theatro, e Moreira Sampaio figuraria, na primeira plana, como um dos mais legitimos herdeiros do Martins Penna.

A comedia de costumes, a julgar por alguma coisa que elle conseguiu fazer representar, teria em Moreira Sampaio desvelado cultor, digno de todos os applausos.

A apresentação e o estudo, embora superficial, dos typos e caracteres; o desenvolvimento das scenas; o encadeamento das situações; o dialogo; a phrase incisiva, theatral; essa coisa que agora se chama o *naturalismo*, que já se chamou o *realismo*, e que sempre se ha de chamar a *verdade*,— tudo isso são segredos de arte de fazer comedias, — e elle os possui, felizmente, alguns por admiravel intuição litteraria, outros em resultado da leitura dos mestres.

Em Junho de 1883 escrevi na *Gazetinha* o seguinte, a proposito de uma comedia sua:

«Ha muito que esperar das aptidões do Sr. Dr. Moreira Sampaio; se ha um Deus para as coisas do theatro, esse Deus que o não deixe esmorecer, que o

faça resistir heroicamente á indifferença dos tolos e á malevolencia dos pedantes.»

Reproduzo esse trecho, porjns naquelle tempo eu ainda não tinha relações de amizade com ouctor dos *Botucudos*.

Além de um som numero de traducções, e duas parodias, *Rosa da Pariza*, da *Dalila*, e *Afferes Buscapé*, da *Anda*, e das quatro revistas de 1883, 1884, 1885 e 1886, escriptas de collaboração com o meu melhor amigo, Moreira Sampaio tem escripto as seguintes peças originaes: *Entre o Cassino e o Phenix*, 3 actos, *Fagundes & Companhia*, 3 actos, *Os Botucudos* (um primor de graça e observação) 3 actos, *O diabo e o sapateiro*, 1 acto, *O meu amigo Camillo*, 1 acto, *O carnaval de 1882*, 1 acto, o *Rosa murcha*, 1 acto, e em verso.

Já ngorn só me resta dizer que o meu amigo é um bom rapaz, dotado de excellentes qualidades, prompto sempre a sacrificar-se por um camarada, e incapaz de se vingar de quem quer que seia.

Vae para cinco annos que somos amigos intimos: estou habilitado a consagral-o como typo da lealdade. Ah! esquecia-me dizer que Moreira Sampaio chama-se Francisco, o já foi subdelegado e membro do Conservatorio Dramatico.

ARTHUR AZEVEDO.

## ARTHUR MENDES

Parte hoje para a Volta Redonda, onde vae fixar residencia, o nosso companheiro estimadissimo, Arthur Mendes, o qual, quasi que desde a fundação d'A Semana, tem servido o cargo de secretario d'esta folha e tem sido um dos seus mais frequentes collaboradores.

E' com grande pezar que o vemos, forçado por circunstanças superiores á sua vontade, privar-nos dos seus proveitosos e desinteressados serviços.

Arthur Mendes é um moço tão intelligente quanto modesto, leal e trabalhador.

Onde quer que se encontre, ha de sempre A Semana levar-lhe a sua saudade e o seu reconhecimento.

Que o nosso amigo encontre fóra d'aqui o completo restabelecimento de sua saúde e todas as felicidades de que o fazem digno o seu talento e o seu caracter—são os nossos sinceros votos.

A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Offereço uma curul de senador do imperio, uma concessão de loteria e uma penna de oiro a quem me trouzer um escandalo grande e authentico, solidamente provado e documentado, que me dê quatro tiras de prosa *ecclatante* com quatro pilherias originaes.

Faço esta proposta ao publico em geral e ao meu leitor em particular, a ver se decido alguém a praticar esse

escandalo almejado, visto ser o interesse que move os homens e dá leis ao mundo.

Nas folhas da semana não achei nada que vallesse a pena de revolver o cneophalo á cata de uma phrase peregrina, de um conceito philosophico, de duas palavras pittorescas e coloridas.

O que hoje não vale mein bora de prosa nem dois minutos de meditação. Emfim, vamos lá passar em revista a semana esteril e examinar o que nella se passou de mais crificavel.

Quandj ou n'a pas ce que l'on aime. Il faut aimer ce que l'on a.

Morreu a questão militar, coitadinha, e morreu para bem de todos,—inclusive os próprios militares—que iam pelo declive da indisciplina cahindo no abysmo impopular dos pronunciamentos.

Uma menia sentida em versos de pés quebrados e todos agudos, como quer o nunca assás C. de L. do *Microcosmo*, ou um pouco de latim rancido não ia mal nesta noticia fúnebre; mas eu sou piedoso: fique tranquillo o leitor, que lhe não impingirei latim nem versos erados.

Todos sabem que o Rio de Janeiro, se não é uma cidade porca como era a Lisboa do seculo passado, não é tambem um modelo de limpeza; mas a sua insalubridade não provém unicamente da incuria municipal, mas tambem, e talvez principalmente, do seu systema de construcções, da estreiteza das suas ruas, da immundicie particular do interior de muitas casas, sobretudo de certos bairros pobres, onde ás habitações faltam todas as condições de hygiene, pois não têm ar, nem luz, nem agua sufficientes ás necessidades indclinaveis da vida.

Foi pensando nestas calamidades que affligem a população da nossa capital, que um cidadão italiano, o Dr. J. Fogliani, ha annos residente entre nós, e benemerito pelo seu talento e dedicação ao Brazil, se lembrou de combinar com o Dr. Ferreira de Araujo, o illustre redactor e proprietario da *Gazeta de Noticias*, a abertura de um grande boulevard, que, partindo da rua Primeiro de Março, desembocasse no parque da Acclamação, occupando em largura o espaço comprehendido entre as ruas do Hospicio e do Senhor dos Passos, ruas onde ha muitos pardieiros indecentes, indignos de uma capital. Os dois cidadãos projectaram a obra, desenharam o plano, calcularam as despezas e os proveitos, e apresentaram tudo ao parlamento, pedindo concessão para executar o grande melhoramento.

Obtido agora o necessario decreto de concessão, convidaram no dia 19 varios eugeubeiros, medicos e jornalistas, e, depois de toda a precissão organisação no parque da Acclamação, foram percorrer a zona onde tem de ser aberto o boulevard.

Eu lá estive tambem, que tambem fui da sucia, e trouxe, ao voltar, a convicção de que a obra em projecto é uma obra monumental, que ba de dar á cidade um valor enorme, melhorar consideravelmente a sun bygiene e augmentar a sua belleza, por enquanto muito semelhante, guardada n indispeusavel relatividade, á do cidadão José Fernandes de Castro, por alcunba —O Urso, sem oitonsa ao respeitavel Sr. Conselheiro Henriques.

Bato d'aqui as palmas sinceras do meu applauso aos iniciadores e executores da mais arrojada obra que se ter

projectado no Brazil, e ardo no desejo de ver coinegados os trabalhos de demolição dos pardieiros da rua do Senhor dos Passos, porque estou morto por ver-me no esplendido boulevard da Imprensa, escrevendo as chronicas d'A Semana no terraço da casa nova, sobre a galeria da direita, n. 36 — que é o numero predilecto cá da rapaziada.

Um acontecimento espantoso deu-se nesta pobre semana que hoje acaba. Foi a nomeação do Sr. Luiz Mendes Ribeiro para commissario da imigração na Europa.

Espantoso porque? perguntará naturalmente o leitor. Ah! meu caro amigo, se a gente pudesse sempre explicar o espanto que sente ao ver ou saber certas coisas, bem bom seria! Não sei, meu rico senhor, não sei porque, mas garanto-lhe que foi espantoso o caso. E garanto-lho porque vi muita gente espantada por causa d'elle, e porque o proprio *Jornal*, que se não espanta nunca, o commentou com certo espanto e uma tal malicia, que se pôde bem qualificar de perversidade:

Ora leia este periodosiubo de uma varia de quinta-feira:

« Não nos consta que o Sr. Luiz Mendes seja bomeim tão perigoso que o governo queira deportar-lo a todo o custo, não podendo fazel-o summarariamente, por ser cidadão brasileiro. »

Já viram alguma coisa mais capciosa e mais perfida?

Eu declaro que nunca vi.

Mas o que é mais extraordinario e ainda mais espantoso é que, segundo diz a *Gazeta* de hontem, o Sr. Ribeiro « não parte para a Europa, como agente official de colonisação. »

Não sei que possa ter o Sr. Ribeiro que o incompatibilise com o alto e rendoso cargo de agente de colonisação na Europa, mas sei que é elle quem perde pela certa neste jogo... de noticias.

O que se deve constatar, com gallicismo e tudo, é que, d'esta vez, o governo cedeu á opinião publica e á da imprensa, que não viram com bons olhos a nomeação do Sr. Ribeiro. Ainda bem. Se o governo se guiasse sempre pelas necessidades e exigencias da opinião, viveriamos com elle como Deos com os anjos.

Até eu era capaz de pagar ao meu barbeiro, ao Matto — porque eu faço a barba no Matto — a raspação do *cavaignac* do Sr. Mac-Dowell.

Houve nesta semana um rapto e o julgamento de um outro.

Dois escandalos de pouca monta, porque afinal isto de raptos, desde que não haja violencia, não me parece crime de guindar uma pessoa ao Himalaia da indignação.

Aquillo é como se diz na *Familia phantastica*:

— Eu amo!  
— Tu amas!  
— Nós nos amamos!

... a tua familia oppõe-se ao nosso enlace porque eu sou pobre ou bilontra, mas tu, que sabes d'isso, queres-me assim mesmo — acabou-se; dá cá o braço e vamos por esse mundo fóra, até que nos obriguem a fazer o que por vontade já teriamos feito.

Não o entende assim o Sr. Dr. presidente do tribunal do jury, que, com a sua intervenção nos dominios da promotoria, obrigou o conselho no dia 9 a condemnar a tres annos de prisão fe a

dotar a raptada — o reu José Alvos Machado, que estava prompto a casar-se com ella so a isso não se oppuzosse, implicita e illegalmente, o Sr. presidente do jury. A sentença foi immoral.

Que acontecerá agora?

Acontecerá que a Relação ha de forçosamente reformar a sentença e obrigando o reu a casar-se com a offendida — que elle, aliás, não offendeu — e o Sr. presidente não se livrará mais da boa sova que lhe deu a *Gazeta* de 10, sova que nem Santo Antonio é capaz de lhe tirar da reputação.

Ora ahí está.

Eu, se alguma vez perdoar o juizo e me resolver a raptar uma moça, hei de ter o cuidado de me casar primeiro com ella. O Sr. juiz é que não me apanha nas malhas da sua rhetorica nem que me escache.

FILINDAL

### CANHENHO DE UM EXCURSIONISTA

III

AVELLANEDA, ROCA, CHESTER ALPHUR.

Estava de detestavel humor D. Nicoláo Avellaneda no jantar em casa do Dr. Estanisláo Zeballos, em que o vi pela primeira vez.

A molestia que, tão prematuramente, o arrebatou, já o minava nessa época, tornando-o extremamente susceptivel e irritado. Acabavam-se presentes alguns ministros de Julio Roca, a cujos actos o ex-presidente não prestava inteira adhesão. A proposito do Congresso Pedagogico, então reunido, travou-se á mesa viva discussão entre elle e Dr. Wilde, secretario de estado dos cultos e intrução publica. Comquanto perfeitamente cortez, a controversia foi adquirindo a pouco e pouco tons acriminosos: — os contendores falavam alternadamente, sem interrupções, absorvendo a attenção dos convivas, de fórma que o excellent *menu* ia passando despercebido, prejudicado e servido, pois os criados tinham de esperar largo tempo que tocassem nos pratos, muitos dos quaes devolviam intactos. Era visivel o constrangimento dos donos da casa, que, varias vezes, delicadamente tentaram dar termo ao incidente; mas Avellaneda, nervoso, pallido, obstinado, alisando o longo e espesso *cavaignac*, tornava logo á questão. Só se conteve ao *champagne*, por occasião dos brindes, ficando taciturno e amuado. Por fim, querendo quebrar a geral frieza, começou a dirigir a palavra a todos os circumstantes; atravez, porém, das expressões affaveis, transparecia-lhe o surdo agastamento. Voltando-se para mim, de repente, inquirio, ligeiramente ironico:

— Com que então o Sr. deputado faz versos?...

— Satyricos ás vezes; retorqui sorrindo.

A minha resposta contrariou-o. Percebi-lhe o esforço para encontrar uma replica polidamente esmagadora. Não a achando, murmurou apenas: — Ah! bem! e virou-se para outra pessoa.

Dissipou-se-me totalmente esta primeira impressão de D. Nicoláo Avellaneda quando, um anno mais tarde, passou elle alguns mezes no Rio de Janeiro. Não ba aqui quem o conhecesse e não se recorde com saudade d'aquelle cavalheiro fino e amavel, de maneiras tão insinuantes e tão fidalgas, que tão amigo nosso se mostrava, proferindo a cada passo eloquentes pbra-

ses de lisongeira surpresa acerca dos homens e das cousas do Brazil.

Fui apresentado a Julio Roca por seu secretario particular, o distincto poeta Alberto Navarro Viola, fallecido, pouco depois, na flor da idade, deixando opulento espolio de preciosissimos escriptos. Era noite de recepção: — atope-tados os extensos salões do general de casacas e de uniformes. Alto, elegante, muito calvo, apezar de moco, uma expressão de energia e de bondade no masculino semblante, attendia elle a todos com a maior distincção. Tratou-me com apurada amabilidade, apresentando-me a muitos do circumstantes, sumidades politicas, litterarias e militares, entre os quaes a Juarez Celman, actual presidente da republica, então governador de Cordoba, seu cunhado, e conversando longamente commigo, de pé, junto ao fogão. Fez-me mil perguntas sobre o Brazil, interessando-se sobretudo pelos assumptos concernentes á intrução publica. Ha na sua pessoa alguma cousa de imponente e de insinuante, que lhe captiva as vontades e as sympathias. E' incontestavelmente um homem habil. Começou a ser governo bombardeando Buenos-Ayres, destituindo as auctoridades legais d'essa provincia, prometendo, ao que se diz, tres dias de saque a seus soldados. Accusam-no de haver feito politica exclusivista e de nepotismo. Mandou fechar as portas da cathedral para impedir que as familias dos revolucionarios mortos em combate dessem publica demonstração de pesar; levou a divida publica de 52 milhões de pesos fortes a 150 milhões; contrariando antigos estylos, não publicou as contas de sua administração; visando ao que denominava *equilibrio federal* ou *governo forte*, centralizou extraordinariamente a accção administrativa da republica; foram assassinados sob o seu dominio deputados e senadores opposicionistas; empregou a mais desenfreada cabala official para fazer eleger Juarez Celman; os seus parentes e apañiguados enriqueceram, ao que quotidianamente se escrevia na imprensa, em equívocos negocios. Mas, a despeito de tudo, Julio A. Roca deixou a presidencia, popular, bemquisto e respeitado, cabendo-lhe a gloria de passar a nação ao seu successor, — como elle proprio affirmou na mensagem de despedida, — maior, mais prospera, mais rica, em plena paz, recebendo annualmente cerca de 120 mil immigrants espontaneos da Europa. Para commemorar a terminação do seu periodo presidencial, inaugurou na capital 40 escolas publicas, verdadeiros e magnificos palacios.

Emquanto conversavamos, D. Julio Roca teve a gentileza de me offercer um charuto. Recusei, allegando que não fumava; mas, ou não acreditasse, ou não me ouvisse, occupado em attender a um official que lhe dirigira a palavra, o presidente fez-me taes gestos de insistencia, que, acanhado, não tive remedio senão acceital-o e acendel-o ao phosphoro que me apresentou. Era um excellent *havana*, capitoso, fortissimo. Ao cabo de algumas baforadas, sentindo-me tonto, deixei-o apagar-se: — acudio amavelmente o general com outro phosphoro. Fui obrigado a trazer todo aquelle calice; de sorte que, ao retirar-me, levava as mais gratas impressões de D. Julio Roca e da sua inexcusable obsequiosidade, ao lado de





Ah, escriptores francezes, sois vós, felizes succelotes d'esta grande religião das letras, os únicos que podem ver verdadeira e plenamente felizes no mundo incompreensível do espirito. Sois vós que deveis sentir deveras a voluptuosidade da vossa prolifação de artistas da palavra. Escreveis, felizardos, em uma lingua que todo o mundo lê ou finge ler: escreveis um um tal meio litterario que, por peiores que sejaes, haveis de ser hoas, porque o resto do mundo não vos perdoaria o serdes moos.

Vé, leitor da *Semana*, vé como esta minha pobre lingua portugueza s tudo me obriga, ate fallar em tratamento de vós, o quo em francoz é natural e elegante e em portuguez é affectado e desairroso.

Ah! Inconfessavel martyrio é este de escrever a gente num lingua e confessar que desejaria escrever noutra. Quo me importa a mim que o senhor Tulio, auctor dos *Estudinhos da Lingua portugueza*, e quejandos puristas visionarios que affirmam que a nossa lingua é a melhor do mundo, digam que eu, dizendo isto, não passo de um pedaço d'aeno?

Sim que me importa, so a nada sacrifico a minha sinceridade e a verdade é quo o mais profundo desgosto, o mais negro pezar, invade-me todo, quando eu me lembro que tudo o que mo eahio já dá penna, tudo o que está eehindo, e tudo o que ha de eshir, é escripto em portuguez, o que significas que não foi nunca escripto, porque o portuguez não existe.

Tristo o verghosa evidencia. Ter uma lingua s não ter um idioma; escrever e não publicar senão para dois paizes que nada mais são ainda do que duas hypothosos no mundo em que se pensa, e se concebe, e se determina.

Tudo isto, meu leitor, é proposito da nova peça de Alexandre Dumas, como poderia ser a proposito de um conto de Goutalle Mendés.

E Catullo Meadés, adorabilissimos leitores, é um portuguez de muito menos morio e capacidade do que Eça de Queiroz; mas este escreve em portuguez, e aquelle talha as suas mimosas composições nossa lingua venturosa e gloriosa em que escreveu Boileau e em quo escreve Armand Silvestro.

#### PHENIX DRAMATICA

Desenterrado da poeira dos archivos dramaticos reapareceu na Phenix *O Conde de S. Germano ou o Diabo em Paris*, drama que viramos pela ultima vez ha mais de vinte annos, fazendo então o protagonista o finado actor Guerreiro.

A reprise do *Conde de S. Germano* assignala mais uma vez a boa vontade da empreza da Phenix em variar os seus spectaculos e evidencia, no desempenho da peça, os esforços e estudo d'aquella troupe dramatica para hem correspondo ao publico, que, afinal, parece encaminhar-se regularmente para o velho theatro da rua da Ajuda.

O drama tem todas as qualidades para agradar muito, (de parte umas pequenas inverosimilhanças conhecidas por conveniências scenicas); e de facto agradou, como o provam as successivas enchontes que o theatro tem tido e os applausos que os espectadores tributam aos artistas encarregados do seu desempenho.

D'estes destacaremos D. Julia de Lima, que provou novamente o seu talento e hella intuición no papel da marquezia Appiani, fazendo todo o 5º acto, especialmente, de um modo digno dos mais francos louvores; D. Francisca de Salles, que no difficil papel da cega manifesta os seus constantes progressos e dedicación pelo trabalho; Lishoa, no protagonista, embora não achemos que o personagem hem calhasse; Pestana que fez esplendidamente o Antonio Arara e, finalmente, o actor Galvão, que desempenhou correctamente o papel de que se encarregou.

Os demais artistas contribuíram para o bom exito da peça, que está posta em scena cuidadosamente e que, por todas estas razões, deve tugar ainda muito tempo nos cartazes da Phenix.

O drama repete-se hoje e amanhã.

Prepara-se neste theatro uma comedia revista, com o titulo *Ha alguma differença?*

Dizem-nos ser feita pelo Sr. A. Fahreges em collahoração com o actor B. Lishoa.

#### LUCINDA

Os artistas da extincta companhia Cardoso constituiram-se em associação e vão trabalhar neste theatro.

Da nova associação fazem parte Xisto Balthia, Peixoto, Colás, Fanny, Clelie, Jacintha de Freitas e outros artistas conhecidos e estimaveis.

Logo depois do carnaval representarão uma nova revista do anno, escripta pelos nossos collegas Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

#### RECREIO

Por toda esta semana deve subir á scena d'este theatro o grande drama *Maria Antonietta*.

Por enquanto continúa a *Familia Phantastica* a receber lá as visitas do publico.

#### SANT'ANNA

Parte brevemente para a Europa a estimada Mme. Delmary.

Para substituí-la, contractou o Heller a Sra. Massart, que se estreiará na *Toutinegra do Templo*.

#### PRINCIPE IMPERIAL

Zé Caipora tem feito o diabo e continue a passar em revista os acoutecimentos do anno passado.

E agora vae-lhe o auctor offerecer meis um quadro, dizem que muito bom.

Depois d'amanhan — a recita do auctor.

Parahens ao Mschado.

P. TALMA

#### CORREIO

Sr. A. de Fontoura (*Capitão honorario e alfaiate*) Lemos a sua *Reminiscencia ao Publicador Coyano* (olhe bem: *nicencia*!) e d'este seu artiguinho apenas estamos de accordo com estas suas tres primeiras palavras: *Sou muito ignorante...* — Lá isso é. E não se *azangua*, seu capitão alfaiate.

Sr. Xavier Marques. Muito agradecidos pelos seus ossequios e pelas suas amáveis palavradas. Não tem nada por que nos fique obrigado: apenas fizemos justiça ao seu talento e ao merito de sua obra. Perdoar-nos-á a liberdade de transcreever, em outro logar, algunes das criticosss observações de sua carta? Fazemol-o sem que, comtudo, possemos attribuir as suas palavradas a nós referentes senão á sua hondade e á sympathia que desde muito manifesta pel'*A Semana* e que esta cordialmente agradece.

Sr. — Um assignante d'*A Semana*. — A' consulta que hontem recebemos sobre F. e S. não podemos responder, por ser ella anonyma. Queira, pois, o consultante vir subscrever-l'a.

Sr. S. O seu sonetinho ao « graciosos Arlindo » é bonitinho; dar-lhe-lamos mesmo um logarzinho mas temos todo o nosso espaço occupadinho.

Sr. J. B. O Dr. Sshen diz que não se lembra de haver tratado da tal historia da longévidade. E não — que não podemos dar-lhe mais expliações porque não lhe sabemos o nome, e sómente ás consultas de assignantes temos por praxe responder.

ENRICO.

#### CORREIO DA GERENCIA

Sr. Antonio de Souza Menezes — S. José de Leonissa. A colleção, encardernada, do anno de 55, custa 158000. Remessa por nossa conta.

Sr. H. Velloso. — S. José d'El-Rei — As condições da assignatura d'esta folha são publicadas na sua primeira columna, como V. S. poderá verificar no exemplar que sempre lhe remettemos gratuitamente.

Sr. A. M. de Souza. — Sant'Auna de S. João Ácima. — Não cousta que V. S. já tenha pago a sua assignatura. Está, pois, em debito desde que recebe a folha.

#### SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d'*A Semana*, e que se acham quites para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 39, uma relação dos seus nomes, á qual serão tauhem addicionados os dos cavalheiros que, sendo igualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, virem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro do anno passado.

#### CORTE

(Conclusão)

Felisberto Domingues Lopes. Carlos Moraes. Antonio Joaquim Pereira de Almeida. Custodio Teixeira Pinto. Dr. Araujo Filho. Congresso Brasileiro. Bento Antonio Baptista Ferreira. Manoel de Freitas Brandão. Antonio Pereira da Silva. Dr. Ubaldo do Amarsal. Cotrim de Almeida. Dr. José Antonio Lutterhach. Jacintho Roque Condé dos Santos.

#### FACTOS E NOTICIAS

A distincta e popular compositora D. Francisca Gonzaga offereceu-nos um exemplar da sua polka — *Viva o Carnaval!*

No genero é o que ha, para nós, de mais saltitante e alegre. *Viva o Carnaval!* é uma polka capaz de fazer dansar o Padre Eterno se elle, de lá do ethereo assento onde repouse, pudesse ou antes quizesse ouvir-l'a e apreciar-l'a, como nós, pobres mortees ligados a esta *borracheira* da vida, onde para esquecermos tristezas e maguas precisamos de tonicos como este, onde a musica arrebatana-nos e faz-nos cahir desassombadamente na dança.

Deliciosa a *Viva o Carnaval!*...

Casou-se, em Nitheroy, com a Exma. Sra. D. Angelina de Carvalho Leite, o Sr. Dr. Jorge Alberto Leite Pinto. Desejamos-lhes mil felicidades.

#### FALLECIMENTO

Temos a registrar pezarosamente a morte de D. Luiza Regadas, uma henermerita da grande causa do abolicionismo na Côte, causa a que ella dedicou o melhor de sua alma e de suas forças. Foi o rouxinol do abolicionismo — como bem disse Eloy o heróe.

#### FESTAS BAILES E CONCERTOS

##### CLUB GYMNASIO PORTUGUEZ

A commissão de socios d'este Club, por elle encarregada de offerecer ao seu presidente honorario, o Sr. F. J. de Figueiredo Cardoso, um sarão artistico e dançante, desempenhou-se galhardamente d'esse encargo, realizando tal earão no ultimo sabbado, com extraordinaria concurrencia de senhoras, de socios e de convidadas.

Brihantemente organizada, a festa começou pela execução do seguinte programma:

1ª parte, representação do drama em 2 actos original do Sr. Figueiredo Cardoso, *Pombal e os Jesuitas*, desempenhado por amadores, entre na quaes muito se distinguiram as Exmas. Sras. E. Chello, E. de Oliveira e A. Coulomb. 2ª parte — Inauguração do retrato do Sr. Figueiredo Cardoso, pronunciando, a proposito, um bello discurso, o Sr. J. Reynaldo de Faria. Falou tambem o Sr. Consul de Portugal, sandando o Sr. F. Cardoso.

Este cavalheiro respondeu, agradecendo aquellas manifestações.

3ª parte. — Representação da espiuítica comedia *Milagre de Santo Antonio*, magnificamente desempenhada.

Seguiu-se um salmedissimo baile em que tomaram parte cerca de 200 paroes, dançando-se até á madrugada do domingo.

O salão estava artisticamente decorado. Havia profusão de luzes, boa musica e a gentileza o hellas toilettes de muitissimas senhoras.

A directoria e a commissão de offer-tantes foram prodigas de finezas e amabilidades para com os seus convidados, preeditando a toda a festa e maior ordem e animação possíveis.

##### CLUB DOS TUCANOS.

Na mesma noite deu esta florescente associação uma hella partida familiar, dançando-se animadamente até hora hastente adeantada.

Elegantemente ornados, os salões estavam repletos de distintas familias e convidados, para quem a directoria e socios foram de inimitavel gentileza.

##### CLUB DOS POLITICOS.

Um elegante e artistico cartão avisou-nos de que o *high-life* do *demi-monde* se congregaria ali sebbado para arrular aquellas melodiosas phrasas que enchem de harmonias encantadoras os esplendorosos salões da sympathica associação.

Dizer que lá estivemos, seria por demais inutil, porque o que é certo é que lá estaríamos ainda se o implacavel Phebo não tivesse vindo dizer-nos que eram horas de nos recolhernos a bastidores.

Um brvvo aos Politicos!

A Sociedade Recreativa e A. S. José solemnisa hoje com um halle a posse da sua nova directoria.

LORGNON.

#### RECEBEMOS

— *Veneno, envenenamento e jurisprudencia relativa — Assassinato de Rosario Bani, distincção entre o suicidio e o homicidio por ferimento*, extractos da Revista dos cursos praticos e theoreticos da faculdade de medicina, publicados em dous folhetos pelo Dr. Antonio M. Teixeira.

— *A Estação* — n. 2 do XVI anno. Alem de bellissimos figurinos traz uma boa parte litteraria e uma gravura —  *Mercado de Ureochi*.

— Da importante casa Henri Nicoud & Co. n. 2 do anno 29º do *Printemps* e 1 e 3 do anno 12 do *Salon de la mode*.

— *Considerações Politicas* — Sob este titulo publicou o Sr. Melvino Reis a circular e manifesto — agradecimento dirigido ao corpo eleitoral d'esta capital e provincia do Rio de Janeiro por occasião da ultima eleição senatorial.

— De casa editora David Corazzi, representada nesta capital pelo Sr. José de Melles, o fasci. 130105 *Instituições de Lubda*, 58 da *Historia de Gil Braz de Santilhana* e 25 da importante

publicação em portuguez das *Fabulas de La Fontaine*.

— *O Brazil Medico* — n. 3. E' uma importante revista de medicina e cirurgia.

— *These* — do Dr. Franklin de Faria.

— *Jornal dos Economistas* — n. 2. Traz varios e bem elaborados artigos sobre finanças, industrias etc.

— *These* do Dr. Toledo Dodsworth. Versa sobre — *Genucalgum* e seu tratamento no adulto. Foi approvada com distincção.

— *Jornal do Domingo* (Sergipe) n. 3.

— *O Passourense* — n. 5. como sempre bem redigido e de leitura variada.

— *Revista Illustrada* — n. 419. Recomendavel pelas suas boas caricaturas e magnifico texto.

— *Periodo Historico do Excellentissimo Rei Santarem, pelo Felto Mandaracá*. Foi-nos remetido pela redacção do «Rio Branco».

## ANNUNCIOS

**Dr. Netto Machado** (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

**O advogado Dr. Valentim Magalhães** é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo n. 36.**

**Corrêa da Silva & C.** é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

**Hotel das Familias** dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«**O Municipio**» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

**Advogado**—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

**Imperial Fabrica de Corveja e aguas minerais**—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

**Constructores de machinas e apparatus para lavoura**—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

**O cobrador Bernardo da Silva Braudão Junior** continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estacção do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

**Cognac e licôres de Marie Brisard & Roger** — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Roger são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhum addicção de outra qualidade de aguardente. Pedese toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unicos agentes nesta corte: Karl-Valais & C., 34 rua da Alfandega.

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

**M DA I  
X DE M**

### COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

**PALACETE DO CURVELLO**

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

### RASOIR MECANIQUE

NAVALHA MECANICA

Onze medalhas de ouro em exposições na Europa e Estados Unidos

FACIL DE MANEJAR E IMPOSSIVEL DE FERIR

INDISPENSÁVEL A TODOS

LAMINAS EXTRAORDINARIAS PARA O

RASOIR

Umbelino Dias — unico importador na America do Sul

60 Rua da Uruguayana 60

Distribuição gratuita do almanack Bain.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica n vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

**25 RUA DA PRAINHA 25**

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

## AMERICANA

Esta excellente bebida, composta de substancias inteiramente inoffensivas á saude, como o demonstrou a analyse feita no Laboratorio do Hygieno pelo distincto medico Dr. Borges da Costa, achá-se á disposição do publico no estabelecimento de

**FARIA BRAGA & C.**

14 Rua da Guarda Velha 14

**T. D.**

S. E. C.

## TENENTES DO DIABO

HOJE

SABBADO 12 DE FEVEREIRO DE 1887

SETIMA E ULTIMA

ANALYSE CHIMICA PULVERISANTE

EM HOMENAGEM

A'S VENUS CONTEMPORANEAS

Que não podem ser casadas  
Nem devem ficar solteiras.

MAFARRICO, 2º secretario interino.

Só terão ingresso ao baile de hoje e aos de domingo e terça-feira de carnaval os Srs. socios que estiverem quites com a sociedade.

DR. SEGURADO, thesoureiro.

A commissão de carnaval roga aos Srs. socios inscriptos para os carros de criticas a fineza de reunirem-se hoje á noite na caverna.

A commissão.

**600:000\$000**

**LOTERIA DE MINAS GERAES**

5ª PARTE DA 1ª LOTERIA

A MELHOR E A MAIS VANTAJOSA DE TODAS DO IMPERIO

EXTRACÇÃO

Quinta-feira, 17 de Fevereiro de 1887

Unica que com a diminuta quantia de 1\$ dá direito á invejavel somma de

**30:006\$000**

REMESSAS PARA O INTERIOR COM TODA A PONTUALIDADE E

SEM COMMISSÃO ALGUMA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES

E NO ESCRITORIO DO CENTRO COMMERCIAL DE LOTERIAS

**45 RUA DO OUVIDOR 45**

SÓBRADO

Ou em Juiz de Fora em casa do thesoureiro o Sr. Francisco Antonio Brandi

# LOTERIA DO GRAM-PARA'

## 200:000\$000

10ª PARTE DA 1ª LOTERIA

### EXTRACÇÃO — Quinta-feira 10 de Fevereiro — EXTRACÇÃO

AO MEIO DIA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES  
E NA AGENCIA

Remessa para fóra com antecedeencia e sem commissão

## 23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

# EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OILLO PURO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela Junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchitos, escrophulas, rachitis, anemia, debilidadade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simplee de figado de bacalbão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinales e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

# GRANDE LOTERIA

DA

# PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrucção Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR

## 2,000:000\$000

PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR HOJE 12 DE FEVEREIRO IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até hoje tem apparecido; com a diminuta quantia de 1\$000 pôde-se obter 100:011\$000

EXTRACÇÃO  
HOJE  
12 DE FEVEREIRO  
PROXIMO FUTURO  
Não ha transferencia  
PREMIO MAIOR  
2,000:000\$000

PLANO

|   |                 |
|---|-----------------|
| 1 Premio de.....  | 2.000:000\$000  |
| 1 dito de.....  | 1.000:000\$000  |
| 1 dito de.....  | 500:000\$000    |
| 1 dito de.....  | 200:000\$000    |
| 1 dito de.....  | 100:000\$000    |
| 2 ditos de.....   | 50:000\$000     |
| 10 ditos de.....  | 20:000\$000     |
| 30 ditos de.....  | 10:000\$000     |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a.....   | 5:000\$000      |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a.....   | 2:000\$000      |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a.....   | 1:000\$000      |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a.....   | 500\$000        |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a.....   | 300\$000        |
| 5.000 ditos para todas as centenas cujos dous algarismos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivè, a..... | 200\$000        |
| 50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for egual ao da sorte grande, inclusivè, a.....           | 20\$000         |
| 2 aproximações para o 1º premio a.....  | 50:000\$000     |
| 2 ditos para o 2º premio a.....   | 30:000\$000     |
| 2 ditos para o 3º premio a.....   | 20:000\$000     |
| 2 ditos para o 4º premio a.....   | 10:000\$000     |
| 2 ditos para o 5º premio a.....   | 4:400\$000      |
| 35.552 premios no valor de.....   | 7.500:000\$000  |
| Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despesas.....  | 2.500:000\$000  |
| 500.000 bilhetes a 20\$000.....   | 10.000:000\$000 |

EXTRACÇÃO  
HOJE  
12 DE FEVEREIRO  
PROXIMO FUTURO  
Não ha transferencia  
PREMIO MAIOR  
2,000:000\$000

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com antecedeencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

## N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico—Pardal—Caixa do Correio n. 301—Rio de Janeiro

# GRANDES ARMAZENS

DE

## FAZENDAS, MODAS E ARMARINHO

DE

### VILLA VERDE & NUNES

**53 RUA DO OUVIDOR 53**

**66 B RUA DA QUITANDA 66 B**

**AU PARC ROYAL**

**10 E 12 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 10 E 12**

**AU BOULEVARD**

**6 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 6**

Os proprietarios destes importantes estabelecimentos, talvez os mais bem sortidos no seu ramo de negocio nesta Corte, collocam-se em circumstancias especiaes a fim de fornecerem aos seus freguezes todos os artigos do seu importante sortimento por preços consideravelmente baratos, e **sem competencia**, com a dupla vantagem de receberem semanalmente todas as novidades que apparecem nas principaes praças da Europa.

O systema adoptado de vender só a dinheiro á vista com limitadissimo interesse, por ser o unico conveniente para o consumidor, tem-nos facultado o ensejo de augmentar sensivelmente as vendas em nossos estabelecimentos e por conseguinte obriga-nos a ter sempre um completo sortimento de tudo quanto é concernente ao nosso ramo de negocio, como se vé do resumo abaixo:

#### RESUMO

Sedas, gazes, grenadines, setins e velludos.

Tecidos de lã em peças, para vestidos, e em cortes.

Tecidos de algodão, de grande fantasia, proprios para a actual estação.

Fustões, mousselines, setinetas, percales, resilles, hayadères, cassas, ranzouks, camhraias de linho e de algodão, chitas, riscados, etc., etc.

Morins, cretonnes, linhos para lençoes e para fronhas, irlandas e algodões.

Tecidos para estofos, cortinae e reposteiros; cortinas, cortinados, colxas, de seda, de algodão, cobertores, enxovaes hordados para cama, fronhas ençoes, tapetes de todos os tamanhoe.

Camisas para homem, para meninos e para sençoras; ceroulas, meias, saias, lençoes, camisas de seda, de flanela, de meia de algodão, etc., etc.

Leques, luvas, ligas, chapéos de sol lieoe de fantasia, para senhoras e crianças.

Capas, fichús, paletots, vestidinhos, chales, sahidas de haile e grande diversidade de confecções.

Enxovaes para baptisado, toucas, chapéos de setim e fustão, binoculos para theatro, holsinhas, carteiras, etc.

Rendas, fitas e tudo quanto é concernente ao mais bem sortido armarinho.

Tomam-se encomendas de vestidos por medida, feitos com a maxima perfeição pelas melhores costureiras.

Fornece-se enxovaes completos para noivas, desde o preço de 100\$ com os mais elegantes sapatos de setim, inclinsive.

Convidamos pois todas as Exmas. familias a visitarem os nossos estabelecimentos, onde, a par da maior modicidade de preços, encontrarão tudo quanto se possa desejar de bom gosto.

**Villa Verde & Nunes.**

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 19 DE FEVEREIRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III-N. 112

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
Aluizio Azevedo,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                  |
|--|------------------|
| Expediente.....                                | J. DO EGYPTO.    |
| Historie dos sete dias.....                    | PHEBO-APOLLO     |
| Cartas do Olympo—V.....                        |                  |
| Canheijo de um excursionista.....              | A. CELSO JUNIOR. |
| O Carnava.....                                 | PICOLINO.        |
| Sulamita, soneto.....                          | R. OCTAVIO.      |
| Uma resposta.....                              | C. AZEVEDO.      |
| Questão d'orthographia.....                    | L.               |
| Gremio de Lettrás e Artes A' Vida Moderna..... | M. VALENTE.      |
| Viões de noite, soneto.....                    | ALIZ-ALAZ.       |
| Jornais e revistas.....                        | J. DE ARAUJO.    |
| Emílio Zola e a Academia Franceza.....         | S.               |
| Cofre das greças.....                          | ALIZ-ALAZ.       |
| Theatros.....                                  | BIBIANO.         |
| Factos e Noticias.....                         | P. TALMA.        |
| Tristes e bois.....                            | FR. ANTONIO.     |
| Correio.....                                   | ENAICO.          |
| Correio da Gerencia.....                       |                  |
| Annuncios.....                                 |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

— A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana não foi pobre de acontecimentos, mas foi riquissima de calor. Comparadas ao Rio de Janeiro actual, devom ser de uma frescura ultra-hibernal as caldeiras de Pedro Botelho.

Aqui já não ha mais homens: ha somente alambiques de paletot; inundados de gravata e chapcu. Não ha mais—passeantes, nem transeuntes, nem negociantees, nem contractantes, nem constituintes, nem clientes, uom nada — em ante, ente, inte, onte, cu ante — ha simplesmente e unicamente — transpirantees.

Não se podem guardar segredos, porque elles, como os seus depositarios—transpiram logo.

Nunca, como agora, foi tão oportuna a humida e salina metaphore do trabalho genho com « o suor do rosto », pois que para quo o rosto, como o resto, sũe abundantemente basta que n gente não faça cousa nenhuma.

Suar já não é parco trabalho nem sacrificio mesquinho.

Infelizes os que — ai de mim! — são obrigados a outros e arduos labores além do de molhar camisas e encharcar lenços!

Para dar a medida d'eeta calamidade climeterica, que nos derrete e inutilisa, basta dizer que a importante fabrica de gelo de Santa Luzia vende cerca de 200 mil kilos de gelo por dia—sendo, no entanto, que talvez apenas um terço da população tem a coragem de se atirar áquelle traiçoeiro mas consolente refrigerio.

Malvado, pulha, miseravel Calor! se continúas, dou a minha demissão de homem e vou ali para o Parque da Acclameção na qualidade de—lago.

Demissão pediu tambem o Sr. Alfredo Chaves do cargo de ministro da guerra. Pedio ou foi-lhe dada: não está bem liquidado este poncto, aliás capital. Não é costume dar conta ao *Zé Pagante* das razões porque se organisam e desorgaoisam as sibações politicas, porque entram ou saem os ministros.

Resignemo-nos, portanto, á ignorancia das verdadeiras causas da contredança. O que fice, no entanto, fóra de duvida é que o alijamento do Sr. Conselheiro Chaves foi uma prova de fraqueza do ministerio,—que, para agradecer ao exercito, fez constar não haver concordado com as medidas de rigor que S. Ex. propuzera,—e que não melhorou a situação, pois a temerosa questão militar continúa no mesmo pé (de guerre), tão complicada, urgente e perigosa como d'antes.

Espera-se a soluçãõ da crise pera depois do carnaval.

A aproximação d'este diabo não conseate que se pense em cousas aérias. Por isso talvez tenhamos novidade na quarta-feira de cinzas.

O Sr. chefe de policia da provincia já voltou da sua missão a Campos com os quatro contos para a descoberta dos *cannaviciados*—intectos.

No sen relatório dá noticias detalhadas—ao que consta—das proezas dos nabolicionistas naquella cidade, da goiabada electrica, da luz das goiabes, o do outras cousas campinas, mss não diz nada a respeito dos incendiadores de cannaviaes.

Antes isso do que *invental-os*.

Ainda não foi possível saber-se porque diabo fol que o Sr. chefe de policia mandou um de seus empregados percorrer diversas cesas das que vendem armas e guardas-chuva e bengalás com estoque, afim de saber se têm sido feitas ultimamente grandes vendas d'esses objectos para a Córto ou para fóra.

Seria por causa da questão mlitar, da questão abolicionista ou, simplesmente, da questão do... carnaval?

Mysterio!

Uma folha de hontem informou que havia sido prohibida a venda de armas, mesmo das disfarçadas em guarda-chuva, até depois do carnaval.

Não creio na veracidade de tel noticia. Isto aqui parece-se muito com a autoretice Russia e com a selvagem Angóla; mas quero crer que o nosso atrazo ainda não progredio até ao poncto de se prohibir que os negociantees de armas vendam o seu genero mercantil.

Caso ficasse o precedente, se amanhã, por ventura, por quaesquer razões, entendesse a Policia que era conveniente prohibir a venda dos phosphoros, teriamos todos de voltar ao uso da pederneira e da isca e de resuecitar o cnlto de Vesta pera couservação do fogo.

Compreende-se e justifica-se uma medida como aquella em caso de salvção publica, fundada em razões serias de que periclitã a ordem publica e a vida dos cidadãos. Fóra d'isso não, porque as casas de armeiro não se fizeram senão para vender armas.

Houve na semana varios casos interessantes de ordem policial.

O mais exquisito d'elles foi o furto do cofre de jóias do Sr. Carlos Hungria, que o tinha confiado ao joalheiro Vicente de Souza, de quem um gatuuo o obteve por uma falsa carta, apocryphamente assignada pelo Sr. Hungria.

Diz-se que o larapio é um moço de boa sociedade, finamente edncado e cujo nome muito convem não seja trazido á luz. A maneira por que foi executado n surripamento dn cofre indica que só podia fazel-o quem muito bem

conhecesse a letra da victima e as circunstancias especies do facto. Meia um mysterio... Adeante.

Ora graças que já um bairro d'esta cidade teve as honras da serra da Palperra, ou da Estrella ou dos Abbruzzios. O *Cattete já* tem o seu saltador.

O *Jornal* de hontem encabeçou solememente a respectiva noticia, na sua *Gazetilha*, com estas palavras, que devem encher o *Cattete* de justo orgulho: « N saltador do *CATTETE*. » Este saltador, que levará consigo o aristocratico arrabalde á Historie, é um francez, de nome René Augusto Baltzinger, de 18 a 20 annos de idade (apenas!), magro, pouco corpo, olhos verdes, riso cynico. Um refinado gatuno, já conhecido da policie.

Pois esso mancebo, ermado de uma face de matar porco, havia jurado noa seus deuses *limpar* os moradores d'aquella parte da cidade. Com tal resolução e tel face, selteou tres cidadãos que demandavam n deshoras as suas casas, e alliviou-os piedosamente do dinheiro e das jóias que nelles achou.

Mas o Sr. Augusto Miranda, eubdelegado da freguezia da Gloria, tanto lhe andou no enclço que o apenhon ante-hontem, com a faça e o guarda-chuva de um doe alliviados por elle.

E foi assim que o bello *Cattete* houve a hora de ter um saltador e a infelicidade de perdel-o.

Eis ahi um rapaz de fntno. E vão cortar-lhe a carreira—prendendo-o, condemnando-o á obscuridade do carcere e ao carcere da obscuridade.

Um rapaz que ainda podia vir a ser um *Cartonche*, ou, pelo menos, um *João do Telhado*.

E' pena!

Fechou a semana com o julgamento do rén Ignacio Marques de Gouveia, accusado de hever desviado (não para o meu bolso) a *sympathica* cifra de 248.084\$180.

O resultado do jury foi o que se esperava: absolvição unanime. En disse — o que se esperava; vou dizer porque o disse.

A quantia, cujo *derrio* se attribua ao réu, era innegavelmente muito superior ao valor do frnto de um queijo de Minas ou de um par de calças, ou mesmo de um relógio de prata, crimes esses para os quaes o nosso jury tem por costume ser implacavel.

Além d'isso o accusado era homem de muitas honrações, bem conceituado, honrado, houradissimo, até ser accusado do contrario, com parentes respeitaveis; emfim, perfeitamente incapaz de nm estellionato.

Os estellionaterios são feitos de outra massa.

Accresce ainda que os poderosos se

nadores Candido do Oliveira e Ignacio Martins não seriam cnpzes do putrocinar o Sr. Gouveia se elle houvesse frito não leve sobre tão pesada maquina.

Elles somente se encarregam da defesa de innocentes. Haja vista D. Francisca de Castro.

Longe de mim acreditar que os Srs. jurados tivessem alguma razão para não julgar innocente o Sr. Gouveia. Apenas recomendo a leitura do interrogatorio do homem. Ah! é uma peça que convenceria da sua innocencia aos mais incredulos, principalmente na parte relativa ás chaves da caixa e á carta.

Foi um acto de justiça absolvel-o, como seria de injustiça fazer o mesmo aos que *facilitam* com as gnhilhas e as latas de goiabada do proximo.

Honra no jury da Corte, quo ainda ha poucos dias condemnou a tres annos de prisão e a dotar a *offendida* um bandido que raptou uma moça, sendo preso instantes depois, antes do tempo preciso para dizer-lhe: *Amo-te!* e que no tribunal declarou estar prompto a casar com ella.

Honra no jury da Corte!

E com esta: — Logar ao carnaval.  
*A tout seigneur, toute honneur.*

Avé, Momo!

JOSE DO EGYPTO.

## CARTAS DO OLYMPO

V

Momo desperta, despertando o riso,  
E enche de vinho rubro a amiga taça.  
Ao Carnaval! Tine o primeiro guizo  
Da primeira chalaça.

Berram trombetas, estrugindo os ares,  
Bombas ribombam pavorosamente.  
E cohem-se de flores os altares  
Da Risada estridente.

Ao prazer! ao prazer! O sol accende  
As pedrarias... Abre a aurora riado...  
E o armamento pela altura estende  
O pallio azul e infinito.

Desaude o seio tumido e arquejante,  
Pincha a Folia, desvairada e impura,  
Como uma nuvem de ouro palpitante,  
Seu cabello fulgura.

Pulsa-lhe a carne que a paixão domina  
E que alvoroça o fogo do desejo...  
E, abrindo os labios, a cabeça inclina  
Como a pedir um beijo.

Crispa-lhe agora a bocca uma ironia,  
E o voluptuoso olhar se lhe amortece:  
E inteiramente nua á luz do dia  
Esplendida apparece.

Nua... e lá vai, colhendo de cambubo  
As oblações, atravessando as ruas...  
Cabem-lhe as flores em redomoinho  
Sobre as espadas nuas.

E' o vicio que pompa á luz, despido  
Das apparencias futeis da virtude:  
Quem o escondia, cauto e prevenido,  
Mostra-o, sincero e rude.

Mostra-o, e o cortejo das miserias mostra:  
Eleva-lhe os thuribulos ardeantes,  
E alma e vida, sem pejo, aos pés lhe prostra,  
Cervase reverentes.

Por trez dias de rapidos prazeres,  
E por trez noites de veloz ventura,  
Longe o estúpido peso dos deveres,  
E louge as amarguras:

Quem não puder á festa ardente e louca  
A alma triste atrair despreocupada,  
Cobre! mas que o soluço, so vir á bocca,  
Torno-se uma risada.

Saiba tambem fingir as alegrias  
Quem tantas vezes tem fingido o pranto.  
Não é muito que folgue por tres dias  
Quem tem chorado taato!

Todos á dansa, sacudindo as pernas!  
E fóra a vida triste e galbofeira,  
Fórs as humanas mascaras eternas  
E as folhas de parreira!

PHEBO-APOLLO.

## CANHENHO DE UM EXCURSIONISTA

IV

D. NICOLÁS PIÉROLA

Foram dos piores da minha vida os oito dias que, á espera de vapor para o Perú, passei no Panamá. E' triste, posto que animada, a cidade: — ruas estreitas, construcções grosseiras, calor insupportavel, muitos edificios desmantelados e fendidos pelos constantes tremores de terra, enquanto nuvens de espessa poeira habitam perpetuamente o ar pesado e morno. Difficil a agua salobra; carissimos os banhos e a lavagem de roupa; e, além de tudo, a febre amarella grassando com uma intensidade jámais vista no Brazil! Custou-me obter um pessimo quarto no *Grande Hotel*, e esse mesmo tive de partilhá-lo com um engenheiro hollandez, por nome Pfeiffer, empregado nas obras do canal, moço, aliás, de excellentes predicados, de quem me despedi com saudade. Foi elle quem me proporcionou uma visita aos trabalhos da empresa, então ainda muito atrasados. Tomei a euxtada de um trabalhador que lá encontramos e removi alguma terra. Assiste-me, pois, o direito de asseverar futuramente haver contribuído, na medida de minhas forças, para a grandiosa obra de Les-seps.

Mas que lougas e melancolicas boras não passei, sósinho, a percorrer sem fito as empoeiradas ruas da povoação, quando o meu companheiro ia trabalhar no immenso casarão da companhia, situado na praça principal, ao lado da matriz meio desmoronada! Nada se depara de interessante ao estrangeiro em Panamá: uem o passeio publico com um terraço, semelhante ao do Rio de Janeiro, sobre o mar; nem os quarteis, onde cada soldado usa o fardamento que lhe convem, sendo apenas *uniforme* o desaceio; nem o bairro indigena, onde, num areal, enfileiram-se centenas de miseraveis choupanas; nem os variegados typos da população, em que se encontram representantes de todas as raças... Entretanto, havia naquella occasião uma novidade: — acabava-se ali, de passagem para a sua patria, D. Nicolás Piérola, um dos mais famigerados personagens do Pacifico. Immensa era a minha curiosidade de conhecer de perto o candilho revolucionario que durante mais de um anno fóra o *chefe supremo e protector da raça indigena* do Perú, e que incontestavelmente imprimira heróico impulso á resistencia contra a invasão chilena, improvisando fortificações e exercitos, e que, afinal, batido nas tres terriveis e successivas batalhas de S. Juan, Cborrilbas e Miraflores, abandonara a capital ao inimigo, fugindo para a Europa, donde então regressava. Avistei-o uma vez de longe, notando

sómente que ora baixo e grosso, com longas soiquas crespas e uma farta cabelleira encaracolada, repartida sobre a nuca.

No dia seguinte, no embarcar no *Santa Rosa*, pequeno paquete da *Pacific Steam Navigation Company*, verifiquei com satisfação que entre os companheiros de viagem estavam Piérola e um seu irmão. «Vou ter magnificas informações sobre a campanha do Pacifico, reflecti; porque em breve se estabelecerá entre mim e o ex-dictador a força da intimidade de bordo» Mas qual! Os Piérolas conservavam-se retrahidos no camarim que o commandante lhes cedera, onde apenas recebiam alguns compatriotas. Constituiam, todavia, o assumpto exclusivo das conversações dos numerosos passageiros, cubanos, inglezes, peruanos e chilenos, na maior parte. Attacavam-n'o de um modo descommunal, attribuindo-lho toda casta de crimes e infamias. O pequeno grupo que o visitava permanecia isolado. Nos primeiros portos do Equador em que tocámos, Esmeralda e Monta, Piérola appareceu, com ar de muito preoccupado, cercado de seus amigos, sobre casaca preta, militarmente abotoada, e um amplo chapéu do Chile sobre os grossos anneis do alto penteado. No terceiro dia de viagem correu que adoecera. A um dos peruanos do seu sequito ouviu-se falar em envenenamento.

Alta noite, estava eu a dormir, offegante de calor, quando me bateram á porta do camarote.

Era o commandante, acompanhado do irmão de Piérola.

«O Sr. general, disse o primeiro em má hespanhol, sente-se bastante enfermo. O medico de bordo ficou em Panamá, com febre amarella. O nome do senhor figura na lista dos passageiros com o titulo de doutor. Peço-lhe que acuda ao doente, pelo menos até chegarmos a Guayaquil.»

Promptamente dissipei-lhe o engano, explicando a minha profissão; «mas, acrescentei, possuo um livro de medicina que comprei em Acapulca, intitulado *Medicina de las Familias* e uma botica portatil, que estão á sua inteira disposição.»

O irmão de Piérola torceu os bigodes com impaciencia, e, ao cabo de alguns segundos:

— De que nacionalidade é usted?

— Brasileiro.

Ficámos em silencio. Por fim o commandante:

«Em todo caso, doutor, queira vir ver o general. Conversará com elle e tranquilisará estes senhores.»

Accedi de bom grado. O enfermo estava deitado de barriga para o ar, de *robe-chambre*, percebendo-se-lhe sob a camisa de meia a flacida adiposidade dos volumosos tecidos. Riu-se quando me viu, condemnando a injustificada impaciencia dos amigos, que fóram, a contra gosto seu, importunar-me. Não tinha nada, *solamente mal estar, incomodidad en la boca del estomago, cansacio, calentura, amargor de boca e eructos ágricos, muchos eructos ágricos...* Os amigos, em roda, tinham physioomias consternadas; estavam com receio realmente de que se tratasse de um envenenamento.

— La politica, — murmurava um delles com desalcató e desdem, abanando a cabeça, — la politica...

Tranquillisei-os quanto pude, auxiliado por Piérola, que se ria, parecendo não tomar a sério as suas apprehensões.

Recorrendo ao meu livro medico, encontramos no artigo *Saburra gastrica* todos os symptoms que o enfermo apresentava, e, a instancias d'elle proprio, applicámos-lhe uma dose de ipecacuanha, que eu possuia, com a qual, depois de haver expellido grande quantidade de bilis, experimentou sensiveis melhoras. Ficámos desde então muito camaradas. Piérola denominava-me — seu caro medico, convidou-me para jantar em sua companhia e consultava-me sobre os alimentos que lho convinha tomar, seguindo á risca as minhas prescripções. Uma vez disse-me graciejando: «está usted como dictador de um *ex-dictador*.» Mas, systematicamente, esquivav-se de falar em politica, mudando de assumpto sempre que a conversação se encaminhava para negocios da guerra. Em Guayaquil muita gente foi a bordo para vel-o; porém'ello conservou-se fechado em seu camarote, formando-lhe guarda á porta o irmão e os amigos. Um dos visitantes distribuiu entre os passageiros um impresso, verdadeiro pasquim, em que, n proposito da biographia do ex-dictador, assacavam-se-lhe os mais immundos alvices. A' proporção que nos iamos approximando das costas peruanas, augmentavam nas precauções do seu grupo. Nos portos de Payta, de Eten, de Pasca-mayo, manifestaram claramente pelo seu procedimento receio de serem atacados ou desrespeitados. Em Salaverry encontramos o formidavel cruzador chileno *Argamos*, que se approximou do paquete. O irmão de Piérola procurou-me, muito pallido:

«O Sr. acrediça que os chilenos se atreverão a fazer-nos alguma violencia estando nós sob o pavilhão inglez?»

«Absolutamente, respondi; tanto mais quanto D. Nicolás foi legitimamente eleito deputado á constituinte, convocada para tractar da paz, e nesse caracter, é sagrado.»

Chegámos, finalmente, n Caláo. Reinava a bordo grande agitação. Estavam todos á espera de acontecimentos extrordinarios, no desembarque. Era opinião corrente que as auctoridades chilenas não consentiriam que Piérola fosse á terra e que mandariam prisioneiro para Santiago, como Garcia Calderon.

Logo que o *Santa Rosa* se approximou do ancoradouro, partio para elle uma lancha com bandeira do Chile. Piérola e o seu sequito tomaram um ar digão, de victimas altivas. O commandante com toda a officialidade perfilou-se junto á escada do portaló.

Mal chegon á fala, levantou-se na lancha um homem de chapéu alto e sobre-casaca, que, pondo as mãos em trombeta, procedeu em berros a este interrogatorio:

— Quem é o commandante d'este buque?

— Fala inglez ou hespanhol?

— Quantos dias de viagem traz do Panamá?

— Ha ou houve caso de febre a bordo? Recebedo esta ultima pergunta resposta negativa, retorquiu:

— Ah! Pode então atracar ao meu lhe Dorsena.

Houve entre a gente de Piérola um suspiro de allivio. Expandiram-se-lhes o semblantes, tanto mais quanto á medida que o navio se achegava ao cais, no qual encostam, no Caláo, as maiores embarcações, devisavamos em terra uma multidão enorme, que se agitava, soltando estrepitosos vivas a Piérola. Na verdade, foi estrondosa a ová





chamam aquellas arvores tão altas que estão alli?  
 — São cypristas, meu filho.  
 — Ah! É para que servem?  
 — Ora essa, servam para muita coisa; quando menos cortam-n'a e obtem magnificas taboas de pinho.  
 — De Riga, papae?  
 — Pois não, meu filho, tudo o pinho é de Riga.

BIBIANO.

**THEATROS**

**RECREIO DRAMATICO**

A *Família Fantastica*, a deliciosa comedia de Burani e Ordonneau, que tem dado magnificas cazas á empresa do Recreio, será ainda representada neste theatro, seguida de esplendidos bailes á fantasia.  
 Depois do carnaval subirá á scena o pomposo drama historico *Maria Antonietta*, um papel de grande responsabilidade, que a Sra. Ismenia não ha de certamente comprometter.

**LUCINDA**

Está ornamentado e preparado para bailes de mascarar. A empresa fará representar nestes tres dias de carnaval a applaudida revista de 1885 — *O Bilontra*, e constructou para o seu elenco a atriz Fanny.

**SANT'ANNA**

Estreiou-se hontem neste theatro, cantando varias cançõnetas, a atriz Ver-net Lafleur, ex-cantora do theatro *Variétés*, de Pariz. Com *A Corça do Bosque*, *Heró á força* e *Donzella Theodora* tem a companhia Heller proporcionando boas noites aos seus habitués.  
 Constn-nos que dois conhecidos escriptores preparam uma *poshada* com musica p'mm depois do carnaval e a proposito d'este.

**PRINCIPE IMPERIAL**

A excellente revista de 1886 — *Zé Caipóra* continúa a ntrahir grande numero de espectadores á sala d'este theatro. Quem ainda não teve a dita de ver, ouvir e applaudir o *Zé Caipóra* reserve-se para depois do carnaval, porque durante estes tres dias de Momo quem lá for cnhirá forçosamente nos monumentaes bailes á fantasia que ahi, se vão dar, depois de se deliciar com a *Zefa-Carioca*, revista carnavalesca do auctor do *Zé Caipóra*.

**D. PEDRO II**

Seu vasto salão transformou-se num mythologico praiso. Exhibirá, devido ao genio artistico de Orestes Coliva, arcarias de luz, columnatas de ouro, com stalactites de prata, jardins, lagos, cascatas, castellos, emfim cousas maravilhosas, surprehenderes, golcondinas (Uil). Tudo isto para receber durante o carnaval os foliões que, ao som de enthusiasticas musicas, quizerem passar e fruir estas tres noites, cahindo nos sumptuosos bailes que se vão realizar neste theatro e... apanhar deliciosos pleurizes, consoladoras pneuonitias e eternas bronchites.  
 Viva a folia!... e o xarope de toli!

R. PALMA.

**FACTOS E NOTICIAS**

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Tem estado gravemente enfermo n querido poeta dos *Sonetos e Poemas*.

Alberto de Oliveira foi victima da sua excessiva prudencia. Grassando em Nictheroy a epidemia da variola, o poeta, temendo ser tambam attingido por ella, vaccinou-se nos braços e nas pernas. Tendo, porém, vinlo á Côte, fazendo não pequeno trajecto a pé, a leve incisão vaccinal aggravou-se, transformou-se rapidamente em feia a larga ulcera, de que proveio violenta febre, que attingio a mais de 40 graus.

Felizmente aquelle estado gravissimo declinou um pouco; a ferida apresenta aspecto mais animador, a febre desceu a 38 graus e o estado geral do enfermo não é mau.

E' seu medico assistente o Dr. Leal Junior, que teve uma conferencia com o Dr. Belisario de Souza.

O illustre doente tam sido visitado por muitos amigos e admiradores, entre os quaes Rodrigo Octavio, Alberto Silva, Valentim Magalhães, Alfredo de Souza, Filinto da Silva, Alcibiades Furtado, Saturnino de Azeredo e muitos outros cujos nomes nos escapam.

Comquanto ainda muito grave, as melhoraes ultimamente apparecidas, embora ligeiras, fazem esperar que não sobrevenha um termo fatal, que seria uma verdadeira desgraça.

Desejamos-lhe de coração melhoraes rcaes e restabelecimento breve e completo.

Partiram para a Europa no paquete de 16 do corrente o actor Furtado Coelho e sua esposa D. Lucinda Simões.

A bordo do *Sénégal* partio no dia 16, para a Europa, o Sr. José Antonio Marques Nunes, cavalheiro estimabilissimo, socio das importantes casas commerciaes que nesta praça figuram sob a firma de Villa Verde & Nunes. Vae fazer nos principaes mercados europeus um sortimento completo do que houver de melhor e mais moderno em fazendas e objectos de fantasia.

O seu botá-fora foi concorrido por muitos amigos e algumas familias.

Desejamos-lhe magnifica viagem e breve regresso.

Esteve muito brilhante a soirée com que a Sociedade Recreativa e A. S. José solemnizou a posse da sua nova directoria, no ultimo sabbado. Esta, na sua maior parte reeleita, foi de extremadas e captivantes amabilidades para com todos os que assistiram a tão sympathica festa.

Os empregados do importante estabelecimento typographico dos Srs. Moreira, Maximino & C. constituiram-se em Associação de Soccorros Mutuos, destinando metade da sna receita á subscrição *Em nome do Christo*, inaugurada pelo nosso collega d'O Paiz.

A redacção da referida folha já foram entregues 51\$200 reis, enviados pela dita Associação.

Deve regressar hoje de S. Paulo o nosso companheiro Filinto d'Almeida, que lá foi assistir a uma brilhante festa, de caracter intimo, em casa do reputado commerciante d'aquella praça Sr. Alberto Pereira Leite.

Vimos alguns dos muitos pares de

luvas fabricados na luvaria *A Nacional*, de Carlos Moraes & C. para as festas do carnaval.

Ha umas da guarda de hourn do carro do estandarte dos *Tenentes*, formada de mulheres, lindissimas (as luvas e as mulheres).

As do presidente do mesm club, bordadas a ouro, são de grande luxo e bom gosto.

Emfim, um trabalho aprimorado, que honra aquelle estabelecimento e a industria nacional.

Fez 12 annos a 14 deste mez que falleceu o melodioso a sempre lembrado poeta do *Ecangelho nas selvas*, Nicolau Fagundes Varella.

**FALLECIMENTOS**

Falleceram na semana finda os Srs: Carlos Frederico de Lima, coronel do corpo de engenheiros, maestro Gonaro Arnaud, Dr. Luiz Lopes Baptista dos Anjos Filho e commentador José Ferreira Leal.

**TRATOS Á BOLA**

As *tratices* ultimms foram decifradæ pelos meus estimadissimos irmãos Pedro Rabello, Carapetão, F. Dias, Josephina B, Fricinal Vassico, Pépe, Anastacio Cheira-Cheira, Joazinho, Dr. Sá Bichão, Valerius Madilena, e le Bum-Bum.

O bellissimo premio oferecido ao primeiro decifrador pertence ao meu bom irmão — Pedro Rabello.

Eram estas as decifrações do logogripo — *Horizonte*, das antigas — *Donzella*, *Cobado*, *Mortalha* e *Requerer* e da em quadro.

CASA  
 AMOR  
 SOVA  
 ARAS

Para hoje, meus irmãos, dou-vos os seguintes tratos:

**CHARADA**

Que ellas seguram não duvide alguem  
 Seguram caças e outras cousas mais — 2 —  
 Nem eu ignoro, não, que vós tambem  
 Já quasi a cousa decifrando estæis — 1.

1 antepõe-lhe, que será redonda  
 Será da raupa tende na l em frente — 1 —  
 Pousei n'elle a cachola e d'onda em onda,  
 No mar da *Sciama* andæ, mettei-lhe o dente.

**II**

E' profunda esta cousa tão temida, — 2  
 Que isto me causa  
 Depois da pausa; — 1  
 Muito embora que seja uma medida.

**PROVERBIO**

Dd eeeee h i mm oooóó ppp r ss u.  
 Que proverbio é?

**NOVISSIMAS**

**I**

1-2 Na avó o fogo tem letras.

**II**

1-2 O que anda não vê bom fructo.

**LOGOGRIPO**

Na arvore (1, 2, 3, 4, 5.) esta dama (10, 9, 8, 2.) faz isto (3, 4, 5, 8, 9.) e põe tudo neste estado (1, 2, 3, 5.) por cansa deete peccado (7, 8, 9.) que a accomette quando vai colher esta planta (4, 6, 8, 9.) nesta terra do Brazil.

Para o primeiro decifrador exacto reserveo um exemplar do *Vinte Contos* de Valentim Magalhães.

Arragalaram os olhos, não é assim?

Que premio! Que premio!

Pois cada um de vós tratar de abita-coital-o. E não vanham tarde, pelo amor de Deus-Padre par que, meus carissimos irmãos: *Tarde veni entibus ossa*.

FREI ANTONIO.

**CORREIO**

— Sr. Damião d'Arcos. V. tem muitas búfes. Que diabo de interesse damnado o move a promover pela nossa folha o descrelito do auctor das *Precurso-ras*? Engana-se quadradamente julgando que *A Semana* se presta a servir-lhe do gato morto para V. vingar-se do Sr. Pinto, lembrando o rifão da agua molle em pedra dura. Não publicamos a tal historia, n.º. Vá para o diabo com o que lhe digo e envergonhe-se do papel triste que está fazendo, seu pulha.

— Sr. C. S. de A. Brotoro. Bonitinho o seu soncto; será publicado.

ENRICO.

**CORREIO DA GERENCIA**

Sr. H. Velloso. — S. José d'El-Rei — As condições da assignatura d'esta folha são publicadas na ana primeira columna, como V. S. poderá verificar no exemplar que sempre lhe remettemos gratuitamente.

Sr. A. M. de Souza. — Sant'Anna de S. João Acima. — Não consta que V. S. já tenha pago a sua assignatura. Está, pois, em debito desde que recobe a folha.

**ANNUNCIOS**

**Dr. Netto Machado** (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. run do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

**Solicitador** — Francisco R. de A. Novaes — Juiz de Fóra.

**F. Navarro de M. Salles** — encarrrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho — Minas.

**Augusto Luzo**. — incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho — Minas.

**Advogado**. — O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1.º de Março n. 23.

**Dr. Henrique de Sá**, especialista de syphilis e molestias das crianças. — Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

**Dr. Araujo Filho** — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

**Julio Cezar Tavares Paes** encarrrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

**O Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

**Dr. Cyro de Azevedo**. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36,

J. M. Villas Bôas da Gama.—dentista—extrahe dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Hygino Lopes—Barbacena.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo. Rua do Santo Antonio—Santos.

Cognac e licôres de Marie Brisard & Roger—Casa fundada em 1753, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Roger são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhuma addição de outra qualidade de aguardente. Pede-se toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unicos agentes nesta corte: Karl-Valais & C., 34 rua da Alfandega.

### Instrução Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRIPTORIO

## AMERICANA

Esta excellente bebida, composta de substancias inteiramente inoffensivas á saude, como e demonstrou a analyse feita no Laboratorio de Hygiene pelo distincto medico Dr. Borges da Costa, acha-se á disposição do publico no estabelecimento de

FARIA BRAGA & C.

14 Rua da Guarda Velha 14

# D. M.

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

EScriptorio

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Myst. da Ind.

Xav. de Mont.

BREVEMENTE

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

## ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

MARTINS DO AMARAL & C.

PPAÇA DO MERCADO N. 51

PRIMEIRA CASA Á ENTRADA DO PÓRTÃO DA

RUA DO OUVIDOR

Completa Variedade de Gallinhas de Raça e Aves.

Especialidade em canarios de fina raça, belgas e hollandezes, passaros do Norte e da Europa, cães de raça e outros animais domesticos.

PREÇOS SEM COMPETIDOR

RIO DE JANEIRO

## A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

# 600:000\$000

## LOTERIA DE MINAS GERAES

5ª PARTE DA 1ª LOTERIA

A MELHOR E A MAIS VANTAJOSA DE TODAS DO IMPERIO

EXTRACÇÃO

Quinta-feira, 24 de Fevereiro de 1887

Unica que com a diminuta quantia de 1\$ dá direito á invejavel somma de

# 30:006\$000

REMESSAS PARA O INTERIOR COM TODA A PONTUALIDADE E

SEM COMMISSÃO ALGUMA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES

E NO ESCRIPTORIO DO CENTRO COMMERCIAL DE LOTERIAS

# 45 RUA DO OUVIDOR 45

SOBRADO

Ou em Juiz de Fóra em casa do thesoureiro o Sr. Francisco Antonio Brandi

# LOTERIA DO GRAM-PARA'

## 200:000\$000

11ª PARTE DA 1ª LOTERIA

**EXTRACÇÃO** — Quinta-feira 24 de Fevereiro — **EXTRACÇÃO**

**AO MEIO DIA**

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES  
E NA AGENCIA

Remessa para fóra com antecedencia e sem commissão

# 23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

# EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA  
Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, dofluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

# GRANDE LOTERIA

DA

# PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrucção Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR **2,000:000\$000** PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR HOJE 12 DE FEVEREIRO IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até hoje tem apparecido; com a diminuta quantia de 1\$000 pôde-se obter 100:011\$000

| EXTRACÇÃO            | PLANO  | EXTRACÇÃO            |
|----------------------|--|----------------------|
| SABBADO              |  | SABBADO              |
| 26 DE FEVEREIRO      |  | 26 DE FEVEREIRO      |
| Não ha transforencia |  | Não ha transforencia |
| PREMIO MAIOR         |  | PREMIO MAIOR         |
| 2,000:000\$000       |  | 2,000:000\$000       |
|                      | 1 Premio de..... 2.000.000\$000  |                      |
|                      | 1 dito de..... 1.000.000\$000  |                      |
|                      | 1 dito de..... 500.000\$000  |                      |
|                      | 1 dito de..... 200.000\$000  |                      |
|                      | 1 dito de..... 100.000\$000  |                      |
|                      | 2 ditos de..... 50.000\$000  |                      |
|                      | 10 ditos de..... 20.000\$000   |                      |
|                      | 30 ditos de..... 10.000\$000   |                      |
|                      | 99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a..... 5.000\$000   |                      |
|                      | 99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a..... 2.000\$000   |                      |
|                      | 99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a..... 1.000\$000   |                      |
|                      | 99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a..... 500\$000   |                      |
|                      | 99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a..... 300\$000   |                      |
|                      | 5.000 ditos para todas as centenas cujos dous algarismos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivè, a..... 200\$000 |                      |
|                      | 50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for igual ao da sorte grande, inclusivè, a..... 20\$000            |                      |
|                      | 2 aproximaciones para o 1º premio a..... 50.000\$000   |                      |
|                      | 2 ditos para o 2º premio a..... 30.000\$000  |                      |
|                      | 2 ditos para o 3º premio a..... 20.000\$000  |                      |
|                      | 2 ditos para o 4º premio a..... 10.000\$000  |                      |
|                      | 2 ditos para o 5º premio a..... 8.800\$000   |                      |
|                      | 55.552 premios no valor de..... 7.500.000\$000   |                      |
|                      | Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despezas..... 2.500.000\$000  |                      |
|                      | 500.000 bilhetes a 20\$000..... 10.000.000\$000  |                      |

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com antecedencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

# N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico—Pardal—Caixa do Correio n. 301—Rio de Janeiro

# T. D. SOCIEDADE EUTERPE COMMERCIAL TENENTES DO DIABO

**Avé! Hurrah!! Evohé!!!**

Hoje, ao soar da ultima pancada da meia-noite, Demo—o folgazão, saltando em a nossa caverna com o seu cortejo de fogos multicores e de barulhentos diabinhos, abrirá as portas triumpheaes do palacio da Alegria para receber, com todas as honras e todos os evohés do estylo o nossô altíssimo e poderosissimo senhor — o Deus Momo. Por este momento, entre uma revoadada confusa de anjos, de mil Venustentadoras e cubigosas, á luz de cambiantes fôcos e ao perfume de milhões de flores, abrir-se-ão garrafas de champagne que em taças de finissimo chrystal será servido ás *deidades* que, fugindo ás maguas, encontraram na nossa luminosa caverna a lympha da Folia e do Prazer. E tudo isto se animará, crescerá, avolumar-se-á, ao somde um

**ESTRIDENTE,  
INCLEMENTE,  
BARULHOSO,  
FACULHOSO**

## ZÉ PEREIRA!

Um Zé Pereira de *avropocapomo* capaz de atordoar o Padre Eterno e de ensnrdecer as estrellas.

### UM DELIRIO

Nymphas de cóllos rosadas,  
De corpos lindos, bordados  
Por mil azuladas veias,  
Deusas, de olhares fogosos,  
De tregeitos voluptuosos;  
Encantadoras sereias;

Mulheres meigas, formosas,  
Que tendes beijos e rosas  
Para as noites de Alegria;  
A' nós! A' nós! feticiciras!  
Que as horas passam fagueiras  
Aos clarões do nosso dia!

Venham Vossas Excellencias  
Desmanchar as «differencias.»

Nada de maguas, nada de tristozas,  
A nós! A nós! esplendidas bellezas!

E não fica nisto a nossa inimitavel folia. Momo é exigente; quer que o prazer não tenha limites, que não conheça terminos. Pois que o não tenha! Que o prazer se prolongue, que vá até á eternidade!

**Evohé! Evohé! Evohé!**

AMANHÃ, AMANHÃ,

## GRRRRANDE BAILE Á FANTASIA

FINO, SUPERFINO, ULTRAFINO E PAPAFINO

Donzellas bellas, creaturas puras,  
Almas que as palmas heis de conquistar.  
A festa infesta na caverna eterna  
Risos, sorrisos de um feliz gosar!

Gozemos! Temos para o gozo o pouso  
Do vosso e nosso collo alabastrino!  
A vida é lida! Quem existe é triste  
Se pensa á crença de fatal destino.

Gozemos  
Dansemos,  
Folguemos  
Sem fim!  
A vida  
Querida  
Levemos  
Assim!

Angustias, pezares  
E maguas, aos mares!  
Matemos as dores!  
Amores, amores,

De todas as cores,  
Que venham, senhores,  
Ao som dos tambores  
A' chuva... de flores.

Deixemos sentenças,  
Porque o amor tem fogo:  
Se houver differenças  
Desmancham-se logo.

### A' LA SENSATION!

Na terça-feira, com o luxo que nos é peculiar, com o brilhantismo que só nos pertence e que nos tem dado uma boa sucia de inimigos, ao som das mais enthusiasmadoras e provocantes musicas, percorreremos embasbacando a *tout le monde* com os nossos carros de idéias e com o espirito fino das nossas pilherias, as ruas d'esta heroica cidade de São Sebastião.

O' nosso sequito é nma cousa nunca vista, nunca sonhada, e que só um *illuminado* tenente mais do que todos nós, pode engendrar. E' uma maravilha!

### SOBERBÔ!

As nossas idéias não são estrellas, são — VIAS LACTEAS

O vos omnes qui transitis per viam Ouvidoris, attendite  
et videte si ost pandega, sicut pandega nostra!

E como este mundo é variegado  
Aqui minha firma estico:  
(mas sem hymna)

O 2º Secretario  
(Interino)  
MAFARRICO

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE FEVEREIRO DE 1887

DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 113

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
Aluizio Azevedo,  
A. de Souza e E. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|   |                  |
|---|------------------|
| Expediente.....                                       | J. DO EGYPTO.    |
| Historia dos sete dias.....                           | V. MAGALHÃES,    |
| Liberdade, poesia.....                                | R. CORREA.       |
| A panthera negra (Le-<br>conte de Listé), poesia..... | JULIA LOPES.     |
| Fallencia.....  | PICOLINO.        |
| O Carnaval.....                                       | L. M.            |
| Questão d'orthographia.....                           | A. DUMAS, filho. |
| Francillon (excerpto).....                            | F.               |
| Notas bibliographicas.....                            | DR. SAHÉN.       |
| Gazetilha medica.....                                 | A.               |
| Gazetilha litteraria.....                             | S.               |
| Jornaes e revistas.....                               | R. OCTAVIO.      |
| Poesia e poetas.....                                  | PASSEPARTOUT.    |
| Aqui, ali, acolá.....                                 | LOGNON.          |
| Festas, bailes e concertos<br>Theatros.....           | P. TALMA.        |
| Collaboração—Confidencia<br>Factos e Noticias.....    | LUCIA.           |
| Recebemos.....  |                  |
| Annuncios.....  |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |         |
|----------------|---------|
| CÔRTE          |         |
| Trimestre..... | 2\$000  |
| Semestre.....  | 4\$000  |
| Anno.....      | 8\$000  |
| PROVINCIAS     |         |
| Semestre.....  | 5\$000  |
| Anno.....      | 10\$000 |

Prevenimos os nossos assignantés que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, colleção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas higraphias, escriptas por nota veis publicistas francezes.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

### O CARNAVAL

Não se enganava o nosso collega *Picolino* quando disse em o numero passado d'esta folha que o carnaval d'este anno ia ser « Carnaval & C. »

Foi-o de veras. Ha muitos annos não tinhamos, a todos os respeitos, um carnaval tão bom.

Parece que tudo e todos se combinaram para que o ephemero reinado de Momo e da Folia tivesse todas as honras e todas as esplendores.

O proprio tempo, o velho e fidalgal inimigo d'aquelles amados soberanos, ameaçou chuva no domingo gordo, choviscou na segunda, mas na terça criou vergonha e deu-nos um dia magnifico — sem sol nem chuva; um dia tal como 'sô de encomenda se poderia arranjar.

O Sr. chefe de policia tambem levou a capricho provar á população que não tinham razão os seus antecessores quando diziam ser impossivel acabar com o entrudo, pois mesmo em relação a esse brutal e maléfico passatempo — querer é poder.

E não tivemos entrudo. Mas nem só por esse assignalado serviço fez jus S. Ex. a todos os bonds com handeifrolas e musica e a todos os *a oleo e momentos solemnes* da nossa admeração e do nosso reconhecimento. S. Ex. eliminou este anno, além do limão de cheiro, a capoeiragem, impedindo que fizessem parte dos divertimentos publicos — a defluxão instantanea e a navalhada... não menos instantanea.

Ora, por muito que reconhecessemos todos que o Sr. desembargador Coelho Bastos tem na venda da sua autoridade o cabellinho rijo da energia, ninguém podia esperar volver á casa, após os folhudos do carnaval, com a roupa enxuta e sem soluções de continuidade na pelle do ventre. Quem poderia sonhar com a assombrosa esperança de, tendo sahido de cartôla na cabeça, voltar com ambas nos seus respectivos logares — a cartôla sobre a cabeça e a cabeça, intacta, sobre os homhros! Ninguém.

Pois S. Ex. tambem conseguiu isso! Pena! foi, no emtanto, que S. Ex. e os seus delegados se apresentassem em publico de chapéu baixo — quando é o alto o de seu uso diario.

Contaram-me que no domingo S. Ex. andou de cartôla, mas acompanhado de algumas espadas cingidas aos respectivos guardas, incumbidas de *cutar* pela raiz a primeira tentativa de *encapellação* que ousasse erguer o sedicioso côllo. Felizmente nenhuma appareceu, e a cartôla de S. Ex. só era deslocada da cabeça, que lhe dava a honra de nella se encaixar, pela propria mão do Sr. chefe, quando cortejava os seus conhecimentos.

Mas no terceiro dia vi-o de chapéu haixo, facto que equivalia á confissão tácita de que recejava ser *encapellado*.

Eu, porém, que — mórmente depois dos seus actos de heroismo — tenho razões para julgar S. Ex. um coelho de muita força, attribuo essa lamentavel mudança de cobertura capital ao louvavel sentimento de respeito pelas convicções do Sr. conselheiro Joaquim Delino, que com S. Ex. passejava — de chapéu baixo. Ora, se o proprio ministro da justiça e da guerra, (olhem que tambem da guerra!) não julgou o sen magestatico chapéu de pello superior ás travessas bengalas dos *encapelladores*, devia o Sr. chefe demonstrar publicamente maior coragem e consciencia da propria auctoridade do que o seu ministro, do que o ministro da guerra? Não, certamente. Para chapéu baixo de ministro kchapéu baixo e meio de chefe de policia.

Este sabio principio auctoritario devia estar incluso na Constituição do Imperio.

..

De Capistrano de Abreu, Araripe Junior, Luiz Murat, Carlos de Laet, e do exímio *savantista* Romero e de quantos proficuamente se entregam ás locubrações sociologicas invôco a attenção e convidó a competencia notoria para o estudo do alcance social e moral como das causas e effeitos da curiosa feição que ha alguns annos tomou o carnaval fluminense.

A principio só havia entrudo; depois foram apparecendo os mascararas, disfarces pouco luxuosos, menos para o fim de ostentar ricas fantasias do que para o de poderem os disfarçados flêchar impunemente os passantes com a chistosa pergunta: « *Você me conhece?* » Mais tarde appareceram os agremiamentos carnavalescos; as que avulsamente se mascaravam associaram-se, pois a união fazia no caso, além da força, maior luzimento e ruido.

Os prestitos de taes grupos visavam então sómente o luxo. Exhibiam fatos de bello talhe e apparatusos adornos, mas eguaes, verdadeiros uniformes com que se distinguiam os membros de cada sociedade. As mulheres que, pouco a pouco, foram nellas se introduzindo, apresentavam-se com certo recato, sem escandalo.

Depois foi se transmudando o caracter de taes sociedades, e de anno a anno, tomando a feição critica e immoral que hoje têm.

O carnaval de hoje é um instrumento de critica popular e um elemento de immoralidade publica.

O despejo e a satyra — eis as suas caracteristicas.

A população admittio-as sem repugnancia e hoje applaude-as com enthusiasmo; ri-se com as allegorias e caricaturas satyricas dos «carros de idéias» e faz ovações ás prostitutas semi-núas

que passam, impudentes e gloriosas, altivamente sentadas nos seus altos e frageis thronos de papelão e sarrafos. Os homens acclamam-as, gritando-lhes os nomes, dando-lhes vivas; as familias cõbrem-as de flores e chuva de papellitos de ouro e prata.

E nem a violencia e transparencia da critica ás mais altas personagens do paiz e ás suas mais respeitaveis instituições revólta os homens, nem o espectáculo immoralissimo da nudez victoriosa das prostitutas repugna ás damas ou as faz enrubecer de pejo e indignação!

Parecem-me dignos de estudo estes dois phenomenos sociaes e que elles encerram poderosos elementos para a critica dos nossos costumes e para a indução philosophica do nosso futuro.

Entrego-os aos competentes. Se, no emtanto, julgarem que elles não têm valor apreciavel e que valem tanto como dois caracões, deem-os á margem e queiram desculpar-me.

Mas eu ficarei cá com a minha opinião de que ha ali com certeza dente de coelho, lamentando a minha inopia na arte dentaria da sociologia, para descartar-o com o bisturi da analyse e arrancar-o com o boticao da critica. Eis aqui um caso em que devéras sinto que se me não possa dizer:

— Que *savantista!* que sociologista! que dentista!

..

O que é certo, apesar de todos os pezares, é que nem a Divina Providencia me incumbio de ser palmatoria do mundo, nem a Moralidade Publica me paga cousa nenhuma para eu ser palmatoria do Rio de Janeiro.

Portanto, lavo as minhas mãos de tudo isso, que, aliás, apenas apontei como curioso, não como anatomista dos phenomenos sociologicos.

Mesmo porque eu, francamente, falando só em relação a mim, gosto do carnaval como elle é, e não me desespera que elle continue a ser o que está sendo.

Acho que os «carros de idéias» representam o interesse do povo pelas suas cousas e denunciam um louvavel e ansipicioso espirito de critica do *Zé Pagante* exercido sobre aquillo que lhe diz respeito; em uma palavra revelam — autonomia. E quanto á exhibição de bellas mulheres, quasi nada vestidas, não tenho o direito de ser mais pudoroso nem menos condescendente do que as Exmas. familias da capital do imperio. Se ellas applaudem, que diabo hei de eu fazer? Homem, o melhor é não pensar nisso...

JOSÉ DO EGYPTO.

A poesia *Liberdade*, do director d'esta folha, poesia que hoje publicamos, foi expressamente escripta para os *Tentes do Diabo*, e distribuida por elles na passagem do carro allegorico ao Abolitionismo.

## LIBERDADE

Sempre esta nódoa negra, esta miseria immensa  
A macular o alvoro do nosso pavilhão!  
Quanto mais do Progresso a grande luz intensa  
Se adeanta, mais nos tarda o sol da Redempção.

Serás tu, por ventura, amaldiçoada, ó terra  
Em que Cabral fincou da Liberdade a cruz?  
Ou será necessário entre irmãos uma guerra  
Para, emfim, conquistar-se a redemptora luz?

Do seculo no fim, ao congresso dos povos,  
Convocados à voz da Civilização,  
Que apresentamos nós, o mais novo entre os novos?  
Apresentamos isto: — o relho e a Escravidão.

Lovamos este quadro: homens assassinados  
Inermes, como bois, ao mando do *senhor*;  
Corpos negros e nus, frios e ensanguentados,  
Dados em pasto aos cães e aos urubús. Que horror!

Entre os aureos pendões, ao retumbar do malho,  
Dos hymnos do Progresso ao côro triumphal,  
Exhibimos o tronco, hasteamos o vergalho:  
Vergonhosos braços do nome nacional.

Das fanfarras ao som, aos canticos altivos  
Da Humanidade livre, em convívio feliz,  
Levamos o gemer, o ulular dos captivos,  
Os joelhos arrastando e curvando a cerviz.

Os outros levam luz, nós a treva levamos;  
Elles hymnos de amor, nós gemidos e ais;  
Elles têm a piedade, e nós desenrolamos  
O interminio painel dos tratos infernaes;

Elles cantam victoria e nós vamos, de rastros,  
Um canto mendigar à sala do festim;  
Vamos, como ladrões, á seara dos astros  
Um raio respigar que nos dá luz emfim.

Manchamos o paiz, o sécl'o, o continente;  
Deshonramos o amor, deshonramos o lar,  
A Patria e a Humanidade; e, desgraçadamente,  
Nós nem temos direito à propria luz solar.

Em vão, Brazil, em vão, a Liberdade tenta  
Aos seus braços erguer-te e partir-te os grilhões;  
Ella, que aos hombros tem, como Atlas, e sustenta  
O estrellifero céu de todas as nações.

Tens chumbados aos pés dois negros empecilhos,  
E em vão tentas erguer os membros de titan:  
Tens nas mãos lodo e sangue e escravos entre os filhos...  
E' teu irmão o Crime e a Noite é tua irmã.

Em breve vão-se abrir da França os grandes braços  
Para commemorar, em bello jubilen,  
A data que rasgou a Luz novos espaços  
E á Humanidade, emfim, os seus direitos deu.

Na festa universal, no certamen glorioso  
Da Liberdade, tu não poderás estar:  
E's em todo o Universo o precito, o leproso,  
E dos livres no templo é-te vedado entrar!

VALENTIM MAGALHÃES.

## A PANTHERA NEGRA

(LECONTE DE LISLE)

(A Lucio de Mendonça)

Um luar rosicler surge, as nuvens tingindo  
De que a Leste o horizonte inteiro se enche e entulha:  
E a noite, o atro collar de perolas partindo,  
Sobre o mar se debulha.

Rasgam-se de ouro e luz em cambiantes fitas  
Os céus, que o matinal nevoeiro mal empana,  
E o diluculo sobre as aguas infinitas  
Sangue e fogo espadana...

Dos bambús, dos letchis de fructos purpurinos  
E de onde o calambuco incensa e a canelleira,  
O rócio espirra ao sol em feixes crystallinos  
E em scintillante poeira...

Fresco barulho sae das arvores, das flores,  
Das pedras... Rolam no ar fulvas ondas cheirosas,  
Plenas de eccos joviaes e energicos odores  
De essencias voluptuosas...

Por ermas trilhas, onde o hervado á luz do dia  
Fumo espesso, e, em torrente argentina, resôa  
A agua viva, que sob a esplendida arcaria  
Do junco indiano escôa...

A rainha de Java aos antros subterraneos  
Regrêssa, onde deixara os filhos esfomeados  
Entre ossos nus de carne, esqueletos e craneos  
De animaes devorados;

Marcha ondulando, e o olhar, como um virote agudo,  
Crava inquieta na sombra, onde resona o vento;  
Mancha-lhe um sangue vivo e ainda fresco e velludo  
De seu pello opulento;

De um veado que, ha pouco, em postas fez na caça,  
Roja um quarto a sangrar, na crua fauce o prenue,  
E um rastro longo, atraz de si, por onde passa,  
Quente e purpureo estende.

Volitam-lhe em redor borboletas e abelhas  
E esfloram-lhe á porfia o dorso; e nos atalhos,  
Que pisa, a selva entôrna as gravidas corbelhas  
De aromas e de orvalhos;

Curiosa e ao mesmo tempo assustada, a serpente  
Para vel-a passar ao longe pela matta,  
D'entre uma sarça, astuta e precatadamente,  
Ergue a cabeça chata.

No emtanto, a fera vae, galhos, troncos quebrando;  
E após, no seu covil entra e desaparece;  
Tudo é silencio, o ar queima, e, inteiro, em luz nadando,  
O sertão adormeece...

RAYMUNDO CORREA

## A FALLENCIA

(Fragmente d'um romance)

Francisco Theodoro da Silva Amaral, importantissimo negociante da praça do Rio de Janeiro, fallira. O caso fez sensação. Ouviam-se commentarios a respeito.

— Aquillo é uma vergonha, diziam uns, acompanhando as palavras com gestos largos e attrahindo assim a attenção de todas as pessoas agrupadas na esquina. Sim, aquillo é... é ladroceira! Vocês verão! D'aqui a pouco tempo comprará elle uma casa ajardinada lá para a Gávea, ou para a Tijuca, passará a mulher com vestidos de seda feitos no Grimações ou na Lambert, e, para disfarçar maguas, tomará uma assignatura para a primeira epoca lyrica...

— E riam-se, riam-se estrondosamente. — Quem soffre mais com esta quebra, acudia um, é o visconde de B... pelos modos maior credor...

— Ora! que não fosse tolo, accrescentava um terceiro.

— O que eu duvido é que o visconde perca ou se resigne... acudia um outro e ainda um outro concluiu com um movimento indifferente:

— Quo remedio terá elle!  
Entre as senhoras a fallencia da grande casa Amaral tinha outro aspecto, não era fundada na desconfiança de illicito procedimento do negociante, mas sim no extremo luxo da familia.

— Podêra idiziam ellas, aquella pompa arruinará um Rothschild, quanto mais um Francisco Theodoro!

Enquanto nas ruas, em frente das *vitrines*, nas portas dos cafés e dos escriptorios dos jornaes e nas esquinas se commentava o caso colorindo-o cada qual á sua maneira, o ex-guarda-livros do estabelecimento fallido atravessava sereno por entre o zum-zum das condemnatorias observações, dirigindo-se pensativo para o seu chalet, na Ponta do Cajú.

Durante o tempo da viagem da cidade ao arrabalde foi elle ouvindo duas senhoras que, sentadas a seu lado, repetiam os nomes da mulher e da filha de Amaral como cúmplices do desastre. Lembrava uma os pick-nicks feitos na pittoresca ilha de Paqueta, os escaletes enfeitados de flores, o grupo dos musicos que as acompanhavam sempre n'essas excursões...

A outra recordava os bailes, os verões de Petropolis; os magnificos cavallos em que passeava a elegante amazona, unica filha de Amaral, a mestra allemã, que era tratada como fidalga acompanhando sempre a menina, os saraus das terças feiras na sua casa das Laranjeiras, as *toilettes* com que se apresentavam no lyrico, no Cassino, etc., e exaggeravam sommas em calculos extraordinarios.

Todo o caminho foi o guarda-livros ouvindo a importuna musica, chada pelas incançaveis senhoras; chegando ao Cajú apeou-se.

O sol declinava dourando as aguas do mar lisas como um lago. A linha das palmeiras desenhava-se immovel no fundo azul da serena e placida bahia. Ao entrar em casa pareceu-lhe entrar no paraíso. Empurrou o portão de ferro e atravessou cabisbaixo o pequeno jardim. A arcia estalava-lhe de baixo dos pés. No alto de um jasmineiro manga, estrellado com as suas perfumadas flores cor-de-ouro velho, gorgearam alegremente os passarinhos. No peitoril da janella entreaberta da saleta dormia estiradamente a gatinha branca, a Fran-fran, a nervosa e leviana Fran-fran, a quem elle costumava amimar passando-lhe a mão pelo dorso assetinado e airoso.

Não se importou elle essa tarde nem com a cantiga das aves nem com a elegante gatinha; sem reparar n'ellas deu volta á casa, indo entrar pela porta da sala de jantar. A mãe cosia, a um canto, n'uma cadeira de balanço; vendo o exclamou assustada — que é isso meu Carlos, tão cedo? E indagou sollicita se elle estava doente, que o achava abtido... pallido...

Carlos socegou-a, sentou-se a seu lado e principiou a fazer a narração do que se passára no escriptorio.

Ella fixava no filho os seus tristes olhos muito abertos, como espantados do que viam, a costura cahin-lis sobre os joelhos, os braços pendiam-lhe arredondados no regaço.

«Eu entrei ás 8 horas, dizia Carlos, e escrevi até ás 11 e meia. Silva Amaral foi cedo, estava terrivelmente pallido; tem envelhecido dez annos n'estes dez dias. Eu não sabia que o estimava tanto. Ao vel-o hoje andar vagaroso pelo armazem, olbando detidamente para as paredes, o tecto, as saccas de café empilhadas em grandes rumas, para tudo, enfim, como se se despedisse, e depois voltar silencioso para o escriptorio, senti, confesso, apertar-se-me o coração.

«Ao meio dia, os caixeiros alinhados no armazem como sentinellas promptas para o primeiro signal, um silencio cortado pelo esvoaçar das moscas sobre as barricas de assucar, infundiam uma soturnidade de claustro áquella casa ordinariamente alegre.

«Acabei a escripta, puz em ordem os livros, esperando os novos donos a quem tinhamos de dar contas. O primeiro a chegar foi o Souza Leite, o mais feroz dos credores. Pisou com altivez o soalho, que rangia sob osseus pés n'uns gemidos que me echoavam cá dentro do peito. Silva Amaral levantou-se para cumprimental-o, balbuciou umas palavras que nenhum de nós entendeu, e voltou a sentar-se com a cabeça pendida e as mãos cruzadas sobre a mesa.

«O Souza Leite olhava para os livros cubicosamente; adivinhei-lhe o desejo de folheal-os, mas não lhe offereci semelhante cousa; tel-o-hia mesmo negado se m'o pedisse.

«A' uma hora estavam reunidos todos. Amaral suava, tinha uma cor amarelada, fria. Tomei por elle, incapaz de dizer duas palavras, o encargo de explicar o methodo e systema seguidos nas transacções da casa.

«Abri-lhes depois os livros e retirei-me, deixando-os com a liberdade de fazerem á vontade seus commentarios. O exame foi longo. Vim para fóra para o armazem, onde continuava a reinar um silencio absoluto. De vez em quando sentiamos o folhear dos livros, uma palavra dita mais alta, um arrastar de cadeiras.

«No fim de longas horas a commissão examinadora saiu satisfeita, concluiu a tarefa, que havia dias a preocupava; tinha razão.

«Silva Amaral deixou sair todos, e chamando os caixeiros, despediu-se com um modo bondoso e commovente. Aconselhou-os que ficassem na casa, que no commercio a persistencia é a fortuna, que fizessem por ser dignos de apreço, de consideração e de estima.

«Quando chegou a minha vez apertou-me com força as mãos, agradeceu-me o ter-lhe poucado explicações e a boa vontade com que trabalhei sempre a seu lado, perguntando-me, por fim, se continuava... que me tinha visto em conferencia demorada com o Leoncio Guedes, que naturalmente combinaríamos ficar eu como até então.

«E' certo que o Leoncio me pediu isso, respondi-lhe, mas não accetei o convite.

«Nos olhos claros de Amaral relampejou uma alegria, que passou depressa, e elle disse com voz ligeiramente tremula:

«—Fez mal; não devia cortar a sua carreira...

«—Eu não poderia entrar n'esta casa tendo d'ella saído o meu benefitor e amigo, respondi-lhe.

«Sorrriu, tornou a apertar-me a mão o sahio sem dizer mais nada.

«Todos os empregados estavam compungidos; nos olhos dos mais fortes havia um brilho denunciador de maguas.

«Ao vermos affastar-se o nosso bom patrão, austero mas justiceiro, inabavel em tudo que não fosse de razão, ao vermos canir esse trabalhador vencido, que nos acolhera dando-nos sem mesquinhez o salario com que temos amparado os nossos, não podiamos deixar de sentir uma commoção profunda e dolorosa.

«Comprehendiamos-nos em silencio; olhavamos uns para os outros como a darmos-nos mutuamente os sentimentos...

«Despedi-me dos companheiros e desci triste a escada. No ultimo degrau esperava-me ainda uma commoção. Tenho-lhe bastantes vezes fallado no Nero, um soberbo Terra Nova, guarda do armazem, que foi em pequenino para lá e affeicou-se ao Amaral e a mim, principalmente a mim... Logo que eu entrava no escriptorio, atravava-me ao peito as suas grandes patas, tentando abar-me a cara; depois estendia-se a

meus pés e dormia, sereno e feliz, horas seguidas. Pois foi o Nero que me augmentou a tristeza na despedida... Estava elle, como todos os dias a essa hora, deitado sobre o ventre na soleira da porta, com a cabeça altivamente erguida e alongadas as patas dianteiras. Vendo-me, levantou-se e veio roçar-me pelas mãos o focinho frio e humido.

«Vá lá, disse eu ameaçando-o, amanhã talvez te não acariem as mãos d'aquelle que me substituiu...

«A idéa deir un outro sentar-se no lugar que occupo desde... desde criança, por assim dizer, enriste-me, minha mãe! Parece-me, que loucura! que elle se devia conservar vazie... E' um egoismo tolo, uma cousa que não sei explicar e que faria sorrir ironicamente os homens que não tivessem passado por casos identicos, se eu tivesse a infantilidade de lhes contar as minhas intimas sensações.

«A minha mãe, bem vê, não me acanha a confissão d'essas puerilidades. Até á velhice carrega o homeu n'alma alguma cousa da criança, e raras vezes é n'isso que está a sua fragilidade ou a sua perdição. De outro homeu, por mais amigo que seja, encobre elle esse resto de meninice que lhe ficou como um tenue perfume a prendel-o doce e mysteriosamente ao seu passado longinquo; á mulher, porém, revela-o espontaneamente.

«Sabe porque lhe digo isto? Porque o Terra Nova, o Nero, fez-me comprehender esta manhã que tenho unido do Carlinhos de ha vinte annos!

«Senti os olhos humedecerem-se-me ao dizer-lhe adeus, como se fallasse a uma pessoa intelligente e extremosa, repetindo umas palavras breves e cheias de amizade... Sahi, acompanhando-me, olhando-me enternecido, meigamente, como se me entendesse e participasse da minha grande tristeza!

«Na esquina separámo-nos e... e quer que lhe diga a verdade, minha mãe?... Tive vontade de beijar o cãu... Lisboa, 24 de Dezembro de 1886.

JULIAN LOPES.

## O CARNAVAL

Foi um renascimento o de 1887. Parecia saltar o ultimo suspiro o anno passado e eis que elle, o alegre e sempre adorador carnaval, recupera as forças, readquire o bom humor, enrija novamente, mostra de novo os dentes e enxota a pontapés o entrudo, esse inimigo porco e malcreado, que o ia nantando.

«Não o comparo com a Phenix, porque não gosto da comparação, mas direi francamente que se levantou mais bonito da cama.

«Tanto assim que a difficuldade do elogio consiste na difficuldade da escolha: houve tanta coisa apreciavel, tanta! A muitos pareceu que os Democraticos ganharam a palma no que diz respeito a espirito,—ao bom gosto e á boa escolha de certos auxiliares, que não pertencem ao nosso sexo, e que são garantia de successo a uma sociedade carnavalesca.

«A outros muitos que os Tenentes venceram em luxo e pompa.

«O Club dos Fenianos salientou-se pela opulencia e grandezza do seu sequito, notando-se-lhe tambem alguns carros de muito effeito. Entre estes o do estandarte do chefe dos Fenianos, uma cesta de flores com quatro lindas crianças e o 3o carro de estandarte *As arvores japonezas*, em que pompeava uma linda mulher, de feições intelligentes e serenas, lembrando em tudo uma impeccavel Venus hellenica.

«Os Tenentes do Diabo, esses fizeram-se notaveis, não só pela riqueza com que se apresentaram como pela sua comitiva de flores, que foi uma das maravilhas do carnaval de 1887 e pela maneira engraçadissima por que tractaram a questão do Matadouro.

«Bonito e novo; assim fossem os capacetes da banda de musica e alguns carros de idéa que, bem contra a nossa vontade, lembravam-nos outros já vistos em caruavaes passados. Umas certas egrejinhas, onde formigam padres de nariz vermelho; umas certas casas com letreiros, de cujos postigos surgem cabeças endiabradas; uns tantos bonecos que giram ou que surgem de umas

tantas coisas; tudo isso já não pode impressionar o publico, porque está estafado e sedico, censura esta que tambem cabe ás outras sociedades.

«Veja se como foi, por exemplo, bem recebida a idéa do duello apresentada pelos Democraticos.

«E porque? Porque foi nova e desenhada com simplicidade. Havia ali uma intenção original, clara e despreziosa; agradaria fatalmente. Pela mesma razão agradaram os carros do beija-flor e do leque e o sequito de flores de que ainda ha pouco falei, como agradou o espirituoso Machadinho, feito criança, e aquelle socio dos Democraticos que representava o visconde de Figueiredo.

«Querem coisa mais simples e menos pretenciosa do que os carros apresentados pelos Democraticos? Entretanto, aquellos banquinhos de pau, feios, velhos e aparentemente desconjuntados, valem por mil carros cobertos de papel dourado, cheios de bonecos de papelão, afogados em tintas enlouquecedoras, e com uma mulher lá em cima, phantasiada, um tanto assustada e triste.

«A denoção e a allegoria são coisas de concepção difficilissima. Desde que nellas não presida um forte bom senso artistico, não conseguem impressionar. A pilheria é mais facil. E, entre uma allegoria ridicula e uma boa pilheria, é sempre preferivel a boa pilheria.

«Imagine-se um sequito carnavalesco, concebido e executado por um artista imaginoso e correcto. Imagine-se essa grande obra d'arte feita com a unidade de um livro ou de um edificio, tendo todos os seus grupos ligados entre si por uma idéa geral, formando um bello conjunto, harmonioso e seguro com uma cadeia, da qual se não pudesse separar um elo. Imagine-se cada membro do sequito representando um typo ou uma idéa, completa na sua unidade individual, mas ligada ao assumpto geral pela identidade da concepção.

«Imagine-se por exemplo que os Tenentes se lembrassem de representar —O descobrimento do Brazil apresentando varios episodios e varios typos, remontando sceuas e costumes. Aqui uma caravela que naufraga; ali a cruz que se levanta; mais adiante uma festa indigena; logo depois uma cerimonia militar dos portuguezes.

«E tudo isto feito com pompa e arte. Quanta coisa bella não se exhibiria! Além deste assumpto brasileiro, ha outros aproveitaveis, como a guerra do Paraguay, tão rica de episodios e factos brilhantes; ou como o movimento abolicionista, onde seriam representados os ultimos combates navaes entre piratas e negreiros.

«Assumptos não faltariam. Note-se porém que isto não é conselho e muito menos um meio de dizer o que o carnaval não me agradou; para o que repito a primeira phrase deste artigo:

«O carnaval de 1887 foi um renascimento.

PICOLINO.

## QUESTÃO D'ORTHOGRAPHIA

J. V., iniciaes de Julio Verim, pseudonymo do elegante escriptor das *Caricaturas em prosa* e dos *Quadros de hontem e de hoje*, assignam, na *Revista Illustrada* da 5ª d'este mez, um artigo sobre a questão indicada pelo nosso titulo, a que devemos resposta.

«Entende o nosso distincto collega que nos demos muita pressa em decidir contra elle uma questão que estava ventilando e na qual tem a seu favor o laudo de todos os numeros d'esta revista e de outras publicações do seu director.

«Invertendo as duas proposições do periodo, confessaremos primeiro—que o laudo invocado é, effectivamente, favoravel a Julio Verim; mas o facto tem mui simples explicação: os nossos artigos com o mesmo titulo d'este não são do director d'*A Semana*, mas de um dos seus collaboradores, que, positivamente diverge da orthographia por ella observada no ponto em litigio, ou, melhor, entende que, nesse ponto, Valentim e *A Semana* ainda não systematisaram a sua orthographia.

Agora, a censura de precipitação, a que já adicionaremos outra, que Julio Verim nos irroga nestes termos: «Quando se intervem n'um delibate *ex officio*, sabe o nosso collega que deve ser para tractar da questão em si, e não agarrar-se a um incidente, como o naufrago a uma taboa».

«Não, collega; nem fomos precipitados nem nos apegámos a um incidente da vossa questão. Vimos, sim, com pezar, que tanto a *Revista* como o *Mineiro* se estavam fatigando em discutir um ponto de orthographia que nenhum delles solvia satisfactoriamente por não ter encontrado a regra geral para o caso. Formulando essa regra, colhida na orthographia de Hercutano, se não conseguimos esclarecer o debate, não foi por culpa nossa.

«Attenda-nos benignamente Julio Verim.

«E' certissimo que a graphia *ão* e *do* do *Journal do Commercio* é horripilante; é certo que Verim tem toda a razão quando escreve *lowaram*, no preterito, o *lowurão* no futuro; mas tambem é certo que razão e logica havia da parte do *Mineiro* quando lhe exigia que semelhantemente escrevesse *orgam* e *orgams*, ainda que elle, *Mineiro*, assim o não escrevia; e não é menos certo que, repellindo essa consequencia, a que o *Mineiro* o queria levar, Verim mostrava não possuir a regra que formulámos; este é que se escreve com *ão* a terminação longa e com *am* a terminação breve, quer nos verbos, quer nos substantivos, quer nos adjectivos; ex: *João, irmão, estáo, estarão, loução; e Estevam, orpham, acham, achavam, achariam*. Acrescentámos que o plural, para os nomes terminados em *am*, se formaria regularmente com o acrescentamento de um *s* á forma do singular, e assim se escreveria, sem duvida alguma, *orphams, orgams*, etc. Para completar, dissemos ainda que a coherencia exigia que se escrevesse com *an* a terminação breve e com *a* a longa, tanto nos substantivos, como nos adjectivos; ex: *irmã, christã, louçã, e iman, orphan*.

«Esperamos agora que Julio Verim, fazendo-nos o obsequio de attender mais ao que temos escripto, reconhecerá que nem interviemos fora do tempo nem lhe alterámos a questão, a não ser para a collocar nos devidos termos.

L. N.

## FRANCILLON

Damos em seguida uma das scenas capitae de *Francillon*, a ultima peça, já famosa, de Dumas Filho. *Francina* de Riverolles adora seu marido mas suspeita que elle é infiel. E' meia noite Riverolles quer sahir para ir ao baile; *Francina* supplica-lhe que fique para elle fazer companhia. Eis a scena:

Francina

Vais sair?

Luciano

Vou.

Francina

Onde vais a esta hora?

Luciano

Até ao Club.

Francina

E que vais lá fazer?

Luciano

Procurar os meus amigos, que já não vejo ha dias, enquanto estive em casa de meu pai.

Francina

E a mim tambem não viste durante esses dias. Já não estiveste hoje bastante tempo com os teus amigos?

Luciano

Mas ainda me falta encontrar-me com alguns.

|  |   |   |   |
|--|---|---|---|
| <p><i>Francina</i></p> <p>Olha que deve ser bem divertido ir ao Club!</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Quando te aconselhei que chamasses uma ama.</p>  | <p><i>Francina</i></p> <p>Mas, so tons uma entrevista com teus amigos, meia hora depois d'elles haverem sabido daqui, é que vocês vão juntos a algum logar.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Está bom, vae. (Luciano quer beijal-a na testa e ella recua.) Para que?</p>   |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Emquanto dormes...</p>  | <p><i>Francina</i></p> <p>Foi minha mãe quem me aleitou e foi tambem a tua quem te aleitou...</p>   | <p><i>Luciano</i></p> <p>E de facto assim é.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Como quizeres.</p>   |
| <p><i>Francina</i></p> <p>Mas eu não tenho somno.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Ora! mas em que tempo foi isso?...</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Que logar é esse?</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p><i>Francina</i> (Retendo-o ainda, depois de haver enchugado os olhos)</p>   |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Nem en tão pouco.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Como? Em que tempo foi isso? (Rindo.) Então tu me queres mal só porque eu... Está bem, chamarei uma ama quando tiver um outro...</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Queres absolutamente sabel-o?</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Tu vais ter com uma mulher?</p>  |
| <p><i>Francina</i></p> <p>Pois então não vás ao Club!</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Um outro?</p>  | <p><i>Francina</i></p> <p>Quero.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Vou ter com os meus amigos.</p>  |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Mas, se eu prometti!...</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Ou uma outra...</p>   | <p><i>Luciano</i></p> <p>Hoje ha um baile de mascarar na Opera e nós temos um camarote.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Basta de subtillezas.</p>   |
| <p><i>Francina</i></p> <p>A mim tambem fizeste uma promessa e muito anterior a essa.</p>   | <p><i>Luciano</i></p> <p>Ah! mas eu é que não te peço mais nada. Sòmente, enquanto tomavas novos babilos, era muito natural...</p>  | <p><i>Francina</i></p> <p>O camarote em que estava Mlle. Millescudi com sua mãe?</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Baeta de interrogatorio.</p>   |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Qual foi?</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Que voltasses aos antigos, não é?</p>   | <p><i>Luciano</i></p> <p>Justamente. Vamos ver o que são esses bailes naquella enorme sala.— Como ha já onze mezes tu me vias e me deixavas sahir todas as noites, não podia esperar que te viesse de repente semelhante capricho, e comprometti-me.</p>              | <p><i>Francina</i></p> <p>Escuta-me então, para que não haja algum equívoco entre nós. Olha bem para mim: amo-te com paixão e adoro a criança que nasceu deste amor; sou uma mulher honesta e só tenho um desejo: continuar a sel-o; mas considero o casamento um compromisso mutuo e, como livremente jurámos um ao outro respeito e fidelidade e eu tenho sido fiel e tu só tens a censurar-me o haver cumprido com o meu dever, dou-te a minha palavra que, se algum dia souber que tens uma amante, uma hora depois de ter certeza disso...</p> |
| <p><i>Francina</i></p> <p>Prometteste-me que havias de fazer sempre tudo o que eu quizesse e isto foi quando ainda eramos noivos.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Talvez!</p>  | <p><i>Francina</i></p> <p>Leva-me contigo.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>O que farás?</p>   |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Mas, pelo teu lado, fizeste-me identica promessa.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>O Club?</p>   | <p><i>Luciano</i></p> <p>Ao baile da Opera?! Bonito logar para uma mulher honesta, não ha duvida! O que diria Mme. Smith?</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Terei um amante e prometto-te que has de ser o primeiro a sabel-o. Olho por olho, dente por dente!</p>  |
| <p><i>Francina</i></p> <p>E parece-me que ainda não faltei a ella. Não manifestaste até hoje um só desejo que eu não haja procurado satisfazer e logo. Olha, podes experimentar agora mesmo.</p> | <p><i>Luciano</i></p> <p>Sim, o Club.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Indo eu mascarada?</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Deixa-me ver os teus dentes? (Francina, sorrindo, l'os apresenta para que os beije.) Uma mulher honesta, a quem ocorre semelhante pensamento, está com febre e precisa de repouso. Até amanhã.</p>   |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Ah! não, tornei-me discreto. Jamais me permittirei desejar o quer que seja.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Uma outra então?</p>  | <p><i>Francina</i></p> <p>Comtigo não ha perigo. Fica decaçado que não te deixarei um instante.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Até amanhã.</p>   |
| <p><i>Francina</i></p> <p>Mas que fiz eu?</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Talvez...</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>E teu filho, ficará sosinho?</p>   | <p>(Luciano sae)</p>  |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Tu? nada. Sòmente estás um pouco nervosa.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Queres molestar-me e não te ha de ser difficil consegui-lo. Tambem é esta a primeira vez que vejo censurar uma mulher por haver cumprido com os deveres de mãe.— Se tu fosses obrigado a tomar as armas e a ficar na campanha durante mezes, durante annos, supposes por acaso que eu iria me distrahir com outros? Havia de te esperar simplesmente, ao lado do berço de meu filho. A maternidade é o patriotismo das mulheres e o sangue, que vocês, os homens, derramam com tanto orgulho pela patria, nada mais é que o leite que lhes damos.— Enfim tu gostas de uma outra.— Ao menos prova-me que ainda me estimas se já não me amas, mas não me enganes nem me queiras tornar ridicula. Se gostas dessa outra, dize-m'ó já para que não tenba que ouvi-lo pela primeira vez da bocca de alguma das minhas boas amigas. Que seja eu a primeira a sabel-o.</p> | <p><i>Francina</i></p> <p>Sabes que, desta noite em diante, elle fica no quarto de Anninba. Já que era provavelmente o medo de acordal-o que te impedia de vir ao meu quarto, separei-me delle á noite... E uma vez ao menos posso me aueantar por algumas horas.</p> | <p>(Francina pede em seguida á criada luvas pretas, longas, um mantelete, um véu, um chapeu (tocado) e o seu regalo de pelle de lontra e sae a pé, sósinba, dizendo aos criados que a não esperem.)</p>   |
| <p><i>Francina</i></p> <p>Tu é que já não és o mesmo, mas absolutamente, desde que...</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Qual! por mais que eu fizesse, só conseguirias sabel-o em segundo logar.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Tenho ainda o que vesti na festa das flores, em Nice, quando lá estive com meu pae e minha mãe.</p>   | <p>ALEX. DUMAS, fllho.</p>  |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Desde que?</p>  | <p><i>Francina</i></p> <p>Não te faças tão espiritnoso, que a occasião não é propria.</p>   | <p><i>Luciano</i></p> <p>Mas esse é cór de rosa; e uma mulher de certa ordem não veste um dominó cór de rosa para ir ao baile da Opera.</p>   | <p>NOTAS BIBLIOGRAPHICAS</p>  |
| <p><i>Francina</i></p> <p>Desde que nasceu Gastão. Já não me amas.</p>   | <p><i>Celestino</i> (entrando)</p> <p>O carro do Sr. conde já está prompto.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Faze-me então um favor: não vás a esse baile!</p>   | <p>Traduzido e adaptado ás nossas escolas por <i>Braziliscus</i>, recebemos um exemplar do <i>Guia Pedagogico de Calculo mental e uso do contador mecanico</i>. É um trabalho este de grande utilidade para os candidatos ao magisterio e para auxiliar o ensino do calculo nas escolas publicas. D'elle pode-se dizer, mas com toda a verdade, que veio preencher nma sensivel lacuna.</p>   |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Amo-te como convem amar-te agora.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Qual! por mais que eu fizesse, só conseguirias sabel-o em segundo logar.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Impossivel: prometti.</p>  | <p>Excelente serviço prestou, portanto, o Dr. Alambary Luz (pois é este illustrado pedagogogo quem se occulta sob o pseudonymo <i>Braziliscus</i>) ao ensino publico. Recommendamos muito aos interessados este excellente guia.</p>  |
| <p><i>Francina</i></p> <p>O que é que queres dizer com o ten « agora »?</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Qual! por mais que eu fizesse, só conseguirias sabel-o em segundo logar.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Então vae só uma hora e depois volta.</p>   | <p>—</p>  |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>E' que só te occupavas com teu filho; pensel que o amasses mais do que a mim.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Não te faças tão espiritnoso, que a occasião não é propria.</p>   | <p><i>Luciano</i></p> <p>En te esperarei.</p>   | <p>A festa das crianças.</p>  |
| <p><i>Francina</i></p> <p>Oh! quanto eu seria feliz se tu pudeses ter ciumes, ainda que fosse de teu filho!</p>  | <p><i>Celestino</i> (entrando)</p> <p>O carro do Sr. conde já está prompto.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Então vae só uma hora e depois volta.</p>   | <p>É uma pequena collecção de poesias dedicada pelo Sr. J. Z. Rangell de S. Paio á Sra. D. Maria Soares dos Santos, digna directora do Lyceo Philomatico. De todas as peças que ornarn este livrinho a mais recommendavel é o soneto—<i>Christo e a Ciencia</i>.</p>  |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Já tive.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Bem. (Celestino sae).— (A Francina, beijando-a na teeta.) Até logo.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Então vae só uma hora e depois volta.</p>  | <p>—</p>  |
| <p><i>Francina</i></p> <p>E já não tens?</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>Até logo, ou melhor—boa noite, que provavelmente só te tornarei a ver amanhã.</p>   | <p><i>Francina</i></p> <p>En te esperarei.</p>  | <p>—</p>  |
| <p><i>Luciano</i></p> <p>Não. Compreendi que eram boas as razões que me deste quando...</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Pode ser.</p>  | <p><i>Luciano</i></p> <p>Temos nma ceia de rapazes. Até amanhã!</p>   | <p>O conhecido edictor J. G. de Azevedo offereceu-nos um exemplar das <i>Lições de Historia Universal</i> do illustrado Sr. Dr. Mattoso Maia. Neste volume, de-</p>   |
| <p><i>Francina</i></p> <p>Quando?...</p>   | <p>(Dispõe-se a sair)</p>   |   |   |





**J. M. Villas Bôas da Gama.**—dentiſta—extrahe dentes sem dor. Muzambinho—Minas.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**Photographo**—Hygino Lopes—Barbacena.

**Lindolpho Coimbra**—Bacharel em bellas artes: photographo, chimo e ologographo. Rua de Santo Antonio—Santos.

**Solteltador**—Francisco R. de A. Novas—Juiz de Fóra.

**F. Navarro de M. Salles**—encarrega-se do defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

**Augusto Luzo**.—Incumbem-se gratuitamente de causas do liberdado na Cidade do Muzambinho—Minas.

**Advogado**.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1<sup>a</sup> de Março n. 23.

**Dr. Araujo Filho**—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 30

**Julio Cesar Tavares Paes** encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

**O Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aceto e optima cozinha. Esplendido terraço com carambões.

**Dr. Cyro de Azevedo**.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

**Corrêa da Silva & C.** é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

**Hotel das Familias** dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirin. Proveja de S. Paulo.

«**O Municipio**» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

**Advogado**—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

**Imporial Fabrica de Corveja e agnas mineraes**—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

**Constructores de machinas e aparelhos para lavoura**—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fóra.

**O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior** continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F. Leopoldina. Minas.

**MOVEIS**

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS

Objectos de colchoaria, espelhos, aparelhos de porcollana, tapetes, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno de casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visital-a.

172 RUA DO HOSPIZIO 172

David José de Oliveira

**Dr. Henrique de Sá**, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

**Cognac e licôres de Marlo Brisard & Roger**—Casa fundada em 1759, premiada nas grandes exposições em Pariz, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marlo Brisard & Roger são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhuma addicção de outra qualidade de aguardente. Pedese toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unices ngentes nesta corte: Karl-Valais & C., 31 rua da Alfandega.

**D. M.**

Myst. da Ind.  
Xav. de Mont.  
BREVEMENTE

COLLEGIO INTERNACIONAL  
DIRIGIDO POR  
E. GAMBARO  
PALACETE DO CURVELLO  
Santa Theroza  
Pode ser visitado a qualquor hora. Estatutoe em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

**ALFAIATARIA**

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento mentado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

**EMULSÃO**

DE

**SCOTT**

DE OLIO PURO DE

**FIGADO DE BACALHÃO**

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE RECOBERTO PARA

Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilitação em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simples do figado do bacalhão, porque, além do ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas: nutritivas do oleo, além das propriedades tonicass reconstituintes dos hyprophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

**600:000\$000**

**LOTERIA DE MINAS GERAES**

6ª PARTE DA 1ª LOTERIA

A MELHOR E A MAIS VANTAJOSA DE TODAS DO IMPERIO

EXTRACÇÃO

Quinta-feira, 3 de Março de 1887

Unica que com a diminuta quantia de 18 dá direito á invejavel somma de

**30:006\$000**

REMESSAS PARA O INTERIOR COM TODA A PONTUALIDADE E SEM COMMISSÃO ALGUMA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES

E NO ESCRITORIO DO CENTRO COMMERCIAL DE LOTERIAS

**45 RUA DO OUVIDOR 45**

SOBRADO

Ou em Juiz de Fóra em casa do thesoureiro o Sr. Francisco Antonio Brandi

# LOTERIA DO GRAM-PARA'

## 200:000\$000

12ª PARTE DA 1ª LOTERIA

### EXTRACÇÃO — QUINTA-FEIRA 3 DE MARÇO — EXTRACÇÃO

AO MEIO DIA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES  
E NA AGENCIA

Remessa para fóra com anteeedencia e sem commissão

## 23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

Instrucção Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRITORIO

## GRANDE LOTERIA

DA

# PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrucção Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR **2,000:000\$000** PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR HOJE 26 DE FEVEREIRO IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até hoje tem apparecido; com a diminuta quantia de 1\$000 pôde-se obter 100:011\$000

| EXTRACÇÃO   |                 | EXTRACÇÃO   |                 |
|---|-----------------|---|-----------------|
| HOJE, SABBADO   |                 | HOJE, SABBADO   |                 |
| 26 DE FEVEREIRO   |                 | 26 DE FEVEREIRO   |                 |
| Não ha transferencia  |                 | Não ha transferencia  |                 |
| PREMIO MAIOR  |                 | PREMIO MAIOR  |                 |
| 2,000:000\$000  |                 | 2,000:000\$000  |                 |
| 1 Premio de.....  | 2.000:000\$000  | 1 Premio de.....  | 2.000:000\$000  |
| 1 dito de.....  | 1.000:000\$000  | 1 dito de.....  | 1.000:000\$000  |
| 1 dito de.....  | 500:000\$000    | 1 dito de.....  | 500:000\$000    |
| 1 dito de.....  | 200:000\$000    | 1 dito de.....  | 200:000\$000    |
| 1 dito de.....  | 100:000\$000    | 1 dito de.....  | 100:000\$000    |
| 2 ditos de.....   | 100:000\$000    | 2 ditos de.....   | 100:000\$000    |
| 10 ditos de.....  | 20:000\$000     | 10 ditos de.....  | 20:000\$000     |
| 30 ditos de.....  | 10:000\$000     | 30 ditos de.....  | 10:000\$000     |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a  | 5:000\$000      | 99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a  | 405:000\$000    |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a  | 2:000\$000      | 99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a  | 198:000\$000    |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a  | 1:000\$000      | 99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a  | 99:000\$000     |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a  | 500\$000        | 99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a  | 49:500\$000     |
| 99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a  | 300\$000        | 99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a  | 29:700\$000     |
| 5.000 ditos para todas as ceutenas cujos dous algarismos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivè, a..... | 200\$000        | 5.000 ditos para todas as ceutenas cujos dous algarismos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivè, a..... | 1.000:000\$000  |
| 50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for egual ao da sorte grande, inclusivè, a.....           | 20\$000         | 50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for egual ao da sorte grande, inclusivè, a.....           | 1.000:000\$000  |
| 2 aproximações para o 1º premio a.....  | 50:000\$000     | 2 aproximações para o 1º premio a.....  | 100:000\$000    |
| 2 ditas para o 2º premio a.....   | 30:000\$000     | 2 ditas para o 2º premio a.....   | 60:000\$000     |
| 2 ditas para o 3º premio a.....   | 20:000\$000     | 2 ditas para o 3º premio a.....   | 40:000\$000     |
| 2 ditas para o 4º premio a.....   | 10:000\$000     | 2 ditas para o 4º premio a.....   | 20:000\$000     |
| 2 ditas para o 5º premio a.....   | 4:400\$000      | 2 ditas para o 5º premio a.....   | 8:800\$000      |
| 55.552 premios no valor de.....   | 7.500:000\$000  | 55.552 premios no valor de.....   | 7.500:000\$000  |
| Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despesas.....  | 2.500:000\$000  | Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despesas.....  | 2.500:000\$000  |
| 500.000 bilhetes a 20\$000.....   | 10.000:000\$000 | 500.000 bilhetes a 20\$000.....   | 10.000:000\$000 |

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com anteeedencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

## N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico—Pardal—Caixa do Correio n. 301—Rio de Janeiro

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 5 DE MARÇO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 114

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|   |                  |
|---|------------------|
| Expediente.....                                     | A REDACÇÃO.      |
| «A Semana».....                                     | FILINTO ALMEIDA. |
| Historia dos sete dias.....                         | A. CELSO JUNIOR. |
| Canhenho de um excursionista.....                   | F. D'ALMEIDA.    |
| Carta de S. Paulo.....                              | A. FURTADO.      |
| Crepusculo mistral, poesia.....                     | U. DEANTE.       |
| Joaquim Pires.....                                  | A. PUJOL.        |
| «Um anno de impressão».....                         | H. DE MAGALHÃES. |
| Os meus dominios, soneto.....                       | S.               |
| «O Gusrany».....                                    | J. NINGUEM.      |
| Os nossos escriptores.....                          | S.               |
| Jornaes e revistas.....                             | PONSARDIN.       |
| A vida alegre.....                                  | A. SILVA.        |
| Beduinos de egor, soneto.....                       | P. TALMA.        |
| Theatros.....                                       | R. AZANOR.       |
| Collaboração — A Revogada das saudades, poesia..... | C. S. DE A. B.   |
| Saude, soneto.....                                  | FR. ANTONIO.     |
| Traloz á bola.....                                  | A. MAGNO.        |
| Fernaz siegre — Cruzes.....                         | GALLI-LEO.       |
| Musica e musicos.....                               | ENRICO.          |
| Factos e Noticias.....                              |                  |
| Correio.....  |                  |
| Anuncios.....                                       |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestro..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Preveulmos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviamos em tempo, e ás quês não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notáveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## A SEMANA

Deixou de ser nosso companheiro de redacção o Sr. Aluizio Azevedo, a quem agradecemos cordialmente os excellentes serviços com que cooperou para dar brilho e importancia á nossa folha e de quem nos separamos com saudade.

Chamamos a attenção dos leitores para o brilhante e conceituoso artigo do nosso distinctissimo collaborador Urbano Duarte, que, como haviamos anunciado, nos promettera honrar frequentemente com a sua collaboração, promessa que hoje principia esplendidamente a cumprir.

E' tambem com grande satisfação que continuamos a publicar o interessantissimo *Canhenho de um excursionista*, do Dr. Affonso Celso Junior e que tanto successo tem obtido.

A *Semana* ufana-se de poder com verdade, embora sem modestia, considerar-se a folha que do mais variada e importante collaboração dispõe no Brazil.

### A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Ora vamos lá, que sempre me livreis duas vezes d'esta estopada.

E o José do Egypto substituiu-me tão bem, com tanta vantagem, que o meu desejo mais ardente seria passar-lho a pasta dos documentos historicos e deixal-o brilhar perpetuamente nestas columnas, como um eterno sol bom e fecundo. Mas o patife não está pelos autos e diz que historiador perpetuo serei eu emquanto existir o mundo... e *A Semana*.

Que fazer? Resignar-me, como me resigno, certo de que ainda mais soffreu o Christo,—que ainda assim não leve a desgraça de ser chronista—e escoregar de quando em quando, por madrugadas escuras e frescas até aos campos do Ipiranga, onde Pedro I, não tendo mais nada que fazer, se poz a gritar pela independencia do imperio.

Quando cheguei da formosa provincia das linhas ferreas, que assim se pôde appellar S. Paulo, contaram-me aqui uma porção de novidades. Parece-me que os acontecimentos se aproveitaram traiçoeiramente da minha ausencia para se realizar.

Depois que cheguei nada on quasi nada tem havido; entretanto vamos lá ver o que se deu de mais digno do re-

gistro semanal a que me obriga o patrão.

Em boa verdade verdadeira, a dooça do imperador não chegou a sobresaltar os nimos. Monarchistas afferrados passaram meia duzia de telegrammas perguntando pela saude de S. M. e nada mais. E' que a molestia não poz em risco a vida do estimadissimo chefe do Estado. Noste paiz as congestões hepaticas só são perigosas para os Castros Maltas. O que não deixou de assustar o povo foi o saber-se de que o Sr. da Maiamotta ern um dos medicos de S. M. Os que não conhecem a molestia pela denominação suppozeram que o soberano poderia ter de sngeltnr-se a uma operação qualquer, e receiaram uma consequencia triste. Felizmente, não houve nada de perigo, e os telegrammas do dia 3 já foram muito traiçoeiros.

Agora está naturalmente S. M. entrando em convalescença e o paiz descança tranquillo nos braços das instituições que felizmente nos regem.

Eu, enquanto o governo me não der um sinecura rendosa, conservo-me inalteravelmente republicano, republicano levado dos diabos, republicano como Danton ou Desmoulins; mas isto não quer dizer que eu deseje o mal á pessoa do imperador. Não; que viva muitos annos e que em paga da minha transigencia politica me faça para ahi thezoureiro de uma loteria qualquer e me dê uma pendureza da Rosa.

Eu sou tão facil de coatar... que até me admiro de não estar ainda contente.

Vim tambem encontrar os animos exaltados por causa de uma peça immoral que a companhia da Phenix levou no sabbado á scena. *Moxinifada* foi o qualificativo que lhe deram, embora *moxinifada* me pareça palavra limpa de mais para a singular sugidade burlesca de que se tracta.

Eu falo por informações. Como não estava na capital na noite da primeira representação, não vi a peça. Agora, muito que ella volte á scena não a verei jamais, pela mesma razão que tenho para não ler os papeis pornographicos e insultuosos que por ahi circulam.

O interessante é que atiram as culpas da tal *moxinifada* para cima do Conservatorio Dramatico. Se a peça é vituperante e cloacina, eu só me admiraria se o Conservatorio a prohibisse...

Quanto á policia todos sabem que ella não tem competencia litteraria, nem dispõe da comprehensão indispensavel á previsão do que pode produzir uma peça de theatro no animo publico; por isso acho que ella fez o que podia e devia fazer: O reglamento ordena-lhe que prohiba os espectaculos que derem causa a disturbios — a peça pro-

duzio disturbios e manifestações de desgosto em duas noites: fez a policia muito bem com prohibil-a.

Ea, por mim, fiquei tão satisfeito com o Dr. Gusmão que resolvi mandarlhe do presente uma navilha de barba. Talvez que S. S. se resolve a decepnr o *cavaignac* e serão dous bens que virão de na mal.

E depois — pela cabeça do Castro Urso! — é preciso não confundir a satyra com o insulto, o convicio com a pilheria, o epigramma com o doestio. Digo isto porque ha quem alegue a favor do *moxinifada* o facto de terem os insultados por ella apresentado em scena os typos de varins pessoas respeitaveis. Do que ninguem se lembra, porém, é de que, na maior parte dos casos, o apparecer a gente numa revista é uma distincção, loage de ser uma offensa. Entrotanto, sempre os typos das revistas são satyrisados pelos auctores.

E' o que não se dá na *moxinifada* da Phenix, segundo me dizem; ali não é a satyra, nem o epigramma, nem a pilheria,—são insultos, doestos, offensas pessoais o que n peça atira sobre tres auctores de outras revistas, principalmente sobre Arthur Azevedo, que é incontestavelmente, além de um cavalheiro assás estimavel e sério, um dos nossos mais eminentes escriptores e o primeiro dos nossos auctores thentraes.

Coisas muito engraçadas são as que se têm dado na Camara municipal.

Os novos vereadores mal tiveram tempo para se assentar nas suas cadeiras e logo a Relação os poz no olho da rua.

Chegaram os da camara transacta, presididos pelo Dr. Pereira Lopes, e começaram de arrumar tudo que os outros haviam desarrumado. Fizeram pagamentos, readmittiram empregados demittidos, abaixaram outros que estavam suspensos, fizeram exactamente o contrario daquillo que os outros haviam feito.

Ora quem souber que os antigos vereadores foram ali unicamente para fazer a apuração do segundo escrutinio municipal da eleição a que se procedeu para a novn camara, não pode achar sufficientemente correcto o procedimento dos antigos vereadores.

E' com se uma commissão de guarda-livros, chamada a examinar a escripta de uma casa fallida, começasse de fazer uma escripta nova, fizesse as cobranças e os pagamentos e readmittisse os caixeiros que o dono da casa despedira.

Aquillo da Camara municipal foi, é e ha de ser sempre uma patuscada. A mais liberal das instituições populares, a maior conquista da democracia moderna é no Brazil n maior e mais duradouro elemento de caricatura, o principal motivo para a satyra, o eterno thema da galhofa e da chocarrice indigenas.

Não sei porque dinho de fatalidade vai acontecer naquella recinto e com aquellos eleitos do povo tudo quanto ha de mais comico, tudo o que se possa imaginar do mais ridiculo. A critica das nossas municipalidades faz-se por meio da troca porque não parece resistir á seriedade de um julgamento.

Quando me lembro que o Estado gastou naquella casarão chato, deselegante e podre, não sei quantos centos de contos, que podiam estar aqui a nquecer-mo n'algebeira, e que, afinal era no theatro Sant'Anna ou no theatro Principe que a camara devia fazer as suas patuscadas e representar as suas scenas comicas; quando eu me lembro d'isto—dá-me vontade de me atirar a todos os desesperos e ponho-me a fazer versos.

E' verdade! Pensando na Camara municipal já hontem fiz um soneto com quo dilatei n'aorta do Enrico, e escrevi um madrigal que commoveu o proprio Nunes Garcia!

No dia 1º foi inaugurada no jardim da estação de S. Diogo da E. F. D. Pedro II a estatua do finado ministro da Agricultura Manuel Buarque de Macedo.

A occasião parece-me impropria para se discutir se o honrado ministro merece uma estatua. Foi um homem honrado bem intencionado, que morreu pobre. Eu tambem me parece que hei de morrer nas mesmas condições e já me contento que a gratidão dos povos pelas minhas eminentes qualidades me ponha em biscuit ou em terra-cotta por cima das mezas. Comtante que não seja a oleo, agrada-me, qualquer que ella seja, a perpetuação do meu busto pelas bellas artes.

O que eu noto com esta coisa de estatua a Buarque de Macedo é que este pobre grande homem continuou a ser infeliz depois de morto.

Inventaram a estatua para um chafariz do largo do Valdetaro: Depois de construido o pedestal, isto é—o chafariz, depois de se lhe ter inscripto na face principal o nome do ministro morto, appareceu um protesto do Sr. Taunay e o chafariz ficou sem estatua, ficando tambem a estatua sem chafariz, isto é—sem pedestal.

Ficou o pobre ministro, em ferro, atrado a um canto das officinas da Pedro II, onde fóra fundido.

Ultimamente o Sr. engenheiro Ewbank dn Camara, director da estrada, lembrou-se de aproveitar a estatua para a estação de S. Diogo e conseguiu-o. De maneira que a pobre estatua escapou de ornar um chafariz publico para ir exornar um jardim particular, fazendo concorrência ás Venus de bronze, aos Mercurios de gesso e ás quatro Estnções de loiça do Porto, da fabrica de Santo Antonio!

Desditoso Buarque de Macedo!

Infeliz ferro!

FILINDAL

## CANHINHO DE UM EXCURSIONISTA

V

JUAREZ CELMAN

No dia em que chegámos a Buenos-Ayres havia ficado fora de duvida a existencia do *cholera morbus* na cidade. A imprensa denunciara de ha muito *casos sospechosos*, mas as autoridades tinham-na desmentido indignadas, não trepidando certas folbas officiosas de

atribuir semellantes noticias a especulações na bolsa. Não foi possível, porém, occultar por mais tempo a tremenda realidade. Entraram a apparecer na Boca, bairro longiquo, de construcções grosseiras para marinheiros, verdadeiros cortijos, á beira do rio, onde atracam a um molhe de madeira milhares de embarcações, formando uma genuina floresta de mastros, entraram a apparecer factos repetidos e quasi fulminantes de uma enfermidade caracterizada por nauseas, evacuações alvinas, colicas fortissimas, suores viscosos, resfriamento da lingua, além de outros symptomas aterradores. O mal propagou-se com rapidez. Era o pavoroso flagello asiatico, que já em 1867, 1868 e 1874 devastara a capital platina. Não se descreve o medo que subitamente apouso-se da população. A invasão epidemica tornou-se a ordem do dia, o exclusivo assumpto geral. De toda a republica expediám-se telegrammas assustados; os jornaes vinham abarrotados de prescripções, de conselhos, de informações acerca da molestia; as autoridades, para se eximirem da responsabilidade da anterior indiferença, deitaram actividade vertiginosa; nos hoteis, nas ruas, nas casas particulares, nos *tramways*, em toda parte, só se ouvia, em tem sinistro:—*el cholera, el cholera...* Era uma lufa-lufa de irrepremiavel amedrontamento, um terror que aos olhos do observador de sangue-frio offerencia alguma coisa de pandego, á força de ser panico.

Mas, em verdade, poucas cidades apresentaram condições tão propicias ao desenvolvimento de uma epidemia como Buenos-Ayres. Basta dizer que não tem agua nem esgotos. Em quasi todas as casas extrae-se para se beber de cisteruas ou algebis, por meio de baldes, um liquido pesado e salobro illegitimamente baptisado com aquelle nome. Summarissimo o processo quanto ao destino das fêzes:—cavam-se ao rez dos alicerces grandes buracos onde ellas vão ter e permanecem depositadas, depois de comprimidas por aparelhos apropriados. Alguns punhadados de cal completam o systema, e quando um dos taes buracos está repleto, tapam-no hermeticamente com cimento, abrindo-se outro ao lado:—tem havido explosões de gazes. Ora, não raro os taes buracos acham-se situados a pequena distancia do algebe, de forma que dá-se naturalmente uma infecção subterranea da agua potavel. A capital argentina assenta sobre um leito fornecido pelos emunctorios naturaes de seus habitantes. D'ahi o perenne odor desagradavel que exhala, e aggride a pituitaria dos recém-chegados até identificar-se com ella. Só preserva os portenhos de terriveis pestes endemicas o que elles proprios denominam — o *general pampeiro*, que, soprando regularmente com extraordinaria violencia, varre e purifica o ambiente. Mesmo assim já de uma feita chegou a arrebatá-lhes uma epidemia cerca de 200 victimas por dia. Nestas circumstancias comprehende-se o terror publico com a apparição do *cholera*, terror que foi avultando e transformando-se em furioso desespero á proporção que se recebiam communicações de que se estavam fechando os portos de todo o mundo ás procedencias argentinas.

Os jornaes commentavam o facto com amargura, expandindo-se em tremendas recriminações; mas a sua indignação cbegou ao auge quando seoube que tambem o Brazil estabelecera qua-

rentenas. «*Hasta el Brazil ha cerrado sus puertos, bradnyam revoltados, accrescentando,—el Brasil, la patria de la fiebre amarilla, un país retrógrado e decadientno, el más insaludable del globo!!*»

Hector Virella no seu *Porteu* escreveu a respeito furibundo editorial com o titulo—*Indignidad*. Outro fogoso publicista, tomndo a cousa por diverso lado, encerrava o seu veemente protesto com esta chave de ouro:

— *Hasta de las enfermedades argentinas tienen miedo los brasileros!*...

Nesse entremettes, quando mais accesa fervia a ira contra *el vecino imperio*, o Dr. Miguel Juarez Celman, Presidente da Republica, marcou o dia e a hora em que nos devia receber officilmente, a meu pae e a mim. Acompanhadados do nosso ministro, Barão de Alencar, um dos mais correctos diplomatas brasileros, apresentámo-nos pontualmente ás 8 1/2 horas da noite na cnsa presidencial. Juarez Celman, vestido com elegante apuro, acolheu-nos com distinctissima affabilidade, tendo a gentileza de recordar já me haver sido apresentado 4 annos antes por Julio Roca. E' de pequena estatura, miudo, barba loura á mhzarena, com fios prateados, larga fronte com adiantada calva, extremamente insinuante e sympathetic, alguma cousa de ingenuo nas risadas e nos modos vivos.

Luxo e bom gosto no salão, de largos divans e cadeiras forradas de seda azul com formosos desenhos. Estavamos ainda nas perguntas sanitarias de estylo enus manifestações de amabilidade reciprocas acerca das respectivas pessoas e da impressão que nos causara a cidade, quando entraram o Dr. Quirino Costa, ministro das relações exteriores, e o Dr. Wilde, ministro do interior, actualmente, e da justiça, cultos e instrução publica, na precedente administração.

Estabeleceu-se entre todos ceremoniosa mas animada palestra. O presidente mostrou-se muito lisongeadado quando meu pai disse que o suppunha homem de mais idade.

«—Tenho 42 annos, exclamou sorrindo, porém pareço mais joven do que sou e parecel-o-ia ainda mais se não fosse tão nervoso. Ando sempre depressa; na rua custam a acompanhar-me. Nós da America atingimos mais rapidamente as altas posições do que na Europa. Olhe a França, olhe Grevy...»

Falou-se do Brazil. O ministro das relações exteriores lembrou amavelmente ter estado como addido de legação no Rio de Janeiro em 1867.

— *La naturaleza...* Oh! *la naturaleza...* murmurou num extasi lisongeiro.

Juarez Celman levantou-se e foi buscar uma caixa de charutos que offerencia a todos. Não podia ser maior a cordialidade.

Veio, porém, naturalmente á tela da conversação o assumpto do dia:—o *cholera*.

— Vossa patria foi um pouco injusta para conosco, disse o Presidente. Aceitou com demasiada pressa falsas informações. Não havia motivo ainda para tanto rigor.

— A Republica Argentina nesse ponto não se pode queixar, replicou meu pai, porque tambem tem sido rigorosa em extremo conosco, fando-se em communicações inexactas, quanto á febre amarella. Isso prova que cá e lá ha informantes exaggerados, cumprindo empregar de parte a parte a maior cautella para não nos lesarmos mutuamente

— Eu comprehendo, retorquiu, ligeiramente ironico, Juarez Celman, as precauções extrnordinarias do Brnzil. Nas suas condições sanitarias todo o cuidado é pouco.

— As suas condições actuaes são excellentes, concluiu meu pai, e, infelizmente, o mesmo não se pode dizer das d'aqui. Muito pelo contrario... Pelo menos é o que affirmam ns folhas mais conceituadas, como ainda hoje a *Nación*, do general Mitre.

— O general Mitre... o general Mitre... exclamou Juarez, abanando a cabeça, a sorrir, e, depois de uma pausa:— hoje pouco escreve, utilisa-se muito do seu bello nome.

Do outro lado, o ministro Wilde que até então conversava amistosamente commigo sobre a constituição brasileira comparada com a argentina, tomou um tom algum tanto acrimonioso.

— Noto um grande defeito na vossa organização politica, disse elle:— a admisión dos ministros nas camaras, a dependencia em que ficam os gabinetes das maiorias parlamentares. Além de outros grandes males, como n'instabilidade dos governos, por exemplo, decorre d'esse systema o desenvolvimento das ambições. Com a esperança de succeder aos adversarios vencidos, os deputados promovem crises frequentes, armam emboscadas constantes aos agentes do poder, para lhes herdar as pastas. Accresce que a acção ministerial é immensamente peida, desapparecendo toda a iniciativa. Fôrn melhor que os deputados cuidassem de seus estudos e os ministros de suas funções, havendo d'esta arte para estes muito mais independencia e luzeguez para executarem as suas idéas.

— De accordo em muitos pontos,— respondi no mesmo tom— porém o nosso regimem por outro lado, entre notaveis vantagens, offerece duas inapreciaveis, a primeira das quaes é ser o parlamento uma escola, um degráu, de forma que, a despeito de todos os abusos, serve de correctivo á improvisação dos ministros...

— E a segunda?!

— E' a fiscalização que exerce sobre o governo, a minuciosa e severa fiscalização, sempre util, sempre effcaz.

O Dr. Wilde limitou-se a sorrir.

Houve um silencio prolongado. Levantámo-nos e nos despedimos no meio das mais affectuosas demonstrações de sympathy e apreço de parte a parte. O Presidente e os seus ministros nos acompanharam até á escada, muito cheios de mesuras e comprimentos. O derradeiro *shake-hands* foi dos mais vigorosos e sacudidos; mas, ninutos depois, de repente, no carro, não sei porque as minhas orelhas começaram a arder.

AFFONSO CELSO JUNIOR.

## CARTA DE S. PAULO

Como sabes, a convite do meu querido amigo Alberto Pereira Leite vim a S. Paulo com o fim exclusivo de assistir á festa que, para celebrar o baptizado de uma sua fillinha, aquelle excellent cavalheiro realisava no dia 15 em sua elegante residencia da rua Aurora.

Cheguei ás 6 dn tarde, como todo o *chegado* que se preza, fui-me ao banho frio da Sereia Paulista, mudei de fato e marchei para o bello e confortavel *chalet* do Alberto.

Um baile magnifico, começado por um concerto de primoroso programma, todo de peças de canto e piano. Este





## CREPUSCULO MATINAL

UMA NORBOLETA — dilacerando o casulo —

Rompe-se a minha noite. Acordo emfim. O dia  
Como é bello onde é que ou ainda ha pouco dormia?  
A aurora aadou enchendo os calices de perolas.  
Rescende o rosmaninho. Um rala nas asperolas  
Poz um lucido friso. A agoa estremece e brilha.  
Deixa um rastro de prata o caracol na trilha  
E fulgido ne ar como a saphira preciosa  
Paira na aza fremente a colibri que a rosa  
Perfuma. Que przer tudo anima e desperta!  
Vejo o passaro-mosca, o escaravelbo... aberta  
A cauda triumphal, como ua Iris, passeiaado  
O pavão sealoril. Os rouxiões em bando  
Gorgelam pola relva ou saltitam nos ramos.  
Começo. A luz me embriagn. O' miah'alma nós vamos  
No lacendio multicór aoadé outras azas bolem;  
Sobre a flór nos doitar; banhar-nos no seu pollen;  
Seguir a vaga azul ao seu curso radiaate,  
Dos astroe namorar a aresta de diamante.

o SUICIDA. — passado. —

Existencia! illusão! Como esta onda é escura!  
E's mais escura, vida; a aurora é n sepultura.

DOIS COLIBRIS — voado —

Como extaticos nós estes seres deixamos  
No trepido ruflar coia que o ambiente arrufamos!

o SUICIDA — imprecando —

Amor! mentira! o lodo está d'alma no fuado.  
( Fulando ao mar )  
Ocenno torvo, espera!.. Amaldiçoado o mundo  
Seja, amaldiçoada a hora do asscimeato.

A NORBOLETA — admirado —

Como está lindo o céu! como suspira o veato!  
o SUICIDA — continuado —

... Dia alto, o vngalhão ha de arrojar-me á praia...  
Por mortalha o lençol da espuma que desmnia.

OS COLIBRIS — veado a borboleta —

Que vagabunda flor anda solta e suspensa,  
Deixa que o vento a leve, arraste-a pela immensa  
Campina?

A BORBOLETA — vendo os colibris —

Como sae de uma alcova amoroso  
Par, quatro azes, abrindo o calice oloroso,  
Voam. Eil-as que vão estreitamente unidas  
Como guttas de luz ou perolas cahidas.

( Descem a encosta do monte dois namorados )

o SUICIDA

Aproxima-se alguém. Eis do fraguedo aa aba  
Rompem vultos. O' alma iaventurosa, acaba!..  
Escancenre-me o oceano o seu cairel ao centro...  
Luctuoso lamarrão, que me reservas dentro?

OS NOIVOS

Canças? Anda, ao meu hombro encosta-te. Reclina  
A cnbeça em meu seio. Olha a agoa crystallina  
Vou tomal-a nas mãos para offertr-t'a. Em festa  
Salva o mundo que acorda e muriaura floresta.

A BORBOLETA — contemplando os colibris —

Quasi somos irmãos. Talvez que mais formosa  
Eu sou; mas brilho ideal despeadem na harmoniosa  
Carreira. Um sobre o outro aza doirada agita...  
De equal agitação a miah'alma palpita.

O CARACOL — verdo-a —

Que amor! Astro, não vas! Que carreira infinita!  
o SUICIDA — lançado-so ao mar —  
Maldicto o ser, maldicto o céu, terra maldicta!

ALCIBIADES FURTADO.

## OS NOSSOS ESCRITORES (\*)

LUIZ DELFINO — Victor Hugo com  
batatas.

FERREIRA DE AZEVEDO — Fuijoa da bra-  
zileira com pimentas franceza.

CYRO DE AZEVEDO — Ia ligestão de  
qualhoatismo, illuminada a fogos de  
bengala.

ARTHUR AZEVEDO — Mistura de José  
Prudhomme, Affonso Karr, Monsieur  
de La Palisse e Alfredo de Musset.

LUIZ MURAT — Fogo fátuo litterario,  
que parece illuminar as graales obras  
porque fluctúa sobre ellas.

LUIZ DE CASTRO — Piroa em prosa.

DEARMEVAL DA FONSECA — Mosquito  
de peana.

LUIZ GUIMARÃES — Sobreasena littera-  
ria: sonetos de marmellada e rimas em  
calda.

(Continúa.)

JOÃO NINGUEM.

(\*) A Redacção não faz suas as opiniões  
nestas delinções encerradas; publica-as  
porque têm espirito e por morcer-lhe o  
seu auctor toda é de ferreacia.

N. DA R.

## JORNAES E REVISTAS

Teaho deante de meas olbos deslum-  
brados a seimpre brilhante *Illustração*,  
que nos vem mais uma vez dizer com a  
sua fina prosa o que se passa de bom e  
de bello ao mundo elegante de Paris.  
Como das mais vezes, é portadora não  
de bellas gravuras mas sim de verda-  
deiros primores, desenhados por artistas  
de grande reputação, como sejam: *O In-  
verno*, phantasia de Reichan, lindis-  
sima; *O presente do Duque d'Aumale* ao  
*Instituto de França*, uma vista do Castello  
de Chantilly; Janeiro, bella composição  
de Giacomelli, com uns bonitos versos do  
Jayme de Segur, *Paris mudano*. — *Uma  
grande soiré*: qu'ou de Julius Stewart.  
— *O Inverno* de 1885-87; *Uma inundação  
na Algeria*; *A epocha lyrica*; *A musica e a  
dança*. — (palmes decorativos de Col-  
lin). Na parte litteraria traz a chroaica  
de Mariano Pina e, além de uas corre-  
ctissimos sonetos do immortal Bocage,  
traz mais *Notas para um dictionario dos  
portuguezes notaveis do meu tempo*, por  
Julio Cezar Machado; *Os theatros por  
dentro*; S. Carlos; A Revista das *revistas*  
uma polemica litteraria; emfim o quo  
se chama um annuo cheio, um nu-  
mero dos que nada deixam a desejar,  
como diz em geral a *chapa*, e a verdade  
maada agora dizer.

Recebemos *A Faisca*, jornal de cari-  
caturas que apparece na Bahia;  
Tem espirito e alguas desenhos bem  
feitos.

*Revista Illustrada*, n. 451. Traz umas  
piadas feitas com bastante obiste; nem  
era de esperar outra cousa do ames-  
trado lapis de Angelo Agostiai.

*Brazil Illustrado*, n. 4. Muito interes-  
sante e bem escripto. Das suas gravu-  
ras destaca-se a que representa uma  
bellissima marinha do estimado pintor  
J. B. Castagaetto.

Temos os as. 202 e 203 da importante  
revista *Illustrada O Occidente*. O n. 202  
traz o retrato do fallecido estadista por-  
tuguez Fontes Pereira de Mello. Pi-  
nheiro Chagas enceta um estudo sobre  
os feitos e vida politica do emiaate  
estndista e Gervasio Lobato na sua  
sciatillante *Chronica Occidental* trata do  
illustre morto e da seação dolorosa  
com que foi recebida a noticia da sua  
morte.

O a. 203 além de bellas gravuras é de  
variada e interessante littera.

De utilissimos e scientificos artigos é  
o n. 156 da *Revista de Engenharia*. Eis o  
seu sumario: Electricidade, Estradas  
de ferro, Photographia, Variações e  
Actos officiaes.

*Revista do Observatorio*, anno II, n. 2.  
E' esta uma das boas publicações sci-  
entificas que possamos. Fecha este nu-  
mero nua gravura representando o  
grea le cometa austral a 24 de Janeiro  
de 1887.

Pela casa Henri Nicouf & C. recebe-  
mos *Le Salon de la Mode*, e pela livreria  
Lombaerts & C. *A Estação*. Ambas são  
publicações consagradas ás modas. Or-  
nam-as elegantes figurinos.

Muito apreciável o n. 123 do *Meque-  
treffe*. Adorna a sua primeira pagina o  
retrato da mallograda D. Luiza Re-  
gadas, e a central — Pagina consagrada  
á folia, é bem elaborada.  
O texto muito bom.

S.

## BEDUINOS DO AMOR

A HENRIQUE DE MAGALHÃES

He quem, por avisado des serpente,  
Que a sebo em flor infesta, fuja d'ella;  
E, quando longe dos areaes ardentes,  
Volva os olhos, que acerbo pranto estrela.

Outros hi que, risonhos, inconscientes,  
Calma o verdor penetram sem castella.  
De alguns sei que, estancada a sede, eos quea-  
tes  
Desertos voltam, cegos á proella.

Aquelle ao proprio selo a destruidore  
Chege cevo, este e chage traçoira  
Orvalho em prantos da mulher treidora.

E ei do triste que lucta e vida inteira  
E cae, sem ver aa infada curva leura  
Do ceu, sem nuaca ver uma palmeira:

ALBERTO SILVA.

## THEATROS

RECREIO

Representou-se ao domingo neste  
theatro a brilhante e calumniosa peça  
de Giacometti — *Maria Antonetta*.

O papel da protogoaista já ha annos  
foi representado pela Sra. Ismenia, mas  
agora esta nossa actavel actriz imprime  
uma certa vehemencia, representa-  
o coia grade enthusiasmo, dando  
singular relevo ás scenas violentas,  
principalmente no terceiro e quarto  
actos.

Helena Cavalier tem o papel da prin-  
ceza de Lamballe e Leoliala o da irman  
do rei.

Dias Braga faz com muito brilhan-  
tismo o papel de general Lafayette.  
Maggioli é um bom Luiz XVI.

Os outros papeis, de poaca importan-  
cia, estão confiados aos demais artistas  
da companhia e são discretamente re-  
presentados.

A peça está mnto bem vestida e mon-  
tada com o esmero que Dias Braga  
costuma enapregar nas peças d'este ge-  
nero.

O publico tem continuado a encher  
o theatro quasi todas as noites, ap-  
plaudindo muito o trabalho dos ex-  
cellentes artistas do Recreio.

SANT'ANNA

Devo representar-se terça-feira A Tou-  
tegra do templo, bellissima opera-co-  
mica franceza. Reapparece neste tho-  
tro, fazendo o papel da protagonista, a  
interessante cantora Mile. Massart.

PHENIX DRAMATICA

Consta que voltará amanhã á scena  
neste theatro a tempestuosa trapalhada  
Ha alguma differença? escrupulosamente  
expurgada pela policia das escabrosi-  
dades e inconveniencias que a fizeram  
naufragar.

LUCINDA

Promette ser magnifica a nova revista  
dos auctores do Cartoca, intitulada Mer-  
curio; que brevemente será represen-  
tada.

Tivemos occasião de ouvir ao pinno  
alguns numeros da opera conica D.  
Quichote que o maestro Miguel Cardozo,  
nosso estimado collaborador, está es-  
crevendo.

Agradaram-nos todos, mas os que,  
com certeza, farão magnifico effeito são  
o coro de introdução (psit, psit, pouca  
halba, ) septimino e o bolero, dança  
caracteristica da epocha que, com ra-  
zão, será dos mais applaudidos.

Que quanto antes o publico possa  
ter occasião de ouvir essa partitura  
aliada a um esplendido libreto é o que  
francamente desejamos.

P. TALMA.

COLLABORAÇÃO

A REVOADA DAS SAUDADES...

(A IZA.)

Quando pela manhã á luz da aurora  
A passarada voar de galho em galho,  
Banhando-a nesse haahô que colora  
As transparentes lagrymas do orvalho;

Quando na grã cidade adormecida  
Das altas torres soar a voz do sino,  
— Signal sagrado que nos volve á vida,  
A luz abençoando e erguendo um hymno;—

Quando se abrindo nessa hora as flores  
Ao brando ramalhar da hrize errante,  
Tremulando verterem seus odores  
Em desenvolto manto fluctuante;

Quando o sol resurgindo no horizonte  
Altivamente na abrasante esphera,  
Semelhar-se a um gigante em alto moate,  
Que ao mundo o somno perturbar viéra;

Quando ao chegar-lhe o ultimo minuto  
De seus brrinhos pousar no firmamento,  
A tarde ir succedendo-lhe no lucto  
De nuvens negras num socego lento;

E quando, finalmente, em paz marchando  
De intensa escuridão toda cercada,  
Surgir a noite e o ceo ir povoando  
De nm turbilhão de estrellas recamada;

Eu pensarei em ti... Tristes, saudósas  
Recordações virán nesses momentos...  
Em revnadas negras, silenciosas...  
De saudades e tristes pensamentos...

Rio, 6 de Junho de 86.

RICARDO AZAMOR.

AUSENTE

« Mas agora que Marcia vive ausente,  
Que não me alenta co'squiva  
Co'brado mim d'um de seus agrados  
Que farei infelice,  
Se tu, meiga Esperança, não me acodes... »  
*Filinto Elycio.*

Dous impossíveis: Um — é fleilmea te  
A sua imagem copiar na tela;  
Outro escuta-la sem sentir por ella  
Um não sei que de vago e reverente!

Anjo d'amor, espirito innocente,  
Meiga... Na forma quem será mais bella?  
A Laura? Beatriz? Não, nem aquella  
Que a vibora apertou no seio ardente...!

Hoje esse sonho de azas altaneiras,  
— Sonho feliz de um cerebro divino —  
Pousa, quem sabe? em plagas estrangeiras...!

Mas pra'a Deus que seja o mar ferino  
Propicio á volta e que tanhem fagueiras  
Soprem-lhe sempre as hrissas do destino.

Março, 86.

CARLOS SANZIO DE A. BROTERO.

TRATOS Á BOLA

Cubiçaram o premio — Vinte contos  
dos tratos ultimos os nossos valentes  
irmãos: F. Dias, Pépe, Josephina B., Fri-  
cinal Vassico e Pedro Rabello.

O primeiro decifrador foi o Sr. F.  
Dias. Felizardo! Venha buscar o pre-  
mio e fique sciente de uma cousa; que  
muita gente está a rogar-lhe pragas e a  
roer-se de pura inveja. Isto, natural-  
mente, não pesará contra a sua entrada  
para o reino do Senhor. Aqui está o  
nosso frade a pedir em padre-nossos,  
ave-marias e salve-rainhas, perdão para  
os seus inimigos e glorificação para a  
sua alma, meu carissimo irmão.

Eis as decifrações: das charadas —  
Travessero e covado, do proverbio — O  
homem propõe e Deus dispõe, das novis-  
simas Volume e Pecego e do logogrifo  
— Cachoeiras.

Para novos tratos ás vossas holas  
offereço, meus illustres irmãos, esta  
hagagem:

CHARADAS

(ANTIGA)

Sô me faz a generosa — 1  
Mulher da Biblia e de hem, — 2  
Que se iguala á linda rosa  
Nas bellas côres que tem.

Josephina B.

Cantando — 1  
No espaço — 2  
Do mar  
No regaço.

TELEGRAPHICA

4 — Arriero é bilontra.

Oidivo.

DECAPITADA  
(por letras)

Ella treme—porque—de — receia —  
para Cana —.

NOVISSIMAS

1-1-1. No codigo este pronome na razão  
instrue.  
1-1-1. Letra e mais letra legou o  
homem.

ADIVINHAÇÃO.

3—No mesmo logar acaba como

começa abraçando uma nota de musica.

ENYOMA GRAMMATICAL

Adjectivo de jornal — 1ª, 2ª, 3ª, 4ª,  
Adjectivo reluzento. — 2ª, 3ª, 4ª,  
Substantivo perfurante. — 3ª, 1ª,  
Substantivo sonoro. — 4ª.

Para o primeiro decifrador guardo  
um bellissimo premio: nada mais nada  
menos do que um... Não, não digo o  
que é. Que ao menos os irmãos especvi-  
tem o respeitavel destino e tratem de  
abiscotrar, *in primo loco*, já se sabe, o  
rico premio.

*Itē tratus est.*

FREI ANTONIO.

PARNAZO ALEGRE

CRUZES.

Temos o vendaval? Brisas loquazes  
Passam; do sol a nevoa oumbra as luzes,  
E co'hem-se as montanhas com capuzes  
De alva garça... Garças vão, vivazes,

voando, e nuvens mil, — como cartazes  
Com trova escriptos, — dizem que os obuzes  
Vão troar do trovão! Tu, que reduces  
Meu sangue a um mar de hruza e rugir fazes

Em mim tuões de Amor; tu, que seduzes:  
Porque o raio tener que rompe as gazes  
Do ceo? E' hom que os olhos andaluzes

Volvas-me, e, como fazem os tiocazes,  
Pombos, teu labio com meu labio cruces,  
— Que as cruces pra os trovões são efficazes!

ASCANIO MAGNO.

MUSICA E MUSICOS

SOCIEDADE DE QUARTETTO

Esta sociedade, que tantos e tão bone  
resultados tem dado, não só pela inici-  
tiva que tomou de proporcionar aos  
seus associados e convidados a audição  
da boa musica, como ainda, para,  
admitindo em seus concertos, bello  
sexo, propagar-lhe o gosto pela musica  
séria, deu no dia 23 do proximo passado  
uma sessão, senão melhor, ao menos  
igual ás anteriores.

O auditorio selecto ouviu com a  
rigorosa attenção do verdadeiro dile-  
tante o primoroso programma que foi  
perfeitamente executado.

Fizeram-se ouvir alem do valente  
quartetto, que cada dia marcha á per-  
feição, os distinctos artistas J. Queiroz,  
T. Nascimento e A. Nepomoceno.

Sem transcrevermos o programma (o  
que achamos chapa muito velha) nos  
limitarcmos a dizer que F. Nascimento  
continua a fazer as diabruras de que é  
capaz quando empunha o arco; que  
J. Queiroz é sempre o pianista rigoroso e  
itelligente que conhecemos, e que  
Cernicchiaro, esse violinista capaz das  
maiores difficuldades, cada dia revela-  
se mais artista.

Em resumo, a Sociedade do quartetto  
do Rio de Janeiro tem hoje um dos  
primeiros logares entre as suas conge-  
neres.

GALLI-LEO.

FACTOS E NOTICIAS

Partio no dia 1º do corrente, com des-  
tino ás provincias de Pernambuco e  
Babia o illustrado Sr. Alfredo do Valle  
Cabral, chefe da secção de manuscriptos  
da Bibliotheca Nacional, que vae em  
commissão d'esta ás referidas provin-  
cias recolher as inscripções que lá exis-  
tiram em monumentos publicos e parti-  
culares. Deve estar de volta em Julho.  
Ao sympathico e distincto biblio-

philo e colleccionador, a quem de  
parcoria com Capietrno de Abreu—já  
devem as nossas Lettras importantes  
publicações, dosejinnio excelente via-  
gem e opina colhoita.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Acha-so livre de todo o perigo e em  
via de convalescença, graças á pericia  
e aos dedicados esforços do seu medico  
assistente Dr. Leal Junior, auxiliado  
pelo Dr. Belisario de Souza. Aos seus  
muitos amigos e innumeros admirado-  
res não poderiamos dar mais agradavel  
noticia.

A 1 hora da tarde de hoje inaugura o  
Sr. Honorato de Magalhães o estabele-  
cimento do sua propriedade «Ao Re-  
creio das Crianças», sito á rua do Sena-  
dor Dantas n. A I, onde encontrarão es  
crianças muitos jogos e brincos com  
que se entretendam emquanto as suas  
familias se desencalham servindo-se do  
magnifico sortimento do bebidas e re-  
frescos do estabecimento.

Agradecemos o convite para o lunch  
inaugural.

Por cartas que temos recebido de  
Volta Redonda, do nosso estimadissimo  
ex-companheiro Arthur Mendes, soube-  
mos que se acha muito melhor dos  
soffrimentos que o obrigaram a aban-  
donar a corte.

Ainda bem.

GREMIO DE LETTRAS E ARTUS

Hoje, ás 7 horas da noite reunião do  
conselho director. Entre outros assum-  
ptos resolverá sobre o dia em que de-  
verá realizar-se a primeira sessão litte-  
raria do Gremio, a qual, espera-se, será  
na proxima semana. Já estão inscriptos  
para leitura de trabalhos varios escri-  
tores de muito merito.

Não se realisou ante-hontem, como  
estava annunciada, a sessão solemne  
do Club Gonçalves Dias por haver en-  
fermado á ultima hora o orador offical  
Dr. Cyro de Azevedo.

Com o fim de collocar uma pedra  
sobre o tumulo da devotada abolicio-  
nista D. Luiza Regadas, o distincto  
violinista Pereira da Costa e sua Exme-  
senhora estão organisando uma *matinée*  
que se realizará em um dos dias do cor-  
rente mez. A esta festa, digna da coad-  
juvação popular, concorre a elite dos  
nossos artistas dramaticos. Helena  
Cavallier recitará a poesia *Liberdade* e  
Eugenio de Magalhães uma outra ex-  
pressamente escripta para o acto, *Visita  
a um tumulo*, compostas pelo director  
d'esta folha.

O programma, que será publicado  
brevemente, é escolhido e variado.

E' de crer que o publico não falte a  
esta *matinée*, de fim extremamente sym-  
pathico.

Faz annos amanhã a Exma. Sra. D.  
Amelia Augusta de Carvalho, virtuosa  
esposa do Sr. J. A. Ribeiro de Carvalho,  
proprietario da importante Fabrica de  
Floree da rua do Passeio.

Nossos parabens á digna senhora e  
sêu marido.

Com um bellissimo programma rea-  
liza amanhã o Prado Villa Izabel a sua  
primeira corrida d'este anno.

FALLECIMENTOS

Em 27 do mez findo, com a avançada  
idade de 80 annos, falleceu o illustrado  
magistrado D. Francisco Balthazar da  
Silveira.

Pelos seus relevantes servicoes pre-  
stados á nação, foi agraciado com as se-  
guintes distincções honorificas: Gran-  
Cruz de Christo e officialato da Rosa e

por Portugal — commendas da Real Ordem Militar do N. S. da Conceição de Villa-Vieosa e de São Gregorio Magno.

D. Balthazar da Silveira, por seus altos talentos e inquebrantável caracter foi um magistrado distinctissimo e honrou sobremaneira os cargos que occupou, não só como desembargador mas também como presidente das Relações do Maranhão, do Recife e da Corte. Desta era elle procurador da Corôa e desempenhou com muita intelligencia o cargo do Ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

D. Balthazar da Silveira era um homenagem da patria e com ella sentimos sinceramente a sua morte.

Falleceu ante-hontem, victima de uma lymphatite, pernicioso, o Dr. João Silva, lente da cadeira de pathologia geral da Faculdade de Medicina e uma das glórias da classe medica do nosso paiz.

Dotado de rara intelligencia e profundamente no estudo da sciencia a que se dedicara, conseguiu o Dr. João Silva aureolar o seu nome de um prestigio e de uma veneração, verdadeiramente invejaveis.

Lamentando a morte d'este devotado e distinctissimo apostolo da sciencia, damos nossas condolencias a sua Exma. familia.

## CORREIO

Sr. Um constante leitor e admirador da Semana e de seus redactores. Por pouco que a sua assignatura não tomou todo o espaço do que posso dispor; o que faz com que lhe diga, em duas palavras, que me é inteiramente impossivel publicar a poesia que nos mandou: *Fragmento da prova escripta de um calouro*, pois que esta folha não foi precisamente fundada para servir calouros que têm a rara habilidade de, numa poesia de 7 estrophes, encaixar 10 versos errados. Também não sei porque não inteirou logo a duzia.

Sr. Florival. E' hem possivel que o meu amigo valha flores e de todos os cheiros até, porém o que com certeza não vale flores... nem publicação. é: o seu soneto e o seu italiano. Portanto... viola no sacco! e só a tire de lá quando puder deitar cantiga que se entenda.

Sr. J. A sua poesia: — *Um pé*, composta de duas estrophes em alexandres ruins como cobra, o tal seu pé, meu bom senhor, não serve senão para provar que sua mercê... não tem cabeça. Um seu criado...

Sr. A. *Pemaso Acrisio*. Se o seu apresentado não der para outra cousa que não seja fazer versos, se não der pelo menos... para fazer gaiolas ou rapar cujas, ha de dar bons burros ao dizimo, não tem que ver! érra decasyllabos com uma limpeza, que é mesmo um louvar a Dens de gatinhas.

Sr. F. B. O seu soneto: — *Perdida é uma calamidade*. O pobre só tem de feliz o titulo; porque realmente essa cousa riada não passa de uma perda. Perdeu-se da syntaxe, da metrificacão e do bom senso, o como esta redacção não é o que antigamente se chamava a Rua da Valla, tractemos de dar ao seu producto o lugar que lhe convem.

Sr. Fulvio. Como a sua anti-poetica poesia tem por titulo: *O engeitado*, b'z commigo mesmo esta sensata reflexão: « Ora des de que este filho foi engeitado por seu pae, porque ha de A Semana, que nada tem de ama secca, acolhel-o em seu seio? » D'ahi a inabalavel resoluçãõ de não publicar-o nem á mão de Deus Padre.

Sr. F. S. Nós não seriamos capazes de publicar a sua versalhada intitullada: *Dido*, nem que o Sr. nos pagasse tres patacas e dois vintons pela publicação de cada verso e inda por contra peso nos mandasse de presente uma caixa de vinho do Porto de 1815; porque ahuãl de contas muito mais de 1815 erros tem a sua poesia.

Srs. J. Ricardo e Jorge Samsonac. E' tão pouco lsgível n letrinha da carta que nos remetteram, que ficamos a ver navios no alto de Santa Catharina. Eis porque, seja lá o que fór que nos tenha

querido dizer, para livrar de duvidas respondomos: n-a-o til-não!

Sr. A. A. de Sobrinho. O senhor afinal de contas não veio ao mundo senão para deslustrar com os seus desconchavos poeticos o nome querido do seu lanreado tio, o grande auctor da *Noite na Taverna*. Acho porém impossivel que Alvares de Azevedo deixasse inclome sobre a terra um sobrinho capaz de perpetrar este verso:

« Eu quizera, Anjo! Pallido, Louco... »  
Decididamente, o Sr. não sae ao tio.

Sr. A. *Hautequest*. Mã idea teve o Sr. remetendo-nos, em vez de dinheiro palpavel e sonante, um *Dinheiro*... que não passa de um conto mal escripto. Portanto, seu home de nome arresado, quer quanto á prosa, quer quanto ao verso, não tem logar o que requer o supplicante.

Sr. Deltius. O seu soneto é sentido, mas infelizmente tem alguns versos frouxos. Se o quizesse limar...

ENRICO.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cone. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas minerais—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Ilaas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Braudão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da harateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

« O Municipio » — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavaros Paes encarrega-se de liquidacões amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cozinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

Advogado.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1.º de Março n. 23.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. João n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographo—Illegino Lopes—Barbacena.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chimico e oleographo. Rua de Santo Antonio—Santos.

Solhoitador—Francisco R. de A. Novacs—Juiz de Fora.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo. — Incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Instrucção Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'quellas materias.

HECADOS NESTE ESCRIPTORIO

## AO RECREIO DAS CRIANÇAS

RUA DO SENADOR DANTAS N. A I

(ESQUINA DA RUA EVARISTO DA VEIGA)

HOJE 5 DE MARÇO HOJE

Grande festa inaugural! Jogos, e brinquedos infantis. Musica, luzes, fogos de Bengala et., etc.

GRANDES E BELLAS SURPREZAS

O producto liquido do consumo de hoje é destinado ao augmento do patrimonio da S. Protectora da Infancia Desamparada.

ABERTO TODOS OS DIAS E TODAS AS NOITES

ENTRADA GRATIS

A I RUA DO SENADOR DANTAS A I

(ESQUINA DA RUA EVARISTO DA VEIGA)

HONORATO REBELLO BOTELHO DE MAGALHÃES

## ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

## A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

# PRADO VILLA ISABEL

PROGRAMMA DA PRIMEIRA CORRIDA

A REALIZAR-SE

## EM 6 DE MARÇO DE 1887

Ao meio dia em ponte

1º pareo — **CONCILIAÇÃO** — 1.000 metros — Animas de menos de meio sangue — Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

| N. | NOMES        | PELOS         | IDADES  | NATURALIDADES | PESO     | CORES DAS VESTIMENTAS       | PROPRIETARIOS       |
|----|--------------|---------------|---------|---------------|----------|-----------------------------|---------------------|
| 1  | Ondina.....  | Tordilho..... | 3 annos | S. Paulo..... | 49 kilos | Azul e amarelo.....         | J. Rocha.           |
| 2  | Aymoré.....  | Castanho..... | 5 »     | Idem.....     | 65 »     | Encarnado e preto.....      | Coud. R. de Janeiro |
| 3  | Guacho.....  | Cbita.....    | 3 »     | Rio Grande..  | 52 »     | Grênat e manchas azues...   | A. M.               |
| 4  | Bariguy..... | Zaino.....    | 4 »     | Paraná.....   | 53 »     | Preto e encarnado.....      | Henrique do Vabo.   |
| 5  | Romero.....  | Idem.....     | 2 »     | Rio Grande..  | 45 »     | Encarnado, preto e branco.. | M. M.               |

2º pareo — **ENSAIO** — 1.300 metros — Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

|   |                |               |         |               |          |                             |                  |
|---|----------------|---------------|---------|---------------|----------|-----------------------------|------------------|
| 1 | Doge.....      | Castanho..    | 3 annos | S. Paulo..... | 43 kilos | Verde, branco e encarnado.. | Coud. Excelsior. |
| 2 | Rondello.....  | Douradilho..  | 3 »     | S. Paulo..... | 43 »     | Azul e grênat.....          | Lazaro & Lima.   |
| 3 | Argentino..... | Castanho..... | 3 »     | R. de Janeiro | 43 »     | Grênat e lirio.....         | D. A.            |

3º pareo — **METROPOLITANO** — 1.450 metros — Inteiros e eguas nacionaes — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

|   |                |               |         |               |          |                            |                     |
|---|----------------|---------------|---------|---------------|----------|----------------------------|---------------------|
| 1 | Regina.....    | Douradilho..  | 4 annos | S. Paulo..... | 49 kilos | Grênat e manchas azues...  | Coud. Paraiso.      |
| 2 | Americana..... | Tordilho..... | 4 »     | R. de Janeiro | 47 »     | Azul e amarelo.....        | Manoel S. Ferreira. |
| 3 | Talisman.....  | Alazão.....   | 6 »     | S. Paulo..... | 51 »     | Azul, branco e encarnado.. | Coud. Cruzeiro.     |

4º Pareo — **PROGREDIOR** — 1.450 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

|   |             |               |         |               |          |                           |                    |
|---|-------------|---------------|---------|---------------|----------|---------------------------|--------------------|
| 1 | Vampa.....  | Zaino.....    | 4 annos | Rio Grande..  | 51 kilos | Grênat e manchas azues... | Coud. Paraiso.     |
| 2 | Intima..... | Castanho..... | 5 »     | S. Paulo..... | 52 »     | Grênat e lirio.....       | D. A.              |
| 3 | Druid.....  | Tordilho..... | 4 »     | R. de Janeiro | 59 »     | Branco e encarnado.....   | O. Junior & Lopes. |

5º pareo — **INTERNACIONAL** — 1.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz até 3 annos — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

|   |                  |               |         |               |          |                             |                    |
|---|------------------|---------------|---------|---------------|----------|-----------------------------|--------------------|
| 1 | Castiglioni..... | Zaino.....    | 3 annos | França.....   | 53 kilos | Azul e ouro.....            | Coud. Santa Cruz.  |
| 2 | Babylone.....    | Castanho..... | 3 »     | Idem.....     | 52 »     | Verde, branco e encarnado.. | Coud. Excelsior.   |
| 3 | Pancy.....       | Zaino.....    | 3 »     | Rio da Prata. | 51 »     | Coreja, verde e amarelo...  | V. M.              |
| 4 | Amazonas.....    | Castanho..... | 3 »     | Inglaterra..  | 53 »     | Azul e amarelo.....         | L. & C.            |
| 5 | Paraguaya.....   | Idem.....     | 3 »     | Idem.....     | 52 »     | Azul e grênat.....          | P. Lima.           |
| 6 | Daybreak.....    | Zaino.....    | 3 »     | Idem.....     | 53 »     | Ouro e boné azul.....       | D. Julia Vieira.   |
| 7 | Perle.....       | Idem.....     | 2 »     | França.....   | 52 »     | Branco e encarnado.....     | O. Junior & Lopes. |
| 8 | Diana.....       | Alazão.....   | 3 »     | Idem.....     | 52 »     | Grênat e ouro.....          | J. S.              |

6º pareo — **SUBURBANO** — 1.600 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo, 100\$ ao terceiro.

|   |                 |               |         |               |          |                       |                  |
|---|-----------------|---------------|---------|---------------|----------|-----------------------|------------------|
| 1 | Peruana.....    | Zaino.....    | 4 annos | Inglaterra..  | 55 kilos | Azul e amarelo.....   | J. Rocha.        |
| 2 | Speciosa.....   | Alazão.....   | 5 »     | Idem.....     | 57 »     | Idem.....             | Moreira.         |
| 3 | Coupon.....     | Idem.....     | 4 »     | França.....   | 56 »     | Azul e branco.....    | Coud. Cruzeiro.  |
| 4 | Daybreak.....   | Zaino.....    | 2 »     | Inglaterra..  | 58 »     | Ouro e boné azul..... | D. Julia Vieira. |
| 5 | Carlita.....    | Castanho..... | 4 »     | Idem.....     | 55 »     | Azul.....             | F. Guimarães.    |
| 6 | Dr. Jenner..... | Zaino.....    | 4 »     | Rio da Prata. | 54 »     | Grênat e ouro.....    | J. S.            |

7º pareo — **EXPERIENCIA** — 1.000 metros — Inteiros e eguas até meio sangue — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |                |               |         |               |          |                            |                     |
|---|----------------|---------------|---------|---------------|----------|----------------------------|---------------------|
| 1 | Aymoré.....    | Castanho..... | 5 annos | S. Paulo..... | 63 kilos | Encarnado e preto.....     | Coud. R. de Janeiro |
| 2 | Mandarim.....  | Rosilho.....  | 4 »     | Idem.....     | 53 »     | Grênat e manchas azues...  | Coud. Paraiso.      |
| 3 | Americana..... | Tordilho..... | 4 »     | R. de Janeiro | 52 »     | Azul e amarelo.....        | Manoel S. Ferreira. |
| 4 | Druid.....     | Idem.....     | 4 »     | Idem.....     | 55 »     | Branco e encarnado.....    | O. Junior & Lopes.  |
| 5 | Intima.....    | Castanho..... | 5 »     | S. Paulo..... | 54 »     | Grênat e lirio.....        | D. A.               |
| 6 | Damon.....     | Alazão.....   | 4 »     | Idem.....     | 53 »     | Branco e faixa encarnada.. | J. M.               |
| 7 | Ivon.....      | Zaino.....    | 4 »     | Paraná.....   | 53 »     | Encarnado, preto e branco, | C. P.               |

### OBSERVAÇÕES

As corridas principiando ao meio dia em ponte, os animas inscriptos no primeiro pareo devem achar-se no encilhamento ás 11 horas precisas.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.

## EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA  
Tisica, bronchites, escrophulas, raohitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

## ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

Em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 12 DE MARÇO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 115

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                             |                         |
|-----------------------------|-------------------------|
| Expediente.....             | A REDACÇÃO.             |
| A Semana.....               | FILINOAL.               |
| Historia dos sete dias..... | PIERRO-APOLLO.          |
| Cartas do Olympo—VI.....    | V. M.                   |
| P. de Saint-Victor.....     | DGO.                    |
| Esboços a bico de lapis     | H. DE MAGALHÃES         |
| —) A. Celso Junior.....     | E. MONTEIRO.            |
| Tedio, poesia.....          | A. CELSO JUNIOR.        |
| Cartas de Lisboa.....       | J. NINGUEN.             |
| Minha filha, poesia.....    | S.                      |
| Os nossos escriptores.....  | PASSEPARTOUT.           |
| Jornaes e revistas.....     | F.                      |
| Aqui, ali, acolá.....       | P. TALMA.               |
| Notas bibliographicas.....  | A humilidade dos nossos |
| Theatros.....               | homens politicos.....   |
| A humilidade dos nossos     | PSIT.                   |
| homens politicos.....       | PONSARDIN.              |
| A vida alegre.....          | E. D'ARTAYETT.          |
| O Presente, poesia.....     | LOGNON.                 |
| Festas, hautes e concertos  | X.                      |
| Sport.....                  | Factos e Noticias.....  |
| Factos e Noticias.....      | LORRIO.                 |
| Lorrio.....                 | Collaboração—A ULLIHA   |
| Collaboração—A ULLIHA       | joia.....               |
| joia.....                   | O. E. SILVA.            |
| Recebemos.....              | Annuncios.....          |
| Annuncios.....              |                         |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 25000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 58000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Samostre..... | 58000  |
| Anno.....     | 109000 |

Prevenimos os nossos assignnantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo do que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviamos em tempo, e ás quaas não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformnr as suas assignaturas pelo corrente anno e ás qua agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demara e A. Drenx, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias da D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos do Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio comprau-se axemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

## A SEMANA

Dóra avante só terão a responsabilidade collectiva do director e dos redactores d'esta folha os artigos que forem publicados sem assignatura ou com a assignatura — *A Redacção*.

Fica entendido que todos os artigos fóra d'essas condições representam as idéias dos seus respectivos auctores.

### A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Tambem eu estive a ferver um pouco na ebulição jornalística d'esta semana. Felizmente as garras da descompostura não poderam flar-me d'esta vez. Passei serenamente dos edictoriaes para os pedidos e dos pedidos para os edictoriaes. Motivou o cnso uma divergencia de poncto de vista jornalístico, que ia dando aos leitores d'A Semana o prazer de ee verem livres da minha prosa. Mns tudo se conciliou de portas a dentro e os leitores hão de me aguentar ainda por muito tempo.

Debruçado uesta columna, como numa janella, eu olho para os sete dias decorridos e pouco mais vejo do que agua, muita agua, sempre agua. A chuva d'esta semana foi continua e, por vezes, torrencial.

Eu abomino o calor do nosso verão, e, com fraqueza, prefiro a chuva, que refresca os ares. Mas assim tambem é desaforo. Esta natureza do Brazil é maluca. Não conhece meio termo. Ou tudo ou nada. E estou convencido de que se hontem não choven foi pelo mesmo motivo que obrigava a filha do velho violoncellista da Dalila a não chorar pela ingratidão de André Roswen—foi porque já não havia mais agua para chover!

S. M. o imperador acha-se restabelecido da *castrumalitie* que o acometteu, mas ainda não se pode restabelecer da telegraphite agnda que lhe tem entrado no coração.

Pelo restabelecimento do monarcha eu envio os meus parabens á angusta familia de S. M. e á nação.

E agora *je profite de cette occasion* para lembrar a S. M. que não se esqueça de mim. D'esta vez eu sei que von ter pendureza para o casaco: O imperador deve-mo este relevante serviço—eu fui a unica pessoa que não telegraphou a perguntar pela sua preciosa saude.

E saiba o illustre Sr. ministro do Imperio que é quem tem a chave do cofre das graças) que foi um serviço. Não houve sociedade recreativa Flor de qualquer bairro, não houva hixocapeta que não telegraphaesse para Petropolis nesta e na semana transncta; fui eu o unico abstomio, fui o unico cidadão morigerado que não abusou do telegrapho para amolar o bem amado chefe do Estado.

Des de já declaro que tambem não estive presente á reunião que em Petropolis houve na casa do Sr. desembargador Vieira Tosta com o fim de as tractar do modo de manifestar o jubilo de que o paiz sente a entranha possuida pelo restabelecimento de S. M.

Depois d'estas duas declarações formaes e afirmando eu d'aqui o meu contentamento,—tanto quanto pôde sentir um republicano confesso—por ver S. M. de saude perfeita, creio que não terei muito que esperar pela da Rosa ou pelo de Christo.

Enfim, como este mundo está cheio de ingratos... é possível que ainda d'esta vez eu fique sem pendureza.

Com n doença do nosso imperador coincido a do seu collega Guilherme I, da Alemanha. Tamboem o velho rei da Prussia teve neste mez aggravados os seus achaques de valetudinario, e tambem o telegrapho submarino gemeu com a transmissão de noticias.

Nota que, com as doenças dos reis, trabalha mais o telegrapho do que a botica e que a electricidade snplanta o quinino e os colomellanos.

Que diabo! eu já estive doente duas ou tres vezes e não o participei á Europa. Agora, quando mo eohrar algum tempo, hei de arranjar uma congestão-sita qualquer, só para poder transmittir á China uma noticia de sensação.

Houve uma ligeira discussão entre a *Gazeta de Noticias* e o Dr. Amancio de Carvalho, medico da policia.

Uma senhora respeitavel succumbia a uma molestia qualquer aggravada por um incidente dado em publico. Esta circumstancia deu logar á intervenção da policia, que mandou o seu medico á casa da finada para o fim de verificar o obito. Acontece, porém, que a senhora tinha fallecido com assistencia de medico, o qual já havia passado o attestado e nease attestado já o respectivo

inspector do quartecirão lançara o «*sopulte-se*» da lei.

Maa o medico policial não quiz saber de cantigas o obrigou as filhas da finada a acccitar o seu attestado d'elle! Accresce que nas confabulações havidas ontro as referidas senhoras e o facultativo da policia, este não foi de uma gentileza perfeitamente parieienae.

Eu eó me admiro da admiração da *Gazeta*.

Sabe-a lá que molestia queria a policia que tivasse a infeliz senhora?

Como outro foi uma congestão hepatica, molestia hojo da casa imperial, fornecedora de S.M.o imperador; agora a policia precisava de um padecimento cardio-vascular.

Para que diacho havemos de oppor barreiras nos diagnosticos policiaes? Quanto á indelicadeza do medico, elle nega-a a devemos, portanto, acreditar-o.

Eu por mim, como tonho de morrer por força, tanto so ma dá de morrer de uma peritonite como da uma insuficiencia mitral.

O que eu quizera era morrer de... prazer.

Está a estas horas roendo o pão negro do exilio entre nós o tenente-general D. Maximo Santos, ex-presidente da republica Argentina.

O *Paix* tam sido para ello de uma ternura só comparavel á que teve pela maravilhosa Sarah Bernhardt. Tambem lhe *attachou* um *reporter* especial, que nos tem fornecido as melhores e as mais pittorescas noticias do general exilado; tambem lhe deu nna columna especial, mas d'esta vez sem vinheta.

E não pense o meu leitor que o astimado collega lhe *attachou reporter* de pouco mais ou menos; não, senhór. Foi um *reporter* litterato, atulhado de rhetorica, cheio de letras e de sabedoria, cavalheiro e poeta.

Veja-se este periodo da *columna* da segunda-feira:

«E' um homem de mediana estatura, esbelto e correctamente trajado.»

«E' um verdadeiro typo hispano-americo: olhos grandes e expressivos, barba tallada a nazarena, caballos oadados e lançados para trás. Com um *sombreiro* de largas abas, ornado de extensa pluma, manto negligentemente lançado para o lado, comprida espada e botas de couro de bufalo, seria um bonito *specimen* de cavalleiro da Aragão ou de Castella do XVI seculo, tão magistralmente immortalisado por Murillo e Velasquez.»

«O rosto do general tem uma pequena deformação, em consequência do ferimento, que ha tempos recebeu em Montevideo. Antigamente usava *caçaigar*, mas, para encobrir a cicatriz, deixou crescer a barba, que lhe vai muito bem.»

Vejam que pureza e que *elegancia* de estylo! Que vernaculidade na dicção, que apreciavel simile artistico!

Mas o que mais me commoven e encheu de satisfação foi a oração final—«Antigamente usava *cavaigar*, mas,











# LOTERIA

DA

## PROVINCIA DO GRAM-PARA'

SORTE GRANDE PAGA POR INTEIRO

### 40:000\$000

NÃO HA MAIS SERIES N'ESTA LOTERIA

EXTRACÇÃO

### SABBADO - 26 DO CORRENTE - SABBADO

A'S 2 HORAS--IMPRETERIVELMENTE

Esta loteria joga com 20,000 bilhetes a \$3000, tendo 42,130 quintos premiados

O agente chama a attenção do publico para o importante plano d'esta loteria, incostavelmente a mais vantajoso.

Com a diminuta quantia de 58 (bilhete inteiro) obtém-se a importante somma de

### 40:015\$000

e com 18000 (um quinto) recebe-se

### 8.003\$000

Todos os premios são pagos SEM DESCONTO.

As extracções d'esta importantissima loteria effectuam-se em edificio publico, na capital da provincia, são fiscalizadas por autoridades nomeadas pelo governo provincial e presididas pelo Sr. Dr. chefe de policia.

Itemettom-se bilhetes para fora com antecedencia e SEM COMMISSÃO, e vendem-se desde ja na agencia.

## 23 RUA DA URUGUAYANA 23

AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

Caixa do correio 357

Endereço telegraphico--AGALLO

## LOTERIA DO PARANA'

PORTE ALGOS PAGO POR INTEIRO

### 15,000\$000

Premio maior

Premio melhor

NÃO TEM SERIES

### PAGAMENTO INTEGRAL

Em vista da circular de S. Ex. o Sr. ministro da fazenda, foi apporizado pelo Exm. Sr. presidente da provincia o seguinte plano

10,000 BILHETES A 58, DIVIDIDOS EM QUINTOS DE 18000

### PREMIOS

|   |             |
|---|-------------|
| 1 premio de.....  | 15,000\$000 |
| 1 dito de.....  | 5,000\$000  |
| 1 dito de.....  | 2,000\$000  |
| 2 ditos de.....   | 1,000\$000  |
| 4 ditos de.....   | 500\$000    |
| 100 ditos de.....   | 20\$000     |
| para todos os numeros cujos dois ultimos algarismos forem iguaes ao do 1º premio..... | 10\$000     |
| para todos os numeros cujos dois ultimos algarismos forem iguaes ao do 2º premio..... | 400\$000    |
| 2 aproximaciones de.....  | 100\$000    |
| para o 1º premio.....   | 100\$000    |
| para o 2º premio.....   | 50\$000     |
| 1,000 premios de.....   | 5\$000      |
| para todas as terminações do 1º premio.....   |             |

TODOS OS PREMIOS SÃO PAGOS SEM DESCONTO

### EXTRACÇÃO D'ESTA LOTERIA QUINTA-FEIRA, 17 DE MARÇO

AO MEIO-DIA

REMETEM-SE BILHETES PARA FORA COM ANTECEDENCIA

E SEM COMMISSÃO

Bilhetes a venda na agencia

## 23 RUA DA URUGUAYANA 23

Caixa do correio 357

Endereço telegraphico--AGALLO

# EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypodrophosphitos. A' vendu nas drogarias e boticas

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

### RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

### RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommeadas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

### LAEMMERT & C.

EDITORES

Sabida a luz e acha-se a venda a obra completa das

### MEMORIAS DE JUDAS

POR

F. PETRUCELLI DE LA GATTINA

vertidas para a lingua portugueza por M. C. da Rocha, 1 volume de mais de 450 paginas in-8º. Preço: brochado 38 encadernado 48\$000.

O notavel romance historico, cuja traducção offeremos hoje ao publico, é muito conhecido e apreciado na velha Europa. O seu autor, Petrucci de la Gattina, um dos chefes do radicalismo italiano, publicou-o em francez, em 1867, em Paris, porque a influencia papal não consentiu que nessa época o sublime trabalho do chefe democrata fosse publicado em terras da Italia e na sonora lingua de Daate.

Recommenda-se este romance pela felicidade e talento com que o autor soube descrever os usos e costumes do povo judaico, as paixões politicas, as intrigas e o faaatismo que acabaram aquelle bello paiz sob a dominação dos romanos. Destaca-se deste quadro a grandiosa figura de Christo, que naquella sociedade corrompida soube conservar a inteireza do seu caracter, preferindo soffrer uma morte gloriosa a reuegar seus principios de smor e fraternidade uiversal.

66 Rua do Ouvidor 66

**INTRANSFERIVEL! INADIABEL!**

**GRANDE LOTERIA**

DA

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO**

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

**14 DE MAIO DE 1887**

INADIABEL

MIL CONTOS **1.000:000\$000** MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio  
Segundo sorteio.  
Terceiro sorteio.

100:000\$000  
200:000\$000  
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSIMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 fleas-o habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS A

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.

**ALFAIATARIA**

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

**11 RUA DOS ANDRADAS 11**

J. DA SILVA LOPES

**AO RECREIO DAS CRIANÇAS**

RUA DO SENADOR DANTAS N. A I

(ESQUINA DA RUA EVARISTO DA VEIGA)

Jogos, e brinquedos infantis. Musica, luzes, fogos de Bengala etc., etc

**GRANDES E BELLAS SURPREZAS**  
ABERTO TODOS OS DIAS E TODAS AS NOITES

ENTRADA GRATIS

A I RUA DO SENADOR DANTAS A I

(ESQUINA DA RUA EVARISTO DA VEIGA)

HONORATO REBELLO BOTELEHO DE MAGALHÃES

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 19 DE MARÇO DE 1897

DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 116

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                      |                  |
|--------------------------------------|------------------|
| Expediente.....                      | A REDACÇÃO.      |
| «A Semana».....                      | J. DO EGYPHO.    |
| Historia dos sete dias.....          | V. MAGALHÃES.    |
| A meu pae.....                       | F. D'ALMEIDA.    |
| A morte do avô, poesia.....          | V. MAGALHÃES.    |
| O nosso morto, soneto.....           | A. CELSO JUNIOR. |
| Canhenho de um excursionista—VI..... | M.               |
| «Lyrics».....                        | Duo.             |
| Esboços de um bico de lapis          | J. RIBEIRO.      |
| II—Machado de Assis.....             | R. OCTAVIO.      |
| Notas philologicas.....              | E. MONTEIRO.     |
| Ultimo bello, poesia.....            | BIBIANO.         |
| Cartas de Lisboa.....                | E. DE OLIVEIRA.  |
| Cofre das graças.....                | P. TALMA.        |
| Ausencia, soneto.....                | LOAGNON.         |
| Theatros.....                        | A.               |
| Festas, bailes e concertos           | S.               |
| Notas bibliographicas.....           | FORNARINI.       |
| Jornaes e revistas.....              |                  |
| A vida siegre.....                   |                  |
| Factos e Noticias.....               |                  |
| Ruibeirama.....                      |                  |
| Annuncios.....                       |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
| CÔRTE          |        |
| Trimestre..... | 28000  |
| Semestre.....  | 48000  |
| Anno.....      | 88000  |
| PROVINCIAS     |        |
| Semestre.....  | 58000  |
| Anno.....      | 108000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro fiodo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista dos circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo correote anno e ás qua agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção da cinco esplendidas caricaturas coloridas de homena celebres de Fraoça, dasenhadas por André Gil, Demare e A. Draux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias da D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

## A SEMANA

Inserimos hoje o primeiro artigo de uma serie com que, sob o titulo *Notas philologicas*, o Sr. João Ribeiro, estimado poeta e illustrado cultor da lingua vernacula, vas honrar as nossas paginas.

Abrimol-as gostosamente aos auctorizados na materia que porventura desejem contradictar as opiniões do nosso distincto collaborador, pois estes polémicas sobre a nossa lingua são sempre interessantes e geralmente proficuas.

Contiôa hoje o Dr. Affonso Celso Junior com o seu precioso *Canhenho*, tractando, com extraordinario talento de observação o bella forma, da curiosa seita dos *Mormons*. Embora seja ocioso, não nos cansaremos de recomendar estes notaveis escriptos do auctor das *Télas Sonantes*.

### A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Com o pretexto de ter publicado um livro de versos e de precisar adormecer com elles a provincia de S. Paulo, pirou-se o *Filindal*, deixando-me nos debeis braços a estupenda estopada d'esta *Historia*.

Felizmente o paginador, piedoso e José, veio recomendar-me que encurtasse, que encurtasse a *Historia*.

Tranquillisa-te amigo: hei de occultar-a, sentindo apenas não poder encartar-a tanto que d'ella só pudessem notar os leitores... a ausencia.

Revistemos, pois, pela rama os principaes factos dos sete ultimos dias.

Um dos mais patuscos foi o da missa que, em regosijo pelo restabelecimento do Imperador, um cidadão, amante da Monarchia e do *cavaignac*, mandou resar na matriz de Nictharoy, mas qua se não realisou por tel-a prohibido o respectivo vigario, conego Felipe, perdão: coeogo João Aureliano, que deu como rasão do seu espantoso *edto* o não ter sido S. Rvm.

préviamente ouvido nem cheirado — cheirado principalmente—sobre a dicta missa.

Se se tractasse de missa pela morte de qualquer *Zé Codea* ou pelo restabelecimento de qualquer *Mané Coco*, não seria tão estranhavel o facto. Mas tractando-se de uma missa em accão de graças pela restauração da imperial saúde—é inconcebival!

Diz-se que n causa verdadeira e occulta d'essa turricio do Sr. vigario foi ter em tempos, freguez que lhe encomendara a dicta missa, *botado* o Sr. vigario nas folhas porque S. Rvm. tinha o gostoso costume de dar beija-mão ás meninas, principalmente ás bonlitas.

Mas eu desconho que a verdadeira causa é pretender, S. Rvm. recomendar-se ao Imperador como republicano a ver se S. M. criará uma pasta especial dos cultos e o nomeará ministro d'ella.

Ou então, se tambem não é isto, é porque quer apanhar alguma *teieia* para a batina. Infelizmente até agora não tem sido *teieias* o que S. Rvm. tem apanhado.

«Estes padres de agora  
São desabusados...»

como bem diz uma velha modinha erótica e herética.

Outro caso curioso foi o foga de uns autos do poder do escrivão do 2º cartorio do jnry. Nada menos de dois processos, um dos quaes n do infeliz Milheiro.

Teve logar a triste fuga em um bond da Alegria. O Sr. escrivão veio explicar pela *Gazeta* que não perdeu o emburlio dos taes autos, que têm mais de trinta cadernos de papel, mas que lhe foram subtrahidos por mão mysteriosa e habil.

Felizmente foram encontrados hontem ás 6 horas e 17 minutos da manhã em um bond do Cajú, e entregues na estação da rua Visconde de Itaúna pelo conductor chapa n. 89. Ainda bem.

O caso explica-se facilmente.

Os taes processos andavam caiporas e foram dar um gyro para disfarçar os peadumes. Passearam não poucos dias, e em não poucos bonds, naturalmente. Se os não apanhassem tão cedo, os diabos seriam capazes de tomar o trem de ferro e ir até Cascadura ou Maxambomba.

Parabens ao escrivão Braodão e principalmente aos autos viajantes. A estes damos de conselho que se deixem de passear sósinhos:—esta cidade é cheia de perigos e *contos do vigario*; áquelle aconselhamos que, para evitar outras fugas de autos, lhes ponha uma colleira com campainhas. Assim S. S., caso algum d'elles vanha d'ora avante a fugir-lhe, onvirá as campainhas a, pelo

costume, irá marchando atrás d'elle até apanhal-o.

Está pegando nos jornalistas a moda de se cho marem *miseráveis* uns aos outros.

O *Paiz*, de 17, fechou um valente artigo contra o *Jornal do Commercio* dizendo-lhe esta gracioha:

«E' nossa opinião, porém, que este máu estado de cousas só pode cessar por dous modos:

«Ou nobliodo nós mesmos as praticas viciosas que nos deshonram;

«Ou appellando os injuriados para o unico recurso que lhes resta—o de responsabilisarem *personalmente*, não aos miseráveis que por dinbeiro neitam a responsabilidade legal das *diffamações*, mas aos miseráveis mais graduados que tambem por dinheiro autorisam e dão publicidade ás mesmas *diffamações*.»

2. Não se assuste o leitor que não terá, para se divertir, segnda edição da *Iha d'Agua*.

Já se tornou moda entre os homens de Imprensa dizerem-se e ouvirem-se impunemente d'estas amabilidades.

Tanto que o *Jornal*, hontem, apenas respondeu... não com duas testemunhas e um cartel de desafio, mas—como era de esperar dos habitos pacatos do grande orgão—com tres ou quatro varias *Varias*.

A mais terrivel foi esta:

«Jurou o *O Paiz* metter o *Jornal* no fuodo dos seus artigos; são porém tão leves que duzentos empilhados uns em cima dos nutros não bão de afogar ninguém.»

E' forçoso confessar que respondeu admiravelmente, com estpnda dignidade e nunca visto heroismo.

Se neste paiz algum ou alguma cousa pndesse desmoralisar-se, ou, desmoralizando-se, algo perder com isso, a imprensa poderia desmoralisar-se e decahir no cocaito publico. Como, porém, isso não é felizmente possível, estas continuas trocas da insulso e porcarias, longa de fazerem com que ella revolte on indisponha contra si o publico—divertem-o, dá-lhe prazer.

Lembro o escrutinio proposto por *Phébo-Apollo* n'A Semana ultima:

«Senhores meus, por ahí  
Quem é que tem mais vergonha?»

Mais um suicidio: o do Sr. major Timotheo de Souza Espiodola, tio do nosso collaborador Urbano Dnarte.

Era sexaguario a deixou viuva e sete filhos! A causa d'esse acto da loucura—pois não pôde ser outra cousa suicidar-se um homem que deixa viuva a aete filha sem lhes deixar fortuna—foi, ao que parece, a perda de uma demanda.

O enicidio é o heroismo dos cobardes, a for-a dos fracos.

Desgraçados os que, como aquelle,

oe esquoecem de que a sua vida já não é sua, mas da familia que constituiram...

Outro facto que impressionou tristemente a população foi o quo sob o titulo «Ferocidade» nos conta a Gazeta de Noticias...

O estado d'esse infeliz era tal que os medicos perites que o examinaram disseram terem ficado espantados deante de tantas e tão feias cicatrizes e sevecias...

Que horror e que vergonha para este paiz de carrascos legaes, que tem, no entanto, a petulancia de se apresentar ao mundo como civilisado!

Se D. Maximo Santos contar estas nossas belezas a algum jornal da sua terra não faltará quem o chame calumniador e inimigo gratuito.

Infelizmente, por muito que S. Ex. carregasse nas tintas não conseguiria pintar o quadro tão negro como elle é. Infelizmente!

JOSE DO EGYPTO.

A MEU PAE

Quatro annos hoje completam-se que falleceu aquelle a quem com a existencia devo o amor do trabalho e da honra.

Se triumphos me fosse licito esperar nesta espinhosa carreira das Letras, se a Gloria pudesse eu por ventura ter titulos algum dia, esses triumphos e esses titulos eu os alcançaria, á eusta embora de inhumanos esforços...

Bem sei que as intimas alegrias e as maguas intimas do coração não dovem d'elle sahir, que as saudades negras e pungentes de que se alimenta a alma, temperando-se nellas como em um veneno balsamico...

Mas entre a praxe catholica da missa de anniversario, em que não creio, mas a que os deveres sociaes me obrigam —resada a troco de alguns mil réis por um padre mais ou menos lorpae...

Perdõe-me a Igreja se prefiro ás suas esta missa, que tem o coração por altar e por celebrante o unico que poderia exaltar preces ao Céu pela paz d'aquella alma e ajoelhar-se ante a sua memoria.

Além de que, se o homem todo não se extingue no tumulo, se á morte alguma cousa sobrevive d'elle, se isso que se convencionou chamar alma não morre com a carne no apodrecedouro do cemitério...

terio, meu pae, que tinha somente a religião do Dever e do Trabalho, e que adornava os meus pobres escriptos, receberá esta commemoração singela como a unica que eu lhe devesse fazer.

Annos depois, não muitos, quando eu pensava poder pagar-lhe em carinho, em respeito, em auxilio, em contentamentos aquella dupla divida sacerstissima; quando elle começava, na sua sancta cegueira, a orgulhar-se de ser meu pae e eu começava a provar-lhe que sómente a elle devia e deveria tudo quanto eu lhe pudesseedar em jubilos e consolos— elle cahio prostrado, subitamente, como annoso tronco robusto abatido pelo raio; morreu, levando uos olhos baços a imagem dos filhos; morreu na indizível e atrocissima tortura da separação barbara, violenta, fatal, de tudo quanto o prendia pelo coração aos grilhões da existencia, de seu filho, do unico fructo do seu primeiro abençoado eulace, e do filho d'esse filho, do seu idolatrado primeiro neto, do seu Tim-tim, cuja cabeça beijava com os labios frios as tremulas mãos agonisantes.

Oh! é superior á intelligencia humana a comprehensão d'essa dor monstruosa, d'esse medonho desespero de se ver um homem, em plena posse de sua intelligencia, pouco a pouco arrancado dos entes extremecidos a quem dera o ser e, principalmente, d'aquella entesinho risonho e puro que era duas vezes seu filho, que, na phrase de Victor Hugo, o fazia entrar segunda vez na aurora, que o enchia de alegrias e de esperanças, que o fazia crismça segunda vez!

E' principalmente para esse infante que traço tremulamente estas linhas. Elle ha de lê-las um dia e comprehenderá então a minha dor e a perda que ambos soffrêmos.

Quem foi aquelle homem excepcional, cujo talento e cujs energia moral os ventos caprichosos da vida atiraram á obscuridade —talvez por piedoso favor da sorte!— disse-o singelamente em uns tercetos adoráveis o meu querido amigo Filinto de Almeida.

Meu pae estimavs-o devêras. Foram amigos. Também o grande poeta da Lyrica teve lagrymas para chorar-lhe a morte; que ellas se junctem ás minhas e ás d'aquella de quem também foi pae e aos sorrisos do seu Tim-tim— que ainda não pôde choral-o— para commemorar-lhe o inolvidavel passamento e consagrar-lhe a veneranda memoria.

VALENTIM MAGALHÃES.

19 de Março de 1887.

A MORTE DO AVO

VALENTIM MAGALHÃES

Finou-se no começo da ventura Que lhe sorria no primeiro neto, O seu Tim-tim, alma celeste e pura.

A!: que não ha nenhum prizer completo, E nem ba goso que não seja um dia De um amargura súbita repleto!

Quando o afagsv!, quando lhe sorria Parece que o seu rosto illuminava O clarão de uma intimo alegria.

Todo o seu busto rígido vergavs Para beijar o filho do seu filho, Que elle tão fundamente idolatrava.

Via-o da vida pelo immenso trilho, E nem sonhava que talvez pudesse A Dor cravar-lhe o rabido colmillo.

Em toda a parte estava onde estivesse O seu netinho trefego e ruidoso, Para saber do que lhe acontecesse.

«E' lindo como um cravo», radioso Disse-me um dia, como se previsse Já ser aquelle o derradeiro goso!

E não sei bem que harmonica meiguice Na sua voz havia nesse instante, Que pareceu ser musica o que disse!

E a sua fala, grossa e bemsoante, Toda melifluentemente concertada Para falar ao loiro e branco infante,

Parecia planger uma ballada, Um canto estranho, uma aria mavioss, De uma doçura humida orvalhada.

E nos seus bellos sonbos cõr de rosa Já o via crescido e adolescente, Da vida pela estrada luminosa;

Via-o depois seguir, forte e valente, A's eternas conquistas da Justiça, Cbeio de fogo, sobranceiramente;

Via-o surgir intrépido na liça, Atendo o pharol da Liberdade E do Direito a alampada morticã.

E, então, volvia, cbeio de saudade, Oolbar ao tempo em que elle, lnda criança, Dava os vagidos da primeira idade...

E fugiu e voou tanta esperança! Despedaçou-se o luminoso espelbo Que só agora brilha na lembrança!

Tu, que inda tens o olhar fundo e vermelho, Desta amizade acolbe-te ao abrigo: Para chorar a morte do bom velho

Eu tambem tenbo lagrymas, emigo.

4 de Abril de 88.

(Da Lyrica)

FILINTO D'ALMEIDA.

O NOSSO MORTO

(A' MINHA MULHER)

I

Ab! só elle não volta! o sol dourando Veio de novo as nuvens e as campinas... E pelo azul jovial, de bando em bando, Saltam, vibram canções e cavatinas.

Canta o céu, ri-se a terra, como quando Tomou-lhe a morte as mãos, brancas e finas E até no seu sepulchro venerando Fazem orgia as rosas e as boninas!

A Natureza, Deus, ou o quer que seja, Roubou-nol-o e passou. Sómente a igreja Finge saber esse mysterio atroz.

«Quem vai, não volta» diz-nos o Evangelho. Ab! nunca mais beimos de ouvir a voz, A boa e meiga voz do nosso velho!

II

O nosso «velho» / O nosso pae, Deolinda! Vamos, não chore.ouve-me: coragem! Morreu. Porece-me, entretanto, ainda, Que logo vne chegar de alguma visgem...

Elle oh! vem... A madrugada é linda, Os cancêllos a sbrrir acode o pagem... E elle chega a sorrir... Ah! como finda Rapidamente a perda miragem!

«Morro, do seu velho e intrepido covollo, Dos bons e dos máus tempos camrada, Anda no campo, atão, a procural-o...

E aqui, na triste mesa abandonada, Descubro a derradica carta escripta Com sua letra inglesa, ampla e bonita.

III

Em tudo, em toda parte, s todo instante, Encontro e beijo o nosso morto amold; E esta implacavel dor, fria e cortante, E' para mim um balsamo sagrado.

E' o meu allivio este soffrer constante, Quero-o mais acre e sempre renovado, Como um laudano atroz e deliciante, Que me envenena e traz-me consolado.

Tu, que és crente e que és bõa, tu, que espervas, Vel-o inda um dia— ora por elle, e ensina: Ao nosso anginho ests terrivel dor.

— Que no florir de suas primaveras, Nunca lhe esqueça a alma crystallina, Da qual foi elle o derradeiro amor!

VALENTIM MAGALHÃES.

Março—1888.

CANHENHO DE UM EXCURSIONIST

VI

OS MORMONS

Costou-me a obter em Washington algumas recommendações para Salto Lake City, capital do territorio de Utah! Retrahiam-se os meus melhores amigos logo que eu lhes communicava o proposito de ir visitar os mormons. A senhora do senador Jones, que até então me dispensara as maiores gentilezas, franziu a testa quando o soube, e, de desculpa em desculpa, não me deu, afinal as prometidas cartas de apresentação para seus parentes em Omahah de S. Francisco. E' que inspira verdadeira repugnancia ás classes dirigentes dos Estados- Unidos a seita polygama de Smith. Não cessam de attacal-a os pulpitos e os jornaes. Rigorossissimas medidas, francamente attentatorias, algumas, das garantias da Constituição, têm sido promulgadas contra ella pelo Congresso. Consideram-n'a uma nodosa, uma vergonha para a civilização americana. As senhoras de alta sociedade, sobretudo, não se referem aos mormons sem um gesto de nojo, julgando contaminado quem os procura. Não se calcula intolerancia igual! Isso tado, porém, só servia para redobrar o meu desejo de estudar de perto essa extraordinaria gente, que, a despeito da mais implacavel guerra, vai prosperando de um modo prodigioso, constituindo a região em que habita uma curiosidade a um tempo geographica e social. Partí de Washington numa fria e escura noite de Janeiro, tomando unlimited ticket até S. Francisco da California. Assim se denomina o bilhete que dá ao passageiro que vai do extremo de uma linha ferrea ao outro o direito de parar em qualquer das estações intermediarias e proseguir depois a viagem, com tanto que não ultrapasse no todo o

prazo de um mez. Viajando quasi sempre á noite nos esplendidos *sleeping-cars*, verdolhosos lotéis aubantales, com todo o conforto possivel, visitei d'esta maneira Pittsburg, celebre pelas suas grandes fabricas de vidro e de aço; Alleghany, separada de Pittsburg apenas pelo Mahagnolla, aobre o qual se estendem pittorescas pontes, ligando as duas cidades; Chicago, o assombroso enaporio do Oeste; colleiro do mundo; Council Bluffs e Omaha, no estado de Nebraska, depois de haver atravessado Mississippi, e mais adiante o Missouri; Grand-Island, Cheyane, Shermaa, ponto culminante das Montanhas Rochosas, Rawlias e Oglen, primeira cidade de Utah. Ahi passei-me para outro trem de bitola estreita, no qual fiz um trajecto de 2 horas; e, após cinco dias e seis noites de vertiginosa marcha em ostras de ferro, apeei-me finalmente, ás 9 horas de uma bella manhã de inverno, na *gare* da *Salt Lake City*, appellidada pelos mormons, seus fundadores, *Nova São*. Agrudabilissima a primeira impressão da cidade, situada em um valle e cercada, ao longe, de altas montanhas, em amphitheatro, das quaes se destacam os cumes cobertos de perpetua neve. Ruas largas, cortando-se em angulo recto, profusamente plantadas de arvores fructíferas e provida de pequenos canaes, junto á calçada, por onde corre um jorro de agua limpida.

Entre as edificações, graciosas em geral, sobresalle o Tabernaculo, enorme construção de madeira, de forma oval, com algumas pilares de pedra sustentando o tecto abobadado e colossal. É o logar das orações e dos debates; accomoda, ao que dizem, 15 mil pessoas. Ao lado, rodeado de elevados muros, está o elegante e mysterioso edificio do *Endowment House* (Casa da Dotação) onde só podem penetrar os mormons em estado de casar. Um pouco mais longe, o chalet em que o finado papa Brigham Young viveu com as suas 20 mulheres.

Notam-se igualmente os armazens cooperativos com um grande olho aberto pintado sobre a fachada, sobrepondo o distico — *Holiness to the Lord* (Santidade ao Senhor).

Acolheu-me com a mais perfeita affabilidade o mormon para quem ou conseguira uma carta, circumspecto negociante de cerca de 50 annos. Insistiu para que eu fosse hospedar-me em sua casa, mostrou-me o museu, os mercados, o theatro, os passeios de *Salt Lake City*, interessante tudo, mas sem nada de especinamente notavel. Convidou-me para uma excursão ao Lago Salgado, o Mar Morto da America, que se estende a alguns kilometros da cidade numa vasta extensão e cujas aguas são tão salgadas e espessas que não admittem peixes, fluctuando sobre ellas os mais pesados corpos.

Narrou-me Mr. Common succintamente a historia da sua religião mormonica, assegurando-me derivar fielmente das tradições biblicas. Tinha 15 annos, em 1820, José Smith, camponez dos arredores de Nova York, quando concebeu o plano de reformar os costumes e a religião da humanidade. Annunciou-lhe um anjo que num campo, debaixo de uma pedra, ao pé de certa arvore, encontraria em laminae de ouro o resumo da nova fé. Com o auxilio de dois vidros magicos, fornecidos pelo anjo, — *urim* e *thurin*, decifrou Smith os hyerogliphos das taes laminae e continuou a ter visões até 1830, anno em que começou a communicar-as ao pu-

blico, dando a lume o livro dos *mormons*, assim chamado em honra a um antigo propheta d'esse nome, precursor da doutrina. A mãe e o irmão do iniciador foram desde logo os seus proselytos. Em 1833, uma revelação complementar definiu o dogma da polygamia.

Com incrível rapidez propogou-se o mormonismo, cujo primeiro templo levantou-se no Missouri, graças a Smith e a seu irmão Hirun, proclamados grandes patriarchas.

Expellidos d'ahi por um motim da população indignada contra a polygamia, durante o qual José Smith foi unido de alcatrão e arrastado, vestido de pennas, pelas ruas, effectuaram os mormons o seu primeiro exodo, indo estabelecer-se no Illinois. Viveram ahi em paz por signas annos, chegando a seu chefe a ser *mair* da localidade, general de milicias e candidato á presidencia dos Estados-Unidos. Novo motim obrigou as autoridades a prenderem-n'o bem como aos membros mais eminentes de sua grey.

O povo, aqulado pelos padres, arrombou-lhes a prisão e assassinou-os. Eleito successor do supremo poder, com o titulo *Leão de Senhor*, resolveu Brigham Young, ouvido o conselho dos 12 apóstolos, enigrar com os seus adeptos para regiões remotas em que estivessem a salvo de perseguições. Esta segunda hegrira é um dos commettimentos mais heroicos dos tempos modernos. Mais de cinco mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, atiraram-se a pé pelo deserto a fora, offrendo fome, frio, guerra contra os indios e animaes selvagens, mil privações e calamidades. Traaspuzeram rios caudalosos, escantiladas serras, terrenos inhospitos, amparados, ao que criam, por uua protecção especial de Deus. Deperando-se-lhes nas margens do Lago Salgado, que denominaram Jordão, terras férteis e apropriadas ao seu rito, fundaram a *Nova São* e a *Egreja de Jesus Christo e dos Santos dos Últimos Dias*. Fixaram-se então ahi definitivamente os artigos do seu Credo, entre os quaes avulta o da practica da polygamia.

Chamam *gentios* aos profanos. Adoptam quasi todos os dogmas christãos e os mesmos sacramentos. O baptismo, porém, faz-se por immersão do corpo inteiro n'uma larga piscina de marmore da *Endowment House*, vestido o sacerdote e o baptisando uma especie de roupa de banhos de mar. O governo é exercido por um chefe e um conselho de 12 apóstolos. Ha uns complicados gerarchia de patriarchas, sacerdotes, antigos, hispas, diaconos etc, confundindo-se o poder espirital com o civil. A verdade é que realisaram genuinos milagres, transformando em menos de 40 annos um ermo rude e aspero num prospero e bello paiz com cerca de 100 mil habitantes. Desde 1832 sustentam lucta tremenda com o Congresso e com a opinião publica por causa da polygamia. São imperterritos na defeza dos seus principios sagrados. Não se arreceiam da eventualidade de uma guerra civil religiosa. Puros e terriveis fanaticos!

Tudo isto contava-me Mr. Common com austeridade circumspecta, accentuando as palavras de um tom profundamente convencido. Quando, porém, chegou a este ponto, suas feições graves transluziu-lhe uma energia indomavel. Levantou-se; os olhos incendiaram-se-lhe; e com voz firme, rapida, eloquente, olhando-me com fixidez, como

que para hypotisar-me, exclamou violentamente:

« Ousam dizer que somos immoreas pelo facto de termos taants mulheres legitimas quantas podemos sustentar. Mizeria!

Nós somos exactamente agentes de moralisação, pois reentramos na verdade da natureza humana. A monogamia é anti-natural. Uma só mulher não se torna sufficiente para os inatinctos innatos do homem e contraria o *Crescei e multiplicai-vos* da Biblia.

Quantos filhos pôde conceber ao maximo uma mulher? Uas vinte. Pois n'havem pôde produzir mais de 100? — Brigham Young teve 73. Porque desperdiçar-se esta força productiva?! Os conventos, o celibato, a monogamia constituem crimes contra a natureza. No regimen polygmo não ha infidelidades, não ha escandalos. De resto, nenhum homem jamais foi verdadeiro monogamo. São hypocritas os que o affirmam violando quotidianamente o seu juramento.

Nós somos sinceros e leaes; reconhecemos todos os nossos filhos o respeitamos todas as mulheres que temos amado. Fazemos ás claras o que fazeis á traição. O limite aos abusos está em que somos obrigados a sustentar todas as nossas esposas e em não podermos repudial-as sem justa causa. Entre nós permittit-se o casamento em quasi todos os grãos de parentesco:—outra fonte de moralisação. Vede o livro de Deus:—Abraão foi polygamo; Jacob teve 4 mulheres; David herdou as de Saul. E Salomão, o sabio dos sabios? Deus pune o adulterio, mas permittit a polygamia.

Só este systema realisa o fim do matrimonio: multiplicar e apurar a especie; só elle produz condignamente a castidade das mulheres e a boa constituição das crianças. Um marido consciencioso deve afastar-se de sua esposa em certas occasiões. A Biblia assignala precisamente as épocas e as circumstancias d'essa separação. Devem ser pelo menos 2 annos quando a mulher concebe:—9 mezes de gravidez e 15 de amamentação. Quem se sujeitará ao celibato e á esterilidade durante esse periodo? Não o admittindo, somos polygamos. Não podemos tomar 2ª mulher sem acquiescencia da 1ª e sem licença do propheta. Em geral não cohabitamos com nenhuma de nossas esposas, porque a cohabitación traz attritos de caracteres e intimidades inconvenientes. Passamos alternativamente 24 horas em casa de cada uma d'ellas. Descouhecemos as brigas, o adulterio, a prostituição. Todos os viajantes attestam a paz e a ventura de nossas familias. E's vida patriarchal com os aperfeiçoamentos da civilisação. Nosso mecanismo conjugal funciona perfeitamente. Quando o Congresso quiz abolir a nossa seita, foram as nossas mulheres que mais alto protestaram. Oslumoiam-n'as torpemente os que asseveram vivermos em haens orientales. Os nossos lares são dignos, abençoados, felizes. Obdecemos á indicação estatistica que mostra no mundo maior numero de mulheres do que de homens. Isso mesmo, na hypothese de acabarem as guerras e os perigos inherentes ás profissões viris que tornam a mortalidade dos homens unito superior á das mulheres.

Dez mulheres para um homem, eis pouco mais ou menos a proporção...

— E o senhor quantas tem agora, interrompto-lhe.

— Cinco apenas, meu amigo,— apenas cinco por ora, e 24 filhos. Não me reputo por isso um bom mormon. E o senhor?

— Sou ainda solteiro.

— Oh! braion indignado, meu interlocutor.— O senhor ainda não disse para o que veio á terra, não tem cumprido os deveres de sua missão... e n'uma exaltação crescente, batendo-me no hombro, chamandome seu caro irmão, o mormon procurou cathechisar-me, persuadindo-me de que eu devia ficar em *Salt Lake City*, onde me apontava o mais risonho porvir. Desanimado ao cabo, diante de minha reluctancia, perguntou:

— E na sua patria, no Brazil, acha que a nossa propagação poderá dar resultado?!

— É possível, respondi. Vale a pena experimentar. Mande para li alguns missionarios...

Até á hora da minha partida, Mr. Common insistiu para que eu ficasse e me convertesse ao mormonismo. Deu-me de presente, por fim, uma pequena Biblia do seu culto, doado:

— « Leia, que se ha de convencer.

Mas, qual! Foi perdido todo o seu trabalho, não calando absolutamente em meu espirito as suas ardentes palavras, entre outras muitas razões, fuciois de se comprehenderem pela da notavel fealdade das mulheres mormons que vi. Fui apresentado a duas ingenuas *misses*: uma, baixa, disform, as mãos e o rosto crivados de constellações de sardas. Alta a segunda, desdentada e secca, pé de uma extensão phenomenal e usando oculos!...

Nos sorrisos o não agradao d'estas jovens encontrei a melhor refutação do mormonismo.

AFFONSO CELSO JUNIOR.

## «LYRICA»

Este livro do nosso companheiro Filinto de Almeida tem tido por parte da imprensa festiva e honrosa recepção. O proprio *Journal do Commercio*, sempre nudo como um peixe em materia de livros sobre arte ou litteratura, dignou-se de receber a *Lyrice* com algumas linhas amaveis.

Trauscrevemos-las, pela honra excepcional concedida pelo provento *Journal* ao nosso querido companheiro, que d'elle não podia esperar mais, nem mesmo tanto.

Eis a preciação do venerando *Jocano* da imprensa da Corte:

« Poesia—Acabamos de ler rapidamente uma collecção de poesias que o Sr. Filinto de Almeida publicou sob o titulo *Lyrice*. Nem outros enidades nos permittiriam immediatamente uais de tida leitura. Uma a indole destas linhas aqui soffre mais do que a manifestação da impressão geral que recebemos.

Está foi boa; com tanto maior prazer o dizemos, quanto mais raro, entre milhares de versejadores, se nos depara um poeta digno deste nome. Para nos, salvo melhor juizo, Filinto de Almeida é digno d'elle. O seu verso é cuidadosamente trabalhado, a phrase correcta, sem que o esmero da forma lhe tolha apparentemente a inspiração. Nas suas poesias de variado genero ha idéias; não se evapora tudo em epithetos sonoros.

Sujeitados pelo mimo e pujança da poesia, não andamos esmerilhando um on outro seão—canarin rutilo.

Que ninho fofo e tepido abrigava.»

D'esse livro, que, incontestavelmente ficará inserido na historia litteraria destes ultimos annos como um humeno diamante, trauscrevemos hoje uma das mais formossas e sentidas composições.









dã em que se extinguir a escravidão no Brazil.

Cada folha foi brindada com um elegantissimo copo de fino crystal tendo gravados o nome da folha, um emblema o uma dedicatória da casa offurtante.

No d'A Semana uma pomba empunha a penna e escreve em um jornal que peio formatado parece o nosso.

No da Revista Illustrada tondo o gravador, por engano, aberto um retrato do Imperador, remeiohou o mal, pondo na cabeça de S.M.—um barrete phrygio! Tem graça.

Recommendamos ao publico a bem montada Casa Clapp, que promete vender a preços ultra-commodos.

Chegou de S. Paulo o Sr. Léo d'Affonseca, redactor do Diario Mercantil.

Sempre amavel, chic, sympathico: chapen á Rubens, monocoito á Eça de Queiroz e bigode á mosquiteiro de Dumas. Comprimentamol-o.

A nossa elegante collaboradora D. Adelina Lopes Vieira acha-se de volta a esta capital depois de uma ausencia de longos mezes em que esteve, por motivos de molestia, na cidade do Campinas. Voltou inteiramente restabelecida, o que nos dá a grata esperanca de em breve reencetar a publicação das suas deliciosas Palestras femininas.

De volta de sua viagem ao Prata está nesta Corte o distincto pintor Aurelio de Figueiredo, que foi apreciadissimo em Montevidéu.

Veio de Paris, onde esteve um anno e tanto aperfeiçoando-se em seus estudos, o estimado pintor Firmião Monteiro

Esperamos anciosamente a exposiçao dos seus novos quadros.

Acha-se bastante enfermo o nosso illustre collega, redactor do Jornal do Agricultor, o Sr. Dias da Silva Junior, a quem desejamos promptas melhoras.

No domingo ultimo partio para S. Paulo o nosso querido companheiro Filinto de Almeida, que foi apresentar a sua Lyrica á imprensa e ao publico paulista. Deve regressar no fim do mez.

A acreditada Imperial Drogaria e Pharmacia Diniz, que funcionava sob a firma Diniz & Lorenzo, ficou a cargo da firma individual do Dr. F. C. Diniz.

O Sr. Manoel Joaquim da Costa e Silva abriu em Campos uma fabrica de café sob o titulo Fabrica Perola de Torrar Café. A julgar pela amostra que recebemos, o café Perola é uma perola, no genero. E' Moka... sem ser méca.

O Sr Lamellino de Carvalho, professor de cartographia, offereceu-nos um exemplar da sua util e curiosa Carta das definições Geographicas.

E' um trabalho este que hora sobre maneira o seu auctor e que vem, em muito, facilitar o estudo da geographia.

Os Srs. Augusto Leuba & C. enviaram-nos uma folhiha de desfolhar, presa a um lindissimo chromo, no qual um official de marinha faz ver a uma companheira de viagem as vantagens da Fernet Branca para evitar o mal de mer.

O Club Athletico Fluminense realiazará amanhã, ás 5 horas da tarde, mais uma das brilhantes festas com que ha muito se habituou a deliciar os seus socios e convidados.

**RECEBEMOS**

—Relatorio—da Imperial Associação Typographicas Fluminenses, apresentado á Assembléa Geral pelo conselho administrativo em 16 de Janeiro do corrente anno.

E—Catalogo—do Museu Escolar Nacional, organizado pelo Sr. Julio de Lima Franco, a quem muito deve o Museu Escolar do que hoje tem de apreciavel no methodo e ordem de organização.

**ANNUNCIOS**

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Itua do Carmo n. 36.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Luhaíma, 31, do moio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique do Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro do Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residência : Rua de S. Clemente, 94.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e apparatus para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças pór porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Famílias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA e L. DE TOLEDO — Gerencia : WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidacoes amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aco e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Dr. Cyro do Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Advogado.—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1ª de Março n. 23.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Photographio—Hygino Lopes—Barbacena.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chimico e oleographo.—Rua de Santo Antonio—Santos.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

**Instrucção Primaria e Secundaria**

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

BECADOS NESTE ESCRIPTORIO

**LAEMMERT & C.**

EDITORES

Sahiu á luz e acha-se á venda a obra completa das

**MEMORIAS DE JUDAS**

POR

F. PETRUCELLI DE LA GATTINA

vertidas para a lingua portugueza por M. C. da Rocha, 1 volume de mais de 450 paginas in-8º. Preço: brochado 3\$ encadernado 4\$000.

O notavel romance historico, cuja traducção offerecemos hoje ao publico, é muito conhecido e apreciado na velha Europa. O seu actor, Petrucelli de la Gattina, um dos chefes do radicalismo italiano, publicou-o em francez, em 1867, em Paris, porque a influencia papal não consentiu que nessa época o sublime trabalho do chefe democrata fosse publicado em terras da Italia e na sonora lingua de Dante.

Recommenda-se este romance pela fidelidade e talento com que o autor soube descrever os usos e costumes do povo judaico, as paixões politicas, as intrigas e o fanatismo que acabaram aquelle bello paiz sob a dominación dos romanos. Destaca-se d'este quadro a grandiosa figura de Christo, que naquella sociedade corrompida soube conservar a inteireza do seu character, preferindo soffrer uma morte gloriosa a renegar seus principios de amor e fraternidade universal.

66 Rua do Ouvidor 66

**COLLEGIO INTERNACIONAL**

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

**PALACETE DO CURVELLO**

Santa Thoreza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

**D. M.**

**GRANDE FABRICA DE FLORES**

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preço, assim como

CRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são exccutadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

**EMULSÃO**

DE

**SCOTT**

DE OLEO PURO DE

**FIGADO DE BACALHÃO**

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta do hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchitos, es-crophulas, raohitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affocções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades toxicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas-

**Myst. da Ind.**  
**Xav. de Mont.**

**GAZETA LITTERARIA**

Director e Proprietario

**ALFREDO DE PAIVA**

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Comercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da Gazeta Litteraria, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do Courrier de Paris e socio da Agence de Publicité Ettrangère.

ASSIGNATURAS

58000 por anno — 500 rs. n. avulso (Pagamento adiantado) Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, pór cima da antiga pharmacia Fragooso, das 12 ás 3 horas.

**ORIENTE**

E' geralmente conhecido como nma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva tableta—annncio.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE MARÇO DE 1887

VOL. III—N. 117

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARY

|  |                    |
|--|--------------------|
| Expedients.....  | J. NA EGYPITO.     |
| Historia dos sete dias....                               | C. MENDES          |
| A memoria do corsão....                                  | A. MENDES.         |
| Num dia de saúde, so-<br>nho.....                        | V. MAGALHÃES.      |
| Mysterios.....   | S. PACHECO JUNIOR. |
| Jornaes e revistas.....                                  | DUO.               |
| Notas philologicas.....                                  | O. BILAC.          |
| Epocetos a lico de lapis<br>III—Paula Mex.....           | U. DUARTE.         |
| Conselhos, conselhos, so-<br>nho.....                    | A. RIBEIRO.        |
| Galeria de originaes I—J. J.<br>de S. Silva.....         | A. PIKOTO.         |
| Notas philologicas.....                                  | PASSEPARTOUT.      |
| A borboleta, poesia.....                                 | LOGNON.            |
| Agui, sili, acóá.....                                    | J. NINGUEM.        |
| Festas, bailes e concertos<br>de nossos escriptores..... | H. DE MAGALHÃES.   |
| Paraiso terrestre, soneto.<br>Theatros.....              | P. TALMA.          |
| Tratos á bois.....                                       | FR. ANTONIO.       |
| Factos e Noticias.....                                   |                    |
| Correio da Gerencia.....                                 |                    |
| Recebemos.....   |                    |
| Anuncios.....  |                    |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
| CÓRTE          |        |
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Prevejimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar os suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, colleção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 68, 69, 90 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Semana magra, talvez menos do que ou, mas com certeza tão magra como o Dr. Bulhões Carvalho.

Que se me perdõe este rasgo de immodestia physica, e que se me não arranque a consoladora crença—illusoria talvez—de ser menos mogro do que aquelle illustre parlamentar.

Poucos factos occorrerem dignos da immensa honra e da excepcional fortuna de figurar nestas luminosas paginas.

D'essea mesmo nenhum houve de primeira qualidade, ou simplesmente de primeira, como costumam dizer os negociantes de carne secca para designar a qualidade da sua mercadoria.

Por falar em carne secca, derramarei desde já sentidos regatos de pranto amargo sobre o aviso com que o Sr. ministro do imperio, de accordo com o parecer do Conselho Superior de Saude Publica, em virtude de proposta feita pelo Sr. inspector geral de saude dos portos, ordenou que somente sejam embarcadas com destino ao Brazil as carnes do Rio da Prata tres mezes depois que o governo houver considerado extincta naquellas republicas a epidemia do cholera.

Eu não choro por mim. Não é que me não saiba a gaitas a carne secca sob a forma de bifes com ovos, ou picadinha com molho de tomates, ou mesmo preparada mais democraticamente: assada ao brazeiro com um pirãozinho bem adubado. Mas o demonio derranca-me o estomago, como se fosse uma sola de sapato.

Choro por todos os infelizes que se convenceram de que a carne secca é a mais barata; pelos que sem ella não podem passar e, principalmente, pelos escravizados de Serra-Abaixo, cujas taminas vão azer reduzidas de modo deploravel, estando arriscados a se alimentarem somente com o triste agô de farinha de pau.

Que o Rio Grande venho salvar a situação, centuplicando o trabalho nas xarqueadas. Talvez que assim se possa evitar o subir a carne secca á altura de *foie gras* e que ella appareça com o *jambon d'York*, obrigado ao *champagne* dos *toasts* nos jaotares finos.

Pobre estomago o meu:—está ameaçado de receber a sua mortal inimiga, sob pena de faltar grosseiramente ás exigencias sagradas da etiqueta culinaria.

Enfim, antes ella do que o cholera.

Falou se muito durante a semana ao hypnotismo. O Dr. Erico Coelho curou um *beri-berico* por meio de varias applicações da hypnopathia e o Dr. Eduardo França veio declarar ao *Paiz* que conseguiu com ella grandes melhoras em uma tuberculosa.

Vae lavrao do grande curiosidade no publico e vivo interesse na classe medica, sobretudo, entre os estudantes, por esta medicina, que eu chamaria nova se alguma novidade pudesse haver debaixo do sol.

Eu não tenho a petulancia de combatal-a, negando-lhe crédito, porque, felizmente, tenho o bom senso de só dizer: *E' impossivel* a cousas sobre cuja impossibilidade não possa ter duvida nenhuma.

Mas o que na sua pratica antevejo—antevejo que me faz tremer—é a invasão dos abusos e da má fé, os perigos da especulação e do charlatanismo.

Ha de se pretender curar com suggestões hypnotics enfermidades e defeitos physicos incuraveis—como a pequenez de estatura, a grandeza das orelhas, as *sezões post mortem* e a burrice hereditaria.

O Varias já pedio o seu auxilio para se ver livre de um collo no dedo *mindinho* de pé esquerdo; o *Rialto* pedir-lhe-á mais algumas pollegadas de altura *José Telha* juizo para os seus *macaquinhos*, cada vez mais viciosos, o Chaves (Henrique) remedio contra o sestro de arrancar os pellos ao bigode, o *João Velhinho* que o faça remoçar trinta annos—o que não será mnito,—*Filindá* um razoavel diminuição no tamanho dos pés; eu mesmo pedir-lhe-ei—quem sabe?—mais uns kilos de banha (digo isto para fazer crer que tenho alguns) de modo a poder dizer ao variado e avariado *Varias* que bacalhão de porta de venda é mais quem tal me chama.

Em summa:—a hypnopathia pôde ser que metta num chinello a homeo, a allo, a electro, a septi-pathia, a dosimetria e a hydroterapia e todas as medicinas, mais ou menos *thias e piás*; mas se não houver mnito cuidadinho com o seu emprego trará como consequencia um prodigioso augmento de hospedes não só para os cemiterios—como as outras—mas tambem para o hospicio da Praia Vermelha.

Cuidado, pois, hypnopathas, muito cuidadinho!

Immensos e angustiosos cuidadinhos deu á sua familia o joven farcista Francisco Xavier Peixoto: do Nascimento, que—

ainda tão proximo d'este—fez crer que se tinha dado a si proprio a morte, atirando-se de uma... já se sabe: de uma barca de *Niechroy*. Com as roupas e o chapéu deixou uma carta em que laconicamente declarava que na dar um mergulho no seio do Nada, atravez do seio do Oceano. Consternação na familia: lagrimas, luto, imprecações, lamentos, e talvez mesmo algumas missas pelo seu eterno repouso.

Dias depois—noticiam as folhas que o infeliz suicida fora encontrado... em Jacarapaguá!—trepado!!—em nma laranja!!—chupando laraojas!!!

A comedia do suicidio fóra arranjada, ao que parece, para fazer figura antes os olhos de uma Julieta enja mão pretendia. Mas o interessante é que foi o propria Julieta quem, apertada por um Sr. subdelegado, com ameaças e perguntas instantes, indicou a pista do preteoso suicida...

Naturalmente, amedrontada, deixou a pobresinha escapullir um involuntario *Jocarí*... e a perspicacia da auctoritario completou a descoberto, exclamando, victoriosa:—...*pagud!* Está filado o menino! E lá foi descobri-lo, romanticamente encarapitado na laranja em flôr... em flôr não: em fructo, misturando com o acridulcor do ssmo das laranjas o doce-amargo das lagrimas, abundantemente vertidas por «aquella ingrata.»

Como devia ser comica a volta d'esse patneco suicida ao seio do familia e soa olhos da sua bella!

—Que saudades, men amor, que martyrio!—exclamaria elle, aos seus pés, todo melurias.

—E que laranjas!—lhe responderia ella, cruelmente sarcastica.

Quando vi o desfecho d'aquelle suicidio de caçoada, julguei que teria de ler pouco depois a noticia de que o rapaz não se tendo suicidado—por amor—depois de semelhante episodio se suicidaria—de vergonha.

Fez, no entanto, muito bem o Romeusinho. Aquillo foi uma vergonha; mas ora adeus! viva a galioha com a sua pevide e o suicida com as suas... laranjas!

E já que estou com a mão na massa dos suicidios, lembro uma interessante coincidencia. Poucos dias ha que deu a imprensa noticia de se haver suicidado em Vassouras um tabelliá—enforcando-se.

Pois noticia ella agora que na Bahia suicidou-se tambem um tabelliá—enforcando-se.

E' celebre:—nunca apparece a noticia de um crime ou de nma desgraça sem que seja logo de perto segnidada de outra desgraça ou crime de identica natureza.

E' que um mal nunca vem só. Oxalá acontecesse o mesmo com as



lamentáveis e desgraçados enfermos, porque as doenças da intelligencia o do moral são as mais commovedoras e graves. Uma vez perdidas, a integridade do espirito e a da consciencia, não mais ou mui difficilmente se recuperam.

As outras enfermidades, as propriamente *physicas*—o digo assim porque os órgãos da razão e do senso moral são tão mysteriosos e complexos que quasi escapam as sciencias medicas—compungem pela aspecção dos estragos corporcos, pelas miserias pathologicas. O doido e o assassino podem ter excelente o estado geral, boa apparencia, bellas côres; podem ser fortes e bem dispostos; no entanto são homens inteiramente inutilizados, inutilizados para as suas proprias pessoa como para todas as outras, perdidos para a familia e para a sociedade.

Sei muito bem que esta theoria de considerar uma doenca o crime contra a vida, apesar dos lucidissimos trabalhos dos Maudsley e Lombroso, valente opposição da parte do vulgo o mesmo dos homens de sciencia. Domina ainda a idéa do *castigo*. Está ainda por fundar-se a *medicina criminal*.

Entretanto, quasi diariamente, apparecem factos que demonstram que pouco vale o famoso e debatidissimo *livre arbitrio*, a celeberrima *liberdade humana*. Está mais que provado ser o homem um misero escravo de mil *senhores*: do seu temperamento, da sua educação, do meio physico, moral e social em que vivo; escravo dos preconceitos e abusos do seu tempo, escravo das idéas e da vontade dos outros homens, escravo da Natureza, escravo de mil circunstancias innotáveis, escravo da fatalidade das cousas, dessa fatalidade que foi chamada *acaso* ou que a sciencia estudou e explicou, aem contudo denomina-la ainda precisamente.

Todos esses elementos, varios, subltis, indetermináveis, *obrigam* o homem a agir, dando-lhe, contudo, a mesma liberdade de acção que os prestimanos dão ao individuo a quem pedem que escolha uma carta *qualquer* das que lhe apresenta:—o individuo olha para as cartas dispostas em leque na mão do prestimano silencioso e aponta para uma ao acaso, *livremente*... E, no entanto, escolheu precisamente a carta que o prestidigitador queria, a *única* que lhe convinha fosse escolhida! Chamou-se a osse *passo forçar a carta*. Sendo bem feito, não falla quasi nunca.

Já não é Deus que, com a sua omni-scencia e a sua universal presciencia, se oppõe á liberdade da vontade humana—como se pretendia e se argumentava na velha philosophia escolastica.

Os entraves e restricções ao livre arbitrio são oppostos pelo mundo inteiro, pelas cousas como pelos homens, inclusive o proprio individuo.

Essa pretendida liberdade, impossivel em absoluto, só pode ser mais ou menos garantida pelo mais ou menos perfeito equilibrio das faculdades mentaes com o senso moral, pela formação do caracter sob a influencia de uma educação sciuntífica, e pela felicidade do individuo, quer dizer: pelo fortuito desencontre com as circunstancias prejudiciaes.

Hoje pensamos de tal modo e queremos tal coisa; amanhã pensamos de modo inteiramente diverso e queremos a coisa absolutamente opposta.

— Mas semelhante doutrina traz como cousa a impunidade; ar-

rasa a responsabilidade pessoal; ahrôga a imputabilidade moral!—objecta-se.

Praticamente é ocioso discutir este ponto. Contentemo-nos com verificar e registrar os factos e prove-os de remedio, além de, como hygienistas acoias, procurar evital-os tanto quanto possível.

A sciencia é poderosa; o que não impede que tenha por fundo a impotencia. Que é a Philosophia Positiva senão uma confissão da invalidade da sciencia, trancando-lhe o estudo das causas primarias e das causas finais, isto é: d'aquillo que *unicamente* interessa ao philosopho—relegando-as em banimento eterno para as regiões imperlustráveis do Incognoscivel?

Mas não recuo, pela minha parte, deante da consequencia logica dos principios estabelecidos. E respondo—sim, verdadeiramente, o homem não é responsavel, senão em mui pequena parte, pelos seus actos; e rigorosamente não tem imputabilidade moral, por não lhe ser possível obrar com perfeita liberdade de volição.

Isto porém não implica a impunidade.

Castigam-se de varios modos as crianças, os mentecaptos e os animaes irracionais; não *porque* taes seres vivos não devam praticar taes actos prejudiciaes ou inconvenientes, não como *castigo* de haverem pensado ou querido o mal, mas *para que* não continuem a pratical-o; não como *vingança* dos actos nocivos, anteriormente feitos, mas como *correccção* para prevenir novos actos maleficos.

O mundo é abundante d'estas tristes realidades. A vida alimenta-se da morte. O lucro de uns é feito da perda de outros.

Das dores d'aquelles gera-se a alegria d'estes.

O hydrophobo não tem culpa de haver danuado nem consciencia do mal que faz mordendo. E, contudo, antes de Pasteur, matava-se o homem victima da raiva como se matavam os cães. Horrirel necessidade!

Mas,—voltando ao ponto do livre arbitrio, objecta-se ainda, e com apparente vantagem, que nos ebrios, nos alienados, nas crianças ha, embora limitada e intermitente, a consciencia do bem e do mal, e d'ahi—a imputabilidade, a responsabilidade e, consequentemente, a punibilidade.

Não quero repetir que o erro está na idéa de *punição*, que não se deve *castigar*, mas sim *curar, corrigir, educar*, prevenir a continuação do mal, consciente ou inconsciente, imputavel ou não. Faço mais, quero coisa melhor. Vou mostrar o que vale o livre arbitrio de um individuo nas melhores condições sanitarias, senhor de sua razão, conscio do bem como do mal.

Francisque Sarcey, o illustrado escriptor que todo o mundo conhece, que é o bom senso em pessoa, escreveu recentemente ácerca da *suggestão hypnotica* por meio do *somno provocado* o que se vae ler:

« Um medico, o Dr. Liébeault, deu incremento a estes estudos. Durante longos annos, tem feito, em meio da indifferença do publico e das pilherias dos seus collegas, um numero infinito de experiencias, praticadas em innumeros individuos, que elle, aliás, não escolhia, que lhe eram levados pelo acaso da clinica.

« Tornou-se tão consideravel o numero dos casos estudados por elle, e as experiencias tão variadas e conclun-

tes que elle acabou por atrahir a attenção por despertar a curiosidade e impôr o respeito.

« Confrades mais moços entraram a acompanhal-o nos seus estudos, tanto em Nancy como em Paris e em outras grandes cidades. D'entre estes é facil citar alguns a cujos nomes o mais rebelde scepticismo teria de render-se, por exemplo—os Srs. Bernheim, Voisin, Liégeois, Barot, Netter, Bérillon.

« Todos estes renovaram as experiencias do veneravel Sr. Liébeault, variando-as de cem modos; todos publicam o resultado de suas experiencias.

« E hoje ahi temos um monte consideravel de factos, extraordinarios e menos explicaveis uns do que outros, porém todos *reales*, indiscutíveis. Entre estes os que dizem respeito ao que hoje se chama—a *suggestão hypnotica* são seguramente os que mais perturbam e destroem as noções até hoje admittidas ácerca da alma humana.

« Adormece-se uma pessoa e suggerese-lhe a idéa de praticar certo acto, e a dicta pessoa pratica o acto suggerido. Comprehende-se até certo ponto que uma pessoa adormecida de somno somnambulico levante um braço, coma ou beba, quando se lh'o ordena, que seja uma especie de machina nas mãos do operador. Mas é que não é só isso. A suggestão não se limita a isso. Suggestese ao individuo a idéa de fazerem tal dia, a tal hora, em tal lugar, certo acto dos que menos estejam nos habitos do hypnotisado. Acordam-o; não se lembra de nada; e no dia, hora e lugar prescriptos, elle sente-se impellido por uma força obscura, imperiosa, irresistivel, a fazer o acto suggerido. Todavia, elle está acordado; tem ou julga ter a inteira posse do seu eu; elle é, pela definição philosophica, uma creatura livre; e, no entanto, a sua vontade está tão annullada que elle obedece a uma força invisivel e superior, a uma voz interior que o arrasta invencivelmente ao acto suggerido.

« Não se diga que isso não é verdade por ser impossível. Sabemos nós por ventura o que é o que não é possível? O que consideramos *impossível* é tudo o que se affasta das leis naturaes que conhecemos e que as ultrapassa. Mas ainda nos resta conhecer muitas leis e nada ou quasi nada sabemos ninda sobre a organização do homem.

Na *Revista do Hypnotismo* (rua Vieille du Temple, n. 12) vêm narrados casos estupendos de *suggestão hypnotica*, obtidos na clinica dos Drs. Liébeault, Bernheim e Voisin. Por exemplo: fez-se adormecer uma criança vadia, preguiçosa ou de caracter violento. Suggestose-lhe, no *somno provocado* que fosse durante certo numero de dias—applicada, diligente ou bondosa. E a criança nos dias determinados, obedeceu á suggestão. Por esta forma, amudando as suggestões deste genero e entrando aos poucos os actos suggeridos nos habitos das crianças, tornaram-se ellas inteiramente applicadas, estudiosas, boas. Na Salpêtrie conseguiu por esse meio o Dr. Voisin transformar uma repugnante mulber, compendio de vicios e maldades, em uma laboriosa e bem comportada obreira, que hoje é em um grande estabelecimento pariziense.

O Dr. Bernheim consegue resultados ainda mais maravilhosos. Tem suggerido por varias vezes, a mulheres, algumas da melhor sociedade, a idéa de um assassinato, ordenando-lhes que o realizem com o auxilio de uma faca de cortar papel, como se fora um punhal, e, uma

vez acordadas, ellas vão fatalmente matar, com a dicta innocensia fida, a pessoa indicada!

Uma vez, suggerio a uma cliente, que assignasse umas tantas letras de cambio em proveito d'elle, e a cliente, em pessoa, perfeitamente acordada, levou as letras, assignadas por ella, ao seu notario, que já havia sido prevenido convenientemente pelo doutor.

Agora, façam o favor de dizer-me que vale a tal famosa liberdade humana?

Resta-lhes por em duvida a verdade dos factos narrados, cuja inverosimillhança sou o primeiro a reconhecer. Que lhes responda Sarcey: « Os factos de *suggestão*, presentemente, são tão numerosos, têm sido tantas vezes reproduzidos, e sob tantas formas e sobre tantas pessoas, que não ha meio de se lhes contestar a authenticidade. E' forcoso admittil-os, por mais singulares que pareçam.»

Ora, digam-me, depois d'isto, quantas e quão poderosas suggestões malificas não recebe a gente lurrante o dia, perfeitamente acordada, e muitas vezes da parte dos seus melhores amigos? Inexplicavel e desgraçado animal que é o homem!

VALENTIM MAGALHÃES.

## NUM DIA DE SAUDADE

*Oh! pomba que ahí vae, d'azas ricas aborlas,  
Quando a vros do azul, de brise ultr' magoado,  
Diz-lhe de mim saudoso estas noticias certas  
— Que eu morro por não ver-a e sou desventurado.*

*Se ouvises minha voz do infinito azulado,  
Das plagas onde estas, d'onde agora devoras  
Tu virrias ta' vez—plumea correo alado,  
Suas cartas trazer — de brande olbr cobertas.*

*Mas até do casbre alegre onde ella mora,  
Se vir-te o seu olhar, que tanta gente adora,  
Não sabe ella sequer do meu viver penoso,*

*Não sabe que no terra onde me és tan triste,  
En vendo-te passar, branca pomba, me viste  
Dos saudosos mariaes o mortal mais saudoso.*

ARTHUR MENDES.

Volta Redonda, 2 de Março de 1887.

## JORNAL E REVISTAS

Está delicioso o n. 438 da *Revista Illustrada*. O lapis de Angelo Agostini faz diabruras tratando com muito espirito e graça a convalescência de Sua Magestade, das aventuras de *Zé Caipora*, do *Cremio de Letras* e da interessante troca de *amabilidades* que tem havido entre dous jornaes diarios.

No texto, que é caprichosamente elaborado, apparece, entre outros, um artigo *Ex-Politica*, de Julio Verim.

Arthur Azevedo, em consequencia de razoes particulares, que prometeu explicar hoje ao publico, desligou-se do *Diario de Noticias*, passanl-se com o seu apreciado *patanque* para o jornal *Noitadas*.

Parahens a este; pezames a quem.

São importantissimos os ultimos numeros da *Gazeta Juridica*, precioso repositório de doutrina juridica e legislação, e, como os anteriores, honram a capacidade do fundador e director desta publicação que é das melhores do genero.



resignado amor de uma mãe por filho importunente e malcriado.

Dissemos que o Jojoca é melgo por indole, humilde por vocação, resignado e bondoso por natureza.

E é verdade. Os aborrecimentos e contrariedades que, tanto irritam aos outros homens, só conseguem provocar-lhe um sorriso doce e triste.

De hora em hora Deus melhora — é sua maxima favorita.

Contanto que lhe não falem de clarinete e n prima Eulalia, da rua do Brocóto, a vidn lhe é agradável.

Só tres cousas o fazem soffrer :

A primeira é uma carta anonyma que recebera ultimamente, e onde se o intimava a acabar com os seus desconcertos de clarinete, que perturbavam o somno da violinhaça.

Jojoca intimou-lhe com a ameaça, e de accordo com a sua socia musical, resolveu fechar portas e janellas quando tocassem.

A segunda é outra carta calumniosa em que lhe attribuiam más intenções a respeito da prima Eulalia, cuja fealdade exemplar deveria aliás afastar todas as suspeitas. O opistolographo anonymo fazia-lhe sentir que o pae de D. Eulalia já desconflava da tramaioia, e la dar providencias sobre o caso.

O pobre do Jojoca estremeceu de horror ante tanta perversidade maldizente, e ainda mais quando notou que seu tio o tractava ultimamente com certa reserva austera e mudamente exprobradora.

O Deus! tudo conspirava contra os seus queridos concertos!

Como convenceu-o de que a sua paixão era pela clarinete e não pela Eulalia ?!

E o pobre rapaz afogava-se em ondas de melancolia.

O outro motivo que o magõa é a saudade de uma irmã hem amada, morta prematuramente ha uns oito annos; n — lagartizinha — ( assim a appellidavam as faladeiras, em razão da sua magreza. Ern o retrato vivo do irmão; era o Jojoca de saias. Bastava que perante este fosse pronunciado o seu nome adorado para que se lhe nrrassem os olhos de lagrymas. Todos os mnos mandava dizer uma missa por sua almã e depositava em sua campa uma corõa da saudades.

Mas estes pezares eram tranaitorios. O Jojoca esquecín-os pela clarinete; e quando estava junto de D. Eulalia, com o bico prendendo a palheta, vermelho como lacre, injectadas as veias do pescoco, suando em bicas, portas e janellas cerradas, o Jojoca sentia o coração expandir-se-lhe em ondas ineflavveis do maie puro jubilo.

Tinha razão o fraucez que disse: — *le bonheur d'un homme tient dans le creux de sa main.*

Mas esqueceu-se de acrescentar que a felicidade neste mundo depende não somente das aspirações limitadas, mas tambem da honestidade de intenções, da bondade do coração, da indole unansa, da boa fé, do cumprimento dos deveres; e sobretudo de certa ingenuidade incurável, que a experiencia e as decepções não logram destruir, e que é alvo da chacota, justamente daquelles que mais deveriam invejala.

Que o diga o Jojoca.

URBANO DUARTE

### Notas Philologicas

A's pessoas que estudam n grammatica historica das linguas romanas é familiar o exemplo curioso da apherese no vocabulo francez *anspeçada*, em portuguez *anspeçada*. Esse vocabulo veiu do italiano *lanzia spezzata* (lanza quebrada). Os francezes transcreveram-o sem duvida pela forma *lan spezzate*; mais tarde, a ignorancia popular, suppondo alli a existenciã d'um artigo (*l'anspeçada*) produziu a queda do l e creou a forma, hoje unica, *anspeçada*.

Couisa semelhante aconteceu em nousea lingua, porém com mais inesperada complicação.

No sentido da evolução historica o portuguez conta duas sortes de artigos: lo, la e o, a. Os ultimos sobreviveram aos primeiros.

Para mim, a melhor explicação da apherese do o e a iniciaes está no facto muito frequente do esquecimento etymologico e seguinte confusão d'aquellas letras com os artigos ainda vigentes. O povo diz não raro: um *fiçal de justiça*, por *suppor* que o o de *official* é um elemento separavel, um artigo.

Só por analogo criterio se acha a soluço rnzavel dae perdas amidiadas do o e a iniciaes. Exemplos: *bodega* e *bótica* em vez de *abodega*, *abótica* (latim *apotheca*); *bitacula* em vez de *abitacula* (*habitacula* no latim) e *pestema* em vez de *apostema*. Em relação ao artigo masculino, registremos: a forma *bispo*, talvez *obispo*, como ainda o é no castelhano, do latim *episcopus*; a forma antiga e masculina *cajom* em vez de *ocajom*, derivada de *occasione*; e outras contestaveis, como *relogio*, de *orologio*.

A outra face do problema, naturalmente, contempla e especula sobre o caso dos artigos archaisados: lo, la, etc.

O vocabulo *leiva*, em meu conceito, soffreu transformação analogã ás já mencionadas. *leiva*, ao que me parece, deriva de *labem* (l), e é forma divergente em relação a *leivo*; *leiva* de corrupção, *leivo* de corrupção.

A forma antiga deveria ser *leiva*, mas como já existia o homonymo *leiva*, de *gleba*, effictou-se n desapareço da letra inicial que se confundia com o artigo (*leiva*).

O vocabulo *onça*, com o significado de animal, tambem passou pela mesma injuria. Veiu do italiano *lonza* (*lincem*, lat.) e, devendo ser transcripta na forma *lonça*, perdeu o l inicial (*lonça*) por se suppor erroneamente que era o artigo.

A cultura philologica está hoje tão vulgarizada que a ninguém é fazer bons officios entrar em minuciosidades que não illustram e antes fatigam o animo. Assim, deixo de citar, quando occorram as formas etymologicas, as leis phoneticas que possibilitam ou auctorizam a derivação.

JOÃO RIBEIRO.

(1) Deve-se admittir o especimen *labiam*, similar a *rabiam*, de *rabiem*.

### A BORBOLETA

Xavier de Mairre

A LAURINDO PITTA

Bello emigrante do ar,  
Deslumbrante borboleta,  
Como é que a tua aza inquieta  
N'esta prisão fez-te entrar?  
Vê que horrível soledade:  
Minha masmorra sombria,  
Aonde, apenas, do dia  
Um raio atravessa a grade.

A partilhar taes horrores  
Enviou-te a compaixão:  
Deo-te talvez coração  
Sensível a humanas dores?  
E o vér-te quasi as mitiga,  
Como que a alma descansa:  
E que tu trazes a esperança,  
E que sinto em ti uma amiga.

Lindo ornato da Natura,  
Conta-me tudo o que viste,  
Diz-me se o Bello inda existe:  
O lago, a flor, a verdura —  
Fala-me da libertade,  
Do harulho das torrentes,  
Que aos meos ouvidos dormentes  
Traz-me o eco da sandade.

Conta-me os risos de Flora,  
A historia da primavera,  
Ai' ser quem és quem me dora —  
Dá-me noticias da anora,  
Do mar, da estrella, do sol...  
Queás eram, quass, os trinares  
Que desferia, aos passares,  
Nos bosques o rouxinol!

Na mansão da desventura  
Ai' não procures as flores,  
Aqui de penas, de dores  
É tudo viva pintura:  
Longe do sol e dos ventos,  
Entre estas muralhas feias,  
Voarás sobre cadeias,  
No has de ouvir ais, lamentos.

Parte, pois, filha do ar,  
Abandona esta prisão,  
Só vives uma estação:  
Vae onde a possa gozar,  
Ai' foge dos ferreos laços,  
Emquanto aqui preso, fixo,  
Temo, vòo ao teo capricho,  
Tens por carcereos espaços.

Vae, talvez pelos caminhos  
Lucontres duas crianças,  
Ai' tenli ver se as alcanças  
Voando através dos ninhos;  
E a mãe, que as ha de guiar,  
Diz-lhe que ainda respiro,  
Que só por ella suspiro,  
Mas ai'... não podés falar!...

Intenta, então, teos primores,  
Aos olhos das criancinhas,  
Hão de querer as louquinhas  
Seguir-te por entre as flores;  
Busca enganall-as então,  
De ramo em ramo fugindo  
Vem assim as attrahindo  
Até... á minha prisão.

Com ellas virá de certo  
A triste mãe, coitadinha!  
Voa então alegresinha  
Bem perto dos tres, bem perto  
Deste pobre prisioneiro  
Ai' são a ultima esperança,  
E a infancia as vezes alcança  
Commoer um carcereiro.

Filhos, esposa, outra vez,  
A todos verão meus olhos,  
Esses medonhos ferrolhos  
Abrir-se-lhes-hão talvez!...  
Mas, oh! ceos, cessem sonhares,  
Dos ferros o ruido soa,  
Foge a horboleta... voa,  
Eil-a perdida nos ares!

AFONSO PEIXOTO.

S. F. 18 — Outubro 96.

### AQUI, ALI, ACOLÁ

Na cidade de Pelotas foi proposto um torneio poetico tendo por objecto um soneto glozando o seguinte verso de Camões:

« Ao longo d'agua n niveo cygne canta. »

Appareceram seis concorrentes. Os seus res ectivos sonetos vão ser julgados pelos Srs. Dr. Afonso Celso Junior, Machado de Assis e Valentim Magalhães.

Publicaremos em tempo o que for julgado vencedor.

Do *Gil Blas* de 26 do passado:  
« O doutor F. teve hontem uma visita inesperada. Levaram-lhe um soberbo cão negro que engulira uma nota de mil francos. Como rehavell-a? O dr. F. é certamente um especialista mas aquelle caso era excepccional... »

Emfim, depois de ligeiro exame, resolveu-se quanto ao meio a empregar para obter-se a restituição e recebeu agua de Lourdes. Certamente não me acreditareis, mas a verdade é que o bello animal depois do segundo copo reembolsou o douo da nota engulida. »

A moda dos almoços ao domingo, em Pariz, que o principe e a princeza de Brancovau iniciaram, começou a ter imitadores. O domingo é um dia em que os politicos, os escriptores e os jornalistas estão livres dos seus affazeres. Reunir um certo numero de amigos no reitor de uma mesa agradável e hospitaleira; passar em revista os acontecimentos da semana que findou e conversar sobre aquelles que provavelmente se realizarão na semana proxima e o unico fito d'estes deliciosos almoços. Após o menu, faz-se um pouco de musica.ouve-se algum artista celebre ou all. um amador, cujo talento rivalize com o dos principaes artistas, tem-se o prazer de leiturã de alguma obra litteraria inedita, perpetuam-se em conversas as tradições de espirito e de bom tom que por muito tempo fizeram a honra dos salões parizenses; é realmente uma cousa deliciosa e encantadora. Entre as pessoas que imitam, em Pariz, esta idéa do principe e da princeza de Brancovau contam-se o barão e a baroneza de Vinont e Mme. Benardaki, e não raro é encontrarae nestes salões com algumas pessoas notaveis, como: Coppée, Massenet, Delibes, Madeleine Lemaire, os irmãos Reské, Gounod, Alexandre Dumas e outros.

Francamente — um almoo de sseas sempre ha de ser um pouco melhor que o de *Renaissance*.

PASSEPARPOUT

### FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Esteve brillantissimo o sarão dramatico-dançante realizado em 19 do corrente no Atheneu Dramatico Esther do Carvalho, em comemoração ao 3º anniversario da fundação da mesma sociedade.

Constitou a parte dramatica da comedia *Atraz de um colcho*, da poesia de Guerrn Junqueiro — *O Fiel*, da scenacomica *O sachtistão politico* e a comedia *A mulher-homem*. Os distinctos amadores que compoem o grupo artistico do Atheneu muito se distinguiram no desempenho do programma, sendo por isso dignos dos applausos com que o auditorio os galardou.

Seguiu-se a parte dançante que se conservou animadissima até adiantada hora da noite e na qual tomaram parte cerca de cem pares.

Uma lauta ceia servio de *trait-d'union* às duas partes de que se compoz o festival, sendo grande o numero de brindes que se levantaram aos fundadores da sympathica associação, á directoria e aos representantes da imprensa.

LORGNY ON

### OS NOSSOS ESCRIPTORES

JOSÉ DO PATROCÍNIO — Journalista preclaro. Escreve molhando a penna ora no figado ora no coração. Dahi saem os seus artigos amarellhos ou rubros e haver nelles gritos, lagrimas e desadoro s.

URBANO DUARTE — Meio capitão, meio philosopho. Litterato militarizado, militar alitterado. Vê hem e longe com dois olhos que ninguém vê.

VALENTIM MAGALHÃES — Salada de fructos litteraria com assucar e pimenta do reino. Faz contos, versos, discursos, comédias, critica, lecciona, advoga, jornalisa, e não engorda nem barba.

QUINTINO BOCAIHYVA — Principe do jornalismo empalado na ana proficieucia.

Usa luva que não calça e um leque com que nunca se abana,

JOAQUIM SERRA—Serrate da imprensa (o que os francezes chamam *seie*) reallejo de primeira qualidade moendo com a mesma voz toda a dias, ha trinta annos, a mesma polka: *Libernas e conservadores*.

ALFREDO DE SOOZA—Palito melodioso, de cartola, com que Apello marca no Pindo a lição ás Musas e espeta as auroras que almoça.

OLAVO BILAC—Sujeito feio como o peccado, mas poeta como Banville.

ALFREDO CAMARATE—Figura obrigada a camarote, maestro *in partibus* e auctor inédito de varias obras, das quaes o *Etc.* será a primeira a apparecer, se não ficar com as companheiras—no tinteiro.

(Continúa.)

JOÃO NINGUEM.

## PARAISO TERRESTRE

Que paraíso! Vê: flores odoras  
Pendem gentis dos engranzados ramos,  
Onde triam bizzaros gaturamos,  
E pulam tiês mais rubros do que amoras.

Quasi imitando as perolas que choras,  
Brilham gotas de orvalho... O' deusa, vamos  
Ver se um insecto azul aprizionamos...  
Ouves? — Orchestras, vibrações sonoras...

Abre o sol leques de oiro na vertente,  
Que ronca, a se arrastar no serro liso,  
Como uma enorme e rutila serpente.

E, alem do mais, abre-se o teu sorriso,  
Que é nu sol sob outro sol: que é, finalmente  
— *Un paradiso in mezzo al paradiso.*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## THEATROS

PHENIX DRAMATICA

Representou-se ante-hontem, pela primeira vez, e em recita de auctores, o novo acto *Desmancha-se a differença*, appendice á tão discutida revista burlesca *Ha alguma differença?*

E' uma represalia sem injuria; por isso não offende e tem graça.

A apothose final representa o Pantheon das glorias da litteratura brasileira, destacando-se os vultos de Penna, Magalhães, José de Alencar, Porto-Alegre etc, que trazem escudos com os nomes das peças por elles escriptas e que mais applaudidas têm sido.

Todas as revistas até hoje representadas nesta corte têm uma allegoria no novo acto da *Differença*: o scenario, do Sr. Orestes Coliva, e a musica, do Sr. Mazarino Lima, agradaram muito, sendo que a *misc-en-scene* é, em geral, de grande effeito.

No desempenho distinguiram-se Julia de Lima (*A Posteridade*), Maria Augusta (*A Jota*), Galvão, Pestana, Lisboa, sendo os auctores e actores chamados a scena muitas vezes e felicitados com muitos applausos.

A peça repete-se hoje e amanhã.

Neste theatro faz beneficio, a 20 do proximo mez, o estimado actor l'axeira. Uma das novidades do espectáculo será uma scena comica, escripta expressamente para o beneficio, pelo Sr. Augusto Fabregas.

PRINCIPE IMPERIAL

Emquanto o *Zé Caipora* descança, dá-nos a empresa d'este theatro *Os Mi-*

*lagres de Santo Antonio* em 1008.ª edição. Oxalá que os *Milagres* não venham fazer alguma differença da felicidade do *Zé* e que os coros, em vez do « As donzellas da cidade Hoje vêm ao seu senhor » não cantem « Sinhá!... minha sinhá!... Arredondo, sinhá!... »

RECREIO DRAMATICO

Realisou-se hontem, com grande concurrecia de espectadores, a 100.ª representação do drama *O Conde de Monte Christo*, de Alexandre Dumas. O scenario é inteiramente novo, sendo alguns dos quadros verdadeiramente deslumbrantes.

Falta-nos o espaço preciso para darmos noticia mais circunstanciada d'este acontecimento theatral, o que faremos no proximo numero.

Por ora limitamo-nos a felicitar o Dias Braga e seus companheiros de trabalho pela celebração d'este centenario.

P. TALMA.

## TRATOS Á BOLA

Amabilissimos tratologos:

No mundo anda tudo torto,  
Tudo morto,  
Tudo, tudo molle, chôcho,  
Tudo trouxo!  
Do pobre as entranhas rasga,  
Fome vesga,  
Como fsga!  
De carne não nos engasga  
Nem mais nesga!  
So ha disga!

Por isso é que vós, tratistas,  
Charadistas  
De primeira qualidade,  
Não mattasteis, que maldade!  
Os ultimos *tratos* meus.  
So, meu Deus!  
Pépe o valente cá veio.  
Guardo para elle no meio  
De umas cousas de valia  
O premio. (Venha de dia  
Senhor Pépe rebel-o-.)  
E ha de ficar satisfeito  
Pépe, Pépe, do meu peito,  
Com possu-lo, com té-lo.

Agora deen-me atensões  
Que aqui'stão as decifrações:

*Dhalia, Falúia, Capadocio, Pavida,  
Carcça, Illustrado, Zebedeu, Leitura.*  
E para hoje minha grey impavida  
Dou estes *tratos* de gentil figura:

NOVISSIMAS

- 1— A flor e a flor é uma moeda. 1—3.
- 2— A vogal é de muito prego na mythologia. 1—2.
- 3— O homem da platéa é uma cidade.

K. Rioca.

ANTIGAS

- I  
Foi no livro, pois não foi?—2.  
Que uma vez unido vi—1  
Este som que escuto aqui—1  
Co'este bicho (mas não boi).
- II

São feitas prima e segunda  
Pela terciã e derradeira  
E ellas todas após juntas,  
Foram terciã e derradeira.

ENYGMA

Tem o todo só tres letras  
Mas se a quinta se tirar,  
Ficará logo assombrado  
Pois só uma has de encontrar.

Conceito

E' muito simples o enygma  
Dispensa mesmo apparato:  
A's avessas purgativo,  
A's direitas litterato.

Quem primeiro metter o seu donte  
Nas tratices que aqui deixo escriptas,  
Ganhará scintillante presente:  
Um livrinho do joias bonitas.  
Meus irmãos, é dar tratos á bola;  
Aguçar vossas luzes o vistas!  
Ha mil sóus em a vossa cachola.  
Oh tratistas! tratistas! tratistas!

FREI ANTONIO.

## FACTOS E NOTICIAS

Na galeria Moncada está exposto um quadro a aquarella, trabalho do distincto amator Sr. Morand, e que vaeser offerecido ao Sr. Fertim, piauísta, por occasião do concerto que este seuor pretende realizar.

O Dr. Castro Lopes, distincto litterato e homem de sciencia, acaba de ser distinguido com o diploma de socio honorario pela sociedade *Northwestern Literary and Historical* na cidade do Sioux em Iowa.

A mesma asociação pedio-lhe por carta o seu retrato para figurar na sua importante galeria.  
Nossos parabens.

Vimos hontem, na agencia Commercial Portugueza, de que e proprietario o Sr. Lourenço Marques de Almeida, alguns specimens da acreditada photographia Biel, João Porto. Destacam-se, d'entre elles, as ampliações photographicas dos retratos de Brito Capello, Roberto Ivens, L. d'Almeida e o de uma criança. São, na verdade, dignos de nota, pela excellente execução artistica, esses bellos trabalhos, aos quaes se agrupam boas photographias de notabilidades portuguezas, quer na politica quer nas letras, e duas bellas *cartes* com retratos, em ponto grande, de uma cantora com o costume da *Carmen*, de Bizet.

Pode-se, pois, considerar verdadeiramente artistica a photographia das Srs. Biel & C.

GREMIO DE LETRAS E ARTES

Realisou-se ante-hontem a segunda sessão litteraria, lendo os Srs. Olavo Bilac e Aluizio Azevedo aos numerosos consocios presentes o drama *Triboulet*, traducção em verso que fizeram do *Le roi s'amuse*.

Foram applaudidissimos.  
Daremos proximamente um trecho desse importante trabalho e em tempo opportuno o apreciaremos como merece.

FOLHINHAS E ALMANAKS

Temos um exemplar do *New-York Almanac* para este anno, que nos foi offerecido pelo Sr. Kinsman Benjamin. Alem de indicações proprias d'este genero de publicações, contem o *New-York Almanac* escolhidos trabalhos litterarios, onde figuram poesias de Longfellow, Cornwell e outros escriptores. Abrihanta-o tambem uma collecção de bellissimas gravuras.  
O *New-York Almanac* é publicado como meio de propagação pela importante *New-York Life Insurance Company*.  
Agradecemos.

A distincta professora D. Amelia Anais da Silva Costa realisa hoje, com suas discipulas, um bello concerto vocal e instrumental.  
Para elle fomos distinguidos com um convite, que agradecemos a gentil senhora.

O acreditado Collegio Internacional dirigido pelo Sr. E. Gambaro acaba de mudar-se do palacete do Curvello, em Santa Theresia, para o grande predio da rua de S. Christovão n. 121.

Pelo programma do ensino ali ministrado, e que os nossos leitores poderão conhecer pelo annuncio que hoje inserimos, não deixamos de recommendar este estabelecimento de educação como

um dos mais caprichosamente montados que actualmente funcionam nesta corte.

Recommendamo-l'o, pois, de novo aos Srs. paes de familia.

DR. AFFONSO PEIXOTO

E' com profunda inagua que registramos o passamento do Dr. Affonso Peixoto, filho do illustrado e recto magistrado Bnrão de S. Domingos.

Era formado em direito pela faculdade de S. Paulo onde se distinguio e fez estimar pela sua intelligencia e bondade d'alma.

Sempre adoentado, de constituição fraca, foi-lhe sempre a vida penosa e não poudo dar á sua familia e aos seus amigos o muito que tinham a esperar dos seus dotes intellectuaes.

O Dr. Affonso Peixoto tambem privava com as Musas, em horas de ocio e recolhimento, mas a sua grande modestia e invencivel acanhamento condemnaram á obscuridade da gaveta os seus versos que eram simples, mas sentidos e facéis.

Ultimamente havia-nos remettido um seu amigo uma traducção de Xavier de Maistre. Publicamo-la hoje, lamentando que com ella appareça tambem nesta folha a noticia do passamento do autor destas harmoniosas estrophes.

A Exma. familia do inditoso e distincto moço — pezames sinceros.

## CORREIO DA GERENCIA

Sr. Honorato de Oliveira. S. Paulo, Enviando-nos V. S. 10\$000 rs. ficará quiete até 31 do corrente mez.

Sr. H. Pinho.— S. Paulo.— A differença é pequena: desmancha-se, enviando-nos V. S. 1\$500.

## RECEBEMOS

— Estatutos, relatório e mais documentos constitutivos da companhia *Agricultura Colonizadora de Padua*.

— *Desfalque da Thezouraria da Fazenda de Pernambuco*.

— *Officio* com que o presidente de Pernambuco entregou a administração ao vice presidente Dr. Souza Leão e *Relatório* apresentado por este ao presidente da mesma provincia.

## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DA

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

Obras em publicação por fasciculos: **O D. Quichote de La Mancha**, por D. Miguel Cervantes Saavedra. Fasciculo de 8 paginas, em excelente papel, meio cartão com gravura de pagina, por Gustavo Doré a 400 réis.

**Os Miseraveis** por Victor Hugo. Edição illustrada com 100 gravuras. Fasciculos de 32 paginas a 500 réis.

**Os Heroes do Trabalho** por Gastão Tissandier. Fasciculos de 20 paginas com uma gravura a 500 rs.

**Historia da Revolução Franca** por A. Thiers. Edição illustrada. Fasciculos de 24 paginas a 500 rs.

**O Anno Christão**. Exercicios Devotos para todos os dias do anno, pelo Padre João Croiset. Fasciculos de 40 paginas com 6 gravuras grandes a 500 rs.

**O Ultimo Beijo**. Romance illustrado, por D. Enrique Peres Escrich. Fasciculo de 48 paginas a 200 rs.

**A Biblia Sagrada**, grande edição de luxo, com espiendidas gravuras sob desenho de Gustavo Doré. Todas as paginas ornadas com finissimas chromo-lithographias. Fasciculos de 12 paginas, com uma gravura tirada á parte em papel especial, 800 rs.

Recebem-se tambem assignaturas para *O Occidente* revista illustrada de Portugal e do estrangeiro. Publica-se

3 vezes por mez. Preço da assignatura por anno: Corte 18\$500. Provincias (franco de porte) 18\$000.

**A Voz do Christão.** Publicação mensal. Assignatura por anno (franco de porte) 8\$000.

**Revista de Educação e Ensino.** Publicação mensal. Assignatura por anno (franco de porte) 8\$000.

E para todas as demais publicações litterarias, scientificas, artisticas, industriaes e politicas, que se publicam no Brazil e Portugal.

N. B.—Nesta casa se encontra uma variedade de obras de que se entrega gratuitamente catalogos.

**ANNUNCIOS**

**O Advogado Dr. Valentim Magalhães** é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

**Dr. Netto Machado** (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

**Dr. Henrique de Sá,** especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro do Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

**Imperial Fabrica de Cerveja** e aguas mineres—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

**Constructores de machinas** e aparelhos para lavourn—Schubert irmãos, Ilnas & C.—Juiz de Fora.

**O cebrador Bornado da Silva Brandão Junior** continúa a receber cohranças por porcentagem razoavel. Cidadão do Ouro Fino, Minas.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina, Minas.

**Correia da Silva & C.** é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

**Hotel das Familias** dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

**«O Municipio»**—Redacção: Da. FORTUNATO MOREIRA E L. de TOLEDO —Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

**Advogado**—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

**Dr. Araujo Filho**—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

**Julie Cezar Tavares Paes** encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

**O Hotel Derby,** na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acceio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramacções.

**Dr. Cyro de Azevedo.**—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

**Advogado.**—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1ª de Março n. 23.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua do S. José a. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**Photographe**—Hygino Lopes—Barbacena.

**Lindolphe Celmbra**—Bncharrel em bellas artes: photograpio, chimico e oleographo. Rua de Santo Aatoaio—Santos.

**Augusto Luzo.**—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

**Solicitador**—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

**F. Navarro de M. Salles**—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambiabo—Minas.

**GRANDE FABRICA DE FLORES**

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, nssim como

GRINALDAS PARA ESTERROS

REPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommeadas, que são xecutadas com a maior promptidão, smero e modicidade de preços.

**Dr. João Botelho,** medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

**Instrução Primaria e Secundaria**

PIANO E CANTO

**D. Maria José de Albuquerque Camara**

Tem aiada algumas horas dispoaveis para o easiao d'aquellas materias.

DECAROS NESTE ESCRITORIO

**EMULSÃO**

DE

**SCOTT**

DE OLEO PURO DE

**FIGADO DE BACALHÃO**

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilitação em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simplee de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor ngradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituíntes dos hydrophosphitos. A venda nas drogarias e boticas.

**ORIENTE**

É geralmente conhecido como uma especialidade no seu gencro o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

**25 RUA DA PRAINHA 25**  
**9 C LARGO DO ROSARIO 9 C**

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

**COLLEGIO INTERNACIONAL**

DIRIGIDO POR

**E. GAMBARO**

**121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121**

O Collegio Internacional, fundado ha poucos annos no Rio de Jaeiro, exercendo o sacerdocio da iastrucção e da educação da mocidade, tem firmando o seu credito pelos esplendidos resultados que tem alcançado nos exames geraes de preparatorios. Dispõe de um corpo docente que lhe é particular. O methodo seguido é o mais em uso hoje nos principais collegios da Europa, isto é, o easiao theorico-pratico das linguas vivas desde as primeiras lettras.

O edificio para o qual se mudou o Collegio Internacional, possui grandes salas para dormitorios e aulas, bons banheiros, immensa chacara para recreio, e finalmente todas as commodidades e condições hygienicas que requer um estabelecimento de primeira ordem.

O ensino se preenche com dois cursos: o PRIMARIO e o SECUNDARIO.

O PRIMARIO divide-se em duas series, especinlmente a cargo do Director e do Vice-Director, auxiliados por provecctos professores.

**1ª Serie:**—Leitura corrente, calculo mental, lições de cousas, palestras sobre geographia, coaversação franceza, calligraphia inicial, gymnastica e manobras.

**2ª Serie:**—Religião (ad libitum), leitura aperfeçoada, noções de grammatica portugueza e franceza, conversação iagleza, historia e geographia do Brazil, noções de geometria e de desenho, calculos, calligraphia, lições de cousas, gymnaastica, maaobras e musica.

O CURSO SECUNDARIO se subdivide em **Litterario** e **Commercial**.

**A—O Litterario** comprehende todas as materias cujos exames são exigidos para a matricula em qualquer curso superior estabelecido ao Imperio.

**B—O Commercial** compõe-se das seguintes materias: portuguez, fraacez, inglez (theorico-pratico), escripturação mercantil, aritbmetica, historia, geographia e noções de direito mercantil.

As pensões trimensaes são:

|                                       |          |                                      |         |
|---------------------------------------|----------|--------------------------------------|---------|
| <b>Internos</b> —Join de entrada..... | 30\$000  | <b>Meios pensionistas</b> .....      | 90\$000 |
| Pensão.....                           | 150\$000 | <b>Externos</b> —Curso primario..... | 30\$000 |
| Lavagem de roupa (ad libitum)....     | 24\$000  | Idem secuadario.....                 | 60\$000 |
| Fornecimento escolar.....             | 10\$000  |                                      |         |

A pensão só começa no dia em que o alumno é matriculado. Para informações o Director foraeccerá aos interessados uma lista dos paes dos alumnos que tem frequentado o Collegio desde a sua fundação. O Director, não tendo occupação fora do Collegio, será eacotrado a qualquer bora dia.

## DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca  
vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25

RIO DE JANEIRO

## A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.  
66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

**INTRANSFERIVEL ! INADIABEL !**

## GRANDE LOTERIA

DA

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO**

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante  
loteria para o dia**14 DE MAIO DE 1887**

INADIABEL

**MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS**

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio  
Segundo sorteio.  
Terceiro sorteio.100:000\$000  
200:000\$000  
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BLHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSIMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção  
será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso  
que tem apparecido no Rio de Janeiro.Com a pequena importancia de 18 fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independen-  
te dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS A

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 2 DE ABRIL DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 418

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                 |                 |
|---------------------------------|-----------------|
| Expediente.....                 | J. DO EGYPTO.   |
| Historia dos sete dias.....     | V. MAGALHÃES.   |
| Martinho Campos.....            | C. C. BRANCO.   |
| A minha infancia.....           | R. CORREIA.     |
| Respiças de ouro.....           | U. DUARTE.      |
| Lendo e «Telemaco», poesia..... | OLAVO OLIVEIRA. |
| A religião do outro.....        | J. RIBEIRO.     |
| A utopía viajante, poesia.....  | C. C. BRANCO.   |
| Notas philologicas.....         | E. MONTSIRO.    |
| Madrigal senil, poesia.....     | PACHECO JUNIOR. |
| Caras de Lisboa.....            | Y.              |
| Rabiscas philologicas.....      | J. M. SILVA.    |
| Notas bibliographicas.....      | BIBIANO.        |
| Atlante, soneto.....            | S.              |
| Cifra das guacas.....           | LONGNON.        |
| Jornaes e revistas.....         | P. TALMA.       |
| Festas, balles e concertos      |                 |
| Theatros.....                   |                 |
| Factos e Noticias.....          |                 |
| Correio da Gerencia.....        |                 |
| Recebemos.....                  |                 |
| Anuncios.....                   |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |       |
|----------------|-------|
| CÓRTE          |       |
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Parto hoje para Santos, o d'ahi a percorrer a provincia de S. Paulo, o Sr. Francisco Fonseca, nosso agente nomeado para a referida provincia, encarregado de cobrar e angariar assignaturas.

Aos nossos correspondentes o amigos em S. Paulo rogamos a fineza do prestarem áquelle nosso agente o auxilio e informações de que elle careça para o bom exito da sua commissão pelo que nos confossamos, desde já, sumamente gratos.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

- *Vinte Contas*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.
- *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gill, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.
- *Pampalos*, versos, de Rodrigo Octavio.
- *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.
- A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:
  - *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.
  - *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Toda a semana foi occupada quasi exclusivamente pelo naufragio do vapor *Bahia*, que, abalroado desastrosa, quasi inexplicavelmente, pelo vapor *Pirapama*, se submergiu em menos de dez minutos, causando a morte de um grande numero—ainda não precisado—de passageiros e tripolantes.

Não me demorei a uarrar o doloroso espanto, a immensa magua e a profunda lastima que tão horrivel desgraça espalharam em toda a população e entre as familias e amigos dos que se sabia terem tomado passagem naquelle vapor ou dos que nelle eram esperados.

Mui difficilmente conseguia esboçar quadro tão negro e pungente, e com isso viria somente augmentar a afflicção aos afflictos.

Segundo os ultimos telegrammas recebidos pela *Gazeta de Noticias*, o numero de passageiros que embarcaram no *Bahia*, em diversos portos, foi o seguinte:

Belém 25, Maranhão 71, Ceará 31, Natal 15, Parahyba 15: ao todo 156 pessoas, que com 60 de tripolação eleva o numero dos naufragos a 216, sem contar muitos soldados que viuhau sem bilhete.

Até agora estão salvos 111 e infelizmente não ha esperanças de que hajam escapado outros.

E' calculado pois em 105 o numero das victimas.

Sobre o commandante do *Pirapama* pesa tremenda responsabilidade naquelle desastre. Dado o abalroamento,

por culpa só d'aquelle vapor, pois o *Bahia* ia navegando devidamente, proseguio o *Pirapama* a sua rota, sem prostrar o minimo soccorro ao *Bahia*, sem mesmo indagar se este soffrera alguma avaria.

Abrlo-se inquerito sobre o facto em Pernambuco, e já foi inquirido o commandante, mas até agora não consta que se houvesse conseguido esclarecer esse gravissimo puncto.

Do commandante do *Bahia*, o sympathico e estimadissimo capitão Isaac—era aquella n ultima viagem que elle pretendia fazer e foi-lhe a derradeira!—não ha noticia alguma tranquillizadora. E' certo que seu cadaver não foi reconhecido entre os muitos que já foram encontrados; mas tambem não consta que houvesse o infeliz capitão escapado do naufragio.

Tristissimo acontecimento que deixará de si dolorosa recordação durante muitos annos.

Falemos de cousas menos lacrymiferas. Do feliz regresso do nosso amado bispo diocesano, por exemplo. S. Ex. Revma. dignou-se, finalmente, de abandonar o doce aconchego das azas do Espirito Santo (provincia) para vir inundar de puro jubilo as almas das suas fieis e saudosissimas ovelhas, das quaes tem a honra de ser a mais humilde e que estas linbas vae traçando.

Foi festa e grande cá na sédo do bispado, que da palavra de S. E. tinha séde e fome da sua beçam.

A padaria em peso, com o illustrado vigario geral á frente, salesianos, amigos seculares e batizados, *reporters*, beatos e beatas, todas as *baratas* e... *baratos* do morro do Castello foram ao encontro do amado bispo e que, apesar de ter feito lá pelas plagas espirito-santenses mais de duzentos sermões—ou talvez por isso mesmo—voltou com a sua *catholica* em perfeita saúde.

Houve bonrarias militares, fogueitaria em *magna quantitate*, musica, vivorio, ladeira da Conceição atapetada, engrinaldada, embandeirada, de baixo acima, e depois *Te-Deum* e canticos de meninas; enfim, o diabol Perdão, mil perdões! Enfim— todos os santos!—era o que em queria dizer. Senti não ter podido comparecer, mas S. Ex. ba de me justificar a falta que foi cansada por força maior. Mas, apesar de todos esses brilhantismos, essa justa manifestação de apreço e regosijo foi, a men ver, incompleta: não teve retrato a oleo nem copo d'agua!

Em compensação, S. Ex. distribuiu beçams em larga quantidade; o que, incontestavelmente, é um meio de agradecer muito mais original, mais proveitoso e... mais barato.

Saudando S. Ex. Revma. ergu com os leitores ferventes graças aos céus pelo seu feliz regresso e pela ventura

que nos concederam de já nos polermos queixar— ao bispo.

O encerrmento da ultima matricula de escravos no dia 30 do passado devter produzido vivo contentamento em todos os que sinceramente almejam ver extincta a escravidão em nossa patria.

O numero de escravos que foram matriculados na escrebedoria da capital do imperio foi de 7491, tendo sido de 47,329 o dos que foram arrolados pela matricula da lei de 28 Setembro de 1871. Houve, portanto, uma differença, em favor da Liberdade, de 39,761 individuos.

O numero das omnições de matricula é calculado em 16,000.

Dezesseis mil escravizados reivindicaram os seus foros de homens, voltaram á Liberdade por espontanea desistencia de seus *senhores*.

Prova eloquentemente este facto que no espirito da nossa população a causa abolicionista é uma causa vencedora e que já se não pôde dizer que o Governo, oppondo-lhe obices e barreiras, consulta e satisfaz a opinião do paiz.

Este conceito mais se confirma com as noticias vindas de varias provincias, dando conta de grande numero de desistencias.

Honra aos nossos generosos concidadãos que, de um modo tão alto, tão brioso, tão digno de applausos, estão dizem lo ao Sr. barão de Cotegipe:—O governo deve e pôde fazer a Abolição. *Queira* faz-la e far-se-á. Nós estamos promptos.

Oxalá ouça o governo esta declaração do paiz inteiro, que só os surdos de consciencia deixaram de ouvir.

E por falar em escravidão e escravizados, vou commetter a louvavel indiscrição de contar que, ba alguns dias, ha sarilho no Olympo.

O governo quer passar o Sr. desembargador Coelho Bastos da cadeira de chefe de policia para a poltrona de presidente da Relação da Corte e o Sr. Dr. Guamão, da sna cadeirinha de 3º delegado para a cadeira de chefe de policia.

Ora o Sr. ministro da justiça, apresentando essa proposta, teve o desgosto de ver mexer-se o lapis fatilico nos dedos do imperial convalescente no sentido de lhe significar:— *Pois não fostes' ou Não ha pão duro*, ou ainda: *Não estou em casa*.

S. M. concorda com a segunda parte do desejo do ministerio, mas recusa-se peremptoriamente á primeira, segundo consta.

Ainda ante-hontem voltou o Sr. Joaquim Delfino a Petropolis para matar o sagrado bicho do divino ouvido de Sua Magestade, para o fim de, morto o bicho, assignar Sua Magestade os respectivos decretos.

Se é a verdade esse boato, que tem

circulando com insistencia, digno-se Sua Magestade do aportar estes ossos. Assim, mais um ponco...

O Imperador, negando ao Sr. Coelho Bastos a cadeira de presidente da Relação, não fará mais do que mostrar que é um homem coborcente com os seus actos e com as suas palavras.

Explico-me. O Sr. Coelho Bastos na chefia de policia tem-se celebrado pelos relevantes serviços que tem feito aos fazendeiros, prestando-se gentilmente e emprestando a sua gente para prender lhes os negros fugidos. Tem sido um admiravel capitão do matto, uma mistura de Figaro e Javert ao serviço do bacalhau de Macuco, Saquarema e Cantagallo. De outros serviços de S. Ex. não me veio até hoje noticia — a não ser de ter empregado na policia os capoeiras e *vermelhinheiros* em disponibilidade.

Ora, S. M. na sua ultima excursão por S. Paulo, mostrou francamente, indignadamente, o desgosto e o profundo desagrado que lhe causava ver as cadeias cheias de escravos fugidos e as auctoridades policiaes a bater matto para agarrar quilombólas. Declarou alto e bom som — perdão: alto somente — que tudo naquillo é uma illegalidade e uma vergonha.

Não pode, portanto, agora S. M. agraciar o Sr. dezembargador Coultio Bastos com a poltrona de presidente da Relação da Corte e com o respectivo titulo de conselho, unicamente porque S. Ex. fez aqui, em maior escala e com escandalo maior, os mesmos abusos e as mesmas violencias que S. J. M. reprovo em S. Paulo com vivo desprazer e manifesta indignação.

Ceder ao ministerio em tal pedido fora dar-lhe uma prova tal de obediencia e de fraqueza que, se a desse, eu sorria o primeiro a bradar aos quatro ventos que o *poder pessoal* do Imperador não passa, actualmente, de um inoffensivo carapetao, com que o partido politico que anda ás ostras faz guerra ao que tem nas mãos a faca e o queijo do Poder.

Não obstante, não serei em quem duvide de que o Sr. Cotegipe leve a sua ou melhor: leve o seu... protegido ávante: S. M. gosta muito de escrever direito por linhas tortas e parece cada vez mais querer ter na Historia a antonomasia de Pedro II, o *Indecifrável*.

Mas as sanctas alminhas têm um vin-tém, que lhes dou eu, se d'esta vez a decifração da imperial charada for desfavoravel á endeusação do Sr. dezembargador Coelho Bastos.

JOSE DO EGYPTO.

## MARTINHO CAMPOS

Ha individualidades em nossa politica de *magica*, que pelo muito amor ás causas a que se dedicam, e pela rigidez inabalavel do carcter, alliada ao desinteresse, transpõem as raias da vulgaridade e tornam-se politicos verdadeiramente dignos d'essa honra e vêm os seus nomes ornados de uma aureola de respeito e de *sympathia popular*.

O senador Martinho Campos, fallecido a 2.<sup>o</sup> do passado, em Cazambit, era uma d'essas individualidades. O illustre finado, senhor de um talento masculino e poderoso, conhecendo profundamente a complicada engrenagem da nossa machina parlamentar, manteve-se em uma atmospheria de prestigio, donde

vibrava com invejavel pericia os raios do seu sarcasmo, que, em sorriso mnlcioso, lhe borboleteava continuamente pelos labios, o ia ferir certo os seus adversarios nas luctas travadas, especialmente em nome da santa causa da abolição dos escravos, contra a qual sempre se ergueu, energica e potente, a sua palavra, que por vezes tinha o rugido da raiva que elle disfarçava em ironia, e raramente a suavidade de um canto de ave.

Foi elle o mais terrivel antagonista da grande causa; para fazel-a recuar, surprehendel-a e immobilisal-a não lhe faltaram ardis, botes o armadilhas. De tudo lançou elle mão o desassombradamente, como um verdadeiro e fervoroso apostolo do esclavagismo.

Nesta posição muitos odios, doestos e imprecações expludiram ante a sua athletica figura, como devastadoras bombas. Nada o surprehendia neste terreno! Elle conhecia perfeitamente os perigos e ameaças d'aquellas nuvens, que se condensavam á proporção que vibrava a sua palavra, e sabia a força das tempestades que traziam em seu bojo, para, quando dellas saltasse alguma fuisca, desvial-a de si, isolando-a. Era terrível!

Enjaulado na sua idéia de trevu, como em armadura de ferro, nunca sahio d'ella para respirar sequer um pouco do ar puro das generosas idéias contemporaneas e ver a luz que irradiava da frente daquelles que combatiam a bem da Abolição.

Em nosso ver o senador Martinho Campos foi um martyr inconsciente do esclavagismo. Empolgou-o esta terrivel peste negra. Intucio-lhe todo o seu mal, unctuo-o com a sua baba peçonhenta, entranhou-lhe o veneno pelos poros, derramou-o per todo o seu organismo de homem superior e cogou-o a tal ponto que elle não podia comprehender que se desse mais um passo além da Lei de 28 de Setembro e, esquecendo até o amor que todos temos ao pedaço de terra em que vimos a luz pela primeira vez, elle entendia que o Brazil poderia se apresentar ante as nações civilisadas supportando a carga de lodo da escravidão.

Tristissimo!

Quando mais tarde, em tempos que hão de vir, fizer-se o inventario da nossa época, o nome do senador Martinho Campos será envolvido na noute espessa do esquecimento e ninguem o repetirá com estima, como repetidos serão os dos que têm trabalhado para o bem e progresso d'esta patria. No entanto poderia sel-o! Quem se destaca e consigne ser temido na defeza de uma causa infamante e vexatoria como a da escravidão, dá sobejas provas do quilate da sua intellectualidade e de seu grande valor como politico.

Não se deixasse o senador Martinho Campos empolgar pelo esclavagismo e se puzesse á frente da causa da Abolição, que outro seria elle na historia politica do nosso paiz, e a sancta causa talvez tivesse, como uma avalanche de luz, levado de vencida as hostes escravocratas.

Pena foi que todo o seu talento, de-

dicação e sacrificios se escoassem para um nhyismo do trovas. A patria precisavn d'elle para as causas do Bem e do Futuro o não como representante genuino de uma herança malfadada e pesadissima.

Esta é a verdade.

E hoje, que elle ultrapassou os limites da vida, não deixando mais que a saudade do seu vulto no nosso parlamento, curvamo-nos respeitosamente ante a sua memoria, e ahí ficam estas nossas palavras como uma homenagem aos seus talentos o ás suas qualidades de homem politico e privado e imparcial apreciação do seu papel no debate da mais grave e momentosa das nossas questões sociaes e politicas.

## A MINHA INFANCIA

AO DR. FERREIRA DE ARAUJO

Ante-hontem um dos mais conhecidos jornalistas da imprensa da Corte, em represalia de umas pilherias que lhe fiz, em represalia tambem de outras que anteriormente me fizera, escreveu que assim como um naturalista com o auxilio apenas de um osso recompõe todo o animal a que elle pertenceu, assim elle por uma phrase minha podia induzir qual tinha sido a minha infancia, e concluiu que eu fora educado nos arredores do Arco do Telles, sapatos acalcanhados, roupa coberta de nódoas, charutinho de canella ao canto da bocca, aprendendo dictionarios torpes em *fréges* etc.

Não me offendeu aquillo porque demonstrava a mais lamentavel das fraquezas, o desespero da raiva. Respon-di-lhe, pois, como devia, pelo *Diario de Noticias*, tirando todo o partido possivel d'aquelle confissão implicita de que só em tal terreno e com taes armas poderia dar-me combate.

Aproveitei-me do estado descomposto em que o puzeram o despeito e a ira, para divertir com elle os leitores. Dei-lhe, rindo e fazendo rir, uma lição de delicadesa e cavalheirismo, e não pensei mais nisso.

Alguem houve, no entanto, a quem a cruel leviandade do meu adversario não fez rir. Esse alguem seria minha mãe ou meu pae, se eu por ventura tivesse a fortuna de ter ao menos um d'elles ainda vivo. Quem não se rio d'aquillo, como eu, foram duas mulheres, as duas senhoras que substituíram minha mãe.

Uma é aquella a quem dediquei o meu poemeto *Colombo e Nenê*; é uma irmã de minha mãe. Do sonetillo com que lhe offereci aquelle livro dizem assim os dois primeiros quartetos:

« E' vosso este livrinho;  
« Veio de vós, senhora,  
« O maternal carinho  
« Do meu viver na aurora.

« — Estrella em meu caminho,  
« Se o vosso amor não fóra,  
« Na plaga enganadora  
« Perdera-me sosinho...

A outra é uma singela mulher portuguesa, plebéa, ignorante, analphabeta, mas boa, angelica, adoravel como... Sei en, por ventura, do alguem, no céu ou na terra, com quem possa comparal-a?!...

A esta offereci o meu ultimo livro, os *Vinte Contos*, com estas palavras, que dizem tudo:

« A' humilde e bondosissima mulher com quem contrahi na minha infancia

uma divida de gratidão quo não pagarei nunca, porque ha dividas que se não podem pagar. »

Na tarefa sagrada o difficil de me educar collaboraram tambem meu avó, — a representação mais nobre e mais augusta do Trabalho e da Honra, meu avó, que se chamava Domingos Alves Meira, — nome que escrevo de pé, — meu pae, que, residindo fóra da Corte, apenas me conservavn em sun companhia nas ferias escolares ou quando a minha saúde pedia os ares francos e puros do interior, — e tres irmãos de minha mãe, a um dos quaes, dos tres ao quo mais devo, dediquei o meu livro *Quatro Contos* com estas palavras: « A meu tio, o Dr. João Alves Meira, meu amigo, meu mestre e meu compnheiro. »

Ora, aconteceu que aquellas duas senhoras acreditam, e com razão, que a modesta mas honrosa e digna posição quo tenho na sociedade é obra sua, que a estima e o respeito com que sou honrado hoje, que vivo do meu trabalho, que sou esposo e pae, que carrego, além das responsabilidades de homem privado, as de homem publico como jornalista, advogado e professor, são fructos da educação que me deram.

Compreende-se agora que ollas se sentissem feridas cruelmente no coração, sabendo que havia alguem que accusava a quem me educára — de não haver impedido que, com as orelhas de asno, crescessem em mim os máus instintos de *ginga*, de me haver dado um passado muito *tamano*. Ellas foram minhas mães, — pois que a minha se duplicara, morrendo — e ainda me consideram seu filho. Como haviam ellas, coitadas, de ler e de ouvir ler aquillo rindo — como eu?

Felizmente ellas ignoram que taes insultos são das boas praticas do jornalismo adiantado, e que, afinal, provam tanto de mal quanto os elogios — de bem. Cousas para distrahir os leitores e que não dão nem tiram... Não entendem nada d'este theatro de *caixa imunda* — o jornalismo.

D'ahi o terem passado um máu quarto de hora. Soube que aquillo as fizera chorar. Talvez nté que, na cega e bendita crença na vida de além-tumulo, chegassem a ouvir os gemidos daquelles que me deram a vida e que fecharam os olhos na tranquilla confiança de que nunca ninguem *diria* de seu filho aquillo que um grande jornalista, pae de familia, que ainda tem a ventura ineffavel de ter mãe — veneranda senhora que se revê com orgulho em seu filho, — escreveu cruelmente, gotosamente.

Ellas sabiam que ninguem o acreditaria... Mas viram erguer-se mão brutal e maligna para destruir a sua obra d'ellas, para apagar, borrando-o, o seu querido trophéu de glorias obscuras, e por isso mesmo maiores, mais respeitaveis, e doeu-lhes n'alma o golpe... Viram-se despojadas, roubadas, em minutos, da fortuna que lhes custára noites sem conto de inquietações e cuidados, annos de trabalho e seculos de angustia!

Hoje, que se julgavam quites para com os nossos dois mortos idolatrados: quando de ha muito lhes havim dito: « Eis o que fizemos de vosso filho. Estaes contentes? » e haviam ouvido no fundo de suas consciencias um *Sim* consolador, suave e doce como um beijo santo; hoje que repousavam da sua tarefa cumprida, hoje é que lhes surge inopinadamente um homem — em quem não podem reconhecer um juiz, — para dizer-lhes:

— Não soubestes fazer d'aquella cri-

ança um homem. Fizestes d'ella um ginga. Destes-lhe uma educação de Arco da Telles, de cozinha e de *fregue-macae!* Ah! comprehende-se bem que não tivessem vontade de rir!

Eu bem quizera evitar escrever esta pagina de auto — biographia. Hesitei durante longo tempo se deveria escrevel-a; mas duas considerações resolveram-me:

Quiz que o publico que leu a vorrina diffamatoria em que fui apresentado como um homem cuja meninice não teve lar e correu ás soltas naa ruas e nas praças, soubesse o quanto vive cheio o meu coração de reconhecimento e de amor por aquelles que me deram a educação mais carinhosa, mais severa e mais pura que se possa dar. E quiz tambem que o máu homem que ousou atirar lama ao meu passado e tentou deshonrar a minha infancia, visse e reconhecesse como se pode ser injusto e cruel sendo-se vingativo o leviano: aquelle punhado de lama, com que intenteu mascarar-me ridiculamente no conceito publico, foi macular a alvura de dois tumulos sagrados, nodando ns saudades que em torno d'elles continuamente florescem, e foi salpicar sacrilegamente as cabeças de dois aijos, inclindas, hoje, sobre o meu futuro, como outr'ora sobre o meu berço.

D'elles porém nada tem a receiar—so alguma cousa no mundo recieciarpu-dosse: — as mães perdoam sempre.

29—3—87.

VALENTIM MAGALHÃES.

## RESPIGAS DE OURO

A paciencia é a riqueza dos infelizes.

Portugal é o paiz da papellada e dos papellões.

(temem os prèlos, gemo o paiz, gemo o senso commum, gemo tudo!)

O petroleo é um oleo mineral com que se está fazendo a segunda luz do genero humano.

Um homem de bem, quando é calumniado e mortalmente ferido na sua honra, justifica-se perante os seus concidadãos: não desafia o diffamador; porque, se o mata, a diffamação sobrevive; e, se morrer, morre manchado.

Os desgraçados nunca se justificam bem.

A desgraça é uma palavra convencional e proporcionada ao genio de cada sujeito:

Um marido sabe que é trahido, e mata; outro marido sabe que é trahido, e janta.

A corrupção não está nos dramas: está na atmosphera.

Tudo o que é possível tem acontecido, visto que a fantasia não pode ser mais inventiva que a natureza.

Toda a gente vê, por mais que lhe condensem as trévas ao redor do espirito. A luz do paizo brilha nas mais escuras alcovas. Os romances uada ensinam bom nem máu. Os livros per-versos é a sociedade que os ensina aos romancistas, não são os romancistas que os inventam para darem á sociedade noticia de crimes inauditos.

Medicina homeopathica — um meio de vida que, sobre dispensar os fados do tirocinio e dos exames, é, de mais a mais, innocentissimo, quando a agna não é pantanosa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

(Da Bohemia do Espirito.)

## LENDO O «TELEMACO»

AO DR. AFFONSO CELSO JUNIOR

Baccho, quando pequeno,  
Pelo chorudo semi—deus Sileu  
Era educado.

Um dia, juntamente,  
Buscam, mestre e discipulo, o recesso  
Msis escuso, recondito e tranquillo  
Do antigo bosque consagrado a Apollo;  
Sitio, onde a luz solar, escassamente,  
Com precaução, entre o aranhol espesse  
Dos sycomoros filtra; e, em cujo solo,  
Misturadas, a sombra e a claridade,  
N'um crepusculo vago arfam confusas...

E' este o ameno asylo,  
Que entram, propicio a conversar, as musas;  
Ahi do estio n srdor penetra o custo,  
Fresco o recinto, amplo silencio o invade,  
Favoravel á scisma, temperado  
Pelo barulho alegre da agua, apenas,  
Que entre cascalhos se deriva clara,  
E as freneticas, doudas cantilenas

Dos ninhos vivos...  
Para  
Dos deuses estudar a lingua, ao lado  
De alto carvalho solido e robusto,  
Assoatam-se ambos...

Era  
Um carvalho, que o Tempo não pudera  
Tombar; que do seu rijo tronco vira  
Varões surgir da idade de ouro, e, outrora,  
Oraculos, solemne, preferira...

Trás d'elle, vê-se um joven fauno, agora;  
Baccho, ahi, a lição começa, e, attento,  
Uns versos, em Calliope aprendidos,  
Recita ao mestre... O esperto e malicioso  
Fauno o escuta; e a sorrir, de quando em quando,  
A Sileu, o bom velho paechorrento,  
Com géstos ia os erros commettidos  
Pelo pueril discipulo, indicando...  
As Naiades o as nymphas ds sagrala  
Selva, tambem sorriam zombeteiras  
Em roda...

O fauno era um censor gracioso,  
Bella cabeça paupinosa, e onada  
Dos rubicundos eschos das parreiras;  
Qual verde charpa, em linbas sinuosas,  
Ds espádua varonil, máscula e dura,  
Pendia-lhe um festão de heras vijosas;  
E o corpo envolto, abaixo da cintura,  
Tinha por feia pelle hirsuta e grossa  
De uma panthera, que escorchado havia...

Baccho impaciente, emfim, porque não possa  
Já supportar, mais tempo, a zombaria  
D'esse aristarcho intruso e provocante,  
Que prompto sempre a escarnecer estava,  
Quando elle, em tono menos elegante,  
O verso lia, ou quaado o verso errava:—  
— «Porque ousas tu zombar», com voz terrivel  
Diz. «de um filho de Júpiter?!»—

Soturno,  
Assim fallaodo, com despeito cerra  
O cenbo ao fauno...  
E o fauno, por seu turno:—  
— «Porque ousas tu errar?!» Calmo e impassivel,  
Diz: — «Um filho de Jupiter não erra!»—

## A RELIGIÃO DO OURO

A EDUARDO DA PAIXÃO

O antropomorphismo dos Gregos  
romanos era a religião dos sentidos;  
o homem antigo idealizava e transfor-  
mava em deuses todas as forças da na-  
tureza, e todas as cartas que influam  
na vida do individuo e na da sociedade.

O polytheismo foi destruido, de um  
lado pela doutrina christã, de outro  
pelos progressos da sciencia.  
Mas Jezoita seculos depois, elle re-  
surge do pó da historia, e estabele-  
ce-se de novo no meio da sociedade  
contemporanea.

Aquillo que denominamos — o mun-  
do civilizado — é perfeitamente pagão, tudo  
o que ha de mais pagão.

Os deuses é que já não são os mesmos.  
Mudaram de natureza e tambem do  
nome.

No Rio de Janeiro, por exemplo, Ju-  
piter é representada pela cedula de  
quinhentos mil réis; Marte pela de  
duzentos bicos; Neptuno pela de  
5000000. Plutão, Vulcano e Appollo  
pela de cincoenta pelotas. Juno vale  
250. Minerva, Ceres e Diana são cotadas  
a 200; os favores de Vesta podem ser  
comprados por 100, os de Venus por 25  
e mesmo por 2000.

As notas de 15, 500 rs e os *nicoldus*  
fazem o papel dos semi-deuses e herões.  
As moedas de 40 e 20 rs. são os sylvanos,  
satyros e gálgans.

E' a religião do ouro.  
Quem possuir nas algibeiras todas  
estas divindades, tem certeza do galgar  
o monte olympico que representa o céu  
na terra; quem as não possuir so pa-  
derá subir ao monte... do socorro. Não  
ha atheus.

Outr'ora, ao defrontarmos com uma  
pessoa desconhecida, inquiriamos do  
seu nome, da sua naturalidade, idade,  
familia, condição; e se tivéssemos de  
entreter com ella commercio de relações,  
procuravamos pouco a pouco conhecer  
os seus sentimentos, pesquisar as suas  
intencões, saber das suas aspirações,  
mitigar os seus soffrimentos, julgado  
pelo character e pelas habilidades.

Hoje em dia todas estas curiosidades  
se reduzem ás duas perguntas so-  
guites:  
— Quanto tem? Quanto ganha?  
— Posso quatrocentas apollies e  
ganho dous contos por mez.  
— Oh! que anjo!  
— Não possuo cousa nenhuma e vivo  
apenas do meu trabalho.  
— Oh! que pulha!

De sorte que a maior de todas as vai-  
dades é ter dinheiro, muito dinheiro.  
*Aurum omnia vincit*, com vistas ao Dr.  
Castro Lopes.

Metallisaram-se os corações, ntro-  
phiaram-se ns espiritos ao habito em-  
pestado da ganancia.

Um bom sentimento não o é, se não  
tem cotação na praça, se não rende  
tanto ao seu possuidor.

Tudo tem tabella preestabelecida.  
O templo do amor, o templo da gloria,  
o templo do Poder são decorados com a  
inscripção: «Tantos por cento».

A suprema aspiração do homem é en-  
riquecer, afim de se transformar em  
porco de Epicuro sem dar satisfações a  
ninguem.

Este fanatismo pela libra esterlina é  
uma sorte de vesania, de allucinação,  
comparavel ás loucuras de religião, de  
conquista, de patriotismo e de desco-  
cobrimentos, de que nos falla a His-  
toria.

Os homens de hoje não têm peiores  
sentimentos nem estão mais corrom-  
pidos do que os seus antepassados.

Ao contrario, não seria difficil provar  
que em muitos pontos elles são mais  
rasoaveis e bem intencionados. Porém  
a população da Terra tem augmentado  
em tal progressão; tomou tão grande  
incremento a concurrencia nas indus-  
trias e no trabalho; multiplicaram-se  
de tal modo as necessidades do habi-  
tante dos centros civilizados — que a  
adquirencia dos bens da fortuna tur-  
na-se cada vez mais difficil; e a ob-  
tenção dos meios de subsistencia im-  
põe-se como o primeiro artigo de um  
dogma de fé.

A theoria de que o ouro é o — «deus

RAYMUNDO CORRÊA.







**THEATROS**

**SANT'ANNA**

Emquanto arruma as malas para ir a S. Paulo, que a espera ansiosamente, vai a *troupe* do Hellor cantando a *Toutinegra do templo*, com agrado do publico.

No dia 12 beneficio do Vasques, com *meu* inteiramente inédito: — *Macaquinhos no sótão*, endiabrada comedia de Aluizio Azevedo, genero *Palais Royal*, e *Os capoeiras*, engracadissimo monologo, que já tom fama. Já se sabe: quem quizer assistir a essa deliciosa ceia theatral (estamos hoje muito pantagruelicos!) vá-se munindo de bilhetes desde já.

Mais dois beneficios neste theatro. No dia 13 o do ex-actor Pinto... Dizem que porque o homem, com o bigode, — o que bigode! um primor capillar — deitou resolução de não voltar ao palco. Como porém tinha direito ainda, pelo seu antigo contracto, a dois beneficios, aproveitou-se de um d'elles, no que faz muito bom. Com certeza o publico não faltará a manifestar nessa noite a sua sympathia pelo Pinto.

O outro beneficio é o da corajosa aeronauta e actriz Anna Leopoldina, depois d'amanhã. Se o publico não lhe encher o theatro nessa noite o ex-filho do Capitão Grant irá pelas ares...

Reappareceu hontem no *Boqaccio* a gentilissima e talentosa actriz Rose Méryss, que teve do publico o acolhimento que era de esperar.

Ainda bem que turemos o prazer de admirar e applaudir a muitas vezes. Também entrou para a companhia a estimada actriz Marion Andrée.

**PRINCEPE IMPERIAL**

*Os milagres de Santo Antonio*... Nada de milagres, nem de Santo, nem de Antonio; o que ha de novo é a *Sineta de Cordovil*, que apparece hoje pela primeira vez neste theatro. Esta sineta é uma parodia dos *Sinos de Corneville* conforme dizem os annuncios e afirma o seu auctor, o Dr. Oscar Pederneras.

No proximo numero diremos da *Sineta de Cordovil*.

**LUCINDA**

O *Mercurio*, que tem sido a delicia dos frequentadores d'este theatro, subirá á scena no dia 5 em favor dos seus nactores.—Arthar Azevedo e Morsira Sampaio.

**RECREIO DRAMATICO**

Foi uma cousa imponente, — quasi phantastica, a celebração que a empresa deste theatro fez do centenario do *Conde de Monte Christo*. Que delirio! Não havia logar para uma cabecinha de alfinete. O publico lá esteve, a farta-se; dê-m'he *Conde de Monte Christo* que estará nos seus reaes.

O patife gostr dos dramalhões que se lambe todo.

E agora uma boa noticia; boa mas que não é nova: Está em ultimos ensaios a *Francillon* de Dumas Filho, que, graças á pena de Henrique Chaves, foi escripta em portuguez e entregue por este ã empresa que ha levado á scena muito breve.

**PHENIX DRAMATICA**

Ha alguma differença? e o seu novo acto *Desmancha-se a differença* estão a despedir-se. Quem ainda não teve a dita de vel-os, ouvil-os e aduiral-os é ir hoje ou amanhã ã Phenix para desmanchar a differença.

Neste theatro faz beneficio no dia 20 o actor Teixeira. Entre outras trabalhos subirá á scena uma poesia comica escripta expressamente para o beneficiado pelo Sr. Augusto Fabregas.

P. TALMA.

**FACTOS E NOTICIAS**

**PREMIO DE LETRAS E ARTES**

Depois d'amanhã, ás 7 horas da noite, realisarã a sua terceira sessão litteraria que promete ser interessante como as primeiras.

Foi nomeado lente de latim da Faculdade de Direito de S. Paulo o illustre philologo Sr. Julio Ribeiro. Parabens ao latim.

Completo 27 annos de idade no dia 30 do corrente o nosso illustre e estimadissimo collaborador Dr. Afonso Celso Junior.

Comprimntamol-o cordialmente, desejando ao seu potentissimo talento e ao seu grande coração dilatada e venturosa existencia, pois muito têm a esperar de um como de outro as Letras e a causa da Liberdade em nossa patria.

**FALLECIMENTOS**

Dêram-se durante a semana, além do Sr. Conselheiro Martinho Campos, os do Sr. Commendador José Pedro de Azevedo Pequenha, talentoso e illustrado director de secção na secretaria dos Estrangeiros e official de gabinete do Sr. presidente do Conselho, e do Sr. Augusto Fomm, antigo e estimado auxiliar da redacção do *Jornal do Commercio*, cavalheiro respeitavel e exemplar chefe de familia.

**PAULO FEVAL**

Falleceu ultimamente em Pariz, na idade de setenta annos, o famoso romanista que escreveu, além de cem outros romances, os *Mysterios de Londres*, *O filho do Diabo*, *O Corcunda* e o *Capitão Fantasma*.

Foi um dos criadores do roman feuilleton. Morreu paupérrimo, tendo perdido toda a sua fortuna com o estouro da celeberrima *União Geral*, recolhido a um estabelecimento religioso e imbecillado pelo carolismo que o fez rever e expurgar todas as suas obras de tudo quanto ultimamente elle entendia ser immoral e irreligioso.

Triste fim, ua verdade, para homem de tão grande talento que tanto dinheiro ganhou com elle e tão celebre nome creou! *Sic transit*...

**RECEBEMOS**

— Da casa *Au Petit Journal* os ns. 19, anno 12, do *Salon de la Mode* e 5, anno 22, do *Printemps*. Ambos trazem elegantos figurinos.

— Relatorio da Sociedade Portugueza de Soccorros, exercicio de 1886.

— *A Estação* — n. 6. Contem excellentes figurinos e moldese uma interessante parte litteraria, intercalada de boas gravuras.

**CORREIO DA GERENCIA**

Ao nosso assignante que nos enviou uma consulta sem assignatura, sobre inventario, pedimoa queira reclamar a respectiva resposta, visto não saber-mos a quem envia-la.

Sr. J. Florindo.—S. Paulo—O recibo de V. S., sob n. 798, relativo ao anno passado, está com o Sr. Sá.

**BOLETIM BIBLIOGRAPHICO**

**AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA**

**O ULTIMO BEIJO**

POR

Henrique Perez Escrich

*O Ultimo Beijo* é n titulo do ultimo romance que acaba de subir do protos hespanhões e devido á rrdiosa penna do brilhante romancista Henrique Perez Escrich, auctor de obras que hoje tem uma reputação europcia, como o *Cura de Aldeia*, o *Martyr do Golgotha*, a *Formosura d'Alma*, e tantos outros romances que se lêem sempre com aprivel encanto e quo são recebidos no santor lar de familia, sem temor de quo o maclem.

N'esta epocha de tanto realismo, em que as podridões sociaes, os vicios mais asquerosos servem de thema aos romances em voga, uma obra de Perez Escrich é sempre acolhida como uma flor de perfume casto e inebriante, que reflecte em si os mais bellos sentimentos da moral e da verdadeira poesia do bello.

Os romances assim comprehendem-se, e jamais podom inocular o virus dos torpes realismos no espirito dos que querem leituras amenas mas não irritantes.

O novo romance de Escrich que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* está fazendo passar para a lingua portugueza, é uma joia de inestimavel valor, uma d'essas joias que brillam sempre e que se guardam com estinia e agrado. E' um livro de scenas attraentes, d'um entrecho admiravel, de uma simplicidade encantadora e attraente, contendo bellezas que são difficeis de descrever quando não se possui o talento descriptivo de um escriptor de primeira ordem como é Perez Escrich.

A *Bibliotheca do Cura de Aldeia*, para que a edição seja digna das que tem até hoje publicado, não só confiou a tradução a pessoa competentissima, mas tambom trata de empregar os seus exforços para que a parte material do livro seja o mais esmerada possivel.

Este conjunto de cousas faz com que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* espere o mais benevolo acolhimento a uma obra que pode ser classificada entre as melhores do auctor.

**Condições da assignatura**

*O Ultimo beijo*, constará de 4 volumes, ornados de primorosas gravuras, que serão publicados ás folbas de 16 paginas.

Distribuir-se-á semanalmente, com irreprensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, pelo modico preço de 200 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega. Alternadamente será distribuida em cada fasciculo uma gravura de pagina.

Para as provincias accresce o porte e registro do correio.

Cada fasciculo de 48 paginas—200 reis.

**GRAVURAS GRATIS AOS SRS. ASSIGNANTES**

Estão em distribuição os fasciculos n. 1 a 14 (que formam dois volumes) podendo os Srs. assignantes receber desde já todos, ou os que quizerem. O complemento do romance deve receber-se em poucos dias.

Assigna-se na *Agencia Commercial Portugueza*, rua do Carmo, 40—Rio do Janeiro.

N. B. Os Srs. assignantes que se encarregarem de mandar buscar a este escriptorio, receberão gratuitamente um fasciculo em cada dez.

**ANNUNCIOS**

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado nos escriptorios todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador). Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique de Sa, especiaalista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12. consultas de 1 1/2 ás 3 horas.—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

**EMULSÃO DE SCOTT**

**DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO.**  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

**COLLEGIO INTERNACIONAL**

INTERNATO E EXTERNATO

DIAS 10 A

**E. GAMBARO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôdo ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

**GRANDE FABRICA DE FLORES**  
RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**  
PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

**NUNCA SE VIO**

UMA QUEIMA COMO ESTÁ FAZENDO O

**BAZAR S. MICHEL**

para sua liquidção final, que terminará infallivelmente em 31 de Abril. Grande sortimento de fazendas, armarinho, lonça, crystaes, porcellanas e objectos de uso domestico.

66 RUA DA ASSEMBLEA 66

# A NOVA-YORK

## NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY

Companhia Mutua de Seguros de Vida dos Estados- Unidos da America. Fundada em 1845---41 annos de prosperidade. Unica Companhia Estrangeira de Seguros de Vida auctorizada a funcionar no Imperio do Brazil. Capital cerca de cento e setenta e cinco mil contos de réis. Deposito no Thesouro Nacional duzentos contos de réis. Filial no Brazil

### 31 RUA DO HOSPICIO 31

Esta companhia de seguros sobre a vida, unica auctorizada a funcionar no imperio, por decreto n. 9.503 de 3 de Outubro de 1885, depositou no Thesouro Nacional, como garantia accessoria de suas operações no Brazil, a quantia de **Duzentos contos de réis**. Pontos importantes sob que deve ser considerada a Companhia Nova-York: Conta 41 annos de existencia, tendo começado suas operações em 1845. Sendo puramente mutua, portanto não tendo accionistas, seu capital sobre hoje a quantia de **cento e setenta e cinco mil contos de réis**.

Funciona sob a severa fiscalisação do governo americano, unico, pois, onde existe fiscalisação real e effectiva. Não ha joia nem commisso depois de tres annos, recebendo o segurado que não puder continuar com os seus pagamentos uma apolice saldada, que nada mais lhe custa e garante-lhe tantas partes do capital primitivo, quantos pagamentos tiver cumprido e na forma do contracto originario. Seus lucros são divididos annualmente pelos segurados, que recebem prévio aviso dos dividendos que competem á sua apolice, sendo o lucro a dividir do anno de 1885, segundo o balanço de 31 de Dezembro, da quantia de **dezete mil contos de réis**. Nos casos imprevistos interpreta sempre os seus contractos sob o ponto de vista da equidade, havendo aqui mesmo no Brazil diversos exemplos d'isso. Mediante uma pequena somma annualmente (o premio na idade de 35 annos, no caso de seguro pagavel por morte, custa cerca de **quaranta mil réis** por anno por cada **conto de réis** segurado), pôde cada um constituir immediatamente um capital para sua familia em caso de morte ou para si proprio, se chegar ao prazo escolhido. A viuva e orphãos, por morte de segurados, a possuidores de apolices dotaes, que chegaram ao periodo escolhido, a companhia tem pago, desde a sua fundação, a quantia de **duzentos e cinco mil contos de réis**.

Uma apolice da *New-York Life Insurance Company* offerece ainda aos ricos a grande vantagem de servir, como a que melhor for, de caução immediata, definitiva ou provisoria. Sendo o pagamento dos premios, assim como o capital segurado, em ouro e tendo a companhia agencias em todo o mundo, as transacções feitas no Brazil podem perfeitamente ser continuadas em qualquer outro lugar á escolha do segurado com redução nos premios, se a residencia for em paizes de clima temperado.

#### SINISTROS NO BRAZIL

| Nomes                                       | Loqores                  | Premios pagos até o morte | Quantias pagas pela companhia á familia |
|---|--------------------------|---------------------------|---|
| Joseph Norris.....                          | Londres.....             |                           | £ s. d.                                 |
| Guetano Massot.....                         | Londres (Rest.).....     |                           | 1,078 11 4                              |
|   |                          |                           | 312 3 4                                 |
| Victor Scheitlin.....                       | Pariz.....               |                           | Francos                                 |
|   |                          |                           | 60,000                                  |
|   |                          | Rs.                       | Rs.                                     |
| João José de F. Guimarães.....              | Pará.....                | 4558800                   | 12,0008000                              |
| Dr. Candido Quirino Bastos.....             | Pará.....                | 5638800                   | 24,0008000                              |
| José João Ribeiro.....                      | Pará.....                | 2148500                   | 7,2008000                               |
| D. A. A. Dohrman.....                       | Rio de Janeiro.....      | 4008000                   | 28,8338000                              |
| José Rodrigues de Souza.....                | Pará.....                | 618800                    | 11,8258000                              |
| Gustavo Wedekind.....                       | Rio de Janeiro.....      | 1468200                   | 23,6698000                              |
| José Soares Pereira.....                    | Bahia.....               | 7178600                   | 13,9208000                              |
| Paul Emilio Willmersdorf (assassinado)..... | Santos.....              | 1078500                   | 11,6138000                              |
| Tito Antonio da Rocha.....                  | Ceará.....               | 2038500                   | 6,1708000                               |
| Carl Gaspar August Hayn (suicidio).....     | Rio de Janeiro.....      | 5,7798800                 | 72,0008000                              |
| Gustavo Theisen.....                        | Rio de Janeiro.....      | 1,1968000                 | 24,0008000                              |
| José Amando Mendes.....                     | Pará.....                | 1,1508000                 | 27,2458000                              |
| Antonio Soares Pinheiro.....                | Pará.....                | 1,4228000                 | 13,7708000                              |
| José Gomes Campello.....                    | Bahia.....               | 4548240                   | 11,2008000                              |
| Dr. Aureliano de Azevedo Monteiro.....      | Rio Grande do Sul.....   | 4558800                   | 13,0008000                              |
| Ailsa Janson.....                           | Pernambuco.....          | 3,5318000                 | 24,5008000                              |
| João Balso.....                             | Pará.....                | 1,4538000                 | 12,0008000                              |
| Henrique Eulalio Gurjão.....                | Pará.....                | 716460                    | 5,7608000                               |
| Henrique Barbosa de Amorim.....             | Manãos.....              | 4878080                   | 4,8008000                               |
| Jacques Meyer (suicidio).....               | Rio de Janeiro.....      | 2,7078900                 | 21,6008000                              |
| Josiah White Way.....                       | Pernambuco.....          | 8298520                   | 2,4008000                               |
| Florentino Telles de Menezes.....           | Desterro.....            | 7588000                   | 11,9138700                              |
| D. Emilia R. Moreira de Queiroz.....        | Bahia.....               | 9718700                   | 11,0308760                              |
| Thomaz Argemiro Ferreira Chaves.....        | Desterro.....            | 2348960                   | 8,9118900                               |
|   |                          |                           | m/m                                     |
| Eugenio Leiffer.....                        | S. Paulo.....            | 2,2268400                 | 11,0008000                              |
| Dietrich von Grawert (suicidio).....        | Pará.....                | 2,7298000                 | 11,0008000                              |
| Ladislau de Almeida Cardoso.....            | Pará.....                | 5,9108000                 | 24,0008000                              |
| Felisberto José dos Santos Lisboa.....      | Pará.....                | 8628400                   | 5,0008000                               |
| João Gonçalves Ledo Junior.....             | Pará.....                | 4,7688800                 | 24,0008000                              |
| Jean Louis Seiler (suicidio).....           | Rio de Janeiro.....      | 5118700                   | 11,0008000                              |
| Antonio Navarro de Siqueira.....            | Rio de Janeiro.....      | 1,4198000                 | 11,0008000                              |
| Alexandre Ferreira Pinto.....               | S. Francisco do Sul..... | 1808000                   | 5,5008000                               |

Informações, prospectos e impressos, no escritorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

Informações, prospectos e impressos, no escritorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

R. J. KINSMAN BENJAMIN, GERENTE INTERINO

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 9 DE ABRIL DE 1897  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 419

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                              |                 |
|------------------------------|-----------------|
| Expediente A.....            | A. REOACÇÃO.    |
| « A Semana ».....            | J. DO EGYPITO.  |
| Historia dos setedias e..... | PHROO-APOLLO.   |
| Cartas do Olympo— VII.....   | E. DE QUEIROZ.  |
| Prefacio dos «Azulejos»..... |                 |
| Na morte de uma grunça       | F. O'ALMEIDA.   |
| poesia.....                  | PACHECO JUNIOR. |
| Moniz Barreto.....           |                 |
| Fantasia crepuscular, so-    | M. AMALIA.      |
| neto.....                    | J. RIBEIRO.     |
| Notas philologicas.....      | O. OLIVEIRA.    |
| A uma viajante, poesia.....  | BIDIANO.        |
| Cofre das graças.....        | S.              |
| Jornais e revistas.....      | J. DE LEMOS.    |
| Verbos d'amor, soneto.....   |                 |
| As notas philologicas do     | PACHECO JUNIOR. |
| Sr. João Ribeiro e as        | J. M. SILVA.    |
| minhas rabiscas.....         | V.              |
| Adeus, soneto.....           | P. TALMA.       |
| Notas bibliograficas.....    | GUIL. MAR.      |
| Thestros.....                | LONGNON.        |
| Aos do «Gremio», soneto..... |                 |
| Festas, bailes e concertos   | FR. ANTONIO.    |
| Factos e Noticias.....       |                 |
| Trates á bols.....           |                 |
| Correio de Gerencia.....     |                 |
| Recebemos.....               |                 |
| Anuncios.....                |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Prevenimos os nossos assignautes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Partio já para Santos, e d'ahi a percoerir a provincia de S. Paulo, o Sr. Francisco Fonseca, nosso agente nomeado para a referida provincia, encarregado de cobrar e fazer assignaturas.

Aos nossos correspondentes e amigos em S. Paulo rogamos a fineza de prestarem áquelle nosso agente o auxilio e informações de que elle

careça para o bom exito da sua commissão pelo que nos confessamos, desde já, sumamente gratos.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindegues, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.  
— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notáveis publicistas francezes.  
— *Pamparos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.  
A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindegues, á escolha:  
— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

## A SEMANA

Narciza Amalia, a inolvidavel poetisa das « Nebulosas » dirigio a Alberto de Oliveira o bellissimo soneto que hoje esplende nas columnas da nossa folha. Escusado é recomendar aos leitores o nome da distincta escriptora e o valioso mimo com que fomos hourados.

Para o livro de contos de Bernardo Piuheiro, Pindella—intitulado *Azulejos*—escreveu Eça de Queiroz um prefacio extenso e meditado, que é um documento litterario de altissimo valor, quer pelo fundo,—que é constituido por grandes verdades, conceitos sensatissimos, solida erudição e finissimo espirito de observação e de critica—quer pela forma, que é primorosa, admiravel de elegancia, de graça e de simplicidade. Tão notavel nos pareceu esse prefacio, que resolvemos transcrevelo integralmente; o que começamos hoje a fazer.

Chamamos para esse bellissimo trabalho a attenção dos leitores.

A REDACÇÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Cumprio a semana o seu dever sendo magra.  
Irreligiosa seria ella se docorresse chôrumenta de factes, adiposa de assumptos.

Jejnou como tu, leitor, e como eu tambem.

Semana triste, apenas grata aos escravagistas, pois foi obrigada a bacia-lhá.

De quem me condôo nestes dias da quaresma, não é de vocês, devotos; é dos padres. Coitadinhos! Como elles soffrem! Que torturas, que sacrificios...  
— E que peixadas!

Ah! leitor maligno, recolhe ao bolso das calças, bem no fundo, o pérfido aspide da tua maledicencia. Lembra-te de que ha momentos apenas que sahiste lavadinho e limpo da barrella dos teus muitos peccados, e que ainda tens nas faces um resto da vermelhidão produzida pelas expiatorias bofetadas que bontem te ministraste rudemente, abraçado no sancto ardor de te purges da mancha do peccado original, que Christo, para nos salvar, veio remir ao mundo com o seu divino sangue. Não recommeces, pois, a encher o sacco das tuas culpas, mal esvasiado ainda, por uma das mais graves — a calumnia, embora coberta por um gracejo—como uma pilula de sulphato de quiniao embrulhada em assucar.

Engole, portanto, aquella peizada e fazte justiça inteira aos reverendissimos.

Elles soffrem muito em toda a quaresma e sobretudo—de quarta-feira de cinzas até hoje, sabbado de alleluia, ao meio dia.

Basta que te lembres da estupenda porção de iatim que elles são forçados a engrolar, em soturno cantochão, mergulhados na meia noute das igrejas forradas de crêpe, ao luar saugrento e pestanejante dos tocheiros symbolicos, com os ouvidos azoados pelo estrepitar sinistro das matracas, com as ventas cheias dos mysticos aromas da myrra, da cera e do mofo ecclesiastico...

Mas esse soffrimento tambem eu, christão zeloso, o experimentei; objectará o leitor.

Pois, sim, leitor; mas tu soffreste aquillo por devoção sómente; e elles, os pobres tonsurados, soffreram-o, por devoção alguns, mas a maior parte por obrigação.

Lembra-te mais das mordeduras causticas do cilicio e das disciplinas e, principalmente, das agruras atrozes do jejum. Lembra-te de que aquelles veneraveis abdomens, criados no cultivo da vinha do Senhor, foram por alguns dias forçados a alimentar-se unicamente de garopas, badejos e badejetes,

corvinas, cbernes, lagostas e camarões! Pobros martyres!

Alleluia! Alleluia! bisbalham todos os sinos despertado, emfim, do seu longo somno de bronze; Alleluia! titiuta o canta o carrilhão de Nossa Senhora da Lapa das Mercadores, repinicando o *Ataca, Felipe; Alleluia!* entõam alegre e victoriosamente as rúcias dos padres, enquanto os véus roxos de todos os templos se rasgam, de alto a baixo, theatralmente, descobrindo as imagens dos sanctos, os quaes, á claridade viva do sol, depois de duas semanas de escuridade, piscam os olhos offuscados, adormidos ainda, e com um sorriso, parecедizerem á gente: Bons dias! Muito bons dias, meus filhos!

Alleluia! resoam os cacetes dos moleques malhando vindicativa e justicadoramente nos ventres, entulhados de palha e trapos, dos miseros judas; enquanto os judas de carne e osso, os que pregaram Christo na cruz, passam nêdios, tranquilos, levando sob a lapella dos paletots a cruz de Christo, como observou, num epigramma famoso, famoso poeta.

Alleluia! bradam todos, mandando festivamente ao diabo o luto e o peixe, e guardando cuidadosamente, na calxinha dos botões, para servir na quaresma do anno vindouro, os prantos e os soluços com que fizeram figura uesta.

O meu amigo Raul Pompeia costuma chamar a quaresma — *carnaval de lagrymas*. Para justificar essa feliz deduição surge hoje sporadicamente a mascarada; reabrem-se os salões para os bailes *masqués e travestis*.

Momo, na quarta-feira de cinzas, mergulha sob o oceano do Tempo, desaparecendo durante a quaresma, e resurge á tona, hilariante e louco, no dia de hoje, sabbado de alleluia. O carnaval das lagrymas não é, pois, outra cousa mais do que um prolongamento das lagrymas do carnaval.

No fuudo—tudo carnaval, tudo lagrymas... O homem...

Ai! que lá ia eu cahindo na philosophia facil dos Heraclitos desoccupados!  
Nada de lamurias!  
Alleluia! Alleluia!

Como para afinar com a tristeza da semana, foram tristes quasi todos os acontecimentos d'ella.

A narraçáo minuciosa e longa do naufragio do vapor *Bahia* commoven e interessou profundamente a todos que a leram.

Encontram-se nella episodios cariosos, interessantissimos.

Entre esses o de se terem salvado os tres cegos que vinham a bordo uma senhora e dois homens a confiança com que aquella se entregou

à sua protectora, N. S. de Londres, o a coragem, inspirada por essa continença, com que procurou e conseguiu salvar-se.

Outro episodio enternecedor — o d'aquella pequena crinça de 9 annos do ednde que, nadando como um peixe, procurou nas ondas, entre os destroços do naufragio, seus paes e irmãos, e conseguiu salvar uma irmãsinha de 6 annos, tambem nadadora, e um estudante.

Bem certo é que ninguém se revelára heróe senão quando é preciso.

A imminencia da morte, a urgencia de salvação, a coacção do perigo podem fazer grandes heróes de homens anteriormente considerados uns purgas, uns medrosos.

É o caso d'aquelle corneta da *Toutin-negrn do Templo*, de quem o capitão diz a engraçada e profunda verdade — que é o poltrão mais valente que elle tem conhecido.

Quando não ha outro remedio um homem é tudo — heróe inclusive.

Infelizmente não resta duvida mais sobre o numero das victimas e que entre ellas estão o commandante, Isa ac, o immediato, Silverio da Silva, do fatidico *Bahio*, bem como está a toda a luz a responsabilidade do commandante do *Pirapama*. Se elle houvesse sido menos monstruosamente deshumano, talvez ficasse o numero das victimas reduzido apenas a um terço, ou menos. Esse enorme delicto ou essa calamitosa impericia não pode ficar sem correctivo. Sobre a cabeça d'aquelle homem chovem as maldicções da viuvez e da orphanidade, de quantos perderam — graças a não ter elle sabido cumprir o seu dever — parentes e amigos naquella horrenda catastrophe.

O estado de saúde do Imperador tem preocupado muito a attenção publica e despertado serias apprehensões. Officialmente consta que S. M. passa regularmente, que os seus incommodos são devidos apenas á febre palustre que o affectou. Mas á bocca pequena — agora já á bocca grande — diz-se que S. M. está gravemente enfermo, que a sua *diabetes* aggravou-se, tem-se accentuado assustadoramente o quebramento de forças, o desanimo, a debilidadde, o esgotamento do seu organismo; e tanto que já foi chamado ao Imperio a Augusta príncieza, que, com seu esposo, ainda não ha muito chegou á França.

Tm visos de verdade estes boatos. É natural que S. M., — que, apezar de sua divina origem, é homem, como qualquer de seus subditos — sinta, por fim, cansaço, fraqueza, e pague o seu tributo á idade. Não se fazom impunemente os excessos de trabalho, os prodigios de actividade que o Imperador tam feito; a lei das reacções physiologicas não podia falhar em S. M. Havia, forçosamente, um dia de pagar, e por juncto, o seu contingente de barro fragil á sua condição de humano. Ha muitos annos que S. M. faz das fraquezas — forças, da velhice — mocidade, da fadiga — alentos. Por fim — era natural — a contensão cedeu, o *tour de force* foi acabando.

Que S. M. se convença de que necessita de restaurar pelo repouso, pela ponpança de forças as que malbaratou prodigamente no seu inviolabilissimo afan de tudo ver, tudo ler, tudo examinar, tudo saber, tudo explicar.

Fazemos sinceros votos cordiaes pelo

completo restabelecimento da preciosa saúde de S. M. o Imperador.

O mais que houve a historiar nos sete dias foi: — as façanhas de um subdelegado feroz, atacado da mania do mando e do desmando; o fallecimento, realmente lamentavel, do Dr. Falcão Filho, illustrado lente da Academia de S. Paulo; a verificação de que a nova matricula, encerrada a 30 do mez passado, demonstrou que a população escravá do municipio neutro está reduzida á metade, graças, principalmente, á generosidade particular, facto em que não se pôde desconhecer o benéfico influxo da propaganda abolicionista; a chegada de um príncipe austriaco de nome arrevessado e... e mais não houve. O resto foi insignificante miuchalva de pequenos factos.

A' vista do que, o chronista pede licença para por-se ao fresco, desejando aos pacientes e sempre pios leitores excellentes festas, que o anno lhes corra d'hoje avante prospero e amigo, sempre com cara de Paschoa, e que continuem a honrar *A Semana* com as suas sympathias e... assignaturas.

Não lhes esqueça nunca que esta folba, não só é a mais litteraria do Amazonas á lagoa dos Patos, como que é a mais interessante, imparcial, elegante e bem escripta do mundo.

Por hoje apenas direi isto, com a modestia que todos fazem a justiça de acreditar que existe a rodo nesta casa.

E, com esta, sou um criado de Suas Senhorias.

JOSE DO EGYPTO.

## CARTAS DO OLYMPO

VII

Depois de tão grandes ferias, Eis-me de novo cantando. Tractemos de cousas serias, De sanctas cousas tratando. Começemos: *Carta Setima*...

Antes é justo, no emtanto, Murmurar devota prece: Fallo da egreja; portanto, E' de razão que eu comece Pedindo a benção do *Apostolo*.

Diz o leitor, desdenhoso: — Apollo a rezar!... Que é isto? Mas sou um deus cauteloso: Christo quando falo a Christo, Pagão quando falo a Jupiter.

Vamos. Tristissimos dias Que passastes, meus amigos! Longe carnes e alegrias E tentadores perigos... Que dias tristes e lugubres!

(Bonito: A victoria é certa: Mestre Castilho desbanco. Que pensas da descoberta? — Uma quadra e um verso branco, Branco, branquissimo e... esdruxulo.

Isto exprime certamente A tristeza de universo: O esdruxulo justamente, Transborda do quarto verso Como uma lagryma funebre.)

Dias tristes! Sinos roucos, Misas, lugubres officios, E, como se fossem poucos Esses muitos sacrificios, As amendoas para cumulo!

Luto e peixe... Fora, fora A carne de toda moza! Modo estranho é este agora De demonstrar a tristiza Comendo ceias opiparas.

Chega a ser prohibido... (Como hei de dizer!)... o beijo! Vejam isto: está perdido Quem não lingir que tem pejo... Quem não tiver, seja hypocrita.

Oh! quem os beijos trocados As occultas, face a face, E os róbifes devorados Nesta semana contasse! Falassem faces e esto uagost...

É tudo porque em verdade Um deus teve a phantasia De deixar a eternidade, Morrendo... só por um dia, Pera espantar os catholicos!

E morreu tragicamente, Sem volver o olhar piedoso A'quelle que humildemente, Solto o cabello formoso, Lhe banhava os pés de lagrymas.

Triste morte! aquião menos Quem morre; morre captivo Nos braços quentes de Venus, E resuscita mais vivo, Que o amor dá vida aos cadaveres.

Emfim, passou a semana... Volta a carne, vae-se o peixe. E, fudaja comedia humana, É justo que cada um deixe Cabir das faces a mascara.

Agora é o judas que passa Aos tambolhões repetidos, Aos risos da população... Pegam-lhe fogo aos vestidos, Tiram-lhe as pernas, enforcam-n'o.

Oh! se os Judas existentes Fossem todos enforcados, Ai! coitados dos parentes! Ai! dos amigos! coitados! E h'a noite. Até sabbado.

HEBERO-APOLLO.

## PREFACIO DOS «AZULEJOS»

MEU CARO BERNARDO — Nos tempos em que Voltaire, já depois de *Candide*, mesmo já depois da *Pucelle*, se contentava com cem leitores — tempos que nos devem parecer bem incultos, neste anno da Graça e de voraz leitura em que o *Petit Journal* tira oitocentos mil numeros, e *Cerminal* é traduzido em sete linguas para que o bemdigam sete povos — esses cem homens que liam e que satisfaziam Voltaire eram tratados pelos escriptores com um ceremonial e uma adulação, que se usavam somente para com os Principes de Sangue e as Favoritas. Em verdade o Leitor d'então, «o amigo Leitor», pertencia e sempre aos altos corpos do Estado: o alphabeto ainda se não tinha democratizado: quasi apenas sabiam ler as Academias, alguns da Nobreza, os Parlammentos, e Frederico, rei da Prussia: e naturalmente o homem de letras, mesmo quando não fosse um poeta parasita do melancolico typo de Nicolau Tolentino, ao entrar em relações com esse Leitor de grandes maneiras, emplumado, vestido talvez darminho, empregava, todas as formas e todas as graças do respeito, e punba sempre, genuinos on fingidos, os punbos de renda de Mr. de Buffon.

Mas esta cortezia em que havia omocção provinha sobretudo de que o Escripctor, ha cem annos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto, amiga da Eloquencia e da Tragedia, que occupava os seus ocios luxuosos: a lér, e que se chamava «o Leitor»: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafainda e tosca que so chama «o Publico».

Esta expressão, «a Loitura», ha cem annos, suggoria logo a imagem d'uma livraria silenciosa, com bustos de Plató e de Seneca, uma ampla poltrona almofadada, uma janella aberta sobre os aromas d'um jardim: e neste retiró austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha o seu livro, num recolhimento quasi amoroso. A idéia de loitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando paginas á pressa, no rumor d'uma praça.

Ora quando este Leitor, douto, agudo, amavel, bem empoado, intimo das edades classicas, recebia o Escripctor na sua solidão letrada — o Escripctor necessitava apresentar-se com reverencia, e modestement *courbé*, como recommenda Beaumarchais. É um homem culto que vae a casa de outro homem culto — esse encontro está regulado por uma etiqueta tradicional e graciosa.

Nem o philospho que vem submetter um systema, nem o poeta laureado no «Mercurio Galante» que traz a sua óde, nem Chénier com as suas tragedias, nem Massillon com os seus sermões, nem os rigidos, nem es ligeiros, nenhum por mais illustro irrompia bruscamente na attenção do Leitor, sem espera e sem mesura, como se entra num pateo publico. Tinha de haver uma apresentação condigna, solemne, copiosa; e isso passava-se nesse pedaço de prosa em typo largo, com citações latinas, que se chamava o *Prefacio*. Ahi o auctor modestement *courbé*, deante do Leitor acolher e risinho, falava com prolixidade de si, das suas intenções, da sua obra, da sua saúde; dizia-lhe doçuras, chamava-lhe *plio, perspicax, benevolo*: justificava os seus methodos, citava as suas autoridades: se era novo, mostrava, córando, a sua inexperiencia em botão: se era velho, despedia-se do Leitor á maneira de Boileau, numa pompa triste, como da borda d'um tumulo. Trocadas estas cortesias não se entrava logo seccamente nas idéias ou nos factos: se o livro era de versos, o Poeta, tendo o Leitor ao seu lado, balançava o incensador e fazia uma invocação aos Deuses como nos degraus de um sanctuario; se era Tratado de Moral ou Historia, havia no limiar do capitulo I, para que o Escripctor e o Leitor repousassem, um portico de Considerações Geraes, dispostas com symetria á maneira de columnas de puro marmore, onde se enrolavam, em festões, flores de linguagem, vigosas ou meio-murchas. Depois o Auctor ia levando o Leitor pela mão atravez da sua obra como atravez de um jardim que se mostra, repercorrendo com gosto as aleas mais enfeitadas de erudição, parando por vezes a conversar docemente á sombra de um pensamento frondoso. Assim se formava entre ambos uma enternecida intimidade espiritual. O Leitor possuia no homem de letras um companheiro de solidão, de um encanto sempre renovado. O Auctor encontrava no Leitor uma attenção demorada, fiel, crente: como o Philospho tinha nelle um discipulo, como Poeta nm confidente.

Depois, numa manhã de Julbo, to-









Tem sido paga a pessoas, enquanto vivas, em dotações, divididos o total, quanto superior a quatro milhões de dollars (cerca de nove mil contos de réis).

O balancete annual demonstra mais: Um augmento de mais de tres milhões de dollars sobre o anno de 1885 (cerca de seis mil e oitocentos contos de réis.)

Um augmento nos recebimentos superior a oito milhões de dollars (cerca de dezoito mil contos de réis);

Um augmento no saldo a favor, superior a dous milhões de dollars (cerca de quatro mil e quinhentos contos de réis);

Um augmento sobre o anno de 1885 em seguros tomados de dezesseis milhões de dollars (cerca de trinta e seis mil contos de réis);

Um augmento sobre os negocios de 1 de Janeiro de 1886 em seguros em vigor, de quarenta e quatro milhões de dollars (cerca de cem mil contos de réis);

Durante o mez de Janeiro proximo passado a companhia pagou ás familias de diversos segurados fallecidos a quantia de 231.500 dollars (cerca de quinhentos e trinta contos de réis.)

ALMANACH DO « VASSOURENSE »

E' uma escolhida colleção de indicações úteis ao publico; contém a rolação completa de todos os eleitores de Vassouras, varios nuncios de industriaes e negociantes, o além d'isso ornamenta-se com uma variada e linniosa parte litteraria e recreativa, em a qual apparecem trabalhos em verso e prosa devidos ás nossas melhores pennas, como as de Raymundo Corrêa (de quem traz um interessantissimo logographo—acrostico) Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, etc.

Em poucos almanachs so encontra parte litteraria tão bem escolhida e organizada como a do Vassoorense.

TRATOS Á BOLA

Pépe da minh'alma, d'esta vez não abiscoitaste o premio porque não acertaste com a quinta tratica (difficil, heim?) Consola-te, meu querido irmão!

Quem devo dar pulos de contente ao saber de semelhante fiasco é o meu novel tratista—Zé Bedelho, que metteu o dito em todos. Sim senhor, estreitou-se com os pés direitos, digo com o pé direito. Venha buscar o seu premio.

DECIFRAÇÕES

Das novissimas—Lisbonina. Icaro e Constantinopla; das antigas—Leopardo e Cantagallo, e do enygma—Enner.

Para hoje, carissimos e incomparaveis irmãos, offereço dous replica—poeticos premios áquelles que decifrares as seguintes tratices:

PROVERBIO

A g a a a c d d e e e e e e e e e h i i i m m m n n n n o q r r s s s t t u u z.

NOVISSIMAS

1—1—1—Está indecente este pronome no gyro da taboada.

2—2—1 A serva expulsa, é miseravel! Que pena!... Morreu de morte violenta.

2—3 E' fabula que vende este fabulista.

3— Esta mulher, só com um pedaço de guarda-pó é um peixe.

ANTIPOS

I

Busca-a na taba—1  
Busca-a na cama—1  
Busca-a na guerra—2  
A gente acaba  
Quando se inflamma  
Sinistro e berra!

II

Só pinta caras—2  
Tal contracção.—1  
Na pata acharas—1  
Da embarcação.—1

Que rei jagodes!  
Maldito rei!...  
Se tem bigodes  
Nem mesmo eu sei.

E finis coronat opus.

FREI ANTONIO.

CORREIO DA GERENCIA

Ao nosso assignante que nos envia uma consulta sem assignatura, sobre inventario, pedimos queira reclamar a respectiva resposta, visto não saber-mos a quem enviar-a.

Sr. J. Florindo.—S. Paulo—O recibo de V. S., sob n. 7998, relativo ao anno passado, está com o Sr. Sá.

Sr. J. M. de Castro.—Casa Branca.—Tendo augmentado para 108000 reis o preço da assignatura d'esta folha, tem V. S. de nos enviar mais 28000 réis afim de quitar-se até 31 de Dezembro do corrente anno.

Sr. Thomaz de Queiroz.—Casa Branca.—O seu debito, até 31 de Março proximo passado, é de réis 78500, que pôde enviar-nos em carta registrada com valor declarado.

Sr. L. de Assis—Juiz de Fora—Pôde V. S. remetter-nos a importancia recebida, em carta registrada, com valor declarado.

RECEBEMOS

Questão Agra—Refutação dos pareceres dos Drs. Souza Lima, Farinha e Nuno de Andrade na questão de interdição de J. A. Gonçalves Agra per dementia senil.  
—Recista do Observatorio—n. 3, anno 2o.  
—Cereja da Europa—anno 8o ns. 5. e 6 Publica-se em Lisboa. Orna a primeira pagina d'aquelle o retrato do nesso distincto compatriota Sant'Anna Nery.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DA AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

• ENGENHOSO FIDALGO.

D. QUICHOTE DE LA MANCHA

por D. Miguel de Cervantes Saavedra

Tradução dos Viscondes de Castilho e d'Azevedo, com um primoroso prefacio, expressamente escripto por Manuel Pinheiro Cbagas. Exclendida e monumental edição, adornada com dezenbos de Gustavo Doré.

A Agencia Commercial Portugueza participa que já se achão á disposição dos Srs. assignantes todos os fasciculos de que se compõe esta importantissima obra, e por isso podem fazer desde já a aquisição de todos, ou da parte que lhes convier. Continúa por enquanto aberta a assignatura ao preço de 400 réis cada fasciculo, mas previne-se que brevemente se fechará a assignatura passando depois a custar cada fasciculo 500 réis para as pessoas que até então se não houverem inscripto.

Como para todas as demais obras de que se acha encarregada, continúa esta

casa a mandar fazer, com toda a regularidade, nos domicilios dos Srs. assignantes, a distribuição dos fasciculos; mas acaba de estabelecer-se que aos Srs. assignantes que tomaram antes a seu cuidado mandar neste escriptorio buscar, se distribuirá em cada dez fasciculos um gratuitamente.

Para participação d'assignaturas, dirigir pelo correio a Lourenço Marques d'Almeida, caixa n. 593. Agencia Commercial Portugueza—Rua do Carmo 40—1o andar.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique do Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado.—Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Imperial Fabrica de Cerveja e agnas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

# EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, es-crophulias, rachitis, anemias, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR E. GAMBÃO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como GRINALDAS PARA ENTERROS DEPOSITO

## RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

# NUNCA SE VIO

UMA QUEIMA COMO ESTÁ FAZENDO O

## BAZAR S. MICUEL

para sua liquidación final, que terminará infallivelmente em 30 de Abril. Grande sortimento de fazeadas, armarioho, louça, crystaes, porcellanas e objectos de uso domestico.

66 RUA DA ASSEMBLEA 66

# CAFÉ DO COMMERCIO

33 RUA DO OUVIDOR 33

## GRANDES MELHORAMENTOS!!!

50 réis a ebicara de café especial 50 réis  
60 réis o copo de caldo de canna 60 réis

Cerveja Transatlantica do Havre approvada. Musica ao piano por um distincto pianista

DE DIA E DE NOITE

## DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca, vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25

RIO DE JANEIRO

## A NACIONAL

CARLOS MORAES &amp; C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encommenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

**INTRANSFERIVEL! INADIABEL!**

## GRANDE LOTERIA

DA

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO**

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Peruambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

**14 DE MAIO DE 1887**

INADIABEL

**MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS**

PREMIOS MAIORES

|                            |   |                |
|----------------------------|---|----------------|
| Primeiro sorteio . . . . . | : | 100:000\$000   |
| Segundo sorteio . . . . .  | : | 200:000\$000   |
| Terceiro sorteio . . . . . | : | 1.000:000\$000 |

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 1\$ fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 16 DE ABRIL DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 120

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

### REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e E. de Magalhães

### GERENTE

G. CABRAL

### SUMMARIO

|                                 |                 |
|---------------------------------|-----------------|
| Expediente.....                 |                 |
| « A Semana ».....               | V. MAGALHÃES.   |
| Uma velha calúmia.....          | A. DE OLIVEIRA. |
| Nocturno, poesia.....           | Uno.            |
| Idéias de todas as cores.....   | A. DE SOUSA.    |
| Sinhinhos, poesia.....          | E. DE QUEIROZ.  |
| Prefácio dos «Azulejos».....    | V. MAGALHÃES.   |
| Visita a um tumulo, poesia..... | R. OCTAVIO.     |
| A sesta.....                    | J. RIBEIRO.     |
| Notas philologicas.....         | S.              |
| Jornaes e revistas.....         | Y.              |
| Notas bibliographicas.....      | J. DE M. SILVA. |
| O louco, poesia.....            | P. TALMA.       |
| Theatros.....                   | PACHICO JUNIOR. |
| Rabiscas philologicas.....      | LORNON.         |
| Festas, ballés e concertos..... | PONSARDIN.      |
| A vida alegre.....              |                 |
| Collaboração:                   |                 |
| Contéstes, soneto.....          | O. E. SILVA.    |
| Inverno, soneto.....            | M. PEDRENEIRAS. |
| Factos e Noticias.....          |                 |
| Correio da Gerencia.....        |                 |
| Recebemos.....                  |                 |
| Annuncios.....                  |                 |

### EXPEDIENTE

#### ASSIGNATURAS

##### CÔRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

##### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista daa circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Partio já para Santos, e d'ahi a percorrer a provincia de S. Paulo, o Sr. Francisco Fonseca, nosso agente nomeado para a referida provincia, encarregado de cobrar e angariar assignaturas.

Aos nossos correspondentes e amigos em S. Paulo rogamos a fineza de prestarem áquelle nosso agente o auxilio o informações de que elle careça para o bom exito da sua commissão pelo que nos confessamos, desde já, sumamente gratos.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

### BRINDES

As pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelica A. Lopes Vieira.

As pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

### A SEMANA

Reencetaremos brevemente a nossa Galeria do *Elogio Mutuo*, dando os retratos e reciproas biographias de Rodrigo Octavio e Alberto Silva. Seguir-se-lhes-ão Lucio de Mendonça e Raymundo Correa, Alfredo de Souza e Henrique de Magalhães.

Ficarão promptos na proxima semana os indices e o frontespicio da nossa folha pertencentes ao anno transacto.

Como só aproveitamos aos colleccionadores, sómente os remetteremos aos Srs. assignantes que nos-os pediram, correndo o respectivo porte por nossa conta. Podem, pois, os que o desejarem, fazer desde já os seus pedidos.

Os sete dias decorridos do numero de sabbado passado ao de hoje foram tão chochos, tão vassios da acontecimentos, tão lamentavelmente magros e insignificantes, que bem se pôde dizer que não tiveram historia.

E' a razão porque não damos hoje a *Historia dos sete dias*.

### UMA VELHA CALUMNIA

No *Microcosmo*, creio que de 21 de Junho de 1885, o talentoso moineiro que esse pelloirinho redige deu azas á calúmia de ser proprietario d'A Semana «o mesmo illustrado poeta que nessa folha é proclamado como o primeiro». Respondeu-lhe no sabbado seguinte A Semana (n. 26) na sua secção *Bolos*, pela maneira seguinte:

« Tratando de um supposto commendador Rodrigues— uma invenção espí-

rituosa de Paula Ney, — o venerando ancão Laet fez no seu ultimo *microcosmo* o seguinte circumloquio: — Não ha muito tempo que na «Folha Nova» impugnou a gratuita asserção de um historiadô literário que dava como proprietario da «Semana» o mesmo illustrado poeta que nessa folha é proclamado como o primeiro.

Até aqui a insinuação é apenas sarcástica. Mas Pimenta é manhoso e sabe fazer as cousas com jeito. Nada de se comprometter. E' o grande mestre da pafifaria irresponsavel. Era capaz de inventar o *testa de ferro* se já não existisse o Romão José de Lima.

O pensamento esboçado na linha transcripta, é desenvolvido e completado pouco abaixo: — « Nestas condições, hoje, que tão decedente se acha o jornalismo nacional, só conheço o estabelecimento aqui da esquerda. O commendador não olha para sacrificios, commtanto que o acclame, pela minha, o primeiro prosador deste hemispherio.»

A insinuação aqui é directa. Este periodo ligado ao outro dá uma infantis, que pôde ser traduzida nesta phrase simples: — « O Dr. Luiz Delfino paga á Semana para que esta o acclame primeiro poeta nacional.»

Aquillo, porém, deixa de ser uma injuria para ser uma retaliação: Têm dito que Pimenta recebe ordenado do *Jornal* para insultar quem passa, e Pimenta retalia dizendo que nós recebemos paga para acclamar Luiz Delfino.

Mas existe esta differença fundamental: — O *Pachiderme* paga a Laet, e Laet quasi nada faz do que insultar conhecidos, desconhecidos, amigos e até collegas seus do professorado; ao passo que Luiz Delfino ainda não gastou com A Semana nem talvez mesmo o tostão do numero avulso. Luiz Delfino nem ao menos é assignante d'A Semana, o que, entretanto, nos não consentiriamos, visto que o grande poeta é nosso collaborador e já por vezes tem aspergido estas columnas com o intenso perfume oriental e exquisito do seus versos.

A Semana fundou-se por meio de acções, que foram distribuidas por amigos dos fundadores, alguns dos quaes ficaram com tres e quatro — e Luiz Delfino nem sequer tem uma, pois que se lhe não podia tal obsequio. Mesmo, porém, que se lho pedisse, isso não pderia obrigar-nos a dizer o que, em consciencia, não pensassemos do seu merito ou das suas qualidades; nem, por outro lado, poderia fazer-nos ter scrupulos quando quizessemos sustentar que elle era um genio, se por ventura tal o julgassemos.

Não ha favores, nem obsequios, nem protecção que possam obstar a que digamos quando for necessario, a inteira verdade, em prol ou contra quem quer que seja, mormente em questões de litteratura e de arte.

Esta força e esta franqueza, tiramolas da propria qualidade que Pimenta para desenhar, quando, com pilhas de prata, nos appellida— *mancebos*. Tiramolas da nossa mocidade, venerando nome: da nossa mocidade!

Era natural que com essa reaposta a calúmia morresse esmagada, aspirando á lama de que se gerára e nutria.

D'facto, pelo meaos tão claramente, não mais veio a publico; mas continno caladamente no seu trabalho de innocuação toxica, nas ródinhas dos maldizentes.

Agora, quasi dois annos depois, resurge em publico, no mesmo logar em

que fizera a sua primeira apparição: no roda-pé do *Jornal*, em 14 de maio de 1887, continua Laet a sua mesma missão de amolador molinero.

Esta vez foi um tal *Chico das Botas* quem nellas a trouxe a publico.

Vomitou-a elle por esta indecente manira:

« Hoje quem quer acclama. Não acclama quem não quer ou quem é tolo. Tenho um amigo, por exemplo. Esse amigo é um bom homem que emprestou alguns cobres para a realização de uma empresa qualquer — uma folha, supponhamos — de onde eu esperava tirar proveito e gloria. Gloria muita, proveito — algum.

Como pagar? Dinheiro não ha, porque a folha é muito aceita... pela familia e pelos amigos. A empresa caminha com a rapidez de um bonde Estacio de S. I.

Como pagar? Earnings não se podem fazer, porque os companheiros, em vendo dinheiro, não querem saber de possibilidade, nem de historias.

Afinal tenho uma ideia.

O meu amigo fez *versos* exquisitissimos, que são muito bons porque ninguém os entende: dá a esses versos uns titulos mais exquisitos e num latim por sua vez mais do que superlativamente exquisitissimo.

À vista de tanta exquisitice, que hoje equivale a muito talento, peço no meu amigo, supro-o bem, acclamo-o rei dos reis, chefe dos chefes, e astou pago, perfeitamente pago.

E o meu amigo rema, reina, réin... até cansar de tanta reinação.

Aviso importante:

Propngo o processo, mas não fuço quem o inventou.

Nada de plagio!

Pois que não foi bastante a primeira resposta, para dar cabo da calúmia negra e lemosa, tanto que, dois annos mais tarde, elle reergue a chata cabeça de vibora cobrile. Vou hoje, de uma vez por todas, responder aos *Bolos* e aos *Laets*, publicos e particulares, que, em falta de outro, se servem d'esse meio para nos fazer mal.

A uma carta que escrevi ao Exm. Sr. Dr. Luiz Delfino dos Santos, o grande poeta da *Solemnia Verba* e do *Christo e a adultera* e de outras innumeradas admiraveis composições, pedin-lo-lhe me responlesse aos dois seguintes itens:

I O Exm. Sr. Dr. Luiz Delfino dos Santos tem algum interesse pecuniario na empresa editora d'A Semana?

II S. Ex. foi alguma vez solicitado, por mim ou por algum em meu nome, para entrar com dinheiro para a dita empresa, como accionista ou a titulo de emprestimo?

respondeu o illustre cavalheiro com a seguinte carta; a qual transcrevo na integra por não me ser permitido truncal-a, e cujo original fica na relação d'esta folha á disposição dos Sãos Thoné que desejem examinal-a:

« Rio, 14 de Abril 1887.

Respondeu-lô ás perguntas que o meu illustre amigo me faz, na carta com que, hoje muito me honhorou, e abame dizer-lhe:

I Não tenho, nem tive interesse

peculnirio na empresa editora d'A *Semana* !

II Nunca fui solicitado por V. nem por pessoa alguma em seu nome, para entrar com dinheiro nessa empresa, nem como accionista nem a titulo de empréstimo.

Acrescentarei que só uma vez entrei no escriptorio da redacção d'A *Semana*, sem encontrar os seus redactores, e que tenho commettido a ingratidão de não visitar V. em seu domicilio—nem mesmo uma unica vez.

Confesso-me publicamente de tão grande falta:—publicamente, porque podendo V. fazer o uso que lhe convier d'esta carta, não é facil que ella fique na sombra dos factos domesticos.

Sou com superior consideração e elevadissimo apreço.

De V. Amigo muito e muito obrigado e grande admirador *Luiz Delfino*.—

Ao meu bom e illustre amigo devo e quero publicamente agradecer a gentileza e a minha benevolencia com que se dignou de responder á minha carta; confessar a minha gratidão profundissima pelos serviços e pelas finezas que a mim, particularmente, e á minha folha tem dispensado, os quaes, mesmo por não serem de dinheiro, com dinheiro não podem ser pagos; e pedir-lhe perdão de ter ido perturbal-o e distrahir-o desagradavelmente dos muitos affazeres da sua profissão e dos seus preciosos trabalhos litterarios, suggestando-o talvez—má do meu grado— n ser novamente alvejado pelos illupcionarios sagittarios da nossa imprensa patusca; facto que não pode incommodal-o, mas que sinto e lamento porque não compreheo que possa ninguem referir-se ao Dr. Luiz Delfino a não ser para presta-lhe todas as homenagens a que têm direito o seu talento, a sua illustração e o seu caracter.

Quero crer que depois das declarações insertas na carta supra, não repetirá mais que eu e os meus companheiros nos vendemos ao Dr. Luiz Delfino.

Resta agora aos nossos amigos o expediente de dizer isso mesmo... em relação a outro cavalheiro.

Terminando, tenho o prazer de informar aos *bótas e laets* que não podem compreender a fundação e manutenção de uma folha como *A Semana* durante dois annos e meio e a sua continuação senão attribuindo-as á venalidade do seu fundador e de seus redactores, que esse malagre foi devido ao uosso trabalho, ás unidões que sobemos fazer, á sympathia que conseguimos criar no publico, á nossa constante e indefessa actividade, ao uosso criterio, e tambem, se dão licença, ao nosso talento.

Se lhes não for possível acreditar nisso será por já não serem susceptiveis de crer que se possa honestamente criar e manter uma folha neste paiz.

E essa deficiencia moral bastaria por toda a nossa vingança.

Rio, 16 de Abril 1887.

VALENTIM MAGALHÃES.

## NOCTURNO

Como a noite está fria! A quando e quando Dobram-se fura as arvores com o vento; crescentes nuvens em compacto bando Correm no firmamento.

Arde em meu quarto a lampada tardia. Os meus livros me esperam... mas que importa....

Quero sonhar, ouvindo a ventania — Espectro errante a soluçar-me á porta.

Meu amor! meu amor! em que abandono Dormes! que pedra aterradora em cima Te puzeram, que ego vão no eterno somno A minha voz te anima?!?

Levaram-te: um caixão com laxas de ouro, Um carro de ouro e crepe... horror inflado! E no caixão deitado um vulto louro Postas as mãos, dormindo.

— Accorda! accorde! A noite está tão fria! — Mas escuto uma voz... é a voz da morte. E a voz da morte é a voz da ventania — Espectro errante a soluçar-me á porta.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

## IDEIAS DE TODAS AS CORES

As imagens e figuras, em um escriptor, só têm real valor quando symbolizam idéias originias e conceituosas. Fazer *estyló* só por amor da arte é um pedantismo e uma inutilidade.

A differença fundamental que existe entre os escriptores naturalistas e os idealistas é a seguinte: os primeiros estudiam a vida pela observação directa da natureza; os segundos a vêm em quinta dynamisação, através dos livros e das tradições. Aquelles vivem em um mundo real, estes em um mundo imaginario.

Politica e Diplomacia, duas sciencias importantissimas, vastas e complexas, mas cujas denominações são hoje synonimos de dissimulação, astucia, egoismo, conveniencias e corrupção!

« Com teu amo não jorges as peras. » « Na boa ou má demanda põe o escripto da tua banda. »

Eis o que se devia escrever no adito do templo augusto da Justiça e do Direito.

E' engano! suppor-se que os bens da fortuna tornam o homem mais independente e melhor.

O dinheiro apenas põe em maior evidencia as boas qualidades ou os defeitos de que a natureza dotou quem o possuie. Se tem boas intenções, a fortuna lhe proporciona meios de as realizar, ou pelo menos de as patentear; se nas veias lhe corre máu sangue, o ouro apenas faz com que elle possa elevar o mal á altura de um principio, impondo a sua immoralidade ao genero humano.

Iago, rico, seria Shylock; príncipe, seria Nero ou Caligula.

A independencia moral é tão independente dos bens de fortuna, que um bohemio de George Sand exclamava quando mostrava as algibeiras vazias: — *Voilà mon indépendance!*

Esta boutade é menos paradoxal do que parece.

Ha tanto patriotismo nos que propõem reformas que acelerem o progresso de um paiz, como naquelles que se oppõem aos excessos e desmandos dos primeiros.

D'ahi nasce o equilibrio social. A unica coisa que se deve exigir dos homens politicos é que sejam sinceros.

O jornalismo fluminense, em sua ge-

neralidade, está hoje reduzido ao seguinte — *blague*, troça, debochs.

Ninguem diz o que pensa nem o que sente. Por amor de uma pillheria ferina ou de uma insulsa pactuchada, os nossos jornalistas sacrificam o bom senso, os impulsos do coração, o proprio interesse pessoal; quanto aos principios e ás ciencias, estes não os sacrificam elles, porque não os possuem nem para mezinhu.

Ha todavia algumas excepções.

O homem taciturno é sempre desconfiado e odiento.

A loquacidade é uma valvula por onde se escapam os ruins soutimentos. Gosto dos sujeitos grulhas.

Os que amam demasiado as gloriolas e a notoriedade vulgares nunca não de conseguir a reputação e a gloria.

Quasi todas as religiões fazem consistir na immobilidade e na inacção o gozo supremo e a bemaventurança. Grande erro. O gozo, o prazer, a ventura, só podem ser encontrados no movimento, no trabalho, na actividade moral, physica e intellectual. Fora d'ahi só existe este monstro sonnoalento e mortifero que se chama Tedio.

UDO.

## SONHEMOS...

Onde iremos pairar, toda envolvida, Tu, pelas illusões, E eu pela voz dulcissima, dorida, Dos nossos corações?

Dos versos meus harmonicos escadas Eu vivo a architectar, Por onde em noutes longas, estrelladas, Elevas-te a sonhar.

Elevas-te a sonhar! Dizendo em sonho Todo este grande amor Que me não dizes ter, mas que eu, risinho, Sempre adivinho, flor.

Quero-te assim! Nos versos e nas rimas, Que burlio por ti, Min'alma, fonge de perversos climas, Chora, canta e sorri!

Canta e sorri ás vezes; joutras vezes Chora, triste infeliz! E o que não dizes, anjo, entre os revezes A pobresinha diz.

Diz que receia que te fira forte A vil, maligna não, Porque tambem a tua morte é a morte D'este meu coração.

D'este que pulsa, como ignota corda, A luz do sol que tens Nos olhos teus, que a minha vida bórda De venturas e hens!

Onde irei eu pairar sem ti, sem este Labro que heijo só? Sem ti — perfumea brisa, que soergueste A mim — misero pó?

Ab! não queijas saber p'ra onde iremos, Que incerteza maior? Adores-me, eu adoro-te: sonhemos... Sonhemos, que é melhor.

Sonhemos! e que vivas envolvida, Tu — pelas illusões, E eu — pela voz dulcissima, dorida, Dos nossos corações!

1887.

ALFREDO DE SOUZA.

## PREFACIO DOS AZULEJOS

( Continuação )

Ab! se a nossa amada Lisboa, velha crenda do abbado que se arrebeca á franceza, tivesse já comprehendido o que, neste anno da Graça de 88, já largamente comprehendeu a aldeia de Carpentras, famosa pela sua coturricia, — que o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ella é na sua realidade ou não como tu a poderias idealizar na tua imaginação—sein honror o teu livro suspeito de Naturalismo! Obra naturalista significaria então, para a nossa bondosa Lisboa—obra observada ou não sonhada; obra modelada sobre as formas da Natureza, não recortada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da Vida, e não nesse monturo molle, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho de rhetorica, que ainda atravanca um conto da Arte, e onde se vê ainda, por vezes, brotar uma florinha triste e melada que pende e que cheira a mofo.

Mos como tu sabes, amigo, nesta Capital do nosso Reino permanece a opinião cimentada a pedra e cal, entre leigos e entre letrados, que Naturalismo, ou, como n Capital diz, Realismo—é *grosseria e sujidade*! Não tens tu reparado que quando um jornalista, copiando no seu jornal com penna habil a Parte de Policia, que é o *roast-beef* da Imprensa, menciona um bruto que proferio palavras immundas, nunca deixa de lhe chamar com uma ironia cujo brilho raro o enche do justo orgulho,— *discipulo de Zola*?—Não tens notado que nos Periodicos, quando se quer definir uma maneira especial de aer torpe, se emprega esta expressão consagrada— *ó Zola*? Não tens tu visto que, ao descrever um easo sordido ou bestial, o homem de Gazeta acrescenta sempre, com um desdem grandioso: « para contar bem como tudo se passou precisavamos saber manejar a penna de *Zola*? ». Assim é, assim é! Estranha maravilha do Asneira! O nome do épico genial de *Germinal* e da *Oeuvre* serve para symbolisar tudo que, em actos e palavras, é grosseiro e immundo! Isto passa-se n'uma terra que na geographia politica é uma Capital e se chama Lisboa—mas que, na ordem do pensamento e do saber, é um logarejo sem nome.

Meu Deus, sejamos justos! Tambem em Franca, em Inglaterra, ha quinze annos, houve a mesma opinião sobre o Naturalismo; tambem gritaram *grosseria, sujidade*, os nescios e os malignos, ao apparecerem essas vivas, rijas, fecundas, resplandecentes creações do *Assomoir* e de *Nana*. Sómente em Franca, em Inglaterra, bem depressa os nescios comprehendiram ( como já muito bem tinham comprehendido os malignos ) que se não tratava d'uma litteratura expressamente libertina, filha de Boccaccio, de Brantôme e de Piron, especulando com o vicio e fazendo dinheiro com elle—como parallelamente o Sr. Ulbach e outros pudicos peoros procuram judiciosamente acumular pecunia, fabricando correctos quadros de virtude para uso dos Collegios de meninas: mas que se estava em preença d'uma larga e poderosa Arte, fazendo um profundo e subtil inquerito a toda a Sociedade e a toda a Vida contemporanea, pintando-lhe crumentemente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua aanta missão de verdade, occultar detalhe nenhum por

mais torpe, como, na sua scientifica necessidade de exactidão, um livro de Physiologia não pôde omitir o estudo de nenhuma função e de nenhum órgão. Ora esta nobre Arte não julga dever mutilar a Realidade ou falsificá-la, compromettendo assim o seu grandioso fim moral, só porque poderia fazer corar as meninas—as meninas que, segundo nos revelou ultimamente o castíssimo e idealíssimo Feuillel, conhecedor perfeito dos costumes da Virgíndade, quando estão juntas, todas de branco, n'um canto de salm, tem conversas *qui feraient rougir un singe*, que fariam corar um macaco! E om verdade vos digo, oh meus concidadãos, o macaco é desde Plínio considerado como a mais impudente, a mais obscena das creaturas que sahiram das mãos inexgotáveis do Senhor!

Mas a nossa terra, amigo, nunca assim o comprehenderá. Para ella Naturalismo é cousa suja—o cousa suja ficará. Desde que nós, portuguezes, laboriosamente conseguimos arranjar uma idéa dentro do craneo—a nossa perguisa intellectual, o nosso desleixo, este fundo de desdenhosa indifferença que todos os mortidonaes tem pelas fideias e pelas mulheres, impede-nos de lhe moxer, de a tirar do seu canto, onde ella fica ganhando bolor em tranquillidade e pura sempre. Em Litteratura, em Costumes, em Polittiva e no Fabrico do chinollo de orellelo, nós estamos vivendo e estamos morrendo d'este obtuso, viscoso afferro ao vago das primeiras impressões. Seria inutil ir explicar, em berros, por uma tuba de bronze, aos ovvidos da nossa suave Lisboa, aecorada á beira do Tejo a ver correr a agoa—o que significa Naturalismo. Depois de estoiraraoos o peito a bramar-lhe que elle não se filia no Marquez de Sade, que não é *grosseria nem sujidade*, o que vem d'Hamero, a travéz de Shakspeare o de Moliere, a delittosa Cida le, leiga ou letrada, desviaria da corrente o olho lento, o murmuraria com aquella voz pachorrenta e bonachã que é tão sua:—«O Naturalismo? Está fallando do Naturalismo? Bem sei, é grosseria e sujidade...»

Assim ella é, docemente cabeçada. O que não impede que se arroncsse com voracidade sobre todas essas *Nanas* esses *Pot-Bouilles*, brochados d'amarello que declarou grosseiros e sujos! E a ponto que não tolera, e deixa cobrirem-se de bolor nas livrarias, os bichitos innocuos que os mestres lhes cosilhavam com n pura farinha do Idealismo. Não lhes pega! Quer lodo, o lodo, que ella condemn nas salas, decotada e anstera.

De tal sorte que assistimos a esta cousa pavorosa. Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrymas repressas, besuntam-se tambem de lodo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, quo tão indignadamente nos arguinm de chafurdarmos n'um lameiro, veem agora pé anto pé enlabusar-se cou a nossa luma! Depois, erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas letras este letreiro—*romance realista*—, parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste na face mascarada:—« Olhem tambem para nos, leiam-nos tambem a nós... Acreditem que tambem somos muitissimo grosseiros, e que tambem somos unittissimo sujos! »

«Todavia ha ainda n'esta terra espiri-

tos escrupulosos e tímidos que, considerando ingenuamente os livros naturalistas como immundícies *in-S*, os repellem com um desdém que é pueril e sincero, comico, mas honroso. E para esses se torna necessario ir já gritando pela serra acima—que o teu livro, aphez de acompanhado por um d'esses exgaravataadores de Verdades que fossam nos monturos humanos, longe de ser um dos fructos podres que ama o Naturalismo é uma flor bem viçosa, bem graciosa, bem aromatica! Mas preciso tambem dizer aos espiritus mais numerosos, e superiores, que detestam flores de papel—que n Naturalismo acceita a tua flor como sua, por ser natural, forte de seiva, com seguras raizes no solo da Natureza.

Tu pozeste ao livro amavel o nome de *Azulejos*—nome claro, alegre, lustroso e bem meridional!... Elle exprime, gentilmente, a natureza dos teus contos que offercem cada um o desenho vivo e curto d'um bocado da vida real, entrevisto, fixado ligeiramente, na primeira frescura da emoção. Do certo te foi suggerido por esses revestimentos d'azulejos que tanto alindam as paredes de conventos, de vellins vivendas de campo, onde se veem, dentro d'uma borladura ingenua de folhageas d'acantho, n'um dobxo azul e nitido, scenas concisas da vida ncliva—uma caçada com lanças, uma comitiva de fidalgos viajando, barcos á vela descendo um rio, frades em recreio sob as arvores d'uma cerca. Assim, tu traças nos teus *Azulejos* breves esboços da Vida interior e affectiva. É aqui a historia discreta d'uma paixão romanesca, d'essas que encheram de lagrymas o coneço do seculo, no tempo dos braços, dos mosteiros e das sacaras; e a ternura singella e absoluta d'uma pobre costureira, rosa meia murchn d'agua-furtada, que o primeiro sopro da realidade inclemente faz tombar de todo esfolhada; é uma devoção de pae religiosa e simples, toda perfumada d'essas crengas d'aldeia, que são fumo, como o fumo das lareiras, mas como elle revelam o descanço, a paz íntima, a alma aconchegada e contenta na sua fé: é a *Guitarra do Braz*, gemem lo pelas tabernas n sentimentalidade doentia e viciosa dos bairros de fabricas... E todos estes quadros são *azulejos*, verdadeiramente tratados á maneira dos *azulejos* de louça n'um corredor de mosteiro: não ha n'elles nada de duro, d'opaco, de empastado: são facies e limpidos; tem a precisão fina e graciosa d'um contorno azul sobre um fundo branco.

E o que me agrada no teu livro é esta maneira fugitiva, alada, acariciadora, de pintar as couzas em azul e branco. Revelas-te assim um delicado. Sem te ser estranha a essencia da Vida e da Realidade, não parece estar no teu gosto, no teu temperamento, talvez, ir revolve-la até ao amago com a curiosidade aspera da paixão. A tua pena roça simplesmente os contornos da Natureza, marcando-os com um traço macio tenue. Não escava para baixo, onde está a hulha e o ouro. Comprehendes bem a utilidade e a belleza de descer até ás sombrias entranhas da Vida, a surprender a palpitação que tudo determina; mas achas, com razão, mais attractivos em ficar á superficie onde os jasmíns florecem e cantam os melros.

O filho mais moço do desleixado Augias, que era tambem um artista em faiauca, foi o unico a dar o vinho

da boa acobrida e applaudir Hercules, quando elle chegou para limpar as pavorosas cavallariças do rei seu pae. Mas apenas o sereno heroe, pondo a um canto a sua clava, partiu a affrontar as seculares immundícies, o filho d'Augias refugiou-se na mais alta torro onde não pôdesse perceber o sobrehumano trabalho d'Alcides, nem sentisse os cheiros que d'elle se iam exhalar: e ahí, graciosamente, começou a pintar n'um vaso uma cavallariça, mas toda de jaspe e d'ouro, ou lo estavam presos, fulvos e cor d'aurora, os quatro cavallos de Phebo. Assim tu, comprehendendo a grandesa magnanima de quem remexe lodos e detritos para purificar o ar d'um Reino, achas todavia mais doce ficar a espalhar cores n'um vaso, vendo brilhar por entre os esteios da vinha o azul do mar da Hellenia. Bem fazes tu! Colhes apenas a flor das couzas que pôde ser roxa e melancolica ou amarella e festiva, mas é sempre uma flor; emquanto nós nos dobramos a analysar scientificamente as raizes que são negras, que são felas, e veem sujas da terra rude em que mergulham e sugam.

Para lizar esses bocaos de Vida real entrevistos e presentidos tens uma forma excellente, toda de naturalidade e de transparencia. Falta-te de certo esse relevo crespo, intonsamente lavrado, que em França tanto surprehende e agrada modernadamente, e onde se trahe o doloroso esforço do artista, numa ancia de originalidade, gemendo e empallidecendo sobre o seu buril. Ainda bem! Foi essa forma franceza (de que os Goncourts lançaram a semente imprudente, e de que os Parisiinos em Prosa e Verso produziram as flores extremas, frias e brilhantes como labores de joalheria) que desembrecada, num dia desastroso, dum paquete de França, e logo macaqueada sem senso e sem gosto, originou entre nós esses estylos grotescos e insensatos que infestam toda a obra escripta da geração nova das le relatorio até ao madrigal; estylos disparatados, picaros, relles; elles lembram a incoherencia de quem baralha palavras no tresvariã d'uma febre, e lembram a pelintrice de quem, numa villa sertaneja, arvora gravatas de vellulo verde-gaio julgando reproduzir «os requintes de Paris»;—e assim dão o horror inesperado e arripiador d'uma cousa que é ao mesmo tempo delirante e pulha!

A tua simplicidade, Deus louvado, é fluida e correcta: e possnes assim a melhor maneira na arte do Conto, com essa meia tinta, essa agua límpida, que não empasta e deixa ver até ao fundo diaphanamente.

No Conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sobrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, ou nuna dessas palavras que escapt dos labios e traz todo o ser; da paisagem somente os longes, numa cor unida. Tu em boa hora seguiste fielmente esta Poetica, que é veihissima, que já vem de Horacio. E isso forma um dos encantos dos teus *Azulejos*.

(Conclue no proximo numero.)

Ê' A DE QUEIROZ.

Em toda a minha vida apenas tenho tião um fanatismo: o da tolerancia.

Fr. Sarcey.

## VISITA A UM TUMULO

Passa sobre a na smatime e reatrada no decorrido de milha, a 1 de Março de 1887, pelo actor Eugenio de Mazullo, em benefício do Lazgo de D. Luiza Regadas, e que foi expressamente escripta para esse fim,

Tudo é paz; tu lo repousa.  
A propria luz, mercenaria,  
Parece querer fugir...  
Ainda passo uma louca,  
E em cada louca uma historia  
E um coração a dormir...

Quantos mundos de ventura,  
Quantos aures paralizaciones,  
Quanta illusão, quanto amor  
Não devora a sepultura:  
Livro de prantos e risos,  
Sem leitores, sem auctor.

Ê', joliaiva, um piedoso  
E doce consóio á magnin  
Que n'alma a soulisse faz,  
D'esse livro mysterio-a,  
Let, com os olhos rasos d'agua,  
Na capa o triste—«Arquyl jaz»

Duns palavras apenas,  
Que são duns mariellitas  
Profundas, longas, cruéis...  
E adeus, illusões aerezas,  
Adens, crengas estreladas,  
Adens, sonhos inleis!

Tudo afundam, quebram tudo!  
De uma vida, ha pouco em flores,  
Fazem um pouco de pó.  
Depois... um deserto nullo,  
Em que só vegeam d'ouros  
E correm lagrymas...

A' noite, á lua tristonha,  
Pallidos lumes escasso  
Tremeu sobre os maulóios...  
Canta harmonia então sonha,  
Frios olhos, petreos braços  
Erguem-se lentos aos ceos,

Dormem villas e cidades...  
Silencio enorme no entanto,  
Eis surgem brancas visões,  
São as pallidas saudades  
Que vêm visitar em pranto  
Esses mortos corcujos.

Como as saudades, agora,  
Vou, das saudades pungido,  
Um coração visitar:  
Coração morto na aurora,  
Quando ia, alegre e querido,  
Abrir as azas, voar!

Vou levar-lhe este punhado  
Das lindas flores singelas  
Que tanto no mundo quiz:  
No seu tumulo gelado,  
Aos olhres das estrelas,  
Talvez a façam feliz.

Cóitada! passou na terra  
Como irisada phalena  
Que nuna luz se perdeu;  
Dos homens por entre a guerra  
Passou, candida e serena:  
Cantou, sorriu-se... e morreu.

Quem foi? Um sorriso, um hymno,  
Uma bençã consolante...  
Uma estrella, um rouxinol,  
Faz de um lar—pouso divino,  
Que, seu sen olhar brilhante,  
É como um dia sem sol.

Vou levar-lhe este punhado  
Das lindas flores singelas  
Que tanto no mundo quiz.  
No seu tumulo gelado,  
Aos olhres das estrelas,  
Talvez a façam feliz...

VALENTIM MACHADO LINS.









**ALFAIATARIA****11 RUA DOS ANDRADAS 11**

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, coroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

**11 RUA DOS ANDRADAS 11**

J. DA SILVA LOPES

**A NACIONAL****CARLOS MORAES & C.**  
**66, RUA DA URUGUAYANA, 66**GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES  
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

**INTRANSMISSIVEL! INADIAPVEL!****GRANDE LOTERIA**

DA

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO**

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

**14 DE MAIO DE 1887**

INADIAPVEL

**MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS**

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio  
Segundo sorteio.  
Terceiro sorteio.100:000\$000  
200:000\$000  
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a'outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 23 DE ABRIL DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 121

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                             |                    |
|-----------------------------|--------------------|
| «A Semana».....             | A RENACÇÃO.        |
| Galeria do Elogio Mutuo—    |                    |
| XI—Rodrigo Octavio...       | ALBERTO SILVA.     |
| Historia dos sete dias....  | J. DO EGYPTO.      |
| A festa do amor, poesia...  | J. DE M. SILVA.    |
| Prólogo dos «Azulejos»...   | M. DE QUEIROZ.     |
| Notas bibliographicas...    | V.                 |
| A uma fonte, soneto....     | A. FURTADO.        |
| Palestras femininas.....    | ADELINA VIEIRA.    |
| Notas philologicas.....     | J. RIBEIRO.        |
| Historia verdadeira.....    | L. TOLSTOI.        |
| Coroa viva, soneto.....     | H. DE MAGALHÃES.   |
| Estilo de 1400.....         | A. CANABATE.       |
| Gazetinha litteraria.....   |                    |
| Theatros.....               | P. TALMA.          |
| Jornaes e revistas.....     | S.                 |
| «Tu quôque...», poesia...   | ALBERTO SILVA.     |
| Festas, ballas e concertos  | LORGNON.           |
| Collaboração: Paisagem, so- |                    |
| nho.....                    | J. M. DE AZEVEDO.  |
| » Contos e in-              | » AZEVEDO.         |
| » gulos.....                | LUCIA.             |
| » A brisa, poe-             |                    |
| sia.....                    | M. C. V. DA CUNHA. |
| Factos e Noticias.....      |                    |
| Correio da Gerencia.....    |                    |
| Recebemos.....              |                    |
| Annuncios.....              |                    |

## A SEMANA

Reencetamos hoje, como promettemos, a nossa *Galeria do Elogio Mutuo*, quo tanto tem dndo que falar á burguezia pasiencia e a alguns litteratos burguezes, dando o retrato de Rodrigo Octavio, elogiado por Alberto Silva; em o n. 122 virá o retrato d'este com elogio d'aquelle.

Pna o n. 123 temos nma bella surpresa...

Depois virão Raymundo Corrêa e Lucio de Mendonça, Alfredo de Souza e Henrique de Magalhães, Alcibiades Furtado e Vicente de Carvalho, Gaspar da Silva e Julio Ribeiro, Ezequiel Freire e Wenceslau de Queiroz, e ainda outros mais.

E' com extremo prazer, que hoje reencetamos as *Palestras femininas* da nossa illustre collaboradora D. Adelina Vieira.

Agradeceinos, de antemão, os parabens das nossas leitoras.

Aos nossaos estimaveis e estimados collegas do *Correio e Diário*, de Santos, *Diario Mercantil*, *Correio Paulistano*, *Provincia e Procellaria*, de S. Paulo, agradeceinos as lisongeiras expressões com que noticiaram a chegada, áquellas localidades, do nosso agente Francisco Fonseca e as affectuosas referencias que por essa occasião fizeram á nossa folha.

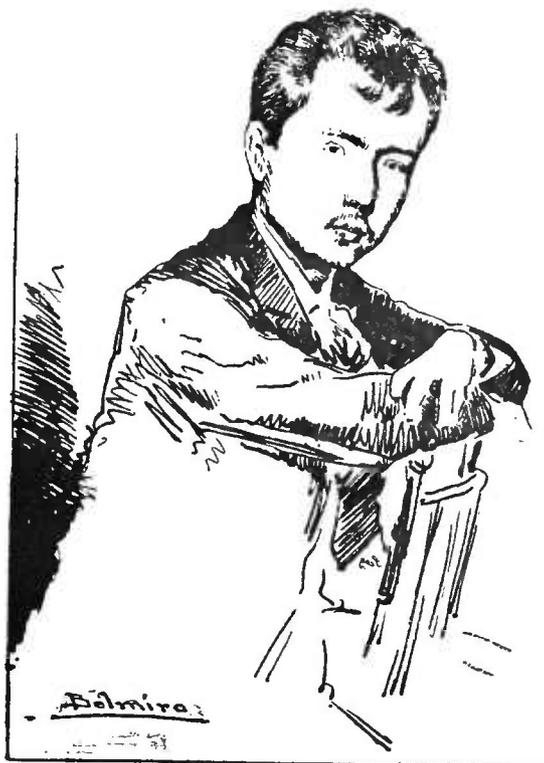
A todos um sincerissimo—obrigados!

A REDACÇÃO

## GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XI

RODRIGO OCTAVIO



Quando o Olavo Bilac m'o apresentou, estendi-lhe a mão vacillando...

E' que não sei nem um monosyllabo da lingua de Carlos Andersen.

Que! Era evidente pitheria do Olavo! Pois este... dinamarquez é o Rodrigo Octavio?

Sim... de Langgard Menezes! Altura mediana, rsforgado, louro, corado, com um pulvilhamento aureo no labio superior, olhos castanhos claros, levemente esverdeados, era, na verdade, só tirarem-lhe aquelle largo chapéo de lebre desabado, substituirem-lhe por umas callidas roupás a sobrecasaca, encarapuçal-o á modn dos patricios de Hamlet e ahi teriamos, á primeira vista um lutherano genuino, nm digno habitante das frias areias do mar baltico. Fosse mais franzino, esvelto, e caberia bem no palanquim azul doirado de uma canção oriental; poderia pizar o palacio deslumbrante de algum Vid-darba, seduzir o coração ingenuo ds encantadora Damayante, como um principe encantado, um trovador peregrino.

Porém, gordo como é, melhor fica na sua sobrecasaca, no supracitado sombrero, s captiva... elle bem sabe quem é a sua, quem são as suas Damayantes...

Perdão! minha senhora. Mas, sou ohrigado a dizer a verdade.

Elle ama tambem, a outra, ama-a'dou-damente.

Não empallideçaes: Camões tambem, No tempo em que do amor viverois, Em varias fiammas variamente ardia.

Tendes toda a razão; porém eile, o ingrato, o traidor, elle tem mais ainda.

Essa cruel Armida quen arrebatou, que vol-o rouba, essa poderosa Circe... ella tem o direito de preedencia. Não a odieis.

E' tão boa, tão ingeuna e linda! Como é generosa!

Daé ao vosso poeta um sorriso e ella vos agradecerá o mimo; atirae-lhe uma flor em que ella a transformará em nma borboleta que vos vá beijar a trança. As vossas lagrymas guarda-as em escriños de ouro, como raros diamantes, fecha em finissimos, facetados crystaes e essencia mysteriosa dos vossos suspiros.

Immaclada, tem por elle um amor como o de Pery, sem cinnes: — amor dos anjos.

E... conheceis-la; e até: amais-la mais a vossa rival!

Essa que lhe ensina os sonhos que elle vos conta, as historias de Willes que dançam ao luar, os segredos e blandicias de Romsu que elle desfere na lyra apaixonada... Coroa-se ds flores como Virginia, scisma de amor como

Julieta, menos deslitosa que esta, mais amorosa que aquella.

Tem um nome mais doce que o dos filhos de Israel. Deixae que o eleito do vosso coração redobre de paixão por ella, deixae que continue a alisar firme, convictamente, como o teu facto, como o fará a vossa bella rival,— a Poesia.

E quem poderá arrancar Rodrigo Octavio a essas seduções? Quebrar os sonoros grilhões do verso, eobos quas, tremula e amorosa, sua alma geme, suspira, banhada em lagrimas, captiva en-blime, divina prisioneira da gloria!

Vezeis ha em quo n bella condemnada sorri em jubilos mysteriosos de martyr d'essa outra religião; e, como Santa Thereza, engolpha-se nas visões serenas de um porvir esplendoroso como um penetral de luz, aberto, longe, na treva tristissima e oppressora que a cerca, que cercou todos aquelles que se voltam para o mundo tentando medir com os olhos da alma, com as azas do sonho, a interminada distancia do Bello, do Suprema Aspiração...

Hosannas aos que não perlem a coragem, não npostasiam antes do terro da escabrosa viagem; aos que, como Jesus, o Poeta da Caridade, o Inspirado do Perdão, chegam até o derradeiro marce milliarío— chegam até á cruz que lhes aponta, n'uma expansão de gloria, com os braços abertos, os horizontes azues, infindos, luminosos da liberdade eterna!

Rodrigo Octavio, porém, inda não foi fortemente golpeado na lucta.

Suas tristezas parecom antes o sentimento de nma dor que tarda, do que a cicatriz de uma desgraça que o feriu.

Contempla o mundo desolador e entristece-se com as affições dos outros; conhece as deslillmões da sociedade onde inda não pagou o cruel tributo seu bello coração.

Foi assim que escreveu *O sineiro*, *A margem do Parahyba* e outras lindas poesias. A sua vida é floresta pela primavera illuminada e florida, e não virgem do golpe atoador do rigido mangil, comtudo inda não ennegrecida pelo incendio da destruição, e, onde, emquanto talvez cauteloso tigre occultase, embosca-se, lubrica, boa famelia, constantemente.

«Rufando as azas, sacudindo as pennas,»

voeja, em choréas aeræas, a etrididia passarada alegre e trilhante. Recesse cortado de sombrae e claras faixas ds sol vivificante.

Tem nella prantos, como a floresta possuiu diamantes, s risos como nos cochos da espessura ha o veio nítido de ouro.

Verdade que, para elle alcançar a Andromeda da sua felicidade, não se fez ainda mister combater minotaurões... Ella entrega-se-lhe sem pejos, eem lucta.

D'ahi não terelle o impeto de Tantale, que morde as cadelas, o surto do Prometheu que se liberta e arremette medonho, allucinado, contra o céu, em busca do sonhado Ideal impossivel.

D'ahi a placidez de seu viver, que lhe transparece nes poesias.

Não tem occasião de dizer como Victor Hugo:

Je suis le poete farouche,  
L'homme devnir,  
Le souffre des douleurs, la bouche  
Du clairon noir.

Ama a mulher não só pelo que ella é, mas pelo que lhe recorda, lhe inspira de angelico é mysterioso.

O amor? eis sua divisa:

Il resterait peu de choses  
A l'homme qui vit un jour,  
Si Dieu nous ôtait les roses,  
Si Dieu nous ôtait l'amour.

Contudo, se não faria na *Canções do Sangue*, do auctor das *Carresses e Blasfêmias*, é bastante honra ser dos mais dedicados discípulos de F. Coppée, ter a delicadessa esmerada do Prudhomme, que todos lhe reconheçam.

Sae-lhe um soneto das mãos como uma taça lavrada por Celline, transbordando do nectar de inebriante inspiração.

Leve-os assim nos *Pampagos*, seu livro do estrião.

Possue-os no que entregou ha dias ao prelo—*Poemas e Idyllios*, o qual virá mais confirmar o seu invejavel talento e assegurar-lhe logar honroso entre os nossos bons poetas.

Falta-me dizer que tem a gloria de ser filho de Campinas—berço de Carlos Gomes—, onde nasceu a 11 de Outubro de 1866; que se estreou como advogado nesta cidade ha mezes, com muitos galbos da imprensa e o toiro do Paiz, o qual, infelizmente para o nosso poeta, não deixa de ter na litteratura — echos de toda parte...; que é secretario do Gremio de Letras e Artes, e...

La-me esquecendo do traço negro, não digo bem, — quasi negro; avermelhado da sua individualidade... é o guarda-chuva que lhe pende do braço curvo, onde o poeta o traz sempre, escandalosamente enghanchado...

Reparo agora que elle talvez não fique contente com o que eu disse. Pintor tão louro que é capaz de ficar furo... de colera e, no proximo sabbado virar-se de mim, que sou moreno, importando demais a tinta e exhibindo-me ali um descendente de principes de... canitar; tinto de urucú, atado de acangapés e acoyabas, soprando desastradamente agudo napy, a emergir das sombras cheirosas dos palmeiras do antigo «Morro dos Caboclos» no flanco virgíneo e florido da Nichoroy das saudosas tradições do Tupan.

Esperemos.

ALBERTO SILVA

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Embora os boletins dos medicos da imperial camara affirmem que a saude de S. M. não corre perigo e que o seu estado é cada vez mais satisfactorio, continúam a correr boatos inquietadores, que, por seu turno, affirmam não ser a cousa tão lisongeira como se diz officialmente, e que a *diabétis*—de que não dão noticia os medicos palacianos, mas de que é sabido soffrir ha muito o Imperador,—continúa na sua marcha fatal. O que ha mesmo de verdadeiro em taes noticias e boatos difficillimo é saber-o. Mas não resta duvida de que anda ali dentinho de coelho.

Z' Per já está acostumadissimo a ignorar a verdade e a «ir de embrulhos» em todas as questões graves e de importancia.

Portanto, é não se preoccupar com isso, certo de que o que for, a seu tempo, embora muito mais tarde, ha de soar. Custa pouco esperar... quando se tem mais que fazer.

A admiracão publica foi durante a semana quasi exclusivamente monopolizada pelo Jury.

A elle o embasbamento boquiabertissimo do Z' e a gratidão do historiadador hebdomadario, torturado pela necessidade de contar *historias*, pela falta da historia.

A principio foram as enormes difficuldades em reunir numero legal de jurados para funcionar o tribunal. A inexecução das multas impostas, mas não cobradas, traz de quando em

quando o displicente resultado de si se abrir a sessão mensal de julgamento muito tarde, depois de multiplos socorros da urna supplementar e de innumerns massadas. Foi o quo se deu d'este mez. Finalmente entrou o jury a funcionar. Antes não comoçasse, pois tem feito disprates e injustiças de todos os tamanhos, cores e feitios.

No dia 16 condemnou a 25 mezes de prisão com trabalho e multa de 12 1/2% do valor roubado a um sujeito que roubou um relógio despertador, 78500 em dinheiro e uma ceroula.

O jury nem ao menos lembrou-se de que o bomeim podia ter feito mão leve sobre o relógio despertador com o fim unico de servir-se d'elle para despertar a consciencia nos momentos psicologicos da surripiagem.

Para desfazer a má impressão produzida por tão excessivo rigor, absolueu, no dia 21,—por dez votos!—o italiano Exposito que ferira a marteladas uma mulher, na rua de Gonçalves Dias.

No dia 19, porém, foi que o Jury deu a mais bella copia do seu criterio, da sua imparcialidade e da sua illustração, pois foi o mesmo conselho que fez proezas identicas aquellas.

Julgou primeiro um italiano, por signal chamado Paganini—o que teria permittido ao Sr. promotor publico exclaimar, depois de narrado o crime: «E que tal o da rabeca?»—acusado de ter furtado tres contos do vigário, digo: tres contos de reis, mas contra o qual não havia nos autos uma só prova, apenas indicios para a pronuncia,—e condemnou-o à mesma penna com que fulminára o ladrão da ceroula: julgou depois um sujeito que ferira uma mulher, mandando-lhe à *lata* uma de man-teign, delicto presenciado por testemunhas, que depuzeram contestes, e até confessado pelo reu,—e absolueu-o! Edificante, hein?

Eu, se fosse o promotor publico, propria, ao encerrar-se esta sessão, que fosse retratado a oleo de figados de bacalhau, os inclitos jurados d'este mez e que se desse a cada um d'elles o habito da Rosa ou a patente de coronel da Guarda Nacional.

Neste andar, não tardará muito que quando um typo quizer chamar a outro de desmarcado pandego, de patuco marca X. P. T. O—lue diga, com um gesto de troça:

— Homem, Você é um jurado!

E quando voltar um suco de um regabofe desabotinado, dirá, bamboleando cabeça e quadris:

— Venho de um jury de repicaponto! Um jury de tresentos dinhos!

Eu quizera experimentar a sensação que sentio o Sr. Dr. Lacerda Werneck ao receber, na primeira delegacia de policia, o bilhete n. 4119 da loteria do Ypiranga, premiado com 150 contos de reis, o qual se havia extraviado por artes de berliques e berloques e por artes de berloques e berliques reapareceu.

Não seria lá pelos mesquinhos 150 contos... está visto. Quem ha que possa ter sensações novas por tão insignificante quantia?

Seria somente pelo prazer de reencontrar-me com o meu extraviado bilhetinho, ver-lhe a cor, apalpá-lo, ler-lhe o numero, guardá-lo na carteira e ir jantar tranquillamente, com a modestia do costume, apenas com a differença

de ouvir a mysteriosa musica que elle me havia do cantar dentro do bolso.

No dia seguinte, se não chovesse e eu me lembrasse de tal, iria talvez trocar aquella pedacito de papel lithographado pelos cento e cincoenta contos que competiam ao seu possuidor. Mas não seria lá pelo dinheiro, repito, que eu desejaria estar no caso do Dr. Werneck. Seria cá por cousas...

Muito amiguinha dos senadores mineiros se tem mostrado ultimamente a Morte. Dentro em poucos dias, levou nada menos de tres—Martinho Campos, Antão e Luiz Carlos.

Tres curiês vazias. Vae ser um sarilho tremendo de candidaturas, chapas, circulares, cartas, pedidos, intrigas, opposições...

Quem deve estar contente é o Sr. Cesario Alvim, pois não é provavel que não consiga encaixar-se em alguma das tres listas triplices.

Até parece que fez pacto com a Morte. Crédo! Para não perturbar a politica mineira e tranquillisar os candidatos, devo declarar desde já que o não sou, pois, felizmente para mim e infelizmente para a patria amada, ainda não fiz quarenta annos.

Houvo duas perspectivas de duello durante a semana. Já se sabe:—entre jornalistas. Felizmente não houve troca de balas, mas de explicações; não houve derramamento nem de sangue nem de *champagne*, mas apenas de tinta.

Os apertos da dignidade solveram-se como apertos... de mãos, e os actos causadores das pendencias terminaram em... actas.

Mudança de vogal, apenas: porque tudo o mais ficou na mesma.

Eu sei quem gosta d'esta introdução dos duellos para desatar questões de imprensa.

São os nossos visinhos Guimarães & Ferdinando e seus collegas negociantes de papel e tinta.

Bem bom... para elles; e para nós tambem, quo não nos vemos obrigados a derramar por estas tras abaixo, como se fossem actos de um drama de D'Ennery, Parahybas de sentido pranto—o que constiparia naturalmente estas pobres e tão ensossas *historias*.

Viva o duello e chova... descompostura!

JOSE DO EGYPTO.

## A FESTA DO AMOR

Na sala, a peccorrucha huliçosa  
Dizeo graças e a fazer piruetas,  
Sacudia o vestido cor de rosa  
Bem como azas sem fim de borboletas.

Em cachos balançavam as madeixas  
Fingindo grupos de serpentes de ouro;  
Flores de aurora se abrem nas bochechas  
Das maçãs sahorosas do vindouro.

As chrystalinas, lepidas risadas,  
Repiques miudos de harmoniosos trillos,  
Têm a pureza, em noites estreladas,  
Da orchestra aguda de infinitos grillos.

As scentelhas dos olhos, lampejando  
Das trevosas pupilas nos negrumes,  
Lembram na escuridão a valsa quando  
Nam-ram, piscam muitos vagalumes.

O vôo recortado e a tão graciosa  
Risada de convulsas campainhas,  
Si as andorinhas fossem cor de rosa  
Fôra um baile no azul das andorinhas.

Sentada a mãe, sorrindo, triste via  
Do anjo do tar ditoso a garrulice,  
E no longe, no passado, decessesca  
Com saudades da sua meninice.

Eis que a filha cançou: ligetnos passo.  
Pra ella volta chela de carinho;  
Como o pombo inda implume estendê os braços,  
Sobe num beijo até chegar ao ninho.

Encosta a fronte no pomar do seio,  
E no abraço embebida e reclmada,  
Ao canto moço e estremecido ancelo  
Imita a flor de muito sol caçada.

Abre num beijo do somno na indolencia,  
Ergue os olhos, em vão, tremeluzindo,  
E nos sonhos doira os da innocencia  
Antes que o riso acabe dorme rindo.

Quadro impossivel mesmo a um novo Rubens:  
Num canto e reza, a mãe á creança amta,  
E ella sonha que vaga sobre as nuvens,  
E que ouve um côro angelico de cima.

J. DE MORAES SILVA.

## PREFACIO DOS «AZULEJOS»

(Conclusão)

Mas o encanto maior, para mim, está nessa vibrante e fina sensibilidade, meia chorosa e meia risonha, que em cada pagina palpita. Tu começa por ter umn emoção triste em presença da vida. Oh, não dorrarias do certo os prantos obstinados do elegiaco, nem te devasta a desolação do propheta! Bem longe disso! A tua é uma melancolia leve, resignada, como a pôde sentir quem, tendo um temperamento sympathico ás dores humanas, comprehende ao mesmo tempo que ellas são a parte inilludível, quasi necessaria, d'um mundo em que é delicioso viver. Ora, esta fé mundana no encanto da vida mantém desde logo a tua emoção num tom justo: impede-a de cair no *sentimentalismo* e no *sensibilismo*; e é ella que te dá essa ironia, tímida e esbatida, mas bem visivel, que parallelamente a uma tristeza doce atravessa os teus contos, corrigindo o teu vago enternecimento de apaixonado com o seu traço de finura critica.

E assim sensibilizado, vibrando sufficientemente para sentir a subtil poesia das cousas; amado d'uma ponta de ironia para impedir que as tuas creações se te azulem de todo sob a penna, num impulso de piedade sentimental, e se tornem romanescas e portanto falsas—tu podeste fazer obra delicada e original, misturando o teu livro de graça poetica e de verdade humana. São os teus contos, pois, ainda por este lado, realmente *azulejos*. A cor é azul, e portanto idealizada; mas nessa idealização de tom que pertence á imaginação e ao sonho— as figuras, pela exactidão do desenho, permanecem na Realidade e são seguras expressões de Vida.

Esta maneira de pintar a verdade, levemente esbatida na nevoa dourada e tremula da Phantasia, satisfazendo a necessidade de Idealismo que todos temos nativamente, e ao mesmo tempo a secca curiosidade do Real que nos deram as nossas educações positivas,— parece, de resto, a maneira melhor e mais interessante para quem, como tu, nada mais quer nas regiões da Arte do que saber de vez em quando, com senso e com gosto, contar uma historia, imaginada ou lembrada. Doce occupação essa, amigo, a de Contista, nos vagares

d'um casto Decamaron: nellin encontraris um prazer a-braavelmente fino n perfeito. A Arte, paru os que não se enclausuraram tolos nella como nos muros d'um mosteiro, poetisa singularmente a existenci. Se illu é na intimidade uma exposita clumeta, absorvente e deveridorn—mostra se áquelles que apenas de longo n longe dão com ella um passeio furtivo nos volhos bosques ds louro Delphico, cheia de gragas e de encanto que eleva! Pegar pensosamente á rabign d'um arado de ferro, o illo empurrando desde u alvn no crepusculo, por uma gleba resequida e empedernida, á labor doloroso e que enclie o ar de gomidos: é o labor d'um Flaubert, erguendo heroicamente: palavra a palavra o seu monumento, com um penha rebelde. Mas, neste mesmo campo, tratr d'um canteiro de rosas, na limpidez da tarde, quando ha frescura e sombra, á cousa repousante e salutar: o Conto á esta leve flor d'Arte que se cultiva cantando. Distracção quo encerra uma educação: passar o dia, longe da Casa Havaneza e das suas pompas, aperfeçoando uma phrase a buril, recortando uma imagem no tecido alado da Imagination, colorindo do luz e verde um canto de paisagem — é nun alta lição de gosto quo onobreo o affim mais delicadamente todo o ser.

E depois, amigo, a Arte offerece-nos a unica possibilidade de realizar o mais legitimo desejo da Vida — que é não ser apagada de todo pela Morte. Agora que o Espirito, tendo uma consciencia mais segura do Universo, se recusa a crer na capciosa promessa ds Regiões de que elle não acabará inteiramente, e irá ainda, em regiões do azul ou do fogo, continuar a sua existencia pelo estasi ou pela dor — a unica esperanca que nos resta de não inorormos nbsolutamente como as couves é a Fama, essa Immortalidade relativa que só dá a Arte.

So a Arte realmente póde dizer aos seus eleitos, com firmeza e certeza — «Tu não morrerás inteiramente: o mesmo amortalhado, mettido entre as taboas d'um caixão, regado d'agua bonta, tu poderás continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra elle prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda quo, fixado definitivamente na tua obra, pareça immobilisado nella como um mumia nas suas ligaduras, elle terá todavia o supremo symptoma da Vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamentos e atravez das croações d'elles estará perpetuamente creando. Mesmo o teu riso d'um momento reviverá nos risos que fór despertando; e as tuas lagrimas não secarão porque farão correr outras lagrimas. Ficará para sempre vivo, por te misturares perpetuamente á vida dos outros; e ns mesmas linhas do teu rosto, o teu traje, os teus modos, não morrerão, constantemente rememorados pela curiosidade ds gerações. Assim não desaparecerás nem na tua forma mortal: e serás d'esses Eternos Videntes, mais eternos que os Deuses, que são os contemporaneos de todas ns gerações, e vão sempre marchando no meio da Humanidade que marcha. Espiritos originaes a que se accendem os outros espiritos para que se não apague o fogo perenne da Intelligencia — eguaes a essas quatro ou cinco lampadas que leva a grande Caravann da Mecca, para que a ellas se ncedam

lareiras e tochas, e a Caravann possa sempre marchar, orando sempre, e segura.»

Esta promessa, amigo, não é falaz. A arte é tudo porque so ella tem a duração—é tudo, o resto é nada! As Sociedades, os imperios são varridos da terra, com os seus costumes, as snas glorias, as suas riquezas: e se não passam da memoria fugilindos homens, se ainda para elles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque d'olles ficou algum vestigio d'Arte, n columna tombada d'um palacio, ou quatro versos n'um pergaminho. As Religiões só sobrevivem pela arte, so ella torna os deuses verdadeiramente immortaes — dando-lhes forma. A Divindade fica absolutamente divin—quando um einzal de genio a fixa em marmore; inspira então o grande culto intellectual, que é o unico desinteressado e o unico consciente: já nada tem a soffrer do Livre exame; entrn na serena região dos Incontestaveis e só então deixn de tentheos. O mais austero catholico é ninda pagão, como se era em Cithern, deante da Venus de Milo. E a Nossa Senhora do Ceu só tem ndorações unanimes o louvores aem contestação, quando é o pincel de Murillo que a ergue sobre o Orbe, loura e touca-la d'estrellas.

A Arte é tudo—tudo, o resto é nule. Só um livro é capaz de fazer a eternidade d'um povo. Leonidas ou Pericles não bastariam para que a velha Grecia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos ospiritos: foilhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é ephemero o ouco nas Sociedades—sobre tudo o que n'ellas mais nos deslumbra. Pode-me tu dizer quem foram no tempo de Shakspeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Onde estão os saccos d'ouro d'elles, e o rolar do seu luxo? Onde estão os claros olhos d'ellas? Onde estão as rosas de York que floriram então? Mas Shakspeare está realmente tão vivo como quando, no estreito tablado do *Globe*, elle dependurava a lanterna que devia ser a lua, triste e amorosamente invocada, allumiando o Jardim dos Capuletos. Está vivo d'uma vida melhor, porque o seu Espirito fulge com um sereno e continuo esplendor, sem que o perturben mais ns humilhantes miserias da Carne!

Nada ha mais ruidoso, e que mais vivamente se sarcoteie com um brilho de lantejoulas—do que a Politica. Por toda essa antiga Europa Real, se vêm multidões de politiquetes e de politições enrofiados, enplumados, atordoadores, caqueirando infernalmente, de crista alta. Mas concebes tu a possibilidade que d'aqui a cincoenta annos, quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, algum se lembre dos Ferry, dos Clemenceau, dos Canovas, dos Brigh? Podes-me tu dizer quem eram os ministros do imperio em 1856, ha apenas trinta annos, quando Gustave Flaubert escrevia *Madame Bovary*? Para o saher precisas desenterrar e esgaravatar com repugnancia velhos jornaes bolorentos: e achados os nomes nunca verdadeiramente poderás differenciar com nitidez o sujeito Baroche do snjeito Troplong; mas de *Madame Bovary* sahes a vida toda, e as paixões e os tedios, e a cadellinha que a seguia, e o vestido que punha quando partia á quinta-feirn na *Hirondelle* para ir encontrar Leon a Rouen! Bismarck todo-podroso, que é Chaceller e de ferro, d'aqui a duzentos annos será, sob a ferrigem que o ha de cobrir, uma d'essas figuras d'Es-

tao que lornem nos archivos e que pertencem a sua erudição historica: o Papa Leão XIII, tão grande, tão presente que até as crianças lhe sabem de cór o sorriso fino, não será mais, na longa fila dos Papas, que uma vaga tiara com um numero; mas duzentos annos passará, e mil—e o nome, a figura, a vida de certo homem que não governou nem n Allemanha nem a Christandade estará tão fresca e rebrilhante como hoje na memoria grata dos homens. Porque? Porque um dia, uma ilha da Mancha, ao rumor dos mres e dos ventos, elle escreveu nlguns centos ds versos que se chamam a *Lenda dos Seculos*.

Bem melhor do que eu o diz a curta canção:

«De vingt rois que l'en encense  
«Le trepas brise l'outel  
«Mais Voltaire est immortel!»

Quer isto dizer, amigo, que os teus *Azulejos*, pelo mero facto de não serem um relatorio, hão de viver tanto como os marmores do Partheuon? Ai de ti! Ai de mim! O sol dá luz, existe assim coruscante e redondo ha centenas de seculos, o a Sciencia ninda lho allunça longos milhares d'annos de esplendor e de gloria no alto dos seus: mas em nossas casas os phosphoros de cera tmbem pertencem á substancia que dá luz, e quando allumiam tremulamente um minuto já lhes gabamos a qualidade, reconhecidos. Os teus contos são flores de Arte, mo-estas e simples: contenta-te que, como flores, elles durem uma manhã de verão. Feliz serás! As minhas obras, essas, não contam mesmo para viver com esse «espaço d'uma manhã» que Malherbe garante ás rosas. Não sei como é: sou-lhes a minha vida toda e ellas nascem mortas; e quando as vejo deante de mim, pasmo que depois de tão duro esforço, depois de tão ardente, laborioso insulção d'alma, suia aquella ceusa fria, inerte, sem voz, sem palpitacção, amortalhada n'uma capa de cor!

Mas emfim, consolemo-nos, amigo! Pode hem succeder que um dia, mais tarde, um d'esses amadores d'antiquidades que se entretém n revolver o lixo doo tempos, encontre, n um recanto esquecido de velha livraria, entre o pó e o bolor, amarelado e roido dos vermes, um dos nossos livros, estes teus mesmos *Azulejos* agora tão frescos e lustrosos ao sol. E, por curiosidade archeologica, pode ser que esse paciente excavador das edades sacuda a poeira ao volume caduco, o folheie aqui e além... E quom sabe? Talvez n *Guitarra do Braz*, gemendo dolentemente do fundo do passado, o enternega um momento: talvez respire nos *Aromas Campesinos* o viço e a graça idyllica d'aldeas e varzeas sobre que já então terá rolado, niveladora e despoetisadora, uma nova machina da Civilização... E lerá o livro todo: e o que tu pensaste fal-o ha pensar, e sorrirá com o teu sorriso! As tuas creações perpassarão, queixosas ou alegres, com a vida que tinham no teu espirito, por deante do sn tua lampada — tendo recebido no espirito delle uma encarnação fugitiva: e por ellas o teu ser, disperso na substancia, estará um instant misturado a um ser vivo, e palpitando na sua vida tola... E quem ousará dizer que isto não é uma resurreição?

So, por isso, amigo, vale apena que te venhas jootar áquelles que, como dizia Carl L., são «simples fazedores de livros». E se por acaso, nunca tivesse de chegar esse dia do Reviver, — ao menos em vida, achando-te entre «fazedores

de livros», estarás na situação da vida d'homens que têm uma nobre occupação na existencia, uma magnifica ambição, generosidade, alegria, calor e enthusiasmo. E isto não se encontra em todos os vassallos d'l-rei!

Traz pois o teu livro, uma resma de papel para fazeres outro, e toma o teu logar, seguramente e largamente, n'esta illustre Companhia.

Brazil, 12 de Junho de 1886.

E. A. DE QUEIROZ.

#### NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

A *Seleção Literaria* seculos—XVI a XIX, dos Srs. Fausto Barreto e Dr. Vicente de Souza, conquistou a seja o de valia, não só na altura do talento e da illustração ds seus auctores.

Não é que não seja bom quanto ali enfeixuram: a escolha dos trechos em prosa como em verso foi feita com critério e bom gosto; mas ó que a obra revela, por incompleta e fútil, a precipitação com que foi elaborada.

Isso conhece-se não ao pelos apenas da ordenação dos trechos, que não estão claramente separados, estabelecendo difficuldade para a procura o deslelengancia á vista, como pela ausencia de escriptores modernos. Não figuram, na seleção prosadores como Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Pinheiro Chagas, Lucio de Mendonça, Quirino Bocayuva, Jose do Patrocinio, Capistrano de Abreu, Arcejo Junior, Ray Barbosa e outros muitos. Entre os poetas não se encontram justamente os mais notaveis dos modernos: João de Deus, Guerra Junqueiro, Guilherme Braga, Goncalves Crespo, Guilherme de Azevedo, Claudio Nunes, Gomes Leal, Anthero do Quental, Luiz Delfino, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Theophilo Dias, Olvivo Bilac, Luiz Guinardes e muitos outros. Os poetas contemporaneos, vivos, do Brazil, apenas ali se leem Machado de Assis, Mello Moraes Filho, Barão de Parana-piacaba e Dr. Velho da Silva. Tudo isto, não ha razão de queira nem de censura por tantas e tão graves omissoes, visto que omitido não foi o cataplasmoso e chulo versificador Mallo Moraes, que figura com uma compozição mais justamente intitulavel *Ponte de asneiras*, em que, entre outros, se encontram as linhas que a lá trépam, vão topar os ares, «um polvo de lianas» «que alastra a fresta» e um echo, que, á pergunta: «Que é da trihu que vinha aqui?» responde: — «repercutiu aonde, aonde...»

Não terminaremos estas rapidas notas sem fazer menção e elogio da introdução grammatical que fez á parte em prosa o Sr. Fausto Barreto, a da que, sobre verificação portugueza, escreveu, para abrir a parte em verso, o Dr. Vicente de Souza.

E de esperar que a segunda edição, preparada com tempo, sem urgencias de acabamento, não seja merecedora dos leves reparos que com justiça aqui fazemos á primeira.

Recebemos, bellissimamente impresso na casa Leuzinger, o 3.º fasciculo do *Atlas des maladies de la peau Dermatologie et Syphiligraphie* accompanhado de uma esplendida phototypia.

Esta obra importantissima, que será, quando concluida, uma gloria para a medicina brasileira, é mais uma alluminação brilhante do talento e da illustração do Dr. Silva Araujo, medico da Policlínica Geral d'esta corte, e, incontestavelmente, o mais distincto dos nossos dermatologos. Este fasciculo, consagrado ao estudo da *Elephantiasis*, divulga os maravilhosos resultados obtidos na clinica do illustre Professor no tratamento d'essa molestia.

Agradecemos penhoratissimos a re-  
tessa do fasciculo.

Do edictor Garnier (que não chamamos *incaçavel* porjá estar muito cansado este adjectivo em referencia áquelle edictor) recebemos um exemplar d'uma recentissima obra do advogado





## ESTILO DE 1400

Foy este livro corrogido e reuisto, com muyta diligencia, mas, mais dignos de venia que de reprhonsom, os imprimeadores nom repayrarão os erros feytos, em diversos lugares da obra, por muy pobres de valia e por abastar o amercamento dos ledores, dos quaes as virtudes são muytas e em sy meenas muy grandes l

Em quanto se abre ou garra o olho, hum caymento de artifice lança erro no fiuro e não ha impedido, nem com vomitar regras e demonstranças.

Assy foi que, em folha 123, linha 17<sup>a</sup>, pôde esquecimento substitiuo pô do esquecimento. Salvasse, nesta, o erro, como grosso,—por ventura fosse elle sem despreuio pero lelor—só para allucar o precepto supernal: «*Pulvis es et in pulverem reverteris*»

E posto que ds outros vocablos, algus se ache, com carencia de correição, emgeitamos pcrã elles a errata; afim que o liuro não sofra tardança da nasença.

E, como no *Floral de Penella*, termino: Eu, Alfredo Camarate, que este liuro fazer encomendey, com minha mão o rroborey e este signal fige ✠

†Epilogo-errata do livro *Et cetera*.

## GAZETILHA LITTERARIA

Uma carta de Taine

Tendo se divulgado que Taine, o eminente critico francez, dissera em palestra que a litteratura ingleza era superior à franceza, entendeu o illustre escriptor enviar uma carta ao *Journal des Debats*, carta que se pôde considerar uma verdadeira profissão de fé. Nella, depois de ter declinado successivamente os nomes dos sabios de varios paizes, Taine se exprime pela seguinte maneira:

« Nas materias em que eu sou menos ignorante, como em Litteratura e Historia, creio que a poesia ingleza, sobretudo a poesia lyrica e narrativa, desde Byron, Keats o Shelly até Tennyson e aos dous Browning, é, na Europa, a primeira de todas. Em compensação, temos na França os maiores dos dramaturgos vivos—Augier e Alexandre Dumas.

« Em prosa os Francezes me parecem, pelo menos, sguaez aos inglezes; considero Balzac como o mais poderoso creador de almas que tem apparecido depois de Shakespeare; nenhum critico, em qualquer litteratura pôde ser comparado a Saint-Beuve. Considero a *Chartreuse de Parme* como uma obra prima ds psychologia litteraria e a maior publicadã até hoje. Pelo estylo, pela perfeição, pela intensidade e correção do colorido, *Madame Bovary* não tem rival. Cinco escriptores e pensadores: Balzac, Stendhal, Saint-Beuve, Guizot e Renan são, a msu ver, os homens que, desde Montesquieu, têm mais ampliado o conhecimento da natureza e da sociedade humana.

« Actualmente, diz ainda Taine, estamos no fim de um periodo litterario; o que não impede de reconhecer o renome nascente de alguns historia-doras, como Lavisse, Sorel, Thureau-Daugin.»

Terminando, adjuncta o illustre escriptor: «Pôde-se affirmar, e eu o creio verdadeiramente, que na exposição universal das litteraturas, a França apresenta, desde sessenta annos, tão grandes idéias s tão bellas formas como os mais distinctos dos seus concurren-tes.»

## Livros

Appareceram os seguintes: — *Sapho*, de Alphonse Daudet, nova edição, illustrada a capricho por Myrbach e Rossi;

*Paradis des Enfants*, interessante trabalho de André Theuriot; *Une lune de miel à Mont-Carlo*, romance dos mais encantadores e onde se encontram todas as qualidades ds verve comica, de observação e de delicadesa descripçã do seu nuctor, Adolpho Belot; (esta obra é finamente illustrada); *Toussaint Galabru*, de Ferdinand Fabre, bellissimo romance, que em folhetins foi publicado no *Gil Blas*; *Les causes grasses et les causes maigres*, de Gaston Lèbre; este livro é recommendavel aos hypocondriacos: tem graça, faz rir a não poder mais; e Hippolyte Buffenoir um volume ds poezias *Cris d'Amour et d'Orgueil*. Fizeram tamanho successo estas poesias, realinsnte soberbas, que se sgotaram em poucos dias algumas edições. Hippolyte Buffenoir é um poeta novo e que se collocará em breve a par dos maiores poetas francezes; *Souvenirs d'un impresario* de Maurice Strakoske. É um livro em que se acham curiosos documentos, quasi inéditos, sobre Patti, Nilsson, Nicolini e muitas outras personalidades artisticas, e *Un Joli Monde* curiosissima obra de G. Macé, ex-pre, feito do Senna, em que se contam os mysterios dos crimes parizienses e os secretos trabalhos da policia para reprimil-os e castigal-os.

Appareceu mais o primeiro volume das memorias dos irmãos Goncourt, escriptas quotidianamente por elles em um periodo de cerca de trinta annos. São interessantissimas, a julgar pela parte comprehendida no primeiro volume, intitulado *Journal des Goncourt*. Concluitas, representarão um extraordinario trabalho de critica litteraria s artistica, um preciosissimo repositório de notas e observações pessoais sobre milhares de cousas, pessoas, idéias e sensações.

D'esse livro notavel daremos no proximo numero alguns excerptos.

S.

## THEATROS

## RECREIO DRAMATICO

Realizon-se hontem, com a representação do *Comde de Monte Christo*, um espectáculo em beneficio das victimas dos ultimos terremotos na Italia, promovido por uma commissão de cidadãos italianos, para esse fim nomcada pelo Consulado d'Italia.

## PHENIX DRAMATICA

Prepara milagres: *Os milagres de Santo Antonio* e *Os milagres de Nossa Senhora da Penha*.

Vae desligar-se temporariamente d'esta companhia a actriz Maria Augusta que parte depois d'amanhã para Minas, onde vae tratar do restabelecimento de sua saude.

## S. PEDRO DE ALCANTARA

Vae abrir com uma companhia de zarzuela, esperada brevemente de Pernambuco.

## LUCINDA

Na proxima terça-feira *première* do *Serment d'amour*, de Audran, traduzido com o titulo de *Gallo de ouro*.

## PRINCIPE IMPERIAL

Proximamente *A Rainha do carnaval*, de Lecocq.

Fazem parte da companhia Kaylus os estimados artistas Machado e Montedonio.

## SANT'ANNA

Fechado.

A companhia do Heller já se estreiou em S. Paulo com a *Touinegra do Templo*, alcançando enorme successo e sendo o Guilherme de Aguiar muito applaudido

P. TALMA.

## JORNAL E REVISTAS

O n. 238 (primeiro do vol. 37) da *Gazeta Juridica*, correspondente a 15 do andante, traz a continuação do importante estudo do seu redactor, Dr. Carlos Perdigo, sobre as escolas de Direito no Brazil, muitas decisões de superiores instancias sobre graves especies de jurisdicção civil, doutamente annotadas, e muitas decisões de varios ministerios, inclusive as ultimas do ministerio do imperio sobre exames preparatorios e nas Faculdades de Direito.

Cada vez se recommendaria mais este precioso repositório de jurisprudencia, legislação e doutrina juridica ao apreço dos interessados se por ventura carecesse de se recommendar ainda.

É uma publicação que honra a nossa pauperissima imprensa juridica s o seu illustrado s opresso redactor.

## Diario Mercantil

Tanta amizade tem sabido fazer entre os collegas e tantas sympathias conquistado no publico, que o seu quarto anniversario, a 15 do corrente, foi um verdadeiro successo. Telegrammas, cartas, brin-les, cumprimentos choveram-lhe de toda parte. Todos os collegas de lá como de cá dedicaram-lhe extensas e entusiasticas noticias. O nosso companheiro *Filindal*, actualmente em S. Paulo, fez aos redactores do excellento jornal paulista o seguinte soneto:

## A LEO-PAR

(No anniversario do «Diario Mercantil»)

Inda ha bem pouco tempo Ezequiel,  
Não o propheta, o Freire, que é mais limpo—  
Desceu da paz do seu radioso Olympo  
Sobre nove ou dez azas de papel;

E, velho amigo, amigo certo e fiel,  
No nome vos ligou que em cima chiupo.  
Hoje aproveito esse bisnome e grimpio  
Contra percalços, todo calda e mel;

Tode doçuras, de mellurias cheio,  
Lá vou cantar em verso o novo Abril,  
Que ha de de outros Abris ser fundo veio.

Afin, pois, o pristino arrabil  
E cá espero o convite, que não veio,  
Para a ceia ideal do «Mercantil».

## FILINDAL.

*A Vida Semanaria*, n. 2. Elegantemente redigida. Apparecem as *Cartas Fluminenses* de Rodrigo Octavio, versos de Emiliano Pernetta, de M. Braga e de Leoncio Correia; no seu *Movimento Literario* promette falar da *Lyrica* de Filinto de Almeida.

Temos os ns. 3, 4, 5, 6, e 7 do 9<sup>o</sup> anno d'*A Mãe de Família*. Excelente publicação e que a nosso ver deveria ser lida por todas as mães de familia pois ella lhes fornece preciosos auxilios s indicações sobre a alimentação e educação das crianças. Ao Sr. Dr. Carlos Costa, seu redactor principal, agradeçamos a offerta d'esses exemplares.

Antes tarde do que nunca, lá diz o adagio: foi o que dissemos ao recerber *A Ventarola*, que desde o seu nascimento só agora é que nos visitou.

Ingrata! a gente a esperal-a com os braços abertos e a eucantadora a fugir, a fugir... Venha de lá esse abraço, assim, assim, mais apertado, mais! E saiba que é sempre recebida com especialissimo agrado, embora nos tenha de afimetar. E appareça, collega, sempre alegre, chistosa e elegante, por muitos annos e bons. É o que francamente desejamos, que para consnguil-o tem o lapis do Netto e o muito espirito do seu incognito redactor.

O n. 7 do *Brazil Illustrado* traz um retrato do Dr. J. M. Velho da Silva, varias gravuras e nas suas *Palestras historicas* dois desenhos—*Caravela do seculo XVI* e *Descoberta do Brazil*. Tem graça a historieta *Uma tropa de... botas*, que com os *Tipos e Costumes* fecham este numero.

A *Quinzena* ns. 6 e 7. É uma interessante folha litteraria que apparece na Fortaleza (Ceará). Pertence ao *Club Litterario*.

O seu numero 5 é de agradável leitura s o n. 6 contem um artigo *O Papel da Poesia*, de Farias Brito, o varios trabalhos; d'entrs estes um soneto *Jesus*, de V. Brigido, que seria bom se não manquejaescom este verso:

Esta legenda santa: Liberdade e Amor.

— *Revista Illustrada*, n. 455. Na primeira pagina uma bolla alogoria d'fallada substituição de S. M. o Imperador na proxima abertura das Camaras: na quarta finas allusões ás recentes questões da imprensa; a 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> dão-nos a continuação das aventuras do *Ze Calpura*. O texto variado o scintillante de graça.

S.

## TU QUOQUE...

(Versos recitados no lunch de despedida a Olavo Bilac, a 21 do corrente.)

O Olavo parte!  
Faz muito bem,  
Pois que isso de Artc  
Não dá vintem.

Viverem poetas  
Neste paiz?!  
Pega as Pandectas!  
Vae ser juiz!

No bumbra! ataca  
Da Inspiração  
Esta outra placa:  
— Dr. Lobão—

E da memoria  
Remove bem  
Toda essa historia  
Que ella contem,

E' vasculha-a;  
Lavar, varrer,  
Como a uma sala  
Que vae se encher.

E' um thesouro  
Tua lyra, sei:  
E' toda de ouro,  
De ouro de lei.

Themis por ella,  
Certo te dá  
A espada bella.  
Mas olha lá.

Se é inteiriça...  
Verga-a, oleró!  
Que de cotiça  
As vezes é.

Depois... que asome  
Pelos jornaes  
Sempr' teu nome  
Como um cartaz.

E bão de vir vindo...  
E ocobre assim  
Irã c'hindo:  
Tlim, tlim, tlim, tlim!

Enfim se a sorte  
For, poeta, má,  
Um outro norte  
Se te abrirá:

Com 'spalhafato  
Do rei falar...  
Ser candidato,  
Subir... Calar...

Vae! galga a serra  
Traze os papois;  
Que esta é a terra  
Dos bachareis!

ALB. SILVA

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

## Congresso Brasileiro

A nova directoria d'esta brilhante associação promovos para hoje um sarau-concerto, que, a julgar pelo programma, é destinado a continuar as gloriosas tradições do Congresso.

## Club Tiradentes

Comemorou ante-hontem o 95<sup>o</sup> an-



**ALFAIATARIA****11 RUA DOS ANDRADAS 11**

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, panhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

**11 RUA DOS ANDRADAS 11**

J. DA SILVA LOPES

**A NACIONAL****CARLOS MORAES & C.**  
**66, RUA DA URUGUAYANA, 66**GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES  
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

**RIO DE JANEIRO****INTRANSFERIVEL! INADIABEL!****GRANDE LOTERIA**

DA

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO**

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

**14 DE MAIO DE 1887**

INADIABEL

**MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS**

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio.  
Segundo sorteio.  
Terceiro sorteio.100:000\$000  
200:000\$000  
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a'outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.  
Com a pequena importancia de 18 flocos-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

**Francisco Goncalves de Queiroz, agente geral****RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115. TELEPHONE N. 507.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 30 DE ABRIL DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 422

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e E. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                              |                 |
|------------------------------|-----------------|
| Expediente.....              | A. RSOACÇÃO.    |
| « A Semana ».....            |                 |
| Galeria do Elogio Mutuo..... | RODRIGO OCTAVIO |
| XII—Alberto Silva.....       | J. DO EGYPTO.   |
| Historia dos seto dias.....  |                 |
| « Lyrica », de Filinto de    | H. DE CARVALHO. |
| Almeida.....                 | V. M.           |
| Uma velha calumnia.....      |                 |
| A Antonio Parzelras, so-     | O. BILAC.       |
| nebo.....                    | GALPI.          |
| Sonho e Realidade.....       | J. RIBEIRO.     |
| Notas philologicas.....      | SILVA RAMOS.    |
| Palo azul, soneto.....       | O. MIRBSAU.     |
| O artista.....               | J. NINGUEM.     |
| Os nossos escriptores.....   | J. DE M. SILVA. |
| Convalescenca, poese.....    | ED. E. J. DE G. |
| « Jornal dos Goncourts »     | PASSPARTOUT.    |
| Art., all. acad.....         | PICOLINO.       |
| Sport.....                   | A.              |
| Gratzilhes litteraris.....   | LORGNON.        |
| Festas, bailes e concertos   |                 |
| Carta ao Olevo Bilac,        | GUL. MAR.       |
| poese.....                   | P. TALMA.       |
| Theatros.....                |                 |
| Factos e Noticias.....       | FR. ANTONIO.    |
| Trilogia á bola.....         |                 |
| Resumos.....                 |                 |
| ANNUNCIOS.....               |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
| CÓRTE          |        |
| Trimestre..... | 28000  |
| Semestre.....  | 48000  |
| Anno.....      | 88000  |
| PROVINCIAS     |        |
| Semestre.....  | 58000  |
| Anno.....      | 108000 |

## A SEMANA

Graças á gentileza da distincta poetisa D. Adelina Vieira, traductora da *Gréve dos Ferreiros*, temos o prazer de annunciar aos nossos leitores que no proximo numero publicaremos esse bellissimo poemeto do grande poeta francez François Coppée. E' um trabalho este sobre o qual já demos nossa opinião, e que com certeza agradará immensamente aos amigos de joias litterarias.

Começaremos a publicar no proximo numero o discurso da entrada de Leconte de Lisle na Academia Franceza, fazendo a apologia de Victor Hugo, cuja cadeira foi occupar. Em seguida publicaremos o de Dumas filho, em resposta áquelle, e no qual é feito o elogio do grande poeta dos *Poemas Antigos*. São duas peças oratorias de summo valor litterario, que devem ser registradas n'á *Semana*; por isso as inseriremos, traduzindo-as, apesar da sua grande extensão.

A REDACÇÃO

## GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XII

ALBERTO SILVA



O Albertinho...  
Quando pela primeira vez e vi, elle entrava na *Gazeta da Tarde* para comprar um numero da folha.

Alguem mostrou-m'o:—Olhe, aquelle é o Alberto Silva.

Olhei-o demoradamente. Dias antes eu havia lido em um jornal da Côte uma *Canção* d'elle, deliciosa pela forma musical e correcta, deliciosa pela inspiração suave e original.

Conhecia-o tambem pela critica que das *Matinaes* fez *A Semana*, estudo que veio á luz quando eu estava em Pernambuco, e onde o critico bellamente exalçava os seus dotes de poeta e de artista.

Olhei-o e fiquei a olhal-o até que elle perdeu-se na turba-multe dos *flaneurs* da rna do Ouvidor. Sua physionomia sympathica me agradara muito.

Não é alto, até pelo contrario; mas no seu rosto moreno ha tanta harmonia entre os olhos, negros, a brilhar lá no fundo, através dos vidros do pince-nez, e o nariz, curvo como o bico da uma aguia, e os bigodes, pretos e retorcidos, imman constant dos seus dedos pallidos e finos, e a bocca, de labios eternamente encrespados por um sorriso,—não esse sorriso triste dos pessimistas, mas o bondoso e tranquillo de alguem que tem a consciencia em calma,—ha tanta harmonia, dizia eu, no conjunto d'esse rosto moreno que á primeira vista elle nos fica na alma, como se muito nosso amigo fosse.

Assim que, quando dias depois foime elle apresentado, vi-me em frente de um homem que já me era muito conhecido e até quasi extranho a cerimonia com que nos tractámos.

No dia seguinte trouxe-me Alberto Silva as *Matinaes*. Tinha em nas minhas

mãos um livro de 200 paginas de versos, virgens e meus olhos, virgen da minha leitura; fui para casa e já no bondo encostei a desvirginar-lhe as paginas.

As *Matinaes*, physicamente falando, são um livro, impresso em mão papel e com typo mau; entretanto, vencidas as primeiras paginas, correm os olhos avidos as subsequentes, não dando conta que a impressão é desagradavel á vista.

Cada estrophe é como uma feia crysalida de onde sae uma borboleta azul, de aza iris, e a cada pagina é como um mattagal de alfarro e ressequido, de onde se ergue cantando uma revoadada de canarios e de pintasilgos.

Merece, por certo esta edição de Alphonse Lemerre este precioso livro das *Matinaes*.

Alberto Silva tem sua individualidade firmada. Nas poesias que compoem o seu livro uma bastava para sagral-o poeta de pura tempera, artista de primeira ordem: *Sappo*. Entrstanto, como este poema tem elle outros manitos nas *Matinaes* e incantos, que não de formar um livro que, fr. collocar-se ao lado dos nossos primeiros livros de poesia.

O *Carro de lava* fragmento de um poema americano, e que tão vivo successo alcançou quando lido no Gremio de Lettrados Artes, o *Jasminero em flor* são poemas como não os ha superiores: abundancia de inspiração, abundantes de forma.

Americano, Alberto Silva tem toda a luz tropical do nosso clima, toda a vida intensa das nossas matias, virgens de passo humano, toda a harmonia selvagem das nossas aves e dos nossos rios, todas as cores, todos os perfumes das nossas flores sylvestres; americano, tem

ells todas as inspirações meridionaes, que, elle sabe calmamente, friamente, introduzir, trabalhar, reproduzir num verso terço como uma columna, hermoso como uma fanfarrã.

Nasceu o nosso poeta no outro lado da bahia, em S. Lourenço, no dia 29 de Agosto de 1863.

Aos roças esteve até aos 11 annos, e durante todo esse tempo, afóra os livros em que aprendeu a ler, seus olhos em outros não cahiram além dos de Casemiro de Abreu e de Xavier de Novas, e sobia as *Primaveras* de côr. Sua alma, que principiava então de fazer-se sentir, gostava gostosamente nas tristes elegias do cantor infeliz.

Accitava-as e as imitava. Casemiro de Abreu falava á sua alma nas suas estrophes apaixonadas, e aos seus olhos, falava a natureza nos seus multiplos e esplendidos poemas.

Nessa companhia formou-se dentro da alma de Alberto Silva a primeira constellação de inspirações, calma, fragrante e luminosa como o *vulvo ideal* de um jasminero em flor que se vê num canto de jardim á luz suavissima de luar.

D'este embryão não podia deixar de formar-se a alma de um poeta sensível nas crystallisações em que se formou a de Alberto Silva. Ao lado da grande correção de estylo e da elevação de pensamentos, tem elle um perfume lyrico e que lhe denuncia os primeiros companheiros do seu espirito.

Em boa hora encontron Alberto Silva em sua estrada esse outro Alberto, o de Oliveira, que, como os pastores arcaicos, tomou da mão do peregrino, e ensinon-lhe o caminho que leva á fonte mais crystallina e de agua melhor para matar a sede; que lhe mostrou o bosque sombrio e ameno, onde os estyros repousam, proximo á fonte onde as nymphas, ao por do sol, deixam veres seios tumidos e niveos, que ensinam a embriaguez do vinho entontecedor e mystico dos crepusculos de outono.

Em boa hora a mão amiga de Alberto de Oliveira o conduziu e o fez conhecedor de todos os segredos de sua refugio, iniciando-o na Arte.

E o naophito o viu e o acompanhou, e hoje ninguém sabe mais do qua elle em que logar habitam as nymphas menos esperitas; de que recanto se ouve melhor, no calamo tristonho, as velhissimas melodias de Marsius, o satyro compositor; e de que gruta escondida em mais liberdade cantam as sereias!

Alberto Silva comprehende que a poesia é uma arte e que sem ser tomada muito a serio não pode offerecer resultados. Por isso elle trabalha, e é recompensado em seu trabalho, porque bellissimas produções apresenta; produções ás quaes nenhuma observação terá a fazer o mais impudente parnasianeo.

Mora o nosso homem em Nictshroy e, como já disse, nasceu em S. Lourenço, terra que só tem tie celebre o ter-lhe sido berço.

Canta empoleirado no Thesouro Nacional, ouvindo o tintilar do ouro dos dinheiros publicos. D'esse facto um psychologo fez nascer a origem da abundancia de bons predicados que elle possui e da sua fecundidade poetica.

Eu, porém, não creio; até pelo contrario. Penso que se elle se deixasse ficar em casa em companhia da sua musa formosissima, mais ganharia a nossa litteratura e penso tambem que o Thesouro.

Perdão: não quero fazer intriga: Alberto Silva é um optimo empregado de finanças: não me consta que tenha feito algum desfalque...

RODRIGO OCTAVIO.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

O facto que mais occupou o preo- cupou a attenção publica e mais commentarios teve durante a semana foi o estado de saúde de S. M. o Imperador.

A contradição entre as noticias de fonte official e as de caracter particular, os hoitos, os «*Falano me disse*», «*Contou-me Sierano*», puzera a pulga da desconfiança atraz da orelha do publico a fez, por fim, subir a mostarda do protesto no respeitavel nariz da imprensa.

No dia 27, tendo-se sabido que o Imperador tivera um forte accesso febril na vespera, e havendo os medicos palacianos affirmado o contrario, dando curso mais uma vez á nova *chapa* — nova mais já gasta — do estado *satisfactorio*, ergueu-se a imprensa, quasi em sua totalidade, para protestar contra esse systema, tão exquisto como curavel, de tratar o publico no tratamento do seu monarcha, e para pedir — não só toda a verdade, que ao paiz se deve no assumpto, como que fosse o Imperador examinado por outros medicos além dos da imperial camara, a fim de ser estabelecido e tornado publico o verdadeiro diagnostico da enfermidade imperial, desconhecido até então.

Acham-se agora satisfeitas as justas e louvaveis reclamações, — embora energicas, embora impertinentes na apparencia — levantadas pela imprensa,

S. M. regressou, no dia 25, de Aguas Claras, — logar que, segundo consta, as não tinha — e, com aspecto abatido, mas não denunciador de grande fraqueza, e dizendo sentir-se muito melhor, fez toda a viagem até ao palacio do S. Christovam, onde recebeu e conversou por algum tempo, tranquilla e tranquillizadamente.

Ante-hontem foi examinado pelo illustre clinico Dr. Torres Homem, que, concordando com o diagnostico, prognostico e tratamento dos seus collegas da imperial camara, estabeleceu o diagnostico, que foi, enfim, conhecido pela publicação em todos os diarios de hontem.

Segundo o aminente facultativo, S. M. uada tem de anormal nosapparelhos circulatorio e respiratorio nem nas funções do systema nervoso, e soffre apenas de uma entoxicação paludosa com accessos febris irregulares, dando em resultado algumas perturbações do aparelho gastro-intestinal.

A opinião resultante do seu exame foi esta:

«Com a continuação dos meios therapeuticos que estão sendo empregados; com a remoção de Sua Magestade para a Tijuca, como me foi proposto, bem como mediante uma medicação directamente dirigida contra as desordens do aparelho hepato-biliar, é de esperar que o illustra Enfermo consiga restabelecer-se completamente».

Ora justamente o que desejavamos todos e o que pedio a imprensa foi que se dissesse ao paiz toda a verdade acerca do estado do Imperador e que se visse estar elle sendo tratado de modo a não poder haver mais tarde motivo nenhum nem para arrendimentos nem para lamentações e censuras.

Agora está o publico satisfeito e tranquillo, não só por ver que já se não procura enganar-o como porque espera ver dentro de algum tempo o primeiro cidadão brasileiro restituído aos seus multiplos e graves affazeres de chefe de Estado que pelo estado do seu paiz se interesse mais do que pelo de sua propria saúde.

Pelo que se pôde concluir do laudo do Sr. Conselheiro Torres Homem, não soffre Sua Magestade de *diabetes*, ou — pelo meus — essa enfermidade, se a tom, não complica a marcha da que foi diagnosticada. Tanto melhor, em qualquer dos casos; principalmente no primeiro.

Aproveitemos a massa de medicos e medicina, em que estamos com a mão, para dizer algo de outro medico eminente que está honrando actualmente o seu paiz na Europa e para dar a este sinceros e muitos parabens.

O Dr. Domingos Freire, que aqui tão injustamente foi desconsiderado por boa parte dos officiaes do seu officio e que tão estúpida e cruelmente fora motejado por pequena parte da imprensa grande (até o *ex-Caipira* se atirou a debical-o e a critical-o! Lembra-se?) o Dr. Domingos Freire, o illustre descobridor da vaccina contra a febre amarella, que no seu paiz não conseguira fazel-a aceitar como uma realidade scientifica, está recebendo em Paris o mais bonroso acolhimento e tem sido tractado pelas primeiras sumidades medicas da França — que são das primeiras do mundo — como de igual para equal. Algumas d'ellas já se pronunciaram sobre os seus trabalhos de *microbiologia* (é assim que se diz, *Dr. Saha?*) com os mais francos e honrosos gabos.

A ultima das manifestações de apreço que lhe tem sido feitas — das de que nos foi transmitida noticia — foi a sessão solenne e o banquete dados em honra do nosso grande medico pelo Instituto de Therapeutica Dosimetrica de Paris.

Após uma conferencia do Dr. Freire expondo o resultado de seus trabalhos experimentaes sobre as origens da febre amarella e sua prophylaxia por meio da vaccinação com as culturas attenuadas do microbio. — conferencia que, ouvida com religiosa attenção, foi coroada de vivos applausos, — resolveu aquelle Instituto, por unanimidade de votos, que fosse a communação do sabio prelector integralmente publicada nos holetins da associação.

Durante o hanquete recebeu tambem ellas as mais calorosas provas de admiração e sympathia.

Estes triumphos, que são do mundo inteiro porque o são da sciencia, devem nos encher de vivo jubile e natural desvanecimento porque são nossos, do Brazil, que com elles se engrinalda de louros e circunda de respeito.

Póde agora voltar o Dr. Freire. Já não haverá quem ao seu nome remetta chascos, nem quem nos seus trabalhos metta os cascos.

O Brazil, se por ventura sentisse o sancto orgulho de ter filhos illustres, que a Europa lhe inveja, deveria orgulhar-se de ter por filhos, na sciencia, — para só lembrar alguns nomes de moços — homens como os Drs. Baptista de Laesrdia, o descobridor do antidoto contra o virus oppidico; Silva Araujo — o grande siphilographo, o Hercules da *elephantiasis* — Moncorvo de Figueiredo, o abençoado medico das crianças, o debellador da *coqueluche* — Rodrigues dos Santos; — Werneck os doia Paulos — João e Pedro, — Nuno de Andrade, Lima e Castro e tantos outros que seria longo (como nos é honroso este «seria longo») enumerar aqui; e entre topos, e talvez acima de todos, o eminente chimico, o profundo pesquisador Domingos Freire, o Jenner da febre amarella.

Embora não possa esta patria do esquecimento e da superficialidade

compreender quanto ganha com os triumphos dos seus grandes homens, ha de consentir que lhe demos, pelos que está alcançando o Dr. Domingos Freire na Europa, os nossos cordiaes parabens.

Além dos casos acima esflorados e de outros de menor monta, como o projecto do vereador José do Patrocinio sobre *sport*, de que em outro logar nos occupamos hoje com a attenção que merece; do fallecimento de alguns homens geralmente conhecidos e estimados, como o opulento conde de Pereira Maranhão, na Bahia, o capitão de mar e guerra Carlos de Silveira Bastos Varella, em Caxambu, e, nesta Côte, o major Miguel Antonio de Mello Tamborim e o barão de Irapuá; os preparativos para a proxima abertura dos trabalhos parlamentares, — abertura que se ignora se será a 3, como ordena a Constituição, sendo lida a respectiva fala pelo Sr. harão de Mamoré, imperador *ad hoc*, ou se dias mais tarde, por S. Magestade, — os commentarios, indignados e commovidos, sobre os horribes acontecimentos de Corrales e Paso Hondo, em que foram torturados e mortos muitos brasileiros por ordem e sob as vistas de D. Joaquim Santos, irmão do nosso hospede, ex-presidente do Uruguay, o qual Joaquim nada soffre por aquellas proezas, está nédio o fêro e vae regaladamente passar a Europa; — acontecimentos ultimamente narrados na *Patria*, de Montevidéu, por insuspeita testemunha ocular, narração aqui transcripta pela *Gazeta da Tarde* e pelo *Diario de Noticias*: — a auspiciosa pacificação do Mar dos Vituperios; conhecido vulgarmente pelo nome de Imprensa; além d'esses assumptos e de mais outros de insignificante valor, nada mais tivemos registavel no terreno dos factos politicos e sociaes.

A' vista do que *Ite, Historia est...*

JOSE DO EGYPTO.

## «LYRICA»

DE

FILINTO DE ALMEIDA

Em volume de 230 páginas, sob o titulo de *Lyrice*, dividido em duas partes, subdivididas — a primeira com os nomes de *Musa errante* e *Peninsulares*, a segunda com os de *Intima Lyrice* e *Musa nova*, publicou Filinto de Almeida as suas poesias.

Lemol-as todas de uma assentada, sem a menor fadiga intellectual, desvendando cada vez mais o vasto horizonte da musa de Filinto, musa sadia, circumspecta, opulenta de roupagene, nem limitada nem exagerada, leve, a perder-se ás vezes longe, nos confins do pensamento, nas regiões altas, nevadas do sentimento.

Ao ler o livro de Filinto, sentimos ao redor de nós, no paiz secreto da consciencia, um meio novo, intellectual, onde as bellezas se succedem, lentamente, silenciosamente, como que fora do bulicio do mundo, numa patrinintima, toda consolações, toda prazeres moaes.

Nos menores tons, nas menores curvas, sorprehende-se ahi, na *Lyrice*, o pensamento do poeta, sempre o mesmo, elevado e distincto, de uma distincção fidalga, fidalga mas natural, a mover-se, ora rapido, nervoso, — quando rapidos, nervosos são os seus estados de consciencia, — ora lento, volumoso e melancolico, — quando assim lhe soa a corda prodiga de sua affectividade vibratil.

Fala-nos á alma, derramada, fundida pelas paginas da *Lyrice*, a alma de Fi-

linto, — uma alma fina, que ressumbra, não rara, a nota leve, agriloece de uma tristeza suave, unvida de saudados, pensativa de esperanças ou enbadada de aspirações — aspirações sempre humanas, sempre limitadas, bem do centro da vida, bem directas, de sua organisação.

Não tem os desmandos communs das imaginações chloroticas; cresce dos phrenesis de Richopin e Baudelaire; desertou das piedosas contemplanções de Lamartine; manteve-se em si mesmo; deu-nos fielmente, sem o menor artificial, a sua *personalidade*, com todo o cortejo das emoções inherentes, quasi sempre brandas, quasi sempre docas, nem viris, á Guerra Junqueiro, nem effeminadas á moda dos temperamentos doantios.

Todo o seu livro, — escriptorio de joias custosas, buriladas com grande arte, — requeira um *individualismo* tenaz, um subjectivismo discreto e amavel, fecundo e deleitoso, photographando de todos os pontos altos do sentimento as facetas poeticas de sua alma, onde ha scintillações diversas, opulentas e fieis, ao reflectirem, atravez da lente dos sentidos, na camara caeura de seu espirito, as bellezas de fóra, as creações da natureza, no mundo moral de todos os affectos.

Ha muito tempo que não lemos, dos livros da *geração moderna* — um que, como o do Filinto, nas satisfaça tanto, nos alente na faina das letras, a cujo seio recolheu-se com a distincção de labor que as levanta, que as realça em verdade, a ellas, tão poltres, tão abandonadas, ou vilipendiadas por filhos bastardos, que pulsam de toda parte.

O livro de Filinto é o que se chama — um livro de ouro, em que constantemente se encontram labores de finos brilhantes. As *joias toscas* d'esse cofre mimoso, — poucas, é certo, — parecem feitas de proposito, em trabalho fosco, para com a graça que ainda assim revelam, destacarem mais, em brilho e arte, as joias finas e delicadas, de alto valor artistico.

O livro de Filinto, a *Lyrice*, tem direito ás estantes mais selectas em poesia, á admiração dos mais exigentes, á accção de todos.

A sua forma, fluente e propria, não se deixou levar pela mystificação d'essa arte mal entendida, que em alguns poetas hódicnos só tem servido para estragar-lhes as individualidades, deslocando-lhes ao mesmo tempo a verdade da inspiração; — d'essa arte, não natural, senão *artificial*, que se se atria de encontro ao pensamento e, com palavras e exageres de construção, lhes rouba a naturalidade, desfaz a graça do dizer, embrutece a mnsica das estrophes.

A sua forma, de uma correcção inalteravel, simples e donosa, relembra os mestres de lingua, sem a dureza de alguns, sem o obsoletismo de muitos, e sem os neologismos do dia.

Ha muita belleza na *Lyrice*. O dizer, terso de Filinto é uma nota constante em todo o livro. Citar as peçaa de valor que nelle se encontram seria longo; não deixaremos, no entanto, de dizer o que para nós são primores:

— Na *Lyrice* da *Arcadia* os encantadores tercetos de *Hosana*; — a *Ode* ao Sr. Machado de Assis, um primor de elevação, digno dos velhos poetas do Lacio; — que bellos tercetos são os *Labios e Olhos!* como são *chicos* os sonetos traduzidos de Stechetti e o *A uns olhos de Campoamor!* Os *Versos á Cotinha*, um mimo. Os sonetos *Antonietta*, *A volta*, *Em Roma*, como são formosos, verdadeiros, delicados! Que bella successão de comparações, quanta inspiração na *Suprema Dea*, na *Ignota Dea!* Que naturalidade nos *Olhos pretos!* E assim muitas, muitas outras.

Toda a parte do *Poema da Morte* é de grande sentimento, de fina delicadeza. E quando se vai por ahi a fóra, por esse caminho escuro de dores e asaduras, sentem-se com o poeta as tristezas do seu espirito, até surgir com elle, adiante, no fim da estrada, em outra epoche da vida, cantada na *Musa Nova*, ultima parte do livro, facunda, muito bella e onde ha primores como os sonetos *Novo Bem*, e *A partida*, os tercetos *Perfície Suprema*, e tantos outros de igual valor.

O livro de Filinto, em synthese, é para mim o melhor livro de versos doos que nestes ultimos annos tem eschido á luz. E' um trabalho verdadei-





com todos os seus romances, e por isso elle nos dizia que era uma concha tola matar-se a gente com o trabalho de fazer livros que não agradavam, e que não produziam cousa alguma...

Uma morte em que, reflectindo-se, se reconhece o ar de uma morte da Escripura, de um castigo divino contra a Boemia, contra esta vida em revolta com a hygiene do corpo e da alma...

ED. E JUL. DE GONCOURT.

AQUI, ALI, ACOLA

O Salon deste anno, em Paris, promette ser magnifico. Os artistas mais notaveis tem enviado trabalhos para a exposicao.

Mme. Régnier, conhecida ao mundo das lettras pelo pseudonymo Danil Darc, falleceu em Paris.

Mme. Régnier era uma escriptora de raça. Das suas obras a mais notavel é La Couleuvre, que é um bellissimo estudo naturalista.

Falleceu tambem em Paris, com a idade de 47 annos, o celebre pintor Gustavo Guillaumet. As suas melhores telas, consideradas obras primas, são: Prière du soir dans la Sahara, Souvenir des environs de Biskra, Marché arabe dans la plaine de Tocris, Famine, Labour, Lagonat e Tileuses.

PASSEPARPOUT

SPORT

O PROJECTO DO SR. J. DO PATROCINIO

O Sr. José do Patrocínio apresentou á Camara Municipal um projecto sobre corridas, que já está ao dominio publico e que motivou sensatas observações por parte de varios jornaes diarios.

S. S., na qualidade de vereador, está muito no circulo da sua missão, cuidando o mais possivel de dilatar as fontes de renda da Camara Municipal e mesmo, se isso dependesse somente dos seus sacrificios e talentos, libertar a dauctoria do governo a que ella se obrigou pelo desagravamento de seus representantes.

É factio indiscutivel que o projecto alludido rasga um novo veio de ouro nas minas municipales, accoda fartamente ao erario da Ilma. Camara, e será um poderoso toalco contra a anemia monetaria de que ella sofre ha muito tempo.

Se a Ilma. Camara precisa crear novos manaucias de renda, faça-o, mas de maneira generosa e louvavel; faça-o pensando os interesses dos seus municipes e sondando o terreno em que tem de firmar a sua nova postura.

Em tristissimas condições ficam as sociedades ante o fiscal da Camara! A elle têm as sociedades — pois que a Camara exige 2% sobre o producto dos seus parceiros, — de prestar suas contas e, no caso de duvida, franquear-lha, para exame, os seus proprios livros e talões; têm mais de se sujeitar a en-

trega immediata ao fiscal da dita por centagem, e isto porquã as sociedades, conforma a interpretação do projecto, não inspiram bastante confiança a Ilma. Camara, que não lhes concede sequer 24 horas para prestação de contas!

Além disto têm ellas de pagar, para a Camara 100\$ de licença por cada corrida e os jockeys ficam sujeitos a licença de 50\$ annuaes e, por faltas commetidas durante as corridas, a multa de 30\$000.

Pergantamos: A Camara pede pela licença 100\$; esta naturalmente é para as sociedades poderem funcionar; é justificavel. Mas os 2% sobre cada parceiro? Como se explica esse imposto? Não pagam as sociedades os 100\$ da licença?

O fiscal da Camara merece fé perante a Camara ou não?

Se merece, porque, no caso de duvida, é elle obrigado a lavar um termo assignado por duas ou mais pessoas gradas e em officio enviado a Ilma. Camara?

Que direito assiste á camara para exigir dos jockeys 50\$ annuaes de licença?

Licença porque? Por serem jockeys? Será isto um ramo de negocio? Creemos que não. Quando muito, jockey poderia ser uma profissão e como tal compete á camara cobrar o imposto de industrias e profissões? E o que faria então o Thesouro Nacional?

A consequencia de tudo isso será o fechamento immediato dos nossos clubs de sport, o anniquilamento da industria creadora que começa a desenvolver-se bellamente no nosso paiz, e impossibilitar o melhoramento das raças.

Todos sabemos que as sociedades de corridas se alimentam com os 10% que obtêm do rendimento de cada parceiro e estas ás vezes não dão para as despesas. Calculemos agora estas sociedades desfalcadas de mais 2%...

Como hão de ellas offerecer boas premios nos seus parceiros?

Como cuidarão dos seus melhoramentos naterises?

Como estimularão a industria?

Creemos que o Sr. José do Patrocínio na confecção do seu projecto visou a extincção do jogo nas corridas. E por esse lado pecca ainda o projecto.

Como acabar com o jogo nas corridas?

Fechando os clubs hippicos as suas casas de apostas? Isto impediria o publico de jogar?

Não; porque o publico jogará particularmente.

E como cohibil-o? Com a força? Com as multas?

Se assim fór, estes centros de diversões passarão a ser o rendez-vous das desordeus, da brutalidade, da traça pouco limpa de palavrás, e, quiçá, de serios conflictos. Acabarão as poulas mas virão os bookmakers, calamidade muito peor.

Hoje é o jogo que leva o publico ao sport, é verdade; mas indirectamente o publico concorre para o desenvolvimento e progresso destas associações, deixado 10% das suas apostas na caixa das sociedade, além das entradas.

Este assumpto já tem sido tão estudado que só coagidos poderiamos tratar d'elle, e isto com profunda magua. O sport é de grande utilidade e digno de paizes civilisados; o exemplo mais frisante dos seus grandes serviços é o apreço em que são ellestidos na Europa que em assumpto de perfectibilidade e progresso nos dá todos os dias exemplos e modelos.

As rendas dos clubs de corridas não são tamanhas que obriguem a Camara Municipal, como impertinente sanguessuga, a sugar-lhes o melhor do seu sangue. Oxalá pudesse a Camara realisar o projecto do seu digno membro, sem que os pesados tributos nelle prescriptos prejudicassem a renda dos clubs, deixando-lhes com que acudir ás suas enormes despesas e com que offerecer premios animadores, que compensassem o capital empregado na compra, criação e tracto de bellos e puros exemplares das melhores raças.

Mas como tal não é possivel, e como o projecto não matará o jogo, lavramos aqui o nosso protesto, esperando e crendo que o Sr. José do Patrocínio encontrará outros meios de augmentar as rendas de Ilma. Camara, sem levantar tantos, tão geraes e tão justos reparos.

PRADO VILLA IZABEL

Pela leitura que fizemos do relatorio

dosta importante associação, vemos que o seu estado é muito prospero e futuroso. Com o capital de 25.000\$ realizou o Prado Villa Izabal, no biauio que findou, 32 corridas e distribuiu da premio a elevada quantia de 154.354\$. Além disso attendeu ás reformas que precisavam a rari e todas as dependencias do Prado, fez aquisição de todos os moveis precisos e pagou a Companhia Architectonica a quantia de 37.700\$, por conta da compra dos terrenos. Fecha o seu balanço com um saldo de 107.958.000.

É verdadeiramente animador e progressivo o estado do Prado Villa Izabal. A sua directoria, a cuja frente está o nosso illustre collaborador Dr. Affonso Celso Junior, n que é uma das garantias da sua respeitabilidade e sympathia, successas felicitações.

Amanhã realiza o Derby Club a sua primeira corrida neste anno. Pelo programma que os leitores encontrarão na nossa ultima pagina, poderão avaliar o que vai ser esta corrida. Com certeza o recinto do Derby será pegaeno para a concorrência. Novos e importantes melhoramentos serão inaugurados.

O Derby vai abrir o sport deste anno com chave de ouro.

PICOLINO.

GAZETILHA LITTERARIA

Deve chegar por estes dias a S. Paulo, para a livraria dos Srs. Teixeira & Irmao, A Reliquia, de Eça de Queiroz, o primeiro romance humoristico que a Gazeta de Noticias está publicando.

Esta noticia tem todo o canho da verdade pois foi affirmada pelo Diario Mercantil de S. Paulo, que recebera uma circular dos Srs. Lugan & Geneloux, editores portuguezes, annunciando para este mez o apparecimento d'A Reliquia; noticia confirmada pelo padre Guilherme Dias em uma correspondencia, do Porto, datada em 27 de Março, para aquella folha paulista, nos seguintes termos:

«No proximo mez serão postos á venda dois livros de sensação, que de ha muito são ansiosamente esperados. São elles a Reliquia, de Eça de Queiroz, e John Bull, de Kamalho Ortigão. O romance daquelle escriptor, os Maias, annuncia-se para Julho. Constrá de dois volumes.»

Esperamos ansiosamente A Reliquia — em volume, que nos dispensará da torturante Reliquia — da Gazeta, em doses homeopathicas.

A.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O Dr. Constante Jardim, no dia 24, foi alvo de uma honrosa manifestação por parte dos moradores de Santa Theza e Paula Mattos.

Uma commissão offereceu ao illustre vereador o seu retrato a oleo, um album e em seu nome libertou um escravo.

O nosso companheiro Alfredo de Souza foi, a pedido da commissão, encarregado de proferir o discurso official e fazer-lhe entrega dos mimos.

A' noite o Sr. Dr. Constante Jardim offereceu aos circunstantes um profuso copo d'agua.

Trocaram-se diversos brindes. D'entre elles o do Sr. José do Patrocínio em nome da imprensa e do Sr. vereador Thomaz Rabello em nome da Camara Municipal; a todos elles agradeceu o Sr. Dr. Constante Jardim em breves e eloquentes palavrás.

O sarau-concerto que o Congresso Brasileiro deu no dia 23 foi enormemente concorrido e como todas as festas desta associação, brilhante, chic e elegantissimo.

O programma do cocerto foi executado bellamente, terminando ás 11 1/2 da noite. Seguiram-se depois as danças que só terminaram quando a aurora com os seus dedos etc. e tal...

O Dr. Henrique de Sá, nosso estimado collaborador, pars festejar o seu anniversario natalicio e o baptisado de uma sna filhinha, reuniu no noite de 25 do

corrente, em sua luxuosa casa, á rua de S. Clemente, arando numero de convidados e amigos. L'es-se musica e canto dançou-se, terminando a festa por um bello estalão.

A reunião foi das mais agradaveis, Nada faltou para abrilhantá-la.

LORGNON.

CARTA AO OLAVO BILAC

Do teu adeus ao lanch, ó meu Olavo
Eu não compareci, pois ando escravo,
Um graphocrata, tu bem sabes, sou.
E a essa hora, Phebo-Apollo, estou
Nos galés do — Deus Guarda a Fam'Escolmeia!

Na outra Paulicida achas-te em mim?
Não te pergunto: pensas tu em mim
Como em ti tanto eu penso, pezaroso?
Obrigas-te a mentir! Fôra maldoso,
Mas estás bom? contents? O céu por lá
Tem estrelas que oupas como ha
No céu d'aqui, com vididos fulgoros
Quo nem fêmeos olhos matadores
Possum? Eu sei bem que é desqual
Ter quarenta ou vinte annos. O ideal
É mystico ou tangível quando a gente
E' velha ou moça, eu sei, infelizmente!
Se ainda trata de um assumpto tal
E' platonismo que a ninguém faz mal!
Ha mulheres bonitas? As paulistas
São, como dizem, de fazer artistas,
E de inspirar qualquer Commendador?
Das Caricões gentis tem esse ardor
Nos olhos, em que outr'ora eu me abrazava,
E em que agora te abrazas? Fioa escravo
I gente ao magnestino d'esse ohar
Que tem as atracções do infindo mar?
Ha tambem por S. Paulo escravo-cristas?
Monarchistas, hypoortias, beat as?
A eterna historia: — o verme co pé da flor!
O espasmo do prazer beirando a dor?
Uma mulher divina e cem fetosas?
Os cravos que taes são? Ha muitas rosas?
Um magriço por lá engordará?
A ser assim eu mudo-me p'ra lá?
Que neste andar, Olavo, de magreza,
Por mim tons de pôr luto com certeza.
26 Abril 87.

GUIL. MAR.

THEATROS

SANT'ANNA

A companhia d'este theatro que degradara ns estréia com A Touinegra do Templo está deliciando a platéia panlista com o Heróe á força e a Donzella Theodora. Tem tido enchenes sempre.

LUCINDA

A empresa d'este theatro deu-nos hontem, em primeiro representação, a opera-comica de Ordeanaeu O gallo de ouro, traduzida pelos Srs. Arthur Azevedo e Azeredn Continha. No uosso prnximo numero diremos d'esta nova opereta e do sen desempenho.

PRINCIPE IMPERIAL

A afamada opereta de Henri Chivot e

Alfredo Duru *L. Pompon* foi hontem representada pela companhia d'esta theatro com o titulo *A Rainha do Carnaval*.

Da peça e de sua interpretação falaremos no proximo numero.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Hoje se effectuará neste theatro a grande festa de caridade organizada pela Sociedade Francaza de Beneficencia. O programma d'esta festa é attractivo e fim altamente humanitario: socorrer nas pessoas a ella filiadas. O publico não faltará.

PHENIX DRAMATICA

Está apurando os ensaios dos *Milagres de N. S. da Penha* e do drama *Olivia* (qua irá em beneficio da estimada actriz Julia de Lima), ambos de actores brasileiros.

RECREIO DRAMATICO

Hoje é a penultima representação d'*O Castello do Diabo* e, por não ter o scenographo Coliva terminado o scenario do novo drama de Dumas Filho — *Francillon*, este ao subirá á scena na semana proxima. Até lá.

O *Mercantil*, que apparece em Petropolis, noticiando a estreia da companhia dramatica que foi trabalhar no theatro da Floresta, trata de uma maneira honrosissima o distincto actor Simões e tace-lhe enormes elogios pelo bello desempenho que elle dá á *Grêve dos Ferreiros*, elogios aliás muito merecidos, pois, como já tivemos o gosto de dizer aqui, quando o distincto artista pela primeira vez a recitou — é um trabalho que o honra.

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

No dia 27 partio para o Macuco o distincto clinico Dr. Antonio de Lannes Lima.

Consta que será brevemente fundado, n'esta Côte, o *Club dos Estudantes Parlistas*, no qual haverá palestras scientificas, litterarias, leitura, etc.

Deve regressar amanhã ou depois, de S. Paulo, o nosso companheiro Filinto d'Almeida.

Está na Côte, tendo vindo do Porto, com o Dr. Figueiredo de Magalhães, o Sr. Nuno Castello Branco, filho do illustre actor da «Bohemia do Espirito». E' a segunda vez que vem ao Brazil.

Fez annos ante-hontem Alberto de Oliveira. Infelizmente o nosso querido poeta não poudo receber fora do leito da sua portinaz doença os amigos que o foram comprimentar e as felicitações que por escripto outros lhe enviaram. Mas o seu estado não inspira cuidados. Mais algum tempo de paciencia e estará restabelecido.

FALLECIMENTO

Victima da uma terrivel tísica pulmonar falleceu em Portugal, para onde fôra em busca de melhoras, a Exma. Sra. D. Anna Maria Brito de Souza Andrade Cabral, virtuosissima esposa do Sr. Guilberme Cabral, nosso digno gerente.

Comprehendendo a dor que brutalmente ferio o coração do nosso companheiro, damos-lhe as nossas condolencias, filhas da amizade que lhe consagramos e do respeito e estima em que sempre envolvemos a pessoa de sua fallecida consorte.

TRATOS Á BOLA

Até hoje nada de decifrações dos *tratos* do n. 1191 Parece incrível, e é a pura verdade. Não sei como qualificar esta falta de amor dos meus carissimos *tratisistas*. Ah! Mas cá por dentro andava um bichinho a dizer que os meus irmãos, em se lhes offerecendo cousas de não se nutrem no ar, fazem-se de innocentes, e, por mais *topados* que sejam, deixam os *tratos* ás mãos dos indifferentes e... vão ver o *Mercurio*.

Ora isto verdadeiramente é tristicimo. Pois não ha d'entre esta rapaziada luzidia quem possa com a alavanca do seu espirito desmanchar as differenças dos *tratos*? Não o creio. E todavia ali está o *facto*, e lá diz o Barbe, contra *factos* não ha argumentos. Não ha, é verdade; mas então, meus irmãos, o que hei do dizer de vos ao Deus todo poderoso, quando, no supremo dia do Juizo Final interrogar-me: «Antonio, como se comportaram os teus amigos *tratisistas*?»

«Mal, Senhor! Muito mal!» é a resposta que, a bem da verdade, hei de dar ao meu Deus. Isto, com certeza, vai pezar, meus irmãos, na balança da justiça divina contra a vossa entrada para o reino da Luz do Bem.

Vamos, *tratisista*, mais um pouco de paciencia. Não compromettaes a vossa vida de alem tunulo. Espero pelas vossas decifrações até sexta-feira.

Eia, aos *tratos* ultimos... ou eu acabo por uma vez com esta caranguejola, em que nenhum de vos tem a habilidade de entrar.

FREI ANTONIO.

RECEBEMOS

— Conferencia do Dr. Ubaldino do Anaral feita no Club Republicano de Campinas no dia 13 de Março de 1887.

— *O Mequetrefe*, n. 432. Bons e espirituosos desenhos. Texto sciñtifiante.

— *Revista do Observatorio Astronomico* n. 4.

— *Apaiçonada* — Valsa composta pelo sr. Americo Ribeiro Penna. Muito apaixonada.

— *A Falsa* n. 76 (Baua). Engaçadas caricaturas. No texto o estias de Raymundo Corrêa e Valentim Magalhães.

— *O Occidente*, anno X. n. 298. Bellas illustrações texto brilhante.

— Da casa David Corazzi: *Fabulas de La Fontaine*, fasc. n. 33, com um bello retrato de La Fontaine e o começo do estudo critico de Pinheiro Chagas; *Historia de Grã Bias de Santilhana*, fasc. ns. 69 e 70, com um lindo e grande chromo; *Os enciclos de Lisboa*, fascs. ns. 23 e 24.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

O ULTIMO BEIJO

POR

Henrique Perez Escrich

O *Ultimo Beijo* é o titulo do ultimo romance que acaba de sahir dos prelos hespanhoes e devido á maviosa penna do brilhante romancista Henrique Perez Escrich, auctor de obras que hoje tem uma reputação europia como o *Cura de Aldeia*, o *Martyr do Golgotha*, a *Formosura d'Alma*, e tantos outros romances que se leem sempre com aprivel encanto e que são recebidos no santo lar de familia, sem temor de que o maculem.

N'esta epocha de tanto realismo, em que as podridões sociais, os vicios mais asquerosos servem de thema aos romances em voga, uma obra de Perez Escrich é sempre acolhida como uma flor de perfume casto e inebriante, que reflecte em si os mais bellos sentimentos da moral e da verdadeira poesia do bello.

Os romances assim comprehendem-se e jamais podem inocular o virus dos torpes realismos no espirito dos que querem leituras amenas mas não irritantes.

O novo romance de Escrich que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* está fazendo passar para a lingua portugueza, é uma joia de inestimavel valor, uma d'essas joias que brilham sempre e que se guardam com estima e agrado. E' um livro de scenas attrahentes, d'um

entrecho admiravel, de uma simplicidade encantadora e attrahente, contendo bellezas que são difficéis de descrever quando não se possui o talento descriptivo de um escriptor de primeira ordem, como é Perez Escrich.

A *Bibliotheca do Cura de Aldeia*, para que n edição seja digna das que tem até hoje publicado, não só confiou a traducção a pessoa competentissima, mas tambem trata de empregar os seus esforços para que a parte material do livro seja a mais esmerada possivel.

Este conjunto de cousas faz com que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* espere o mais benevolo acolhimento a uma obra que pôde ser classificada entre as melhores do auctor.

Condições de assignatura

O *Ultimo Beijo* constará de 4 volumes, ornados de primorosas gravuras, que serão publicados ás folhas de 76 paginas.

Distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, pelo modico preço de 200 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega. Alternadamente será distribuida em cada fasciculo uma gravura de pagina.

Cada fasciculo de 48 paginas 200 reis.

GRAVURAS GRATIS AOS SRS. ASSIGNANTES

Assignar-se na Agencia Commercial Portugueza de Leuence Marques d'Almeida — Rua do Carmo, 40, 1.º andar, Rio de Janeiro.

N. B. Acha-se completa a publicação deste interessante romance continuando ainda, até o meado de Maio, aberta a assignatura. Preço, por assignatura, dos 4 volumes encadernados, com lindas capas espezias — \$3600. No meio de Maio fechar-se-há a assignatura e só se venderá a obra completa por 10\$000 reis os 4 volumes.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECÇÃO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitada a qualquer hora. Estatutes nas principaes livrarias.

Livros ultimamente publicados e á venda na livraria do editor B.L.GARNIER, rua do Ouvidor n. 71

A LEI DAS EXECUÇÕES

ou consolidação e concordancia das disposições, que, segundo a lei n. 3272 de 5 de Outubro n. 9549 de 23 de Janeiro de 1836 e regem as acções hypothecarias e de penhor agricola e as execuções commerciaes e civis em'geral pelo, advogado Censelheiro A. de Almeida Oliveira

1 vol. in-4º enc..... 98000

PROCESSO

das execuções civis, commerciaes e hypothecarias, contendo as respectivas disposições legislativas, jurisprudencia dos tribunaes e opiniões de peristas, pelo Juiz de direito

Cassiane C. Tavares Bastos

1 grosso vol. in-4º enc..... 108000

Muniz Barreto — O REPENTISTA, estudo pelo Dr. Rozendo Muniz Barreto. 1 vol. in-8º enc. 48, br. 38000.

O Cante do Cysne por Georges Ohnet. 1 vol. in-8º, enc. 38, br. 28000.

Historia de Brazil do Dr. Motta Maia, 2ª edição augmentada. 1 vol. cart. 48000.

Grammatica Portugueza por Manuel Olympio Rodrigues da Costa. 3ª edição melhorada. 1 vol. in-8º enc. 28000.

71 RUA DO OUVDOR 71

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Apprevada pela junta de hygiene e autorizada pelo governe

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, escrephulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxes, tesse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes does hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e beticas.

FABRICA PEROLA

Terrefacção de café

Este afamado café vendo-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, a nas principaes casas do molhados e confeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

**ALFAIATARIA**

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

**A NACIONAL**CARLOS MORAES & C.  
66, RUA DA URUGUAYANA, 66GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES  
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

**INTRANSFERIVEL ! INADIABEL !****GRANDE LOTERIA**

DA

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO**

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Br. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

**14 DE MAIO DE 1887**

INADIABEL

**MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS**

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio  
Segundo sorteio.  
Terceiro sorteio.100:000\$000  
200:000\$000  
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia do 18 floa-se habilitado a um premio de 50:000 no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

**Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral****RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 597.

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA 1ª CORRIDA

### A REALIZAR-SE

### DOMINGO 1 DE MAIO DE 1887

### AO MEIO-DIA EM PONTO

1º pareo—Ao meio-dia—**Initium**—1.000 metros—Poldros e poldras de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes           | Fellos         | Edades     | Naturalidades   | Pesos       | Côres das vestimentas       | Proprietários         |
|-----|-----------------|----------------|------------|-----------------|-------------|-----------------------------|-----------------------|
| 1   | Ozires .....    | Castanho ..... | 2 annos... | Paraná .....    | 47 kilos... | Branco e rosa.....          | R. F.                 |
| 2   | Berenice .....  | Alazão .....   | 2 » .....  | Rio de Janeiro. | 46 » .....  | Ouro e branco.....          | Coudelaria Fluminense |
| 3   | Sensitiva ..... | Tordilho.....  | 2 » .....  | Idem.....       | 46 » .....  | Grénat e lyrio.....         | D. A.                 |
| 4   | Juanita .....   | Baio .....     | 2 » .....  | Idem.....       | 46 » .....  | Idem, idem.....             | D. A.                 |
| 5   | Corcovado.....  | Castanho ..... | 2 » .....  | Idem.....       | 47 » .....  | Grénat e ouro.....          | Mario de Souza.       |
| 6   | Archimedee..... | Zaino.....     | 2 » .....  | Idem.....       | 47 » .....  | Ouro, mangas e boné azul... | Coudelaria Alliança.  |

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Longruber**—1.400 metros—Animas estrangeiras até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |                |               |            |                   |             |                              |                        |
|---|----------------|---------------|------------|-------------------|-------------|------------------------------|------------------------|
| 1 | Amazonas.....  | Castanho..... | 3 annos... | Inglaterra.....   | 49 kilos... | Azul e encarnado.....        | Liberal & Courreges.   |
| 2 | Daybreak.....  | Zaino.....    | 3 » .....  | Idem.....         | 47 » .....  | Ouro e azul.....             | D. Julia Vieira.       |
| 3 | Paraguaya..... | Castanho..... | 3 » .....  | Idem.....         | 49 » .....  | Azul e grénat.....           | P. Lima.               |
| 4 | Babytonia..... | Idem.....     | 3 » .....  | França.....       | 49 » .....  | Havana e azul.....           | J. R.                  |
| 5 | Siva.....      | Alazão.....   | 3 » .....  | Inglaterra.....   | 51 » .....  | Azul e ouro.....             | Coudelaria Americana.  |
| 6 | Queime.....    | Castanho..... | 3 » .....  | Idem.....         | 47 » .....  | Azul.....                    | C.                     |
| 7 | Pasey.....     | Zaino.....    | 3 » .....  | Rio da Prata..... | 47 » .....  | Encarnado e ouro.....        | V. M.                  |
| 8 | Phencia.....   | Alazão.....   | 3 » .....  | Inglaterra.....   | 47 » .....  | Encarnado e mangas azues.... | Coudelaria Brasileira. |

3º pareo—A' 1 1/2 hora—**Excelsior**—1.450 metros—Animas do paiz até 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |                |               |            |                 |             |                               |                       |
|---|----------------|---------------|------------|-----------------|-------------|-------------------------------|-----------------------|
| 1 | Argentino..... | Castanho..... | 3 annos... | Rio de Janeiro. | 51 kilos... | Grénat e lyrio.....           | D. A.                 |
| 2 | Odalisca.....  | Pampa.....    | 3 » .....  | S. Paulo.....   | 51 » .....  | Verde, branco e encarnado.... | Coudelaria Excelsior. |
| 3 | Monitor.....   | Castanho..... | 3 » .....  | Idem.....       | 51 » .....  | Azul, branco e encarnado..... | Coudelaria Cruzeiro.  |
| 4 | Dandy.....     | Vermelho..... | 3 » .....  | Idem.....       | 51 » .....  | Ouro e verde.....             | F. Vianna.            |

4º pareo—A'e 2 1/4 horas—**Cosmos**—1.609 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

|   |                |                 |            |                 |             |                              |                       |
|---|----------------|-----------------|------------|-----------------|-------------|------------------------------|-----------------------|
| 1 | Ruy-Blas.....  | Alazão.....     | 3 annos... | Inglaterra..... | 49 kilos... | Ouro e branco.....           | Coudelaria Fluminense |
| 2 | Peruana.....   | Zaino.....      | 4 » .....  | Idem.....       | 50 » .....  | Azul e amarello.....         | J. Rocha.             |
| 3 | Coupon.....    | Castanho.....   | 4 » .....  | França.....     | 56 » .....  | Azul, branco e encarnado.... | Coudelaria Cruzeiro.  |
| 4 | Lé-Loup.....   | Zaino.....      | 4 » .....  | Idem.....       | 52 » .....  | Azul e grénat.....           | Coud. International.  |
| 5 | Charybdee..... | Castanho.....   | 4 » .....  | Inglaterra..... | 52 » .....  | Encarnado e preto.....       | Coud. Rio de Janeiro. |
| 6 | Walter.....    | Douradilho..... | 4 » .....  | Idem.....       | 52 » .....  | Grénat e roea.....           | S. M.                 |

5º pareo—A's 3 horas—**Dorby-Club**—1.609 metros—Animas do paiz—Premio: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

|   |               |               |            |                  |             |                              |                        |
|---|---------------|---------------|------------|------------------|-------------|------------------------------|------------------------|
| 1 | Diva.....     | Alazão.....   | 4 annos... | Rio de Janeiro.. | 54 kilos... | Ouro e branco.....           | Coudelaria Fluminense  |
| 2 | Talisman..... | Idem.....     | 5 » .....  | S. Paulo.....    | 56 » .....  | Azul, branco e encarnado.... | Coudelaria Cruzeiro.   |
| 3 | Boreas.....   | Castanho..... | 4 » .....  | Idem.....        | 60 » .....  | Encarnado e preto.....       | Coud. Rio de Janeiro.  |
| 4 | Macaré.....   | Alazão.....   | 5 » .....  | Idem.....        | 54 » .....  | Azul e grénat.....           | Coudelaria Santa Cruz. |

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Progresso**—1.609 metros—Animas nacionaes até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |               |               |            |                 |             |                         |                        |
|---|---------------|---------------|------------|-----------------|-------------|-------------------------|------------------------|
| 1 | Intima.....   | Castanho..... | 5 annos... | S. Paulo.....   | 54 kilos... | Grénat e lyrio.....     | D. A.                  |
| 2 | Druid.....    | Tordilho..... | 4 » .....  | Rio de Janeiro. | 62 » .....  | Branco e encarnado..... | Oliv. Junior & Lopes.  |
| 3 | Biscaia.....  | Alazão.....   | 4 » .....  | S. Paulo.....   | 52 » .....  | Azul e grénat.....      | Coudelaria Santa Cruz. |
| 4 | Mandarin..... | Rosilho.....  | 4 » .....  | Idem.....       | 54 » .....  | Idem idem.....          | Coudelaria Paraiço.    |

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Rio de Janeiro**—1.750 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.500\$ ao 1º, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

|   |                 |               |            |                   |             |                              |                       |
|---|-----------------|---------------|------------|-------------------|-------------|------------------------------|-----------------------|
| 1 | Swamp.....      | Castanho..... | 4 annos... | Inglaterra.....   | 50 kilos... | Azul.....                    | C.                    |
| 2 | Olinda.....     | Zaino.....    | 3 » .....  | Idem.....         | 47 » .....  | Grénat e lyrio.....          | B. V.                 |
| 3 | Salvatus.....   | Alazão.....   | 4 » .....  | Idem.....         | 52 » .....  | Azul, branco e encarnado.... | Coud elaria Cruzeiro. |
| 4 | Phrynéa.....    | Castanho..... | 4 » .....  | Idem.....         | 54 » .....  | Ouro e branco.....           | Coudelaria Fluminense |
| 5 | Satan.....      | Idem.....     | 4 » .....  | França.....       | 54 » .....  | Grénat e ouro.....           | Mario de Souza.       |
| 6 | Dr. Jenner..... | Zaino.....    | 4 » .....  | Rio da Prata..... | 52 » .....  | Idem.....                    | J. S.                 |
| 7 | Scylla.....     | Castanho..... | 4 » .....  | Inglaterra.....   | 50 » .....  | Encarnado e preto.....       | Coud. Rio de Janeiro. |

8º pareo—A's 5 1/4 horas—**Seis de Março**—1.450 metros—Animas do paiz até meio sangue que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

|    |                  |                 |            |                 |             |                            |                         |
|----|------------------|-----------------|------------|-----------------|-------------|----------------------------|-------------------------|
| 1  | Baccarat II..... | Gateado.....    | 4 annos... | S. Paulo.....   | 52 kilos... | Branco e azul.....         | F. J. C.                |
| 2  | Damon.....       | Alazão.....     | 4 » .....  | Idem.....       | 52 » .....  | Branco e encarnado.....    | J. Machado.             |
| 3  | Ondina.....      | Tordilho.....   | 3 » .....  | Idem.....       | 47 » .....  | Azul e amarello.....       | J. Rocha.               |
| 4  | Gladiador.....   | Zaino.....      | 3 » .....  | Rio de Janeiro. | 49 » .....  | Grénat e lyrio.....        | D. A.                   |
| 5  | Caporal.....     | Alazão.....     | 4 » .....  | S. Paulo.....   | 52 » .....  | Grénat e branco.....       | Coudelaria Integridade. |
| 6  | Chapeco.....     | Castanho.....   | 3 » .....  | Paraná.....     | 49 » .....  | Branco e azul.....         | Coudelaria Guanabara.   |
| 7  | Vilodimer.....   | Ruço.....       | 4 » .....  | Rio de Janeiro. | 52 » .....  | Azul, ouro e encarnado.... | M. B. S.                |
| 8  | Marengo.....     | Vermelho.....   | 6 » .....  | S. Paulo.....   | 54 » .....  | Vermelho.....              | Coudelaria Mirim.       |
| 9  | Jenny.....       | Idem.....       | 4 » .....  | Idem.....       | 50 » .....  | Vermelho e preto.....      | J. Lemos.               |
| 10 | Pretoria.....    | Libuno.....     | 6 » .....  | Idem.....       | 52 » .....  | Azul e havausa.....        | A. C.                   |
| 11 | Rondello.....    | Donradilho..... | 3 » .....  | Idem.....       | 49 » .....  | Azul e grénat.....         | Lazaro & Lima.          |
| 12 | Guacha.....      | Chita.....      | 3 » .....  | Rio Grande..... | 49 » .....  | Azul e grénat.....         | A. M.                   |

## OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. proprietarios dos animas inscriptos no 1º pareo o favor de terem os mesmos no encilhamento ás 11 1/2 horas precisas.

Pelo 2º secretario, **MARCOS DE MELLO.**

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 7 DE MAIO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 123

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                 |
|--|-----------------|
| Expediente.....                              | A REDACÇÃO.     |
| «A Semana».....                              | F. D'ALMEIDA.   |
| Os nossos artistas—I Belmiro de Almeida..... | BLASIUS.        |
| Ramalhão Ortigão.....                        | F. D'ALMEIDA.   |
| Com o Sr. C. de L.....                       | ADELINA VIEIRA. |
| A grãa dos ferreiros.....                    | V. MAGALHÃES.   |
| poesia.....                                  | L. DE LISIE.    |
| A Plebe, soneto.....                         | A. FOUNTOURA.   |
| Discursos.....                               | A. PALHETA.     |
| Myrtil, soneto.....                          | L. DE MENDONÇA. |
| Bellas Artes.....                            | L. M. BASTOS.   |
| Exatinação.....                              | NEO-SANZIO.     |
| Sport.....                                   | P. TALMA.       |
| O artista, soneto.....                       | LORGNON.        |
| Theatros.....                                |                 |
| Festas, bailes e concertos.....              |                 |
| Escritas e Noticias.....                     |                 |
| Recebemos.....                               |                 |
| Annuncios.....                               |                 |

## EXPEDIENTE

No escriptorio d'esta folha compram-se, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Achando-se promptos os indices das materias contidas no 2o volume (anno de 1886) d'A Semana, rogamos aos nossos assignantes que os desejarem o favor de os mandarem reclamar no nosso escriptorio.

## A SEMANA

A surpresa que para este numero havíamos prometido é a galeria *Os nossos artistas*, que hoje inauguramos com uma caricatura de Belmiro de Almeida, feita por elle mesmo, acompanhada de um artigo pelo nosso companheiro Filinto—igualmente de Almeida.

A grande novidade d'esta galeria está em serem os artistas que nell'entram os auctores dos seus proprios retratos ou caricaturas.

Já tivemos o assentimento de Aurelio de Figueiredo, Antonio Parreiras, Peres, Bento Barbosa e outros artistas distinctos.

Oremos que esta nova galeria, que iremos nternando com a do Elogio Mutuo (que continuará com o retrato de Raymundo Corrêa, com biographia de Lucio de Mendonça) ha de obter os applausos dos nossos assignantes.

Por motivo de enfermidade de José do Egypto e ausencia de Filinto não damos hoje *Historia dos sete dias*.

Do proximo numero em deante publicaremos chronicas politicas em'quo será feita humoristicamente a critica dos trabalhos parlamentares. Inconbio-se graciosamente de escrevel-as um doe nossos mais applaudidos e illustres collaboradores.

A REDACÇÃO

## OS NOSSOS ARTISTAS

I

BELMIRO DE ALMEIDA



Fui colhido de surpresa por um telegramma imperioso e intempestivo, para traçar o perfil de Belmiro de Almeida. Não estava prevenido para este trabalho e tenho de o fazer á pressa, porque o tempo urge e o couboyo não espera por ninguém.

Faltam-me aqui os dados biographicos do Belmiro. Sei apenas que elle é mineiro e que conta, pouco mais ou menos, vinte e sete annos.

Conheci-o nos verdores da adolescencia, quando começava a cursar com muita distincção a Academia de Bellas Artes. Pouco mais tarde, em 82, tomando eu conta da redacção do *Binoculo*, folha illustrada pelo finado scenographo Huascar de Vergara, reflecti que nos podia ser muito util a collaboração do Belmiro, porque o Huascar, velho e pouco ao facto dos acontecimentos e dos processos modernos da caricatura, não me satisfazia inteiramente. Fallei-lhe no negocio, offereci-lhe um logar na folha, e elle accitou com enthusiasmo o pouco que o *Binoculo* lhe podia dar pelo seu trabalho.

Fui então que o conheci mais e melhor. Era um boemio desregradissimo; sem ambições artisticas mas cheio de aspirações artisticas, faltava-lhe o primeiro elemento para as realisar: a perseverança no trabalho. Não se descrevem, nem se podem

imaginar, as luctas que eu travava e sustentava dias e dias para que elle fosse desenhado n sua metade de pedra lithographica!

A folha sahia aos sabbados e ás terças-feiras começava o meu trabalho de procurar o Belmiro pela cidade. Era um horror! Em casa não estava nunca: era preciso pillal-o pelas ruas. A's vezes acontecia poder arrastal-o na quarta-feira até á redacção. Como não lia jornal, nem se informava de nada, estava sempre vazio de assumpto. Podia ter havido a bancarrota, podia ter cahido a monarchia, podia o cidadão Castro Urso ter sido elevado á presidencia do Conselho, podia o Sr. conselheiro Henriques ter ficado famoso á custa de preparações chemicas miraculosas—que o Belmiro de nada sabia. Era indispensavel que eu lhe fornecesse assumpto e que lhe indicasse a maneira de o tractar nas suas duas paginas.

Começava então a desenhar com furor; mas, de repente, a proposito de qualquer coisa, por mais insignificante, por mais futil, Belmiro largava n lapis, refastelava-se no divan da sala e esquecia-se na prosa. De outras vezes, interrompia o trabalho, deixava pees joelhos as pernas de Lopes Trovão, e começava num pedaço de tela n retrato a elle do gerente da filha. Eu ficava

furioso, mas, como era muito amigo d'elle e não o queria desgostar, calava-me.

Chegada a hora de jantar elle sahia, protestando voltar immediatamente, e não apparecia mais... Na quinta-feira, nove trabalho de o procurar. Muitas vezes não o encontrava nem na sexta-feira, e no sabbado, quando elle se resolvia a vir acabar os desenhos, era necessario estar ali ao pé d'elle e não o deixar nunca sozinho. Ficavamos então no escriptorio, que era num segundo andar do berco das Cancellas, esquina da rua do Ouvidor, até uma, duas, tres horas da madrugada. O Huascar, que ao fim de pouco tempo começou a fazer o mesmo que o Belmiro, assistia tambem, e assim passavamos a noite, numa orgia de chá preto com torradas, que mandavamos vir do botaquim da Cascata, fumando desesperadamente cigarros e ouvindo os gemidos do proprietario da folha, o Antonio Reis, o *Reis-charada*, como lhe chamavam na *Gazeta*,—que nesse tempo andava muitissimo doente.

Mais tarde, o Reis foi para a Europa tractar-se e o Paula Ney comprou-lhe a folha, dando-me sociedade a mim e a Francisco Paquet, o gerente.

Esta associação, porém, não chegou a sair do terreno da pura idealidade. Eu arranjei um emprego e deixei o *Binoculo*. Substituiu-me Silvestre de Lima, que ainda aguentou aquillo por um mez. Por fim, inteiramente baba de recurcos, a folha murchou e morreu. Chegara-lhe o outomno antes da primavera, coltada!

Aquella foi para mim uma época de grandes privações e sacrificios, mas, quando hoje encontro o Belmiro, não posso deixar de me lembrar com saudades do nosso antigo *Binoculo*.

Dos companheiros de então já se envolveram dois nas trevas irreductiveis da morte—Antonio Reis e Huascar de Vergara; e outro, mais infeliz ainda, constamente que anda homisado por Minas, victima do seu temperamento exaltado e, talvez, do seu atrabiliario caracter.

Depois do *Binoculo* Belmiro não tornou a desenhar em jornaes senão ultimamente, no ephemero e primoroso *Rataplan*.

Ha cerca de quatro annos resolveu ir pedir á assembléa da sua provincia natal os meios de poder ir estudar em Paris, que era o seu sonho constante.

Fui, em logar, porém, de tratar do motivo unico da viagem, piz-se a desenharem sorprendentes paesagens mineiras, a copiar cascatas e florestas, n compor esboços de costumes, e voltou como fora, sem pensão nem coisa alguma.

Depois d'este fiasco, desenvolveu então grande energia e arranjou com alguns amigos o que não conseguira na assembléa provincial de Minas. Foi a Paris e por lá esteve um anno.

Não sei se estudou muito, mas posso afirmar que pintou pouco. E, se da grande capital artistica do mundo moderno não trouxe quadros, trouxe u enorme, n desesperado desejo de voltar para lá.

Ultimamente, ainda ha poucos mezes, casou-se.

Este casamento e aquelle desejo, parece-me terem sido de uma immensa utilidade para o Belmiro. Desenvolveram-lhe um certo amor ao trabalho e a justa ambição de se distinguir como artista.

A *bohemia*, com o seu cortejo de privações e necessidades, trouxe-lhe a experiencia; a responsabilidade do lar deu-lhe a resolução. Com estas duas armas pôde-se travar com vantagem a grande luta da vida.

A physionomia artistica de Belmiro

de Almeida, por muito desigual o incoherente, é extremamente difícil de fixar.

Tem talento e originalidade. O que lhe tem faltado é perseverança e paciência. Muito nervoso e soffrão, começa vinte quadros para acabar dois ou tres. Todavia, niquelles que consegue acabar, abundam as suas notáveis qualidades. Na caricatura tem sido entre nós inextinguível. Dos seus quadros a elle, lembro-me de um que foi uma revelação. É o do naufragio de um pequeno navio que ha poucos meses deu à costa lá para as bandas de Niello-roy.

É um quadro de um metro de largura, mais ou menos; o navio occupa o segundo plano, ao centro, uma mancha insignificante. As aguas, agitadas ao fundo com violencia, levantam uma grande onda que arrebatava pavorosa no primeiro plano, levemente tocada de luznas orlas esverdeadas e espumantes. Para quebrar a monotonia do tom verde-escuro, o pintor collocou na parte inferior da tela, no angulo inferior do primeiro plano, á direita, um soberbo albatroz em voo, cuja harmonia delicadamente o effeito geral da composição.

Este quadro, um tanto revolucionario e audaz, revelou as excepcionaes qualidades do pintor novel, que nunca teve tempo para acabar o seu curso da Academia o que para fazer um nome glorioso de artista neste paiz seu arte sem meio, precisa apenas trabalhar, trabalhar sempre, com vontade, com ritmo, com ambição— como trabalham os mestres que alcançam a gloria e chegam á posteridade.

S. Paulo, 4 de Maio de 87.

FILINTO DE ALMEIDA.

## RAMALHO ORTIGÃO

Alguns admiram o espirito sarcastico e acerado do Ramalho Ortigão, outros, seu estilo ductil e maleavel, prestando-se á expressão de quaesquer idéas e de quaesquer emoções, outros a independencia da linguagem e a altivez de caracter.

Para mim o que nelle é verdadeiramente digno de admiração, neste seculo de revolticos, é a sua *robustez moral*. Nesta phrase eu comprehendo sua coragem na luta pela vida, transparecendo sempre nas doutrinas por elle prégadas. Ninguém mais do que esse escriptor comprehendeu a necessidade da coragem na vida privada, ninguém mais do que elle tem rehabilitado o trabalho honesto.

Isola-se do commun dos escriptores, rompe com todos os preconceitos, dá combate ás antigalhas, porque sente-se forte.

Não empallidece um momento suas circumstancias mais criticas da vida.

É sob este ponto de vista, como pregador da mais sã moral, que o acho sublime.

Para se ver a coragem de Ortigão em todas as crises da vida, para se ter uma idea da moral que elle préga e segue basta abrir ao acaso a collecção das *Farpas*. Suas doutrinas sobre o jogo, por exemplo, como são cheias de sensateza. Elle cahiu numa noite entre as garras de dous batoteiros. De madrugada, fatigado pela vigilia, exaustão de forças e de dinheiro, elle vê um dos seus companheiros de desgraça chorando. A lição de moral pictorresca mas altamente sensata que elle dá a esse infeliz é digna de ser lida e relida. O valente escriptor, depois de exprobar em tercos alegres e finamente espirituosos a traqueza do choramingas, pize-se em lido de comparação com o lamuriendo e então offerece o espectáculo de um gigante ao lado de um pignoneu.

De facto para que lastimar o dinheiro perdido no jogo? O que cumpre é trabalhar e não chorar o que está irreme-

diavelmente acabado. Na conquista da vida, como na conquista do vollocino, cumpre não olhar jamais para trás.

A critica da tristeza de Alexandro Heroulanu, o solitario do Valle de Lobos, é outra peça já oudo so vé quanto Ortigão engrandece o trabalho, e quantos males attribue á ociosidade, mesmo na época mais adiantada da vida.

A carta a S. A. o principe D. Carlos é um verdadeiro tratado de educação. Essa carta por si bastaria para tornar Ortigão digno de ser considerado profundo moralista.

Continuar a citar topicos, cada um melhor, seria fazer o indice completo das *Farpas*, esse monumento composto de fragmentos como o Digesto de Justiniano, e que como o Digesto será o código das gerações vindouras. Essa promessa lhe fez seu autor na carta a Sua Alteza e creio que é prophécia que se cumprirá, como se cumprio a que Horacio fez na sua ode dedicada a Mecenas.

Devremos attribuir essa robustez moral, como attribue Ortigão mesmo na sua introdução, á *Hygiene d'Alma*, á sua constituição physica verdadeiramente athletica?

Naturalmente. É por isso que é raro encontrar-se um litterato com as suas doutrinas de Ortigão. O exercicio demasiado das funções cerebraes, prejudicando extraordinariamente o physico faz com que, segundo Spencer, os homens de grande cultura intellectua, sejam quasi sempre á destituidos de vontade forte e de infatigavel actividade, qualidades devidas exclusivamente ao vigor physico. É a esse facto que é devido encontrar-se na litteratura uma série de contra-sensos, productos morbidos de talentos doentes. A litteratura sau, vigorosa, sensata, de idéas naturaes, essa é *rara-avis*.

Ramalho Ortigão conseguiu executar o principio de educação de Emerson «que todo o homem deve tratar de ser um bom animal,» principio pelo proprio Ortigão tantas vezes repetido.

Eis a que elle deve essa placidez inegualavel, essa tranquillidade realmente invejavel.

A elle se poderia applicar a descripção do varão forte de Horacio, que

*Si fractus illabatur orbis,  
Impavidum serient ruinae*

No genero de R. Ortigão encontramos na litteratura franceza um escriptor notavel E. Courrier.

Purista na linguagem, defensor dos fracos, pamphletario, vehemente na expressão, virulento na critica, o Courrier o ascendente legitimo de R. Ortigão.

Mas Courrier não é impassivel como Ortigão. Courrier apaixonou-se muitas vezes.

A forma das obras de Courrier é o resultado do meio em que elle sempre esteve. Courrier é do povo e vive como do povo. Faz guarda no Daubio, sob o commando de Napoleão, até cahir exaustão de fome e de fadigas; é arrastado aos tribunales correctionaes e condemnado como «vil pamphletario»; é plebeo, alimenta-se de pão com alho; é soldado e *vigneron*.

Ortigão foi criado com todas as comodidades de que dispõe a sociedade moderna; conhece profundamente, regaladamente e aprecia tudo quanto é fino, delicado e artistico — inclusivé a arte de B. Savarin. É do povo pela origem mas não é pelos gostos nem pelos instiuctos.

A critica de Ortigão provoca franca risada e dispõe-nos a ter compaixão dos criticados. A critica de Courrier, tão espirituosa como a de Ortigão, é entretanto repassada do marargura. Ao ler Courrier rimos-nos, mas sentindo intenso e invensível odio contra o objecto da critica. Essa paixão é o lado fraco de Courrier, porque, como diz o barão de Feuchteleben, em sua *Hygiene d'Alma* (traducção do Ramalho Ortigão) o odio, como qualquer outra paixão, é o resultado de uma molestia mental.

Ortigão, narrando com toda a fidelidade, sem paixão, mas com justiça, os vicios da sociedade em que vive, terá, como Balzac, de quem muito se affasta no genero litterario, a gloria de ser o fiel historiadór da vida de um povo.

Com seu braço de athleta expoz aos olhos da humanidade Portugal—vivo e nu.

BLASIUS.

## Com o Sr. C. de L.

« Meu caro Valentinim.

S. Paulo, 29 de Abril de 1887.

Por indicação do Abdon Milanez li hontem no *Jornal do Commercio* de 21 o *Microcosmo* do Sr. Carlos de Laet, onde este preclaro folhetinista e distinctissimo mofineiro responde a um artigo teu inserto no numero penultimo d' *A Semana*.

Já respondeste triumphantemente, pelo *Diario de Noticias*, ás objecções do Sr. Laet, mas nessa resposta não rebaste uma insinuação de erro de portuguez, que mez faz o possuidor do mais portentoso *cavatignac* das duas Americas.

É para tratar desso assumpto,—que, embora ligeiro, não deixa de ter importancia para mim,—que vou occupar agora a tua e a attenção dos leitores.

Como sabes, e como sabem todos os que por ventura minha costumam ler o que escrevo, eu, como escriptor, preso a lingua acima de todas as coisas, e se muitas vezes tenho errado, como mortal fallivel que sou, é por absoluta ignorancia e não por falta de cuidado no escrever ou de capricho e esmero no compor.

Desta vez, porém, quem errou, e errou deploravelmente, foi o Sr. Laet, professor de portuguez, e não eu, antigo caixeiro do Galois, como ensinou aos mundos o citado folhetinista do *Jornal*. Vamos á demonstração.

Diz o Sr. Laet:

« Protesta-se ainda que o mencionado proprietario é—honestissimo, sincero, intemerato (queria-se talvez dizer *destemido*), mas corajoso e audaz, etc.»

Elle, *maquillo* e cego dos que não querem ver, truncou o meu periodo, pois que se minhas as palavras aspasadas.

Eis o que eu escrevi a teu respeito, em o numero 95, na *Galeria do elogio mutuo*:

« Honestissimo, sincero, intemerato, mas corajoso e audaz, a sua penna purifica a suas suas bellas qualidades moraes e nos seus sentimentos, antes de imbebel-a no veneno da tinta para a polemica ou para a satyra.»

Quando chegou áquelle *intemerato*, sem mais exame nem sombra de analyse, disse o Sr. Laet com ares de velho mestre-escola tyrannico:—« Querias talvez dizer *destemido*. »

Pois está o meu grande inimigo litterario redondaente, quairadamente enganado.

Não so queria dizer *destemido*, não achor. Queris-se dizer—puro, *lucro* nupto, impolluto.

Quem ler com alguma attenção a phrase inteira vê logo com que má fé professor de portuguez me iucepa e que não commetti.

Como poderia eu, so houvesse escripto *destemido*, seguir este adjectivo da conjuncção *mas*, oppoído *corajoso* e *audaz*, que são synonymos?

Imaginemos a phrase como a imaginou o Sr. Laet:—« Honostissimo, sincero, *destemido*, mas corajoso e audaz... »

Seria clara e positivamente um disparate. *Destemido* mas corajoso—é o que só pôde caber na cabeça do Sr. Laet.

Companhantos agora a mesma phrase com um synonymo de *intemerato* na accepção castiga da palavra:—Honostissimo, sincero, *incorrupto*, mas corajoso e audaz.

Eis a phrase correcta, eis a phrase portugueza, eis a phrase com o sentido que eu lhe quiz dar e que ella perfectamente exprime.

Parece-me estar sufficientemente mostrada a má fé (não creio que ignorancia) do escriptor do *Microcosmo*.

O Sr. Laet sabe que o vocabulo *intemerato*, comquanto pouco commun tem andado por ahí a fingir de *destemido*, de *intrepido*, de *corajoso* e de *temerario*.

O Sr. Laet sabe-o; mas eu tam o sei, e por varias vezes tem sido meus nervos irritados pelo enprego roneo daquelle bella palavra.

Pura provar-lhe que tenho notado erro cito-lhe um facto expressivo. Lembro-me de que, na *Gazeta de Noticias* de 22 ou 23 de Fevereiro, em uma noticia do carnaval da vespera, vem o vocabulo com a significação errada em phrase assim mais ou menos composta:—« Alguns mascarados intemeratos atreveram-se a apparecer nas ruas etc.»

Cito de memoria, porque aqui em S. Paulo fallece-me uma collecção de *Gazeta*, que nem a propria bibliotheca da Academia possui.

Se me não engano, Luiz Guimarães na primeira edição dos seus *Sonetos e Rimas*, tambem usa erradamente mesmo adjectivo, na bella poesia *morte da aguia*.

Não o affirmo, entretanto, por não ter sido possível encontrar a referida edição do poeta.

Em uns versos—*Na morte de uma criança*—feitos por mim nesta cidade 27 de Março deste anno (um mez antes da observação do Sr. Laet), publico no *Diario Mercantil* de 3 de Abril, e transcriptos depois na *Semana* de 5, em que o vocabulo nesta quadra: « Vida sem nodoa, intemerata, pura. Nem podeste ser inelyto ou cobardo. E nem ficaste á espera da voutura. Que nunca chega, ou chega muito tarde »

Lá está no primeiro verso o *intemerato*, na accepção de incorrupto, de imaculado, de impolluto.

Com estas linhas, escriptas á pressa parece-me lavor claramente demonstrado que conheço bem a palavra e seu valor.

Fica, portanto, provado—ou que o Sr. Laet não soube o que leu, ou que quiz atirar mais uma das suas comadas *moifnas*, adulterando o meu escripto, mas adulterando de uma maneira indigna de um escriptor vernaculo e ainda mais indigna de um professor de portuguez.

FILINTO DE ALMEIDA.

# A GRÈVE DOS FERREIROS

(FRANÇOIS COPPÉE)

Traduzida expressamente para ser recitada pelo distinto actor José Simões Nunes Borges

Meus Juizes, escutae, a minha historia é breve. Ella: Tinha-se erguido os ferreiros em greve... Stavim no seu direito, o inverno é duro; enfim o bairro tinha fome, estava exaustão; assim sabbado á tarde, enquanto o salario era pago, lovaram-me de braço e quasi com afago, á taberna, onde fui, a beber, encontrar os collegas, que já recusai distatar. Disseiram-me:

— Tio João, o alento já nos falha, ou augmentam a puga ou ninguém mais trabalha. Exploram-nos, já basta. Escolhem-vos, João, p'ra irles prevenir, sem colera, o patrão que, ee nos não augmenta os miseros salarios, n'contar de amanhã, para nós operarios serdo domingos sempre os dias. Ireis? — Sim.

Agradeço-vos bem terdes pensado em mim, e praza nos céus que eu seja util nos camaradas.

Meu presidente, eu não fiz nunca barricadas. Sou pacífico, vslho o desconfio então dos cacacas, por quem se dispara o canhão. Recusar não devia, accetei a incumbencia e fui ter co'o patrão, sereno na apparencia. Achi-o ainda á mesa, — acabava o jantar. Conte-lhe o nosso aperto, o medonho lutar com o preço do pão e a renda que amsdronta; disse estarmos sem forma, exangues, fiz a conta entre o seu ganho e o nosso, e acabei por dizer que elle, sem se arruinar, nos podia attender. Escutou-me, a quebrar nozes tranquillamente, e disse-me depois: Tio João, pois certamente honesto, e os que hoje aqui vos mandaram tambem sabiam que valor tem um homem de bem. P'ra vós sempre terei logar na ferraria... ss as férias augmentassem, em breve ou falliria sem rmissão. Oavi: Ficho a forja smabã. Os turbulentos são uns validos, e é vã a ameaça da greve, nada mais vos digo. — Eu só respondi: Bom, Senhor.

Sahi, commigo levando a desesperança, n' angustiosa dor o aos amigos contai o que ouvira. Que horror! Foi medonho o tumulto! Infrene a vozaria! Juraram de não mais entrar na ferraria e eu... tambem jurei co'os mais antigos — eu!

Mais de um, á tarde, o olhar de pranto humedeceu, n' lançar sobre a mesa o miagnão salario, o não pouds sorrir; a noite, solitario, passou em sobresalto, angustiado a pensar quanto tempo estaria ocioso, sem ganhar, obrigado ao jejum, sem conforto s' conselho. P'ra mim foi muito duro o golpe; é que eu sou vslho e não 'stou só no mundo. Em casa, quando entrei, os dois netinhos meus sobre os joelhos sentei; (morrou de parto a filha, e o genco transviou-se) e fiquei pensativo, ao ver o riso doce des boquinhas gentis, que adoro s que la ver choias de foms em brsve; e senti, podeis crer, vergonha do meu triste e insano juramento. Entrs nós quem jurou não vacilla um momento, e n'esse instante mesmo, a jura repeti; n'isto, entrar minha santa e velha esposa eu vi, vergando ao peso atroz da roupa que lavava, a contoi-lhs n' tremor tudo o que se passara. Não snbia zangar-se aquelle coração. Ficou por muito tempo, olhos fitos no chão, immovel, mas depois respondeu:

— Pobre amigo! Sabes que economiso e vés o que consigo. Farei, pois, meu dever; não ouvirás meus ais; mas... nos só temos pão p'ra quinze dias mais. — Talvez se arranje tudo, eu repliquei sorrindo, sabendo bem que só perjurarão, trahindo, voltaria ao trabalho, e que sem pena ou dor, para manter mais tempo a grève, do traidor era igual o castigo ao vil procedimento.

A miseria chegou! Que lucha! Que tormento!

Sabei que da desgraça a mais negra afflicção nunca faria que eu me tornasse um ladrão,

que se de em tal pensar, de vergonha morrerá. Eu não pretendo aqui dizer que bem p'lera levar em conta o Jure, ao desesparado, o horror de ver no proprio olhar a sua propria dor; noite e dia, sem ter uma idea enxada, mas, em pleno rigor de uma estada gelada, minha velha honradez via, Senhor dos Céus! a minha companheira e os dois netinhos meus. Tremor de frio ao pé do lar, sempre sem lenha! E entre o pranto da esposa, e a voz fraca e rouquenha da infancia, (grupo ideal que o inverno enregelou por este crucifixo) o juro, não passou um momento sem, por minha escura mente, a idea má, da agua furtiva, em que, vilmente, suffocad, o pulsar febril do coração, a alma estremece, o olhar espreita e rouba a mão.

All se me curvo aqui, ante vós, e se chora minh'alma, é que os revejs, aquelles que ainda agora évoquei, e por quem eu fiz tudo o que fiz. Principamos, pois, sem dobrar a cerviz, comenlo so pão secco e os moveis empenhados. Quanto soffri, meu Deus! que tormento excreando! O quarto é para nós uma jaula sem luz... Não sabemos liar em casa: apos transpuz os muros da prisão fria, lobrega, triste; e, entre as duzas, nem sei que differença existe. E' tortura cruel não poder trabalhar, e, a forçada inacção faz-nos verificar que a forja é o nosso amor, que a sua abraçadora atmospherá de fogo e ferro nos vigora.

Quinze dias depois não havia um vintem! Eu passára esse tempo em infernal vae-vem, a andar, avante e so por entre a turba vaga. O ruído da cidade adormece e embriaga mais que o alcool, illude á hedonista fome. Assim, quando uma vez entrei em casa, era no fim de uma tarde brumosa e fria de Dezembro, vi tritando a um canto a esposa (em cada membro senti frio) aquecendo ao exhumato peito seu os netos, e pensei: «O assassino sou eu!» Disse-me a velha então, com voz doce e confusa:

— O Monte de Socorro, amigo, hoje recusa como imprestavel já o dinheiro do chibão. Onde iras tu, meu velho, agora, a encontrar pão? — Von, respondi com febre, que a dor não raciocina, e resolvei voltar outra vez á officina; mas suspeitando já não poder alcançar licença, fui primeiro á taberna, ao logar onde sabia achar os co'os da greve.

Entrou lá abi julgando enfiar; não se descreve a minha dor, ao ver que bebiam ali, enquanto outros de fome expiravam! Senti profundo horror e nojo. Os que o vinho pagavam e que o nosso martyrio, alegree, prolongavam, oigan inda estragados um vslho a maldição. Cheguei-me aos bebedores; elles viram então que eu tinha a fronte baixa e os olhos como fogo e o que eu lá fazer comprehendem leram-me o logar. Pálidos, os: «Venho aqui, só para vos dizer que sou co'agenario, e assim minha mulher; que, como bem sabeis, dois ustinhos a cargo, e que a agua furtiva, em que estamos a largo por não sendo sumpenhado, ha muito não ha pão. Um facto no hospital, depois da morte do snhão é do ferreiro a sorte e acceto-a; mas a esposa e os netos que ilolatro, isso é uma outra coisa! Resolvi, pois, voltar para a forja; é de mais o que soffro; mas quero antes que o permittaes, que não possam de mim madizer, nem de isve! Tenho negras as mãos, os cabellos de neve, e sou ferreiro ha já quarenta annos. Por dó, deixae quiz reconheca a trabalhar, eu só! Quiz mendigar; não pude, a minha muita idade desculpa-me. E' vergonha immensa, na verdade, quando se tem na frente o sulco que alli faz o incessante esforçar do malho e da tenaz, estender n' quem passa a mão, toda robusta! De mãos postas supplico; é uma cousa bem justa que seja o mais antigo o primeiro a quebrar. A' ferraria, irmãos, deixae-me pois voltar.»

O que pensae? Izi... que a resposta não tarde... Um camuflou p'ra mim e disse-me:

— Cobarde!

O coração senti gelar-se-me; coquei co'o sangue que snbia; apoz quiz ver... olhei. Era um rapaz robusto e livido ao reflexo das luzes, um D. Juan réis do bello sexo, que nas fontes usava uns grandes caracões; ria ironicamente; os olhos, uns pharões, fixava em mim, e tudo em volta era silente. Sentia o coração pulsar violentamente... De subito apertei as mãos á fronte...

— Bem;

a mulher horrora, os pequenos tambem; disse eu, e nunca mais, trahirei; mas juro que tu me vass pagar este insulto tão dur: Combateremos como os burgozes, e já! Em que logar? Aqui? E a arma qual sera? Será, por Deus, o forte, reforçado malho mais leve para nós nas horas do trabalho do que a espada ou a penna; e agora, ouvi-me vós, companheiros leaes, deixae-nos livres, sóis! Fazei silencio em toda, é mortil o combate, a injuria pelo sangue, é preciso que eu minto ou morra. Ide buscar dois martellos, dos bons; d'aquelles que, ao cahir, têm tão valentes sons que ensurdeceem. E tu, insultador de velhos, despe a blusa, n' causa e, curvando os joelhos, encomenda-te n' Deus; depois cospe na mão. Enfurceido, ubri caminho, á força; então fui escolher, febril, entre outros instrumentos esquecidos ali, dois malhos ferrugentos e comparando-os bem, atirei o melbor, o mais pezado e forte, no meu vil offensor, que continuava a rir, mas por ser prevenido, acceteu o martello e disse: constrangulo.

— Meu vslho, vamos lá, não te faças de máa. — Em resposta, avancei contra o torpe marau, sentindo que o magoava o meu olhar honesto, fazulo voltear, com odio manifesto, acima da cabeça, o martello fatal. Nunca vira expressio mais indigna e beatial no olhar do cão que o dono a chicote fustiga; tinha na fixidez do supplicante olhar. Eito a trmer do modo e sempre a recuar, até parar de encontro ao muro da taberna... Era tarde, ai de mim, negra tomeata interna entre mim e esse... verme immovel de terror estendera uma bruma ensanguantada. Horror!

Eu de um só golpe! — um só! — esmiçalhei-lhe o craneo!

Eu sei bem que matei num delirio instantaneo e não quero, entendes? que sophismem a lei, e appellem d'elle to que eu proclamarei simples assassinato.

E elle, morto, perdendo o cerebro a meus pés... pensae... que quadro horrendo! O remorso infinito e negro da Cain chumbou-me os pés ao chão. Cubri o rosto; a mim multos de commoção, todos se aproximaram, e, querendo agarrar-me, a meio não tocaram. Afastei-os com um gesto, e disse sem tremer: — Podis deixae-me, que su condenno-me a morrer! Comprenderam-me. Então, como alguém que pedis-se para os pobres, tirei o meu bonet e disse: — Esmola para a esposa e os netos! Gireneli, e pule reunir dez francos, que mandei por um velho. E entreguei-mo á Justiça severa.

Senhores! Eis aqui, em linguagem sincera, a historia de meu crime, e bem podeis então desprezar o que os meus advogados dirão. Se vos danciei, narrando o meu terrivel acto com tanta minudencia e p'ra provar que um facto tem causa muita vez, n'um concurso fatal de circumstancias. Hoje habitam no hospital, onde expirou de dor a minha companheira, os netinhos, por quem me era doce a canceira. Por isso, venha, embora, ou lugebre prisão ou aviltantes galés e até mesmo... o cuidado; seja enfim como for, já me não dá cuidado... Maa... se a vossa sentença é de morte... obrigado!

ADELINA A. LOPES VIEIRA







**ALFAIATARIA**

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPE

**A NACIONAL**
**CARLOS MORAES & C.**  
 66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

**INTRANSFERIVEL ! INADIABEL !****GRANDE LOTERIA**

DA

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO**

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Pr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

**14 DE MAIO DE 1887**

INADIABEL

**MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS**

PREMIOS MAIORES

 Primeiro sorteio  
 Segundo sorteio.  
 Terceiro sorteio.

 100:000\$000  
 200:000\$000  
 1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 lica-so habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lho possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

**Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral****RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115. TELEPHONE N. 507.

# PRADO VILLA-IZABEL

## PROGRAMMA DA 2ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 8 DE MAIO DE 1887

AO MEIO-DIA EM PONTO

1º pareo — Conciliação (Handicap) — 1.000 metros — Animas de menos de meio-sangue — Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes           | Pellos        | Edades     | Naturalidades    | Pesos       | Côres das vestimentas | Proprietarios          |
|-----|-----------------|---------------|------------|------------------|-------------|-----------------------|------------------------|
| 1   | Mnrtha.....     | Castanho..... | 2 annos... | Rio de Janeiro.  | 45 kilos... | Azul e grénat.....    | I. P.                  |
| 2   | Savana.....     | Idem.....     | 5 » .....  | R. Gr. do Sul... | 50 » .....  | Grénat e rosa.....    | F. G.                  |
| 3   | Guacho.....     | Chita.....    | 3 » .....  | Idem.....        | 51 » .....  | Azul e grénat.....    | A. M.                  |
| 4   | Verbeia.....    | Castanho..... | 4 » .....  | Rio de Janeiro.  | 50 » .....  | Idem, idem.....       | Coudelaria Santa Cruz. |
| 5   | Bolero.....     | Idem.....     | 3 » .....  | Rio Grande.....  | 46 » .....  | Encarnado e ouro..... | A. M. S. L.            |
| 6   | Cantagallo..... | Zaino.....    | 5 » .....  | Paraná.....      | 60 » .....  | Preto e vermelho..... | Fontes & C.            |
| 7   | Oudina.....     | Tordilho..... | 3 » .....  | S. Paulo.....    | 49 » .....  | Azul e amarello.....  | J. Rocha.              |
| 8   | Rigoletto.....  | Zaino.....    | 5 » .....  | Paraná.....      | 50 » .....  | Azul e branco.....    | S. V.                  |

2º pareo — Suppletario — Omnibus: 1.450 metros — Interece eguas de qualquer paiz — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

|   |               |               |            |                 |             |                               |                      |
|---|---------------|---------------|------------|-----------------|-------------|-------------------------------|----------------------|
| 1 | Swamp.....    | Castanho..... | 4 annos... | Inglaterra..... | 55 kilos... | Azul.....                     | C.                   |
| 2 | Talisman..... | Alazão.....   | 6 » .....  | S. Paulo.....   | 56 » .....  | Azul, branco e encarnado..... | Coudelaria Cruzeiro. |
| 3 | Martin.....   | Castanho..... | 4 » .....  | França.....     | 57 » .....  | Encarnado e preto.....        | A. M. P.             |
| 4 | Le-Loup.....  | Zaino.....    | 4 » .....  | Idem.....       | 57 » .....  | Azul e grénat.....            | Coud. InternacionaI. |

3º pareo — Progredior — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio-sangue, que não tenham gaubo este anno — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

|   |                |                 |            |                  |             |                                |                     |
|---|----------------|-----------------|------------|------------------|-------------|--------------------------------|---------------------|
| 1 | Mandarim.....  | Rosilho.....    | 4 annos... | S. Paulo.....    | 51 kilos... | Azul e grénat.....             | Coudelaria Paraizo. |
| 2 | Rondello.....  | Douradilho..... | 3 » .....  | Idem.....        | 48 » .....  | Idem idem.....                 | Lazaro & Lima.      |
| 3 | Americana..... | Tordilho.....   | 4 » .....  | Rio de Janeiro.. | 49 » .....  | Preto, branco e encarnado..... | Manuel S. Ferreira. |
| 4 | Intima.....    | Castanho.....   | 5 » .....  | S. Paulo.....    | 52 » .....  | Grénat e lyrio.....            | D. A.               |

4º pareo — Productos — 1.000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |                 |               |            |                 |             |                              |                      |
|---|-----------------|---------------|------------|-----------------|-------------|------------------------------|----------------------|
| 1 | Corcovado.....  | Castanho..... | 2 annos... | Rio de Janeiro. | 43 kilos... | Grénat e ouro.....           | Mario de Souza.      |
| 2 | Esmeralda.....  | Idem.....     | 2 » .....  | S. Paulo.....   | 44 » .....  | Br. manchas e boné havana... | Coudelaria Alliança. |
| 3 | Archimedes..... | Zaino.....    | 2 » .....  | Rio de Janeiro. | 45 » .....  | Ouro, mangas e boné azul...  | Idem, idem.          |
| 4 | Sensitiva.....  | Tordilho..... | 2 » .....  | Idem.....       | 42 » .....  | Grénat e ouro.....           | B. V.                |
| 5 | Gazella.....    | Alazão.....   | 2 » .....  | Idem.....       | 42 » .....  | Lyrio e ouro.....            | C. G.                |
| 6 | Juanita.....    | Balo.....     | 2 » .....  | Idem.....       | 42 » .....  | Grénat e lyrio.....          | D. A.                |

5º pareo — Suburbano (Handicap) — 1.609 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

|   |                 |                 |            |                 |              |                        |                        |
|---|-----------------|-----------------|------------|-----------------|--------------|------------------------|------------------------|
| 1 | Walter.....     | Douradilho..... | 4 annos... | Inglaterra..... | 53 1/2k. ... | Grénat e rosa.....     | S. M.                  |
| 2 | Speciosa.....   | Alazão.....     | 5 » .....  | Idem.....       | 48 » .....   | Azul e grénat.....     | Coud. InternacionaI.   |
| 3 | Diva.....       | Idem.....       | 4 » .....  | Minas Geraes..  | 43 » .....   | Ouro e branco.....     | Coudelaria Fluminense. |
| 4 | Dr. Jenner..... | Zaino.....      | 4 » .....  | Rio da Prata... | 40 » .....   | Grénat e ouro.....     | J. S.                  |
| 5 | Scylla.....     | Castanho.....   | 4 » .....  | Inglaterra..... | 57 1/2» ..   | Encarnado e preto..... | Coud. Rio de Janeiro.  |
| 6 | Coupon.....     | Alazão.....     | 4 » .....  | França.....     | 52 » .....   | Azul e branco.....     | Coudelaria Cruzeiro.   |

6º pareo — InternacionaI — 1.450 metros — Animas de qualquer paiz até 3 annos — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

|   |                |               |            |                 |             |                                |                       |
|---|----------------|---------------|------------|-----------------|-------------|--------------------------------|-----------------------|
| 1 | Odalisca.....  | Pampa.....    | 3 annos... | S. Paulo.....   | 48 kilos... | Verde, branco e encarnado..... | Coudelaria Excelsior. |
| 2 | Amazonas.....  | Castanho..... | 3 » .....  | Inglaterra..... | 54 » .....  | Azul e ouro.....               | L. C.                 |
| 3 | Pancy.....     | Zaino.....    | 3 » .....  | Rio da Prata... | 51 » .....  | Encarnado e ouro.....          | V. M.                 |
| 4 | Queen.....     | Castanho..... | 3 » .....  | Inglaterra..... | 52 » .....  | Azul.....                      | C.                    |
| 5 | Daybreak.....  | Zaino.....    | 3 » .....  | Idem.....       | 54 » .....  | Ouro e boné azul.....          | D. Julia Vieira.      |
| 6 | The Queen..... | Castanho..... | 2 » .....  | Idem.....       | 49 » .....  | Idem.....                      | Idem.                 |

7º pareo — Villa-Isabel — 1.300 metros — Animas nacionaes até meio-sangue — Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro.

|   |                          |               |            |                 |             |                                |                        |
|---|--------------------------|---------------|------------|-----------------|-------------|--------------------------------|------------------------|
| 1 | Biscaia.....             | Alazão.....   | 4 annos... | S. Paulo.....   | 49 kilos... | Azul e grénat.....             | Coudelaria Santa Cruz. |
| 2 | Druid.....               | Tordilho..... | 4 » .....  | Rio de Janeiro. | 55 » .....  | Branco e encarnado.....        | Oliv. Junior & Lopes.  |
| 3 | Cantagallo.....          | Zaino.....    | 5 » .....  | Paraná.....     | 49 » .....  | Preto e vermelho.....          | Fontes & C.            |
| 4 | Mondego (ex-Brioso)..... | Castanho..... | 4 » .....  | S. Paulo.....   | 51 » .....  | Preto, branco e encarnado..... | S. & Ferreira.         |
| 5 | Aymoré.....              | Idem.....     | 6 » .....  | Idem.....       | 55 » .....  | Encarnado e preto.....         | Coud. Rio de Janeiro.  |
| 6 | Villa-Nova.....          | Zaino.....    | 4 » .....  | Paraná.....     | 49 » .....  | Azul, branco e amarello.....   | Coudelaria Esperança.  |
| 7 | Baccarat II.....         | Gateado.....  | 4 » .....  | S. Paulo.....   | 51 » .....  | Azul e branco.....             | F. J. C.               |

### OBSERVAÇÕES

As corridas, principiando ao meio-dia em ponto, os animas inscriptos, no primeiro pareo devem achar-se no encilhamento ás 11 horas precisas.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 11 DE MAIO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 124

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                       |                  |
|---------------------------------------|------------------|
| Expediente.....                       |                  |
| Galeria de Elogio Mutuo.....          |                  |
| XIII — Raimundo Corrêa.....           | L. DE MENDONÇA.  |
| Historia dos sete dias.....           | FILINDAL.        |
| Pensando, soneto.....                 | R. OCTAVIO.      |
| Presentimento.....                    | U. DUARTE.       |
| Minha mãe, soneto.....                | A. MENDES.       |
| Notas philologicas.....               | JOÃO RIBEIRO.    |
| A Inglaterra e a Irlanda, pde-la..... | J. M. SILVA.     |
| Discurso.....                         | L. DE LISIE.     |
| Morta, soneto.....                    | J. M. C. MOURÃO. |
| Subsidios litterarios.....            | G. BELLEGARDE.   |
| Theatros.....                         | P. TALMA.        |
| O conde Leão Tolstol.....             | E. M. DE VOGUE.  |
| Sport.....                            | L. M. BASTOS.    |
| Tractos á bola.....                   | FR. ANTONIO.     |
| Correio.....                          | ENRICO.          |
| Factos e Noticias.....                |                  |
| Recebemos.....                        |                  |
| Annuacios.....                        |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

No escriptorio d'esta folha compram-se, a 500 réis, axemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Achando-se promptos os indices das materias contidas no 2º volume (anno de 1886) d'A Semana, rogamos aos nossos assignantes que os desejarem a favor de os mandarem reclamar no nosso escriptorio.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e as que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Damare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampinos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XIII

RAYMUNDO CORRÊA



Numa das muitas historias do formidavel corso que ensanguentou o começo d'este seculo, consigna-se, como interessante coincidência, que o capitão terrível veio á luz sobre uma tapeçaria em que havia um leão estampado. Raimundo Corrêa, o mais nervoso, o mais vário, o mais volúvel e agitado dos nossos poetas, nasceu ao mar.

Dir-se-in que, em vez das fadas da legenda, foi uma choréa de onttias que lhe veio gyrrar á volta do berço predestinado. E parece que uma lhe trouxe, para enlévo do olhar recém-nascido, ramos de coral, perolas e conchas de nacar, e ségredou-lhe ao ouvido:

— Ha de haver aos teus versos e vivo colorido mysterioso do fundo do Oceano!

E parece que outra lhe repetio um canto de serena namorada, que vinha de ouvir momentos antes, num érmo remanso coberto de luar, e murmurou-lhe com ineffavel ueguice:

— Ha de haver na tua poesia o encanto magico das melodias que só os poetas e os amantes, os doídos e os musicos podem ouvir nas solidões marinhas!

E, porque ha da haver em todo episodio humano uma sombra do mal e da desgraça, parece tambem que um genio maligno dos bysmos do Atlantico acercou-se do berço bemfadado e, traçando no ar, sobre a cabecinha innocente, umas espiraes cabalisticas, disse, por sua vez, num regougo sinistro:

— Tu tens de ser atormentado pelos diabinhos azues do tédio, tens de ser hypocondriac e sombrio, balougado pela duvida, desconfado de ti proprio e de todos!

Quem hoje conhece o brilhantissimo poeta das *Symphonias* — o melhor livro de poesin brasileira nestes ultimos annos, desde os de Varella e Castro Alves,

— sabe com quanta fidelidade se cumpriram os votos das ondinas; mas o do espirito máu, ai de nós! não foi tambem perdido...

Nascido aos 13 de maio de 1860, na bahia de Moguncia, aas costas do Maranhão, a bordo do vapor nacional *São Luiz*, Raimundo da Motta de Azevedo Corrêa, filho de um respeitavel magistrado, havendo-se graduado em direito na academia de S. Paulo, em dezembro de 1882, é actualmente juiz municipal e de orphãos e ausentes e da provedoria de capellas e residuos do termo de Vasouras, da provincia do Rio de Janeiro, onde, na bella convivencia de Lucindo Filho e Rodolpho Leite, seus predilectos amigos, distribue justiça ás partes e litteratura aos admiradores.

Ali foi que o conheci, eu como advogndo, elle como juiz. Na audiencia, solemne e grave como um ministro do Supremo Tribunal de Justiça; momentos depois, na sala do hotel, um companheiro adoravel.

Collabora hoje assiduamente no *Vasourense*, na *Semana*, na *Estação* e no *Diario Mercantil* de S. Paulo.

Tem apenas publicado dois livros de poesia, os *Primeiros Sonhos* (1879) e as *Symphonias* (1883); mas só por si, o ultimo d'elles bastaria a sagral-o poeta entre os primeiros de aossa terra.

Poz agora no prelo uma nova collecção, com o modesto titulo de *Versos e Versões*, que os conhecedores esperam com a avilez gulosa com que se esperam as finas delicias da arte.

Em estudante, fundou a revista *Ciencia e Letras* (1880), de que foi redactor com Augusto de Lima, Randolpho Fabrino e Alexandre Coelho, e na qual tambem escreveram Assis Brazil e A. Celso Junior; foi co-redactor da *Comedia*, de Valentim Magalhães, nos

ultimos dias d'ella, e do *Bohemio* (1881). Collaborou com outros na *Semana da Gazetinha*, de Arthur Azevedo (1881).

Ahi está, em meia duzia de traços, lançados a cismo e sem arte, o esboço bio bibliographico do jovem, mas já grande poeta Rnyundo Corrêa. Tem mais admiradores do qua amigos, porque a sua indole, — posto que profundamente bondosa, — não é sympathica aos observadores superficiaes; estou quasi a afirmar que ainda tem mais invejosos do que admiradores, porque é um peregrino angenho de poeta, e raramente ha de encontrar a inveja onde ceve melhor us suas fomes caninas.

Ainda assim, tem meia duzia de amigos distinctos, e affeicadissimos — Gaspar da Silva, Lucindo Filho, Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Valentim Magalhães e Alberto de Oliveira, — estes dois ultimos mais que todos os outros.

É incalculavel a altura a que póde ainda chegar o genio poetico do Raimundo Corrêa, se a nevrose que o atormenta e faz emmagraecer lhe deixar todos os annos de vida que se lhe devem desejar para maior gloria das nossas letras; se, porém, cessasse agora mesmo de escrever, tinha já feito jus, pelo que tom produzido, a figurar entre os melhores poetas brasileiros, ao lado de Gonçalves Crespo e de Varella.

Salvo melhor juizo, como se diz no remate dos pareceres forensees.

Valença, 22 de Abril de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Venho de jornadaar por as longes terras de S. Paulo. Palmilhei a capital da bella provincia, percorri Campinas, perlustrei Santos. E no tranquillo e doce remanso provinciiano d'aquellas cidades, onde apenas se ouve o leve rumor da republica embryonaria firmada nos *cavaignacs* dos Srs. Campoa Salles e Francisco Glycerio, — chegava-me confusa e vagamente aos oavidos o temeroso ruido das luctas da corte, dos escandalos partulares, das patifarias politicas, e dos chiffrins da imprensa.

Os chiffrins da Imprensa!  
Foi nestes ultimos dois mezes que en os pude apreciar melhor e que melhor pude observar o effeito que elles produzem lá fóra, onde o povo ainda se não habituou ás batalhas do lodo.

Não se imagina a impressão que na provincia caasam as descabelladas, as quasi bocagianas descomposturas, os amontoados do vituperios, de convicios, de doestos, que os jornalistas flumiaenses trocam entre si, com estardalhaço, com fragor... e com lama!

Como sabiam que en tambem tinha um logarsinho de gramete nesta galéra, on, para ser mais justo, nestes saeviro de lixo, atormentavam-me com perguntas e queriam todos, jornalistas,

commo riantes, indistricas, que em lhos explicasse as causas dos continuos combates, e os illustrasse na comprehensão do vicio de origem que determina esta desmoralisação, este deploravel rebaixamento do nivel moral do journalismo fluminense. A principio tentei imputar ao *Jornal do Commercio* a causa efficiente do facto; mas quasi todos, principalmente os alheios á vida da imprensa, protestavam contra a imputação e accusavam os jornalistas moços, os rapazes da chamada *nova geração*. Aqui protestava eu.

Então, e sem que eu pudesse esperá-lo, vieram em meu auxilio os Srs. Quintino Bocayuva e Luiz de Castro, dois que não podem ser considerados da geração nova, dois velhos dos que maior reputação de seriedade e de respeitabilidade gosavam no mercado da imprensa.

Devo confessar que fiquei satisfeittissimo com a polemica travada entre o principe das republicas e o velho das *Varizes*. Comprovavam ambos o meu nsserto e comprovavam-n'o sobejamente. Nessa polemica elles ultrapasaram todos os limites da conveniencia e do decoro; desceram ao insulto mais baixo e mais grosseiro, prometteram-se pancalhas e puxões de orelhas. Ad essa profundidade não desceram nunca os moços; nesse lodagal jámais se chafurdaram os da *nova*.

Foi um bom ensinamento para os povos. Ficou o exemplo do alto.

Eu o que fazia nos ultimos dias que andei por S. Paulo era pedir aos meus amigos que não me apresentassem a ninguém como jornalista do Rio; occultava quanto podia essa vergonha, e, quando a confissão era inevitavel, procurava ter graça, fazer espirito—porque eu ás vezes consigo ligirir que tenho espirito e graça. Dizia, por exemplo, que a oblição da imprensa era devida unicamente á minha ausencia, que os collegas aproveitavam a occasião da minha viagem para sedizem os ultimos insultos á vontade; mas que, logo que eu voltasse a occupar o meu logar na isenta e fulgurante *Semana*, tudo mudaria; os animos serenar-se-iam e os collegas haviam de respeitá-lo.

O leitor deve confessar que eu tinha muita graça. E se d'isso não está, por desgraça minha, convencido, deixe-me, ao menos, levar para o tumulo intacta esta illusão. Mesmo porque se me não deixar eu—racho-o!

E' preciso cuidado commigo...

Já li a *faça* do ministerio do imperio, vulgo «Fula do throno», mas parece-me tão insignificante como documento politico, que, em boa verdade, já me não lembro nem de uma palavra d'ella.

A ultima recomposição ministerial tambem me não impressionou. Hontem, sexta-feira,—dia aziago, e 13,—numero fatal, deviam os novos ministros terem-se apresentado ás camaras. Não sei se o fizeram: o Sr. Cotegepe nada me participou e eu estou furiado com o ministerio recomposto. Se elle não se apressar em dar-me uma satisfação serena dentro em pouco um ministerio recomposto. Vou wandar-lhes as minhas testemunhas.

Agora, com franqueza, meu bem amado leitor: Tu, que não mudas de casa, que não vaes viajar, que não te casas, não morres nem inicias negocios em sexta-feira; Tu, que não és capaz de ir morar numa casa que tenha o me-

mero 13, que não almocças, nem jantas, nem ceias estando 13 pessoas á meza; com franqueza, dize-me, leitor não superstitioso mas cauteloso, se acreditas que se aguenta um ministerio que se vae apresentar ás camaras em uma sexta-feira, que é, além d'isso, o dia 13 do mez. Dize-me com sinceridade e lealdade a tua opinião, leitor damnado, pelas suissas do Sr. Rodrigo Silva! pelo *cavaignac* do Sr. Mac-Dowell!

Dos novos ministros, aquelle que me inspira mais fé e merece mais a minha confiança é o Sr. Castrioto. Esse sim, vae fazer o diabo na Marinha. S. Ex. já revelou em tempo aptidões especiaes para aquelle ministerio, e, entre as provas da sua incontestavel capacidade, posso apontar a redução das passagens que em tempo custavam 200 réis e que S. Ex. conseguiu reduzir a 100 réis até ao ponto onde demora n pittoresca vivenda de S. Ex. Este facto, pelo seu profundo alcance social e administrativo, constitue por si só uma garantia das especiaes habilitações do illustre parlamentar para o ministerio da marinha.

Eu escrevo aqui os meus parabens ao cruzador *Almirante Barroso* e ao brigue-barca *Itamaracá*.

Por mais que espremesse as folhas da semana não consegui tirar d'ellas nada que razoavelmente pudesse ser enfeitado pela minha rhetorica para uso e gosto dos leitores d'*A Semana*.

Houve ainda a apresentação ao Senado do projecto de lei de casamento civil obrigatorio, elaborado pelo Sr. Taunay, com um artigo do Sr. de Cotegepe; e ha a molestia de S. M. o imperador.

Mas o projecto do Senado ainda não entrou em discussão e o estado do imperial enfermo, segundo as ultimas informações dos medicos, continua a ser—*satisfactorio*.

Eu não sei para quem seja satisfactorio o actual estado de saude do imperador. O que posso afirmar é que o não deve ser para S. M.

Estado satisfactorio seria o estado de saude plena e completa. Se um medico me viesse dizer a mim, estando eu doente, que o meu estado era satisfactorio eu dir-lhe-ia immediatamente:—Satisfactorio vá elle!—servindo-me da enérgica e pittoresca expressão popular.

Estou convencido que S. M. precisa quanto antes de uma extrema e violenta operação cirurgica: a extracção radical e absoluta do Sr. Barão da Muimotta.

Façam esta caridade ao imperial enfermo e verão como elle fica em dois dias são como um pero, capaz de ir tornar a ver as *sorocas* de S. Paulo e a fazer-lhes versos de suicia com o Sr. Saboia e outros celebrados vates da academia de medicina.

Leitores pios! acceptae *sans rancune* as piadas e conservae a sympathia que lhe vetaas e que abundante vos retribue o

FILINDAL.

Depos de noites de luctiva um dia  
Fite á missa, a voz constricta e calma;  
—Que iso ao menos te a'oa, eu reflectia,  
Das teu corpo ao D'us e a bens tua alma—

De Campaamor)

## PENSANDO...

A EMILIANO PERNETTA

Pensando ás vezes na existencia, digo  
Aos sonhos meus:—que faz na terra o poeta?  
E' vida a vida que elle passa, a inquieta  
Alma sem crenças, alma sem abrigo?

—Que tristemente a meditar comsigo  
Levo os olhos, entregue á luz secreta  
Do ideal que o tortura, á proflucta  
Musa implorando amor, grande mendiga?

Pergunto e encaro tristemente a vida  
Do poeta, o triste que ama, incomprehendi-la  
Alma, cheia de lyricos ideaes,

Alma onde a magoa unicamente nasce,  
Que ri, porque se acaso elle chorasse,  
Vendo-o chorar, ri-se-lam d'elle os mais.

RODRIGO OCTAVIO.

## PRESENTIMENTO

Digam os moralistas o que quizerem; escrevam os senhores publicistas o que entenderem sobre as modificações que as dôres e as provações da vida introduzem em um caracter; eu cá estou convencido de que quem é bom por natureza o será sempre, apezar de todos os pezares; como tambem penso que o *máu sangue* de um malvado nunca poderá ser attenuado pelos mil vicissitudes do convívio social.

*La herencia es la ley!*

Dona Altina é a demonstração viva do primeiro asserto.

Morreu aos sessenta e quatro; desde a mais tenra juventude que os seus familiares, parentes, famulos, escravos visinhos e estranhos a consideravam a mais doce e a mais meiga das creaturas; sendo por isso appellidada—a *bósinha*.

Prestes a exhalar o ultimo suspiro, o seu carcomido semblante era illuminado pelo mesmissimo sorriso de resignação e de bondade que a acompanhou durante a existencia inteira; sorriso que parecia nascer no imo do coração para vir abrolhar á flor dos labios como duas petalas cahidas.

Esta melancholia ingénita e incuravel, cujas origens residiam no amago imprescrutavel da sua natureza delicadissima, não a puderam extinguir nem a idolatria do esposo, nem a extremada sympathia que inspirava a todo o mundo, nem o amor dos filhos, nem o bem estar material, nem a inalteravel placidez de que fruiu durante alguns annos da sua vida.

Mas é que aquella tristeza tinha raizes mysteriosas no aeu coração de mulher—esta Africa central do organismo humano, que embalde os viajantes mais intrepidos e mais sagazes tentam explorar completamente. Ha sempre nelle regiões virgens e inacessiveis á penetração dos romancistas e dos poetas.

No de D. Altina, de extrema sensibilidade e pureza, havia um arçal súfuro e deserto onde a trechos perpassavam bandos negros de aves agouzeiras, tocadas pelo simoun funesto que traz deante de si sepulturas volantes.

Elle não padecia por causa de amores infelizes, nem por ambições decepcionadas, nem por saude precaria. Viveu longos annos, só amou a seu marido e nunca afagou ambições.

Soffria porque tinha o inexplicavel presentimento das grandes desgraças com que a sorte inclemente havia de triturá-la, e porque antes-sentia as garras da Fatalidade cruel e brutal a dilacerarem-lhe fibra por fibra o coração amantissimo.

Seu marido era commerciante da praça da Bahia, o lisongeiras pareciam as suns condições. Maa teve a infeliz idéa de admittir como socio de industria um seu compadro e intimo amigo, que transformou o equilibrio da casa com especulações mal succedidas. Noto de passagem que quasi todos os negociantes laboriosos e honrados encontram sempre um socio «compadro e amigo intimo» para lhes illaquear a boa fé.

Raposo teve de fazer uma vingem ao centro da provincia a vér se renhava a cobrança de algumas dividas. Mas em vez do dinheiro de que precisava, voltou ao cabo de cinco mezes trazendo de lá os primeiros indícios de um terrivel molesta, contrahida por contagio nas margens do rio S. Francisco—a *morphéa*,

D. Altina, que por cartas já sabia da doença do marido, recebeu-o com duplicado amor e carinho.

Quando vin de perto as horriveis deformações que a lepra ia causando, não recua de horror nem proferio uma unica palavra de espanto; apenas se lhe desabrochou á flor dos labios brancos o triste, o mystorioso, o eterno sorriso que lhe imprimia ao semblante singular expressão.

Desde então transformou-se em enfermeira sollicita e amavel.

Raposo não sabia mais de casa.

O *compadre* e *amigo intimo* aproveitou-se da circumstancia para arranjar uma fallencia adequada, a qual reluzio o enfermo a uma situação visinha da miseria.

Dous annos depois, os tuberculos que desfiguravam medonhamente o semblante de Raposo, entraram na sua phase verdadeiramente repugnante.

Apezar de seus instantes pedidos, D. Altina não quiz a separação de leitos. Fez-lhe constante companhia, prodigalizando-lhe tantos carinhos e desvelos, que os proprios familiares oppunham-se a tão perigosa obstinação.

Final uma febre hectica levou-o, e D. Altina ficou na viuvez, tendo a seu cargo tres filhos, e pobre... Contava 43 annos de idade e fóra casada durante 21.

Uma filha, a primogenita, desposára um negociante amigo do pae quando este ainda passava por ser rico.

Dos outros dous filhos, o mais velho, depois de concluir o seu primeiro anno medico, morreu no naufragio de um aaveiro, em uma excursão de pescaria, que em companhia de um amigo fizera á barra da Bahia. Foram colhidos pela noite, durante a qual desencadeou-se terrivel borrasca, que fez sobsostrar a fragil embarcação. Este sinistro succedeu uns quinze mezes depois do fallecimento de Raposo.

Já a este tempo D. Altina vivia em companhia da filha casada, á qual auxiliava, não só com os seus serviços pessoais em diversos misteres domesticos, mas tambem com o producto de pequena renda proveniente de um seguro de vida.

Quanto ao filho mais moço, com este ainda mais infeliz fóra. Deade os 7 annos que começara a dar indícios de



ferozes dos velhos cavalleiros gigantes do Reno.

Disse eu, senhores, que os seus romances eram poemas tambem; e, com effeito, se a magia do verso lhes falta, a amplitude da composiçào, a riqueza de uma lingua original, enérgica e brilhante, a creaçào dos typos antes que a analyse dos caracteres individuaes, lhes dão direito a este titulo. Era humanamente impossivel que Victor Hugo deixasse de ser poeta um só momento, embora o quizesse. Não serão duas epopéias a Nossa Senhora de Paris e os Miseraveis, um mais regularmente composta, mais condensada, a outra espessa, complexa, excessiva, entrecortada de admiraveis episodios? Nossa Senhora de Paris, injustamente criticada por Goethe, ficará como uma viva reconstrucção archeologica e historica.

A outra epopéa, a dos Miseraveis, foi escripta em época mais adelantada de sua vida, durante os annos do exilio, ninos immortaes que produziram tantas obras primas, e em que seu pensamento trabalhava mais especialmente pelo destino dos desherdados e das victimas da civilizaçào.

Os Trabalhadores do Mar. O Homem que ri, Noventa e tres appareceram successivamente. As mesmas belezas de imaginaçào, de originalidade e de estylo se encontram a cada linha. Quem não se recorda da caverna submarinha onde Gilliat encontra o polvo, d'esta maravilhosa visào do grande Poeta? A infinita riqueza da lingua, o exquisto encanto, a delicadeza ferica das nuances e das sensações, fazem d'estas paginas um mysterioso e ideal encantamento. E, no Homem que ri, que de quadros estranhos, medonhos, magníficos; as convulsões do enforcado estremecendo, sacodido pelo vento da noite lugubre, atacado pelos corvos esfaimados e que elle espanta com os seus bruscos movimentos; a tempestade de neve, Gwynplaine, errando no palacio deserto, e a scena admiravel e monstruosa do supplicio na prisào! Noventa e tres, emfim, não será um poema cujos herões são typos do dever aatisfeito, do sacrificio sublime, figuras symbolicas antes que nomenes, tão grandes são?

Taes obras, senhores, sempre lidas e admiradas sempre, permiittidas embora cartas reservas respeitosas, consolam, so é possivel, da epidemia que avassalla actualmente uma certa parte da nossa litteratura e contamina os ultimos annos de um seculo que se abriu com tanto brilhantismo e proclamou tão ardentemente o seu amor pelo bello; quando illustres poetas, eloquentes e profundos romancistas, poderosos auctores dramaticos, aos quaes não deixarei de prestar a homenagem que lhes é devida secundavam a actividade gloriosa de Victor Hugo. Porém se o desdem da imaginaçào e do ideal se instala impudentemente em muitos espiritos obstruidos de theorias grosseiras e doentias, a seiva intellectual não está sem duvida esgotada; e muitas obras contemporaneas, altas e fortes o provam. O publico que lê não tardará a regeitar com desprezo o que elle hoje acclama em sua cega predilecção. As epidemias d'esta especie passam e o genero fica.

Victor Hugo não nos deixou sómente o trabalho prodigioso que nos offereceu em vida á nossa admiraçào. A publicação successiva das obras primas postumas transforma a nossa admiraçào em uma sorte de assombro sagrado, em presença de uma tal força de creação. Dir-se-ia que elle nos quiz dar a prova da immortalidade sempre fecunda de seu genio além da vida terrena, como elle se comprazia em affirmar segundo as suas convicções philosophicas. Toda a verdadeira e alta poesia contém com effeito uma philosophia, qualquer que ella seja, aspiraçào, esperança, fé, certeza, ou renúncia reflectida e definitiva do sentimento da nossa identidade sobre- vivente á existencia terrestre. Este renúciamento porém não podia ser admittido por Victor Hugo, que como foi dito do grande orador da Constituinte, estava tão fortemente na posse da vida.

Sua philosophia, a que se encontra no fundo de todos os seus poemas, radica-se a um tempo no pantheismo e no deismo. Para elle, Deus, era ás vezes o Ser infinito, indeterminado, o mundo intellectual e o mundo moral, a natureza inteira, a vida universal com seus males e seus bens; outras vezes Deus

distingua-se dos seres e das cousas, affirmava sua personalidade, queria, ngia, determinava os pensamentos e os actos, produzia as catastrophes physicas, exalçava os fracos e punia os oppressores, encarnando-os de novo nns formas ns mais abjectas da animalidade ou nas da materia inerte. Ora, Deus segundo o Poeta, sondo todo justica e todo bondade e as almas por elle crendas não se perdendo nom se corrompendo pela ignorancia da verdade, ignorancia involuntaria ou infingida, quiz que todas fossem chamadas, se o desejassem, á rehabilitaçào definitiva; sua immortalidade porém é condicional, e muitas dentre ellas são condemnadas ao aniquilamento completo.

Tal era a creença de Victor Hugo. Toda a sua vida elle foi o evocador do sonho sobrenatural e das visões apocrypticas. Embeddou-se do eterno mysterio. Desdenhou da sciencia que pretende explicar a origem da vida: não lhe concedia mesmo o direito de tentalo e neste ponto prendia-se, no que pensava, aos dogmas arbitrarios das religiões reveladas. Acreditou beber na sua fé profunda em uma força infinita, remuneradora e clemente, a generosa compaixão que o animava pelos fracos, pelos desherdados, pelos miseraveis, pelos proscriptos aos quaes tão nobremente offerecia um azylo; julgava do seu dever cantar em palavras sublimes a belleza, a grandezza e a harmonia do mundo visivel, como os esplendores pacíficos da humanidade futura, e não queria reconhecer que simente devia sua magnifica concepção do bello ao seu proprio genio, como seus rasgos de bondade e de vasta indulgencia ao seu proprio coração. Mas que importa! Esta fé, feita de deslumbramentos, abriu ao grande Poeta o horizonte illimitado onde a sua imaginaçào abyssinava. Foi a geratriz e a razão de suas obras primas.

Que poderei eu mais dizer, senhores? No curso de sua longa vida atravessada por tantas ardentes luctas litterarias e politicas, de grandes dores, e sobretudo em sua velhice veneravel, quieta e sorridente, Victor Hugo recebeu a recompensa devida ao mais illuminado genio lyrico que tem sido dado aos homens applazdr. O mundo civilisado em massa lhe rendeu uma homenagem unanime. O profundo e lugubre pensamento de Alfredo de Vigny: « A vida é um accidente sombrio entre dous somnos infinitos », tão verdadeiro quanto possivel, não perturbou seus derradeiros momentos. Morreu cheio de vida, cheio de gloria, cheio de luz, rodeado pelo respeito universal, aureolado pela suprema illusão, levado triumphalmente ao Pantheon por um milhão de homens e legando ás edades futuras uma obra e um nome immortaes.

Trad. de ALFREDO DE SOUZA.

### MORTA!

(AO INSPIRADO POETA DR. PEDREIRA FRANCO)

Tloba o seu rosto envolto em negra tranças  
Uma expressào fiel de castidade,  
E su'alma ao voar á eternidade  
Deixara-lhe o sorriso das crianças.

Repousavam qual par de pombas mansas  
Os seus seios, fies á virgindade,  
Nnu peilo onde o furor da tempestade  
Não destruiu a calma das bonanças.

Com ella vi fugir as utopias,  
Vi sumir-se o meu sol nas serranias  
Do longinquo horizonte do passado:

Extinguira o destino que me opprime  
N'quelles olhos negros como o crime  
O seu brilho macta e avellindado.

JOÃO M. C. MOURÃO.

(O auctor d'este soneto, correcto e mimoso, é um menino fillo de Minas Geraes e que, contando ape as 14 annos de idade, já fez com brilhantismo todos os seus preparatorios e revêia a nar de vivo e complexo talento prodigioso memoria, enorme applicaçào ao estudo.)

X. DA R.

### SUBSIDIOS LITTERARIOS

O Sr. commendador Guilherme Bellegarde vas fazer entrega ao conceituado livreiro Luiz de Faro doa originaes do segundo volume dos seus Subsídios Litterarios, que tão apreciados têm sido. O primeiro volume tem 33 artigos; o segundo terá 67, sendo outro o methodo adoptado na disposiçào das materias, de fórma a facilitar a consulta, pois que cada escriptor é tractado em especial capitulo.

A obra será completada por um indice onomastico dos auctores, que abrangerá todos os citallos no decurso d'ella. A gentileza do illustrado e esclarecido auctor dos Subsídios devemos o prazer de publicar hoje uma parte do capitulo do segundo volume, dedicado a Raymundo Corrêa, em que se pulverisa a ballela em que tem sido elle accusado de haver plagiado de Gautier o seu admiravel e famoso soneto d'As pombas.

Ella, essa pagina inédicta, que é, a um tempo, preito ao grande poeta das Symphonias e á verdade:

« Ha uma composiçào poetica altamente apreciada, a primeira das Symphonias, que tem sido iniquitoad a com a taxa de plagio!

Arguição injusta e infundada!  
As pombas, tal o titulo da composiçào a que alludimos, de Raymundo Corrêa, trazem, é certo, á memoria. Les colombes de Theophilo Gautier; mas os formosos versos do poeta brasileiro podem, quando muito, representar inconsciente producto de assimilaçào litteraria; de modo algum plagio dos bellos versos do poeta francez!

Esta verdade realta, triumphante, do confronto d'As pombas, primoroso soneto de Raymundo Corrêa, com as esmeradas quadras de Theophilo Gautier, Les colombes.

Nestas *comme elles (les colombes)*

Des blancs essaims de folles visions  
Tombent des cieux en palpitant des ailes,  
Pour s'envoler des les premiers rayons ;

n'aquelle, as pombas voltam, em revoada, e os sonhos.

No azul da adolescencia as azas soltam,  
Fogem... mas aos pombas as pombas voltam,  
E elles aos corações não voltam mais.

Eis as quadras de Theophilo Gautier :

LES COLOMBES

Sur le coteau, la-bas où sont les tombes,  
Un beau palmier, comme un pauche vert,  
Dresse sa tête, ou le soir les colombes  
Viennent nicher et se metre a couvert.

Mais le matin elles quittent les branches :  
Comme un collier qui s'égrené, on les voit  
S'éparpiller dans l'air bleu, toutes blanches,  
Et se poser plus loin sur quelque toit.

Mon àme est l'arbre où lous les soirs, comme  
elles,  
Des blancs essaims de folies visions  
Tombent des cieux en palpitant des ailes,  
Pour s'envoler des les premiers rayons.

Eis a notavel traducção, na mesma forma metrica, por Alberto Pimentel :

AS POMBAS

Na collina dos mortos, entre os tumulos,  
Ergue a bella palmeira a verde pluma  
E á tarde as mansas pombas de az is candidas  
Vão aninbar ali, uma após uma.

De manhã, quando o sol desperta rutilo,  
As brancas pombas vão, cortando o ar,  
Como um solto colar no azul ethereo,  
Longe do ninho um tecto procurar.

Minha alma é como a solitaria arvore  
Onde enxames de loucas illusões  
Poisam á noite. Fugitivos hospedes,  
Vão-se com luz as pombas e as visões.

E eis, finalmente, o soneto de Raymundo Corrêa:

AS POMBAS

Vão-se a primeira pomba despertada...  
Vão-se outra mais... mais outra... outras  
dozenas

De pombas vão-se doa pombas, apenas  
Rala, sauginea e fresca a madrugada.

E á tarde, quando a rigida mortada  
Sopra, aos pombas de novo ella, serenas,  
Ruifando as azas, sacudindo as pennas,  
Voltam todas em bando e em revoadas...

Tambem dos corações onde aboatom,  
Os sonhos, um por um, celeses voam,  
Como voam as pombas dos pombas;

No azul da adolescencia as azas soltam,  
Fogem... mas aos pombas as pombas voltam  
E elles aos corações não voltam mais...

Verdade, verdade. Se plagio houvesse,  
seria caso de se dizer: mais valo a copia  
que o original! Seja levado nosso desas-  
sombro á conta, embora, da incompe-  
tencia: expressamos o que intimamente  
sentimos...

GUILHERME BELLEGARDE.

### SPORT

As corridas do Prado Villa Isabel, que deviam realizar-se no domingo passado, foram muito acertadamente transferidas para o dia 23 do corrente.

O núo estado do ensilhamento e da raia, devido ás grandes chuvas da vespera e do dia deram motivo a esta transferencia.

O programma annunciado, visto de correr mais do oito dias do prazo estipulado, ficará nullo e abrir-se-á nova inscripção, para a qual desejamos feliz exito.

Realisa amanhã o Jockey Club a sua primeira corrida d'este anno, apresentando-nos um esplendido programma formado por sete pareos perfectamente preenchidos por parceiros de força que deverão tornar bem interessante a luta, principalmente nos pareos — experiencia e internacional — onde estão alistados animaes muito superiores. Os demais pareos estão regularmente constituídos e esperamos que sejam bem disputados.

A vida do programma ser importante nos animamos a emitir a nossa opinião relativamente aos vencedores cuja probabilidade nos faz ter confiança e sinceridade em apresentar os seguintes: 1º pareo — *Druid*; 2º pareo — *Cantanière*; 3º pareo — *Esmeralda*; 4º pareo — *Daybreak*; 5º pareo — *Sibylla*; 6º pareo — *Scylla*; 7º pareo — *Odalissa*.

L. M. BASTOS.

Passados vinte annos, etc  
E ella encontraram-se... Atroz mudança a d'elle e d'ella!

— Meu Deus! Pois este é aquello?  
— Deus meu! Pois esta é aquella?

(De Campoamor)

### THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Com grande numero de espectadores subiu á scena na noite de 6 do corrente, neste theatro, a *Francillon* de Dumas Filho.

Esta nova comedia do laureado



Foi nomeado gerente nesta corte, da New York Life Insurance Company o Sr. Roberto J. Kinsman Benjamin.

FALECIMENTO

Falleceu ante-hontem, com a idade de 75 annos, o Sr. Braz Carneiro Nogueira da Costa Gama, conde de Baependy.

O fallecido era um cidadão respeitavel e conceituado. Dedicou-se ao serviço publico do paiz e exercen varios cargos de confiança; foi presidente das provincias do Rio de Janeiro e Pernambuco; actualmente exercia o importante cargo de presidente do senado. S. M. o imperador agraciou-o com diversas condecorações.

O finado era senador pelo Rio de Janeiro.

TRATOS Á BOLA

A's muitas energicas piadas do sabado ultimo só accudiram os meus estimadissimos tapetudos Valerius Madilena e Pepe... Cabe ao primeiro o promettillo premio.

Eis as decifrações: —Numero, Assasinado, Apologista, Ruivaca, Bacamarte e Sardaupalo.

Para hoje offereço-vos as seguintes praticas, de uma facilidade es canfalosa:

NOVISSIMAS

2-2. Vem depressa que a ave anda por aqui.

1-1-1. Homem, este animal come-se mas pode matar.

LOGOGRYPHO

(POR LETRAS)

- «Minha terra tem palmeiras—6, 4, 5, 6.
«Onde canta o sabia—5, 1, 3.
«As aves que aqui gorgeiam—4, 3, 4, 2, 3, 4.
«Não gorgeiam como lá.
«Nosso ceu tem mais estrellas.
«Nossos prados têm mais flores.
«Nossos bosques têm mais vida.
«Nossa vida mais amores.

ENIGMA ROMANO

6
101
0

107 Irmão do crime.

ANTIGAS

I

No throno—2
Cantando—2
Nos ares
Voando.

Oidivo.

II

Levai á parede—1
Com esta porção—2
O tal pantaloão.
Men bom leitor, véde,
Que á gente se aprega
E após isto prega.

E concluo prometendo um premio especuluo-drífico ao primeiro decifrador.

Agora, accitae a minha benção e que Deus vos dé saúde, patacas e... e mais não disse.

FREI ANTONIO.

CORREIO

— Sr. A. Valmy. A sua poesia Forget me not não traz nada de novo. Ainda se fosse só isto... mas tem versos errados, e hoje poesia sem metrificacão é uma calamidade tamanba como uma algarbeira vasia ou como uma orchestra de clarinetes desahinados.

— Sr. Amaral Junior. O seu soneto Atorada seria publicavel se fosse feito com mais algum cuidado.

— Sr. Mario Delsol. O seu soneto D. João pecca somente por ser um pouco fraquinhoho. Contudo terá o prazer de vel-o na Collaboração.

— Sr. K. Belludo. O Sr. daria mesmo no vinte, se, em vez de assignar-se cabelludo se assignasse P ludo. A sua poesia Sep. vel-a não é poesia, não é nada; é simplesmente uma miseria.

Feliz me consideraria se acabasse o resto dos meus dias Sem vel-a. Em todo o caso como é offerecida ao Sr. Silvio Romero... tem toda a desculpa.

— Sr. Napoleão R. Sinto muito, mas se o meu amigo já alguma vez cantou victoria tem de ficar desta encalhado na Ilha de Santa Helena. Os Waterloo, meu caro senhor, não são para os cães, são mesmo para os Napoleões. Tenha paciencia, portanto. Olite, o seu soneto A \*\*\*, começa bem, mas acaba deploravelmente. E tanto começa bem que vou dar aqui a 1ª estrophe:

« Eu quero tão somente vel-a. Vel-a E' todo o meu desejo. Sim, eu quero Estar ao pé d'aquella imagem bella Morrer-lhe aos pés, de amor ardente e puro.»

Para encerrar um soneto que tão belamente mostra a cara, só uma chave de ouro; mas infelizmente o Sr. só teve uma chave de ferro... e enferujada; que outra cousa não é este verso, o ultimo, do seu soneto:

«Eis o meu ser... Amar...soffrer!!!...E' duro.»

Realmente, é duro como um prego.

— Sr. L. A. D'esta vez, sim, lavrou um tento. A nova edicção do seu soneto, correctea e emendada, vae para a Collaboração. Está satisfeito?

— Sr. L. de A. Brundão. O seu soneto — Meu paé — é sentido; por isso, não obstante fraquejar um pouquinho num ou noutro verso, vae, contudo, ter a mesma sorte do soneto do seu visinho do andar de cima o Sr. L. A. Não fossem os Srs. charás.

— Sr. Heitor Vasco. O seu soneto Noute de chuva apresentou-se não descalço e com a cara suja como alguns, mas sim encasacado e enluvado, digno enfim, de entrar na Collaboração. Esta repartição está já transbordante de frequezas, por isso não promettemos que haja de lá entrar; além de que o meu amigo fechou mal o seu alias bem regular soneto, dizendo:

« em quanto vejo Dos olhos na retina a tua imagem.»

Na retina de que olhos? dos seus proprios! Então o Sr. vé na retina ou com a retina dos seus olhos?

E' verdade que póde ver na retina dos seus proprios olhos, mas com auxilio de um espelho; mas a imagem que nelle póde ver não é a d'ella: é a sua.

ENRICO.

RECEBEMOS

— Revista Illustrada n. 456. Boas caricaturas Traz a continuação das aventuras do Zé Caipora e um bello texto.

— Brazil Illustrado—n. 8. Muito bono e variado.

— A Penna — n. 1. Periodico quinzenal, litterario e noticioso que acaba de apparecer em S. Paulo. Vida longa e venturosa.

— O Labor n. 1 Jornal que appareceu em Antonina, sob a propriedade de uma associação. Descjamos-lhe auspiciosissima existencia.

— Tratado Pratico da Fabricação do queijo e da manteiga, acompanhado de um tratado sobre as vaccas, cabras e carneiros. Edição muito chic, ornada de muitas gravuras.

— Revista Mensal do Club de Engenharia, anno 4, n. IV (abril.)

— Revista do Ensino, n. 10 (Ouro Preto) sempre util e interessante esta revista.

— Parpas, reedición definitiva e completa pela casa David Corazzi, de Lisboa. Occupar-nos-emos d'esta grande obra em artigo especial.

— These inaugural do Dr. Alvaro Alvim, disserta sobre t'rebre typhoide.

— Da casa Heori Nicoud os ns. 16 e 17 do Salon de la Mode e O II. 199 de Les Annales.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia do S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E LUIZ TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio o optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho— Minas.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

Importal Fabrica de Cerveja e aguas minores—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores do machinas e appparelhos para lavoura—Schuberl Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Soverino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbo-se gratuitamente de causas de libordade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojociro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua do S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

Dr. Cyro de Azevedo.—Becado. Das 10 ás 4 horas.—Becado, Cancellias n. 2.

TOILET CLUB

RIO DE JANEIRO 107 Rua do Cuvidor.

PAVIMENTO TERREO

SMOKING ROOM

Esplendida sala para fumar, leitura de jornaes e felhas illustradas do paiz e estrangeiras

LUNCH ROOM

Cervejas, Chopps, Vinhos, Licores e refrescos variadissimos, tudo de primeira qualidade

SHOOTING GALLERY

Vistoso bosque e gruta para tiro ao alvo

PAVIMENTO SUPERIOR

Deslumbrante salão para barbear, cortar cabellos, lavagem da cabeça, aparar a barba e frisar

PERFUMARIAS

Engraxe-se calçado

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C. 66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA

A REALIZAR-SE

QUINTA-FEIRA, 19 DE MAIO DE 1887

A's II e 3, 4 horas

11 3/4 horas—1º pareo—Cosmos—1.000 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

| Nº. | Nomes           | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas  | Proprietarios        |
|-----|-----------------|------------|--------|---------------|---------|------------------------|----------------------|
| 1   | Dr. Jenner..... | Zaino..... | 1 ans  | R. da Prata   | 52 kil. | Grénat e ouro.....     | J. G.                |
| 2   | Charibles.....  | Castanho.. | 4 »    | Inglaterra..  | 51 »    | Encarnado e preto..... | Coud. R. de Janeiro. |
| 3   | Peruana.....    | Zaino..... | 4 »    | Idem.....     | 52 »    | Azul e amarello.....   | J. M. da Rocha.      |

12 1/2 horas—2º pareo—Initium—1.000 metros—Poldros e poldras de meio ou puro sangue, nacionaes, de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |                |             |       |              |         |                              |                   |
|---|----------------|-------------|-------|--------------|---------|------------------------------|-------------------|
| 1 | Corcovado..... | Castanho..  | 2 ans | R. de Jane.. | 47 kil. | Grénat e ouro.....           | Mario de Souza.   |
| 2 | Guará.....     | Zaino.....  | 2 »   | S. Paulo...  | 47 »    | Vermelho.....                | Coudelaria Mirim. |
| 3 | Esmeralda..... | Castanho..  | 2 »   | Idem.....    | 46 »    | Ouro, mang. e boné azul..... | Idem Alliança.    |
| 4 | Berenice.....  | Alazão..... | 2 »   | R. de Jane.. | 48 »    | Ouro e branco.....           | Idem Fluminense.  |

1 1/4 hora—3º pareo—Longruber—1.450 metros—Animas estrangeiros até 3 annos—Premios: 600\$ no primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |                  |             |       |              |         |                             |                   |
|---|------------------|-------------|-------|--------------|---------|-----------------------------|-------------------|
| 1 | Amazonas.....    | Castanho..  | 3 ans | Inglaterra.. | 49 kil. | Azul e amarello.....        | L. & C.           |
| 2 | Pancy.....       | Zaino.....  | 3 »   | R. da Prata  | 49 »    | Encarnado e ouro.....       | V. M.             |
| 3 | Phenicia.....    | Alazão..... | 3 »   | Inglaterra.. | 51 »    | Enc., mang. azul-claro..... | Coud. Brasileira. |
| 4 | Castiglione..... | Zaino.....  | 3 »   | França.....  | 49 »    | Azul e grénat.....          | Coud. Santa Cruz. |
| 5 | Remise.....      | Preto.....  | 3 »   | Idem.....    | 47 »    | Ouro e preto.....           | F. Schmidt.       |

2 horas—4º pareo—Excelsior—1.450 metros—Animas do paiz até 3 annos, de meio ou puro sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |                  |             |       |              |         |                              |                  |
|---|------------------|-------------|-------|--------------|---------|------------------------------|------------------|
| 1 | Plutus.....      | Castanho..  | 3 ans | S. Paulo...  | 51 kil. | Azul, branco encarnado.....  | Coud. Cruzeiro.  |
| 2 | Rondello.....    | Donradilho  | 3 »   | Idem.....    | 51 »    | Azul e grénat.....           | Luzaro & Lima.   |
| 3 | Blair Athol..... | Alazão..... | 3 »   | R. de Jane.. | 51 »    | Azul, enc. e boné preto..... | F. M.            |
| 4 | Odalisca.....    | Pampa.....  | 3 »   | S. Paulo...  | 53 »    | Verde, branco e enc.....     | Coud. Excelsior. |
| 5 | Argentino.....   | Castanho..  | 3 »   | R. de Jane.. | 51 »    | Grénat e lyrio.....          | D. A.            |

2 3/4 horas—5º pareo—Derby-Club—1.000 metros—Animas do paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

|   |               |             |       |              |         |                         |                   |
|---|---------------|-------------|-------|--------------|---------|-------------------------|-------------------|
| 1 | Talisman..... | Alazão..... | 5 ans | S. Paulo...  | 56 kil. | Azul, branco e enc..... | Coud. Cruzeiro.   |
| 2 | Diva.....     | Idem.....   | 4 »   | R. de Jane.. | 56 »    | Ouro e branco.....      | Coud. Fluminense. |
| 3 | Regina.....   | Donradilho  | 4 »   | S. Paulo...  | 50 »    | Azul e grénat.....      | Coud. Paraizo.    |
| 4 | Boreas.....   | Castanho..  | 4 »   | Idem.....    | 60 »    | Encarnado e preto.....  | Coud. R. Janeiro. |

3 1/2 horas—6º pareo—Rio de Janeiro—1.750 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.500\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

|   |               |            |       |              |         |                    |                   |
|---|---------------|------------|-------|--------------|---------|--------------------|-------------------|
| 1 | Satan.....    | Castanho.. | 4 ans | França.....  | 51 kil. | Grénat e ouro..... | Mario de Souza.   |
| 2 | Salvatas..... | Idem.....  | 4 »   | Idem.....    | 52 »    | Idem.....          | Idem.....         |
| 3 | Phrynéa.....  | Castanho.. | 4 »   | Inglaterra.. | 51 »    | Ouro e branco..... | Coud. Fluminense. |

4 1/2 horas—7º pareo—Progresso—1.600 metros—Animas nacionaes de meio-sangue—Premios: 600\$ ao primeira, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |               |             |       |              |         |                         |                    |
|---|---------------|-------------|-------|--------------|---------|-------------------------|--------------------|
| 1 | Druid.....    | Tordilho..  | 4 ans | R. de Jane.. | 60 kil. | Encarnado o branco..... | O. Junior & Lopes. |
| 2 | Biscail.....  | Aluzão..... | 1 »   | S. Paulo...  | 50 »    | Azul e grénat.....      | Coud. Santa Cruz.  |
| 3 | Nicoity.....  | Castanho..  | 4 »   | Paraná.....  | 54 »    | Azul e amarello.....    | Coud. Luzitana.    |
| 4 | Intima.....   | Idem.....   | 5 »   | S. Paulo...  | 54 »    | Grénat e lyrio.....     | D. A.              |
| 5 | Paulicea..... | Idem.....   | 4 »   | Idem.....    | 50 »    | Enc. branco e ouro..... | Coud. Paulista.    |

5 horas—8º pareo—Seis de Março—1.450 metros—Animas do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

|    |                  |             |       |              |         |                               |                    |
|----|------------------|-------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|--------------------|
| 1  | Zephyro.....     | Aluzão..... | 3 ans | S. Paulo...  | 49 kil. | Azul, branco e enc.....       | Coud. Cruzeiro.    |
| 2  | Jenny.....       | Vermelho..  | 4 »   | Idem.....    | 50 »    | Vermelho e boné preto.....    | J. Lemos.          |
| 3  | Marengo.....     | Idem.....   | 6 »   | Idem.....    | 54 »    | Vermelho.....                 | Coudelaria Mirim.  |
| 4  | Chapeco.....     | Castanho..  | 3 »   | Paraná.....  | 49 »    | Branco e estrellas azues..... | Coud. Guanabara.   |
| 5  | Caporal.....     | Alazão..... | 1 »   | S. Paulo...  | 52 »    | Grénat e boné branco.....     | Coud. Integridade. |
| 6  | Lancaster.....   | Idem.....   | 3 »   | R. de Jane.. | 49 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.  |
| 7  | Baccarat II..... | Gateado..   | 4 »   | S. Paulo...  | 52 »    | Azul e branco.....            | F. J. C.           |
| 8  | Aldaco.....      | Donradilho  | 4 »   | Idem.....    | 52 »    | Grénat e perola.....          | F. Vaz.            |
| 9  | Moudego.....     | Castanho..  | 4 »   | Idem.....    | 52 »    | Azul e amarello.....          | Coud. Luzitana.    |
| 10 | Pretoria.....    | Libano..... | 6 »   | Idem.....    | 52 »    | Azul e havana.....            | A. C.              |
| 11 | Ou lim.....      | Tordilho..  | 3 »   | Idem.....    | 47 »    | Azul e amarello.....          | José M. da Rocha.  |

### OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. proprietarios dos animas inscriptos ao primeiro pareo o obsequio de terem os mesmos no ensilhamento as 11 1/2 horas.

MÁRCOS DE MELLO, 2 Secretario interino

## EMULSÃO DE SCOTT

DE OLIO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, eccepthulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, deluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 83, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

## CAMPOS

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pódo ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

### RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

### RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommeudas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

A Chapellaria Ingloza—Este importante estabelecimento, o primeiro deste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retiron da alfandega as ultimas novidades em superiores chapéos inglozes. Rua do Ouvidor, 130.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escritorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourivos, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 81, do meio-dia ás 2 horas.

# JOCKEY-CLUB

## GRANDES CORRIDAS NO PRADO FLUMINENSE DOMINGO 15 DE MAIO DE 1887

1º pareo—A's 12 horas—**Ferreira Lage**—1.400 metros—Animas de meio sangue—Premios: 700\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes         | Pellos          | Edades     | Naturalidades   | Pesos       | Córes das vestimentas   | Proprietarios          |
|-----|---------------|-----------------|------------|-----------------|-------------|-------------------------|------------------------|
| 1   | Biscaia.....  | Alazão.....     | 4 annos... | S. Paulo.....   | 50 kilos... | Azule ouro.....         | Coudelaria Santa Cruz. |
| 2   | Douro.....    | Idem.....       | 6 » .....  | Rio de Janeiro. | 54 » .....  | Verde e ouro.....       | Idem Independencia.    |
| 3   | Rondello..... | Douradilho..... | 3 » .....  | S. Paulo.....   | 50 » .....  | Azul e grénat.....      | Lazaro de Lima.        |
| 4   | Druid.....    | Tordilho.....   | 4 » .....  | Rio de Janeiro. | 52 » .....  | Branco e encarnado..... | Oliv. Junior & L.      |

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Experiencia**—1.000 metros—Animas estrangeiros de 2 annos—Premios: 700\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

|   |                 |               |           |                   |             |                               |                      |
|---|-----------------|---------------|-----------|-------------------|-------------|-------------------------------|----------------------|
| 1 | Cambrone.....   | Alazão.....   | 2 » ..... | França.....       | 50 kilos... | Azul, branco e encarnado..... | Coudelaria Cruzeiro. |
| 2 | Caucaniere..... | Castanho..... | 2 » ..... | Idem.....         | 49 » .....  | Ouro, mangas e boné azul..... | Coudelaria Alliança. |
| 3 | Ormonde.....    | Zaino.....    | 2 » ..... | Idem.....         | 50 » .....  | Perola e faixa grénat.....    | A. Vianna.           |
| 4 | Indio.....      | Castanho..... | 2 » ..... | Rio da Prata..... | 50 » .....  | Azul e grénat.....            | F. J. C.             |
| 5 | Fire Queen..... | Idem.....     | 2 » ..... | Inglaterra.....   | 49 » .....  | Azul e ouro.....              | D. Julia Vieira.     |
| 6 | Visiere.....    | Alazão.....   | 2 » ..... | França.....       | 49 » .....  | Azul marinho e paiha.....     | J. P. de Castro.     |
| 7 | Gentleman.....  | Castanho..... | 2 » ..... | Inglaterra.....   | 50 » .....  | Enc. e mangas azul claro..... | Coud. Brasileira.    |

3º pareo—A' 1 1/2 hora—**Criterion**—1.000 metros—Animas nacionaes de 2 annos—Premios: 700\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |                |                  |            |                  |             |                               |                        |
|---|----------------|------------------|------------|------------------|-------------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | Berenice.....  | Alazão.....      | 2 annos... | Rio de Janeiro.  | 49 kilos... | Ouro e branco.....            | Coudelaria Fluminense. |
| 2 | Esmeralda..... | Castanho.....    | 2 » .....  | S. Paulo.....    | 51 » .....  | Ouro, mangas e boné azul..... | Idem. Alliança.        |
| 3 | Galléo.....    | Zaino negro..... | 2 » .....  | Rio de Janeiro.. | 50 » .....  | Branco, mangas e boné bavana  | Idem.                  |
| 4 | Guará.....     | Zaino.....       | 2 » .....  | Paraná.....      | 50 » .....  | Vermelho.....                 | Idem. Mirim.           |

4º pareo—A's 2 1/4 horas—**Animação**—1.400 metros—Animas estrangeiros de 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

|   |               |               |            |                   |             |                               |                         |
|---|---------------|---------------|------------|-------------------|-------------|-------------------------------|-------------------------|
| 1 | Siva.....     | Alazão.....   | 3 annos... | Inglaterra.....   | 48 kilos... | Azul e ouro.....              | Coud. Hannoveriana.     |
| 2 | Africana..... | Zaino.....    | 3 » .....  | Rio da Prata..... | 48 » .....  | Verde e ouro.....             | D. Olga Lopes da Costa. |
| 3 | Gabier.....   | Idem.....     | 3 » .....  | França.....       | 50 » .....  | Grénat e rosa.....            | S. Maior.               |
| 4 | Daybreak..... | Idem.....     | 3 » .....  | Inglaterra.....   | 50 » .....  | Azul e ouro.....              | D. Julia Vieira.        |
| 5 | Remise.....   | Preto.....    | 3 » .....  | França.....       | 48 » .....  | Ouro e preto.....             | F. Schmidt.             |
| 6 | Phénicia..... | Alazão.....   | 3 » .....  | Inglaterra.....   | 48 » .....  | Enc. e mangas azul claro..... | Coud. Brasileira.       |
| 7 | Amazonas..... | Castanho..... | 3 » .....  | Idem.....         | 50 » .....  | Azul e ouro.....              | L. & C.                 |

5º pareo—A's 3 horas—**Guanabara**—1.600 metros—Animas nacionaes de 4 annos e mais—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

|   |              |             |            |                 |             |                                |                        |
|---|--------------|-------------|------------|-----------------|-------------|--------------------------------|------------------------|
| 1 | Sybilla..... | Zaino.....  | 4 annos... | S. Paulo.....   | 54 kilos... | Azul e branco e encarnado..... | Coudelaria Cruzeiro.   |
| 2 | Diva.....    | Alazão..... | 4 » .....  | Rio de Janeiro. | 50 » .....  | Ouro e branco.....             | Idem. Fluminense.      |
| 3 | Macaréo..... | Idem.....   | 5 » .....  | S. Paulo.....   | 51 » .....  | Azul e ouro.....               | Coudelaria Santa Cruz. |

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Internacional**—1.400 metros—Animas estrangeiros até 4 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

|    |                 |                 |            |                   |             |                               |                        |
|----|-----------------|-----------------|------------|-------------------|-------------|-------------------------------|------------------------|
| 1  | Conpon.....     | Alazão.....     | 4 annos... | França.....       | 52 kilos... | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 2  | Dr. Jenner..... | Zaino.....      | 4 » .....  | Rio da Prata..... | 52 » .....  | Grénat e ouro.....            | J. S.                  |
| 3  | Scylla.....     | Castanho.....   | 4 » .....  | Inglaterra.....   | 50 » .....  | Preto e encarnado.....        | Coud. Rio de Janeiro.  |
| 4  | Le-Loup.....    | Zaino.....      | 4 » .....  | França.....       | 52 » .....  | Azul e grénat.....            | Coud. Internacional.   |
| 5  | Walter.....     | Douradilho..... | 4 » .....  | Inglaterra.....   | 52 » .....  | Grénat e rosa.....            | S. Maior.              |
| 6  | Kissingen.....  | Castanho.....   | 4 » .....  | França.....       | 50 » .....  | Ouro, mangas e boné azul..... | Coud. Alliança.        |
| 7  | Charibydes..... | Idem.....       | 4 » .....  | Inglaterra.....   | 50 » .....  | Encarnado e preto.....        | Coud. Rio de Janeiro.  |
| 8  | Daybreack.....  | Zaino.....      | 3 » .....  | Idem.....         | 50 » .....  | Azul e ouro.....              | D. Julia Vieira.       |
| 9  | Peruana.....    | Idem.....       | 4 » .....  | Idem.....         | 50 » .....  | Azul e amarello.....          | José Martins da Rocha. |
| 10 | Madama.....     | Castanho.....   | 4 » .....  | França.....       | 50 » .....  | Ouro e preto.....             | F. Schmidt.            |

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Xpiranga**—1.400 metros—Animas nacionaes de 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

|   |               |               |            |               |             |                                |                       |
|---|---------------|---------------|------------|---------------|-------------|--------------------------------|-----------------------|
| 1 | Monitor.....  | Castanho..... | 3 annos... | S. Paulo..... | 50 kilos... | Azul, branco e encarnado.....  | Coud. Cruzeiro.       |
| 2 | Galgo.....    | Zaino.....    | 3 » .....  | Idem.....     | 50 » .....  | Grénat e rosa.....             | S. Maior.             |
| 3 | Dandy.....    | Vermelho..... | 3 » .....  | Idem.....     | 52 » .....  | Perola e faixa preta.....      | F. Vianna.            |
| 4 | Odaliscá..... | Pampa.....    | 3 » .....  | Idem.....     | 48 » .....  | Verde, branco e encarnado..... | Coudelaria Excelsior. |

O pareo **HANDICAP** deixa de realizar-se em virtude de for-falts.  
Os proprietarios dos animas inscriptos pela primeira vez, devem estar preparados para o cumprimento do art. 8º doCodigo de Corridas (exame de idade.)  
Secretaria de Jockey-Club, em 10 de Maio de 1887.

C. FERNANDES, 2º Secretario.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 21 DE MAIO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 125

REDACÇÃO E GERENCIA—RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                    |                          |
|------------------------------------|--------------------------|
| Expediente.....                    | A REDACÇÃO.              |
| «A Semana».....                    | Galeria do Elogio Mutuo— |
| XIV—Lucio de Mendonça.....         | R. CORREA.               |
| Historia dos sete dias.....        | FILINTO.                 |
| Flor de roman, soneto.....         | H. DE MAGALHÃES.         |
| G. Dias e C. Alves.....            | F. A.                    |
| Juncto dos tens, soneto.....       | F. D'ALMEIDA.            |
| Discurso de Alex. Dumms filho..... | CARLOS LUIZ.             |
| Soneto.....                        | E. FREIRE.               |
| «Lyrica» de Filinto d'Almeida..... | A. PUJOL.                |
| A confissão de um deos.....        | P. TALMA.                |
| Factos e Noticias.....             | PONSARNIN.               |
| Theatros.....                      | E. M. DE VOGUE.          |
| A Villa Alegre.....                | ENRICO.                  |
| O conde Lido Tolstoi.....          | L. M. BASTOS.            |
| Correio.....                       | FR. ANTONIO.             |
| Sport.....                         |                          |
| Traction á bola.....               |                          |
| Annuncios.....                     |                          |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

No escriptorio d'esta folha compram-se, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 *A Semana*.

Achando-se promptos os indices das materias contidas no 2º volume (anno de 1886) d'*A Semana*, rogamos aos nossos assignantes que os desejarem o favor do os mandarem reclamar no nosso escriptorio.

## A SEMANA

Por nos ter sido entregue demasiado tarde para ser inserida neste numero, só o poderá ser no seguinte a *Gazetinha Medica* do poseo illustrado collaborador Dr. Salen, a qual se occupa com o diagnostico e operação do abcesso de figado ultimamente feita pelos Drs. Pedro Afonso e Barbosa Romou e com a apreciação de alguns trabalhos medicos recentemente publicados.

A REDACÇÃO.

## GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XIV

LUCIO DE MENDONÇA



Quando, em 1878, cheguei á bella e saudosa Paulicéa, estavam ali na plena efflorescencia de seu talento Affonso Celso Junior, Theophilo Dias, Magalhães Castro, Valentim Magalhães, Assis Brazil, Augusto de Lima e outros. Lucio de Mendonça já lá não estava, que se havia formado a 27 de Novembro do anno anterior.

Não restavam d'elle senão recordações as mais vivas e o rastro coruscante da sua passagem. Lembravam-se todos ainda da revolução academica de 1872; e as janellas do antigo convento de S. Francisco, com os caixilhos esbandalhados, ainda accusavam mudamente os revoltosos que tinham tido o capricho audaz de lhes bordar os vidros a pedradas.

Lucio fizera parte, fora um dos chefes até, d'aquelle motim, e lhe custara isso uma gravissima injustiça, que não vale a peun lembrar aqui.

Tinha sido um rebelde, um exaltado, affirmavam muitos; pertencer a ao «Club Republicano» na sua epoca de mais febril agitação. A elle e a mais cinco demagogos, distinctos companheiros seus, é que Ezequiel Freire enviára, capeando os quatro reis de um barallio de cartas, o conhecido e chistoso soneto *Comedores de Reis*, onde lhes dizia:

« Sois uns Trimalcyões de estomagos perversos,  
« Que ingeris ao almoço um Rei, outro ao jantar!

O que eu sei, porem, em que péze a dura e descommunal austeridade dos lentes da Academia, é que estes tiveram de aproval-o tres vezes com distincção em annos consecutivos, caso

pelo menos rarissimo, se não virgem até então.

Por isso é que todos, amigos ou adversarios, eram concordes n'um ponto:—em que, entre os mais distinctos estudantes, a primazia era d'elle, do Lucio, e ninguém ousava disputal-a.

Nenhum expriniria esse facto melhor do que o fez, mais tarde e em poucas palavras, Assis Brazil, valente escriptor rio-grandense, affim com elles nas ideas e nos sentimentos:

« No seu tempo havia uma questão de que ninguém se occupava: a de saber quem era aqui o primeiro. Todos sabiam que era Lucio de Mendonça.» (1)

Deixado os baacos academicos, não seria possivel a Lucio de Mendonça contentar-se com estar apto para as lides infecundas da advocacia e com ser um bacharel como todo o mundo; e, pois, fóra, tem continuado até o presente a sua faina sagrada.

Passando-se para a provincia de Minas, na Campanha levantou as suas tendas, e ali, durante seis annos, redigiu brilhantemente o *Colombo*, jornal cuja notoriedade chegou até ao recinto do senado, onde, a proposito de um facto politico de alta importancia, foram citadas por Christiano Ottou suas opinioes.

No *Colombo* publicou elle em folhetins,

(1) *Bohemio*, jornal illustrado, de S. Paulo, redigido por Valentim Magalhães, Ezequiel Freire e Raymundo Correa— n. 11—1881.

reunindo-o mais tarde em volume, o seu notavel romance *O marido da Adultera*, cujo thema encerra questões de subido interesse social.

Não ha força, não ha energia que se equipare com a de um espirito sinceramente convencido. Por esse motivo é que Lucio, não obstante todos os contratempos da fortuna, nunca deixou de persistir firme no seu velho posto e cheio das mesmas aspirações patrióticas, que bebiera de mistura com o primeiro leite da instrução.

Nunca mais abandonará elle, em momento sequer, essas peregrinas consocias de suas antigas expansões patrióticas; ao contrario, de anno em anno, verá dilatar-se mais o espaço em torno d'ellas e mais rasgarem-se os seus horizontes.

E a prova de que a mesma fagulha revolucionaria ainda lhe continua a arder na alma, está no seguinte: ha um anno apenas fixou elle a sua nova residenciá na cidade de Valença; e já ali, desde o dia 7 de Abril ultimo, existe, solidamente fundado, um club republicano, cujo solemne manifesto foi transcripto em quasi toda a imprensa fluminense.

Lucio de Mendonça é jornalista, critico, romancista, poeta.

Confesso antecipadamente que não poderei deixar de ser por demais deficitante ao abranger em largos traços toda a vida litteraria d'este escriptor, desde o seu inicio.

Antes de tudo:— não sei como em um simples charadista se possa verificar com exactidão o velho adagio, *Ex ungue leonem*. Pois, Lucio não começou a versificar de outro modo, senão fazendo charadas.

Mas se até ali ninguém tinha visto ainda a garra do leão, este não tardou em mostral-a, aguda e affada para todas as luctas.

O *Planeta do Sul*, jornal mineiro de que era redactor Americo Lobo, o primoroso traductor de Longfellow, recebeu satisfeito as primicias poeticas de Lucio de Mendonça; e em seguida collaborou este, com fervor e enthusiasmo, na *Chrysalida*, na *União* e na secção litteraria do *Omnibus*, de S. Paulo, e redigio a *Borboleta* periodico dedicado ao bello sexo, por elle só escripto e composto typographicamente.

Posteriormente, ainda em S. Paulo, foi o mais assiduo redactor do terrivel *Rebate* e conservou-se durante tres annos como noticiarista e folhetinista da *Provincia de S. Paulo*.

E' longa a lista dos jornaes de que tem sido collaborador effectivo desde essa epoca até hoje. Só na Corte:— a *Gazeta de Noticias*, o *Globo*, o *Mosquito*, o *Colibri*, de Silva Maia, e a sécia *Gazetinha* e especialmente a *Republica*, de cuja redacção foi, por mais de um anno, um dos mais fortes auxiliares; trouxeram a lume em suas columnas bellissimas produções litterarias d'elle.

Actualmente, onde tem escripto com mais assiduidade tem sido na *Semana*, na *Estação* e no *Vasourame*, excellentes jornaes provincianos, redigido por Lucio Filho, escriptor de vasto talento e eruditissimo.

Lucio de Mendonça foi sempre um trabalhador indefesso. Estão patentes em suas obras a profunda veneração consagrada á arte e a perseverança e o paciente esmero, que d'elle exigem,









nho-me respeitoso. E' tão ephemera, tão assustadica, tão fragil a felicidade do coração!

Ap' nas a minha sympathia não pode eximir-se de murmurar baixinho á Eva intemerata d'aquelle paraíso: — Bem-dicta sejas, que soubeste inspirar no poeta estes sentimentos:

« Hei de guardár fi: l do affecto nosso Toda a pureza angelica, descança. Por ti, meu puro amor, minha esperança, Todas as más paixões venço e destruo. »

« Abroquelado em teu amor, o fino Aço do gladio hellico em teu pranto Ungido, o arnez luzente e crystalino, »

« Do Mal enfiesto as legiões fataes, Porque só te amo a ti, mas tanto e tanto, Que n'ninguem póde amar no mundo mais »

S. Paulo, 26 de Março—87.

EZEQUIEL FREIRE

(Da Provincia de S. Paulo.)

A CONFISSÃO DE UM DEUS

(POEMA DE ARMAND SILVESTRE)

I

E passava-se esta scena no Jardim das Oliveiras, na noite cheia de angustias em que o Christo fugia á visão lugubre do supplicio, a alma mergulhada na iuvencível saudade da vida e a carne eriçada de revoltas, supportando, em sua propria grandeza, o horror do doloroso e sublime sacrificio, sentindo dentro de si a coragem da innocencia e os amargos desejos da expiação, voluntaria victima de um Deus cujas iras elle havia sondado sem comprehender sua obsinuação...

Caminhava sob a folhagem, docemente agitada pelas brisas do céu, enquanto a onda dos seus rapidos dias vinha segredar-lhe na lembrança o hymno das passadas glorias e dos eternos adeuses...

Tornava a vér os pastores ajoelhados diante a estrella, os magos de alvas cabelleiras que fluctuavam na fumaça do incenso, os moços balouçando perante elle a palma adormecida dos coqueiros sobre as estradas de Jerusalem, os pescadores aliençoando-o a bordo de suas barcas repletas, os amigos de Lázaro proclamando-o Vencedor da Morte, e Magdalena espargindo a seus pés, com os perfumes, o delicioso halito de sua bocca.

E a morte prevista parecia-lhe mais horrivel como tambem mais necessaria, porque as vaidades da vida ameaçavam de vir agarrar-se ás suas brancas vestes, como fazem os espinheiros do caminho. Era-lhe preciso apressar o passo para não sentir sobre os hombros o peso tremendo do sacrificio.

Emquanto elle meditava, supplicando a seu desconhecido pae que o socorresse na desgraça, uma sombra tocou-o de leve, no silencio da noite, e Christo reconheceu Judas, aquelle mesmo que o devia trahir e cujas intenções elle não ignorava.

Este, dominado tambem pelo terror de seu sonho, perseguido pelos reuor-sos, e buscando a solidão por entre as arvores silenciosas, tentou fugir, mas Christo o deteve, dizendo:

II

— Ouve-me, Judas. Por que razão queres tu entrogar-me aos carrascos? Não tenho eu sido sempre carinhoso o bom para contigo, como para todos, supportando tuas fraquezas e ensinando-te o Perdão?

— Sim; é verdade.

— Não temes o castigo eterno que te prepara a côlera celeste? Ignoras que sou Deus?

— E' ainda verdade, Senhor.

E erguendo para Jesus os olhos quo até então conservára abaixados, os olhos em que brilhava uma chamma sombria, Judas acrescentou, com voz mais firme e resoluta:

— E foi por isso que eu quiz punir-te!

Christo, aterrorisado, estenden as mãos para uma nuca de nuvem, matizada de estrellas, que apparecia sobre sua cabeça, rompendo o véo espesso da folhagem.

E como que alliviando o coração, por muito tempo cheio, vomitando a baba dos odios accumulados, Judas proseguiu, implacavel, estridente, sarcástico:

— Sim! Reconheço que és um Deus!

Entre todos esses que tu julgas fieis, e que te hão de renegar amanhã, só em ti vejo o creator unico de todas as cousas, o soberano dos destinos, aquelle que nos fez o que somos, perante quem sabe, desde o berço sangrento das idades, a inutil blasphemia dos vencidos e dos infelizes!

E foi por isso mesmo que, encontrando-te finalmente sob a forma mortal em que pôdes soffrer na alma e no corpo, eu bradei aos outros homens:

— Vingae-vos! Dilacerae seu rosto com espinhos, encravae suas mãos, rasgae suas entranhas! Procurae para elle a mais longa tortura, aquella que arranque mais lentamente os farrapos dolorosos da vida! Não ha para elle supplicio bastante...

E' Deus!

E o immortal amaldiçoado, sacudido pela raiva, rugia como uma fera, a guêla arquejante, secca e rouquenha. Christo escutava-o, silencioso, o com o seu meigo olhar cheio de piedade.

III

Como desde muito tempo elle se tinha calado, Christo, por sua vez, fallou-lhe, com infinita doçura:

— Quero ouvir-te até o fim... Conta-me, pois, o que tens a exprobar ao Deus que eu represento.

E Judas, mais calmo, porém mais terrivel ainda pela inflexão de sua voz, começou a longa narração dos aggravos da humanidade contra Deus.

Referiu-lhe as torturas amontoadas pelas nativas contradicções do nosso ser, a tentação armando suas eternas emboscadas, as raças trazendo em si fermentações de odios que se chócavam como vngas furiosas e as confundem n'um oceano de sangue, as aspirações ao Infinito que a morte desmente, os tumulos que ella fecha sobre nossas ternuras vivas, a dor das despedidas, o amor constantemente trahido, as almas satisfazendo essa sede em fontes empoenhadadas, o Improvisto fazendo que nossas estradas se desmoronem sob nossos passos, o mysterio do nosso destino abolindo-nos o cérebro, a sacrillega Idade, desbotando a nossos olhos, a sagrada imagem da Belleza; tudo quanto torna a vida odiosa, detestavel, e nol-a impõe em virtude de

uma lei que havíamos rejeitado, aquella que inoculou em nossas veias um sangue nbraçado de desejos insacineis, que tornou nossa carne sedenta de delicias é fecunda em soffrimentos...

E enquanto elle desprendia esse immortal soluço que, desde o crepusculo do tempo, sóbe de nossa multidão miseravel para o Impossivel e o Eterno, Christo ouvia-a om silencio, a dourada cabeça curvada sobre o peito, como se algum subito remorso houvesse pesado sobre sua frente, e tão verdadeiramente commovido em seu recolhimento quo as lagrimas se amontoavam nas bordas de suas palpebras diviaas...

E com aquelle sonho sublime de sacrificio e de martyrio a envolver-lhe sempre o pensamento, occorreu-lhe a duvida de saber o que ia expiar-se as faltas do homem, se o crime de Deus.

E o Christo entranhava-se no horror mysterioso das responsabilidades divinas e humanas, no insoudavel problema que despelhaa nossos projectos de encontro ás fatalidades, quando Judas, soltando uma gargalhada ironica, bradou-lhe:

— Adeus! Por mais divino que tu sejas, esforça-te ao menos por morrer como um homem!

E o infame que vendera seu amigo tinha desaparecido na sombra, enquanto Jesus, erguendo de novo os olhos para o Céu, sentia um terror ainda maior no coração, vendo que todos os astros ficavam encobertos e que só a noite se abria ás azas feridas de suas supplicas...

Trad. de ALFREDO PUJOL.

FACTOS E NOTICIAS

Casou-se nesta côrte com a Exma. Sra. D. Emilia Sauerbronn da Silva o estimado maestro Presciliano Silva. Mil venturas é o que desejamos aos noivos.

A directoria dos Concertos Populares participa-nos que a sua primeira matinee se realisará no dia 5 de Junho, no theatro S. Pedro de Alcantara. A orchestra será regida pelo maestro Carlos de Mesquita.

Em Casa Branca casou-se o Sr. Alciabiades Juvenal de Mendonça Uchôa com a Exma. Sra. D. Celiza Sillos de Mendonça. Mil felicidades.

Firmino Monteiro, de volta de sua viagem á Europa, fará brevemente uma exposição dos seus ultimos trabalhos. D'este pintor acha-se exposta na casa de Wilde uma excellentetela que muito agradou.

O Club de Regatas Cajuense realiza amanha uma regata que promete ser magnifica.

O professor P. Zavataro organisou com parte de suas discipulas, um concerto que se effectuará hoje. O programma é escolhidissimo.

COLLEGIO ABILIO

No domingo, 4º anniversario d'este importantissimo estabelecimento de educação, houve no palacete onde func-

cionn, a prain de Botafogo, uma festa esplendida e enormemente significativa.

Começou por uma bella sessão litteraria, presidida pelo Sr. Barão de Macahubas e por seu filho, Dr. Joaquim Abilio, director do collegio. Nessa sessão foram recitadas varias poesias e proferidos diversos discursos, sendo muitissimo notavel, pela elevação de vistas e do joven e sympathico director do collegio. Este discurso produziu no selectissimo auditorio uma profunda e ngradavel impressão.

O alumno Octavio Costa falou em nome do Instituto Abilio, saudando e director com enthusiasmo, e terminou a oração offerecendo-lhe um bello retrato a óleo, de corpo inteiro, tamanho natural, trabalho do Sr. Teixeira da Rocha, professor do collegio.

As bandas de musica, dos collegios reunidos d'aqui o de Barbacena, tocaram varias peças, e pelos alumnos foram cantados muitos coros de bellissima effeito.

A' noite houve baile, e tudo quanto ha de mais escolhido e selecto na nossa sociedade lá compareceu, a tomar parte na ridente e gloriosa festa das crianças.

Quinta-feira realizou-se a segunda parte do programma, — Educação phisica — que, por causa do mau tempo, fora transferida de domingo.

Foi outra festa, só inferior á primeira por ser mais curta.

Os alumnos nos exercicios de gymnastica, de assalto d'armas, e nas evoluções militares, deram brilhantes provaes magnificos e habil ensino do collegio. Foi digno de nota o assalto do florete, em que se distinguiram dois alumnos. Mas o que produziu um effeito deslumbrante foi a marcha internacional, com o canto — De la jeunesse ehantons les heu-reux jours e onde os alumnos agitavam grande quantidade de bandeiras de varias nações, o que foi um spectaculo agradabilissimo e com que terminou a festa.

Agradecendo os convites que tivemos a damos sinceros parabens ao Dr. Joaquim Abilio pela sua incomparavel festa e pelo progresso sempre crescente do collegio que tão proficientemente dirige.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

A Francillon continúa a dar boas vistas á empresa d'este theatro.

Proximamente fará beneficio, e com uma peça nova, a distincta actriz Helena Cavalier.

Bello spectaculo vae haver no dia 7 do mez que vem, em beneficio das actrizes Felicidade e M. Nunes.

POLYTHEAMA FLUMINENSE

Chamamos a attenção do publico para a esplendente festa que se realisa hoje neste theatro, em beneficio da intelligente actriz Amelia Bellido.

Sobem á scena o drama em 3 actos: Como se enganam mulheres, Macaca pelo Xisto Bahia, uma scena comica pelo Machado, Querem ser artistas pelos meninos Luiz e Romeu Bastos e por Mme. Aliverti será cantada a encantadora canção da cydra dos Sinos de Cornetille.

A beneficiada é merecedora da coadjuvação publica, pois deslo a morte de seu esposo, o saudoso actor Mauro Bellido, que lhe legou apenas um nome estimado e nenhum recurso pecuniario tem lutado com serias adversidades.

Cremos que o nosso publico, que por varias vezes tem dado altissimas provas do seu bom coração, não deixará hoje de apreciar um excellentespectaculo e concorrer para o bem de uma actriz intelligente, em tudo digna de seu apoio.

Com certeza a sala do Polytheama reorgitará hoje de espectadores.

E' o que desejamos.

LUCINDA

O Gallo de Ouro tão cedo não deixará o



tanto das rimas em do, o a sua poesia seria mesmo *gallinha*!

E que estirado que ella é! 12 estrophen! Aí! meu amigo, isto é muita tripa. Em todo o caso vou dar aqui mesmo parte de sua poesia, visto a Collaboração estar, como já disse algures, transbordante.

#### QUERO VIVER

Distante dos festins, das grand's gallas,  
E das falas do amor falso, vão,  
Das mattas quero o seio por guarida,  
Quero isolada vida, solidão!

Quero viver tranquillo na floresta,  
Dormir a sesta a sombra da mangueira,  
Sonhar com Deus, o céu, o mar,  
Ouvindo o resoar da cachoeira.

Oh! sim quero o prazer do vida santa,  
Onde descansa o terno passarinho,  
E quero perto ouvir o seu gorgeio  
De encanto cheio e cheio de carinho.

Quero ter a montanha por encosto,  
Embora exposto aos dentes de um chacal...  
Minha morte as cachoeiras chorarão  
E as oves-cantarão neu funeral!

L. DE A.

Contente-se com isto e lamba o beijo.

ENRICO.

### TRATOS Á BOLA

Metteram o dente nas *traticos* ultimas  
os conhecidos e estimados *topetudos*:  
*Pépe, Josephina B. e Valerius Madilena*.  
Pertence a *Pépe* o premio. E' vir  
busca-lo.

Eis as decifrações: *Logographo, Saram  
pão, Poesia, Vicio, Papagaio, Callote*.

Para hoje vão as seguintes *traticos* que  
são de uma facilidade...

Atenção!

LOGOGRAPHO (por letras)

Dá-te vida o estatuario--1, 9, 7, 4, 12, 8, 11.  
Negro habitante das trevas--3, 2, 1, 12, 10, 4, 12.  
A ti, que inconstante e vario--1, 9, 7.  
Com teu tanto nos enlevas--5, 6, 10, 12, 8.  
Trazes um manto estrelado--10, 12, 4, 5, 2.  
De um brilho que cança os olhos--3, 4, 9, 1, 9, 10,  
5, 2.  
Se és ao doente ministrado--7, 11, 1, 6, 3, 4, 12.  
Fintas da vida os ecolhos--1, 12, 7, 5, 2.

Conceito

Este todo a Grecia e a França,  
Bem como a Sardenha banha;  
De Malta á Italia se lança,  
Passa entre a Africa e a Hespanha.

Alexandrina Bellora.

ENIGMA ROMANO

100

101

11

A

252—Um anjo!

Oidivo.

2—Pós certa letra no fim desta cór  
que irá pelos ares.

DECAPITADA

Elle é isto; — mas a ave é de... —  
deste sujito — que se contrae. —

PERGUNTA

O que é que este medico brasileiro  
faz de indecente?

E, até ás uras, devotos e devotas.

FREI ANTONIO.

## PORTUGAL

Lourenço Marques de Almeida, proprietário da Agencia Commercial Portugueza, annuncia aos cheitos desta casa no Imperio do Brazil que, tencionando ir a Portugal no mez de Maio corrente, se encarrga de pessoalmente tratar naquella paiz de qualquer negocio de que o queirão incumbir, como: comprar ou vender qu'esquer generos, bens de raiz ou papeis de credito: entregar ou receber valores em moeda ou pupéis: pagar ou receber dividas; intertar acções civéis ou commerciaes; promover habilitações de herdeiros e mandar fazer pesquisas sobre qu'esquer herouças; levantar quantias depositadas em bancos ou qu'esquer repartições publicas; legalisar documentos; contratar colonos ou industriaes; fuzar admittir educandos ou estudantes de matricula em qu'es per-dos collegios ou academias de Portugal e prover o pagamento de meza-fas e demais dispendios; e, finalmente, todos os demais encargos de que esta casa se occupa, quer do Brazil para Portugal, quer de Portugal para o Brazil.

A commissão a cobrar pela execução de qualquer encargo será moderada e sempre proporcional á importancia e difficuldade do encargo.

N. B.—Para compra de generos ou qu'esquer objectos, para pesquisas ou principio de liquidações de heranças, cuja sequencia seja duvidosa, ou para qu'esquer outros encargos, cujo dispendio não possa por outra forma ser garantido, terão necessariamente os committentes de depositar uma quantia ou prestar fiança.

40 RUA DO CARMO 40

1º ANDAR

AVISO

Lourenço Marques de Almeida, tendo determinado seguir viaem para Portugal a bordo do paquete francez *Sénégol*, avisa ás pessoas que lhe têm committido encargos, para a boa execução dos qu'es ficaram ainda de entregar-lhe alguns documentos que faltam, se previnam para que esses documentos lhe sejam entregues o mais tarde até o dia 28; e ás pessoas que ainda hajam de encarregar-o de qualquer commissão, prvine que só até o dia 28 inclusive acceptará novos encargos.

Outrosim declara o annunciante aos seus estimaveis amigos e freguezes que durante a sua curta oisencia deste Imperio, continuará a—Agencia Commercial Portugueza—sob a gerencia de sua mulher D. Maria Georgina Fonseca de Almeida, a occupar-se de todos os mesmos encargos de commissões, consignações e negocios de conta propria, como até aqui, para o que fica sua mulher competente e habilitada por uma procuração lavrada no cartorio do tabelião Ramos.

### ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especia lista de syphilis e moléstias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 32 (consultas de 11/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

A Chappellaria Inglesa.—Esta importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes a ao publico que retirou da alfandega as ultimas novidades em superiores chapéus inglezes. Rua do Ouvidor, 120.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Moléstias da pelle e syphiliticas. Oms. rua do Visconde de Inhaúma, 31, de meio-dia ás 2 horas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Construtores de machinas e apparatus para lavoura—Schubert Irmãos, Hnas & C.—Juiz de Fora.

Hotel das Famílias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: Dr. Fortunato Moreira e L. de Toledo — Gerencia: Wenceslau Rosa — Casa Branca.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho—Medico parisió; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

Julio Cozar Tavares Paes encarrega-se de liquidações anigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, no rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se ds defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino ds Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade no Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREÇÃO TOR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-quer hora. Estatutos nas principais livrarias.

## EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hy- gieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, os- crophulus, raohitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e af- fecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriidades tonicas e reconstituintes dos hydrophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fa- brica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas do molhados e confitarias.

### CAMPOS

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERRIOS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

## PRADO VILLA-ISABEL

DOMINGO 22 DO CORRENTE

## GRANDES CORRIDAS

AO MEIO-DIA EM PONTO

Pedo-se aos Srs. proprietarios dos animaes inscriptos no 1º parce para tel-os no ensilhamento as 11 horas precisas.

O 2 secretario, RAUL DE CARVALHO.

Typ. nº4 Semana, rua do Carmo n. 26, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE MAIO DE 1897  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 126

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO



Zincographia Laemmert & C.

— Vês, miseravel? E' meu! (Vide o texto.)

REDACTORES  
Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE  
G. CABRAL

SUMMARIO

|                            |               |
|----------------------------|---------------|
| Expediente.....            | A REDACÇÃO.   |
| «A Semana».....            | V. MAGALHÃES  |
| Um dia feliz.....          |               |
| Discurso de Alex. Dumas    |               |
| filho.....                 |               |
| A Festa das lagrymas,      |               |
| poesia.....                | M. SILVA.     |
| Plágios e plagiários.....  | V. MAGALHÃES. |
| Mais uma fita moita, so-   |               |
| neto.....                  | L. N.         |
| Galeria de originaes—II.   | U. DUARTE.    |
| Notas bibliographicas..... | A.            |
| A' Mme. Ladislau Netto.    |               |
| paesia.....                | UNE AMIE.     |
| Gazetilha medica.....      | DR. SAHÉN.    |
| Bellas Artes.....          | A. PALHETA.   |
| A Vida Alegre.....         | PONSARDIN.    |
| Sport.....                 | L. M. BASTOS. |
| Festas, bailes e concertos | LRAGNON.      |
| Theatros.....              | P. TALMA.     |
| Fotos e Noticias.....      |               |
| Coerjo.....                | ENRICO.       |
| Annuncios.....             |               |

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
|                | CÔRTE  |
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

No escriptorio d'esta folha comprase, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 d'A Semana.

Estão encadernadas e á disposiçãõ do publico, em nosso escriptorio, algumas collecções d'A Semana, do anno de 1886.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Eopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Swangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

A nossa gravura de hoje, illustrando um pequeno conto, é o que bem se pode chamar uma surpresa. Não foi annunciada, ninguém a esperava. Devemos o desenho ao nosso distincto collaborador artistico Belmiro de Almeida, que, mais uma vez, revela as suas bellas qualidades de desenhador

delicado e original. Creemos quo ha de agrandar nos nossos leitores, pois o trabalho zineographico em nada prejudicou o desenho e honra as officinas da cnsn Laemmert & C.

No proximo numero hrindaremos os Srs. assignantes com uma lindissima hrincarola—*A sereia*, musica de D. Franciscon Gonzaga, a inspirada e original compositora hrnzileira, e versos de Aluizio Azevedo, dignos da formosa musica que para elles compoz a talentoso auctora da celebre *Atrahente* e de outros verdadeiros mimos musicas.

E em o n. 128 continuaremos a *Galeria do Elogio Mutuo*—retrato de Alfredo de Souza, artigo biographico de Henrique de Magalhães.

Continuamos a empenhar como vêm os nossos assignantes e leitores, todos os esforços para corresponder á estima e ao benevolo apreço com que nos têm honrado.

Ha muito tempo não liamos uma poesia de tanto merecimento como a *Festa das lagrymas*, de Moraes Silva, que hoje enriquece as nossas columnas. E' uma composição de primeira ordem: pela correção artistica, pelo engenho da concepção, pelo sentimento profundo e singelo que regema de todos os versos e pelo alto espirito de philantropia que a inspirou.

Moraes Silva, que muitas vezes nos tem honrado com os seus versos, só com a *Festa das lagrymas* faria irrecusavel direito a figurar no elevado plano em que irradiam os nomes de Luiz Delino, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac. Quem escreve taes versos é poeta, e dos grandes.

Transcreveremos no proximo numero um novo artigo de Lucio de Mendonça, publicado ante-hontem no excellento *Diario Mercantil*, em treplica a Olavo Bilac na questãõ G. Dias e Castro Alves.

A REDACÇÃO.

UM DIA FELIZ

— Sim, minha querida, fujamos, vamos passar este dia bem longe, muito longe do zumbir d'esta immensa colmeia, longe das dores como das alegrias, das tristezas como das festas da grande cidade. Ella é para os jubilos d'este dia a mesma indifferente que tem sido para as minhas horas de fadiga e desanimo e para as nossas horas de immensa magua.

— Fujamos, sim, meu amor. Tu hoje és meu, somente meu. Todos os dias ella, essa rival que odeio, absorve-te de manhã á noite. Vives nella e com ella a maior e a melhor parte da tua vida. Ah! quantos dias não tem passado de que me não dás senão alguns momentos breves. E esses mesmos nem sempre m'os dedicas; esses mesmos são para pensar nella.

— Ciumenta!  
— Ciumenta, sim. Quizera-te meu, só meu e dos nossos filhos. Tenho-lhe ciúmes, tenho-lhe odio porque ella é grande, é enorme, é poderosa, tem todos os encantos, todas as attracções, todos os abysmos da tentação; porque é nula,

tem milhares de faces, de olhos, de vozes e de braços. Como não hei de tomar semelhante rival, pobre de mim que só tenho esta voz, que apenas sabe dizer: «Adoro-to!», mas que os teus ouvidos já estão cansados de ouvir...  
— Maria!

— ... que só tenho estes olhos, que só a tua imagem reflectem, que sorriem para os teus, quando os vêm sorrindo, e que choram quando paira no céu dos teus a nuvem de uma tristoza, ou so vae formando a chuva das lagrymas; pobre de mim, que só tenho estes dois pobres braços que apenas sabem ser debeis para te abraçar, crispados de paixão, mas que seriam mais robustos que os de Judith, se por ventura a desgraça inutilisasse os teus, e fosse preciso que o pão do nosso lar fosse cavado com o trabalho dos meus...  
— Querida da minha alma!...  
— Oh! como não hei de arrealar-me d'essa rival, eu que sou pobre, fraca, pequena, humilde, sem outra riqueza, sem outra força, sem outra belleza, sem outro encanto, sem outra grandeza mais do que o meu amor?!...  
— Mas, louquinha, ésó a ti que eu amo, que eu quero, que eu admiro. Quando estou com ella, não é nella que eu penso: é em ti.

— Mentis! Sei que mentes porque me amas; mas isso não é verdade. Por ventura quando estás em meio do bulicio e da agitação de que ella te cerca, quando te emmaranbas na teia monstruosa d'essa aranha maldicta, quando te prendem os fios, entrecruzados e innumerados, dos seus prazeres, das suas ambições, das suas baizezas, dos seus encantos, dos seus interesses; quando ella te atordoa com os seus cantos de sereia, com a grita das suas paixões, com a musica do seu dinheiro; quando ella te deslumbra com a belleza das suas mulheres de todas as classes, com todas as seducções—as mais delicadas como as mas torpes—com as festas, os theatros, os estofos caros, as joias scintillantes, com todas as opulencias e todos os prazeres, enfim; quando ella te entretém, te prende, te distrae com as confidencias dos amigos, com a narração dos escandalos, com o ciciar dos boatos, com o tracto dos negocios, com as palestras sobre arte ou letras—pensas tu, porventura, então, na tua mulher, na tua pobre mulherzinha que aqui fica, trabalhando, tambem, no arranjo e no governo da nossa casa, do nosso reinoinho, e que desde que te vaes pela manhã só tem um pensamento: esperar-te; e que se dá por hem paga dos fastios da espéra com o prazer divino de ouvir, á tarde, os teus passos na escada; pensas tu em mim, porventura?

— Sim, penso...  
— Ah! não mintas mais! E fujamos. Tu hoje és meu. Ah! ella tem muito tempo para gosar da tua companhia! E' hoje um dos poucos dias em que o triumpho é meu. Vamos!

Vista lá de cima, do alto do Corcovado, a capital, a detestada e poderosa rival de Maria, é pequenn e humilde. Os quarteirões lembravam *esses* desenhos com que brincam as crianças, com a symetria do ninhamento e divisão das casas, a disposição das torres, das e das pequeninas arvoros; os lagos pareciam de maincheta e o mar, parado; luzente, manchado de pequenas sombras de nuvios immoveis, parecia de folha de Flandres. Nas ruasitas, multilá em baixo, caminhavam rectiligneamente umas como formigas: —eram os bonds.  
Tinham acabado o *lunch*, de uma frugalidade deliciosa, entresachado de beijos e de risos: — o arrulbar de dois corações amantes.  
Os olhos de Maria brilhavam humidos, com estranho fulgor,—mixto de dogura e altivez; e o óom o dedo alvo, estendido o braço e a voz ironica, ia apontando os bairros, as ruas, os edificios, mas sempre com esta observação sarcastica, como um estribilho de mofa:  
— Como é pequenina!  
De repente, enlaçou fortemente o marido pelo pescoço, com um braço deu-lhe um ruidoso beijo na bocca, depois, estendendo o outro braço, e gritou á cidade, á poderosa rival—tãõ pequenina! — gritou com um brado intraluzivel de triumpho:  
— Vés, miseravel? E' meu!

16 de Janeiro 1887.

VALENTIM MAGALHÃES

Discurso de Alexandre Dumas

EM RESPOSTA AO DE LECONTE DE LISLE, NA ACADEMIA FRANCEZA

(Continuação)

Sob o influxo do Deus de Moysés e de Jesus, a poesia inspiroa a *Divina Comedia* ao Dante, a *Messide* a Kluytack, *Polyeucto* a Corneille, *Athalia* a Racine, o *Paraiso Perdido* a Milton, o *Fausto* a Goethe; de modo que, quando chegastes á França, inebuido da poesia oriental e da grega, a cuja fonte nos quereis revocar, vos encontrastes em frente de poetas christãos, ultimo reflexo d'aquillo a que chamamos a religiosidade facticia e sensual de Cbatée brian.

Lamartine, Hugo, Musset eram entre nós os cantores d'essa poesia espiritualista.

Lamartine dizia:

*O Père qu'adore mon père,  
Toi qu'on ne nomme qu'à genoux;  
Toi dont le nom terrible et doux  
Fait courber le front de ma mère;*

*On dit que ce brillant soleil  
N'est qu'un jouet de ta puissance,  
Que sous les pieds il se balance  
Comme une lampe de vermeil,*

*On dit que c'est toi qui fais naître  
Les petits oiseaux dans les champs,  
Et qui donne aux petits enfants  
Une âme aussi pour te connaître,*

Victor Hugo dizia á filha: *Ma fille, va prier*, e quando, quinze annos depois, a morte lhe roubava sua filha, exclamava:

*Maintenant! o mon Dieu, que j'ai ce calme sombre  
De pouvoir désormais  
Voir de mes yeux la pierre où je sais que dans l'ombre  
Elle dort pour jamais,*

*Maintenant, qu'attendra par ces divins spectacles,  
Plaines, forêts, rochers, vallons, fleuve argenté;  
Foyant ma petitesse et voyant vos miracles,  
Je reprends ma raison devant l'immensité;*



## PLAGIOS E PLAGIARIOS

Em o n. 121 d'A Semana publicamos uma pagina do segundo volume, inédito, do *Subsidios Literarios* do Sr. Guillelme Bellegarde, na qual demonstra o illustrado bibliophilo que o celebre soneto de Raymundo Corrêa *As pombas* não foi imitado dos versos de Gautier *Les colombes*. Esqueceu-se, no entanto, de que ha em outra obra do mesmo auctor uma passagem que a ignorancia ou malignos e a malignos ignorantes pôde dar enchanças a accusar de plagio o nosso grande poeta.

Refiro-me á famosa *Mlle. de Maupin*. Eis o que se lê na pagina 62: « Si tu viens trop tard, ô mou idéal, je n'aurai plus la force de t'aimer: — mon âme est comme un colombier tout plein de colombes. A toute heure du jour, il s'en envolte quelque désir. Les colombes reviennent au colombier, mais les désirs ne reviennent point au cœur. »

Leia-se agora o formosissimo soneto de Raymundo:

### «AS POMBAS»

Vae-se a primeira pomba despertada...  
Tae-se outra mais... mais outra... emfim dezesseis

Da pombas vão-se dos pombaes, apenas  
Rala, sanguinea e fresca a madrugada.

É á tarde, quando a rigida norteada  
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,  
Ruñando as azas, sacudiado es pennas,  
Voltam todas em bando e em rovoada...

Tambem dos corações onde abotvem,  
Os sonhos, um por um, celeres voam,  
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia es zes soltam,  
Fogem... mas eos pombaes espombaes voltam,  
E elles aos corações não voltam mais...

Realmente, os superficiaes, os que lêem sem digerir e sem assimilar, os incapazes de penetrar além das letras e de desortiar outro horizonte além do da pagina do livro em que se recheiam inutilmente de erudição, esses, deante n confrontação do trecho de prosa franceza com os ultimos tercetos do soneto em questão, têm de que se assanhar e de que vir n publico trombetar accusações delirantes contra o primoroso poeta das *Symphonias*. Ora, infelizmente, a maioria do publico que lê acompanharia esses Colombos de suppostos crimes litterarios; o que seria perfeitamente natural. Existem ali as apparencias comprometedoras do que erradamente o vulgo, acompanhando a referida casta de criticos, considera — plagio, furto litterario; e se estes, que têm o dever de entender d'esse ariscado, que têm por si a presumpção da competencia para julgar em taes pleitos, gritassem: « — E' um plagio! Raymundo Corrêa é um plagiario! Abaixo do altar! Cubramol-o de ignominia e de esquecimento! » teria o publico razão para repetir esses feroces gritos de guerra e ficar considerando-o um gatuno litterario.

Convém, portanto: I destruir essa balela frivola, provando que não é aquillo um plagio; II provar que entre os maiores escriptores do mundo, entre aquelles que a Gloria immortalizou, poucos são os que não mereceram as péchas de imitação, paraphrase, plagio e furto — furto escandaloso e descarado; III pôr a limpo, determinar definitivamente, irrefutavelmente, aquillo que constitue a originalidade, a verdadeira originalidade litteraria e

artística; IV deixar, de uma vez por todas, demostrado que Raymundo Corrêa é um dos nossos poetas de maior originalidade e de individualidade mais independente e caracteristica.

### 1

Comecemos definindo o que seja plagio;

Vappereau, no seu «Dictionario das Litteraturas», define o plagio « a appropriação, não do pensamento de outrem, mas da forma que o reveste, em uma obra litteraria ou artistica. » E, desenvolvendo essa definição, acrescenta: « Ea se refermaat dans le domaine des lettres, il faut séparer du plagiat l'emprunt, l'imitation, la similitude d'idées, la reminiscence, tout ce qui, enfin, peut se produire de pareil ou d'identique dans les écrits de deux auteurs, soit par une rencontre fortuite et à l'insu de celui qui vient le second, soit d'une manière avouée et sans aucune intention de fraude. »

Não é plagio, portanto, na auctorizada opinião de Vappereau, a adaptação, a imitação, a semelhança de idéias, a reminiscência, a appropriação meramente da idéia.

« Os pensamentos isolados — diz ainda o illustre critico — bem que com cunho pessoal, podem ser novamente utilizados, sem que seja iseo plagio. »

« Il y a des gens, diz Pascal, qui voudraient qu'un auteur ne parlât jamais des choses dont les autres ont parlé... Mais si les matières qu'il traite ne sont pas nouvelles, la disposition en est nouvelle. Quand on joue à la paume c'est une même balle dont jouent l'un et l'autre, mais l'un la place mieux. »

E' frivola, sobre injusta, a accusação de plagio, portanto, onde se apropriou idéia, pensamento, opinião, ou simples imagem de outrem, daado-se-lhe forma differente, nova, marcada por um cunho original.

Charles Nodier define o plagio propriamente dicto: « a acção de tirar de um auctor (particularmente moderno e nacional, o que agrava o delicto) o fundo de uma obra de invejação, o desenvolvimento de uma noção nova ou ainda mal conhecida, a forma de um ou mais pensamentos; porque podem ganhar com uma forma nova; noções estabelecidas, que um novo e mais feliz desenvolvimento pôde esclarecer; obras cujo fundo pôde ser melhorado por uma forma nova; e fóra injustiça qualificar de plagio o que não é mais que mera ampliação ou melhoria util (1). »

« Os pensamentos isolados — afirma o primeiro dos auctores citados, — podem ser novamente utilizados sem que seja isso plagiar. »

Sem duvida. De idéias, de pensamentos, de imagens, não ha ninguem que se possa reputar proprietario legitimo. Perteacem ao dominio vaetissimo da Intelligencia, onde a todos é licito colher e respigar á vontade, que uma geração de escriptores munda e semeia para a que tem de succeder-lhe. Pretencioso ridiculo é o escriptor que porventura acredita que alguma das cousas que escreve é original, é nova, nunca se erguera ao sol — como se abaixo d'este alguma novidade houvesse!

Originalidade existe, eim, e muitas vezes completa, absoluta; mas consistindo na maneira nova de dizer cousas velhas, remoçando-as; na diversa e não

usada forma de que se vestem; no modo de entendel-as e utilisal-as, muito outro dos anteriores. Original, emfim, é o escriptor que tem uma individualidade propria, um modo seu de se exprimir, de tractar as idéias, de enropear-as, de apresental-as; que tem um sinete só d'elle, com que marca as idéias de todo o mundo, para que, como unicamente d'elle d'eatão em deaate sejam tidas; o que tem, emfim, forma propria.

Ora, Raymundo Corrêa tem individualidade, tem esse modo, esse sinete, essa forma.

Rousseau, accusado de pilhagem, disse, defendendo-se bellamente, energeticamente: « Quem, possuido cerebro activo e pensante, haja uma vez sentido o delirio e a attracção do trabalho mental, não segue servilmente a traça de outrem para se prover de productos alheios, de preferencia aos de sua propria lavra. »

Precisemos ainda mais a questão, no sentido de provar que, concedido haver Raymundo Corrêa aproveitado a bella imagem do pombal, de Gautier, para o seu famoso e formoso soneto, não cometeu um plagio.

Continuemos a ouvir Nodier. (2) Diz elle, claramente: « O poeta, e especialmente o poeta dramatico, que se apodera de alheia idéia, engeahosa ou sublime, e que a veste com a sua linguagem, não é obrigado a citar. Ha, além disso, na applicação da linguagem elegante e medida da poesia a qualquer pensamento uma especie de merito proprio, que distingue o poeta do prosador. Emfim, esta especie de adaptação está consagrada pela opinião unanime dos criticos. »

Mais ainda, e ainda mais claro, se é possivel: « O terceiro genero de imitação ou plagio auctorizado é o que consiste em passar para verso o pensamento de um auctor nacional e mesmo contemporaneo que escreveu em prosa. » Exemplos: Coraëlle, na scena celebre da « Clemencia de Augusto », não fez mais do que rimar uma soberba pagina de Montaigne: *Divers évenemens de même conseil*; e d'esse mesma passagem, que, aliás, tambem Montaigne havia litteralmente copiado (3) tirou Voltaire as palavras celebres de Gusman, no desfecho de *Alzira*. A idéia e o sentimento e a maneira de tractar o assumpto das estrophes da *Ode á Fortuna*, de Rousseau, são tambem de uma passagem de Montaigne (cap. 2º do liv. 3º).

Se tudo isto ainda não basta lembrarei o que diz Larousse: (de cujo auxilio esta unica vez me sirvo, por ser decisivo no caso: « Plagiar um escriptor é roubar-lhe os pensamentos, sem lhes dar nenhum cunho pessoal. » Ou, por outras e mais longas palavras: Quem assella os seus ou alheios pensamentos com o cunho da sua individualidade litteraria não é um plagiario.

Ora, Raymundo Corrêa — dando de barato, por verdadeiro, que elle ao compor o soneto conhecesse, ou tivesse presente á memoria, a bella imagem de Gautier — fez com um pensamento que o proprio Gautier não podia garantir haver creado, que tem sido empregado, explorado, imitado, repetido por outros muitos escriptores — um soneto admiravel, originalissimo pelos encantos do verso, harmonioso, expressivo, singelo; originalissimo pela musica suave e melodiosa do rythmo; originalissimo, emfim, pela forma, que constitue a ver-

dadeira originalidade, e que em Raymundo não se parece nem se confunde com a de nenhum poeta, nosso ou de fóra. Tão original — esse soneto, accoimado do plagio, que tem sido imitado, plagiado uma, dez, cent vezes, aqui como em Portugal.

Quem é que já se lembrava d'esse pensamento de Gautier? E hoje quem ha que possa esquecer o soneto de Raymundo? E porque? Porque elle, com o poder do seu talento, com a força de sua poderosissima individualidade artistica, fez d'quelle limpida gota d'agua um largo, sereno e crystallino lago!

Compare-se, além d'isso, o pensamento fundamental do soneto, a sua intenção litteraria, com a simples imagem de Gautier, e ver-se-á que a differença é muito maior do que parece. Gautier diz ao seu ideal que venha depressa, porque, se elle se demorar, já elle, poeta, terá perdido a força de amal-o; porque a sua alma, cheia de desejos, é como um pombal cheio de pombas: a cada hora do dia váo um desejo, mas as pombas voltam ao pombal e os desejos não lhe voltam ao coração. No soneto de Raymundo compara-se o coração, na mocidade, com um pombal; a partida e a volta das pombas são descriptas admiravel, originalissimamente: duas obras primas esses quartetos immortaes! Gautier falou em desejos; Raymundo diz: os sonhos que, na primeira estação da vida, partem:

« No azul da adolescencia as azas soltam »

idéia que não se encontra na passagem de Gautier. Este referio-se á perda dos desejos; Raymundo á perda dos sonhos, na juvenute. Não ha, então, differença, no pensamento de um e do outro poeta? Negal-o, agora, fora demasiada teimosia e má fé.

Isto, porem, pouco importa: Houvesse ou não o poeta brasileiro lido, apropriado o pensamento do poeta francez — o que era de seu direito — o seu soneto é original, é novo, é seu, unicamente seu; ao passo que a imagem de Gautier é tanto d'elle como dos poetas que o precederam e se lhe succederam.

Convém ainda — embora seja dispensavel — lembrar o que affirmam os auctores que citei: — que a appropriação, devida a inconsciente trabalho da memoria, não representa plagio; é muito commum o emprego de hemistichios e versos inteiros de poetas antigos ou contemporaneos. Virgilio, que foi um imitador de Homero, tem vereos, nas suas obras, de muitos poetas, inclusive Lucrecio: o mesmo fez Camões de muitas versos de Virgilio e outros poetas antigos.

E' commum, trivialissimo, o facto de se encontrarem os grandes espiritos; o que deu origem a conhecido proloquio francez.

Por tudo quanto deixei dicto, creio poder terminar a primeira parte d'este estudo: — ficou provado que o soneto *As pombas* não é um plagio feito a Th. Gautier.

Quem o affirmasse emmittiria uma balela impensada e frivola, aliás evidentemente propria a ter curao em bocças faccis ao detrahimento e á ceneura leviana, e esquivas ao merecido louvor, á irrecusavel justiça.

Esses arautos da maldade, consciente ou inconsciente, não reflectem, ao menos, que não basta pilhar algures um ligeiro pensamento, uma simples ima-

(1) Ch. Nodier. *Questions de litterature legale*. Paris, 1823.

(2) *Obr. cit.*

(3) *Essais*, liv. I. Cap. 23.





é composta de moços de esmerada educação, foi incensável em obsequiar os seus convidados, com todas as delicadezas e amabilidades.

O Club do Engenho Velho annuncia para hoje o seu 4.<sup>o</sup> sarão-concerto, que, como todos os da distincta associação, deve ser brillantissimo.

Tambem para hoje prepara o Club Hobbe, de Niecheroy, uma das bellas partidas com que costuma obsequiar os seus socios e convidados. As gentilissimas senhoras que compoem a directoria do Club os nossos agradecimentos pelo seu amavel convite.

Em 6 do proximo mez tem de realisar-se, no theatro D. Pedro II, o concerto promovido por uma commissão de distinctos cavalheiros a favor das victimas dos ultimos terremotos na Italia.

E' organisador do programma d'esta grande festa de caridade o distincto virtuoso Sr. R. J. Kinsman Benjamin.

Por absoluta falta de espaço deixamos de noticiar em o nosso ultimo numero a realizção do 9.<sup>o</sup> concerto promovido pela Sociedade de Quarteto do Rio de Janeiro.

Fazemol-o agora, juntando os nossos applausos aos da todos que assistiram á notavel festa, organizada com o carinho e cuidado que sempre notamos nos programmas da associação, executada com a distincção e arte a que nos habituaram os distinctos virtuosos que compoem a util e promettedora Sociedade de Quarteto.

Nossos ombros, pois, por mnie este triumpho conquistado para os annos artísticos do Rio de Janeiro.

Devia ter-se effectuado, hontem, no Imperial Conservatorio da Musica, o concerto de Gregorio do Couto. Duramos circumstancia da noticia no proximo numero d'esta folha.

LOGNON.

**THEATROS**

Nada de novo pelos nossos palcos: O Recreio Dramatico suspendeu as representações du Francillon e em, reprise, levon hontem á scena a Martyr, o famoso drama de d'Ennery e Tarbé, que, como na primitiva, continuará a dar excellentes receitas á empresa Dias Braga, o Lucinda tem regorgitado de espectadores com o celebre Gallo de Ouro e a Phenix Dramatica continúa a fazer milagres com o Milagro da Nossa Senhora da Penha.

E por falar na Phenix: Faz beneficio neste theatro no dia 8 do Junho, com um bello espectaculo, o distincto e presado actor Galvão. Na terça-feira ha uma excellente festa no Recreio Dramatico: faz beneficio a sympathica artista Rafaela Montero.

P. TALMA.

**FACTOS E NOTICIAS**

O Gremio Litterario Victor Hugo, composto de estudantes do Collegio Pujol, effectuou a 22 do corrente uma sessão magna, em commemoração ao 2.<sup>o</sup> anniversario da morte de Victor Hugo.

Fez o discurso official o illustrado medico Dr. Oliveira Bueno, seguindo-se-lhe na tribuna varios alumnos d'aquelle collegio, entre os quaes o menino Octavio Durão, que recitou um soneto do director d'esta folha.

Occuparam ainda a tribuna os professores Rego Soaras, Faria Tavares e Alfredo Pujol.

Distribuiu-se um numero especial da *Novena e tres* e terminou o solemnidade com a execução da *Marsellesa*, pelos alumnos do referido collegio.

Uma festa que honra aquelle collegio,

pois é uma prova de que se não descauida nelle a educação litteraria dos alumnos.

Chegaram nnto-hontem e estão á venda na livraria Garnier as duas grandes novidades litterarias de Portugal: — *A Reliquia*, de Eça de Queiroz, e *Jonh Bull*, de Ramalho Ortigão. Doia primores.

Ha alguns dias foi o Dr. Ladisláu Netto, o illustre director do Museu Nacional e cavalheiro estimabilissimo, ferido no mais fundo de seu coração pela perda de sua talentosa e gentilissima filha Leonor, que falleceu em S. João d'El-Rey, victima de terrivel tuberculoso, contra a qual nada poude a sciencia medica, representada por homens da estatura do Dr. Barata Ribeiro.

Como sincera manifestação do nosso pezar e do grande apreço em que temos o Dr. Ladisláu Netto, publicamos hoje uns lindos e sentidos versos, dirigidos em francez á sua Exma. esposa, e um bello soneto em que eolnça, estrangulado de dor, um coração de pae. Nossos pezames.

**ANAGRAMMA POETICO**

OFFERECIDO Á REDACÇÃO D'«A SEMANA»

G O nçalves Dias.  
Ca S O tro Alves.

Casi M iro de Abreu.  
Alvar a de Azevedo.  
Gonça ves Crespo.  
Luiz Delp ino.  
lavo Bilac.  
aynundo Corrêa.  
Alb rto de Oliveirn.  
Franci S co Octaviano.

Theo hilo Dias.  
Affons Celso Junior.  
Fagund s Yarella.  
Adelino Fon oura.  
V lentim Magalhães.  
L. Guimarã S Junior.

Al erto Silva.  
Luiz Mu at.  
Filiuto de lmeida.  
E N equiel Freire.  
Luc o de Mendonça.  
A lfrado de Souza.  
Mora s Silva.  
Rodr go Octavio.  
Hen rique de Magalhães.  
S ares de Souza Junior.  
Alcibiade S Furtado.

VICTOR HYLMO

Maio — 1887.

**CORREIO**

— Sr. Walter. Não gostei nada, mesmo nada, do seu soneto. Que diabo é *flor perfumosa*, phrase que o Sr. empregou no eegundo verso? Não sabe? pois sei eu: é tolice.

— Sr. Delino Felix. Não posso servir-lhe no que me pede. Enquanto ao seu De ponto em branco... ponto final.

— Sr. R. A. M. Macio parece o Sr. parn apanhar o que lhe não pertence. Ainda se o Sr. pura fazer o seu soneto passasse o gatazio em versos alheios, mas os reapitasse, muito bem; mas furtal-os e ainda por cima quebrar-lhea a cara e os pés, pôr-lhes ferraduras, aleijal-os, emfim, é o cumulo da audacia e da maldade. O seu soneto é todo feito com versos de certo poeta: mas assim mesmo, errado, que é um louvar a Deus de gatas...

— Sr. Demosthenes... das duzias; o seu acrostico não vale uma restea de albos... aos ninos.

— Sr. G. P. S. A sua poesia é... um rosario de versos capengas. Veja se aprende a metrificar, e, então, quando aouber fazer couaa com limpeza, appareça-noa.

— Sr. Alvaraz de Azeredo Sobrinho. Pede-me vossa mercê que declare não me ter referido á sua pessoa quando, nesta secção, respondi a um tal Sr. A. de A. Sobrinho, (o qual nunca vi mais gorlo) que ma enviou uns versos deploravos. Com todo o prazer.

— Leitores e leitoras: Declaro aqui, alto a bom som, que o tal A. de A. Sobrinho e de gloriosa memoria, a que allu li ha tempos nesta secção, nunca foi, não é nem será em tempo algum o Sr. Manoel Alvares de Azevedo Sobrinho, pessoa inoffensiva, incapaz de injuriar Appollo ou brandir arma homicida contra a inerme grammatica.

Que este Sr., ao que parece, é respeitador do Cornja como poucos, e se commette versos, commete-os dos bons, d'aquelles de encher o papel todo, como os requeria nquelle capitão-mór da Morgadinha.

— Esta Sastifeito, Sr. Sobrinho?

— Sr. F. Muniz. Vai aqui meamo o seu sonetinho:

**MINHA MÃE**

Um bello maternal é uma aurora sancta.  
V. MAOALHÃES.

Minha mãe, teu sancto amor,  
Suave e doce ambrosia,—  
Borrifou minh'alma em flor  
Com os orvalhos da alegria.

Teu amor foi o arrebol  
Da minha crença perdida;  
Foi o vivo, ardente sol,  
Que me deu alento e vida.

Ouve, pois, o mãe querida.  
A ternura melifeni la  
D'esse amor—doce fragrancia,

Quebrantou a lucta immensa  
Que travei com a dascrença.  
— Sullario da minha infancia.

Julho de 84.

FIRMINO MENIZ.

Disto, não faz um pae por nm filho.  
seu Muniz.

— Sr. Damido d'Arcos.  
O seu soneto irá... irá... irá para... Não se assuste; irá para a Collaboração, quando tiver deitua o Laet.

— Sr. F. F. O seu artigo *Duas borboletas*, não é incurrreto mas é affectado. Dennis o assumpto é fraquinho e pouco interessa. Em todo caso se fasso menos longo, talvez... talvez...

— Sr. Job. Vossa mercê é mesmo nm Job... de molstia. D'esta couza vossa mercê, meu amiguinho, é pauperrimo. A sua poesia s' tem do notavel e ser curta, pois, é apenas uma oitava; e é por isso que se lhe dá um caatinho na Collaboração.

ENRICO.

**ANNUNCIOS**

Dr. Henrique de Sa, especalista de syphilis e molstias das crianças.— Rua Primeiro de Março, 112 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

Dr. André Itangol.— C. Rua da Quitanda n. 92. R. Rua do Cosmo Velho n. 1 B.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro do Freitas—Largo do Roario—Barbacena.

A venda na livraria Garnier, Rua do Ouvidor n. 71

**A RELIQUIA**

DE

EÇA DE QUEIROZ

UM NITIDO VOLUME DE 144 PAGINAS

RAMALHO ORTIGÃO

**JONH BULL**

depoimento de uma testemunha acerca de alguns aspectos da vida e da civilização ingleza. Um nitido volume de 270 paginas.

**LIVRARIA DO POVO**

RUA DE S. JOSÉ N. 65 E 67

CASA DAS QUATRO PORTAS

Este estabelecimento tem sempre enorme quantidade de livros sobre sciencias, artes, industrias, litteratura, etc. Especialidade em romaaes dos mais afamados autores nacionaes e estrangeiros.

PREÇOS RESUMIDISSIMOS

Casa de 4 portas 65 e 67 RUA DE S. JOSÉ 65 e 67 Casa de 4 portas

# EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## FABRICA PEROLA

(Torrefacção de café)

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 33, e nas principaes casas de molbados e confeitarias.

### CAMPOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIARIANDO 10R

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

### RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 29 DE MAIO DE 1887

Ao meio-dia em ponto

1º pareo — A's 12 horas — **Initium** — 1000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes          | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas        | Proprietarios     |
|-----|----------------|------------|--------|---------------|---------|------------------------------|-------------------|
| 1   | Berenice.....  | Alazão.... | 2 ans  | R. de Jane..  | 48 kil. | Ouro e branco.....           | Coud. Fluminense. |
| 2   | Corcovado..... | Castanho.. | 2 »    | Idem.....     | 47 »    | Grénat e ouro.....           | Mario de Souza.   |
| 3   | Esmeralda..... | Idem.....  | 2 »    | S. Paulo..    | 48 »    | Ouro, mang. e boné azul..... | Coud. Alliança.   |

2º pareo — A's 12 3/4 horas — **Extra** — 1000 metros — Animaes estrangeiros até 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |                |            |       |             |         |                       |                       |
|---|----------------|------------|-------|-------------|---------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | Indio.....     | Castanho.. | 2 ans | R. da Prata | 47 kil. | Azul e branco.....    | T. J. C.              |
| 2 | Visière.....   | Alazão.... | 2 »   | França....  | 46 »    | Azul e pulha.....     | Joaquim P. de Castro. |
| 3 | Ormonde.....   | Zaino..... | 2 »   | Idem.....   | 47 »    | Perola e grénat.....  | A. Vianna.            |
| 4 | Gentleman..... | Castanho.. | 2 »   | Inglterra.. | 47 »    | Encarnado e azul..... | Coud. Brasileira.     |

3º pareo — A's 1 1/2 horn — **Excelsior** — 1600 metros — Animaes do paiz até 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |               |            |       |            |         |                             |                  |
|---|---------------|------------|-------|------------|---------|-----------------------------|------------------|
| 1 | Monitor.....  | Castanho.. | 3 ans | S. Paulo.. | 57 kil. | Azul, branco encarnado..... | Coud. Cruzeiro.  |
| 2 | Odalisca..... | Pampa....  | 3 »   | Idem.....  | 53 »    | Verde, branco e enc.....    | Coud. Excelsior. |
| 3 | Rondello..... | Douradillo | 3 »   | Idem.....  | 49 »    | Azul e grénat.....          | Lazaro & Lima.   |
| 4 | Dandy.....    | Vermelho.. | 3 »   | Idem.....  | 53 »    | Ouro e verde.....           | F. Vianna.       |

4º pareo — A's 2 1/4 horas — **Lomgruber** — 1450 metros — Animaes estrangeiros até 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

|   |                |            |       |             |         |                         |                    |
|---|----------------|------------|-------|-------------|---------|-------------------------|--------------------|
| 1 | Olinda.....    | Zaino..... | 3 ans | Inglterra.. | 47 kil. | Grénat e ouro.....      | Coud. Carioca.     |
| 2 | Daybreak.....  | Idem.....  | 3 »   | Idem.....   | 51 »    | Azul e ouro.....        | D. Julia Vieira.   |
| 3 | Amazonae.....  | Castanho.. | 3 »   | Idem.....   | 49 »    | Azul e amarello.....    | L. & C.            |
| 4 | Pancy.....     | Zaino..... | 3 »   | R. da Prata | 49 »    | Encarnado e ouro.....   | V. M.              |
| 5 | Babylonio..... | Castanho.. | 3 »   | França....  | 47 »    | Havana o ouro.....      | J. R.              |
| 6 | Gabier.....    | Alazão.... | 3 »   | Idem.....   | 49 »    | Grénat e rosa.....      | S. M.              |
| 7 | Phénicia.....  | Idem.....  | 3 »   | Inglterra.. | 51 »    | Encarnado e azul.....   | Coud. Brasileira.  |
| 8 | Perte.....     | Zaino..... | 3 »   | França....  | 47 »    | Branco e encarnado..... | O. Junior & Lopes. |

5º pareo — A's 3 horas — **Derby-Club** — 1750 metros — Animaes do paiz — Premios: 1:000\$ no primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

|   |              |            |       |              |         |                         |                      |
|---|--------------|------------|-------|--------------|---------|-------------------------|----------------------|
| 1 | Sybila.....  | Zaino..... | 4 ans | S. Paulo..   | 50 kil. | Azul, branco e enc..... | Coud. Cruzeiro.      |
| 2 | Regina.....  | Douradillo | 4 »   | Idem.....    | 50 »    | Azul e grénat.....      | Coud. Paraizo.       |
| 3 | Macaróo..... | Alazão.... | 5 »   | Idem.....    | 54 »    | Azul e ouro.....        | Coud. Santa Cruz.    |
| 4 | Boreas.....  | Castanho.. | 5 »   | Idem.....    | 56 »    | Encarnado e preto.....  | Coud. R. de Janeiro. |
| 5 | Diva.....    | Alazão.... | 4 »   | R. de Jane.. | 52 »    | Ouro e branco.....      | Coud. Fluminense.    |

6º pareo — A's 3 3/4 horas — **Progresso** (Handicap) — 1600 metros — Animaes nacionaes de meio sangue — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |                   |         |                             |                      |
|---|-----------------|------------|-------|-------------------|---------|-----------------------------|----------------------|
| 1 | Condor.....     | Castanho.. | 3 ans | S. Paulo..        | 43 kil. | Azul, branco e enc.....     | Coud. Cruzeiro.      |
| 2 | Vampa.....      | Zaino..... | 4 »   | Rio Grande        | 51 »    | Azul e grénat.....          | Idem Paraizo.        |
| 3 | Villa-Nova..... | Idem.....  | 4 »   | Paraná... 48 »    |         | Azul branco e amarello..... | Idem Esperança.      |
| 4 | Onhina.....     | Tordillo.. | 3 »   | S. Paulo.. 45 »   |         | Azul e amarello.....        | J. M. da Rocha.      |
| 5 | Biscain.....    | Alazão.... | 4 »   | Idem..... 50 »    |         | Azul e grénat.....          | Coud. Santa Cruz.    |
| 6 | Druid.....      | Tordillo.. | 4 »   | R. de Jane.. 61 » |         | Encarnado e branco.....     | Oliveira J. & Lopes. |

7º pareo — A's 4 1/2 horas — **Rio de Janeiro** (Handicap) — 1750 metros — Animaes de qualquer paiz — Premios: 1:500\$ no primeiro 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

|   |                |            |       |             |         |                               |                       |
|---|----------------|------------|-------|-------------|---------|-------------------------------|-----------------------|
| 1 | Salvatus.....  | Alazão.... | 4 ans | França....  | 55 kil. | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.       |
| 2 | Satan.....     | Castanho.. | 4 »   | Idem.....   | 54 »    | Grénat e ouro.....            | Mario de Souza.       |
| 3 | Charibdes..... | Idem.....  | 4 »   | Inglterra.. | 52 »    | Preto e encarnado.....        | Coud. Rio de Janeiro. |
| 4 | Phryna.....    | Idem.....  | 5 »   | Idem.....   | 60 »    | Ouro e branco.....            | Idem Fluminense.      |
| 5 | Walter.....    | Douradillo | 4 »   | Idem.....   | 46 »    | Grénat e rosa.....            | S. M.                 |

8º pareo — A's 5 1/4 horas — **Seis de Março** — 1450 metros — Animaes do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro

|    |                  |                |       |                 |         |                              |                    |
|----|------------------|----------------|-------|-----------------|---------|------------------------------|--------------------|
| 1  | Famalição.....   | Castanho..     | 3 ans | R. de Jane..    | 49 kil. | Azul, amarello e branco..... | Coud. Esperança.   |
| 2  | Mondego.....     | Idem.....      | 4 »   | S. Paulo.. 52 » |         | Azul e amarello.....         | Coud. Luzitann.    |
| 3  | Aldace.....      | Douradillo     | 4 »   | Idem..... 50 »  |         | Grénat e perola.....         | J. Vaz.            |
| 4  | Baccarat II..... | Gateado..      | 4 »   | Idem..... 52 »  |         | Azul e branco.....           | F. J. C.           |
| 5  | Urdinu.....      | Tordillo..     | 3 »   | Idem..... 47 »  |         | Azul e amarello.....         | José M. da Rocha.  |
| 6  | Jenny.....       | Vermelho..     | 4 »   | Idem..... 50 »  |         | Vermelho e boné preto.....   | J. Lemoe.          |
| 7  | Marengo.....     | Idem.....      | 6 »   | Idem..... 54 »  |         | Vermelho.....                | Coudelaria Mirim.  |
| 8  | Milon.....       | Rosillo... 3 » |       | Paraná... 49 »  |         | Azul e branco.....           | S. V.              |
| 9  | Saltarelle.....  | Preto..... 6 » |       | Idem..... 54 »  |         | Geranium e ouro.....         | J. W.              |
| 10 | Caporal.....     | Alazão.... 4 » |       | S. Paulo.. 52 » |         | Grénat e boné branco.....    | Coud. Integridade. |

MARCOS DE MELLO, 2.º Secretario interino

## OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. socios mandar substituir os seus cartões pelos distinctivos, sem os quaes não será permitida a entrada no dia da corrida.

O pessoal da poule deve comparecer na theouraria na vespera da corrida.

MATHEUS LAURIANO, 1º secretario.





Nesse instante foi visto um forte combatente  
Vacillar e cair.—Eras tu, baquaste!  
Mas não perdeu-se a calma: ia a polejar ardente  
E era mister seguir a luta em que tombastes.

Lerantámos-te, pois, a bandeira da terra;  
Murmurámos-te o adeus; e, ainda com voz presa,  
Soluçamos: Avante! — E os esquadrões de guerra,  
Marcharam novamente ao som da Marselhesa!

1881

SILVESTRE DE LIMA.

## PLAGIOS E PLAGIARIOS

### II

Se por ventura lá no «etherco acento», na tranquilla apothose eterna da Gloria, chegassem echos de accusações de plagio do genero das que hoje é moda fazerem-se aos proeadores e poetas que, fortuita ou consiente, apreentam semelhança ou identidade em alguns dos seus assumptos ou pensamentos com outros, anteriormente vindos a lume; se tal pudesse acontecer, muito teriam de rir-se os grandes Mestres, os immortaes poetas e prosadores de todos os seculos e paizes!

Como haviam de divertilos esas ingenuas indignações, a simplicidade palurdia de taes espantos!

E' que todos elles adaptaram, traduziram, paraphrasearam, desenvolveram, imitaram, plagiaram, copiaram, furtaram despejadamente—idéias, assumptos, planos de obras; palavras, phraseas, versos, estrophes, cantos; períodos, paginas, capitulos inteiros!

Uma pilhagem desbragada, geral, uns dos outros e todos dos seus antecessores; pilhagem exercida não só no terreno illimitado e neutro da Idéia, como nos dominios pessoas e demarcados da Forma.

E' certo que nem todos tinham a rissonha petulancia de Montaigne, que dizia aos que criticavam acremente as suas obras: «Olhem que Vocês, pensando bater no meu nariz, estão atirando pelotadas ao nariz de Seneca!» nem a lealdade de Molière, que confessava: «*J' prends mon bien ou j' le trouve.*» Nem por isso, contudo, caçavam moncos nos mattos dos visinhos.

E' curioso e conveniente apresentar, de fugida, alguns exemplos d'essa verdade, apontar os mais desembracados d'esses plagiarios immortaes e alguns dos seus respectivos plagios, para ensinamento dos ignorantes filiauciosos que têm a lingua facil para navalhar e a mão leve para apedrejar os escriptores modernos de notavel merecimento pelo crime de, voluntaria ou involuntariamente, terem se aproveitado de alheios pensamentos, ou imitado, ou paraphraseado, ou plagiado mesmo (*Irrá! láchons le mot!*) lanços, episodios, detalhes de obras de mortos ou vivos collegas.

Por qual começar: Shakespeare, Molière, Corneille, Racine...?

Começemos por Shakespeare, ou Shakespeare, como quer notavel tratadista inglez (1). Elle é uma das culminancias mais altas e veneradas do Pensamento Universal.

Pois bem; Shakespeare copiou Montaigne em uma passagem da *Tempestade*, na conversação entre Gonzalo, Antonio e Sebastião. As palavras de Gonzalo são uma imitação palpavel de uma passagem do 1º livro, pag. 102 das obras de Montaigne.

(1) *Frédéric Madden: Observations on an orthograph of Shakespeare and the orthography of names.* 1838.

Florio, que traduzio este auctor para inglez, era provavelmente conhecido do grande tragediographo, e diz a tradição que foi elle o prototypo de Holofernes, o mestre de escola, em *Peines d'amour perdues*. (2)

Emile Montegut, outro traductor de todas as obras do auctor do *Hamlet*, demonstra que em sua grande maioria não são originaes, indicando as verdadeiras fontes.

A esse respeito, a curioso e paciente trabalho entregou-se o critico ioglez Malone, que em 6.043 versos de Shakespeare contou 1.771 que pertencem a predecessores do grande poeta; 2.373 apenas modificados por elle, e sómente do resto—1.893—não pode attribuir a paternidade senão ao proprio Shakespeare — «talvez por falta de elementos para descobrir os verdadeiros paes»; diz o commentador.

Vejamos agora alguns dos grandes e dos maiores, dos immortaes escriptores francezes.

Voltaire, além de outros plagios, plagiou de Parnell, auctor ioglez, então quasi desconhecido, o capitulo *L'hermite* do romance *Zadig*, plagio descoberto por Fréron. (3)

De Voltaire — por quem foi d'isso acremente accusado — plagiou o padre Barre, inserindo na sua *Historia da Alemanha* cerca de duzentas paginas da *Historia de Carlos XII*.

Racine, estreitando-se no theatro, meteu na *Thabaida* trechos da *Antigona*, de Rotrou; mas excluiu-os da obra impressa; e, além de se haver inspirado copiosamente no theatro grego, imitou Rabelais, que tambem foi imitado por Molière e La Fontaine.

Molière imitou Scarron, Plauto, (de quem tomou algumas scenas do *Avaro*) Tirso de Molina (que lhe forneceu a idéia de *D. Juan*) e aproveitou o enredo de varias peças italianas.

Corneille foi buscar ao theatro hespanhol a idéia, o plano, a disposição geral, e detalhes mesmo, de muitas de suas peças em obras de Guilherme de Castro, (de quem aproveitou muitos elementos do *Cid*, que Castro havia imitado de Diamante), Calderoo e Ruys de Alarcoa. De Calderoo encontra-se este pensamento em uma passagem de *Heracles*:  
«*O malherdeu Phocas, o trop heroux Maurice,  
« Tu retrouves deux fils pour mourir après toi!  
« Je n'en puis trouver un pour regner après moi!*»

Montaigne, plagiado por Shakespeare, plagiava impudentemente Seneca e Plutarcho.

Boileau imitou Juvenal e Horacio. De La-Bruyère, Saint-Evremond, Lamotte-le-Vayer, Fontenelle, Bayle, Montaigne e Pascal (principalmente estes ultimos) contam-se numerosos plagios.

O proprio Bacon, o grande Bacon, não conseguiu escapar á accusação de plagio; pois que alguns escriptores dizem haver elle bebido o plano, as idéias e os intuitos do seu livro *Argumentis scientiarum* em um livro de Luiz Regius, (conhecido por Le Roi,) intitulado: *Traité des vicissitudes des sciences*.

E Alexandre Dumas? Na sua obra monumental encontram-se profusamente idéias, enredos, paginas, largos trechos de obras de muitos escriptores. (4)

(2) *François Michel, œuvres complètes de Shakespeare: prefacio.*

(3) *Ch. Nodier Le plagiat.* («Questions de littérature légale»). Em appendice a esta obra juntou o auctor as provas d'este e de outros plagios, confrontando os trechos referidos de uns e de outros escriptores — plagiadores e plagiados.

(4) Consultar, além dos auctores citados, em que colhi estas notas, o livro de Quérard *Supercherie littéraire*.

E Sardou? Este, então, creio que não tem nehumha peça de que se não hajam descoberto dois ou tres paes legitimos — pelos meaos.

Mas não quero tractar de escriptores modernos e que não tenham já recebido do Tempo o baptismo da Gloria e da immortalidade.

Baetam os exemplos referidos.

### III

Influo, porventura, na reputação d'aquelle escriptores, o não haverem elles construido sempre as suas obras sobre alicerces proprios, terem aproveitado algumas pedras de lavra alheia, ou adornado as paredes com quadros por outrem esboçados, ou incluido entre as estatuas, que enriquecem os peristilos, algumas esculpidas por antecessores d'elles?

Não. Na obra monumental de Shakespeare, de Molière, de Corneille, de Racine, de La Fontaine, de Voltaire, a Critica, a grande Critica, a do tribunal da Posteridade, que é de ultima instancia, não vai procurar as pedras, os materiaes alheios de que esses grandes constructores litterarios se utilisaram algumas vezes, para com elles apedrejar-lhes os nomes e a gloria. Nem mesmo poderia fazel-o, porque esses materiaes, entrando naquellae construcções enormes, impereciveis, tomaram o caracter dominante da architectura, confundiram-se com os outros, receberam o cunho da personalidade do auctor, passaram a pertencer-lhe por esta especie de posse litteraria, que cria direito inesbulhavel — a posse do Genio.

Mais do que ocioso, — ridiculo, seria accusar um escriptor que se impõe ao seu tempo, que cria na litteratura do seu paiz obras que nella se arraigam e permanecem como as montanhas ao sólo; um d'esses mestres do Estylo, um desses privilegiados levitas que têm a faculdade rara de poetrar no *Santus-sanctorum* da Forma; ridiculo seria accusal-o de haver colhido algures um pensamento, ou muitos; de haver desenvolvido assumpto já explorado; de haver imitado ou completado obra alheia.

Ocioso e ridiculo, indigno de um verdadeiro critico seria isso, porque esse trabalho antipathico, mesmo baseado, irrefutavelmente, sobre as provas, sobre o «corpo de delicto», não conseguiria damnificar a reputação do escriptor, nem mesmo quanto á parte accusada da sua obra, pois já a admiração publica teria completado a apropriação feita pelo estylo, pela forma, pelo poder artistico do escriptor; e toda a sua obra já se teria tornado unicamente sua.

Nem a originalidade escrupulosa aproveita aos mediocres, nem a imitação, o proprio plagio, prejudica os escriptores de primeira ordem, os predestinados á gloria.

Para exemplo, Scudery, o auctor de *Alarico*, de que Boileau foi *cabrion* implacavel. Ninguem mais do que elle condemnou o plagio e censurou os plagiarios e imitadores, especialmente de auctores modernos. No entanto, Corneille e os outros censurados por Scudery, immortalisaram-se, ao passo que d'este não ha mais quem se leohre. Quem lê hoje *Alarico*?

Isto levou Nodier (5) a dizer que mais vale furtar como Corneille a inventar como Scudery.

(5) Obr. cit.

A originalidade de um escriptor não está, portanto, na invenção absoluta de todos as suas obras, não consiste na criação do pensamento, das idéias; está na maneira por que elle tracta o assumpto, velho ou novo; consiste em imprimir a idéias, suas ou de outrem, o caracter peculiar do seu temperamento artistico. Em uma palavra: a originalidade está no estylo, entendido este vocabulo no seu mais amplo sentido, como o entente Eugenio Veron; isto é: a maneira propria de pensar, de sentir e de exprimir idéias e sentimentos, como resultante d'aquillo que Burger chama a *lei de separação* (6)

Diz aquelle escriptor:

«Em cada momento da evolução das sociedades ha um certo nivel geral que constitue nesse momento a media da alma humana. As obras que a ultrapassam supponem o talento ou o genio, seguindo esta superioridade é mais ou menos accentuada, e, sobretudo, mais ou menos espontanea. Consiste a mediocridade em *atingil-a, sem ultrapassal-a.*»

«O artista mediocre, pensando e sentindo como todo o mundo, nada tem que o separe da multidão. Elle pode ter uma certa maneira, isto é: um conjunto de processos que lhe sejam proprios, mas não pode ter estylo, no exacto sentido da palavra. A habilidade não faz o estylo.» (7)

Segundo a conhecida e maxima definição de Zola, a obra artistica é um canto da Natureza visto através de um temperamento. E haverá por ventura *canto da Natureza*—inexplorado, virgem? Certo que não. Mas tal é o poder do temperamento artistico que os mais batidos e frequentados cantos da Natureza, os *ocus logares communs*, transformam-se através d'elle, renovam-se, *originalisam-se*.

Zola não disse «um canto novo, desconhecido da Natureza»; disse simplesmente «um canto da Natureza.»

Segundo o grande Taine, o fim da arte é manifestar o *caracter essencial* ou um caracter importante do objecto, fazendo com que esse caracter, que em a Natureza é *dominante*, passe a ser *dominador*. (8)

Isso coesegue o artista pela sua maneira propria de pensar, de sentir e de produzir.

Quando se encontra em um escriptor um pensamento que não é d'elle, que anteriormente fora explorado, o cuidado primeiro do critico deve ser verificar se o dicto escriptor conseguiu despir esse pensamento de toda a forma que tinha anteriormente e vestil-o com a sua forma, com o seu estylo, transformando-o, *personalizando-o*.

E' por essa razão que ninguem chama plagiarios aos grandes escriptores, cuja originalidade inventiva na segunda parte d'este trabalho rapidamente estudei; é porque elles, quando não crearam o que inventaram, *crearam* o que inventaram os outros, dando-lhe a luz, o movimento, as cores, o som, a vida, enfim, do seu estylo, do seu temperamento.

Donde se conclue que os citados immortaes auctores, comquanto houvessem sido imitadores e plagiarios — no sentido stricto e vulgar do vocabulo, — foram, são e continuarão a ser, por muitos annos o bons — os escriptores originaes.

VALENTIM MAGALHÃES.

(Conclue no proximo numero).

(6) Eng. Veron. *L'esthétique*. Cap. VIII.

(7) Obr. e cap. cit.

(8) H. Taine; *Philosophie de l'Art* I parte, § v.

# A SEREIA

BALLADA

MUSICA DE FRANCISCA GONZAGA

*COMO FANFAROLA*

*armonioso*

La \* La \*

Para um dia um mar - chei - ro que fiz con - ao vi - a - var

*p dolce*

*uma corda*

La \* La \* 2La \* La \* La \* La \*

com uma fi - lha pe - que - ni - na co'uma filha por erro - Sem a - mi - gos sem parentes Só tendo um barco de

*rall*

*pp*

La \* La \* La \* 2La \* 2La \* La \* La \* La \*

seu de seu O pobre homem coitado Não sei nao sei como não morreu Não sei nao sei como não morreu

*ecco pp*

*sordina*

*ff*

*pp*

*armonioso*

La \* La \* La \* La \* La \* La \* 2La \* La \* La \* La \* 2La

coitado coitado Não sei como não morreu

*f*

*pp*

*f*

*rall*

*a tempo pp*

2La \* 2La \* 2La \* La \* 2La \* 2La \* 2La \* 2La \* 2La \* 2La \* La \* La \*







# PRADO VILLA-IZABEL

## PROGRAMMA DA TERCEIRA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 5 DE JUNHO DE 1887

1º pareo—**Conciliação**—1000 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes          | Fellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios     |
|-----|----------------|-------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|-------------------|
| 1   | Ondina.....    | Tordilho... | 3 ans  | S. Paulo...   | 49 kil. | Azul e amarello.....          | J. M. da Rocha.   |
| 2   | Verhena.....   | Castanho .. | 4 »    | R. de Jane..  | 52 »    | Azul e ouro.....              | Coud. Santa Cruz. |
| 3   | Guacho.....    | Chita.....  | 3 »    | Rio Grande.   | 52 »    | Preto branco e encarnado..... | A. M. C.          |
| 4   | Rigoletto..... | Zaino.....  | 5 »    | Paraná ....   | 55 »    | Azul e branco.....            | S. V.             |
| 5   | Canagallo..... | Idem.....   | 5 »    | Idem.....     | 56 »    | Preto e encarnado.....        | Fontes & C.       |

2º pareo—**Productos**—1000 metros—Poldros e Poldras nacionaes de 2 annos até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|   |                |             |       |              |         |                                |                   |
|---|----------------|-------------|-------|--------------|---------|--------------------------------|-------------------|
| 1 | Pensativo..... | Gateado.... | 2 ans | Paraná.....  | 45 kil. | Verde, branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.  |
| 2 | Sensitiva..... | Tordilho... | 2 »   | R. de Jane.. | 44 »    | Grénat e ouro.....             | B. V.             |
| 3 | Juanita.....   | Baio.....   | 2 »   | Idem.....    | 44 »    | Grénat e lyrio.....            | D. A.             |
| 4 | Corcovado..... | Castanho... | 2 »   | Idem.....    | 45 »    | Grénat e ouro.....             | Mario de Souza.   |
| 5 | Berénice.....  | Alazão..... | 2 »   | Idem.....    | 44 »    | Ouro e branco.....             | Coud. Fluminense. |
| 6 | Nair.....      | Tordilho... | 2 »   | Idem.....    | 44 »    | Ouro, mang. e boné azul.....   | Coud. Alliança.   |

3º pareo—**Villa Izabel**—1450 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue e de puro sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

|   |              |             |       |              |         |                            |                      |
|---|--------------|-------------|-------|--------------|---------|----------------------------|----------------------|
| 1 | Intima.....  | Castanho... | 5 ans | S. Paulo...  | 50 kil. | Grénat e lyrio.....        | D. A.                |
| 2 | Biscaia..... | Alazão..... | 4 »   | Idem.....    | 49 »    | Azul e ouro.....           | Coud. Santa Cruz.    |
| 3 | Macaréo..... | Idem.....   | 5 »   | Idem.....    | 54 »    | Azul, ouro e facha.....    | Idem.                |
| 4 | Régina.....  | Castanho... | 4 »   | Idem.....    | 49 »    | Grénat e mangas azues..... | Idem.                |
| 5 | Druid.....   | Tordilho... | 4 »   | R. de Jane.. | 59 »    | Branco e encarnado.....    | Oliveira J. & Lopes. |

4º pareo—**Suburbano**—1450 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

|   |                 |             |       |             |         |                             |                     |
|---|-----------------|-------------|-------|-------------|---------|-----------------------------|---------------------|
| 1 | Mastin.....     | Castanho .. | 4 ans | França..... | 54 kil. | Grénat e violeta.....       | A. M. Pinto.        |
| 2 | Madama.....     | Idem.....   | 4 »   | Idem.....   | 52 »    | Ouro e preto.....           | F. Schmidh.         |
| 3 | Le-Loup.....    | Preto.....  | 4 »   | Idem.....   | 54 »    | Azul e grénat.....          | Coud. Internacioal. |
| 4 | Dr. Jenner..... | Zaino.....  | 4 »   | R. da Prata | 52 »    | Grénat e ouro.....          | I. S.               |
| 5 | Coupon.....     | Alazão..... | 4 »   | França..... | 56 »    | Azul, branco encarnado..... | Coud. Cruzeiro.     |

5º pareo—**Omnium**—1000 metros—Animas de 2 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

|   |              |             |       |              |         |                               |                |
|---|--------------|-------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|----------------|
| 1 | Rapid.....   | Caatanho .. | 2 ans | Inglaterra.. | 48 kil. | Encarnado preto e branco..... | Vianna Junior. |
| 2 | Apollo.....  | Alazão..... | 2 »   | R. da Prata  | 48 »    | Azul e grénat.....            | F. R. M.       |
| 3 | Ormonde..... | Zaino.....  | 2 »   | França.....  | 48 »    | Perola e grénat.....          | A. Vianna.     |

6º pareo—**Omnibus** (Handicap)—1609 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

|   |               |             |       |              |         |                    |                     |
|---|---------------|-------------|-------|--------------|---------|--------------------|---------------------|
| 1 | Mirzador..... | Zaino.....  | 4 ans | França.....  | 55 kil. | Ouro e preto.....  | F. Schmidh.         |
| 2 | Speciosa..... | Alazão..... | 5 »   | Inglaterra.. | 45 »    | Azul e grénat..... | Coud. Internacioal. |
| 3 | Satan.....    | Castanho .. | 4 »   | França.....  | 62 »    | Grénat e ouro..... | Mario de Souza.     |
| 4 | Diva.....     | Alazão..... | 4 »   | R. de Jane.. | 49 »    | Ouro e branco..... | Coud. Fluminense.   |

7º pareo—**Consolação**—1300 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60 ao terceiro

|   |                  |             |       |              |         |                               |                     |
|---|------------------|-------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|---------------------|
| 1 | Chapécó.....     | Castanho .. | 3 ans | Paraná.....  | 48 kil. | Branco e estrellas azuas..... | Coud. Guanahara.    |
| 2 | Ondina.....      | Tordilho... | 3 »   | S. Paulo...  | 47 »    | Azul e amarello.....          | J. M. da Rocha.     |
| 3 | Mondego.....     | Castanho .. | 4 »   | Idem.....    | 51 »    | Idem idem.....                | M. Soares Ferreira. |
| 4 | Americana.....   | Tordilho... | 4 »   | R. de Jane.. | 49 »    | Idem idem.....                | Idem                |
| 5 | Caporal.....     | Alazão..... | 4 »   | S. Paulo...  | 51 »    | Grénat e branco.....          | Coud. Integridade.  |
| 6 | Baccarat II..... | Gateado.... | 4 »   | Idem.....    | 51 »    | Azul e branco.....            | F. J. C.            |
| 7 | Villa-Nova.....  | Zaino.....  | 4 »   | Paraná.....  | 49 »    | Azul branco e amarello.....   | Coud. Esperança.    |
| 8 | Miden.....       | Rosilho.... | 3 »   | Idem.....    | 48 »    | Azul e branco.....            | S. V.               |
| 9 | Condor.....      | Castanho .. | 3 »   | S. Paulo...  | 48 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.     |

### OBSERVAÇÕES

As corridas, principiando ao meio dia em ponto, os animas inscriptos no primeiro pareo devem achar-se no ensilhamento ás 11 horas precisas.

**RAUL DE CARVALHO, 2.º Secretario interino**

O pessoal dos portões deverá procurar seus cartões de admissoão no dia 4, das 4 ás 6 horas da tarde.

**PAIVA JUNIOR 1º secretario.**

## EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchitos, escrophulas, rachitis, anemia, debilidad em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas, e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confectarias.

### CAMPOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio, todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

**E. GAMBARO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. 4ª Semana, rua de Caxias n. 38, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 11 DE JUNHO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 428

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|   |                  |
|---|------------------|
| Expediente.....                                 |                  |
| Galeria do Elogio Mutuo.....                    |                  |
| XV—Alfredo de Souza.....                        | H. DE MAGALHÃES  |
| Plágios e plagiarios.....                       | V. MAGALHÃES     |
| Soneto.....                                     | CAMÕES           |
| Episodio litterario.....                        | A. REDACÇÃO.     |
| Discurso de Alex. Dumes-<br>nilho.....          |                  |
| Aspiração louca, soneto.....                    | A. DE FIGUEIREDO |
| Certes de Lisboa.....                           | E. MONTEIRAO.    |
| Jornaes e revistas.....                         | A.               |
| No campo, soneto.....                           | A. FRANCO        |
| Paginas esquecidas: R.<br>Corrêa I O homem..... | V. MAGALHÃES     |
| Festas, bailes e concertos                      | LORCONON.        |
| Musa, soneto.....                               | A. SILVA.        |
| Notas bibliographicas.....                      | V.               |
| Theatros.....                                   | P. TALMA.        |
| Sport.....                                      | L. M. BASTOS.    |
| Factos e Noticias.....                          |                  |
| Recabemos.....                                  |                  |
| Anuncios.....                                   |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Para Campos, Macaé e outras localidades da provincia do Rio de Janeiro partio no dia 3 o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto Filho, tambem nosso agente, em serviço d'esta folha. Para o exito da missão de que está encarregado, muito contribuirão os serviços que lhe dispensarem não só os nossos collegas da imprensa como todos os assignantes e amigos d'A Semana, serviços que pedimos e antecipadamente muito agradecemos.

## BRINDES

A's pessoas que viærem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampinas*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Langfellow, traduzido por Americo Lobo.

## GALERIA DO ELOGIO MUTUO

2 XV

ALFREDO DE SOUZA



Isto de biographias é uma cousa que só se faz aos talentos, é claro; mas aos talentos que já se tenham afundado nas trevas do tumulo. Por isso, como vejo cada vez mais cheio de vigor e de esperanças este nosso poeta, ponho de parte a descripção de sua preciosa existencia, temendo que, se tal eu fizesse, elle se sentisse desobrigado de viver e começasse a fazer de defunto, roubando-nos assim aos ouvidos a argentina sonoridade da grande porção de versos que ainda nos ha de dar.

Emfim, sempre direi que nasceu o innocente Alfredo a 10 de Junho de 1862, nesta imperial cidade de S. Sebastião.

Sei mais que elle é empregado no Correio; que algumas pessoas, a meia legua de distancia, tem-no tomado pelo capitalista dos *Vinte Contos*,—o qual dirige *A Semana* e fez os *Cantos e Luctas*; que usa pincez sem coração, receiando que, em tempo de epilemtia, a Junta de Hygiene delle se apodere, tomando-o por um coração... saanitario; que é casado, que tem um filhinho encantador, que é pai de familia, emfim; eu sei perfeitamente de tudo isto. Mas porque rasão hei de eu, que me considero seu amigo, vir para aqui por-lho os *podres* na rua por meio da letra de forma?

É verdade que isto de se ter sujeitado ás leis do matrimonio, tem-no elle mais de uma vez dado a entender em linguagem rimada.

Não é um mysterio, portanto; muito mais tendo offerecido o seu livro de versos á sua esposa, o que fez com que algum já dissesse que o distincto emulo de Apollo é um poeta de familia, visto que quasi só d'ella se occupa em

suas poesias. Mas o que querem? Diga elle se quizer, o que quizer de sua vida, lá d'elle, que eu nem mais uma palavra adeanto ao que ficou dicto com respeito ao seu viver particular.

E eu quando tomo uma resolução, é porque tomo mesmo: acabou-se...

Agora, sempre lhes digo que este doce Alfredo não foi já nma vez collocado pelo Paschoal, da rua do Ouvidor, nos mostradores de *bombons*, entre as pilhas de bons-bocados e de tortas de amendoas, unicamente porque não quiz que *A Semana*,—esse fulgurante hebdomadario, que apparece pontualmente todos os sabbados, afim de proporcionar o gozo da boa leitura á população fluminense, pela modica quantia de \$500 por anno (10\$000 para as provincias)—ficasse privada, em seu começo, de delicias os seus leitores com os seus bellos e dulcissimos versos.

Além d'isso, *D. Pastel*...  
Oh! diabo! que cahi na asneira de dizer, contra a minha vontade, que o *D. Pastel* dos antigos tempos era o mesmo Alfredo de Souza em carae e osso, quero dizer—em osso.

Agora não volto atraz; o que está dicto está dicto.

Enão é só por isso, pela sna qualidade de pastel, que o Paschoal o queria pilhar, não senhor! mas sim, tambem e com especialidade, pela agradabilissima doçura das suas estrophes, que parecem feitas de loirejante nectar, occulto nos favos das colmeias e vadadas, em seguida, em concavos de lyricos, como em taças de opala.

São tão doces as snas estrophes, que

se, por acaso, lhe impingissem num *restaurant* uma chavena de café sem assucar, elle não tinha outra cousa a fazer senão sacar do bolso, muito surratamente, dms tercetos, a tiral-os para dentro da chavena e, acto continuo, esgotal-a com estalidos de bocca; porque, então, sorveria, não mais a negra e appetitosa bebida brasileira, mas, sim, um saboroso *hydromel*, que seria capaz de lisongear até mesmo o paladar dos deuses!

Enquanto ao que se propala de se occupar o poeta, com muita frequencia, das pessoas que maior quinhão recebem d'esse affecto que em seu coração occulto, como se occulto uma exotica flor num vaso estranho, é isto até uma coisa digna de louvores... e de muitos louvores mesmo.

E coisa semelhante não o tem feito tambem um outro rimador emerito (e como esse muitos outros), apregado como tal, aos quatro ventos, pelas com tubas da Fama,—o melodioso nuctor dos *Sonetos e Rimas*?

Não foi á esposa, cuja ausencia enlutou-lhe para sempre o coração, que elle consagrou o elegante volume, em que—como num escripto de oiro,—enthusou os seus pensamentos?

Só é culpa, isto,—mais visle do tal culpa ser tachado.

Bem fez o meu companheiro, este inspirado admirador das flores,—que sã as estrophes do poema da *Creação*,—em desfolhar idyllios e madrigaes no regaço d'aquella que vive a estrellar de carinhos o ceu do seu amor; e igualmente fez bem quando embalou na trama de argento de um soneto canoro—como se fosse num berço feito de plumagens alvadias de cygnos e petalas roscentes de violetas e lilazes—o tenro filhinho, que elle adora, e em cujos labios purpureados colhe um sorriso irradiante, que é mais uma aurora que juncta á sua brilhante collecção de auroras!

Bem fez em estender, com elegancia fidalga, aos pés da sua querida companheira, que é tambem, de certo, a sua musa inspiradora, um extenso tapete tecido de malleaveis hemistichios lenfijoulados e de luminosas redondilhas, presas em laços de rimas diamantinas.

Bem fez!

Um dia lembrou-se o diabo do rapaz de fazer auroras, como quem faz *para* ali palitos, ou simplesmente a sua *totlette* e fez.

E que auroras, meus amigos, que anoras! De primeira ordem!...

Tanto assim, que essas que hoje despontam, envergonhadas, no horizonte, não passam de auroras falsificadas, de pura obra de carregação!

Por epygraphie do seu minanso livro de versos, tomou Alfredo de Souza este, de Valentim Magalhães:

*Pegei da espada e vim juntar-me aos combatentes!*

Mas qual combatentes, qual espadas, nem qual historias! Pôde o leitor, sem receio, manusear o mencionado livro de principio a fim, que, com certeza, não ha de se ferir nelle nem mesmo com uma rumbuda faca de mesa.

Era um dia combatentes! Não ha mesmo, em todm o correr da obra, um pequeno sarilho d'armas, siquer, para meishna.

Pois se o Alfredo é tão delicado que, para escrever, em vez de uma pena d'aco metida numa réles caneta de pau, serve-se do espinho de um rebanção de reseira, encravado na pluma doirada de um colibri!

Desta fazer poesias longas e resselegantes como peitos de leões fatigados.









cinda esta magnifica revista de Arthur Azevedo. Cud (noite o matuto do Pinuhy, as cançonotas deliciosas da Cuirra Polonio e as molinhas do Xisto agradam mais, mais applaudidas são. Quem não viu ainda ou quem mais queira ver o *Mercurio* não se demore: no Lucinda! — que o Adolpho de Faria director da empresa e da companhia vae mudal-as muito breve para o Principe, (que foi reformado de foud em comble) ou se estreiará com os *Tres mosqueiros*, de Varney.

P. TALMA.

SPORT

A 3ª corrida do Prado Villa Izabel no domingo passado esteve muito concorrida e bastante animada. Todos os puros de que se compunha o excellente programma foram bem disputados e alguns d'elles bem interessantes. Eis o resultado:

No 1º pareo (1000 metros) Rigoletto em 69 segundos bateu os seus competidores. Cantagallo chegou em 2º e Guacho em 3º lugar. Ondina e Verbena chegaram em ultimo lugar.

No 2º pareo (1000 metros) depois de algumas corridas falsas, em que Berenice correu mais de 600 metros, foi finalmente dada a partida, sahindo Berenice na retaguarda dos seus competidores aos quaes passou ao cabo de 700 metros, menos a Corcovado que conservou a sua carreira até ao poste do vencedor o em 2º Berenice. Juanita chegou em 3º lugar. Sensitiva e Nair chegaram em ultimo lugar. Pensativo não correu.

No 3º pareo (1450 metros) Druid fez um bonita corrida vencendo Intima em 95 segundos, apenas por cabeça, apesar dos 59 kilos. Intima, que conservou-se quasi até o final na ponta fez boa corrida e teve o 2º lugar. Regina, que correu de alcance chegou em 3º, bom lugar, e se o tiro fosse maior necessariamente teria ganho. Biscain em ultimo lugar. Macaréo não correu.

No 4º pareo (1450 metros) Coupon com facilidade bateu os seus competidores em 95 segundos. Mastin em 2º lugar. Dr. Jenner e Madama chegaram em nitimo lugar. Le-Loup não correu.

No 5º pareo (1000 metros) Ormond em 69 segundos venceu o seu unico competidor. Appollo que cbegou em 2º, máu lugar. Rapid não correu.

No 6º pareo (Handicap 1600 metros) Mirzador em 105 segundos, inesperadamente, foi o vencedor, fazendo uma esplendida corrida, batendo-o com Satan durante toda a corrida, chegando este em 2º lugar. Speciosa e Diva vieram em ultimo lugar.

No 7º pareo (1300 metros) Villa Nova em 86 segundos venceu os seus competidores, contra a expectativa geral. Em 2º lugar Baccarat II e em 3º Condor. Midon, Caporal, Americana, Chapécó e Mondego não mereceram classificação. Ondina não correu.

JOCKEY-CLUB

A 2ª corrida realisada hontem por esta benemerita sociedade encheu de satisfação os amadores do turf que não deixaram de reconhecer effectivamente ser esta associação uma das mais importantes, não só pelas suas vastas archibancadas e mais dependencias, como também pela sua boa organização, offerecendo aos amadores todas as confortabilidades merecendo-lhes a confiança pela bem intencionada administração que hontem demonstrou inquestionavelmente ter-se o Jockey-Club affastado d'aquella falta de prosperidade que ha algum tempo lhe era imputada.

O programma foi esplendido e importante não só pelos bons premios que conferio como também pela brilhante execução com que encerrou cada um dos pareos que foram perfeitamente disputados e com bastante animação applaudidos.

Eis o resultado:  
No 1º pareo (1000 metros) a valente e veloz Esmeralda em 66 segundos venceu os seus competidores. Espadilha chegou em 3º lugar. Brenice, meio sangue, teve o 2º lugar, fazendo boa corrida. Cupido chegou em 4º lugar por ter o

o seu jockey pouca vontade de ter melhor classificação; é um producto nacional de formas pouco vulgares entre a nossa criação de animais de corrida; dar-se-hia o caso de alguma *columnia ousada*?... Sensitiva em ultimo lugar.

No 2º pareo (1000 metros) Visiara em 65 segundos fez um esplendida corrida, demonstrando ser um animal muito veloz que, apesar de partir atraz de seus competidores, na recta de chegada bateu-os. Appollo chegou em 2º lognr o Rapid em 3º. Haublan, animal recém-chegado, não estando ainda em boas condições, affrouxou no fim la corrida, depois de estar na frente desle o pulo de partida, chegando em 4º lugar. Lady em 5º. Prevanche não correu.

No 3º pareo (1800 metros) Sibylla em 142 segundos, muito tempo galloppando ao lado de Macaréo, venceu facilmente neste galope. Boreas não correu.

No 4º pareo (1400 metros) Phenicia em 9 segundos e muito regularmente venceu os seus adversarios, fazendo uma esplendida corrida.

Rabelais, animal recém-chegado, chegou em 2º lugar em boas condições, demonstrando ser animal superior. Olinda em 3º. Daybreack, Paragnaya, Siva, Perle e Galier não mereceram classificação. Orange e Amazonas não correram.

No 5º pareo — Grande premio Cruzeiro do Sul — Plutus que partiu, correndo regularmente proximo a Dandy, que conservou a dianteira até quasi o poste dos vencedores, foi vencida por onbeça em 170 segundos, fazendo ambos uma bonita corrida na recta da chegada.

Blair-Athol em 3º máo lugar. Ypiranga em más condições, apresentou-se para disputar um premio desta ordem. Lamentamos que seu proprietario expuzesse este parheiro a fazer tão triste figura em detrimento da confiança que a maioria dos amadores depositam em sua condelaria. Um animal naquellas condições não se faz correr. Ypiranga marchou e passou na raia; não correu.

No 6º pareo (1400 metros) Coupon, em 91 1/2 segundos, facilmente venceu Cheapside que, tomando a ponta, parecia até ao final da corrida ser a vencedora; porém chegou em 2º lugar fazendo boa corrida. New York e Mirzador chegaram em ultimo lugar. Charrybides não correu.

No 7º pareo (2000 metros) Phrynéa em 131 segundos e no freio venceu os seus competidores, apresentando-se desta vez preparada e não dando desgostos aos seus adeptos. Salvatus fez boa corrida chegando em 2º lugar. Satan chegou em ultimo lugar e, tendo corrido de alcance, nada poud fazer. Mirzador e Scylla não correram.

No 8º pareo (1600 metros) Druid em 110 segundos fez uma bonita carreira com os 58 kilos de pezo, vencendo a sua competidora. Intima chegou em 2º lugar e Monitor em 3º. Douro, Biscain e Blanco, ex-Pip, em ultimo lugar. A raby negou a sahida.

Um pouco tarde terminaram as corridas, havendo toda a regularidade e sem o minimo incidente.

Realisa amanhã uma importante corrida o Derby-Club, cujo programma é dos melhores que poderíamos desejar. Esperamos grande concurrencia.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

Inaugurou-se ante-hontem, com a presença do Sr. ministro da Guerra, visconde de Paranagna, muitas das primeiras patentes do exercito, Conselheiro Franklin Doria e numerosas senhoras da nossa primcira sociedade, a biblioteca do Exercito, estabelecida no quartel do ampo. Cna parte que obta para o rua de Marcilio Dias, esquina da do Dr. João Ricardo.

Esta biblioteca foi fundada em 1881 pelo Sr. Conselheiro Doria, então ministro ds guerra. E' obra sua, e entre tantas que illustra o seu respeitado nome, nenhuma talvez o possa honrar mais do que esta.

A sala de leitura é vastissima, are-

jada, com muita luz. E' a melhor sala de biblioteca da Corte.

Ao entrar o visitante a impressão que lhe dá a vista da sala com sua longa mesa ao centro, com porta-livros pesos sobre revistas e jornaes alinhados caixas com lapis e pedaços de papel para notas e os dois renquees de bustos de marmore sobre elegantes ponnias, é agradável e digna do estabelecimento. A' direita estão os bustos dos generaes Viscondes de Itaparica, de Pelotas, Barão de Angra, Visconde de Inhauma, Conde de Porto Alegre e Duque de Caxias; ao fundo um grandioso busto do Imperador; ao lado esquerdo: Barão do Triunpho, Visconde de Santa Theresia, Barão do Amazonas, Visconde de Tamandaré, Marquez do Ilerval e Conde d'Eu.

Os livros, perfeitamente accommodados em magnificas estantes, sobem ao numero de doze mil; havendo espaço para outros tantos volumes.

Encontrámos lá obras raras, e consideravel quantidade de jornaes e revistas do paiz e do Estrangeiro.

A orlem em que está o estabelecimento honra altamente a dedicação e a habilidade do bibliotecario capitão Joaquim Alves.

Parabens ao Conselheiro Doria.

Abriu no dia 6, no salão do Gremio de Lettras e Artes, sua 3ª exposição de pintura Sr. Antonio Parreiras. Bastava dizer para significar o valor dos quadros do applaudido paisagista a extraordinaria concurrencia de visitantes, que tem attingido, alguns dias, a numero de 600. Criticos abalis dos já disseram o sufficiente. Parreiras deve estar satisfeito.

Seu quadro «Effeitos de tempestade», uma larga tela, onde mais livre se expandio seu poderoso talento e meticolosa observação da natureza, é um trabalho magistral. Damos parabens ao Gremio de Lettras e Artes pela brilhante idéia, que levou avante, e abraçamos entusiasticamente o notavel auctor dos «Effeitos de Tempestade.»

O *Diario de Mercantil* encerrou ha alguns dias o pleito por ella proposto sobre a pergunta «Quaes são os tres primeiros jornalistas do Brazil?» O resultado obtilo foi o seguinte, empattando em votos os dous ultimos:

Dr. Ferreira de Arango—1157 votos; José do Patrocínio—1093; Quintino Bocayuva e Joaquim Serra—962 cada um. Seguem-se:

Dr. Luiz de Castro 899; Dr. F. Rangel Pestana 891; Americo de Campos 453; Julio Ribeiro 300; Conselheiro F. Octaviano 282; Urbano Duarte 240; Aristides Lobo 230; Carlos von Koseritz 202; Justiniano de Mello e Silva 107; Dr. Valentim Magalhães 106; Dr. Julio de Castilhos 102; Dr. Ramiro Barcellos 100; Artbur Azevedo 100; Joaquim Nabuco 83; Filinto d'Almeida 80; e outros muitos, menos votados.

RECEBEMOS

— *Albanita*—(Valsa Gitana): Bellissima composição da artista Rafaela Monteiro.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

ANNUNCIOS

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes ou francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

Julio Cezar Tavares Paes encarrrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoo e optima cosinha. Esplendido torraço com caramanchos.

F. Navarro de M. Salles — encarrrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho— Minas.

Dr. Arango Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA 4ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 12 DE JUNHO DE 1887

1º pareo — A's 12 horas — **Initium** — 1.000 metros — Animas de todos os paizes, de 2 annos — Premios 700\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes          | Fellos        | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas          | Proprietarios         |
|-----|----------------|---------------|--------|---------------|---------|--------------------------------|-----------------------|
| 1   | Ormonle.....   | Zaino'.....   | 2 ans  | França.....   | 56 kil. | Perola e grénat.....           | A. Vianna.            |
| 2   | Lally.....     | Castanho ..   | 2 »    | Inglaterra..  | 53 »    | Azul.....                      | C. O.                 |
| 3   | Apullo.....    | Alazão.....   | 2 »    | R. da Prata   | 54 »    | Azul e grénat.....             | F. R. M.              |
| 4   | Houblon.....   | Castanho..... | 2 »    | França.....   | 54 »    | Ouro e preto.....              | F. Schmidt.           |
| 5   | Corcovado..... | Idem.....     | 2 »    | R. de Jane..  | 47 »    | Grénat e ouro.....             | Mario de Souza.       |
| 6   | Rapid.....     | Alazão.....   | 2 »    | Inglaterra..  | 54 »    | Encarnato, preto e branco..... | Vianna Junior.        |
| 7   | Gentleman..... | Castanho ..   | 2 »    | Idem.....     | 54 »    | Encarnato e azul.....          | Coud. Brasileira.     |
| 8   | Visière.....   | Alazão.....   | 2 »    | França.....   | 53 »    | Azul e palha.....              | Joaquim P. de Castro. |
| 9   | Prevenche..... | Idem.....     | 2 »    | Belgica.....  | 53 »    | Ouro e preto.....              | F. Schmidh.           |

2º pareo — A's 12 3/4 horas — **Extra** — 1.450 metros — Animas estrangeiros de 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes          | Fellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas   | Proprietarios        |
|-----|----------------|-------------|--------|---------------|---------|-------------------------|----------------------|
| 1   | Paraguay.....  | Castanho .. | 3 ans  | Inglaterra..  | 47 kil. | Grénat e azul.....      | P. de Lima.          |
| 2   | Siva.....      | Alazão..... | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Azul e ouro.....        | Coud. Hanoveriana.   |
| 3   | Buhllonia..... | Castanho .. | 3 »    | França.....   | 47 »    | Havana e azul.....      | J. R.                |
| 4   | Perle.....     | Zaino.....  | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Branco e encarnado..... | Oliveira J. & Lopes. |
| 5   | Rabelais.....  | Alazão..... | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Ouro e preto.....       | F. Schmidt.          |
| 6   | Olinda.....    | Zaino.....  | 3 »    | Inglaterra..  | 47 »    | Grénat e ouro.....      | Coudelaria Carioca.  |
| 7   | Phuicia.....   | Alazão..... | 3 »    | Idem.....     | 53 »    | Encarnato e azul.....   | Coud. Brasileira.    |
| 8   | Daybreak.....  | Zaino.....  | 3 »    | Idem.....     | 51 »    | Azul e ouro.....        | D. Julia Vieira.     |

3º pareo — A' 1 1/2 hora — **Excelsior** — 1.609 metros — Animas nacionaes de 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes          | Fellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas           | Proprietarios     |
|-----|----------------|-------------|--------|---------------|---------|---------------------------------|-------------------|
| 1   | Rondello.....  | Douradillo  | 3 ans  | S. Paulo...   | 51 kil. | Grénat e azul.....              | Lazaro & Lima.    |
| 2   | Odalisca.....  | Pumpa.....  | 3 »    | Idem.....     | 53 »    | Ver le, branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.  |
| 3   | Ibiquara.....  | Castanho .. | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Preto e branco.....             | J. Lemos.         |
| 4   | Flostan.....   | Zaino.....  | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Vermelho.....                   | Coudelaria Mirim. |
| 5   | Argentino..... | Castanho .. | 3 »    | R. de Jane..  | 49 »    | Grénat e lyrio.....             | D. A.             |
| 6   | Plutus.....    | Idem.....   | 3 »    | S. Paulo...   | 58 »    | Azul, branco e encarnado.....   | Coud. Cruzeiro.   |
| 7   | Mquitor.....   | Idem.....   | 3 »    | Idem.....     | 57 »    | Idem.....                       | Dita idem.        |

4º pareo — A's 2 1/4 horas — **Derby-Club** — 1.750 metros — Animas do paiz — Premios: 1.000\$ ao primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes         | Fellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios     |
|-----|---------------|-------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|-------------------|
| 1   | Macaréu.....  | Alazão..... | 5 ans  | S. Paulo...   | 54 kil. | Azul e ouro.....              | Coud. Santa Cruz. |
| 2   | Talisman..... | Idem.....   | 5 »    | Idem.....     | 56 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.   |
| 3   | Syhillia..... | Zaino.....  | 4 »    | Idem.....     | 54 »    | Idem.....                     | Coud. Cruzeiro.   |
| 4   | Diva.....     | Alazão..... | 4 »    | R. de Jane..  | 54 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense. |

5º pareo — A's 3 horas — **Lemgruber** — 1.609 metros — Animas de qualquer paiz, que não tenham ganho — premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes               | Fellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas | Proprietarios         |
|-----|---------------------|-------------|--------|---------------|---------|-----------------------|-----------------------|
| 1   | Mastin.....         | Castanho .. | 4 ans  | França.....   | 58 kil. | Grénat e violeta..... | Coud. Rio de Janeiro. |
| 2   | Fils de Artois..... | Idem.....   | 4 »    | Idem.....     | 58 »    | Ouro e preto.....     | F. Schmidt.           |
| 3   | Madama.....         | Idem.....   | 4 »    | Idem.....     | 56 »    | Idem.....             | Idem, idem.           |
| 4   | Speciosa.....       | Alazão..... | 5 »    | Inglaterra..  | 60 »    | Azul e grénat.....    | Coud. Internacional.  |
| 5   | Araby.....          | Idem.....   | 4 »    | R. de Jane..  | 52 »    | Grénat e lyrio.....   | D. A.                 |
| 6   | Catita.....         | Castanho .. | 4 »    | Idem.....     | 56 »    | Azul.....             | F. Guimarães.         |

6º pareo — A's 3 3/4 horas — **Rio de Janeiro** (Handicap) — 2.000 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 2.000\$ ao primeiro, 500\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes          | Fellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios          |
|-----|----------------|-------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1   | Ruy-Bias.....  | Castanho .. | 4 ans  | Inglaterra..  | 45 kil. | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.      |
| 2   | New-York.....  | Alazão..... | 4 »    | França.....   | 48 »    | Ouro e preto.....             | F. Schmidt.            |
| 3   | Mirzador.....  | Castanho .. | 4 »    | Idem.....     | 54 »    | Idem.....                     | Idem, idem.            |
| 4   | Obeapside..... | Alazão..... | 4 »    | Inglaterra..  | 49 »    | Branco e encarnado.....       | Coudelaria Paulista.   |
| 5   | Boreas.....    | Castanho .. | 4 »    | S. Paulo...   | 51 »    | Grénat e violeta.....         | Cou l. Rio de Janeiro. |
| 6   | Digitaire..... | Alazão..... | 4 »    | França.....   | 50 »    | Azul e grénat.....            | Coudelaria Paraizo.    |
| 7   | Coupon.....    | Idem.....   | 4 »    | Idem.....     | 51 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 8   | Salvatus.....  | Idem.....   | 4 »    | Idem.....     | 55 »    | Idem.....                     | Coud. Cruzeiro.        |

7º pareo — A's 4 1/2 horas — **Seis de Março** — 1.450 metros — Animas nacionaes de meio-sangue, que não tenham ganho no Derby — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes            | Fellos        | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios     |
|-----|------------------|---------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|-------------------|
| 1   | Pretoria.....    | Libano.....   | 6 ans  | S. Paulo...   | 52 kil. | Azul e havana.....            | A. C.             |
| 2   | Saltarelle.....  | Preto.....    | 6 »    | Paraná.....   | 54 »    | Geranium e ouro.....          | J. W.             |
| 3   | Melon.....       | Rosilho.....  | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Azul e branco.....            | S. V.             |
| 4   | Marengo.....     | Vermelho..... | 6 »    | S. Paulo...   | 54 »    | Vermelho.....                 | Coudelaria Mirim. |
| 5   | Jenny.....       | Idem.....     | 4 »    | Idem.....     | 50 »    | Preto e branco.....           | J. Lemos.         |
| 6   | Baccarat II..... | Gateado.....  | 4 »    | Idem.....     | 52 »    | Azul e branco.....            | F. J. C.          |
| 7   | Zephiro.....     | Alazão.....   | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.   |

MARCOS DE MELLO, 2.º Secretario interino.

### OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. socios mandar substituir os seus cartões pelos distinctivos, sem os quaes não será permittida a entrada no dia da corrida.

O pessoal da poule deve comparecer na thesouraria na vespera da corrida.

MATHEUS LAURIANO 1º secretario.

## EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

## FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, doencas, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## FABRICA PEROLA

Torreificação de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e na principaes casas do mothados e confeitarias.

### CAMPOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde — Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo, — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellae n. 2.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

### E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recehem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

# A NOVA-YORK

## NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY

Companhia Mutua de Seguros de Vida dos Estados-Unidos da America. Fundada em 1845---41 annos de prosperidade. Unica Companhia Estrangeira de Seguros de Vida auctorizada a funcionar no Imperio do Brazil. Capital: cerca de cento e setenta e cinco mil contos de réis. Deposito no Thesouro Nacional: duzentos contos de réis. Filial no Brazil

### 31 RUA DO HOSPICIO 31

Esta companhia de seguros sobre a vida, unica auctorizada a funcionar no imperio, por decreto n. 9.503 de 3 de Outubro de 1885, depositou no Thesouro Nacional, como garantia accessoria de suas operações no Brazil, a quantia de **Duzentos contos de réis**. Pontos importantes sob que deve ser considerada a Companhia Nova-York: Conta 41 annos de existencia, tendo começado suas operações em 1845. Sendo puramente mutua, portanto não tendo accionistas, seu capital sobe hoje á quantia de **cento e setenta e cinco mil contos de réis**.

Funciona sob a severa fiscalisação do governo americano, unico, pois, onde existe fiscalisação real e effectiva. Não ha joia nem commisso depois de tres annos, recebendo o segurado que não puder continuar com os seus pagamentos uma apolice saldada, que nada mais lhe custa e garante-lhe tantas partes do capital primitivo, quantos pagamentos tiver cumprido e na forma do contracto originario. Seus lucros são divididos annualmente pelos segurados, que recebem prévio aviso dos dividendos que competem á sua apolice, sendo o lucro a dividir do anno de 1885, segundo o balanço de 31 de Dezembro, da quantia de **dezete mil contos de réis**. Nos casos imprevistos interpreta sempre os seus contractos sob o ponto de vista da equidade, havendo aqui mesmo no Brazil diversos exemplos d'isso. Mediante uma pequena somma annualmente (o premio na idade de 35 annos, no caso de seguro pagavel por morte, custa cerca de **quarenta mil réis** por anno por cada **cento de réis** segurado), pôde cada um constituir immediatamente um capital para sua familia em caso de morte ou para si proprio, se chegar ao prazo escolhido. A viúvas e orphãos, por morte de segurados, a possuidores de apolices dotaes, que cbegaram ao periodo escolhido, a companhia tem pago, desde a sua fundação, a quantia de **duzentos e cinco mil contos de réis**.

Uma apolice da **New-York Life Insurance Company** offerece ainda aos ricos a grande vantagem de servir, como a que melhor for, de caução immediata, definitiva ou provisoria. Sendo o pagamento dos premios, assim como o capital segurado, em ouro e tendo a companhia agencias em todo o mundo, as transacções feitas no Brazil, podem perfeitamente ser continuadas em qualquer outro lugar á escolba do segurado com redução nos premios, se a residencia for em paizes de clima temperado.

#### SINISTROS NO BRAZIL

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil  
N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

| Nomes  | Locares                  | Premios pagos até á morte | Quantias pagas pela companhia á familia |
|--|--------------------------|---------------------------|---|
| Joseph Norris.....   | Londres.....             |                           | lib. s. d.                              |
| Gustavo Masset.....  | Londres (Rest.).....     |                           | 1.078 11 4                              |
|  |                          |                           | 312 3 4                                 |
| Victor Scheitlin.....  | Pariz.....               |                           | Francos<br>60,000                       |
| João José de F. Guimarães.....   | Pará.....                | Rs. 456\$800              | Rs. 12.000\$000                         |
| Dr. Candido Quirino Bastos.....  | Pará.....                | 563\$800                  | 24.000\$000                             |
| José João Ribeiro.....   | Pará.....                | 214\$500                  | 7.200\$000                              |
| D. A. A. Dobrman.....  | Rio de Janeiro.....      | 400\$000                  | 23.833\$000                             |
| Joé Rodrigues de Souza.....  | Pará.....                | 61\$600                   | 11.825\$000                             |
| Gustavo Wedekind.....  | Rio de Janeiro.....      | 146\$200                  | 23.669\$000                             |
| José Soares Pereira.....   | Babia.....               | 717\$600                  | 13.220\$000                             |
| Paul Emilio Willmersdorf (assassinado).....                                      | Santos.....              | 107\$500                  | 11.613\$000                             |
| Tito Antonio da Rocha.....   | Ceará.....               | 203\$500                  | 6.176\$000                              |
| Carl Gaspar August Hayn (suicidio).....  | Rio de Janeiro.....      | 5.779\$800                | 72.000\$000                             |
| Gustavo Theisen.....   | Rio de Janeiro.....      | 1.196\$000                | 24.000\$000                             |
| José Amando Mendes.....  | Pará.....                | 1.150\$000                | 27.245\$000                             |
| Antonio Soares Pinheiro.....   | Pará.....                | 1.422\$000                | 13.770\$000                             |
| José Gomes Campello.....   | Babia.....               | 454\$240                  | 11.200\$000                             |
| Dr. Aureliano de Azevedo Monteiro.....   | Rio Grande do Sul.....   | 455\$800                  | 13.000\$000                             |
| Ailsa Janson.....  | Pernambuco.....          | 3.531\$000                | 24.500\$000                             |
| João Balso.....  | Pará.....                | 1.433\$000                | 12.000\$000                             |
| Henrique Eulalio Gurjão.....   | Pará.....                | 71\$460                   | 5.760\$000                              |
| Henrique Barbosa de Amorim.....  | Manáos.....              | 457\$000                  | 4.800\$000                              |
| Jacques Meyer (suicidio).....  | Rio de Janeiro.....      | 2.707\$900                | 21.600\$000                             |
| Josiah White Way.....  | Pernambuco.....          | 829\$520                  | 2.400\$000                              |
| Florentino Telles de Menezes.....  | Desterro.....            | 756\$000                  | 11.913\$700                             |
| D. Emilia R. Moreira de Queiroz.....   | Bahia.....               | 971\$700                  | 11.090\$780                             |
| Thomaz Argemiro Ferreira Chaves.....   | Desterro.....            | 234\$960                  | 8.911\$900                              |
| A pagar, depois de serem approvados os competentes documentos de prova de morte: |                          |                           |   |
| Eugenio Leiffer.....   | S. Paulo.....            | 2.226\$400                | m/m 11.000\$000                         |
| Dietrich von Grawert (suicidio).....   | Pará.....                | 2.723\$000                | 11.000\$000                             |
| Ladislau de Almeida Cardoso.....   | Pará.....                | 5.010\$000                | 24.000\$000                             |
| Felisberto José dos Santos Lisboa.....   | Pará.....                | 862\$400                  | 5.000\$000                              |
| João Gonçalves Ledo Junior.....  | Pará.....                | 4.768\$800                | 24.000\$000                             |
| Jean Louis Seiler (suicidio).....  | Rio de Janeiro.....      | 511\$700                  | 11.000\$000                             |
| Antonio Navarro de Siqueira.....   | Rio de Janeiro.....      | 1.419\$000                | 11.000\$000                             |
| Alexandre Ferreira Pinto.....  | S. Francisco do Sul..... | 180\$000                  | 5.500\$000                              |

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

R. J. KINSMAN BENJAMIN, GERENTE.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 18 DE JUNHO DE 1887

VOL. III-N. 129

DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|   |                  |
|---|------------------|
| Expediente.....                               |                  |
| Os nossos artistas—II Antonio Parreiras.....  | A. SILVA.        |
| A Semana.....                                 | A REDACÇÃO.      |
| Historia dos sete dias.....                   | FILINDAL.        |
| Plebiscito litterario.....                    | A REDACÇÃO.      |
| Primeiro leite, poesia.....                   | J. DE DEUS.      |
| Palestras femininas.....                      | A. A. L. VIEIRA. |
| Notas bibliographicas.....                    | V. S.            |
| Nacionalidade litteraria.....                 | INCOGNITO.       |
| Da Via Lactea, soneto.....                    | O. BILAC.        |
| Paginas esquecidas: R. Corréa II O poeta..... | V. MAGALHÃES.    |
| Gazetilha litteraria.....                     | Y.               |
| Notas philologicas.....                       | J. RIBEIRO.      |
| O sonho da Sulamita, poesia.....              | J. D. DA ROCHA.  |
| Theatros.....                                 | P. TALMA.        |
| Festas, bailes e concertos                    | LORGNON.         |
| Jornas e revistas.....                        | A.               |
| Sport.....                                    | L. M. BASTOS.    |
| Collaboração:                                 |                  |
| O primeiro cuidado, soneto.....               | O. E SILVA.      |
| A D. J. S. S., soneto.....                    | J. M. D'AZEVEDO. |
| Factos e Noticias.....                        |                  |
| Recbemos.....                                 |                  |
| Annuncios.....                                |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
| CÔRTE          |        |
| Trimestre..... | 28000  |
| Semestre.....  | 48000  |
| Anno.....      | 88000  |
| PROVINCIAS     |        |
| Semestre.....  | 58000  |
| Anno.....      | 108000 |

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## A SEMANA

Continuamos boje a galeria d'Os nossos artistas com o retrato do paisagista Antonio Parreiras, traçado pelo joven e esperançoso alumno da Academia de Bellas Artes, Sr. Delpino. A nossa idéia era que os retratos ou caricaturas fossem feitas pelos proprios artistas retratados, mas o Sr. Parreiras declarou-nos peremptoriamente que só se retrataria a elle proprio se por acaso fosse... paisagem, pois não se atreve a tocar em seára que elle considera alheia. A vista d'isso, abrimos uma excepção a seu favor; excepção que estudaremos a outros artistas que não queiram seguir o exemplo de Belmiro de Almeida.

O artigo critico-biographico é do sympathico e estimado poeta Alberto Silva, que tambem cultivava com brilhantismo a prosa.

A REDACÇÃO.

## OS NOSSOS ARTISTAS

II

ANTONIO PARREIRAS



Nasceu em S. Domingos de Nitheroy a 21 de Janeiro de 1861.

Apertamos-nos as mãos pela primeira vez, uma tarde, no largo da Memoria. Elle tinha uns 13 annos; eu chegava da roça com os meus 10.

Era voluntarioso e ousado. Essa independencia de caracter franco e rijo, quasi brutal, que ainda é hoje seu traço predominante, já começava de esgalhar-se forte, espontanea, abruptamente, ao doirado sol das risadas livres.

Não me poderia passar pela mente que essa mão que me ensinara a retezar um garboso papagaio contra a lufada da viração, agora viria a manejar, segura e magistral, o pincel que nos encanta. Esse pedaço de papel, guinando ao vento, ficou-me, esbatendo-se longe no vacuo azul das minhas recordações, puro como um emblema.

Parece-me traduzir elle a aspiração sempre agrihoada e rebelde, sempre impetuososa e contrariada, do nosso inspirado paisagista.

A camaradagem foi apenas de douse ou tres mezes, porque voltei para a roça, fugindo a uma epidemia.

Tornei a encontral-o em 77, no collegio Briggs. Eu fazia uns versos impossiveis, de pés quebrados, justa-

mente como os bonecos que o Parreiras desenhava nas laudas em branco dos compendios. Escondo ainda no frontespicio de uma Syntaxe de Dantas um desses aleijões, eupplice, contorcendo-se, caólho, com uma perna maldosamente lacerada a bico de lapis, a blasphemar no carcere perpetuo que lhe impoz a minha amizade pelo seu auctor.

D'abi em diante extremou-se a lucta em que sempre vivera o embryonario pintor: lucta sem treguas!

Não tinha encontrado quem lh'o ensinasse; entretanto, esforçava-se, em natural tendencia, por traduzir as impressões d'aquellas paisagens, d'aquelles contornos deslumbrantes que lhe passavam pela imaginação como pelas janellas de um comboio, velozes, vertiginosas, allucinadamente, em correrias longas de estranhas visões ridentes, num cahos amplissimo e radioso... Debruçava-se absorto e olhava, olhava: decorando-as, embebendo-as na alma.

De subito um tunel negro, tumultuoso, cavava-se! E atraz, nae trevas, um raetro, um clarão de ouro ia fugindo, fechando-se longe, mais longe, morrendo, incerto, frouxo, pallido,

como uma estrella em céu tempestuoso.

Depois trevae, só trevas horrosas. Mas o monstro de ferro rompia de novo na amplidão cheia de luz, estreitava, como um gigantesco braço negro, uma montanha, despenhava-se com um atroador desabamento de penedos, pelo meio de vales abertos em phantasticos templos de sombra, velados de cortinas de flores e, d'onde fugiam rindo, bandos errantes de genios felizes.

E elle, o sonbador captivo, lobrigava milhões, de laboros aereos a acenarem-lhe em esbatementos tremulos de neblinas pelos hombros das serranias, ou entreouvira falarem-lhe boccas sonoras, como harpas eolias, do alto dos minarettes de ouro das celagene acastelladas nas curvas sanguineas dos horisontes infndos.

E o condemnado sentia os arroubos dos grandes, as allucinações dos inspirados.

Porque não era livre ali na larga expansão de todo seu sonho, na insaciavel embriaguez do seu temperamento sitibundo de Gloria, saudoso de Ideal? Como fora venturoso!

E o comboio mergulvava outra vez nas sombras...

Era assim sua vida.

Vida febril de revoltas e desfallecimentos em que a esperanza brilhava-lhe ás vezes, não como os arrebões de um dia que se ennubla, mas como a fresta de luar de uma noite que se ente-nebra.

A sociedade é exigente: elle pagou-lhe largamente o seu tributo.

Quantas vezes não tinha impetos de espedaçar o pincel, como um indio quebra para cempre a gloriosa flecha de combate?

Não o vi durante alguns annos.

Um dia parei sorpreso diante de uma casa de commercio: avistara-o dentro vendendo. Entrei.

Largo tempo conversámos. Elle ainda tinha a mesma febre de visionario a queimar-lhe o cerebro; o coração galopava-lhe ainda na mesma loucura de aspirações irrealizadas: todo um turbilhonar violento de idéias, de sonhos, suffocado na mortalha fria de uma indifferença forçada.

Caesara-e. Fóra escripturario. Negociava agora. Talvez d'esse modo podesse ganhar para aprender a pintura.

E sorrio com um laivo de resignação dolorosa, que me obrigou a scismar.

Estava ali mais um exulado da Gloria, mais um banido da Suprema Ventura.

O balcão lembrou-me a muralha de um forte, e deixei a casa com a impressão de um captivo silencio e tetrico, onde a alma cança e se abate como as azas dae aguias prisioneiras, e o corpo arasta-se, esphacelando-se

nas profundidades de subterrâneos húmidos e escuros...

Como era a vida triste!

E a felicidade ás vezes é tão pouco! Dessem aquelle homem um pincel e uma teta, e elle, traço a traço, nuvem a nuvem, embevecido, sorrindo, formaria o céu, o mundo da sua alegria, a região encantada, aberta ao vôo de seu espirito opprimido e melancolico, como os poetas, como os musicos, como os esculptores descerram das trevas de mysterio suas sublimes epopéas...

Felizes! sim! de uma felicidade sem egoismo.

Quantos segredos inexprimíveis, quantos pensamentos inenarráveis, quantas emoções desconhecidas, não nos pintam, não nos traduzem, não nos acordam elles?

Vamos, soh seu influxo, sorrindo ou chorando, cantando ou em scismas, absortos, como somnambulos fugidos por instantes das terríveis realidades que nos acabrunham e esmagam.

Felicidade suprema que não seria dada a Parreiras sem ainda as maiores luctas e desgostos.

Sorria-lhe afinal a primeira esperança: matriculou-se na Academia de Bellas Artes, em 82, tendo para digno mestre Grimm, um aventureiro como elle, um como elle peregrino do Bello.

Então Parreiras pintou um estudo. Nove mezes depois, apartava-se de Grimm, em quem deixava, já não um sincero e habil professor, mas um amigo franco e dilecto.

Tinha recebido a lastração sagrada no templo da grande Deuza, adorou-a, exaltou-a fervorosamente e puro, como o mais devotado dos seus neocoros.

E ella, que enche de graças os grandes que se lhe prosternam, cobriu-o de benção, deu-lhe a entranhada fé vivificante dosromeiros da eterna jornada sublime.

A primisra exposição, em 85, fôra como um penetral deslumbrante do largo progresso artistico de Parreiras. Não se deteve, e em 86 gravavam mais fundos vestígios seu bello talento e poetica inspiração.

Depois—era o incansavel saciamento de Tantalos que se sente libertar, o entrever triumphos sonhados, a aproximação deslumbradora do Ideal...

E hoje, entre as muitas pessoas que se deliciaem, contemplando os seus bellos quadros, poucas como eu, talvez sentirão no vago prescrutar de uma lembrança dolorosa, abrirem-se aquelles poeticos bosques, afundarem-se aquellas transparentes aguas, desmoronarem-se aquellas praias nitidas, num barathro largo e escuro, em cujo fundo o antigo pintor, o desesperado artista de outrora, estende os braços, avido de luz, tremulo de canção, e sóbe, sóbe ferindo nos farelhões as carnes gotteando sangue, como um condemnado de Dante...

Visão pavorosa que sempre me suggerem as bellas manifestações dos esforços grandes...

Negra e dolorosa recordação! em cuja carel mais saliente espelnde a apothese dos gloriosos, que, ás vezes, entretanto, sahem, já tarde de mais, da medonha lucta, porque trazem no amago da alma, o golpe profundo e exterminador...

ALBERTO SILVA.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Sei que o publico fluminense está ha muito tempo de bocca aberta e de ouvido attento á spera da minha palavra authorizada sobre os ultimos acontecimentos. Já na semana passada eu sabia d'isso, mas na semana passada occorreu contra o chronista a circumstancia de não haver acontecimento nenhum. Estive para inventar um escandalo qualquer, um facto emocial, uma pagina de romance de Montepin, unicamente para servir ao leitor ávido e expectante o accipepe critico das minhas prosas.

Lembrei-me, por exemplo, abusando da minha qualidade de republicano furioso, de noticiar aos povos d'este presunto geographico da America, que sabia de fonte limpa ter sua magestade o imperador declarado que abdicava e collocava na graciosa mão fidalga da princeza D. Isabel as redeas da cavalgadura governamental. Depois, lembrando-me que isto era bem possivel de acontecer, resolvi não dizer nada: pois é sabido que a um chronista de reputação é unicamente permitido dizer das coisas que não podem dar-se, commentar os factos menos verazes e mais inverosímeis. Forrado d'esta doutrina sábia e commoda, preferi deixar os leitores de bocca aberta e de ouvido attento mais uma semana, e fugi d'esta pacata e patusca suicidiopolis, sempre heroica e sempre leal a S. Sebastião, seu patrono—pessoa unica que se pôde apresentar ao publico em trajas menores sem offender a provada pudicicia de conservatorio dramatico.

Voltando agora a esta horrorosa rua do Carmo,—onde todos os dias pianos particulares, pianos mecanicos das ruas, realejos, sanfonas, grupos de musicos italianos e bandas allemães obrigam os moradores a convencer-se de que a musica é a condutora do tedio e do desespero,—li de corrida os jornaes da semana, e estou, portanto, informado de que o imperador continúa naquelle estado assás satisfactorio que todos conhecem e ninguém se atreve a confessar; mas que os medicos da imperial camara, reunidos em conferencia no palacete Itamaraty, resolveram aconselhar S. M. a sahir para fóra do imperio. A *Gazeta*, que nos deu esta noticia, não nos dá o parecer parcial de cada medico.

E' isto que me afflige e me tira o appetite. O que eu queria era saber a opinião do Sr. duque da Mottamaia, ao qual duque já por entre o murmuro das florestas tijuquenses, os échos das confabulações suburbanas têm mysteriosamente chamado D. Pedro II.

E eu não me hei de admirar muito quando souber que o imperial carrapato... perdão!—que o imperial medico, favorito do imperador, atarrachou na cabeça inspirada, acima do bigode e da péra de valeta de copas, a corôa brigantina que nos campos do Ypiranga, a berrar o grito, Pedro I emburhou para sempre no pavilhão auriverde.

Estou preparado para tudo...

Acontecimento importante para o nosso commercio, e, portanto, para todo paiz, foi a velhacada da praça de Nova York, a famosa negociata do *café-papel*,

que deu á nossa praça, segundo me informam, um prejuizo de cerca de dois mil contos. Podia ser mais, mas confesso que esta quantia já me chegava cá para uns arranjos e ainda me sobrava para tapar a bocca insaciável do meu alfayate, um moustro... Mudemos de conversa.

Com a transacção ficticia, de pura batota commercial, operada na praça de Nova-York, foram-se por agua abaixo varias casas d'aquella praça e é provavel que algumas da nossa não tenham *elasterio* sufficiente para resistir ao esticção. O nosso commercio de café estava muito lampeiro com os lucros do ultimo anno commercial e com a extraordinaria alta do genero, e agora esta occorrença não lhe deve ter feito muito bom cabello.

Que se aguente e que prospere é o que nós todos lhe desejamos, porque todos, afinal, vivemos d'elle e por elle.

Foi cheio de terror e de espanto, com os olhos encadeados pelo assombro, que na *Gazeta* de quarta-feira li esta tremenda noticia:

« O Sr. vereador Candido de Carvalho, membro da commissão do mata-douro, vae hoje a Santa Cruz. »

Arrepiaram-se-me as carnes e o cabello ao ler esta noticia terrível, e pensei vagamente em Frederico Barbaroxa, em Godofredo de Bouillon e em Ricardo Coração de Leão, seguindo heroicamente nas cruzadas á conquista da Terra Sancta. De repente, como um fatal presentimento, veio-me á lembrança a sorte de S. Luiz, rei de França, cruzado tambem, morto de peste em Tunis, em 1270.

E se— disse eu commigo, a tremer— e se, ao chegar aos terrenos inhospitos de S. Francisco Xavier, a peste se lembra de atacar o Sr. Carvalho? Que ha de ser do nós, pobres municipaes inermes, se a fatalidade nos arrebatou o maior dos nossos edis? Elle vae para Santa Cruz, vae *cruzar!* pensei, aterrado.

E vi desabar o imperio.

Mas o écho, ao longe, nos circulos physicos do som, veio providencialmente em soccorro da minha alma afflicta, trazendo-me aos ouvidos estas palavras consoladoras:

— Descança, Filindal; elle vae apenas— matar o bicho!

Desmaiei de prazer.

Pensei que havia passado a quadra negra dos suicidios, mas enganei-me; ainda na quinta feira se suicidou na casa n. 4 da travessa do Costa Velho o allemão Wilhelm Zenckell. Das declarações da esposa infere-se que o motivo do suicidio foi a miseria: Wilhelm estava desempregado e doente.

E ainda ha poucos instantes me dizia aqui um amigo meu, que é capitão e litterato, que um membro da familia Rotschild se retirara da casa famosa, que é hoje o cofre do mundo, apenas com a insignificante quantia de noventa e seis mil contos!

Vamos ter um grande movimento theatral. Está a chegar de S. Paulo a companhia do Heller, está a chegar de Lisboa a companhia de D. Maria II, d'esta vez accrescentada com Brazão, incontestavelmente o actor mais brilhante de theatro portuguez.

E' realmente pasmosa a carreira do notavel artista. Conhecemol-o aqui, ha muitos annos, a representar galans ds

comedia; vimol-o mais tarde em papeis burlescos, como no *Fura vidas* e na *Timidez de Cornelio Guerra*, que elle representava a primor, com uma graça inexcidível, com uma naturalidade admiravel.

Mais tarde appareceu-nos actor dramatico, fazendo o romantico Antonio dos *Engetados*, um tanto exaggerado, pouco senhor de si, mas com muito talento e muito fulgor.

Foi para a Europa e voltou tres annos depois, representando na *Dora*, na *Maria Joanna* e no *Kean*. Era já um artista. Via-se hom que tinha estu lado muito o que o seu talento se modificara. No *Kean*, que é um papel de prova, foi admiravel e não nos fez ter saudades do Rossi.

Agora vem-nos actor tragico. Traz no repertorio peças de Shakespeare! E' o que se pôde chamar uma carreira complicada e gloriosa. E o caso é que a gente por mais que conheça o Brazão nunca chega a conhecê-lo bem. E' o artista mais susceptivel do progresso que eu tenho visto!

Com o Brazão vêm tambem os irmãos Rosa, já nossos conhecidos, e bem se pôde assegurar que é notavel uma companhia que traz tres notahillidades, além de varios artistas mais modestos, mas de muito merecimento.

Além d'estas companhias, vamos ter o Ferrari no Pedro II, com o tenor Masini e o barytono Kaschman; e consta tambem que o celere Ciocchi nos bade trazer a companhia italiana de operetas em que trabalha a nossa conhecida Preciozzi.

Vamos ter arte para dar e vender!

Estava eu terminando esta chronica, quando me vieram dar uma noticia tristissima: que fallecera José Tinoco, o antigo e sempre joven reporter do *Jornal do Commercio*.

Compungio-me extraordinariamente a morte d'aquelle buniasimo e jovial rapaz, colhido em plena mocidade, cheio de vida e de vigor, trefego e alegre sempre, activo, servicial, intelligente e honesto.

Acabou-se o Tinoco, celebre entre os reporters, successor das glorias do João de Almeida, terror dos collegas, que percorria sempre apressado, deslizando, a rua do Ouvidor, cumprimentando todo mundo, saudado de toda a gente, sempre sorridente e noticioso, sempre bem informado de tudo, e contando tudo a rir, numa jovialidade despreocupada que dava bem para dez pessoas!

Colheu-o a molestia na Tijuca, no seu posto de trabalho e matou-o hontem ás 11 horas manhã. Ainda ante-bontem, ás 11 da noite, eu me encontrei com dois companheiros do inditoso rapaz, que me disseram muito alegres:

— O Tinoco está melhor. Está salvo. Vimos agora de casa d'elle.

Eram as melhorias precursoras da morte.

Pobre Tinoco!

FILINDAL

## PLEBISCITO LITTERARIO

Propuzmos em o numero passado á votação do publico o seguinte:

QUAL O MELHOR ROMANCE, QUAL O MELHOR LIVRO DE CONTOS OU NOVELLAS, QUAL O MELHOR DRAMA E QUAL A MELHOR COMEDIA DE AUCTORES BRAZILEIROS.

As respostas devem ter o maior laco-







nossos glottólogos. São observações de Knapp, ao *Commentario* do D. Quixote de Clemencia.

Por umas palavras com que de justiça me referi á *Grammatica* de Julio Ribeiro, ficou extremamente magudo o meu foro e terrível confrade musulmano o Sr. Said-Ali.

Peço-lhe mil perdões; aqui, como nas hespanhas, o em toda a christandade já ninguém pensou em endearar o toucinho e deprimir o infiel Mafomedes.

JOÃO RIBEIRO.

## O SONHO DA SULAMITA

*Creio que lhe ouço a voz... Ouço-lhe a voz do certo...  
Eit-o ahí,—bem n'ô reço... eit-o que vem saltando  
Os brancos alcañtes... e o infinito deserto,  
Cégo, doudo de amor, desganhado, cortando*

*Como quem tem da edrça a alpede corrida,  
E a rapidez da cabra... Eit-o, agora, postado  
A janella, a fitar-me a face emmagrecida  
E triste, com um olhar saudoso e demorado...*

*Oupo-lhe, ouço-lhe a voz, que me apostropha: «A minha,  
Levanta-te do leito, ergue-te, ô cara amiga!  
«Ergue-te, ô minha pomba! ô minha noiva! ô minha  
«Querida! Vem tornando á placidez antiga*

*«O campo... Olha d'ahi por estes campos fóra:  
«Tornam da primavera os vidros ardôres;  
«Foi-se a chuva; cessou completamente agora  
«O inverno: abre-se o campo aos ninhos e aos amôres.*

*«Fulge, soabrindo o olhar, na agreste ramaria,  
«A flor; da escuridão dos floridos galhos,  
«Que Maio veste, o rir das pombas anuncia  
«Que alvorece a estação dos rusticos trabalhos.*

*«Olha: verga a Agueira ao doce péso; os ramos  
«Lançam da vinha em roda os perfumes ao vento...  
«Levanta-te do leito! anda, formosa! Vamos  
«A alvorada sorver d'esse renascimento!*

*«E aonde quer que nos leve a fortuna, o desgosto,  
«Que eu te veja o que eu te ouço! e que te ouço e te veja?  
«Que ai de mim! essa voz, e ai de mim! esse vésto  
«São, filha, o résto e a ooz que a minh'alma deseja!*

*«A amo-nos u apañhar as raposas matreiras,  
«Cujo dente nos rouba os vinhos deliciosos:  
«Vamos, ô minha amiga! E' já temo: as primeiras  
«Vozes piniam de rézo os parreiras frendosos...*

*«Isto lhe ouço; porque elle, o meu amado, é quanto  
«Ha de bello e de bom que a minh'alma conhece:  
«Como eu para elle sou virgens! o que ha de santo,  
«O que ha de virginal que o seu labio appetite.*

(D'O cantico dos canticos)

J. DIAS DA ROCHA.

## THEATROS

MONTEDONIO

Segunda-feira, 13 do corrente, realisou-se no theatro Lucinda o espectáculo de beneficio e despedida do actor Montedonio.

Tendo vindo de Lisboa com a companhia dramatica de Furtado Coelho, ha quatro annos, cremos, aqui ficou, creando uma empresa dramatica mui accetavel, mas que, npezar do seu merecimento, teve de acabar, havendo o honesto e proveccto artista enterrado nella todas as suas economias.

Data d'ahi a macaca que o tem barbaramente perseguido.

Sem trabalho, sem contracto nenhum, — elle, um artista comico e dramatico de tão grande valor! que representa

alliano a extrema correccão, inexcedível, ostupenda naturalidade! — suoitou-se a fazer uma vingom com Souza Bastos, a representar papeis burlescos; viangom que lhe é de lamentavel memoria. Ultimamente adoeceu e gravemente, depois de haver passado pelo desgosto de ver enuiuar sua filha, a intelligente e estuliosa actriz Adeline. Parn ver se dá cabo da terrível macaca vae para Pelotns tentar fortuna, estabelecendo-se ali como dourador o vidraceiro e tambem como actor, quando isso lhe puder render ali mais alguma cousa do que os dissabores e a pyndahiba que tão fartamente lhe deu por aqui.

O theatro estava repleto. Constou o espectáculo, alem da *Vespera de Reis*, de uma parodia do *Fuzileiro Apaixonado* pelo petiz Romeu Bastos e de algumas cançonetas deliciosamente cantadas por Cinira Polonio, da comedia em 3 actos, de Rangel de Lima — *Como se enganam mulheres*, em segunda representação. E' uma comedia muito interessante, delecada e bem feita.

No desempenho que foi geralmente bom, salientou-se a actriz Amelia de Bellido, que desempenhou o seu difficil papel com grande relevo, dando-lhe naturalidade, graça e sentimento; um dos seus melhores papeis, talvez o melhor.

Montedonio fez as suas despedidas ao publico, lendo — por não lhe haver permittido decorar a o seu máu estado do saude — a seguinte poesia. A seu pedido expressamente escripta para aquelle fim pelo director d'esta folha:

O ADEUS DO MONTEDONIO

Ha uns tres ou quatro dias,  
Ha talvez uma semana,  
Que eu dizia aos botões meus  
Vir a Vossas Senhorias,  
Em phrasa sincera e lhana,  
Ao partir, dizer adeus.

Era isso cousa assentada,  
Concluida, decretada  
Como pr'ahi qualquer lei...  
«Mas não hade ser em prosa»  
Pensei; mas — sorte inditosa! —  
Eu versos fazer não sei!

Sim, não dou para a Poesia.  
— Comquanto adore os poetas  
Com paixão e compaixão —  
Mas foi sempre uma arrelia:  
Em vão agito as vaquetas  
No tambor da Inspiração.

Não sei fazer um terceto,  
Que digo? Nem um dueto,  
Nem um verso faço, enfim...  
Eis que tenho uma lembrança,  
Que me foi um sol d'esprança:  
«Vou pedir ao Valentim.»

E fui; pedi-lhe a fineza  
De logo, mais brevemente,  
Alguns versos me fazer  
Com que a vossa gentileza  
E estina benevolente  
Vir pudesse agradecer...

Disse-me: «Sim. Ora veja!  
Não me custa nada! Esteja  
Tranquillo. Venha amanhã!»  
Mas — disse-lhe eu — cousa curta  
«Que o seu bom effeito surta  
«... Antes que rompa a manhã.

«Quero que, numa poesia,  
«Mas em poucos versos, tliga  
«Quando, a minh'alma contem  
«De affeição e sympathia  
«A esto boa gente amiga  
«Que distinguindo me tem.

«Mas peço não se refira  
«— Por um descuido da lyra —  
«A' triste sina infeliz  
«Que aqui me tem perseguido,  
«A's trévas que tenho tido  
«Nestô brilhante paiz.

«Mas dizer-lhe não se esqueça  
«Que, embore na garra edunca  
«De sorte mesquinha e má,  
Por mais que lute e padece  
«Nunca se ha de epagar, nunce!  
«A chamma que tenho cá.

«A grande chamma benedicta  
«Que, a devorar-me, palpita,  
«Como um fogo de vestal,  
«Que se chama «o a-uor da Arte»,  
«Que brilha por toda parte,  
«Serena, eterna, immortal...

Isso lhe disse e, tranquillo,  
Fui-me embora convencido  
Que os versos havia ter;  
E não pensei mais naquillo  
Occupado e distraido  
Em despedidas fazer.

Fui, pois, a h'iscal-os hontem.  
{ Os meus amigos não contem  
Isto a ninguém, por favor }  
Mas qual versos: tudo lérias!  
Disse-me quatro pilherias  
A mim varado de dôr!

Sabi fúlo, furioso,  
Vendendo azuizo ás canadas,  
Contra o logro desleal;  
Maltisse o vate incuidoso  
E todas as versalhadas  
Do Parnazo nacional.

E ora aqui têm os senhores  
Os transe e os dissabores  
D'essa esparrella cruel...  
Palavra! não tenho idéia  
De haver feito ante a platêia  
Tão desgraçado papel!

Mas visto o verso falhar-me,  
Em prosa irei vos contando  
O que seute o coração:  
Vou a onde o Fado atirar-me,  
Mas sempre vos dedicando  
Amizade e gratidão.

Um dia, se por ventura,  
Ameigr-se a sorte dura  
E da macaca o demonio  
Deixar-me, teres de novo,  
Generoso e grande povo,  
— Noticias do Montedonio.

12-6-87

LUCINDA

Muito sympathica e auspiciosa a estrea da companhia de zarzuelas dirigida pelo Sr. Valentim Garrido, hontem, neste theatro.

Foi cantada a velha mas sempre bem recebida zarzuela *El maestro Campanone* letra de Difrancó, musica do maestro Ebarra.

A companhia não é de primeira ordem. Faltam-lhe muitos elementos para isso. O primeiro tenor — primeiro e ultimo, ao que parece — Sr. Manso, tem uma fraca figura, — baixinho, gordinho, cara inexpressiva — muito *anti-ténorica*, comquanto possuía voz regular e cante com methodo. Um tenorino supportavel. A primeira *triple* Sra. Plá, tem boa voz, flexivel e, com algum esforço, de bastante extensão; canta com desembaraço e afinado, mas não reúne as precisas qualidades para uma primeira *triple*; a segunda *triple*, — que, por signal, tem um magestoso busto, proprio para representar afigura symbolica da Republica — se canta, o que não cremos impossivel — não o parece.

Em compensação: — o baixo, Sr. Ramos, é de primeira ordem. Voz muito volumosa, bem dirigida e aproveitada habilmente, muita graça, sem exaggeros e grande naturalidade no jogo de scena; os côros são magnificos, perfeitamente ensaiados, entram a tempo, não desafinam e concorrem poderosamente para o bom effeito das passagens de vigor; o baryto, Sr. Garrido, que fez o *Campanone*, é um bom artista, de boa voz, e senhor da scena; toda a companhia mostrou grande certeza e segurança na representação.

O terceiro acto, especialmente, agradeo muito, não so polo bem que foi cantado, como pela graça que ás mancheias deu ao seu comico papel de poeta librettista... sem vintem, o Sr. Ramos — papel que lhe vae como uma luva.

A impressão geral foi boa. A platêia, reservada como é de seu costume em primeiras, e na de ante-hontem mais talvez do que em outras, applaudiu por vezes e retirou-se contente.

A um *diletante* dos mnis exigentes ouvimos dizer, á saída do theatro:

— Sim, senhor, tem frequer.  
Cremos que o mesmo disseram quasi todos. Acresce que a companhia deu muito mais do que promettera mesmo porque ella não prometteu outra cousa senão cantar *El maestro Campanone*, deixando ao publico o cuidado de julgar se bem ou mal.

E' pois de esperar que, se continuar no mesmo nivel artistico da estrea, faça nqui uma carreira, senão brilhante, satisfactoria.

Hontem cantou a zarzuela *A tempestade*, poema de Carrion, musica do maestro Chapi, e hoje cantará a famosa zarzuela *El anillo de hierro*, letra de Zapata, musica do maestro Marques.

PRINCIPE IMPERIAL

A companhia do sympathico Adolpho de Faria mudou-se para o Principe, onde se estreou na quinta-feira com a opera comica *Os tres mosqueteiros*, traducção de Azeredo Coutinho, musica de Varney.

O Principe está agora todo catita, pintadinho de novo, com cadeiros, com camarotes fechados, com vasta galeria nobre e uma bella veranda.

Deram-lhe tambem uma cobertura para a entrada, o que é muito util ao publico em noites de chuva. Está, em fim, um theatro elegante e de bonita apparencia.

A peça agradeo muito, principalmente os tres ultimos quadros, em que o enredo se torna assás complicado e interessante.

A musica, um tanto parecida com a dos *Mosqueteiros no Convento*, do mesmo auctor, tem trechos muito lindos e muito agradaveis, como o terceto do primeiro acto entre os tres mosqueteiros, o quarteto do 2º entre os mesmos e D'Artagnan, o bello dueto entre este e Constança e o terceto do terceiro acto.

A peça foi montada a primor pelo empresario, que um ensaiador *hors ligne*. Os scenarios de todos os cinco quadros são de magnifico effeito e desta vez podemos applaudir sem reservas os scenographos Coliva, que pintou os do 1º, 2º, 3º e 5º quadros e Frederico de Barros, que pintou o do 4º.

O desempenho foi muito bom e muito equal. Cinira foi graciosissima no papel de D'Artagnan, que cantou bem, ainda que com voz fraca; Blanche esteve muito feliz no de Constança. Herminia fez o diabo no de Armida. Peixoto foi um Planchet impagavel e Corrêa apresentou um bello typo no velho Bonacieux. Bahía fez muito bem o seu pequeno papel de velho e mulheril de Trévillé, e Colás, Eugenio e Germano fizeram com muito brio os papeis de Athos, Aramis e Porthos.

A peça está vestida com muito capricho e gosto e tem grande movimento de comparsaria.

O publico, que applaudiu com calor sahio satisfeito e é provavel que volte muitas vezes ao Principe.

A traducção do Sr. Azeredo Coutinho não é má.

RECREIO DRAMATICO

Faz beneficio na noite de 20 do corrente neste theatro a distincta actriz Helena Gouvalier. Subirá á scena a comedia *O Fiacre 217*. O nome da beneficiada, que tem sido tantas vezes applaudida pelos *habitués* do Recreio, é recommendação bastante para que o publico não falte a manifestar á distincta actriz, a prova de estima em que a tem concorrendo com braçadas de flores á sua festa.

P. PALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Foi muito concorrido o bello concerto, realisado a 8, no theatro Lucinda, pelo pianista cego Couto Cerqueira. O habilissimo professor foi immensamente applaudido, do que é merecedor porque, conhecedor das difficuldades da seu instrumento, vence-as com grande facilidade.

Para 20 do corrente está marcada a 10ª sessão de musica de Camera, promovida pela Sociedade de Quartetto do Rio de Janeiro, e que terá logar no salão do Conservatorio de Musica.

A reunião familiar que a mui acreditada e digna sociedade Club dos Tucanos realisou na noite de 11 do corrente, foi uma festa completa.

Esmerada concurrencia abrilhantou os bellos salões, vendo-se immensa satisfação nos socios e convidados; á meia noite serviu-se uma lauta ceia em que se trocaram delicados brindes. Daçõu-se animadamsnte até ás 4 horas da madrugada.

A distincta directoria fez tudo quanto humanamente se pôde fazer para obsequiar os seus convidados.

CONCERTOS POPULARES

Realiza-se hoje, ás 10 horas, no theatro S. Pedro de Alcantara, o ensaio geral do segundo dos concertos populares, o qual se effectuará amanhã, ás duas horas, no mesmo theatro.

O programma, caprichosamente organizado pelo talentoso Sr. Carlos de Mesquita, director d'estes concertos, é muito attrahente. Nelle figura entre outras peças de merito o dueto de amor da nova e já celebre opera de Verdi *Otello*, que será cantado pela Sra. Marini Russo e pelo tenor Richard. E' uma composição a um tempo encantadora e forte, de grande originalidade, e tem sido ensaiada com o cuidado que merece. Além d'isso far-se-á ouvir, a grande orchestra, a *Scena Dramatica* de Leopoldo Miguez, composição de alto valor artistico. E' de esperar que este concerto não seja inferior ao primeiro.

Os folgazões e gontis *politicos* dão hoje um baile em seus salões.

A sociedade *Palestra Litteraria*, em Todos os Santos, realiza hoje a sua segunda diversão mensal, ás 8 horas da noite.

Realiza-se hoje no *Congresso Brasileiro* um sarau-concerto, que a julgar pelos que tem dado esta associação, vai ser uma festa excellente e brilhantissima.

Mais umn esplendida reunião dá hoje a *Sociedade Franceza de Gymnastica*. A's nove horas começará esta *soirée* e só pela madrugada é que terminará, naturalmente. Não faltará a esta festa brilho, *chic* e elegancia.

O *Congresso Gymnastico Portuguez* dá hoje uma festa de *iniciativa*. Isto é com certeza mais uma noite de rosas que vão gosar os seus socios e convidados. Pela nossa parte não deixaremos de galaa. Logo mais lá estaremos.

LORGNON.

JORNAES E REVISTAS

*Revista do Ensino* n. 11 (Ouro Preto). Contem excellentes artigos sobre organisação do ensino, instrucção publica em Minas e questões de grammatica portugueza. E' esta encantavelmente uma revista bem escripta e que bona

sobremaneira os nomes dos seus colaboradores e redactores.

No dia 16 de Maio proximo passado. 61º anniversario natalicio de Camillo Castello Branco, *A Alvorada*, revista mensal, litteraria e scientifica, que se publica em Villa Nova de Famalicão, e de que é director-proprietario o Sr. Joaquim d'Azuaga, publicou uma polyanthêa em homenagem ao grande escriptor. Na primeira pagina um bello e grande retrato lithographado de Camillo; nas demais muitos escriptos em prosa e verso, dos quaes abre o festivo rosario o conego Alves Mendes, o grande orador e escriptor portuense com as seguintes altas e luminosas palavras:

« Vi um dia em certo museu de Hespanha uma soberba estatua: Fronte alta, peito secco, labios finos, olhos penetrantes, mãos setinosas, cruzadas como em presença do invisivel — um primor de Thorwaldsen. Havia em tudo isto uma expressão grandiosa, uma solemne immobildade.

Não a immobildade asiatica parecida ao sonho, nem a immobildade egypcia parecida ao deserto; mas a immobildade do extasis, a serenidade de enlevo, a fixidez do ideal — fundo e forma, materia e espirito concentrados, perdidos na visão indefinida, no deslumbramento ineffavel do que não desfallece nem morre.

Camillo, o colossal Camillo, tem muito desta estatua. Conquistou a gloria e está tranquillo. Antevê os posteros e contempia os contemporaneos, sereno e soberano como um triumphador. Logra o condão dos grandes genios: laureado e rutilantissimo, entrou em vida nas regiões da immortalidade.

D'esse variegado e virente bouquet, offerecido por muitos admiradores ao grande Camillo no dia em que fez 61 annos de idade, trasladamos tambem, para outro logar d'esta folha, uma singela e commovida poesia de João da Deus — como todas as do grande cantor das *Flores do Campo*.

SPORT

A 4ª corrida realizada pelo Derby-Club no domingio passado esteve extraordinariamente concorrida, não só pelo dia, que esteve magnifico, como tambem pelo programma, que realmente era convidativo. Os pareos foram em geral bem preenchidos por animaes superiores, e regularmente disputados alguns d'elles.

Alguns *forfaits* foram declarados, que necessariamente abatarem a importancia que muitos pareos deveriam ter, tornando-os pouco interessantes.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1000 metros) Visiere em 65 segundos foi a vencedora por cabeça chegando Houblon e Lady juntamente com ella ao poste de chegada empatando estes dois ultimos para o 2º logar Ormonde chegou em 3º logar, tendo partido muito atrasado. Apollo e Rapid em ultimo logar. Gentleman e Prevenche não correram.

No 2º pareo — (1450 metros) Phenicia em 97 segundos facilmente venceu os seus adversarios Paraguaya em 2º e Derle em 3º logar. Siva e Olinda chegaram em ultimo logar. Rabelais logo ao partir perdeu o jockey, que da queda pouco soffreu. Daybreak e Babylonia não correram.

No 3º pareo (1600 metros) Argentino em 109 segundos foi inesperadamente o vencedor. Monitor que chegou em 3º logar correu lutando com Odalissa, desde o pulo de partida e obstando que esta pudesse alcaçar Argentino ao qual pareceu nos proteger para ter sido o vencedor. Rondello em 2º logar, Odalissa em 4º e completamente esgotadn. Flotsam e Ibiguara chegaram em ultimo logar Plutus não correu.

No 4º pareo (1750 metros) pouca animação e importancia houve viste Sibylla que foi vencedora em 120 segundos, bater-se somente com Diva, que chegou em seguudo logar, fazendo boa currida. Macareu hstanciado não foi considerado competidor pelo publico que já o conhece camoverbo de encher.

No 5º pareo (1600 metros) houve muitos *forfaits* que tiraram toda a importancia do pareo, correndo Mastin, que em 111 segundos foi a vencedor, fazendo má corrida; Madama, que chegou em 2º e Araby em 3º logar. Fils d'Artois, Speciosa e Catita não correram.

No 6º pareo—handicap— 2000 metros) foi vencedor Salvatus em 132 segundos, batendo Coupoa, que desls o pulo conservou-se na frente até ao poste do vencedor, perdendo apenas por cabeça e fazeado uma bonita corrida. Constonnos que Salvatus neste pareo correu para perder de Coupoa, mas que foi o vencedor forçadamente e contra a vontade do seu proprietario que mais sympathia tributava a Coupon, tambem de sua propriedade, chegando elle em 2º logar. Em 3º Mirzalor que chegou manco. Cheapside, Dignitaire e Ruy Blas vieram em ultimo logar. Boreas e New-York não correram.

No 7º pareo (1450 metros) houve má partida, dando como resultado muitas reclamações por parte do publico que incontestavelmente d'esta vez teve toda a razão para reclamar a annullação do pareo, visto Baccarat II estar correndo em sentido contrario quando foi dada a partida, que o juiz mesmo considerou infeliz. Consequencias prejudiciaes sofreu a sociedade com este pareo, que além de ser corrido quasi á noite, trouxe inconveniencias de toda a natureza.

Jenny foi a vencedora, em 104 segundos, seguida do Pretoria, que chegou em 2º e Sartarelle em 3º. Zephiro, Marengo e Medon, não tiveram classificação.

Realiza amanhã uma excellente corrida a sociedade Jockey-Club, cujo programma é esplendido pelos pareos que necessariamente serão bem disputados e interessantes pelos parelheiros que nelles estão inscriptos.

L. M. BASTOS.

COLLABORAÇÃO

A' D. J. S. S.

Amanhece! Dos picaros do monte, Vae se esvaindo aos poucos a neblina; Doura o sol a verdura da campina. Ferve entre as pedras, muirosa fonte...

Eu não sei se vos conte, ou se não conte Os jubilos d'esta bora matutina; Tudo respira amor: a ave que trina, O insecto, a flor, as mattas, o horizonte.

Mas a doce e singela melodia Das ayes da floresta, essa alegria, Que invade o coração e o faz contente,

Esse intimo fruir, essa magia Pra mim não têm senhora, mais poesia Se, senhora, de vós me vejo ausente.

JOÃO MOTTA D'AZEVEDO.

O PRIMEIRO CUIDADO

Mal se abre a janella o quarto invade Um sol primavera e londejaate. Inunda-se o aposento n'um instante De golfadas de vida e claridade.

Peles moveis a luz em liberdade Brinca e ri. Sobre o leito provocante Vaga ainda uma estrophe fluctuante De um idyllio d'amor e castidade.

Desperta a joven mãe e corre ao berçõ Onde está o filhinho em sono immerso. As cortinas de manso vai abrindo....

Inda dorme,— murmura debruçada; Inda dorme— e alli fica arrebatada A custo um loago beijo reprimido.

OLIVEIRA E SILVA.

FACTOS E NOTICIAS

SALLA DE PGRIMA

Realizou-se em a noite de 11 do corrente a inauguração publica da sala de sgrima do professor Vêzin, na travessa do Ouvidor, n. 1, com a assistencia de grande numero de amadores e representantes da imprensa.

O programma, que se compunha de onze reptos, dividi-os em duas partes, foi rigorosamente executado, e por tal forma, que não trepidamos affirmar que raramente se tem visto no Ria de Janeiro um assalto d'armas tão brilhantes, tão admiravel.

Todos os combatentes revelaram pericia extrema e notavel educação nas suas respectivas armas.

Seja-nos licito, contudo, pôr em relevo, os nomes dos Srs. Barros, amador habilissimo, jogando com equal proficiencia o florete, o sabre e o *épée de combat*; Fontouelle, tambem muito forte no florete e á *épée*, tendo feito com o primeiro, nesta arma, um assalto magnifico; Servillo Gonçalves, da Escola Militar, mestre consummado em todos as armas, notavel pela sua excelente *guarda* o maravilhosa agiltidade, qualidades infelizmente prejudicadas pelo cansaço que facilmente manifesta; e Tallone, que atua ao sabre com imperturbavel calma e absoluta segurança. Os abalizados professores Vêzin e Walborun revelaram brilhantemente que o eram, tendo-se empenhado em um combate ao florete que foi freneticamente applaudido.

Vêzin tem agiltidade felina e extrema sagacidade; Walborun, já um tanto gordo de mais—é o destino dos mestres d'armas, como os tenores!—conserva ainda o seu jogo elegantissimo. Dois mestres, enfim.

Terminou o notavel ussalto por amistosas *sandwichs*, regudas por cordial e profusa cerveja. Parabens ao professor Vêzin.

Parte para a Europa, an dia 21 do corrente, o Sr. commendador Antonia Augusto da Silva Costa.

CLUB NAVAL

Esta distinctissima associação, para solemnizar o seu ven terceiro anniversario e a posse de sua nova directoria, deu no sabbado ultimo uma festa excelente.

Fizeram-se representar quasi todas as marinhas estrangeiras. A's 7 1/2 horas da noite começou a sessão magna, que foi aberta pelo Sr. Capitão de mar e guerra Manhães Barreto. Seguiram-se com a palavra os Srs: Capitão-tenente Nascimento, que leu o relatório annual, e 1º Tenente Lemos Bastos, que em eloquentes palavras poz em relevo as vantagens da criação d'aquelle Club, assignalou os serviços por elle prestados e terminou fazendo o elogio historico dos socios fallecidos.

Foi empossada depois a nova directoria, figurando nella como presidente o capitão de mar e guerra Onstodio José de Mello, 1º secretario 1º tenente Ribeiro Espindola, thesoureiro o 2º tenente Estevão Adelino Martins, orador 1º tenente Lemos Bastos, bibliothecario 2º tenente Francisco de Mattos, encarregado do museu o 2º tenente H. A. Telim Costa e como um dos directores o 1º tenente Benjamin R. de Mello.

Após a sessão magna, em uma das salas do Club levantaram-se varios e eloquentes brindes de marinha brasileira, á estrangeira e á imprensa, encerrando-se a festa com o brinde de honra levantado a S. M. o imperador. O Club estava elegantemente ornamenteado e profusamente illuminado, o que lhe dava um aspecto imponente.

Verdadeiramente é o Club Naval uma associação que faz honra á classe a que pertence e pena é que muito dos nossos mais distinctos officiaes da armada se furtem a coadjuvar com a sua assignatura e presença a vida de tão nobre sociedade. A despeito d'estes indifferentes ha de o Club Naval trilhar estrada brilhante e impor-se aos seus congeneros da Europa, como centro de diversões de uma classe que tem nas mais fulgurantes paginas da nossa historia bellica a sua autobiographia e fulgurantissima coroa de estrellas,

Damos ao Club Naval as nossas ainceras felicitações, desejando-lho muitas e prosperidades.

Na *Glace Elegante* continúa exposto o bello quadro «Salva de grande gala no porto do Rio de Janeiro», do distincto e pressado pintor J. B. Castagneto.

A exposição dos quadros de Antonio Parrsiras na sala do *Gremio de Letras e Artes* tem sido muito visitada e o distincto pintor felicitado pelos seus bellos trabalhos, principalmente pela sua grande tela *Efeitos de tempestade*. A exposição encerrar-se-á no dia 21 do corrente.

## RECEBEMOS

— *Dissertação* sobre architectura em geral, apresentada á illustrada congregação da Imperial Academia das Bellas Artes por João Ludovico Mari Berna.

— *Revista Mensal* do Club de engenharia. anno I. n. 5. — Excelente.

— *Diccionario Extravagante*, leitura para rir, pelo Sr. Pedro José Ribeiro. Rimos-nos a não poder mais. E ainda estamos a rir...

— *The Rio News*—volume XIV — n. 16.

— Da casa David Corazzi os fasciculas 27, 28, 29 e 30 dos *Invisíveis de Lisboa*.

— *Brazil Illustrado*— anno I. n. 10 — Bom texto e boas gravuras.

— *Corymbó* — ns. 16, 17, 18, 19, 20 e 21. Muito bem escripta e com excellente collaboração é esta a revista mensal que apparece no Rio Grande sob a direcção e propriedade da distincta escriptora D. Revocata de Mello.

— *Relatorio* apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 2.ª sessão da 20.ª legislatura, pelo Exmo. Sr. Barão de Mamoré.

— *Relatorio* da Associação Protectora da Infancia Desamparada, apresentado em sessão de assembléa geral pela Directoria da mesma associação.

— Da casa *Au Petit Journal* o n. 21 do 12.º anno do *Salon de la mode*. Traz elegantes figurinos e moldes.

— Da nova e já conceituada casa *A California*, que hoje annuncia na nossa folha um bello sortimento de fazendas, recebemos uma Polka, com o titulo da casa, composição do maestro Mazarino Lima.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua dos Ourives, 51.**

**Dr. Cyro de Azevedo.**—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

**Corrêa da Silva & C.** é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

**Dr. André Rangel.**—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosmo Velho n. 4 B.

**Advogado**—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

**A Chapellaria Inglesa**—Este importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retirou da allandega as ultimas novidades em superiores chapéos inglezss. Rua do Ouvidor, 120.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade do Ouro Fino, Minas.

**Constructores de machinas e aparelhos para lavoura**—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

**Hotel das Familias** dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«**O Municipio**» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

**Pharmacia Americana** de Vicente Soverino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

**Augusto Luzo.**—incumbese gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51— Em frente á rua da Quitanda.

**Julio Cezar Tavares Paes** encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O **Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aceio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

**F. Navarro do M. Salles** — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

**Dr. Araujo Filho**—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

**Dr. Netto Machado** (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Coas. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.



Grande novidade! E ha boje, Exmas. ! A passeio? E' verdade! Sahimos unicamente por não podermos resistir ás grandes pechinças que hoje annuncia a **California**, na **rua do Senador Dantas n. 4**. Onde fica essa rua? E' a rua nova, que principia no largo da Guarda Velha!

Já chegaram as grandes novidades em capas, côrtes de vestidos bordados e artigos de malha de lã para crianças e para senhoras.

|  |        |
|--|--------|
| Algodão muito forte, peça.....   | 18000  |
| Morim para forro, peça.....  | 8600   |
| Dito superior, peça 18200 e....  | 8800   |
| Dito mais superior, peça.....  | 28200  |
| Velludos de côr, adamascados.  | 28000  |
| Bonitas lãs de todas as côres...   | 8500   |
| Chitas muito largas, 360 e.....  | 8240   |
| Batistes e percales, 300 e.....  | 8200   |
| Carreteis com 200 jardas da melhor linha para machina.....               | 8050   |
| Cobertores de lã, encarnados..   | 28400  |
| Meias compridas em ponto de cordão, de côr, para crianças.               | 8400   |
| Peças com 5 metros de renda de seda.....                                 | 8200   |
| Renda de seda preta, larga. ...  | 8400   |
| Rendas de todas as côres, 400 e.   | 8300   |
| Colchas com franja, 28500 e.....   | 18800  |
| Pentes para caspa, 200; alisar...  | 8300   |
| Tapetes finos para quarto.....   | 28000  |
| Paletots e water-proofs de verdadeira casimira (não é feltro) 158 e..... | 108000 |
| Renda de lã com fio dourado..  | 8500   |
| Botões muito grandes, cada...  | 8100   |
| Botões para vestido, duzia.....  | 8120   |
| Oxford largo, a 240 riscados a..   | 8240   |
| Lenções fortes, 18600, 18200 e....                                       | 8800   |

AOS BARATEIROS!

4 **Rua do Senador Dantas** 4

## LIVRO DE SORTES

O *Gaio de Salão*, collecção de dispartes amatorios engraçadissimos em perguntas e respostas para paesa tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua ds Gonçalves Dias 33 e Ouvidor 66.

PREÇO 500!

## FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes, encontram-se na

**CHAPELARIA INGLEZA**

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os géetos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

# EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

## FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiono e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, os-crophulas, rachitís, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples do figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

# A NACIONAL

## CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

# ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenções, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 25 DE JUNHO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 130

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                 |                 |
|---------------------------------|-----------------|
| Expediente.....                 | A Redacção.     |
| A Semana.....                   | GUIL. MAR.      |
| Os nossos artistas — III        | FILINDAL.       |
| Castagneto, poesia.....         | J. LOPES.       |
| Historia dos sete dias.....     | L. DE MENDONÇA. |
| Plebiscito litterario.....      | R. CORREIA.     |
| Regina.....                     | DR. SAHRY.      |
| Um humorista bahiano.....       | O. BILAC.       |
| Trecho de uma carta.....        | FISCHIO.        |
| Gazetilha medica.....           | A. FIGUEIREDO.  |
| Da Via Lactea, soneto.....      | O. BILAC.       |
| Casos paludosos.....            | V.              |
| Desengano, soneto.....          | LOAGNON.        |
| «Poemas e Hyljos».....          | A. MENDES.      |
| Gazetilha litteraria.....       | A.              |
| Festas, bailes e concertos..... | P. TALMA.       |
| Desencanto, soneto.....         | L. M. BASTOS.   |
| Jornaes e revistas.....         |                 |
| Theatros.....                   |                 |
| Sport.....                      |                 |
| Factos e Noticias.....          |                 |
| Correio da Gerencia.....        |                 |
| Anuncios.....                   |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 28000. |
| Semestre.....  | 48000  |
| Anno.....      | 88000  |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Para Campos, Macahé e outras localidades da provincia do Rio de Janeiro partio no dia 3 o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto Filho, tambem nosso agente, em serviço d'esta folha. Para o exito da missão de que está encarregado, muito contribuirão os serviços que lhe dispensarem não só os nossos collegas da imprensa como todos os assignantes e amigos d'A Semana, serviços que pedimos e antecipadamente muito agradeceremos.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 51, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## A SEMANA

Figura hoje em a nossa galeria de artistas brasileiros, Castagneto, o ex-não marinista, de que n se acha ainda exposta na Glace Elegante a ultima tela: *Salva de grande gala no porto do Rio de Janeiro* e que tantos e tão merecidos applausos tem recebido.

A caricatura é feita pelo nosso Belmiro de Almeida e é uma das mais felizes que tem produzido o seu lapis endiabrado.

Encarregou-se do artigo, para acompanhá-la, o Sr. Guil. Mar. (Guilherme Martins) que o escreveu em leves, despreziosas e engraçadas sextilhas.

A REDACÇÃO.

## OS NOSSOS ARTISTAS

III

J. B. CASTAGNETO



**CASTAGNETO**

(LETRADO IMPRESSIONISTA)

Era em Genova Soprava,  
Rispido, ardente, o sireco!  
O mar em ancia arquejava,  
Em vagalhões, febril, louco!  
Um grito n'escarcêu rompeu  
E o Castagneto nasceu!

Rosada, loura criança  
Mostrava nos olhos seus  
Do mar a fúria e a bonança,  
O raio e n azul dos ceus;  
E tudo nelle dizia  
Que o pintor do mar seria!

Elle sorria, soahava  
Com ondas de argentea espuma,  
Co's mãosinhas apontava  
As nuvens, uma por uma!  
Era instincto, vocação,  
Era indomita paixão!

quando emfim pôde, contente,  
Pela praia, á solta, andar,  
Via-o, absorta, toda a gente  
Para o mar olhar, olhar!  
Contemplava-o com fervor,  
Atractação, enlevo, amor!

Aim ao mar o Castagneto  
Com os ciúmes de Othelo,  
Quando sereno, mansueto,  
Reflecte o céu calmo e bello,  
Ou quando negro, agitado,  
Fêro titão revoltado?

Quando a onda suspirosa  
Beija a praia curva e branca,  
Ou quando a vaga raivosa  
Do penhasco a pedra arranca,  
Castagneto se estasia!  
Fica doudo de alegria!

Quando o tufão eocrescando  
Da vaga o dorso irrequieto,  
Prmbihe-o de estar pintando  
Sobre o mar, o Castagneto  
Diz á onda que o persegue:  
Vá pra o diabo que a carregue!

Arrufos de namorado?  
Volta ao mar a calmaria  
E elle, o artista, enlevado,  
Nas azas da phantasia  
Pinta e ha de sempre pintar  
A calma e as fúrias do mar!

Ha quem diga que este artista  
E' genuino italiano?  
Genovez o João Baptista?  
E' isso profundo ensano?  
E' da terra do Cruzeiro?  
Castagneto é brasileiro!

Sacré non! diz o francez,  
Co'a mostarda no nariz;  
Damnation! diz o ingiez;  
O hespanhol—Caramba! diz.  
Per Bacco! Dio! Accidente!  
Pragueja o italiano ardente!

E o Castagneto, zaugado,  
Tendo em cada olhar um rain,  
Num timbre abarytonario  
Dirá: Per Bacco? Escutai-o.  
Se acaso algum typo o amola  
Elle diz:— Ora pistolla!

E de envolta vem mais phrases,  
Substantivos zolescos,  
Que fazem rir ns rapazes  
E corar ns prdbommeses.  
Mas Per Bacco! nunca ouvi,  
Muita vez zangado o vi!

Tem pintado muito estudo  
Em pratos, em papelão,  
Em téia, em trapos, em tudo,  
Em tudo que encontra á mão!  
Té quiz piatar uma núu  
No rabo de um bacalhão!

Tem ganho muito bom cobre;  
Mas quando elle tem dinheiro  
Não ha mais parente pobre:  
Elle é o Braz Thezoureiro!  
Gasta o dinheiro, sorrindo,  
Fica contente e... *timido!*

E' ambulante marulho,  
Masguarda um duplo thesouro,  
De que tem um duplo orgulho:  
A grande medalha de ouro  
(Que ganhou na Exposição)  
E o seu aureo coração!

GUIL. MAR.

Junho. 87.

**HISTORIA DOS SETE DIAS**

O publico já sabe o que eu sou como republicano: extremado. Não admitto meios termos. Tomei parte com Desmou-lins, Robespierre, Danton e Mirabeau, na revolução franceza, e fui de sucia com Lafayette ali assim aos Estados Unidos ajudar o Washington na arre-bentação dos grillhões; acompanhei Joaquim Xavier na historia da lucon-fidencia e estive com Bolivar na Boli-via. Teabo fama de levado do diabo, e os governos, quando lhes consta que eu estou na esquerda, — tremem. Sou in-transigente em politica como o sou em religião. Padre para mim é bicho; rei para mim é monstro. Detesto a tyrannia, e todas as coisas bonitas que tenho dicto têm sido dirigidas á República e á Liberdade, as duas gloriosas filhas da Autonomia dos Povos, que, mesmo no estado perenemente virginal da sua natureza purissima, têm dado de mam-mar á Civilização e ao Progresso! O meu passado politico está para abi patente, ás claras, como exigia Comte; posso mesmo accrescentar que *Alguem* já me quiz corromper, offerecendo-me um logarsinho de lente de cirurgia na faculdade de medicina, uma coroa de archiduque, a senatorta pela Praia Grande e um *fauteuil* na Academia Fran-ceza; regalias e benefitorias que eu recusei nobremente, rachando o go-verno monarchico num apedido do Paiz e indo roer o pão negro do exilio lá para o alto de Therezopolis, em plena liberdade da natureza, longe das cor-rupções sociaes, do becco das Cancellas e da politica de corrilhos e de campaa-rio, que avilta e deshonra este paiz novo, prodigamente dotado pela natura de tudo quanto ha de grande, desde o morro do Pioto até ás photographias da Itapuça, incluindo o boqueirão do Passeio, o sabiá, o canal do mangue e o corpo de bombeiros.

Esta é a lucida e singela historia das minhas convicções politicas, e os que me accusam de terido a Santa Catha-rina de proposito para votar no Sr. Taunay, ignoram que eu fiz isso por interesse da Arte, que adoro e prêso, pois que me convenci de que o Sr. Tauney, desde que obtivesse a sena-toria ficaria sem ter absolutamente nada que fazer e poderia, portanto, dar-nos mais algumas das famosas chopinianas, que eu nunca ouvi, nem ninguém ouviu, mas que todos affirmam serem famosas. Tendo esmagado a ca-lumnia completamente, resta-me dizer que não posso ser suspeito de amante da monarchia e beneficente, como uma certa associação que ha por ahi, e que o meu grande correligionario em po-litica, Dr. Cyro de Azevedo, não pode seriamente iucupar-me pelo que eu

vou dizer a respeito da crise que atravessa presentemente a respeitavel familia reinante que está ao leme da nu do Estado:

Reftro-me á proxima viagem de S. M. o imperador. Que significa essa viagem repentina e, ainda ha pouco, inespe-rada? Assaltam-me us mesmas duvidas que teve o Sr. Ferreira Vianna.

Para acabar de restabelecer-se a saude de S. M., não era indispensavel depor-tal-o pnra a Europa: temos aqui mesmo, a poucas horas de viagem, a risonhn e incomparavel Therezopolis, com um soberbo clima europeu, frio e secco, capaz de dar vida a um morto, com todas as commodidades, com o hotel do Bibiano, com uma paizagem deslum-brante tendo por fundo a magestosa e pittoresca Serra dos Orgãos, com agua magnifica e com marmellos saborosis-simos, quando reduzidos a goiabada. (Para ser agradavel ao Sr. Malvino).

Qual será, pois, o fim da viagem for-çada de S. M.? Dir-se-ia que o governo tem intuitos revolucionarios, inten-tado assentar sobre os coxins do throno a augusta herdeira, sem precedencia da competente abdicção pa-terna.

Protesto. Isto não vae assim, e eu quero que o governo me mande dizer amanhã ou depois quaes são os seus mysteriosos intuitos e qual a rede das intrigas de corte que se estão a tramar nos paços das Larangeiras e nas ante camaras do palacete Itamaraty, á Ti-jucara.

Se o governo me não mandar as expli-cações que lhe exijo, o Sr. Barão de Cotegipe passará pelo desgosto de receber terça-feira as minhas testemunhas. Depois vou-me aeolá a S. Christovau — e arraso tudo!

O S. deputado Dr. Affonso Celso Ju-nior apresentou á Camara, no dia 22, um requerimento, perguntando ao go-verno se o Brazil pretende tomar parte na exposição internacional de 89, e, no caso affirmativo, quaes as providencias que tem tomado a esse respeito.

Emquanto aqui não chegou a noticim de que varios paizes monarchicos da Europa se recusaram a entrar no granda prelio, eu ainda acreditei que o Bra-zil se fizesse representar; mas agora, que o nosso governo tem esse exemplo, que é uma desculpa,—duvido.

Tambem, e aqui muito em particular, para que não nos surpreghenda, enfure-cido, o patriotismo auri-verde,—que diabo haviamos nós de apresentar digno d'aquella exposição colossal?

Alem do grão do cafeeiro, nós só po-demos expor á Europa boquiaberta o Sr. Saraiva, como exemplo da honradez do homem levada ao desespero de se portar bem com o proprio alfaiate; o Sr. Castro Urso, como modelo da aca-demia de Bellas Artes; a borracha bruta do Pará—porque em obra não seria aceita—; a rua do Ouvidor, a Constituição, e o actor Lisboa no Kean.

Certo que fariamos importante figura numa exposição pittoresca, original, exquisita, singlar, de raridades abrac-dabrantes; mas na exposição de Paris—pelas barbas do Sr. Grevy! — nunca, senhores, nunca!

A rua do Ouvidor exposta em Paris!... Ora deixem-me rir até sab-bado que vem!

FILINDAL

**PLEBISCITO LITTERARIO**

A apuração das cédulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado:

- Qual o melhor romance?
- O Guarany..... 3 votos
- Vicentina..... 1 »
- Memorias de um sargento de milicins..... 1 »
- Luciola..... 1 »
- Qual o melhor livro de contos ou novellas?
- Papeis avulsos..... 3 votos
- Historias sem data..... 1 »
- Qual o melhor drama?
- Mãe..... 3 votos
- Antonio José..... 1 »
- Os dois embuçados..... 1 »
- Omphalia..... 1 »
- Qual a melhor comedia?
- Vespora de Reis..... 3 votos
- Demonio familiar..... 2 »
- Amor por anexins..... 1 »

**REGINA**

Encontreia-a a bordo do *Arawa*, o grande paquete escocoz, que me devia trazer do Rio a Inglaterra.

Na vespera tinham-me dito:  
— Vae ter uma bella companheira de viagem, a Regina Camargo.

— Sim?! exclamou a meu lado o Dr. Figueiredo, muito attonito; a Regina vae! e com quem?

— Com a avó.

— Deverás!?

E na physionomia de Figueiredo transparecia o desgosto.

— A Regina vae! a Regina vae! repetia elle, opprimido; mas de repente:

— E' impossivel! a baroneza está velha e não terá o mau gosto de viajar, só com a neta...

— Porque não? a baroneza foi sempre muito independente...

— Pois sim, mas... quer-me parecer, que está enganado.

— Affianço-lhe, doutor. Vi os passaportes no escriptorio da agencia...

— Mas quem é Regina? perguntei já mordida de curiosidade.

— E' a menina mais elegante das Larangeiras, disse o Figueiredo.

— E' a mais rica, observou o outro.

— E' a mais bonita, affirmou o primeiro.

— E' a mais instruida, concluiu o segundo.

E davam-me os parabens. Na verdade, não podia haver melhor companhia, numa longa e monotoia viagem por mar, diziam todos. A Regina é talentosa, graciosissima, tem muito espirito e é amavel. Canta como um canario, e ri como uma creança... Adoravel a Regina. Verá!

— Eu conheci-a em Petropolis, disse n doutor, ha deis verões. Tinha sabido do collegio havia pouco; contudo parecia ter já longa pratica da sociedade. Vestia bem...

— Tem muito gosto, tem, interrompeu o outro.

— Dançava perfeitamente, representava comedias de salão com graça fina, leve, e uma ironia subtil, deliciosa! A baroneza retirou-se antes da chegada do inverno para o Rio, caçada de ouvir pedir a neta em casamento. Fez uma esplendida entrada no mundo social aquella pequena... Antes uinguem ou-vira falar n'ella. Esteve nas Irmãs de Caridade até aos dezeseite annos! Dizem que a avó não queria perturbar o socego do seu silencioso viver chamando para juuto de si aquelle formoso diabrete...

— Amira-me o estar ainda solteira, objectava nm d'elles.

— Não lhe faltam noivos, mas... não tem querido. A avó a cada pedido que lhe fazem ri-se e responde: se ella quizer... pergunte-lho, meu amigo!



plagio, como aos desapaixoados não falta o direito de afirmar e demonstrar o contrario; mas o que á boa razão d'estes repugna é ver transformadas sempre questões litterarias em questões pessoas e vice-versa.

Sabes que houve um tempo em que fui muito affeccionado ao Sr. Murat, como a poucas pessoas o tenho sido. N'esse tempo algumas das poesias minhas, que o Sr. Murat incipia de plagios, eram por elle decoradas, recitadas e elogiadas com enthusiasmo e fervor immu-recidos; e se já então as julgava plagios, nunca teve elle a franqueza, e podia tello de m'o revelar, cousa com que, aliás, eu não me agastaria. Não sou dos mais vaidosos.

Vem a pello dizer-te aqui com inteira sinceridade, que, depois d'isso, eu nada concorri para merecer hoje o odio do Sr. Murat; não sei que tempo de idade tem já esse odio, nem como teve principio, nem que motivos sérios o o teriam determinado.

Alguns amigos, amigos mesmo do Sr. Murat, têm-no attribuido a intrigas, como se alguém, que se preze de superior, deva ter ouvidos para acolher-as, partam de onde partirem, e bocca para reproduzi-las.

Ha muito, que vivo fóra, estranho a qualquer luctas da imprensa e retirado da Corte, onde raras vezes vou e pouco me demoro, mas (é preciso que se note!) nem essa circumstancia da ausencia tem podido cohibir o meu generoso inimigo; ao contrario, no meu silencio é na minha reserva é que melhor se cêvam as suas desvaistradas coleras.

Declaro-te em summa, meu Gaspar, eubora já não valha a pena mais liquidar estas cousas, entre as quaes tenho permanecido innocente, como aute o lobo, o cordeirinho do bom velho Lafontaine: — nenhum mal fiz ao Sr. Murat! Não tenho culpa de haver encontrado, infelizmente, em meu caminho esse megalomaniaco.

O Sr. Murat já não está mais em idade, nem em condições de ser pueril e ocioso. Para mim tracta-se, pois, de um caso meramente pathologico e da exclusiva competencia dos alienistas. Ser amado ou ser odiado pelo Sr. Murat é uma fatalidade como qualquer outra, bruta e cega da natureza. Hoje estou convencido e estão todos os que o conhecem, de que o Sr. Murat não é responsavel nem pelos seus odios nem pelos seus affectos; é um espirito doentio, extravagantemente vario e versatil, que gyra sem consciencia á mercê das circumstancias, vem de onde sopra e vae para onde o arrasta a mais inconstante aura. Não é um homem, emfim: é um moinho de vento.

Parece-me que consegui dizer a verdade sem maltratar o Sr. Murat.

E repito para não ficar esquecido: é a primeira vez que me occupo com o Sr. Murat e desejo tambem que seja esta a ultima vez!

RAYMUNDO CORREA.

## GAZETILHA MEDICA

Apreciando o diagnostico e a operação do abcesso do figado, dos Drs. Pedro Affonso e Barbosa Romeu, deixámos de citar algumas observações que sobre as *hepatites suppuradas* foram

feitas pelo intelligente adjunto de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina, o Dr. Domingos de Góes e Vasconcellos.

Poucos dias depois da nossa pequena noticia chega-nos ás mãos um *Estudo critico e clinico dos diferentes processos cirurgicos de tratamento das hepatites suppuradas*, feito por esse habil profissional já bastante conhecido pelo seu amor ao estado e pelo seu grande espirito observador.

Não sabemos se foi a molestia ou se foi o egoismo que fez com que S. S. não nos tivesse enviado ha mais tempo o resultado das suas observações, que provam mais ainda a gravidade d'essa affecção, principalmente nos casos em que o fóco purulento attinge vastas proporções, e que demonstram a superioridade e vantage da dilatação immediata sobre todos os processos cirurgicos de tratamento dos abcessos do figado.

Sentimos que *A Semana* não offereça campo, mais, largo para podermos apreciar mais detidamente o presente trabalho, escripto com correção, apresentando duas observações muito cuidadas e terminadas com reflexões bastante seusatas sobre o processo operatorio seguido n'esses casos pelo distincto cirurgião, o Dr. Domingos de Góes.

O espaço de que podemos dispor para esta secção é muito pequeno excessivamente escassa.

O habil e illustrado clinico, especialista de molestias syphiliticas e da pelle, o Dr. Silva Araujo, enviou-nos tres fasciculos de seu *Atlas des maladies de la peau*, ornado de chromo-lithographias e pbilotypias, representando a *trichomychosis favosa*, *trichomychosis pustulosa barbo* e a *elephanacia*, tres casos de sua proprio clinica.

Descreve o Dr. Silva Araujo estas especies morbidas com muita clareza, apresentando o resultado de um tractamento seguido por S. S., todo racional e muito lisongeiro.

Agradecendo-lhe a sua offerta, promettemos ao Dr. Silva Araujo occuparnos mais tarde novamente com seu trabalho digno de leitura mais minuciosa e attenta.

DR. SAHEN.

## DA «VIA-LACTEA»

XLV

Pouco me peza que mofeis, sorrindo,  
D'estes versos purissimos e santos:  
Porque n'isto de amor e intimos prantos,  
Dos applausos do publico prescindio.

Homens de bronze! Um haverá, de tantos,  
—Talvez um só! — que, esta paixão sentindo,  
Aqui demore o olhar, vendo e medindo  
O alcance e o sentimento d'estes cantos.

Será esse o meu publico. E, de certo,  
Esse dirá: — «Póde viver tranquillo  
Quem ama assim, quem é assim amado!»

E, tremulo, de legrymas coberto,  
Ha-de estimar quem lhe contou aquillo  
Que nunca ouvio com tanto ardor contado.

S. Paulo.

OLAVO BILAC.

## CASOS PATUSCOS

Em o *Novidades* de 18 do corrente encontrei a seguinte publicação a pedido, que me encheu de assombro e me obrigou a estranhas e profundas cogitações:

«AO PUBLICO

Acbando-me em divergencia com os Srs. Alcindo Guanabara e Francisco Guilherme dos Santos sobre alguns pontos relativos á direcção do *Novidades*, de que eu era um dos proprietarios e de que fui um dos fundadores, deixei de fazer parte da firma Santos, Guanabara & C. e retirei-me da redacção da folha, Rio, 18 de Junho de 1897. — *Moreira Sampaio.*»

Mais assombrado do que eu, no entanto, devia ter ficado o publico, porque, sem a declaração do Sr. Moreira, participando-lhe que deixou de fazer parte da redacção e direcção do *Novidades*, e de que era um dos seus proprietarios e de que foi um dos seus fundadores, o publico ficaria ignorando — Deus sabe até quando! — que o Sr. Moreira havia fundado o *Novidades*, que era um de seus redactores, um dos seus proprietarios e um dos seus directores.

O Respeitavel veio a saber que o Sr. Moreira entrara, sómente quando este lhe participou que havia sahido, e apenas porque lh'o participou. Se o Sr. Moreira não tivesse tomado esta suprema resolução, ai de nós! ignorariamos ainda, talvez o ignorassemos sempre, que o Sr. Moreira fundara, adquirira, redigira e dirigira o *Novidades*!

Este facto, exquisito e singular embora, não é raro entre nós.

Temos muitos *moreiras*; quer dizer muitos jornalistaes emeritos que redigem e dirigem folhas durante lustros, sem que se vonha a saber que o fazem senão pela sua morte, como tem acontecido com redactores do *Jornal do Comercio*, ou pelas suas declarações inteirando os povos de que *deixaram de fazer parte, etc...*

Mas o que me intriga sobremaneira, o que me dá voltas, viravoltas e reviravoltas ao miolo, é o mysterioso processo pelo qual se póde conseguir este absurdo resultado: trabalhar em uma folha durante mezes, durante annos, escrever nella noticias e artigos, redigil-a e dirigil-a, sem que ninguem venha a saber, a desconfiar, sequer, de semelhante cousa!

O Sr. Moreira escreveu em 128 numeros da folha, cerca de seis mezes, e, á excepção de S. S., de sua familia, dos seus amigos intimos, dos seus collegas e companheiros de trabalho, ninguem póde unca desconfiar daquillo!

Que diabo! Já é ser modesto!  
E esta modestin assombrosa é o que me assombra.

Pois que! E' possível que um jornalista como o Sr. Moreira, — porque o Sr. Moreira é um jornalista distinctissimo, que se affez ás lutas da imprensa em jornaes importantes, como *Os botocudos*, *Fagundes e Companhia*, a *Rosa da Pureza*, a *Rosa Murcha* e outras rosas mais ou menos puras, — é possível que um jornalista como o Sr. Moreira consiga redigir e dirigir uma folha *diaria*, durante seis mezes, sem dar d'esse facto ao publico o minimo indicio, o mais leve motivo de suspital-o? Que immenso esforço não empregou S.S. para disfarçar o estylo — que elle tem primo-

roso e terso — para apparentar ausencia de idéas — que elle pare aos centos, luminosas e grandes — para reter e soffrear os jorros da sua grãça contagiosa, torrencial, amazonica, para emfim simular que *não redigil-a* e que *não dirigil-a*, elle, que dirigil-a e religil-a como tresentos diabos!

Oh! Modestia! Santa Modestia Milagrosissima!

O teu poder sobre o Sr. Moreira é tal que S. S. bem podia ter substituido a declaração supratranscripta por esta outra:

«AO PUBLICO

Acbando-me em convergencia com os Srs. Alcindo Guanabara e Francisco Guilherme dos Santos sobre todos os pontos, assumi com elles a direcção do *Novidades*, que com elles fundei a 25 de Janeiro do corrente anno, e do qual, desde esse dia até ao de hoje, fui um dos proprietarios, um dos redactores e um dos directores. Faço hoje esta declaração para poder participar nuanhã que deixei de fazer parte da firma, da redacção e da direcção do dito jornal.

Rio, 18 de Junho de 1897.

*Moreira Sampaio.*»

Todo o desejo e toda a intenção do nosso eminente Villemain foi tornar-se anonymo o mais que lhe fosse possível.

E conseguiu-o inteiramente e com excepcional brilhantismo.

Parabens, portanto.

FISCHIO.

## DESENGANO

Um vasto atelier de usada architectura  
Como os nobres salões antigos de Florença,  
Inundado de luz, ornado á Renascença  
De armarias, goblins, ceramica, e escultura;

Um harpa, um bandolim, um organ, um piano,  
Grupados com desdema a um canto do salão,  
Tentando harmonisar na mesma inspração:  
O classico e o real, o mystico e o profano;

E a tela em plena luz mostrando, em grupo  
ausiero,  
A sciencia, o pensamento, a arte e o poetia:  
Archimedes, Platão, Praxitelles e Homero,

E eu a trabalhar — ardente Prometteu —,  
Tal é minha ambição... Mas ah! dura ironia:  
Muito mais parecido a Tantalosou eu!

AURELIO DE FIGUEIREDO.

Montevideo, 5 de Agosto 1886.

## «POEMAS E IDYLIOS»

DE RODRIGO OCTAVIO, 1886 RIO DE JANEIRO

E' este o titulo que escolheu Rodrigo Octavio para o volume dos versos que compoz em 1886. Chega-nos ás mãos o volume belissimamente impresso pelos Srs. Moreira Maximiano & C., os impressores de Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Filinto de Almeida.

Creio que não ha, minhas senhoras, nenhuma de vós que não conheça o Rodrigo. Andou por aqui — poeta querido, rapaz adorado — frechando corações e recebendo homenagens, de amplo *sombreiro* desabada, capa hespanhola e rosa vermelha ao peito, — tão vermelha como



foram executados por V. Cernicchiaro, J. Carron, Guilherme de Oliveira e J. M. Campos.

Selectissima concurrencia affluio ao concerto, a applaudir os distinctos virtuosos, pela maneira correcta e magistral com que se desempenharam da execucao do difficil programma.

De novo lhes enviámos, e á directoria da Sociedade, os nossos francos applausos.

No dia 30 do corrente mez o *Retiro Litterario Portuguez* celebrará uma sessão solemne para commemorar o seu 23.º anniversario.

O buile que os *Políticos* deram no sabado ultimo esteve delicioso, soberbo, enorme, gigantesco, monumental, esplendido...

E não há por ahí um adjectivo novo?! Ah, se houvesse, pespegavamol-o aquil Um hurrah aos *Políticos*.

LORGNON.

## DESENCANTO

Senhora, a um coração nunca se offende, Não se maltrata um coração, senhora; Eu bem sei que um só verso não comprehende Quem de versos não vive e os não adora.

Os versos que lhe dei atire-os fora, Se acaso não os quer nem os entende, Que mal fiz eu em comparal-a á aurora, A' estrella, á luz que pelo céo resplende?!

Fazer-lhe versos foi uma loucura... Livre estava talvez d'esta amargura De ver meu triste coração magoado,

Se os não fizesse, pobres, sem fulgores, Sem que me valham palmas, foz louvores, Sem nada que mereça o seu cuidado.

ARTHUR MENDES.

## JORNALES E REVISTAS

O n. 4 d'A *Penna* traz um variado e interessante summario, muitos artigos e versos dignos de leitura. Do artigo *Plagio e plagarios* destacamos as seguintes linhas:

«Os ultimos artigos de Valentim Magalhães, publicados n'A *Semana*, são, em toda a extensão da phrase, uma obra de fogo.

Nelles encontra-se a refutação plena, cabal, esmagadora, de uma accusação de plagiato atrida a Ruyndou Corréa, meu prestimoso amigo, accusação tacanha, pequenina, dessas que sóem produzir uns tantos litteratos desta terra.

Valentim Magalhães, com raro talento e não menos rara elevação de vistas, estendeu a questão sobre a mesa, estudou-a, esquadrinhou-a, authopsiou-a, se me permittem o termo, e chegou a este resultado assaz lisongeiro para o cantor das—*Symphonias*: a accusação do Sr. Dr. Luiz Murat não passa de uma balela.

Com franqueza, se eu tivesse a dita de conhecer o Sr. Dr. Valentim Magalhães pedia-lhe que apertasse estes ossos»

O n. 163 da *Revista de Engenharia* traz bem lançados artigos sobre varios ramos de engenharia, sobre industria e saneamento.

Entrou no seu 2.º anno de existencia a importantissima *Revista Federal*, órgão do Club Republicano Rio-Grandense. O numero que possuímos, que

é o 1.º do 2.º anno, vem ornado de bellos trabalhos; dentre elles salientam-se os que se intitulam—*Contra o separatismo de Romaguera Corréa, Questão Militar*, de Sallianha Marinho, e uma excelente secção intitulada *Movimento Republicano*.

Snudamos o nosso collega pelo seu 2.º anniversario.

A *Democracia*, n. 20. Entre os trabalhos dignos de nota traz uma interessante *Chronica Politica*.

Apareceu no dia 11 do corrente um nova publicação hebdomadaria e que se intitula *O Tempo*. E' seu director o Dr. Sylvio Romero.

No seu artigo de apresentação diz o novel collega:

«Pedimos apenas que nos deixem viver e dizer francamente, desassombradamente, umas tantas cousas que julgamos deverem ser ditas.»

Que o collega viva por longos e dilatados annos e que diga francamente essas tantas cousas é o que desejamos.

O *Jasmim*. Este também é novo; appareceu na mesma data d'*O Tempo*; é órgão do Athenaeo Dramatico Estiur de Carvalho. Muita vida e muito perfume é o que desejamos a *O Jasmim*.

*Revista Litteraria* — (S. Paulo). O numero 3 d'esta elegante publicação litteraria appareceu-nos trazendo versos de Ruyndou Corréa, de Affonso de Carvalho, P. Abunayuba e varios trabalhos em prosa firmados por conhecidos escriptores. Nos seus *Perfis jornalisticos* Chico Flaury pinta-nos Gaspar da Silva, o estimado redactor do *Diario Mercantil*.

O *Grito do Povo* — N. 1. Muito pequeno este novo collega. Tão pequeno que só teve espaço para um artigo. *A Monarchia e a Republica*, que cheira a polvora e a revolução... Este jornal não chega a ser um *grito*: é um *ai!*

O n.º 9 da *Vida Semanaria* que se publica em S. Paulo está bellissimo. Traz excellentes versos, magnífica prosa. Olavo de Oliveira assigna um artigo critico sobre os *Poemas e Idyllios* de Rodrigo Octavio e este firma uma interessante carta nas suas — *Cartas Fluminenses*.

Excellentes.

*Revista Mensal* — N. 1. Anno I. E' consagrada ás letras, sciencias e artes. A julgar por este primeiro numero, que é muito bem collaborado e redigido, cremos que a *Revista Mensal* viverá por muitos annos e bons. E é isto o que desejamos.

O *Brazil-Medico* — Anno I. N. 21. E' esta uma das mais importantes revistas de medicina e cirurgia que se publicam nesta capital. Este numero vem ornamentado do escolhidos trabalhos firmados pelos Srs. Drs. Cypriano de Freitas, Silva Santos, Carlos Costa e Henrique Xavier.

O *Occidente* — Temos o n. 303 d'esta revista, que apparece em Portugal. Gervasio Lobato conta, na sua fulgurante chronica, um caso muito interessante a proposito da *Reliquia*.

## THEATROS

D. PEDRO II

O cavalheiro Cesare Ciacchi, o sympathico a gentil empresario tão nosso conhecido, traz-nos este anno nada menos de tres companhias de primeira ordem.

A primeira que deve chegar é a

grande companhia dramatica italiana, dirigida por Giovanni Emanuel, que passa por actualmente o primeiro actor da Italia.

Os jornaes do Rio da Prata, que nos foram gentilmente mostrados pelo Sr. Alfredo Milloni, secretario e representante de Ciacchi, são unanimes em tecer elogios no grande actor, e mostram por elle enthusiasmo jamais despertado por um artista.

Além de Emmanuel, ha na companhia artistas de reputação, e entre as damas figura como primeira a actriz Virginia Reiter, uma brilhante vocação que ora começa a impressionar o mundo artistico da Italia pelas suas altas qualidades dramaticas.

A companhia, que deve chegar a 28, estrear-se-á pouco dias depois na immortal tragedia *Othello*, de Shakespeare.

Além d'esta peça, figuram no repertorio:—*O Casamento de Figaro, Mestre de Forças, Nero, Morte civil, Mercadet, Kean, Arduino d'Irria, Fedora, Les Fourchambault, Hamlet, Frou-Frou, Guerra em tempo de paz, Aleibades. A filha de Jefté, Demi-Monde, Ruy Blas, Dom Carlos, Sociedade onde a gente se aborrece*, etc.

Vê-se que é um repertorio mesclado, que vad da *Sociedade* até o *Hamlet*. Uma companhia que tem representado com grande successo peças tão antagonicas, deve ser por força uma companhia de primeira ordem, e nem o Ciacchi seria capaz de nos taazer uma companhia má, elle que sempre nos tem trazido o que ha de melhor pela Europa, desde a pequena e genial Gemma Cuniberti até a grande e assombrosa Sarah Bernhardt.

Comprimntamos o Sr. Milloni, agradecendo-lhe a visita que nos fez.

LUCINDA

Decididamente a companhia de zarzuela bspanhola cahio nas boas graças do publico. O theatro tem estado cheio quasi todas as noites e os artistas têm sido, com razão, muito applaudidos.

Nesta semana a companhia deu-nos o *Annel de ferro*, *A Tempestade*, os *Diamantes da corôa* e a *Moscotte*. Todas estas peças tiveram bom desempenho e agradaram muito.

No *Annel de ferro*, cujo poema é um mimo litterario e cuja musica é encantadora, distinguiram-se a Sra. Pia, o Sr. Garrido, que é um comico engracadissimo, o Sr. Manso e o Sr. Ramos. Os coros não são maus, chegando mesmo a serem afinados mais vezes do que é licito esperar d'estas corporações... desafiadas.

A *Tempestade* e os *Diamantes* também agradaram muito, e a empreza deve estar satisfeita com o successo d'esta companhia, cujo genero até agora não conseguira ter o agrado do nosso publico.

RECREIO DRAMATICO

Na noite de 20 subio á scena d'este theatro, pela primeira vez, em beneficio da actriz Helena Cavalier, *O Coupé n. 117*, comedia em 3 actos, dos hilariantes Millaud e Najac.

— *O Coupé n. 117* é o que se pôde chamar — comedia para homens.

Fresca, muito fresca, fresquissima. Mas tambem, como compensação, engracada, muito engracada, engracadissima.

Enredo original, babilmente complicado, tecido de scenas imprevistas em que figuram typos exquisitos e extremamente chistosos; dialogo vivo, scintillante de pilberias, carregado de sal e pimenta, todos os elementos, enfim, da moderna comedia de genero, das que se apresentam no *Palais Royal*, encontram-se nesta copiosamente. O espectador não pôde bocejar porque tem continuamente a bocca aberta a rir, a rir desmandibulamente.

O desempenho foi muito bom, um dos melhores que temos visto por esta companhia. Os principaes papeis foram desempenhados com equal e rara correcção e intelligencia. Ferreira, que é um bom galan comico, deu extraordinario realce ao seu papel de Vaucrésou. Maggioli apresentou um soberbo

typo de velho advogado malicioso e discutidor, que se ri das desgraças alheias sem presentir as que lhe vão por casa; teve scenas de graça irrisivel; Maia fez um perfeito commissario de policia rheumatico e espertalhão. O papel do Murgarida não podia encontrar melhor interprete quo a Sra. Helena Cavalier, que lhe deu toda a vivacidade e espirito necessario. Acrescenta-se que se apresentou vestida com extremo gosto e um *chic* do verdadeiro artista. E' um dos seus melhores papeis. Os demais actores concorreram muito, para o excellente *ensemble* da peça.

A beneficiada recebeu muitas e inaquivocas provas do alto e merecido apreço em que é tido o seu talento artistico.

Não terminaremos sem mais uma vez declarar que o Conservatorio Dramatico é a instituição mais necessaria do Imperio. Licenciou *O Coupé 117*! — elle, a pudica, virtuosissima sentinella da Moral publican!

Que seria d'esta pobresinha sem a existencia d'aquelle?

O famoso drama de Alexandre Dumas *Kean ou genio e desordem* sobe hoje á scena neste theatro com beneficio do actor Dias Braga.

Não fazemos *réclame* á festa deste distincto actor. Dias Braga é um ferrososo apostolo da arte dramatica e, hora lhe seja feita, pelo seu estudo e talento, é no nosso paiz um dos seus mais genuinos representantes. Artistas como estes a melhor recommendação que têm para as suas festas é seu proprio nome sempre querido e respeitado.

PRINCIPE IMPERIAL

Os *Tres Mosqueteiros* continuam a atrahir todas as noites grande numero de espectadores a este theatro.

Proximamente levará á scená a comedia-opereta de Arthur Azeveda — *O Barão de Pituaçu*.

SANT'ANNA

De volta de sua viagem a S. Paulo, está a companhia do Heller de novo neste theatro. A noite de quarta-feira, foi do estrellas para toda a *troupe*: bouquets, bravos, applausos, chamadas á scena, tudo enfim que pôde representar o enthusiasmo e o contentamento, tiveram com abundancia aquelles estimados artistas.

Representou-se a *Befana*. Voltam pois, as deliciosas noites do Sant'Anna.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Com a excellente peça *O Marquez de Villemar*, traduzida pelo grande escriptor portuguez Ramalho Ortigão, ceitrou-se hontem neste theatro a companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa.

P. TALMA.

## SPORT

Com um programma bem organisado realisou o Jockey-Club no Domingo passado a sua terceira corrida d'este anno.

Eis o resultado dos pareos:  
No 1.º pareo (1699 metros) Carybdes em 105 segundos venceu os seus adversarios, tendo partido com alguma vantagem. Coupou que cbeou em 2.º lugar, esforçou-se muito nos primeiros metros para alcançar a sua forte competidora, que lhe cedeu terreno nestes pareos para o readquirir novamente na recta da chegada. Mastin em 3.º lugar. Talisman e Maestro em ultimo lugar.

No 2.º pareo (2000 metros) Sybilla em

134 segundos, bateu Boreas que esteve quasi sempre em sua frente até ao pé do distanciando, onde Sybilla passou-o com muita facilidade. Diva em 3º lugar, fazendo boa corrida, tendo lutado com Boreas que chegou em 2º lugar, ainda não estando bem preparado.

No 3º pareo (1200 metros) Lady em 60 segundos foi vencedora. Appollo em 2º lugar e Cinretto em ultimo. Ormonde e Visiero não correram.

No 4º pareo (1600 metros) venceu desde o pulo de partida Plutus em 100 segundos, tendo vantagem na partida. Flotsam em 2º lugar em boas condições. Odaliscia em 3º lugar. Dandy chegou, com surpresa, na bagagem. Rondello, Soprano, Regente e Dandy não tiveram classificação.

No 5º pareo (1400 metros) Olinda em 65 segundos, foi a vencedora apesar de ter partido com grande desvantagem. Siva em 2º e Paraguaya em 3º lugar. Diana em ultimo lugar. Rabelais não correu.

No 6º pareo (2500 metros) Salvatus, fazendo muito boa corrida venceu os seus competidores em 166 1/2 segundos. Scylla em 3º lugar e Satan em 2º, bom lugar. Phrynia, com geral espanto, sendo a favorita, foi vergonhosamente vencida pelos competidores a quem tem batido no freio. Chegou em 4º lugar, completamente frouxa, demonstrando não estar em condições de disputar um pareo de 2500 metros, pois que, no fim de 1500 metros, affrouxou repentinamente, mostrando falta de folego. Não podemos comprehender, como um animal que anteriormente em uma corrida de 2000 metros, se bateu com o Salvatus, nunca cedendo-lhe terreno, ganhando d'elle em 132 segundos, com folga, venha desse modo perder em tão má condições, com pouco intervalo de uma corrida a outra, quando deveria ter melhorado!!! O seu tratador que responde, perante o jockey que a montou. O Musico chegou em ultimo lugar.

No 7º pareo (1800 metros, handicap) foi vencedor. em 128 segundos Biscaia. Também correram Douro, Americana, Fagote, Rabeca, Rabecão, Boyardo, Bonita e Druid que não mereceram classificação. Caporal e Intima não correram.

Realizou hontem Derby-Club, uma esplendida corrida, extraordinariamente concorrida e com um magnifico programma cujos pareos foram bem disputados e de que hoje não damos noticias desenvolvidas por já estar a nossa folha no prelo.

Realiza amanhã o Prado Villa Isabel o Grande Premio Metropolitan, para animaes nacionaes, 3.000\$ ao 1º, 2.000\$ ao 2º e 400\$ ao 3º, livrando a entrada no tiro de 2000 metros.

Devo ser um pareo interessante, pelos valentes parrelheiros nacionaes que nelle se acham inscriptos.

O mesmo prado encerra hoje as inscripções para a sua 5ª corrida que deve ter lugar em 29 do corrente.

L. M. BASTOS.

## FACTOS E NOTICIAS

Do Sr. Anselmo de Carvalho, de S. Paulo, recebemos um exemplar da sua walsa para piano — *A sonhar*, que é dedicada ao Sr. Quintino Bacayuva. É uma brilhante composição, que revela no Sr. Carvalho um bello talento, premissor e audacioso. Como estreia não se poderia exigir mais e melhor, pois ha na sua composição qualidades muito apreciaveis, que o tempo e o estudo — sem os quaes nenhum artista se faz grande — hão de desenvolver e fazer fructificar em obras de maior folego. Desde já o que se pôde affirmar sem receio é que o Sr. Carvalho tem talento, gosto e vocação.

Agradecemos a gentileza da offerta.

Na *Glacs Elegante* está exposto um bello retrato a esfuminho, trabalho do notavel desenhista B. I. de Vasconcellos.

O Vasques, o incomparavel Vasques,

o popular Vasques, que tanto tempo esteve longe de nós, em S. Paulo, veio visitar-nos, de volta de sua excursão artistica.

Não mudou, nada, nada! como se diz na *Vespera de Reis*. Está no mesmo: alegre, espiroituoso, enfim—Vasques.

É esperado no dia 28 do vigente, de volta de sua viagem à Europa, o distincissimo medico Dr. Domingos Freire. O illustre representante da sciencia do nosso paiz, como todos sabemos, foi alvo de honrosissimas provas de apreço por parte das celebridades scientificas da França e hoje é inquestionavelmente uma gloria nacional.

Os estudantes da faculdade de Medicina vão receber o a bordo e preparam-lhe uma esplendida manifestação. Toda a imprensa foi convidada.

Chegou no dia 22 da Europa, o distincto actor Furtado Coelho. O illustre artista vai transformar completamente o theatro Lucinda e nelle encetar uma serie de espectaculos e diversões que farão do elegante theatro um verdadeiro Eden.

## FALLECIMENTOS

Falleceu no dia 21, nesta Corte, o desembargador Luiz Fortunato de Brito de Abreu Souza Menezes.

Por motivo de uma ingratição partidaria abundou elle a magistratura e a politica, dedicando-se á advocacia, em que muito se distinguio.

O illustre finado era commendador da ordem do Christo e da de S. Gregorio.

Em Cantagallo falleceu no dia 19 a Sra. D. Marianna Wezmelinger Moneira, importante fazendeira d'aquelle municipio.

Ao Sr. Antonio José Lutterback e sua Exma. esposa, filha da fallecida, damos os nossos sinceros pezames.

Rezou-se ante-hontem na igreja de S. Francisco de Paula a missa do sétimo dia por alma do nosso saudoso collega do *Jornal do Commercio*, José Tinoco.

Era enorme a concurrencia. Toda a imprensa diaria fez-se representar pelos seus directores e redactores, estando presente todo o pessoal da redacção e administração do *Jornal*.

A Semana mandou vir ali da rua das Violas uma duzia de foguetes e vae os queimando, jubilosa, não em honra do milagroso baptisador de Christo, mas em licura de tres dos seus melhores amigos (seus della, *Semana*): — Gaspar da Silva, o gentil, o bravo Gaspar do bello e prospero *Diario Mercantil*, Olavo Bilac, o inspirado e terço poeta da *Tentação de Venocrates*, e Alfredo Pujol, o modesto e talentoso foudador d' *A Quinzena*.

Abraçamol-os-

Alberto de Oliveira está finalmente restabelecido da sua longa e dolorosa enfermidade.

Mais alguns dias o estimadissimo poeta poderá sahir de casa, onde ha seis mezes o tem enclausurado a molestia.

Tem estado doente, mas, felizmente, sem gravidade, Raul Pompéia, o apreciado moço que com tanto brilhantismo cultiva a prosa entre nós.

Tambem tem estado enfermo em S. Paulo o illustre philologo Julio Ribeiro.

## CORREIO DA GERENCIA

Do Revm. vigario Barcellos (de Quissaman) nguardamos resposta á carta que lhe dirigimos em 16 do corrente.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da baruteza na Villa da Sapucaia.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

A Chapelaria Ingleza—Este importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes e ao publico que retira da alfandega as ultimas novidades em superiores chapéos inglezes. Rua do Ouvidor, 120.

Dr. André Itangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 D.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

## FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

# PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA

DA

## QUINTA CORRIDA

A REALISAR-SE NO

DIA 29 DO CORRENTE

- 1º pareo—CONCLIAÇÃO (Handicap)—1,450 metros—Animaes de menos de meio saague — Premios: 300\$ ao primeiro, 90\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.
- 2º pareo—OMNIUM—1,300 metros—Animaes de qualquer paiz, de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.
- 3º pareo—SUBURBANO (Handicap)—1,600 metros—Animaes de qualquer paiz que ainda não tenham ganho este anno—Premios: 700\$ ao primeiro, 155\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.
- 4º pareo—PROGREDIOR—1,450 metros—Animaes nacionaes até meio sangue — Premios: 700\$ ao primeiro, 175\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.
- 5º pareo—ENSAIO — 1,600 metros — Inteiros e eguas nacionaes até 3 annos— Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro.
- 6º pareo — INTERNACIONAL — 1,000 metros—Animaes de qualquer paiz até puro sangue — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.
- 7º pareo — VILLA-ISABEL — 1,800 metros — Animaes até meio sangue que ainda não tenham ganho este anno — Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro.

## OBSERVAÇÕES

As inscripções encerrar-se-ão hoje, ás 7 horas da tarde, na secretaria. Nenhum pareo se realizará sem que se inscrevam pelo menos tres animaes de tres diferentes proprietarios.

RAUL DE CARVALHO. 2º secretario

# PRADO VILLA-IZABEL

## PROGRAMMA DA 4ª CORRIDA

### A REALIZAR-SE

#### DOMINGO 26 DE JUNHO DE 1887 DOMINGO

#### AO MEIO DIA EM PONTO

### GRANDE PREMIO METROPOLITANO

1º pareo—**Conciliação**—1300 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 200\$ ao primeiro 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes           | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas | Proprietarios         |
|-----|-----------------|-------------|--------|---------------|---------|-----------------------|-----------------------|
| 1   | Verbena.....    | Castanho..  | 4 ans  | R. de Jane..  | 49 kil. | Azul e ouro.....      | Coud. Santa Cruz.     |
| 2   | Zaire.....      | Gateado...  | 5 »    | Paraná....    | 51 »    | Azul e branco.....    | Coud. Amadores.       |
| 3   | Aynoré.....     | Castanho... | 5 »    | S. Paulo...   | 48 »    | Grénat e violeta..... | Coud. Rio de Janeiro. |
| 4   | Cantagallo..... | Zaino.....  | 5 »    | Paraná....    | 52 »    | Vermelho e preto..... | Fontes & C.           |
| 5   | Juanita.....    | Baio.....   | 2 »    | R. de Jane..  | 43 »    | Grénat e lyrio.....   | D. A.                 |
| 6   | Rigoletto.....  | Zaino.....  | 4 »    | Paraná....    | 51 »    | Azul e branco.....    | S. V.                 |

2º pareo—**Productos**—1450 metros—Pollros e poldras nacionaes de 2 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|   |                |            |       |              |         |                                |                   |
|---|----------------|------------|-------|--------------|---------|--------------------------------|-------------------|
| 1 | Gazella.....   | Alazão.... | 2 ans | R. de Jane.. | 41 kil. | Grénat e ouro.....             | C. G.             |
| 2 | Ers.....       | Pampa....  | 2 »   | S. Paulo...  | 43 »    | Verde, branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.  |
| 3 | Catita.....    | Castanho.. | 2 »   | R. de Jane.. | 41 »    | Grénat e ouro.....             | Mario de Souza.   |
| 4 | Bérénice.....  | Alazão.... | 2 »   | Idem.....    | 41 »    | Ouro e branco.....             | Coud. Fluminense. |
| 5 | Espalilha..... | Castanho.. | 2 »   | S. Paulo...  | 43 »    | Ouro mangas e bonet azul.....  | Coud. Alliança.   |

3º pareo—**Suburbano**—1450 metros—Animas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 600\$ ao primeiro 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |             |         |                         |                        |
|---|-----------------|------------|-------|-------------|---------|-------------------------|------------------------|
| 1 | Perle.....      | Zaino..... | 3 ans | França....  | 52 kil. | Branco e encarnado..... | Oliveira J. & Lopes.   |
| 2 | Madama.....     | Castanho.. | 4 »   | Idem.....   | 52 »    | Ouro e preto.....       | F. Schmidt.            |
| 3 | Musico.....     | Preto..... | 5 »   | Idem.....   | 57 »    | Vermelho.....           | Tattersall Campineiro. |
| 4 | Dr. Jenner..... | Zaino..... | 4 »   | R. da Prata | 52 »    | Grénat e ouro.....      | I. S.                  |
| 5 | La Loup.....    | Preto..... | 4 »   | França....  | 51 »    | Azul e grénat.....      | Coud. Internacional.   |

4º pareo—**Grande Metropolitano**—2600 metros—Inteiros e eguas nacionaes—Premios: 3:000\$ ao primeiro 800\$ ao segundo e 400\$ ao terceiro; o quarto livra a entrada

|   |               |            |       |              |         |                               |                      |
|---|---------------|------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|----------------------|
| 1 | Dóra.....     | Alazão.... | 4 ans | S. Paulo...  | 47 kil. | Azul e ouro.....              | Coud. Santa Cruz.    |
| 2 | Bonita.....   | Idem.....  | 5 »   | Idem.....    | 48 »    | Branco e encarnado.....       | J. Machado.          |
| 3 | Boreas.....   | Castanho.. | 4 »   | Idem.....    | 52 »    | Grénat e violeta.....         | Coud. R. de Janeiro. |
| 4 | Divã.....     | Alazão.... | 4 »   | R. de Jane.. | 47 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.    |
| 5 | Sybilla.....  | Zaino..... | 4 »   | S. Paulo...  | 47 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.      |
| 6 | Talisman..... | Castanho.. | 5 »   | Idem.....    | 57 »    | Azul, branco e encarnado..... | Idem, idem.          |

5º pareo—**Omnibus**—1900 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

|   |             |            |       |             |         |                               |                       |
|---|-------------|------------|-------|-------------|---------|-------------------------------|-----------------------|
| 1 | Scylla..... | Castanho.. | 4 ans | Inglterra.. | 52 kil. | Grénat e violeta.....         | Coud. Rio de Janeiro. |
| 2 | Satan.....  | Idem.....  | 4 »   | França....  | 53 »    | Grénat e ouro.....            | Mario de Souza.       |
| 3 | Coupon..... | Alazão.... | 4 »   | Idem.....   | 58 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.       |

6º pareo—**Internacional**—1609 metros—Animas até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

|   |                  |            |       |             |         |                       |                     |
|---|------------------|------------|-------|-------------|---------|-----------------------|---------------------|
| 1 | Castiglione..... | Zaino..... | 3 ans | França....  | 51 kil. | Azul e ouro.....      | Coud. Santa Cruz.   |
| 2 | Pancv.....       | Idem.....  | 3 »   | R. da Prata | 47 »    | Encarnado e ouro..... | V. M.               |
| 3 | Oliada.....      | Idem.....  | 3 »   | Inglterra.. | 49 »    | Grénat e ouro.....    | Coudelaria Carioca. |

7º pareo—**Villa-izabel**—1609 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue, que ainda não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|   |                              |            |       |              |         |                                |                        |
|---|------------------------------|------------|-------|--------------|---------|--------------------------------|------------------------|
| 1 | Biscaina.....                | Alazão.... | 4 ans | S. Paulo...  | 49 kil. | Azul e ouro.....               | Coud. Santa Cruz.      |
| 2 | Odalisca.....                | Pampa....  | 3 »   | Idem.....    | 46 »    | Verde, branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.       |
| 3 | Bismarck, ex-Bucarat II..... | Gateado... | 4 »   | Idem.....    | 51 »    | Azul e branco.....             | J. C. de Lima.         |
| 4 | Rabeca.....                  | Vermelho.. | 4 »   | Idem.....    | 49 »    | Vermelho.....                  | Tattersall Campineiro. |
| 5 | Cantagallo.....              | Zaino..... | 5 »   | Paraná....   | 49 »    | Vermelho e preto.....          | Fontes & C.            |
| 6 | Cyclone.....                 | Castanho.. | 3 »   | R. de Jane.. | 48 »    | Ouro, mangas e bonet azul..... | Coud. Alliança.        |
| 7 | Saltarelle.....              | Preto..... | 5 »   | Paraná....   | 56 »    | Azul e grénat.....             | I. W.                  |
| 8 | Catana.....                  | Vermelho.. | 4 »   | S. Paulo...  | 49 »    | Grénat e ouro.....             | J. W.                  |

## OBSERVAÇÕES

As declarações de *Forfait* são recibidas até ás 3 horas da tarde de 25 do corrente.

As corridas principiando ao meio-dia em ponto, os animas inscriptos no primeiro pareo devem achar-se no ensaiamento ás 11 horas precisas.

**RÁUL DE CARVALHO, 2.º Secretario**

Os Srs. empregados da casa da *Poule* podem procurar os cartões de admissão no dia 25 do corrente, devendo apresentar as suas cartas de fiança os que ainda o não fizeram.

O thesoureiro **PAULO DELPHINO**

## EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE

## FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE ESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulus, rachitis, anemia, debilidade om geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simples do figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hydratophosphitos. A venda nas drogarias e boticas



Grande novidade ha hoje, Exmas! A passeio? É verdade! Subimos unicamente por não podermos resistir ás grandes pechinchas que hoje annuncia a **California**, na rua do Senador Dantas n. 4. Onde fica essa rua? É a rua nova, que principia no largo da Guarda Velha!

Já chegaram as grandes novidades em capas, cõrtes de vestidos bordados e artigos de malha de lã para crianças para senhoras.

|   |        |
|---|--------|
| Algodão muito forte, peça.....  | 18000  |
| Morim para ferro, peça.....   | 8600   |
| Dito superior, peça 13200 e.....  | 8300   |
| Dito mais superior, peça.....   | 23200  |
| Velludos de cor, adamascados.....   | 23000  |
| Bonitas lãs de todas as cores.....  | 3500   |
| Chitas muito largas, 360 e.....   | 3240   |
| Batistes e percales, 300 e.....   | 3200   |
| Carreteis com 200 jardas da medida para machina.....                      | 3050   |
| Cobertores de lã, encarnados.....   | 23400  |
| Meias compridas em ponto de cordão, de cor, para crianças.....            | 3400   |
| Peças com 5 metros de renda de seda.....                                  | 3200   |
| Renda de seda, preta, larga.....  | 3400   |
| Rendas de todas as cores, 400 e.....                                      | 3300   |
| Colchas com franja, 23500 e.....  | 18300  |
| Pentes para caspa, 200; alisar.....                                       | 8300   |
| Tapetes finos para quarto.....  | 28000  |
| Paletots e water-proofs de verdadeira casimira (não é feltro) 15\$ e..... | 108000 |
| Renda de lã com fio dourado.....  | 8600   |
| Botões muito grandes, cada.....   | 1100   |
| Botões para vestido, cada.....  | 1120   |
| Oxford largo, a 240 riscadns a.....                                       | 8240   |
| Lenções fortes, 18600, 13200 e.....                                       | 8800   |

AOS BARATEIROS!

4 Rua do Senador Dantas 4

## LIVRO DE SORTES

O *Gaiato de Salão*, collecção de disparates amatorios engraçadissimos em perguntas e respostas para passar tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua de Gonçalves Dias 23 e Ouvidor 66.

PREÇO 500!

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 2 DE JULHO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 431

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |               |
|--|---------------|
| Expediente.....                        | A Redacção.   |
| A Semana.....                          | FILINDAL.     |
| Historia dos sete dias.....            | J. LOPES.     |
| Plebiscito litterario.....             | G. LOBATO.    |
| Região.....                            | R. CORREA.    |
| A proposito d'«A Reliquia».....        | DA. DONSTOL.  |
| Versos a um artista, poesia.....       | F.            |
| Chronics scientifica.....              | A.            |
| Poesia e postas.....                   | J. VERIM.     |
| Jornas e revistas.....                 | U. DUARTE,    |
| Por causa de um soneto.....            | P. TALMA.     |
| Perfil de Camillo Castello Brenco..... | L. M. BASTOS. |
| Theatros.....                          |               |
| Port.....                              |               |
| Noticias e Noticias.....               |               |
| Associações.....                       |               |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Do 4 do corrente mez em diante a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» estarão installadas na rua do Ouvidor, n. 45, sobrado.

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

No escriptorio d'esta folha compramos exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agors tomarem assignatura por um anno, offerceremos um dos seguintes brindegues, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gill, Damare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerceremos um dos seguintes brindegues, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## A SEMANA

Encetamos hoje a publicação de chronicas semanais dos casos clinicos e cirurgicos mais importantes do hospital da Misericordia, graciosamente escriptos por um joven e distincto facultativo.

Recommendamos estes artigos á classe medica e aos estudantes da nossa Faculdade de Medicina, acreditando que esta importante secção terá um acolhimento digno do seu alto valor e que assim prestamos um importante eervigo a quantos entre nós se interessam pelas questões de medicina e cirurgia.

Ao vosso novo collaborador sinceros agradecimentos.

No proximo numero concluirá o director d'esta folha o seu estudo *Plagios e Plagiarios*, publicando o terceiro e ultimo dos artigos sobre a questão.

A REDACÇÃO.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A historia dos ultimos sete dias pôde resumir-se num facto unico: a viagem de S. M. o imperador.

A vossa profissão de fé politica já foi aqui assoalhada, no ultimo sabbado, com uma seriedade solemnissima. A America sabe o que pensamos da Constituição e dos principios politicos que desgraçadamente nos regem.

Mas neste momento, agora que o imperador é obrigado a partir expontaneamente para longes terras, nós não podemos deixar de erguer bem alto a nossa debil voz — não para protestar, porque nisso não haveria originalidade, mas para dizer ao paiz quatro verdades verdadeiras.

Quando dizemos — nós — dizemolo como o inolvidavel subdelegado da *Maria Angé*: queremos dizer — eu. Assim, pois, uas actuaes circumstancias do paiz, com o depauperamento do commercio, com a nullidade da industria, com a miseria da lavoira, com o disequilibrio dos orçamentos e com a

confusão deploravel da politica interna — o que eu entendo na minha sabedoria que se deve fazer é o seguinte, visto que já não ha Rei nem Roque:

Reunimo-nos, nós — os tres ou quatro patriotas verdadeiros que ha no Brazil — reunimo-nos ali no campo de Santa Anna, ou no theatro Recreio, e proclamamos a republica, una e indivisivel, com suffragio universal e tndo. Depois elegem-me presidente e eu começo a endireitar toda esta quitanda. Desde já prometto reanimar o commercio, crear a industria, enriquecer a lavoira, equilibrar as finanzas e organizar a politica.

Resolva o povo esta questão sensatamente, como eu desejo, e o povo verá como tudo isto caminha *sur des roulettes*, suave e deliciosamente.

Apezar, porém, da minha elevada aspiração a presidente da futura republica brasileira, não foi sem magua que eu vi embarcar, quinta-feira, no *Gironde*, o homem simples e honrado que durante meio seculo governou absolutamente este paiz.

As ruas por onde elle tioha de passar antes do embarque, apinharam-se de povo. Evidentemente a grande massa popular estava ali para ver o seu monarcha. Qual era, entretanto, o sentimento que a reunia? Seria o desejo de manifestar a sua sympathia e a sua estima ao imperador, ou seria a simples curiosidade de ver o enfermo? Ninguém o poderá saber ao certo; mas é de presumir, apezar das manifestações de sympathia, que o motivo da aglomeração popular tenha sido a curiosidade. Sobre o estado da saúde do imperador, as informações officiaes, pouco esclareciam a nação: era *satisfactorio* e nada mais; mas diversas verões corriam mundo e podia notar-se em todas quando não completa homogeneidade, ao menos uma certa harmonia: o imperador estava mal, e da affecção physica originara-se qualquer affecção moral. Eram estes boatos que o povo procurava verificar. Vendo o monarcha, observando-lhe as feições e os estos, o ovó poderia calcular quanto havia de verdade nas declarações officiaes e nos boatos clandestinos que as contradictavam.

Não seria com este fim que toda capital se reunia á passagem do imperador?

Eu vi S. M. embarcar no *Gironde*. A sua longa sobrecasaca preta, abotoada de alto a baixo, bem deixava ver, pela abundancia das dobras, a magreza do corpo que envolvia; o rosto emaciado e comprido, a barba crescida e aguda, o cruceo ligeiramente achatado, os cabellos eupastados e humidos, os olhos sem brilho e os labios secos, davam-lhe

um aspecto de convalescente ainda não livre de perigo. Na cabeça, diminuida pela emaciação, enterrava-se-lhe o chapéu alto até á nuca. S. M. saltou com passo infirme da galeota imperial para a prancha corrediça e atapetada que, a bombordo, conduzia directamente ao pavimento inferior, em que estão situados os aposentos imperiaes. Aos lados do estreito corredor formavam alas varias pessoas conheculas que o imperador ia cumprimentando. A' condessa A., que estava ao meu lado, disse S. M. — «Logo que chegar a Paris procurarei sua irmã». Foi a unica phrase que lhe ouvi além dos cumprimentos.

Em todas as pessoas que ainda o não tinham visto, oasou tristeza o aspecto de S. M. Só o ministerio estava sorridente, e tanto que até o Sr. Cotegipe teve uma boa pilheria ao entrar. Um pandego, o Sr. Cotegipe!

Que deverei fazer agora? Expor seriamente as minhas opiniões acerca d'esta viagem forçada e do estado anormal do paiz?

Nessa não caio eu. O Sr. redactor do *Paiz*, que é principe tambem, já deu aos povos a doce consolação da sua palavra. Já o titulo do seu artigo é de uma tal profundidade, que não encontrei quem m'o explicasse. Confesso a minha ignorancia do idioma chinez; mas em pilhando o Pontes a geito hei de perguntar-lhe que diabo de colsa é aquella. *Ei! Fu!—Fu! Ei!* Não sei que seja mas sei que deve ser maravilhoso e profundo. E se não for profundo é, pelo menos, solemne, de uma solemidade larga e theatral, de uma solemidade de legenda antiga. Palavras proprias para inscrever em porticos de marmore velho, entre rendilhameutos e florejos de architectura arabe.

Estou succumbido!

Outro facto tambem importante d'esta semana foi o da chegada do Dr. Domingos Freire.

Receberam-no estrondosamente os estudantes das varias escolas superiores. O illnatre sabio vio-se rodeado dos seus discipulos, e entrou na patria entre as aclamações entusiasticas da mocidade, que é, afinal de contas, quem sabe sempre galardoar o merito. A manifestação ao Dr. Freire foi uma apothose do talento e do trabalho. Elle, que vinha triumphante e glorificado do velho mundo, encontrou no seu paiz novo triumpho e nova glorificação.

E' justo, e mesmo necessario, que se honre sempre aquellos que pelos esforços da intelligencia e da vontade se elevam acima dos seus concidadãos e quebram as robustas barreiras da mediocridade.

Da Faculdade de Medicina apenas adheriram á pomposa manifestação os



VERSOS A UM ARTISTA

(A OLAVO BILAC)

I

Tu, artista, com zelo,  
Esmerilha a investiga/  
Nissia, o melhor modelo  
Vivo, offerece, da belleza entiga.

Para escullp-l-a, em vão, arduos, no meio  
De esbzezeada arena,  
Batem-se, quebram-se, em fatal torneio,  
Pincel, lapis, burni, cinzel e penna.

A Apbrodité pagen, que o pejo affronta,  
Exposita nua do universo ás vistas,  
Doa seios duros na marmôrea ponta  
Amamentando gerações de artistas,

Não a excede; e, ao contrario, em sua rica  
Nudez, por mil espelhos,  
Mostre o que elle não mostre, de pudica,  
Do collo abaixo e acima dos arthellos.

Analysa-e, sagaz, linba por linba,  
E á tão segaz minucia apenas poupa  
Tudo o que se não vê, mas se edvinha  
Por sob a avara roupa...

Deixa que a roupa avare  
Do peito o virginal thesouro esconde,  
E o mais... até onde, perfôita e clare,  
A barriga da perna se arredonda...

Basta-te á viste esperta

Revelar-se, atravez do linbo grosso,  
O alabastro da espalva mal coberta,  
E o Paros do pescoco.

Basta que tráia, como trae, de leve,  
O contorno flexuoso...  
Basta este rosto Ideal—purpura e neve—  
A curva grege da nariz gracioso.

Um quasi nade basta, emm, que tráie  
Ao teu olhar agudo,  
Para que este deduzo, tire e extráia  
Aquelle quasi nada, quasi tudo...

II

Embore o olhar profano  
Nã possa ver o que ella só não nega  
Ao ledô avesso do grosseiro panno,  
A cuja guerde os mimos nã entrega;

Nem lave breche ao menos  
Abre n'essa, onde fulge, aspere crôstra,  
Como a perola—lagrima de Venus—  
Rútita dentro de uma casca de ostre...

Desnuda-a, imeginariamente; e a poma,  
O ventre, o talhe escullptural da cinta,  
E o amplo que-irril lhe pondo á mostra, tome  
O teu pincel pere pintal-a, e pinte!

Pinte o que vê-se, e pinta o que não vê-se  
D'esse corpo assim todo desnudado,  
D'esse correcto, d'esse  
Corpo em marmore carne modelado;

Seus melindrosos traços aproveite;  
E, eo fundo de um painel classico, aviva  
As greças feminis d'elle—perfeite  
Cople da formosna primitiva.

III

Pinta-a. Esse ignobil, rustico temenco  
Tira-lhe ao branco pé; e, por seu turno,  
Calça-lhe o pé tão brengo  
(Meis digno de um cothurno) de um cothurno)

Mes não faças e idéa  
De que o semblante vés, feroz e lindo,  
De tregica Medée  
No theatro de Euripedes surgindo.

Não dês eo quedrn qualqur tom mais negro;  
Feze antes n'elle, em vividos fulgores,  
Correr garrula a noté de um « alegre »  
Da matizes, de tintas e de cores.

Piata-a na Olympo, dominendo-o todo  
Com esses nillos clerôes,  
Bellos e verdes... Verdes d'esse modo,  
São mais preciosos, porque são mais raros.

De Carybides não sobre os escultios,  
Mas de um outeiro celebre na falda,  
A' emeralda do Egêo voltando os olbos,  
—Dols bumidos abyssmos de esmeralda,

E onde do Hymeto a tribu sequiosa  
E loura das abelhas  
Beije-lhe o doce beijo côr de rosa  
E a doce cor de rosa des orellhas...

Ou de herpa antiga os mysticos segredos,  
De Sapho as odes, de Thimoteo os hymnos,  
Frenetica, arrancando com seus dedos  
Longos e alexandrinôs...

Rasga-lbe, em larga tela o largo mundo  
Da Grecia; e amplos, remotos horisontes,  
Onde se esfumam, pallidas, ao fundo,  
As cordilbeiras dos mais altos montes...

Onde, perpetua, a Primavera esvoace,  
Da Arabia o incenso e a myrrba da Ethiopia;  
E, em mil grinaldas tremulas, deslace  
De Anacreonte as rosas...

E em forno d'ella tudo se reuna:  
Da Arabia o incenso e a myrrba da Ethiopia;  
E, dadivosa e prodiga, a Fortuna  
Despeje a farta e cbeia cornucopia!

Ou, nas nuvens de ionica payzagem,  
N'um carro de ouro, o seu perfil debuxa,  
Que aledo par de esplendida plumagem  
E rutilante leque eberto puxa...

Ou deixa então da deusa de Cytbéra  
Tudo o que em Nissia vês... Para pintal-a,  
Busca antes o ar de castidade austera,  
Que ás semi-deusas da Odisséa á iguala.

IV

Pinta-a onde, ao pino, o sol da Lybia ardente  
Estanque o Nillo, que, feacndo, corre;  
E, buindo o deserto incandescente,  
Faisque, abraze, tórre,

Queime; espedace os raios flammejantes,  
— Como um milhao de espadas  
Contra claros broqués—contra os brilhantes  
Zimbórios das mesquitas elevadas;

Côza, encoscôre a adusta areia rubra;  
Calcine-a; lamba em fogo os obeliscos;  
De Memphis as pyramides encubra  
De fuzis e de fulvidos coriscos;

Relampeje emm... Mas sem que tisse  
A rija carnação d'ella, mais grata,  
Mais doce aos olhos que o candor do cysne,  
Que no cristal do Eurôtas se retrata;

Não lhe deslustre, nem marée a alvura;  
E nem lhe decomponha a peregrina  
Combinação, e a siogular mistura  
De anil, leite e nacêr da pelle fina.

Ou pinta-a, não em vasto peristyllo  
De capiteis corinthios, mas n'aquelle  
Sobria felção do estylo dorio: — estylo,  
Que, por mais simples, é mais proprio d'ella;

E, eo hombro a clamyde espartana, ao peito  
A egide edemantina, areia, inteiriga,  
No braço esquerdo o escudo, e no direito  
A espada de Justiça;

Em meio a um Parthenon, firme, e conserva  
Sem os crespos flôres de acantbo e louro:  
E ell-a, ao molde de estatueta de Minerva,  
Feite por Phydias, de merfim e de ouro.

Então não queiras tu pôr em confronto  
O original e a imitação já fluda,  
Para ver se, d'aquelle, n'esta um ponto,  
Um toque, ou pincelada falta ainda;

Nem, ne febre da esthetica, profunde  
Mais teu olhar, buscando-lbe a nudeza  
Perlustrar do seu corpo—mappa-mundi  
Da suprema Belleza.

Poupe ás faces de densa a onde purpuree:  
Pinta-a, ideando-a só: n elvo recabo,  
O torso e o resto... sem, tremendo injuria!  
A tunica rasgar-lbe de alto a baixo...

Maio, 85.

(Dos Versos e Versões)

RAYMUNDO CORREA.

CHRONICA SCIENTIFICA

FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

HOSPITAL DA MISERICORDIA

Não foi das mais ferteis em acontecimentos clinicos a semana a terminar. Apenas o Sr. Barão de Saboia, em eua enfermaria, teve occasião de praticar a amputação das duas pernas de um individuo, victima da Estrada de Ferro.

Seria um documento assás curioso a estatística bem organizada dos casos que têm entrado no Hospital da Misericordia, devidos a desastres de bonds e trens de ferro; e, ainda mais interessante seria offerecer-se aos altos poderes da nação a resenha das mortes — sômente das mortes — occorridas naquelle Hospital, e produzidas por ferimentos habil e impunemente vibrados por *nagas* e *guayamus*.

Talvez que, á vista de tão eloquente documento, outras e sérias medidas fossom tomadas contra essa nova especie de *sociedade*, que a policia, em seu alto saber, entendeu considerer *anonyma*!

Em compensação, porém, as ultimas semanas forneceram um contingente valioso para a historia da cirurgia, no Brazil.

Varios foram os factos de particular interesse scientifico! Da enfermaria do Dr. Pedro Affonso Franco sahio, completamente curado, um individuo de — pedra na bexiga.

Operado em sua residencia pela litholapaxia, foram extrahidas cerca de 56 grammas de pedra fragmentada.

A operação, como de costume, brilhantemente feita por aquelle cirurgião, augurava um resultado lisongeiro, embora em um homem depauperado e com 67 annos de idade.

O doente, porém, esquecendo as expressas prescripções do medico, retirou da urethra a sonda — impeçilio a que por ali se insinuassem fragmentos do calculo: foi o que succedou, sobrevindo violenta febre urinosa que seriamente poz em risco a sua vida!

Foi então feita com urgencia a talba perineal, retirando-se, mais ou menos, 50 grammas de pedra.

Continuando a febre intensa e revestida de caracteres perniciosos, foi o doente removido de sua residencia, acbnada e infecta, para a enfermaria d'aquelle cirurgião, do Hospital da Misericordia, onde sob os seus cuidados tratou-se e restabeleceu-se.

Este facto, além do interesse clinico que por si só desperta, constitue ainda um formal desmentindo áquelles que julgam que no Hospital da Misericordia a caridade não é exercida como deveria sel-o!

E' mais um curioso caso de grande calculo vesical, pesando cerca de 106 grammas, reclamando, por accidentes estranhos á vontade do medico, duas importantes e graves operações: a lithotricia de *Bigelow*, rarissimas vezes feita entre nós e, creio, executada sômente tres vezes, com exito feliz, pelo Dr. Pedro A. Franco e uma pelo Conselheiro Barão de Saboia, e a talba perineal — tambem de não pequena gravidade — ambas coroadas pelo mais lisongeiro resultado.

O Dr. Oscar Bulhões, que tem sabido conquistar um logar saliente na cirur-

gis brasileira, operou, em sua enfermaria, um hydrocelle monstro: — facto unicamente curioso pela retirada de 2005 grammas de liquido!

Nessa mesma enfermaria estão em estado satisfactorio, mas em via de cura, dous operados: um da urethrotomia externa, e outro, de resacção do astragalo — por fractura d'essee osso.

E' um caso raro: torna-se ainda mais curioso por não se poder chegar á causa determinants d'essa e outras lesões de soneuos importancia apresentadas pelo doente.

A enfermaria do Dr. Feijó Junior foi o ponto da reunião de grande numero de medicos e estudantes, chamados por um notavel caso clinico, cujo diagnostico, firmado á custa das maiores difficuldades, motivava a grave operação da ovariotomia.

O illustrado professor, cauteloso como sempre, depois de haver cercado a sua doente de todos os meios anti-septicos, de accordo com os mais modernos preceitos, deu começo á operação, preferindo o processo classico.

Aberta a cavidade abdominal, reconheceu-se que se tratava de *kystos gelatinosos multiglos do peritoneo*, constituindo em alguns pontos verdadeiros cabços de *kystos* e dando sahida a enorme quantidade de liquido transparente e gelatiniforme.

Foram feitas diversas lavagens da cavidade, sendo applicado rigoroso curativo phenicado, depois de bem estabelecida a drainage. A doente vae bem; e, até agora, nada occorreu de notavel na marcha do seu restabelecimento.

Finalmente, não deixa de ter aqui cabimento a noticia de uma infeliz criança, viva e alegre, quo traz im pressas em seu organismo as mais bizarras anomalias de fórma, embora esse facto interesse mais de perto ao orthopedista, que verdadeiramente ao cirurgião.

E' um menino com 5 annos de idade de rosto agradável, de intelligencia clara e regularmente desenvolvida, que entretanto, apresenta uma serie curiosa de disformidades congenitas.

Tem ambas as mãos divididas, na parte mediana, até o punho; alguns dedos acham-se unidos sob o mesmo segmento; e a perna direita só tem um osso, é excessivamente curta, de uma grossura igual em toda a extensão e executa movimentos em todas as direcções.

O pé, tambem direito, está com a planta inteiramente voltada para cima e para fóra, isto é, em perfeito *varus*.

O femur, da côxa direita, em sua parte inferior tem os condylos bifurcados em grande extensão e é sobre o interno que se acha implantada a perna.

A criança anda arrastando-se, servindo-lbe de apoio esse mesmo condylo interno.

O habil e eminente Dr. Pedro Affonso Franco, actual director do serviço clinico do Hospital da Misericordia, mandou constuir um apparelho, de combinação sua, afim de fazer com que essa criança possa andar de pé, livre e desembaraçadamente.

DR. DODSTOL.

## POESIA E POETAS

«IMPRESSÕES», VERSOS POR D. IGNEZ SARDINHO PINHO MAIA. PERNAMBUCO, TYP. APOLLO; 1887. 151 PAG. COM UM BELLO RETRATO DA AUCTORA.

Quasi sempre que se tracta de julgar a obra litteraria de uma senhora se faz preciso que o euphemismo — leitor benevolo — tenha uma certa expressão de realidade. E, na nossa qualidade de leitores, teriamos de ser muito mais benevolos do que convem aos interesses positivos da arte, se quizessemos elogiar o livro da poetiza que ora se nos apresenta.

A benevolencia da critica é muito mais prejudicial a um escriptor que começa, do que o ataque injusto. Este livro das *Impressões* é o terceiro que publica a Sra. D. Ignez Maia. Não conhecemos os anteriores, mas por este é hem facil julgal-os. Pois hem, se quando a auctora publicou os seus primeiros versos a critica houvesse sido imparcial, sincera e verdadeira, o houvesse dito á Sra. D. Ignez que para se publicar um livro é preciso, pelo menos, saber grammatica; se a critica lhe houvesse dicto que a poesia é uma arte difficil, que tem regras indispensaveis e fataes e que para se fazer versos é necessario, antes de tudo — além do conhecimento da lingua — saber-se metrificacão; se a critica houvesse cumprido o seu dever de aconsellar e censurar — a Exma. Sra. D. Ignez Maia dar-nos-ia agora um livro pelo menos aceitavel, ou não publicaria livro nenhum, o que seria preferivel.

Não lémos nas *Impressões* uma só poesia onde não haja versos errados e rara é a que não tem erros palmares de grammatica, da qual a auctora nem sequer cohece a prosodia.

No prologo, uma embrulhada incomprehensivel de prosa, a auctora affirma a sua applicacão e amor ao estudo. Pois necessita ainda de maior applicacão e mais estudo, Exma. Senhora, para poder lançar a publico um livro que se possa ler. V. Exa. tem inspiracão e, ás vezes, até tem idéas; mas o que a prejudica é a absoluta ignorancia da arte. Somos pela educacão da mulher e entendemos mesmo que a mulher deve cultivar a arte, uma arte qualquer. Mas o nosso entusiasmo pela mulher de letras não vao até o extremo de appiaudir um mau escriptor, só porque esse escriptor é uma mulher. A gentileza com as damas deve ser praticada incondicionalmente nos salões e no tracto social. Na litteratura é que não ha damas nem cavalheiros: — ha auctores. Fóra, pois, a cortezia devida á dama, e logar á sinceridade e rudeza devida ao escriptor. O livro da Sra. D. Ignez Maia é um pessimo livro. Logo na dedicatória ás senhoras brasileiras se nos depararam estes desgraciosos e mal trahalhados versos, num periodo sem syntaxe:

«En não venho carpir ternas endéixas,  
E nem mesmo soltar suaves queixas  
Que faça um rosto bello entristecer  
Logo a primeira estrophe, e vá fazer  
Tontura a quem, num riso de despreso,  
Atacado de spleen, se veja preso  
Em dias iavernos, pegue um livro  
Por mera distracção, e veja vivo  
Compendio de tristeza ou magua atroz,  
Da lyra um rude harpejo on d'alma a voz  
Lestimando um amor já esquecido.»

Não é preciso saber tanto a gram-

matica como o Sr. Julio Ribeiro para se ver que, estando o sujeito no plural, para o plural deveriam ir tambem os verbos. — Queixas que *faça* entristecer? Endechas que *vá* fazer tontura! Oh! oh!, minha senhora!

Mais: «Oe roseos lindos cachos sobre ti derrama suavissimo perfume...» (Pag. 16). Em uma poesia feita a Lucinda Furtado Coelho:

«Te envio um verso meu no dia fausto  
E o pobre coração em holo-austo  
E' pouco!... Mas recebassim corar» (Pag. 110)

Isto faz-me lembrar uma carta em que um amigo meu, convidando-me para ir a sua casa d'elle, me dizia, com fervor: — «Venhas! venhas!»  
Exemplos de medonhos versos alexandrinos:

«E lhe disputa a posse dos arcanos seus»  
«Os braços redemptores, fluidos nos seus bruhos»  
«As arvores inmoveis, juvenes, plumbeadas...»  
«Gazophylacio eterno de oudas sonoras»  
«Em uma larga rua, n'ella se agrupavam»  
«O céu napolitano vae ceder-lhe o passo»

Páro aquil. Estes versos pertencem um a cada poesia e apenas cheguei a pag. 29.

Exemplo de inacreditaveis decasyllabos:

«Um pão sem igual, pão do talento»  
«Atlantico, chamarei a essas aguas»  
«Perdão! diz ao pae o filho ingrato»  
«Nesse ergastulo sublime e impenetravel»  
«Ao impulso de minh'alma que me ordena»

Estes, com os outros, são tambem um de cada poesia, das que estão até pag. 32. E todas ellas tem quantidade de versos do mesmo feito!

E' o que podemos dizer, com desgosto e magua, do livro da poetisa pernambucana.

S. Ex., porém, não deve desanimar-se. Estude um pouco de grammatica e um pouco de arte poetica, peça aos poetas de Pernambuco, que os ha por lá bem bons, que lhe apontem sincera e francamente os erros, e mais tarde reconhecerá que lhe dissémos a verdade; quando a irritacão que lhe houver causado o nosso juizo, se houver transformado em suave gratidão, que não pedimos, V. Ex. publicará um livro que possa honrar as letras e o nome da mulher no Brazil.

F.

## JORNALS E REVISTAS

Temos e n. 10 d'O *Sportman*. Cada vez mais se torna merecedor do apoio e da sympathia dos amadores do turf este periodico, que lhe é especialmente consagrado. O que mais o recommenda é o espirito de imparcialidade e o desejo de fazer justiça que cempre revêla nas apreciações das corridas e do procedimento das sociedades.

O numero do *Correio da Europa* correspondente a 8 de Junho traz, entre outros, os retratos da princeza D. Amelia e principe da Beira e o do illustre visconde de Juromenha, o laureado biographo de Camões, fallecido em Lis-

boa em principios de Junho, com oitenta annos (nascera a 25 de Maio de 1907.)

O ultimo numero d'*Occidente* traz uma bella gravura representando a Ponte de Santa Izabel e Palacio da Assembléa Provincial em Pernambuco.

O que traz de mais interessante o n. 8 (4º anno) d'*Illustração* é o retrato do grande escriptor portuguez Oliveira Martins e biographia respectiva por Luiz de Magalhães e a Chronica de Mariano Pinna.

O *Brazil Medico* n. 23. Contem excellentes artigos sobre medicina e cirurgia.

A *Estação* n. 12. Anno XVI. Dá-nos elegantes figurinos e moldes. Na sua pagina central figuram duas bellas gravuras *Os diomantes da coroa de França* e *O anniversario do Imperador Guilherme*. Traz tambem este numero uma boa parte litteraria.

O *Brazil Illustrado* n. 11. Um bem escripto e variado texto e algumas illustrações dignas de nota.

*Revista Illustrada* n. 450. Venha cá, seu Angelo. V. é um lapis terrivel! Este numero da *Revista* está optimo; a sua primeira pagina *Pobre D. Pedro II!* é soherha de ironia e a pagina central *As ultimas noticias acerca de S. M.* é de um humorismo e de uma diabrura... de todos os diabos! Quanto ao texto basta ser elle devido á penna de Julio Verim.

Delle transcrevemos hoje o magafico e judicioso artigo *Por causa de um soneto*.

A.

## POR CAUSA DE UM SONETO

De ha muito professamos a opinião, talvez excentrica, porém muito arraigada, de que em nossa terra a verdadeira coragem está em ser... moderado.

As violentas polemicas e as acerbas discussões a que tomamos assistido, duzias de vezes, com raras excepções tem deixado de provar que não ha merito nem risco em recorrer a esses extremos de linguagem.

Ora, sendo o nosso estado ainda de organizacão e perturbadas todas as funcções por caueas, ora occultas, ora claras como a escravidão e outras, dividindo o paiz em grupos inimigos, sempre achámos que era preciso passar em claro e esquecer muita coisa, para não chegarmos todos a um estado intoleravel de guerra civil nos espiritos, que parecia ser um plano de enfraquecimento geral.

N'estas circunstancias, ao mesmo tempo que nos inclinavamos a não interromper a cordialidade das relações por leviandades, mais ou menos precipitadas, notavamos na geração nova um verdadeiro furor de elogio e de ataque mutuo. Muito pouco respeito pelo trabalho alheio, e uma impaciencia medonha de ir á gloria!

Contavamos com o tempo, com os dissahores porque passavam esses exal-

tados, para ver as coisas entrarem na ordem.

Agora, porém, surge uma d'essas aggressões a um poeta de grande talento (com quem nunca trocámos a menor palavra), mas que nos magoou, pelo tom desabrido com que lhe foi feita.

Referimo-nos ao auctor das *Symphonias* e á accusação de plagio que lhe é atirada sem fundamento.

Incontestavelmente, ha entre o trecho da *Mlle. de Maupin* e o soneto *As pombas* certa identidade de idéias.

Mas, esse trecho nada vale, junto ao soneto.

Nós mesmos, que lémos varias vezes o romance de Th. Gautier, e que até traduzimos algumas passagens, entre ellas o trecho em questão, não ficámos com a menor idéia de existencia d'este passo que o soneto de Raymundo Corrêa nos impressionou sempre como novidade de idéia e como perfeição de forma.

Ora, pelo facto de repetição de idéia, não ha plagio, e o soneto em questão, além das imagens de Th. Gauthier, tem outras, absolutamente originaes.

Concordavmos que a impressão profunda, que essa peça litteraria produzia, empallideça um pouco com a approximação do trecho da *Mlle. de Maupin*.

Mas d'ahi a eclipsar-se, e até tornar-se em libello, ha um abysmo. Tirando-lhe alguma cousa, o que fica, ainda assim, é uma forte impressão admirativa, ligeiramente atenuada, por não ser a idéia de todo original.

Mas Raymundo Corrêa tem sido atacado com feroz crueldade, que não, pouco nos magoou, pois a injustiça nos revolta.

Ao testemunho que dou junto outro, que se levar algum conforto ao sonador das *Symphonias*, me terá pago, com usura o trabalho de traçar estas linhas:

Ha tres ou quatro annos, numa viagem que fiz, estando com o auctor da *Morte de D. João*, mostrei-lhe o volume das *Symphonias*, a ultima novidade litteraria, que levara do Rio de Janeiro.

Guerra Junqueira leu algumas poesias, sem revelar grande entusiasmo, e dando a entender que Raymundo Corrêa era uma bella esperanza.

Nisto, chegou ao soneto *As Pombas*, e a sua attentão fixou-se; vi que seguia a leitura, embevecido. Chegando ao ultimo verso, Guerra Junqueira mostrou-se entusiasmado.

— E' honito! exclamou. E, até este verbo novo, *ruflar*, é de um lindo effeito.

Ora, Junqueira é um fanatico da *Mlle. de Maupin*, e o tal trecho, não se lhe fixára na memoria; senão teria dito logo a sua impressão.

Na verdade, esse trecho de prosa só agora surge com um grande valor, entre nós, e isto pelo facto da accusação de plagio.

E, sobre esta velha questão das novas idéias, ha alguma cousa de Camillo Castello Branco, sobre o trecho de Garrett:

Saudade gosto amargo de infelizes,  
Delicioso pungir de acerbo espinho,

cujos precursores, Camillo, com a sua grande erudição, foi encontrar, em não sei quantos escriptores, seculos antes de Garrett.

Tenho tambem idéia de que, resumindo as suas excavações, o auctor do *Cancioneiro Alegre* fazia, plena justiça ao cantor de Camões, reconhecendo que ninguém, antes d'elle, dera a esse pensamento forma tão completa e sublime.

Para o caso de Raymundo Corrêa a hypothese é a mesma.

Quantas vezes a idéia dos pombaes, comparada ás illusões, não terá sido apresentada?

Ha tantos encontra simultâneos em coisas litterarias! Eu, já tiva um d'estes casos com Valentim Magalhães. Um bello dia, vi nas *Notas de margem*, um trecho qualquer, muito semelhante a um que eu estava imprimindo em livro, e cujas provas recebera na occasião. A semelhança de idéias era tal, que, como exemplo de uma coincidência extraordinaria, mandei as provas ao antigo redactor da *Gazeta de Notícias*. Tinhamos peneado a meema couea e ao mesmo tempo; o modo de a exprimir era, tambem muito semelhante. Creio que Valentim Magalhães, ainda ha de ter recordação d'este episodio.

O mais interessante, agora, era ter-eo dado com Raymundo Corrêa, o mesmo que se deu commigo e com Junqueiro: não ter conservado da «Mlle. de Maupin» recordação do trecho incriminado, ou, quem eebe? não ter mesmo lido o romance.

Em todo o caso, sentimos o tom azedo da accusação, e o modo como tem sido tratado o poeta, sem nenhuma especie de benevolencia, quando, pelos seus trabalhos era o caso de dizer: *à tout seigneur tout honneur!*

Nós continuamos a apreciar o seu bello soneto. E que venham outros!

JULIO VERIM

### Perfil de Camillo Castello Branco

PELO

PADRE SENNA FREITAS

Em meio das escassissimas produções da nossa litteratura, entre as quaes avultem os volumes de versos, mais ou menos pretenciosos e sporiferos, onde rerissima vez a critica pôde descobrir a voz de algum poeta original, que traga uma nota pessoal á insípida monodia de banalidades metrificadas e rimadas—chega-nos ás mãos um valente livro, escripto pelo padre Senna Freitas e relativo á grande individualidade litteraria de Camillo Castello Branco. O trabalho do padre Freitas tem altissimo valor em todos os sentidos e veio confirmar definitivamente a sua reputação de escriptor vernaculo, correctissimo, pittoresco, fecundo, possuidor de uma linguagem de lei, vibrante, incisiva e colorida. Para ler com desprevenção este livro, é preciso lembrarmo-nos de quo o seu auctor é padre catholico, e por consequencia não faz mais do que o seu dever combatendo o que suppõe aer impiedade e atheismo. Não temos que lhe pedir contas por isto, e quem não se agrader das suas controversias, não tem mais que voltar a folha e continuar a leitura mais adiante. Tratando-se de um escriptor, eu prefiro mil vezes um ultramontano ferrenho que escreva bem, do que um demorata livre pensador que não saiba elinharvar quatro adjectivos. Quem maneja uma penna deve, antes do tudo mais, conhecer e linguas e as regras da arte de escrever; se as não souber, mesmo que seja propagandista das melhoes idéias, amanhã já ninguém se lembrará do que elle pensou nem do que elle disse.

O vulto colossel de Camillo Castello Branco nos apparece nesse livro ainda maior do que o julgavamos.

Sempre votámos a mais profunda admiração áquella extraordinario espirito, cuja pasmosa fecundidade é realmente para maravilhar. Emquanto não outro, com tola a nossa ridicula prosapia, fazemos um artiguete de jornal, elle escreve um livro. E quando conclue este livro, atopetado de erudicção a feito ne lingua mais opulenta que é dado a um cerebro possuir, o gigante das lettras portuguezas entrega-se ao decação... escrevendo outra obra. Os seus lazeres são mais ferreiros do que a azafama operosa de muitos outros.

Camillo Castello Branco ainda não está collocado no logar que merece, isto é, no primeiro.

E' uma arvore tão alte, tão copada, oa seus ramos multiplicam-se com tal rapidez, abrangem tão vasto terreno, corre-lhe nas veias uma caudal tão impetuosa de seiva plethorica, que a sua verdadeira grandeza só poderá ser avaliada quando a foice da morte deceper-lhe o enorme tronco. Aquillo não é um bomem, é uma litteratura. Morressem todos os litteratos de Portugal, e Camillo sósinho sustentaria o brilho e abasteceria o mercado de livros.

Mas não sabemos que aquelle terrivel polémista, que tanta vez ha transudado em seus opueculos uma especie de humourismo *bilioso*, singular, poderoso e irresistivel, possuísse um coração amantissimo; que aquelle cabeça encanecida no fermentar constante das idéas, calcinada pelo soffrimento, tostada pelas refregas dolorosas de uma vida longa e agitada—fosse capaz de inclinar-se, meiga e chorosa, no puro regaço da amizade.

O padre Senna Freitas descobre-nos um Camillo da vida íntima que ainda não tinhamos a dita de conhecer.

URBANO DUARTE.

## THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

COMPANHIA DO THEATRO D. MARIA II

Com o tbeatro inteiramente cbeio estreou-se no dia 24 do mez passado esta magnifica companhia dramatica, que pela segunda vez noe visita, accrescentada com o ector Eduardo Brazão que desde 1890 não tinhamos o prazer de applaudir.

Representou-se a deliciosa comedia de George Sand — *O Marquez de Villemer*.

Da peça e do desempenho que lhe dão estes artistas já dissemos lougamente o anno passado. A peça é uma das mais notaveis do tbeatro francez. Um verdadeiro primor, cujo merecimento litterario tem sido reconhecido e exelgado por todos os criticos e que só imbecis poderiam negar. E George Sand escrevendo esta obra-prima, foi um precursor do naturalismo no tbeatro, pois o *Marquez de Villemer* é uma verdadeira obra naturalista; e escreveu-a no tempo em que o inextgotavel Scriba abarrotava o tbeatro francez com a sua obra de fancaria, falsa como Judas!

O desempenho que lhe dá esta com-

panhia está na altura da peça. As Sraas. Carolina Falco e Virginia, Augusto e João Rosa interpretam admiravelmente os seus papeis. O de Augusto (duque da Aleria) tem sido feito em Lisboa, ha muitos annos, por Brazão, que lhe tem muito amor; como houvesse, porém, sido feito aqui, no anno passado, por Augusto Rosa, tambem o foi desta vez.

Muito desejeriamos — e o publico certamente tem o mesmo desejo — ver Brazão neste papel.

Augusto Rosa satisfaz-nos cabalmente nelle; pertencendo porém o papel ao repertorio de Brazão e tanto o estimando esta, é natural o desejo de vel-o interpretando o duque de Aleria.

E esperamos ver satisfeito este desejo, mesmo porque a empra fez annunciar que o actor Brazão faria aqui todo o seu repertorio.

SEVERO TORELLI

No repertorio da companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa, qua aqui tem de ser representado, figura o drama em verso, em 5 actos, de François Coppée, *Severo Torelli*, passado a versos portuguezes pelos applaudidos poetas Macedo Papauça e Jayme Victor. Esta peça, que déra ne *Odeon* 107 representações, apenas deu 5 no D. Maria II. O publico enfatiou-se a valer, achando pouco para cinco actos apenas duas situações importantes, e abandonou a peça. (com expressivo italico).

Na sua ultima chronica d'*O Occidente* Gervasio Lobato resuma o trecho de *Severo Torelli* e a sua critica pela seguinte fórmula:

«Para nós o defeito theatral do *Severo Torelli* é ter cinco actos.

Se François Coppée fosse um boce-dinho mais auctor dramatico teria feito com aquelle assumpto um esplendido e irresistivel drama n'um acto.

Effectivamente todas as situações poderosas, todas as situações verdadeiramente dramaticas d'aquella lugubre tragedia se podiam agrupar logicamente n'um acto só.

O que vem a ser o *Severo Torelli*?

E' o filho d'um adulterio quaaí sagrado; da esposa que se desbonra pera salvar o marido que adora.

Ignorando o mysterio horrivel do seu nascimento Severo Torelli jurou perante a hostia consagrada matar o tyranno de Pisa, o egressor da sua patria o sanguinario Barnabo Spinola.

Sua mãe, a heroica D. Pio, sabedora d'este juramento, confessa a seu filho a verdade horrivel:—Barnabo, o tyranno, é o paé de Severo Torelli.

Severo ache-se portanto collocado entre o perjurio e o parricidio:

*Eu com este punhal fiz este juramento:*

«Juro ferir com mão segura e decidida,  
«Enterrar o punhal, revolvel-o na f'rida,  
«S'ja onde quer que for matar o monstro abjecto,  
«Mesmo na nossa casa e sob o nosso tecto,  
«Aqui junto do altar, de joelhos e mãos postas  
«Sendo preciso aid enterrar-lhe nas costas  
«O meu punhal, e erguendo o ferro ensanguentado,  
«Dedicar o holocausto a Pisa.» — Está jurado!  
Este problema é claro e tenho-o debatido;  
Necessita de ser depressa resolvido:  
Ou eu o mato ou não. Se a mato sem piedade  
Entrego a minha patria, heroe! á liberdade,  
Cumpro perante Deus um santo juramento,  
Castigo o torpe, algoz, a carnacao violento  
Da minha pobre mãe ultrajada, asseguro  
Ao bom Torelli a paz, a honra e o futuro.  
Se o não mato, meu Deus! que indignação, que horror!

Sou um perjuro ao céu e á patria um traidor,  
Morrerão amanhã dez homens innocentes,  
Hão de crivar-me a alma os odios succedentes

*Das meus comedidões, e o nome respeitado:*

*De vitha que me adora, hade ser sepultada  
Na lodo e na deshonra!... O coração; o peito,  
Que dobras como um bronze e arqueias o meu peito,  
E' preciso escolher e decidir!... Ah! Pisa,  
Terra em que a crime impris e a virtude agonias,  
Encerra na teu ventre um turbilhão horrendo  
De monstros... Ugoletta e seus filhos, mordendo  
Safregamente as mãos, fumando, a estarem  
O momento fatal de se entra-decorarem!  
Podias inspirar-te, é tembrado Dante,  
N'esta immundo crevil de feras. N'um instante  
O teu olhar, ó patria ensanguentada, ras  
Ver Severo Torelli a assassinar seu paé!  
Meu paé! Meu paé!... Porque? porque o tyranno  
Um dia*

*Violou pelo terror e pela covardia*

*Uma triste mulher sem força e insenselarel!  
E eu, santo Deus! nasci d'este acto abominarel!  
Meu paé! Mas se é meu paé esse homem tão atroz,  
Porque não sou como elle estúpido e feroz?  
Pois se da sua carne a minha carne é festa,  
Porque me acolhe a alma e o coração me accieita,  
Esta innocencia ideal que loucamente adoro?  
Enão porque heimo eu? Apesar desse choro  
Que inundou, minha mãe, teu lugubre passada,  
E tambem apesar d'esse mandado honrado  
Que a patria me entregou?... Porque duvida  
Enão?*

*Que estranha garra, ó Deus, me aperta a coração!  
Que covardia é esta, e emfim, porque me assusta  
Erguer sobre o tyranno a minha mão robusta?...  
Pois bem, Tenho toda uma meo, um sophisma, ó  
Piedade!*

*Vou cumprir da missão apenas a metade.  
Arrisco a honra, sim, e esse homem tão cruel,  
Liberio o meu paiz sem o matar a elle!  
E' um plano, bem sei, bastante duvidoso...  
Oh! mas se recusar, indomito e raivoso  
Acabarei com elle, e acabarei comigo.*

(Olha o punhal)

Farás o teu dever, meu derradeiro emigo?...

Barnabo entra. Entre o paé e o filho ha uma scena terrivel. Severo ergue para elle o punhal.

«Morreremos os dois...»

N'isto um vulto negro sae de traz d'um relicerio, crava um punhal no peito de Barnabo, dizendo:

«Não! morrerá só elle!

E' D. Pio que para salvar seu filho do perricidio mata aquelle que a ultrajou, e depois se mata, a si, podendo ao filho que viva para consolo do velho Torelli.

Toda e ecção dramatica da peça é esta, e como veem toda ella sa podia reunir n'um só acto.

Em cinco é extremamente dilnida; para se chegar ás situações culminantes atravessam-se muitas scenas sem interesse, que cançam, que enfastim o espectador e que explicam o desastre que no tbeatro de D. Maria teve a peça de Coppée.

Gervasio Lobato.»

Ha sete annos já o desempenho que Eduardo Brazão dava ao papel de Kean lhe conquistara todas as sympathias e fizera que o nosso publico o considerasse actor de grando futuro. Pouco antes Roesi bavia feito o mesmo papel com singular brilhantismo, e Brazão não nos obrigara a ter saudades do eminente actor italiano. Datou do Kean a reputação de Brazão como actor de primeira ordem.

Ágora apparece-nos o mesmo homem, mas outro artista.

Ao actor cheio de talento, mas um tanto descomedido e desordenado, succeden o artista correcto, inteiramente na posse ds sna arte, meticoloso, distincto e brilhante.

O difficil papel da Edmndo Kean é

agora representado a primor, com extraordinario talento e uma perfeita harmonia de linhas e de tons. No segundo acto Brazão é inexcusable. E' um encanto ouvir-lo no formoso dialogo com Mias Damby, dialogo a que elle imprimio um colorido vigoroso, firme, exacto, magistral. A famosa scena da taberna, com quanto pittoresca, não exige do actor a mesma delicadeza, a mesma observação da verdade, o mesmo cuidado no dizer; é uma scena prompta, de offeito seguro para o publico, e Brazão representou-a tambem admiravelmente. No terceiro e quarto actos foi bellissimo o trabalho do grande artista. O monologo do Hamlet, o dialogo com Ophelia e subsequente scena da loucura foram soberbamente feitos. A recitação do assombroso monologo de Shakespear merece sempre os maiores cuidados aos artistas que fazem o Kenu. Brazão recita-o maravilhosamente. A duvida transparece-lhe na physionomia transformada de louco; a voz, cahindo sempre nos tons graves dá ao verso uma solemnidade grandiosa; o gesto é largo; a attitudão acompanhada docemente a palavra, e quando o desditoso principe se afasta dos seus passados amores, que lhe lembram o mundo com todas as suas torpezas, vai succumbido, cabisbaixo, dubitativo, com o olhar desviado, vai curvo, infirme, arrastando os pés! Uma interpretação magnífica e uma execução magistral!

E' um bello trabalho, feito com methodo e estudo, que honra o artista e lhe dá direito a applausos incondicionaes.

Augusto Rosa foi um principe de Galles verdadeiramente principesco, elegante, distincto, correcto e sobrio.

Antunes representou bem o papel de Salomão, dando-lhe relevo e graça.

Virginia fez razoavelmente Anna Damby. Se não fosse uma certa monotonia no dizer, monotonia que mais apparece entre aquelle conjunto de artistas que se preoccupam com o colorido, com os meios tons e com a delicadeza e variedade da dicção; se não fosse isso, o papel de Miss Damby seria digno dos maiores applausos.

Silva Pereira esteve magnifico no Pistol: leve, ligeiro, saltitante, engraçadissimo. O publico riu-se francamente com elle e applaudiu-o por vezes.

A condessa Helena encontrou na Sra. Falco uma interprete conscienciosa e elegante.

Os outros papeis não tem importancia, mas foram todos bem desempenhados.

A peça já foi representada quatro vezes e sempre com a casa cheia.

Parabens á empresa.

#### RECREIO DRAMATICO

No dia 26 do mez passado realizou-se o beneficio do actor Dias Brnça com a representação do celebre drama de A Dumas, *Kean*, que está sendo tambem representado por Ednardo Brazão no S. Pedro de Alcantara e pelo actor Bernardo na Phenix Dramatica.

Não podemos crer que o estimavel empresario do Recreio houvesse escolhido o difficil drama escripto para o grande Frederico Lemaître com o intuito de entrar em confronto com o primeiro artista da companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Representou-o somente para mostrar

que estuda e trabalhò com nfinco, procurando assim conquistar ainda mais a sympathia do publico.

E conseguiu-o, pois fez applaudir-se com enthusiasmo, agradando á platéa em varias situações, especialmente nas de mais vigor.

Com prazer registramos o triumpho obtido pelo provector e consciencioso actor Magioli no papel de Salomão. As Sras. Ismenia e Helena e os demais artistas concorreram grandemente para o exito da peça que se tem repetido.

#### POLYTHEAMA FLUMINENSE

No sabbado ultimo estreiou-se a companhia japoneza tão annunciada em todas as folhas e reclamada por todas as esquinas em vistososos e largos cartazes.

Uma hora antes de começarem os espectaculos estão os japonezes em suas barracas trabalhando á vista do publico em bordados, pinturas, trabalhos sobre madeira a canivete, leques, guardas-sol, etc.

Vale a pena ver a paciencia, a delicadeza, a agilidade e a pericia com que são executados esses trabalhos. Mais tarde, quando houver boa quantidade de objectos manufacturados, serão vendidos aos frequentadores do circo.

A companhia tem artistas japonezes de primeira ordem.

Apontemos desde já a formosa japoneza que sobe com as mãos e os pés nus per uma escada de cutellos afiadissimos; trabalho inteiramente novo e maravilhoso, estupendo, inexplicavel! Entre as crianças ha uma que faz admiraveis exercicios de deslocação e equilibrio.

O trabalho com os piões e o cachimbo, o homem que come brazas, o prestimano, o palhaço musical, etc., são todos dignos de ver-se.

Não terminaremos sem uma referencia aos oito lindissimos *poney*s, perfeitamente ensinados, e aos engraçados cães que fazem as delicias da criança.

Caçam-se magnificas horas actualmente no Polythema.

#### LUCINDA

A companhia de Zarzuelas, de que são directores os Srs. D. Valentim Garrido e D. Antonio Del Valle, exhibiu durante a semana algumas das melhores peças do seu repertorio, que é vasto e escolhido. Deu-nos, no sabbado, a *Catharina*, musica de Gastambide; no domingo *A Mascotte*, de Audran; na segunda *Jogar com fogo*, de Barbieri; na terça *O Rabo do Diabo*, de Oudrid, e *O Juizo Final*, de Barbieri; na quarta *El Barberillo da Lavapiés*, tambem de Barbieri; na quinta *As nove da noite*, de Caballero; e hontem, finalmente, *Os Madgyares*, peça de grande espectaculo.

A' vista da diversidade de peças com que a companhia delicia os seus numerosos *habitués*, não podemos a longanos na apreciação minuciosa do desempenho de cada uma d'ellas. Forçoso, porém, é confessar que o brilho do desempenho é devido, muito especialmente, ás Sras. Plá e Sacanelles e aos Srs. Garrido, Manso, Ramos e Jordan, todos excellentes artistas e cantando correctamente, de modo que o theatro

é sempre pequeno para conter a enorme concorrencia de amadores do genero *Zarzuela*.

E, d'entre esses artistas, ainda especialisaremos a Sra. Plá que, n'um verdadeiro *tour de force*, se encarregou de substituir em todos os papeis e com grande brillantismo a sua collega 1ª tiple que abandonára a companhia na Bahia, salvando assim a Sra. Plá a situação embaraçosa em que então se achou a empresa e os artistas por ella contractados.

#### SANT'ANNA

No fim de 19 annos de trabalho, de luctas, de decepções e de triumphos, foi no dia 30 dissolvida a companhia do Heller!

Mas o Heller, sempre exquisito e mysterioso, annuncia duas peças para uma época proxima: *A Princesa Flor de Maio* e *O Moleiro de Alcalá*.

E' o caso de se lhe perguntar: — Com que companhia?

P. TALMA.

## SPORT

A quarta corrida que realiso no domingo passado o Prado Villa Izabel esteve esplendida e extraordinariamente concorrida, cobrindo esta distincto sociedade mais uma bella victoria.

No Grande Premio Metropolitano (3:000\$ ao 1º, 800\$ ao 2º e 400\$ ao 3º e o 4º livrando a entrada) foram inscriptos alguns dos melhores parelheiros nacionaes, conhecidos e que indubitavelmente teria tido esse pareo grande animação se Sibylla e Talisman, que nelle se insereveram, não tivessem declarado *forfait*.

Boreas, Diva e Bonita foram os parelheiros que disputaram este premio tão importante e sem a minima animação, visto Boreas não ter competidores fortes e que lhe pudessem tornar a corrida duvidosa e a victoria difficil.

Apezar dos *forfaits* nos diferentes pareos, o programma não deixou de ter bom acolhimento dos amadores do turf. Eis o resultado dos pareos:

No 1º pareo (1300 metros) Rigoletto em 87 segundos venceu os seus competidores, partindo com alguma vantagem. Aymoré, que chegou em 3º lugar, está em más condições e ficou manco. Cantagallo, que chegou em 2º, mostrou pouca vontade de vencer, como ultimamente tem feito todas as vezes que tem corrido com Rigoletto. Zaino, Juanita e Verbena não mereceram classificação. A poule rendeu 18\$100.

No 2º pareo (1450 metros) Espadilha, com bastante facilidade, em 98 segundos, venceu Berenice, que chegou em 2º lugar e completamente esgotada. Erce, que pela primeira vez correu, fez triste figura, parecendo grande bacamarte. Gazella e Catita não correram. A poule rendeu 11\$500.

Este pareo não teve muita importancia visto Espadilha não ter competidores fortes.

No 3º pareo (1450 metros) correram Dr. Jenner, Madama, Le Loup, Musico e Perle que, tomando a ponta, nunca mais a cedeu aos seus competidores, vencendo-os em 95 segundos. Madame

e Musico bateram-se fortemente, chegando Musico em 2º lugar e teria ganho na corrida se estivesse em melhores condições, e com a boa vontade do seu jockey. Le Loup em 3º lugar, e Madamn em 4º. Dr. Jenner chegou em grande bagagem. A poule rendeu 53\$900.

No Grande Premio Metropolitano (2600 metros, 3:000\$ ao 1º, 800\$ ao 2º, 400 no 3º e o 4º livrando a entrada) Boreas em 179 segundos e com grande facilidade venceu Diva que desta vez correu mui mostrando estar em más condições, visto já em outras vezeas ter feito melhores corridas.

Bonita, que foi a 3ª competidora, ficou distanciada perdendo o direito ao 3º premio. Sibylla e Talisman, competidores de respeito, declararam *forfait* e assim tornaram esse pareo fraco e sem animação. Se tivessem disputado esse premio, o pareo teria tido grande enthusiasmo e importancia pela luta que travariam os tres competidores Boreas, Talisman e Sibylla, reconhecidamente superiores no tiro de 2600 metros. A poule rendeu 11\$700.

No 5º pareo (1800 metros) Scylla em 119 segundos venceu Satan, que pouca resistencia offereu á sua valente competidora Coupon não correu. Este pareo teria mais importancia se a luta fosse entre os tres parelheiros inscriptos Satan, Coupon e Scylla. A poule rendeu 13\$000.

No 6º pareo (1609 metros) Olinda em 105 segundos, apezar de refregar por diversas vezes na partida, venceu com bastante facilidade a sua competidora Pancy, que nada pôde fazer. Castiglion não correu. A poule rendeu 11\$800.

No 7º pareo (1609 metros) Odaliscia em 105 segundos, partindo com grande desvantagem, fez brilhante corrida, vencendo os seus competidores com immensa facilidade. Biscaila, que tomou grande dianteira, foi pessimamente corrida pelo jockey, que, calculando mala corrida, susteve-a durante o trajecto, com o fim de poupar-a e desse modo atrazou a corrida, perdendo-a. Rabeca em 3º lugar. Sartarelle, distanciado—Catana, Cyclone, Cantagallo e Bismarck não correram. A poule rendeu 13\$900.

No dia 29 do corrente realiso esta mesma sociedade a sua 5ª corrida, com um programma composto de sete pareos, cuja organização teve resultados os mais satisfactorios, tornando-se bem disputados quasi todos os pareos.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1450 metros) Cantagallo em 103 segundos venceu os seus competidores. Verbena que chegou em 2º lugar, veio toda a recta de chegada soffreada; não quiz disputar licitamente a corrida. Rigoletto em 3º lugar. Zaire e Ondina em ultimo lugar. O rateio 17\$000.

No 2º pareo (1300 metros) correram omente Ouvidor e Lady que facilmente em 97 segundos venceu o seu competidor. Escudo, Rapid, Ormonde, Firequeen e Esmeralda não correram. Não havendo rateio restituiu-se ao publico o seu capital.

No 3º pareo (handicap 1609 metros) Perle apezar dos 60 kilos de peso venceu os seus competidores com alguma facilidade em 104 segundos desde o pulo de partida. Musico chegou em 2º lugar. Pancy em 3º. Bonita e Diomedes em ultimo. Catita não correu. O rateio 34\$700.

No 4º pareo (1450 metros) Druid ape-

zar dos 60 kilos de peso, venceu facilmente os reus competidores em 93 segundos, chegando ainda um pouco soffreado. Infirma chegou em 2º lugar. Villa-Nova e Pagote em ultimo. Corcovado não correu. O rateio 17\$000.

No 5º pareo (1609 metros) Flotsam, hoje Tenor, venceu em 105 segundos os seus competidores correndo bem e mostrando-nos estar completamente restabelecida. Odaliscia em 2º lugar. 3º Argentino, Regonte em ultimo. Espadilha não correu. O rateio 15\$500.

No 6º pareo (1000 metros) Charybdes em 64 segundos venceu Phenicia que chegou em 2º lugar e Dr. Jenner que ficou distanciado. O rateio 10\$300.

No 7º pareo (1800 metros) Biscaia desde o puio de partida, venceu facilmente os seus competidores em 125 segundos, conservando sempre grande dianteira sobre elles durante a corrida. Rabeca, ex-Jenny, em 2º lugar. Boyardo em 3º lugar. Bonita, Saltarelle e Chapecó em ultimo. Feiticeira não correu.

Ae corridas terminaram, como sempre, com grande regularidade, sendo

os trabalhos perfeitamente effectuados e com feliz exito.

O jogo da poule antingio a somma de 82.980\$000.

L. M. BASTOS.

## FACTOS E NOTICIAS

O acreditado professor Ulysses, auxiliado pelos seus collegas Francisco Marcondes Pereira, Quintino Pereira e Quintino Firmino Borges, abriu uma «Sala de Estudo Auxiliar Academico» á Travessa do Ouvidor n. 55, 2º andar.

Nella seleccionam as materias concernentes aos diversos cursos das escolas do imperio, especialmente as da Escola Normal da corte.

As provadas habilitações dos professores deste estabelecimento, modesto, mas realmente util, garantem-lhe facil manutenção e larga prosperidade.

Recommendamol-o.

Em assembléa geral, de 27 do mez findo, o *Club Central dos Conservadores* approvou o projecto dos seus estatutos e elegeu a directoria que tem de dirigi-lo durante um anno.

Está na Côte o Sr. João Augusto Neiva, redactor da *Gazeta da Bahia*. Agradecemos a amavel visita com que S. S. nos honrou.

### FALLECIMENTO

A 25 do mez passado falleceu na cidade da Bahia, aos 53 annos de idade, o Sr. Manoel da Silva Lopes Cardoso, fundador e director do *Diario de Noticias*, d'aquella capital.

Era um espirito emprehendedor e activissimo, habituado ao trabalho e á luta. Tinha rara habilidade para o jornalismo, ao qual dellicou a melhor parte da sua existencia, conseguindo evitar inimidades e creando muitos amigos.

A sua familia e em particular ao nosso estimavel collega Antonio Lopes Cardoso — pezames sinceros.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.—Rua dos Ourives. 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

O cobrador Bernardo da Silva Branco Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e appparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

## LIVRO DE SORTES

O *Gaiato de Salão*, collecção de disparates anatorios engraçadissimos em perguntas e respostas para passar o tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua de Gonçalves Dias 33 e Onvidor 66.

PREÇO 500!

# A' LA SAISON

Neste novo e importante estabelecimento encontrarão as Exmas. familias um completo sortimento de fazendas, modae, armarinhos, perfumarias e roupas brancas, por preços baratissimos, assim como uma:

## OFFICINA DE COSTURA

Onde se executa qualquer trabalho, com especialidade vestidos para bailes, casamentos e passeios pelos:

### PREÇOS SEQUINTE

Vestidos de merinó cachemire e outros tecidos de lã enfeitados no rigor da moda a:

60\$000 E 70\$000

Ditos de tecidos de lã lizos listados ou escossez

55\$000 E 60\$000

Ditos de tecidos de seda como sejam: faille francez, servali, damacés, setins:

120\$000, 150\$000 E 200\$000

Ditos de Zephir, toile de Alsace e outros tecidos

40\$000 E 45\$000

## ENXOVAES PARA NOIVAS POR

150\$000

CONSTANDO DE:

Um rico vestido do setim, seda, linho, damacé ou outro tecido, enfeitado na ultima moda, um veu de seda, liso ou bordado, uma grinalda com pertences, um lenço bordado, um collete, um par de meias fio d'escossia abertas, um leque de osso e setim, uma saia bordada com cauda, um par de luvas, um dito de ligas, um dito de sapatos de setim, duas camisas, uma de dia e outra de dormir.

N. B.—Para se executar qualquer vestido para fora é indispensavel enviarem-nos um corpinho e a altura da saia.

151 RUA DO OUVIDOR 151

Perto do Largo de S. Francisco. Em frente á Nôtre Dame

Figueiredo Vianna & Comp.

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA 6ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 3 DE JULHO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo — A's 12 horas — **Extra** — 1.000 metros — Animas estrangeiras de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes           | Fellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas          | Proprietarios         |
|-----|-----------------|-------------|--------|---------------|---------|--------------------------------|-----------------------|
| 1   | Prevenche.....  | Alazão..... | 2 ans  | Belgica...    | 46 kil. | Ouro e preto.....              | F. Schmidt.           |
| 2   | Lady.....       | Castanho..  | 2 »    | Inglaterra..  | 46 »    | Azul.....                      | C. O.                 |
| 3   | Cinira.....     | Alazão..... | 2 »    | Idem.....     | 46 »    | Encarnado, preto e branco..... | J. Silveira.          |
| 4   | Fire Queen..... | Castanho..  | 2 »    | Idem.....     | 46 »    | Azul e ouro.....               | D. Julia Vieira.      |
| 5   | Visière.....    | Alazão..... | 2 »    | França.....   | 48 »    | Azul e palha.....              | Joaquim P. de Castro. |
| 6   | Rapid.....      | Idem.....   | 2 »    | Inglaterra..  | 47 »    | Encarnado, preto e branco..... | Vianna Junior.        |

2º pareo — A' 12 3/4 hora — **Excelsior** — 1.450 metros — Animas nacionaes de 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |                |             |       |              |         |                     |                   |
|---|----------------|-------------|-------|--------------|---------|---------------------|-------------------|
| 1 | Gazella.....   | Alazão..... | 3 ans | R. de Jane.. | 47 kil. | Grénat e lyrio..... | C. J.             |
| 2 | Espadilha..... | Castanho..  | 3 »   | S. Paulo..   | 49 »    | Ouro e azul.....    | Coud. Alliança.   |
| 3 | Cupidon.....   | Idem.....   | 3 »   | R. de Jane.. | 51 »    | Branco e preto..... | M. U. Lemgruber.  |
| 4 | Bérénice.....  | Alazão..... | 3 »   | Idem.....    | 47 »    | Ouro e branco.....  | Coud. Fluminense. |

3º pareo — A' 1 1/2 hora — **Progreso** — 1.800 metros — Animas nacionaes até meio sangue — Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |                    |             |       |              |         |                               |                        |
|---|--------------------|-------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | Druid.....         | Tordilho..  | 5 ans | R. de Jane.. | 62 kil. | Branco e encarnado.....       | Oliveira J. & Lopes.   |
| 2 | Condor.....        | Castanho..  | 4 »   | Idem.....    | 52 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 3 | Tenor, ex-Flt..... | Zaino'..... | 4 »   | S. Paulo..   | 52 »    | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 4 | Intima.....        | Castanho..  | 6 »   | Idem.....    | 56 »    | Grénat e lyrio.....           | D. A.                  |

4º pareo — A's 2 1/4 — **Cosmos** — 1.600 metros — Animas estrangeiros de 3 annos — Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |               |             |       |              |         |                       |                   |
|---|---------------|-------------|-------|--------------|---------|-----------------------|-------------------|
| 1 | Pancy.....    | Zaino.....  | 3 ans | R. da Prata  | 47 kil. | Encarnado e ouro..... | V. M.             |
| 2 | Pbenicia..... | Alazão..... | 3 »   | Inglaterra.. | 49 »    | Encarnado e azul..... | Coud. Brazileira. |
| 3 | Daybreak..... | Zaino.....  | 3 »   | Idem.....    | 49 »    | Azul e ouro.....      | D. Julia Vieira.  |
| 4 | Echoron.....  | Idem.....   | 3 »   | França.....  | 49 »    | Grénat e rosa.....    | S. M.             |

5º pareo — A's 3 horas — **Rio de Janeiro** — 2.400 metros — Animas de qualquer paiz — Premios: 2.000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

|   |                |             |       |              |         |                               |                   |
|---|----------------|-------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|-------------------|
| 1 | Salvatus.....  | Alazão..... | 4 ans | França.....  | 56 kil. | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.   |
| 2 | Phrynéa.....   | Castanho..  | 5 »   | Inglaterra.. | 51 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense. |
| 3 | Gladiador..... | Idem.....   | 4 »   | Idem.....    | 50 »    | Branco e preto.....           | M. U. Lemgruber.  |

6º pareo — A's 3 3/4 horas — **Derby-Club** — 2.400 metros — Animas nacionaes — Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |              |            |       |            |         |                               |                       |
|---|--------------|------------|-------|------------|---------|-------------------------------|-----------------------|
| 1 | Bonita.....  | Castanho.. | 6 ans | S. Paulo.. | 50 kil. | Branco e encarnado.....       | J. Machado.           |
| 2 | Boreas.....  | Idem.....  | 6 »   | Idem.....  | 54 »    | Grénat e violeta.....         | Coud. Rio de Janeiro. |
| 3 | Sybilla..... | Zaino..... | 5 »   | Idem.....  | 50 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.       |

7º pareo — A's 4 1/2 horas — **Lemgruber** — 1.600 metros — Animas até meio sangue, que não tenham ganho este anno, — premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

|   |                  |             |       |              |         |                                |                        |
|---|------------------|-------------|-------|--------------|---------|--------------------------------|------------------------|
| 1 | Monitor.....     | Castanho..  | 4 ans | S. Paulo..   | 60 kil. | Azul, branco e encarnado.....  | Coud. Cruzeiro.        |
| 2 | Fagote, ex Mar.. | Vermelho..  | 6 »   | Idem.....    | 54 »    | Vermelho e preto.....          | Tattersall Campineiro. |
| 3 | Violão, ex-Cam.. | Alazão..... | 5 »   | Idem.....    | 51 »    | Vermelho.....                  | Idem, idem.            |
| 4 | Cyclone.....     | Castanho..  | 4 »   | R. de Jane.. | 52 »    | Ouro, mangas e boras azul..... | Coud. Alliança.        |
| 5 | Morena.....      | Idem.....   | 5 »   | Paraná.....  | 58 »    | Verde e ouro.....              | J. L. M.               |
| 6 | Saltarelle.....  | Preto.....  | 6 »   | Idem.....    | 54 »    | Geranium e ouro.....           | J. W.                  |
| 7 | Mandarim.....    | Rosilho..   | 5 »   | S. Paulo..   | 56 »    | Azul e grénat.....             | Coudelaria Paraiso.    |
| 8 | Boyardo.....     | Alazão..... | 5 »   | Idem.....    | 54 »    | Branco e azul.....             | Coud. Guanabara.       |

MARCOS DE MELLO 2.º Secretario interino.

## EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e af- feccões do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples do figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicãs e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-quer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes, encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 9 DE JULHO DE 1887

VOL. III-N. 132

DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                 |                       |
|---------------------------------|-----------------------|
| Expediente.....                 | A REDACÇÃO.           |
| A Semana.....                   | V. MAGALHÃES.         |
| Plágios e plagiários.....       | PLAGIOS E PLAGIARIOS. |
| Placet III ferario.....         | J. LOPES.             |
| Região.....                     | R. P.                 |
| Max Nordau.....                 | R. OCTAVIO            |
| Poesia e poetas.....            | J. RIBEIRO.           |
| Notas philologicas.....         | J. M. SILVA.          |
| Agua, poesia.....               | P. TALMA.             |
| Theatros.....                   | THEATROS.             |
| Sport.....                      | SPORT.                |
| Festas, bailes e concertos..... | LORGNON.              |
| Colaboração: Flor, soneto.....  | MAX FLEUS.            |
| Factos e Noticias.....          |                       |
| Anuncios.....                   |                       |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

Desde 4 do corrente mez a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» acham-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e a'e que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Loho.

## A SEMANA

A abundancia de originaes, em que muito avultaram os sobre os theatros, obrigou-nos a adiar para o proximo numero os seguintes artigos: *Historia dos sete dias*; *Versos e Versões*, por Lucio de Mendonça; *Chronica Scientifica*, do Dr. Dodstol; *Bellas Artes*, por Alfredo Palheta e outros; e tambem a não concluir ainda hoje o estudo *Plágios e Plagiários*, deixando parte do ultimo artigo para outro numero.

### A REDACÇÃO.

## PLAGIOS E PLAGIARIOS

IV (\*)

A recentissima publicação do livro *Versos e Versões* facilita-me a demonstração de que Raymundo Corrêa é «um dos nossos poetas de maior originalidade e de individualidade mais independente e caracteristicas; cousa que, aliás, eu puderia conseguir só com o esplendido livro das *Symphonias*.

As qualidades d'este encontram-se mais desenvolvidas e firmes nos *Versos e Versões*.

Escrevendo d'aquelle livro, ha quatro para cinco annos, dizia eu que Raymundo Corrêa não é discipulo de nenhum mestre, não se filiou a nenhuma escola: não é impassível, satânico, parnazião, realista ou scientifico; mas sim, unicamente, Raymundo Corrêa.

Ahi confessei que em algumas composições encontram-se vestigios da leitura d'este ou d'aquelle mestre, afirmando, porém, que a *manière*, a forma das suas composições é somente sua (\*\*). Como caracteristica do poeta das *Symphonias* apontei — a sua observação verdadeira e sensibilizada, com traços finos e segnos; o primor da forma e o brando meio tom de melancolia, levemente ironico.

(\*) Vide *A Semana*, nos 126, 127, e 128.

(\*\*) Vide *A Semana*, n. 129.

A essas qualidades individualizadas do poeta, que se confirmam nos *Versos e Versões*, juntam-se outras, neste livro; as quaes denotam que o poeta está hoje na plena posse de si mesmo, que assumiu a sua physionomia litteraria definitiva. D'elles a mais notavel é a harmonia perfeita das composições, consequencia do perfeito equilibrio das facilidades estheticas do poeta com os seus meios de execução.

É um livro harmonico, homogêneo, uno, por assim dizer; um livro intelligível, como um bloco de crystal de rocha, de mil facetas e pyramides irisdadas, multicores.

Nelle não se encontram vacillações, impaciencias, descahidas inesperadas, os tremores da voz que canta e da mão que delinea e eselóra. Nelle se observa e sente por todas as paginas uma tranquillá, cauta e singela força, propria de artista superior. E essa força é feita de sobriedade, gosto artistico fino e apuradissimo, singeleza extrema. da que immortalizou a estatuaría grega, extrema delicadesa e completo conhecimento de toda a esthetica do verso, de todos os segredos da Poética e de todos os requisitos do sagrado mistér.

Se entrarmos em detalhes, se estudarmos as multiplas qualidades subordinadas a essas, e d'ellas consequentes, se rehusarmos os meios artisticos em que ellas se revelam e com que produz o poeta as peregrinas e copiosas bellezas dos seus versos, ah! então, teremos trahalho com que encher um volume!

Se a Poesia é a arte mais poderosa e complexa, como quer Eugenio Veron, se ella é a um tempo pintura, musica e esculptura, de outro poeta da nossa lingua não sei, que, mais do que este, seja simultaneamente Pedro Americo, Carlos Gomes e Bernardelli.

Quereis pintura viva, real, flagrante, tocada por pincéis de mestre?

Lêde o soneto *Chuva e sol, Aspasia, Passeio matinal* etc.

Agóra, quadrinhos rapidos, em duas pincelladas firmes.

Nessa meema poesia, verso final:

« O bode o perseguiu-a e ella a fugir do bôden

É' todo um quadro em um verso.

« Apenas, leve, o bengali belissa  
Da rubea manga a polpa aurea e madura.

Os *ss* e o *ser* o verso composto de palavras curtas, pausadas, pintam o leve bengali esvoaçando, investindo com o bico contra a fructa; e os *ii* (bengali belissa) dão perfeita idéa do seu bigninho, picando «da rubea manga a polpa aurea e madura.»

Uma borboleta gyRANDO, ha momentos apenas solta do seu casulo:

« Mal rompe o nympho, o estajo abrindo, acida e impueta,  
« As antenas agita, ensaia o vôo, adeja;  
« O finissimo pó das azas espanaça;

« Pouco habituada á luz, a luz logo a embriaga;  
« Bóia do sol na mármora e rutilante vaga,  
« Em grandes doas bôbe e azul, tanta, espairoce  
« No ether: rda em redor; ta e vom; sobe e desce;  
« Torna a subir e torna a descer; e ora gyra etc.

Lêde a *Paisagem Polar*, traducção de Leconte de Lisle, mas traducção que é verdadeiramente um original, quadro vivissimo de uma paisagem de gelo, em que,

« ... a babar de voluptia, em meio á oerração,  
Os ursos, colossas e formidandas massas,  
Tropegos, cá e lá, dambalando vôo...»

Outros exemplos de pintura em um ou dois versos:

« O ouro pendão do trigo esplenda ao sol, endecante!

« Brilha o oheiroso orvalho em camarinhas frias  
« Na rica e fulva sedra!

« Fulge ainda o amarello intenso das espigas.

« Espirra o sangue vivo e purpuro das uvas.

« Pint-a no Olympo, dominando-o todo,  
« Com esses olhos claros:  
« Bellos e verdes...»

« Onde do Hymeto a tribu sequiosa

« E loura das abelhas  
« Beije-lhe o doce beijo cbr de rosa  
« E a doce cbr de rosa das orellas...»

« Rasga-lhe em larga teta o largo mundo  
« Da Grecia; e amplias, remôdos horizontes,  
« Onde se esfumem, pallidas, ao fundo,  
« As cordilheiras dos mais altos montes.

É' delicadissima esta aquarella:

« Sitte, onde a luz solar, escassamente,  
« Com precaução, entre o aranhão espesso  
« Dos sycamoros filtra; e em cujo solo  
« Misturadas, a sombra e a claridade,  
« Num crepusculo vago, arfom confusas...»

« Não tarda que esta solidão rebente  
« Toda em laços e pampanos a festas!

« Roto em flores, no sólo, o esplendido açafate

« ... os dois olhos de saphira,  
« Duas ameadas lucidas, lavadas  
« De luar...»

« O mar, em vagas que, espumando, rugem,  
« Sobre os parceis, onde estrebucha e brama,  
« Coepe a salgada e livida babagem.

Exemplos de mais ahi ficam, e não são sequer a metade dos que contem o livro.

Quanto á musica dos rythmos, á harmonia das syllabas, das rimas e das estropheas, á reproducção onomatopáica dos sons da Natureza, das vozes das cousas e dos animaes; e quanto ao movimento, é riquissima tambem a lyra do nosso poeta.

Apontarei meia duzia da centena de exemplos que nos dão os *Versos e Ver-*





das raptações, quando é tão fácil tão realizavel a maxima da economia: monogamia, algodões de Manchester, menos cutellaria do Sheffield, e um pouco mais de carne, um pouco mais de pão.»

A bem da relativa egualdade dos homens, Nordau propõe o communismo. A propriedade individual está de accordo com a natureza humana; a excessiva a propiedade é abuso. A principal causa da desproporção espantosa da propriedade dos individuos é a successão hereditaria; eja o Estado o herdeiro commun. A isto se reduz o communismo de Nordau. «Imagine-se um estado que dê educação a todos os moços e sustente aquellos que não puderem ser sustentados pelos paes, até a idade em que souberem por si ganhar a vida, e, attigada esta idade, offereça a esses moços instrumetados para um trabalho independente... A reversibilidade ao Estado dos bens dos defuntos, crearia um inexaurivel patrimonio colectivo sem abolir por isso a propriedade individual.» Assim, por proporções destacadas, não é possível senão muito por alto dar idéa desse plano economico, tão natural e tão simples, que demasiado simples parece. Fôra mister acompanhar a argumentação do livro, coisa ariscada num *compte rendu*, considerando-se que o encadramento do raciocinio nos poderia levar muito longe.

Ninguém se lembre de cogitar no sentido dessas reformas, que não tardará muito que a violencia dê cabo da actual organisação economica da violencia. Basta que o queira a dynamite. A dynamite ou a Fome que é um elemento muito mais terrivel.

No sexto capitulo, da mentira matrimonial, chega o publicista ás mais arrojadas conclusões da sua theoria. Incroça o christianismo de haver feito da castidade uma virtude e do amor uma vergonha, quando é exactamente o instiacto erotico o aferidor da energia vital da especie humana. A consequencia desta deshumana moralidade, de accordo com o mentiroso systema das instituiçoes economicas, sociaes e politicas, foi o prejuizo das gerações futuras. Arvorado em preceito matrimonial, graças ás modalidades de prostituição (união sexual sem amor) a que mais ou meaos se reduz a vida sexual dos povos. A victima actual é a mulher. Alguns pseudo-philantropos clamam pela emancipação do sexo feminino. Meditassem antes reformas da sociedade que permitam ao pobre sexo fragil, mesmo permanecendo na sua natural submissão, escapar ao inferno de humilhações e de miseria, onde jaz encerrado, entre as torpezas do mercado da carne e do sophisma domestico da *coquage* e os desesperos ignorados da solteirona.

«Para se saber se uma instituição humana é justificada cumpre examinar se está de accordo com a natureza com os instintos e com os mais altos interesses da humana especie. Applicadas estas considerações ao matrimonio, suscita-se forte a duvida se pôde elle resistir á critica, e parece cousa difficil demonstrar que seja um estado natural do homem.»

O matrimonio tem por principio a monogamia. Consultando-se os instintos, guia infallivel dos interesses da especie, em questão de annos, verifica-se que a monogamia não é natural. É uma inspiração do egoismo da transitoria organisação economica da sociedade que não concebs a manutenção dos filhos senão pelo casal procreador. Para de algum modo salvar a especie, inventou-se e conjuge perpetuo. Em que pese aos poetas o eterno amor não é uma condição do amor. «Bem foi que morressem jovens Romeu e Julieta. Se não se acabasse a tragedia no quinto acto, penso que logo se havia de falar de discordias no interessante casal. Receio muito que, depois de alguns mezes, Romeu dar-se-ia uma outra amante e Julieta abandonada teria buscado conforto em qualquer nobre de Verona. Horrible certamente, depois da scena do balcão um processo de divorcio como epilogo. Pois bem porque conheço Romeu e Julieta, ousou affirmar que isso havia de acontecer sem duvida alguma; porque eram ambos muito moços, muito apaixonados muito imprudentes, e muito facilmente impressionaveis... Apesar disso, porventura se não amaram Julieta e Romeu?... Fôra um peccado mortal, tanto sob o ponto de vista da selecção

humana quanto da poesia. E ainda se o seu matrimonio tomasse máu caminho, isto fôra não já uma prova contra o seu amor, mas unicamente uma prova contra o caracter anthropologico que se quer dar ao matrimonio.»

Assim dissertando propõe Max Nordau a medida regularisadora do divorcio. O homem não é um animal monogamo. «O amor exhaure-se, conseguindo o seu fim, realisando a sua missão, precisamente como cessa a fome, quando não se sente mais a necessidade da comer.»

Necessario não é o divorcio commun, apontado como uma culpa, mas o divorcio honroso, da lei natural. Não obstaate, muita vez dar-se-ha a hypothese da ligação dos esposos por toda a vida. Quanto ao estinulo conjugal do amor succeder a accessibilidade de convienciencia por sympathy de caracteres e o novo enlace que o amor dos filhos estabelece entre os pais.

O penultimo capitulo das *Mentiras convenionaes* tem por titulo *Algumas mentiras menores*. O trecho em que nesta parte se refere a tyrannia usurpada do jornalismo mo lerno são dos mais notaveis.

Em conclusão, á ultima parte do volume, o autor desenvolve a sua theoria do progresso e o modo de comprehender a moral. Houve tempo em que se equilibraram as convicções individuaes com as instituições da collectividade; o desequilibrio hoje reina e é insupportavel. Para se obter novamente o equilibrio só ha: retrogradar, ou confiar no futuro. A volta ao passado é uma aspiração absurda. Trabalhemos pelo futuro.

«Assim o opportunismo, hoje tanto em voga e tão diffundido, pretendendo, por temor das aoluções radicaes, encadear á mentira a humanidade que busca o verdadeiro e na luta das novas idéas contra as velhas formas, defender estas ultimas sem fazer guerra ás primeiras, torna-se o mais cruel inimigo da especie humana e a mais completa immoralidade.»

A moral é a regra do bem. O bem é aquillo que se fosse generalisado, daria á especie condições mais favoraveis de existencia.» Assim como nasceram as religiões e se radicaram como um vestuario de metaphora da instinctiva solidariedade humana, assim a solidariedade da consciencia ha de vencer um dia.

O futuro é isto — o coração humano em triumpho.

Tal é o livro, cuja tradução acabam de editar os Srs. Laemmert & C.

R. P.

## POESIA E POETAS

«FAGULHAS» — VERSOS DE EDUARDO CHAVES — 1887 — S. PAULO.

Em nitido voluminho de 100 paginas fez o Sr. Eduardo Chaves imprimir em S. Paulo, nos prelos da officina de Bernel, Pauperio & C. as suas produções poeticas.

*Fagulhas* chamou o poeta o seu livro e teah que não andou muito avisado em assim baptisá-lo, pois mais proprio seria esse titulo para uma collecção de versos humoristicos que para uma serie de pequenos quadros, de pequenos estudos descriptivas que abundam em seu volume e lhe constituem a nota dominante.

Versos humoristicos ha pelas *Fagulhas*, mas com serem poucos e de pequeno valor não lhes podiam caracterisar.

O Sr. Eduardo Chaves é um poeta aadio e alegre. No seu livro não ha uma nota pessimista ou descrente; não lhe importunam os males que soffrem todaos os homens, as magoas que pun-

gem todos os coraçoes, as almaes dilaceradas pela duvida. Crê e sente-se feliz por podar axclamar:

A crenga, minha mãe, consoladora  
Que me suspiraste, quando infente imbelles,  
Inda perdura em mim, inda me doura  
A vida... existe Deus... e grande é elle,

E assim vae, mundo afóra por entre os tristes, crente e alegre, deixando atraz o mal com seu cortejo funebre de dores, palheta em punho, pintando ora *inter silvas* o concerto dos *aligeros tenores* de que fala o immortal poeta das *Symphonias*, ora transportando-se á Grecia e copiando a *Festa do Lyco*, ora confrontando o *Dia e a noite* e vendo qual tem maior quinhão de doçura e de grandeza...

Ah! mas lá descubro um ponto escuro! umas quadrinhas que assim terminam:

É meu peito um cemiterio,  
Nesta funebre vespa:  
Qual um mocho sempre alerta  
Canta-me dentro a tristeza.

Não se admire o leitor; essa nuvem não é com certeza, mais que o resultado de não lhe haver a gentil camena esperado á janella ás horas do costume. Depois, repare o leitor, a tristeza do Sr. Eduardo Chaves é uma tristeza que lhe canta deatros d'alma e bem fez elle em chamal-a *Phantasia*. Nas paginas seguitaes, a mesma nota das anteriores a essa *escura Phantasia*.

Felizmente, para o Sr. Eduardo Chaves...

— Agora, permitta-me o poeta, que é tambem meu amigo, que eu lhe faça notar alguns defeitos que infelizmente depreciam muitas pagiaas das *Fagulhas* — O Sr. Eduardo Chaves metrica regularmente, e atretanto o seu verso não tem harmonia alguma e a falta de harmonia do verso acarreta um desconchavo desagradabilissimo na estrophe.

Não é esta uma cenaura feita para não deixar de censurar. Aqui vão versos insupportaveis para qualquer ouvido:

Eu a ti, tu a mim... dois gaturamos  
Da paixão desvairada no requinto.

No soneto *Delirio das Deuses*, aliás bello assumpto digno de melhor execução

... Dianna

Se esconde derramando já moatigo  
Bribo... Apollo ergue a fronte soberana  
Num diluvio de fogo movediço.

e mais

A linda Venus

Some-se acompanhada de Cupido.  
este até faz lembrar, pelo barulho, o celebre verso descoberto pelo illustrado critico Lucio de Mendonça:

O Atheniense assenta-se no chão.

Em um aoneto a Narcisca Amalia:

Ahi, se a marulbar não se divisa  
O gigante indoleavel, o monino  
Mar, em compensação ouve-se o hymno  
Mavioso do rio que desliza.

Francamente, estes versos estão certos, porem são duros, barulhentos, insupportaveis. Ha aonetos nas *Fagulhas* que produzem a impressão de um carro que roda em uma estrada de *macadam*.

Aponto esse defeito para que delle se corrija o Sr. Eduardo Chaves, pois teah que é um defeito capital.

Apesar de surgirem em cada folha destes versos, tem as *Fagulhas* algumas bellas paginas como sejaõ: *Idyllio*, *A peste negra*, *Serenata*, *Deante de um sapo morto*, *Inspiração de um quadro* e em toda a parte humoristica do livro o soneto *Convite*.

Agora para dar aos leitores um amostra do poeta, offereço-lhes esta pagina das *Fagulhas*, que contem um bello soneto, que maie bello aera se lá não estivessem estea dois versos no segundo quarteto:

Visitava a miudo o maltrapilho  
Exercendo o dever do apostolado.

SUPERSTIÇÃO MATERNA

Ora ardendo na febre, ora gelado  
Se de debatia da choupana o filho;  
Já do sopro lethal embaclado  
Do olbar perdera o crystallino brilho.

O medico, apezar de longo o trilha  
Que levava ao casebre, dedicado  
Visitava a miudo o maltrapilho  
Exercendo o dever do apostolado.

«Era mal sem remedio!» predissera:  
A mãe, porem, radiante do esperanza,  
Exclama, enquanto o esposo desespera:

«Morte, embalde! Teus esforços perdes!»  
— Tuha visto voar sobre a crianca  
Mimoso beija-flór de ponnas verdes.

Procure o Sr. Eduardo Chaves ter musica no verso e harmonia na estrophe que eu nelle saudarei o futuro auctor de um livro de primeira ordem.

Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1887.

RODRIGO OCTAVIO.

## NOTAS PHILOLOGICAS

Um dos factos mais curiosos da philologia românica é o que a analyse evidenciou na lingua franceza: a existencia de formas duplas, provenientes ora do nominativo ora do accusativo dos nomes da terceira declinação latina. Exemplo:

1. Pâtre — *pastor*  
Pasteur — *pastorem*.
2. Maire — *majör*.  
Majeur — *majorem*.
3. Sire — *senior*.  
Seigneur — *seniorem*.

O mesmo phenomeno realisa-se no portuguez e pode observar-se em um numero consideravel de casos (1).

Alguns nomes, introduzidos por influencia litteraria, vieram do caso recto etymologico; taes foram: *leo*, *virgo*, *scorpio*, *Cicero* e que já encontraram, ao entrar na lingua, as formas obliquas do accusativo; *leão*, *virgem*, *escorpião*.

De nome Cicero, temos a forma antiga quinhestista *Cicerão* e a forma italiana de identica origem *Ciceroni*.

*Jupiter* e *Jove* são igualmente formas da cunho litterario e erudito.

Ha outros exemplos, acerca da lingua

(1) Foi por indicação de Capistrano de Abreu que iniciei, neste sentido, as minhas pesquisas. V. a minha *These de concours*, pg. 17, nota.

commum, que offerecem maior interesse.

1. Trêde — *tráditôr.*  
traidôr — *tráditôrem.*
2. tredice — *tráditio.*  
traição — *tráditioem.*
3. Saiho — *sápor.*  
Sahôr — *sápórem.*
4. Ezlpa — *erysípelas.*  
Eryaipéla — *erysípílatem.* (2)
5. Pavo — *pavo.*  
Pavão — *pavonem.*

Estes axemploa estão longe de ser os únicos. Por influencia das linguaas romanicas modernas tivemos aa formas *honôr* e *errôr* que vieram ajuntar-se ás ja existentes *honra* e *erro*.

Foi do francez que se transplantou n nome *chantré*, do nominativo *cantor*; e temos ainda n divergencia *cantôr* do accusativo *cantorem*.

Sucedeu frequentemente que um dos vocabulos archaisou-se e o outro permaneceu. E' o que se vé de *sengo* e *senhor* (senior e soniore); *pindrã* e *penhór* (pignor e pignorem); *ratio* e *raçõ* (ratio, ratiõem); *ladro* e *ladriõ* (latro e latronem.)

Nos moteriaa analysadoa, a divergencia casual, recto e obliqua, é evidente e intuitiva.

Ha circumstancias que, todavia, difficultam qualquer affirmacão categorica. As formas *travo* e *travór* parecem obdecor á mesma lei: os glossarios, porém, não consiguam o vocabulo *travo*.

A' palavra erudita *jur* veio ajuntar-se o termo inglez *jury*, de origem românica. E' provavel que a forma *jury* não represente o uso obliquo, e veuha do francez, *jurée*.

JOÃO RIBBIRO.

## A AGUIA

A VALENTIM MAGALHÃES

Altiva e incançavel ague  
Atravessa a immesidade;  
Sem temer que o ceo esmeque-a  
As nuvens brancas invade.

E pelo sol redoireda,  
Sem os minimos essombros,  
Caryatides onseada  
Sente o azul tenger-lhe os homhros.

O Pensador, que soismendo  
Vlyia encadeado ao chão,  
Vendo além e egue passando  
Disse eo ar, disse á empliãõ :

Sempre assim, mundo mesquinho  
De invencivel fatalismo;  
Uns temendo o turvelinho,  
Outros zomhendo do ehysmo.

A ren no lodo escondilde,  
Tu ãas nuvens etrevez;  
Aquelle chorando e vide  
Tu vendo o munda e teus pés.

Uns tendo o herathro fundo  
Apenas para proscenio;  
Outros acima do mundn  
Armedos de ezas do genio.

Ne terra hnmilde, resteiro,  
Cauteloso o caracol;  
E tu fazendo poleiro  
Dos reios quentes do sol.

(2) No heixo-latino não havia e noção do genero neutro bastante determinada.

Este trahilha na treva  
E a treva nunca venceu:  
Aquelle onseado se eleva,  
E ronha o fogo do céu.

O ceminheiro extennado  
Torna-se á noite descrente;  
E tu no azul constellado  
Paisas ladolentemente.

Assim eu, curvado e exhausto  
Verme, sem forças haqueio.  
E aturdido com teu fausto  
Não ir tão longe receio

Céu, p'ra veres como posso  
Transpor as miserias rasas,  
Prende aos homhros de um colosso  
De harfeng as pulsantes azas!—

Mas nisto vé que uma penna  
Feito uma setta descia,  
E espiralando, serena  
Sobre a dextra lhe-cabia.

Soitava a aguia então um grito  
Que no espaço se perdeu,  
Como annuncio ao infinito,  
Voz prophetica do céu.

E o Pensador empunhando  
A penna, a melhor ancila,  
Pensou e onvia pensando  
Dizer-lhe intima Sybilla:

— Emfim o teu céu desvele,  
Ergue o vôo, expelle o pó;  
Irás mais longe do que ella,  
Aguia de uma penna só.—

J. DE MORAES SILVA.

## THEATROS

D. PEDRO II

Companhia dramatica italiana dirigida  
por G. Emanuel

OTHELLO

Foi na terça-feira que se estreiou a ultima companhia que nos trouxe o incomparavel Giacchi.

A' frente d'esta excellent troupe achase o eminente actor Giovanni Emanuel, que é hoje uma celebridade italiana e que d'aqui a pouco ha de ser uma celebridade universal, como Salvini e Rossi.

A peça de estreia foi o monumental *Othelo*, de Shakespeare.

Todo mundo conhece a espantosa tragedia do poeta inglez. Todos os artistas que têm attingido a culminancia da arte n têm representado. Mas, por isso mesmo que é uma peça genial, um estudo grandioso do coração humano, que não pertence a uma determinada época nem a uma determinada sociedade, mas aos seculos e ao mundo; por isso, ainda não foi quicá bem comprehendida aquella maravilha do engenho humano. Foi modernamente, com a definitiva conquista do naturalismo na Arte que se começou a comprehender melhor o tragico inglez e que se começou a determinar a feição artistica da sua obra colossal. As escolas de arte, pelo defeito inicial de reduzirem a regras academicas a interpretação e a execução das grandes creações artisticas, têm até hoje excluido a individualidade e desprezado a verdade como factor principal e determinante de toda obra artistica.

No theatro a exclusão da verdade é absoluta e completa, e ainda hoje ha quem affirme que, sendo o theatro um a

forma artistica toda convencional, é justo que a convenção domine tudo que aea theatrical. E' bem possivel que Shakespeare tambem assim pensasse; mas o que é certo, e boje quasi indiscutivel, é que o seu genio venceu o poder invecivel das tradições, talvez inconscientemente, e produziu a obra mais extraordinariamente verdadeira e mais profundamente humana do theatro antigo e moderno. Se a acção dos dramas estupendos de Shakespeare se reveste por vezes de uma phantasia apparente, no fundo d'essa mesma acção brilha intensamente a verdade dos sentimentos e das paixões, levada ao grão maximo a que pôde attingir a Arte. As paixões que se discutem e se agitam na obra do immenso poeta são as paixões mais vulgares: o amor, o ciúme, a duvida, o egoismo etc., etc. O poeta, que tinha, acima de tudo, a preocupação da emoção artistica, tomou os extremos: d'ahi o toque de loucura que ba' nos seus personagens; d'ahi a profunda verdade humana — porque toda a paixão levada no extremo é loucura.

A enorme e intrincada complexidade dos caracteres de Shakespeare, na sua generalisação e universalidade, é sempre acompanhada e seguida na acção, por um desenvolvimento methodico e racional, que leva á comprehensão inteira e nitida do typo creado. O grande tragico descobre principalmente nos monologos a alma dos seus personagens; quando na acção muitas vezes não comprehendemos o monstro, logo que o monstro se isola intervem a Consciencia e mostra-nos, inteiramente illuminado de frente,—o Homem.

No *Othelo* não foi certamente o moiro impetuoso e sincero, tigre com alma de pomba, coração simples e confiante, que deu mais trabalho e mais cuidados mereceu ao poeta. Othelo é secundario, é o paciente na acção do drama; o personagem principal, o agente, o que determina a urdidura o prepara a catastrophe — é Iago. Iago é uma criação estupenda; é a completa e perfeita personalisação da perfidia. Shakespeare no *Othelo* joga com esta antithese: um coração franco, leal, coofiente, e um coração odiento, péfido, venenoso, hypocrita. No coração de Othelo ha polvora; no de Iago ha fogo. Estes dois corações tocam-se, e a explosão é espantosa e formidavel! O odio de Iago communica á alma de Othelo o rastilho da calumnia e ateia-lhe o incendio do ciúme. Está aqui o drama.

A interpretação d'sstes dois typoa geniaes exige um talento excepcional e o completo conhecimento da arte. O actor tem forçosamente de ser um critico e um analysta quando se ahalança a interpretar Shakespeare. E' preciso descobrir os milhares de facetas d'aquelles diamantes e saber expô-los a toda a luz da arte.

O trabalho de Emanuel é mais do que um trabalho estupendo; é um trabalho novo, original e audaz. Vê-se bem que o principal designio do grande artista foi *humanisar* aquelle Othelo que os precedentes interpretes haviam tornado uma fera. D'aquelle tigre tradicional o immenso talento de Emanuel extrahiu um homem. A nosso ver foi o primeiro artista italiano que comprehendeu o naturalismo de Shakespeare. Parts d'aqui o seu admiravel trabalho; todo ella é methodicamente

deduzido d'este principio. Vislumhrando o enorme fundo da verdade que ha naquells personagem, Emanuel preocupou-se com ser verdadeiro, e conseguiu-o. Comprehendendo que a verdade é a base de toda a arte, rompeu com todas as tradições, despresou todos as academias, quebrou todas as regras, despedaçou todas as convenções, derrocou todos os idolos consagrados—foi verdadeiro.

A interpretação é natural, logica, perfeita; n execução é inexcadivel o grandiosa. O Othelo rugidor e ululante acachou. Emanuel é o Othelo humano, simples e rudo, apaixonado e impetuoso, amante e soldado. Vestindo-o sensatamente á veneziana, Emanuel não se esqueceu das fatalidades da raça, e no general baptisado e civilisado apparece sempre, nas minimas circumstancias da acção, o caracter do moiro ardente, a vobomencia desordenada do typo mussulmano. Ests maravilhosos trabalho de perspectiva no fundo do desenho de Othelo é tractado por Emanuel com traço firmissimo, com uma delicadissima sciencia do colorido e dos meios toa. Não é um desenho geometrico, de largos traços grandiosos e de effeitos deslumhrantes de luz. E' um trabalho de minucias e de primorosos esbatimentos. O colorido da paixão sohe gradativamente toda a gamma das cores até no vermelho candente da explosão.

No primeiro acto n narraçõ de Othelo é dicta com uma simplicidade inesperada. Nada de ademanes tragicos, nada de exaggeros nem de convenções; conta o seu caso como o deveria contar um homem rude, com a consciencia tranquill de não haver feito mal; narra singelamente, com immensa naturalidade, e o trabalho dos detalhes começa des de a entrada de Desdemona. Ahi temos então o homem e o soldado. Unctuos e meigo com a esposa; ativo e grave com o senado. No segundo acto temos a bella scena da admoestação a Cassio. Aparece em Othelo o *chefe*, e Emanuel diz magestosamente toda a primeira fala, com uma perfeita serenidade de corpo, e aó deixando transparecer na voz imperiosissima a colera que o domina. Em seguida rompe ainda o artista com as tradições classicas, e fala á tropa de costas para o publico, impoentemente.

No terceiro acto começa o obra de Iago. A acena da calumnia é assombrosa. As palavras do alferes vão-lhe cahindo na alma como gottas d'agua numa placa ardente; a auspeita é ouvida quasi com indifferença, mas depressa se apossa da alma do moiro até dominal-a completamente. Toda a narraçõ de Iago ouve-a Emanuel sentado á meza sm que ia estudar o seu plano de campanha. Ha aqui um trabalho colossal e novo. O artista despresn todos os effeitos, e o moiro, naturalmente cabello, contorce-se na agonia da dôr moral e não cuida na elegancia das attitudes. Não tira da tremenda situação o partido que poderia tirar: sacrificia o effeito á verdade, justamente o contrario do que fazem em geral os tragicos. Na ultima scena d'este acto, com Iago, Emanuel é extraordinario. Iago começa a iusistir na calumnia, Othelo agarra-o pela gola, com uma só mão, e levanta-se formando e terrivel; vae-o empurrando para o primeiro plano da direita até o prostrar resupinto. A colera do moiro é pavorosa! Depois da queda de Iago,

o esforço que Othello faz sobre si mesmo para o não estranhar, é melancólico. Emmanuel exprime-o num gesto eloquentíssimo, agachado, mordendo os lábios, com os punhos cerrados, numa attitude horriavelmente amoadora!

No quarto acto, a alma atribuladíssima de Othello explode na ironia e no desleem. A scena da accusação de Desdemona é admiravel. E no fim do acto a scena com Desdemona e Emilia e a subsequente sahida, são magnificas.

No quinto acto o artista é estupefaciente! Desde o monologo da entrada, dicto com a voz estrangulada, até a scena do assassinio, é um nssombro! No fim ha um transição notavel, quando Othello, soluçante, acaba de peilir a Ludovico que narre fielmente o seu character, e passa a narrar elle mesmo o que fizera uma vez a um moiro prepotente, um perro circumciso, a quem degolara com o seu alfange, como termina por fazer n si proprio. A transição é soberba; do tom supplice, dolorido e humilde, passa bruscamente ao tom arrogante e altanado, até ao acto da degolação. A morte é horrorosa de verdade! No estertor final o corpo treme-lhe medonhamente e a voz some-se-lhe entre o gorgolejar do sangue na garganta. E' sublime!

Emanuel é inteiramente senhor da voz e do gesto. Correctissimo na gesticulação, encontra na voz todas as modulações, toda uma escala de sons. Um artista completo e brilhante.

A marcha da irrefreavel paixão que escalda e despedaça a alma do moiro, é observada profundamente, com uma larguissima intuição artistica. O Othello de Emanuel foi a primeira criação genial que vimos do naturalismo na arto de representar.

Bravos ao grande artista italiano!

Ao papel de Iago deu o Sr. Valenti a nosso ver uma interpretação erronea. Mas o trabalho do actor pôde dividir-se sempre em duas partes distinctas: interpretação e execução. Ao Iago do Sr. Valenti falta a feição sympathica e atrahente que supponos naquelle personagem. Para que todos o estimem, o venerem e lhe pegam conselhos é indispensavel que elle tenha a qualidade apparente da sympathia. O Iago do Sr. Valenti é antipathico. Aceita, porém, aquella interpretação, a execução é magnífica, equal, primorosa.

A Sra. Virginia Reiter faz com talento e encantadora ingenuidade a parte de Desdemona. Teve scenas muito felizes, principalmente as do quarto acto, primeiro com Emilia e Iago, depois com Othello.

A Sra. Aleotti fez muito bem a parte de Emilia e fez com bastante vehemencia a scena do quinto acto.

Dos outros artistas, todos em papeis sem importancia, pôde-se dizer, como sempre, que concorreram para o exito da peça.

Ha tambem na companhia um bom actor de comedia, o Sr. Roncoroni, que representa com muita naturalidade e graça.

Na segunda representação do Othello houve uma intoleravel sardina na orchestra, durante a oração de Desdemona, no quinto acto. Aquillo é que foi o diabo! Uma tristeza...

Ingratos seriamos se terminassemos esta noticia sem dar um abraço, um

estrito e cordialissimo abraço no cavalheiro Cesare Ciacchi, o distincto e gentilissimo empresario, que, como pae Paulino, para estas cousas de arte — tem olho.

Devemos-lhe o Rossi, a Sarah Bernhardt, a Duse, o Andò, a Preciosi, o Duran, e agora, depois de uma infinidade de artistas celebres, o assombroso, o grande, o extraordinario Emanuel; e vamos dever-lhe o Coquelin e a Patti; Ciacchi não é para ahí um empresario qualquer.

Além de talento e actividade pasmosa, tem educação — para dar e vender.

Não é apenas um cavalheiro: é um cavalheiro em toda a extensão da palavra.

Parabens e agradecimentos ao Ciacchi.

Hontem representou-se *Nero*. Emanuel foi soberbo e sublime.

O 5º acto — um assombro! A morte um prodigio de medonha verdade! Diremos largamente no proximo numero.

#### S. PEDRO DE ALCANTARA

A companhia dramatica portugueza deu-nos segunda-feira uma nova edição da *Fédora*, de V. Sardou, na qual o actor João Rosa é agora substituido, no papel de Loris Ipanoff, pelo actor E. Brazão, que o desempenhava em Lisboa; Brazão foi um Loris magnifico.

Na terça-feira representou-se *Clara Soleil*, de Gondinet, comedia tambem já representada no anno passado, e que, pela série ininterrompida de engraçadissimas situações de que é composta, provoca sempre francos applausos.

Das peças falámos largamente quando representadas na primeira época da companhia. O desempenho é tambem conhecido e de harmonia com os meritos da companhia.

No ultimo d'estes espectaculos representou-se tambem a comedia *Posso falar á Sra. Queiroz?* e o monologo *Os camarões*, em que o actor Ferreira da Silva revela pronunciada vocação para o genero.

#### HAMLET

A companhia portugueza deu-nos, na quinta-feira, a primeira do *Hamlet*, de Shakespeare. Brazão apresentou um bello trabalho que apreciaremos devidamente no proximo numero. O accumulo de materia não nos permite fazer o que desejaramos.

#### LUCINDA

Como annunciáramos, a companhia hespanhola de zarzuela poz em scena, no ultimo sabhado, pela segunda vez, a zarzuela de grande espectáculo — *Os Diamantes da Corôa*, e no domingo a apparatusa peça *Os Madgyares*.

Ambas as composições tiveram o feliz desempenho a que nos habituou a modesta mas correcta *troupe* dos Srs. Valle e Garrido.

Na segunda-feira tivemos o *Robinson*; na terça *A Marselheza*; na quarta *O Postilhão da Rioja*; na quinta *A Guerra Santa* e, finalmente, hontem *O Lenço de*

*Ramagem* e *O Bazar Noivas*. Para hoje anuncia-se a repetição dos *Madgyares* e para auanhã dois espectaculos extraordinarios em despedida da companhia.

Como se vê, a empreza e os artistas são infatigaveis em procurar ntrahir o publico ao Lucinda, e o publico, a seu turno, tem sabido recompensar esses esforços afluindo ao theatro o não regeateando applausos á sympathica companhia hespanhola.

A companhia parte para S. Paulo na proxima terça-feira.

#### RECREIO DRAMATICO

Este thentro tem dado bellos espectaculos com o *Kéau*, a *Martyr* e *O conde de Monte Christo*.

Hontem representou-se ali pela 1ª vez, n'esta época, *A Douda de Mont-Mayour*.

#### PRINCIPE IMPERIAL

Dá-nos hoje e amanhã o *Galo de Ouro*, e na proxima terça-feira mimoseará os seus habitúes com a nova produção do nosso collega Arthur Azevedo — *O barão de Pituassú*, comedia-opereta.

P. TALMA.

#### FESTAS, BAILES E CONCERTOS

##### CONCERTOS POPULARES

Foi magnifico o que se realizou domingo passado. A' excepção da *Introdução* do *Guarany*, que não teve boa execução, todas as peças do programma foram muito applaudidos.

Amanhã realiza-se o quarto concerto, de programma muito atrahente pelas peças que, em primeira audição, nelle figuram.

LORGNON.

#### SPORT

A abundancia de originaes obrigounos a não dar hoje o artigo que sobre as corridas ultimas, realisadas no Derby-Club, escreveu o nosso estimavel collaborador L. M. Bastos. Damos simplesmente, e em resumo, o movimento dos pareos d'aquella corrida:

1º pareo (1000 metros) correram Visiere, Lady, Pfenvenche, Cinira e Rapid. Chegou em 1º lugar Visiere (em 65 segundos). Rateio 15\$200.

2º pareo (1450 metros) — Correram Espadilha, Cupidon, Berenice e Gazella. Venceu Espadilha (em 97 segundos). Rateio 14\$000.

3º pareo (1609 metros) — Correram Tenor, ex-Flotsam, Druid, Intima e Condor. Ganhou Tenor (em 108 segundos). Rateio 16\$900.

4º pareo (1609 metros) — Correram Phenicia, Pancy e Babylonia. Venceu Phenicia (em 110 segundos). Rateio 10\$200.

5º pareo (2400 metros) — Correram Phrynéa, Salvatus e Gladiador. Ven-

ceu Phrynén (em 157 segundos). Rateio 12\$600.

6º pareo (2400 metros) — Correram Sibylla, Boreas e Bonita. Ganhou Sibylla (em 168 segundos). Rateio 23\$700.

Movimento geral da poule: readeu 154:330\$000.

Amanhã realiza o Prado Villa-Izabel uma excellente corrida. O programma é bem organizado.

Eis os nossos palpites: 1º pareo — Cantagalho; 2º Berenice; 3º Phenicia; 4º Biscaia; 5º Scylla; 6º Visiere o 7º Mandarin ou Chapecó.

#### COLLABORAÇÃO

FLOR

(ALAHYDE)

Falo a ti, doce virgem dos meus sonhos!

CASIMIRO DE ABREU.

Eu já gostei, das peregrinas rosas, espalhando os aromas delicados, das corollas dos lyrios nos vallados, erguendo as brancas folhas melintrosas.

E gostei das magnolias portentosas, asylando nos cálices nevados as lagrymas dos roctos gattejaços nas madrugadas frescas e brumosas,

Mas depois que teu lucido semblante vi nos meus sonhos despontar ovante, cheio de mimo e graça e de frescor,

nunca mais, nunca mais minha alma preza pode nas flores encontrar belleza, pois tu és para mim a unica flor!

1887.

MAX. FLEIUSS.

#### FACTOS E NOTICIAS

##### RAYMUNDO CORRÊA

Para festejar o apparecimento do bellissimo, do extraordinario livro dos *Versos e Versões*, foi offerecido a Raymundo Corrêa, no domingo, 3 do corrente, no hotel do *Globo*, um delicado e profuso almoço. Dos que lh'o offereceram estavam presentes Olavo Bilac, Rodrigo Octavio, Cyro de Azevedo, Arthur Azevedo, Alcibiades Furtado, Alfredo de Souza, Gaspar da Silva, Paula Ney, Alberto Brandão, Francisco Sodré e Valentim Magalhães.

Luiz Delfino e Machado de Assis adheriram áquella manifestação, mas, infelizmente, não puderam comparecer. Ao servir-se o *champagne*, Valentim Magalhães recitou os seguintes versos:

##### A RAYMUNDO CORRÊA

Como um levita doce e grave,  
Elle ama com profundo amor  
O sol, o mar, a estrella e a ave,  
O fructo e a flor.

Elle ama e serve, ó Natureza,  
A tua força alma e infinita,  
Tudo em que vê graça e belleza  
E a luz palpita.

Tem, como um preto religioso,  
Da Forma o culto arduo, immortal,  
E sacrificia, fervorosos,  
Ao Ideal.

No plectro seu, de ebano e ouro,  
Canta e a, cantar, passa o Universo,  
E tem de gemmas um thesouro  
Em cada verso.

A voz das arvores, do vento,  
A voz do céo, da terra e do ar,  
E a grande voz do Pensamento,  
Como a do mar,

E as musicas dos passarinhos  
— Alegres, tímidos viventes —  
Que enchem de amor seus florecs ninhos,  
Sãom frementes,

Em notas limpidas, perfeitas,  
Imprevistas e musicas.  
— Gaunmas brilhantes e desfeitas:  
Em sons ideaes —

Nas cinco cordas da sua lyra,  
Harmoniosa, virgilliana,  
— Em que soluça, ri, suspira —  
Toda a alma humana. —

Saudemos, pois, este perfeito  
Mestre do Idyllo e da Canção.  
Que a inveja vil e o vil despeito  
Mordam-se em vão !

Saudemos este que esculpido  
Tem sonhos, dóres e alegrias ;  
E é príncipe no «Reino Unido  
Das Harmonias.»

Alfredo do Sousa improvisou esta  
estrophe :

Por estranhos, bizarrs monumentos,  
Por gothicos palacios rendilhados  
Vão sempre os meus humildes pensamentos  
Quando leio os teus versos adorados.

Arthur Azevedo leu este soneto :

Tu já não morres, inlycto Raymundo,  
Que hoje c'os versos teus a Patria espantas ;  
Não morre quem cantar como tu cantas,  
Inspirado, correcto, alto e fecundo.

Ha de um dia seccar-se o mar profundo,  
Hão de um dia murchar todas as plantas,  
E, no horario de Deus, lá para as tantas,  
Desmantelar-se a machina do mundo ;

Mas o genio ás catastrophes resiste ;  
Mata a morte, conquista a eternidade,  
E onde tudo se fôz só elle existe...

Se ha nos homens uns restos de equidade,  
Os tres volumes que tu produziste  
Abrem-te as portas da Posteridade.

Alcibiades Furtado tamhem leu uns  
versos, mas não houve meio de lh'os  
furtar, (como disse, com espirito, Ar-  
thur Azevedo, no seu *De Palanque* a res-  
peito da festa.)

Valentim Magalhães recitou, em  
nome da Luizinha, a adoravel filha de  
Gaspar da Silva, os formosissimos ter-  
cetos que se encontram no livro sob o  
título *Luizinha*.

No correr do almoço foram recebi-  
dos estes telegrammas :

« Saudamos os dos maiores poetas  
do seculo XIX » (Do Dr. Lucindo dos  
Passos Filho e do Sr. Barros Sayão ;  
Vassouras.)

« Parabens e felicitações ao nosso  
Raymundo. » (Do Alfredo Pujol ; Men-  
des.)

« Ao adoravel poeta das *Symphonias*  
e *Versos e Versões* muito saudar. » (De  
Lucio de Mendonça ; Valença.)

« Viva o Raymundo ! » (De Theophilo  
Dias ; S. Paulo.)

Foram recitadas varias composições  
das *Symphonias* e dos *Versos e Versões*,  
entre as quaes o celebre soneto *As pom-  
bas* por Alfredo de Sousa, que lhe deu  
grande relevo e expressão.

Foi nma festa memoravel a todos os  
respeitos, especialmente por ter sido  
realisada aqui, onde só se offerecem  
banquetes e outras provas de apreço a  
commendadores e politicos.

Parahens ao grande poeta.

Do Alfredo Pujol recebemos, para  
acompanhar esta noticia, as seguintes  
linhas :

« Meu caro Valentim. — Mendes. 3—7  
—87. De volta de uma pequena via-  
gem, aqui encontrei duas cartas, uma  
sua, outra do Rodrign Octavio, contendo  
ambas amabilissimos convites para  
o almoço offerecido ao grande poeta  
dos *Versos e Versões*.

A' hora em que li taes cartas só devia  
restar, da esplendida festa em honra  
do nosso poeta, a grata recordação das  
deliciosas estrophes recitadas no salão  
do *Globo*, dos mirabolantes discursos e  
das não menos deliciosas *cótelletes* d'a-  
gneau á *Semana*, regaladas com o com-  
petente *Haute Sauterne*...

Mandeí ao diaho a tal viagem e con-  
tentei-me com relér esse admiravel  
volume dos *Versos e Versões*, onde ha  
trahalhos que serão talvez conside-  
rados mais tarde, como judiciosamente  
notou o Arthur Azevedo, verdadeiros  
monumentos da poesia brazileira.

E' realmente digno de inveja este  
extraordinario talento de Raymundo  
Corréa !

Que valem accusações de plagiario,  
— ainda as mais graves — contra o por-  
tentooso poeta que hurilou aquelles  
*Versos a um artista* ?

Que vale a critica, — ainda a mais se-  
vera — ao pé do auctor do *Filho de Cleo-  
patra*, d'aquelles deliciosos tercetos a  
*Luizinha*, e de tantos e tão hellos e im-  
peccaveis sonetos que opulentam este  
livro estupendo ?

Bem hajam todos aquelles que sou-  
heram render a homenagem devida ao  
notabilissimo poeta.

A ellcs me venho juntar, jubilosso,  
por ver minha patria possuidora de  
um livro que a ennohrece, e cheio de  
orgulho, por ter a ventura de contar o  
auctor d'esse livro no numero de meus  
amigos.

Adeus, meu bom Valentim. Sempre  
amigo e admirador, *Alfredo Pujol*.

RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Esta sociedade realisou em 30 do pas-  
sado uma sessão solemne, commemorativa  
ao 25º anniversario da sua instal-  
lação.

Estiveram presentes SS. EEx. o mi-  
nistro e o consul de Portugal, muitos  
convidados e grande numero de socios.

Fez o discurso official o illustrado  
Sr. Dr. Antonio Zeferino Candido, fal-  
hando em seguida diversos outros cava-  
lheiros, deppis do que foi offerecido  
pela directoria um profuso copo d'agua,  
durante o qual foram trocados os mais  
delicados e entusiasticos brindes.

Parahens á digna associação, por  
tanto ter progredido.

Para nova e elegante casa, á rua do  
Ouvidor, transfere-se hoje o *Hotel de  
Londres*. Agradecemos o convite feito  
aos redactores d'esta folha pelo pro-  
prietario do *Hotel de Londres* para  
comparecerem ao lauto jantar inau-  
gural do novo edificio, e por elle dedi-  
cado á imprensa.

Pelo director d'esta folha foi offere-  
cido, no dia 4 do corrente, um jantar  
modesto mas cordialissimo, ao Sr. Gas-  
par da Silva, redactor do *Diario Mer-  
cantil*, de S. Paulo.

Estiveram presentes, além de outros,

Raymundo Corréa, Filinto d'Almeida e  
Olavo Bilac.

Outro fim não teve essa intima re-  
união senão manifestar ao nosso pro-  
vecto collega, o alto apreço e distincta  
estima em que é tido pelos redactores  
d' *A Semana*.

Gaspar da Silva voltou hontem para  
S. Paulo, tendo sido precedido de dois  
dias por Olavo Bilac.

Tivemos o prazer da visita do Dr.  
Lucindo dos Passos, filho, que voltou  
ante-hontem para Vassouras.

O Sr. Estevão Roberto da Silva abriu  
a primeira exposição de seus quadros  
na sala *Dr. Ferreira de Araújo*, do Ly-  
ceu de Artes e Officios.

Visital-a-emos.

FALLECIMENTO

Falleceu na quinta-feira ultima a  
Exma. Sra. D. Emilia de Senna, virtu-  
tossissima esposa do nosso collega do  
*Jornal do Commercio* Ernesto Senna.

Ao nosso collega e a sua Exma. fami-  
lia damos as mais sinceras condolen-  
cias.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Maga-  
lhães é encontrado no seu escriptorio  
todos os dias, das 10 horas da manhã ás  
3 da tarde — Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo. — Advo-  
gado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das  
Cancellas n. 2.

O cobrador Bernardo da Silva  
Brandão Junior continúa a receber  
cobranças por percentagem razoavel.  
Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas  
e apperellos para lavoura — Schu-  
bert Irmãos, Haas & C. — Juiz de Fora.

« O Municipio » — Redacção: DR.  
FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO  
— Gerencia : WENCESLAU ROSA — CASA  
BRANCA.

*Alvoros matinaes*, poesias de  
Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma  
introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso  
Celso Juunior. A sair do prelo. Preço do  
volume : 2\$000.

Dr. André Rangel. — C. Rua  
da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme  
Velho n. 4 B.

Advogado — Capitão Timotheo Ri-  
beiro de Freitas — Largo do Rosario —  
Barbacena.

A FLORA BRAZILEIRA

Chá, Cera, Matte, Rapé e Sementes

PIMENTEL & DUARTE

81 Rua da Uruguayana 81

RIO DE JANEIRO

LIVROS

Grande liquidação na antiga livraria  
de Faro & Nunes.

Preços nunca vistos.

72 Rua do Ouvidor 72

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegan-  
tamente impresso a duas cores. 300 pa-  
ginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e  
Laemmert, eho escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitida-  
mente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha  
e nas livrarias Garnier e Laemmert.



Grande novidade ha hoje, Exmas. ! A  
passeio? E' verdade! Sahimos unica-  
mente por não podermos resistir ás  
grandes pechinhas que hoje anuncia  
a *California*, na rua do Se-  
nador Dantas n. 4. Onde fica essa  
rua? E' a rua nova, que principia no  
largo da Guarda Velha!

Já chegaram as grandes novidades  
em capas, cortés de vestidos bordados e  
artigos de malha de lá para crianças e  
para senhoras.

|   |         |
|---|---------|
| Algodão muito forte, peça.....  | 16000   |
| Morim para ferro, peça.....   | 6000    |
| Dito superior, peça 4\$200 e.....   | 6000    |
| Dito mais superior, peça.....   | 2\$200  |
| Velludos de cor, adamascados.....   | 2\$000  |
| Bonitas lãs de todas as cores...  | 6000    |
| Chitas muito largas, 360 e.....   | 4240    |
| Batistes e percales, 300 e.....   | 3200    |
| Carretéis com 200 jardas da me-<br>lhor linha para machina.....                   | 6050    |
| Cobertores de lã, encarnados.....   | 2\$400  |
| Meias compridas em ponto de<br>cordão, de cor, para crianças.....                 | 6400    |
| Peças com 5 metros de renda de<br>seda.....                                       | 8200    |
| Renda de seda preta, larga.....   | 6400    |
| Rendas de todas as cores, 400 e.....  | 6000    |
| Colchas com franja, 2\$500 e.....   | 1\$800  |
| Pentes para caspa, 200 ; alisar.....  | 6000    |
| Tapetes finos para quarto.....  | 2\$000  |
| Paletots e water-proofs de ver-<br>dadeira casimira (não é feltro)<br>1\$6 e..... | 10\$000 |
| Renda de lã com fio dourado... ..   | 6000    |
| Botões muito grandes, cada... ..  | 6100    |
| Botões para vestido, duzia.....   | 6120    |
| Oxford largo, a 240 riscados a... ..  | 6240    |
| Lençoes fortes, 1\$900, 1\$200 e.....   | 6800    |

AOS BARATEIROS !

4 Rua do Senador Dantas 4

O GAIATO DE SALÃO

O *Gaiato de Salão*, collecção de dispa-  
rates amatorios engraçadissimos em  
perguntas e respostas para passa  
tempo das noites de fogueiras. Vende-se  
na rua de Gonçalves Dias 33 e Ouvi-  
dor 66.

PREÇO 500 !

# PRADO VILLA-IZABEL

## PROGRAMMA DA 6ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 10 DE JULHO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Conciliação**—1450 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro 90\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes              | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas | Proprietarios      |
|-----|--------------------|------------|--------|---------------|---------|-----------------------|--------------------|
| 1   | Zaire.....         | Gsteado... | 5 ans  | Paraná....    | 56 kil. | Azul e branco.....    | Coud. Amadores.    |
| 2   | Tufão.....         | Castanho.. | 4 »    | R. de Jane..  | 51 »    | Verde e ouro.....     | C. V. S. Coutinho. |
| 3   | Blanche ex-Barbara | Tordilho.. | 5 »    | Rio Grande    | 52 »    | Azul e grénat.....    | Coud. Estrella.    |
| 4   | Verbena.....       | Castanho.. | 5 »    | R. de Jane..  | 54 »    | Azul e ouro.....      | Coud. Santa Cruz.  |
| 5   | Guacho.....        | Chita..... | 4 »    | Rio Grande    | 51 »    | Azul e grénat.....    | A. M.              |
| 6   | Ondina.....        | Tordilho.. | 4 »    | S. Psulo...   | 49 »    | Azul e amarello...    | J. Rocha.          |
| 7   | Rigoletto.....     | Zaino..... | 5 »    | Paraná....    | 54 »    | Azul e branco.....    | S. V.              |
| 8   | Martha.....        | Castanho.. | 3 »    | R. de Jane..  | 46 »    | Geranium e verde..    | J. Bragança.       |
| 9   | Contagallo.....    | Zaino..... | 6 »    | Paraná....    | 52 »    | Preto e vermelho...   | Fontes & C.        |

2º pareo—**Ensaio**—1450 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|   |                |            |       |              |         |                           |                       |
|---|----------------|------------|-------|--------------|---------|---------------------------|-----------------------|
| 1 | Juanita.....   | Baio.....  | 3 ans | R. de Jane.. | 46 kil. | Grénat e lyrio.....       | D. A.                 |
| 2 | Florida.....   | Zaino..... | 3 »   | S. Paulo...  | 46 »    | Azul e amarello...        | Coud. Luzitana.       |
| 3 | Absyntho.....  | Castanho.. | 3 »   | Idem.....    | 48 »    | Azul e ouro.....          | Coud. Santa Cruz.     |
| 4 | Erse.....      | Pampa...   | 3 »   | Idem.....    | 48 »    | Verde, branco e encarnado | Coud. Excelsior.      |
| 5 | Berenice.....  | Alazão...  | 3 »   | R. de Jane.. | 46 »    | Ouro e branco.....        | Coud. Fluminense.     |
| 6 | Piston.....    | Zaino..... | 3 »   | S. Paulo...  | 48 »    | Vermelho.....             | Tattersall Campineiro |
| 7 | Ohô.....       | Vermelho.. | 3 »   | Idem.....    | 48 »    | Vermelho e bonet preto.   | Idem, idem.           |
| 8 | Caítta.....    | Castanho.. | 3 »   | R. de Jane.. | 46 »    | Grénat e ouro.....        | I. S.                 |
| 9 | Corcovado..... | Idem.....  | 3 »   | Idem.....    | 48 »    | Grénat e ouro.....        | Mario de Souza.       |

3º pareo—**Suburbano**—1600 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 700\$ ao primeiro 175\$ ao segundo 100\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |             |         |                               |                        |
|---|-----------------|------------|-------|-------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | Africana.....   | Zaino..... | 3 ans | R. da Prata | 47 kil. | Verde e ouro.....             | D. Olga L. da Costa.   |
| 2 | Le-Loup.....    | Preto..... | 4 »   | França....  | 54 »    | Azul e grénat.....            | Coud. Internacional.   |
| 3 | Diomedes.....   | Castanho.. | 4 »   | Idem.....   | 54 »    | Azul e preto.....             | Coud. Bocaina.         |
| 4 | Páncy.....      | Zaino..... | 3 »   | R. da Prata | 47 »    | Encarnado e ouro.....         | V. M.                  |
| 5 | Musico.....     | Preto..... | 5 »   | França....  | 57 »    | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 6 | Mastin.....     | Castanho.. | 4 »   | Idem.....   | 54 »    | Grénat e violeta.....         | A. M. P.               |
| 7 | Phénicia.....   | Alazão...  | 3 »   | Inglaterra. | 49 »    | Encarnado e mangas azul claro | Coud. Brasileira.      |
| 8 | Dr. Jenner..... | Zaino..... | 4 »   | R. da Prata | 52 »    | Grénat e ouro.....            | I. S.                  |

4º pareo—**Progridior**—1000 metros—Animas nacionaes até meio sangne—Premios: 600\$ ao primeiro 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

|   |                   |            |       |              |         |                          |                       |
|---|-------------------|------------|-------|--------------|---------|--------------------------|-----------------------|
| 1 | Morena.....       | Castanho.. | 4 ans | Paraná....   | 52 kil. | Verde e ouro.....        | J. L. C.              |
| 2 | Mondego.....      | Idem.....  | 5 »   | S. Paulo...  | 56 »    | Azul e amarello...       | Coud. Lusitana        |
| 3 | Biscaia.....      | Alazão...  | 5 »   | Idem.....    | 56 »    | Azul e ouro.....         | Coud. Santa Cruz.     |
| 4 | Douro.....        | Alazão...  | 6 »   | R. de Jane.. | 57 »    | Encarnado e preto.....   | Coud. Independencia   |
| 5 | Villa-Nova.....   | Zaino..... | 5 »   | Paraná....   | 54 »    | Azul branco e amarello.  | Coudelaria Esperança  |
| 6 | Aldace.....       | Castanho.. | 5 »   | S. Paulo...  | 54 »    | Azul marinho e ouro..... | J. Vaz.               |
| 7 | Maestro.....      | Tordilho.. | 4 »   | S. Paulo...  | 53 »    | Vermelho e bonet preto.  | TattersallCampineiro. |
| 8 | Fagote,ex-Marengo | Vermelho.. | 6 »   | Idem.....    | 57 »    | Vermelho.....            | Idem, idem.           |
| 9 | Druid.....        | Tordilho.. | 5 »   | R. de Jane.. | 59 »    | Branco e encarnado.....  | Oliveira J. & Lopes.  |

5º pareo—**Omnibus**—1800 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |              |         |                         |                       |
|---|-----------------|------------|-------|--------------|---------|-------------------------|-----------------------|
| 1 | Daybreack.....  | Castanho.. | 3 ans | Inglaterra.. | 51 kil. | Azul e ouro.....        | D. Julia Vieira       |
| 2 | Scylla.....     | Idem.....  | 4 »   | Idem.....    | 54 »    | Grénat e violeta.....   | Cond. Rio de Janeiro. |
| 3 | Perle.....      | Zaino..... | 3 »   | França....   | 49 »    | Branco e encarnado..... | Oliveira J. & Lopes.  |
| 4 | Dr. Jenner..... | Idem.....  | 4 »   | R. da Prata  | 52 »    | Grénat e ouro.....      | J. S.                 |

6º pareo—**Omnium**—1800 metros—Animas estrangeiros de 2 annos que ainda não tenham ganho—Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|   |                |            |       |              |         |                            |                  |
|---|----------------|------------|-------|--------------|---------|----------------------------|------------------|
| 1 | Cinira.....    | Alazão...  | 2 ans | Inglaterra.. | 46 kil. | Encarnado, preto e branco. | J. A. Silveira.  |
| 2 | Onvidor.....   | Castanho.. | 2 »   | Idem.....    | 48 »    | Azul branco e amarello.    | Coud. Esperança. |
| 3 | Indio.....     | Idem.....  | 2 »   | R. da Prata  | 48 »    | Azul e grénat.....         | J. L. C.         |
| 4 | Fire-Geon..... | Idem.....  | 2 »   | Inglaterra.. | 46 »    | Azul e ouro.....           | D. Julia Vieira. |
| 5 | Visière.....   | Alazão...  | 2 »   | França....   | 46 »    | Azul e palha.....          | J. P. de Castro. |
| 6 | Apollo.....    | Idem.....  | 2 »   | R. ds Prata  | 48 »    | Azul e grénat.....         | J. R. M.         |

7º pareo—**Villa-Izabel**—1600 metros—Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|    |                    |            |       |              |         |                                 |                        |
|----|--------------------|------------|-------|--------------|---------|---------------------------------|------------------------|
| 1  | Morena.....        | Castanho.. | 4 ans | Paraná....   | 49 kil. | Verde e ouro.....               | J. L. C.               |
| 2  | Americana.....     | Tordilho.. | 5 »   | R. de Jane.. | 49 »    | Azul e amarello...              | Coud. Lusitana.        |
| 3  | Mandarim.....      | Rosilho... | 5 »   | S. Paulo...  | 54 »    | Azul e grénat.....              | Coud. Paraiso.         |
| 4  | Bonita.....        | Alazão...  | 6 »   | Idem.....    | 52 »    | Branco e fsixa vermelha.        | G. M.                  |
| 5  | Bismarck.....      | Gateado... | 5 »   | Idem.....    | 54 »    | Branco e azul.....              | J. C. Lemos.           |
| 6  | Viola,ex-Gamacusa. | Alazão...  | 5 »   | Idem.....    | 54 »    | Vermelho e bonet preto.         | Tattersall Campineiro. |
| 7  | Rabecão,ex-Orphéo  | Preto..... | 5 »   | Idem.....    | 54 »    | Vermelho.....                   | Idem Idem              |
| 8  | Cyclone.....       | Castanho.. | 4 »   | R. de Jane.. | 51 »    | Ouro, mangas e bonet azul.      | Coud. Alliança.        |
| 9  | Saltarello.....    | Preto..... | 5 »   | Paraná....   | 56 »    | Geranium e ouro.....            | J. W.                  |
| 10 | Jenny,ex-Baheca.   | Vermelho.. | 5 »   | S. Paulo...  | 51 »    | Geranium e ouro.....            | J. W.                  |
| 11 | Boyardo.....       | Alazão...  | 5 »   | Idem.....    | 56 »    | Branco e estrellas azues.       | Coud. Guanabara.       |
| 12 | hqapécó.....       | Castanho.. | 4 »   | Paraná....   | 51 »    | Branco, estrellas azues e faixa | Idem Idem.             |

### OBSERVAÇÕES

Os animas inscriptos no primeiro pareo devem estar no ensilbamento ás 11 horas em ponto.

**RAUL DE CARVALHO**, 2º secretario

O pessoal dos portões pôde comparecer na secretaria no dia 9, das 4 ás 7 horas da tarde.

**PAIVA JUNIOR**, 1º secretario

## EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydroposphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIAGIDO POR

**E. GAMBÃO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes e francezes encontram-se na

**CHAPELARIA INGLEZA**

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

**RUA DO OUVIDOR, 45**

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 16 DE JULHO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 433

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                 |
|--|-----------------|
| Expediente.....                            | V. MAGALHÃES.   |
| Plágios e plagiários.....                  | F. D'ALMEIDA.   |
| O batho thermal, poesia.....               | L. DE MENDONÇA. |
| «Versos e Versões».....                    | J. DE ARAUJO.   |
| A' vista da patria, soneto.....            | Y.              |
| Notas bibliographicas.....                 | J. RIBEIRO.     |
| Notas philologicas.....                    | R. AZAMOR.      |
| Lendo a «Lyrico», soneto.....              | A. AZEVEDO      |
| As estellas, soneto auto-<br>graphico..... | P. TALMA.       |
| Theatros.....                              | A. PALHETA      |
| Bellas Artes.....                          | A.              |
| Jornaes e Revistas.....                    | L. M. BASTOS.   |
| Sport.....                                 | B. LA RECLAME.  |
| Escotos e Noticias.....                    |                 |
| Que Hotel.....                             |                 |
| Annuncios.....                             |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAIS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

Desde 4 do corrente meza a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» acabam-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

Partio no dia 12 do corrente a percorrer a provincia do Rio de Janeiro, em serviço d'«A Semana», o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

Foi exonerado de cargo de agente d'esta folha, em viagem pela provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto filho, actualmente em Campos.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'«A Semana».

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## PLAGIOS E PLAGIARIOS

### IV (\*)

(Conclusão)

E' espantoso o poder de expressão d'este poeta. Todos os movimentos, todos os sons, todos os aspectos, todos os sentimentos humanos, elle os traduz admiravel e exactamente, por meio de imprevisas combinações de palavras, — aliás simples e conhecidas, mas que são insubstituíveis, porque são as proprias, as unicas a empregar; por meio do rythmo, que elle varia e modifica com extrema facilidade, fazendo-o ora mais lento, ora mais rapido; por meio dos metros, que elle maneja e florista com rara habilidade e absoluta mestria, escolhendo-os e adaptando-os aos seus assumptos com inimitavel pericia; por meio da antithese, da reduplicação, da polyptoton, da anadiplosis, da synonymia, emfim, de todas as figuras, de nomes mais ou menos arvevesados, conhecidas e desconhecidas em rhetorica e poetica; por

(\*) Vide Semana, ns. 126, 127, 128, e 132.

meio de jogos incriveis de palavras e locuções; jogos complicados, mas apparentemente simples e de efeitos seguros de que, aliás, só elle tem o segredo, porque em sua grande maioria por elle foram inventados.

Tudo pôde o seu verso. E' omnipotente e perfeito. Nelle se reúnem, para cantar e servir á Natureza e ao Homem,

« Pincel, lapis, buril, cinzel e penna. »

As proprias sensações, as mais delicadas e rebeldes á expressão, elle molas dá, nitidas, vivazes, photographadas instaneamente (se assim se pode dizer) em uma singela estrope, em um só verso, simplicis se admiravel.

Quem ler estes:

« Do labio a polpa a abrir, mais humida e vivaz

« Que a polpa sume: enta e rija do ananaz,

acredita estar vendo e palpando a casca do ananaz. O effeito pinturesco é completo; e é conseguido, no emtanto, com a maior singeleza, com tres ou quatro adjectivos — mas os unicos capazes de produzi-lo. A quentura tropical da fructa ali está, (no vivaz); ali estão a humidade, o saboroso sumo e a dureza aspera tambem (humida, sumarenta, rija) Quem ha que, lendo isto:

« O vento que desflora

« A toalha frissima dos lagos,

não sinta como um arrepio, a penetrante sensação da friez? E este effeito é alcançado apenas pela sabia escolha e collocação do superlativo de frio no meio do verso, de modo que o leitor parece tiritar ali: *frissima* (frrr... iii..., sss...).

Um dia o poeta promettera á sua amante que iria vel-a. Mas chove, chove, chove, e elle não pôde sair... Procura por todos os meios illudir os fastios da espera... Impossivel: a chuva augmenta! A chuva, que cae lá fórs, a impaciencia horrivel que o mortifica, cá dentro, são descriptas com traços breves e firmes, admiraveis de verdade:

« Disse-me que voltasse,

« E eu prometti, dizendo-lhe: — Até logo,

« Mas chove assim! Como attender-lhe ao rogo?

« Como voltar, sem que esta chuva passe?

« Cá dentro tanto fogo!

« E agua tanta lá fórs!.. Se tu fumasse?..

E fuma, chove... Se eu jogasse? E joga,

Chove mais... Se eu beber? Chove... Ora dá-se!..

« E sonho-a: abre-me a porta;

« Labios parte num riso; olhos requêbra;

« Pende em meus hombros, scismatica e absorta...

« Tomo-lhe a mão e afago-a...

« Oh! quem as graças via, sacode e quebra

« D'estas, que me detém, cadeias d'agua?!

A gente depós o livro para bater as palmas, inseusivelmente, com um gos-

tosn sorriso nos olhos e nos labios... Não conheço mulhor do que isso nem no primoroso Heine, nem no delicado Campoamor, nem no grego Banville, nem no divino Musset.

Os tercetos da *Luizinha* offerecem exemplos aos puuhados.

Qual pincel, embora de mostris, Jaria este quadro que, além da cor, tem o movimento e o som? — este quadro que o poeta, a um tempo, pitou, esculpio e cantou nestas tercetos:

« Eu vejo-a nos jardins ás cezas, ora  
« Brincando, ora fugindo, ora correndo  
« Por aleas, cheias de festões, afóra...

« Vejo-a e ouço uma dryade estar rendo,  
« Por entre os claros de uma selva basta  
« Aparecendo e desaparecendo...

Tem sede, por ventura, o leitor?  
Aqui lhe dou um copo d'agua:

« E é cada beijo seu para os sedentos  
« Como um limpido cipo de agua fresca..»

Vê-se, positivamente vê-se, um copo, de claro crystal (limpido) transbordando agua pura, desalterante, lucida (fresca.)

E com que encantadora simpleza elle consegue tão difficeis, tão altos e tão profundos effeitos!

Parece que outro qualquer faria outro tanto!

Quor agora o leitor ver um berço pendente dos ramos, baluçando, baluçando a) aopro da aragem?

Pois aqui o tem; é o *Tumulo aereo* (pag. 89):

« Das arvores suspenso e entre as ramagens  
« O morto infante jaz; frouza, macia  
« E mollemente, embalam-no as aragens:

« E, em branda oscillação, suave e doce,  
« Seu tumulo ali fica, noite e dia,  
« E baloupar, como se um berço fosse...

Até onde iria eu se quizesse demonstrar com exemplos o que affirmo? Não terminaria o estudo nesta *Semana* (com e sem grypho).

Creio que ficou bem, ou, ao menos, bastantemente provado que Raymundo Corrêa, alem da faculdade preciosa de comprehender a Natureza e de sentir-lhe todas as bellezas e todas as grandezas, e de comprehender o Homem e de sentir-lhe todos os sentimentos, altos e baixos, sublimes e torpes, pnsse o rarissimo poder de traduzir fielmente todas aquellas bellezas e grandezas e todos esses sentimentos; além de sentir em sua alma a alma das cousas e a dos homens, elle pôde transmitir a alma dos seus leitores. Sente tudo, e, querendo-o, tudo faz sentir: — as florescencias gloriosas da Primavera e as ulceras nojentas e a infinita miseria de Job — esse pantano humano, esse mog-

turo vivo»; a belleza hellena de Aspasia, núu, a espreguiçar-se à beira d'agua, «num espreguiçamento e num bocejo estranho», e o delicado e tristíssimo tomor dos infelizes, quo da propria ventura se arreceitun,

« Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,  
« A desventura cobra-se tão caro,  
« Que aos tristes o menor prazer assusta.

a « alma candida e travessa » da Luizinha, em que « ardem soes e festas » e a medonha tragedia burgueza e trivial do *Enterrado Vivo*, poesia que elle creou, fez, inventou, apezar de havel-a traduzido, porque traduzir assim não é traduzir: é fazer obra propria, original e nova.

Raymundo Corrêa, portanto, satisfaz a definição que da arte e do artista Tuine apresenta, pois, não só comprehendendo e apprehende o *caracter essencial*, ou mais importante, das cousas que lhe são assumptos, como consegue — de dominante que era, em si, no seu estado *passivo*, fazel-o — *dominador*, no seu estado de *agente*, sobre os leitores.

É, consequentemente, e com todas as honras, — um artista; quer dizer; um creador.

E ha, por ventura, creador *plagiario*? Mas não é tudo. A forma de Raymundo Corrêa é unicamente, exclusivamente, e innegavelmente, — de Raymundo Corrêa.

Este esculptor sublime não se limitou a crear divinas Venuas e divinos Apollos, imitando as imprescriptivis regraes da estatuaría grega: fez Apollos de Belvédere e Venus de Milo mas por uma *aesthetica* sua, d'elle somente. E nisto, principalmente nisto, é que a sua immensa originalidade se alteia e impõe.

Leiam-se as *Symphonias*, leiam-se os *Versos e Versões*. Com que poeta se parece este? onde foi elle aprender, em que artista — brasileiro, portuguez ou francez — a fazer tantas e taes obras primas de colorido, de harmonia, de graça, de encanto, de correção e de sentimento?

Quem poderia dar-lhe os moldes em que foi vasada essa assombrosa poesia *Versos a um artista*?

Quem poderia emprestar-lhe os buris e os cinzeis com que foram esculpidas e trabalhadas essas *warmoreas* estrophes *immorredouras*?

Com toda a razão disse o *Diario Mercantil*, de S. Paulo — a mais litteraria de todas as folhas quotidianas do Brazil —, annotando o primeiro d'estes artigos, que « Raymundo Corrêa veio trazer à moderna poesia brasileira uma nova forma, brilhante e original. »

A verdade d'este asserto pôde ser reconhecida, com attenta observação, na profunda influencia exercida pela sua forma sobre a dos nossos mais novos poetas; influencia de que se não eximiram inteiramente nem mesmo os mais distinctos, e que foi reconhecida pelo valente e radioso critico Lucio de Mendonça, algures, quando affirmou que Raymundo Corrêa e Luiz Delfino são os poetas que mais têm influenciado a nossa moderna poesia.

E ainda, com abundante criterio, acrescentou a *suprreferida* folha: « Ah! se fossemos a coutar tambem os poetas modernos que imitaram o auctor d'As Pombas! E Raymundo não se queixa d'isso! »

E' verdade, muitos ha que com Raymundo aprenderam, mas aprenderam mal, a ser graciosos, sim-

ples. correctos, a dispro artisticamente os consoantes agudos e graves, a não repetir rimas na mesma composição, a variar a cesura dos decasyllabos, a usar de certos delicados jogos de palavras, proprios de Raymundo, como a repetição, alternada ou singela, a aatilhesse, ou *enjambement* etc.

Confessarão elles, no entanto, que aprenderam e o que aprenderam com o nosso grande poeta? Duvido...

Não, Raymundo Corrêa não é plagiario, como plagiario não foi Elmano, apezar dos alaridos accusatorios de Melizeu.

Quem tem n'alma poesia bastante para cantar, ineffavel e duradouramente, as bellezas e encantos da Natureza e todos os mysterios e todas as forças, todos os caprichos do coração humano, e mais para comprehender, personalisar, *originalisar* a poesia de poetas estranhos, traduzindo-os, imitando-os ou paraphraseando-os de modo a se lhes egualar, senão a excedel-os; quem tem uma *forma* propriamente sua e tal que não deve pedir meças á de nenhum outro artista do verso, — chame-se elle Victor Hugo ou Leconte de Lisle, Sully-Prudhomme, ou Banville — quem tão plagiado tem sido, não, não pode ser plagiario: — « é um dos nossos poetas (dos nossos e d'este seculo) mais originaes, de individualidade mais independente e caracteristica. »

Que importam baldões e pedras contra a gloria de bronze e ouro d'este poeta « inspirado, correcto, alto e fecundo » (1) ...? Que importam se, quando d'esses trovejadores de baléllas, Stentores de frioleiras, já nem mais ossos nem memoria houver, a superna magia dos versos de Raymundo Corrêa ha de subjugar, prendendo-a em cadeias de pasmo e encanto, a Posteridade, e se cada um d'esses versos ha de bradar-lhe, a ella, com a sua musica de inalteravel melodia: *Honorate l'altissimo poeta* !...

Um voto, para acabar :

Que o bom Deus das Litteraturas haja por bem, na sua infinita bondade de edictor irresponsavel, presentear o nosso Brazil com outros muitos *plagiarios* como Raymundo Corrêa.

VALENTIM MAGALHÃES.

## O BANHO THERMAL

Ella contempla as aguas  
Virtuosas e impuras,  
Com que tu, Medicina, os males curas,  
Dóres cortando, suavizando maguas...

(Porque o espirito enfermo  
Fica, sempre que o nosso corpo ilica  
Enfermo, e a dor moral se multiplica  
E difunde, sem termo:)

Palpa as aguas; parece  
Que a mão nervosa é fria  
Aquece, enquanto o corpo se arrefece  
E a tremer todo, ao ar, se lhe arrepia.

(1) Soneto de Arthur Azevedo a R. Corrêa, recitado no hotel do *Globo*, a 1 do corrente. Vide *A Semana* n. 132, secção *Faetos e Noticias*.

Quêda e clara, a piscina,  
Cheia do argenteo fluido sulphureo,  
Offrece o prazer calmo e voluptuoso  
De um leito quente que a friez domina.

Vejo-a: levanta o breve,  
O delicado pé, branco e gelado,  
Mas tão breve, tão branco e delicado,  
Tão gulante e tão leve,

Que a gente, num arranque  
Vê, da imaginação doída e ligeira,  
Um passarinho branco a vez primeira  
Que vai beber a um tanque!

Mergulha o pé, mergulha  
A perna, o corpo niveo  
Todo mergulha, e logo um doce allivio  
Sente na agua que fuma e que bobulha.

Agora um calor brando  
O frio lhe minora;  
Agora sente a agua escaldante; agora  
Eil-a a arder, offegando...

Arde-lhe intensamente  
O sangue; é de calor este arrepio.  
Muito calor succede ao muito frio,  
Nas thermas, de repente.

O aljofre da agua tece-lhe grinaldas,  
Que se esfolham no solo;  
Collar de espuma enrosca-se-lhe ao collo  
Sobre as brancas espaldas.

Salta d'agua, e se espalha  
Em torno d'ella, em chuvia, a agua cahindo  
Como diamantes, pelo corpo lindo,  
Que ella envolve na toalha.

E de pureza tanta  
Haver tocado e visto, inda orgulbosa,  
Ficou essa agua sancta e virtuosa  
Mais virtuosa e mais sancta!

Rio, 29 de Junho, de 87.

FILINTO D'ALMEIDA.

## « VERSOS E VERSÕES »

DE

RAYMUNDO CORRÊA

A impressão que deixa a leitura d'este livro é um tanto confusa, porque é vária e complexa. Tem-se por muito tempo a alma vibrante dos peregrinos sons que a agitaram, já suavísimos, já singulares e lugubres; sente-se uma vaga ebridade de philtro delicioso, mas com travos amargos, e fica-se a cogitar, meio tímido, que acre peçonba verteria o feiticero no nectar que nos trouxe aos labios a sua taça de ouro cinzelado; mas para logo destaca-se uma nitida certeza: que se acabou de ler um livro finíssimo, de um profundo e luminoso poeta.

São setenta e sete poesias, e de todas não ha uma só que seja, sequer, mediocre: ha, sim, aqui e acolá, um ou outro, rarissimo, verso fraco; mas não tem o livro todo uma unica peça que não traga o cunho do apaixonado artista que o fabricou, apuradamente, com alma sempre accesa, com desvelo e mimo, e não raro, com fulgurações de genio.

O tom geral do livro é triste, ora d'uma doce melancolia pacifica e contemplativa como a de um convalescente, ora de uma amargura negra,

reçumo de experiencia desenganada, de analyses aspera e fria; mas seja qual for a noite e o fel que lhe encham o coração, o poeta vive no meio da nossa natureza magnifica, e a vé e ouve e respira como verdadeiro poeta que é, e por isso na sua estrophe polida e reluzente reflectem-se a cada instante as louçanias e os esplendores da patria. Raymundo Corrêa tem amado muito e meditado ainda mais; tanto monta observar que tem immensamente soffrido; mas, ao dizer a sua mágua e a sua idéa, a irradiação da palavra privilegiada revela a natureza ambiente.

Pelo marmoreo corte da forma, pelas scintillações das rijas arestas do verso, é um adorador do divino Gautier e do esculptural Leconte de Lisle; pela suavidade rythmica do metro ondulado e mellifluo, lembra Musset e Méry; na subtil analyse psychologica, intima e fina bastante para attingir o mais melindroso e recatado recesso da alma, é digno de citar-se de par com Sully-Prudhomme; finalmente, o inaperado, o vivo, o flagrante pictoresco de sua palleto impressionista dá-lhe, a cada passo, o surprehendente naturalismo do Richepin das *Caricias*. Com esses supremos mestres aprendeu muito de certo, o nosso poeta; mas, muito mais do que em todos elles, mergulhou no proprio coração, abysmo sonoro e estrellado, donde nos atira, a mãos cheias, os lampejos e as musicas do seu estro.

Não conheço, na poesia da nossa lingua, nenhum livro mais rico do que este.

Para dar d'elle extensa noticia, sinto o natural acanbamento do simples amator ao ter de falar de uma superior obra d'arte. A impressão geral, que mal posso deixar esboçada, é de reverente e fervorosa admiração. Creio convictamente que, com este livro na mão, podemos affirmar, desassombrados, que possuímos, nesta nação semi-barbara, um poeta digno de ser conhecido entre os mais notaveis da poesia contemporanea.

Podesse eu passar agora ao deleitoso encanto, para o qual infelizmente me fallecem forças e tempo, de acompanhar o poeta, passo a passo, por toda a extensão do seu livro formosissimo. Outros, mais afortunados, farão estudo completo; eu me limitarei a traduzir para aqui as rapidas notas que, á primeira leitura, lancei á margem de algumas d'aquellas preciosas paginas.

Antes de ir folheando o volume, digamos já que uma das suas mais brilhantes qualidades, no ponto de vista da forma, é a artistica variedade de metrificacão, com que o poeta combate e vence a monotonia, quasi insuperavel, na leitura a seguir de uma extensa colleção de versos.

E, além de vária, que primorosa metrificacão! Haverá, para ouvidos exigentes, algum rarissimo verso duro; errado, nenhum. O verso predilecto de Raymundo Corrêa é o decasyllabo; e por esta preferencia, de muito bom gosto, só merece felicitações. Cultiva tambem com esmero, e com feliz parcimonia, o alexandrino; mas, como o eterno mestre dae *Contemplações*, insurgiu-se contra as passas obrigatorias, e pôde, como elle, dizer:

J'ai disloqué ce grand niais d'alexandria.

Isto, que pelos leitores e versificado-

res carrangas se condemna como horrosa infracção da Poética, pôde ser, como é em Raymundo Corrêa, um bello recurso para dar nova energia e graça e movimento ao pesado metro.

..... le vers, qui sur son front  
Jadis portait toujours douze plumes en rond,  
Et sans cesse sautait sur la double raquette  
Qu'on nomme prosodie et qu'on nomme étiquette,  
Rompit désormais la règle et trompe le ciseau,  
Et s'échappe, volant qui se change en oiseau,  
De la cage césure, et fuit vers la ravine,  
Et vole dans les cleux, alouette divine (1).

Como consciencioso artista que é, o auctor dos *Versos e Versões* possui plenamente o seu processo; tem fórma propria, obediente e submissa, que elle curva e escravisa a todos os caprichos da nervosa phantasia; e é de ver-se o modo gentil, a airosa e dir-se-hia que espontanea naturalidade com que o seu verso dança, estaca, revolteia, marcha como um soldado, voa como uma ave, resvala como uma sylphide, ao tranquillo mando do mestre feiticeiro.

Ha, porém, entre os muitos artificios do seu estylo, um que, por excessivo emprego, se torna para logo conhecido, e assim vae n perder a seductora graça dos primeiros encontros: é o effeito artistico da repetição, singola ou alternada, dos mesmos vocabulos ou de termos assonantes. Eis, para exemplos, alguns dentre numerosos casos:

E, tuistonho, quem vir passar teu pobre enterro,  
Dirá: — Que enterro pobre!

E cada pá de terra, a detonar, retumba  
Da tumba sobre a tampa...

Como a Jersey do exílio, ilha, em catervas

— Feliz especie de infelizes

Que maguas  
Profundas, longas, a chorar mistura  
Ao longo choro das profundas aguas!

E, pelas negras contas do rosario,  
O rosario das lagrimas desliza;

A face, e aioura-lhe a infantil cabeça.

Belleza ingenua! Ingenuidade bella!

Nos deliciosos tercetos á Luizinha, dos quaes colhemos os dous ultimos exemplos, ha verdadeiro abuso d'este recurso.

Mas ainda aqui se reconhece a mão do artista na habilidade com que varia o mesmo effeito, de sorte que o torna quasi novo. Além das modalidades que já se notam nos casos apontados, ha outra, mui graciosa, nestas duas passagens:

Nos versos a um artista:

Pinta-a. Esse ignobil, rustico tamanco  
Tira-lhe ao branco pé; e por seu turno,  
Calça-lhe o pé tão branco  
(Mais digno de um cothurno) de um cothurno.

Nos tercetos á Luizinha:

Orna-a dos risos a infantil corôa,  
E fulge, mais do que uma de brillantes,  
Essa de risos, de que a edade ornou-a.

(1) V. Hugo, *Contemplations, Réponse à un acte d'accusation*.

Embaraçoso é eleger alguns entre tantos primores; mas, celenlo ao uso em noticias d'este genero, atrevo-me a preferir, no deslumbrante escriptorio, estas joias: *Desdens, Carulei oculi, Chuva e sol, Um trecho de H. Heine, A lyra de Orpheu, Na tasca, Flauta do Outono, O filho de Cleopatra, Elmani tabernula, Renascimento, os tercetos, principalmente, do soneto A Luiz Delfino, O trabalho do diabo, Versos á memoria de Arthur Barreiros, Mater, A panthera negra, e, sobre todas, a Aria nocturna, soneto que ninguem lê sem o decorar logo, a originalissima Noite de chuva, phantasia que merecêra traduzir-se em todas as linguas, a magistral e profunda poesia Job, onde ha esta estrophe:*

São os consolos futeis  
Da turba que o rodeia, e as palavras fingidas,  
Mai baixas, mais inuteis  
Do que a lingua dos cães, que lambem-lhe as feridas;

os maravilhosos *Versos a um artista*, o pesadello rimado que se intitula *O enterro vivo*, as quadras, dignas de Baudelaire — *Lólo e estrelas*, e os já celebres tercetos á *Luizinha*, — as mais claras e ridentes paginas do livro, obra-prima de cor e de harmonia, ramo fresquisimo, emperolado de rocio matutino, ofuscante e odorifero, da cheirosa neve dos jasmims e das magnolias.

Mas, por Apollo! quantas poesias deverá ainda citar! O *Temor*, que remata com tão delicada e melancolica observação; os garridos versos trasladados de Richepin, nos quaes apenas me desagrada o escusado vocabulo francez que ali se intromette, como outro nos versos sem titulo que começam — «De certo eu poderia». — versos esses, digamos lá, menos vivos do que o pedia o genero, á Richepin, e cuja concepção, um tanto diluida, encontra-se quasi completa na primeira e na ultima estrophe, as unicas, por isso, que estão á grande altura do livro (2); o *Camello e o corcunda*, um *tour-de-force* de metrificação; a *Paizagem polar*; *Mugitusque boum*; o *Tumulo aereo*; o adoravel madrigal *Na ponta de uma flecha*; o *Misanthropo*; *Estuai infeliz*; o bellissimo soneto a *Victor Hugo*; a encantadora versão *ultima abelha*; os versos *Sobre a morte de Hugo Leal*, que são dos mais bellos do livro, mas em cuja ultima estrophe ha uma rima censuravel — *sorriso*, que pela graphia e pela prosodia, para rimar com *vasio*, parece ser de pessoa grammatical e tempo differente da pessoa e tempo a que realmente pertence, segundo a syntaxe; as magestosas sextilhas, traduzidas de Victor Hugo, «O dia acorda!»...

Mas, afinal, não posso apontar, como melhores, todas as poesias do volume, e foi quasi o que fiz, tão difficil é a selecção quando quasi tudo é optimo.

E quem, como eu, conhece que o poeta que produziu tanta maravilha é, além de tudo, um excellente rapaz, sisudo, leal, affectuoso, honestissimo, extremamente modesto, tão modesto que parece até que vive a esforçar-se por que os outros o desculpem de ter tão grande talento, — quem assim o conhece não sabe como o ha de estimar e admirar bastante.

Mas não precisa nenhuma consideração pessoal para Raymundo Corrêa,

(2) Na penultima estrophe d'estes versos encontra-se a unica incorrecção typographica importante que ha no volume: *churas por chufas*.

depois dos *Versos e Versões*, ser proclamado grande, ottimo poeta.

O que é necessario agora é que a nossa imprensa e o nosso escasso publico letrado, para lhe prestarem as altas homenagens que merece, não se ponham á espera que elle morra!

Pela pequenina parte que me compete, cá, do meu canto humille, apresento em continencia a Raymundo Corrêa a minha pobre penna, arina ingloria de soldado raso, mas que já conta alguns annos de campanha; e o meu juizo a seu respeito formula-se como o dáquelle sargento Radoub do *Noventa e tres*:

— Voto que seja general!

Valença, 2 de Julho de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

### A' VISTA DA PATRIA

(DO POEMETA INEDITO «LUZ DE CAMÕES»)

Avistava-se a terra, anciosamente  
Sinhada no mar largo e no rigor  
Do fulco exílio marcial do Oriente,  
Entre longos prodigios de valor.

Avistava-se a terra, e doidamente  
Ouvia-se um canto de amor...  
A marinagem sobe aos mastros, sente  
Chegado o fim da inenarravel dor.

Mas n'esse instante — o magua indefinível! —  
Ouve-se um grito intimo, terrível,  
E Heitor cae morto em grandes convulsões...

— Morto! na flor das illusões mais bellas!  
E as lagrimas rolavam como estrellas  
Nas faces enrugadas de Camões...

Maio, 87, Porto

JOAQUIM DE ARAUJO.

### NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Estão destruidos o 3º e o 4º fasciculos das *Farpas*, edição definitiva, largamente ampliada; que, quando completa, será um dos maiores titulos do corajoso e intelligente edictor David Corazzi á beneemerencia litteraria dos que têm a lingua de Camões.

Temos a accusar o recebimento do 2º fasciculo d'*O Guarany*, grande edição illustrada, emprehendida pelos Srs. Pedro da Silveira e Ernesto Guimarães. Acompanhando-o vem uma boa gravura de pagina, desenho de Treidler, xylographia de Alfredo Pinheiro.

Com este fasciculo termina o bello prefacio de Machado de Assis e enceta-se a impressão do primeiro capitulo do romance.

Não resistimos ao desejo de transcrever o engenhoso e elegante final do trabalho de Machado de Assis:

«A posteridade dará a este livro o logar que definitivamente lhe compete. Nem todos chegam intactos aos olhos d'ella; casos ha, em que um só resume tudo o que o escriptor deixou ueste mundo.

«Manon Lescaut, por exemplo, é a immortal novella d'aquelle padre que es-

creveu tantas outras, agora esquecidas. O autor de *Tracoma* e do *Guarany* pôde esperar confialo. Ha aqui mesmo um inconsciente allegoria. Quando o Parahyba ataga tulo Pery, para salvar Cecilia, arranca uma plumsira, a poder de grandes esforços. Ninguem ainda esqueceu essa pagina magnifica. A palmeira tomba, Cecilia é depositada n'ella, Pery murmura ao ouvido da uoça: *Tu viverás*, e vá ambos por ali abaixo, entre agua e céu, até que se somem no horizonte. Cecilia é a alma do grande escriptor; a arvore é a patria que a leva na torrente dos tempos. *Tu viverás!*»

Da acreditada *Livraria Moderna*, que são proprietarios-ediutores Alcino Aranha & C., do Porto, recebemos os dois primeiros folhetos da *Galeria Autobiographica illustrada* que, sob o titulo geral *Portuguezes e Brasileiros*, encetaram ha pouco aquolles edictores.

Occupam-se com João do Deus e Theophilho Brazá. Os retratos, em phototypia, são excellentes, e vêm acompanhados por uma pagina de reprodução autographica e *fac-simile* de cada escriptor.

Os artigos biographicos são devidos á penna do Sr. Reis Damaso, que os traçou com elegancia na phrase, criterio e despreoccupação no juizo e muito conhecimento da vida e obrns dos seus biographiados.

Recommendamos como excellento no genero — tão usado e presado em França — estas biographias dos portuguezes e brasileiros mais notaveis do nosso tempo, fazendo votos para que o util e bello emprehendimento dos Srs. Alcino Aranha & C. encontrem no publico a acceitação que merece.

V.

### NOTAS PHILOLOGICAS

O que é morphologia?

Eisahi um conceito difficil e obscuro, a julgar por inferencia do que têm escripto os fautores da nova disciplina philologica. Fala-se em *estrutura*, em *fórma*; mas o que é a *estrutura*? o que é a *forma*? Porque se não consideram os sons e as letras como elementos *estruturados* do vocabulo?

Não é ociosa a pesquisa; um illustrado philologo, ainda ha pouco, incluiu a phonologia na morphologia, indubitavelmente levado pelo amor da logica a considerar os sons como partes da *estrutura* vocabular. Houve nisto coherencia legitima, embora absurda.

De tudo isto é responsavel a legião de glottologos que dão *á forma* um conceito erroneo e disparatado, quando não vago, metaphysico e incomprehensivel.

Possa a minha tinta preta, que ora espediço por estas paginas, esclarecer e pôr em relevo o que muitos sabios, por muito alto andarem, têm deixado ás escuras.

Quando estudamos os sons e as letras, pouco nos importa a *função* ou *idéa* do vocabulo. A analyse é pura-

mente anatómica: o glottologo opera sobre elementos materiaes, mortos, isto é, sem sentido que lhos corresponda.

D'esta arto. a phonologia lexica póde o deve ser definida:

O estudo dos elementos materiaes, não significantes (sons e lottras) que constituem o vocabulo.

A analyse morphologica é muito diversa e muito complexa. Os elementos phonicos nada significam: são puros sons, de que mnis tarde a intenção humana tirou proveito, como já o tinha tirado dos gestos etc.

Os elementos morphicos, muito diversamente, são órgãos, isto é, exercem uma função, representam uma idéa. Assim, no vocabulo *predizta*, os elementos phonicos são tantos quantos são as letras ou as syllabas. No mesmo vocabulo ha no emtanto, apenas tres elementos morphicos: *pre-diz-ia*. Cada um destes tem uma função, representa uma idéa, principal ou accessoria.

Assim, a morphologia deve ser definida:

O estudo do vocabulo considerado como um composto de elementos significantes ou órgãos.

Tudo isto é claro, accetavel, verdadeiro e pouco revolucionario.

A distincção necessaria consiste em estabelecer a divergencia entre o elemento phonico, que é inconceptual, não tem sentido, e o elemento morphico, que é essencialmente conceptual e representa uma idéa. Taes são as letras, os sons, as syllabas para o primeiro caso; os elementos de composição, as raizes, os themas, os suffixos e os prefixos, as flexões para o segundo caso.

E que Deus padre me dê paciencia para ouvir a toda hora, a proposito de morphologia, os embasbacantes termos de *estructura* e outros, que fazem a delicia dos mestres e o eterno desespero dos que aprendem. (\*)

JOÃO RIBEIRO

## LENDO A «LYRICA»

A FILINTO DE ALMEIDA

Não sei porque tanta tristeza existe  
Onde mais alegria haver devia...  
Não sei porque, mas vejo que sentia  
Quem assim crevesse, pezar bem triste!

A vida é isto, e nisto só consiste:  
—Ser maior o pezar do que a alegria...  
Um minuto gozar, soffrer um dia...  
E a dor sujeitar, se a dor resiste.

Ha palaeas que lagrymas parecem!  
Canções tão commoventes que merecem  
Comparárem-se aos «Canticos Sagrados»!

Se em cada estróphe escuta-se um gemido,  
Em cada rima lê-se o mais sentido  
Desentimentos mais acrysolados!..

Maio — 77.

RICARDO AZAMOR.

(\*) Estas linhas foram escriptas a pedido de um professor de não vulgar instrução, que em nenhum grammatico achou definidos os limites da morphologia. Todos a definem: o estudo da *estructura* (?) ou *forma* (?) do vocabulo.

## As estatuas

### A Filinto de Almeida

No dia em que na terra te sumisamos,  
Eu fui ver-te defuncta sobre a eça,  
Fichados para sempre — o' sorte avessa! —  
Aquelles olhos que me seduzeram

A'hy do sol uma janella abrisamos,  
E o jardim arista, onde, o' condensa,  
Uma noite perdemos a cabeça,  
E as estatuas de marmore sorriram.

Subisti por aquella mesma porta  
Onde outro'ora os teus beijos me expuravam,  
Cheio do amor que ainda me comporta.

Quando o jardim sandoso atravessavam  
Seis homens com o esyufe em g.ias mortas,  
As estatuas de marmore choravam!

15/6/87

Arthur de Alencar

## THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

Companhia do theatro D. Maria II

HAMLET

Tractando das peças modernas de Dumas Filho já é quasi um dever da critica procurar uma *these*; julgando as tragedias immortaes de Shakespeare a critica é obrigada a determinar a *synthese*.

O respeito a estas tradições da critica difficulta enormemente o julgamento, porque desvia o criterio julgador do facto para o accessorio. Longe do nós a idéa de criticar Shakespeare

em duas columnas de jornal. Já o disse V. Hugo: O genio não se discute.

Todavia, e partindo do principio de que os heróes do poeta inglez são perfeitamente humanos, no *Hamlet* vemos seriamente embaraçados com aquella sombra falante do rei morto. E' o que prejudica o julgamento da acção. Se o espectro apparecesse unicamente a Hamlet, caberia rasoavelmente a hypothese da allucinação; mas o espectro apparece igualmente, e mesmo antes de apparecer ao principe, a Marcello e Horacio.

Devemos, portanto, levar a interferencia do elemento phantastico antes á conta de effeito theatral do que considerá-lo constitutivo e essencial no pensamento dramatico. Não custa entretanto a formular outra hypothese: é

bem possivel que o grande poeta se servisse d'aquella sombra unicamente para justificar perante o espectador o pavoroso odio do principe. Como o crime fóra praticado sem testemunhas, que bem se deveria precaver um criminoso de tal ordem para ter segura impunidade, Hamlet só poderia conhecer o terrivel segredo pela communicação do espirito do pae. Seja como fór, porém, este elemento é secundario.

Tem-se dicto e escripto tamhem innumeraveis vezes que Hamlet é a — *Duvida*. Não podemos descohrir em que se baseia este juizo. A querermos synthetisar em Hamlet um sentimento qualquer, só rasoavelmente podemos achar a Vingança ou o Odio. Effectivamente em todo o correr do drama é a vingança o movel de toda a acção do principe.

O tio assassinou-lhe o pai, e a sua piedade filial revolta-se muito *humanamente* contra o assassino. O sentimento do odio está perfeitamente justificado, a vingança é o corollario do crime. Além ainda da espontaneidade do sentimento, ha o desejo do espectro, que deve ser cumprido. Na scena 5ª do primeiro acto, diz a sombra a Hamlet:

—«Dever tambem é vingar-me, depois de me teres ouvido.»

E pouco depois:

—«Nunca houve nenhum assassinio mais infame, inaudito e horrendo do que este.»

Ao que Hamlet responde:

—«Apressa-te em desvelar-m'o, para que prompto, como a meditação ou como o pensamento de nmor, possa *saciar a minha vingança.*»

Hamlet não é um hystérico, como quer o traductor José A. de Freitas; e muito menos pôde ser um louco, como querem muitos. É um melancholico; mas tem a intelligencia clara e o espirito lucido e reflectido. Procede methodicamente e methodicamente engendra o seu plano de vingança, servindo-se de uma representação theatral para obter a corteza do delicto que lh'a reclama. A loucura é simulada; e sobre este ponto não pôde em ninguem deixar duvidas a lei ura da peça. Na scena citada elle mesmo o diz a Horacio e a Marcello:

— «Notem o que notarem nos meus modos, se eu julgar necessario nfectar maneiras extravagantes jurem-me pela sua salvação que nunca cruzarão os braços, mençoando a cabeça, nem lhes escaparão palavras ambigüas...»

O Hamlet que a companhia portugueza representou é uma peça mal arranjada. O traductor a que já nos referimos, além de uma má traducção fez uma pessima *acommodação*. Suprimio quadros inteiros e cortou diálogos importantissimos para o conhecimento perfeito do typo do heróe. A entrevista do principe com a mãe, que deve ser passada no aposento particular da rainha é passada na sala do theatro; além d'este erro, o fuctor cortou a scena em meio, supprimindo o resto do formoso dialogo em que o procedimento de Hamlet com a mãe se humanisa e se justifica. É muito perigoso tocar assim ineptamente na obra do genio. Aparem-se-lhe as asperezas nativas, transija-se com as necessidades e conveniencias da representação, mas de modo que não fiquem, como no caso presente, alterado o caracter dos personagens e o desenvolvimento logico da acção. Na *acommodação* do Sr. J. A. de Freitas, o caracter de Hamlet não está determinado; a inteireza, a cohesão psychica do typo não está definida como no original.

É talvez esta a razão de não ser inteiramente perfeito o desempenho que Brazão dá ao papel de Hamlet. Para julgar este desempenho, sem duvida muito notavel, é necessario attender ás condições de relatividade. Brazão é um actor novo, que ha pouquissimos annos representa o drama e que ha apenas seis mezes que faz o papel de Hamlet, criação em que todos os artistas gastam longos annos de estudo e que pouco a pouco vão modificando á proporção que a representam. Certo falta muita coisa ao desempenho de Brazão, mas força é confessarmos que não falta tudo. O seu trabalho é um bello esboço. Com a continuação d'elle, representando

Hamlet ainda alguns annos, as linhas hão de se ir accentuando, as sombras esbatendo, os contornos definindo. Brazão tem para isso talento e vontade. Por enquanto ha talvez uma certa desordem de gestos e demasia de accionados; a declamação não nos parece que tenha a necessaria sobriedade; por vezes o bravo artista deixa-se arrebatar pelo seu proprio temperamento e deixa de ser verdadeiro para ser brilhante. A interpretação do notavel actor é um interpretação romantica; elle não se pôde ainda libertar inteiramente das convenções. Entretanto o proprio Hamlet lá diz a um actor:

— «Acommoda a acção ás palavras, as palavras á acção, tendo sempre em vista a naturalidade; só é proprio da scena intelligente, que foi e é o espelho em que se deve reflectir a natureza, mostrar a virtude tal qual é, a verdade sem véo, e cada tempo e cada idade com a sua physionomia propria e com o cunho de verdade.» (\*)

Ha scenas admiravelmente feitas. A do segundo acto, com a rainha, é feita com vohemente expressão e grande relevo. Ha ali uma transição de bellissimo effeito, quando apparece a omhrra do rei. A scena com Ophelia, no terceiro acto, depois do monologo celebre é muito boa. Mas o que sobre tudo nos encantou foi a singular expressão com que foi dicta a *fala* do quinto acto, no cemiterio, sobre a caveira de Yorick.

Devemos, entretanto, dizer que o trabalho de Brazão é já um trabalho notavel, e temos que lhe agradecer a coragem e a audacia com que se abalançou ao theatro do gigante inglez, audacia que pela primeira vez nos permittiu admirar na nossa lingua as obras primas do genio de Shakespeare.

João Rosa faz com grande correcção a sobriedade o odioso papel do Rei e fez notavelmente com Augusto Rosa a scena da revelação, no quinto acto.

Laerte é um papel fóra das condições artisticas de Augusto Rosa, que todavia, teve scenas muito felizes.

Quem foi de uma grande infelicidade foi Antunes no papel de Polonio. Ferreira da Silva, um tanto acanhado, não comprometteu o seu Heracio.

Quem causou uma verdadeira surpresa ao publico foi Amelia da Silveira. Deu expressão e sentimento á sua Ophelia e fez com relevo as scenas da loucura.

Os scenarios são bons e bellos e os vestuarios riquissimos e de muito gosto.

## D. PEDRO II

Companhia dramatica italiana dirigida por G. Emanuel

### NERO

O Nero canalla, cynico, assassino e cobarde, é o Nero de Pietro Cossa e foi o Nero que nos deu Emanuel, com uma extraordinaria fidelidade de interpretação.

O grande artista italiano passou do nobre e valeroso Othello ao imperial parvoeirão emphatico com uma incrível facilidade. Inteiramente outro homem no mesmo artista—e está aqui a principal qualidade de Emanuel. A verdadeira, a immensa superioridade de Emanuel tem duas faces distinctas:

(\*) Fazemos estas transcripções da traducção de D. Luiz I, que é a que temos á mão.

a criação perfeita, completa, inteiriçada dos typos, promanando da formação absoluta do caracter; e a veridic: mais soberbamente veridic: dos meios de acção. Sobre estes pontos nada ha mais a dizer-se do actor italiano. Particularisado cada papel, ou antes cada personagem,—porque elle não recita papéis mas crea homens—é pasmosa a ductilidade com que elle se adapta a Nero depois de despir a pelle bronzeada de Othello. Mal se comprehende que um só homem se nos possa apresentar sob aspectos tão diversos, tão heterogeneos, tão dissemelhantes. Vê-se que Emanuel, formado no seu espirito o typo do *homem* que tem de reproduzir, procede analyticamente ao estudo psychologico e physiologico do personagem. Na reprodução são attendidas todas as suggestões do meio, todas as fatalidades do temperamento, todas as condições da raça.

Nero é outro proligio. Em toda a scena da taverna, no segundo acto, Emanuel é monumental; no ultimo acto é assombroso.

Dá-nos o extremo da cobardia humana! O medo, o espantoso pavor de Nero deante do proprio punhal com que se ha de ferir, communica-se ao espectador igualmente arrepiado!

Emanuel no Nero é grandioso.

Quem tambem muito se distinguio na bella tragedia de Cossa foi a Sra. Reiter, no papel de Ecloga. Encantadora.

O Sr. Valenti tem um trabalho notavel no hystrião. Dos outros artistas destacaremos ainda a Sra. Aleotti, que teve scenas felicissimas.

## O CASAMENTO DE FIGARO

A respeito d'esta peça escrevemos na *Semana* de 4 de Julho, de 85:

«O protagonista, Figaro, é o typo lendario, que representa o espirito de uma época historica, a luta da razão com o preconceito, a primeira rebeldia do povo contra a nobreza e o clero; porque Figaro é Beaumarchais e Beaumarchais era o povo; era o relojero plebeu que ia a Paris mostrar um novo mecanismo de relógio de sua invenção, e que foi subindo por si até chegar a ter influencia nas duas ultimas côrtes dos Capetos; era o homem que primeiro devia synthetisar em uma palavra toda a formula democratica que rege as sociedades actuaes e que a Revolução franceza consagrou e instituiu a poder de sangue, palavra que foi para os mesquinhos e para os opprimidos o advento da força e da liberdade: «*Eu sou cidadão, e não cortesão, nem abbade, nem fidalgo, nem banqueiro, nem valido, nem coisa nenhuma do que se chama poder. Sou cidadão*», dizia o continuador da obra demolidora de Voltaire.»

«Como a peça theatral o *Casamento de Figaro* é ainda uma obra notabilissima, escripta com extraordinaria vivacidade, azougada e subtil, cheia de situações admiravelmente preparadas, e que só não são inteiramente novas por terem sido aproveitadas e imitadas por muitos escriptores de comedia. O primeiro acto revella immediatamente a arte do auctor, na interessante scena do escondrijo duplo de Cherubim e Almaviva, de que decorre toda a in-

triga da peça. O segundo tem toda a subtilidade e galanteria da alta comedia moderna, como a sabem fazer Angier e Sardou. O terceiro, o do tribunal, comquanto mais carregado por via do ridiculo que devia ferir a justiça da epocha, é ainda magnifico, e ha nelle um dos mais bellos dialogos que se tem escripto para a scena, um verdadeiro duello á palavra, onde poderosamente se accentua o caracter do famoso barbeiro de Sevilha e onde resulta com toda a franqueza o predomínio da intelligencia sobre o espirito obcecado dos senhores feudales. É uma luta admiravel de astucia contra astucia, trava la a phrases de grande conceito e fino espirito, onde se resume toda a philosophia democratica que devia pouco depois irromper do seio das massas para derrocar por nmavez a sociedade apodrecida, orgulhosa e futil do seculo XVIII.

«O quarto acto, vinha que tambem interessante, não é mais do que um preparo para o quinto, que é magistral, cheio de situações engraçadas e originaes, vivissimo, feito com grande arte e com grande talento.

«É, pois, inteiramente justa a celebridade do *Casamento de Figaro.*»

Pois Emanuel—isto é quasi inacreditavel, e este actor leva-nos a surpresa em surpresa!—foi um Figaro perfeito, encantador de graça, de jovialidade e de astucia! Othello dançou uma contradança e Nero cantou Offenbach.

Isto não se comenta, regista-se como dizem as folhas diarias. Que malicia e que ironia emprestou Emanuel ao typo immortal de Beaumarchais! Que gentileza de athenes, e que soberba recitação do monologo do quinto acto, fóra da acção da peça, au laziamente senta no capulo do ponto. Que perfeição no dizer, que relevo, que arte inegalavel, que sobriedade, que *entraîn*! Não se pôde ser mais perfeito nem mais interessante do que é Emanuel no Figaro.

Tambem coube nessa noite uma parte de gloria á Sra. Aleotti, que fez uma Suzana aloravel e irreprehensivel, com muita malicia e muita graça.

Reiter fez um bello Chernbino, e deu gentilissima expressão áquelle formoso aprendiz de devasso. Foi um pagem *chic*, de uma ingenuidade atrevida e galante, e cantou muito bem e com bella voz o romance do segundo acto.

Foi um esplendido espectáculo, e mais um grande triumpho para Emanuel, que até como cantor foi victoriado na noite do *Figaro*.

### HAMLET

A representação do *Hamlet*, ante-hontem, produziu nos espectadores do D Pedro II uma impressão de assombro e pasmo. O Hamlet de Emanuel é um verdadeiro prodigio de arte e de verdade.

O grande artista que dá a nm personagem, tantas vezes e por tantos outros reproduzido, um cunho de tão poderosa individualidade, vae ter na historia do theatro d'este seculo o lugar proeminente de um renovador audacioso, de um revolucionario immenso e genial! Emanuel está para a arte de representar como Zola e Balzac estão para a arte de escrever o romance. O grande artista quando, já laureado por uma academia, se resolveu a entrar para o

theatro, fez-o com o propósito preconcebido de reformar a arte do seu tempo. Eato propósito seria exageradamente pretencioso e polêmico se elle não se sentisse com talento e com forças para metter hombros á empreza. Mas o seu espirito formado, tendo a sua intelligencia attingido o gráo maximo do desenvolvimento, davam-lhe sem duvida a certeza de que a poderia tentar. Tentou-a e conseguiu o seu intento!

Que estranha e temeraria audacia, que inacreditavel confiança nas proprias facultades não é preciso ter para vir assim, de chofre, destruir a obra dos seculos, e lançar, num delirio de talento, na vertigem da coragem, as bases da Arte nova, exactamente no sitio onde era mais solida e mais empedrada a argamassa das tradições!

Este arrojo inaudito é que a Historia ha de registrar com assombro, consignando ao artista genial na posição altissima de primaz na arte de uma época.

Um genio como Shakespeare gastou todos os recursos do ingenho humano a britar e a pulir as pedras de um monumento eterno; era preciso outro genio que, aproveitando o material deixado, tivesse força para erguer o monumento imaginado pelo supremo artefice: esse gigante appareceu agora, e lá o vimos ante-hontem naquelle milagre de resurreição, só realizado trezentos annos depois de morto o heróe de que apenas temos visto o cadaver!

E ficamos na alma uma dolorosa impressão de tristeza ao pensarmos que um artista como Emanuel, quando partir para a eterna jornada hade levar consigo a sua espantosa bagagem de obras-primas!

Que os nossos artistas aproveitem a monção que se lhes depara e que vão ali ao D. Pedro II aprender com o grande mestre a sua arte; e possam assimilar, tanto quanto lhes permitam as suas facultades, os preceitos novos que elle esbanja, como um doido rajah indiano que se lembrasse de atirar pelas janellas de um palacio as pedras do seu incalculavel thezouro.

A duplicidade do caracter artistico de Hamlet nunca foi tão relevantemente destacada; o typo do principe dinamarquez nunca foi tão singela e tão humanamente exposto aos olhos do espectador attonito! Hamlet já não é o principe elegante e soubrio que conheciamos e admiravamos; é agora um miseravel vergado ao peso de uma dor enorme, procurando desesperadamente a verdade do facto que o acabrunha; fingindo-se doido e allucinado para encontrar-a; apparecendo enxovalhado e roto pelo descuido de si mesmo, pelo abandono apparente a que se entrega. Quando encontra a verdade com tantas ansias procurada, e homem é outro: começa a rugir a vingança justificada e irrompe por vezes formidavel e temerosa a indignação que o possui.

Deante da mãe chorosa e supplice, depois da scena tremendissima da accusação, surge-nos inesperadamente o filho commovido e terno, dominado pela emoção e pelo resto de amor filial, para desaparecer em seguida, numa extraordinaria exposçõ de desdem e de ironia amarissima, determinada pola idéia fixa da vingança! Soherbo e humano.

Mas que ha de dizer a critica momentanea de um jornal, com um dia apenas

de meditação, d'aquelle trabalho estuando e genial que nos opprime, nos suffoca, nos bastifica presos á nossa cadeia, estuporados pelo espanto, deante de uma maravilha inconcebivel? Não! a critica nada pôe articular para dar idéia da sublime criação de Emanuel. Aquillo não se descreve, porque é indescrível; não se analisa, porque escapa á analyse. E' o trabalho do genio, em que não se toca porque é sagrado e invulneravel. Vê-se, admira-se, respeita-se. A gente emudece, deixa repousar a penna e vae dizer ás pessoas amadas que se não privem do inenarravel prazer de irem admirar um prodigio de arte espantoso, colossale perfeito!

Taine disse de Shakespeare que os seus gentishomens parecem extravagantes, que os seus aranzéis pretenciosos são uma convenção do seculo XVI, que as suas metaphoras são intelligíveis e que nos heróes do grande poeta as exterioridades e os efeitos do momento são tão predominantes que o resto desaparece. (1)

Se o grande critico houvesse visto o Othelo e o Hamlet de Emanuel cambiaria a sua opinião. E' que os meios de que a critica dispõe para a analyse são incomparavelmente inferiores aos de que Emanuel se serve para encarnar e fazer viver deante de nós os personagens do tragico inglez, tal e tão extraordinario é o seu poder de assimilar e de reproduzir!

E quem pensar que estamos aqui a procurar hyperboles, vá ver Emanuel, que hade verificar que Hamlet está acima de todas as hyperboles e para alem do que pode exprimir a palavra humana, nos estos mais deslumbrantes do enthusiasmo.

A primeira representação do Hamlet foi o maior acontecimento artistico a que temos assistido no Brazil.

P. TALMA.

## BELLAS ARTES

TERCEIRA EXPOSIÇÃO DE A. PARREIRAS

I

Em traços rapidos de uma brilhante prosa o poeta Alberto Silva biographou, ha algumas semanas, a vida de Antonio Parreiras.

Conhece-o aos 13 annos, no tempo em que o sentimento esthetico do actual paizagista começava a se exarar em confecções de papagalos de papel colorido e em ensaios de caricaturas no estylo da arte primitiva. Estudaram no mesmo collegio e, mais tarde, cada um seguiu rumo differente. Foi depois de uma longa ausencia que o poeta, voltando á capital, encontrou-se com Parreiras em uma casa de commercio, do balcão para o interior, occupado em aviar freguezes. «Entrei! — diz o auctor das *Matinas*. — Largo tempo conversámos.

«Elle ainda tinha na mesma febre de visionario a queimar-lhe o cerebro; o coração galopava-lhe ainda na mesma loucura de aspirações irrealizadas; todo um turbilhonar violento de idéias, de sonhos, suffocados na mortalha fria de uma indifferença forçada. Casara-se. Fora escripturario. Negociava agora. Talvez desse modo pudesse ganhar para aprender a pintura. E acorrio com um laivo de resignação dolorosa, que me obrigou a scismar.»

Pelo que fica exposto, Parreiras tem

uma existencia de lutas e de commoções; é precisamente, n'esta época que as commoções, mais do que em outra idade, deixam no coração fundos sulcos; dahi, pois, uma grande tristeza actuando no temperamento do individuo pelo continuo desmoronar de esperanças apenas lobrigadas. Parte d'este facto, segundo creio, a causa de Parreiras abusar muito do branco: M. Paulo Bert em duas observações apresentadas á Academia Franceza, em 1878, afirma que, o mais das vezes, o emprego de cores predilectas é motivado, não por uma alteração da vista, mas por motivos de ordem intellectual. Cita o illustre sabio francez o exemplo de Descamps para provar que a cor favorita varia, ás vezes, com as épocas da vida do pintor. Depois de se estudar a vida accidentada d'esse glorioso companheiro de Delacroix, chega-se á conclusão de que as observações de Paulo Bert foram colhidas em boas fontes de verdade. Descamps foi um dos orientalistas que mais brio conseguiu dar ao colorido, mas nos ultimas tempos da sua existencia pintava cor de lilaz. E' preciso notar, agora, que Descamps soffreu não pequenas injustiças da critica e dos artistas da seu tempo. Esta afinidade existente entre os phenomenos physico-physiologicos e os phenomenos da sensibilidade visual são de simples observação. Muitas vezes, até a escolha de fazendas para o vestuario depende de influencias morbidas no temperamento. Um facto d'esta ordem observei ha pouco tempo em uma galante meunha de dezoito annos. Esta interessante mocinha estava em proximidades de casamento com um amigo meu. Por uma insignificante falta comettiha pelo noivo ella amou-se, e no dia seguinte, ao recebê-lo, como era de costume, á entrada do jardim onde a familia passava em palestra a tarde, apresentou-se de *toilette* branca com laços do fita cor de lilaz. A cor dava-lhe uma certa expressão de tristeza, de scismas, de dores. Fazendo alguém o reparo de achar-se ella tristonha, disse, forçando o sorriso:

— E' por causa das fitas...

E, querendo-se-se:

— Querem me alegre? Esperem...

Momentos depois, voltou do interior onde fora substituir as fitas por outras cor de rosa. A differença foi enorme. Dir-se-ia, ao vê-la vestida assim, que ella se metamorphosara em um mundo estranho, cuja existencia e paralelo só ella conhecia. Era outra com as fitas cor de rosa. Alegre, juvenil, feliz, formosa. Uma expressão de graça e de frescura pairava em seu semblante. Seus olhos, até então como que amortecidos por uma saudade indissolvel e de minuto a minuto mais profunda, irradiavam de contentamento!

Entretanto dirão muitos, em contradicção á theoria que exponho — se houve em Parreiras estas influencias, a tonalidade por elle usada seria a cor de lilaz ou roxa. Deve-se, neste caso, attender ao seguinte. O branco não é uma tinta triste, mas é um tinta fria. Entrando exaggeradamente na combinação de outras tintas, empalidece a tonalidade. De mais a mais — deve ser levada em conta a preilecção que o artista tem pelas horas mais tristes do dia. O momento que elle escolhe é sempre, digo — quasi sempre — o de repouso, nas horas vespertinas, quando o ultimo raio de sol deixou de dourar as nuvens e no arvoredo a passarinhada se esconde, se agasalha, a pipilar.

Alem d'essas duas cousas, talvez haja uma outra — a de pouco habito no estado da natureza, pois é sabido que a intensidade da luz tem muita influencia nas impressões, o uma vista, que não esteja muito bem educada, sente, á grande luz do sol, a approximação das cores para o branco.

Mas existe no immoderado uso que elle faz do branco, uma certa vantagem, que, mais tarde, depois do artista ter visto as obras primas dos mestres e ter aprendido a *ver bem*, tornarão suas telas dignas de grande estima. Dando-lhes o tom predominante branco ou cizento, conseguirá illumina-las com um equilibrio de cores prismáticas, de sorte que já mais fatigarão a vista de quem as contemplar por longo tempo.

II

Citarei, antes de começar esta parte,

uma phrase de Jules Clarotie: «a propria indulgencia é uma forma polida, um euphonismo, uma especie do pseudonymo do desprezo.»

Eu, que tenho pelo talentoso paizagista uma grande sympathia; eu, que rubisco estas linhas voluntariamente, sem que para isto se me pague e se me ordene, não posso ser indulgente para com um moço de reconhecido talento, nem preciso usar de muitos termos para não cair no desagrado d'esta ou daquella parte.

Diz-lhe-ei a minha opinião pessoal, sem que a julgue bastante valiosa para ser considerada uma critica auctorizada. Nem a tanto chega a minha audacia.

O seu grande quadro — Effeitos da Tempesta — á parte alguns senões no jogo do claro-escuro do primeiro plano, á esquerda, tem um bello *enveloppe*, segundo a terminologia de atelier. Grandes difficuldades ali foram vencidas com habillissimo ingenho, e tal cuidado soube dispensar á feitura do quadro, que até as figurinhas são muito boas em desenho e movimento, apesar de lhe faltar pratica no desenho de figuras. O fundo e o céu, ou para melhor dizer, o fundo todo, constitue uma das melhores partes do quadro. A agua, no plano direito, corcoveia em ondas espumantes e a facha da praia mostra aturada observação da realidade. Um pouco mais de vigor na projecção do barco grande, á esquerda, e um pouco de artificio n'esso plano teriam-nos carregado mais, e mais o destacaria dos planos secundarios, em que a tinta branca predomina com abundancia.

Agora, que já me confessei admirador d'esse obra, posso dizer francamente que a considero infeliz sob o ponto de vista do tamanho. Uma tela de 3,80 cent. por 12,60 cent. para uma simples paizagem animada por quatro ou seis figurinhas de doze centímetros no maximo, faz-nos pensar no seu destino. Para ser propriedade de um particular, torna-se necessario que seja possível encontrar no Rio de Janeiro, ou seja em todo o Brazil, um amator de bellas-artes capaz de comprala por seu real valor, dispondo esse amator de uma galeria vasta em que possa dependurá-la ao muro. Para ser adqui-rida pelo Governo, o assumpto de forma alguma allia-se com o caracter de uma secretaria do Estado; salvo se for adquirida para a Pinacotheca da Academia de Bellas Artes. Ali devia ella figurar, o melhor prova apresentaria do nosso adiantamento em bellas-artes do que muitas que a Academia possui e classifica no catalogo da pretendida *Escola Brasileira* (?) mas faltam nos amadores e ajuda mais — amadores ricos; não temos museus; não temos governos capazes de se interessar pelas boas produções artisticas d'aquelles que não possuem nos gabinetes particulares de ministros um divino espirito-santo, senão na symbolica forma de uma pomba, pelo menos nos ossos e na carne de um homem. Na realidade, creio o sr. Antonio Parreiras, eu temo pelo destino do seu quadro, e, postoque não sejamos intimo, são sinceros os votos por mim feitos para que, em paga de tanto trabalho, não se veja obrigado a guardar a tela... Quando se trata dos «banidos da Suprema Ventura» os governos nunca têm verba.

Das vinte e quatro telas pequenas que completavam a exposição, direi que são bons estudos e muito dignos de attenção. Entre ellas acha-se uma que já fez parte da 2ª exposição realisada pelo artista, o Antigo Palacio Imperial em Petropolis; mas d'esta vez duas figurinhas quebram a monotonia d'essa paizagem secca, dominada por um cazarão em ruínas. Vae nisto talvez adiantamento do artista, porque chegou á convicção de que na paizagem brasileira é imprescindivel a figura. Esta questão tem occupado pouco os pintores, e no entanto lutam com serios embaraços para arranjar satisfactorios pontos de vista.

III

O cotejo feito entre as duas primeiras exposições e esta de Junho, nos dá o seguinte resultado: Antonio Parreiras é um laborioso e intelligente artista que ainda não se orientou.

Tendo apenas estudado durante nove mezes com um mestre methodico e

(1) H. Taine. De *l'ideal dans l'Art*.

consciente, começou a lutar sózinho com a enorme dificuldade de ver a natureza, ao ar livre, sob os mais caprichosos e variados efeitos de luz. Só aos que se têm dedicado a esse penoso estudo é dado conhecer como são instáveis e incompletos os phenomenos da sensação visual e quantas circunstâncias de modificabilidade da luz contribuem para o augmento das dificuldades. Langel, em seu livro *L'Optique des Arts* diz: «As imagens através das quais aperecebemos o mundo externo não são, em summa, signaes constantes; essas appareças se transformam a cada instante, pois, seu cessar, a luz muda de intensidade, os objectos se deslocam e suas cores se alteram sobre fundos e em meios novos; enfim a irribabilidade da retina é tal, que duas impressões successivas, causadas pelo mesmo corpo, não podem ser absolutamente identicas. Quando olhamos os quadros da natureza é como se lessemos em um livro onde os caracteres mudassem incessantemente de granleza e de cor.» Compreendendo-se, pois, os obstaculos com que luta um novel paisagista, estando por si só, na interpretação da natureza ao ar livre. Não são, seguramente, tres ou quatro annos de estudo, e de estudo activado por uma irresistivel vocação, não é só a boa vontade que podem educar a vista do pintor.

Essa educação é feita pelo tempo. Quantos annos de trabalho, de desillusões, de canceiras não foram precisas a Corot para conseguir familiarisar-se com a natureza? Antonio Parreiras pode dizer, como todos os paisagistas brasileiros, que ainda não fez a sua independência.

A sua maneira de colorir ainda é a mesma, o seu desenho pouco progrediu; unicamente o toque, isto é, a maneira de passar o pincel, nos parece mais desembaraçada e mais certa.

Não ha desesperar. Elle ainda é muito moço (nascu em S. Domingos de Nieheroy, a 21 de Janeiro de 1861) e robusto, activo, intelligente. Com esta edade nenhum artista na Europa conseguiu fazer reputação; e aqui, neste abençoado torrão da politica e da pntota, muitos existem que com o duplo d'quella edade ain ta não reconheceraam as qualidades negativas que os distinguem ao cultivo das bellas artes.

Concluindo, rogo ao distincto pintor fluminense que desculpe a fraqueza d'estas linhas, talvez dictadas pela ignorancia, e aceite o meu parabem pela felicidade da sua exposição, que lhe envia o mais obscuro dos seus admiradores.

Junho de 87.

ALFREDO PALHETA.

## JORNALS E REVISTAS

Um dos mais bellos numeros d'*Illustração* é este que foi distribuido esta semana pela casa filial da de David Corazzi e traz a data de 5 de maio.

Nas gravuras destacam-se um grande pagina representando o grandioso quadro de Renouf *O piloto*, e um delicado e magnifico retrato de Leconte de Lisle.

No texto, Mariano Pinn escreve com muita *véve* e observação sobre Eça de Queiroz e o seu modo de trabalhar, e Julio Cesar Machado continúa as suas interessantes «Notas para um dictionario dos portuguezes notaveis do meu tempo.»

É com grande mágua que temos de annunciar o recebimento do derradeiro numero d'*A Vida Moderna*, o brilhante hebdomadario illustrado, de que foi fundador e director o nosso operosissimo collega Arthur Azevedo, e que terminou a sua publicação com a do ultimo numero do primeiro anno.

Elle irá repousar ao lado da outra filha dilecta, a primogeuíta, de Arthur

— n *Gazetinha*. E d'aquella como d'esta ficará memoria gratissima e indelevel snudnde.

A.

## SPORT

A corrida realisada pelo Prado Villa Izabel ao domingo passado esteve bastante animada e concorrida, sendo todos os pareos bem disputados e reinando a maior regularidade durante o divertimento.

O programma, composto de sete pareos, foi bem organizado, alistando-se nelle bons animaes, quer do paiz, quer estrangeiros.

Eis o resultado de cada um delles:

No 1º pareo (1500 metros) Rigoleto em 10 segundos venceu os seus competidores. Cantagallo em 2º lugar, podendo ser a vencedora, visto não ter mostrado boa vontade para vencer. Tufão em 3º lugar; Zaire, Blanche, Verbena, Guachio, Onlina, tambem correram e não mereceram classificação — não correu Martha. Rateio 20\$700.

No 2º pareo (1400 metros) Berenice em 98 segundos facilmente venceu os seus adversarios, apezar de partir com desvantagem. Corcovado em 2º lugar e completamente esgotado. Juanita em 3º lugar. Absyntho, Florida, Pistoa e Catita não mereceram classificação. Obôe e Erse não correram. Rateio 12\$200.

No 3º pareo (1600 metros) houve esplendida corrida e bem disputada. Musico, partindo com muita vantagem, travou realhada lucta com Phenicia durante a corrida, ganhando d'esta e obtendo o 2º lugar, perdendo de Mastin que, aproveitando-se d'esta luta, venceu os seus adversarios em 105 segundos, sendo bem montado e hem corrido. Phenicia, que era a favorita, chegou em 3º lugar completamente esgotada e tendo sido enpurrada nas curvas para fóra pelo Musico. Dr. Jenner em grande bagagem. Pancy, Africana e Diomedea tambem correram. Le Loup não correu. Rateio 34\$900.

No 4º pareo (1000 metros) Druid, em 55 segundos e com 59 kilos, venceu os seus competidores. Biscaia, que chegou em 3º lugar, fez má corrida, quando neste tiro tem revelado superioridade; foi mal montada e pessimamente corrida. Villa Nova chegou em 3º lugar. Morena, Monjago, Douro, Aldace, Maestro e Fugote não mereceram classificação. Rateio 17\$000.

No 5º pareo (1800 metros) Scylta com bastante facilidade em 121 segundos venceu Perle que chegou em 2º lugar e esgotada. Dr. Jenner parou ao cabo de 800 metros. Daybreak não correu. Rateio 11\$200.

No 6º pareo (1300 metros) Visière em 84 segundos, apezar de partir com desvantagem, venceu os seus competidores. Apollo em 2º lugar e Cinira em 3º. Ouvidor e Lindo em ultimo lugar. Frequesu não correu. Rateio 11\$500.

No 7º pareo (1600 metros) Americana, inesperadamente, em 111 segundos, venceu os seus competidores e *desafinou a grande musica combinada* entre Boyardo que chegou em 3º. Chapeco em 2º e Jenny sem classificação, juntamente com Bouita, Violão e Saltarelle. Não correram Morena, Maudarin, Bismurck, Rabecão e Cycloue. Rateio 16\$700.

L. M. BASTOS.

## FACTOS E NOTICIAS

### HOTEL DE LONDRES

Para solemnizar a instalação do seu novo estabelecimento, os proprietarios do Hotel de Londres à rua do Ouvidor, ofereceram no dia 9 do corrente um banquete á imprensa.

Às 6 horas da tarde presentes todos os representantes da imprensa, com excepção do *Jornal do Commercio*, foi servido o lauto banquete.

Na occasião dos brindes falou o Sr. Pereira da Silva em nome da imprensa. Seguiram-se depois com a palavra os Srs. Domingos Gonçalves aos proprietarios do estabelecimento, Paula Ney, sempre eloquente e arrebatador, nos relactores d'*A Semana*, P. da Silva a Quintino Bocayuva, José do Patrocínio aos Dr. Ferreira de Araujo e Angelo Agostini, Valentim Magalhães aos proprietarios do estabelecimento, Alfredo Gonçalves agradecendo o brinde feito ao Dr. Ferreira de Araujo, Luiz de Andrade agradeceu o brinde feito a Angelo Agostini, Alfredo de Souza aos Srs. José do Patrocínio e João Clapp, Guanabara a José do Patrocínio, e Paula Ney a Machado de Assis. Valentim Magalhães fez o brinde de honra saudando Sua Magestade, o... Publico.

Com muito gosto e elegancia está montado o Hotel de Londres e oferece aos seus freguezes, além de todas as comodidades desejaveis, uma *cosinha* excellente, deliciosa.

Resaram-se no dia 13 do corrente missas por alma da esposa do aosso collega Ernesto Senna, na igreja de S. Francisco de Paula. Foi enorme o concurso de assistentes, composto de cavalheiros de todas as classes sociaes, pois em todas conta Ernesto Senna amigos e afeccionados. Todos os jornaes se fizeram representar pelos seus redactores e reporters.

### ACADEMIA DE BELLAS ARTES DA BAHIA

A congregação d'este importante estabelecimento de educação artistica, filho de grandes sacrificios por parte de um grupo de distinctos cidadãos, que o fundaram em 1877, pede-nos reforçemos o pedido por ella feito á Assembléa Geral para que seja concedido á mesma Academia um pequeno subsidio para auxilio da criação de certos cursos de que ella necessita, melhoramento de outros, aquisição de modelos e originaes para complemento do ensino da escultura, pintura e architectura.

Este pedido já foi feito o anno passado e a Assembléa Geral, naturalmente, entendeu, na sua alta sabedoria, que elle deveria ser esquecido como materia de nenhuma importancia.

Nós é que assim não pensamos; e é por isso que aqui estamos de penna em riste a protestar contra esta falta de amor á gloria do nosso paiz, e a lembrar á Assembléa Geral aquelle pequeno pedido de subsidio, hoje renovado pela Academia das Bellas-Artes da Bahia.

Se para votardes á favor deste subsidio é preciso coragem e força indomita, eia, senhores representantes da nação, coragem e força! e concedei á Academia o que ella pede, crentes de que ficaremos summamente gratos a VV. EExs. e... estupefactos de admiração!

## QUE HOTEL!

Muito cedo levantou ferrão o paquete e tomou rumo de barra a dentro. Ancorado na Gamboa, após as visitas da Saúde e Alfandega os primeiros passageiros que d'elle sahiram foram Julia e o marido.

Octavio e Julia, que vinham de passar a lua de mel em França e na Italia, desembarcaram no caes do Pluroux, tomaram um carro e partiram para Santa Thereza, onde escolheram apartamentos no Hotel da Vista Alegre. Depois do almoço foram passear; e Julia não cessava de enthusiasmar-se com o bello panorama da cidade que de lá se descortina; e a cada momento parava e chamava a attenção do marido para mais uma vista, exclamando: Encantador!

De volta do pequeno passeio, Julin mostrou a Octavio desejos de jantar na cidade, de dar uma volta pela rua do Ouvidor e de ir ao theatro.

Às 5 horas da tarde desceram ds Santa Thereza.

Onde iriam jantar? Qual hotel? Era isto que os atormentava. Queriam um hotel de primeira ordem, de excellente cosinha, e asseindo, muitissimo asseiado.

Ao passarem pela rua do Ouvidor, Julia que não cessava de tudo ver e observar, chegando mesmo a ler os lettreiros das casas de negocio, deparou, em bellas lettras garrafaes, em uma casa de frontispicio elegante e rico, o seguinte dizer: *Hotel de Londres*.

— Eil-o! disse ella ao marido. *Hotel de Londres!* ha de ser bom. Vamos jantar aqui. Entremos.

Por baixo d'este hotel ha um botequim excellente, sendo digno de nota a bellissima cascata que se destaca ao fundo do salão. Julia não pode suster um grito de contentamento ao vela.

— *E' chid!* De iaaito bom goat! Como está bem feita!

E demoraram-se a contemplar a cascata. Miautos depois aproximou-se d'elles um *garçon*, todo nttenções, e convidou-os para que visitassem o estabelecimento e os conduziu até a escada que dá para o pavimento superior do estabelecimento.

Subiram. Grande foi a impressão que Julia e o marido receberam ao galgarem o pataréo.

A alvura das toalhas que cobriam as mesas, as jarras cheias de flores, as garrafas de finissimos vinhos, empilhadas ao fundo em elegantes urnarios, as delicadas pinturas que ornamentavam as paredes, o aspecto do tecto, de fuul azul e salpicado de estrellas de ouro, o movimento dos *garçons* que iam e vinham com pratos de appetitosos manjares, tudo isso feito á claridade de varios combustores de gaz, symmetricamente distribuidos, enleiraram por tal maneira o espirito de Julia e do seu marido que elles nem deram por um amavel senhor—o Bittencourt—o doao do estabelecimento, que se achava ao lado d'elles e a repetir pela terceira vez: Vossas Excellencias querem sala especial?

E sem verem o Bittencourt tomaram assento em uma das mesas e esperaram pelo *garçon*.

O *garçon* foi o proprio Bittencourt. Deu-lhes a hiata e Julia, sem saber qual das sopas escolheria, decidio por fim,

por uma purée, e confiou a escolha dos outros pratos ao nável e perito Bittencourt.

Durante o jantar, Julia e o marido só tinham exclamações de elogio no bom gosto que presidia á factura dos pratos. Todos elles eram deliciosos, saborosissimos, dignos dos deuses. E o vinho, puro *Chateau la Rose*,—excellent!... Que finissimo champagne lhes foi servido! Que sobremesa!

Em caminho para o theatro D. Pedro II, Julia e o marido não cessaram de falar, sempre elogiando, do Hotel de Londres, dizendo entre outras cousas, que elle podia rivalisar com os primeiros hoteis da Europa.

Ao ebegarem ao theatro, compraram um camarote e foram assistir a representação do *Nero*.

Após a scena da morte, em que Emmanuel é assombroso, incomparavel, unico; a platéa explosio em bravos e applausos ao grande tragico e Julia, voltando-se para o marido, disse-lhe:

—E o Hotel de Londres? Que estabelecimento! Que vinhos! Que comidas! Aquillo é que é um hotel!— o Hotel de Londres!

BARÃO LA RECLAME.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotério, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

## A FLORA BRAZILEIRA

Chá, Cera, Matte, Rapé e Sementes

PIMENTEL & DUARTE

81 Rua da Uruguyana 81

RIO DE JANEIRO

## O GAIATO DE SALÃO

O *Gaiato de Salão*, colleção de disparates amatorios engraçadissimos em perguntas e respostas para passa tempo das noites de fogueiras. Vende-se na rua de Gonçalves Dias 33 e Ouvidor 66.

PREÇO 500!

Typ. d'A Semana, h. do Ouvidor, 43, sobrado

# EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene o autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIAS DO LOR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

## LIVROS

Grande liquidação na antiga livraria de Faro & Nunes.

Preços nunca vistos.

72 Rua do Ouvidor 72



Grande novidade ha boje, Exmas! A passeio? E' verdade! Sabimos unicamente por não podermos resistir ás grandes pechinchas que hoje annuncia a *California*, na rua do Senador Dantas n. 4. Onde fica essa rua? E' a rua nova, que principia no largo da Guarda Velha! Já chegaram as grandes novidades em capas, côrtes de vestidos bordados e artigos de malha de lã para crianças e para senhoras.

|   |         |
|---|---------|
| Algodão muito forte, peça.....  | 1\$000  |
| Morim para forro, peça.....   | \$600   |
| Dito superior, peça 1\$200 e....  | \$800   |
| Dito mais superior, peça.....   | 2\$200  |
| Velludos de cor, adamascados.   | 2\$000  |
| Bonitas lãs de todas as côres...  | \$500   |
| Chitas muito largas, 360 e.....   | \$240   |
| Batistas e percales, 300 e.....   | \$200   |
| Carretéis com 200 jardas da melhor linha para machina.....                | \$050   |
| Cobertores de lã, encarnados....  | 2\$400  |
| Meias compridas em ponto de cordão, de cor, para crianças.                | \$400   |
| Peças com 5 metros de renda de seda.....                                  | \$200   |
| Renda de seda preta, larga....  | \$400   |
| Rendas de todas as côres, 400 e.  | \$300   |
| Colchas com franja, 2\$500 e....  | 1\$800  |
| Pentes para caspa, 200; alisar..  | \$300   |
| Tapetes finos para quarto.....  | 2\$000  |
| Patetots e water-proofs de verdadeira casimira (não é feltro) 15\$ e..... | 10\$000 |
| Renda de lã com fio dourado...  | \$500   |
| Botões muito grandes, cada....  | \$100   |
| Botões para vestido, duzia.....   | \$120   |
| Oxford largo, a 240 riscados a..  | \$240   |
| Lençoes fortes, 1\$600, 1\$200 e....                                      | \$800   |

AOS BARATEIROS!

4 Rua do Senador Dantas 4

## FABRICA PEROLA

Torrificação de cafe

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 33, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

# LYRICA

DE

## FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas côres. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

## VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbem-segra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cezar Tavares Paes encarrege-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aceto e optima cosinba. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro do M. Salles — encarrege-se de defezas perante o jury, Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Iubaema, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapueia.

# ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lençoes, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 23 DE JULHO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 134

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                          |
|--|--------------------------|
| Expediente.....                            |                          |
| Os nomes artistas IV—Bento<br>Barbosa..... | F. COIMBRA.<br>FILINDAL. |
| Historie dos sete dias.....                |                          |
| Plebiscito litterario.....                 | Y. MAGALHÃES.            |
| Notas criticas.....                        | J. M. SILVA.             |
| Visão, poesia.....                         | R. POMPEIA.              |
| Conto de fadas.....                        | O. BILAC.                |
| Na gruta, soneto.....                      | A. A. L. VIEIRA.         |
| Paléstras femininas.....                   | Y. MAGALHÃES.            |
| Soneto de um suicida.....                  | A.                       |
| Notas bibliographicas.....                 | DR. DODSTOL.             |
| Chronica acientifica.....                  | A.                       |
| Jornaes e Revistas.....                    | P. TALMA.                |
| Theatros.....                              |                          |
| Abyssmo illuminado, so-<br>neto.....       | H. DE MAGALHÃES          |
| Festas, bailes e concertos                 | LORGNON.                 |
| Factos e Noticias.....                     |                          |
| Correio.....                               | ENRICO.                  |
| Recebemos.....                             |                          |
| Annuncios.....                             |                          |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quites obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

Desde 4 do corrente mez a redacção, gerencia e officinas d'A Semana acham-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

Partio no dia 12 do corrente a percorrer as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

Foi exonerado do cargo de agente d'esta folha, em viagem pela provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto filho, actualmente em Campos.

## OS NOSSOS ARTISTAS

IV

BENTO BARBOSA



Isto não é uma biographia nem outra couaa que se pareça com isso; é apenas um ligeiro artigo, suscitado por um convite amavel, a que não me seria licito resistir, e destinado a acompanhar a caricatura que A Semana publica hoje na sua fulgurante galeria de artistas d'esse modesto e talentoso rapaz a quem me prendem os vinculos poderosissimos de uma solidã amizade e de uma profunda admiração.

É com o maior prazer que cumpro esta agradável tarefa, tanto mais agradável quanto se me offerece abertamente o raro ensejo de elogiar sem restricções o artista que ha muito tempo fez jus a uma consagração triumphal. Por honra sua, deve ficar bem consignado que elle já não é uma das mais legitimas esperanças da nova geração artistica brasileira. Esta chapinha eoz, que a malicia revoltante dos jornalistas descobriu para penhorar, chaco-teando, tantos meninos que encaiam os primeiros passos na carreira das artes ou das lettras, não cabe a quem, como elle, tem revelado em si, por mil maneiras diversas, o inicio de uma brilhante realidade.

Chamar-lhe esperança seria de algum modo confundil-o com a multidão anonyma de infantes prodigiosos que possuímos na litteratura e nas artes. É uma população de microbios que vivem como esperanças desde os quinze annos de idade e neste caracter só se apoentam com a morte. Na rua ou no theatro encontramos frequentemente algum d'esses esperançosos honorários, que succede ás vezes a ser um pobre homem, de barbas brancas, menos dotado de inspiração que de rheumatismo, e, se nos occorre perguntar a alguém que especie de animal é aquelle, obtemos invariavelmente esta resposta formal:

— Como! Não o conhece? É o Tihurcio Viégas, um artista muito distincto; uma das noesas mais legitimas esperanças!

— Mas que faz elle? inquirimos nós, ansiosos por saber qual é o ramo da sua actividade intellectual.

— É empregado na Alfandega!

— Ah!

E, por fim de contas, o pobre homem de que se trata, ou é algum pintor de loja de calçado ou nascen para architecto de chafariz.

Conheço o Bento Barbosa desde a sua estrêa na Revista Theatral, ha dons annos, se me não falha a memoria. O nosso artista appareceu illustrando a primeira pagina d'aquelle hebdomalario. Uma vez por semana, fazia elle o retrato de algum dos nossos actores mais conhecidos, e, seja dito de passagem, por amor da verdade, que esses retratos não se pareciam absoluta-

mento nada com os respectivos originaes. Lembro-me até que, de uma occasião, o desenhista animado dos melhores intentos, quiz copiar as feições respeitáveis do actor Areias, e por um milagre divino conseguiu fazer uma reprodução fidelissima... das da Sra. Felicidade.

A sua estrêa não foi, portanto, o que se possa chamar uma revelação. Esta guardou-a elle, ainda por alguns mezes, apparecendo-nos, no fim d'esse tempo um artista de notaveis aptidões, destinado a preencher uma gloriosa carreira. No *Gryphus*, ephemera publicação de caricaturas, cujos leitores eu fôra incumbido de fazer adormecer sob a influencia da minha prosa fascinadora, fez o Barbosa algumas paginas magnificas, que dariam honra a qualquer desenhista de nomeada.

D'ahi por deante, tem elle progredido espantosamente, e o seu talento, que não attingiu ainda a maturidade, promete um desenvolvimento extraordinario. Não é indispensavel ser bom propheta para vaticinar um largo futuro a quem como elle pôde orgulhar-se com razão de tão lisonjeiro presente.

Bento Barbosa parte para a França dentro de alguns mezes: vai a Pariz, tomar um banho de civilisação e aperfeiçoar os dotes de que a natureza o exornou prodigamente. D'ali estou certo de que ha de voltar em triumpho, se tiver a má idéa de voltar ao Brazil, para morrer aqui, patrioticamente... á fôma. E' provavel, porém, que o nosso artista prefira viver bem em Pariz, com os proventos da sua arte, a vegetar no torrão natal, que não lhe poderia dar, como pintor, os meios de subsistencia. Na terra estranha bem sei que elle sentirá profundas saudades da terra ingrata, onde deixa uma parte do seu coração e da sua alma. Mas que importa? É mil vezes preferivel succumbir ao peso da saudade a succumbir ao das dividas.

Mais algumas palavras e eu terminarei este singelo e desconchavado artigo.

Bento Barbosa nasceu na provincia do Rio Grande do Sul; tem vinte e um annos de idade, uma alma de artista e uma paixão platonica, tambem de artista, por essa encantadora metade do genero humano, que a galanteria masculina convencionou chamar expressivamente o bello sexo. E' doído pelas mulheres; ama-as e pinta-as com o mesmo ardor e o mesmo enthusiasmo. Os seus collegas deram-lhe um cognome honrosissimo: o *Clairin Nacional*. e nenhum outro poderia ser-lhe applicado com tanta propriedade.

O nosso artista foi um dos fundadores do *Grupo Vermelho*, composto de pintores e esculptores, cujo fim é realisar a exposição dos trabalhos dos socios, facilitando d'este modo a sua acquisição e encaminhar o gosto dos artistas brazileiros no sentido dos progressos da arte moderna.

Eis ahi succintamente e a traço desordenado o que se me offerece dizer sobre a personalidade d'este sympathico rapaz, que será verdadeiramente um grande artista quando, por sua parte, tiver podido mostrar o que podem fazer, reunidos, a mocidade e o talento.

FIGUEIREDO COIMBRA.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Pesa-me, — com sinceridade o confesso —, pesa-me enormemente na consciencia o haver causado o fallecimento de varias pessoas, que se finaram de horrivel desgosto por lhes não ter eu dado chronica durante duas semanas. Os povos que demoram entre a rua do Ouvidor e o Sacco do Alferes — os dois extremos da civilisação fluminense — necessitam da minha palavra igualmente que do ar que respiram e da farinha de pão que ingremem.

Mas que fazer, povos amados, quando as semanas são puramente artisticas e a nossa folha tem secções de arte que precisam ser desenvolvidas com amplitude?

O chronista é chamado a outros deveres mais urgentes e o povo fica sem chronica.

Tambem, pelo alfange de Othello! que diabo houve nos ultimos quinze dias digno da attenção de um chronista illustre? Exigir d'elle uma chronica em taes condições fôra o mesmo que exigir de um beduíno a narração das occurrencias do Sahara.

Por isso agora, que volto a sarrabiscar estas tiras para admiração dos coevos e dos posteros, inclino-me agradecido deante o Sr. Barão de Mamoré, por me haver elle fornecido para a *historia* o facto politico da sua retirada do ministerio.

Que direi, porém, d'essa retirada, sem música? A politica, mesmo quando pittoresca como a nossa, é para mim um abysmo a cuja borda me debruço a medo: cravo os olhos na sua profundidade insondavel e nada vejo mais que um ou outro sapo, escapando-se, aos pinchos, pelas anfractuosidades e arestas do cairel.

Mova-me embora o dever civico, mova-me o dever profissional, eu estou sempre alheio ás tricas das camaras, e ainda me não foi dado comprehender nenhum facto de ordem politica, mesmo quando nitidamente m'o referem todos os veadores da *Gazeta da Tarde*.

Sei vagamente, depois de haver sazonado no meu espirito o estudo profundo da questão, que o Sr. Mamoré sahio do ministerio por causa de acceder n' Senado ao contrario do que na camara aceitara sobre a verba para os exames de instrução publica; sei que o Sr. Paulino, senhor e pae do Macuco, se levantara da sua curul e, pegando delicadamente pela consciencia politica do Sr. Mamoré, o estendera no solo da patria ingrata que lhe hade possuir os ossos.

Se não foi precisamente isto o que se deu, desculpem-me o ministerio e as camaras e valha-me a illuminação d' imprensa politica.

Depois da sahida do Sr. Mamoré houve o escandalo de uma sessão n. camara e o caso patusco de declarar Sr. presidente do Conselho que a retirada de um ministro não importava crise ministerial.

Seja como fór, o caso é que na actuaes circumstancias faz bastant falta no ministerio o ministro demissionario. Era trabalhador, activo, cuidadoso e sensato, sem desfazer er quem está presente e de quem eu espero com ancia uma sinecura de escacha...

Para o ministerio do Imperio entrou a pessoa gorda e grisalha do Sr. Ma-

noel Portella. Que elle continue na obra do Sr. Mamoré é o desejo do Filindal e de mais tres republicanos dos bons, dos quo não assignaram manifesto nenhum e que estão dispostos a verter até a ultima gotta de sangue pela regeneração patria, pelo advento do suffragio universal, pelo casamento civil, pela musica de Leccoqc e pelas walsas do Sr. Taunay.

Chegaram nesta semana os primeiros telegrammas acerca de S. M. o imperador. S. M. chegou a Lisboa, de onde partio para Paris por Madrid. Apezar d'esses telegrammas annunciarem melhoras na saude do imperador, uma circumstancia nos punge ainda o coração de subdito fiel: e é que o estado de S. M. continua a ser — satisfatorio!

S. M. tem sido atrozmente perseguido por este estado satisfatorio, e nunca se lhe conheceu outra molestia. Os boletins medicos da Tijuca annunciavam diariamente esse estado satisfatorio; agora o primeiro telegramma da Havas diz-nos que o estado de S. M. continúa a ser muito satisfatorio! Se isto não é para matar de desespero uma familia inteira, não sei que diabo hade pensar a gente do coração humano!

Tambem na semana houve tristezas, e grandes. Naufragaram tres paquetes nacionaes: o *Rio Apa*, o *Jaguarão*, e o *Cavour*.

Um-nosso amigo muito intimo escreveu a proposito os seguintes versos, que damos como unico commentario ás horribéis desgraças:

Collinas d'agua alteiam-se, tocando  
As nuvens preches de electricidade;  
Apavora o fragor da immensidade  
Os que andam sobre as aguas navegando.

Rodeado de liquidas montanhas,  
Mais temerosas do que as de granito,  
Tendo por cima negro o infinito,  
Por baixo o mar de incalculáveis sanhas,

Lucta o navio. E aos céus encommendo  
A alma nublada, o espirito tremendo,  
A febre atroz, ao desespero ardente  
Vae-se a tripolação abandonando.

Ruge, assobia rispido o pampeiro,  
O vendaval cyclonico, varrendo  
As atras nuvens, num clamor tremendo.  
E' de horribéis desgraças mensageiro!

Súbito, immensuravel, negra vaga  
Tremendamente cae sobre o navio  
Num pavoroso impeto bravo,  
Arrebenta, espedaja, engole e traga!

Desapparece tudo! O monstro irado  
Sacia a fome do seu ventre immundo,  
E volta a revolver-se no profundo  
Leito — lodoso, negro e ensanguentado.

Logo, á vista dos ceus, surge e fluctua  
O bando dos cadaveres sangrento,  
E no tetro e sombrio firmamento  
Não apparece, com terror, a lua.

Não concluirei esta chronica sem prestar *anch'io* a minha homenagem ao grande artista italiano, que nos tem deliciado com o seu prodigioso talento. Com grande e merecidissimo enthusiasmo tem o meu collega P. Talmia tractado dos maravilhosos trabalhos de

Giovanni Emanuel; a mim cahe-me registrar a criminosa indifferença do publico deante este sorprendente artista, que pratica o arrojio quasi inconcehivel de levar o naturalismo ao theatro, o ultimo reducto das convenções classicas e romanticas da arte.

Essa conquista enorme circundará para sempre o nome de Emanuel de um enestinguivel resplandor de gloria.

Salto da minha humildade para lhe bater as palmas, para lhe agitar victoriosamente o meu lenço, e para lhe gritar, num esto de enthusiasmo, com toda a força dos meus pulmões:

— Bravo! Bravissimo!

FILINDAL.

## PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?

|  |    |       |
|--|----|-------|
| O Guarany.....                           | 43 | votos |
| Memorias posthumas de Braz               |    |       |
| Cubas.....                               | 20 | »     |
| Motta Coqueiro.....                      | 15 | »     |
| O Ermitão de Muquem.....                 | 9  | »     |
| Fatalidade de dois jovens.....           | 6  | »     |
| Vicentina.....                           | 1  | »     |
| Memorias de um sargento de milicias..... | 1  | »     |
| Luciola.....                             | 1  | »     |
| João e Francisco.....                    | 1  | »     |
| O seminarista.....                       | 1  | »     |

Qual o melhor livro de contos ou novellas?

|                         |    |       |
|-------------------------|----|-------|
| Papeis avulsos.....     | 27 | votos |
| Historias sem data..... | 5  | »     |
| Risos e galhofas.....   | 2  | »     |
| Lendas.....             | 2  | »     |
| Leitura variada.....    | 1  | »     |
| Pilherias.....          | 1  | »     |

Qual o melhor drama?

|                               |    |       |
|-------------------------------|----|-------|
| Mãe.....                      | 39 | votos |
| Luxo e vaidade.....           | 6  | »     |
| Antonio José.....             | 6  | »     |
| O inulato.....                | 5  | »     |
| Os dois embaçados.....        | 1  | »     |
| Omphalia.....                 | 1  | »     |
| Martyrios de uma familia..... | 1  | »     |

Qual a melhor comedia?

|                                |    |       |
|--------------------------------|----|-------|
| Vespera de Reis.....           | 43 | votos |
| O Fantasma branco.....         | 32 | »     |
| Demonio familiar.....          | 25 | »     |
| Como se fazia um deputado..... | 17 | »     |
| Anor'por anexins.....          | 3  | »     |
| Os eonhadores.....             | 2  | »     |
| Uma scena no sertão de Minas   | 1  | »     |
| O pobre namorado.....          | 1  | »     |
| O Club Godipan.....            | 1  | »     |

## NOTAS CRITICAS

REAPPARECIMENTO. INVENTARIO DA MINHA MESA. OS «CONTOS INFANTIS.»

Quando, em o n. 68 d'*A Semana*, encetei estas notas, era minha intenção — intenção que externei — continnal-as regularmente, todos os sabbados. Mas não foi possivel; apenas puds dar tres ou quatro artigos.

Recomeço hoje: mas sem nenhum compromisso; e apenas preso a esta

promessa: — quando me for possível escrever, singelamente, as minha impressão da leitura das obras novas com cuja visitação honrada esta folha, ou de outras, sobre as quaes deva *A Semana* pronunciar-se, — falo-o ei; mas, se o fizer, não será por pavonear-me de crítico, mas por não haver outro collega, mais apto do que eu, que se queira incumbir d'esta onerosa tarefa, e por ter esta folha o dever de emitir juizo sobre ns obras que lhe são offerecidas e sobre as que, pelo eu alto e excepcional merecimento, não devam passar despercebidas por uma folha litteraria, como *A Semana*.

Isto posto, e rolembrando que o titulo d'esta publicação é muito menos pretencioso do que parece, — mãos á obra.

As obras—devia eu ter dito; porque tenho-as em bom numero empilhadas sobre a mesa.

Eis o inventario das mais importantes:

*Contos Infantis*—de Adelina A. L. Vieira e Julia Lopes.

*Viagens*—de Eduardo Prado.

*Et cetera*—de Alfredo Camarate.

*Poemas e Idyllios*—de Rodrigo Octavio.

*Bohemia do Espirito*—de Camillo Castello Branco.

*Amor d'esposo*—de Pedro Americo de Figueiredo.

*Biologia e Sociologia do Casamento*—do Dr. Gama Rosa.

*Perfil de Camillo Castello Branco*—do padre Senna Freitas.

*Rainha sem reino*—de Alberto Pimentel.

*Pedagogia e Methodologia*—do padre Pussalacqua.

Ha ainda mais tres, de que não tenho propriamente a obrigação mas sim um vivissimo desejo de escrever. São estas:

*Lyrice*—de Filinto d'Almeida.

*A Reliquia*—de Eça de Queiroz.

*John Bull*—de Ramalho Ortigão.

Terei eu tempo e forças para dizer de todas essas obras, francamente e lacticamente, o que d'ellas penso e as impressões que me deixou a sua leitura? Ignoro-o; mas, se de todas não pudér escrever algumas linhas, não será por faltar-me a vontade: creiam-o, e desculpem-m'o os seus distinctos auctores.

Começarei pelos *Contos Infantis*.

E' este livro um dos que mais cedo vieram para a minha mesa e que ha mais tempo dormem á espera de noticia nesta folha. Quando isso mesmo, porém, não houvesse, bastaria, para que lhe eu desse a preferencia, o facto de ser assignado por duas senhoras; por um que fosse, e tel-a-ia, quanto mais sendo-o por duas!

Todos os jornaes que se occuparam com o livrinho das duas talentosas collaboradoras d'esta folha cobriram-o de flores, acolheram-o com abundantes e mercedos encomios.

Tambem eu só tenho gabos, e muitos, e fervorosos, para estes contos, verdadeiramente infantis.

Assim me exprimo, porque os que tinhamos n'hi por essas escolas só eram infantis por se chamarem taes.

Dizem, no seu curto e despretencioso prologo, as auctoras serem os

seus contos narrações singelas, em que procuraram fazer sentir aos pequeninos paixões boas, levando-os com amenidade de historia a historia; e, mais, que diligenciaram dar á forma e ao estylo simplicidade e correção, naturalidade e sentimento, «cousas que se devem alliar, principalmente, nas paginas de proposito escriptas para crianças.»

Tanto este como aquelle escopo, foram brilhantemente alcançados.

Não ha d'estes contos, quer em prosa quer em verso, nenhum que não contenha um proveitoso ensinamento, uma boa lição moral, uma utilidade pratica educativa, vestida na mais singela e amena forma, soh a feição de uma narrativa encantadora e simplissima.

Além d'estes merecimentos, têm o da originalidade na concepção, do bom gosto e bom aviso na escolha dos assumptos e do primor na execução d'elles.

Já era tempo; em verdade, de substituir esses banalissimos contos, essas inspidas fabuletas de bichos e meninos travessos, com que por tanto tempo se têm amollentado e entorpecido de enfado as intelligencias das crianças—terreno seivoso e fertile, mas caprichoso e delicado, que pede sementes de fructos uteis e cultivo esmerado, muito especial.

Nestes contos não se depara idéia que não seja san e verdadeira e não esteja ao alcance da comprehensão das crianças.

E' possível que nem todos sirvam para a primeira classe. Julgo porém que o seu merecimento maior está mesmo em que, sendo todos infantis, prestam-se, no entanto, á leitura da mais atrazada como da mais adelantada das classes das escolas primarias.

Ao mestre a incumbencia e o cuidado da escolha dos contos, segundo o grau de desenvolvimento da intelligencia e de adeantamento dos alumnos.

Outra vantagem: haver tambem contos em verso. E' de toda a conveniencia habituar ns crianças á recitação de bons versos,—correctos, inspirados e naturaes como estes.

Bom parte dos contos em verso é composta de traducções do precioso livrinho de Luiz Ratisbonne — *Comédie Infantine*; e bastaria este trabalho para fazer o elogio de D. Adolua Vieira, a provecissima professora e laureada poetisa, que, aliás, tem no livro contos de lavra propria não inferiores aos de Ratisbonne.

Tanto como obra pedagogica como litteraria, é este livrinho—excellent.

Ha entre os contos de D. Julia Lopes,— prosadora correctá, simples e graciosissima—alguns que podiam ser assignados por Mme. Alphonse Daudet, sendo que todos elles fariam honra á distinctissima prosadora portugueza D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Que mais dizer d'este livro?

Apenas isto:— que é um crime de lesa-educacão não ter sido elle ainda adoptado pelo Governo para uso de todas as nossas escolas publicas e pelos directores e directoras dos estabelecimentos particulares de instrucção primaria.

Rio—Julho—87.

VALENTIM MAGALHÃES.

## VISÃO

Olhou, e viu um riso. Não que houvesse propriamente uma bocca, em que esse riso, que elle bem via, apenas estivesse dilatado conforme era preciso.

Seria o riso como o ideal reflexo involuntario, e d'um estado átonico, em quanto elle conserva-se perplexo, Riso sem alma, sem sentir, sardonico?

Mas elle via-o bem, por mais que o jnizo Quizesse afugentar a idéa louca Que o seguia; mas era sempre um riso, Embora o riso não tivesse boca.

—Um effeito de luz, talvez,—peosava— Que um riso, sem ser riso, parecia— Depois, sorrindo, novamente olhava, E novamente aquelle riso via:

Ergueo-se, e disse:— Certo que é mentira.— E esbugalhava os olhos pra não vel-o; Torna a olhar, e julgando que delira, Empalidece, e eriça-se o cabello.

Relampeja por diante o mesmo friso, Espantado e amarello. Estremecia De susto, que, apesar de tudo, o riso, Inda mesmo sem bocca e labios, ria:

—Mas se é um riso, deve rir! — E pára, Examinando com secreto estudo; Attentamente espera, escuta, encara, E o riso vê, a rir, de um riso mudo.

Quer convencer-se que tem mal supposto E que o reparo falta-lhe preciso: Vém bem que aquelle riso não tem rosto, Vae rir-se á força, e vê de fronte o riso!

—E' de mais! — A final os olhos fecha, E o riso vê; aperta-os mais ainda; Mas mesmo assim o riso não o deixa, Mesmo dentro de si nuca elle anda!

—Oh! Deus, diz a trêmer, conheço agora Que dentro em mim o escarneo a rir diviso! Perdão, meu Deus, perdão! — Mas, quando Nas lagrimas de jaspe aneia o riso.

E aquelle riso sem ningreio, sem boca, Que nada verdadeiramente exprime, Tanto insistio a rir, que a idéa louca Convenceo-o por ultimo de um crime...

Ficou scismando, entristecido de todo, Tomou essa visão por um aviso: Oriso não mais rio, mas por tal modo Que nunca aos labios mais voltou-lhe um riso.

1887.

J. DE MORAES SIEVA.

## CONTO DE FADAS

Contrasensos de atavismo. Algumas vezes nascem principes da poeira humilde das ruas. Não da especie dos conspiradores felizes, que fazem da propria nulidade original arma de guerra e lutam e sobem, cobrejando atravez dos conhecimentos até camppear triumphantes sobre o dominio dos homeos, não: verdadeiros principes, que o são ao nascer; que têm a purpura do manto diluida em globulos de altivo sangue, absolutamente a salvo da embolia mortifera que a impureza do ambiente da sua

miseria poderia occasionar; principes nobilissimos, que têm a força do emblematico sceptro vertebada em espinha dorsal, inflexivel a humilhação da sorte, e no olhar firme, sem jaça, que lhes clareia a testa, a magestade dos diademas.

Polem os encontral-os, ao dohrar uma esquina, em andrajos, face cavada pela necessidade e pelo suor,—lagrimas da fadiga.

Pesa-lhes mais que a ninguem a fatalidade architectonica do edificio social, que obriga a superposição dos nudares e a inferioridade do baldrame.

São oriundos d'esta raça os peiores criminosos e os revolucionarios sublimes. Entre estes extremos ha, porém, o meio termo, mais commun, dos obscuros que succumbem, bloqueados na vaidade inflexivel da insigniaria realza.

«Impossivel! monologava Aristo. Com os diabos! E' uma solução arrebatada, que não me entusiasma. Supprimir-me! E' boa! e o meu logar no refeitório da vida? Então não ha um taller para cada um nesta mesa redonda, como não ha, no campo, um figo para cada passarro. Quem me privou do figo nesta partilha? Implorar... Mas haverá passarros mendigos? Ha criancinhas que esmolam cantando; nenhuma outra miseria conheço que cante; não ha lagrimas aladas; a propria chuva, porque parece pranto, calhe na terra. Não será, pois, a vida como o espaço, e as aspirações como um vôo? Ah! mas reflectamos com justeza.

E o que pensarão os figos, d'esta vida? Que opinião a delles sobre os passarros e sobre as aspirações? Tambem, pobresinhos, têm um coração que palpita insensivelmente. Abri um figo; vereis a polpa ouriçada de pontas eangrentas... Como não? os fructos sangram! Têm todos os direitos da maternidade... Não respeitam a maternidade?... inclusive o santissimo direito da dor! Percebo, percebo. Ha homens—figos, ha homens—passarros. Sim! mae eu, figo!.. uma figa! E' preciso que um degraú se estenda em baixo. para que outro degraú se estenda em cima, e a escada suba?...

Eu trabalhei o ferro. Como me comprehendia o masculo metal, parente da energia inflexivel do meu genio! Não me valeu a força de operario; faltou-me a habilidade de mendigo. Trabalhei então o panno. Homens do dispendio, mantenedores da industria, não saheis de que tecido se fazem as ricas vestes. Passaram fibras de coração pelos toares; tingiram-se os padrões com as cores escuras da miseria. Conheceis os rebanhos humanos encurralados nas fabricas. O carneiro dá a lan. Toda essa lan purissima: sensibilidade, delicadeza, pudor, ativez, de que se faz a superioridade moral, se apara ao rebanho humano.

Este precioso estoffo: védes esta rosa entre folhas. Lahada em petalas esplendidas sobre a trama da tecelagem? E' a honra de uma operaria, a infamia feita tinturaria. Não quizeram que eu visse o que eu vi, nem que, vendo-o sentisse.

Passai a ser compositor. Ia encontrar de frente o pensamento, como encontrara a industria. Maravilhou-me a infinidad dos typos no caixotins, palavras reduzidas a migalhas,



se poderá fazer neste genero por tão longos terras.

O merito litterario de *Não jures por cousa alguma* é muito pouco: consiste em ser um trabalho escripto com pretenções e sem viser outro fim que o de proporcionar ao leitor a narração mais ou menos viva de um episodio que, se por um lado é verosimil, é por outro prejudicado; o isto pelas circunstancias de que o Sr. Pimentel o rodeou, deixando-se levar unicamente pela força de sua imaginação.

Quanto á linguagem, embora não seja escoimada de certos descuidos, é correctá, sendo para lamentar alguns graves erros de concordância grammatical que se encontram no livro, os quaes, julgamos nós, serem descuidos de revisão que não de autor.

A.

## CHRONICA SCIENTIFICA

### FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

HOSPITAL DA MISERICORDIA

O Hospital de Misericordia atravessa actualmente uma das phases mais interessantes do seu movimento clinico.

As enfermarias regorgitam de casos importantes, que, poudo em relevo o saber e illustração de seus chefes, em beneficio sempre da humanidade que sofre, servem do proficuo ensinamento aos que alli vão aprender.

Nos serviços de medicina, ao lado de grande numero de molestias cardiacas, pulmonares e de natureza palustre, constantemente observadas, nota-se presentemente grande variedade de lesões do systema nervoso, que tem constituido o objecto das lições dos dous notaveis professores de clinica, dando ensino, ao mesmo tempo, a se fazerem conhecidos os estudos e investigações mais recentes que tem operado assignalada revolução nesse ponto tão difficil e sempre curioso da clinica medica.

Na enfermaria de clinica, sob a illustrada direcção do eminente professor conselheiro B. de Torres Homem, prendem mais de perto a attenção dous casos de subido valor scientifico: um—pela sua raridade, e outro—pela anomalia de sua marcha.

O 1º, um *tabes spasmodico*, traduzindo uma affecção localisada, como é de regra, em um dos lados da medulla (o direito neste caso), foi pela 1ª vez observado nessa enfermaria e talvez em todo o Hospital; o 2º, uma *hemorrhagia meningea (pachymeningite)* trazendo como consequencia manifestações alternadas de com apoplectico, epilepsia jacksoniana com rotação da cabeça e desvio conjugado dos olhos para o lado direito, onde houve paralyisa e por onde começam os movimentos epileptoides.

E', em resumo, um caso que se presta ás mais interessantes interpretações em relação á sua anatomia e physiologia pathologicas.

Ambos constituiram o assumpto de magistraes lições oraes, produzidas pelo sabio professor.

Na 2ª enfermaria de clinica medica existem dous casos de *beriberi*, isto é, de *polyneurite infectuosa* de accordo com as mais modernas opiniões acceitas e brilhantemente sustentadas pelo abalizado professor Dr. Martins Costa, digno chefe d'essa enfermaria.

Finalmente, no serviço medico (mulheres) do Dr. Benicio de Abreu,—onde a therapeutica como sciencia pratica conta os mais legitimos successos, devidos aos elementos investigadores do grande talento d'esse professor,—há a notar, entre outras, a proveitosa applicação do nitrato de prata, continuamente administrado desde 5 de Janeiro, em um caso antigo de *sclerose dos cordões posteriores da medulla*.

Nos serviços de cirurgia são os seguintes factos clinicos de mais particular interesse:

A' enfermaria do Dr. O. Bulhões recolheu-se um individuo com um *aneurisma da arteria subclava*.

As desfavoraveis condições do doente dificultavam em extremo a escolha do processo operatorio.

Entretanto, julgou o illustrado cirurgião que o unico meio susceptivel de algum resultado seria a operação de G. Bacalli, isto é, a introdução de delgadas laminas de aço, em volta das quaes se deverá operar a coagulação do aangeo contido no sacco aneurismal.

Foi esse com effeito o tratamento definitivo estabelecido pelo Dr. Bulhões, que, diante de grande numero de medicos e estudantes, e auxiliado pelo estudioso professor Dr. S. de Magalhães, praticou essa grave operação segundo os preceitos estatuidos pelo medico italiano, introduzindo quatro molas de relógio de 40 a 45 centimetros de extensão sobre cerca de 2 millimetros de largura sem o menor accidente.

Parece que bem avisado andou o illustre professor preferindo esse meio curativo, pois as condições actuaes do operado, assás favoraveis, são evidente prenuncio de exito lisongeiro, tanto para o doente, que se vê curado, como para o cirurgião a quem cabem com justiça os louros da arriscada tentativa.

Como operação de urgencia foi pelo mesmo operador feita a *tracheotomia*, de Chassaignac, reclamada por um immenso sarcamatoso comprimindo as vias respiratorias e pondo assim o doente em risco imminente de asphyxia.

Já está no dominio do publico a operação da *laparotomia* praticada, em sua enfermaria de clinica, pelo Dr. Lima Castro e reclamada por uma peritonite enkystada; resta, porém, acrescentar que o doente, que nessa mesma enfermaria soffreu já tres diferentes operações, teve alta, perfeitamente restabelecido.

Em um dos dias da semana ultima foi praticada a ressecção do fragmento superior do cubito direito, que gravemente comprometia o resultado de uma fractura exposta nas piores condições e em que, apezar de tudo, o Dr. Lima Castro empregou todos os recursos tendentes a impedir a mutilação do membro—ultimo e unico meio de salvar a vida do doente. E' de esperar que os esforços do joven e intelligente cirurgião sejam bem successidos, attendendo-se ao bom exito que em sua enfermaria têm alcançado as fracturas complicadas.

Segundo rezam as estatisticas o esse o eerviço do hospital que tem recebido mais avultado numero de fracturas complicadas e de mais grave prognostico; entretanto, é alli tambem que a cirurgia verdadeiramente scientifica, verdadeiramente humanitaria, a cirurgia observadora, obtem repetidas victorias, prestando-se ás mais brilhantes manifestações do talento e do saber do sympathetic cirurgião, um dos seus mais fervorosos sectarios!

Verdadeiramente scientifica foi a operação habilmente feita pelo Dr. Pereira Guimarães em sua enfermaria, em um doente que, há já alguns annos, foi victima de uma lesão na articulação coxo-femoral.

Com o correr dos tempos a molestia, foi se accentuando; e, revestindo-se, gradualmente de caracteres mais sérios, resistindo aos tratamentos mais energicos, patenteava a sua tendencia a evoluir, causando notaveis desordens anatomicas no ponto que escolhera para a exhibição dos seus effeitos.

Trata-se de um caso curioso de *tuberculose ossea*, limitando-se em suas manifestações a um ponto principal do systema osseo: a extremidade superior do femur direito.

Esgotados todos os meios de modificar esse estado, o illustre professor Pereira Guimarães viu-se, mais uma vez, na necessidade de recorrer á sua habitual pericia e illustração—intervindo por meio de um dos mais raros e dos mais difficis actoes da alta cirurgia:—a ressecção do femur direito até abaixo do grande trochantas e raspagem e ressecção da parte da cavidade cotyloide correspondente.

A operação correu bem, e apezar da sua gravidade, á vista do estado satisfatorio do operado, é de crer que ella lhe seja de utilidade.

Foi tambem operado pelo mesmo cirurgião um caso dos mais raros; um

kysto dos seios frontaes, cujo diagnostico foi previamente declarado.

Na proxima semana serão operados; na enfermaria do Dr. Barata Ribeiro—um tumor do seio maxillar, na do Dr. Bulhões—um interessante tumor abdominal.

Na proxima chronica serão referidas as operações ultimamente praticadas pelos Drs. Lima Castro e Pedro Afonso Franco, além da exposição dos casos clinicos de maior importancia.

21-7-87.

DR. DODSTOL.

## JORNALS E REVISTAS

Mais um novo jornal na Côte—*A Côte*. Diz no cabeçalho que é artistico, litterario e recreativo. Acredita-mo o piamente, pois não havia *A Côte* de iniciar a vida a mentir. E' seu director o Sr. Eugenio Nunes. A simples leitura d'este numero convence de que são principiantes os seus redactores e novéis ainda na arte de escrever. Mas que diabo! é mesmo pelo principio que se principia e antes de ser-se projecto é forçoso que se seja novel. A cousa está em revelar talento e criterio desde o começo.

Como somos mais velhos e sympathicamos com *A Côte*, ousamos dar-lhe conselhos. Olbe, abandone a imitação; para que macaquear os macaquinhos de *José Telha*? Que merecimento ha nisso? E deixe tambem de dar *piadas*, como as folbas diarias. Ha outros mais seguros meios de attrahir a attenção. Quando se tem talento e mocidade como os redactores de *A Côte*, não se tem o direito de imitar os velhos, e exactamente no que elles têm de peor.

Comprimntamos *A Côte*.

De S. Paulo chega-nos o primeiro numero de *A Violeta*; é uma publicação litteraria elegantemente redigida e collaborada e primorosamente impressa. Aparecem neste numero versos de Narcisa Amalia, Olavo Bilac, Raymundo Corrêa, e escriptos em prosa firmados por conhecidos escriptores.

Desejamos-lhe longa e auspiciosissima existencia.

*O Grito do Povo* n. 3, 4 e 5. Todos consagrados, em energicos artigos, á causa da republica; o do n. 5 *O que foi o segundo reinado* fecha com estas linbas: «Chegamos a um tal estado de decadencia que podemos exclamar como Seneca: «Morreram os costumes, o direito, a honra, a piedade, a fé e aquillo que nunca volta quando se perde: o pudor!»

Energia é que não falta ao *Grito*.

Está excellente o n. 26 de *O Brazil Medico*. Contem artigos sobre hygiene publica, therapeutica, e trata da sessão que realisou em 17 de mez passado a Sociedade de Medicina e Cirurgia.

*Revista de Engenharia*, n. 165. Muito bem redigida. São dignos de nota os seus trabalhos sobre industria, estradas de ferro e meteorologia.

Temos o n. 306, anno X d'*O Occidente*. Na sua primeira pagina traz um bom retrato do distincto escriptor e ministro portuguez José Luciano de Castro. Na parte litteraria apparecem a *Chronica Occidental* de Gervasio Lobato, um artigo firmado por P. C. (Pinheiro Chagas?) e intitulado *Fontes e Thomaz Ribeiro* e a continuação do *Dom Tarouca*

A *Revista do Ensino*, que se publica em Ouro Preto, vai carreira brilhante.

O n. 13, que recebemos, é prova bastante do progresso que de numero a numero faz esta publicação. São bem escriptos e dignos de leitura todos os seus artigos.

O n. 2. Anno II da *Revista Federal* traz vibrantes artigos devidos á penha de Alvaro Chaves, Romanguera Corrêa e Salubha Marinho. São da sua interessante secção *Subsidios Monarchicos* os seguintes pedacinhos:

«Quarenta annos de reinado, quarenta annos de mentiras, de perfidias, de prepotencia, de usurpação!... Príncipe conspirador! Ceasar caricato!»

FERREIRA VIJANNA.»

«Eu tenho vergonha de ser monarchista.»

MARTINHO CAMPOS.»

«A monarchia no Brazil ainda não produziu o minimo bem.»

AFFONSO CELSO.»

Faz bem o collega em relebrar as republicanicas dos nossos monarchistas.

Do *Club de Engenharia* recebemos o n. 6 da sua importante revista mensal, que está brilhantemente collaborada.

A.

## THEATROS

D. PEDRO II

Companhia dramatica italiana dirigida por G. Emanuel

FEDORA

A representação da famosa peça de Sardou—especie de *Inva talhada* por elle para o talento artistico de Sarah Bernhardt—não veio interromper a serie do triumpho d'esta companhia, nem lançar agua na fervura do entusiasmo publico por Emanuel; tendo vindo acendrar e triplicar a sympathia e a admiração por Virginia Reiter.

Daremos a nossa impressão geral em poucas palavras, pois não nos sobra espaço.

A gentil e talentosa discipnla do grande tragico naturalista srpreheendeu-nos com a imprevisita manifestação de algumas qualidades dramaticas de primeira ordem.

Não se pôde dizer que ella tivesse feito uma *Fedora* completa, perfeita.

Longe d'isso. O seu trabalho é muito desigual.

Algumas scenas mal representadas, phrases ditas sem o devido relevo e a precisa expressão, gestos demasiados e nem sempre de accordo com a situação, vacillações aqui e ali, por vezes mesmo mostras de canaço.

Mas, em compensação, todaa as pagagens de vigor, todas as scenas de sentimentos energicos e de expansão dramatica foram representadas com muito brio, desembaraço e justesa.

A scena com Loris, no sofá, no segundo acto, a scena final do terceiro e as ultimas do ultimo foram muito bem feitas, revelando-se nellas a Sra. Reiter actriz de largo e brilhante futuro, mórmente se attendermos a que ha cinco mezae apenas que slla está fazendo papeis de primeira dama galan.

Quem assim começa hade ir muito longe.

Consegnir que esta platéia, que vio o papel feito por Sarah Bernhardt e Duse Chechi, a applaudisse e victoriasse pela maneira porqns o fez, é conseguir muito, muitissimo.

Era grande a anciedade de ver Emanuel—de casa. Essa curiosidade era





# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA 7ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 24 DE JULHO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Excelsior**—1609 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes          | Fellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas  | Proprietarios     |
|-----|----------------|------------|--------|---------------|---------|------------------------|-------------------|
| 1   | Corcovado..... | Castanho.. | 3 ans  | R. de Jane..  | 49 kil. | Grénat e ouro.....     | Mario de Souza.   |
| 2   | Juanita.....   | Baio.....  | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Grénat e lyrio.....    | D. A.             |
| 3   | Absyntho.....  | Castanho.. | 3 »    | S. Paulo..    | 49 »    | Azul e ouro.....       | Coud. Santa Cruz. |
| 4   | Esmeralda..... | Idem.....  | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Ouro e bonet azul..... | Coud. Alliança.   |

2º pareo—**Extra**—1200 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

|   |                |            |       |             |         |                                |                   |
|---|----------------|------------|-------|-------------|---------|--------------------------------|-------------------|
| 1 | Indio.....     | Castanho.. | 2 ans | R. da Prata | 47 kil. | Azul e grénat.....             | J. L. C.          |
| 2 | Ormonde.....   | Zaino..... | 2 »   | França....  | 47 »    | Ouro e verde.....              | A. Vianna.        |
| 3 | Prevenche..... | Alazão.... | 2 »   | Belgica..   | 46 »    | Ouro e preto.....              | F. Schmidt.       |
| 4 | Phenix.....    | Idem.....  | 2 »   | Inglatera.. | 46 »    | Encarnado e azul.....          | Coud. Brasileira. |
| 5 | Rapid.....     | Idem.....  | 2 »   | Idem.....   | 47 »    | Encarnado, preto e branco..... | Vianna Junior.    |
| 6 | Landy.....     | Castanho.. | 2 »   | Idem.....   | 48 »    | Azul.....                      | C. O.             |

3º pareo—**Cosmos**—1609 metros—Animaes de todos os paizes até 4 annos que não tenham ganho este anno o paroo—**Rio de Janeiro**—Premios: 1:000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

|   |                      |            |       |             |         |                                |                      |
|---|----------------------|------------|-------|-------------|---------|--------------------------------|----------------------|
| 1 | Dr. Cacete ex Dr. J. | Zaino..... | 4 ans | R. da Prata | 52 kil. | Grénat e ouro.....             | J. S.                |
| 2 | Mirzador.....        | Idem.....  | 4 »   | França....  | 52 »    | Ouro e preto.....              | F. Schmidt.          |
| 3 | All-Right.....       | Castanho.. | 3 »   | Idem.....   | 49 »    | Encarnado, preto e branco..... | C. P.                |
| 4 | Catita.....          | Idem.....  | 4 »   | .....       | 50 »    | Azul e bonet amarello.....     | F. Guimarães.        |
| 5 | Victorious.....      | Zaino..... | 4 »   | França....  | 52 »    | Vermelho.....                  | Luiz A. P. Barbosa.  |
| 6 | Mastin.....          | Castanho.. | 4 »   | Idem.....   | 54 »    | Grénat e violeta.....          | A. M. P.             |
| 7 | Coupon.....          | Alazão.... | 4 »   | Idem.....   | 54 »    | Azul, branco e amarello.....   | Coud. Cruzeiro.      |
| 8 | Perle.....           | Zaino..... | 4 »   | Idem.....   | 50 »    | Branco e encarnado.....        | Oliveira J. & Lopes. |

4º pareo—**Derby-Club**—1609 metros—Handicap—Animaes nacionaes de puro sangue—Premios: 1:000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

|   |                    |            |       |            |         |                              |                       |
|---|--------------------|------------|-------|------------|---------|------------------------------|-----------------------|
| 1 | Boreas.....        | Castanho.. | 5 ans | S. Paulo.. | 61 kil. | Grénat e violeta.....        | Coud. Rio de Janeiro. |
| 2 | Vidoc, ex-Mac..... | Alazão.... | 5 »   | Idem.....  | 61 »    | Geranium e ouro.....         | A. S. S.              |
| 3 | Talisman.....      | Idem.....  | 6 »   | Idem.....  | 61 »    | Azul branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.       |
| 4 | Dandy.....         | Vermelho.. | 4 »   | Idem.....  | 56 »    | Branco e encarnado.....      | F. Vianna.            |

5º pareo—**Progresso**—1750 metros—Animaes nacionaes até meio sangue—Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |               |            |       |            |         |                                |                       |
|---|---------------|------------|-------|------------|---------|--------------------------------|-----------------------|
| 1 | Rondello..... | Douradilh  | 4 ans | S. Paulo.. | 52 kil. | Grénat e azul.....             | Lazaro & Lima.        |
| 2 | Odalisca..... | Pampa....  | 4 »   | Idem.....  | 50 »    | Verde, branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.      |
| 3 | Tenor.....    | Zaino..... | 4 »   | Idem.....  | 54 »    | Vermelho.....                  | Tattersall Campineiro |
| 4 | Violão.....   | Alazão.... | 5 »   | Idem.....  | 52 »    | Vermelho e faixa.....          | Idem, idem.           |
| 5 | Druid.....    | Tordilho.. | 5 »   | Idem.....  | 56 »    | Branco e encarnado.....        | Oliveira J. & Lopes.  |

6º pareo—**Rio de Janeiro**—2000 metros—Handicap—Animaes de todos os paizes—2:000\$ ao primeiro, 50% das entradas ao segundo e 25% ao terceiro—Pesos: 3 annos, 47 kilos; 4 annos, 56 kilos; 5 annos e mais 61 kilos  
O animal que tiver levantado um premio de 1:000\$ a 1:500\$ carregará mais 2 kilos; de 2:000\$ a 5:000\$ 4 kilos; de mais de 5:000\$ 5 kilos  
Os animaes nacionaes serão favorecidos com 3 kilos de pezo e receberão mais 50% do valor do premio se chegarem em primeiro ou segundo logar

|   |                 |            |       |             |         |                              |                        |
|---|-----------------|------------|-------|-------------|---------|------------------------------|------------------------|
| 1 | Satan.....      | Castanho.. | 4 ans | França....  | 58 kil. | Grénat e ouro.....           | Mario de Sousa.        |
| 2 | New-York.....   | Alazão.... | 4 »   | Idem.....   | 56 »    | Ouro preto.....              | F. Schmidt.            |
| 3 | Remise.....     | Preto..... | 3 »   | Idem.....   | 47 »    | Ouro preto e faixa.....      | F. Schmidt.            |
| 4 | Musico.....     | Idem.....  | 5 »   | Idem.....   | 56 »    | Vermelho.....                | Tattersall Campineiro. |
| 5 | Charyhides..... | Castanho.. | 4 »   | Inglatera.. | 58 »    | Grénat e violeta.....        | Coud. Rio de Janeiro.  |
| 6 | Salvatus.....   | Alazão.... | 4 »   | França....  | 60 »    | Azul branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 7 | Daybreack.....  | Zaino..... | 3 »   | Inglatera.. | 47 »    | Azul e ouro.....             | D. Julia Vieira        |

7º pareo—**Lemgruber**—1609 metros—Animaes nacionaes até meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |                |                      |                               |                        |
|---|-----------------|------------|-------|----------------|----------------------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | Ondina.....     | Tordilho.. | 3 ans | S. Paulo..     | 47 kil.              | Azul e amarello.....          | J. M. R.               |
| 2 | Vampa.....      | Zaino..... | 5 »   | Rio Grande     | 56 »                 | Azul e grénat.....            | Coud. Paraíso.         |
| 3 | Boyardo.....    | Alazão.... | 5 »   | S. Paulo..     | 56 »                 | Branco e estrellas azues..... | Coud. Guanabara.       |
| 4 | Fagote.....     | Vermelho.. | 6 »   | Idem.....      | 54 »                 | Vermelho e preto.....         | Tattersall Campineiro. |
| 5 | Regente.....    | Castanho.. | 4 »   | Idem.....      | 52 »                 | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 6 | Monitor.....    | Idem.....  | 4 »   | Idem.....      | 60 »                 | Azul branco e encarnado.....  | Coud. Cruzeiro.        |
| 7 | Saltarelle..... | Preto..... | 5 »   | Paraná... 54 » | Geranium e ouro..... | J. W.                         |                        |
| 8 | Catana.....     | Douradilh  | 5 »   | S. Paulo..     | 52 »                 | Geranium e ouro.....          | J. W.                  |
| 9 | Baieco.....     | Castanho.. | 5 »   | Idem.....      | 58 »                 | Branco e encarnado.....       | Oliveira J. & Lopes.   |

MARCOS DE MELLO 2º secretario interino

# EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitís, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hydrophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSINHO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. de Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 30 DE JULHO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 135

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## A GIOVANNI EMANUEL

REDACTORES  
Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE  
G. CABRAL

### SUMMARIO

|   |                 |
|---|-----------------|
| Expediente.....                                   | V. MAGALHÃES.   |
| G. Emanuel.....                                   | FILINOAL.       |
| Historia dos sete dias....                        | V.              |
| Gezétilha litteraria.....                         | J. D. DA ROCHA. |
| A benção da morte, soneto.....                    | F. COIMBRA.     |
| Uma explicação.....                               | BLASIUS.        |
| Balzac julgado por Larousse.....                  | F.              |
| Notas bibliographicas....                         | ATASIUS NOLL.   |
| A demandora, poesia.....                          | BISIANO.        |
| Cofre das graças.....                             | J. RIBEIRO.     |
| Notas philologicas.....                           | P. TALMA.       |
| Theatros.....                                     | A. MENDES.      |
| Confissão, soneto.....                            | A.              |
| Rebaticto litterario.....                         | J. A. C. MAIA.  |
| Jornaes e Revistas.....                           | TIO ANTONIO     |
| Reliquia.....                                     | CARLOS DE LAET. |
| Teatros, bailes e concertos                       | L. M. BASTOS.   |
| Paginas esquecidas—Se eu fusse o teu gatinho..... | A. T. DE MELLO  |
| Sport.....  | Annuncios.....  |

### EXPEDIENTE

#### ASSIGNATURAS

| CÔRTE          |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

| PROVINCIAS    |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

Desde 4 do corrente mez a redacção, gerencia e officinas d'A Semana, acham-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

Partio no dia 12 do corrente a percorrer as provincias do Rio de Janeiro,

e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

Foi exonerado do cargo de agente d'esta folha, em viagem pela provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto filho, actualmente em Campos.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

### BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Macbado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

### A SEMANA

GIOVANNI EMANUEL

Rio, 30 de Julho de 1887.

Realizou-se hontem a recita de despedida e beneficio do artista excepcional que nos honrou com a sua visita.

Emanuel recebeu hontem do publico, limitado mas competente, que victoriou Ristori, Salvini, Rossi, Duse, Checchi e Sarah Bernhardt, do pequeno publico que só rompe as luvas applaudindo verdadeiras notabilidades, a ovação a mais estrondosa e as demonstrações de apreço as mais brilhantes, delicadas e commovidas que porventura se tenham até hoje visto nesta cidade.

A essas demonstrações associou-se A Semana com entusiasmo, com a sinceridade e a desprevenção de que, felizmente, tem dado continuas e innegaveis provas, — subscrevendo, na medida de suas forças, para o presente que ao emiuentissimo artista tem de ser feito, promovido pela imprensa em nome do publico, fazendo-se representar pelo seu director e um dos seus redactores no banquete que lhe será offerecido boje no *Hotel de Londres* e coroando com o nome do grande tragico naturalista o presente numero da folha.

Abastada fosse esta empreza, o lhe offereceria o mais artistico dos mimos que encontrasse aqui, afim de que Emanuel pudesse lembrar-se de vez em quando do grupo de moços que, com verdadeiro heroismo (digo-o, como Zola: sem vaidade como sem modestia) redige e mantem esta folha, especialmente dedicada ás artes e ás letras, e que, desde o seu começo, tem sabido reconhecer o verdadeiro merecimento de todos os artistas ou escriptores que tem apreciado, a todos fazendo justiça.

Além de tudo, uma importante razão havia para A Semana dedicar a Emanuel—grande sympathia, grande admiração e grande respeito.

Folha moderna, francamente filiada á corrente contemporanea do espirito artistico e litterario, batalhando pelo Na-

turalismo em todas as manifestações da Arte, dedicada com todas as suas forças á victoria da Natureza e da Verdade na produção do Bello, odiando de morte todos os preconceitos, todos os ahuades, todas as convenções apenas justificadas pelo tempo, inimigo do tradicionalismo d'outrance, A Semana não podia deixar de sentir pelo grande actor italiano irresistivel sympathia e profunda admiração, desde que o viu representar o *Othelo*, na sua estreia, fazendo um *homenem*, impulsionado pelas paixões do nosso e de todos os tempos, d'ease tigre de turbante, com que, por tanto tempo, se desanaturou a assombrosa criação de Shakespeare; desde que nelle reconheceu um camarada do mesmo acampamento, um companheiro da mesma campanha, lutando pelo mesmo Ideal.

Essa admiração e essa sympathia oram avultando, avultando, até se transformarem em assombro e verdadeira estima, á proporção que o genial artista nos ia apresentando, de pé, no palco, animados, perfeitos, vivos, esses mortos immortaes que se chamam, além de Othelo, Hamlet, Nero, Conrado, Arduino e Mercadet.

Emanuel é o producto da evolução do Naturalismo no theatre; descende directamente de Salvini, o grande humanizador da tragedia.

Escrevendo da representação da *Morte Civil*, assim se exprime Emilio Zola a respeito de Salvini:

« Eu desconfiava muito dos actores italianos; imaginava-os excessivos, de uma exuberancia louca.

« Assim, qual não foi o meu espanto, quando verifiquei que o talento de Salvini é todo—commedido, delicadessa, analyse. Não tem um gesto inutil, um exaggero de voz. Ao primeira aspecto, é confuso, e é preciso esperar para ser empolgado pelo seu jogo scenico, tão simples, tão sabio e tão forte.»

E mais adiante, comparando Salvini com Dumaine, por mal d'este, diz que Salvini « estudou a alma humana, tem n'a analysado em todos os seus matizes » (1).

Que não escreveria Zola se visse

(1) E. Zola. *Le naturalisme au theatre.*

representar Emanuel, que é filho de Salvini, como Zola o é de Balzac? se visse Othello, forte, grande, valente, mas sereno, auroso, hom, humano, emfim, mesmo quando o céga o ancioso desejo da Viugança e o ciúme lhe atassalha o coração; humano mesmo quando é o tigre que precisa de cavar-se em sangue? se visse Hamlet, sem névous, sem mysterios, sem a nebulosidade, cada vez mais espessa, com que os seus erroneos interpretes o foram transformando em mytho, menos real, menos palpavel do que a propria sombra do rei assassinado? Antes de Emanuel, dava-se este curioso facto: Afirmava-se que Shakespeare era immortal porque havia crendo typos immortaes, e que estes o eram por serem humanos, como os de Molière, como os de Beaunarchais o Balzac; verdadeiros exemplares de todas as variedades da especie humana, apresentadas vigorosamente, na flugrancia e nudez das paixões que as caracterisam.

Entretanto, quando se representava Shakespeare, verificava-se com estranheza que os personagens das suas peças nada tinham de humanos, que eram verdadeiros monstros, fora da Natureza, acima da comprehensão do homem. Othello era uma especie de leopardo vestido á moura, rugidor, sanguinolento, atroz, — um monstro de ferocidade. Hamlet era uma figura nevoenta, phantastica, mythica, fria e friavel como um pouco de neve — um monstro de incoherencia e sobrehumanidade.

Tão falsificada foi essa notavel figura do theatro shakespeareano, tão erradamente a entenderam, tão pouco homem foi considerando o principe dinamarque que tem sido representado até por mulheres, como Sarah Bernhardt, em França, e Pezzana, aqui. Ainda hontem vi escripto — e quantas o não verei ainda! — que Hamlet é «nebuloso, incomprehensivel, cheio de treva e de duvida, mas profundamente, verdadeiramente humano.»

Macheth, rei Lear, Ricardo III e os outros muitos personagens de Shakespeare eram, em geral, apresentados com a estatura dos gigantes de Ariosto ou do Adamastor camoneano, de forma a partirem todos os moldes humanos em que a Critica, para comprehendê-los, procurasse accommodal-os.

De modo que as creações humanas daquelle immortal creador eram apresentadas como feras carniceiras, hestias, ou como doidos furiosos, ou como impalpaveis sombras!

Emanuel, adeantando, completando a obra do grande Salvini, veio solver essa absurda autinomia, veio mostrar que Shakespeare era de facto um escriptor que creava *homens*, — fazendo humanas as suas creações.

Para conseguil-o, diz o proprio Emanuel, modestamente, que lhe não foi preciso descobrir uada, nem fazer esforço extraordinario.

« Bastou-me raspar a espessa crôsta de romantismo, as sobrepostas camadas de rhetorica com que os meus antecessores, pensando interpretal-os, *cobriram*, desfiguraram os herôes de Shakespeare. »

Estudou-os profundamente, procurou comprehender e comprehendeu a intenção, o pensamento, a natureza psychica e o temperamento dos personagens do grande tragediographo, e representou-os com a maxima naturalidade, com toda a possivel *verosimilhança*, escravizado á verdade e á natu-

reza, que constituem o fundo e a impercibilidade d'essas creações, e inteiramente despreoccupado dos *effeitos*. Emfim, *humanisou-as* unicamente por este meio: *destheatralisando-as*, pois *que theatral* era synonymo de falso e desnatural.

Que diria Zola se visse, emfim, Emanuel triumphar no theatro — no drama, na tragedia, na comedia, — unicamente por meio da naturalidade e da verdade? Ah! que contentamento não seria o do grande romancista francez vendo o grande artista italiano representar Balzac como elle o fez hontem!

A fórmula do theatro naturalista é, para Emilio Zola, a seguinte: «O homem physiologico—psychologico, se o preferis—determinado pelos meios, estudado nas funcções totaes da vida; todo o interesse da peça concentrado na analyse dos caracteres, dos sentimentos e das paixões; a acção constituida por um facto apenas, unico e verdadeiro, produzido e soffrido pelos personagens, agitando a sua humanidade até á extrema conclusão logica.» (2)

Pois bem; o genio capaz de realisar essa fórmula, de fincar a bandeira do Naturalismo nas tahoas podres do palco romantico, está encontrado — é Giovanni Emanuel.

Para mim elle é o artista maior que tem vindo ao Brazil, e, se percorrer as capitães europeas, estudando sempre e apurando progressivamente a sua fórmula artistica, será no seculo XX o actor mais celebre do seculo XIX, porque a este deverá aquelle a victoria definitiva do Naturalismo no theatro, auxiliada poderosissimamente — senão realisada de todo — pelo artista sincero, expontaneo, modesto, e, no emtanto, assombroso, que se chama, singellamente, — GIOVANNI EMANUEL.

VALENTIM MAGALHÃES.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A não ser o attentado de Vicente Amabile contra o Barão de Guararema, não houve nesta semana facto sentimental com que um chronista honesto pudesse provocar a lagryma do leitor sensivel.

Foi uma semana essencialmente artistica, particularmente theatral.

Deu-se um facto que, se como ironia foi um tanto hrutal e grosseiro, como pilheria e como troça foi digno da admiração publica e da attenção investigadora da Posteridade.

Refro-me — perdôem-me os indignados! — refiro-me á deslunhrante e nuca vista ovação feita á sublime actriz Julia Madeira, natural de Campos, segunda gloria dos Goytacazes, *pendant* do não meaos campista, o illustre commendadorissimo Sr. Malvino Reis.

A actriz Julia Madeira já não é uma criança; não é mesmo aquella menina e moça que foi levada de casa de seu pae pera longes terras sem saher quaí fosse a causa d'aquella sua levada, como diz o Bernardim Ribeiro; a idade da Sra. Madeira é regular; não tem tanta como o Silva Pereira nem tão pouca como o Figueiredo Coimhra. Regular, emfim. Mas que talento dramatico, que alma de artista, que voca-

ção para a scena! Não sendo ainda extremamente velha, a Sra Madeira passa para a galeria das esperanças da patria.

Foi consagrada na capital do Imperio.

Agora só lhe falta ir a S. Paulo, onde a espera, ancioso e tremulo, o nosso collega Navarro de Andrade, para lhe chamar Sarah Bernhardt Campista, e onde a colonia de Campos mandará esculpir em goiabada, para offerecol-o ao abalisado critico, o busto do mesmo referido critico abalisado.

O que eu sinto é não poder animal-a egualmente como escriptora. O artigo publicado pela insigne recitadora da *Dalila*, em agradecimento á ovação recebida, não tem originalidade nenhuma. E' uma copia do agradecimento publicado pela actriz Virginia da Silva no *Jornal* de 25.

Ha quem diga — e já houve mesmo quem escrevesse — que as manifestações de apreço e os entusiasticos applausos com que os frequentadores do theatro D. Pedro II têm victoriado o actor Emanuel, occultam o fim mesquinho de depreciar a companhia dramatica portugueza e especialmente o actor Brazão, que representa alguns papeis do repertorio de Emanuel. Este julgamento absurdo tem feito das apreciações de arte uma questão de patriotismo. Parece incrivel, mas é a verdade.

Ora eu tenho assistido a quasi todos os espectaculos da companhia italiana, e affirmo que nunca vi applausos mais expontaneos, menos combinados, e mais entusiasticos do que os que o publico tem tributado ao grande actor italiano. No numero dos espectadores que nplaudem calorosamente Emanuel, tenho visto muitos artistas da companhia portugueza, e entre elles o proprio Brazão, hatendo as palmas, prolongadamente, de pé. Esta homenagem prestada pelos artistas portuguezes ao creador genial das novas iaterpretações naturalistas do theatro de Shakespeare, de Cossa e de Giacometti, arreda por si só qualquer suspeita de combinação prévia.

Partindo do falso julgamento das intenções alheias, os frequentadores do S. Pedro arredaram-se systematicamente do D. Pedro II, — fazendo assim o que injustamente imputam aos outros — e não trepidaram em estabelecer confronto entre o merito de Brazão e o de Emanuel. Esquecem-se, porém, de que o merito é relativo, e chegam a todos os disparates, até ao de inscreverem na dedicatoria de uma corôa para Brazão o titulo de *Rei dos tragicos*, — que, a dizer a verdade, cahia bem melhor numa taboleta do que numa corôa.

Os confrontos entre dois artistas, na presença de ambos, mesmo quando feitos com delicadeza e sinceridade, têm sempre qualquer coisa de odioso. Ninguém nega — nem conscienciosamente pode negar, — o merito artistico de Eduardo Brazão; todos lhe reconhecem o talento, todos lhe applaudem os esforços, todos lhe louvam o trabalho. Mas Brazão é um actor de comedia, um grande actor se quizerem, mas de comedia. Na comedia, na alta comedia moderna, ninguém é mais fino, mais delicado, mais gracioso, mais superiormente artista, mais acabado *diseur* do que o notavel actor portuguez. Os ignorantes, porém, pensam que vale meos

um grande actor de comedia do que um grande actor de tragedia. Aqui está a relatividade do merito. Brazão, nobremente ambicioso de gloria, cheio de talento e de vontade, lembrou-se de representar Shakespeare. Representou-o, e representou-o de modo a ser applaudido e animado; mas todos sabemos, que, mesmo em Portugal, o exito não correspondeu no esforço; e Brazão que pode ser e é notavel na comedia moderna, custa-lhe contentar-se com ser mediocre na tragedia antiga.

Alem d'isto, ocorre-me outra consideração. A tragedia, em geral, exige uma forte e possante constituição physica. Um tragico precisa de ter corpo e voz. Ora ninguem poderá negar que tudo isto falta ao sympathetic e notavel actor portuguez. E' franzino e dehil, e a sua voz tem uma só nota e é de pouca extensão.

— Represento o Othello sem nenhuma pretensão; represento-o com este corpinho, e no dia seguinte não posso levantar-mo da cama; — disse-me elle proprio uma vez.

Mas, se quizermos insistir no confronto, admittamos que Brazão representa a primor os personagens de Shakespeare. Muito bem. Digam-mo agora que faz Brazão no *Hamlet* que já não fosse feito por Salvini e Rossi; digam-me que faz elle de novo; que progresso trouxe á arte de representar; que passos deu adiante dos seus predecessores?

E aqui, meus ricos senhores, aqui é que está o traço que separa Emanuel: não só de Brazão mas de todos os interpretes de Shakespeare que temos visto até hoje.

O grande merito de Emanuel, o que ha de levar o seu nome á Posteridade e á gloria — não é a accentuação mais ou menos dramatica, a emoção mais ou menos tragica, a perfeição sentimental e, por assim dizer, exterior, dos papeis que representa; o que o faz maior que todos, o que nos obriga a applaudil-o com furor e com consciencia, é a sua maneira de interpretação e são os seus meios de execução; o seu merito maior, o seu merito inolvidavel está em ter levado a *Verdade* á arte de representar — unica onde este elemento essencial não tinha ainda conseguido penetrar. Salvini é um artista enorme; Rossi é um grande actor. Emanuel é um actor verdadeiro. Faz do theatro o espelho da natureza, como queria Shakespeare, — e é isto que elle faz mais do que todos.

Como não faz nada equal nem parecido com o que os outros fazem, como tem o seu processo pessoal, a sua formula original, a sua esthetica individual; como se separa de todos os outros artistas, como é um innovador e um reformador, como é um rebelde contra a convenção e um revoltado contra as tradições, como é, emfim, uma individualidade á parte — não pode ser comparado a ninguem, e é um absurdo confrontal-o com outros artistas, mesmo com os grandes, com os geniaes, com os que encheram uma epocha artistica com o seu nome e com a sua gloria.

Não se diz que seja maior nem melhor diz-se que é *differente*, e vae nisto o maior elogio que se lhe pôde fazer, porque sempre a originalidade foi considerada como elemento essencial e de altissimo valor na obra de arte.

E tal qual como eu, pensa a maior parte dos admiradores de Emanuel. A admiração é pois sincera, consciente e convicta, e ninguem se lemhra de outro

(2) E. Zola. Prefacio de *Remés*. 1887.

artista nem pensu em mesquinhas represalias, quando applaude até ao delirio os trabalhos colossaes do grande artista.

Pobres de espirito, os que para julgar a obra de arte indagam da nacionalidade do artista. Applaudese e lnuva-se o productor pelo producto, e não o producto pelo productor. Isto é que é serio. Tudo o que não seja isto é absurdo e é parvo. Não ha sympathias pessoases por Emanuel; ha admiração pelo artista.

Eu, por exemplo, se elle me não satisfaz, como já uma vez aconteceu, deixo-me ficar tranquillo na minha cadeira, quando cae o panno, e enfiio as minhas mãos nos bolsos. Mas quando elle me agrada, quando elle me arrebatá, quando elle me subjuga com todo o poder immenso do seu talento, onde poderia haver futilissimas considerações de nacionalidade que me impedissem do applaudir e de lhe gritar os meus — *bravos*? O mesmo faço com Brazão, com os irmãos Rosa e com todos os artistas que me communicam os sentimentos e as paixões dos seus personagens. Não tenho prevenções, nem *parti-pris*, nem antipathias por nenhum artista. Assim todos os espectadores do D. Pedro II, onde, nos intervallos, ninguém discute Brazão.

Fala-se principalmente contra a Imprensa, taxando-se de parciais as folhas fluminenses, e contrarias á companhia por ser portugueza; mas é preciso não esquecer que os criticos de quatro d'essas folhas são portuguezes, e que não podem, portanto, ser infensos á nacionalidade de Brazão.

O muito que se tem dicto e o algo que já se escreveu, não tem, pois, nenhum fundamento sério.

E' que a asneira, quando se desencana-brestra, pincha e espinoteia mais do que o onagro bravo da *Dama Pé-de-cabra*, de Herculano.

Livre-nos d'ella o bom Jove, Todo-poderoso e Omnisciente!

FILINDAL.

## GAZETILHA LITTERARIA

Os acreditados livroides editores, de Lisboa, Campos, & C. emprehenderam a publicação das obras completas de Camillo Castello Branco em edição definitiva, uniforme, revista e corregida pelo auctor.

Os intuits d'essa gigantesca empreza são expostos pelos editores, nos prospectos distribuidos, com as seguintes linhas:

« Emprehendendo a reedição das obras de Camillo Castello Branco, nós temos por objecto: em primeiro lugar, erguer um monumento, tão alevantageado quanto em nossas forças caiba, á individualidade mais possante de que devem orgulhar-se actualmte as letras portuguezas, e depois, como fatal consequência, abastecer o nosso mercado litterario, quasi completamente exhausto, das obras a que o grande escriptor deve os mais brilhantes flores da sua corda de gloria.

Com effeito, os romances de Camillo Castello Branco, que constituiram uma das mais interessantes leituras da nossa mocidade, estavam em risco de desaparecer completamente das livra-

rias; e com elles, quantas suaves emoções, quantos consoladores sorrisos, quantas deliciosas lagrymas de commovida ternura, não eram roubadas áquelles que procuram o mais fino dos seus enthusiasmos artisticos na leitura de novellas e romances! Porque Camillo Castello Branco, o mais genuino representante da tradicional graça portugueza, mais subtil e espontanea do que o *humour* britânico, mais consistente e porventura mais profunda do que a *verve* gauleza, sabe ao mesmo tempo condensar nuna pagina, num periodo, numa phrase por vezes, o que ha de mais ternamente delicado e sublime dentro do coração humano. E' esse duplo aspecto que caracteriza singularmente as suas novellas, é principalmente devido a esse subido merecimento que elle se ergueu nas letras ás alturas onde se podem ascender os grandes creadores, como Balzac, Flaubert, Dumas, Stendhal, George Sand; e é emfim por o considerarmos sob tão elevado ponto de vista que não duvidamos de envidar todos os nossos esforços para que o monumento que levantamos á sua gloria seja digno do seu grande nome e da terra que se orgulha por lhe ter dado o nascimento. »

Applaudimos com enthusiasmo esta grande idéia, pois outro mais bello e mais digno monumento não podia ser levantado ao excepcional merecimento d'este homem que, na phrase de Urbano Duarte, vale uma litteratura.

Encstará a publicação o romance *O retrato de Ricardina*, o primeiro escripto por Camillo, na idade de 18 annos.

Já vimos os tres primeiros fasciculos impressos.

E' representante da empreza nesta Corte o Sr. J. A. Roque.

## A BENÇÃO DA MORTA

Olha tu! quanta vez por esta sala, Quando os mutuos anhelos permutamos, Nós, anciosos e soffregos, cuidamos Ouvir os echos de louquinha fala!

E ficamos attentos! e ficamos Largas horas inteiras a escutal-a, Que ora sóbe, ora desce, ora se cala, Enquanto olhos e ouvidos espartamos.

Ella!.. Vemol-a emfim que vem chegando.. De longe o olhar em nós, sereno e brando, Descansa; e, entrando por aquella porta,

Chega... e sentimos sobre nós pousadas As mãos da morta... as finas mãos nevadas, Carinhosas e tremulas, da morta.

J. DIAS DA ROCHA.

## UMA EXPLICAÇÃO

No artigo publicado no ultimo numero da *Semana* sobre n distincto artista Bento Barbosa, escrevi um topico innocentissimo que provocou da parte do Sr. Henrique Stepple algumas observações, pomposamente denominadas por elle o *restabelecimento da verdade*.

Eis o topico:

« No *Gryphus*, ephemera publicação de caricaturas, cujos leitores eu fra

incumbido de fazer a-lormecer sob a influencia da minha prosa fasciadora, fez o Barbosa algumas paginas magnificas, que dariam honra a qualquer desenhista de nomeada. »

O meu amigo Sr. Stepple, respondendo, no caracter de ex-director d'aquella publicação, a estas minhas palavras, disse que d'ellas se depreheende que eu era o seu unico redactor. Contestando o topico, cita o nome de algumas pessoas que haviam sido, como eu, incumbidas de escrever o texto do *Gryphus*.

Ora, do que eu escrevi não se depreheende o que pareceu ao meu escrupuloso amigo; nem eu quereria por modo algum tirar aos ex-redactores do *Gryphus*, meus collegas, as glorias que por isso incontestavelmente lhes cabem. O meu trecho é clarissimo, e já agora, illuminado ainda mais pela contestação do Sr. Stepple, que não restabelece em cousa nenhuma a verdade, porque a verdade já estava emnigo, nua e crua, como é de praxe; já agora, repito, o meu trecho, depois da replica, só peccará talvez por excesso de luz.

Dito isto, que me parece sufficiente para mostrar a toda evidencia que o Sr. Stepple não teve razão com o seu *restabelecimento da verdade*, peço licença para publicar logo adiante uma carta que a tal respeito me foi dirigida pelo Sr. Eugenio Marcondes, um dos ex-redactores do *Gryphus*, e n qual seguramente trará ainda mais luz a este caso.

FIGUEIREDO COIMBRA.

Eis a carta:

« Meu caro Figueiredo Coimbra:

Respouendo a um artigo teu publicado na *Semana*, disse hoje o Sr. Henrique Stepple, pela folha de que é redactor chefe e com o fim de restabelecer a verdade, que os collaboradores assíduos do *Gryphus*, foram os Srs. Visconti Couracy, Euclides Freitas, Oscar Pederneiras e o signatario d'esta.

Já que é occasião de restabelecer-se a verdade, restabeleça-se *in totum*. Quando eu entrei para a redacção do *Gryphus*, depois da publicação do 1º numero e antes da do 2º, já o Sr. Oscar Pederneiras lá não estava.

Faço esta declaração: 1º, por amar a verdade; 2º, porque, tendo eu, vae para dois annos, atirado ás urtigas aquelle candelabro da litteratura amena, que anda a reproduzir nas *varias* do *Jornal* os versos de pé quebrado do *Zé Caipora*, podia inferir-se, da forma porque está redigido o periodo do Sr. Stepple, que eu collaborei de sucia com elle, durante a curta porem brilhante existencia do *Gryphus*. Sinto declarar isto no dia em que deixo de fazer parte da redacção do *Diario Illustrado*; mas eu não escolho dias para dizer as coisas. 24 de Julho de 1887.—Eugenio Marcondes.

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Do Sr. J. A. Roque, agente da importante casa editora de Campos & C., de Lisboa, recebemos um exemplar da magnifica edição do *Hamlet*, traduzido por José Antonio de Freitas.

A traducção é precedida de um longo estudo critico da obra, escripto

pelo traductor. Este estudo é de um alto valor scientifico e litterario. Embora estejamos em muitos pontos em desacordo com o auctor, confessamos que a analyse de *Hamlet* é feita com larga erudição e muito talento, e que, acceltas as premissas, são perfeitamente logicas as deducções do auctor. Affirma o Sr. Freitas que *Hamlet* é um hysterico e documenta brilhantemente a sua affirmação. Não estamos de accordo, mas como não temos espaço para demonstrar largamente a nossa opinião, limitamo-nos a applaudir o paciente trabalho do Sr. Freitas.

A edição é primorosa e honra muitissimo os credits da casa Campos & C. Agradecemos o exemplar que nos foi remetido.

Amamos o raro mais do que o agradável e que das cousas nos deleita é menos a alegria effectiva e real que ellas nos dão do que a de sentirmos que outros estão privados d'ellas.

FR. SARGENT.

## Balzac julgado por Larousse

Il ne comprend pas que le véritable homme du siècle est Balzac. (Zola—*Le Roman Experimental*).

O grande dictionario universal do seculo XIX não é, como muitos pensam, uma accumulção de conhecimentos varios, tendo por fim dar noções geraes sobre todos os ramos de conhecimentos humanos. A intenção de seu auctor, Larousse, era compor uma obra «où nos descendants apprendront l'histoire de nos idées.»

Se essa mole immensa de 16 euhomos volumes não tivesse um fim tão grande, seria inexplicavel sua gigantesca estructura, comparavel aos idolos dos pagodes indús,—colossos inuteis e inanimados.

Mas vejamos se o auctor foi fiel ao titulo dado ao seu dictionario, denominado do seculo XIX «parce qu'il traite de toutes choses selon l'esprit du XIXe siècle.» Na parte litteraria produziremos o nome do *homme du seculo*.—Balzac.

O que nos diz d'elle o dictionario? «Que Balzac descrevia pessimamente é com grande difficuldade, que sua linguagem era detestavel, que tinha a tola presumpção de crer que seus typos eram reaes e varios, que seus romances não sao imaginosos, que seus romances não formam um monumento harmonico, mas um ajuntamento casual e sem nexo, como os romances de Paulo de Kock!...» Um acervo de sandices reproduzidas dos defensores da escola romantica, já moribunda em 1839.

E os nossos descendentes, lendo Larousse e Balzac, que juizo formarão de nós? Julgarão mesmo que Larousse foi o fiel interprete da nossa opinião sobre Balzac?

Cremos que não, por serem excessivamente futeis as accusações capitaes formuladas por Larousse, inspirado em Julio Janin, Sainte-Beuve, etc.

Accusar Balzac de não saber descrever, quando Balzac diz nas descrições tudo o que é necessario, mas só o que é

indispensável... Só quem ignoren inteiramente os princípios do determinismo poderá dizer que Balzac não sabe descrever, e que é fastidioso e longo em suas descrições. Mas, desde que se considere um momento que a noção do romance nasce do meio em que elle se desenvolve, ver-se-á quão interessantes e quão precisas são as descrições do grande mestre do romance moderno.

No romance moderno ha dous unicos elementos em jogo: o caracter dos personagens e o influxo do mundo externo. D'esses dous elementos brota a acção inteira. Como pois escrever um romance sem descripção minuciosa dos typos e do theatro do acontecimento?

Note-se quo nem sempre Balzac era extenso em suas descripções. Cesar Bironneau, Mme. Marneffe, Père Grandet e tantos outros typos são talhados por assim dizer instantaneamente pelo grande romancista, e, não obstante, têm tanta vida como a mais perfeita obra de Miguel Angelo. Não posso comprehendêr quadro mais vivo do que o do primeiro encontro de Hult com Mme. Marneffe: eu os vejo claramente quando leio as poucas linhas em que Balzac descreve o facto.

Diz ainda Larousse que não eram reaes os typos do Balzac. Mas quando os nossos descendentes encontrarem entre os seus contemporaneos os Hulots, as Estheres, as Cormons, as Restauds, as Nucingens, os Rastignacs, typos que não de reaparecer entre os nossos posterios, que juizo formarão de nós e de Larousse, a menos que queirão pensar que Balzac não era realista mas prophético?

Larousse accusa a Balzac de plagiar... e de plagiar de W. Scott! (A accusação é *plagiada* de Julio Janin). Que mistura! Basta reflectir um momento sobre a differença dos methodos dos dous escriptores para ver a inadmissibilidade da accusação. Para Balzac as fontes de conhecimento eram a observação e a experimentação; para W. Scott a tradição e a historia.

E' possivel que em alguns quadros haja semelhança; mas não são esses quadros incidentes que constituem a grandeza de cada um d'esses escriptores. No conjunto da obra elles differem radicalmente.

O material de que dispoem todos os escriptores é sempre o mesmo; a differença está no resultado geral e total. Nana é a Cousine Bette moderna e actual. Em menos de meio seculo as Marneffes transformaram-se em Nanas, e os Hulots em Mufats. Foi pois necessário que Zola refundisse a Cousine Bette de Balzac. Entretanto lembrou-se alguém de accusar Zola de plagiar Balzac?

Assim como não accusamos de plagio ao architecto que emprega as ordens classicas, assim tambem não podemos dirigir tal censura ao escriptor que lança mão de materias de que outros já se serviram.

De todas as accusações a mais ridicula é a de ser Balzac comparavel a Paulo de Kock. A Comedia Humana comparada ás obras de P. de Kock!... *Consummatum est!* Como se não de rir de nós os nossos descendentes, para os quaes escreveu Larousse o seu dictionario...

Dentre os monumentos que o seculo XIX legará aos vindouros figura como um dos mais notaveis a *Comedia Hu-*

mana. Nella fica estampada a nossa vida e a nossa historia.

Larousse, filiado ás doutrinas adeantadas, devêr a ter comprehendido isso, e vêr em Balzac um dos mais arrojados campeões do Progresso.

Felizmente para dar aos posterios idéia do altissimo conceito em que temos o auctor da *Comedia Humana* ahi estão vasadas, no molde de grande mestre, as obras de Zola, dos Goncourts, de Daudet, de Flaubert e da nova legião que diariamente cresce.

E' este monumento mais duradouro do que a opinião apaixonada de Larousse, a quem a nova geração, neste ponto, abandona para marchar sob as bandeiras de Balzac.

BLASIUS.

ATASIUS NÖLL.

Um facto ha incontestavel em meio de tantos progressos materiaes: o senso moral baixou.

MICHELET.

## A DOMADORA

*Ella era loira e branca e pallida e formosa; Tinha no olhar azul a chamma caprichosa Do dominio, do mando altivo e senhoril. Quando assomava ousada o magico perfil A' jaula, onde rugia a multidão das feras, Dobravam docilmente hyenas e pantheras A ferina cerviz ao gesto tentador. Do seu olhar de fogo ao lúcido esplendor Sentiam-se tremer—tremor como crianças, As feras tropicaes affeitas ás matanças, A's fúrias e ao calor dos lybicos serões, Rajavam-se por terra os dorsos dos leões, E ella afagava a rir com suas mãos mimosas As jubas collosaes, sanhudas, temerosas. Os reis das solidões eram vassallos seus, Feras que tinham visto a luz de estranhos ceus, Que nas mattas á noite a passear andavam, Que livres, sem temor, as selvas dominavam, Tigres rudes e máus, de coração feroz: Todos, na jaula ao vê-la, ao som da sua voz, Passivos, sem vigor, tremiam mudamente.*

*Uma vez, ante o olhar do publico fremente, A domadora entrou na jaula collossal, Dos applausos febris ao cêro triumphal.*

*Entrou calma e gentil.*

*No seu formoso seio Nem houve a pulsação mais leve do recio. Ao seu gesto de fada as feras dominou; Co'a mão nervosa e branca o dôrso acarinhou Das pantheras cruéis de pelles marchetadas.*

*Viu, porém, ao clamor das massas assustadas, Um leão, frente a frente, o seu perfil erguer E no sanhuço mar da juba a estremecer Perpassar o furor tremendo da revolta, Agitando os anéis da cabelleira solta.*

*Luziu em seu olhar a chamma do terror, Procurou recobrar as forças e o valor Epoude novamente, após, longos instantes, Vêr o monstro baixar as jubas palpitantes.*

*Frenetica ovação no circo restrugiu.*

*Mas a fera prostrada em seu semblante viu um riso de desprezo...*

*Em subitaneo avranço Nas garras lacerou-lhe o collo fino e branco, E mesclou-se do povo o pávido clamor Aos uivos infernaes de rábido furor...*

*Quando o leão cahiu das balas ás feridas, Havia pelo chão, trementes... esparzidas... Carnes alvas, em sangue ainda a gottejar.*

*Nas órbitas sem luz do leonino olhar Sentia-se, porém, na cólera fremente Resuscitar a féra, a lybia féra ardente...*

ENVOI A S. L.

*Tu, minha doce amada, ó candida mulher, Que sentes a teu pé rojar-me e estremecer, Que fizeste de mim, de mim: féra altaneira, Servo docil e bom, que á sua vida inteira Só busoa inspiração do teu olhar na luz; Tu, cuja doce voz todo o meu ser reduz A' passiva e feti obediência louca A's despóticas leis da tua rubra bócca; Tu, que poisas agora o teu mimoso pé Na juba do leão sem sonhose sem fé, Que derribou, na sanha outr'ora da descrença, Dos amores banaes a legião immensa; Tu, celeste mulher, mulher casta e gentil, A cuja lei me rojo, humillimo e servil, — não me lances jámais o teu desprezo frio, Que has de me vêr erguer, e pallido e sombrio, Como o leão oruel de lybico furor, Despedaçar por tí o meu immenso amor!*

## COPRE DAS GRAÇAS

Conversam dois leitores dos *Versos e Versões*, de Raymundo Corrêa.

— Sim, senhor! pôde, se dizer que são só versões!

— Como?! não diga isso! ha muitos versos originaes...

— O que eu digo é que são todos uns grandes versos, uns *versões*!

Perguntaram um dia a Alexandre Dumas filho, que insistia com grande empenho em ser recebido na Academia, se era cousa indispensavel ser academico:

— Não, respondeu elle; mas sempre é divertido pertencer a uma corporação em que só pôdem entrar quarenta pessoas.

Authentica:

Depois da missa sahia da igreja de S. Francisco de Paula um cavalheiro elegante, de aprimorado trajar. Um mendigo estendeu-lhe a mão, supplicando uma esmola.

— O cavalheiro. Desculpa, meu velho. Deixei em casa o collete em que estava todo o meu dinheiro. Estou sem um vintem.

— O mendigo, compadecido — Coitado!

Bebé está cortando tiras de jornal com uma tesoura.

O pae (que é jornalista) pergunta-lhe:

— Que fazes, Bébé?

— Estou escrevendo um artigo, paae.

Se era assim que elle via o pae escrever artigos!

BIBIANO.

## NOTAS PHILOLOGICAS

A formação dos patronymicos é ainda um problema obscuro nas linguas românicas peninsulares. Conheço tres soluções dadas á questão, e todas ellas, por mais de um motivo, interessantes.

O padre Larramendi, em seu antigo e

vigoroso livro *El imposible vencido*, explica o suffixo dos patronymicos pela posposição do artigo vasconense ou biscainho: EZ.

*Per-ex*—de Pero  
*Martinez, Martins*—de Martinho.  
*Garcex*—de Garcia.  
*Eannes, Ennes*—de João.

Que os nomes são patronymicos, é cousa fôr de duvida. Mas a influencia do biscainho é contestavel, até porque este processo onomastico é desconhecido inteiramente naquella lingua, como o proprio Larramendi se appressa em confessar.

Frederico Diez, na introdução do seu *Etymologische Wörterbrech* dá como solução de maior certeza a sobrevivencia do genitivo gothico em is:

*Rodrigues* — *Roderiquiz*.  
Goth — *Hrôthareikis*.  
*Fernandes* — *Fredinandix*.  
Goth. — *Frihananthis*.

Esta solução tem a vantagem consideravel, em seu favor, de que os cognomes e prenomes românicos antigos são, na maioria, germanicos. Mas, não obstante, é preciso notar que o elemento gothico de todo se latinisou; e as suas flexões fundiram-se no latim barbare e nem são apreciaveis á critica.

Além disto, porque no italiano deixou de ser verificavel a hypothese de Diez?

Knapps, ao que me parece, resolveu a questão. A noção do patronymico exprime a origem, e nunca a posse ou restricção. O caso correlato deve ser o ablativo, e Knapps documenta a sua affirmacão:

Laynez—*De Latinis*.  
Paes—*De Pelagies*.

Esta denominação explica a origem e designa as familias dos latinos, dos Rodrigues, dos Pelagios, (Paio) etc.

Ainda mais: a flexão é do plural, o que se verifica amplamente nas fórmulas analyticas do italiano, em i:

Galileo de' *Galilei*  
Martino de' *Martini*

Parece, pois, assentado que nem o biscainho nem o teutonico trouxeram ao nosso idioma a riqueza de patronymicos; foi ainda o latim que nol-a dou e prodigamente.

JOÃO RIBEIRO.

## THEATROS

D. PEDRO II

Companhia dramatica italiana dirigida por G. Emanuel

Frou-Frou

Sabbado passado, realisou-se o beneficio da primeira dama da excellentissima companhia dirigida pelo grande artista Emanuel,—Virginia Reiter,—representando-se a adoravel, a deliciosa comedia de Meilhac e Hallevy—*Frou-Frou*.

Já temos rendido ao talento da joven actriz as homenagens que merece e

feito a devida justiça ás suas qualidades artisticas.

Actriz muito moça ainda, sómente vinte e um annos de idade, fazendo ha seis mezes apenas primeiros papeis, não ha direito de exigir d'ella que interprete protagonistas de peças como *Fedora* o *Frou-Frou* com a mesma proficiencia e o mesino primor de Sarah Bernhardt ou Duse-Cheechi.

O que Virginia Reiter consegue, tão moça e com tão curto tirocinio do palco, já é muito, muitissimo. Mais cinco annos de estudo e ella será uma artista admiravel, notabilissima. E' moça, bella, graciosa; tem uma voz encantadora, ductil, de grande riqueza phonica; physionomia expressiva, animada por grandes olhos negros e delicioso sorriso; andar elegante; porte distincto e airoso. Tem talento, grande intuição, vivo desejo de progredir e grande amor á Arte; e, além de tudo isso, o mais abalizado, o melhor dos mestres.

Precisa apenas de, como os costumes dizer, dar tempo ao tempo.

Só lhe falta experiencia, pratica, continuação de representar.

Assim se explicam os altos e baixos do seu trabalho, os acertos e desacertos da sua interpretação, as bellezas e deficiencias da sua execução.

Foi o que observámos e aqui dissemos de Virginia Reiter na *Fedora* e hoje dizemos d'ella em *Frou-Frou*.

Fez admiravelmente, com extrema graça e adoravel volubilidade, os dois primeiros actos, sobretudo a scena do ensino; nos ultimos teve algumas scenas de energia e sentimento magnificas, especialmente aquella em que rompe com a irmã, reivindicando os seus direitos de esposa e mãe.

Foi applaudida com enthusiasmo, recebendo, ao terminar a peça, estrepitosa ovação.

Numeroso grupo de admiradores acompanhou-a até á casa, dando-lhe vivas delirantes e ruidosas salvas de plausão. Foi merecida manifestação.

Emanuel, escusado é dizel-o, deu-nos um admiravel, um perfeito Sartorys, sem contudo fazer-nos esquecer Flavio Andô, que era inexcidivel nesse papel, o melhor, aliás, de seu repertorio.

Valenti é decididamente um valentissimo artista. Não o vimos ainda fazer mal nenhum papel, nem sequer mediocrementemente.

Reprouduziu irreprehensivelmente aquelle interessantissimo pae Brigard, conselador de Carlota... consolaveis, viver alegremente, mas, em fundo, uma boa alma, affectuosa e terna.

A Sra. Aleotti, que, na companhia Rossi-Duse-Chechi, fizera o papel de baroneza com distincção, estava constrangida no de Luiza. Não esperamos ver mais este papel tão bem feito como pela actriz Malvau, que secundava Sarah Bernhardt admiravelmente.

Os demais artistas concorreram para a harmonia do conjunto.

Nesta, como as outras companhias italianas que temos visto, nota-se um bello *ensemble*, grande cuidado por parte de todos os artistas na interpretação dos seus papeis, por menos importantes, e escrupulosa sñação.

Emilio Zola, no seu livro *Le naturalisme au theatre*, faz esta mesma observação, dizendo com toda a verdade:

«O que muito me admira nos artistas italianos é a maneira convicta com que

representam. Nem uma vez olham para o publico: a sala não existe para elles.

« Quando escutam, fixam os olhos sobre o personagem que fala, e quando falam, dirigem-se realmente ao personagem que escuta. Nenhum delles se desvia até á caixa do ponto, como um cantor que vai cantar a sua grande ária, Dão as costas á orchestra, entram, dizem o que têm a dizer e vão-se embora, naturalmente, sem o minimo esforço para attrahir sobre suas pessoas a attenção dos espectadores. Tudo isso parece pouca coisa e é enorme, sobretudo para nós, em França.

E em seguida mostram como representam falsamente e convencionalmente os caracteres francezes que, no que parece, acreditam que o theatre nada deve ter de commum com a vida real.»

E isso em França!

Que diremos nós dos nossos?

O BASTARDO. MERCADET. O REI ARDUINO

Na noite de quarta-feira deu-nos Emanuel nada menos do tres admiraveis provas do seu enorme talento. Representou *O Bastardo*, drama em dois actos, de Touroude; *Mercadet*, comedia em dois actos, de Balzac; e um acto, o ultimo, de *Arduino de Ivrea*, tragedia de S. Morelli.

*O Bastardo* é um drama absurdo, sem acção, mas audacioso no conceito final. Emanuel fez admiravelmente o papel do protagonista. Não se pôde ser mais apaixonado dentro dos limites da verdade, nem fazer com mais sentimento as scenas com o pae e com o irmão no segundo acto. Um trabalho bellissimo.

No *Mercadet* Emanuel fez uma soberba criação comica. Houve quem não gostasse d'aquella caracterisação originalissima, por suppor que *Mercadet* seja um banqueiro de Paris. Não é; é apenas um especulador da Bolsa, finorino e velhaco. O typo é magnifico e de uma relevantissima propriedade. *O Mercadet*, estamos d'isto convencidos, é uma das mais notaveis creações do grande artista. O typo é desenhado com extraordinario vigor e conduzido perfeitamente, sem a menor vacillação, com originalidade e infinita graça. A malicia, a velhacria, todos os recursos do expediente tomado no momento da crise, foram sempre antes precedidos do que acompanhados pelo gesto, pelo olhar, pelo accionado, com uma grande nitidez, com uma perfeição inexcidivel. A maneira de andar, o modo de falar, a finura velhaca do olhar agudo e perscrutador, a caracterisação e o traje — tudo demonstram a larga e completa comprehensão do typo que Balzac faz agir poderosamente e superiormente nos tres actos da soberba comedia, que Emanuel reduziu a dois.

No quinto acto do *Arduino* é grandioso o trabalho de Emanuel. Arduino sae para o pateo do convento para morrer so sr livre. Vem abatido e vacillante, aspirando o ar a plenos pulmões, com ebriedade e com ancia. Depois cae moribundo ao sopé de uma cruz e tem uma longa e pungente agonia nos braços do filho. Esta agonia é representada com um realismo assombroso. Vê-se morrer o grande rei que primeiro concebeu a idéa da unificação italiana. Esplendido trabalho, de grandes linhas e de immensa verdade; grandioso, mas humano.

No fim da peça o genial artista foi

enthusiasticamente victoriado pelo publico.

A casa esteve muito boa.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Companhia do theatre D. Maria II

A MARTYR

Em beneficio da actriz Virginia, subido á scena no dia 22, este conhecido drama de D'Ennery.

A beneficiada fez brilhantemente o papel da protagonista. Teve scenas muito felizes e deu ao papel animação e relevo.

João Rosa é um magnifico conde de Moray. Conduz o personagem sempre com distincção e sentimento. Augusto Rosa foi um excellent Drake; fino, elegante, distincto, com muita graça. Grande parte das honras do desempenho cabe sem duvida á Sra. Falco, que representou com extraordinario sentimento e profunda expressão o papel da Sra. Delamarche. Um bello typo de fidalga, nobre e correcto.

Bem, a Sra. Amelia da Silveira no papel da menina Paulina.

O Sr. Ferreira da Silva, que é um principiante de futuro, porque parece ter talento, fez regularmente o papel de Roberto Burel.

Durante todo o espectáculo a beneficiada recebeu do publico e dos seus admiradores inequivocas e calorosas provas de apreço. Foi chamada á scena innumeradas vezes, recebeu valiosos presentes, e no fim do espectáculo os seus admiradores mais convictos atiraram-se enthusiasmicamente aos varões de sua carruagem e foram-na tirando até Botafogo, onde reside a distincta actriz.

OTHELLO

Foi na quinta feira o beneficio do sympathico actor Brazão, com o primeiro do *Othello* de Shakespeare. João Rosa fez notavelmente o papel de Iago.

O publico, que enchia litteralmente o theatre, fez uma extraordinaria ovação ao beneficiado, e os seus admiradores brindaram-no com riquissimos presentes.

No proximo numero daremos circumstanciadas noticias do desempenho.

P. TALMA.

CONFISSÃO

A OLAVO BILAC

Hei-de um dia morrer e quando á vida  
O derradeiro adeus disser saudoso,  
O acerbo adeus da minha despedida,  
De ti me lembrarei triste e inditoso.

E só por ti eu me verei choroso  
No lugubre momento da partida,  
Que neste triste mndo venturoso  
Só vivo por te ver, doce querida.

Tanto que se não fosse a desventura  
De ver da vida a eterna noite escura,  
Feliz mil vezes eu seria, amor.

E só a morte polará um dia  
Em magua transformar esta siegría  
Da minha vida, minha amada dor.

ARTHUR MENDES.

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?

O Guarany..... 52 votos  
Memorias posthumas de Brsz  
Cubas..... 42 »  
Motta Coqueiro..... 20 »  
O Eremita de Muquem..... 18 »  
Fatalidade de dois jovens..... 6 »  
Vicentina..... 1 »  
Memorias de um sargento de milicias..... 1 »  
Luciola..... 1 »  
João e Francisco..... 1 »  
O seminarista..... 1 »

Qual o melhor livro de contos ou novellas?

Papeis avulsos..... 39 votos  
Historias sem data..... 15 »  
Risos e galhofas..... 8 »  
Lendas..... 7 »  
Leitura variada..... 1 »  
Pillerias..... 1 »

Qual o melhor drama?

Mãe..... 72 votos  
Luxo e vaidade..... 15 »  
Antonio José..... 10 »  
O mulato..... 10 »  
Os dois embaçados..... 1 »  
Omphalia..... 1 »  
Martyrios de uma familia..... 1 »

Qual a melhor comedia?

Vespera de Reis..... 64 votos  
O Fantasma branco..... 52 »  
O noviço..... 38 »  
Demônio familiar..... 25 »  
Como se fazia um deputado..... 25 »  
Amor por anexins..... 3 »  
Os sonhadores..... 2 »  
Uma scena no sertão de Minns..... 1 »  
O pobre nmorado..... 1 »  
O Club Godipán..... 1 »

A mudança de modas é o imposto que a industria do poeta lança á vaidade do rico.

CHAMFORT.

JORNAL E REVISTAS

*Revista Illustrada*, n. 460. Orna a sua primeira pagina um excellent retrato de G. Emanuel. Nas outras encontram-se caricaturadas com muito espirito algumas scenas da politica Coté-gipe.

Delicioso o lapis do Angelo.  
O texto é de agradável e variada leitura.

O n. 12 do *Brazil Illustrado* contem regulares illustrações e bons trabalhos em prosa.

O collegas suspendeu provisoriamente a sua publicação, por causa de uma questão de papel. Desejamos que se suspenda em brsvs essa lamentavel euspensão.

A *Estação* anno XVI. n. 14. Traz elegantes figurinos e moldes, tudo á ultima moda pariziense. Na sua parte litteraria apparece o capitulo LXIX de *Quincas Borba* de Machado de Assis, *Chroniqueta* de Elôy, o Heroe e um soneto de Oliveira e Silva.

**A Imigração.** Temos o n. 34 d'esta importante publicação, órgão da Sociedade Central de Imigração. Traz o discurso do senador Taunay sobre Casamento Civil, trata de naturalizações, de imigração, e de outros assumptos de interesse patrio.

Chega-nos do Pará o 1.º n. d'A *Semana Illustrada*.

E' uma publicação hebdomadaria, bem escripta e desenhada com graça.

Desejamos-lhe longos e dilatados annos de existencia.

O fasc. 7—anno VII da *União Medica* contem excellentes escriptas sobre clinica therapeutica, uevropathologia, teratologia e uma importante revista dos livros que tractam de assumptos medicos.

A.

## « A RELIQUIA »

A Ezequiel Freire escreveu sobre a ultima obra de Eça de Queiroz o Dr. Carneiro Maia, — um bello talento, grandemente illustrado, que vive de ha muito arredio do movimento litterario — a seguinte curta, mas brillante e judiciosa carta:

« Meu caro colloga e amigo Dr. Ezequiel Freire.—Devolvendo a *Reliquia* de Eça de Queiroz, que me d'este a lér para regalo de estylo, ainda me sinto impressionado pelas rutilações d'esse diamante, sem par nos escriptos da moderna litteratura portugueza. Confesso que tinha prevenções asquerosas contra o auctor, pelo que ouvia dizer do seu estouvamento licencioso, e por m'o haverem recommendado como um d'esses bufarinheiros que por ali andam esgarafunhando proventos com as torpezas do naturalismo.

Não, senhor: Eça de Queiroz é uma individualidade muito farta, muito rica e de um esplendor artistico que não ha outro nestes tempos de celebridade facil e de encomiagens camaradescas. Se alguma vez nos apparece em mangas de camisa, irreverente, mordaz, audacioso, não o criminem por isso: é deitando assim a sua grande alma pela bocca rasgada e altiva, e despedindo as fagulhas d'esse ingenho acerado, e fino, como o gumo de uma navalha, que elle se torna grande, e de uma grandeza natural, talhada pelo seu genio para servir de molde a si proprio.—Escrevesse enlulado de pellica, e a penna cheirando ao incenso das sachristias, nem lhe achariam uma alma em cada phrase do seu livro, nem esses tons vivos, e nem esse cardume de imagens, ora soberbas e architecturaes como as magnificencias de uma ornamentação corinthia, ora mimosas como perolas em fio ennastradas de saphira.

Nas suas farpas agudas, e nas suas ironias sacrilegas ba demasias e requintes, que tornam a satyra pesada, suffocante, e por vezes mais chocante do que verosimil; mas, em perdão da sua *verve* maligna, ba abi muita pintura de costumes e de caracter; muita historia, muita arte, e muita scenographia curiosa; sobretudo essa descripção palpitante, relembando a morta Jerusalem, as suas convulsões lugubres e as periepias tocantes do drama do Calvario.

Por ultimo, não desconheço que Eça de Queiroz tem licenciosidades bar-

haras e desalinhos impudicos; mas, como elle, entendem muitos, que a verdade na arto tom algumas vezes necessidões de expôr-se nún como a Venus do esculptor pagão, e que, velar-lho as fórmis seria fazer d'ella uma meatira chatn e ridicula.

Como quer que seja, a sua *Reliquia* contem um grande fundo de moralidade no modo porque se castiga afinal a hypocrisia e as devassidões de Theodorico, o libertino sem alma e sem coração que foi ao mesmo tempo um typo de ingratição na familia, e um fructo mangrado da Universidade.

Adeus, meu caro Ezequil; não esqueças

O vosso admirador e grato  
conterraneo

J. DE A. C. MAIA.

Rezende, 15 de Junho de 1887.

MME. DE LAMBERT.

Nem sempre o que nos perde são as nossas faltas, mas a maneira de nos conduzirmos depois que as praticamos.

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O Club Beethoven, a 18 do corrente, realizou com immensa concurrencia o seu esplendido concerto para inaugurar o novo edificio, levantado no terreno que fica ao lado do Club, esómente destinado ás suas festas musicas.

E' perfeitamente acabado e bello o novo edificio, offerecendo aos amadores um recinto expressamente feito, com elegancia, artistico e de magnifica acustica.

As cadeiras e galeria estão mui bem dispostas para que os socios e convidados possam passar noites deliciosas.

O concerto dividiu-se em duas partes e eucarregaram-se delle os distinctos e insignes *maestros* os Srs. Otto Beck, A. Gravestein, L. Gravesten, I. Cerrone, Bernhardt Wagner, Arthur Napoleão e Leopoldo Miguez, que foram calorosamente applaudidos, começando logo as palmas aos quatro primeiros sohnores, quando entraram para inaugurar a sala.

Todos os executantes foram muito applaudidos.

Com regular concurrencia, realizou no sabbado passado no Congresso de Musica, o Sr. Alberto Nepomuceno o concerto annuciado em seu beneficio.

O bem organizado programma d'esta festa musical, na qual tomaram parte os projectos concertistas os Srs. Nascimento, Rayol, Nepomuceno, Cerrone e Rossi, foi executado com toda a pericia arrancando dos assistentes calorosos e repetidos applausos.

Ao habil e talentoso pianista o Sr. Nepomuceno damos os nossos parabens por mais este bello triumpho.

## SOCIEDADE DE CONCERTOS POPULARES

Conforme estava annuciado, realizou esta sociedade, no domingo ultimo, no theatro S. Pedro de Alcantara, o seu sexto concerto.

A concurrencia foi muito boa e as

peças, constantes do programma, todas escolhidas, foram perfeitamente executadas.

As peças que mais agradaram foram: *La Notte e l'Alba*, delicadissimo intermedio symphonico, escripto pelo Sr. Andrada Machado, a marcha *A Imprensa* de Abdon Milanez, instrumentada para grande orchestra pelo maestro Leopoldo Miguez e a *Sevilhana*, deliciosa composição de Massenet, que foi brilhantemente executada e bisada a pedido.

Terminou o concerto com a marcha *Hungara* de Berlioz, que é um verdadeiro canto guerreiro e que teve uma execução brillantissima.

Parabens aos organisadores dos Concertos Populares.

Realizou-se solememente e com toda pompa, no domingo passado, a inauguração do novo Asylo das Orphãs da Imperial Sociedade Amante da Instrução.

Principiou ás 11 horas da manhã a benção dn capella e das mais dependencias do asylo e em seguida a missa solemne, a que assistiram muitissimas pessoas gradas.

Concluido o acto religioso e outras formalidades indispensaveis, como fosse a acta, etc., a respeitavel e distincta directoria convidou a todos que se achavam presentes para um excellent lunch, no qual trocaram-se muitos e entusiasticos brindes. No terraço, ao lado do bello predio, tocava constantemente a banda de musica dos menores do arsenal de guerra.

Visitámos com praser o magnifico edificio, que conta actualmente 43 orphãs, e nelle encontramos tudo na melhor ordem possivel, perfeitamente aceitado e mobiliado com toda a elegancia.

Esteve muito animado o saráu que se realisou no dia 16 do corrente no Club de Esgrima do 1.º Regimento. Foi uma festa, por todos os motivos, excellent.

Que agradabilissimas horas passámos todos — socios e convidados!

Parabens ao Club de Esgrima.

Esteve brillante, animado e bastante concorrido o saráu — concerto que a mui conceituada e caprichosa sociedade Congresso Brasileiro, realizou na uouta de 23 do corrente.

Começou a deliciosa festa por um primor; que foi o magnifico concerto organiado pelo Sr. Eduardo Delduque, concerto em que graciosamente tomarem parte, as distinctas e gentis Exmas. Senhoras DD. Jorgeanna Brito, Emilia Adelaide Reis, Eugenia Francisca de Oliveira e Amelia Tavarcs: e os Srs. Agostinho Gouvêa, G. Alberti, Costa Junior e Dr. B. Gambôa. Concluida a parte musical, e qua foi festejada por muitos applausos, começou o baile, que se prolongou até as 5 horas da manhã, retirando-se todos os convidados e socios alegres, satisfeitos e penhorados pelos amabilidades e obsequios que a distincta directoria lhes dispensou.

Tudo isto é dicto com as chapas do costume, nas, com toda a sinceridade; creiam-n'o.

TIO ANTONIO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

SI EU FOSSE O TEU GATINIO!

The deep affections of the breast  
That Heaven to living things imparts  
Are not exclusively possessed  
By human hearts.

( CAMPBELL )

Transmutado n'um touro alcanço Jove  
de Europa o poeta em ave cuida  
mudar-se e o cento eltivo;

Leda o effeito sentio do tredo cysne  
que no seio gentil trouxe amiado;  
Convertida em loureiro, Daphne esquiva  
cinge a fronte de Dello enamorado...  
Oh! mil vezes feliz fóra meu fado  
e acabára e tristeza em que delinho,  
si eu podesse deixar a humana fórma,  
si eu fosse o teu gatinho!

Nunca em suja cozinha me verias  
furtar o que alli ha;  
foram meus alimentos—fios d'ovos,  
biscoito, leite e chá...

Do horralho ao calor, que no lasso corpo  
dá no tempo de chuva algum conchego,  
não me iria enxugar; em teu regaço  
procurára agazalho e mais socego.  
Desdenhára dos gatos mais roliços,  
por fazer jus ao teu menor carinho:  
um bichano exemplar fóra, eu te juro,  
si eu fosse o teu gatinho!

Si as injurias de antigos avoangos  
em mim vingasse um rato,  
eu te ouvira dizer, de noite, á volta,  
— Coitado do meu gato!

Si em felina aventura perseguido,  
eu fugisse, com medo, do telhado,  
em ernica embebida a arranhadura  
por teus dedos seria.—Oh! doce fado!  
aparás-me as barbas — e eu traria  
o pello nédio e liso, alto o focinho...  
Mais pichoso seria no meu trege,  
si eu fosse o teu gatinho!

Em teu quarto, de noite, na penumbra  
da escassa lamparina,  
pela fresta da porta entrára ufano,  
ventura de um rei fino!

Um' olho sempre alerta, outro fechado,  
rosnaria os meus versos mais risonhos:  
triste do camandongo que viesse,  
roendo a alfombra, perturbar-te os sonhos!  
E quando o somno os olhos te cerrasse,  
eu dormira enroscado n'nui cantinho; —  
no amor, na discrição seria Amadis,  
si eu fosse o teu gatinho!

Oh! ludibrio da sorte, quando injusta  
fere os homens e os gatos!  
Sou poeta, sou moço — e invejo os gozos  
que engeita o papa-ratus!

Mas tu, fada gentil, ta que mudaste  
co'um volver de teus olhos meu futuro,  
sé bondosa uma vez — e cumpre um dia  
do teu vate o anelo ingenuo e puro...  
E si não podes dar-me os verdes olhos  
e as barbas senhoris do teu bichinho,  
dá que eu viva a teus pés, como fizera  
si eu fosse o teu gatinho!

CARLOS DE LAET.

## SPORT

Realizou o Derby-Club no domingo  
passado a sua ultima corrida, com um  
programma importante, com bastante  
animação e grande concurrencia.

Eis o resultado dos pareos:

No 1.º pareo (1609 metros), Esmeralda  
facilmente, em 113 segundos, venceu os  
seus competidores. Corcovado, que  
cbegou em 2.º lugar, d'esta vez fez me-

lhor corrida. Juanita e Absyntho em ultimo lugar. Rateio 108000 (restituição.)

No 2º pareo (1200 metros) houve diversas partidas falsas, que sacrificaram alguns parceiros e muito especialmente a Ormonde, que percorreu mais do dobro do tiro que disputou. Estas partidas falsas foram devidas unicamente á insubordinação em que se achavam os nossos jockeys e não ao juiz de partida, como muitas vezes á primeira vista parece. Dada afinal a partida, Ormonde sahio em ultimo lugar e em ultimo chegou, completamente fatigado. Lady foi a vencedora em 81 segundos, fazendo boa corrida. Rapid em 2º lugar e Phenix em 3º. Pervecchio em ultimo, juntamente com o Ormonde. Indio não correu. Rateio 218100.

No 3º pareo (1600 metros) Victorious, em 108 segundos, venceu os seus competidores. Mirzador chegou em 2º lugar, apenas perdendo por cabeça, e carregando mais seto kilos que o seu competidor. Mastine em 3º lugar. Dr. Cacete, Perle e Catita em ultimo lugar. Coupon e All-Right não correram. Rateio 408200.

No 4º pareo (1600 metros) Boreas, em 110 segundos, facilmente venceu o Talisman, que chegou em 2º lugar. Dandy em 3º lugar e Macaréo distanciado. Rateio 238000.

No 5º pareo (1750 metros) Odalisca em 120 segundos fez boa corrida e venceu os seus fortes competidores Druid e Tenor, com facilidade e demonstrando estar em boas condições. Druid, que chegou em 2º, lutou com Tenor, que chegou em 3º completamente esgotado. Rondello e Violão em ultimo lugar. Rateio 448000.

No 6º pareo (2000 metros) houve uma infeliz partida, da qual Charybides, em 132 segundos, aproveitou-se e venceu os seus competidores, sabido com grande deanteira. Daybreack, apesar de ter partido muito atrasado, ponde alcançar Charybides na recta de chegada, perdendo apenas por insignificante diferença de cabeça e por ter o jockey da Charybides, ao castigá-la, dado com o chicote na cabeça da Daybreack, o que nos pareceu casual, visto quando ee aproxima um animal do outro, que está sendo chicoteado, tambem receber do jockey d'este as chicotadas que elle dirige sómente para o seu parceiro. Satan chegou em 3º lugar. New-York, Remise o Musico chegaram com muito atrazo pela má partida. Salvatus não correu. Rateio 178700.

No 7º pareo (1600 metros) Regente, em 112 segundos, venceu os seus competidores, apezar de ter partido na retaguarda de todos elles. Monitor chegou em 2º lugar, completamente esgotado. Vampa em 3º lugar. Ondina, Fagote, Saltarelle, Catana e Bayocco chegaram na bagagem. Boyardo não correu. Rateio 398200.

O jogo da poule attingiu a somma de 135:8008000.

Com esplendido programma realisa amanhã o Prado Villa Isabel uma importante corrida, que necessariamente atrahirá grande numero de admiradores do turf.

Eis os nossos palpites :

No 1º pareo—Tufão; no 2º—Boreas; no 3º—Ormonde; no 4º—Daybreack; no 5º—Rondello; no 6º—Musico; no 7º—Espadilha.

Hoje inauguração do Sport Club na Villa Guarany, com bello programma. L. M. BASTOS.

## COLLABORAÇÃO

### PRIMEIRA SEPARAÇÃO

CONTO INFANTIL

Quinze annos apenas. Bulhosa puerícia, quinze brincos de criança.

No entanto, o coitadinho já tão cedo era entregue á Sociedade, roubado ás caricias da mamãe. Ella bem lhe fizera ver a necessidade de partir, partir para bem longe, para que mais tarde pudesse abençoar nm doutor e com natural orgulho guardar carinhosamente no bello coração os louros por elle alcançados. E, ouvindo isto, tinha vindo sem custo, esperançoso de tornar-se doutor em breve tempo. Jámais imaginára o que era aquelle — delicioso pungir de acerbo espinho — do Garret, o que era não ter a mamãe para beijal-o, enchel-o de agradáveis cuidados, de ineffaveis caricias.

Então, agora que se via só naquella grande cidade, que sentira um mez inteiro a falta do que tinha de mais precioso, bem chorava a resolução de estudar, lembrando-so por vezes do dia da partida. E imaginava, para doce consolo, que o mesmo diviam estar sentindo a seu respeito a mamãe, o papae, os maninhos. Pois era elle, o Juca, o sol, a alegria da casa! Com sua graciosa petulancia, espirito jovial e affectuoso, quanto agradava! Como lhe queriam bem! Ah! por força, por força, pensava, hão de estar tristes.

O dia, esso terrível dia, da separação parecia tambem concorrer para a tristeza da casa: chuvoso, de nuvens cór de chumbo, cheio do nimbos, frio e humido. O sol, que o fazia tão corado e a mamãe tão medrosa das febres, escondera-se por traz d'aquellas nuvens; não quizera assistir ao pesar da familia, talvez para não seccar as tantas lagrimas derramadas.

De manhã ainda brincava; de vez em quando um abraço na mãesinha e, mudo, mudez em que transparecia a tristeza, via-a arrumar a mala com tantos cuidados, tantas lagrimas!

Correu frio o almoço; em completa monotonia. Se não fosse o papae, que ás vezes, forçando um tom chistoso e folgazão, lhe pintava risonho o futuro, leria corrido mais frio ainda, seu a menor palavra.

Ao meio dia devia partir, e não tardava o meio dia. Quantas recommendações, quantos conselhos, e, por fim, a voz do papae: «Vamos sem demora, que podemos perder o vapor.» Sua voz ahi fraqueara, apezar da firmeza de caracter que lhe era peculiar. Do papae era de ferro o coração, impossivel de mostrar-se ferido. Entre tanto, um tremor, posto que subtil e leve, se sentira n'aquellas palavras. Era porque lhe rasgava o coração, derretendo a ferrea camada que o envolvia, ver roubado á sua boa mulher aquelle filho, aquelle idolo que ella tauto amava.

E ella, no ultimo amplexo, parecia querer preudel-o nos braços. Seu peito arfava, os soluços sahiam-lhe da garganta vehementes, precipitados, mas ao mesmo tempo contidos, e com des-

espero de mãe dedicála man-lava-lhe partir. Sus não bem depressa se encontrou com a d'elle: «E' pouco, mas guarda porque chega para comprares papel e sellos para me es-reveres.» Abi as manihaa tiuham deixado os brinquedos e ali estavam, tristes, tristes, e com as faces inundadas de perolas do pranto.

Um ultimo adeua da rua e a ultima recommendação: «Tenha juizo e estude bem, meu filho.»

Partira então, partira para bem longe afim do ser doutor. E soffrera bastante depois que se viu só, atirado entre gente desconhecida e que em pouco tempo dizia-se amiga. Como se admiravam dos pezares que soffria, das saudades que sentia! Pois havia muitos da sua idade e mais moços que se consideravam tão felizes e nunca falavam nas mamães!

Ah! Como se lembrava da primeira carta della! Quanta alegria perpassada de doridas lagrimas, ao recebê-la! Falava-lhe na falta que fazia, mostrava-lhe a casa triste, os maninhos sempre chorando, e, por fim, mil recommendações de eavolta com mil beijos e abraços saudosos.

Isto fez-lhe mais tristeza ainda. Nesse dia muito penara, e sua imaginação voara, voara vertiginosa para aquella chacara onde nascera e se criara. Era de tarde; ia anoitecer. A mamãe e o papae deviam estar sentados no terraço, talvez ouvindo o tio Pedro, enquanto que os maninhos, espalhados pelo jardim, brincavam, e elle, elle chorava, chorava...

Tinha sido feliz na nova morada: disso não se queixava, pois em todos achava agradados e a cidade era tão bella, tão grande. Mas as saudades lá estavam no cantinho do coração, ferindo sempre.

Seu extremado sentimentalismo, a característica ingenuidade e sua natureza, dotada de alto grão expansivo, junta a um physico adoravel em pequenez, e vivacidade a delicadeza de traços atrahiam-lhe innumeradas sympathias. Todavia, apezar de tudo, era constante o expoutaneo grito de sua alma:

«Se eu pudesse estar com a mamãe!...»

Ingenuo e simples como o Juca é raridade; neste mundo, diziam os que se intitulavam seus amigos. E, com effeito, citavam o caso raro do bond, em que elle, mui satisfeito por estar em ponta de banco em dia festivo e de affluencia de povo, tivera de cedê-la a uma senhora que era exactamente a mamãe. Que semelhança! Era o seu modo, seu ar bondoso e affavel. Não pudera resistir: cedeu-lhe o lugar e pagou-lhe a passagem; pelo que a senhora, admirada e muito grata por ver tamanha delicadeza em criança tão pequena, agradecera-lhe com os olhos, com o olhar da mamãe.

O rubor subiu-lhe ás faces; as lagrimas desceram-lhe dos olhos.

São passados tres annos, tres seculos de saudades. Eilo que parte a ver a mão, o pae, os irmãos, não o Juca d'outr'ora, mas o Sr. José de..., estudante prosa e conversavel Em vão procura o que sonhara ha tres annos passados, a alegria que sentiria expandir-se com força em si, quando, cheio de triumphos nos estudos fosse

abraçar a mamãe, receber seus beijos e caricias.

Tenta essa alegria; chega a sentila, mas não completa. Está unida a funda magoa. E' que já deixava algum bem precioso. Amava, pois, a mamãe em todos os conselhos, julgando a criança, não fizera a menor referencia ao amor. Ella recebera abrir-lhe os olhos, julgando que d'esse modo elle sempre ficasse cego. E era o que o conselava! «A mamãe não me prohibiu isto, segui tudo o que me recommendou, fui feliz nos estudos, devo estar contente; mas não, não, tenho aqui dentro alguma cousa que me faz chorar...»

Côrte — 3 de Junho

ABELARDO TEIXEIRA DE MELLO.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde — Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro do Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leoa e Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo. — incumbem-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho — Minas.

Relojoeiro — Alfredo Cesar da Silveira — Rua de S. José n. 51 — Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cozar Tavares Paes encarrega-se de liquidaciones amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

## LYRICA

DE

### FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

## VERSOS E VERSÕES

DE

### RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

# PRADO VILLA-IZABEL

## PROGRAMMA DA 7<sup>A</sup> CORRIDA

A REALIZAR-SE  
DOMINGO 31 DE JULHO DE 1887 DOMINGO  
AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Conciliação**—1.450 metros—Animaes de menos de meio-sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes                 | Pellos         | Idades | Naturalidades     | Pesos   | Cores das vestimentas     | Proprietarios     |
|-----|-----------------------|----------------|--------|-------------------|---------|---------------------------|-------------------|
| 1   | Sordido.....          | Castanho..     | 6 ans  | Rio Grande        | 54 kil. | Azul e ouro.....          | C. L.             |
| 2   | Tuffio.....           | Idem.....      | 4 »    | R. de Jane..      | 51 »    | Verde e ouro.....         | V. C.             |
| 3   | Zaire.....            | Gateado..      | 5 »    | Paraná.....       | 56 »    | Encarnado.....            | Coud. Amadores.   |
| 4   | Juanita.....          | Baio.....      | 3 »    | R. de Jane..      | 46 »    | Grénat e lyrio.....       | D. A.             |
| 5   | Pampeiro.....         | Castanho..     | 4 »    | R. Grande..       | 51 »    | Encarnado e preto.....    | A. Cunha Bastos.  |
| 6   | Verbena.....          | Idem.....      | 4 »    | R. de Jane..      | 51 »    | Azule ouro.....           | Coud. Santa Cruz. |
| 7   | Oudina.....           | Tordilho..     | 4 »    | S. Paulo... 49 »  | 51 »    | Encarnado e amarello..... | J. Rocha.         |
| 8   | B. Pitassu ex-Pelotas | Zaino.....     | 5 »    | R. Grande..       | 54 »    | Branco e encarnado.....   | J. M. Miranda.    |
| 9   | Prinzeza ex-Bucbinha  | Castanho..     | 4 »    | S. Paulo... 51 »  | 51 »    | Idem.....                 | Idem.             |
| 10  | Blanche.....          | Rosilho..      | 5 »    | R. Grande..       | 52 »    | Azul e grénat.....        | Coud. Estrella.   |
| 11  | Mouro.....            | Zaino.....     | 6 »    | Idem.....         | 54 »    | Idem.....                 | H. C.             |
| 12  | Tejo.....             | Pampa... 5 »   | 5 »    | S. Paulo... 54 »  | 54 »    | Vermelho.....             | H.                |
| 13  | Guacho.....           | Chita.... 4 »  | 4 »    | R. Grande.. 51 »  | 51 »    | Azul e grénat.....        | A. M.             |
| 14  | Ninon.....            | Zaino..... 3 » | 3 »    | R. de Jane.. 48 » | 48 »    | Roxo e lyrio.....         | J. F. Lima.       |

2º pareo—**Metropolitano**—1.800 metros—Animaes nacionaes—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

|   |             |               |       |                     |                       |                       |
|---|-------------|---------------|-------|---------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | Boreas..... | Castanho..    | 5 ans | S. Paulo... 54 kil. | Grénat e violeta..... | Coud. Rio de Janeiro. |
| 2 | Diva.....   | Alazão... 4 » | 4 »   | R. de Jane.. 49 »   | Ouro e branco.....    | Coud. Fluminense.     |
| 3 | Dandy.....  | Vermelho..    | 4 »   | S. Paulo... 51 »    | Grénat e ouro.....    | F. Vianna.            |

3º pareo—**Omnium**—1.300 metros—Animaes de 2 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|   |                 |               |       |                    |                                |                 |
|---|-----------------|---------------|-------|--------------------|--------------------------------|-----------------|
| 1 | Ormonde.....    | Zaino.....    | 2 ans | França.... 48 kil. | Grénat e Perola.....           | A. Vianna.      |
| 2 | Apollo.....     | Alazão... 2 » | 2 »   | R. da Prata 48 »   | Azul e grénat.....             | T. R. M.        |
| 3 | Rapid.....      | Idem.....     | 2 »   | Inglaterra.. 48 »  | Encarnado, preto e branco..... | Vianna Junior.  |
| 4 | Cancanière..... | Castanho..    | 2 »   | França.... 46 »    | Ouro, mangas e bonet azul...   | Coud. Alliança. |
| 5 | Landy.....      | Idem.....     | 2 »   | Inglaterra.. 48 »  | Azul e grénat.....             | C. O.           |
| 6 | Lord.....       | Zaino.....    | 2 »   | Idem..... 48 »     | Verde.....                     | J. P.           |

4º pareo—**Internacional**—1.800 metros—Animaes de 3 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

|   |               |            |       |                      |                       |                      |
|---|---------------|------------|-------|----------------------|-----------------------|----------------------|
| 1 | Olanda.....   | Zaino..... | 3 ans | Inglaterra.. 49 kil. | Grénat e ouro.....    | Coud. Carioca.       |
| 2 | Pancy.....    | Idem.....  | 3 »   | R. da Prata 47 »     | Encarnado e ouro..... | V. M.                |
| 3 | Daybreak..... | Castanho.. | 3 »   | Inglaterra.. 51 »    | Azul e ouro.....      | D. Julia Vieira.     |
| 4 | Amazonas..... | Idem.....  | 3 »   | Idem..... 51 »       | Azul e amarello.....  | C. & F.              |
| 5 | Remise.....   | Zaino..... | 3 »   | França.... 49 »      | Ouro e preto.....     | F. Schmidt.          |
| 6 | Africana..... | Idem.....  | 3 »   | R. da Prata 47 »     | Verde e ouro.....     | D. Olga L. da Costa. |

5º pareo—**Progredior**—1.800 metros—Animaes nacionaes até meio-sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|    |                      |               |       |                     |                               |                        |
|----|----------------------|---------------|-------|---------------------|-------------------------------|------------------------|
| 1  | Rondello.....        | Castanho..    | 4 ans | S. Paulo... 51 kil. | Grénat e azul.....            | Lazaro & Lima.         |
| 2  | Regente.....         | Idem.....     | 4 »   | Idem..... 51 »      | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 3  | Viola.....           | Alazão... 5 » | 5 »   | Idem..... 54 »      | Vermelho e preto.....         | Tattersall Campineiro. |
| 4  | Vampa.....           | Zaino.....    | 5 »   | R. Grande.. 54 »    | Azul e grénat.....            | Coud. Paraiso.         |
| 5  | Douro.....           | Alazão... 6 » | 6 »   | R. de Jane.. 54 »   | Verde e ouro.....             | Coud. Independencia.   |
| 6  | Parabyba, ex-Caporal | Idem.....     | 5 »   | S. Paulo... 54 »    | Azul e grénat.....            | Coud. Integridade.     |
| 7  | Bonita.....          | Idem.....     | 5 »   | Idem..... 52 »      | Encarnado e branco.....       | J. M. Miranda.         |
| 8  | Cyclone.....         | Castanho..    | 4 »   | R. de Jane.. 51 »   | Ouro, mangas e bonet azul...  | Coud. Alliança.        |
| 9  | Bayoco.....          | Idem.....     | 6 »   | S. Paulo... 58 »    | Encarnado e branco.....       | Oliveira J. & Lopes.   |
| 10 | Jenny.....           | Vermelho..    | 5 »   | Idem..... 52 »      | Geraniun e ouro.....          | J. W.                  |
| 11 | Chapeco.....         | Castanho..    | 4 »   | Paraná.... 51 »     | Branco e estrellas azues..... | Coud. Guanabara.       |

6º pareo—**Suburbano**—1.450 metros—(Handicap)—Animaes de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 700\$ ao primeiro, 175\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

|    |                 |               |       |                     |                       |                       |
|----|-----------------|---------------|-------|---------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1  | Pancy.....      | Zaino.....    | 3 ans | R. da Prata 49 kil. | Encarnado e ouro..... | V. M.                 |
| 2  | Le Loup.....    | Idem.....     | 4 »   | França.... 55 »     | Azul e grénat.....    | Coud. Internacional.  |
| 3  | Victorius.....  | Idem.....     | 4 »   | Idem..... 68 »      | Vermelho e preto..... | L. A. P. B.           |
| 4  | Musico.....     | Preto.....    | 5 »   | Idem..... 60 »      | Vermelho.....         | Tattersall Campineiro |
| 5  | Dionéde.....    | Castanho..    | 4 »   | Idem..... 40 »      | Azul e preto.....     | Coud. Bocaina.        |
| 6  | Siva.....       | Alazão... 3 » | 3 »   | Inglaterra.. 46 »   | Azul e ouro.....      | Coud. Hanoveriana.    |
| 7  | Maestro.....    | Tordilho..    | 4 »   | S. Paulo... 42 »    | Encarnado.....        | Coud. Amadores.       |
| 8  | Dr. Cacete..... | Zaino.....    | 4 »   | R. da Prata 48 »    | Grénat e ouro.....    | Mario de Souza.       |
| 9  | Apollo.....     | Alazão... 2 » | 2 »   | Idem..... 42 »      | Azul e grénat.....    | T. R. M.              |
| 10 | Madame.....     | Castanho..    | 4 »   | França.... 47 »     | Ouro e preto.....     | F. Schmidt.           |

7º pareo—**Ensaio**—1.450 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

|   |                  |               |       |                     |                              |                        |
|---|------------------|---------------|-------|---------------------|------------------------------|------------------------|
| 1 | Oboé.....        | Vermelho..    | 3 ans | S. Paulo... 46 kil. | Vermelho.....                | Tattersall Campineiro. |
| 2 | Piston.....      | Zaino.....    | 3 »   | Idem..... 46 »      | Vermelho e preto.....        | Idem, idem.            |
| 3 | Mandarin II..... | Idem.....     | 3 »   | R. de Jane.. 46 »   | Verde e ouro.....            | J. A. S. Gaimarães.    |
| 4 | Corcovado.....   | Castanho..    | 3 »   | Idem..... 46 »      | Grénat e ouro.....           | Mario de Sousa.        |
| 5 | Berenice.....    | Alazão... 3 » | 3 »   | Idem..... 46 »      | Ouro e branco.....           | Coud. Fluminenss.      |
| 6 | Espadilha.....   | Castanho..    | 3 »   | S. Paulo... 48 »    | Ouro, mangas e bonet azul... | Coud. Alliança.        |

### OBSERVAÇÕES

Os animaes inscriptos no 1º pareo devem estar no encilhamento ás 11 horas em ponto; o jockey que até ás 11 1/4 não se apresentar á pesagem não será mais admittido.

**RAUL DE CARVALHO, 2º secretario**

O pessoal dos portões pôde comparecer na secretaria no dia 30, das 4 ás 7 horas da tarde.

**PAIVA JUNIOR, 1º secretario**

# EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivae do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRELDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principais livrarias.

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

**CHAPELARIA INGLEZA**

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 36

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, semere e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 6 DE AGOSTO DE 1897  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 436

REDACÇÃO E GERENCIA—RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                               |                   |
|-------------------------------|-------------------|
| Expediente.....               | A REDACÇÃO.       |
| «A Semana».....               | FILINDAL.         |
| Historia dos sete diss....    | A. de SOUZA.      |
| A Giovanni Emsuel, poe.....   | R. POMPEIA.       |
| «Ella».....                   | H. de MAGALHÃES   |
| Rogério, o ruidé.....         | J. C. DOS SANTOS. |
| Vassalagem, poesia.....       | E. FREIRE.        |
| O actor Brazão julgado.....   | J. RIBEIRO.       |
| pelo actor.....               | G. DOS SANTOS.    |
| «Versos e Versões».....       | P. TALMA.         |
| Ultima esperança, soneto..... | L. M. BASTOS.     |
| Plebiscito litterario.....    | ENRICO.           |
| A Emsuel.....                 |                   |
| Theatros.....                 |                   |
| Sport.....                    |                   |
| Factos e Noticias.....        |                   |
| Correio.....                  |                   |
| Annuncios.....                |                   |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quitos o obsequio de as reformar pelo somostre que ora começa.

Desde 4 do corrente mez a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» acham-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

Partio no dia 12 do corrente a percorrer as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'«A Semana», o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia quixiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

Foi exonerado do cargo de agente d'esta folha, em viagem pela provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto filho, actualmente em Campos.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'«A Semana».

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes briades, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

## A SEMANA

Escrevem-nos de S. Paulo Olavo Bilac e Alfredo Pujol dando-nos a agradável noticia de que vão escrever alternadamente para *A Semana* chronicas litterarias semanaes.

Publicaremos no proximo numero a primeira, escripta por Bilac a respeito de Giovanni Emanuel.

Oxalá que os nossos distinctos colaboradores cumpram á risca a sua bella promessa.

Por nos ter chegado ás mãos demasiado tarde, não publicamos a *Chronica Scientifica*, do Dr. Dodstol, do que pedimos desculpa tanto a este nosso estimado collaborador como aos nossos leitores.

A tyrannia mais nociva aos interesses da arte não é a tyrannia dos déspotas; é a tyrannia dos dogmas. A arte de um povo não cae dsante dos fuzilamentos, nem deante das forcas, nem deante das guilhotinas; cae unica e puramente deante do dogmatismo, morre ás mãos da rhetorica.

R. ORTIGÃO.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Pessimos correm os tempos para os plunitivos extra-politicos, que não vão abuborar-se de assumpto na intriga das duas camaras, e que olham para ministerios, parlamentos e eleições exactamente como aquelle ruminante que costuma, num proloquio popular, olhar para os palacios.

Nós já temos o Gremio de Letras e Artes; precisamos organizar a sociedade do Escondido Fluminense, uma associação que se encarregue de proteger os chronicistas um pouco mais praticamente do que a outra protege os animaes; urge fundar-se um club intrepido, capaz de fustigar este monstruoso hypopotamo immovel e immoto que se chama o Rio de Janeiro, em cujo ventre arde a febre amarella no verão e floresce a variola no inverno.

Emquanto não tivermos este auxilio effizaz, teremos de andar por aqui ridiculamente a saltar do nariz do Sr. Cotegipe para o *cavaignac* do Sr. Coelho Bastas e dos retratos a oleo do senador Corrêa para as intrigas dos bastidores do theatre e da imprensa.

Tristeza como as do naufragio do *Apa*, desgraças, calamidades e lagrymas não vingam achar logar em nosso espirito—ficam sepultadas no coração confrangido e tacito.

Corações que devem estar em festa, banhaos em doce alegria, são os da familia imperial: os ultimos telegramas dão-nos hoas noticias do imperador. Não ha mais duvidas sobre a molestia de S. M. E' positivamente *glycosuria*, mais conhecida pelo nome de diabete: especie de refinação de assucar que o doente traz no interior. Confiouse agora ao fio submarino o que aqui se não quiz confiar á imprensa...

Enfim, como S. M. tem passado bem, como já se lhe vae desobliterando a memoria, como lhe tem voltado a actidade que sempre o distinguio, devem estar satisfeitos os amaates das instituições juradas, que em breve verão o imperador tomar as redes da tipioia do Estado, agora confiadas á mão, dehil mas geerosa e magnanima, da filha do illustre enfermo.

Numa semaaa como esta en não sei como consigo ter tanta graça! Depois de ter passeiado o olhar ávido pelas folhas dos sete dias, sento-me tristoah e meditahundo, quasi lacrimante deante as tiras de papel pautado, crnelmente brancas e vasiaas. «O trabalho fez-se p'ros burros», costuma dizer, por pilheria, o meu harbeiro, que é philosopho quando não tem queixos a escanboar. Talvez que nem as proprias

navalhas lhe comprehendam o alcance da sentença profunda. Ella tem-m'o dicto muitas vezes, mas eu, que desejo illudir-me a mim mesmo, só acredito quando tenho que fornecer ao leitor fuminto o *beef* dissaboroso da minha prosa.

Para ms furtar ás torturns da concepção, que nada de apreciavel produziram o terreno safaro do meu cerebros, ahí transcrevo um pedaço da prosa do oiro de Olavo Bilac. Roubei a trecho a uma carta escripta pelo poeta da *Tentação* de Xenocrates ao poeta dos *Poemas e Idyllos*. Elle dá eloquente idéa do entusiasmo despertado por Emanuel na florescente capital de S. Paulo:

«Que fazer d'esse dinheiro? (2\$000) que sobraram da compra de nmas pilulas. ) Pensei em remetter-t'o para ahí. Mas reflecti melhor: comprei flores.

Tenho-as aqui, ao meu lado, sobre a meza: um grande e formosissimo bouquet de Camellias vermelhas e brancas. Estão baratissimas em S. Paulo. Puz-lhe ao centro um cartão: *A Giovanni Emanuel, Rodrigo Octavio*.

E logo mais, d'aqui a poucas horas, quando Othelo cabir morto na incomparavel scena final d'aquelle divina tragedia, cabir-lhe-ão aos pes as camellias com a tua saudação. Assim, longe de Emanuel, 82 leguas longe d'elle, 735 metros abaixo d'elle, terás cumprido o teu dever, saudando o artista mais assombroso qns tem vindo ao mundo. Emanuel! Emanuel! S. Paulo delira. Viva Emanuel!

Domingo á noite, mais de duas mil pessoas acompanbaram em marcha triumphal o grande actor, da *gare* ao Grande Hotel. Eu, o Gaspar, o Wenceslau e o Pujol ficámos com o peito rachado de tanto gritar. Ante-hontem a representação da *Morte Civil* foi um delirio, uma coisa nunca vista. Já não tenho voz para gritar. Mas heide gritar, heide berrar como um allucinado, porque só Emanuel é grande! Quando Emanuel for para Santos, irei para Santos com Emanuel; quando Emanuel partir para Campinas, para Campinas partirei com Emanuel; irei com Emanuel para a Côte, irei com Emanuel para a Italia, irei com Emanuel para o diabo que me carregue! Viva Emanuel!»

Depois de amanhã, segunda-feira, deve chegar de Lisboa, no *Senegal*, o grande escriptor portuguez Ramalho Ortigão.

O leitor não precisa que lns eu diga quem é Ramalho Ortigão. Todos conhecem aquelle gigante que ergneu com as *Farpas* o maior, senão o unico, monumento da critica em Portugal; todos conhecem o incomparavel chronicista da *Gazeta de Noticias*, o observador finissimo das *Notas de Viagem* e da

Hollanda. A vinda de Ramalho ao Brazil é um acontecimento de alta importância artistica e litteraria.

Elle foi o verdadeiro fundador da critica na peninsula occidental. O seu estylo inogualavel, faiscante, tersissimo, de uma maleabilidade e de uma justeza admiraveis, tem sido a arma pujanute, o ariete, a catapulta formidavel e temerosa que tem demolido todos os baluartes da convenção artistica, da rhetorica litteraria, do preconceito social. Elle tem atacado de frente, audaciosa e tenacissimamente, todos os abusos do poder, todos os ridiculos do povo, todos os desvios da sciencia, todos os erros da arte. Talento superior, com uma orientação recta e segura, com uma educação completa, com um criterio rapido e justo, com uma singular robustez de espirito e com uma audacia inenarravel, Ramalho Ortigão tem conseguido dominar todos os despeitos e todos os odios feridos.

Como Prudhoa, fez da Ironia a sua clava. A sua superioridade sobre os homens do seu paiz e da sua epocha não pôde ser contestada, o por isso o odeiam os crevés da casa Havaneza—que tanto lhe respeitam a satyra como a bengala.

Bordallo Pinheiro, fazendo-lhe a caricatura no *Album das Glorias*, inscreveu este titulo:

« Grande estylo na toilette e na escripta. » Este grande estylo na toilette já lhe tem valido alguns ataques, porque em Lisboa não se admite quem não ande vestido como toda a gente. Foi pela toilette que o censuraram nas festas do centenario de Camões. Elle apresentara-se no cortejo civico, de que tinha sido um dos organisadores, de *veston* abotoado, de grande rosa-chá na lapella e de chapéu de côco. Isto indignou a Lisboa burgueza. Elle vingou-se escrevendo um folhetim engraçadissimo em que perguntava se para outra vez o queriam « de major ou de macaco. »

José Carlos dos Santos, no seu *Album*, conta uma anecdota engraçada.

Transcrevo:

« O theatro normal deve ter sempre no seu repertorio uma peça de um escriptor, de quem as traducções valem tanto como os melhores originaes. »

« Coisa notavel! O publico custou a costumar-se áquella forma verdadeira de falar, e ás vezes parecia que desejava applaudil-o e ao mesmo tempo pateal-o!... »

« Tinha medo d'elle, do seu realismo, da naturalidade das suas phrases. »

« Uma noite chamou-o tres vezes á scena, e, na ultima, meia duzia de individuos patearam-n'o. Perguntado eu depois a alguém que vinha da sala de espectáculo, o motivo d'este facto, responderam-me: — Embirram com elle, porque traz umas gravatas que ainquem usa!... »

D'aqui a dois dias, quando o illustre e grande escriptor chegar, já encontrará a esperal-o a minha entusiastica saudação.

Elle não me conhece, eu nunca o vi— e todavia teaho para com elle uma divida insolavel: devo-lhe a formação do meu character, o desenvolvimento do meu espirito, parte da minha educação; foi com a sua obra monumental que aprendi o pouco que sei escrever e que sei pensar; elle ensinou-me a ver os homens e a ver a arte; rasgou ante mim todo um horizonte de idéas e de principios; ensinou-me a amar a verdade a sinceridade e a audacia; se eu

sei um pouco ser homem moderno, a olle o devo:

Fiquem pois estas linhas aqui, como um protesto de admiração e como um debil e pallido reflexo do meu reconhecimento e da minha profundissima gratidão.

FILINDAL.

No moderno mundo ha doisapparelhos oppostos que equilibram a distribuição equitativa do dinheiro. Um d'esses apparelhos— o apparelho receptor — é o banco. O outro— o apparelho dispersor— é a *cocotte*. Se não existisse a *cocotte*, que devora o banqueiro, o banqueiro acabaria por devorar a humanidade.

A *cocotte* é, pois, como o sapo: — um animal immundo, mas necessario. Vociferar contra a *cocotte* em nome da moral é um erro tão ridiculo como preteader regeneral-a em nome do amor.

R. ORTIGÃO.

## A GIOVANNI EMANUEL

REITADA NA NOCTE DE SEU BENEFICIO  
NO THEATRO D. PEDRO II

Quando no palco appareces,  
Alma e fiór do palco hodierno,  
D'onde vens tu? D'onde deces?  
Da estrella? Do azul eterno?

Pendidas do céu pra terra  
Ha escadas mysteriosas  
Feitas de raios e rosas  
Que branca neblia encerra,  
Por oade tu'alma risouha  
Vae aos sóes e vem ao iaundo,  
E pensa, e delira, e soalha,  
No que existe de mais fundo?

A Natureza fadon-te!  
Um deus os teus passos guia!  
Recordas a dor— a noite!  
Relembras o riso — o dia!

Teu olhar fuzila e treme,  
E' como um astro a brilhar;  
Ama, odeia, grita e geme:  
Como fala o teu olhar!

Teu gesto resume a idéia,  
Tua voz geme e sorri;  
Se choras — chora a plateia!  
Se ris — a plateia ri!

A Arte é isto — a verdade!  
Genio — é ser como tu és:  
Tens a eterna mocidade!  
E ergue-se o povo aos teus pés!

1887

ALFREDO DE SOUZA.

## ROGERIO, O RUDE

Eu um velho appareceu. Muito velho; os cabellos brancos emcalleada coma desciam-lhe aos hombros, tão brancos, tão realmente prata, que todo o ouro do dia nascente não conseguia dourar. Perdia-se sobre aquelle inverno todo o esforço de um sol pujante de primavera.

« Veas, talvez, ao meu appello? Ninguém me pôde valer. Queixa-me do

passado irrevogavel que me preparou esta vida de amnguras. Não ha remedio.

« Nada desejo, entretanto para mim; meu filho são as minhas aspirações e o infeliz, tão moço, é já um condemnado. Eu o quizera illuminado e a escola o repellio. Crescem-lhe pellos á beira da testa como orelhas de onagro e eu lhe quizera um perfil de medalha. Indicolhe a cidade, o caminho largo do successo e o selvagem reclama o campo, o campo. Quizera vel-o calcando aos pés e galanteio das princezas, tapete de corações!... e vou sorprendel-o a desabotoar amor ás virtudes camponias cheirando a estrume e a feno... »

— Tranquillisa-te. Teu filho será grande. Mas é preciso que me ouças. Deixa calhar a fouce; o trabalho é a escravidão. Miseros, aquelles que se escravizam á gleba. O pedreiro acumula a alvenaria, sobrepondo custosamente as lascas de rocha; edifica o fundamento e o esqueleto da muralha. Vem o pintor e encobre a valia de todo aquelle trabalho com a ligeira camada das tintas. E o architecto vem e debucha a linha aristocratica do arabesco, que é como uma inscripção em que se recommenda ao futuro e á gloria. E o estatuario sobre o monumento do pintor e do architecto apoia uma grande estatua, azas de bronze abertas para o céu, como um anjo insolente de genio presto a escapar-se para a apothose. Quem vae lembrar-se, deante d'esta grandeza, do obscuro operario da muralha? O pedreiro trabalha; é o servo; os outros triumpham. Triumphar é fabricar apparencias. O melhor pedestal da nossa victoria é o despeito da concorrência. A evidencia fere o despeito com um deslumbramento. Fabrica a evidencia e verás.

« Nada me perguntes. Bem sei do que digo. Sou muito velho. Chamam-me zombando o *Experiencia*, e eu me chamo Seculo. Sou filho do Tempo e vou... meu destino é ir. Os dias são os meus irmãos; passam por mim, conheço-lhes o sorriso. Toma. Este é o cofre dos meus recursos. Retira a mão, cheia quanto precisares. Tudo terás para teu filho. O condão mysterioso da caixa guarda expedientes contados pelos teus desejos. Tudo terá teu filho. Será grande, illuminado, poderoso. Vencerá distancias sociais e altitudes de prestigio. Fidalgo? É pouco. Principe? Pouco. Moarcha? Ainda pouco. Elle será Papa! Chamar-se-á — Leão. »

E o velho extinguiu-se a uma evasão de sonho, desfeito em nevoa, em nada, como uma forma de vapores no espaço, deixando apenas por momentos a impressão lucida das alvas barbas, como a lembrança de um meteoro.

« Fabrica a evidencia e verás, dissera o velho, fabrica e evidencia. Mas é incrível! A alma latente do mundo não se revela assim... mas este cofre é real, é positivo. Uma illusão palpavel?! E o que será então a realidade? Abramol-o e ensaiemos. »

Aberto o cofre, foi como um derramamento de Paraiso. Expandio-se no ambiente uma sensação de ventura que chegou até ás flores. Os pedunculos dobraram-se vencidos, ternos da morbidez langue do ar,

« Que meu filho appareça. »

E mal fóra este desejo enuciado que surgiu em pessoa Rogerio, o rude, olhos obliquos de selvagem, pellos far-

tos á beira da testa, como orelhas de onagro:

« Que me quereis, pae? »

— Que sejas nutrido... »

E ali mesmo, a olhos vietes Rogerio inchou como um balão, arredondou-se de plastica; exhibiu-se ás ambições paternas, bochechudo como um sopro de Eolo, alteadas as protuberancias da carne em polpas de adipe, avançado e ostensivo o umbigo em prospero ventre de Sileno joven.

« Que sejas bello... »

E no mesmo instante, sobre a gorda prosperidade de Rogerio, abriram-se as rosas da formosura. Esvairam-se os pellos do onagro; o oihar obliquo do selvagem endireitou-se em franca perpendicular, temperada de atrevimento. Fossem lá reconhecel-o, dentro d'aquella frescura macia de côres e de carnes, esgaravatar-lhe a mingudissima parcella de boçalidade agreste que lhe servia de alma, nos intersticios da ironia d'aquelle perenne sorriso de bailarina petulante.

« Que detestes convictamente o campo e todas as suas tentações. »

E no coração de Rogerio nasceu de subito extranho mal estar, a febre dos predestinados; especie de saudade absurda de cousas desconhecidas, grandes ruas, vastas praças, tumultos e movimento durate o dia, luz e festas durante a noite; séde de viagens e fome de aventuras, avidez intensa por grandes tentativas e maiores exitos. Apagou-se a memoria dos primeiros annos, a meninice de poldro solto, a adolescencia de bode farto. Fugio-lhe de vez o aferradissimo apego aos idylls do estrume e dos fenos.

« Parte, meu filho, e vae pelo mundo. Grande has de eer, illuminado e poderoso. Fidalgo? E' pouco. Principe? Pouco. Monarcha? Ainda pouco. Tu serás Papa! Chamar-te-ás Leão. Parte! »

E tantas vezes abriu-se o cofre dos recursos que, Rogerio o rude subio ao throno pontifical.

Mordei-vos, despeitados! Invejosos, imitadores e plagiarios, basbiques das honrarias que levas a vida olhando para o alto, impotentes de todas as categorias e de todas as ambições, mordei-vos! Elle triumphou. Enthronisou-se no superlativo da pose. Tudo que se arma na terra de brocado e ouro, tudo elle foi; hoje, é Papa e chama-se Leão. Dobrae o joelho; beijae-lhe as pegadas, que cada prego do seu calçado grava no chão um sello de santidade. O favor de um só dos seus olhares exalta-nos e nos enche com a munificencia de Aesuerus. Que se ha de fazer ao homem a quem el-rei quer honrar? Elle olha e basta. Aquelle olhar veste-nos do linho real, e, sobre opulentos jaezes de um corcel altivo, passeia-nos através dos applausos de uma capital em delirio.

Roma é o scenario do seu triumpho, a herdeira uiversal do esplendor artistico das edades, do apparatus ostentoso da humana vaidade no passado, metropole arrogante de todas as emphases do catholicismo, orgulho da gloria dynastica das proprias traducções.

La está.

Deante, rojam-se os cardeaes, fazendo agitar-se em mar de sangue a multilões dos hombros em cabeções vermelhos. Maie baixo, no esenro, a maesa miseravel de uma população prostrada. D'essa humilhação e d'essa ombrá,

oleva-se apenas, medroso aiada assim da se elevar, um murmuro de prece. Ao redor do throno, soho o doce, vistosa homenagem da Arte, imagens que passam com a expressão celestial dos rostos de Fra-Angelico, visões da Capolla Sixtina, academias funambulescas que se contorcem, acrobatas do terror, que se despenham de toda a altura do Ceu e da Fé—povoando o espaço de aspectos contradictorios em grandiosa desordem, emquanto vibra a avulta, solemne na cupola enorme, a musica dos extases de Santa Cecilia.

E elle no centro, Rogerio, hojo Leão, nutrido o bello, em seda branca, da cor das transfigurações, sob a thiara de ouro, pasmado de se ver tão grande, mal avistando ao longe, na multidão, o pae que o adora de haixo, acaçapado e satisfeito!

Até que um dia, notando-se-lhe espantosa immobildade, como se pela magia transformadora das grandezas, acabasse por se consubstanciar o enthronizado com o throno, alguém usado subio até á eminenca a verificar.

Levantaram-lhe a thiara como uma tampan, e viram, maravilha! e viram, no fundo, socco, mirrado e reduzido...

Rogério, o rude, morrera havia muito, dentro d'aquella armadura de esplendor e de apparencia, da nostalgia dos seus campos, represalia terrivel da boçalidade ludibriada.

RAUL POMPEIA.

Um grande livro, profundamente benéfico, que hoje se deveria fazer, seria o que tractasse da influencia das esposas sobre a missão social dos grandes homens.

R. ORTIGÃO.

## VASSALAGEM

(PANTOUM.)

Passa, levando o balsamo das rosas,  
A viração, que o bosque todo embala,  
Amo-te, ó mais formosa entre as formosas...  
Fala, que eu te ouço embevecido! Fala!...

A viração, que o bosque todo embala,  
Beija da gruta a negra hocca e foge,  
Fala, que eu te ouço embevecido. Fala!...  
Consente, deixa que a teus pés me arroje!

Beija da gruta a negra hocca e foge,  
Foge a lufada tepida e sonora...  
Consente, deixa que a teus pés me arroje!  
Divina! Tu és do peito meu s'nhora.

Foge a lufada tepida e sonora...  
O sol parece um gladiador na arena!  
Divina, tu és do peito meu senhora!  
Senhora minha, eis teu vassallo: ordena!

O sol parece um gladiador na arena!  
Estrepitando, atira-se a cachoeira...  
Senhora minha, eis teu vassallo: ordena.  
Floresta negra é tua cabelleira.

Estrepitando, atira-se a cachoeira  
Da rocha bronca na ruguenta espadua.  
Floresta negra, a tua cabelleira,  
Bandido, armado de osculos, invado-a!

Da rocha bronca na ruguenta espadua,  
Manto de musgo vejo. O Céu tem ninhus.  
Bandido, armado de osculos, invado-a,  
Essa coma adornada de corymbos.

Manto de musgo vejo. O Céu tem ninhus.  
Quanta sanefa florida na veiga!  
Essa coma, adornada de corymbos,  
Contrasta com teus seios pomha meiga.

Quanta sanefa florida na veiga!  
De aves festivas cruzam-se revoadas.  
Contrasta com teus seios pomha meiga,  
Teu olhar, que tem noites e alvoradas.

De aves festivas cruzam-se revoadas,  
Lembra o horizonte um muro de alabastro.  
Teu olhar, que tem noites e alvoradas,  
Seduz-me; mata-me esse olhar, esse astro!

Lembra o horizonte um muro de alabastro.  
A trepadeira um velho tronco enreda.  
Seduz-me, mata-me esse olhar, esse astro!  
O aroma dos teus labios me embebeda!

A trepadeira um velho tronco enreda.  
O colibri—passa, galhardo e louco!  
O aroma dos teus labios me embebeda!...  
Sentes a brisa que osculou-te, ha pouco?

O colibri passa, galhardo e louco,  
Pedindo amor ás petalas mimosas!  
Sentes? A brisa, que osculou-te, ha pouco,  
Passa, levando o balsamo das rosas.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

### O actor Brazão julgado pelo actor Santos

Rnmalho Ortigão e Pinheiro Chagas por varias vezes me disseram:

— Porque não faz você o Othello?  
— Ah! meus amigos, se eu pudesse... se tivesse forças... mas o monstro pôde esmagar-me; ainda tentei por dozes homeopathics ver se conseguin domesticar a fera.

Fiz-lhe um cerco com o Antony e o Frei Luiz de Souza; mas a arca do peito ainda não tinha poder sufficiente e os pulmões e a larynge podiam atraçõn-me... portanto, recuei... resignei-me... fugi... não me envergonhei de o confessar. O actor que se quizer medir com semelhante adversario precisa de contar bem com os seus recursos. Triste do que, tendo de fazer um papel de tal ordem, vá na esperanza de que os mais lhe digam:—fez o que poudo. Ali não ha meio termo: ou vencer ou morrer. Aquelle carneiro preto, como lhe chama o proprio Shakespeare, aquelle doente que precisa de ser estudado pathologicamente, como aconsella o Francisco Hugo, não é para a nossa educação theatral nem para a nossa organização. Brazão não tem peito, nem gesto, nem olhares, nem garganta, nem pulmões para fazer o Othello, nem o Hernani, nem o Ruy Blas. Devia fazer admiravelmente o Carlos V e o D. Cezar de Bazan. Pôde desengannar-se e talvez seja um bem para a sua saude. *Elle bem o sabe, e o publico já lhe disse que nunca poderá fazer tragedia.* Será sempre um primeiro actor de alta comedia, um gentleman, um duque, um diplomata, de uma apresentação distincta e digna; se quizer será o nosso Delaunay. Faça o Duque de Aleria, *Por causa de uma carta*, o *Misanthrope* de Molière, *O copo d'agua* de Scrib. *O duque Job* e todo o repertorio de Alfredo de Musset, até que os auctores portuguezes lhe escrevam peças originaes em que possa brilhar o seu talento. Olhe o meu amigo que vale mais ás vezes andar cá por baixo á enca dos rouxinóis, do que trepar aos pincairos das montanhas com a ambição de conquistar a rainha do ar... ás aguias não se deita facilmente a

mão... Repare bem o meu collega Brazão que não disse não ter estudado os papeis que citei com amor, nem mesmo que os não tivesse comprehendido: disse apenas que não é aquelle o seu genero e que não tem folego para tanto. O Sr. Olivier de Jalia, do *Demi-Monde*, o duque de Richelieu da *Mademoiselle de Belle Isle*, o o Alma Viva, do *Barbeiro de Sevilha*, valem tanto como o Hernani e o Ruy Blas; estude-os, e com os seus recursos verá o resultado que tira. Eu bem sei que os outros seduzem mais; mas é necessario que um actor tenha a coragem de não se illudir e de resistir a tentações.

Um artista que representa deante de um publico que paga não pode ter escarpichos de um amator de theatro particular. Dir-me-á que o Delaunay tambem fez o Hernani, sendo um galan de alta comedia; é verdade que fez, e eu vi-o, foi em 67, no tempo da Grande Exposição Universal; mas concorreu para isso, não a sua vontade, como applicou a Paul de Saint-Victor numa carta. Napoleão III tinha levantado a excommunião a Victor Hugo, o o seu governo consentio e ordenou que o theatro francez, de onde o *Hernani* estava banido ha muitos annos, voltasse á scena com todo o esplendor, e que os primeiros actores da *Comédie* apresentassem aos visitantes que se achavam então na grande capital os sublimes versos do Homero do occidente.

Não havia nesse tempo na Comelia Franca quem pudesse fazer o papel senão Delaunay.

No quinto acto já ninguem entendia palavra; se elle estava fora do seu genero... se não podia... mas confessou-o, declarou-o pela imprensa. Estas coisas nunca fica mal confessal-as.

Rossi disse-me uma vez: «Não tenho medo do Salvini senão no ultimo acto do *Othello*. A peça que eu mais desejava representar é o *Ricardo III*, mas não me atrevo, vejo sempre deante de mim o meu mestre.»

Salvini representava esplendidamente o *Milton*, mas quando era cumprimentado pelo seu brilhante desempenho, não deixava nunca de confessar: «Sim... será assim... mas é preciso ver Majerone.»

Depois, quando se dá tragedia numa dicção falsa, a garganta resente-se, os órgãos vocaes desafinam, e quando se volta á comedia as notas sahem asperas, estanguladas e rouquenhias.

Representar seis noites consecutivas uma tragedia, e no dia seguinte uma alta comedia, para isso são precisos dotes excepcionaes e uma voz privilegiada. Ficar morta da cansaço, fatigada da larynge, depois de representar D. Sol, *Phedra*, *Adrianna Lecouvreur*, sem intervalo de dias para descansar, e representar em seguida a *Celime*, a *Belle-Isle*, e a *Mlle. de la Seiglière*, hoje, para esses milagres, só a voz de ouro de Sarah Bernhardt. Portanto, meu collega, aproveite destas mal alinhavadas linhas o que lhe parecer, e olhe que fui amigo, não o comparei a nenhum buccado de lona velha; para mim é o Sr. Delaunay portuguez.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1885.

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS.

Do «Alhum do actor Santos.»

A servidão não se elimina por um simples decreto.

R. ORTIGÃO.

## VERSOS E VERSÕES

RAYMUNDO CORREIA

«... mas para logo destaca-se uma aiada certeza: — que se acabou de ler um livro finissimo, de um profundo e luminoso poeta... São phrases d'outro cantor de illuminada mente, Lucio de Mendonça, theorista, desde academico, da absoluta independencia da Arte com relação á Mornl.

(Lucio foi quem primeir) entre nos propoz, para a esthetica da linguagem rhythmica, o lemma arvorado em mandamento pelo *parnazianismo* francez—a Arte pela Arte.)

Dahi o sentir-se elle ferido de religioso nssombro no percurso d'esso maravilhoso Alhambra, aureo e marmoreo, da poesia brasileira — os *Versos e Versoes*.

Quanto a mim, quasi identica impressão á confessada pelo poeta das *Alvoradas* cauzou-me a leitura dos versos de Raymundo, com esta differença, que eu diria, para mais exactamente pintar a nuança do meu sentimento: — «livro profundo e luminoso de um finissimo artista.»

Em Raymundo, mais vezes do que vão junctos, o artista supplnata o poeta.

Quando este, não raro, deserta do sanctuario onde pereune devern arder o sagrado fogo, deixa por si o primoroso artifice do verso, manejando com inexcédível habilidade na paciente execução de rendilhados poemas—«pincel, lapis, buril, einzel e penna.»

D'ora avante não precisaremos, os poetas brazileiros, de ir á outra banda do Atlantico estudar na poesia de Junqueiro modelos de impeccavel fórma; nos *Versos e Versoes* deu-nos Raymundo um compendio das mais brilhantes, mais bellas e mais insolitas combinações rhythmicas.

Se, como poeta, ninguem é artista quanto Raymundo; como artista da palavra nenhum outro, quiçá, depois do seu recente livro, o avantaça, entre quantos escrevem portuguez, no poder expressivo da linguagem; nem mesmo Camillo, o domador da lingua, nem Ramalho, opulento e brilhante, nem Queiroz, o atticio, que escreve em laminas de bronze com estyléte adamantino.

«Dentro, na esconsa mesa, onde fervia Fulvo enxame de moscas sussurrantes, Num raio escasso e tremulo do dia Espanjando as azas faiscentes,»

Aqui estão quatro versos que parecem ter sido feitos descuidadamente; entretanto é tão rigoroso o seu lavor artistico, que nem uma d'aquellas palavras poderia ser substituida sem prejudicar a pintura, com tanta unidade executada e feliz acerto de tons; não só dos imitativos—fervia fulvo enxame de moscas sussurrantes,—como dos representativos—espanjando as azas faiscentes, num raio escasso e tremulo do dia.

«Vi-o;—bebedo estava, e iobriantes E capitososinhos mais bebia, E em tedio, como os fartos raminantes, A larga bocca estúpido movia...»

Com que arte sobria está retratado o ébrio! Que longo e modulado bocejo lhe escancara a hocca! Com que fino

tacto foi posto ali nquelle *movia* de tão extraordinario effeito pittoresco!

Não são taes exemplos raros; antes, vem cheio o livro d'outros e mais pro-  
hantes, que tornam difficil a escolha.

No *Enterrado vivo* quanta belleza descriptiva accumulada em quatro versos:

«E, pesada, eo ranger da mola ferrugenta.  
A sege, que te leva, ha de rodar, tirada  
Por mãos cavallos, brusca, aos solavancos,  
lenta,  
Morosa pela estrada»

Só um artista de sentimento estheticamente apuradissimo, poderia achar ua lingua os elementos phonicos para construir aquelle terceiro alexandrino, tão brusco e movimentado como o trambolhão de que dá a ideia.

Varella deixara-nos estes dous ce-  
lebres versos onomtopicos:

«Resvalam as balas, relincham cavallos,  
Retumbam, rhombam, bombardam e me-  
trelham»

Raymundo excede-o nesta e atupenda onomatopeia:

«... á tua humilde tumba  
Lançam a terra soita, em montes, junto á  
campa;  
E cada pá de terra a detonar retumba  
De tumba sobre e tampa...»

Não só na ecclha, mas na expon-  
tanea invenção dos sons imitativos das  
vozes naturaes, é este poeta por vezes  
surprehendente:

«Dessas manhens, ironica e funesta,  
Flores da Juventude e da alegria  
Tu semeaste, entre as risombas galas;

«Mas do vento, que, na herpa da floresta,  
Gudia e soluça, antes do fim do dia,  
Veiu o primeiro sopro desfolhal-as...»

*Gudia* e soluça... hestava a Ray-  
mundo haver creado aquelle neolo-  
gismo admiravel, para a lingua portu-  
guesa ser-lhe devedora de uma divida  
inaolvel. *Gudia*!... Isto não é um  
vocabulo, é a corporisação do gemido  
do vento ne floresta, é uma entidade  
phonica, real e falante, a que Ray-  
mundo inauflou a vida.

De bellezas semelhantes poderia vir  
aqui longa enumeração, que d'ellas  
está inçado em cada pagina o livro de  
Raymundo; bastam, porém, es citadas  
para caracterisar e extraordinario poder  
de expressão d'este talentoso es-  
criptor.

Os nossos poetas entusiastas, Va-  
rella, Castro Alves, Alvares d'Azevedo,  
José Bonifacio, quando lhes leio os  
arrojados poematos e as soberbas ódes,  
— *Pedro Ivo*, as *Vozes d'Africa*, *O Redi-  
vivo*, — tenho a estranha sensação de  
os estar vendo passar como a terrivel  
figura de Mazzeppa, levados em tur-  
hilhão sobre o dorso de um corcel indo-  
mito, sem brida, relinchante, crina  
revolta, bufando um resfolgo ardente  
pelas narinas ebertas ás virações do  
dezereto.

Quando leio Raymundo, transforma-se  
o devaneio; e é um picador de alta  
gineta que a imaginação me afigura,  
impassivel, correcto, cevalgando um  
poldro branco de nobre raça; o verso:  
— ardente mas docil á brida, cur-  
veteando airoso sobre a fina areia das  
alamedas, innum quieto parque fidalgo  
de velhas arvores magnificas e inuteis.

No escritorio d'este primoroso artista  
admiro por equal tanto os diamantes  
como os pingos d'agoa; o que me mara-  
vilha é a nitidez do polimento e a syme-  
tria das facetas. Valem pelos melhores  
*versos* do livro aquellas *versões*, imita-  
ções, para-phrases, nas quaes Raymundo

consegue, mais do uma vez, estar acima  
dos modeloa, pela nrte com que apro-  
pria alheios pensamentos, dando-lhea,  
entretento, brilhante relevo na vigo-  
rosa orchestração dos seus versos.

Essas *versões* (de Hugo, Richepin, Le-  
conte de Lisle, Rolinet, Gautier, Cettulle  
Mendés, Coppée,) não trepido em confes-  
sar, após confronto, que muitas d'ellas  
tenho por superiores aos respectivos  
originaes, tão bellos são os effeitos sym-  
phonicos obtidos por este musico do  
verso.

Pena é que Raymundo não ponha  
ao serviço da natureza patria aquelle  
peregrino attribuido do seu talento;  
senão, de que magnificas télas se opu-  
lhentaria nossa litteratura, tão pobre de  
originalidade!

Quão preferivel seria que elle, em  
vez, por exemplo, de copiar o bello  
quadro africano de Leconte de Lisle —  
a *Panthera Negra*, surprehendesse cer-  
tos aspectos da nossa Natureza e nos  
désse paizagens originaes, hrazilleiras!

... Uma restinga de matto, á beira  
da lagôa, e, circumjazendo, a perder de  
vista, campinas verdejantes de macega  
tenra. Ao longe passaam gaúchos, á  
desfilade. Vem vindo, o gado, sedento  
ao behedouro. Do arvoredado umhroso,  
cauto espreitando, um tigre faminto  
assoma...

Subito, um pulo, e eil-o que préa a  
novilha mais nedia da manada. Muge,  
fugindo, o gado temeroso; a fera sotur-  
namente ruge e crava as garras na  
tremente petrina da rez presa. Pelos  
ares, grasnantes, vão-se aa aves palustres  
avoando; e, aheberado em sangue  
e farto, lente, felinamente, o tigre volve  
ao esconderijo do arvoredado umhroso.  
Entardece...

No entanto, a pouco e pouco, o ser-  
tão immenso se despoava e silencia...  
Como isto seria bello pintado por  
artista de raça como Raymundo, com  
o colorido tropical de sua palheta opu-  
lenta de tons quaentes!

Dir-me-ão que o juiz de Vassouras  
não é atreito a palmilhar sertões, nem  
goitaria de enfrentar com feras hra-  
vas, elle, o poeta nervoso e delicado, que  
tanto praz-se no doce convívio das Mu-  
ses, *sub tegmine fagi*.

Mas, e inda assim, se aquelle primo-  
roso artista só contempla a Natureza  
agreste atravez do prisma da phan-  
sia, no aconcbego do gahinete, porque  
não poussa os olhos do espirito sobre  
céus e terras do Brazil, em vez de  
andar perlustrando continentes e hori-  
sontes longinquoos?

Resumindo-me: Raymundo Corrêa é  
antes um artista sabio do que um  
poeta inspirado. Os seus versos contém  
mais idéias do que sentimentos. Mui  
pouco subjectivo, raro nos deixa ver  
a alma delicada, e es doces emoções  
que a agitam. Aquelle admiravel so-  
neto das *Symphonias* — *Mal secreto* — tem,  
todavia, mais de um éco no recente  
livro de Raymundo: *Renascimento* é um  
d'elles.

Variando surprehendentemente a es-  
tructura, tamhem varia o poeta a auh-  
stancia dos seus poematos. Na *ponta de  
uma flecha* é um exemplo de graça e  
mimo madrigalescos. *Lodo e estrellas*  
são versos superiores a toda aprecia-  
ção, pelas pinturas que encerram.

E, como esses, muitos, muitos, mu-  
ltos.

Mas quando o poeta predomina sobre

o artista, é então que mais admiro  
Raymundo.

Indico entre outros os *Versos d' me-  
moria de Arthur Barreiros* e os *Sobre a  
morte de Hugo Leal*, sendo os primeiros  
insolitamente metrificadoss, além de  
profundamente meditados.

Haverá algures mais fiel retrato mor-  
tal do poeta do que o contido nestes  
versos?

Este, a que o mundo elbar e ouvido  
Tape e detesta;  
Que, falle á turba e é sempre d'esta  
Incomprehendido;  
Ante ella, a fronte, onde lhe brilhe  
Rutilo estemma,  
Digno de regio e aureo diadema,  
Jamais humilha.  
Se a esponja esgota, em sorvos lentos,  
Que o humor amargo  
Abeberou, do oceano largo  
Dos soffrimentos;  
Tambem um sacro fetichismo  
O alenta, e, errante,  
De sonho em sonho, eil-o em constante  
Sannambulismo.

O veio donde promena abundante a  
poesia de Raymundo não se exaurirá  
tão cedo, porque este artista do verso  
meis pensa do que sente. Auguro-lhe  
outros estadios cada vez mais aproxi-  
mados do superno Ideal.

A arte é a sua religião, elle ha de  
chegar á phase do arroubamento exta-  
tico. Nesse tempo dar-nos-á a obra  
prima da poesia hrazilleira.

Entretantes, vae cada vez mais ae  
incompatibilisando com o vulgo, e dis-  
tanciando-se do applauso das turbas.

Nunca será poeta popular.  
Raymundo é um artista para ser lido  
por athenienses.

S. Paulo — Julho, '87.

EZEQUIEL FREIRE.

E' a natureza que dá a commoção, é  
o estylo que faz a obra, é o homem  
que faz o estylo, é a sciencia que faz  
o homem.

R. ORTIGÃO.

ULTIMA ESPERANÇA

A RODRIGO OCTAVIO

— Foi aqui! foi aqui — disse consigo, —  
Arrebatou-m'o a rapida corrente,  
Meu pobre cão, meu derradeiro amigo! —  
E resolutto, heroico, de repente,

De agua se lança, impavido, ao perigo,  
Ae ondas vence e de vencel-as, sente,  
Sente que vae morrer longe do obrigo...  
E nisto ouve uma voz soturnamente,

E mais se escuta agora a voz morrendo...  
— Meu pobre cão! mais um miunto! (E, irado,  
Sube á garganta o coração batendo.)

E elle, o vencido, misero e sançado,  
Ouvio a nrha viscera gemendo:  
— Tu inda tens um cão, ó desgraçado!

VII—1887.

JOÃO RIBEIRO.

Se é difficil o saber ser mãe, é mais  
difficil ainda o saber ser esposa.

R. ORTIGÃO.

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedules recebidas  
até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?  
O Guerany..... 73 votos  
Memorias posthumas de Braz  
Cuhas..... 55 »  
Motta Coqueiro..... 30 »  
O Ermitão de Muquem..... 18 »  
Fatalidade de dois jovens.... 8 »  
Vicentina..... 1 »  
Memorias de um sargento de  
milicias..... 1 »  
Luciola..... 1 »  
João e Francisco..... 1 »  
O seminarista..... 1 »

Qual o melhor livro de contos ou  
novellas?  
Papeis avulsos..... 57 votos  
Historias sem date..... 30 »  
Risos e galhofes..... 8 »  
Lendas..... 7 »  
Leitura variada..... 1 »  
Pillerias..... 1 »

Qual o melhor drama?  
Mãe..... 85 votos  
Lixo e vaidade..... 24 »  
Antonio José..... 15 »  
O mulato..... 10 »  
Os dois emhuçados..... 1 »  
Omphalia..... 1 »  
Martyrios de uma familia.... 1 »

Qual a melhor comedia?  
Versal de Reis..... 85 votos  
O Fantasma branco..... 52 »  
O noviço..... 38 »  
Demonio familiar..... 30 »  
Como se fazia um deputado.. 25 »  
Amor por anexins..... 8 »  
Os sonhadores..... 8 »  
Uma scena no sertão de Minas 1 »  
O pobre namorado..... 1 »  
O Cluh Godipan..... 1 »

THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

Companhia do theatro D. Maria II

OTHELLO

Na quinta-feira da semana passada  
fez beneficio com a primeira represen-  
tação do *Othello*, o notavel e diatinctis-  
aimo actor Brazão.

Os seus admiradores, que são todos  
quaentos têm assistido aos seus pro-  
gressaos e aos seus triumphos, fizeram-  
lhe nessa noite de festa uma brilhanté  
e ruidosissima ovação, e offereceram-  
lhe muitos e valiosos mimos.

Sobre a tragedia monumental de Sha-  
kepeare já demos a nossa opinião, o  
que nos dispensa de apreciar-a agors.  
Tractaremos, portanto, unicamente do  
desempenho que lhe deram os excel-  
lentes artistas da companhia portu-  
guesa.

Infelizmente—e com desgosto o di-  
zemos—Brazão não é actor para reprodu-  
zir o grandioso personagem de Shakes-  
peare. Othello é um papel de grandes  
linhas e de largo folego. Exige um  
actor de solida musculatura e de am-  
plos pulmões. Aquelle desvario de  
paixão, aquella violencia de tempera-  
mento, a propria natureza e a propria  
historia do personagem reclamam con-  
dições physicas de que não dispõe o no-  
tavel e brilhante actor portuguez. Assim

pois, o seu Othelo não podia deixar de ser um Othelo pequeno, mesquinho, acanhado, sem as proporções que lhe traçou o genio portentoso do Eschylo inglaz. Brazão, finissimo e superior artista para a comedia moderna; natural, elegante, distincto e verdadeiro nos salões do grande mundo e da aristocracia franceza, entende que ha duas verdades na arte, e representa a tragedia a declamar, emphaticamente, quasi cantando; de modo que os personagens absolutamente humanos de Shakespeare parecem personagens de opera lyrica, tão falsos, tão convencionaes, tão mentirosos ficam.

Dizer que o notavel e sympathico actor segue caminho errado representando a tragedia, é rigoroso dever da critica desapaxonada e sincera, pois que a um artista de talento, que tem vontade, que tem aspirações e que estuda, não se deve nunca negar a verdade, nem vacillar na manifestação franca e singela da opinião. Dizer-lhe isto agora, não é tambem novidade: já lh'o disse ha dois annos o grande mestre do theatro portuguez moderno, o inditito actor José Carlos dos Santos. Em outro logar d'esta folha encontrará o leitor o artigo em que Santos julga o seu collega Brazão, com a isempção de animo a que lhe davam direito o seu saber, a sua posição e a sua desgraça. Nesse artigo poderá ver o leitor que tinha razão no que disse na sua *Historia dos sete dias* do numero passado o nosso collega Filindal.

Apointar a um artista a estrada larga e luminosa da gloria quando elle envereda por trilho errado; dizer-lhe que seja grande no genero em que o pôde ser, e não queira ser menos de mediocre em outro genero, ainda que mais seductor, — não é querer-lhe mal; é querer-lhe bem, é estimal-o, é prezal-o, é ainda a melhor maneira, a mais criteriosa e sensata, de admiral-o.

Brazão, para attingir a realidade dos seus sonhos de gloria, para deixar de si uma reputação immorredora, não precisa fazer a tragedia.

Delanay e Coquelinsão os dois mais gloriosos artistas do theatro da França, e sempre foram actores de comedia.

..

O Yago que nos deu João Rosa é perfeitamente o Yago que sempre imaginámos: Perfido, capcioso, maligno, calumniador e insensível, mas de apparencia atrahente e sympathica. E' possível que estejamos em erro com o notavel artista, mas não comprehendemos que os Yagos sombrios e soturnos, assim como os carregadamente grosseiros, possam illudir todas as pessoas que se lhes aproximam, e até a propria esposa, que lhe não conhece senão no final da peça, e com extrema indignação, toda a baixeza do caracter. No *Othelo* que nos deu a companhia portugueza foi supprimido todo o segundo acto, onde se accentua poderosamente, na acção e em dous bellos monologos, o typo do alferes veneziano. A supressão do segundo acto é duplamente desastrada: falseia e torna incomprehensivel a urdidura dramatica da peça, e rouba ao papel de Yago a impressão decisiva, o traço profundo com que o genio de Shakespeare nesse acto desenhou o seu famoso personagem.

João Rosa, dada aquella interpretação — qua applaudimos porque nos paraca a verdadeira — fez uma esplendida criação. O seu typo apparece-nos inteiriço, rigorosamente desenhado,

com uma egualdade sorprendente, com uma cohesão admiravel entre a acção e os factos.

O dialogo do segundo quadro com Rodrigo — *Mette dinheiro na bolsa* — foi dicto primorosamente; o estribilho é proferido no mesmo tom da phrase que o precede, e é de notar o intenso e bello colorido de toda a fala, que pela sua longura offerece ao artista uma grande variedade de tons. Vê-se com que amor, com que cuidado e com que methodo o artista estudou o seu personagem. Ha no Yago de João Rosa um grande e admiravel trabalho de minucias, de pequeninas observações parciaes, que dão ao personagem um caracter perfeitamente definido, de uma nitidez extraordinaria. Um trabalho magistral, emfim, que honra um artista e salva uma peça.

Virginia fez rasoavelmente a sua *Deademonia*, com muita suavidade e ternura.

Falco fez bem o papel de Emilia; teve scenas felizes, principalmente aquella em que, no quarto acto, responde ás interrogações de Othel.

Os outros papeis, todos secundarios, foram regularmente feitos.

## UM PARISIENSE

Na terça-feira foi o beneficio de Augusto Rosa. Este artista é um dos que maie, e com mais justiça, têm merecido as sympathias do nosso publico. E' um actor extraordinario, de uma feição muito original, talvez unico na nossa lingua para o genero de papeis a que mais especialmente se dedica. E' um impassivel, que diz admiravelmente, com graça e extrema delicadeza. O seu mérito excepcional, não tem sido por ventura apreciado na devida conta, porque o seu genero não é o que mais fala ao publico.

A comedin de Gondinet, que elle escolheu para seu beneficio, é uma comedia de entrecho simples. O auctor procurou e conseguiu esboçar o typo do *parisiense blasé*, adstricto ao seu *boulevard*, que do mundo apenas conhece a França, da França apenas conhece Pariz e de Pariz apenas conhece o *boulevard*. Homem despreoccupado de tudo, gasto em todos os requintes do luxo, da alta elegancia, do *grand-monde* e do *Sport*. Os tres actos não têm quasi acção; são a apresentação d'esse typo, tão particularmente parisiense que não pôde quasi ser comprehendido fóra do seu meio. Sob este ponto de vista a comedia é admiravel. Mas tambem tem muito espirito e bellas phrases, d'aquella originalidade picante de que só os francezes têm o segredo.

O desempenho que ao protagonista deu Augusto Rosa foi verdadeiramente notavel. Correcto, elegante, vagaroso, imperturbavel, mergulhado no seu egoismo, no seu amplo e sereno goso da vida, inquietando-se com futilidades e não se importando com o que é realmente sério, foi como Augusto Rosa comprehendeu e executou o seu personagem. Fel-o com muita egualdade e serenidade artisticas, sem effeitos que não resaltassem directamente da propria natureza extremamente delicada e fidalga do seu typo. Um bello papel.

Silva Pereira esteve magnifico no papel de Pontaubert, um papel que quasi não tem que dizer, e que elle fez com grande relevo, caracterisando perfeitamente o seu typo.

Costa fez um *Savourette* pittoresco e engraçadissimo, um bom marido feliz na sua enfelicidade, de um comico inexcusavel.

Baptista Machado quasi uada teve que fazer no seu pequeno pspel.

Carolina Falco fez muito bem a Sra. Pansubert a Amelia da Silveira fez uma graciosa e gentil Geneveva, muito iugueua e amavel.

Depois da comedia, Brazão recitou o monologo *A mosca*, uma deliciosa imitação de Fernando Oalleira. Não se pôde dizer um monologo com mais delicadeza e mais graça, nem mais finalmente sublinhando intenções. Um primor que mereceu prolongados applausos do publico e que nos deliciou. Augusto Rosa tambem recitou muito bem o monologo *O naufrago*, de Coppée, muito mal traduzido, o que lhe tirou toda a intensa emoção dramatica que tem o original francez.

Os admiradores de Augusto Rosa fizeram-lhe uma bella festa e offereceram-lhe muitos presentes de valor e de gosto. Os nossos cumprimentos.

## RECREIO DRAMATICO

Subio ante-hontem á scena, pela primeira vez neste theatro, o sfamado drama de José Romano — *29 ou honra e gloria*.

A peça está bem ensaiada, montada a capricho e são de excellente effeito as suus scenographias.

Encarregou-se do papel de *29* o actor Dias Braga, dando-lhe bella interpretação e relevo.

Helens Cavalier d'isse com muito talento o seu papel de Maria; Balbina fez perfeitamente o de Angelica; Maia' no de *Escopeta-rancheiro*, deu-uos um bom typo e manteve-se com agrado geral em todas as suas scenas; Castro, no de *Bataludo*, nada deixou a desejar, encarnou-se muito bem no seu personagem e trouxe os espectadores em continua hilaridade.

Os demais artistas concorreram na altura de suas forças para o bom desempenho do drama.

Ismenia, a nossa primeira actriz dramatica, faz beneficio na proxima semana com a primeira de *Lucrecia Borga*, grandioso drama de Victor Hugo.

## D. PEDRO II

O beneficio de Emanuel na noite de 29 do passado foi uma festa inenarravel, estrondosa, a maior, talvez, que aqui se tenha feito a um artista.

As folhas diarias já deram d'ella uma idéa. Nós, desistimos de tentar descrevel-a. Após o espectáculo, cerca de duas mil pessoas acompanharam o grande actor até á sua casa, em gloriosa *marche aux flambeaux*.

Emanuel falou de uma janella, agradecendo, e terminou saudando o Brazil. Respondeu-lhe o director d'esta folha, congratulando-se com os finmenses pelas festas a Emanuel e erguendo-lhe o ultimo viva.

Em outro logar da folha publicamos os versos recitados pelo nosso compa-

nheiro Alfredo da Souza e transcrevemos o correcto e inspirado soneto de Generino dos Santos. Distribuido em avulso, e que figura no quadro offerecido a Emanuel pelos alumnos da Academia de Bellas Artes.

P. TALMA.

Decoração ou expressão, convencionalismo ou realismo, imitação ou sinceridade, eis o dilema da arte contemporanea.

R. ORTIGÃO.

## A EMANUEL

NA NOITE DE SEU BENEFICIO

Ah! il mio pensiero faticoso!...

W. Shakespeare, Hamlet, Act. I. Scen 3.

Perguntaram-me, ao ver-te, o que era a Arte  
E eu, que bem sei que a Arte é a Natureza,  
Não tal qual ella é, mas, com certeza,  
Como o Artista a sentio por toda parte;

Vendo-a através de ti, pus-me a estudar-te,  
E achei que lhe imprimias tal grandexa,  
Que bem não sei se era a Natureza  
Humana aquillo... e disse: «Aquillo é a Arte»

Quando te vi, porém, punindo o crime,  
Surprehendo no Hamlet a alma humana  
Em flagrante delicto do sublime...

Quando te vi, de rastos, no proscenio,  
Silvar á enorme dor shakespeareana...  
— «E' mais do que a Arte» — disse — «Aquillo é o Genio!»

GENERINO DOS SANTOS.

Rio, 7—39—1887.

## SPORT

Com bastante concurrencia e animação realisou o Prado Villa Isabel no domingo passado uma espiandida corrida, cujo programma importantissima constou de sete pareos preenchidos por excellentes parelheiros, mais ou menos preparados a disputar os tiros em que foram inscriptos.

Eis o resultado dos pareos:  
No 1º pareo, 1450 metros, inscreveram-se 14 parelheiros, e sendo este numero crescido, deliberou a digna-directoria dividir este pareo em duas turmas, sendo a 1ª turma da 1 a 7 e a 2ª de 8 a 14.

A 1ª turms foi ganha por Zaire em 101 segundos fazendo boa corrida e seguido de Tufão que chegou em 2º lugar. Pampeiro, Juanita e Serodio não mereceram classificação. Rateio 438 100.

A 2ª turma foi ganha em 109 segundos pelo Barão de Pituassú e com geral espanto. Blanche que, a principio conservou-se na ponta, chegou em 2º lugar e completamente exhausta. Guacho em 2º lugar. Tambem correu Tejo. Ninou e Princeza não correram. Rateio 2108 800.

No 2º pareo, 1800 metros, houve uma partida falsa em que Dandy correu 1600 e tantos metros sem que o jockey pudesse soffreal-o. Dada novamente a partida Boreas venceu oa seus comptidores em 122 segundos com alguma facilidade, seguido de Diva que teve o

2º lugar. Dandy chegou em ultimo lugar bastante fatigado. Rateio 15\$100.

No 3º pareo, 1300 metros, houve um infeliz partida e favoravel n Rapid que em 85 segundos venceu os seus competidores que pouca disposição tiveram em disputar o premio. Lady que chegou em 2º lugar, foi multada pela directoria em 500\$ por não ter corrido licitamente e Ormonde em 200\$ por idênticas razões e chegou em 4º. Appollo em 3º lugar. Cancaière e Lord em ultimo. Rateio 35\$600.

No 4º pareo, 1800 metros, Daybreak em 123 segundos venceu os seus competidores, fazendo boa corrida e com facilidade, apesar de ser guereado pelos seus adversarios. Remise chegou em 2º lugar e em boas condições, nos parecendo ter melhorado. Olinda em 3º lugar. Pancy e Amazonas em ultimo lugar. Africana não correu. Rateio 14\$800.

No 5º pareo, 1800 metros, Regente em 127 segundos e com alguma folga venceu os seus adversarios, tendo corrido na retaguarda. Bayocco que partiu na ponta affrouxou chegando sem classificação. Rondello fez boa corrida chegando em 2º lugar, perdendo apenas por meio corpo. Vampa em 3º lugar. Violão, Douro, Parabybn, Bonita, Cyclone, Jenny, Cbapecó e Bayocco não mereceram classificação e fizeram má corrida. Rateio 31\$100.

No 6º pareo, 1460 metros, Handicap, Appollo em 96 segundos venceu os seus competidores, aproveitando-se da porfiada luta entre Musico, Dr Cacete e Madama que chegou em 4º lugar. Musico em 2º e Dr. Cacete em 3º. Siva e Maestro na bagagem. Le Loup, Pancy e Victorious não correram. Rateio 157\$700.

No 7º pareo, 1450 metros, Berenice foi a vencedora com alguma vantagem. Corcovado, cahindo o jockey, atrapalhou a corrida de Espadilha que foi soffreada nesta occasião para não esbarrar-se com Corcovado, que deu causa a chegar em 2º lugar. Mandarim II em 3º lugar. Obô e Pistou não tiveram classificação.

Neste pareo não houve poule, por terido disputado um pouco tarde, o que muito acertadamente resolveu a directoria.

O jogo da poule attingiu a somma de 88.220\$000.

Inaugurou-se com bastante animação nos terrenos da Villa Guarany, mais um club de corridas—o Sport-Club Situado na mesma localidade onde exestio o Sport Fluminense, melhorou a antiga rain desse extincto club, assim como as archibancadas, e mais dependencias, apresentando-nos um programma regular, que foi brilhantemente executado, sendo todos os pareos bem disputados, com a maior lisura e com feliz exito.

Desejando a prosperidade desta distincta sociedade, fazemos votos para que a activa administração, adquirindo maior extensão de terreno, a colloque ao lado das suas congeneres.

Eis os vencedores: Rigoletto no 1º e 6º pareos, Villa-Nova no 2º e 5º pareos; Pancy no 3º pareo e Castiglioni no 4º pareo.

As corridas terminaram na melhor ordem, retirando-se os amadores do surf inteiramente satisfeitos pela boa direcção.

Com programma importante realisa amanhã o Derby-Club o seu Grande

—Premio Derby-Nacional: 5:000\$ ao 1º; 1:000\$ ao 2º e 500\$ ao 3º, sendo o tiro de 2000 metros.

Pelos animmes nacionaes de tres annos que neste pareo estão inscriptos, deverá ser bem disputada e interessante esta corrida, sendo a primeira vez que concorrem tantos parelheiros superiores e de forças não experimentadas. Desejamos felicidade na execução do programma e que poucos *forfaits* se apresentem.

L. M. BASTOS.

Para viver em Pariz são precisas tres cousas: ter dinheiro, ter saúde e ter espirito. Sem saúde e sem dinheiro Pariz ainda é talvez a melhor das cidades.

Mas sem espirito é impossível.

R. ORRIGÃO.

## FACTOS E NOTICIAS

G. EMANUEL

No sabbado, ás 7 horas da noite, realiso-se no *Hotel de Londres* o banquete promovido pelos Srs. Luiz de Castro filho, Furtado Coelho e Valentin Magalhães.

Tomaram assento á mesa, e pela seguinte ordem, os seguintes senhores:

Ao centro, no lugar de honra, Emanuel. A sua direita sentaram-se os Srs. Furtado Coelho, Malafaia, Antonio Azeredo e Castello; á sua esquerda, os Srs. Luiz de Castro filho e Dr. Pederneras (*Jornal do Commercio*), commendador Aguiar, Arthur Azevedo (*Novidades*), Dr. Moreira Sampaio, Luiz de Andrade (*Revista Illustrada*), Alfredo Gouçalves (*Gazeta de Noticias*), João Clapp e Alfonso Roche.

Na outra face da mesa sentaram-se os Srs. Valentin Magalhães (*Semana*), José do Patrocínio (*Gazeta da Tarde*), Dr. Cyro de Azevedo, Baldomero Fuentes (*Jornal do Commercio*), maestro White, Gnsparoni, Coliva, G. Fogliani (*L'Italia*), Filinto d'Almeida (*Semana*), Urbano Duarte (*Diario Mercantil*, S. Paulo), Angelo Agostini (*Revista Illustrada*), Rodolpho Bernardelli, Dr. Sayão Lobato, Teixeira e José Rebello, além de outros cavalheiros, que occuparam diferentes logares na mesa e chegaram durante o banquete.

A conversação entabou-se logo, apenas servida, ou melhor: apenas servida a deliciosa *bisque d'ecrevisses*. Emanuel é um *causeur* adoravel. Sua conversação prima especialmente pela justesa dos conceitos e pelo criterio das observações. Interrogado se de facto havia sido agraciado com o officialato da Rosa, e mais: se era certo haverlo recusado, como se propalára, respondeu que não havia tido ainda nenhuma communicação official e que saberia mostrar-se grato á gentileza da Regente, cnso, de facto, o condecorasse. Affirmou, no entanto, que era republicano e contou que, em moço, na Austria, soffrera alguns dias de prisão em consequencia de uma fogosa manifestação patriótica.

Gosta extremamente de Emilio Zola. Já fez o *Assomoir*; representou-o em Napoles e em outros logares, quinze noites. Mas sentindo que adquiriria uma

molestia nervosa se continuasse a fazer o papel do Coupeau, a desgraçada victima do *delirium tremens*, abandonou o papel. Imaginou-se de que modo o faria elle! Contou que estudara essa horrivel molestia em tratados e revistas de medicina, não tendo podido observar-a directamente por não haver em Napoles, na occasião, nenhum caso de *delirium tremens*, sendo os napolitanos geralmente sobrios.

Mostrou-se muito reconhecido e afeiçoado aos fluminenses pela maneira porque o trataram.

Assim, conversando cordial e alegremente, correu o banquete.

Ao saltar a rolha da primeira garrafa de *champagne*, ergueu-se o Sr. Luiz de Castro filho e leu o seguinte discurso, que traduzio perfectamente a intenção d'aquella festa e os sentimentos que a promoveram:

«Emanuel. — C'en'est pas un excès de vanité qui me fait prendre la parole dans une langue qui n'est ni la mienne ni la vôtre.

Mais j'ai pensé que, dans une réunion où se trouvent dignement représentées presque toutes les nations, je ne pouvais mieux faire que de choisir une langue regardée comme universelle et qui est toujours employée dans les grandes occasions, pour être le faible, bien faible, interprète des sentiments, non seulement de ceux qui se trouvent ici, mais de milliers de personnes qui ont pour votre génie l'admiration la plus profonde et la plus légitime. Dans ce modeste dîner que nous vous offrons, il n'y a pas que le désir de rendre hommage à l'artiste qui nous a fait passer par les émotions les plus diverses et les plus agréables qui soient du domaine du cœur humain; il y a aussi un peu d'égoïsme. Après avoir applaudi l'artiste, nous avons voulu rester quelques heurs avec l'homme, le le sentir tout près de nous, bien à nous, car l'un est certainement digne de l'autre.

Ne voyez donc ici qu'une réunion d'amis qui, ayant rendu hier hommage à l'artiste, saluent aujourd'hui l'homme au cœur noble et convaincu, qui a lutté sa vie entière pour la réalisation d'une idée, et qui est sorti victorieux de la lutte à force de travail, de persévérance et de génie.

Emanuel, quand, couvert de lauriers, fatigué de triompbes, vous serez arrivé dans cette belle Italie, si prodigue en grands artistes quand, votre nom aura retenti dans le monde entier, souvenez-vous qu'il y a par de là les mers tout un peuple qui a su reconnaître et applaudir la révolution que vous avez opéré dans l'art; souvenez-vous que ce peuple a gravé votre nom dans son cœur et qu'il vous a dit un jour: Emanuel, au revoir. Ce n'est donc pas a votre départ que nous buvons, c'est á votre prochain retour.»

Em seguida ergueu-se o director desta folha e em nome d'ella, após um curto discurso, offerceu a Emanuel um exemplar do ultimo numero, impresso a ouro sobre papel pergaminhado, guardado em um estojo de pelúcia *grénat*.

Foram depois levantados os seguintes brindes:

De Emanuel no Brazil, recordando as provas de alta consideração de que tem sido alvo e agradecendo-as: do Sr. José do Patrocínio, em nome da imprensa, a Emanuel; do Sr. Dr. Cyro de Azevedo, em nome do Gremio de Letras

e Artes, a Emanuel, como litterato; do Sr. Paula Ney, a Emanuel, recordando o nome de outro genio da arte dramatica—Sarah Bernhardt; do Sr. Arthur Azevedo a Duse-Cecchi; de Castro filho a Virginia Reiter; de Patrocínio á companhia italiana na pessoa de Valenti; de Emanuel a Furtado Coelho e á sua gloriosa consorte; de Filinto de Almeida, em nome da critica theatral, a Emanuel; do Sr. Furtado Coelho á imprensa, unanime em applaudir a maneira de interpretar do grande artista, revelada nos seus trabalhos; de Baldomero Fuentes á Italia; de Emanuel aos seus collegas que o precederam em viagens ao Brazil—Salvini, Rossi, Ristori, Pezana, Tessera, Duse, Sarah Bernhardt, Brazão, irmãos Rosa e Virginia; de Valentin ao Sr. Furtado Coelho; do Sr. Paula Ney a Bernardelli; de Emanuel a Angelo Agostini; do Dr. Cyro tambem a A. Agostini; de Valentin a Orestes Coliva; de Arthur Azevedo ao Dr. Fogliani, representante da imprensa italiana no Brazil; do Dr. Pederneras ao architecto Bessi, constructor do monumento do Ypiranga; de Ney ao Sr. Clapp, pedindo a Emanuel que não partisse do Brazil sem deixar do seu nome a recordação de haver collaborado para a liberdade dos escravos, da qual é valente propugnador o cavalheiro a quem saudou.

O banquete terminou por um brinde do Sr. Furtado Coelho, que disse ser de estylo, em manifestações de tal ordem, terminar os festins por uma saudação ao monarcha. O banquete que se realisava era um banquete de artistas, e por isso entendia que devia encerrá-lo com um brinde á memoria de João Caetano.

Em meio do banquete, o director d'esta folha leu a seguinte poesia de Alberto Silva:

G. EMANUEL

DEPOIS DE VEL-O REPRESENTAR O

HAMLET

*E's o tufão que, sob as mudas arcarias  
Dos palacios em ruina, acorda os esqueletos.  
Do somno secular das tradições sombrias.*

*Como o vago pulsar de corações secretos,  
Surdo soa teu passo... E tua voz rebenta  
Como um arco luar sobre os abismos quietos.*

*E's a alma d'essa noite horrivel, lufulenta,  
Onde é Jesus um astro, onde é um verme Nero;...  
E a tumba de Alexandre é uma jaula sangrenta...*

*Do teu genio infernal no ardente reverberio,  
Como no espelho nio de tumultuoso oceano,  
Passam as gerações... Tu és o torvo Athéoro*

*Que, sedento de Ideal, allucinado, insano,  
Cruzras o negro imperio interminio da Morte...  
Shakespeare é teu rei extranho e sobrehumano;*

*Cujo tumulto se abre ao teu genial transporte,  
Para te segredar como uma bocca eterna,  
As perfidias do fraco e as coleras do forte...*

*Sabes, como uma fera, a lugubre caverna  
Des corações, e vazes pelos desertos da alma,  
Como uma aguiá que corta a vastidão superna,*

*Como um grande abatroz que ás azas no alto espal-  
ma.  
Em tua voz, que fere e em teu olhar, que grita,  
Brilha tambem do amor toda a doirada calma...*

*Nesse mento fatal de Hamleto, que se agita  
Na tua espada audaz, e arrastas pavoroso,  
Parece que nossa alma arrasta-se, palpita*

*Na negra obcecção de um sonho doloroso...  
E vazes odiento, atroz, horrivel, treloçado,  
Monstro hediondo e divino, archanjo tenebroso...*

*Ficas só, no avelar sombrio do passado,  
Como o sol, como um deus... Na tua mão estranha  
Escoaça um poema enorme, esplendido, ignorado...*

*Feres aureo instrumento... E no alto da montanha,  
Onde ninguém te segue, altivo e triunphante,  
O sol da gloria a tua herculea fronte banha...*

*Gigante, dedilhar na tiorba de um gigante!*

A's onze horas terminou essa bella festa, de caracter quasi intimo, tanta foi a alegria, a cordialidade, a franqueza que durante ella reinaram sempre.

Infelizmente alguns dos offerentes d'essa manifestação de apreço ao grande Emanuel não puderam comparecer; entre elles os Drs. Alberto Fialho, José Avelino, Joaquim Abilio, B. de Carvalho, o Sr. Guilberme dos Santos (do *Noivades*) e ainda outros.

Não terminaremos esta noticia sem dar os parabens ao *Hotel de Londres* pelo magnifico serviço que apresentou. Iguarias e vinhos eram dos melhores. Foi este o

MENU  
POTAGES

Bisque d'ecrevisses e Printanier.

HORS-D'ŒUVRES

Petits patés do saumon. Athereau de foie de canard.

RELEVÉS

Poissons à la Chambord. Filets à la Marechal.

ENTRÉES

Cotelettes d'agneau à la Soubise, Salmis de gibier à la Perigord. Galantines de macaco en Bellevue. Salade russe panachée.

COUP DU MILIEU

Punch au kirsch.

ROTIS

Dinde farcie aux marrons. Jambon D'York à la gelée.

ENTREMETS

Asperges sauce Mousseline. Pudding de Cabinet. Savarin aux Marasquin. Bavaoise aux fraises. Macédoine de fruits. Parfait au café et à la Vanille.

VINS

Madère, Xeres, Capri frappé, Bianco, Falerno rosso, Chianti, Rhum de la Jamaïque, Baralo, Champagne frappé, Lagrimas do Douro, Constance.

DESSERT ASSORTI.

A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser telegraphista, ser boticaria, ser jornalista ou ser doutora: é ser mãe e é ser esposa.

R. ORTIGÃO.

CORREIO

Sr. Teoni. Do seu soneto, excluida esta estrophe:

*«Quem me dera inda eu ver lá sobre o outeiro  
Minha casa de telhas carcomidas!  
Com um pé de cinamomo no terreiro,  
Cada eu passava horas esquecidas...»*

tudo o mais é fraquinho. Isto mesmo...

Sr. A. P. do C. J. Talvez que a sua traducção do *Rei dos Ainos*, de Gœtbe, seja de uma exactidão nunca vista; o que é certo, porém, é que os seus versos deixam muito a desejar; o que faz com que o senhor não possa vel-os em letra redonda.

Sr. A. O seu soneto de legua e meia vale menos que cousa nenhuma. Qui-proquò o que, homem de Deus?!... Bem qui-proquò que você me parece. Porque razão o meu amigo não faz colheres, ou não livra a Humanidade das moscas, se não tem outra coisa a fazer? Lembre-se bem que isto de poesia não é chocolate... de preto. Saude e bichas.

Sr. J. D. P. C. Não gostámos nem um tico da sua historia do reajejo. Isto de reajejos em verso é como maracujás em calda: agradam a muito pouca gente. Se é certo que o senhor vive num lugar que parece mais Honolulu do que outra coisa e que para ser uma outra Veneza apenas lhe falta... tudo, atire com a lyra para o borrarho e vá conversar com o boticario sobre as mazellas da visinhança, quando não queira jogar a bisca em familia. Sou tão seu amigo que nada lhe peço pelo conselho.

Sr. Cezarino de Paiva. O seu *Tête-à-tête* vel-o-á na Collaboração. E' bonitinho. é. Lavrou um tento, sim senhor.

Sr. Marzenaquen. Vão aqui mesmo os seus versos:

Senhora de olhos rasgados,  
De mim tende compaxão:  
São vossos escravizados  
Minh'alma e meu coração.

A setta de vosso olhar  
Varou-me o peito, senhora;  
Deveis agora tratar  
Da ferida, Dona Flora!

Está satisfeito, seu homem?

Sr. Flavio Flores. Se ainda nada disse, como diz o senhor na sua, sobre as suas *borboletas*, digo-lhe agora que... nada lhe direi. Disse.

Sr. J. S. de R. Não se lhe perdôa que o senhor, como morador no Ouro Preto, deixasse de fechar o seu soneto com chave do mesmo metal. Se tal tivesse feito, vel-o-ia publicatinho da Silva e Souza; mas já que o não fez, meu amigo, queixe-se de si.

Éra um dia publicação.  
Sra. Leitora — sem mais nada, Melem-me se eu sei o que V. Ex. deseja d'este seu criado Mathias.

Pede-me que lance as vistas para as pobres regras de concordancia do artigo: *Joaquim Pires*, do Sr. Urbano Duarte no periodo que começa assim:

*As creanças puras* etc. Ora, minha chbara senhora, pelo amor de Deus!

Com estas suas desconcordancias de concordancia é que eu não concordo. Penso que muito mais bem avisada andaria V. Exa. se se importasse mais com os suns, do que com as regras do Sr. Urbano!

Sr. R. Prestes. O Sr. apresentou-se com tanta modestia e delicadesa, que demasiada maldade seria responder-lhe não digo já com 4, mas, sim, com uma só pedra na mão. Demais a mais, dispensou sempre algumas amabilidades á grammatica; senhora que, afinal de contas, tem, como as outras, direito ao uosso acatamento. Portanto vou aqui deixar algumas de suas quadras, as que melhor me soaram aos ouvidos.

Tratando de uma rosa que lhe dera a sua amada e que guardara no bahú (no fuddo provavelmente) diz o Sr. Prestes... com assucar:

DUAS FLORES

«Pura, linda, perfumada,  
Foi tirada ao peito teu:  
Está toda machucada,  
Que agitada ali viveu...

Desabrocha tão cheirosa,  
Quão formosa, gentil é;  
Cravo branco — flor mimosa —  
D'essa rosa puz ao pé.

Se desculpas a ousalia,  
Que alegria sentirei!  
E contente o fatal dia,  
Que eu temia, esperarei...

Vos invejo, puras flores,  
Que em nnores vos unis;  
Vos fitando sinto dores  
E tremores mui febris...

E' que a rosa delicada,  
Foi-mo dada por alguém,  
E o cravo, uinha amada,  
Dedicada ama também.

Ui!... seu Prestes!

Sra. D. E. M. M. O seu soneto tem descuidos de forma. Este vereio, por exemplo:

«Não perturbem, não; deixem descaçar,» tem a quantidade de syllabas imposta pela regra, mas, subterfugios á parte, é mal soante como uma marimba velha. Depois, aquelle accumulo de agudos nos tercetos é por demais desairoso. Já vê, pois, V. Exa. que o seu soneto não pode apparecer.

Sr. S. X. T. Houve de facto erro de composição no pensamento de Chamfort, que é este: «A mudança de modas é o imposto que a industria do pobre lança á vaidade do rico.»

ENRICO.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continua a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e appparehos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

«O Municipio» — Redacção: Dn. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Alvares matthues, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do preço. Preço do volume: 2\$000.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 20. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Visconde do Rei Branco, no. 36

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Eep. Molestias da pelle e syphiliticas. Cone. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molbados e confeitarias.

CAMPOS

A FLORA BRAZILEIRA

Chá, Cera, Matte, Rapé e Sementes.

PIMENTEL & DUARTE

81 Rua da Uruguyana 81

RIO DE JANEIRO

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

# DEBRY-CLUB

## PROGRAMMA DA 8ª CORRIDA

A REALIZAR-SE  
DOMINGO 7 DE AGOSTO DE 1887 DOMINGO  
AO MEIO DIA EM PONTO

### GRANDE PREMIO DERBY NACIONAL

1º pareo—A's 12 horas—**Lemgruber**—1609 metros— Animas nacionais de meio sangue que não tenham ganho este anno— Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes           | Fellos          | Idades        | Naturalidades | Pesos                   | Cores das vestimentas         | Proprietarios          |
|-----|-----------------|-----------------|---------------|---------------|-------------------------|-------------------------------|------------------------|
| 1   | Verbena.....    | Castanho..      | 4 ans         | R. de Jane..  | 50 kil.                 | Azul e ouro.....              | Coud. Santa Cruz.      |
| 2   | Monitor.....    | Idem.....       | 4 »           | Idem.....     | 60 »                    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 3   | Violão.....     | Alazão.....     | 5 »           | S. Paulo..... | 54 »                    | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 4   | Violino.....    | Idem.....       | 4 »           | Idem.....     | 52 »                    | Vermelho e preto.....         | Tattersall Campineiro. |
| 5   | Araby.....      | Idem.....       | 5 »           | R. de Jane..  | 54 »                    | Grénat e lyrio.....           | Coud. Carioca.         |
| 6   | Medon.....      | Rosilho... 4 »  | Paraná.....   | 52 »          | Azul e branco.....      | S. P.                         |                        |
| 7   | Vampa.....      | Zaino..... 5 »  | Rio Grande..  | 56 »          | Azul e grénat.....      | Coud. Paraíso.                |                        |
| 8   | Feiticeira..... | Alazão..... 4 » | R. de Jane..  | 52 »          | Grénat e rosa.....      | F. G.                         |                        |
| 9   | Corcovado.....  | Castanho.. 3 »  | Idem.....     | 49 »          | Grénat e ouro.....      | J. S.                         |                        |
| 10  | Cyclone.....    | Idem..... 4 »   | Idem.....     | 52 »          | Ouro, e bonet azul..... | Coud. Alliança.               |                        |
| 11  | Bayoco.....     | Idem..... 5 »   | S. Paulo..... | 58 »          | Branco e encarnado..... | Oliveira J. & Lopes.          |                        |

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Extra**—1450 metros—Animas estrangeiros de 2 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |                 |                  |              |         |                                |                   |
|---|-----------------|------------------|--------------|---------|--------------------------------|-------------------|
| 1 | Escudo.....     | Castanho.. 2 ans | Inglaterra.. | 45 kil. | Encarnado e azul.....          | Coud. Brasileira. |
| 2 | Rapid.....      | Alazão..... 2 »  | Idem.....    | 45 »    | Encarnado, preto e branco..... | Vianna Junior.    |
| 3 | Lady.....       | Castanho.. 2 »   | Idem.....    | 43 »    | Azul.....                      | C. O.             |
| 4 | Ormonde.....    | Zaino..... 2 »   | França.....  | 45 »    | Perola.....                    | A. Vianna.        |
| 5 | Cançaniere..... | Castanho.. 2 »   | Idem.....    | 43 »    | Havana e branco.....           | Coud. Alliança.   |
| 6 | Vicière.....    | Alazão..... 2 »  | Idem.....    | 43 »    | Azul e palha.....              | J. M. Miranda.    |

3º pareo—A's 1 1/2 hora—**Progresso**—1750 metros—Animas nacionais até meio sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |               |                   |               |         |                               |                        |
|---|---------------|-------------------|---------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | Bonita.....   | Alazão..... 5 aus | S. Paulo..... | 52 kil. | Branco e encarnado.....       | J. Machado             |
| 2 | Biscaila..... | Idem..... 4 »     | Idem.....     | 52 »    | Azul e ouro.....              | Coud. Santa Cruz.      |
| 3 | Regente.....  | Castanho.. 4 »    | Idem.....     | 52 »    | Vermelho e preto.....         | Tattersall Campineiro. |
| 4 | Temor.....    | Zaino..... 4 »    | Idem.....     | 54 »    | Vermelho.....                 | Idem, idem.            |
| 5 | Intima.....   | Castanho.. 6 »    | Idem.....     | 52 »    | Grénat e lyrio.....           | D. A.                  |
| 6 | Odalisco..... | Pampa..... 4 »    | Idem.....     | 52 »    | Verde branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.       |
| 7 | Druid.....    | Tordilho.. 5 »    | R. de Jane..  | 56 »    | Branco e encarnado.....       | Oliveira J. & Lopes.   |

4º pareo—A's 2 1/4 horas—**Grande Derby Nacional**—2000 metros—Premios: 5.000\$ ao primeiro, 1.000\$ ao segundo e 500\$ ao terceiro

|    |                      |                  |               |         |                               |                        |
|----|----------------------|------------------|---------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1  | Espadilha.....       | Castanho.. 3 ans | S. Paulo..... | 50 kil. | Ouro, e bonet azul.....       | Coud. Alliança         |
| 2  | Esmeralda.....       | Idem..... 3 »    | Idem.....     | 50 »    | Havana e azul.....            | Idem.                  |
| 3  | Arceimed.....        | Zaino..... 3 »   | Idem.....     | 52 »    | Ouro, bonet azul.....         | Idem                   |
| 4  | Max.....             | Alazão..... 3 »  | Minas.....    | 52 »    | Verde branco e encarnado..... | Coud. Excelsior        |
| 5  | Cupido.....          | Zaino..... 3 »   | R. de Jane..  | 52 »    | Branco e preto.....           | M. U. Lemgruber.       |
| 6  | Lyra, ex-Magnolia.   | Alazão..... 3 »  | S. Paulo..... | 50 »    | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro  |
| 7  | Orchestra.....       | Douradilh 3 »    | Idem.....     | 52 »    | Vermelho e faixa.....         | Idem.                  |
| 8  | Pancada.....         | Zaino..... 3 »   | Idem.....     | 50 »    | .....                         | A. P.                  |
| 9  | Tiple, ex-Locom..... | Idem..... 3 »    | Idem.....     | 50 »    | Vermelho e faixa.....         | Tattersall Campineiro. |
| 10 | Pierrot.....         | Tordilho.. 3 »   | R. de Jane..  | 52 »    | Grénat e lyrio.....           | D. A.                  |
| 11 | Berenice.....        | Alazão..... 3 »  | Idem.....     | 50 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.      |
| 12 | Vendea.....          | Pangaré... 3 »   | S. Paulo..... | 50 »    | Verde.....                    | J. G. Nogueira.        |
| 13 | Absintbo.....        | Castanho.. 3 »   | Idem.....     | 52 »    | Azul e ouro.....              | Coud. Santa Cruz.      |

5º pareo—A's 3 horas—**Cosmos**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos, que não tenham ganho este anno— Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |                  |                  |              |         |                               |                 |
|---|------------------|------------------|--------------|---------|-------------------------------|-----------------|
| 1 | Remise.....      | Preto..... 3 ans | França.....  | 47 kil. | Ouro preto e faixa.....       | F. Schmidb.     |
| 2 | Paraguay.....    | Castanho.. 3 »   | Inglaterra.. | 47 »    | Azul e grénat.....            | P. Lima.        |
| 3 | Pharao.....      | Alazão..... 3 »  | França.....  | 49 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro. |
| 4 | Queen.....       | Castanho.. 3 »   | Inglaterra.. | 47 »    | Azul.....                     | C. O.           |
| 5 | Fashionable..... | Alazão..... 3 »  | França.....  | 49 »    | Grénat e lyrio.....           | D. A.           |
| 6 | Babylonia.....   | Castanho.. 3 »   | Idem.....    | 47 »    | Havana e azul.....            | J. R.           |
| 7 | Olinda.....      | Zaino..... 3 »   | Inglaterra.. | 47 »    | Grénat e ouro.....            | Coud. Carioca.  |
| 8 | Perception.....  | Castanho.. 3 »   | Idem.....    | 47 »    | Verde.....                    | J. F. R.        |
| 9 | Amazonas.....    | Idem..... 3 »    | Idem.....    | 49 »    | Azul e amarello.....          | C. & F.         |

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Rio de Janeiro**—2000 metros—Animas que não tenham ganho este pareo—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

|   |                 |                   |               |         |                               |                        |
|---|-----------------|-------------------|---------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | New-York.....   | Alazão..... 4 ans | França.....   | 52 kil. | Ouro e preto.....             | F. Schmidb.            |
| 2 | Coupon.....     | Idem..... 4 »     | Idem.....     | 52 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 3 | Musico.....     | Preto..... 5 »    | Idem.....     | 54 »    | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 4 | Victorious..... | Zaino..... 4 »    | Idem.....     | 54 »    | Vermelho e faixa.....         | Idem.                  |
| 5 | Daybreak.....   | Idem..... 3 »     | Inglaterra..  | 49 »    | Azul e ouro.....              | D. Julia Vieira.       |
| 6 | Perle.....      | Idem..... 4 »     | França.....   | 50 »    | Branco e encarnado.....       | Oliveira J. & Lopes.   |
| 7 | Dr. Cacete..... | Idem..... 4 »     | R. da Prata.. | 52 »    | Grénat e ouro.....            | J. S.                  |
| 8 | Carmen.....     | Alazão..... 5 »   | Inglaterra..  | 52 »    | Branco e preto.....           | M. U. Lemgruber.       |

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Derby-Club**—1609 metros—Animas nacionais de puro sangue—Premios: 1.000\$ ao primeiro 260\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

|   |                |                   |               |         |                               |                        |
|---|----------------|-------------------|---------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | Talisman.....  | Alazão..... 6 ans | S. Paulo..... | 58 kil. | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 2 | Contralto..... | Douradilh 5 »     | Idem.....     | 54 »    | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 3 | Soprano.....   | Idem..... 4 »     | Idem.....     | 52 »    | Vermelho e preto.....         | Idem.                  |
| 4 | Boreas.....    | Castanho.. 5 »    | Idem.....     | 60 »    | Grénat e violeta.....         | Coud. Rio de Janeiro.  |
| 5 | Divã.....      | Alazão..... 4 »   | R. de Jane..  | 58 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.      |
| 6 | Dandy.....     | Vermelho. 4 »     | S. Paulo..... | 54 »    | Grénat e ouro.....            | F. Vianna.             |
| 7 | Ypranga.....   | Castanho.. 4 »    | S. Paulo..... | 52 »    | Branco e preto.....           | M. U. Lemgruber.       |

# EMULSÃO

DE  
**SCOTT**

DE OLEO PURO DE  
**FIGADO DE BACALHÃO**  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hy-  
gieno e autorizada pelo  
governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-  
crophulas, rachitis, anemia,  
debilidade em geral,  
defluxos, tosse chronica e af-  
fecções do peito e da  
garganta

E' muito superior ao oleo simples da  
figado de bacalhão, porque, além de ter  
cheiro e sabor agradaveis, possui to-  
das as virtudes medicinaes e nutritivas  
do oleo, além das propriedades tonicas  
e reconstituintes dos hypophosphi-  
tos. A' venda nas drogarias e boticas

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-  
quer hora. Estatutos nas  
principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus  
ingleses e francezes oncont ram-se na

**CHAPELARIA INGLEZA**

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flo-  
res para todos os gostos e preços, assim  
como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recbem encomendas, que  
executadas com a maior prompti-  
esmero e modicidade de preços.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, entradã

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 13 DE AGOSTO DE 1897  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III-N. 137

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                   |
|--|-------------------|
| Expediente.....  | A REDACÇÃO.       |
| «A Semana».....  | RIALTO.           |
| Ramalho Ortigão.....   | O. B.             |
| Cartas paulistas.....  | A. DE LIMA.       |
| O Inquisidor, poesia.....  | J. RIBEIRO.       |
| Notas philologicas.....  | X. MARQUES.       |
| Polyphemo, poesia.....   | A.                |
| Tornises e Revistas.....   | L. M. BASTOS.     |
| Sport.....   | H. DE MAGALHÃES   |
| Parnaso Alegre — O melo-<br>drma do amor, poesia<br>plebiscito litterario..... | P. TALMA.         |
| Theatros.....  | TIO ANTONIO       |
| Festas, bailes e concertos   | J. S. DE REZENDE. |
| Vivez e solidão, soneto.   | ENNICO.           |
| Factos e Noticias.....   |                   |
| Correio.....   |                   |
| Recehemos.....   |                   |
| Annuncios.....   |                   |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representarnos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos nos. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

*Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopea Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangalina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Por nos ter sido entregue muito tarde, não podemos dar neste numero o artigo sobre Bellas-Artes, escripto pelo nosso prestimoso collaborador Alfredo Palheta.

Dal-o-emos no proximo numero.

Por indisposição do nosso collega Filindal, sobrevida no momento mesmo de escrever a *Historia dos sete dias*, não a inserimos hoje.

A REDACÇÃO.

## RAMALHO ORTIGÃO

Elle entrou um dia na cidade com uma grande consciencia do seu poder e um grande Panamá posto na cabeça.

Quando Lisboa o avistou, percebeu logo que não tinha deante de si um homem que lhe viesse pedir votos; e que, pelo contrario, podia muito bem ser capaz de lhe vir dar piparotes.

Era um dissidente que chegava. Os arruamentos da cidade adivinharam logo que entre a córdax do outro, havia uma incompatibilidade invencivel. Entre a forte personalidade que chegava do norte e a cordata população que dormia ao sul, cavava-se um abismo, que o proprio Panamá não podia preencher, e que, pelo contrario, era o primeiro a cavar.

Lisbôa estava, desde quarenta e tantos, na posse mansa e pacifica d'uma rhetorica perfeitamente adequada aos seus usos e costumes, uma rhetorica de olheiras cavadas e cabelleiras unguidas em oleo d'amendons doces, uma rhetorica com que descia ao parlamento e com que costumava subir á sepultura. Esta rhetorica, manifestando-se de baixo de diversos aspectos, sob a calça córd de flor d'alecrim, nos individuos, e sob o *Quero fuigr-te, mas não posso oh! virgem*, nas almas, tinha penetrado todas as camadas sociaes. Os logistas, da mesma forma que as donzellas, estavam sob o seu dominio; e despejar as almas d'aquellas calças e os costumes d'aquelles devaneios, afigurava-se a alguns uma tarefa aobrehumana.

Ramalho Ortigão foi o Hercules que tomou sobre os seus hombros a tarefa de limpar os curraes d'Augias que entre nós se conheciam sob os pseudonimos de educação, costumes, civilidade, parlamentarismo, e outros epithetos mais ou menos discretos. Auxiliado por Eça de Queiroz, compoz um soldo basculho, a que deu o nome *Farpas*, formado de cardos e de constellações, e principiou a varrer com denodo as teias d'aranha dos cerebros, derramando petulantemente faiscaes de luz nas consciencias. Viram-se então, por esse tempo grandes bandos de parasitas de toda ordem, — aranhas politicas, ratazanas, donzeis, lagartixas e virgens pallidas, — fugindo açodados por todos os lados, escoando-se por todos os intersticios, internando-se por todas as flagae. Depois de seis annos de trabalho incessante, as consciencias já tinham outro aspecto e na moral respirava-se outro ar! Ramalho Ortigão fóra um espanejador olympico, Passara uma esponja sobre quarenta annos de sensibilidade patria, e submetera as instituções a um banho de chuva, collocando-lhe um raio de luz em cima do barrete de dormir.

A sua penna transformara-se em uma picareta de ouro, rija e sonora, que deluira pelos alicerces o velho casebre aonde os antigos inspirados da administração e do amor suspiravam de noite ao luar!

Foi elle o primeiro homem que se atreveu a proclamar que, pela manhã, para passein, fica incomparavelmente melhor uma grande rosa fresca e vermelha posta na cella do que a comenda da Conceição!

Muitos ornamentos dignos da cidade se levantaram de começo contra estas dsmaiaes inauditas, contra estas doutrinas perversas, que atacavam pela raiz as instituções, cortando ao mesmo tempo cercos, pelo pé, os dignitarinas de Christo. O auctor das *Farpas* era apontado aos odios da cidade como uma entidade perversa, que ousara apurar

a sobrecasca nacional, — não usando nunca, — e contetar os discursos da Corôa, — enfarinhando-os aempre.

As *Farpas* são uma das grandes obras meritorias dos tempos modernos. Ensnaram primeiro a demolir, deram depois o exemplo da edificação. Como escola d'obreiros, de que necessita a sociedade portugueza, ainda não houve outra mais util e mais proveitosa nos nossos dias.

D'aqui a dez, vinte, trinta annos, estará ainda intacta a ultima edição da Carta: as *Farpas* serão sempre procuradas como um livro precioso, como documento mais claro e mais expressivo da nossa educação e dos nossos costumes.

Ramalho Ortigão possui todas as qualidades do homem honesto e varonil, servidas pelo estylo mais vigoroso e mais nitido do nosso tempo. A sua escripta larga e serena, em que ha todos os clangores guerreiros e todos os arrulhos pacificos, parece traçada com uma penna d'aguia... arrancada da aza d'uma pomba. Sobretudo, — já o disse uma vez Eça de Queiroz, — tem n genio decorativo.

O programma das festas do centenario de Camões é principalmente d'elle e é a obra talvez de que elle mais se orgulha. Este programma, que primeiro despertou um riso de desdem, levou depois aza de si as corporações, depois as escolas, depois as instituções, depois as familias, depois a propria Carta!

Deve-se a elle definitivamente o ultimo triumpho alcançado pela *Lusitana* do espirito das populações, e por aqui se prevê que o seu genio decorativo, animado pelo exito, depois de vencer a teimosia mais rebelde, na pessoa da rotina nacional, ha de animar-se de certo a commettimentos mais largos.

E adivinha-se que a gloria suprema de Ramalho Ortigão seria que o Padre Eterno, para fazer um espectáculo assombroso, se lembrasse um dia de encarrregar de programma do Juiz Final!

JOÃO RIALTO

(Guilherme de Azevedo)

## CARTAS PAULISTAS

I

10 DE AGOSTO

Emfim! Houve alguma cousa que nos commoveu, que nos abalou, que nos electrizou nesta engaroadada e tristissima cidade, nesta fria Paulicéa, onde a crise de um ministerio é assumpto de conversa para semanas e semanas.

Emanuel está em S. Paulo. S. Paulo vive. S. Paulo delira.

Emanuel representou a *Morte Civil*, Emanuel fez o *Othelo*, e o *Nero*, e o *Casamento de Figaro*; e á hora em que fór lida esta carta, Emanuel terá feito o *Hamlet* e o *Keam*.

Que direi eu de Emanuel, se, agora, quando o vejo e quando o ouço, não mais forças tenho para o applaudir?

Vivo para elle e por elle, sómente por elle e para elle, quando, panno acima, Emanuel — Conrado chora, ou Emanuel — Othelo ruga. Ouço-o, tomado de um soffrimento indefinível, sinto a acção do veneno que o tortura, sinto o golpe da espada que o fere. E quando o panno cae, lentamente, no meio de um silencio de morte — o silencio que precede o estalar da tempestade, e a tempestade rebenta depois em palmas e gritos, — deixo-me ficar na cadeira, prostrado, estúpido de assombro, fulminado de pasmo, sem voz para o victoriar, sem olhos para ver a multidão que delira, sem ouvido para ouvir os applausos.

E, só depois, na rua, caminho de casa, sob o frio mordente da noite, é que me volta á alma, e que reconstruo, phrase por phrase, gesto por gesto, o seu trabalho extraordinario.

Que direi eu de Emanuel?

Mas é preciso velo, é preciso ouvi-lo, para comprehender quanto vale este artista genial, este rebelde, que partio com o seu pulao de gigante todos os moldes consagrados, e soube mostrarnos o que é a verdadeira Arte, humana o real, sem artificios e sem véus. E' preciso velo e tractal-o de perto, no palco e fóra do palco, ouvir as maravilhosas lições de que é opulentissimo thesouro a sua admiravel conversação.

Ainda ha poucos dias, no banquete que lhe foi offerecido pelo *Diario Mercantil*, depois dos brindes que lhe fizemos, depois das innumeradas e entusiasticas saudações que lhe dirigimos, houve um momento em que nos calamos todos, com os olhos fixos na sua phisionomia extraordinariamente expressiva, acompanhando todos os seus movimentos, bebendo todas as suas palavras. Das 10 ás 11 horas da noite foi Emanuel o unico a falar.

Conversa como representa: com a maior naturalidade, modesto e amavel, correcto e sobrio.

O que nos disse elle de Salvini e Rossi, de Shakespeare e V. Hugo, de Zola e Dumas, foi uma verdadeira prelecção de litteratura dramatica e arte de representar, uma critica imparcial e sensata, uma lição que guardei e guardarei gravada na memoria durante toda a minha vida. Que grande e singular poder de observação! que exacta comprehensão da Arte!

São Paulo delira; repito. Delira dentro e fóra do theatro. Lá dentro são as enchentes á cunha, as ovações freneticas, as flores, as chamadas á scena. Cá por fóra... ah! cá por fóra é uma delicia! Já temos sopas de tartaruga a Emanuel, chapéus a Othelo, picadinhos a Virginia Reiter, bengalas a... não sei o que. Que delirio! Um verdadeiro delirio.

Mas, porque em todas as cousas ha um lado máu, dois conspiradores juraram destoar do coro geral. Julgo de muita conveniencia que a Posteridade conheça estes factos. Registro-os.

O primeiro conspirador — saibam-n'o

todos — é o Grande Hotel. Sim, meus senhores, o Grande Hotel; que quor matar Emanuel, roubando-o á Arte e á Gloria, como já o tentou fazer a Sarah Bernhardt, propinando-lhe por um preço fabuloso as mais venenosas drogas de que dá noticia a Toxicologia.

O outro conspirador é a critica, esta sensatissima critica de S. Paulo. Já houve um jornal que discutiu Emanuel e Shakespeare com uma proficiencia de pasmar. Chegou — o perspicuo, o sagaz jornal! — a provar que no tempo de Othelo não havia porto de mar em Chypre, e que a Dinamarca não tinha principes no tempo de Hamlet. Acabou por uma vez a gloria de Shakespeare!

E houve, no final da *Morte Civil*, quando sabiamos todos esmagados pelo genio de Emanuel, um moço — esperança d'esta gloriosa patria, — que, á porta do theatro, accendendo tranquilamente um cigarro, disse, sem cahir morto de estúpidez:

« — Ora! afinal este sujeito é um declamador! » —

Injustiça divina: O grande Hotel continúa a ter freguezes e o moço continúa a viver. A viver, sancto Deus! a viver!

O. B.

## O INQUISIDOR

(A LEO DE AFFONSECA)

O grande Inquisidor escreve á luz de um cyrio: Corre do seu tinteiro o sangue do martyrio. Subito, uma mulher acerca-se da mesa E prostra-se: « Senhor! um dia a Natureza Bradara por meu filho, a victima innocente Que amanhã vas ser posta á morte iniquamente. Da sentença riscas, com generoso traço, O confisco, o pregão, o anathema e o barão: E d' molli a força atroz, que rasga a cova A' decrepita mãe, á esposa ainda nova E a tres filhos, Senhor, antes que Christo adora; A maldição não tisona, é certo, a luz da aurora, E nem pode manchar a fronte encanecida, Que a tarde da velhice é a aurora da outra vida. Como Xerxes punindo o mar com ferro em brasa, Em vão buscaes cortar a inacessivel aza Do pensamento: — o ideal é um lucido oceano E uma invencivel agua o pensamento humano; Mas, se preciso for, em nome d'elle abjuro A razão, a sciencia, os astros, o futuro... » Fez-se solemne pausa... e com accento triste Fala o grave juiz: « Pois bem, mulher, feriste A fibra paternal do Inquisidor austero; Volta tranquilla ao lar, pois choraste, e não quero Espalhem os clarins da vil maledicencia Que a justiza de Deus mais póde que a clemencia. Acolhi teu clamor humilde e o réo perdão: Vae na paz de Jesus, por elle te abenço, E teu filho querido, immune das mais penas, Ha de ser, para exemplo, esquarterado apenas.»

AUGUSTO DE LIMA.

## NOTAS PHILOLOGICAS

O costume imprescindivel de datar os documentos sempre nem se fez por uma unica formula em todos os periodos da lingua.

Em alguns documentos nota-se nma forma latinada, proxima á do latim, com a ommissão do artigo:

Dante na Ribeira X dias de mayo.  
Dada é Santaré XIII dias.. etc.

Apesar d'estes exemplos, a syntaxe mais seguida era a que punha em relevo a preposição: aos 20 de Dezembro aos 30 de Maio. Esta ultima formula ainda subsiste no estylo forense, estylo que é um repositorio archeologico da linguagem.

No seculo XIV e não sei se antes d'aste tempo, apparecem varios documentos consignando um systema de datas que faz lembrar a contagem das *calendas romanas*. O eixo de todo calendario consiste no dia primeiro de cada mez: os dias que se seguem são *dias andados* e os dias que precedem ao primeiro são *dias por andar*. Assim, os dous exemplos:

Lisboa, X dias por andar de Agosto  
Coimbra, V dias andados de Fevereiro

interpretam-se da maneira seguinte:

No primeiro caso, os dias por andar de Agosto são aquelles que devem ser subtrahidos do 1º de Agosto, inclusive, para traz: de sorte que X por andar de Agosto equivale a 22 de Julho.

No segundo exemplo, os dias andados representam a data normal, isto é, o numero de dias que se seguem ao primeiro, inclusive. De modo que V dias andados de Fevereiro quer dizer: 5 de Fevereiro.

Como se vé, este systema é uma pura reminiscencia das *calendas romanas*; não me foi, todavia, possivel determinar a extensão da formula, nem creio que existissem os *idos* e as *nomas latinas*, naturalizados no idioma vernaculo.

O facto é importante por attestar ainda aqui o poder assombroso indescriptivel e sem descontinuidade da civilização latina no occidente.

JOÃO RIBEIRO.

## POLYPHEMO

A VALENTIM MAGALHÃES

Na rocha hiulca, á faldá do rochedo  
Onde esbravej o oceano tormentoso,  
Longe da selva, longe do vinhedo,  
Triste e choroso,

Está falando ao mar, falando ao vento,  
Da sua amada o cyclope medonho...  
E a nympha esquivá, lá do salso argento,  
Nem vé em sonho.

Enquanto elle na voz supplice chora,  
Ella, enfeitada de corás d'alga,  
Sorrindo a algum tritão que a enamora,  
Delphins cavalga.

« Céleres brisas que do hosque ao pego  
« Correis frisando o pélagu ululante,  
« Dizei-lhe em quem meu pensamento em-  
prego  
« A todo instante;

« Que a gruta escura jaz onde eu habito,  
« E jazerá té quando os olhos d'ella  
« Venham lançar-lhe aos muros de granito  
« Raios de estrella.

« A hera cresce, e as flores do jacintho  
« Rompem do prado a chá monotonia;  
« O lirio atveja e á tarde pendé extincto;  
« Entra e sae dia.

« Chilram na selva as aves, emmudecem;  
« Chega o vae, parte e vem a primavera;  
« Esses mares azues crescem, decresem...  
« E eu á espera...

« O verde-negro cone do cypreste  
« Sussurra e a beira do casal ensombra;  
« O orvalho mando á relva que lhe appreste  
« Macia alfombra;

« E ella não vem, não vejo-a, não me escuta  
« Por mais que o nome seu quérulo invoque...  
« Meu triste olhar, de um olho só, perscruta,  
« Sem que lhe toque

« De longe, o vulto bello, a tez mimosa,  
« A cabeça adorada, os gazeos olhos.  
« Chamo-a e responde a onta que espumosa  
« Lava os escolhos.

« Vem, minha amada! eu tenho o meu rebanho

« E'dulos fructos, crystallina lympha,  
« O puro leite, o fresco e o melhor hanho...  
« Vem, bella nympha!

« Se o teu amor um sacrificio exige  
« Este olho só, que luz-me sobre a testa  
« Eu vasarei, te juro pelo Styge...  
« Que mais me resta?

« Que mais te não darei, deidade minha?  
« Meus affectos do que ser-te-hão escusos?  
« Mas ouve, attende ao meu chamado, e, assim,  
« Corre aos meus braços.

E assim falando, o enfermeido amante  
Sente que a face a lagrymia lhe sulca...  
E embaixo o mar embate-se ululante,  
Na rocha hiulca.

Bahia.

XAVIER MARQUES.

## JORNAES E REVISTAS

Temos os ns. 10 e 11 do 4º anno d'A *Illustração*. Bellissimos. Entre as melhores gravuras d'elles destacamos os retratos da rainha Victoria, imperatriz das Indias, e de Mile. Jeanne Granier, cantora pariziense, ao grande e vigoroso quadro de Bouillet « Uma lição de chimica na Salpetrière pelo Dr. Charcot ». Mai, deliciosa composição de Giacomelli, o insigne pintor de passaros e insectos, acompanhado por graciosos versos de Jayme de Seguiet, « A barca do avô », quadro de Guillon, husto em brouze pela duqueza de Palmella etc...

Texto variado, interessante, espirituoso.

A *Violeta* n. 4 (S. Paulo) Verdadeiro escripto de bons versos e de scintillante prosa. *Tout à fait chic!*

De S. Paulo chega-nos o 1º numero d'A *Luva de Ouro*. A sua primeira pagina é impressa a ouro. A nova collega é consagrada á litteratura e ao commercio. Que nos dê bons trabalhos litterarios e o preço exacto das batatas e do bacalháu em caixa.

O n. 308 d'O *Occidente* (Portugal) contém excellentea e variaa illustrações.

Gervasio Lobato firma uma fulgurante *Chronica Occidental* e dentro outros trabalhos apparece um interessante conto *O Cassino*, de José Pestana.

*Galeria Illustrada*. E' o titulo de uma revista illustrada que acaba de apparecer em S. Paulo.

Na sua primeira pagina traz o retrato do Dr. Falcão Filho, e na immediata do Dr. Domingos Freire. Além de varios e apreciaveis trabalhos em prosa e verso, contem a revista uma parte juridica, scientifica e litteraria.

E' digna de bom acolhimento. Mil prosperidades.

Do Piahy chega-nos o n. 2 da *Revista Mensal*. Traz bons trabalhos litterarios e um estudo anthropologico *O homem na Natureza* por C. Freitas.

*Revista de Engenharia* n. 166. Inscere bem elaborados escriptos sobre machinas, estradas de ferro e outros assumptos. Na pagina 158 da-nos um modelo do *Transportador Universal*, systema Bony.

*La Jeune France*, revista franceza dedicada ás letras, entrou no seu decimo anno de existencia. O n. 103 traz um bello conto *Une mère* por Tola Dorian, tracto do *Salão de 1887*, de critica musical, de theatros, e fecha com uma escriptura *Gazette Rimée* de Izambard.

Appareceram mais os seguintes collegas: Nesta Corte *O Tentamen*, folha litteraria; em Niteroy *O Parnaso*, tambem consagrado ás letras; no Ceará a *Gazetinha*, e em na Leopoldina a *Estrella de Minas*, órgão do partido conservador.

A todos desejamos prosperidas e mathuslenien existencin.

O lapis de Angelo faz diabruras no n. 481 da *Revista Illustrada*. E' a gente percorrer aquellas paginas, de excellentes caricaturas, o rir; rir a não poder mais com as deliciosas doses de graça e verve dadas pelo Angelo aos assumptos da politica Cotegipe.

Quanto ao texto, hem escripto e de agradabilissimã leitura.

A.

## SPORT

A oitava corrida que realisou o Derby-Club no domingo passado esteve extraordinariamente concorrida.

A *great-attraction* era o Grande Premio Derby Nacional.

Foi alvo das uniores manifestções e grande enthusiasmo victorin da Esmeralda, que facilmente a obteve. Nesta pareo muitos dos parceiros declararam *forfait*, correndo os mais importantes, não só pela filiação como tambem pelas esplendidas provas que tem dado nos diversos tiros em que se tem alistado, como sejam: Espadilha,

Esmeralda e ultimo dos tres, Cupidon, que ainda não tem revelado a afamada superioridade pelas corridas que tem feito, visto ter sempre corrido em más condições de preparo e não parecendo sendo pelos movimentos presos e difficéis que pela segunda vez observamos neste valente producto nacional, cujas formas denotam grande superioridade, mas que ainda não aproveitaram pela falta absoluta de preparo e pela falta de um jockey nas condições necessarias.

O programma compoz-se de sete pareos que foram inteiramente preenchidos por parceiros superiores pertencentes a diversos proprietarios importantes.

Eis o resultado:

No 1º pareo, 1600 metros Monitor apezar dos 60 kilos de peso bateu os seus competidores, com alguma folga em 110 segundos. Corcovado chegou em 2º lugar, seguido de Vampa que chegou em 3º.—Tambem correram Bayocco, Cyclone, Feiticeira, Medon, Violino, e Violão Verbena que não mereceram classificação. Araby não correu. Rateio 27\$700.

No 2º pareo, 1450 metros venceu em 96 segundos e inesperadamente Rapid que na recta de chegada travou luta com os seus adversarios e especialmente com Escudo, que apenas foi vencido por cabeça, obtendo o 2º lugar. Lady em 3º e Visiêre em 4º lugar, que foi a favorita. A derrota d'este parceiro causou impressão, não só ao seu distincto proprietario, como aos muitos *sportmen* que o reconheciam superior aos seus competidores. Ormonde e Cananière não mereceram classificação. Rateio 151\$400.

No 3º pareo, 1750 metros, Tenor em 119 1/2 venceu facilmente os seus adversarios. Regente chegou em 2º lugar e Druid em 4º. Olaliska que era um dos competidores fortes neste pareo, negou a partida, ficando ao poste. Intima fez boa corrida chegando em 3º lugar. Bonita e Biscain não mereceram classificação. Rateio 32\$000.

No 4º pareo — Grande Derby Nacional — 5:000\$ ao 1º; 1:000\$ ao 2º e 500\$ ao 3º, 2000 metros, dos tres animaes inscriptos correram apenas sete: Vendêa, Tiple, Pancada, Lyra, Cupidon, Espadilha e Esmeralda, que desde o pulo de partida venceu os seus adversarios com alguma facilidade em 136 segundos. Espadilha que chegou em 2º lugar, veio ainda com folga, podendo deixar em retaguarda regular Cupidon que chegou em 3º lugar, completamente esgotado, mal corrido e sem o conveniente preparo; é um producto superior e de formas pouco vulgares, sendo merecedor de melhor tratamento. Vendêa, Tiple, Pancada e Lyra revellaram serem productos de pouca força e não mereceram classificação. Absyntho, Pierrot, Max, Archimedes, Orchestra e Berenice não correram. Rateio 49\$100.

No 5º pareo, 1600 metros, Reinise em 109 segundos venceu os seus adversarios, não estando ainda bem preparada, nos parecendo ser um parceiro de futuro e de força. Queen chegou em 2º lugar e Amazonas em 4º. Paraguaya, Olinda e Perception não mereceram classificação. Pharaó e Fashionable não correram. Rateio 31\$600.

No 6º pareo, 2000 metros Coupon em 132 segundos bateu os seus competidores muito regularmente e revelando muita superioridade pelas boas con-

dições de preparo. Daybreak chegou em 2º lugar e um pouco manco. New-York chegou em 3º lugar, fazendo boa corrida, attendendo ás condições deste parceiro não estar convenientemente preparado ser recomeçado; mas em todo o caso parece-nos um animal de futuro e que mais tarde mostrará as suas forças. Não mereceram classificação Music, Perle, Dr. Cacete e Carmen. Victorious antes da partida derrubou o jockey e machucou-se, não tomando parte na corrida devido a este incidente. Rateio 27\$700.

No 7º pareo, 1600 metros Boreas em 105 segundos facilmente venceu os adversarios. Dandy chegou em 2º lugar fazendo boa corrida e batendo Talisman que chegou em 3º lugar, completamente esgotado. Não mereceram classificação, Contralto, Soprano e Ipiranga. Rateio 18\$200.

O jogo da poule attingiu a avultada somma de 164:530\$900.

Terminou o divertimento sem que a boa ordem fosse alterada.

Com um attrahentissimo programma realisa amanhã o Jockey-Club — o Grande Premio — 3200 metros, animaes de todos os paizes — 12:000\$ ao 1º; 3:000\$ ao 2º; 2:000\$ ao 3º e 1:000\$ ao 4º; livrando o P a entrada. Ha immensa animação e curiosidade por esta corrida.

L. M. BASTOS.

## PARNASO ALEGRE

O MELODRAMA DO AMOR

Se as turbas vis nos impedem  
A expansão do affecto ardente,  
Ensqemos fagueiro Eden,  
Fresco oasis virilente;

E um ninho ahí preparemos  
De jasmids e gyra-sões,  
Onde a Ventura cantemos  
Como um par de rouxinões!

Mas, se surgir embaraço,  
Que impeça este amor eterno,  
Desçamos, num longo abraço,  
Ao fundo abysmo do Inferno.

Onde, com tua belleza,  
Tu, que és dos anjos irman,  
Hás de, com toda a certeza,  
Vencer o proprio Satan!

De um vulcão pela abertura,  
Desçamos ao Orcho atro...  
Como se fosse, creatura,  
Pelo alçapão de um theatro.

Bem longe a idéa da campa,  
Longe a Magua, longe a Dor...  
Exliba-se, á luz da rampa,  
O melodrama do Amor!

Irrumpa a doce surdina  
Dos suspiros abafados!  
E ao som da orchestra divina,  
Batem meus sonhos doira los.

Saltem meus beijos allantes,  
Dos encantos, que possnes,  
Em de redor; semelhantes  
A um bando de clowns azues.

Do leque sob os varetas,  
Rebentem teus doces risos,  
Como um som de pandeiretas,  
De castnhas e guizos.

Ve que scenario perfeito!  
Cobre o prescenio sem fim,  
De brazis radiosas feito,  
Um longo gundamecim...

A' luz da ribalta, franco,  
Surja o meu desejo doudo,  
— Como um doudo saltimbanco,  
De europeis coberto todo!

Pisa sem assombro o palco,  
Que o drama tem actos mil...  
Nem de uma scena o desfalco!  
Não temas pateada vil.

Mas tua mão, teu rosto esconde  
Por sob a madeixa esparsa...  
A que vem aqui, — responde, —  
Ten pejo, — o inutil comparsa?!

Calca aos pés as pudicicias...  
E' tua a gloria! não vés?  
Chovem-te em cima as caricias  
Como um bando de bouquets.

Recolham-se aos bastidores  
Os teus remoqueos, Campaspe;  
E á scena os doces favores  
D'essas tuas mãos de jaspe.

E do negro Styge em torno,  
De Charonte no escaler,  
Todo illuminado á giorno,  
Vamos passeiar, mulher.

Que em meio ao Prazer, de parras  
C'roada, como as bacchantes,  
Rehrilhem, como gambiarras,  
Os teus olhos coruscantes,

Adornem-se as tuas pomas  
De lentejoulas, coraes;  
Derramen-se os teus aromas  
Nas cavernas infernaes.

E tua voz soluçe endeichas,  
Que, activando os meus anhelos,  
Lembrem soluçantes queixas  
De queixosos violoncellos!

E quando o pulsar das veias  
Pelo cerebro estrugir,  
Como a zoada, nas plateias,  
Da Multidão a applaudir;

E retumbar, delirante,  
Da Loucura a symphonia,  
Ergue a taça transbordante  
Do phalerno da Alegria!

Que, por sob chuvas de ouro,  
Operem-se as mutações!  
Tragam do Amor o thesoiro,  
No regaço as Illusões!...

Que nos Avernos se gose  
Da volupia que delcita,  
Ao brilho de uma apothose  
Por Mephistopheles feita.

Os nervos travam peleja,  
Canta a carne eu bacchanal!  
Temo até que a Morte seja  
D'esta tragedia o final!...

Do sangue o ar-lor já não domo!  
Que, ao fim d'esta scena lonca,  
Caíam teus cabellos, — como  
Estranho panno de bocca!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cédulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado :

Qual o melhor romance ?

|  |          |
|--|----------|
| O Guarany.....                           | 93 votos |
| Memórias posthumas de Braz Cubas.....    | 87 »     |
| Motta Coqueiro.....                      | 50 »     |
| O Eruítão de Muquim.....                 | 18 »     |
| Fatalidade de dois jovens.....           | 8 »      |
| Vicentina.....                           | 2 »      |
| Memórias de um sargento de milicias..... | 2 »      |
| Luciola.....                             | 2 »      |
| João e Francisco.....                    | 1 »      |
| O seminarista.....                       | 1 »      |

Qual o melhor livro de contos ou novellas ?

|                         |          |
|-------------------------|----------|
| Papeis avulsos.....     | 96 votos |
| Historias sem data..... | 50 »     |
| Risos o galhofas.....   | 20 »     |
| Lenhas.....             | 8 »      |
| Leitura variada.....    | 3 »      |
| Pillerias.....          | 1 »      |

Qual o melhor drama ?

|                               |          |
|-------------------------------|----------|
| Mãe.....                      | 98 votos |
| Luxo e vaidade.....           | 37 »     |
| Antonio José.....             | 30 »     |
| O mulato.....                 | 30 »     |
| Os dois embaçados.....        | 1 »      |
| Omphalia.....                 | 1 »      |
| Martyrios de uma familia..... | 1 »      |

Qual a melhor comedia ?

|                                   |          |
|-----------------------------------|----------|
| Vespera de Reis.....              | 95 votos |
| O Fantasma branco.....            | 60 »     |
| O uoviço.....                     | 53 »     |
| Demonio familiar.....             | 30 »     |
| Como se fazia um deputado.....    | 25 »     |
| Amor por anexins.....             | 25 »     |
| Os sonhadores.....                | 20 »     |
| Uma scena no sertão de Minas..... | 1 »      |
| O pobre namorado.....             | 1 »      |
| O Club Golipan.....               | 1 »      |

THEATROS

S. PEDRO

Companhia do theatro D. Maria II

Na noite de 9 realizou-se a festa do Silva Pereira, o propecto e estimadissimo Silva Pereira, um comico de raras qualidades, de graça muito original e muito sua.

Deu-nos elle um espectáculo variado, o terceiro acto do *Ken*, a *Clara Soleil* e dois monologos: *A minha familia*, de Baptista Machado, recitado com extrema graça e muita malicia pelo beneficiado, e *Os grilos*, magnificamente recitado por Brazão.

O theatro estava cheio de admiradores do Silva Pereira, que o obrigaram a bisar o monologo e que a Brazão pediram que recitasse *A mosca* de Fer-Caldeira, ao que o notavel artista accedeu gentilmente, recitando-a com aquelle primor e aquelle extraordinario relevo que sempre o distinguem.

O beneficiado recebeu bellos e valiosos presentes, entre os quaes não deixaremos de mencionar uma mamadeira que, na opinião de algumas senhoras que a viram, é tudo quanto ha de melhor e de mais util no genero, chegando uma respeitavel mãe a afirmar que a excellencia d'aquelle objecto mettia-se pelos olhos dentro, e não bavia

expressões para louvar o inventor de de um tal apparelho tão util e tão delectavel. Foi um verdadeiro successo de camarim e o Silva Pereira, que é uma eterna criança, tem com que se regalar por muito tempo.

Um objecto tambem muito curioso que lhe offereceram foi um casal de gallinhas, dentro de uma graciosa caixinha, a qual, ao abrir-se, faz cantar o gallo e dar... uma hora.

Parabens por tudo ao sympathico actor e digno cavalheiro.

Na proxima semana faz beneficio o Baptista Machado, com a *Sociedade onde a gente se aborrece* e quatro monologos novos, todos originaes do beneficiado.

Hontem foi a primeira do *Duque de Vizeu*, fazendo Brazão o papel de protogonista.

RECREIO DRAMATICO

Hoje o 29. Brevemente beneficio de Ismenia dos Santos, com a primeira de *Lucrecia Borgia*.

LUCINDA

A excellente companhia lo Zarzuelas, deu hontem *As duas princezas*, de Caballero. Esta companhia parte para São Paulo na proxima semana.

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Esteve bem concorrido o sarão que a Sociedade Recreativa S. José realizou na noite de sabbado passado, para festejar a posse da nova directoria. A' proporção que os novos eleitos, com todas as formalidades, eram empossados dos seus cargos tocava durante o acto uma banda de musica.

Seguiram-se trabalhos de gymnastica, em um trapessio preparado na sala principal do edificio, onde alguns socios amadores, vestidos apropriadamente e com gosto, fizeram brilbaturas e receberam muitas palmas.

Bastante animado começou o baile e dançou-se em duas salas até ao amanhecer.

Foi uma festa muito agradável.

No Conservatorio de Musica a nova e habil pianista, a Exa Sra. D. Eugenia Guionar da Cunha, organisou, na noite de 1 de Agosto, um concerto em seu beneficio.

Regularmente concorrida esta festa. Tomaram parte nella a joven e talentosa beneficiada e os distinctos e notaveis professores os Srs. Nascimento, Cernicbiaro, Campos, Nepomuceno, Gregorio Couto, e os dignos amadores os Srs. L. Rossi, e Pedro Cunha.

Nas muitas palmas e applausos que houve coube ao grande violoncellista Nascimento a maior parte.

Com o costumado brilhantismo, a

gentil sociedade Club Hebe realisou na noite de 30 de Junho o sarão-concerto mensal.

Notava-se crescido numero de distinctas familias e cavalleiros, e completa satisfação que reinava na vistosa sala, a qual representava um *bouquet* de lindas e aromaticas flores, a par das amabilidades que graciosamente a muy respeitavel directoria dispensava a todos geralmente.

O concerto esteve excellente e muito applaudido; as danses é escusado dizer que estiveram animadas até quasi ao amanhecer.

Agradecidos sempre á directoria pelos seus amaveis convites.

Muito apreciámos o magnifico espectáculo que a sociedade Dramatica da Gavea realisou na noite de 30 no seu galante theatrinho.

Com justa razão esta respeitavel e escrupulosa sociedade gosa de elevado credito pela boa ordem que a distincta directoria tem sabido manter, e assim propocionando meios para que os seus escolhidos convidados possam passar noites agra-laveis como nos aconteceu na de 30 com o espectáculo a que assistimos, em 3 actos e 1 prologo *Abnegação e Remorso* e a comedia em 1 acto *Trinta botões* e que foram com toda discrição desempenhada pela Exas. amadoras e amadores que tomaram, parte, mostrando todos muita dedicação, estudo e grande talento.

Mas não podemos deixar de dar, e com justiça, a primasia á Exa. Sra. D. Alexandrina d'Azevedo, distincta amadora que se oncarregou do papel de Carlota, que desempenhou habilmente e que fez principalmente o ultimo acto com toda a veridade e naturalidade, sendo digna de geraes louvores.

A espagosa platêia achava-se completamente cheia, e notavam-se muitas distinctas familias com elegantes *toilettes* e respeitaveis cavalleiros da mais fina sociedade.

A brilhante iluminação por luz electrica, pelo systema Julien, muito fez sobresahir o mimoso theatrinho que se acha perfectamente reformado de novas pinturas e com todo o gosto ornamentado.

TIO ANTONIO.

VIUVEZ E SOLIDÃO

*Um dia si-te. Em teu semblante peregrino Estampava-se o luar argenteo e adormecido: —Tinhas dolente o gesto... e grave e entristecido O olhar, que se banhava em pranto crystallino...*

*Lembravam-te da outr'ora o amor puro e divino E as rosas illuzões de um sonho evasoido: —Não tinhas mais no rosto o bello colorido Das rosas matinaes e do alcor diamantino...*

*O zephyro cantava harmonicis endezias, E a lua te beijava o loiro das madeiras... Contigo só gemia o murmuro arvoredo,*

*E chorava o arvoredo... e gemias, choravas, Chamando o esposo e ao céu profundo perguntavas: Meu Deus, meu Deus, porque teaste-m'o tão cedo?...*

Ouro Preto, 87.

JOSE SEVERIANO DE REZENDE.

FACTOS E NOTICIAS

GREMIO DE LETTAS E ARTES

Foi brilhantissima a sessão litteraria que, sob a presidencia do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior, realisou esta importante associação no dia 5 do corrente.

O Sr. Dr. Cyro de Azevedo fez leitura de sua comedia *Daura*, que é um trabalho escripto com bastante talento, de enredo facil, e em que são apreciados com muita observação certos personagens da nossa sociedade. Ao terminar a leitura, foi o Dr. Cyro de Azevedo saudado com uma salva de palmas.

Leram varios trbalhos em verso os seguintes senhores:

Dr. Rodrigo Octavio—*O meu céu*, um soneto bem trabalhado e feito com inspiração e sentimento.

Alberto Silva—*Voragem Sublime*, poesia de folego, em que os versos são perfeitamente cinzelados o repassados de inspiração;

Guimarães Passos um soneto, muito correcto e elegante;

João Ribeiro—*Transfiguração*, formosa poesia, humectada de amor e finamente trabalhada;

Aurelio de Figueiredo—*Os criticos e a Pintura*, chistosa fabula, cheia de ironia;

Alfredo de Souza—*A Viuva*;

Dr. Pedreira Franco—um delicado soneto, que muito agradou.

Hoje realisou o Gremio a sua 6ª sessão litteraria. O Sr. Aurelio de Figueiredo fará a leitura de uma *vaudeville*, que intitulou *A Chave do Escrinio*.

Presidirá a sessão o Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior.

BELLAS ARTES

Tem sido enormemente concorrida a exposição que Firmino Monteiro fez dos seus trabalhos de pintura, na Academia de Bellas Artes.

Varios são os juizos feitos por competentes sobre o merecimento dos seus trabalhos. Ultimamente ouvimos dizer que a maior parte dos quadras de Firmino Monteiro são, que nos perdoo o distincto pintor, *impressões muito vivas* de quadros estrangeiros. Se isto é ou não verdade—dil-o-á a critica imparcial e competente. Nós, dando corpo ao boato, fazemo-lo para que o distincto artista tenha ensejo de demonstrar a toda a luz a originalidade dos seus trabalhos.

\*

Tem sido muito visitada a exposição de quadros do nosso distinctissimo colaborador Belmiro de Almeida.

O seu bello quadro *Arrufo* tem agraddado immensamente.

Tambem lhe tem valido grandes elogios uma cabeça de mulher, a *crayon*, que figurou no *Salon*, de Pariz.

Alfredo Palheta tratará d'estas exposições artisticas com a sua reconhecida competencia.

Pela casa de Narciso & Arthur Napoleão publicou a Exma. Sra. D. Saturnina Villas-Boas, uma bella walsa para piano, *Zelinda*, offerecendo-a ao seu professor João Pereira da Silva.

Pela mesma casa tambem a Exma. Sra. D. Ludovina Villas-Bôas publicou, com o titulo *A nova era*, uma quadrilha muito bonita.

Ambas estas composições revelam nas auctoraes muito talento, vocação e gosto.

Agradeceinos os exemplares que nos foram offerecidos.

O *Diario Mercantil*, a brilhante folha de Gaspar da Silva o Léo da Affonseca fez eervir no *Café Java*, em S. Paulo, um magnifico bauquete, composto de 18 talheres, em homenagem ao assombroso actor G. Emanuel.

O menu foi variadissimo e opulento. Ao *dessert* levantaram-se diversos brinles em portuguez, francez, e italiano.

Todos foram applaudidos entusiasticamente. Oraram os seguintes senhores: Gaspar da Silva, Dr. Americo de Campos, Dr. Antonio Carlos, Olavo Bilac, Alfredo Pujol e Léo de Affonseca. Olavo Bilac recitou tambem o seguinte admiravel soneto:

*«Etre surnaturel, feroes et noir fantôme,  
Je l'avais vu passer jusqu' alors... Maintenant,  
Tu me le fais comprendre: Othello est un homme...  
Eh bien! j'ai rencontré mon Othello vivant!*

*Ah! j'aime comme toi! Je sens ta jalousie,  
Et ma bouche rugit quand je l'entends rugir!  
Et puisque j'ai vécu un moment de ta vie,  
Merci! tu peux partir! et moi... je peux mourir!*

*Pars! va-t'en! Mais toujours, comme au fond d'un abîme  
Brille une étoile d'or, ta mémoire sublime  
Ineffablement brillera dans mon cœur...*

*Je garderai ta voix dans mon âme éternelle!  
Je garderai dans mon oreille épouvantée  
L'inénarrable cri de ta grande douleur...*

Emanuel, em eloquentes palavras, agradeceu as immensas provas de apreço de que tem sido alvo e terminou brindando a imprensa d'esta capital e a de S. Paulo.

A porta do *Java*, na occasião em que se retirava do banquete, foi Emanuel entusiasticamente saudado por grande numero de admiradores do seu peregrino e prodigioso talento.

O conhecido e habil desenhista B. I. de Vasconcelles expoz na galeria Montcada um magnifico retrato n *crayon*. E' uma criança, de tamanho natural, desenhada com muita delicadeza e arte. O fundo do quadro representa um bello jardim e é tractado com muito gosto e correcção.

Um bom quadro.

DR. DOMINGOS FREIRE

Foi imponente a sessão solenne realisada no dia 7 no theatro D. Pedro II, pelo Congresso Academico em homenagem ao Dr. Domingos Freire. O theatro estava repleto; não havia um logar vazio. Muitas senhoras. A mocidade academica de todas as escolas fez-se representar, numerosamente. Presidio á sessão o illustrado Dr. Stockler, eleito pelo Congresso, em cujo nome orou o eedutante Sr. Catramby. Foram entregues sete cartas de liberdade a escravos de ambos os sexos, todos no vigor da idade. Pronunciaram-se muitos discursos, sobresohndo pelo vigor expontaneidade do Dr. Barata Ribeiro. Alguns oradores, menos judiciosamente, tentaram transformar aquella festa da sciencia e da Liberdade em *meeting* politico, mas foram chamados

á ordem, com applauso geral, pelo digno e honrado presidente. O Dr. Freire agradeceu em uma eloquentissima allocução. O nosso illustre compatriota partiu hontem para os Estados Unidos, a presidir um congresso de hygiene. Honra ao grande brasileiro!

JOCKEY-CLUB

A convite da directoria d'este Club visitamos ante-hontem as obras que se estão apromptando, sob a direcção do Dr. Buarque de Macedo, no Prado Fluminense.

A Directoria, tendo em Vista que nos dias de grande concurrencia é difficilissima a subida e descida das archibancadas, fez alargar as escalas interiores e construir na frente da calçada archibancada uma escada recta de quatro metros de largura com degrãos de cantaria e excellente hufaustralia. Ao lado d'estas escalas estão collocadas quatro fontes de ferro fundido que facilitam o fornecimento d'agua ao povo.

Pela frente das archibancadas corre um magnifico toldo de lona de 7 metros de largura pondo ao abrigo do sol os frequentadores do Club.

As antigas cocheiras, que se achavam collocadas sob a archibancada geral, foram removidas para dentro do encilhamento e n reconstruidas com elegancia.

A zona occupada pelas antigas cocheiras foi transformada em vastissimo botequim para o publico.

A casa da *poule* foi augmentada de modo a permittir que nella trahalhem mais nove vendedores e pagadores; e a sala onde é servido o café aos socios e convidados ficou com o dobro das dimensões.

As archibancadas foram reforçadas com novo madeiramento.

Ao longo da rua Major Suckow, que não é calçada, construiu-se um largo passeio de paralelepipedos orlados de meio fio de cantaria.

As duas entradas para o encilhamento foram calçadas tambem com paralelepipedos.

Além de todos estes melhoramentos foram feitos outros, que muito concorrem para o aformoseamento do Club.

Depois da visita ás obras, a directoria offereceu um *lunch* aos convidados e representantes da imprensa, durante o qual trocaram-se varios brindes.

## CORREIO

— Sr. Fernando Gonçalves de Barros (Jacutinga.) Cá recebemos as folhas que V. S. devolveu, com esta nota ao alto: «Devolvido a redacção pois que os monstros não assignam jornaes atrevidos e incivis. Jacutinga, 1º de Agosto de 1887. F. G. B. Agente do Correio.» Não sahiámos que V. S. era agente do Correio. Pobre Correio! V. S. é um homem de coragem. Escrevemos-nos, a 17 de Julho, a seguinte carta:

«Remetto-lhe um artigo para V. Ex. ter abundancia mandar publicar pela *Illustrada Semana*.

Espero no cavalherismo de V. Ex. esta fineza; o artigo já sahio publicado n'Aprovincia de S. Paulo de 14 do cor-

rente mez, e bastou eu remetter para ser publico.

Um amigo aqui escreveu o artigo e offereceu-me, para dar a devida impurtancia, resolvei mandar para o jornal, elle é quem devia mandal-o, mais não teia conhecimento algum.

Participo-lhe que o jornal tem vindo regularmente e eu tenho feito pontualmente a entrega. Aqui estão as suas ordens.

De V. Ex. Amo Affo

Fernando Gonçalves de Barros.»

Responlemos-lhe em o n. 134 por esta forma, inoffensiva e cortez:

— Sr. F. G. de B. (Jacutinga) Sentimos não poder inserir o artigo do seu amigo (*tiens! ça rime!*) que modestamente se assigna, com sensibilidade simplicidade — um *dos seus conterraneos*; e sentimento principalmente por encerrar elle o elogio de V. S. Mas, quando não houvesse outras razões para não publical-o ha estas duas, que são importantissimas, sobretudo a ultima: 1º o artigo já foi publico em outra folha; 2º V. S. não é assignante *A Semana*. V. S. é um monstro.»

O que nós deviamos ter-lhe respondido era isto: «Pois V. tem o *topete* de nos vir pedir a inserção de um artigo que é a apologia de V. mesmo, — como subdelegado, litterato, conservador, agente do correio, e guarda-nacional? Pois isto é cousa que se peça? Ora, meu caro, mande o seu amigo, auctor da apologia, recitar lh'a, caatar lh'a, assobiar lh'a todos os dias, de manhã e á noite e deixe-nos em paz. Nós não damos para isto. Pois V. não vê logo que *A Semana* não é a praça dos apedidos do *Journal do Commercio*? A' fava, amigo, á fava e breve.»

Isso é o que deviamos ter dicto; e é o que não dissemos por uma consideraçãozinha para com a sancta simplicidade de V. S. E V. S., ingrato como um diabo, agradece-nos a attenção—devolvendo-nos a folha que nós lhe mandavamos de *graça* e chamando-nos atrevidos e incivis. Escamou-se todo porque ousámos fazer uma innocente pilheria com a sua respeitavel e desconhecida pessoa.

E replica-nos atirando-nos de lá, da Jacutinga — um par de couces!

Olhe: V. S. pôde vingar-se de nós á vontade. E' agente do Correio: tem a faca e o queijo nas mãos: é subtrahir a folha aos assignantes e a nossa correspondencia ahí. Faça-o; mas á primeira reclamação, far-lhe-emos uma boa cama com o director geral dos Correios... ou publicaremos o artigo, o tal artigo encomiastico da sua propria pessoa.

ENRICO.

## RECEBEMOS

— Estatutos do Club XV (em Santos) approvados em assembléa de 12 de Fevereiro do anno passado.

O *Direito de graça* com um brado em favor dos encarcerados pelo conselheiro Magalhães Castro.

— *Boletim Demographico* de S. Paulo, organiado pela Commissão Central de Estatistica. Muito bom.

*Descrições e cartas feitas de conformidade com o programma da Instrucção Publica, para o exame de portuguez, pelo Dr. Alfredo Gomes.*

— *Estrelas cadentes*. E' uma collecção de recitativos e canções do Julio Camisão.

Da casa editora D. Corrêa:

— *As Farpas*, de R. Ortigão, fasc. n. 5; *Fabulas de La Fontaine*, fasc. n. 43; *Os Incisores de Leubá*, fasc. n. 34 a 7.

— *Pontos da Historia do Brasil* — 3º fasciculo pelo professor Villa Lobo.

— *A Arte*, n. 2. Excelente.

— *Discurso* proferido pelo estudante de medicina da Bahia Manoel Ricardo de Souza Dias em homenagem ao Dr. Domingos-Freire.

— *Conferencia* de Quintino Bocayuva sobre o Abolicionismo.

— *Anuario* publicado pelo Club de Litteratura sobre a direcção de Max Fleuss.

— Da casa *Au Petit Journal* os ultimos numeros do *Salon de la mode* e do *Printemps* que trazem elegantes figurinos e moldes.

— *Ligeiras Notas* — sobre a choreographia da provincia do Rio de Janeiro por F. do Carmo.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde — Rua do Carmo 34.

Dr. Gyro de Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centimetros; recebem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continua a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e appparelhos para lavoura — Schubert Irmãos, Haas & C. — Juiz de Fora.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MORAIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCELAU ROSA — CASA BRANCA.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. Andre Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho — Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Visconde do Rei Branco, no 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado — Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas — Largo do Rosario — Barbacena.

Relojeiro — Alfredo Cesar da Silveira — Rua de S. José n. 51 — Em frente á rua da Quitanda.

**Hotel das Famílias** dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

**Augusto Luzo.**—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

**Dr. Netto Machado** (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

## FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

## LYRICA

DE

## FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas côres. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

## VERSOS E VERSÕES

DE

## RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

## A FLORA BRAZILEIRA

Chá, Cêra, Matte, Rapé e Sementes

FIMENTEL & DUARTE

81 Rua da Uruguayana 81

RIO DE JANEIRO

**Dr. João Botelho**, medico e operador; molestias veneroas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 5, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

**Imperial Fabrica de Cerveja** e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fôra.

**Solicitador**—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fôra.

# A' LA SAISON

Neste novo e importante estabelecimento encontrarão as Exmas. familias um completo sortimento de fazendas, modas, armarinhos, perfumarias e roupas braucas, por preços baratissimos, assim como uma.

## OFFICINA DE COSTURA

Onde se executa qualquer trabalho, com especialidade vestidos para bailes, casamentos e passeios pelos:

### PREÇOS SEQUINTES

Vestidos de merinó cachemire e outros tecidos de lã enfeitados no rigor da moda a:

60\$000 E 70\$000

Ditos de tecidos de lã lizos listados ou escossez

55\$000 E 60\$000

Ditos de tecidos de seda como sejam: faille francez, servali, damacés, setins:

120\$000, 150\$000 E 200\$000

Ditos de Zephir, toile de Alsace e outros tecidos

40\$000 E 45\$000

## ENXOVAES PARA NOIVAS POR 150\$000

CONSTANDO DE:

Um rico vestido do setim, seda, linho, damacé ou outro tecido, enfeitado na ultima moda, um veu de seda, liso ou bordado, uma grinalda com pertences, um lenço bordado, um collete, um par de meias fio d'escossia abertas, um leque de osso e setim, uma saia bordada com cauda, um par de luvas, um dito de ligas, um dito de sapatos de setim, duas camisas, uma de dia e outra de dormir.

**N. B.**—Para se executar qualquer vestido para fôra é indispensavel enviarem-nos um corpinho e a altura da saia.

**151 RUA DO OUVIDOR 151**

Perto do Largo de S. Francisco. Em frente a Nôtre Dame

**Figueiredo Vianna & Comp.**

# A NOVA-YORK

## NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY

Companhia Mutua de Seguros de Vida dos Estados- Unidos da America. Fundada em 1845---41 annos de prosperidade. Unica Companhia Estrangeira de Seguros de Vida auctorizada a funcionar no Imperio do Brazil. Capital: cerca de cento e setenta e cinco mil contos de réis. Deposito no Thesouro Nacional. duzentos contos de réis. Filial no Brazil

### 31 RUA DO HOSPICIO 31

Esta companhia de seguros sobre a vida, unica auctorizada a funcionar no imperio, por decreto n. 9.503 de 3 de Outubro de 1885, depositou no Thesour o Nacional, como garantia accessoria de suas operações no Brazil, a quantia de **Duzentos contos de réis**. Pontos importantes sob que deve ser considerada a Companhia Nova-York: Conta 41 annos de existencia, tendo começado suas operações em 1845. Sendo puramente mutua, portanto não tendo accionistas, seu capital sobe hoje a quantia de **cento e setenta e cinco mil contos de réis**.

Funciona sob a severa fiscalisação do governo americano, unico, pois, onde existe fiscalisação real e effectiva. Não ha joia nem commisso depois de tres annos, recebendo o segurado que não puder continuar com os seus pagamentos uma apolice saldada, que nada mais lhe custa e garante-lhe tantas partes do capital primitivo, quantos pagamentos tiver cumprido e na forma do contracto originario. Seus lucros são divididos annualmente pelos segurados, que recebem prévio aviso dos dividendos que competem á sua apolice, sendo o lucro a dividir do anno de 1885, segundo o balanço de 31 de Dezembro, da quantia de **dczesete mil contos de réis**. Nos casos imprevistos interpreta sempre os seus contractos sob o ponto de vista da equidade, havendo aqui mesmo no Brazil diversos exemplos d'isso. Mediante uma pequena somma annualmente (o premio na idade de 35 annos, no caso de seguro pagavel por morte, custa cerca de **quarenta mil réis** por anno por cada **conto de réis** segurado), pôde cada um constituir immediatamente um capital para sua familia em caso de morte ou para si proprio, se chegar ao prazo escolhido. A viúvas e orphãos, por morte de segurados, a possuidores de apolices dotaes, que chegaram ao periodo escolhido, a companhia tem pago, desde a sua fundação, a quantia de **duzentos e cinco mil contos de réis**.

Uma apolice da **New-York Life Insurance Company** offerece ainda aos ricos a grande vantagem de servir, como a que melho r for, de caução imediata, definitiva ou provisoria. Sendo o pagamento dos premios, assim como o capital segurado, em ouro e tendo a companhia agencias em todo n mundo, as transacções feitas no Brazi, podem perfeitamente ser continuadas em qualquer outro lugar á escolha do segurado com redução nos premios, se a residencia for em paizes de clima temperadol

### SINISTROS NO BRAZIL

| Nomes   | Logares                  | Premios pagos até á morte | Quantias pagas pela companhia á familia |
|---|--------------------------|---------------------------|---|
| Joseph Norris.....  | Londres.....             |                           | lib. s. d.                              |
| Gustavo Masset.....   | Londres (Rest.).....     |                           | 1.078 11 4                              |
|   |                          |                           | 312 3 4                                 |
| Victor Scheitlin.....   | Pariz.....               |                           | Francos 60,000                          |
| João José de F. Guimarães.....  | Pará.....                | Rs. 455\$800              | Rs. 12.000\$000                         |
| Dr. Candido Quirino Bastos.....   | Pará.....                | 593\$800                  | 24.000\$000                             |
| José João Ribeiro.....  | Pará.....                | 214\$500                  | 7.200\$000                              |
| D. A. A. Dohrman.....   | Rio de Janeiro.....      | 400\$000                  | 23.833\$000                             |
| José Rodrigues de Souza.....  | Pará.....                | 61\$600                   | 11.825\$000                             |
| Gustavo Wedekind.....   | Rio de Janeiro.....      | 146\$200                  | 23.663\$000                             |
| José Soares Pereira.....  | Bahia.....               | 717\$600                  | 13.923\$000                             |
| Paul Emilio Willmersdorf (assassinado).....   | Santos.....              | 107\$500                  | 11.613\$000                             |
| Tito Antonio da Rocha.....  | Coarã.....               | 203\$500                  | 6.176\$000                              |
| Carl Gaspar August Hayn (suicidio).....   | Rio de Janeiro.....      | 5.773\$800                | 72.000\$000                             |
| Gustavo Theisen.....  | Rio de Janeiro.....      | 1.196\$000                | 21.000\$000                             |
| José Amando Mendes.....   | Pará.....                | 1.150\$000                | 27.215\$000                             |
| Antonio Soares Pinheiro.....  | Pará.....                | 1.422\$000                | 13.770\$000                             |
| José Gomes Campello.....  | Bahia.....               | 454\$240                  | 11.200\$000                             |
| Dr. Aureliano de Azevedo Monteiro.....  | Rio Grande do Sul.....   | 455\$800                  | 13.000\$000                             |
| Ailsa Janson.....   | Pernambuco.....          | 3.531\$000                | 24.500\$000                             |
| João Balso.....   | Pará.....                | 1.433\$000                | 12.000\$000                             |
| Henriques Eulalio Gurjão.....   | Pará.....                | 71\$480                   | 5.760\$000                              |
| Henriques Barbosa de Amorim.....  | Marãos.....              | 487\$080                  | 4.800\$000                              |
| Jacques Meyer (suicidio).....   | Rio de Janeiro.....      | 2.707\$900                | 21.600\$000                             |
| Josiah White Way.....   | Pernambuco.....          | 829\$520                  | 2.400\$000                              |
| Florentino Telles de Menezes.....   | Desterro.....            | 758\$000                  | 11.919\$700                             |
| D. Emilia R. Moreira de Queiroz.....  | Bahia.....               | 971\$700                  | 11.030\$760                             |
| Thomaz Argeniro Ferreira Chaves.....  | Desterro.....            | 234\$960                  | 8.911\$900                              |
| <i>A pagar, depois de serem approvados os competentes documentos de prova de morte:</i> |                          |                           |   |
| Eugenio Leiffer.....  | S. Paulo.....            | 2.226\$400                | m/m 11.000\$000                         |
| Dietrich von Grawert (suicidio).....  | Pará.....                | 2.729\$000                | 11.000\$000                             |
| Ladislau de Almeida Cardoso.....  | Pará.....                | 5.010\$000                | 24.000\$000                             |
| Felisberto José dos Santos Lisboa.....  | Pará.....                | 862\$400                  | 5.000\$000                              |
| João Gonçalves Ledo Junior.....   | Pará.....                | 4.768\$800                | 24.000\$000                             |
| Jean Louis Seiler (suicidio).....   | Rio de Janeiro.....      | 511\$700                  | 11.000\$000                             |
| Antonio Navarro de Siqueira.....  | Rio de Janeiro.....      | 1.419\$000                | 11.000\$000                             |
| Alexandre Ferreira Pinto.....   | S. Francisco do Sul..... | 180\$000                  | 5.500\$000                              |

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

R. J. KINSMAN BENJAMIN, GERENTE.

## OBRAS COMPLETAS

DE

# CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, REtrato de Ricardina, todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Srs.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um REtrato do Auctor aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom REtrato moderno de

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em fasciculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, cada uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado.

Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

### José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol. .... 4\$000  
OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

### Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU, drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto. .... 4\$000  
SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão. .... 800

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

### Erekmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro. .... 2\$000  
D. Guiomar Torrezão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Machado e Candido de Magalhães *Contos Cór de Rosa*. .... 2\$000

### Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800  
POR VARIOS ESCRITORES  
UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 324 gravuras. .... 25\$000

## ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupaa por medida. Tem roupaa feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODO

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECÇÃO TOR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

## EMULSÃO

DE

### SCOTT

DE OLEO PURO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidad em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

# JOCKEY-CLUB

## RANDES CORRIDAS NO PRADO FLUMINENSE

Honradas com a Augusta presença de Suas Altezas Imperiaes

AMANHÃ 14 DO CORRENTE AMANHÃ

### GRANDE PREMIO JOCKEY-CLUB

A'S 11 1/4 HORAS EM PONTO

Os bilhetes de entrada acham-se á venda na Secretaria do Club, Praça da Constituição n. 26, em casa dos Srs. Baillon & Ketele, rua do Ouvidor n. 9 e na redacção do *Sportman*, rua Sete de Setembro n. 70.

### PREÇOS:

|   |         |
|---|---------|
| Bilhetes do encilhamento com responsabilidade de um socio | 10\$000 |
| Archibancada geral.                                       | 3\$000  |
| Entrada geral.  | 1\$000  |

N'esta corrida tocam as bandas de musica do Arsenal de Guerra, dos Meninos Desvalidos e da Corpo Policial de Nietheroy.

Rio, 13 de Agosto de 1887.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

PAULO JOSÉ PFALTGGRAFF, 2º Secretario.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 20 DE AGOSTO DE 1887

VOL. III-N. 438

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|   |                 |
|---|-----------------|
| Expediente.....                         | FILINDAL.       |
| Historia dos sete dias.....             | V. MAGALHÃES.   |
| Ramalho Ortigão.....                    | A. PUJOL.       |
| Cartas paulistas—II.....                | O. BILAC.       |
| Versos e Versões.....                   | J. D. DA ROCHA. |
| Forças e fraquezas, poesia.....         | A. DE OLIVEIRA. |
| Trecho de carta.....                    | V. MAGALHÃES.   |
| Bilhete de parabens.....                | J. RIBEIRO.     |
| Notas philologicas.....                 | E. PERNETTA.    |
| Edite de ouro, soneto.....              | A.              |
| Jornaes e Revistas.....                 | F. LUZ.         |
| O orfão, soneto.....                    | TIO ANTONIO     |
| Festas, bailes e concertos.....         | A. PALHETA.     |
| Bellas-Artes—Tres exp-<br>sições I..... | P. TALMA.       |
| Theatros.....                           | L. M. BASTOS.   |
| Sport.....                              | T. CAMARA.      |
| Calligraphia—Ode.....                   |                 |
| Factos e Noticias.....                  |                 |
| Recembios.....                          |                 |
| Annuuncios.....                         |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representarnos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos us. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou maudarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremo um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gill, Demure e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremo um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Erangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A minha vontade agora, ao começar esta chronica, era arranjar uma indisposição que me privasse de escrevela, como, segundo uma noticia da Semana, me aconteceu na sexta-feira passada. Mas, infelizmente, não me foi possivel constipar-me nestes ultimos dias, não arranjei uma dôrsinha de cabeça, e nem ao menos me mordeu os calos. Aquillo da indisposição foi uma intriga do meu inimigo José do Egypto, para me comprometter com os trinta mil leitores da Semana e ver se me desmoralizava para sempre; mas como o resultado me foi particularmente agradável, não me queixarei da perfidia e passo á revista da semna decorrida.

*A tout seigneur tout honneur*. Começarei rejubilando-me com o sabiá canoro por mais um soneto de S. M. o imperador, publicado pela *Gazeta* de hontem.

Quando li os primeiros versos do imperador, convenci-me de que S. M. era um homem de grande talento, dotado de excepcionaes qualidades artisticas, a arrebrantar de sabedoria. Fui levado a esta couvicção pelo facto de ver que S. M. conseguio fazer versos peiores do que os meus. Mordeu-me uma pontinha de inveja, confesso-o sinceramente, e tentei fazel-os ainda peiores do que os d'elle, atirando-me para isso a um desbragamento de metrificacão, a uma escandalosa orgia de grammatica. Não consignei nada! S. M. tinha absolutamente e invencivelmente sobre mim a superioridade da peioria.

Lembrei-me então a tempo das palavras da *Imitação*: — « Nada arriscas se te reconheceres inferior a todos; mas

muito damnoso e se te preferes a um só » — e tive um assomo de modestia: não me preferi a S. M.

Agora porém, que o meu espirito está vazio de rivalidade, reconbeço no imperador a prova de que é mais facil governar um paiz do que fazer um soneto. A politica do imperador pôde ter eido molesta para a nação, mas ninguém. — nem eu mesmo, que sou republicano ferocissimo e levado dos diabos — negarei que tem sido habiliçissima, originall, e, por assim dizer — artistica; uma politica artificiosa e manhosa, mas apparentemente correcta: a politica que poderia fazer, se subisse a um throno, uma raposa de La Fontaine. Mas, a respeito de versos, não o auxiliam egualmente as facultades do S. M. Quando o imperador atira um soneto no seio da admiração nacional, faz-me o effeito de um amator de arte dramatica a escangalhar convictamente um personagem do *Cynismo*, *Septicismo* e *Crença*.

S. M. deve restabelecer a sua saude e descer do Pindo para vir ler ás camaras os discursos do ministro do Imperio e escolher senadores nas listas triplices. Para fazer sonetos é necessario ser mais um pouco do que imperador. E' indispensavel chamar-se a gente Bocage — e este nome está muito demoralizado pelas anedotas piccrescas de Portugal e dos Algarves.

Já que escrevi do imperador, aproveito a monção para me congratular com a familia imperial, por haver sido agraciado pela rainha de Hespanha com a gran-cruz de Carlos III o principe D. Pedro, que actualmente acompaña na Europa o seu augusto avô.

Este facto mergulhou-me hontem por longas boras ua admiração e no extasis. Eu sei que S. A. teve um trabalho damnado para nascer principe; que, como principe, não trepidou em frequentar a Escola Polythecnica, nivelando-se com os filhos do povo, para ser bacharel como toda a gente; não ignoro que S. A. é joven e bonito, elegante e prendado; consta-me que honrou com a sua presença, durante um dia inteiro, a bella capital hespanhola; que passeiou as ruas de Madrid, visitou os museus, vio os monumentos, admirou os quadros dos grandes mestres, almoçou e jautou no Grande Hotel de Roma. Mas não sei absolutamente mais nada. Com respeito aos meritos que em S. A. coucorrem para que a rainha de Hespanha lhe dê uma gran-cruz, apenas sei que S. A. tem um peito para a trazer e uma casaca para a espetar. Mais nada.

E, pelo que vejo, não é mesmo preciso nada mais. Entretanto, cumpre-me declarar que me acho perfeitamente habilitado a receber da rainha de Hespanha uma pendureza qualquer. Para

o anno pretendo ir a Madrid, e hei de entrar imponente e solemnissimo no Escorial, apresentando ousadamente deante da rainha attenta — o meu peito e a minha ensaca.

E' verdade que eu não me dei ao labor de nascer principe; mas tenho intenção de pedir emprestados os titulos e as insignias de S. A. Obá II. Depois disto: tão bom como tão bom. Vou passeir pelas *calles* com aquillo tudo ao peito.

Duas grandes festas nesta semana: a de N. S. da Gloria e a do grande premio de Jockey-Club.

A feita popular da Gloria dizem as folhas que foi ainda mais concurrenda do que nos annos anteriorea. Houve nos bonds, segundo me informaram, um movimento de mais de quatro mil passes gratuitos. Este facto prova eloquentemente a religião dos funcionarios publicos, pelo que eu me apresso em recommendal-os com empenho ao Sr. bispo D. Lacerda.

A's corridas do grande premio affluiram cerca de dez a doze mil pessoas. Vê-se bem que as corridas são presentemente uma religião. Aquelle formoso e intrepido Salvatus, mal poderia suppor, ao partir para o grande tiro, que sobre a sua consciencia de cavallo honrado pesava uma responsabilidade de 83:640:8000! O que é certo é que o valente animal ganhou em 215 1/2 segundos a já respeitavel quantia de doze contos de réis. Pede-se concluir por este facto que a profissão de cavallo é a maie rendosa que ha actualmente no Brazil, te considerarmos que um ministro de estado gasta nada menos de 525600 segundos para ganhar a sonma que o Salvatus ganhou em 215 1/2.

Confesso que me fallcem para isao habilitaçõe, talentos e pernas, mas se pudesse ter o direito da preferencia, não preferiria ser ministro.

Tencionava escrever no passado numero da Semana uma carta ao meu querido mestre Ramalho Ortigão, quando a tal indisposição veio privar-me d'esse prazer.

A minha intenção era fornecer ao illustre escriptor alguns conselhos que o auxiliassem no trabalho de observar o Rio de Janeiro. Não me é possivel desenvolver em considerações as notas que havia tomado para aquelle fim. Transcrevo-as agora aqui, summariamente, já que falei nisso, para que se veja que os conselhos eram bona, sensatos e prudentes:

— Fugir da policia, e, quando por ventura atacado, antes pedir o auxilio de um *capceira* do que o de nm *permanente*;

— Livrar-se a todo custo da rhetorica nacional.

— Não se fiar na competencia, nem no criterio, nem na grammatica da imprensa indigena.

— Observar o numero prodigioso dos cartiguas que impunemente circulam por essas ruas.

— Notar que o primeiro ministro do Estado, o presidente do Conselho, o Sr. Barão de Cotegipe, enfim, vae muitas vezes dentro do seu *coupe*, vestido com um guarda-pó de brim pardo, de *cache-nez* de lã e chapéu do Chile na cabeça, sem dispensar, apesar d'esta solenne *toilette*, as duas ordenanças do *estyle*.

— Comparar o artigo 179, paragrapho IV da Constituição do Imperio (que diz: Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura: contanto que hajam de responder pelos abusos que commetterem no exercicio d'este direito, nos casos e pela fórma que a lei determinar.) com o procedimento das autoridades policiaes prohibindo os *meetings* da Confederação Abolicionista.

— Constatar que no momento em que o povo, tanto da capital como das provincias, deseja a abolição do elemento escravo; quando esta generosa idéa consegue absolutamente triumphar em todos os espiritos e apenas encontra a sustar-lhe a marcha a barreira já fraquissima do interesse material; depois de se baver promulgado duas leis abolicionistas.—o governo do Brazil declara escravas treze mil pessoas, que para gosarem da completa liberdade, bastava que fosse cumprida uma lei anterior.

— Verificar que nesta cidade o que ha de mais pittoresco não é seguramente a bahia do Guanabara, nem o passeio publico, nem o parque da Acclamação — mas sim a camara dos deputados, o Sr. conselheiro Henriques, a Sociedade Protectora dos Animas e o Instituto Historico.

— Deliciar-se com os dois extremos da belleza nacional — de um lado o Sr. senador Taunay e do outro o Sr. Castro U'rso.

O meu querido e eminente mestre desculpar-me-á: não desenvolvo detidamente estas notas, como tencionava, porque ha nesta folha uma tyrannia que faz esquecer todas as velhas instituições do absolutismo e do feudalismo — a tyrannia do espaço.

FILINDAL.

## RAMALHO ORTIGÃO

I

Muitas são as occasiões em que me entristeço por ser brasileiro, em que sinto vergonha de haver nascido nesta terra, exuberante e nova pela Natureza e moralmente já tão velha e tão esgotada. Parece-me então, nesses momentos de desgosto e desanimo, que a minha terra é de todas a mais lastimavel pelo sem atrazo, pelas suas muitas miserias de paiz rico.

Sinto essa vergonha e essa tristeza

de ser brasileiro quando pondero o que é a nossa politica, quando considéro que para entrar nos conselhos da Corôa não é preciso nem talento nem illustração nem serviços à patria; que se pôde assumir o governo do carro do Estado com a mesma toilette de um cocheiro de tilbury: — paletot enxovalhado de brim, chapéu de palha e chinélos; quando me lembro que ha cincoenta annos que se está abolindo a escravidão do paiz, e que em 1839, enquanto em Paris se celebrava o centenário da liberdade humana, a outhorja da carta de alforria da Humanidade, na minha terra, neste pedaço de continente, illustrado pelo nascimento de Washington, Lincoln, Franklin e Edison, homens e mulheres suarão lama e sangue nos eitos e d'aqui os estalos dos rebos responderão ás salvas de palmas e de tiros da França.

Tenho fastio e nojo de ser brasileiro quando obsérvo que não temos nem litteratura, nem arte, nem industria, nem commercio propriamente nosso; que o Empenho é o nosso deus e a Commodity o nosso ideal; que a «soberania nacional» é uma metaphora de navalha e carapinha, com que, a troco de alguns vintens ou de alguns empregos, se povôam as cadeiras dos vereadores, dos deputadinhos, dos deputados e dos senadores; que temos policia apenas para isto: tolerar o *Corsario*, rapar cabeças de negros fugidos e perturbar a ordem publica, para cuja garantia é paga pelo povo, impedindo-lhe o exercicio pacifico do direito de manifestação do pensamento, por meio de *bichas chinezas*, assobios e cabeçadas; que não temos força de vontade, e nem, ao menos, a vontade da força: somos uns fraços resignados, convictos, satisfeitos da nossa fraqueza; que não sabemos querer e não queremos saber — pusilanimes e ignorantes; que somos um povo que, se tivesse meios para concorrer à Exposição Universal de 1889 e, concorrendo n'ella, tivesse a coragem de se fazer representar pelos seus legitimos productos, pelas suas instituições peculiares, deveria levar ao Campo de Marte, enramados de louros, sobre peanhas de ouro e sob redomas de crystal — o escravo, o *capoeira*, o *testa de ferro*, o *secreta*, o *subdelegado*, o jogador de *vermelhinha*, o *manda-chuva*, o *bilontra* e o bacharel.

Envergonho-me de ser brasileiro quando vejo e considéro taes cousas; então se me affigura que o mais pobre, o mais mesquinho paiz da Europa — a republiqueta de Andorra ou o principado de Monaco, — é mil vezes superior a este ianenso, a este riquissimo Brazil.

Entretanto, alguns dias ha em que julgo ser o Brazil o paiz ideal, o unico a eleger por quem, nascido no espaço ou sobre um lenho sem bandeira, no alto mar, precisasse e quizesse uma patria; dias em que me alegre e ensoberbeço de ser brasileiro. Taes foram aquelles em que, quando nós em guerra com o Paraguay, se alistaram centenas de filhos — familias, abandonando-as pela Patria, para vestir a farda e empunhar as armas de soldado voluntario; aquelles em que todas as senhóras, as mais ricas e as mais fidalgas, trocavam os seus prazeres e o seu luxo pelo trabalho, fervoroso e sancto, para mandar fios, medicamentos, soccorros e lenitivos, aos seus irmãos em campanha; aquelles, enfim, em que a população delirava de jubilo ou emmu-

decia de raiva e pejo, quando chegava a noticia de uma victoria ou de uma derrota das nossas armas.

Senti-me orgulhoso e contente de ser brasileiro quando vi este povo festejar a redempção do Ceará, fazendo a um obscuro jangadeiro honesto uma recepção de conquistador romano, reentraudo os muros da *Urbs*; quando vi esta capital prestar à memoria de Camões, no tricentenario da sua morte, o preito o mais solenne, mais estrondoso e mais significativo de que ha lembrança; quando a vi correr em massa, soffregamente, a mitigar com assistencia — não com esmola — de opulento piedoso, os horrores dos terremotos na Andaluzia e das inundações em Portugal, e a tantas outras obras de confraternidade, ua desgraça, de partilha de haveres, na miseria; quando assistii ás festas que teve, ao regressar de Italia, Carlos Gomes etc...

Sinto-me bem no meu Brazil quando vejo victoriados no Estrangeiro patrios meus como os Drs. João Baptista de Lacerda, Domingos Freire, Barbosa Rodrigues e Ferreira dos Santos; e quando vejo victoriados aqui estrangeiros como Sarah Bernhardt e Giovanni Emanuel — dois artistas que, pela extraordinaria grandeza dos seus talentos e pela originalidade, pelo *anti-rococóismo* de seu trabalho, não era natural fossem tão facilmente comprehendidos nem tão calorosamente applaudidos.

Mas ha muito tempo que eu não sentia tão amplamente e tão consoladoramente a alegria de ser brasileiro como senti no dia em que chegon a esta cidade — Ramalho Ortigão.

Desde que se noticiou o dia certo da chegada d'esse escriptor, entrou a lavar a curiosidade em todos os animos, tornou-se elle o assumpto mais encontradiço, mais frequente de todas as conversações.

Não era uma curiosidade particular dos patrios d'elle, não era o entusiasmo *chauvinista* que acclamou Serpa Pinto e, ultimamente, Eduardo Brazão. Era a curiosidade de todos os que, tendo a fortuna de ler, não tinham o direito de se conservar tão indifferentes à chegada de Ramalho Ortigão como, por exemplo, á do capitão e pianista Voyer; era o entusiasmo de todos os que, comprehendendo o que lêem, não tinham o direito de uear mazorra-meute frios ante a expectativa de ter perto de si, vendo-o e falando-lhe, o grande educador popular, o grande critico revolucionario, o grande estylista moderno que fez as *Farpas*, escreveu *A Hollanda*, organisou a apothose portugueza de Camões e quizenalmente nos illustra o espirito e despolla o baço na *Gazeta de Noticias*.

Em volta *Seuegal*, o mar, na distancia de algumas milhas, ficou litteralmente coalhado de embarcações, que, apinhadas de admiradores, foram ao encontro do illustre critico, e Deus dá saúde a quem, tendo lá ido, com um desejo furioso de apertar-lhe a mão e agradecer-lhe a gentileza de uma carta recebida dias antes, teve de voltar para casa com o nariz de quem, tendo ido a Roma, para ver o Papa, de lá voltasse sem ter visto mais do que... o Vaticano.

O caes estava cheio de pessoas avidas de ver, apesar da noite que se ia cercando, a cara, ao menos o chapéu do grande homem; e para este poder tomar o carro que o esperava foi-lhe preciso romper pela multidão com a mesma arte com que se esgueira o me-

liante que empalmou o relógio do visinho e vem pistado de longe pela policia.

Fiquei contente e orgulhoso dos meus e de mim, no ver que na capital do imperio se fazia uma recepção tão expontanea e tão gentil, sem charanga nem foguete, a um homem que tem gasto toda a sua vida, não a fazer embasbacar platéias, ou a «descobrir Africas» ou a esbandalhar o seu semelhante n' ferro e a fogo, — mas unicamente, mas simplesmente a cobrir meias folhas de papel de linho com garntujas de tinta roxa.

Nem tenor, nem tragico, nem explorador de continentes, nem escachador de tigres, nem escachador de exercitos: — apenas escriptor; escriptor sem commenda no peito, sem corôa de barão á cabeça, sem *chêques* sobre o Banco de Londres na algebeira; escriptor *simplex*, sem malho de fidalguia, sem tempero de officialismo, sem polvilho de ouro, escriptor, enfim, sem nada que pudesse fazer suppor que não era só como fornecedor de combustivel intellectual ás locomotivas Alauzet e Marinoni que era elle bem acolhido e festejado.

Esse facto tem um alcance, uma significação maior do que pareço ao primeiro exame. Vou dizer porque.

Até hoje o «pio leitor» brasileiro — honra-lhe seja! — tem mostrado, portodos os modos acreditar que os livros não são feitos por ninguém, que apparecem acabados, promptos, nas livrarias, como *in illo tempore* apparecia na terra, pela manhã, o maná celeste com que se alimentavam os hebreus em caminho da terra da Promesão.

Essa entidade que alguns fantasistas de boa intenção concordaram em designar por este vocabulo «auctor», era tido em tão baixa conta, por tal modo considerado pelo supradicto «leitor pio», que este lia um livro, da primeira á ultima linha, sem sentir a curiosidade de verificar o nome de quem o escrevera, consultando para isso effeito a lombada do volume, ou o seu frontepicio; e assistia a uma peça, da primeira á ultima scena, gostando muito ou não gostando nada, sem, contudo, indagar qual o nome do auctor d'aquillo, para dizer d'elle, batendo com as palmas das mãos ou com os tacões das botas: «E' um genio!» ou «E' uma besta!»

Creia o illustre critico — se ue dá a honra de ler-me, — que não exagéro nada.

Nó Brazil, um deputado eleito por Matto-Grosso, Goyaz, ou outra provincia assim inverosimil, que só tenha feito em toda a sua vida este acto heroico: — deixar-se eleger, que seja burro como um burro e mudo como um peixe, é incomparavelmente muito mais popular, muito mais convereado e discutido, muito mais famoso do que um pobre auctor de vinte romances ou de vinte mil versos.

Entre nós, quando um poeta ou um prosador, — ao cabo de se baver arruinado a edictar-se a si proprio e de haver obrigado bom numero de cidadãos incautos a ficar com as suas obras... de graça, e de estar farto de se ouvir chamar celebre pelas gazetas — se julga em caminho da notoriedade, para fóra do reposteiro negro da obscuridade, passa um dia, inesperadamente, pelo amargo deenganço, pela horrivel decepção de ouvir perguntar-lhe um de seus collegas de repartição ou um dos seus habituaes companheiros do café, do bond, ou da charutaria:

— Como?! Pois tambem Você é litterato? Não o eabia!

Aquello *tambem* é característico; e, como symptoma, vale bem um imperio. Aquelle *tambem* representa o doloroso espanto que nos causa o descobrir que um unico nosso, a quem muito prezavamos, de quem diziamos em extasi: «Uma perola!», *tambem* desceu à pullice de fazer uma coisa que todos fazem, ou que só não faz quem não quer.

Aquello *tambem* você quer dizer:

«Homem, eu julgava-o com bastante espirito para não se equiparar ao meu barbrão — fazendo o que até elle fazendo o que *tambem* elle é. Estou parvo! O facto, poia, de se agitar esta população, espicaçada de curiosidade pela pessoa do Sr. Ramalho Ortigão, até ao ponto de ir vel-o a bordo do paquete que o trouxe, de ir esperar-o no caes do desembarque, de correr ás janellas e ás portas para o ver passar, é a prova mais cabal e mais aingularmente decisiva do excepcional prestigio, do extraordinario merecimento do Sr. Ramalho Ortigão; porque este nosso illustre hospede, não só *tambem* é litterato, como nunca foi, não é, e não pretende nem ambicionar ser outra coisa.

Por este simples facto, «po leitor», façe-me tu agora a fineza de calcular o valor do homem que ora nos honra com a sua visita; calcula-o, enquanto eu descanso a penna e a tua illustrada attenção.

VALENTIM MAGALHÃES.

## CARTAS PAULISTAS

### II

17 de Agosto.

O Olavo manda-me dizer que é chegada a minha vez de rabiscar uma *carta paulista*...

Mas o malvado não me quiz emprestar a penna de ouro com que escreveu a primouira. Paciência. Servir-me-ei d'esta pobre penna de ago. tão prostituida pelo infamissimo trabalho de resumir theses... de *Direito Ecclesiastico*...

S. Paulo voltou aos seus eixos, isto é, voltou ás suas noites.—longas e crísticas,—feitas de insipidez e de garón, aos seus dias quentes e poeirentos, ao seu monotono movimento do cidade procipliana, e ás suas pequeninas intrigas politicas...

Foi-se o grande espirito que por alguns dias animou esta frigidissima Paulicéa, foi-se o grande homem que veio fazer uma verdadeira revolução na *capital artistica* do Brazil,—como lhe chamou Sarah Bernhardt,—desde a Liberdade até ao Braz, desde o Campo dos Curros até á Tabatinguera...

Lá se foi para Campinas... e d'ahi irá para Santos, e de Santos para a corte, e da corte... ai de nos! para a Italia—aquelle assombroso genial Emanuel, o Othelo terrível do immortal poeta inglez, o mysterioso Hamlet, o desditoso Conrado, o espertalhão Mercadet, o Nero devasso e covarde... Ai de nós! Lá se foram todos, todos esses grandes personagens, com cuja vida nos consubstanciámos por umas poucas de noites e que nos deixaram no espirito tantas e tantas impressões...

Infelizes que somos agora!

Mas... se lembrar é viver outra vez. —como disse um sujeito qualquer— recordemos na festas que ao grande actor se fizeram na capital da patria paulista.

Generam os prontos, saltaram dos dicionarios os adjectivos mais retumbantes, fizeram-se versos, perpetraram-se discursos, promoveram-se banquetes, organisaram-se passeiadas, effectuaram-se, em summa, manifestações de toda especie em honra do unico e verdadeiro interprete de Shakespeare.

O beneficio do extraordinario artista foi um dia de grande gala para a Arte.

O S. José encheu-se litteralmente, e Emanuel recebeu uma das maiores ovações a que tenho assistido em theatro: flores em profusão juncavam o pulco, em meio de calorosissimos applausos, todas as vezes que o artista vinha ao proscenio, e quando ao terminar o 4º acto do *Kean*, Emanuel entregou duas cartas de liberdade, proferindo, comovidissimo, um tocante discurso,—para muita gente a melhor peça da noite,—rebentou uma tempestade dos mais entusiasticos bratos que tenho ouvido a platéias em delirio.

E o eminente tragico vio-se envolto nos braços dos amigos, que lhe foram render todas as homenagens possiveis.

Immensos ramulhetes de camelias e violetas, retratos, joias, pompos, coroas, e um bello *Album* da comedia franceza,—offerta dos academicos—atopetavam o camurim de Emanuel, sem falar no sem numero de lenços e chapéus que vovam de todos os cantos do theatro.

Uma verdadeira noite de grande gala! Infelizmente, porém, a todas as cousas sérias anda sempre appensa a ficelle do ridiculo.

E' o caso que, depois do espectáculo, levado em triumpho o festejado artista, ao som de musica e de foguetaria, até ao Grande Hotel, houve tres tentativas... de assassinato por oratoria.

Grças, entretanto, a alguns benemeritos cavalheiros, abafaram-se as explosões da *verborragia*, não havendo discursos a lamentar.

Ainda bem que d'esta escapou Emanuel, assim como de um sinistro *retrato a oleo*, que esteve impuamente exposto durante oito dias no Garraux, e que por um triz lhe teria sido offertado, com o competente cortejo de *charanga*, *discurso* e *copo d'agua*... Livro! Coisa singular:

—Deu-se em S. Paulo o mesmissimo facto que se passou ahi, durante as representações do *Othelo*, e que foi, se me não fuib a memoria, censurado por Arthur Azevedo, no seu apreciadissimo *Palanque*:—as gargalhadas inexplicaveis da plateia em certas passagens d'aquella peça, bem como outros lances, eminentemente dramaticos, do *Nero*.

Emanuel não foi feliz com os seus especta dores de S. Paulo. Nas primeiras representações, grande numero de crianças de peito, provavelmente desmadas de fresco, organizaram uma verdadeira orchestra de gritos: Prohibiu-se-lhes a entrada no theatro por um aviso muito cortez. Pois bem, o espirito não entendeu de interromper os espectaculos por outro meio, e mandou o defluxo. E toda a gente a tossir, a expectorar, a espirrar constantemente... Um inferno!

Atalhou-se o mal com o *Narope de Cambará*... Veiu a sandice. E os idiotas entraram a rir perdilunemente, nas

scenas mais commoventes do repertorio de Emanuel...

Exquisito, não acham?

S. Paulo prepara-se para receber o Sr. Ramalho Ortigão, outro grande artista muito mais conhecido nosso que esse assombroso Emanuel, surgindo subitamente, modesto e ignorado, de um cantinho do velho mundo.

E' facil de calcular a anciedade em que estamos todos por ver o pacifico revolucionario das *Farpas*, por the falar, por lhe ouvir a palavra, brilhante e concettosa de certo, como os lumpejes de sua penna diamantina. A academia, porém, ao que parece, não quer ver em S. Paulo o illustre escriptor portuguez.

Prepara-lhe uma ovação. Tanto basta para que Ramalho renuncié a viagem a estas terras de Amador Bueno.

Eu imagio a impressão de contrariedade que causou ao grande critico, quando soube que taes manifestações se prepararam aqui, a medonha perspectiva de uma banda de musica com estandarte á frente, de uma massa compacta de povo que solta vivas a tudo, de um uancebo pallido e desgrehado que tira correctamente da algibeira do crasco umas tantas tiras de papel, e começa a ler, tremulo de emoção:

—« Mestre!

Horriavel!

Não; não tenho mais esperanças de ver em S. Paulo o Sr. Ramalho Ortigão.

ALFREDO PUJOL.

## «VERSOS E VERSÕES»

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Apenas um pezar, e um grande pezar, fica a opprimir o espirito do leitor, ao fechar, na ultima pagina, este extraordinario volume dos *Versos e Versões*: E' que não haja entre nós quem possa, competente e imparcial, estudar este poeta, louvando-lhe sem excessos as boas qualidades e censurando-lhe os defeitos sem inveja. Porque o Brazil, que tem poetas como Raymundo e Alberto, jornalistas como Ferreira de Araujo, romancistas como Machado de Assis e Aluizio, e *conteurs* como Lucio e Valentim, não possui um critico que, digno d'esse nome, possa dizer a verdade, não só com competencia, mas com imparcialidade tambem.

E Raymundo Corrêa chegou ao periodo em que o poeta deve desprezar todos os artigos louvaminheiros e todas as criticas azedas, para confiar exclusivamente no criterio de uma critica futura.

Quem escreve estas linhas confessa-se de todo incapaz de dizer d'este livro qualquer outra coisa que não seja a expressão do maior entusiasmo e da admiração mais convicta. E' um apaixonado: não lhe procitem no que escreve a menor pretensão de vir trazer a publico um estudo critico da obra inimitavel do poeta. Um unico motivo o impelle: talvez com a leitura d'este artigo, alguém haja que, levado de curiosidade — porque só por curiosidade se lêem versos no Brazil—procure coaclear e admirar no lo riquissimo thesouro de sentimento e de arte que

lha profusamente espalhou pelas 200 paginas dos *Versos e Versões*.

Eu tenho para mim que ninguém, tendo lido os alexandrinos com que abre o volume, poderá fugir á tentação de percorrel-o todo, sem forças para arrancar os olhos da leitura, interrompendo por um momento a sensação suavisima, que delicia e embriaga o espirito, da primeira á ultima pagina. porque o estylo d'este poeta é como uma larga torrente de on-las sonorras e vivas, rolando pol-tras azedas e turbillhões offuscantes de ouro fulgido. Ai de quem, posto á margem, incauto e saccado, lhe ouve um momento a harmonia encantada das aguas! Chegase para junto dellas, e a viae, deslumbro e seu forças, torrente a baixo, de imagem em imagem, de trocadilho em trocadilho, de surpresa em surpresa!

Raymundo Corrêa com os *Versos e Versões* e Alberto de Oliveira com os *Sonetos e Poemas* marcaram definitivamente a nova phase da poesia brasileira e assignalaram a direcção que de hoje em diante será seguida por todos os poetas que se lhes succederem.

Adeus! adeus, *gladio da Justiça*, e *sombra do Infinito*, e *hyena da Tyrannia*, e *nariz de Falstaff*, e *dragão do Nada*, e troços de todos os tamanhos e chapas de todos os feitios! Já era tempo que alguém, libertando-se da perniciosa influencia que Hugo, Byron e Junqueiro — a luterados e estragados por uma geração de ineptos — vieram exercer na poesia brasileira, soubesse encontrar um novo molde, mais humano e mais simples, em que a alma do poeta possa melhor expandir-se e cantar.

São dois parnasianos os reformadores, dois *impassiveis*. Louvada o abençoada seja a *impossibilidade* dos dois maiores poetas que o Brazil tem produzido depois de Gonçalves Dias!

Pudessem todos os *hugonanos* exaltados, todos os sectarios ardentes dos arrojos altissimos de Castro Alves e dos desbragamentos de linguaçem de Alvares de Azevedo, — com todo o seu arsenal de desvairadas hyperboles, — commover tanto como estes dois deliciosos *impassiveis*!

São os dois mestres consagrados e incontastaveis, tendo cada um o seu estylo diferente, empregando cada um o seu processo especial.

Alberto tem o esplendor da linguaçem, o maior poder descriptivo que tem apparecido em poesia brasileira, a pureza immacula do dizer, a opulecia deslumbrante do vocabulario. Raymundo tem a sobriedade encantadora do estylo, a harmonia e suavidade do verso e este extraordinario poder de produzir os maiores effeitos com os meios mais simples.

Ha na poesia — *Versos a um Artista* — uma estrophe que é, a meu ver, a proffissão de fé litteraria do auctor:

... piata-a não em vasto perystillo  
De capitels corinthios, mas n'aquella  
Sobria feição do estylo dorio: estylo,  
Que, por mais impes, mais proprio d'ella,

A Nissia, a que se referem as maravilhosas estrophes d'esta poesia, é a musa do poeta.

E' aquella *belleza antiga* a sua musa, aquella belleza grega, simples e inexcusavel, que fugiu do mundo com o ain-

cel de Apellis e o estylo sobrio dos poetas da Hellade: é a belleza de corpo, de linguagem e de sentimentos da raça antiga de que escreveu Emilio Souvestre: «mais ce qui me frappe c'est ce culte de la parole et ce goût de bien dire. Qui donnait donc á ces nations le loisir de sculpter et de polir le langage? On était donc la classe illetrée chez ce peuple, dont les marchandes d'herbes reconnaissent Theophraste, parce qu'il parlait trop purement?»

E' Nissia a musa do poeta. Não a quer elle nua e impudica; quer poupar-lhe ás faces a onda purpúrea, e recomenda:

Deixs que a roupa avata  
Do peito o virginal thesouro esconda  
E o mais, até onde, perfeita e clara,  
A barrige ds perna se arredonda.

Basta-te á vista esperta  
Revelar-se através do linho grosso  
O alabastro da espalda mal coberta  
E o Paros do pescoco.

Mas tambem ordena que a pintem com

O ar de castidade austera  
Que ás semi-deusas da Odysséa s'eguala.

Quer vél-a no Olympo, dominando-o  
todo com seus preciosos olhos verdes,

Ou da barpa antiga os mysticos segredos,  
De Sappho as odes, de Thimoteo os hymnos  
Frenetica arrancando com seus dedos  
Longos e alexandrinicos.

Quer, em summa, que o artista a colloque em meio a um Parthenou.

Sem os crespos florões de acantho e louro,

constantemente vestida, mas não vestida á moderna, com a belleza prostituida pelos enfeites ridiculos da moda.  
Esta é a sua musa.  
E isto que elle diz ao artista

Um quasi nada basta emim que traia  
Ao teu olhar agudo,  
Para que este deduza, tire e extraia  
D'aquelle quasi nada quasi tudo—

é a que elle proprio sente e pratica.  
Basta-lhe um quasi nada — meia duzia de palavras vulgares — para que o seu talento extraia d'aquelle quasi nada quasi tudo: — a phrase mais perfeita e harmoniosa.

A's vezes não é de todo sobria a phrase: accumulam-se os adjectivos, succedem-se os adverbios.

Sirvam para prova:

Porque atraz de uma vaga esperanza  
Fatua, aerea e fugaz, frenetica....

Pequenos, microscopicos, cbinezes...

Tenué, longinquas, branda, solitaria...

...spenas, mnto a medo,  
Fugaz e só em rapidos instantes,  
vaga e indistinctamente...

Mas nesses poucos casos em que o poeta sacrifica a sobriedade á precisão, ganha a idéa que fica mais justamente expressa — submissa e captiva dentro do circulo de ouro do seu estylo impeccavel.

Outro caracter tambem muito saliente do estylo de R. Corrêa é o joga de palavras repetidas, trocadas, invertidas, contra-postas—verdadeiros jogos malabares em que se compraz este artista nervoso e irrequieto, que sabe transplantar para seus versos toda a exquisita mobilidade, toda a frenetica agitação de seus nervos. Porque é preciso conhecer de perto o Raymundo, tractal-o por muito tempo, para poder apreciar completamente a sua obra.

Ha, por exemplo, nos *Versos e Versões* um soneto *A Horacio Flacco*—um primor de concepção e de forma—que é talvez a pagina mais sincera do livro. Não é, no sereno Horacio, a sobriedade de sua musa o que mais lhe inveja o poeta, nem o seu bom senso, nem o seu engenho, nem o seu estylo verdadeiro:

Mais invejavel digo que é, e julgo,  
A sciencia não vulgar de em companhia  
D'ella e olvidado do profano vulgo,

Dentro em ti mesmo achares essa pura  
Paz de espirito e essa intima alegria  
Que dabalde entre os homens se procura.

O profano vulgo! E' este vulgo profano que o cerca e no meio do qual procura em vão a paz para o seu espirito doente e agitado, é esta onda negra da imbecillidade humana que em torno d'elle torvelinha e espuma—é isto o seu tormento e o seu desespero maior.

Tambem que pessimismo doentio respiram alguns de seus versos! como se vingá o poeta da mediocridade dos outros!

E' elle igual em tudo áquelle chorado Arthur Barreiros, cuja morte é cantada numa das mais bellas poesias do livro:

Este a que o mundo olbar e ouvido  
Tapa e detesta,  
Que fala á turba e é sempre d'esta  
Incomprehendido:  
Ante ella a fronte, onde lhe brilha  
Rutilo estemma,  
Digna de régio e aureo diadema,  
Jamais humilha.  
Se a esponja esgota, em sorvos lentos,  
Que o humor amargo  
Abeberou do oceano largo  
Dos soffrimentos;  
Tambem um sacro fetichismo  
O alenta; e, errante,  
De sonho em sonho, ell-o em constante  
Sonnambulismo.

São o retrato vivo de Raymundo estes versos. Já num esplendido artigo publicado n' *A Semana* estudou Lucio de Mendonça este adoravel rapaz, este extraordinario e modestissimo poeta, que poucos amigos conta, apezar de suas muitas e raras qualidades, e que por poucos tem sido inteiramente comprehendido e amado.

E' que não ha muita gente que possa entender e desculpar a singular doença d'estes divinos doentes...

A philosophia de Raymundo,—porque ha muita philosophia nos versos d'este *impassivel*—revela-se em cada uma das paginas de seu livro. Leiam-se *Temor*, o *Misanthropo*, *Versos á memoria de Arthur Barreiros*, a *Horacio Flacco*, *Job*, as magnificas quadras *Sobre Schopenhauer*.

Mas, ao lado de tudo isto, que deliciosas paginas de sentimento purissimo, que inesgotaveis thesouros de poesia lyrica!

Citarei, para nads mais citar, os ter-

cetos—*Luisinha*—que são, a meu ver, a mais vibrante e colorida peça do volume.

Leiam-n'os, leiam todos os *Versos e Versões* n'elles que ainda, para sua vergonha, não tiverem saboreado o riquissimo livro de Raymundo Corrêa. Leiam-n'os e ficarão habilitados a julgar do grande merecimento d'oste poeta e a desculpar a inveja dos que o perseguem—E se quizerem dar-lhe a recompensa do muito prazer que lhes causar, e aos seus perseguidores um castigo qualquer, façam a applicação dos bellissimos versos—*A Stenio*—uma das melhores paginas do livro.

S. Paulo, 5 de Agosto de 1887.

OLAVO BILAC.

## FORTE E FRACO

Quando os meninos vêem passar na rua  
Um cão, em cujos olhos distrahi-dos  
Um t-que melancolico attenua  
A altivez de dos cães nos olhos vê-se,

Cercam-o. Em todos lê-se  
O traiçoeiro desejo criminoso  
De perseguil-o pela rua fora  
A's pedradas, aos gritos, aos rugidos.  
O pobre cão mdrroso,  
Conhecedor dos homens, pára... A'quelles,  
Que mal lhes faz que vá, como deseja,  
Colber um osso, embora  
Nua branco? Mas nelles  
Adivinha inimigos: volta. A' frente  
Saltam-lhe os pequeninos saltadores.  
Este pedras lhe atira, outro pejeja  
Por tirar-lhe as orelhas fora.

Emtanto,  
Paes e mães, Jas janellas, insensíveis  
A's lancinantes, pungitivas dores  
Do cão, applaudem calorosamente.  
Os paes e as mães applaudem, sublinhando  
Traços proprios nos filhos, mais visíveis  
Provas de identidade,  
De parentesco e de similitude...  
Pois nos homens das mais diversas côres  
E mais varia virtude,  
O traço dominante é este: applaude  
ê homem, visivelmente satisfeito,  
— Ou seja duro ou nos pareça brando —  
Quem persegue, quem bate,  
Em seu proprio proveito,  
Outro que evite, e furte-se ao combate;  
Que, mesmo em frente aos fracos e pequenos,  
Com a propria fraqueza apenas conte;  
Que na fuga não páre, e nem ao menos  
Possa os dentes mostrar, com que amedronte.

J. DIAS DA ROCHA.

## TRECHO DE CARTA

Meu caro Olavo Bilac.

Li ha pouco sobre os *Versos e Versões* o artigo que publicaste na pagina litteraria do *Diario Mercantil*, de 7, um dos numeros mais felizes d'este jornal.

Estou contigo no que dizes do nosso Raymundo; merece elle, a todos os titulos, quanto de mais alto louvor possam produzir a tua, e as adamantinas pennas de todos os que, não melhor do que tu, se presam de escrever com seriedade na lingua bella e difficil em que praticamos.

Raymundo é poeta e dos melhores do mundo. Tem todas as qualidades das que, pela Arte divina, conseguiram romper os paradões de bronze dos tempos, e, sublimes de canção e de genio, sahir lá fóra, nos dias claros da immor-

talidade e da gloria. Assenta-lhe bem a corôa de louros com que o apresentas á cõga multidão, fatua e má, esquecida e ignorante dos divinos cantores que por ella passaram, e dos que ninda sgora atravez d'ella se vão, desperdiçando em versos a sua alma de cysne.

Teu estylo, á feição de um cinzel, rasgou, poliu a maie bella pedra marmorea, para d'ell' extrahir a imponente estatua do glorioso poeta. Extrahiste-a, apumaste-a no pedestal, dêste-lhe o teu culto de artista e... porque nunca esteve só o teu coração, mas a outro coração sempre unido, não quizeste a tua obra sózinha. Era preciso um par á brilhante figura e, ai de mim! fui eu, no meu barro humano, o sacrificado do divino trahalho. Trituraste-me duas, tres vezes, amassaste-me, tomaste o bolo, cavaste-lhe uns olhos, rasgaste-lhe uma bocca, abriste-lhe uns dedos, e, prompto: olha o Alberto! olha o *pendant* á formosa estatua!

Ah! meu amigo, não chego mais a tempo de pregar-me um tremendo empurrão e ficar nos calhás da minha obscuridade; mas vae d'aqui, armado de sete lanças, este protesto contra o que, incidentalmente, escreveste de minha pessoa. Raymundo não tem par em nossa litteratura.

Esta é a verdade.

Puxar-me da Engenhoca, mandar-me que cresça e por-me juncto ao grande poeta, só lembraria ao meu Olavo. O auctor da *nenia* á morte de Arthur Barreiros nunca terá um companheiro de sua estatua. N'este ponto, arremettendo ás alturas do pensamento, será como uma agulia isolada, uma sorte de *misanthropo* da gloria.

Reconheço o que valho para comprehender a minha disparidade com elle. Andaste mal, equiparando-nos. A meu lado, produz elle sobre mim o effeito das cathedraes sobre os pequenos albergues: achata-me, ridicularisa-me. Quem com tanto saber produziu aquelle admiravel livro dos *Versos e Versões*, repito, está só, não tem que se lhe aproxime ninguem: Como arvore immensa, por onde estender-se, achará tudo vasto de outra existencia, porque é esta a verdadeira grandeza, a que se isola de tudo. Só na queda os grandes homens, como as arvores enormes, é que vêm ao conhecimento da immensa população que lhes ferve aos pés, e em cujos braços elles se vão despenhar, rugidores e horriveis, a muitos arrastando em sua ruina.

Deixemol-o, pois, ao nosso poeta. Tu, por outra vez, ou elimina esse coração, que a ambos nos comprometes, ou estuda melhor a sciencia dos confrontos.

Foi de teu artigo a parte que me desagradou, esta em que me apresentas como poeta, de mãos dadas ao nosso Raymundo; tudo o mais honra-te e a mim, que tenho como meus os teus bellos triumphos. Abraço-te.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Engenhoca, 9 de Agosta.

## BILHETE DE PARABENS

A VALENTIM DE FIGUEIRÓ

Não podes calcular com que prazer encontrei hoje, ao chegar ao escriptorio d' *A Semana*, o lindissimo cartão em que me participas o teu casamento.

Realments muito devo merecer-te para que furtas, assim, à tua deliciosa lã de mel uma ou duas horas para trabalhar o delicado e precioso primor artistico com que me brindaste. Bem se vê que elle foi pintado por um cassidinho do fresco, tendo ao lado o sorriso meigo, os olhos humidos do affecto e as mãos brancas da esposa, a chegar a enxer das tintas, a dar-lhe os placcis, a espiar o trabalho por sobre o hombro do artista, e recompensando-lhe as bellezas com beijos discretos, e com beijos apenas esboçados, para não perturbar-o.

Bem se vê tudo isso na delicadesa do desenho: uma trepadeira vermelha, fechando-se em oval, coroada por um grande galho de jasmineiro de folhiolas verdes e douradas; no mimo e na frescura das letras da inscripção: « Ao omigo Valentin Magalhães, João Valentin de Figueiró e D. Leonor Nogueira Valentina de Figueiró participam o seu casamento. Barra da S. João, 31 de Julho de 1887. »

Encantadora, sabes?, a paizagenzita que pintaste no angulo inferior esquerdo do teu primoroso cartão.

Deve ser algum ponto d'essa terra, que d'ora avante será para ti o paraizo terrestre porque nella foi que alcançaste a suprema ventura, o supremo ideal na terra: a tua bóa o amantissima Leonor, a quem offerceas todos os teus trabalhos, em uma dedicatoria trcseds a letras minusculas, num cantinho do quadro ou do cartão. Como que, sssim, lhe dizias:

« Olha, vó, meu amor, isto é teu, todo o meu trabalho devo'to, a ti; porque em ti penso nas horas de trabalho como de repouso, porque vem de ti o estímulo que inspira o meu talento e impulsiona o meu braço, a luz que enlára, estrella e diamantisa os meus quadros, as minhas phantasias calligraphicas; o vida, emfim, de que vivem estes arabescos, estas flores, estas letras, estas illuminuras; a vida que aeoolore, que as movimenta, que as espiritualisa. Não é teu o meu coração? Não é teu o meu pensamento? Pois quanto produza este, quanto se inspire naquello é tudo teu e a ti o dedico e consagro e offerço. »

Que placidez, que espelhamento o d'aquellas aguas! que poesia naquella egreginho, branquejando ao alto de um monte, sob o esgarçamento caprichoso das nuvens no céu risonhamento azul, emquanto um barquinho desliza mollemente, reflectindo na agua a sombra perpendicular do seu mastro!

Obra de artista este cartão, e de artista noivo, de artista esposo, de artista feliz.

Já caducou e morreu aquella theoria assolladora do Cornioli, na *Daita*, de que o artista precis de ser desgraçado para ser grande, de que o melhor tempero para as tintas são os lagrimas.

Deixa que nos chamem burguezes, meu caro Figueiró; não ha outra fonte de inspiração mais fecunda e sã do que a ventura domestica, do que a paz e o aconhego quente de um lar obscuro, em que se ria e cante uma mulher honesta e bondoso, que nos ame, e papagueiem, saltem e traquinem crianças robustas e meigas.

E, respondendo á tua gentilissimã participação, os votos que faço resumem-se neste: que não falte nunca ao teu talento e ao teu coração de artista essa abençoada fonte de suggestões e de inspiração para o trabalho, e que a Musa da Familia te atapéte de flo-

resa estrada que todos nós, artistas, palmilhámos, afadigados, em busca d'esse tão sonhado, tão querido, e quantas vezes! tão cruel ideal!

Rio, 18—8—87.

VALENTIM MAGALHÃES.

IDADE DE OURO!

A RODRIGO OCTAVIO

*Postas de um tempo de ouro mais triumphants, Mais doces... como a vida vos corria... Entre os deuses, da taça inebriante Bebendo a longos sorvos a alegria!*

*Reis de Venus, que era a vossa amante, E de Vulcano... e em meio da ambrosia Das deusas nhas pelo bosque adeante Amorosos andaveis todo o dia...*

*Nós, se das nossas deusa sail queremos Nos rir, das proprias situações sobramos, E, gelados, de subito trememos...*

*Tristes ficamos, vendo um Deus exangue, Um Deus que chora como nós choramos, Em copiosas lagrymos de sangue!...*

S. Paulo, Julho de 1887.

EMILIANO PERNETTA.

NOTAS PHILOLOGICAS

Tenho entre mãos um compacto volume de maia de 300 paginas, sob o titulo de *Grammatica Analytica da lingua portugueza* (1).

E' um livro bem escripto, meditado e composto com muita arte.

O suctor é ainda jovem, mas, a psr de uma educação scientifica bsstente razoavel, possui um talento original, independente e promissor dos mais bellos fructos.

Ha na obra do Sr. Maximino Maciel, mais de uma pegina digna da attenção dos homens doutos, para os quaes, entretanto, não foi o seu livro escripto.

Brevemente, creio, estará o Sr. Maximino occupando conspicuo lugar no *Instituto Philologico*; e desde já desejo fazer-lhe algums revelações curiosas. Foi o *Instituto Philologico* um dissimulado club da vaidade, em que, a pretexto de philologia, visavam os socios a discretos confabulações com o uosso inclyto monarcha.

De sorte que, sem a presença do Imperador, jamais foi vista a philologia domestica do instituto. Tão grande cuidado sa poz em que assim fosse, que certo *alguem* minusculo arranjou um paliudico aphorismo: *Pas de rot, pas de philologie*.

Com esse systema, tornou-se a vernaculidade um especie de appendice do conciliabulo palaciano, armado pela pallida cohorte desgrenhada dos grammaticos encanecidos diante de nm promome, e de olheiras cavadas pela ponta de um accento agudo.

(1) Recebi tambem, em momentos diversos, os *Pontos de Francoz* do Dr. A. Gomes, e a *Grammatica portugueza* dos Srs. Lameira de Andrade e P. Junior. Agradeço a offerta. Esses livros já receberam o juizo da imprensa fluminense.

J. R.

Se a alguém fosse lido o intento criminoso de premeditar uma sessão, era de toda a prudencia consultar a boa vontade do imperial figalo de Sua Magestade.

Succedim, frequentemente, alguns choques inevitaveis, quando, por exemplo, achavim-se em conflicto a imperial *synalepha* com a *synsepha*, mais modesta e amena lo professor Coruja. Nestas emergencias, os mesmos pallidos e magros philologos encerravam n sessão, numa grande violencia demagogica, convencidos de que nesta boa terra o Reitu lo faz e desfaz,—subdelegados e substantivos, inspectores de quarterão e innocuos adverbios.

Caso muito diverso, porém, se dava quando o Imperador assistia às sessões; a mesma truculenta legião dos mesmos philologos magros e pallidos, com formidaveis manuscriptos, clamavam, altiloquentes e graves, até que os advertiam de que o regio Houero começava a parecer um singelo e pescato dorminhoco.

Eis o que foi, é a será o *Instituto Philologico*, Sr. Maximino.

Se tem coragem, entre paru lá.

Se tem ainda maior disposição, estude consigo e realise a esperança de que o seu excellente livro offerce precioso attestado.

JOÃO RIBEIRO.

JORNAES E REVISTAS

O n. 7 da *Revista Mensal* do Club de Engenharia traz excellentes artigos sobre a Exposição dos caminhos de ferro brazileiros, discursos pronunciados por occasião da abertura da Exposição, o relatório do Club de Engenharia e outros trabalhos.

*Il Brasile* uma das mais importantes revistas italiunns, que apparecem no nosso paiz, dá-nos em seu numero 8 bons artigos sobre commercio, agricultura, industrias e finanças. Acompanha este numero um magnifico mappa da provincia do Rio de Janeiro, mandado organizar pelo presidente da provincia Dr. Fernandes Leão, para o serviço da imigração.

Ns sua primeira pagina dá-nos a *Revista Illustrada*, n. 482, um bonito retrato de Ramalho Ortigão e nas outras deliciosos desenhos consagrados a abolição dos escravos.

Texto variadissimo.

Está muito bom o n. 439 do *Mequetrefe*. O lapis do Netto *caricatura* com espirito os ultimos acontecimentos politicos e deu-nos dous bellissimos retratos: um de G. Emanuel, outro de E. Brazão.

Tamos o n. 5 da perfumosa e delicada *Violeta* que floresce na imprensa de S. Paulo. Contém excellentes trabalhos em prosa e verso. Do seu doirado cofre furtamos esta joia, do saudosissimo Adelino Fontoura:

FLOR

Toma esta flór—escanta-lhe os perfumes, retrate-se a pobresinha, meu amor, menos bella que tu, sente ciumes, não tem perfume junto aos teus perfumes: é menos flór que tu, mimosa flór.

O *Piaba*—orgão do Club dos Progressistas da Cidade Nova. Viva o Progresso e... *Mazize!*

Sob a direcção do Dr. Alambary Luz appareceu nesta corte uma folha quinzenal — *A Instrucção Publica*. A julgar pelos bons artigos com que se estraiou, creimos que o noval colleça terá carreira brilhante e gloriosa, satisfazendo plenamente os fins a que veiu a luz. São editoras Laemmert & C. A estes a no Dr. Alambary Luz, competentissimo em questões de ensino, damos cordiaes parabens pelo seu patrioticamente.

A.

O ORFÃO

Aquelle pobreinho que sil vas, Todo de luto, pela estrada a fóra, Como um pequeno passaro, sem pss, Sem ter, pra' repoussar, um ninho agora;

Aquelle pobreinho, véds-o, olhae! Cheio de fome, sumrgurdo chora... Oh! vós que tendes filhos! anpase Esse orfãosinho que una dór devóra!

Desde manhan chorando o vejo assim: Mas ninguem o prótege, so miserande, Ao loiro e vagshundo cheruhim!

A mãe hontem morreu! Triste e sosinho, Póz-se a vagar então, sempre chorando, Como um pequeno passaro sem ninho!

FABIO LUZ.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Pora aolemnisar o baptisado de um seu filho, organisou o Sr. Francisco Genelicio Lopes de Araujo, na noite de 15 do corrente, em sua residencia á rua do Areal, uma esplendida *soirée* dramatico dansante.

No elegante theatrinho, improvisado em uns das salas do predio, representaram-se as seguintes comedias em 1 acto: *Notas Falsas, Por causa de um folhetim*, e a *Baratinha*.

Tarminou o espectáculo com uma interessante scena comica original de João Lopes.

Tomaram parte no espectáculo pessoas da familia do distincto cavalheiro, desempenhando todas ellas com muito talento os papais a seu cargo.

Terminada a parta dramatica, principiou a dansante, que so terminou quando a Aurora com seus dedos cor de rosa etc.

Foi uma bella festa familiar.

Com o concenro de couheciãs artistas realizar-se á no dia 26 do corrente, no theatro D. Pedro II, um grands concerto, habilmente organizado por Milles. Felicité e Maria Augusta Petit.

TIO ANTONIO.

## BELLAS ARTES

## TRES EXPOSICÕES

## I

## EXPOSIÇÃO FIRMINO MONTEIRO

Sem a menor duvida Firmino Monteiro é um grande trabalhado. A exposição por elle organisa ta. em uma das salas da Academia de Bellas-Artes, prova claramente esta tão apreciavel quanto,—sem offender susceptibilidades dignas aqui, entre nos,—quanto pouco vulgar qualidade. Em dois annos compoz cinco telas historicas, pintou paisagens, fez estudos artisticos, visitou museus, educou o seu espirito. Trabalhou seriamente e seriamente investigou o adiantamento da arte em uma capital onde abundam as fontes de aprendizagem e todos os recursos para o estudo. E' este o caracter da sua obra, novn, pelo tempo em que foi pintada, e ainda nova, pelo modo de encarar o assumpto.

Os seus typos são pesados, vulgares, communs; são typos que nós encontramos ali assim, na calçada, na praça, sem a minima preocupação pela pose e pela apparencia. Não quero dizer com isto que sejam mal comprehendidos; não. Por este facto, algumas das suas figuras satisfazem plenamente a nossa exigencia. Entre ellas pôde-se apontar a do soldado romano que, no quadro *Venciuetoriz*, está no primeiro plano, á direita. E' uma boa figura, real, forte, estúpida. Devia ser assim aquelle soldado. Também é bem verdadeiro o typo do juiz; são estudos com observação alguns soldados no quadro *Joanna Angelica*, os frades da *Abjuração de Galileu*, e as figuras da tela *Lealdade de Martim de Freitas*.

Monteiro manifesta uma grande tendencia para a escola moderna, e, sem fazer d'isto cabedal de analyse, direi que a obra de Laurens influiu de alguma sorte na feitura de seus quadros. Mas, sendo a sua obra tão observada do real, e devendo ter, portanto, um aspecto facilmente sensível, porque não desperta ella uma impressão immediata no espectador? Por um facto simples. Em primeiro lugar: falta-lhe chamma, essa inexprimivel expressão do conjuncto, que faz pasmur ao primeiro individuo posto em frente da obra d'arte. Ha quadros muito bem pintados que olhamos juma, duas, tres vezes e nenhuma emoção nos despertam. Vemos que todas as figuras estão nos seus logares, que o desenho é soffrível, que o colorido é feliz e harmonioso, mas falta ao todo — vida, movimento, acção; para tudo dizer, falta-lhe o caracter essencial do assumpto. As telas de Monteiro estão nessas condições. Impressionam muito pouco, já não direi á multidão (postoque digam os mestres que a pintura moderna seja a da multidão) mas direi, a homens de espirito convenientemente educado. Tome-se para exemplo a *Abjuração de Galileu*, que, apesar de taes e taes erros, é um quadro pintado com enidad, e ha de se notar que á grandeza do assumpto não corresponde a grandeza da composição. Dirá o artista, entretanto, que foi assim que sentiu o assumpto; dirá (?) que foi assim que a Historia lho communicou; e, talvez accrescente — foi por essa maneira que André Le-

fevre o tratou nas paginas do seu livro — *La Philosophie*. Até ali não chega a nossa missão de critico. De critico! E' excellent. Fazer critica nesta bençoadá terra de *reclames* parece arrojado, se não é demencia. Mas ao caso: o critico nenhum direito tem de dizer ao artista que devia sentir por esta ou aquella maneira. Mas posso, como uma parte do povo, como escriptor, que sou, embora fastidioso, communicar sinceramente as minhas impressões, e mais ao do meu visinho e de alguns senhores que em mim delegaram seus poderes pela harmonia do nosso ponto de vista e das nossas opiniões. Assim pois, o meu visinho, os senhores supracitados e eu comprehendemos este solemne acto por uma maneira niutto differente da que ali está, e mais — que nenhuma emoção nos desperta o assumpto tratado por seus pinceis. Bem vejo que não é uma forma delicada de externar a nossa opinião, mas esta, que ali está, enlva perfeitamente o nosso juizo e sobre o ser clara tem a qualidade de ser positiva. Satisfazem-nos esses termos porque supponnos que um homem de sciencia, superior em seu tempo e gloriado pela Historia, ao retratar-se de uma verdade, que deseobriu e procurou vulgarisar, não comparece ao tribunal do Santo Officio como qualquer testemunha de vista, que vai, com a mão sobre o Evangelho, prestar o seu apoio á Justiça. Também supponnos que nos olhos de qualquer vendedor de ferros velhos este facto seja o mais simples do mundo, mas nos parece ser um caso grave e magestoso aos olhos de um artista.

Tenho em vista um quadro cujo assumpto poderá vagamente, muito vagamente, recordar a abjuração de Galileu, não por semelhança de composição, mas por analogia de logar onde e de typos. Este quadro, que conheço por uma phototypia, é o «Agitador de Languedoc» de J. Paulo Laurens. Ahí a scena é magestosa e sovera, a composição tem a imponencia que o acto inculca, as figuras, admiravelmente desenhadas, exprimem, sem a menor ficelle, a emoção por que passam ao ouvir as tremendas accusações que esse agitador faz cahir sobre a consciencia dos seus juizes.

Bem sabemos que F. Monteiro não poderá dar, tão cedo obras do valor das de Paulo Laurens; mas a nossa exigencia, talvez estulta, vai ao limite da critica litteraria que não admite poeta ou romancista de ensaio. O ensaio, nestas circumstancias, faz-se como se fazem os de teatro: em particular; ou como se executam exercicios de redacção nos collegios, ficando as provas na pasta do professor. Quando se tracta de assumpto do jaez d'este, ou se faz muito bem, ou não se faz nada. E' verdade que resa o dictado — cada um deve-se contentar com o que tem. Mas, que ferro! nestes teres é preciso a gente ambicionar mais alguma cousa. E se formos proceder por esta norma devemos pedir, desde já, a penna de morte para o sclerado que tentar extinguir o Sacco do Alferes e acabar com a febre amarella.

Em arte, como em litteratura, como em sciencia, como em commercio e industria, é forçoso ir além do que ha.

ALFREDO PALHETA.

(Conclue no proximo numero.)

## THEATROS

## S. PEDRO

## Companhia do theatro D. Maria II

Na terça-feira fizeram beneficio os estimados artistas D. Luiza Lopes e Baptista Machado.

O espectáculo foi muito interessante: a *Fedora*, representando Brazão brilhantemente o papel de Loris Ipanoff, e tres monologos em verso, todos originaes de Baptista Machado: *Rataplan* primorosamente dicto por Brazão; *O cahos* dicto com muitissima naturalidade por Augusto Rosa; e *Descuidos*, recitado com muita malicia pelo actor.

Os beneficiados receberam innumeras provas da consideração que lhes tributa o nosso publico. O camarim ficou cheio de presentes de gosto e valor, offerecidos tanto a Baptista Machado como á sua esposa. Mimos delicados e originaes, versos, joias, livros, *bibelots* de toda especie e flores em profusão.

Uma bella noite.

## PRINCIPE IMPERIAL

Na segunda-feira realisa-se a recita do auctor d'*O Barão de Pituaçu*, a espi-rituosa e interessante comedia de Arthur Azevedo.

O espectáculo e as sympathias de que, com toda a justiça, goza Arthur Azevedo, devem attrahir grande concurrencia ao theatro na noite da sua recita de auctor.

E' justo que o publico renda nessa noite a sua homenagem ao nosso primeiro comediographo.

No dia 23, domingo, á uma hora da tarde, realisa-se o grande festival artistico, organizado pelo Vasques para commemorar o anniversario da morte de João Caetano.

O programma do espectáculo é attractivissimo. E' orador da festa o Dr. Ferreira Vianna, presidente do Conservatorio Dramatico.

P. TALMA.

## SPORT

O grande enthusiasmo, que nestes ultimos tempos, tem havido pelas corridas de cavallos é o resultado, lisongeire e prospero dos immensos serviços e do desinteressado impulso, que as nossas bem constituídas sociedades de corridas têm dado a esse ramo de industria tão necessario para as condições em que se acha o nosso paiz e sem que até hoje um só governo tivesse cogitado dessa indispensavel e urgente necessidade de possuir uma raça typica de cavallos, de que possa lançar mão para seus diversos mysteres, sem ir fornecer-se ao estrangeiro com immensos sacrificios.

Em nosso paiz —, infelizmente digamos, a criação de cavallos, industria que a pratica tem demonstrado ser urgentemente necessaria, só da iniciativa particular tem recebido auxilios.

Parabens no bonomerito Jockey-Club, que no domingo passado colheu mais um dos seus maiores triumphos.

O Grande Premio Jockey-Club obteve uma esplendida inscripção de doze annaes do puro sangue, das melhores filiações e nas melhores condições de disputarem a grande somma de 12.000\$ ao 1º, sendo 3.000\$ ao 2º, 2.000\$ ao 3º e 1.000\$ ao 4º.

Sem errarmos podemos calcular que quatorze mil pessoas tomaram parte nesta festa hippica, que incoutestavelmente foi das mais importantes que entro nós tem havido. As espaçosas archibancadas, inteiramente repletas, apresentavam um aspecto deslumbrante diante do bello panorama que a natureza desdobrava aos olhos dos innumeros espectadores.

O ensilhamento, o recinto dos carros e as demais dependencias do Prado notavam-se pela extraordinaria concurrencia e com difficuldade do estabelecer o transitio impedido pela immensa multidão que veio desta vez congratular-se com os legitimos triumphos difficilmente conquistados do Jockey Club.

A hora determinada apresentara-se na raia oito parelheiros de primeira ordem Scylla, Satan, Diss, Cupidon, Phryné, Salvatus, Coupon, e Daybreak que iam disputar os 12.000\$ conferidos pela *iniciativa particular*.

O *stater*, com pouca difficuldade, deu a partida, fazendo disparar os valentes parelheiros que palmo a palmo e em um só grupo até 1400 metros disputavam a victoria. Passada essa distancia Cupidon, Daybreak, Disse e Satan conservavam a vanguarda, collocando so Coupou na ponta, Phryné em seguida e Salvatus proximo a esta. Aos 2000 metros Phryné com facilidade tomava a frente a Coupou cujas forças enfraqueciam pouco a pouco e Salvatus seguindo-a collocou-se em 2º e com toda a sua força perseguiu a sua competitora que a principio tomava distancia, mas aos 2400 metros já Salvatus conseguia estabelecer porfiada luta e vencel-a aos 1700 metros e na recta de chegada tomou a frente obtendo a victoria em 217 segundos. Satan que corria de alcance venceu ainda Phryné, que esgotada, pouca resistencia offereceu, passando-a e obtendo o 2º logar e Phryné o 3º logar.

Scylla, obteve o 4º logar e Diss com difficuldade o 5º logar.

Cupidon, Coupon e Daybreak não tiveram classificacão.

Salvatus, percorrendo os 3200 metros, em 217 segundos, venceu gallhardamente os seus fortes competidores, revelando qualidades superiores, tanto de velocidade como de grande folego, chegando ao final do tiro em boas condições. Parabens a Coudelaria Cruzeiro, pelo brilhante triumpho, de que era mercedora.

Charybides, Victorious, Musico e New-York não correram. Rateio 47\$100.

Eis o resultado dos outros pareos:

O desafio entre Rondello e Argentino foi bem disputado, fazendo ambos esplendida corrida, chegando tão juntos ao poste, que deixaram duvidas sobre a victoria. Argentino foi considerado o vencedor em 111 segundos. Rateio 18\$000.

O 1º pareo, 1450 metros, foi vencido inesperadamente por Blach-Satin em 98 segundos, Hublon em 2º e Rapid em 3º logar.—Tambem correram Cane-nière, Appollo, Clareto, Condoret e

Pervenche que derrubou o jockey-Nautch-Vallah não correu. Rateio 1124000.  
 No 2º pareo, 1600 metros, Laly fez esplendida corrida em 107 segundos com alguma facilidade. Visière em 2º e Espadilha em 3º. Tambem correram, Half Way, Cecy, Risetto e Sir Tellamond.—Ormonde não correu. Rateio 408200.

No 3º pareo, 1800 metros, Boreas em 124 segundos foi o vencedor. Rabellais em 2º e Olinda em 3º lugar. Talisman, Dora e Americana não correram. Rateio 198000.

No 4º pareo, 1800 metros, Babylonia em 122 segundos bateu os seus competidores. Remise em 2º e All-Right em 3º lugar.

Siva, Linds-Farne, Amazonas, Paraguaya, Perception, Quenie não tiveram classificação. Rateio 768000.

No 5º pareo, handicap, 2000 metros, Porle com facilidade em 137 segundos venceu os seus competidores, visto Martin que chegou em 2º não ter disputado licitamento a corrida. Diva em 3º.

Ypiranga, Castiglione, Diomede não mereceram classificação. Carmen não correu. Rateio 448000.

No 7º pareo, 1800 metros, houve infeliz partida, o que deu lugar a grandes reclamações por parte do povo. Odaliska e Timor, ambos favoritos, ficaram parados. Regente em 136 segundos foi o vencedor. Druid em 2º e Bayoco em 3º. Yampa em ultimo. Rateio 428400.

O jogo da poule attingiu a avultada somma de 251:1008000, tendo a sociedade um lucro bruto de 43:5008 e liquido de 12:5008.

Com importante programma realisa amanhã o Derby-Club o grande premio Derby Nacional. O pareo, encerrando parrelheiros de nomeada e já conhecidos, deverá ser interessante pelas boas condições em que se acham os parrelheiros.

L. M. BASTOS.

## COLLABORAÇÃO

### ODE

AO NATALICIO DE CARMEN (27 DE FEVEREIRO 1837)

De sobre as turnas do celeste côro,  
 Além do espaço do salão de estrelas,  
 Do alto Empirio, pressuroso desça  
 Almo bafejo!

Dos céos os anjos congregados seão,  
 Entoem hymnos de prazer, de glori,  
 Louvem o dia que enflorou teu berço,  
 Cara Beidade.

Doces perfumes, cbeiros delicados  
 O sol derreta, em todo o ambiente vasto;  
 Ar que respiras deve ser tão puro,  
 Quanto és fornosa.

Bordo se a terra de fragrantas flores,  
 Tapiz macia, onde o teu pé repose;  
 Vista se a selva de viçosas folhas,  
 De grata sombra.

Trepida a lympha deslizando corra,  
 Roaque a cascata, rumoreje a brisa,  
 Cantem as aves, e repito todos  
 Teu doce nome.

Furmosas virgens companheiras tuas,  
 Teã capellas para ornar-te a fronte  
 E rendão honras, homenagens, cultos,  
 Como Rainha.

Dia solemn, bello, primoroso,  
 Qual esse aia que surgiu comigo,  
 Pedio me um canto que triufme alroso  
 Da mão da morte

T. CAMARA.

## FACTOS E NOTICIAS

Está na Côte o Sr. Alcides Catão da Rocha Medrado, director do Lyceu Mineiro e lente da Escola Normal de Ouro Preto, e redactor proprietario da *Revista do Ensino*. S. S. veio fazer aquisição de um prélo de impressão e material typographico para a sua util e interessante folha, a unica.—ao que nos consta—dedicada aos interesses da instrucção Publica, nas provincias. Ao nosso illustrado e amavel collega cumprimentamos cordialmente.

Partio no dia 10 do corrente, com destino ao Pará, o nosso collaborador Dr. Alcibiades Furtado, que vai assumir o cargo de juiz municipal em uma comarca d'aquella provincia.

Contractado pelo Sr. Castro Lima para se encarregar da parte illustrada—caricaturas e retratos—da *Vida Semanaria*, partio ha dias para S. Paulo o joven e distincto artista Bento Barbosa, nosso estimado collaborador. Brevemente será publicado o n. 10 d'aquella folha, o primeiro que será illustrado por Bento Barbosa. Esperamos-o de applauso engatilhado.

Abriu-se ha alguns dias, na rua dos Ourives n. 51, um novo estabelecimento photographico. Quer o Sr. Santos Moreira, quer o Sr. Guimarães são peritos e consummados photographos, e da nitidez e acabamento dos seus trabalhos são provas sufficientes os retratos expostos. Além d'isso, não sendo inferiores aos de outros ateliers, os retratos dos Srs. Moreira & Guimarães offerecem ao publico uma outra vantagem, que não é para ser despresada:—a modicidade dos preços.

Partio para a Europa na semana transacta o Dr. Henrique de Toledo Dodsworth, ajudante do Dr. Pedro Affonso, auctor das *Chronicas Scientificas* que ultimamente publicamos com a assignatura de Dr. Dodstol, S. S. vai a Pariz, sem caracter official, fazer aquisição do material necessario para o desenvolvimento, aqui, da vaccina animal.

Os estudantes de S. Paulo pretem fazer honrosa recepção ao nosso illustre hospede, auctor das *Farpas*.

Na reunião havida ali para aquelle fim, o academico Alfredo Pujol, nosso distincto collaborador, oppoz-se com muito criterio a que a projectada manifestação tivesse caracter collectivo e fosse ruidosa.

Ramalho Ortigão não é homem de se receber a foguetes e charanga; é preciso que isso comprehendau quantos lhe queiram manifestar a sua admiração e a sua sympathia. Para melhor se convencerem d'isto, leiam a segunda das *Cartas Paulistas*, que hoje inserimos,

A exposição artistica de Firmino Monte ro foi reforçada por sete quadros da Exma. Sra. D. Bertha Ortigão, todos muito bem pintados, dignos de muita attenção.

D'elles dirá, opportunamente, o nosso antigo e prestigioso collaborador Alfredo Patheta.

Recommendamos ao leitor a leitura do annuncio que, da grande edição das obras completas de C. C. Branco, faz nesta folha o Sr. J. A. Roque, digno representante dos editores portugueses Campos & C.

Obras como esta dispensam réclames.

## RECEBEMOS

— De que morreu o Dr. F. Quirino dos Santos?— resposta ao Dr. Clinaco Barboza pelo Dr. Pedro Sanchez de Lemos,

— Da talha Hippogastrica pelo Dr. Pedro Correa de Mello.

— *Aritmetica* apontamentos pnr Marcondes Pereira. — 2º fasc.

— *Os heróis do trabalho*, fascs. 18, 19 e 20. Editores Alcian Aranha & C. Porto; filial na Corte a Agencia Commercials Portugueza, de Lourenço Marques d'Almeida. O fasc. 20 é o ultimo d'esta importante obra.

— *Le Salon de La Mode*, n. 29 (6 de agosto) remetida pela casa *Au Petit Journal*.

— *A Estação*, 15 do corrente.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.—Rua do Carmo n. 11.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Banco das Cancellas n. 2.

## LYRICA

### FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 35000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

### VERSOS E VERSÕES.

### RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 28000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

## OBRAS COMPLETAS

DE

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICARDINA, todos os volumes serão illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Srs.

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annes, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

### CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em fasciculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, ca ha uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado.

Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

### José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol..... 4\$000

OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

### Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU, drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto..... 4\$000

SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão..... 800

### Erockmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bortaldo Pinheiro..... 2\$000

D. Guiomar Torrezão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fiabelo d'Almeida, Julio Cezar Machado e Candido de Magalhães *Contos Côr de Rosa*..... 2\$000

### Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800

POR VARIOS ESCRITORES

UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 524 gravuras..... 25\$000

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA 9ª CORRIDA

A REALIZAR-SE  
DOMINGO 21 DE AGOSTO DE 1887 DOMINGO  
AO MEIO DIA EM PONTO

### GRANDE PREMIO DERBY-CLUB

1º pareo—A's 12 horas—**Excelsior**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos, que não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes          | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios          |
|-----|----------------|-------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1   | Corcovado..... | Castanho..  | 3 ans  | R. de Jane..  | 49 kil. | Grénate e ouro.....           | Mario de Souza.        |
| 2   | Cecy.....      | Idem.....   | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.      |
| 3   | Tiple.....     | Zaino.....  | 3 »    | S. Paulo..    | 47 »    | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 4   | Lyra.....      | Alazão..... | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Vermelho e preto.....         | Idem, idem.            |
| 5   | Juanita.....   | Baio.....   | 3 »    | R. de Jane.   | 47 »    | Grénate e lyrio.....          | D. A.                  |
| 6   | Erse.....      | Pampa.....  | 3 »    | S. Paulo..    | 49 »    | Verde branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.       |
| 7   | Epilogo.....   | Alazão..... | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Grénate e ouro.....           | Coud. Carioca.         |

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Extra**—1450 metros—Animas estrangeiros de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes              | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas          | Proprietarios      |
|-----|--------------------|-------------|--------|---------------|---------|--------------------------------|--------------------|
| 1   | Cinira.....        | Alazão..... | 2 ans  | Inglaterra..  | 43 kil. | Euc. preto branco e faixa..... | J. S.              |
| 2   | Sir Telamonde..... | Castanho..  | 2 »    | Idem.....     | 45 »    | Rosa e preto.....              | Coud. Intimidade.  |
| 3   | Rapid.....         | Alazão..... | 2 »    | Idem.....     | 47 »    | Encarnado, preto e branco..... | Vianna Junior.     |
| 4   | Lady.....          | Castanho..  | 2 »    | Idem.....     | 43 »    | Azul.....                      | C. O.              |
| 5   | Cancaniere.....    | Idem.....   | 2 »    | França.....   | 43 »    | Azul e ouro.....               | Coud. Alliança     |
| 6   | Houguenot.....     | Idem.....   | 2 »    | Idem.....     | 45 »    | Preto e branco.....            | A. Michel.         |
| 7   | Half-Way.....      | Zaino.....  | 2 »    | Inglaterra..  | 45 »    | Azul e ouro.....               | Coud. Hanoveriana. |
| 8   | Pbonix.....        | Alazão..... | 2 »    | Idem.....     | 43 »    | Encarnado azul e faixa.....    | Coud. Brazileira.  |
| 9   | Gentleman.....     | Castanho..  | 2 »    | Idem.....     | 45 »    | Encarnado e azul.....          | Idem.              |
| 10  | Kaumarito.....     | Zaino.....  | 2 »    | França.....   | 43 »    | Azul e amarello.....           | B. Rocha.          |
| 11  | Black-Satin.....   | Preto.....  | 2 »    | Inglaterra..  | 43 »    | Azul ouro e grénate.....       | J. S. Silva.       |

3º pareo—A's 1 1/2 hora—**Progresso**—1750 metros—Animas nacionais de meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes              | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios          |
|-----|--------------------|------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1   | Gambetta.....      | Zaino..... | 5 aus  | S. Paulo..    | 54 kil. | Preto e encarnado.....        | M. G.                  |
| 2   | Americana.....     | Tordilho.. | 4 »    | R. de Jane..  | 52 »    | Ouro e azul.....              | D. Julia Vieira.       |
| 3   | Tonor.....         | Zaino..... | 4 »    | S. Paulo..    | 56 »    | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 4   | Regente.....       | Castanho.. | 4 »    | Idem.....     | 52 »    | Vermelho e preto.....         | Tattersall Campineiro. |
| 5   | Odalisca.....      | Pampa..... | 4 »    | Idem.....     | 52 »    | Verde branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.       |
| 6   | Bayoco.....        | Castanho.. | 6 »    | Idem.....     | 60 »    | Branco e encarnado.....       | Oliveira J. & Lopes.   |
| 7   | Druid.....         | Tordilho.. | 5 »    | R. de Jane..  | 56 »    | Branco encarnado e faixa..... | Idem.                  |
| 8   | Monitor.....       | Castanho.. | 4 »    | S. Paulo..    | 51 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 9   | G. Boulanger ex-D. | Idem.....  | 4 »    | Idem.....     | 52 »    | Grénate preto.....            | Luiz Pradey.           |

4º pareo—A's 2 1/4 horas—**Cosmos**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes            | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas  | Proprietarios        |
|-----|------------------|-------------|--------|---------------|---------|------------------------|----------------------|
| 1   | Remise.....      | Preto.....  | 3 ans  | França.....   | 49 kil. | Ouro e preto.....      | F. Schmidh.          |
| 2   | Amazonas.....    | Castanho..  | 3 »    | Inglaterra..  | 49 »    | Azul e amarello.....   | C. & F.              |
| 3   | Daybreak.....    | Zaino.....  | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Azul e ouro.....       | D. Julia Vieira.     |
| 4   | Paraguaya.....   | Castanho..  | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Azul e grénate.....    | P. Lima.             |
| 5   | Queenie.....     | Idem.....   | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Azul.....              | C. O.                |
| 6   | Bonaparte.....   | Zaino.....  | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Azul e palha.....      | J. P. de Castro.     |
| 7   | Phedra.....      | Castanho..  | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Encarnado e azul.....  | Coud. Brazileira.    |
| 8   | Perception.....  | Idem.....   | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Verde.....             | J. F. R.             |
| 9   | Echoron.....     | Alazão..... | 3 »    | França.....   | 49 »    | Grénate e rosa.....    | S. M.                |
| 10  | Babylonia.....   | Castanho..  | 3 »    | Idem.....     | 47 »    | Havana e azul.....     | J. R.                |
| 11  | Liuds Farne..... | Zaino.....  | 3 »    | Inglaterra..  | 47 »    | Verde e encarnado..... | Ernesto Wanninsherg. |

5º pareo—A's 3 horas—**Rio de Janeiro**—2000 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes           | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios         |
|-----|-----------------|-------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|-----------------------|
| 1   | Satan.....      | Castanho..  | 4 ans  | França.....   | 56 kil. | Grénate e ouro.....           | Mario de Souza.       |
| 2   | Dr. Cacete..... | Zaino.....  | 4 »    | R. da Prata   | 52 »    | Idem.....                     | J. S.                 |
| 3   | Scylla.....     | Castanho..  | 4 »    | Inglaterra..  | 52 »    | Grénate e violeta.....        | Coud. Rio de Janeiro. |
| 4   | Coupon.....     | Alazão..... | 4 »    | França.....   | 54 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.       |

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Derby-Club**—(grande premio) 3200 metros—Animas nacionais de meio e puro sangue—Premios: 5.000\$ ao primeiro, 1.000\$ ao segundo, 500\$ ao terceiro e quarto salva a entrada

| Ns. | Nomes          | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas           | Proprietarios          |
|-----|----------------|-------------|--------|---------------|---------|---------------------------------|------------------------|
| 1   | Dandy.....     | Douradilh   | 4 ans  | S. Paulo..    | 50 kil. | Grénate e ouro.....             | F. Vianna.             |
| 2   | Diva.....      | Alazão..... | 4 »    | R. de Jane..  | 49 »    | Ouro e branco.....              | Coud. Fluminense.      |
| 3   | Contralto..... | Castanho..  | 5 »    | S. Paulo..    | 49 »    | Vermelho.....                   | Tattersall Campineiro. |
| 4   | Sybilha.....   | Zaino.....  | 5 »    | Idem.....     | 49 »    | Azul, branco e encarnado.....   | Coud. Cruzeiro.        |
| 5   | Talismann..... | Alazão..... | 6 »    | Idem.....     | 52 »    | Azul, branco, enc. e faixa..... | Idem.                  |
| 6   | Boreas.....    | Castanho..  | 5 »    | Idem.....     | 62 »    | Grénate violeta.....            | Coud. R. de Janeiro.   |

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Leogruber**—1609 metros—Animas de qualquer paiz que não tenham ganho o pareo—Rio de Janeiro—Premios: 800\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes           | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas   | Proprietarios          |
|-----|-----------------|-------------|--------|---------------|---------|-------------------------|------------------------|
| 1   | Mirzador.....   | Zaino.....  | 4 ans  | França.....   | 58 kil. | Ouro e preto.....       | F. Schmidt.            |
| 2   | Dr. Cacete..... | Idem.....   | 4 »    | R. da Prata   | 58 »    | Grénate e ouro.....     | J. S.                  |
| 3   | Victorious..... | Idem.....   | 4 »    | França.....   | 60 »    | Vermelho.....           | Tattersall Campineiro. |
| 4   | Baiooco.....    | Castanho..  | 6 »    | S. Paulo..    | 58 »    | Branco e encarnado..... | Oliveira J. & Lopes.   |
| 5   | Perle.....      | Zaino.....  | 4 »    | França.....   | 56 »    | Idem idem.....          | Idem.                  |
| 6   | Plintão.....    | Alazão..... | 5 »    | Idem.....     | 60 »    | Havana e azul.....      | P. P.                  |
| 7   | Peruana.....    | Zaino.....  | 4 »    | Inglaterra..  | 56 »    | Azul e amarello.....    | J. M. Rocha.           |

## EMULSÃO

DE

## SCOTT

DE OLEO PURO DE

## FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno o autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica o affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hydropophosptos. A' venda nas drogarias e boticas

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus fins

120 Rua do Ouvidor 120

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

### RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 27 DE AGOSTO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 139

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|   |               |
|---|---------------|
| Expediente.....                         | A. PALHETA.   |
| A Semana.....                           | FLINDAL.      |
| Historia dos sete dias.....             | A. DE LIMA.   |
| Ilha de coral, poesia.....              | V. MAGALHÃES. |
| Ramalho Ortigão II.....                 | O. B.         |
| Cartas postales—III.....                | F. D'ALMEIDA. |
| O bueto de neve, soneto.....            | J. LOPES.     |
| Quadro biblico.....                     |               |
| Beijas—Artes—Tres exp-<br>sições I..... |               |
| Netirza em festa, poesia.....           | H. DE M.      |
| Notas bibliographicas.....              | S.            |
| Chronica scientificas.....              | DR. ONETT.    |
| Poesia e Poetas.....                    | A.            |
| Theatros.....                           | P. TALMA.     |
| Brinde nupcial, soneto.....             | L. COLUMBANO. |
| Festas, hailes e concertos.....         | TIO ANTONIO.  |
| Sport.....                              | L. M. BASTAS. |
| Factos e Noticias.....                  |               |
| Correio.....                            | ENRICO.       |
| Annunciacoes.....                       |               |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                |        |
|----------------|--------|
| CÓRTE          |        |
| Trimestre..... | 28000  |
| Semestre.....  | 48000  |
| Anno.....      | 88000  |
| PROVINCIAS     |        |
| Semestre.....  | 58000  |
| Anno.....      | 108000 |

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cahral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representarnos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia quisiрам entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem au mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, colleção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Dsmare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, posma de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Tendo ficado interrompida a secção *Chronica scientificas* pela partida do Dr. Dodsworth, que a redigia, offereceu ae graciosamente a substitui-o um joven e distincto facultativo que hoje começa a nos distinguir com a sua illustrada collaboração, usando do pseudonymo Dr. Onett.

Por nos ter sido entregue demasiado tarde, não publicamos integralmente a secção do *Sport*; falta involuntaria, de que pedimos muitas desculpas á distincta sociedade Derby-Club.

A REDACÇÃO.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Como homem honesto, que me preso de ser, desde já declaro ao leitor sempre benevolos sempre pio que não tractarei de politica nestas columnas immaencladas.

No Brazil quem vive para a politica arruina-se, e quem vive da politica abandalha-se. A nossa politica é uma especie de nicoce social onde sempre se deixa a honra ou a fortuna; viver d'ella equivale, pois, a viver da prostituição publica, e viver para ella equivale a procurar a gente por suas proprias mãos uma segura repusação de parvo.

Achar o meio de escapar simultanea-

mente á triste pecha de idiota e á ignominiosa mancha de *soueneur*, só é da lo ao genio, que tem azas para chegar-se á lama sem lhis poisar os pés.

Fujamos, pois, do nauseabundo esterquelinio da politica, e despresemos o que de importante se possa ter passado nessas regiões inficionadas.

Entremos antes numa casa perigosa, visto que sentimos as attrações do abismo e que o perigo é o nosso elemento. Entremos na Policia.

Diz a *Gazeta* de quarta-feira.

« João Casimiro, ex-praça de linha, estava altercando com outro individuo, quando appareceu nma praça de policia, que sem mais nem menoa deu-lhe voz de prisão; ás razões allegadas pelo preso respondeu a praça com uma violenta pranchada, ferindo-o gravemente na cabeça.»

« Em seguida foi o infeliz, banhado em sangue, conduzido para a 3ª estação pela indigitada praça, que dá pelo appellido de Mineiro, e por outra que appareceu no acto da prisão.»

« Muitas pessoas indignadas acompanharam o presa até á 3ª estação policial, com o proposito de dar queixa contra a desalmada praça; porém vedou-lhes a entrada o respectivo commandante.»

« João Casimiro foi remetido para o hospital da Misericordia.»

A *Gazeta* começa esta noticia por um commentario ingenuo, e chama ao facto *scena de selvageria*.

Pôde ser que en seja ainda mais ingenuo do que a *Gazeta* e do que as pessoas indignadas que foram á 3ª estação, mas estou convnido de que d'esta feita não ha absolutamente motivo para censura nem para queixas. A policia, longe ds se mostrar deshumana para João Casimiro, parece-me ter sido de uma grande piedads christan, muito para louvar a uma instituição que asalaria a contracta os mais afamados e acreditados capoeiras para o serviço publico da manuteação da ordem.

Sim, meus ricos senhores indignados, é preciso ser cego de todo para não enxergar os sentimentos humanisimos que a policia d'esta vez revelou ao carioca pasmada.

A policia tinha nas suas mãos e no seu xadrez n pobre Casimira; o desgraçado estava debaixo da severa e implacavel justiça do Sr. Coelho Bastos. A policia podia, dpsais de a haver ferida, subir com elle a montanha gloriosa da arte e reproduzir o romance de *Castro Malta*; podia, enfim, ter assassinado o hams e ficar no gozo da mais apreciavel impunidade. Mas não, senhores ingenuos indignados, a policia fez na cabeça do individuo um ferimento grave—mas remetteu a referida cabeça,

com corpo s tudo, ainda eam alguma vida, para a hospital da Misericordia.

João Casimiro gosará, pois, graças á policia, da mais doces e mais tocante assistencia publica.

Louvavsl, muito louvavel.

Pelo que, d'estas columnas, onde a Justiça sempre tsve um culm, eu endereço ao Sr. chefe gostosamente, com toda a effusão de uma alma sensivel enternscida até o pranto, as agradecimentos da critica.

O correspondente d'O Paiz, *attaché* a S. M. o imperador, noticia que o principe D. Pedro offeresca noa Campos Ellysios um almoço ao grande poeta portuguez Guerra Junquiro; e o da *Gazeta*, diz que foram Guerra Junquiro s o nosso estimado Eduardo Prada que offereram um hanquete ao principe.

A critica, para saber o que hade pensar do principe D. Pedro e dos dois distinctos cavalheiros, deseja conhecer a verdade historica do facto.

Emquanto, porém, a solicitude dea noticiaristas não nos deslinda esta grave negocio, vsjamos se por uma simples indução podemos chegar ao conhecimento da verdade almejada.

A mais simples cortesia, o mais banal sentimento de delicadeza, obrigamos sempre a usar de todo o respeito, de todo o carinho e mesmo de toda a gratidão para com as pessoas que nos provam a sua amizade e a sua estima por meio da forma mais eloquente e mais persuasiva—offerendo-nos hanquetes.

Ora o principe D. Pedro, ahnsando da sua posição social,—ahuaço he só lho pode ser desculpado pela inexperiencia dos seus poucos annos—praticou uasse almoço uma acção tão feia e tão reprovavel; eua alteza exhorhitou tão exaggeradamente dos seus direitos de infante e de *touriste*, que não cabe dentro limites da comprehensão humana que tal hauesse feito na occasião em que ingsria o *poisson au gratin* e o *champagne* pago pelas victimas:—Sua alteza...—não hesitemos—Sua alteza recitou poesias da sua lavra!

O leitor, que conhece as minhas idéas ferozmente republicanas, não ms faça a injustica de julgar-me calumniador: O facto é historico. La está, na 8ª columna da 1ª pagina d'O Paiz de 23.

Depois de conhecido este facto monetruso e sem precedentes na historia dos almoços celebres, creio que não pôda haver a minima duvida sobre quem pagou o almoço.

Está claro que foi o principe D. Pedro. Só quem paga hanquetes é que pôde ter o atrevimento de atirar versos para dentro das orelhas inertes dos seus convivas.

Envio d'aqui as minhas condolencias sinceras ao grande poeta da *Velhice* do

Padre Eterno o ao nosso sympathico confrade Eduardo Prado.

Li hontem com pismo, no *Diario Illustrado*, uma local, que mais me pareceu um producto morbido da phantasia do jornalista, do que a narraçao secca e simples de um facto real, que haja positiva e inegavelmente acontecido:

« O Sr. barão de Cotegipe, presidente do conselho, por telegrammas de hontem, preveniu aos presidentes de provincia que prohibissem toda a qualquer reunião que tivesse por fim verberar os actos do gabinete. »

Acredito piamente na sinceridade do jornalista que a deu, mas não posso acreditar na veracidade da noticia.

Pois é lá possível, minha santissima Credulidade! que o governo se atreva assim a violar a Constituição, amordacando violentamente o direito da livre critica dos seus actos?!

Não, não é possível. O noticiario, evidentemente, enganou-se. Na situaçao em que presentemente se acha o governo perante o paiz, o que o Sr. Cotegipe fez, sem duvida nenhuma, foi expedir telegrammas aos presidentes das provincias ordenando-lhes que prohibissem toda e qualquer reunião que tenha por fim louvar os actos do gabinete.

A menos que o gabinete Cotegipe não queira ser um gabinete reservado, onde os bilontrss vão ás tres da madrugada ceiar camarões cosidos com a grande *cocote* esbagachada que se chama Politica Nacional.

Eu, cá por mim, não acredito.

S. A. a augusta Princeza Imperial, seu augusto Consorte e seus augustos filhos foram visitar as exposições de pintura de Firmino Monteiro e Belmiro de Almeida. Suas altezas gostaram muito de varios quadros, pelo que me disseram.

Seja-me licito agora dizer que en tambem gostei muito de alguns. Sómente, as clirouicas da *Semana* não me dão para comprar quadros, ao passo que a lista civil permite que suas altezas satisfaçam o seu bom gosto e auxiliem os artistas de talento, que não encontram no Brazil mercado para quadros de preço.

S. A. pôde muito bem manifestar de um modo prstico o seu amor ás artes, influindo para que a Academia de Bellas-Artes faça inteira e recta justiça a Belmiro de Almeida no julgamento do concurso de viagem a que se está procedendo e ao qual concorre o já notavel pintor do *Arrufos*, e da bellissima e deliciosa cabeça a *crayon* que teve a honra de figurar no *salon* de Paris.

Para que Belmiro de Almeida possa em poucos annos honrar o Brazil com as obras do seu talento excepcional e audaz, basta que S. A. lhe abra o sorriso da sua graça e que lhe compre alguns dos seus bellos quadros.

Nestas occasiões é que me não ganas de ser príncipe, para poder mostrar ao povo que as pessoas reaes tambem podem ter gosto, louvar o merito e impulsionar as artes, protegendo os artistas.

Como, porém, não tenho a ventura de ser príncipe, e a *Semana* se obstina em me não dar fortuna, atrevo-me ousadamente a lembrar á graciosa regente um pequenino esforço em favor da Arte que S. A. tanto preza e estima, como é sabido.

FILINDAL.

## A ILHA DE CORAL

(A OCTAVIO OTTONI)

Rolam no mar do Tempo annos, seculos, eras;  
Extinguem-se os volcões, rompem novas crateras,  
Que extinguem-se a seu turno; elevam-se cidades  
Das ruinas, o altar das velhas divindades  
E' derrocado, e surge um novo culto; em summa,  
A vida universal vae num batel de espuma  
Os seres levantando e os seres submergindo.

Mas no fundo do mar, num sonho eterno e infundo,  
O paciente polypo, o artifice fecundo,  
Erige leutamente a construcção de um mundo.  
E' lá na solidão da submarina rocha,  
Entre o salso juncal, que o germen desabrocha  
Da vida elemental sob a imperfeita fórnica;  
E eis que aos poucos se estende e aos poucos se transforma.  
A principio é um arbusto, após arvore grande,  
Mais tarde uma floresta imensa que se expande,  
Germia e reproduz outras tantas, e d'estas  
Irrompem triumphaes camadas de florestas.  
E dos turvos pégões rasgando a humida clamyde,  
Vem subindo a vermelha e altissima pyramide.

Mais um seculo, e então converte-se em montanha,  
Mais uma noite, e o sol o pincaro lhe banha;  
E pela vez primeira osteuta a rica flora,  
E recebe o baptismo esplendido da aurora!

AUGUSTO DE LIMA.

## RAMALHO ORTIGÃO

II

A curiosidade instante, enorme, quasi impertinente, que em geral se manifestou aqui, de ver, de conhecer, de contemplar, de perto, á vontade, minuciosamente, o auctor de *John Bull*, tem uma explicação altamente honrosa, tanto para aquelle como para os seus admiradores.

Está visto que não me refiro aos curiosos por habito, por vicio patrio, porque entre nos apresenta-se este anomalo e singular contraste: este povo de indifferentes, de molles e de frios é, no emtanto, desmedidamente curioso, mas curioso por bisbilhotice, para contar. E não me refiro a essa especie de curiosos porque esses correriam a ver um cahrito de seis pernas, um rei abissynio, umesmo empalhado, ou um pelotiqueiro farcista, com a mesma irrequieta e bullhenta curiosidade com que se atropelláram para conhecer Ramalho Ortigão.

Refiro-me á classe de curiosos composta pelos seus leitores, pelos que lhe conhecem as obras, pelos que lhe acompanham as correspondencias na *Gazeta de Noticias*.

Os que não tinham podido vel-o pediam aos outros detalhadas e exactas informações sobre a sua figura, o seu aspecto, o seu ar; se era gordo, se era elegante, se era lesto, se parecia mais moço ou mais velho do que a sua verdadeira idade; como trajava; com gosto? com originalidade? com bizarrria? como tractava os que o tractavam: amavelmente? alegremente? cordialmente?

Nada, emfim, do que diz respeito ao grande escriptor lhes era indifferente.

Tal curiosidade—tão honrosa, repito, para estes como para aquelle— explica-se não só pelo desejo commum, que sempre se tem, de conhecer pessoalmente os homens celebres que admiramos e cuobecemos nominalmente apenas, como pela razão especial de que Ramalho Ortigão é um critico que tem levado a sua analyse e o seu ensinamento a todas as espheras do pensamento, a todas as manifestações da sociedade, a isso que Spencer chama — a «vida completa.»

Ramalho Ortigão, com a indiscutivel autoridade do seu talento, do seu bom senso e do seu estudo, com a sua irrecusavel competencia critica, tem ensinado a maneira porque deve um homem cultivar o seu espirito, o seu coração e o seu corpo, a maneira porque deve instruir-se, recrear-se, conversar, viajar, educar os filhos, plantar o jardim, adubar a horta, arranjar a casa, fazer as compras, receber as visitas, tractar os seus superiores e os seus subalternos, vestir-se, asseiar-se, pentear-se, calçar as luvas e atar a gravata, escolher o quadro, a estatua, o *bibelot* e as fructas, o collegio para os filhos e os creados para o serviço; o melhor modo de mobilar o cerebro e o gabinete, de contrahir o habito das rosas, na lapella, e de evitar o *habito* da Rosa, tambem na capella; de ter saúde, de ter alegria e de não ter credores; de digerir um livro substancioso e um almoço que o não seja menos; de ter *toilette*, de ter graça, de ter força, de ter honra e de ter bondade.

Todos leram os livros e os artigos em que tão vasto curso de educação popular tem sido feito, com uma originalidade de iniciativa, uma coragem de sinceridade, uma justesa de analyse, uma profundesa de critica e uma pujança de estilo verdadeiramente admi-

raivos e excepcionaes; todos acompanharam com vivo interesse e vivo prazor esse curso de pedagogia scientifica, modernissima, o se nem todos aproveitaram tudo, muitos, pelo menos aproveitaram muito.

Ora, era natural que se desejasse ver, conhecer pessoalmente esse homem superior, extraordinario, singularmente forte, que conhece a vida em todos os seus aspectos e em todos os seus abysmos, em todos os seus perigos e em todas as suas forças, e sabe onsluar a evitar, a inutilisar aquelles e a aproveitar estas; o educador capaz de preparar homens para a vida completa, o escriptor que pôde responder cabalmente a esta pergunta sibillina, que tanto tem dado que falar nos manebos facundos dos gremios litterarios e a romancistas o a dramaturgos febris, avidos de abalar os nervos do *Zé benevolo*: — Onde está a felicidade?

Queria-se verificar se o *homem* estava em harmonia com a obra; se o grande mestre, ao contrario de certos medicos, applicava á sua propria pessoa o regimen hygienico e o tractamento social, — litterario, artistico, scieintifico, que prescreve ás dos seus leitores.

Curiosidade allás ociosa, duvida infundada, porque toda obra forte, desassomburada, original, é necessariamente sincera; e, sendo sincera, é um producto directo do temperamento, da educação, do estado psycho-physiologico do auctor; é, portanto, harmonica, homogenea aos actos, aos gostos, ás idéias, ás opiniões individuais, á vida privada do auctor.

Em relação a Ramalho verifica-se admiravelmente esta asserto.

Além de que, fóra-lhe impossivel, por absolutamente sobre-humano, manter artificial e artificiosamente um estado, apenas apprente, de harmonia e coesão com a sua obra monumental. A tanto não vae o poder, allás immenso, da *pose*; nem pode haver actor extrapalco que consiga representar a vida inteira um pspel de sabio ou de berbé, sendo, simplesmente, um honesto escriptorario de secretaria ou um estimavel sargento da Guarda Nacional.

Ramalho Ortigão diz no seu precioso *John Bull* que a Inglaterra, até á exposiçao universal celebrada em Londres em 1851, era geralmente considerada na Europa como o paiz absolutamente anti-artistico, como o paiz inesthetico por excellencia, e que o soberano *fiasco* que ella então fez com a exhibiçao dos productos de suas industrias de caracter artistico ante os seus similares de procedencia franceza, italiana, suissa e belga, *fiasco* reconhecido e confessado pela voz auctorizada de todos os seus criticos, por tal forma impressionou e commoveu a opinião publica que, dentro em poucos annos, a Inglaterra esmagava os mais adeantados paizes europeus com a sua concorrencia como productora artistico, como factor esthetico, reunindo no museu de South Kensington, como num formidavel arsenal, tudo o que era preciso para fazer d'elle « a mais importante escola d'arte do mundo ».

A Inglaterra, portanto, não nasceu o paiz estupendo nas industrias artisticas, na educação e na instrncção publica, que hoje é: *fez-se* tal e *fez-se*, porque era preciso, e porque aos elementos necessarios para que o fosse apenas havia faltado, até ao momento de reconhecer que o não era,—a vontade firme e resolvida de o ser.

Pois bem; Ramalho Ortigão, o actual

Ramalho Ortigão, o d'As Farpas para cá, fez-se também, como a Inglaterra artística e esthetica; eahio do Ramalho dos Contos *dir de rosa e Em Paris* pelo poderoso impulso de um querer, resolutu e imperterrito, encalhado, por assim dizer, em uma intuição de aço, nítida e rija, do homem moderno e da sociedade contemporânea.

Eça de Quairoz já escreveu, não sei onde, que em vez de se dizer: «Ramalho Ortigão, auctor d'As Farpas», dir-se-ia mais correctamente: «As Farpas, auctora do Ramalho Ortigão.»

E' uma profunda sentença, evoluendo uma grande verdade.

A fundação d'As Farpas, ou melhor: a importancia que tomou esse pamphleto mensal na opinião publica e a responsabilidade critica, que, consequentemente, assumiram os seus auctores, foram para Ramalho Ortigão o que foi a exposição universal de 1851 para a Inglaterra. Eça, segundo elle proprio confessou, teve medo o fugio discretamente para Havana.

Ramalho mediu a gravidade da situação, apalhou os biceps, descarregou tres ou quatro muros num dynamometro, tomou o pulso á sua vontade; reconheceu, depois d'esse exame escrupuloso e longo, que tinha, no corpo como no espirito, a saude indispensavel aos athletas, o disse, por fim, á sua penna, pousada á beirn do tinteiro, prompta sempre o morgulhar, na pesca das perolas:

« Minha amiga, mettemo-nos om boas. Fiz-te escrever as primoiros Farpas como uma pilheria, por simples traça honesta e, afinal, um bocado util. Mas As Farpas vão-me sahindo... ou sei lá o quo! vão me sahindo o diabo! Ou eu dou cabo d'ellas ou ellas dão cabo de mim. Ora nenhuma destas hypotheses me agrada.

« Mas para evita-las é preciso, uem mais nem menos, minha amiga, que me complete por dentro e por fóra, de alto e baixo, que eu saiba destruir toda esta caranguejola romantica, metaphisica e roccó, o que sniba construir, depois, uma cousa para substituir á caranguejola. Para coasigui-lo, preciso de conbecer, como os mous bolsos, todos os grandes philosophos, todos os grandes criticos, todos os grandes pedagogos, todos os grandes poetas, todos os grandes romancistas; enfim — com tresentos diabos! — todos os grandes escriptores, antigos e contemporaneos, nfm de que eu possa sempre estar ao lado d'elles, — pelo menos. E' difficil, é... Mas verifiquei que tenho pernas de gamo, estomago d'avestruz, uma boa myopia para ver perfeitamente de perto e menos mal ao longe com o auxilio das lunetas, uma memoriasiuha fiel como um cão e pontual como um credor, e uma certa facilidade para entender as cousas intelligiveis. Além disso — quero. Olha, minha amiga, espera-me abi um instantinho. Vou ali dentro completar-me e já volto.»

E quando voltou, tinha a Inglaterra o seu museu de Kensington... quero dizer: tinha a lingua portugueza o Ramalho Ortigão das Farpas, das Cartas Portuguezas, d'A Hollanda e do John Bull.

VALENTIM MACALHÃES.

(Conclue no proximo numero.)

A politica... S. Nabor, affastae de mim este calice!

F. SARGEV.

## CARTAS PAULISTAS

III

S. Paulo, 21 Agosto.

Emanuel partio. S. Paulo, por tantas noites ferido e sacudido em todos os seus nervos pela voz poderosissima de Emanuel, quasi que já o esquecer — a ingrata cidade! Amanhã será completo o esquecimento, quando a tropa despanhola, ao som alegre da musica de Gastambide invadir as empoeiradas ruas da Panticéa. E. S. Paulo exultará, e todos os pianos — que os há por aqui em numero paeroso, Santo Deus! — entrarão a estropiar as *seguidilhas* com uma crueldade impassivel.

Por ora, á espera das *Zarzuellas*, S. Paulo, admira as caricaturas com que o Bento Barbosa, aqui chegado ha uma semana, vae cobrindo todas as mezas de todos os cafés, — rejuvenesce, com a retirada do hynverno. Veio o Bento e foise a garça.

Deus a tenha por lá muito tempo, deixando-nos estas noites limpidas e freccas, de um firmamento purissimo, palpitante de estrellas.

O hynverno fugio, desertou os ares, de repente, sem transição, inesperadamente. Que grande alegria e que deliciosa surpresa para mim, misero exilado da enxada ardente e dos ares enlidos da minha formosa, da minha querida Rua do Ouvidor!

Farto-me de luz e de calor, ahengando a fuga das neblinas e repellindo a pontapés os cobertores, rasgando as luvae de lá. Que delicia, por um dia d'estes, n'um carro desengonçado, ao trote largo de dois burros magros, fugir da rua de S. Bento para cair nos braços da Natureza, longe dos imbecis e dos fatuos, tendo apenas ao lado um amigo, um charuto e um livro de Leconte!

O carro vóa, numa nuvem de poeira, pela estrada barrenta scintillante de sol. Rareiam as casas, augmenta a vegetação. Carros pesados, ao preguiçoso andar dos bois, rangem, enchendo o arredor de uma harmonia selvagem. Então, meio adormecidas no carro, com a certeza de que o Tietê não tarda a apparecer, rumoroso e largo, n'um sitio apartado e silencioso, conversamos e sonbamos.

E ha um prazer singular, uma sorte de desafio á Natureza em lembrar, no meio d'ella, entre as arvores immensas, o centro civilisado abafado, a rua do Ouvidor animadissima que nos tortura e delicia. Cerramos os olhos, e homens e cousas, num tropel phantastico, passam e repassam. Um amigo que uos não escreve, uma casa querida, uns olhos negros e mysteriosos sob uma cabeleira esplendida, a familia que deixamos, uma phrase, uma anedocta — toda a antiga vida que lá embaixo ficou e de lá de baixo nos cbama, abysmo encantado de irresistiveis seduccões.

Mas, o rio apparece. A' margem, os bambuões altissimos, como corridos por um calefrio, rigam-se e rumorejam. Agua serena e clara, deixando ver ao fundo o tapete verde negro das algas. Uma canoa preza a um tronco. E por tudo, de um lado e de outro no céu e nas aguas, uma tranquillidade indizivel, um recolhimento religioso.

Adeus, saudades e calças, resentimentos e fraks! Puff!... a agua abre o seio frissimo, e lá vamos torrente abaixo, entre as cbnhaças dos passaros.

E, á volta, quando a noite cae, pode a gente com o espirito soegado, jantar

e rir, sem preocupações, diante de Bento Barbosa, que fuma um cachimbo enorme, e prende o olho esquerdo o mais escandaloso monoculo que tem assempado os povos de S. Paulo.

Saiba, pois, o Rio de Janeiro que o hynverno fugio e que nada houve mais importante e digno de menção do que isso em toda esta semana.

O. B.

## BUSTO DE NEVE

(CAMPEADOR)

*De amor te fazo um penitente um dia  
Com gelo um busto de mulher formosa.  
E o corpo ao busto com furor junctara  
Calmando o fogo que em teu peito ardia.*

*E quanto mais ao busto o corpo unes  
Mais se a nere com fogo misturava,  
E o coração do sancio se gelava,  
E o busto de mulher se derretia.*

*Em tuas luctas, Amor, das quaes renego,  
Sempre ao hynverno se uno o estio logo,  
E se um ama seu fê, quer outro ego.*

*Assim es tu, meu coração bravo!  
Ve ella em teu gelo com teu fogo,  
Por matar de calor, morres de frio.*

FILINTO D'ALMEIDA.

## QUADRO BIBLICO

E Abrahão disse ao servo:

— Eliezer, vae ao meu paiz e escolhe abi noiva para Isaac. Não quero para nora uma filha de Canaã. Vae, e traze comigo aquellá que deve compartilhar da tenda de meu filho e do seu pão.

O servo obedeceu.

Emquanto o velho orava no campo de Machpelah, onde Sara dormia o ultimo somno tranquillo e doce, Eliezer seguia com os seus dez camelos sobre as areias da estrada de Nabor.

O sol da Arabia puuha fogo no cbão, no ar, em tudo. As palmeiras, silenciosas, pareciam pintadas no fundo azul do céu, tal era a immobibilidade das suas copas estreladas, verde-negras.

Os camelos seguiam-uo docilmente, com os pescoços muito arqueados, e os olhos imperturbavelmente fixos no espaço adiante.

O caueço, o calor, a séde, prostrava a committiva. A estrada, branca, arida, batida de luz, não tinha fim.

E o servo de Abrahão, levantando os grandes olhos uegros para a cupula profundamente azul do firmamento, orou.

O arabe tinha fe, a mesma fé ardente que lhe inspirara o patriarcha.

As linbas curregulas do seu rosto trigoireiro, saavisaram-se no enlevo da oração; a barba preta, pontuda, salientou-se das dobras do albernoz, que lhe envolvia o corpo, quando, deitando a cabeça para tras, deixou passar pelos labios grossos, secros, ávidos de fresquidão, a preço da sua alma triste.

Senhor! Que a primeira mulher caritativa, que nos mate a séde, seja a esposa de Isaac! Que ella leve a familia

de Abrahão o mesmo consola-br-reparu, que ao meu corpo enfebrecei lo trouxe a agua que me offerecer.

Seja a filha de Nabor tão pura como a sombra das palmeiras, que nos dão o oleo sancto, immaculada como os lirios do Jordão!

Senhor!...

Chegara finalmente a seajala Mesopotunia.

Eliezer fez ajoelhar os camelos ao pe de um poço silencioso, e esperou.

Visando descalça a terra amarellecida pelo ardor do sol, vinha uma mulher do logar, nova e bella, tirando agua do poço. Trazia o cantaro no hombro, á moda oriental, os braços nus, arqueados, sobre o cabello escuro e turbante de largas pontas cahindo pelas costas, na cinta uma faixa arrepanhando a tunica, mais acima um corlão tambem unido ao corpo; no pescoço o colar de sandalo porfumado, nas orelhinhas mimosas, delicadas como duas conchilhas das praias do Mar Vermelho, uns argolões de amhar.

A gentil rapariga aproximava-se pensativa, destacando-se no fundo violáceo do horizonte, serena, elegantemente.

Chegada á fonte descansou na borda e cantaro e, embrenhada ainda na floresta do seus peneamentos, floresta de jasmineiros em flor, olhava sem attenção para as folhinhas de avenca nscida nas paredes interiores o humidas do poço.

Pensava talvez no amor, nos suspiros que lhe levantavam o peito, e lhe perturbavam o somno; no amor que se lhe annunciava em sonhos, abalando-a toda, e que não comprehendia. Pouco tempo assim esteve; depois, curvando-se resoluta para a agua, puxou com as mãos nervosas a corda para cima, e o balde subiu. Encbeu o cantaro e voltava-se para seguir o caminho de casa, quando o sequioso Eliezer, parando em frente, pediu que lhe matasse a séde. Ella desceu do hombro o vaso e, pousando-o sobre o braço esquerdo, impelliu-o com a outra mão até á bocca do arabe.

Elle bebeu, bebeu soffregamente.

— Os teus camelos têm séde... disse ella, e levou tambem agua aos ammaes...

Nos camelos, ajaezados com metal fino e cores vistosas, partia a noiva do Isaac e a sua committiva; as donzellas do logar davam-lhe flores, e os parentes bençãos. Rebecca acenava riudo ás amigas, fazendo reluzir ao sol o oiro dos seus braceletes e collarca, offertas de Abrahão.

Quando chegava á terra de Isaac, punha-se o grande nstro tingido de rubres quentes o poente.

No vasto campo semeado de boninas o filho de Sara passeava. Vendo-o, Eliezer apontou-o a Rebecca, e elle, corando, puxou para o rosto o candilho e longo véo.

Isaac aproximou-se, e ajuha a descer do camelo a gentil creatura, que pela primeira vez via. Eliezer contou-lhe então o encontro que tivera com aquella, que estava destinada a ser esposa de seu senhor.

Recebeu-a ternamente Isaac, e, dando-lhe a mão, conduzio-a para a tenda em que vivera Sara.

Seguindo com o olhar aquelle par graciozo, dizia mentalmente Eliezer: — Seja a esposa tão pura como a somba da palmeira que nos dá o oleo sancto.

Qus jámais os seus labios desfolhem asão palavras de doçura e amor, levando á alma do marido a vida nova, saudavel e clara, como o consolo que ao snfrecido ascravo deu a fresca, a crystallina agua que lhe matou a sede!

Liboa, 1887.

JULIA LOPES.

## BELLAS ARTES

### TRES EXPOSIÇÕES

#### I

EXPOSIÇÃO FIRMINO MONTEIRO

(Conclusão)

Firmino Monteiro, felizmente, não pertence a esse numero de optimistas que bem se póde denominar — estacionario. E' com visiveis intentos de progresso que elle trabalha, levando esse interesse mais para a quantidade do que para a qualidade, ao contrario de outros. Cuidando, como cuida, do numero de obras, elaborando pois em uma falta que, ao meu ver, constitue um paralogismo, deixa de parte as exigencias artisticas em trabalhos em que, ao lado da concepção, deve figurar o deenho. Não é preciso um olhar experiente ou uma boa educação esthetica para se notar que nas obras de Monteiro o maior defeito parte do desenho. Basta um pouco de observação. Ha cinco annos Monteiro era um paizagista que começava; tinha vocação artistica, tinha vontade de progredir e, sobre estes dotes, possuia a boa qualidade de ser afoito, qualidade que, faltando a alguns, os tem arrastado para o obscurantismo. As suas tentativas foram sempre coroadas por felizes resultados, notando-se entre todas a grande tela — *Fundação da Cidade de S. Sebastião* — uma das melhores promessas que se têm visto. Nesse tempo, creio, o intuito mais serio do artista era o de alcançar na paizagem a motoriedade dos grandes mestres, cujos estudos não foram realizados em quatro ou seis annos, mas sim em uma serie de estudos muito pensados e em lenta successão de annos. Nesse tempo, a consciencia por mim lhe dirá se com aegurança era capaz de pintar uma figura, nasse tempo o seu talento teve as mais bellas manifestações, já pela maneira moderna de executar as impressões, já pelo modo de sentir a natureza e exprimir esse sentimento. Na exposição de 84, dois annos depois da sua primeira exposição, mostrou-se decidido a abordar os assumptos historicos, e o fez com intelligencia, porém accusando indelevelmente o pouco, o muito pouco, exercicio do deenho. Em 85 retirou-se para a Europa, e ahi, em dois annos, emprehendeu cinco telas historicas, perfeitamente diferentes, snre si, pela diversidade de épocas, de costumes, de typos e de raças. Em dois annos o artista poderia pintar um bom quadro, mas fazer cinco telas historicas e de tão grande trabalho, não

me parece caso possivel, senão fazendo-as assim como nol-as apresentou. Melhor seria que esse pequeno espaço de tempo fosse aproveitado em consciencioso estudo do deenho, arte em que muito se custa a alcançar alguma cousa, como provam u dedicação constante n ella dispensada pelos excellentes desenhadores da Renascença, na Italia, e o extremo apreço em que a têm as notabilidades contemporaneas, avultando entre todas M. Ingres, o grande desenhador da linha, o qual, sendo encontrado a copiar um deenho de mestre, disse convictamente: *c'est pour apprendre*. Melhor seria que se applicasse ao deenho, prodigalizando ao seu fecundo talento este saber que não faz esperar os melhores resultados. Na sua obra, ora exposta, encontra-se quasi os mesmos defeitos que eram notados nos quadros expostos ha dois annos passados. A carnação, em geral, é pouco observada e feita com diminutissimo escrupulo. Igual á dos frades na *Abjuração de Galileu* é a carnação do soldado lasquet (porta-bandeira) que por sua vez é semelhante á do Galileu, á das figuras de *Vercingetorix* e da *Lealdade de Martim de Freitas*.

As extremidades são, em grande numero de suas figuras, desenhadas com descuido incomprehensivel. A mão direita de Martim de Freitas, as mãos do juiz que, no quadro *Abjuração de Galileu*, está debruçado á mesa, a do frade que apresenta ao retractor o officio e as mãos da figura principal, as mãos e os pulsos do *Vercingetorix*, os pés do soldado do primeiro plano á direita no mesmo quadro, e a mão esquerda de Anchieta, longe estão de satisfazerem as exigencias mais rudimentares do deenho. Na primeira figura acima referida, ha uma confusão brusca dos dedos com a chave que ella apresenta ao cadaver de Sancho II, de sorte que, á distancia de dois metros, mal se percebe o movimento que o artista pretendeu dar-lhe. Na segunda, na terceira e quarta figuras notadas não ha relevo e não ha anatomia; na quinta figura, a do *Vercingetorix*, não se pode comprehender como um homem musculoso, que traz os pulsos rudemente amarrados e as mãos tão fechadas, não apresente nas faces dorsaes a entumescencia das veias pela compressão dos pulsos; na sexta figura citada é visivel que os dedos menores da mão apresentam a forma de arco, quando é inquestionavelmente impossivel, em mão deacarnada, tomarem as phalanges tal posição; salvo em aleijões. E' ainda devido ao ligeiro conhecimento do deenho e portanto de anatomia, cuja importancia no deenho de figuras é bastante conhecida, que a perna esquerda de Galileu não tem articulação. Um homem magro (é o typo apresentado pelo artista) vestindo calça de seda, desde que curve a perna, accuará, atravez da fazenda que lh'a cobre, a articulação do joelho; defeito que passaria sem especialização se se tratasse de figura menos importante. São ainda provenientes d'aquella causa as faltas no quadro *Joanna Angelica*, notoriamente a cometida no braço sem acção do soldado que ergue ao ar uma machadinha, onde não ha proporção do braço para o ante-braço; e entre a turba armada, que vem ao fundo, ha um braço ameaçando um socco que, pertencendo a uma figura, parece ser movido por outra; ha um outro braço, o do gigante soldado que vem a cantar ou a blasphemar, cujo movimento está fóra da articulação da

clavicula, assim como é toda desarticulada a perna direita da ubdadesa, além de não pequeno numero de figuras dos planos secundarios que parecem ter superior dimensão á dos primeiros planos.

Em algumas occasiões os defeitos de articulação dão-se pela carencia de exprimir bem o movimento. Mestres ba, e mestres houve, entre elles o mais celebre—Delacroix, que para movimentar suas figuras desprezam a precisão anatomica. Isto não é desconhecido por F. Monteiro e tanto é verdade que usou d'esse recurso, com feliz resultado, na mão do soldado que, agachado no primeiro plano á esquerda, do quadro em questão, enche a cartucheira com o dinheiro de uma caixa de esmolos, empregando-o ainda em algumas pernas de soldados em marcha. Entre o primeiro e o segundo caso vae uma differença immensa, inconfundivel.

Deante da sua obra actual, que prova não vulgar fecundidade e muita comprehensão do sentimento esthetico da nossa época, sente-se que está para vir um grande pintor, sendo que já podia merecer a consagração de « realidade » se não tivesse desnoiteado.

Não falo de *parti-pris*. Faço francos commentarios tendo em vista provas de valor; e este procedimento creio que obterá, senão agora, pelo menos mais tarde, agradecimentos do artista. A prova que tenho para levantar esta asserção é o seu quadro *Vidigal*, exposto em 84 e ora figurando entre os recentes trabalhos. Na composição do *Vidigal* não existe a menor preocupação de impressionar, de morder o coração do espectador. E' um assumpto bem sentido e posto na tela com a maxima sinceridade. A cor do assumpto, ou melhor o caracter essencial do facto, que constitue o objecto, teve uma vibração longa no intimo do artista, que conhecia, pouco mais ou menos, aquelles typos e o logar onde a scena se desenvolveu. Concorreu ainda para completar o trabalho a importante parte accessoria, que era a paizagem, genero estudado pelo artista, e genero para o qual sempre mostrou pendor.

D'ahi partiu aquella harmonia do todo que se nota nesse quadro, já pela tocante realidade da paizagem, já pela naturalidade das figuras, que, se não são de um deenho preciso e castigado, muito satisfazem pela proporção e pelo movimento. Esse quadrinho, ao lado das telas expostas, leva uma vantagem — a de ter personalidade e, portanto, o de impressionar mais directamente, mais firmemente. Não se me levará á mal, na presente occasião, trazer uma novidade a estas linhas, novidade que, satisfazendo as minhas pretensões, balofoas com certeza, corrobora a opinião que acabo de mencionar. Quando o mestre de nós todos, escriptores e escriptores actuaes, o Sr. Ramalho Ortigão, honrou com a sua visita a exposição Firmino Monteiro, eu tive a felicidade de me achar ao lado do artista. Escusado é dizer qual o interesse com que acompanhei a visita do illustre litterato portuguez. E, certo estou do que affirmo, o quadro que mais lhe mereceu attenção, foi precisamente o *Vidigal*. Eis confirmada por um homem de espirito superior, habituado a ver obras d'arte e a julgal-as com acerto e justiça, a verdade que externo. Ha ahi um ponto que poderia parecer confuso, obscuro, intrincado, caso eu não depositasse inteira confiança no claro juizo do leitor. Este ponto é o que se

me poderia apresentar em refutação ás linhas acima escriptas. Poder-se-ia dizer ser causa principal, ser causa notriz da immediata impressionabilidade offerida pelo *Vidigal*, a qualidade de ser esse assumpto facil e leve. Mas se isto pudesse ser tomado em conta de contradicção, se isto tivesse bastante peso para enfrentar com a prova ha pouco demonstrada, teriamos forçosa necessidade de manifestar-nos discordantes do juizo de um homem que, que para nós todos, é mais do que apreciado — é um mestre. E, depois, para asseverar a superioridade d'esse quadro sobre aquelles que obega esta enorme vantagem? Pois a obra d'arte que de improviso choça o espectador, não é a que merece maior attenção, não é a que alcança o seu fim, o seu intento? Nenhum motivo ha para semelbantes desconfianças. Ahi tem Firmino Monteiro um facto de summa importancia ao qual deve ligar os seus cuidados.

A sua vocação artistica é manifestamente propensa á paizagem. Para se comprehender essa propensão não se precisa maie que essas duas paizagens francezas a de Obantelly e a de Champigny. Ambas são excellentes. Veja-se ainda essa larga praia areenta onde Anchieta entrega á brutalidade da vaga os versos que o coração lhe inspira. Ella não vale por todas essas figuras frias, por esse *Vercingetorix* de quarenta annos, por esse Galileu de pernas aleijadas? Ella não nos commove mais, não agrada mais á nossa vista, não desperta mais interesse ao nosso espirito, do que essa *Lealdade de Martim de Freitas*, com a sua ala de personagens, os seus pannos amarellos e encarnados, pretos e roxos, com a sua luz uniforme, e o seu aspecto de oleographia?

Applaudo a força de vontade que o caracteriza, applaudo-lhe a coragem. Para tomar a responsabilidade de tarefa tão pesada, tão difficil, são precisas muito animo e muita resolução; mas o que não posso applaudir, porque delnpiraria a independencia da minha razão, são essas faltas commetidas no deenho de figuras, e, mais ainda, essa enorme falta de expressão.

Não sei se estas linhas serão interpretadas no seu verdadeiro valor; não sei. No entanto, tenho a consciencia tranquilla. Se fui justo, também não deixei de ser complacente.

ALFREDO PALHETA.

## NATUREZA EM FESTA

*Insectos vagueiam sedentos de orgia;  
Tremulam festivos os flóridos prados...  
Buscando teu límpido olhar que irradia,  
Insectos vagueiam sedentos de orgia,  
Repara, meu anjo: que esplêndido dia!  
Não vês? Pelos campos, ainda orvalhados,  
Insectos vagueiam sedentos de orgia;  
Tremulam festivos os flóridos prados!*

*Alegre-se o Mundo com a minha ventura!...  
Saudam-te as aves; perfumam-te as flores...  
O Sol traz a sua mais bella armadura;  
Alegre-se o Mundo com a minha ventura!  
Em honra da tua real formosura,  
Enfite-se o Olympo de nitidas odres,  
E alegre-se o Mundo com a minha ventura!  
Saudam-te as aves; perfumam-te as flores.*

H. de M.

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Do Sr. J. A. Roque, digno agente da casa editora de Campos & C. de Lisboa, recebemos um exemplar do *Othello*, traducção de J. A. de Freitas.

Esta edição do *Othello* não é uma edição de luxo, como a do *Hamlet*; é uma edição simples e barata, mas nella, ainda melhor do que na outra, se pode ver com que capricho aquelles editores fazem imprimir as obras da sua casa. É um livro bonito e elegante.

Com bello prefacio do Dr. Campos Salles, publicou-se em S. Paulo uma brochura intitulada *Homenagem Posthuma a F. Quirino dos Santos*.

Contem esta brochura um excellente retrato do Dr. Quirino dos Santos, alguns artigos publicados por occasião de sua morte e varios apontamentos biographicos,

É com prazer que accusamos o recebimento d'este trabalho, pois, admiradores do grande talento e das raras qualidades civicas do Dr. Quirino dos Santos, vemos que o seu nome é ainda hoje lembrado com saudade e respeito.

O illustrado Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga publicou um estudo litterario muito interessante — *Homenagem prestada pela Musica á Litteratura*.

Este titulo indica a natureza do trabalho e os seus intuitos.

Para a sua confecção serviram de fontes ao illustre escriptor as obras completas de varios auctores, uma centena de libretos de operas e o *Diccionario Lyrico* do maestro e critico musical Felix Clemente.

Os assumptos de muitas obras são extrahidos de notaveis composições litterarias, e visando isto, elaborou o Dr. Veiga uma extensa lista em que, a par dos nomes dos poetas e prosadores, estão os dos poemas que forneceram dados aos *libretistas* e em seguida apontados os nomes dos compositores e das operas modeladas por aquellas produções.

É um trabalho este interessantissimo e de merecimento incontestavel.

Sob o titulo *Sonetos e Sonetinhos*, publicou o padre José Joaquim Corrêa de Almeida os seus ultimos versos.

Uma coisa admirará neste livro a quem não conhecer o auctor: é a ausencia completa de tudo o que cheira a sachristia e agua benta. Se os leitores julgam que os *Sonetos e Sonetinhos* não são mais do que uma variante das ladainhas, dos psalmos e dos cantochões, estão redondamente enganados. Não ha nada d'isso nos versos do padre Corrêa.

Derramam-se por elles o bom humor, a satyra levemente ferina, o humorismo, a alegria, a satisfação. Acaba-se de ler esta collecção de sonetos e sente-se a alma palpitante de alegria, a rir gostosamente.

São versos desopilantes e nada mais. Não ha melancholias que resistam aos *Sonetos e Sonetinhos*, que são feitos com bastante arte e rara correcção.

Edizer que estes versos são de um

homem de sessenta e seis annos — e padre!

Aqui vae uma pequena amostra:

«Os dois estragadissimos partidos occupam a seu turno a governança; e nós imos vivendo de esperança de ver os nossos males combatidos.

Os quinhões são de novo repartidos, toda a vez que se dá qualquer mudança; se aquelle outr'ora encheu, este enche a pança, e os clamores do povo são latidos.

Se as velhas leis têm sido violadas, estando nossas crenças abaladas, novas leis não darão melhores normas.

Palavres eu não sei se adubam sópa; mas a falla do throno é que não poupa reformas e reformas e reformas.»

Magnifico, padre Corrêa. Um applauso a Vossa Reverendissima.

O Dr. Alfredo Gomes acaba de publicar, para uso dos alumnos que pretendem fazer exame de portuguez na Instrução Publica, um importante trabalho — *Descripções e Cartas*.

Neste livro encontram-se, como explica o seu proprio titulo, descripções e cartas sobre varios assumptos, que muito aproveitam e facilitam aos examinandos de portuguez, que nelle, podem aprender com immensa facilidade e talento o modo porque hão de tratar dos themas que lhe forem apresentados a exame.

O unico senão que encontramos neste trabalho é elle se prestar a más interpretações, principalmente se os professores consentirem que os seus alumnos em vez de tomarem as suas descripções e cartas como verdadeiros modelos que são, as decorem como papagaios e repitam.

No mais é este trabalho do Dr. Alfredo Gomes um excellente auxiliar para o exame de portuguez.

S.

## CHRONICA SCIENTIFICA

## FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

A cirurgia brasileira acaba de registrar mais uma importante operação, praticada pela primeira vez entre nós — ligadura da arteria axillar direita abaixo da clavicula.

Tratava-se de um vasto aneurysma da arteria subclava, que enchia quasi toda a fossa supra clavicular e se estendia tanto que impossivel tornava a ligadura entre o tumor e o coração.

O Dr. Crissiuma, que está substituindo o Barão de Saboia na regencia da 1ª cadeira de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina, depois de fazer uma brilhante prelecção, em presença de grande numero de estudantes, tornando salientes a difficuldade e gravidade da operação que era obrigada a praticar como unico recurso, operou o doente pelo methodo de Brasdor, ligando a arteria axillar abaixo da clavicula.

A operação, que foi ajudada pelos Drs. Bulhões, Valladares e Netto Machado, foi praticada com toda a pericia em 20 minutos, sem compromettimento

dos nervos e vazos que se encontram em quantidade naquella região.

É pois o Dr. Crissiuma merecedor de applausos pelo modo porque se houve em tão delicada operação, firmando assim mais uma vez os creditos de que gosa como habil operador e distincto anatomista.

Antes de terminar seja-me permitido consignar aqui um voto de louvor ao Dr. Pedro Affonso Franco pelo importantissimo serviço que está prestando com a vacinação animal.

S. S. pretende seguir, no principio da proxima semana, para a Barra do Pirahy adm de praticar a vacinação.

DR. ONETT.

## POESIA E POETAS

## ONDULAÇÕES SONÓRAS

O Sr. padre M. A. Ferreira Academico deu á luz um volume de poesias sob aquelle bello titulo. O volume é todo illustrado, assás typographicamente, mas illustrado.

Se o Sr. padre Academico não veio de todo obscurecer a memoria de Homero, Virgilio e Camões, não é, contudo, um poeta indigno de leitura. O seu livro é, pelo contrario, interessante sob todos os pontos de vista. As idéias fervem ali em cachões e ha por toda a obra um toque de melancolia e ingenuidade que bem mostram e coração e o cerebro do poeta ecclesiastico.

Em todos os versos a perfeição da fórma emparelha com a sensatez do fundo. S. Rev. tem tanto amor ao seu Pegaso que lhe fez estampar a effigie na ultima pagina! Bem se vê que elle cavalga victoriosamente a alimaria do Parnaso, e que vae atravez da floresta das novas idéias poeticas, mondanando aqui, destruindo ali, enramando-se de loiro symbolico acolá.

Pela doçura e pela suavidade, inferre-se que o poeta é o continuador da obra mystica de Santa Thereza de Jesus; pela impenetravel rijeza dos pensamentos, pela medonha e apocalypticaphilosophia dos conceitos, vê-se que elle descende litterariamente de S. Thomaz de Aquino; e pela convicção, pela fé extrema e pela simpleza — é evidente que o poeta segue S. Paulo, o mais ardente apostolo do Christianismo.

Deante a obra collossal, do padre, Academico pasma bestializada a Critica e só a admiração se anima e se contorce. O criterio para julgar a obra, enteprece-se ante maravilhas como as do seguinte soneto:

REGINA SINE LABA CONCEPTA!

Da Gloria e esplendor, vide da Vida,  
do Eterno chara filha em adopção,  
és Maria, oh casta filha de Adão,  
dos mortaes a esperança appetecida!

Estrella és do mar! Forte guarida,  
refugio dos que crêm, — consolação  
dos afflictos e do — Céu exultação,  
amparo nesta amarga e triste vida!

Da nossa Academia és o brazão!  
Es o Vello, o Lyrico, és a Rosa enrubecida,  
da terra do Cruzeiro a protecção!

Es o Iris da paz! e — de Sansam  
és a força contra e serpe fementida,  
a Estrella, o Refugio, e o Auxilio do Christão.

E cumpre observar, para maior lus-

tre do poeta, que este soneto, apesar de apparecer no livro, ainda não foi escripto: Hade selo no dia 7 de Dezembro do corrente anno, que é para quando está datado.

A isto é que se pode chamar — Poesia do futuro!

Agradecendo o bello livro, damos os nossos parabens ás lettras patrias, porque, apesar de ser o padre Academico catholico, apostolico e romano como seiscentos diabos, a sua obra é mais profana do que sagrada. Em todo caso tambem nos apressamos em recomendar o poeta — ao morro da Conceição.

Sr. bispo, olhe para aquillo!

A.

## THEATROS

S. PEDRO

Companhia do theatro D. Maria II

Entre os artistas estrangeiros que nos têm visitado nestes ultimos annos, é João Rosa, inquestionavelmente, um dos mais notaveis.

Actor muito educado e muito correcto, prezando e amando com extremos a sua arte, tem sobre muitos outros as grandes qualidades da circumspecção e da sobriedade.

Um artista que na corda glorificadora do seu trabalho e do seu talento pôde apresentar verdadeiras creações artisticas — como o D. João II, como o Yago, como o Bernard e como o Cardeal de Richelieu — é, sem a menor duvida, um artista de primeira ordem.

E se é certo que a invasão extraordinaria de companhias estrangeiras de todo genero prejudica materialmente o theatro nacional, é tambem certo que artistas como João Rosa concorrem effizadamente para o adeantamento artistico do nosso theatro, ou de tanto faltam os bons modelos e os estímulos para o estudo da verdadeira arte.

O ultimo papel desempenhado pelo notavel actor portuguez foi um primor de correcção e de verdade. A peça *O Cardeal de Richelieu*, é uma peça feita por quem conhece pouco o theatro; é rhetorica e de moldes já muito velhos e gastos. Vê-se, entretanto, que o auctor, loró Lyton, cuidou somente em apresentar o celebre ministro de Luiz XIII, pouco se importando com os outros personagens, satelites que gravitam em torno do grande astro. Visto assim por um inglez, Richelieu britannisa-se um pouco e d'elle apenas nos apparece o politico astucioso e audaz; todavia, é um grande papel, em que podem sobressahir as qualidades de um artista como João Rosa.

O cardeal está magnificamente desenhado a largos traços, que o papel não dá para minucias nem para traços subtile de observação. No andar, no gesto, na caracterisação, na finura do dizer, em tudo se vê o cuidado com que o personagem foi estudado pelo artista. É um papel completo, intelrigo, com uma interpretação tão verdadeira quanto o permite a peça, e uma execução magnifica. Foi todo representado com grande correcção e relevo;

mas cumpre-nos especialisar as scenas do ultimo acto, quando o Cardeal, sentado, fingindo-se moribundo, ouve as acenações dos seus rivales e as decisões precipitadas do novo ministro dadas aos graves negocios do Estado; é um trabalho de audição primoroso, um jogo magistral de physionomia, que revelam o talento e o estudo do artista.

Pena foi que o bello papel de Mauprat fosse confiado ao Sr. Ferreira da Silva, que, evidentemente, não pôde com elle; não o comprehendeu, nem teria forças para o executar.

Virginia fez muito bem a Sra. de Mauprat. E', decerto, um dos papeis que mais estão nas suas cordas; mas via-se que o poderia fazer muito melhor se Ferreira da Silva pudesse ajudal-a. Amelia da Silveira fez um pagani adoravel, apezar de doente.

Augusto Rosa fez com o costumado relevo o autyputhico papel de Baradas. Antunes aprendeu bem o papel de Luiz XIII, mas executou muito desegualmente o ultimo acto.

Costa, que é um actor intelligente o discreto, esteve bem no Frei José, que na peça perdeu toda a importancia que tem na historia.

A peça, pezaçona e monótona, não agradou no publico, que foi naquella noite de festa testemunhar o apreço em que tem o notavel actor.

Num dos intervallos, Brazão disse primorosamente o monologo *Rataplan* e, a pedido do publico, *A mosca*, que elle recita de uma maneira adoravel.

O beneficiado recebeu dos seus collegas e dos seus admiradores grandes provas de sympathia e de consideração.

#### S. PEDRO DE ALCANTARA

E' amanhã que se realiza o grande espectáculo organizado pelo estimadissimo Vasques para commemorar a morte do grande actor João Caetano dos Santos.

Todos ossem que respeitoso culto tributa o Vasques á memoria do grande mestre, e que ha tres annos elle se esforça tenazmente para que João Caetano seja perpetuado na memoria publica por um monumento que o recorde. Esta acção, digna do artista e honrosa para o homem, tem sempre encontrado auxilio não só nos collegas do organisador, que se prestam a trabalhar gratuitamente, como no publico, que sempre concorre a estas festas glorificadoras do genio.

Este anno o programma é soberbo e attrahentissimo:

Elogio de João Caetano, pelo Sr. Dr. Ferreira Vianna, presidente do Conservatorio Dramatico.

Primeira parte—As actrices Ismenia dos Santos e Livia e o actor Mesquita representarão a comedia em 1 acto, traducção de Machado de Assis, *Como ellas são todas*.

Segunda parte—O actor Xisto Bahia recitará *O trabalho*.

O actor Aréas, a poesia *Neto-avô*.

A actriz Carolina Falco o monologo de Augusto de Lacerda — *O susto*.

O actor Eugenio de Magalhães uma poesia, escripta expressamente para esta festa por Arthur Azevedo.

Pelo actor João Rosa *O Vigario*, poesia de Valentim Magalhães.

O actor Peixoto representará uma scena comica.

A actriz Amelin da Silveira o monologo de Pan Tarantulla *O cigarro*.

Terceira parte—*Como se escolhe um genro* pelos artistas Palmira, Costa, Ferreira da Silva e Joaquim Ferreira.

Quarta parte—Pela actriz cantora Cinira Polonio a grande *Ave Maria*, de sua composição, acompanhada pelos coristas do Principe Imperial.

O actor Augusto Rosa recitará *Os Mosquitos*, monologo comico, de Filinto d'Almeida.

Pelo actor Baptista Machado, a poesia de sua composição — *Mães... e Cães*.

Pelo actor Silva Pereira, *A minha familia*.

A actriz Virginia recitará o monologo *O riso*.

O actor Brazão recitará a poesia de Lopes de Mendonça *Durante a tempestade*.

O actor Vasques fecbará o festival, recitando a poesia *Do outro lado*.

A' 1 hora da tarde.

#### PRINCIPE IMPERIAL

A 24 do corrente realisou-se a recita de auctor do *Barão de Pituassú*, Arthur Azevedo. Foi concorridissima. O actor Peixoto recitou, não tão bem como devia, um interessante *aproposito* em verso *O Comediographo*, escripto pelo auctor do *Barão*, e que agradou muito. O nosso illustre collega foi muito applaudido e presenteado.

P. TALMA.

#### BRINDE NUPCIAL

Venho dançar em teu noivado agora e eguer umbrinde ao venturoso enlace; cuidado! mira bem a minha face onde a alegria é mascara que chora.

Todo festivo sou por dentro e fúria, empunho o copo, cambaleio, audace falar intento, a gargalhada nasce satanica, e eu saído-te, senhora!

Levem d'aqui o hebedo! Não posso soffrer a cachete d'este riso immenso, que ronca, e irrompe do passado nosso.

Tapam-me a bocca os fios de teu lenço, mais finos do que o nó, que no pescoco o algoz correste, sobre mim suspenso!

LEÃO COLUMBANO.

#### SPORT

Magnificas e concorridissimas as corridas do Derby-Club, domingo passado, em que foi conferido o grande premio *Derby Nacional*. Eis o resultado:

1º pareo — Vencedor Corcovado — Poule 18\$900.

2º pareo— Vencedor Rapid — Poule 34\$800.

3º pareo — Vencedor Tenor — Poule 27\$900.

4º pareo—Vencedor Remis — Poule 21\$700.

5º pareo — Vencedor Coup d — Não

houve rateio, por ter sido irregular a parti-la.

6º pareo—Grande premio *Derby Nacional*—5,000\$ ao primeiro, 1,000\$ ao segundo e 500\$ no terceiro—Tiro 3,200 metros — Vencedor Sihylla, em 223 segundos—Poule 12\$900.

7º pareo—Vencedor Mirzador —Poule 18\$000

Montou n 144:810\$ o movimento da casa das poules.

Recommendamos as corridas do Prado Villa Isabel, amanhã. E' convidativo o programma, que publicamos na ultima pagina.

L. M. B.

#### FESTAS, BAILES E CONCERTOS (\*)

O club Beethoven, com assistencia de S. S. A. A. I. I. e de numerozo concurso de distinctas senhoras e cavalheiros da alta sociedade fluminense, realisou brilhantemente na noite de 12 do corrente o primeiro concerto extraordinario no seu novo salão.

Foi uma festa esplendida e muitissimo applaudida.

Bem concorrida e animada esteve a festa dramatica e dansante, que a caprichosa e acreditada sociedade Atheneu Esther de Carvalho realisou na noite de 13 do corrente e que se prolongou até ao amanhecer.

Principiu pelo drama em 4 actos, escripto pelo artista A. Heitor, e por elle ensaiado, *Rico e pobre*, e finalison a parte dramatica com a comedia em 1 acto *Morte do gallo* pelos artistas D. Branca e Heitor e os dignos amadores Z. d'Almeida, F. Carvalho, J. Rodrigues, Marinho, A. Ribeiro e Pereira, que desempenharam muito bem os seus papeis.

Os assistentes fizeram-lhes toda a justiça, manifestando com muitos applausos o seu enthusiasmo.

A amavel e distincta directoria obsequiou muito os seus convidados.

Deve estar muitosatis feito o festejado e insigne violinista Vincenzo Cernichiaro, do concerto que realisou na noite de 10 do corrente, no Conservatorio de Musica, onde ha muito não viamos concurrencia igual.

A chegada de S. S. A. A. começou o excellente concerto composto de trechos escolhido com todo o esmero, os quase foram primorosamente executados.

Tomaram parte nesta esplendida festa o distincto artista D. Marietta Siebs, os notaveis professores Cernichiare, J. Cerrone, Jeronymo Queiroz, A. Nepumeceno, Miguel Cardoso, e os dignos cavalheiros e amadores os Srs. Rossi Junior, G. Oliveira, J. Campo, e Russo Lamattina, sendo todos muito applaudidos.

Os nossos cumprimentos ao notavel violinista.

#### CONGRESSO GYMNASICO PORTUGUEZ

Pomposamente e com extraordinuria concurrencia, esta distincta sociedade festejou na noite de domingo passado

(\*) Algumas d'estas noticias não foram publicadas em o numero ultimo por falta de espaço.

N. da R.

o 1º anniversrio da sua installação.

Era imponente o aspecto que apresentavam os bellos salões, que se achavam com todo o luxo e gosto ornamentados, e notavase—grande numero de elegantes senhoras, trajando lindas *toilettes* e distinctos cavalheiros, altamente qualificados e da mais fina sociedade fluminense.

Depois que a banda de musica executou o *Hymno do Congresso* e a *ouverture Gratidão dos alumnos*, composição do professor João Elias, seguiram-se os trabalhos de gymnastica, egrima a florete e a espada; e os dignos socios e alumnos que tomaram parte nos difficos trabalhos e jogos executaram-os com muita correção e pericia.

A's onze horas começou o baile, que só terminou quando o dia appareceu. A' meia noite foi servida uma lanta delicada ceia, durante a qual houve muitos e cordiaes brindes, ruidoso momento correspondidos.

Além da ceia houve um completo *huffet* junto do grande salão o qual toda a noite foi servido francamente aos socios e convidados.

Passámos uma noite deliciosa, e ao retirarem-se os convidados mostravam-se muito gratos pelos obsequios delicadas maneiras dos perfeitos cavalheiros que tão dignamente fazem parte da distincta directoria.

#### CONCERTOS POPULARES

Com a augusta presença de SS. AA. Imperiaes e perante excellente concurrencia, realisou, no domingo ultimo, esta importante associação a sua 7ª *matinée*.

Deu principio á execução do programma uma *abertura*, em 1ª audição que foi muito bem executada pela orchestra. Em seguida foi executada *Danse des Bohemiens*, de B. Godard, que é extrahida de um poema symphonico *Le Tasse* e que muito agradou.

A *Marcha Funebre* de A. Nepomuceno, jovem e esperançossissimo compositor cearense, foi perfeitamente interpretada e é um trabalho que revela decidida vocação musical do seu actor.

Fechou a 1ª parte o *Baile do Cid*, de Massenet; os solos foram executados pelos professores Agostinho Gouvêa e João Duarte que se houveram coms costumada pericia.

Abrio a 2ª parte a *Abertura Freischutz* de Weber; é uma peça classica, admiravel cheia de originalidade e verdadeiramente caracteristica.

A *Serenata Hungara*, de Jonsières, que de todas as suas composições é a mais conhecida, foi bellamente executada e agradou muito.

O segundo concerto para violino Alard, por indisposição do estimadissimo violinista Pereira da Costa, foi substituido pela *Rêve après le bal* que teve uma execução magistral, sendo a pedido do auditorio, repetida.

A *Mandolinata para cordas*, delicadissima melodia de Paladille, foi brilhantemente executada e despertou freneticos applausos, sendo bisada com agrado geral.

Fechou esta bellissima *matinée* a *Marcha Heroica* de Saint Saes, que é uma composição original, de raro vigor e colorido de instrumentação.

Nossos parabens á associação dos Concertos Populares por mais este triumpho. Foi esplendida a sua 7ª *matinée*.

CLUB DOS TUCANOS

Esteve verdadeiramente magnifico o sarão que a digna sociedade Club dos Tucanos, organizou, para solemnizar o acto da entrega dos prêmios, aos vencedores dos torneios de bilhar e bagatella, e que se realizou na noite de 29 do corrente com grande concorrência e muita animação.

Aosom de musica e estrondosas palmas, foram entregues quinze premios de valor, de muito gosto, a quatorze socios vencedores, e entre esses premios notava-se um de admiravel trabalho: o *Diploma de Honra*, sendo autor d'essa preciosidade o sympathico 1º secretario Sr. Thomaz Costa.

O baile correu maravilhosamente até ás 5 horas da manhã.

A 1 hora da madrugada foi servida uma esplendida ceia, durante a qual trocaram-se muitos e entusiasticos brindes.

Distribuiu-se o n. 2 do *Tucano*, redigido pelos socios, e com muito talento, contendo bone artigos e poesias.

A distincta directoria penhorou os seus convulados com a costumada cordialidade e proverbial delicadeza.

TIO ANTONIO.

FACTOS E NOTICIAS

SARAH BERNHARDT

Lê-se em um dos ultimos numeros do *Blas*:

« Un des plus jolis présents qui aient été offerts, en Amérique, à Mme. Sarah Bernhardt, consiste en un éventail, au centre duquel on a placé un beija-flor (un oiseau baise-fleur), qui tient un brillant en son bec. — C'est au Brésil qu'elle a reçu ce présent.

Mais il en est un autre qu'elle ne peut considérer sans rire: c'est un vêtement en cuir do Pernambouc. (\*)

Elle n'étoit enchantée de l'édition du journal *la Semana*, imprimé sur de la soie.

Quand elle eera bien réinstallée à Paris, Mme. Sarah Bernhardt fera une exposition de toutes les choses bizarres ou charmantes qui lui ont été données. Les femmes du monde seront admises, à 20 francs l'entrée... pour les orphelins d'artistes. En pièces d'or seulement, déposées dans un crâne d'homme antédiluvien, rapporté de là-bas.»

LYCEU LITTERARIO PORTUGUEZ

Na noite de 24 do corrente festejou o Lyceu Litterario Portuguez pomposo e solemnemente o 19º anniversario de sua fundação.

Assistiram S. A. Regente e seu augsto espuso, ministro do imperio, os irmãos Ramalho Ortigão, os principaes artistas do theatro D. Maria II, Furtado Coelho e D. Lucinda, e tudo, enfim, quanto de mais gradual e distincto conta a nossa sociedade e a honrada colonia portugueza. Da festa deram circunstanciada noticia ns folhas diarias.

(\*) Este vestunrio de couro foi offerecido a Sarah Bernhardt, na noite da seu beneficio no Rio de Janeiro, pelo Dr. Joaquim Nabuco.

N. da R.

A' digna directoria do benemerito Lyceu Litterario Portuguez e, especialmente, ao seu illustre presidente commendador Pinho muitissimas e sinceras felicitações. O Lyceu é uma das maiores conquistas e um dos mais honrosos e grandiosos monumentos do trabalho portuguez em paiz estrangeiro, embora de irmãos, como este.

Honra aos qua o erigiram!

O Sr. J. A. Roque, agente da casa editora de Campos & C., parte para S. Paulo na proxima semana, a fim de tractar de negocios da sua agencia.

CORREIO

Sr. A. M. — Ai! meu bom amigo, do seu... (já se sabe o que é) intitulado *Viver*, só se aproveitam 4 versos; os dez restantes estão errados que é mesmo um louvar a Deus de gatinhas! E' uma verdadeira penca de erros o seu sone... (já se sabe o que é).

Sr. A. J. S. — Que bellezas tem a sua poesia! Eis ahi vae uma perola desenhada d'esta bella joia que se intitula: *Solidão*:

« Quando ao longe avisto no Oceano  
« Isolado um navio no mar plano  
« Sulcer sem viração...»

E digam, depois da leitura deste peducinho de ouro, se a Posteridade não é d'este homem, com mar plann do Oceano, viração e unis os joannetes que Deus de certo lhe deu e tudo. *Viração!* E' o caso de se dizer: avance mas não morda!

Sr. A. R. O Sr. é um *marvado!* Pois S. S. vendo-nos sob o dominio das variolas, inda se lembra de mandar para cá n sua peste de poesia intitulada — *Fantasiada!* Ao menos mandasse um aviso, porque eutão a gente ter-se-ia vaccinado com uma estrophe qualquer dos *Ultimos Harpejos* e estaria assim livre do contagio!

Sr. Braz Gil — Lá vae uma amostra do seu producto:

« Quero-te: Quero amar-te, quero fero  
Um riso mero, quero-te muito, quero...»

E não quer tambem plantar cabeças de nabo, ou um pouco de arroz com casca para debulhar com as tronbas, não? Que ostra!! Quem mais vive mais vê. D'este modo o senhor faz-me lembrar um certo passaro brasileiro, que passa pelos ures gritando: Quero-quero quero-quero.

Sr. A. M. Ora porque bei-de eu enganal-o?.. Podia dizer, por exemplo, que o seu soneto *Loucura* de um sabio, que é mesmo uma loucura, mette um chinello todos os melhores sonetos de Camões e Bocage; quer me parecer, porem (se é que não é um presumido e um pedaço d'asno), que o Sr. ficaria desconfiado com tanta esmola. Por isso, em vez do elogio acima, outra coisa lhe não digo senão que lhe não digo nada.

Sr. S. V. O que, senhor! *Chromos?*... Chromos o que, homem de Deus!

Qual chromos nem qual carapuças! Ora pela enõna velha de S. Pedro! pois isto é coisa que se mande a uma redacção para apparecer á luz publica? Eu quero lá que o B. Lopes me caia á

perna!! Pois nem ao monos no titulo do seu sonetinho o Sr. soube ser original?

Sr. J. F. R. Teriamos muito gosto em publicar os versos da pessoa que nos apresenta, sa taes versos, além de correctos, fossem inédictos; mas nem uma nem outra cousa elle são. Ha pouco vimol-os publicados num jornalêco da reça: *Rio Bonito*, se a musa nos não prega algum engano.

Sr. L. Os seus *Desejos*, se não manquejassem de alguns pés, seriam passaveis e, talvez, publicaveis mesmo. Mas como emprehenderem elles a correria da gloria com o feroz rheumatismo que lhes tolhe ns articulações? Que gemau ua esma que é logar quente, e fiquom sendo para sempre desejos insaciados.

Srs. *Sauterre & C. Veiga*. Que diabo de mixordin, que angã de negra Mina á este que os Srs. tiveram a desfaçatez de nos mandar? Quem é que lhes encomendou o sermão, fazem o favor de dizer? Alguem, porventura, pediu aos Srs. que definissem os nossos escriptores para que nos remetterssem estas banalidades:

«*Quintino Bocayuva* — sino sem badalo.  
V. *Magalhães* — relógio sem ponteiros.

*Filinto de Almeida* — venda sem balcão.

*Henrique de Magalhães* — garapa sem assucar.

*Arthur Azevedo* — requerimento sem estampilha.»

e outras, e outras asneiras? Ora que lbes valha um burro aos couces, meus graciosos amigos.

Sr. A. de O. H. Se é, como diz, aguia implume, parr que quer já metter-se om funduras, digo: em alturas?

Espere que lhe venbam as pennas, e só então procure ascender aos Hymalaios. Por ora nada perde em estar encasfuado no seu ninbo. Olhe que bóa romaria fnz quem em sua casa está em paz. A formiga quando se quer perder cria azas. Quem muito alto quer subir grande quèda quer dar; portanto, cresça e appareça, para que não venba a dizer mais tarde: S. Antonio me amarrou. O seu *dedal scientifico*... quero dizer: *dedalo, scientifico*, não pode ser publicado, mesmo porque isto de dedalos e inda mais scientificos, teem o que se lhes diga.

ENRICO.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—*Rua do Carmo 34*.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 25, em frente á estaa. Vinho de pepsua e diastase paucreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e apprelhos para lavonra—Schubert, Irmãos & Haas. — Jniz de Fora.

Compra-se uma machina de cortar papel, de 18 centimetros inferior a 50 centimetros; recabem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Alvares matinaes, poesia de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. André Bangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Sales — encarrrega-se de defezas parante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residência, rua Visconde do Rei Branco, no. 86

Julio Cozar Tavares Paes encarrrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, servo com aceto e optima cozinha. Esplendido terraço com curamanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Lrngo do Rosario—Barbacena.

Relojociro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—Incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume da poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. \$5000. Encad. 4\$000.

SOARES DA CAMARA

QUIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes e industriaes, de urinas, calculos a áreas da bexiga.—Rua 1º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

# PRADO VILLA-ISABEL

## PROGRAMMA DA 8ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 28 DE AGOSTO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Conciliação**—1.450 metros—Animas de menos de meio-sangue.—Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes               | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas          | Proprietarios          |
|-----|---------------------|------------|--------|---------------|---------|--------------------------------|------------------------|
| 1   | Compasso.....       | Vermelho.  | 3 ans  | S. Paulo...   | 50 kil. | Vermelho.....                  | Tattersall Campineiro. |
| 2   | Desdemona.....      | Castanho.. | 4 »    | R. de Jane..  | 52 »    | Azul e branco.....             | N. S. & S.             |
| 3   | Pampeiro.....       | Idem.....  | 5 »    | R. Grande..   | 55 »    | Azul branco e amarelo.....     | Coud. Esperança.       |
| 4   | Barão Pituassú..... | Zaino..... | 5 »    | Idem.....     | 55 »    | Branco e encarnado.....        | J. M. Miranda.         |
| 5   | Rabicano.....       | Preto..... | 4 »    | S. Paulo...   | 53 »    | Encarnado, faixa e bonet preto | M. G.                  |
| 6   | Verbena.....        | Castanho.. | 4 »    | R. de Jane..  | 52 »    | Azul e ouro.....               | Coud. Santa Cruz.      |
| 7   | Ondina.....         | Tordilho.. | 4 »    | S. Paulo...   | 52 »    | Azul e amarelo.....            | J. Rocha.              |
| 8   | Serodio.....        | Castanho.. | 6 »    | R. Grande..   | 55 »    | Azul ouro e grénat.....        | Coud. Hanoveriana.     |
| 9   | Rigoletto.....      | Zaino..... | 5 »    | Paraná....    | 59 »    | Azul e branco.....             | S. V.                  |
| 10  | Veneza ex-Blanche.  | Tordilho.. | 5 »    | R. Grande..   | 56 »    | Azul e grénat.....             | C. Z. P.               |
| 11  | Hebréa, ex-Cantag.  | Zaino..... | 5 »    | Paraná....    | 56 »    | Grénat e ouro.....             | Coud. Açoriana.        |

2º pareo—**Animação**—1.000 metros—Animas de qualquer paiz — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |              |         |                                |                        |
|---|-----------------|------------|-------|--------------|---------|--------------------------------|------------------------|
| 1 | Victorious..... | Zaino..... | 4 ans | França....   | 59 kil. | Vermelho e preto.....          | Tattersall Campineiro. |
| 2 | Scylla.....     | Castanho.. | 4 »   | Inglaterra.. | 60 »    | Grénat violeta.....            | Coud. R. de Janeiro.   |
| 3 | Le-Loup.....    | Zaino..... | 4 »   | França....   | 59 »    | Azul e grénat.....             | Coud. Internacional.   |
| 4 | Coupon.....     | Alazão.... | 4 »   | Idem.....    | 61 »    | Azul, branco e encarnado.....  | Coud. Cruzeiro.        |
| 5 | Biscaia.....    | Idem.....  | 5 »   | S. Paulo...  | 54 »    | Azul e ouro.....               | Coud. Santa Cruz.      |
| 6 | Dandy.....      | Castanho.. | 5 »   | Idem.....    | 55 »    | Grénat e ouro, bonet ouro..... | F. Vianna.             |
| 7 | Dr. Cacete..... | Zaino..... | 4 »   | R. da Prata  | 56 »    | Grénat e ouro.....             | I. S.                  |
| 8 | Siva.....       | Alazão.... | 3 »   | Inglaterra.. | 55 »    | Azul, ouro e grénat.....       | Coud. Hannoveriana.    |

3º pareo — **Omnium** — 1.000 metros—Animas de 2 annos que ainda não tenham ganho—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

|   |                  |            |       |              |         |                                |                     |
|---|------------------|------------|-------|--------------|---------|--------------------------------|---------------------|
| 1 | Houguenote.....  | Castanho.. | 2 ans | França....   | 48 kil. | Grénat e ouro.....             | A. Michel.          |
| 2 | Ouvidor.....     | Idem.....  | 2 »   | Inglaterra.. | 48 »    | Azul, branco e amarelo.....    | Coud. Esperança.    |
| 3 | Lára.....        | Idem.....  | 2 »   | Idem.....    | 47 »    | Preto e prata.....             | P. L. M.            |
| 4 | Kumarita.....    | Zaino..... | 2 »   | França....   | 47 »    | Azul e amarelo.....            | B. Rocha.           |
| 5 | Cinira.....      | Alazão.... | 2 »   | Inglaterra.. | 47 »    | Encarnado, preto e branco..... | J. L.               |
| 6 | Black-Satin..... | Preto..... | 2 »   | Idem.....    | 47 »    | Azul ouro e grenat.....        | Coud. Hannoveriana. |
| 7 | Claretto.....    | Castanho.. | 2 »   | Idem.....    | 47 »    | Branco e estrellas azues.....  | Coud. Guanabara.    |

4º pareo—**Progreddior**—1.800 metros — Animas nacionaes de meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 70\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |              |         |                             |                       |
|---|-----------------|------------|-------|--------------|---------|-----------------------------|-----------------------|
| 1 | Tenor.....      | Zaino..... | 4 ans | S. Paulo...  | 51 kil. | Vermelho.....               | Tattersall Campineiro |
| 2 | Regente.....    | Castanho.. | 4 »   | Idem.....    | 53 »    | Vermelho e preto.....       | Idem. Idem.           |
| 3 | Villa-Nova..... | Zaino..... | 5 »   | Paraná....   | 52 »    | Azul, branco e amarelo..... | Coud. Esperança.      |
| 4 | Druid.....      | Tordilho.. | 5 »   | R. de Jane.. | 51 »    | Branco e encarnado.....     | Oliveira J. & Lopes.  |
| 5 | Intima.....     | Castanho.. | 6 »   | S. Paulo...  | 52 »    | Grénat e lyrio.....         | D. A.                 |

5º pareo—**Internacional**—1.800 metros—Animas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |              |         |                     |                        |
|---|-----------------|------------|-------|--------------|---------|---------------------|------------------------|
| 1 | Victorious..... | Zaino..... | 4 ans | França....   | 57 kil. | Vermelho.....       | Tattersall Campineiro. |
| 2 | Plutão.....     | Alazão.... | 6 »   | Idem.....    | 60 »    | Havana e azul.....  | F. P.                  |
| 3 | Remise.....     | Preto..... | 3 »   | Idem.....    | 52 »    | Ouro e preto.....   | F. Schmidt.            |
| 4 | Peruana.....    | Zaino..... | 4 »   | Inglaterra.. | 55 »    | Azul e amarelo..... | J. Rocha.              |
| 5 | Dr. Cacete..... | Idem.....  | 4 »   | R. da Prata  | 55 »    | Grénat e ouro.....  | I. S.                  |
| 6 | Diva.....       | Alazão.... | 5 »   | R. de Jane.. | 52 »    | Ouro e branco.....  | Coud. Fluminense.      |

6º pareo—**Villa-Isabel**—1.450 metros—Animas nacionaes até meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

|    |                    |            |       |              |         |                               |                        |
|----|--------------------|------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1  | Lyra.....          | Alazão.... | 3 ans | S. Paulo...  | 46 kil. | Vermelho.....                 | Tattersall Campineiro. |
| 2  | Vampa.....         | Zaino..... | 5 »   | R. Grande..  | 54 »    | Azul e grénat.....            | Coud. Paraizo          |
| 3  | Feiticeira.....    | Alazão.... | 4 »   | R. de Jane.. | 53 »    | Grénat e rosa.....            | S. M.                  |
| 4  | Condor.....        | Castanho.. | 4 »   | S. Paulo...  | 51 »    | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 5  | Verbena.....       | Idem.....  | 4 »   | R. de Jane.. | 50 »    | Azul e ouro.....              | Coud. Santa Cruz.      |
| 6  | Brioso, ex-Mondego | Idem.....  | 5 »   | S. Paulo...  | 54 »    | Grénat e branco.....          | Coud. Integridade.     |
| 7  | Medon.....         | Rositho..  | 4 »   | Paraná....   | 51 »    | Azul, e branco.....           | S. V.                  |
| 8  | Catana.....        | Douradilh  | 5 »   | S. Paulo...  | 54 »    | Geranium e ouro.....          | J. W.                  |
| 9  | Saltarelle.....    | Preto..... | 5 »   | Paraná....   | 56 »    | Idem.....                     | J. W.                  |
| 10 | G. Boulan, ex-Doge | Castanho.. | 4 »   | S. Paulo...  | 51 »    | Encarnado e preto.....        | Luiz Pradez.           |
| 11 | Tempestade.....    | Idem.....  | 1 »   | Paraná....   | 51 »    | Azul marinho e encarnado..... | Coud. Paraná.          |
| 12 | Monarcha.....      | Zaino..... | 3 »   | Idem.....    | 48 »    | Idem.....                     | Coud. Paraná.          |
| 13 | Damon.....         | Alazão.... | 4 »   | S. Paulo...  | 51 »    | Branco encarnado.....         | J. M. Miranda.         |

7º pareo—**Ensaio**—1.800 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

|   |                |            |       |              |         |                               |                 |
|---|----------------|------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|-----------------|
| 1 | Erse.....      | Pampa....  | 3 ans | S. Paulo...  | 48 kil. | Verde branco e encarnads..... | Coud. Exeelsior |
| 2 | Corcovado..... | Castanho.. | 3 »   | R. de Jane.. | 48 »    | Grénat e ouro.....            | Mario de Souza. |
| 3 | Juanita.....   | Baio.....  | 3 »   | Idem.....    | 44 »    | Grénat e lyrio.....           | D. A.           |

### OBSERVAÇÕES

Os animas inscriptos no 1º pareo devem estar no encilhamento ás 11 horas em ponto; o jockey que até ás 11 1/4 não se apresentar á pesagem não será mais admitido.

**RAUL DE CARVALHO, 2º secretario**

O pessoal dos portões pôde comparecer na secretaria hoje das 4 ás 7 horas da tarde.

**PAIVA JUNIOR, 1º secretario**

## EMULSÃO

DE

### SCOTT

DE OLEO PURO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-  
trophulas, rachitis, anemia,  
debilidade em geral,  
defluxos, tosse chronica e af-  
fecções do peito e da  
garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hyprophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-  
quer hora. Estatutos nas  
principaes livrarias.

### AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus  
inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus fines

120 Rua do Ouvidor 120

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tsm sempre grande variedade de flo-  
res para todos os gostos e preços, assim  
como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são  
executadas com o maior promptidão,  
esmero e modicidade de preços.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 3 DE SETEMBRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 140

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                            |                  |
|----------------------------|------------------|
| Expediente.....            | FILINDAL.        |
| História dos sete dias.... | V. MAGALHÃES.    |
| Ramalho Ortigão III.....   | A. P.            |
| Cartas paulistas—IV.....   | V.               |
| Notas bibliographicas..... | T. DE S. FILHO,  |
| « O ensino tecnico no      | J. RIBEIRO.      |
| Brazil».....               | A.               |
| Notas philologicas.....    | V. MAGALHÃES.    |
| Joanaes e Revistas.....    | R. OCTAVIO.      |
| O vigario, poesia.....     | P. TALMA.        |
| O meu céu, soneto.....     | H. DE MAGALHÃES. |
| Theatros.....              | L. M. BASTOS.    |
| Raymundo Corrêa, soneto    | TIO ANTONIO      |
| Sport.....                 | V. BRIGINO.      |
| Festas, bailes e concertos | M. C. V. GUNHA.  |
| Collaboração—O tigre, so-  | ENRICO.          |
| neto.....                  |                  |
| » Contraste,               |                  |
| poesia.....                |                  |
| Factos e Noticias.....     |                  |
| Correio.....               |                  |
| A nuncios.....             |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representarnos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereremos um dos seguintes brindegues, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

O mez de Agosto sempre nos pregou uma peça este anno! Estavamos todos acostumados a gozar nesse bello mez uma deliciosa temperatura, serena e fresca, assistindo ao começo da floração das plantas, vendo a grande Natureza engalanar-se toda para as festas perfumadas e coloridas da Primavera, com céu limpido e calmo, de um azul immaculado e intenso, dormindo bem na frescura suave das noites serenas, sentindo a riqueza dos musculos e a maciez da pelle secca tonificada pela temperatura benefica—e vae senão quando o Agosto sae-nos um mez ardente, detestavelmente incommodo, despejando sobre nós, pobres cariocas afflictos, um calor de Janeiro, camarinhando-nos o corpo de suor, fazendo pesar sobre nós uma athmosphera de chumbo, seccando as plantas, amadorrando a Natureza toda na calma somnolenta de um verão intenso!

Ora bolas, Ex. Sr. Agosto!

Eu por mim cheguei a pensar que a Temperatura havia enlouquecido; porque uma Temperatura de juizo são não podia decentemente trazer em Agosto aquelle cortejo de brazas. Felizmente, Agosto, no seu ultimo dia de vida, reivindicou os seus direitos e restabeleceu os seus creditos dando-nos uma chuvinha meuda, que cahio a medo, hesitante, sobre a cidade, mas que servio para nos refrescar um pouco e ajudou as arvores a florir. Porque a Natureza sem flores não presta para nada; as flores são a alegria e a expansão da Terra; quando ellas faltam, como no outomno, a Terra é triste e espalha nas almas uma consternadora melancolia. Bemdicta seja a Natureza, que produz as flores gloriosas e perfumadas, encanto purificador dos sentidos, purissimo e incomparavel prazer do espirito!

Pisou as calçadas da rua do Ouvidor nesta semana o mesmo excoerevel personagem que no seu paiz andou por longos annos pisando a dignidade humana sobre os cadaveres dos seus irmãos—o príncipe D. Carlos de Bourbon. Este sujeito insensato e ambicioso, vergonha da nobre e altiva Hespanha, deu-se ao luxo de vir passejar á America, e tambem por aqui passou, por este paiz socegado e pacato, que tem horror ao sangue e detesta as luctas cruentas. A nossa imprensa recebeu-o com uma benevolencia injusta, e houve mesmo uma folha que julgou a capital honrada com a visita de D. Carlos. A nós o que sinceramente se nos offerrece dizer é que para ser tão sanguinoso e tão pulha não é absolutamente necessario ser príncipe. O povo quiz ver o fami-

gerado chefe das legiões do cura Santa Cruz, o commandante da horda de bandidos e malfiteiros que tem assolado a gloriosa patria de Rodrigo de Bivar, inundando de sangue provincias inteiras, cobrindo o solo de cadaveres; mas o povo tem a dupla desculpa da ignorancia e da curiosidade.

Que os ventos varram para bem longe de nós o príncipe fatal, e que elle haja por bem de uos dar por todo o sempre a inapreciavel honra da sua ausencia.

A gente, afinal, não tem coração de pedra nem fígados de bronze. Toda a porção de paciência que havia antigamente sobre a Terra foi monopolizada e gasta pelos sanctos da Escripntura e pelos outros com que mais tarde a munificencia papal enriqueceu a folhinha. Hoje estamos numa epocha de impaciencia, e é certo que a virtude antiga foi desthronada pela tolerancia moderna, que não só tolera, mas ainda applaude todas as ambições, neste seculo de conquistas incruentas, que dotou o mundo com as duas maiores forças que se conhecem—o vapor e a electricidade. O egoismo é a grande lei, e por elle é que se têm alcançado todos os bens mundanos que destructam as sociedades modernas. Além de racional isto é humano; e tudo que pretender combater o egoismo, que leva o homem a todas as descobertas, sedento e ambicioso de glorias, não passará de um esforço vão e desarrasoado. Todo aquelle que arranja para si uma porção de gloria, dá duas porções ao seu paiz e meia porção ao seu seculo.

Somos, pois, franca e decididamente pelo egoismo, embora proteste o Centro Positivista e toda a travessa do Ouvidor. Para responder a esses senhores, bispos da synagoga de Comte, bastaria lêr-lhes alguns capitulos de um livro que elles recommendam com grande empenho, e no qual se faz a apothese do egoismo, mais do que em nenhum outro—A *Imitação de Christo*.

Apezar, porém, d'estas idéas geraes, d'estes principios que professamos, nós quereamos o bem geral depois de termos, já se deixa ver, o bem proprio. Lisongeia-nos a doutrina do proverbio—*Matheus, primeiro aos teus*.

Somos, porém, tolerantes, respeitadores das crenças e das opiniões alheias. Mas aquelles que entraram de vestetales na casa de Christo, que se comprometteram por um voto e por um juramento, a deshumanisar-se, a ser castos, a ser bons, a ser mansos, a ser justos, a ser sanctos,—esses têm de ser altruistas e tolerantes por profissão e por fé. Pregam a bondade divina do crucificado, a rectidão, a tolerancia com o erro, a mansuetude, todos os bons senti-

mentos humanos; pretendem dirigir as acções e edificar as almas; queream fazer do homem um anjo e conduzi-lo pela mão ás regiões prometidas da eterna justiça incorruptivel, da immensa bondade e da infinita misericordia. São estes taes os padres da Igreja catholica.

Todas estas reflexões christans vêm a proposito de um acto que me narraram ha dias e que me atravessou a alma como uma espinha de peixe me poderia atravessar a garganta. Foi o caso que um pobre turco, que se occupa em vender detestaveis sanctos chromolithographados, por debaixo do passadiço do paço imperial, á rua 7 de Setembro, comprou a um vendedor ambulante da *Sociedade Biblica Americana* um exemplar dos Evangelhos. O bom homem dispuñha-se a comparar a opinião de Marcos com a de João e a de Lucas com a de Matheus, sobre a vida do Salvador, quando um padre catholico, tolerado pelo Sr. bispos Lacerda e Coelho Bastos, se a tirou a elle, arrebatou-lhe o livreco, rasgou-o em mil pedaços, e entregou-lhe os fragmentos. O turco attonito, que não sabia que nesta terra das liberdades constitucionaes, onde pela lei todos os cultos são respeitados, um sacerdote de Christo se podia atrever a lançar mão do alheio, como qualquer malfiteiro, ficou boquiaberto, chorando os cinco tostões de religião e de fé protestante que pouco antes havia dispendido. O padre, imperturbavel e sereno, seguiu o seu caminho, com a consciencia tranquilla por ter satisfeito a Deos e ao Papa, unicos poderes que reconhece como infalliveis.

Ora eu tinha intenção de comprar tambem um exemplar dos taes Evangelhos americanos para os confrontar com os da vulgata latina—mas agora já não me atrevo.

Não me atrevo; não porque tenho medo de padres, mas porque se o tal me vier roubar a minha legitima propriedade, eu, que tenho um genio levado de seiscentos diabos—apite, ha um chimfrim, um rôlo quente, o padre sae no passo do constrangimento, vem a policia, leva-me preso, vem o Sr. bispo e excommunga-me, vem a Justiça e condemna-me, e cá têm de ficar os meus numerosos leitores sem o saboroso pabulo da minha prosa!

Tó, rola!

Nada. O Sr. padre Qualquer Coisa, quando vossa reverendissima esticar a canela queira mandar avisar-me, para que eu possa gosar á vontade do que me pertence.

Não lhe custa nada e presta um serviço ao

FILINDAL.

## RAMALHO ORTIGÃO

III

O auctor das *Farpas* deve tudo o que é e tudo o que tem sido á circumstancia de possuir uma saude perfeita. Elle realisa inteiramente o preceito fundamental da educação, instituido naquella celebre hemistichio de Juvenal—*Mens sana in corpore sano*.

Basta vel-o uma vez para reconhecer a veridade d'este asserto.

Ninguem deu ainda mais nitida e flagrante impressão do physico de Ramalho do que Teixeira de Queiroz.

«Qualquer pessoa que suba o Chão, ás 4 horas da tarde—escreveu elle—póde facilmente cruzar com um homem alto, espadado, barba escrupulosamente feita, luneta grande de tartaruga e chapéu baixo, um tanto inclinado para a direita.

«Este individuo anda desembaraadamente, como quem vae tratar de um negocio, e maneja a sua grossa bengala com a soberba magestade de um tambor-mór. E' uma figura evidente, que se destaca da multidão pelo vestuario de inglez, pelo andar rasgado de rico mineiro da California, pela cara saberba o risonha, como a de um lavrador ribatejano quando atravessa a lezíria montado na sua egua.»

E' isso exactamente.

A impressão que me deixou no espirito, quando o fui visitar dias depois da sua chegada, foi a de uma exuberancia de saude e, portanto, de alegria, de força e de serenidade.

Conversava eu como o seu irmão, o illustrado e benemerito propugnador do Gabinete Portuguez de Leitura, e com outro cavalheiro acerca de Ramalho, que estava, no pavimento superior da casa, concluindo a sua *toilette*, e dizia-me aquelle que este, sendo mais velho do que elle, parecia mais moço, que, tendo cincoenta annos, não figurava ter mais do quarenta, quando este entrou, lépido, gentil, affavel, correctamente encaçado, altos collarinhos alvissimos, gravata branca atada graciosamente; e de todo elle exhalava-se um perfume de agua da Colonia, sabão inglez e charuto de Havana.

Senti-me aniquillado e aulio, absolutamente imprestavel, com os meus vinte e tantos annos, juncto e deante d'aquelle quinquagenario juvenil, possante, prompto para tudo e para tudo apto e disposto.

Ramalho tem a religião da Força. Em poucas palavras, faeis, precisas, coloridas, expoz-me as bases do seu culto.

—E' muito util que se pense de um escriptor que elle é—um burro, na força. Começa porque ninguem se atreverá a dizel-o!

Toda a preocupação actual de Ramalho é fazer do neto—uma eacanta-Jora criança, cujo retrato mostrou-me embebecido—um bom animal, primeira qualidade, qualidade fundamental da educação, no pensar de Emerson.

Ramalho considera a vida como, segundo elle coata em *John Bull*, consideram os iaglezes a regata. E' impellir para a frente, á força de pulso, a gniga da vida. «Quem não pode, rebenta; tem o recurso de estourar. Ninguem lh'o prohibe.»

Esta theoría é cruel, mas é verdadeira. Não é opportuno discutil-a agora.

A impressão capital que me dá este

homem, com o seu aspecto, os seus actos e os seus escriptos, é a saude, repito-o; mas a triplice saude que constitue a felicidade humana—a saude do corpo, do espirito e do coração,—a saude physica, a saude mental e a saude moral.

O seu coração, como o seu cerebro, deve ser, figurativamente, uma bella casa branca, erguida em meio de um jardim, perfumada de rosas, rouxinolada de passaredo, atravessada largamente de luz por todos os lados, varrida de ar puro, fresco, leve, por grandes janellas escancaradas; uma casa impropria para esconder segredos, sem um canto escuro em que se possa acocitar qualquer sentimento baixo, d'esses que se alimentam de treva como de lama os vermes; uma casa em que entrem e saiam continuamente jorros de luz e halitos de flores, borboletas travessas e alegres cantigas do campo, cheiros fortes de tronçagens e folhedos humidos e revoadas chalrantes de passarinhos e de crianças.

D'essa saude, geral e perfeita, provem o equilibrio admiravel das facultades e das forças de Ramalho e a absoluta harmonia dos actos da sua vida com as theorías, com as opiniões, com o espirito das suas obras.

O eminente critico deve um livro aos seus admiradores: aquelle em que, á imitação de Stuart Mil, escrevesse a historia das suas ideias.

E' curioso e dever ser interessantissimo conhecer e acompanhar o desenvolvimento evolutivo do seu espirito, desde o seu desabrochar, em pleao viço do Romantismo, até alcançar o estado de maduresa e de maxima expansão potencial, em que hoje se acha.

Faltam-me elementos, lazer e competencia para tentar esse estudo e descobrir, em sua successão chronologica, determinando a respectiva força de cada uma, as influencias transformadoras do espirito de Ramalho.

Julgo, todavia, poder affirmar, como simples nota, como apontamento solto para aquelle estudo, que os escriptores que maior influxo e mais profunda impressão exercem sobre Ramalho são—Michelet, Paulo Luiz Courier, Affonso Karr, Proudhon e Spencer.

Do estudo das obras de Courier e Karr nasceu, parece-me, a ideia e o plao das *Farpas*.

Ramalho tem com o simples, honesto e judiciosissimo *vigneron* que escreveu o *Pamphlet* dos *pamphlets* ainda mais traços de semelhança do que mesmo com o espirituoso e sensato jardineiro que escreveu as *Vespas*.

Na monumental reedição completa das *Farpas*, emprehadida este anno pelo arrojado e benemerito edictor David Corazzi, penso que se podiam inscrever, na primeira pagina de cada volume a divisa de Courier: «Eis os meus principios. Entre dois pontos é a linha recta a mais curta; o todo é maior que qualquer das suas partes; duas quantidades eguaes a uma terceira são eguaes entre si. Tambem penso que *dois e dois fazem quatro*; mas não teaho certeza; e tambem a razão explicativa dos intuitos das *Guépes*: «Estas pagiaas destinam-se a fazer conhecida á expressão franca e inexoravel do meu pensamento sobre os homens e sobre as cousas, inteiramente fóra de qualquer ideia de ambição e de qualquer influencia de partido.»

No immortal *vigneron* da Chavonnière, bucheron de la forêt de Larçay, labourer de La Felonnière, de La

Houssière e autres lieux» (1), no traductor de Xenofonte, no valente official patriota e patriótico pamphletario, perseguido pelos governos e pelos seus agentes porque estes não conversavam com elle para convence-lo de erro, nem lhe respondiam aos escriptos que elles consideravam criminosos, (2) e encontrou Ramalho o melhor guia na arte de zurzir os poderes ephemeros, de atacar abusos que podem transformar-se mas não desaparecer», (3) Com elle, principalmente—segundo me parece, repito—aprendeu a boa ironia masculina e proficua, o amor supremo da Verdade e da Simplicidade, a cultura do estilo com a religiosa affeição e paternal carinho do lavrador dos campos, a rustica singelosa da expressão. Ramalho, como o signatario da *Petition aux deux Chambres*, ama a Liberdade «por instincto, por natureza.»

Quem tiver lido o bello e completo estudo de P. L. Courier por Armand Carrel—ambos, por estranha coincidência, desastrosamente mortos—e conhecer a obra d'aquelle e a de Ramalho Ortigão, admirar-se-á da enorme afinidade dos espiritos d'estes dois escriptores.

A Ramalho cabem quasi todos os elogios e quasi todas as censuras feitas pelo desventurado adversario de Emilio de Girardin ao illustre continuador das tradicções de Voltaire e Beaumarchais.

Encontrará no pamphletista portuguez *scotte verve de raillerie méprisante et cruelle* e «o vigor aliado á graça, a originalidade a mais imprevisita juncta á mais perfeita naturalidade.» E descobrirá em Ramalho tambem alguns dos defeitos—defeitos, aliás das suas qualidades—de Courier.

Assim, por exemplo, são cabiveis áquelle as censuras de Carrel a este, que não traduzo receiando adulterar-lhes o verdadeiro sentido:

«Tout ce qu'il avait produit jusque-là n'était point sans déplaire à quelques lecteurs par le retour frequent des mêmes formes, par le suranné d'expressions qui montrent la recherche et n'ajoutent pas toujours au sens, par la manière de cette naïveté villageoise, un peu trop ingénieuse, qui va se transformant à travers les combinaisons de raisonnements les plus deliées, du paysan au savant et du soldat au philosophe. Enfin, l'art du monde le plus raffiné semblait embarrassé de lui même. Ce pamphletaire, qui ne gérait d'aucune vérité périlleuse à dire, hésitait sur un mot, sur une virgule, se montrait timide à toute façon de parler qui n'était pas la langue de ses auteurs.»

«Le *Pamphlet des Pamphlets*—disse Carrel, porfim,—montra le talent de Courier arrivé à ce periode de puissance ou l'écrivain n'imita plus personne et pretend servir d'exemple a son tour.»

O mesmo se pode dizer das *Farpas*. Mas, se com o auctor do *Pamphlet des Pamphlets* aprendeu o odio sancto—porque, como o amor, tambem o odio é sancto: disse-o Zola—aos oppressores, aos mandões, aos abusos e aos crimes dos governos; com o escriptor das *Guépes* aprendeu a detestar e combater os ri-

(1) *Reposse aux anonymes qui ont écrit des lettres à Paul Louis Courier, vigneron, (1832.)*

(2) *Ibidem.*

(3) N. David. *Avertissement da edição das Obras-primas de P. L. Courier. Bibliothèque Nationale, 1881.*

dículos, convencido, como elle, de que «os ridiculos desaparecem, mas sómente para serem substituidos por outros.» Com elle, mórmente na segunda phasa das *Guépes*, affeição-se á voluntaria missão de pedagogo e moralizador; tomou gosto pelo estilo sentencioso, pela *boutade* imprevisita, pelos *saillies* da espirito, pela fórma paradoxal. Como elle, convenceu-se de que «os nossos defeitos como os nossos erros, os nossos vícios como os nossos defeitos, são o apanagio da especie, e que se deve ser mais severo para a Humanidade do que para os homens, para a sociedade do que para os individuos.» (4)

Hoje Ramalho Ortigão reúne todas as qualidades caracteristicas de Courier e Karr e muitas das de Michelet, Proudhon, pondo-as ao serviço da sua individualidade potentissima e fazendo com ellas as obras criticas mais profundas, mais vastas, mais bellas e mais originaes da lingua portugueza.

Hoje é um mestre, senhor de todas as grandes verdades do mundo moderno, nas letras, nas artes, nas sciencias e nos costumes; e senhor da penna a mais competente e mais forte para pregalas e propagalas, fazendo o apostolado sancto da Natureza, da Graça, da Força, da Verdade e da Puresa.

Tendo o Brazil presentemente a honra de hospedar um homem e um escriptor como o que, —atrevida e ligeiramente—acabo de esboçar, dou-me prêssea em levar-lhe, vestindo a minha roupa mais alegre e o meu mais alegre sorriso, o cordial aperto de mão domais insignificante, mas tambem, em compensação, do mais convencido e grato dos seus admiradores.

VALENTIM MAGALHÃES.

2—9—87.

## CARTAS PAULISTAS

IV

31 de Agosto.

S. Paulo lavrou um tento em materia de jornalismo.

Inaugurou-se ha poucos dias o novo escriptorio d'*A Vida Semanaria*, em uma commoda e espaçosa sala da rua de S. Bento, arranjada com muita arte e capricho, de modo a tornar-se um magnifico centro de palestra em horas desocupadas.

Para isso não lhe falta attractivo e conforto, tanto que já muita gente se habituou a ir preisar para ali, entre as duas e as tres horas da tarde, quando o Bento descança o seu lapis bregeiro e alegre, recostado á saccada, ostentando na lapella do casaco uma formosa camelia, e ao canto do olho um originallissimo e atrevido monoculo...

E além de boa prosa, encontra-se ali um sem numero de revistas de todos os paizes, folhas parizienas chegadas de fresco, e uma grande variedade de desenhos e caricaturas de todo genero, no pequenino e gracioso *atelier* do Bento Barbosa.

A tudo isso reuna-se um bom cafézinho ás 2 horas... e o Castro Lima verá que alegrão ha de reinar todos os dias no escriptorio do seu interessante semanario.

(4) G. Yapereau. *L'année littéraire et dramatique, 4º anno. Vol. 4º pag. 243.*

Já temos as caricaturas, as revistas, as illustrações, as gazetas, o Olavo, o Banto, o Parnatta...

Falta só o café.  
Como se vê, é couso facillina de se remediar.

Agora, que tempo durará esta Fida, e, portanto, este *doce far niente*, que é o nosso consolo em uma terra de poeira, de garó e de cadáveres... eis a grave e tetrica pergunta a que vou fugir de responder.

Todavia, os rupazes estão em uma incrível azafuma de propaganda e *réclame*.

Espalham circulars por toda parte, e já hontem eu vi o gerente,—que é um poeta, triste como uma carteira vazia—sorrir alegremente, acariciando umas notas do banco, das verdades, que das mãos de uma benemerita assignantes passaram para a sua gaveta, sedenta de papel—moeda. Mas... nem tudo corre pelo melhor, neatas cousas de imprensa, e a *A Vida Semanaria* hs de ter seus espinhos, como qualquer outro folha. Senão vejamos o que se passou ha dias:

O distribuidor das circulars procurou muito delicadamente um conhecido negociante da rua Direita e lhe entregou um prospecto.

O honrado carne-secca passou os olhos polo papel e em seguida, fulo de raiva concentrada, amarrotou-o, berando:

— Qual *hebdomadario*, qual nada! *Separatista* é que ella é. Vão pro' o meio do inferno; não assigno nem que me rache!

E, vomitando uma obscenidade, o bom do homem voltou para o seu trabalho, muito atrapalhado, a suspender as calças, que lhe escorriam pelss pernas gordurosas e molles...

Delicioso!

Acabou-se a bohemia de S. Paulo. Já se não podem deixar abertas as portas das *repúblicas*, pela noite em fora, ao vento humido que por aqui assobia funebremente... Já se não pôde sahir, em serenatas ao luar, deixando os *cacarecos* em seu habitual desalinho...

Os gatunos entregaram-se á phantasia de saquear as nossas casas, que até hoje não tiveram chave, e que foram sempre respeitadas pelos mais habeis e distinctos ratoneiros que S. Paulo temido a honra de hospedar. Que vergonha, meus ricos senhores! Que rebaiamento e quo desmoralisação para a arte que até hoje vossas senhorias cultivaram com tanto esmero!!

Roubar estudantes. roubar uns pobres bohemios, tristes e magrissimos poetas, para quem o tostão é uma providencia, os mil réis um sonho, os cinco mil réis um mytho e os dez uma utopia...!

Que vergonha, senhores gatunos, que vergonha e que degradação!

Digo-lhes francamente:—depois que vossas senhorias furtaram tudo quanto tinha o meu magro amigo Herculano de Freitas, depois que deixaram em ceoulas o não menos magro Felix Bocayuva, e que saquearam o bahú de folha, cheio de vento, que pertuce ao Bilac e ao Barbosa... Perderam tudo no meu conceito.

São nns ratoneiros vulgares, cynicos, estupidos e pilhas.

Não valem dois caracões.

E tenho dito.

A. P.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Dia a dia accumulam-se os serviços prestados pela Sociedade Central de Imuigração ao paiz. Ultimamente encetou a publicação e distribuição gratuita de livros de propaganda, tendo sido os dois primeiros da livra do indefesso e benemerito fundador da Sociedade, o Sr. senador Taunay.

Do terceiro incumbidos o Dr. Tarquínio de Souza filho, escrevendo « *O ensino tecnico no Brazil.* »

É um elegante e solido volume de 215 paginas, em superior papel, nitidamente impresso na Imprensa Nacional.

Comprehede a obra: I *O problema do ensino em nosso seculo*; II *O ensino publico no Brazil*; III *Reforma do ensino secundario*; IV *Necessidade da organisação do ensino tecnico no Brazil*; V *Escolas technicas em nosso paiz* VI *Escolas technicas estrangeiras*; VII *Organisação do ensino tecnico nacional*; VIII *Acção do Estado e da iniciativa privada na organisação do ensino tecnico* e fecha com uma extensa *Nota Bibliographica*, que attesta a variedade e grande copia de leitura do assumpto pelo illustrado escriptor.

É uma obra de alento, de espirito adeantado, de intuitos civilisadores e de incontestavel utilidade. É mais do que um bom livro: é um optimo serviço. Contamos voltar brevemente a occupar-nos com ella em artigo especial, com o preciso desenvolvimento.

Por hoje, recommendamos muito e muito a leitura de *O ensino tecnico no Brazil* a todos os Srs. senadores, deputados, autoridades do ensino, e especialmente ao nosso Governo, que tão pouco se mostra interessado em cousas de instrucção publica.

Pelo edictor Serafim Alves foi-nos offerecido um exemplar da seguinte obra: *Uma esperanza*; os *Cantos Populares do Brazil* e o Sr. Theophilo Braga, protesto por Sylvio Romero.»

É um livro por aparar, feito com o desleixo e descuido que caracterizam as edições do Sr. Serabim, e que tem 170 paginas.

Neste livro o attrabiliario e perpetuo resmuugador teuto-sergipano desanca o Sr. Theophilo Braga com tremebunda *descalçadeira*, accusa-o de lhe haver armado um laço. Já o titulo é expressivo: *Uma esperanza*...

Vamos ler o desabafo do Dr. Romero, o ingenho *logrado*, e depois falaremos.

Por agora, um agradecimento ao edictor pela offerta do livro.

O poeta Eduardo Chaves offereceu-nos um exemplar da sua comedia em verso *O Calouro*. É um trabalho despretencioso e sem outro fim que o de distrahir-nos por alguns minutos. Ha nelle alguma graça e alguns versos... desengraçados.

Prefacia-o Olavo Bilac.

F.

«O ENSINO TECHNICO NO BRAZIL»

Da importante obra recentemente publicada pelo Dr. Tarquínio de Souza filho, com o titulo suprs trasladamos o seguinte capitulo, digno de attenta leitura, por tractar uells o auctor, com

critério e proficiencia, do momento a questão de *O ensino publico no Brazil.*

O futuro do nosso paiz, sua prosperidade ou decadencia, depende em grande parte da solução que tiver a questão da educação e ensino das novas gerações. É uma verdade de experiencia e de senso commum: o nivel social eleva-se ou abaixa-se, segundo a mocidade é hem ou mal educada e instruida.

Quando a seiva vital de uma nação tende a diminuir ou a esgotar-se, pôde-se affirmar, sem temor de erro, que algum vicio radical existe na cultura dos espiritos, na orientação das intelligencias ou no affeioamento dos corações. A marcha ascendente de um povo, seu progresso moral e material são, ao contrario, indicios inequivocos de que os novos rebentos da população foram tratados com esmero, de modo a preparar gerações sãos, fortes, adestradas para a luta da vida.

« A prosperidade de cada paiz, diz uma notabilidade nestes assumptos anda paralelamente com a instrucção publica; sobe, desce ou estaciona com ella; havendo sempre entre estes dous factos uma conjunção incontestave que apresenta o caracter authenticico de causa para effecto. » (1)

Um outro escriptor, talento laureado, que fez da palavra uma clava em defesa das grandes causas a que consagrou sua existencia, affirma por sua vez: « O elemento mais necessario a uma nação civilisada é a instrucção publica, e o orgão capital de sua vida são as instituições destinadas a assegurar-lhe a acquisição e o desenvolvimento continuo da cultura geral. » (2)

Seudo assim, não duvidamos dizer que o nosso systema de ensino, a nossa instrucção publica reclama sérias reformas, carece de ser renovada por um espirito mais adequado ás necessidades do tempo; falta-lhe ar. vida, e movimento.

O estudo geral da organisação da instrucção publica em nosso paiz sahe porém do quadro que nos temos traçado. Examinado sob todos os aspectos, sob todas as suas relações, offerece extrema importancia e comporta consideravel desenvolvimento. Para o exame da questão especial que nos occupa não podemos entretanto prescindir de tratar, de um modo generico, de certos pontos que se prendem ao assumpto principal.

A reorganisação do ensino em seus differentes grãos é necessidade geralmente sentida, e muitas vezes competentes se têm levantado no parlamento e na imprensa, reclamando uma reforma.

O nosso ensino publico resentese de uma tal auarchia, de um tal desequilibrio, e de uma falta de accordo com os interesses reaes do paiz e com o incessante desdobramento das suas forças individuaes e collectivas, que pode-se affirmar sem exaggeração —ha um grande trabalho de renovação a fazer.

Não queremos, porém, ceder a uma tendencia, muito generalisada entre nós e que se assignala pelo denegrir constante de tudo que é nosso, de todas as instituições patrias. Apontando os vicios, as lacunas e as imperfeições do

(1) J. Bandouin.—*Rapport sur l'enseig. spec. et l'enseig. prim. en Belgique, Allemagne et Suisse* — p. 492 — 1865.

(2) H. Didon.—*Les Allemands* — p. 55 — 1844.

nosso ensino nem por isso deixamos de reconhecer que se tem feito, os melhoramentos introduzidos e os esforços empregados para conseguir a sua elevação, collocando-nos par de outros paizes cultos.

Devi-lo a causas complexas. É innegavel, que estes esforços e a estes melhoramentos tem falta lo uma certa homogeneidade de vistas, a perseverança e a tenacidade, o conhecimento real das causas do ensino e das condições de seu desenvolvimento; e disto resulta que não tem o nosso paiz colhido todas as vantagens que ersem de presumir.

Temos feito alguma coisa, é certo: os orçamentos do Estado, da provincia e de raros municipios têm dotado o ensino com mais largueza que outrora; as leis geraes e provinciaes e suas respectivas regulamentações têm procurado seguir as lições da sciencia e o exemplo dos paizes cultos; temos alguns estabelecimentos de instrucção que nos honram, a iniciativa privada, individual e collectivamente, principia a mover-se, as questões de educação e ensino estão mais ou menos na tela da discussão; mas é força convir em que, tratando-se de objecto de tal transcendencia, tudo isto é pouco, muito pouco.

Estamos ainda bem longe do ideal a realizar. Não seja, porém, isto motivo para desanimo.

Em desoladoras condições achavuse a França em 1833, quando, por iniciativa do illustre F. Guisot, abriu-se o celebre inquerito que veio desvendando o lastimoso estado a que estava reduzido o ensino. Tristes eram então as perspectivas que se desenhavam aos olhos do observador attento a esta ordem de interesses, e deu-nos disto uma synthese tristemente eloquente P. Lorain no seu — *Tableau de l'Instruction Primaire en France.*

Pois bem; foi este o ponto de partida do movimento em favor da propaganda do ensino; datam dessa época as providencias decretadas em prol da instrucção publica; foi o exacto conhecimento do mal que deu logar ao emprego dos remedios para combatel-o. De então para hoje que differença! Como têm sido largamente compensados os esforços empregados pelos resultados obtidos! Que enorme progresso se verifica do paralelo estabelecido entre o antigo e o actual estado!

É assim que, pelo ultimo relatório apresentado ao parlamento francez, em Novembro de 1896, vê-se que um dos factos mais caracteristicos nls consiguado é o augmento enorme da cifra da população das escolas primarias.

A população escolar eleva-se a 6.250.319 alumnos. Este algarismo, muito superior ao que accusava o ultimo recenseamento de 1881, dá bem a medida do quanto se tem colhido alli de bons resultados com a propaganda e com as reformas introduzidas. Razão, pois, tinha um distincto escriptor para affirmar que o trabalho realizado em materia de ensino, em França, nestes ultimos annos, é muito mais consideravel do que o de seculos passados.

Façamos o mesmo: reconheçamos o mal que nos afflige, os vicios que dsformam a organisação do nosso ensino, os erros committidos, as lacunas a preencher, e, por mais tristes que sejam, as conclusões a que chegarmos, o nosso patriotismo não tem o direito de lesanimar e ao contrario deve ser isto um incentivo para maior e mais energico esforço.

Unamos as nossas forças; o Estado e o individuo, a provincia e as associações, todos devem concorrer para esta grande obra de renovação social.

Não cremos que haja em nosso paiz um só homem capaz de sustentar o systema retrogrado, que vê um perigo na diffusão do ensino ás massas populares, fazendo da ignorancia das multidões, do malthusianismo do espirito, na phrase de H. Didon, a base da ordem publica e da prosperidade social.

Empreheendamos, portanto, resolutamente a reforma do ensino publico; entremos decididos na larga estrada dos melhoramentos do nosso systema escolar, procurando fazer delle não um simples aggregado, mas um verdadeiro organismo forte, vigoroso e bem equilibrado.

Consevemos o que tivermos de bom, reformemos o que fór compativel com o espirito de progresso; proscrevamos porém, sem piedada quanto tivermos de inutil, de rotineiro, de atrazado, de inconciliavel com os nossos interesses, as necessidades da nossa situação actual, tudo quanto puder embaraçar o nosso paiz na trajetoria da sua civilização.

Na questão do ensino, como em todas as outras que agitam a nossa sociedade e de que depende a constituição definitiva do caracter nacional, que atravessa ainda uma phase de transição, deve-se ter sempre por principio — favorecer todos os progressos legitimos e prevenir todas as innovações temerarias.

Não podemos aspirar immediatamente á perfeição; temos pouco mais da meio seculo de vida politica como povo livre e independente, e só evolutivamente conseguiremos conquistar o logar a que temos direito no congresso dos povos cultos. Neste assumpto, como nos demais que se prendem á sciencia social, os processos revolucionarios, os expedientes violentos estão irremissivelmente condemnados.

Si, na phrase de Mignet, quando uma reforma torna-se necessaria e é chegado o momento de realizal-a, nada a embarça e tudo a serve, para que ella se effectue realmente, desça ao dominio dos factos, entre nos costumes e não se limite a ficar platonica e apparatusamente consignada nas leis e nos regulamentos, é necessario que consulte as necessidades e as condições intimas da vida do paiz, attenda ao seu modo de aer como collectividade social e ás influencias excitantes ou debilitantes do meio em que tiver de desenvolver-se e fructificar. Do contrario, debalde se avolumarão as leis e os projectos reformadores, porque não hão de passar de latra morta, sem acção e sem prestigio.

Não temos a pretensão de traçar um plano completo de organização, e propondo-nos apenas a expôr algumas idéas sobre o ensino technico no Brazil, devamos a este intuito principal sujeitar todas as nossas observações.

O quadro do ensino popular por excellencia, da instrução primaria, foi recentemente e com fidelidade stereotypado, á luz da estatística e com a eloquencia convencadora dos numeros, por autoridade competente, em um documento parlamentar da mais alta valia; não nos cabe, pois, retrabal-o. (3) Quanto á instrução superior, importantissimas aob todos os sentidos, a

mais elevada manifestação intellectual do paiz, culminação suprema da vida cerebral dos povos, a sua organização, no ponto de vista especial em que nos collocamos, não nos interessa tão immediata e vivamente como outras partes da construção pedagogica de nosso paiz. Vozes autorizadas se têm levantado para encarecer a necessidade de sua reforma no sentido de constituir-a de modo mais consentaneo com o seu grande objectivo. São dignas de ser ouvidas.

Como objecto do nosso estudo, mais modesto, porém não meos util, está mais intimamente relacionada a instrução secundaria e sobre ella adduziremos ligeiras observações. O ensino secundario confina com o ensino tecnico; a organização de um não pôde ser indifferente a de outro. É certo que tudo se liga e se prende neste grave assumpto do ensino, o problema é de sua natureza complexo; mas aqui os laços existentes são taes, trata-se de um vicio que tem tão profundas raizes, que é preciso descobri-lhe as origens, estudal-o em todas as suas manifestações, procurando cortar-lhe todas as avenidas.

Ha em nossa organização escolar um forte desequilibrio. Todo o ensino das nossas escolas propõe-se exclusivamente a preparar as novas gerações para as funções publicas, deixando em esquecimento as funções privadas; destina-se áquelles que tem de exercer funções utis e necessarias, sem duvida, porém menos productivas, economicamente falando. O ensino, como se acha organizado, pôde servir, apesar de seus defeitos, para preparar o politico, o funcionario publico, o advogado, o militar, o medico; mas deixa em inteiro abandono os que têm de exercer as funções de commerciante, de agricultor e de industrial. É contra esta tendencia, que constitue uma clamorosa desigualdade, que reclamamos. Esta falsa direcção tem produzido e de futuro produzirá as mais deploraveis consequências.

Para corrigir este exclusivismo dos estudos, apropriados somente áquelles que se destinam ás carreiras officiaes, á vida das letras, contra o qual tão brilhantemente reclamaram na França Victor Cousin e Saint-Marc-Girardin, e que pesa ainda inexoravelmente sobre a educação nacional, como nma das causas de sua desorganização, vamos dous meios:

a) Reforma do ensino secundario, creando-se, a par do ensino secundario classico-litterario, o ensino intermedio-scientifico;

b) Creação de escolas technicas, commerciaes, agricolas e industriaes.

Cada um destes pontos pede um exame mais demorado — estamos, como se costuma dizer, no amago da questão.

T. DE SOUZA, FILHO.

## NOTAS PHILOLOGICAS

Todos os que estudam a phonologia sabem que a transformação dos elementos litteraes é sempre realisada entre valores homorganicos. As letras labiaes transformam-se em labiaes, as dentaes em dentaes e assim por diante.

A analyse, contudo, depara-nos um

facto curioso, extranho e originalissimo: a permuta unica do l em d, letras heterorganicas, no vocabulo *deixar*, antigo *leixar*, no latim *lazare*.

D'onde provem semelhante anomalia, sem explicação no dominio da lei glottologica das linguas romanas?

Cuido que achei a interpretação d'esse facto teratologico na analyse da phonologia árabe.

A qualidade organica de uma letra não raras vezes depende da conformação do apparelho vocal de uma raça e entre as raças existem differenças perceptíveis de funções physiologicas.

No guarani, por exemplo, as permutas *h—r—t* são perfeitamente normaes: *heté, reté, teté*.

No arabe, a letra *dhad* não só é uma dental, mas tambem lingual por effeito da aspiração que a caracteriza.

O *dhad* arabe é, de ordinario, representado no portuguez pelo d: *dhad*

*alard — al'ardh.*

Nots-se, todavia, que no exemplo a dental *dh* é precedida de *r* lingual.

Quando não se dá a preseça de uma lingual, é necessario que seja instantaneamente creada.

D'ahi o facto de que o *dhad* exige sempre o l:

*arrebalde*  
*ar — rabadh*

Esta lei tem uma tão grande importancia, que o l apparece nos proprios casos em que existe a assimilação do artigo arabe:

*aldeia*  
*ad — dhai'a*  
*aldrava*  
*ad — dhabbá*

É um facto, pois, que o elemento arabe *creun*, entre nós, a nptidão physiologica da equipollencia do l e d.

Creio, pois, que é essa a explicação da permuta anomala: *leixar* e *deixar*.

JOÃO RIBEIRO.

## JORNALS E REVISTAS

O n. 31 d'O *Brazil Medico* contem interessantes artigos sobre medicina e cirurgia e trata da cura da variola pelo acido salicylico, pelo Dr. Marcos Cavalcante e do emprego do sulphureto calcio, na mesma enfermidade, pelos Drs. Henrique de Sá, Veaneio da Silva e Azevedo Sodré.

A *Revista Federal*, orgão do Club Republicano Rio Grandense, traz em seu n. 3 vibrantes escriptos policos dos Srs. Alvaro Chaves, Romaguera Corrêa e José Chaves. Apparece neste n. uma boa *Chronica Politica*, sem assignatura. As suas outras paginas são conaagradas á varios assumptos.

O fasc. 8, da *União Medica*, dá-nos magnificos trabalhos sobre clinica the-

rapnutica, clinica nsovropathica e therapeuticamente das mucosas. Na sua secção *Revista dos Livros* encontram-se escriptos firmados pelos Drs. João Paulo, Carlos Costa e Vieira ds Mello.

Está excellenta o u. 463 da *Revista Illustrada*. Na sua pagina central traz o retrato de algumas victimas do naufragio do *Rio Apa*, nas outras trata com fino espirito e ironia de assumptos politicos.

Texto magnifico.

Temos os ns. 309,310 e 311 d'O *Occidente* importante revista litteraria que apparece em Portugal.

Trazem excellentes illustrações variadissimo texto e a fulgurante *Chronica Occidental* de Gervasio Lobato.

Em o n. 311, de delicadas e bellas illustrações, encontram-se varios trabalhos firmados por conhecidos escriptores. Gervasio Lobato na sua *Chronica Occidental* trata da propriedade litteraria e do artigo carta que Luiz Ulbach endereçou a S. M. o Imperador n respeito da União Litteraria de Berne.

Na sua secção — *Publicações* encontramos as seguintes palavras sobre dous dos nossos grandes poetas:

« *Versos e Versões*. Raymundo Corrêa. Rio de Janeiro, Typ. e Lith. Moreira Maximino & C. 1887. O Sr. Raymundo Corrêa autor doa *Primeiros sonhos* e *Symphonias*, publicados em 1879 e em 1883, apresenta agora o seu terceiro livro *Versos e Versões*, pelo que se vê que a sua lyra não cança e bem ao contrario se desentranha em saborosos fructos. Prosigua poeta, que entre essa natureza uberrima que o aol vivifica com os seus mais fecundantes raios, a poesia tem o culto apaixonado das imaginações ardentes. Da edição diremos apenas que é luxuosa a que honra o trabalho dos Srs. Moreira Maximino & C., a quem devamos a fineza da offerta. »

« *Sonetos e Poemas*, Alberto de Oliveira. Rio de Janeiro, imprensa de Morsira Maximino & C. 1886. Um livro que não é novo, mas que só agora nos chega ás mãos por delicada offerta dos seus escriptores impressores. Mas o livro não precisa dos nossos encomios porque o nome do seu auctor é a sua principal recommendação, um poeta distincto entre a moderna geração brasileira, cujo nome festejado já passou a linha e veio ecoar neste velho continente de Portugal. E como não ha de ser assim, se nós, abrindo o livro ao acaso, encontramos em suas paginas versos como estes:

*Emfim... Nas verdes pendulas ramadas*  
*Cantae! pamaros, vinde ouzil-o l rosas,*  
*Abri-vos! lyrios, resendei! medrosas*  
*Violetas e dhalias radobradas.*

*Prestae-me ouvido! Saibam-n'o as cheirosas*  
*Baleas e as lairas floridas plantadas;*  
*Aves e flores, flores e alvoradas,*  
*Alvoradas e estrellas luminosas.*

*Saibam-n'a agora! as oças, e ephera toda*  
*Saibam-n'o agora! Emfim, sua mão de leve...*  
*Borbolietas, que presa! andae-me em roda!*

*Auras, silencio! Emfim, sua mãozinha,*  
*Sua mão de suspe, sua mão de nese,*  
*Sua alta mão pude apertar na minha! »*

O *Mequetrefe* insere em seu n. 440 magnificos a graciosos dasenhos e um texto bem escripto e da agradável leitura.

A.

(3) Ruy Barbosa. — *Parceir e projecto da Com. de Instr.* Publica da Camara dos Deputados — 1883.

# O VIGARIO

(Poesia recitada, pela primeira vez pelo eminente actor João Rosa, no festival João Caetano, no theatro S. Pedro de Alcântara, a 23 de Agosto de 1897.)

Era um diabo o padre! Alto, giboso, tísico,  
Escaveirada face,  
Olhos fulvos de abutre. Emfim, era o seu physico  
O de um judeu rapaco.

Temiam-n'o os fiéis. Tremula, humildemente  
Tiravam-lhe o chapéu...  
E sentiam um medo estranho, inconsciente,  
Quando o velho Satan lhes falava do Céu...

Aos domingos, na igreja, enquanto o triste acolytho  
Lhe dava a revestir a branca sobrep'iz,  
Arfando amaldiçoava a Igreja em tom insolito;  
Pois fatigava-o muito o morro da matriz.

Detestava a batina. Espirito corrupto,  
No entanto amava o branco e usava-o no trajar.  
Num delirio insensato  
Noitea passava em claro á mesa do barato,  
Bebendo, sem dormir, mstingando o charuto,  
A tossir e a gritar...

Enoapotado, á noite, enquanto resonava  
Pesadamente a villa,  
Lançava-se á aventura, ao amor... O devasso!  
Visto apenas da lua, esplendida e tranquilla,  
Que, a reavalar no espaço,  
Subtil, curiosamente, o padre-acompanhava.

Diziam d'elle horrores!...  
Por exemplo: que um dia esbofeteára rindo  
O cadaver de um velbo, a quem roubara outr'ora  
A filha,—um anjo liado,  
Que era do pobre ancião allivio aos dissabores,  
Da sua triste noite a abençoada anhora...  
Se era verdade ou não... Calava-se o Passado

O certo é que era pae da moça mais galante  
Dae que havia por lá... Um nimo deslumbrante!  
A meu vér a Belleza é filha do Peccado...

Acreditava em Deus?...

Pergunte-se ao abysmo  
Se acredita no sol! Ao vérme desgraçado  
Si cré na alta montanha!...  
O levita de Deus lia Voltaire, Renan,  
Pigault, Jacoliot. Com incrível cynismo,  
Oitava-os nos sermões de uma eloquencia estranha,  
Atrevida e pagã!...

Quando estava de humor, sorrindo, pachorrento,  
Narrava ao seu rebanho alegres anedotas  
Do tempo em que habitára o velbo seminario  
E as cellas do convento;  
Aventuras gentis de frades e devotas!  
E riam-se os fiéis ruidosa, ingenuamente  
E applaudiam, num côro: E boa, seu vigario!

## II

Era pois um diabo! No entretanto,  
Aquelle padre pandego e indecente  
Tinha um ponto de luz, um lado puro,  
Por onde ao Bem ligava-se. Era o amor  
Profundo, immaculado, sacrosancto,  
Que consagrava á mãe, para quem era  
— No seu inverno escuro —  
A esperança, a luz, a primavera!

Sancta velhinha! O filho idolatrava  
Come si fóra o proprio Deus! Escrava  
D'aquella adoração sagrada e immensa,  
Gegá vivia na bemdiota creança  
De que era o filho um verdadeiro santo.  
Tinha por elle mais que amor materno:  
Tinha respeito, fé, veneração!  
E... cousa estranha! — o sacerdote, enquanto  
Estava da mãe juncto, em oração,  
Nos olhos recebendo-lhe a caricia,  
Sentia dentro d'alma—alma do inferno!—  
Um balsamo, um socego, um delicia,  
Uma doce harmonia inexplicavel!...  
Come se do distante da amplidão  
Viesse um canto dulcissimo, ineffavel...

Mas apenas saído do remanso  
Do socegado lar,  
D'esse porto de Paz piedoso e manso,  
Sentia nos pulmões um ar diverso,  
E o sorriso satânico e perverso  
Aos inbios regressar.

## III

Um dia a velha mãe chamou-o e disse:  
«Filho, eu morro. Bem sinto que a minha alma  
Vae do corpo fugindo-me. A velhinha  
Já me apaga as idéas e as lembranças!  
Quero morrer como christão...» E, calma,  
Com o sorriso doce das crianças,  
Concluiu: «Filho, abenço-a vela brava  
E prepara-me a alma para o Céu.»

Frio, livido, ao chão pregado, mudo,  
O padre ouvira tudo!  
Levou á frente a mão geinda e lenta  
E em rigidos soluços prompceu...

Era forçoso concluir aquillo.  
A velhinha extinguiu-se... O vigario

Porfim ergueu-se. Pallido, tranquillo,  
Foi a vela buscar e o crucifixo.  
Em que sangrava o martyr do Calvario.  
«Ouve-me, filho, em confissão» murmura  
«Moribunda, o olhar nevoado e fixo.  
«Minha mãe é uma sancta! A mão impura  
Não ergueres para absolvel-a... e sim  
Peço-lhe, mãe, que me abençõe, a mim!»

Na mão levando a hostia consagrada,  
Do leito o padre aproximou-se, grave.  
Da moribunda o rosto branco e sunve  
Já reflectia a eterna madrugada;  
E tinha os labios, pallidos, gelados,  
Por um sorriso ethereo illuminados...

Como um faatasma horrivel, o vigario  
Achegou-lhes o pão mysterioso...

Então, naquelle instante unico e pavoroso,  
Como o templo abalado aos pulsos de Samsão,  
Tremou, de baixo acima, o espirito nefario  
Do padre! Houve um oceano asperrino, sanhudo,  
Fervido, a sacudir-lhe o negro coração...  
Foi um d'esses fataes e unicos momentos,  
Em que o espirito geme ás garras da tortura,  
Batido dos tufões dos Remorsos sangrentes,  
Entre a Duvida e a Luz, a Vida e a sepultura!

Pois que! A sua mãe, que expirava sorrindo,  
Aquella sancta velha, aquella alma impollata,  
Que, as uzas sacudindo,  
Subia, envolta em luz, da tenebrosa luta  
Da Vida, como o sol, de immundo lodaçal;  
A esse espirito prente, iagenuo, virginal.  
Quem devia levar a Paz da ultima bora:  
— Deus, a eterna vida, a infinda luz bemdieta,  
A ineffavel Anhora,  
Era elle! — o devasso, o perfido levita,  
O escravo da Materia, o satyro sagrado!...  
O demonio apontando á sancta, o azul dos céus!...  
O' luta sobrehumana! Elle — o crime, o peccado,  
Levar á mãe,—ao anjo,—o clemente, o bom Deus!...

Deus! Um ser, um mysterio, um mytho, em que não cria!

A velhinha, sorrindo, a hostia recebia,  
E expirou... Soluçante,  
Tombou-lhe o padre aos pés...

E então o velho atheu no espirito anhelante  
Sentiu entrar a fé pela primeira vez! (\*)

VALENTIM MAGALHÃES.

— Sendo esta composição um tanto longa, deixou o actor João Resse de accordo com o auctor, de recitar alguns trechos dos menos necessarios ao interesse dramatico.

N. da R.

## O MEU CÉO

*Tu tenho dentro da alma um céu, coalhado  
De estrelas... De outro tempo, uma saudosa  
Recordação, se estende a nebulosa  
Via-Lactea, como um caminho andado...*

*É'ma lua no céu todo estrelado,  
Como um phantasma, corre mysteriosa,  
— Das mortas illuções a silenciosa  
Terra, o paiz dos sonhos despojado.*

*Minha mãe, meus irmãos— gentis crianças,  
Meus amigos, cada um de vós brilhando  
Vejo em meu céu, como uma estrella presa.*

*Entre as saudades e entre as esperanças,  
Tu, com mais brilho avultas, scintillando  
Mais que as estrellas de maior grandezza.*

Julho — 1887.

RODRIGO OCTAVIO.

## THEATROS

S. PEDRO DEJ ALCANTARA

Reapparece hoje, no theatro São Pedro, a grande companhia italiana dirigida pelo assombroso Emanuel.

Representa-se *A morte Civil*, em que o genial artista tem um dos seus melhores papeis, e a comedia em 1 acto *O juramento de Horacio*.

A empresa abriu uma assignatura de cinco recitas, para as peças *Morte Civil*, *Misanthropo*, *Ruy Blas*, *Alcibiades* e *Kean*. Se a empresa quizesse aceitar um conselho nosso, dir-lhe-iamos que substituisse o *Kean* por outra peça qualquer. O *Kean*, além de ser uma comedia detestavel e já muito vista, affirmamos que está mal distribuida, e que Emanuel não gosta do papel do protagonista.

A peça já não agradou em S. Paulo e é provavel que tambem não agrade aqui.

Tanto a empresa como o estupendo actor italiano têm tudo a ganhar com a substituição do *Kean*.

— Porque não ha de ser o *Nero*, que foi apenas uma vez e tanto agradou ao publico?

Companhia do theatro D. Maria II

Esta excellentes companhia, que deu 60 espectaculos em 70 dias, despedio-se do publico na quinta-feira, com *As nadadoras*, *O desquite* e varios monologos. Um bello spectaculo, todo em verso, o que deu á festa um encanto singular.

No final, os artistas foram chamados á scena e longa e calorosamente victoriados pelo publico.

A companhia partio hontem para S. Paulo.

P. TALMA.

## SPORT

No domingo passado o Prado Villa Isabel realiso a sua 8ª corrida com feliz exito, bastante concurrencia e aimação. O programma era impor-

tante e encerrava pareses preenchidos por animaes novos e superiores.

Eis o resultado :

No 1º pareo 1450 metros, Cantngallo (Hebrén), em 98 segundos, venceu os seus adversarios, chegando em 2º logar Rigoletto, e em 3º Serodio. Compusso, Pampello, Vorbena, Venezia e Rabicano, que foi soffreado, não mereceram classificacão. Não correram Desdemona, Ondins e Barão de Pituassú. Rateio 25\$000.

No 2º, 1000 metros, Coupon em 66 segundos facilmente venceu os seus competidores, chegando em 2º logar Siva e em 3º Biscaia. Dandy e Dr. Cacete em ultimo logar. Scyla, Le Loup e Victorious não correram. Rateio 12\$600.

No 3º, 1000 metros, Blach-Satin, em 65 segundos fez boa corrida, vencendo os seus competidores, chegando Iara em 2º logar, revelando velocidade e em 3º Claretto. Ouvidor e Cinira não mereceram classificacão. Não correram Huguenote e Kumarita. Rateio 15\$600.

No 4º, 1800 metros, Regente em 124 segundos, venceu os seus competidores, que eram fracos. Intima em 2º e Villa Novs em 3º logar. Não correram Tenor e Druid. Rateio 12\$200.

No 5º, 1800 metros, houve infeliz partida, ficando Plutão. Remise, que era a favorita, chegou em ultimo logar, pela má sabida e pela luta com o Dr. Cacete que chegou em 2º. Peruana que se aproveitou desta luta, venceu os seus competidores em 122 segundos. Diva chegou em 3º logar. Não correu Victorious. Rateio 24\$400.

No 6º, 1450 metros, inscreveram-se treze animaes, o que deu logar a ser dividido em duas turmas. Vampa foi o vencedor da 1ª turma, em 99 segundos, chegando em 2º Briosso e em 3º Verbena. Lyra, Feiteira. Medon e Condor não tiveram classificacão.

Nesta turma não bouve poule, visto estar o povo exaltado com o resultado inesperado do paro antecedente.

Na 2ª turma foi vencedor Saltarelle em 99 segundos, fazendo regular corrida, e em 2º logar chegou Catana. Tempestade em 3º. Monarcha, Damon e G. Boulanger não tiveram classificacão. Rateio 24\$800.

No 7º, 1600 metros, Corcovado foi o vencedor, chegando em 2º logar Juanita e em 3º Erse. Rateio 10\$900.

O movimento das poules foi de 73.700\$000.

Amanhã realisa o Derby Club mais uma corrida. O programma é importante, conferindo um premio de 2:000\$ para cavallos nacionaes, meio sangue, que deverá ser bem disputado pelos valentes animaes que neste pareo comparecerem.

No dia 8 do corrente o Jockey-Club realisarà uma corrida, cujo programma é bom e bem preenchido por animaes de todas as forças, que necessariamente deverão travar porfiada luta.

No dia 7 do corrente o Sport Club darà uma corrida com programma regular, presnchido por animaes de todas as qualidades.

L. M. BASTOS

## RAYMUNDO CORRÊA

*Pincel, lapis, buril, cinzel e penna.  
.....  
De aza espalmada e aberta aos quatro ventos...*

(R. Corrêa. Versos e Versões)

*Tuba, theorba, arrabil, cythara e apena,  
Tanges com brio, ó poeta que me encantas!  
E, com taes symphonias, tu supplantas  
O Odio, que aos pés te ruga, como a hyena!*

*Os «Versos e Versões» eil-os em scena!  
Artistas, deante de bellezas tantas,  
Em honra do cantor, jogae-lhe ás plantas  
Pincel, lapis, buril, cinzel e penna.*

*As glorias, que colhendo no Presente  
Estás, não temas que o Futuro esmague-as...  
Canta, pois, sempre: — canta eternamente.*

*Deixa que, livres, vão teus pensamentos  
Varando o espaço, — como altivas aguias,  
De aza espalmada e aberta aos quatro ventos.*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

CLUB HEBE

São sempre encantadoras as reuniões, que esta graciosa sociedade organisa. O sarau-concerto, que se realiso na noite de sabbado passado, com boa concurrencia, esteve brilhante e animado.

O caprichoso programma, constante de varios e escolhidos trechos foi perfeitamente executado e acompanhado de geraes applausos. O baile correu admiravelmente até pela madrugada, rotirando-se os socios e convidados satisfeitos e muito gratos pelas affabilidades da gentil directoria a quem agradecemos o amavel convite.

CLUB DO ENGENHO VELHO

Honrada com a Augusta presenca de S. S. A. A. I. I. esta muito conceituada sociedade organiso uma esplendida festa para commemorar o quinto anniversario da fundação do Club, a qual se realiso com extraordinaria concurrencia, na noite de 27 do passado, com toda a pompa e brilantismo.

O encansavel e habillissimo director dos concertos o Sr. Augusto Weguelin, teve mais um triumpho, pelo seu conhecido gosto no primoroso programma que organiso; não podia ser melhor; os notaveis artistas, as gentis e distinctas amadoras e amadores desempenharam magistralmente as partes de que com acerto se encsregaram, arrancando dos assistentes immensas palmas.

A nova sala, á pouco augmentada, e todas as outras do bello edificio, achavam-se profusamente illuminadas e apresentavam um aspecto deslumbrante pelas muitas e distinctas familias e cavalheiros da melhor sociedade fluminense, trajando vistosos toillettes que produziam bello effeito.

Ao concerto, seguiu-se animadamente o baile, e dançou-se, aliás com difficuldade, tal era a concurrencia, em tres salas, finalizando esta deliciosa festa ás 4 horas da manhã.

Serviço completo e geral alegria nos convidados, que mostravam-se muito agradecidos, pelas amabilidades da mui distincta directoria.

CONCERTO PETIT

Ante uma numerosa e escolhida pla-

téia realiso-sona Pedro II, em a noite de 29 de Agosto, o annuciado concerto organiso pelas Exmas. Mlles. Maria Augusta e Felicité Petit.

Tomaram parte na festa artistica das intelligentes meninas os applaudidos maestros Nascimento, White, Carlos de Mesquita, Cernecchiaro, Nepomuceno, Paulo Carneiro e Libreton, os cantores Sig. Bettina Russo, Maurice Richnrd, Russo la Mattina e um grupo de artistas amadores de instrumento de corda.

A primeira parte do programma começou pela grande *Symphonia em sol de Dancla*, executada com muita correção e elegancia por Mlle. Maria Augusta, no violino.

Tambem nesta parte Mlle. Felicité tocou ao piano um trecho de Tito Mattei *L'elégante* que muito agradou.

O grupo de artistas e amadores acompanhando Mlles. Maria Augusta executou o esplendido *Minueto* de Bolsoni infelizmente um pouco prejudicado pelo desencontro do violoncello e do contrabaixo com os violinos.

A Sig. Bettina Russo e Russo la Mattina cantaram o grande e bellissimo duo da opera *Fosca* do nosso illustre C. Gomes. Nesta parte tambem o Sr. Russo cantou uma *romanza* da opera *Dinorah* de Meyerbeer e o Sr. Maurice Richar uma *romanza* de sua lavra *Neriz pas*.

Na segunda parte foram executados tres originaes *Dansas Hungaras* de Brahms aos violinos com acompanhamento de piano pelos Srs. White, Cernecchiaro, Nepomuceno, Libreton e Paulo Carneiro.

Mlle. Maria Augusta fez ouvir no seu violino a muito conhecida *cavatina* de Raff. Mlle. Felicité executou *Le Delire*, phantasia para piano de grande difficuldade, original de Ravina.

Nascimento fez gemer o seu violoncello umas saudosas melodias de Papper com aquella alma, aquella sentimento, nquella expressão que só elle tem.

Terminou o concerto com a esplendida *Marche Heraigue* de Saint-Saens magistralmente executada a dous pianos pelos grandes pianistas Mesquita e Nepomuceno.

Uma bella noite. As dous organisadoras da festa, flbas do conhecido retratista e oleo Augusto Petit, mostram habilidade e estudo e esperamos vel-as artistas de primeira ordem quando voltarem ds viagem que vão fazer a Pariz cujo conservatorio de musica irão frequentar.

Desde já nossas palmas para a noite de apresentação na volta de Pariz.

TIO ANTONIO.

## COLLABORAÇÃO

O TIGRE

*Por toda a parte a luz. A abobada celeste,  
Como um lotus azul se volta para o chão;  
A tunica de sol que a natureza vestu  
Derrama na floresta um rubido clarão.*

*E junto as Ganges santo, á sombra do nopal,  
Não longe dos juncaes, que o rio beija e enflora,  
Erguendo o escuro dorso em curva sensual,  
Tranquillo a tigre bebe emanções da aurora.*

*A mão, nervoso, estende; a cauda se enovella,  
Rôla feliz no chão... Mas pula esfomeado,  
Ao ver entre os sarcaes a tímida gazela.*

*Assim o coração: um tigre mosqueado,  
Que vive em nosso peito e doudo se rebella  
Sentindo approximar-se o seu amor sonhado...*

F. BRIGIDO.



# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA DECIMA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 4 DE SETEMBRO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

## GRANDE PREMIO PROGRESSO

1º pareo—A's 12 horas—**Lemgruber**—1609 metros—Animas nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho este anno —Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ segundo e 50\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes               | Pelios   | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas     | Proprietarios          |
|-----|---------------------|----------|--------|---------------|---------|---------------------------|------------------------|
| 1   | Araby               | Alezão   | 5 ans  | R. de Jane.   | 54 kil. | Grénate ouro              | Coud. Carioca.         |
| 2   | Gambetta            | Zaino    | 5 »    | S. Paulo      | 54 »    | Preto e rosa              | M. G.                  |
| 3   | Tempestade          | Castanho | 4 »    | Paraná        | 52 »    | Azul e grénat.            | Coud. Paraná.          |
| 5   | Fagote              | Vermelho | 6 »    | S. Paulo      | 54 »    | Vermelho                  | Tattersall Campineiro. |
| 4   | Rabecão             | Preto    | 6 »    | Idem          | 54 »    | Vermelho e faixa          | Idem. Idem.            |
| 6   | Medon               | Rosilho  | 4 »    | Paraná        | 52 »    | Azul e branco             | S. W.                  |
| 7   | Americana           | Tordilho | 5 »    | R. de Jane.   | 52 »    | Azul e ouro               | D. Julia Vieira.       |
| 8   | Boyardo             | Alazão   | 5 »    | S. Paulo      | 56 »    | Branco e estrellas azues. | Coud. Guanabara.       |
| 9   | Vampa               | Zaino    | 5 »    | R. Grande.    | 56 »    | Azul e grénat.            | Coud. Paraizo.         |
| 10  | G. Boulan., ex-Doge | Castanho | 4 »    | S. Paulo      | 52 »    | Encarnado e preto.        | Luiz Pradez.           |

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Extra**—1200 metros—Animas estrangeiros de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes              | Pelios   | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas    | Proprietarios       |
|-----|--------------------|----------|--------|---------------|---------|--------------------------|---------------------|
| 1   | Koumarita          | Zeino    | 2 ans  | França        | 46 kil. | Azul e amarello          | B. Rocha.           |
| 2   | Apollo             | Alazão   | 2 »    | B. da Praia   | 47 »    | Azul e grénat.           | P. R. M.            |
| 3   | Iára               | Castanho | 2 »    | Inglaterra.   | 46 »    | Preto e prata            | P. L. M.            |
| 4   | Sir Telamond       | Idem     | 2 »    | Idem          | 47 »    | Rosa e bonet preto       | Coud. Intimidade.   |
| 5   | Cinira             | Alezão   | 2 »    | Idem          | 46 »    | Branco preto e encarnado | J. V. S.            |
| 6   | Claretto           | Castanho | 2 »    | Idem          | 46 »    | Branco e estrellas azues | Coud. Guanabara.    |
| 7   | Little-Prince      | Idem     | 2 »    | Idem          | 47 »    | Havana e azul            | J. S. P. A.         |
| 8   | Egriot             | Alazão   | 2 »    | Idem          | 46 »    | Grénat violeta           | J. P. R.            |
| 9   | Escudo             | Zaino    | 2 »    | Idem          | 47 »    | Encarnado e mangas azues | Coud. Brasileira.   |
| 10  | Phenix             | Alazão   | 2 »    | Idem          | 46 »    | Idem e faixa             | Idem                |
| 11  | Houblon            | Castanho | 2 »    | França        | 47 »    | Ouro e preto             | F. Schmidt.         |
| 12  | Clazone, ex-Ultor. | Alazão   | 2 »    | Idem          | 47 »    | Grénat e ouro            | Mario de Souza.     |
| 13  | Half-Way           | Zaino    | 2 »    | Inglaterra.   | 46 »    | Azul ouro e grénat.      | Coud. Hannoveriana. |

3º pareo—A's 1 1/2 horas—**Cosmos**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes      | Pelios   | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas    | Proprietarios     |
|-----|------------|----------|--------|---------------|---------|--------------------------|-------------------|
| 1   | Queen      | Castanho | 3 ans  | Inglaterra.   | 47 kil. | Ouro e branco            | Coud. Fluminense. |
| 2   | Amazonas   | Idem     | 3 »    | Idem          | 49 »    | Azul e amarello          | C. & F.           |
| 3   | Paraguaya  | Idem     | 3 »    | Idem          | 47 »    | Azul e grénat.           | P. Lima.          |
| 4   | Perception | Idem     | 3 »    | Idem          | 47 »    | Havana e azul            | J. F. R.          |
| 5   | Phenicia   | Alazão   | 3 »    | Idem          | 53 »    | Encarnado e mangas azues | Coud. Brasileira. |
| 6   | Remise     | Preto    | 3 »    | França        | 51 »    | Ouro e preto             | F. Schmidt.       |
| 7   | Rabelais   | Alazão   | 3 »    | Idem          | 49 »    | Ouro, preto e faixa      | Idem.             |
| 8   | Pharao     | Idem     | 3 »    | Idem          | 49 »    | Azul, branco e encarnado | Coud. Cruzeiro.   |

4º pareo—A's 2 1/4 horas—**Derby-Club**—1609 metros—Animas nacionaes de meio e puro sangue—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes     | Pelios   | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas    | Proprietarios        |
|-----|-----------|----------|--------|---------------|---------|--------------------------|----------------------|
| 1   | Boreas    | Castanho | 5 ans  | S. Paulo      | 64 kil. | Grénat e violeta         | Coud. R. de Janeiro. |
| 2   | Diva      | Alazão   | 5 »    | R. de Jane.   | 60 »    | Ouro e branco            | Coud. Fluminense.    |
| 3   | Argentino | Castanho | 4 »    | Idem          | 52 »    | Grénat e lyrio           | D. A.                |
| 4   | Plutus    | Idem     | 4 »    | S. Paulo      | 56 »    | Azul, branco e encarnado | Coud. Cruzeiro.      |
| 5   | Corcovado | Idem     | 3 »    | R. de Jane.   | 51 »    | Grénat e ouro            | Mario de Souza.      |
| 6   | Dandy     | Idem     | 4 »    | S. Paulo      | 56 »    | Grénat e bonet ouro      | F. Vianna.           |

5º pareo—A's 3 horas—**Grande Progresso**—2400 metros—Animas nacionaes de meio sangue—Premios: 2.000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes    | Pelios   | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas    | Proprietarios          |
|-----|----------|----------|--------|---------------|---------|--------------------------|------------------------|
| 1   | Gambetta | Zaino    | 5 ans  | S. Paulo      | 52 kil. | Preto e rosa             | M. G.                  |
| 2   | Tenor    | Idem     | 4 »    | Idem          | 50 »    | Vermelho                 | Tattersall Campineiro. |
| 3   | Regente  | Castanho | 4 »    | Idem          | 50 »    | Vermelho e preto         | A. P.                  |
| 4   | Odalisca | Pampa    | 4 »    | Idem          | 47 »    | Verde branco e encarnado | Coud. Excelsior        |
| 5   | Mositor  | Castanho | 4 »    | Idem          | 50 »    | Azul branco e encarnado  | Coud. Cruzeiro.        |
| 6   | Drnid    | Tordilho | 5 »    | R. de Jane.   | 52 »    | Branco e bonet encarnado | Oliveira J. & Lopes.   |

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Rio de Janeiro**—2400 metros—Animas de qualquer paiz de puro sangue—Premios: 2.000\$ ao primeiro 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes    | Pelios   | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas   | Proprietarios        |
|-----|----------|----------|--------|---------------|---------|-------------------------|----------------------|
| 1   | Scylla   | Castanho | 4 ans  | Inglaterra.   | 49 kil. | Grénat e violeta        | Coud. R. de Janeiro. |
| 2   | Phrynéa  | Idem     | 5 »    | Idem          | 53 »    | Ouro e branco           | Coud. Fluminense.    |
| 3   | Salvatus | Alazão   | 4 »    | França        | 56 »    | Azul branco e encarnado | Coud. Cruzeiro.      |
| 4   | Satan    | Castanho | 4 »    | Idem          | 50 »    | Grénat e onro           | Mario de Souza.      |

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Excelsior**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos, que não tenham ganho —Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes   | Pelios   | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas     | Proprietarios          |
|-----|---------|----------|--------|---------------|---------|---------------------------|------------------------|
| 1   | Juanita | Baio     | 3 ans  | R. de Jane.   | 47 kil. | Grénat e lyrio            | L. C.                  |
| 2   | Lyra    | Alazão   | 3 »    | S. Paulo      | 49 »    | Vermelho                  | Tattersall Campineiro. |
| 3   | Cecy    | Castanho | 3 »    | R. de Jane.   | 49 »    | Ouro e branco             | Coud. Fluminense.      |
| 4   | Ersa    | Pampa    | 3 »    | S. Paulo      | 49 »    | Verde, branco e encarnado | Coud. Excelsior.       |

# EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO

COM Hypophosphitos de Cal e Soda. **Approvada pela Exma Junta Central de Hygiene Publica e autorizada pelo governo**

É O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, Bronchites, Escrofulas, Rachitis, Anemia, Debilidade em Geral, Defluxos, Tosse Chronica e Affecções do Peito e da Garganta.

É muito superior ao oleo simples do figado de bacalhau, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos

A VENDA NAS DROGARIAS E BOTICAS

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principais livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus ingleses e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus fins

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A.

Recehem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 10 DE SETEMBRO DE 1907  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 111

REDACÇÃO E GERENCIA—RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                    |
|--|--------------------|
| Expediente.....                              | FILINOAL.          |
| História dos sete dias....                   | ESLIEGU.           |
| Gazeta rimada.....                           | V. MAGALHÃES.      |
| Pranzini.....                                | S. RAMOS.          |
| Velho lyris soneto.....                      | P. FRANCO.         |
| Raymundo Corrêa «Ver-<br>sus e Versões»..... | A. A. DE OLIVEIRA. |
| Notas bibliographicas....                    | T. DE QUEIROZ.     |
| A nne annos, soneto.....                     | A.                 |
| Um corvo e um papagaio                       | A. DE LIMA.        |
| Jornais e Revistas.....                      | P. TALMA.          |
| Raymundo Corrêa, so-<br>neto.....            | TIO ANTONIO        |
| Theatros.....                                | H. DE MAGALHÃES    |
| Festas, ballies e concertos                  | L. M. BASTOS.      |
| Fernão Alegre—Jehovsh                        | ENRICO.            |
| Sport.....                                   |                    |
| Factos e Noticias.....                       |                    |
| Correio.....                                 |                    |
| Recebemos.....                               |                    |
| Annuarios.....                               |                    |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle e respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e áa que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremoa um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi poeto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricatures coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idyllas*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelia A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Se o meu leitor não tem absolutamente nada que fazer, queira sentar-se aqui, a meu lado — e ouça-me.

Offereço-lhe uma cadeira de vime, horrorosamente incommoda, oade V. Ex. não poderá adormecer com o narcotico da minha proeza.

Agora, que V. Ex. já está ao supplicio da cadeira de vime, imagine... A um leitor é sempre permittido imaginar. — Imagine que eu bontem tive uma syncope.

E' verdade, tive uma syncope! Um acaso feliz atirou commigo numa casa, onde fui recebido por uma senhora que en não conhecia. Ao dizer-lhe o meu nome, a senhora ahiro um bello sorriso amavel e mandou-me entrar immediatamente. Apresentou-me a varias pessoas da casa e declarou-me em seguida, resolutamente, sempre com o mesmo sorriso amavel da recepção, que era minha leitora desde a fundação d'A Semana! Agora é que o meu querido leitor não tem imaginação sufficiente para imaginar o que se passou no meu peito. En tinha uma leitora!

Nos olhos de uma outra senhora da casa, muito joven e muito formosa, havia um brilho de lagrymas mal enxutas: Ella pertia para longes terras de Europa e já tinha começado as despedidas... Nas suas faces mnto rosadas luzia suavemente a pelle bem tractada, e os longos cilios estavam ainde alforados de tenuissimas camarinhas de pranto. A miabe amavel leitora explicou-me com indulgencia n motivo das lagrymas recentes — e continuou a falar-me d'A Semana e da *Historia dos sete dias*.

Eu, que tenho uma enorme carga de molestia para estas occasiões, disse-lhe admirar-me de que ella, lendo me ha quasi tres annos, coaservasse ainda a bós saude que parecia gosar; que eu, no seu caso, já teria fallecido ha muito, e que era realmente um milagre encontrar-a tão forte e bem disposta, absorvendo por tão largo espaço o veneno da minha prosa.

Trocámos os cumprimentos do estylo e sahi. Já me havia commovido am pouco a vista da moça chorosa; isto juncto á certeza de ter uma leitora, acabon-me com ns forças. Atirei-me para dentro d'um bond que passava — e desmalei. Felizmente estava no mesmo banco uma senhora elegante que me deu a cheirar o seu frasquinho de saés e acordei para pagar a passagem.

Foi este, para mim, o mais importante acontecimento da semana, por isso o deixo ficar aqui para admiração dos seculos.

Ao começar esta chroaica lembrei-me da grave responsabilidade que pesa agora sobre os meus hombros debeis de cronista. Enquanto eu não sahia, nem ao menos desconfiava que tinbe uma leitora, tudo ia bem; os bomeas, por mais velbos e gravees que eejam, são sempre rapazes, e a gente com elles não preciee de reserva nem de cautellas exaggeradaas. Mas com as senhores o caso é outro e eu tenbo de escovar a penna para sacudir algum pósiabo de iaconveiaencia que ella posse ter.

Doravante prometto ser sério como um elephante morto.

Apreciem o meu leitor e a minha gentil leitora a gravidade com que eu vou tractar os meus assumptos.

O acontecimento publico da semana foi a epistola (reparem no estylo) do Dr. Derneval da Fonseca sobre a molestia de S. M. o imperador.

O mundo hem sabe que eu, elem de republicano son tembem hõa pessoa. Não desejo, pois, o mal de ninguem, — não por virtude, antes por egoismo, porque sempre me afflijo com os males albeios. Lastimo, por consequencia, os soffrimentos de S. M.; mae não posso furtar-me a achar patuasca as noticias que nos vêm da Europa.

A *Caseta* fez um arrnido tremendo com a carta do seu correspondente. Nn dia seguinte o *Jornal* contestou as affirmações com um telegramma que, evidentemente querendo negar, não fez maie do que confirmar as asseverações positivas do Derneval, porque disse haveram cessado as lacunas da memoria de S. M., facto que ainde se não tinha declarado oficialmente. O *Paiz* de hontem embrulha ainda maia a

situação, traascrevendo um telegramma passado de Baden-Badeo para a *République Française* e publicando uma carta do seu correspondente.

O telegramma deve ser de 18 de Agosto, porque foi publicado na *République* de 19 — e diz que o imperador está com o figado seriamente atacado, que a sua saude está longe de melhorar e que a residencia no Brazil aeria fatal a S. M.; o correspondente diz, em carta de 13 do mesmo mez, que «Dia a dia se vão maifestando as progressões melhooras de S. M. o imperador», e relata elguas factos para confirmar o aserto, entre os quaes este, muito curioso:

« Sua Magestade, que huaca se cunsa de estudar, lembrou-se nos ultimos tempos de aprender hebraico. Chamou para junto de ei o professor allemãe Seibold, que a hordo do *Gironde* o accompanhou desde o Rio. Tendo-lhe permittido em Lisboa que fesse ver sua familia, agora manlou Sua Magestade chamal-o para continuar as lições encetadas. » « Seibold está já em Baden-Baden e vão, portanto, rcomeçar as lições de hebraico. »

Que os seabores medicos tomem nota d'este facto. Quando um homem estuda o hebraico, já se sabe — está de saude, não soffre do figado, não tem diabetes, não tem lacunas na memoria! De eorte que, pelo que se pode inferir das palavras do correspondente, do que S. M. necessita não é de mais remedios, e de mais hebraico; não lbe devem apreearatar outro medico, devem fornecer-lbe outro Seibold.

Examinadaas todas as noticias e todos os telegrammas, vemos que S. M., que aqui só tinha febreas intermittentes, tem agore diabetes, *glycosuria*, lacunas na memoria, e está com o figado fortemente atacado; mes eo passo que apparecem estas molestias todas, a epinião dos correspondentes — excepto o da *Caseta* — é que S. M. melhora de dia para dia, que o seu estado continua a ser satisfatorio, e que tem tanta sende que até estuda hehriseo e assiste a operetaa gaiatas nos theatroa da Baden-Baden!

A demasia de noticelas dá este reentado: a gente chega a saber tantas coizas que, quando examina o que sabe, verifica que não sabe nada! *Só sei que nada sei*, disse o sabio, nam ssmo de modestia, como se bouvera lido ae noticias de Baden-Baden.

E' o que nós podemos dizer.

Estiveram este anno muito animados os festejos do dia 7 de Setembro. O hymno da *Brava gente* fol tanguido com furor por todas as ruas, e nn morre de Santo Antonio hnave uma formidavel e pavorosa arrebentação de fogo de artificial, obrigadn a mortelroes de dyna-

mita, ensurdecedores e terríveis. Honra no theatro S. Pedro uma sessão solenne do Corpo Collectivo União Operaria; navios surtos no porto embandeiraram em arco; andou pelas ruas uma longa procissão civica de escolas publicas e particulares; no largo do Rocio ostentaram-se os tradicionais coretos de papelão—mas apozar de tudo isso o Brazil continua escravo da Escravidão, e talvez que, á hora em que o jubilo verde e amarello se expandia por essas ruas, alguns centos de escravos gemessem nos troncos do interior as dores dos castigos barbaros. Como seria bello e grandioso que o Brazil a 7 de Setembro de 88 festejasse a sua independencia com a festa geral da Liberdade!

Mais dois naufragios! Os dos vapores inglez *Zof* e nacional *Imperial Mari-nheiro*.

Decididamente os mares do Brazil estão mostrando muito máo interior. Eu não gosto de tratar d'estes assumptos tristes, tenho-o dicto aqui muitas vezes—e registro-os apenas por dever de chronista. Quando se soube dos sinistros do *Apa* e do *Jaguarão* en dei aqui uns versos de repicaponto, que, por meio de engenhosas onomatopéias, conseguiam não dar idea nenhuma das terríveis scenas. Agora, na triste impossibilidade de fazer uns versos peiores do que aquelles, calo-me prudentemente, na intenção piedosa de poupar os meus leitores a duas desgraças junctas.

E vou escovar a casaca para ir assistir hoje á festa inaugural do novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura.

FILINDAL.

## GAZETA RIMADA

Esta nasceu d'esse entusiasmo  
Qu'houve no Sete de Setembro;  
Surgiu ao mundo como um pasmo,  
Ou como um riso, se me lembro.

Ha de contar ás leis do metro  
Tudo o que a Musa das gazetas  
Disser do povo, e mais do sceptro,  
Sejam verdades, boatos, petas...

Aqui terão todas as cousas,  
Seja qual for o sen cartaz,  
Da fina troça sob as lousas,  
(Força da rima!) um *aquí jaz!*

Leitor amigo, quer litt'rato,  
Conservador ou liberal,  
Parlamentar, edil, ao tracto  
D'esta cousa não queiras mal!

Não te magões se ella algum dia  
Te criticar ás gargalhadas,  
Pois a su'alma é a ironia,  
Suas estrophes são ferroadas!

E tu, burguez gordo e baixote,  
Que com os suinos teus alliança,  
Não te estomague o piparote  
Que a Musa possa dar-te á pança.

E dado, pois, este canção  
Num metro todo escangalhado,  
Tome cada um pr'n seu tabaco;  
Tome, mas sem fiar zangalo.

I

A carta do Dermeval  
Foz um barulho damnado...  
Pois dizer que o imperial  
*Miolo* está desmiolado  
E' coasa que alto se diga?  
Cruz, canhoto! Figa! Figa!

Os apedidos gemeram,  
Houve odios... a pedido;  
Uns de comer se esqueceram,  
E até houve um atrevido  
Que ante o doutor Araujo  
Gritou: «O' ingrato! O' sujo!»

Tudo zangou-se! Está tudo  
Fulo de cólera e raira!  
O Cotegipe anda mudo,  
Quer suicidar-se o Saraiva,  
Deixou Paulino o Macuco  
Por ser rima p'ra maluco!

Querem teu sangue, tua morte;  
Gritam, doutor, que és entulho!  
Santo Deus, que triste sorte:  
Dermeval em sarrabulho,  
Figurando, com certeza,  
Do Cotegipe na meza!

E entre um *hurra* e um *hip*,  
Já vasio muito almade...  
A' tua morte o Cotegipe  
Ha de fazer a saude!  
Que alegre! Que regabotes:  
Feitos em bifes teus bofes!

Nesta cidade, doutor,  
Se vens de volta, não pises;  
Sei que á pelle tens amor,  
Tens tambem a vida em crises:  
Toda a gana espevitou-se!  
Querem teu sangue... Acabou-se!

Querem teu sangue! Que drama  
Vae baver, ob Deus clemente!  
Mas en vou chorar na cama,  
(Que disem ser lugar quente)  
Guardando no peito a fama,  
(Toça o hymno!) *Brava gente!*

MELIBEU

## PRANZINI

Sabe-se, por telegramma de Pariz, ter sido guilhotinado, ante-hontem, na praça da Roquette o famoso, o «famigerado» (é o adjectivo do costume) assassino de Maria Regnault.

O illustre presidente da republica recusou commentar a pena.

Pranzini ousou lutar com o executor da alta justiça: ergueu o collo contra o cutello do Dr. Guillotin, vendeu caro a sua vida maculada e maldicta.

Li as sete linbas em que nos foi transmittida essa noticia, e fiquei triste.

Horrorison-me ver, ao expirar este grande seculo, em vespas de cente-

nario da Revolução Franceza, a nação mais culta e mais adiantada do mundo, a patria de Victor Hugo, — agarrada ferozmente a um homem para obrigar-o o sotopor o pescoço á meia lun fatidica da guilhotina.

Affigurou-se-me ver o gordo burguez, presidente da republica, o bondoso *papá* Grevy, deixar contrariadamente o seu ameno tacho digestivo, abandonar as suas queridas carambólas, as melodias do piano de sua adorada filha, a companhia preciosa de seu estimado genro, para ir, na sala immediata, recusar peremptoriamente, mas tranquillamente, o seu jamegão todo poderoso para impedir que mais uma vez se des-honrasse a França assassinando um homem, assassino embôra.  
Repugna-me essa idéa.

Não posso conciliar em meu espirito conturbado a pureza d'alma d'esse honrado pae de familia, d'esse simples matador de perdizes, com a pequenez do chefe de Estado que se julga menor que um cadafalso, e que pensa ser obrigado a sentar-se á mesa da civilização europeia, para o convivio universal do Progresso, com as mesmas luvas que usava Caligula — feitas de sangue coagulado.  
Aquelle desgraçado que luctou com o carrasco de Pariz, não se chama Pranzini — chama-se Seculo XIX.

Aquelle desgraçado que luctou com o carrasco de Pariz, não se chama Pranzini — chama-se Seculo XIX.

Não foi um assassino que recua ante a morte quem procurou furtar á lingua do cutello faminto uma vida de homem: — foi a alma do seculo que protestou, em nome da civilização universal argamassada com tanto sangue e tanta lama, contra a generosa e rutilante França do defensor de Calas e do defensor da Cummuna, que ainda pede mais lama e mais sangue para consolidar a sua gloria.

Como? Os livros de Victor Hugo não conseguiram *revogar a sentença* enfatuada e cruel de um pamphleto de Alphonse Karr?

Acredital-o-á Grevy?  
Acredital-o-á França?

Se o acreditam, é triste, porque as estatisticas de modernos criminalistas provaram já — e a observação continua dos factos o confirmou — que a maior parte dos assassinos que deram pabulo á guilhotina assistiram a execuções capitães; que, como recurso de moralisação, como *exemplo*, o assassiuato legal é negativo.

A faca da justiça não faz baixar a dos assassinos, porque aquella, como esta, não corta o mal — corta a carne de um homem.

Se a morte pudesse ser um argumento, selo-o-ia em favor da vida.

Sei de alguém que devia ter-se entricado tanto como eu, lendo a noticia da execução de Pranzini: é aquelle soberano de um paiz de escravos que não consente que nenhum d'elles, quando se faz assassino, enbora do seu *senhor*, seja estrangulado pela alta justiça do seu paiz; que não quer que numa terra em que fluctua a bandeira franceza no topo de um mastro oscille um cadaver de boniem no alto de uma forca.

Honra lhe seja!

VALENTIM MACALHÃES.

4—9—87.

## VELHA LYRA

Não receio de amar: sua ternura  
E' que me leva a mim a alma presa,  
E, se o amor é lei do natureza,  
Ter receio de amar fóra loucura.

Nada tenho a temer; se a desventura  
Vier breve cobrir-me de tristeza,  
E' que Deus quiz crear sua belleza  
Para me dar a morte a formosura.

Não receio de amar; e, se partido  
Eu vir minha existencia, ao duro corte  
Do fado que me leva de vencida,

Contente cumpro a lei da escura sorte;  
Se, por morrer amado-a, eu quero a vida,  
A viver sem a amar prefiro a morte.

SILVA RAMOS.

## RAYMUNDO CORRÊA

«VERSOS E VERSÕES»

Acabo de reler o livro que ultimamente publicou Raymundo Corrêa.

Se fosse escripto em francez, com o mesmo esmero com que o foi na lingua portugueza, e ainda, na época de Luiz XIV, em que as criadas de quarto, diz um critico, entendiam mais de cousas de arte que os nossos academicos, em vez de cem leitores, o auctor dos *Versos e Versões* podia contar com cem mil.

Com effeito, em verso, na lingua portugueza, não conheço trabalho algum que possa rivalisar com o livro em questão.

Ha muito que comparo Raymundo Corrêa com Th. Gautier, opinião que foi corroborada em dos umultimos numeros d'*A Semana*; mas é preciso ainda emprestar ao auctor de «Mlle. de Maupin», não só a inspiração de Alf. de Musset, como a poderosa faculdade de synthetisar que possuem Leconte de Lisle e F. Coppée.

Eu sei que a obra d'arte é uma funcção da temperatura moral, que por sua vez, é o *estudo geral dos costumes e dos espiritos, e que actua do mesmo modo que a physica*.

Em virtude d'essa lei, Raymundo Corrêa na producção de sua obra, não sahio do meio.

Isto é fatal, inevitavel; mas,—como as grandes arvores que crescem e absorvem maior quantidade de luz, sombreando area capaz de conter centenas da mesma especie, e affrontam com o viço de suas folhas, flores e fructos, os raios de um sol abrasador,—elle, o nababo da arte, destaca-se de toda uma geração de poetas, muitos dos quaes, por justos titulos, notabilissimos.

Tomemos ao acaso uma poesia dos *Versos e Versões*, porque estudal-as methodicamente é trabalho a que não me aventuro.

JOB

Quem vae passando, sinta  
Nejo embora, ali pára. Ao principio era um só;  
Depois dez, vinte, trinta  
Mulheres e homens... tudo a contemplar o Job.

Qual fixa-o boquiaberto;  
Qual a distancia o vê; qual se aproxima, altiro,  
Para olhar mais de perto  
Esse pantano humano, esse monturo vivo.

*Grossa turba a rodeia...  
 K'o que mais horrôrica é vel-a a mendigar,  
 E ninguem ter a ideia  
 De um só vintem de mãos roldas lhe atirar;*

*Não é ter que a indigência  
 Transforma-o em pasto já de vermes; e lhe impera,  
 Na immunda florescência  
 De corpo, a podridão em plena primavera;*

*Nem ver sobre elle, em bando,  
 Os mescardos cruéis de rispídos ferrões,  
 Incômodos, cantando  
 A musica feral das decomposições;*

*Nem ver que, entre os destrapos  
 De seus membros, a Morte, em blasphemias e pragas,  
 Descarnando-lhe os ossos,  
 Os dentes mostra a rir, pelas boccas das chagas;*

*Nem ver que só e escasso,  
 Ato andrajo, que a lepra horrível, que lhe priú,  
 Mal encobre, e o pedaço  
 De telha, com que a raspa, o misero possui;*

*Nem do vento as rajadas  
 Ver-lhe os farrapos vis da roupa fluctuante,  
 Yuando — desfraldadas  
 Bandeiras da miseria immensa e triumphant;*

*Nem ver... Job agonisa!  
 Embora; isso não é o que horrôrica mais,  
 — O que mais horrôrica  
 São a falsa piedade, os fementidos ais;*

*São os consolos futeis  
 Da turba que o rodeia, e as palavras fingidas,  
 Mais baixas, mais inuteis  
 Do que a lingua dos cães, que lambem-lhe as feridas;*

*Da turba que se, odienta,  
 Com a pata brutal do seu orgulho vãs  
 Não nos magda, inventa,  
 Para nos magoar, a sua compaixão!*

*Se ha entre a luz e a treva  
 Um termo médio, e em toda ha ponto mediano,  
 E' triste que não deva  
 Haver isso tambem no coração humano!*

*Porque n'alma não ha de  
 Um meio termo haer d'essa gente tambem,  
 Entre a inveja e a piedade?  
 Pois tem piedade só, quando inveja não tem!*

Onde buscar a profunda philosophia  
 com quo Raymundo Corrêa syntetisa  
 uma boa parte da nossa sociedade?

O Job do deserto, o biblico,

«Esse pantano humano, esse monturo vivo»

vaga noute e dia pelas ruas das cida-  
 des, pelas aldeias, pelas estradas des-  
 sertas...

«Grossa turba e rodeia»

E'a turba dos impios curiosos, das  
 victimas da insensibilidade cardiaca,  
 maior que a do Job, que tambem não é  
 pequena.

Profunda philosophia, disse-o e repi-  
 to, tão antiga como David ou Salomão  
 mas até hoje ninguem lhe deu a forma  
 precisa, ninguem metteu-a nos moldes  
 que a arte suprema lhe destinara.

Nas «Invectivas contra Deus» Job  
 não attrahe tanto a piedade, como nos  
 versos que acabo de citar.

Na Biblia, Job é a revolta do homem  
 contra a natureza.

Transcrevemos alguns trechos men-  
 cionados por A. de Lamartine:

« Nas queixas de Job sente-se a sau-

dade do pó, a paixão do nada, o odio  
 contra quem mudou esse feliz nada em  
 vida e esse pó insensível em homem.»  
 «A vida, diz Job: é um pezadello do  
 nada, é um penoso sonbo, e o nada sem  
 sonho ó preferivel.»

«Para ganhar-se a vida é necessario  
 perder tudo que nol-a fez desejar. Pe-  
 reça a noite em que sonhei pela pri-  
 meira vez nas entranbas da mulber! -

Com effeito esse Job, cheio de ulce-  
 ras, esso eterno moribundo, esse Job  
 que apodreceu em vida, tinha por es-  
 pectadores a vacuidade do deserto.

O Job, porém, de que nos fala Ray-  
 mundo Corrêa é a miseria, é a indigên-  
 cia, é a ignorancia, é a infamia, é a  
 cobardia...

«Grossa turba o rodeia»

Essa turba de que nos fala o poeta é  
 a impiedade, a indifferença, o egoismo,  
 o orgulho, o odio, a inveja, o fingi-  
 mento, a hypocrisia...

Tudo isto, disposto em linha de bata-  
 lha, desfila aos olhos do poeta, que  
 toma o azorrague do sarcasmo e vae  
 descarnando os membros vis de uma  
 sociedade corrupta. E conclue o poeta  
 pedindo e inspirando mais compaixão  
 pela turba que por Job.

Se deixamos de parte o philosopho e  
 estudamos o poeta por outro prisma,  
 é sempre o uesino colosso. Impeccavel  
 na forma, sublime na maneira de com-  
 por; os seus versos exprimem com a  
 exactidão mathematica a harmonia  
 dos sons e do pensamento.

Cada vocabulo é de tal modo apro-  
 priado, que a sua substituição, por  
 outro equivalente, com todos os pre-  
 ceitos da arte, traria um deslocamento  
 inevitavel.

Dotado de intuição poderosa, como  
 que o poeta surprehede a natureza  
 nas multiplas e reconditas combi-  
 nações do bello, do sublime, do pathetic.

As onomatopéas, de um colorido hri-  
 lbante, parece — excedendo as regiões  
 da Acustica e penetrando os domi-  
 nios da Optica — materialisam a ima-  
 gem a tal ponto, que reproduzem o  
 objecte real, com todos os effeitos de  
 luz.

*Nem ver sobre elle, em bando,  
 Os mescardos cruéis de rispídos ferrões,  
 Incômodos, cantando  
 A musica feral das decomposições.*

Querem uma noção mais pereita da  
 onomatopéa?

Impossivel.

Qualquer observador mediocre pôde  
 verificar que a ultima palavra do se-  
 gundo verso combinada com os dous  
 versos que se seguem produz, na lei-  
 tura, o zumbido de um exame de  
 uoscas.

A harmonia dos pensamentos em  
 nada é inferior á dos sons.

Nos diversos vocabulos de uma mes-  
 ma phrase, e entre muitas phrases, as  
 deslocções apparentes traduzem um  
 equilibrio real, inesperado, surprehen-  
 dente: verdadeiros jogos acrobaticos,  
 que deixam a alma do leitor suspensa,  
 enquanto apraz ao artista, que, com  
 egual facilidade, fal-o voltar ao estado  
 normal.

Se perguntassem a Raymundo Cor-  
 rêa onde bebou tantos conhecimentos,  
 que livros tem compulsado, quem lhe

imprimiu no espirito essa noção per-  
 feita da arte, vel-o-lam embarçado.

Graças ao seu temperamento, o poeta  
 recebe a maior parte das impressões do  
 grande livro da Natureza; assimilla-as  
 e nol-as transmite purificadas.

Dahi a superioridade sobre os con-  
 temporaneos, que muitas vezes rece-  
 bem as impressões alteradas, não de  
 accordo com os preceitos da arte, que  
 auctorisa modificações nas relações das  
 partes, com o fim de tornar sensível um  
 caracter essencial do objecto e, por conse-  
 quência, a idéa principal.

A infração d'esse preceito é um vicio  
 commum nos nossos poetas, vicio que  
 provém da falta de observação, devido  
 ao temperamento, e da leitura dos li-  
 vros francezes.

Como ainda espero occupar-me de  
 Raymundo Corrêa, reservo-me para es-  
 tudal-o em uma outra composição dos  
 Versos e Versões.

PEDREIRA FRANCO.

Rio, Julho de 1887.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

*Intelligencia e Moral do Homem.* E' o  
 titulo de um novo livro do Dr. Domín-  
 gos José Nogueira Jaguaribe Filho,  
 approvado com distincção pela Aca-  
 demia de Medicina do Rio de Janeiro,  
 commendador da ordem da rosa, socio  
 do Instituto Historico e deputado geral  
 pela provincia do Ceará (é o que nos  
 diz da sua pessoa o Dr. Jaguaribe  
 Filho no rosto do seu livro).

Este trabalho é o complemento da  
 sua *Arte de formar homens de bem.* São  
 obras uteis e interessantes.

Muito bem.

Relatorio, apresentado á Faculdade  
 de Medicina da Bahia pelo Dr. Virgilio  
 C. Damazio. E' um trabalho este im-  
 portantissimo e onde se revelam os pro-  
 fundos conhecimentos e rara illustração  
 do distincto cultor da sciencia medica.

Do Sr. Joaquim Nunes recebemos  
 um exemplar do seu drama abolicio-  
 nista em 3 actos — *Corja Opulenta.*  
 E' uma peça bem intencionada.

O edictor B. L. Garnier offereceu-nos  
 uma obra em 2 vols. do Dr. Pires de  
 Almeida, intitulada *Analyse medico-pra-  
 tica dos generos alimenticios.* Neste tra-  
 balho de grande importancia encon-  
 tram-se dissertações sobre o modo de  
 reconhecer as falsificações, adulterações  
 e sanidade dos generos que entram para  
 o consumo, e fiscalisar os fornecimentos  
 das repartições publicas e estabeleci-  
 mentos particulares. E' uma obra que  
 revela muito trabalho, muita leitura e  
 grande proficiencia.

E' de enorme utilidade para os gran-  
 des estabelecimentos, como collegios,  
 asylos, quartéis, fabricas etc. Tambem  
 a recommendamos ás *ménagères* instrui-  
 das e zelosas.

A.

A UNS ANNOS

*Vir e tomar — e com a sua dammas  
 Tem por divisa, Nunca se arrepende  
 Elle do que te ha dado, entri, de ufanos  
 Dotes c'ria, de novo a mão te estenda.*

*Esses brilhantes olhos saberosos  
 Não dádiva sem par; mas da legenda  
 Tema a letra final que tanta prenda  
 Ha de lerar com as teus futuras annos.*

*Porque, colmada assim de encanto e graça,  
 A formosura, um dia graça e encanto  
 Hemos de ver passar com a mais que passa!*

*Pois o tempo não fura por ventura  
 Mais justo, após haver lidado tanta,  
 Intacta conservanda a formosura!*

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Setembro 3 de 1887.

Um corvo e um papagaio

(CONTO PARA CREAÇÕES, OFFERECIDO AOS  
 MEUS FILHOS)

Isto passou-se no tempo dos animaes  
 falantes.

Um velho corvo, tendo de idade perto  
 d'um seculo, num dia de muita chuva  
 e vento, veiu, já sem forças, poisar na  
 beira d'um telhado. Isto valente da  
 amplidão dos ares tinha perdido toda  
 a arrogancia do seu porte; encolhido  
 e a tremor não se podia já ter nas per-  
 nas. A extremidade amarellada das  
 suas pennas, outr'ora tão negras, mos-  
 trava que padecia de velhice e de fome.  
 Ao babilinte eterno dos penhascos som-  
 brios, ao motejador das tempestades,  
 que assustam os homens, coube-lhe o  
 vir dar o ultimo suapiro da sua longa  
 vida, perto do comedoiro farto e lu-  
 xuoso d'um vulgarissimo papagaio  
 real. Este, de papo cheio, e aquecido  
 pelo ar tepido da cozinha, ao sentir a  
 quebra do corpo enfraquecido do corvo,  
 perguntou, num modo gracejador:

— Que é lá!? Quem passa?

— Uma voz quasi soluçante, conser-  
 vando a meiguice d'um peito corajoso,  
 e o vigor do suspiro d'um general mori-  
 bundo nos campos da batalha, respon-  
 deu:

— Gente de paz, amigo. Descanço um  
 momento.

— Olhaum corvo! gritou o papagaio  
 cheio de melo. Aqui d'el-rei, que me  
 come! Antonio, acode.

Mas o corvo, com uma voz tran-  
 quilla e cheia de bondade, serenou-o:

— Não te assustes... Não tenhas a  
 men respeito a opinião do povo, que é  
 errada. Sou meigo e infeliz. Tive  
 filhos, casa, uma companheira de mu-  
 ltos annos e tudo me roubaram os ho-  
 mens. Durante a minha vida d'um  
 seculo, tenho visto mais barbaridades,  
 praticadas pelos corações piedosos, do  
 que todas as que attribuem á minha  
 raça maldita.

O papagaio, ainda receioso, mas  
 cheio de curiosidade, perguntou:

— Então não és feroz e cruel como  
 dizem?

— Não. Tenho affectos; no alto dos meus queridos rochedos, muita vez escutei com prazer o canto dos passaros, nossos irmãos, e a alguns quiz imitar.

Amigos meus e meus irmãos viveram entre os homens, tornaram-se familiares, chegando a comprehender a linguagem que se falia. Eu sempre gostei do ar forte e da liberdade das montanhas. Hoje, enfraquecido e cheio de fome, fui arrumado para este telhado pelo vento que toda a vida escarneci. Ha muitos dias que não como; dá-me alguma cousa d'isso que ahí tens?

— Não posso — respondeu o egoista. — Meu arroz mal chega para mim... Tu tambem o não comias. Do que mais gostas, segundo dizem, é de carne pódre.

— Que remedio tenho eu, á falta de melhor? E' o unico alimento dos infelizes que vivem nas solidões. Comemos tudo... A fome é negra. O teu arroz cheira tão bem... Dá-me um bocadinho. Poucos minutos me restam de vida. Deixa-me ao menos aproveitar da tua comida isso que tu deitas fóra e desprezas.

E fez um esforço para voar; mas não podia. No entretanto esse mesmo movimento ázaz atemorizou o papagaio, que bradou:

— Não te chegues, não te chegues! Tu o que desejás é comer o meu arroz e talvez ongulir-me a mim mesmo. Nada de brincadeiras. Essa tua fraqueza póde muito bem ser fingida, para me enganares. Não te chegues, senão chamo o Antonio, o meu amigo cosinheiro, que arranja coisinhas boas para o meu papinho, e, se elle vem, olhe que dá cebo de ti.

O corvo, quasi agonizante, soluçava, tremendo de frio e de fome:

— Não me odeias lá por eu ter má opinião de toda a gente. No tempo em que era forte, quantas vezes eu não cobri com o meu corpo muitos passarinhos que não podiam resistir á tempestade? Fiz o bem que pude. Soccorre-me hoje, que estou a morrer.

O papagaio, desconfiado e vaidoso, temendo que o rustico habitante dos pincaros lhe sujasse a plumagem vistosa, ordenou:

— Então deixa-te estar ahí. Vou pedir ao Antonio que te deite um pedaço de carne, da que não presta. Talvez a não mereças; mas devemos ser ceridosos; — concluiu, espantando-se.

O velho corvo, já sem altivez, agradeceu com ternura na voz:

— Obrigador! Nosso Senhor t'o pague. No telhado, porém, não podia resistir aos impulsos do vento. Confiado, ou talvez contra vontade, deu um vôo do beiral onde estava para o poleiro, desculpaando-se:

— Tem paciencia. Não posso estar ahí. Comeré n'este cantinho a esmola que me fazes.

Mas a proximidade d'aquelle corpo sujo, volumoso, d'aspecto selvagem, assustou o tímido papagaio real, que logo gritou fóra de si:

— O' Antonio! Traze o páu!...

Esvoaçava sem querer poiaer. Agarrava-se á corrente que o prendia ao comsdoiro. Tremia de verdadeiro medo. elle, saudavel e nédio, diante d'este habitante dos rochedos, que estava a dar o ultimo suspiro.

O cosinheiro, ao vêr o corvo imundo e repellente, perto do seu estimado papagaio, exclamou irado:

— Olha o ladrão de um corvo!...

E, dando uma pancada no animal defallecido, atirou-o sobre o lagado da rua onde o desgraçado morreu logo. Em seguida, o Antonio, com o fim de socegar o seu querido, passava-lhe com brandura a mão, na cabeça dizendo:

— Cala-te, loiro, não tenhas medo. Querias-te fazer mal? Levou a sua conta. Coitadinho do loiro...

Assim se cumpre muitas vezes a justiça na terra. Meus filhos, não se deve acreditar facilmente nas culpas d'aquelles que são infelizes, principalmente quando precisam de, que se lhes faça hem.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

## JORNAL E REVISTAS

Continúa o movimento jornalístico que ha tempos se accentua nesta capital: — uns jornaes morrem, outros reformam-se, outros estão a nascer.

O *Rio de Janeiro* suspendeu a sua publicação.

O *Diario de Notícias* passou a ser propriedade dos Srs. Carapêhus e Dr. Fernando Mendes de Almeida, continuando a ter interesse na empreza os antigos proprietarios, e assumindo Dr. Almeida a direcção da folha, que é neutra em politica, mas francamente abolicionista.

Da *Gazeta da Tarde* desligou-se e retirou-se José do Patrocínio, que era a alma e a força d'aquella folha de combate, estando hoje a sua redacção a cargo dos Srs. Dr. Rego Macedo, Campos Porto e Domingos Maria Gonçalves.

Para a redacção do *Novidades* entrou Urbano Duarte, um escriptor sensato e chistoso.

No dia 28 do corrente setembro, data memoranda, apparecerá *A Cidade do Rio*, a nova folha de José do Patrocínio. Estebelecer-se-á na casa em que esteve a livraria Faro & Nunes. Na sala da redacção figurará um grande e bello retrato do saudosissimo chefe da imprensa abolicionista—Ferreira de Menezes. Patrocínio está organisando uma exposição permanente do estado da escravidão no Brazil, especie de «Museu da Escravidão», que figurará em uma das salas da casa, e em que os estrangeiros poderão avaliar do valor moral e do progresso social d'este paiz, pela collecção de troncos, vira-mundos, anginhos, bacalhús e mais instrumentos de tortura, arrancados pelos abolicionistas, especialmente por Carlos de Lacerda, em Campos, aos escravos que rsggateram do captivoiro.

Espera-se ou annuncia-se tambem o apparecimento de varias outras folhas, cujos titulos e mala particularidades não damos, porque nisto de jornaes o melhor é só annunciar que são apparecer—depois de já terem apparecido. E meamo assim...

E' com grande prazer que annunciamos o apparecimento de mais duas revistas de caracter litterario e artistico: a *Revista Mineira*, a 15 de Agosto,

em Ouro Preto, e o *Archivo Brasileiro*, no mesmo mez, na capital de Pernambuco.

A *Revista Mineira* tem 16 paginas de texto e publicará em cada numero duas illustrações, pelo processo da phototypia, reproduzindo vistas de cidades, paizagens, logares pittorescos de Minas e de outras provincias, bem como retratos de brasileiros notaveis na politica, na magistratura, na sciencia, na litteratura, nas artes, na industria, no commercio e nas acções pies, generosas e philanthropicas.

E' a *Revista Mineira* o primeiro periodico que no Brazil se serve de phototypie para as suas illustrações. Felicitamol-o por isso e á provincia de Minas, que em progressos artisticos e litterarios dignamente porfia em não se deixar distanciar por suas irmãs e mesmo pela capital do imperio.

A redacção da *Revista* reconhece que o trabalho artistico não é ainda inteiramente satisfactorio, chamando acertadamente á phototypia «processo moroso e delicadissimo». As duas primeiras provas que apresentou—o retrato do Imperador e a vista de Ouro Preto—são já duas hellas promessas, especialmente a segunda.

Desde que o Sr. Luiz Costa aperfeiçoou o modo de dar tinta ás chapas photographicas pelliculares, distribuindo-a na quantidade sufficiente, estamos certos de que as novas illustrações da *Revista Mineira* satisfarão completamente.

A redacção é cuidadosa e intelligentemente orientada; e, confiada, como está, aos Srs. José de Mello Freitas e João Augusto da Silve, ó de esperar tenha brilhante futuro.

Deagradou-nos, no emtanto, ver inerta na *Revista* uma novella de Julio Cesar Machado publicada ha vinte e cinco annos! e isso logo no primeiro numero! Porque? Para que?

Em Minas mesmo encontrarão os redactores da revista colaboradores de talento, que os dispensem de reeditar velharias de escriptores portugezes quasi fósseis. Citaremos Augusto de Lima, Americo Lobo, Randolpho Fabrino, José Severiano de Rezende, Avelar Brotéro, Franciaco Lina, pra não citar mais de seis.

Em summa, a *Revista Mineira* iniciou-se sob os melhores auspicios e tem deante de si radioso futuro. Oxalá não lhe eacasseiem o apoio e as sympathias do publico, que tanto merece.

O *Archivo Brasileiro* é dirigido pelos illustrados moços Clovis Bevilacqua e João Alfredo de Freitas, e apresentou-se apenas com estas palavras, que aliás definem a que vem o *Archivo*:

«Esta revista abordará, na medida das forças de seus directores e colaboradores, as questões que lhe parecerem de maior interesse e oportunidade. Embora seus directores tenham uma intuição philosophica assentada, não fecharão as paginas do *Archivo* e exposições convictas de theorias divergentes ou mesmo adveeras. Além de artigos de doutrina e trabalhos de direito pratico, decisões e sentenças de alcance actual, conterá sempre uma resenha bibliographica, na qual se

consignarão ligeiras noticias de livros e revistas.

O sumario do numero inaugural é veriado e copioso. D'ells recomendamos o artigo *Da concepção do Direito como reflectora da concepção do mundo e O espirito do Direito Romano*, importantes obra de Jhering, traduzida pelo conselheiro João José Pinto Junior, que será continuada nos subsequentes numeros do *Archivo*.

E' publicação auspiciosa a que desejamos luminoso e vaato futuro.

A *União*, jornal de Ouro [Preto, publicou, a proposito de visite que lhe fez o gerente d'*A Semana*, as seguintes amaveis linhas, que agradecemos:

«*A Semana*.—Com prazer foi que recebemos em nosso escriptorio a amavel visita do Sr. Guilherme Cabral, cavalheiro distincto, gerente de *Semana*, folha consagrada á bellas letres.

Compondo-se a redacção dos mais notaveis talentos da moderna geração, é de ver como tem conseguido a *Semana* ser coroada de magnificos resultados, crescendo todos os dias a reputação da que gosa, e é merecedora.

Em seu programma offerece-nos vantagens espedias como sejam premios, e um serviço completo de consultas em todos os reinos de conhecimentos juridicos, medicos, commerciaes, etc.

Não corresponderiamos á honrosa visita do Sr. Cabral, se não tomássemos a liberdade de recommendal-o e todos os que amam a litteratura, de qual é seu jornal não só o unico que se publica no Rio, como aquelle que mais satisfaz ao gosto dos que querem algumas horas de amena e util diversão.»

Sob o titulo *Seis de Junho* appareceu nesta corte um novo orgão democratico. O *Seis de Junho*, diz elle em seu artigo de apresentação, vem relembrar ao povo o glorioso ministerio Dantas; ministerio que não deve ser esquecido, porque esquecel-o é olvidar tudo o que houve de digno, de nobre, de elevado na politica brasileira.

Apoiado!... Vivam o conselheiro Dantas e o *Seis de Junho* por muitos annos e bons.

Temos o n. 168 da *Revista de Engenharia*. Fulguram neste numero excellentes artigos sobre industria, mineralogia, estradas de ferro, hydraulica e meteorologia.

Insero bons trabalhos em o n. 16 e *Jornal dos Economistas*. Eis o seu sumario:

O Banco do Brazil. Sociedades anonyms.—A deficiencia do credito e a usura dos estabelecimentos bancarios.—A industria fabril de alcool.—Noticiario; Tunnel da Prainha; Combustão espontanea da madeira; Exposição artistica; Importação de tecidos em New-York.—Administração da Marinha.—Bibliographia.

A Fé é uma flamma activa, que se communica de um homem a outro e que mais augmenta quanto mais se communica.

F. SARCENY.

## A RAYMUNDO CORRÊA

Corrio-te a Mues, infante ainda no berço,  
dos «Primeiros sonhos» despertou-te;  
E desde então cantando, dia e noite,  
Leva-te o genio musical do Verso.

As xaxas «Symphonies» do universo,  
Malgra de ouro sobria, Orpheu legou-te;  
E sem que ao gongorismo vão se affoute,  
O estylo é rico, cinzelado a terso.

All, num «microcosmo» condensaste  
Aromas, sons e luz, e, por contraste,  
Os gritos do cisrim e a flauta langue.

Nos «Versos e Versões», porém, conquistas  
O ideal epremo dos geniaes Artistas,  
Molhando a penna no teu proprio sangue.

AUGUSTO DE LIMA.

## THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

De volta da sua gloriosa excursão pela provincia de S. Paulo, tem a excellente companhia do artista Emanuel representado *A Morte Civil*, *Hamlet*, *Misanthropo* e *Mestre de forjas*.

A concorrência não tem sido muito numeroea, mos continúa a aer composta do que ha de mais fino em noeaa sociedade.

*A Morte Civil* e o *Hamlet* foram applaudidos com equal, senão maior, entusiasmo ao que obtiveram antes da partida de Emanuel para S. Paulo.

Na terça-feira a companhia italiana dirigida pelo grande artista Emanuel representou *Misanthropo*, a obra prima do teatro de Molière.

O *Misanthropo*, sendo uma das mais bem feitas e das mais hellas obras do grande comico francez, é tambem uma das de menos effeito theatral. O typo do heróe é tão verdadeiro, tão completo, tão sentido, que todos os criticos affirmam aer o typo do proprio auctor.

E é de notar que, sendo Alceste um personagem escravo do seu temperamento, hilioso, irritadiço, arrebatado—não seja ridiculo, como todos os personagens de Molière.

Dizem tambem que Celimène foi inspirada em Armande Molière, esposa do poeta, que ara muito coquette.

Seja como fór, a comedia é monumental e Alceste é uma das mais bellas creações theatraes que conhecemos. A traducção pareceu-nos infeliz e pouco fiel.

O desempenho foi magnifico. Emanuel fez admiravelmente o papel de protagoniatn; foi maia uma extraordinaria creação que vimos do grande artista moderno que nos tem deslumbrado.

Virginia Reiter fez muito bem o papel de Celimène, a Alaotti deu grande relevo ao de Arsinoé, que na traducção, não sabemos porque carga d'agua, se chama Aspasia.

Valenti foi um optimo Oronte, embora desafinasse bastante em algumas cenas.

Os demais artistas desempenharam bem os seus papeis.

O espectáculo começou pela comedia *Um qui-pro-qué*, que foi muito bem desempenhada pela Sra. Aleotti e Roncoroni, dois artistas de muito merecimento, que dão sempre grande brilho aos seus papeis.

Fechou o espectáculo com a espirotuosa comedia *Feliz*, o ceremonioso, em que Roncoroni tem um papel magnifico.

## MESTRE DE FORJAS

E' uma das peças em que mais se revelou o admiravel conjuncto do companhia, uma das que mais afinadamente tem sido representadas.

Virginia Reiter interpretou com muita verdade e grande consciencia artistica o papel de Clarn de Beaulieu; teve scenas—como a do collar, no terceiro acto—em que o seu trabalho foi de uma deliciosa delicadeza, mostrando profundo estudo de detalhes. Uma bella interpretação. Emanuel não podia fazer mediocremente o papel de Felipe Derblay; maia fel-o muito bem, especialmente o segundo acto. Valenti foi um Sr. Moulinet magnifico, muito engraçado mas tambem muito verdadeiro. Foi pena que o papel de duque de Bligny fosse dado ao Sr. Marques.

Conhecem, por ventura, um actor mais antipathico do que esse Sr. Marques? Tem uma cara angulosa, aguda, dura de expressão; veate—se mal e nem ao menos corta o cabelo, de modo que parece trazer sempre cabelleira postiga. E a voz? que voz! arranhadoro, asperissima. Irra!

Alguns papeis que têm sido estragados pelo Sr. Marques teriam ganho muito se d'elle se honyesse incumbido Roncoroni, cujo vivo talento e extraordinaria verve se temos podido apreciar em pequenos papeis episadicoa ou de comedias em um acto.

E' um artista de real merecimento o que podia ser aproveitado largamente ae, não sabemos porque motivo, não andasse sempre atirado para a sombra, para o fundo do quadro da companhia.

A Sra. Aleotti foi uma Athenais soberba, com toda a malicia e toda a vaidade que requer o papel.

Do que não gostámos nada, nada, foi do ultimo acto. Emanuel apresentou-se, para botar-se em duelo, de calça e gravata de cór, ou que, aliás, o imitaram os seus companheiros, á excepção da dois ou tres, entre os quaes Valenti e Roncoroni, que compreenderam que o situação pedia a toilette que se costuma chamar «solemne.»

Além d'isso Virginia Reiter, tendo entrado cedo de mais, estragou a scena, ficando, ao fundo, á ospera de que os adversarios disparassem as pistolas. Um desastre.

Parece que nenhum dos artistas, nem mesmo Emanuel ligou importancia ao ultimo acto e por isso não o estudou.

Não terminaremos sem cumprir o ingrato dever de, mais uma vez, declarar a peça do Sr. Ohnet uma das maia inverosimeis, tolas e mal feitas do theatro francez contemporaneo.

## SANT'ANNA

Aqui ha tempos vi uma caricatura do Jacintho (já sabam qua ma raffro ao

commendador Heller) feita pelo Belmiro de Almeida para um numero do *Rataplan*, numero que não chegou a ser publicado, em que o nosso tão inatigavel quanto narigado amprazario era representado nos trages legendarios dos astrologos e magicaturistas da idade media, fazendo apparecer e desaparecer maravilhas ao mundo da sua varinha. Teve espirito nessa caricatura—aliás como em todas—o nosso Belmiro.

E' realmente um magico.—o Jacintho Tem conseguido, não ae sabe como, resistir á *degringolade* da opereta, e montando sobre peças dispendiosas peças ainda maia dispendiosas, ainda não deu com os burrinhos oa agua.

Quando as cousas andam bicudas, faz as malos, encaixotu os deslumbamentos, entrouxa as maravilhas, enbarca a troupe... atoca para S. Paulo!

Quando volta, traz dinheiro como farinha, e continúa.

Depois da sua ultima excursão, tomou um alvitre supremo e fulminante: dissolver a sua compaulha para formal-a novamente, com outro plano, sobre outras lases, sob outra direcção.

E assim fez; e no dia 6 foi a estreia da companhia Heller, corrigida, revista e uo pouco augmentada.

O elenco é quasi o mesmo. Apenas ha a lamentar a ausencia do engraçado e omavel Mattos, havendo, porém, para applaudir, a entrada do Peixoto, o desopilante e infatigavel Peixoto.

Para essa sessão aolemne... quero dizer: para esse solemne espectáculo de inauguração, como que para ser geral a reforma, reformou o Jacintho uma das maia velhas magicas do seu repertorio *A Princesa Flor de Maio*, de Oliveira e Garrillo, o crescentada, no principio, como um acto novo (prothese theatral) e de musica inteiramente nôva, devida ao maestrino Abdon Milneze.

Foi um successo enorme.

A peça está encenada e vestida maia do que com luxo: com opulencia; maia do que com opulencia: com prodigalidade; maia do que com prodigalidade: com insanía!

Tudo o numeroo sceario é novo e deslumbrantisimo. Os pincéis de Carrancini fizeram maravilhas e milagres de invegação, de ornamentação e de colorido. Correção no desenho, freatura e originalidade na composição, delicadeza e riqueza no toque, variedade e vigor oas côres—tudo, enfim, que é preciso para constituir um scenographo completo e emerito, revelou o joven artista italiano nas scenas que pintou para a *Princesa Flor de Maio*.

Os vestuarios, adereços e mais accesorios são riquissimos: velludo, setim, lentejoulas, galões, ouropeis de primeira qualidade; tudo bom, tudo do melhor, e tudo aproveitado, posto em obra com muito gosto e muito chic. Pelo que, damos os nossos parabens á Sra. Victorie e aos Srs. Lisboa e J. Diaa.

A musica nada accrascenta á reputação artistica de Abdon Milneze; o que não significa que seja madioera: tem alguns trechos muito agradaveis.

A instrumentação muito boa, peccando, antes por demasiado sobria em alguns pontos; a revela a pericia do maestro Miguel Cardoso, regente da orchestra, que foi augmentada e porta-se com rigorosa disciplina; elogio qua tambem merecem os coristas.

Graças a Daus já se poda ouvir uaquella thsatro a letra dos côros e dos cantores.

O desempenho foi geralmente bom; cabendo as honras d'elle a Vasques, Villiot, Peixoto, Izabel, Pollero. E' pena que o Sr. Meequita seja um Principe Beija-Flor tão sem relevo e sem graça.

Que diabol! Não haverá quem empreate um pouco de vida a esse artista? A Sra. Delsol não satisfaz ao seu papel, aliás pouco importante.

O publico—que ara numerosissimo—fez uma ovação ao Heller, á companhia e ao Carrancini e tem continuado a abarrotar o theatro.

Que isso continue por longo tempo—ão os nossoe desejoa.

## FESTIVAL JOÃO CAETANO

Foi uma festa bellissima a que organisou o artista Vasques para comemorar o passamento do nosso grande João Caetano e se realizou no domingo otrazado. Foi executado todo o programma, que demos em nosso penultimo numero, com excepção apenas da comedia *Como ellas são todas*, que uo pode ser representada por ter adoocido a actriz Ismenin. Todos os artistas que tomaram parte no festival foram enthuasiasticamente applaudidos.

Vasques tem esperança de que para o anno o anniversario do paaamento do genial artista aerá commemorado ante a sua estatua em bronze, em frente á academia de Bellas Artes.

## PHENIX DRAMATICA

Com uma companhia, dirigida por Primo da Costa, reabre no principio de Outubro eate theatro, aahindo á scena o drama phantastico «D. João Tenorio» fazendo o protagonista Eugenio de Magalhães qua partirá em breve para a Europa.

P. TALMA.

## PARNAZO ALEGRE

## JEHOVAH

Como quem nunca esquina se precata  
Para algum assustar e rir contante,  
Em seu castello, das vezes, de repente,  
Deus grita: «O mar que nos penedos bata!»

«E, como de ago colossal chibata,  
A Zargunche a Terra o condaval horrente;  
«Roique e froado, estrepitosamente,  
«E tombe do aguesoero a catarata!..»

«E o troço ronco, e o vento ergue sem custo  
Tromba de areia, o War a baa amarga  
A's penhas lances a chuva abate e arbusta...»

«Pódm, de chofre cesa a atroz descarga,  
E quando a Humanidade diz:—«Que ruído!»  
Jshovah põe-se a rir co'a mão na ilharga...»

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

## SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE GYMNASTIQUE

Brilhou eata digna e sympathica sociedade com a magnifica festa da seu 26º anniversario, que se realizou no sabado passado, com uma numerosa concorrência.

Depois dos exercicios gymnasticos, habitamente executados, foram entregues pelo Sr. 1.º secretario da legação franceza medallhas de prata e de bronze a seis socios dos quo mais se distinguiram.

Seguiu-se, e animado, o baile, que só terminou pelas seis horas da manhã.

A meia noite foi servido uma abundante e escolhida ceia, durante a qual foram trocados muitos brindes.

Saudamos aos distinctos cidadãos da colouia franceza, membros da directoria, pela agradável noite que proporcionaram aos seus convidados e socios.

TIO ANTONIO.

## SPORT

DERBY-CLUB

Muito boas as corridas do domingo. Eis o resultado dos pareos:

No 1.º, 1609 metros Medon em 114 segundos, mau tempo, foi indevidamente o vencedor d'esto pareo que illicitamente foi disputado por Vampa que de proposito foi soffreado, chegando em 3.º lugar. Boyardo em 2.º lugar. Fagote, Rabcão, Americana e G. Boulanger não tiveram classificação. Araby, Gambetta e Tempeste não correram. Rateio 468600.

No 2.º, 1200 metros, inscreveram-se treze animaes, o que deu lugar a deidil-o a directoria em duas turmas.

Houôlon em 81 segundos foi o vencedor da 1.ª turma, com facilidade, chegando Koumarita em 2.º lugar e Tara em 3.º. Tambem correram Cintra, Little-Prince, Escudo e Half-Way que não mereceram classificação. Rateio 238300.

Phenix foi a vencedora em 81 segundos, da 2.ª turma, apenas por cabeça e por habilidade do jockey. Claretto teve o 2.º lugar; Apollo em 3.º. Sir Tellamond, Egriot e Charonte não tiveram classificação. Rateio 198800.

No 3.º, 1609 metros, Queen foi a vencedora, inesperadamente em 109 segundos, correndo de alcance e aproveitando-se da lucta entre Phenicia que chegou em 3.º; Rabelais em 2.º e Paragaya em 4.º. Este pareo foi bem disputado, porém convem notar que o cavallo Rabelais foi derrotado por ter sido mal corrido, apesar do jockey ser bom. Remise não correu. Rateio 2697700.

No 4.º, 1609 metros, houve diversas partidas falsas, dando em resultado Boreas percorrer 1500 metros, sem que o seu jockey pudesse soffreal-o. Havendo pela 2.ª vez novas partidas falsas, Argentino e Corcovado correram tambem 1400 e tantos metros. Dada novamente a partida, Boreas, que estava afindo, venceu facilmente, em 109 segundos, os seus competidores. Diva, que pouco fatigou-se chegou em 2.º. Plutus, Argentino e Corcovado não tiveram classificação. Dandy não correu. Rateio 205300.

No 5.º, 2400 metros, Regente, em 168 segundos, venceu os seus competidores, fazendo uma esplendida corrida. Tenor, que era o favorito, e reconhecido meio sangue superior, fez triste figura, affrouzando ao caho de 1200 metros e demostando estar preparado para fazer má corrida, e á vista d'isto, a directoria multou-o em 500\$. Odalisca em 2.º lugar, fazendo boa corrida. Monitor em 4.º e Druid em 3.º. Não corren Gambetta. Rateio 618400.

No 6.º, 2400 metros, Salvatus, em 102 segundos difficilmente foi o vencedor. Satan perdeu por cabeça, fazendo boa corrida, teve o 2.º lugar e Scylla o 3.º. Phrynéa não correu. Rateio 128800.

No 7.º, 1609 metros, Cecy, em 111 segundos, venceu facilmente os seus competidores. Erse em 2.º e Juanita em 3.º. Lyra não teve classificação. Rateio 158000.

O jogo da poule attingio a avultada somma de 158:1608000.

JOCKEY-CLUB

Com agradável dia, sombrio e fresco realiso esta sociedade a sua sexta corrida annual com programma regular, que foi com feliz exito executado. Eis o resultado dos pareos:

No 1.º, 1609 metros, vencedor Visiere em 110 segundos. Rateio 258200.

No 2.º, 1609 metros, vencedor Apollo, com facilidade, em 103 segundos, Rateio 518400.

No 3.º, 1609 metros, houve divisão em duas turmas: Odalisca em 110 segundos, foi a vencedora da 1.ª turma, com bastante facilidade. Rateio 238200.

Argentino, em 110 segundos, foi o vencedor da 2.ª turma. Rateio 218300.

No 4.º, 1800 metros, Diva foi a vencedora em 125 segundos, em boas condições. Rateio 178300.

No 5.º, —handicap—2000 metros, Peruana fez boa corrida em 136 segundos e foi a vencedora. Rateio 398000.

No 6.º, 2500 metros, Phrinéa apesaz dos 61 kilos de pezo, venceu os seus competidores com facilidade em bom tempo: 168 segundos. Rateio 188200.

O 7.º não se realiso por falta de animaes.

O jogo da poule attingio a somma de 113:5508000.

O Prado Villa-Izabel realisa amanhã uma esplendida corrida, que deverá ser interessante pelo importaate programma, que, na verdade, é digno de toda a attenção dos amadores do turf.

Desejamos uma euchente real.

L. M. BASTOS

## FACTOS E NOTICIAS

LAVRAS DE OURO

Têm sido objecto de curiosidade em Minas algumas amostras de ouro das Lavras de Antonio Pereira, que demonstram não somente a qualidade especifica do rico metal, como a estimativa das lavras, sendo, como se conjectura, as mais abundantes nos arredores de Ouro Preto.

O arraial de Antonio Pereira é um nucleo de quantas riquezas mineraes se podem encontrar juntas, ficando até hoje sem igual na produção do ouro melhor de toda a provincia.

Além d'essas riquezas, encontram-se marmores magnificos, amiantho, oxidos de manganez e terras fertilissimas, sendo ainda cobertas de mattas preciosas.

A respeito especialmente da lavra de Antonio Pereira, o illustrado Dr. Senna, talento superior da escola de Minas, escreveu o seguinte:

« A lavra é situada na vertente norte da serra de Ouro Preto, no arraial de

Antonio Pereira. A jazida aurifera acompanha as faldas da serra com uma extensão bastante consideravel, e so em todos os pontos já não foi ainda encontrada a formação, é isto devido ao facto de se não tor ainda removido as rochas estereis, que cobrem as rochas auríferas.

« O ouro geralmente conhecido como o MELHOR DA PROVINCIA é encontrado em numerosos veios de quartzo, certo as rochas micaceas, e sempre acompanhado de numerosas agulhas e turmalinas negras e oxido de manganez. Não raras vezes se apresenta em octaedros perfectos, e quasi sempre em pequenas palhetas adherentes ora ao quartzo, a pedaços mais ou menos volumosos de oxido de ferro.

« E' uma das lavras, accrescenta o illustrado professor, que mais merece ser objecto de attenção aos exploradores, não só pela excellencia do ouro, como por ser ainda mui pouco trabalhada, visto como o que até agora se tem feito é mais serviço de fiseadores, do que empreendimento serio de esforço dirigido aos immensos depositos do minerio.»

E' curioso como o ouro abunda na terra da moeda em... papel!

Depois de um delicado e profuso almoço, leu na semana passada o nosso presadissimo collega Arthur Azevedo a sua traducção da immortal comedia de Molière *Escola dos maridos* aos artistas João e Augusto Rosa, Eduardo Brazão, Silva Pereira e Eugenio de Magalhães e aos Srs. José de Mello, Filinto d'Almeida e Valentim Magalhães.

A traducção agradeu extraordinariamente, comprometendo-se, depois dos maiores gabos, os artistas Brazão e irmãos Rosa a fazela subir á scena do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Muitas e cordiaes felicitações a Arthur Azevedo.

Na casa Moncada está exposto um retrato, a crayon, da fallecida esposa do actor Dias Braga. E' trabalho do reputado desenhista Vasconcellos e executado com a sua reconhecida pericia.

## CORREIO

Sr. R. B.—Os seus tercetos, *Quando partiste*, por se terem mostrado bem disciplinados, tiveram a felicidade de jurar bandeira na Collaboração. Algum dia, talvez ainda este anno, ha de ver como elles desfilam por ali abaixo, a tres de fundo.

Sr. A. L.—Bem bonzinho o seu soneto *Mutação*; tanto que vou dal-o aqui, não só porque não quero vel-o apertado alli na Collaboração, á espera de fazer a sua continencia ao respeitavel publico, como porque entendo que esta secção não é nenhum peixe podre e merece tambem lambe-se com um soneto bonito.

Ahi vae elle, pois:

MUTAÇÃO

A ARTHUR DUARTE

Sorriso-me de dor vindo—a chorando,  
E choro de alegria ao vel-a rindo.

A. DUARTE.

A tristeza que ontrava me abatia  
E o sorriso que outrora me alentava  
Levou-m'os a profunda idolatria  
Ds mulher que meu ser idolatrava.

Não goso mais o goso que gosava  
Nem mais mo dóe a dor que mo doia,  
Compuque-me o que enlão ms delectava,  
Deleit-me o que então me compungia.

Pela flor ideal que tanto amava,  
Sorria de prazer, se elle sorria,  
E chorava de dor, se ella chorava.

Porém, hoje, sujeito á anomalia,  
Por seu pranto sorri-me a dor ignava,  
E por seu riso chora-me a alegria.

Anonio Lima

Cria que fico renlmente satisfeito,  
quando, entre tanta hagaceira, encontro  
uma coisa que se possa ler,  
como essa.

Sr. L. Junior—Ouro Preto. Vne para a Collaboração a sua poesia intitulada *O homem*. Realmente para os seus 18 annos a sua poesia não deixa de ser *homem*. Eu só queria que me dissessem porque carga d'agua existe um menino com topete bastante para fazer com rimas aquilo que Deus fez com barro.

Sr. Bónerges—Vae tambem para a Collaboração o seu soneto *Pôr do sol*. Sr. P. L.—Os seus versinhos são graciosos, mas nem o seu metro d'elles ms agrada e nem o assumpto brilha pela originalidade.

Isto de desejos é um assumpto já tão estafado que nem se deseja nem vale a pena falar nelle.

Sr. A. C.—Não só está bem metrificada como contem uma bonita ideia (já um tanto explorada) a sua poesia *Aves de arribação*, razão porque vel-a um dia publicada.

Sr. J. F. M.—A sua *Borboleta*, em prosa, só o é no nome; no mais tem tanto de borboleta como eu tenho de hungaro. Aquillo hade ser borboleta quando eu for frade.

Podia ser, quando muito, uma chrysalida. Pois não vé que a pobresinha não pode voar porque o senhor esqueceu-so de pregar-lhe as azas do estylo? Quanto o seu *Quadro*, que é quadrangularmente mau, vossa mercê não descobriu a quadratura do circulo. Não me quadra o seu quadro, porque é um quadro sem tintas, e quadro sem tinta é para mim como um prato sem petisqueira, um vatapá sem pimenta, uma garrafa sem mata — bicho, e, finalmente, uma algeibra sem *nicolás*. Olhe: tome o conselho de um tolo: Deixe-se de fazer quadros, porque, depois, os *macambas* podem pregar-lhe um rabo—leva e apellidal-o ainda por cima de escriptor... quadrado.

Sr. Mao Tchê—Cá recebi o arroz mas era casca. Sim, porque, como chim, só arroz é que o senhor pode trazer. Ainda se fosse por ahi um bom arroz de forno, vá lá! mas qual! O seu arroz não passa de um arroz de boi sem sal. Demais, não posso dar ateução a um homem, que por sua desgraça, tem nome de caixa de pós de dentes. Qualquer dia vem-me por ahi um sujeito chamado *Belum para Zapatos*, como já veio um monstro que se apellidava *Jonkopings-assá!* Olhe, sabe de uma coisa? Em vez de fabricar versos para a *Semana*, fabrique, como chim que se presa, traques para divertir-se em familia, que ha de lucrar cento por cento. Ficarà tudo em casa.

Sr. Elysis Angelico—Isto não é um nome, afinal de contas; isto é uma diabetes, tão doce elle é. Não li a sua poesia: *Divino amor*, porque vi logo que havia de ser por ahi um pouco de doce de abobora ou um pedaço de marmellada de caixeta. Pois não o vata já por si é doce, quanto mais os versos?

O senhor até nem é poeta: é um prato de moleço, é uma canna de assucar! Aposto que S. S. em vez de uma reles cythara, como outro qualquor pñator do rebsinho das Rimas, tange por ahí um pedço de rapadurn com cordns de puchin-pucha. Não ha de ser outra coisa.

Sr. *Quim Tal*.—O quo pretende o nbonho? Quo lhe publicquemos os versos? Ora, menino, vá-se criar. Pois se o amiguinho diz que não conta ainda 15 annos, se está ainda a chupar o dedo como quer lá metter o nartz onde não é chsmado?

Acho que seria muito melhor se o nbonho fosse aprender o signal da cruz e fosse estudar a sua lição de taboada. A criança que, como o meu amiguinho, vai encarpitar-se no Pindo, com a fraaldinha a escorregar pela abertura posterior das calças, para d'ahi fazer galfouns ás Musas e garotagens a Appollo, faz jus, não á gloria, mas sim a um bom par de palmadas no fim das costas, ou a 4 1/2 cascudos no sacuruto da cabeça... para criar juizo.

Sr. *L. F. R.*.—A farinha de piau sempre faz muita cousa! Sebo de grilo! Em vez de mandar o seu soneto *Rosa aberta* para ser publicado, V. S. devia submettel-o ao Dr. Gabizo. Mercurio n'ellev Xarope de Ricord para a frente, antes que a gafeira faça com que elle caia aos pedçoços.

Amel-a como Adão houvera idolatrado á Eva. n  
Parrengo co'a mão canhotá l

ENRICO.

RECEBEMOS

— *O Guaraní*, grande edição illustrada de Silveira & Guimarães; fascs. ns. 3 e 4, com duas gravuras em madeira.

— *Le Salon de la Mode*, de 13 e 20 de agosto, e de 10 do corrente e *Le Printemps*, de 1 de setembro, remetidos pela importante casa *Au Petit Journal*.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasc. n. 85 (e último) com uma formosa chromographia e uma bellissima capa; *As Farpas*, da Ramalho Ortigão, fascs. n. 7, 8 e 9; *Fabulas de La Fontaine*, fascs. ns. 35, 46 e 47.

— *Diccionario Encyclopedico Portuguez*, illustrado, par Francisco da Almeida fasc. n. 5 correspondente da Empreza na Corte M. L. Martins, rua da Quitanda, 77.)

— *Aritmetica*, apontamentos por F. Marcondes Perelra; 1º fasc. 118 paginas).

— *O Crime de Beata Antonio*, romance original portuguez de Eduardo de Borja Reiseditado pela Bibliotheca Serões Romanticos, de propriedade de Malheiros, Andrade & C.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á estatua. Vinho de pepsina e diastase paucresatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Weuceslau d'Almeida e Lafayets de Toledo. Preço 2\$000.

O cobrador Bernardo da Silva Brndão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e apparelho para Lavoura—Schubert, Irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centimetros; recebem-se propostas no escriptorio desta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Alvares matinaos, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. Andro Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Julio Cozar Tavares Paos encurrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cozinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Relojoetro—Alfredo Cesar da Silveira —Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Solicitador—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fora.

**EMULSÃO DE SCOTT DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO COM Hypophosphitos de Cal e Soda.**  
Approvada pela Exma Junta Central de Hygiene Publica e autorisada pelo governo  
É O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA  
Tisica, Bronchites, Escrofulas, Rachitis, Anemia, Debilldade em Geral, Defluxos, Tosse Chronica e Affecções do Peito e da Garganta.  
E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhan, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos.

A VENDA NAS DROGARIAS E BOTIQUAS

FABRICA PEROLA Torrefacção de café

Este afamado café vend-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas dos molhados e confeitarias.

CAMPOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venericas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andraed, n. 5, por cima da antiga pharmacia Fragoas, das 12 ás 3 horas.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreirn Academico. A venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encal. 1\$000.

SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes o industriaes, de urinas, calculos e arás da bexiga.—Rua 1º de Março n. 22, pharmacia e drogarin.

Augusto Luizo. — incumbe-se gratuitamente do causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e varindissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonas, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODO

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

OBRAS COMPLETAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICARDINA, to los os volumes serão illustrados de uma esplendida gravura executada pe os Srs.

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tar-le com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ba em fasciculos de 72. ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs. ca la uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado. Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livrarios editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol. .... 4\$000

OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU, drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 act. .... 4\$000

SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão. .... 800

Erekmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro. .... 2\$000

D. Guiomar Torrezo, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Machafo e Candido de Magalhães *Contos Cor de Rosa*. .... 2\$000

Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800

POR VARIOS ESCRIPTORES

UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 524 gravu. a. .... 2\$5000

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, não-se gratis aos Srs. assignantes os nmeros que lhes faltarem.

# PRADO VILLA-ISABEL

## PROGRAMMA DA 9ª CORRIDA

A REALIZAR-SE  
DOMINGO 11 DE SETEMBRO DE 1887 DOMINGO  
AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Conciliação**—1.450 metros—Animaes de menos de meio-sangue.—Premios: 200\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes              | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas   | Proprietarios        |
|-----|--------------------|------------|--------|---------------|---------|-------------------------|----------------------|
| 1   | Ondina.....        | Tordilho.. | 4 ans  | S. Paulo...   | 49 kil. | Azul e amarello.....    | J. Rocha.            |
| 2   | Rabicano.....      | Preto..... | 4 »    | Idem.....     | 51 »    | Rosa e preto.....       | M. G.                |
| 3   | Serodio.....       | Castanho.. | 6 »    | R. Grande..   | 54 »    | Azul ouro e grenat..... | Coud. Hannoveriana.  |
| 4   | Hebréa.....        | Zaino..... | 5 »    | Paraná....    | 56 »    | Grénat e ouro.....      | Coudalaria Agoriana. |
| 5   | Veneza.....        | Tordilho.. | 5 »    | R. Grand...   | 52 »    | Grénat e ouro.....      | C. Z. P.             |
| 6   | Rigoletto.....     | Zaino..... | 5 »    | Paraná....    | 56 »    | Azul e branco.....      | A. B.                |
| 7   | Barão de Pituassú. | Idem.....  | 5 »    | R. Grande..   | 56 »    | Branco e encarnado..... | J. Machado.          |
| 8   | Aymoré.....        | Castanho.. | 5 »    | S. Paulo...   | 60 »    | Grénat e violeta.....   | Coud. R. de Janeiro. |
| 9   | Verbena.....       | Idem.....  | 4 »    | R. de Jane..  | 54 »    | Azul e grenat.....      | Coud. Santa Cruz.    |

2º pareo—**Consolação**—1.450 metros—Animaes nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho, este anno —Premios: 400\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes             | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios          |
|-----|-------------------|-------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1   | Monitor.....      | Castanho..  | 4 ans  | S. Paulo...   | 53 kil. | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.        |
| 2   | Zaino.....        | Zaino.....  | 5 »    | Idem.....     | 54 »    | Rosa e preto.....             | M. G.                  |
| 3   | Medon.....        | Rosilho.... | 4 »    | Paraná....    | 51 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.      |
| 4   | Erse.....         | Pampa....   | 3 »    | S. Paulo...   | 48 »    | Verde branco e encarnado..... | Coud. Excelsior        |
| 5   | Brioso.....       | Castanho..  | 5 »    | Idem.....     | 54 »    | Grénat e branco.....          | Coud. Intimidade.      |
| 6   | Fagote.....       | Vermelho..  | 6 »    | Idem.....     | 54 »    | Encarnado e boné preto.....   | Tattersall Campineiro. |
| 7   | Rabecão.....      | Preto.....  | 6 »    | Idem.....     | 54 »    | Encarnado.....                | Idem. Idem.            |
| 8   | Tempestadé.....   | Douradilh   | 4 »    | Paraná....    | 51 »    | Ouro e cinza.....             | A. W.                  |
| 9   | Bonita.....       | Alazão....  | 5 »    | S. Paulo...   | 52 »    | Branco e encarnado.....       | J. Machado.            |
| 10  | Feticieira.....   | Idem.....   | 4 »    | R. de Jane..  | 53 »    | Grénat e rosa.....            | S. M.                  |
| 11  | Araby.....        | Idem.....   | 5 »    | Idem.....     | 54 »    | Grénat e ouro.....            | Coud. Carioca.         |
| 12  | Boyardo.....      | Idem.....   | 5 »    | S. Paulo...   | 56 »    | Branco e estrelas azues.....  | Coud. Guanabara.       |
| 13  | Verbena.....      | Castanho..  | 4 »    | Idem.....     | 50 »    | Grénat e violeta.....         | Coud. Santa Cruz.      |
| 14  | Baioco.....       | Idem.....   | 6 »    | Idem.....     | 56 »    | Branco e encarnado.....       | Oliveira J. & Lopes.   |
| 15  | General Boulanger | Idem.....   | 4 »    | Idem.....     | 51 »    | Encarnado e preto.....        | Luiz Pradez.           |
| 16  | Catana.....       | Douradilh   | 5 »    | Idem.....     | 54 »    | Geranium e ouro.....          | J. W.                  |
| 17  | Jenny.....        | Vermelho..  | 5 »    | Idem.....     | 52 »    | Idem.....                     | Idem.                  |
| 18  | Pretoria.....     | Libuno....  | 6 »    | Idem.....     | 52 »    | Azul e havana.....            | A. C.                  |
| 19  | Aldace.....       | Douradilh   | 5 »    | Idem.....     | 52 »    | Azul marinho e ouro.....      | J. V.                  |

3º pareo—**Omnium**—1.450 metros—Animaes de 2 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes             | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas          | Proprietarios       |
|-----|-------------------|------------|--------|---------------|---------|--------------------------------|---------------------|
| 1   | Koumarita.....    | Zaino..... | 2 ans  | França....    | 46 kil. | Azul e amarello.....           | Bento Rocha.        |
| 2   | Due.....          | Idem.....  | 2 »    | Inglaterra..  | 48 »    | Verde e encarnado.....         | P. O.               |
| 3   | Ormonde.....      | Castanho.. | 2 »    | França....    | 48 »    | Preto e branco.....            | F. M.               |
| 4   | Rapid.....        | Alazão.... | 2 »    | Inglaterra..  | 48 »    | Encarnado, preto e branco..... | Vianna Junior.      |
| 5   | Visière.....      | Idem.....  | 2 »    | França....    | 46 »    | Azul marinho e palha.....      | J. Paulo de Castro. |
| 6   | Ob. Clear.....    | Castanho.. | 2 »    | Inglaterra..  | 48 »    | Azul e ouro.....               | D. Julia Vieira.    |
| 7   | Sir Telamond..... | Idem.....  | 2 »    | Idem.....     | 48 »    | Rosa e preto.....              | Coud. Intimidade.   |
| 8   | Cananiere.....    | Idem.....  | 2 »    | França....    | 46 »    | Azul e ouro.....               | Coud. Alliança.     |

4º pareo—**Suburbano**—1.800 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes           | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas        | Proprietarios   |
|-----|-----------------|------------|--------|---------------|---------|------------------------------|-----------------|
| 1   | Peruana.....    | Zaino..... | 4 ans  | Inglaterra..  | 54 kil. | Azul e amarello.....         | J. Rocha.       |
| 2   | Coupon.....     | Alazão.... | 4 »    | França....    | 58 »    | Azul branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro. |
| 3   | Dr. Cacete..... | Zaino..... | 4 »    | R. da Prata   | 52 »    | Grénat e ouro.....           | J. S.           |
| 4   | Mirzador.....   | Idem.....  | 4 »    | França....    | 54 »    | Ouro e preto.....            | F. Schmidt.     |

5º pareo—**Villa-Isabel**—1.800 metros—Animaes nacionaes até meio sangue, e de nuro sangue este anno—Premios: 800\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes        | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios        |
|-----|--------------|------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|----------------------|
| 1   | Sybilla..... | Zaino..... | 5 ans  | S. Paulo...   | 54 kil. | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.      |
| 2   | Dandy.....   | Castanho.. | 4 »    | Idem.....     | 51 »    | Grénat ouro e bonet ouro..... | F. Vianna.           |
| 3   | Diva.....    | Alazão.... | 5 »    | R. de Jane..  | 52 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.    |
| 4   | Regente..... | Idem.....  | 4 »    | S. Paulo...   | 53 »    | Encarnado.....                | Arthur Pinheiro.     |
| 5   | Druid.....   | Tordilho.. | 5 »    | R. de Jane..  | 52 »    | Branco e encarnado.....       | Oliveira J. & Lopes. |

6º pareo—**Animação**—1.800 metros—Animaes de 3 annos, que ainda não tenham ganho —Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes            | Pellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas         | Proprietarios       |
|-----|------------------|------------|--------|---------------|---------|-------------------------------|---------------------|
| 1   | Siva.....        | Alazão.... | 3 ans  | Inglaterra..  | 49 kil. | Azul, ouro e grénat.....      | Coud. Hannoveriana. |
| 2   | Phenicia.....    | Idem.....  | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Encarnado e mangas azues..... | Coud. Brazileira.   |
| 3   | Phedra.....      | Castanho.. | 3 »    | Idem.....     | 49 »    | Idem idem e faixa.....        | Idem idem.          |
| 4   | Remise.....      | Preto..... | 3 »    | França....    | 49 »    | Ouro e preto.....             | F. Schmidt.         |
| 5   | Rabelais.....    | Alazão.... | 3 »    | Idem.....     | 51 »    | Idem idem.....                | Idem.               |
| 6   | Pancy.....       | Zaino..... | 3 »    | R. da Prata   | 47 »    | Encarnado e ouro.....         | V. M.               |
| 7   | Paraguay.....    | Castanho.. | 3 »    | Inglaterra..  | 49 »    | Azul e grénat.....            | P. Lima.            |
| 8   | Bonaparte.....   | Zaino..... | 3 »    | Idem.....     | 51 »    | Azul marinho e palha.....     | J. Paulo de Castro. |
| 9   | Castiglione..... | Idem.....  | 3 »    | França....    | 51 »    | Azul e ouro.....              | Coud. Santa Cruz.   |

7º pareo—**Experiencia**—1.600 metros—Animaes nacionaes—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes           | Pellos      | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas          | Proprietarios          |
|-----|-----------------|-------------|--------|---------------|---------|--------------------------------|------------------------|
| 1   | Syhills.....    | Zaino.....  | 5 ans  | S. Paulo...   | 54 kil. | Azul branco e encarnado.....   | Coud. Cruzeiro.        |
| 2   | Medon.....      | Rosilho.... | 4 »    | Paraná....    | 51 »    | Ouro e branco.....             | Coud. Fluminense.      |
| 3   | Odalisca.....   | Pampa....   | 4 »    | S. Paulo...   | 50 »    | Verde, branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.       |
| 4   | Contralto.....  | Castanho..  | 5 »    | Idem.....     | 51 »    | Encarnado e preto.....         | Tattersall Campineiro. |
| 5   | Tempestade..... | Douradilh   | 4 »    | Paraná....    | 51 »    | Ouro e cinza.....              | A. W.                  |
| 6   | Pbalena.....    | Alazão....  | 4 »    | S. Paulo...   | 52 »    | Azul e ouro.....               | Coud. Alliança.        |
| 7   | Villa-Nova..... | Zaino.....  | 5 »    | Paraná....    | 52 »    | Azul, branco e amarello.....   | Coud. Esperança.       |
| 8   | Biscaia.....    | Alazão....  | 5 »    | S. Paulo...   | 54 »    | Azul e grénat.....             | Coud. Santa Cruz.      |

### OBSERVAÇÕES

Os animaes inscriptos no 1º pareo devem estar no encilhamento ás 11 horas em ponto; os jockeys que até ás 11 1/4 não se apresentarem á pesagem não serão mais admittidos.

**RAUL DE CARVALHO, 2º secretario**

O pessoal dos portões póde comparecer na secretaria no dia 10, das 4 ás 7 horas do corrente.

A directoria reserva-se o direito de dividir o segundo pareo, dando ás duas turmas a collocação que mais convier á boa execução do programma.

A participaçã feita no dia da corrida de que n animal inscripto não corre por dosnte, só será aceita mediante exame do mesmo animal no Prado.

**PAIVA JUNIOR, 1º secretario**

## LYRICA

DE  
**FILINTO D'ALMEIDA**

Primoroso volume ds poesias, elegantemente impresso a duas côres. 300 paginas.

Preço..... 8\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemuer, e no escriptorio d'esta folha.

## VERSOS E VERSÕES

DE  
**RAYMUNDO CORRÊA**

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECIDA 10a

**E. GAMBARO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes e francezes sncontram-se nas

**CHAPELARIA INGLEZA**

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 17 DE SETEMBRO DE 1887

VOL. III-N. 112

REDACÇÃO E GERENCIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                                 |               |
|---------------------------------|---------------|
| Redactores.....                 | FILINDAL.     |
| Historia dos sete dias.....     | MSLIBEU.      |
| Gazeta rimada.....              | A.            |
| Jornaes e Revistas.....         | A. DE LIMA.   |
| A decida, soneto.....           | M. DE ASSIS.  |
| Paginas esquecidas.....         | ATASIU NOLL.  |
| Pena sempre, poesia.....        | J. RIBEIRO.   |
| Notas bibliographicas.....      | FISCHIO.      |
| Casas pituscos.....             | J. M. SILVA.  |
| Anth ephemero, poesia.....      | P. TALMA.     |
| Theatros.....                   | A. MARTINS.   |
| Prima vera, soneto.....         | TIO ANTONIO   |
| Feitas, balles e concertos..... | BIBIANO.      |
| Cofre dos groços.....           | L. M. BASTOS. |
| Paginas e Noticias.....         | ENRICO.       |
| Sport.....                      |               |
| Correio.....                    |               |
| Correio da gerencia.....        |               |
| Annuncios.....                  |               |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compramos exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 46, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume da versoa, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado da Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por

Valentim Magalhães. Este livro não foi poato á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Droux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopea Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo da Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A inauguração do novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura no dia 10, foi sem duvida um facto de grande importancia.

Aquelle sumptuoso monumento—sacrario, onde se guardam as reliquias sagradas do pensamento humano, verdadeiro templo da Sciencia e da Arte, onde o deos da religião universal que se chama o Livro, deos sem apostatas nem infieis, vai ser adorado num culto fervoroso e eterno—aquele monumento será para todo sempre um dos mais nobres, dos mais elevados, dos mais poderosos exemplos, de quanto póde a tenacidade de uma idéa que se torna fixa no cerebros e no coração de meia duzia de patriotas.

Com que moeda poderá o Brazil pagar á colonia portugueza o que os benemeritos directores do Gabinete lhe acabam de dar em arte e em bom gosto?

Eu não comprehendo o patriotismo que se esbandalha em phrases rhetoricas para provar que os productos ou os homens de um paiz são superiores aos dos outros; mas comprehendo perfeitamente o patriotismo que se attesta por um esforço ingente, o patriotismo que para honrar a patria trabalha pela patria a lhe dá em dedicacão o que ella muitas vezes não lhe deu em respeito e estima.

En não entendo nada de architectura, mas isso não obsta a que ache maravilhosamente bella a fachada do edificio do Gabinete. Aquella pedra tão rendilhada, tão pittoresca, tão artisticamente talhada em ogivas, em arcos, em columnas, em espheras armilares, não

me inspira unicamente o entusiasmo das grandes obras artisticas—inspira-me igualmente o respeito pela tradição de um seculo aureo na historia dos meus avós. Quando passo em frente do soberbo monumento architettonico tenho vontade de tirar o meu chapéo, como um crente dennte a sua igreja, e recitar aos traeseuntee um canto qualquer dos *Luziadas*.

O aalão da bibliotheca é de uma imponencia magnifica! Ali deslunhrou-me a obra de ferro e de estuque, que é realmente soberba.

Duas coisas, porém, me impressionaram mal: uma foi o busto de Minerva no angulo direito ao fundo do tecto. Parece-me que aquella deosa poderia ser pintada em outro qualquer logar, e que ali se deveria ver o busto de um portuguez illustre a fazer *pendant* aos outros tres. O padre Antonio Vieira, por exemplo, que tantissimo honrou as letras portuguezas, ou Gil Vicente, ou Bocage, ou Herculano, ou Garrett, ou ainda outro qualquer, ficaria ali muito melhor do que aquella figura symbolica, que contrasta violentamente com os outros retratos.

A outra coisa que me desagradou foi não ver o nome de Camões em uma das placas que ornna a galeria superior, e onde estão inscriptos os nomes de grandea escriptores portuguezes e brasileiros. Dir-me-ão que o Camões lá tem o retrato no tecto; mas eu tenho pelo nosso portentoso poeta uma tão fanatica adoração que me seria agradável ver o nome d'elle em todas as placas.

Porque aquillo ali é o Templo de S. Camões, poeta e martyr.

A festa de inauguração foi uma festa esplendida e differencou-se das congeneres pela apreciavel qualidade de não ser massadora. Os discursadores, que se valem sempre d'estas occasiões para dar cabo da nossa paciencia, foram d'esta vez piedosos e prudentes. A allocução lida pelo Sr. Joaquim Ortigão, presidente do Gabinete, foi muito agradável de ouvir-se. É uma peça bem escripta, com singeleza e discrição.

Em seguida o Sr. Ferreira Ramos, 1.º secretario, leu um bonito officio do Sr. ministro de Portugal communicando que o rei D. Luiz I agraciara com a gran-cruz da Conceição o illustre presidente do Gabinete.

Esta noticia foi recebida com uma grande salva de palmas. E eu, que também a applaudi com enthusiasmo, aproveitei este ensejo para dar os parabans á ordem da Conceição e aos commendadores d'essa ordem por lhes ter El-Rei confiado a grande honra de snbirem até ao Sr. Joaquim Ortigão.

Executada pela orchestra uma hellissima Polca de Arthur Napoleão, Ramalho Ortigão, o ascriptor, leu o discurso official.

É um discurso notavel pelo estylo e pela audacia dos conceitos. Forma ampla, grandiosa e bella.

Foi ouvido com uma attenção religiosa e anthuelasticamente applaudido.

Devo felicitar os poatas brasileiros pelo honroso epitheto de—incomparaveis—que lhaa conferio o grande critico.

Não posso tambem furtar-me á transcripção de um trecho poetico do discurso, trecho que foi especialmente applaudido:

«Esta casa mostrará tambem que aquelles que a fundaram não desaprenderam, com a emigração, de amar a gloria litteraria do seu berço, a obra do seu escriptorio, e a heroica sonoridade da sua lingua, flor do Lacio, dourada palos reflexos do Mediterraneo, perfumada pelas essencias embalsamadas da Arabia, lingua cantanta, espumosa e rubra, que os primeiros colonos portuguezes transplatarem para o fecundo solo da America, e através da qual a litteratura e a poesia brasileira fizeram passar um novo alento de força e de graça, como um vago murmuro de palmeiras, debaixo das quaes, no amendoal em flor, gorgeliam os esbiás e palpitam ao sol os colibris.»

Um grande incendio destruiu inteiramente uma casa da rua da Alfandega e arruinou em parte duas ou tres mais. Felizmente ninguem morreu nem se ferio com gravidade. Conheço, porém, um homem a quem este incendio deu um prejuizo consideravel, prejuizo de dinheiro, de tempo e de trabalho. É o Dr. Francisco d'Agostino, distincto medico italiano, que ha mezes viera de S. Paulo para prestar aqui na faculdade de Medicina o seu exame desufficiencia. Entre os objectos que o incendio lhe destruiu estavam todos os seus livros de medicina e a theze que elle acabara de escrever dois dias antes e que ia sustentar na Faculdade. Esta theze representava quatro mezes de trabalho assiduo, penoso e fatigante, noites inteiras perdidas no estudo e na recordação das materias das primeiras series medicas, naturalmente esquecidas com o percursso do tempo.

Eu imagino a consternação d'aquelle homem ao ver todo o seu trabalho, que era a sua fortuna e o seu futuro, perdido assim repentinamente, pelo capricho talvez de um cigarro esquecido, ou de um phosphoro acceso por não criminoaa, visto que ainda não foi descoberta a origem do incendio.

Agora têm elle de recommear a trabalhar com mais affino, com maior pertinacia, depois de ter perdido toda a sua roupa e a da familia, todos os seus moveis, todos os seus instrumentos de cirurgia.

Ora abi estí uma situação que eu não desjeria nos meus inimigos, so os tivesse

O Sr. Portella, ministro do Imperio, foi derrotado na eleição do 1.º districto do Pernambuco! Mas neste caso a idéa abolicionista e Joaquim Nabuco ninda têm muita importancia na patria do Juca Cipó.

Que vergonha para o partido e para o ministerio!

E' verdade que já me disseram que a candidatura do Sr. Portella ia ser imposta a um districto conservador da Bahia. Eu é que não creio em semelhante hallelu. O Sr. ministro não hade ser tão aquelle que se arrisque a segunda derrota, porque a Bahia não elega um pernambucano nem que a rachem. Os bahianos são barristas como um prego e têm por lá muita gente nos casos de vir aqui dizer—*apoiado*.

Roga-se ao Exm. Sr. Barão de Parapanama o obsequio de mandar dizer a esta redacção o seu nome anterior ao baronato. Os povos do Carioca e do Guanabara pedem a S. Ex. este incommodo porque o *Jornal* de hontem diz ter sido agraciado com aquelle titulo um dos mais importantes fazendeiros de S. Paulo, e o *Diario de Noticias* resa que o titulo foi conferido ao Sr.—o.

Nos conhecemos com este nome apenas uma Nossa Senhora, e essa mesma é do *O* maiusculo. O *Diario* deu ao Sr. Barão um o minusculo, e nós, para bem dos povos e tranquillidade do continente novo, deejamos saber se S. Ex. se chama efectivamente o, se O Minusculo Sem Mais Nada, ou O legario, O nofre, O limpio, O paco, O posição, O perador, ou O palino, ou ainda e singelamente—O lho.

Se S. Ex. nos responder em termos convenientes e decisivos, nós commentaremos com sympathia o acto do governo e lhe daremos em paga a nossa o piuião.

FILINDAL.

## GAZETA RIMADA

II

Portella não grêla, vela!  
Da pasta se afasta e basta!  
Todo o mundo tagarella:  
Portella não grêla, vela!  
Da discussão 'stá na tela;  
Que sorte o Portella arrasta?  
Portella não grêla, vela!  
Da pasta se afasta e basta!

Grita, se agita, se irrita;  
E geme e treme e se preme!  
Lagartos, cobras vomita,  
Grita, se agita, se irrita!  
Portella se precipita...  
E' capaz de alguma... freme,  
Grita, se agita, se irrita,  
E geme, e treme e se preme!

Nabuco passou-lhe a perna...  
Seu Nabuco, que mau gosto!  
Diz do voto a voz superna:  
Nabuco passou-lhe a perna!  
Vae matar numa taberna  
O Portella esse desgosto!  
Nabuco passou-lhe a perna...  
Seu Nabuco, que mau gosto!

Mal a noticia espalhou-se  
Houve cbaranga e foguetes!  
E Minas regosijou-se  
Mal a noticia espalhou-se!  
Fosse lá pelo que fosse,  
Deram-se muitos banquetes;  
Mal a noticia espalhou-se  
Houve cbaranga e foguetes!

Regosijar-me quizera  
Mas eu não me regosijo!  
Quem me dera! Quem me dera!  
Regosijar-me quizera!  
A apuração foi sincera,  
Os votos foram de rijo...  
Regosijar-me quizera,  
Mas eu não me regosijo!

Temos terceiro escrutinio...  
Quem será o deputado?  
D'esta cam'ra no dominio  
Temos terceiro escrutinio...  
Zé Marianno, Patrocínio,  
Cuidado! muito cuidado!  
Temos terceiro escrutinio,  
Quem será o deputado?

Cotegipe é mono velho  
Não mette a mão em combuea!  
Olhem todos p'ra este espelho,  
Cotegipe é mono velho!  
Nisto metto o meu bedelho  
Osso nenhum me embatua:  
Cotegipe é mono velho  
Não mette a mão em combuea!

De regosijo em signal  
Deixo prompto este foguets!  
Hei-de soltar-o afinal  
De regosijo em signal!  
Conservador, liberal  
Morre ou não o gabinete?  
De regosijo em signal  
Deixo prompto este foguete!

MELIBEU

## JORNAES E REVISTAS

Apareceu-nos finalmente, toda bisarra e garrida, *A Vida Semanaria*, n. 10, primeiro numero da segunda epocha d'esta interessante folha de S. Paulo, que de litteraria passou a ser agora illustrada.

O caricaturista da *Vida Semanaria* é o Bento Barbosa, que foi nosso collaborador e desenhista do finado *Gryphus* nos seus dois ultimos numeros. E' um rapaz de talento, que tem originalidade e graça; as caricaturas da *Vida Semanaria*, embora prejudicadas pela pessima impressão lithographica, são muito boas e espirituosas, principalmente as da primeira e da ultima pagina.

O texto é scintillante, escripto em bella prosa e magnificos versos. Adivinham-se as pennas diamantinas de Olavo Bilac, Alfredo Pujol e Castro Lima. Ha umas *Cartas Chinezas* e uma *Canção de hynverno*, em versos tão hribantes, tão lindos, tão originaes, que a gente fica pezarosa por não ser em verso o texto todo. Isto não quer dizer que a prosa não seja igualmente boa e saborosa; mas, emfim, o verso sempre é verso, e nós cá, que somos todos poetas como o diabo, preferimos ouvir as pandeiretas da rima gaiats, quando

agitadas pela mão agil e nervosa de um artista do raça.

Viva a *Vida* por longos o bons annos, livre de molestias e de credores.

O n. 2 d'O *Tentamen*. Muito interessante.

O *Grito* do povo n. 11. Traz um artigo sobre estrangeiros no Brazil. Ai!..

Do grupo dos Girondinos ( Fenianos) recebemos o terceiro numero d'A *Seringa* de Momo.

Ataca, Felipe!..

A *Revista Illustrada* insere em seu n. 461 boas caricaturas. Na sua pagina central tracta d'O *nosso estado sanitario* e na ultima das *contradanças* na *Imprensa*.

Texto excellente, em que promete para muito breve «algumas agradaveis surpresas.» Venham ellas.

Temos o n.º 7 d'A *violeta*; dá-nos na sua primeira pagina, em ouro, os bellissimos tercetos de Raymundo Corrêa *Luizinha*, nas outras bons versos e magnificos trabalhos em prosa.

Um mimo!

A.

## A DESCIDA

Homem, remove este rochedo e a rara galeia interior contempla e estuda; desce, e da terra pela ossada muda leva tua rasão de sciencia avara.

Na treva esvabe-se a luz, ba pouco clara, o ar em sulphureo gaz já se transmuda; coragem! desce, e os seculos saúda, desce mais, desce mais: Agora pára!

Mas não,—lá fulge um fogo subterraneo: — e mergulhas no cerebro do globo, — e lbe penetras de outro lado o craneo.

Desce, não! Sobe agora; um brilho intenso invade o corpo, e num heroico arrouho eis-te boiando no oceano immenso!

AUGUSTO DE LIMA.

## PAGINAS ESQUECIDAS

De vez em quando é bom e é, sobretudo, util lançar uma vista retrospectiva ao nosso passado litterario e artistico, porque só assim poderemos avaliar o progresso que tenhamos feito e julgar com acerto do grau de adiantamento, do real valor das nossas letras e das nossas artes no actual momento.

Melhor é isso ainda quando se pôde fazer ouvir, boje, uma vez auctorizada que tenha julgado o Brazil litterario de ha 15 ou 20 annos, porque então os documentos pelos quaes devemos julgar o actual serão isentos de suspeição. Ora, nenhuma voz mais auctorizada que a de Machado de Assis, que não é o chefe da litteratura brazileira actual, porque a litteratura de um paiz não tem chefe; pôde ter mestres, summidades, directores do seu movimento, orientadores do seu espirito: — chefes não.

Machado de Aseis é uma summidade, um mestre.

Parcecu-nos que seria curiooso desempoeirar do esquecimento, exhibir á

luz do momento actual o que elle creveu ha 14 annos sobre a litteratura brazileira.

Por isso encetanoe em seguida a publicação de um notavel estudo dado á estampa n'O *Novo Mundo*, numero de 24 de Março de 1873, pelo eminente escriptor dus *Memorias posthumas* de *Braz Cubas*.

## Noticia da actual litteratura brazileira

INSTINCTO DE NACIONALIDADE

Quem examina a actual litteratura brazileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instincto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas litterarias do pensamento buscam vestir-se com as cores do paiz, e não ha negar que similhante preocupação é symptoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre, e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aquelles continuaram as de José Basilio da Gama e Sancta Rita Durão. Eecusado é dizer a vantagem d'esta universal accordo. Interrogando a vida brazileira e a natureza americana, proadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando physionomia propria ao pensamento nacional. Esta outra independeencia não tem Sete de Setembro nem campo de Ypiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sabir mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ella até perfazel-a de todo.

Sente-se aquelle instincto até nss manifestações da opinião, aliás mal formada ainda, restricta em extremo, pouco sollicita, e ainda menos spaixonada nestas questões de poesia e litteratura. Ha nella um instincto que leva a applaudir principalmente as obras que trazom os toques nacionaes. A juventude litteraria, sobretudo, faz d'ista ponto uma questão de legitimo amor proprio. Nem toda ella terá meditado os poemas de *Uruguay* e *Caramurá* com aquella attenção que tses obras estão pedindo; mas os nomes de Basilio da Gama e Durão são citados e umados, como precursors da poesia brazileira. A razão é que elles huscaram em roda de si os elementos de uma poesia nova, e deram os primeiros traços de nossa physionomia litteraria, emquanto que outros, Gonzaga por exemplo, respirando aliás os ares da patria, não souberam desligar-se das faixas da Arcadia nem dos preceitos do tempo. Admira-se-lhes o talento, mas não se lhss perdôa o cajado e a pastora, e nisto ha mais erro que acerto.

Dado que as condições d'este escripto o permittissem, não tomaria eu sobre mim a defeza do mau gosto dos poetas arcadicos nem o fatal estrago que essa escola produziu nas litteraturas portugueza e brazileira. Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniaes, iecados d'aquelle mal; nem igualmente justa a de não haverem trabalhado para a independeencia litteraria, quando a independeencia politica jazia ainda no ventre do futuro, e mais que tudo, quando entre a metropole e a colonia creára a historia a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de Basilio da Gama e Durão quizeram antes ostentar certa cor local do que tornar independente a litteratura brazileira, litteratura que não existia ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.

Reconhecido o instincto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes ultimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos historicos de uma nacionalidade litteraria; esta investigação, (ponto de divergencia entre litteratos) além de superior ás minbas forças, daria em resultado levar-me longo dos limites d'este escripto. Meu principal objecto é attestar o facto actual; ora, o facto é o instincto de que falei, o geral desejo de crear uma litteratura mais independente.

A apparição de Gonçalves Dias chamou a attenção das musas brasileiras para a historia e os costumes indianos. Os *Tymbiras*, *Y-Juca-Pyrama*, *Tabira* e outros poemas do egregio poeta acenderam as imaginações; a vila dos tribus, veucidas ha muito pela civilisação, foi estudada nas memorias que nos deixaram os chronistas, e interrogadas do poeta, tirando-lhes todos alguma cousa, qual um idyllio, qual um canto epico.

Houve depois uma especie de reacção. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semi-barbaros anteriores á nossa civilisação, o que era verdade,—e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existencia da raça extinta, tão differente da raça triumphante —o que parece um erro.

É certo que a civilisação brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem d'elle recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribus veucidas os titulos da nossa personalidade litteraria. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é materia de poesia, uma vez que traga as condições do bello ou os elementos de que elle se compõe. Os que, como o Sr. Varnhagen, negam tudo aos primeiros povos d'este paiz, esses podem logicamente excluir os da poesia contemporanea. Parece-me, entretanto, que depois das memorias que a este respeito escreveram os Srs. Magalhães e Gonçalves Dias, não é licito arredar o elemento indiano da nossa applicação intellectual. Erro seria constituir um exclusivo patrimonio da litteratura brasileira; erro igual fóra certamente a sua absoluta exclusão. As tribus indigenas, cujos usos e costumes João Francisco Lisboa cotejava com o livro de Tacito e os achava tão semelhantes aos dos antigos Germanos, desapareceram, é certo, da região que por tanto tempo fóra sua; mas a raça maaadora que as frequentou, colheu informações preciosas e nel-as transmittiu como verdadeiros elementos poeticos. A piedade, a minguaem outros argumentos de maior valia, devora ao menos inclinar a imaginação dos poetas para os povos que primeiro beberam os ares d'estas regiões, cnsorcendo na litteratura os que a fatalidade da historia divorciou.

Esta é boje a opinião triumphante. Ou já nos costumes puramente indianos, taes quns os vemos nos *Tymbiras*, de Gonçalves Dias, ou já na lucta do elemento barbaro com o civilisado, tem a imaginação litteraria do nosso tempo ido buscar alguns quadros de singular effeito, dos quaes citarei, por exemplo, a *Iracema*, do Sr. J. de Alencar, uma das primeiras obras d'esse fecundo e brilhante escriptor.

Comprshendendo que não está na vida indiana todo o patrimonio da litteratura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal,

não se limitam os nossos escriptores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilisados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de bojs, igualmente offerecem á imaginação boa e larga materia de estudo. Não menos que elles, os convida a natureza americana, cuja magnificencia e esplendor naturalmente desafiam a poetas e proeadores. O romance sobretudo apodrou-se de todos esses elementos de invenção, a que devemos, entre outros, os livros dos Srs. Bernardo Guimarães que brilhante e ingenuamente nos pinta os costumes da região em que nasceu, J. de Alencar, Macedo, Silvio Dinarte (Escragnolle Taunay), Franklin Tavora, e alguns mais.

(Continúa.)

PARA SEMPRE!

*Quebramos, loucos, a mimosa taça  
em que nós ambos o prazer bebemos,  
que da affeição nos extasia supremos  
o amor nos deu.*

*Rindo enterramos a chimera soada  
que nossos peitos affagaram, leve,  
e que sumio-se como nevoa breee  
no azul do céu.*

*Em vez dos crepes da tristeza negra,  
do triste pranto das pungentes dôres,  
jazem sepultas em maná de flores  
nossas paixões.*

*Cedo, bem cedo, no rumor da vida,  
hemos de ver-nos nos salões festivos,  
e passaremos, sem rancor, esquivos,  
co'as multidões.*

*Se nos falarmos, no calor da festa  
has de apoiar-te no meu fino braço  
e nós iremos, valentando o passo,  
a concejar...*

*Censuraremos um milhão de cousas:  
— a calma, os bailes, os vestidos caros,  
e hão de, escutando nossos rios claros,  
nos invejar.*

*Dejeis, mais tarde, acabarão as valsas,  
as notas, lentas, morrerão, vibrando  
e ha de nas sombras se esprañar, findando,  
todo o rumor.*

*Nós partiremos, partiremos ambos,  
ambos soismande nessa noite linda,  
ambos sentindo uma saudade infinda  
do morto amor...*

ATASIUŠ NOLL.

NOTAS PHILOLOGICAS

A evidencia dos resultados da investigação philologica origina-se do rigor critico de seus processos, das bases solidas fornecidas pela comparação e pela historia.

Apezar d'isto vêm-se quotidianamente etymologistas e grammaticos fazerem publica confissão de que não existem leis no dominio da glottica, mas simples *tendencias*. Esta commoda theoria proporciona a vantagem de fornecer-lhes um campo de arbitrio onde todos

os saltos, violações e disparates são cousas permissibilas.

Assim, não é raro notar que existam philologos que derlvem ain-la boje o verbo *ser* de *esse*, seja de *sim*, etc.

A verdade, porém, é que o noss verbo *ser* tem conforme os seus tempos, origem dupla ou latim: *esse* e *sedere*.

O proprio francez *être* tem a origem dupla em *esse* e *stare*.

Não é, de todo, improficua a tarefa de demonstrar na lingua vernacula o que já ficou estabelecido ha uns bons cincoenta annos para a lingua castelhana.

No latim barbaro do occidente nota-se que *sedere* tinbu tomalo o sentido de *aptum esse*, como affirma Ducange. Não só isto. No ltim lusitano o verbo *esse* é constantemente substituido por *sedere* e, d'entre outros, respigo o exemplo seguinte:

Plazum facio ut *sedens* liver. (1)

No antigo portuguez, existiram as formas *semte* *sedentem* *seydonro* (*sedituros*) inexplicaveis pelo verbo *esse*. O proprio infinitivo *ser*, ant. *seer* so se explica pela forma *sedere*, syncopada, como era usual. (*Vér* de *videre*, *vêr*, ant.)

As formas *sedes*, *sois*, não se explicam por *estis*, mas por *sedetis* e a prova é que existiu a morphose *sedes*, ninda empregada por Camões, no *Filodemo*, conforme asseveram diversos lexicographos e nomeadamente Moraes.

O plebeismo *semos* por *somos* é ainda um vestigio de *sedemus*.

Como se poderá explicar o imperfeito *seia*, *seíamos* por intermedio de *eram*? No entanto, no *Vobiliario*, *seiam* equivale a *eram*, *estavam*, e o proprio Moraes o affirma.

Houve, pois, um verbo *ser*, antigo *seer*, que se confundiu morphicamente com a conjugação do verbo *sou* de *sum*.

Que este verbo *seer* fosse o verbo *sedere*, não ha para mim a menor duvida, pois algumas vezes apparece com o seu significado primitivo: *estar sentado*. Eis o facto conservado em um rfião citado no Prologo da *Eufrosyna*: Quem bem *see* não se levanta.

É ainda:  
Tu que *sees* na seda... (2)

Averiguado, pois, que o verbo *esse* latino tem duas radicaes *fu* e *as*, convem assignalar a existencin de terceiro *sed*, na conjugação vernacula.

JOÃO RIBEIRO.

CASOS PATUSCOS

Em o *Noticias* de 13 do corrente foi publicad-a uma longa carta dirigida, de Pariz, ao Sr. Alcindo Guanabara, redactor chefe d'aqnella folha por um senber *Pulcino*, pseudonymo que a redacção se apressou em arregaçar para que o mundo soubesse que o cavalheiro que nelle se embuça chama-se Jorge Pinto, e é doutor em medicina.

(1) Vem documentado em minha *These de concurso*, parte II, loco.  
(2) Recolhidos por Moraes—V. *seer*. A palavra *seda* significa: cadeira. *Eluc*.

Tem essa carta por objecto a apothese do Sr. Luiz Murat—que *Pulcino* considera o primeiro dos poetas cá da terra, auctor dos mais bellos versos escriptos na lingua de um tal Camões—à custa do depreciamento de todos outros em geral e especialmente de Raymundo Corrêa, Luiz Delfino e Alberto de Oliveira, a quem o recommendo critico chama com uma perfurante ironia *boulevardière*—o Sr. Oliveira, o Sr. Raymundo, o Sr. Luiz Delfino—em todo o desdenhoso e ferino respeito com que se refere ao porteiro ou ao cocheiro do *fiacre* que o leva, uma vez por meza aos hospitaes em que estuda, a criticar... defunctos.

Esse parcial e apaixonado artigo fóra já reduzido ao seu justo valor pelo inaprecavel bom senso e desassombroso humorismo de Arthur Azevedo, na mesma referida folha, no dia immediato ao da sua publicação.

Quer *Pulcino* quer o Dr. Jorge Pinto, nem um nem outro mereca referencia eéria. Os seus productos criticas são como essas cobrinhas sulfuricas, de Pharaó chismadas, que, para regalo de meninadu saem, em roscas de fogo, de inferior arreagação de uns carcutos Bonapartes de chumbo: são para cinza de triste apparencia. Os piparotes de *Eloyo heroy* dispersaram ao vento das bhofas a futua epistola do critico *Pulcino* (pseudonymo que lhe assenta como uma lava.)

Não é, pois, para rebater-lhs os golpes coléricos que venbo patuscar um bocado com elle.

É só para divertir *mes dames et mesieurs* com a lexicologin, com a vernaculidade que este critico nos manda de Pariz, aliás sem ninguem lh'as pedir. Vou traeladar seccamente alguns preciosos *echantillons* da grammatica e do estylo do bomezinho, deixando ao leitor, tão pio quanto desventurado, a liberdade de morrer de assombro ou de... riso.

Attenção! Começo a desfilar o rosario: «... nesta capital da França, onde estou ha tantas mil leguas de distancia d'elle, de ti e dos mais bons amigos» (Que estylo! Puro Obá!)

«... mas essa infeliz circumstancia não impede certamente a que aprecie os bons versos etc.» e, pouco adiante: «Estes defeitos, que ligeiramente aponto, não impedem, comtudo a que etc.» (Lamentavel reincidencia!) Que pureza!

«Raymundo Corrêa é seguramente um poeta superior, verdadeiro artista dotado de uma impecavel correcção de forma, o mesmo não se podendo, porém, dizer da sua imaginação pobra de grandes productos e por de mais eufezada para *ascender* grandes alturas.»

Isto é: não se pode dizer que a imaginação de Raymundo Correa seja «um poeta superior, verdadeiro artista etc.» Que clareza!

«Elle e o Sr. Raymundo são um contraste vivo: o que a um eobra, ao outro... não direi que *falha* absolutamente, mas pouco *resta*» (Que belleza!)

«Os versos de Murat tocam o espirito mais refractario ao Belli, impressionando-o quer pela *tonalidade harmoniosa*, quer pela *doçura em motividade e belleza do sentimento poetico*... Entenderam? Eu, por mim entendo malbor aquella celebre tirada do Mentor: *Votillações acrobaticas*...

«... e no entanto, sempre passei por ser na minha frsguezia o burguez mais pachorrenito, mais material, mais burquez, emfim, que *Phebo* alumi...

e dilata os póros.» Hão de convir que esta regencia syntactica: «o burguez que *Phebo* dilata os póros» é... epica! epopeiana, ultra-patueca! Irra! E' de escachar «um leitor, o mais inenaveável possível» como escreveria *Pulcino*.

Mais adiante diz elle da lyra do seu querido e predilecto poeta: «A sua lyra vibra indistinctamente todas as cordas.» Esta agora é nova, é novissima. Não é o poeta que vibra a lyra, não são as cordas da lyra que vibram, uada, isso foi outr'ora, antes do Dr. Jorge Pinto ir a capital do mundo: agora as lyras é que vibram as suas proprias cordas, e—indistinctamente, o que é muito mais grave, o que é gravissimo, com seiscentos milhões de raios!

Agora—paz aos cós das calças—agora respondam sinceramente todos, os proprios amigos do Dr. Pinto, o proprio poeta endeosado por elle, respondam:—Que auctoridade critica pode ter quem escreve por essa forma? que valor, que apreço se podem dar a artigos—eucomiasticos ou vituperantes—ecriptos com tal syntaxe, com tal estylo? Para que alguém se possa arrogar o direito de apreciar os trabalhos alheios, é preciso, antes de tudo, que conheça a lingua em que elles são ecritos.

O Dr. Pinto acabou o seu deopilante artigo aconselhando ao seu amigo Alciudo: «Menos politica e mais litteratura, meu caro».

Pernita-me o Dr. Pinto que, como sincero amigo da grammatica e dos futuros clientes de S. S. lhe aconselhe amigavelmente, por meu turno, para aalvação das regras de concordancia e dos doentes:

«Meu caro, menoa litteratura e mais medicina!»

FISCHIO

## AMOR EPHEMERO

«Era a noite da loucura»  
(A. GARRETT.)

I

Hontem, quando escurecia,  
Conforme antigo costume;  
No jardim me distrnhia  
Gosando o morno perfume.

E, nesta alegre visita,  
Perto do caramanchão  
Vi uma coisa exquisita  
Que chamou minha attenção.

Um galho do jasmineiro  
Gesticulava no espaço,  
E a haste dobrando, ligeiro  
Fazia o nó de um abraço.

Perto, uma roaa vexada  
Movendo-se brandamente,  
O'a bocca alegre e encarnada  
Ria, talvez innocente....

II

Hoje, sobre o chão esqualido  
Achei, da historia amorosa,  
Um jasmim tristonho e pallido  
Juncto ás petalas da rosa.

J. MORAES SILVA.

## THEATROS

## S. PEDRO DE ALCANTARA

A companhia italiana do artista G. Emanuel representou no sabbado a sociedade onde a gente se aborrece.

Esta bella comedia foi um triumpho para Virginia Reiter e um desastre para todos os outros artistas da companhia.

Virginia fez de uma maneira encantadora, adoravel de graça e de iugenuidade, o papel de Suzana.

Foi deliciosa e graciosissima em toda a peça, dando um singular relevo ao papel da traveasa e gentil pequenita.

Emanuel no papel de Raymond parecia um athleta a representar um anão. Exquisitos, estes caprichos dos grandes artistas!

O *ensemble* foi detestavel.

Na quarta-feira Emanuel representou o *Kean*.

Todos sabem o que vale esta comedia como composição theatral. Um *particípio* incongruente, desordenado, desigual e extravagante. *Kean* não chega a ser uma figura dramatica apreciavel. E' um pretexto mal amanhado para fazer sobressahir um actor. Falta-lhe a verdade historica como lhe falta a cohesão esthetica. Não tem character artistico como não tem feição individual. Declamador o rhetorico, *Kean* nem tem ao menos o fundo essencial de verdade que caracteriza muitos personagens românticos de theatro.

Com estas condições, bem sabiamos que o personagem de Dumas não era trabalho para o grande artista que faz da verdade o summo sacerdotio da sua arte.

O valor unico do papel de *Kean* é ser brilhante: precisa pois de um actor brilhante, e esta qualidade, como a comprehendem em geral as plateias, fallece completamente ao assombroso actor italiano.

Mas, além do que nós presumiamos de Emanuel no papel de *Kean*, partindo do principio de que um artista veraz não pode fazer um personagem falso no fundo e na forma, haviam-nos dicto que o *Kean* de Emanuel fóra em S. Paulo — um fiasco.

Pois, senhores, vimos o grande artista no pequeno papel, e não pudemos deixar, com todo o publico que enchia o theatro naquella noite, de lhe interromper logo o segundo acto com tres valentes rodas de palmas!

Aquillo é que se chama extrahir oiro do *plaque* e fazer diamante um pedaço de carvão! Realmente não se pode dizer com mais delicadeza, com mais colorido, com mais convicção, o dialogo com Anna Damby.

*Kean* ali não representa, não declama; interessando-se pela infeliz menina, dá-lhe os seus conselhos de experiente, acompanhados, precedidos e seguidos de um gesto tão eloquente, tão convencido, tão natural e tão insinuante, que o espectador vê clara e nitidamente que aquelle homem sente o que diz e que não faz mais do que communicar ao espirito de dentro as suas dolorosas observações, as desilusões e os sonhos defeitos pela exper-

riencia de uma vida de luctas e de trabalhos.

O terceiro acto foi feito com muita sobriedade e cuidado, sendo interpretada a scena com lord Mewil com mais ironia e desdem do que exploração e violencia.

O quarto acto foi representado admiravelmente. Emanuel deliciou-nos ainda com a repetição d'aquelle estupendo monologo do *Hamlet*, que elle diz de uma maneira estupificante e inenarravel!

Um bello traço de observação: Emanuel no *Kean* deixa, de vez em quando, pelas maneiras e pelos gestos, perceber o antigo saltinbanco, o homem polido pelo attrito elegante do theatro, que, entretanto, não se divorciou inteiramente do seu *meio* primitivo, *meio* que elle continua a frequentar nas orgias e nos brodios das tabernas de Londres, entre marinheiros e vadios.

Emfim, não diremos que Emanuel representa o *Kean* melhor ou peor do que os outros artistas que temos visto nesse papel; mas o seu trabalho é proprio, é original, tem a feição accoutuada da sua esthetica e da sua maneira de ver a arte.

Virgínia foi uma Anna Damby apenas razoavel, nem e papel, aparado como está, lhe permite fazer grandes coisas.

Aleotti, sempre correcta, deu bastante relevo ao papel de Helena. Valenti foi um bom Solomão.

Dos outros artistas ao poderíamos dizer mal, e já agora, não vale a pena. Como o Sr. Marquez noa fez ter anudades d'aquelle incomparavel Principe de Galles que nos deu o Augusto Rosa!

A companhia italiana representa hoje *Ruy-Bias*, de Victor Hugo; segunda-feira a tragedia *Arduino d'Ivrée* — e na terça, por despedida — o *Nero*.

## RECREIO

Continúa neste theatro o successo de *Lucrecia Borgia*, o grande drama de Victor Hugo, magnificamente montado, com bellos scenarios e soberbes vestuarios, e com um desempenho regular. Esta peça tem sido muito applaudida pelo publico, que todas as noites enche o theatro.

A companhia está montando com todo o apparato e brilhantismo o grande e celebre drama *Naufragio da fragata «Medusa»*.

Desligou-se da companhia d'este theatro a distincta actriz Helena Cavalier.

Helena Cavalier numa empresa dramatica vale por tres ou quatro artistas: representa todos os generos, desde a farça até a tragedia, desde a interessante viuvinha do *Amor por Anexas* até a Theodora do *Gran-Galeoto*, — e todos bem, pelo menos a contento do publico, que a applaude sempre.

Deve, pois, fazer grande falta ao Recreio.

## SANT'ANNA

A *Princesa Flor de Maio*, com o seu sumptuoso luxo de scenarios e vestua-

rios, tem attrahido a este theatro uma concurrencia enorme.

Já entrou em ensaios a opereta *O molheiro de Alcalá*, extrahida pelo Garrido do conhecido romance hespanhol *O chapéu de tres bicos*.

A musica é lindissima.

## PRINCIPE IMPERIAL

Na quinta feira a exoellente companhia d'este theatro, dirigida pelo projecto e habil Adolpbo de Faria, deu-nos a primeira da *Bearneza*, opera-comica em 3 actos, de Leterrier e Vnnloo, traduzida por Azeredo Coutinho e Figueiredo Ooimbra, musica de A. Messenger.

E' uma peça bonita e engraçada, e está traduzida com cuidado e espirito. A musica é em geral muito boa. Tem trechos de uma grande originalidade e *couplets* muito graciosos.

O desempenho foi muito bom. Ciaira Polonio fez com graça e *entrain* o papel de protagonista. Infelizmente, a voz não a ajudou na primeira noite, de sorte que ficou prejudicada a bella parte musical do seu papel.

Herminia representou e cantou muito bem o papel de Bianca. Deu-lhe um grande relevo e aproveitou com arte umas situações bastante pobres do seu personagem. Além d'isso vestio-se á *merveille*. Candelaria e Felicidade tambem fizeram bem os seus insignificantes papeis.

Mattoa apresentou um typo notavel — um velhos decrepito, muito bem sustentado sempre, com graça o naturalidade.

Macbado foi um Pomponio impagavel e trouxe sempre a plateia em constante hilaridade. Germano fez muito bem o typo originalissimo de Fritellini.

Engenio tem progredido. Fez rasovelmente e cantou bem o papel de Perpignac.

Teixeira, Louro e Felipe, em papeis insignificantes, concorreram pna o agradável *ensemble*.

A peça está montada com muito capricho e luxo; vestuarios novos e de grande riqueza, scenarios bons, destacando-se o do primeiro acto, que é belissimo e de grande effeito, pintado por Coliva, que, incontestavelmente, é um artista notavel, que tem muita talento e gosto.

A orchestra portou-se bem. A musica foi ensaiada com capricho por Adolpbo Lindner.

A concurrencia foi regular e a peça appludida repetidas vezes pelo publico.

Temos *Bearneza* para muito tempo pelo que damos os parabens á empresa e aos traductores.

P. TALMA.

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

## FESTA INDUSTRIAL

Os honrados e activos proprietarios, da importantissima fabrica de calçados da rua da Alfundega numero 139, as Srs. Ferreira, Nicolau & C, festejaram com toda a pompa e esmero, na tarde de 7 do corrente a ceuusão das obras do seu estabelecimento, com um

esplendido banquete, seguido de animado baile, offerecido aos seus operarios e empregados e numerosos convidados.

O edificio da fabrica achava-se ornado caprichosamente e illuminado.

A concurrencia foi extraordinaria e o jantar sorvido a mais de 400 pessoas, em varias mesas, provecionalmente levantadas no immenso salão, e por esta occasião trocaram-se muitos brindes. Findo o banquete começaram as danças que foram animadissimas.

Parabens aos estimaveis industriaes Srs. Ferreira, Nicolau, & C. pelo em grandecimento de sua fabrica, que é digna de ser visitado, pois contem notaveis machioas e alem d'isso pela perfeita ordem em que são feitos os seus trabalhos dando logar e enormes exportações, o que se prova com a sua avultada feria, que excede de 25.000\$000 por mez.

CONONESSO BRAZILEIRO

Este importante e patriótica Sociedade, deu na noite de 7 do corrente um grande earáu-concerto, para comemorar o data da Independencia do Brazil.

Começou esta bem dirigida festa pelo concerto, sendo o organisador do programma o estimavel Sr. Eduard de Delduque. Fizeram parto d'elle e o desmpenharam com muito brilhantismo as distinctas amadoras D.D. Jorge Brito, M. Gambôa, E. Queiroz e E. Gombôa, e os amadores os Srs. A. Motta, H. Fluminense, L. Rossi Junior, H. de Lemoë, e Drs. B. Gambôa F. Valle.

Findo o concerto, que foi muito applaudido, seguiu-se o baile, durante o qual reinou sempre a maior animação.

Peln mdrugada foi servida um excelente ceia, em aprazivel boeque, para osse fim preparado em um dos salões do edificio, durante a qual trocaram-se varios brindes.

O festival terminou ao romper dia.

A Sociedade Recreativa S. José realisou, com regular concurrencia, no sabbado passado, o seu saráu d'este mez.

O baile foi muito animado e prolongou-se até as 6 horas da manhan. Foi em tudo umna magnífica festa.

TIO ANTONIO.

PRIMAVERA

(A RAYMUNO CORRÊA)

Quando surge no céu a luz primeiro Da primavera que nos traz fulgores, lounda-se de amor e terro Inteira, A terre Inteira se desata em flores.

Enchem-se os prados de gentis centores, Medra o lirio no val, cresce e palmeira, O orvalho pelas folhas se penelra, Cobrem-se os montes de subis vapores.

O céu azul revestê-se de encantos, Koche-se o espaço de festivos cantos Pores, vibrantes, matioses, risoobos...

Tudo caots, sorri, palpita e fals Es alma, aberts em flor, á luz dos sonhos, Todo o perfume de existancia exbala!

ALVARO MARTINS.

COFRE DAS GRAÇAS

Pergunta-se:

— A um homem que só vê de um dos olhos, chama-se — *caótho*; ao que só tem um braço — *maneta*; ao que só tem uma perna ou só de uma é perfeito — *perneta*; como se deverá chamar a quem só ouça de um dos ouvidos?

No club Beethoven:

— Como! conselheiro, oão tem mais cabellos brancos?!

— Ah! meu caro, isso é bom para os moçoos!

Um dicto de Emilio Augier:

« Quando envelhecemos, cercam-nos de respeito e cuidados.

Dão-nos os melhores logares e os melhores bocados... Infelizmente, porém, a velhice não volta! »

No *Café de Londres*.

Sentam-se dois rapazes a uma mesa.

— *Gorçon*, uma chicara de *rubeacea negra*, simples; diz um.

O caixeiro adivinhou que era café o que o freguez queria, por vel-o virar uma chicara.

Mas um outro, virando tambem uma chicara, pediu:

— Para mim, *rubeacea negro* tambem mas com *lynphe calida*.

O caixeiro, atordoado, hesitou um instante; depois, com resolução, servio o freguez de café com leite.

— Oh! desgraçado! *Lynphe calida* é agua quente!

— Ah! não sabia... V. S. pediu isso em latim!

E' authentica.

BIBIANO.

FACTOS E NOTICIAS

Receberam-se em matrimonio no dia 3 de setembro, nesta Corte, o Sr. Jose Vasco Ramalho Ortigão, filho do illustre escriptor d'As *Farpas*, e a Exma. Sra. D. Amelia Marques, irmã do estimado uegociante desta praça José Antonio Marques Nunes, da firma Villa-Verde & Nunes.

Parabens.

SPORT

A nossa corrida realisada no domingo passado pelo Prado Villa Izabel, esteve bastante concorrida e animada apezar do tempo chuvoso.

Eis o resultado dos pareos:

No 1º, 1450 metros, Hebréa em 99 segundos, fez brilhante corrida, sahido vencedora de Aymoré que perdendo por cabeça, obteve o 2º logar, ainda não astaudou convenientemente preparado. Serodio em 3º logar. Tambem correram Ondina, Rabicano, Vensza, Rigoletto,

Barão de Pitussú e Verbena que não mereceram classificação. Rateio 20\$500.

No 2º, 1450 metros, inscreveram-se 19 parelheiros, dando logar a ser dividido este pareo em duas turmas do seguinte modo imparea e pares:

Na 1ª turma Monitor em 98 segundos, facilmente foi o vencedor. Medon chegou em 2º e Aldece em 3º. Não tivram classificação. Briosso, Rabecão, Bonita, Araby, Verbena, Jenoy e G. Boulonger. Rateio 13\$800.

Na 2ª turma Boyordo em 98 segundos com facilidade venceu os ssus adversarios. Fagote em 2º logar e Tsmpesta de em 3º. Citana na bagagem. Gambetta, Erso, Feiteira, Bayoco e Pretoria não correram. Rateio 15\$200.

No 3º, 1450 metros, Ormonde em 95 segundos venceu com facilidade a Visiere que chegou em 2º e em más condições, parecendo nos ter desmuercido. Cancanière e Duc não mereceram classificação. Kumarita, Rapid, Ch. Cleor e Sir Tellamond não correram. Rateio 15\$600.

No 4º, 1800 metros, Coupon s Mirzador fizeram boa corrida vencendo este ultimo pela pericia do seu jockey, em 122 segundos. Coupon teve o 2º logar, por ter sido mal corrido. P. eruna em 3º e Dr. Cacete na bagagem. Rateio 13\$000.

No 5º, 1800 metros, Sibylla em 123 segundos, com facilidade venceu os seus competidores. Regente que chegou em 2º logar, fez boa corrida. Dandy em 3º. Diva e Druid não correram. Rateio 11\$000.

No 6º, 1800 metros, Remise sahiu victoriosa em 122 segundos, com alguma facilidade. Rabelais obteve o 2º logar, sem esforço. Paraguaya em 3º logar. Siva, Phenicia, Poëdra e Castiglione não mereceram classificação. Pancy s Bonaparte não correram. Rateio 21\$400.

No 7º, 1000 metros, Sibylla foi vencedora em 66 segundos fazendo esforço. Odalisca chegou em 2º logar e Biscaia em 3º logar. Medon, Contralto e Villa-Nova não mereceram classificação. Tempestade e Phalena não correram.

O jogo da *poule* attingiu a regular somma de 103.620\$000.

Com um programma importante e bem organizado realiza amanhã o Derby-Club uma esplendida corrida.

Os pareos estão preenchidos pelos melhores parelheiros que actualmente correm em nossos hippodromos e constituidos de tal modo que difficilmente poderemos com segurança apontar os vencedores.

Baseados, porém, em alguns conhecimentos sobre o assumpto apontaremos como provaveis os seguintes palpites:

1º pareo — Ormonde; 2º Odalisca; 3º Apollo; 4º Boreas; 5º Phrinéa; 6º Mirzador; 7º Gambetta (faltando este Boyardo); no pareo supplementar— Olinda.

Azaras — Druid, Claretto, Diva, Le Loup, Araby, Paraguaya, Honblou, Satan e Huguenote.

L. M. BASTOS

CORREIO

Sr. Z. J.—E digam lá que em Santos não ha jovens esperançosos capazes de fazer quatorze versos dignos de leitura

e sem signer nma injuria á grammatica?! Digam lá que não! Existe, sim senhores e como prova ahi vae um soneto do Sr. Z. J. será Zebedeu, o homem? lotitulado Amelia e que é bem bonitinho. Eit-o:

AMELIA

O' minha pna, minha doce Amelia, Imagem de meus sonhos sorridentes, São os perolins finas de teus deo, es Gostas de orvalho em robida canel!

O teu pelor lembre o pallor de Ophelia, Teu corpo é como um marmore lozente; E tua voz queivosa, lembra á gente O suspiro das suras ne bronelia

O' minha doce Amelia, quem me dera Unir tua face rubre á face ininhe, Os teus dias á minhe primavera!

Tu verias, aligera andorinha, Tu, que foges de mim, qual de uma fere, Que teu temor rszáo de ser não tinba.

Talvez que o amigo preferiseo ver a sua obra na *Collaboração*, mos como eu entendo que a differença não é de palmo e que na *Collaboração* o amigo tinha de ficar cansado de esperar, eis porque a publiquei aqui mesmo.

Sr. R. R. R.—A sua poesia *Uma gatinha*, é ruim, ruim, ruim, 3 vezes ruim. Rasguei-a e pul-a fora e sil-a que, *rola*, rola na rua. Com franqueza, *seu Tras* R R R, o senhor de poeta não tem nada. Ouviu?

A's suas ordens.

Sr. W. K.—Que moxinifade! Pois o Sr. não se envergonha de escrever estas babuzeiras:

« Como o prilampo tnzidor que fulgidoes lancela! »

Tenha juizo, seu aquelle. Que cataplasma é esta? Isto nunca foi lingua de branco. Isto nunca foi gnarary, como dizia o Peixoto no *Bilontra*.

Sr. Kalosintocromocrene.—E' o caso de se dizer: maior é o nome que a pessoa; mas oão digo porque o Sr. Kalos de etc. e tal, tem talento. Tem talento, paro errar, com 600 milhões de jac és!... Pedaco de homem engraca! Desmoralisa a grammatica, o Sr. Piacrocromo etc, etc, e diz asneiras com tanto chiste, que seria capaz de fazer arrebentar de riso o proprio Morro do Nhaco. No entanto aposto que o mundo, quo deu entrada na gloria a Victor Hugo, Camões e outros que taes, hade deixar este monstro de graça apodecer a um canto, coberto de mofa como qualquer molambo velho. Não de ver só que a Humanidade ha de deixalo áe moscas! Não de ver.

Sr. P. S.—O senhor é a vergonha da familia. Os seus versos são podem servir para bucha de espingarda. E que titulo: *Aurora motutina*. Ora dá-se!...

Final, não é a lyra n que o Senhor tange, é para ahi um urucuogo velho ou um rabecão... sem cordas. Os seus versos trazem-me á lembrança esta conhecida cantiga de fado:

« Sim senhor, seo Estadão Não come farinha secece Que lhe fez opilação. »

Ou esta outra que os violeiros cantam, ao repinicar da viola, e com a menina do olho prsgada na cumieira da casa:

Ni-guem, ni-guem se admira Do macaco fazer rende, Eu já vi uma perda Ser calzeira de nna venda. » O vápó berredé etc

Cantigas estas que enchem de gozo os thebas de topeteira e as mulatas de carago, quando regamboleiam nos jequiungas.

**Sr. Paio Peres Pio**—Cada nome! Santa Barbara!... O senhor, seu homem, quer dizer ta tá mas não lhe chega a lingua. No lognr em que o Senhor escreveu *soneto* devia ter escripto: monstruosidade! Em todo caso, seu Paio, como sua mercê intitulou a sua quitanda de *soneto*, vá feito.

Realmente causa *sonno*. Também porque diabo, o seu Peres, não o apellidou logo de narcoteto (de narcotico)? porque? Seria muito mais expressivo. Quem tem uma musa como o Senhor tem está livre de uma penhora.

Acho que é desnecessario dizer-lhe que o seu soneto hade ser publicado na *Semana* quando um burro conseguir passar pelo fundo de uma agulha. Nem mais um pio, seu Pio.

**Sr. Skating Rink**—Eu acho que o Senhor devo padir o dinheiro ao mestre. Se foi assim que elle lhe ensinou as regras da metrificação, pode limpar aa mãos á parede. Misericordia! Sua poesia esta tão inçada de bichos, tão adornada de excrecencias e fistulas, que causa penu! Hospital com ella!... Ora, eu sempre quero que me diga que mal lhe fez a Poesia.

Olhem só que *formosura* de versos:

« Não quero mais este viver estaçalhado »  
Desabai furacões tempestades rugitivas  
Sobre meu cerebro!...

(Este *celebro* é celebre!) Ora nhô Rink, abra de esse genio! Quem matou seus caboclos? quem quebrou seus tomates, gente?

Não se bote a perder, moço.

**Sr. Dis**—Se V. S. ao enviar-nos o seu *já se sabe* (quer dizer: o seu soneto) intitulado *dolor*, desejava a nossa opinião franca sobre elle, não devia ter declarado que era um dos nossos assignantes perpetuos, e um dos mais entusiastas admiradores do director da *Semana*, porque declarando-o, fôra preciso sermos uns negros ingratos, ou melhor: uns ingratos negros, uns desalmados, para dizer-lhe: « Seu soneto é uma sogra! » Declarou-o; pois então agente o nosso juizo, que é todo gratidão e reconhecimento, que apenas é dictado pelo *corazon*: « Seu soneto é um mimo, um primor. V. S. é um poetarrão. » Ora ahí tem.

**Sr. M. P.**—O seu soneto *Espinho negro* será publicado no proximo numero. E' bonito; se já não scintillou nestas columnas foi por falta de espaço. Temos sempre uma enorme copia de versos, e de bons versos, nota. E' preciso ir dando a todaos os poetas um logarinho, para não desgostar a nenbm.

ENRICO.

## CORREIO DA GERENCIA

— **Sr. J. R.** (Quissamã) Remetteu-se-lhe o exemplar dos *Vinte Contos* que pedio, como premio; mas não nos consta ainda que V. S. haja pago a sua assignatura d'este anno. Pedimos-lhe entender-se com o Sr. J. D. P.

— **Sr. H. Marinho**, (Rin Bonito) Fez-se a transferencia que pedio.

— **Sr. A. C. P. Franco** (Ouro Preto) A colleção, encadernada, da nossa folha, do anno de 1885 custa 12\$000; a

do anno passado 15\$000, por termoa pouquissima.

— **Sr. J. C. T. P.** (Muzambinho) Recibida a sua consulta. Será brevemente respondida.

— **Sr. M. V. de A.** (Vargem Grande). Agradecemos-lhe cordialmente as assignaturas que nos angariou. Brevemente receberá a resposta das suas consultas.

## ANNUNCIOS

O **advogado Dr. Valentim Magalhães** é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo 34.**

**Dr. Cyro do Azevedo**.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

O **cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior** continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

**Construtores das machinas e aparelhos para lavoura**—Schubert, Irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

**Compra-se** uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centímetros; recebem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

**Alvares matinaes**, poesias de Carlos S. de Avellar Brotério, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

**Dr. André Rangel**.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Vello n. 4 B.

**F. Navarro de M. Salles**—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

**Dr. Araujo Filho**—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

**Julio Cezar Tavaros Paes** encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O **Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

**Advogado**—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**Hotel das Familias** dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

**Solicitador**—Francisco R. de A. Nvaes—Juiz de Fora.

## SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes e industriaes, de urinas, calculos e aréas da bexiga.—Rua 1.ª de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

**Dr. João Botelho**, medico e operador; molestias veneroas, syphiliticas e das vias urinaes. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicação medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 5, por cima da antiga pharmacia Frago, das 12 ás 3 horas.

**Imperial Fabrica do Corveja e aguas mineraes**—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

**Pharmacia Monteiro** Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase pancreaticinada, preparado por Monteiro & Marques.

**Almanack de Casa Branca** Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

## ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

## FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas do molhados e confeitarias.

## CAMPOS

**Augusto Luzo**.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

# ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODO

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

## OBRAS COMPLETAS

DE

# CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICARDINA. todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Sis.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremoa aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em faiculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, cada uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado. Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succuraal de Campos & C.

José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol..... 4\$000

OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU, drama em 5 actos, tendo junto A NOIVA, drama em 1 acto..... 4\$000

SGANARELLO, comedia em 1 acto de Mollière, versão..... 800

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

Erekmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro..... 2\$000

D. Guiomar Torrezão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Machado e Candido de Magalhães *Contos Cor de Rosa*..... 2\$000

Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800

POR VARIOS ESCRIPTORES

UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 521 gravuras..... 25\$000

# A NOVA-YORK

## NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY

Companhia Mutua de Seguros de Vida dos Estados-Unidos da America. Fundada em 1845---41 annos de prosperidade. Unica Companhia Estrangeira de Seguros de Vida auctorisada a funcionar no Imperio do Brazil. Capital: cerca de cento e setenta e cinco mil contos de réis. Deposito no Thesouro Nacional. duzentos contos de réis. Filial no Brazil

### 31 RUA DO HOSPICIO 31

Esta companhia de seguros sobre a vida, unica auctorisada a funcionar no imperio, por decreto n. 9.503 de 3 de Outubro de 1885, depositou no Thesouro Nacional, como garantia necessaria de suas operações no Brazil, a quantia de **Duzentos contos de réis**. Pontos importantes sob que deve ser considerada a Companhia Nova-York: Conta 41 annos de existencia, tendo começado suas operações em 1845. Sendo puramente mutua, portanto não tendo accionistas, seu capital sobre hoje á quantia de **cento e setenta e cinco mil contos de réis**.

Funcionn sob a severa fiscalisação do governo americano, unico, pois, onde existe fiscalisação real e effectiva. Não ha joia nem commisso depois de tres annos, recebendo o segurado que não puder continuar com os seus pagamentos uma apolice saldada, que nada mais lhe custa e garante-lhe tantas partes do capital primitivo, quantos pagamentos tiver cumprido e na forma do contracto originario. Seus lucros são divididos annualmente pelos segurados, que recebem prévio aviso dos dividendos que competem á sua apolice, sendo o lucro a dividir do anno de 1885, segundo o balanço de 31 de Dezembro, da quantia de **dezesete mil contos de réis**. Nos casos imprevistos interpreta sempre os seus contractos sob o ponto de vista da equidade, havendo aqui mesmo no Brazil diversos exemplos d'isso. Mediante uma pequena somma annualmente (o premio na idade de 35 annos, no caso de seguro pagavel por morte, custa cerca de **quarenta mil réis** por anno por cada **conto de réis** segurado), pode cada um constituir immediatamente um capital para sua familia em caso de morte ou para si proprio, se chegar ao prazo escolhido. A viúvas e orphaes, por morte de segurados, a possuidores de apolices dotaes, que chegaram ao periodo escolhido, a companhia tem pago, desde a sua fundação, a quantia de **duzentos e cinco mil contos de réis**.

Uma apolice da **New-York Life Insurance Company** offerece ainda aos ricos a grande vantagem de servir, como a que melhor for, de caução imediata, definitiva ou provisoria. Sendo o pagamento dos premios, assiu como o capital segurado, em ouro e tendo a companhia agencias em todo o mundo, as transacções feitas no Brazil podem perfeitamente ser continuadas em qualquer outro lugar á escolha do segurado com redução nos premios, se a residencia for em paizes de clima temperado

### SINISTROS NO BRÁZIL

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

| Nomes   | Logares                  | Premios pagos até á morte | Quantias pagas pela companhia á familia |
|---|--------------------------|---------------------------|---|
| Joseph Norris.....  | Londres.....             |                           | lib. s. d.<br>1.078 11 4                |
| Gustavo Masset.....   | Londres (Rest.).....     |                           | 312 3 4                                 |
| Victor Scheitlin.....   | Pariz.....               |                           | Francos<br>60,000                       |
| João José de F. Guimarães.....  | Pará.....                | Rs. 455\$800              | Rs. 12.000\$000                         |
| Dr. Candido Quirino Bastos.....   | Pará.....                | 583\$900                  | 24.000\$000                             |
| José João Riheiro.....  | Pará.....                | 21.48500                  | 7.200\$000                              |
| D. A. A. Dohrman.....   | Rio de Janeiro.....      | 400\$000                  | 23.833\$000                             |
| José Rodrigues de Souza.....  | Pará.....                | 61\$600                   | 11.825\$000                             |
| Gustavo Wedekind.....   | Rio de Janeiro.....      | 1.463\$200                | 23.663\$000                             |
| José Soares Pereira.....  | Bahia.....               | 717\$600                  | 13.920\$000                             |
| Paul Emilio Willmersdorf (assassinado).....   | Santos.....              | 107\$500                  | 11.613\$000                             |
| Tito Antonio da Rocha.....  | Ceará.....               | 203\$500                  | 6.176\$000                              |
| Carl Gaspar August Hayn (suicidio).....   | Rio de Janeiro.....      | 5.779\$800                | 72.000\$000                             |
| Gustavo Theisen.....  | Rio de Janeiro.....      | 1.196\$000                | 24.000\$000                             |
| José Amando Mendes.....   | Pará.....                | 1.150\$000                | 27.245\$000                             |
| Antonio Soares Pinheiro.....  | Pará.....                | 1.422\$000                | 13.770\$000                             |
| José Gomes Campello.....  | Bahia.....               | 454\$240                  | 11.200\$000                             |
| Dr. Aureliano de Azevedo Monteiro.....  | Rio Grande do Sul.....   | 455\$800                  | 13.900\$000                             |
| Ailsa Janson.....   | Pernambuco.....          | 3.531\$000                | 24.500\$000                             |
| João Balso.....   | Pará.....                | 1.433\$000                | 12.000\$000                             |
| Henrique Eulalio Gurjão.....  | Pará.....                | 71\$460                   | 5.760\$000                              |
| Henrique Barbosa de Amorim.....   | Mauãos.....              | 487\$080                  | 4.800\$000                              |
| Jacques Meyer (suicidio).....   | Rio de Janeiro.....      | 2.707\$800                | 21.600\$000                             |
| Josinh White Way.....   | Pernambuco.....          | 829\$520                  | 2.400\$000                              |
| Florentino Telles de Menezes.....   | Desterro.....            | 758\$000                  | 11.919\$700                             |
| D. Emilia R. Moreira de Queiroz.....  | Bahia.....               | 971\$700                  | 11.030\$760                             |
| Thomaz Argeniro Ferreira Chaves.....  | Desterro.....            | 234\$960                  | 8.911\$900                              |
| <i>A pagar, depois de serem approvados os competentes documentos de prova de morte:</i> |                          |                           |   |
| Eugenio Leiffer.....  | S. Paulo.....            | 2.226\$400                | m/m 11.000\$000                         |
| Dietrich von Grawert (suicidio).....  | Pará.....                | 2.729\$000                | 11.000\$000                             |
| Ladisláu de Almeida Cardoso.....  | Pará.....                | 5.010\$000                | 24.000\$000                             |
| Felisherto José dos Santos Lisboa.....  | Pará.....                | 862\$400                  | 5.000\$000                              |
| João Gonçalves Ledo Junior.....   | Pará.....                | 4.768\$800                | 24.000\$000                             |
| Jean Louis Seiler (suicidio).....   | Rio de Janeiro.....      | 511\$700                  | 11.000\$000                             |
| Antonio Navarro de Siqueira.....  | Rio de Janeiro.....      | 1.419\$000                | 11.000\$000                             |
| Alexandre Ferreira Pinto.....   | S. Francisco do Sul..... | 180\$000                  | 5.500\$000                              |

Informações, prospectos e impressos, no escriptorio central para o Brazil

N. 31 RUA DO HOSPICIO N. 31

R. J. KINSMAN BENJAMIN, GERENTE.

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA II<sup>A</sup> CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 18 DE SETEMBRO DE 1887 DOMINGO

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

1º pareo—**Lomgruber**—1.450 metros—Animaes estrangeiros, de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes        | Fellos     | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas     | Proprietarios       |
|-----|--------------|------------|--------|---------------|---------|---------------------------|---------------------|
| 1   | Visière..... | Alazão.... | 2 ans  | França.....   | 43 kil. | Azul marinho e palha..... | J. Paulo de Castro. |
| 2   | Lady.....    | Castanho.. | 2 »    | Inglatterra.. | 48 »    | Azul.....                 | C. O.               |
| 3   | Ormonde..... | Idem.....  | 2 »    | França.....   | 45 »    | Preto e branco.....       | F. M.               |
| 4   | Houhlon..... | Zaino..... | 2 »    | Idem.....     | 47 »    | Ouro e preto.....         | F. Schmidt.         |

2º pareo—**Progresso**—1750 metros—Animaes nacionaes de meio sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |                |            |       |              |         |                               |                        |
|---|----------------|------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | Regente.....   | Castanho.. | 4 ans | S. Paulo...  | 52 kil. | Encarnado.....                | Tattersall Campineiro. |
| 2 | Odalisca.....  | Pampa....  | 1 »   | Idem.....    | 52 »    | Verde branco e encarnado..... | Coud. Excelsior.       |
| 3 | Corcovado..... | Castanho.. | 3 »   | R. de Jane.. | 49 »    | Grênat e ouro.....            | Mario de Souza.        |
| 4 | Gambetta.....  | Zaino..... | 5 »   | S. Paulo...  | 51 »    | Preto e rosa.....             | M. G.                  |
| 5 | Druid.....     | Tordilho.. | 5 »   | R. de Jane.. | 56 »    | Branco e bonet encarnado..... | Oliveira J. & Lopes.   |

3º pareo—**Extra**—1200 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos que não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

|    |                   |            |       |               |         |                                |                     |
|----|-------------------|------------|-------|---------------|---------|--------------------------------|---------------------|
| 1  | King.....         | Alazão.... | 2 ans | Inglatterra.. | 47 kil. | Encarnado, azul e crème.....   | L. L.               |
| 2  | Duc.....          | Zaino..... | 2 »   | Idem.....     | 47 »    | Verde e encarnado.....         | P. O.               |
| 3  | Honguenotte.....  | Castanho.. | 2 »   | França.....   | 47 »    | Preto e bonet encarnado.....   | A. Michel.          |
| 4  | Clarette.....     | Idem.....  | 2 »   | Inglatterra.. | 46 »    | Branco e estrellas azues.....  | Coud. Guanabara.    |
| 5  | Lord.....         | Zaino..... | 2 »   | Idem.....     | 47 »    | Grênat e violeta.....          | J. P.               |
| 6  | Cancanière.....   | Castanho.. | 2 »   | França.....   | 46 »    | Azul e ouro.....               | Coud. Alliança.     |
| 7  | Sir Telsmond..... | Idem.....  | 2 »   | Inglatterra.. | 47 »    | Rosa e bonet preto.....        | Coud. Intimidade.   |
| 8  | Apollo.....       | Alazão.... | 2 »   | R. da Prata   | 47 »    | Azul e grênat.....             | T. R. M.            |
| 9  | Pervanche.....    | Idem.....  | 2 »   | Belgica...    | 46 »    | Ouro e preto.....              | F. Schmidt.         |
| 10 | Gentleman.....    | Castanho.. | 2 »   | Inglatterra.. | 46 »    | Enc. mang. azul claro e faixa. | Coud. Brazileira.   |
| 11 | Victoria.....     | Zaino..... | 2 »   | Idem.....     | 46 »    | Idem idem.....                 | Joaquim da C. Baho. |
| 12 | Black-Satin.....  | Preto..... | 2 »   | Idem.....     | 46 »    | Azul ouro e grênat.....        | Coud. Hannoveriana. |

4º pareo—**Derby-Club**—2.000 metros—Animaes nacionaes de meio e puro sangue—Premios: 1.500\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

|   |                |            |       |              |         |                               |                      |
|---|----------------|------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|----------------------|
| 1 | Syhillia.....  | Zaino..... | 5 ans | S. Paulo...  | 56 kil. | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.      |
| 2 | Dandy.....     | Castanho.. | 4 »   | Idem.....    | 52 »    | Grênat e ouro.....            | F. Vianna.           |
| 3 | Boreas.....    | Idem.....  | 5 »   | Idem.....    | 69 »    | Grênat e violeta.....         | Coud. R. de Janeiro. |
| 4 | Espadilha..... | Idem.....  | 3 »   | Idem.....    | 47 »    | Azul e ouro.....              | Coud. Alliança.      |
| 5 | Diva.....      | Alazão.... | 5 »   | R. de Jane.. | 52 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense.    |

5º pareo—**Rio de Janeiro**—2.650 metros—Animaes de puro sangue—Premios: 2.000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

|   |                    |            |       |               |         |                               |                   |
|---|--------------------|------------|-------|---------------|---------|-------------------------------|-------------------|
| 1 | Salvatus.....      | Alazão.... | 4 ans | França.....   | 50 kil. | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.   |
| 2 | Satan.....         | Castanho.. | 4 »   | Idem.....     | 59 »    | Grênat e ouro.....            | Mario de Souza.   |
| 3 | Phrynéa.....       | Idem.....  | 5 »   | Inglatterra.. | 49 »    | Ouro e branco.....            | Coud. Fluminense. |
| 4 | Fils d'Artois..... | Idem.....  | 4 »   | França.....   | 50 »    | Ouro e preto.....             | F. Schmidt.       |

6º pareo—**Cosmos**—1609 metros—Animaes estrangeiros que não tenham ganho o pareo «Rio de Janeiro»—Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |               |         |                               |                      |
|---|-----------------|------------|-------|---------------|---------|-------------------------------|----------------------|
| 1 | Veloutine.....  | Alazão.... | 3 ans | França.....   | 47 kil. | Azul, branco e encarnado..... | Coud. Cruzeiro.      |
| 2 | Peruana.....    | Zaino..... | 4 »   | Inglatterra.. | 50 »    | Azul e amarello.....          | J. Rocha.            |
| 3 | Dr. Caceta..... | Idem.....  | 4 »   | R. da Prata   | 52 »    | Grênat e ouro.....            | J. S.                |
| 4 | Le-Loup.....    | Idem.....  | 4 »   | França.....   | 52 »    | Azul e grênat.....            | Coud. Internacional. |
| 5 | Daybreak.....   | Idem.....  | 3 »   | Inglatterra.. | 49 »    | Azul e ouro.....              | D. Julia Vieira.     |
| 6 | Mirzador.....   | Idem.....  | 4 »   | França.....   | 51 »    | Ouro e preto.....             | F. Schmidt.          |
| 7 | Cheapside.....  | Alazão.... | 4 »   | Inglatterra.. | 57 »    | Encarnado, branco e ouro..... | Coudelaria Paulista. |
| 8 | Catita.....     | Castanho.. | 4 »   | Idem.....     | 50 »    | Azul.....                     | F. Guimarães.        |

7º pareo—**Seis de Março**—1609 metros—Animaes nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro

|   |                 |            |       |              |         |                               |                        |
|---|-----------------|------------|-------|--------------|---------|-------------------------------|------------------------|
| 1 | Fagote.....     | Castanho.. | 5 ans | S. Paulo...  | 51 kil. | Encarnado e preto.....        | Tattersall Campineiro. |
| 2 | Rabecão.....    | Zaino..... | 5 »   | Idem.....    | 54 »    | Encarnado.....                | Idem idem.             |
| 3 | Boyardo.....    | Alazão.... | 5 »   | Idem.....    | 56 »    | Branco e estrellas azues..... | Coud. Guanabara.       |
| 4 | Americana.....  | Tordilho.. | 4 »   | R. de Jane.. | 52 »    | Azul e ouro.....              | D. Julia Vieira.       |
| 5 | Araby.....      | Alazão.... | 5 »   | Idem.....    | 54 »    | Grênat e ouro.....            | Coud. Carioca.         |
| 6 | Gambetta.....   | Zaino..... | 5 »   | S. Paulo...  | 54 »    | Preto e rosa.....             | M. G.                  |
| 7 | Sartarelle..... | Preto..... | 5 »   | Paraná...    | 51 »    | Geranium e ouro.....          | J. W.                  |
| 8 | Vampa.....      | Zaino..... | 5 »   | R. Grande..  | 56 »    | Azul e grênat.....            | Coudelaria Paraizo.    |

Pareo suplementar—Animaes estrangeiros de 3 annos—Distancia 1609 metros

|   |                |            |       |               |         |                           |                     |
|---|----------------|------------|-------|---------------|---------|---------------------------|---------------------|
| 1 | Sivs.....      | Alazão.... | 3 ans | Inglatterra.. | 47 kil. | Azul, ouro e grênat.....  | Coud. Hannoveriana. |
| 2 | Queen.....     | Castanho.. | 3 »   | Idem.....     | 47 »    | Ouro e branco.....        | Coud. Fluminense.   |
| 3 | Bonaparte..... | Zaino..... | 3 »   | Idem.....     | 49 »    | Azul marinho e palha..... | J. Paulo de Castro. |
| 4 | Orange.....    | Alazão.... | 3 »   | França.....   | 49 »    | Ouro e preto.....         | F. Schmidt.         |
| 5 | Olinda.....    | Zaino..... | 3 »   | Inglatterra.. | 47 »    | Grênat e ouro.....        | Coud. Carioca.      |
| 6 | Paraguay.....  | Alazão.... | 3 »   | Idem.....     | 47 »    | Grênat e azul.....        | P. Lima.            |
| 7 | Eboron.....    | Zaino..... | 3 »   | França.....   | 49 »    | Grênat e rosa.....        | S. M.               |
| 8 | Pancy.....     | Idem.....  | 3 »   | R. da Prata   | 47 »    | Encarnado e ouro.....     | V. M.               |

## OBSERVAÇÕES

O pareo suplementar realizar-se-á ás 11 1/2 horas da manhã em ponto, e vendem-se bilhetes de aposta para esse pareo, na secretaria do Club.

**N. B.**—O grande **Cosmos**, na distancia de 2.000 metros, para animaes estrangeiros, de 3 annos, com o premio de 3.000\$ ao primeiro, 600\$ ao segundo, 300\$ ao terceiro, o quarto livra a entrada, realizar-se-á em 11 de Dezembro do corrente anno.

A 18 do mesmo mez será realizado um grande Handicap, na distancia de 2.400 metros, para animaes de todos os paizes e edades, sendo o premio de 2.000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro. O peso para este Handicap é o seguinte: Animaes de 3 annos, 45 kilos; 4 annos, 55 kilos; 5 annos, 59 kilos. As eguas carregarão menos 3 kilos.

O 2º secretario, A. CESAR LOPES.

## LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de possias, elegantemente impresso a duas cores. 800 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutes nas principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus ingleses e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 24 DE SETEMBRO DE 1897  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 143

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                             |                 |
|-----------------------------|-----------------|
| Expediente.....             | FILINDAL.       |
| Historia dos sete dias..... | V. MAGALHÃES.   |
| Ramallo Ortigão.....        | ALGUEM.         |
| Ansio de critica.....       | A. DE OLIVEIRA. |
| Almas e o sol, poesia.....  | U. DUARTE.      |
| Emalidades e paradoxos      |                 |
| Nota á «Procição dos Mo-    |                 |
| ribundos».....              | C. C. BRANCO.   |
| Pinho negro, soneto.....    | M. PEDERNEIRAS  |
| Nota s Valentim Maga-       |                 |
| lhães.....                  | M. RAMALHO.     |
| Notas bibliographicas.....  | V.              |
| Jornaes e Revistas.....     | A. MAGALHÃES.   |
| A cabana, poesia.....       | FISCHIO.        |
| Casos patuscos.....         | V. GUILMARÃES.  |
| Amor de Lezero.....         | DR. ONETT.      |
| Tronicas scientificas.....  | M. DE ASSIS.    |
| Signas esquecidas.....      |                 |
| Busca do Imperador.....     | J. DE M. SILVA. |
| Notas, bailes e concertos   | TIO ANTONIO.    |
| Porte.....                  | L. M. BASTOS.   |
| Declaração.....             | ENRICO.         |
| Rebermos.....               | J. DE ARAUJO.   |
| Porte da gerencia.....      |                 |
| Annuncios.....              |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

#### PROVINCIAS

No escriptorio d'asta folha compram-se exemplares dos us. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenha-

das por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesia de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por aca mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Cahio como uma bomba, no casto seio do ministerio Cotegepe, a noticia da eleição do Pernambuco, que deu a victoria a Joaquim Nabuco. A heroica provincia enriçou a como uma vez mais e virou de catrambias o Sr. Portella, ministro do Imperio.

Eu, como já por vezes hei solemnemente declrado, não percebo nada de politica; mas acredito que seja excepcional o merito do Sr. Portella, para que o Sr. Cotegepe procurasse retelo no ministerio, depois de ter perdido a batalha eleitoral.

Passados alguns dias depois da terrivel noticia, o Sr. Portella sempre conseguiu safar-se do gabinete reservado onde se decidem os destinos d'este grande paiz.

Entre as noticias, dadas pelas folhas diarias, da retirada do Sr. Portella, eu destacarei, no relevo da transcripção, a do *Paiz*, por me parecer patusca e typica.

E' uma noticia caracteristica de folha opposicionista, e está escripta com tanto talento quanta grammatica. Destaca-se na solemnidade de um entrelinhado, entre os telegrammas e os *Topics*.

Leia-a com attenção o meu leitor, e calumnie-me depois dizendo que eu lhe não forneço bons pratos:

Eil-a:

« O Sr. conselheiro Machado Portella já não é ministro do imperio.

« Por decreto de houtem foi-lhe concedida a exoneração que pediu, ou antes que lh'a deram os eleitores do 1º districto de Pernambuco.

« Fica S. Ex. sem pasta e sem cadeirno no parlamento. A lição é dura, mas proveitosa... aos futuros, não aos presentes.

« O resto do ministerio continúa, assumindo *interinamente* a pasta do imperio o mesmo Sr. presidente do conselho. »

Fica o meu leitor sabendo que ao Sr. Portella foi concedida a exoneração que lh'a deram os eleitores do 1º districto de Pernambuco.

Referindo-se a um livro muito mal escripto, disse uma vez Ramallo Ortigão nas *Farpas*:

« Isto não é escrever; é coçar-se. »  
E' natural que, ao ler aquella noticia, o meu leitor exclame: n'um frouxo de riso, — isto já não é coçar-se; é babar-se!

Deve partir hojs para Buenos-Ayres a companhia Emanuel.

Vae-se, para só voltar d'aqui a tres annos, o grande artista italiano que primeiro nos mostrou a *verdade* na arte de representar. Esta folha já uma vez disse que Emanuel era no theatro o que Zola é na litteratura. um renovador audacioso e tenacissimo, um rebelde contra todas as convenções e todos os preconceitos da trndição.

Fazendo a apreciação a largos traços da maneira do grande artista, o tendo duvidas ácerca da victoria do naturalismo no theatro, pergunta o *Jornal do Commercio* de houtem « Como hade o actor representar naturalmente uma personagem que sahio tola artificial da cabeça do auctor? »

Antes de formulada pelo *Jornal*, esta interrogação já por vezes nos assaltára o espirito; mas depois que vimos o papel de Kean representado pelo grande actor, convencemo-nos cabalmente de que isso era possivel. E o papel de Kean vem para o caso, como se costuma dizer: — a talho de foice.

Não conhecemos no theatro moderno papel de importancia, mais falso, mais artificial e mais desegual. Entretanto, quando o vimos feito por Emanuel, toda esta impressão se nos desvaneceu, e vimos um Kean natural, humano e perfeito; um Kean comprehensivel e verdadeiro, deixando perceber entre o brilhantismo do seu segundo meio a influencia remota do primeiro.

— Mas, dir-nos-ão, não é o Kean brilhante que nós conhecemos; não é n Kean imaginado por Dumas.

E' exactamente ahi que se revela o genio do artista. O auctor deu-lhe um modelo falso e contrafeito, e o actor apresenta-nos uma estatua talhada a primor, de linhas humanas correctissimas, animada pelo sopró genial da sua arte e do seu talento.

Se o naturalismo, isto é — o *verismo*, tiver mais dois ou tres propugandores da força de Emanuel, ha de infallivelmente vingar no theatro, e então a evolução da litteratura dramatica terá forçosamente de acompanhar a evolução do theatro, e os grandes nactores screverão peças para os grandes actores naturaes e simples como Emanuel.

Mas não é agora occasião para discutirmos assumpto tão complexo. Emanuel parte, mas leva a certeza de que nos deslumbrou a todos e a grata impressão do bom acolhimonto que tive-

ram aqui a sua escola e as suas excepçoes quilibraes artisticas.

O assombroso creador de Arduino, de Othelo, de Hamlet e de Conrado, fechou a serie dos seus triumphos com aquelle estupendo Nero, uma das mais vastas, das mais delicadas, das mais subteis, e talvez n' mais completa das suas creações artisticas.

Deapeço-me saudoso do grande actor assim como dos seus bona companheiros Virginia Reiter, Aleotti, Valenti, Roncoroni e todos os que o ajudaram a proporcionar-nos as inolvidaveis noites do Pedro II e do S. Pedro, onde a grande Arte tocou o apogéo da gloria, elevada nos hombros athleticos do maior artista que temos admirado no Brazil.

Galernos ventoa e conduzam ás terras do Prata, que neste momento eu sinceramente invejo. Aqui lhe fiz os meus cordiaes cumprimentos á chegada, aqui lhe tributei em phrases pallidas a homenagem da minha admiração e do meu assombro, e aqui lhe deixo o meu adeus saudosissimo, ainda impressionado pela ultima noite artistica com que me extasiou o seu genio.

Até á volta, grande e incomparavel Emanuel!

FILINDAL.

## RAMALHO ORTIGÃO

A proposito de um trecho do segundo artigo dos treas que sobre o illustre critico portuguez escrvi nesta folha, publicou Urbano Duarte, na sua apreciada *Chronica Fluminense* do *Diario Mercantil* de 11 do corrente, n seguinte:

« Valentim Magalhães tem escripto na *Semana* uns magnificos artigos sobre a individualidade de Ramallo Ortigão. Concorde em geral com as judiciosas opiniões que emitta n respeito do illustre critico portuguez. Mas no seu ultimo artigo leio o seguinte:

« Conversava eu com o seu irmão, o illustrado e benemerito propugrador do Gabinete Portuguez de Leitura, e com outro cavalheiro ácerca de Ramallo, que estava no pavimento superior da casa concludo a sua *toilette*, e dizia-me aquelle que este, sendo mais velho do que elle, parecia mais moço; que, tendo cincoenta annos, não figurava ter mais de quarenta, quando Ramallo entrou, lépido, gentil, affavel, correctamente eucaseado, altos collarinhos alvissimos, grnata branca atada graciosamente; e de todo elle exalava-se um perfume de agua da Colonia, sabão inglez e charuto de Havana.

« Senti-me aniquilado e nullo, abolutamente impresnvel, com os meus vinte e tantos annos, junto e dentte d'aquelle quinquagenario juveal, possante, prompto para tudo, e para tudo apto e disposto.

« Ramallo tem a religião da Força.

Em poucas palavras, facéis, precisas, coloridas, expoz-mo as bases do seu culto.

— E' muito util que se pense de um escriptor que é — um burro, na força. Começa porque ninguem se atreverá a duel-o!

Não quero fazer blague sobre a impressão do Valentim, que se julgou nullo e imprestavel perante o quinquagenario ntilético e regumante de vida.

E' um excesso de modestia, talvez manifestado com a sinceridade do momento, mas que conveiu logo rebater. O Valentim admira a robustez physica do Sr. Ramalho Ortigão e entende que é esta a melhor qualidade do seu talento de escriptor.

Ora vejam como são as cousas! O que eu mais admiro no Valentim é justamente aquillo que o faz amigável — em frente do Sr. Ortigão — quero dizer, o seu physico debil, o seu estomago dyspeptico, o seu sangue pobre, empenhados em luta titânica com um dos systems nervosos mais intensos, mais ricos e mais vibranteis que tenbo conhecido.

E' isto que eu mais admiro, porque isto significa o esforço soberano da energia moral para vencer as rebeliões da materia.

Eu sei que o supremo ideal é ailiar a validez physica á saúde do espirito; so que o desequilibrio nas funcões organicas traz ás vezes como consequencia o desequilibrio nas funcões da mentalidade e do coração.

Porém fica tu certo, meu caro Valentim, de que a primeira condição, a condição essencialissima para o artista o para o escriptor, não é possuir um thorax de Hercules ou um biceps de açougueiro, não é o apuro de toilette nem os cuidados da hygiene; são cousas muito importantes e muito recomendaveis, mas secundarias. O essencial é ter talento; e Ramalho Ortigão é quem é por possuil-o no mais elevado grao, um talento solido e brilhante, amadurecido pelo estudo dos homens e das cousas do seu tempo. A bella independencia e exemplar desassombro com que externa o seu pensar não derivam da possança dos seus musculos nem da correção do seu traje, mas da possança do seu cerebro e da orientação do seu espirito. São cousas diferentes, que por acaso se podem encontrar reunidas, mas que não tem esta intima correlação que queres enxergar.

Conheço homens fortes e robustos que se distinguem por notavel pusillanidade e fraqueza mental.

Aqui bem perto de mim, numa rua adjacente, mora um bonito rapagão, espadado, bem constituido, grandes olhos luminosos, barba que parece um jardim hollandez, fronte alta e correcta, nariz ousado, bocca rasgada e firme, andar rhythmico, voz despachada e sonora.

Os seus collarinhos são alvissimos, e de todo elle tambem se exbalta um perfume de agoa da Colonia, sabão inglez e charutó de Havana.

Entretanto, se tu trocasses idéss com este cavalheiro durante meia hora, ficarias convencido, como eu, de que elle é uma grandissima besta — em tudo que não diga respeito ao seu bem estar physico.

Além do seu enorme talento e da sua variadissima illustração, Ramalho destaca-se em alto relevo do commum dos escriptores portuguezes e brazileiros por uma qualidade verdadeiramente excepcional, que lhe empresta milagroso poder: — a sinceridade.

Tem a coragem dos convencidos e a intrepidez irreductivel do que só caminha em linha recta.

Neste ponto todos nós, os moínos, os tímidos, os irresolutos, que nunca podemos dizer o que pensamos e o que sentimos, pela razão muito simples de que não sabemos como pensar e que se atir em frente dos complicadissimos phenomenos da vida social, neste ponto uada mais devemos fazer do que nos curvamos reverentemente perante o athleta.

Se não fosse um bom pretexto para transcripção de tão vivo e saeno trecho de prosa, talvez que en resistisse ao desejo de responder a Urbano Duarte, pois creio que divergio de mim apenas, tambem, como pretexto para escre-

vel-o. O meu amigo entendeu-me, bem que mo entendeu; mas não quiz perder o ensejo de me dizer umas cousas amaveis (o que de coração lhe agradeço) e de emitir umas phrases graciosas.

Sim, Urbano gracejava quando escreveu que eu entendo ser a robustez physica de Ramalho Ortigão a melhor qualidade de seu talento de escriptor.

E' claro, clarissimo, que a primeira condição para o artista e para o escriptor é ter talento; de accordo.

Pode-se ter a força de Hercules, a belleza de Apollo, a graça de Adonis e, não obstante, ser perfectamente idiota, tapado como um portão; e vice-versa: não se possuir nembuma d'aquellas ricas qualidades e ter talento a valer, ser tão cheio de graça como a Virgem Maria e ter estylo como o diabo.

Ha muitos annos anda Camillo Castello Branco a lamentar « seu proximo fim », a dizer que morrerá no dia seguinte, e, no entanto, continúa a assombrar a gente com a prosa muis inprevistamente pittoresca e mais estrepitosamente forte que se escreve em lingua portugueza?

Quem diria, lendo Guilherme de Azevedo, que este escriptor era uma lamentabilissima victima do rachtismo e da escrophulose? Não são Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro dois atormentados dyspepticos o duas fracas figuras? Mas deixemo-nos de mais exemplos; aliás facéis de accumular.

O talento, em si, nada ou mui pouco tem que ver com a força physica; mas na obra do artista, nos productos do talento influem muitissimo a robustez e a saúde do corpo.

Todos os grandes reformadores, todos os constructores de obras grandes, homogeneas e methodicas, todos os vastos creadores têm sido homens fortes, duros o saos, como os rudes cultivadores da terra.

Rabelais, o immortal medico e padre, sabio e puudego, o universal doutor, fei até aos sessenta e tres annos com que morreu « *bon Gaultier et bon compagnon et en ce non bien venu en toutes bonnes compagnies de Pantagruelistes.* »

Rabelais, essa especie de Rubens gaullez da prosa — « resume só por si toda a media idade sensual, facciosa, satyrica e escarninha » — diz Luiz Moland. O creador do « Grande Gargantua » e do seu filho Pantagruel tinha a alegria e, portanto, a saúde de um gigante.

Balzac era forte e laborioso como um boi. Devorava duzias de peras e de cachos d'uvas, bebendo-lhes em cima almudes de agua fresca, como um pastor lendario, dos tempos de Homero. Lutou dois terços da sua vida com a mais terrivel das feras — o cródor; escreveu *A Comedia Humana* e viveu meio seculo: era um gigante.

E Dumas? o amplo, o risonho, o plethorico, o inextgotavel Dumas? Passou toda a vida a esbaajar-se, a prodigalissar-se, a gastar-se doudamente, a gosar e a trabalhar; teve cem amantes e fez mais de cem livros e, — apesar de tudo isso — viveu tanto como Rabelais — sessenta e tres annos.

Lembro ainda Flaubert, o enorme Flaubert — morto de uma apoplexia; Victor Hugo, que aos oitenta annos trabalhava tanto como aos viate; Emilio Zola — solido, pertinaz, inteiriço como uma torre.

Ora o que eu admiro, o que eu invejo em Ramalho Ortigão é essa organisação physica e essa saúde athleticas, que lhe permitem ser um trabalhador

methodico, valente, incnsavel, e, sobretudo, que lho dão a conlança nas proprias forças, a esperança nos resultados da sua obra e a serenidade imperturbavel dos que, sentindo-ae capazes de fazer alguma cousa de grande, caminham em linha recta ao seu fim, sem temor nem desfallecimentos.

Urbano, amavelmente, diz admirar mais do que a robustez physica do Sr. R. Ortigão « o esforço soberano da energia moral para vencer as rebeliões da materia » empregado por mim, segundo pensa.

E' certo que procuro substituir pela força da vontade, pela energia moral, o que me fallece em força muscular, em energia sanguinea: mas serei toda a minha vida um nervoso, um desequilibrado... Não digo um agitado, porque, depois da applicação que d'esse termo fez o Dr. Petter, de Paris, ao estado do Imperador, e das explicações do Dr. Derneval, redactor da *Gazeta de Noticias, attaché ao estado mental* do Sr. D. Pedro d'Alcantara, agitado é, mais ou menos, synonymo de maluco.

Faltar-me-á sempre o perfeito equilibrio das energias physicas, moraes e intellectuaes, que produz os grandes creadores, os trabalhadores benemeritos e imorredouros.

Conheço tambem o « bonito rapagão » a « grandissima besta » a que se refere Urbano Duarte, e mais cem como elle, e não paro estatelado, boquiaberto, ante elles. Que os leve um máu diabo!

Mas siato-me pequeno e sinto-me invejoso quando vejo um rapagão d'esses — chamando-se Ramalho Ortigão, isto é: aliado á pujança physica a pujança mental, porque, aquella é o combustivel d'esta, se assim me posso exprimir.

Além de tudo, Urbano Duarte, afinal, vem a concordar plenamente comigo. Leiam-se os tres ultimos periodos do seu artigo. Essa « qualidade excepcional — a sinceridade, a coragem dos convencidos, a intrepidez irreductivel dos que só caminham em linha recta, » que Urbano Duarte admira em Ramalho Ortigão, somente se encontram, em toda a sua grandeza, em todo o seu poder de expansão, nos verdadeiramente fortes, nos que tem thorax de Hercules e biceps de açougueiro, nos que são, quanto ao physico, exactamente eguaes áquella « grandissima besta » de, que é visinho o meu bom amigo Urbano Duarte.

VALENTIM MAGALHÃES.

### « ENSAIO DE CRITICA »

Com este modesto titulo acaba o Sr. Alvares da Costa de publicar em Pernambuco um volume de uma centena de paginas.

E' sempre com o mais sincero gosto que registramos o apparecimento de obras taes, infelizmente tão raras entre nós e tão pouco lidas pelo nosso publico. A febre jornalística vae, cada vez mais vertiginosamente, soffocando, com os seus artigos ligeiros e corridos, a critica meditada e conscienciosa, que só o livro cemptora.

( ) publico tem preguença de pensar e o redctor tem ainda mais de o corrigir e educar-lhe n gosto. O Brazil ainda não sabe escrever, nem ler;

como egualmente não sabe ver, nem sentir. Seu ideal artistico em questões de lotras caminha, ds olhos fechados e de carreira, para o estylo telegraphico. Os solitarios livros que surgem, pois, em nosso pobre mercado litterario, passam envergonhados e tristes por entre a esfurvilhação das noticias do dia, como sombras fugitivas e errantes, que ninguem comprehende. Os jornalistas mal os folheiam e só falam d'elles quando qualquer circumstancia particular os obriga a isso — o odio ou a amizade. Hoje quasi ninguem faz critica pela critica; de sorte que o simples facto do apparecimento de um livro sobre litteratura, sejs este embora muito fraco, é para nós outros, teimosos namorados da arte, caso de regosijo e applauso.

Felizmente o livro do Sr. Alvares da Costa não está naquellas condições e offerece campo mais ao louvor do que á censura. Sente-se, é verdade, que o autor principia agora a exercitar o seu talento: percebe-se que a sua penna ainda está nova e pouco familiarisada com a tinta, mas, em compensação, advinha-se que n'uma segunda obra, que ella com certeza nos dará, encontraremos o que falta nesta: mais unidade na forma, independencia de julgamento e orientação accentuada.

O estylo do promettedor academico ainda se não firmou bem; notam-se-lhe vacillações e desigualdades que lhe desfeam a phrase; porem o modo de dizer é fluente e nem sempre affectado. Intelligente e lido em bons mestres modernos, o jovem escriptor está no bello periodo dos primeiros enthusismos; palpita ainda nas matutinas illuções litterarias e segue, cantando, a onda revolucionaria do Naturalismo, que transbordou de França, invadió a Russia, a Italia, a Allemanha, a Inglaterra e Portugal, deixando incolome a Hespanha, porque este adoravel país não veste roupa alheia e prefers continuar com os bombros mal agasalhados no velha capa emboraçada do seu cavalheresco romantismo. a ter de seguir-se ás novas modas estrangeiras.

Da onda revolucionaria apenas algumas gottas salpicaram sobre o Brazil, quando ella se estendeu ja em resaca sobre Portugal; gottas insignificantes que aqui se perdem no vasto oceano das lagrimas de tres gerações de lyricos inconsolaveis e chorosos.

Do naturalismo coube-nos portanto na sua natural propagação, uma pequena dóze homeopathica; nem de outro modo pederia acontecer, porque as condições especiaes da nossa vida de povo imberbe são muito diversas das de qualquer encanecido povo europeu. Ha infinitas coisas que no Brazil são naturaes e que n não são em França.

Foi isto o que o Sr. Alvares da Costa não distinguio ainda, apezar da sua incontestavel perspicacia. O jovem escriptor preocupou-se em demasia com os machiavellicos livros de criticas de Zola: não percebeu que esses trabalhos foram talhados com exagero para servir de arma de combate.

Zola romancista não é Zola critico; antes pelo contrario — um é a negação do outro; são contrarios; são quasi inimigos. O leão do moderno romance francez, « o grande epico do *Assomoir* » e da *Obra* » como lhe chamou Eça de Queiroz, quando empunha a maça da critica, segue a philosophia de S. Thomaz; isto é: aconselha ao seus discipulos instaments o contrario do que

ella usa na concepção das suas esplendidas obras.

Esta original duplicidade da Zola desmorteou o Sr. Alvares da Costa e levou-o, mais do uma vez, a cair em feias contradições. S. S. suppoz-as bem attribuido e a sua boa fé trabo-o. Mais tarde, com o desenvolvimento dos seus estudos e o sazonar do seu talento, ba de ver que o mestre francez, nos processos empregados nos seus romances, não deadenha lançar mão do todo o velbo cabedal romantico, desde que d'abi lhe voubam bons effeitos e situações brilhanteas. Apenas, no modo de ee servir doases moldes é que differe dos antigos. Scenaas ha am toda a aua obra mais transcendentas a extraor-dinarias do que aa do mais axtremado romantico de 1820; verdadeiros *trucs* de *roman-feuilleton*; lances theatraes á Alexandre Dumas e ilugo, phantasia de tragedia; nem sempre a mobilia, que guarnece as snas famosas produções, mostra a cor natural da madeira de que ó feita; ha tambem por lá muito pinbo doirado, muita faia plntada, fingindo erable ou mogno.

Dos livros naturalistas de França, só um conhecemos em que não entra yslumbre romantico, em que não ha enredo, nem situações armadaas ao effeito, é a *Cherie*, de Edmundo de Goncourt, obra requintada de esmero, acabadiaslima; um vinho de parreira velba e enfermo, porein magnific; um fructo mimoso, só nervos, filho de uma pouna viuva, freneticn, viciada por um trabalho aobre-lumano.

Longe de nós a pretensão de, nem de longe, pôr em duvida o merito do grande autor do *Germinal*; seu valór está acima de todo e qualquer juizo contemporaneo; apenas o que dizemos é que — todo aquelle que quizer tomar Zola por modelo e mestre no romance, deve fechar ouvidos á sua critica; e que de resto elle proprio aconselha indirectamente, quando confessa reconhecer na massn do seu sangue uma boa dóze de romantismo, que bebeu no berço, e da qual não conseguiu nunca se desfazer de todo.

Ora, sendo assim, e sendo Zola o chefe da escola naturalista, segue-se que não ha por ora no mundo um naturalista completo, a não ser que se admittam vassallos mais realistas que o mesmo rei.

ALGUEM.

Conclue no proximo numero.

## A ALMA E O SOL

«Vem—pela aberta janella,  
A mim, doente, como estava,  
Dizia o sol—alma escrava,  
Vem ser mais livre e mais bella.

Deixa esse fardo que, ás cégas,  
E de demencia em demencia,  
Pela inutil existencia  
Inutilmente carrégas.

Ascende á luz menos baça  
Do que essa que te alumia;  
No esplendor do eterno dia,  
De azas abertas esvoaça.

Vam! do carcera, em qua préssa,  
Em vão te dabatás, róto  
O grilhão, contempla o Iguoto,  
Fita a suprema Belleza;

Paira na vaga que aa penas  
Vos lava a o espirito apura,  
— Cyan de inuácula alvura  
Em tanque de aguas serenaas;

Sóbe ás espheras que, em branco  
Anceio, do espaço a fóra  
Rolam na curva sonora,  
Perpetuamente cantando;

Attinge as claras paragens  
Onde aos que amaste e não creste  
Ver mais, num ninho celeste  
Verás as sanctas imagens.

Vem! Que receio te prostra?  
Que ancia rebelde te invade?  
Da carne vil, sem sandade,  
Sae, como a perola da ostra;

E, já do teu corpo os liames  
Desfeitos, de horror tranzida,  
Contempla a imagem da vida  
Nos teus despojos infames.

Vem! Mais amada e mais bella  
Serás... O sol proseguia...  
Eu, farto do que lbe ouvis,  
Mandei fochar a janella.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Julho, 12 de 1887.

A mais difficil de todns as cousas  
difficeis é determinar o que separa a  
bondade da frnqueza.

JULES SIMON.

## BANALIDADES E PARADOXOS

Muitas vezes a linguagem do despeito é a linguagem da verdade. O homem só diz o que pensa e o que sente quando está aob o dominio de uma paixão.

O acto mais justo, mais oportuno, mais razoavel, encontra sempre opposição e censura.

O homem sensato deve pôr á margem a grita dos descontentes e cumprir os dictames da sua consciencia, mandando-os á fava.

Na vida pratica o sujeito mais tratante, desde que seja activo e diligente, é um membro util á sociedade, ao passo que o individuo mais bem intencionado a mais sincero, desde que seja inerte e preguiçoso, não presta para nada.

A justiça de Deus é a invenção mais engenhosa dos homens.

A primeira qualidnde de um ministro da estado não é o talento, nem a pratica administrativa, nem a serie-dnde de caracter, nem o amor do trabalho, nam o dom da palavra, nem a coragem, nem a habilidade politica: é saber resistir aos ampenhos dos amigos.

URBANO DUARTE.

NOTA Á  
PROCISSÃO DOS MORIBUNDOS

JOSE MARIA DE ALMEIDA TEIXEIRA DE QUEIROZ

Este meritissimo magistrado em instancia superior sacreveu versos, na ana mocidade academica, irisados e subjectivamente petrarchistas, dos melhores que então se melodiavam no alande trovndoroso. Entre ns suas produções d'essa época subsiste um poema de extenso folego, scottegno, intitulado *O Castello do Lago*.

Todavia, a extremada emanção litteraria do insigne magistrado é seu filbo, o Sr. Eça do Queiroz, o implantador da novella realista na charneca lusitana. Tem este escriptor dous notorios livros, os primeiros, de factura solida, humana e perduravel, que já mais poderão ser desvalorizados pelas duas obras paradoxaeas, com que a sua capriciosa fantasia esteve brincando alguns anaos—o *Mandarim* e a *Reliquia*. E' a primeira uma especie de apologo, encardido pelo tempo, reflexo de chimeras obsoletas, umns fabularias chinezas, de todo esurias na actualidade das nossas condições biologiens e exigencias do espirito.

A *Reliquia*, essa é uma variegada urdidura de fios de estylo rendilhado de Edgard Quinet, cartonada em pedaços do velho scenario burlesco de Paul de Kock e Crébillon—figurações e tramaoias de peça magica. A alma esplendida do livro, mettida em corpo nssás deformado de gibosidades, é o sonbo da Paixão de Jesus de Nazareth, um 5º Evangelho, sonhado pelo pulha Dom Raposo, desbragado garoto.

Em que milots tão reles, hypnotisados em todos os alcouces d'aquem e de alem mar, o refulgente phrasista suggeriu um sonbo de transcendente nascere com 150 paginas! Aquelle bigorribas, que nunca teve palavra sincera nem pensamento limpo, Dom Raposo, que adormecia ebrio do seu alcoolismo de asneiras e aspirações canalhas, fazia aquellos somnambulismos messianicos de 150 paginas em 8º! Que desgraçada idéa romancear uma novella da Paixão de Christo por conta do plangente cantor dos fadinhos da Adelia! A philosophia racionalista da Peninsula dá isto e mais nada para os modernos estudos da Christologia.

Foi tudo isso um hysterismo da imaginação esquipatica de uma nevrose do talento, não lbes parece?

Deixem, pois, acordar Homero, e esperem ver cumpridas as promessaa do eminente artista. O forte cerebro do auctor do *Crime do padre Amaro* pôde convulsionar-se doentamente em epilepsias de desconchavos: mas ameaçar desabamento, isso não. Ninguem se cança em jornada plumitiva tão curta como tem sido a do Sr. Eça.

Eu nunca disse d'este estimavel escriptor senão coisas bonitas, e nunca lb'as direi senão justas, segundo o meu sentimento de justiça. Não obstante, o sr. Eça e alguns seus amigos.— que não podem festejal-o a berros de entuasiismo sem incommodarem os visinbos, e não o sabem acariciar sem escoucear os outros — sempre que lhes vem a talbo de foice implicam comigo, asacando-me aleivosias. Aqui está uma do sr. Eça, do General, que pelo feito parece de cabo de esquadra.

A pagina XX e XXI do Prefacio aos agradaveis *Azulejos*, do meu talentoso

amigo Bernardo de Pinella, lê-se esta dura avoa:

«Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrimas repressas, besuntam-se tambem da lodo. Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignamanta nos arguiram de chafurdarmos n'um lameiro, voem agora pé ante penlabusar-se com a nossa lama! Depois, arguendo bem alto as capas dos seus livros, que escreveram em grossas lettras este lettreiro — romance realista — parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste, na face mascarada — «Olhem tambem para nós, leiam-nos tambem a nós... Acreditem que tambem somos muitissimo grosseiros, e que tambem somos muitissimo aujos!»

Salvo seja.  
Ora aquillo é comigo. O Sr. Eça do Queiroz desembestou aquolla frebri espontada ao meu peito innocente; mns alvejou com o seu olbo mais myope, ou sacrificou a verdade a umas pittorescaas phrasas azédas a já bastante poidas, que não valiam a pena do holocausto.

Em primeiro logar, eu nunca censurarei a pouca limpeza dos livros do Sr. Eça; o, sempre que de passagem os indiquei, foi para os elogiar incondicionalmente; porque para mim livros sujos são sómente os mal ecriptos. Em segundo logar, nenhuma novella minha se inculca na capa *romance realista*. Algum arguiu, com razão, um meu editor que nos annuncios da 1ª pagina dos jornaes especialisava a facturn realista da novella. D'abi procedeu talvez o equivoco importuno a fingellador do Sr. Eça de Queiroz. Se S. Eça, me julgasse menos irracional do que o seu modo de ler o frontispicio dos meus livros sem os ver (eu é que vejo tudo quanto o Insigna romancista imprime) duvidaria que eu fosse capaz d'essa parvoicada para cbamar aos meus romances a attenção dos leitores de S. Eça. Credo! Pois eu precizaria, para ser visto, de mo nivelhar com a espadua litteraria do Sr. Eça? Mas, se o fizesse, era essa a *mancira de me tornar invisivel*, como diz a sentença de não sei que grande sabio... Talvez seja do Sr. Eça de Queiroz a sabia sentença.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## ESPINHO NEGRO

E tomba e rola e s'espadaça e morre.  
Olevo Bilac.

Chego e paro e olho e vejo tudo triste...  
O quarto eli... niaguea dentro da sala...  
E minh'alma sómente a procural-a  
Em tudo aquillo que na ccaas existe.

O leito... e fofó leito... não resiste  
O prauto e choro) Sua terua fala  
Escuto. E' que sómente me consiste  
Toda veatura, penso, em escutal-a!

Abro a janella, encosto-me, pensando  
Naquelle tempo que se foi veloz,  
De mim — tão longe agora — se afastando.

E tenho n'alma, negra e timorata,  
O negro espinho da saudade atroz  
Que punge e raia e dilacere... e mata!

MARIO PEDREIRA

## Carta a Valentim Magalhães

## MEU PREZADO CONFRATÉ

Agora mesmo, quando revolvio os meus livros destinados às leituras, para escolher os que não dá regalar-me durante as minhas férias de Setembro, que vou passar na montanha natal, quasi atormentado e aterrado ao dar com os seus *Vinte Contos!* Por que me lembrei de repente, verdadeiramente invadido dum rsmorso e de pesar, de que, entre as muitas cousas boas que constantemente — mas em vão — tenciono a ambicionado fazer, fui adiando até ao esquecimento o ideal e reconhecido apeto de mão de parabens cordeaes, que lha devia pelo exemplar da sua nova obra, com quão gentilmente me brindou.

Isto exposto — *tant bien que mal*, peço-lhe que verbera, á vontade, a preguiça formidável que é uma das minhas virtudes, mas que absolva o meu desculdo: *peccavi!* Pois, quanto á opinião nada autorisada que eu tenho acerca do seu succulento e saboroso livro, que importa que eu lha desse logo que o recebi, eu que simplesmente lha expressei hoje? Acho que a gente não se dá ao enorme trabalho de fazer livros para receber applausos ou soffrir reparos somente no momento da sua apparição! O que se quer é que elles tenham (como o seu) tantas condições de dura, que a todo o tempo seja cabido o falar-se d'elles. Por mim o declaro: quem quizer lisaagear-me mostre-me ainda hoje algum interesse por aquellas pobres *Historias* que sabo.

Synthetizando, e por partes: O primeiro encanto da sua prosa, para mim, é o de ser escripta em puro, perfeito e vivo portuguez. — cousa a que aie permitto ligar um grande valor, porque está sendo excessivamente rara: e lã diz o G. Junqueiro que

As cousas mais raras  
São mais preciosas!

Como tal a aprecio, desde que li pelas primeiras vezes trabalhos seus na *Gazeta*, — quando ella não tinha aiaida, por vezes, a energia e a elasticidade artista que o mau amigo lbe imprime hoje em dia.

O principal caracter que eu acho nos seus contos é o de serem apenas molduras apropriadas, no desenvolvimento de *typos*. Trata, ao que me parece, menos de architectar romancinhos do que de por em pé, á luz da vida, animadas e levadas na variada eagenagem da existencia, figuras que condensam em si certos sentimentos humanos; e, sob esse mesmo ponto de vista, os *Vinte Contos* são uma verdadeira galeria de temperamentos. — investigados sobretudo na sua maneira de ser psychica. E deixe-me dizer-lhe que, nisso, como no brilho que não raro atinge o seu *estyl*, vejo-lhe um accentuado parentesco poetico com o Th. de Banville.

E' claro que eu estou *à la bonne franquette*, aqui entre camaradas, e sem attitulo de juiz. Communico-lhe desafogadamente as minhas impressões, muito menos deenvolvidas do que se estivessmos conversando, mas com a mesma *façon* e a mesma sinceridade. Por isso, insistirei ainda no brilho do seu *estyl*, que o meu amigo sabe graduar

miravelmente — e, vá sem incenso: só lha bastaria para demonstrar os seus grandes recursos de escriptor moderno, — e observar que, uma vez por outra, o *primor* artistico, a impressão colorista da forma (mas aqui estou eu a falar pelas minhas preoccupações pessoais!) parecem-me um pouco descaudados, no seu livro. Mas bem sei que isso pôde ser uma questão de methodo, de tendencia pessoal, ou ainda das circumstancias em que o trabalho seja feito; agora, o que eu, se fosse critico, havia de censurar-lhe rudemente, é o emprego que faz ás vezes das inicias, applicadas a algumas personagens como um *loup*: — «a baronesa de X.», etc... Pois não é verdade que não custa nada a arrsnjar um appellido, — que dá á figura que nós crémos mais um *aspecto* de vida? E, já agora, direi tambem que acho bastante *vieux jeu* o nome comico do «Senador *Pitadas*»...

Argueiros, de que nem valeria falar. Seja como for, cá levo o seu livro, para raler muitas paginas *estimadas* — *sub tegmine fagi*, em férias.

E, á moda de conclusão direi que, quem tem o seu talento viril e a sua tenacidade na lucta, ba de chegar longe forçosamente, apesar de todos os escolbos e embarsços do meio...

Lisbõa, 27 de—8—87

Seu admirador e collega obrigado  
MONTEIRO RAMALHO.

A conversação deve ser como os jogos de cartss, em que cada um joga por sua vez.

MNE. DE STAELL.

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Com o titulo *Alvores matinaes* publicou o Sr. Carlos de Avellar Brotero, uma colleção de poesias, prefaciada pelo Dr. Afonso Celso Junior. E' uma linda estrêa. Diremos brevemente a nossa opinião sobre este livro.

Pela essa Garnier foi feita uma nova edição do romance do Dr. Joaquim Maaol de Mscde. *Os dous amores*. E' a quarta. São dois elegantes volumes, bem impressos. Nesta obra do saudoso auctor da *Moreninha* encoatra-se leve, agradável e innocente leitura. Recomendam-la vamos aos nossos leitores se o nome do auctor não fosse a sua melbor recommendação.

V.

## JORNALS E REVISTAS

Sob a direcção do Sr. Felipe Pestans, distincto cultor das letras em nosso paiz, appareceu em Campinas um orgão litterario que se intitula *Letras e Artes*.

O novo collega dá-nos em seu primeiro numero uma excellent colleção de poesias de conhecidos escriptores e insere bellissimos trabalhos em prosa.

A julgar pela sua estrêa e pelos reconhecidos talentos do seu director cremos que ao *Letras e Artes* está reservado um radisate futuro.

*Il Brasile*. Temos o n. 9 d'esta importante revista italiana. Trata de assumptos economicos e sociaes.

O n. 33 d'*O Brazil Medico* contem excellentes escriptos sobre o microbio da febra amarella pelo Dr. Araujo Lopes. trata da sessão da Sociedade de Medicina e Cirurgia e dá-nos uma magafica revista dos jornaes estrangeiros.

*O Occidente* insere bellas gravuras e varios trabalhos litterarios em seu n. 312. Gervasio Lobato firma uma bella *Chronica Occidental* e João Mendonça enceta a publicação dos seus artigos sobre o museu industrial e commercial de Lisboa.

A *Revista de Engenharia* publico em seus ns. 8 e 9, varios discursos pronuaciados por occasião da abertura da exposição dos camiahos de ferro brazileiros, trata de obras hydraulicas, da estatistica applicada ás estradas de ferro e das sessões do Club de Engenharia e outros trabalhos.

Focba este numero uma bem elaborada secção sob o titulo *Varietades*.

Temos o *Guarda-Chuvisco*, jornal que se publica no Club dos Fenianos. Muito bom... para a chuva!

Do Pará chsgam-nos os ns. 5, 6, 7 e 8 d'*A Semana Illustrada*. Muito illustrada e pittoresca.

Está publicado o 2º n. d'*A Vida Semanaria*, de S. Paulo. Traz na primeira pagina o retrato do tenente do exercito Henrique de Macedo, — um bravo do Paraguay, acintosamente demittido pelo presidente de S. Paulo do cargo de seu ajudante de ordens — e na ultima um feliz retrato do prodigioso harpista F. Lebano. Nas pagiaes centraes escriptura Bento Barbosa os principaes casos da vida semaaaria paulista. Quer o joven e talentoso artista que lha flemos com inteira fraaqueza? Estã imitado muito, mss mesmo muito a *maneira* de Bordallo Pinheiro. Começou por tomar-lhe aquelle gato que sempre o acompaeba, e pelo gosto de se caricaturar a si proprio em toda parte; depois aquelles urbanos, aquelle grupo dos artistas do theatro D. Maris, aquelles *cotegipes* são do *Besouro* e dos *Pontos nos ii*. Bento Barbosa tem talento a valer e decidida vocação para a caricatura. Falta-lhe somente a força de vontade precisa para não imitar ninguém. Fazemos-lhe este aviso, em tempo, porque somos seus sinceros amigos.

O texto variado e agradabilissimo, escripto com espirito e syntaxe. Deliciosa a seguada das *Cartas Chinezas*.

Muito interessante é o segundo numero de *Archivo Brasileiro de Philo-sophia, Jurisprudencia e Litteratura*, dirigido por Clóvia Bevilacqua e João Alfredo de Freitas.

Mais um collega, auspiciosamente apparecido. E' a *Revista Maranhense*, publicação mensal litteraria e scientifica, dirigida por Augusto Brito. No seu despretencioso programma promete que em suas columnas «jamaie

terão acolhimento — nem discussões relativas aos partidos publicos, aem sobre crenças religiosas e, muito menos, sobre questões pessoais.» Traz interessantes artigos e delicados contos; mas traz versos em demasia, e nem todos boas; os alexandrinos do Sr. Paulo Porcira são defeituosos e errados. Em compensação, dá-nos «O naufragio do vapor *Bahia*», bella poesia do Sr. Lima Bratta, um alexandrino correctos, cbeios, harmonioeos; é pena que se encontre nessa poesia a estafada imagem contida nestes versos: «Sorvira-lhes de cyrio e estrella (a alvorada «E Deus foi que os ouvie de ceafissão final»

Muito bom o ultimo n. da *Revista Illustrada*. Dã, na ultima pagina, os retratos do 2º tonente Trypbeno de Oliveira e do guarda-mariaha Mello Alves, iaditoso filho do Conselheiro Thomaz Alves e irmão do nosso prezado collega Dr. Thomaz Alves filho, (*Hop-Frog*) victimas de inexplicado naufragio do *Imperial Marinheiro*.

*O Mequetrefe* inerece em seu n. 411 engraçados desenhos e um texto bem escripto.

O n. 8 da *Revista do Observatorio* traz varios trabalhos sobre astronomia e trata das tempestades dos dias 11 e 12 de Julho fiado. Acompaaha a este artigo uma tabella explicativa do estado do tempo no sul do Imperio durante os dias 8 a 13 do mesmo mez de Julho.

*União Medica*. Fasc. 9. An. 7º. Como sempre, contem excellentes trabalhos sobre sciencias medicas.

Em seu n. 34, alem de outros escriptos, dá-nos o *Brazil-Medico* um artigo de fundo sob o titulo *O segredo medico e a molestia do Imperador*. Neste artigo, depois de commentar o desenvolvimento que tem tido a reportagem em nosso paiz, trata da *carta* do Dr. Dermeval sobre a molestia do Imperador.

A.

## A CABANA

A BERNARDO DE OLIVEIRA

Eia! vamos galgar o verdjante outeiro,  
Onde, após abater da Aurora a rubra tenda,  
Rutilo, o Sol engasta o diamante primeiro.

Vã do serro no cimo a rustica vivienda,  
Trazendo-nos á idéa extraordinaria carga  
De um dromedario sobre a corcova tremenda?

Eia! vamos subindo: a estrada é pouco larga.  
Do corrego, que rola e que ao sol irradia,  
O curso, a cada passo, o pedregulho embarga.

Ha flores em redor da pobre moradia  
Coberta de sapé... Da douda passarada  
Os ternos madrigaes dão-lhe um ar de alegria!

Aos nossos pés, agora, a varzea illimitada  
Desenrola-se inteira, Chegámos á choupana,  
Que, como vé, não é de seda alcantafada;

Não tem divans, nem nella impera a pompa, ufana;  
De pau e pique é feita e barro vil, ó fôr...  
E é o palacio de um rei, no entanto, esta cabana!

Habita nella, ha muito, este monarcha: — Amor  
Agosto de 1887.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## CASOS PATUSCOS

As minhas innocentes travessuras de sabbado passado á conta da syntaxe do Dr. Jorge Pinto, pseudonymo do Pulcino, subiram ao sceptico e susceptivel nariz de *Aranha Minor*, fazendo-o espirrar vindicativos debiques contra mim.

Valba-te o diabo, *Aranha*!

Tu és o mais urso de todos os amigos urso que tenho conhecido.

Para defender o amigo Jorge Pinto comprometteste a causa de dois amigos: aquelle e o Dr. Moreira Sampaio, e perdeste a dedicação de um terceiro — eu.

Que affirmei de offensivo contra o Dr. Jorge Pinto? Nada, tres vezes cousa nenhuma. Patuscoei apenas um bocado com a lexiologia, a syntaxe e o estylo do homenzinho, transcrevendo varios pedaços da sua carta de Paris, caprichosamente marchetada de asneiras.

Concedo que *Aranha* devesse vir em defesa do seu amigo; mas para defendelo com vantagem, para cabalmente refutar-me, só tinha dois meios: — ou provar que não constituem erros e cinco grammaticos os trechos que transcrevi; ou provar que, mesmo commettendo taes erros e taes cinco, mostrando por tal modo ignorar a sua lingua, pode o Dr. Pinto ser considerado scriptor distincto, merecedor de apreço, autoridade sufficiente para guindar poetas á Gloria e para abysmar poetas no Stygo do esquecimento.

Isso devia fazer; fóra d'isso não ha mais do que van parolagem, futil retalheção immerecida.

Ora isso não fez *Aranha*. Consistio a sua defeza em denunciar aos cento e cincoenta e um leitores do *Novidades* quem é o portador do pseudonymo *Fischio*, chamar-lhe patusco, derruir-lhe contra o brando peito uma columna de rijos sarcasmos e aspros epithetos e insinuar uma falsidade.

Fraca defeza!

Uma cousa, d'esse longo artigo, fez-me rir francamente, gostosamente.

Foi a fatuidade, a cega pretensão de *Aranha*, neste periodo: «Lavrado este protesto, que excuso firmar com o meu verdadeiro nome porque pseudonymos transparentes, conhecidos e confessados nomes são etc.»

Oh! oh! o illustre aranhão do *Novidades* acredite que o seu pseudonymo é transparente e é conhecido e tanto, que o dispensa de assignar o seu verdadeiro nome, porque lhe é equivalente! Sancta simplicidade!

Abençoada illusão!

E' verdade que eu sei ha bastante tempo que *Aranha Minor* (minor porque? maxima é que devers ser) é o Sr. Alcindo Guanabara. Tambem o sabem as tres ou quatro duzias de cavalheiros empregados na redacção dos nossos jornaes e os dois typographos do *Novidades*. Mas esse bandão de gente não é gente bastante para que o Sr. Alcindo creia que qualquer pessoa que, por acaso, leia o seu jornal, lhe conhece o pseudonymo e *Aranha* acredite que todo o mundo lhe conhece e véro nome. *Pas encore, jeune homme, pas encore!*

*Aranha* chamou-me patusco.

Talvez o sejs; mais patusco, porém, muito mais patusco do que eu é o Sr. Alcindo Guanabara, que foi um dia destes representado por Angelo Agostini, na ultima pagina da *Revista Ilus-*

*trada*, a redigir o *Novidades* aob o dictado do Sr. ministro da Agricultura, em uma das mesas da respectiva secretaria e não protestou!

Quanto á falsidade que insinuou a respeito de um incidente desagradavel havido ha mezes entre o Dr. Moreira Sampaio e o auctor d'estas linhas, se é certo que aquelle «perdeu por dois segundos a sua habitual calma em plena rua do Ouvidor», não é menos certo que este o fez, logo, arrepende-se de a haver perdido.

Para que dizes o que não sentes, para que escreves o que não pensas, *Aranha*?

Olha, vae vér se concertas a grammatica do teu amigo *Pulcino*. E' o melhor serviço e a melhor defeza que podes fazer-lhe.

FISCHIO.

## AMOR DE LAZARO

Um bello dia, aquelle em que começámos a nossa viagem.

O sol brilhante, esplendidamente luminoso, apenas enviava, da incommensuravel altura em que habita, uns raios de brando e grato calor, que nos retemperavam das agruras do frio, marcado por cinco grãos no meu thermometro.

Corria agradavelmente alegre o mez de Maio.

Um pouco mais de coragem, um esforço pequeno ainda, e teriamos chegado ao nosso ponto de parada.

Auras bemfazejas, que ombalsamais em vossa passagem as mattas esmeraldinas dessa paragem, quem me dera poder aspirar a vossa fragrança, sorder a longos haustos a vida que nos trazieis, agors que a enfermidade me prende ao leito, ao qual não posso fugir!

A carne, que me cahia dos membros, como que se sentia presa, aos beijos que lhe daveis, e eu, misero, acreditava ainda que um dia, ao toque desses osculos salutaes, pudesse meu corpo aquecer-se, e fugir ao frio enregelador da morte que já o vinha dominando.

Eu crio!... Mas depois, agora, em que posso cré?r?

Na vida? Mas esta vae-se-me extinguindo aos poucos, lentamente, como o navio que sossobra, que tambem por partes se vae acabando, até que, ferido o casco, tendo livre entrada a agua, acaba por submergir-se.

Cae-me a carne dos dedos; deforme-se-me o rosto; o cráneo é todo uma só escbara, que, como a chamma, devorame o couro cabelludo; envolvem-me os pés pastas de algodão, que são prenuncio de minha condemnação. Elles estão crescendo, augmentando de volume; está tambem se approximando o dia da terminação desta comedia da vida, na qual tão desgraçado e cruel papel me coube desempenhar.

Em que posso cré?r? Na justiça? E houve algum dia justiça na terra? O bom teve a recompensa do seu justo valor, e o scelerado vio impresso na fronte o estigma de sua infamia? Na vida eterna? Mas Deus existe? Mas será immortal esta alma que tenho tão acabrunhada e triste?

Em que devo cré?r? No amor?

Bello dia aquelle! Descambava serene-

namente no horizonte o sol agradabilissimo de Maio.

De Maio, porque com o descambar delle, terminava o ultimo dia d'esse mez no anno de 1883.

Eu tinha os lobulos e os pavilhões das orelhas já engrossados. Lia-se na vivesa do meu olbar, na deformidade do meu rosto a natureza da enfermidade que me invadia o organismo. Estava visivel a qualidade da molestia, mas eu occultava-a, por um tolo requinte de vaidade. Vaidade, sim. Causo riso? E' que os que são maltratados pela natureza não querem soppor que outrem possa maltratal-os tambem.

Um velho medico da localidade e eu eramos as unicas pessoas que tinham certeza da especie de molestia que me minava a existencia. Quanto aos outros, os poucos moradores desses logares, apenas me dirigiam alguns olbares perscrutadores e desconfiados.

Mas eu dissimulava, como podia, a deformidade que ia apparecendo, e não tocava jámais nas minhas conversações em assumpto que pudesse descahir no descobrimento do meu mal.

Do meu mal, antes dos meus males, que effectivamente dois gumes me cortavam o fio da existencia: a morphêa e o amor.

Dualidade horrivel! Não sei se a morphêa deforma o coração, como me defibra o rosto; sei que o amor deve causar grande damno áquelle: sinto-o exageradamente grande, violento nas pulsações, irregular nae emissões sanguineas.

O rosto seductor de uma morena sertaneja não está isempto dos olhares cubicosos de um leproso: a lesma suga as petalhas da rosa.

E ella me sma tambem.

Ha maior ventura na terra, do que seja esta de poder alguém dizer convictamente, sem receio de contestação: amo a um anjo e sou amado tambem?

E cresce de intensidade este demonio que me faz esquecer que a nada posso aspirar.

Mas tu, anjo candido, não vés a monstruosidade d'estas orelhas, sangrentas e volumosas?

Não sentes o cheiro nauseabundo que dimana das feridas que me corromem os tecidos?

Não comprehendes que amas a um homem que não te pôde possuir, que se tenta faz-lo, a voz da consciencia ha de detel-o com energia?

Não imaginas que, se ha perolas no lado, só adornam os anjos como tu? Que se o reptil nojento cubiça a ave innocente, esta foje espavorida ante a hediondez d'aquelle?

E tu me amas, criança, e queres desfolbar tua capella virginal no leito impuro d'este condemnado!?

Foje, ave implume, foje!

Um dia, ella vio no meu rosto e nos meus olhos toda a verdade. Chorou. Lagrimas bemditas aquellas, que me consolaram por momentos, da minha grande desgraça. Chorou... e me disse: — Parta. Velte curado e nos casaremos então.

Voltar curado! Então não me queria assim? Então o amor extinguiu-se uum momento, ante a fealdade da minha physionomia?

Afinal tinha razão. O leproso não tem coração, ou antes tem-n'o, e muito

grande, mas só para amar. Não pôde, porém, ser amado. Privam-n'o disso as feridas que sangram, o rosto que se disforma, os membros que se esphacelam.

Posso erer no amor? Não. Creio em duas coissas: Na existencia d'um martyrio infindo: a morphêa; na realidade d'uma paz paz imperturbavel— o tumulo.

Aquella, já me invadio o corpo, soffro cruelmente.

Ests, sinto que se approxima: serei feliz.

V. GUIMARÃES.

O ciume extingue o amor como as cinzas extinguem o fogo.

MARGARIDA DE NAVARRA.

## CHRONICA SCIENTIFICA

FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

O Dr. Pedro Affonso Franco é incontestavelmente um dos vultos mais distinctos da cirurgia brasileira; a essa distincção dão-lhe direito os seus vastos conhecimentos chirurgicos e a pericia e mestria com que executa sempre as operações, ainda as mais difficis e delicadas.

E' importante o caso de sua clinica a que nos vamos referir.

Tracta-se de um individuo que trazia havia 11 annos uma bala de revolver assestada no ouvido direito, e que psra ser operado recolheo-se a um dos quartos particulares do Hospital da Misericordia.

Desde a epocha do accidente o doente tinha sempre tentado, sem resultado, extrahir a bala, e seus padecimentos são tão atrozes que o obrigaram a emprender uma viagem e vir á Corte em procura de restabelecimento.

O doente apresentava a orelha edemaciada, e ao redor d'ella quatro tractos fistulosos, pelos quaes corria pús abundante e fetido.

Sendo extremamente difficil proceder ao conveniente exame para reconhecer-se se a bala se achava no interior do ouvido, por causa da extrema sensibilidade da parte, resolveo o distincto operador Dr. Pedro Affonso anestesiar o doente; o que tendo feito, no dia 15 do corrente mez, pôde, por meio de estilettes, introduzidos nas fistulas até o ponto de convergencia dos tractos, sentir a existencia da bala que ahi se achava alojada.

Então, sem perda de tempo, praticou uma incisão na parte posterior da orelha, de modo a poder deslocal-a completamente, levando-a para diante, de maneira a deixar a descoberto o conducto auditivo. Em seguida, servindo-se do escopro e do martello, penetrou no rochedo, no ponto em que se tinha reconhecido pelas sondagens dever estar a bala, extrahio-a, fez com as colheres de *Folkamam* a raspagem das fungosidades contidas no interior dos tractos fistulosos.

Terminada a operação, procedeu á sutura da parte incisada, collocando a orelha em sua posição normal, e ao rigoroso curativo de *Lister*.

Esta operação, que vem augmentar a brilhante estatística de tão distincto operador, correu sem o menor accidente, e o operado se acha nas melhores condições, não se tendo até o presente manifestado a menor reacção febril.

Pelo Dr. Oscar Bulhões, que tem também um nome feito como habil cirurgião, e que já conta tantos triumphos, acaba de ser praticada com toda a pericia no Hospital da Misericórdia uma bellissima operação.

Tractava-se de um doente cujo pé direito fôra em grande parte esmagado, e o notavel cirurgião praticou a amputação osteo-plastica pelo processo de Pirogoff.

A operação correu sem uenhum accidente; e o enfermo acha-se em magnificas condições.

DR. ONETT.

## PAGINAS ESQUECIDAS

Noticia da actual litteratura brasileira

INSTINCTO DE NACIONALIDADE

(Continuação do n. 142)

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se ás vezes uma opinião, que tenho por erronea; é a que só reconhece espirito nacional nas obras que tractam de assumpto local, doutrina que, a ser exacta, limitaria muito os cabedões da nossa litteratura. Gonçalves Dias, por exemplo, com poesias proprias não seria admitido no pantheon nacional; se exceptuarmos os *Tymbiras*, os outros poemas americanos, e certo numero de composições, pertencem os seus versos pelo assumpto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, enthusiasmo, fraquezas e dores geralmente cantam; e excludo dahi as bellas *Sentilhas de Frei Antônio*, que essas pertencem unicamente à litteratura portugueza, não só pelo assumpto que o poeta extrahiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estylo que elle habilmente fez antiquado. O mesmo acontece com os seus dramas, nenhum dos quaes tem por theatro o Brazil. Iria longe si tivesse de citar outros exemplos de casa, e não acabaria si fosse necessario recorrer aos estranhos. Mae pois que isto vae ser impresso em terra americana e ingleza, perguntarei simplesmente si o auctor de *Song of Hiawatha* não é o mesmo auctor da *Golden Legend*, que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admiravel é; e perguntarei mais si o *Hamlet*, o *Othello*, o *Julio Cesar*, a *Julietta* e *Romeo* tem alguma cousa com a historia ingleza nem com o territorio britannico, e si, entretanto, Shakespeare não é, alem de um genio universal, um poeta essencialmente inglez.

Não ha duvida que uma litteratura, sobretudo uma litteratura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assumptos que lhe offerece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escriptor, antes de tudo, é certo sentimento intimo, que o torne homem do seu tempo e do seu paiz, ainda quando tracte de assumptos re-

motos no tempo e no espaço. Um notavel critico da França, analysando ha tempos um escriptor escocez, Masson, com muito acerto dizia que do mesmo modo que se podia ser bretão sem falar sempre do tojo, assim Masson era bom escocez, sem dizer palavra do cardo, e explicava o dicto accrescentando que havia nelle um *scotticismo* interior, diverso e melhor do que si fôra apenas superficial.

Estes e outros pontos cumpria à critica estabelecer-os, se tivéssemos uma critica doctrinaria, ampla, elevada, correspondente ao que ella é em outros paizes. Não a temos. Ha e tem havido escriptos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influencia quotidiana e profunda que deveram exercer. A falta de uma critica assim é um dos maiores males de que padece a nossa litteratura: é mister que a analyse corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de historia se investiguem, que as bellezas se estudem, que os sinões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a litteratura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam.

O ROMANCE

Das todas as fórmulas varias as mais cultivadas actualmente no Brazil são o romance e a poesia lyrica; a mais apreciada é o romance, como aliás aconteceu em toda a parte, creio eu. São facéis de perceber as causas desta preferencia da opinião, e por isso não me demoro em apontar-as. Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de philosophia, de linguistica, de critica historica de alta politica, e outros assim, que em alheios paizes acbem facil acolhimento e boa extracção; raras são aqui essas obras e escasso o mercado dellas. O romance pôde-se dizer que domina quasi exclusivamente. Não ha nisto motivo de admiração nem de censura, tractando-se de um paiz que apenas entra na primeira mocidade, e esta não ainda nutrida de aolidos estudos. Isto não é desmerecer o romance, obra d'arte como qualquer outra, e exige da parte de escriptor qualidade de boa nota.

Aqui o romance, como tive occasião de dizer, busca sempre a cór local. A substancia, não menos que os accessorios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a traducção nacional; os da capital do paiz, e em parte os de algumas cidades, muito mais chegados à influencia européa, trazem já uma feição mixta e ademões diferentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ella é tractada alguns ha de merito real.

Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de analyse, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita pagina instructiva. Do romance puramente de analyse rarissimo exemplar temos, ou porque a nossa indole não nos chame para ahí, ou por que seja esta casta de obras ainda incompativel com a nossa adolescencia litteraria.

O romance brasileiro recommenda-se especialmente pelos toques do sentimento, quadros da natureza e de costumes, e certa viveza de estylo mui adequada ao espirito do nosso povo. Ha

em vordade occasiões em que essas qualidades parecem saber da sua medida natural, mas em regra conservam-se extremos de censura, vindo a sahir muita cousa interessante, muita realmente bella. O espectáculo da natureza, quando o assumpto o pede, occupa notavel lugar no romance, e dá paginas animadas e pittorescas, e não as cito por me não divertir do objecto exclusivo deste escripto, que é indicar as excellencias e os defeitos do conjunto sem me demorar em pormenores. Ha boas paginas, como digo, e creio até que um grande amor a este recurso da descripção, excellentes, sem duvida, mas (como dizem os mestres) de mediano effeito, se não avultam no escriptor outras qualidades essenciaes.

Pelo que respeita à analyse de paixões e caracteres, são muito menos communs os exemplos que podem satisfazer a critica; alguns ha porém de merecimento incontestavel. Esta é, na verdade, uma das partes mais difficeis do romance, e ao mesmo tempo dos mais superiores. Naturalmente exige da parte do escriptor dotes não vulgares de observação, que, ainda em litteraturas mais adiantadas, não andam a rodo nem são a partilha do maior numero.

As tendencias moraes do romance brasileiro são geralmente boas. Nem todos elles serão de principio a fim irreprehensiveis e alguma cousa ha rão que uma critica austera poderia apontar e corrigir. Mas o tom geral é bom. Os livros de certa escola franceza, ainda que muito lidos entre nós, não contaminaram a litteratura brasileira, nem sinto nella tendencias para adoptar as suas doutrinas, o que é já notavel merito. As obras de que falo foram aqui bem-vindas e festejadas, como hospedes, mas não se alliam a familia nem tomaram o governo da casa. Os nomes que, principalmente seduzem a nossa mocidade são os do periodo romantico; os escriptores que se vão buscar para fazer comparações com os nossos, — por que ha aqui muito amor a essas comparações, — são ainda aquolles com que o nosso espirito se educou, os Victor Hugos, os Gautiers, os Mussets, os Gozians, os Nervalis.

Isento por esse lado o romance brasileiro, não menos está de tendencias politicas, e geralmente de todas as questões sociaes, — o que não digo por fazer elogio, nem ainda censura, mas unicamente para attestar o facto. Esta casta de obras conserva-se aqui no puro dominio da imaginação, desinteressada dos problemas do dia e do seculo, alheia ás crises sociaes e philosophicas. Seus principaes elementos são, como disse, a pintura dos costumes, a lucha das paixões, os quadros da natureza, alguma vez estudo dos sentimentos e dos caracteres. Com esses elementos, que são fecundissimos, possuímos já uma galeria numerosa e a muitos respeito notavel.

No genero dos contos, á maneira de Henri Murger, ou á de Teneba, ou á de Obs. Dickens, que tão diversos são entre si, tem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr. Luiz Guimarães Junior, igualmente folhetuista elegante e jovial. E' genero difficil, a despeito da sua apparente facilidade, e creio que essa mesma apparencia lhe faz mal, affastando-a delle os escriptores, e não lhe dando, penso eu, o publico toda a

ntenção de que elle é muitas vezes credor.

Em resumo, o romance, fórmula extremamente apreciada e já cultivada com alguma extensão, é um dos titulos da presente geração litteraria. Nem todos os livros, repito, deixam de se prestar a uma critica minuciosa e aereza, e si a houvessemos em condições regulares, creio que os defeitos se corrigiriam, e as boas qualidades adquiririam maior realce. Ha geralmente viva imaginação, instincto do bello, ingenua admiração da natureza, amor às cousas patrias, e além de tudo isto agudeza e observação. Boa e fecunda terra, já deu fructos excellentes, e os ha de dar em muito maior escala.

MACHADO DE ASSIS.

(Conclue no proximo numero.)

### A loucura do Imperador

«Das almas grandes a nobreza é esta.  
(BOGAGE)

*O Imperador enlouqueceu; e a prova de que assim é nos revelou de ha muito, Deu que nos disse qual o seu intuito Sobre os captivos, antes de ir à cama.*

— *Enlouqueceu porque esta idéa approva, Não da familia apenas no circuito; Por que contente deu-se nos gratuito, E promettem-nos uma vida nova?!*

*Pois é isto o que mostra o seu desocoo, E como quiz vencer este barranco Affirmam-nos que o cerebro tem oco?..*

*Vamos todos entrar no mesmo flanco: Si é um louco querem-o mais louco: Santa loucura que o tornou tão franco!*

J. DE MORAES SILVA

### FESTAS, BAILES E CONCERTOS

ATHENEU DRAMATICO ESTHER DE CARVALHO

Esteve bem concorrida a recita relativa ao corrente mez, que esta digna sociedade brillantemente realisou na noite de sabbado passado.

Constou o espectáculo das comedias: *Tio Torquato*, *Chicara de chá*, e scenas comicas: *Minha familia*, *Cozinheiro*, *Para a céra do Santissimo*, e poesia *Naufragio do Rio Apa*; e á digna amadora D. Adelaide, e aos dignos amadores os Srs. Zeferino de Almeida, F. Carvalho, Rodrigues, Pereira, Marinho, Teixeira, Novaes e Affonso, a quem, com acerto, foi confiado o desempenho dos principaes papeis, representaram-os habilmente, merecendo do espectadores muitos e repetidos applausos.

Seguiu-se o baile, que se prolongou com toda a animação até ao amanhecer. Foi servida uma lauta ceia, e por esta occasião levantaram-se muitos brindes á digna directoria, sempre amavel e attenciosa para com os seus convidados.

FESTA INDUSTRIAL

Na noticia que da festa dos Srs. Fer,

reira Nicolau & C. demos em o ultimo numero, dissemos que a feria da casa é, mensalmente, de 25.000\$000. Como se possa inferir que essa feria é das vendas effectuadas, apressamo-nos a esclarecer que é a feria paga por mez aos operarios e empregados de ambos os sexos na importantissima fabrica.

CLUB HEBE

Realisou a 17 do corrente esta apreciavel sociedade e com grande concurrencia o seu 10º saráu-concerto.

O magnifico programma musical foi fielmente cumprido, e as peças foram bem executadas e coroadas de applausos.

Depois da parte concertante, começou infuudissimo o haile e assim persistio até alta madrugada; a costumada gentileza da respeitavel directoria muito coopera para que sempre brilhem as suas hem organisadas festas.

TIO ANTONIO.

SPORT

Realisou o Derby-Club no domingo passado a sua 11ª corrida com um programma esplendido, contendo pareos inteiramente preenchidos por animaes dos meliores que conhecemos em nossos hippodromos.

Houve bastante concurrencia e animação, sendo a corrida com feliz exito executada e com grande entusiasmo quasi todos os pareos applaudidos. Eis o resultado:

No pareo suplementar, 1609 metros, Bonaparte foi o vencedor em 108 segundos, inesperadamente. Olinda em 2º, Siva em 3º e Paraguaya em 4º. Orange, Echoron e Pancy não mereceram classificação. Rateio 174\$800.

No 1º, 1450 metros deixaram de correr Houhlon e Visiere, pelo que se não pode realisar este pareo, por terem ficado somente dois animaes—Lady e Ormonde.

No 2º, 1750 metros, Odalisca em 119 segundos foi a vencedora, contra a expectativa dos entendedores. Regente, que cbevou em 2º lugar e completamente esgotado, lutou ao partir com Druid, que foi só para representar este papel dramático. Ao som desta musica deixaram de correr Gambetta e Corcovado. Rateio 288\$700.

O 3º, 1200 metros, sendo muitos parceiros inscriptos, dividiu-se em duas turmas, sendo a 1ª de 1 a 6 e a 2ª de 6 a 12.

Na 1ª turma, Huguonot em 81 segundos foi o vencedor, fazendo boa corrida; Cancaniere em 2º lugar e King em 3º. Clareto perdeu o jockey ao partir. Duc fez algumas partidas falsas, correndo duas vezes os 1450 metros, do que resultou vir em grande hagem, juntamente com o Lord. Rateio 408\$300.

Na 2ª turma Gentleman foi o vencedor em 79 segundos, inesperadamente. Pervenche, que chegou em 2º lugar, foi sacrificada, levando uma embarroadella de um dos seus adversarios. Apollo, que chegou em 3º lugar, tocou musica á grande e correu para perder. Black Satin, Victoria e Sir Tellamond não mereceram classificação. Rateio 71\$000.

No 4º, 2,000 metros, houve uma esplendida corrida entre Boreas e Sihylla,

que lutaram ate o posto, vencendo esta em 136 segundos apenas por insignificante differença. Boreas fez uma esplendida corrida, obtendo o 2º lugar com 60 kilos. Espadilha chegou em 3º: bom lugar. Diva e Dandy não mereceram classificação. Rateio 208\$600.

No 5º, 2650 metros, Salvatus foi o vencedor em 178 segundos. Pbrinéa, que chegou em 2º lugar, nos pareceu em más condições. A superioridade de Phrynéa sobre Salvatus está demonstrada pelos esplendidos tempos que ella tem feito em tiros longos, e esta derrota nos faz palpar grande ronca no Grande Rio de Janeiro. Diversas reclamações bouve neste pareo, dando como causa da derrota de Prynéa ter o jockey Lourenço esporeado esta durante a corrida. Como não temos provas cahaes, suspendemos o nosso juizo até meliores informações. Satan em 3º e Fils d'Artois em 4º lugar. Rateio 468\$000.

No 6º, 1909 metros, Daybreak em 108 segundos venceu facilmente os seus competidores. Mirzador cbevou em 3º lugar, esgotado. Peruana, que chegou em 2º lugar, fez boa corrida. Le Loup e Catita não mereceram classificação. Rateio 258\$100.

No 7º, 1809 metros, Vampa, em 111 segundos, foi o vencedor, fazendo boa corrida. Boyardo chegou em 2º e Raheção em 3º. Fagote, Americana, Arahya e Saltarelle não mereceram classificação. Gambetta não correu. Rateio 388\$100.

O jogo da poule attingiu a avultada somma de 177:570\$000.

L. M. BASTOS

CORREIO

Sr. M. E. M.—Eis como o senbor começa a sua poesia:

«Em florencias a campina já se ebre»

Florencias vá elle. Afinal de contas tamanha somma de asneiras é capaz até de embrutecer a propria sabedoria. Olhe, minha flôr, d'esta vez perdeu o seu latim.

Quando o Senhor conseguir saber onde tem a sua mão direita, então sim: pode, se quizer, dar-nos um ar de sua graça, pois que agora só de sua desgraça foi que o senbor deu-nos um ar.

Sr. K. Roça.—Os seus versos de 4 pés em parellhas, não me satisfazem: quando muito podem servir para puchar o proprio auctor. Ha trastes que se parecem com os donos. Não se chamasse o senbor carroça! Emfim, de uma carroça não se podia mesmo esperar outra coisa.

Sr. Cagliostro Junior—Examinemos a sua mercadoria rimada: que tem por titulo; *Outr'ora*:

«Que é d'ella aquella quadra que eu te vi? Pare sempre...»

Alto, meu amigo! Não ponha mais na carta. Já estou inteirado. Isto afinal de contas não passa de uma parodia da *Que é d'ellas as chaves?* e parodia muito ordinaria.

Pode seguir a sua viagem, que por aqui não encarta a sua busca, não, mas Deus é grande!

Sr. V. D.—Se o senbor pensa que isto aqui é a Ilba da Sapucaia, está muito

enganado. Em falta de ipecacuanha ou de sulfato de magnesia, o seu soneto *Flôr desfolhada* dava um hom vomitorio, ou um limpa-tripas de primeira ordem. Tememos, publicando os seus versos, que o proximo nos caia em cima ás pedradas. Tambem, que diabo! não faltam praias em que o senbor possa despejar este harril de lixo, este hordel com rimas, que nos remetteu.

Sr. Quirino Magda.—Os seus versos são regulares; vou dal-os aqui mesmo:

VI-TE, DONZELLA!

Vi-te, ô anjo, ô fada hella,  
E para que vi-te, então,  
Se por ti perdeu-se esta alma  
E enfermou meu coração?!

Quem és tu que quem te vé  
Te adora no mesmo instante?  
Sei: tu és o claro sol,  
E's estrella scintillante!

Diz-me: porque te afastaste,  
Deusa, de minha presença,  
Se derramaste em meu peito  
Dor negra, cruel, intensa?...

Ai! depois de ter sorvido  
O purissimo hydromel,  
Exgotei até ao fundo  
Calix eivado de fel,

Que preparou-me a saudale  
Nesta minha solidão...  
Comtudo, espero inda um dia  
Estreitar-te ao coração!

Espero, sim, ô donzella,  
A tua face oscular,  
E que o bom tempo de outr'ora  
Outra vez ha de voltar.

Podiam e deviam ser meliores; mas, emfim, publico-os para animal-o a continuar a estudar.

Sr. Quinto Coutto.—E' tão contradictoria a sua peça (é mesmo uma peça, um verdadeiro canhão Krupp), tem ella taes desconchavos e desacertos e desorganisações que me trouxe á lembrança esta estrophe humoristica que li em crianca, não sei em que livro (estrophe que tem graça e está tão distante, em correção, das suas, como o céu de um nateiro, entenda-se):

Um surdo completamente  
Ouviu um mudo dizer  
Que um cego vira a um côxo  
A toda a brida a correr.

Ou esta outra quadrinha, que é muito mais expressiva e casa-se ao seu producto como uma luva:

Papagaio pennas verdes,  
Dizei-me onde vós moraes;  
Casa velha é tudo ratos.  
Morre quem Deus é servido.

Ao ler esta quadra e a sua poesia não ha quem se não lembre d'estes dictos populares: Deus as fez e o diabo as ajuntou. Lê com lé, cré com cré. Onde vai a corda vai a caçamba. Diz a cara com a careta. Onde entra pai Francisco entra uinha *mué* tambem.

Sr. Peixe Ploque—A sua poesia ficou na hagem. Tambem ella está tão manca que nem com o rehenque da critica será capaz de espirrar para adiante. Ninguem mandou que o senbor lhe pregasse aos queixos um harbicaço de harbarismos. Em todo caso, como neste mundo tudo é possivel, talvez que

o senbor, conseguindo amansala e ajaesala mais decentemente, possa um dia (no dia de S. Nunca, por exemplo) vel-a publicada, pondo mais nma vez, em evidencia, aquelle rifão que diz, que cavallo de cangalha tambem leva sella. Até ver não é tarde.

Chilena no bicho!

Sr. V. X.—O que é isto? Abrande o entusiasmo. Vá-se compor, que o amigo, assim em ceroulas, não põe aqui nem a ponta do pé. Pois nós, que temos negado a entrada a outros, uicamente por não trazerem a gravata do *estyllo*, havemos de a dar ao senbor que, além de se ter esquecido do casaco da metrificação, nem sequer ao menos lembrou-se de enfiar nas pernas as calças da sintaxe? Ora vá curar a perna e tapar as vergonhas e deixe de me amolar.

Sr. C. Mello.—O verho *jazer* não é unipessoal. E' perfectamente correcto dizer-se: *Aqui jazem* os restos mortaes de Fulano ou de... um perú receiado. Dizer: «*Aqui jaz os restos*» é fnzer jús a meia duzia de holos.

ENRICO.

DECLARAÇÃO

O abaixo assignado tem a honra de declarar que a propriedade litteraria do poemeto—*Luiz de Camões*—de que é autor, pertence ao Imperio do Brazil aos Exmos. Srs. Dr. Valentim Magalhães e João Joaquim de Araujo Carvalho, amhos residentes no Rio de Janeiro.

Porto, 20 de agosto de 1887.

JOAQUIM DE ARAUJO.

RECEBEMOS

—O *Mercurio*, a impagavel revista comico-phantastica de 1886 de Artbur Azevedo e Moreira Sampaio.

—Proposta apresentada ao Governo Imperial para applicação do frigorifico aos wagons conductores de carne verde pelo tenente-coronel Joaquim A. Lohato de Vasconcellos.

—Do augmento das lesões cardio-vasculares no Rio de Janeiro e de suas causas; pelo Dr. Carlos Rodrigues de Vasconcellos.

—Da casa *Au Petit Journal* os ns. 33 do *Salon de la Mode* e 16 de *Le Printemps*. Excellentes jornaes de moda.

—*Lisboa em quatro horas* e *Lisboa em quatro dias*. E' o titulo de um livro editado pelo Sr. José de Mello. Recomendamos este trahalho aos nossos leitores: é muito util e necessario no Rio, para passear em... Lisboa.

—Discurso proferido no dia 14 de Agosto na kermesse promovida pela imprensa em favor do Monumento Tiburcio, no Ceará, pelo Sr. Justiniano de Serpa.

—Estatutos da Sociedade Loterica Estrella do Norte na Estação da Lage de Muriahé.

—Relatorio do presidente da commissão do Monumento do Ypiranga,

lido em sessão de 7 de Setembro do corrente.

— Do Sr. José de Mello representante da casa David Corazzi os fasc. 10 e 11 d'As Farpas, os fasc. 43, 44 e 45 dos *Invisíveis de Lisboa* e os fasc. 48 e 49 das *Fahulas de La Fontaine*.

— *O segredo de todas as tintas e vernizes*. É um livrinho de muita utilidade para os empreiteiros, artistas e officiaes.

— *Relatorio da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Casa Branca*, apresentado pelo Sr. Commendador Antonio José Corrêa.

— *Argumentos das peças O Bastardo, Mercadet e A morte de Arduino*.

— *O Guarany*, grande edição illustrada, fasc. n. 5. com uma grande e boa gravura. Mais uma vez recommendamos esta hellia e patriótica publicação, toda feita com elementos nacionaes.

## CORREIO DA GERENCIA

— *Sr. Agente do Correio de Miracema*. Cá recebemos as folhas devolvidas. Todos os assignantes d'essa localidade (à excepção do Sr. Antonio Xavier Rodrigues, que está pago até o fim d'este mez) estão em debito para conosco. Devolver a folha é um direito do assignante, mas pagar o debito com a empreza é um dever. Esperamos que o cumpram.

— *Sr. Capitão J. D. da C.* Attendido.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. André Rangel.—O. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles —encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho —Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoço e optima cozinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert, Irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase paucreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Solicitador—Francisco R. de Nvaes—Juiz de Fora.

Augusto Luzo.—incumbe-se grauitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centimetros; recebem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Alvores matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço do volume: 2\$000.

## SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes e industriaes, de urinas, calculos e aréas da bexiga.—Rua 1º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

## ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

## LYCEU DE S. GONÇALO

Provincia de Minas Geraes, cidade de S. Gonçalo do Sapucahy

Neste collegio leccionam-se todas as materias do curso primario e as do secundario necessarias á matricula nos cursos superiores do Imperio.

As aulas funcionam desde o dia 7 de Janeiro até o ultimo dia util de Outubro.

O DIRECTOR,

José Gomes dos Santos Guimarães.

## OBRAS COMPLETAS

DE

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICA RDINA todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Sis.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em fasciculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, cada uma entrega quinzenal.

Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado. Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra,

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

### José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol..... 4\$000  
OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

### Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto..... 4\$000  
SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão.... 800

### Eckmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro..... 2\$000  
D. Guiomar Torrezão, Moura Cahral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Machado e Candido de Magalhães *Contos Cór de Rosa*..... 2\$000

### Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800  
POR VARIOS ESCRITORES  
UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 524 gravuras..... 2\$000

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recehem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

## LYRICA

DE

## FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

## VERSOS E VERSÕES

DE

## RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert. Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 1 DE OUTUBRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 144

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |                 |
|--|-----------------|
| Expediente.....                                  | V. MAGALHÃES.   |
| Filinto d'Almeida.....                           | ELOY, O HEROE.  |
| Historia dos sete dias.....                      | HELIBEU.        |
| Gazeta rimada.....                               | ALGUEM.         |
| «Ensaio de critica» (con-<br>clusão).....        | A. DE LIMA.     |
| As lagrimas do regato,<br>poesia.....            | FISCHIO.        |
| Casos patuosos.....                              | S.              |
| Notas bibliographicas.....                       | BLASIUS.        |
| O Naturalismo.....                               | A. DE OLIVEIRA. |
| Fin d'agua, poesia.....                          | M. DE ASSIS.    |
| Paginas esquecidas (con-<br>clusão).....         | BIBIANO.        |
| Entre das graças.....                            | A.              |
| Jornais e Revistas.....                          | A. DE OLIVEIRA. |
| Saudade, soneto.....                             | A. FOSCOLO.     |
| Influencia do clima.....                         | D. PICCOLINO.   |
| Platêas e salões.....                            | M.              |
| Gazetilha litteraria.....                        | H. MAGALHÃES.   |
| Parnaso Alegre Nababo in-<br>terino, soneto..... | P. TALMA.       |
| The tres.....                                    | TIO ANTONIO.    |
| Festas, bailes e concertos                       | O. SILVA.       |
| Collaboração, Petalas soltas                     |                 |
| Factos e Noticias.....                           | J. DE ARAUJO.   |
| Declaração.....                                  |                 |
| Recebemos.....                                   |                 |
| Anuncios.....                                    |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introduccão por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas

de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos a um doaseguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, verso de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Rio, 1 de Outubro de 1887.

FILINTO D'ALMEIDA

Parte no dia 9 do corrente, com destino a Lisboa, o meu querido companheiro de trabalho, o meu inseparavel, e até hoje inseparado, amigo Filinto d'Almeida.

Filinto vai para voltar. Mas voltará elle? Nem elle mesmo o sabe. Verdadeiramente não é para Lisboa que Filinto vai partir: é para a Felicidade. Vai realizar o supremo ideal do seu espirito e do seu coração, vai depositar aquella a quem dedicou a sua primorosa e inspirada *Lyrica*, aquella de quem disse nos formosos versos da *Dedicatória*:

« Tu és a minha esposa,  
« O meu bemdicto amor.

Ao vel-o partir, embora saiba que vai realizar o seu ultimo sonho, quanto elle prometta estar de volta em Dezembro, eu, seu amigo ha dez annos, de uma amizade firme e serena, limpida, jámais nublada pela nuvem de um sentimento ou de uma desconfiança, eu, que sempre o tive a meu lado, nas horas roseas da felicidade como nas horaa negras do infortunio, ao vel-o partir, parece-me que um grande isolamento ainistro vai envolver-me e que parte com elle a melhor porção da já limitada força que me sustentava nesta ingloria luta supplicante das letras, nesta infeliz terra de escravos e alphabetos.

A *Semana*, perdendo-o, perde a sua pedra angular, a força intima que a mantinha e levava por deante. Não que seja absolutamente irreparavel a sua falta ou insubstituivel a sua penna; tanto que já, deade hoje, outro escriptor, nosso commum amigo, o fecundo e delicado humorista e delicioso poeta Artur Azevedo começa a fazer, em lugar de Filinto, e com uma gentilosa tocan-

te, as honras da *Historia dos sete dias*; mas porque, para mim, Filinto é o companheiro unico com que eu podia fundar e manter *A Semana* até aqui e com que eu poderia continuar a d'aqui por deante.

Desde o primeiro numero que nella trabalhei, ha quasi tres annos, tão esforçada quanto desinteressa lamente, suguitando-se sempre, com a sua imperturbavel alegria,—que é todo o segredo da sua força — ás vicissitudes, aos sacrificios e aos dissabores da vida difficil, varia e incerta de uma folha hebdomadaria, de caracter essencialmente litterario.

Na sua alegria retemperava eu as forças, nos momentos de desanimo; no seu optimismo raiouho e desienhoso bebia novo alento para porfirar no empenho de manter *A Semana*; e ao seu talento masculino, complexo, inaleabilissimo, ia buscar o auxilio necessario, sempre intelligente e proficuo e sempre sollicitamente prestado.

Ausente o meu querido *Filindal*, sinto que difficilmente me resignarei á sua falta, e só com uma força conto para proseguir neste jornadae penoso e despremiado: a que me dará a promessa do seu regresso, a esperança de tel-o novamente ao meu lado — companheiro fiel e valente, amigo constante e sincero.

A *Semana*, pois, despede-se de Filinto de Almeida como de um pae adorado, e, estreitando-o no maia cordial e apertado abraço, deseja-lhe tantas flores, tanta luz, tanta alegria no seu futuro quantas as que pelas suas paginas derramou elle prodigamente, durante cerca de tres annos, com a sua inspiração meiga e singela de verdadeiro poeta e a endemoninhada fantasia do seu burmorismo.

Quanto a mim, meu, Filinto... que diabo! Afinal de contas, não ha nada mais simples: vaes ali assim, a Liabóa, casar, casar e voltas... Voltas alegre, forte, contente, inteiramente, absolutamente feliz!

Não é caao, então, para um — *adeus!* E' caso para um — *até logo!*

Boa viagem, portanto, meu Filinto, e...

— Até logo!

VALENTIM MAGALHÃES.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Os leitores d'*A Semana* vão ficar desagradavelmente sorprendidos: esta chronica não é de *Filindal*, vulgo Filinto de Almeida.

*Filindal* está com o pó no eatribo (Po-hre estribo!); quero dizer que neste momento prepara as malas, pois ten-

ção a partir, no dia 9, para a formosa Lisbia, onde o espera, coroada de flores de laranja, a não menos formosa inspiradora d'aquelles suavissimos versos da *Lyrica*:

Tu és a minha luz,  
Luz que a minh'alma envida.  
E que atravez da vida  
Me guia e me conduz.

O que me vale a mim,  
Ao meu amor eterno,  
E' ter o hem auperno,  
Do teu amor sem fim.

O poeta — pudéra! — outra coisa não faz neste momento senão pensar na sua noiva; não come, não bebe, não dorme: leva todo o tempo a preparar as malas, e está plenamente convencido de que ha malas que vêm para bem.

Se lhe indagarde a pela saude, elle dir-vos-á: — Julia, Julia é a palavra prompta, indefectivel, invariavel, com que o ditoso *Filindal* responde a todas as perguntas.

Nestas condições, pedir-lhe para escrever ainda um artigo antea de partir, seria obrigalo a não ter espirito... pela primeira vez.

Até que se case, *Filindal* é um homem perdido para as letras patrias. Mas descancem os leitores: a minha interinidade não excederá de dous mezes. Dentro desse prazo, elle voltará ao seu posto de honra, e as suas chronicas terão ainda mais *verve* do que têm tido até hoje, porque não ha nada, creiam, não ha nada como uma boa lua de mel para retemperar e fortalecer o espirito.

Se escrevesse esta chronica, o nosae *Filindal*, que tem a noiva segura, acria capaz de indultar o deaventurado Olympio da Silva Mattos, que ha dias se suicidou no sitio denominado Baldeador, lá para as bandae de Nietheroy.

Segundo afirma a *Provincia do Rio*, o infeliz, que contava apenas vinte annos, estrangulou-se por pedir uma moça em casamento e receber, em resposta, um Não despotico e formal. Releva notar que não foi ella, mas o pae — ó pae tyranno! — quem pronunciou esse maldicto adverbio, e causa directa de tanto deasespero havido neste mundo de Christo.

Mas se a pequena, não obstante a opposição paterna, continuava a amal-o como d'aute, porque deu cabo do canastro o infeliz Olympio? Se ella o queria, que lhe importava a elle que o não quizesse o pae? Pois não ha ali leis que obrigan o homem que tem uma filha a ser sogro, quer queira, quer não queira? Diante do *Stm* da filha, que vale o Não do pae, da mãe, do tio, do irmão, do tutor ou do padrinho? Não reflectio Olympio que matar-se era o meio mais

seguro de não esposar a sua bella? Não se lembrou de que ella, consolada de uma desgraça de que foi causa indirecta, fatalmente substituiu-o-ha no pensamento e no coração, e que outro homem dosfolhará aquella corôa de virgem, enquanto elle apodrecer, esquecido no fundo da sepultura?

Eu, no caso do pae da rnarpariga, diria aos meus botões:

— Bem avisado andei em não dar a pequena ao Mattos. Um homem que se enforca por ter soffrido uma contrariedade tão remediavel, tem lá forças para lutar contra as mil vicissitudes da vida conjugal? Que faria este pobre diabo quando se visse desempregado, com dez filhos famintos e descalços, a mulher de cama, os meirinhos á porta e a sogra a accusal-o, em altos berros, de ter feito a desgraça de sua filha?!

Mas deixemos em paz um namorado que morre, e saudemos uma folha que nasce.

Divorciado da *Gazeta da Tarde*, em cujas columnas construiu, durante muitos annos, obaluarto mais forte do Abolicionismo, o Sr. José do Patrocínio acaba de fundar a *Cidade do Rio...* tres seculos depois de Estacio de Sá!

Estou certo de que da nova folha fluminense partirão as ultimas bombas, que não de arrombar de todo e fazer sossobrar definitivamente o calhambeque, já desmastreado, do Escravagismo.

O principal já está feito; agora, com um pequenino esforço, ficaremos completamente livres de semelhante vergonha.

A victoria da propaganda abolicionista é completa; resta apenas desiludir um ou outro Orgon; mas para esses não ha Cleantes que valham. Até a ultima, o Sr. Patrocínio ha de achar quem lhe diga: — *Tais toi, pendard!*

Eu sou e todos nós somos do tempo em que era necessaria uma coragem inaudita para a gente declarar-se abolicionista; hoje as coisas mudaram completamente, e o escravocata não é um corajoso: é um cara-dura. Essa é a prova mais flagrante e menos discutivel dos bons resultados da propaganda.

Pois não veem que escravocatas de hontem andam, agora que encontraram a cama feita, a arrotar projectos sobre projectos? Mais de um magnata procura, por esse meio, uma taboa de salvação contra o villipendio da posteridade,—sim, porque cada um d'elles deixa-se embalar pela doce illusão de que ha de figurar na historia d'este paiz. Pois sim.

Ainda espero ver o Sr. Andrade Figueira tirar tambem do bolso, surreitamente, o seu projectosinho de emancipação, e apresental-o á Camara. *Voilà le bouquet!*

A escravidão está morta, e a *Cidade do Rio* tem o direito de dar o tiro de honra nesse cadaver.

Quem diz isto é um escriptor pessoalmente desaffectedo ao Sr. José do Patrocínio.

O apparecimento da *Cidade do Rio* coincido com a chegada do Sr. Joaquim Nabuco.

Saudo o illustre e sympathico cidadão, que obteve o triumpho eleitoral mais completo que ainda houve na nossa terra.

O deputado pernambucano teve uma

esplendida recepção, a que não faltou certamente o precioso elemento popular. Mas como os triumphadores romanos, que levavam atraz de si um escravo a lembrar-lhes, em altas vozes, a sua misera condição de mortacs, o Sr. Nabuco, no meio de todo esse entusiasmo febril e espontaneo, devia ter tambem ao seu lado um escravo (porque um escravo seria mais topico) que lhe dissesse: — Lembra-te do terceiro escrutinio!

E está feita a historia de sete dias,— sete dias alegres, durante os quaes — ó caso raro e digno de memoria! — não consta que tivesse havido nenhum naufragio.

O Dias Braga encarrega-se de supprir esta falta, pondo em scena qualquer noite o da fragata *Medusa*.

E como um sinistro maritimo no palco do Recreio Dramatico não provoca as lagrimas de pessoa alguma, nem as alegorias funebres da *Revista Illustrada*, não hesito em recomendar ao publico o *Naufragio da Medusa*.

ELOY, O HEROE.

## GAZETA RIMADA

III

Saudoso parte o Filinto.  
Saudosos ficamos nós!  
Falo a verdade: não minto,  
Saudoso parte o Filinto,  
E o pranto embarga-me a voz!

Vae para Europa, sómente  
Sua *estrella* demandando.  
Que volte breve e contente!  
Vae para Europa, sómente  
Ficamos nelle pensando.

Flores, passaros, perfumes,  
Borboletas, colibris,  
Acompanhai-o em cardumes,  
Flores, passaros, perfumes,  
Fagueiros, leves, subteis!

Vagalbões no mar dispersos  
Embalai a náu que o leva!  
Elle vos doira em seus versos;  
Vagalbões no mar dispersos,  
Da róta espancai-lhe a treva!

Seja-lhe o tempo propicio!  
De rosas lhe seja o mar!  
Já que o mar o um precipicio  
Seja-lhe o tempo propicio  
E quieto como o luar!

Brisas marinhas segui-o  
Té seu desejado porto!  
Sob o céu vasto, irradiado,  
Brisas marinhas segui-o  
Como um celeste conforto!

Adeus, Filinto querido!  
Adeus, meu bom *Filindal!*  
Não has de ser esquecido;  
Adeus, Filinto querido!  
Sejam-te os astrós phanal!

MELIBEU.

## « ENSAIO DE CRITICA »

(Conclusão)

Por conseguinte, achamos de todo o ponto injusta e mal julgada a parte do livro do Sr. Alvares da Costa em que tracta de Aluizio Azevedo, o nosso mais esforçado naturalista, aquelle que introduziu no Brazil o romance moderno, o auctor do *Mulato*.

Ao lado das lisongeiras verdades que o Sr. Alvares da Costa diz de Aluizio, affirma que este não entra legitimamente no quadro da escola de Zola.

Protestamos.

O auctor do *Ensaio de Critica* não tem o direito de ignorar que Balzac, para conseguir plantar o naturalismo em França, teve de fazer grandes concessões á escola que lá então predominava. Ora, Aluizio encontrou tambem uma escola de aqui nestes sertões, quando surgiu com o seu primeiro romance; e, todavia, o Sr. Pardal Mallet,—que S. S. cita como o «primeiro que entre nós revela verdadeiras tendencias naturalistas,»—nada mais é do que um galho da arvore que Aluizio transplantou para o Brazil. Pardal Mallet não escreveria *O Hospede* se não encontrasse franqueado o caminho que a *Casa de Pensão* abriu, bem largo, na mata virgem do nosso idealismo poetico.

Compare S. S. o modo de expor na *Casa de Pensão* e no *Mulato* com o do *Hospede*; compare a parase de um auctor com a do outro, a maneira de tractar os typos, compare os mesmos typos d'esses romances, e verá o illustre critico que o Sr. Coelho Netto tinha toda a razão, quando, na *Gazeta da Tarde*, declarava que o novo romancista de Pernambuco nascera sob a influencia do fecundo escriptor maranhense.

O Sr. Alvares da Costa aceita o grande Camillo Castello Branco como naturalista portuguez, quando aliás Camillo é naturalista por fantasia, por moda; lobo velbo das letras, todos os feitos lhe são facéis e tangíveis, mas falta-lhe o principal — a convicção, o amor pela escola da verdade. Foi naturalista por troça a principio, fez-se discipulo de Balzac a brincar, a rir, ás vezes até ridicularizando as ferramentas de que se servia, como se vé na sua espirituosa resposta á Princeza Rattazi. E, no emtanto, o Sr. Alvares da Costa não aceita Aluizio como naturalista brasileiro; quando este o é por indole, por temperamento, por gosto, quasi que por fatalidade, como bem provam o seu amor da verdade, a sua persistencia na carreira que abraçou, a sua dedicacão ao trabalho e a inquebrantavel coragem com que elle tem até hoje, sem afrouxar nunca, luctado contra a imbecillidade do publico. Emilio Rouede o definio perfeitamente nesta phrase: «Um pintor que escreve com stylo, vivendo dentro dos seus quadros, convivendo com os seus personagens, ligando mais importancia ao ultimo d'estes do que ao primeiro critico e ao publico inteiro.»

O Sr. Alvares da Costa queixa-se de que Aluizio não se parece com Emilio Zola; quando aliás devia elogial-o por isso. O melhor merito do auctor do *Coruja* e de *Philomena Borges* consiste justamente em não se parecer com outro escriptor e ter sabido fazer naturalismo no Brazil, sem deixar de ser profundamente brasileiro. O Sr. Alvares da Costa acha que Aluizio não é natu-

ralista, mas entende que, visto não haver outros naturalistas por enquanto no Brazil, elle pôde passar por isso.

Ahi está uma das taes contradicções que não perdonmos ao novel critico. Ou Aluizio é naturalista, ou não o é; a circumstancia de estar ou não isolado não tem a ver com o caso. Enfim, o Sr. Alvares da Costa, empenhado, como parece, na diffusão do naturalismo no Brazil, commette nma injustiça; mais ainda — uma ingratição — para com o heroico luctador, o victorioso escriptor maranhense, desconhecendo os serviços por este prestados á causa que S. S. defende. Roma, caro senhor, não se fez num dia; se não fosse o trabalho de Aluizio Azevedo, o naturalismo, para existir entre nós, teria ainda de tentar os primeiros passos, estaria engatinhando e não andaria pelo seu pé, como já anda.

Esta é a verdade, e por isso a declaramos, raza e crua. E, porque em questão de arte é preciso dizer tudo ou então nada, acrescentamos que, segundo a nossa opinião, Aluizio Azevedo é o melhor exemplo para quem deseja seguir a carreira das letras. Trabalhando no meio em que vive; cercado de difficuldades de toda a especie; luctando dia a dia, passo a passo, com um jornalismo indifferente aos brasileiros; luctando com um publico mal educado e na maior parte composto de imbecis, invejosos ou hypocritas; luctando contra um governo que desconhece a necessidade do contracto litterario com os outros paizes, um governo que protege e agracia o trabalho do pintor, do musico, do estatuario, do actor, mas que não tem olhos para o trabalho dos escriptores nacionaes; luctando com a concurrencia das obras francezas, que são vergonhosamente roubadas pela imprensa e pelo theatro; não dispondo de bens herdados, não tendo nenhuma subvencão do governo, nem sincura que lhe renda um bom ordenado Aluizio Azevedo tem conseguido muito; tem feito milagres para conseguir impor a litteratura naturalista no Brazil.

E agora, para que o Sr. Alvares da Costa, e outros, formem idéa justa a respeito d'esse valente luctador e, para que o illustre critico saiba uma vez por todas que Aluizio Azevedo não tem caminbado ás tontas até aqui, passamos a transcrever o que o proprio Aluizio, já ha cinco annos, com a coragem tranquilla de quem confia tudo de suas idéas e do suas proprias forças, publicou na *Folha Nova*, em meio de um romance-folbetim—O *Mysterio da Tijuca*:

« Sabe, (Refere-se ao leitor) que os factos que aqui deixamos, tão á miagoa descriptos, não são puramente inventados por nós, mas colbidos, aqui e ali, da vida real. Cada um dos typos d'este romance tem atraz de si um ou mais individuos, que encontramos na rua, no theatro, nas repartições publicas, ou em alguma reunião de familia. Andamos por ali, como os trapeiros, de sacco ás costas, a mariscar factos verdadeiros nesse mistiforio de paixões boas e más, de bons e maos impulsos, de intenções de toda a especie; nessa mistela de virtudes heroicas e miserias degradantes, de cuja argamassa se fórma a estranha cousa que se chama—vida humana.

« A's vezes, entre os trapos e os godilhões, apanhados a esmo pela rua, deparemos com alguma joia de valor, e remetemos logo, tudo de cambulhada,

para o sacco das observações. E são essas pequeninas joias, perdidas nas encluradas da vida real, que de vez em quando quebram a invencível monotonia de nossas relações.

«Vêa por conseguinte que seguimos o curso fatal de certas leis. Não é bastante dizer, é preciso dizer e explicar. Já não estamos no tempo em que o romancista podia empilhar todas as situações que lhe surgissem à phantasia, sem dar conta d'isso ao leitor. Hoje é preciso dizer os porquês: é preciso investigar, esmiuçar as razões que determinaram taes e taes scenas.

«— Mas dessa forma, observará o leitor, o romance de que fala V. não é um romance, uma novella, um enredo, mas sim uma serie de pequenas dissertações a respeito do varios episodios e varios typos da vida real...

«— Ai, ai! responderemos nós—E' isso mesmo.

«E, já que avançamos a tanto, diremos logo com fraqueza que todo o nosso fim é encaminhar o leitor para o verdadeiro romance moderno. Mas isso, já se deixa ver, sem que elle o sinta, eem que elle dé pela tramaioa, porque ao contrario ficaremos com a isca intacta.

«E' preciso ir dando a cousa em pequenas dôzes, paulatinamente: um pouco de enredo de vez em quando; uma ou outra situação dramatica de espaço a espaço, para engodar, mas sem nunca esquecer o verdadeiro ponto de partida—a observação e o respeito á verdade. Depois, as dôzes de romantismo irão diminuindo gradualmente, enquanto que as de naturalismo se irão desenvolvendo; até que um bello dia, sem que o leitor o sinta, esteja completamente habituado ao romance de pura observação e estudo de caracteres.

«No Brazil, quem se propuzer escrever romances consecutivos, tem fatalmente de lutar com um grande obstaculo—é a disparidade que ha entre a massa enorme de leitores e o pequeno grupo de criticos. Os leitores então em 1820, em pleno romantismo francez, querem o bello enredo, a acção, o movimento; os criticos porém acompanhavam a evolução do romance moderno em França e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet.

«Ponson du Terrail é o ideal d'aquelles; para estes Flaubert é o grande mestre.

«A qual dos dous grupos se deve pois attender de preferencia—ao de leitores ou ao de criticos?... Estes decretam; mas aquelles sustentam. Os romances não se escrevem para a critica, escrevem-se para o publico, para o grosso publico, que é quem os paga.

«Por conseguinte, entendemos que, em simblantes contingencias, o melhor partido a seguir era conciliar as duas escolas, de modo a agradar ao mesmo tempo ao paladar do publico e ao paladar dos criticos; até que se consiga por uma vez o que ainda ha pouco dissemos—impôr o romance naturalista. Mas, enquanto não chegarmos a esse bello ponto, vamos limpando o caminho com as nossas produções hybridas, para que os mais felizes, que por ventura venham depois, já o encontrem desobstruido e franco.

«Saremos sentinellas perdidas—paciencia!»

Ora já temos o proprio Aluizio respondendo cabalmente ao Sr. Alvares da Costa. Se este illustre critico pernambucano se tivesse dado ao trabalho

de conhecer a sincera e desprezenciosa pagina que transcrevemos, não estaria tão enganado sobre a evolução litteraria do Brazil e veria no auctor da *Casa de Pensão*, não um «noviço da escola moderna» como irrisoriamente o qualificou S. S.; nem «uma sentinella perdida» como modestamente se julga o accusado, mas um bravo, quo, precipitando-se sozinho por entre as balas do inimigo, veio lá do extremo norte erguer aqui na Corte, no meio da fumarada dos preconceitos e das paixões catturas, o sangrento e escandaloso estandarte do Naturalismo.

ALGUEM.

## AS LAGRIMAS DO REGATO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

*Na abobada sem sol da regio dos fosséis,  
o regato calcaveo os seus meandros doces,  
desenha pelo vario e tortuoso gyro.  
O feldspatho irisado, o severo porphyro  
e os blocos colossaes do esculptural basalto,  
banha, circunda e enflora, e vae, de salto em salto,  
e vae, de curva em curva, o barathro descendo,  
do arboreo crystal fluído os fios estendendo...  
Um d'elles atravessa a gorja petrea cassida  
do elephante primevo, outro em lago se muda;  
este vae, esmaltar os voios do pyrite,  
aquele em gotas cae da dura stalactite,  
como leite que flue de esuberante poma;  
este outro de um repicho a esparsa forma toma.  
Mas todas vão descendo em impeto fremente,  
porque descor é sempre a sorte da corrente,  
E o regato viejor no abysmo solitario,  
depois de completar na terra seu fadario,  
lembra-se com saudade, o misero e mesquinho!  
do tempo em que tocava a roda de um moinho;  
em que ouvia de tarde as amorosas queizas  
dos salgueirões, banhando as luridas madeizas  
e do sol reflectindo o disco luminoso.  
Quem lhe dera voltar a esse viver ditoso?  
E no silencio, então, das lagrimas supremas,  
vae-se crystallizando em purolas o gemmas...*

AUGUSTO DE LIMA.

## CASOS PATUSCOS

Guanabara Minor é o que o vulgo chama pittorescamente — um «bicho de concha».

Fino como lan de kagado — o diabo do bicho! Desde o começo d'esta interessante polemica, que Aranha da Guanabara se faz de desentendido e procura illudir a urgente necessidade, o imperioso dever de dar cabal resposta aos pontos em que o premi, tecendo matreiramente intrincada teia de banalidades injuriasas.

Não, meu caro aranhão, tu pra cá vens de carrinho.

Nos primeiros *Casos Patuscos* a proposito da pendencia — *Pulcino*, eu transcrevi varios horrores linguisticos e syntaxicos do Dr. Jorge Pinto, desastrosamente descoberto pelo amigo urso que redige o *Novidades*... na secretaria da Agricultura.

Aranha saltou, pernalta e lesta, em defesa de *Pulcino*, mas defendeu-o aseteando-me escriptor bascos malévolos, chamando-me patusco e já não sei que outros desaforos.

Com paciencia evangelica retruquei-lhe pelo ultimo n. d'A *Semana*, pondo-lhe novamente a mesma interpellação

aos peitos, entalando-o na contingencia de: — ou provar-me que não são asneiros e erradinhos da Silva os trochos que, de *Pulcino*, n'presentei como taes, ou de provar-me que, sendo-o, pode o seu auctor ser considerado auctoridade bastante para sagrar o primeiro poeta d'esta terra de poetas.

Em resposta ao epitho «patusco,» respondi-lhe delicadamente com estes dizeres:

«Aranha chamou-me patusco.

«Talvez o seja; mais patusco, porém, muito mais patusco do que eu, é o Sr. Alcindo Guanabara, que foi um dia d'estes representado por Angelo Agostini, na ultima pagina da *Revista Illustrada*, a redigir o *Novidades* sob o dictado do Sr. ministro da Agricultura, em uma das mesas da respectiva secretaria e não protestou!»

De ovo, egualmente pernilongo e lépido, pinchou Alcindo Aranha a tréplicar-me.

Mas, d'esta vez, não só ainda não defendeu o seu pobre amigo Dr. Pinto, como tambem não se defendeu a si. Limitou-se a descompor-me; e, por signal, que num estylo bem reles, benza-o Deus!

Tem paciencia, Schopenhauer do largo do Paço, se porventura tens a consciencia mas limpa que os collarinhos, responde, de uma vez por todas, aos tres seguintes itens com que tenho vindo a aghilhoar-te desde que pela primeira vez me sabiste á frente.

I São asneiras ou não são asneiras os trochos do Dr. Pinto que, como taes, transcrevi na *Semana* n. 142?

II Tem o Dr. Pinto, com tal syntaxe, revelando tão crassa e funda ignorancia da sua lingua, auctoridade pontifical para sagrar o primeiro poeta brasileiro?

III Porque não protestou, e que tem a protestar o Sr. Alcindo Guanabara contra a caricatura em que Angelo Agostini o representou a redigir o *Novidades* sob o dictado do Sr. ministro da Agricultura, em uma das mesas da respectiva secretaria?

A essa triplice interpellação convido pela terceira vez o Sr. Alcindo Aranha Minor da Guanabara a responder satisfactoriamente. Aqui é que bate o ponto, amiguinho. A não ser essa pedida e repedita resposta — é tudo parolagem, mais ou menos desaforada e canalba.

Olha, eu tenbo tanta curiosidade, Aranha de te ver responder áquillo, que nem mesmo me dou ao prazer de me rir desbraguihadamente d'aquelle lanço do teu ultimo artigo em que falas em dignidade, para dizeres que eu não posso dar lições d'ella a ninguem, nesta terra.

Bôa pilheria! E resisto-lbe, bem vés! E' que estou morto por ver-te descalçar aquelle par de botas.

Par, não: tres botas.

Foram poucas: ainda te fica um pé descalço. Calçal-o-ei para outra vez.

Vá, seu Aranha, descalce as botas!

FISCHIO.

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

O nosso distincto e prezado collaborador portuguez Joaquim de Araujo acaba de publicar o seu promettido poemeto *Luiz de Camões*, precedido de uma carta de Eça de Queiroz, tão cur-

ta quanto brilhante. Do poemeto, de que demos, em tempo, alguns excerpitos, diremos proxivamente.

O trabalho typographico é encantador.

Acaba de ser edictado pela casa Laemmer mais um livro interessante: a «*Metaphysica do Amor*» e *Esboco sobre as mulheres*, por A. Schopenhauer, traduzido por M. C. da Rocha. Vamos ler, mas, pelo conhecimento da obra e pela confiança no traductor, podemos desde já recomendar a todos a sua leitura.

Mais outra obra ntilissima de que é edictor o Sr. B. L. Garnier: a 1ª edição (impresa em Pariz) do Curso Methodico de Geographia physica, politica, historica, commercial e astronomica, composto para uso das escolas brasileiras pelo Dr. Joaquim Maria de Lacerda. Esta edição é quasi uma nova obra, tão ampliada e melhora da foi pelo auctor e por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro, vindo agora entreschada de copiosas e finissimas gravuras.

O Sr. Hippolyto da Silva offereceu-nos um exemplar d'Os *Latifundios*, poemeto abolicionista, que acaba de publicar em S. Paulo.

E' consagrado á memoria de Luiz Gama.

Os *Latifundios* são um trabalho em tudo digno de leitura. Os seus versos são cinzelados com bastante talento e os themas, escolhidos pelo poeta, veherados com energia, quando torpes pelo seu fundo, e exaltados com enthusiasmo, quando nobres e puros nos seus fins. Apenas lhe notámos, ainda muito viva, a influencia da leitura de Guerra Junqueiro.

E', não obstante, um trabalho este que deixa patente a nobreza d'alma e o espirito civico do seu auctor a par de presadas qualidades intellectuaes.

Continúe, pois, o Sr. Hippolyto a conviver com as Musas já que as sabe tractar com amor e distincção.

Frequentemente nos dá provas eloquentes do seu progresso e do estalo de sua civilização a proviucia do Pará. E' uma d'aquellas em que mais desenvolvimento tem a instrucção publica e menor numero de analphabetos se encontra. Ultimamente a generosa aspiração da unidade amazonica, pela realisação da unificação da Amazonia, mais tem acendrado o amor das ciencias e das letras naquellas ricas e pujantes regiões.

Hoje temos a annunciar, como outra prova mais e a mais recente do que deixamos dicto, o inicio da publicação de uma «Galeria de Poetas» (Perfil litterario dos poetas paraenses contemporaneos.)

O primeiro numero d'esta serie (á imitação das *Celebrités Contemporaines*) é occupado pelo poeta Paulino de Brito, do qual dá um retrato e a reproducção autographica do original de uma poesia, por signal bem bonita, e o *fac-simile* do auctor. O estudo bio-bibliographico d'este poeta é feito pelo Sr. Marques de Carvalho, que d'elle diz: «No Pará ninguém talvez mereça antes d'elle um preito de bomenagem litteraria. Divide-se em tres partes: a 1ª *estuda O homem*; a 2ª *O romancista* e a 3ª *O poeta*.

E' um estudo largo, minucioso, feito

talvez com a benevolencia da amizade, mas tambem com a eloquencia da verdade. Todo o trabalho lithographico e typographico é nitido e bonito.

Desejamos a continuacão d'esta Galeria que, a todos os respetos, faz honra á bria provincia do Pará.

Pontos de Francez pelo professor João Vieira de Almeida.

E' um trabalho escripto e exposto de accordo com o programma para os exames de preparatorios na Instrucção Publica e que concorre em muito para o estudo da lingua franceza.

O seu auctor tracta com bastante lucidez e methodo de todos os pontos d'esta materia, facilitando assim o seu estudo.

E' um trabalho recommendavel.

A Republica Federal, terceira edição stereotypada. Obra de propaganda republicana, devida á diamantina penna de Assis Brazil. Foi publicada, para distribucão gratuita, pelo Club Republicano Rio Grandense com o duplo intuito de comemorar o 52º anniversario da gloriosa revolução Rio Grandense e de utilizar a propaganda das ideias republicanas.

Da Sociedade Central de Imмиграção recebemos o seu IV livro de propaganda. Intitula-se *Pequena propriedade e imмиграção europea*, obra posthuma, de Luiz Couty. E' annotada e precedida de uma introducção biographica sobre o seu auctor, pelo senador Alfredo Es-craguolle Taunay.

A casa Laemmert acaba de edictar «A Lei sobre os crimes de destruição, damno, incendio e outros», contendo projectos, discussões, a lei n. 3311 de 15 de Outubro de 1886 e indice alfabético: Util e necessario trabalho, em boa hora empreendido pelo Dr. José Maria Vaz Pinto Coelho.

S.

## O NATURALISMO

Il est certain qu'une œuvre ne sera jamais qu'un coin de la nature vu à travers un tempérament.  
Zola — Le Naturalisme au theatre,

Venbo de lér o «Perfil de Castello Branco» primór litterario do padre Senna Freitas. Longe de mim pretender fazer a critica de tal obra, verdadeira joia, que apenas posso admirar.

Um ponto porém do trabalho impressionou-me desagradavelmente por conter idéas hoje absolutamente inaceitaveis. E' o ponto em que o illustre litterato, abraçando a caluca eschola romantica, fulmina o «romance experimental.» Ah! o padre Senna Freitas chega a falsear os principios da eschola moderna para expô-la ao anatema da turba ignara. Só a esta podem illudir as accusações do distincto escriptor, notoriamente injusto com uma eschola que só merece as bençãos da humanidade.

Diz elle : «Ha no naturalismo ou realismo litterario um defeito grave e uma qualidade positiva. O defeito é prescindir de todo o ideal, coñsoante o

confesso o proprio hierojante (!) da novissima escola, Emilio Zola; ora o romance é arte, e a arte que prescinde de todo o ideal e portanto de toda a creação e das leis fundamentaes da esthetica é indigna deste nome.»

Como se vé, para o litterato portuguez «romance experimental» quer dizer reproducção fria e morta da natureza, sem uma illação, sem uma força animadora da obra.

Esta noção torna-a o autor bem patente quando diz: «Não, nenhuma teta, nenhuma estatua, nenhum livro de litteratura pode ser equiparado á chapa colliada de um photographo, assim como a este não cabe propriamente o nome de artista plastico quando muitas vezes nem sabe traçar a curva de uma commissura de labios.»

Zola nunca disse que o romance experimental era uma photographia da natureza. O grande romancista apenas banio de suas obras o ideal a que não corresponde a realidade, como banio a realidade sem ideal. O que Zola exige é a consubstanciação dos dois elementos, exactamente como no mundo physico a força é consubstanciada com a materia. E' por isso que elle estabelece como condições essenciaes de todas as partes do romance «le sens duréel et l'expression personnelle.»

Eis suas palavras; «Partindo da realidade, o romancista a continúa, estende a scena no mesmo sentido, communicando-lhe sua propria vida. Todo o mecanismo da originalidade está ahí nessa expressão pessoal do mundo que nos rodeia.»

A vida do autor em suas obras, isso quer Zola, que, fallando das obras de Daudet, diz: «Comment voulez-vous que de pareils livres n'émotionnent pas le public? Ils sont vivants. Puvrez les et vous les sentirez qui palpitent dans vos mains. C'est le monde réel; et c'est même d'avantage, c'est le monde réel vécu par un écrivain d'un originalité exquise et intense à la fois.»

Será licito ainda, depois d'estas citações dizer que Zola reduziu a arte á reproducção impessoal, morta e inanimada da natureza?

O que Zola não admitto é que a arte seja «uma simples idéa phantastica e caprichosa de autor.» «Ainsi dans le cas où je représenterais un homme qui marcherait la tête en bas, j'aurais faite une œuvre d'arte si tel était mon sentiment personnel. Je serais fou pas d'avantage.»

D'onde porém tiraria o padre Senna Freitas que Zola excluiu de seus romances a vida e o cunho pessoal? Talvez da leitura descuidada de algumas das obras modernas. De facto nada *apparentemente* mais feio do que as paginas de Stendhal e de Flaubert. Tome-se porém o pulso a essas estatuas de gelo, e sentir-se-á o sangue quente e mesmo febril que as anima. «São lagos gelados na superficie, mas talvez borbotantes em suas profundezas, e que reflectem com uma verdade incoaravel tudo o que se acha ás suas bordas.»

Já agora não deixarei a penna sem trazer á luz um facto em que se verá que pôde haver obra de arte com o cunho pessoal, mas sem a menor invenção ou phantasia.

Em uma das paragens mais centraes do Brazil, em um recanto onde talvez jámais se pronunciou a palavra *arte* encontrei um auto de corpo de delicto verdadeiramente artistico. «Notavel, dirá o eximio litterato, que não vé arte

onde só ha a realidade e a verdade, sem accrescimos phantasticos.

Tratava-se de um assassinato medonho, e acompanhado de circumstancias revoltantes. Descrevendo o theatro do crime o perito pareceu reconstruir o facto inteiro com vida e alma. Um facto especialmente se apoderara da attenção do redactor da peça, comquanto fosse um facto de infima importancia para o processo: «Na beira da estrada havia um amassado de matto, e junto d'este amassado o cadaver... e pugas de sangue, sobre o qual zumbião as abelhas, chupando o mesmo sangue.»

O que ha de mais vivo do que isto?! Será porventura mais tocante a phrase de Lady Macbeth? Não o creio. Ao ler o corpo de delicto senti meu sangue fugindo das veias e as abelhas silvestres sugando-o n'um zumbido monotonol... O sangue da victima do Cid, de Corneille escrevendo vingança sobre a terra que manchára, não nos move como o sangue do misero sertanejo, pastos dos animaes agrestes.

Naquellas longas e escuras mattas, naquellas estradas onde não transitãodous homens por mez, havia um perito que se impressionava ao vér o sangue empoçado e sobre elle pousando as abelhas... Quem era esse homem que em vez de phantasiar com Corneille, communicava sua vida, seus nervos, sua alma a suas narrações?

Era o mandante do crime e o segredo que elle tinha para impressionar era consubstanciar-se com o crime.

Foi por isso que descrevendo o facto em toda a sua nudez e em toda a sua verdade não poude deixar de communicar á obra o cunho de sua personalidade e de seu horror.

BLASIUS.

## FIO D'AGUA

(A Augusto de Lima)

E' um fio d'agua, e assim tão pequenino, Pouco para servir de espelho á face De um lirio, pouco para que banhasse Nellu uma abelha as azas de ouro fino.

Dentre as taliscas de uma pedra, brota E salta, onde espinhoso o cardo medra, E, vivissima prata, gota a gota, Escorre, como a lagryma da pedra.

Por um leito de verdes musgos passa, E, como de um collar, perolas soltas Esparze; douda, a acompanhal-o, ás voltas, A borboleta lepidu esvoaça;

E ella não só, mas das gramíneas rentes, Das raizes, das folhas e das flores, Seguem-lhe o curso, azis phosphorescentes Vibrando, insectos varios de mil côres.

E' que, como, entre os homens, a uma pura Affeição muitas vezes se nos prende A vida, e o mund' e tudo mais depende Para nós de uma mesma creatura:

Têm elles a existencia présa áquella Agua escassa, e por isso, entre selvagem Musica, todos acercados d'ella, Em procissão festijam-lhe a passagem.

Mas quando o sol na Incandescente fragua Tudo abraza, como a affeição querida Quando nos fuge, ai d'elles nesta vida Se lhes faltat aquelle fio d'agua!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Setembro de 1887.

## PAGINAS ESQUECIDAS

Noticia da actual litteratura brazileira  
(Conclusão)

A POESIA

A acção da critica seria sobretudo efficaz em relação á poesia. Dos poetas que appareceram no decennio de 1850 a 1860, uns levou-os a morte ainda na flor dos annos, como Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, cujos nomes excitam na nossa mocidade legitimo e sincero enthusiasmo, e bem assim outros de não menor porte. Os que sobreviveram calaram as lyras, e si uns voltaram as suas attensões para outro genero litterario, como Bernardo Guimarães, outros vivem dos lauros colhidos, si é que não preparam obras de maior tomo, como se diz de Varella, poeta que já pertence ao decennio de 1860 a 1870. Neste ultimo prazo outras vocações appareceram o numerosas, e basta citar um Crespo, um Serra, um Trajano, um Gentil-Homem de Almeida Braga, um Castro Alves, um Luiz Guimarães, um Rozendo Moniz, um Carloa Ferreira, um Lucio de Mendonça, e tantos mais para mostrar que a poesia contemporanea pôde dar muita cousa; e si algum d'estes, como Castro Alves, pertence á eternidade, seus versos podem servir e servem de incentivo ás vocações nascentes.

Competindo-me dizer o que acbo da actual poesia, atenho-me só aos poetas de recentissima data, melhor direi a uma escola agora dominante, cujos defeitos me parecem graves, cujos dotes — valiosos, e que poderá dar muito de si, no caso de adoptar a necessaria emenda.

Não faltam á nossa actual poesia fogo nem estro. Os versos publicados são geralmente ardentes e trazem o cunho da inspiração. Não insisto na cor local; como acima disse, todaa as fórmulas a revellam com mais ou menos brilhante resultado, bastando-me citar, neste caso, n'outras duas recentes obras, as *Miniaturas* de o Gonçalves Crespo e os *Quadros* de J. Serra, versos extremados dos defeitos que vou assignalar. Acrescentarei que tambem não falta á poesia actual o sentimento da harmonia exterior. Que precisa ella então? Em que pecca a geração presente? Falta-lhe um pouco mais de correcção e gosto; pecca na intrepidez ás vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento. A imnginação, que a ha devéras, não raro desvaira e se perde, chegando á obscuridade e á hyperbole quando apenas brincava n' novidade e a grandesa. Isto na alta poesia lyrica — na ode, diria eu, si ainda subsistisse a antiga poetica; na poesia intima e elegiaca encontram-se os mesmos defeitos e mais um amaneirado no dizer e no sentir, o que tudo mostra na poesia contemporanea grave doença que é força combater.

Bem sei que as scenas magestosas da natureza americana exigem do poeta imngens e expressões adequadas. O condor que rompe dos Andes, o pampiro que varre os campos do sul, os grandes rios, a matta virgem com todas as suas magnificencias de vegetação, — não ha duvida que são paineis que desafiam o estro, mas, por isso mesmo que são grandes, devem ser tra-

zidos com oportunidade, e expressões com simplicidade. Ambas essas condições faltam á poesia contemporânea, e não é que escasseiem modelos, que abí estão, para só citar tres nomes, os versos de Bernardo Guimarães, Varella e Alvares de Azavedo. Um unico exemplo bastará para mostrar que a oportunidade e a simplicidade são cabedades para reproduzir uma grande imagem ou exprimir uma grande idéa. Nos *Tymbiras* ha uma passagem em que o velho Ogib ouve censurarem-lhe o filho, por que se affasta dos outros guerreiros e vive só. A fala do ancião começa com estes primorosos versos :

« São torpes os anúns, que em bandos folgam,  
São máus os calletéis que em varas pascem:  
Sómente e sabiá geme sósinho,  
E sósinho o condor aos ceus remonta.»

Nada mais oppurtuno nem singello do que isto. A escola a que alludo não exprimiria a idéa com tão simples meios, e faria mal, por que o sublime é simples. Fora para desejar que ella ysrasse o meditasse longamente estes e outros modelos que a litteratura brasileira lhe offerece. Certo, não lhe falta, como disse, imaginação; mais esta tem suas regras, o estro leis, e si ha casos em que elles rompem as leis e as regras, é por que as fazem novas, é por que se chamam Shakespeare, Dante, Goethe, Camões.

Indiquei os traços geraes. Ha alguns defeitos peculiares a alguns livros, como por exemplo, a antithese, creio que por imitação de Victor Hugo. Nem por isso acho menos condemnavel o abuso de uma figura que, se nas mãos do grande poeta produz grandes effeitos não pode constituir objecto de imitação, nem, sobretudo, elemento de escola.

Ha tambem uma parte da poesia, a que, justamente preocupada com a côr local, cahé muitas vezes n'uma funesta illusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do paiz, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulario e nada mais. Apprecia-se a côr local, mas é preciso que a imaginação, lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturaes, não ds acarreto. Os defeitos que reumidamente aponto não os tenho por incorrigiveis; a critica os emendaria; na falta della, o tempo se incumbirá de trazer ás vocações as melhores leis. Com as boas qualidades que cada um pôde reconhecer na recente escola de que fallo, basta a acção do tempo, e si entretanto apparecesse uma grande vocação poetica, que se fizesse reformadora, é fora de duvida que os bons elementos entrariam em melhor caminho, e á poesia nacional restariam as tradições do periodo romantico.

#### O THEATRO

Esta parte pôde reduzir-se a uma linha de reticencias. Não ha actualmente theatro brasileiro; nenhuma peça nacional se representa. As scenas theatraes deste paiz viveram sempre de traducções, o que não quer dizer que não admittissem alguma obra nacional quando apparecia. Hoje, que o gosto publico tocou o ultimo grão da decadencia e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para comprar obras severas de arte. Quem lh'as receberia, si o que domina é a cantiga burlesca ou ob-

scana, o cancan, a magica apparatusa, tudo o que falla aos sentidos e aos instinctos inferiores?

E todavia a continuar o theatro, teriam as vocações novas alguns exemplos, não remotos, que muito as haviam de animar. Não fallo das comedias do Penna, talento sincero e original, a quem só faltou viver mais para aperfeigoar-se e empreheder obras de maior vulto; nem tambem das tragedias de Magalhaes e dos dramas de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Agrario. Mais recentemente, nestes ultimos doze ou quatorze annos, houve tul ou qual movimento. Appareceram então os dramas e comedias do Sr. J. de Alencar, que occupou o primeiro logar na nossa escola realista, e cujas obras *Demonio Familiar* e *Háe* são de notavel merecimento. Logo em seguida appareceram varias outras composições dignas do applauso que tiveram, taes como os dramas dos Srs. Pinheiro Guimarães, Quintino Bocayuva e algum mais; mas nada disso foi adeante Os auctores cêdo se enfiaram da scena, que a pouco e pouco foi decahindo até chegar ao que temos hoje, que é nada.

A Provincia ainda não foi de todo invadida pelos espectaculos de feira; ainda lá se representa o drama e a comedia, — mas não apparece, que me conste, nenhuma obra nova e original. E com estas poucas linhas fica liquidado este ponto.

#### A LINGUA

Entre os muitos meritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalados em bom estylo os solecismos da linguagem commum, defeito grave, a que se juncta o da excessiva influencia da lingua franceza. Este ponto é objecto de divergencia entre os nossos escriptores. Divergencia digo, porque, se alguns cahem naquelles defeitos por ignorancia ou preguiça, outros ha que os adoptam por principio, ou antes por uma exaggeração de principio.

Não ha duvida que as linguas se augmentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no seculo de quinhentos é um erro igual ao de affirmar que a sua transplantação para a America não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influencia do povo é decisiva. Ha portanto certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no dominio do estylo e ganham direito de cidade.

Mas si isto é um facto incontestavel e si é verdadeiro o principio que delle se deduz, não me parece aceitavel a opinião que admitté todas as alterações da linguagem, ainda aquellas que destroem as leis da syntaxe e a essencial pureza do idioma. A influencia popular tem um limite; e o escriptor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrario, elle exerce tambem uma grande parte de influencia a este respeito, depurando o linguaggio do povo e aperfeigoando-lhe a razão.

Feitas as excepções devidas, não se leem muito os classicos no Brazil. Entre as excepções poderia eu citar até alguns escriptores, cuja opinião é diversa da minha neste ponto, mas que sabem perfeitamente os classicos. Em geral, porém, não se leem, o que é um mal. Escrever como Azurára ou Fernão Mendes seria hoje um anachronismo insupportavel. Cada tempo tem

o seu estylo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar delles mil riquezas que, á força de velhas, se fazem novas, — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o peculio commum.

Outra cousa de que eu quizera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe affiança muita vida aos seus escriptos. Ha um prurido de escrever muito e depressa. tira-se disso gloria, e não posso negar que é caminho de applausos. Ha intenção de agualar as creações do espirito com as da materia, como se ellas não fossem neste caso inconciliaveis. Faça muito embora um homem a volta do mundo em oitenta dias; para uma obra-prima do espirito são precisos alguns mais.

Aqui termino esta noticia. Viva imaginação, delicadeza e força de sentimento, graças de estylo, dotes de observação e analyse, ausencia ás vezes de gosto, carencia ás vezes de reflexão e pausa, lingua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita côr local, eis aqui por alto os defeitos e as excellencias da actual litteratura brasileira, que ha dado bastante e tem certissimo futuro.

MACHADO DE ASSIS.

### COPRE DAS GRAÇAS

Simplicio, tendo recebido de um sujeito o pedido de um certo favor, promettera servil-o, ficando de mandar-lhe a resposta por um primo do tal sujeito. Passam-se as semanas e este não recebe resposta nenhuma. Até que um dia encontra-se com Simplicio.

Este corre pressuroso a elle e diz-lhe, com grandes mostras de interesse; — Oh! meu amigo, desculpe-me. Ha muito tempo já que eu podia ter-lhe dado a resposta d'aquelle seu pedido: mas não tenho encontrado seu primo, para mandar-lh'a. Creia, porém, que logo que eu encontre seu primo lhe mandarei a resposta.

Um arengador politico, da roça:

— Senhores, visto que esta questão está pendente como a espada de Damocles, é preciso que não nos afastemos do nosso programma nem um centil!

Mais outra do Simplicio.

Ha dias, entrando em uma sala, cheia de pessoas, e não querendo comprimentar a cada uma, de per si, fez um gesto largo de saudação e exclamou, risonbo:

— Meus cumprimentos a todos os senhores, no plural.

Dos Avisos da *Gazeta de Noticias*, de um d'estes dias:

« Os Drs. Eiras, Eiras Junior e Carlos Eiras mudaram o seu consultorio para a rua do Hospicio n. 72.

« Esp, molestias da garganta, fossas, nazaes e mentaes.»

Fossas mentaes!

Meus cumprimentos, senhores doutores Eiras, fizeram a melhor pilheria do seculo! Só lhes falta inventar um rapé para povoar as fossas... mentaes.

BIBIANO.

### JORNAL E REVISTAS

No dia 28 do mez findo appareceu nesta côrte a *Cidade do Rio*. E' seu redactor-chefe e proprietario o valente jornalista José do Patrocínio que, como elle bem disse no seu artigo, não recomeça—continua o seu conhecido e patriotico programma.

Desejamos ao novo collega mil prosperidades.

Em seu n. 35 traz *O Brazil Medico* importantes artigos sobre medicina e cirurgia.

Está publicado o n. 5 da *Instrução Publica*. Insere bons trabalhos sobre sciencias naturaes e caetigos corporaes e traz varios escriptos em prosa e versos firmados por conhecidos escriptores.

O n. 47 do *Jornal dos Economistas* dá-nos interessante e variadissimo texto.

Recebemos o n. 12 d'*A Vida Semanaria* que se publica em S. Paulo. Traz boas caricaturas e um texto escripto com muito espirito e verve. Magnifica a terceira das *Cartas Chinezas*.

A *Estação*, n. 18. Anno XVI. Traz elegantes figurinos e moldes e uma interessante parte litteraria.

A.

### SAUDADE

A IZABEL SOUTO

Perpassa o vento as syllabas cantando De teu nome; por entre a ramaria Escuto as aves em profuso bando, Chamando-te em clamores de alegria.

Sobre o prado florente á tarde, quando O sol desmaja no final do dia, Por entre as flores, triste, meditando, Vejo-te a imagem, placida, irradia...

De tua voz sonora, o timbre ainda Suave e puro eu sinto docemente Ferir-me o ouvido em musica divina;

Tudo me traz de ti saudade infinda, Saudade que se aviva eternamente E que alma eternamente me domina.

18 de Setembro 1887.

AMELIA DE OLIVEIRA.

### INFLUENCIA DO CLIMA

Existe uma barreira imponderavel que obsta a fusão social até nas mais cultas nações do globo — a questão de côr.

O povo firmado numa lenda qualquer, e não uma tradição biblica, crê os negros ramos de um branco maldito, condemnado pelo primeiro homem post diluviano á escravidão perenne.

E' certo que Noé, dominado pela ira, fulminou a Obam com um anatema que devia seguir-o de geração em gera-

ção; mas acima da maldição de um homem, fallivel como todos os outros, está a misericórdia de um Deus infinitamente subido que não pode condemnar a um povo por crimes que não commettera.

Quo succedat poi?

Cham e sua mulher repellidos por seus irmãos partem em busca de um novo abrigo.

Atravessam o istmo do Suez (?)

Vão sós, repellidos, condemnados, precitos...

Uma região immensa se desenrolla ante seus olhos.

E' uma terra ahençoada onde odores diversos requeimam da corolla das flores, e onde a exuberancia de vida de envolta com a fertilidade e juventude eterna se ostentam em todos os reinos da natureza.

O prospecto assenta na tenda... cultiva o terreno... forma a familia...

Em breve os seus descendentes se dividem, subdividem-se, constituem diversos ramos, espalham-se pelo antigo continente e surgem então essas nações poderosas que deviam mais tarde traçar o destino outros povos.

Assoma-se Nínive, edificada por Assur, descendente de Nemrod, o grande caçador perante Deos; e logo depois o Egypto.

E' este um paiz gigante, sabio, potente... um pharol enorme cujos raios reverberam por todo o mundo conhecido.

Os egypcios tornam-se dominadores dos outros povos. As raças semitica e paphetica são escravizadas pela libyca! A justiça de Deus poude mais que a maldição de um homem.

E' isto o que nos attesta a historia, essa respeitavel anciã testimunha imparcial de todos os factos passados, presentes e futuros.

O appello aos livros sagrados não resolve a questão; é um argumento desesperado: não desda, corta o nó:

Fundar-se-ha, então, a variedade de cor numa mudança climaterica?

Cremol-o que sim, e a nossa crença firma-se em factos.

Senão véde:

Percorrei Guiné Inferior, Africa Central, Sumatra, Bornéo, Equador, Amazonas e Pará.

Os povos d'essa zona, dominados pelo grande circulo, são de uma cor negra como o ebano; têm o mesmo bulhar de sangue nas arterias, a mesma ferocidade dos animaes, o mesmo principio tonico dos vegetaes e a mesma ardentia do clima que lhes circulam.

E se os habitantes de Sumatra, Bornéo, Equador, Amazonas e Pará são mais claros que os da mesma zona na Africa, e que Sumatra e Bornéo são ilhas dotadas de uma vegetação luxuriante que lhe atenua os rigores do clima, e refrigeradas pelas evaporações maritimas. E' que a America é regada por inumeros e opulentos rios, ornada de grandes e espessas florestas, murada pelos Andes e outras cordilbeiras, col-fossas que servem-lhe de haluarte inexpugnavel, e, sobretudo gosa de um clima muito mais frio, em latitudes correspondentes, do que qualquer parte do antigo continente.

Elevemo-nos 30 graus ao norte. Transponhamo-nos aos Estados da Barbaria, ao Egypto, á Arabia, á Persia, ao Tíbel, á China e ao Mexico.

O clima já não é o mesmo ardente e

secco do equador. As raças são também outras.

Os berbercs, egypcios, arabes, persas, tilitanos, chinezes e mexicanos de pelle abaçanada, ou são nomadas e vagabundas como o beduino do deserto, fuzendo da raça equina parte constituinte da familia, espirando sobre o cadaver do seu gentil murzedo, extenuado pela carreira; ou então, indolentes, voluptuosos e voluptuosos, entregues a lubricidade das nuvens pejudas de odaliscas, tornando a vida um sonho, o amor um goso que se frue em labios de mulher, a gloria um fumo que se esvae na ultima baforada do opio; tendo por arco triumphal os minaretes rubros onde o crepusculo reflecte tão linda cor, por aclamações o philtro que sorvem d'uns beijos purpurinos, por céu o pardina de delicias onde divinas huris aguardam para os bemaventurados prazeres já mais sonhados na terra.

Alemo-nos mais 30º ao norte.

Passemos como o simoun do deserto sobre as ruinas magestosas da Babilonia — a centapila, onde parece ouvir-se ainda o retinir das taças nas orgias bacchanicas dos reis; onde os fosseis erguem-se, como cadaveres resurgidos, á voz potente da sciencia do seculo.

Passemos sobre esses jardins sem flores, essas columnas derrocadas, esses templos derruidos, essas muralhas eshoroadas de Palmyra — a formosa em cuja ruinas o genio sublime de Volney — o atheu, escavou em cada monumento provas que serviram mais tarde ao apostolo da descrença para arremessar um sorrir de sceptico a face das religiões.

Passemos alem, a essa zona habitada pelos bretões, candinavas, scythas, ugrianos, tungusas e india da Norte America.

O clima é frio, nessa região, os rios gelados, os montes coroados de neve, o as cidades envoltas em espessos nevoeiros.

A transformação avulta-se também gigante.

Ahi depara-se com uma nova raça acendrada nas fragoas do gelo das montanhas, fria calculadora e pensadora. Não mais as ideias libilinosas dos serralhos; não mais as damas de olhos negros, grandes e meigos como os da gazella d'essa Arabia—Feliz; mas sim o *Walhalla* com as suas virgens louras de olhos azues, seus guerreiros destemidos que se despedaçam uns aos outros e multiplicam-se desta forma como as Hydras; e sobretudo o *Igdasil*, esse freixo enorme que une o céu á terra e do qual as almas dos reprobos que ousam galgal-o são arremessadas no *Naftegar*.

Os costumes, a cor, a litteratura, as crenças, tudo ahi é tetrico como a grata do Fingal, nebuloso como seus penhascos inhospitos.

Elevemo-nos ás terras articas.

O clima é completamente frio; as noites são longas e pavorosas, os dias raramente clareados com a luz do sol, e apenas de longe em longe se avista alguma renna ou urso branco que percorrem as *hummocks* desertas; ou então as aves de gelo e os ptarmigans que o debruçam no vertice dos *ice-istes*. E se não fossem aquellas auroras boreaes tão bellas quanto é horrivel a avalanche; aquelles halos tão brilhantes quando é pallida a luz dos astros, aquella terra seria maldicta, destituida de toda a vida, e os proprios animaes fugiriam renegando para sempre a luz tristonha do sol arctico.

Os povos estão ahi também de acordo com clima. Os samoiedas na Asia, esquimós na America e especialmete os *innivictos* — indiginas amphibios de Alaska que percorrerem os mares em seus *kiaks*, harco que lhes serve de habitação, bebendo agua salgada, ou então a d'aquelles poços estagnados onde laçam restos de alimentos e tudo que ha de mais immundo contrariando todas as leis da hygiene, desmentindo as theorias sanitarias, desconhecendo o uso externo da agua e espondo o corpo a todos os perigos.

E' celebre, em verdado, o viver d'esses pescadores de phocas — comedores de carne crua — d'esses destimidos caçadores de urso branco descendentes de Eurico o ruivo.

Isto não admira, contudo, porque arvores, mares, animaes, tudo... tudo ahi é monotono e arido como *ice-fields* e as neves eternas d'essa região gelida, privada do calor benéfico do sol... do sol principio fecundante de tudo quanto existe creado.

Perguntar-nos-hão, a vista do exposto, porque os negros levados para Europa não se tornam brancos e os europeos emigrados para a Africa negros.

Essa metamorphose opca-se, se não no individuo ao menos na geração, porem com uma morosidade tal que passa imperceptivel... Pois para acendrar uma raça não basta o crysol do clima é mister também a fragoa dos seculos.

Verdadeiras ou não é bom que estas theorias se gravem bem na memoria hoje que o Brazil, nação nova porem esperançosa, sacode o jugo da escravidão, requer os foros de cidadão, e tenta expolir do seio o prejuizo de cor trahido pelo acto mais infame da ignorancia humana o servilismo.

A. FOSCOLO.

## PLATÉIAS E SALÕES

CLUB BEETHOVEN, THEATRINHO DA OAVEA, UM HONROSO ENCARGO

No dia 23 deu o Club Beethoven o seu 112º concerto, que foi muito concorrido. Do programma destacamos: *Pensée fugitive*, de Papini e *Berceuse*, de Fauré, executadas com esmero e correção pelo distincto violinista Roberto Kinsman Benjamin.

Maurice Puchard cantou a aria de *La Juive* e a de *Giovanni*, agradando immensamente. O quartetto do Club completou o programma dando um trecho de Haydn, que foi brilhantemente interpretado.

Perante numerosa e escolbida concurrencia deu o elegante theatrinho da Gavea mais uma recita.

Foram representadas a comedia em 3 actos *O tio padre* e a opereta em 1 acto *Tudo é estrangeira*.

Os amadores foram muito festejados, pela excellente interpretação que deram aos seus papeis.

A opereta teve um desempenho magnifico.

Venho um pouco tarde cumprir uma obrigação que me foi coufiada.

O insigne harpista Sr. Felice Lebano encarregou-me, partindo para Buenos-Ayres, de agradecer a toda a imprensa e ao nosso *grand mond* as gentilezas que lhe foram prodigalisadas e o lisongeiro acolhimento que sempre lhe foi feito.

Nada tom que nos agradecer o grande artista, pois rendemos justo preito ao seu talento, e grata será a sua visita ao nosso paiz, que sahe hem acolher os verdadeiros artistas.

D. PICOLINO.

## GAZETILHA LITTERARIA

Já appareceu em Lishoa o esperado volume de contos da nossa illustre collaboradora D. Julia Lopes, intitulado *Traços e Illuminuras*, de que já demos algumas primicias em numeros anteriores. Vimos o primeiro exemplar que veio para o Brazil. E' um formoso volume, de impressão nitidissima, tendo uma capa illustrada por Bortalho Pinheiro e que é um primor, um encanto, uma das fantasias mais graciosas e suaves nascidas do lapis inexgotavel do grande desenhador e caricaturista portuguez. Brevemente será o livro posto aqui á venda.

D'elle diremos com a attenção e o espaço que merece, logo que o recebermos

Está impresso o fasciculo n. 6 da luxuosa e importante edição d'*O Guarany*. Traz uma bonita illustração.

Não nos cançaremos de recomendar ao publico esta nova edição de um dos mais bellos romances de José de Alencar.

E' obra digna por todos os motivos da coadjuvação publica, pois, além de seu grande merito litterario, está sendo impressa com elementos todos nacionaes.

Do nosso pujante e correcto poeta Augusto de Lima teremos brevemente um livro de poesias. Intitular-se-á, modestamente, *Contemporaneas*.

Por toda a seguinte semana estará na rua o novo romance naturalista de Aluizio Azevedo — *O Homem*.

A julgar pela impaciencia com que esta obra é esperada pelo publico e a julgar pelo interesse que todos os jornaes da Corte têm mostrado por ella, a primeira edição voará como polvora e ha de occupar longamente a penna e o tinteiro dos senhores criticos.

O Aluizio que se prepare, porque estes já se acham todos de adjectivos engatilhados.

No proximo numero publicaremos uma das *Virgilianas* ineditas, traduzidas pelo Dr. Jucindo dos Passos, filho. E' a 4ª ecloga, aquella famosa ecloga, em que varios doutores em canones e varios interpretores dos textos latinos descobriram a propheta da vinda do Messias e do nascimento da era christan.

A traducção, além do grande merito da fidelidade, que é absoluta, tem o valor artistico dos versos, que são fluentes, correctos e melodiosos.

Um presente regio, senhores gulosos da litteratura! Tel-o-ão sabhido futuro.

M.

## PARNAZO ALEGRE

## NABABO INTIRINO

*Dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro...  
Donzella Theodora (1o acto)*

*Num quadro negro vi, uma noite sonhando,  
Algebricos signaes, emaranhados calculos...  
E as algarismos, como uns brancos animalculos,  
Dançavam; rios de ouro em moeda, ouvia, soando!*

*Nico, notas, dobrões, amontoava contando:  
—Finte, cincoenta, cem... e, átrepado em pinaculos  
De montanhas de prata, applaudia espectaculos  
Da actrices e arlequins; mas sempre calculando:*

*—Dez vezes dez são cem. E enterrava em alfobres  
Rublos, pilastras, SOUS. Vinham vindo judeus,  
Mendigos; e eu gritava, escondendo os meus cÓbres:*

*—Ladrões... Nisto acordei, e alegre, — á sancto  
Deus! —  
Minha gaveta abrindo, achei só nella os pobres  
Quatrocentos e vinte e tres... smetos meus!*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## THEATROS

## RECREIO DRAMATICO

No dia 12 faz beneficio neste theatro com o afamado drama 29 ou Honra e Gloria o Sr. Manoel Porto, ponto do theatro.

Entre os nossos mais illustres medicos ha um respeitado lente da nossa Faculdade de Medicina, que tem vocação decidida para a litteratura dramatica. Das suas peças representadas lembramos o drama *Segredo do lar* que foi pela companhia Furtado Coelho, com applauso, em S. Paulo e aqui.

Tendo esse distincto amator enviado uma copia do seu drama inedito *O divorcio* ao eminente acto Giovanni Emanuel, recebeu d'elle a seguinte honrosa e lisongeira carta do que furtamos uma copia:

« Rio de Janeiro, 30 Luglio 1887.  
Egregio Signore. — Ho letto il vostro dramma « Divorcio ». Possiede la più bella qualità, che deve avere un'opera teatrale: l'interesse.

Io credo che bene rappresentata da una buona compagnia, otterrà uno splendido successo.

Permettetemi di farvi i miei più sentiti complimenti e gradite una stretta di mano del

Vostro devotm. — G. Emanuel. »

P. TALMA.

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O Sr. capitão Joaquim Silverio Azevedo Pimentel deu, na noite de 24 do mez findo, uma excellente *soirée* familiar em sua residencia á rua do Barão de Paranapiacaba.

A ella concorreu grande numero de convidados.

A parte dramatica constou de uma engraçada comedia do Dr. Cnstro Lopes *Casamento por photographia*, de uma espirituosa digressão comica de Do-

mingos de Castro Lopes — *Viagem ao Perú e d'O coelhinho branco*, terminando o spectaculo com uma interessante scena comica de João Lopes.

Todos os amadores mantiveram-se com talento no desempenho dos seus papeis, sendo de justiça destacarmos, pelo realce dado aos personagens que interpretaram, as gentis amadoras Chiquinha de Castro, e Cecilia Pimentel, e o intelligente menino Americo Pimentel.

A festa terminou por magnifico baile, dançando-se até á madrugada.

TIO ANTONIO.

## COLLABORAÇÃO

## PETALAS SOLTAS

(FANTASIA)

A VALENTIM MAGALHÃES

A noite vinha descendo grave e magestosa pelas encostas dos outeiros que circundavam a campina.

Era a hora em que a natureza vae lentamente mergulhando em seu quotidiano banho de trevas.

Havia ainda, entretanto, um pouco de claridade, que emprestava ás arvores, ás collinas e ao valle nuanças de luz e sombra, vagas confusas e indecifráveis como um futuro sem illusões.

Cecilia, debruçada sobre a janellinha de seu aposento, olhava distrahida para um regato que cortava o jardim-sinho de sua casa.

Subito, passa misosa petala de rosa, arrebatada pela corrente das aguas.

Logo depois vem outra, mais outra, ainda outra...

A moça acampanhou-as com a vista até que ellas desapareceram de todo.

— Donde vierão essas pobres petalasinhas? perguntou ella mentalmente, a si mesma.

Naturalmente de alguma rosa desfolhada pelo vento.

— E para onde irão?

D'esta vez porém ella não encontrou uma resposta e continuou a olhar tristemente para as aguas do arroio, que corria sempre.

Aquelle factó tão simples avivara-lhe na memoria as doces recordações de seu passado e trouxera-lhe á imaginação o acabrunhador problema de seu futuro.

Como aquellas mimosas petalas que acabavam de passar, arrebatadas pela corrente das aguas, tambem ella vira todas as queridas illusões de sua mocidade dasapparecer uma a uma, arrebatadas pela corrente vertiginosa do tempo. Como aquellas mimosas petalas, cujo destino era impossivel determinar, tambem ella caminhava pela estrada da vida, sem conseguir descobrir um só ponto luminoso nas brumas espessas de seu futuro.

Aos vinte e oito annos toda a sua riqueza consistia na sancta protecção de seu pae, que ja se abeirava do túmulo.

E que lhe restaria no mundo, quando a morte lhe arrebatasse esse unico arrimo?

Pouco a pouco foram-lhe passando pela memoria todos os encantadores episodios de sua vida de criança. Viu-se outra vez pequena, alegre e travessa, a correr por aquella campina, atraz das borboletas de azas azues, que quasi sempre lhe escapavam.

Lembrava-se perfeitamente das interessantes historietas que lhe contava sua carinhosa mãe.

Eram sempre uns contos muito bonitos, de fadas protectoras de crianças, de principes encantados, de palacios feitos todos de ouro, de riquissimos jardins, em que havia arvores que cantavam e passaros que falavam. E ella adormecia, ouvindo aquellas singelas narrativas que a interessavam tanto.

Aos oito annos perdera sua querida mãe, que fora arrebatada do mundo por uma febre tenaz, persistente, rebelde n todos os meios empregados para debellal-a.

Lembrava-se de ter chorado muito junto do esquife, onde a puzeram, toda vestida de preto, com as mãos cruzadas sobre o peito. Não comprehendia ainda bem porque motivo lhe diziam todos, abraçando-a, que ella tinha perdido o seu maior thezouro na terra.

Chorava muito, muito, mas sem ter ainda uma idéia defuida do golpe tremendo que lhe vibrava o destino.

Com a morte prematura de sua mãe, perdera seu pae toda a alegria habitual. A habitação, sempre tão encantadora, tão cheia de vida, de ruido, de movimento, tornou-se sombria, silenciosa e triste.

Pesado luto a envolveu para sempre, e ella, criada no seio de tão profunda tristeza, foi ficando naturalmente meditativa e pezarosa, a ponto de perguntar muitas vezes a si mesma em que consistiam os prazeres d'este mundo.

Aos dezoito annos experimentou o seu primeiro e unico amor.

Fallecera um seu tio, que deixara só e sem protecção um filho, mais ou menos da idade d'ella. Seu pae tomou-o sob sua protecção e o trouxe para sua casa, onde elle morou tres annos.

Tres annos que lhe pareciam agora apenas tres horas, a destacar-se luminosas no sombrio quadro de seu passado tristonho!

Amou como se pôde amar pela primeira vez na vida!

Cada arvore do jardim trasia-lhe á mente uma estrophe d'aquelle idyllio que ella suppuzera eterno.

Forn ali á sombra d'quelle jasmineiro que elle lhe dern o primeiro beijo.

E ella se recordava perfeitamente, nitidamente, do sentimento extranho, indefinivel, dulcissimo, que experimentara com o contacto dos labios do manco sobre sua face.

Era sempre sobre aquelle rustico banco de madeira que elles costumavam sentar-se para conversarem nesses mil nonadas que fazem as delicias de dous seres que se amam.

E tudo isso passara como um sonho.

Um dia, elle, o ingrato, partira para o Rio de Janeiro em busca de emprego, tendo-lhe antes jurado voltar, apenas estivesse em estado de fazel-a sua esposa.

E ella esperara, confiada no juramento; esperara muito tempo, muito, até que adquirio a certeza de que elle não voltaria mais nuca.

E desde esse tempo os dias se escoavam, monotonos, inspidos, semelhantes uns aos outros.

Estas penosas recordações arrancaram-lhe duas grossas lagrimas, que se foram esconder em seu seio.

A noite tinha cahido de todo, envolta em pesado silencio, apenas interrompido pelo murmurio das aguas do arroio que corria sempre.

OLIVEIRA SILVA.

## FACTOS E NOTICIAS

Houve badias em Therezopolis uma significativa demonstração de estima, de que foi alvo o Sr. commendador José Antonio Soares de Souza.

Reunidos quasi todos os habitantes d'aquella formosa localidade, dirigiram-se encorporados á residencia do estimado cavalheiro e ali manifestaram a consideração em que o têm, pedindo-lhe para pôr-se á frente do movimento progressista de Therezopolis, promovendo a obtenção dos meios de melhorar as condições d'aquelle eoberbo municipio.

O Sr. commendador Soares de Souza agradeceu commovido a manifestação e prometeu fazer tudo que em seu alcance estivesse em favor do desenvolvimento da localidade. Orou, em nome dos manifestantes, o Sr. Arthur Ferreira, principal promotor da demonstração de estima.

Regressa no dia 5 de Outubro n Lisboa a gentilissima actriz... perdão, enganamo-nos: ex-actriz Lucinda Furtado Coelho. (Não ha meio de nos acostumarmos áquelle maldicto *ex!*) Vae juntar-se aos seus respeitaveis paes e aos seus galantes filhinhos. Furtado Coelho fica; prosegue nas grandes obras de transformação do theatro Lucinda.

Regressou a esta capital o distincto abolicionista Dr. Joaquim Nabuco. O illustre deputado pelo 1º districto de Pernambuco foi alvo de grande manifestação popular.

Fundou-se nesta cõrte á Rua Barão de Ubá n. 18 o Club Eleitoral do 3º Districto do Municipio. E' uma associação de fins utilissimos e humanitarios. Pelos seus estatutos, que acabamos de receber, vemos que esta associação visa, longe de qualquer suggestão ou imposição, a eleição de seus candidatos para os cargos publicos e politicos, os beneficios aos seus socios que tiverem desempregados, doentas ou forem falbos de recursos, e tambem os de suas familias o por fim a obtenção dos melhoramentos materiaes necessarios ao districto.

E' pois, uma associação digna de ser imitada.

Importantissimo processo vae ser julgado no dia 5 do corrente, em Vassouras: — o do capitão José Narciso de Lima, accusado pelo crime do artigo 264 § 4º da Cod. Crim. O réu é maior de sessenta annos, é influencia liberal no municipio e goza de geraes sympathias, contando grande numero de amigos — em que não entram, está bem visto, os do partido contrario. Será defendido no jury pelos Drs. Sebastião Lacerda, de Vassouras e Valentim Magalhães, d'esta Corte.

A posição do réu e as circunstancias do processo levarão enorme concurrencia aos debates, pois é geral a curiosidade. O espirito da população é todo favoravel ao accusado.

O nosso collega *O Paiz* completa hoje o seu 3º anno de existencia.

Nossas felicitações

## DECLARAÇÃO

O abaixo assignado tem a honra de declarar que a propriedade litteraria do poemeto — *Luiz de Camões* — de que é autor, pertence no Imperio do Brazil aos Exmos. Srs. Dr. Valentim Magalhães e João Joaquim de Araujo Carvalho, ambos residentes no Rio de Janeiro.

Porto, 20 de agosto de 1887.

JOAQUIM DE ARAUJO.

## RECEBEMOS

— *Discurso* pronunciado pelo conselheiro Dr. Ruy Barbosa no meeting convocado pela Confederação Abolicionista no theatro Polytheama, tem 28 de Agosto de 1887.

— *Nova contribuição* para o estudo das molestias mais communs nas classes pobres da capital da provincia do Rio de Janeiro. Apresentada pelo Dr. Antonio Augusto Ferreira da Silva, medico do serviço policlinico, ao director do Hospital de S. João Baptista.

— *Estatistica* applicada ás estradas de ferro. Resumo da conferencia do Dr. José Agostinho dos Reis, feita na Exposição dos caminhos de Ferro Brazileiros.

— *A doença e a biagem do imperadori*. Carta em verso de Fernando Albes ao seu amigo Zé Corrixe. Tem muita graça!

— *Relatorio* da companhia Estrada de Ferro Barão de Araruama.

— *Hand book of Rio de Janeiro*, magnifico guia da cidade, escripto em inglez, com uma vista photographica, tomada da Ilha das Cobras, e um plano da cidade, expressamente feito para este guia, edictado e distribuido pelos nossos amaveis collegas do Rio News.

— *A Senda do Crime*, fasciculo n. 1, romance de E. A. Koenig, edictado pelos Srs. Laemmert & C. Pertence á bibliotheca « Leitura para todos. »

— *Fabulas de La Fontaine*, fasciculo n. 50.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Andre Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles — encarega-se de defezas perante o jury. Muzambiúbo—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarega-se de liquidações amigáveis ou judiciaes na cidade de Muzambiúbo e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acido e optima cozinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Relojeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase paucrainado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

Solicitador—Francisco R. de Nvaes—Juiz de Fora.

Augusto Luzo.—incumbem-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambiúbo—Minas.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centimetros; recebem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Alvores matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

## SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes e industriaes, de urinas, calculos e aréas da bexiga.—Rua 1.º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

## ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garuiar; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

## LYCEU DE S. GONÇALO

Provincia de Minas Geraes, cidade de S. Gonçalo do Sapucahy

Neste collegio leccionam-se todas as materias do curso primario e as do secundario necessarias á matricula nos cursos superiores do Imperio.

As aulas funcionam desde o dia 7 de Janeiro até o ultimo dia util de Outubro.

O DIRECTOR,

José Gomes dos Santos Guimarães.

## OBRAS COMPLETAS

DE

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICA RDINA todos os volumes serão illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Srs.

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em fasciculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs. cada uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado.

Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal da Campos & C.

## José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol. .... 4\$000  
OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

## Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto. .... 4\$000  
SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão. .... 800

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os nmeros que lhes faltarem.

## Erekmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro. .... 2\$000  
D. Guiomar Torreão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Macha-lo e Candido de Magalhães *Contos Cór de Rosa*. .... 2\$000

## Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800  
POR VARIOS ESCRITORES  
UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 524 gravuras. .... 25\$000

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO &amp; C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

## LYRICA

DE

## FILINTO D'ALMEIDA

Prímoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

## VERSOS E VERSÕES

DE

## RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO. 15 DE OUTUBRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 145 e 146

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|   |                  |
|---|------------------|
| Expediente.....                               | A EMPRESA.       |
| «A Semana».....                               | ELOY, O HEROE.   |
| Historia dos quinze dias.....                 | F. SÁRCEY.       |
| O Volapuk.....                                | L. DE MENDONÇA   |
| O pellicano, soneto.....                      | A. A. L. VIEIRA. |
| Palestras femininas.....                      | FISCHIO.         |
| Casos patuoscos.....                          | R. OCTAVIO.      |
| Filinto d'Almeida, poesia.....                | S. D. DA ROCHA.  |
| Notas bibliographicas.....                    | A.               |
| A bda estrella, poesia.....                   | D. PICOLINO.     |
| Jornaes e Revistas.....                       | LUCINDO FILHO.   |
| Platéias e salões.....                        | L. DE MENDONÇA   |
| Virgilianas (de Ecloga).....                  | A. MENDES.       |
| Paginas esquecidas — Noite<br>de S. João..... | TIO ANTONIO.     |
| Adeus ao Filinto, poesia.....                 | P. TALMA.        |
| Festas, bailes e concertos.....               | M. FIGUEIREDO.   |
| Theatros.....                                 | J. DE ARAUJO.    |
| Collaboração — Soneto.....                    |                  |
| Factos e Noticias.....                        |                  |
| Declaração.....                               |                  |
| Recebemos.....                                |                  |
| Anuncios.....                                 |                  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### OÓRTE

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

No escriptorio d'este folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolba:

— *Symphonias*, 1 volume de vereos, de Raymundo, Corréa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, colleção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Drenx, com as respectivas bingraphias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolba:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Rio, 15 de Outubro de 1887.

Depois de dois annos e nove mezes de uma pontualidade extreme, realmente *britannica*, tem a nossa folha committido neste mez algumas graves faltas para com os seus assignantes.

Além de ter publicado dias depois do usual o seu numero 144, somente hoje publica o 145, tendo feito *synalepha* sabado passado. Para uma folha reputada séria e conceituada como nos desvanecemos de reconhecer a nossa, e que tem quasi tres annos de absoluta regularidade na sue publicação, o facto é grave e, até certo ponto, justifica, embora não auctorise, os desagradaveis boatos que alguns desaffectedos têm feito circular e e maligna noticia officiosa da nossa morte.

Felizmente tees noticias e taes boatos são mais perversos que verdadeiros.

Uma serie de imprevistos e lamentaveis circumstancias tem causado as irregularidades que somos os primeiros a confessar e de que pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes.

A primeira d'ellas é a ausencia prolongada do nosso gerente, que tendo sabido, em serviço da folha, para o interior, em viagem rapida, a 12 de Julbo, ainda não regressou, contra a nossa expectativa e, devido talvez a alguma circumstancia de força melhor, tendonos participado que regressaria a 8 do corrente, até hoje não está de volta.

Além d'isso o director da folhe tem estado ausente da Corte e occorreu tambem que o noeso querido companheiro Filinto d'Almeida, tendo de partir para a Europa, como de facto partio, a 12 do corrente, vio-se obrigado a retirar-nos a sua preciose coadjuvação.

Por essas razões vim-nos forçados a retardar o apparecimento da folha e, para regularisar a sua publicação, a reunir em um só, hoje, os ns. 145 e 146. A falta do numero que, por esta forma, a contragosta, *synalephamos*, será compensada com um supplemento illustrado, ou de outro modo que, opportunamente, nos parecer proprio e conveniente.

Confiados na benevolencia e na sympathia com que tem sido sempre distinguida pelos seus assignantees, espera *A Semana* que as primeiras faltas graves que foi forçada a commetter, lhe serão generosamente desculpadns.

A EMPRESA.

## HISTORIA DE QUINZE DIAS

A' vista da carta dirigida pelo Sr. Barão de Cotegipe á Camara dos Deputados, parece que o estado de Sua Magestade o Imperador é bastante grave.

O nobre Presidente do Conselho declara que é inconveniente discutir a interpeação do Sr. Joaquim Nehuco. E' o caso de dizer a S. Ex. que não ponha mais na carta.

As famosas revelações do Dr. Dermal da Foneca ganharam credito depois da publicação d'essa carta, que inaugurou uma pequena reforma des praxes parlamentares.

O que eu não posso comprehender é a razão de todo esse mysterio no tocante á saude do nosso monarcha. Os brasileiros não sabem o que pensar sobre um assumpto que tão de perto os interessa. Dizem uns que Sua Magestade está inutilizado para o throno, outros dizem que o seu estado é satisfatorio, e agora o Governo declara, pelo organo do chefe do gabinete, que não convem dizer a verdade.

Mae que incanveniente ha em sabermos todoo se podemos ou não podemos contar com o Sr. D. Pedro II? Se as suas feculdades mentaes estão de facto alteradas, tanto peor, se não, tanto melhor, mas em ambos os casos o mysterio não tem nem pôde ter explicação plausivel.

Explica-se mais facilmente a enorme extração que têm tido os exemplares do *Homem*, o novo romance de Aluizio Azevedo. Está quasi esgotada a edição, e o auctor espera que outres se succedam.

E' que a este livro precedeu um pouco de *reclame*, e sem ella (convençam-se os nossos litteratos) não he publicação que vá por diante.

Nós queixamo-nos invariavelmente da indifferença do publico, mas em primeiro logar nos deveríamos queixar da nossa proprie indifferença. Em Pariz, capitel das letras e das artes, nem um livro de auctor conhecido é publicado, sem que se arrebeste e pelle dos tambores da *reclame*. Com o *Homem* fez-se um ensaio que deu bom resultado;

faça-se o mesmo sempre que se annunciara um livro novo, ajudem-se os escriptores uns aos outros, e realizaremos esse ideal supremo—viver das letras.

Releva notar que o *Homem* é digno de todo o harulbo que se tem feito em volta delle. Aluizio Azevedo tem todas as qualidades de um bom romancista moderno. Estou convencido de que no inventario do nosso mesquinbo espolin litterario do presente seculo, nem um outro escriptor lhe levará as lampas em genero tão difficil.

Toda a imprensa tem sido concorde em dizer bem do livro. D'esse unisono de elogios só destoou o *Jornal do Commercio*, que be sessenta annos explora os romances que os francezes fabricam vertiginosamente *adusum* das parteiras e cosinheiras parizienses.

O velho organo, que lá tem em Pariz o Montepin, o Lermana, o Richebourg e outros—a escrever-lhe de graça romances pantafaçados ao sabor dos eens assignantes e leitores, não pôde realmente ver com bons olhos um rapaz de talento, ativo, independente e sobranceiro, pretender acclimar nestas regiões inhospitas a semente de novos procosos litterarios.

Verdade seja que o critico da *Gazetilha*, com uma grosseria digna do *Jornal do Commercio*, declarou que leu apenas metade da obra. Não me parece que ficasse conhecendo o *Homem*.

Em todo caso, não se incommode o auctor com a opinião de um jornal que, sendo do commercio, não tem nem pôde ter voz activa quando se trata de litteratura e de arte.

Bem se importava Antonio Parreiras que o *Jornal do Commercio* dissesse cobras e lagartos do seu bello quadro *A tarde*, que por tree contos de réis acaba de ser vendido ao Estado, juntamente com os *Effeitos de uma tempestadade*, tela de grandes dimensões, que esteve ha tempos exposta no Gremio de Letras e Artes.

Purrairas é um paizegista de merito, que já agora, graças á acertada resolução do Governo, poderá ir a Pariz completar os seus estudos.

Falei incidentemente do Gremio de Letras e Artes.

Vae dissolver-se esta associaçã, fundada sob tão bons auspicios. Está convocada para hoje uma reunião, cujo objecto é dar-lhe o tiro de honra.

Morre o Gremio a golpes de ridiculo, eem realisar a sua aspiração de congraçar os homens de letras e fazer dos interesses de todos o interesse geral.

Continuem os litteratos a devnar-se

uns aos outros, e organisem até uma associação contra o espirito de associação.

A mim, se me vierem ainda convidar para fazer parte de algum club litterario, sou capaz de perder as estribelhas, e responder com murros ao convite. Aviso aos incautos.

Incutos ha razão de sobra para dizer dos que ainda aqui embarcam dinheiro em emprezas jornalisticas. Entretanto, de taes elementos poderão dispor Fulano, Beltrano ou Sierano, que consiga este quasi milagre de fazer um jornal que fructifique e prospere.

Se o talento, o prestigio e o caracter de um individuo podem afiançar a fortuna de um jornal, o Dr. Zeferino Candido vai fazer o milagre publicando a *Epocha*.

Bem avisado andou elle, chamando para administrador de sua folha o José de Mello, que, na qualidade de gerente da casa filial de David Corazzi, conhece perfeitamente o publico, pelas constantes e directas relações que ha muito tempo contrahio com elle.

Faço votos para que a *Epocha* — cujo primeiro numero apparecerá ao proximo sabbado — corresponda aos desejos dos numerosos amigos de Zeferino Candido.

Numerosos amigos acompanharam a bordo do *John Elder* o grande Filinto de Almeida, chronista effectivo d' *A Semana*.

Foi pena que Filindal partisse antes da estreia da companhia italiana que actualmente funciona no S. Pedro de Alcantara.

Que consolação teria o meu amigo contemplando os pés da Sra. Naghel, emprezaria da dita companhia,

Que pés!... que pés sem pés nem cabeça!...

Ao pé dos pés da Sra. Naghel, os pés de Filindal são pés de *Cendrillon*, dignos de ser cantados por Fernando Caldeira e Affonso Celso Junior.

E, infelizmente, não é só pela base que pecca a Sra. Naghel! Ah! que se ella tivesse voz e tivesse graça como tem pés... Mas ante-hontem, no papel de Juanita, metteu constantemente os pés pelas mãos, e eu estava a ver o momento em que o publico das torrinhinhas substituiu as mãos pelos pés.

O que vale é que a companhia dispõe de outros artistas, que valem mais alguma coisa que a emprezaria, e calçam menos de 44.

Não appareça em scena, Sra. Naghel; contente-se com o seu papel de emprezaria; e quando não se diga que a empreza está em muito boas mãos, ao menos se dirá que está em muito bom pé.

No mesmo vapor *John Elder* partio para Lisboa Luciada Furtado Coelho, que deciddamente fez á arte o que a arte nunca lhe fez a ella: abandonou-a.

Ingrata Luciada!  
E para tornar mais melancolica esta partida, o theatro Lucinda — o theatro d'ella — desapparece, para dar lugar ao Eden — Concerto.

Emfim, antes isto que algum club carnavalesco ou salão de bilhar, como aconteceu ao Gymnazio e ao S. Luiz.

O Eden-Concerto será brevemente inaugurado com uma orchestra de trinta professores, dirigida pelo *mestzo*

André Gravestein, botequim, exposição permanente de arte e industria, jogos de sociedade, etc., etc., etc.

Agora é que todas as noites teremos no Luciada o *Demi-monde*...

Mas ai! onde está Suzanna d'Ange?

Já que fallei em theatro, direi ainda que o Heller poz em scena o *Moleiro de Alcalá*... só para moer, ou ser moído, e já tracta de substituí-lo pelo *Amor molhado*, de Varney. Este amor molhado nada tem de commum com a scena do referido *Moleiro*, em que o coregeador cae na levada do moinho, e vai por-se a seccar na cama da mulher do seu proximo.

Direi ainda que a companhia de zarzulas dá amanhã o seu ultimo espectáculo; que a do Principe fez ao Recreio o mesmo que Ramalho Ortigão fez a Santos, e foi para a Phenix, onde estreou hontem com o *Gallo de Ouro*; que ao Polytheama voltaram os japezoes, de quem gosto muito... pintados, e, finalmente, que no Recreio tem-se dado o contrario do que seria natural, isto é, o *Naufragio* tem produzido enchentes, quando das enchentes é que devia resultar o *Naufragio*.

ELOY, O HEROE.

## O VOLAPÜK

Ha muito tempo, em os numeros 63 e 64 d'esta folha, escrevem o nosso collaborador Araripe Junior sobre o *volapük* — a nova, e ao, que parece, mais seria tentativa de *lingua universal*, — mostrando a utilidade do *volapük* e os seus grandes elementos de successo.

E' geral a propaganda em seu favor. Na imprensa parizense, que aliás não lhe tem poupadou pilherias e assovios, muitos distinctos escriptores têm quebrado lanças pelo *volapük*.

A' frente d'alles está Francisque Sarcy, o eruditissimo critico e philologo, auctor do curioso livro *Le mot et la chose*.

Damos hoje um dos seus artigos, continuando assim a esforçar-nos para attrahir a attenção dos competentes para o estudo e subsequente propagação da lingua creada, após 20 annos de trabalho, pelo polyglotta Seleyer.

Parece-nos, no entanto, que Sarcy, combatendo os exaggeros dos *volapükistas enragés*, restringe muito os serviços que essa lingua poderá prestar, limitando-a ás relações puramente commerciaes.

A *Semana* offerece as suas columnas aos especialistas que desejarem discutir esta interessantissima questão.

Eis o artigo:

Muito se occupa actualmente todo o Pariz com o *volapük*, e não ha dia em que esta palavra heteroclitica não seja lida e discutida, porque os jornaes, ba quinze dias, não tem deixado de mettela a ridiculo.

O *volapük* é uma nova lingua, que tem a pretensão de tornar-se lingua universal.

Não seria desejavel, para commodidade das relações internacionaes, que todos os povos do Universo falassem a mesma lingua? Certamente. Cada povo tem por seu turno querido impor a sua lingua ao mundo; os gregos a principio, os romanos depois, os francezes nos seculos XVII e XVIII e actualmente os allemães e os inglezes.

A luta pela supromacia — que se caracteriza na ordem politica por batalhas, seguidas de victorias o de derrotas, na ordem economica pelas rivalidades de industria e de commercio — a luta pela supremacia dá-se igualmente no terreno da lingua. Durante longo tempo fomos os primeiros na Europa; hoje a nossa lingua recua, á proporção que decresce a nossa influencia. Allemães e inglezes sobrepuzam-nos.

Mas qualquer que seja o desenvolvimento que possa tomar esta lingua nos tempos modernos, será sempre diminuta a porção da Humanidade que ella subjugar, se ao numero das nações a que ella conseguir impor-se, se comparar o dos povos que permanecerem fóra da sua acção.

O inglez, por exemplo, é sem duvida de todas as linguas faladas sobre a superficie do globo a que conta maior numero de adherentes; no entanto contam-se por centenas de milhões os homens que a ignoram! Ha esperanças de que ella conquiste o resto da terra? Nada é menos provavel. Cada nação prende-se á sua lingua, que é para ella como uma emanação da patria; ella não aprende da lingua de um povo visinho senão o que lhe é preciso conhecer para as necessidades das relações commerciaes.

E' claro que se o bom Deus pudesse reunir no recinto d'essa mesma torre de Babel, onde a lenda pretende que nasceu a confusão das linguas, os representantes de cada uma das nações que povóam o Universo, e lhes dissesse: «Meus filhos, entendei-vos afin de escolher uma lingua que será unanimemente falada em todo o Universo», cada uma d'ellas responderia logo: «Tome a minha; é a mais commoda, é a mais suave, é a mais rica e é a mais agradável; é, a todaos os respeitois, a melhor.»

Depois d'este conselho amphictyonico ficar-se-ia na mesma. Cada povo agarrar-se-ia com unhas e dentes á sua lingua, como cada capital se agarrou ao seu meridiano, quando se tractou de escolher um que fosse commum á todas as nações. Se não cederam então, quanto ao meridiano, (e a cousa no entanto era de magna importancia) com mais forte razão não cederiam nunca quanto á lingua, que se prende ao coração de cada povo por meio de raizes muito mais profundas.

Não terão pois, os povos outro remedio, se quizerem entender-se mutuamente, senão aprender a lingua uns dos outros.

Ha tres que é absolutamente preciso saber: o francez, o inglez e o allemão. E mesmo sabendo essas tres, não pôde ninguem ter a certeza de se fazer comprehender pelo resto mundo civilisado. E não é cousa facil aprender aquellas tres linguas. Além de serem consideraveis os seus dictionarios, cada uma d'ellas tem uma syntaxe particular, que não é commodo metter na cabeça.

Cada uma d'ellas abunda em irregularidades e em excepções; em cada uma d'ellas formigam esses modos de *dizer* que recebem o nome de idiotismo, porque não particulem á lingua em que se acham e porque constituem o eacento dos indigenas, mas são o desespero dos estrangeiros, porque os taes idiotismos não podem ser explicados pela logica ordinaria dos processos liaguaticos.

Ha muito tempo que os philologos se consultaram sobre este ponto: se não ss poderia fabricar scientificamente, e com todas as peças, uma lingua inter-

nacional, cuja syntaxe fosse reduzida ao seu minime, cujas conjugações fossem simplificadas de modo a aeren aprendidas em dez minutos, cujas palavras fossem pouco numerosas, porque não se trataria de n'ella oxprimir matizes de sentimentos nem ideias muito complicadas: Só se teriam palavras para o uso corrente, palavras que, d'algum modo, fossem os signaes algebricos dos objectos, palavras sem cor, sem vida, palavras uteis e nada mais.

O dictionario seria dos mais restrictos, pois que cada palavra poderia, graças a prefixos ou a suffixos sempre collocados do mesmo modo, formar ou o substantivo, ou o verbo, ou o adjectivo, ou o adverbio. Com quinhontas ou seiscentas palavras — raizes ter-ae-ia o melhor dos vocabularios. Não seria cousa do outro mundo aprender acicentas palavras.

Nada de syntaxe, nada de difficuldades orthographicas. Se uma tal lingua fosse bem feita, em oito dias todos a aprenderiam e torna-se-ia ella rapidamente uma lingua universal.

Uma lingua universal, comprehendamos. Ninguem teria a pretensão de substituir por esta lingua algebrica as linguas existentes. Não; cada povo guardaria a sua.

Não se serviria d'esta nova lingua se não para as relações internacionaes, para a permuta de ideias provenientes do commercio. De mais a mais, estas ideias são pouco numerosas e isentas de subtilidades.

Eis o problema a resolver. Ha dois seculos que muitos sabios metteram mãos á obra a esse trabalho. Desde que tratei d'esta questão no jornaalismo, os fabricantes de projectos mandaram-me memoriaes e os eruditos indicações, que muito me admiraram. Fiquei estupefacto vendo quantos espiritos, o espiritos distinctos, se apaixonaram por este estudo.

Excusado é dizer que, por minha parte, não tracto de examinar o valor d'estes trabalhos. Tomei o partido do *volapük*, que é o ultimo dos projectos de lingua universal, não porque o *volapük* me parecesse ser a melhor solução do problema, mas sim porque fora bem acolhido na Alemanha, e porque em França era patrocinado por um grande numero de homens instruidos e inteiramente dedicados a elle.

Ha presentemente na maior parte dos portos maritimos francezes cursos de *volapük*, que são muito frequentados. Em Pariz, é elle ensinado na escola de estudos superiores commerciaes e cursos particulares têm sido abertos em diversos pontos da capital; são muito concorridos e augmenta diariamente o numero de individuos que falam correntemente o *volapük*.

Basta o auxilio de uma grammatica e de um dictionario para que, sem mestre, se possa aprendel-o; porque não ha lingua no mundo que seja tão simples.

Julgai o quanto devem ter ridico com o *volapük* os espirituosos de mão gosto. Os jornaes, tendo o *Figaro* á frente, não se cansam de atirar motejos sobre esta nova lingua, cujas consoancias desuadas lhes pareceram barbaras. Divertiram-se apresentando-nos um *volapükista* falando de amor á sua amante n'esta lingua selvagem, um poeta procurando rimas *volapükistas* etc.

E' tudo isso, talvez, muito engraçado, mas não é justo.

O *volapük* não é, nem pode ser outra cousa mais que um agente de transmis-

são entre dois homens de nacionalidades diferentes, que necessitam de se entender sobre materia de seu commercio.

E' inutil portanto que o *volapuk* seja lingua sonora ou brilhante, que se preste ao espirito, que possa ter o colorido dos mil matizes de sentimentos ou de ideias que as outras linguas exprimem. Quanto mais secca, precisa e fria for, tanto mais valerá para o uso que d'ella se quer fazer.

Enfureço-me quando vejo os partidarios do *volapuk* fazer versos nesta lingua, ou traduzir nella os poetas francezes. Desgraçados! se o *volapuk* é lingua litteraria, não passa de lingua como todas as outras, mais facil que todas as outras e, que tem o defeito de augmentar-lhes o numero sem utilidade.

Conservemos ao *volapuk* o seu caracter de lingua pura e exclusivamente commercial. Por este modo poderá o *volapuk* prestar grandes serviços se for adoptado por todos os negociantes do Universo.

FRANCSIQUE SARCEY.

## O PELICANO

(A Raymundo Corrêa)

Sacia todo o ardor de tua sede  
No melhor do meu sangue: bebe! cogotta  
O coração,— a rubra taça... Embota  
A garra, dos meus musculos na ride.

Qual mergulha nas ondas a gaivota,  
Embebe-te em meu seio amargo... Quedo  
Teu impeto feroz ante a parede  
Que meu peito lhe oppõe.—Mas eis que brota

A recalcada lagryma insistente,  
Que já nos olhos, tremula, me brilha,  
E pela faez rola-me fervente.

ãh... ninguém viu!... e esta alma não se humilha!...  
—Acaba-me sem dó, mas mudamente,  
O' minha dor, ó minha nobre filha!

1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

## PALESTRAS FEMININAS

VISÕES

Levaram-lhe o filhinho amortalhado nuns pedaços de seda branca, restos de seu vestido de noivado.

Ficou vazio o berço, vazio o quarto estreito, que parecia enorme á desolada mãe.

Desde que lhe morrera o esposo não tivera a infeliz Martha um sorriso, e ao tomar nos braços o pequenino Gualter, retrato vivo do pae, pensava muita vez: Que veio fazer ao mundo esta criança?

Para que existe este entesinho?

Porque o não levou elle comsigo?

Faz-me mal vel-o sorrir, e o seu chorar enlouquece-me!

Uma noite admirou-se a desventurada de que o pequenito a não tivesse despertado com os seus gemidos desejosos do seio materno, sentou-se na cama e estendeu a mão para o berço: encontrou o rosto do filhinho e reti-

rou-a rapidamente, dando um grito de horror.

Quiz accender a vela, e o unico phosphoro que continha a caixa estava humido e não deu luz... Então tomou nos braços a criancinha gelida e descoordada, e, ás escuras, beijou-a, soffrega, chamando-a pelos mais ternos nomes... O innocente agonisava... Martha tentou fazel-o pegar no peito turgido, mas aquella boquinha insensível estava cerrada e fria... bafejou-o... aqueceu-o... em vão... Gualter, o seraphim de olhos negros e tristes, que ainda na vespera era a inveja de todas as mães, morria... morria sem ruido... sereno!

O que soffreu, na escuridão d'aquella eterna noite, a pobre Martha!

De repente, dos labios do filho, que ella unira aos seus, e que orvalhava com as suas ardentes lagrymas de martyr, sahio um suspiro tremulo e longo, e aquelle corpinho, formosissimo e branco como a neve, estremeceu... Mais nada.

Quando Martha comprehendeu que lhe morrera o filho, exclamou, levantando o cadaver nos braços, com um gesto de louca:

— Gustavo! ah! tens teu filho, ah! tens o que me restava de ti; leva-o!

Numa restea de luz, que passava pela fresta da janella, vio ella então o marido, envolvido num comprido manto branco, e ouviu-o distinctamente dizer-lhe, com a doce voz com que lhe falava de amor outr'ora:

—Dá-m'o. Vim buscar-o porque assim m'o pedias sempre. Elle ó agora meu só; assistiremos juntos ás tuas saudades. Adeus!

Martha desmaiara; quando lhe voltou a vida, era dia e achou-se só, na cama em desalinho, tendo o corpo do pequenino atravessado sobre o seu peito entumescido.

Deitou-o no berço e foi cambaleando abrir a janella por onde entrou o sol, que inuandou o quarto em desordem.

Vestio-se á pressa e desceu, do sotão em que morava, á casa da proprietaria, a madrinha da criança morta. A comadre Rita subiu, contemplou o afilhado longamente, beijou-lhe a fronte e disse:

— Olhe, comadre, esta morte, assim repentina, foi castigo de Nosso Senhor Jesus Christo, por andar a comadre sempre a maldizer-se por ter perdido o esposo e ficado com um pequenino nos braços... Tanto pediu ao pae que o levasse que elle veio buscar-o.

—E veio! respondeu Martha, empalidecendo.

A Sra. Rita chamou a filha, a Emilinha, que adorava o pequeno, e com outra vizinha vieram amortallar o anjinho.

«Olhem, disse Martha ajoelhada ao pé do berço, ali, naquelle armario, está o meu vestido de noivado: érico... é de seda pura, deu-m'a a santa senhora que me creou e foi madrinha do meu casamento, ha apenas 2 annos!!

«Tambem ella partio já para o ceu... Cortem o vestido da mais feliz das noivas, e enfeitem com elle o cadaver do mais formoso dos filhos, o despojo do meu ultimo affecto!

«Quero que o meu Gualter vá tão lindo para os anjinhos que até elles o invejem. Na caixa verde estão o véu e as flores de lorangeira. São tambem d'ello.»

D'ahi a instantes chegou o caixãozinho cor de rosa, ultimo presente da madrinha ao defuntinho, e, deitado

nelle, Gualter parecia o menino Jesus num oratorio!

Que belleza e serenidade no sorriso que se lhe immobilisara nos labios descorados! Emilinha tecera-lhe uma grinalda de angelicas e jasmims, onde tremiam como orvalho as gottas luminosas do seu pranto.

Martha estava como louca: ora chorava, ora cantava, com voz mal segura, a canção com que costumava adormecer o filho... ora ficava inmovel, muda, com os olhos fixos no anjinho amortalhado.

A tarde levaram-n'o, e a mãe, como um automato, desceu atraz do caixãozinho cor de rosa, e teria sahido para a rua se a comadre a não puchasse para dentro de casa, d'onde, por traz das venezianas, ella vio collocarem-n'o em um carro doirado e as 4 meninas vestidas de branco, que iam acompanhal-o, subirem para outro. Contou 8 carros de acompanhamento e disse a sorrir: «Quando elle se foi baptisar ja Gustavo como elle e levava mais carros: eram 18!—18! pensou, que numero fatal!»

A noite foi para cima; pedira á Sra. Rita uma caixa de phosphoros; ao abrir a porta pareceu-lhe que alguém eubalava o berço: riscou o phosphoro, a tremor, e, ao claro indeciso, vio desfazer-se no ar o vulto de Gustavo, parecen do arrebatar do leitossinho vazio o pequenino Gualter.

—Que illusão! pensou a misera.—Accendeu, regelada, o lampeão de kerose, e, sentando-se ao pé do berço, tentou rezar; mas, ao terminar a primeira Ave Maria, um sopro murmurou-lhe ao ouvido:

—Amen —Arripiaram-se-lhe os cabellos, voltou-se, e no canto mais escuro do quarto vio uma nuvem de fumo, como se ali agitassem um thuribulo.—Correu de novo á casa da comadre, contou-lhe as visões que tivera, e a Sra. Rita disse convicta:

— Isso é febre, eu vou ficar hoje no seu quarto, a Emilia leva-nos lá acima agua de flor e assucar.

Depois de muito conselho, deitaram-se.

A comadre Rita murmurava ainda as ultimas palavras do Bemdicto e já dormia.

Martha cobrira a cabeça.

Descendeu-se uma tempestade medonha então: a colxa em que a infeliz escondera o rosto tornou-se transparente e ella com os olhos muito abertos percebeu que entravam... Mão invisível abriu o bahú de Gualter e começou a juntar, numa toalha estendida, toda a roupinha do anjinho... Junta a roupa e atada a trouxa, destacou-se no mesmo canto escuro onde ha pouco a pobre mãe vira o fumo, o longo manto branco da visão, e o espectro de Gustavo falou assim: —Gualter tem frio!... Vou agasalhal-o. Ah! tens o que te deixa...

Uma rajada furiosa abriu de par em par a janella e um objecto cabio sobre o peito de Martha, que deu uma gargalhada estridente.

O vento, que impellira a janella, desprendera do cabide pregado na parede por de traz do leito o primeiro par de sapatinhos de polimento de Gualter o o arremesara sobre o seio dolorido da infeliz—que enlouqueceu.

A comadre Rita acordou sobresaltada e vio Martha, que continuava a rir, beijando os sapatinhos e gritando: —Aqui está o que elles me deixaram, isto é meu... é meu...

ADELINA A. L. VIEIRA.

## CASOS PATUSCOS

Alcindo Minor Aranha da Guanabara é teimoso, teimoso como o cavallo de bronze do Rocío.

Turrou que havia de me descompor — para não responder-me á triplice interpeção, em que ha quasi um mez, o trago entalado, e não ha meio de arredal-o d'ali.

Aranha, que com tanto entusiasmo, —sob outra mascara, a de Nestor,— applaude o Sr. Barão de Cotegipe, por conta e ordem do patrão, devia imitar S. E. e responder-me como elle respondeu á interpeção Nabuco:

«Ha inconveniente na discussão de semelhante assumpto.» Seria, além de mais honito — por mais franco — mais ministerial — o que para o Sr. Aranha é consideração de monta.

Mas tambem eu sou teimoso. Sua Aranhencia acirra-se em descompr-me — para não responder-me; eu teimo em não descompol-o — para obrigar-o a responder-me.

Ahi está.

Mais uma vez, reproduzo a triplice questão, base e razão unica d'esta pendencia:

«I São asneiras ou não são asneiras os trechos do Dr. Pinto, que, como taes, transcrevi na Semana n. 142?»

II Tem o Dr. Pinto, com tal syntaxe, revelando ão crassa e funda inguorancia da sua lingua, auctoridade pontifical para sagrar o primeiro poeta brasileiro?

III Porque não protestou, e que tem a protestar o Sr. Alcindo Guanabara contra a caricatura em que Angelo Agostini o representou a redigir o *Novidades* sob o dictado do Sr. ministro da Agricultura, em uma das mesas da respectiva secretaria?

Unicamente a este terceiro puncto fingio dar uma resposta a astuta aranha do *Novidades*, escrevendo isto: «Em summa, Valentim pensa que son um canalha porque não protestei contra a allusão, que perfilha aem maior cerimonia. A esse Angelo eu não dei effectivamente resposta, porque ainda não tive tempo de me aperceher de sua existencia. De resto, quando um jornal insulta a todo o mundo, não sei porque se ha de a gente magoar quando lhe toca a vez, a menos que se não seja do 1º regimento de cavallaria, que já deu signal de si.

E mais nada. Ora isto não é resposta: é evasiva, é fuga, é deserção, é confissão, é fiasco!

Não protestou porque ainda não teve tempo de se aperceber da existencia d'esse Angelo!

Mente por quantos dentes sujos tem na bocca, quer dizer: por todos os dentes. Quando Guanabara escrevia na *Gazeta da Tarde*, e era abolicionista e republicano, (*Quantum mutatus ab illo!*) nas muitas noticias que deu da *Revista Illustrada* cobria de adjectivos encomiasticos, de flores e hurras, esse Angelo; dizia d'elle o que Mahomet dizia do paraizo de Allah. E agora vem, impavidamente, dizer-nos que não teve tempo de dar pela existencia do Angelo, do Angelo que, no tempo em que Aranha ainda não sonhava enredar o primeiro fio da teia em que, muitos annos mais tarde, devia apanhar um emprego na secretaria da Agricultura, já era uma reputação, um nome feito, applaudido em todo o imperio. Mas vá que assim fosse; o facto de não saber que existia esse Angelo, antes da tal caricatura

esmagadora, não o dispensava de responder-lhe, depois que, por ella, veio a saber que Angelo, (sempre esse,) existia. Porque não protestou então? Porque a *Revista* insulta a todo o mundo? Mas aquillo não era insulto: era accusação. Guanabara, que, depois de haver sido companheiro de Joazé do Patrocínio, que foi seu *discipulo*—como o confessou não ha muito tempo, em um banquete, —passou a ministerialista *quand même*, a defensor da esclavagismo e do conservatorismo, á frente do *Novidades*, notoriamente, publicamente, á visia de Deus e de todo o mundo, e, depois d'isso, obteve um emprego na secretaria da Agricultura, —foi representado por Angelo, pelo tal esse, escrevendo automaticamente sob o mando, sob a direcção mecanica do ministro da Agricultura. Onde, e qual o insulto da parte do ineigne artista? Que teria Guanabara a protestar contra tal accusação? Foi o que perguntei; foi o que Guanabara não respondeu: e não respondeu porque não podia responder.

E, se algo pode responder, porque não responde?

Tinha eu, portanto, carradas de razão quando disse que escriptor patusco é elle Aranha, elle Guanabara, que chama escriptor patusco ao primeiro collega que protesta contra as aaneiras grammaticaes de um seu amigo, (se é que o Schopenhauer do largo do Paço tem amigos, o que elle é o primario a ignorar) e que não pode responder, senão com insultos, a uma interpellação tão clara, tão simples e tão grave como aquella com que o tenho trazido de canto chorado, ha dois quinze dias.

Mais uma vez, e a ultima, meu pobre Aranha, responde aos tres pontos da minha interpellação. Deacompor-me não é responder-lhes.

Reapponde, responde, responde!

Afinal, Guanabara já perdeu de todo a tramontana, já não sahe o que diz. A prova está em que, tendo dicto, no topico transcripto, que eu perfilhei («sem maior cerimonia», por signal) a allusão d'esse Angelo (elle chama aquillo *allusão!*) eacreve, linhas abaixo, que «lamenta não ter eu perfilhado e escarrado a cousa, quando outro dia nos vimos no *Derby*».

Esta agora é nova.

Quer então Guanabara que eu, (segundo elle proprio confessou) depois de ter perfilhado a tal *allusão* pela imprensa, ainda a perfilhe e *escarre* de viva voz, sempre que me encontre com elle?!

Não, meu caro aranhico, o teu systema é commodo... mas sómente para ti. Para os teus contendores é por demais trahalhoso.

Se para um homem ter a honra de ser escovado pela tua dignidade offendida é preciso que elle te leia ou repita de côr, sempre que te encontrar, os artigos que contra ti escreveu, declaro-o desde já: desisto de tal honra.

Massadas não me faltam. Já não têm sido poucas, nem pequenas, as de ler-te os artigos e escrever outros para patascar com os teus.

Adeusinho.

FISCHIO.

P. S. Olha, não te esqueças de te lembrares de responder áquella tres velhas perguntinhas.

F.

## FILINTO D'ALMEIDA

Toda a felicidade e a historia toda  
Vou dizer de um poeta afortunado  
Que ora nos deixa em husca de ventura,  
Que parte para a Kolchida, em demanda  
Do conquistado Vellocoino de oiro,  
Que a luz vae ver em que offuscado vive,  
Se bem que a tenha longa dos seus olhos,  
Que o supremo ideal da vida, o sonho,  
O ultimo sonho que lhe brilha na alma,  
Vae, num momento do indizível goso,  
Ver desrochar-se como a flor do lotus,  
Que esse momento uma só vez se gosa.

Ao Filinto de Almeida me refiro.

O *Filindal*, saudoso, que ba tres annos  
Na *Semana* fabrica a bella *Historia*  
dos sete dias, com talento e graça;  
O poeta da *Lyrical*, o adoravel  
*Causeur* de veia tão chistosa e amena;  
O illustre companheiro inseparavel  
Do Valentim de Magalhães — o poeta  
Dos *Vinte Contos*; o Filinto, o Chico  
Vae a Lishoa desposar a illustre  
Burladora das *Illuminuras*.

Que festa no Helicon!

Apollo excelso

Manda que as aguas da Castalia augmentem  
E as de Hippocrene a transbordar comecem.  
E em taças de oiro, loucamente, a turha  
Dos habitantes do sagrado monte  
Vão hhandando, com gaudio, o delicioso  
Liquido inspirador das epepeias.

Em pouco o effeito a produzir começa  
A agua das fontes privilegiada,  
E deuses, deusas, satyros e nymphas  
Uma chuva de versos principiam  
A derramar sobre os mortaes extaticos.  
E a encosta, aos tramholhões, do outeiro descem,  
Em hacchanal turbilhando tontas.

E em meio d'elles o Filinto, envoltos  
Os pés mimosos em folhagens verdes,  
De pampanos á frente uma guirlanda...

Isto o principio, o mais a gente vendo  
Só é que pôde pequenina idéia  
Formar da *historia*. De festa idéica  
Não reza a chronica do Olympo excelso.

Mais eu podia referir; podia  
De Vulcano falar, falar de Venus,  
Que não de ir á festa, como Marte e Ceres,  
E as maia deusas e deuses celebrados;  
Podia maia, qual *Souvenir* de outr'ora,  
Da elegancia pagan fallar naa modaa,  
Nas *fanfreluches* d'esse tempo e em outros  
*Quipures*, *jupes* e *corsets* e o resto.  
Entretanto não falo: pedantismo  
Chamariam os zoilos maldizentea,  
E eu d'esses zoilos maldizentes fujo.

\* .

Parte o Filinto, mas nos fica a bella,  
A encantada *Semana* deliciosa,  
Que, aos sahhados, a quem quizer, fornece  
Verso dos bons e prosa das melhores.  
Tudo isso por cem réis, cem réia aómente!  
Leitor, se tu tens gosto e tens talento,  
Compra a *Semana* aos sabbados; merece  
Todo o auxilio do publico a *Semana*.

RODRIGO OCTAVIO

(Da *Cornucopia* do *Diario de Noticias* de 13 do corrente.)

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Appareceu no dia 10 do corrente *O Homem*, o esperado romance naturalista do nosso distincto collahorador Aluizio Azevedo.

Não cabem no pequeno limite d'esta secção as linhas que temos de traçar sobre este trabalho, indubitavelmente uma obra de muito merecimento e de grande valor artistico.

Acahamos de lel-o e as bellissimas impressões que d'elle recebemos obrigam-nos a extenso juizo.

Por ora, apenas muitos parabens a Aluizio, não só pelo seu *Homem*, como obra litteraria, como pela enorme venda que tem tido.

Sob o titulo *As axas de Icaro* publicou o capitão Fernando de Almeida Junior um drama em 5 actos.

D'este trahalho já ha mezes o seu illustre auctor fez leitura no Recreio Dramatico, leitura a que assistimos.

*As axas de Icaro* é um drama bem escripto e de bellissimas intensões. As scenas são feitas com talento e o seu enredo é interessante, deaenvolvendo-se naturalmente, com hrlhantiamo e sem fadiga para o leitor.

E' uma obra digna de ser representada e que, no emtanto...

Pobre theatro nacional!

O *Conde Lopo*. Poema inedito de Alvares de Azevedo. Este nome na historia litteraria do nosso paiz representa uma glorificação. Vê-lo figurando no frontespicio de trahalhos, até hoje ignorados e esquecidos, é, para nós, a melhor recommendação que podem ter semelhantes trahalhos.

Quem os publicou, auctorizado pela veneranda mãe do grande poeta, não pôde esperar a voz da critica sobre *O Conde Lopo*. Esta já consagrou o seu desditoso auctor, e hoje, envolvida em infinita saudade, tem a sua penna em funeral ante a memoria d'aquelle que

«Foi poeta: cantou, sonhou: a vida  
Canto e sonhos lhe foi...»

*Nevoas Matutinas*. Poesias do Sr. Rodrigo Theophilo Gomes Ribeiro.

Nas suas linhas — *á minha mãe* diz o Sr. Theophilo:

«Prohibistes-me de escrever versos:— ter azas e não poder voar; ter um dom de vos comprehender e sentir, tal como se deve aentir e comprehender sua mãe, e ver-me privado desse dom. Não obstante, como obediente que sempre fui, que aou e que hei de aer sempre, reaignei-me e por algum tempo não escrevi mais versos. Mais tarde, porém, agora, eis-me voando... eis-me escrevendo versos. Será uma desobediencia? Penso que não.»

E', sim aenhora! E' grande desobediencia! A mães adivinham sempre: são umas sanctas. Se o Sr. Theophilo ouvisse os conselhos de sua extremosa mãe, não estaria agora a ouvir de extranhos o seguinte conselho: Não escreva versos e, se quer escrevel-os, aprenda as regras da metrificação, Sr. Theophilo.

E é o que temos a dizer das *Nevoas Matutinas*.

S.

## A BOA ESTRELLA

Já segredo não é, senhora minha,  
Esta paixão ardente,  
Que tinhas n'alma e que em mín'alma eu tinha:  
Tanto esse casto e brando  
Amor, ingenuamente,  
Foi por montes e vales proclamando.

Alguem passaro, um dia, ouviu-m'o accesso,  
E foi-se ares em fúria  
A outro contar, por indiscreto, o onso;  
Este o que ouvia áquelle  
Passou adeante... e agora  
Esta rustica gente sabe d'elle.

D'estes rusticos bons trabalhadores,  
Que sabem do segredo  
Das teus affectos e dos meus amores,  
Nenhum ha que me veja  
E me não lance a medo  
Os olhos chistos de profunda inveja.

Lançam-me uns grandes olhos invejosos,  
Como si acaso eu fosse,  
Fosse dos ricos ou dos poderosos...  
E' que elles no passado  
Bem viram quanto é doce  
Amor e ser, ao mesmo tempo, amado.

Elles, largando a rêdea á phantasia,  
Já por estes caminhos  
Cuidam nos ver ao descambar do dia,  
Atentos ás saudadas  
Canções dos passarinhos,  
Troando beijos e colhendo as rosas.

Hão de os olhos seguir-nos quando a estrada  
Sorrindo atravessarmos,  
A tua mão nas minhas mãos pousada,  
Esta rustica gente  
Dirá quando passarmos:  
— Como elle vai alegre e ella contente! —

E nas longas noites palestrando,  
Ha de ir, convicta, a crença  
Por montanhas e vales proclamando  
— De que se vê nos ares  
Uma estrella suspensa,  
Branca e tranquilla, sobre os nossos lares.

J. DIAS DA ROCHA.

## JORNALS E REVISTAS

Após uma interrupção de algum tempo, reapareceu a *Revista dos Estudos Livres* (ns. 1 o 2 do 4o vol.) Foi essa interrupção motivada pelos infaustos successos que enlutaram os lares dos seus directores. Teixeira Bastos esteve ás portas da viuvez, fallecendo o seu primeiro filho, horas depois de nascido; e Theophilo Braga passou pelo borriovel e duplo golpe de perder, em menos de quatro mezes, os seus dois unicos filhos, duas crianças formosas e intelligentes. Passada essa onda de trevas e lagrimas, voltam os dois valentes escriptores ao seu duro labor scientifico e litterario. O summario d'este numero da *Revista* (que tem 104 paginas) é abundante, variado, attractantissimo. Traz, entre outros trabalhos, um importante estudo historico de Theophilo Braga sobre a Grecia, uma abundante e judiciosa *Bibliographia* da F. Bastos e um curioso conto de Sá Cbavss—*O facto*.

Esta notavel revista é editada pela «Nova Livraria Internacional», de Lisboa, á qual devem ser enviados os pedidos de assignatura.

Sob a propriedade e redacção dos Srs. José Gertam e Pedro Vianna, appareceu em Porto Alegre um importante periodico — *Revista Musical*.

Os numeros que possuímos, que são de 1 a 6, trazem varios trabalhos consagrados á musica e biographias de distinctos compositores. Acompanha-os um supplemento, polka, walsa e etc. E' pois uma excellente publicação. Vida mathusalenica é o que lhe desejamos.

Temos o n. 18 d'A mãe de familia. Publicação dedicada á educação da infancia e hygiene da familia. Apparece sob a direcção do distincto clinico Dr. Carlos Costa.

Do Piauby chega-nos o n. 4 d'A *Revista Mensal*. Traz bons artigos litterarios e scientificos.

Com o titulo *O Espelho*, começou a publicar-se aqui um novo collega illustrado (não confundir com «illustrado collega»). Traz na 1ª pagina o primeiro numero d'*O Espelho* um bom retrato do visconde do Rio Branco, desenhado por Drouxi (Izidro?) e nas outras engraçadas caricaturas sobre varios assumptos, devidas ao lapis de Onipled (Delpino?) O texto não satisfaz: muitos versos e ruins, alguma prosa e pessima. Melbore o texto, aperfeiçoe as illustrações e o *Espelho* não quebrará tão cedo. Além de que, é baratissimo: 500 reis por mez, 100 reis o numero avulso.

Esperamos que o publico ba de, afinal, mirar-se neste *Espelho*.

O n. 13 d'A *Vida Semanaria*, que se publica em S. Paulo, dá-nos engraçadas caricaturas e um texto bellissimo. Neste apparecem uns magnificos versos de Theophilo Dias—*Nocturno*, e uma deliciosa *Carta Chinesa* de Olavo... Ob, disbol de Pe-Ho, queremos dizer

*O Mequetrefe* n. 442. Traz boas caricaturas e um texto bem escripto.

*O Occidente*, revista illustrada que apparece em Portugal, insere em seu n. 314 bonitas illustrações. No seu texto, entre outros escriptos de merito, salienta-se uma excellente *Chronica Occidental*, de Gervasio Lobato.

Temos o n. 170 da *Revista de Engenharia*. Tracta de mineração, industria, saneamento, electricidade e de outros assumptos.

Muito bom.

*O Estudo*, n. 14. Anno II. Contém bons escriptos. E, como o collega entrou no seu 2o anno de existencia, accite as nossas felicitações.

Registramos boje o apparecimento de mais um collega—*O Guarda-Livros*.

Esta nova publicação é dedicada ao commercio, á industria e ás letras. Prosperidades.

A.

## PLATÉIAS E SALÕES

ASSALTO DE ARMAS. RINK GUANABARENSE. CONCERTOS CLASSICOS. SEM LUVAS.

O Club Beethoven proporcionou aos seus socios e convidados um esplendido saalto de armas, que teve logar no dia 23 do mez passado.

Merecem especial menção os exercicios feitos pela tripolação da corveta ingleza *Ruby*, perfeitamente disciplinada, e os de *tacape*, por um cavalheiro, cujo nome nos escapa.

Gamarra, Vezin, Fontenelle, Servilio, Kinsmann Beojamin e todos os outros fizeram-se admirar pela sua elegancia e firmeza no difficil jogo da esgrima.

O Club Guanabarense, inesgotavel nos seus desejos de offerecer aos seus socios todos os mais bellos divertimentos, inaugurou, no dia 2 do corrente, o seu Skating-Rink, perante numerosa concurrencia, composta do que temos de mais distincto no nosso *high life*. A sala de patinação é bastante espaçosa e ornada com apurado gosto. No campo que lhe fica fronteiro pretende o Club preparar um prado para corridas em velocipede e pequiras, tiro ao alvo, cavallinhos de pau, exposição de flores, e levantar uma larga archibancada para as senhoras. Emfim, um verdadeiro paraíso, um recreio para criançae de todas as edades.

O Club Guanabarense fornece pois por 50000 mensaes (uma ninharia!) um magnifico concerto e baile, patinação tres vezes por semana (e com musica!) obá com torradas todas as noites (e que torradas!) e além d'isto tudo, vai montar um theatrinho, para o qual já se acham convidados festejados amadores. Optimo e barato!

Optimo tambem o concerto classico de domingo passado. O salão acabava-se repleto, e todas as peças obtiveram prolongadas palmas.

Entretanto destacaremos a distincta amadora D. Cecilia Lage, a quem apresentamos nossas felicitações pelo seu estrondoso successo, felicitações que se renovam toda vez que toma parte um concerto, pois que, como cantora e como senhora, sempre é credora de admiração e applauso.

Carlos de Mesquita nos prepara um festival musical que ha de fazer echo nos annas da nossa vida elegante. Que venha... Aguardamol-o sem luvax—para applaudir melbor.

D. PICOLINO.

Nenhuma ambição pequena ousa renacer das cinzas ds ambições grandiosas.

G. CASTELLO BRANCO

## VIRGILIANAS

(ECLOGA 4ª)

Mais alto um pouco o tom, siclas musas!  
Humilde arbusto, e tamargueira humilids  
Nem a todos a agradam: — se cantamos  
Selvas, — selvas de um consul dignas sejam!

Eis já chegado o derradeiro tempo  
Da cumea prophecía: recomença  
Serie illustre de seculos: já volta  
Astréa, volta de Saturno o reino:  
Do alto céu desce emfim nova progeñe.

Tu, ó casta Lucina, ampara e assiste  
Ao tenro infante, que, ao nascer, demarca  
A' ferrea edade o fim, á aurea o principio  
No orbe inteiro. Já reina o teo Apollo.

Sob o teu consulado essa gloriosa  
Era, insigne Pollião, terá começo,  
E os grandes mezes abrirão seo curso.  
Se ainda ha vestigios dos delictos nossos,  
ora apagados, sob os teos auspicios,  
O mundo livrará do eterno medo.  
Tendo vida divina, elle promiscuos  
Verá deuses e heróes, e, proprio, entre allex  
Ver-se-á tambem, e ha de reger o mundo  
Pelas patrias vitudes applicado.

A ti, creança, os seos primeiros mimos  
A terra inculta offerirá gostosa,  
A hera errante estrelada ao baccaro,  
A colocasia entre o jucucado acanbo.  
Por si as cabras voltarão á casa

Co'as tétas pelo leite distendidas,  
E as greys imbelles aos leões terriveis  
Nunca mais temerão; teu proprio berço  
Se adornará da: mais mimosas flôres;  
As cobras morrerão, tambem morrendo  
A herua fallaz que ten veneno occulto.  
A cada canto brotará viçoso  
O odorifero amomo assyrismo.

Breve, porém, virá tempo de teres  
Os louvores de heróes, feitos paternos,  
E de saberes da virtude o alcance.  
Então a pouco e pouco loureando  
Ir-se-á o campo com a madura espiga,  
E a uva em cachos penderá vermelha  
Do agreste silveiral, e como orvelho  
O mel transudará dos duros robles.

Persistirão, porém, da antiga culpa  
Alguns vestigios, que farão que o bouem  
A's oodas se aventure em frajeis barcos,  
Nure cidades, e arroteie o sofo.  
Novo Typhis virá, virá nova Argos,  
Que esculpidos beróes levem seguros:  
Outras guerras tambem, e um grande Achilles  
Contra Troia será de novo enviado.

Quando os annos depois te a vigorarem,  
O proprio nauta os mares abandone,  
Nem mais o pineo barco as ondas sulque,  
Levando, a permutar, mercadorias.  
Tudo produzirá a terra toda,  
Sem que soffra do ancinho os duros dentes,  
Sem que da foice o gume a vide soffra.  
Não mais os touros se verão jungidos  
Pelo robusto lavrador. Meis nunca  
Na lan se fingirão as varias côres,  
Mas o proprio carneiro irá nos campos  
Tomar a cor ao lyrio açafroado,  
E ao innrica pedir purpuras tintas;  
E, quando ao prado os cordeirinos forem,  
Tlogirão de escarlate o branco vello.

Fiai, fusos, taes seculos! As Parcas  
Assim determinaram, sempre accordes  
Com o decreto immutavel do destino.  
Cara prole Jivina, é tempo, sóbe  
A's mais honrosas distincções da patria,  
Tu que és de Jove rebentão glorioso!  
Vá como tudo se enche de alegria  
Ao ver chegar tão venturosos tempos,  
O orbe a nutar sob o couveiro peso,  
A terra, o mar immenso, o céu profundo!

Oh! concedam-me os céos um pouco ainda  
Desta vida prolixa, alento e estro  
O quanto baste a celebrar teus feitos!  
Ninguém meu canto excederá, nem mesmo  
O Thracio Orpheo, nem Lino, embora assistis-  
lhes

Progenitores de divina essência,  
A Lino — o bello Apollo, a Orpheo — Calliope.  
Se o proprio Pan commigo porlára,  
Sendo a Arcadia juiz, tenho por certo  
Que Pan se confessara por vencido,  
Tendo como juiz a propria Arcadia.

Começa, infante, a conhecer, sorrindo,  
Tua mãe carinhosa, ella, que enijos  
Longos por ti soffreo por mezes longos.  
Começa, infante, a conhecê-la: aquelle  
A quem os pais no berço não sorriram,  
Nem á mesa de um deus sentar-se pôde,  
Nem logra ufano de uma deusa o leito.

LUCINDO FILHO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

NOITE DE S. JOÃO

Este é o mez dos sanctos foliões,  
ruidosamente festejados ao clarão das  
fogueiras. Interessante e grata devo-  
ção, acalentada a fogos d'artificio, e  
dulcificada a melado com cará e a can-  
nas assadas na ara do incruento sacri-  
ficio.

Viva a religião alegre, sem padres,  
nem incenso, nem lamentos d'orgam,  
nem más assombrações de caveiras e  
de sermões tetricos! Vivam até as bel-  
las superstições lendarias d'estas noi-  
tes, as sortes, os prognosticos, as timi-  
das consultas, as crendices ingenuas,  
que são as sanctas expansões da poesia  
de nossa alma de povo ignorante, mas  
intimamente bom e affectuoso.

É divertido vêr como aquelles  
varões illustres do Catholicismo se  
foram tornando amáveis na tradiçào  
popular. O mais querido e festejado  
de todos, o incomparavel S. João, hoje  
amado das crianças e das moças soltei-  
ras, como está mudado do que foi o  
Baptista, o Precursor, o que forneceu  
ao martyrologio catholico o seu prato  
de sensaçào, mais notavel ainda do  
que o rosbife de Sancto Estevam — o  
sinistro «bors-d'œuvre» da Herodiade!  
E o Sancto Antoninho de Lisboa, o  
dos «Milagres» que todos nós em  
crianças applaudimos boquiabertos no  
dramalhào pascasio e encantador!?

Esse, pouco, ou absolutamente nada  
mudou: é ainda o milagreiro por ex-  
cellencia, o formidavel concurrente da  
Senhora Aparecida e da Senhora da  
Penha; é o que vae para o fundo do  
poço, amarrado pelas donzellas ancio-  
sas de ouvirem um representante de  
Christo (que, aliás, foi celibatario, um  
tanto esquecido da sua maxima — «não  
faças a outrem etc.») recitar, em voz  
muito séria, os beneficios do matri-  
monio. Tem por especialidade fazer  
com que se torne a acabar o perdido. —  
quando não é a vergonha, ou a con-  
fiança; e nisto ainda não lhe leva a  
melhor nembuma somnambula ou car-  
tomante.

Outro facto que desperta o comen-  
tario é ver que no dia 29 só se feste-  
ja S. Pedro, posto que o calendario  
lá commemore — S. Pedro e S. Paulo.

Ab! o Catholicismo é a religião da  
auctoridade, o fundamento do throno,  
e o Sr. S. Pedro é o chefe da Igreja:  
«Tu es Petrus, et super hanc petram

edificabo Ecclesiam meam». E São  
Paulo? apenas o maior genio do Chris-  
tianismo.

É certo que, uma vez, o aposto-  
lo das gentes, achando em erro o outro,  
o primeiro papa, o vice-rei divino, cor-  
rigiu-o em face: mas isso lá ficou enter-  
rado nas sagradas lettras, que apenas  
o protestante excommungado ainda re-  
volve com impia mão irroverente; o  
certo e seguro é que S. Pedro é que é  
o grande medalhão, o Paranaguá do  
Catholicismo; e a maxima da pruden-  
cia nestas cousas de auctoridade foi o  
Sr. Gaspar Martins quem a formulou  
muito bem e para sempre: «O poder  
é o poder.» E viva S. Pedro!

Mas fiquem por lá em paz os grandes  
homens da politica; se ainda estives-  
semos em sabbado de alleluia...; mas  
tractar de taes figuras nestes dias de  
bons sanctos amáveis, e impertinencia  
pue me ha de perdoar, por quem é, a  
gentilissima leitora.

A leitora, sim, porque, quando se  
escreve prosa amena, é bem visto que  
se não pôde ter em mente o marmanjo  
d'um leitor, talvez d'oculos. Qual o  
escriptor publico tão desventuroso que  
não tenha a illusào, ao menos de uns  
claros olhos innocentes a lhe beijarem,  
como um raio de sol primaveril, as  
linhas fugitivas?

Venhamos, pois, ao doce colloquio  
comvosco, meigas consoladoras da vi-  
da...

Já sei! já sei! respondo magestaticamente  
à consciencia, que, para intervir  
neste momento de enlêvo, — ai! todo  
ideal —, faz-me tinir de encontro à pen-  
na o meu anel d'alliança. Dou-me por  
avisado, e passo a conversar, pacoato e  
patriarchal, como se me estivesse a  
rodear um bando de crianças.

Vamos a isso, pois sim! Querem  
então que lhes conte uma historia de  
noite de S. João, em que haja um caso  
de sorte que deu certo? Lembro-me  
atê de uma que já contei uma vez, num  
folhetim em S. Paulo; serve-lhes, com  
certeza, porque nesse tempo nenhuma  
das meninas era ainda nascida, e não  
creio que a mamãe, ou a mana mais  
velha, ou a tia moça, lhes tenha al-  
guma vez repetido esse conto.

Pois imaginem que era numa noite  
de S. João como esta, muito fria e  
muito estrellada, uma chacara do ar-  
rabalde, onde se brincava em volta da  
fogueira.

Já se tinha lido muita sorte engra-  
çada, num livro de versos muito boni-  
tos; façam idéa! Já duas ou tree moças  
madouras, desesperadas por casar,  
baviam ficado atraz de uma porta, com  
a bocca cheia d'agua, — e quando digo  
que estavam com agua na bocca, era  
agua de verdade, e não porque estives-  
sem com inveja de outras que conversa-  
vamos ali com os namorados; — depois  
baviam ficado immoveis, a escutarem  
o primeiro nome de homem, e o pri-  
meiro que cada uma ouvisse seria o  
do homem com quem bavia de casar.

Já uma menina plantara um dente  
d'alho, para crescer da noite para o  
dia; já muita gente passara a pés des-  
calços por cima das brazas da fogueira,  
e sem se queimar! E, como estava a  
romper a madrugada do dia de S. João,  
um compadre da casa, que era a ale-  
gria da sociedade, um sujeito engra-  
çado e sabido em toda a especie de  
prendas e adivinbações, chamou para  
a sala de jantar, onde se ia fazer a sorte  
dos ovos.

Nunca ouviram falar na sorte dos

ovos? pois eu lhes conto: — ao annoi-  
car, vasa-se um ovo num calice bem  
lavado, mas de bem alto, para que a  
gemma e a clara caiam misturadas;  
expõe-se o calice ao relento, sem olhar  
para elle, e ao amanhecer, então vae-se  
ver. Ha sempre o desenho de um obje-  
cto qualquer, que dá a conhecer o des-  
tino da pessoa para quem se deitou a  
sorte; ás vezes é uma corôa, o que  
quer dizer que a pessoa ha de chegar a  
altas posições; outras vezes, é um na-  
vio, que annuncia longas viagens; ou-  
tras, é uma igreja, com torres e tudo, e  
o individuo acaba padre. De uma vez,  
atê, appareceu uma força, e o sujeito  
veio a morrer enforcado!

Nessa madrugada, houve nos cali-  
ces muitas figuras exquisitas, e era  
preciso algumas vezes que a rica ima-  
ginação do compadre auxiliasse a pin-  
tura; mas num dos calices, — exacta-  
mente o do mais interessante rapaz da  
reunião, um estudante, filbo da casa,  
— debuxou-se um grande sobrado, de  
muitas janellas. O compadre bateu as  
palmas, entusiasmado:

— Um bello sobrado! é claro: grande  
riqueza, sorte papafina, dinheiro a  
deitar fóra, vidinha regalada! Toque,  
Manduca!

E foi um delirio de parabens ao Ma-  
noel pela felicidade indubitavel do seu  
futuro.

E o rapazola já se via, em poucos  
annos, um Mattosinhos, ou um Mes-  
quita, — mas com outra vidoca! pro-  
mettia elle aos seus hotões.

Passaram-se annos e annos depois da  
risonha madrugada; morreram os do-  
nos da chacara, os paes de Manoel,  
e deixaram-lhe, e aos irmãos, os mingua-  
dos teres, que mal haviam dado  
para a formatura do rapaz em medi-  
cina; e nada ainda da bella fortuna  
esperada! Não havia de vir pela clinica,  
pensava razoavelmente consigo o Dr.  
Manoel, que não cra nem se julgava  
nenbuma notabilidade.

— Talvez pelo casamento! pelo casa-  
mento é que bem pôde ser!

E atirou-se aos gordos dotee portu-  
guezes da capital; nada! Viajou pela  
provincia, com o olho nas heranças do  
café. Lá se arranjou de genro em casa  
de um fazendeiro que passava pelo  
mais rico do municipio; mas pouco  
depois morre o homem — insolavel, e  
o Dr. Manoel continuava sem dinheiro — e  
com familia!

Appellou para as loterias, cuja febre  
entrara a abrazar todas as cabeças am-  
biciosas, e consumo em hilhetes bran-  
cos o melbor das magras economias.

Então precipitou-se no jogo, a todo  
transe, a todos os meios, a toda lou-  
cura. O vaticinio da noite de S. João é  
que o hallucinava; não podia falhar:  
havia de ser muito rico, estava escri-  
pto, melbor do que isso — estava pin-  
tado!

Jogou, como os desesperados, a últi-  
ma camisa e o derradeiro escrupulo!  
Afinal, uma noite, numa casa de tavola-  
gem, numa roda forte de «lansquet»,  
tinba deante de si mais de dez contos  
de réis; jogava com uma sorte inau-  
dita e com uma audacia desmarcada.  
Annunciou uma banca de dois contos  
de réis; cartou de pé, pallido mas  
firme, e voltou ainda a carta que ga-  
nava.

Mas nesse momento, o pareceiro que  
perdia agarrou-lhe no braço:

— Revistem-me este velhaço!  
O Dr. Manoel tremeu como um as-  
sassinio descoberto; tentou ainda resis-

tir, mas, preso e revistado, achram-lho  
num bolso interior um grosso maço  
de cartas, sguaes ás do jogo. Estava  
explicada a sorte. Quando se viu per-  
dido, e perdido todo o lucro da sua  
infamia, o desgraçado entrou a rir s a  
chorar a um tempo, e depois a dansar  
e a cantar! Enlouquecera.

Tempos depois, occupava, na Praia  
Vermelha, um lugar no hospicio de  
Pedro II, num grande sobrado, de mui-  
tas janellas...

Estava cumprido o vaticinio.

LUCIO DE MENDONÇA.

## ADÉUS AO FILINTO

Vae-se o Filinto, o trefego Filinto,  
Por esses mares fóra alegremente...  
E o coração lhe salta de contente,  
Emquanto as garns da tortura eu sinto.

Feliz rapaz, teu bem já se nvisinha...  
Tene das estrellas a melhor estrella;  
E emquanto o riso levas para vel-n,  
Eu solto o pranto por não ver a minha.

Pois tambem, como tu, vou camijuhando  
Nessa estrada do amor que não se finda;  
Se colhes flores, não as colho ainda,  
Que certamente és mais feliz amando.

A tua noiva, a doce creatura  
A quem teus versos dá e dá tua alma,  
Deu-te, em troca, essa vida alegre e cal-  
ma,  
E o seu talento augmenta-te a ventura.

De certo inda virás mais satisfeito...  
E que assim seja, amigo; que a alegria  
Não te abandone, que não deixe um dia  
De irradiar-te o coração no peito!

ARTHUR MENDES.

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

SOCIÉTÉ DE GYMNASIQUE FRANÇAISE

Esplendida a soirée familiar que  
esta sympabica sociedade realisou a  
2 do corrente.

Abrilbantava o bello salão crescido  
numero de socios e convidados, e entre  
estes acabavam-se os Srs. ministro de  
França e seu secretario, almirante Ri-  
vel, commandante e officiaes da fragata  
*Arethuse*, commandante e officiaes da  
camboneira *Etoile*. Dançou-se anima-  
damente até á madrugada.

No salão superior do edificio foi ser-  
vido *champagne*, e por esta occasião os  
Srs. presidente da sociedade, almirante  
Rivel e ministro de Frnça, levautaram  
cordiaes brindes, que foram correspon-  
didos com entusiasmicos *hurrahs*.

Devido aos dignos directores, cida-  
dãos da colonia franceza, foi para os  
convidados mais uma noite deliciosa e  
de indescriptivel prazer.

CLUB DOS TUCANOS

Muito animado esteve o saráu, qus a  
digna sociedade Club dos Tucanos

effectou, com regular concurrencia, a 1 do corrente.

As danças prolongaram-se até ao amanhecer, e merecem muitos louvores a estimada directoria, pela ordem que sempre observam em suas bem dirigidas e alegres reuniões.

CLUB DO ENGENHO VELHO

São apreciaveis as noites que se passam nas reuniões promovidas pelo meu conceituado Club do Engenho Velho. Os alegres salões têm sempre grande e conetante frequencia de distinctas familias e cavalheiros, que dão o costumado brilho a estas attraheentes festas.

Soberbo o 5º sarão concerto que esta distincta sociedade a l. orrente effectuou.

Principiou pelo excellente concerto vocal e instrumental. As distinctas e gentis amadoras, que graciosamente accederam ao convite para executarem os lindos trechos de que se compunha o programma, haõilmente organizado pelo dedicado director dos concertos, o Sr. Augusto Wiguelin, e assim como os distinctos amadores, desempenharam-se primorosamente, sendo coroados de applausos.

O baile correu animado, e quando cessou eram 4 horas da manhã, restando d'esta festa apenas a lembrança agradável.

SOCIEDADE RECREATIVA S. JOSÉ

Bastante concorrido e animadissimo, esteve o magnifico sarão que esta caprichosa sociedade n 8 do corrente realizou.

Nas duas salas do edificio dançou grande numero de pares, e com a noite prestes a colher nas dobras de seu manto as ultimas estrellas, o baile finalizou.

Muito esmerou-se a digna e amavel directoria em obsequiar os Srs. convidados.

TIO ANTONIO.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Em primeira representção pela troupe Dias Braga, eubio á scena, neste theatro, no sabbado ultimo, o celebre drama maritimo *O naufragio da fragata Medusa*.

A concurrencia de espectadores á sala de Recreio foi enorme, extraordinaria.

*O naufragio da fragata Medusa* é uma peça que conta todos os elementos necessarios para prender a attenção do publico amigo de dramalhões. Não lhe faltam scenas commovedoras, extravagantes, e por vezes de irresistivel comico. O espectador é, sem o julgar, empolgado pela sua trama, segue com vivo interesse todo o desenrolar de suas scenas e, por fim, sensibilizado pelas fortissimas situações dramaticas que imprevistamente rebentam no palco, como descargas electricas, prende-se á vida dos personagens que figuram em

primeiro plano na peça, e espera ncoicamente o desenlace de toda aquella engrenagem, unicamente feita para atrabil-o, commovendo-o até ás lagrymas.

*O naufragio da fragata Medusa* foi recebido com grande contentamento, provocou freneticos applausos, subindo estes em um *trescendo* rapido até o 4º acto, em que foi bisado o excellente bailado dos cocos, a *guigue* e o engraçadissimo passo a tres dançando pelos actores Maia, Castro e Mesquita, que esteve magnifico, fingido de bailarina.

A scena do naufragio da fragata e da jangada são de grande movimento e de bellissimo effeito.

O desempenho por parte dos artistas Dias Braga, Maia, Maggioli, Ferreira, Livia e Balbina, foi excellente.

Os demais artistas portaram-se na altura dos seus talentos.

A peça está caprichosamente enscenada e vestida com muito esmero.

Inquestionavelmente *O naufragio da fragata Medusa* é um delicioso acepipe para a maior parte do publico que frequenta os nossos theatros. Creemos que lhe está reservada carreira tão brilhante como a do *Conde de Monte Christo*.

Uma mina!  
Parabens ã empresa.

SANT'ANNA

Na terça-feira ultima deu-nos a empreza Heller a primeira do *Moleiro de Alcalá*, opera comica em 3 actos e 4 quadros, extrahida de uma novella hespanhola, pelos Srs. Eduardo Garrido e A. Lafrique, com musica de Justin Clerice.

O entreocho d'*O Moleiro de Alcalá* cifra-se no seguinte: O moleiro de Alcalá ama Frasquita, sua mulher, e é por ella amado; o corregedor de Granada enamora-se d'ella e persegue-a com impertinentes declarações de amor, mas para execução dos seus planos precisa que Frasquita fique só; manda prender o moleiro e apresenta-se em casa de Frasquita. Esta, perseguida, foge para a rua á procura de quem a defenda, enquanto o corregedor fica em sua casa (d'ella) á espera que se enchugue a roupa que vestia, pois cahira na levada do moinho. Por este tempo o moleiro foge da prisão, sorprendendo em casa, e, para vingar-se, veste a roupa, põe o chapéu e a cabelleira do corregedor, e vai para casa d'elle ter com a senhora corregedora. Fuinha, escrivão ou antes *fac-totum* do corregedor, sabe da fuga do moleiro e manda prendel-o de novo. Em lognr do moleiro é preso o corregedor. A corregedora recebe o moleiro como seu legitimo esposo, tractando como intruso o proprio corregedor até que Frasquita apparece acompanhada por terriveis fauquistas, a reclamar o esposo.

Como se vê, é um entreocho este muito simples e de velbissimas *fieltes*, servindo apenas de motivo a magnificos trechos de musica, com quanto escriptas com pouca originalidade.

A interpretação dada ao *Moleiro de Alcalá* agradeu immensamente. sobresabindo, pelo muito realce dado aos seus papeis, os nrtistas Guilherme de Aguiar (corregedor de Granada), Vasco (moleiro de Alcalá), Peixoto (Fuinha), Lisboa (secretario do ministro), Roaa Villiot (Frasquita) e Maesart (corregedora) que apeznr de

dizer com pouca animação o seu papel, cantou-o com muita expressão.

Os coros estão bem ensaiados.

Quanto á *mise-en-scene* para não estarmos a gastar adjectivos já gastos, basta dizermos que é ella devida ao Heller. Está feito o seu elogio. Heller nestas cousas é synonymo do maravilhla.

*O moleiro de Alcalá* foi muito applaudido. Houve chamados á scena e a empreza foi victoriada freneticamente.

PHENIX DRAMATICA

No sabbado, 1 do corrente, sob a direcção do actor Primo da Costa, inaugurou a empreza d'este theatro os seus trabalhos, representando o celebre drama em verso *D. João Tenorio*.

A peça de Zorrilla é filiada no genero romantico e foi traduzida magistralmente em bellos versos por F. Caldeira.

O papel de *D. João* foi interpretado por Eugenio de Magalhães, que, pondo em jogo todo o seu grande talento e suas provadas aptidões artisticas, deu verdadeiro realce ao seu personagem, dizendo com vivissima expressão os seus versos e mantendo-se com muita correção no seu desempenho. A nosso ver é este um dos seus mais brilhantes papeis.

Primo da Costa, Heitor e outros artistas representaram bem os seus papeis.

A parte de *D. Ignez* foi confiada á actriz Bellido, que a interpretou com ngrado geral.

A peça está bem ensaiada, bem vestida e tem magnificos scenarios.

P. TALMA.

COLLABORAÇÃO

SONETO

A VICTOR MENDES

Nada sabe do mundo o que sómente  
Passa a vida entre risos... a sonhar...  
Por que, cheio de mimos, —insciente,  
Ignora o que é soffrer, o que é chorar...

Mas ai ! que pode ainda esse innocente  
Nas garras do infortunio vir penar...  
—Que a rosa põe effluvios no ambiente,  
Para os curvos espinhos occultar...

Só então saberá o quanto pena  
A minha'alma, na sua desventura,  
Que um destino feroz tanto envenena l...

Mas... —provando este calix d'amargura,  
Talvez perca a razão, a luz serena,  
Que ostento —no cairél da sepultura l...

Falcão, Setembro de 87.

MANOEL VICENTE DE FIGUEIREDO.

FACTOS E NOTICIAS

FILINTO D'ALMEIDA

A bordo do *John Elder*, partio no dia 12 do corrente com destino a Lisboa o nosso querido companheiro de redacção.

Filinto vai desposar a Exma. Sra.

D. Julia Lopes, filha do illustrado e respeitavel facultativo e homem de letras Dr. Valentim da Silveira Lopes, e irmã da nossa gentil e applaudida collaboradora das *Palestras femininas*—que ninda boje faz honra ás nossas columnas—a Exma. Sra. D. Adelina A. Lopee Vieira.

Em fins de Dezembro d'este anno, ou principios do vindouro, deve estar de volta o nosso amigo com sua adorada consorte.

Casados, Filinto d'Almeida, o poeta maviosissimo da *Lyrica*, o adoravel *Filindal* da *Historia dos sete dias*, e Julia Lopes, a *conteuse* deliciosa dos *Contos Infantis* e dos *Traços e Illuminuras*, é de eaperar que «tenham muitos... livros»; como espirituosamente disse *Eloy*, o *heróe* no gentil artigo com que se despedio do seu e nosso amigo, no *De Palanque*, o *Novidades* de 11 do corrente.

Filinto d'Almeida, pelo seu caracter nobilissimo, pelas suas peregrinas qualidades mornes, é digno de todas ns venturas: todas lhe desejamos, todava lhe auguramos cordialmente.

Em outro logar d'esta folha transcrevemos a parte da ultima cronica em verso, de Rodrigo Octavio, —esse jovial, bondoso e intelligentissimo collaborador do *Diario Noticias* e d'esta folha—em que se refere á partida do nosso *Filindal*.

Em nome do nosso amigo e no d'*A Semana*, agradecemos as boas e sinceras palavras do poeta dos *Poemas e Idyllios*.

DECLARAÇÃO

O abaixo assignado tem a honra de declarar que a propriedade litteraria do poemeto —*Luiz de Cambes*—de que é autor, pertence no Imperio do Brazil aos Exmos. Srs. Dr. Valentim Magalhães e João Joaquim de Araujo Carvalho, ambos residentea no Rio de Janeiro.

Porto, 20 de agosto de 1887.

JOAQUIM DE ARAUJO.

RECEBEMOS

— *Pontos de Historia do Brazil*, 4º e 5º faeciculos. Coordenados e redigidos pelo professor Villa-Lobos.

— *A Herdeira de Birague*, fascs. 2 e 3. Obra de H. de Balzac, que está sendo traduzida por H. Maset.

— *The Rio News*, n. 28.

— *Revista do Observatorio*, n. 9.

— Da casa *Au Petit Journal* o n. 37 do *Salon de la mode*, jornal de modas e figurinos.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

**Dr. André Rangel.** — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

**F. Navarro do M. Salles** — encarega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

**Dr. Araujo Filho** — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

**Julio Cezar Tavares Paes** encarraga-se ds liquidacoes amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e ssu termo.

**O Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinba. Esplendido terraço com caramanchões.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frsnta à rua da Quitanda.

**C ?  
CAN ?**

**Pharmacia Monteiro** Praça da Constituição n. 28, sm frente á esttua. Vinho ds pepsina e diastase paucreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

**Almanack de Casa Branca** Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

**Pharmacia Americana** ds Vicsnts Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

**Solicitador**—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fóra.

**Augusto Luzo.**—incumbese grauitamente de causas de liberdades na Cidade do Muzambinho—Minas.

**Compra-se** uma machina de cortar papel, de lamina não infrior a 60 centímetros; recebem-ss propostas no sscriptorio d'esta folba ou sm Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

**C ?  
CAN ?**

## SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes s industriaes, ds urinas, calculos s áreas da bexiga.—Rua 1º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

## ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padr. M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

**Imperial Fabrica de Cerveja** e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz ds Fóra.

**Alvares matinaes**, poesias de Carlos S. ds Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Prsço de volums : 2\$000.

# ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento ds casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tsm roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

# LYCEU DE S. GONÇALO

Provincia de Minas Geraes, cidade de S. Gonçalo do Sapucahy

Neste collegio leccionam-se todas as materias do curso primario s as do secundario necessarias á matricula nos cursos superiores do Imperio.

As aulas funcionam desde o dia 7 de Janeiro até o ultimo dia util de Outubro.

O DIRECTOR,

José Gomes dos Santos Guimarães.

# OBRAS COMPLETAS

DE

# CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICA RDINA todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Sis.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

# CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-ss-ba em fasciculos de 72, ou 60 paginas s uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, cada uma sntrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado.

Toda a correspondência a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua s numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia sm 5 actos, prscedida dum notavel estudo critico, um grosso vol..... 4\$000

OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU drama sm 5 actos, tendo junto A NOIVA, drama em 1 acto..... 4\$000

SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão.... 800

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

Eckmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro..... 2\$000

D. Guiomar Torrezão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialbo d'Almeida, Julio Cezar Macbado s Candido ds Magalhães *Contos Cór de Rosa*.... 2\$000

Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800

POR VARIOS ESCRITORES

UNIVERSO ILLUSTRADO, 5

vol. com 524 gravuras..... 25\$000

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos ingleses s francszes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

special só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e prsços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recsbem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidads de preços.

# LYRICA

DE

## FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas côres. 300 paginas.

Prsço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, s no escriptorio d'esta folba.

## VERSOS E VERSÕES

DE

## RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Prsço..... 2\$000

A' venda no sscriptorio d'esta folba e nas livrarias Garnier e Laemmert.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 22 DE OUTUBRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 147

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|  |  |
|--|--|
| Expediente.....  |  |
| Galeria do Elogio Mutuo<br>XVI—Henrique de Ma-<br>galhães..... | A. DE SOUZA,<br>ELOP, O HEROE,<br>MELIBEU. |
| Historia dos sete dias.....                                    |  |
| Gazeta rimada.....   |  |
| Petro Gobá (Carta a E.<br>Freire).....                         | V. MACALHÃES.                              |
| Jornal e Revistas.....   | A.   |
| Elle e o sol, tres sonetos.....                                | J. DE M. SILVA.                            |
| Notas bibliographicas.....                                     | V.   |
| «O homem».....   | A. AZEVEDO.                                |
| Cofre das graças.....  | BIBIANO.                                   |
| Paginas esquecidas: Daura.<br>» Num album<br>poesia.....       | F. DE MENEZES.                             |
| Platêas e salões.....  | LUCINDO FILHO,<br>D. PICOLINO.             |
| Parnazo alegre: A umas<br>orelbas; poesia.....                 | H. MAGALHÃES.                              |
| Theatros.....  | P. TALMA.                                  |
| Festas, beiles e concertos                                     | TIO ANTONIO.                               |
| Factos e Noticias.....   |  |
| Recobemos.....   |  |
| Anuncios.....  |  |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAIS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 s 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demars e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaviss publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XVI

HENRIQUE DE MAGALHÃES (\*)

Cahe-nos hoje tractar d'este adoravel poeta.

Desde já pomos em *defilé* deante do seu nome toda a adjectivação do preito e da homenagem a que têm direito verdadeiros talentos, e, aos clarins da fama fal-o-iamos, caso nos fosse dado, elevar-se e transparecer, radiantissimo, como um sol primaveril.

Para gaudio proprio, estas linhas que vamos por aqui traçando não servem para emoldurar caricaturas como de costume, nesta *Galeria do Elogio Mutuo*; o que nos desobriga de caricaturar em prosa chirra e desalinhavada, como a que fabricamos, a physionomia litteraria do Henrique de Magalhães. Diremos portanto d'elle o que o seu proprio talento pela voz eloquente dos seus trabalhos se incumbio de dizer-nos e aos que tem um'alma e entendem a linguagem sonorossissima do metro.

Henrique de Magalhães é um poeta de grande futuro. No rythmo de seus versos, de forma cuidada e de cinzelada estrutura, espanteja-se o encantamento do Bello: Por vezes é um bando de garças, que se levanta em rapido vôo ao minimo rumor e vae manchando de neve a calma profundidade azul do horizonte; por vezes é um ramalhar de arvores toucadas de flores, rubicundas como coraes e pequeninas como labios de criança, e que em delicadas nuvens, aromatizam o ambiente que as rodeia; por outras vezes é o quebro das cascatas que se desfazem em alvados len-

(\*) Esta biographia não apparece—ao contrario de todas as d'esta galeria,—acompanhando o retrato ou a caricatura do biographado, porque, residindo este fóra da Corte e não vindo á ella ha muitos mezes, nem havendo d'elle nenhum retrato moderno, não foi possível, removendo taes obices, uniformisal-a ás suas antecessoras. A biographia do biographo foi feita pelo biographado em o n. 128.

N. da R.

ções, onde á noite, embala-se, como que adormecida, a tremula claridade da Lua, e de dia fuzilam os estiletos vivissimos do Sol.

Nos versos do Henrique modula a sereia loira da poesia as suas mais intimas canções e debatem-se em magicas luctas as illusões, os sonhos, os beijos, os desejos e as esperanças—todos estes bons companheiros que comnosco peregrinam pela vida e que só nos abandonam quando o pendulo do nosso coração se immobilisa como um paralytico.

Ha nos versos do Henrique o dssdobrar de uma alma que ainda não se enroupou, nem se enroupará nunca, com as pennas ennegrecidas da desillusão. Sente-se que o mundo tem-lhe atirado a saliva amarga das desventuras, mas comprehende-se que aquella bella alma não dispõe de tempo para avaliar o fel d'estas miserias, pois que vive a sonhar.

E' o sonho a deliciosa rede de pennas onde ella se embala, ouvindo a linguagem mysteriosa das estrellas e interrogando-as mysteriosamente. E' a sonhar que ella escuta o que dizem as flores, o que rouxinolam as aves, o que mumurejam as fontes, o que segredam as brisas e o que dizem os heijos dos colhris na corolla tremula das camélias.

Tudo isso aquella bella alma escuta, comprehende e nos dá em encantadoras estrophes, que se entornam dentro de nós como amphoras repletas de suavissimos e delicados perfumes.

Henrique de Magalhães é um verdadeiro poeta, ala-se na phantasia até o céu e ahi permanece, isolando-se do mundo. Por vezes julga ter saudade d'elle e canta:

« Plenilunio que doiras a serra,  
Nuvens,—traços de nitido véo,  
O' lampyres! — estrellas da terra,  
O' estrellas! — lampyres do céu;

Vós trazeis-me lembrança tristonha  
De preteritos tempos. Quem dera  
Que voltasse essa quadra risonha...  
O' fagueira, ó gentil Primavera!

No teu seio eu não tinha terrores;  
Via o mundo ridente, em festejos!  
O' que beijos, que sonhos, que amores?..

Ail agora só nutro desejos  
De volver a esse tempo de flores,  
E de amores, de sonhos e beijos... »

Nutre desejos de volver a esse tempo.  
Mas que tempo? se o poeta está nelle,

nesse tempo de flores  
E de amores, de sonhos e beijos?..

se tudo para elle é serenamente azul,  
eternamente consolador?

Nada melhor do que o sonho.

Bemditos os poetas! Sonham com a saudade, com a dor, com a lagryma, dizem todos os seus sonhos na unica linguagem que o coração comprehende — o verso, e despertam, avivam em nós as nossas saudades, as nossas dores, as nossas lagrymas, todas tão verdadeiras, tão reaes que procuramos esquecel-as para sempre, mas que uma vez despertadas obrigam-nos a sentir, a chorar, com os versos d'esses eternos sonhadores.

Ah! os poetas são os que menos soffrem. Felizes, estes rouxinões da vida!

Não é só na poesia que se revela o bello talento de Henrique de Magalhães.

O leitor ha de se recordar, com saudades, dos deliciosos jongos dos sexagenarios d'A *Mulher-Homem* e dos *Pretinhos do Behé*, no *Zé Caipora*.

Estas obras primae são do nosso adoravel poeta. Além d'esse, outros numeros da *Mulher-Homem*, os melhores, foram compostos por elle.

E para falarmos com franqueza, não sabemos onde mais se levanta o seu estro, se nos versos que burila ás centenas se nas musicas que compõe entre uma bafurada de cigarro da rôça e um abrir e fechar de olhos. O que podemos affirmar é que o Henrique sabe de cor uma infinidade de trechos de musica.

E sobre este poncto é só pedir por bocca:

—O' Henrique! como é aquelle pedaço dos *Sinos de Cornéville* que o tio Gaspar canta no 1º acto?

E' isto; E põe-se o Henrique a cantar — e não canta mal, note-se — todo o trecho, quando não se lembra de dar-nos toda a partitura.

—O' Henrique! um pedaço da *Niniche!* E lá vae *Niniche*.

—O' Henrique! um pedaço d'O *Guarany*.

E lá vae *Guarany*.  
O' Henrique! o duetto da *Mascotte*. (Elle adora-o! diz que é um dos melhores trechos de musica de todos os tempos.)

E lá vae todo o duetto da *Mascotte!*  
—O' Henrique!...

Emfim: tudo. Não ha nada de musica que o Henrique, tendo ouvido uma vez, não traga de cor e não seja capaz de repetir, de momento, logo que se lhe peça.

E' um assombro!  
Com os versos dá-se o contrario: Nunca vimos o Henrique recitar versos. E, cousa rara! nem os seus sabe de cor, com excepção apenas d'aquelles que elle põe em musica. E estes mesmos não os recita: canta-os.

Tem muita graça, uma graça expananea, imprevista original.

Para prova o *Correto* que, ha muito tempo, nesta folha escreve sob o pseu-

do rymo de *Henrico* s qua é uma das suas mais estimadas e lidas secções. Foi elle, pode-se dizer, o crador d'este genero litterario. *Henrico* é inimitavel.

Agora uma nota, a principal da pessoa do Henrique: Nada o impressiona, nem o commove. Diz seu irmão, o Valentim Magalhães, que o Henrique não tem nervos. Não o cremos:

Elle é chefe de familia!

Diz-nos Valentim em umas notas que para a biographia do irmão nos forneceu: «Só uma cousa enthusiasma e asombra o Henrique: — o Oceano! Só uma cousa o indigna fortemente—a Escravidão. Fora d'isso, á excepção dos affectos de familia, tudo lhe é, mais ou menos, indifferente no Universo. Não que seja egoista: é o *mãos largas* maior que conheço,—mesmo porque ainda não se lembrou de pensar no valor do dinheiro. Mas por temperamento. Não fala mal de ninguém; em compensação, fala bem... de muito pouca gente. Chega sempre tarde a toda parte. Nos ensalos da *Mulher Homem* chegava regularmente... depois de acabado o ensaio.

«E' a indole mais accomodaticia que conheço. Passaria a pão e agua com a mesma serena boa vontade com que passaria a... bicos de rouxinões.

«Completo Pangloss, tudo para elle vae pelo melhor, no melhor dos mundes imagináveis. Por isso, apesar de doente, é de crer viva longos annos. Amen!»

No capitulo exquisitesimos tinhamos tanta cousa a contar que o irmão é contar ao leitor apenas o seguinte facto que é uma viva amostra do temperamento do Henrique.

Na *première* d'*A Mulher Homem*, depois que o Jongo dos Sexagenarios foi cantado, a plateia prorompeo em applausos, bisou o jongo e gritava freneticamente: A' scena o auctor! A' scena o auctor!

O Henrique estava a um canto do camarote, assentado, com o queixo fincado na palma das mãos, a olhar indifferentemente para o palco. E nada de se mover! Por fim, o Filinto d'Almeida veio arrancar-o do camarote; mas não conseguiu levar-o ao palco, onde apenas o seu nome foi saudado com uma prolongadíssima salva de palmas.

Se o Filinto não viesse arrancar-o da distracção em que estava apostariam que o Henrique gritara com a plateia: «A' scena o auctor! A' scena o auctor,» sem se lembrar que o auctor... era elle!

ALFREDO DE SOUSA.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Entrou o periodo das ferias parlamentares. Os augustos e dignissimos lá vão para as suas provincias dar conta ao eleitorado dos beneficios que promoveram em prol do seu paiz. Não poder eu ouvir-lhes a lenga-lenga! Só d'esse modo saberia ao certo o que fizeram suas excellencias...

A Fala do Throno, proferida pela Princeza Imperial Regente, nem ao menos passou como gato por brazas sobre a questão do elemento servil. A Fala guardou a esse respeito uma reserva só comparavel á do deputado Silva Maia, do Maranhão, que adoptou

como divisa o famoso annexim popular: em bocca fechada não entram miquitos. Naturalmente o Governo achou inconveniente a discussão de similbante assumpto, como aconteceu á interpellação Naúuco.

Entretanto, a questão do elemento servil está tomando agora uma face mais seria e mais decisiva. O escravo, que até agora tem se deixado ficar de braços cruzados, como se não fosse a parte mais interessada da questão, começa a pronunciar-se. Os ultimos acontecimentos de S. Paulo são muito significativos. Já houve luta, e luta seria, entre escravos fugidos e soldados da tropa de linha. Se a moda péga, adeus minhas encomendas!

Por mais que me digam, não posso crer que estes effectos constantes da propaganda abolicionista, este abalo geral, este estado normal de coisas, esta continua agitação de interesses, esta perturbação enorme de espiritos, esta depreciação sempre crescente da machina de carne e osso,—não façam maior mal do que um decreto que promulgasse immediatamente a abolição da escravatura.

Quando me lembro que esse decreto não só nos livraria dos escravos, como das patacoadas e da rhetorica dos abolicionistas, sinto realmente que de uma vez por todas não se resolvam a promulgal-o.

Convençam-se os os nossos governadores que, para a ordem publica, para a boa marcha do Estado, mais vale emancipar de uma vez todos os escravos, do que dar-lhes a liberdade em pilulas.

Quando o corpo humano tem um dos membros gangrenados, o cirurgião corta-o por inteiro, em vez de torturar o paciente, amputando-lhe agora este pedacinho e logo mais aquelle. O Brazil, que tem esse membro putrefacto, a escravidão, devia ser radicalmente operado. Quaesquer leis e regulamentos, por mais sabios que sejam, desde que não decretam a abolição immediata, nada mais fazem do que infringir-lhe o tormento dos paliativos. Esta é a verdade.

Das regiões neptuninas, que ultimamente nos delegaram uma phoca e uma especie de tartaruga, acaba de chegar uma baleia, acompanhada por seu filho. Acabam-se ambos na praia da Copacabana, onde podem ser vistos pelos curiosos que não desanimarem diante da distancia que têm de palmilhar. Quanto a mim, confesso que esses cetaceos inspiram-me um interesse mediocre. Nem os deveres de chronista dariam commigo na Copacabana, uma vez que a influencia occulta, de que falou ha tempos o Sr. Octaviano Rosa, não consentio que bouvesse bonds para lá.

Dizem-me que ha muitos annos o «Jornal do Commercio» (*Vieux farceur!*) annunciou aos seus leitores que n'aquelle mesma praia achava-se uma baleia de dimensões collossaes, extraordinarias,—uma montanha! Parece que n'aquelle tempo havia mais tolos que hoje, porque, não obstante a noticia apparecer em 1º de Abril, houve uma grande romaria áquella praia: toda a gente queria ver a baleia!

Quem lucrou com a pulia foi o proprietario da unica venda que existia no bairro: os empulhados limpam-lhe o estabelecimento e encheram-lhe as gavetas. Não diz a chronica se o vendilhão agradecido offereceu uma penna de ouro ao jornalista que inventou a baleia, ou a baleia. Seria um acto de toda a justiça.

De toda justiça é dizer bem da exposição de pintura, feita pelo paizagista Ribeiro no estabelecimento photographico dos Srs. Carneiro & Tavares.

O joven pintor expõe trinta e cinco estudos, destacando-se entre elles algumas vistas da ilha do Governador, celebre pela sua belleza, pela sua insalubridade, e por mandar, com uma regularidade de pendula, o Sr. Ferreira Nobre á Illustrissima Camara Municipal.

ELOY, O HEROE.

## GAZETA RIMADA

IV

Hoje eu faço *synalepha*:

Dou *gazeta* na *Gazeta*.  
E' que tenho outra tarefa  
Melhor, por ser boa teta!

Vou, pois, entregar-me a ella  
De corpo e alma. Não posso  
Perder tempo. O' minha estrella,  
Faz-me de *lux* um colosso!

Naturalmente o leitor,  
Que a cousa não percebeu,  
Diz, com gesto indagador:  
— Que tarefa, Melibeu?...

Ah! pio leitor, escuta:  
Os tempos andam bicudos;  
A sorte é uma vella astuta,  
E o viver tem seus *estudos*!

Na *onça* ha muito que eu ando;  
(Não na que andou pelas ruas!)  
Mas nesta que vae magoando  
A gente com as garras suas!

Na *onça*: (O' Deus, escutae!)  
Não ter no bolso *vintem*  
Responder ao— Como vae?  
—Vou muito bem, muito bem!

Qual muito bem! Que amarguras  
Tenho soffrido e passado!  
Mas agora: Adeus, tristuras:  
Vou arrendar o Mercado.

Vou fazer uma proposta  
Muito bem feita, com geito;  
Das boas postas a posta  
Dar á Illustrissima. Feito!

Escutem, pois: — Attencção!  
Eis a proposta: Darei  
Dez contos p'ra abolição,  
Duzentos... P'raque?... Já sei...

Um bom palacete ao Jury  
Darei, bello e portentoso;  
Outro á Camara, quo durs;  
Porei o *Mangu* cheiroso;

Construirei *chalets* de graça;  
Darei á Camara cs predios,  
E tambem (não é chalaça!)  
P'ra certos *males* remedios.

No Largo do Paço erguer  
Largo paço, hei de; depois  
O off'recerei, que é dever,  
Ao nosso bom Pedro Dois.

Não fica buraco aberto:  
Tapo-os logo, incontinente,  
Da Camara dentro, é certo,  
Darei pão a muita gente.

Farei o diabo a quatro:  
Darei esmolos em ouro;  
Construirei logo um theatro  
Onde existe hoje o Thesouro.

Nelle porei um cartaz:  
« Miseraveis, isto eu fiz  
Para vocês, sou de paz,  
A *troupe* vem de Pariz. »

Emfim, porei tudo bello;  
Toda a cidade lindíssima;  
Arrasarei o Castello  
(O morro) para a Illustrissima.

Isto é proposta de louco!  
Dirá, meu leitor amado:  
E' mesmo: eu quero tão pouco...  
Quero arrendar o Mercado.

E' asneira; não faz mal:  
Quem é que asneiras não fez?  
Morro, acabo no hospital,  
E éra o Mercado uma vez...

MELIBEU.

## PEDRO GOBÁ

(CARTA A EZEQUIEL FREIRE)

MEU CARO EZEQUIEL.

Acabo de ler o teu conto de hoje na *Gazeta de Noticias* e vibro ainda, de comovido e admirado que me deixou a leitura d'esta pagina magistral e tragica.

Conheço tambem bastante — infelizmente!—as scenas que descreven a tua penna firme, castiga e rica de tintas como um pincel de Delacroix; conheço-as tanto que, tambem eu, ha quatro annos, naquella mesma folba, descrevi parte d'ellas em um conto, *Praça de escravos*, que tev's a honra de ser traduzido em hespanhol na *Cronica*, de Montevideu, e que se encontra no meu ultimo livro. Como tu, procurei trazer o meu depoimento pessoal no longo e

tenebroso processo da escravidão, processo interminável, que se vai arrastando em nossa patria, «nesta patria aviltada», tão longe ainda de ser julgado pela Justiça... do céu; que a da terra é aurda, alem de céga, para as causas dos pequenos e dos desgraçados.

Pouco importa que esta não nos ouça os depoimentos, tremulos de horror, como não ouviu os do Castro Alves, o cantor dos *Escravos*, como não ouve os de Patrocínio e Nabuco, como não tem ouvido nenhuma das testemunhas que têm deposto contra os auctores, na sua faina de defender o «sagrado direito de propriedade», como se a liberdade também não fosse um direito sagrado, e mais respeitavel, e como so, por ventura, pudesse haver direito contra direito!

Teu conto é um documento historico de alta valia. Que o nosso commum amigo e querido mestre a quem o offereceste o archive cuidadosamente nos seus canchinhos de critico sociologico em viagem de observação. Todos os episodios, todas as scenas, todas as notações de factos do teu *Pedro Gobá* são strictamente verdadeiras e exactas.

A vida das fazendas, que ali descreveste, com tanto vigor de traço e de cor, é justamente aquella.

Tudo aquillo é vivido: paizagem, physionomias, costumes, incidentes, episodios, linguagem—tudo!

Pagina de mestre, meu bom Ezequiel — e das mais bellas e das mais valentes que tenho tido o gosto e a ventura de ler.

Um facto particularmente ferio-me a attenção e se me gravou na memoria, acordando nella a lembrança adornada de factos identicos e de outras circumstancias que te escapou notar. Refiro-me aos *casamentos*, feitos nas fazendas pelos *senhores*, para augmento dos seus haveres com o robustecimento da *gente* (Curiosa antinomia: consideram os negros — *casas* e chamam-lhes — *a gente*!) Observaste esse repugnante detalhe da vida da fazenda com perspicuo olhar e o copiaste com pulso heroico.

Nada mais baixo nem mais triste do que ver esses desgraçados, tão pouco posuidores das suas proprias pessoas, da sua vontade e dos seus corpos, dos seus desejos e das suas affeições, que até mesmo nas suas relações sexuaes são governados, são *mandados* pelos *senhores*!

Eu, no emtanto, conheço esse crime com aggravantes novas, imprevistas, que talvez tu mesmo desconheças!

Já assisti, e muitas vezes, a essa distribuição das negras pelos catres dos negros, a esse amancebamento brutal, contra a natureza—porque os proprios brutos têm a liberdade de escolher a fêmea,—feito, não pelo fazendeiro, como no teu conto, mas pela esposa, pela mãe!

Vi uma, comquanto ainda mulher moça e forte, mãe de raparigas casadouras, moças feitas, fazer essa matrimoniação horrivel á vista das filhas, *descasando* os pares que julgava inconvenientes, para crear novos pares, sem consulta dos *nubentes*, e muitas vezes com chorosa protestos d'esses infelizes que viam suas antigas companheiras passar ao poder de outro *pareiro* e tinham de aceitar em sua companhia mulheres ás quaes os não preudia nenhum laço de sentimento, a quem os não inclinava nenhum desejo da carne!

Que educação, meu Ezequiel, a que taes exemplos deve fazer na familia! E, no emtanto, os auctores de taes

crimes de lesa-Moral e de lesa-Humanidade, longe estão, praticando-os, de desconfiar do mal que com elles levam á familia e á Patria! e, depois, quando, como agora, se vê um *senhor* (e homem letrado, um *doutor*) mandar matar quatro negros, e se assiste a essa persiguição barbaesca de *escravos fugidos*, horrivel caçada a ferro e a fogo, que actualmente emociona a tua provincia adoptiva e a todo o paiz, ainda ha quem affirme—e nas altas regiões do Parlamento e do Ministerio!—que a *escravidão está acabada no Brazil!*

Acabada sim, mas para os miserandos que morrem no *tronco*, na *escada*, no eito, no fundo lobrego das senzalas ou na estrada, em fuga, anavalhados do relho ou varados das balas.

Pedro Gobá, que *scrava* placidamente, a face, ainda rubra e quente, no seu proprio coração, fitando com um ar de asco a familia attonita dos brancos é o symbolo do julgamento tremendo da Historia, no futuro.

Ella, a grande justicadora e a justiceira integerrima, compulsando os factos d'esta quadra, tempestuosa de sangue e soluços, ha de ter para nós, os brasileiros d'este pedaço ultimo do seculo, o mesmo terrivel e esmagador olhar de asco com que Pedro Gobá fitou, morrendo, matando-se, a familia dos brancos, de que era propriedade.

Rio, 21—10—87.

VALENTIM MAGALHÃES.

## JORNAL E REVISTAS

Muito interessante o n. 15 d' *A Vida Semanaria*. (Não recebemos o 14.) Bento Barbosa vai se libertando da influencia de Bordallo, fazendo caricaturas engraçadas e com certo cunho de originalidade. O texto adoravel. Puderá: sé é escripto por Olavo Bilac!

Deve ser distribuido hoje o primeiro numero d' *A Epoca*. E' seu redactor chefe o illustrado Sr. Dr. Zeferino Candido. Arthur Azevedo, nosso estimavel e distinctissimo collega, faz parte da redacção. E' caso para dar-se parabens á *Epoca* e augurar-lhe desde já futuro brilhante e mil prosperidades.

Eis como o nosso estimavel collega o *Diario Mercantil* de S. Paulo, recebeu o ultimo numero d' *A Semana*. «Recebemos o n. 116 d' este excellente periodico de Valentim Magalhães.

Na ausencia de Filindal, o hilarriante Cantô da *Semana*, passou a historiar os sete dias fluminenses *Eloy, o heróe*, a chronica personificada.

Encontram-se neste numero as *Virgilianas* (4<sup>a</sup> ecloga), do illustrado Dr. Lucindo Filho, versos de Rodrigo Octavio e Dias da Rocha, *Palestras femininas* de Adelfina Vieira e, nas *Paginas esquecidas*, um magnifico conto de Lucio de Mendonça.

A *Semana* tem incorrido ultimamente em algumas irregularidades na sua distribuição, o que ella explica por uma serie de imprevistas e lamentaveis circumstancias, que, uo que parece, estão já remediadas.

Felicitemos-a por isso, e temos certeza de que os seus numerosos leitores perdoarão as *synalephas* commettidas, na esperanza de a terem, d'aqui, por diante, todos os aabbados, impreterivelmente, ainda que chova, como lá se diz nos cartazos de theatro. E é o que se quer.»

Temos o n. 315 d' *O Occidente*. Traz excellentes trabalhos litterarios e magnificas illustrações. Gervasio Lobato firma uma elegante *Chronica Occidental*.

O *Mequetrefe* n. 443. Traz o retrato de um individuo muito feio e um texto de interessante leitura.

*União Médica*. Fasc. 10. anno VII. Dá-nos bons escriptos sobre clinicas pyretologica, pediatrica, therapeutica, genito-urinaria e neuropathica.

Do Rio Grande do Sul chegam-nos os ns. 22, 23 e 24 do *Corymbo*, interessante publicação que ali apparece, de propriedade e redacção da distincta escriptora D. Revocata H. de Mello.

No seu n. 171 traz a *Revista de Engenharia* importantes trabalhos sobre saneamento, estradas de ferro, industria e meteorologia.

## ELLA E O SOL

A RODRIGO OCTAVIO

I

Já era dia claro: a moça ainda dormia Entre as nuvens do leito o somno d' a manhã; Um requiebro gentil, um palpitante affan De sonho venturoso o selo extremeci.

O cabello revolto em aspides descia, E borlava do rosto a hesperica miçã. Convulsa e alegremente a boca rubra e san Uma reza, um segredo, um não sei que dizia...

Pelo vão da janella, igual á chuva de ouro, Em piscas se espargindo, n' sol entrando vae, Subtil como o ladrão que acerta co' um thesouro.

N'um beijo, sobre a boca em flor, do ceo lhe cabe, E ella sorri febril da luz no ferredouro, Fechando os olhos como a tremula Danae.

II

Amanhecera o sol radioso e leito, A natureza toda estava em festa, E ella dormia: apenas uma aresta Da janella surprehende-lhe o segredo.

O astro dn dia que passava, a meio A ardente petulancia manifesta; E abrindo sorratamente a fresta, Corta os caixilhos, a apontando a dedo.

Salta do peitoril ao chão, adiante Caminha, chega á cama, e com recio Ajoelha-se e recosta-se espreitante.

Vae pra' rouba-lhe: põe-lhe um braço a meio; Mas, primeiro que beije-lhe o semblante, Branco de susto fica a olhar pra' o sein!

III

O sol bono vê que a linda moça vexa E tem recelo de fazer escandalo; Da janella esgueirado pelo brecha, Sedento espia co'o furor de um vândalo.

Reduz o fogo, e para ver se abrandalo, N'uma furtiva estrella o disco fecha, E a Diana de marfil, que cheira a saual-o, Toca de leve co'a embotada flecha.

Ella acorda a tremer: põe mão nos folhos, Olha o sol, e, a chorar com brusco modo, O lençol, que lhe escapa, agarra aos molhos;

Mas elle, n' dissoluto visigodo, Ardendo de prazer, venda-lhe os olhos, E como um cão lha lambe o corpo todo.

J. MORAES SILVA.

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Edictada pela Livraria Classica de Alves & C., publicou o nosso illustrado collaborador, das *Notas philologicas*, João Ribeiro uma importante obra filiada á especialidade de estudos a que, com tanto proveito e lustre, se tem dedicado: Tem por titulo *Líções de Grammatica Portuguesa*, coordenadas segundo o programma de 1837, e destina-se á preparação dos examinandos d'essa difficil materia. E' um elegante volume de 300 paginas, nitidamente impresso, solidamente cartonado.

O auctor dividiu o plano do seu trabalho em duas partes, sendo a primeira uma synopse reduzida das grammaticas vulgares, encerrando a segunda o texto critico, declarações e desenvolvimentos de maior difficuldade de interpretação.

A intenção do auctor — segundo elle declara na *Advertencia*, — «foi a de escrever um livrinho util e claro, que desaffrontasse a glottologia elementar do imminente descredito que, a olhos profanos, parece entre nós ameaçar.»

E o auctor conseguiu o seu intento. Este trabalho tem com justiça merecido os gabos dos mais auctorizados mestres da lingua. E' feito com extrema clareza, singular bom senso, rigoreza e logica methodisação e, sobretudo, com uma grande independencia.

João Ribeiro não copiou, uem tão somente compillou. Do muito cabedal entheourado pelo seu assi tuo estandar aproveitou o que ao seu esclarecido criterio se afigurou razoavel. Aliado aos progressos da moderna glottologia. E' incontestavelmente uma grammatica scientifica, mas exposta com rara simplicidade e clareza. Fallece-nos competencia para um exame detido e detalhado. Louvamo-nos, no emtanto, no favoravel parecer dos entendidos, recomendando o livro de João Ribeiro não só nos candidatos ao exame de

portuguez, como a todos os que se dedicam a este ramo, tão espinhoso quanto bello, de estudos.

E parabens ao nosso illustre collaborador.

Quasi ao mesmo tempo, recebemos de Portugal dois livrinhos de poesia tendo por assumpto o grande, o immortal cantor dos *Luziadas*.

Intitula-se um — *Luiz de Camões*; é um posmeto em sonetos, e tem por auctor Joaquim de Araujo.

*Alma minha gentil*... é o titulo do outro. Consta de quatorze sonetos, glossando cada soneto cada um dos quatorze versos do immortal e delicioso soneto *Alma minha gentil que te partiste*... E' seu auctor Alfredo Campos, nome já bastante conhecido, também, por outros trabalhos de valia. Aquelle traz uma carta de Eça de Queiroz; este uma de Camillo Castello Branco.

Digamos alguma cousa de cada um d'estes mimosos livros.

Joaquim de Araujo é poeta que já tem nome feito. A sua *Lyra Intima* recommendou-o definitivamente e brillantemente á admiração do publico e ao conceito dos confrades.

Seus versos são em geral inspirados, correctos e melodiosos. Longe estamos, portanto, tractando de uma obra de Joaquim de Araujo, de tractar da obra de um estreante ou de escriptor de ultima hora.

Dos sonetos do seu posmeto sobre Luiz de Camões já conheciamos alguns por havermos tido a honra de publicá-los em tempo. A impressão que nos deixou a leitura de todos, que são 17, reunidos, concatenando alguns dos principaes episodios do grande e inditoso poeta — foi de uma suavidade ineffavel de sentimento e de melodia; deu-nos a idéa de um collar de ametystas, de um brilho limpido e melancolico pela sua doce cor de violeta.

E' pena que se encontrem alguns peccados de forma, embora veniasse. Encontrámos, por exemplo, este má verso:

Ouvia-se no templo um psalmejar lento.

Não gostámos das «noites leaes da primavera», nem dos montes *sonhadores*. Leves e fugidias sombras são esses pequeninos defeitos para prejudicar a bella refulgencia da obrinha. Agradou-nos muito o soneto de abertura, e tanto, que aqui o transcrevemos gostosamente:

#### RENASCENÇA

Resurgem os hellenicos primores;  
Circula um sangue ardente, que espadana;  
Luthero queima altivo a Lei romana:  
Cortam o espaço os gritos e os condores.

Chora, junto da flor de seus amores,  
Miguel Angelo, essa alma sobrehumana;  
Cresce o delirio da paixão insana:  
Chora a Virgem na tela dos pintores.

A terra aneia de entusiasmo e lucto,  
Loyola surge. O eterno Bevenuto  
Vibra o stylete, rapido, certo;

Colombo e Gama encontram mundos novos,  
E echa, entre a alvorada de cem povos,  
O genio Lusitano aventureiro...

Geralmente somos pouco amigos de glosas. Achamos que não é essa velha manin poetica merecedora de resurreição. Que viva, apenas, para memoria, na paginas de Bocage, Caldas, Xavier de Novaes e dos poetas do Outeiro.

Mas o Sr. Alfredo Campos conseguiu glossar alguns dos versos do famoso soneto camoneano com tão fino engenho que se lhe devem perdoar as torturas que ao seu proprio estro voluntariamente impoz, regalando-se com as difficuldades que esse trabalho lhe trouxe. Os versos mais ingratos á glossa são, segundo nos parece, os seguintes:

*Se lá no ethereo assento onde subiste  
E se vires que pode merecer-te*

e

*Que tão cedo de cá me leve a ver-te.*

O Sr. Alfredo Campos sabio-se galbardadamente da empreza de encaval-os no fim dos sonetos, como um diamante na ponta de uma haste de ouro de lei: principalmente quanto ao primeiro d'aquelles tres. E tanto elle nos agradou, pela belleza do soneto como pela facilidade da glossa, que aqui o transcrevemos:

Ame-a como a hera ama as ruinas;  
Ame-a como ao vaso a Phantasia!  
Ame-a como o cégo ama o seu guia!  
Ame-a como o sol ama as honinas!

Por ella dedilhei canções divinas!  
Por ella enchi meu peito d'harmonia!  
Por ella obedeci á tyrannia!  
Por ella até cri todas as doutrinas!

Ah! quanto amor meu coração encerra!  
Quantas horas de embate, alegre e triste,  
No contraste da paz a par da guerra!

E neste bem querer-te em que me viste,  
Não sei se amor, assim, nasce na terra,  
Se lá no ethereo assento onde subiste.

O Sr. J. A. Roque, amavel correspondente, nesta Corte, dos editores Campos & C. de Lisboa, começou na semana passada a distribuição do primeiro fasciculo d'O retrato de *Ricardina*, primeira das Obras de Camillo Castello Branco que elles vão publicar em edição uniforme e completa.

Para acompanhar este romance, o primeiro publicado pelo auctor, será distribuido aos assignantes um retrato do auctor aos 33 annos e mais uma gravura.

O primeiro fasciculo comprehende até paginas 72 — bom papel, type elzevir, muito elegante, e edição útilida. Cada fasciculo — 500 reis. Distribuição quinzenal.

E' ocioso fazer *réclame* a esta enorme e notavel publicação, que fará honra aos seus editores e dará novo lustre ás letras de Portugal.

A livraria Azevedo acaba de edictar o « Promptuario do Escriptor Portuguez » por Pacheco Junior, o eminente philologo.

Vamos lê-lo e diremos os nossas impressões.

V.

## « O HOMEM »

Do novo romance de Aluizio Azevedo, que tão ruidoso e seguro successo tem feito, (os empregados da livraria Garnier dizem que não tem idéa de haverem vendido, em tão poucos dias avultado numero de exemplares de uma obra nacional), d'O Homem damos em seguida parte de um dos capitulos mais ricos de observação e primorosos de forma e, também, menos violentos aos paladares litterarios contrarios ao Naturalismo.

### VIII

Com a morte da velha Camilla despedira-se da casa a mulher que estava ao serviço de Magdá e fóra substituída uma rapariga ali mesmo da vizinhança.

— Justina, uma sua criada, para a servir.

Portuguezia das ilhas, forte, rechonchuda e muito amiga de conversar. Teria trinta annos, era viuva, com tres filhos: o mais velho já encaminhado n'uma officina de encadernador; o immediato morando com a madrinha em Belém, e o mais novo, que ainda mal se aguentava nas pernas, acompanhava-a para onde ella ia.

— Não! que isto de crianças, quando estão pequenas, as mães devem aturalas! como não?

Diziam que fóra sempre mulher de bons costumes, e com effeito parecia, ae menos pela cara. Muito risonha, corada, dentes claros, e olhos castanhos, um pouco recabidos para o lado de fóra, com uma natural expressão de lastima, que aliás não perturbava em nada a alegre vivacidade da sua physionomia. Tinha papadae, e fazia rosca no cangote; uma pennugem de fructa na polpa do queixo e dous pincois de aguarella nos cantos da bocca. Quando andava, tremiam-lhe os quadris como immensos limões de cheiro feitos de borracha.

Logo ás primeiras palavras que ella trocou com Magdá mostrou-lhe sympathia. E' que era justamente uma dessas creaturas vindas ao mundo para cuidar de doentes; naturezas que só amam de véras aquellas a quem devem muitas canceiras; que só amam depois de grande sacrificios, depois de muita noite perdida e muito somno interrompido. Nascera enfermeira, nascera para fracos; gostava de encarregar-se de crianças e, quanto mais achacadinhas fossem estas, tanto melhor. Os rachiticos, os aleijados, eram a gente da sua predilecção. Com o leite do seu ultimo pequeno criara um fedelho, que estava morrendo-morre quando lhe foi parar ás mãos; pois ella, depois de lhe salvar a vida, a custo de longos mezes de desvelo sem descanso, tomou-lhe tal carinho que o queria mais do que ao proprio filho, — um maroto este, forte e esadio como um bezerro. « Um coisinha ruim; affirmava rindo — Não ha mal que lhe entre. Nunca vi! — nsm chora, o brutinho, Deus me perdõe! » Magdá quiz saber onde é que ella estivera até então emprgada: qual a casa donde vinha.

— Em parte alguma, não senhora. Morava com a tia Zefa ali mesmo defronte, naquella casinha de duas janelas com entrada pela estalagem.

— Que gents vem a ser essa?

— A tia Zefa é filha da velha Custodia: lavadeiras, como não? Vém já de traz estas amizads! Nós, por bem dizer, fomos criadas pela tia Zefa; foi

de lá que eu sahi para casar, e minha mana, a Rosinha, voamscé não conhece, essa ainda mora com ella.

— Ah! Tem uma irmã...

— Então! Muito mais nova do que su. Solteira, mas já tem o asu noivo. Não é por ser minha irmã, porém é uma rapariga que se páde ver! O Luiz...

— Bem, bsm... Você então traz um filho em sua companhia?

— Ora, coitado! Não ha de incomodar... E, se se fizer tolo, carrsgo logo lá p'ra defronte, que a velha é perdida por elle. Se o é! Dá-lhe um tudo. Não vio vosmcsé aquelle chapeuzinho de pluma com que elle veio bontem? Pois quem foi que o deu? Foi ella!

E rio-se toda.

— Bem, bem, trats de ir buscar o que é seu e tome conta desse quarto abi ao pé, porque, não sei se sabe, você me tem de fazer companhia á noite. Ando muito doente e ás vezes é preciso que me dêem o remedio, comprêbende?

— Como não, min'bama? Póde vosmecé ficar descansada por esse lado, que esta que aqui está não lhe dará razões do queixa!

E já parecia radiante com aquella expectativa de ter uma enferma á sua guarda. Uma enferma nas condições da filha do conselheiro era o asu idéal. E, por cima de tudo, bom ordenado, comida com fartura, seu copo de vinho ao jantar e dali até, quem sabe, talvez seu vestidinho de vez em quando...

— Não ha duvida, concluiu, foi um achado!

Um achado! Ella é que foi um bom achado para Magdá. Esta nunca houvera tido criada tão alegre, tão amorosa e tão diligents no serviço.

Além de que: muito sã, muito limpa e muito séria. Perto daquella figura socada, de carne esperta e luzente, a pobre senhora ainda parecia mais magra e mais pallida; gostava porém de a sentir ao seu lado, aquecer-se naquella calor de saude, parazytar um pouco daquelle humus resumbante de seiva, sorver aquella forte exhalação sanguinea d. femea refeita e bem ndubada. Nunca entravam em confidenciaes e palestras, que a orgulhosa filha do conselheiro não dava para essas coiaas; mas a mesquinha enferma gostava de deitar-se sobre um tapete, no chão, defronte da janella do quarto, e ahi ficar, seiscmando nos seus tédios, com a cabeça pousada no morno s carnudo regaço da criada. A'a vezes adormecia assim, e então se abraçava com ella e enterrava o rosto entre as almofadas dos seus peitos, respirando, com um regalo inconsciente de criança que já não mama, mas ainda gosta de sentir ao pegar no somno a calentura do collo materno.

Em breve, a Justina sra tão indispensavel para Magdá quanto uma ama a um orphãosinho rscem-naacido. A infeliz moça passava agora muito melhor; conseguia ficar com alguma coiaa no estomago e tinha certa regularidade no somno. Um dia, sm que a rapariga lhe pediu licença para ir a Belém ver o filhinho que estava á morte, ella quasi que tem um ataque, tal foi a sua contrariedade.

— E' por pouco tempo... asclareceu aquella — Eu volto logo. Trea dias ou quatro, quando muito; ds mais, dai-xo um'outra no meu logar...

Foi, sempre foi; mas á senhora tanto custou a sua ausencia, que jurou nunca

mais consentir, que de novo se separassem. Ficou nervosa e impertinente que causava pena. Veio-lhe outra vez a mania das rezas, voltaram-lhe os monólogos a meia voz e os sobresaltos sem causa aparente.

— Maldito pequeno! Lembrar-se de cair doente, e logo agora!

A Justina demorou-se mais do que contava. Uma semana depois da sua partida, Magdá, que não havia comparecido ao almoço, fez voltar o lunch das duas da tarde, que o pae lhe mandara levar ao quarto.

— Não me aborreça! gritou ella á subatituta da Justina, uma sujeita alta, casada, de nariz comprido e mal encadrado. Chairava a merrinha de cachorro. Magdá não a podia ver.

— Saia d'aqui! Não ouvio?

A mulher observou com a sua voz grossa e compassada.

— O senhor disse para a senhora não deixar de tomar, ao menos o caldo, que foi temperado por elle.

— Papae que me deixe em paz. Ponha-se lá fóra! Ponha-se lá fóra!

A criada sahio, teza que nem um granadeiro, a resmungar com a bandeja nas mãos; e Magdá fechou a porta sobre ella, com estrondoso impeto, agitando-se depois no divan e sacudindo a cabeça como se estivesse sufocada.

— Que gente, meu Deus! Que gente!

E levou uma hora a fitar um só ponto, com os olhos apertados e as sobrancelhas franzidas e mais retorcidas que um recamo japonês. Ergueu-se afinal, inteiriçada num espreguicamento suspirado e longo, deu em seguida alguns passos indolentes pela alcova, tomou um resto de leite frio, que havia numa chicara sobre a mesa, e encaminhou-se sonambulamente para a janella. Ah! encostou o rosto entre duas varões da grade e segurou-se com as mãos nos outros que ficavam mais proximos.

— Ah!... respirou, igual ao cégo que obtem, depois de grandes esforços, chegar ao ponto em que deseja. E olhou além para os fundos do cégo, que se estendiam lá por detraz do horizonte. E seu olhar errou pelo espaço, perdido como andorinha doida a que roubassem o ninho, percorrendo, inquieto e tonto, de um só vôo, leguas e leguas de azul, até ir afinal cair prostrado, de azas bambas, no cimo da pedreira que lhe enfrentava com a janella.

Prendeu-lhe toda a attenção o que se passava ali: Os trabalhadores suspendiam por instantes o serviço, alvoroçados com a chegada de uma raparigona que lhes levava o jantar— Que alegria! A cachopa era sem duvida mulher de um delles, o mais alto e mais barbado, porque ella, mal soltou no chão o cesto da comida, lhe arrumou com uma caricia de gado grosso um murro nos rins, e retrabio-se logo, a rir toda arrepiada, esperando que o macho correspondesse. Este cascalhou uma risada de gózo alvar e ferrou-lhe na anca a sua mão bruta, de cavoqueiro tão encrestada e escamosa, que se não podia abrir de todo. Depois: acercaram-se de um pedaço de pedra, em que a mulher foi depondo o que trouxera na cesta; e de cocaras, ao lado uns dos outros, puzeram-se todos a comer sofregamente, no meio de muito rir e palavrear de hocca cheia.

Magdá, sem conseguir escutar o que ellas tanto conversavam, não lhes tirava os olhos de cima, profundamente entretida a ver aquillo. E, cousa extra-

nha, em tal momento daria de bom grado os melheres diamantes que possuia para ter ali um pouco do que elles comiam lá no alto da pedreira com tamanha vontade. Ella, que já não podia soffrer os imaginosos acepipes da mesa de seu pae, sentia vir-lhe agua á bocca pela comida dos trabalhadores, e até, parece incrível, tinha desejos de heber da mesma garrafa em que elles bebiam, pelo gargalo, fazendo questão para que nenhum lograsse ao outro.

No dia seguinte, justamente áquellas horas, apresentou-se ao já pae, vestida e prompta para sahir.

— Bravo, exclamou o conselheiro, surpreendido pela novidade.— Bravo! muito bem!

E marcou apressado a pagina do livro que estava lendo e, como se temesse que a filha mudasse de resolução, correu logo a buscar o chapéo e a bengala. « Ora até que emfim aquella preguiçosa se resolvia a passeiar! »

Quando se acharem na rua, Magdá foi tomando a direcção da pedreira; o pae acompanhou-a sem preferir palavra. Só pararam lá perto.

O morro, com as suas entranchas já muito á mostra, arrojava-se para o céo, como um gigante de pedra violentado pela dôr; via-se-lhe o amago cinzento reverberar á luz do sol, que parecia estar doendo. E enormes avalanches de granito, ruidas e arremedadas pela explosão da polvora, acavallavam-se de cima á base da rocha, lembrando estranha cachoeira que se houvera petrificada de subito. Cá em baixo, d'aqui e d'alli, se ouviam retinir ainda o picão e o macete, e lá no alto, no escalvado cume do penhasco, quatro homens, agarrados com todos os dedos a um immenso furão de ferro, abriam penosamente uma nova mina no granito, gemendo em tom monotonico e arrastado uma toada lugubre.

De cada vez que elles suspendiam a formidavel harra de ferro para a deixar cair novamente dentro do furo, recomeçava o côro lamentoso que, de tão triste, parecia nma supplica religiosa.

— Vamos lá?... propoz Magdá ao pae, depois de admirar de perto aquelle monstro que ella contemplava todos os dias da janella gradeada do seu quarto.

— Onde, minha filha?... perguntou o conselheiro, sem animo de acreditar no que ouvia.

— Lá em cima, onde aquelles homens estão hrocando a pedra. Quero ver aquillo.

— Estás sonhando, ou me suppões tão louco que consentisse em tal temeridade? Esta pedreira é muito alta!

— Não faz mal...

— Sentirias vertigens antes de chegar ao fim.

— Mas eu quero ir!

— Deixa-te disso.

— Ora que me hão de contrariar em tudo!

— E' que é uma imprudencia sem nome o que desejás fazer, minha filha! Já amuada, ella se soltou do braço do pae e correu para os lados por onde se aubia á montanha.

— Espera ahi! gritou o velho, tentando alcançá-la, espera ahi, caprichosa! Eu te acompanho!

A caprichosa havia galgado o primeiro lance de pedra.

A subida foi penosa.

Ah! o caminho era muito estreito, irregular e coberto de calhãos. O pé ás

vezes não encontrava resistencia, porque o cascalho rodava debaixo delle.

Mas subiam. Magdá, sem querer dar parte de fraca, segurava-se arquejante ao braço do pae; este mesmo, porém, sabe Deus com que heroísmo conseguia não perder o equilibrio.

— Vamos adiante! Vamos adiante! dizia ella, quasi sem folego.

— Descansemos um pouco, minha filha.

Não, ella não descansaria, emquanto não alcançasse o morro. Felizmente o caminho em cima era quasi plano e com pequeno esforço chegava-se dahi ao lugar onde trabalhavam os quatro homens. Mais um arranco, e lá estariam.

Afinal conseguiram chegar. Mas, ab! quando a pobre Magdá, toda tremula e exhausta de forças, já no tope da pedreira, defrontou com o pavoroso abysmo que se precipitava debaixo de seus pés, soltou um grito rapido, fechou os olhos, e teria cahido para traz, se o conselheiro não a acode tão a tempo.

— Magdá, minha filha! Então! então! Ella não respondeu.

— Está ahi! está ahi o que eu receiava! Lembrar-se de subir a estas alturas... E agora a volta...?

— Póde voxencia ficar tranquillo por esselado, arriscou um dos cavoqueiros, que se havia aproximado, a coçar a cabeça—Se voxencia quizer, eu cá estou para pôr esta senhora lá em baixo sem que lhe aconteça a uma menor lastimo.

— Ainda; hem, respondeu S. Ex. com um suspiro de desabafo.

O trabalhador que se offereceu para conduzir Magdá era um moço de vinte e tantos annes, vigoroso e bello de força. Estava nã da cintura para cima e a riqueza dos seus musculos, bronzeados pelo sol, patenteava-se livremente com uma independencia de estatura. Os cabellos, empastados de suor e pó de pedra, cahiam-lhe em desordem sobre a testa e sobre o pescoço, dando-lhe á cabeça uma satyrica feição de sensualidade ingenua.

— Vamos. Vamos; apressou o conselheiro, entregando-lhe a filha.

O rapaz passou um dos braços na cintura de Magdá e com o outro a suspendeu de mansinho, pelas curvas dos joelhos, chamando-a toda contra o seu largo peito nã. Ella soltou um longo suspiro e, na inconsciencia da syncope, deixou pender mollemente a cabeça sobre o hombro do cavoqueiro. E, seguidos de perto pelo velho, lá se foram os dous, abraçados, descendo, pé ante pé, a ingreme irregularidade do caminho.

ALUIZIO AZEVEDO.

## COPRE DAS GRAÇAS

Dois collegias passam num hond pela casa do Dr. Capelli Camarano, na rua visconde de Itaúna.

— Traduze aquelle nome; diz um ao outro, mostrando a placa do citado doutor.

— Não sei; deve ser latim.

— Qual latim: é italiano e quer dizer *Chapéu do Camarão*.

No *post-scriptum* de uma carta de

namoro dizia um pacovio á sua bella, querendo desculpar-se da fealdade da letra:

« *Desculpe a lithographia* »  
Calligraphia — é que o bruto queria dizer.

Perguntaram a Voltaire que tal tinha achado certa oração funebre.

— Como a espada de Carlos Magn; respondeu o castellão de Ferney, e, como não entendessem logo a allusão, acrescentou: — *longa e chata*.

Observação de um critico após a leitura do ultimo romance de Aluizio Azevedo:

— Ora ainda bem que a litteratura brasileira já cheira a *Homem*!

BIBIANO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

DAURA

(LENDA)

Nos dias das festas e das alegrias é que a tristeza desce mais pesada ao coração dos que soffrem. E depois, passado um certo tempo da vida, que hora ha então que, soande, não traga uma recordação, que sol que se levante no horizonte que não lumbrasse um outro sol, que então allumiasse eras mais felizes ou dias mais tristonhos?

A vida é nma teia de recordações—tel-as vivido e revivel-as eis a suprema das venturas, ora e ora o maior dos infortunios.

Para os que pensam, para os que sentem, para os que aoffrem, o presente é instante e passageiro, o futuro nada e o passado tudo. Como que o homem, descrente de esperanças no porvir ou delle temeroso, detem-se em meio do caminho e pára as vistas nas phases já deixadas como a mulher de Loth.

Ha no entanto no presente manhãs soberbas e crepusculos rutilantes!... Mas que força jámais, creou-se que pudesse tirar o homem da contemplação de sua infancia e fazel-o obliterado dos delirios, das hosannas da sua adolescencia?

Vivamos no passado. Vou contar-vns uma historia.

Daura era mais bella do que a lua sobre as collinas e sua face lembrava a aurora, tão fresca e tão risonha era ella ás vezes!

Quando Bruno a via, Bruno que acreditava em Deus só porque Deus a formára, acudia-lhe á mente tudo que é bello e puro, risonho e immaculado neste mundo, e elle entregava-se a sonhar tudo, que está fóra do espaço, do tempo e d'esta vida: a felicidade sem termos.

No lume de seus olhos, que falavam simultaneos de morte e de infinito, havia o mysterio das noites tropicaes, e luzir intermittente das estrellas.

Contava vinte annos, e da sna edade tinha todas as alegrias e travessuras. Tinha o sorriso mais provocador deste mundo, e quando, gracejando, confrangia de leve as pupilas e banhava-se-lhe a face num franco contentamento, era mais bella vel-a do que assistir ao mais esplendido nascer do dia em pleno mar.

Bruno a amava, mas ella...

Daura era mulher.

Estavam sentados. Bruno tinha entre as delle a mão de Daura. Era ao anoitecer. O crescente erguia-se nos cruás e, batendo nas janellas, desenhava as vidraças no pavimento e inundava de luz parte da sala. Fôra, as casuarinas sussurravam a uma branda aragem e de longe em longe ouvia-se o balar tristonho do gado da fuzenda.

— Daura fitava distrahiadamente o clarão da lua no chão da sala.

— Daurito, quero dizer-te um segredo! disse Bruno!

— Fala — respondeu ella.

— Eu te amo!

— Já o sabia! retrucou, rindo-se.

— Mas o que não sabes ainda é do juramento que vou prestar aqui de joelhos, ás tuas plantas...

Eu juro por esta lua, que é menos bella do que tu e agora nos allumia; por estas estrellas que nos miram, niunos brilhantes do que teus olhos; por toda esta natureza que nos cerca; por Deus, que fala em mim; por minha alma de poeta; por estes teus labios que eu quizera eternos sobre os meus; por estas tuas mãos que eu beijo; por tudo que é serio e bello, e puro e risonho e travesso, — que te amo, como nunca amei e como nunca mais amarei. A tua vida é a minha. Se um dia morreres, ou me abandonares, eu logo morrerrei.

Daura sorriu-se, e, pondo as mãos sobre a cabeça do doido e erguendo os olbos para os céus, diess:

— Por minha infancia e por minha mãe, que lá dos céus nos escuta e vé, eu juro que te amo e que não pertencerei senão a ti; e se algum dia abandonarte...

Ouviu-se um pio, semelhante a um gargallar satânico e nervoso: era um mocho que passava.

Daura sorriu-se e Bruno estremeceu.

— Juremos — disse elle.

— Juremos, repetiu ella — e num beijo afogou o juramento.

Bruno jurou sincero; mas Daura...

Daura era mulher.

Passou-se um anno. Quatro vezes a terra mudou de aspecto; as arvores floresceram, deram fructos e despiram-se de novo da verdura, quando o inverno passou por ellas. O mar cresceu e diminuiu mil vezes. O rio entumeceu e vasou de novo.

As estrellas brilharam, apagaram-se e de novo se atearam.

Tudo mudou e tudo está o mesmo.

Mas o coração do homem, o coração da mulher?

Bruno gastou o anno em trabalhar: noite e dia não conheceu descanso: era preciso; Daura lhe pertenceria um dia e elle ambicionava-lhe os commodos de uma priaceza!

Um anno passou-se, Bruno ainda a ama; mas Daura...

Oh! Daura era mulher.

Era uma festa esplendida; luzes e flores, mulheres e harmonias.

Daura está bella e simples como as rosas brancas do caminho, está risonha como uma manhã d'estio; junto d'ella está seu noivo.

E' um bom rapaz, mas um tanto avolumado e rubro.

Ri-se de coração, mas de um riso cheio e por demais ruidoso.

Daura contempla-o embevecida: seus olhos não véem senão a elle, e seu coração bate tão apressado quando elle lhe toca as mãos e olha-a bem a face!

Oh! ambos são felizes!

As damas formaram, em contradança

e olham-se entre si sorrindo e criticando-se; os rapazes, os bons roceiros, não cabem em si de contentes; encaram-se um tanto parvos, mas riem-se de todo o coração.

Parte o signal. Os menestres agitam-se nas poltronas em que estão sentados debaixo de um arco de verduras. O rabequista ergue seu arco e um gemido, semelhante ao de um cachorro seguro pelo focinho, sahe das cordas. Não importa. Os violões vieram-lhe em socorro; a flauta suspirou nos ares; o piston saltitou alegre como um gamo, em quanto o contra baixo resmunga entre dentes, como um velho moralista. Tudo se agita e brinca: cabeças e flores redemoinham, tumultuam, enovelam-se!

Quanta cintura delgada! Que rosas e que lyrios algumas faces!

Oh! como é bello estar alegre!

Todos saltam, todos brincam, todos estão felizes!

Findou a contradança. Sempre ao pé de seu noivo. Daura não vé senão a elle.

A musica dá signal do walsa.

Novas alegrias e mais ardentes.

Walsemos — dizem todos.

Walsemos.

Daura ergue-se. Um vulto destaca-se da porta fronteira, vem até ella e dá-lhe a mão...

— Bruno!... balbucia... Bruno!...

— Dançemos; hoje é o dia de teu noivado; não podia faltar a elle; penso que não é preciso licença de teu marido.

Walsemos!

Daura dá-lhe a mão: os menestres começam.

Bruno toma-lhe a cintura e fende os grupos indecisos; e, em quanto a musica geme e suspira, assim se exprime Bruno:

— E' a noiva de outro: no entanto juraste-me amor sem termos; justo completa-se hoje um anno! Um anno que eu gastei dobrado sobre a terra para obter-te um sustento de princeza! Juraste-me amor por alma de tua mãe! Mentiste! expiarás a tua mentira!

— Bruno. Meu Deus!...

— Como eu te amava! Que noite se passou que não pensasse em ti, que não me ajoelhasse junto ao meu leito e orasse a Deus por ti! Em paga de tudo isto, fizeste-me desgraçado... tu... — Ai! meu marido está nos veado...

— Teu marido! Breve has de encontrar um sabor especial em pronunciar este nome: teu marido!... Ah! Ah! Esta musica não está má! Teu marido! teu marido...

— Não posso mais, Bruno! Fiz-te mal! Vejo-o nos teus olhos: perdóame...

— Perdoar-te! Não é possível: seria preciso quebrar meu juramento! Não te perdoo...

Ouviu-se um grito horroroso, um grito supremo, um grito de morte!

Todos correram. Daura tem a cabeça pendida no hombro de Bruno, que a abraça e a aconchega ao peito...

O noivo rompe a multidão.

— Daura! Daura!

Viu e estacou assombrado. Bruno! ululou depois... Que... O que fizeste de minha mulher?...

— Tua mulher jurou ser minha. Fila cumprir a sua palavra. E desenhando-se d'ella, entregou-a ao noivo espavorido e sahiu da sala.

Viram-nm então todos. O sangue alagava-lhe toda a frente de seu vestido: tinha os labios entr'abertos, os olhos meio cerrados e já vidraado-se, como

os vidrados olhos de uma andorinha morta!...

O noivo olhou-a. Quiz articular uma palavra: não lhe foi possível; os labios se lhe arregaçaram n'um sorriso medonho, enquanto duas compridas lagrimas se lhe deslisaram pelas faces!

— Mór... inortu!... poude enfim pronunciar.

— Morta!

E cahiu-lhe aos pés, alagado em pranto e prorompeudo em gritos.

No dia seguinte as raparigas da modesta aldeia conduziram ao cemiterio o corpo de Daura. A mesma musica que na vespéra alegrára parte do baile, seguia agora gemendo um tristonho funeral.

Enterraram a pobre morta com o seu vestido de noiva e a sua capella de flores de laranja.

Todos da aldeia assistiram ao funeral, á excepção do noivo e do assassino.

Que tinham elles que fazer ali?

Passaram-se dez dias, e ninguem os via.

Uma manhã, um dos camponios do logar, internando-se pelo matto, encontrou dois corpos; examinou-os e reconheceu Bruno e o noivo.

Os corpos estavam estreitamente abraçados e as mãos de cada qual apertava o pescoço do contrario. Duas facas estavam pelo chão.

Que luta medonha havia eido esta entre os dois inimigos? Ninguem o sabia dizer!

Daura dorme em seu sepulchro. As raparigas de logar cobrem-no de flores. Tndo ali é socego, e os passaros saltitam sobre elle...

Mas dizem que ás horas do luar... um mocho pia lugubre sobre o tumulo... emelhando um gargallar satânico!

FERREIRA DE MENEZES.

## NUM ALBUM

Já longe vão as eras mythológicas  
Da Grecia antiga, e da soberba Roma  
Despovoou-se o Olympo  
Ao surgir da lei nova, — o Christianismo  
Com seu facho de luz varreu as trevas  
Que escureciam porventura ainda  
O espirito dos homens;  
Foram-se os deuses, e um Deus sómente  
Substituiu essa cohorte immensa  
De immortaes, que aos miserimos humanos  
A sorte tantas vezes invejaram.  
Mas as deusas ficaram, — fôra inútil  
O querel-as riscar do rol dos numes.

Quantas vezes, oh! quantas! nas angustias  
De um viver de torturas,  
E quando nos invade o desalento,  
Sentimos que nossa alma retempera-se,  
A coragem nos vem, as forças tornam,  
Ao salutar influxo feminino!  
Mulher, anjo, deidade,  
Se não fôras o norte que nos guia  
N'esta provança que se chama a vida,  
Aonde iriam haquear as crenças?!

Senhora, eis o que a mente me alembrava  
Quando ordenastes que o meu pobre nome  
Eu escripto deixasse em vosso livro;  
Em vós eu vejo a prova

De que, se os deuses já não lem mais culto,  
Não se foram os nomes femininos;  
— E sois, seahora, a deusa da Bondade.

1878.

LUCINDO FILHO,

## PLATÉIAS E SALÕES

**MATINÉE DO CLUVA BEETHOVEN, THEATRINHO DA GAVEA, ESTREIA DE MÓDESTOS... AUCTORES.**

Registrar nesta columna mais um concerto do Club Beethoven, é registrar mais uma victoria alcançada pelo Sr. Kiusmann Benjanin e os seus companheiros e mais uma rouinação do que a nossa capital possui de mais *huppé*.

Na *matinée* realisada no domingo, 16 do corrente, passámos duas horas deliciosas, preenchidas pelo seguinte programma:

*Sérénade* de Hoffmann, *Barcarole*, de S. Saens, *aria* de Bach e *Pizzicati* de Marley e Delibes, pela orquestra. D'estas peças sobresahiram os *Pizzicati*, duas joias musicaes que provocaram ruidoso entusiasmo.

A austeridade do Club impeliu-nos de pedir *bis*.

O barytono Pollero cantou com muito sentimento, um pouco demais talvez, a bellissima romança do *Rei de Lahore* e um trecho de opera ainda não terminada. Deixando de parte um pouco de pieguice, que o prejudica, é admiravel a sua voz, sau, fresca, vibrante, afinada, e a sua dicção perfeitamente clara.

Maurice Richiard, incorrigível no seu defeito de não colorir o seu canto, forçando a voz do principio ao fim, interpretou a cavatina de *La Juive* e a *aria de Jerusalem*.

O Sr. Kinsman Beajamin, no violino tocou a *romance* de Svendsen, valendolhe a primorosa execução calorosas felicitações.

O Sr. Nepomuceno completou o programma com uma inspirada pagina de Beethoven, sendo muito applaudido; assim como o Sr. Duque Estrada Meyer, um dos nossos artistas mais conceituados.

Suas Altezas assistiram á *matinée*, que, como já disseamos, proporcionou-nos mais uma occasião de admirar a elegancia e a formosura das nossas *high life*anas.

Os amadores do theatrinho da Gavea deram, no sabbado passado, um espectáculo, que se não foi dos mais concorridos, devido ao má tempo, foi um dos que mais agradáram. A espiituosa comedia em 3 actos *Cosinha, casa de jantar e sala* conservou a platéia em uma hilaridade incessante, interpretada como foi por todos os que nella tomaram parte.

De um intervallo a outro, encarregaram-se os Srs. Pinto de Abreu e Arthur Gonçalves de dar um desopilante supplemento, representando o primeiro a scena comica « Viagem á roda do mundo a pé » e n' seguido « Minha familia » do repertorio do ingenio Silva Pereira. Uma noite cheia! E que platéia! retira-se a gente do theatrinho pensando em idyllos e lua do mel!

Está annunciada para o dia 31 do corrente, naquella palco, uma recita de auctores.

Serão representadas produções de socios do theatrinho. Já estão escolhidas: *Kelly*, traducção do francez pelo Sr. F. Coimbra; *Afinal a mesa está posta*, cujo auctor desconhecemos, e a comedia em 1 acto *Um estratagemna conjugal*, original do Sr. Alexandre Gasparoni.

Os estreitantes recommendam-se á benevolencia dos frequentadores do theatrinho da Gávea.

D. PICCOLINO.

PARNAZO ALEGRE

A UMAS ORELHAS

(EPIGRAMMA)

Que orelhas grandes! Tapam-te os olhos! ..  
Da Suissa os montes não são tamanhos!  
Nem são orelhas, estes trambolhos,  
São dois de carne mundos estranhos.

Para que esse immenso par de orelheiras  
Podesse em mezes architectar,  
Talvez que algumas seis consilheiras  
Jeboval deixasse de fabricar.

O teu ouvido hosques encerra!  
Se as operosas, loiras abelhas  
Morressem todas, a toda a Terra  
Dariam cêra tuas orelhas...

Se alguém num ermo fosse encontrar-te  
Sob as orelhas, quedo, a dormir,  
Vendo-as, diria por toda a parte  
Que um paiz vira por descobrir.

Para que um mosquito fazer lograsse  
Algum prurido nessa epiderme,  
Fera preciso se transformasse  
Num lobo, ou mesmo num pacbiderme!

E das batalhas ante os perigos,  
Certo que nestes dois pavilhões,  
Entrar haviam, — dos inimigos  
Ficando livres, — os batalhões!

Se tu levasses duas semanas  
Sem vasculhar-as, estercor immundo  
Dariam essas duas cabanas  
Para as hortas todas que ha pelo mundo!

E se uma peça de artilharia  
Fosse um ouvido só d'esses teus,  
Com um só balasto derrubaria  
O Pão d'Assucar e os Pyreneus!..

Temer não debes raios e chuvas...  
Com taes barracas, de cêra cheias,  
Lembras formigas, das taes saúvas,  
Levando ás costas duas baleias!

E o craneo em via ferrea encostando,  
São teus ouvidos um baeiro tal,  
Que um trem iria nelles passando,  
Como num tunel de pedra e cal!

Se, um dia, dentro do Mar cabissem,  
Muitos navios naufragariam! ..  
Quatro gibolas se um dia as vissem,  
Comel-as todas não poderiam!

Que som te chega da orelha ao centro?  
Pra que ouças de uma musica o som,  
Da orelha orchestras colloca dentro,  
— Porem compostas de bombardon.

Se um fero tigre te accomettesse  
Em meio ás mattas, alguma vez,  
Para que ao teu corpo chegar pudesse,  
Roeria orelhas durante um mez!

Se se acabassem as olarias,  
Essas orelhas, tão singulares,  
Sem muito custo, transformarias  
De longas telhas em scentenares!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

THEATROS

Por carta recebida de Buenos Ayres, sabemos que o grando Emanuel tem tido delirantes successos, especialmente no *Othelo*, *Morte Civil* e *Figaro*.

A esperançosa Virginia Reiter, contra n expectativa, teve um acolhimento um tanto frio. Acbamos injusto tal proceder da parte do publico buenarense.

A talentosa actriz merece já provas de admiração e palavras de animo, pois tudo possui para tornar-se uma sumidade artistica.

Roncoroni, o sympathico, insinuante e gracioso Roncoroni, só tem podido fazer-se applaudir em comedias de 1 acto. Em Buenos Ayres, como aqui, uma secreta má vontade, partida de algum genio maligno dos bastidores, o tem afastado do quadro luminoso da companhia e impedido de fazer apreciar os seus dotes de actor consciencioso e finamente comico.—Consolte-se Roncoroni, poleudo crer que deixou no nosso publico grata recordações e que a sua volta ao nosso paiz será sempre saudada com effusão e jubilo.

As receitas tem sido esplendidas. Em quatro espectaculos ganhou a empresa 42:000 francos!!!.

EDEN-CONCERTO

Não ha como ter talento *saber ver* o que é bello, o que é bom, o que é *chic*.

Neste caso está Furtado Coelho, o eminente actor, o perfeito *gentleman*, o emprehendedor audaz, original e activissimo.

No anno passado, ao terminar a sua ultima estação theatral, partio para Pariz, com uma idéia a *parafusar-lhe a bola*: — transformar o seu querido theatrinho Lucinda em um Eden no *Eden-Concerto*.

Lá se munio de tudo o que era necessario á realisção da sua idéia e voltou e chegou e metteu mãos á obra, e dois mezes depois annunciava a inauguração do *Eden-Concerto*! E' hoje.

Isto é que é homem!

Convidado pelo seu amabilissimo director, visitámol-o hontem. Uma *boite à surprises*, mas á *beaucoup de surprises*. O magico Furtado Coelho transformou aquillo, inteiramente, em um verdadeiro *Edensinho*, a que não faltaria, para ser completo, o « fructo prohibido. » Ha ali de tudo: salões para toda especie de jogos: de cartas, bilhares, dynamometro, pião hollandez, tiro oriental, bagatella; salões para palestra e consummações; botequins por todos os lados, bem sortidos e de preços communs, kiosque para bilhetes de loteria, outro para café; *vitrinas* com exposições de generos de varias ensas commerciaes, das mais importantes, uma *pedra* para publicação de noticias commerciaes, maritimas, politicas e outras,—em summa: ha o diabo. E não falámos ainda no interior do theatro, que está ainda muito mais *bijou* do que era, com tres ou quatro filas de cadeiras, apenas, sendo destinado o palco aos concertos diarios, tendo uma orchostra fixa de 30 professores, sob n regencia do maestro Gravestein.

Não falei tambem ainda no *Eden-*

*Concerto Club* — Já se vé que eu eou nm dos quarenta socios (os quarenta immortaes?) e que pretendo aproveitar, muito aproveitadinhas, todas as regalias e todos os direitos que me outorga o cartão de socio.

Emfim, inaugura-se hoje.

Depois conversaremos sobre o acolhimento que teve a admiravel idéa de Furtado Coelho, a quem, por conta, vamos dando já uma carrada de sinceros e entusiasticos parabens.

PHENIX DRAMATICA

Com regular concurrencia deu-nos hontem a empresa d'este theatro, em *reprise*, o espectacularo drama *O terremoto das Antilhas*.

Todos os artistas interpretaram com agrado geral os seus personagens, sendo applaudidos e victoriados pela plateia.

A peça está posta em scena com muito capricho e são de bello effeito as suns scenographias.

E' por todo os motivos merecedora da coajjuvação publica a empresa Primo da Costa pois que não poupa sacrificios para a montagem de peças, como esta, muito do agrado das nossas plateias.

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

GRUTA DAS FLORES

Sob a direcção da distincta pianista D. Francisca Gonzaga, e com grande brillantismo, deu este Club o seu concerto inaugural a 15 do corrente.

Não sabemos o que mais applaudir, desde a magnifica *ouverture Mchabet*, desempenhada com toda a arte pela banda do corpo de policia da Provincia, até a deslumbrante *Ujára-Improptu*, briosamente executada por D. Francisca Gonzaga. Tudo foi um arrebatamento, um *elens magico*, que nos levou ás regiões da admiração e do extasi.

Gregorio de Rezende, um grande clarinetista mineiro, quasi desconhecido do nosso publico, mereceu os mais ardentes applausos, obteve um verdadeiro successo.

A sua clarinetta arrebatava, fascina. Não temos lembrança de ninguem que lhe leve vantagem na arte de tocar este difficilimo instrumento.

D. Francisca Gonzaga, Cernicchiaro e o intelligente amator Fontes, com a sua delicadissima cythara de arco, e os demais artistas foram freneticamente applaudidos.

Depois do concerto, terminado á meia noite, seguiram-se as danças, que se prolongaram com grande animação até de manhan.

A' directoria do Club, composta de aenhoras distinctissimas, foi de uma amabilidade sem limites para os seus convidados.

Sabimos de lá penhoradissimos.

Não podemos deixar de felicitar a D. Francisca Gonzaga pelo brilhante concerto que organisou.

Parabens a Nichtsroy.

CONGRESSO BRAZILEIRO

Não podia estar mais animado do que estevs, e nem tão concorrido, o brilhante sarão-concerto, que a mui festejada sociedade Congresso Brasileiro n 15 do corrente realisou.

As distinctas amadoras e nmadores que por gentileza tomaram parts no concerto vocal e instrumental, desempenharam os escolhidos trechos do programma com toda a perfeição, merecendo grandes applausos.

Após o concerto, começaram as danças, continuadas até que a musica deu signal de findo o baile com o *grand galop*, e assim tambem saudou o dia, que radiante ia apparecendo, o a illustrs e gentil directoria, não se descuidou um momento dos seus convidados, obsequiando-oa cavalheirosamente.

CLUB HÉBE

Perante numerosa s escolhida concurrencia, a elegante sociedade Club Hébe, realisou no sabbado paesado o seu 11.º sarão concerto.

No concerto vocal e instrumental, as distinctissimas amadoras e os amndores foram, como empre, muito bem, merecendo por isso repetidas ealvae de palmas.

O baile foi até de madrugada, sempre animadissimo.

TIO ANTONIO.

FACTOS E NOTICIAS

O nosso estimado collega do *Diario Mercantil* Gaspar da Silva foi, ha dias, surpreendido com a imprevista e tristissima noticia de haver fallecido em Portugal seu irmão Julio, um rapaz de talento, que, com brillantismo, cursava o quarto anno de Direito na universidade de Coimbra.

Não faremos pbrases sobre tão grande desgraça: abraçamos, unicamente, a Gaspar da Silva. Elle bem sabe o quanto vale sm sentimento e nosso triste abraço.

O nosso estimado collaborador Dr. Rodrigo Octavio foi nomeado promotor publico de Santa Barbara. S. Jeronymo!..

RECEBEMOS

— « Collecção geral dos horarios de trens das ferro-vias do Municipio Nautro e das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, com o preço das passagens etc. (Sstembro). » Um grosso volume, bem impresso e cartornado. Impoitante e utilissimo trabalho, que muito honra o zelo e a intelligencia do Dr. Ewbank da Camara, digno director da Estrada de Ferro D. Pedro II. Além de todaas as indicações precisas quanto ás distancias, horarios, preços de passagens etc traz este gnia os varios regulamentos da E. F. D. P. II e das que com ella entroncam e se relacionam.

—Estatutos do Club Republicano Casa-Branquense.

—A Herdeira de Birague, fasc. 4.

Recurso Crime. Recorrente D. Marianna da Silva Araujo e recorrido José Maria Lopes dos Reis.

—Trabalhos da Secção de Estatística, anexa á 3ª Directoria da Secretaria dos Negocios do Imperio. Muito importante.

—Postillas de grammatica ingleza. Coordenadas segundo novo programma da Instrução Publica, por Jasper L. Harben. 1º Fasciculo.

**ANNUNCIOS**

**Dr. André Rangel.** — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

**F. Navarro de M. Salles** — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

**Dr. Araujo Filho** — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

**Julio Cezar Tavares Paes** encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O **Hotel Derby**, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com accio e optima cosinba. Esplendido terraço com caramanchões.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**C ?  
CAN ?**

**ONDULAÇÕES SONORAS**

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

**Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes**—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

**Alvores matinaes**, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

**Pharmacia Monteiro** Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase paucreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

**Almanack de Casa Branca** Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

**C ?  
CAN ?**

**Solicitador**—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fóra.

**Augusto Luzo.** — incumbese gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

**LYCEU DE S. GONÇALO**

Provincia de Minas Geraes, cidade de S. Gonçalo do Sapucahy

Neste collegio leccionam-se todas as materias do curso primario e as do secundario necessarias á matricula nos cursos superiores do Imperio.

As aulas funcionam desde o dia 7 de Janeiro até o ultimo dia util de Outubro.

O DIRECTOR,  
José Gomes dos Santos Guimarães.

**OBRAS COMPLETAS**

DE

**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

O primeiro a publicar, **RETRATO DE RICARDINA** todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Sis.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um **RETRATO DO AUCTOR** aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom **RETRATO MODERNO DE**

**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

A edição é **LUXUOSA**. A publicação far-se-ha em fasciculos de 72, ou 60 aginas e uma **GRAVURA**, pelo preço de 500 rs, cada uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado. Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acabam á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

**José Antonio de Freitas**

**HAMLET**, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol. .... 4\$000

**OTHELO**, tragedia em 5 actos. 1\$500

**Henrique Lopes de Mendonça**

**O DUQUE DE VIZEU** drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto. .... 4\$000

**SGANARELLO**, comedia em 1 acto de Molière, versão. .... 800

**Erekmann Chatrion**

**O ILLUSTRE DR. MATHEUS**, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro. .... 2\$000

**D. Guiomar Torrezão**, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Macbado e Candido de Magalhães *Contos Cór de Rosa*. .... 2\$000

**Braz Tizana Junior**

**CASAMENTO IMMACULADO** 800  
POR VARIOS ESCRITORES

**UNIVERSO ILLUSTRADO**, 5 vol. com 524 gravuras. .... 25\$000

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

**ALFAIATARIA**

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punbos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

**GRANDE FABRICA DE FLORES**

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

**COLLEGIO INTERNACIONAL**

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

**AS ULTIMAS NOVIDADES**

em legitimos e superiores chapéos ingleses e francezes encontram-se na

**CHAPELARIA INGLEZA**

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

**LYRICA**

DE

**FILINTO D'ALMEIDA**

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço. .... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

**VERSOS E VERSÕES**

DE

**RAYMUNDO CORRÊA**

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço. .... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 7 DE NOVEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III—Ns. 148 e 149

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|   |                 |
|---|-----------------|
| Expediente.....                         | V. MAGALHÃES.   |
| «A Semana».....                         | V. MAGALHÃES.   |
| Escreptores do Norte do Brazil.....     | F. TAVORA.      |
| Transformação, poesia .....             | R. AZAMOR.      |
| O poeta favorito.....                   | O. SILVA.       |
| Naufragio do coração, soneto.....       | M. TEIXEIRA.    |
| Naturalismo e pessimismo.....           | ARARIPE JOR.    |
| O Amazonas, poesia.....                 | M. C. V. CUNHA. |
| Estudos da Litteratura Brszileira ..... | SYLVIO ROMÉRO.  |
| A escrava fiel, poesia.....             | MERIGANO.       |
| Grave ou esdruxula.....                 | G. BELLEGARDE.  |
| Esqços e auroras.....                   | MAX FLEIUSS.    |
| A viola.....                            | TIO ANTONIO.    |
| Festas, bailes e concertos              |                 |
| A morte e o carnaval, soneto.....       | J. M. SILVA.    |
| Diversas publicações.....               |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                   |         |
|-------------------|---------|
| CÔRTE E NICTHEROY |         |
| Semestre.....     | 4\$000  |
| Anno.....         | 8\$000  |
| PROVINCIAS        |         |
| Semestre.....     | 5\$000  |
| Anno.....         | 10\$000 |

As assignaturas todas e pagas desde já vigorado:  
as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atraso a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e és que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adeline A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignatura e por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pamparos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Rio, 7 de Novembro de 1887.

Após dois annos e dez mezes de trabalho insano, de pertinazes e rudes esforços e de toda sorte de sacrificios dignos, vi-me forçado a desistir da tarefa arduissima de levar por deante *A Semana*, folha fundada sob os melhores auspicios e que obtivera a mais lisougeira e animadora acolhida: — desde o die 31 do mez passado que é proprietario d'esta folha o Sr. Bellarmino Carneiro e seu redactor principal o Sr. Borges Carneiro, ao primeiro dos quaes passei a propriedade d'*A Semana* sem nenhum onus nem responsabilidade — a não ser a do implemento integral dos assignantes tomalhas e pegas.

Se não fui afortunado na empresa de sustentar um hebdomadario inteiramente dedicado ás Letras, se nella abysmei alguns contos de reis meus, algumas centenas de mil reis do amigos que me auxiliaram na fundação da folha, e tres annos de ininterrompidos; e duros esforços, trabalho e desgostos, não posso attribuir esse insuccesso parcial ao Publico, pois *A Semana* um anno depois de fundada tirava mais de tres mil exemplares, contando cerca de dois mil e quinhentos assignantes e ainda hoje, que a passo a outras mãos, conta ella cerca de dois mil assignantes.

Manda a Verdade que eu declare—e vou declarando-o *ad memoriam rei*— que nesse algarismo entra a Corte com um contingente miseravel, contingente cuja maioria é formado justamente por aquellas pessoas das quees era natural esperar-se que dispensassem á *Semana* sympathia e auxilio.

Triste, sim — mas tambem curiosissima essa apathia faki riena da capitel do imperio ante a folha que, com todos os sacrificios, se destinava e trabalhava para representar o ssu a leatamento mental, para completar o quadro da sua imprensa de cidade civilisada e progressieta, a principal de um paiz americano, com pretensões scientificas, artisticas e litterarias!

A outras causas, portanto, que não á indifferença do Publico—das provincias subentenda-se—nem á parte reletive á direcção e redacção de folha,— que sempre mereceram gabos e applausos— se deve attribuir este resultado, que, embora triste para mim e para os meus amigos, imprevisto e inesperado para muitos, é mesmo assim, e ainda, uma prova de que não era *A Semana* uma folha abandonada, votada á morte; tanto assim que ahí vae ella continuando a sua rôta, embora em outras mãos — estrenhas, mas amigos — animada do mesmo programma e nas mesmas primitivas condições.

E' que ao seu digno proprietario actual não fallcem os dois elementos, cuja carencia ultimamente ia levando

*A Semana* á morte: — aptidão administrativa e algum capital pera ecudir ás difficuldades economicas da empresa.

A minha folha não morreu: continue a viver e viverá longa e prosperamente porque estão removidos os apontados obices que lhe empesciam a marcha.

A veta perecer nas minhas mãos, perdendo todo um tão longo e penoso trabalho, tantas e tão risonhas esperanças, tão numerosos e fecundos elementos de vida, preferi que ella passasse a outras mãos, pois nellas iria florescer, fructificar,—viver, emfim.

Se muito vae ganhar agora *A Semana* (e unica das minhas obras de que immodestamente me orgulho) na parte relativa á administração, nada perderá tambem quanto á direcção litteraria á redacção, pois mais do que eu reune o meu illustrado successor as qualidades precisas para o cargo.

Pela minha parte—e não é difficil comprehender o interesse que nisso tenho—concorrei com tudo quanto de mim depende para a prosperidade da folha de que, se já não sou proprietario nem director, continuo a ser e melhor amigo.

E tanto, que acedendo gostosamente eo convite dos ssus novos directores, dar-lhe-ei a minha collaboração e procurarei manter a dos amigos que, tão preciosa e desinteressadamente, me auxiliaram sempre.

Aos antigos assignantes, a todos os protectores e amigos d'*A Semana* peço com vivo empenho continuem a honrala com as suas sympathias e o seu auxilio.

Isto posto, resta-me agradecer aos meus companheiros de trabalho e a todos os collaboradores da folha e a todos os amigos, sem cuja cooperação eu teria desanimado ha muito e desistido da empresa, mais ainda que os seus serviços e obsequios, as constantes provas do seu apreço e da sua estima. A todos o meu cordial e perduradouro agradecimento. Não individualiso ninguem porque maior falta do que calar os seus nomes seria a de esquecer algum d'elles.

Seja-me permitido, comtudo, abrir uma excepção: quero externar publicamente o meu reconhecimento a tres antigos compenheiros de trabalho, que, mais do que meus empregados, foram meus verdadeiros amigos: —os Srs. Vieira Borgas filho, chefe da officina typographica, um digno ornamento da sua classe, o Sr. Antonio de Andrade, expeditor, e o Sr. José de Carvalho, auxiliar da administração. Que esta declaração lhes possa servir de attestado do seu zelo e da sua honradez, se algum dia for necessario.

Aos meus dignos continuadores de sejo todas as fortunas, e á minha querida folha—ia dizendo *filha*—e pujança, o brilhantismo e a prosperidade que lhe não pude dar.

VALENTIM MAGALHÃES.

## Escreptores do Norte do Brazil (\*)

VI

O Sr. Joaquim M. Serra

Comquanto este escriptor seja bastante conhecido no sul, onde reside e esta serie de criticas se destine particularmente aos que são apenas conhecidos nas suas provincias ou nas vizinhas, dou-lhe logar aqui como dei a G. Dias, por dous motivos que são obvios: 1º seria imperdoavel lacuna, tratando-se de uma galeria litteraria nortista, omitir escriptores que alli deram as primeiras provas do seu talento embora posteriormente se transportassem á Côte, onde receberam e confirmação ou *sancção*; 2º nos seus escriptos encontro provaa que muita autoridade ministram a minha these visto que são specimens da feição litteraria que me proponho tornar aceita eos pensadores bem intencionados e de animo isento de qualquer preconceito de bairrismo, que desnortee a exacta observação.

O Sr. Serra está neste caso. Pelos seus escriptos, ao lado dos de outros, é que justamente me foi suggerida a idéa da differença nas produções dos dous meios brasileiros. Como esquecer-o? Seria o mesmo que privar-me de uma das minhas melhores armas para o combate.

O Sr. Serra aceitará a minha idéa? E' pergunta a que não posso responder satisfactoriamente. Nunca me entendi com o distincto escriptor sobre este ponto. As nossas relações sociaes são muito curtas. Poucas palavras temos trocado em perto de 10 annos que vivemos no mesmo meio.

E' bem possivel que elle não aceite a minha idéa em toda e sua amplitude; é possivel que ella lhe pareça exacta, mas não conveniente. São do Sr. Serra os seguintes conceitos, em suavissima e natural ryma:

« Entendo que esta Côte é grande corte,  
Que ella sabe o que faz!  
Por ser fillo do mato  
Camponio lá do norte  
Não é que hei de fazer o descasto  
De deedenhar daquillo!  
Eu sou disso incapaz,  
Fique o Rio tranquillo!  
Embora eu seja um rude montanhez  
Sei o adagio e... a Côte sou cortez. » (1)

Ninguem veja na transcripção destes versos a menor insinuação desfavoravel eo autor que eu reputo digno de toda a consideração. Vejam a verdade sem malicia.

(\*) Partence á serie que começou a publicar-se em a *Nueva Revista de Buenos Ayres*.

(1) Versos de Pietro de Castellamare pag.

Mas não é exacto que não vale a pena perder affeições e ganhar desaffectos por pequenas coisas como são as litterarias? Eu posso falar neste assumpto *ex-cathedra*. Tenho adquirido inimizades que poderiam ser, pelo menos, outras tantas sympathias, si eu não andasse nesta ardua e ingloria campanha de litteratura do norte. Ninguem quer attender a que sou levado pelo amor á verdade. Suppoem alguns que quero celebrar-me, tornar-me chefe de escola, inventor de qualquer coisa.

Qualquer que seja porem a opinião do Sr. Serra sobre a these que sustento, o que me parece poder affirmar é que nos seus escriptos se depara perfeitamente caracterizada a alma da terra onde se formou a sua individualidade litteraria. Nem podia acontecer o contrario, e o seu juizo trahe a sua consciencia quando n'uma critica sobre *O Cabelleira*, se exprime nestes termos:

« Para nós é ponto fóra do duvida que é um proposito serio esse o do Sr. Franklin Tavora discriminando o que elle chama a litteratura do norte, da litteratura do sul.

« Talvez o erro esteja na denominação; mas a cousa existe.

« O modo de olhar, de sentir, e de fallar é muito diverso em certas zonas do nosso paiz. Ha verdadeiras novidades para o homem do sul naquillo que é usual e comensinho na vida do homem do norte.

« Scenario, typos, tudo varia. » (2)

Destas palavras eu poderia inferir que, ao menos está muito perto de mim, sinão está totalmente comigo, o critico perspicaz.

Os escriptos do Sr. Serra estão no mesmo caso dos de G. Dias: foram publicados antes de vir á luz a these que iniciiei com *O Cabelleira*. Não se fallava na dupla feição da litteratura nacional. Os livros saíram-lhe espontaneamente do espirito; e é por isso que mais auxiliam a minha idéa.

Não é uma das menos robustas provas do meu tema o facto de pertencer ao norte quasi todos os assumptos dos seus livros, ainda mesmo do que publicou quando já estava de residencia fixa na Côrte.

Deixemos de parte os *Versos de Pietro de Costellemare* que accusam um dos nossos mais fluentes e graciosos poetas. Estes versos, e bem assim o *Salto de Leucade* (3) podem pertencer a todas as litteraturas porque são na sua maior parte, traducções ou imitações. Voltemo-nos para o seu poema—romance *Um Coração de Mulher*. (4)

É um dos mais espontaneos trabalhos que temos em verso. Descripções sobrias accusam no auctor penna feita no seu officio. A facilidade quer no verso, quer na rima, poucas vezes em nossa litteratura subiu tão alto. A pintura dos ciganos, esses bohemiões que desapareceram de Pernambuco, Paralyba, Rio Grando do Norte, onde apenas deixaram as suas tradições, mas ainda se encontram no interior do Maranhão, tem no livro um colorido que interessa ao leitor, pelas particularidades que lhes são proprias.

O assumpto do romance é nenhum—uma filha que deixa a casa paterna a onde volta, depois da sua deshonra

(2) Folhetim da *Reforma*, 1876

(3) S. Luiz do Maranhão, 1868. Neste volume de poesias compoetas no Rio de Janeiro em 1866 veja-se a *Tercera parte* (Hemorriticas)

(4) S. Luiz do Maranhão, 1867

que foi lavada com o sangue do seductor pelo irmão da seduzida. Nada mais simples É um pretexto para descrições. A cor, a luz, o perfume, a paisagem, os costumes eis o que é maior no livro. Muitos desses costumes, muitos dos vocabulos empregados são communs a todo o norte, e estranhos no sul.

Damos algumas das descrições para exemplo. Seja a primeira a dos ciganos:

« Em baixo de umas mangueiras  
Mui copadas e altaneiras,  
Distante da habitação,  
Algumas redes armadas,  
Fortemente balançadas  
Presas nos troncos estão.  
Nesse sitio, que alvorçoço!  
O velho, a creança e o moço  
N'uma rede, aos dois e trez!  
Que algazarra diversas!  
Um'hora alegres conversas,  
Gritos, pragas outra vez!

« Na arcaia um menino rôla,  
Fazendo affagos a um cão:  
Tôca e canta na viola  
Mais adiante o seu irmão.  
Um papagaio ensinado  
Grita e fala esfomeado,  
Tornando a bulha maior!  
Alorges, canastras, sellas,  
Brides, silhas e fivollas  
Estão esparços derredor.  
Muitas mulheres formosas  
De floridas primaveras,  
Muitas outras horrosas  
Avelhentadas megéras!  
Com muitas rendas e fitas  
Estas se fazem bonitas  
No caprichoso trajar!  
Aquellas, quasi despidas,  
No canto estão encolhidss,  
Ninguem as pode fitar!

« Os homens todos armados.  
É um ambulante arsenal!  
De prata e ouro adornados  
O claynoto e o punhal  
A unór parto está assentada  
Na porteira do quintal;  
Pasta solta a cavalhada  
No meio do capinzal.

« Filhos do sol e serenos,  
Rostos queimados, morenos,  
A tropa toda é assi!...  
Mas, que caravana é essa,  
Que parece não ter pressa  
E vem repousar ali?  
São os errantes ciganos,  
Que enfestam nosso sertão,  
Passam-se annos e annos  
E sempre em viage estão » (5)

O Maranhão é fertil em poeta: Os mais inspirados que temos são d'alli. O Sr. Serra confirma a regra.

Talvez por muito identificados com a sua terra todos os poetas do norte são bairristas. Cada um d'elles, antes de nortista, é provincialista. O Sr. Julio Cezar abre o seu livro *Pyraustas* com a poesia *Saudades do Pará*, e fecha a primeira parte com a que se intitula *Salve! Pará*. José Coriolano, de que tratarei opportunamente, canta o seu *Piahy* como filho estremeado. Juvenal Galeno é todo o seu Ceará. Antes d'estes já G. Dias que devia ter uma intuição mais generica ainda assim revela-se possuido, em mais de um logar das suas obras, desse sentimento natal a que não se resiste impunemente. O

(5) *Um coração de mulher*, pag. 35.

Sr. Serra tem uma declaração irrecusavel.

Minha alma fica expansiva  
No meio destas montanhas!

Eu amo a vida modesta  
Que se goza no sertão;  
Eu amo a virgem floresta  
Do meu patrio Maranhão.  
Passei lá serenos dias  
De tão gratas alegrias  
Como não tenho mais, não.

Floresta inculta e sombria,  
Ermo que me viu nascer,  
Amo-vos muito, hoje em dia  
Outro amor não quero ter.

« Que dias tão bem passados,  
A divagar pelos prados,  
De florinhas ennastrados  
Com mais graca que os jardins!  
Na caçada costumeiro,  
Sósinho, sem companheiro,  
Atraz do veado galheiro,  
De um bando de jacamins!

Aquellas noites do campo:  
Umas braucas pela lua  
Outras de brilhos tão nuas,  
Só com a luz do pirilampo!  
Cantigas em desalio  
Já na eira, já no rio,  
Mais longe o som de um tambor!  
De cajueiros no centro  
Nossa casinha, e lá dentro  
Doces conversas de amor!

« Campos de tantas palmeiras,  
Palmeiras do meu sertão,  
Montes, rios, cachoeiras  
Do meu patrio Maranhão! » (6)

O Sr. Serra tem talento especial para as quadras. As suas concepções são curtas, mas vivas. São resuínos de grandes vistas ou concentrações de grandes sentimentos. Não tem um só livro que passe de cento e cincoenta paginas; mas dentro de tão pequenas molduras desenhia feições e puineis que talvez apparecessem pallidas ou desbotadas si fossem maiores as dimensões da tela.

Isto se vê muito melhor no seu livro *Quadros* (7) ultimo que deu a lume.

Como os *Versos de Pietro de Castellamare*, tem uma parte que se compõe de traducções, particular em que a sua penna é muito distincta. Rogeard, Hermogene, Irisarri, Thomaz Moore, Blanco, Cuartin, Carponcho, Ricardo Palma contribuíram com suas flores para esse ramilhete loução.

A parte original, intitulada *Sertanejas*, a parte que verdadeiramente justifica o titulo da obra, versa sobre assumptos locais—festas populares, crenças, preconceitos, costumes campestres. A *missa do gallo*, que põe em revolução a gente do povoado, a *casu maldita* que recorda uma tradição de saugue; o *desafio á viola* tão communi, e sempre tão grato, nas festas do campo; a *cruz da estrada*, representação de uma tragedia de morte; as *almas penadas*, restos de creuças populares que ainda se deparam no interior das nossas provincias; o *feitio*, typo dos engenhos e fazendas; o *cabullo acuado* que refuga passar por certo logar; o *mestre de resa* que ajuda encontrei na capital do Pará

(6) Obr. cit. pag. 71.

(7) Rio de Janeiro, 1873.

tirando a via sacra; *rasto de sangue* que não é sinão a rapida pintura de uma lucta entre a onça e o touro; o *roceiro de volta*, critica muito fina aos costumes do interior; a *desobriga* com que tanto se assanha o mulhiero e que tantos episodios, já grotescos, já simples e innocentes suggere—eis os quadros que o Sr. Serra, põe diante dos olhos do leitor, com vigor de tintas que não é commum.

Si em todos estes assumptos alguns se apontam que poderiam encontrar analogas nas provincias do sul, outros são puramente do norte; e quando os assumptos podem parecer-se, as cores, o vocabulario dão uma feição particular á pintura que não se encontra nos quadros dos poetas do sul.

Desle o Maranhão J. Serra cultiva largamente o *folhetim* e a *critica litteraria* e *dramatica*.

Não tendo porem publicado livro algum em que appareçam colligidos os escriptos dos mencionados generos, sou levado a concluir que a sua predilecção é pela poesia, revelan-so nesta, como qualidade predominante a apreciação faceta, o *épigramma*, que não offende, mas móe, *epigramma* fino, gracioso, que desperta riso naquelle mesmo em quem recale.

Estava já escripta esta rapida apreciação, quando me vieram ás mãos esclarecimentos completos sobre o illustre jornalista. Infelizmente, a urgencia que exige esta publicação não me permite aproveitar agora as referidas informações.

FRANKLIN TAVORA.

## TRANSFORMAÇÃO

Outrora, quando não te conhecendo,  
no meu olhar o teu olhar não via,  
a minha vida era um inferno horrendo,  
toto cercado de melancholia!

Aves e flores, toda a natureza,  
e tudo quanto d'ella existe, tudo  
a alma indifferente olhava, presa  
de um profundo pezar secreto e mudo.

Semi-morto, tremente, a fraquejar  
como a aza de um fraco nassarinho,  
vivia o coração em desalinho,  
vivia o coração sempre a penar.

Mas um dia te vi, e desde a hora  
em que surgiu-me tão feliz ventura,  
a alegria rompeu como uma aurora  
na minha vida horrendamente escura.

E desde esse momento inesperado,  
outra alma mais forte e mais valente  
senti que me arrancava alegremente  
daquelle antigo cahos amargurado.

Hoje que vivo de te vêr, formosa,  
hoje que vivo, flor, do teu olhar,  
sinto no peito um coração que gosa!  
sinto no peito um coração te amar!

RICARDO AZAMOR.

## O POETA FAVORITO

A ARTHUR AZEVEDO

O de Luizinha era um de nome Fulano Val-verde, autor de dois livros de versos, ambos ruins e debilitantes, como dois dias de abstinencia.

Entretanto Luizinha adorava-os; habituara-se ás estrophes pulhas do poeta, cheia todas de logares -- comuns, de pombas gemebundas, de suspiros da tarde, murmurios de regatos e outras parvoíces do mesmo jaz.

Os versos sabia-os quasi todos de cór. Para lê-los e mais se compenetrar da magia que lhes achava, tinha por costume preparar o *mise-en-scene* á tardinha, no fundo da chacara do papai, a bordo do tanque, onde brincavam peixinhos doirados, debaixo das laranjeiras em flor, illuminado tudo isso pelos ultimos raios do sol-poente.

Como lhe sabiam bem nesses momentos os versos do seu bardo!

Si pudesse, passaria toda a sua existencia assim, muito ealevada, inconsciente do mundo e da realidade da vida, num constante estado de extasis contemplativo.

Era tão doce aquillo!...

E por um trabalho de lenta infiltração, no espirito de Luizinha não havia outra preocupação o não ser a delicia ineffavel, a dulcorosa harmonia do ser poeta, a linguagem ardente e apaixonada daquelles dois livros que lhe pareciam mais macios do que a polpa de um côco verde.

Tinha para si a romantica donzella que o seu querido autor só podia ser um rapaz de vinte annos apenas, louro, pallido, candido, com um sorriso de creança e bello, como um nocturno de Chopin.

Fantasiava-o vestido á moda dos pastores da Arcadia, cabelleira basta, solta sobre os hombros, desaliando os beijos da brisa vespertina, de bucolica avena, sempre preparado para as mavisas serenatas das noites estrelladas.

Como o adorava! Com que delirio o apertaria de encontro ao seu palpitante, para ouvir-lhe então, da propria bocca, as inspiradas endeixas, os delicados malrigaes, os bouitos idyllios feitos de um raio da lua sobre o espeelho de um lago!

Todos os outros homens amesquiuhavam-se, desapareciam quasi em sua imaginação enferma.

O Val-verde unicamente lhe enchia toda a alma, vibrava-a como as cordas de uma lyra, omprestando-lhe uns tons de luz crepuscular peneirada pelas frangas das florestas bravias.

Essa continuada excitação para um idealismo absolutamente incomprehensivel deu em resultado, como era natural, uma especie de estado morbido representado por uma como alienação completa das cousas reaes, um eterno divagar pelos espaços azues dos sonhos sem fim.

Foi lentamente se fazendo outra no physico e no moral: os olhos dilataram-se, pouco a pouco, tornou-se pallida, evitava a companhia de quem quer que fosse para estar muito só, no silencio do jardim, relembando as estrophes do seu vate pre-lilecto com a vista pregada nas nuvenzinhas brancas que empennachavam o azul do espaço.

Houve até quem a chamasse idiota. Felizmente curou-a um acaso.

Por instancia do pai resolveu-se Luizinha a ir a um baile em casa do barão X.

E' inutil dizer que não dançou uma só vez.

Aborreciam-na todos aquelles sujeitos, igualmente vestidos, monotonos nos trajés e nas poses, vulgares no modo de cumprimentar, de dizer amabilidades, sem que um só, ao menos um, se salientasse dos outros por qual-

quer cousa de mais nobre ou de mais elevado.

Achava-os de um rediculo esmagador, estreitamente mettidos em funebres casacas pretas e colletes abertos, curvados, como arcos, diante das moças de quem solicitavam uma valsa, com um eterno sorriso inexpressivo constantemente engatilhado no canto dos labios.

Não aceitou por consequencia nenhum cos cavalheiros que lhe pediam a honra de uma centradança.

Para matar o tempo entretinha-se conservando sobre o seu poeta favorito, com uma antiga companheira de collegio, que tambem não dançava, por se sentir ligeiramente indisposta.

Como de costume, repetiu pela millesima vez o panegyrico do Val-verde; manifesta o seu enthusiasmo pelo estio inexcedivel do bardo e acabar, depois de uma arrebatada manifestação de apreço, dizendo que só lamentava não o conhecer.

— Pois, olha, é facilissimo, diz-lhe a amiga, posso t'o mostrar sem me levantar daqui.

E apontou para um grupo que conversava a um canto do salão.

Luizinha sentiu-se tomada de subita commoção; ia conhecer o seu idolo, o apaixonado autor dos versos que tanto a encantavam.

Foi com verdadeiro sobresalto e alentadas palpações no coração que acompanhou com o olhar a direcção indicada pelo dedo de sua interlocutora.

Mas terrivel desillusão a aguardava.

Em vez do pastor louro e polido, appareceu-lhe diante dos olhos medonho, com um pesadelo, o typo completo de um Saneio Pauça, burguez e chato, com uma moeda de cobre asinhavrada.

O Val-verde era um esboço do Quasi-modo.

Representava cincoenta annos de idade; a cara larga e vermelha tinha por moldura uns cabellos eriçados, com profundas soluções de continuidade.

De bigode nem sombra. As pernas formavam duas curvas irregulares, fechadas na parte inferior por duas furdaveis lanchas de reboque, com a força necessaria para arrastar o respeitavel abdomen, empinado e saliente como o bojo de uma pipa.

O traje estava completamente de accordo com o typo: largo e mal arranjada casaca de abas muito longas, collete de velludo preto, de dois botões apertados, deixando ver a grandeza da phenomenal barriga, modelada pela camisa fechada por passadores de ouro do Porto, muito em moda no tempo do D. João IV.

Luizinha sentiu sensação identica á que se exprimenta quando passamos de um salão inteiramente illuminado para um campo em completa escuridão; a figura grotesca do Val-verde esvasiou-lhe a alma, dissipou-lhe os sonhos e deu-lhe um tombo subito do ridente paiz das scismas vagas para o terreno crú das suas realidades.

Pretextou um incommodo e retirou-se.

No outro dia não foi mais para a beira do tanque de peixinhos doirados lêr os seus versos queridos debaixo das laranjeiras em flor.

Estava curala da mania do poeta favorito.

OLIVEIRA E SILVA.

## NAUFRAGIO DO CORAÇÃO

AO POETA E AMIGO DR. BITTENCURT SAMPAIO

Viste, Poeta! a náu das minhas alegrias  
Ir bordejaado além, por esse mar a fóra?  
Foi cheia de illusões, de crenças, de utopias...  
E o que ha de ser de mim, sem ter mais nada, agora?...

Como é triste lembrar que se foi tudo embora,  
N'essa náu, tão pequena e fragil, que hontem vias  
Ancorada na praia, alegre como a aurora,  
Tremendo ao perpassar das rijas ventanias!...

Agora no alto mar; os vagalhões do oceano  
A lutar e a rugir, num desespero insano,  
Lançam-na á solidão da eterna profundez!...

Que naufragio!... E ao mar as aás se precipitam...  
O mar — é esta existencia ende as paixões se agitau;  
E a náu — é o coração que enchi de mais, talvez!

MUCIO TEIXEIRA.

## Naturalismo e Pessimismo

Em paiz nenhum mais do que em Portugal foi a litteratura perturbada pelo movimento scientifico.

O advento do romantismo, como pondera Theophilo Braga, (1) deu-se muito tarde em sua patria, e justamente quando triumphava em França a phase de 1830.

A Alexandre Herculano, talento proprio á absorpção das formas que esplendiam na *Notre Dame* de V. Hugo, coube o empenho de encorporar-as á litteratura portugueza. O autor do *Eurico* declamou com uma emphase não destituída de energia; e, digam o que disserem, soube vasar seu estylo epico os seus enthusiasmos de propheta embezerrado. Ha nelle um tom que agrada, que interessa, e na phrase um colorido que não podia deixar de apaixonar a mocidade de seu tempo. Essa vibração, porém, não devia durar em Portugal tanto tempo como em França, por isso mesmo que vinha já de contra-golpe.

A pressão do movimento scientifico não tardou, entretanto, em fazer-se sentir ali, e em 1864 Anthero do Queatal e outros começaram em Coimbra uma furiosa campanha contra o engastamento dos chefes da escola romantica. No prologo da *Visão dos tempos* Theophilo Braga declarava pouco depois que «a alliança da poesia com a philosophia tal era o ponto de partida da ultima phase da arte no seculo XIX». Por este grito de alarma vê-se de que natureza eram as preocupações que á mocidade portugueza trouxera a critica moderna.

«A aspiração da liberdade, servida, dizia o mesino escriptor, pela dissolução metaphysica manifestou-se em Coimbra, principalmente na forma da poesia» (2) e por consequencia esse

(1) O romantismo entrou em Portugal principalmente pelas traducções dos romances de W. Scott de Rannalho e Souza e pela do *Osoron* de Fialto Ribeiro e Marquês de Alorna as quaes segundo afirma Th. Braga (*Historia do romantismo em Portugal*, 469) «passaram despercebidas», sendo necessario que Garrett o Herculano emigrassem para que sentissem em que verdadeiramente consistia aquella renovação litteraria.

(2) *Odes Modernas*, 80.

procrastinado austro de reforma não teve outra direcção senão a que podia ministrar o espirito de destruição dos roactores. Os coimbrões alimentavam desejos ardentes; mas estes desejos não deviam corresponder, como de facto não correspondiam, a uma transformação effectiva do sentimento, nem mesmo a uma comprehensão exacta do que lavrava no coração da Europa artistica e scientifica. Atacou-se Castilho, atacou-se Herculano, no presuppuesto da existencia de uma nova poética; mas em ultima aalyso as injuncções dos iconoclastas eram arremessadas aos clarões da musa do romantismo ajudada do mesmo aparelho de tropos e figuras paradoxaes de que se utilizava Herculano, apenas com uma differença substancial, e era a do uso da terminologia haurida das formulas scientificas. Esse hybridismo a urrar ao lado de um vetusto empolamento e que com alguma razão deu cabimento á pergunta do autor do *Eurico* — se aquillo era alguma cousa mais do que um gongorismo scientifico, — esse hybridismo hyperbolico traduzia bem claramente o verdadeiro estado de espirito dos que o punham em evidencia. As idéas ainda mal digeridas não tinham tido tempo de transformar-se ao abstractum de que emergiria o estylo proprio e a expressão conveniente.

Para prova disto basta lembrar que um destes coimbrões, em uma obra de critica scientifica, ainda em 1830, dava do genio esta definição que faria empallidecer um discipulo de Carlyle: «O genio é a falta de consciencia das forças que se agitam dentro do individuo o ao mesmo tempo a applicação dessa lucta que a humanidade admira em creações eteraas; é um aleijão que opprime o que o traz, o a que nós fazemos a apothese, que invejamos sem saber que fogo lento gera essa febre da inspiração, essa allucinação de luz que o faz ver em todos os tempos, em todos os logares, como uma intuição prophetica que assombra; o genio é como uma harpa eolia, através da qual perpassam as ondas sonoras das gerações, que a vão ferindo e desferindo para ouvirem o canto das suas tristezas, dos seus desejos, dos seus sentimentos... e apparecem quando as circunstancias

os evocam para virem dar forma e impulso que precisa renovar-se.» Substitua-se neste e noutros trechos a palavra—circunstancias—pela expressão—infinito—do auctor do *Sartor resartus* e terse-ha o fundo conceptual dos reformistas de 1886, monstros horacianos, que perdidas as azas dos poetas da velha escola, rastejam imitando sem querer com os contos tropeços o vôo dos seus antepassados.

Vejamos como Anthero do Quental, apesar do seu brilhante talento, alevanta-se no vôo do velho condor.

« Emquanto

Da Historia o solo tragico, regado  
Com o sangue dos tempos, anda em dores  
Concebendo um mysterio—porque dentro  
Em seu seio, num rego tenebroso,  
Não sei que mão deitou uma semente  
Escura mas divina, a do Futuro!  
Ha de crescer até ao céu essa Arvore!  
Ha de vingar! o bafo o ar que respira,  
E' o Desejo do homem, essa eterna  
Aspiração, essa atmospheria ardente  
Aonde bebe vida quanto ha grande,  
Quanto de novo e estranho á luz se eleva!  
Ha de crescer essa arvore divina!  
Porque as raizes della vão, na sombra,  
Buscar a vida ás duas largas fontes  
—Alma e Verdade—e a sciva que a alimenta  
E' progresso... e é o chão a Humanidade.»<sup>(3)</sup>

As *Tempestades sonoras* de Th. Braga apresentam especimens d'esta orlem:

«Na longuica soidão d'ignotas plagas,  
Esquecido na paz da sepultura,  
Em meio d'átras, ponteagudas fragas,  
Dorme uua testemunha da Escripura.  
Poisam em bandos as aves aziaças,  
Ali, por noite tormentosa e escura!  
Guarda-lhe a campá Leão robusto e velho,  
A dura garra posta no Evangelho!  
E disse-lhe uma voz de dentro: «Caso  
Dormes quieto o somno do jazigo?  
Ergue-te, vai do oriente ao extremo Occaso;  
Si vieres um dia ter commigo,  
Vem contar-me do mundo o extranho caso,  
E onde a sombra da cruz achaste abrigo!  
Parte! embora pela amplitude o vento  
Disperse folha a folha o Testamento.»

Os reformadores, afinal, tinham nma idéa clara e precisa e ara a do atrazo do paiz, das suas sciencias, das suas letras, das suas artes, de tudo. A necessidade de acabar com o ridiculo prestigio de Castilho, que nem ao menos souhers fingir-se romantico, escrevendo a *Noite do castello* e os *Ciumes do bardo* por equivooco, impunha-se como um programma, e não doam as mãos aos seus autores por tel-o realizado com a maxima energia. (4)

«Deixando de inspirar-se do ideal do christianismo», declara ainda o auctor citádo, explicando o novo credo, «a poesia foi rasgadamente ante clerical, socialista, republicana vermelha, humanitaria», o que queria dizer que elles tentavam esmagar Herculanio e V. Hugo atirando-lhes os seus ideaes como idolos vencidos e inuteis, mas não perdendo o sestro de envolvel-os na clamide da ode, nas visualidades da apothose, nas gambiarras da antithese do velho repertorio. Verdade é que o historiador d'essa phase litteraria apressa-se em dizer que isso não passava de um movimento provisório, en-

(3) Th. Braga, *Theoria da historia da litteratura portugueza*, 142.

(4) Tive em minhas mãos uma carta de Castilho Antonio, dirigida ao irmão residente nesta Corte, que seria bastante para justificar todas as injurias dos coimbrões. O *Mito portuguez* declarava e tornava a declarar, e a paridade que nunca podera comprehender Shakespeare e Goethe. Segundo a sua opinião o primeiro não passaria de um ebrio e o ultimo de um autor de mixtíforos. Entretanto não duvidou traduzir o *Fausto*.

tretido enquanto a critica encarregava-se de disciplinar os artistas e preparar estado positivo. O que, porem, é para admirar é que esse hugoismo retardatario ainda hoje constitua a nota predominante dos poetas portuguezes. A disciplina apontada não progredio fundamentalmente, e a concepção da arte, apenas perturbada em uns e mal encaminhada em outros, com excepção de um Eça de Queiroz no romance, de um Oliveira Martins na prosa narrativa, apresenta todas as indecisões dos que querem nadar em pratica da natação, doe que pensam poder encherger sahindo de uma cripta immunda e escura.

O ingresso, pois, de Zola, de Richopin, dos Goncourt em Portugal em pouco tem melhorado as condições de desenvolvimento de talentos como o de Guerra Junqueiro, em quem, apesar de tudo quanto delle possam dizer, o que mais explende são as reminiscencias atavicas da tuba sonora e bellicosa. Como que não lhes foi possível ainda, por uma especie de engolfamento ethnico, fazer estalar a medula e convulsionar as entranhas com a presença do verdadeiro sentimento do real, produzindo-se por consequencia um desequilibrio entre o prodromo desse sentimento e a nova forma rehuscada, sempre a confundir-se na elasticidade da expressão com os residuos do passado. Mas tudo isto tem sua explicação e para autorizal-a com uma opinião irrecusavel, lembrarei que o phenomeno accusado não passa do que Spencer chamaria um *estado de consciencia* em via de formação, estado diffuso, incapaz portanto de offerecer base ao nusus esthetico e a apprehensão dos precisos elementos para a sua expressão definitiva. (5)

Em Portugal e no Brazil muito se tem escripto e fallado sobre realismo n'estes ultimos tempos, com mais ou menos ardor. Na maior parte, porem, dos casos me parece não só ter havido confusão no espirito dos criticos, como illusão no dos auctores que tentam alterar os seus processos artisticos e retemperar o seu estylo merguhando as suas armas na onda intellectual do seculo. Essa confusão e illusão fundem-se em um só ponto de vista que reputo falso. Tem-se procurado fazer acreditar que naturalismo e pessimismo são coisas identicas, e que da mesma maneira porque o romantismo, no principio do seculo, procura toda a sua força do enthusiasmo, do lyrismo, do pittoresco, do delirio ideal, o naturalismo devia buscar a sua mola capital no nihilismo resultante de um analyse lenticular Semelhante hurta, porem, não resiste á mais pequena reflexão, desde o momento que se confrontem as duas situações e se verifique que no primeiro caso existia um movimento colectivo, a que não erão indifferentes as mais infimas camadas populares, que si não faziam odes ao menos comprehendiam-as, ao passo que actualmente essas mesmas camadas vivem estranhas á litteratura, não sahem se os livros ou os jornaes exploram essa cousa denominada pessimismo, e se soffrem, em consequencia das condições sociaes, se choram, se cantam mesmo as suas dôres, o seu choro e os seus cantos verdadeiros são ahafados e substituidos pelas blasphemias de um blasé que gosa como pode do seu *blaséismo* e por uma turba immensa de

(5) Spencer, *First principles*, § 24 e seg.

rafinés bem aquecidos nos divans dos seus aposentos ricamente aparelhados.

Ora é evidente que esse pessimismo de uma classe que, verdadeiro dilstante, se apraz em entristecer-se com os males que não são seus e que não pode portanto comprehender nem exprimir, d'essa classe que, porque bem o quer e bem o pensa, se vai inspirar no ambiente limitado e deprimente dos laboratorios, aonde se calcula o que é a natureza mas não se a sente em acção; esse pessimismo rebuscado, em grande parte devido á falta de hygiene mental dos artistas, esse pessimismo, repito, nada tem de commum com o movimento geral do seculo, nem pode seriamente, senão com a franqueza louvavel dos decadentes, ser reclamado como fundamento da nova arte e dos seus ideaes.

Não é, pois, sem desgosto que consigo lér em um escritor da estofa de Ramalho Ortigão paginas assim concebidas:

«O que é toda a grande litteratura moderna, na poesia, no romance, nos estudos psychologicos, senão o grito sobreagudo da alma do seculo, sentindo se afundar no universal naufragio de todas as crengas?...

Todo o artista de hoje é um mais ou menos temerario investigador do segredo do universo regressando da sciencia como Dante do inferno, palido da commoção do tragico desengano... A desconsoiação intima e profunda, que constitue o cunho caracteristico dos romances desses escriptores, de todos os que maie nos commovem e nos interessam, porque d'entre todos são elles os que mais reslmente nos offerecem a imagem dos nossos proprios estados nervosos, o seu apparente pessimismo, a vaga sombra de misanthropia que envolve odo o seu processo de analyse e de invocação creativa, não são como alguns cuidam, casos esporadicos do mal extravagante a que podemos chamar a doença de Schopenhauer.

«São simples documentos artisticos da enfermidade geral do seculo... A tristezza morhda dos nossos ideaes procede da crise em que se revolve o pensamento moderno: faltou-nos a segurança estavel da fé, e ainda não encontramos fundo sufficientemente solido em que morderse e agarrasse a ancora da certeza scientifica. Naufragamos todos...

«Na falta de *causas eternas*, os artistas, famintos de absoluto, investigam os *effeitos immutaveis* no que fica do homem, quando nelle se extingue a visão do infinito, a saher: a miseria das paixões, tendo por movel a fatalidade dos temperamentos. Tal é a base de toda a esthetica do naturalismo no romance e no drama contemporaneo.» (6)

De sorte que, segundo o autor da *Hollanda*, o pessimismo em causa não é, como alguns suppõem, uma questão de casos esporadicos, de temperamentos postos em avidencia e imitados; ao contrario d'isso os escriptores que delle se resentem, de todos são os que mais nos devem commover porque são de todos os que mais realmente nos offerecem a imagem dos nossos proprios estados nervosos. E por este modo a esthetica, a arte que, a menos que não seja ociosa a exegese dos Taines, dos Scherer, dos Schmidt e de tantos quantos no folk

(6) *Historia de um anno*, revista de 1885, in *Gazeta de Noticias*, 1886.

lora s no estudo das litteraturas comparadas têm procurado as leis dos grandes movimentos do espirito humano, a arta passa a ser asfrida por um accidente de ecocla. que nom a estatistica demonstra seja de tamanha latitude, nem que haja sahido do circulo aristocratico dentro do qual agita-se e fenecce (7).

Ou su me engano, ou esse pessimismo, que so arvora em handeira de escola, não tem outro valor se não o que pode ter uma sobrevivencia do animismo semita, dessa superfetação, que, durante toda a idade media foi imposta ás raças indo europeas e cuja eliminção constitue o fundo de toda a lucta civilisadora dos ultimos seculos. E, a ser isso verdade, como estou persuadido, o pessimismo não é o caracteristico da epoca actual; enfermidade inveterada que assustou os nossos antepassados e tirou-lhes a alegria, apresentando-lhes continuamente diante dos olhos a sombra pavorosa da morte, o nada da vida e a renuncia dos bons terrestres em troca do reino de alem tumulo, esse pessimismo de forma alguma pode hoje intensificar-se, senão desvanecer-se aos clarões das sciencias naturaes, que restituem ao homem a natureza, a terra e ao aria os seus engolfamentos de luz. Como em taes condições admitir que a contemplação objectiva do mundo e o contacto do real tenha vindo produzir esse deploravel estado de fraqueza quasi tocando as raizas da insanía? Não. Nada disto tem cahimento em litteratura; e os criticos desalentados que reconhecem e pregam a esthetica do pessimismo são victimas de uma deploravel refracção do raio visual. Elles tomam uns restos de romantismo deteriorado, uns retalhos de misticismo decadente como um resultado dos adiantamentos da sciencia. Tão deploravel e quivoocação não pode explicar-se se não por uma leitura superficial ou maliciosa de paginas autorizadas, como por exemplo as de um James Sully, que analysando, em uma obra substancial, a natureza e origens do pessimismo moderno, ora como crenga, ora como concepção philosophica, chega a considerar pelo lado pratico esse estado psychico, igualmente com o optimismo, uma função, cuja significação permanente e valor effectivo tornam-se apparentes.

No desenvolvimento dessa idea, diz o insncionado philosopho, acompanhando Lange «a sociedade vive e prospera, com tanto que o resultante das numerosas forças de crengas componentes da opinião publica se dirija approximadamente para a região da verdade pratica. Pouco importa para a sociedade que A exagere tal idea, B tal outra, e assim por diante, com tanto, que o resultad, attingido pela colisão destas actividades intellectuaes seja sufficiente exacto. Appli-

(7) Está hoje fóra de duvida que uma das causas que mais tem concorrido para augmentar a intensidade desse sopro pessimista que sussurra em torno da litteratura franceza é o contacto dos litteratos slavos. Antes do advento de Zola já na Russia eram saboreados os romances dos nihilistas doutrinaríos Pisemsky, Dostoivsky, Tcherniaschewsky, Ouspensky e do Conde de Tolstói. Vid. Courriérs, *Litterature Contemporaine en Russie*, 300 e seg.; Petroiw, *Quadro da litteratura russa*, 177; Platão Vaxel, *Quadro das letras e sciencias na Russia*, 31.

Quando este pensamento áquellas ideias oppoetas, pode se affirmar que existe logar para cada uma das indicadas crenças no feixe das forças intellectuaes que fórma o pensamento pratico de um povo.

A sociedade poder-ss-ia governar sem duvida por meio de alguma doutrina intermedia e mais exacta do valor da vida; mas no emtanto ella descobre o meio de fazer quasi o mesmo com o auxilio de uma combinação da qual de doze pontos de vista extremos. Um pouco de reflexão mostra com effeito que as tendencias do optimismo e do pessimismo estão amhas profundamente enraizadas nas necessidades da vida social. » (8)

Neste presuppsto, attendendo ao que actualmente se passa na Alemanha e na Russia, não dando a Schopenhauer e a Hartman outra influencia alem da que possam exercer o estylo e o mysticismo de um, a clareza e o apparelho scientifico de outro, o analysta, ao mesmo tempo que houver considerado a doutrina pessimista como uma repercussão de certas,—certas tomese nota—condições geraes do sentimento europeu contemporaneo, entre cujas causas enumerará a anterior e energica manifestação do pessimismo litterario de Byron, Leopardi e Heine, e as circunstancias especiaes da vida social e politica da Alemanha; o analysta, repito, não se esquecerá de declarar que o pessimismo moderno « não é um desenvolvimento logico do pensamento europeu, ao contrario, apezar de seu esforço para enxertar-se na sciencia moderna, elle constitue essencialmente como uma planta exotica no solo da philosophia europea. »

(9) O pessimismo, portanto, não passa de uma adopção, não é um fructo espontaneo das raças a que pertencemos, e como tal manifesta-se com um caracter de superfetação, de provisoriamente perfeitamente visíveis.

Assim seria a mais rematada das loucuras, sobre elle fundar qualquer systems, o que importaria o mesmo que basear a philosophia e a arte sobre um só dos cinco sentidos.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa)

(8) J. Sully, Le pessimisme, 435.  
(9) Obr. cit. 424

## O AMAZONAS

Do Brazil em seu leito perfumado  
Corre immenso colosso magestoso,  
E colhe dessa lucta, na carreira,  
O triumpho talvez mais portentoso!

Vê d'um lado o infinito scintillando  
Perguntar:—Amazonas, tu não canças?  
E d'outro a natureza murmurando —  
Tudo vences no mundo, tudo alcanças!

E Deus, o proprio Deus se curva e chama  
Em brados decretando ao firmamento:  
—Duas cousas no mundo não se medem  
O Amazonas e tu, ob! Pensamento!

MARIA C. V. DA CUNHA.

E' preciso que o temor de fazer ingratos não impeça de fazer felizes.

D'HOUDETOR

## Estudos de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(Paginas de um livro inédito)

Chegamos ao segundo momento do romantismo brasileiro, — a base inaugurada por Gonçalves Dias. E' o seu ponto culminante. O poeta maranhense e Joaé de Alencar, o celebre romancista do Ceará, são inquestionavelmente os dois mais illustres e significativos typos da litteratura romantica entre nós.

Talentos omnimodos, quer um, quer outro, prendem-se pelo laço commum do indianismo e pela patriotica empreza de, evitando os moldes portuguezes, dar cores proprias á nossa litteratura. Caminharam impavidos para a frente, guiados por seu ideal, alentados pelo enthusiasmo das boas causas.

Quasi não ficou um recanto da litteratura em que elles não puzessem as mãos, e com ellas os hrilhos de seus talentos e os sons festivos de suas victorias.

Na poesia, no theatro, na historia, na ethnographia Gonçalves Dias fez-se ouvir com elevação e inquestionado valor.

Romance, drama, comedia, felhetim, politica, critica, polemica, poesia, por tudo passou José de Alencar, e seria preciso torcer e marear a imparcialidade da historia — negar-lhe os desusados titulos de seu merecimento.

Eu não sou e nunca fui indianista; sempre estive na brecha batendo os exaggeros do systema, quando das mãos dos dois grandes mestres passou ás dos sectarios mediocres. Mas esse velho, e por mim tão maltratado indianismo, teve um grandissimo alcance; foi uma palavra de guerra para uirnoe e fazer-nos trabalhar por nós mesmos nas letras.

Conseguido esse resultado, os dois chefes calaram as tiorhas selvagens e empunbaram outros instrumentos.

E, desta arte, a mór porção do suas obras é construida fóra das inspirações do indianismo; mas as meliores, porque escriptas com toda a alma, são as que ficam dentro do circulo de sua acção.

E' por isso que as poesias Americanas são ainda e sempre as mais saborosas de Gonçalves Dias, e o Guarany e a Iracema os mais valentes romances de José de Alencar.

A maior vantagem do romantismo ontre nós, já o disse uma vez e o repito agora, foi afastar-nos da influencia, da imitação portugueza. O romantismo portuguez possuia um triunvirato, por todos admirado, su que era vedado tocar: Garrett, Herculano e Caatilhó. Tiveram no Brazil admirdores, e não tiveram imitadores. Isto é significativo.

Os talentos nacionaes, embelhidos na contemplação da natureza e da vida americana, e das bellezas da litteratura suropéa, não desceram até imitar os tres corypheus luzos.

Devemos isto aos Gonçalves Dias, aos Alencarss, aos Pennas, aos Macedos, aos Alvares de Azevedos, aos Agra-rios. Hoje Portugal alçou á altura de semi-deuses outro triunvirato — Rsmalho, Junquiro e Eça. Já não posso, já não pôds o historiador dizer com o mesmo intimo prazsr que os moços brasileiros não imitam os tres

portuguezs, que por sua vez não passm de subalternos copiadores de modelos francezes. E, todavia, bom grande vai a distancia entre a trindade portugueza primitiva e a actual. Aquelles tiveram momentos em que fizeram a verdadeira arte; os de hoje ainda não passaram do bibelot!

Felizmente a actual ahservienca a esses portuguezs não é geral no paiz; não tem passado de certo grupo e tende a diminuir. Oxalá os moços brasileiros em sua totalidade se convençam que em litteratura devem apenas consultar seu proprio genio; e, quando quizerem olhar para fóra,—lançam as vistas para onde ha o que vér. Pois quando ainda existem a Allemanha, a Inglaterra, a Italia e a França, é de espiritos preguiçosos ou de máu gosto, —cberig só até Portugal.

Assim o entendeu sempre, entre outros, o illustre poeta maranhense de que nos vamos agora occupar.

ANTONIO GONÇALVES DIAS (1823-1864) não precisa que lhe tracemos a biographia. Este trahallo está feito, definitivamente feito por Antonio Henriques Leal no III vol. do *Pantheon Maranhense*. Consignarei apenas algumas observações que ellas me despertam. As datas ajudam-nos a comprehender a formação do talento do poeta dos *Tymbiras*. Elle é um completo producto de sua raça, do meio em que paasou a infancia e dos estudos que fez em Coimhra. As viagens posteriores de quasi nada lhe serviram.

Nascido em 1823, em Caixias, passou ali e em S. Luiz os quinze primeiros annos de sua vida. De 1838 a 1845 viveu em Portugal, formando-se em direito na Universidade Coimhrá. Foram sete annos que bastante lhe deixaram no espirito.

Passando rapidamente pelo Maranhão (1845-46), em meados de 1846 achamolo no Rio de Janeiro, que habitou seguidamente até 1854, fazendo apenas uma ligeira viagem ao norte (1851). De 1854 a 58 viveu na Europa, que tornou a visitar de 1862 a 64, anno em que falleceu de volta ao Brazil. O intervallo de fins 1858 a 62 passou-o em viagens pelas provincias do norte na celebre *Commissão das borboletas*.

Em 1862, antes de seguir pela ultima vez para o velho mundo, á busca de melhoras para a sua saude, tocou ainda rapidamente no seu amado Rio de Janeiro.

Gonçalves Dias morreu aos quarenta e um annos; destes treze a quatorze foram passados na Europa e o resto no Brazil.

Taes algarismos não apparecem aqui a esmo; comparados aquelles em que appareceram os seus livros, e já foram indicados quando nos occupamos do barão de Paranapiacaha, bem nos mostram que o poeta, morto em 1864 aos quarenta e um annos, si tivesse desapparecido em 1854, aos trinta e um, nós teriamos o nosso Gonçalves Dias completo.

Todas as suas obras foram escriptas até esse anno, comprehendendo os *Cantos*, os dramas, os artigos de critica da historia do Brazil, os *Tymbiras*, e o trabalho ethnographico sob o titulo — *O Brazil e a Oceania*. Em dez annos (1844-54) Gonçalves Dias desenvolveu pasmosa actividade. O ultimo decennio foi relativamente estéril: relatorios, dando conta de commissões que exercera e um punhado de poesias originaes e traduzidas — são os productos desse tempo.

De resto, cmprre notar que o poeta maranhense não passou por dois grandes flagellos que assaltam de ordinario os bomens de letras no Brazil: — a guerra litteraria e a penuria economica. O talento do poeta não foi jamais contestado. Contribuiu muito para isto o artigo encomiastico escripto por Alexandre Herculano sobre os *Primeiros Cantos*. Não pssou por grandes difficuldades para viver. Teve sempre smpregos e boas commissões.

Neste heitado foi de grande auxilio a amisads que lhe votou sempre o Imperador.

No moço maranhense temos quatro aspectos principaes, já o deixei vér: o poeta, o dramatisa, o critico da historia e o ethnologo.

Apreciemo-lo, principiando pela sua feição preponderante — o poeta.

Ha vinte maneiras diversas de estudar e apreciar um escriptor. Podem-se procurar as relações geraes que elle teve com a cultura de seu tempo, mostrando o que lhe deveu e em que a adiantou; pode-se, em dadas circunstancias, indagar o que fez e o que representa elle na evolução intellectual de seu paiz; pôdem-se lhe desmontar o o espirito, procurando os elementos que o constituiram e qual a tendencia que nelle predomina.

Nesta investigação deve-se apontar a acção do meio physico e social, a parte da *natura* e a parte da *cultura*, insistir nos elementos hereditarios accumulados na raça, e os elementos novos provenientes da educação scientifica.

Pôde-se-lhe fazer apenas uma apre- ciação esthetica, a definição do genro em que figurou; pôde-se fazer a pintura de seus modos, sestros, impulsos *eticos*, quadro physiologico.

Pôde-se desflar o encadeiamento normal de suas idéas, quadro psycho- logico.

Pôde-se fazer a simples critica impressionista, dizendo o genero e a indole das emoções que nos desperta o auctor.

Pôde-se — que sei eu? — litterar-se a gente a apontar simplesmente suas obras e conteúdo geral dellas, ou tomar um outro caminho qualquer.

Qual destes methodos vou applicar a Gonçalves Dias?

Não ssi. Digo o que penso delle, sem me preoccupar com systemas e amaneirados criticos.

O autor de *Marabá*, da *Mão d'Agua*, do *Letto de Folhas Seccas*, do *Gigante de Pedra*, do *Y. Juca-Pirama*, dos *Tymbiras*, que é tamhem o autor das *Sezilhas de Frei Antão*, isto é, o autor do que ha de mais nacional e do que ha de mais portuguez em nossa litteratura, é nm dos mais nitidos exemplares do povo, do genuino 'povo brasileiro'. E' o typo do mestiço physico e moral ds qns temos fallado repetidas vezes neste livro. Gonçalves Dias sra filho de portuguez e mameluca, quero dizer, descendia das tres raças que constituiram a população nacional e representavhalhas as principaes tendencias.

O mestiçamento, como se sabe, é no seu inicio uma fonte de perturbações e desequilibrios.

O mestiço é a depositario ds tendencias, indoles e inclinações diversas, que nem sempre acabam um ponto de apoio, ordem s fixidade. Dahi o seu caracter inquisito, contradictorio, anormal. Tal a razão da conatants turbulencia ds populações americanas.

Creio que foi Herbert Spencer quem primeiro tirou seguras illações desse estado physiologico dos povos do continente para a sua politica.—E' de esperar, porém, uma mais forte acção do tempo acabe por trazer a tranquillidade organica e politica a nós os americanos.

Nosso poeta aos africanos, o sangue que menos lhe corria na veias, deveu aquella expansibilidade do que era dotado, aquella ponta de alegria que não o deixa jamais e é especialmente notada em suas cartas.

Aos indigenas as melancolicas subitas, a resignação, a passividade com que supportava os factos e acontecimentos, deixando-se ir ao sabor delles.

Aos portuguezes deveu o bom senso, a nitidez e clareza das idéas, a religiosidade que o não abandonou jamais, a energia da vontade, as preocupações fantasistas, um certo idealismo morbido e impalpavel.

Juntai a tudo isto forte impressões de luzes e cores e vida e movimento, fornecidas pela natureza tropical, que se expande pela região em fóra, que vai de Caxias de S. Luiz; juntai ainda as scenas maritimas da primeira viagem a Portugal, não esqueçais os quadros da natureza e da vida provinciana no velho reino, e nem tão pouco os panoramas indescriptiveis do Rio de Janeiro e região circumvizinha; trazei a esse concurso de factos e circumstancias as leituras dos poetas latinos e modernos, o estudo das chronicas colonias, e tereis os elementos predominantes e fundamentaes do talento poetico desse valente e minoso lyrista.

Si Gonçalves Dias tivesse sido uma mediocridade, teria ficado exclusivamente naquella poesia piegas do tempo do *Trovador* de Coimbra, nota predominante na litteratura portugueza do tempo em que o maranhense fez alli o curso de direito.

Garrett, Herculano e Castilho em 1813 a 45, annos ultimos passados pelo poeta em Portugal, já tinham publicado suas principaes obras e já eram notabilidades indiscutidas.

Mas a evolução natural do romantismo tinha já attingido a phase do sentimentalismo affectado e esterilante. O maranhense, já de si bastante melancolic, aprendeu aquella maneira e deixou-se eivar da molestia geral.

O sentimentalismo é, por certo, uma das notas mais intensas do seu lyrismo; é preciso, entretanto, ser muito surdo para não ouvir que um inteno naturalismo americano, um certo mysticismo regiozo, e o calor e a effusão lyrica juntam ás notas monotonas daquelle sentimentalismo as volatas e as fanfaras de uma poesia variada, ampla, serena, meiga, ousada, embriagadora.

A volta do poeta para o Brazil, sua nova estada no Maranhão, sua subsequente partida para o Rio de Janeiro entram como factores na formação de seu talento. As primitivas impressões americanas tinham-se juntado as impressões do meio portuguez. Si elle tivesse sempre permanecido alli; si novas sensações, novas fontes de vida e poesia não se lhe vissem juntar no espirito, não teria passado, como Gonçalves Crespo, de um pequeno poeta delicado, geitoso, miniaturesco, porém mediocre.

O direito dizem os modernos juristas allemães sectarios do darwinismo, é uma função da vida nacional, é um producto cultural de uma raça; de um povo dado. Podemos dizer o mesmo

da poesia; ella tambem é uma função da vida nacional; uma poesia geral, para todos os povos é alguma coisa de analogo a um direito, uma lei para todas as nações.

E' por isso que o criterio ethnographico, introduzido por mim na critica brasileira desde 1869 a 70, é ainda hoje a meus olhos a base principal da comprehensão das litteraturas, nomeadamente a litteratura de um povo misturado como o povo brasileiro. Emquanto não houver aqui bem nitida comprehensão dessa ordem de idéas, a politica a vida social serão objecto de investigações e expedientes puramente empiricos, a litteratura e a critica serão apenas uma rhetorica banal mais ou menos habilmente manejada.

Que é, que vem a ser o povo brasileiro? Vou defini-lo por um meio indirecto.

Tres principaes factores o constituiram nos tres seculos colonias: — portuguezes, africanos e indios.

No quarto seculo, na época do imperio, a immigração tem atirado estrangeiros um pouco por toda a parte isoladamente; e nas provincias de S. Paulo Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul grandes levas especialmente de allemães, italianos e polacos. A capital e as grandes cidades superabundam de estrangeiros de toda a procedencia. O quarto seculo, o seculo do imperio, trouxe-nos, pois, um novo factor, que tende a crescer e espalhar-se, que já é bem forte em certas zonas e poderá sê-lo em breve em muitas outras.

Supponhamos agora que um partido se formasse entre nos e triunphantemente desse em toda a vida politica e social e litteraria pura e exclusivamente a preeminencia e o predomínio aos indios, aos ultimos representantes da população conquistada, seria justo? Não seria um ataque ao direito das outras classes do povo? A resposta está implicitamente dada.

Variemos a hypothese e figuremos o caso, não com os indios, até porque os que nos restam ou estão bem envolvidos e desfigurados em nossos populações do norte, confundido-se com ellas, ou vivem inteiramente selvagens e estranhos a nos uos ultimos recessos do paiz, figuremos o caso com os negros.

Supponhamos que, por um esforço ingentissimo e miraculoso, elles se reunissem e tivessem força para tomar em tudo a dianteira e dictar a lei a todos os mais que ficassem fora do privilegio da cor de *cabiúna*... Que acontecería? Levantar-se-ia um formidavel berreiro, que acabaria por armar a todos os brasileiros contra a onda negra. Seria o inevitavel resultado.

Mas, si a empreza, a tentação do demonio em tudo viesse ao espirito dos portuguezes aqui residentes, e elles, além de serem já os senhores quasi exclusivos do pequeno e do grande commercio, tomassem conta do parlamento, da governança, habilmente ajudados pele forte jornalismo que lhes já pertence. Qual o resultado? Armar-se-iam os nacionaes e a ferro e fogo teriamos de arrazar a pesada servidão luzitana.

SILVIO ROMERO.

(Continúa.)

## A ESCRAVA FIEL

Era uma pobre velha, enferma; num pardieiro  
Vivia com a filha,— um rosto alvo e faceiro.

Era uma arvore annosa, ao chão, toda esfolhada,  
E a filha—a extrema flôr do seio seu brotada.

Do arruinado lar fugiam-lhe os parentes;  
Podia-lhes fazer pedidos imprudentes...

Da filha—gabos só se ouviam a belleza;  
Mas... noivos não se buscam em meio da pobreza.

Além da filha, tinha um bem que lhe restava  
Dos bens do seu casal,— uma robusta escrava.

A negra era um arrimo, ainda mais, a amiga,  
Dessas que eterno laço á nossa sorte liga.

Emquanto a *sinhá-moça*, em riso, costurava,  
— Cantando,— como um mouro a negra trabalhava.

Coração nobre! todo amor e caridade,  
Não sonbava — ao dever entregue — a liberdade!

Ferros da escravidão (bem como a cruz de Christo),  
Darem jorros de luz tambem já se tem visto!

Aggravam-se da velha os fundos soffrimentos...  
Eil-a! já vai chegando oos ultimos momentos.

Que dôr! desesperada a moça soluçava  
E, no insano lidar, gemia afflicta a escrava.

A tardo passo vêm por fim alguns parentes  
Da moribunda ao pé mostrar-se condolentes.

No desamor dos seus, na gratidão á escrava,  
No futuro da filha, a velha então pensava...

Subito á *negra* lança o olhar que já não brilha...  
Diz: «E's livre e—sê mãe:— te entrego minha filha!»

MERICANO.

## Grave ou Esdruxula

Consintam-nos aventar, mas que por alto, questiuncula propriamente de alçada e jurisdicção da *Orthoepia*, complemento da *Phonologia*, na parte attinente ao modo de «pronunciar os vocabulos, segundo o bom uso» (*Lições de Grammatica Portugueza* — por João Ribeiro).

A *orthoepia* está comprehendida na *phonologia* ou *phonetica*, que é «o estudo dos sons constitutivos das palavras e suas transformações» (*A lingua portugueza* — por F. Adolpho Coelho).

Assim, pois, a questiuncula pbonetica ou antes *orthoepica*, é simplesmente:

E' grave ou esdruxulo o nome proprio da famigerada «cortezã do valle do Sorec?

Concretamente, é Dalila ou Dálila — o nome da heroína biblica, cuja lendaria existencia synthetisa o predomínio irresistivel dos encantos e seducções femininis no animo, embora varcuil, do homem forte e válido.

O publico fluminense conhece muito, e de largo tempo, o *drama*, em 4 actos e 6 quadros por Octave Feuillet, imitação portugueza por Antonio de Serpa, successor do illustre estadista Fontes Pereira de Mello na direcção do partido regenerador.

Nessa formosa imitação ha a scena

VI, de commovedora eloquencia, entre André Rossweiu e o diplomata Carnioli.

No magistral desempenho do papel de Carnioli, eis como, entre fervidos applausos, fazia o insigne artista-poeta, Furtado Coelho, a impressiva narração da scena do *Cantico do Calvario*. Não nos podemos forrar á satisfação de transcrevel-a por integra.

«Carnioli!..... Uma vez na minha vida que fallo seriamente, ha de me escutar!... Não venho directamente do Hespanha. Negocios de interesse me chamaram á Secilia, antes de tocar eu Nápoles, e fui passar uma semana numa casa de campo entre Paterno e Monreale... Uma tarde, ainda não ha seis dias, ao declinar do sol, atravessava um valle estreito, que altas collinas preservam dos ventos do mar, e que é nomeado no paiz pela salubridade do ar, que alli se respira.

Entre os mesquinhos pardieiros, espalhados neste valle, distingui uma habitaçãozinha modesta, mas asseada. Aproximei-me, impellido por uma curiosidade banal, e senti de repente do fundo de um jardim, para que olhava nma das faces do pequeno edificio, os sons graves e maviosos de um *violoncello*.

ANDRÉ. — Cavalheiro!

CARNIOLI.—Reconheci o arco... reconheci a mão!

ANDRÉ.—Por piedade, cavalheiro! CARNIOLI.—Cuidas que mo divirto com esta narração? Ponetrei no jardim... escondi-me sem estrondo atrás de umas árvores, e pude ver um grupo de tres pessoas, e que a ramagem de uma figueira resguardava dos ultimos raios do sol... Um dos tres era-me desconhecido... comprehendí que era um medico...

ANDRÉ.—Oh! Deus!

CARNIOLI.—Os outros dois... Sabes quem eram? Só o velho me pareceu mudado... As feições da donzella mal se me afiguravam alteradas e não obstante, a sua attitude, a poltrona cheia de almofadas, em que estava recclinada, o brilho extraordinario de seus olhos, tudo me dizia que o medico era para ella... O velho deixou o arco e perguntou-lhe como estava...

—Melhor, disse ella sorrindo, mas só a Allemanha me curará de todo. Depois fechou os olhos e murmurou algumas palavras indistinctas, entre as quaes pude distinguir o teu nome.

ANDRÉ.—Pelo amor de Deus, cavalheiro!

CARNIOLI.—Minha filha, disse então o velho, conta-me esse segredo que te obstinas a guardar. Prometto não te amaldiçoar... elle enganou-te? Ella abriu os olhos. Não, não, disse ella fui que me enganei a mim mesma... Depois os olhos se lhe fecharam de novo, entrou uma especie de delirio... accusava-te... e repetia as tuas palavras de amor...

ANDRÉ.—Oh! Maldito que eu sou!

CARNIOLI.—Durante este tempo, os dedos do velho, descendo sobre as cordas, tiravam de quando em quando do instrumento sons... gemidos, que penetravam até o fundo d'alma... Ella acordou e disse: Meu pai, tenho dois favores a pedir-lhe... o primeiro é que me dê um ar de riso.—O velho tentou sorrir-se. Depois, continuou ella, que me toques hoje o *cantico do Cavalario*.—Não, não, disse o bom velho com voz pungente, querendo simular uma alegria, no dia do teu casamento.—Ella sorriu e olhou-o fixamente; elle abaixou os olhos sem replicar. Com um gesto doloroso, sacudiu os cabellos brancos sobre a fronte, mais pallida que o marmore, e pegou no arco... Ouví então o famoso *cantico do Cavalario*... o *cantico sublime*!... (*Com voz soffocada*). Emquanto tocava, grossas lagrimas lhe cahiam, uma a uma, sobre as mãos tremulas e inspiradas... Chorava!... Chorava o instrumento... choravam as cordas... o arco, a madeira, o cobre... tudo chorava... O medico affastava os olhos... e eu comprimia os soluços!... Só ella não chorava... porque já não tinha lagrimas!

Revertendo a questiuncula, verdadeira nuga litteraria, de exiguo valor e sui circumscripto alcance, si é, que defeito, algo valor e alcance tem:

Como se deve pronunciar o nome da heroína biblica

Délila ou Dalila?

A favor da ultima pronuncia figurada ha o uso frequente, geral; em abono da primeira, que não destoa do modo como são pronunciados os nomes proprios *Débora*, *Séphora*, *Gólgotha*, e os appetativos *tamaras* (do hebraico *thamar*, palmeira e palma. «Thamar, diz Molvenda, *Genesis cap. 14º v. 7º*, *palmm significare notum est*, *Lusitani dactylos ta-*

*maras vocant.*) sabbado, (do hebraico *sabbat*, *cessar*, *descançar*, *repousar*, e tambem *repouso*, *descanço*, *cessação de trabalho*, porque os Hebreus guardavam este dia, segundo a lei, cessando de toda a especie de trabalho.) e outros vocabalos derivados do hebraico, podem ser invocadas as autoridades:

do padre Antonio Vieira, no tomo 3º n. 423 — loc. cit. por F. José Freire (*Candido*, *Lusitano*) nas *Reflexões sobre a lingua portugueza* — parte 1ª pag. 64, e por A. Cardoso Borges de Figueiredo no *Logares Selectos*, 15ª ed. (Lisboa 1876) pag. 115; e

de Almeida Garrett no *Prologo de D. Branca* (vej. 4ª ed. Lisboa—1861—pag. VII.)

Taes são as textuaes palavras do primeiro; «Deixo os que sobem aos postos pelos cabellos, e não com as forças de Sansão, senão com as forças de *Délila*»...

Eis us do segundo: «ora vem o ocio e a descrença politica e me adormecem nos braços das traidoras *Dhalilas* que me tosquiam razão como Sansão, e reacio a fazer litteratura... aos *phillisteus*.

Ainda mais: no *Diccionario de rimas* por Eugenio de Castilho, na *relação das palavras a que se não achou rima*, se depare o nome assim escripto *Délila*.

Finalmente, ha no vol. *Cantos e Satyras* por Bulhão Pato a composição, que se lê a pag. 101, sob o titulo *Délila*.

O notavel polyglotta portuguez Santos Saraiva, autor do *Diccionario Latino* que «é uma encyclopedia viva» poderia facilmente, com seu esplendido saber, dirimir, de todo em todo, a duvidar que nossa provada ignorancia suscita.

Delle se pode dizer, de pleno direito: *Tu sais sur quel passage appuie ou court la voix,*

*Sous quelle fixe rigle un mot vibre et s'altère.*

A nós se pode igualmente, mas por infelicidade applicar;

*Je nombre le langage en comptant sur mes doigts.*

GUILHERME BELLEGARDE.

## BERÇOS E AURORAS

AO MEU AMIGO ULYSSES DE PAIVA

Ao despontar das alvas matutinas, quando o sol de remotos horizontes desce, tingindo os picaros dos montes das côres da alvorada, purpurinas;

quando ao vel-o das candidas boninas vão-se abrindo as corollas delicadas e as frescas rosas tremem orvalhadas nas bastes frágeis, humidas franzinas;

quando tudo sorri, tudo se enflora, cheio de sonhos ao romper da aurora, cheio de prantos ao cahir dos dias;

penso nas loiras, candidas crianças que despertam repletas de esperanças, que fenecem repletas de agonias!

1887.

MAX FLEIUSS.

A vida é uma longa saudade da vespera.

MERY.

## A VIOLA

Eram sete para oito horas da noite.

Gustavo subiu a escada com npressados passos, atravessou a sala de jantar e disse, seguindo sempre:—O jantar—; entrou no seu gabinete; poz o chapéu de sol a um canto, o de cabeça em cima da escrevanilha; tirou o fraque e o collete, que enfiou no espaldar de uma cadeira que estava junto á meza, desamarrrou a gravata e vestiu um paletot de palha de seda.

Onviã-se tocar em baixo e pouco distante uma viola.

Luiza entrou:

— Vieste hoje muito tarde.

— Tive muito que fazer.

— E correu-te bem aquelle negocio?

— A's mil maravilhas.—Depois, quando ajuda vestia o paletot, com o braço estirado, disse entre dentes:—Diabo!...

A esposa reparou em aquelle gesto.

— Estás com fome, não é?

— Muita.

— Agora sorris.

— Si estou contente...

— Mas ainda ha pouco fizeste cara feia.

— Eu?

— Sim, até disseste baixinho:—

Diabo!

— Ah! sim: foi por causa daquella viola?

— E que te importa a viola?

— Não sei... aborrece-me.

— Entretanto em moço gostavas das patuscadas na roça, e apreciavas muito os fados.

— E' verdade. Mas has de te recordar, tambem que te disse causar-me esso instrumento uma tristeza [in]vincível; uma saudade profunda e angustiosa.

— A viola é melancolica, é; porém, ao mesmo tempo humilde. E o Antonio toca bem: tenho estado por muitas vezes a ouvil-o, ou daqui do gabinete, ou lá da janella da sala de jantar.

— Pois eu ao contrario: dá-me ás vezes vontade de despedir o Antonio, só por isso. Não achará elle outra cousa em que se entretenha?

— A viola é o instrumento do povo. — Lêa, passeie mesmo. Que mania! é acabar o trabalho do jardim e pegar logo na viola.

— Antes, que dedicação! Elle, sózinho no seu quarto ás escuras...

— Deixa-te disso. Aquella viola faz uma balburdia de grilhos que me azouga os ouvidos.

Nesse tempo appareceu no quadro da porta uma creolinha retinta, de olhos espertos e dentes claros que vinha dar parte de estar posta ameaça.

— Vamos.— E a esposa sarilhando os dedos com os dedos do esposo, o foi levando comsigo.

Depois de terminada a sopa e enquanto despejava no copo a garrafa de Bordeaux, Gustavo disse a Luiza:

— Sabes? O Almeidainha vai para S. Paulo.

— Pensei que já tinha esquecido.

— Pelo que elle calcula, dentro de dois ou tres annos terá feito fortuna.

— Não duvido; o que não posso acreditar é quo vocês separem-se.

— Será difficil certamente: ainda fallamos sobre isso.

— Ora, si tu não passas um só dia sem vê-lo...

— E tenho razão. Hoje, porém, S.

Paulo está muito perto do Côrte, é apenas um vôo.

— Nem assim.

— A amputação é dolorosa, mas não ha remedio.

— Desmancha-se a viagem.

— Não, Luiza, elle pretende casar, e que não fará antes de encurtir a vida; sem futuro...

— O futuro é elle.

— Bravo! Já fazes calembourg?

Luiza passou de um lado da meza para o outro e descobriu uma compositura.

— Docu de pcego.

— Ah! estou farto: esta laranja atestou-me. Comtudo deita-me um pegozinho para resaiho.

Gustavo acabou de jantar e palitando os dentes, voltou-se para Luiza: — Vai tocar um bocado do piano.

A mulher fez uma viravolta graciosa com a cabeça, dobrando os olhos e alongando os labios, como quem diz: Me deixe!

— Que má costume este! as nossas noças logo que se casam não querem saber mais de musica.

— E' que temos outra.

— Anda. Ao menos para matar aquella viola impertinente.

E foram-se.

Dahi a poucos dias a casa do Gustavo andava num reboliço: é que o Almeidainha partia definitivamente.

Este veio á noitinha para arrumar as malas: A meza da sala de jantar estava atopetada de embrulhos.

O Antonio tinha salido essa noite para ns ultimas compras, e trazer certas encomendas. Por este modo foi riscada a importuna viola.

— Arranjaste-me a carta?

— Por força, fosse eu busc-a ao inferno.—E Gustavo tirou das algibeiras um baralho de cartas: de recommendação.

— Oh! que cartomania! —E o amigo desabotoando o paletot, saccoou outras muitas.

— Parece um correio, disse Luiza rindo-se.

— Diga antes: uma verdadeira mala.

— Vê bem si te falta alguma coisa! Olha: isto não é uma carta, é o meu retrato.— E dizendo, tirou-o do envelope e deu-lho.

— Tiveste a mesma idéa que eu: cá te deixo tambem o meu.

— Para que isto, si ambos vão e ambos ficam?

— Tem espirito, D. Luiza.

— Escreve-me sempre.

— Si fosse possível dia a dia; haverá entretanto, um dia ou outro em que esteja longe.

— Escreve de lá mesmo.

Almeida fez sim com a cabeça.

— Vai seguro seu Almeidainha?

— Vou, D. Luiza. este anno o café ha-de dar rios de dinheiro.

— Deus o ajuda.

Deu onze horas.

— E' tempo de dormir para acordar cedo.

— Ainda temos tanto que conversar? Vai deitar-te, Luiza. Vê a nossa pequenina. Sim?

— Hoje não matas os mosquitos?

— Logo; ou então faze as minhas vezes.

— Já sei, vocês conversam até amanhãecer.

— Bem pode ser: não tenho somno.

— Nem eu.

— Suppõe que é uma noite de solo.

Luiza levantou-se: com o braço dobrado, o punho mais fechoado e o dedo indice erguido á frente da bocca, disse olhando para ambos:

— Não chorem, heim?!

Almeida ergueu-se rapidamente, abraçou a moça.

Gustavo sorriu; que tambem abraçou-o, e depois, apertando-lhe a mão com a caricia de quem anima fuma pombinha, levou-a aos labios.

— Até breve, D. Luiza.

— Até muito breve: o senhor não se demora.

— E si demorar-me, tenho certeza, de que irão visitar-me.

— Por mim estou prompta; até mesmo para ver S. Paulo.

De manhã cedinho Luiza sentiu os estalidos de passos miudos que lam nas pontas dos pés.

Eram os dois amigos—Damon e Pytbias.

Gustavo esteve triste todo o dia.

Luiza tocou muito piano.

A amputação tinha sido horrivel, roubou parte do coração e parte da alma de ambos.

— Ah! que assim custa muito a viver! dizia Gustavo, e suspirava, apezar de todos os desvelos da consorte.

No dia seguinte foram passear a instancias della.

A' noite receberam a primeira carta; e outras repêtiram-se quasi dia a dia.

O negocio ia mesmo ás mil maravilhas: o café valia ouro em pó. E assim por muito tempo.

Almeida já morava num palacete; tambem tinha jardim; e convidava o amigo para seu socio. Só lhe faltava elle.

— E a noiva? perguntou Luiza...

Num sabbado Gustavo recebeu uma carta em que o amigo lhe participava que, terminada uma grande transacção em que entrara, e que o tornaria rico, daria um pulo á Côte para vel-os; abraçal-os e leval-os comsigo.

— E pode bem ser. Queres?

— Que duvida! Eu é que não posso separar-me de ti.

No domingo elle acordou satisfeito, tinha passado bem, foi um somno só. Como de costume, desceu com a mulher para examinar o jardim: as suas flores, as suas rosas eram o seu melhor divertimento.

Por fim sentaram-se num banco.

Antonio regava os canteiros.

— Bom dia, meus amos.

— Bom dia, responderam duas vozes.

Gustavo olhava para Antonio.

— Que estás reparando?

Parece impossivel que este bomem, tão musculoso e sadio, toque viola.

— Apre! tu és serrazina.

— O' Antonio.

— Não lhe digas nada, segredou Luiza, a que o marido respondeu estendendo o braço e espalmando a mão diante ella.

— Meu amo!

— Tu não tens vontade de aprender...

Espera: tu sabea lér?

— Muito pouco... Sei apenas escrever á minha mãe.

— Porque não procuras um mestre?

— Hade me custar muito; porque, como diz o outro, barro velbo não toma passo.

— Não te cnsta nada. Tu és perseverante, quero dizer-te, tu és teimoso; basta que troques a viola pelo livro.

— Não entendi nada, meu amo.

— Deixa de tocar viola e lê.

— Eu posso fazer ambas as cousns.

— Ora, si podes fazer ambas as cousas, fazendo de ambas uma só, aprenderá dobrado.

Antonio fez um movimento desengonçado de quem não tinha entendido outra vez.

— A viola de nada te serve; entretanto que o livro pode vir a servir-te de muito.

— Ah! meu amo, a viola serve-me de muito: quando toco viola lembro-me de minha mãe, de minha terra. Tenho tantas saudades! Depois a viola é uma cousa tão bonita!

— Menos essa.

— Nem ha piano que dê na viola.

Luiza riu-se: Gustavo abaixando o rosto fez. *Chi!* com cara de enjoo.

— O piano grita muito; mas oão é quem grita mais que pode mais. Antonio estava entusiasmado.

— Não digas essa asneira.

— Cada qual gosta daquillo que mais lhe sabe: a prima Angelica troca uma laranja por uma pitanga. A viola é uma recordação para o Antonio, gosta mais della; está acahado.

— E' assim mesmo, minha nma, a senhora sabe.

— Alem de tudo a viola não vale nada, e o livro pode servir de muito.

— Qual!...—E Antonio balançou a cabeça com ar negativo.

— Essa é boa! Pois tu não podes ser ainda um negociante, um ricaço, em fim?

— Qual! Quem nasceu para dez réis nunca chega a vintem.

(Continúa)

Desnudaste um momento de te vigiar a ti proprio e gabaste que recomerás quando quizeres.

Euganas-t-. Uma leve falta, boje negligenciada, te precipitará amanhã em outra maior; e esta negligencia repetindo-se, formará uma habito que não conseguirás mais corrigir.

EPICETO

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

(CLUBE DO ENOENHO-VELHO)

Com a costumada frequencia do elegantes e gentis senhoras, e distinctos cavalheiros, realizou brillantemente esta importante sociedade, a 29 do mez passado, o 52º saráu-concerto, reinando grande animação durante a noite.

Esteve explendido o concerto vocal e instrumental, devido á perfeita distribuição e á boa escolha das mimosas peças de que se compunha o caprichoso programma arganzado pelo illustre amador e prestimoso director dos concertos o Sr. Augusto Weguelir, que, tomando sobre si esta ardua tarefa, completa até aqui, fechando com uma cbave de ouro, 50 concertos por elle organizados no Club.

As distinctas e interessantes amadoras DD. Alice de Vasconcellos, Emma Weguelir e H. Rocha Lima, que geotilmente tomaram parte no concerto, e bem assim os notaveis artistas os Srs. Napumnceno, E. Pollero, A. Bive-

lacqua, Foterli; e J. Villares, desempenharam-se com todo o esmero e correccção, sendo applaudidas calorosamente.

A parte dançante que se seguiu ao concerto; prolongou-se até de madrugada, e á distincta directoria, nas pessoas dos respeitaveis presidente os Srs. commendador Sebastião Pinto da Costa Aguiar, e procurador Francisco Antunes; Marcellos, os nossos parabens.

TIO ANTONIO.

## A MORTE E O CARNAVAL

Deotro de casa a confusão e o choro, O esposo e pai na ultima agonia: Na rua a mulidão, a vozzeria Os trezeitos, o momo sem decoro.

Diabinhos a caotar o insano côro Do tilntar dos guizos á porfia; Dentro, a vela que os crepes alumia Fora, o sol festiva, contente e louco.

Surdos, cegos vestiram-no de santo, Todos de joelhos na oração final Ungiram-no de beijos e de pranto.

— O' Morte, continúa o carnaval. Ell-o vestido de um fradresco manto, Lança-lhe ao rosto a mascara de cal.

J. DE MORAES E SILVA.

## Diversas Publicações

ESTRADAS DE FERRO, por Francisco Picanço.—Rio de Janeiro, 1887. O novo livro do distincto engenheiro brasileiro compõe-se, seguido elle proprio o affirm, de trabalhos originaes e de outros publicados na *Revista de Estradas de Ferro*, e reúne abundante cópia de informações technicas ácerca da viação ferrea.

Pensamos com o autor que estes estudos poderão ser uteis, assim aos profissionais, como áquelles que têm relações com a industria das estradas de ferro.

A competencia do Dr. Picanço em taes assumptos está solidamente firmada nos diversos escriptos com que tem enriquecido a litteratura patria, entre as quaes vem a pello recordar a *Viação ferrea do Brazil*, laureada com a medalha de Hawksbaw e com a medalha de prata da Exposição Universal de Antuerpia, em 1885.

ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, publicados sob a direcção do bibliothecario Dr. João de Saldanha da Gama.—1884—1885.—Volume XII.—Consta este volume de um notavel estudo biographico de Fr. Camillo de Monserrate pelo Dr. B. F. Ramiz Galvão.

Conforme está declarado em nota preliminar e se verifica da organização do livro, o autor attendendo á convenien-

cia do methodo, dividiu o trabalho em tres partes;

1ª *Biographia*. Abrange o periodo de 1818—1870, isto é, desde o nascimento até á morte de Fr. Camillo.

2ª *Noticia e analyse dos seus escriptos*. Nestas paginas poderá o leitor avallar a lucidez da exposição, a firmeza e verdade da analyse.

3ª *Documentos, Memorias e Notas*. Nesta parte são textualmente reproduzidos os escriptos de Fr. Camillo, á vista dos quaes conseguirá o leitor formar seguro juizo da exteosão s varie, dade dos conhecimentos do illustre monge.

Precede ao trabalho um magnífico retrato de Fr. Camillo.

MARINHA.—Sntos.—1888.—Bella poesia do Sr. Vicente de Carvalho sobre assumpto correspondente ao titulo.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã á 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Solicitador—Francisco R. de A. Nvaes—Juiz de Fora.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho—Medico par teiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Splendido terraço com caramanchões.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Typ. d' A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 12 DE NOVEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III—A. 150

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|  |                |
|--|----------------|
| Expediente.....                        |                |
| «A Semana».....                        | A DIRECÇÃO.    |
| Naturalismo e pessimismo.....          | ARARIPEJOR.    |
| Niviana, poesia.....                   | ATASIUS NOLL.  |
| Estudos da Litteratura Brasileira..... | SYLVIO ROMERO. |
| Em confissão, soneto.....              | O. SILVA.      |
| Martyres poesia.....                   | A. FURTADO.    |
| A viola.....                           | J. M. SILVA.   |
| O Brejo della, soneto.....             | BELCAR.        |
| J. Dias da Rocha.....                  | A. FURTADO.    |
| De volta, poesia.....                  | J. RICHTER.    |
| This is love.....                      | A. MOJAT.      |
| Um homem sério, soneto                 | GUIL. MAR.     |
| Àe calir da tarde.....                 | S. JUNIOR.     |
| Morte, soneto.....                     | CARLOS LUIZ.   |
| Diversas publicações.....              |                |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                  |         |
|------------------|---------|
| CÔRTE E NICHEROY |         |
| Semestre.....    | 4\$000  |
| Anno.....        | 8\$000  |
| PROVINCIAS       |         |
| Semestre.....    | 5\$000  |
| Anno.....        | 10\$000 |

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:  
— as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atraso a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Rio, 12 de Novembro de 1887.

Proferidas as palavras de despedida do ex-director e principal redactor desta gazeta, Sr. Dr. Valentim Magalhães, torna-se indispensavel que nós, os seus successores, inteiremos o publico dos intuitos com que assumimos a grave responsabilidade de continuar a dirigir os destinos da *Semana*, tão galhardamente mantida por seu illustre fundador durante o periodo de quasi tres annos. E' o que vamos fazer em poucas palavras.

Não foi a vaidade de ligar os nossos nomes a uma empresa jornalística, nem tão pouco a sede pecuniaria que nos trouxeram a este posto honroso, é certo, mas que nos offerece a triste e desanimadora perspectiva de uma estrada, cujo termo escapa á extensão do nosso raio visual.

Felizmente não havemos mister de longo esforço de considerações para convencer os leitores de que semelhantes moveis não pôdem entre nós determinar a organização de empresas como esta. Já não ha quem ignore que taes empresas não são as mais alentadas pelo bafejo da felicidade, e que em nossa terra vive-se de *lettras*, mas só de *lettras de cambio*.

Por outro lado, é preciso reconhecer que todos temos a nossa *mania*, o nosso ponto de vista particular de encerrar e cumprir o dever de contribuir com certa somma de sacrificios para o engrandecimento e prosperidade da patria.

Emquanto uns luctam pela vida politica, commercial ou industrial do paiz, luctam outros pela sua vida intellectual pelo progresso de suas letras. A estes nos associamos nós.

E, porque não se comprehende a lucta sem os necessarios meios, sem o theatro de acção ou campo de operações, julgamos prestar valioso serviço aos nossos concidadãos, preparando-lhes e conservando terreno onde passam manejarem as armas.

Dahi a aquisição que acabamos de fazer da *Semana*, com o decidido proposito de consagrar suas columnas ao exclusivo serviço dos artistas da penna, abrindo assim um valvula a todos as expansões litterarias.

Todos reconhecemos que a ausencia de um organo destinado á publicação e vulgarização dos trabalhos de quantos podem bem produzir, tem concorrido não sómente para anesquinhar a nossa vida intellectual, mas ainda para que muitos talentos cultos se conservem retrahidos e condemnados ao isolamento do *platonismo litterario*. E como não ser assim, se a produção suppe o consumo, e este reclama o conhecimento do producto?!

Procuramos obviar este inconveniente, e a *Semana* aqui se acha para acolher de braços abertos e coração rejubilado todos os trabalhos com que pretendam honral-a.

Velhos e moços; representes da antiga ou da nova geração; sectarios do romantismo ou do naturalismo: espiritualistas, materialistas, positivistas ou criticistas todos terão cabida em seu seio, cortos de que a sua liberdade terá apenas os seguintes limites: abstenção completa do que concerne á politica e administração do paiz; ausencia de polemica e ataques pessoais; e as disposições do nosso Codigo Criminal.

A DIRECÇÃO

## Naturalismo e Pessimismo

(Continuação)

E' inutil desviar as manifestações do seculo da linha que a natureza lhes assignalou, fazendo surgir a concepção evolucionista.

O pessimismo scientifico e especulativo, como bem affirma J. Sully, é uma doutrina inverificavel, e, sob muitos aspectos, evidentemente inexacta. Todo o esforço empregado em provar a miserabilidade sempre crescente da vida humana, não passará, para quem reflecte calmamente, de uma theoria erronea, a todo instante refutada pelos factos, ora naquillo que A. Bain chama o *prazer do andamento* (seguinte da velocidade), ora no que George Eliot denomina *meliorismo*, « concepção pratica que se encontra como meio termo entre os extremos do pessimismo e do optimismo, como resultante de um sentimento universal no poder da humanidade de diminuir o mal e augmentar a somma do bem positivo. » (1)

Quando outros argumentos não existissem para refutar aquella theoria e a sua consequente influencia na arte moderna, bastaria attender a um facto bem patente, — á força que anima as obras da escola naturalista, que verdadeiramente merecem este nome. Não ha quem ja não tenha observado que taes composições caracterizam-se por uma *intensidade* consideravel, devida tanto a coordenação solidamente complexa das idéas, como á estrutura condensada do estylo. Ora, examinando-se essas obras e esse estylo, não é difficil chegar a demonstração de que, se porventura o pessimismo fosse a alma do naturalismo, ou o naturalismo não existiria, ou as suas manifestações teriam outro as-

(1) A. Bain—*Les émotions et la volonté*, 140. J. Sully, *Pessimisme* 3:8

pecto. A razão é intuitiva, — quem diz pessimismo, diz diffusão do osforço, decomposição, aniquillamento; intensidade significa concentração de forças, superabundancia de vida; e é forçoso reconhecer que entre os dois estados existe a mais completa incompatibilidade.

As manifestações pessimistas, pois, a que allude Ramalho Ortigão, observadas em diversos escriptores da actualidade, quando não são productos de um estado pathologico evidente, constituem uma prova mais de que esse alardeado pessimismo limita-se a ligeiras superfetações, que como taes não tiveram força bastante para abafar as influencias geraes, resistindo á reacção scienciafica. Com effeito, não era possivel que a litteratura, nascida desse contacto, deixasse de caracterizar-se, no fundo, por uma grande segurança e energia.

O que tem escapado a muitos criticos é o profundo trabalho da selecção litteraria que se está operando, de algum tempo a esta parte, no seio das litteraturas occidentaes. A produção das grandes obras artisticas está hoje dependente de um jogo enorme de facultades e de um processo tão complexo quanto se pôde imaginar pela multiplicidade das exigencias de um publico, cujas facultades se tem aperfeiçoado em todos os sentidos. Nesse concurso esmagador ha uma alluvião sempre crescente de tentativas votadas á morte, e que abortam por incapacidade de adaptação. Só os verdadeiramente fortes, aquellos que já surgem apparelhados para luctar com a complexidade da arte moderna, só estes conseguem triumphar, envergando a grande armadura do seculo. Mas, porque o chão permanece coberto de destroços, não se segue que, pelas enfermidades e aleijões das victimas, deva a critica determinar as tendencias da arte naturalista.

Sob este ponto de vista não resta duvida que o estylo moderno, o estylo dos fortes, como producto legitimo da evolução e felleira organica, não tolera nem as vacillações do pessimismo, nem as obscuridades de uma arte que não conhece o seu caminho. Acompanhando a marcha universal, a arte de exprimir o pensamento por meio da palavra vai tambem passando de um estado homogeneo para um estado heterogeneo. Quanto mais progredim nas litteraturas, tanto mais se differencia esse apparelho com que os artistas transmitem as suas proprias impressões. No discurso, do mesmo modo que em um systema cosmico, tudo gravita para um centro commum, tudo se condennaa, tudo evolue de integração em integração. Espelho do pensamento, quantendo um perfeito equilibrio organico, desde a interjeição holophrastica do homem primitivo até á pagina de um prosador do seculo XIX, a palavra obedece a leis inilludiveis. Esse equilibrio organico deu e dar-se-á

sempre em virtude de um processo de subordinação, e desenvolve-se por uma lei, já verificada em linguística, a do menor esforço, pois que o movimento se propaga pela linha de menor resistência.

As idéas, e as imagens crescem no espirito, formando de continuo círculos concêntricos, começando por pontos indistintos que se vão alargando gradualmente, que proliferam e succedem-se em uma ordem logica, na proporção da amplitude do registro cerebral. Quando o homem é obrigado a externar por meio de proposições esses movimentos circulares e concêntricos, de methodical-os em uma successão bem diversa da que se opera internamente; o phenomeno procura reproduzir-se no cerebro alheio, mas só o effectua depois de atravessar essa linha de successão.

E' ás regras constitutivas desse methodo que a grammatica dá o nome de syntaxe. Cada proposição encorpora um daqueles círculos concêntricos, e da sua justa collocação no seguimento periodal depende a revivencia integral do grupo no espirito daquelle a quem dirige o emissor.

Para melhor intelligencia desse facto é preciso lembrar que o grupo assim desenvolvido em linhas successivas não é outra cousa mais do que a representação de um estado de consciencia completo, pois que toda a proposição, por mais completa que pareça, não supporta mais de um desses estados. (2) As leis do estylo, portanto, não são senão as da syntaxe estudadas em um ponto de differenciação da linguagem muito elevada, quando esta, apartando-se da simples adjectivação dos factos da vida commum, prolonga-se na tentativa de uma expressão complementar das relações que escapam á attenção ordinaria. Se é certo que a syntaxe reside no conhecimento das leis relativas no modo por que habitualmente um povo coordena as suas idéas, não é menos verdade que é desse nucleo que sahem todas as manifestações particulares do pensamento, cabendo a estylistica estudar apenas as divergencias que as individualidades litterarias apresentam na produção de sua actividade artistica. Do mesmo modo que o povo fixa no discurso e transmite illimitadamente as suas impressões por meio de certas reacções periodaes, o individuo com o auxilio de suas combinações e reacções particulares, que muitas vezes escapam á analyse, consegue infundir em seus periodos um tom, um colorido distincto. Seja, porém, como for, esse *quid* não passa de uma particularização dos processos de transmissão observados na syntaxe geral; e a sua explicação só pode ser encontrada no exame das multiplas e complexas reacções a que cada escriptor chegou pelo instincto e pela pressão do ambiente em que viveu. Cada palavra tem uma significação propria como um algarismo; esse valor irreductivel, entretanto, ella o perde, desde que toma posição no discurso, e inflexiona-se ao infinito, subordinando-se de continuo ao accerto syntactico, que preside a estrutura da phrase. Produzindo variadas effectos, conforme estiver isolada, juxtaposta, ou associada, no conflicto geral com os outros vocabulos que concorrem na composição, ella influe em todas as direcções,

(2) Cf. St. Mill, *Systeme de logique*, L. 80. Henry Weil, *Ordre des mots*. 16, 19, 21. A. Darmsteter, *The life of words* na parte em que o autor analisa o que elle chama sociedade das palavras, *society of words*.

provocando a revivencia das associações que a determinaram, operando de unidade a unidade, do proposição a proposição, de periodo a periodo.

As modificações cerebraes de quem ouve ou lê estão desta maneira em essencia ligadas á predisposição anteriormente criada pelo agrupamento de vocabulos a que outro succede. Na expressão exterior do pensamento existem assim dois elementos que não deverão nunca ser esquecidos — o vocabulo, notação rudimentar e directa da idéa, e o vocabulo — supporte da inflexão do pensamento, dependente das reacções psychicas que resultam da aproximação de determinados factores. A' vista disto, quanto mais complexa fór a idéação, tanto mais cerradas devem ser as operações descriptas, tanto mais intensa a expressão.

E' intuitiva, portanto, a grande economia de esforço que não é necessaria para realizar a transmissão de concepções complexas por meio deapparelhos tão complicados e de tão difficil manejo. Pois bem, é nessa economia que resi le toda a força do estylo naturalista.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa)

A Philosophia ensina-nos a arte de contemplar com tranquillidade a desgraça alheia.

LA ROCHEFOUCAULD,

## NIRVANA

E pois que o teu olhar  
Senhor, não vem, não desce  
e como um sol brilhante não aquece  
a alma, em gelos de duvida, a hesitar;

pois que é ballado e vão  
tudo o que a mente aspira  
e sentimos apenas a mentira  
ao cabo da mais lúcida illusão;

pois que não vemos deus  
que nossa rota aclare  
e nas sendas da vida nos ampare  
e nos levante os olhos para os céus;

pois que sossobra o Bem,  
como um baixel perdido,  
e nas vagas da Dór o homem cahido  
nem um gozo siquor, luctando, tem;

pois que o Bello se esvae  
— sonho brilhante e puro —  
e das auroras negras do Futuro  
outro brilho chimerico não sae;

pois que a verdade até  
— unica luz restante —  
tambem treme e vacilla agonizante,  
entre os escombros do porvir, em pé,

que se extinga afinal  
a vida derradeira!

e role e cáia a Natureza inteira  
num anniquilamento universal!

ATASIUS NOLL.

## Estudos de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO)

(Continuação)

Não seja só a essa parte do elemento estrangeiro, os portuguezes, que se augmente a enorme influencia que já desfructa, seja a toda a grande massa de estrangeiros que vivem neste paiz sem se assimilarem a elle, pelos erros de uma propaganda de colonização mal dirigida; seja a todos outorgada a influencia e o mando definitivos.

Que aconteceria?

A navegação de longo curso é estrangeira, a de cabotagem desfarçadamente estrangeira, o commercio de grosso e pequeno trato estrangeiro; si invadissem a lavoura e as grandes e pequenas industrias e tomassem conta do resto de fontes economicas, que ainda pertencem aos *nacionaes*, e alcançassem a direcção suprema, seria preciso que algum surgisse neste paiz, pregasse a reacção e restabelecesse o equilibrio.

Que vamos concluir de tudo isto?

A conclusão está por si mesma tirada.

Quatro seculos foram sufficientes para crear neste paiz uma população exclusivamente nacional, que se distingue já perfeitamente dos factores que a formaram, população que se vai cada vez mais integrando á parte e tendendo a rejeitar as influencias estranhas. Logo no fim de dois seculos o indio tinha dado quasi tudo que podia dar e começou a ser considerado como força morta; ao cabo de tres seculos comprehendeu-se que o portugez era já um obstaculo e separamos-nos delle, que ainda abusa muito, é certo, porém não é mais o senhor absoluto.

Chegamos agora ao ponto de dispensar o concurso do negro; já lhe vedamos as entradas, com a extincção do trafico, e já não contamos só com elle para o trabalho; estamos com a escravidão acabada, podemos deixal-o do lado.

O significado historico desses factos é que os tres elementos primitivos da população já deram, como elementos separados, o que tinham de dar; o povo brasileiro deve-se considerar em essencia constituido, e a esforços de trabalho, energia, bom senso e perseverança, adquirir o seu logar na historia e na politica do mundo.

Si, emtanto, acha que não tem ainda forças bastantes para as grandes luctas do progresso, si ainda precisa do auxilio de braços e intelligencias de estranhos, dirija a inoculação dos elementos immigratorios e colonias — com tino e criterio. Não entregue provincias inteiras aos immigrantes; espalhe-os por todo o paiz, e assimille-os.

Esta é que é a idéa patrioca, ensinada pela historia de nossa propria patria, sobre a colonização. Não os planos, filhos do interesse pessoal de certos espiritos acanhados e prejudiciaes. Não cesse de combater idéas que julgo nocivas ao progresso e a unidade do povo brasileiro. Felizmente, não se têm realizado os planos daquelles na medida dos seus desejos. Oj inconsciente da historia tem vindo em parte em nosso auxilio.

Já não é gente de uma só procedencia que nos está invadindo as provincias do sul. Italianos, polacos e allemães

fazem-se mutua concurrencia; rivalizados entre si, não terão talvez tempo nem força para apagar os nacionaes. O resultado final ha de ser, segundo espero, em favor do povo brasileiro.

Além disto, parece que se acabará por cuidar tambem da colonização do norte sem desequilibrio para nós, sem que o brasileiro do futuro seja inteiramente diverso pelo sangue do actual.

Em um paiz como o nosso, ainda novo, sem tradições bem formadas, sem cohesão social bem compacta, nunca é demais insistir sobre o seu caracter popular e historico.

Ainda mais é isto indispensavel tratando-se de um poeta, como Gonçalves Dias, um genuino brasileiro, um mestiço moral, que será ainda por muitos seculos uma das mais authenticas manifestações da alma deste povo.

Uma critica mesquinha e incorrecta espalhou por ahí ter sido o poeta maranhense um exagerado cantor de indios, não se occupando de mais nada. Não pode haver maior injustiça.

A verdade é que o poeta evidentemente sem plano escolastico, espontaneamente e sem impulsos doutrinaes, deixou-se influenciar pela vida dos selvagens, como em *Y-Juca-Pirama* e n'outras composições; pelas tradições portuguezas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça*; pelos soffrimentos dos captivos pretos como na *Escrava* e na *Meditação*.

A vida e os sentimentos, as phantasias dos mestiços, dos brasileiros propriamente ditos, não são esquecidos. Bem pelo contrario, — *Marabú*, a *Mãe d'Agua*, e vinte outras, o attestam. Um talento, como o de Gonçalves Dias, não podia ficar na poesia pura e exclusivamente indiana, e de facto não ficou. A poesia pessoal e subjectiva, a poesia exterior e descriptiva, além de todas aquellas notas acima indicadas, inebriaram a alma do sonhador brasileiro. E' preciso que a critica myope do Brazil corrija os seus errados juizes.

O mesmo se deu com Alencar, que tratou dos indios puros no *Ubirajára*, do indio em contacto com os colonizadores em *Iracema* e *Guarany*, da vida colonial nas *Minas de Prata*, da vida dos sertões do norte no *Sertanejo*, da vida das fazendas do sul em *Til* e no *Tronco do Ipé*, da vida elegante do Rio de Janeiro em *Senhora*, *Luciola*, *Divã*, *Sonhos de Ouro*, de nosso viver burguez no *Demônio Familiar*. Isto para só lembrar suas principaes obras.

Teria sido uma lacuna imperdoavel, si esses dois grandes agitadores da litteratura brasileira tivessem olvidado os indios; teria sido censuravel curteza de vistas, si nos quizessem perpetuamente molestar com elles. Tiveram o bom senso de se conservar no justo meio termo.

Eu bem sei que bouve ahí uma hora de desvaimento em que se quiz pregar como verdade absoluta só ser brasileira a produção que cheirasse a caboclos. Contra taes exaggeros protestei sempre desde 1870.

I A chamada poesia indiana é uma poesia biforme, que nem é brasileira, nem indigena. A raça selvagem, com todos os encantos e allucinações do bomeo criança, virgem e travessamente agradável, com todos os apparentes effluvios de poesia immensa, é hoje vulto mudo a esvair-se no centro de nossa vida, no marulho de nossa civilização. Não quiz ou não pôde sentir as agitações de um outro viver, escutar os ruidos de outras formas de anceios,

de liberdade, de crenças, de luctas, que a turba, ás vezes tyrannica dos conquistadores, lhe quiz fazer entender. A raça selvagem está morta; nós não temos nada mais a temer ou a esperar d'ella. O colono europeu não teve que dar grandes batalhas a um inimigo t. naz; teve que presenciar o desfilar triste e compungidor da multidão selvaticamente boa e sympathica dos adoradores de Tupan.

Todos conhecem os poucos casos de resistencia da parte do indio, todos se lembram da retirada de Japy-Assú á frente das tribus do interior, que só pararam, diz a lenda, diante do Amazonas, força bastante valente para as fazer sustar.

O espectáculo é triste. Aquelle povo não tinha o sentimento profundo e apaixonado da patria; não palpitava nelle ao menos o valor de heróes, que inspirára uma pagina brilhante da historia da Grecia, a dignidade de fugir combatendo, que nobilitou a retirada dos Dez Mil.

Ainda hoje foge diante da civilização. Como que uma lei desconhecida o repelle para longe de nossas instituições; parece que *Anhangá* horripou sobre elle todas as lagrimas da desgraça.

O indio não representa, entre nós, por exemplo, o que em França significava o velho fundo de população *gallo-romana*, o terceiro estado, o povo que fez a *Revolução*. Em balde se procurará um serio e profundo principio social e civil deixado por elle. Em muito pouco modifíco o genio, o caracter dos conquistadores.

A razão está, me parece, nesta lei historica da conquista da America tanto mais civilizada era a população indigena, quanto resistia e deixava vestígios. A inversa é verdadeira. As dominações dos imperios adiantados do Mexico e do Perú e a do selvatico Brazil a confirmam.

Um povo que fugiu difficilmente poderia deixar impressos no vulto do que lhe occupou o logar os seus toques, ainda os mais decisivos. O indio não é o brasileiro. O que este sente, o que busca, o que espera, o que crê, não é o que sentia, procurava, ou cria aquelle.

São, pois, o genio, a força primaria do *brasileiro* e não os do *genio* que devem constituir a poesia, a litteratura nacional.

O indio não deixou uma historia por onde procurassemos reviver sua physionomia perdida. Não pôde dar-nos, por exemplo, o romance historico ou o romance de costumes propriamente taes. Não conhecemos sua vida intima. E que no fundo não revelado sobre elle quantos o têm estudado nos seus romances e nos seus poemas? O que tem dito se reduz a uma exposição de usanças meramente exteriores, conhecidas desde o seculo XVI, e que todos trajam de um só modo em rigor.

Argumentam com F. Cooper; é um grave equívoco. A gloria do romancista americano provém propriamente de seu estylo vivo e penetrante; não de haver descripto a estatura do selvagem no que, aliás, ficou atrás de Agostinho Thierry, no pensar de Guizot.

Ninguem tomará, certamente, o pinturista historiador francez por um poeta *anglo-sazonio* ou *normando*, por haver brillantemente descripto esses povos ainda em estado de barbaria.

Cooper tambem nada tem de *pelle-vermelha*. Foi, talvez, mais feliz nos seus romances de marinha. Não creou uma litteratura para a sua patria, por

haver fallado de selvagens; Chateaubriand o precedêra, e tão pouco a creára para lá ou para a França. Por seu talento vivaz, o americano imprimiu ao romance historico uma cor mais animada, ainda que mais falsa do que a que lhe dêra Walter-Scott, e mais nada.

Será um dos fundadores da litteratura de seu paiz por outros serviços, não especialmente por fallar de caboclos, que lá acham-se agora reduzidos a diminutissimo numero, e ainda fugindo da civilização, que lhes causa susto.

O senso popular desprezou tal poesia, porque não é a sua, porque não falla das suas esperanças. Os mais vulgares principios da arte a condemnaram tambem. A velha e soberana verdade que a litteratura é a grande arteria, o pulso da sociedade, que sofre de suas agitações, de suas ancias, tambem se lhe oppõe. A escola puramente italiana está desacreditada; os melhores poetas do paiz andam já desde muito por outro lado.

O pensamento exagerado daquella escola encerra para quem bem attender á estrutura actual da sociedade brasileira, quem reflectir sobre suas leis historicas, alguma cousa que é a negação do genio *nacional*. Diz-nos em sua pretensão de glorias: — Não tendes um intimo vosso, não podeis achar poesia no vosso propria ser, sois uma estatua morta, sem vida, sem palpações, que necessita pedir aos homens, perseguidos por parte dos vossos maiores, um enlevo que vos inspire!

E' pungente ..

Para quem assim comprehende as cousas, individualidade de um povo, genio de uma nação é palavra balofa que no *brasileiro* exprime nada, que só no *typo* pôde achar esse *quid* ignoto que elle nos pôde emprestar...

A nacionalidade da poesia brasileira, com tanta azafama procurada aqui e com tanta colera e tão cega e constantemente nega-la em Portugal, só pôde ter uma solução: — acostar-se ao genio, ao verdadeiro espirito popular, como elle sae do complexo de nossas origens ethnicas. E' uma questão de instincto dos povos essa do nacionalismo litterario. Isto vem espontaneamente; as nações têm todas uma força particular que as define e individualiza. Todos sabem qual é ella no inglez, no allemão, no francez... Tambem teremos, si o não temos ainda bem definido, o nosso espirito proprio e original.

O genio deste paiz, ainda vago e indeterminado, um dia, ousado esperal-o, se expandirá aos raios de um forte ideal que o ha de fecundar. Andar, porém, estonteado hoje, como sempre, no empenho de nacionalisar a poesia, a litteratura—, parece-me cousa igual á lucta inutil do antigo vidente, do antigo propheta quando buscava furtar-se á acção de Deus que o dominava... O *indicio* nacional ha de apparecer sem que haja necessidade de o procurar adrede; o poeta é antes de tudo homem e homem de um paiz. Seus sentimentos mais arraigados, as inclinações mais fortes de seu povo hão de forçosamente apparecer.

Applicando as leis de Darwin, á litteratura e ao povo brasileiro, é facil perceber que a raça que ha de vir a triumphar na lucta pela vida, neste paiz, é a raça *branca*. A raça selvagem e a negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutejada pela escravidão, pouco, bem pouco, conseguiram

directamente para si. Os seus proprios recursos volver-se-hão em vantagem dos brancos.

Prova-o o facto do cruzamento em que tendem a predominar o *typo* e a indole do europeu, ajudado pela mescla do sangue selvagem e negro, o que mais habilita a supportar os rigores do nosso clima.

Nas republicas hespanholas o cruzamento mais extenso foi do branco e do indio; entre nós foi do branco e do negro, excepto apenas no alto norte, onde o inverso é a verdade.

O negro, depois do europeu, tem sido o principal factor da nossa vida intellectual, politica, social e economica. Temos para com elle uma grande divida: determinar na historia o quinhão que lhe pertence, por si, e por seus descendentes *mestiços*, maxime por estes ultimos.

Uma cousa é para notar: eu desafio a que me mostrem em toda a historia brasileira de quatro seculos, um so *typo* nacional, mais ou menos notavel, que haja sido negro ou caboclo *puro*.

Camarão e Henrique Dias, de valor bem contestavel, não se acha ainda bem averiguado que hajam sido, um negro e outro caboclo, da mais pura e estreme liubagem. E' provavel que já tivessem sido o resultado do cruzamento das tres raças, ainda que em diminuta escala.

Todos os nossos principaes *typos* têm sangue branco: — são brancos puros, ou desfigurados pelo sangue das outras raças mas sempre têm sangue do branco em qualquer grao.

E' força convir, porém, que o futuro deste paiz so pertencerá ao branco depois de haver elle assignalado os elementos das raças tropicaes a que elle se alhou neste paiz, mistura indispensavel para o habilitar a resistir plenamente ás agruras de nosso clima.

Si houvéra necessidade de fazer applicação rigorosa ao Brazil da theoria das raças, procurando uma que definitivamente nos represente, melhor que Portugal, o nosso paiz offerceria ampla possibilidade para a empreza; porque não fora preciso levantar á altura de uma raça uma simples classe da população, como alli praticou um extravagante com os mosarabes. Entre nós o concurso de tres raças inteiramente distinctas, em todo o rigor da expressão deu-nos uma sub-raça—, propriamente brasileira,— o *mestiço*. O elemento mais progressivo tem sido o branco, que vai assimilando o que de necessario á vida lhe pôdem fornecer os outros dois factores.

A historia o prova: ella nos mostra a intelligencia e a actividade mais especialmente residindo no branco puro ou no mestiço quasi branco: e nunca em o indio ou em o negro estremes de qualquer *mistura*.

Mas como o branco inteiramente puro, cousa que se vai tornando cada vez mais rara no paiz, pouco se distinguiria de seu ascendente europeu, é indispensavel convir que o *typo*, a encarnação perfeita do genuino *brasileiro*, como a seleção biologica e historica o tem produzido, está, por em quanto na vasta classe de mestiços de toda a ordem na sua immensa variedade de côres.

Esta grande fusão ainda não está completa, e é por isso que não temos ainda um espirito, um caracter inteiramente original.

Eu disse que não temos um só homem verdadeiramente notavel em nossa his-

toria de quatro seculos que tenha sido negro ou caboclo puros.

Creio ser a verdade. Camarão e Henrique Dias, repito, si fôr provado que o foram, o que tenho por duvidoso, o genero de actividade em que se desenvolveram, é daquelles que não requerem grande distincção.

Os nossos homens mais notaveis nas letras e na politica, ou são brancos, como um Gonçalves de Magalhães, ou mais ou menos mesclados, como Gonçalves Dias.

Não se poderá talvez dizer que Gonçalves Dias tivesse mais talento do que Magalhães; mas quem contestará que elle foi mais *brasileiro*, isto é, tinha maior somma de certas qualidades que o separavam do genuino espirito portuguez e o approximavam de um *typo* ainda não bem definido, que será no futuro o verdadeiro *nacional*?

Milha these, pois, é que a victoria na lucta pela vida, entre nós, pertencerá no porvir ao branco; mas que este, para esta mesma victoria, attentas as agruras do clima, tem tido necessidade de aproveitar-se do que de util as outras duas raças lhe tem podido fornecer, maxime á preta, com que tem mais cruzado.

Pela selecção natural, todavia, depois de prestado o auxilio de que necessita, o *typo* branco irá tomando a preponderancia até mostrar-se talvez depurado e bello, como no velho mundo. Será quando já estiver melhor aclimatado no continente.]

Dons factos contribuirão principalmente para tal resultado: — do um lado — a extincção do trafico africano e o desaparecimento constante dos indios, e — de outro, a crescente immigração europeia. Esta, porém, deverá ser bem dirigida, deverá ser bem espalhada, para não ser desequilibrado o paiz, e não desaparecer o elemento portuguez.

A luz de taes idéias, de acôrdo com as vistas mais profundas da sciencia de hoje, nenhum é o papel reservado ao *indianismo* exclusivo e systematico. » (1)

O leitor comprehenderá a razão de discutir eu, desde logo, tratando de Gonçalves Dias, a questão de indianismo. Foi uma poesia util como um tonico, um abalo necessario imposto aos nervos de nossos burguezes para o arredar da mania das imitações lusas; mas não podia ser exclusivista.

Encaremos ainda mais de perto o nosso auctor.

Gonçalves Dias em sua carreira propriamente de poeta atravessou duas phases, ambas muito curtas, porém ambas bem distinctas — uma da outra. De 1810 a 1845 é a phase de Coimbra; o poeta escreveu grande parte das peças que figuram nos *Primeiros Cantos*. As meliores deste volume, é verdade, foram escriptas no Maranhão nos mezes de 1845 a 1846 que o poeta alli passou.

Deste numero são as poesias — *Sous olhos* e *Adeos aos meus amigos do Maranhão*.

Fazemos aqui incidentalmente uma notação e ésta: de decennio em decennio a litteratura brasileira tem feito neste seculo um progresso que se tem assignalado pela publicação de um livro: — em 1836 os *Suspiros Poeticos* de Magalhães, em 1864 os *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias, em 1856 o *Guarany* de Alencar, em 1866 os *Cantos e Phantasia*

(1) Vide *A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna* pelo auctor, pag. 40 e seguintes.

stias de Varella, em 1876 o *Selvagem* de Couto de Magalhães e os *Ensaios de Sciencia* de Baptista Caetano. De 1876 em diante nada tenho a ponderar; porque esta historia deve ser fechada em 1877, data do fallecimento de José de Alencar.

A segunda phase da vida poetica de G. Dias é tambem de cinco annos, em rigor, vae de 1845 a 1850; pois que os *Ultimos Cantos*, publicados em 1851, já estavam promptos desde o anno anterior. Depois desta época o poeta quasi mais nada produziu. Não sei si teria influido para isto em qualquer grau e em qualquer sentido seu casamento effectuado em 1852.

Definamos mais directamente o talento deste mestiço.

Elle era antes e acima de tudo um poeta: tinha a vitalidade das sensações, a ideação prompta e mobil, a linguagem fluida, sonora e cadente, o espirito sonhador e contemplativo, a imaginação sempre prompta a desferir o voo. Não era da raça daquelles que confundem a poesia, com a eloquencia, a musica d'alma, com os sons de um instrumento.

« Ha poetas, diz um grande critico, ha poetas para os quaes a poesia é um instrumento encantado, a rabeca de Paganini, ou um outro instrumento qualquer, mas, em summa, um instrumento de virtuosidade. Ha outros para quem a poesia é uma voz, uma linguagem, a expressão natural e espontanea d'alma. Victor Hugo é o maior d'entre os primeiros; Racine, André Chenier, Lamartine são da ultima familia. »

Gonçalves Dias é tambem d'esta derradeira familia. Entra bem n'esse grupo seleccionado por Scherer, auctor d'aquellas palavras.

Gonçalves Dias era sobretudo um poeta, já disse; falta ajuntar que na poesia era sobretudo um lyrico. Mas que vem a ser um lyrico? Podem-se dar vinte respostas a esta pergunta.

Eugenio Fromentin, o illustre pintor e critico quasi desconhecido dos escriptores fluminenses, assim define o genero fallando de Rubens

« Tout cela nous conduit à une définition plus complet et encore, à un mot qui je vais dire et qui dirait tout: Rubens est un *lyrique* et le plus lyrique de tous les peintres. Sa promptitude imaginative, l'intensité de son style, son rythme sonore et progressif, la portée de ce rythme, son trajet pour ainsi dire vertical, appelez tout cela du lyrisme, et vous ne serez pas loin de la vérité. » (2)

Para Fromentin são, pois, a promptidão da imaginação, a intensidade do estylo, seu rythmo sonoro e progressivo, a altura deste rythmo, que constituem a essencia do *lyrismo*.

Não é precisamente neste sentido que entendo a palavra e o facto que ella exprime, não é, pelo menos neste sentido que a applico a Gonçalves Dias. Elle tinha, por certo, imaginação agil, tinha brilho de estylo, tinha sonoridade de rythmo; porem não são essas as qualidades que mais o distinguem. Parece-me que a justeza do sentimento, a doçura das imagens, a delicadeza das tintas, a facilidade das idéas, a espontaneidade da forma, o voo sereno de todas as forças mentaes, eram de preferencia acus predicaes.

Tudo isto numa alma profundamente sincera.

SYLVIO ROMÉRO.

(Continúa.)

(2) *Les Maitres de Antrefois*, pag. 93.

## EM CONFISSÃO

A FILINDAL

Aos pés do confessor a joven penitente,  
De lagrimas banhada a face setinosa,  
Contava cabisbaixa aa faltas cor de rosa,  
Ao velho confessor, dizendo ingenuamente:

Meu padre, estava eu so, mamã audava ausente,  
Eu lia no salão attenta e descuidosa,  
Quando elle, o primo, entrou; ao vél-o receiosa  
Tentei então fugir; mas elle velozmente

Prendeu-me num abraço e as faces me beijou  
E ao peito muito tempo assim me conservou,  
Dizendo estar por mim de muito amor perdido.

Que mais? — O confessor pergunta á peccadora;  
Deu-me elle ainda um beijo e após se foi embora.  
Pateta! — exclama o padre, a rir-se, distrahido

OLIVEIRA E SILVA.

## MARTYRES

A RAYMUNDO SORREÁ

Rudes, eu vos comprehendo e amo, o'solitarios  
Martyres. Preferiste ás pompas os calvarios  
E á agonia do Horto ás Capuas' deliciosas  
Tiveste por inellhor os espiuhos que as rosas  
E á vasta noite amaste a calua branca e fria  
Em que a estrella sorri, que Jesus preferia  
Para descer do seu lucido throno sauto  
Ao travesseiro ardente e que regaste em pranto.  
Eu vos posso entender gementes sobre a dura  
Lage mortuaria, quando ardendo a mão segura  
O piedoso Knout voa encrustava aos flancos.  
Nevroticos fleis, magros martyres brancos.  
Muito soffreste, muito apiedou-vos a terra  
Criatura de Oeno em sanguinosa guerra  
Eterna, o crime lei, o enthronizado vicio  
No fastigio o perverso, o justo no flagicio.  
Reinava ainda o fragor da bachanal radiosa  
Ebria de vinbo e saugue e carne luxuriosa  
Phryné rindo impudica o Messala contando  
Amantes por legiões, o sangue avermelhando  
Espadanova o Imperio, o padres, quando vieste  
Trazendo a palma, a cr'oa e o cordeiro celeste  
O latejo sagrado e as donzellas trementea  
Os céus a descobrir pelas vertigens quentes  
E partilhando o leito ao Amante extremoso  
De vulto multiforme e sempre alvo e formoso.  
Uma aureola ideal e o perfume o trabia  
Suspiro original que ao extase subia!  
Era-vos, uoite, o sol, meigas Therezas pallidas,  
A vós que aquella friez e a quellas mãos esqualidas  
Escondieis no seio o virgem, que o profundo  
Amor viste, o cairel, onde coubera um mundo.  
E por isto ao mirar as lapides, sigillo  
Do mysterio dolente, esse viver tranquillo  
Me acode, e como, então, eu vos contemplo  
E amo, joelbos em terra, o olhar na plaga infinda  
Onde d'aza ao roçar cadenciosa tira  
O bando angelical as musicas da lyra.

ALCIBIADES FURTADO.

## A VIOLA

(Conclusão)

— Isso não se diz, homem!  
— Basta, tu estás tirando o tempo da rega. Vai, Antonio, vai fazer o teu serviço.

Antonio lá se foi.  
— Burro! Exclamou Gustavo baixinbo, é o homem da viola e do dez réis.

— E o que tens com isso? Tu é que és muito ambicioso.

— Que alma pequenina deve ter eate colosso: é a montanha com um ratinho dentro. Com duas almas de cachorro faz-ae de sobra uma destas.

— Cala-te! Isso é que não se diz. Apesar de tudo, o Antonio mostra uma grande delicacção por ti. Quando ultimamente estiveste doente, elle não tocou viola; e, quem sabe, talvez esquecease a sua terra. E tu pagas esse grande affecto com o ratinho da ingraticão.

— Como o Antonio cahiu-te em graça!...

E' que eu amo as almas grandes, boas e puras.

— Que tocam viola e que não valem dez réis.

Luiza ergueu-ae, e seguiu para caea.  
— Vem conversar mais a respeito da viola. E elle chamou-a com a mão.

A esposa voltou o rosto, e com os labios em riso, maa os dentes cerrados disse, batendo com os dedos indice e medio, feito um bico que come:

— Thesourinha...

Gustavo ergueu-se, correu atraz della, prendeu-a pela cintura, e sorriu.

Antonio parou, viu-os subir e exclamou:

— Como um gosta d. outro! são dois passarinhos do céu!

Paasaram tres dias sem noticias do Almeida, quatro, cinco, seis, uma semana.

— Vou a S. Paulo!...

— Elle não te mandou dizer que estava envolvido numa grande transacção?

— Não, não; ha qualquer novidade!

— Toma café primeiro.

— Não quero. Vou já sahir: hei de saber alguma cousa: talvez a familia saiba, e tenha recommendação de nada participar-me.

E Gustavo sahio num tanto deleixo e desalinho. Voltou dabi a bocca-lo:

— Fui á casa da familia: estão todos anciosos, esperavam-me para saber o que ha.

— Ainda não tiveste resposta dos telegrammas?

— Nada. Vou mandar um caixeiro... Oh! nem sei o que faça; estou desesperado.

— Acalma-te.

— Tive sonhoa horriveis esta noite! Elle julgava que os sonhos eram previsões, quando não provinham senão da excitação nervosa. E sahio outra vez. Eram seis horas quando voltou de novo, eabaforido, suado, os olhos injectados, as faces rubras.

— Tiveste noticias?...

— Pessimas.—E tirou uma carta da algibeira: « Gustavo, estou arruinado e desbonrado. Vem dar-me um abraço, vem animar-me. Resistirei á ruina; á infamia não resisto. Vem.» — O moço apertou a carta entre as mãos:

— Este diabo não me manda dizer o que é preciso que eu faça; entretanto elles sabe que eu ferei tudo por elle, tudo!...—E passeava pela sala pensativo, e tremia, e suffocava-se.

— De quanto será o seu prejuizo?  
— Não vés que elle não me manda dizer nada.

— Talvez possa ser muito grande.  
— Já pensei assim; depois tambem que elle não o diz affirm de não prejudicar-me. Pelo sim, pelo não, retirei do banco os nove contos que lá tinha; e pegue-te que assignes este papel, para, sendo necessario, eu lhe entregar ao mesmo tempo esta casa.

— Tudo?  
Luiza, lembra-te que esta casa, por assim dizer, foi elle quem nos deu; tu bem sabes como foi o negocio. Aqui tens o papel. Pelo teu amor, pelo amor de nossa filhinha, pelo amor de Deus, assigna.

Havia tanta expressão de padecimento e loucura na physionomia do moço, que Luiza, succumbida de compaixão e medo, e vendo que a recusa fulminaria, pegou na penna e com mão tremula assignou.

— Tu o salvarás, descansá.  
— Tuas palavras sejam de um anjo.  
— Agora vem comer alguma cousa.  
— Não posso  
— Gustavo, ntendo-me. Não almoçaste ainda; tens estes dias comido pouco; é quasi noite, e não queres nada? Não, não pôde ser; vou aquentar uns ovos e uma chicara de café.

— Espera.  
— O que? E se tu adoeceres! Não censuro que tudo faças pelo amigo a quem tanto deves; porem debes lembrar tambem que tens uma esposa e uma filhinha.

— Luiza!  
— Parece que tudo esqueces só para penssr nelle.

— Se mesmo de mim não me lembro!...  
— Vás para S. Paulo e eu cá fico cheia de cuidados.

— Tranquilliza-te: vé que essa tua afflictão ainda augmenta mais o meu desespero—Gustavo, pondo a mão sobre o coração, num suspiro ancido proseguiu: Ah! o que seria de mim, ao saber que te amofinava, e que tu soffrias?...

— Então porque não queres alimentarte?  
— Comi uns doces.  
— Mentos!...

— Pois sim; vai aquentar os ovos. Vieram, beber-os.  
Às seis horas foi o jantar. Gustavo comeu pouco, e para fazer a vontade por causa da insistencia da esposa. Depois entrou para o seu gabinete, foi escrever umas cartas, umas ordens; e afinal preparar a mala de viagem.

Antonio começou a tanger a sua querida viola. Luiza comprehendeu logo quanto aquillo incommodaria o marido mandou chamar o jardineiro e disse-lhe que não tocasse porque seu amo estava rebentando de dor de cabeça.  
— Eu vou para o carramanchão do fundo da chacara; de lá não se ouve... A lua vai usseer, e eu gosto muito de tocar com a lua. Não acha?

Antes dessa conversa já Gustavo tinha chamado Luiza duas vezes, e psrou, porque a viola tinha parado.  
— Que queres?  
— Chamei-te por causa da viola; mas emfim o diabo calou-se. Certamente tu o preveniste. Mas é ta ta impressão que

me causa aquelle ruim instrumento, que ainda escuto um echo a retinir-nos na cabeça. Cousa celebre!

Finalmente, Gustavo partiu para São Paulo; esteve lá alguns dias; escrevia sempre á mulher, até que voltaram, elle e o amigo.

Eram sete horas da noite mais ou menos.

Logo que entraram os dois, Almeida abraçou a Luiza.

E a moça sentiu o corpo do rapaz estrenecer pela revolução interna do pranto mudo.

— Agradeço a sua generosidade!...  
— Aqui tens Luiza.—O marido apresentou-lhe o papel que ella tinha assignado.

— Então?  
— Lancei mão dos nove contos que meu meu amigo levou-me. Não precisel.

— Agora vamos vér a tua noiva, que deve estar muito zangada contigo, disse Gustavo com disfarce.

— E ainda mais zangada vai ficar.  
— Oh! porque?  
— Não pretendo mais casar-me.

— Essa é boa!  
— Tenho outros deveres a cumprir. Daqui por diante preciso fazer nova vida: é preciso pagar as minhas dividas.

— As tuas dividas?  
— E' verdade. Si é a ti que sou devedor, não é isso razão para esquecer-me do credor.

— Eu não sou credor. Respondeu o amigo, formalizado.

— E's, és; si bem que um credor generoso, comtudo que precis, pois tem mulher e filha.

— Si tu puderes, estou certo que me pagarás. Essa tua linguagem offende-me, Almeidinha.

— Eu já tenho te dito mil vezes: meu amigo é aquelle que quer o meu bem e zela o que é meu. Amigos que têm prejuizos não faltam no mundo.

— Sei, sei; mudemos de conversa. Torna á tua vida alegre, que é como te quero vér, e vsmos trabselhar. Em breve...

Nesse momento ouviu-se a viola.  
Gustavo ergueu-se arrebatadamente, voltando-se para o lado da janelia.

— Que vás fazer?  
— Este estúpido ainda não comprehendeu que eu aborreo a viola?

— Ainda não mudaste?  
— Nem posso. Felizmente...—e parou.

— Continúa. Porque olhaste para mim? Vás despedil-o, porque já não podes ter um jardineiro.

— Então não diria felizmente. Vou despedil-o, sim, mas é por causa da viola.

— D. Luiza, diga ao Antonio que deixe a viola, sem despedil-o.

— Elle não a deixa: são dois amigos.

— O Gustavo não pode passar sem as suas rosas.

— Olá si posso: si honvesse um motivo para deixal-as, deixava-ss. São muito ingratas: duram pouco, e têm prazer em espinhar-me.

— Ha amigos assim prejudiciaes.

— Almeidinha, tu não me conheces; e isto é a maior desgraça que me poderis acontecer. Gustavo ergueu-se, Almeida tambem, e de repente abraçaram-se.

A conversa continuou por fim mais animada, houve alguns sorrisos.  
A's onze horas o hospedado retirou-se: ia vér a familia.

Ao deitarem-se o marido agradeou á mulher:

— Não posso mais continuar com o jardineiro.

Luiza balançou a cabeça de cima para baixo.

— Hoje tenho sentimento de desprender-me delle.

— Bom coração!...

— Estava me lembrando de que numa occasião me disse que tinha comprado um bilhete de loteria e feito promessa á sua sautinha de que, si tirasse a sorte grande, mandal-a-ia toda a sua mãe.

— E' a sua unica ambição.

No dia seguinte os amigos sjuntaram-se: fallaram em novos negocios, reviven a esperauça. O jautar, em casa de Almeida, foi muito alegre, muito festejado.

— Agora vai visitar a tua noiva. E separari-se. Gustavo recolheu-se á noitinha: está conversando com a esposa no gabinete. Não acederam a vela; sentaram-se um defronte do outro junto da janelia. A noite é linda, o horizonte illuminado. Vem de fóra uma aragem branda e agradavel, saturada de rosas e jasmins.

— Despediste o Antonio?  
— Despedi.

— Já foi-se eubora?  
— Ainda não.  
— Vou dizer-lhe adens.

— E' escusado elle fica.  
— Como?

Luiza não podia fallar.  
— Que ha? Foi o Almeidinha?...

— Contei tudo ao Antonio. Eu fico, minha ama respondeu-me elle. Fiz-lhe vér outra vez que não lhe poderia pagar. Quem é que ha de tratar destas rosas, de que o amo tanto gosta? Eu tambem não posso vé-las morrer.

Depois abaixou a cabeça e continuou:— Sirvo de graça em quanto o amo não me puder pagar. — Olhei admirada para este ho: em rustico.—Mas tu precisas, Antonio. — Olhe, minha ama, disse elle sorrindo:

— Quem usseu para dez réis nunca chega a vintem.

— Outro amigo, santo Deus!  
— A lua surgiu.  
— A viola cantou.

O gabinete encheu-se de luz prateada e melancolica.

Luiza, olhando para o céu, tinha noa labios um sorriso parado, como os tem as estatuas de marmore.

Aquella grande luz e aquelle trinado fininho intimamente ligados formavam a idéa de um grande gigante que se lamenta.

Gustavo fincou os cotovellos na meza proxima, enfiou os dedos soltos pela basta cabelleira, amparou entre as palmas das mãos as fontes latejantes, e soluçava.

Quanto não seria amarga a adversidade sem estas alegrias intimas do lar?

J. DE MORAES E SILVA.

Todo homem que goza saúde pode passar sem comer durante dois dias; sem poesia—nunca. A arts que satisfaz a necessidade a mais imperiosa, será sempre a mais honrada.

CH. BAUDELAIRE.

## O BERÇO DELLA

Era um ninho mimoso entretecido em nuvens de escumilha cór do céu, e o fino vime estava revestido d'ondas de gaze em delicado véu.

Ao doce de esmbraia se enlaçavam os amplos cortinados de alvas rendas; laços, caireis e fitas adornavam o lindo escrínio do tão lindas prendas.

Aquelle interior de leiteozinho fóra enfeitado de garridas fiores que o materno carinho lhe bordara.

Essa obra de amor perfeita e rara estava retocda de primores... E assim foi construido o seu bercinho.

BELCAR

« Não sei o que seja a vida de um tratante; conheço a de um homem honrado: é horrivel. »

DE DONALD

## J. DIAS DA ROCHA

Evocando a dacta e circumstancias do nosso primeiro encontro, detenho-me diante de uma hora amarga de luta e situação tão intima e delicada que o mister de biographo não me faria ainda assim, mas por couza alguma do mundo, tocar sequer nesta pagina de minha vida.

Ha talvez inconveniente em biographar autores vivos.

Para consentir ao publico o intrometimento nas nossas intimidades fz-ae preciso um publico que não lhes fosse contemporaneo.

Destas pesquisas de detalhes intimos compõe-ae a biographia, da narrativa das argucias, das predilecções, dos habitos, das pequenas rapaziadas, dos segredos da vida privada.

Ora assim, não é uma biographia que faço, mas um pequeno ensaio, escorço, dêm-lhe o nome que melhor lhe quadre, um apanhado de traços sobre uma vida vista de relance.

I

Conheço o Dias da Rocha da mesma data que o Raymundo Corrêa, ha bastante tempo; iato ainda no Norte, lendo algures o nome dos meus amigos num jornal de provincia, annunciando-se o primeiro com uma traducção de Byron *A Noiva de Abydos* em versos soltos.

Não li o volume do Rocha, fiquei nos elogios do *Diario*

A Provincia é tão longe, vive-ae tão segregado destas cousas de litteratura e tão alheio ao que vas pela Rua do Ouvidor..

Por essa epoca contava o poeta vinte annos.

Conheci-o de perto doia annos depois Leu-me um dia um soneto delle o

Eneas Galvão, *Sobre um coração de mulher*, o título era este ou outro semelhante ao qual coração oppozera o poeta o selo dautesco: *Lasciate ogni speranza.*

Ouvi: manifestei o meu juizo com a volubilidadade que me é natural.

Era inferior para as esperanças que dera motivos a alimentar a seu respeito.

Mas foi meu o engano.

Pouco depois, isto em 1832, eu cursava o segundo anno da Academia, matriculou-se o Dias da Rocha e quasi pelo mesmo tempo li o seu nome subcrevendo uma bella poesia ampla e vibrante de vitalidade:

— A morte do palhaço.

Era um drama real e pungente, a imprensa de S. Paulo applaudiu calorosamente.

A impressão que me deixaram esses versos foi a que tirei igualmente depois, lendo outros versos do poeta.

O Dias da Rocha não contava sentimentalidades, não se delectava com a sonoridade do verso sómente, tão pouco não preocupavam-n'o subtilidades bysantinas com que se atormentam « refinados » destruindo e reconstruindo estrophes com a bonhomia de um combinador de xadrez.

Longe d'isso; si alguma consa o seduziu sempre foi dar ao verso polido e sonoro a nota sincera que faz da poesia uma cousa suprema e digna de preço.

*Homo sum: humani nil a me alienum puto* — pensava com Terencio e como elle exprimia em alexandrinos esplendidos.

D'onde a sua preferencia decidida pelo Coppée, o mais sincero dos parnasianos.

No calendario cê-lhe o dia natalicio ao poeta das *Angustias* (as *Angustias* são uma parte do livro que o poeta pretende publicar) sob o 18 de Agosto.

Foi n'esse dia em 1863 que nasceu em Curytba de D. Maria India da Rocha. Seu pai o Dr. Joaquim Dias da Rocha é estimadissimo na provincia onde clicou, antes de se retirar para a Paratyba do Sul, onde fez dar as primeiras luzes ao joven Dias da Rocha, que se destinava á carreira militar.

Com effeito, em 1880 matricularam-n'o na Escola Central onde o seu comportamento, si não lhe valeu o habito de Aviz por falta de tempo, também não o comprometteu, como elle mesmo disse-me um dia, e não houve razão para contestal-o.

Talvez que de espada á cinta corresse aventuras como Camões, estas não lhe sobreveio dezar nem arranhaduras, talvez o Cupido o presidisse em companhia de Marte, mas si o beijaram Helenas, não se lhe imprimiu um gilvaz na passagem, nem mesmo no calcanhar, como a Achilles.

Ou porque com as mathematicas não quadrasse o seu talento de natural propenso ás letras, ou porque á disciplina não se affeiçoasse o seu temperamento nervoso e indole pouco marcial, certo é que em 1862 era o Dias da Rocha estudante de direito Romano e Natural, cursando as aulas da Academia, si não assiduamente, com muito proveito... para a litteratura.

Escreveu, então, bastante, sonetos primorosos, traducções e paraphrases de Shakespeare, de Beaudelaire creio que, também, de Heine.

O Dias da Rocha, o Wencesláu de Queiroz, o Vicente de Carvalho a o obscuro escriptor destas linhas eram os que na Academia se entregavam a estes jogos floræas.

Façamo-nos justiça, nunca erramos um alexandrino.

Na imprensa da Academia e no brilhante *Diario Mercantil*, que é o melhor jornal litterario do Brazil, esgrimiam os meus inspirados confrades sonetos a Bellan, madrigaes rescentes de galanteio cavalheiresco, pequenos desalentos em versos suavissimos...

Gaspar da Silva um dos nossos escriptores mais felizes tinha a rara habilidade de procurar estes diamantes discretos e mostral-os á luz da publicidade a que tinham direito pelo brilho candido, que elle, talvez, multiplicava, os volvendo e revolvendo entre as mãos, como bom conhecedor de joias que as quer fazer valer.

Talvez ao Rocha coubesse a palma destes certamens, ou porque começara primeiro, ou porque o talento poetico nelle estivesse em desabrocamento pleno, os seus versos eram de uma lapidação escrupulosa.

Isto era no meu 4º anno, em 1834, quando parti para o Recife, naquella retirada gloriosa que foi a nossa retirada dos dez mil, — sem Xenophonte, desgraçadamente.

Correu o tempo sobre isto: lutei, lidei com os estudos de direito civil e administrativo, com a má vontade da escola, com a leveza e anarchia da legislação do ensino que nos surprehedia com reformas: Formei-me em 1835. Passára um anno segregado inteiramente do movimento litterario de S. Paulo.

O que houve de então para cá?

Nada mais soube; nada mais, excepto isto: o Vicente publicára as *Ardenitas*. Nunca as li.

Dei-lhe os parabens mais tarde, um anno depois, em Santos, de passagem de minha comarca no sertão do Paraná.

Um dia, em Curytba; o sol descera, havia nma hora, para os casaes da planicie, eu e um antigo companheiro de S. Paulo conversavamos sobre o alto de outeiro visinho, desfructando o bello panorama daquellas campinas esbaltando na meia tinta crepuscular.

— Que lastima! Affiançava-se que o Dias da Rocha tinha-se confessado improductivo para as letras.

Esterilidades, decepções, o que quer que fosse de doloroso para quantos o tinbamos adorado, forçara-o a uma retirada, fanara dentro de sua alma prodiga de ternura a florescencia dourada das illuzões.

Eu achava-me tal qual.

Valia a pena começar, ensaiar de novo, quando elle descoroçoava?

E alanceado por desgostos silenciosos, por pequenas decepções, ás quaes meu temperamento nervoso exaggerava a feição, confessava-me a mim que não valia a pena este se maltratar da idéa, e que elle tinha feito bem.

Horas de desalento bem felizmente passaes...

Talvez como o Aldo de Sand eu me repetisse:

« Trabalhar!... cantar!... fazer versos! divertir o publico, dar-lhe o meu cerebro em livro, o coração por teclado, para que o toque á vontade e o repulse depois de havel-o esgotado: — Eis um máu livro, um pessimo instrumento... »

Eu, que, como o bohemio romantico, sentia o tedio e o desgosto amargo que deixa a recordação dos dias inuteis, bem o sabia, não se evita assim uma fatalidade de temperamento, ha de ser eterno factor de versos o quo nasceu em tal momento astroso em que « a acção dos mais altos centros da intelligencia, a cogitação, fóra sacrificada em proveito da emoção », por uma deficiencia de organisação.

Um anno se passou: um dia, na rua do Ouvidor, o encontro e com o meu melhor amigo, o Raul Pompeia.

Aquella alma que eu pensei gelada, porque assim me haviam feito crér, estremecia, cantava; punha esperanças no futuro.

— Agora, é que vou começar disse-me, com os olhos cheios de aspiração luminosos de prazer, como si a luz que tivessem dentro fosse já o reflexo duma aurora distante, a da gloria chimerica que sonhamos nos melhores dias.

Os leitores d'*A Semana* viram por aquella paraphrase do *Cantico dos canticos* como lucravamos todos com a volta do seu peregrino talento.

Dou-me os parabens por ser o primeiro a annuncial-o.

Bem haja o poeta.

ALCIBIADES FURTADO.

## DE VOLTA

A ALUIZIO AZEVEDO

*Ah! vejo-te outra vez! Encontro-te a meu lado,  
Amado e puro ser!  
E ao vêr-te já não penso  
No immenso padecer.*

*No entanto, si lutei! O orvalho do desgosto  
Meu rosto aljofarou;  
As trevas de repente  
Na mente projectou.*

*E estivo a fraquejar, mas logo o teu semblante  
No instante appareceu:  
Ergui-me combatido,  
Rendido ao riso teu.*

*Mais uma vez então, criança estremecida,  
A vida me vens dar,  
Pois tudo esqueço logo  
Ao fogo desse olhar...*

*E quem me vê seguir por entre os mais—austero  
Severo no labor,  
Deixando por deveres  
Prazeres, gozo, amor;*

*Mal sabe quão feliz caminha o solitário  
Que ao vario triumphar  
Prefere ser obscuro,  
Seguro de te amar.*

*Por isso é que hoje sinto um jubiloso carme  
Dictar-me o coração  
E um delirar infando  
Toldando-me a razão.*

*E' que termina a lucta e encontro-te a meu lado,  
Amado e puro ser!  
E ao vêr-te já não penso  
No immenso padecer.*

J. RICHTER.

## THIS IS LOVE

Estava principessa o baile da Viscondessa.

Nos salões artistica e deslumbrantemente decorados e esclarecidos, um mundo de damas elegantes exhibiam as caprichosas *toilettes* da Guimarães e os coruscantes adereços do Farani, espargiudo em torno de si ondas de perfumes, de graças, de sorrisos.

Os cavalheiros encastoados na classica casaca ou no já trivial *croisé*, procuravam attrahir as bellas por suas maneiras, por seu espirito — ás vezes *manqué* —, ou pelas veneras que lhes prendiam da lapela.

A orchestra dirigida por habil professor executava as mais delirantes phantasias; e o, serviço feito sob os auspicios de um mestre culinário do Castellões, não podia ser melhor.

Era o anniversario do Visconde, que, sentado a uma meza de jogo, sorria com ar protector aos que lhe eram apresentados, ou indicava um logar aos deputados e conselheiros, que transpunham a porta da saleta.

A Viscondessa, como uma borboleta por entre as flores dum jardim, adejava nos seus salões, cumprimentando uns, ouvindo outros e sorrindo a todos.

O brilho dos salões casava com o luxo e a alegria dos convidados, mas como até entre as estrelas ha sempre uma mais scintillante, no meio das mais formosas e elegantes damas, que honravam o baile da Viscondessa, uma devia também destacar-se.

Lyly Rivero, por sua formosura, por sua graça, sua elegancia e seu desembaraço foi a que conseguiu captar a attenção de toda a sociedade.

Seus olhos percorrendo o salão de lado a lado, sempre encontravam todos os outros fitos sobre elles e já a maioria dos mais distinctos cavalheiros tinha solicitado a honra de dansar com ella alguma peça.

Entretanto, no correr da festa, Lyly não pôde esquivar-se de notar que, apezar de sua belleza, de seus ademanos e da graça invejavel com que dançava e sorria, um moço sempre encostado ao parapeito duma janella, volvia os olhos para todos os lados, conversava com os que delle se aproximavam mostrando com os olhos algumas das outras moças e nem sequer parecia nella reparar.

Por um desses phenomenos, que a modo das nevroses, não se sabem explicar, tal facto causou-lhe viva impressão e aproveitou-se da oportunidade que lhe offerencia uma walsa para provocar a attenção do moço.

Com effeito, no momento em que passou com seu par por junto da janella Lyly, levantando um pouco a voz, disse:

— Este moço parece-me que não sabe dançar.

Debalde, porém, esperou que elle a olhasse. Voluntaria ou inconscientemente o mancebo nem sequer destacou os olhos do ponto que fitava.

Saturada de despeito, Lyly mordeu os labios e proseguiu na walsa.

Um acontecimento, porém, breve a veiu surprehender. Após a walsa, a orchestra tocou segunda walsa e o moço que tanto a impressionara, foi tirar uma das damas que mais singellamente trajavam e, com ella valsou tão bem, que fez soltar aos que o viram um entusiastico bravo.

Instantes depois a Viscondessa foi procurá-lo, e após passear um pouco com elle, disse-lhe, no momento em que passavam diante de Lyly:

— Dr. Enardo, como sei que o senhor canta divinamente, espero que me dará o prazer de ouvi-lo.

O moço, após algumas palavras, por meio das quaes procurou esquivar-se, foi sentar-se ao piano e com voz de arrebatado hurras, cantou:

*Plus je te vois, plus je t'aime!* etc.

Ao terminar a aria, Lyly foi também passear com uma de suas amigas e, ao passar por junto do moço, disse:

— E' pena que este moço, que tem tão boa voz, cantasse uma peça tão antiga.

O Dr. mostrou ainda não ter ouvido, mas o bom physionomista descobria em seu rosto algumas contrações, características dos sentimentos que o dominavam.

Lyly não as notou e, como era chegada a occasião de revelar o seu talento ao canto e fazer-se applaudida, foi com sua amiga tomar logar ao piano.

Quando, porém, concluiu sua *romanza-La notte signora*, reconheceu que o doutor não se achava no salão e ao envez de alegrar-se com o cortejo de palmas com que foi saudada, mostrou-se contrariada.

— Este moço, pensou ella, amará alguma moça e por tal motivo não quer admirar nenhuma outra? Terá medo de ser amado? Alimentará alguma paixão não correspondida? Porque me não ouvia elle? Onde se foi esconder?... Entretanto, quando comecei a cantar elle ainda estava na sala, portanto retirou-se propositalmente. Hei de verificar... Ah! ei-lo que vem da saleta de jogo. A viscondessa foi com certeza pedir-lhe que cantasse novamente.

Com effeito, Enardo voltou ao salão, dando o braço á viscondessa, de quem logo separou-se para ir sentar-se ao piano.

Então com expressão e graça difficil de imitar cantou uma interessante peça de espanhola *Has tenido amor, hermosa dama* que fez prorromper em palmas toda a sala.

Lyly não pôde por mais tempo suportar que esse moço, que soubera também captar a admiração de toda a sociedade, não se curvasse perante ella, que já se achava enfadada das lisonjas de todos os outros cavalheiros. Sem mais demora procurou a viscondessa, e disse-lhe que, tendo notado, que o Dr. Enardo não a cantava bem, mas era excellente par, nutria o desejo de walsar com elle, mas já não tinha esperança de vêr realizado o seu desejo, por isso que acreditava não ter esse moço mais intenção de dançar.

Quando a orchestra iniciou outra walsa a viscondessa, dando o braço a Lyly, aproximou-se de Enardo e disse-lhe:

— Dr. Enardo, estou com grande desejo de vê-lo walsar com esta minha amiga, pois ella sendo o primeiro par de sala, com o doutor, que é de boa escola, hade arrebatá nos de entusiasmo.

Enardo, contrahi as feições, mas não respondeu e dando o braço a Lyly, lançou-se na walsa.

Após trocarem palavras puramente cortesias, Lyly travou com elle o seguinte dialogo:

— O doutor é um pouco taciturno?

— Não, minha senhora, sou apenas indiferente.

— Parece-me que esse aentimento não é proprio dos moços...

— Entretanto é o mais commum...

— Então também o amor lhe é indifferente?

— O amor para uns é palavra sem significação, na opinião doutros é a manifestação do egoismo...

— De que numero é o doutor?

— Sou do numero dos que pensão que o amor das mulheres só exprime curiosidade ou egoismo.

— Então não acredita que o possam amar sincera e desinteressadamente?

— Seria preciso que a pessoa, que a moça que me tivesse affeição, me convencesse, que não nutria um sentimento pura criação de sua vaidade, de seu egoismo ou de sua curiosidade.

— Hade concordar que isto é muito prosaico.

A' proporção que fallava, Lyly mais se lhe aconchegava, seu collo arfava violentamente e seus olhos desprendiam scintillas. Entretanto Enardo mostrava-se frio.

— Não é possivel que este moço me resista... Não heide soffrer isso, pensava Lyly. Depois continuando o dialogo.

— Não acredito que com seu modo de pensar possa fazer a felicidade de alguma moça.

— Por que, minha senhora?

Elia ia responder, mas findara neste momento a walsa. Então limitou-se a dizer:

— Quer acompanhar-me ao jardim?

Um movimento de alegria, que Lyly pôde reconhecer, manifestou-se sobre a physionomia do moço, mas elle procurando ainda disfarçar respondeu:

— E' uma imprudencia. V. Exa. pôde constipar-se.

— Mas isso lhe é indifferente...

Ah! sim, já vejo qual é a razão; o Dr. não quer constipar-se. Contudo vamos primeiro a copa, lá o Senhor tomará cognac, que lhe evitará a acção prejudicial duma temperatura inferior. Eu que sou menos delicada não tenho receio.

Enardo mordeu os labios e acompanhou-a. Na copa ella deixou o braço de Enardo e rapidamente tomou um calice, encheu-o de cognac e apresentou-o ao moço, dizendo-lhe:

— Tome Doutor? não quero que por minha causa se constipe.

— Si V. Exa. não tivesse tido tanto trabalho, lhe garanto que nada tomaria, mas, como alem de tudo é V. Exa. que me offerece...

Agora, disse Lyly, consigo. Em seguida respondendo ao Doutor:

— Neste caso não tome, porque a minha pessoa lhe deve ser tambem indifferente.

Enardo virou o calice e ia responder-lhe, mas ella não lhe deu tempo e apoiando-se de novo ao braço do moço disse-lhe:

— Agora podemos ir ao jardim.

Ahi chegados, continuou o dialogo.

— O Doutor fallou-me ainda ha pouco em egoismo, e entretanto hade concordar que dentre nós o que tem mais claramente provado ser egoista, é o Senhor.

— Minha senhora?!...

— O Doutor é um perfeito artista... Dou-lhe os meus parabens...

Desempenhou perfeitamente o seu papel.

— Não perceho o que quer dizer, minha senhora.

— Pois é bem simples e não acredito que um moço tão talentoso como o

Doutor, não comprehenda o que digo... Não fallo chinês.

Diga antes que está folgando de ter realizado o que almejava.

— Mas...

— O Doutor quiz me humilhar; quiz que eu chegasse até sua pessoa, descendo todos os degraus da escada que nos separava... Está realizado o seu voto.

— Minha senhora...

— Não tendo querido dançar comigo e nem sequer olhar-me, lançava com mão de mestre a setta que devia ferir-me. Fascinou-me, prendeu-me e forçou-me a pedir á Viscondessa que me fizesse dançar comsigo.

Depois lança-me em face que o amor das mulheres é uma phantasia, um instrumento de vaidade ou egoismo.

— Perdão, minha senhora, quando a vi, fui tambem embragado pelo *has-chich* do amor, que iriava de sua angelica pessoa; mas comprehendi igualmente que era de um espirito mais culto e portanto mais difficil de ser conquistada por um galanteador vulgar. Confesso-me rendido.

Um mez após o baile da Viscondessa, Lyly era esposa do Dr. Enardo.

ASWELDO MOJAT.

« Si eu tivesse o coração tão pobre como o espirito, seria feliz. »

PASCAL.

### Um 'homem sério

A GONZAGA DUQUE ESTRADA

Deve ter pelo menos uns cincoenta. O passo é grave, meditado, sério! Diries que elle está num cemiterio. A gravidade nelle em cheio assenta.

Será doente, infeliz? Fundo mysterio! Mas o rosto nem rugas apresenta, E um cabello branco em vão intenta A gente lobrigar-lhe. O' ser funereo!

Com um chapéo de chuba todo e anno, Immenso cartolão, horrído cano! Sempre enforcado num casso preto!

Nunca foi moço o pobre desgraçado! Um dia jámais teve apaixonado, Uma flor cultivou, fez um soneto!

GUIL. MAR.

### AO CAHIR DA TARDE

NOCTURNO

Era ao cahir da tarde quando elle e ella,—braços entrelaçados e passos vagarosos,—desciam lentamente a larga escadaria do jardim.

Na orla do horizonte, — purpureada ainda pelos verdadeiros raios do sol,—ascendia placidamente a lua; do jardim

exhalava-se nos ares o perfume das flores que as brizas espalhavam no espaço; e ao longe,—no fundo do parque,—de sob os laranjeas floridos, o sabiá modulava umas canções de poetica melancolia.

Quanta esperanza, quanta illusão, quanta poesia, oh! tardes melancolicas!...

E elles sentavam-se no jardim, sob os jasmineiros em flôr, respirando o aroma das plantas e a calma poesia do crepusculo.

E ella, erguendo os olhos languidos e formosos para o astro da noite:

— Que o teu amor, oh! adorado esposo de minha alma, nunca se pareça com a lua; que seja firme e constante sem nunca mudar de pbases...

E a viração da noite que cabia espalhava sobre elles uma chuva de petalas adorantes, e lá ao longe, no fundo do parque, sob a sombra porfumada das laranjeiras, o sabiá cantava umas enleixas de melancolico encanto...

E elle, — alquebrada a voz pela commoção e os olhos humidos de ternura.

— Oh! adorada de minha alma... oh! branca pomba de amor!... no meu peito teubo um ninho tépido para afigar-te... O meu amor será forte e immorreduro; sentil-o-ás eternamente cercando-te de afagos e caricias, como eternamente o mar murmurando amorosas queixas em torno a uma ilha florida, e osculando-lhe as limpídas praías com os apaixonados beijos das ondas acariciadoras...

E ella suspirava phrases de um encanto indizível...

— Oh! falla!... falla mais!... falla ainda!... arrebatame!...

E a sua voz — terna e melodiosa, — tremia, tremia de commoção, e a sua frente gentil pendia para traz, como uma magnolia cujo baste a viração inclina.

E elle amparava-a nos braços amorosos para que o tronco delicado não ras-tejasse no chão, e, amparando-a, inclinava-se para ella e seus labios tocavam-se...

E então... e então... vibru nos ares uma estranha melodia; o luar espargiu mais claridade; as flores exbalaram mais delicados perfumes; as brizas susurraram mais languorosamente, e — ao longe — as enleixas do sabiá tibnam mais encantos e poesia...

Quarenta annos mais, e era ao cahir da tarde, quando elle e ella desciam vagarosamente a larga escadaria do jardim.

Mas, ah!... O luar já não tinba a poetica languidez de outrora; no jardim as brizas não suspiravam mais a melodiosa serenata das tardes de outro tempo; os jasmineiros em flôr não exbalavam mais aquelles inebriantes perfumes do passado; e — ao longe, — no fundo do parque, de sob os laranjeas floridos, o sabiá cantava, cantava... mas as suas enleixas não tinham mais a doce e eternelledora melancolia de outras éras!...

S. JUNIOR.

## MORTA

Marmorea pallidez lbe cobre as faces  
Em que se abriam rosas purpuras;  
No doce olhar daa chamas peregrinas  
Nem restam já irradiações fúceas.

No labius que encantado paraíso  
Promettiam, na voz, na meiga fala,  
Qual vibração de uma harpa que se cala,  
Ficou-lbe em meio um magico sorriso.

E dorme fria / Em regelados ninhos  
Dormem tambem ns nitidos pombinhos  
Que arrularam de amor sob o vestido.

E de tanta belleza e mocidade  
Vai agora restar uma saudeada;  
Depois um nome, e indifference, o olvido...

CARLOS LUIZ.

Chorar o que está morto é menos pe-  
nível que chorar um ser vivo que per-  
demos para sempre,

B. AUERBACH.

## Diversas Publicações

TRAÇOS E ILLUMINURAS, por Julia Lopes.—1887.—Lisboa.—E' um bellissimo livro composto de vinte e quatro contos, que sem exaggeração, nem favor á talentosa autora, se podem considerar vinte e quatro perolas engastadas no diadema que cinge a fronte da rainha que surge, não dos contos das fadas, mas dos contos do sentimento e da verdade que brotam suavemente do coração e do cerebro humano.

A Exma. Sra. D. Julia Lopes já um nome justamente admirado e applaudido por seus trabalhos literarios publicados em gazetas desta Corte e da provincia de S. Paulo.

A ella e a sua não menos talentosa irmã, a Exma. Sra. D. Adelina Lopes Vieira, devemos a preciosa collecção de *Contos infantis*, em verso e prosa, destinados ás nossas escolas primarias, e que tantos gabos mereceram da imprensa do Brazil e de Portugal.

Torna-se difficil affirmar, entre tantos predicados que recommendam os *Traços e Illuminuras* ao acolbimento publico, qual delles mais nos encanta e maior admiração nos desperta pela joven escriptora: si a belleza e a naturalidade do estylo; a correção da linguagem; a verdade e o colorido das narrações; a vida e a animação das scenas descriptas nessas 263 paginas, cuja leitura deixa o espirito tomado do mesmo enthusiasmo com que se observam os quadros commemorativos dos grandes lances da vida humana.

Felicitando a autora, felicitamos a litteratura nacional pela riquissima joia que acaba de adquirir para o seu patrimonio.

Os BONS MENINOS.—*Conselhos e historietas para a infancia*, por Marcos Valente.—Laemmert & C.—Rio de Janeiro.

E' uma publicação interessante e que preenche perfeitamente os seus intuitos pedagogicos. Nem outra cousa fóra de esperar de um livro cujo autor reúne aos predicados de poeta a capacidade profissional do pedagogista.

A correção dos versos, a acertada escolha dos assumptos, a perfeição das estampas, esmeradamente coloridas, a nitidez da impressão, tudo, enfim, que se póde exigir das publicações deste genero, tudo ahi está para affirmar a excellencia do livro de Marcos Valente.

O TAMAKOARÉ.—*Especies novas da ordem das ternstroemiaceas*, por J. Barbosa Rodrigues, director do Museu Botanico do Amazonas.—Manaus.—1887.—Diz o autor que apelos constantes e repetidos pedidos de informações que de varias partes do Imperio e mesmo do estrangeiro, receberam, foi forçado a publicar, neste primeiro fasciculo, as observações do estudo sobre o *Tamakoaré*, que presume esclarecerá as diversas questões sobre as quaes se deseja a sua opinião.

FUNDO ACTUAL DE EMANCIPAÇÃO E SUA APPLIÇÃO. Consolidação de todas as leis, decretos, regulamentos e avisos sobre tal assumpto, desde 1871 até 1887, pelo Juiz de Direito Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.—Curitiba.—1887.

A' par dos mencionados actos, encontram-se nesta publicação inappas demonstrativos, modelos de relações e, em appendice, a integra da nova lei n. 3270 de 23 de Setembro de 1885 e seus regulamentos, assim como as disposições sobre arbitramento de escravos.

A simples indicação do conteúdo do livro basta para assignalar as suas vantagens e os serviços que elle poderá prestar, especialmente aos homens do fóro.

REVISTA MENSAL de litteratura, sciencias e artes, publicada na cidade de Therzina, capital da provincia do Piaulhy, sob a redacção dos Srs. Leonidas e Sá e Nascimento Filho.

O presente fasciculo, correspondente ao mez de Outubro ultimo, consta de: *Estudos anthropologicos*, por Cleodualdo Freitas; *Conto Chinês*, por Leonidas e Sá; *Movimento litterario*, por L. S.; *Historia do mez de Setembro*, por Socrates, além de varias poesias.

REVISTA MARANHENSE, publicação mensal litteraria e scientifica.—1.º Trimestre. N. 2.—Dá-nos a lér, além de bons versos, os seguintes trabalhos em prosa: *Siphonia elastica*, por J. Tavares; *Nova intuição sobre a lei do trabalho*, por Pacifico Cunha; *Egoismo e philosophia*, por Aragão Neves; *A visita do medico*, conto por C. Castro; *Breves reflexões sobre a condigão da mulher*, por Joseph Ribellieu.

REVISTA DA FAMILIA ACADEMICA, sob a redacção dos Srs. Athayde Junior, Servilio Gonçalves, Benjamim L. Barroso, Candido Marianno e Elmundo de Barros.—Anno I.—N. 1.

A nova Revista da esperançosa mocidade da Escola Militar annuncia-se

sucedanea legitima, o prolongamento necessario da *Phenix Litteraria e Club Academico*.

Eis o summario: Da redacção. Theoria da eliminacção.—A flor do carcere (*poesia*).—H. Spencer e o evolucionismo.—Abinício Vita (*poesia*).—Unas palavras sobre a concepção mechanica.—Lições de arithmetica.—Metralhadoras.—Livros.—Chronica. Fazemos sinceros votos para que a collega prolongue os seus dias durante alguns pares de annos. E nós que o vejamos.

REVISTA DE ENGENHARIA.—Publicação quinzenal sob a direcção do engenheiro civil José Americo dos Santos.—Anno IX.—N. 172.

Contém os seguintes trabalhos: *Industria*—A questão acaucareira, por Henri Raffard. *Meteorologia*.—Observações em Sant'Ana do Sobradinho.—*Variiedades*.—*Actos officiaes*.—*Noticiario*.

O BRAZIL-MEDICO.—Revista semanal de medicina e cirurgia, da qual é redactor-gerente o Sr. Dr. Azevedo Sodré.—Anno I.—N. 41.—O numero recebido consta de artigos distribuidos pelas 4 seguintes secções:—*Trabalhos originaes*;—*Sociedade de medicina e cirurgia*; *Revista medica estrangeira*; *Noticiario*.

JORNAL DOS ECONOMISTAS.—Revista quinzenal, sob a redacção e propriedade do Sr. Silva Figueiró.—Anno II. N. 20.

Eis o summario do numero publicado

O orçamento geral do Imperio—Compra da Estrada de Cantagallo—Restricção á Industria Nacional—Organização do trabalho e da propriedade—Estatistica—Como nos julgam atrazados: A questão social—Arthur Ferreira Vianna—Immigração para a provincia do Espirito Santo—A industria do alcool na França.

THESE apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e perante ella sustentada pelo Dr. João Baptista da Motta d'Azevedo Corrêa, que dissertou sobre o — *Estudo e classificacção medico-legal dos ferimentos e outras offensas phisicas, particularmente applicados á nossa legislação*.

REVISTA ILLUSTRADA.—Anno 12.—N. 470.—Que bello quadro nos deu ella com — *O dia de finados no cemiterio politico*!

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Solicitador—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fóra.

Augusto Luzo.—incumbê-se gra-  
tuitamente de causas de liberdade na  
Cidade do Muzambinho—Minas.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-  
quer hora. Estatutos nas  
principaes livrarias.

Imperial Fabrica de Cor-  
veja e aguas mineraes—Augusto Kremer  
& C.—Juiz de Fóra.

Dr. Andre Rangel.—C. Rua  
da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de  
Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles — en-  
carrega-se de defezas perante o jury.  
Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par-  
teiro; Residencia, rua Viscondado Rio  
Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes  
encarrega-se de liquidacções amigaveis  
ou judiciais na cidade de Muzambinho  
e seu termo.

Pharmacia Americana de  
Vicente Severino de Vasconcellos. Es-  
tação do Patrocinio. E. de F Leopoldina.  
Minas.

Advogado—Capitão Timotheo Ri-  
beiro de Freitas—Largo do Rosario—  
Barbacena.

Hotel das Familias dirigido  
por A. M. de Miranda Leone Mogy-  
Mirim. Provicia de S. Paulo.

O cobrador Beruardo da Silva  
Brandão Junior continúa a receber  
cobranças por porcentagem razoavel.  
Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Monteiro Praça  
da Constituição n. 28, em frente á esta-  
tua. Vinho de pepsina e diaataae pan-  
creatinado, preparado por Monteiro  
& Marques.

Almanack de Casa Branca  
Sairá a lume em Dezembro esta obra,  
publicada por Weuceslau d'Almeida e  
Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesiaa de  
Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma  
introduccção do Exm. Sr. Dr. Afonso  
Celso Junior. A sair do prélo. Preço de  
volume : 2\$000.

Constructores de machinas  
e aparelhos para lavoura—Schubertt  
Irmãos & Haas.—Juiz de Fóra.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Sil-  
veira—Rua de S. José n. 51—Em frente  
á rua da Quitanda.

Typ. d' A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 19 DE NOVEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III-N. 151

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|   |                 |
|---|-----------------|
| Expediente.....                                     |                 |
| Ramalho Ortigão.....                                |                 |
| Escreptores do Norte do<br>Brázi.....               | F. TAVORA.      |
| Metempsychose, soneto.....                          | A. DE OLIVEIRA. |
| Sobre os Sonetos e Poemas.....                      | A. BARBOZA.     |
| Naturalismo e pessimis-<br>mo.....                  | ARARIPE JOR.    |
| A comedia dos deuses.....                           | THEOPHILO DIAS  |
| Estudos da Litteratura<br>Brazileira.....           | SYLVIO ROMÉRO.  |
| Volta ao passado, soneto<br>Atlebiades Furtado..... | P. RABELLO.     |
| ***, soneto.....                                    | J. D. DA ROCHA. |
| Paquete «Gironde».....                              | JOÃO RIBEIRO.   |
| Cousas da vida.....                                 | L. S.           |
| Beduinos do amor.....                               | J. G.           |
| Theatros e diversões.....                           | ALBERTO SILVA.  |
| Diversas publicações.....                           |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE E NICHETEROY

|               |          |
|---------------|----------|
| Semestre..... | 4\$000   |
| Anno.....     | 8\$000   |
| PROVINCIAS    |          |
| Semestre..... | 5\$000   |
| Anno.....     | 10\$000. |

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:  
as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atrazo a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:  
— Dr. Izidoro Martins, na cidade do Recife;  
— Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Macbado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## Ramalho Ortigão

Cumprimos o grato dever de agradecer a este illustre escriptor portuguez a seguinte carta com que nos honrou ao regressar para o seu paiz:

Meu caro Sr. Redactor. — Julgo de terminar bem o sentimento da excessiva benevolencia com que tive a honra de ser tratado no Brazil, attribuindo a sua origem, primeiro, á sympathia que o meu amor de trabalho inspirou; segundo, ao prestigio que a minha nacionalidade exerceu. Cabe-me pois agradecer em nome da minha bella profissão e da minha nobre patria, a expressiva homenagem em mim prestada á litteratura portugueza.

Emquanto á parte que nos obsequios que me foram feitos, cabe á doce ternura e ao encantador cariúho da poetica e hospitaleira raça brazileira, nunca a minha lingua a poderá exprimir, como nunca poderá esquecer o meu coração eternamente lembrado e agradecido.

Se nestes termos quizer ser, meu querido collega, o interprete de meus sentimentos, muito mais obrigará

O seu muito dedicado e reconhecido confrade.

RAMALHO ORTIGÃO.

Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1887.

## Escreptores do Norte do Brazil

O DR. CELSO DE MAGALHÃES

Quando resolvi formular estes resumos entrava na minha intenção a analyse physiologica e psychologica dos autores. A sentença de Sainte Beuve « offerece sempre interesse o exame das origens dos grandes «espiritos» profetizada em 1830 como simples opinião, é hoje uma lei fundamental da critica.

Logo depois me convenci da impossibilidade de realizar o meu intento. Como obter esclarecimentos e notas de familia sobre autores que vivem dispersos quando são tão grandes as distancias e tão difficéis as communicações? Como subir até ás origens de cada uma dessas nobres existencias que se passam em pontos diversos seni laço de união? Como obter as mil particularidades e accidentes que, em trabalho de semelhante natureza, tem parte directa na formação da índole litteraria, na preferencia das idéas, enfim na formação da individualidade representada não rara vezes em uma ou poucas obras?

Si o trabalho litterario offerecesse compensações, nada mais justo e natural que tomar passagem um vapor para o Ceará, Maranhão, Pará, Ama-

zonas, afim de colligir bases veridicas e authenticas para o processo analytico. Mas a quem conhece o pouco cnso em que se tem no Brazil o officio de escriptor, não faltaria razão para desconfiar das condições de sanidade espirital do critico que, por amor sómente do officio, da verdade ou de uma gloria vã para muitos, ridicula para outros, despendesse dinheiro e tempo em nossas carissimas viagens, com o sacrificio da saude e a certeza de não merecer no fim do seu insano trabalho siquer um — Deus te pague.

Em presença destas e outras razões, renunciei, por inexequível, aquella parte de minha resolução, talvez a essencial si se tratasse de criticas completas e formos no rigoroso sentido em que ora se toma esta palavra, mas de pouca importancia no ponto de vista do meu compromisso, que não é estudar, por assim dizer, anatomicamente os escriptores, sinão occupar-me com aquellos dos seus trabalhos em que me parece estar mais ou menos fixamente desenhada a feição nortista.

Para chegar a este alvo, não é necessario seguir a evolução do escriptor, antes basta indicar uma obra; e si, de passagem, tenho excedido estes limites; si, quando seria sufficiente dissecar algum ou poucos livros, acompanho ainda que não muito de perto, os autores em toda a sua carreira litteraria, notando-lhes porventura o progresso evolutivo, e, por assim dizer, prognosticando as suas futuras manifestações, faço-o não por dever, e sim por não perder occasião de dar delles idéa mais ampla, pela qual se possa ficar aquilatando em complexo a sua individualidade; faço-o por lhes ser agradável, não por entender que é absolutamente necessario este trabalho ao meu fim.

Mas este mesmo processo, já de si imperfeito, vejo que o devo restringir ainda mais, quer pelas razões expendidas, quer para evitar augmento de proporções da obra.

Para melhor comprehensão, não deve o leitor perder de vista que esta metade da primeira parte do livro representa a prova instrumental, emquanto a outra representa a discussão e explanação da these. Exbibio na segunda os documentos, com que pretendo provar as allegações produzidas na primeira.

O Dr. Celso de Magalhães falleceu bem moço. Teria, quando muito, 30 annos; falleceu antes de dar por inteiro a multipla expressão a que o seu talento flexivel se prestava; mas, quando não tivesse produzido outro trabalho sinão o seu *Estudo sobre a poesia popular brazileira*, este seria bastante para attestar a sua notavel vocação litteraria.

Póde-se dizer que tudo o que deixou não passa de ensaio — ensaio na poesia, na critica, no romance; mas em todos os ensaios da sua penna ha revelações

de um espirito elevado, instruido, e sumamente inspirado na intuição moderna cuja formação pertence em grande parte á sciencia. A sua feição predominante é incontestavelmente a de critico, e este conceito julgo-o provado, não ó pelo *Estudo sobre a poesia popular*, mas tambem por outros artigos no mesmo genero publicados em jornaes, e em particular pelo *Prologo* que escreveu para o drama *Evangelho e Syballabus* de Rangel de S. Paio, prologo em que a critica religiosa é feita com sobriedade e agudeza taes, que podem levar a convicção ao espirito do leitor em sete paginas.

Antes desse *Estudo*, Celso publicára um livro de versos onde se encontra o poema *Calhambolas*, rico de informações e colorido da vida dos negros fugidos no centro do Maranhão. Tem graça e idéas as suas poesias, em geral isentas do romantismo, que no seu tempo ia já batendo em retirada em Pernambuco, onde Celso de Magalhães começou a apparecer como estudante da Faculdade de Direito.

Li posteriormente duas poesias delle na *Revista Nacional* (S. Paulo, 1877), as quaes não destoam da corda que o poeta fazia vibrar antes de bacharelarse.

No *Paiz*, folha do Maranhão, publicou elle o seu primeiro e unico romance *Um estudo de temperamento*, que a *Revista Brazileira* reproduziu. É um romance de costumes do Maranhão, e portanto um romance do norte.

Todas estas produções, porém, como quanto accusam a vitalidade do seu talento, não valem o seu *Estudo sobre a poesia popular*, entre outras razões, por ser o primeiro trabalho sério que ácerca deste assumpto se tinha até então escripto no Brazil.

Celso, pois, é entre nós o creador da critica sobre as produções do nosso povo. Elle lançou alli as bases do exame, pelo estudo das nossas origens historicas, pelo cruzamento das raças que entram na formação do brazileiro, pelo confronto da nossa poesia popular com a poesia popular portugueza; em summa foi elle quem proferiu a primeira palavra a semelhante respeito. Outros hão de pronunciar — ultima; em todos os assumptos, porém, o maior serviço e principal merito não estão em alargar a vereda, mas em tel-a feita através do desconhecido. Aberto o caminho, não é difficil fazer delle uma larga estrada. Não queremos recuzar com estas palavras a homenagem a que tem direito os intrepidos operarios que afastam com grande talento e esforço os horizontes do mundo conhecido e vão ampliando de tal modo as regiões e os dominios, que chegam a fazer crer que os acabaram. Além dos elementos propriamente criticos ou scientificos, Celso de Magalhães offerece no seu *Estudo* outra expressão, que, sendo complementar daquela, representa tra-

balho paciente e enfadonho — o da collecção das principaes chacaras e romances do nosso povo, que de dia em dia estavam a perder-se.

A intuição da poesia popular pertence ao norte. No sul pouco apreço se dá ao que é do povo. Que é das trovas dos *bandeirantes*, si é que existiram como alguns affirmam? Perderam-se todas. Só ultimamente no Rio Grande do Sul trataram de colligir trovas populares.

Este trabalho entretanto é velho no norte. Antes de Celso de Magalhães indicar o essencial, dando-lhe direcção scientifica, o povo tinha um admirador e um imitador em Juvenal Galeno, cujos versos são modelados pela toada e ritmo das produções do povo. Em muitos delles entram versos puramente populares, como elle proprio declara no prologo das suas *Cancções*.

O nortista tem uma natural tendencia para a trova; tem gosto particular para esta manifestação do geio nacional. Isto nota-se até nas produções dos autores mais cultos.

Quasi não ha coato nem romance do norte em que se não depare o *desafio*, o verso popular. O sertanejo por qualquer motivo compõe versos que entram no corpo das produções anonymas. Não é só o *sertanejo*, é tambem o *matuto*, é tambem o *praeiro*. Si morre queimada uma pessoa que goza da estima publica, compõe-se-lhe uma poesia, como o *A B C da moça queimada*, colligida por mim e communicada ao Dr. Sylvio Romero, assim como o *A B C do Araujo*, o *Urubú e o cão* e outras. Si um boi cria fama, fazem delle um heróe, como servem de prova o *Rabicho da Geralda* e o *Boi Espacio*.

Uma das composições mais engraçadas que ainda ouvi foi uma cantiga intitulada — *As lagartixas em Gamella de Barra Graade*, praia da provincia das Alagoas. A *feijoadá* é outra produção deste genero que tambem ouvi cantar alli com igual graça. Si porém no estudo da poesia popular Celso de Magalhães deve considerar-se o fundador desta ordem de estudos, e fundador muito adiantado e de muito critério, o mesmo não se dá no romance.

Quando sahio a lume o seu *Um estudo de temperamento* o romance do norte estava já iniciado. Na *Trindade Maldita* e *Casa de Palha* produções do autor destas linhas; no *Carlos*, de Ribeiro da Silva, na *Carapuça de meu tio* estava representado o nosso romance moderno, de acção pertencente á cidade, teado por theatro o Recife e os seus pittorescos arrabaldes; nos *Índios do Jaguaribe*, anterior á *Iracema*, e que se pôde dizer que suggeriu este a J. de Alencar visto que o seu assumpto capital é a colonização do Ceará, o mesmo que entra na *Iracema* com uma feição inteiramente lyrica, estava representado o romance historico de feição colonial.

*Um estudo de temperamento* começou a salir ao Maranhão, depois de publicado o *Cabelleira*, depois de iniciada a *campanha da litteratura do norte* (phrased pittoresca que me fornece um dos jornalistas da Corte), o que me leva a crer que Celso de Magalhães, si não estava inteiramente de accordo conigo, em muitos pontos não tinha pensar diverso do meu, porque, no seu romance agrupa scenas e costumes que pertencem ao norte em geral, e que elle estudou a fazer reflexões para concluir que é original aquella sociedade.

FRANKLIN TAVORA.

## METEMPSYCHOSE

A ARTHUR BARBOSA

Da morte os mudos páramos entrando,  
(Dizia alguém que o meu pensar vertia)  
Em que me hei de tornar, não me toruando  
Mais á mesma existencia e ao mesmo dia?

Seja perola ou musgo, ai! miserando!  
Arvore seja de espessura fria,  
Com tanto que esse olhar que me allumia  
Proximo o sinta, á minha dor falando.

Seja o ar que ella aspira; eterno a vela,  
Todo a queimar-me na saudade ardente.  
Tendo-a tão longe, seja a luz da estrella!

Mas meu desejo, meu maior desejo,  
E' ser a agua dum lago transparente  
Para a sombra beber-lhe beijo a beijo.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

## SOBRE OS "SONETOS E POEMAS"

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Quando te leio a pagina mimosa  
Em que teu *Leque* abriste fulgurants,  
— Onde brilha o topasio e o diamante  
Por setiaoso fundo cór de rosa,

Poeta! eu vejo então a sonora  
Lyra tua, soltando um som brilhante,  
A alma nos enche de um prazer constaate,  
De uma alegria loira, esplendorosa.

Hontem nos deste as tuas joias de ouro,  
Que guarda o escriptorio das *Meridionaes*;  
Hoje nos das mais divinal thesouro...

— Thesouro feito de milhões de gemmas,  
De saphyras, opalas e coraes,  
— Thesouro de *Sonetos e Poemas*!

S. Paulo — 1886.

ARTHUR BARBOSA.

## Naturalismo e Pessimismo

(Continuação)

Herbert Spencer estudando as leis do estylo, sob o ponto de vista physiologico, explica claramente em que consiste a economia do esforço realisada por essa machina de transmittir idéas chamada *linguagem*.

« Quando condemnamos tal modo de escrever, diz o philosopho, porque nos parece ou verboso ou confuso, ou desordeado; quando elogiamos um estylo por ser limpo, ou censuramos outro por ser difficil, não fazemos outra coisa senão tomar aquella regra, consciente ou inconscientemente, como critério. Considerando-se a liaguagem uma combinação do sigaaes para transmittir o peasamento, pode-se affirmar que, neste caso, como em uma combinação mecanica, quanto mais simples e bem dispostos forem os elementos componentes, tanto maior será o resultado obtido. Em ambos os casos, a força inteira absorvida pela machina, o é com detrimento do effeito util. O

leitor ou o ouvinte pode despendor, no momeato dado, uma somma limitada de energia mental. O reconhecimento e a interpretação dos signaes que lhe são apresentados depende do desenvolvimento de parte dessa energia; uma parte ainda é utilizada na construcção e combinação das imagens suggeridas; e só o excedente é empregado na realisção do proprio pensamento. Portanto, quanto mais tempo e attenção gastarmos na operação de receber e comprehender a phrase, tanto menos tempo e attenção ficarão para a idéa nella contida; e tanto menos viva se nos apresentará essa idéa. Não é, pois, sem razão que se diz que a liaguagem é um obstaculo ao peasamento, ao mesmo tempo que é um instrumento indispensavel; bastando lembrar com que força, comparativamente, os outros signaes traduzem idéas simples. A phrase — *saia d'aqui* — é menos expressiva do que um gesto mostrando a porta. Um dedo, posto sobre os labios, produz mais effeito do que um — *não diga nada*. Um chamado de mão tem mais força do que as palavras — *venha cá*. Não ha phrase que exprima tão vivamente a surpresa

como uns olhos arregalados e umas sobrancelhas circumflexas. Um encolhimento de hombros perderia cento por cento, si o tentassemos traduzir por vocabulos. Igualmente na liaguagem fallada os effeitos mais vigorosos são os das interjeições, por isso que condensam uma phrase toda em uma syllaba. E n'outros casos, em que o uzo nos autorisa a collocação do pensamento em uma só palavra, como — *cuidado! hurrah! morra! safa!* — seria enfraquecel-o desenrolal-o em minucias proposições. Continuando, pois, a considerar metaphoricamente a liaguagem como o vehiculo do pensamento, ha alguma razão para acreditar se que os attritos e a inercia, nesse vehiculo, diminuem o effeito util; e que o grande segredo, si não o unico, da arte de compôr, reside em reduzir ao minimum possível esse attrito e essa inercia. » (1)

A consequencia logica a deduzir, dessa lei é simples. Todos os recursos e artificios empregados pelos que escrevem ou fallam, — escolha de vocabulario, harmonia imitativa, construcções, flexões, inversões, uzo de tropos e figuras, comparações, allegorias, ritmo, gradações etc., etc., — são tem por outro fim, consciente ou inconsciente, si não impressionar, e a impressão, na hypothese vertente, importa o mesmo que adaptar o aparelho de expressão ao fim colimado.

Isto posto, e dado o facto da progressão sempre crescente do methodo analytico das linguas moderaas, principalmente depois que as sciencias de observação arrancaram o homem á synthese empirica, para collocal-o, com sua alma poetica, sob a influencia da synthese *post analysim*, comprehende-se que os recursos acima indicados passaram a desenvolver-se em uma esphera muito differente. E' obvio que as resistencias cerebraes, offercidas no exercicio da função de qualidades artisticas por um povo inculto, não são iguaes ás que apresenta um povo letrado; as differenças mesmo que existem eatre as nações civilizadas de hoje e as de dois ou tres seculos atraz bastariam para firmar um critério neste ponto. O traço caracteristico, portanto, do estylo moderao deve ser procurado, graças ao maximo poder de receptividade do homem actual, na necessidade de uma maior accumulção de factos em uma area relativamente pequena. Orgãos trabalhados durante tantos seculos pela liaguagem e pela impressão artistica, carecem hoje mais do que nunca de uma massa considerabilissima de traços, de cores, de sombras, de effeitos, para passarem do estado normal da indifferença com que se comportam diante do que é vulgar, para o estado vibrante produzido pelas renovações da analyse.

Mas de que maneira tem sido possível realizar esse accumulção, essa congerie, sem perda da intensificação que resulta economia da attenção, lei fundamental de todo o estylo? Os criticos não o dizem satisfactoriamente; penso, porem, que recorrendo-se ainda ás leis da syntaxe, poder-se ha encontrar no accentoperiodal o verdadeiro *gume* ou *perfurador* do estylo, ou para exprimir melhor, o verdadeiro condensador da phrase. Ponto de apoio instinctivo do espirito, é a elle que iacumbe, no estylo moderno, na multiforme adjectivação das proposições, no tumulto e com-

(1) H. Spencer, *Essais sur le progrès (philosophie du style)*. Trad. Burdeau, 1879, p. 329 a 331.

plexidade dos caracteres, que regor-  
gitam em torno d'n idéa simples preci-  
pitando-se para dentro do periodo; é  
a elle que incumbem dar corpò ao pen-  
samento, forçando a uma *crase* as pro-  
posições incidentes que se insubor-  
dinam, convertendo-as aqui em ener-  
gicas locuções adverbias, ali em epi-  
thetos que valem paginas, acolá em  
aposições que evitam grandes cir-  
cuitos,—realizando, em summa, uma  
revulsão continua, una integração  
intensa no organismo da phrase.

As pessoas, a quem são familiares os  
estudos de philologia comparada, sa-  
hem perfeitamente que influencia o  
accento tonico exerceu na transfor-  
mação e cohesão das palavras nas  
línguas románicas. Benloew diz que o  
accento assignala « a acção exercida  
sobre o vocabulo pela intelligencia do  
homem, indicando por isso que as líng-  
uas, á medida que se accentuão, vão  
entrando na consciencia de si mesmas.»

(2) Esta tendencia para a concentração,  
segundo Bøekh, data já dos latinos,  
que, graças ao seu genio abstracto,  
desenvolveram prematuramente a  
prosa, multiplicando as contrações,  
as assimilações, as ecclipses, as apo-  
copes. Pois hem, desde que admittamos  
a presença de igual phenomeno na pro-  
posição e no periodo, como instrumento  
expurgador de todos os accessorios, de  
todas as escaras, que se oppõem á  
nitidez e ao arredondamento da phrase,  
teremos posto a mão sobre o elemento  
capital por onde o escriptor insufla a  
propria vida no seu discurso.

Foi Henrique Weil o primeiro que  
chamou a attenção, de um modo syste-  
matico, para esse facto, sob o aspecto  
da coordenação grammatical. « Da  
mesma maneira, escreve este philologo,  
que em cada palavra existe uma syl-  
laba em que nos apoiamos mais forte-  
mente e outras pelas quaes deslisamos  
apenas, existe tambem em cada propo-  
sição uma palavra, em cada periodo uma  
preposição parcial sobre a qual a alma  
e a voz vibram com mais energia. Esta  
accentuação constitue o principio vivi-  
ficante da linguagem; outras particu-  
laridades da pronuncia são apenas a sua  
parte material. Essa nota pessoal, esse  
sopro de vida, esse *rei que é indis-*  
*pensavel para dar vida ás vibrações do*  
*ar que ferem nossos ouvidos. Com*  
*effeito, por mais exacta que seja a lei-*  
*tura de uma obra admiravel, por mais*  
*originaes e novos que pareçam os pen-*  
*samentos emitidos, essa leitura e esses*  
*pensamentos não serão comprehendidos,*  
*e até se julgarão triviaes e rebus-*  
*cadadas idéas arrancadas do fundo da alma,*  
*si a voz não accentuar as nuanças*  
*características. Ao contrario disso dá-se*  
*relevo por meio dessas nuanças ao que*  
*já tiver sido dito milhares de vezes, e*  
*todo mundo pensará em uma coisa*  
*nova, porque o accentu prova que taes*  
*palavras não saem somente dos labios*  
*mais tambem da alma, das entranhas*  
*de quem falla.» (3)*

A relação entre esses accidentes da  
voz e a ordem ou collocação das pala-  
vras é um facto de primeira intuição.  
Toda a eloquencia e energia da phrase  
está, pois, na sua coincidência. Faz-  
endo applicação mais ampla dessa  
theoria, Ayer pronuncia—se pelo que  
elle denomina *accento racional*, que tem  
por funcção « determinar a unidade da  
proposição como um todo composto de  
partes distinctas (palavras), as quaes

não podem ser emitidas por um modo  
uniforme, mas elevando-se a voz na  
palavra principal da phrase ou do  
membro da phrase, e abaixando nas  
outras.» (4)

Vencidas todas as resistencias, no  
que respeita á receptividade do ouvinte  
ou leitor, pelo erethismo que o accentu  
communica ao periodo e ao discurso  
inteiro, resta saber como se realisa  
essa collocação, tão difficil de distinguir  
de estylo a estylo, no meio de influ-  
encias tão variadas e complexas. Não  
ha duvida que tal accidente depende  
todo do modo particular de ser de cada  
um,—do temperamento, e é certo que  
o temperamento, cedendo tambem  
á lei do menor esforço, dirige-se  
pela linha das suas aptidões mais na-  
turaes. Bain reputa todo o desenvol-  
vimento intellectual um prolapso da  
desigualdade de sentidos com que nasce  
cada individuo.

Segundo essa opinião aliás baseada  
em factos adquiridos para a sciencia,  
as percepções fornecidas pela vista,  
pelo ouvido, pelo tacto, pelo olfato e  
pelo paladar, estão muito longe de guar-  
dar uniformidade de individuo a indi-  
viduo; ao contrario disso, as diver-  
gencias vão ás vezes até verdadeiras  
anomalias. « Tal é a principal origem  
das differenças de caracter intellectual,  
dos gostos, das tendencias, que se en-  
contram em pessoas diversas. Si uma  
consegue, desde começo, apreciar cinco  
nuanças de cores, no ponto preciso onde  
outra não distingue mais de uma, pode-  
se afirmar que as carreiras, tanto de  
um como de outro, estão antecipa-  
damente traçadas, e hem definida a dis-  
tancia que guardarão entre si.» (5)

Dado o phenomeno como constante no  
desdobramento psychico da individua-  
lidade artistica, torna-se relativamente  
facil classificar os temperamentos litte-  
rarios. Todos elles estão subordinados  
ao ponto de partida, e as suas sensa-  
ções, por maior que seja o grão de diffe-  
renciação a que tenham chegado, nunca  
perderam o molde original. Os agrupa-  
mentos de imagens, em toda sua vida  
consciente ou inconsciente, não serão  
outra coisa mais do que a proliferação,  
modificada pelo ambiente, das primeiras  
associações que se formaram em seu  
espírito ao contacto do mundo exte-  
rior. O homem é vaccinado, logo ao  
nascer, por um dos cinco sentidos; e  
essa vacina determina tudo quanto se  
houver de crear em sua intelligencia  
de artista. A collocação, portanto, do  
accento na phrase escripta e o conse-  
quente colorido do estylo, terá fatal-  
mente de recahir sobre os membros que  
melhor exprimem o que é peculiar ao  
artista e que mais se acomodam  
aos aspectos favoritos de seu espírito.  
Realizada a selecção do membro accen-  
tuavel e estabelecido o equilibrio pe-  
riodico, é claro que estão resolvidas na  
execução todas as difficuldades relati-  
vas aos accessorios, as incidencias, que,  
por assim dizer, constituem a encarna-  
ção do discurso.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa)

(4) Ayer, *Grammaire comparée de la langue française*, p. 479.

Eis como este autor exemplifica a theoria:  
« A palavra principal pode ser: 1<sup>o</sup> o *predi-*  
*cado* com relação ao sujeito;— 2<sup>o</sup> a *palavra*  
*determinante* com relação á determinanda. Isto  
é, objecto e verbo, attributo e substantivo;  
— 3<sup>o</sup> a *palavra—idéa* com referencia á *palavra*  
*—relação*. Assim na seguinte phrase:

O menino lê um livro interessante  
a idéa dominante é o predicado *lê*; mas esta  
palavra é determinada pelo regimen *um*  
*livro*, o qual, por sua vez, é determinado pelo  
a djectivo *interessante*. E sobre o ultimo que  
deverá recahir o tom principal. »

(5) Bain, *La science de l'éducation*, p. 12.

## A COMEDIA DOS DEUSES (\*)

(FRAGMENTO)

VIII

(Reunem-se as cidades do Oriente para converter todos os deuses n'um só Deus)

THEBAS

Os mil annos da esphinge estão passados.  
Estorço-me com tanto movimento  
No profundo lethargo; e lento e lento  
Os meus cilios descerram-se pesados.

BABYLONIA

Que voz escuto? E' Thehas que murmura!  
E's tu, irmã, que cinges  
De cinzelado acantho a fronte pura,  
Em que fitam-se os olhos das esphinges?  
Irmãs, em que paragens vos deixaram  
O grifo e o ibis, quando vos levaram?  
Respondi-me com o baque das ruínas,  
Os clamores dos povos revoltados,  
O silvo agudo das espadas fiavas  
E a marcha compassada dos soldados;  
Com o estrondo do throao, que se abate.  
A voz dos cistres, que nos templos soam,  
A queda das columnas que esboroaem,  
E o sibilar das settas no combate.

NINIVE

Perto de vós habito;  
Mas sinto-me decrepita. O cansaço  
Me impede de subir ao meu terraço;  
E a minha escadaria de granito  
Desaba e rúe-me aos pés a cada passo.  
Musica de aureo christro  
Não mais em meus jardins vibrando sóa;  
Minhas ruas povoa  
Um silencio sinistro

Nas minhas longas salas solitarias  
Pavorosa mudez paira e domina.  
Salvo o sussurro hostil das parietarias  
Meneiando-se ao vento da ruina.

PERSEPOLIS

Guiava, quando ouvi o vosso grito,  
Um rebanho de gritos sequiosos  
Aos meus tanques de naphta. Eu habito  
As regiões do Iran.  
Teço cada manhã  
Vestidos vaporosos  
Para as lindas huris,  
Fadas do meu paiz;  
E reanimo, quando a noite desce,  
Sob as cinzas o lume da lareira  
Para emprestalo a alguma forasteira  
Estrella que feucece.  
Ouvistes o rugido aspero e forte  
Do meu carro de guerra,  
Que espalha a confusão, o espanto, a morte,  
Com as duras rodas abalando a terra?  
Minha voz é o relincho dos ginetes  
No turbilhão ardente da batalha;  
E' o silvo da setta, que retalha  
O ar, e rompe os ferreos capacetes.  
Ouvistes vós o grito immenso e rudo  
Que fez arfar-me o seio?—  
— Ao retinir da espada contra o escudo  
Na pugna do Granico levantei-o.

SABÁ

E' longe o meu paiz.  
Nem magos, nem astrologos conhecem  
Que regiões o limitam;  
Ergueram-me as muralhas as peris;  
Para o infinito as minbas torres crescem,  
E fadas as habitam.  
Não existe rainha  
Mais sábia do que a minha.  
Do hieroglypho as letras mysteriosas  
No enigma profundo  
Não lhe occultam as cousas que ciosas  
Vendam-se a todo o mundo.  
Seu templo é de coral;  
Sua vergasta magica, encantada;  
E a senda do seu templo colossal  
Toda de areias de ouro semeada.

BACTRES

Meu rei um dia cbamou-me  
Da Media á montanha. Alii  
Por ardua senda levou-me,  
E eu com elle subi.  
E á doce luz da manhã  
Ao contemplar-me a belleza,  
Deu-me, em antes de partir,  
Tres settas para a defesa.

(\*) Publicando o presente fragmento da *Comedia dos Deuses*, procuramos attender á  
justa curiosidade dos boas amigos da poesia, relativamente ao trabalho do illustre poeta  
brasileiro, Sr. Dr. Theophilo Dias, trabalho que dentro em pouco deve apparecer na pro-  
vincia de S. Paulo, onde reside o autor, a quem agradecemos a promptidão com que sa-  
tisfez o nosso pedido.

(2) S. Reinach, *Philologie classique*, I, p. 133.

(3) H. Weil, *De l'ordre des mots*, p. 74.

Deu-me após um talisman  
Para fazer um collar,  
Tres torres para subir,  
Tres deuses para adorar.  
E hoje um mago, abrindo o véu  
Do abysmo do tempo escuro,  
Vaticinou-me o futuro,  
Lendo-o nos astros do céu.

## PALMYRA

Hontem sahi, triste e só,  
E fui contemplar de perto  
A vastidão do deserto  
Envolto em nuvens de pó.  
Minha columna, que assenta  
Na areia, fita ao redor  
A sombra pulverulenta  
Das tamareiras em flor.  
A minha porta robusta  
Gyra nos gonzos, sonora;  
Esta solidão me assusta.  
Quero fugir;—ir-me embora.  
Clamo embalde! Ninguém passa!  
Ninguém me escuta a afflicção!  
E o meu grito de desgraça  
Perde-se pela amplidão.  
Ouvistes, irmãs?—Fallei  
Com um muro que desabava,  
E um diadema, que tombava  
De uma cabeça de rei.

## BABYLONIA

Eu ouço-vos, irmãs! A vossa multidão  
Ruge em torno de mim, como um grande tufão.  
Para engrossar melhor o clamor vós bateis  
Imperio contra imperio, em um compasso rudo,  
Espada contra espada, escudo contra escudo,  
E povo contra povo; enfim, reis contra reis.  
Eu vos escuto! e ainda, irmãs, não vos enxergo.  
Não vos vejo através das muralhas que habito.  
De mil deuses ao peso enorme a fronte vergo,  
Reposo-a sobre os meus joelhos de granito,  
E, como uma mulher fatigada, dormito.  
Para os nomes dizer dos ídolos que adoro,  
Da lingua e da memoria a fraqueza deploro;  
Innumeráveis são; é mais facil contar  
As flores da floresta, as areias do mar.  
Irmãs, tenho uma idéa:—o que diríeis vós  
Si em magia caldeia arrojássemos nós  
Amuletos de bronze, abutras, serpes de ouro,  
Misturássemos tudo, e nesse fervedouro  
Fundíssemos um deus, dando-lhe um nome só?  
— Não perderemos mais, dos caminhos no pó,  
Da peregrinação dos tempos nas viagens,  
Dos deuses da lareira as queridas imagens.  
Um válido colosso, immenso, illimitado,  
Do mundo em qualquer parte acharemos ao lado,  
Intermino gigante;— um deus, que de um só passo,  
Possa os tempos transpor, possa transpor o espaço.

## AS CIDADES

Sois a maior de nós, e tendes mais idade.  
Que devemos fazer?

## BABYLONIA

Vamos! Cada cidade  
Apparelhe e retome o seu carro estridente,  
E todas volteae vertiginosamente,  
Como em magia dança, arquejante e veloz,  
Em torno da caldeira; e, umas de outras após,  
— Bactres, lança-lhe deitro a divindade vã  
Do teu bronzeo centauro; os teus dragões do Iran,  
Persepolis;— apanha, oh Memphis, do teu Nilo  
As escamas subteis do voraz crocodilo  
Do teu culto sagrado. Oh Thebas de cem portas,  
Porque vacillas tu? que fazes, que não cortas  
Da tua negra deusa as annelladas tranças?  
Ninive, porque ainda hesitas, que não lanças  
As estrellas da mitra?—Um robusto elephante  
Póde, Sabá, trazer, com passo vacillante,  
Teu vasto, eburneo deus, millicipite, annoso,  
Deitado em seu pagode immenso e sumptuoso.  
Passae, correi, gyrae, vertiginosamente,  
Com magico furor, cidades do Oriente;  
Emquanto volteiaes na rapida carreira,  
Misturo terra e céus no fundo da caldeira:

## AS CIDADES

Vemos sempre surgir desse trabalho estranh.  
Deuses de ouro, de bronze e cobre e ferro e estanho.

## BABYLONIA

Mais eis surge tambem o idolo colosso  
Da caldeira do mundo ao fervido alvoroço,  
Que borbulha e transborda, e fumegante estala,  
Com horrído estridor, que os muros nos abala.  
Faltam-lhe garras, bico, azas para voar.  
E os anneis de reptil para no chão rojar.  
Ei-o que sobre os pés, como um homem, se alteia.  
Em verdade, dir-se-lia um aucião da Chaldea,  
Que vivem sempre occulto em recesso profundo,  
E pela vez primeira apparece no mundo.  
Elóha, Jeovah, Allah... que nome tem?

## JERUSALEM

Eis-me aqui.

## BABYLONIA

Quem fallou?

## JERUSALEM

Fui eu, Jerusalem.

## BABYLONIA

Vens tu nos emprestar algum deus, sem penhor?

## JERUSALEM

Eu trago-vos um deus, de todos o melhor.

## BABYLONIA

Guarda, Jerusalem, esse teu deus antigo.  
De que nos serviria?—E' feito como tu;  
E' um deus sem abrigo,  
E' um deus sempre nú  
Vagabundo, através da vacua eternidade.  
A noite sobrevem, e nenhum tecto o cobre;  
A fria chuva cae, reboa a tempestade.  
E elle não tem sequer um manto roto e pobre  
Para aquecer-lhe o corpo em sua velha idade.  
Triste, exilado, só, além, no firmamento,  
Sem repousar jámais, batido pelo vento,  
Ei-o vae, como tu, pelo deserto inteiro,  
Pobre escravo, a chorar, aos açóites do archeiro.

## JERUSALEM

Attendei-me! Eu vos trago uma noticia.—Eu ia,  
A passo triste e lento, até a margem fria  
Onde Joppe se cava em crespo mar profundo,  
Bankar os pes e ver os terminos do mundo,  
Meus prophetas, subindo ás torres colossaes,  
Me fizeram signal de voltar para traz;  
E nessa mesma noite, ao vir surgindo o dia,  
Mostraram-me, escondido em uma estribaria,  
Um berço;—e nesse berço um deus recém-nascido.  
De uma aureola brilhante estava revestido  
O seu rosto infantil. Deu-se o caso em Belem.  
E disseram-me então:—Vé, vé, Jerusalem.  
Como elle é pequenino! Os ingenuos pastores,  
O tosco e humilde berço adornam-lhe de flores,  
E unem, para saudal-o, aos canticos das avés,  
Da branda, agreste avena, as musicas suaves.

## THEBAS

Porque não o tomaste em cima dos joelhos?  
E porque não chegaste aos seus labios vermelhos  
De branco e puro leite a teta dura e cheia?

## JERUSALEM

Acalenta-o gentil virgem de Galileia.

## MEMPHIS

Ricas faixas acaso o envolvem, no preseppa,  
Como as que têm meus reis nos tumulos de Alep?

## JERUSALEM

Faixa nenhuma tem;—mas seu cabello louro  
Scintilla, como o sol, vibrando raios de ouro.

## BABYLONIA

Veste-lhe o niveo corpo uma mantilha rara  
Que com astros da noite um mago lhe bordara?

## JERUSALEM

No instante em que o fitel, o frio era-lhe a tunica,  
E o vento lhe cosia essa mantilha unica.

## BABYLONIA

Mas, certo, á sua porta, um par de grifos jaz;  
De sob as patas deste escósa-se fugaz  
Uma fonte de naphita...

## JERUSALEM

Ha apenas na soleira  
Dois anjos, empunhando uns ramos de palmeira.

## BABYLONIA

Vamo; a vér, irmãs, esse deus recém-nado.  
Voltaremos depois ao trabalho encetado.

## THEBAS

Reservo-lhe um logar no templo de Luxor.  
— Do portico soberbo em baixo da arcaria,  
As esphinges, num grupo immovel, noite e dia,  
O embararão na paz de um sonho sem rumor.

## Estados de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO)

Eu não quero tecer encomios ao poeta; não sou um fazedor de elogios. Não quero trepar o escriptor maranhense em pedestal tão alto que o não possamos depois encherger. Estou o julgando em primeira instancia; estou vendo-o no meio de seus pares do Brazil e de Portugal; não o quero equiparar aos primeiros lyristas deste seculo em todo o mundo, ainda que, estou certo, elle seria bem recebido em tão brilhante companhia.

Percorramos toda a collecção dos *Cantos*, e convencamos-nos que — *Seus Olhos, Rosa no Mar, Lyra, Os Suspiros A Tempestade, Não me deixes, Zulmira, A Uma Poetisa, Rola, Ainda uma vez adeus, A Flor de Amor, Culnare e Mustaphá, O gigante de Pedra, Leitão de Folhas Verdes, Y-Juca-Pirama, Marabá, A Mãe d'Água, Olhos Verdes, Menina e Moça, Velhice e Mocidade, O Anjo da Harmonia, A Concha e a Virgem, Meu anjo escuta, O Beijo, Saudades* e algumas outras são bellissimas poesias, das mais encantadoras da lingua portugueza.

Não faço especial menção dos *Tymbiras*, porque não passam elles de um fragmento de poema sem caracter epico, donde se colhem apenas alguns fragmentos lyricos.

Não é preciso citar trechos e trechos de Gonçalves Dias; para comprovar o que tenho avançado, porque suas obras são de facil accesso; elle é, com Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella e poucos outros, do numero dos poetas mais populares no Brazil. Não me julgo, porém, desobrigado de indicar ainda algumas notificações para a boa comprehensão do maranhense.

Teve, como em parte já vimos, perfeita intuição do problema ethnographico em o Brazil. Não se deduz este facto da simples consideração exterior da escolha de certos assumptos. Do intimo de alguns cantos brotam as notas comprobatorias do facto.

No *Gigante de Pedra* lê-se isto :

« E no feretro de montes  
Inconcusso, immovel, fito,  
Escurece os horizontes  
O gigante de granito :  
Com soberba indifferença  
Sente exetiuta a antiga crença  
Dos *Tamoijos*, dos *Pagés*;  
Nem vê que dnras desgraças,  
Que lutas de novas raças,  
Se lhe atropellam aos pés !

Viu primeiro os *incobos*  
Robustos das florestas,  
Batendo os arcos rigidos,  
Traçando homereus festas,  
A' luz dos fogos rutilos,  
Aos sons murmurél  
E em Guanobara esplendida  
As danças dos guerreiros,  
E o guá u caliente e vario,  
Dos moços prazenteiros,  
E os cantos da victoria  
Tangidos no horé.

E das ygaras concavns  
A frota apparelhada,  
Vistosa e formosissima  
Cortando a ondosa estrada,  
Sabendo, mais que frageia,  
Os ventos contrastar :

E a caça leda e rapida  
Por serras, por devezas,  
E os cantos da janubia  
Junto ás lenhas acezas,  
Quando o *tapuya* misero  
Seus feitos vae narrar !

E o germen da discordia  
Crescendo em duras brigas,  
Ceifando os brios rusticos  
Das tribus sempre amigas,  
— Tamoy a *raça antiga*,  
Feróz *Tupinambú*.  
La vas a gente improvida,  
Nação vencida, imbelle,  
Buscando as mattas invias,  
D'onde outra tribu a expelle ;  
Jaz o pagé sem gloria,  
Sem gloria o maraçá.

Depois em náus flammivomas  
Um troço lardido e forte,  
Cobrinde os campos humidos  
De fumo, e sangue, e morte,  
Traz dos reparos horridos  
D'attissimo pavez :  
E do sangrento pelago  
Em miseras ruinas  
Surgir gallardas, limpidas  
As *portuguezas* quinas,  
Murchos os lises candidos  
Do improvido *gaulé* ! »

O poeta po euia a intuição historica e ethnica deste paiz, o que importa-lhe um elogio, attenta a ignorancia, porssim dizer — systematica, dos nossos homens de letras em tudo o que se refere a assumptos nacionaes.

Presentiu, adivinhou intelligentemente a importancia das crenças fetichistas dos aborigenes. Elle não ficou na descripção puramente exterior dos costumes indigenas.— Na memoria *O Brazil e a Oceania* — penetrou-lhe nas crenças, e, logo nos primeiros versos dos *Tymbiras*, mostrou que na poesia comprehendia a importancia d'aquella região psychologica :

« Os ritos semi-barbaros dos Piagas,  
Cultores de Tupan, e a terra virgem  
D'onde, como d'um throno emfim se abriram  
Da cruz de Christo os piedosos braços;  
As festas, e batalhas mal sangradae  
Do povo Americano, agora extincto,  
Hei-de cantar na lyra.. »

\* E' conhecido hoje o valor especial que a philosophia e a sciencia modern em geral ligam ás crenças dos selvagens e do homem primitivo.

Gonçalves Dias, com ser muito catholico, se não dignou de demorar-se no *fetichismo* barbaro.

Creio que o primeiro que o elogio por esta face particularissima — foi o Sr. Teixeira Mendes; acho-lhe toda a razão, sendo preciso ajuntar que o poeta possuiu em geral a intuição do estado subjectivo das populações brazileiras, não se limitando ao velho fetichismo tupy. Os documentos desta asserção nndam esparsos por suas obras, bastando-me lembrar a *Mãe d'Água*.

Outra nota muito particular da poesia de Gonçalves Dias é a verdade e a intensidade de tons que lhe vem de seu viver intimo, psychologico. O poeta soffreu e as recordações são a trama perpetua de sua poesia. Ainda até nas descripções de scenas ateriores, como acontecia ao seu coevo—Dutra e Mello, vinham as *recordações* assaltal-o.

Eu sou dn numero d'aquellea que ainda apreciam a poesia intima, recordativa, pessoal. Faço minhas estas

palavras de Francesco de Sanctis, falando das *Contemplações* de Victor Hugo :

«Indietro dunque! accettiamo le consolazioni che il poeta offre a sé, e ad altrui, e viviamo di memorie. *Autrefois!* Di rimembranza in rimembranza, di dolore in dolore, giungiamo alla nostra età fiorita, quando per noi il cielo era ancora azzurro ed il prato ancor verde: a ciascuna pagina di queste poesie è attaccata una nostra memoria, un fantasma, che ci si leva ritto dianzi, e ci dice: Ti ricordi? E noi beneficiamo la poesia, che con un tratto de penna ci apre il regno della morte ed evoca le ombre de nostri cari. » (1)

O conego Fernandes Pinheiro disse uma vez que os *Canticos Funebres* de Magalhães são superiores ás *Contemplações* de Hugo. Eu não conheço uma igual heresia em critica litteraria. Não cahirei no lapso de julgar superiores os *Cantos* á obra magnifica do poeta francez — que se me antolha a melhor de quantas produziu. Nem é mais aquelle lyrismo limpido e brilhante, mas de curtos horizontes das *Odes* e *Balladas* e das *Orientaes*; não é tambem aquella poesia ousada, de largas perspectivas, mas palavrosa da *Legenda dos Seculos*, da *Piedade Suprema* e dos ultimos livros do poeta. E' um lyrismo valente, impetuoso, arlente e ao mesmo tempo reflexivo, meditabundo, um consorcio soberbo de philosophia e poesia. Creio não errar dizendo ser aquelle bello livro a obra *maitresse* do poeta francez. Os *Cantos* do nosso patricio não chegam tão alto; porém supportariam muito melhor o parallelo do que os *Canticos Funebres* do poeta fluminense.

Em todo o caso, o pensamento de De Sanctis sobre o papel das recordações, das memorias d'alma na poesia de nosso seculo, é applicavel aos *Cantos*. Ha alli muita composição mimosa que são como folhas arrancadas do coração de cada um de nós todos os que temos soffrido na vida. Ide procural-as, que as encontrareis.

SYLVIO ROMÉRO.

(1) *Saggi Critici* di Francesco de Sanctis, terza edizione, Napoli, 1874.

## VOLTA AO PASSADO

A HENRIQUE DE MAGALHÃES

Vinde, Senhora; vou mostrar-vos tudo  
Que inda resta daquelle amor ardente...  
Quero que o vosso olhar indifferente  
Lanceis sobre essa historia a que eu alludo.

Vereis: que desso, outrora tão agudo  
Soffrer, meu coração não se resente,  
Hoje que no peito vive unicamente  
Abroquelado como num escudo...

De minha vida a estrada é toda espinhos,  
Porem que vos importa esses caminhos  
Sejam só dóres e desolação?...

Chegamos; eis o amor de que eu fallava,  
Vede o que resta dessa ardante lava :  
Cinzas sómente junto ao coração !

PEDRO RABELLO.

## Alcibiades Furtado

Da primeira vez que nos vimos, interpóz-se entre nós o cordão sanitario de uma antipathia mutua.

Já da ba muito o conhecia eu, graças á lingua piedosa de amigos communs, como um selvagem, nm original; e os nossos primeiros encontros confirmaram taes informações. Physicamente, desagradou-me sobremodo a figura doentia e (porque não o direi?) quasi feia do poeta paraense, em cujo todo o franzino da compleição punha une leves toques femininos. E, o que mais é: á minha natural sem cerimonia, oivada de uns restos le brutalidade soldadesca que eu adquirira em anno e meio gasto nos convívios do alojamento, repugnava, pelo contraste, a reserva desse rapaz circumspecto, abroquelado sempre num acanhamento quasi casmurro de calouro tímido.

Aconteceu por isso que, vivendo nós ambos sob o mesmo tecto, comendo ambos á mesma mesa, mal trocavamos os cumprimentos que a delicadeza, em taes condições, impõe como um preceito. Creio mesmo que, não raro, furtamos-nos a essas exigencias da boa sociedade.

Logo por esse tempo, a saude das grandes arvores amadae, á cuja sombra nest e momento evoco estas reminiscencias velhas, arrancou-me da Paulicéa,

Regressando eu dae férias extraregulamentares, sobrevieram os exames; de modo que só no anno seguinte, em 1883, circunstancias fortuitas ocorreram e approximaram-me do Alcibiades Furtado.

Deram-me a lór os vereos que elle então começava de publicar; foi-se a pouco e pouco a delgaçando, até desfazer-se, o cordão sanitario que nos separava... e dali atamos as boas relações até hoje não descontinuadae.

Um facto de insignificantes apparencias, mas de alto interesse na biographia do poeta, fez-nos intimos e, durante certo periodo de tempo, inseparaveis companheiros:—uns pequenos amores delle, do Alcibiades. . .

Supponho que esta indiscrição em nada affecta a grave respeitabilidade de um futuro magistrado...

Foi o caso que na Penha, certo dia, ouvi, com paciente resignação, todos os capitulos do romance. . .

Nem já conservo recordações do trecho delle; mae ainda me entrelembro de que se tratava de uma rapariguita loura, mediocremente formosa que, por aquella epoca, semeava em redor de si muita inspiração o mnitas rivalidades.

As confliencias do Alcibiades Furtado provam bastante a amizade que nos ligava; e outro não é o motivo por que, com muita independencia, ecrevemos hoje o noeso *elogio mutuo*.

E' difficil, impossivel quasi, transformar a vida do um rapaz de 25 annos incompletos em draua rico de peripecias interessantes; mórmente quando elle, estudando em S. Paulo, nem ao menoa deixou chronicas escandalosas no Schomburg ou qualquer outro logar equivalente. Ahi vai, antretanto, a do Alcibiades :

Nasceu na cidade de Belém do Pará, aos 26 de Dezembro de 1862.

O poeta não se recorda mais da primeira impressão que lhe fez na retina

o grande e rubro sol das paragens equatoriais, é porém de supprêr que a calentura delle cedo o predispuzesse aos arroubamentos da Poesia e á inclinação pelas raparigas louras.

Seu pai, o Sr. Francisco Raymundo Furtado e sua mãe, D. Thereza Josephina de Castro Furtado, previram que o seu filho havia de illustrar a terra de D. Romualdo de Seixas e do visconde de Souza Franco; e resolveram fazer delle, para começar, um bacharel como toda gente.

O Alcibiades entrou no lyceu de Belém, fez os preparatorios e, em 1881, seguiu para o Recife, no intuito de travar conhecimento com as Institutas.

Logo o desejo de correr terras, e de conhecer S. Paulo, cuja Faculdade meia duzia de moços de talento celebrizavam, fel-o discipulo, por sua desgraça, do Dr. Falcão, que Deus haja, e do Antonio Carlos, que Deus conserve.

Corria o anno de 1884, e o Alcibiades, como acima disse, dependia dos dois.

Por esse tempo, os estudantes de S. Paulo, esquecidas as memorias do grande rói de 1878, eram uma carneirada, que a Congregação dirigiria a pau, si preciso fosse ou lhe fosse conveniente.

Entretanto, — caso estupendo! — o 4º anno, em Novembro, constituiu-se em grêve. Reuniram-se os rapazes, deliberaram não prestar os exames.

Mas a resolução era demasiado heroica para todos... Occorreram deserções, as delações começaram. Os cabeças do motim, como o Alcibiades, fizeram a trouxa, e abalaram para Pernambuco, fugindo ao R, ao tempo em que os demais collegas, nauseantes e cahisbaixo, pediam cartas de empenho e faziam-se perdoar a troco de condescendencias torpes.

Mesmo entre os moços, ai de nós! é tão raro actualmente ter vergonha! Foram poucos, bem poucos, os que ás vantagens offerecidas aos que ficaram preferiram partir e, partindo,

... conservar a mano

Pura e la mente...

Em 1885, Alcibiades foi recebido bacharel e, logo depois, despachado promotor para Ponta Grossa.

Lá esteve, lá deu denuncias, lá fallou em nome da justiça publica; e tudo isso fez elle com muito assento, como quem já sabe do officio.

Agora, quer que o façam juiz municipal.

Hade sel-o, e excellente. Porque o Alcibiades Furtado é uma prova de que os versos e as leis podem fazer liga. Verdade é que lhe acontecerá muitas vezes, nas audiencias, á voz monotona dos escrivães, desattender aos requerimentos das partes e abrir as azas para as regiões serenas do Ideal... Mas, tambem, elle não quer ser jurisconsulto, nem fazer parte do Supremo Tribunal de Justiça.

A tudo prefere a sua Musa; quer um fogar no Parnaso: e ha-de tel-o. Hade tel-o, porque lhe sobeja talento, sobeja-lhe inspiração e, o que mais vale, não lhe falta amor ao trabalho.

Não é ainda um poeta consagrado pela estima; mas os seus amigos que conhecem do riscado e lêem-lhe os versos manuscriptos, têm confiança nelle.

Esperemos o seu proximo livro de versos, já quasi prompto.

J. DIAS DA ROCHA FILHO.

\*\*\*

Sendo, qual era, nosso amor profundo,  
Para um logar distante má levaram...

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Lucinda, a meiga, e Laura, a bella peccadora,  
No instante de partir (pois tudo parte um dia)  
Vi-as a soluçar, a ultima vez que as via,  
Nem me pesou de as vér por largo mar em fóra.

Mui diversa, porém, foi de certo a alma fria,  
O desdenhoso amor de altissima senhora,  
Que hoje se parte e vai sem se lembrar dessa hora  
Em que juras de amor e enganous prometia.

Tive ao tomar-lhe a mão a hypocrisia louca  
De o semblante mostrar, sereno, brando e liso...  
Mas tanto a dôr de amar nos magôa e soffoca,

Que quando grave, altivo, o mudo labio friso,  
E me ageito a sorrir... dos olhos té a bocca  
A lagrima desceu para gelar-me o riso.

JOÃO RIBEIRO.

### O paquete «Gironde»

A JOSÉ TELHA

Já fazia muito claro e ainda Nené e Ritinha se espreguiçavam nos refolhos dos lençoes quentes que aromatizavam com seus corpinhos de virgens. No quarto havia um vago cheiro de leite almiscarado, onde se misturava o pó de arroz Pivert em exalações de puberdade. Nené foi a primeira a acordar. A cama dava para a janella por onde a luz penetrava ás golpadas enchendo o aposento. Nené, bocejando, espiou para o céu, muito azul, onde as nuvens se agrupavam como carneirinhos em sete pedaços iguaes que uns atraz dos outros deslisavam mansamente.

— Acorda, Ritinha, olha, vem vér como o céu está bonito, disse ella. E a Ritinha nem boliu.

Ao longe a aragem era forte, sacudindo os ramos pesados das arvores que se esfacelavam, hrigando uns com os outros em grandes chicotadas. Muito em baixo um pinar sombrio com laranjas de ouro, que picavam estridentemente aquelle verde negro muito uuido onde a sombra fazia umas trevas de horrorisar. Pouco depois seguia-se um caminho pardo e estreito onde uns cães ladravam lugubrememente. Depois eram series indefinidas de montanhas que se perdiam descorando, inuito pallidas, inuito pequeninas. E Nené mergulhava na brisa a carinha de somno, apertando os olhos por causa da luz que era muita. Então uma rajada de vento mais forte penetrou silvando e bateu-lhe em rosto, fazendo voar os cabellos soltoe e enchendo a camisa decotada por sobre o corpo nú. Nené estremeceu toda e os proprios peitinhos virgens e redondos se espevitaram, sentindo-se violados pelo vento.

— Que frio... murmurou encolhendo-se e apertando o lençol contra si. Obrigada a deitar-se, já não via mais os laranjaes negros picados de ouro. Nem tão pouco o caminho estreito onde os cães ladravam. Só virando-se de lado é que percebia as ultimas montanhas muito pallidas, muito sumidas e no céu azul os sete carneirinhos, que uns atraz dos outros, deslisavam mansamente.

— E a Ritinha nada de despertar, cada vez mais enterrada na cohera. Nené já não sabia o que fazer, já a tinha chamado tres vezes.

— Acorda, meu bem; olha, que já é tarde; isso faz mal... sabe de uma cousa? eu tenho uma historia para te contar muito engraçada.— E a Ritinha nem caso.

— Você não ouve? anda, deixa de brincadeira, levanta, meu bemsinho. E nada, hein?... Espera que eu já te ensino...

E puchando pelo travesseiro agarrou-o com as duas mãos e varejou-o em cheio. A Ritinha, atordoadá deu um pulo da cama e pisando o tapete com os péa nús atirou-se sobre ella.

A distancia entre as duas camas era pequena e assim o ataque foi rápido. Nené, deitada e transida e depois, não esperando pelo voo, conservou-se prostrada. E ficou vencida, mesmo porque a outra tinha mais força.

— O! lá vem você com as cocegas... eu já disse que... ai!... que não gosto... ai! ai! ai! — eria-se a não poder mais, suffocando as phrases, vencida pela cocega — ai!... ai! — e tinha uns gritinhos de deflorada, destacados, que enchiam o aposento de alegria.

A Ritinha, de cima, conservava-se muito séria, com os olhos cheios de somno, agarrando Nené pelas axillas que excitava com os dedos. E depois começou a descer minuciosamente pela flancos e pela cintura, e a descer, a descer, no meio doa mais energicos protestos.

— Ai! isso não!... não faz cocegas ahí!... não!... não!... por amor de Deus... ai! ai!... sua... — e enguliu no riso um termo brejeiro — ui!... você é porque me pilhou descuidada... isso... isso... não vale... E se estorcias toda, suffocada. Os lençoes e colcha nesse interim se tinham amassado aoe poucos, fazendo rugas cada vez mais a — conchegadas até descobrir o corpo. Por fim tanto o de baixo como os de cima faziam um bolo em um canto, deixando a nú o colchão onde se espojava o corpo de Nené em camisa.

Ritinha, causada de fazer cocegas e pilhando aquella nudez a queimadura preferiu mudar o plano de ataque e calhiu-lhe em cima de palmadas. Mas então é que Nené pode mover-se, ganhando forças com o novo genero

de peleja. E virando-se de lado para alliviar as partes maie carnudas, desforrava-se na mesma moeda em Ritinha que tambem estava em camisa.

— Toma esta outra!...

— Ui! ahí doe muito; — nhi não!

— Pois é para aprenderes a me jogar o travesseiro.

— Olha, que eu te morde, hein?!...

O combate então tornou-se muito forte e renhido; por isso mesmo extinguiu-se logo no meio de risadas.

— Vai te deitar... anda! basta, que eu estou cansada... chi!... olha os meus lençoes como ficaram... e este vento frio... a brincadeira vai dar em ficarmos as duas constipadas, deits, anda!

Neste momento um rumor surdo no quarto visinho assustou-as muito. Era o quarto do tio Araujo, casado, que dormia ausente da mulher. Ouviu-se um pisar arrastado de chinellas, de quem toma os primeiros cuidados matutinos. As duas meninas, atemorizadas encolheram-se ambas nas camas e escutaram-

Fez-se silencio, e só se ouviram as respirações contidas das duas e ao longe os latidos lugubres dos dous cães.

— Chi!... olha seu tio que acordou: e nós na pandega, hein? e se ouviu tudo?

— Não ouviu nada... qual! a parede é grossa. E, depois, que ouvisse; que é que tem? então a gente não pôde brincar?... E logo quem? tóas sei eu delle...

— Me conta, fez Nené.

— É uma historia que meu primo Henrique me contou; mas você não ha de dizer nada a ninguem! ouviu? nem piada.

— Sim, sim; não digo nada.

— Pois uma vez de noite nós iamos para o theatro Lucinda; (eram os papai, Linoca, o Henrique e eu); e, você sabe, o theatro Lucinda é lá para as bandas daquella rua... como é mesmo que se chama?

— Não sei, mas não faz mal...

— Pois bem, o caso é que se pára no largo do bond e vai-se pela rua da Carioca. Pois bem: nós naquella noite passávamos por essa rua, quando vimoe Tio Araujo, sabindo de uma casa; eu fui quem vi primeiro... mas elle correu tanto que eu quasi não conheci, e mostrei a meu primo que ia comigo e que, como você sabe, é um grande pandego. — «Quem? disse elle, tio Araujo?» — Sim, creio que é elle; vai alli! — O Henrique, deixando o braço, apressou o passo e ngarrando pelo paletó, trouxe-o, rindo-se.

— Você não imagina, Nené, a cara de tio Araujo, muito vermelho, a cumprimentar a todos. E o mais engraçado é que, sem ninguem perguntar, elle desculpava-se, muito encalistrado por não ter visto, dizendo que tinha ido tratar de negocios de politica... que o occupavam... que sahia da casa do Deiró, etc...

— Bem, mas o que é que tem?

— Você não comprehendeu?... é verdade que eu tambem não entendi logo e quiz mesmo acreditar no que tio Araujo disse se não fosse a cara delle e a de meu primo que si ria a perder-a. Depois é que eu souhe, fazendo elle confessar tudo.

— Onde é que ello sahia então?

— Era de uma dessas mulheres... você sabe...

E as duas riam-se muito com a pilheria. No silencio ouviu-se de novo o la-

drar dos cães e ao lado o estrepito suave e discreto do tio que se lavava, honestamente.

— Que massada de cachorros! disse Nenê.

— Mas você chegou ontem e ainda não me contou nada do que aconteceu entre você e aquelle moço, o Raul, enquanto estava lá no Norte.

— Pois bem; mas eu não dei a entender na carta?

— Sim... que quasi... aquella vez... mas aquella outra da horta você ainda não me disse nada.

— Pois eu não disse? até... não se lembra?... de noite...

— E fez gestos expressivos.

— Sim, mas eu não compreendi nada, conta agora com todos os pormenores que ha de ser muito interessante.

— Pois bem, que horas são?... devem ser sete e tanto que agora mesmo ouvi o relógio bater. Temos tempo.— Fez uma longa pausa e respirou. Depois proseguiu.

— Logo que eu cheguei lá em casa de minhmadrinha, fiquei gostando muito de todos; só daquella velha, a D. Côra, é que eu tinha muita raiva por ser muito rabugenta. Minha madrinha me tratava muito bem, passeávamos juntas no mercado, de manhã; depois almoçávamos e trabalhávamos até 11 horas, meio-dia, etc... depois iam preparar a toilette para o jantar. À tarde sabiamos de carro de passeio por aquellas ruas todas, fazendo um figurão. De noite em casa é que era uma festa. Você sabe, meu padrinho, presidente da provincia, recebia aquelles grandes todos e era obrigado portanto a ter a casa a noite arranjada para as visitas.

Em qualquer festa maior então é que havia soirés, dançava-se muito e dormia-se tarde. Fôra disse a gente se deitava ás 10 horas, depois de todos se retirarem. A's vezes mesmo eram só homens e nós não iamos á sala. Mas isso não vem ao caso.

— Havia toilettes bonitas? moças chiques?

— As moças eram assim, assim... muito molles, sem graça, e vestiam-se muito sem gosto. Os rapazes, sim, eram mais sacudidos e fallavam melhor, porém... Olha! Ritinha que pandega! ah! ah! — e Nenê prorompeu em gargalhadas. Ella tinha-se levantado um pouco e mergulhava a cabeça na jaueira, rindo-se.

— Mas o que é.

— Nada: São dous cachorros... ah! ah!...

— Deixa de tolices... vamos... conta. E Nenê voltou á historia.

— Onde é que eu estava? ah! Então, como eu ia dizendo, o facto é que divertia-me bastante. Logo nos primeiros dias que vi o Raul achei muito tolo; ria-se por qualquer cousa. Você sabe? Esses moços que procuram a todo o proposito fazer espirito. Mais elle pouco foi-se modificando. não sei si com o tempo, não sei si com os estudos mais sérios de medicina, de sorte que em pouco tempo eu fui gostando mais delle e achando-o mais bonito. Elle, lá por si, creio que ficou logo apaixonado e com muita facilidade.

— Pois é geito que eu não tenho: ainda não achei quem se apaixonasse por mim.

— Isso é questão de tempo e felicidade. Uma vez que se dançava, elle me tirou para valsar; eu aceitei (note-se que até então elle me tinha tratado com toda a seriedade). Pois bem; demos uma ou duas voltas e assentámo-nos,

conversando sobre qualquer cousa; eu me lembro perfeitamente que elle estava muito atrapalhado e não sabia o que dizer. Disse que fazia muito calor, que o chão estava muito onvernizado e que escorregava e fallou na atmosphera muito pesada; em summa mil cousas que me davam vontade de rir. Assim foi até a hora do chá. Na mesa elle me deu o braço e sentou-se a meu lado servindo-me sem fallar quasi, cochichando baixo e rindo-se com um sujeito que estava ao lado. O sujeito que era gordo e de snissas dava muita importância a elle por ser filho do presidente e de vez em quando berrava alto para as outras pessoas que estavam do lado opposto. E assim se passou o tempo até a hora da despedida. Quando todos foram-se, eu já tinha fallado com a gente de casa ia subindo a escada, elle passou muito depressa e agarrando-me pela cintura, quiz me dar um beijo; mas foi tão desastrado que bateu-me com o nariz na cabeça e desatou a correr pela escada acima. Ah! ah! que pandega! No dia seguinte ás 11 horas fui buscar uma cousa no quarto, quando encontrei em cima da mesa uma carta e... Era d'elle.

Dizia essas tolices que você sabe: — que me amava muito, que eu não sabia corresponder a seu amor e que, si assim continuasse... que pandega! ou o ferro ou o veneno havia de lhe tirar a vida. E que, si eu quisesse ter pena d'elle, que apparecesse na horta no dia seguinte de manhã. Eu não pensei que aquillo fosse tão serio e em parte por curiosidade, em parte, mais por pilheria, fui lá ter.

— Você já me contou isso na carta. Que elle até te abraçou... quando veio gente.

— Pois sim, como você sabe eu fui e quando elle appareceu, fiquei com tal medo que quasi corri por alli a fora. Elle, sem dizer palavra, me agarrou, abraçou e deu um beijo; eu nada podia fazer, tinha as mãos muito frias, e sentia no estomago um peso muito grande e a cabeça me queimava de sangue.

Eu devia estar muito vermelha. Senti que elle me agarrava no pescoço e queria desabotoar o casaco. Foi então que ouvimos entre as arvores um barulho de passos e fugimos cada um para um lado.

— Mas sua madrinha não soube de nada!

— Creio que não; pelo menos fingio que não sabia; o caso é que não me perguntou nada.

— Sim; mas e a outra vez?

— A outra vez foi na vespera de eu partir do Norte; era no dia 14 e eu parti no dia 15. O caso é que dahi por diante elle não me fallava quasi e sempre que me via não me tirava os olhos de cima. Uns olhos de peixe ensoado, sabe? de cabra morta, que fazia pena. O caso é que...

E Nenê perdeu-se mais uma vez, mergulhando de novo o olhar na hrisa. Agora já o sol estava mais forte e o céu muito mais claro, só tinha seis carneirinhos; assim mesmo disformes e estropiados. Nenê parou um instante a olhar os um por um e só contou cinco, porque dois propriamente não se destacavam quasi, confundindo-se em uma só massa. E Nenê proseguio.

— O caso é que no dia 13 de manhã encontrei no meu quarto um outro bilhete. Esse era mais serio e mais apaixonado a ponto de commover muito. Eu fiquei excitada todo o dia e

respondi a elle que sim e que aceitava o rendez-vous que elle me marcava para o dia seguinte á noite. Nesse dia de manhã recebi da Corte uma carta de papai que me dizia que sem falta viesse com seu Chico no paquete Gironda que partia de lá no dia 15. Ora veja você... si demorasse mais uns tempos, hein?...

— Mas no fim de contas, disse Ritinha, você deve dar graças a Deus porque elle não tinha nada a perder e você tinha tudo.

— E' que você então não comprehendia, filha? você sabe que elle é muito rico e que eu sou menor e então?... E' preciso a gente não ser tola e saber se arranjar. Olha que eu já tenho muita experiencia da vida.

— Pois bem; continua, vamos!...

— Então, como eu ia dizendo, nesse dia em que havia grande recepção estavam todos muito entretidos na sala quando elle me tirou pelo braço. Mas antes disso é preciso lhe contar o mais importante. E' que eu na vespera não me lembrava do dia 14 do mez e foi sem pensar que, como uma tola, marquei o rendez-vous.

— Mas então o que é que havia? ajuda não comprehendia,olveu a Ritinha intrigada.

Nenê, baixando a voz, disse quasi no ouvido della um segredo, ficando muito vermelho.

— Ah! então era isso!... e eu que não entendia a sua reticencia, ora esta!... ora, mas que pandega!

E todas as duas riram-se muito.

— Pois bem, continuou Nenê, quando elle me deu o braço e me levou para o fundo da horta, eu fiquei de tal modo envergonhada que tapava o rosto com a mão. Então elle quiz recommear a scena da outra vez e sem dizer palavra me agarrou. Eu muito assustada dizia não! não quero! não posso! E elle cada vez me segurava mais e já me ia desabotoando, quando eu, não podendo mais me conter, soltei-me das mãos d'elle e corri por alli a fora, que nem uma louca. Lá dentro passei pela sala de visitas onde esta'am tocando os lanceiros; aquelle pedaço, sabe?... ta-ta-ta, ta-ta-ti, ti-ti-ti... — e Nenê cantou um pedaço da musica.

— Corri então para o meu quarto, fechei-me por dentro e chorei toda a noite.

As meninas fizeram então uma ligeira pausa. Os cães, lá fora, já não ladravam. Os laranjeas, com o crescer do sol horrorisavam cada vez mais, com trevas mais intensas de um verde negro; o caminho secco e amarello se illuminava, ardendo; e as ultimas montanhas, cada vez mais sumidas, empallideciam de pequenias. No céu, meus azul, Nenê poz-se a contar os carneirinhos que cada vez se estropiavam mais como um rebanho em derrota e reduzidos a quatro, a fallar com precisão, deslisavam uns sobre os outros mansamente. No quarto, cheio de sol, com o calor que apparecia, aumentava o cheiro forte de leite almiscarado e sobre as camas os dois corpinhos, ajuda repousavam debaixo dos lençoes quentes.

— Afinal, disse a Ritinha para re-matar; afinal, isso foi uma boa pilheria mas o caso é que voce ficou lograda e nada conseguiu.

— E' verdade,olveu Nenê espreguçando-se, fiquei lograda... Oh! si aquelle paquete quizesse esperar mais alguns dias!... Maldito paquete!...

L. S.

## COUSAS DA VIDA

Encontrei-a por acaso, ao alvorecer, indo a banhos de mar alli no boqueirão do Passeio, eu, que passara uma noite de cachorro assistindo extinguir-se lentamente o pavio da existencia de um tuberculoso.

Um sabio hippocratico armado de fortes e bem combinados reactivos espaventa-lhe a vida, que ha tres mezes pestanejava, até que pelas quatro e tanto daquella manhã, o tísico soprou num desabafo de tedio, e de uma vez para sempre a tal cousa pela qual hoje em dia é preciso lutar.

«Joitado! Custou, mas foi-se.

Lá o deixei num triste catre, olhos semicerrados, branco, escaveirado, de cavernas para o ar, como quem arqueira, sob a claraboia atravez da qual recebia o quarto os primeiros alvares.

O amor mundano roera-lhe o sacco das moedas, a vergonha e as carnes; restava-lhe a carcassa, secca de medula, imprestavel mesmo para estudos de osteologia; um verdadeiro *poisson d'avril* para os vermes do *Cajú*.

Deixei-lhe junto á cabeceira, dorrendo-se em lagrimas, um rôtto de vela tomado como emprestimo ao visinho, um idiota-esperto que esmolava para as santas almas, tres vezes por semana. A' madama da *maison garnie* communiquei a *infesta*: — *quel malheur!* exclamou a birria que, ao receber o Mello Pimenta como inquilino em sua casa, explorou-o concorrendo com as suas *representações* de modo ao inexperienced rapaz *marchar no meio*, o que quer dizer — *sahir de embrulho*, finalmente.

Denuncio esta madama velhaca que hypnotison o Mello Pimenta a ponto de pensar este que o mundo se acabava! Emfim isto é um caso passado, Não falemos em cousas tristes.

Eu dizia tel-a encontrado indo a banhos de mar, de madrugada; sonhei uma mulher assim—perfeição sem par, uma mistura de candidez e malicia, uns olhos... que olhos!... desses que engolem a gente e espremem-nos a alma até as lagrimas do desejo.

Um bond da Carris Urbanos foi o vehiculo deste amor que beliscou ao mesmo tempo os tres angulos do meu coração.

Sentei-me num banco immediatamente posterior ao della, e durante a viagem fui soffrendo a gostosa tortura de uma paixão, que chegada o momento não pede licença para estourar.

A nuca, ai! tentação... e as orelhas? — duas conchinhas roseas, estive quasi a trincar-lhe o lobulo, desejava ver brotar no extremo daquella perfeição o brilhante e transparente ruhio do seu sangue... sangue! porque, saibam-nos eu sou uma fera!...

*Tilim!*...

Ella apeou-se.

Eu me apeei.

A creada seguiu-a.

Eu segui a ambas.

Ellas entraram no Estabelecimento de Banhos.

Eu tambem entrei.

Cinco minutos depois ella passava na ponte, dominando, mettida nos seus calções e saiotte de flanela e azul, á maruja, os pésinhos enfiados nos sapatos de cordas e linho, coifa de encerrado abraçando os cabellos em rodiilha a laia-de-cobra.

Vae bamboleando o corpo airoso, linda, linda, e o sol que emergia ver-

melho como um pimentão, ao vê-la, como que deu um mergulho.

Desce, sempre graciosa, a escadinha que conduz a praia, olha para o terraço e dá comigo; a projecção daquella olhar deslumbrou-me.

Quando o banhista tomou-lhe da mão para faz-la entrar na agua, tive impetos de esganal-o.

Pouco a pouco vas immergindo, as aguas ladronas roubam à vista dos curiosos parte do corpo lindo; ensacam conjunctamente o mergulho um, dois e... someu-se ambos; outra vez, um, dois e... prompto! quando jeu suppunha-a Venus surgindo do seio das ondas... oh! decepção! a mascara desfizera-se nas aguas, que horror! a mulher pintava-se!...

Fui ao passeio, ao atravessar a ponte entre os obeliscos vestidos de bera, vi que passava ella, a horror, linda como antes do banho, e seguindo-a pressuroso, um coitado que, amanhã irá ver o que eu vi, e lhes contei.

Desenganem-se, mulheres; não se é eternamente moça, nem eternamente bella!...

J. JG.

## BEDUINOS DO AMOR

Ha quem, por aviso das serpentes  
Que a sebe en flor infestam, faja della;  
E, quando longe, nos aereas ardentas,  
Volva os olhos que acerbo pranto estrella.

Outros, porém, risonhos, inconscientes,  
Calmo o verdor penetram, sem cutella...  
De alguns sei, que, estancada a sede, aos  
quentes

Desertos voltam, cegos á procella.

Aquelle ao proprio seio a destruidora  
Magua ceva; este a chaga traçoira  
Orvalla em prentos da mulher traidora...

E ai do que afflicto lucha a vida inteira,  
E cae, sem ver, na inflada curva loure  
Do céu, sem nunca ver uma palmeira!

ALBERTO SILVA.

## THEATROS E DIVERSÕES

S. PEDRO DE ALCANTARA

Realisou-se no sabbado ultimo a primeira representação do drama *Constitucionaes Miguelistas*. É uma peça de feição antiga cuja acção se passa em Portugal por occasião da guerra civil entre D. Miguel e D. Pedro.

Ao publico especial a que é destinada não podia deixar de agradar, e muitissimo, quer pela contextura, quer pelo desempenho.

Um positivista, desejo de verificar alli a affirmação de que na sociedade perdurem ainda camadas pertencentes aos dois estados anteriores ao *positivo*, acharia naquella plateia sobrevivencias completas do estado *theologico*.

JOCKEY-CLUB

Assistimos no domingo proximo passado ás magnificas realisaes neste Prado.

Extraordinariamente concorridas pela nossa primeira sociedade, effectaram-se de maneira a não suscitar protestos.

CLUB DOS TUCANOS

Esmerou-se gallardamente a distincta e mui estimada sociedade Club dos Tucanos com o 30º sarão que effectuou no sabbado passado, para solemnizar a distribuição dos valiosos e delicados premios a nove socios vencedores do torneio de bilhar e concurso de bagutela, sendo entregues por interessantes senhoras esses premios aos conquistadores.

A concurrencia foi grande e notava-se nos salões: muitos e elegantes senhores e cavalheiros distinctos, e entre estes as comissões de varias sociedades. Apoz uma opipara e caprichosa ceia, durante a qual trocaram-se muitos e cordiaes brindes, foi distribuido abundantemente o excellente n. 3 do espirituoso periodico *O Tucano* colaborado por socios, e aliás com muita habilidade.

O delicioso baile prolongou-se animadamente até ao amanhecer, e a illustre directoria foi, como sempre, inexcitavelmente amabilidade para com todos os seus convidados.

SOCIEDADE RECREATIVA S. JOSÉ

Na realidade, esteve sublime o sarão que esta digna e sympathica sociedade realizou no sabbado passado, com um crescido numero de gentis senhoras e cavalheiros, sendo difficil dançar se pela agglomeração de pares, poreo, o baile que foi perfeitamente dirigido correu animadissimo, cessando em pleno dia.

Nada mais se podia desejar: boa musica, magnifica ceia, obsequios e attentões dispensadas pelos dignos cavalheiros da directoria a todos geralmente tudo isso reunido muito concorreu para tornar sempre lembrada esta agradabilissima noite cheia de attractivos.

## Diversas Publicações

BREVES CONSIDERAÇÕES PHILOSOPHICAS sobre a instrução e educação publica e social do Brazil, pelo Padre Tito Affonso Capellani.—Campos (Rio de Janeiro).—Editor—Silva Carneiro.—Typ. Au Louvre.—

O titulo da obra basta para indicar a importancia do assumpto.

NEVAS MATUTINAS, poesias de Rodrigo Theophilo Gomes Ribeiro, precedidas de um prologo de Mucio Teixeira e de uma apreciação de Servilio.—Imprensa Mont'Alverne.—

Poetas por poetas entendidos;  
Poetas por poetas sejam lidos.

A palavra, portanto, ao autor do prologo para que interponha, por nós, juizo sobre o livro do joven poeta. Pertencem-lhe os seguintes conceitos: «Os vereos são facéis e espontaneos; duas qualidades estas rariesimas em nossos dias, mas indispensaveis em todae as épocas.

Nota nelles falta absoluta de observancia de regrae (que considero indispensaveis) e um ou outro ligeiro descuido, como sejam as applicações de

phrases amontoadas, sem que a idéa precise de tantas galae para realce do proprio esplendor.

« Isso, porém, não pôde ser levado á barra de um tribunal severo e decisivo tendo em consideração os verdes annos do poeta, e muito especialmente a sua muito pronunciada vocação poetica. »

O HOMEM, romance por Aluizio Azevedo.—Terceira edição.—Imp. Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.

O successo deste livro está perfeitamente assignalado pelo apparecimento de tres edições em um periodo de menos de dois mezes.

O autor deve estar satisfeito e eentirse estimulado para proseguir na gloriosa tarefa de acclamar o romance naturalista ao solo do Brazil.

Mais de espaço nos occuparemos deste novo documento que Aluizio Azevedo nos exhibe da pujança de seu talento.

REVISTA TRIMENSAL do Instituto Historico Brasileiro.—Tom. L.—3º Folheto de 1887.—Typographia de Laemmert.—O volume distribuido contém diversos trabalhos, cuja importancia não temos necessidade de encarecer. O valor da Revista do Instituto ha muito que se acaba altamente cotado pelos que estudam a historia patria.

Eis os trabalhos publicados: — *Amador Bueno*, memoria lida em sessão do Instituto, pelo Dr. Moreira de Azevedo; — *Diario de viagem philosophica pela capitania de S. José do Rio Negro com a informação do estudo presente*, pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira; *Vida e feitos de Dom Frei Miguel de Bulhões e Souza, 3º Bispo do Gram-Pará*, pelo Dr. Cesar Augusto Marques; *Viagem do presidente Dr. Alfredo de Eschagnolle Tanay ao rio Iguaçu, provincia do Paraná, em Março de 1886*.

IL BRASILE, Revista mensile agricola, commerciale, industriale e finanziaria.—Anno I.—N. 11.—Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeueuve & C. Traz interessantes estudos e informações sobre o Brazil, e que muito podem concorrer para que o estrangeiro conheça melhor este paiz.

UNIÃO MEDICA, Archivo internacional de sciencias medicas, publicado pelo Dr. Vieira de Mello, director.—Anno VII.—Fasc. 11.—Imprensa a Vapor H. Lombaerts & C.

As materias contidas neste fasciculo constam do seguinte summario:

*O professor Torres-Homem.*

*Neuropathologia.*—Da heredo-syphilis como factor pathogenico da histeria e da epilepsia, pelo Sr. Vieira de Mello.—Estudo sobre os signaes precursores das perturbações nervosas da infancia, pelos Srs. Drs. Ch. Féré e Souza Leite.

*Clinica therapeutica.*—La résorcine dans les maladies de Pestomac, pelo Sr. Dr. Justus Andeer.

*Clinica medica.*—Da uremia, pelo professor E. Lanceroux.

*Epidemiologia.*—Considerações sobre o tratamento da variola, pelo Sr. Dr. F. S. dos Santos Pagano.

*Revista da Imprensa Medica.*—Envenenamento de um melico pelo aconito, pelo Sr. Morel Lavallee.—Dois casos de estrangulamento espontaneo dos membros, por C. Buicli.—Tratamento da

blenorragia pelo bicarbonato desodio pelo Sr. Dr. Costellam.—O hydruto de choral como vesicante, pelo Sr. A. Ivanovsky.—Pelo Dr. Vieira de Mello.

*Indicações uteis.*

*Supplemento.*—Especialidades pharmaceuticas.

REVISTA DO CLUB DE ENGENHARIA, cuja redacção se compõe dos engenheiros Drs. Pedro Betim Paes Leme, Adolpho José Del-Vechio e Manoel Maria de Carvalho.—Anno I.—Vol. X.—Rio de Janeiro. O presente volume recommenda-se, entre outros trabalhos da especialidade, pela publicação do debate que tem havido no Club n proposito do parecer da commissão nomeada sobre a momentosa questao do abastecimento d'agua á cidade do Rio de Janeiro.

O BRAZIL-MEDICO.—Revista semanal de medicina e cirurgia, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré.—Anno I.—N. 42.—Rio de Janeiro.—Começa com a necrologia do eminente clinico brasileiro Conselheiro Barão de Torres Homem, trabalho dignamente desempenhado pelas autorizadas pennas dos Drs. A. Sodré e Julio de Moura. Seguem-se outros importantes escriptos distribuidos pelas quatro secções constitutivas da revista: — *Trabalhos originaes*; — *Sociedade de medicina e cirurgia*; — *Revista medica estrangeira*; — *Noticiario*.

JORNAL DOS ECONOMISTAS, sob a redacção e propriedade de Silva Figueiró.—Anno II.—N. 21.

Contém estes escriptos:

*Os seguros sobre a vida*; — *Orçamento geral do Imperio*; — *Sociedades cooperativas*; — *Senador Juazeira*; — *Direitos sobre o alcool*; — *Noticiario*.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

Solicitador—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fóra.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kreiner & C.—Juiz de Fóra.

Typ. d' a Semana, r. do Onvidor, 45, sobrad.

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE NOVEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III-N. 152

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|                                       |                     |
|---------------------------------------|---------------------|
| Expediente.....                       |                     |
| A Semana.....                         |                     |
| Notas para a nossa historia.....      | Capistrano de Abreu |
| A divina comedia, poesia.....         |                     |
| Escritores do Norte do Brazil.....    | Franklin Tavora.    |
| D. João, soneto.....                  | Mario Delsol.       |
| Parnasianismo e scientificism.....    | M. de Albuquerque.  |
| Confronto, poesia.....                | Isidoro Martins J.  |
| O Homem.....                          | Livio de Castro     |
| Um a noite na vida, soneto.....       | E. de Barros.       |
| Estudo da Litteratura Brasileira..... | Sylbio Romero.      |
| Quadros negros.....                   | J. Norberto S. S.   |
| Num leque, poesia.....                | Adelina Vieira.     |
| Bellas-Artes.....                     | Portin.             |
| Soneto.....                           | V. Figueiredo.      |
| Theatros e diversões.....             |                     |
| Diversas publicações.....             |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CÓRTE E NICHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 48000  |
| Anno.....     | 88000  |
| PROVINCIAS    |        |
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:  
as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atrazo a fineza de mandarem satisfazer os seus dehitos até ao fim do anno correute.

São agentes litterarios da Semana os Srs.:  
Dr. Izidoro Martins, na cidade do Recife;  
Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Aesis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

## A SEMANA

Rio, 26 de Novembro de 1887.

Dissemos, e apraz-nos hoje repetil-o, que a nossa divisa é — lutar pela vida intellectual da patria. E muito simples é a razão em que se funda a escolha deste objecto para o exercicio de nossa actividade: entendemos que as nações novas devem preoccupar-se principalmente com a formação de seu cerebro.

Acreditamos que o publico não terá acolhido a nossa divisa como estolidá fórmula da irrisoria pretensão de dous espiritos quixotescos que, julgando-se de posse da alavanca de Archimedes, procuram o ponto de apoio para evertter o nosso mundo litterario.

Temos exacta consciencia da debilidade de nossas forças, para que sejamos modestos em nossas aspirações.

Não é, nem podia ser nosso intuito orientar o movimento das letras nacionaes. Ao envez disto, o que desejamos é estimular os representantes da nossa vida intellectual a que se congreguem e contribuam para a formação de um capital que possa attestar a riqueza da mentalidade brasileira.

Paiz novo, nação constituida pelo concurso de elementos pouco saturados das idéas e dos sentimentos desenvolvidos no meio social mais propicio ás conquistas do progresso e da civilização, o Brazil, apesar da mesquinha felicidade dos seus antecedentes historicos, pôde actualmte, sem lisongear o optimismo que a tudo applaude, nem molestar o pessimismo que a tudo condemna, afirmar que o seu nome já circula em todas as provincias do saber.

Temos já legitimos representantes de todas as manifestações do pensamento humano.

Faltam-nos, porém, certos predicados indispensaveis ao crescimento moral dos povos.

Falta-nos aquillo a que se poderia chamar força de cohesão litteraria, isto é, a adberencia mutua dos elementos constitutivos da intellectualidade brasileira. Andam por ahi esparsos, completamente desagregados, desatendidos, qual voz sem echo, tantos e tantos documentos que, habilmente colligidos, poderiam dar solemne testemunho de que não somos indifferentes á cultura das idéas.

Ora, si a união produz a força, não carece de demonstração — a reciproca desta verdade.

Convem, pois, que os hons amigos das letras, esquecendo os resentimentos e rivalidades que os tem dividido, combinem suas luzes, reunam seus esforços e acertem n'um plano de regeneração da vida intellectual da patria.

Qualquer que deva ser esse plano, reclamará para sua execução o concurso de todos os que gyram na imprensa.

Pelo que nos diz respeito, não pouparemos sacrificios para dar curso ás idéas de quantos lutam pela vida intellectual.

A Semana, conforme já o declaramos, está franca para todas as pennas convenientemente aparadas e embebidas em tinta que não contenha elementos nocivos ao hom senso e á moralidade publica. E é tal o nosso empenho em que estae columnas sejam collahoradas por todos as realidades e esperanças do nosso meio litterario, que, apezar daquela declaração, acabamos de expedir a circular abaixo transcripta a todos os litteratos cujos nomes são geralmente conhecidos.

Ratificando, assim, o programma que nos traçamos, seja-nos permittido aproveitar a oppor tunidade para apresentar aos collegas da imprensa, assim da Côte, como das provincias, os nossos protestos de reconhecimento e gratidão pelo benevolente e generoso acolhimento que nos têm dispensado.

Eis a integra da alludida circular, que desejamos seja lida pelos escriptores a cujas mãos não tenha ella chegado, em consequencia de estravio ou de involuntario esquecimento de nossa parte:

Exm. Sr.—Os novos proprietarios da Semana, desejando ampliar o mais que lhes for possivel o circulo dos collahoradores da sua folha, de modo que esta possa collocar-se na elevada posição de organ das livres expansões de todos os cultores das letras, têm a satisfação de pôr á disposição de V. Ex. as columnas da mesma folha, e esperam que V. Ex. se dignará honral-as com os inapreciaveis fructos de seu festejado talento e reconhecida illustração.

Com elevado apreço e distincta consideração subscrevem-se

De V. Ex.

Attentos veneradores e creados

J. BORGES CARNEIRO.  
BELLARMINO CARNEIRO.

Rio de Janeiro, Novembro de 1887.

## Notas para a nossa historia

I

Nas *Cartas avulsas de Jesuitas* (impresas, mas ainda não publicadas) pag. 84, falla-nos o padre Antonio Blasquez em um Espinhoso, grande lingus, que em 1557 gozava de muita autoridade entre os Indios do Brasil.

Quem era elle? a que nacionalidade pertencia? seu appellido era de familia, ou simples traducção de alcunha dada pelos Indios, como Moreia, com que mais tarde atavaram-se alguns dos descendentes de Caramarú?

Documento recentemente descoberto,

permite responder a algmas destas pergúntas: uma carta de mercê, passada por Men de Sá a 24 de Dezembro de 1560. Falla-se ali em Francisco Bruza de Espinhosa, « castelhano, grande lingua e homem de bém e de verdade e de grandes espiritos. » Na verdade, Espinhosa e Espinhoso não são exactamente o mesmo nome; mas da carta de Antonio Blasquez, como da de Men de Sá, temos apenas copias; a differença de uma letra não milita, pois, contra a identificação, a favor da qual, como se verá, ha multos argumentos.

Segundo o documento a que me refiro, Francisco Bruza do Espinhosa offereceu-se a Thomé de Sousa para penetrar pelo sertão em procura de minas. Mais de uma vez recomendará-lhe D. João III esta empresa, de que o Governador tanto se preoccupara que, em Julho de 1551, quando Nohrega foi para Pernambuco, já conseguira deste um Padre para acompanhar a gente que fosse descobrir ouro (Nobrega, *Cartas* pag. 92.) Por isso a proposta foi aceita; mas era nos ultimos tempos de Thomé de Sousa, e a empresa só chegou a realisar-se no governo de Duarte da Costa, iniciado a 13 de Julho de 1558.

As condições da propostae eram que « ouro, prata, aljofar e pedras precioas e quaequer outros metaes que descobrissem fossem o que tronxessem em eoldo para elles e para seus filhos, herdeiros, ou para os que elles quizessem dar e deixar, sem das ditas cousas pagarem dizimos, sisa, quarto, quinto nem outro nem um direito por qualquer outro nome que seja chamado ou denominado. »

Partindo para a expedição com doze companheiros, Espinhosa « achou muitas informações de haver entre o gentio ouro e prata, e não foi mais pela terra dentro que duzentas e tantas leguas e não scahou de descobrir. »

E' isto o que se contem na carta de mercê de Men de Sá com referencia a Espinhosa; mas, approximada de uma outra do padre Navarro, tão bem impressa nas *Cartas avulsas* pag. 66/69, o facto apparece á nova luz. O padre Navarro refere-se a uma entrada que fez ao sertão nos primeiros tempos de Duarte da Costa, pois a 24 de Junho de 1555 já passava de anno e meio com doze portuguezes, e em que andou pela terra dentro 350 leguas. Como se vé, excepto no numero das leguas, aliás sem importancia para o caso, porque nem Espinhosa nem Navarro fizeram mais que estimalas arbitrariamente, a identidade parece completa entre as duas expedições.

Para que o seja realmente, é preciso, porém, ontra condição. Navarro partiu para Porto Seguro em Março de 1552 e só tornou a Bahia em fins de 1555 ou começo de 1556; a entrada em que tomou parte deve ter sahido, portanto, de Porto Seguro. Partiria igual-

mente d'ahi a do Espinhosa? A sua presença na Bahia em 1557 não é argumentado em contrario, porque tambem Navarro la estava; mas isto é simples presumpção. Ha documento, felizmente, que permite affirmar-o.

E' sabido que em fins de 1552, Thomé de Sousa sahio da Bahia com Manoel da Nobrega, Pero de Góes, Antonio Cardoso de Barros e outros a visitar a capitania do Sul. Em uma collecção de ordens de pagamento do tempo que existia na thesouraria da fazenda da Bahia encontra-se sob numero 1262:

A 8 de Março de 1553, passou o Provedor Mór (A. C. de Barros), dous mandados para Pero de Pina, feitor da capitania de Porto Seguro, que desse ao Espinosa emegero (?) castelhano, na dita capitania morador, todo o resgate que houvesse mister para ir pelo-certão a descobrir por mandado do governador Thomé de Sousa...

Na mesma collecção do ordens, encontra-se ainda adiante o seguinte que provavelmente relaciona-se com o nosso Espinhosa:

«A doze do dito mez (Junho de 552) passou o Provedor-Mór mandado para o dito thesoureiro (João de Araujo) que entregasse a Pero de Pina, feitor e almorixe de Porto Seguro, os resgates e mercadorias seguintes: quarenta e cinco covados e tres quartos de pano vermelho de trozentos e cincoenta réis covado, quarenta duzias de tesouras de duzentos e quarenta réis duzia, vinte massos de matamuado de cem réis o masso, trinta duzias de pente de dez a real, trinta milheiros de trez a real, quarenta milheiros de quatro a real, doze chapões de cento e quarenta réis chapeo, tres barris de pão para ir o dito resgate...»

Não ha, pois, motivo algum para duvidar que o Espinhoso de Blasquez é o Espinhosa de Men de Sá, ou antes Spinosa, como mais correctamente se deve escrever, e que é sua expedição a descripta na carta do padre Aspilcueta Navarro. Por meio desta, pode-se até certo ponto determinar o roteiro da entrada.

Partiram de Porto Seguro, e, como em paz desconhecido, seguir um rio é meio de não se perder, provavelmente foram seguindo algum. Navarro falanos tantas vezes no Grande, actualmente conhecido pelo nome de Jequitinhonha, que bem pôde dizer-se que foram margeando-o. Depois de muito andar, cbegaram a uma serra onde estão as cabeceiras deste e de um outro chamado dos Ourinas (Pardo?). Esta serra corre do norte para o sul, e deve ser uma das conhecidas pelo nome de Almas, Grão Mogol e Itacambira. Dahi partiram e foram ter a um rio muito candal, chamado Pará, que, seguindo os Indios informaram-lhes, era o de S. Francisco, ou mais provavelmente o rio das Velhas. Foi, portanto, no districto em que mais tarde tornaram-se tão celebres as minas de Diamantina, de Serro, de Arassuahy e outras que teve lugar a expedição.

E que viagem! «Sempre por caminhos pouco descobertos, diz Navarro, por serras mui fragosas que não têm conto e tantos rios que em partes, no espaço de quatro ou cinco leguas, passamos cinquenta vezes contadas por agua, e muitas vezes, si me não socorreram, me houvera afogado. Mais de trez mezes fomos por terras mui humidas e frias por causa dos muitas arvoredos e das

arvores mui grossas e altas, de folha que sempre está verde. Chovia muitas vezes, e muitas noites dormiamos molhados, especialmente em logares despovoados, o assim todos em cuja companhia eu ia, estiveram quasi a morte de enfermidades, uns nas aldeias, outros em despovoados, e sem ter outro medicina que sangrar-se de pé, forçando a necessidade a caminhar.»

A carta de mercê de Men de Sá, de 24 de Dezembro de 1560, foi passada em favor de Vasco Rodrigo de Caldas. Era este homem notavel, que habitava na cidade do Salvador havia muitos annos, e distinguira-se muito nas guerras que em tempo do mesmo Governador houve contra os Indios. No anno de 1562, serviu de versador da Camara da cidade.

Offereceu-se ao Governador para levar avante a empresa iniciada por Spinosa, e, como um dos motivos a que se attribuia o malogro daquella era a pouca gente que levava, comprometteu-se a levar cem homens. O seu offerecimento foi aceito nas mesmas condições que tinham sido concedidas a Spinosa. Era-lhe alem disso recomendado que não sabisse em outro logar que o Brasil, o que indica a crença na proximidade immediata de possessões hespanholas, e que fizesse um roteiro da jornada.

Chegou esta a realizar-se? E' o que não diz o documento de Men de Sá, mas o que por casualidade nos informa o padre Leonardo do Valle em uma das *Cartas avulsas de Jesuitas*, escripta da Bahia a 26 de Junho de 1562.

Leonardo do Valle fala de uma entrada com atoardas de ouro, feita no anno anterior. Quem a dirigiu não nos diz elle, que designa o capitão simplesmente como «um dos honrados da terra.» Sabendo-se, porem, que Vasco Rodrigo de Caldas obtivera a licença nos ultimos dias de 1560, no tempo do Natal e das festas que se lhe seguem, não é de admittir que elle fizesse a entrada sinão em 1561, o que está de accordo com a data do padre Leonardo. Nem é de crer que o Governador desse ao mesmo tempo licença igual a pessoa diversa, quando Vasco Rodrigues Caldas tantos serviços prestara a sua administração, e já tinha feitos os amplos preparativos que necessitava o sustento dos cem homens com que planejara o commettimento. Não hesito, pois, em identificar a homem honrado do padre Leonardo com o caudilho de Men de Sá.

Tambem a sua tentativa não surtiu effeito. Elle seguiu pelo rio Paraguassú, mas não foi mais de 60 ou 70 leguas pelo certão. Ahi appareceram os indios Tupinaeus, os antigos moradores da Bahia quando os Tupinambás ainda não a tinham senhareado, e obrigaram a expedição a tornar.

Entre os Indios ficou um crucifixo de que Leonardo do Valle conta maravilhas. «Foram umas velhas pera o tirar da caixa pera os sens lhe quebrarem a cabeça a seu modo e supitamente cabiram mortas. E irando-se alguns mancebos valentes disso, tomaram seus arcos e flechas para ás frechadas o matarem e querendo o por obra, acouteceu o mesmo que ás outras.»

Depois do desbarato de sua empresa, Vasco Rodrigues de Caldas fez uma viagem ao reino, como consta de um documento publicado por Valle Cabral (Nobrega, *Cartas do Brasil*, pag. 182).

São estas, pois, as duas mais antigas entradas em busca de minas que se deram ao Norte do Brasil. Ambas eram desconhecidas, e continuariam provavelmente a sel-o sem as cartas de Men de Sá e dos Jesuitas.

Outras entradas houve ainda no seculo XVI, que novos documentos permitem melhor estudar.

Serão objecto de outras notas.

CAPISTRANO DE ABREU.

## A DIVINA COMEDIA

VERSÃO DO BARÃO DA VILLA DA BARRA

(Fragmento)

O finado Barão da Villa da Barra, ou melhor o Dr. Francisco Bonifacio de Abreu, nome este que circulou em nosso meio social com todos os esplendores do talento que se impõe pelas conquistas do saber, não era sómente uma summa de medicina; era tambem um temperamento litterario tonificado pelo ardente sopro da poesia.

E' isto um facto conhecido menos pela publicação dos trabalhos do poeta, que os guardava a seguro recato, do que por noticia dos seus amigos particulares, daquelles poucos a quem confiava os segredos de sua musa. Em breves dias, porém, teremos a prova real do seu real merecimento.

O Sr. Dr. José Carlos Mariani, sobrinho do illustre finado, recollheu e está imprimindo o espolio litterario de seu prezado tio, no qual se comprehende a versão da *Divina Comedia*.

A esta versão pertence o fragmento que hoje publicamos, graças á obsequiosidade a gentileza com que o mesmo Dr. acudiu ao appello que lhe dirigimos.

CANTO XVII

*Descripção Gerion, vai o Poeta, enquanto o Mestre entretém-se com aquella horrivel fera para dispô-la a levá-lo ao fundo do abysmo, visitando os violentos na arte, os quaes estão sentados ao pé do grão bárrathro expostos á chuvia ardente. A cada um pendu do péto uma bolsa de certa cor e signal, ou com as suas armas, pelo que elle reconhece alguns. Depois volta para máde está Virgílio, que, assentado já sobre o dorso de Gerion, pôe-no adiante de si, para que a cauda do animal não offenda, e assim descem ao oitavo circulo.*

— Eis a fera de ponteguda cauda,  
Que montex, muros, armas não empecem,  
E corrompe, e infecta o mundo inteiro—  
Estas palavras dirigiu-me o Mestre,  
E ao monstro acena, que na beira aporte  
Na fragura, que deixa a petrea orla.  
E essa da fraude immunda e torpe imagem  
Obedeceu, mostrando a fronte e o busto;  
Mas sobre a margem, sem alçar a cauda.  
Nas teigões semellia o homem justo:  
Tão benigna apparencia tinha o rosto;  
Mas todo o mais do cnpro era de serpe.  
Pilosas garras nasceu das axillas;  
O dorso, peito, e ambos os costados  
Depinctos laços e escudos mostram.  
Com taes relevos, tão mimosas côres,  
Jámais Turcos, nem Tartaros urdiram,  
Nem Arachne engenhou tão linda téla.  
Abicadas ás vezes vêm-se as naves  
Parte na praia, e parte n'agua, como  
Os Germanos glutões no castor notam.  
Este é assim que esprelta a sua preza;  
Jazendo de igual modo a fera atroz  
Sobre o petreo reparo á aréa posto.  
Agitava no espaço a cauda inteira;  
Do Escorpião á guiza, o bifureado  
E toxico aguilhão iorcendo erguia.  
Disse-me o Guia:—Um pouco á dextra cumpre,  
Que o caminho inclinemos, ao encontro

Do cruel alimaria e ill distensa.—  
Neste rumo, portanto, enveredando,  
Dez passos demos no mural de pedra  
Abrigo contra as chamas, e as aréas.  
Logo que deste monstro ao pé chegámos,  
Eis diviso algo além no ardente saibro  
Gente assentada proxima do abysmo.  
Disse-me então o Mestre:—A fim que esperto  
Desta secção te tornes totalmente,  
Segue avante, e observa n' este estado.  
No discursar, porém, não gastes tempo:  
Até que voltes, vou a este bruto  
Persuadir, que nos preste os bmbros fortes.  
Deste setimo circulo pisando  
Continuamente a faixa divisoria.  
Fui a sós visitando a gente mésta.  
Borbotava dos olhos seus o pranto;  
De toda a parte com as mãos amparo  
Buscando contra o sol ardente, e as chammas.  
Com os pés, e mandíbulas, no estio.  
Procedem de igual sorte os cães, pungidos  
Da moscardos, lavões, e outros insectos.  
Deitando as vistas sobre alguns dentre elles,  
Por dolorosas flammias torturados,  
Reconhecer algum não me foi dado.  
Notei no entanto, que do collo a todos  
Vária em côr e signões pendia bolsa,  
Que olhar desvaucidos pareciam.  
Como sempre a miral-es caminhasse,  
N'uma bolsa amarella debuxado  
Vi de um leão azul o grave aspecto.  
Neste empenho aturando, uma outra bolsa  
Côr de sangue adverti, nella observando  
Ganso mais alvo do que o proprio leite.  
Um que trazia em saquitel nevado  
O desenho de azul marrá pejada,  
—Que fazes tu (me disse), neste abysmo?  
Retira-te; e porquanto ainda vives,  
Sabe que n' meu vizinho Vitaliano  
Tem posto aqui guardado a minha esquerda.  
Paulano, entre Florentinos me acho,  
Os quaes gritando a mimdo me atordoam:  
—«Sús! Venha o cavalheiro soberano!  
Tem elle por brazão tres rostos de ave.»—  
Nisto torcendo a boca a lingua alonga,  
De teouro á guiza que delambe as ventas.  
Mas, temendo incorrer no desagrado  
Do quem me aconsellou pouca demora,  
Regressando deixei as méstas almas.  
Sobre o fero animal já cavalgado  
O meu Guia encontrei, que então me disse:  
—Eia, mostra valor, cobra ousadia.  
Não temos de decer mais nenhum meio.

## Escreitores do Norte do Brazil

DR. JOÃO ADOLPHO RIBEIRO DA SILVA

Escrevendo na carta-prefacio do *Cabelleira* que no romance o sul campeava seu émulo, e que os seus romancistas não tinham competidores no norte, lavrei uma sentença que não pôde nem deve subsistir por ser contraria á prova do inquerito a que posteriormente procedi.

Alguns romancistas contava o norte na data daquelle livro; outros appareceram logo depois, e o numero tende a augmentar. Eu não me recordava de José de Alencar que, si enriquecera a litteratura do sul com a mór parte dos seus romances, dera na *Iracema* e *Guerra dos Mascates* brilhantes perspectivas daquelle genero de trabalho, tomadas da natureza e historia do norte; tambem não me recordava das *Scenas Populares* de Juvenal Galeno; do *Carlos* de J. A. Ribeiro da Silva; da *Carapuça de meu tio* de Ramos Zany.

Eu mesmo, humilde estreante nas letras, publicára os *Indios do Jaguaribe* (4 tomos), a *Casa de Palha*, a *Trindade Maldita* e *Um casamento no arrabalde* (1ª edição). No mesmo anno em que escrevi aquellas palavras, appareceram o *Caccolista* e a *Historia de um pescador* do Dr. Inglez de Souza.

Esta lista quer de romancistas quer de romances augmentou depois. Araripe Junior publicou o seu melhor livro *Luizinha*, romance de costumes cearense; José Verissimo escreveu uma collecção de contos de costumes amazonicos intitulada *Scenas da vida amazonica*, de que acaba de dar 2ª edição, precedida de valioso estudo sobre as populações mestiças do Amazonas; o Dr. F. G. Castello Branco publicou o seu *Ataliba*; Celso de Magalhães publicou *Um estudo de temperamento*; Inglez de Souza deu a lume na *Revista Nacional* o *Smeiro da matriz* e o *Coronel Sangrado* e em separado o *Recruta*, primeiro de uma serie intitulada *Contos do Amazonas*. Eu publiquei em livros o *Matuto* e *Lourenço*, e na *Revista Brasileira* o *Sacrificio*; Carneiro Villela publicou *Inah*, e escreveu *Uma republica de estudantes*; Aluizio de Azevedo publicou o *Mulato*, J. de Alencar o *Sertanejo*. Si a esta extensa relação de autores e livros juntarmos outros romances, publicados ultimamente, de alguns dos autores apontados, contos dispersos por jornaes, podemos, sem receio de contestação, asseverar que o norte, si não excede o sul no romance, rivalisa com elle. Reformo, pois, a minha sentença. O norte representa hoje a verdadeira feição do romance nacional; porque tudo o que lhe dá assumpto, formas, e alma pertence aos costumes, tem expressão ethnica sob multiplos aspectos e quer queiram, quer não, quando se tratar, ao menos por algum tempo, de ter copia de costumes brasileiros em productos litterarios, emquanto o sul apresentar no romance historico Teixeira de Souza, Manoel de Almeida, e o Sr. Julio Ribeiro e no de actualidade Macedo, Alencar, Bernardo Guimarães, Machado de Assis e Taunay, o Norte apresentará todos os escriptores de que acima fiz menção.

De todas as provincias do Norte em aquella que o romance tem sido mais cultivado é o Ceará. Não são muitos os seus poetas eruditos; entretanto na poesia popular é rica esse provincia. O sertanejo tira versos por qualquer cousa, e sobre varios assumptos. Mas pelo romance ha muito gosto alli, e não são poucos os cearenses que se distinguem neste genero.

O Dr. Ribeiro da Silva tinha grande vocação para esta especie de trabalho, digo—tinha grande vocação, porque antes de fallecer já a devia ter perdido, na vida de magistrado. Ainda assim, por occasião de estar nesta Corte, ha alguns annos, proporcionou-me a leitura de um romance inedito de cujo titulo não me recordo agora.

Si elle tivesse cultivado a sua inclinação, seria talvez hoje um dos nossos primeiros romancistas.

*Carlos* é um trabalho de merecimento. Publicado pela primeira vez no *Jornal do Recife*, foi reproduzido no *Diario de S. Paulo*, e em 1876 editado em livro especial por Cruz Coutinho.

O que escreveu sobre elle a imprensa da Corte? Naturalmente nada ou muito pouco. Quem conhecia aqui Ribeiro da Silva? Talvez não o leram.

O escriptor era do norte, e o romance fóra escripto no norte; não precisava mais para fazerem pouco caso do escriptor e do escripto. Despreza-se o que é de casa, e acha-se bom o que é do vizinho. Romances francezes, chronicas portuguezas—eis o melhor da litteratura brasileira no entender de muita gente ainda.

Entretanto, si os jornalistas desse

tempo tivessem lançado as vistas para a primeira pagina do prologo, tanto bastara para se sentirem atrahidos pela narrativa porque ella move á leitura desde os primeiros linhas.

Forma imaginosa, adornada de muita lição litteraria, em que a graça e oportunidade dos conceitos nada ficam devendo ás intensidades das tintas; scenas naturaes, enredo verosimil; costumes e colorido pernambucano; a vida do estudante com as suas culpas veniaes, as suas leviandades arriscando sem consciencia, a reputação das familias etc., eis o *Carlos*, cujo prologo e epilogo se passam no Ceará. Em outro meio litterario o *Carlos* teria sido acolhido com entusiasmo, e seu autor, animado com a justiça rendida ao seu talento, teria proseguido corrigindo-se dos defeitos de estylo que se lhe notam. Tudo succedeu ao contrario. Perguntai aos nossos litteratos quem é João Adolpho Ribeiro da Silva, e si algum delles que estiver em dia com o judicial não vos disser que este era o nome de um juiz de direito da comarca de S. Benedicto, certo não saberá dizer outra cousa. Quanto ao romance, dirá que é a primeira vez que ouve declinar semelhante titulo.

Com este primeiro silencio, Ribeiro da Silva não desanimou de todo, e chegando ao Ceará deu a lume outro romance denominado *Psyché* que se passa na Corte.

Este—francamente o direi—não me agradou. O autor mostra-se possuido da intenção de seguir a escola de Alencar, aquella escola de phantasia que deu os *Perfis da Diva*, *Putá da Gazeta*, e *Senhora*, narrativas que revelam opulenta imaginação, destumbrante estylo não estudo do nosso meio social, nem observação nem inspiração ethnica. Já o mesmo não direi do romance inedito, a que me referi. Si bem me recordo, o assumpto é a excursão de certo presidente a uma cidade do interior da provincia. Ribeiro da Silva descreve o alvoreço do sertão por aquelle motivo. A descripção move-se debaixo das vistas do leitor e em muitos pontos tem vivacidade encantadora. Quantos ditos que suggerem o riso! Quanta critica aos costumes! Quem teria arrecadado o precioso manuscrito?

FRANKLIN TAVORA.

## D. JOÃO

Ao Dr. Raymundo Corrêa

Porque do infinito azul as curiosas Filhas, do longo olhar apaixonado Lançam?... Porque do calice orvalhado, Inquietas escutando, pandem rosas?...

Porque voam, veloz, as mariposas? Onde, fugitivo a ignoto e extranho fado, Das luciolas vai o bando alado? Porque tremem assim todas as cousas?...

O candidas, ó thuidas donzellas?... Sabeis vós porque o seio das estrellas Se refrange maguado e o coração

Das flores?!... E' o verbo da desgraça Que s'ergue devastando?... E' D. João... Anjos tremem!... E' D. João que passa.

MARIO DELSOL

## Parnasianismo e Scientificismo

Da multiplicidade de escolas de poesia que hoje existem, duas apenas me parecem de capital importancia: *Parnasianismo* e *Scientificismo*.

Entre estas duas insere-se o *Romantismo*, destituído do tom prophético e theatral dos reformadores de 1830, não contando outras escolas de menor importancia, que desejam sujeitar a Arte a uma concepção mesquinha e limitada.

Devo fazer notar, entre parenthesis, que não estou fazendo um trabalho inspirado om mestres. O que aqui vae são notas personalissimas, destituídas de todo o valor dogmatico.

Para meu modo de ver a importancia do *Parnasianismo* e do *Scientificismo* é que o primeiro é a Poesia no seu apogeu artistico e o segundo é a Poesia no primeiro passo para uma decadencia inevitavel, que ha de arrastar á dissolução geral todas as artes.

Sei que esta idéa da extincção da Arte repugna á generalidade das pessoas. Assim devia repugnar aos cidadãos romanos a possibilidade da extincção da religião daquelle tempo. Assim repugnaría na idade-media a possibilidade do aniquilamento do Christianismo, que a tantos já se figura inexoravel.

Eu tenho para crer nella grande copia de razões que são *para mim* decisivas e que exporei talvez em artigo proximo.

Daqui até que m'as contestem, sirvo-me dellas, como premissas.

Para mim a Arte tem dois fins capitales: despertar o sentimento o a imaginação. Isto, que não foi descoberta minha, é observavel principalmente na Musica—a arte typica; universal; primitiva: sem a qual não se conheceu até hoje nenhum povo.

Na Musica, um determinado trecho exprimindo—por exemplo—o amor, não só desperta a emoção correspondente, como abre o campo imaginativo para as idéias, que mais nos comprazem.

Dado, porém, este fim da Arte, comprehendendo-se que cada um dos seus ramos especiaes será tanto mais perfeito quanto maior emoção e mais largas associações despertar. E como é preciso attender ainda á especie de emoções e associações, é facil de ver que o artista conseguirá tanto melhor o seu resultado, quanto mais vibrar á *unisson*, de perfeito accordo com os sentimentos pessoases, intimos, idiosyncrasicos de cada um dos apreciadores. Isto conseguio a Musica. Quando ella solta um dos seus mais bellos canticos de amor, o *som* é como a moldura de um quadro vasio, que compete aos ouvintes encher. Não se trata alli de um determinado amor: o amor do Sr. Mozart, do Sr. Verdi, ou de qualquer outro. Trata-se do Amor em geral e é ermitido a qual quer um de nós recordar aquella idealidade, que mais amamos e do modo que mais amamos: o que permite que o sentimento seja profundamente sincero. Certo, ha algumas limitações. A *Casta diva* não traz as mesmas associações que um tango bregreiro. E' somente uma moldura menor, mas com grande campo para innumerables associações.

O pólo opposto dessa tendencia é o romance naturalista de Zola. O typo, o scenario, a acção: tudo é tão preciso, tão minucioso, tão sobregregado de

seguir o tramite marcado pelo escriptor. O seu trabalho limita-se apenas a reunir taes e taes reminiscencias que o autor lhe indica com toda a minuciosidade. A emoção, neste caso, só pode dar-se quando coincidir com os sentimentos do leitor. Fóra disso, elle pode apreciar tudo o mais, mas friamente, como um analysta.

Entre esses dois pontos podem ser classificadas tolas as artes, comprehendendo-se que cada uma dellas será tanto mais elevada, quanto fór menos analysta, quanto menos *impuzer* o sentimento do autor, em detrimento dos apreciadores

Pode-se objectar que para a apreciação das obras de Arte é necessario que o pensamento so desloque de alguma sorte e tome a orientação do artista, accedendo suas premissas.

E' verdade. Pode qualquer um de nós, affeioado ao naturalismo, ler com prazer e emoção algum velho romance de capa e espada.

Nesto caso o espirito do leitor, deslocado, infantiliza-se, procura—como no microscopio—um fóco apropriado para ver as cousas. Trata-se, porém, de um esforço anormal, do um desvio de nossa intellecção, precedendo o sentimento imaginativo. E' uma acrobacia intellectual e emotiva, que não pode fornecer base a nenhuma arte.

A Arte será tanto mais perfeita, quanto mais vier ao encontro dos nossos sentimentos para agita-los, impulsionando-os. O artista não é aquelle que sente muito, é o que faz sentir. A sinceridade da emoção só é absolutamente necessaria no apreciador.

Para chegar a este resultado é necessario que a obra de Arte, por uma certa generalidade, permita a eclosão de todas as modalidades pessoases e caracteristicas dos apreciadores.

Imagine-se agora uma poesia que exceda, ou, pelo menos, iguale estas grandes virtudes acima mencionadas. Qual pode ser ella?

Não pode ser o Romantismo, porque (—sem mesmo indagar estritamente em que consiste—) elle tem uma escolha especial de assumptos, tratados de uma certa maneira em que predomina acima de tudo o cunho subjectivo do auctor. E, como esta observação é geral, não pode ser nenhuma escola em que a emoção subjectiva do auctor avulte.

O Scientificismo está absolutamente fóra de discussão. Os unicos problemas scientificos que podem causar sinceras emoções são as grandes verdades hypotheticas, sobre as quaes se discute. Essas mesmas não podem commover sinão um dimiutissimo numero de espiritos de *élite* e que ainda assim estejam de accordo com o autor. De mais, na poesia scientifica o que mais se observa é o *modus faciendi* do poeta. Nada é mais facil do que reduzir a alexandrinos o binomio de Newton, ou a theoria da evolucion: o caso está no meio que o artista empregar para chegar a esse resultado. De envolta com essa condemnação do scientificismo vai a da *poesia socialista*, e outras.

Resta, pois, o Parnasianismo. Devo dizer que o que eu chamo Parnasianismo não é precisamente o que existe hoje. E' alguma cousa mais, de que o actual é apenas um começo.

O Parnasianismo, como eu o entendo, seria uma poesia summamente meticolosa quanto á harmonia, pouco sollicita do rigor da expressão, cheia de idéas geraes. Qualquer cousa como

uma sonoridade brilhante, melancolica ou fantasista, que, de envolta com a belleza das suas notas, passando em lufadas harmonicas, nos deixasse entrever grandes e bellas concepções.

Eu sinto que a expressão me falta para explicar bem o que eu quero.

Lembrem-se, porém, aquelles formosos versos de Castro Alves:

«E' a hora das epopeias,  
das illiadas reaes;  
ruge o vento do Passado  
pelos mares sepulchraes.»

O que quer isto dizer?

Com boa vontade e paciencia, qualquer cidadão de mediana intelligencia pode chegar a expôr umas tantas possibilidades do que o poeta queria exprimir.

Não é, todavia, tal ou tal idea especial que a maioria de pessoas sentirá ao ouvir taes versos. Chama-se a isto a poesia bombastica. No entretanto ella commove, ella abala, é capaz de agitar grandes multidões. Porque? Porque do meio daquella harmonia magistral destacam-se umas *ideias vagas* de granjeza, de heroismo épico. Fica livre a qualquer ouvinte incluir no quadro emocional o seu heróe de predilecção. Ou mesmo—e é o natural—não se pensará em ninguem; haverá apenas o sentimento generico de grandes scenas, que nos commoverá com a feição personalissima do nosso modo de sentir.

Expressões ha que, analysadas, são disparatos ridiculos e que, no entanto, podem agitar profunda e sinceramente. E isto pela razão de que o *sentimento* e a *emoção* são absolutamente oppostas a toda idea de analyse.

Si eu quizesse alongar este trabalho, podia accumular citações, sinão de poesias inteiras, ao menos, de grande copia de phrases desse genero. Ha bem pouco tempo a *Revue Philosophique*, em *compte-rendu* de uma sessão da *Société de Psychologie physiologique*, publicava um trabalho do illustre professor Ch. Richet sobre as manifestações nervoticas de certos artistas, principalmente poetas, rematando por uma curiosa poesia que podia ser lida do primeiro ao ultimo verso, ou do ultimo ao primeiro, sem sensível alteração. Ch. Richet, que a analysou com o escrupulo com que estuda uma pagina de Darwin, ou Haeckel, nada entendeu, segundo diz. Isso não impedia que da vaga harmonia dos versos—que eram *phonicamente* perfectos—se destacasse uma nota de saudade e desalento, que pessoas menos exigentes teriam sentido.

Vou concluir. Quem logrou acompanhar-me até aqui, atravez das imperfeições do meu estylo, pouco acostumado á synthetisação e energia da expressão scientifica, terá visto que o que acima esrevi não tem, nem pretende os fóros de trabalho de critica litteraria. São notas escriptas ao correr da penna; reprodução de pensamentos muito meditados, mas que ainda não tinham sido expressos.

Creio que a idea exposta sobre o *parnasianismo* está, de alguma maneira, em *theoria* approximada pelos *deliquescentes*. Foi pelo menos o que muito vagamente pude deprender das referencias que li na imprensa da Côte, não tendo visto obra nenhuma a tal respeito. E' natural que nessa, como na maioria das

ocasiões, os principios tenbam sido mais correctos, do que as execuções.

Quanto á poesia *scientifica*, eu a considero a unica de futuro;—futuro limitado, porque a sua exaggeração ha de aniquilar a Poesia. Isto, que parece uma razão contraproducente, não o é. A poesia *scientifica* é absolutamente necessaria como resultante do nosso seculo. E' a unica que se coaduna com a nossa aspiração de verdade. Como, entretanto, não poderá manter-se largamente, nem deixar successora—morrerá.

Serão talvez seus equivalentes, as grandes hypotheses scientificas, e metaphysicas.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## « O HOMEM »

POR ALUIZIO AZEVEDO

Os ultimos annos do seculo actual são para o Brazil de uma esterilidade sem exemplo na esphera da vida litteraria. As academias de direito, como que mantidas out'ora para o bem quasi exclusivo da litteratura, vivem hoje de recordações. Na imprensa academica, sem esterilidade, sem vida, alguns nomes novos reeditam idéas velhas ou entoam louvores aos carunchosos feticbes de uma religião, que já não faz milagres. Existe *uma* mocidade a que sobra talento, não sobra-lhe porem espirito de independencia,

## CONFRONTO

Hontem quando ao chegar,  
Vi ante mim o infinito mar  
Austero e forte como um velho rei,  
— Sabes em que pensei?

Pensei no meu amor, neste oceano  
Vasto, dourado e azul que eu tenho n'alma.  
E, do pelago verde olhando a calma,  
Eu comparei o fundo mar tyranno  
A esse outro mar que existe dentro em mim.

Nenbum delles tem fim,  
Minba criança pallida e querida,  
Minba divina e doce prometida!

Ambos são mansos, immortaes, nervosos,  
E dormem ambos sob céos luzentes  
Sob astros radiosos,  
Cheios de brilbos vividos, ferventes.

Olha: Si o mar tem a anilada esphera,  
O meu amor tem teu olhar, que impera  
Neste meu ser, e curva-se profundo  
Sobre elle, como um luminoso mundo.

Escuta e crê: Ha muita semelhança  
Entre os dois oceanos.  
Vivem ambos gemendo; têm a lança  
Das amarguras e dos desenganos  
Encravada nos seios arquejantes!

A' hora em que te escrevo, deve estar  
O mar na praia em eboros lancinantes,  
Por não ter tido um beijo do luar  
Na titanea cabeça desgrenhada.

Pois tambem dentro em mim ha pranto agora.  
Cae nesta estrophe a lagrima pesada  
De uma saudade funda, e chora, e chora  
Este outre mar por um clarão de lua.

O meu luar é uma caricia tua.

Hontem, quando ao chegar,  
Vi ante mim o infinito mar  
Austero e forte como um velho rei...

Ao meu amor o mar eu comparei.

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR,

ambição de horizontes novos. A mocidade actual tradicionalista em excesso, não se destacando da massa do povo brasileiro, referenda momentaneamente a sentença de Buckle sobre o caracter do homem nos climas quentes. Por esse motivo, ainda mesmo tomando-se as precauções necessarias para evitar as illusões tão frequentes quando se comparan duas épocas, não é possivel negar que a litteratura ou pelo menos um ramo da litteratura está em completa decadencia.

O que constituia out'ora a litteratura—poesia e romance—é tão pobremente representado que, sem ferir o patriotismo mais susceptivel podemos dar a palma a Portugal. A ex-metropole não está em uma phase brilhante, mas ainda assim apresenta-nos a *Velhice do Padre Eterno*, poesia notavel embora não seja poesia nova, e o *Anti-christo* arrojado ensaio de uma poesia digna da sciencia contemporanea.

No romance, e no romance novo apresenta-nos Portugal o *Primo Bazilio*, o *Sallustio Nogueira*, o *Brazileiro Soares*, a *Reliquia*.

Nós podemos entre os poetas citar dezenas de nomes, mas é forçoso reconhecer: nenhum dos auctores das poesias ás vezes admiraveis que conhecemos, foi até hoje capaz de elevar-se bastante, de salientar-se de modo a ser sagrado como—o poeta brasileiro.

Fôrma correcta e idéas velhas eis o que possuem os melhores. O romance não existe. Perdoem-nos aquelles que tem ensaiado o genero recebendo da imprensa elogios que só podem ter a significação de um incentivo. O romance de costumes acabou ainda em vida de Macedo, o indianista phantasiado por José de Alencar extinguiu-se com o enthusiasmo ficticio pelo selvicola; o romance historico não passou de Tavora. Ha uma forma romantica apreciada no Brazil, a dos romances de Feuillet e Ohnet, *litterature ohnete*, como a denominaram. Fariamos injustiça aos escriptores brasileiros suppondo-os incapazes de produzir muitos e muitos *Maitre de forges*, *Marriage dans le monde* e etc.

Si esses não existem, é tão somente porque não temos no Brazil uma publicação barata, que facilite a producção do genero nacional.

E' neste meio litterario que aparece o romance do Sr. Aluizio Azevedo. Qualquer que seja o valor intrinseco dessa producção, o momento em que ella apparece e a formula a que se filia tornam-na credora da attenção da critica.

Não discutiremos a razão de ser do naturalismo. Já o fizemos em outra occasião e não bavendo argumentos novos a discutir, seria isso perder tempo. Não é justo que se não possa dar um passo em critica litteraria sem responder aos repisadissimos argumentos, velhos de meio seculo, apresentados contra o naturalismo e centenas de vezes refutados. Ninguem melhor do que Zola em *Une Campagne* e *Le Roman experimental* disse o que havia a dizer a tal respeito, e para essas obras devem ser enviados todos quantos por falta de argumentos novos não tem direito a nova refutação. Aceitamos o naturalismo como a mais genuina expressão da arte no seculo XIX, e é sob esse ponto de vista que vamos fazer algumas considerações relativas ao livro do Sr. Aluizio Azevedo. Consideraremos dois pontos: a natureza e o artista, o objecto de observação e o

observador, ou finalmente nos termos próprios a natureza e o temperamento.

O *Homem* é um caso de histerismo feminino produzido ou provocado por violento abalo moral e que vai da vaporosidade até a loucura, e ao homicídio impulsivo, resvalando pela mania religiosa e passando pela dupla personalidade. É esse o « recanto da natureza » Magdá é um typo natural; existem muitas assim, não levando em conta as variantes próprias a cada uma. Em um caso ha o assassinato, em outro o suicidio, em outro a neurose não vai a ponto de provocar uma catastrophe; mas o typo existe. Mas perguntamos, é Magdá um typo observável, e só de observação? Não se pode dizer aqui que a critica, começando depois da synthese do artista, nada tem que ver com a escolha do objecto. No presente caso a escolha do objecto prende-se á propria noção do naturalismo. Ao naturalista é vedado o terreno da phantasia; elle não pode cogitar no que está fora dos limites da observação, como o physiologista não pode architeturar hypotheses que escapem á verificação experimental. Ora a hysteric, quando não se revela pelas convulsões, pode affectar taes formas que ainda é, nessas condições, exacta a phrase de Sydenham. Tudo quanto se possa *imaginar* é não sómente possível, mas ainda natural em taes casos. Si a imaginação e a observação chegam ao mesmo resultado, si Magdá tanto pode ser uma criação livre do romancista como a media dos diversos typos por elle observados, é evidente que essa obra de arte não é das que poem em relevo as qualidades do artista. O critico, o psychologista, que necessariamente existe na pessoa de um naturalista, com difficuldade se manifesta.

Não contestamos o titulo de naturalista dado a *O Homem*, julgamos porém que mais acertado andaria o romancista escolhendo um outro thema francamente natural; esse occupa a fronteira do natural com o que é simplesmente possível.

Passando uma rapida revista aos typos que subordinam-se ao de Magdá, encontramos ainda falta de naturalismo em um — o Dr. Lobão. Si o romancista nos garantisse a realidade desse typo não teriamos remedio si não acreditar. O que porem asseveramos é a falta de naturalidade. Será um bom personagem para um naturalismo a Daudet, que segundo opinião geral faz a photographia de um individuo real e apresenta a como media de muitas observações; será um Lobão em carne e osso, sem um gesto de mais ou de menos, será um Lobão muito conhecido, mas não é o medico brasileiro, na epocha actual, um contemporaneo de Magdá.

O Sr. Aluizio Azevedo apresenta-o como intimo da familia de Magdá e como respeitada notabilidade. A indelicadeza, a grosseria desse personagem não se explica, e ainda menos se explica porque o toleram. Sua intervenção medica é nulla ou irrisoria e difficilmente se encontraria em todo o Brazil um medico de tal modo desprovido de recursos diante de um caso grave de hysteric. Não é muito natural no Brasil chamar medico para casos de hysteric, mas será digno de nota que esse medico seja um Lobão. Parecem-nos ainda um tanto desviados da natureza dois incidentes do romance no capitulo XX. Um delles é a scena do envenenamento pelo xarope de Easton, que por signal tem

tanta razão de figurar no tratamento de uma hysteric como Magdá, como Pilatos tem razão para figurar no credo. O effeito é instantaneo. Diz Magdá: — Beham tudo! bebam tudo! «Os dois obedeceram, enxugando de um trago o liquido, com uma pequena carêta, que não puderam reprimir. — Que tal? perguntou Magdá. — Bom, muito obrigado, respondeu o covoqueiro; mas franqueza, franqueza, achei-o a modo que muito doce e muito azedo ao mesmo tempo... — E' que a gente não está acostumada... explicou Rosinha com um pigarro. Nesse momento, Justina reaparecia, trazendo os biscoitos; porem, tanto o rapaz, como a noiva, posto eeservissem logo, já não podiam comer, que lhes principiavam os queixos a emperrar. As convulsões geraes seguem-se logo a isso.

O outro ponto é ainda a mesma scena. Sabido o crime, o povo, os parentes e conhecido, das victimas invadem a casa. Ora essa gente toda, a população do cortiço, que é tão expelida na manifestação de suas paixões, que sabe odiar como sabe amar violentamente, excitada pelo local do crime, pela presença das victimas acalma-se miraculosamente ante a figura de Lobão. «O populacho do cortiço e os trabalhadores da pedreira queriam acabalá, ali mesmo, a unbas e dentes; porem o medico, muito esbofado, porque viera da rua até lá a passo de lobo, o chapêu de castor no alto da cabeça, o suor a inundar-lhe o pescoco, os olhos faiscantes, mostrava os punhos e retilava as prezas, rosnando contra quem se aproximasse da «sua enferma.» Estava formidável; mettia medo! Nunca homem nenhum defendeu, nem a propria amante, com tamanha dedicação. Ninguém ousou tocar em Magdá.»

Em compensação os typos secundarios são perfeitos, e entre todos elles destaca-se como mais estudado o da criada Justina. E' nessa parte do romance que o autor põe em evidencia seu talento observador. O covoqueiro que passa a vida entre a sua pedreira e sua viola monotonamente plangente, a Rosinha, a velha Custodia, a tia Zefa, essa população do cortiço que se agita como um enxame de abelhas, foi estudada minuciosamente, denota vida. está ali no romance como está ali pelos recantos da cidade; trabalha, ri, canta satisfeita por sentir se viver, que é a satisfação primitiva, a dos fortes, daquelles cuja organização, ainda não retocada pela civilização, entoa diariamente os hymnos ás victorias obtidas na conservação da vida.

Vejamos agora o temperamento, o segundo factor da obra artistica. O temperamento, na acepção naturalista é tudo quanto concorre para a formação e manifestação da individualidade do artista; seu physico e psychico, o que elle deve á herança e o que deve ao meio, tudo isso consubstanciado, fundido, amalgamado no estylo. O estylo para o naturalista não é simplesmente o vestuario da idéa, é de algum modo a propria idéa, é o *homem*, porque tem ahí e só ahí cabimento a phrase de Buffon adulterada pela tradição. O estylo no romance do Sr. Aluizio Azevedo não se pôdo chamar incorrecto, porque ha paginas, como por exemplo as do capitulo X e outras, que bonrariam o mais amestrado cinzelador da palavra; não pôdo chamar correcto, porque de espaço a espaço o pulso do romancista fraqueia visivelmente. Não ha em seu

estylo aquella força e regularidade tão admirada na prosa do historiador dos *Rougon-Macquart*. Apesar de filiado a uma litteratura «impressionista», *O Homem* não é escripto naquelle estylo que a todos os senti los se dirige, impressiona todas as fibras nervosas, superexcita todas as funções, faz o leitor esquecer-se de sua vida real diante da realidade momentanea dos typos com os quaes julga conviver. Verdade é que essa admiravel maestria nas descrições não se conquista rapidamente.

Para chegar á perfeição das paginas do *Bonheur des dames*, *Germinal*, e *Mme. Bovary*, Zola e Flaubert precisaram trabalho e tempo. *O Homem* é o primeiro romance naturalista no Brazil e isso explica sufficientemente o que ha de fraco no estylo.

Em todo caso, explicavel ou não, esse defeito existe. Faremos ainda duas observações relativas ao estylo si hem que uma dellas pareça mais relativa á idéa do que a forma. O autor do *O Homem* descreve-nos a hysteric de Magdá caminhando até a dupla personalidade uma vez ahí, desdobram-se ante nossos olhos duas vidas de Magdá, uma é a vida commum outra uma vida puramente subjectiva, sem equivalente objectivo, sem manifestações externas. Ora no caso particular de Magdá essa dualidade psychica nasce e evolue, sem que os circumstantes, o pae, o medico e a criada da hysteric tenham disse conhecimento. Força é portanto que se reconheça em toda essa phase a presença do romancista face a face com o leitor e a infracção ao imprescindivel preceito da *impersonalidade* do romance naturalista. Um grande merito do romance moderno é que o escriptor diz-nos suas observações e seus pensamentos sem por lermos entretanto surprehender o momento em que elle dirige-nos a palavra. E' o extremo opposto ao costume romantico segundo o qual o romancista occupa-se tanto com suas ideas quanto com o leitor, e, receioso talvez de não suggerir os pensamentos e sentimentos convenientes, encarregasse elle proprio dos commentarios, das exclamações, de tudo emfim, como si devesse ser lido por olhos sem communicação com um cerebro. Essa preciosa qualidade naturalista — a impersonalidade, não existe em parte do romance do Sr. Aluizio Azevedo.

Não é só isso. O desdobraimento da personalidade de Magdá não é no romance um simples incidente; assume largas proporções e o romancista descreve-nos minuciosamente o que se passa no cerebro enfermo da hysteric, as passagens que só ali existem, os dialogos que só ali se ouvem, aquella vida cheia de periecias cuja esphera de acção é a consciencia ou mais rigorosamente o *inconsciente* da hysteric. Não é impossivel saber o que se passa em um cerebro como o de Magdá, mas para isso é necessario ou provocar pela hypnose a declaração do que o individuo pensa e sente, como fez Richet em suas experiencias sobre a *objectivação dos typos*, ou estudar as modificações do caracter, os gestos, a expressão physionomica, como fez Azam no cerebro caso de Felida X. Magdá não se pôdo assimilar a nenhum desses exemplos; si nas proximidades da catastrophe terminal ha signaes capazes de mostrar aos que a rodeiam o seu desarranjo cerebral até ahí não é possivel suspeitar do que se passa. O romance falsea nesse ponto o naturalismo porque a dupla personalidade de Magdá

não offerece possibilidade de observação. Quando em um romance naturalista encontra-se o pensamento intimo de um personagem nada se pôdo objectar porque o romancista basea-se no principio corrente: a um dado conjunto de circunstancias, a um determinado movimento, a um estado physiologico conhecido corresponde comumente um determinado estado de consciencia. É possivel que o romancista se equivoque, mas o seu ponto de partida é logico, não é invenção nem privilegio seu, e até onde pôdo chegar a sciencia actual é verdadeiro. Mas uma phrase, um pensamento, determina lo pelas circunstancias em que o romancista colloca seu personagem, determinado ainda pela herança e meio, que o romancista conhece, não é o mesmo que uma serie de idéas e paixões germinando em um cerebro doentio e sem communicação com o mundo exterior. O Sr. Aluizio Azevedo descrevendo ponto por ponto, incidente por incidente a vida psychica de Magdá, desviou-se tanto do naturalismo como se desviaria da physiologia quem descrevesse as funções do habitante de um planeta conhecido.

Finalmente notamos uma incoherencia que escapou ao romancista, e talvez, esteja removida em edições mais modernas. No capitulo XI, no genero das paginas mysticas de *La faule de l'abbé Mouret* e do capitulo da *iniciação* do *Salambô*, o covoqueiro, o *homem* liza Magdá «... não me lembra com vim ao mundo, nem conheci o autor dos meus dias; porém, á força de pesquisas, cheguei a crer que sou o mais recente producto de uma geração privilegiada, que chegou mais depressa do que as suas congengeres ao meu estado de aperfeiçoamento. O fundador da minha dynastia era de sillex naseou com o mundo, e no entanto meu pai era já nada menos do que um quadrumano; de mim não sei ainda o que sahirá...»

Sendo o *homem* uma das criações do cerebro enfermo de Magdá era necessario que esta possuísse conhecimentos muito claros e precieos sobre o transformismo para assim systematisal-os em suas allucinações. Em todo o romance não se suspeita de tão profunda illustração, não é natural; ainda ha muitos homens cultores da sciencia que não chegarão á essa perfeita comprehensão do transformismo que manifesta Magdá.

Parecerá talvez que este estudo demostre-se muito nos defeitos e pouco nos meritos do romance. Isso é natural. Fazemos um trabalho de selecção. Uma vez dito que é *O Homem* o unico romance brasileiro nestes ultimos annos, que é naturalista, e como tal leva vantagem a muitos dos conhecidos nos tempos do romantismo no Brazil, está feito o maior elogio ao romancista. Fugindo ao mau vezo das comparações não diremos que o autor d'*O Homem* é o Zola brasileiro. O Sr. Aluizio Azevedo tem bastante espirito para preferir o seu proprio nome, por mais que admire o incomparavel naturalista. Ha quizi quatro annos diziamos nós «Depois do movimento litterario de 70 em que tomou parte o popular Castro Alves, as letras tem continuado sem ser porem sob uma formula nova, ou de accordo com uma idéa directora, ou no desenvolvimento de uma dessas theses que reformam a litteratura, quando não reformam toda a arte. Ha de tudo nesse resultado de quatorze annos. Imita-se o classicismo fossil, e romantismo ri-

dicularizado. Ha phantasietas a Damas, declamadores n Hugo, libertinos a Musset. São quatorze annos de fermentação; é tempo de surgir alguma cousa si não definitiva ao menos definida. O que vai apparecer? Não vmos certamente retroceder. Em litteratura como em sciencia não ha ressurreição; o que foi, foi. As tentativas nesse seutido são inuteis.

O meio de conhecer a propensão da litteratura no Brazil é estudar as individualidades que vão constituir os escriptores de amanhã. Chamam-se elles — a nova geração.

Em sentido vulgar nova geração é a gente nova, é a mocidade, é a multidão dos que iniciam-se na vida. Ha sempre nova e velha geração e pertencem áquella os nossos futuros escriptores, medicos, engenheiros, advogados, ministros, etc. Isso porém é a accepção vulgar. Em litteratura só se falla de uma nova geração quando apparece um complexo de idéas novas. Não são muitas até hoje as gerações novas. Os poetas homericos constituem a nova geração na litteratura grega; com elles começa a desaparecer o espirito oriental e a desenvolver-se a originalidade hellenica.

Os Catullo, Lucrecio, Horacio, Virgilio, Cicero, Sallustio, Cesar, Tito Livio, etc... são a nova geração romana; por elles se conhece o caracter da civilização Italica em seu apogeo, por elles se differencia dos outros o seculo injusta e servilmento denominado de Augusto.

A litteratura ingleza tem uma exuberante serie da qual se podem destacar os vultos do maxima importancia: a geração anterior á reforma—a de Shakespeare e Ben Jonson; a geração da reforma—a de Milton; a geração da Restauração—a de Dryden. O seculo XVIII teve a sua nova geração caracterizada pelo espirito philosophico, investigador o critico, foram os philosophos e encyclopedistas, os fautores da Revolução.

No Brazil podemos fallar na geração de 1700, isto é, a pleiade dos poetas mineiros, os homens que primeiro pensaram na liberdade, os companheiros de Tiradentes; podemos ainda fallar na geração de 1830 e na de 1870. D'ahi para cá não temos no romance e na poesia novas idéas, nova direcção litteraria. Os romances, rarissimos, continuam a ser de intriga; a poesia é uma serie de lamentações incapazes de emocionar, sem motivos por parte do poeta, sem consequencias por parte do leitor. Algumas vezes não falta somente expressão, falta toda e qualquer idéa e a poesia é uma serie de sons mais ou menos cadenciados. No romance e na poesia não temos nova geração.

Estas palavras parecem-nos ainda hoje perfeitamente applicaveis; não temos porém duvida alguma em concordar que está terminado o periodo a que ellas se referem, si multiplicarem-se os romances do valor d' *O Homem*. Ao Sr. Aluizio Azevedo calerá sempre a gloria de ter sido a guarda avançada de uma geração que ali vem proxima ou talvez longe ainda, mas que será uma geração realmente nova.

LIVIO DE CASTRO.

Ensinar a quem não tem a curiosidade de aprender é semear um campo que não se arrou.

RUY BARBOSA.

## UMA NOITE NA VIDA

Em permuta a — Uma noite no mar — de J. da Cunha Telles

Querida, escuta; vé:— Das orlas do oriente  
Sobe a lua, a tremar, aureolada, euvolta  
Em pallido clarão; silenciosamente  
Corre a brisa por nós, harmoniosa e solta;

Nos párnmos do azul a franja alvidente  
Tem a graça ideal da róla quando volta  
Aos carinhos do lar; succumbe o sol poente  
A uns vomitos de sangue... e a cupola, revolta,

Deixa-nos vér, então, em rutilos desfolhos  
Flores... — Trevas e luz!... sempre a sublime lida!...  
— Mas ai! como hei de, agora — em meio dos abrolhos

Do revolto oceano indomito da vida,  
Vér outra noite além da noite dos teus olhos...  
Vér outra luz além do teu olhar, querida?!

EDMUNDO DE BARROS.

## Estudos de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO)

Ainda uma vez — *adeos* / pôde servir de exemplo; são estrophes escriptas com o sangue que brota das feridas causadas por acerbos soffrimentos:

« Emfim te vejo! — emfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te,  
Que não cessei de querer-te,  
Pezar de quanto soffri.  
Muito penei! Crúas ancias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houverão-me acabrunhado,  
A não lemhrar-me de ti!

D'um mundo a outro impellido,  
Derramei os meus lamentos  
Nas surdas azas dos ventos,  
Do mar na crespas cerviz!  
Baldão, ludíbrio da sorte  
Em terra estranha, entre gente,  
Que alheios males não sente,  
Nem se condõe do infeliz! (1)

O poeta é tamhem habil em pintar scenas da natureza exterior, animados quadros da terra americana. A paisagem em seus versos é sempre brasileira, ou se trata de scenas da vida social, ou da vida da natureza. Os exemplos superandundam.

Leiam estus estrophes de *Rosa no Mar*.

« Ia a virgem descuidosa,  
Quando a rosa  
Do seio no chão lhe cahe:  
Vem um'onda bonançosa,  
Qu'impiedosa  
A flôr comsigo retrahe.

(1) Vide esta poesia nos *Cantos*.

Quando o vivo carmin do esbelto cactus  
Refulge a medo abrilhantado esm'lte,  
Doce poeira de aljofradas goitas,  
Ou pó subtil de perolas desfeitas.  
Era a hori gentil, filha de amores,  
Era o nascer do sol, libando as meigas,  
Risonhas faces da luzente aurora:  
Era o canto e o perfume, a luz e a vida;  
Uma só coisa e muitas, — melhor face  
Da sempre vária e bella natureza:  
Um quadro antigo, que já vimos todos,  
Que todos com prazer vemos de novo.  
Ama o filho do bosque contemplar-te,  
Risonha aurora, — ama acordar contigo;  
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,  
Ou rosea ou branca, já carmin, já fogo,  
Já tímidos reflexos, já torrentes  
De luz, que lére obliqua os altos cimos. »

E' sobrio; mas é bello; a simplicidade aqui não é filha da pobreza, mas sim da doce placidez do espirito.

Fôra possível estender mais esta analyse; tenho, porém, pressa em dizer alguma cousa do dramataista, do critico — e do ethnologo. O que escrevi do poeta é sufficiente para dal-o bem a conhecer.

O theatro de Gonçalves Dias é todo de obras de sua verde mocidade.

Coneta dos dramas *Boabdil*, *Patkull*, *Beatrice de Cenci* e *Leonor de Mendonça*. Traduziu tambem a *Noiva de Messina* de Schiller.

No theatro G. Dias não se elevou tão alto como no lyrismo; ainda assim seus ensaios dramaticos são reveladores de grande talento. Fôra para desejar que as nossas emprezas theatraes levassem á scena os dramas do autor maranhense, escriptos em linguagem ampla e correctae, e os acompanhassem dos dramas de Agrario, das comedias de Penna, e dos dramas e comedias de Macedo e Alencar.

Seria conveniente dar de vez em quando alguma cousa dos vellos Magalhães, Porto-Alegre, Norberto Silva, Ferreira França e dos mais modernos Varella, Castro Lopes, Machado de Assis, F. Tavora e muitos outros brasileiros que hão cultivado o genero. No meio de muita frandulagem sem valor, encontram-se bastantes trabalhos de merecimento, que o grando João Caetano não se dignava levar á scena.

Tenhamos n'isto e no mais um pouquinho de patriotismo.

*Leonor de Mendonça* do poeta maranhense, por exemplo, é um bellissimo drama.

O Conservatorio do Rio de Janeiro ineptamente em 1846 poz-lhe embaraços á representação n pretexto de ser incorrecto de linguagem!...

Singularissima censura esta, tratando-se de um escriptor como o nosso poeta, de todos os auctores nacionaes o mais preocupado em cingir-se aos modelos classicos e mais chegado ao sestro de *aportuguezar* a linguagem, isto é, afinal-a pelo tom do velho reino!...

Si eu tivesse de fazer uma censura a Gonçalves Dias pelo lado da lingua, seria justamente a inversa a que lhe foi dirigida pelo Conservatorio, a saber, o pouco *brasilismo* de sua linguagem e de seu estylo. Neste ponto Alencar teve a coragem de romper com todos os velhos preconceitos, deixando — definitivamente de lado, por imprestaveis, os modelos luzitanos. Bastava isto para ser o insigne cearense um grande benemerito das letreas brasileiras.

Gonçalves Dias para vingar-se dos seus gratuitos censores, conforme é fama, escreveu as magnificas *Sextilhas de frei Antão* em estylo e linguagem do começo do seculo XVII.

SYLVIO ROMÉRO.

A meiga flôr sobrenada,  
De agastada,  
A virge a não quer deixar!  
Boia a flôr, a virgem bella,  
Vai truz ella,  
Rente, rente — á beira mar.

Vem a onda bonançosa,  
Vem a rosa;  
Foge a onda, a flôr tambem.  
Si a onda foge, a donzella  
Vai sobre ella!  
Mas, fuge se onda vem.

Muitas vezes euganada,  
De enfadada  
Não quer deixar de insistir;  
Das vagas menus se espanta,  
Nem com tanta  
Presteza lhes quer fugir. »

E' uma rapida descripção d'um factissimo e feita com grande habilidade me refiro a certa viveza e cores e de descripção em G. Dias, devo juntar logo que no genero nos deixou apenas pequenos quadros esparsos em suas poesias.

Não estava ainda em moda a descripção modernissima, que se protrae por paginas e paginas. Vejamos uma pequena scena natural. São versos dos *Tymbiras*:

« Era a hora em que a flôr balança o caliz  
Aos doces beijos da serena brisa,  
Quando a ema soberba alteia o collo,  
Roçando apenas o matiz reivoso;  
Quando o sol vem doirando os altos montes,  
E as ledas aves á porfia trinão,  
E a verde coma das frondosos cedros  
Move o perfume, que embalsama os ares;  
Quando a corrente meio occulta sóa  
De sob o deno véu da parda nevoa;  
Quando nos pannos das mais brancas nuvens  
Desenha a aurora melindrosos quadros,  
Gentis orlaos com listões de fogo;

## QUADROS NEGROS

## SCENAS DA ESCRAVIDÃO

## GALGO

## NAVIO NEGREIRO

— Adeus! Adeus!

Foram as palavras mentaes da pobre negra, não em sua lingua materna que não as tem, mas na rude poesia de sua alma.

E ella doixava — e para sempre! — a terra natal, e entrava no batel, que seis possantes remos, manejaos pelos vigorosos braços de seis homons nús, como marinheiros da Stigia, impelliram em direcção ao navio, meio escondido numa dessas angras africanas, cavadas pelo Oceano Atlantico.

E sua filha — ainda pequena — e sua filha — pobre criança! — pendia-lhe do collo.

E os tenros bracinhos se entrelaçavam em seu negro pescoço, como duas serpentes que se enroscam no tronco da palmeira de Dendé.

E as lagrimas da saudade lhe rolavam nos alvos olhos e cahiam sobre as faces enlutadas da misera criança.

Chorava a patria, que lhe roubavam, e a liberdade, que lhe sequestravam, — eternamente!

E lá naquellas praias tão serenas e de branquissimas aréas; e lá naquellas montanhas, queimadas do sol ardente, ficava-lhe parte de seu coração: — seu ninho e seus amores.

Já as velas do Galgo se desfaldavam ao vento, e a cortadora próa demandava as terras em que o sol vem esconder-se.

Sepultado no antro tenebroso do navio, quasi sem ar, quasi sem luz, os pobres negros não vem o mar, não encaram o céu, não sentem o raio do sol, não respiram o sopro da brisa marinha.

E assim passam-se muitos dias; e cada dia, é um, dois, tres e mais cada-veres são arremessados ás ondas.

O navio negreiro serve a um tempo de hospital, de prisão e de escola de crimes nefandos e atrocidades inauditas...

Os companheiros de infortunio, condemnados á escravidão por toda a vida, não tendo outro delicto mais do que o pacto eterno com que o Omnipotente os revestiu, succumbem ás eadudes da patria.

O banzo, nostalgia africana, minava a existencia dos miseros desterrados, e nem morrendo lhes era permittido olhar o sol que lhes dourava ao nascer a terra natal e entregar á brisa marinha o seu ai de morte.

A cruel enfermidade lavrava a bordo; o ar do porão contaminava-se e era necessario que bebesses o sopro da brisa vindo da patria.

E pois em uma tarde foram levados para o convéz. Tiraram-lhes os ferros e deixaram-nos gozar de um raio de sol respirar a aragem do mar.

O corvo marinho, livre como o sopro da brisa, passou á flor das aguas, bando magestosamente as azas, como se quizesse despertar em seus corações, pungidos pela saudade, a inveja da sua liberdade!

Os instrumentos rudes de Africa soam á bordo do Galgo, a a musica adorna a acordando as lembranças da terra convidava á dansa nacional.

Bem depressa o delirio se apoderou desses grupos completamente nús, semelhante-se a figuras de bronze, e a dansa ruidosa e lasciva ganhou infernal desenvolvimento.

Aos meneios voluptuosos e febris juntaram-se gritos de alegria e cantigas de alem mar.

A doce e adorada Africa estava alli com seus rudes filhos!...

A pobre negra que trazia o fructo de suas entranhas pendente de seus braços, junto de seu negro collo, revia a patria no sorriso de seus compatriotas, nas dansas lascivas das aldéas africanas, nos cantos libidinosos de seus sa-raus, nos gritos estrepitosos que soam nos palmares.

Para maior illusão pendiam das vergas do navio os cachos verdes dos pomos das hananeiras e brilhavam por entre as palmas os côcos negros, dourados e purpurinos do Dendzeiro.

Os micos trepavam arditos, inquietos, traquinos pelas enxarcias sibillantes e o papagaio azul e escarlata applaudia com assobios descompassados a musica estrepitosa, e a dansa delirante.

E estas recordações tão intimas, e estas scenas tão animadas, longe de alegrar e distrahir tinham esmagado o coração da desventurosa negra.

Ella apertava a filhinha entre os braços, em pé, encostada a um dos mastros. Oh! já não tinha lagrimas para cboral-os e apenas levava os olhos humedecidos para as terras aonde nasce o sol.

O capitão do navio aproximou-se. Tomou num dos braços a criancinha e com o outro impelliu a pobre mãe para o meio dos grupos dansantes.

Terrivel e doloroso grito partiu dos labios da desditosa negra...

Tinham-lhe arrancado o fardo que pezava sobre os seus hombros e ella, de um salto immenso precipitou-se pela pópa fóra...

Ao seu grito funebre responderam mil gritos de terror. Instantaneamente parou a musica e todos, negros e marinheiros, correram para o fatal logar.

O abysmo das aguas atlanticas nem siquer se abria para a tragar.

O cardume de tubarões, nutrido diariamente com cadaveres africanos, e que singrava na esteira do navio, disputou em poucos momentos a preciosa presa.

— Minha mãe! minha mãe!... Balbucou na sua linguagem maternal a innocente criancinha, envolvendo entre seus braços o pescoço do capitão.

O primeiro impeto do velho lobo do mar foi arremessal-a tambem aos monstros marinhos e entregal-a á sorte da mulber que lhe dera o ser e que a deixava orpbã no meio da solidão dos mares, sob estranhos céus entre os ferros da escravidão e sob o azorrague dos algozes da liberdade.

Olhou, porém, e... viu ao longe, ao sul, como um gigante, levantar-se o bulcão da tempestade.

Voltou-se para o norte e... distinguio branquejando uma vela entre o azul dos mares e dos céus, como a ave marinha que esvoaça á superficie das aguas.

O capitão entregou a criança a um dos marinheiros e distendendo o longo oculo apontou-o para o navio que se avistava ao longe.

E desde então reinou a maior desordem a bordo. A carga negra foi immediatamente recolhida ao porão sob as fustigações do açoite; e ao repetido

signal dos apitos e das vozes, acompanhadas de mil imprecações infernaes, soltaram-se todas as velas ao cyclão, que desdobrava as suas azas, abilando nas enxarcias o bymno das tormentas.

E a vela que se avistava ao longe, mais e mais se aproximava e a tempestade relampejava ameçadora.

E o Galgo singrava velozmente deixando nas ondas cortadas, revoltas, assanhadas, branca, fofa e fervorosa espuma de longo e sinuoso esteiro.

E o cyclão se aproximava e tambem o navio desconhecido.

De repente abre-se de um lado a nuvem densa e negra e brilha rapidamente o relampago e o trovão compassado repercuta na immensidade como a voz exprobadora do Eterno.

E de outro lado fuzila o navio e ribomba tambem o estampido do canhão e sobe galhardamente, e tremula ousadamente ao vento a bandeira da velha eativa Inglaterra.

Deus e a liberdade!

J. NORBERTO DE S. S.

## NUM LEQUE

Em tarde estiva e calma, a brisa leve traz do vosso jardim doce perfume que vos prende a scismar, e nesse encanto indefinido, deve vossa alma inda sentir mais vivo lume, mais fortemente amar.

Podeis viver assim constantemente envolvida nuns calidos olores, num extasi sem fim!  
Agitate, agitate o leque alvente pois contém, para vós, divinas flores de um eterno jardim!

Craves, baunilha, madre-silva, ixora, jasmims, magnolias, resedá, violetas, rosas de toda a côr, em voz cariciosa, a toda a hora ciciarão: — Senhora, só os poetas sabem fallar de amor —

ADELINA L. VIEIRA.

## BELLAS ARTES

## O CONCURSO DE VIAGEM

Já muito se tem dito sobre o famoso concurso de viagem á Europa cujas provas se acham actualmente expostas na Academia de Bellas Artes — unindo mais uma voz ao geral clamor levantado contra a injusticia que presidiu á escolha do candidato.

Duvidamos que haja artista nacional ou estrangeiro, porém verdadeiro artista — de merito e consciencia — que ao examinar as sete telas expostas não dê preferéncia á do Sr. Belmiro.

Isto não quer dizer que tirando a composição do Sr. Belmiro o resto nada vale, não: o actual concurso parece-nos até na sua totalidade o me-

lhor de quantoa se tem realisado na academia nestes ultimos dez annos, para não dizermos — desde que ella existe.

Assim, a mais fraca das sete composições parece-nos ainda melhor do que a melhor do ultimo concurso; mas entro todas as presentes a do Sr. Belmiro destaca-se vantajosamente.

E' superior ás outras 1º em expressão, ou comprehensão do assumpto; 2º em composição; 3º em acção ou movimento; 4º em colorido; 5º em execução.

Em expressão porque é de todas a que mais poz em relevo a indole do protagonista, dando-lhe uma attitude resignada e uma expressão physionomica cheia de calma e suavidade, inteiramente extranha e em opposição aos gestos e expressões dos seus algozeas.

Em composição porque do bom gruppamento das liguras e da simplicidade das linhas geraes resulta que a vista vai repousar sem esforço e agradavelmente sobre a sympathica figura do Christo.

Em acção e movimento porque os gestos e as attitudes estão repreaentados com expontaneidade, do sorte que as figuras fulam, gesticulam o movem-se: tem vida emfim.

Em colorido porque é a que mais possui a tonalidade naturalista da escola moderna, além de ter a luz mais harmoniosamente distribuida.

Finalmente em execução porque tudo está feito com mais consciencia — mais comprehensão do natural, quer fallando das figuras, quer do fundo que é excellenté.

Ha, é verdade, entre os outros quadros um ou outro que possui este ou aquelle motivo superior em execução ao mesmo motivo na tela do Sr. Belmiro.

Citaremos para exemplo a cabeceira de Christo do Sr. Hilarião e os pés da figura que está de costas no mesmo quadro; mas são qualidades essas isoladas, que não podem lutar contra outras mais geraes e em maior numero.

No quadro do Sr. Hilarião a composição é fraquissima e a acção quasi nulla.

Na prova do Sr. Teixeira da Rocha, cuja composição não é má, e onde ha cousas bem executadas, nota-se certa desharmonia de côr entre o fundo, bonito, e as figuras do primeiro plano.

Ha movimento nas figuras principaes, mas a attitude e o gesto do Christo parecem-nos inconvenientes e contrarios á indole do personagem. Dir-se-bia que este está quasi a tomar aquellas cordas para ir com ellas flagellar os vendilhões do templo.

Vamos porém á prova do Sr. Oscar. Francamente esperavamos muito mais da capacidade desse moço de talento, e tivemos pessima impressão diante do seu trabalho.

Certo que não esperavamos nenhuma obra prima, como não fóra licito exigilo de nenhum dos concurrentes, desde que se trata de um concurso da alumnos e não de professores; em todo o caso o Sr. Oscar já tem produzido alguma cousa melhor, e a prova está na decoração da secretaria da Academia representando o Giotto, estudo que, com certo desconto, é bem razoavel.

Mas na presente tela o Sr. Oscar naufragou de todo: nem composição, nem desenho, nem expressão, nem côr, nem acção finalmente!

A unidade da composição está com-

pletamente destruída por aquella columna esbranquiçada que, destacando-se cruamente sobre um fundo negro absoluto, corta a tela em duas de alto a baixo, produzindo um effeito desastrososo!

O colorido de oleographia de igreja, oppõe bruscamente massas brancas a massas negras, dando um resultado antipathico.

Ha além disto desproporções naquellas figuras de cabeça grande e pernas curtas; e as figurinhas do fundo, sobretudo a mulhersinha de cara de boneca e o menino de cabeça de borscha são de um ridiculo original.

Verdade é que o assumpto escolhido, além de pouco simpthico, torna-se, neste paiz, de uma difficuldade atroz não só para os discipulos como para os proprios mestres.

E' pois até uma crueldade exigir daquelles semelhante composição — sem poder dar-lhes os recursos indispensaveis para leva-la a effeito: typos das raças para o estudo das figuras, vestimentas, e accessorios e além disto pôr á disposição dos concorrentes uma bibliotheca rica de obras de architectura e archeologia, como pelo menos se faz na Europa quando se dão semelhantes assumptos para concurso.

Podia-se obter provas muito melhores e que deixariam julgar mais facilmente da capacidade de cada concorrente si a academia desse para assumpto scenas menos remotas e mais ao alcance dos nossos recursos.

A litteratura portugueza e mesmo a brazileira são duas fontes de assumptos magníficos.

Repetimos que não esperavamos nenhum primor, mas ao menos do Sr. Oscar um estudo razoavel; e tanto maior foi a nossa decepção quanto acreditavamos, pela decisão da Academia, poder dar palmas ao novo pensionista.

Foi, porém, pessima a impressão deante da sua composição e por isso mesmo que se tratava da *escolhida* fomos obrigados a uzar para com ella de maior severidade.

Explica-se a decisão da Academia pela quantidade de leigos que formam a maioria da sua congregação; em todo o caso custa-nos crer que os competentes deixassem passar semelhante *camarão pelas malhas* de sua contestada consciencia e honestidade profissionais!

PORTIN.

## THEATROS E DIVERSÕES

DERBY-CLUB

Realisaram-se no domingo as magnificas corridas deste club com extraordinaria e escolhida concurrencia, havendo apenas a lamentar uma desordem occasionada por protestos inteiramente infundados, tendo os juizes procedido com toda a inteireza e honestidade.

TENENTES DO DIABO

Esteve explendido o baile realisado no sabbado passado no grandioso salão desta sympathica sociedade.

## CONGRESSO BRAZILEIRO

Ao serão musical e dansante, realisado no sabbado ultimo neste elegante club, concorreu a nossa mais distincta sociedade, distinguindo-se na parte musical as eximias amadoras D. D. Regina e Balbina Naylor e os shéis professores Sr. Serqueira, Costa Juuio e Bruno de Oliveira.

## CONGRESSO GYMNASICO PORTUGUEZ

Effectuou-se sumptuosamente no dia 19 do corrente a festa de posse da nova directoria desta importante sociedade.

Distribuiu-se profusamente o primeiro numero de um periodico litterario habilmente redigido, *O Ramallete*, a quem, desejando longa vida, agradecemos as lisongueiras palavras a nosso respeito

## SONETO

Ao meu amigo o Ex. Sr. Dr. Emilio Guedes

Eu sou a triste folha, secca, errante,  
Ceifada em sus mais tenra verdura,  
A' pobre e debil planta agonizante...  
— Já tombada no seio da espessura...

E que, do patrio bosque, assás distante,  
Sósinha errando por vereda escura,  
Auzente e cbara a companheira amante,  
Roubada ha pouco pela sorte dura...

Sempre ferida por ervas setta  
Em objectos do mais puro amor  
Que vão tocando desta vida a meta,

Eis a proscripta, já sem luz, sem côr !...  
Hs longos annos que a infeliz vegeta...  
Pra o prazer— porque nasceu pra Dôr !...

MANOEL VICENTE DE FIGUEIREDO.

## Diversas Publicações

THRENOS E ARRUIDOS, versos de Domingos do Nascimento.—Porto Alegre. Estabelecimento typographico de Gundlach & C.

Quem percorrer as paginas deste novo livro do autor das *Revoadas*, terá muitos momentos de satisfação, reconhecendo que o Brazil conta mais um poeta daquelles que sabem com vantagem explorar os diversos generos de poesia.

MANUAL MERCANTIL ou *Encyclopediá elemental do commercio brasileiro*, por Verediano Carvalho. — 9ª edição consideravelmente augmentada. — Typographia Laemmert & C.

Fôra ocioso encarecer aqui o merito de um livro que conta já tantas edições, e tem á sua frente um nome que entre nós symboliza a condensação dos estudos commerciaes..

O *Manual Mercantil* divide-se em duas partes.

Na primeira parte estão expostos com a necessaria clareza: — os conhecimentos preliminares e commerciaes; as noções sobre commercio maritimo; e a escripturação mercantil.

Na segunda parte encontra-se o que concerne á redacção e aos calculos commerciaes.

Rematam o importante livro breves e claras noções de economia politica e um dictionario technologico commercial.

JOSÉ BONIFACIO.—Sessão funebre promovida pela União Federal Abolicionista e celebrada no theatro de Santa Izabel a 25 de Novembro de 1886, trigésimo dia da fallecimento do eminente abolicionista. — Recife.— Typographia Industrial.

Além dos importantes discursos proferidos pelo Dr. Antonio José da Costa Ribeiro e pelo Desembargador Domingos A. Alves Riheiro, presidente e orador da sessão, ahrilhanta as paginas desta publicação uma bella poesia de Antonio Pitanga, que teve a feliz inspiração de adaptar *O Redivivo* Andrade Neves ao *Redivivo* José Bonifacio.

DAS PERTURBAÇÕES CEREBRAES no alcoolismo sub-agudo e de seu tratamento pelo bromureto de ammonio, monographia devida á penna do Dr. Tiberio de Almeida. Os profissionais que julguem do merecimento do trabalho.

REVISTA MARITIMA E BRAZILEIRA, sob a direcção de Sabino Eloy Pessoa e Alfredo Augusto de Lima Barros.—Anno VII.—N. 4.—Impr. H. Lombaerts & C., editores.

As materias contidas no presente fasciculo constam do seguinte summario: *Balistica externa*; — *A marinha inglesa*, por E. Wegi; — *Theoria das subaquaticas*; — *Bibliographia*; — *Aviso aos navegantes*.

REVISTA DE ENGENHARIA, publicação quinzenal, sob a direcção do Engenheiro civil José Americo dos Santos.—Anno IX.—N. 173.—Typ. Central de Evaristo Roiz, da Costa.

Além dos *Actos officiaes* e do *Noticiario*, traz estes artigos: — *A canna de assucar em Java*, pelo Dr. F. M. Draenert; — *Manual de estradas de ferro de Poor*; — *Os transportes aereos por meio de cabos*.

O *BRAZIL-MEDICO*, revista semanal de medicina e cirurgia, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré.—Anno I.—N. 43.—Typ. — Machado & C.

Eis o summario do numero distribuido:

Boletim da semana: A primeira cadeira de clinica medico.

*Trabalhos originaes*: — *Ankylostoma duodenal* e *ankylostomiase*, pelo Dr. Adolpho Lutz (*Continuação*) — Um caso de encrustação calcarea na parede interna do thorax, pelo Dr. Amancio de Carvalho. — O microbio da febre amarella, pelo Dr. Araujo.

*Registro clinico*: — Observação de um caso de abcesso frio, consecutivo á osteite da abobada orbitaria esquerda, fistula orbitaria com deformação consecutiva da palpebra superior, impossibilidade de oclusão palpebral, ke-

ratite por exposição, perfuração da cornea, prolapso da iris, staphyloma parcial e glaucoma absoluto consecutivo, pelo Dr. Hilario de Gouvêa.

*Revista Medica Estrangeira*: — Do oxydo de zinco no tratamento da diarruén, pelo Dr. Dupré (*Union Médicale du Nord-Est*). — Influencia da predisposição nervosa na etiologia da paralyasia facial a frigore, pelo Dr. Neumann. (*Archives de Neurologie*).

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Solicitador—Francisco R. de A. Nvaez—Juiz de Fôra.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase pancreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machinas e apperellos para lavoura—Schubert Irmãos & Haas. — Juiz de Fôra.

Relojeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Ectação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fôra.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrad.

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 3 DE DEZEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III-N. 133

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|  |                     |
|--|---------------------|
| Expediente.....                        |                     |
| Notas para a nossa historia.....       | Capistrano de Abreu |
| Paysagem, soneto.....                  | Isidoro Martins J.  |
| Escriptores do Norte do Brazil.....    | Franklin Tavora.    |
| No cemiterio, soneto.....              | J. Duque Estrada.   |
| Naturalismo e pessimismo.....          | Araripe Junior.     |
| Diplomatico, soneto.....               | Coelho Lisboa.      |
| Prefacio das «Contemporaneas».....     | Theophilo Dias.     |
| Os tres abyssos, poesia.....           | Eugenia Lobo.       |
| Estudos da Litteratura Brasileira..... | Sylio Romero.       |
| Soneto.....                            | Corrêa de Almeida.  |
| Lexicologia didactica.....             | G. Bellegarde.      |
| Contemporaneas, poesia.....            | Augusto de Lima.    |
| O combate da passagem da Laguna.....   | Dr. Gama Roza.      |
| Perdão, soneto.....                    | Oliveira e Silva.   |
| Festas litterarias.....                |                     |
| Theatros e diversões.....              |                     |
| Diversas publicações.....              |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE E NICHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 48000  |
| Anno.....     | 88000  |
| PROVINCIAS    |        |
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

As assignatures tomadas e pagas desde já vigorarão :  
as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atrazo a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:  
J. Verissimo de Mattos, na cidade de Manaus (Amazonas).  
Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;  
Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.  
Virgilio Varzea, na cidade do Deserto (Santa Catharina).

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## Notas para a nossa historia

### II

Però de Magalhães de Gandavo publicou em Lisboa em 1576 uma *Historia da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Dedicou-a a D. Leonis Pereira, governador que fóra de Malaca. Luis de Camões juntou-lhe uma elegia para introdução. E sendo este o primeiro livro em Portugal impresso sobre o assumpto, foi muito lido, algumas idéas nelle apresentada pela primeira vez passaram a outras obras, e a *Historia* tornou-se tão rara por fim que da primeira edição se conhecem apenas dous exemplares, um dos quaes em nossa Bibliotheca Nacional.

Antes da *Historia*, por 1568, escreveu elle um *Tratado da terra do Brasil* só vulgarizado mais tarde, em 1826. E' dedicado ao cardeal D. Henrique, e no prologo assegura-nos o autor que os dias passados offerecera outro a D. Sebastião.

Não se conhece este; mas em compensação possuímos um de que não havia antes noticia. E' dedicado á rainha D. Catharina, existe manuscrito e anonymo em Londres, no *British Museum*, e d'ahi, graças ao zelo e dedicação incansavel do Sr. conselheiro Silva Paranhos, veiu uma copia para esta côrte.

A comparação entre o tratado dedicado a D. Henrique e o dedicado a D. Catharina mostra que as Juas obras são exactamente a mesma. A copia de Londres é, porém, mais fiel e apresenta algumas variantes apreciaveis. Para qualquer reimpressão deve ser preferida á que scriuiu para a edição de Lisboa de 1826. Provavelmente o livro dedicado a D. Sebastião não passava de outra copia com ligeiras variantes, e a sua perda não é desfaque para a nossa litteratura historica.

Mas em um ponto a edição de Lisboa leva vantagem á copia de Londres: contém um capitulo, o ultimo, que falta inteiramente nesta. Como explicar esta omissão? Não é porque o assumpto fosse menos interessante que os que occupam outras paginas, — veremos o contrario. Talvez o motivo fosse que o facto a que se refere o autor chegou a seu conhecimento no intervalo entre a apresentação da copia a D. Catharina e a apresentação da copia a D. Henrique. E' por isso que vem na ultima pagina, como acrescimo de ultima hora.

O facto que Magalhães de Gandavo narra é o seguinte:

Chegaram a Porto Seguro uns Indios do certão a dar novas de certas pedras verdes que existiam n'uma serra alongada para o interior. Trouxeram consigo algumas, que foram reconhecidas como esmeraldas, mas não de muito preço. Sabendo disto os habitantes da

capitania, reuniram-se em numero de cincoenta a sessenta, e acompanhados de alguns Indios penetraram pelo certão. Ia por chefe um Martim Carvalho, que depois mudou-se para Bahia (talvez o senhor de engenho de que falla G. Soares a p. 137), e com elle andaram algumas duzentas e trinta leguas, por espaço de oito mezes. Passaram muitas serranias de crystal, outras de terra azulada em que se desconfia haver ouro, até que n'um riacho encontraram alguns grãos miudos, amarillos, muito pesados, que apalpados nos dentes acharam-se brandos mas não se desfazião. Apanharam delles um punhado, julgando que fosse o precioso metal e seguiram para adiante; mas a falta de mantimentos, o receio dos inimigos, as doenças que assolavam a gente exigiram a volta, e elles tornaram-se outra vez em almadias por um rio que se chama Cricaré, onde se perdeu n'uma cachocira a canoa em que vinham os suppostos grãos de ouro que traziam para mostras.

E' o que diz Gandavo no capitulo IX da segunda parte do seu *Tratado*. Si as considerações antes formuladas têm algum fundamento, a expedição deve ter tido logar antes de 1567 ou 1568. E' portanto esta a terceira expedição conhecida que ao Norte do Brasil penetrou o certão a cata de minas. Tem alguns pontos de contacto com a de Spínosa, mas parece ter ido mais para o Sul, pois desceu pelo Cricaré, actualmente chamado rio de S. Matheus.

Ainda de Porto Seguro partiram duas expedições commandadas por Sebastião Fernandes Tourinho, parente dos donatarios da capitania. Apenas se sabe que são anteriores a Luis de Brito e Almeida, que chegou ao Brasil em 1573. E devem ser posteriores á de Martim Carvalho, sinão Gandavo tel-as-ia mencionado de preferencia, pela posição social do agente. De ambas dá rasão Gabriel Soares (*Tratado descriptivo do Brasil*), p. 60 61, e 69 70, da edição de 1851, seu contemporaneo, que passamos a aproveitar.

Como elle não nos diz qual das duas expedições realisoou-se primeiro, e narra uma a proposito do Jequitinhonha e outra a proposito do rio Doce, seguiu-o-ei por agora, deixando para depois examinar em que ordem chronologica succederam.

Sebastião Fernandes Tourinho, diz-nos elle em resumo, morador de Porto Seguro, entrou pelo certão com alguns companheiros e andou por elle alguns mezes á ventura sem saber por onde caminhavam, até que chegaram em direito do Rio de Janeiro, como conheceram pela altura do sol e pela serra dos Orgãos. Retrocedendo, chegaram a um campo grande onde acharam lagoas e riachos que corriam para o rio Grande, e indo com o rosto ao Noroeste, caminhadas umas trinta le-

guas por serras de pedras, tornando a leste encontraram um rio chamdo Razo-Aguipe. Por elle andaram oitenta leguas ao Norte em canoas, com o rosto até o Grande em que vem desaguar, e entrados neste vieram ter ao mar, depois de uma navegação de vinte e quatro dias, vindo sempre com a pròa ao loeste.

Não é facil com tão poucos elementos determinar os pontos descriptos neste roteiro. Nelle ha evidentemente erros, como no logar em que diz que as canoas cbegaram ao mar navegando com a pròa ao loeste, isto é, na direcção opposta a em que o mar se acha. Embora Gabriel Soares nos assegure que Sebastião Tourinho sabia muito bem tomar a altura do sol, não abona muito a sua seicencia o facto de elle ter cbegado ao Rio de Janeiro, sem o sentir. Mas ha um ponto que nos auxilia nesta investigação: o rio Razo-Aguipe.

A que rio corresponde este? Varnhagen, nos commentarios com que adonou o *Tratado* de Gabriel na edição publicada ás expensas do Instituto Historico, nada diz a tal respeito, nem tambem nas duas edições da sua *Historia geral*. Nem, depois d'elle, occupou-se algum com este ponto. Pòde-se, portanto, permitir uma hypotese que quem mais tarde e com melhores documentos estudar o mesmo assumpto, rectificará facilmente.

Começemos por tirar da palavra Razo-Aguipe a ultima syllaba, que é uma posposição da lingua geral, significando *em*. E' muito usada nos rios do Norte, mas para o Sul é menos, como vemos em Jaguaripe na Bahia e Jaguaru em Minas Geraes. Notemos em seguida que o Z não é som tupi, e que deve estar em logar de S, ao qual por estar isolado no manuscrito sugueiramos á lei da prosodia portugueza. Lembremos ainda que o R em tupi é sempre branco, qualquer que seja a posição que occupe, e que em portuguez é sempre forte no principio das palavras: dahi o facto interessante dos Brasileiros juntarem-lhes um A inicial para, pondo o R entre duas vogaes, conservarem-lhe o som primitivo: é o que se vê em *Araripe*, por exemplo, cuja forma antiga é *Rari*, como se lê num documento conservado em Purchas. Com todas as alterações que procuramos restituir temos que o rio deve chamar-se Araso-Agui. Si, por fim notarmos que á forma antiga de Piahy era Piaguy, temos um precedente que, junto a outros, permite afirmar que, linguisticamente, o Razo-Aguipe de Gabriel Soares é o Arassuahy dos novos mapps.

Geographicamente não ha obstaculo a esta identificação, porque aquelle era um afluente de Jequitinhonha exactamente como este. E' pena que os nossos mapps da zona percorrida sejam em tão pequena escala e as indicações do Gabriel Soares tão tenues que se não

possa levar mais adiante a identificação. Mas deixemol-a assentada aqui porque depois nos ha de servir.

Na segunda expedição Sebastião Tourinho subiu o rio Doce, até um seu affluent chamado Mandi, nome que os viajantes e mappas modernos converteram em Guandú. Entrando nelle e desembarcando, seguiram por terra umas 20 leguas em rumo de E. SO. até uma lagôa donde sae um rio em rumo de E. que se prolongam por mais de 30 leguas; depois caminharam umas setenta leguas, durante quarenta dias, em rumo do Oeste, até chegar ao rio Doce novamente. Neste rio fizeram canoas de cascas e foram-no subindo até um seu affluent chamado Aceci, pelo qual entraram quatro leguas e desembarcando caminharam em rumo de NO onze dias, e atravessaram o Aceci, e andaram muitas leguas, descobrindo afinal as pedras verdeongas e azues, etc.

No meio destas indicações e contra-indicações, fielmente resumidas de Gabriel Soares, é impossivel uma pessoa entender-se. Ha quem identifique, o Aceci com o Suassuby e ha quem o identifique com o Santo Antonio. Com a mesma razão poderia identificar-se com outros. Para nós importam apenas os tres seguintes factos: primeiro que Sebastião Tourinho navegou o rio Doce até onde suas margens são elevadas, mas onde as cachoeiras não obstruem-lhe ainda o leito; segundo que, portanto, o Mandi de Gabriel Soares é o Mandi dos geographos posteriores, ultimamente convertido em Guandú; terceiro que, depois de margear este e outros rios elles vieram sahir novamente no Doce, em região navegavel, em que não se fala de cachoeiras, portanto junto ao Quitê. Só ali seguiram para o Norte, isto é para a margem esquerda do rio Doce, onde afinal encontraram as pedras que procura-se. E digo que o rio Aceci fica na margem esquerda do rio Doce, porque, segundo Gabriel Soares informa, a viagem de Antonio Dias Adorno foi feita pelas indicações fornecidas por Tourinho, e Dias Adorno, como se verá em um dos proximos artigos, entrou no certão pelo rio das Caravellas, isto é, procurando o Norte do rio Doce.

Expostos os factos e sabido que foram anteriores a 1573, vejamos qual das duas expedições é chronologicamente a primeira, — si a da volta pelo Jequitinhonha, si a da subida pelo Doce.

CAPISTRÃO DE ABREU.

## PAYSAGEM

Duas collinas rasgam-se. No meio Deita-se o valle, umbroso e virginal. E sobre aquelle exuberante seio Cabe o louro espartilho tropical

Do sol montante... Em cima da esmeralda Novel e doce que a folhagem basta Oppõe ao céu, — o Céu azul, que escalda, Pousa um olhar de transparencia casta.

Destacam-se as collinas dos arbustos Como dois peitos rígidos, robustos, Rasgando a seda de um corpete escuro...

E o valle, o valle, como um collo enorme, Mira orgulhoso a curva filiforme Do seu collar, — um veio d'agua puro!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

## Escriptores do Norte do Brazil

O SR. JUVENAL GALENO

Por muito tempo figurou em o nosso mundo litterario o Sr. Juvenal Galeno. Os seus versos admiraveis por seu cunho popular, foram reproduzidos do norte ao sul. Faz isto uns vinte annos.

Pouco a pouco foi desaparecendo da imprensa o nome do grande poeta. A luz do astro occultava-se no horizonte do jornalismo justamente com a de outros que com elle formavam a constelação — Casimiro de Abreu, Teixeira de Mello, Almeida Braga, Calazans, Bruno Seabra e outros discipulos de Gonçalves Dias, Porto Alegre, Magalhães, Macedo, Laurindo, Octaviano Rosa.

Muitos contemporaneos ignoram onde vive o gracioso assimilador da poesia do norte, aquella poesia que andava e anda na bocca dos pescadores, matutos e sertanejos.

Juvenal teve talvez as mesmas razões que José de Barcellos para abandonar as letras.

Era preciso ganhar a vida, e as suas produções, apesar de serem muito apreciadas, longe de lhe servirem de auxilio só lhe traziam despezas. E' mais productivo o café do que a poesia, posto que se harmonizam perfeitamente estas duas idéas e muitas vezes uma faz surgir a outra.

Respondendo em 9 de Maio de 1884 uma carta em que eu pedia os seus apontamentos para poder fazer este trabalho, escreveu-me o Sr. Juvenal Galeno:

Vivo nas matas empregado na agricultura, etc.

E', pois, mais outro que perderam as letras depois de haver trabalhado não pouco por ellas.

Digo não pouco, porque publicar neste paiz, e particularmente em uma das provincias do norte, tres livros é dar prova de valor. Juvenal publicou em 1865 as *Lendas e canções populares* que formam um volume em 8º de 415 pags.; em 1871 as *Scenas populares*, um vol. em 8º f. de 282 pgs.; em 1872 a *Lyra Cearense*, um volume em folio de 130 pags. E' preciso reunir a estas as *Canções da escola*, collecção de versos de uma moral singellissima, obra adoptada pelo conselho de Instrucção Publica do Ceará para uso das escolas primarias.

Cada um destes livros é um monumento para a litteratura do Norte. As *Canções populares* não são sómente um livro do Norte, mas um livro brasileiro sem rival em seu genero. Não é temeridade afirmar que, por agora, é o livro mais popular que possuímos, isto é, o livro em que mais entra o sentimento, a vida e a maneira de fallar do povo; e si não é ainda o nosso *Cancioneiro*, quem o lê fica convencido de que aquelle poeta seria actualmente o mais competente para colleccionar e estabelecer a poesia do povo, seu amigo, hospede, companheiro e inspirador.

No prologo o poeta afirma, e ao lêr a obra se adquire a certeza de que assegura a verdade, que antes de escrever esse livro «tratou de conhecer o povo e identificar-se com elle; acompanhou-o passo a passo em sua vida diaria, e então nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouviu e colleccionou os seus cantos, as suas queixas, as suas lendas e propheticas; aprendeu os seus costumes, ha-

bitos e superstições; fallou-lhe em nome da patria e guardou consigo os sentimentos de sua alma. Com elle riu e chorou, e depois escreveu o que sentia, o que cantava o que lhe dizia, o que lhe inspirava.»

Aquelle prologo deve ser lido todo inteiro. Desprende-se delle uma expressão de verdade que convence e encanta.

Deve orgulhar-se a provincia ou a escola litteraria que possui um talento tão espontaneo e assimilador, o que admira tanto mais quanto o Sr. Juvenal Galeno não curou as academias, nem conhece talvez as grandes litteraturas. Ao fazer esta observação não tenho outro fim sinão tratar de pôr em relevo o privilegiado talento do Sr. Juvenal, e não de maneira alguma diminuir o seu merecimento. Que pena causa vêr que uma vocação tão grande não dê todo o fructo que poderia dar!

Juvenal Galeno não acompanha só o povo nas suas alegrias e divertimentos; acompanha-o tambem em suas afflicções e dores, e seja no primeiro ou no segundo caso, é um copista fiel a quem uão escapa nenhuma linha, nenhum raio de luz, nenhuma sombra das situações moraes, psychologicas ou mesmo pathologicas do seu grande irmão.

Passemos a demonstrar-o. Na poesia *O pobre feliz* encontram-se estes versos de summa graça e verdade:

De manhã a minha Rosa  
Traz-me a passoca e o café;  
Almoçamos sobre a esteira  
De palma de catolé,  
Rodeado dos filhinhos,  
Maria, João e José.

A' noite jantamos todós;  
Depois, juntos do fogão,  
Traz-me a Rosa o meu cachimbo,  
Um fillo dá-me o tição;  
Mês do pobre a sobreinca:  
— Fumaças que vêm e vão.

Não lhes são inferiores os do *Vaqueiro*:

«... Si é tempo de inverno  
Bem cedo nós vamos o leite tirar,  
E após o almoço... que faça ella os queijos  
Que'u saio a cavallo, que'u vou campear.

Si é tempo de secca, que longas fadigas  
Abrindo as cacimbas pra o gado beber!  
As ramas cortando, que a rez me supplica  
N'un burro mais triste que o triste gemer.

Si é tempo das feiras... si levo a boiada,  
Ai! quantas studades, que pratos então!  
Na volta... que mimos! Ao fillo uma gaita,  
A' esposa uma saia com seu cabeção.

No *Meu roçado*:

Vindo que fosse o inverno  
Plantal-o fomos um dia;  
As covas eu preparava,  
O resto a Joana fazia  
Punha a semente, e de terra  
Com seu pé a cova enchia.

Bom inverno! Após a limpeza,  
Todo o milho apendoou;  
A mandioca escurece...  
O meu arroz cacheou;  
Grinum e feijão verde  
Logo em casa se provon.

No *Sambista*:

Quando pizei neste mundo,  
Foi de viola na mão,  
Tocando o meu choradinho  
Dansando n'uma funcção.

Dansando n'uma funcção,  
Me peguem sinão desmaio,  
Dêem-me da banca um copinho  
Que'u quando bebo não caio.

Na *Jangada*:

Minha jangada de vela,  
Que vento queres levar?  
De dia vento de terra,  
De uoite vento do mar?

No *Voto-livre*:

— Viva a patria! a liberdade!  
Viva o livre cidadão!  
— Ai, Rosa, não me supplices  
Que não vá para a eleição.

— Ai, Rosa, bem me dizias...  
Não é do povo a eleição.  
Triumphou a força bruta,  
Gemo agora na prisão!  
Eis como é livre este imperio...  
Como é livre o cidadão!

No *Boiadeiro*:

Dizendo sentido adeus  
A's varzeas do meu sertão  
Pra feira vou caminhando  
Na frente do boiadeiro.

E cou... mansão,  
E cou... é cão.

No *Eleitor*:

Por ser esperto capanga  
Do partido vencedor,  
Me deram por quatro annos  
O diploma de eleitor.  
Foi justiça, foi a paga  
Dos serviços de valor.  
Pois sou grande na cabala,  
Das urnas viciador;  
E por causa de partido  
Serei tudo... até traidor!  
Que bourraria...  
Sou eleitor, saibam todos,  
Dão-me agora — senhora.

Todos os themas das poesias do Sr. Juvenal são tirados de assumptos nacionaes, porém sempre descreve e canta o lado mais natural e original, revelando o seu inequivoco patriotismo: — ora o *Recruta*, ora o *Soldado de castigo*, ora o *Escravo*, ora o *Compadre Ministro*, ora o *Sapateiro*.

Ha nos escriptores do norte uma superabundancia de compaixão para com o pobre. Dahi resulta que o pobre é uma figura, por assim dizer, obrigatoria dos seus romances, dramas e poemas. Nenhum escriptor dali confirma mais evidentemente este rasgo caracteristico do que o Sr. Juvenal Galeno.

Os seus livros estão cheios dessas figuras que vêm a ser a parte sentimental e commovedora das suas inspirações.

Entre os themas tomados de costumes da nossa sociedade apparece ás vezes uma poesia amorosa, formosissima por sua singeleza e naturalidade. Está neste caso a que se intitula *Recordações*.

Era no matto á tardinha,  
Quando encontrei-a sósinha.  
Com seu machado a cortar.  
— Adeus, minha Maria...  
Ella baixinho sorria,  
Sorrindo estava a corar:

Então cortei toda a lenha  
Depois levei-a á casinha.  
Ai! que amor, quanta ventura  
Naquelle matto á tardinha!

Surgia doce alvorada  
Quando encontrei-a sentada  
Junto á lagoa a cuidar;  
— Não enche d'agua o potinho?  
Ella sorriu-se baixinho,  
Sorrindo estava a corar:

Então enchi seu potinho,  
Só por não vê-la molhada...  
Ai que amor, quanta ventura  
Naquelle doce alvorada!

Na *Lyra Cearense*, que não foi mais do que uma publicação semanal em forma de periodico, exclusivamente sustentada por elle, vibram as mesmas cordas sympathicas ás quaes deve a popularidade de que goza entre as classes rusticas do Ceará.

Quantos assumptos, Deus meu!

quantos temas que todos conhecemos da inspiração mais natural e sem pretensões que seja possível imaginar!

Risca da Lyra o nome que a individualiza, espargi pelas plagas do norte essas produções espontaneas, e os que as ouvirem da bocca do sertanejo ou do pescador dirão sem a menor duvida de equívoco:

«São poesias do povo. Pertencem à musa anonyina».

Sim. A forma é a mesma. Os temas si não são identicos, pertencem à mesma ordem, à mesma natureza. Para maior semelhança, o poeta adaptou suas poesias ao rythmo e toada das canções com que se deleitam os vaqueiros no campo, o agricultor trabalhando no seu roçalo, o pescador cortando as ondas em sua jangada veloz. Mas essa simplicidade de formas, essa harmonia, esses desenhos, esses pequenos poemas emfim são devidos à observação, ao bom gosto, à delicadeza do sentimento que com outros dotes meritorios constituem a riqueza de tão flexível engenho.

Nas *Scenas populares* o autor prefere a prosa. São soberbos estes contos pelo que diz respeito à ficção ethnica. Com as descrições do povo entretece o escriptor reflexões moraes, noticias historicas e politicas. Logares, pessons, costumes, tudo alli é cearense, ou melhor nortista. Elle conhece, na verdade, todos os assumptos de que se occupa. E pinta tudo com a frescura e bondade que só pode ter o que sente uma verdadeira paixão por esse mundo popular, tão rico de gosos simples e de harmonias virgens.

Em todos esses pequenos ensaios só descubro uma falta: a imaginação tem alli apenas um logar por demais secundario. Em todos elles falta arte. Os accidentes e matizes da vida nos sertões e nas praias parecem alli photographadas. Mas não basta reproduzir fielmente, é preciso tecer as scenas, unilas umas com outras de maneira que dellas resulte um drama, porque o drama é tudo nas produções artisticas. Um quadro, si não representa uma acção, carece de vida ainda que transborde de colorido.

O Sr. Juvenal interrompeu ultimamente o seu largo silencio publicando em dois jornaes cearenses. — *A Constituição* e o *Município de Sant'Anna* duas produções poeticas para glorificar o movimento abolicionista que na cruzada contra a escravidão acaba de dar ao Ceará o posto de honra na vanguarda das demais provincias do Imperio.

A primeira das indicadas produções é um hymno encomiastico à cidade da Fortaleza, capital da provincia. Foi publicada no dia 24 de Maio de 1884, data memoravel que os habitantes da Fortaleza escolheram para realizar a abolição da escravidão no município da capital. O hymno intitula-se *Silvanus*.

A segunda produção *A escrava* é uma especie de lenda mui commovedora. Ambas confirmam o sentimentalismo tradicional do poeta, e o seu nobre interesse pela sorte do pobre e do povo.

A litteratura do norte, queiram-o ou não os que lhe são hostis, está esboçada, digo mal, já tem dado fructos, aos quaes em futuro não inuitoremo se juntarão outros talvez mais sazonados, porém já precedidos pelos que deixa aqui indicados o autor destas linhas.

FRANKLIN TAVORA.

## NO CEMITERIO

Tout était grave et sublime en ce tableau  
V. HUGO.

A' tarde, junto á lousa de um jazigo,  
As letras do epitaphio soletando,  
Vi-te, mulher, tão pallida chorando  
Que soffrendo tambem chorei contigo!

E' que, então, no solemne instante, quando  
Choravas tu, meu peito achava abrigo  
Em teu peito! Mulher... eu te bendigo,  
Luz de meu pobre peito miserando!

A lembrança feliz e radiosa  
Desse dia, será tibio lampejo  
De uma vida futura côr de rosa...

E' que, olhando o porvir auroras vejo...  
Ai! quizera a teus pés, mulher formosa,  
Nessa frente gentil depôr um beijo!

J. DUQUE-ESTRADA.

## Naturalismo e Pessimismo

(Conclusão)

Os phenomenos de transmissão do pensamento estão todos dependentes da systematisação da phrase, sem a qual nada é possível, pois que o espirito, em suas relações com o mundo exterior, nunca procede senão pelo principio da unidade.

Os instrumentos de que se serve a natureza para chegar aquelle resultado estão conhecidos: — a economia do esforço, a reacção periodal, o accento, e, por ultimo, o temperamento do individuo, a que os dois primeiros factores se subordinam por via do terceiro, sua immediata função na phrase ou no discurso. Entretanto não devo esquecer um facto de orden psychica, que ainda se prende a economia de meios e que por isso constitue um poderoso elemento de revivescencia do estylo, maxime quando este soffre a ultima elaboração cerebral para adaptar-se ao que ha do menos tangivel na expressão do temperamento de cada um. Refiro-me aos phenomenos semeioticos, em virtude dos quaes «os velhos materias da linguagem são continuamente applicados a novos usos, sem que sua significação original opponha obstaculo ao pensamento, nem produza confusão nas idéas.» (1) A importancia desses factos deduz-se naturalmente do vastissimo quadro em que elles se desenvolvem e da sua intima ligação com a harmonia das disposições estheticas do artista e do publico que lhe é familiar. As observações realisadas pela sciencia neste terreno foram perfeitamente assignaladas por M. Bréal no que elle denomina *ellipse interior*, que consiste na elaboração espontanea, em virtude da qual o espirito de quem lê ou ouve supprime grande parte de idéas não contidas na palavra. (2) A accepção dos vocabulos ton, pois, um elastico, que se presta a todas as nuanças imaginaveis; e basta atender ao modo por que se provocam estas relações mentaes, para que não se

(1) Whitney, *La vie du langage*, p. 66.

(2) M. Bréal, *Mythologie et linguistique*, p. 301.

deixa de admitir uma força suggestiva na accentuação de membros, formando o verdadeiro ponto de cohesão de idéas que procuramos suscitar no espirito de outrem.

Ha ainda um facto, paralelo a este, que muito tem concorrido tambem para caracterisar o estylo moderno, — o neologismo.

«Uma palavra, como bem diz Saÿce, tirada de fonte viva da lingua falada, traz sempre de envolta idéas novas, e imprime-se no espirito com mais vivacidade do que as expressões habituaes que não passam de symbolos mortos e incolores. Quando, por exemplo, lemos estas palavras *os quatro pontos cardaes*, comprehendemos o que o escriptor nos quiz dizer, sem que comtudo vejamos pintados os objectos; quando, porém, Carlyle nos fala dos *quatro airs*, (*ventos*) sentimos logo a imaginação em transporte e a attenção despertada. As associações mechanicas dos sons e idéas com que estamos habitados são interrompidas pela novidade, pelo desejo de comprehender toda a força de um termo vindo de um patois, aonde a vida da linguagem é mais intensa.» (3)

Em resumo, o estylo moderno caracteriza-se por dous symptomas capitales: — 1º a *crase periodal*, que se manifesta na razão directa da complexidade assumida pelas concepções do artista; 2º a tendencia suggestiva do *accento racional* em desenvolver essa crase na direcção da individualidade sempre crescente de um temperamento.

Voltando, pois, ao ponto de partida, é forçoso concluir que as qualidades estylisticas não devem ser encontradas se não nos escriptores, que, possuindo um grande poder de analyse, dispõem, ao mesmo tempo, de uma grande faculdade de synthese. E' por isso que quando nos pomos em communicação com autores geniaes como Tacito, Shakespeare, Labruyère, Saint Simon, Montesquieu, não nos podemos furtar aos efeitos particulares dos seus estylos, que nos impressionam e estabelecem vinculo profundo em nosso espirito. E com certeza estes artistas não attingiriam essa perfeição senão pela

(3) Saÿce, *Phylologie comparée*, p. 32.

força, pelo equilibrio, pela intensificação dos processos naturaes, retemperados na observação objectiva, nunca se perdendo na indacisão propria das naturezas sem oriente, diffusas, descoordenadas, cujas idéas dissociadas nunca alcançam systemathisar-se na phrase incesiva, percuciente e enaltecida.

Os escriptores da actual escola naturalista não procedem de outro modo quando se esforçam, tanto na theoria como na pratica, por demonstrar que a arte não é senão a concentraçã da natureza em um temperamento, e que o estylo, reflectindo esse phenomeno, não pode ser tambem senão o desenvolvimento, em seu maximum, das leis da palavra. Para estabelecer essa contra prova não é preciso mais do que tomar as obras dos mestres do realismo, e percorrer, ao acaso, mas com o espirito attento, as primeiras paginas que so offereçam nos olhos curiosos.

«Quant ses yeux quitait le bocal ou elle regardait les poissons sans les voir, elle les relevait par un mouvement désespéré, comme pour invoquer le ciel. Ses souffrances semblaient être de celles qui ne se peuvent confier qu'à Dieu. Le silence n'était troublé que par des grillons, par quelques cigales qui criaient dans le petit jardin d'où s'échappait un chaleur de four, et par le sord retentissement de l'argenterie, des assiettes et des chaises qui remuait, dans la pièce contigue au parloir, un domestique occupé à servir le dîner. En ce moment, la dame affligée proté l'oreille et parut se recueillir, elle prit son mouchoir, essaya ses larmes, essaya de sourire, et détruisit si bien l'expression de douleur gravée dans tous ses traits, qu'on eut pu la croire dans cet état d'indifférence où nous laisse une vie exempte d'inquiétudes.»

(Balzac, *Obras completas*, 3º vol. p. 16)

«Maintenant nous redescendons lentement à l'aviron ce grand fleuve que nous avons monté avec nos deux voiles blanches.»

«Nous nous arretons devant toutes les ruines. On amarre le bateau, nous descendons à terre. Toujours c'est quelque temple enfoui dans les sables jusqu'aux épaules, et qu'on voit en partie comme un vieux squelette déterré. Des dieux à tête de crocodile et d'ibis sont peints sur la muraille blanchie par les fientes des oiseaux de proie, qui nichent entre les intervalles des pierres. Nous nous promenons entre les colonnes. Avec nos bâtons de palmier et nos songeries nous romons toute cette poussiere. Nous regardons à travers les brèches des temples le ciel que casseté de bleu. Le Nil coulant à pleins bords serpente au milieu du désert, ayant une frange de verdure à chaque rive. C'est toute l'Egypte. Souvent il y a autour de nous un troupeau de moutons noirs qui broute. Quelque petit garçon, nu, leste comme un singe, avec des yeux de chat, des dents d'ivoire, un anneau d'argent dans l'oreille droite et de grandes marques de feu sur les jones, tatouage fait avec un couteau rougi. D'autres fois ce sont de pauvres femmes arabes couvertes de guemiles et de colliers qui viennent vendre des poulets à Joseph. Une chose merveilleuse, c'est la lumière; elle fait briller tout. Dans les villes, cela nous éblouit toujours, comme ferait le papillotage de couleurs d'un immense bal costumé. Des vêtements blancs, jaunes ou azur sedétachent, dans l'atmosphère transparente, avec des cruautés de ton, à faire pâlmer tous les peintres.»

(Flaubert, *Correspondence*, Première serie, p. 298 e 299.)

«Le chien, d'un coup de gosier, avait bu le morceau de biscuit que Pauline lui tendait; et il replaçait sa tête sur le petit genou, il demandait un autre morceau, les yeux toujours dans les yeux de sa nouvelle amie. Elle riait, le baisait, le trouvait bien drole, les oreilles rabattues, une tache noire sur l'œil gauche, la seule tache qui marquât sa robe blanche, aux longs poils frisés. Mais il y en un incident: la Minouche, jalouse, venait de sauter légèrement au

bord de la table; et, ronronnante, l'écabine souple, avec des grâces de jeune chèvre, elle donnait des grands coups de tête dans le menton de l'enfant. C'était sa façon de se caresser, on sentait son nez froid et l'effleurement de ses dents pointues; tandis qu'elle dansait sur ses pattes, comme un mitron pétrissant de la pâte. Alors, Pauline fut enchantée, entre les deux bêtes, la chatte à gauche, le chien à droite, envahie par eux, exploitée indignement, jusqu'à leur distribuer tout son dessert...»

(E. Zola, *La joie de vivre*, p. 18.)

Estes documentos mostram perfeitamente a distancia que existe entre este estylo suggestivamente pontuado pela especialização, pelos accidentes dos objectos descriptos, e o estylo classico, petrificado em suas formas amplas e genericas, e o romantico, perdido no tumulto de uma tropologia incoherente. O esforço da crase é manifesto, e a cada passo a pagina do livro sente-se animada pela multiplicidade de traços concretos, que fazem vibrar na phrase a vida intensa dos objectos artisticamente elaborados. Essa autonomia de expressão os escriptores apontados com certeza não teriam atingido, se não pertencessem a raça dos verdadeiros artistas da palavra, ou se vivessem, sem mergulhados nesse subjectivismo incoativo, que é a morte de toda a impulsão esthetica.

Ora, si o pessimismo, como creio, é um phenomeno prodromico de desagregação dos factos de consciencia, e se o principal resultado desse estado é a exageração do subjectivismo, o divorcio do mundo objectivo, a incapacidade de analyse, a inefficacia da attenção: a consequencia inevitavel de tudo isso é que elle não pode produzir se não a dissociação syntactica, tornando o estylo diffuso, incoercivel, e annullando o principio capital da arte, derivado, como o demonstrou Taine, da mesma lei biologica que preside ao arranjo e desenvolvimento de todos os seres organizados. Pouco importa que um ou outro mestre da escola naturalista faça cabedal das theorias pessimistas e chegue até a exemplificar-as em seus livros, accumulando em typos diversos todos os aspectos tristes que pode apresentar uma deturpada sociedade. O essencial é verificar as crenças reaes desses individuos; é não confundil-as com os seus intuitos de artista, nem com os effectos que elles empregam para ferir a imaginação e a sensibilidade do seu publico. Estas superfetações, que muitas vezes representam as tendencias satyricas de um autor, levantam-se como um escolho para grande parte dos sectarios da escola, e não raro se vê que, abandonado o caminho recto indicado pelo que ha de mais energico no talento, povam-se as estantes de trabalhos, que bem se podiam classificar como dialectos viciosos de uma escola de poesia.

Bem difficil seria determinar até que ponto a superfetação alludida conseguiu invadir os discipulos da escola naturalista em Portugal e no Brazil, e como, influindo principalmente no estylo, deu-lhe uma feição especial. Seja, porem, como fór, o que para mim não resta duvida é que todas as desigualdades que se encontram nos livros da nova geração não tem outra causa se não o desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; e essa enfermidade é perfeitamente explicada pela adopção da esthetica pessimista.

ARARIPE JUNIOR.

## DIPLOMATICO

A' GENERINO DOS SANTOS

Dona, esta flôr embaixatriz da aurora,  
Cujas credenciaes vão num soneto...

G. dos S.

Senhora, a bella flôr que envio a V. Alteza  
E' do meu coração a embaixatriz formosa,  
E vos leva a especial missão mais melindrosa  
Que hoje entreter pudera a córte da belleza.

Acreditada pois junto à alma caprichosa,  
Aquelle que curvou-me ao jugo da realza,  
Eu, democrata austero! Essa gentil fereza  
Ha de findar e então... sorte hei de ter ditosa.

Acolhei-a benigna, a pobre flôr, senhora!  
Ouvi da primavera a voz encantadora,  
Que a nossa vida enleva em perennal gorgeio!

Vamos... deixai pender-lhe um riso de esperança!  
Credenciaes apresenta a flôr pedindo aliança  
E exequatur espera... em vosso niveo seio.

COELHO LISBOA.

## Prefacio das «Contemporaneas»

DE

AUGUSTO DE LIMA

A leitura deste interessante, curioso e attrahente volume de versos denuncia um grande poeta que, prodigamente dotado pela natureza, educa todos os dias, com tenacidade, as bellas qualidades originarias, que lhe enriquecem e singularizam o talento: imaginação poderosa, sensibilidade delicada, elocução espontanea, individual e propria.

Augusto de Lima entende a arte, como eu a comprehendo. E' talvez este o segredo do irresistivel entusiasmo que lhe consagro. A meu vêr, a arte é a expressão immutavel das impressões multiplas e successivas que o espectáculo da natureza ou o drama da existencia reflectem no espirito que os contempla e interpreta. O que caracteriza o artista e a faculdade de descobrir e aprimorar symbols que, revestindo, com a belleza da forma, o selo e a virtude da perpetuidade, conservam e communicam, sempre viva e energica, a emoção que se recebe das cousas que passam. Augusto de Lima possui, em elevado grau, essa faculdade rara e superior.

A principal inspiração é a da forma. A mais fina essencia perde-se, despercebida e ignorada, quando a encerra um vaso grosseiro. Os mais suaves sentimentos repugnam, si contrastam com a expressão que os envolve. A arte suprema consiste na correspondencia exacta, na equivalencia perfeita, entre a forma e o pensamento. Os artistas, dignos deste nobre nome, não têm, não conhecem outro idéal. Entre as innumeravsis expressões, a que uma mesma idéa pode amoldar-se, ha uma unica que lhe dá, na existencia exterior, a vida intensa e completa, que a faz pal-

pitir na imaginação creadora. Para encontrar essa expressão unica, insubstituivel, e escondida mysteriosamente no vasto abysmo das expressões semelhantes, ó que se requer o dom divino, o prestigio sobrenatural da inspiração. Nem sempre se attinge esse idéal, quasi inacessivel; mas para marecer a immortalidade, é imprescindivel procural-o sempre, e tel-o attingido algumas vezes, ao menos.

Neste livro nota-se a preocupação infatigavel, o esforço constante desta tendencia, frequentemente victoriosa, afirmando-se em fragmentos de uma perfeição inimitavel, em que não ha palavras superfluas, em que cada vocabulo contém uma intenção artistica complexa, já pelo valor intrinseco, já pelo valor do logar que no verso occupa — trechos irreprehensivels, em que tudo concorre para o effecto esthetico, que o poeta quer produzir, e realmente produz. Não cito: o leitor por si verificará o que digo.

Das censuras que devo fazer a este volume, mencionarei apenas uma: é um protesto contra o titulo. Ou melhor: não sou eu quem protesta, mas as paginas immorredouras que elle refolha entre muitissimas ephemerhas. *Contemporaneas*, este livro! Augusto de Lima blasphemou.

Si a obra não desmentisse o titulo, eu não accitaria a bonrosa permissão, que o autor me deu, de escrever nesta primeira folha o meu modesto e obscuro nome, repetindo, ao mesmo tempo que o assigno, a celebre quadra de Bocage, inspirada pelo presentimento dos applausos da posteridade:

A'quelle enchente de glorias  
Ou tu voarás commigo,  
Ou bei de, engeitando o premio,  
Morrer de todo commigo.

THEOPHILO DIAS.

## OS TRES ABYSMOS

Os dois olbos de Abelina  
São mais ferozes que o mar;  
Tém luz que abala e fascina...  
Os dois olbos de Abelina  
Quantos sua onda assassina  
Não tem feito naufragar?!...  
Os olbos de Abelina  
São mais ferozes que o mar!...

O sorriso de Abiana  
Tem mais fel do que a serpente;  
Illude, seduz, engana  
O sorriso de Abiana.  
E' flor rosca da savana  
Que o veneno traz latente  
O sorriso de Abiana  
Tem mais fel do que a serpente.

A todos aponta Annita  
Um laço pr'a se enforcar  
Na trança loura, bonita  
A todos aponta Annita,  
Um por um manda a desdita  
Nella um allivio buscar,  
A todos aponta Annita  
Um laço pr'a se enforcar.

Mas, si os olbos de Abelina  
São mais ferozes que o mar,  
A elles um raio illumina  
Ao dois olbos de Abelina;  
E, desde que a rota ensina  
Eu não tremo; eu sei nadar  
Si os dois olbos de Abelina  
São mais ferozes que o mar.

E, si o sorrir de Abiana  
Tem mais fel do que a serpente,  
Não me illude, não me engana  
O sorriso de Abiana  
E á sua caricia insana  
Fugirei incontinente,  
Se o sorriso de Abiana  
Tem mais fel do que a serpente.

Só'tenbo medo do laço  
Da loura trança de Annita,  
Quando a sacode no espaço,  
Eu tenho medo do laço  
Terrivel, cruel baração  
Que meu colo ba muito excita.  
Sim: tenho medo do laço  
Da loura trança de Annita.

EUGENIA LOBO.

## Estudos de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(Conclusão)

*Leonor de Mendonça* é precedido de um excellente prologo, onde o auctor expõe os seus designios e idéas sobre a arte. Ouçamol-o, falando de sua propria obra: « Direi, não o que fiz, mas o que promstti fazer.

A acção do drama é a morte de Leonor de Mendonça por seu marido: dizem os escriptores do tempo que D. Jayms, induzido por falsas apparencias, matou sua mulher; dizem no porém de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não foram

ção falsas as apparencias como elles nol-as indicam. O autor podia então escolher a verdade moral ou a verdade historica—, Leonor de Mendonça culpada e condemnada, ou Leonor de Mendonça innocente e assassinada—. Certo que a primeira offeria mais interesse para a scena e mais moral para o drama; a paixão deveria então ser forte, tempestuosa e frenetica, porque fóra do dever não ha limite nas acções dos homena: haveria cansaço e abatimento no amor e reacções violentas para o crime, haveria uma luta tenaz e continua entre os sentimentos da mulher e os da esposa, entre a mãe e a amante, entre o dever e a paixão; e o fim estaria o remorso e o castigo, e nelles a moral. Ha n'isto materia para mais de um bom drama.

Leonor de Mendonça, innocente e castigada, será infeliz, desesperada ou resignada. Ora, o remor-o é mais instructivo do que o desespero e do que a resignação, como o crime é mais dramatico do que a virtude: pena é que assim seja, mais assim é. Si em prova d'isto me fosse preciso trazer algum exemplo, eu citaria o *Faliero* de Byron e o *Faliero* de Delavigne.

Porque então seguí o peor? E' porque tenho para mim que toda a obra artistica ou litteraria devo conter um pensamento severo: debaixo das flores da poesia deve esconder-se uma verdade incisiva e aspera, como diz Victor Hugo, — em cada mulher formosa ha sempre um esqueleto.

Foi este pensamento — a fatalidade. — Não aquella fatalidade implacavel que perseguiu a familia dos Atridas, nem aquella outra cega e terrivel que Werner descreve no seu drama— *Vinte e quatro de Fevereiro*.

E' a fatalidade cá da terra a que eu quiz descrever, aquella fatalidade que nada tem de Deus e tudo dos homens, que é filha das circumstancias e que dimana toda dos nossos habitos e da nossa civilização; aquella fatalidade, enfim, que faz com que um homem pratique tal crime, porque vive em tal tempo, n'estas ou naquellas circumstancias. Repito: não analiso o que fiz, digo apenas o que era meu desejo fazer.

Leonor de Mendonça não tem nem um só crime, nem um só vicio; tem só defeitos D. Jayme não tem nem crimes nem vicios; tem tambem e somente defeitos. Os defeitos da duqueza são filhos da virtude; os do duque são filhos da desgraça: a virtude que é santa, a desgraça que é veneranda. Ora, como o que liga os homens entre si não é, em geral, nem o exercicio nem o sentimento da virtude, mas sim a co-relação dos defeitos, a duqueza e o duque não se poderiam amar porque eram os seus defeitos de diferente natureza. Quando algum dia a luta se travasse entre ambos, o mais forte espedaçaria o mais fraco; e assim foi.

Ha ahí tambem outro pensamento sobre que tanto se tem fallado e nada feito, e vem a aer a eterna sujeição das mulheres, o eterno dominio dos homens. Si não obrigassem D. Jayme a casar contra a sua vontade, não haveria o casamento, nem a luta, nem o crime. Aqui está a fatalidade, que é filha dos nossos habitos. Si a mulher não fosse escrava, como é de facto. D. Jayme não mataria sua mulher. Houve n'essa morte a fatalidade, filha da civilização que foi e que ainda é hoje.

Estas idéas são sans e não destoam

do merecimento da obra. Não ha nesta aquella riqueza de pensamentos e finas observações aobre os dominios reconditos da alma humana, que fazem o assombro de quem lê Shakespeare. Maa quantos compartilhem com o grande dramatisa igual thesouro? Nem Byron, e nem o proprio Gothe. Por essa face Shakespeare campêa iacado; fóra um absurdo tomar essa medida para unidade comparativa.

Diz-se vulgarmente que uma obra dramatica só é bem apreciada quando é vista no paleo. O proprio Gonçalves Dias o repete no alludido prologo: «Si o drama não fór representado, será bom como obra litteraria, mas nunca como drama.»

Tenho medo de dizer uma heresia: porém, pelo que me toca, aprecio mais os dramas, especialmente dos grandes mestres, quando os leio. Si além da leitura, occorrer uma boa representação, meu conhecimento da obra não aumentará grande cousa, quanto á obra litteraria em si, comprehenda-se.

Si nunca li o drama e só o ouvi representar, nada sei dizer sobre elle; porque o que apreciei no palco foi o trabalho dos actores, sua voz, seus gestos, seu jogo scenico, seu *savoir dire* e *savoir faire*, em summa, e não a criação do poeta directamente.

Uma representação theatral é uma arte que se sobrepõe a outra e a vela em grande parte. O talento dos actores produz uma como segunda criação que pode até certo ponto diffcultar a exacta intelligencia da primeira.

Nunca vi os dramas de G. Dias em scena; creio não ser um impecilio para os apreciar. *Leonor de Mendonça*, por exemplo, bem representada, bem interpretada por actores de forte voo, — deve ser grandemente dramatica. De todo o drama o *Acto II*, que constitue o *quadro terceiro*, é o mais bello especialmente nas *scenas V e VI*. As scenas passam-se em casa do velho *Afonso Alcoforado*, entre elle e seus filhos *Antonio*, *Manoel* e *Laura*. O moço *Antonio Alcoforado* tem já feito declarações á *Duqueza*, com quem deveria ter uma entrevista á noite justamente na vespéra da sua partida para a Africa. A noite é caliginosa, madonha; todos acham imprudente a sahida do moço a deshoras e só. O velho pai não se pôde conter e o interpela. Trava-se forte luta no espirito de *Antonio Alcoforado* entre o respeito paterno e o amor á *Duqueza*, o dever de não marear-lhe o nome, confessando o seu intento, e a obrigação de não mentir. (*Segue-se a citação que omitimos.*)

E' aignificativo tudo isto.

Meu desejo seria fazer uma historia exhaustiva da litteratura brasileira; tudo indagar, e tudo deixar ver. Sobre o theatro de Gonçalves Dias haveria lstantes observações a fazer; mas é urgente rezumir e passar adiante.

O poeta dos *Tymbiras* deixou-nos entre outros pequenos escriptos em prosa, quatro que merecem especial menção e são estes: — *Reflexões sobre os Annos historicos do Maranhão por Berredo*, *Resposta á Religião*, *Amazonas— si ellas existiram no Brazil*, *O Descobrimto do Brazil por Pedro Alvares Cabral* foi devido a um méro acaso? São ensaios sobre a nossa historia.

São escriptos n'aquelle estylo claro simples e harmonioso da prosa de Gonçalves Dias, uma das melhores que possuímos, o que se pôde bem ver nos bellos prologos das diversas collecções de *Cantos*.

N'este numero deveriamos tambem contar a celebre critica que fez da *Independencia do Brazil* de Teixeira e Souza. Isto desperta-me uma obaervação que não devo calar.

Os escriptores da época romantica quasi tanto como os de hoje atacavam-se com dezusado encarniçamento. Gonçalves Dias, de ordinario tão pacato, zurziu desapiedadamente o pobre poeta dos *Tres dias de um Noivado*, por causa do seu poema epico — *A Independencia do Brazil*. Seguiu-se José de Alencar que flagellou horriavelmente a *Confederação dos Tamoyos* de Magalhães; depois Bernardo Guimarães bateu medonhamente os *Tymbiras* de G. Dias e Franklin Tavera a *Iracema* de Alencar.

Foram criticas azedas, de character puramente polemico e irritante, que tiveram grande echo.

As *Reflexões* de G. Dias sobre os *Annos de Berredo* são um hello artigo onde lança pela primeira vez o seu brado de sympathia pela raça tupy, indicando o muito que lhe devemos. No mesmo espirito é o artigo em resposta ao periodico *A Religião*. A memoria sobre *As Amazonas* é uma resposta a um programma do Instituto Historico apresentado pelo imperador.

O poeta revelou-se ahí grande conhecedor dos chronistas e viajantes dos nossos tempos colonias, e com subido criterio desfez o rosario de sonhoa e exaggeros dos que crearam e propagaram no Brazil semelhante lenda.

Chamo em especial a attenção para as paginas em que G. Dias falla e insiste largamente sobre as decantadas *pedras verdes*, as *pedras das amazonas*, que maia tarde vietam a servir para enganosas patacoadás do dilettante Barhosa Rodrigues. Este em seus escriptos nunca citou o poeta. (1)

Igualmente interessante, ou por ventura superior, é o escripto sobre o descobrimento do Brazil. Gonçalves Dias combate n'elle, victoriosamente a meu ver, a idéa de ter sido proposital a chegada ao nosso paiz da parte de Pedro Alvares Cabral, idéa esta sustentada galhardamente por Joaquim N. de Souza Silva.

Não me é possível, pelas proporções que vae tomando este livro, descer a uma analyse detalhada de taes escriptos nem mesmo da interessantissima memoria.— *O Brazil e a Oceania*. Esta é um verdadeiro livro em que o poeta passou em revista o que nos chronistas e viajantes se encontra sobre os povos selvagens do Brazil e da novissima parte do mundo, no intuito, um pouco frivolo em verdade, de vér quaes delles estavam em condições mais adequadas para receber a civilização christã.

A parte relativa á Oceania, pelo muito que já sabemos—de seus antigos habitantes, graças sobretudo á sciencia ingleza, está hoje muito atrazada. O que se refere aos indios do Brazil ainda agora, apesar de bons progressos realizados por este lado, ainda hoje se pôde ler com proveito.

Entre outros deataco o interessante capitulo — *Si os americanos caminhavam para o progresso ou para a decadencia—; o que pensamos dos tupsys.*

Leiam-se todos estes trabalhos do escriptor maranhense e ver-se-ha bem nitidamente que elle não foi ao um notavel lyrista, foi tambem um destro dramaturgo e um homem sabedor em

(1) Vide *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, vol. III, pag. 270 o seguintes.

assumptos de historia e ethnographia brasileira.

Agora, porém, é tempo de ultimar este perfil e farei em poucas palavras.

Tanto quanto acoube fazer-o, mostrei a formação biologica do talento de Gonçalves Dias, indicando o que elle deveu ás *raças* que o formaram e ao meio em que viveu, isto é, encarei-o no seu desenvolvimento ontogenetico e em suas relações com a *phylogenia* dos povoa de que descende, não esquecendo a *adaptáo* ao meio de Coimbra, do Maranhão e do Rio, onde viveu principalmente.

Está dito tudo? Não. Resta ainda alguma cousa para caracterisal-o de todo. Resta saber o que d'elle ficou e ficará de pé para o pensamento do povo brasileiro, enquanto existir um povo que bem mereça este nome.

A luta pela existencia na litteratura e na arte tem dos momentos capitaes: — um que é feito pelo proprio escriptor em sua vida, e outro que é feito pela consciencia publica e pela historia depois de sua morte. Este ultimo é o que tem maior alcance e definitivo valor. (2)

Tém-se visto mediocridades, ajudadas por um meio propicio, levantarem-se em falsas muletas e suspender as ca beças acima do nivel commum, a ponto de todo o mundo olhar para ellas. Mais tarde ha uma reversão, allne-se o terreno e lá se vae por elle a dentro a collossal figura, que estava trepada não em pedestal de barro, conforme a figura biblica, mas em pernaa de páu, aegundo o brinquedo de nossos camponios...

As vezes tambem dá-se o contrario; o talento e o proprio genio não podem abrir caminho em seu tempo, ou só o pôdem limitadamente. Maia adiante dá-se o que se pôde chamar a *luta reversiva pela vida* no asio da hiatoria, e as idéas outr'ora batidas e repellidas, sahem victoriosas d'essa pugna posthuma.

A historia da sciencia e a da litteratura estão cheias de phenomenoa semelhantes. Victor Cousin não aerá um exemplo do primeiro caso? Shakespeare e Lamarck não aerão do segundo?

O nosso Gonçalves Dias no seu pugnar pelas idéas, pelo bello e pela gloria não foi um derrotado, nem um victorioso d'esses que fazem o seu caminho por entre cem batalhas. Elle estava mais ou menos na altura de seu meio e de seu momento historico, e esse

(2) Esta linguagem tomada a Darwin e Haeckel é aqui a mais propria para dar a explicação dos phenomenos litterarios. Nem é uma novidade em meus escriptos, nomeadamente na *Litteratura Brasileira* e a *Critica Moderna*, nos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brazil*, na *Introdução á Historia da Litteratura Brasileira*, e n'esta obra, principalmente no cap. — *Theorias da historia do Brazil* publicado ha muito nos *Lucros e Perdas* e na *Revista dos Estudos Livres* (de Lisboa).

Não se deve perder de vista que a mór parte desta obra já tem sabido impressa em jornaes e periodicos, antes de agora appareces em volume. E' assim que na *Gazeta de Noticias* de 23 de dezembro de 1896 sahii um fragmento d'ella em que vem bem secuetuada a applicação da *luta darwiniana* na *litteratura* e nas *obras d'arte*, n'estes termos:

«A litteratura rug-se pela lei do desenvolvimento, á maneira das formações biologicas. Ainda como as creações biologicas, ella tem a sua *luta pela existencia*, onde as idéas mais fracas são destruidas pelas mais fortes. As idéas tem todos um elemento hereditario e tradicional, e um elemento de *adaptáo* a novas necessidades e a *novos meios*. Cada nação tem seu patrimonio de idéas representativas do seu desenvolvimento natural: é a *phylogenia litteraria* repetindo a linguagem de Haeckel. Cada grande *typo* tem forças e impulsos proprios, além que recebe por herança: é a *ontogenia litteraria* para fallar ainda como o celebre naturalista. A idéa de força e de lita domins sempre ás grandes e pequenas litteraturas; é a pugna das idéas, das theorias, das opiniões; são as plemeas, a guerra intestina dos sistemas. Uma litteratura pacifica é uma litteratura morta.»

momento era uma época de entusiasmo e esperanças para este paiz.

O poeta nchou a formula propria d'essas aspirações.

Do *synchronismo* entre o seu sentir e o sentir de sua patria n'um momento dado é que elle vem o merito e a natureza do sua gloria: uma gloria placida e doce; sem ruidos, mas tambem sem abatimentos e eclipses.

Que é que ainda vive d'elle, e parece que viverá sempre? Uma duzia de poesias lyricas, e certamente das melhores em que uma vez se vasou a lingua de Camões.

SYLVIO ROMÉRO.

## SONETO

A constancia do meu comprorinciano e amigo  
Fagundes de Resende

O tempo faz vencer as mil barreiras,  
opostas a' qualquer grande projecto;  
o tempo é que derota o imigo abjecto,  
pulgão que absorve o succo das parreiras.

Não irias melhor, indo ás carreiras;  
esperaste do tempo, e tens o objecto,  
apesar das caretas, feio aspecto  
de figuras burlescas, chocarreiras.

Urdiram-te, Fagundes, uma trama,  
perdém és triumphante heróe de um drama,  
que invejosos reduz a cisco ou pó.

Tinhas jus á maior das recompensas,  
incurtando porém vistas extensas,  
mui barato vendeste o Caiapó.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

## Lexicologia Didactica

Em prol da puericia e da juventude ha sido numerosa que farte a contri-buição didascálica do erudito e operoso Larousse, conhecido nutor do *Grand Dictionnaire Universel du 19<sup>o</sup> siècle* (15 volumes e 1<sup>o</sup> de supplemento — 1866 — a 1876 — e 1878).

Basta annunciar as seguintes instructivas publicações: *Encyclopédia da adolescencia* (*Encyclopedie du jeune âge*), *Gymnastica intellectual* (*Gymnastique intellectuelle*) *Repositorio de radicaes latinos, e de radicaes gregas* (*Jardin des racines latines, et Jardin des racines grecques* — 2 volumes) *Novo tratado de versificação franceza* (*Nouveau traité de versification française*) e lembrar o curso completo de lingua francoza e de estylo, cujo primeiro volume contém a *grammatica elemental*, o segundo a *grammatica syntactica* e o terceiro *grammatica litteraria* comprehendendo phrases historicas, allusões populares, prologios, sentenças dos melhores escriptores, as quaes passaram ao dominio publico d' litteratura e lhes servem como de realce (*Grammaire litteraire ou explications suivies d'exercices — sur les phrases, les allusions — les pensées heureuses empruntées à nos meilleurs écrivains et qui font aujourd'hui partie du domaine public de notre littérature à laquelle elles servent en quelque sorte de condiment*).

Adoptando por módulo o ultimo livro supramencionado, abalançamos nos

a inserir paginas de um livro, que si nos favorecerem as circumstancias, traremos a publico sob titulo *Lexicologia didactica*.

Offerecemos no alludido livro textos historicos, citações mais correntes de abalisados escriptores; perfazendo-os transcripção de passos apreciados de poetas e prosadores portuguezes, antigos e modernos, e com us applicações que reminiscencias litterarias nos depararem.

Si neste empenho nos conseguirmos avantajarmos ao módulo adoptado, não se delembrem os estudiosos das apositadas palavras de Antoine de la Salle: *celui qui commence un livre n'est que l'écuyer de celui qui l'achève*.

Fôra descabido, por exabundante, maior preambulo.

### RACA

Frei Francisco de S. Luiz no GLOSSARIO de *vecabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe* (OSRAS COMPLETAS DO CARDEAL SARAIVA — tomo VIII — *Trabalhos Philologicos*, pag. 288) assim se exprime:

Raca — E' o proprio vocabulo que se lê no Evangelho de S. Matheus, cap. 5<sup>o</sup>, v. 22, e que nós conservamos na traducção sem mudança *qui dixerit fratri suo «raca» reuserit concilio*; quem disser a seu irmão «raca» será réo no conselho.

Voz chaldaica *raka* ou hebraica *rak*, que ambas significam *tofo, insensato, desmiolado, cabeça dea (capite vacuo)* etc. A proposito do livro *GALERIA DE FIGURAS PORTUGUEZAS* por Luiz Augusto Palmeirim escreve Camillo Castello Branco, com cruciante humorismo, na BIBLIOGRAPHIA — 1<sup>o</sup> anno (1879), n. 4, pag. 52:

« O eminente observador continuou as chufas de ALMEIDA GARRETT dos barões, nas *Viagens da minha terra*. GARRETT morreu Viscon le para expiar; porque dizem os livros sagrados: «não chamarás *raca* a teu irmão». *Raca* entre os essenios no dialecto arimeu, de procedencia semitica, correspondia a *barão*; outros orientalistas um pouco mais sabios que eu dizem que *raca* é *asno*. Servem ao caso ambas as interpretações.

Continuou PALMIRIM tambem a satyra dos titulares de MANOEL ROUSSADO.

Ora, ROUSSADO, aquelle jovialissimo espirito, levou a inauguração dos barões até se fazer barão a valer. Elles, os chacoteados, diziam: «Estão verdes» E vae o folhetinista das convulsas risadas cingiu na frente a corôa feudal dos solarengos da idade média, para humilhar os collegas que lhe escocavam a sombra.»

Cahem a pello os dois seguintes versos francezes nos quaes se depara applicado apropositadamente o vocabulo «raca». Eil-os:

C'est moi que vótre prose en colère a choisi;  
Vous me criez: *Raca*; moi, je vous dis: *merci*!

Por associação de idéas traremos á collação os dois conceituosos versos da satyra 1<sup>a</sup> de Boileau:

Je n'ai puis rien nommer, si ce n'est par son nom.  
J'appelle un chat un chat, et Rollet un fripon.

Rollet, a quem allude o poeta, era um *procureur au parlement, bien connu par son habilité et ses friponneries*.

E a epigraphe do *Farol Maranhense* do n. 40, de 17 de Junho de 1833, para o diante, conforme refere o Dr. Antonio Henriques Leal no *Pantheon Maranhense* — tomo I. pag. 208 em o esboço bio-

graphico de José Candido de Moraes e Silva:

De circumloquios nada sei.  
O caso conto como caso foi:  
Na minha phrase, da constante lei,  
O ladrão é ladrão, o boi é boi.

Em contraposição não podemos deixar de relembrar o sentencioso pensamento com que Eugène Pelltan, eloquente autor da *Profession de foi du XIX siècle*, verbera os que, habitualmente, autepoem o motejo soez ao gracojo polido: *L'insulte n'est qu'une manière brutale de se dispenser d'avoir de l'esprit*.

GUILHERME BELLEGARDE.

## CONTEMPORANEAS (\*)

### FLOR CARNIVORA

(A LUCINDO FILHO)

Ha uma flor de lindo aspecto  
e colorido brilhante,  
cujo perfume fragrante  
atrahe ao calix o insecto.

As azas fechando e abrindo,  
este o mel nectareo bebe,  
no emtanto a flôr o recebe  
as petalas contrahindo.

Contrahe-as e se abotôa,  
e tanto os nervos constriuge,  
que a corolla o suor tinge  
da seiva que alimentou-a.

Ena rescedente cella  
o aventureiro encerrado,  
depois de a flôr ter sugado,  
eil-o sugado por ella.

Tal a sorte da alma louca,  
que atrahida pelo goso,  
o doce philtro amoroso  
vae beber em tua bocca.

Pois, és a imagem exacta  
da bella flôr assassina,  
que mellifica e fascina,  
perfuma, seduz e mata.

AUGUSTO DE LIMA.

(\*) Offerecemos aos nossos leitores mais uma primicia de uma obra litteraria; foi-nos enviada por nosso Agente Literario em S. Paulo, o Sr. Max Fleiss, que a conseguiu do illustrado poeta Dr. Tu. Dias, prefaciador das *Contemporaneas*.

## O combate da passagem da Laguna

Guerra civil do Rio Grande do Sul

O quo existe até aqui publicado sobre esse acontecimento é deficientissimo, devido á falta de noticias exactas e documentos, facto muito commun a quasi todo o periodo historico do primeiro imperio e regencias, épocas em que pouco se escrevia e em que a imprensa no nosso paiz iniciava apenas a sua carreira.

Nestas circumstancias, sem desprezar o subsidio dos dados existentes, recorremos amplamente á prova testemunhal, interrogando as reminiscencias de diversos officios, que tomaram parte na acção, e cuja honorabilidade nos merece plena confiança.

O resultado dessa iniciativa é a narração que damos em seguida.

Havendo os republicanos riograndenses em Julho de 1839 invadido a provincia de Santa Catharina, foi nomeado presidente e commandante das armas dessa provincia o general Andréa, posteriormente Barão de Caçapava, que tomou posse do governo a 17 de Agosto do mesmo anno.

O general Andréa acabava de dar brilhantes provas de si na pacificação da provincia do Pará, e nenhuma escolha poderia ser mais acertada.

O illustre militar era apropriado para o governo em épocas de crise.

Apenas chegou a Santa Catharina, tratou com extraordinaria actividade e firmeza do organizar forças, e, procedendo a rigoroso recrutamento, comas poucas praças existentes na provincia, conseguiu crear dois batalhões, o do *Desterro* e o da *Serra* e diversos esquadrões de cavallaria.

Para chegar a esse resultado, em cerca de dois mezes, foi preciso empregar os meios mais vigorosos, e as primeiras familias do lugar, em relações de amizade com o presidente, foram coagidas, pela imparcialidade deste, a mandar alistar os seus filhos (1).

Em virtude de factos mal interpretados, tem-se feito ao general Andréa uma reputação de dureza e ferocidade que nada justifica.

Sem duvida, pela sua educação, pelo seu temperamento e habitos militares era inclinado ás medidas promptas, e impulsões absolutistas; mas os seus sentimentos cavalheirescos, inuito accentuados, lhe impediam a pratica de crueldades.

Jamais o seu character maculou-se com a torpeza de uma atrocidade ou a mesquinhez de uma vingança.

O que o tornava respeitado e temido era o tom peremptorio, terminante, imperativo das suas palavras, a inabalavel firmeza da sua vontade; mas, tudo isso sem asperezas, sem odio, antes temperado por um *humour* inextinguivel, que era um dos seus elementos de governo e um traço muito saliente do seu character.

Juntamente com o general Andréa vierá do Rio de Janeiro o capitão de mar e guerra Frederico Mariath, que servira tambem no Pará, e melhor complemento não poderia encontrar o illustre presidente.

Frederico Mariath, homem activissimo, dotado de imaginação fervida, sempre architectando projectos, era a natureza mais comprehendedora e phantastica do mundo; para elle não havia plano impossivel.

Na vida publica ou particular Mariath foi sempre o impetuoso cavalleiro do ideal.

Dessas duas energias procedeu o apprehendimento temerario da passagem da barra da Laguna, porquanto, como ver-se-ha do correr desta narração, trata-se ali menos de um projecto detidamente estudado do que de um facto aventuroso, arriscadissimo, realizado a todo o transe.

As forças republicanas, como dissemos, sob o commando de David Canabarro, procedentes do Viamão, pelas Torres, tomaram, a 22 de Julho de 1839, sem resistencia, a villa da Laguna, havendo o commandante da pequena guarnição legal, o tenente-coronel Villas Boas, abandonado a povoação á approximação do inimigo, retirando-se para o Morro dos Cavallos.

Após alguma resistência, foram também tomados pelos republicanos, além de diversas embarcações mercantes e grande quantidade de material, quatro pequenos navios de guerra, entre elles o *Napárica*, *Caçapava* e *Catharinense*, resistindo intrepidamente o commandante deste ultimo, Manoel de Jesus, um rudo e destemido marinheiro mercante ao serviço da armada nacional, que, na ultima extremidade, incendiou o navio, retirando-se por terra para os legaes.

Não deixou-se também atemorizado o brigue escuna *Cometa*, commandado pelo capitão-tenente Bernardino de Seina e Araujo, que, ao approximar-se do inimigo, fez-se de vela, sahindo barra fora.

Ao mesmo tempo que a força partida do Viamão, havia Garibaldi prodigiosamente transportado, em duas enormes carretas puxadas por cem bois cada uma, dois grandes lanchões até á lagoa Tramandahy, donde, mais prodigiosamente ainda, conseguiu fazer sair ambos a barra da referida lagoa e ganhar o mar alto; naufragando, no dia seguinte, o lanchão commandado por Garibaldi, em frente á barra do Araranguá, entrando o outro lanchão, commandado por Griggs no porto da Laguna.

Nesse naufragio pereceu metade da equipagem do lanchão, composta de trinta homens, dirigindo-se Garibaldi, por terra, com os restantes, até a Laguna, a reunir-se aos seus.

O general David Canabarro entrou na Laguna a 23 de Julho e a 25 do mesmo mez foi proclamada a republica catharinense pela camara municipal do mesmo logar, que nomeou, por aclamação, um governo provisório, composto de Vicente Ferreira dos Santos Cardoso, como presidente da republica, e dois ministros, occupando as diversas pastas João Antonio do Oliveira Tavares e Antonio Claudino de Souza Medeiros. O presidente da republica, segundo Garibaldi, era: «um padro veneravel e que exercia grande influencia sobre toda a população.»

Este governo provisório promulgou diversos decretos, elevando á cidade a villa da Laguna, com a denominação de cidade *Juliana*, por haver sido, ali, proclamada a republica no mez de Julho, nomeando general em chefe David Canabarro e instituindo a bandeira nacional com as cores verde, branca e amarella.

Segundo Garibaldi, os catharinenses acolheram com grande enthusiasmo e satisfação as tropas republicanas; mas, o procedimento inconveniente e desdenhoso da soldadesca foi pouco a pouco alienando essas sympathias.

Após esses acontecimentos, Garibaldi foi encarregado de proceder ao corso pela costa, afim de obter alguns recursos e incommodar o inimigo, effectuando essa excursão com as escunas *Rio Pardo*, commandada pelo mesmo Garibaldi, *Caçapava*, pelo norte americano João Griggs e o lanchão *Seival* pelo italiano Lorenzo, sahindo os referidos navios, á noite, a barra da Laguna, então bloqueada, sem serem presentidos pelas embarcações legaes.

Quando, porém, foi conhecido esse facto, seis navios legaes e a corveta *Regeneração*, commandada pelo capitão do fragata Joaquim Leal Ferreira, foram mandados por Mariath cruzar entre a embocadura do rio da Prata e Cabo Frio — immensa vastidão para tão poucos navios de cruzeiro.

Percorrendo a costa chegou, Garibaldi ate á altura da barra de Santos, onde encontrou a corveta *Regeneração*, que lhe deu caça durante dois dias, sem resultado; porquanto, sendo a *Regeneração* navio de grande porte e calado, não podia appproximar-se convenientemente de terra, havendo-se cosido com esta as pequenas embarcações de Garibaldi.

Refere Mariath que, de conserva com a *Regeneração*, andavam as canhoneiras 14 e 16, navios do mesmo calado que as embarcações de Garibaldi e que podiam perseguir-o com efficacia; mas isto não nos parece ser verdadeiro, a não ser que a proficiencia maritima do celebre *condottiere* conseguisse burlar todos os intentos. Entretanto, Garibaldi, sempre tão exacto em sua narração, somente falla da perseguição da corveta.

No segundo dia de caça, perdida do vista a *Regeneração*, Garibaldi chegando-se á ilha do Abrigo, na barra de Cananéa, aprisionou duas sumacas carregadas de arroz, e, proseguindo a viagem para o Sul, fez diversas outras presas, as quaes guarneceu, arvorando nellas a bandeira da republica catharinense.

Cuidou, então, apprehensivo pelo que se estaria passando na Laguna, em voltar para esse logar; mas, na altura da ilha de Santa Catharina, encontrou o brigue escuna *Andorinha*.

Nessa occasião acrava-se Garibaldi somente com duas embarcações, havendo-se, dias antes, durante uma noite, separado delle a escuna *Caçapava*.

A' vista da superioridade dos legaes, alguns commandantes das presas fugiram para a costa e outros entregaram-se, arriando a bandeira. Apenas uma das presas, commandada por Ignacio Bilbao, resolutio marinheiro biscainho, dirigiu-se para a enseada de Imbituba, seguindo-o dahi a pouco um dos navios de Garibaldi, o *Seival*, com agua aberta e a peça desmontada, á vista do que, não dando resultado algum decisivo o combate com o brigue-escuna *Andorinha*, em consequencia do grande tempo e mar, e não podendo manter-se isolado na costa, Garibaldi entrou tambem em Imbituba.

Não podendo seguir para a Laguna, nessa occasião, por ser o vento contrario, e vendo que o brigue-escuna *Andorinha* inevitavelmente daria noticia da sua chegada a Imbituba, onde as embarcações legaes o viriam atacar, Garibaldi preparou-se para o combate.

Fez construir na ponta do Sul da enseada uma bateria com parapeto de terra, onde collocou a peça dismontada do *Seival*, amarrando á terra, no fundo da enseada, a escuna *Rio Pardo*.

As suas previsões realizaram-se, porque, no dia seguinte, ao romper do dia, tres embarcações legaes, o brigue-escuna *Andorinha*, commandado pelo capitão-tenente Romano, o patacho *Patagonia*, pelo primeiro-tenente Jorge Ottoni e a escuna *Bella Americana*, pelo primeiro-tenente d'Houdain, vieram atacar-o em Imbituba.

Durante grande parte do dia esses navios conservaram-se sob a vela, dando bordadas e canhoneando a escuna de Garibaldi e o pequeno forte, sendo o ataque tão de perto que, além da artilharia, empregava-se de ambos os lados a fuzilaria.

Os estragos não poderiam deixar de ser consideraveis da parte de Garibaldi, que havin temerariamente travado o combate tão desigual. A força de que

dispunha era pequena; os mortos e feridos a seu bordo já eram em grande numero, tornando-se essas perdas muito sensiveis; a embarcação, além disso, soffria grandes avarias.

Entretanto, depois de cinco horas de vivo fogo, os navios legaes, que haviam tido apenas dois mortos e alguns feridos, repentinamente, com grande admiração de Garibaldi, retiraram-se.

O illustre chefe italiano, attribue esse facto á morte do commandante d'Houdain, da escuna *Bella Americana*, o que não é exacto e devia ter sido produzido por qualquer outra causa.

Depois de reparados os estragos, aguardou Garibaldi; no dia seguinte, 4 de Novembro, a renovação do combate pelos navios legaes; mas, não reaparecendo estes, tornou a collocar o canhão no *Seival*, e, com o *Rio Pardo*, sahindo á noite da enseada de Imbituba somente de madrugada, ao entrar na barra da Laguna, foi percebido pelos navios legaes, que lhe jogaram alguns tiros sem resultado.

Garibaldi foi recebido na Laguna com grande jubilo e admiração pelos seus.

Esta excursão de Garibaldi, em navios frageis e insignificantes, constitue, sob o ponto de vista militar, uma serie de actos de arrojo, muito raros e notabilissimos praticados pelo egrogi *condottiere*.

Emquanto esses factos se passavam, o general Andréa na capital da provincia preparava as forças expedicionarias de mar e terra destinadas á Laguna.

Da provincia do Rio Grande do Sul tinham-lhe sido enviadas quatro canhoneiras e um batalhão de linha, commandado pelo tenente-coronel José Fernandes dos Santos Pereira.

Como dissemos, havia já o referido presidente organizado na provincia, com grande celeridade, dois batalhões, o do *Desterro* sob o commando do major Moreira Freire, e o da *Serra* sob o commando do major Mello, official distincto e prestimoso, já bem conhecido pelo presidente durante a revolução do Pará.

Com essas forças, e mais alguns esquadrões de cavallaria, formou o general Andréa uma brigada, de cerca de dois mil homens, dando o commando d'ella ao tenente-coronel José Fernandes.

Essa brigada seguiu por terra para a Laguna, e, apesar de tratar-se de uma viagem de quatro ou cinco dias, a pé, foi com extrema lentidão que fizeram o trajecto.

A força de mar sob o commando de Mariath foi mandada reunir, afim de aguardar ordens, na enseada de Imbituba, onde ainda encontraram incendiada uma das presas de Garibaldi.

Tendo chegado ao mencionado logar diversos espiões ou bombeiros do exercito, declarando achar-se fechada a barra com correntes, sobre embarcações e toda a força dissidente concentrada na villa, mandou Mariath participar esses factos ao presidente da provincia.

Determinou, então, o general Andréa que fosse organizada uma força de trezentos homens, de melhor gente, sendo 150 marinheiros e 150 soldados da brigada expedicionaria que, nessa occasião, vinha chegando ás proximidades de Imbituba.

O plano, constante de instrucções escriptas, enviadas a Mariath pelo presidente da provincia consistia no se-

guinte, a mencionada força de 300 homens seria transportada por um vapor da linha de paquetes que estava a chegar na capital, até ao norte do cabo de Santa Martha, no ultimo dia de vento sudoeste, que nessa occasião soprava, de modo a conseguir desembarcar a referida força a sota vento desse cabo, aproveitando a bonança do mar.

Essa expedição desastrosa e absurda, era destinada, não só a tomar de assalto a fortaleza da barra pelo lado de terra, e assim remover as correntes que fechassem a referida barra, como ainda a impedir a retirada do inimigo quando as forças legaes entrassem na villa.

Pareceria mais natural que, em vez de estar formulando planos e amontando disposições, fossem de Imbituba enviados alguns navios a logar tão proximo como a barra da Laguna, afim de nli reconhecer e verificar o que havia de exacto relativamente a correntes, passadas sobre embarcações fundeadas, o que seria facilimo e de simples inspecção ocular, mas, foi justamente isso o que não se fez.

Não havendo, porém, chegado o vapor esperado tornou-se indispensavel abandonar o plano primitivo, e, começando a rincar o vento do sudoeste para leste e nordeste, era impossivel, por mais tempo, a permanencia da esquadilha em Imbituba, que nemlhum abrigo dava a esses ventos.

As embarcações, segundo Mariath, começaram a garrar, perdendo ferros e amarras, sendo obrigados a fazerem-se de vela, e um dos navios, nessa occasião, a canhoneira n. 16, do commando do capitão-tenente João Maria Wandenkolk, esteve proximo a perder-se, tornando-se necessario picar o mastro do traquete.

Essa enseada de Imbituba, onde tem havido grande numero de naufragios, só dá abrigo aos ventos do sudoeste, sendo inteiramente desabrigada aos do Nordeste, tornando-se, então, tempestuosa e revolta, o que é ainda aggravado pela extrema dureza do fundo da areia, que impede ás ancoras unhar.

Nestas circumstancias urgentes, achando-se o exercito proximo da Laguna, em Villa Nova, e fazendo-se necessaria uma decisão prompta, resolveu Mariath forçar a todo o transe a barra mandando disso immediatamente aviso ao commandante da força de terra.

DR. GAMA ROZA.

(Conclue no proximo numero.)

## PERDÃO

Imploro o teu perdão, se chamas crime Aquelle meu olhar que tu condemnas, Quando ao lançal-o, obedeci apenas A' atracção natural para o sublime.

Mas esse olhar nenhuma culpa exprime; Antes, das maguas e amorosas penas Com que aos poucos a vida me envenenas, Vendo o que vi, inda peor senti-me.

Bem sei que tu coraste e o rosto alicto Rubro ficou, de lagrimas coberto; E é esse pranto que me faz constricto.

Mas, se pensares bem, verás de certo Quanto é doce ser réu desse delicto, Estando o teu corpête meio aberto.

OLIVEIRA E SILVA.

## FESTAS LITTERARIAS

### PALESTRA LITTERARIA E PEDAGOGICA DA ESCOLA NORMAL DA CÔRTE

Effectuou-se no dia 30 do mez passado a sessão solenne de inauguração deste gremio de jovens e esperançosos trabalhadores, que se dedicam ás árduas carreiras das letras e do magisterio.

Esta festa inaugural deve ter encheido de jubilo os fundadores da nascente associação, assegurando-lhes geral e merecida sympathia.

Si fóra lito, como justo incentivo destacar dentre os oradores que se fizeram ouvir os nomes de alguns, sem mencionar o orador official, Sr. Valentim Magalhães, que tem um nome conhecido, apontariamos os Srs. Evaristo de Moraes e Alfredo Pedroso.

Nós, que estaremos sempre ao lado dos que trabalharem pelo progresso intellectual da Patria, damos aos novos trabalhadores todos os parabens a que fizeram jus.

### PALESTRA LITTERARIA DE TODOS OS SANTOS

Realizou-se no dia 26 do mez passado a 3ª reunião mensal desta sociedade.

Na primeira parte fizeram-se ouvir com applauso diferentes socios e em especial nosso collega da *Gazeta Tarde* o Sr. Campos Porto.

A segunda — a concertante — foi agradavelmente preenchida pelas Exmas. Sras. D. Amelia e D. Luzia Campos e os Srs. Francisco de Oliveira e Vicente Campos.

## THEATROS E DIVERSÕES

### CLUB BETHOVEN

Realizou-se no dia 19 do corrente o 115º concerto desta sociedade. Menos zeloso do que era dantes de seus thesouros de harmonia, esse *mosteiro musical*, a pouco e pouco, vne-se secularizando em beneficio das amadoras de musica transcendente, sem quebra da austeridade de que se cercou no principio de sua carreira. Estiveram presentes a essa festa intima diversas familias de socios, e o programma foi executado com grande satisfação de todos. O Sr. Kisman fez gemer com geraes applausos, no seu magico violino, a sua composição — *Regrets*, e o quinteto de Schumann, op. 44, teve nos Srs. Beck, Benjain. Gravenstein, Niederberger, e Alfredo Bevilacqua uma interpretação tão correcta e conscienciosa como o que mais o possa ser neste genero. O resto da noite foi preenchido com a execução de composições de Wieniarsky, Rattauchon, Spohr, Stradella, Mozart e Nepomuceno.

Não podia ser melhor a escolha, nem mais completa a combinação.

### CONCERTOS POPULARES

O festival que estava anunciado para o Cassino Fluminense, realizou-se no penultimo domingo com grande concurso de espectadores e com a presença de SS. AA. II.

O programma soffreu na occasião algumas modificações, que, em nada, porém, prejudicaram o conjuncto dos concertantes.

Parece-nos que os esforços de Carlos de Mesquita vão sendo coroados com o exito de que se tem feito credores o seu talento e a sua actividade.

O ultimo concerto demonstra que, si os classicos não conseguiram ainda correr, em moeda miuda, todavia já estamos muito longe dos tempos em que certa especie de musica provocava, até mesmo em pessoas da classe culta, phenomenos iguaes ao do opio ou da morphina. Notamos, entretanto, que no Cassino, além dos representantes do *high life*, viam-se muitos burguezes amadores, que, pelo menos, mostravam perdido a superstição da *Traviata* e a *Norma*.

Destacamos a execução de tres peças do programma, e resumam as palavras seguintes as nossas impressões da *matinée*: — *Les Erimyes* de Massenet, pela orchestra, trecho de musica, em que se encontram effeitos magestosos de harmonia, sobresahindo no meio de uma massa considerabilissima de sons o rythmo estranho e imitativo da *Danza grega*; o *Romance e Habanera*, em que Arthur Napoleão revelou as suas sempre vividas qualidades de pianista sentimental; e a *Scena e Aria da Esmeralda*, de Carlos de Mesquita, em que este novel compositor accentua as suas tendencias para a arte moderna e que serviu a Exm. Sra. D. Cecilia Lage de motivo para ainda mais uma vez mostrar a riqueza e flexibilidade da sua voz de soprano.

### CLUB DO ENGENHO VELHO

Verificou-se no sabbado 26 do mez passado o 53º sarão-concerto deste excellente club, cuja directoria é sempre credora de immensos elogios pelo constante empenho de augmentar cada vez mais os attractivos das suas reuniões.

O sarão a que nos referimos foi dos melhores. Na impossibilidade de especializar encomios em uma festa em que todos os mereceram, transcrevemos o programma magistralmente organizado pelo Sr. Augusto Weguelin ao qual a execução correspondeu brilhantemente.

1ª parte — C. Saint-Saëns — *Ménuet et Valse*, para piano, pelo Sr. Alberto Nepomuceno; Massenet — *Nuit d'Espagne*, romanza para tenor, pelo Dr. Costa Lima; L. Milloti — *L'Estasi*, romanza para soprano, por D. Clotilde Weguelin; M. Moszkowski — *Valsa de concerto*, opera 34, par piano, por D. Francisca de Mello Mattos.

2ª parte — Ed. Wolff e Vieuxtemps — *Fantasia para piano e violino*, sobre o *Oberon*, de Weber, por D. Eugenia Gamboa e o Sr. V. Cernicchiaro; Tito Mattei — *Rimane con me*, romanza de tenor, pelo Dr. Costa Lima; Paolo La Villa — *Sorridimi* valsa cantabile, para aoprano, por D. Clotilde Weguelin; F. Liszt — 2ª *Rhapsodia*, para dois pianos a quatro mãos, por D. Francisca de Mattos e o Sr. Alfredo Bevilacqua.

### PRADO VILLA ISABEL

Com grande e escolhida concurrencia realizou-se neste prado, no domingo proximo passado, uma das melhores corridas deste anno.

## Diversas Publicações

ALVEOLOS, versos de J. Osorio Duque-Estrada, com um prefacio pelo Dr. Sylvio Romero. Typ. da — Escola — de Serafim José Alves.

Bella e auspiciosa estrêa de um joven poeta que conta apenas dezeseite annos de idade.

O espaço e a natureza desta secção não nos permitem dizer quanto desejaramos ácerca deste livro, que nos vem revelar a existencia de uma notavel vocação poetica. E, para que o leitor possa desde já verificar que não somos exagerados, aqui lhe offerecemos a seguinte amostra tirada ás primeiras paginas do livro:

### COLIBRI

Depois de libar ás flôres  
O doce mel que extasia.  
Abre as azas multicores  
A' luz brilhante do dia;

— Duas azas furta-côres  
Com tal graça e harmonia,  
Que inspiram á poesia  
A cançônetta das flôres;

O beijn-flôr innocente  
Que vò constantemente  
Sempre mudando de flôr...

Lembra aquella que illudido  
Vae, julgando o amor perdido,  
Em busca de um outro amor!

O LIBELLO DO MONARCHA, carta (em verso) de um plebeu a D. Pedro II, por Felicio Buarque. — Recife.

O poeta dirige-se ao Imperador para:

«Mostrar-lhe, com certeza, em nome do Dever  
Em face do Porvir, o que ha de acontecer.»

COMPENDIO DE GEOMETRIA ELEMENTAR, por H. B. Lubsen, traduzido do allemão o annotado por Carlos Jansen. do Imperial Collegio de Pedro II. — Laemmert & C., Editores-proprietarios.

Para avaliar-se do merito deste compendio, basta lembrar que elle conta na Allemanha mais de vinte e cinco edições!

Por outro lado o nome do traductor, a quem tanto já deve a nossa litteratura didactica, é segura garantia da utilidade do livro.

REVISTA MARANHENSE, publicação mensal, litteraria e scientifica de Augusto de Britto. — Anno I. — N. 3.

O presente numero consta dos seguintes trabalhos:

*A Escrava*, por Maria F. dos Reis. — *A lei do interesse*, por Augusto Britto. — *Fantasia azul*, por J. A. — *A lucta pela vida*, por T. S. — *Invenção da Imprensa*, por L. T. — *De palanque*, por Eloy, o herôe. — Poemas: *Uma noite de Torquato Tasso*, de Franklin de Menezes. — *Sempre* (soneto), de Arthur Lemos. — *Romeu e Julieta* (idem), de Americo Azevedo. — (idem), de E. Machado. — *No leito* (idem), de P. Beasa. — *Motte*, de Z, e Expediente, da Redacção.

AS PRETENSÕES TOLAS, versos de Candido Accioly Lins. — Rio de Janeiro.

Respeitamos o titulo escolhido pelo poeta, mas não nos parece que possa haver tolice em pretender conversar com ns musas e pedir-lhes um logar no reino dos bemaventurados.

Continue o poeta a pretender, ainda que tenha de exhibir novaes documentos probatorios da afinação de sua lyra.

REVISTA DA FAMILIA ACADEMICA. Sêde — Escola Militar da Côrte. — Redacção a cargo dos Srs. Athayde Junior, Servilio Gonçalves, Benjamin L. Barroso, Eduardo de Barros e Candido Marianno da Silva. — Anno I. — N. 2.

O fasciculo contém os seguintes trabalhos:

*General Macedo*, da Redacção; *Theorai da eliminacão*, por Candido Marianno da Silva; *Pensativa* (poesia), por Servilio Gonçalves; *Difficuldades dos principaes problemas de balistica*, por Frederico Luiz Rozsanyi; *H. Spencer e o evolucionismo*, por Athayde Junior; *Lições de arithmetica*, por Sebastião F. Alves; *Preludio*, por Edmundo de Barros; *Historia da Lua* (chronica), por Meduno.

REVISTA DE ENGENHARIA, publicação quinzenal, sob a direcção do engenheiro civil José Americo dos Santos. — Anno IX. — N. 174.

O presente numero consta do seguinte:

*Mineração*. — Ouro-Preto e as minas de ouro, por P. Ferrand.

*Industria*. — O assucar na Europa, por H. R.

*Bibliographia*.

*Variadas*. — Fontes de petroleo.

*Actos officiaes*. — *Noticiario*.

ANNAES DO PARLAMENTO BRAZILEIRO. *Camara dos Srs. Deputados*. — Segundo anno da terceira legislatura. — Sessão de 1835. — Colligidos pelo Conselheiro Jorge João Dodsworth. — Dois vols. — Typ. da Viuva Pinto & Filho.

O BRAZIL-MEDICO, *Revista semanal de medicina e cirurgia*, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré. — Anno I. — N. 44.

As materias contidas neste numero constam do seguinte aunnuario:

*Trabalhos originaes*: — Ankylostoma dnoneal e ankylostomiasis, pelo Dr. Adolpho Iutz. — Sobre dois casos de enxerto animal pelo Dr. Victor Britto.

*Revista medica estrangeira*: A pneumonia aguda, pelo prof. Jaccoud; — Carta de Pasteur sobre a raiva.

*Noticiario*: — Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — A sessão de 14 de Outubro da Sociedade Francaza de Hygiene. — Mortalidade do Rio de Janeiro.

JORNAL DOS ECONOMISTAS, revista quinzenal sob a redacção e propriedade de Silva Figueiró. — Anno II. — N. 22.

Traz interessantes artigos contantes deste summario:

O importadores fraudulentos. — Bolaa de Café. — O proteccionismo nada protege. — Companhia Força e Luz. — Até no México noa censuram. — Adminia-tração da marinha. — Leis de immigração. — *Noticiario*: *New-York Life Insurance*; Compa da estrada de Cantagallo; Propaganda industrial; Companhias estrangeiras. — *Bibliographia*.

REVISTA ILLUSTRADA, publicada por Angelo Agostini. — Anno 12. — N. 473.

MEQUETREFE. — propriedade de E. J. Corrêa. — Anno 13. — N. 445.

A conceituada casa *Ao Rei dos Magicos* distribue agora uma interessante collecção de cartões-annuncios representando as mais notaveis descobertas scientificas, com as respectivys datas e os nomes dos autores. E' o que se pôde chamar: — Ser util ainda... annunciando.

Typ. d' A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 10 DE DEZEMBRO DE 1887

VOL. III-N. 154

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|  |                     |
|--|---------------------|
| Expediente.....                        |                     |
| Notas para a nossa historia.....       | Capistrano de Abreu |
| A uma santa, poesia.....               | Arthur Barbosa.     |
| Litteratura brazileira.....            | Araripe Junior.     |
| Meio-dia, soneto.....                  | Alvaro Martins.     |
| Julia Lopes.....                       | Octavio Mendes.     |
| A traição de Celabar, poesia.....      | J. Norberto S. S.   |
| Contes a lepis.....                    | Amilcar Xarpot.     |
| Recuerdos, poesia.....                 | João Ribeiro.       |
| Estudos da Litteratura Brazileira..... | Sylvio Romero.      |
| Amor e tédio, soneto.....              | Olveira e Silva.    |
| Dia de gala.....                       | Raul Pompeia.       |
| 31 de Outubro, soneto.....             | Isidoro Martins J.  |
| O combate da passagem da Laguna.....   | Dr. Gama Roza.      |
| A pyrausta e o homem, poesia.....      | Avellar Brotero.    |
| Theatros e diversões.....              |                     |
| Diversas publicações.....              |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CORTE E NICTHEROY

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestrs..... | 4\$000  |
| Anno.....     | 8\$000  |
| PROVINCIAS    |         |
| Ssmestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:  
as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empreza desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atraso a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.  
Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;  
Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.  
Virgilio Varzea, na cidade do Deserto (Santa Catharina).

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.  
— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.  
— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos nm dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

## Notas para a nossa historia

III

O *Tratado* de Gandavo refere-se á fundação do collegio dos Jesuitas no Rio de Janeiro, iniciada em 1567; é-lhe portanto posterior. A entrada de Martin Carvalho deve ter sido antes, não só por que Gandavo já a dá por terminada, como por dizer que o chefe se mudara para a Bahia, o que presuppõe certo praso entre os dois factos. Que tal praso effectivamente interveio leva-nos a concluir o silencio de Gabriel Soares. Chegando a Bahia por 1567, elle teria mencionado o feito se tivesse occorrido em seu tempo, como fez a proposito de Sebastião Fernandes Tourinho e Antonio Dias Adorno.

Poder-se-á perguntar si a entrada de Martin Carvalho não coincidiu com alguma das de Tourinho. A' primeira vista assim parece, porem exame mais detido revela particularidades que não permitem identifiical-as.

Bem estudada, a facção de Martin Carvalho reveste dois caracteristicos: primeiro que não foram encontradas as pedras verdes, a cuja procura partiu a expedição; segundo que a volta foi pelo rio Cricaré. Ora Tourinho sm uma das expedições não encontrou as pedras verdes, mas nesta fez a volta pelo Jequitinhonha. Em outra não se diz por onde tornou, deve ter sido, sinão pelo Cricaré ao, menos por algum dos rios concurrentes; infelizmente para a hypothese, desta vez elle descobriu as pedras verdes. Portanto a identificação é impossivel.

Antes de saber qual das duas entradas de Sebastião Fernandes Tourinho foi a primeira, conviria talvez discutir a affirmativa de Varnhagem, que reduz as duas entradas a uma só. Apesar de seu grande peso, esta affirmativa não importa ao caso: em primeiro logar porque o autor não a fundamenta e pôde ser antes um descuido que uma convicção; em segundo logar porque o exame do texto de Gabriel Soares, unico documento de que elle e nós dispomos, torna hem claro que é impossivel reduzir a viagem que so teve por theatro a hacia do rio Docs á que estendeu-se até o Rio de Janeiro.

Qual teria, pois, sido a primeira das duas expedições?

Note-se o seguinte: em uma—Tourinho anda á ventura pelo sertão, sem saber onde se acha, até chegar á serra dos Orgãos que não procurava, tanto que apenas a avistou, immediatamente retira-se para o Norte; sm outra—elle não sae da barra do rio Doce: penetra um pouco para o Sul e para Oeste, mas depois torna de novo ao rio, passa a sua margem esquerda, circumscrevendo seu campo de acção. Não é evidente que em um caso trata-se de uma viagem emprehendida sobre informações vagas,

por quem não adquirira ainda as experiencia do sertão, ou não entendera as indicações pouco precisas de seus guia; em outro por quem já adquirira experiencia e sentira limitado o campo de exploração? A viagem do Jequitinhonha deve, pois, ter sido a primeira.

Circunstancia notavel da narrativa de Gabriel Soares é que de uma viagem elle diz por onde voltaram, ou outra diz apenas por onde partiram. Talvez que as seguintes considerações supram até certo ponto esta lacuna.

Na primeira viagem foi ponto de partida para Tourinho a capitania de Porto Seguro, donde já o tinham precedido Spinosa e Carvalho. Nem um dos dois descobrira cousa alguma, porem o primeiro trouxera boas noticias, e o segundo só se retirara por falta de recursos. Não havia duvidas nem quanto á realidade do objecto nem quanto á possibilidade da empreza. E' muito natural pois que o caminho preferido fosse o Jequitinhonha.

Si Tourinho o tivesse seguido fielmente como era costume, não se teria perdido, porque não ha fio de Ariadno comparavel a rio; por conseguinte a sua marcha á ventura deixa concluir que elle apartou-se deste caminho natural, talvez na zona em que as cachoeiras amudadas tornavam difficil a navegação. Dahi elle foi marchando talvez á procura do rio de S. Francisco, cuja bacia percorreu por grande espaço até chegar a algum affluente do Parahyba, nascido da Mantiqueira, que lvasse-o á vista da serra dos Orgãos. Pôde-se portanto caracterisar esta viagem como a mais occidental.

A admittir-se a suggestão aqui apresentada, comprehende-se o motivo por que Sebastião Fernandes Tourinho escolheu na segunda viagem o rio Doce por ponto de partida. Não devia ser agradável para quem gozava da fama de saber muito hem marcar a altura do sol, andar largos mezes pelo sertão, não achar as pedras a cuja procura entrara, transviar-se até chegar ao Rio de Janeiro, e depois de tantos esforços conseguir apenas voltar por um affluente ao mesmo rio por que subira.

Quanto á segunda viagem, conhece-se a ida; a volta pôde-se até certo ponto calcular. Sabemos que o rio Aceci (Suassuby?) ficava na margem esquerda do Doce; que já deviam ser familiares a Tourinho as circumjaccencias do Arassuahy que lhe ficam proximas; que a serra das Esmeraldas é um dos hracejos da dos Aymorés; que Tourinho encontrou as esmeraldas. Portanto o seu roteiro deve ter sido por qualquer dos rios que manam dahi. Qual, não é possivel dizer com precisão; mas o facto delle ter indicado o rio de Caravellas. a Antonio Dias Adorno como o melhor ponto de penetrar no local das pedras verdes, o facto de Antonio Dias Adorno havel-as descoberto novamente incli-

nam a crer que o rio preferido não ficava muito longe deste.

No proximo artigo tratarei da expedição de Antonio Dias Adorno. Para estudal-a, os documentos são um pouco mais abundantes. Gabriel Soares dá algumas informações. Frei Vicente de Salvador dá outras, e uma carta ainda inédita do padre Ignacio de Tolosa acrescenta circumstancias até hoje desconhecidas.

CAPISTRANO DE ABREU.

## A UMA SANTA

Quem te pudera levar  
Para te por num altar!

A do *Onofre*.

Adoro-a como se adora  
A uma santa no altar;  
Da minha vida é a aurora  
O olhar!

As suas mãos primorosas  
Parecem feitas de arminho,  
Servindo ás aves mimosas  
De ninho.

O collo branco de espuma  
Parece feito da rosa  
Que o hello corpo perfuma,  
Cheirosa!

Os seus setineos cabellos,  
Tão negros como aseviche,  
Parecem lindos novellos  
De onix!

Na sua bocca rosada  
Vejo dançar dsilrante  
Aquelle sorrir da fada,  
Brilhante.

Da minha vida é o templo  
Aonde vélo a scismar:  
Quem dera dar-lhe o exemplo  
De amar?...

Oh! quem me dera eu tél-a  
N'uma redoma guardada,  
Como se fosse uma estrella,  
Amada,

Para ao romper da manhã,  
Como se beija a uma santa,  
Beijar-lhe a face louçã,  
Que encanta!

ARTHUR BARBOSA.

## LITTERATURA BRASILEIRA

Ponto de vista para o estudo da historia litteraria do Brasil. — 1 Os tres factores e as exaggerações parciais de Taine, Ott. Muller e Nisard. — 2 Todos nós exageramos o momento. Acção e reacção. — 3 O verdadeiro methodo. A loba do sophisma. Material de estudo. Classificação. Questões abertas. — 4 O seculo XVI. Necessidade de limitar o assumpto. — 5 O meio. Leis phisicas e mentaes segundo Th. Buckle. Sua applicação ao Brasil. — Obinubilização do colono.

1.—E' muito difficil, na execução de qualquer trabalho de critica e principalmente em uma historia litteraria, escapar ás tendencias do proprio temperamento. O critico de ordinario exaggera uma das tres condições da arte, dando mais importancia ou ao meio, ou a raça, ou ao momento. S. Reinach é, por exemplo, de opinião que a raça sobrelva em valor a todos os outros, factores sem desconhecer as exaggerações de Ott. Muller quanto a raça e as de Taine e Nisard quanto aos mais. (1) E' preciso convir, porem, que em todo esse processo não ha tanto uma questão de predilecções como de necessidade de clareza; nem sempre se podendo dizer que seja isso o resultado do desconhecimento das leis correlativas aos factores que analysamos.

A importancia de qualquer um delles depende não só do ponto de vista em que se houver collocado o historiador, como do publico para quem escrever, do paiz sobre que dissertar e da especialidade a que se quizer cingir. Não ha a menor duvida que, tratando-se de litteratura geral, todos os factores alludidos deverão ser tratados em perfeito pé de egualdade. Mas, si, por exemplo, como Renan, pensarmos em traçar a historia das linguas e litteraturas semiticas, é manifesto que o facto de não se dar precedencia á ethnologia notitaria grandes lacunas nesse trabalho, e, o que mais é, o tornaria incapaz de suggerir novas idéias. Era o que teria succedido a Ott. Muller, quando estudou a corrente litteraria indoeuropea. O esquecimento do meio e do momento teria sido deplorabilissimo, si o seu fim principal não fosse demonstrar a existencia daquella corrente. Taine, por seu lado, exaggerando o meio, encontra a sua justificação na circumstancia de se ter concentrado na historia da litteratura iogleza. Como é sabido, as tendencias de raça na Inglaterra estão muito em evidencia; as linhas ethnologicas allí são nitidas de mais para que o critico se preocupasse com ellas. De resto, accetio o fundo commum, o seu officio limitou-se a destacar a feição que os arianos insulares tomaram, depois de forçados a um genero de vida particular, o que constitue o nervo da historia iogleza, e explica tanto a sua politica, em Cromwell, Pitt, Burke, como a sua litteratura, as suas artes, em Chaucer, Shakespeare, Byron, Bunian, Swift, Sterne, Byron, Hogarth. Acresce a isto que o seu processo está explicado, e nelle se acham comprehendidas todas as forças que podem influir na formação da mentalidade de um povo.

No prefacio de um de seus livros o eminente critico definiu de modo positivo o methodo de que tem se servido para chegar as suas conclusões. « Em um grupo humano qualquer, diz elle, os individuos que attingem maior au-

toridade e mais extenso desenvolvimento são aquelles cujas aptidões e inclinações correspondem melhor ás do grupo. O meio moral, do mesmo modo que o meio physico, actua sobre cada individuo por excitações e repercussões continuas: este meio faz abortar uns e crescer outros na proporção exacta da concordancia ou do desacordo que se manifesta entre si. Este trabalho surdo constitue uma especie de escolha que, por uma serie de formações e deformações imperceptiveis, sob o ascendente do meio, produz no scenario da historia artistas, philosophos, reformadores religiosos, politicos, capazes de interpretar ou realisar o pensamento de seu tempo e de sua raça, da mesma maneira que no scenario da natureza as especies de animais e de plantas as mais capazes de accommodarem-se ao clima e ao solo. »

E' o principio de Darwin, sobre a selecção natural, applicado as manifestações intellectuales e affectivas, em toda a sua extensão.

2.— Quanto ao momento, que não é outra cousa mais do que aquillo que o hom senso chama oportunidade, não é só Nisard que o exaggera. Todos o fazem a seu modo.

O momento é um phenomeno muito complexo e quasi intangivel. Verdadeiro *vismara*, elle toma a cor da arvore em que pousa. Cada um define a occasião e a explica segundo a educação que recebeu.

O meio determinou o apparecimento das raças e as modificou consecutivamente. As raças alteraram-o depois e diminuíram a sua influencia immediata; assim artificializado, o meio passou a exercer uma acção indirecta, porém muito mais complexa o importante. O homem sempre orgulhoso, oppoz-lhe as resistencias de que dispunha, e acabou por convencer-se de que nada tinha de commum com o ambiente, creando por este modo as theorias antropocentricas; e nesse movimento clonico dentro do qual progride a humanidade, quasi chegou a perder a noção do fundamento capital de sua historia, vacilando eternamente encerrado no circulo de Pascal, cujo centro está porto da a parte e em parte nenhuma. No fim de tudo, poder-se-á definir o momento — o estado dos factores *imediatamente anterior* á produção de um phenomeno capaz de gerar no homem social um estado de consciencia claro o positivo.

Entretanto certa escola attribuirá tal facto á intervenção exterior da natureza; tal outra procurará na profunda abstracção a sua logica, o *nomos* do vontade humana; outra, ainda mais afouta e menos segura, confundirá os elementos mais antagonicos, baralhará as noções mais exactas, para extrahir de accidentes futeis, de verdadeiras hagas, como o somno de Dario, o nariz de Cleopatra, o abcesso de Francisco I, a fistula de Luiz XIV, o motivo dos mais assombrosos movimentos, que tem agitado o mundo, e do microscopo, influências chemicas tão poderosas, que espantariam o proprio poder do Deus do Pentateuco. (2)

3.— E' preciso, pois, que não nos preocupemos com esses desvios da intelligencia, e que, atravez de semelhante floresta dantesca, busquemos na sombra a mão amiga de um Virgilio; e que a loba do sophisma e da falsa eru-

dição desapareça diante do verso celehre do poeta florentino.

E' facil comprehendere que, tratando-se de escrever a historia da litteratura brasileira, deve-se á tomar todas as cautelas contra a diffusão das idéas. A primeira condição de exito, portanto, repousa na concentração inteira da attenção do critico no seu assumpto — o Brazil, isto é, na reunião do material historico e na obtenção das suggestões de que esse material seja susceptivel por sua originalidade. Sem este processo preparatorio, será impossivel alcançar a mão de Virgilio, nacional.

O estudo dos documentos divide-se naturalmente em cinco secções: A) documentos relativos á terra do Brazil; B) documentos concernentes á invasão da terra; C) documentos sobre a acção do homem e transformação da terra; D) documentos attinentes ao *folk lore*, tanto transoceânico, como indigena; E) productos litterarios conscientes encontrados no archivo da historia patria.

A simples menção destes materiaes dá idéa da marcha que ha de tomar o critico para chegar ao desenvolvimento completo de sua obra. Com razão affirma um dos sabedores da critica moderna, que um *methodo* indica uma obra por fazer e um *systema* uma obra feita e acabada. No caso vertente é preciso que o historiador seja alguma cousa mais do que um mestre de obra feita. Si se aferrar a um *systema* exclusivo, o seu trabalho será em pura perda. Para ser original, portanto, é indispensavel que adopte um *methodo* aberto, como recommenda a nova escola philosophica iogleza, — um *methodo* que seja capaz de supportar todas as tendencias individuais em agitação.

4.— Não obsta isto, devo acrescentar que o *methodo* adoptado para explorar a historia do seculo XVI no Brazil deve differir, eu muito, do que terá de ser applicado ao estudo dos seculos seguintes. A razão é obvia. Os seculos no Brazil são perfeitamente independentes. Só ha dous periodos que se explicam; são os dous ultimos. Quanto ao primeiro, é evidente que, procedendo de fóra o movimento, a sua historia tem o eixo no centro da metropole. Neste caso, não se trata propriamente de historia do Brazil, mas de Portugal; e como a nossa é uma historia particular, — especial —, o que se conclue é que seremos obrigados a abandonar as influencias geraes conhecidas, ou indicadas apenas, para acompanhar o *factor*, que durante aquelle tempo mais concorreu para dar cor á vida no Brazil. Já se vé, pois, que durante o seculo XVI, pelo menos, pouco ou nada importam, sob o ponto de vista litterario, as influencias ethnicas, que só vem a mostrar-se, de modo sensível, do seculo XVII por diante, em Gregorio de Mattos e outros.

Aos olhos do colono, o selvagem desaparecia confundido com o tapyr, com o jaguar e tantas outras bestas feras, que povoavam as florestas. O homem, como o animal bravo, entrava apenas no *mise-en-scène* como decoração da terra novamente descoberta; constituia um elemento pittoresco, de surpresa ou de terror, si é que muitas vezes não se amalgamava com o proprio sólo, deixando de sua importancia sociologica impressões apenas superiores ás que produziam, como resistencia bruta, as montanhas, os grandes rios, as cataratas, as inattas insondaveis e a vastidão regional. No seculo XVI,

portanto, o estudo deve limitar-se á acção *caualiptica* exercida pela nova terra na chemicificação da psychose do colono.

5.— Antes de tudo, cumpre-me ponderar que o meio physico não é euetadado aqui como influencia prehistorica, o que seria o maior dos absurdos, mas como influencia e determinante de ordem *psychologica*, mas do um valor tão grande, que chega a assombrar o obseador, por sua obra de *neutralização temporaria* de habitos de raça, principios de educação, idéas religiosas, de tudo, emfim, quanto pôde constituir o peculio de um povo que envia aventureiros *atravez de mares nunca dantes navegados*.

As variações do recalque, que a conformação e os aspectos da terra imprimem na feição moral de povos de origem commum, e que, por essa razão offerecem hoje differencições extraordinarias, tem sido objecto das investigações de varios philosophos e naturalistas; e em vista do que a este respeito disseram Hooker, Lyell e Darwin, se pôde presentemente affirmar com toda a segurança que, entre todas as causas determinantes das distribuições geographicas, nenhuma tem maior importancia nem se prende com mais evidencia ás leis do transformismo do que o *mimetismo*, isto é, o processo instinctivo de adaptação de que as raças e os individuos lançam mão para illudirem a natureza não serem aniquilados por um meio hostil.

Hegel já suggerira esse ponto de vista, tratando da Hollanda, e Goethe, poeta e ao mesmo tempo naturalista, não deixou o facto passar despercebido. V. Hugo, com a sua intuição de propheta, escreveu no *Noventa e tres*: « A configuração do sólo aconsella ao homem muitas acções. Ella é mais cunplida do que se pensa. Diante de certas paisagens medonhas a gente tem vontade de innocente o homem o culpado a criação. O deserto é ás vezes funesto á consciencia pouco esclarecida. » A força suggestiva dos aspectos exteriores do mundo é evidentemente tão despótica sobre o homem, que mais de um escriptor, impressionado pelos seus effeitos tem tentado basear sobre ella todo o movimento da historia, ora prendendo-a á lei das altitudes, ora á das longitudes, ora á das latitudes. Karl Ritter, por exemplo, chegou a subordinar as emigrações dos povos ás formas dos continentes. (3)

H. Buckle, em todo caso o mais admiravel de todos, procurou systematisar essas influencias *psychologicas*, de modo a conciliar tudo quanto existe de vago na complexidade de tantos elementos verificados pela sciencia contemporanea. Verdado é que o notavel historiador, preso a um tal ou qual dogmatismo, resultando das categorias impostas pela escola de A. Comte, tratou com profundo desprezo tudo quanto diz respeito ás origens ethnologicas. « Como todo os antecedentes, diz elle, ora estão no espirito, ora fóra do espirito, é evidente que todas as variações ou mudanças na historia e vicissitudes da raça humana, progressos e decadencia, felicidades ou miserias são o fructo de uma dupla acção; acção dos phenomenos exteriores sobre o espirito e acção do espirito sobre os phenomenos... Temos o homem modificando a natureza, e a natureza modificando o homem: desta reciproca modificação

(1) S. Reinach, *Philologie classique*, I, 130.

(2) Paul Mougeollo, *Les problemes de l'histoire*, 3.

(3) 3 Obr. cit. 97.

sahem necessariamente todos os acontecimentos.» E logo adiante acrescenta que ao historiador pertence obrar como mediador. «Estabelecer as condições desta união é fixar as bases da historia. Com effeito, desde que a historia se occupa das acções dos homens, desde que estas acções são productos unicamente da colisão entre os phenomenos interiores e exteriores, torna-se indispensavel examinar a importancia relativa destes phenomenos. (4)»

Tomando este ponto de vista, o historiador divide as leis da historia em physicas e mentaes. Vê-se, entretanto, que o que Buckle entendo nqui por leis physicas não passa de uma serie de influencias de natureza puramente psychologica, exercidas pelo ambiente sobre as facultades, muito differentes das que entram na morphologia organica da especie humana. Neste caso, para elle, a historia não vae alem de um capitulo de psychologia descriptiva. As verdadeiras leis physicas, isto é, as leis de selecção natural, herança, adaptação etc., ficam totalmente fóra do seu quadro.

Sabemos que a historia verdadeiramente só apparece aonde acaba a paleontologia, isto é, quando o homem, e portanto a sociedade, toma conhecimento de si mesmo. As suas transformações organicas, dahi por diante, tornam-se quasi inapreciaveis, e a evolução humana passa a ser apenas descriptivel no quo diz respeito ao mundo das concepções. Começa a luta das adaptações mentaes e a genese de toda essa teia, que constitue a apparente confusão da vida. Apezar disto, porém, os elementos anatomicos e o estudo de suas modificações são indispensaveis, desde que se trata de explicar os movimentos inconscientes, que se operam no proprio corpo social e lateralmente áquelle outro. E' evidente, pois, que o auctor da *Historia da civilização na Inglaterra* confundio leis, que actuam directamente sobre o organismo com leis, que se referem simplesmente ás funções cerebraes, porquanto essas leis, que elle collocou na classe das inuencias organicas, não são senão obstaculos ou facilidades offercidas ao exercicio de funções já creadas pela acção cosmica, e que se reflectem do um modo puramente psychico na vida humana.

Neste ponto, parece-me que ha mais clareza na exposição de Sergi. O illustrado professor de anthropologia da Universidade de Roma, para representar o mesmo phenomeno, traça um diagramma, no qual se vê um ponto, que indica o individuo envolvido por cinco circulos concentricos; o 1º representa a familia, o 2º a cidade, o 3º a nação (*raça*). o 4º o elemento internacional (*fra raça*), o 5º o ambiente physico. «O individuo, deste modo, vive em um ambiente limitado e primitivo que é a familia, que vivo em outro ambiente maior, que é a cidade, a qual por seu turno faz parte de um ambiente ainda mais vasto, que se chama nação, raça; e emfim esta mergulha-se num, vastissimo, que é o mundo das nações. O individuo é o centro de uma esphera, composta de espheras concentricas, das quaes a mais externa e universal é o ambiente physico. Nos povos primitivos e selvagens essa esphera é mais restricta; as espheras concentricas são menores; as influencias e os ambientes maiores, são os da tribu e da raça» (5).

(4) Th. Buckle, *Historia da Civilização na Inglaterra*, 1, 27, 28, 41.

(5) Sergi, *L'educazione del carattere*, 48 e 49.

Sem embargo porem, dessa limitação, a systematisação, de Buckle serve perfeitamente aos intuitos acima indicados sobre a historia do Brasil no seculo XVI, porque é n'essa epoca que se verifica verdadeiramente quanto pôde sobre as forças moraes do homem a pressão exterior. Tem, pois, toda a applicação ao Brasil estas palavras — que, «nas civilizações exteriores á Europa, a natureza conspira para augmentar a influencia das facultades imaginativas e enfraquecer a razão».

6. No Brasil, pelo menos durante todo o seculo XVI, essa lei operou-se com violencia extraordinaria; e a historia do desbaratamento esthetico e moral porque passaram os portuguezes e hespanhoes, transpando o oceano e procurando um novo habitat na America do Sul, daria uma explicação summaria de todas as transformações produzidas por exodos subitaneos, como foram o dos Judeus, depois da estada no Egypto, e o dos barbaros asiaticos, depois de transportados ao ultimo occidente.

A esse phenomeno, durante o qual, como se vê, adelgacaram-se, atenuaram-se todas as camadas de habitos, que subordinavam o homem á civilização, abriu-se uma fenda na stratificação da natureza civilisada, para dar passagem á poderosa influencia do ambiente primitivo; a esse phenomeno, que se accentua a cada passo no movimento da vida colonial ou aventureira do seculo XVI, poder-se-ia dar o nome de OBINUBILAÇÃO BRASILEIRA, e sem duvida sobre elle deve basear-se toda a theoria historica d'aquella epoca indecisa.

Qual foi o sentimento (que se gerou no portuguez, logo que se sentio abandonado ás suas proprias forças no solo americano)?

Qual a nova direcção que tomaram de suas facultades estheticas, em consequencia dessa queda psychica, ou para exprimir-me melhor — dessa regressão ao typo mental immediatamente inferior por desagregação da placenta européa?

Eis o assumpto exclusivo que serviria de texto a historia litteraria do nosso primeiro seculo.

A resposta é summamente complexa, e só pode ser satisfatoria, si for acompanhada da descripção do processo pelo qual se operou a obinubilação do portuguez no Brasil, e, mais que tudo, da analyse das forças que determinararam facta tão interessante.

ARARIPE JUNIOR.

## MEIO DIA

(CEARA)

A FRANKLIN TAVORA

E' meio-dia, a pino, o sol ardente,  
Como um cofre de liquido thesouro,  
Derram' sobre a terra incoadescente  
Uma chuva de ouro...

A' sombra dos frondosos vegetaes,  
Das cachoeiras á sublime orquesta,  
Dormem placidamente os animaes  
No seio da floresta...

Zumbe o insecto doirado — e a linda abelha  
Pouza no calix d'uma flor vermelha,  
Como sobre uma taça d'ambrosias...

E a alegre passararia eu doua festa,  
Vae enchendo de amor toda a floresta  
Num poema de ethereas harmonias.

ALVARO MARTINS.

## JULIA LOPES

De ha muito que estou incorrendo para com esta distincta escriptora em falta gravissima.

Amavel como sempre, logo que eahiu á luz o seu novo livro *Traços e Illuminuras*, ella enviou um exemplar a redacção d'A *Provincia de S. Paulo* de que tenho a honra de fazer parte; entretanto que só agora me levanto para agradecer-lhe a gentileza e contar aos leitores as impressões que me deixou a leitura dos contos de Julia Lopes.

Verdade é que assim não procedi por grosseria, mas porque estando a braços com o acto do meu 3º anno juridico, só agora posso respirar desafogadamente e de novo entabolar com a litteratura as relações que, pelo menos ha 3 mezes de todo interrompi. E o meu primeiro trabalho, depois de ler e rler Carrara, Teixeira de Freitas, Ribas e Tobias Barretto, é, por certo, este de que estou dando contas ao leitor.

Em Julia Lopes sempre houve duas entidades que, por muito raras em nosso paiz, sempre me impressionaram a escriptora e a mulher.

Conheci-a ha tempos, em Campinas, cidade que, embora adiantada, não deixa de ser uma cidade do interior. Alli tudo é pequeno, desde a politica até a litteratura. Quanto a esta posso ate hem dizer que não existe. E tanto assim é que jámais uma livraria, por modesta que fosse, conseguiu alli fazer carreira.

Foi pois nesse meio que surgiu Julia Lopes, uma escriptora em Campinas! Uma moça subscrevendo artigos de jornal! Espanto geral dos pobres provincianos, que sobre a missão da mulher na sociedade não parecem estrinuito de accordo com Georges Sand ou Maria Amalia.

Li, portanto, os contos de Julia Lopes e confesso que a principio, os não apreciei.

Fosse porque os passos da incipiente ainda não denotassem habito bastante de escrever, fosse porque eu n'esse tempo ainda entendesse de litteratura tanto quanto de grego, o certo é que não apreciei muito os escriptos de Julia Lopes.

Mas recordo-me perfeitamente de que, si a escriptora ainda não conseguira triumphar das minhas poucas disposições para a litteratura, uma outra cousa já me havia impressionado na pessoa de Julia Lopes: era a mulher.

Com effeito, em Campinas, ali nesse meio ainda tão pequeno, aquella moça de fronte intelligente e sympathica, incapaz de fazer um cumprimento sem acompanhá-lo immediatamente do sorravel sorriso que lhe é peculiar, confesso que me chamou logo a attenção.

Sim, porque si os meus leitores da Côte não sabem o que é uma cidade de provincia, eu lhes conto. As moças fogem dos rapazes ás leguas. Em qualquer lugar onde estejam, na igreja ou no theatro, na *soirée* ou no passeio fazem-lhes uma cara patibular e feia, tão feia, que chega a desanimar aos mais valentes. Ora, o que resulta d'ahi? Eshelecer-se entre os representantes jovens dos dois sexos uma separação quasi completa e absoluta. As moças só conversam com as suas iguaes ou com os velhos e as velhas. Os rapazes do seu lado, fazem o mesmo.

Pois bem. Foi mais ou menos neste meio que conheci Julia Lopes; e mais uma vez confesso que chamou-me a attenção aquella moça que sempre correspondia com um sorriso a todos que a complimentavam, ao passo que as outras ou não respondiam, ou faziam-n'o com um simples inclinar de cabeça, severo, patrischal; que sahia conversar tão bem como um homem sobre artes ou littertura como, sabia costura ou bordado, como uma mulher; que distinguia-se, emfim, tanto de suas companheiras, pelos modos gentis e delicados, pela educação e modestia, que forçoso era admirá-la.

Ao mesmo tempo, a intelligencia fosse-me esclarecendo á proporção que todos os mysterios da litteratura iam se destruindo com as minhas leituras. Foi então a vez de apreciar a escriptora.

Recordo-me ainda perfeitamente de um conto de Julia Lopes em que a escriptora dizia, si não me falla a memoria, não acredito na paixão repentina. Oh! que critica não foi esta confissão!

Sim, leitores, porque as nossas moças do interior julgam um escandalo fallar-se de amor em sua presença!

Entretanto, quem poderia com mais graça que as moças, discutir as affeições humanas? Que homem poderia analysar o verdadeiro amor com o sentimento e a delicadeza da mulher? Qual o romancista capaz de ter escripto *Cenouelo*?

Sim, que não basta ser poderosa e vestir com garbo uma saia para poder representar dignamente o bello sexo. A mulher não nasceu para ser ignorante e saber discutir unicamente o melhor modo de preparar um peixe ou fazer um bordado. Não é tão fraca a sua intelligencia que não possa conhecer as evoluções da litteratura e o modo mais brilhante de hurrilar um conto ou um soneto.

Foi nestas disposições que li os *Contos Infantis*, primeira tentativa litteraria de Julia Lopes.

Apreciei-os bastante. Já alli se notam muitas paginas adoraveis de belleza e sentimental realidade. Mas ainda era uma tentativa muito medrosa.

Agora, porém, com os *Traços e Illuminuras* o caso é outro. A escriptora, na posse plena das suas qualidades, expurgiu a linguagem de alguns pequeninos defeitos e alargou os horizontes da imaginação.

Ha nesse livro da distincta litterata alguns contos dignos de Banville e Mendés. Taes são *Acta est fabula*, *Irmã Christina*, *Memorias de um leque*, *As violetas*. A miniatura *Confessor e Penitente* é de uma delicadeza propria de uma mulher, e de mulher intelligente.

Taes foram as impressões que me deixou a leitura dos *Traços e Illuminuras*, impressões que transmittio aos leitores com a maior franqueza, n'um estylo rebelde e selvagem, que não tive tempo de castigar. Ah! é tão difficil escrever uma bella pagina de prosa!

Eu até penso com o grande Flaubert, que uma bella pagina de prosa é duas vezes mais difficil de escrever que uma pagina de bons versos...

Os senhores do *Parnaso* que me desculpem.

S. Paulo, 30 de Outubro de 1887.

OCTAVIO MENDES.

# A TRAIÇÃO DE CALABAR

## CANTO EPICO

Prompto a deixar a rustica choupana  
Em que vira nascer seus caros filhos,  
— Prole de amor — penhores da existência,  
Nagô, que o nome lhe recorda a patria,  
Estas tristes idéas revolvia  
Na mente afflicta, como repellindo  
A vingança que a alma lhe abrazava,  
— Cruel inspiração — sonho do inferno :

— « Recostado ao machado que derruba  
O grosso tronco de elevada copa,  
Ardia-me a cabeça em vivas chammas  
E da face o suor cahia em bagas...  
Tinha estes fortes braços fatigados  
Do longo derribar, porém em premio  
Via contente pelo chão roja-los  
Os gigantes do ermo que na queda  
Rugiram como ruga a tempestade.  
Era já posto o sol; amena e grata  
A viração da tarde suspirava  
Entre as cahidas resequidas folhas  
Das abatidas arvores do monte,  
Como um sopro de vida que em vão passa  
Pelas lividas faces do que morre  
Sorrindo-lhe a frescura da existência...

Lá repousando das cançadas lidas,  
Buscando restaurar perdidas forças  
Ah só não respousava a alma que vinha  
Sentar-se na senzala entre os filhinhos,  
Em os braços da esposa! E errantes olhos  
De entorno ao tecto da palhoça escura  
Procuravam a mulher entre as crianças...  
Lá se entretinham ellas em corridas  
Em falsas lutas e infantis brinquedos,  
— Prazeres de seus paes — e a mãe? Embalde  
Resoara a buzina da fazenda,  
Tão grata ao escravo se o repouso o chama;  
E a perfida cruel faltou, não veio!

« Oh! ella estava lá!... Lá entre sedas,  
— Lá entre trastes de lavor custoso;  
Lá onde soam handolins e cravos  
Oppostos á marimba da senzala.  
Rude — porém mais grata ao triste escravo;  
— Lá entre essa riqueza produzida  
A custo do suor de nossos braços,  
Que dia e noite nutre a vida e os gosos  
E até — cumulo de horror! — os proprios vicios  
Do barbaro senhor! — Lá sim, lá mesmo  
Entre seus braços — que nos roubam tudo!...

« Ah elle mesmo deu-m'a por esposa,  
Ligou-nos ante o altar o sacerdote  
Até a morte, mas benigna que elle  
Que só pelo prazer de seus desejos  
Pôde mais que a razão e que a justiça,  
Tanto se insulta a lei que ensina o Christo!

« O escravo é vil... Ferrenha e dura sorte  
— Ai triste condição! — degrada o homem!  
A ignorancia fatal que embrutece  
Consente que grilhões lhe algem pulsos;  
Aveza-se a servir, e serve e ri-se  
Entre o zunir do lathego terrível  
Sem mais futuro que esperar a morte,  
E tanga — sem chorar! — o instrumento  
Que aprenderá a tanger do pae e amigo;  
Nem mais se lembra a terra em que nasceu!

« E quem é culpado? E' elle? E' ella?  
— E' elle que só manda qual tyranno  
E em punho o açoite, accena com o castigo?  
— E' ella que por sina tem prestar-se  
Até ao mais injusto e vil desejo?  
O são ambos pois ambos delinquiram!  
— Um abusou da lei e seus direitos,  
— Outra... não fosse o seu amor mentira  
Que ser-me-hia fiel até a morte!  
Oh são ambos! São ambos! E o machado  
— Funesta tentação — fulge a meus elbos,  
Inspira-me vingança... mas ó fado!  
Junto ao meu coração também palpita  
Os tenros corações de meus filhinhos,  
— Amargos fructos do consorcio infausto!

« Não, o escravo não tem mulher nem filhos!  
— Raça de servos — somos como gado,  
Redroduzimos para dar — escravos,  
— Para mais complicar nosso destino  
E o destino também de nossos filhos,  
Filhos da escravidão — fatal herança!

Pois recebem dos paes o captivo  
Que o berço lhes emhala ao som dos ferros!  
E se ainda a pezo de ouro conseguimos  
Remir os ferros libertando a vida,  
Ob que pezar não temos vendo o pranto  
Dos tenros filhos que captivos ficam!

« Africa — ó minha Africa adorada!  
Porque a dextra de Deus tão justa e santa  
Pezado ha sobre ti tão duramente?  
Mas antes teu deserto e aréa errante  
Que o sol abraza e torna um mar de fogo  
Onde da peste o balito se ergue...  
Antes do teu simum que tudo cresta  
E em suas longas poeirentas azas  
Abraça e envolve as tristes caravanas...  
Do que a terra que ao céu sorri-se em flores!

— « Maldição sobre quem ousou primeiro  
Cortando as ondas ao Oceano immenso  
Aportar ás tuas praias inda livre  
Para nos transportar á ingrata terra  
Da ferrea escravidão. Ah melhor sorte  
Aguardavam os nossos prisioneiros  
No baquete brutal que coroava  
A victoria dos reis. Ao menos de homens  
Era o morrer, nem transmittia aos filhos  
A vida como um cumulo de males.

« Trahido e sem vingar-me? Que justiça  
Posso ter si o juiz em réo se torna?  
E é o réo que ba de ouvir as minhas queixas?  
Que vingança tomar si a furia expostos  
Ficam-me os filhos que innocentes paguem  
A vingança cruel que inspira a mente,  
Justiça para mim, para elles crime.

« Pois hem o céu me vingue! A Deus eu peço  
Atróz vingança á affronta do marido!  
Conceba a infame do senhor que a goza  
Um filho que fatal aos brancos seja  
Fazendo entre elles nunca vista guerra:  
— Delles me vingue o seu e o meu sangue!  
Meus filhos, somos livres! A Palmareis!  
Perdeis a mãe — ganhaes a liberdade!  
Lá — fonte de mel, fonte de leite,  
— Livre rede de amor — berço de vida  
Que jamais manchará com sopro impuro  
A negra servião — perfidia humana  
Nova Africa feliz, mais venturosa,  
Maldicta inda não foi do padre eterno!

Disse e tomando os filhos pelos braços  
Por entre densas selvas se enredara,  
E lá entre palmareis deu começo  
A' colonia fatal dos africanos  
Que incremento ganhou em quanto o fructo  
Do infausto amor da esposa ia crescendo.

Ouviu-o o céu, que o protegeu na fuga,  
E a vida dilaton-lhe porque visse  
A pevida vingança satisfeita;  
Acclamado zumbi, eil-o que escuta  
Já no leito da morte, entre seus filhos,  
Pregoeiro veloz que entra clamando:

— Cahiu Iguarassú; a vida e o saque  
Pagaram a intrepidez dos defensores;  
Rio Formoso se rendeu á morte:  
Bom Jesus, Nazareth e Parahyba,  
E Itamaracá, e Emilia e o Norte  
Tudo existe em poder de estranha gente...  
Fragéis mulheres, velhos e crianças  
Tropeçando em ruinas e destroços,  
Entre nuvens de pó, de fogo e fumo,  
— Calabar! Calabar! bradando fogem!

Ergueu o negro aos céus os alvos olhos,  
Poz as mãos em oração, sorriu-se e disse:

— Deus é justo! A vingança ouviu meus votos!  
Morro contente...

Volveu no extremo arranco á eternidade.  
E reabraçando os filhos

## CONTOS Á LAPIS

(TOUT DE SUITE)

Foram os primeiros olhares que vieram ferir o meu incauto coração, na manhã alegre da vida— primeiro raio do sol que ao despontar viera beijar as pétalas mimosas da flor, que a pouco deebrochava, inda oscillante na tenue haste.

Tive desde então um só pensamento, uma só lotoção—amar e posauil-a.

Fôra o uma noite de Dezembro, que prendemos a nossa existencia, o nosso futuro com juramentos cheios de lealdade e os nossos corações a transbordarem de jubilo. Noite saudosa!

Assim passaram-se alguns acoos entre olhares e sorrisos ternos aos quaes seguiram-se arrufos passageiros, que murcharam logo a um simples osculo depositado n'aquella boquinha de labioe roeados.

Era ao meu querido Amando, amigo inseparavel dos folguedos infantis, que eu contava os motivos das minhas tristezas e alegrias fugaces.

Era elle o unico, talvez pela amizade que me consagrava, que sabia comprehender o quanto de poetico e sancto havia n'aquelle doce nome —Carlota!

A vida ia-se-me tornando de mais fastidiosa.

Só havia luz ao seu olhar, doçura as suas falas, meiguice nos seus sorrisos.

Fugira do mundo para entregar-me a ella.

Só me sentia feliz, quando a via retratada na minha alma e tinha o pensamento preso em doces recordações.

Uma manhã mandei chamar ao confidete das minhas insomnias—Amando.

Logo á entrada, elle reconhecera pelas profundas olheiras e a nostalgia da minha physionomia muda, os soffrimentos de agrypnias constantes.

Expuz-lhe, então, o passo que pretendia dar — unir-me para sempre á querida Carlota.

Amando deu-me alguns conselhos de bom amigo e terminou prognosticando-me felicidades conjugaes...

Quando terminei a minha *toilette* faltavam alguns minutos para o meio dia.

O frio suor da iocerteza corria-me pelas veias; fugira-me pela primeira vez a calma costumada.

Ao despedir-me de Amando, elle dissera-me, sorrindo:

*Tens a mão fria...*

— Mas o coração quente. E sahi.

Eram seis horas quando eu voltei para casa. Não me lembrava do que se passara, depois de saber que Carlota ia casar-se com um primo.

Andei sem saber por onde, fallei sem eaber o que dizia, olhei ignorando o que via.

Parcia-me que no coração tinha se rebeotado a cratera de um vulcão em explosões de raiva. Tal era a noticia que eu acabava de receber dos proprios labios de Carlota.

Jurei, nessa occasião, odio eterno ás mulheres, e blasphemando cbamel-as de perfidas e traidoras.

Estava ardeodo em febre. Os meus olhos tinham saltado das palpebras, saoguineos e aterradores; atirei o chapéo á nuca, tinha os cabellos hirsutos e manejava furiosamente a bengala de canna.

Amando quizera sahir á minha procura; quizera pelo minha demora o triste acootemento e temia alguma loucura.

Entrei, finalmente em casa como um doudo, subi a escada em dois pulos e atirei-me a uma cadeira; estava cansado, quasi morto, faltava-me o ar, fugira-me a voz.

Amando correu para mim e seguiu na minha mão:

*Tens a mão quente...*

— E o coração frio, disse-lhe eu.

AMILCAR XAR POT.

## RECUERDOS

*Sendo, qual era, nosso amor profundo  
Para um lugar distante m'a levaram.*

A. DE OLIVEIRA.

Por falares de flores

Lebrar-te-ás talvez que uma tarda nós fomos  
Juotos a nos contar as nossas mutuas dôres.

E a gente que passava,

Como a raposa ao vér inacessíveis pomos,  
O nosso ardente amor essa gente invejava.

Um, em frente cbegando,

Olhou-nos muito e disse: «E', certo, o pac e a filba»  
Só para envelhecer-me a idade me augmentando.

Mais outro, a maravilha

De teus labios a rir, perspicuamente encara:  
«A dentadura é falsa e com excesso brilha.»

Uma mocinha pára,

E ao vér da tua bocca a linba deliciosa:  
«A tinta, exclama, está com certeza mais cara.»

Depois de nos livrar de tal gente invejosa,

Ambos fomos buscar o sol, a natureza,  
E o mar que não maldiz das petalas na rosa.

E o vasto mar eu vi prometter com largueza

As perolas, si tu lhe desses por ventura  
Da fabulosa bocca a encantada riqueza.

No bosque vi descer um passaro da altura

Pois teus labios julgara uma flor de liana  
Ensanguentando a eterna e uniforme verdura.

Monstruosidade mais que outros monstros immensa,

O' desengano! eu disse. Humanidade insana  
Que faz com que no mundo a todo o instante vença  
A bruta natureza á natureza humana!

JOÃO RIBEIRO.

## Estudos de Litteratura Brasileira

Laurindo José da Silva Babello

Foi o talento poetico mais valente da  
phaee media de nosso romantismo.

E', talvez, o espirito menos devidamente  
aquilatado de nossa vida litteraria, onde deveria sempre ter occupado  
o primeiro plano.

E' neste livro incluído na terceira  
phase da romantica, por um simples  
motivo de methodo, não que elle de-  
vesse nada a Alvares de Azevedo ou a  
qualquer outro do tempo.

Laurindo, que foi o talento mais  
espontaneo, que tem existido no Brasil,  
em 1844, aos desoitto annos, já era poeta  
qual sempre se mostrou, quando Aze-  
vedo era ainda um meoino de treze  
annos, que principiava os prepara-  
torios.

Norberto Silva o filia oa escola de  
Magalhães. E' um tremendo absurdo.  
Magalhães era quinze annos mais velho  
e começou antes; porem jamais exis-  
tiram dois temperamentos tão diame-  
tralmente oppostos.

Laurindo era um talento intuitivo,  
espontaneo, natural, dotado de todaa

as qualidades brilbantes da intelligeo-  
cia; era um *causeur* inesgotavel, um  
orador torreocial, um humorista per-  
petuo, um repentista sempre lesto,  
adicionado de uma singular aptidão  
lyrica.

Era um homem do povo, um espirito  
iuquieto e ambulante, um homem das  
ruas, das festas, a mais acabada per-  
sonificação de uma classe de indoles  
litterarias, que já têm desaparecido de  
todo.

Que ha que ver com tudo isto Mag-  
alhães? — Absolutamente nada.

Não antecipemos factos e ideias;  
comeemos pelo principio: — a biogra-  
phia do poeta; porque este a teve num  
tecido de soffrimentos.

Ae condições de seu viver e de sua  
origem explicam nelle perfeitamente a  
singular juncção do lyrismo elegiaco e  
da satyra.

Laurindo nasceu no Rio de Jacoiro  
de pais pauperimos, de baixa classe,  
isto é, de mestiços positivos em cujas  
veias corria o sangue cigano. Não é  
embalde que se descende uma raça a  
tres seculos escravizada e da raça no-  
mada, abatida e ossificadameote triste  
dos cigaaos, esse singular problema  
ethnographicco.

O longo e temeroso patrimonio de

lagrimas, penetrando todo o ser pen-  
sante e emocional, se lhe transmite  
por hereditariade e vae accentuar  
uma physionomia com os traços io-  
delevéis do soffrimentos.

Juntai agora a tudo isto a indigen-  
cia absoluta dos pais, a quem todo o  
trahalho era roubado pela atroz coo-  
currencia feita por estranhos ao  
proletario nacional; juntae ascenas  
de desolação que cercaram a primeira  
infancia do poeta; a dicionai-lhe por  
cima as peripecias terrires que o assal-  
taram durante a atribulada existencia,  
tudo isso numa intelligencia de *élite*, e  
comprehendereis Laurindo Babello.

Elle veio ao muudo em 1826. Seu  
aprendizado das primeiras letras  
foi feito entre innumeradas difficuldades.

Ainda na primeira mocidade foi as-  
saltado pelo assassinato de seu pai.  
Consequindo no meio de grandes em-  
baraços entrar para o seminario de  
S. José, onde chegou a receber orlens  
menores, teve de abandonar a carreira  
ecclesiastica, por intrigas que lhe mo-  
verampadres influentes daquell tempo,  
invejosos do seu talento oratorio,  
que os iria a todos eclipsar.

Tentou, então, a carreira das armas,  
matriculando-se na Escola Militar, que  
teve de deixar, por haver escripto umas  
satyras contra o director.

Pôr esse tempo, baldo inteiramente  
de recursos, passou pela provação do  
assassinato de seu unico irmão. Ma-  
triculou-se na Escola de Medicina do  
Rio de Janeiro. Neste interim, fallece-  
lhe a mãe, e enlouquece-lhe a irmã.  
Deixa a academia por falta absoluta  
de recursos.

Encontra a mão caridosa do Dr. Sa-  
lustiano Vieira Souto, que o leva para  
Bahia, em cuja academia matricula-se.

Morre-lhe então — a irmã e com ella  
se acaba inteiramente a familia. Al-  
guns dão a morte da irmã de Laurindo  
como anterior á de sua mãe e quando o  
poeta estava ainda no Rio de Janeiro.  
Ha engano. O poeta perdeu desastra-  
damente o pai, depois por igual modo  
o irmão, depois a mãe e afinal occorreu  
o passamento da irmã, já dantes louca  
pela perda do noivo:

O poeta estava então no Bahiu, onde  
pranteou a morte desse querido ente,  
distincto pelo coração e pela intelli-  
gencia.

O leitor me relevará entrar nestas  
minudencias. São necessarias para a  
inteira comprehensão da indole do  
poeta; mostram-nos como elle foi feito  
pela natureza e pelos acontecimentos;  
indicam-nos especialmente a razão oc-  
cultada daquela melancolia, daquelle  
tom elegiaco ante ao qual as tristezas  
de Azevedo, Lessa, Bernardo e Andrada  
— são briqueados de criança.

Laurindo teve a melancolia oegra,  
proxima da loucura, que o não assal-  
ton pela elasticidade pasmosa de seu  
temperamento.

Dani esse duplo estado de depressão  
que se exhalava em suspiros e de co-  
lera que se traduzia em satyras.

Conheceu tambem o terreno interme-  
dio das faccias e das pilherias.

Formado, a fortuna não lhe sorriu;  
estabelecido no Rio de Jacoiro, não  
achou clinica. Teve de seguir como me-  
dico do exercito para o Rio Grande do  
Sul. Voltando á Côte, mais tarde se-  
guiu o mesmo destino até 1863, quando  
deram-lhe um lugar de professor no  
curso anexo á Escola Militar desta  
capital.

Pouco aproveitou dessa ultima posição, pois falleceu em principios de 1864 aos trinta e oito annos de idade.

Laurindo era um desses talentos de acção directa e pessoal, que mais se apreciam pelo contacto immediato.

Essa casta de intelligencias são essencialmente perdularias e descuidadas. Produzem todos os dias, aos fragmentos, desbaratando as proprias forças. E' gente que não se concentra para edificar alguma cousa que persista.

Em palestras, discussões oraes, discursos de occasião, improvisos poeticos malbaratou Laurindo as suas faculdades.

Tinha seu cenaculo constante onde se distinguiam homens, como Castro Lopes, Pires Ferrão, Eduardo de Sá, Ferreira Pinto e sobre todos Constantino Gomes de Souza, tão infeliz como elle.

De passagem, devo aqui notar que a gente cá do Rio, em tratando dos amigos que cercaram o poeta fluminense, occultam sempre o nome de Constantino de Souza, o mais illustre de todos!..

E' que o pobre e aisudo moço era um simplea provinciano, tinha o crime de haver nascido em Sergipe e não adulara os prepotentes do dia... E' castigado por isso.

Laurindo, além de dissipar o seu talento, não teve cuidado em salvar o que escreveu, nem de reunir o que publicou pelo ajoraaes. Por isso se perderam delle poemas e dramas e correm anonymas pelos jornaes muitas produções suas.

Estamos reduzidos para o julgar ao pequeno volume de poesias editado por B. L. Garnier em 1876 e alguns outros trabalhos aliunde colhidos.

Quanto á parte inedita de sua acção sobre quantos o conheceram, tenho interrogado directamente a tradição.

Mais de vinte pessoas intelligentes, illustradas e insuspeitas tenho interrogado sobre Laurindo. Feliz ente! — Nuca ouvi gabar tanto um moço, um pobre diabo, que não deixou descendentes. Esse testemunho colhido da tradição quero eu aqui depolo em honra ao genial poeta.

Todos me fallam delle commovidos, assombrados por tão descommunal intelligencia, sempre lesta, sempre prompta, espontanea, aligera, posta em provas continuamente na conversação, na oratoria, em discussões de todo o genero, em toda a casta de improvisos poeticos em todos os estylos, serios, satyricos, humoristicos, galhofeiros ou até pornographicos.

Era uma inundação perenne de força e graça, um desperdicio de calor e seiba. O mais adoravel dos bohemios ladeado de peregrino talento e de bondosa alma.

Do *causeur* e do orador não resta mais nada alem do testemunho dos contemporancos; do repentista quasi nada nos ficou.

No improviso poetico elle não excedia Moniz Barretto; ultrapassava-o na palestra e immensamente na oratoria; pois é preciso que se saiba que o repentista habiano não possuir o dom da palavra.

O fluminense o sobre-pujava tambem na satyra e no talento lyrico.

Tal a razão pela qual os versos meditados de Moniz Barretto são fracos, ao passa que de Laurindo restam-nos algumas poesias que entram afoita mente no numero das mais bellas que se têm escripto na America.

Neste numero se contam: O que

são meus versos, O meu segredo, O genio e a morte, A linguagem dos tristes, A morte de José de Assis, Sobre o tumulo de Labatut, Adeus ao mundo, A minha vida, Amor e lagrimas, Saudade branca, A Bahia, Amor perfeito, Dous impossiveis, Não posso mais...

Laurindo foi um lyrico; seu lyrismo teve duas manifestações principaes: uma elegiaca, inspirada pela tristeza incuravel de sua raça e de sua vida social; outra satyrica, inspirada pela ironia, manifestaado-se iracunda ou galho feiramente.

Esta ultima parte anda quasi toda inedita. Não teaholazeres para procural-a; conlieço a todavia até certo ponto.

Da outra maifestação, a elegia, temos boas amostras no volume a que me hei referido.

Na poesia de Laurindo os predicados principaes são: — simplicidade e clareza de forma, verdade do sentimentos, riqueza de idéas, formando o todo um estylo pessoal, alguma cousa, que o separa dos outros poetas do tempo.

Conecemos pelo que o poeta nos deixou de mais ligeiro, de mais siagelo.

Eis as suas sensações e impressões diante de um *Amor perfeito*:

Seccou-se a rosa... era roaa;  
Flôr tão fraca e melindrosa.  
Muito não pôde durar.  
Exposta a tantos calores,  
Embora fossem de amores,  
Cedo devia seccar.

Porém tu, amor-perfeito,  
Tu, nascido, tu affeito  
Aos incendios que umor tem,  
Tu que abrazas, tu que inflammas,  
Tu que vegetas nas chammas,  
Porque seccaste tambem?

Ah! bem sei. De accessas fragoas  
As chammas são tuas aguas,  
O fogo é agua de amor.  
Como as rosas se murcharam,  
Porque as aguas lhe faltaram,  
Sem fogo murchaate, flôr... (1)

SYLVIA ROMÉRO.

(1) Omitte-se o resto da poesia por brevidade. Vejam-na no volume.

## AMOR E TADIO

O pardieiro peor  
E' um palacio de fadas  
De sumptuosas arcadas,  
Quando nelle habita o Amor.

As paredes derrocadas  
Tem o esplendente fulgor  
Que lhes empresta o calor  
Das almas apaixonadas.

Mas, si em assaltos subtis  
Chega o Tadio traçoieiro  
E a vida torna infeliz,

Um palacio todo inteiro  
D'ouro, esmeralda e rubis  
E' peor que um pardieiro.

OLIVEIRA E SILVA.

## DIA DE GALA

Era duplamente dotada de fibra e de imaginação; com este apparelho arma-se uma creatura terrivel; terrivel ou deliciosa: pontos de vista. Para completar, moça e viuva.

A viuvinha soffria, assim, de uma viuvez carnal, saudade organica do esposo (esposo aqui em genero, não em caso) como deve padecer a roda dentada, da ausencia absurda da engruagem conjugante.

Era religiosa. No extase da creação, offerencia aos nubes do oratorio o sacrificio difficil dos seus desgostos.

Na restricta pobreza dos recursos de costureira por meio de vida, faltavam-lhe divertimentos. Ella morava alli, no largo do Paço, naquella casa de perspectiva secular que parece como uma hoia velha antiquissima debruçar-se para a gente a contar historias do Sr. D. João VI, que Deus tenha. Valia-lhe de prazer o panorama do mar e por excepção, na monotonia da vida, as procissões do Carmo e as paradas de grande gala.

As procissões produziam-lhe um meio enlevo beato, agradável como uma baforada de incenso, mas triste no fundo como em geral as solemnidades ecclesiasticas parecidas todas com um funeral O seu melhor prazer eram as paradas Fazia-lhe gosto á viuvez solitaria ver em massa tantos homcas fortes.

As dragonas, sacudiendo ouro aos homiros de alta patente, as bayonetas scintillando á grande gala do sol, percorridas de fremitos incertos, como uma seara metallica, os pennachos cor de rosa da officialidade, arrufando as pennas como aves guerreiras sobre as barretinas e a temerosa cavallaria, mascando impaciencia, transpirando espuma sob os arreios, os possantes corseis apeados de estatuas equestres. E o tinteiro secco das bainhas contra as esporas e as vozes nervosas impertinentes de commando, na bocca de capitães obesos e as salvas á hora do beija-mão, na marinha de guerra e nas fortalezas. O rumor, o espectáculo produziam-lhe estrauo abalo. Ella pensava em combates, multidões armadas atropellando-se, desapparecendo em fumo, surgindo em sangue; pensava nos acampamentos cobertos de tendas e marnitas; deixava-se levar na meditação imaginadora a conceber a reacção de amor selvagem dessas populações nomades sem familia, depois de uma jornada de morticinio; pensava nas mulheres do campo dos lugares por onde passa um exercito e nas vivandeiras moças; pensava com terror lascivo aas cidades entregues ao saque, em que os soldados acham que vale a pena poupar a vida ás mulheres; occorria-lhe um episodio da campanha russo turca, citado no *Jornal do Commercio*: quarenta mulheres victimadas por um batalhão inteiro, num paiol abandonado, entre ellas uma de doze annos apenas... á medida que passeiava ao longo das filas um binoculo de theatro, visitando a infinidade de caras, bronzes fundidos na soalheira das marchas.

Não foi, porem, na predisposição commum que a aurrehendeu aquella data: dois de Dezembro. Sentia-se preza de um mal estar indefinido, um alvoroço no organismo que a inquietava

como a imminencia de uma crise, um desaaçoego de espirito que lhe tolhia a attenção para o trabalho, impossibilitando mesmo que lhe morasse no cerebro por dois segundos a mesma idea, impetos de choro sem causa, vontade louca derolar no chão em assomos de convulsões.

Dois de Dezembro, cortejo no Paço da cidade.

Era um presente de ceu aquella data, pensava ella desfolhando o calendario á parede. Pertencia-lhe a grande gala O que em outra occasião fora um divertimento, naquella dia, era uma necessidade; naquella dia, distrahir-se era um curativo.

As onze e meia já lá estavam os peletões em forma. Pelas objectivas do binoculo começou a passar a tropa sucessivamente, em revista *sui generis* da curiosidade feminina. Uma por uma succediam-se as caras da soldadesca em cerrada continuidade de galeria numismatica. E do sotão ignorado cahiam, chuva de rosas sobre as fleiras, olhares de sympathy tão bons, tão expansivos, que fariam esquecer o serrafila ao galucho basbaque que os collesse no ar.

Tinham decidida preferencia as phisionomias duras, viris, douradas a fogo pelo verão das campanhas, riscadas de preto no vinco das rugas, indelovel gravura do rictus de severidade marcial que é como o uniforme dos rostos. Mas, que interessante variedade! a: faces deformadas por um gilvaz glorioso e devastador, outras picadas de variola em caprichosas graulações de carne; cá, um semblante de criança grande olhos negros, sobre malarces proeminentes do Norte, nadando em candura, ao lado da bayoneta feroz; mais além, uma cara branca, crivada de sardas, sobrancelhas louras asperas; algumas reclamando a haixa do serviço activo na expressão morbida; em compensação, algumas apoplecticas, suffocadas na gravata de couro como no laço de uma forca.

A viuva olhava como se aspirasse de longe a emanação do panno grosso das fardas suarentas, humidadas ás axillas e na constricção dos talias.

Depois o binoculo visitava os officaes. Era outra cousa. A rudez militar suavisava-se geralmente em phisionomias elegantes, pelles aristocraticas amaciadas na eincura das commissões de paz, carinhas guardadas em algodão e perfumadas para a ostentação opportuna das paradas, altivas, sobre a plebe do exercito, como lambrequins do luxo sobre uma torre de ferro, militares de aalho meigos e amaveis que possuem palas de turtaruga para a rua do Ouvidor e frascos de brilhantina para a perpetua frescura do bigode; soldados queridos de outras mulheres, não della, dessaa mulheres masculinaa que desejam no homem o desconto do quo no proprio caracter ha de mais. Ella preferia os officaes de grosso tracto, que lembravam o marido, um bravo do Paraguai, quo lhe morrera nos braços não sei porque, talvez meano porque ella o amara muito.

La por estas conjuncturas quando o binoculo parou sobre o rosto do capitão Mauro, do 13º, fornado alli, aob as janellas do Paço.

Fazia um tempo admiravel. A pobre solitaria bebia tentações no ambiente da praça, sobre a florescencia de sangue dos *flamboyants*.

Formosa era ella. Não achava segundo marido por muitas razões, a primeira: por essa deacofiança que persegue as bellas viúvas, muito razoavel em theoria,mas injusta de facto. Muitas razões ou, pôde ser, simplesmente para dar assumpto a esta narrativa.

Foi um relampago.

— Emilia!

Emilia era a creada, trefegasiã e esperta. Discreta ou não, no momento convinha que fosse. Foi-lhe confiado este bilhete em letra miuda e nervosa, este laconico bilhete:

« Hoje, ás quatro horas, Sr. capitão, espere-o alguém na rua... n... para dizer-lhe duas palavra amáveis.»

O logar do encontro era a casa de uma amiga ausente, de que tinha a chave a viuvinha.

A nossa heroína esperou que a carta tivesse partido para arrepende-se, mas o arrependimento foi vivissimo. Atterrou-se com a imagem da temeridade a que se arrojava. Ella conhecia o capitão Mauro, frequentador da casa nos tempos do marido. Um homem atrevido, audaz para todas as emprezas, na sua construcção de aço e saude. Estava sinceramente arrependida. Traaquillisou a, felizmente, o *alea facta* dos supremos apertos, acolytado pela ponderação de que não custava nada deixar o capitão hater com o nariz na porta.

Emilia tinha ordem de acompanhar o batalhão no fim do cortejo e entregar a missiva no quartel.

A viuva avistou ao largo a criada insinuando-se pela multidão. Viu sair o imperador, no coche de ouro, para S. Christovão, com os seus Polichinellos sóvados de librê verde e galões largos á trazera e os empoeirados jockeis, dirigindo a atrelagem, de corpete curto, camisa a mostra, sobre o cós dos calções e a cavallaria lascando a calçada com a violencia do galope; viu afaal desfilhar a tropa musica a frente. Nunca lhe pareceram tão verdes as baadeiras cobrindo os pelotões, abertas amplas ao vento do mar.

Depois, distrahidamente foi ao guarda-roupa e tirou uma pequena mascara que lá estava, velha lembrança de um baile. Com a thesourinha poz-se a cortar o velludo, alargando o rasgão dos olhos o mais possivel; deixando hastante panno, comtudo, para que não a reconhecesse o capitão Mauro. Pobrosinha! Como si já não estivesse decidida a afogar brutalmente no peito mais aquelle sonho culpado...

Apesar dos impedimentos possiveis da disciplina, o nosso official á noutinha, mandava apalpar as dragonas perguntando se não sentiam ainda o metal quente—da insolação do cortejo, é possível; mas provavelmente de um collar de braços nus que o haviam estrangulado. Agora é que sei, notava mais, o que é ter amor á farda.

E muito tempo depois, entre outras boas historias de sachristia, um padre do Carmo contava, sem violação do sigillo, o que ceita confissão lhe dissera de um dia de gala na monotonia triste da viuvez.

RAUL POMPEIA.

## 31 DE OUTUBRO

E' tarde. E eu penso em ti... No branco mostrador  
Do relógio, que marca indifferente a hora,  
Eu vejo vir subindo a rosea e fresca aurora  
A cuja luz terás mais uma pet'la, flor!

Na corolla gracil da tua vida. E enquanto  
A pendula murmura em lentidão, discreta,  
No silencio da sala, a doce nova; a setta  
Dourada da illusão vara-me a Idéa: — A um canto

Vejo-te alegre e meiga a me sorrir, e a ler  
Nos meus olhos o sonho, o sonbo rosicler  
Do atrevido Ideal que eu busco e que me illude.

E vejo a tua mão longa, morena e fina,  
Esfolhar sobre miai a candida, a divina  
Corolla virginal da tua juventude.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

Recife.

### O combate da passagem da Laguna

Guerra civil do Rio Grande do Sul

(Conclusão)

Era a 15 de Novembro ao romper do dia.

O chefe da expedição fez immediatamente publicar uma ordem do dia dividindo a força em duas divisões: a primeira, a da frente, composta de tres canhoneiras, ns. 13, 14 e 6, commandadas pelo primeiro tenente Francisco Pereira Pinto, actual Barão de Ivinheima, official valoroso e activissimo, o segundo tenente Manoel Moreira da Silva, valente e experimentado homem do mar, e o primeiro tenente Francisco Luiz da Gama Roza.

A essa primeira divisão também pertenciam quatro lanchões commandados: os de ns. 1 e 2 pelos guardas-marinhas Antão José Pereira Leal e Joaquim Rodrigues da Costa, jovens officiaes apenas sabidos da academia, e que, nosse combate, fizeram a sua estréa; e os lanchões ns. 3 e 4 pelo piloto-escrivão José Manoel da Silveira, um gauchio iatrepido, official de cavallaria, e o patrão Bernardino Antonio de Souza, habil marinheiro.

A' respeito dessa primeira divisão diz o seguinte Mariath: « Bem conhecia eu a que perigo ia expor esses meus companheiros de armas; mas, muitas vezes é necessario sacrificar os mais bravos para alcançar o bom exito de um empreza arriscada.»

A segunda divisão era composta dos brigues-escunas Eolo commandado pelo primeiro-tenente Antão José Francisco da Paixão e Cometa pelo capitão-tenente Bernardino de Senna e Araujo, que, como vimos, salvára o seu navio do inimigo, na Laguna; dos patachos Desterro commandado pelo segundo-tenente Marcos José Evangelista, e S. José pelo piloto José de Jesus, o mesmo que se batera gallhardamente na Laguna, recusando render-se aos disidentes; das escunas Bellico commandada pelo primeiro-tenente Manoel José Vieira e Bella-Americana pelo primeiro-tenente João Custodio d'Houdain,

Refere Mariath (1) haver mandado simular um desembarque no cabo de Saata Martha pelo brigue escuna Caliope commandado pelo primeiro-tenente Augusto Cesar de Castro Menezes e patacho Patogonia pelo primeiro-tenente Jorge Ottoni; cremos, porém, que o iaimigo considerou esse desembarque verdadeiramente como simulado, porquanto não se moveu, sabendo perfeitamente ser impossivel nessa occasião desembarcar, quer ao sul do cabo em vista do mar agitado ainda pelo vento sudoeste, dos dias anteriores quer ao norte do cabo, em consequencia do rijo nordeste que então soprava.

Na já mencionada ordem do dia, havia o chefe determinado que, ao chegar-se a barra da Laguna, a divisão da frente forçasse a dita barra, quebrando as correates e removendo todos os obstaculos, « fazendo cada um o que pudesse, » palavras com que terminava a ordem do dia.

Todos esses navios fizeram-se a vela da enseada de Imbituba com um vento nordeste fresco, siugrando na direcção da barra da Laguna, e, ao ser esta avistada, appareceu o signal de forçar a barra.

Era cerca de duas horas da tarde; o vento nordeste augmentara muito; as aguas corriam com impetuosidade em direcção á barra, e, devido a essas circumstancias, muito raras, a profundidade do canal tornara-se consideravel, ate o ponto do poder dar entrada a navios de 12 e mesmo 14 palmos, o que é caso muito extraordinario nessa barra.

Do lado de terra, o inimigo, ao avistar a esquadrilla, tomou todas as disposições: além da fortaleza armada de seis peças e convenientemente guardada, Garibaldi fundou as suas embarcações na mesma linha e prolongamento da fortaleza, collocando 1.200 homens de infantaria estudeidos em linha, desde o forte pelo prolongamento da montanha até a praia, concentrando toda essa força n'uma extensão de 300 ou 400 braças, de modo a acompanhar a sinuosidade do estreito canal por

(1) Artigos publicados no *Correio Mercantil*, em Novembro e Dezembro de 1860

onde inevitavelmente teria de paesar, muito rente, a esquadrilla.

Não havia correntes na barra; é certo que Canabarro dera ordens nesse sentido; mas, Garibaldi julgára isso desnecessario á vista das grandes difficuldades naturaes do logar.

Em presença do signal do navio chefe, de que precedentemente fellamos, para forçar a barra, a primeira divisão fez força de vela afim de occupar o seu logar na freato demorando a segunda a sua marcha de modo a collocar-se á distancia de seis amarras da primeira. Todas essas embarcações oram pequenas e teriam, ao todo, cerca de 300 praças. (2).

O chefe Mariath tinha o seu pavilhão no Eolo, e, durante todo o combate, intrepidamente conservou-se n'um ponto muito vizivel e exposto da embarcação, em pé, sobre a retranca.

Os navios formaram em linha, e, ao approximarom-se fortaleza, rompeu ella o fogo, sendo vigorosamente respondida por estes.

Dahi por diante paesou em cada navio um sopro de destruição; foi mais do que um combate, foi um turbilhão; os navios avançavam com velocidade regular, tocados pelo vento o maré, através de uma tempestade de balas, aesse espaço de 400 braças onde se achavam concentrados os fogos de 1.200 homens de fuzilaria e a metralha de grande numero de canhões jogada á queima roupa, a tres ou quatro braças de distancia, a peito descoberto, sobre aavios aem borda.

Assim foi que em quinze minutos apenas de fogo, que tanto dureria a passagem de cada avio, perdeu a esquadrilla, entre mortos e feridos, cerca de um terço de sua tripolação, chegando as embarcações no porto da Laguna desmanteladas, com os apparelhos rotos e grandes avarias no casco. O iaimigo, por sua vez, havia sido quasi litteralmente destruido; Garibaldi traça do facto uma descripção muito nitida: « O combate foi terrivel e mais mortifero do que poder-se-ia crer. Não perdemos muita gente porque mais da metade da guarnição estava em terra; entretanto, dos seis officiaes existentes nos tres navio eu fui o unico que sobrevivi. Todas as nossas peças foram desmontadas; mas ainda depois de desmontadas as peças, o combate continuou á espingarda, e não cessamos de atirar durante todo o tempo em que passou diante de nós o inimigo... Era um verdadeiro açougue de carne humana; pisava-se sobre bustos separados dos corpos; a cada passo tropeçava-se em membros dispersos. O commandante da *Itaperica* João Henrique de la Laguna achava-se deitado, no meio dos dois terços da sua equipagem com uma bala que lhe fazia, no meio do peito, um buraco capaz de passar um braço. O pobre João Griggs ficára

(2) Além dessa força de 300 praças, não havia a bordo dos aavios nenhuma outra de abordagem ou desembarque, como tem-se dito. Convem ainda rectificar outro ponto. Mariath diz na participação ao presidente da provincia que as perdas do combate da passagem da Laguna foram de 17 mortos e 35 feridos, e, nos artigos publicados no *Correio Mercantil*, refere terem ellas sido de 51 mortos e 12 feridos. Esta differença notavel só pôde explicar-se pelo prejuizo da estylo de guerra de occultar-se nas publicações, na occasião, as perdas experimentadas. Isso constituiu uma pratica quasi geral. Mas, ainda assim, a derradeira estatística apresentada por Mariath não é re-strictamente exacta, porquanto, depois do combate, quando os dados colhiam-se ainda recentes, passou entre os officiaes, como consuetudine, que a perda entre mortos e feridos havia sido de cerca de um terço dos combatentes. E' este o numero que mentemos.

com o corpo cortado em dois por um tiro de metralha, recebido á queima roupa. Em presença de semelhante espectáculo, apalpei-me, e perguntei a mim mesmo como, não me tendo poupado mais do que os outros, havia podido permanecer intacto.»

Seriam cerca de cinco horas da tarde quando ancoraram dentro do porto da Laguna as divisões, sendo o ultimo navio a entrar o commandado pelo capitão-tenente João Maria Wandenkolk que tendo ficado em Imbituba, reparando diversas avarias, que mencionamos, viera digna e voluntariamente reunir-se á esquadriha.

As forças do exercito só chegaram na villa da Laguna ao anoitecer; vinham muito retardadas, apesar de terem andado as ultimas horas a marche-marce por movimento espontaneo dos soldados, ao ouvirem o canhoneio da esquadra que atravessava a barra.

Logo após a entrada da esquadriha, o inimigo tocou a retirada, incendiando Garibaldi os seus navios.

Sem o menor motivo, e apesar das reclamações e censuras da marinha, a brigada, que contava aliás commandantes de batalhão e officiaes distinctissimos, permaneceu inertemente na villa da Laguna, sem por nenhum modo incomodar os dissidentes em sua retirada.

Esse facto singular causou estranheza ao proprio inimigo, como se vé nas *Memorias de Garibaldi*.

Só no passo do Camacho, lugar pouco distante da Laguna, o general Canabarro permaneceu dez dias.

Taes são os factos principaes do notavel acontecimento a passagem da Laguna, que poz termo no litoral da provincia de Santa Catharina, á invasão republicana rio-grandense.

DR. GAMA ROZA.

## A PYRAUSTA E O HOMEM

AO DR. SYLVIO ROMERO

A pyrausta na chamma reluzente,  
Na luz que é vida e sabe fascinal-a,  
Si buscando-s, encontra-a e doída a beija,  
Gemidos tristes, ais de dór exsbia.

Rozlhe come logo o fogo ss azas,  
E s liberdade assim; depois as partes,  
Fragris membros, com que poisa e anda,  
Tscteia a treva por divinas srtes.

E quando emúm a morte s immobiliza,  
Quando regres a so nads de que veio,  
Empó na terra de si propria encontra,  
Azas e membros e o fatal enleio.

Epyranstis foi sempre a humanids,de,  
Que buscs na illusão mais casta e pura,  
Em seus desejos uma vez compridos,  
A chamma que ha de abrir-lhe a sepultura.

AVELLAR BROTERO.

## THEATROS E DIVERSÕES

THEATRO LUCINDA

Realizou-se no dia 1º do corrente a 1ª representação da espirituosa operetta de Au-bran—*A filha do Senescal*. Tem um enredo chistosissimo e além de muito

bôa musica, que a recommenda, é perfeitamente desempenhada. Tudo, p. o. s. augura-lhe excellente carreira.

DERBY-CLUB E JOCKEY-CLUB

Tiveram logar no dia 2 e 24 do corrente mez, com grande e luzida concurrencia, as magnificas corridas d'estes dous clubs, que se effectuaram na melhor bôa ordem.

CLUB DOS PENIANOS

Quem conhece o esmero com que esta acreditada sociedade faz sempre suas festas pôde avaliar o que foi o esplendido baile do dia 3 do corrente, que correu com extraordinaria animação.

FESTA ESCOLAR

COLLEGIO UNIVERSITARIO FLUMINENSE

Teve logar no dia 4 do corrente mez a festa de encerramento de aulas d'esta importante casa de educação, uma das meliores da capital, já pelo sua excelente situação, já pelo incansavel zelo do criterioso educador que a dirige.

Os exames e exercicios pedagogicos que se effectuaram na primeira parte da festa foram prova bastante do quanto avançamos.

Na segunda parte, depois do discurso do digno director o Sr. Affonso Herculano de Lima, procedeu-se á distribuição dos premios.

Na terceira, concertante, distinguiram-se, a par dos professores Porto Junior, Horacio Fluminense e Queiroz, as eximias pianistas e professoras do collegio e as Exmas. Sras. D. Esmeralda Marques D. Emilia Lima.

A todos quantos assistiram a essa festa deve ter ficado grata impressão do labor perseverante e intelligente que dirige aquelle exemplar instituto.

## Diversas Publicações

CONTEMPORANEAS, poesias de Augusto de Lima, acompanhadas de prefacio por Theophilo Diss.—Typ. de G. Leuzinger & Filhos.

Verdadeiro acontecimento litterario é o apparecimento deste livro, cujo autor se nos patentea legitimo e genuino representante da raça dos grandes poetas.

Em outra secção que em breve apparecerá nesta folha, sob o titulo de *Notas bibliographicas*, emitiremos nosso juizo ácerca do precioso livro de Augusto de Lima.

MEU ALBUM, contos de Pardal Mallet.—Pernambuco.

JUDITH E LAGRIMAS DE UM CRENTE, contos de Adolpho Caminha.—Typ. da Escola, de Serafim José Alves, Editor.

EPISODIOS MILITARES da guerra do Paraguay, por Joaquim Silverio de Azevedo Pimentel.—Typ. de A. Santos.

O livro é precedido de uma carta proemial, devida á autorizada penna do Dr. A. de Castro Lopes.

TREZE ANOS DE MAGISTERIO no Rio de Janeiro, 1875 a 1887.—Apontamentos para a historia da educação nacional.—Typ. de Laemmert & C.

Acha-se colligido neste livro quanto se tem publicado na imprensa do Brazil ácerca do instituto de educação dirigido pelo Dr. Menezes Vieira.

O livro consta de duas partes:—*A Imprensa e o Collegio Menezes Vieira; Trabalhos didacticos do mesmo collegio.*

REVISTA DE ESTRADAS DE FERRO, publicação mensal sob a direcção do Engenheiro civil Francisco Picanço.—Anno III.—N. 35.

Eis as materias do numero distribuido:—Segundo Congresso Internacional das Estradas de Ferro.—Prolongamento da E. F. d'Oeste de Minas.—Estatutos da Associação Internacional do Congresso de Estradas de Ferro.—Estradas de Ferro.—Varios estudos.—Comissão do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, na Europa e nos Estados Unidos da America do Norte.—Zona privilegiada—Circular ás companhias de estradas de ferro.—E. F. do Norte.—E. F. Leopoldina.—E. F. Santa Lucrecia.—Medalha humanitaria.—Orçamento para estradas de ferro.

O BRAZIL-MEDICO, revista semanal de medicina e cirurgia, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré. Anno I.—N. 45.

Os trabalhos do presente fasciculo constam do seguinte summario:

*Trabalhos originaes*:—Nota sobre um caso curioso de clinica—Erros e difficuldades de diagnostico—Discussão a respeito—E' possivel caracterisar-se nosologicamente a molestia chamada por PEAN—*peritonite gelatinosa?* pelo Dr. Julio de Moura.

Maturidade da cataracta, pelo Dr. David Ottoni.

*Sociedade de medicina e cirurgia*—Um caso de kysto dermoide da pleura direita, pelo Dr. Julio de Moura.

*Revista medica estrangeira*:—Do poder antiseptico e toxico do Naphtol, pelo Professor Bouchard (*Académie des Sciences*, 24 Octobre 1887.)

*Guia Pasteur* sobre a vaccina da raiva. *Folhetim*:—Uma empreza industrial que não deve ser esquecida pela classe medica. Os Drs. Felicio dos Santos e Jaguaribe Filho, medicos e industriaes. Em que se prova que muita cousa que nos vem do estrangeiro pôde ser facilmente fabricada entre nós. Pede-se que os interessados não sejam surdos ao esforço brazileiro neste sentido.

Noticiario.

O GUARANY, de José de Alencar; nítida e illustrada edição publicada por Silveira & Guimarães, á rua dos Ourives, 34.—Fasc. n. 7.

OS ANTRÓS DE PARIZ, romance de Xavier de Montépin, edição publicada pela importante casa de David Corazzi.—Fasc. n. 3.

O OCCIDENTE, *Revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*.—10º anno.—Vol. X.—N. 320.

REVISTA DO OBSERVATORIO, publicação mensal do Imperial Observatorio do Rio de Janeiro.—Anno II.—N. II.

Contem os seguintes trabalhos: Observação da Passagem de Venus, em 1882 pelas commissões brasileiras. Os meteoros de 13-14 de Novembro.—Novos planetoides.—A luqueta astronomica.—Memorie della Società degli Spettroscopiste italiani, raccolte e pubblicate per cura del prof. P. Tacchini. O Cometa Olbers-Brooks.—Photohelographo.—Dez annos de progresso da astronomia (1876-1886).—Revista das publicações.—Aspecto do céu para o mez de Dezembro.—Revista climatologica do mez de Outubro de 1877.—Diario meteorologico do mez de Outubro de 1887.—Resumo das observações meteorologica feitas no Imperial Observatorio no mez de Outubro de 1887.—Resumo das Observações meteorologicas feitas no mez de Outubro de 1887 em Santa-Cruz.—Observações simultaneas.

OBRAS COMPLETAS de Camillo Castello Branco, com illustrações de Condeiva Heitor & Lallemand.—Edição da casa—Campos & C.—de Lisboa, com a filial do Rio de Janeiro á rua do Hospicio n. 57. Fasciculo n. 4.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotero, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51.—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. ds F Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ovidor, 45, sobrado

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Megalhães

ANNO III

RIODE JANEIRO, 17 DE DEZEMBRO DE 1887  
DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO

VOL. III-N. 155

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|  |                     |
|--|---------------------|
| Expediente.....                        |                     |
| Escreptores do Norte do Brazil.....    | Franklin Tavora.    |
| A arte como funcção.....               | Araripe Junior.     |
| Primavera, soneto.....                 | I. Martins Junior.  |
| Etymologia da palavra capoeira.....    | A. J. Macedo Soares |
| Junto ao herpo, soneto.....            | J. Duque Estrada.   |
| Estudos de Litteratura Brasileira..... | Sylvio Romero.      |
| Amor e rosas, soneto.....              | João Ribeiro.       |
| Lexicologia didactica.....             | G. Bellegarde.      |
| Dura veritas, sed veritas, soneto..... | H. de Carvalho.     |
| Quadros negros.....                    | J. Norberto S. S.   |
| Tuas mãos, soneto.....                 | A. de Carvalho.     |
| O mar.....                             | Lima e Silva.       |
| Serenata, poesia.....                  | Arthur Barbosa.     |
| Theatros e diversões.....              |                     |
| Phantasia, soneto.....                 | Julio Salusse.      |
| Diversas publicações.....              |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CONTR E NICTHEROY

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 4\$000  |
| Anno.....     | 8\$000  |
| PROVINCIAS    |         |
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão:  
As de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos até o fim d'este mez para evitar interrupção de remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da Semana os Srs. J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;  
Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.  
Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:  
— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.  
— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.  
— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Visra.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:  
— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

## Escreptores do Norte do Brazil

O MAJOR THOMAZ ANTONIO RAMOS ZANY

Em 1862 attraheu singularmente minha attenção um romance original brasileiro que se publicava em folhetins do *Diario de Pernambuco*. Intitula-se—*A carapuça de meu tio, recordações de um homem velho*.

Naquelle época a instrucção litteraria entre nós tinha ainda muito de autochthone. O *indianismo* chegára ao seu apogeu. Na Faculdade de Direito havia gosto especial por esse genero de litteratura brasileira, cujos principaes representantes fóra da Faculdade eram:—na poesia Gonçalves Dias, precedido de muito tempo antes por Basilio da Gama, e na prosa José de Alencar com o seu *Guarany*.

Quem escreve estas linhas tinha publicado *Os Indios do Jaguaribe*, onde, de accordo com a versão historica de que era capaz naquelle tempo em que ainda cursava a Faculdade, se encontra uma idealização do indio que seria agora o primeiro a condemnar á vista de ultteriores estudos.

Na *Carapuça de meu tio*, pelo contrario, nada se encontra sobre o indio.

Esta novidade por um lado e por outro certos matizes de costumes da sociedade pernambucana, revelando no escriptor um espirito de inspiração franceza que não prejudicava o colorido local, impressionaram-me agradavelmente.

Não perdi de vista a *Carapuça* e, como é natural, senti minha sympathia inclinada para o seu autor.

Mas como conhecel-o, si elle se occultava nas sombras adoptando o pseudonymo de *Youmale*?

De repente, no melhor do gosto, como vulgarmente se diz, foi interrompida a publicação.

Começaram os commentarios e não foram poucos; mas o que naquelle occasião prevaleceu foi que a publicação tinha sido interrompida, menos por culpa do autor do que por conveniencia da redacção do *Diario*, visto que na novella entravam pessoas vivas cujos defeitos e peccados veniaes não deviam ser expostos aos risos e ao desprezo do publico.

Aceitei essa explicação não sem pezar, porque estava com animo de *devorar* a *Carapuça* todas as manhãs, capitulo por capitulo, antes do café e do banho frio. Mas faltando a continuação, resignei-me a reler a parte publicada (XXVIII capitulos).

Que scenas tão naturaes! Que tipos tão brasileiros! O commendador Felicissimo, senbor do engenho *Tury-assú*; o compadre *Mané Xico*, o Pedro Moraes, capitão da guarda nacional com espada virgem; o *Zumba*, o incomparavel *Zumba* e tantos outros personagens ridiculos,

ignorantes, frivolos, e sobretudo os episodios grotescos até fazer rebentar de riso,— que adoravel colheita para o paladar de um estudante com pretenções a litterato como era eu então!

Ultimamente em carta do autor encontré a verdadeira razão pela qual deixára de continuar o seu trabalho: « Feliz ou infelizmente, estando já mui adiantada essa publicação, adoeci gravemente e passei mais de um anno em tratamento. Já tinha concluido o meu trabalho; mas continuar a sua publicação no *Diario de Pernambuco* me pareceu de todo ponto inadmissivel: tinha-se passado tanto tempo desde a publicação do ultimo folhetim! Além disso eu me achava como ainda me acho, tão desanimado e aborrecido que pareceu-me não valia a pena de proseguir, e por isso não fiz caso algum desse e ds outros escriptos que tinha entre mãos.»

A *Carapuça* não passa de uma coisa assim como as memorias de um velho. São quadros de costumes em que entra o Recife com seus arrabaldes pittorescos. Os personagens são d'alli mesmo, quer pela sua linguagem, quer pelo seu aspecto, paixões, fraquezas ou vicios.

A unica phantasia da obra é a *carapuça*, presente milagroso de uma bruxa trazido ds uma viagem á Irlanda.

Eis como a descreve o romancista: « Imagine-se um amplo e encurvado bonnet de flo da Escocia, de dois lados, mas sem nenhuma costura, semelhante a esses gorros de dormir, de algodão, que se usam na França, Alemanha e outros paizes frios, e que a caricatura nos apresenta de uma maneira tão exquisita como grotesca, tanto que ao vê-lo é impossivel guardar seriedade, ainda que se seja o mais fleumatico possivel.

« Ter-se-ha então uma idéa aproximada da herança deixada pela velha Megg.

« O que, porém, se tornava mais intolleravel, e concorria para aguçar-se a nossa curiosidade, era um finissimo e delicado anel de aço que envolvia em malhas flexiveis toda sua abertura, e que terminava em uma pequena bola do mesmo metal pendente do tope e se balouçava com graça ao menor movimento do seu possuidor.»

Não me é dado deixar entrevêr até onde chegará a influencia desse talismã terrivel, com uma ponta de força magnetica que, uma vez encasquetado na cabeça de alguém fazia-o, não só revelar a vida propria, mas tambem adivinhar a vida alheia.

Exceptuando esta parte maravilhosa que o gosto da moda justificava ainda, e que talvez não seja absolutamente original, tudo o mais é pernambucano e revela em *Youmale* um talento particular para a satyra, com o qual *currente*

*calamo* não poucas vezes provoca as francas risotas do leitor.

O escriptor que se encobria no incognito não era outro sinão o Sr. Thomaz Antonio Ramos Zany, filho legitimo do desembargador Domingos Nunes Ramos Zany, já então fallecido.

Tinha nesse tempo 28 annos de idade, poia nasceu em 16 de julho ds 1836. Era empregado da repartição de obras publicas, onde serviu sob varios chefes, o ultimo dos quaes foi o conhecido engenheiro inglez William Martineau, e d'onde sahi posteriormente como inspector da alfandega do Rio Grande do Norte, logar que exerceu até 1876, quando foi nomeado conferente da alfandega do Ceará. Actualmente é conferente da alfandega de Santos, provincia de S. Paulo.

Os seus meritos são conhecidos do Governo Imperial, que os aproveitou em diversas commissões, entre as quaes mencionarei a da organização da carta chorographica do Rio Grande do Norte. Não obstante, a unica recompensa que lhe deu foi nomeal-o cavalheiro da Ordem da Rosa.

Merecem ainda mencionar-se dois trabalhos do Sr. Zany: *Maroquinhas*, infelizmente in-completo como a *Carapuça*, e *Por causa de duas angelicas*.

Este ultimo é um trabalho paseageiro, um escripto litterario como tantos outros que se escrevem para os diarios.

*Maroquinhas* é um conto só, mas facil, de muita graça e elegancia. Tem apenas seis capitulos. A acção passa-se no Rio Grande do Norte.

Lendo esses capitulos ineditos, em tiras de papel amarellecido pelo tempo, deploro que o trabalho tenha ficado em metade. O assumpto não promete muito, mas a côr local e a suavidade do conto atrahem o espirito do leitor ao sertão quasi virgem, ao seio da natureza bravia que o escriptor escolheu para emoldurar a tela do seu quadro.

Deploro tambem que espirito tão observador, dotado de qualidades que devidamente educadas e cultivadas haveriam de chegar a grande altura, tenha interrompido a sua jornada tão bem encetada para as lettras patrias.

FRANKLIN TAVORA.

## A arte como funcção

Apezar da grande differença que existe entre *sciencia* e *arte*, muitas pessoas ha que irreflectidamente permanecem na supposiçõe de que os progressos do seculo XIX autorizam a confusão. Para taes pessoas Sully Prudhomme constitue a ultima expressão da poesia genial, e Lucrecio,

precisamente naquelles pontos do poema em que seu estro monos communicou com as musas, assume a attitud de um verdadeiro precursor.

Certas theorias desenvolvidas por Emilio Zola nos seus livros de critica tem concorrido, mais do que se pensa, para que semelhante erro, parecendo justificado, continue a propagar-se como a tendencia effectiva da arte no mesmo seculo das grandes syntheses de A. Comte e H. Spencer. Não quero com isto dizer que o autor do *Assomoir* desmintu a sua indole de artista eminente; mas é forçoso reconhecer que nem sempre é que elle diz está de accordo com o que elle faz. Saturado de experimentalismo *claudbernardiano*, receioso talvez de que as suas attacias de naturalista fossem postas em duvida, o grande romancista, em mais de um artigo de propaganda, esqueceu-se de si mesmo para diffundir-se em uma rhetorica inconsequente: e, apesar de haver affirmado mais de uma vez que a arte não é senão um *canto da natureza surprehendido atravez de um temperamento*, não se tem poupado, no furor do ataque, na paixão da controversia, a esfusiar paradoxos de que as suas obras são a mais cabal refutação. Tais affirmações, com effeito, teriam sido a morte da arte e do segredo da expressão, si o talento, si a vehemencia da imaginação, si o *nîsus* conceptual do artista, não rompessem com tão acanhado ponto de vista, para impôr, arrogantes, causticas e ás vezes atrozmente inexoraveis, as valentias de sua imaginação mais que muito especializada. (1) Felizmente, porém, a sua obra é a prova mais eloquente do subjectivismo dos productos da arte.

O artista não é, nem pode ser um indifferente; nem tão pouco se confunde com o homem da sciencia. Em summa, reduzidas as intenções organicas do chefe do naturalismo em França a proporções schematicas, o que se encontra no fundo de sua critica é muito claro: o indifferetismo, a que elle se refere, não passa, em ultima analyse, de *equilibrio* que as naturezas superiores podem guardar diante do espectáculo da vida universal. Artistas integros como Shakespeare e Goethe realizaram perfeitamente esse maravilhoso desideratum, e o proprio Zola hoje teria feito na sua esfera, si não o minasse uma preoccupação, que vae-lhe limitando a função artistica. Alludo ao exclusivismo do factor hereditario, que pesa de um modo extraordinario sobre a estrutura de todos os personagens de seus romances. Cahindo nos mesmos exageros de que foi victima Galton no seu livro *Hereditary Genius*, sustentando que os talentos superiores pelo unico *nîsus* hereditario podem escapar ás influencias do meio, explodindo, do mesmo modo que a loucura, quer o meio resista, quer não, Zola deixou-se arrastar pelas seduccões de uma theoria parcial, e quando menos suppoz, as suas legitimas observações de artista estavam sendo invadidas pelo *partipris* de uma escola ou de um ponto de vista, que só tem a vantagem de fortalecer-lo para a aggressão, mas que indubitavelmente o desorienta no meio da complexidade da sciencia contemporanea e desintegra-lhe a função ar-

(1) Já em seu tempo Baudelaire definiu a arte como « uma magia suggestiva, contendo ao mesmo tempo o objecto e o sujeito, o mundo exterior ao artista, o proprio artista. » (*L'art romantique*, 127).

tistica. Para corrigir esse vicio de critica não veja outro recurso senão aproximarmos de Darwin. O autor do *Assomoir* immobilizou-se nas idéas de Lamarek: esqueceu portanto, o que ha de mais fecundo na theoria seleccionista. Os grupos que elle descreve não tem elasticidade, e quasi perdem o interesse por excluírem os multiplos elementos, que convergem para o centro de sua ecliptica. A selecção morbida, que se figura na familia *Rouyon-Macquart*, é puramente abstracta, logica; os progressos actuaes da sciencia não ministram meios para acompanhala. Basta attender-se ao facto de que a transmissão não é uniforme, e que um milhão de elementos vem attenuar qualquer accumulção realizada em um individuo, para reconhecer-se o que ha de arbitrario naquelle processo litterario. (2)

Pois que a arte, como tudo, marcha de um estado de diffusão para um estado de cohesão; si, como o demonstram a historia e a ethnologia, a arte differenciou-se logo no alvorecer das civilizações, aonde appareciam costumes, religião, direito, industria quasi formando um bloco, uma massa informe; si a encontramos mais tarde, na Grecia por exemplo, já completamente separada das outras manifestações do espirito, e, no genero, desagregada, ramificando-se na poesia, na pintura, na musica, na estatuaría, na architectura; si, ainda depois, a surprehendemos em processo de mais profunda desagregação, produzindo na poesia o genero lyrico, o epico, o dramatico, o satyrico; si tudo isto é uma verdade, como admitir que, depois de tantas revoluções, de tantas aquisições, de tantas adaptações, o homem volte ao homogeneo dos tempos primitivos, exactamente no seculo em que tudo se especializa, no seculo em que essa mesma especialização chegou a gerar um pesadelo *reconstructivo* no maior cerebro da raça latina?! Fôra disto, ver-me-hia obrigado a proclamar bem alto que a theoria evolucionista é um sonho esteril, senão uma mentira imaginosa. E' preciso, pois, que todos aquellos que aceitam-na como a expressão mais adiantada do esforço humano, sejam coherentes, e, de um ponto de vista synthetico, tratem de possuir-se do genio particular da arte, mas da arte universal, tal qual ella no momento se apresenta, como *substratum* da variedade humana. Diga-se, portanto, de uma vez: — nunca a arte esteve tão differenciada da sciencia como no seculo XIX.

Em uma sociedade culta os appa-relhos apresentam-se mais fortemente definidos do que em uma tribu selvagem; do mesmo modo que em um grande vertebrado os orgãos são mais apreciaveis em suas funções do que em um anelide, em que estes mal se denunciam. Não ha meio de confundir nos animaes, que tem attingido certo estado de desenvolvimento, os movimentos cerebraes com as pulsações do coração, as modificações do tubo digestivo, com as do intrincado apparelho cutaneo. Entretanto é nesse estado que os diversos orgãos mais intensamente reagem uns sobre os outros (3). Nunca, pois, a função scientifica reagiu tão energica-

(2) cf. Darwin, *Origem das especies* 113. Saury, *Folie héréditaire*, 12.

(3) H. Spencer, *Psychologia*, I § 1º, *Sociologia*, II.

mente sobre a arte como na actualidade (4). O bom senso bastaria, si não fossem os prejuizos de escola, para tornar patente que a poesia ou a arte de um bushman, de um fetichista dos centros da Africa, em cujo cerebro obtuso as sensações quasi se sepultam em medonha escuridão, nunca conseguiria elevar-se no remigio da inspiração de um V. Hugo, de um Swinburne, de um Browning, de um Leconte de l'Isle, intellectos aonde vicejam todas as polarizações da experiencia humana. Uma intelligencia esclarecida é condição indispensavel para que o coração palpita nobremente e a imaginação fulgure na representação dos dois mundos, o subjectivo e o objectivo.

O homem, como actividade, é um; nem é possível despedaçar essa irreductibilidade, diante da qual todas as philosophias tem estacado abortas. Isto, porém, não exclue o facto da differenciación das funções por via das quaes essa actividade se tem sempre manifestado. Os estudos modernos de anthropologia e de psychogenia apresentam-o, no actual estagio do progresso, como um producto variado e de feições multiplas. « O progresso humano, diz Letourneau, consiste no enriquecimento sempre crescente da vida de consciencia, no alargamento de sua esfera, e na libertação, tanto quanto possível, do jugo da vida nutritiva » (5). Segundo essa concepção biologica tudo se reduz, em ultima analyse, ao augmento da capacidade de registro; e, no que respeita propriamente á arte, que é uma das manifestações indeclinaveis da vida sensitiva, funda-se ella num facto rudimentar commum a toda a animalidade, isto é, na irradiação de qualquer impressão por todo o systema nervoso. « Si a impressão, reflecte ainda aquelle philosopho, dá-se em um homem muito intelligente, no qual se verifica a existencia de um extenso campo de vida consciente, o abalo nervoso se transforma immediatamente em sentimentos, em idéas, e depois, se não ha esgotamento, em acção reflexa motriz. No animal, na criança, no homem primitivo, na mulher, a impressão violenta pela maior parte se traduzirá directamente em movimentos variados, conforme forem feridos estes ou aquelles orgãos. De ordinario, no ente intellectualmente pouco desenvolvido, o choque nervoso se transforma sobre tudo em contracções musculares, em movimento de membros, em gestos e gritos. Mas a serie dos phenomenos poderá ser invertida. Si uma impressão dada provoca de ordinario tal gesto, tal grito, bastará muitas vezes executar ou ver executar o gesto, produzir ou ouvir o grito para experimentar-se mais ou menos a impressão a que elles correspondem. O homem poderá, pois, reproduzir, excitar a sua vontade, em suas cellulas conscientes ou nas de outrem certo numero de impressões ou de sentimentos. Nisso consiste todo o fundo da esthetica. »

Letourneau teria feito melhor, si se referisse ao ponto de partida ou ao

(4) Este facto é perfeitamente caracterizado por Luys no topico seguinte: « Os phenomenos da sensibilidade moral são despertados e solicitados pela intervenção das regiões intellectuaes, com as quaes esses phenomenos permanecem em eterno conflicto. » *Le cerveau*, 86.

(5) *La sociologie*, II cap. I.

desenvolvimento do terreno em que deve evoluir o sentimento esthetico e posteriormente a facultade artistica. Sem esta base é impossivel compreender todos os phenomenos ulteriores, como o demonstraram Darwin e Spencer; só em vista delle percebe-se a existencia de um nucleo commum, do qual se têm differenciado todos os productos da arte universal, e sem o qual toda a communicação de impressões seria irrealizavel. (6) Essa actividade automatica, que se desenrola inconscientemente no individuo, essa especie de generalização diffusa, atravez do tempo e do espaço, provocando as mesmas associações de idéas; esse modo de reagir do sensorium humano diante dos mesmos objectos, constitue, segundo pensa Luys, uma *orientação* geral, uma *meridiana commum* que determina uma direcção á raça, e que o vulgo baptizou com o nome de *sensu commum*. (7) Mas este facto geral só por si não explica a arte como função, se não as suas condições de existencia. E' preciso, pois attender á segunda phase da questão, ao facto do apparecimento do *temperamento emocional*.

Entende Bain que os temperamentos emocionaes são um phenomeno de aquisição ou de selecção na raça humana, um caso de especialização de tendencias.

« Em geral, pondera o notavel psychologo inglez, se uma das facultades do espirito torna-se superior, as outras permanecem inferiores, porque as facultades humanas são limitadas quanto ao total, posto que existam individuos excepcionalmente dotados. Uma intelligencia robusta pôde ser acompanhada de actividade e emoção acima da média. Neste caso, ter um capacidade emocional minima quer dizer ser menos apto que outros para experimentar uma excitação agradável. Uma natureza semelhante não retira das fontes do prazer toda a intensidade compativel com o esforço ordinario... E', pois, aos temperamentos emocionaes que pertencem as grandes manifestações emocionaes. A vida ideal da emoção terá uma força correspondente á força da manifestação actual. Inutilmente tentaria uma natureza emocional fria envolver pessoas, logares, objectos neste caloroso e duradouro interesse, unico que pôde contrabalançar os effeitos do habito e do cansaço da velhice. » (8) E' evidente, portanto, que na distribuição das forças bio-psychicas ha uma tendencia especial para as manifestações emocionaes, e que della depende todo o desenvolvimento ulterior da arte. Procurando exemplificar as asserções de Bain, poder-se-hia dizer que os vultos historicos de Alexandre, de Catilina, de Luthero, de Mazaniello, que as creações litterarias da ordem dos Orestes, dos Othelos, dos Ruy Blas, representam perfeitamente os temperamentos alludidos. Nada lhes falta; elles têm a força propulsora, têm a intensidade coordenadora dos movimentos, têm a certeza do objectivo. Contudo, não ha meio de confundir qualquer um desses typos com um Homero, como um Shakespeare, com um Hugo, com um Miguel

(6) Darwin, *De l'expression chez les hommes et les animaux*. Spencer, *Essais, la fonction de la musique*.

(7) Luys, *Le cerveau*, 145.

(8) *Les émotions et la volonté*, 92. Unzer et Prochaska, *Fonctions du systeme nerveux*, 130.

Angelo; o que prova que nem todo o temperamento emocional, funcionando, apresenta como ultimo termo o producto artistico; e esta ultima differença conduz necessariamente à arte. Na sua intensificação reside todo o segredo da natureza. E' preciso, deste modo, recorrer a um terceiro termo que delimite radicalmente a função do artista.

Em linguagem commum costuma-se designar sob a denominação de *homens de imaginação* os individuos que possuem esta qualidade em alto grau. Pois bem, os pretendidos homens de imaginação não são mais mais do que temperamentos emocionaes artisticos, ou naturezas que reúnem em si com a maxima intensidade a *faculdade representativa*, facto em seus fundamentos muito simples, porque não é senão o prolongamento da revivescencia voluntaria dos vestigios ou residuos deixados no organismo por uma excitação inicial, mas que se vai complicando á proporção que taes revivescencias se identificam com os processos de expressão, com os symbolos transmissores. (9) A *representação*, diz Maudsley, tem mais força do que a *representação*. (10) Toda-avia este facto aceito pelas sciencias biologicas como verdade irrecusavel, não exclue outro não menos evidente no mundo psychologico, que é a força de elaboração de que dispõem certos individuos, força que me parece residir em grande parte na *propriedade aglutinante* dos symbolos representativos. Quero dizer com isto que desde o momento em que o symbolo se amalgamou com a emoção, lembra-o importa o mesmo que provocar um estado de consciencia inicial, e embora não seja um phenomeno identico ao resultante da presença do objecto exterior, nem por isso deixa de ter a mesma importancia. (11)

Basta um pequeno conhecimento dos processos usados por poetas e artistas celebres para reconhecer-se a exactidão do que fica exposto; e para não ir mais longe, transcreverei uma nota do autor acima citado, na qual se acham condensadas todas as observações que poderia fazer no intuito de illustrar aquella these fundamental.

«Goethe podia evocar a seu bel prazer a imagem de um objecto, e obrigava-a a passar diante de seus olhos por uma serie de transformações, e Shelley parece ter sido, mais de uma vez, victima de verdadeiras allucinações produzidas por suas idéas... Dickens costumava dizer que ouvia perfeitamente a voz de seus personagens. Meus personagens imaginarios, escrevia o mais exacto o mais lucido dos romancistas modernos, M.G. Flaubert, me obsedam, me perseguem, ou artes

(9) A arte, assim encarada, tem os mais serios pontos de contacto com a linguagem.

(10) O artista pensa em musica, pensa em pintura, isto é, pensa em sons, pensa em cores, como de ordinario se pensa em palavras. O pensamento, neste caso, encarna-se desde logo na forma tonal ou nas linhas, sem passar pelo intermediario da palavra. » Alfr. Tonnelé, *Fragments d'art et de philosophie*.

(11) Maudsley, *Physiologie de l'esprit*, 252 e 253.

(12) Não é possível desenvolver aqui em toda sua extensão esta idéa, que allás julgo original; pelo menos não a encontrei nos autores, exposta de um modo claro.

sou eu que vivo n'elles. Quando eu compunha o envenenamento de Emma Bovary, sentia por tal maneira o gosto de arsenico na boca, sentia-me tão exactamente envenenado, que soffri duas indigestões consecutivas, duas indigestões realissimas, pois vomitei todo o jantar » (12) O Dr. Ferrier refere que, na idade de 14 annos, quando lhe acontecia presenciar, durante o dia, algum espectáculo interessante, uma ruina pictoresca, uma paisagem bella, uma revista militar, a noite, o mesmo espectáculo se reproduzia diante de seus olhos, e permanecia visivel por alguns minutos com uma nitidez, que em nada cedia á nitidez da imagem real, vista á luz meridiana.

(Continúa)

ARARIPE JUNIOR.

(12) Maudsley, *obr. cit.*, 276 a 277. O caso do Dr. Ferrier é extrahido da obra de Abercrombie. *On the intellectual powers*. Aqui vinha ao caso examinar o limite que separa estas allucinações das pathologicas. Reserve-me, porém, para tratar dessa questão em artigo especial, que terá por titulo — *Arte e loucura*.

## PRIMAVERA

A Primavera sonora  
Moutou aos hombros de Abril;  
Deixou a neva lá fóra  
E poz um cinto de anil.

Ella: cavalga triumphante  
O doce Mez luminoso;  
Ri, com dentes de diamante,  
Um grande riso glorioso.

Faz figas ao frio. Canta  
Como um namorado. E tanta,  
Tanta cantiga desfolha,

Que fica o chão todo fiôres,  
Todo aroma, todo côres,  
Onde a sua voz abrolha!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

## Etymologia da palavra

CAPOEIRA E SEUS DERIVADOS (\*)

*Capoeira* 1) s. f., ave, *Odontophorus rufa*, fam. *Tetramidae*, «pequena perdiz de vôo rasteiro, de pés curtos, de corpo cheio, listrado de vermelho-escuro, cauda curta e que habita em todos ns mattas. Tem um canto singular, que é antes um assobio tremulo e continuado do que canto modulado» Wappœus, 332.

ETYM. Onomat. do canto da ave, que diz bem distinctamente: *capoeira*, *capôera*... Compare *dem-te-vi*, *quero-quero*, *maria-acorda-que-é-dia* etc. — 2) Toque, assobio cantado que se tira das mãos collocadas a modo de tubo, e imita o da *capoeira*. «Tocar capoeira» é tirar som igual ao do canto da ave; e delle usam os caçadores no matto como

(\*) Extrah. de um *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* inedito.

chama, e no campo os moleques, pastores ou vigiadores de gado, para se chamarem uns aos outros, e tambem aos bois, de manhã quando os levam ao pasto e de tarde á hora de recolher, justamente quando canta a *capoeira*, — 3) s. m., moleque que toca *capoeira*, moleque do campo, onde passa a vida aiada, de vadio, que leva a dormir e brincar, e se diverte tocando *capoeira*. — 4) Por extensão, moleque da cidade malandro, que não sae da rua, onde se dá á peraltagem. — 5) Por ext., tambem o criado livre, nas mesmas condições. — 6) s. f., a peraltagem dos capoeiras, que a principio consistia somente em exercicios de força e agilidade muscular, e depois passou a pau e faca, como bem define Beaurepaire Rohan, in *Gaz. Litter.* etc. — 7) s. m. o vadio, peralta, livre ou escravo, dado ao exercicio da *capoeira*, fazendo officio de *capoeira*.

GEOCR. No litoral do Rio de Janeiro, o toque da *capoeira* nas mãos em fórma de tubo é usado como e por quem supra ns. 2 e 3, e por gente do vulgo quando quorem chamar uns aos outros sem que sua voz seja conhecida. E este estratagemu é tido em conta de *capoeira-gem*, de sujeito *mitra*.

HOMON. port. *capoeira*, de *capão*, cesto onde se prendem gallinhas.

ORTHOGR. Com o (*capoeira*), como se escreve geralmente, por differença de *capueira* matto ralo e baixo.

SYNON. *Fagista*, *navallista*; port. *fadista*.

*Capoeirada* s. f. 1) banlo de *capoeiras* 3, 4, 5, 7. — 2) acção de *capoeira*.

*Capoeiragem* s. f. 1) exercicio da *capoeira* 6. «Não se diga que a *capoeiragem* esteve ociosa antehontem!» Red. D. N. 15 jun. 65. «Admittida esta idéa, é difficil de debnir o crime de *capoeiragem*? «Disc. dep. Ratisbona sess. 6 set. 87. — 2) Acção de *capoeira*. — 3) Por ext. deslealdade, traição. «Não ha palavras bastante despreziveis para qualificar devidamente a *capoeiragem* do individuo que, sob o peso da indignação publica, ainda tem a coragem de fazer echoar ao longe as baleias e diffamações. » Aped. J. C. 22 jul. 83.

*Capoeirice* s. f. acção de *capoeira*, *capoeiragem* 2 e 3.

*Capoeirar* v. intr. jogar *capoeira*.

A. J. DE MACEDO SOARES.

## Junto ao berço

Junto ao berço em que pousa alegremente  
O corpo da lilhinha adormecida,  
— Anjo de amores a dourar-lhe a vida,  
Ella, a ditosa mãe, canta contente.

Naquelles doces sons que commovida  
Deixa fugir, alegre e sorridente,  
Na expressão desse enlevo eterno, sente  
Brillar dentro do peito a luz da vida.

Vê na creança a nitida e divina  
Parcela do seu ser; e se cbgando  
Beija-lhe a rir a bocca pequenina...

E a filha que adornecc vaporosa,  
Lembra pequena e branda borboleta  
Pousada sobre um petalo de rosa!

J. DUQUE ESTRADA.

## Estudos de Litteratura Brasileira

Laurindo José da Silva Rabello

A apreciação das sensações e emoções do poeta nestes rapidos versos nos mostra um ser ardente, um coração de fogo, abrasado pela desdita e pelo amor.

Laurindo veiu a fallecer atacado neste órgão central da vida: o coração matou-o. Não foi a tuberculose, como falsamente alguns pensaram. Sabemos bem disto.

O poeta inflamava-se e vegetava nas chamas, segundo sua expressão; e esse ecstetismo de tola a sua organização extravasava-se em uma continua ebullicão mental.

O abalo intimo, o estremecer constante de sua vida psychica torturou-o sempre. Elle mesmo pintou esse estado de espirito na poesia—*O meu Segredo*, que é uma verdadeira auto-biographia, e nos *Dois Impossiveis*, que são uma bella pagina de psychologin.

Ouçamos esta ultima:

«Jamais! quando a razão e o sentimento  
Disputam-se o dominio da vontade,  
Si uma nobre atizez nos alimenta,  
Não se perde de todo a liberdade...

A luta é forte: o coração succumbe  
Quasi nas ancias do lutar terrivel;  
A paixão o devora quasi inteiro,  
Devoral-o de todo é impossivel!

Jamais! a chamma crepitante lastra  
Em curso impetuoso se propaga,  
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,  
E' inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o  
impeto  
Em que não queima já, mas martyriza,  
Em que tristeza branda e não loucura  
A' razão se sujeita e harmoniza.

E' nesse ponto de indizivel tempo  
Onde, por mysterioso encantamento,  
O sentir a razão vencer não pôde,  
Nem a razão vencer o sentimento.

No fundo de noss'alma um espectáculo  
Se levanta de triste magestade,  
Si de um lado a razão seu facho accende  
Do outro os lyrios seus planta a saudade!...

Melancolica paz domina o sitio,  
Só da razão o facho bruxoleia  
Quando por entre os lyrios da saudade  
Do zélo semi-morto a serpe ondeia!

Dois limites então na actividade  
Conhece o ser pensamento, o ser sensivel:  
Um impossivel—a razão escreve,  
Escreve o sentimento—outro impossivel!

Amei-te! Os meus extremos compensaste,—  
Com tanta ingratitude, tanta dureza,  
Que assim como adorar-te foi loucura,  
Mais extremos te dar—fôra baixaza...

Minh'alma nos seus brios offendida,  
De prompto a seus extremos poz remate,  
Que mesmo apaixonada uma alma nobre  
Desespera-se, morre, não se abate.

Pôde queixar-se inteira a flicidade  
De teu olhar de fogo inextinguivel,  
Acabar minha creença, meu futuro...  
Aviltar-me! jamais! E' impossivel!

Mas a razão, que salva da baixeza  
O coração depois de idolatrar-te,  
Me adoma a shaftoocar-te, a não querer-te,  
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de  
amar-te...

Porém amar-te desse amor latente,  
Raio de luz celeste e sempre puro,  
Que tem no seu passado o seu presente,  
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,  
Que para nunca abandonar seu posto,  
Para nunca esquecer-te, nem precisa  
Beber, te vendo, vida no teu rosto...

Que, desprezando altivo quantas graças  
No teu semblante, no teu porte via,  
Adora respeitosa aquella imagem  
Que delles copiou na phantasia. » (1)

Vê-se que o poeta era desses espiritos reflexivos que se voltam sobre si mesmos, que lutam, que se analysam no meio de suas lutas.

Era também altivo; mas e homem sincero; fugia, sumia-se e não esquecia, nem deixava de amar, como elle mesmo disse.

Claro é que Laurindo não tocava instrumento, não era virtuose; sua poesia não era rhetorica e cheia de phrases, era a expressão natural de seus affectos.

Noto o leitor que vamos n'uma verdadeira gradação; já vislumbramos na alma do poeta as ternuras diante de uma flor dada por sua amante; já entre os seus segredos sorprendemos a luta funda que tratou para vencer uma paixão ingratamente retribuída...

Um passo mais e vê-o-emos prantear loucamente diante das saudades que lhe arrancára a lembrança de sua irmã.

Não insistirei nesse ponto, porque já toquei nelle quando fallei de Araujo Vianna, marquez de Sapucahy.

Estamos em plena elegia. Um passo mais e, em *Meu Segredo*, na *Linguagem dos Tristes* e viote outras poesias, veremos o soffredor fluminense, o pobre mestiço, o proletario diante de seu viver, diante de seu destino. A elegia então geme, e dóe ouvir-a.

Não ha artificialidade; a simplicidade da linguagem deixa vazarem-se a través de seus poros as exhalações de uma alma dilacerada. Elle teve bem razão de assim dizer em — *O que são meus versos* :

« Si é vate quem accesa a phantasia  
Tem de divina luz na chamma eterna,  
Si é vate quem do mundo o movimento  
C'o movimento das canções governa ;

Si é vate quem tem n'alma sempre abertas  
Doces, limpidas fontes de ternura,  
Veladas por amor, onde se miram  
As faces de querida formosura ;

Si é vate quem dos povos, quando falla,  
As paixões vivifica, excita o pasmio,  
E da gloria recebe sobre a arena  
As palmas que lhe offrece o enthusiasmo ;

Eu triste, cujo fraco pensamento  
Do desgosto gelou fatal quebranto ;  
Que, de tanto gemer desfallecido,  
Nem siquer movo os échos com meu caoto ;

(1) Tenho muito medo de molestar os leitores fluminenses que em materia de letras gostam muito de coisas leves e ligeiras... Por isso neste e n'outros artigos, que pretendo publicar nesta folha, extrahidos da *Historia da Literatura Brasileira*, tenho o cuidado de os reduzir a meoas proporções, cortando trechos e podando as citações. Quem quizer verificar as allegações por mim feitas, recorra directamente ás obras dos autores criticados.

Eu triste, que só tenho abertas n'alma  
Envenadas fontes de agonia,  
Malditas por amor, a quem nem sombra  
De amiga formosura o céu confia ;

Eu triste, que, dos homens desprezado,  
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,  
Actor no palco estreito da desgraça,  
Só espero a corôa do martyrio ;

Vate não sou, mortaes ; bem o conheço ;  
Meus versos, pela dôr só inspirados,—  
Nem são versos,— menti,— são ais sentidos,  
A's vezes, sem querer, d'alma exhalados ;

São fel que o coração verte em golfadas  
Por continuas angustias comprimido ;  
São pedaços das nuvens, que m'encobrem  
Do horizonte da vida o sol querido ;

São anneis de cadêa que arrojou-me  
A os pulsos a desgraça, impia, sanhuda ;  
São gotas do veneno corrosivo,  
Que em pranto pelos olhos me transuda

Sêca de fé, minh'alma os lança ao mundo,  
Do caminho que levam descuidada,  
Qual, ludibrio do vento, as seccas folhas  
Sôlta a esmo no ar planta myrrhada. »

Este podia assim fallar ; podia chorar sem reboço, sem mostrar-se ridiculo ; tinha para tanto o privilegio dos soffrimentos de uma vida flagellada. Era uma alma de tempera. Podia também rir ; porque só o havia de fazer quando a effusão fosse bastante forte para mandar a gargalhada brotar a través das maguas.

Laurindo não era uma natureza unitaria, de uma só facota, uma dessas organizações simples, que tomam a direcção que lhes imprime o curso dos factos.

Um entesinho desses, si as coieas lhe correm bem e elle possui certa habilidade litteraria, atira-se aos versinhos faceis, e também ao pagode, á crapula, á sucia, e vae engrossar a cohorte dos peraltas e bohémios letrados.

Temos então a frivolidade galante dos cafés e botequins. Os versos que fazem, os folhetins que escrevem, parecem-se com as gravatinhas de côr, as bengalinhas leves que conduzem...

Si, porém, as coisas não foram bem, as difficuldades sérias surgiram de fauces abertas, então o entesinho desequilibra-se de todo, estiola-se, murcha, inutiliza-se. Vae para o tumulo ou para o hospicio.

Laurindo não era dessa qualidade de gente.

Foi do numero daquelles homens usados que naufragam, mas nadam sempre para as costas e vão surgir adiante com as mãos dilaceradas, nus, famintos, e sempre energicos, sempre cheios de esperança.

Foi do numero desses que respondiam ao infortunio com a ironia, ao desespero com a gargalhada.

Era batido, porém não se deixava prender ; era vencido mas não se entregava.

Forte casta de homens que lutam como leões, choram como aguias e riem como gigantes. Esses sahem fóra da medida commum.

Foi por isso que Laurindo por onde passou interessou a todos com as scintillações de seu espirito, de suas satyras, de suas pilherias.

A Bahia e Porto Alegre ainda boje

lembram-se de seus ebstosos ditos e de suas singularidades ; o Rio de Janeiro viu-se durante vinte annos pelo dia-pasão de seu riso.

Era a gargalhada ironica e profunda do paria, do mestiço e cigano, do proletario n'uma patria ingrata explorado pela cubija de uma burguezia de estranhos e pela ganancia de politicos relapsos.

Grande porção da obra do poeta, por esta face particularissima de seu talento, perdeu-se porque foi oral. Outra porção d'ella existe impressa e esparsa por ahi algures.

Na *Marmota*, no *Sino dos Barbadinhos*, na *Voz da Juventude* e n'outras publicações da época pôde-se joeirar muita coisa no alludido sentido.

Não tenho agora tempo de o fazer e indico o trilha a investigadores futuros que desejem estudar a fundo o escriptor.

Existem também por ahi ineditas, em cópias que algumas pessoas possuem, muitas composições de pura pornographia, muito superiores pelo chiste ás produções do genero attribuidas á Bocage.

Antes de dizer algumas palavras finaes sobre o talento do repentista e do autor faceto, demos um passo mais na senda da elegia.

O poeta estava na Bahia, fazendo o curso medico ; alli já tinha escripto a *Saudade Branca*, quando mais tarde cahiu gravemente enfermo. Esteve áe portas da morte. Convencido absolutamente que ia de morrer, escreveu—o *Adieu ao mundo*.

Todos os encantos da natureza, da sociedade lhe apparecem para receber o adeus da ultima despedida.

Quem já uma vez perdeu entes queridos, porções d'alma que se foram, léa ; é pungente

« Já do hatel da vida  
Sinto tomar-me o leme a mão da morte,  
E perto avisto o porto  
Immenso, nebuloso, e sempre noite,  
Chamado — Eternidade ?  
Como é tão bello o sol ! Quantas grinalhas  
Não tem demais a aurora !  
Como requinta o brilho a luz dos astros !  
Como são recedentes os aromas  
Que se exbalam das flores ! Que harmonia  
Não se destructa no cantar das aves,  
No embalar do mar, e das cascatas,  
No susurrar dos limpidos riheiros,  
Na natureza intelra, quando os olhos  
Do moribundo, quasi extictos hehem  
Seus ultimos encantos ! (2)

Então ? Eu bem dizia : é uma pagina siogular esta. É uma das elegias mais doloridas que já uma vez foram escriptas em qualquer lingua. Em portuguez nenhuma outra a excede.

Laurindo era um homem do povo e sempre viveu em estado proximo da indigencia. Não privava com o imperador, não era socio do Instituto Historico e tão pouco era um protegido dos regios magnatas da litteratura do seu tempo.

Não era apanguado de Magalhães, Porto-Alegre, Octaviano, Macedo e outros influentes da época. Pelo contrario, noto no jornalismo do tempo quasi inteiro silencio sobre o poeta fluminense.

Repare-se que Fernando Wolf nem uma só vez faz menção do nome de

(2) Veja-se o volume de versos de Laurindo.

Laurindo. É que aquelles que forneceram os apontamentos para a obra do escriptor austriaco guardaram segredo schre o nosso trovista.

E, todavia, a injustiça aqui é clamorosa ; porque fluminense é um dos mais valentes talentos poeticos de nossa lingua. Si não teve fama entre os grandes, gosou da mais completa notoriedade que o nosso povo tem outorgado aos seus dilectos.

Elle e Gregorio de Mattos foram os poetas da plebe, do grande numero no Brazil.

Homem do povo, fallava-lhe a sua linguagem.

Entre nós a litteratura, ou mais propriamente a poesia, ha tido duas expressões—capitais e divergentes.

De um lado, nota-se o grande grupo dos poetas por plano e reflexão, os espiritos estudiosos e illustrados que têm procurado acompanhar as idéas do tempo em que vivem e acclimam-as no paiz.

Têm merecimento e prestaram hoos serviços ; mas não foram as boccas entusiasticas e propheticas por onde fallava a nação.

De outro lado estende-se em linha o grupo dos que nada, ou quasi nada sabiam do estrangeiro, ou que nada ou quasi nada se impressionavam com o que por lá corria, mas, em paga, estavam identificados com o nosso povo e eram delle uma voz, um soluço, um lamento, um cantico, alguma coisa que lhe sabia da alma. São as duas correntes geraes de nossa litteratura. Até hoje têm addado divergentes.

É por isso que ainda não tivemos um poeta daquella primeira linha em que fulgem os vultos de Shakespeare, Milton, Goethe e de outros astros desse tamanho.

Só quando as duas correntes se encontram na cabeça e no coração de um homem, a um tempo a synthese da sua raça e o espelho de seu seculo, só então possuiremos quem nos vá representar na região dos grandes genios.

Laurindo não passou de um talento, notavel talento em verdade.

Sinto não poder aqui estudal-o como satyrlico e humorista. A necessidade de resumir-me, e, em parte, a falta de materias agora á mão, obrigam-me a passar adiante, dizendo apenas duas palavras sobre o repentista.

Por esta face só Moniz Barreto podia com elle, e muitas vezes degladiaram-se na Bahia.

No improviso oratorio, como já disse, Laurindo não tinha rival então ; no improviso poetico acompanhava o repentista bahiano. Eis aqui um soeto dirigido a cantora Marietta Landa :

« Tão doce como o eom da doce avena  
Modulada na clave da eaudade ;  
Como a hrieca a voar na soledade,  
Branda, singela, limpida e serena ;

Ora em notas de goso, ora de pena,  
Já cbeia de eolemne magestade,  
Já languida exprimindo piedade,  
Sempre essa voz é hella, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom superno  
A dadia descubro mais subida  
Que de um Deus pôde dar o amor paterno.

E minh'alma, n'um extasi emhehida,  
Aos teus labios deseja um canto eterno,  
E, só para gozal-o, eterna vida...

Mouiz Barreto entusiasmado, atirou-lhe este mote — *Tens nas mãos teu porvir, teu bem, teu fade* —, que o poeta fluminense glosou assim, dirigindo-se á mesma cantora :

«Disseste a nota amena da alegria,  
E' arrebatado então nesse momento  
De um doce, divinal contentamento,  
Eu senti que minh'alma aos céus subia...

Disseste a nota da melancolia,  
Negra nuvem toldou-me o pensamento ;  
Senti que agudo espinho virulento  
Do coração as fibras me rompia.

E's anjo ou nume, tu que desta sorte  
Trazes o peito humano arrebatado  
Em successivo e rapido transporte ?

Anjo ou nume não és ; mas, si te é dado  
No canto dar a vida ou dar a morte,  
*Tens nas mãos teu porvir, teu bem, teu fade...*

Basta ; é sufficiente para dar uma amostra da limpidez e clareza e simplicidade dos improvisos do bardo fluminense. Para concluir :

Laurindo é um poeta de caracter autonomico em meio dos seus pares.

Mais moço que Magalhães e Porto Alegre, appareceu depois d'elles, sem lhes seguir as pisadas.

Mais moço apenas tres annos que Gonçalves Dias, appareceu mais ou menoa pelo mesmo tempo e não lhe deveu absolutamente nada.

Igual independencia manteve em face de Azevedo, Lessa, Bernardo e Andrada pouco mais moços do que elle.

A qualidade predominante da sua poesia é a nota elegiaca. e esta não é a chamada poesia sentimental e lamurienta.

O poeta não se lastima ; tambem não se insurge, nem se rende ; não é um revoltado, que blaspheme, nem um submettido que se prostre vencido. Não ; elle é naturalmente elegiaco. O pranto lhe sae espontaneo e não o espanta ; não se converte em motivo de queixa nem de odio.

Aquillo não é fingido, não arma ao effeito ; é assim por indole.

SYLVIO ROMÉRO.

## Lexicologia Didactica

THECEL

NA BIBLIA SAGRADA, *Testamento Velho* — Livro de *Daniel* — Capitulo V — cujo summario é este :

« *Banquete do rei Balthazar. Apparição de mão escrevendo na parede. Os sabios de Babilonia não podem explicar esta escriptura. Daniel a lê e a applica. Morte de Balthazar. Succede-o Dario Medo.* »

se descreve o nefando festim que Balthazar deu a mais de mil magnates de Babilonia e durante o qual « appareceram uns dedos como de mão de homem que escrevia defronte do candieiro na auferficie da parede da sala do rei. »

Foi o propbeta Daniel quem pôde explicar o sentido dessas palavras. Eis a reproducção textual do que se lê no livro e capitulo acima indicados :

« 25. — Esta é pois a escriptura que alli está disposta : MANE, THECEL, PHARES. (1) »

Esta é a intepretação das palavras  
26. — MANE : Deus contou os dias do teu reinado e lhe poz termo.

27. — THECEL : tu foste pesado na balança, e acabou-se que tinhas menos do peço.

28. — PHARES : o teu reinado ae dividiu, e foi dado aos Médos e aos Persas. (Extrahido de pag. 191 o 192 do tomo II d' A BIBLIA SAGRADA — traduzida em portuguez segundo a *Vulgata Latina* — illustrada com prefações — por *Antonio Pereira de Figueiredo* — seguida de notas pelo Rvm. *conego Delaunay* e approvado por mandamento de S. Ex. reverendissima o arcebispo da Bahia (D. Manoel Joaquim da Silveira) — Rio de Janeiro — B. L. Garnier — Editor — 1864).

Larousse, na *Flore Latine* pag. 240 artigo : *Mane, Thecel, Phares* e nas *Fleurs Historiques* pag. 232 no equipollente artigo

### Festim de Balthazar

comprovados, um e outro por multiplas citações de modernos escriptores francezes, adduz o seguinte no segundo dos preindicados artigos :

« Punha sitio a Babilonia, na vanguarda de poderoso exercito, Cyro, rei dos Persas. Persuadido da resistencia

(1) « MANE, THECEL, PHARES. *Mane* quer dizer numero ; THECEL, peso ; *Pharés*, divisão. Pereira. »

N. do T.

dos muros que guarneciam a cidade, Balthazar zombava dos esforços frustraneos do inimigo e se deslembrava no festim dos tedios de protrahido assedio.

Uma noite, ao celebrar orgia com os magnates e todas as regias cortesãs, mandou buscar, por jactanciosa impiedade, os vasos sagrados que Nabucodonozor outrora arrebatára ao templo de Jerusalem.

Perpetrada a profanação, viu, com pavor, o impio monarcha não que trçava sobre a parede, caracteres igneos, que nem Balthazar nem nenhum dos convivas ponde decifrar.

Foi avocado o propheta Daniel, que assim falou :

Essa mão foi enviada por Deus, e eis o que escreveu :

*Mane, Thecel, Phares*

*Mane* : — Deus contou os dias de teu reinado e lhes poz termo.

*Thecel* : — Foste pesado na balança e se verificou que tinhas menos do peso.

*Phares* : — Repartiu-se teu reinado e foi dado aos Medas e aos Persas ».

De feito, na propria noite, Cyro, desviado o curso do Euphrates, penetrou em Babilonia pelo leito do rio estagnado ; Balthazar foi trucidado e Babilonia encorporada ao imperio da Persia.

Por allusão a essa memoravel festa, denomina-se *festim de Balthazar* qualquer orgia ruidosa, ou, por hyperbole familiar, qualquer brodio copioso e prolongado.

Completaremos estas indicações, trasladando para aqui feliz applicação da palavra biblica : *Thecel*.

Fel-a o estimado autor das *Notas Lexicologicas*, Manoel de Mello, de mui aaudosa e indelevel memoria, no final da importante *nota bibliographica* referente á *Vie de Jesus* por Ernesto Renan, 11ª edição — Paris, 1864, em notavel *Catalogo Supplementar do Gabinete Portuguez no Rio de Janeiro* — 1870, pag. 382. Eia aa proprias palavras do illustre e pranteado Manoel de Mello :

« A critica escreveu na primeira pagina do livro : THECEL. Palavra mysteriosa, que dados como de mão de homiem trçaram ante os olhos de Balthazar, e que Daniel intepretou : « Tu foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos do peso ».

G. BELLEGARDE.

## QUADROS NEGROS

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

EVELINA

A TERRA DA SERVIDÃO

Felizes os que nunca da pópa de um navio viram as terras da patria, afastando-ae maia e mais de seus olhos, finctuando sobre as ondas, e abymando-se no fundo do Oceano.

Elles não estenderão a mão da mendicidade ao pão de estranhas mezas ; nem implorarão com a voz da compaixão um canto e uma enxerga com o tecto da hospitalidade estrangeira.

Só, sobre a terra da escravidão, cresceu Evelina e deaenvolveu-se no circulo das criançaa de alva tez e de louros cabellos, como a paina dourada dos capulhos abertos aos raios do aol. A fazenda de seu senhor não tinha felizmente a estranha physionomia das cidades e povoados qua, longe de encantala-a, a entristeciam.

Nos seus boques mais verdes e pomposos ; nos seus montea mais bellos e risombos, nos seus rios maia susurrantea e pictorescos do que os bosques, do que os montes, do que os rios de aua patria, via ao menos a imagem de sua Africa adorada.

La satá a choupana de sapé, como a cabana de aeccas palmas de aua mãe.

Os passarinhos, como as avea africanas, esvoaçam em torno della, derramando seus trinados de alegria.

Lá dançam os crioulinhos ao som do urncungo e da poita e do tomboril e da flauta tangidos pelos velhos tios.

Miragens da aaudade ! Doces recordações á alma da proscripta !

Aos quinze annos deixou Evelina os companheiros da infancia com os brinquedoa da meninice.

Bateu a hora do trabalho na ampulbeta da vida e começaram as afanosas lidas nas terras da servidão.

Cada qual tomou o seu destino. Os companheiros da infancia, livres como naeceram, seguiram o caminho da liberdade, juncado de flôres, que conduz aoa altos pincaroa da sociedade.

Evelina, a orpbã abandonada por sua mãe sobre os mares a mãos estranhas, reduzida á ecravidão que avilta

## AMOR E ROSAS

Um anno agora faz que em minha casa estavas,  
Em meu pobre jardim rosas brancas havia.  
Por desejal-as, tu nos pés te alevantavas  
Para a rosa colher que mais alto floria.

Embalde ! pois que a tanta altura não chegavas !  
Para ajudar-te fui, e quando o braço erguia  
E erguia a mão buscando a flôr que desejavas,  
Do teu olhar gelou-me a constante ironia.

Nesse momento, eu tremo, e o galho me escapando  
Dispersa pelo espaço as desfolhadas flôres,  
Que te vieram cobrir a frente compungida.

— Não é muito, senhora (eu te disse) attentando  
Que quem amor nos dá partido em muitas dôres  
Uma rosa recebe em petelas partida.

JOÃO RIBEIRO.

## Dura veritas, sed veritas

Ha muita vez na vida uma hora tão damnada,  
tão cheia de amargor, tão cheia de tristeza,  
— que vê-ae toda só noss'alma deolada  
na intermina amplidão da infinda Natureza.

Então, dizem que a Vida é nma illusão provada,  
que além da campa uma outra existe com certeza...  
— Quão creduloa que sois ! Que monte adventada !  
Além desta, ó Materia, és toda realzaal

Além desta é o reinar da bruta Inconsciencia ;  
— o eterno evoluir do *Cosmos* no infinito,  
onde o *motus* é a lei, fatal, sem consciencia,

e o Fatalismo nm deus que esmaga o velbo *mytho* !  
— E' lá que a *força* tem a eterna omnipotencia,  
— e o *corpo* a estupidez peada do granito.

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

a humanidade, seguiu o trilho escabroso do captivo, semeado de urzes e arripiado de precipícios e abysmos.

Ella viu em sonhos, alta noite, uma sombra, um espectro que lhe trazia algebras em uma das mãos, e na outra o azorrague, e que mais e mais se aproximava de seu tosco leito — uma pobre esteira.

O seu sequito era numeroso. Todos os vícios, todas as calamidades o seguiam.

Estremeceu...  
Oh! o pesadelo tinha o que quer que fosse de realidade.

Mão de ferro pesou sobre seus lábios, impondo-lhes silencio.

Quiz defender-se elucto nas sombras da noite.

Arcou braço contra braço, peito contra peito e corpo contra corpo.

E cahiu, exhausta de forças...

E o que poderia ella fazer?  
Ceder á força bruta que a opprimia, que a suffocava, que a esmagava.

Sim, era elle! Era seu senhor.

No outro dia pertencia a desgraçada Evelina ao rebanho de negras odaliscas, que a receberam com rinchavelhadas e a apertaram em seus braços impuros e asquerosos, qual si fosse nova irmã muito bem vinda.

Profunda tristeza embaciou o brilho dos olhos de Evelina; covou o sulco dos desgostos em suas faces e deixou por de mas patente o selo da reprovação que lhe imprimiram na testa.

E sentiu mezes depois palpitar dentro de suas entranhas um novo coração. Seu filho, pobre creatura!...

Ainda mal se desenvolvia o feto e já a placenta lhe servia de carcere da escravidão.

Seu ventre era o seu destino, sua condição o seu crime.

Ella não viu o terno sorrir de seu filho deslisando-se sobre a sua face infantil.

Seus seios não o alimentaram com o seu sangue; nem aquelles lábios tão puros de innocencia se desabrocharam com o doce nome que sóa como uma harmonia aos ouvidos maternos.

Oh! nem sequer lhe deixaram beijar aquella bocca tão tenra, tão pura como a de um anjo.

Arrancaram-no do leito e o levaram para bem longe...

A degradação da pobre e infeliz negra desceu na escala da humanidade á condição da miseravel cadella a que furtam sem magua os cacborrinhos.

Para ganhar mensalmente algum dinheiro, veio Evelina para a cidade do Rio de Janeiro; viveu num palacete, teve criados brancos que a serviam, teve carros e cavallos que a levavam a passeio e a transportassem a reuniões festivas.

Não era uma fidalga, era uma escrava e a cevavam como se ceava uma vacca de leite de estrebaria.

Negava a mãe os seios succulentos aos lábios de seu filho e Evelina vinha substituil-a na mais sagrada missão que Deus confiara á mulher.

Ao principio aborrecia-se da criança e o seu vagido infantil só lhe lembrava o filho de suas entranhas.

Depois... e pouco a pouco... Oh! e que coração ba abi que resista ao sorriso de um anjo descido ha pouco do céu?

Que outro laço a prendia á bumandade?

Assim a ave, á qual substituíram os ovos no ninho, alaga os pintainhos da mãe estranha, como si fossem seus proprios filhos.

Os gritos innocentes, as balbuciantes palavras da criancinha achavam echo maternal em sua alma. Os seus afagosinhos repercutiam no coração de sua mãe negra.

Ella ornava o seu berço de flôres e lhe repetia as doces canções das terras africanas.

E ella dormia se sorrindo aos sorrisos daquellas faces negras.

As orações da pobre ama subiam ao céu pela felicidade do menino-anjo.

E quando o grito de dor annunciava o seu despertar, o peito da negra se alvoracava; e quando as lagrimas lhe inundavam as faces assetinadas, os olhos da ama se humedeciam tocados de ternura.

Ella era mais do que sua mãe... mas elle não era seu filho.

Bem depressa passaram-se mezes, um anno, quasi dois; e um dia amanheceu para que elle não anoitcesse mais em seus braços.

Oh! nunca mais o viu, nunca mais sinão nas visões da saudade.

Mimosos da fortuna, os paes embarcaram-se para Europa e sua gratidão traduziu-se na liberdade outorgada a Evelina.

Deram-lhe duas azas immensas, mas levaram-lhe metade do coração.

Livre!... livre!...

Oh! para sempre livre!  
Tão pobre e tão rica! E' nada o ouro para quem sae maguada dos ferros do captivo, mas a liberdade é tudo.

Nem ha ahi na terra riquezas que a compensem.

A falta de seu filho de criação, a posse de sua liberdade despertaram-lhe na alma uma lembrança gratissima.

Era livre e podia viver com seu filho, seu verdadeiro filho.

E bradou eu seu coração chamando por elle, e escutou...

E não ouviu sinão o ruido surdo de uma cidade immensa...

— O' meu filho, exclamou, meu pobre filho!...

E onde estarás? Viverás ainda? Serás livre ou escravo?

E seu coração perdeu-se num mar de incertezas, como a nau sem leme, que vaga batida pelo vento e balouça ás ondas do immenso Oceano!

J. NORBERTO DE S. S.

## TUAS MÃOS

Vê que desejo é o meu... De que receias?  
Eu quero, apenas, (a ventura é breve...)  
Sentir nas minhas mãos o peso leve  
Dessas mãosinhas, de teu sangue cheias...

Neste contacto só, tu me rodeias  
De delicias que est' alma nunca teve...  
Meu ser exulta e phantaziar se atreve...  
Nasce-me um philtro calido nas veias!

Oh, eu quero beijal-as, commovido...  
Mas seja um beijo tumido, incendiado,  
Como este amor que me domina, ardente...

E que pareça, ô meiga creatura,  
Sugar por ellas, como em fonte pura,  
Todo o teu sangue palpitante e quente!

S. Paulo

## O MAR

I

Silencioso, encostado ao paredão do cães, Henrique contemplava o mar. O céu estava encoberto e só através das nuvens amontoadas se desprendia a luz phosphorescente da lua. O mar murmurava soturno e tenebroso qual monstro á espreita, lançando um bafo calido. E as ondas se estendiam por uma vasta região; só ao longe, muito no fundo, corria uma fachia brilhante em que se reflectia a claridade forte da lua, que escapava entre duas nuvens. O cães seguia recto para um dos lados, depois contornava as sinuosidades do golfo, afinal afundava-se na areia da praia. Do outro lado fazia uma enseada cavada na rocha, continuando depois, muito além, até perder-se no borborinho das ondas. Henrique já estava alli desde muito, observando o tempo. Ameaçaria chuva?...

A aragem forte batia-lhe no rosto, impregnada de exalações marinhas, cheia de uma carícia branda. Elle olhou para o céu. Sombras negras se accumulavam para o sul, acompanhando umas ás outras, imitando uma reunião de conspiradores mudos. No meio e em volta da lua occulta corria um véu claro, sem soluções; apenas em um ponto fazia-se um rasgão profundo por onde apparecia parte da via lactea como um punhalo luminoso de aréa.

Para a parte opposta, perdiam-se por detraz das ultimas montanhas, vultos alvacentos de nevoeiro. Era possível que chovesse.

E Henrique poz-se a caminhar ao longo da costa do mar, em direcção ao golfo. Ahi a rocha escancarava as guelras, onde tremiam as fálúas e botes de carga como uma multidão tragada que se debatesse com ligeiros estremecimentos de victimas. Ouvia-se o rumor confuso das vozes dos pescadores que partia do fundo, como um bocejo immenso sahido das fauces do golfo. Dahi o vento trazia com o cbeiro mais activo de maresia as emanações dos detritos de peixes e fructas em decomposição, empastando os arredores. E Henrique teve que apressar o passo para fugir aquella região viciada, em busca de um ar mais puro. Passado o golfo, continuou elle a ladear a costa, que agora

seguia em linha recta. De repente parou defronte de uma solução da muralha que dava para o mar. Em baixo, rente ao ultimo degrau de uma escada de pedra fluctuava um bote.

— Que mianda patrão? gritou um homem lá dentro, invisível na sombra.

— Escute, fez Henrique, descendo a escadinha, que diz do tempo? chove amanhã?

O homem do bote revolveu-se na treva, depois respondeu surdamente:

— Hoje isto está duvidoso; a modo que á tarde queriam pingar uns choviscosinhos, mas amanhã é lua cheia e creio que o tempo deve concertar. Olhe! veja, patrão! — e a mão do catrairo destacou-se vagamente no ar — lá para aquellas bandas temos uma boa carga de vento, mas isso desaba e vae-se... para a manhã isto amaina, patrão, creio que amaina... — e a mão tornou a desaparecer. Nisso a ventania encavou-se pela fenda do paredão, sibillando com estridor. Henrique teve que calcar o chapéu que quasi voava. E o catrairo continuou no vento.

— Quer fazer alguma viagem?

— Não: é um passeio que tencionamos dar amanhã á ilha. — E indicou um ponto negro em frente que se perdia na amplitude escura do mar. Depois, tomando uma resolução:

— Então cre que amanhã não chove?...

Teremos, teremos até luar; eu asseguro a V. S.; e depois si é para amanhã á noite, o patrão pôde apparecer quando quizer que eu cá estou ás ordens.

— Bom: então esteja aqui ás 6 1/2, e si eu não apparecer até ás sete, é que não conte comigo. — E subiu dois degraus. Depois voltando-se de novo:

— Ah! como já me ia esquecendo! Por quanto leva daqui á ilha a tres pessoas; ida e volta?

— Barato, barato, patrão, pôde-se fazer por 3\$500.

— Por tres mil réis está decidido.

— Não se pôde... não se pôde... fez o homem.

— Não dou mais que isso; si quizer é estar aqui ás 6 1/2 — e galgou os tres ultimos degraus. No alto ouviu a voz surda do catrairo resmungar — Pois vá lá... ás 6 1/2 — em resoar morto que se misturou ao murmúrio longiquo do mar.

Henrique vivia alli nos arredores, a pequena distancia do oceano, em companhia da velha mãe e da prima Alice, com quem estava para casar. Tambem morava com elles a tia Henriqueta, idosa e doente, a quem o irmão confiara ao morrer aos cuidados da familia. Henrique desde pequeno nutria pela Alice uma afeição forte, que a puberdade, desenvolvendo, transformára no mais puro amor. Hoje, a consentimento da mãe, tinham tratado casamento, e esperavam com calma, no doce aconchego do lar, sem precipitação o dia em que mais intimamente se unisse: num amplexo doce e eterno. Elle desde criança se acostumára á vida do commercio a que agora se entregava em um emprego pacifico e rendoso dos capitães que o pa elle deixára; quasi sem sentir o borborinho da cidade, sem preocupações fortes, na doce calma da vida burgueza. E quando elle via pelas ruas a multidão dos homens a correr esfaimados em uma lucta feroz, destruindo-se uns aos outros em busca de dinheiro e posição, elle muito admirado, nada comprehendia daquillo tudo, pasmo de que aquelles

AFFONSO DE CARVALHO.

homens todos não achassem um meio tranquillo onde vivessem sem pensar, sem soffrer, ao suave ombalar do tempo.

O Deus de Henrique era o mar: sem outras crenças mais vivas que lhe occorriam, o espirito, fazia daquella grande massa sem limites um deus todo poderoso, senhor de todas as coisas, capaz de tudo destruir em um só momento, com um simples espadanar de ondas. E todas as perfeições que em pequeno tinham-lhe ensinado pertencer a Deus, elle as achava no mar: e era por isso que o adorava. O mar era quem guiava as pequenas embarcações sob a protecção do luar, fornecendo-lhes do seu seio misericordioso todo o alimento necessario. E o mar era a Providencia. Elle ligava os continentes, relacionando as nações mais afastadas num grande abraço. E o mar era o Grande Amigo dos homens.

Emfim, elle era o Justo quando tragava em suas espumas os ladrões e assassinos; elle era o Eterno, porque não se lhe conhecia o principio nem o fim; Grande e Magestoso, porque os seus dominios eram immensos e envolviavam todo o mundo. E Henrique, fraco e timido, quando ás vezes se sentava á borda do paredão, perdia-se todo na contemplação daquelles grandes cachões que rolavam ao longe, como que sentindo partir lá do fundo, do meio das duas extremidades do golfo, um sopro forte o nutriente que o enchia de forças. Outras vezes, si o vento soprava, o céu estava escuro, as ondas revoltas o trovão rugia terrível, elle acabava que era bom fugir de Deus em colera. Então refugiava-se em casa, buscando entre a velha mãe ou a noiva o manto de protecção que lhe faltava, como que fazendo uma oração muda e ardente ao Senhor Todo Poderoso, Creator de todas as coisas.

Naquelle noite Henrique tinha formado o projecto de fazer uma surpresa á familia, levando-n no dia seguinte á ilha em passeio. Agora tinha muita esperanza, confiando no que dissera o catraeiro. Além de que ao olhar para o céu viu a lua que, passando por entre duas nuvens que se distanciavam, apparecia redonda sobre as ondas. A chuva lá se ia, o céu se limpava e o mar, embalsando-se tranquillamente, parecia um grande monstro, de ventre para o ar, ostentando as escamas prateadas ao luar. Sim, Deus era bom; Elle tinha attendido á supplica de Henrique.

## II

No dia seguinte, ás 6 horas da tarde, Henrique em companhia da velha mamãe e da noiva sahia de uma rua estreita e atravessava a praça. Tinham elles muito cuidado em correr por aquelle meio em movimento, evitando as carroças e animaes que alli pululavam. Tomaram a direcção do golfo. A tarde declinava. O sol no poente, muito rubro, atirava uma cór viva sobre o mar que ardia, fazendo reflectir uns raios ao longe sobre algumas montanhas elevadas, como um echo estridente. Na beira do mar se fazia a importação da tarde. Alli chegados, os tres puzeram-se a contemplar aquelle borborinho de gente a trabalhar. O golfo estava cheio de faluas, botes e barcaças de carga que, atracadas umas ás outras, despejavam os flancos cheios de fructas com um rumor surdo. E todas aquellas embarcações sem velas, faziam uma grande esteira oululante, onde o movimento dos pequenos mastros nós punham ainda

maior confusão. E os homens corriam de um para outro lado com custos cheios de abacaxis e laranjas, onde a cór avermelhada mais augmentava na luz do sol poente. Mais adiante ainda se sentia o mesmo estremecer vertiginoso. Eram melancias e aboboras que os homens carregavam, quasi que vergando de baixo do peso, suando muito com o calor. E o tom alli era menos vivo, mais escuro, deixando predominar as cores sombrias de alguns fundos de faluas, a nã, onde se accumulavam saccos de carvão.

— Como ó bonita a tarde, Henrique? — suspirou Alice com um arripio de prazer. — Aqui sim, é que se respira um ar puro...

— Aqui, é outra coisa — disse a D. Emilia, a mamãe, — mas não lá no golfo, onde o cheiro é insupportavel. Destes lados sente-se menos a maresia...

— Mamãe não gosta da maresia? — voltou Henrique — pois acho-a esplendida!

— Eu tambem; acompanhou Alice, cobrindo-se com o chale que trazia.

E todos os tres seguiram o desenvolvimento do muro, e chegaram logo á abertura estreita que dava para o mar. O loniem do bote lá estava recostado, tendo nas mãos os pesados remos.

— Vimos muito cedo? — disse Henrique, — não contava ainda connosco?

— Pois não, patrão, eu já cá estava á espera; depois não é cedo, porque precisamos quanto antes fugir do vento que acollá vem...

E apontou vagamente para o céu. Este se conservava desde meio dia puro e sem mancha. Actualmente o azul se desvanecia na cor rubra do sol. So para o lado opposto conservava ainda uma coloração esverdeada em que os dois tons, vermelho e azul, luctavam em um combate de exterminio. Bem no meio, onde a luz vermelha começava a se accentuar, a lua, esvaecida, quasi incolor, destacava-se timidamente. Para leste manchava o firmamento uma nuvem escura com ligeiros toques alaranjados. E era esta a nuvem que o catraeiro apontara.

Henrique, que fora o unico a ouvir a observação do homem, pouco se importava com a questão do vento; o mar estava manso, elle bem o conhecia, e depois, dêsse no que dêsse, elle sabia nadar e junto com o catraeiro estavam alli dois homens para duas mulheres:

— Embarquemos... fez elle.

O homem era musculoso e alto. Tinha uma camisa de meia branca e a barba loura e comprida. Com um golpe de remos dirigiu o bote e ageitou-o ao ultimo degráu da escada. Henrique desceu, dando a mão a D. Emilia. Alice, ao entrar, sentou-se do mesmo lado, carregando muito no bote, que todo se inclinou para a direita.

— Não, filha, sente-se á esquerda, interveiu o Henrique, é preciso restabelecer o equilibrio; — e elle proprio sentou-se á popa.

Nesse momento o catraeiro contrahiu toda a musculatura, inclinou-se e fez correr a embarcação. O tempo escurcia cada vez mais, a lua tornava-se mais branca o luminosa e as montanhas menos distinctas perdiam a cór pouco a pouco.

O mar estava ligeiramente irriçado e as pequeninas vagas agitavam-se confusamente, fazendo ao longe um rendilhado caprichoso. A medida que o bote se afastava, o rumor do golfo ia se abysmando em um estrepito discreto.

Os remos em rythmo compassado, iam fendendo as aguas com regularidade mecanica. E o vento que ia augmentando aos poucos, trazia uma aragem fresca e agradável, cheia de caricias.

Henrique, atirado á popa, via através das barbas do catraeiro, que voavam, a linha de separação entre o céu e o oceano. Dos dois lados limitavam-na as duas extremidades da enseada. Bem no meio o ponto escuro da ilha se destacava. Para os lados as terras verdes se succediam gravemente em desfilhar moderado. Depois vinham as linguas brancas das praias que iam se continuando até perderem-se nos escolhos dos extremos. Em pouco tempo os viajantes transpuzeram os limites da bahia. Então a linha do horizonte mostrou-se muito augmentada, estendendo muito além os seus limites. No céu, a lua com o morrer completo do dia já se apossara da amplidão, brilhando muito fortemente, com a actividade e esplendor de plenilunio. Todo o firmamento se illuminára, deixando mais se destacar a nuvem escura que, muito crescida, corria por sobre o mar no desfilhar do vento. E o oceano immenso e imperturbavel dormia, acalentado pela natureza toda.

E diante deste espectáculo Henrique sentiu-se em um paraizo sublime, cheio de forças para gozar. Deus Todo Poderoso se dignara rebel-o em seu céu de supremos gozos, onde a viração embalada que augmentava o envolvia de uma ternura suave. E elle que em pequeno lera a Biblia, sentia-se agora o discipulo amado do Senhor que tivera a dita de se reclinar em seu collo divino.

— Como está soberbo o tempo, fez elle commovido.

— Oh! balbuciou Alice, sem achar o que dizer, olhando para o ar.

— Precisamos apressar, interrompeu o homem do bote, o vento já não tarda.

— Ora o vento!... tornou Henrique com desprezo. E não se achava elle junto do seu deus que tudo podia? Ora o vento que viesse!

Já em frente, a ilha apparecia alvejando ao luar. No céu a nuvem negra e ameaçadora já quasi attingia a lua, correndo sobre elles com grande velocidade. O vento crescia muito em grandes rajadas e o mar atirava as primeiras vagas na attitudé de um monstro que accorda.

— Ah! gritou a D. Emilia.

Um golpe mais forte da ventania na agua tinha levantado o bote a uma certa altura, fazendo-o depois afundar com grande choque. O céu tornou-se tenebroso e o mar de repente escureceu, como um bandido que apaga a luz para assassinar. E no meio daquella confusão vagueava o bote sobre as cristas das ondas já revoltas.

— Jesus! — gritou a menina — Deus nos acuda!

O catraeiro tornou-se livido no clarão de um relampago.

E o trovão rugia para os lados da cidade. O bote dava saltos immensos. Os tres viajantes protegiam-se uns aos outros, agarrando-se.

— Que ha de se fazer? — gritou Henrique.

— Temos aqui um ahrigo, patrão, temos um escolbo para amarrar. E os relampagos se succediam num rumor continuo e medonho.

Então o remador, pondo-se de pé, com um golpe forte de remos aproximou-se da pedra. E atirando-se sobre

uma fenda, agarrou-a com uma das mãos, ao passo que com a outra apertava o remo contra o escolho. Então, tirando do fundo um cabo, amarrou-o á argola da proa. Depois, tendo a corda em uma das mãos, pulou em terra. Nisto uma onda immensa cahiu em cheio e a embarcação, escapando, precipitou-se sobre o oceano. Depois tres vagalhões a tomaram e recotrendo-a nas possantes garras, jogaram-na vazia, de costas. Henrique mergulhou e, quando chegava á tona d'agua, sentiu perto de si dois corpos que selebatiavam.

— Henrique! dê-me a mão por amor de Deus!...

— Meu filho! salva a tua mãe!...

Elle estendeu ambas as mãos e sentiu que os dois corpos agarravam-lhe nos braços e nos hombros. Nisto uma onda colossal passou-lhe pelo braço esquerdo, levando um corpo. Elle ainda olhou e viu aquillo que se afundava engulido pelo vagalhão, sem um gemido. Era a mamãe. Elle então, possuido de um poderoso instinto de conservação, poz-se a nadar com coragem, tendo no bumbro esquerdo suspenso o corpo ligeiro de Alice. E nadou durante meia hora com um vigor heroico e inabalavel. Chegados os dois a uma praia do golfo, encontraram uns pescadores que os recolheram e abrigaram.

E Henrique, ao caminhar na arca, ainda voltou-se e viu o mar, que, de novo illuminado com o reaparecimento da lua, sereno e tranquillo, parecia um monstro cruel que se descargava de ventre para o ar, farto de sangue e de carne, digeindo o corpo da velha mamãe.

## III

Mezes depois, á tardinha, Henrique dirigiu-se á borda do cães em companhia de Alice. Vinha cheio de uma colera surda, meditando qualquer vingança cruel. Elle se assentára sobre o paredão, ao lado da noiva, que lhe dizia entre caricias:

— Meu amor, porque choras?... Foi muito forte a tua dor; foi eu hem comprehendendo... Ainda sinto uns arrepios, quando me lembro daquella noite; que horror!... Passeavamos tão tranquillós, tão socegados, e o céu estava como hoje, tão puro, tão alegre, quando tudo se mandou de repente!... Sim, bem vejo; é horrivel a tua dor, mas que quer?... é preciso que te resignes. Ella não soffreu quasi; aquillo foi rapido, num mergulho e agora já está no céu rezando por ti. Sim: consola-te! Foi Deus quem quiz...

— E... murmurou elle, foi Deus quem quiz...

E recostado sobre o braço direito, olbava em frente. O céu estava sem nuvens como da outra vez. A lua em minguante, não deitava luz tão forte, mas, ainda assim, atirava uma phosphorecencia triste sobre as roupas dos noivos em lucto.

O mar é que calmo e pacifico ostentava a sua indifferença de monstro farto. Sim: Henrique hem percebia agora toda a sua perversidade. Elle alli viera não para rezar, não para implorar protecção nem forças, mas para atirar á face da brisa o maissoleme desafio, a mais cruel invectiva, dos labios cheios de blasphemia. — Sim: Deus não era justo, porque não só destruiu os ladrões, mas tambem os santos e innocentes. Deus não era Bom. Era um mesquinho assassino que seduzia as

victimas para afogal-as em seu seio. Deus abusava da força sem ser forte, porque exterminava os fracos. Emfim: não era o Pastor sonhado, envolvido em Magestade e Carecia, mas um monstro horrível e cruel que dormia para o ar, com o ventre repleto de victimas.— E Henrique, assim blasphemando, sentiu ao lado, hem junto ao collo, o suspiro quente de Alice. E elle agora, longe dos homens, longe de Deus, inimigo de todos, tendo experimentado a perversidade de todos, apenas ouvia a voz doce de Alice, que, passando-lhe a mão pelos aneis dos cahellos, lhe dizia:

— E' preciso que vivas agora para mim; aim, meu amor?

LIMA E SILVA.

## SERENATA

(F. COPPÉE)

Tu prometteste-me um heijo  
Para esta tarde, morena!  
Embriagou-me o desejo  
Um raio de luz serena.  
Fujamos ao seu clarão  
Que brilha na tua imagem:  
Tem ella a brisa—o verão  
Que vé por aoh a folhagem.

Tomemos a negra estrada,  
Subamos aos verdes montes,  
Para ouvirmos a toada  
Do rumorejo das fontes.  
Ao atravessarmos nos guia,  
Por haixo da esphera escura,  
—Mimosa e casta poesia—  
Que cohere-te a coma pura!

S. Paulo

ARTHUR BARBOSA.

## THEATROS E DIVERSÕES

TENENTES DO DIABO

Explendido o ultimo haile desta magnifica sociedade carnavalesca, realizado no sabbado ultimo. Animação, vida, delirio...

PRADOS VILLA-IZABEL E DERBY-CLUB

Der am-se nos dias 8 e 11 do corrente mez duas magnificas corridas nestes dois clubs.

Em amhos a concurrencia foi, além de grande, escolhidissima, e a chuva do dia 11 em nada perturbou a do Derby.

FESTA ESCOLAR

Realizou-se na quinta-feira da semana paasada a festa de encerramento das anlas do importante instituto de ensino, *Collegio Menezes Vieira*.

Foi uma festa magnifica, extremamente concorrida, e que revelou ainda uma vez o aproveitamento e a disciplina daquella excellente casa de educação.

Um collegio, cujo director em trese annos da magisterio tem conquistado tão jsto renome, não carece de nossos alogios. Pedimos-lhe sómente perdão por haveremos retardado esta noticia.

## PHANTASIA

Si a vida é como um lago de serenas  
Ondulações, adormecido, quando  
Passa por elle alegremente o bando  
Disciplinado daa gentis phalenas;

Lago em que a aurora molha as alvas pennas  
Quando surge nos céos, óra fitando  
As planicies do mar, óra banhando  
Na fresca matinal aa açucenas;

Vem, toma o remo; e vamos hrandamente  
Vogar, vogar, na limpida corrente,  
— Cysnes do amor nas agoas perfumadas...

Ouvindo ao longe o suspirar do vento,  
E contemplando o azul do firmamento  
Nas mysterias noites estrelladas!

S. Paulo, 87.

JULIO SALUSSE.

## Diversas Publicações

A COMEDIA DOS DEUSES, poema por Theophilo Dias, procedido de uma introdução por M. Pinheiro Chagas.— S. Paulo.— Teixeira & Irmãos — editores.

Tarde recebemos o notavel livro de Theophilo Dias, razão porque sómente agora damos noticia do seu apparecimento, depois de toda a imprensa da Corte haver já prestado as devidas homenagens ao eminente poeta que acaba de dotar a litteratura com um monumento que ha de perdurar enquanto perdurarem os fastos da poesia brazileira.

O que é a *Comedia dos Deuses* sabe-o já o leitor é a primeira parte do *Ahasvéro* de Ed. Quinet transformada em versos admiravelmente architectados como sempre são todos os que procedem da penna de Theophilo Dias, que, assim, concorreu para que avultada parcella da obra do genio francez chegue aos nossos ouvidos com todos os encantos e seducções da verdadeira linguagem poetica.

Volveremos a tratar da *Comedia dos Deuses*.

JORNAL DOS ECONOMISTAS, revista quinzenal de propriedade e redacção de Silva Figuiaró.— Anno II—N. 23.

Os trahalho deste numero estão indicados no seguinte summario:

O Senador João Alfredo.—Os importadores frandulentos.— Seguros mutuos.— As falsificações de café na Euro.— Aos nossos collegas.— Noticiario: O manifesto do Sr. conselheiro Paulino e Souza; Regresso; Banco Agricolas do Brazil.— Administração da marinha — Bibliographia. — indicador. — Anuncios.

POEMAS NORTE-AMERICANOS da Henry W. Longfellow, trasladados para verso portuguez por Americo Lobo.— Imprensa nacional.

Estão reunidos neste volume os tres primorooa trabalhos do illustre poeta

americano— *Poemas da escravidão, Evangelina a O canto de Hiawatha*.

Tanto quanto noa pôde permittir a rapida leitura a que percedemos de tão interessante publicação, temos verdadeira satisfação em declarar que o cantor da America do Norte encontrou fiel e digno interprete no cantor da America do Sul: o poeta Longfellow foi entendido pelo poeta Americo Lobo.

Além do valor litterario propriamente dito, recommenda-se tamhem o livro pelo valor artistico, que não é coisa de somenos importancia em committimentos desta natureza. Honram a Imprensa Nacional o gosto, a nitidez e até o luxo com que executou a impressão desta obra destinada a celebrar as feitas da poesia nas duas grandes nações americanas— O Brazil e oa Estados-Unidos.

IL BRASILE, revista mensal agricola, com merciale, industrial e finanziaria.— Anno I.— N. 12.

Continha esta importante revista, a oferecer aos seus leitores interessantes trahalhos consoantes com os intuitos indicados no respectivo titulo.

O fasciculo distribuido recommenda-se, entre outros escriptos, pelo estudo chorographico das provincias brazileiras do Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco; pela noticia commercial, industrial e financeira; e pela chronica a varias noticias.

O BRAZIL-MEDICO, revista semanal de medicina e cirurgia, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré.— Anno I.— N. 46.

Eis o summario deste numero:  
O segredo medico.

*Trabalhos originaes*: — Ankylostoma duodenal e ankylostomiasa, pelo Dr. Adolpho Lutz.

*Sociedade de medicina e cirurgia*: Sohra um caso da hemato-chyluria, pelo Dr. Pedro S. de Magalhães— Considerações do Dr. Hilario de Gouvêa.— Sobre

um caso de dystocia dependente de um tumor fibroso do utero, pelo Dr. Crisaiuma.

*Revista medica estrangeira*: — Usos tharapêuticos do iodol, por O. Seifert (*Munch. Médie. Wochens.* 1887—n. 4).— Nevroses reflexas de origem nazal, pelo Dr. Moore (*Journal de Médecine de Bordeaux*—1887.)

Noticiario.

OCCIDENTE, revista illustrada de Portugal e do Estrangeiro.— Volume X.— N. 321.

Contém os seguintes artigos:— *Chronica occidental de R.*— *As nossas gravuras*. (O maestro Manuel Innocencio Liberato dos Santos; Fabrica de fajanças das Caldas da Rainha; Caminhos de ferro portuguezas— a linha urhana de Lisboa; por L. da Mendonça e Costa — *O Infante D. Henrique*, por Manuel Barradas. Um conto, por José Pessanha. — *Resenha noticiosa*.

NOTAS A MARGEM, *chronica quinzenal* por Valentim Magalhães.— Anno I.— N. 1. Typ. Moreira Maximino & C.—

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã á 3 da tarde—Rua do Carmo 34,

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 á 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra publicada por Wanceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIODE JANEIRO, 24 DE DEZEMBRO DE 1887

VOL. III-N. 156

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|   |                     |
|---|---------------------|
| Expediente.....                         |                     |
| Escreptores do Norte do Brazil.....     | Franklin Tavora.    |
| A arte como funcção.....                | Araripe Junior.     |
| Rehabilitação, soneto.....              | J. Duque Estrada.   |
| A marmita.....                          | B. Paranaipacaba.   |
| Philologia.....                         | A. J. Macedo Soares |
| A eterna lagrima, soneto                | Nereu.              |
| A mulher e a sociologia.                | Livio de Castro.    |
| A noite na taverna, poesia.....         | M. e Albuquerque.   |
| Soneto.....                             | Carlos Falcão.      |
| Poetas mineiros.....                    | Trançado Lucas.     |
| Ouvindo a pendula, soneto.....          | H. de Carvalho.     |
| Quadros negros.....                     | J. Norberto S. S.   |
| Contibste de S. José do Norte.....      | Dr. Gama Roza.      |
| A cabra cega.....                       | Virgilio Varzea.    |
| Movimento litterario em Pernambuco..... |                     |
| Theatros e diversões.....               |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS CORTE E NICHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno.....     | 8\$000 |

### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

A Empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos até o fim d'este mez para evitar interrupção de remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

## Escreptores do Norte do Brazil

DR. F. G. CASTELLO BRANCO

Do Dr. Gil Castello Branco, escriptor piauiense, conheço unicamente o volume em que estão reunidos tres contos:—*Ataliba* o *Vaqueiro*, *Hermione e Abelardo* e *A mulher de Ouro*.

O primeiro desses contos é evidentemente trabalho que se deve classificar entre os da litteratura do Norte.

E' um episodio da secca. O aspecto local foi transportado para o livro com fidelidade. Caracteres verdadeiros. Szenas tão naturaes que parecem authenticas. Muita vibração de sentimento.

Em um ou outro ponto o autor dá a entender que não lhe é de todo estranho o vocabulario usado no sul. Exemplo: a um homem que cahiu não se pergunta no sertão si *está machucado*. *Machucado*, no sentido de molestado, ou contuso, é termo do sul.

Sabe-se que estes pequenos nadas entram por muito naa narrativas de costumes. Si no sertanejo puzerem a linguagem do praciano, tel-o-bão falseado tanto como si em logar de lhe porem vestia, guarda-peito e perneiras de couro, o trajarem de calças, colete e palitot.

O vocabulario do norte é uma das qualidades que mais affirmam a sua autonomia.

O habitante daquella região não diz, ao menos por ora: *Não mecha comigo*, mas *Não bula comigo*; não diz: *Estou vezado*, por *Estou envergonhado*, mas sim por *Estou afficto*.

Como fica bem na narrativa do Sr. Castello Branco aquelle—*Quemquem, gentes!* aquelle *Iche!* aquelle *Inhá, sim!* e outras phrases populares muito conhecidas em todo o norte.

A vida domestica está perfeitamente desenhada nas paginas do livro. A comida e o modo de a preparar e usar foram fielmente representados. O desañ e os versos populares são caracteristicos.

As primeiras manifestações da secca, o esfolar das rezes mortas, a tristeza, as inquietações, os cuidados, o chegar dos primeiros retrantes, os horrores successivos, foram reproduzidos sem esforço. O leitor está conhecendo que o autor viu todas as linhas geraes, todos os traços particulares da grande calamidade. Na descripção que não tem aliás vastas proporções, predomina a intuição, por assim dizer, visível dos desastres imminentes, o sentimento da catastrophe que se avizinha, ao principio do tamanho de um vampiro, depois com as dimensões de coruja colossal e medonha

A tristeza que suggere no espirito do pacifico sertanejo o seccar lento e gradual do tanque da fazenda, tem a elo-

quencia funebre das grandes agonias vagarosas e fateses.

Si neste paiz houvesse espirito litterario, esta narrativa, com ser curta e syntetica, andaria em todas as mãos. Em tão singelo e pequeno quadro, ainda não vi pintura tão fiel.

Sobre o assumpto do *Ataliba* o *Vaqueiro* isto é a secca do Ceará, ha duas narrativas conhecidas,—*Os Retirantes* do Sr. José do Patrocínio, e *O Retirante* do Dr. Araripe Junior. A ultima não está concluida. Conheço apenas dois dos capitulos em que se divide, e que viram a luz no *Vulgarizador*, periodico publicado ha alguns annos nesta Corte. Poderia vir a ser imagem fiel dos quadros de horror que esse phenomeno meteorologico produz na zona cearense.

Quanto aos *Retirantes*, o autor localizando a acção principal na capital, apenas nos offerece scenas de prostituição, venalidade e corrupção.

Não direi que não ha verdade nisto; ha. Mas o que me parece é que a parte mais interessante não está naquelle ponto, que se deve considerar o ultimo da tragedia.

A parte verdadeiramente dramatica, a meu vér, da desgraça da emigração forçada, está no longo e penoso trajecto, através de inhospito e desolado sertão, reduzido a poeira e fogo, quando mezes antes era o verdor, a fartura, a alegria.

Esta romagem de fome, sede e morte não podia ser deixada de parte pelo artista formado naquelle meio. Longe disso, a sua principal observação e estudo haviam de convergir para o exodo que nem o maná nem a lympha pura que irrompeu do penhasco percutido pela vara biblica, suavizam e refrigeram.

Nota-se que lhe falta o sentimento, a alma do Norte. Lendo-se aquelle livro onde abundam scenas do naturalismo das grandes cidades, comprehende-se que o naturalismo sertanejo não foi alli representado.

Quão longe está *Os Retirantes de Motta Coqueiro*, onde ha vida, movimento, graça e verdade; onde a linguagem dos personagens, as descripções dos logares não podiam ser mais fieis onde brilhantemente se affirmam os talentos do escriptor e do artista!

FRANKLIN TAVORA.

## A arte como funcção

(Conclusão)

O artista, pois, não é um appellido commum, como tambem não o é o pianista militar, nem o politico, nem o inventor, nem o philosopho.

Dizem que Napoleão Bonaparte,

quando se achava diante de um paiz por invadir, tinha uma visão tão nitida, tão completa de sua topographia que immediatamente, em sua imaginação translucida, se afigurava a terra com todas as logica geographica. Os moneres accidentes da região, agrupando-se por si subordinavam-se de modo tal que todo o determinismo dos movimentos dos inimigos se a apresentava com uma exactidão vrsdaderamente msthemática. Dahi o talento militar do grande cabo de guerra, cuja tactica cifrava-se apenas em prevér e impedir. Articulado o seu exercito á região expugnável, não lhe restava sino observar as oscillações dos corpos da vanguardia do adversario e, em msrchas rapidas, inesperadas, cortar-lhes a passagem, quando menos o esperavam. Os planos, portanto, trotavam-lhe no cerebro com espontaneidade igua! á com que em individuos medianos se produzem as determinações de movimento, no andar, de inibição, no amparar-se de uma queda, de esforço, no atravessar um rio a nado. Este exemplo é caracteristico, e, uma vez transportado para a esphera da funcção artistica, explica perfeitamente o isochronismo dos movimentos, que determinam o apparecimento da obra d'arte. O artista, do mesmo modo que aquelle tactico de guerra, posto diante do spectaculo da vida, passa por correspondentes modificações cerebraes, e sendo o producto elaborado fatalmente, é precipitado fóra do apparelho, logo que chega a sua maturidade, sem que o productor possa dar uma minuciosa descripção do seu processo, nem uma definição tecnica, além da enumeração dos materiaes que procurou ou que as circumstancias lhe proporcionaram. Assim, fazer uma obra d'arte, como dar uma batalha, não é mais do que um acto de previdencia, cuja base principal encontra-se no instincto, ou para exprimir-me melhor, na amplitude do registro cerebral do artista, isto é— nas acquisições da raça e do temperamento nelle implicitamente contidas. Essa previdencia regula-se pela menor ou maior complexidade das necessidades estheticas da epoca.

O que de tudo isto resulta é que o artista não pôde deixar de ser um constructor. Ora, construir implica a idéa de escolba, de justaposição, de condensação. A *crase* dos elementos offerecidos pela natureza é, portanto, uma condição essencial da arte. Um poema, uma estatua, uma opera, um quadro, um drama, um romance, um soneto, um discurso, são antes de tudo *machinas* de sensações,—*obras*— como diz o povo em sua linguagem expressiva e concreta. A natureza, diffusa e confusa, não tem expressão por si só. O espirito do observador, segundo a intensidade de suas facultades é que a

produz, dando relevo ás partes essenciais do objecto; e foi justamente o reconhecimento dessa verdade que levou Taine a afirmar que om regra « o que nos interessa em um ser real, e o que exigimos de um artista é a sua logica interior ou exterior, em termos diversos, a sua estrutura, a sua composição e arranjo particular, em summa o *character essential* das coisas, traduzido pela *sensação original* do mesmo artista. » (1) O idiota, por exemplo, é incapaz de um trabalho artistico, e a razão é óbvia: o idiota não póde construir, e não póde construir porque o seu estado de attenção diffusa não o permite; bem como a sua incapacidade para a coordenação das imagens que o obsedam e a falta de um apoio ou de um centro de subordinação para as sensações, tolhem todas as suas aspirações para o bello. Concentrar, intensificar, subordinar, para impressionar, eis todo o artista. Tortura-o o ponto de vista da unidade na complexidade; o que o obriga a trabalhar o a produzir é a vida, não emquanto aos seus elementos anatomicos e abstractos, mas como um todo em movimento, concreto e representavel; e uma vez descoberto, é-lhe indispensavel um trabalho não menos penoso, que resulta da necessidade de pôr-se em accordo com o publico, de modo que este possa ascender naturalmente ás suas concepções artisticas. (2)

Conhecido, por esta maneira, o que se pode chamar a anatomia do temperamento artistico, só fica restando o ultimo termo da questão, que são as condições de sua existencia emquanto ao ambiente actual.

Os productos d'arte, embora immediatamente subordinados ao subjectivismo do artista, do mesmo modo que a linguagem, o direito, a politica e a religião, não podem apparecer si não como producto social; nem ha mesmo quem a conceba fóra das relações de collectividade. Sem a repressão do meio, toda a arte seria nulla o inviavel; e este que a completa, si e que não a provoca. A observação de todos os dias nos mostra que sem publico não ha litteraturas, como sem exercicio não ha função, e sem a necessidade de função não ha orgam. E'

(1) Taine, *Philosophie de l'art*, I, 83 e 84.

(2) « O artista não tem por fim copiar a natureza, mas representar toda a natureza em uma imagem. A obra artistica, deste modo, é um *microcosmo* e, como o *macrocosmo*, reduz-se a uma unidade que desenvolve a idéa segundo uma ordem precisa e determinada. » Paulus Carnis, *The principles of art, from the standpoint of mousm and metemorphism*.

E' a mesma idéa de Taine, de Spencer e de todos os liberais modernos, que fundam a arte sobre a lei do progresso, e a reputam um caso particular do principio de subordinação.

Neste ponto parece que os rhetoricos da antiguidade classica aucturam mais proximos da realidade do que todos os philosophos que antecederam a revolução philosophica deste seculo, com excepção apenas de Placon, que definiu a arte o *homem accrescendo as coisas*. Ao passo que veunos Kant, Schelling, Hegel e Baumgarten apresentarem a arte como uma lucta entre o elemento material sensível e o ideal em busca da realização do espirito absoluto, retruabindo aos philosophos e criticos de Atilenas e Roma, encontrámos sobre o assumpto conceitos muito mais positivos. Quintiliano, por exemplo, fazia assentar toda a arte na economia do discurso, dos effeitos, *rerum, ac partium in locos*, observação que já antes fóra posta em relevo por Longino no seu tratado *Do Sublime*; e, antes delles, Aristoteles em sua *Poetica* affirmava que a tragedia não era si não « uma imitação perfeita de uma acção, constituindo um todo, cujas partes deviam ser dispostas de tal maneira, que se uma dellas se mudasse para outro logar, ou fosse supprunida, o todo tambem ficasse mudado. »

nessa atmosphora que se condensam as aptidões, os autores, e se determinam a gestação, o aperfeiçoamento desenvolvido e a integração dos grandes monumentos artisticos. Ridículo, portanto, é dizer-se que o genio, por isso mesmo que o é, pode viver na contemplação de si proprio, desligado do ambiente, entregue ao solitario pensamento que so um futuro ultra terrestre comprehenderá, mergulhado no nirvana budhico de uma poesia extrahumana. Não creio na existencia de seres que vivam assim ao ludo da historia, completamente fóra do movimento solidario da humanidade, nem tão pouco nesses privilegiados, de que falla Schopenhauer, cujo centro de gravidade cõe dentro de si mesmos. (3) So a insuficiencia de observação ou uma preocupação morbida justificará o desconhecimento dessa dependencia. Si o artista pudesse existir por si, teriamos o milagre por demonstrado; mas a época em que coisas taes procuravam explicações que nada explicavam, já findou de uma vez, e os progressos da sciencia não admittem outras interpretações, além das que naturalmente se deduzem do conhecimento exacto dos factos, comparados ua sua ordem de successão e de co-existencia. isto é, no tempo e no espaço.

A sociedade, como um organismo que é, tem uma estrutura propria, cresce, adquire funções, desenvolve-se; e para viver, ou pelo facto de que vive, dispõe de aparelhos diversos, sem os quaes não é possível presuppór o alludido desenvolvimento. E' assim que Spencer considera inconcebível uma sociedade sem estes tres appnelbos rudimentares: o productor, o distribuidor e regulador. (4) Desde, porém, que a collicividade humana, merecedora desse nome, progrido, é intuitivo, que, surgindo novas necessidades, pela differenciação das tendencias, devem apparecer funções correspondentes. Ora, uma das mais importantes necessidades que se mani festam em uma sociedade, logo que esta consegue libertar-se das preocupações puramente animaes, é a de elevar-se acima de si mesma por via dos elementos imaginativos. Como, porém, para a média social os processos indispensaveis para cbeugar a esse *desideratum*, são quasi, si não inacessiveis., o que succede é que esse movimento, resolvendo-se num desejo, e pondo em agitação certos elementos anatomicos do cerebro que mal esboçam a aspiração numa direcção dada, esse movimento, digo, acaba por transformiar-se em uma obsessão vaga, em um sentimento de impotencia, em um estado de angustia permanente que urge ser modificado.

A historia litteraria dos povos civilizados nos mostra n cada passo phenomenos bem expressivos desta verdade. Em certas épocas como que os tecidos sociais convulsionam-se para indicar uma direcção nova ao espirito da collectividade; essas disposições nunca se manifestam si não de um modo vago, indeciso, vemicular, como se se tratasse de um objecto existente em lineamentos na imaginação popular. Apenas, porém, cõe um poeta no circulo destas aspirações, está a função creada; e o que era elemento uno torna-se geral, relaciona-se, constituindo-se por ultimo em um orgam definido, eloquente, que repercute todo o unisono social. E' assim que se com-

(3) *Sagesse dans la vie*, 83.

(4) *Sociologia*, II.

prehendem Dante e Shakespeare; Cervantes, Lope de Vega e Calderon; Voltaire, Diderat e Rousseau; Goethe, Lessing e Schiller; W. Scot e Byron; Chateaubriand, Balzac e V. Hugo; Zola e Daudet. O ideal, em ultima analyse, não é, nem mais nem menos, do que esse movimento reduzido a uma categoria ethica. Pois bem, a arte não se delimitou no meio das outras funções sociaes se não para satisfazer essa necessidade collectiva. Logico era, portanto, que no processo de selecção fossem chamados ao exercicio dessa função os *temperamentos emocionaes representativos*, os mais aptos para verem a vida de um ponto de vista elevado e dotados de um registro cerebral capaz dos movimentos figurativos indispensaveis a uma obra. A arte, pois, resume-se no desenvolvimento da capacidade de satisfazer as aspirações de ordem esthetica de uma sociedade; e como nem todo o mundo encontra em si forças sufficientes para transportar os individuos vulgares a um estado esthetico superior ao normal, é mais que natural que só possam ter o nome de artistas aquellos em quem, já pelas condições hereditarias, já pelo accordo dos seus talentos com as verdadeiras aspirações do meio, taes disposições apresentam-se caracterizadas pela amplitude do vistas, pela sagacidade na descoberta de meios e pela energia na execução de um plano. Sem o jogo de todos estes elementos, sem o prurido destas organizações especiaes por um lado, e sem a solicitação exterior por outro, é bem possível que a arte jазesse aiuda hoje nos limbos da natureza.

Este modo de pensar não exclue o reconhecimento de que nas coisa exteriores, como opina, entre outros, J. Sully, existem « certos espectros, certas relações de fóma reconhecidas por todos como causa da emoção da belleza, como fonte commum a todos de prazer esthetico ». (5) Mas é preciso não perder de vista a relatividade da capacidade humana; e que, si bem que seja innegavel a existencia dessa *meridiana commum*, dessa linha de orientação da raça humana, de que falla Luys, não é menos exacto que, desde o typo do boshiman até o mais altaneiro typo da raça saxonia, encontram-se tantas fórmulas artisticas de exprimir a vida quantos os degraus percorridos pela humanidade em seu contante andar para o sol. Esta asserção é tão exacta que bastaria que em toda a humanidade de um momento para outro, pudesse essa phenomenalidade tornar-se automona, e parallamente igual, para que a arte passasse a ser uma coisa corriqueira e portanto digna de se desapparecer. Em quanto, porém, houver necessidade de relevo, de luz, de effeitos, o artista não prescindirá de sua sublime função. E' a elle que incumbe tornar visível o que é opaco e suggerir nos menos dotados de espirito as illuminações, que mil annos de observação não seriam bastantes para produzir na alma insufficiente do *vilgum pecus*.

Estas theorias não negam o advento do naturalismo. Tal qual o comprehendendo, ou julgo tól-o comprehendido, estudando as obras dos mestre, o naturalismo é uma feição nova, tomada pela arte no seculo XIX, logica, verdadeira e tão legitima, como as que

(5) *Illusions des sens et de l'esprit*, 133.

houve nos seculos XVI e XVIII e na phase do Romantismo, para corresponder ás necessidades do espirito moderno o ás transformações anatomicas do corpo social.

Um artista naturalista não é mais do que um artista educado em um meio scientifico, em quo preponderam os estudos de observação, e que, por conseguinte, apparellado pelo experimentalismo, para attingir seus fins, é forçosamente obrigado a ascender além da linha de fluctuação do seu publico, a preparar e montar *machinas* de muito maior complexidade do que as anteriores.

Não sendo meu proposito tratar aqui das questões que se ligam a esta ultima evolução da arte, concluirei dizendo que o naturalismo reduz-se a um simples, mas sabio e especializado, retorno ao *modelo vivo*.

ARARIPE JUNIOR.

## Rehabilitação

Si queres inda ver como escondida  
Tenho no peito a tua imagem pura,  
Imagem que no céu da minha vida  
E' como um sol risonho que fulgura;

Interroga esse amor, essa loucura  
Que revive por ti... vamos... convida  
Min' alma para amar de novo... cura  
Esta terrivel, caustica ferida...

Attende que contraste raro e fundo  
Aquelle em que firmada te parecees,  
A calcinar o meu amor profundo...

Cada vez na belleza tu mais cresces:  
Eu, por amar-te esqueço-me do mundo,  
Tu, por um nada, de me amarte esqueces!

J. DUQUE ESTRADA.

## A MARMITA

(AULULARIA)

COMEDIA EM CINCO ACTOS, DE

Marco Accio Plauto

Com o complemento de Urceus, o *grammatico*

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES

PELO

Barão de Paranapiacaba

PREFACIO

A *Aulularia* ou *Marmita* devia merecer a attenção da critica, ainda quando não tivesse outro merito si não o de haver inspirado o *Ataranto*, de Molière. Reveste, porém, grande valor. E' uma comedia de costumes, cujo principal caracter vem delineado com alta verdade e muita arte. Todos os personagens, todos os incidentes della concorrem para por em relevo o vicio e agravar os tormentos do avaro Euclião.

Nada mais gracioso e animado que a figura deste rico, sempre a chorar miserias, desgraçado ao dar, inquieto ao receber. Logo á estréa, annuncia-se vi-

gorosamente o assumpto e é pintado ao vivo o protagonista:

Rua! Já disse que saias,  
Põe-te fóra! Saes, ou não,  
Infame espia de saias  
Com teus olhos de furã?

Copiou Molière esta entrada tão natural e dramática.

E' simplissimo o plano da peça. Descobrirá Euclião um thesouro (marmita cheia de ouro), que desveladamente esconde. Um de seus visinhos, velho rico, mas liberal, pede-lhe a filha em casamento. Suppõe Euclião que esse velho aventara o segredo do achado e é naquelle pedido levado pela cobiza. Concede, no entanto, a mão da filha, mas sem dote. Megadoro (o noivo), encarregando-se das despesas do brodio nupcial, manda à casa do avaro alguns cozinheiros, que são logo suspeitados de ladrões pelo futuro sogro do velho liberal. Euclião tira de casa o thesouro e vae escondel-o no templo da Boa Fé. Um escravo de Lyconide, que violára nas *Cereas* (festas em honra de Ceres) a filha de Euclião, rouba a este a marmita e a leva a seu senhor. Sabendo Megadoro da violação, feita pelo sobrinho à moça, com quem pretendia casar, pede-a para o mesmo fim ao mesmo sobrinho, que repara a sua falta. E' o thesouro restituído ao avarento.

Concentrou Plauto num quadro todos os pormenores dos costumes da quadra. Ha principalmente no terceiro acto uma excellenté fala epigrammatica, em relação ao luxo feminino. Escrevia o autor no tempo, em que Catão promulgára a Lei Oppia, condemnando os vestidos bordados, as joias e as carruagens. Imitou Molière as scenas principaes e todas as grandes feições caracteristicas da Plauto, compondo o *Avarento*, uma das mais notaveis produções do humano engenho. Marmontel, Lemercier o Duval escreveram admiraveis observações a respeito do modelo e da maravilhosa imitação de Molière. Fez Calhava magnifico paralelo das duas obras, reconhecendo, como outros escriptores, a immensa superioridade de Molière, sem deixar de fazer justiça a Plauto.

La Harpe, desdenhando do escriptor latino, escreveu com tanta leveza, que lhe attribue parte do quinto acto, escripto por um grammatico de Bolonha, de cujo trabalho se aproveitára Molière, adoptando-lhe o expressivo nome — Harpagão.

Schlegel, que não pôde ser acoiado de irreflectido, exalta, em prejuizo de Molière, a produção de Plauto. Qualifica elle o *Avarento* « farça complicada, tediosa, inverosimil », pretendendo que o amor é incompativel com a avareza. De sua critica só nos parece fundado o seguinte ponto: Em Molière, o avaro, depois de haver escondido o thesouro, não torna a falar delle, facto que causa admiração ao expectador. Em Plauto, o thesouro está presente ao espirito do avaro, e as precauções, tomadas para preserval-o, são, exactamente a causa do roubo delle. Neste lance de genio e de profunda moralidade excede Plauto a seu imitador.

A *Aulularia* é das peças de Plauto a que se conservou por mais tempo no repertorio da idade media. Della fez uma especie de parodia o autor do *Querulus* (Chorão). Vital de Blois, poeta latino do seculo XII, poz em versos latinos esta imitação curiosa, especie de melodrama de estylo obscuro e, muitas vezes, barbaro.

Nos theatros estrangeiros ha numerosas imitações da *Aulularia*. A *Sporta*, do Florentino Gelli, attribuida a Machiavel; o *Avaro* (The Miser), de Fielding, que ensaiou aperfeiçoar o desenlace de Molière, o *Goldingham*, do Shadwell, em cujo prefacio declara o auctor que faz muita honra a Molière copiando-o, não por esterilidade, mas por preguiça, e que não conhece uma só comedia franceza, que não se haja tornado melhor em mãos do peor poeta inglez.

Ha tambem o *Avaro ciumento*, o *Avaro faustoso*, de Goldoni, o *Honrado aventureiro*, de Ottavio, etc. No theatro chinez representou-se tambem um *Avaro*, especie de burleta, entremeiada de coplas, que termina por este trecho, digno de Molière:

« Meu filho, avisinha-se a minha hora extrema; quando eu morrer, não te esqueça cobrar do veudador de favas o meio tostão, que elle me deve. »

A reproducção e o bom exito desse character no theatro são naturaes. A avareza é vicio de todos os tempos e de todos os povos, e um daquelles cuja pintura deve impressionar todos os olhos e espiritos. Quando Londres abriu um grande theatro aos primores dramaticos de Molière, a comedia, que mais effeito produziu e mais angariou a publica admiração, foi, não o *Tartufo* ou o *Misanthrope*, representados por Mlle. Mars, e sim o *Avarento*.

(Extracto do juizo sobre o *Avaro*, escripto no *Theatro completo dos Latinos*, de Mr. Nisard.)

PERSONAGENS

- O Deus do lar (Prologo).
- Euclião (velho avarento).
- Staphyla (velha escrava de Euclião).
- Eunomia (irmã de Megadoro e mãe de Lyconide).
- Megadoro (velho opulento e liberal).
- Lyconide (sobrinho de Megadoro e filho de Eunomia).
- Phedra (filha de Euclião).
- Strobilo (escravo de Megadoro).
- Strobilo (escravo de Lyconide).
- Anthrax (cosinheiros).
- Congrião (cosinheiros).
- Pyhodico (intendente dos escravos de Megadoro).

ARGUMENTO

Euclião, velho avaro, que em si proprio Confiança bem pouca deposita, Cavando em certo dia o chão de casa, Cheia de ouro encontrou grande marmita.

Abriundo, ás pressas, mais profunda cova, De novo a sotterrou, e dentro em pouco, Velando-a de continuo, angustias curte, Que o põe em sobresalto e quasi louco.

Lyconide roubára a castidade D'uma donzella, filha do avarento; Megadoro que a irmã quer ver casado, Pede a amante do moço em casamento.

Consente a custo o suspeito velho; Tem pelo thesouro; e a fim que illula Os suppostos ladrões— por duas vezes, Do caseiro escondrijo o sitio muda.

Descobre o arrano um servo do mancebo, Que da moça offendêra o casto pejo; Pede este ao tio que lhe ceda a noiva E Megadoro accede ao seu desejo.

Torna Euclião a achar o seu thesouro Pela mão do mancebo, e jubiloso Desse achado feliz, deixa que a filha A Lyconide tome por esposo.

ARGUMENTO ACROSTICO

(attribuido a Presciano, o grammatico)

Vcha Euclião marmita cheia de ouro;  
Mas, guardado-a, consome-se em tortura.  
Vcha filha de Euclião, por vil surpresa,  
Vcha a joven Lyconide a candura,  
Megadoro sem dote acceita a Phedra;  
Inquieto Euclião vendo a marmita  
Luzida por Lyconide-lhe entrega  
Vcha filha, o ouro e a neta riquenta.

(Continúa)

PHILOLOGIA

A LEI DA INTERCORRENCIA

Conhece-se em pathologia o phenomeno da *intercorrença*: a febre intermittente no sarampão; a variola na febre typhoide etc., que faz a molestia primitiva tomar outra fôrma, ou differente curso. O mesmo se dá na linguaagem. Os vocaballos alteram-se, na fôrma e na significação, por se meter de permeio idéa que não exprimiam antes. As corrupções que d'ahi resultam são quasi sempre eruditas; poucas vezes, populares. Os litteratos, ignorando a etymologia ou a verdadeira significação da palavra, imaginam que ella deve ser segundo a idéa que suppõem representar, e dão-lhe a fôrma congruente.

São tão numerosos os exemplos que pôde-se formular a *lei da intercorrença* como a unica explicativa de corrupções lexicographicas, que não obedecem ás leis da transmutação das letras e outras conhecidas na philologia.

Para exemplificar, citaremos apenas uma ou outra palavra.

*Catapora* ouve-se da bocca e lê-se nos escriptos dos medicos brasileiros; e já é popular nas grandes cidades. E' o termo *brazil tapora*, pelo qual tupis e guaranis designavam toda a molestia caracterizada por febre, rubor, erupção cutanea, como o sarampão a variola, a varicella, a escarlatina, a roseola etc. Compõe-se de *ta-tá* fogo e *por* que tem. Não é corrupção popular, porque o povo do littoral e do interior ainda diz *tapora*. E' corrupção erudita, devida á intercorrença da preposição grega *κατά*, que apparece em *catapsia*, *catarrhal*, *catarrho*, *cataracta*, *cataplasma* e outras da technologia medica.

Nos nomes de logares, é raro que não se anteponha um *i*, principalmente si começam pela syllaba *ta*. Nos escriptos e nos mappas antigos sempre se escrevem *Carahy*, rio que desagua na bahia de S. Domingos, em Niteroy. E' o rio do peixe *acarú* ou *carú* (compare-se *Piumky* rio do mosquito *pium*; *Pirahy* rio do peixe; *Jocuhy*, rio do jacú; *Tatuhy*, *Corumbatáhy*, *Sapucahy*, *Itahy*, *Suruhy* etc., etc.). Escreve-se e diz-se, entretanto, *Icarahy*.

Auguste de St. Hilaire já havia feito essa observação. E' intercorrença do *Brazil* a agua, rio, que os eruditos imaginam alli; ou habito de antepôr o *i* nos vocaballos brazis que começam por *ta*, nos que elles cuidam estar a palavra *ta* pedra.

*Tapemirim*, *Tabapoana*, *Tapacorá* escreviam os nossos historiadores, geographos e visitantes dos seculos XVI, XVII e XVIII dit-o ainda o povo. Hoje dizem os eruditos *Itapemirim*, *Itapapoana*, *Itapacorá*.

*Tocaya* é palavra brazil, que significa atalaia, mirante, miradouro, mangru-

lho. O povo ainda diz *Tocaya*; os eruditos escrevem *Itocaya*, imaginando que alli está em composição *itá*, porque a *Tocaya* é uma pedra. E note-se que *itá* no pé della está o morro conhecido por *morro da Atalaia*.

São phenomenos de *intercorrença*, e corrupções litterarias, não populares.

Não comportam as paginas desta folha maior desenvolvimento. Em um *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, que talvez breve daremos á estampa, verão os leitores muitissimos exemplos e desviação da fôrma ou do sentido primitivo de uma palavra por *intercorrença* de outra palavra ou idéa diversa.

A. J. DE MACEDO SOARES.

A ETERNA LAGRIMA

A magua donde vem? De que pura agua Deriva a tua lagrima dourada,  
De que oceano a perola encantada A' tona sobra? Donde vem a magua?

— «Uma lagrima eterna, disse. Trago-a Deriva a tua lagrima dourada; Secam todas, mas esta congelada Fica em caminho por estranha magua.

Todas as tem, mas eu, uma sómente. (E accrescentou depois de breve pausa.) Sonho-o a dormir, quando acordado afago-a »

E não mais pergunte! Pois, certamente Sendo ella flor, espanto não me causa Que nella exista aquella gota d'agua.

NEREU.

A mulher e a sociogenia

(CAPITULO DE UMA OBRA INEDITA)

Grâce à l'influence ennobliante de la sélection naturelle, l'organe qui se perfectionne plus que tout autre chez l'homme, c'est le cerveau. ... Nous avons donc le droit d'espérer qu'en dépit des forces rétrogrades nous verrons, sous l'influence biené de la sélection naturelle, se réaliser tous jours de plus en plus les progrès de l'humanité vers la liberté et par conséquent vers le plus grand perfectionnement possible.

HAECKEL.

Uma vez posto fóra de duvida o poder evolutivo da mentalidade feminina, apresenta-se á discussão um novo problema, que é a utilidade de uma tal evolução.

Ha dois modos de encarar essa utilidade, em relação ao homem e em relação á mulher. Sob o primeiro ponto de vista não ha logicamente duas idéas, a utilidade é incontra-versa. Só um protesto existe, é o do homem; mas o motivo occulto que o dirige é o mesmo a que se deve attribuir o *gynethesmo*.

Essa falsa abnegação tem raizes em uma apreciação erronea. O homem «defende» a mulher contra a evolução mental, porque em seu proprio espirito está implantada a convicção de que o estado actual é para elle homem o mais conveniente.

Não accusamos o homem pela falta de sinceridade, é um hypocrisia inconsciente a que o domina enquanto elle não emprehe a minuciosa analyse de seus sentimentos. A inutilidade da educação da mulher é a falsa razão com que o homem procura satisfazer a intelligencia para explicar um sentimento secularmente hereditario, o sentimento da superioridade, da autoridade. E' inutil perder tempo com a refutação do «desinteresse masculino»: sabemos que sob essa forma occulta-se o mais genuino interesse, dirijamos, pois, contra elle nossos argumentos, passando ao segundo ponto de vista da utilidade da evolução feminina.

Ha interesse para o homem em que augmente a evolução feminina? As objecções até hoje trazidas á luz resumem-se nisto: «A educação da mulher vem dissolver a familia e provocar o desmoronamento da sociedade, que é uma familia, em ponto maior. As qualidades inherentes ao sexo feminino dizem bem claro que seu papel é na familia e não na sociedade, na propagação da especie e não no desenvolvimento social.»

Esses dois argumentos reduzem-se facilmente a um unico, que tem a vantagem de, pela clareza de seu enunciado, mostrar o valor que merece:—a mulher só deve ser a propagadora da especie— I (a) A educação (compreenda-se sempre no sentido mais lato) da mulher vem dissolver a familia e (b) dissolvendo a familia provoca o desmoronamento da sociedade. A primeira parte pôde ser refutada por uma unica palavra, E' uma afirmação *à priori*. Em uma questão de biologia, que joga com a observação, a experimentação, a indução, um principio estabelecido *à priori* e só *à priori*, não merece attenção. Concedamos-lhe por favor o que elle não pôde ter por direito, e analysemos.

Si a educação da mulher dissolve a familia é que uma das condições dessa instituição é a ignorancia da mulher. Uma instituição, um contracto só possível enquanto um dos contractantes é ignorante, é necessariamente um contracto baseado na exploração de um associado pelo outro. Um contracto, nessas condições, não representa união de formas para conquista em commun de um bem fóra do alcance de qualquer dos socios em particular, representa a conquista dos trabalhos de um pelo outro; não produz economicamente utilidades novas, mas sim a concentração das utilidades já existentes nas mãos de um unico individuo.

Si a familia deve ser isso, e deve ser isso desde que basea-se na ignorancia, não merece respeito nem consideração de pessoa alguma.

Economicamente tem os efeitos da escravidão, moralmente tem ainda o valor e efeito da escravidão. Como a escravidão avilta e inutiliza o escravo, deteriora e corrompe o senhor, como os homens sob tal influencia, senhores e escravos, são nocivos á sociedade, devemos aconselhar ao homem e á mulher, ao senhor e ao escravo, a extinção desse estado corruptor, immoral, prejudicial physica moral e economicamente. Por ser a escravidão a exploração do fraco pelo forte—uma das primeiras e portanto das mais atrozadas instituições sociaes, por ser tendencia evolutiva a substituição do escravo pela machina, dos milhões de braços, que esgueram as pyramides pharaonicas pelo cavallo e por, que perfura o istmo de Suez, do corpo que pensa

com o cerebro alheio pelo corpo que só reconhece como seu o cerebro physiologicamente e geneticamente seu, devemos condemnar como perniciosas, barbara, selvagem a instituição anachronica que pretende continuar ao lado da civilização, ella fundamentalmente assente sobre o que a civilização presuppõe extinto.

Em poucas palavras:—Si a educação, o fermento da evolução cerebral feminina vem dissolver a familia, chegamos por absurdo á conclusão de que o primeiro cuidado de um povo, ao civilizar-se, é extinguir a familia;—educar a mulher. Ou a evolução cerebral da mulher não dissolve a familia, e deve ser apressada pois vantagens ha nisso sem haver perdas sociaes, ou essa evolução dissolva a familia e entre os motivos que recomendam a evolução deve incluir-se mais esse.

Mas a objecção discutida em que se funda? Na historia? Não. Na biologia? Também não. A biologia nunca se pôde achar em contradicção com a historia. O mais rapido estudo da sociogenia mostra-nos um quadro em nada favoravel áquella afirmação suspeita.

No periodo mais remoto a que attinge a sciencia ethnologica não ha familia, ha relações sexuaes, o que não é o mesmo. A mulher é então uma propriedade, um utensilio vivo, na mais rigorosa accepção; pertence a todos e não pertence a ninguém; a tribu pôde dar-lhe um destino qualquer, o individuo nada lhe pôde fazer. Mais tarde é a propriedade viva de um unico e esse pôde empresta-la, vendel-a, destrui-la, não só a ella como a tudo quanto della se origina—os filhos. E' a noção da propriedade que se inicia ao lado da primeira concepção da individualidade. Muito mais tarde, finalmente, com a civilização greco-romana a mulher é moralmente, mas já então só moralmente, a propriedade do homem. No acto do casamento ella compra o direito a viver na casa do marido, a proteger-se com os seus deuses, a ter autoridade e direito sobre seus filhos. Falta muito ainda para nma igualdade, mas é a primeira vez que ella se manifesta na imperfeição primitiva; a lei reconhece e protege esse contracto bilateral e a mãe de familia deixa de ser, como ainda hoje o é na interpretação philologica, — escrava — mãe de escravo.

Pela primeira vez apparece a « familia », paes e filhos prendem-se por laços que não são mais os da propriedade.

As relações sexuaes baseam-se portanto primitivamente no direito de propriedade, depois no contracto bilateral do matrimonio. Esta ultima phase conetive a familia, perdida a noção etymologica que dá ainda um irrefutavel testemunho da vida social no limiar da existencia humana, como os fosses retidos pela estratificação das camadas de sedimento dão-nos uma pagina eloquentemente descriptiva dos primeiros seculos da vida em nosso planeta.

Si por extensão dermos o nome de familia aos estadios anteriores a esse em que ha a *personificação da mulher* que era antes um utensilio, si cometermos esse erro de empregar um vocabulo unico para idéas oppostas, ainda assim a hiatoria nos demonstrará que a familia vae evoluindo com a evolução da especie, isto é, a do homem e a da mulher, embora esta muito mais lenta.

Si, mais logicamente, denominarmos familia a phase de reciprocidade no direito e no dever, que se inicia com o «confarreato», a historia das instituições humanas demonstrará que a familia só appareceu quando, por um lado a mentalidade masculina, graças ao caracter menos sangrento da lucta pela existencia, tornou-se capa de costumes relativamente brandos, quando, por outro lado e concomitantemente, a mentalidade feminina elevou-se á dignidade da revolta e exigiu a criação de direitos até então não existentes. Em synthese: *A familia foi um dos efeitos, em um dado periodo historico, da evolução da mentalidade masculina e feminina.* A sua essencia foi sempre a relação sexual, a sua primeira forma foi estogada no direito de propriedade: *famulus-famulus*, e mais tarde claramente definida no contracto, na associação: *Ubi tu Caius, ibi ego Caia.*

Vejamos por outro methodo o valor da objecção discutida.

Que é o matrimonio? Um contracto bilateral visando o interesse biologico de um typo.

Como garantia inilludível d'essa necessidade especifica existe o sentimento extraordinariamente complexo tã o scientificamente definido por Haeckel, a *affinidade electiva de duas cellulas differentes*, tão paradoxalmente definido por Chamfort. E' isso o matrimonio.

A familia, é o grupamento de individuos solidarios pela *sympathia propria* aos seres da mesma origem. E' a *sympathia dos simillhantes*. E', finalmente, o amor pelo «eu», porque a familia representa o «eu» multiplicado, desdobrado nos descendentes, a personalidade continua no tempo descontinua no espaço.

Pede a logica, e a observação o assevera, que, quanto mais os contractantes forem instruidos, sendo ali a instrução correspondente á systematização de idéas e sentimentos, quanto mais conscientes do seu papel e mais convencidos de sua missão e responsabilidade de seus erros, tanto mais fielmente sejam executadas as condições accetadas e mais preciso o enunciado dessas condições. Por outras palavras: quanto mais adiantados em evolução mental o homem e a mulher, mais escrupulosos na escolha, mais exigentes nas condições, mais fieis na execução.

Diz-se-ha que isso está muito longe de ser commun. E' exacto. Não procuramos enganar-nos, creando utopias, procuramos o melhor futuro; mas dentro sempre do que é scientificamente possível. Qual é no presente o maior obstaculo relativamente ao homem? O estado de elaboração moral de nossa era. Muitos já estão nas condições da lei, para a maioria, porém, o presente é outro. Si o elemento intellectual, si a educação mesmo, actuam de modo tal que seja no sentido por nós descripto a resultante de seus efeitos conjugados, por sua vez as necessidades imperiosas da vida mal comprehendida, a hereditariedade apenas superficialmente modificada, a selecção sexual duplamente illudida, quer na escolha das aptidões musculares, quer na das aptidões cerebraes, esse cahos da sociedade antiga, que se derroca aos pedaços, enquanto alguns espiritos superiores olham para o que se deve erguer no futuro, essa moral, enfim, a que obedecemos, convencidos entretanto da necessidade de sua reforma, tudo isso irregulariza, confunde, anarchisa as acções.

Por parte da mulher quem ousa garantir que nesta ou naquella camada social existe a noção, já não diremos exacta, mas tão eómente aproximada de sua missão?

Onde se encontra um systema de educação feminina de que não se possa dizer com Madsley «Si o fim desejado fóra augmentar a sensibilidade emocional e enfraquecer a razão, seria difficil aproximar-se mais desse fim?» Onde a educação feminina baseada na sciencia—«o conhecimento de maior valor»na opinião insuspeita de Spencer, que não respeita utopias? Si o contracto ainda não é fielmente executado, é que faltam dois elementos indispensaveis: a *liberdade dos contractantes e a responsabilidade effectiva* ou o conhecimento de sua missão. A nossa affirmação está portanto ainda com os factos, em relação ao matrimonio.

Quanto ao que se refere á familia, á *sympathia* dos simillhantes, basta lembrar a marcha crescente do sentimento outr'ora limitado á tribu.

O homem começou reconhecendo como seus simillhantes unicamente os de sua tribu. Ainda ha o que por analogia com certos phenomenos morphologicos se pôde chamar «instituição rudimentar ou de transição.» As familias aristocraticas com o circulo estreito de suas affeições, as associações extralegais como a *Camorra*, são ainda um vestigio desse estado mental em que o homem só admite como seus simillhantes um pequeno grupo de individuos, sendo permittido e perfeitamente moral tãdo quanto se pratica em relação aos estranhos. Depois desse bairrismo, desse nativismo inconsciente, é que vieram o espirito de nacionalidade, o patriotismo e a familia. Hoje o homem inclina-se a maior amplificação. Observando melhor, elle reconhece seus simillhantes em todos os homens de uma civilização mais ou menos proxima. Já não é o que foi, por mais que se repitam as denegações suapeitas de Quatrefages. Acima ainda, os espiritos mais elevados, substituindo a simillhança ou analogia pela homologia, veem o mesmo «eu», o mesmo ser desdobrando-se em toda a humanidade, em toda a vida.

Quando o desenvolvimento da mentalidade augmentando o campo visual faz apparecer o «eu», de vez em vez maior, faz mais extensa, si não mais intensa, a *sympathia* dos simillhantes, tornando-a *sympathia* dos homologos, a evolução produzida pela educação da mulher não pôde produzir um effeito diametralmente opposto.

Si a evolução mental substitue o «eu» pelo «nós», a consciencia pessoal pela consciencia humana; si o inconsciente, em cujo fundo agitam-se os motivos de nossas acções tende de maie a mais a vibrar em um mesmo rythmo em grupos humanos sucessivamente mais numerosos; si essa complexidade crescente dos organismos acompanha-se de um tal augmento na energia das affeições humanas que já não satisfaz a *sympathia* dos que se assemelham e ainda é necessaria a *sympathia* de todos, quantos eob a mascara das adaptações e differenciações provém de um mesmo nucleo remotissimo, é evidente, a evolução cerebral da mulher nunca poderá ser causa da dissolução da familia — a *sympathia* dos simillhantes.

## A NOITE NA TAVERNA

## FRAGMENTO

PARAPHRASE DE ALVARES DE AZEVEDO

Ao amigo J. de Lima e Silva

— Silencio, moços. O vapor dos vinhos  
vela a frente das pallidas mulheres...

— Bebamos, pois! Banhemos de prazeres  
nossa frente sedenta de carinhos!...  
Eia! que luz melhor que a que se cõa  
nas reluzentes taças, quando vòo  
bando de nuvens negras nos espaços,  
como bando de corvos agoureiros,  
quando a lua nos cõlicos roteiros  
tropeça macilenta nos seus passos?...

— Louco! não é a lua que desliza  
do céu na face azul, concava e lisa...  
é o relampago frio que perpassa,  
como um riso de escarneo, de ironia,  
enquanto a Peste livida, sombria  
deixa rolar a noite da desgraça...

— E que te importa a dôr? a peste? a guerra?  
Abre as azas subindo alem da terra  
a alma dos vinhos nos subtis vapores...

— Vinho! vinho! mulher! Deixa de sonhos  
encher os dias túrbidos, tristonhos!...  
Deixa rolar-me em sensuaes amores!...

— Da fumaça ondulante do charuto  
nas finas espiraes osqueço o luto,  
as miserias da terra e, em santa calma,  
scismo nas fortes explosões da vida,  
scismo que n'outra esphera encandecida  
ha de, constante, perdurar noss'alma.

— Bravo!— Gritou a turba dos rapazes.

Entre os convivas êbrios e loquazes  
uma frente, porem, branca e formosa  
emmoldurada nos anneis dos soltos  
cabellos louros, a tremar, revòlto,  
surgiu por entre a grita rumorosa.

— A alma?— disse elle rindo— pobres loucos!  
Pois não sentis que nossa vida aos poucos  
no silencio dos túmulos sombrios  
desfaz-se em podridão, em terra, em nada  
e não resta d'ess'alma consagrada  
nem vestigios siquer! nem restos frios!?  
O que era corpo de mulher divina  
põde mudar-se em névoa matutina,  
ou miasma de peste corruptora!  
O que era verme negro do sepulchro  
põde ser amarrã calice pulchro  
de lyrio branco ou rosa seductora!  
Que somos nós? Moleculas unidas  
ao sopro dos Acasos que, perdidas,  
hão de volver ao seio da Materia,  
passar e repassar no gigantesco  
mar temeroso, túrbido, dantesco,  
que banha a larga solidão etherea!  
A alma de que fallais, a essencia pura  
é sonho de momentos de loucura.

— Cala-te! Estranha e má philosophia  
essa que as crenças todas nos arranca!  
Na barca da illusão a vela branca  
desfraldemos nas vagas da Poesia!

— De que serve sonhar? As minhas horas  
enchi tambem de crenças e de auroras:  
gril no amor... no porvir... na castidade...  
Tive para velar-me á cabeceira  
doce visão celeste e feiticeira  
banhada de fulgente claridade...  
Era tudo mentira... O verdadeiro  
gozo da vida, triumphal, certo  
é a lascivia das noites das orgias...  
quando a febre dos gozos, doida, estã,  
apertar a mulher tremula e nua  
ao som das notas das canções sombrias.

— Blasphemias... No teu negro sentimento  
riscaste Deus tambem do pensamento?

— Deus?! Crér em Deus?!... A's horas da tormenta,  
aos rugidos do medo, quando o frio  
da desgraça nos volve no sombrio  
cendal de morte a frente macilenta;  
quando sentimos ao pisar em falso  
noeso pé tropeçar no cadafalso,  
Deus... Deus então das sombras do receio  
surge como uo: lampejo de esperança,  
como o pharol sublime da bonança,  
do nosso peito no dorido aneio.  
Ah! mas a crença louca de que falas  
tem mesclada nas gemuas e nas galas  
florões sinistros gottejando pranto  
dos povos sobre a vida transitoria;  
pesa, como um abutre, sobre a Historia,  
lançando o luto, a maldição, o espanto!

— E o livro sacro?

— Obra de bardo incerto,  
illude como as sombras no deserto.

— Estás doido, amigo. A noite do atheismo  
projecta em nossa frente a escuridade...  
Ha, porém, uma luz na realidade,  
sigamol-a, deixemos esse abysmo  
onde a Descrença e a Crença — dos combates  
pelejam nos acérrimos embates  
das vans philosophias... Nós, no estudo  
que descorramos, lendo, nossas frentes,  
corremos do saber os horizontes  
vimos que era miseria e engano tudo.  
Prazer! Prazer! só tu nos não illudes!  
O que valem Saber? Crenças? Virtudes?  
quando o gozo não corre em nossas veias?

— Bebamos, pois. Saudemos a grandeza  
d'essa deusa gigante, a Natureza,  
deusa de cujas tétas sempre cheias  
rola o nectar das ancias e dos gozos,  
deusa que se revela nos gostosos  
calices finos de espumante vinho!

— Viva!

Nos ares estrugiram brados.  
Pousaram-se na mesa esvasiados  
os copos entre o doido borborinho.

— Agora, amigos, no livor da noite,  
quando do vento, fóra, zune o agoite,  
quando o vinho noe cerebros referve,  
enquanto longamente repousamos  
nossos braços na meza que manchamos  
do vinho, que espumante, corre e ferve;  
agora, amigos, ao clarão que espraiaem  
as lampadas exhaustas que desmaiam  
vamos ouvir as tetricas historiae,  
onde o eangue poreje gotta a gotta,  
como de veia, sem alento, róta...  
Phantasticas tragedias illusorias...

— Quereis contos cruéis? disse nm erguendo  
a frente cheia do clarão horrendo  
de um riso lutulento de ironias...  
Quereis contos de dôr? contos que falem  
de episodios fataes que vos embalem  
das ancias do terror nas vagas frias?  
Ouvi-me: eu sinto a sombra do Passado  
projectar-me um clarão ensanguentado...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

« Si estivessemos bem persuadidos de que os nossos  
bens e os nossos males dependem unicamente de nós,  
não nos restaria nenhum direito de queixarmos dos  
deuses, nem de aborreçermos os homens.»

MARCO AURELIO.

Não sei porque tentaste, alma severa e pura,  
No vasto coração as dôres recolher,  
Pois que através do tempo a tua desventura!  
Ainda hoje nos faz o seio estreanecer!

Hontem, hoje, amanhã — embora essa candura  
Com que affectas da vida a magua não soffrer!—  
Hontem, hoje, amanhã uma crença perdna:  
Tnas dôres, gemeste, illacrymavel ser!

Se a tua rigidez, a um tempo adanantina  
E erea, fez com que ao céu jámaie levantasses  
Os olhos, invocando a protecção divina,

Esse gemido que acaso, a sós soltasses  
Em meio a solidão, a Historia nos ensina  
Que alguem o percebeu antes que o euffocasses!

CARLOS FALCÃO.

## POETAS MINEIROS

## I

SANTA RITA DURÃO

Ainda no meado do século XVIII, quando a litteratura portugueza era patrimonio de Portugal e Brazil, já a provincia de Minas Geraes tinha representantes illustres na republica das letras. Um delles era frei José de Santa Rita Durão, autor do *Caramurú* e o primeiro desta modesta galeria.

Como poeta epico foi o iniciador em Portugal de uma nova escola que esboçou de vez os denso da fabula, tão em moda para os entrecchos romanescos e que tanto serviram a Camões nos *Lusiadas*, a Vasco Mouzinho de Quevedo no *Afonso Africano*, a Gabriel Pereira de Castro no *Ulyssés*, a frei Salignac de La Mothe Fénelon nas *Aventuras de Telemaco*.

Intruduzindo a côr local, a essencia brasileira no seu immortal poema. Durão firmou desde logo o genero nacional, que alguns autores negam em absoluto, mas que existe porque ali temos *Caramurú*, o *Y Juca-Pirama*, de Antonio Gonçalves Dias, o *Uruguay*, de José Basilio da Gama, *Iracema*, de José Martiniano de Alencar, e todas as obras de Bernardo Guimarães.

Nascido em 1720, no arraial do Infecionado, a quatro leguas de Mariana, na provincia de Minas, frei José de Santa Rita Durão professou na regra de Santo Agostinho a 12 de Outubro de 1738, doutorou-se em theologia pela Universidade de Coimbra a 21 de Dezembro de 1756, e falleceu em Lisboa, no collegio agustiniano, a 24 de Janeiro de 1784.

« Pouco depois de sua formatura achava-se conventual em Leiria, em cuja sé pregou em 1758 um magnifico sermão em acção de graças por haver El-rei D. José escapado com vida dos tiros contra elle disparados a 13 de Setembro do mesmo anno » (1)

Deixando o reino, percorreu a Italia e a Hespanha, em cujas viagens gastou cerca de dezoito annos. Crê-se que sua sahida, sinão expatriação de Portugal, fóra originada do seguinte caso narrado pelo visconde de Porto Seguro :

« Um anno depois (1758), sendo decretada a expulsão dos jesuitas, o bispo de Leiria, celebre mais tarde com o titulo de cardeal da Cunha, aproveitou-se da occasião para augmentar seu valimento com Pombal, publicando uma pastoral fulminante contra os mesmos jesuitas. E, ou porque a dita pastoral continha proposições injustas, ou porque pela propria fórma se prestava á satyra, é certo que Durão sahio a campo pulverizando-a, a ponto de se comprometter e vêr-se obrigado, a fim de livrar-se das iras do prelado, a evadir-se para a Hespanha. » (2)

A sua passagem da Hespanha para a Italia foi ainda motivada por uma perseguição talvez do caiporismo. Lebentando a guerra do pacto de familia, foi o poeta preso como suspeito de ser algum espião dissimulado na batina; e sendo solto, após a assignatura de paz celebrada a 10 de Fevereiro de 1763, em Paris, passou-se então para o paiz predilecto das artes de onde regressou a Portugal.

(1) SOTERO DOS REIS, *Litteratura*, tom. IV, pag. 172.

(2) F. A. VARNHAGEM, *Florilegio da Poesia Brasileira*.

Abrindo-se em Outubro de 1777, depois da morte de D. José I e da cessação do poder pombalino, o curso lectivo da Universidade de Coimbra, frei Durão pronouciou em latini uma magnifica oração. Tornado a Portugal, ahi concluiu o seu poema, dando-o a publico em 1781, na cidade de Lisboa.

O poema de Durão foi recebido, consoante a opinião do visconde de Porto Seguro, com tal ou qual frialdade em us letras portuguezas de então. Aqui damos, porém, uma opinião de todo o ponto autorizada : « Muito hnvia que a tuba epica estava entre aós silenciosa, quando frei José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de *Caramurú*. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobretudo para a poesia descriptiva. O autor atinou com muitos dos tons, que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto; mas de leve o fez : só se estendeu em os meaos poeticos objectos, e dali esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto, e a variedade das scenas promettia. O estylo é ninda por vezes affectado; lá surdem aqui e ali seus *gongorismos*; mas oido o poeta se contentou com a aatureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, aiada sublimes. » (3)

Com ser autorizada, é assás exigente esta opinião, pois Durão floresceu no seculo passado e não poderia jámais fugir á influencia do meio e da época.

José Agostinho de Macedo caracterizou a frei Durão — « homem a quem aó faltava a antiguidade para ser reputado grande. » E José Maria da Costa e Silva o dá como o « fundador da poesia brasileira, porque foi o primeiro que se descartou das preocupações europeas para compôr uma epopeia brasileira pela acção, pelos costumes, pelos sentimentos e idéas, e pelo colorido local. » Embora a divergencia dos criticos, o *Caramurú* é um poema justamente, grandiloquo. Só elle é sufficiente para a elevação da poesia nacional. exemplo tão eloquente excita por força a vontade e o goeto pelas letras patrias.

Mas quem conhece o *Caramurú*? Quem sabe delle uma estrophe sequer? Ninguém ou quasi ninguém!

Adstringindo-se fatalmente, perdidamente á leitura dos livros modernos de exportação estrangeira, a pouca gente ledora que porventura possamos enumerar em a nossa terra, atria para o canto as obras nacionaes, não as lê, não lhes dá tam pouco importancia.

No eutaato, si os brasileiros procurassem augmentar o seu cabedal litterario, outra seria a litteratura por que pelejaram Alencar, Guimarães, Gonçalves Dias, Magalhães, Durão e outros.

Concluindo esta noticia do illustre mineiro, cumpre-aos aqui consignar um fragmento do seu soberbo poema. E' um excerpto tirado a esmo, mas que justifica *in partibus* o valor intrinseco da obra. Eil-o :

« No reconavo ameno um posto houve  
De troncos immortaes cercado á roda,  
Triucleira natural, com que impedia  
A quem quer penetral-a a entrada toda;

(3) VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Um plano vasto no seu centro abria;  
Aonde edificando á patria moda,  
De troncos, vasos, ramos, vimes, cannas,  
Formavam, como em quadro oito cabanas.

Qualquer dellas com mole volumosa  
Corre direita em linhas paralellas;  
E mais comprida aos lados, que espaçosa,  
Não tem paredes ou columnas bellas;  
Um angulo no cum: a faz vistosa,  
E coberta de palmas amarellas  
Sobre arvores se estriba, altas e boas,  
De seiscentos cipós ou mil pessoas.

Qual o velho Noé na immensa barca,  
Que a barbara cabana em tudo imita,  
Ferozes animaes provido embarca,  
Onde a turba brutal tranquilla babita;  
Tal o rude Tapiuaya na grande arca,  
Alli dorme, alli come e alli medita;  
Alli se faz de humano e de amor mole  
Alimenta a mulher, e afaga a prole. »

TANCREDO LUCAS.

## QUADROS NEGROS

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

GIUDITHA

OURO POR AMOR!...

Moça e robusta, Evelina consultou as suas forças, votou-se ao trabalho e alugou seus braços para novas fadigas.

Encontrou um tecto para abrigo; achou um pouco de pão para sustento; tinha ricos vestidos que adquiriu como ama, e pois podia atravessar esses dias de tirocinio de liberdade, e economizar de seus salarios alguma coisa para o futuro que tão incerto se lhe afigurava.

Como neste mundo de tantas peripicias se torcem as vocações! Segue-se um trilhio todo juncado de flores e vae dar-se a um caminho arreado de espinhos e por fim depara-se com um abysmo!

Prna ella tudo era novo em a nova habitação. Excedia a casa em luxo a tudo quanto ella tinha visto.

Trajava a dona as galas de uma rainha em toda a sua pompa e magnificencia.

Sedas e velludos, rendas e cambraias, vidrilhos e flores cobriam-lhe o corpo e o enfeitavam magestosamente.

Uma nuvem de perfumes a envolvia como se fosse ella a flor da meia noite do cactus *grande flora* que se exhala em exquisitos aromas.

Ouro, perolas, brilhantes, esmeraldas, rubins cingiam-lhe o collo, ornavam-lhe os pulsos e abrihantavam-lhe os dedos.

Os cabellos castanhos e embalsamados eram todos os dias artisticamente tocados pelas habéis mãos de adestrados artistas.

As faces coradas transpiravam a frescura da mocidade.

Os labios pareciam embebidos em nacar, e os olhos se destacavam brilhantemente por meio de circulos de carmin e naukim, se bem que se conhecesse o disfarce da arte ajudando a realçar a natureza.

Recostada aos coxins de um divan de repa azul e ouro, cobertos de finos crochets, assemhava-se a Giuditha estrangeira a uma rainha e os hospedes representavam os vassallos que vinham

depôr a seus pés as phrases da mentira do amor.

Bem de preasa comprehendem Evelina a hediondez de toda essa pompa phantastica.

No meio de toda essa illusoria magestade, viu a rainha do luxo e da vaidade estender a mão da mendicidade a seus vassallos e a recolher como se a calçasse a luva da infamia.

Aquelle coração não palpitava nas inspirções da pureza do amor, nem dissimulavam seus labios a mentira de seus beijos.

— Africa! O Africa! exclamou a negra em seu coração, nunca a mulher rude e solvagem de teus palmares mauchou o pinho de seus amores e lembrou mercadejar as suas caricias, vender seus beijos mentindo, traficando com o pudor de sua alma!

Nunca a sua mão negra, enregelada pela fome se abriu ao *caruil* do fingimento de tão funestas consequencias. Amor e ouro!

O' terra da devassidão, esconde-me em teu seio; sepulta-me na valla asquerosa de teus cemiterios, antes que minh'alma se submerja no lodo de tanta ignominia!

Eram negras as faces de Evelina e a estrangeira Giuditha não pôde distinguir o eangue incendiando-lhe o rosto.

A miseravel Africana tinha cahido num abysmo, cujas bordas oram matizadas de relvas e flores e seu fundo continha uma lagoa de lodo de doleterias emanações.

Protestando para logo deeviar-se delle antes que o abysmo a attrahisse conseguiu o seu desejo e mudou de casa e de ama, e repetiu por vezes essa mudança, experimentando a diversidade dos genios, não tendo por fim sinão descobrir o logar em que existia o filho — esse tremendo pesadelo de seu coração.

E os annos se passavam empregados em tão santa missão, vagando horas perdidas por longas e desconhecidas ruas, indagando de uns, inquerindo de outros e sempre—inutilmente!

Um dia em quo deixára de servir em uma casa e que se puzera a percorrer as ruas, a olhar para as casas, a informar-se de tudo quanto via, tenlo sempre por bussola a esperanza, encontrou uma pobre velha arrimada a um bordão, tão fragil como ella, esmolando de cada pessoa que encontrava, e soffrendo a indifferença de uns e a caridade de outras, para obter o pão quotidiano.

Aquelles que já soffreram privações neste valle de lagrimas são mais compassivos do que os que vivem na opulencia deste mundo, que é para elles um jardim de delicias.

Abriu-se a mão de Evelina sobre a mão da mendiga, deixando cahir uns cobres—esmola de commiserção.

O agradecimento da pobre velha caueou-lhe commoção de espanto misturada com prazer e alegria.

Para agradecer a esmola a velha mendiga alçou a cabeça e fitou-a com admiração.

— Abegail! bradou Evelina.

Era ella com effeito, a antiga escrava da fazenda, para cujos braços tinha passado seu filho e que desaparecera com elle.

Um raio de esperança luziu para o coração materno... mas depressa fechou-se numa noite terrivel da mais cruel incerteza.

Ordenára o senhor que fosse o innocente lhuçado na roda dos infelizes engeitados do amor.

A alma da velha escrava impugnára o arbitrio do senhor. *A valle dos mortos e a roda dos expostos* são vistos com horror pelos miseros escravos.

*Casa da Misericórdia* com ser mãe caridosa, não tem coração. Ella amamenta filhos que não são seus, dilacerando os proprios seios dando-lhes seu sangue mas a sua caridade artificial faltam os *cuidadosinhos* do amor natural, que só se encontram no seio da familia.

E noite e dia vairo o sopro da morte o viço da vida que desabrocha nas faces dos desvalidos orphãos dos risos da innocencia.

Poucos, bem poucos são — os venturosos ou desgraçados? — que chegam ao fim normal da existencia.

Abigail, a depositaria dos segredos e mysterios do seu senhor, tomou um ferro, mergulhou a ponta num succo vegetal e traçou no bracinho direito da criança uma cruz — symbolo da fé.

E o entregou á compaixão de uma mulher pobre, que ainda se debulhava em lagrimas por ter perdido o seu filhinho.

— E aonde estará elle, meu Deus, murmurou a miseravel mãe, estorcendo-se com suas dores, e aonde estará elle!

Nem mesmo Abigail o sabia; a mulher que o criou e depois desapareceu, talvez o tivesse vendido!...

Segundo a narrativa da mendiga, criou-o uma mãe adoptiva, emquanto a mãe natural, a troço de um punhado de ouro para seu senhor, alimentava com o seu sangue um filho que não era seu.

— Meu filho! exclamou ella fóra de si; e prorompeu em imprecações e blasphemias, que Deus não quiz ouvir ou, si as ouviu, as perdôou.

Respeitou Abigail a cholera do amor maternal, conservando-se silenciosa ante a desventurada mãe, até que, vendo-a mais calma, lhe disse com um não sei que de esperança e de mysterio; — Procure o velho Alufá, mas segredo, minha Evelina, que ninguém o saiba... ninguém! Segredo, muito segredo.

— Mas quem é elle? Um feiticeiro?

— Um feiticeiro? O Alufá lê no livro de Deus e responde a tudo quanto se lhe pergunta. É negro, mas sabe tanto ou mais ainda do que os brancos.

É o bordão da mendiga ergueu-se, apontando para a choupana meia escondida nas arvores da aba da montanha visiuha de S. Thereza.

Oh! felizes nquelles que nunca o sopro da adversidade dispersou-lhes a familia, como o vento que sopra dispersa a fumaça das chaminés.

J. NORBERTO DE S. S.

## OUVINDO A PENDULA

Nesse impassivel movimento certo  
vaes me lembrando o tempo que perpassa.  
Cada segundo já me põe mais perto  
do meu, fim de animal! Ab, tudo passa!

Si tudo é movimento — é tudo vario!  
A essencia não se evae; muda-se a fórma.  
Esse Universo, o intermino operario,  
tudo dos Tempos no crisol transforma.

Deixarei de sentir, pensar, querer!...  
E a terra donde vim, mãe esfaimada,  
do proprio filbo a carne ha de roer!

Mas o espaço sem fim, fórma mudada,  
ETERNAMENTE eu hei de porcorrer,  
— que do meu peso não se perde nada!

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

## O combate de S. José do Norte

(GUERRA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL)

No *Diccionario historico e geographic* da provincia do Rio Grande do Sul, pelo conselheiro Domingos de Araujo e Silva, lê-se o seguinte, a respeito do ataque de S. José do Norte:

«Apos este combate (o do passo do Taquary), teve lugar a 16 de Julho de 1840 o da villa de S. José do Norte, que foi acommetida e tomada por Bento Gonçalves da Silva e David e Canabarro, á testa de 1200 homens; pouco, porém, gozaram desta victoria, porque, horas depois, foi ella retomada pelos imperiaes que, como sempre, se bateram com grande valor, tornando-se saliente o valente e impetoso Francisco de Luiz da Gama Roza, actual capitão de mar e guerra reformado, a quem, em grande parte, se deve tal triumpho.»

O Sr. conselheiro Alencar Araripe transcreve esse trecho numa nota da sua *Memoria sobre a guerra civil no Rio Grande do Sul*, o primeiro e vigoroso trabalho de reconstrução desses acontecimentos, e adverte no prologo que a delicia e lacunas do seu estudo foram devidas á falta de documentos officiaes. Não existindo documentos, força é que sejam substituidos por algum outro genero de prova.

Nos procuraremos reconstituir a historia desse acontecimento, utilizando algumas indicações consignadas nas *Memorias de Garibaldi*, bem como informações lidolignas e respeitaveis de testemunhas oculares, e apressamo-nos em ministrar esses esclarecimentos, minuciosamente, com escrupulosa exactidão, e ainda em tempo de poderem ser impugnados ou corrigidos por aquelles que presenciaram taes successos, ou que possuirem claramente a tradição dos factos.

Era questão capital para os republicanos a posse da villa de S. José do Norte. As razões que terminaram o assalto daquella praça são assim bem referidas por Garibaldi em suas *Memorias*: «O inimigo para poder fazer as suas correrias pelos campos, havia sido obrigado a desguarnecer de infantaria as suas praças fortes. Princi-

palmente S. José do Norte tinha um pequeno numero de soldados (1). Esta praça situada na margem septentrional da embocadura da Laguna dos Patos, era uma das chaves da provincia, não só commercialmente, mas politicamente; e a sua posse teria mudado completamente a nossa posição que, nessa occasião, era bem aterradora; e a sua conquista tornava-se, pois, mais que util, era necessaria. A cidade encerrava objectos de toda a qualidade indispensaveis ao vestuario dos soldados que, do nosso lado, uchavam-se no mais deploravel estado. Não só por essa razão, mas tambem por dominar o unico ponto da provincia, S. José do Norte merecia que fizemos todos os esforços para nos apoderarmos della, e ajuda porque só desse lado encontrava-se a *atalaia*, isto é, o mastro de signaes que servia para indicar aos navios a profundidade das aguas na embocadura.»

A 16 de Julho de 1840, a uma hora da madrugada, foi a cidade do Rio Grande alarmada pelo rumor de numerosos tiros de artilharia e descargas de fuzilaria, partidos da villa de S. José do Norte.

O ataque era inesperado; para realizal-o, os republicanos tiveram de fazer, segundo o testemunho de Garibaldi: «uma marcha forçada de oito dias, a 25 milhas por dia.»

O golpe era bem planejado: «preparado com admiravel sciencia e profundo segredo» diz o heróe italiano. Os republicanos não ignoravam que, durante uma noite tão borrascosa, muito difficil, sinão impossivel, seria qualquer auxilio á guarnição aggrilido.

Essa noite memoravel é assim descrita por Garibaldi: «Era uma dessas noites de inverno durante as quaes um abrigo e um bom fogo são beneficios da Providencia, e os nossos pobres soldados da liberdade, esfaimados, com as vestes despedaçadas, tollidos pelo frio

(1) Effectivamente isso era a verdade; mas deuse a circumstancia casual de achur-se abli. do passagem, vinda da Laguna, a ala esquerda de um batalhão commandada pelo major Antonio Maria Gomes, o que os republicanos ignoravam.

e gelados pela chuva de uma horrivel tempestade, que nos acompanhou durante a maior parte da marcha, avançavam silenciosos contra os fortes e trincheiras guarnecidos de soldados.»

Apenas ouviram-se os tiros, immediatamente da cidade do Rio Grande aprestaram-se numerosas lanchas e escaleres, com alguns soldados, no intuito de ministrar soccorros ao ponto atacado.

Mas o tempo era horrivel; todas essas embarcações foram atiradas pela tempestade á ilha dos Marinheiros, só chogando ao lugar, quando o tempo abonançou, ao clarear o dia, depois do combate; apenas um lanchão commandado pelo capitão-tenente Gama Roza ponde aportar ao seu destino.

Vejamos agora a maneira por que esse official conseguiu realizar uma empreza em que todos os outros naufragaram.

A hora em que na referida cidade do Rio Grande ouviram-se os primeiros tiros, recolhia-se para bordo do seu navio, em um escaler, o capitão-tenente Gama Roza.

Conhecendo bem do que se tratava e vendo a imminencia do perigo, resolveu partir sem mais demora para o ponto do combate.

Ao passar pelo vapor *Agua*, que se achava ancorado, o referido commandante deparou, junto deste, com um lanchão, do nome *Torres* armado de um pequeno rodizio á prôa, com munições, desguarnecido e fundeado, do qual immediatamente tomou posse, levantando ancora e rebocando-o por moio do escaler, até a canhoneira n. 6, do seu commando, e, tão urgente se lhe figurava o caso, que, sem subir a bordo da canhoneira, ordenou o embarque no lanchão do 25 homens da guarnição com espingardas e munições.

Fez-se logo de vela, apenas com o bolso do traquete, no meio de horrivel ventania e da escuridão mais profunda, dispoendo homens agéis e possantes para esgotar a agua que a cada momento ameaçava submergir a pequena embarcação.

Em menos de meia hora de corrida vertiginosa acharam-se os expedicionarios no lugar do combate.

A situação dos legaes era das mais precarias. Não invertamos, porém, a ordem chronologica dos acontecimentos e volvamos ao começo da acção.

O ataque realizado alta noite, e no meio de uma tempestade, havia sido uma verdadeira surpresa.

As fortificações que guarneciam a villa eram construidas de madeira; constavam de tres ou quatro *fortes* feitos de taboas, de altura pouco mais elevada que a de um homem, podendo conter, quando em nito, vinte soldados cada um, e de *corrinhas*, tambem de taboas, frageis embarços, mais proprios para cercas de uma chacra do que para fortificações de uma cidade.

Assim, após curto combate, os republicanos entraram victoriosos na povoação, retirando-se os legaes para o edificio do quartel, situado á beira-mar, onde offereceram tenaz resistencia.

A respeito, porém, deste periodo da lucta, deixemos fallar Garibaldi: «A pouca distancia das muralhas, os cavallos dos chefes foram collados á guarda de nm esquadrão de cavallaria commandado pelo coronel Amaral, e todos nos preparamos para o combate. *O quem vem lá* da sentinella foi o signal do assalto e a resistencia foi pequena e de

pouca duração sobre as muralhas; apensas descarregaram-se os canhões. A' hora e meia da manhã demos o assalto, e, ás duas horas, estavam senhores das trincheiras e de tres ou quatro fortes que as guarneciam e que foram tomados á bayoneta. Possuidores das trincheiras e dos fortes, tendo entrado na cidade, parecia impossível que ella nos escapasse. Entretanto, ainda desta vez o que parecia impossível, nos estava reservado. Durante este tempo os legaes, voltando a si da surpresa, reuniram-se num bairro que se achava fortificado. Ahí os fomos atacar, mas repelliram-nos.»

As forças republicanas compunham-se de 1200 homens, commandados por Bento Gonçalves e David Canabarro; as legaes, que constavam de 599 homens sob o commando do coronel Antonio Soares de Paiva, já haviam soffrido sensíveis perdas na defesa das fortificações, e na retirada, que foi antes uma verdadeira dehandada e fuga em direcção ao quartel.

Concentrados os legaes no edificio do quartel, e os republicanos nos lagos e numa casa fronteira a esse edificio, sustentava-se de parte a parte uma lucta desesperada, que não poderia por muito tempo permanecer indecisa, impossibilitados, como se achavam os legaes, pela escassez de tropa, de guarnecer convenientemente as quatro faces do quartel.

Foi nessas circumstancias que appareceu o eocorro da cidade vizinha.

Ao aproximar-se o lanchão de uma ponte estragada, então existente nos fundos do quartel, foi deste logo percebido pelos soldados e officiaes que guarneciam o edificio do lado do mar, e que attentamente observavam o unico ponto donde lhes poderia chegar auxilio.

Penetrando o commandante do lanchão no edificio do quartel, para ahí combinar nos meios de auxiliar a guarnição, esta, reunida com o soccorro, saudou a presença do official de marinha com repetidas aclamações; o que era ao mesmo tempo, um meio de dar expansão aos sentimentos de jubilo e de significar ao inimigo a chegada opportuna de novos recursos.

DR. GAMA ROZA.

(Continúa)

## A CABRA CEGA

O rosado vivo do crepusculo esmaíara já numa pallidez fria que um azul ferrête invadia, quando o André, depois de arrumado o gado, de porrete em punho e chapéu ao lado, encaminhou-se cantando para a Varzea de Baixo, onde o engenho do tio Luiz Dutra, de fofalha accessa, bulhando de alegria, fariñhava para todo o anno. Ia lentamente esmorecendo.

Um gelado sopro de norte deslocava-se rijo e sibilante do pendor alcantilado da eerra. E, de vez em quando, fortes rajadas cortantes como laminas afiadás, passavam rastejantes e furiosas, arripiando as arvorea e enchendo duma zoeira lugubre a planície.

No alto, do amplo azul curvoso e esgazeado do espaço, pendia e scintillava uma prateada e deslumbradora florescencia de estrellas, que a Via-lactea brandamente nevava e atravessava em faixa.

Ainda em caminho, já quasi ao chegar a encruzilhada que ia ter ao engenho, o André ouviu bem clara no ar a voz melancolica e sonora do forneador, cantando a *Bella menina*, e as frescas e tilintantes risadas dss noças dentre as quaes achesabia limpida, sympathica e doce, numa vihração crystallina, a da Francisca, a filha mais nova do tio Luiz.

E estugando passo, ancioso por chegar de uma vez, avistou logo adiante o clarão avermelhado do forno do engenho que projectava-se através da porta, largo e suavissimo, illuminando transversalmente o terreiro arenoso e hranco, onde dava grandes latidos roucos, ao sentir barulho de gente, o *Fila*, o velho cão de guarda da casa.

Exploeram de novo as castas risadas das raparigas, que atravessavam aos pulos, com as saias ao vento, a claridade viva da porta.

Brincava-se a *cabra cega*.

O André, assim que chegou, mal poz o pé no portal e deu hõa-noite a todos, fazendo um gesto de louge, com a mão direita aos lahios, para pedir a henção aos tios, que peneiravam num côcho massa para bijús, raspou se logo a ter com as raparigas que brejeiravam escondidás pelas hervagens, pelos cafezeiros e larangeiras proximas, emquanto uma outra, haixola e de grandes ancas carnudas, yendada nos olhos com um lenço arrocado em volta da cabeça, procurava-as por toda a parte, com um tacto incerto e desageitado de cego, estonteada, ás apalpadelas.

Então, o André, griçou que queria tamhem fazer parte da brincadeira, e disparando em seguida foi accorcar-se numa das empenas do engenho, dando o signal de ticar, fazendo *ui*.

E por um descuido e uma facilitação de rapaz adestrado e manhoso foi-se deixando ficar parado, até que a rapariga casualmente o pegou pelas costas, de subito, sem elle esperar, vocalizando sonoramente: — «está tico; ti-quei.»

Todos correram então para a canzola num grande alarido de satisfação; e a Francisca Dutra, a mais galante e desembaraçada da troça, a bella namorada do André, sahiu á frente, e arrancando o lenço da cara da Joanna, amarrou-o nos olhos delle, com segurança, a grandes nós rijos atraz da cabeça.

Depois, batendo-lhe de mão espalmada nas costas, na attitude inquieta e livre de quem quer fugir, com aspecto de gazella arisca, deitou a correr com as companheiras para traz do engenho, após haver quebrado violentamente na grossa nuca do rapaz, com o seu bom halito quente e perfumoso, as velhas e tradicionaes palavras cabalisticas, que a gente sabe tão bem de cór na infancia: — «Cabra cega! Dónde é que vens? — Venho da Moinho. — O que é que me trazes? — Um saquinho de farinha. — Me dá um hocadinho. — Não te dou, não.»

E ditas estas ultimas palavras, muito entrecortadas de risos, sob a pressão suave da derradeira palmada do jogo, que manda partir immediatamente os que se vão esconder, o rapaz botou-se a toda ns direcção ruidosa das saias esvoaçantes.

Atravessou-lhe então o espirito, como uma lava, uma idéa violenta de sensualidade e de amor.

E, noa fundos do engenho, tentou arrancar o lenço, mas não o conseguindo pela eegurança com que lho tinham

amarrado, avançou mais; escutou; e, enfiando-se no carroiro que ia dar á fonte, eentiu que uma mulher se agachava e ntre umas bananeiras perto, de cujas folhas vinha-lhe ao ouvido o fremito das franjas tremulantes, na rajada do vento.

E atirando-se precipitadamente, para ali, num alentado salto de gato, os braços abertos em garra, apertou violentamente contra si um corpo de mulher que encontrou, e julgando que fosse a Francisca, todo tremulo e congestionado, as mãos escaldando, a garganta secca e pigarrosa, varejado por ondas de cio brutal de sangue novo, que subiam e se alastravam do mais recondito do seu ser, incandescendo e numa allucinação, deitou-a por terra, apertando a contra si — convulso, e offegante, o pulso em febre, numa saciação phrenetica de heijos, pela nuca, pelo pescoço, pelo ceio e pela cara!

A mulher, então, desandou a berrar como uma louca, esganiçadamente, e elle estranhando-lhe a voz sibilante e desafinada de velha, saltou-lhe de cima, assuatado, nervoso, arrancando o lenço dos olhos, atrapalhadamente, num pânico, numa perturbação, arranhando a pelle do rosto trigueiro com as suas grossas mãos, duras e calosas de lavrador.

E ao reconhecer que era a mulher do Domingos Théa, o *Cara Feia*, como o chamava o povo, pelo accentuado feroz das suas feições, sempre afiveladas numa seriedade carrancuda e hostil de assassino, um bruto que só de um murro matava-o! — abandonou tudo e deitou a correr para a estrada como um cão peregruello.

VIRGILIO VARZEA.

## Movimento litterario em Pernambuco

A bella provincia do Norte que tantas tradições patrioticas e litterarias tem a zelar, e na qual tão pouco se falla por aqui, não está nunca ociosa e apathica. Os que conhecem de perto sabem o que ella vale como productora de idéas e o quanto produz de vibrante e util na esphera das letras, sem *étalages* immodestas e sem *reclames* pretenciosos.

Agora mesmo chegam-nos do Recife as noticias eeguintes:

— Pardal Mallet reuniu em volume os seus contos, publicados em principios do anno na *Revista do Norte*, e deu-os á publicidade com o titulo de — *Meu Album*.

O novo livro do autor do *Hospede* é, pois, um *recueil*, ou antes, uma galeria de pequenos quadros impressionistas, feito com talento, cuja leitura agrada aos bons espiritos sequiosos de fórma rica e de intuições novas em arte. *Meu Album* foi editado pela *Livraria Fluminense*.

— Tobias Barretto, apezar da persistencia do uma molestia que, ha mais de um anno, abala-lhe o poderoso organismo, nem por isso temficado inactivo, e actualmente revê as ultimaas provas das *Questões Vigentes*, nova obra de combate em que o grande jurista e escriptor eergipno dicteu bella e valentemente muitos problemaes de Litteratura, Philosophia e Direito. As *Questões Vigentes*

serão prefaciadas por Arthur Orlando, o notavel autor da *Philocritica*.

— *Commentario Theorico e Critico do Código Criminal Brasileiro* é o titulo de uma outra obra do mesmo Tobias Barretto, e cujo 1º fasciculo está a sahir dos prélos da *Typographia Industrial*. E' editor dessa magnifica publicação, que se comporá de 3 ou 4 grossos volumes, o intelli gente livreiro Sr. André Domingues Santos. O *Commentario* é obra destinada a um grande successo scientifico em todo o Brazil. São garantias disso o nome, justamente ce, lehré, do seu autor, e o assumpto eobre que elle-versa.

— *Bibliotheca Vulgarisadora* vai ser a denominação geral de uma série de livros, que brevemente começarão a apparecer, com o intuito de traduzir e condensar os melhores e mais modernos livros de Philosophia e Sciencia.

Os volumes da *Bibliotheca Vulgarisadora* serão publicados mensalmente, devendo muitos delles ser originaes. A direcção litteraria da empresa foi confiada a Izidoro Martins Junior, o opeioso e illustrado moço que é uma gloria da geração moderna.

## THEATROS E DIVERSÕES

CLUB BEETHOVEN

O programma do 116º concerto (5ª *matinée*), realizado no ultimo domingo, teve a mais completa execução.

Os artistas e amadores, que to...aram parte nessa festa familiar, desempenharam-se da tarefa com aquella galhardia e segurança com que já estão, de ha muito, acostumados os *habitués* do club.

O facto capital da *matinée*, porém, foi a estrêa da eximia pianista Mlle. Cecilia Silberberg, que exhibiu-se, de modo excepcional, no *Nocturno* e *Polonaise* de Chopin, na *Air Russe* de Liszt e na *Gavote* de Rubinstein. Não sahem o que mais admirar na estreante: si a energia e hravura com que sabe apoderar-se do instrumento, si a delicadeza e profundissimo sentimento de que se possui, interpretando a alma daquelles poetas do piano. No que diz respeito a Chopin, devemos dizel o com franqueza, não nos recordamos de haver nunca experimentado, diante de um Erard, sensações iguaes ás que nos assaltaram na ultima *matinée*. Todos sabem que Chopin foi o Musset da musica, e que nas suas valsas extraordinarias, nos seus nocturnos admiraveis, encontram-se as mesmas rupturas sentimentaes, as meemas exhalações de alma perdida, os mesuos suspiros entrecortados, as mesmas aspirações carnaas e desesperadas, que no *Jacques Rolla* do amante dessa George Sand, que o autor da Polonaise uma vez tambem amou.

Pois hem, a execução de Mlle. Silberberg traduz, de modo singular, tudo isto que ali vae dito; e si ha um vocabulo bastante exacto para definir o seu talento, esse vocabulo não é outro sinão — *brilhante*.

DERBY-CLUB

Explendida a grande corrida do ultimo domingo, que effectou-se na melhor bõa ordem.

HYPPODROMO-GUANABARA

Fõi pequena a concorrência á corrida de abertura d'este excellent club realisada a 18 do corrente.

SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE GYMNASTIQUE

Esteve magnifica a ultima festa organizada pela actual directoria.

Houve concerto, trabalhos de gymnastica e baile, que correu animadissimo até ao amanhecer.

A directoria eemerou-se em obsequiar os numerososa convidados.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIODE JANEIRO, 31 DE DEZEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO

VOL. III-N. 157

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|                           |                     |
|---------------------------|---------------------|
| Expediente.....           |                     |
| Nova secção.....          |                     |
| Estudos de Litteratura    |                     |
| Brazileira.....           | Sylvio Romero.      |
| Inverno, soneto.....      | I. Martins Junior.  |
| Falso naturalismo.....    | Octavio Mendes.     |
| Lexicologia didactica.... | G. Bellegarde.      |
| A hermita.....            | B. Paranapiacaba.   |
| Lexicographia brazileira  | A. J. Macedo Soares |
| Cães....., poesia.....    | M. e Albuquerque.   |
| Quadros negros.....       | J. Norberto S. S.   |
| Fossilização, songto..... | H. de Carvalho.     |
| Combate de S. José do     |                     |
| Norte.....                | Dr. Gama Rosa.      |
| Scenas populares, poesia. | R. Theophilo.       |
| A bética.....             | Virgilio Varzea.    |
| Dia 28 de Agosto, soneto. | Angelo de S. Pray.  |
| O banco de corol, soneto. | Alvaro Martins.     |
| A mulher.....             | A. Foscolo.         |
| Confissão, poesia.....    | O. Duque Estrada.   |
| Notas bibliographicas. —  |                     |
| «Contemporaneas».....     | Luiz de Castro.     |
| Movimento litterario..... |                     |
| A lme antiga, soneto....  | Cruz e Souza.       |
| Theatros e diversões..... |                     |
| Romance defeito, poesia   | Oliveira e Silva.   |
| Diversas publicações. ... |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CORTE E NITHEROY

Semestre..... 4\$000

Anno..... 8\$000

### PROVINCIAS

Semestre..... 5\$000

Anno..... 10\$000

A Empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos até o fim d'este mez para evitar interrupção de remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôds ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde: — *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adélina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior; 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

## NOVA SECÇÃO

Sob o titulo — *Notas bibliographicas*, inauguramos hoje a secção destinada ao estudo e critica das obras scientificas e litterarias que forem apparecendo entre nós e se recommendarem pela elevação de vistas dos seus autores.

E, porque taes obras poderão versar sobre diversos e variados assumptos, a nova secção será collaborada por diferentes pennas, conforme a natureza e a indole da obra que se houver de analysar.

## Estudos de Litteratura Brazileira

JOAQUIM MARIA SERRA SOBRINHO

Além de Odorico Mendes, Gonçalves Dias e Franco de Sá, que já estudamos em capitulos anteriores, além de Trajano Galvão e Gentil Homem, que vimos mais ou menos individualmente neste mesmo capitulo, restam-nos ainda dois illustres poetas maranhenses a analysar neste mesmo logar: *Joaquim Serra* e *J. de Souza Andrade*.

Digo que faltam dois e a verdade seria dizer que faltam trinta ou quarenta, tal a abundancia de talentos poeticos naquella provincia dos annos de 1850 — 1870.

De todas as regiões do imperio é o Maranhão aquella que é mais facil de estudar-se sob o ponto de vista litterario.

As *Tres Lyras* dão-nos as melhores poesias de Trajano, Gentil e Marques Rodrigues; O *Parnaso Maranhense* além dos versos destes tres, de Odorico, de Gonçalves Dias e Franco de Sá, traz os de quarenta e seis poetas mais: — é um total de cincoenta e dois poetas.

O *Pantheon Maranhense*, consideravsl obra de Antonio Henriques Leal. põenos em contacto com os homens mais distinctos da provincia em todas as espheras da actividade social.

Os *Sessenta Annos de Jornalismo* (1830-1890) por *Ignotus* (Joaquim Serra) dá-nos um excellente esçoço da publicistica maranhense neste seculo.

Juntae agora a tudo isto as bellas edições dos autores provincianos dirigidas por Belarmino de Mattos em suas officinas, abrangendo li-roes de Sotero dos Reis, de Gonçalves Dias, de João Francisco Lisboa, de Souza Andrade e comprehendêr-se a abundancia de documentos e a facilidade do trabalho.

Verdade é que a obtenção destas e ds outras obras provincianas uem sempre é coisa facil a quem reside no Rio de Janeiro.

A primeira necessidade do critico lit-

terario é fazer num pessoal tão grande de escriptores a indispensavel escolha, a selecção do merito.

No meio daquelles cincoenta e dois poetas podem-se notar seis ou oito que levantam a cabeça mais alto. E Joaquim Serra é certamente deste numero.

Não era, repare-se bem, só a poesia que então fulgurava no Maranhão; lembremo-nos do fulgor intenso do jornalismo politico, da eloquencia forense e tribunicia, da historia, da critica litteraria, e, para bem attingirmos a comprehensão completa dos factos, não esqueçamo-nos de que só por si a figura imponente de João Francisco Lisboa é sufficiente para illuminar uma epoca inteira.

Joaquim Serra viveu naquelle meio e gozou da bella camaradagem de peregrinos talentos; fez parte daquelle grupo que escreveu em collaboração o interessante romance — *A Casca da Canelaira*.

Joaquim Serra é uma natureza de facil estudo; é um homem alegre, expansivo, de um optimismo inalteravel, ou pelo menos inalterado até aqui.

Numa alma assim argamassada o entusiasmo tem entrada franca; si o temperamento é de poeta — a poesia será ahi simples, galhofeira, ousada, patriótica; si o temperamento é de politico — a intuição politica será o liberalismo em sua mais bella expressão, esse liberalismo confiante no espirito humano, crente no seu progresso indefinido, entusiasta pelo bem estar do povo, — liberalismo alheio á democratização forçada e destruidora que mata e arraza sem construir.

O nosso maranhense tem ambos os temperamentos: é um poeta e um jornalista politico; por uma e outra face suas qualidades principaes são — o brazilismo de suas inspirações e de seu estylo; o humorismo amoravel do seu temperamento.

Elle é um optimista, já o disse, e o meu leitor não se espante, nem abogalbe demasiado os olhos.

Não si que especie de aragem pestifera soprou sobre os autores e litteratos cá da terra, que agora andam a descobrir pessimismos e pessimistas por toda a parte.

Já começam a brotar do chão as theorias e cada um assignala patria á epidemia: uns a julgam oriunda da Russia, por causa da lucta entre o czarismo e o nihilismo, e mais por causa do genio sombrio da raça slava; outros a fazem provir da Alemanha, por causa do supposto militarismo e do espirito supposto phantastico do povo personalizado em Schopenhauer; estes, nada podendo admitir que não tenha sua origem na portentosa França, gritam bem alto que a maravilha pessimista irradiou de Paris, engendrada alli por Flaubert por Goncourt e os mais ousados chefes

do naturalismo; aquelles julgam-na um producto da complicadissima civilização moderna; aquelles outros correm em defeza do nosso sublimado e archi-prodigioso tempo, e dão a causa como um producto do theologismo da Idade-média; os aryauós extremados a põem na conta dos semitas; estes chãos de razão a demonstram entre os *aryanos* desde os remotissimos tempos da India buddhica l... Assim vae o debate.

Não conheço outro assumpto em que as tolices e patacoadas tenham occupado area tão consideravel.

Uma velhissima e constitucional tendencia da organização humana dadas certas e dsterminadas circunstancias foi elevada á categoria de mytho inexplicavel.

O nosso Joaquim Serra não dará por este lado grandes affazeres aos criticos; elle soffre da molestia contraria, é um optimista; digere bem e sabe dar gostosos gargalhadas. *Tant mieux pour lui*.

Sua biographia é simples e escreve-se em quatro palavras: filho do Maranhão, fez alli alguns estudos de humanidades; sem ter a massada de ir a uma acadsmia buscar um diploma, verdadeiro trabolho muitas vezes, atirou-se logo muito moço ao jornalismo de sua terra natal; começou tambem desde logo a cultivar a poesia.

Mais tarde passou-se para o Rio de Janeiro, onde sua vida e sua arma tem sido sempre o jornalismo. Tsm eido deputado numa ou duas legislaturas, no parlamento não se destacou por qualidade alguma especial.

Chegados a este ponto, é-nos preciso agora dividir o assumpto; vejamos o poeta e depois o jornalista.

Desde muito moço principiou elle a exhibir-se numa e noutra esphera; seus primeiros ensaios são de 1858, 59 e 60 no *Publicador Maranhense*, dirigido então por Sotero dos Reis.

Serra tinha alli por companhsiros Gentil Homem e Marques Rodrigues; Serra usava do pseudonymo de *Pietro de Castellamare*, Gentil do de *Flavio Reimar* e Rodrigues do de *Sanch o Falstaff*.

Vamos ao poeta.

Nesta qualidade tem elle já publicado quatro livros: — *Versos de Pietro de Castellamare*, *Salto de Leucade*, *Um coração de Mulher*, *Quadros*.

Nestas obras, entre produções originaes, ha muitas produções nomeadamente dos poetas americanos.

Quem lê as poesias de Joaquim Serra é logo agradavelmente impressionado pela espontaneidade do tom, pela simplicidade das côres, pelo brazilismo dos quadros.

Sente-se immediatamente que se está a tratar com um homem que veiu do povo, que conviveu com elle, que o conhece, que se inspirou de sua poesia, de suas lendas, de suas tradições; um homem, e isto é o principal, que tendo

mais tarde conhecido os autores estrangeiros, e havendo-os até estudado e traduzido, nem por isso sentiu estancar-se-lhe a fonte do antigo brazilismo e quebrar-se-lhe na lyra a corda das antigas melodias sertanejas.

Serra é um poeta local, eivado do impressionismo campesino e popular, e não tem vergonha de sel-o, antes o patenteia com desembaraço.

Acho-lhe razão nisso.

Mais de uma vez no curso desta historia, tenho defendido os fóros desse poeta sertanegista, popularista, ou como o queiram chamar. É um genero difficillimo; porque tem a maior facilidade em descambar do bello para o ridiculo.

No viver das populações campesinas, especialmente em algumas lendas tradicionais, em alguns costumes graciosos, ha muita poesia; mas é só isto: si se quer ir além e divisar poesia em tudo alli, até mesmo naquillo que é de um prosaismo acabrunhador, é um gravissimo desacerto!

Não vamos nós agora suppôr que só na ignorancia, na rudeza, na barbaria do sertanejo é que ha poesia, e que esta baja sahido foragida dos centros civilizados e se tenha ido abrigo absolutamente entre *matutos*, *tabaréos*, *caipiras*, *sertanejos*, *garimpeiros* e quantas classes rudes e semi-bravias habitam a vasta zona central do enorme Brazil.

É preciso muito geito com essas coisas; não queiramos á força de exaltar a sertanejidade da poesia, torna-la de todo ridicula; deixemo-nos de *agriculturas* muito exaggeradas, até na propria poesia.

Si o bucolismo grego degenerou em chilras parvoicadas, não será o matutismo brasileiro que ha de escapar da geral decadencia de todo excesso.

Sylvio Romero.

## INVERNO

Janeiro — um monge friento  
Sob a estamemba grosseira—  
Deita o capuz, e peneira  
No espaço o olhar nevoento.

Uma mortalha alvadia,  
Da côr dos lyrios marmoreos,  
Estringe a Terra sombria  
Em grandes tons merencorios.

Foi-se a flor, foi-se a folgagem.  
As aves já na estalagem  
Da selva não fazem ninhos.

Somente canta o granzito;  
Apenas floresce o riso  
Da Neve, pelos caminhos.

Recife.  
IZIDORO MARTINS JUNIOR.

## FALSO NATURALISMO

Acabo de lêr *La Terre*, de Zola, e ainda me sinto acabrunhado pelo extraordinario esforço de talento que esse livro demonstra.

Nunca o epitheto de *grande épico*, dado por Eça de Queiroz ao celebre escriptor seria mais justamente empregado

do que agora depois da publicação de *La Terre*.

A acção do romance é uma verdadeira epopeia; aquelle grande amor á gleba, amor que a todos os outros supera e que caracteriza o immorredouro personagem de Fouan, é o elemento principal dessa lucta épica pela posse do terreno, lucta que constitue o romance todo.

*La Terre* é um livro tão grande, tão indicativo da força sobrehumana do genio de Zola, que, ao lê-lo, sente-se irresistivelmente levado a fazer esta comparação:

É o romance o oceano; a acção desenvolve-se tão poderosa como o vae-vem das ondas, que lambem incessantemente as praias de um e outro mundo; ás vezes as vagas se enfurecem, o mar impellido por estranha força indomavel, levanta-se de repente alto, tão alto que não pôde o olhar humano acompanhá-lo; assim no romance situações ba tão fortes, tão bem talhadas, que não se pôde tranquillamente seguir o autor no descrevê-las, lê-se-as, mas com os olhos rasos de lagrimas e o coração entumecido; e as proprias scenas em que a linguagem do grande romancista reveste-se de hedionda roupagem recordam os residuos que, ao retirar-se, o oceano deixa sobre as praias.

Ha na *Terre* uma scena entre todas, em que a penna amestrada de Zola elevou-se a par de Shakespeare: é aquelle em que o velho Fouan, abandonado e repellido de todos os seus filhos desse, vacillando e tetrico, a encosta da Beauce, e vae, sem o saber, qual um automato, bater á porta da irmã, a avára, a hedionda La Grande. O dialogo que então se trava entre os dois, um, supplicando um pouco de pão, outra, tudo negando no repugnante egoismo da avarenta, é de commover os mais fortes.

O velho fica por um momento gelado e immovel diante dessa porta que a irmã, cumprindo a antiga promessa, lhe fecha, inexoravelmente.

Depois, volta-se e, machinalmente, sem o sentir, mergulha-se de novo nas trevas, com a fome e o frio a acabrunhá-lo, aguçado pela chuva e pelo vento.

Esta scena terrivel, descripta com uma perfeição inexcedivel, me trouxe á memoria o rei Lear, quando abandonado pelas duas filhas ingratas, são, louco de dôr e de desespero, dirige-se ao descampado e alli pergunta á chuva e ao vento que o torturam.

— O' tempestade, ó ventos, porque me odiaes, si não sois minhas filhas?

Pelo que fica [dito vê o leitor que é sem limites o meu entusiasmo pelo grande chefe da escola naturalista. Entretanto, confesso-o sem reboço, ao acabar de lêr *La Terre*, ao mesmo tempo que uma enorme admiração se aposava de mim, sentia-me triste, e vou dizer porque.

Scenas ha na *Terre* e não poucas, que podem coadunar-se perfeitamente com a linguagem de um bordel, mas nunca com as paginas de um livro, mesmo que esse livro se diga e de facto o seja naturalista.

Dos romances de Zola, *La Terre* é um dos que mais forte impressão sobre mim exerceram; mas ao mesmo tempo é, com certeza, de todos o mais obsceno.

E não me parece que a obscenidade seja elemento imprescindivel de um romance naturalista.

Que o futuro, e quiçá mesmo já o presente da litteratura pertence á escola realista, é facto que se não discute. E isto porque a verdade sempre triumphou e o naturalismo quer dizer a verdade na litteratura.

Todos os espiritos da actualidade, exceptuando apenas meia duzia de velhos rotineiros e outra meia duzia de mulheres romanescas, *precieuses ridicules*, na phrase de Moliere, já aceitaram a fórmula naturalista.

Ninguém que tenha uma verdadeira comprehensão do que deve ser o romance lê hoje Lamartine, Dumas pae ou Victor Hugo, sinão porque *noblesse oblige*; a época é de outros. E isto porque?

Porque Lamartine, Dumas e Hugo, como romancistas, são pura e simplesmente mentirosos, e alguns delles mesmo immoraes, muito mais do que o é Zola nos seus arrojados romances.

Elles ainda têm um pequeno grupo de adeptos, mas isto é apenas um engano transitorio. Daqui a dias o triumpho mais completo ha de corôar os esforços dos revolucionarios, e o naturalismo levantará seus arraias no mesmo terreno em que outr'ora levantou os seus a decrepita, a moribunda escola romantica.

Mas por isso mesmo que o triumpho é indiscutivel, precisamos accentuar bem qual o verdadeiro e qual o falso naturalismo, afim de não perdermos completamente o fructo da victoria.

A natureza tem duas faces: a face limpa e a face suja. Porque o grande monographista dos *Rougon-Macquart* ha de timbrar em estudar exclusivamente a segunda?

A propaganda que elle impulsiona com o seu enorme talento deve dirigir-se a todos: homens e mulheres, velhos e moços.

Estudando a face boa, a face limpa da natureza e modelando por ella os seus romances, elles poderão ser lidos por todos; entretanto que, restringindo-os á face má, á face suja, terá que sujeital-os ao rotulo: *leitura para homens*. E a propaganda sendo restricta, a victoria nunca será completa.

E Zola é tão commovente e tocante quando elle o quer!

A sua penna possui todos os encantos, todas as seduções. Para que não empregal-os na feitura exclusiva de livros que possam ser lidos por todos?

Pois quem escreve *Une page d'amour* e *L'Œuvre* precisa por acaso escrever as paginas que tornam *Nana* e *La Terre* livros exclusivamente para homens?

E esta aberração do espirito de Zola já tem produzido máus fructos. Entre nós Aluizio Azevedo escreveu *O Homem* e em Portugal Eça de Queiroz escreveu a *Reliquia*.

Quandoo genial romancista reconhecerá o seu erro e, emendando-o, tornará o genuino successor de Balzac, o chefe do verdadeira escola naturalista? S. Paulo.

OCTAVIO MENDES.

## Lexicologia Didactica

A CALUMNIA!

*La calomnie, monsieur? vous ne savez guère ce que vous dédaigner...* Assim principia a famosa e tantas vezes mencionada discripção da calumnia.

A calumnia! Eis, em descorada traducção, de nossa lavra, como Beaumar-

chais a descreve no universalmente conhecido *Barbier de Seville* (acto 2o, scena 8a). Falla o famigerado Dom Bazilio.

« Começa por um murmuro que, passando á flôr do solo qual andorinha ao presentir borrasca, *pianissimo* soa e vòa desferindo, cêlere, hervada seta. Acolhe-o uma boca, e *piano piano* insidiosamente vol-o transmite á puridade.

Está lançada a semente, Eil-a que germina, alastra, caminha, *rinforzando* de boca em boca, tavra até que de subito, inopinadamente, a calumnia alça o colo, silva e se entumescce, avultando a olhos vistos. Arremeça-se então, amplia o lança, redemoinha, envolve, arranca, arrasta, estoura e ribomba, transmutada, por mercê dos céus, em brado unisono, em crescendo publico, em *chorus* universal de odio e execração. »

A estas palavras fazem expressa referencia o conselheiro José Feliciano de Castilho e o Dr. Robinet nos opusculos: O CASAMENTO DE S. A. I. A SRA. PRINCEZA D. IZABEL COM S. A. R. O SR. INFANTE D. LUIZ, PRIMEIRO DUQUE DO PORTO (Veja. DIC. BIBL. PORT., tomo IV — pag. 318) — Rio de Janeiro, 1859, e LE POSITIVISME ET M. LITTRE — Paris, 1881.

Escreve o primeiro, pag. 19:

« Muitos com Virgilio e Beaumarchais nos têm ensinado como essas invenções nascem e depois se alam a vagas atoardas. »

Escreve o segundo, pag. 31:

« Para que lembrar tristes memorias, ponderamos antes de lançarmos mão da penna; para que reavivar chagas prestes a cicatrização?

Para que?

A' interrogação responde o Dr. Robinet applicando a um dos maiores philosophos da França o que de um vulto notavel da historia politica daquelle paiz escreveu um *critique honorable*.

(Castagnary — DANTON ET LA POLITIQUE CONTEMPORAINE — SIÈCLE, 26 AOUT 1887).

E o Dr. Robinet accrescenta:

(textual) « Redoutable puissance de la calumnie! Comme on est jeune et genereux, qu'on vit au grand jour, sous les yeux de tous, on lui laisse toute licence d'agir. On se croit audessus de ces « bruits legers » dont parle Beaumarchais, qui commencent par raser timidement le sol, et finissent par éclater comme un tonnerre. »

Vêu aqui de molde as seguintes palavras de um discurso de Rodrigo da Fonseca Magalhães, na camara dos pares em 1848.

« E depois disto é duro ouvir clamor que estou vendendo aos interesses de Inglaterra; mais ainda — que recebo uma pensão de governo inglez! Sr. presidente, imputações taes são a vergonha de quem as faz. Se esta fosse verdadeira, ordenaria a ineu filho que não se deshonrasse chamando-me seu pae; teria perdido a qualidade de cidadão portuguez; iria esconder-me dos homens, longe da patria que trahira. Aqui não ha escrupulo em calumniar; o fim é calumniar. »

Ainda ha pouco — talvez hontem — se repetiu que eu, para ser ministro, aconselhára o desembarque de seis mil inglezes; indigna falsidade!

É outra calumnia atroz! Quando assim fallo, bem sei que minha voz chegará sonda e sabe que digo a pura verdade. »

(EXTR. DA SELECTA CLASSICA DE PROSADORES PORTUGUEZES por Antonio Peixoto do Amaral — Sexta Parte — pag. 314.)

Também Mendes Leal, quando ministro da marinha, em discurso na sessão de 7 de Maio de 1864, da camara dos deputados, em Portugal, disse :

« Aquelle ecclesiastico, virtuoso e honrado, (Referia-se a seu tio, o desembargador e vigario de Santa Maria de Loures, Francisco de Borja Ferreira) a quem tanto devo, porque lhe devo os principios de justiça pelos quaes procuro aferir as minhas opiniões e os meus actos; aquelle honrado ecclesiastico ensinou-me que era a diffamação arma defeza, a calumnia—abominavel peccado.» (REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL — tomo IV, pag. 40 41.)

Leiam-se também, com relação ao assumpto a que ha sido consagrada a presente Nota, os versos *Se laisser calomnier*, pag. 43—44, nos QUATRE VENTS DE L'ESPRIT (Paris, 1881)

Eis os alexandrinos de Victor Hugo, *cette figure colossale qui parait être, aux yeux de la foule, la plus grande du siècle*, na phrase de Emile Zola :

(Vej. DOCUMENTS LITTÉRAIRES—*Etudes et Portraits*, pag. 49—Paris, 1881.)

#### *Se laisser calomnier*

« Quoi, frère, tu frémis parce qu'on te déchire !  
Tu ne connais donc pas la force du sourire !  
Quand tu te vois honni, hùé, sifflé, raillé,  
Par de faquins à l'âme obscure, du non souillé,  
Qui fient cent méliers et jouèrent cent rôles,  
Tu prends trop de souci des choses que nos drôles  
Disent de toi. Ton front s'assombrit ; tu l'âmeus  
Des sottises d'un tas de cuisiers venimeux.

Regarde moi—Je suis seul, debout, sur la scene,  
On m'insulte, je ris de leur rage malaine  
Et je vais ! car non cœur dans cet àpre chémin  
Sent aujourd'hui l'honneur et la gloire demain

Leiam-se ainda em WILLIAM SHAKESPEARE por Victor Hugo o capitulo *Zoile aussi éternel qu'Homère* ( pag. 224—225 ) estas palavras :  
textual) « Tout peut s'écrire. Le papier est un grand patient.

On complète l'appréciation du philosophe, de l'artiste ou du poète, par le portrait de l'homme.

Byron a tué son tailleur. Molière a épousé sa fille.

Diderot était libertin ; Voltaire était avare ; Milton était venal.

Qui raconte ces histoires ? Cette bonne personne, votre vieille complaisante, ô tyrans, votre vieille camarade, ô traitres, votre vieille auxiliaire, ô devots, votre vieille consolatrice, ô imbéciles, la calomnie. »

Leam-se finalmente nas BRASILIANAS por M. de Araujo Porto Alegre.

As almas dos parvos são vasos porosos,  
Aonde a calumnia seu fel deposita ;  
Tressuam veneno que a serpe maldita  
Sinhuda infiltra com gestos manhosos.

O mal se acredita, veloz se diffunde,  
Veloz como o raio ; é planta que cresce !

É um monstro, estou vendo-o, que vae gemebundo  
Lamber o cadaver que ha pouco immolára ?

(A Calumnia, pag. 324—325)

G. BELLEGARDE.

## A MARMITA

(AULULARIA)

### COMEDIA EM CINCO ACTOS

DE

MARCO ACCIO PLAUTO

Com o complemento de Urceu, o grammatico

Traduzida em versos portuguezes

PELO

Barão de Paranapiacaba

PROLOGO

O Deus Lar

Para que não se estranhe o achar-me aqui presente,  
Eu vou dizer quem sou succinta e brevemente.  
Da casa, cujo umbral acabo de transpor,  
Eu sou o Deus do lar, o Nume guardador.  
Muitos annos já faz que em toda esta familia  
Exerço protectora e perennal vigilia ;  
Sou Deus familiar de quem hoje alli mora,  
Como fui de seu pae e avô paterno outr'ora.  
O avô me confiou a guarda de um thesouro,  
Que ninguem descobriu — marmita cheia de ouro.  
Numa cova a enterrou, no centro do fogão,  
Entregando-a, em seguida, á minha protecção.  
E nem quando morreu (tal foi sua avareza!)  
Disse ao filho onde estava occulta essa riqueza.  
Achou melhor deixal-o a braços co'a indigencia,  
Conservando o segredo á esteril opulencia.  
Herdou terras o filho — algumas poucas braças,  
Que com insano nfan colheitas muito escassas  
Davam para viver mui parcamente ao dono.  
Quando se foi dormir o derradeiro somno  
Quem me fez guardador do tal thesouro occulto,  
Quiz ver ai o filho seu mostrava no meu culto  
Mais fervor do que o pae. Mas qual ! O culto meu  
Foi de mal a peor ; o filho me esqueceu.  
Por isso o castiguei. Morreu aem ter sabido  
Que tinha dentro em casa um thesouro escondido.  
Hoje seu filho e berdeiro aquella casa habita ;  
Elle a seu pae e avô em tudo segue e imita.  
Uma só filha tem, que, pia, me offerece  
Vinho, incenso e outros dons, em fervorosa prece,  
E corôas depõe no meu singelo altar.  
Vendo que ella restaura o culto ao Deus do lar,  
Consenti que seu pae, o sordido Euclião,  
Descobrisse o thesouro occulto no fogão.  
Em dote convertido o ouro do avarento  
Ha de facilitar da moça o casamento.  
Nobre joven roubou-lhe a candida innocencia ;  
A moça não conhece o autor da violencia ;  
Elle conhece-a bem. De nada sabe o pae.  
E o velho, que reside aqui visinho, vae  
Ao mofino do pae da filha a mão pedir.  
Megadoro, o ancião que á moça quer se unir,  
E' tio do rapaz, que a flôr da castidade  
Roubou nas *Cereas* á juvenil lealdade...  
A minha previdencia approximal-os quer,  
Para que o moço tenha a bella por mulher.  
Mas ouço d'Euclião a useira matizada  
Para expellir de casa a pobre da creada ;  
Empurra para fóra a velha, pois tem medo  
Que, ella dentro de casa, avenge o seu segredo.  
Vae sósinhe ao fogão, pois quer ficar tranquillo  
Sobre a guarda fiel do mystico sigillo.

( Continúa )

## Lexicographia Brasileira

BACUARA E BABACUARA (\*)

*Bacuara* experto, diligente, sabido (Beaur. Rob.) ; o contrario de *babacuara* toleirão, apascaçado ; roceiro, matuto.

Ambos os vocabulos são populares, e ambos são brazia. Compõe-se o primeiro do tupi-guarani *mbaé* coisa, em geral, lat. *res* + *cuaé* saber + *ara* afixo do participio activo agente : o que tem o saber das coisas. Compõe-se o segundo de *mbaebé* nada *cuaara* aabedor. *Bacuara* é, pois, o *sabe-tudo* ; *babacuara*, o *nadasabe*.

O autor aupracitado approxima *babacuara* do port. *babão*, ant. *baboca*, *baboso* tolo, boca-aberta ou boquiaberto, que anda babando. Ha, com effeito, no grego, no baixo-latim e em todas as linguas que d'elle descendem, e bem assim nas linguas germanicas, a raiz *bab* criança, e por metaphora, simples, simplicio, tolo. *Baba* saliva que escorre, e seos compostos ; isl. *bab* ; din. *bable* ; ingl. *to babble* ; holl. *babbelen* ; all. *babbeln* ; fr. *babil* e seos compostos ; b. lat. *babiger*, *babillio*, *babosus*, *babugus* tolo, *babuynus* especie de macaco, *babulus* dimin. de *babus*, *baburcus*, *baburrus* ; prov. *babú* som inarticulado das crianças e seoa compostos ; *babau* tolo, *babi* criança, *ba biola* brinquedo de criança, *bava* saliva e seos compostos *bavous* e outros ; ital. *babalone* credulo, *baba* e seos compostos ; hisp. e port. *baba*, *babão*, *babão*, *baboso* ; celt. *bab* criança ; gr. *babai* ! interj. de espanto.

Mas, a segunda parte *cuaara* de *babacuara* está mostrando que esta palavra brasileira não é formada sobre aquella raiz das linguas europeas ; mas sim sobre o substantivo tupi-guarany *mbaé* coisa.

A etymologia que ligar *babacuara* á raiz indo-germanica *bab* criança será mais um exemplo da lei da *intercorrenzia* tão frequente nas corrupções operadas pelos eruditos.

A. J. DE MACEDO SOARES.

\* Extracto do Dicc. Bras. da Ling. Portug., inedito.

## CÃES...

Vi no centro da rua, na cidade,  
um pobre cão apodrecido e morto,  
o olbar vidrado, vagamente absorto,  
do espaço azul fitando a claridade.

Sobre a bocca convulsa numa funda  
contração de agonia dolorosa  
enxameava a multidão ruidosa  
das moscas verde — negras, nauseabunda !

E em torno as galas ! o frou-frou das setas !  
a Miséria ostentando-se vaidosa !  
E cad'alma encerrada na enganosa  
prisão de vis hypocrisias lédas !

O' vermis illusões da humana raça !  
volitae, volitae na nossa mente  
e ninguem junto a nós, passando, sente  
que nos roeis a tábida carcassa !

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## QUADROS NEGROS

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

O ALUFÁ

SABEDORIA E MYSTERIO

A mão suprema corria no Oriente as cortinas vaporosas de purpura e ouro ao magestoso e brilhante astro que derrama essa luz immensa e bella que se chama — dia!

Um cantico harmonioso se elevára da terra aos céus; a vasta natureza accordava nos braços da alegria.

Triste e pensativa, uma mulher preta, subia a encosta da montanha de Santa Thereza e se encaminhava para a pobre choupana meia escondida na ramagem do bosque.

Era Evelina que procurava a cabana do Alufá.

Um fio de agua crystallina atravessava pelo meio de relvas e flôres o selvagem jardim de uma rude choupana.

Deve-se Evelina á vista de um homem de sua côr, que regava as plantações meias agrestes, e cuidava de animaes mal domesticados, arrancados ás suas habitações bravias.

O negro cumprimentou-a e fez lhe signal para que entrasse.

Veio Evelina pousar num tosco banco de páu, junto delle que sentou-se no chão, com os joelhos unidos e um tanto alçados.

— Já sei, disse elle, que me busca para consultar.

— Sim, respondeu ella, venho vér o grande Alufá.

— Grande é só Deus, atalhou o preto, e eu sou apenas um de seus humildes servos, mas que deseja?

— Saber de meu fillo.

E o negro ouviu a sua narração historica.

Depois de concluida, limpou Evelina os olhos, humedecidos de lagrimas. O Alufá que a ouvira silenciosamente suspirou enxugando tambem as faces orvalhadas de pranto.

— Filha, ajuntou elle, o bem que recebemos vem de Deus, o mal vem de nós. Tem elles por origem os nossos peccados, e os que trabalham no peccado serão retribuidos segundo os seus ganhos. Implora o perdão de Deus, porque elle é indulgente e misericordioso.

Evelina estendeu a mão para a cidade que se desdobrava a seus olhos em magnifico e luxuriante panorama e accrescentou:

— Alli está meu fillo, mas aonde, Alufá.

— Deus, respondeu elle, coaece o que se manifesta e o que se occulta. E' o grande, é o sabio, é o todo poderoso. Quanto ao meu nome, diga antes Ocoché, como me chamava na minha terra, ou Gabriel, como me apellidam aqui.

— E Alufá?

— E' uma qualificação e vale tanto como se dissesse—o padre.

— E que farei, Ocoché, para saber aonde está meu fillo.

— Pergunta a quem o sabe—Deus. Só Elle, afirma o propheta, tem as chaves dos mysterios e só Elle os conhece. Só Elle vé o que está sobre a terra e o que está no fundo dos mares. Acredite, não cae uma folha, ou uma palha, não se move um grão de areia, não se desliza uma gotta de orvalho que não seja tudo escripto no livro evidente, o prototypo do koran, conservado no céu. Deus é grande.

Foi elle quem ergueu os céus sem columnas visiveis e sentou-se sobre seu

throno. Creou o sol e a lua e todos os astros e os submetteu a determinado curso.

E' Elle quem a tudo imprime movimento e ordem e faz vér distinctamente as suas maravilhas.

Foi Elle quem espalmou a terra, empolou os montes, eutornou os rios, e estabeleceu as producções da natureza.

E' Elle quem ordena á noite que envolva o dia nas suas trevas e ao dia que envolva a noite em seu manto de luz. Elle é o sabio.

E' Elle quem faz brilhar o relampo que inspira terror e esperanza, e quem levanta as nuvens carregadas de chuva.

O trovão celebra os seus louvores e os anjos o glorificam penetrados de espanto.

Deante d'Elle se prosterna tudo quanto está no céu e na terra; os animaes como os anjos tambem se despojam de seu orgulho.

Gloria a Deus! Os sete céus e tudo quanto elles contém, e a terra e o mar celebram o seu poder. Elle é omnipotente.»

Estava Evelina admirada da linguagem do sacerdote.

Era um hymno que resoava de seus labios em quanto de seus olhos se irradiava o enthusiasmo.

Era a primeira vez que um homem—branco ou negro—lhe fallava assim.

— Pois bem, disse ella, indique-me como poderei saber de Deus aonde pára meu fillo?

O Alufá meneou a cabeça e apoiou-a sobre os seus joelhos, e conservou-se silencioso como si dormisse.

— Ocoché desperta, bradou ella; responde-me, ensina-me o que devo olhar. Eu sei que és um grande feiticeiro.

O Alufá ergueu a cabeça e riu-se.

— Por tua gloria sabhanaka. (\*) Está enganada. Pensou assim e por tal me tem, mas isso é cegueira. A sciencia não pertence sómente aos brancos. Deus é liberal e reparte com quemquer, sem olhar para a côr de ninguém. Elle é o senhor todo poderoso. Magico foi Salomão que dirigia os ventos e movia as ondas, mas não foi elle o infiel; infieis são os demonios; assim o diz o propheta em nome de Deus.

— E invocas os demonios?

— Para que? Satan é o inimigo declarado do genero humano.

— E os anjos?

— «Todos nós temos os nossos anjos que se succedem sem cessar e que nos rodeam. Velam sobre nós por ordem do Senhor.

Deus não muda o que concede aos homens, contanto que elles não sejam os primeiros a mudar.

O homem não tem outro protector sinão Elle.»

— E aonde e com quem aprendeste essa linguagem que tanto me encanta?

O Alufá suspirou tristemente e levantou-se.

— Mulher, exclamou elle, a sua educação foi feita segundo a lei de Jesus Christo e por isso estranhará as minhas palavras. Eu sou musulmano.

Venha comigo, entre nesta pobre, mas innocente choupana; quero mostrar-lhe o meu livro, o livro da minha lei.

Penetrou Ocoché na sua choupana. Evelina, depois de lançar rapido olhar, cheio de esperanza sobre a magnifica cidade do Rio de Janeiro, que tinha a seus pés, seguiu os passos do Alufá.

J. NORBERTO DE S. S.

(\*) Expressão empregada contra opinião errônea ou uma blasfêmia.

## FOSSILISAÇÃO

Não sei que estrauho fluido se me entorna em cada nervo, em cada fibra, quando em meu cerebro pesa a noite morna de teu olhar diabolico e nefando!

Si o qualifico assim é que, o amando pela luz diamantina que o exorna, é elle o meu algoz mais temerando que o pensamento prende e m'o transtorna.

Meu tumulo será—findo o trajecto...  
E meu nome ha de ser perpetuado nesse raio de luz tão predilecto,

— como o fossil terciario, immaculado, de um eyterno, pequenino insecto no ambar transparente eternizado.

HORACIO DE CARVALHO.

S. Paulo.

## O combate de S. José do Norte

(GUERRA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL)

(Conclusão)

A situação dos defensores era extraordinariamente precaria.

A lucta no quartel já durava havia uma hora; a força experimentára grandes perdas na retirada e na defesa, achando-se a tropa reduzida, a ponto de não poder guarnecer convenientemente os quatro lados do quartel. O commandante da praça, coronel Soares de Paiva, então já ferido em uma perna fez conhecer de visu ao official de marinha as circumstancias em que se achava; communicou-lhe a tomada de toda a villa pelos republicanos; a difficuldade que tinha em repellar o inimigo que, armado de machados, procurava arrombar as portas do quartel, queixando-se principalmente, dos estragos que lhe produzia o fogo de fusilaria partido de uma casa fronteira, que era a escola publica, nessa occasião transformada pelos republicanos em lormidavel ponto strategico.

Do quartel faziam fogo pelas portas e janellas gradeadas, e, retiradas as telhas, pela cimalha, por meio de um andaime interno.

Ficou convencionado que a tropa guarneceria apenas a frente do quartel ficando a cargo do lanchão as tres faces restantes.

Para que bem se possa conhecer a situação dos combatentes, faz-se necessaria uma breve descripção do logar.

O edificio do quartel, que seguramente ainda existe, era um barracão situado á beira mar; nos flancos existiam dois largos ou terrenos desoccupados; a face anterior ou frente dava tambem para um terreno desoccupado, onde apenas havia uma casa, a da escola publica.

Tratava-se, primeiro que tudo, de desalojar o inimigo da casa fronteira, e nesse intuito, foi o lanchão collocar-se em posição, donde, obliquamente, sem offender o quartel, pudesse bombardear a habitação.

A escuridão da noite não deixava distinguir coisa alguma, aendo as pon-

tarias feitas pelo fugitivo clarão das descargas que saham da casa.

Depois de algum tempo de bombardeio, o desmantelamento successivo da fragil habitação, e, principalmente o arrombamento da porta por uma bala de caibão que deixou a descoberto o refugio inimigo, determinou o abandono da posição que, desde os primeiros tiros, se havia tornado insustentavel.

O apparecimento da força maritima não podia deixar de causar graves apprehensões aos republicanos, achando-se o combate travado á beira mar, onde a intervenção da marinha tinha influencia decisiva.

Assim o entenderam os chefes republicanos, e, procurando tirar vantagens da unica circumstancia que os favorecia, a escuridão da noite, levaram ataques desesperados e reiterados a todos os pontos do quartel.

A metralha da embarcação, porém, varria os lados do edificio, obrigando o inimigo a procurar refugio nas ruas transversaes da povoação.

Na metade ultima do combate, o inimigo procurava evitar, quanto possivel, expôr-se a peito descoberto aos fogos do lanchão.

Nas pequenas occasiões de calma que succedia a esses ataques ao quartel, para de algum modo obstar o arrombamento das casas que a soldadesca disidente praticava, o lanchão ia postar-se fronteiro ás duas unicas ruas então existentes que desembocavam no mar, e dahi metralhava a turba inimiga (1).

(1) Refere Garibaldi que uma parte da força republicana, ao entrar na villa, dispersára-se, entregando-se á embriaguez e ao saque; o facto é verdadeiro e manifestou-se durante toda a noite, e mesmo, findo o combate, ainda depois do toque de retirada, foram aprisionados ou mortos, nas casas, soldados disidentes, procurando fugir com o producto do saque. O Sr. Antonio Pedro de Carvalho, nessa época capitão de fragata e inspector do arsenal da cidade do Rio Grande, pretendeu contestar esse ponto, no *Correio Mercantil* em 1860; mas, ao referido official, que aliás nada tinha com a força naval sob o commando do chefe Greenfell, faltava competencia para isso, não tendo assistido ao combate e só podendo fallar no assumpto por ouvir dizer. A verdade é o que consta da narração de Garibaldi.

Já havia duas horas que o lanchão desempenhava essa sangrenta tarefa; a tempestade amainara um pouco; nessa occasião chegou ao lanchão, em um escaler com quatro homens, o segundo tenente Pedro Garcia da Cunha, que, partindo da cidade do Rio Grande, vinha collocar-se ás ordens do capitão-tenente Gama Roza.

Referiu o segundo-tenente Pedro Garcia haver desembarcado nos fundos do quartel o tenente-coronel Jovita e alguns cunhetes.

Não sendo necessario a bordo do lanchão, foi dada a esse official a commissão de recolher no seu escaler, ao longo da praia, soldados extraviados que se sabiam existir, por outros que tinham vindo para o lanchão.

O fogo do mar era tão continuado, e surgia pelos movimentos rapidos da embarcação, impellida á vara, em tantos pontos diversos da villa, que Garibaldi acreditou haver tomado parte na acção muitos navios da esquadra. Eis as suas palavras:

«O inimigo, pelo seu lado, não perdia o tempo; muitos navios de guerra, que se achavam no porto, tomaram posição, varrendo com o fogo dos seus canhões as ruas onde nos achavamos. Pediram soccorro ao Rio Grande, cidade situada na margem opposta da embocadura da Lagôa dos Patos, emquanto um unico forte (o quartel), que havíamos desprezado, servia de refugio ao inimigo.»

A verdade, porém, que o herôe italiano não pôde nesse noite caliginosa conhecer, e muito menos depois da retirada, é que esse lanchão foi o unico navio que tomou parte e decidiu do combate: «varrendo justamente, como elle diz, com o fogo dos seus canhões (era um só canhão), as ruas onde nos achavamos.»

O unico navio de guerra, então existente no porto de S. José do Norte, era o brigue-escuna *Andorinha*, ao qual a tempestade impedia qualquer manobra, podendo apenas sustentar-se, fundeado com dois ferros, longe do logar da acção, em frente ao Cascalho, onde forçadamente conservou-se durante todo o tempo do combate. (2)

O seu calado, aliás, tornaria a sua intervenção inutil, impedindo-lhe a approximação de terra. De longe, em taes condições, os tiros sobre a villa só iriam prejudicar as casas onde se achavam as familias legaes.

Nesta ingente luta passou-se toda a noite; e, ás cinco horas da madrugada, chegou á porta dos fundos do quartel o major Antonio Maria Gomes, noticiando que os republicanos procuravam arrombar a Alfandega, edificio situado a cerca de cem braças do quartel, o que importaria, além de tudo, numa deshonra, a perda da bandeira do batalhão, que lá se achava guardada.

Para realizar um plano que surtiu muito effeito e que o commandante do lanchão tinha em vista, foram-lhe concedidas 25 praças, commandadas pelo cadete Rosauro, ainda até ha pouco tempo existente, cego e reformado no posto de tenente.

O plano consistiu no seguinte: a peça metralhava e inimigo, ao mesmo tempo

(2) Era commandante desse brigue-escuna o capitão-tenente Romano que tendo ido com um piloto e um soldado buscar a familia na villa, já tomada pelo inimigo, desapareceram todos, não se sabendo jégams o fim que levaram, calculando-se que houvessem sido mortos e atirados ao rio, sahindo os cadaveres barra fóra.

que o piquete e a tripolação do lanchão faziam fogo de fuzilaria, e, aproveitando a desordem e morticínio produzidos entre os dissidentes, o piquete carregava immediatamente á bayoneta até a primeira rua transversal, retirando-se, ao ser acossado pelo inimigo, para dentro d'agua, ao abrigo do lanchão, reconhecendo a mesma manobra após novas descargas.

O inimigo, destemido e brioso, persistia, apesar das perdas enormes que experimentava, alastrando as ruas de cadaveres e feridos, e, sómente ao romper do dia, ás nove horas da manhã (era no inverno), cessando o ataque, distinguiu-se do alto do mastro de lanchão as forças inimigas sahindo da villa, obvindose em seguida o toque de retirada do general republicano.

O fogo foi tão nutrido, durante toda a noite, que o pellourinho, um poste, isolado, que existia no meio da praça, ficou completamente privado de ballas,

Depois das aclamações e hymnos com que se celebra a victoria formou-se a guarda vencedora; apenas restavam cerca de 250 praças das 599 com que se começara o combate. As praças que faltavam haviam sido mortas, feridas, prisioneiras, ou, por extraviadas, não haviam tomado parte na acção.

Neste combate succumbiram officiaes de muito merecimento entre outros, o tenente-coronel Jovita, o capitão Pimentel e o intrepido capitão Xavier.

Segundo as relações officiaes as perdas experimentadas pelos legaes foram de 72 mortos, 87 feridos e 84 prisioneiros, ao todo 243 homens fóra do combate. Não vem ahi mencionados os extraviados que eram em grande numero.

Os republicanos tiveram: 181 mortos 150 feridos e 18 prisioneiros, ao todo 349 homens fóra do combate.

Por esta estatística, que é inferior á realidade, se pôde approximadamente aquilatar o porfiado da luta durante nove horas.

Como é sabido, o governo central, em virtude desse combate, deu o titulo de heroica á villa de S. José do Norte, condecorando com o habito do Cruzeiro a bandeira do batalhão cuja ala assistira ao ataque.

O combate de S. José do Norte é um dos mais sangrentos de toda a guerra da republica rio-grandense.

Ficam assim explicadas a narração de Garibaldi e as succintas palavras do *Diccionario historico e geographico do Rio Grande do Sul*, sobre o combate de S. José do Norte.

DR. GAMA ROZA.

## SCENAS POPULARES

### O CASAMENTO

Cahia o sol já bastante  
Para as bandas do occidente,  
E a brisa fresca da tarde  
Correndo vem do nascente.  
A eombr. já nas calçadas  
Das ruas mal alinhadas  
Passára os frades de páu;  
Um templo nem bom, nem máu,  
De santas habitação,  
Sobre um outeiro s'erguia,  
Dos padres da companhia  
Tinh'elle cunho e feição.

Era uma viella do centro  
Em tudo ás outras igual,  
Tinha matriz e vigario  
E uma mesa eleitoral.

Juiz de paz, delegado,  
Um professor atrazado,  
Mas bom cabo de eleição.  
Viviam sem presumpção,  
Mas isso só no trajar.  
Tamanco aos pés, e camisa,  
Ceroulas na pelle lisa  
Nas ruas a passear.

No domingo, ou dia santo  
Tinha a villa outra feição;  
De vér a Deus tinha trujes  
Ou paletot ou gibão.  
E a eertaneja enfeitada  
Com sua saia listada,  
Amarellas *baronezas*  
Nas grandes orelhas prezas  
Em baixo do seu lençol,  
Sapatos d'entrada baixa  
Guardados dentro da caixa  
Só vian domingo o sol.

Era a tarde, a luz do dia  
Já não tem tanto valor,  
Do astro que nos dá vida  
Sentimos menos calor.  
E' dia santificado,  
Mas o povo alvorçado  
Espera pelo momento  
Da vinda d'um casamento.  
Na sacristia sentado  
Já de rouquete o vigario  
Resando o seu breviario  
Espera pelo noivado.

Eil-o, lá vem seu, vigario,  
Diz contente o sacristão,  
E além descendo a encosta  
Já se vê a procissão.  
A noiva vem adiante  
Em seu cavallo possante  
Russo pedrez a equipar.  
E coisa bem singular  
A côr azul do vestido  
Faz um contraste profundo  
Com o verde gaio, jocundo  
Do diadema florido.

E num *mellado cachito*,  
O noivo vem folgazão,  
Sua casaca é antiga  
Mas não do tempo de Adão.  
Chapéu do Chile cop'alta,  
Collete que não tem falta  
De pintados *potriões*,  
Nos dedos tres anelões  
Correntão d'ouro e de prata,  
Borzeguins de sola e vira,  
Calças traz de casemira  
De seda verde gravata.

Seguiam atraz os padrinhos,  
Dois velhos de estimação;  
Um cavalgava um *castanho*,  
Montava o outro um *cardão*.  
E as suas donas madrinhas  
Vão nas garupas, mocinhas  
Parcem, quem tal diria!  
Das malas de prsгарia  
Tiraram traje melbor.  
Vestidas de *chalm* roxo,  
De *Toquim* chale ao pescoço,  
D'ouro cordão o maior.

Depois dos pares de velhos  
Iam os moços do logar  
Cada qual mais presumido  
De saber mais cavalgar.  
Cavallos bem enfreados  
Vão marchando *macapotos*  
Ao toque d'aguda espóra.  
E velhos, moços agora  
Contentes vão apostar.  
Querem vér o mais brioso,  
O cavallo mais fogoso  
Qu'os outros hade passar.

— Um garrote d'anno e meio  
Mais de prata um patacão,  
Gritou o Chico Fernandes;  
Quem passar men *alazão*.

— Eu pego, disse o Vianna,  
Que vinha esprto de *canna*  
Um pouco atraz num *zambeta*.  
— Sim, senhor, do *carrapeta*  
Quero vér a opinião.  
Seguir deixaram o noivado,  
Depois um bom *equipado*  
Foram. Perleu o *alazão*.

Chegados todos que foram  
Do templo no patamar  
Os padrinhos se apeiaram  
Para a noiva desmontar.  
Sahiu risenho o vigario,  
Guardando o seu breviario,  
Os noivos vem receber.  
Tantas honras a fazer,  
Aos nubentes tanto amor!  
Ou era por delicado,  
Ou então por avisado  
Dar ao acto mais valor.

Paramentado o vigario  
Ouviu dos noivos o «sim»,  
Deu o nó muito bem dado,  
Rezou depois em latin.  
Inda os nubentes suados,  
Mesmo assim foram molhados  
D'agua benta. O sacramento  
Se concluiu. Um momento  
Gastaram em perguntar  
Quem *amarello* no acto  
Tinha ficado, de facto  
Morria, deixava o logar.

Montemos, vamos smbra  
Disse o mais velho padrinho,  
Depois quem mão do vigario  
Deixou um verde *saguinto*.  
Montou-se o noivo. De chita  
Coberta pois mui bonita  
Nas ancas de seu cavallo.  
— Monta a noiva Zé Gonçallo.  
— Trabalho não tenha, não.  
E o noivo com mão segura  
Da noiva a grossa cintura  
Abraça, monta-a e lá vão.

Partiu veloz como a flecha  
O mui fogoso corcel,  
No chão as patas batiam  
Num compassado tropsl.  
Um viva aos noivos, é dado  
Por cem vozes, é levado  
Lá pelos cerrros de além.  
Nãõ fica alli mais ninguem.  
E' mui veloz a carreira.  
Na marca não ha demora,  
Fere os cavallos a espóra  
Quer subam ou desçam ladeira.

— Vamos, quem fór cavalheiro  
Que tire ao noivo o chapéu.  
— Alto, partamos a um tempo,  
De quem será o trophéu?  
Depois de terem parado,  
A um signal, que foi dado  
Pelo padrinho Zé Lope,  
Partem veloz a galope,  
Vão elles quasi á voar.  
Em menos foi d'um minuto  
Viu-se o chapéu do *matuto*  
Um dos convivas tirar.

Aos noivos, vivas bradaram  
E a quem tirou-lhe o chapéu.  
Cada qual mais s'esforçava  
P'ra mostrar o echo seu.  
Pelos ares sacudido  
Andou o *Chile*, cahido  
Muitas vezes foi ao chão.  
Era dever, atenção  
E prova de primasia.  
Quantas vezes mais tirado  
Fosse o chapéu, mais provado  
Tinham sua cortezia.

O caminho era mui longo  
Seis léguas tinham qu'andar.  
E foram o chapéu do noivo  
Ora a hotar e a tirar.

Chegam a noite já tarde.  
Da fazenda ao pateo arde  
De pé d'arco uma fogueira.  
Todo o povo da ribeira  
Tinha vindo p'ra função.  
Os noivos os paes beijaram,  
As violas soluçaram,  
Correu vinho até no chão.

Ceará.

R. THEOPHILO.

## A HÉCTICA

A IZIDORO MARTINS JUNIOR

Ella costumava tomar leite todas as manhãs e dar um passeio curto.

Eu a via passar muito pallida, de uma fragilidade de vidro, vagarosa e offegante, com aquelle ar indifferente e desolado das molestias chronicas, que sugam pausadamente, sorrateiramente a vida. Tinba o olhar languido, frio e saudoso das pessoas exaustas, perdidas, que se sentem desmoronar aos poucos.

Trazia sempre um *water-proof* azul, de laço atraz, que deixava npenas a barra do vestido de fóra, pondo grandes prégas de largura pela estreiteza ossuda e deformada das costas.

O pae, um velho magro, de physionomia agradável e respeitosa, ainda erecto de robustez, brancurizado pelos annos, o ar *gentleman*, dáva-lhe com segurança o braço e a envolvia, muito carinhoso, em umas animações tão convencidas e tão consoladoras, verbalizadas á voz forte, que ella chegava a sentir, por momentos, alagar-lhe o coração ondas de saudade, de envolta com aquellas palavras!

Achava-se até melhor, mais rija, naquella grande esperança que acompanhava intimamente os tísicos, e vinham-lhe sorrisos rapidos, que lhe faziam contrahir levemente os labios desmaiados, deixando a descoberto a claridade alinhada dos dentes sãos; fitava o velho com aegria, com ternura: era a sua saude.

Mas, logo depois, o nervosismo, o hysteresmo fazia-a cabir numa nostalgia funda, de todas as horas, num presentimento vago e fatal de tumulo proximo; e, então, chorava muito e apparecia-lhe com mais violencia, uma tosse secca e tilintante, acompanhada de ruidos soturnos na caverna do peito e borbotões quentes de sangue vivo.

Uma manhã, deixou de dar o seu passeio costumado.

O azul estava fresco e scintillante, alastrado de luz, cbeio de aromas e cantos, cortado da alegria da terra.

O sol surgia claro e magnifico, confortador e bom.

Passei todo o dia com a imaginação cheia da lembrança della, preocupado, temerose, na incerteza do que lhe teria acontecido.

A tarde, um tropel de gente, no ruido discreto e pacato de uma rua provinciana, fez-me chegar apressadamente á janella.

Era ella, a triste e mimosa creatura que eu via passar todas as manhãs, e que partia ngora para além, no seu estreito caixão azul, e que nunca mais, nunca mais voltaria!...

VIRGILIO VARZEA.

Desterro.

## DIA 28 DE AGOSTO

A CONFUCIO

Presinto a morte em breve e por ti só lastimo,  
Filho de meu affecto, nininho de meu lar,  
Tu a quem eu na vida amo, idolatro e estimo  
E que sem mim terás mil fezes a sugar.

E tu que tens então uma alma alegre, um mimo,  
Igual ao colibri n'um prado a esvoçar,  
Que pois será de ti sem paternal arrimo  
Sem ter quem lhe releve o meigo doudejar?!...

Não temo que te falte o pão do corpo — temo  
Que busquem soffrear de chofre o livre adejo  
E abafem de tua alma a vivida expansão...

E então do alegre infante... Oh! só em pensar tremo!  
Transformem-te, Confucio, em homem realajo  
Sem ter idéa propria — alheio á inspiração

ANGELO DE S. PRAY.

## O BANCO DE CORAL

(HEREDIA)

A OCTAVIO FALCÃO

Sobre as vagas o sol — mysteriosa aurora —  
Illumina a montanha immensa de coraes,  
A floresta sem fim de estranhos vegetaes,  
Os monstros do oceano — a esplendente flora...

E tudo aquillo o que o iodo e o sal colora  
As algas, as anémonas, os musgos radiosos...  
E, rendilhados faz, em traços sumptuosos  
No fundo porejante da branca madrepora.

Brilhando a morna luz o esmalte das escamas  
Dos antros vegetaes, por entre as verdes ramias  
Em curvas, indolente, um peixe enorme passa...

E, electrico, riçando a luminosa espalda,  
Subito, no crystal com a barbatana traça  
Um relampago d'ouro, o nacar, e esmeralda.

ALVARO MARTINS.

## A MULHER

(A POETISA D. JULIA LOPES)

Dens concentrou tudo quanto ha de grande e sublime na mulher e formou-a um dos focos mais brilhantes que respande em sua fronte omnipotente.

Deu-lhe a graça, a candura de virgem, a bondade de mãe! Circundou-a com a sua luz divina, inundou-a no oceano da sua graça, tornou-a o centro da humanidade assim como o astro-rei o é dos planetas.

Nós somos fortes, grandes, sabios, entretanto basta uma palavra, um sorriso, um olhar da mulher para nos elevar ao apogeu da gloria ou arrastar-nos ao lodaçal da infamia.

Perguntae a Cesar. Annibal Marco Antonio e Bonaparte, esses caudilhes antigos e modernos da humanidade que não temiam nem o céu, o que fel-os curvar, muitas vezes, a fronte orgulhosa e tornarem-se debéis como o vime que a briaa dobra.

Perguntae a Homero, Platão, Ossian, esses grandes genios do passado, porque se elevaram tanto e por quem? A Byron o que o fazia vagar pela Europa, perlustrando as ruinas dessa

Grecia gloriosa, procurando esquecer, nos labios e braços das mulheres que deparava, a sua lady Chaworth, sempre sceptico, devasso, idemente como o seu D. Juan. A Chatterton e Jacopo Ortiz, o que fez-lhes abysmar uma existencia tão bella nas trevas do tumulo.

A Bocage, Werner e Marlouce o que os obrigava a vagar pela tabernas, tombar pela embriaguez do alcouce, e profanar suas fontes excelsas na devassidão da crapula a mais immunda! Elles responderão:

— «A mulher! sempre a mulher!»  
Ora, si ella, apezar do christianismo pol-a num dos vertices do seu triangulo terrestre, tem-se conservado escrava; si ella, a quem negamos a instrucção assim como a liberdade politica, forma a parte mais poetica, sublimo e perfeita da humanidade; si tem emancipado uma nação, como Stowe o fez, creado uma Escola como Sand, sublimado a arte como Sarah Bernhardt; si apezar do pequeno circulo em que o encerramos ella ergue-se heroína gigante nos fastos da historia, que será nos seculos vindouros em que o espirito humano sempre perfectivel ha de outorgar-lhe parte do mando a que tem direito?  
«Ella é fraca dirão.»

Tambem o Christo o era e a sua voz humilde conquistou nações.

— «Não pôde empunhar a espada.»  
Não importa! Caninhamos para o progresso... para a luz!

Temos a imprensa para reproduzir o pensamento, a intelligencia para defendermo-nos; a força o um direito estúpido! Não precisamos da espada... não precisamos do canhão!...

Deixae a Juvenal e Boileau com as suas satyras. esses miserimos em cuja frente, como na de Mephistopheles, Margarida lería o anathema terrível:

— Não poder amar!

Deixae esses ingratos morrerem sedentos de inveja, olvidando que tudo quanto somos e formos devemos á mulher esposa e á mulher mãe.

Nós, os filhos da civilização... de um seculo de luzes, compartilhemos o trabalho do anjo do lar, cedamos-lhe parte da nossas lides politicas e scientificas. E quando o nosso corpo estiver transformado numa bella flôr; quando de nós não existir mais nada além da idéa vogando no oceano do tempo, nesses seculos de navegação aerea e submarina, que a mocidade de então diga

— «Elles eram ignorantes; mas na sua obscuridade resta-lhes a gloria de haver concedido á mulher uma parte do que lhe era devido — a liberdade politica.

A FOSCOLO.

## CONFISSÃO

Direi a teus pés prostrado,  
Numa doce confissão,  
Tudo o que tenho guardado  
Dentro do meu coração:

Começarei confezsando  
Que anginho do céu te chamo,  
Depois irei te contando  
Quanto teus olbos eu amo;

Que da boquinha vermelha  
Gosto, si afoga os desejos  
Que excita, como uma abella  
Coberta toda de beijos;

Que não sei cantar, siquer,  
Teus pés, de derme tão fina,  
Que não são pés de mulher  
Nem tambem pés de menina;

E te direi, finalmente,  
Terminando a confissão,  
Que és tu, divina, sómente  
Quem me occupa o coração!

OSORIO DUQUE ESTRADA.

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

### CONTEMPORANEAS

POESIAS DE AGOSTO DE LIMA

O «*parnasianismo*» me é antipathico. Um parnasiano parece-me um manequim perfeitamente construido, mas tão pouco animado quanto pôde ser o papelão de que elle é feito. E' papel, não é musculo. Si me não engano exagerando inconscientemente os argumentos em meu favor, superabundam motivos racionaes para condemnação desse modo de ser da poesia.

O «*parnasianismo*» é a volta ao passado. E' uma excursão ao mundo

classico, esse mundo tão diferente do nosso que é o podemos compreender auxiliados pela interpretação autorizada de um historiador ou archeologo. E para que essa excursão? E porque esse capricho subito por um mundo sem vida, quando toda a humanidade seria insufficiente ainda para ver e traduzir as infinitas phases da vida no presente, para induzir ou imaginar a vida no futuro?

E depois, é preciso reconhecer, é desolador o espectáculo das reacções e contra-reacções litterarias. As grandes litteraturas classicas interromperam-se quando a onda dos vencedores infundiu um sangue novo no organismo senil da civilização greco-romana. Os primeiros movimentos litterarios das nações esboçadas pela fragmentação das raças, sob a influencia dos climas variados, interromperam-se com a victoria da mentalidade dos vencidos e o advento da Renascença. Amalgamados elementos heterogeneos, formam-se o classicismo das litteraturas novas, convencional, falso, autoritario a ponto de estabelecer um estalão para as paixões, um peso para as idéas, isso até o dia da reacção romantica. O romantismo, realça a tradição interrompida pelo exacto orudito, que a todos os povos impuzera a mesma physionomia dos gregos e romanos, e quebrando os diques, rasgando os horizontes, impelle a arte para a liberdade e principalmente, por espirito de reacção, para o inverosimil, o irrazoavel, o absurdo, o impossivel. Não fallando no naturalismo, que é um methodo e pode abrigar innumerables escolas, apparece agora uma nova reacção, o parnasianismo, volta aos classicos, retorno ao «bom velho tempo» como si fóra possível revestir a oragnização nova do homem actual com a epiderme morta do homem de outrora.

Pois, porque todos os movimentos exageram-se e ultrapassam o seu fim hade vir sempre uma reacção, que, por sua vez, longé de supprimir os excessos anteriores procure trazer a campo o primitivo problema? Bem sei que si assim foi, assim devia ser. Não tenho a mais ligeira intenção de instaurar um processo no passado, porque elle foi como foi e não como eu o desejara. Si, porém, os acontecimentos por si mesmos se explicam e justificam, não é menos certo que estamos em uma era de commentarios e critica, e commentar o motivo de nossas acções é influir indirectamente sobre ellas. Seguindo nós de dia em dia menos automaticamente o encadeamento dos factos e parecendo irrazoavel esse balancamento da arte entre dois extremos condemnaveis, parece-me perfeitamente correcta toda tentativa em favor de um estado, que não seja esse.

E' o que na proporção dos meios de que posso dispor, e resolvendo-me o direito que reconheci em todos, procuro fazer contra o parnasianismo, expondo antipathias pessoas que têm pelo menos, tanto direito á publicidade como o proprio parnasianismo.

Ha porém alguma coisa acima das antipathias litterarias, é o sentimento de justiça, é a admiração pelo merito em qualquer ponto que elle se manifeste. A repulsão pela escola (porque o parnasianismo o é) não impede a admiração do individuo. Não é outro o meu modo de proceder diante das *Contemporaneas*, poesias *apparentemente* aliadas á escola em questão.

As *Contemporaneas* são poesias de

estrea de Augusto de Lima, e quando digo do estrea refiro-me tão somente á publicação de um livro, porque é litteralmente impossivel que se trate das primeiras produções do poeta. Precede a obra um prefacio de Theopbilo Dias, onde o laureado autor das *Fanfarras* mostra ter percebido, com o fino tacto de artista, que um prefacio era, em taes condições, pura questão de estylo, de etiqueta. O mundo dos litteratos conserva ainda as antigas tradições da cavallaria medieval; apresentam-se os poetas e romancistas como se armavam os cavalleiros. Ao lado de muitos inconvenientes—esse costume tem a vantagem de fazer com que os bons artistas não sejam confundidos com essa multidão de nullidades contra as quaes só ha uma arma—ignorar-se-lhes a existencia. O prefacio das *Contemporaneas* não é de um critico, é de um poeta, e do que está em melhores condições de comprehender o estreante. Prehinchidas as formalidades, o prefaciador não se demora entre o poeta e o publico e Augusto de Lima fica entre os nossos poetas no logar que de direito lhe pertence apresentado ou não, desde que escreveu as *Contemporaneas*.

Uma leitura por muito rapida que seja das poesias de Augusto de Lima faz conhecê-lo por uma de suas qualidades mais notaveis, que outros talvez classifiquem como — a mais notavel. E' a correcção da forma. O verso de Augusto de Lima é moldavel conio a cera, flexivel como o aço; adapta-se a todos os preceitos da mais rigorosa metrica, traduz as mais ligeiras gradações do pensamento, e sempre, qualquer que seja o momento, descreve elle com a calma de um espectador apenas curioso ou com a emoção de um interessado, sempre dominiando os sons variados daquela instrumentação, nota-se o rythmo rigoroso, mathematico, como só o têm os musicos.

E' é realmente um musico o autor das *Contemporaneas*. Nos seus versos não ha sómeate a metrificacão, não ha sómente o que se aprende lendo e analysando boas poesias, ha mais do que isso, o que depende da organização — uma rica percepção dos sons.

Poeta pelo espirito, Augusto de Lima é um musico pelo coahecimento de todos os segredos da dicção, pela noção clara do valor musical da palavra, pela delicadeza de sua organização auditiva.

A palavra é sem duvida para elle ao mesmo tempo a representação de uma idéa e de um som, e por isso suas poesias não são simplesmente representativas, são tambem symphonicas.

Organizações ha que possuem em alta escala a percepção musical da palavra, sem que por isso, por um «balancamento organico» sofram atrophia proporcional em outro sentido. O poeta das *Contemporaneas* é assim. Elle não é simplesmente um poeta, não é simplesmente um *audilvo* na phraseologia dos neurologistas, é um poeta em cuja personalidade entra a organização de um musico. Sua poesia deve ser declarada, interpretada pela audição e nunca pela visão sómente. E' poesia *lyrica*, dand-se ao termo *lyrico* a primitiva accepção, a que elle tinha quando a poesia mal diferenciada da musica era sempre cantada.

Creio baver nisso um elemento de popularidade para o poeta. E' sabido que os «auditivos» são mais numerosos que os «visuaes». Não me refiro á

representação interna da palavra, mas sim ao maior gráu de impressionabilidade de um ou outro sentido. A universalidade da musica, reforçada em nós por uma inclinação da raça, bem evidente nas alterações da phonetica brasileira, assegura á poesia *lyrica* das *Contemporaneas* uma longa existencia, muito mais longa do que devem esperar quantos servem-se da palavra — *symbolo* descurando a palavra — som.

Abstenho-me de citar, porque fóra preciso faz-lo em larga escala para documentar o que fica dito. Apenas a titulo de exemplo transcrevo duas quadras da poesia *Entre as arvores*, fazendo observar na segunda quadra a prova das afirmações até aqui feitas:

A onça gemedora as palpebras vermelhas  
escancara e boceja; espreita... e segue após,  
compassada ao trilho: uma nuvem de abelhas  
acompanha-a, soltando a zumbidora voz.

Contrastando a altivez do carrascal felpudo,  
em cachêos a cascata espumejante tomba  
dos negros alcantis, — emquanto sobre tudo  
paira a alegria eterna, assim como uma  
pomba.

Fora preciso transcrever quasi toda a obra — *Entre as arvores*, *O sceptico*, *O inquisidor*, *A ilha de coral*, *As lagrimas do regato*, *O abysmo*, etc., para exemplificar bem.

Até aqui o cultor da forma. Não é entretanto esse o distinctivo do poeta. Ser parnasiano já é alguma coisa, mas não é tudo. Um verso bem feito pôde ser uma obra prima, mas uma obra prima sem vida. Faltaudo-lhe a sensibilidade e a sensibilidade propria a um determinado individuo, faltam-lhe os elementos de relação do artista com o mundo, essa relação que analoga a muitas outras e a nenhuma semelhante, constitue a base psychico-physiologica da personalidade do artista. Não basta a complexidade dos sons bem dispostos em uma poesia para constituir o poeta, é necessario ainda que elle possua alguma coisa de commum com todos os homens — o sentir, e alguma coisa exclusivamente sua — a personalidade originada em uma feição especial do sentir.

Augusto de Lima, apesar do culto da forma, é um homem de nosso tempo, vive no agitado meio social em que vivemos, sente o que nós sentimos, respira a atmospheria excitante que nos estimula a todos. Apesar do titulo de parnasiano, elle é um poeta de hoje, tem essa sinceridade. Suas poesias são realmente *contemporaneas*, litteralmente *contemporaneas*. Não, ello não blasphemou, como affirma Theopbilo Dias. Si suas poesias não são contemporaneas quanto á vida que devem ter, são contemporaneas quanto á vida que traduzem.

E não seria essa a intenção do poeta resumindo em um titulo um eloquente e inconsciente protesto contra a escola a que o filiaram, contra a escola a que elle proprio voluntariamente se filia por um equivoco na interpretação do que sente?

Não seja embora essa a verdadeira accepção, ainda assim o parnasiano pouco se pouco se transfigura. Onde está a obediencia a esse codigo anti-physiologico e anti-psychico que preceitua a insensibilidade do poeta? Onde está nas *Contemporaneas* essa indifferença, essa *deshumanidade* professada pelos parnasianos francezes. Em parte alguma. O poeta é um homem e o problema par-

nasiano não pôde ser resolvido por homeas, deve ser reservado para os automatos. E' uma irreflectida exemplificação da logica hypothese de Maudsley: «Supponho que si o homem algum dia chegar a alcançar uma harmonia perfeita com o mundo exterior, isto é, com tudo que o cerca sem exceptuar a natureza humana, de modo a perceber e agir em todas as circumstaucias com a certeza e precisão irreflectida do instincto, não existirão mais nem memoria nem razão, nem sentimento, nem vontade, porque esses factos psychicos implicam uma excitação mental *persistente* na consciencia; o homem agirá então com a regularidade, a precisão, e a certeza automatica de uma máquina perfeita.»

A poesia de Augusto de Lima é de hoje e não pretende occultal-o, é sem duvida musical, é *lyrica*, mas ó humana. Elle reforça a imagem de suas idéas com a musica da palavra, mas não intenta a involução artistica, a redução da poesia á musica, a uma sonoridade *brihante* na phrase de outro poeta. Seria uma tentativa anachronica, porque já houve em remoto passado essa simplificação, e uma tentativa impossivel, porque da complexidade de sua organização do artista só pôde provir uma funcção artistica igualmente complexa.

Eacontram-se nas *Contemporaneas* alguns exemplos do *dialecto parnasiano*, que não quera denominar *argot* dos poetas, mas Augusto de Lima tem sentimento e idéas de mais para que não faça de uma poesia uma clarada. Si o aproximarmos de outros menos correctos que elle, no emtanto mais parnasianos embora não tenham chegado á *perfeição na imperfeição*, veremos, quanto é *apparente* o seu parnasianismo. Sirvo-me de dois poetas de nomeada entre poetas:

Vós que na lyra o languido desmaio  
Celebraes das romanticas Virgíneas  
O amor, e as cheias amporas setineas  
Dos lyrios braacos e as manbas de maio  
Vosso arrabil marcial, bravos, vibrae-o  
E veremos das orbitas sanguineas,  
Despedirdes, coloricas, fulmineas  
As faiscas electricas do raio.

Havia um bocejar de luz prometheana:  
Era a estrella a morrer. Um viaho de luz  
turbu  
Ia enchendo do céu a taça semi-curva  
Voltada na amplidão com uns tons de por-  
cellana.

Em todas as *Contemporaneas*, onde a perfeição da forma vae a ponto de não se notar a rima forçada, evidente na citação feita, não encontro um verso tão proxivamente *apparentado* com o gongorismo, como esses. A poesia de Augusto de Lima é deste genero: — *O Sceptico*.

«Percorro da sciencia o labyrintho,  
e em tudo encontro um echo duvidoso:  
materia vã, espirito enganoso,  
mentis, tudo é iuentira, eu só não mintio.  
Vejo, é verdade, a vida e a vida siato,  
o calorico, a luz, a dor e o gozo,  
a natureza em flôr, o sol formoso  
e o céu das côres da Alliança tinto.  
Mas quem, sinão eu mesmo, vê tudo isto?  
e quem pôde affirmar-me que eu existo,  
visões celestes, velhos nebulosas?»  
Em seu cráneo a razão despouta e morre,  
couo o santelmo fatuo, que discorre  
na solidão das minas tenebrosas.

Fôra preciso citar o *Polo*, as *Lagrimas do regato*, etc., para demonstra bem o que quero. E' sempre uma poesia correcta e sentida, cuidada e sincera; mais correcta do que sentida, porque chega ás vezes á perfeição metrica sem alcançar a paixão, porém bastante sen-

sivel, bastante sincera, bastante contemporânea para romper os mesquinhos horizontes do mundo em miniatura parnasiana.

Resumindo em uma palavra o que nas *Contemporaneas* deixa-me entrever o poeta, direi que a qualidade pessoal de Augusto de Lima é a *graca*. Mas entendamo-nos, porque a palavra presta-se a equívocos e aos equívocos se deve uma boa parte da anarchia intellectual. Não me refiro ao *chic*, o supremo grão da nullidade artistica. Refiro-me ao phenomeno estudado e explicado por Spencer, a esse alto grão de energia que se deixa adivinhar na facilidade com que o artista se expressa; á ausencia absoluta de esforço deixando-se entre tanto suspirar a força em acção. E' isso. A forma correcta é o limite dentro do qual se agita a sensibilidade do poeta. Do contraste entre essa viva sensibilidade e essa forma rigorosa, aquella encerrada nesta sem as lindezas de uma natureza apaixonada, resulta uma elevação da poesia. A palavra do poeta assume uma certa gravidade entre o tom prophético do romantismo hugoano e a familiaridade dos poetas sentimentaes.

Ante aquella fórma impecavel limitando uma vida fremente, tem-se a percepção de uma individualidade profundamente sensível e energeticamente calma. Apenas por uma leve inflexão na voz, um brilho rapido e fugaz no olhar conhece-se o que vai pela consciencia. Não é um organismo para o qual, com o embotamento das extremidades nervosas, obstruam-se as portas de entrada para as impressões do mundo exterior, ao contrario, os receptores, mais perfeitos que commumente, multiplicam a extensão e energia dos sentimentos. E' porém um organismo no qual por effeito de herança e habito, as expressões das emoções, de schema de acções, que eram, passaram a schema de um schema.

E' um poeta que domina-se e não um poeta que não sente. Sente na proporção da sua organização cerebral de homem do seculo XIX, mas reage tão somente até o ponto permitido pelo seu habito social. A regularidade do verso, o rigor metrico é o código artistico como o decoro, a delicadeza é o código de uma sociedade culta, mas dentro desse circulo agitam-se todas as paixões humanas. Por isso Augusto de Lima, o poeta que, pelo culto da forma mais proximo está do parnasianismo, só é parnasiano apparentemente, e a sympathia que elle desperta está na proporção do que elle sente, que do elle se affasta da escola.

Qual não seria o futuro das *Contemporaneas* se ainda mais intensamente vivesse alli o homem de hoje? Mas, si assim fóra, outro que não Augusto de Lima seria seu autor. E' preciso aceitar-o tal qual é, e felizmente para a litteratura e para elle não se trata neste caso de alguém que possa ser como este ou como aquelle individuo; Augusto de Lima é poeta, um determinado poeta e não um poeta qualquer.

LIVIO DE CASTRO.

## MOVIMENTO LITTERARIO

Deve apparecer na proxima secciana o esperado volume de poesias do distincto poeta Mucio Teixeira.

— Está a ultimar-se nas officinas da *Imprensa Nacional* a impressão da traducção da *Divina Comedia* pelo fallecido Barão da Villa da Barra, traducção, cujas bellezas os nossos leitores podem avaliar por um trecho publicado nestas mesmas columnas. A obra é edictada pelo Dr. J. C. Mariani, e será precedida de um estudo sobre o Dante e sobre o traductor pelo Dr. Araripe Junior.

— Também será brevemente edictado em livro o romance que, sob o titulo *O Rei phantasma*, está publicando, em folhetins, na *Cidade do Rio*, o Sr. Coslho Netto, escriptor já conhecido por trabalhos litterarios inseridos em diversas folhas desta capital.

## ALMA ANTIGA

Põe a tu'alma francamente aberta ao sol que pelos páramos fazea; que o sol para a tu'alma velha-e-prisca deve de ser como um clarim de alerta.

Desperta, pois, por entre a luz, desperta como de um ninho a pomba quente e arisca á luz da aurora que dos altos risca de listrões d'ouro a vastidão deserta.

Vae por Abril em fôres gorgendo, como passaro exul, as canções leves que os ventos vão nas arvores deixando.

E tira da tu'alma, ó doce amiga, almas serenas, puras como neves, almas mais novas que a tu'alma antiga!

CRUZ E SOUSA.

## THEATROS E DIVERSÕES

PRADO VILLA-ISABEL

Fechou com chave de ouro a actual época a magnífica corrida de domingo 25 do corrente, effectuada neste club.

Apezar do monstruoso calor, a concurrencia foi grande e selecta.

## ROMANCE DESFEITO

A. J. F. DE OLIVEIRA MENDONÇA

Desse romance d'outr'ora que escrevemos juntamente, Quando eu era ainda um crente E a nossa vida uma aurora.

Paginas houve tão bellas De tanto amor palpitantes Que foram menos que instantes Os dias para escrevel-as.

Tinham outras a poesia Das noites aluaradas, Gemiam harpas vibradas Ao sopro da ventania.

Esta contava desejos, Arrufos, zangas, queixumes, Dizia aquella os ciúmes Que eu apagava com beijos,

Mas depressa o tempo fuge, E desse idyllio tão santo De muito riso e algum pranto Guardamos apenas hoje,

O mesmo ardor consagrado Em doce-amarga lembrança, Alimentando a esperança De reviver o passado.

OLIVEIRA E SILVA.

## Diversas Publicações

Accusamos recebidas e agradecemos a remessa das seguintes:

A ILHA DE FERNANDO DE NORONHA, noticia historica, geographica e economica, por Francisco Augusto Pereira da Costa.—Pernambuco.

E' um trabalho organizado em virtude de incumbencia que o autor recebeu da presidencia daquelle provincia, por ordem da qual é agora publicado.

Paciente e criterioso investigador, qual se tem revelado em diversas publicações congeneres, o Sr. Augusto da Costa conseguiu reunir no presente volume preciosos dados e informações sobre a ilha de Fernando de Noronha.

Tivessemos nós subsidios taes acerca das outras localidade e estabelecimentos do paiz, outra fora a sorte da chorographia e historia do Brazil, principalmente da primeira, tão pouco estudada entre nós.

REVISTA DO CLUB DE ENGENHARIA.—Anno I.—XI.

Entre os diversos trabalhos do numero distribuido tornam-se credores de particular attenção: os discursos dos engenheiros Paula Bicalho, Moraes Jardim e Pedro Betim sobre o abastecimento d'agua á cidade do Rio de Janeiro; e os dados para orçamentos de obras hydraulicas, organizados pelo engenheiro Del-Vecchio.

REVISTA DE ENGENHARIA, sob a direcção do Engenheiro civil José Americo dos Santos.—Anno IX.—N. 175.

Além da noticia dos actos officiaes relativos ás especialidades que fazem objecto da Revista, traz este fasciculo uma carta de Z. Barros, escripta de Lausanne (Suissa), a respeito dos congressos organizados pela Associação Internacional de Geodesia.

REVISTA DOS CURSOS PRATICOS E THEORICOS, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.—4º anno.—1º Semestre.

O presente volume recommenda-se, não só pelas informações concernentes aos cursos, professados na Faculdade, de physica, physiologia experimental e medicina legal, sinão também pelos seguintes artigos, dignos certamente da attenção dos competentes:

*Agua mineral do Araxá*, pelo Dr. C. F. de Souza Fernandes.

*Colotomia lombar e colotomia iliaca*, pelo Dr. Marcos Cavalcanti.

*A proposito da correlação morbida entre as parotidas e os ovarios*, pelo Dr. Pedro S. de Magalhães.

*Traumatomologia forense*, pelo Dr. Souza Lima.

ALMANACH DE CASA BRANCA para o anno de 1888, organizado e publicado por Wencesláu de Almeida e L. de Toledo.—1º anno.

Não se limitaram os organizadores deste Almanach a colligir, em relação áquella localidade, os dados communs aos trabalhos de tal genero. Elles foram muito além, e deram á publicação interessante e sympathica phyeiconomia.

O leitor encontra aqui as mais completas informações sobre a chorographia e historia da cidade; biographias do typos populares; e uma preciosa collecção de contos e poesias firmadas por escriptores nacionaes de reconhecido merito.

O OCCIDENTE revista illustrada de Portugal e do Estrangeiro.—N. 322.

Traz cópias photographicas da bahia de Cabinda e de Sé Velha de Coimbra, e um quadro representando a familia real no norte do Reino.

Merecem especial menção a *Chronica Occidental* de Gervasio Lobato e o estudo de Pinheiro Chagas sobre o finado estadista portuguez Fontes Pereira de Mello.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra publicada por Wencesláu d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvores matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 7 DE JANEIRO DE 1888

VOL. IV-N. 158

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## SUMMARIO

|  |                                |
|--|--------------------------------|
| Expediente.....                                      |                                |
| A poesia em suas relações com a função genésica..... | <i>Araújo Junior.</i>          |
| A marmitta.....                                      | <i>Barão de Paranapiacaba.</i> |
| Estudos de Litteratura Brasileira.....               | <i>Sylvio Romero.</i>          |
| Lalle, soneto.....                                   | <i>Isidoro Martins Junior.</i> |
| Etymologias brasileiras.....                         | <i>A. J. Macedo Soares.</i>    |
| A folha, poesia.....                                 | <i>Horacio de Carvalho.</i>    |
| O sandalo.....                                       | <i>Virgilio Varzea.</i>        |
| Dulce, poesia.....                                   | <i>Arthur Mendes.</i>          |
| Quadros negros.....                                  | <i>J. Norberto S. S.</i>       |
| A um suicida, poesia.....                            | <i>Medeiros e Albuquerque.</i> |
| A sempre-viva.....                                   | <i>Analia Franco.</i>          |
| Embraguemo-nos, soneto.....                          | <i>Alcibiades Furtado.</i>     |
| Poetas mineiros.....                                 | <i>Lafayette de Toledo.</i>    |
| Conversas de amor, soneto.....                       | <i>Mario Pederneras.</i>       |
| A vida nas praias.....                               | <i>Cruz e Souza.</i>           |
| Carta de amor, soneto.....                           | <i>Carlos Luiz.</i>            |
| A mulher é uma mercadoria.....                       | <i>A. P. Rocha.</i>            |
| Theatro e diversos.....                              |                                |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno.....     | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

A Empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:  
J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viere.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

## A poesia em suas relações com a função genésica

Por mais paradoxal que pareça a theoria que vae ser objecto deste artigo, posso garantir que ella é o substractum de coisas muito velhas, o residuo depositado no espirito humano pelo bom senso e pela experiencia de todas as épocas.

O paradoxo não é muitas vezes se não o resultado de um desencontro de linguagem, uma deslocação, não do objecto, mas do ponto de vista; e neste caso, basta uma simples inversão para que os divergentes, como os dois cavalleiros de Ariosto que se batiam pela cor de um escudo, entrem logo em accordo, reconhecendo a sem razão da lucta.

E' assim, por exemplo, que vimos no primeiro Congresso de Anthropologia Criminal de Roma (1885) levantar-se um professor da Universidade de Hamburgo, o Sr. Albrecht, e declarar perante uma reunião de sahios, que se manifestava francamente darwinista pelos órgãos illustres de Lomhroeo, Ferri, Garofalo, Sergi, Moleschott e outros. que seria um erro considerar o homem um derivado simiano, desde que pela anatomia comparada se consegue demonstrar que o homem não só ainda é um macaco, como é um macaco degenerado. E quando o notavel anthropologista se esforçava por levar a sua thesê a evidencia, mostrando que não é o criminoso, fora dos casos pathologicos, que constitue a anomalia, mas o homem honesto, producto do desenvolvimento philogenetico do anthropoide, na época em que este foi impellido a deixar a vida solitaria e a formar o estado, não seria difficil chegar se, em ultima analyse, a conclusão de que o seu desaccordo com os chefes da escola positiva era mais apparente do que se pensa, logo que se attendesse a circumstancia de que, degenerencia alludida podia reduzir-se, em termos explicitos, aos effeitos da selecção social.

Ora, a genese do estado poetico, tal qual eu a comprehendendo, é um conceito contido em todas as concepções religiosas e philosophicas que tem existido desde a mais remota antiguidade até hoje. Ella apparece tanto na trimourti vedica, na harmonia das espheras e metempsychose de Pythagoras, nos mysterios de Isis, na dualidade zoroastriaca, como na idéa de Platão, nos turhnhões de Epicuro, nas leis de Newton e Kepler, e na theoria da persistencia da força, integração da materia e concomitante dissipação do movimento, de Spencer. O espirito humano, como manifestação de uma raça, progride em uma linha determinada; entre um mytho selvagem e um aphorismo philosophico moderno a differença não é tão fundamental como muita gente suppõe. As superstições mythicas não paesam, na opinião de J. Fiske, Mannhardt, Tylor, Lang, Bergaigne e outros, de uma explicação primitiva de um phenomeno natural, formulada por individuos incapazes de elevarem-se a noção abstracta das forças naturaes. Contudo o movimento é sempre o mesmo. O novo ponto de vista, pois, em que me colloco para encarar uma questão tão debatida não constitue uma insurreição: ao contrario disto é uma indução tirada de factos observados pelos competentes; é a deducção logica de habitos mentaes já muito conhecidos.

Comprehende-se, porem, quanto seria fastidioso e inutil procurar a ligação do facto esthetico com essas leis geraes que se perdem nas fronteiras da incondicionalidade do pensamento. Se já na nebulosa existia um broto de poesia, é curiosidade esta

que pouco ou quasi nada influiria na demonstração da idea que me agita. O meu propoeito é traçar simplesmente um rapido capitulo de psychogenia, e para isso basta-me remontar ao momento da evolução, em que a vida animal se denunciou de um modo apreciavel e tangivel.

\*

A poesia é simplesmente uma transformação do sentimento da força, si é que não reside inteira nesse movimento psychico. Tomada soh esse aspecto, a poesia não é outra coisa se não uma irradiação organica; dadas certas e determinadas condições, a resultante da circulação da vida na sua maior intensidade relativa. Cada individuo ou vivente traz no respectivo systema nervoso carga de electricidade sufficiente para a produção desse estado dithyrambico, que todo mundo mais ou menos vagamente conhece; e não ha quem ignore qual a da flacidez organica, que acompanha o estado opposto, apenas ao erethismo dos centros succede a degenerescencia ou se desenvolve a incapacidade do agente.

A amplitude da força traz como consequencia inevitavel a alacridade de todo o organismo. Percorre-o uma vibração indefinivel, e a vida, em sua intensidade, diffunde-se naturalmente nas eloquentes manifestações desse estado physiologico, o mais affirmativo de quantos denunciam o poder elaborativo e transformista da natureza, ao contrario do que succede quando dá-se depressão da energia, quando apparecem a hypocondria e todos os outros precursores do aniquilamento e da morte.

Em tudo isto opera-se um jogo visceral muito complicado que seria difficilissimo acompanhar. O que, porem, não entra em duvida é que, si esse estado dithyrambico é um facto real, não menos certo é que tal estado nunca deixa de resolver-se em uma descarga, mais ou menos completa, dos centros nervosos. phenomemo este que, nas naturas superiores, nos artistas, toma mais commumente as formas que se assignalam com o nome de manifestações da arte.

Neste ponto é precieamente que incide a theese ou o paradoxo de que me occupo.

Que relações, pergunta-se, podem existir entre a poesia e a função genésica, de modo a merecerem curiosidade do philosopho e as honras de uma tentativa theorica? Respondo:—a mais estreitas e profundas; e que aquella função é tão easencial á natureza humana, que quasi poder-si-ia dizer, como a respeito do equilibrio organico e da energia vital, que até com ella se confunde. E quando nada será o seu aferidor.

A importancia desse phenomeno não passou despercebido ao sabio anthropologista Mantegazza, o qual, em sua *Physiologia do amor*, na parte em que trata das relações deste sentimento com o pensamento, indica á critica litteraria um novo caminho, ao seu ver, cheio de admiraveis pontos de vista physico-psychologicos para as questões de esthetica.

«A influencia do amor, sobre a força, diz elle, e sobre a forma do pensamento é dnpla. Como sentimento, quer nasça na juventude, quer rejuvenesça na velhice, todo seu valor consiste nas excitações que provoca, sobretudo na pbantasia, afluindo as aptidões para a reprodução do bello, exaltando, em uma palavra, essas aptidões mentaes, que de ordinario chegam ao apogeo na idade em que o amor desenvolve a sua maxima energia.»

«Não ha possibilidade, continua o mesmo autor, de chegar a ser um grande artista, ou um

grande poeta, si esses talentos não forem impellidos por uma correspondente capacidade de amor. A castidade, imposta ou voluntaria, pode eclipsar o amor, mas no fundo do coração sobreviverá uma imagem, mais visinha do anjo do que da mulher, que estará sempre prompta, ao lado do genio, nos momentos de inspiração, para inflamar o fogo sagrado da arte, no canto lyrico e no traço do pincel. O genio dos maiores poetas, artistas ou escriptores encontrou no amor o primeiro companheiro, o excitante soberano; e é bem para crer-se que sem este sentimento seus nomes seriam totalmente ignorados. O amor que nasce em um cerebro sublime, accumula forças gigantescas, e aperfeiçoando-as, duplicando-as, transforma-as no genio... O amor feliz e triumphante eleva todos os cerebros acima da temperatura media e os torna fecundos em novas energias».

Todavia Mantegazza tomou o facto muito em abstracto; para elle o amor é apenas um accidente favoravel á poesia lyrica, variavel e dependente de circumstancias especiosas. A questão, porém, como eu a encaro, é mais uma questão de dinamica, do que de concurso accidental de forças. O amor, ou melhor a função genesica, é o substractum, o elemento prepulsor e incenscente de toda e qualquer manifestação poetica; e o *canto anacético* do forte, do que sente-se viver, do victorioso, é um facto geral, que abrange toda a natureza. *Vae vicis*. Eis o ponto de partida.

(Continúa)

ARARIPE JUNIOR.

## A MARMITA

(AULULARIA)

COMEDIA EM CINCO ACTOS

DE

MARCO ACCIO PLAUTO

Com o complemento de Urceu, o grammatico

Traduzida em versos portuguezes

PELO

Barão de Paranyjacaba

ACTO 1.<sup>o</sup>Scena 1.<sup>a</sup>

EUCLÃO E STÁPHILA

Rua! Já disse que saias!  
Põe-te fora! Saes, ou não,  
Infame espia de saias,  
Com teus olhos de furão?

STÁPHILA

Porque daes tanta pancada  
Nesta misera infeliz?

EUCLÃO

P'ra que sejas desgraçada,  
Como a teus annos condiz

STÁPHILA

Porque me fechaes a porta?

EUCLÃO

Não te dou satisfações.  
O motivo? Que te importa,  
Armazem de bofetões?  
Vamos; puxa! Da outra banda!

(Apontando para o outro lado da rua)

Como vae a remanchar!  
Que lesma! Arrasta, não anda...  
Espera! Vou te ensinar!  
Vergalho ou pau de avelleira,  
Que ao mais preguiçoso estaga,  
Ha de mudar em carreira.  
Teu passo de tartaruga.

STÁPHILA (A parte)

Antes fosse minha sina  
A um patibulo subir,  
Que a um senhor tão sarrazina  
Em taes condições servir!

EUCLÃO

Vae resmungando a insolente!  
Furo-te os os olhos no dia!  
Respirarei livremente  
Sem ter ao lado uma espia.  
Para mais longe; abre espaço  
Mais... ainda mais... Basta, basta!  
Ai de ti si arredas passo.  
Si teu pé d'ahi se afasta,  
Inda que seja a largura  
Deste dedo ou desta unha!  
Ai de ti si, por ventura,  
Querendo ser testemunha  
Do que eu faço, te lembrares  
De olhar p'ra traz sem licença!  
Volve um só desses olhares...  
Nua cruz serás suspensa.

(A parte)

Oh que velha! Em minha vida  
Eu nunca vi peste assim!  
Talvez do arcano instruida,  
Por phrases que ouviu de mim,  
Saiba onde guardo a marmita.  
Não ponho duvida nisso;  
Aquella brucha maldita  
Tem olhos té no toitiço.  
Vou vér si está meu thesouro  
Tal e qual como o deixei.  
Causa-me a guarda deste ouro  
Sustos que nunca passei! (Sae)

STÁPHILA (só)

Por Jove! Não sei que diga!  
Meu senhor tem cousa má!  
Ou a loucura o fustiga,  
Ou enfeitado está.  
Prézo de estranha vertigem,  
Põe-me dez vezes na rua;  
E' desta mania a origem  
A febre, que nelle actua:  
A' noite faz sentinella;  
Passa em casa o dia inteiro,  
Qual, maejando a sovella,  
Aleijado sapateiro.  
Mas de que modo occultar-se  
De minha senhora o estado?  
Eu não descubro disfarce,  
Por mais que o tenha buscado!  
O seu termo já se adianta,  
E tenho alfin resolvido  
Fazer, de corda á garganta,  
De meu corpo um f comprido.

(Continúa).

## Estudos de Litteratura Brasileira

JOAQUIM MARIA SERRA SOBRINHO

Acontece á poesia o que se dá com a moral, cujo imperativo categorico, segundo Kant é— «procede de modo tal que o motivo de tua acção possa servir de fundamento a uma lei universal.»

O philosopho quiz dizer— que tão elevado, tão nobre, tão desinteressado deve ser o movel da conducta de cada um que este movel possa servir de norma para as acções de todos. Essa possível generalidade é que nos interessa aqui.

Em poesia deve-se dar alguma coisa de analogo; deve haver tambem uma especie de *imperativo categorico* para a arte moderna. «Emociona-te e produz de maneira tal que o estimulo do tua emoção e de tua obra— possa servir de norma a uma esthetica universal.»

Isto não importa de modo algum a proscricção do *individualismo*, do *nacionalismo*, ou toda outra

qualquer diferenciação justa, necessaria e habil na litteratura e na arte; não importa absolutamente a absolvição de certo universalismo, certo cosmopolitismo banal e impertinente.

Bem pelo contrario; isto quer dizer que em todo e qualquer assumpto, por mais local que seja, deve-se procurar aquella face geral capaz, de interessar ao homem, a todos os homens de qualquer tempo e de qualquer logar.

Appliquemos a regra á nossa hypothese.

Compreende-se bem que si o principio da esthetica sertaneja se estendesse, se generalisasse o avassalasse todos os poetas brasileiros desde 1500 até hoje, não haveria neste mundo coisa tão insipida como a litteratura brasileira. Já se vé pois, que o principio do sertanegismo não comporta a generalisação e muito menos a universalidade.

E si o *sertanegismo*, o *campezinismo* fór daquillo que houver de mais secundario, de mais particular, de menos geral e capaz de interesse, ainda peor será elle. E deste ultimo possuímos infelizmente muitas amostras em nossa litteratura.

Em que condições então a nossa poesia campesina é aceitavel?

Só quando é capaz de amoldar-se ao que eu chamei o imperativo categorico da esthetica, só quando é susceptivel de servir de norma, de generalisar-se.

Tem ella este caracteristico quando é manejada pelos poetas de provado talento e apurado gosto artistico.

O poeta assim armado de genio toma o motivo popular, a lenda, o conto, a tradição, o costume, extrae de tudo isso a seiva poetica e dá-lhe a forma artistica geral, universal.

Entre nós Joaquim Serra é dos melhores cultivadores do genero; creio que elle e Bittencourt Sampaio são os mais eminentes que possuímos neste sertido.

Serra escreve correntemente, sem rabiscos, sem preocupações estylisticas. O verso lhe sahe natural e espontaneo; si vem errad'—, não o corrige, deixa-o ficar assim mesmo. Assim se explicam bastantes versos incorrectos em poeta tão correntio e fluente.

No genero que temos discutido o caracteristico do escriptor maranhense está em escolher sempre um facto simples e narral-o tal qual pelo seu lado mais generico; faz um esboço rapido, claro, de tom realista, n'um dezenho firme, porém elementar e sem complicações.

Por isso — *O Mestre de Resa*, *Rasto de Sangue*, *Cantiga á Viola*, *O Roceiro de Volta* — são modelos do genero. E' indispensavel cita-los para que o meu leitor se convença do que lhe affirmo.

Eis *O Mestre de Resa*:

«Era um velhinho teso  
Exquisito no porte e no traj;  
Por isso a villa em peso  
Quando o via se punha a cochichar!

Si da lista tirarmos o vigario,  
E mais o boticario,  
Bem como o juiz de paz,  
Era o mestre de resa  
O primeiro na villa; com certeza  
O homem mais capaz!

Depois d'Avé-Maria  
Vem elle cada dia  
Co' os meninos da villa,  
E alli no largo, atraz da freguezia,  
Põe todos n'uma fila:

As perguntas começam e as respostas,  
E' um nunca acabar!  
Os rapazes em pé e de mãos postas,  
Elle em frente da linha a passear!

A resa ou é fallada,  
Ou em côro cantada, uma balburdia!  
Quanta doutrina nova e mascavada!  
Quanta oração esturdia!

As beatas morriam de alegria  
Co'o dialogo d'Eva e da serpente  
E o psalmo da baleia  
E a santa melodia  
Dos asnos da Judéa  
E magos do oriente!

Sabe o mestre umas rezas milagrosas  
 Contra a faca de ponta e mau olhado,  
 E cobras venenosas,  
 E o jaguar a rugir esfomeado!...  
 Si quereis não cair n'um sumidouro,  
 Elle tem orações prodigiosas,  
 Outras que fazem achar grande thesouro  
 Occulto e euterrndo!

Mora n'aquella casa de uma porta,  
 Ao lado da ribeira;  
 Na frente tem uma horta,  
 No fundo uma ingazeira.

Reside alli o homem milagreiro,  
 O apóstolo da roça;  
 E' de velhas devotas um viveiro  
 A sua pobre boça!

Salve o mestre de resa,  
 Na villa personagem popular!  
 Eil-o que passa... vale quanto pesa!...  
 Deixemol-o passar! (1)

E' um typo este quasi desaparecido actual-  
 mente das villas do interior.

Eis agora uma scena do viver das fazendas de  
 criação do uorte; é o *Rasto de Sangue*:

« E' a hora do crepusculo;  
 Que viração tão grata!  
 Geme o riacho querulo,  
 Nem um cantor na mata!

Desce a leadeira ingreme  
 Um touro de repente,  
 E vai nas frescas aguas  
 Fartar n' sede ardente.

Os juncos tremem, subito  
 Sôa medonho ronco,  
 E o jaguar precipite  
 Pula de traz de um tronco!

Debalde o touro curva-se,  
 Recua, dá um salto...  
 E' o jaguar mais flacido,  
 Sabe pular mais alto!  
 .....

Apreciem agora a naturalidade desta scena real  
 e vulgarissima na roça:

« Eil-o ahi! E' o Vicente,  
 E mais o russo — queimado!  
 Oh, homem, falla co'a gente!  
 Venha um abraço apertado...

Que demora! Seis semanas!  
 Pois patuscas n'essa idade?  
 Eu aqui a plantar cannas,  
 Tu folgando na cidade!

Toma a bençã do padrinho,  
 Menino, deixa esse gallo;  
 Moleque, sabe do caminho,  
 Tira a sella do cavallo.

Solta-o depois no terreiro  
 Fecha a cancella co'a tranca...  
 Compadre, tome primeiro  
 Um bocadinho da branca (2)  
 .....

Joaquim Serra não tem tocado somente sua  
 viola de sertanejo, tem manejado tambem a harpa  
 das inspirações sociaes e a lyra das emoções novas.  
 Neste genero são bellissimos os versos *A Minha*  
*Madona*.

Como jornalista entretanto é que Joaquim Serra  
 tem ndquirido mais intensa nomeada.

Suas primeiras armas fel-as elle no Maranhão  
 desde 1859 e 1860 no *Publicador Maranhense*, então  
 sob a direcção de Sotero dos Reis.

Serra, como já disse, usava então do pseudo-  
 nymo de *Pietro de Castellamare*, assignando poesias  
 e folhetins.

Em 1862 com alguns amigos fundou a *Coalizão*  
 que advogava em politica o partido liberal; con-  
 servou-se na redacção da até 1865.

Em 1867 fundou o *Semanario Maranhense*, onde  
 collaboraram Gentil, Souza Andrade, Henriques  
 Leal, Cezar Marques, Sotero dos Reis, Sabbas da  
 Costae Celso de Magalbães, então apenas estudante  
 de preparatorios. (3)

O periodo ligeiro de 1862 a 1868 o nosso jorna-  
 lista passou em sua provincia, com algumas peque-  
 nas estadas na corte. De cntão em diante estabele-  
 ceu-se definitivamente nesta capital, onde ba feito  
 parte das redacções da *Reforma*, do *Diario Official*, da  
*Folha Nova* e do *Paiz*.

Nestas duas ultimas folhas tem sido o autor da  
 interessante publicação sob o titulo de *Topicos* do  
 dia. E' um artigo diario consagrado aos aconteci-  
 mentos mais salientes da occasião.

Os meritos do escriptor como jornalista são de  
 fundo e de forma.

O fundo é sempre apreciavel pelo bom senso do  
 auctor, seu liberalismo jámais desmentido, sua ha-  
 bilidade em discernir o lado franco dos planos e  
 acontecimentos politicos da época.

A forma é agradável pela sua simplicidade, seu  
 desalinho natural, uma das formas do humorismo  
 e da ironia do escriptor.

Elle tem espalhado pelos jornaes materia para  
 muitos volumes. Seria util que fizesse uma es-  
 colha dos seus melbores artigos politicos e littera-  
 rarios e os publicasse em livro.

Por enquanto não o tem feito e apenas lhe co-  
 nheço em prosa o pequeno volume que fez circular  
 em 1883—sobre a imprensa do Maranhão.

D'este livrinho recomendo especialmente os  
 capitulos segundo e terceiro sobre a imprensa parti-  
 daria e sobre os jornalistas eminentes no Rio de  
 Janeiro e em sua terra natal.

Como documentação do estylo e das idéas do es-  
 criptor repetimos aqui dois pequenos trechos.

Eis o primeiro:

« A existencia da imprensa politica é uma ne-  
 cessidade urgente em todos os centros de grande  
 actividade.

Em regra geral essa imprensa, que se intitula  
 neutra ou imparcial, não cumpre com a fidelidade  
 que fora para desejar o seu programma de inteira  
 isempção de animo nas luctas que dividem a socie-  
 dade. Como que ella se resente dessa obrigação que  
 tinha o cidadão de Sparta de, por força, manifestar-  
 se em favor de alguma das opiniões que dividiam a  
 republica.

A falta de imprensa politica como que obriga  
 aquella, que se diz incolor, a imiscuir-se nas con-  
 tendas partidarias e a julgar dellas de um modo  
 arbitrario, como quem desconbece as paixões e en-  
 tbusiasmos que se acham em jogo.

Ainda mesmo não filiadas aos partidos que li-  
 tigam, essa imprensa neutra ou imparcial, em ma-  
 teria de ensino, de religião, de escoltas economicas,  
 tem sempre o seu ponto de vista especial, já advo-  
 gando a não obrigatoriedade do ensino, o proteccio-  
 nismo industrial, ou o privilegio de certos cultos.  
 D'ahi uma falsa doutrinação dos leitores; falsa pelo  
 menos perante a consciencia d'aquelles que deseja-  
 riam ver sementeas idéas contrarias.

A imprensa politica tem em nosso paiz prestado  
 grandes e importantes beneficios. A ella se deve  
 tudo quanto de bom e salutar ha sido promulgado  
 pelos poderes publicos, porque só ella tem agitado  
 as grandes questões sociaes, que hoje se acham sol-  
 vidadas, ou em via de solução.

O despotismo sempre fugiu della porque deve-  
 lhe certas derrotas; entre nós a tyrannia encontrou  
 e seu mais valente inimigo no jornalismo parti-  
 dario, arma formidavel e invencivel.

Da imprensa politica depois entre nós se pôde  
 dizer o mesmo que das reuniões populares na Ingla-  
 terra, disse Gladstone:

« A historia do Reino Unido, nestes ultimos  
 cincoenta annos, mostra como a agitação politica

favorece o triumpho das grandes causas, sem nunca  
 cahir na vertigem revolucionaria. »

De facto: nos dias angustiosos que precederam a  
 declaração da independencia, de que importancia  
 não foi, por exemplo, o jornal de Gonçalves Ledo e  
 do frade Sampaio? E ao lado do *Reverbero*,  
 quanto não cooperou, em bem da mesma idéa, o  
*Regulador*, orgão dos Andradas?

De que valia não foram, depois da fundação do  
 imperio, os serviços da *Aurora*, da *Sentinella do*  
*Serro*, do *Argos*, da *Astréa*, do *Independente*, do *Ta*  
*moyo*, do *Observador Constitucional* e de outros esfor-  
 çados athletas?

E' uma accusação sem procedencia essa que  
 fazem á imprensa politica pelos excessos e, por  
 vezes, intemperança da linguagem usada nas dis-  
 cussões. Sem por forma alguma querer negar que ha  
 ainda muito a fazer na educação politica dos par-  
 tidos entre nós, é inegavel que a imprensa parti-  
 daria tem os erros, exagerações e intolerancias do  
 grupo que representa.

Espelho fiel da sociedade e dos interesses que  
 nella se agitam, não é licito exigir da imprensa po-  
 litica aquillo que ainda falta aos partidos mili-  
 tantes, isto é: escola quauto a doutrinas, e respeito  
 pela opinião que não é a nossa.

Fôra d'ahi, porém, cabe de direito á imprensa  
 politica a maior parte da gloria pelas conquistas da  
 civilização com que temos assignalado nossa vida  
 publica. (4)

Ainda mais significativo é o trecho seguinte em  
 que elle dá uma rapida idéa de alguns dos mais  
 eminentes jornalistas nossos; por ahi pôde-se  
 apreciar o escriptor no officio de critico litterario.  
 — E' isto:

« Sem duvida que é para encher de orgulho a um  
 paiz novo como o nosso o facto de contar, entre os  
 seus jornalistas, homens da força de Evaristo da Veiga,  
 Salles Torres-Homem, Justiniano Rocha e Firmi-  
 no Silva, sem fallar de notabilidades que ainda vivem  
 e que pôdem emparelhar com os mais illustres.  
 Evaristo, o patriota ardente e publicista esforçado,  
 elle que, no dizer de um nosso distincto escriptor,  
 era a encarnação de notavel época; cujo nome sym-  
 bolisa a parte mais brilhante da democracia do  
 Brazil, o redactor da *Aurora Fluminense* fazia com os  
 seus escriptos vibrar a alma da patria e constituia-  
 se uma força decisiva nos dias do primeiro rei-  
 nado.

A *Aurora* não foi somente um grande instru-  
 mento de combate, foi um monumento de sabedoria,  
 e de elegancia litteraria.

Salles Torres-Homem, esse artista da palavra,  
 cujo estylo brilha e fere como o raio, esse pensador  
 profundo foi escriptor de tempera forte. Pam-  
 phletista como Carmenin, seus artigos, quer nos jor-  
 naes litterarios quer nos jornaes politicos, são pro-  
 ductos de grande valor em qualquer tempo e em  
 qualquer paiz.

Justiniano José da Rocha, o discutidor mais  
 eloquente e illustrado que temos tido, de uma fe-  
 cundidade seductora, espirito de lucidez pasmosa,  
 de verbo crystalino e vibrante; e Firmino Silva,  
 intelligencia alimentada em solidos estudos, ta-  
 lento brilhante e de grande ductilidade, são nomes  
 que o jornalismo fluminense archiva no livro de  
 seus brazões e fidalguia.

Não menos illustre que qualquer desses, José  
 de Alencar fulgiu na imprensa da capital do im-  
 perio como luminoso pbarol. Ninguém melhor do  
 que elle tratou com erudição de qualquer assumpto  
 doutrinario, ninguém elevava a mais alto grão a  
 critica litteraria, e, na polemica incisiva, quer  
 apaixonado ou humoristico, era elle um batalhador  
 enorme, de phrase máscula e scintillante.

E mais Tavares Bastos, pensador eloquente e  
 inspirado, cujo estylo vale o bronze.

Pois, bem, lá no extremo norte fulguraram  
 tambem outras estrelas que pôdem, sem grande  
 desvantagem, compstir com estas da constellação  
 jornalística que fulgiu no Rio de Janeiro.

Tanto nos dias difficeis que seguiram a inde-  
 pendencia, como durante as despoticas obstinações  
 do primeiro reinado; na época agitadaissima da mi-  
 noridade, como no periodo decorrido depois do —

(1) Quadros, pag. 42.

(2) Quadros, pag. 52.

(3) Consulte-se o livro de Ignotus já citado.

(4) Sessenta annos de jornalismo — *A Imprensa no Ma-*  
*ranhão*, (1820—1880) pag. 75.

Quero já — que abriu o reinado actual: em todas essas quadras tem o Maranhão possuído jornalistas notáveis e uma imprensa recommendavel pelo patriotismo, saber e bom gosto litterario.

Sem querer formar paralelos e aproximações, podemos todavia dizer que, a cada uma dessas grandes individualidades que apontamos, como os primeiros vultos do jornalismo que teve sua sede na Corte, corresponde um nome, uma capacidade, em tudo semelhante, na imprensa do Maranhão.

E' assim que, a Evaristo podemos oppôr José Candido ou Odorico Mendes; a Torres-Homem e Justiniano Rocha, João Lisboa ou Sotero dos Reis. (5)

Em resumo; Joaquim Maria Serra é um distincto poeta e um assignalado jornalista.

Robusto, alegre, expansivo, seu bom humor habitual, deixando intactas suas primitivas impressões, encontrou-o na região aprazível do lyrismo patrio e do liberalismo tradicional, e preservou-o de innovações perigosas e precipitadas.

A invasão das idéas novas espalhadas pela philosofia deste ultimo quartel do seculo tem se feito nelle cautelosa e demoradamente, sem desmoronar de subito e de vez o antigo edificio de suas crenças e intuições.

Bem pelo contrario, apesar de ter muito lido e se haver illustrado bastante, pôde-se em rigor dizer que fundamentalmente o seu espirito conserva a mesma frescura primitivas.

(5) *Idem*, pag. 103.

SYLVIO ROMÉRO.

## LALIE

(Reminiscencia do *Assommoir*, de Zola)

Tinha um olhar tão vago a pobresita  
Que parecia o de uma estátua antiga.  
E quando o pae, rubro de vinbo, em grita,  
Vinha puchar-lhe a saia de mendiga

Para batel-a, hallucinando, cêgo;  
— Elia, coitada! nem siquor fugia.  
Mostrava apenas o profundo pégo  
Dos seus dois olhos onde a dôr cobovia...

E, com o carvão da tremula pupilla,  
Era depois, a meio já tranquillã,  
Que ella aquecia os frios irmãsitos;

Até que um dia, indo espancal-a o pae,  
LALIE morreu, gemendo triste um aê  
E olhando meiga os magros pequenitos!...

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

## ETYMOLOGIAS BRAZILEIRAS (\*)

*Cabra* s. 2, adj. 2-1) quarteirão de mulato com negro; mulato escuro; caboclo escuro. « Resolve-rão-se a chamar—De Pajehú um vaqueiro.—Dentre todos que lá tinha—Era o maior catingueiro.—Chamava se Ignacio Gomes.—Era um cabra curiboca, —De nariz achamurrado, — Tinha cara de pipoca. » S. R. *Cant. I*, 75. « Não achando nestes honrados homens consentimento para uma tal maldade, serviram-se em ultimo remedio de um homem cabra de nome José Vieira Braga, famulo assalariado de Maria Ferreira Leite. » 1824 Ant. Barb. Correia, *Manifesto ao Grão Brazil*, pag. 43. Era neste sentido que os portuguezes, nas lutas da nossa In-

Entr. do *Dioc. Brazil, da Ling. Port.*

dependencia, parodiavam a popular quadrinha do nosso hymno *Brava gente brasileira*, esta sorte: « Cabra gente brasileira,—Descendente de Guiné! —Trocarem aa cinco chagas—Pelo fumo e o café. » Ass. Br., p. 70. Esqueciam-se que elles primeiro se amulatarem na Angola do que no Brazil.—2) O proletario de alguns sertões do norte, e particularmente de Pernambuco e Ceará, — *caipira* de S. Paulo, *caboclo* de outras partes, *restingueiro* do littoral do R. Jan. « Indistinctamente entre o povo (do Ceará) chama-se *cabra* a qualquer homem sem offender-o. O cabra é bom! é máu! é teméro, isto é, o homem é valente. » Juv. Gall. *Lend.* p. 411. « O fama do o Rio-Preto.—Um cabra tão cantador, — Descobriu por bocca propria,— Que era atraídoador, » Sylvio Roméro 34.—3) Valentão, brigador, capanga. « Encontrei-me cara á cara—Com o cabra topetudo.—Não sei como nesse dia — Alli não se acabou tudo! » Sylvio Roméro *Cant. I*, 76.

ETYM. *Cabras*, *Cabaras*, são os habitantes, quasi negros, da margem direita do Niger, vizinhos dos *Bambaras*, por 17° lat. N. e 4° lg. Occ. Paris. Compare *caboverde*, *canarim*, *congo*, *fulo*, *ganguela*, *rebole*, etc.

*Fulla* adj. 2.

*Fulo* adj.—1) côr de mulato escuro-avermelhado, preto-amarelado, como são os *Fulbé* ou *Fullas*, pl. de *Pulo*, nação da Africa occidental, situada entre o Senegal e o Niger, vizinhos dos Mandingas; cabellos crespos, mas não lanzudos como os dos negros: côr parda clara, ou antes avermelhada; face orthognata; nariz pequeno, cartilaginoso e aquilino; cara agradável; mais intelligentes, e em geral de melhor character que os negros. *Faidherbe*, p. 13. « O Leutero (sic)... um liberto fula, carapinha cortada rente. » Val. Mag. in *G. N.* 23 mr. 84. —2) Fig. amarello, pallido, branco, em consequencia de raiva, de molestia, etc. « Fullo de raiva, com uma faca na mão direita e uma pistola na esquerda, o preto Serafim atirava-se irado sobre Alberto. » *Red. G. N.* 15 jan. 84.

ETYM. Afr., sg. *pulo*, pl. *fulla*. Aulete, derivando de *Pullo*, não é correcto; pois o vocabulo tem no sg. um só l, e dois no pl.

GEOR. Commum em todas as provincias.

ORTHOGR. A fórma em *a, fulla*, requer *ll*, pois corresponde ao pl. de *pulo*; *fulo*, porém, corresponde a este sg., e não pôde ter sinão um l.

A. J. DE MACEDO SOARES.

## A FOLHA

Foi numa tarde. Das auras  
que passavam uollemente  
vi-te o bafejo inspirando  
do lago á margem virente...

E no balanço da brisa  
veiu uma folha librada  
que sobre o crystal cahira  
da superficie espelhada.

Si eu fosse a folha viajante  
que veiu da serrania,  
— em vez do seio das aguas  
qual pensas que eu preferia?

No teu—desejos se accendem  
de amor em vivos resabios...  
— Ai, nesse escritorio de beijos  
pudesse eu guardar meus labios!

Por isso, si eu fosse a folha,  
librada na aragem fria,  
em vez do seio das aguas...  
— Qual pensas que eu preferia?

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

## O SANDALO

A EMILIO DOS SANTOS

Olhando uma vez no largo mostrador aberto de uma loja, deparei com um bello leque oriental de grandes proporções, astuciosamente facturado, de uma abelhudez de arte encantadora, todo banhado dum colorido intenso, azul, de céu meridional lavado, com desenho pastoris e cheio da tonalidade mimosa e levemente risonha dos chromos finos.

Esse leque, mandára-o vir, penso, uma aristocrata e caprichosa fidalga, de uma elegancia original, de quem se diziam estravagancias.

Era de sandalo.

Vinha deitado sobre a meiga doçura cariciosa de um ferro de velludo escarlate, numa caixinha de papelão branco chamalotado, tão esguia e comprida que parecia o caixõesinho infantil de uma criancinha abortada, nascida morta.

Ao redor de mim muita gente agglomerava-se empurrando e fazendo «oh!... oh!...», — a admirar ease precioso objecto de luxo que me dava agulhadas de curiosidade e accendia-me uma forte vontade de possuil-o, exaltando-me a imaginação e inundando-me de aroma, mas dum aroma tão suave e delicioso que, ao lembral-o, parece-me ainda sentil-o!

Assim tambem, morena rapariga dos meus olhos, na tua presença morde-me o coração uma vontade intensa de possuir-te — o meu espirito se constella e se exalta como o de um chinês opiado, e fico então, horas inteiras, penetrado do teu sandalo!

VIRGILIO VARZEA.

Desterro.

## DULCE

A GUIMARÃES PASSOS

Si tu não foise bella  
E si eu assim te visse,  
Talvez alma singella,  
Até de ti fugisse.

Talvez que indifferente  
Eu fosse caminhando  
Si o teu olhar fulgente  
Não visse rutilando.

Que grande mal fizeste!  
Que torvo crime tens!  
Até no olhar celeste  
Só lagrimas contens.

Que mal que tu me fazes  
Com todo o teu tormento!  
De todos os rapazes  
Sómente eu te lamento.

E certo, ás vezes d'elles  
Talvez mais te aproximes.  
Emquanto me repelles  
Sem que jámais me estimes.

Em tua mão nevada  
A taça de crystal!  
São elles desgraçada  
A causa do teu mal.

Porque não vaes aos poucos  
Deixando easas orgias?  
Abandona dps louces  
As loucas alegrias.

Não zombes d'esta vida,  
Que os homons não te adoram...  
Si os vés chorar, querida,  
Não julgues que elles choram.

Das flôres a mais pura  
Bem poderias ser...  
E em tua trança escura  
Vem tanta flor morrer!

Si tu não fosses bella,  
E si eu assim te visse,  
Talvez, alma singella,  
Até de ti fugisse.

1887.

ARTHUR MENDES.

## QUADROS NEGROS

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

OROCHE

ORAÇÃO E ESPERANÇA

Dirigiu-se Oroché para uma meza; pegou do um livro já muito usado e abriu deixando vér os caracteres arabes com que era escripto.

— E que livro é esse? interrogou Evelina?

— E' a minha lei *Al-koran*, o livro dos livros, como o *Evangelho* é a sua, Deus é Deus. Jesus Christo e Mahomet foram os seus prophetas.

— Mahomet? E quem foi elle?

— Foi o apostolo de Deus, o Moysés dos arabes, o mediador do genero humano, o zelo dos prophetas o eleito, o glorioso, o glorificado. Foi o remate das obras da criação e que admittido á familiaridade do Eterno contempla apenas na distancia de alguns passos a magestade divina.

Elle disse—Minha oração, meus votos de devoção, minha vida e minha morte, pertencem ao Senhor do Universo. Isto me foi ordenado e eu sou o primeiro musulmano.

Elle disse ainda — Senhor, tu me dêste o poder e me ensinaste a interpretação dos mandamentos. Tu és o meu protector neste e no outro mundo. Faz que eu morra resignado á tua vontade e colloca-me no numero dos venturosos.

— E porque não és Christão? interrogou Evelina.

— Deus, replicou o musulmano, Deus disse ao propheta: — Quem desejar outro culto que não o Islam, que é a resignação, saiba que esse culto não será recebido d'Elle, e elle pertencerá na outra vida ao numero dos desgraçados.

— Mas Jesus Christo é filho de Deus.

— Filho de Maria, illustre neste e no outro mundo e um dos familiares de Deus.

Os anjos disseram a Maria — Deus te annuncia o seu verbo e elle se chamará o Messias. Fallará aos homons ainda no berço e ainda depois e será do numero dos justos. Curará o cego de nascença e o leproso; resuscitará os mortos por missão do Senhor. Os judeus machinaram a sua perdição; Deus machinou a delles e Deus venceu.

Christo é o apostolo do senhor. O seu espirito veio de Deus e foi enviado sobre os passos de outro propheta para confirmar com o *Novo* e o *Velho Testamento*, que é a luz, a direcção, a confirmação. O *Evangelho* contem a direcção e a advertência para quem teme a Deus.

— E o teu *Al-koran*?

— Eil-o aqui. Não é dado aos homons crear outra obra tão sublime nem tão perfeita. Contém preceitos cheios de unção sobre a sua beneficencia e humanidade. Mostra os castigos reservados aos infis. Falla da solemnidade do dia da resurreição. E' a palavra de Deus. Mahomet foi o seu depositario.

*Al-koran* quer dizer a leitura, livro por excellencia. Chama-se tambem *El-kitab*, o livro; *Kitabullah*, o livro de Deus; *Kilemelulak*, a palavra de Deus; *El-tenzil* o livro de céu; *El-dhichr*, a admoestação; *El-forhan*, a distincção entre o licito e o illicito, o bom e o mau; *El-mos'haf*, o volume.

Os que roubam aos seus semelhantes os preceitos do livro enviado do alto pelo incanto de um vil interesse, inundam as suas entranhas de fogo. Deus não lhes dirigirá a palavra no dia da resurreição, nem os absolverá. Um supplicio doloroso e incomprehensivel os espera.

O *Koran* baixou do céu durante a lua de Ramadan para servir de direcção aos homons e de distincção entre o bem e o mal. A lua de Ramadan é o tempo destinado a abstinencia.

Este livro, proclamou o propheta, não é uma mera invencção. Elle corrobora as Escripturas reveladas outr'ora. Revela a explicação de todas as couzas e dá a prova da graça divina para os crentes.

Em verdade o *Koran* guia ao melhor caminho. Elle annuncia a felicidade aos crentes.

— Porem, Oroché, aonde estrará meu filho. Estrará vivo ou morto?

— Irraflil é o anjo da morte, que recebe o sopro da existencia dos moribundos. Nakir e Mukir são os anjos que interrogam os mortos nos tumulos. Só elles o poderão responder.

Si elle vivo, o verá ainda si assim fór a vontade de Deus, sinão esperará para o grande dia em que o Senhor achatando todas as montanhas, fará da terra uma grande plauicie. Depois nos revocará de nossos tumulos. Erguendo-nos e o louvando, responderemos. E essa eternidade do passado parecer-noe-á apenas um dia.

Annuncia aoe que crém e aos que praticam boas obras que elles terão para morada jardins regados por fios de crystalinas aguas. Sempre que receberem os fructos desses jardins exclamarão. — Eis os fructos com que nos nutrimos outr'ora.

Lá encontrarão lindas mulheres, isemptas de toda a nodoa e lá habitarão eternamente.

— Mas o que devo fazer para saber de meu filho?

— Orações, abstinencias e esmolas. Faça bem, mulher, porque Deus ama o que o fazem. O que pede é justo e pouco. Os homons dizem: — Senhor o nosso quinhão de hens dá-nos neste mundo. » Oh! esses não terão parte na vida futura. Outros dizem — « Senhor, dá-nos o nosso quinhão em duas boas partes: uma neste mundo e outra no outro, e preserve-nos do castigo do fogo. » Elles terão a parte que merecerem. Deus é prompto nas suas contas com os homons.

Rogue a Deus e saiba que elle é tão terrivel nos seus castigos como munificente nos seus beneficios.

— E saberei depois aonde existe meu filho?

— Deus farta os famintos abundantemente e não conta os bocados. Invoque o Senhor em suas orações com humildade e segredo. A oração entretem as relações entre o creador e a creatura. E' uma tarefa, mas não para os humildes.

Terminada a oração, pense ainda em Deus, quer em pé, quer sentada, quer deitada. Lembre-se de Deus sempre, como sempre se lembra de seus paes. Siga em tudo e por tudo as maximas da virtude.

Virtuosos são os que crém em Deus e no dia derradeiro; nos anjos, no livro e nos prophetas.

Virtuosos são os que dão por amor de Deus socorro ao proximo, e aos orphãos, e aoe pobres, e aos viajantes, e aos que pedem, para remissão dos captivos.

Virtuosos são os que observam a oração, dão esmola, guardam os contractos que celebram e mostram-se pacientes na adversidade, nos tempos duros e nos tempos de violencia. Elles são justos e temem o Senhor.

— E tu pedirás tambem commigo ao teu Deus?

— Por tua gloria *sobhanaká!* exclamou Oroché Deus disse: Não adorarás dois deuses. Deus é unico. Assemelhe-o a tudo quanto ha de mais elevado.

Tomou depois Evelina pelo braço e conduzio-a ao seu aposento. Offereceu-lhe agua para ablução, dando elle o exemplo e murmurando certas palavras, e depois pegou de seu turbante e o cingio e envolveu-se em seu manto branco.

— Eis aqui o meu oratorio, a minha *mesdjid* ou mesquita, ajuntou elle abrindo uma porta.

Evelina que esperava ver antes nm gabinete de prestidigitación ou para melhor dizer o antro do feiticismo, ficou admirada da simplicidade da pequena sala de oração.

Um tapete sobre o chão, lampadas accezas pendentes do tecto como formando uma abobada e nada mais.

Descalçou-se o musulmano e penetrou na sua mesquita e posternou-se com a face em terra balbuciando os seguintes versiculos arabes:

Leuvor a Deus, Senhor do Universo. O Clemente, o virtuoso! Soberano no dia da retribuição.

Nós te adoramos e imploramos o teu socorro. Dirige-nos pois em teu caminho, no caminho dos que estão cheios de teus beneficios e não dos que tem se afastado delle e dos que tem merecido a tua colera.

Evelina que tambem se descalçara estava de joelhos e de mãos postae. Ella orava mentalmente repetindo orações christãs.

Ergueu-se o musulmano. Consultemos, disse elle abrindo o seu livro, *al-koran*, que é a palavra de Deus.

E leu o seguinte:

— Elles te consultarão.

Dize-lhe:

Deus instruir-nos á acerca de parentes ausentes... Deus sahe todas as coisas.

E retiraram-se.

Escreveu depois Oroché num papel e em caracter arab cos essas palavras e dobrando o papel o cozeu em outro, encerrou-o num saquinho de couro, prendeu-lhe um cordãozinho e lançou ao pescoço de Evelina.

— Só isso? perguntou ella admirada.

— Crentes, sede pacientes, respondeu elle lendo no seu livro. Sede firmes e temei a Deus — sereis felizes!

Depositou Evelina uma moeda de prata eobre a meza do alufá, e agradecendo ia despedir-se...

Repetio o alufá em voz baixa estes versiculos do seu livro:

O que boa obra fizer de seu proprio motu receberá uma recompensa, porque Deus é reconhecedor e conhece tudo.

Offertou Oroché o seu almoço — um pouco de pão e algumas laranjas.

— Veja, disse elle, é quasi sempre a minha ração. O propheta não comia mais do que um pouco de pão de cevada, leite e um punhado de tamaras.

Esta correia, com que cerro o ventre, é bastante para fazer calar a fome.

Retirou-se Evelina, levando n'alma a convicção de que se encontraría ainda seu filho.

Profunda impressão lhe causaram as palavras do musulmano.

Para Evelina era um mysterio a sua illustração por isso que as suas maximas se involviem em mysterioso véo.

Admirava sabre tudo o bom senso e a prudencia que observára em suas acções e discursos.

Não voltou mais a estes sitios a pobre Evelina e si voltasse encontraría fechada a choupana do pobre alufá, depois de ter sido varejada pela policia.

Os livros do pobre musulmano foram apprehendido, e elle conduzido a prisão como impostor, feiticario e perigoso, ordem publica.

J. NORBERTO DE S. S.

## A UM SUICIDA

Tu, sim; tiveste a tragica coragem de lançares-te ao Nada heroicamente! Não te agarraste ás bordas da voragem, fraco e trememente...

Viste que não ha nada nesta vida, onde não brote a sensação da Dór e que a nossa existencia vaee perdida, fragil embarcação sempre batida num mar cheio de horror.

Viste, e tiveste a nobre heroicidade de romper o legado do atavismo ; tiveste a crença desta nossa idade, — mergulhaste no abysmo !

Dizem que ó covardia... E, no entanto, tremem junto do lugubre caírel... Dizem que é covardia... E o medo é tanto que — só para viver — negam o pranto, negam a dôr cruel...

Eu quizera lhes dar o calafrio que me sacode os nervos doloridos, que me agita a medula e que, sombrio, me entorpece os sentidos,

quando eu penso no fim desta existencia ; na Morte : a tétrica . a feral visão ! e sei que ha de extinguir-se a Consciencia e as Formas rolarão na turbulencia, do eterno turbilhão !

De que serve luctar ? ser justiceiro ? ser virtuoso e nobre e corajoso ? si a todos tiaga o abysmo derradeiro do Nada pavoroso...

O teu corpo amanhã será rebento de lyrio branco, virginal, gentil ; serás pasto de estúpido jumento e sentirás da vida o movimento novamente febril...

e volverão e volverão dispersos teus átomos de novo em novas fórmas, em corpos mil, em turbilhões diversos, da Vida sob as normas !

E, no entanto, que é da tua bella intelligencia indómita e vivaz ? O que te resta ? o que te resta della, quando a Consciencia tua já não vela teus restos immortaes ?

Tens o *sér* e o *não-sér* amalgamados... Hontem luctavas — corpo e alma — unidos ; hoje restam sómente, despresados, restos perdidos...

Eis a nevrose estranha que me irrita : este medo da Morte... este terror... Pensar que á seiva que minh'alma agita ha de tragar emfim — ninguem o evita do Inconsciente o negror !

E não me apêgo aos ídolos que mentem... E não procuro as illusões brilhantes... Meus olhos, sempre abertos, vêem, sentem estas sombras hiantes !

Por isto eu te saúdo... A ti, que a Morte ousaste sem receio procurar ! Vencendo o medo que me deu a Sorte eu : covarde — quizera, ousado e forte, teu arrojio imitar !

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## A SEMPRE-VIVA

Amanhecia ; os primeiros clarões da aurora dissipavam no céu as ultimas sombras da madrugada. Pouco a pouco a cór lactea da alvorada é substituída pelas rubras tintas do arrebol e, lentamente, por traz das serras apparece o sol, derramando a flux torrentes de luz. Myriades de passaros com os seus trilos cadenciosos, saudam contentes os raios refulgentes d'um esplendido sol de

Abril, e por entre as acacias floridas, ouve-se o arrultar meigo dos juritys. O ar fresco e sereno da manhã é impregnado do aroma delicioso de uma infinidade de flôres odoríferas, que se ostentam deslumbrantes, banhadas pelo rocío matutino.

Meio escondido por entre as ramarias em flôr, via-se um elegante chalet, cujas janellas conservavam os stores hermeticamente fechados, á excepção d'uma, onde se desenhava o perfil gracioso formosa moça.

Havia tanta suavidade nas linhas harmoniosas e puras do seu rosto moreno, tão inextinguível meiguice na expressão doce e pensativa dos seus olhos negros e fascinantes, que ninguem podia vê-la, sem que se sentisse logo subjugado por um irresistível impulso de sympathia. Entretanto por uma dessas pungentes ironias do destino, aquella manhã tão risouha e festiva surprehendera Natalia immersa em inexprimível angustia a chorar, soluçando inconsolavel a perda do seu primeiro amor.

Toda a noite inquieta e agitada com o olhar febril, passeava pelo seu elegante *boudoir* como uma allucinada, tendo entre as mãos crispadas, algumas flores seccas, tristes despojos dos sonhos dourados que phantaziara, e agora lhe despedaçavam o coração depois de lhe terem desencantado o espirito.

Natalia amava, com toda a effervescencia dos seus vinte annos, a um joven com quem deveria esposar-se no prazo de dois mezes ; mas o espirito superficial, leviano e versatil do noivo, bem depressa, fez-lhe olvidar os seus protestos de lealdade inquebrantavel, rendendo culto a outro ídolo ! A sua traição veio subitamente, qual nuvem escura, offuscar a meiga aurora daquelle decantado idyllio. Todavia, apezar das provas convincentes da ingratição do noivo, ella ainda tentara um ultimo esforço para reagir contra a evidencia esmagadora que a acabrunhava, e assim lembrou-se de exigir delle as penhores de affecto que em outros tempos lhe tinha dado.

A ingenua e credula moça ousava esperar que o noivo não accederia ao seu pedido, e que pelo contrario conservaria-os-hia como grata recordação do passado.

Mas todas as suas illusões, todas as suas esperanças e todas as suas crenças dissiparam-se ante o desdem altivo com que o moço a fulminou, entregando-lhe tudo. Ah! estava o seu primeiro *bouquet* de violetas ; o segundo preso a um lacinho de fita verde, e mais uma dourada sempre-viva, cujas petelas inodoras ostentavam-se deslumbrantes e garidas, como a mais casquilha das loureiras.

Natalia tremula de commoção e de despeito, apertava entre as mãos aquellas pobres flôres, que lhe queimavam a epiderme, fitando-as sem vê-las ; mas simulando uma frieza e indifferença que estava bem longe de sentir. Incapaz de sustentar por mais tempo a sua apparente tranquillidade, afastou-se sósinha para o seu quarto, sentindo as lagrimas affluirem-lhe do coração aos olhos. E, foi só depois de alli chegar, que se abandonou sem testemunha ás torturas cruciantes do amargo desenganho que, como a lamina d'um punhal, lhe rasgava o coração ultrajado. Nas convulsões da crise, do seu violento desespero, abriu a janella de par em par, como se sentisse asphixiar no explosir dos soluços que lhe irrompiam do peito.

Quando as brisas frescas da madrugada penetraram no gabinete de Natalia ella ainda chorava, sentada junto á janella, tendo a cabeça apoiada sobre uma das mãos. O seu bello rosto, aljofrado de lagrimas, tinha a pallidez do marmore de Carrara. Os seus olhos negros intumescidos pelo pranto, estavam mais animados, e através do bistro das olbeiras roxas despediam scintellas phosphorescentes.

Erguendo-se deu distrabidamente alguns passos, e parou defronte de um pequena secretaria de ebanu. O seu olhar fixou-se então com demorada insistencia sobre as florinbas que alli jaziam esparsas.

As pobres violetas fanadas e resequidas dobravam-se sobre as frageis hastes e retrahiam as

suas petalas d'um roxo desbotado, parecendo chorar como ella a ingratição do amante desleal, envoltas no luctuoso véu de sua inconsolavel tristeza. Mas n sempre-viva com o seu amarello d'um brilho ardente e caustico, a palpitar de seiva, punha uma nota aguda e discordante no meio do silencio desolador daquelle gabinete onde Natalia sentia-se morrer, dilacerada pela sua pungente magua.

Por vezes a moça tiavern impetos de despedaçal-a e calcal-a aos pés ; fechava os olhos como se a não quizesse vêr, porém a sempre-viva attrabia-a, dominava-a e, por singular fascinação, reapparecia-lhe na mente escaldada, a dardejar fagulhas, a torcer-se qual um *piérot*, sempre perfida, sempre zombeteira, comprazendo-se em exarcebar-lhe as angustias. A moça não pôde conter-se por mais tempo, no auge do despeito apoderou-se da flôr e, sacudindo-a violentamente, arrojou-a pela janella fórn.

A pobre florzinha, depois de revoltear alguns instantes no espaço, foi cair aos pés d'um passaiante matinal que, justamente áquella hora, passava junto do elegante chalet.

Elle ergueu immediatamente os olhos e viu desenharse na janella o vulto flexível e esculptural de Natalia.

O sol illuminava-a toda com os reflexos de sua luz, dando-lhe na frente o brilho de uma aureola celeste. Jamais a moça lhe parecia tão bella, estava seductora ! O desconhecido saudou-a com um sorriso insinuante, lançando-lhe ao mesmo tempo um profundo e ardente olhar. Em seguida, com incrível presteza, curvou-se apanhou a flôr e guardou-a no peito. O seu movimento, rapido e quasi imperceptível, não escapou ao olhar de Natalia, a qual, corando e empallidecendo successivamente, desapareceu na penumbra, sem mesmo corresponder ao cumprimento do moço. Ha muito que elle amava-a em silencio, preferindo-a a todas, mas no fundo de sua alma guardava o segredo do amor que lhe queimava o coração. Orgulboso e um tanto reservado, por coisa alguma teria coragem para confessar-lhe a sua paixão, uma vez que ella parecia desdenhar, ou não queria comprehender a preferença que sempre manifestava. Entretanto no acontecimento que acabava de testemunhar, o qual muito longe estava de imaginar que fosse um simples effeito do acaso, e á vista da extrema perturbação de Natalia, o moço julgou ter adivinhado o segredo dos seus mais intimos pensamentos.

Pela primeira vez elle sentiu os jubios inefaveis de amar, e ser amado, parecendo-lhe que a florzinha unida ao peito lhe segredava mysteriosamente um mundo da revelações ignotas e dulcissimas.

Quantas vezes o destino de uma creatura depende de uma carta !... Estas palavras que V. Sardou faz exclamar a um dos seus personagens, podem ter alguma applicação aos herôes desta despretenciosa narrativa, cujos destinos apenas dependiam d'uma simples flôr.

Alguns mezes depois, quando o moço, radiante de felicidade, mostrou a Natalia então sua esposa, aquella sempre viva d'um brilho ardente e caustico, parecendo ainda palpitar de seiva, ella por unica resposta curvou a cabeça sobre o hombro do marido, como para disfarçar o enleio que sentia. E' que flôr acabava de cravar-lhe n'alma, como o agudo hico d'um estylete corso, a pontinha d'um remorso.

ANALIA FRANCO.

## BODAS CELESTES

Uma só vez te vi, um só momento ;  
Mas o que faz a brisa com as palmas  
E' o que faz em nós dois o pensamento  
Assim, são, mesmo ausentes, nossas almas  
Duas palmeiras casadas pelo vento.

CAMPANOR.

## EMBRIAGUEMOS-NOS

Embriaguemos-nos; pouco importa  
Qual seja o vinho: o que é mister  
É esquecer a cbymera morta  
E a dôr que punge adormecer.

Feche-se ao tédio infame a porta;  
Abra-se a porta do prazer.  
No ouro, na gloria ou na mulher  
A embriaguez é o que conforta.

O' taças rubidas de vinho  
Fervei! enchei-vos, á feição  
De labios de onde o amor transborda.

Para o espirito que recorda  
Fervei o vinho do carinho  
O' labios, taças da paixão!

ALCIBIADES FURTADO.

## POETAS MINEIROS

II

CLAUDIO MANOEL

A Conjuração Mineira! Quem ainda não ouviu fallar dessa hecatombe sublime, desse drama sangrento em que imperaram scenas as mais borriveis a par de actos os mais brilhantes?! Ninguém; principalmente na provincia de Minas, ninguém ignora que houve uma conspiração, cujo intuito era reagir contra a prepotencia estulta de um governo absoluto que servia de estorvilho á marcha do Progresso. Em Minas o drama da Inconfidência é uma tradição sacrosanta já: balbuciada pelas crianças que a escutam das ternas mães patrióticas, como sóem ser as mulheres mineiras, e articulada pela mocidade em fogo, como que se evola, como que se impregna na atmosphera, como que se identifica com os queixumes dos ribeiros e com os echos longinquos das montanhas! Todos nós quando sobraçamos o livro e nos vamos pressurosos ao lyceu receber os doutrinamentos do mestre, lá encontramos a esvoaçar a ballada da independencia, a guerra do quinto, conforme lhe chamam os cápiras.

É que o acontecimento iniciado em Villa-Rica e terminado na praça de São Domingos, calou muito fundo na alma patriótica dos filhos de Minas! É que o esquarteramento do Tiradentes, sentença barbara de um despotismo sem nome, não espacelou o caracter proynciano: regou com as lagrimas da Patria a semente da Liberdade, o germen da Nacionalidade Brasileira.

Neste facto memoravel o poeta Claudio Manoel da Costa tomou parte activa. « Já então com 69 annos de idade feitos, uma só vez interrogado, em 2 de Julho de 1789, acovardou-se excessivamente: attribuiu sua desgraça a castigo da justiça divina, declarou que pedia perdão ao governador, protestou que não estava em nenhum plano de conspiração nem acreditava nella. O estado, porém, de allucinação em que se achava o seu espirito fez avultar o alcance de conversações intimas que tivera com seus amigos, ou revelações que estes lhe haviam feito, depois das idéas lançadas pelo Dr. Maciel (1) e o Tiradentes, (2) e muito os veiu a comprometter. Dois dias depois foi encontrado no carcere, suspenso de um armario, havendo-se enforcado com uma liga. » (3) Comquanto seja o autor deste trecho um historiador afamado, não deixou de propender para a politica ao relatar esta tragica historia, esquecendo-se ainda de intercalar no texto a versão de que Claudio fóra assassinado na cadeia, como suppeem alguns autores. (4)

(1) José Alvares Maciel.

(2) Joaquim José da Silva Xavier.

(3) VISCONDE DO PORTO SEGURO, *Historia geral do Brazil*.

(4) F. Denis, Charles Rebeyrolles e *Almanak de Minas* anno I, nota 3, pag. 58.

A traição ignominiosa de Joaquim Salterio seria capaz de produzir até factos piores! Por denuncia deste Portuguez é que frustraram-se todos os sonhos de liberdade, da *Libertas quæ sera tamen*, de Alvarenga Peixoto, ou de *Aut libertas aut nihil*, de Claudio Manoel. O Herodoto brasileiro continuando diz: « Aos 18 de Abril de 1792 proferia a dita alçada o accordam, e na conformidade das leis eram condemnados á morte, enforcados com infamia, o Tiradentes, Alvarenga, (5) Freire de Andrada, (6) o Dr. Maciel, Abreu Vieira, (7) Vaz de Toledo, (8) Oliveira Lopes, Vidal Barbosa, os dois Rezendes e Amaral Gurgel, ficando-lhes infamados os filhos e netos, e sendo confiscados os seus bens. » (9) A sentença que condemnou o poeta é do teor seguinte:

« Claudio Manoel da Costa, natural de Mariana, 60 annos, solteiro, ex-secretario do governo e advogado, residente em Villa-Rica: — Declarado infame. » (10) Esta ultima decepção não o encontrou mais: já a terra se apoderára daquella a quem dera o sopro da vida!

Claudio Manoel da Costa, nascido em Mariana 6 de Junho de 1729, formou-se em direito pela universidade de Coimbra, viajou á Italia e exerceu em Ouro-Preto a advocacia até que foi preso, suicidando-se no carcere em 1790. Escreveu sonetos como Petrarca e Camões, cantatas como Metastasio, algumas odes e o poema *Villa-Rica*. Dos seus sonetos destacaremos o seguinte, em que ha bellezas de forma a par de lindissima concepção:

« Nize, Nize, aonde estás? Aonde espera  
Achar-te uma alma que por ti suspira,  
Si quanto a vista se dilata e gyra,  
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! si ao menos teu nome ouvir pudéra  
Entre esta aura suave, que respira!  
Nize, cuida que diz... mas é mentira!  
Nize, cuidei que ouvi... e tal não ora!

Grutas, troncos, penhascos da espessura,  
Si o meu bem, si a minha alma em vós se esconde,  
Mostrai, mostrai-me a sua formosura!

Nem'ao menos o echo me responde!  
Ah como é certa a minha desventura!  
Nize, Nize, onde estás? Aonde, aonde? »

Boutterweck, Denis, Sismondi, Balbi, Costa e Sá, Garrett e outros escriptores de nomeada fazem a Claudio os maiores elogios. « É indubitavelmente um dos poetas mais illustres que produziu o solo americano. » (11)

LAFAYETE DE TOLEDO.

- (5) Ignacio José de Alvarenga Peixoto.  
(6) Francisco de Paula Freire de Andrada.  
(7) Domingos de Abreu Vieira.  
(8) Luiz Vaz de Toledo Piza, natural de Taubaté, irmão do padre Corrêa de Toledo e sargento-mor da cavallaria de S. João de El-Rei.  
(9) VISCONDE DO PORTO SEGURO, *Obra citada*.  
(10) TIRADENTES (Franca), anno I, 1836, n. 10.  
(11) PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres do Brazil*, tom. II, pag. 68.

## CONVERSAS DE AMOR

Nunca mais linda a natureza fóra  
Tanto me lembro... Azul... azul profundo  
O céu — e no enfunado centro a loura  
Face do sol a desmaiar o mundo.

Nunca de flôres fóra mais fecundo  
O sólo. No caminho a scismadora  
Frente lhe encho de beijos. Sigo e agora  
A alma no gozo e todo o corpo afundo  
Vens a meu lado, vens! Teu alvo braço  
Unido ao meu! Seguindo a rir! Parando  
As vezes a mirar o azul do espaço!

Ninguém nos vé! Teus labios humedecem  
Meus labios — Vamos sempre conversando  
Que as conversas d'amor nunca aborrecem.

MARIO PEDERNEIRAS.

## A VIDA NAS PRAIAS

A F. MOREIRA DE VASCONCELLOS

Ah! a vida nas praias! a vida nas praias!  
Pela manbã a claridade etherificada e igual  
que avelludece as perspectivas convida-nos aos  
bellos passeios pittorescos sobre a areia clara das  
praias—passeios que têm tanto de artistico como  
de scientifico.

Artistico porque nos dão a firmeza da linha  
esthetica na imaginação que recorda viagens sobre  
mares calmos, horisontes novos, largos jorros de  
vida saudavel e de frescura matinal nas toldas de  
navios transatlanticos, quando em antes do almoço  
de bordo se estuda e se observa a binoculo os pon-  
tes affastalos da natureza que se illuminam pouco  
a pouco com o dia.

Scientifico porque se estuda tambem um modo  
pratico, intuitivo e gracioso de insuflar azote no  
sangue, de tornar temperada a estravagante tem-  
peratura do corpo, de oxigenar o cerebro cujo  
phosphoro se accende de atticismo e de bom humor.

A vida nas praias é uma especie de educação  
physica dos nervos que gymnasticam e ficam pre-  
parados para todas as evoluções musculares que  
dão á rijeza das formas essa apparencia da forte-  
za seivosa dos troncos das arvores.

E as ondas esfarellando-se numa espumarada  
branca de champagne ao longo das praias, têm o  
ingenuo ar de candidez do desenho d'A Natividade,  
de Wagner, sob uma nitida gravura de Baude.

— Os temperamentos asper s e montanhosos  
como que se docilizam, como que se amaciam rece-  
bendo as emanações de saude e força vital que as  
marés lhes infiltram; emquanto que as epidermes  
anémicas, mordidas pela chlorose enervante das  
grandes paixões que gelaram, tornam-se sangui-  
neas, tomam côr, da mesma forma que o fructo  
amadurece e se ruborisa aos ardentes clarões so-  
lares.

O sentimento vegetal que vem da existencia  
passada em prados, entre seáras e campos agri-  
colas, tem um que de correlativo e harmonico com  
a vida nas praias.

Ha em ambas as vidas uma completa aфинаção  
de detalhes, o mesmo tom geral quasi.

A vida nas praias é a vida na natureza livre,  
no vastissimo lar de todos nós, cujo tecto azul, lá  
no alto, se arredonda concavo sobre as nossas ca-  
beças.

A vida vegetal, a vida dos prados, das seáras  
e dos campos agricolas é a vida primitiva a vida  
livre tambem, a vida pagan, a vida das vinhas car-  
regadas de saborosas uvas maduras, como de ame-  
thystas, a vida dos primeiros israelitas que iam, ao  
morrer, abrir e armar as tendas floridas das suas  
almas nuas e chans no doirado territorio da gloria  
eterna, onde uma alluvião de pombinhos alvos,  
emissarios do Espirito-Santo, os havia de receber e  
arrulbrar em redor das suas frentes venerandas co-  
roadas e sagradas pelo resplendor dos cabelos  
brancos.

E, por um desses dias que amanhecem enne-  
voados, cerrados dos reposteiros das neblinas e que  
depois surgem resplandecentes, vertiginosos de sol,  
com um azul muito intenso bruido no céu, num  
desses dias que parecem emergidos de um banho de  
ouro fluido, dá um consolo e uma satisfação tama-  
nha passeiar á beira das praias, com os altos soce-  
gos da voz, contemplando o effeito ridente e sereno  
da marinha, quando na lactea transparencia casta  
do ar vóam as aves em circumvoluções pela paysa-  
gem toda e que a gente as segue demoradamente  
com a vista lembrando-se de viajar, assim como  
ellas, de prender nas suas azas a alma como a fita  
verde da esperanza, uma vez que não pôde prender

o corpo — pesado chumbo que mais tarde a terra ha de achar tão leve como uma penna e devorar sem esforço nem piedade!

E o nosso espirito artistico, batido pelas impetuosidades hygienicas das aragens frescas do mar, sente-se rejuvenescido, vitalisado, num renascimento e numa efflorescencia de rosas brancas, como um viajante electrizado no forte ambiente de luz de uma purpureada aurora dos tropicos.

Pela exuberancia da cor e pela placidez da hora matinal a vida nas praias identifica-se com o systema nervoso e applica ás expontaneas e disciplinadas organizações litterarias uma ducha salutar de verve e de critica—dessa critica e dessa verve que nasce da retina e da idéa passeada pela grandioso panorama da natureza, sob uma rigorosa lente de observação e de analyse em ordem.

E, quando chegam as amenissimas tardes deliciosas, de branda calma, tardes enriquecidas pelas accezas e flammejantes pedrarias do occaso, e que o tenue flô das nuvens leves e volantes se rarefaz e se adelgaça, é agradável á viva percepção dos sentidos, o doce á delicadeza material do olfacto e dos olhoe ver passar para o banho as mulheres cor de jambo e cor de perola, cujos perfis, movendo-se em flexões suaves e balanceadas, lá se vão mergulhar na onda clara surgindo della frescas, palpitantes e macias como a carne polposa, rosada e tenra das creanças cheirosas de vida e babadas de leite eus-pensas ao collo protector e tépido das mães.

CRUZ E SOUZA.

Desterro.

## CARTA DE AMOR

Perguntae-me com quantos ternos beijos  
Poderás saciar os meus ardôres.  
Como as vagas do mar, oh meus amores!  
Não tem conta tambem os meus desejos.

Quero-os aos centos, quero-os aos milbares:  
No prazer vae-se rápida a existencia.  
Não cansa a brisa de eorver a essencia  
Dos laranjaes em flôr e dos palmares.

Une os tous labios, pois, aoe meus sedentoe  
Do goeo divinal, capaz, quem sabe?  
De transformar os sec'los em momentoe.

Mas, ah que insânia a minha! não me cabe  
Tantos beijos pedir-te assim, aos centos:  
Um só me baeta, um só que não se acabe.

CARLOS LUIZ.

## A mulher é uma mercadoria

Serei talvez á primeira vista mal recebido pelas distinctas leitoras pelo facto de encimar a columna que pretendo occupar com tão aspera e extravagante epigraphe.

Duplo resultado intento obter em procedendo assim:

Chamar de snbite as suas illustradas attenções de involta com a curiosidade e gozar da surpresa que indultivamente lhee proporciono.

*A mulher é uma mercadoria!*

E' incrível que do labios humanos se desprendesse tão asatica aserção!

Ouvi-a, ou antes traguei-a nos ouvidos, bem a meu pezar; e desde logo me propiz a minutar em resposta a minha opinião a tal respeito.

As estimaveis leitoras usarão por certo para commigo da bondade e paciencia de que são naturalmente dotadas, attendendo á falta de recursos de que disponho para entrar em tão renhida lucta; e reconhecendo em mim um fraco, mas dedicado defensor, baixarão de bom grado o meu indulto pela ousadia de lançar mãos, no decorrer da empreza, até mesmo de sagradas reliquias depositadas no recondito e vedado sacrario que lbes embeleza o perfil.

Serei por sem duvida quanto a esta parte desculpado, visto como um unico meio descubra para fazer cahir a mascara a quem quer que seja, e assim triumphantemente erguer a mulher.

Analysa, pois, a mulher no que diz respeito aos seus costumes, no transitar amargo da existencia sobre a terra.

Colloco-lbo em frente o homem; e me conveção de proporcionar-lbe um instante ao menos de commoção, diante do quadro que, embora esboçado com acanhados pinceis e desbotadas tintas, não deixará por sem duvida de lbe despertar o remorso.

Desprendida dos braços de Deus, cahiu do céu sobre a terra a mulher, ente angelico, e seductor; e como incontestaveis vestigios das mytbologicas divindades, quemerecidamente representa, parece que fora destinada aos mais cruciantes e amargos soffrimentos.

Chegada á idade fatal, em que a doce e natural chamma começa a lamber-lhe o coração, incauta, muitas vezes, e ainda sorridente entre os braços indecios da innocencia, enfrenta-se com o homem, anjo ou demonio.

Salta-lhe no virgineo peito, cofre de mellifluas delicias, o travesso e insoffrido escravo da tyrannica e capricioea vontade da fera, malevola e des-respeitadora criança.

E', pois, chegado o tempo em que o anjo, destinado á conservação da harmoniosa e indispensavel natureza, vé tudo, através do prisma das illusões, nadando em um mar immenso, entonado de roseas e seductoras côres.

Não podendo, em tão criticas circumstancias, soffrer por mais tempo os impulsos que lbe agitam o peito, busca extrahir pela raiz o corpo, como que extranho, que dentro delle pulsa, e que já lbe não parece pertencer.

Cava com timidos e niveos dedos em dirocção ao labyrintho, e arranca-lhe a precioidade que parece menosprezar.

Tremula e convulea, envoltas as faces em marchetado véu de candidos jasmims e roseas boninas, busca desfazer-se do obice que entente torturar-lbe a doce e invejavel existencia.

Vaga a tóa com incerto e indeciso passo pela senda tortuoosa da primavera infantil, até que, obedecendo á força inatica de uma coerente magica que a conduz ao precipicio, depara com o alvo a que julga dever atirar o projectil de fogo que lbe escalda as mãos.

Toma-a resoluta, nas pontas dos tremulos dedos e, quando intenta descarregar o tiro, buscando medir a distancia que lhe pescreve o decoro, eis que neinhuma distingue; eis o alvo, que, por uma estupenda e contraditoria lei, a encravar-se vem no projectil.

Detem-te homem! anjo ou demonio! Respeita as vestes virgineas que te impedem o passo ao escurecer-te a vista! Curva-te de joelhos ante a filha do céu! Aceita-lhe, si és um anjo, o precioso mimo que te offerece, e guarda-o cuidadoso!...

Foge para os abysmos d'onde vieetes, si és um demonio, e deixa que a pobreinha volte a guardar no logar d'onde tirou o unico thesouro que á Providencia prouve-lhe confiar! Faze um sacrificio!

Reanima-lhe as forças ajudando-a em tão arduo e arriscado trabalho!...

Chega finalmente a mulher á phnse hypothetica a que se destina.

Tem de um lado o anjo, e de outro o demonio.

Aquelle vé pendente de seus tremulos dedos o pômo salutar, unico capaz de abrandar a sede de amor que naturalmente a devora; aproxima-se com sinceridade religiosa; arranca tambem de seu peito offegante um outro de não menos valor, que dentro do mesmo por seu turno pela meema forma já lbe não parece pertencer; e por mutuo accordo e prévia conveção, veem-se preencbidos os dois vacuos por uma e outra preciosidades permutados e unificados.

A. P. DA ROCHA.

Ouro Preto.

(Continúa)

## THEATROS E DIVERSÕES

O HOMEM

A curiosidade, despertada pelo apimentado titulo desta revista theatral, attrahiu tantos espectadores ao Eden-theatro no dia de estrêa, que bem se pôde dizer que houve maie do que enchente, — bouve transbordamento, sinão verdadeira apoplexia de publico.

O romance de Aluizio Azevedo, que deixou a muitos leitores e *habitués* de nossos theatros com o bico doce e a suspirar por mais, foi o pretexto para a conhecida viagem episodica em torno dos acontecimentos do anno.

Não externamos com toda a franqueza o nosso pensamento sobre o merecimento do novo trabalho de Artbur Azevedo e Moreira Sampaio, no que toca a sua contextura litteraria, porque é quasi impossivel conseguir-se a audição, por inteiro, de uma peça desta ordem no meio do tumulto que acompanha uma primeira representação. O espirito dos dois comediographos é, entretanto, tão conhecido, que seria injustiça collocar *O Homem* em plano inferior ao *Mandarim* e ao *Bilontra*, as duas mais completas caricaturas que se tem feito na linha exacta das tendencias brazileiras.

Quanto ao que diz respeito ao *metier*, permittam-nos, porém, os sympaticos escriptores que lbes digamos, resente-se a revista de um grande defeito: — é monotonia. Todavia devemos acrescentar que essa monotonia deriva, não da peça, mas do publico. A razão é simples: — os moldes são os mesmos e já era tempo de varial-os.

Essa censura tem maior cabimento ainda, porque um dos comediographos é medico, e deve saber perfeitamente que a repetição do acto e o habito embotam a sensação.

*O Homem* poderá ser a melhor das revistas exhibidas pelos autores; mas, vindo depois das outras, comprehende-se que tem contra si a falta do elemento capital, que é a *surpresa, a novidade*.

Comtudo o publico applaudiu justamente diversos numeros de musica e as alluções de mais relêvo contrapostas ao indifferentismo da época. Entre outras citaremos — a scena de hypnotismo, a divida Lambertí, e a chula do marinheiro Bernardo.

A encenação foi magnifica, e os actores desempenbaram-se perfeitamente dos respectivos papeis, sobreabindo o Colás, que para o genero, noe parece, não encontra competidor. Deu-nos um Romão José de Lima de *primo cartello*.

O publico, na parte composta da colonia portu-gueza, mostrou-se muito lisongeadoo com a *apothecae* do Gabinete Portuguez e com a exhibição do Ramalho — Mattos.

HIPPODROMO GUANABARA

Realisou-se no domingo proximo paseado uma excellentee corrida n'este hyppodromo. A concurrencia foi grande e o divertimento esteve animadissimo.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 4 DE FEVEREIRO DE 1888

DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 159

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Leopoldo Cabral e Candido Jucá

## SUMMARIO

|  |                     |
|--|---------------------|
| Expediente.....  |                     |
| A «Semana».....  | O director          |
| Historia dos sete dias.....                                  | Góth                |
| Latet angula, poesia.....                                    | Augusto de Lima     |
| Civilização hybrida.....                                     | Candido Jucá        |
| A poesia em suas relações<br>com a função gene-<br>sica..... | Araripe Junior      |
| O dia desejado, soneto.....                                  | A. de Oliveira      |
| Galeria alegre.....  | Macae               |
| Poetas mineiros.....   | Lafayette de Toledo |
| Desejo santo, soneto.....                                    | H. de Carvalho      |
| Hysterica.....   | Lahore              |
| Judith, soneto.....  | I. Martins Junior   |
| Idyllio agreste.....   | Analia Franco       |
| Notas bibliographicas.....                                   | Lho                 |
| Nem viver nem morrer,<br>soneto.....                         | E. de Barros        |
| Geoffroy Rudel e Milli-<br>sanda de Tripoli.....             | H. de Carvalho      |
| Fugitiva, soneto.....  | Guimarães Passos    |
| Collaboração — Contos sin-<br>gellos.....                    | Lucia               |
| O berço della.....   | E. de Carvalho      |
| Theatros e diversões.....                                    |                     |
| Factos e noticias.....                                       |                     |
| Diversas publicações.....                                    |                     |
| Anuncios.....  |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

|               |       |
|---------------|-------|
| Semestre..... | 48000 |
| Anno.....     | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folba.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs. :

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Vrissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. Joaé Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Des-terro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :  
— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

## A SEMANA

Rio, 4 de Fevereiro de 1888.

E' ocioso um artigo de fundo para inteirar o publico dos intuitos d'A *Semana*. São conhecidos.

Basta que ella realize materialmente a penitencia da pontualidade, condição positiva de sua existencia.

A impossibilidade organica de uma direcção activa e permanente, oriunda de muitos motivos pode determinar incompatibilidade de acção neste genero de empresas.

Tal foi a razão por que *A Semana* deixou de apparecer por algum tempo.

A nossa gazeta litteraria está de pé, disposta e animada, e espera continuar a merecer o favor publico.

Os poetas, os litteratos e os criticos não precisam de convite escripto para nos honrarem com a sua preciosa collaboração.

Todos os talentos e todas as illustrações que sacrificam ás letras, devem libertar-se do pesado jugo da indifferença publica, procurando accentuar uma função social que entre nós apenas começa a delinear-se: a função litteraria.

A seu turno, *A Semana* está inteiramente disposta a servir de auxilio ao movimento critico e litterario de nossa Patria.

A grave responsabilidade que assumimos, obriga-nos a dizer pouco, a prometter alguma couza e a realizar o que for possivsl.

Como affirmamos, o programma d'A *Semana* continúa a ser o mesmo, com modificações minimas de circumstancias intercorrentes.

A redacção é actualmente composta dos Srs. Drs. Franklin Tavora e Augusto de Lima, conhecidos e consummados criticos e litteratos, e dos Srs. Candido Jucá e Leopoldo Cabral, ficando todo o trabalho de direcção, de gerencia a cargo d'este.

Em sua collaboração figurão os illustres litteratos Drs. Araripe Junior, Valentim Magalhães, Virgilio Brigido, Raymundo Corrêa, Raul Pompea, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, Silvio Romero, Borges Carneiro, Izidoro Martins Junior, Alberto de Oliveira, Alherto Silva, Guimarães Passos, Coelho Netto, Alfredo de Souza, Viriato Guimarães, Virgilio Varsea, Horacio de Carvalho e Juvenal Galeno, todos vantajosamente conhecidos como festejados poetas, criticos e escriptores de muito merito.

Assim nos apresentamos ao publico.

O DIRECTOR.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Si a semana que findou, não teve uns sete dias tão cheios de acontecimentos, como cheios de grãos foram as espigas gordas sonbadas por Pharaó, não os teve, todavia, tão chóchos e magros, como magras e chóchas foram as espigas que precederam ás gordas. Isto não quer, porém, dizer, que deixe de ser uma *espiga*, e formidavel e gordíssima, o escrever ou esta chronica d'aqui em diante, eu que ainda ha bem pouco me limitava a applaudir entusiasmado as que escreviam neste mesmo cantinho Eloy, o heroe, Filindal e José do Egypto.

Estes ultimos foram os chronistas da primitiva *Semana*, e aquelle o d'A *Semana* da segunda phase.

Hoje entra este hebdomadario em terceira phase, com a mesma coragem e com a mesma ousadia com que o fez das duas primeiras vezes. E porque não? Será mesmo utopia acreditar que haja aqui gente de hom gosto que chegue para sustentar uma folba litteraria? Talvez não. Demais este povo parece que vai melhorando. O leitor porque sorri? Duvida? Olhe: no salão da Academia de Bellas Artes Rodolpho Amedeo expõe os seus grandiosos quadros—*Narração de Philectas* e Christo em Capharnaum além de outros, e não deixa de ter a contemplal-os, diariamente, pelo menos duzentas pessoas.

Antonio Parreiras exhibe aos olhos do publico as suas magnificas paysagens e, alem de ter quem as contemple com interesse e cuidado, tem schado quem...—o leitor vai arrebrantar de admiração!—tem achado quem as compre! Este facto é extraordinario, hem sei, mas é verdadeiro. D'ahi eu concluo que o zé-povo não é tão mau, como parece; o que elle tem é pouca vista, o que é preciso é que lhe abram os olhos.

Algumas folhas diarias dão-nos noticia do proximo apparecimento de mais dois distinctos campeões da imprensa: o *Delormista* e o *Bellegrandista*, destinados a elevar os meritos das duas actrizes Delorme e Bellegrandi. Em verdade que é de bem nohres intuitos um jornal que se propõe exclusivamente a elevar o merito de alguem, mas... mas será muito triste a situação de seus redactores, si qualquer desses jornaes chega a durar vinte annos.

Estou daqui cheio de magua a pensar nas dificuldades em que verão esses pobres coitados, quando, esgotados todos os qualificativos de que disponham os nossos lexicons, já sem recursos os das outras linguas, quizerem louvar oa encantos da senhora Bellegrandi, ou os primorosos meneios da senhora Delorme.

Ha de ser triste, hade.

Fallou-se muito esta semana do facto de umas hengaladas ou cousa que as valha, applicadas por um official da armada, no costado elegante de um aujeito que tentou manchar-lhe o nome.

Apezar de procurar-se para o official a circumstancia aggravante de fazer-se a companhia de suballernos seus, eu estou, e creio que 99 por cento da população desta cidade, como eu, está a seu favor.

Castigar um insolente é um serviço prestado a muitos.

Que o agradeçam os pais de familia.

Representou-se pela primeira vez no Recreio Dramatico, o *Cachimbo de novô*, comedia em verso, original de Soares de Souza Junior, o apreciado autor das *Rimas por flauta da Gazeta*.

Não assisti á representação, mas dizem-me os jornaes, e m'o affirmam amigo que, apezar de não aer tudo quanto se esperava do autor, é, todavia, essa producção, escripta em versos muito fluentes e muito correctos. O autor prometteu á distincta actriz Ismenia, escrever trahallo de mais follego, em que seja protagonista a referida actriz. Esperamo-lo ansiosamente.

No Lucinda representou-se um novo

acto do *Homem*, intitulado — Congresso dos fazendeiros.

A respeito desse novo acto, que agradeu tanto, quanto os outros da applaudida revista, seja-nos permitido um applauso ao Sr. chefe de policia que, a despeito de opinião contraria de quem vistoriou o Congresso dos fazendeiros, deu permisso para que fosse elle representado.

O veto de um, foi substituido pelo —pas trop de zèle,—de outro. O magistrado independente, sem paixões e sem odios é digno de applauso, por isso merece-o o chefe de policia.

Uma horrivel catastrophe, a do vapor *Dois de Julho*, cujas caldeiras explodiram, fazendo grande quantidade de victimas.

Dois de Julho era para a provincia da Bahia um dia de risos e de festas: de hoje em diante, nesse dia, por associação de idéas, quantas lagrimas não serão derramadas pelos pais, esposos ou filhos dos infelizes que succumbiram nesse vapor!

Quanto á politica... Por fallar nella: conhece algum o leitor que seja mais habil politico do que o Sr. Barão de Cotegipe? De certo que ha de lembrar-se, quem lê estas linhas, da enorme aversão que parecia mostrar pelo abolicionismo o esta lo barão. Lembra-se. Pois o presidente do conselho é hoje, do pé para a mão, um dos maiores abolicionistas deste paiz. O Sr. Antonio Prado, ex-ministro do gabinete 5 de Agosto, chefe incontestavel do partido conservador na provincia de S. Paulo, presidente da assembléa da mesma provincia, declarou ha poucos dias que o Sr. Cotegipe tinha um projecto de extincção immediata da escravidão... Quando os abolicionistas, supponho, não se descontentariam se fosse approved um projecto extinguindo a escravidão em 89, anniversario da grande revolução franceza, (já dizer do mundo), eis que o mais intransigente de seus adversarios vai além de seus desejos, fazendo-o immediatamente. Verdade é que tantas coisas têm sido vistas...

O Sr. Moreira de Barros não está abi? Aquelle homemzinho feroz, quasi do tamanho do tympano, que tangia quando presidente da camara dos deputados, não tomou assim subitamente as proporções de gigante? O Cinabro caprichoso e intratavel não se fez, repetindo sinceramente o —*poeniet me*— um benemerito entre os benemeritos? Quem sabe se o barão de Cotegipe quer seguir-lhe os passos?

Para mim, o barão é antes de tudo um verdadeiro —*alho*, mas um alho que vale por uma restea delles. Haja vista a escolha senatorial do Rio, em que elle, codilhado na pessoa do seu candidato, attribuiu essa escolha como feitura exclusiva do throno, sem a menor intervenção do governo.

Agora abi está a lista de Minas: vem nella o nome do Sr. Cesario Alvim, candidato que, a ser feita justiça, deve ser o preferido. Não intervirá agora o presidente do conselho? Eu, no seu caso, não intervinha para mostrar que não tinha medo, e que, a respeito de palavra era como Epaminondas.

Houve um suicidio muito notavel, não tanto pela: circunstancias em

foi executado, como pelas condições de quem executou. Effectivamente: o suicida foi uma criança de 14 annos.

Quatorze annos! Quantas reflexões philosophicas poderiam ser feitas sobre a indole, o caracter, o sentimento desta criança que, na quadra mais bella da vida, na época das aspirações, aperta uma corda á garganta e procura a morte, asphyxiando-se! Quantas cogitações nos poderiam atravessar o espirito, si o facto não fosse por si só tão lamentavel e triste, que diante delle emmudeça a voz mais eloquente, vacille o espirito mais calmo e mais forte?

Nas *Allucinações*, esplendido trabalho inaugural, apresentado á Escola de Medicina pelo Dr. Alberto Conrado, talvez que se encontrasse alguma cousa que tivesse bastante applicação neste caso de suicidio. Abi ver-se-ia que, talvez, essa criança fosse uma allucinada, um caso pathologico, cuja manifestação revelou-se pelo suicidio. Si esse menino vivesse, si nelle se conservasse inculhado o mal, não poderia depois manifestar-se este por forma mais cruel e mais triste? Quem sabe se o suicidio não foi a forma mais benigna por que se revelou a sua lesão cerebral?

Está feita a chronica da semana. Que me releve o leitor, attendendo a que estreio hoje, algum *acanhamento* e *commoção* que se manifestem nas linhas supra.

Termina a semana uma questão de necrologio feito por um distincto jornalista a um amigo que, apesar de seus 76 janeiros, conservou-se sempre elegante, correcto, aprimorado. Eram estes os titulos do finado? Ah! souvenir! souvenir! dormias, porventura? Ou te dispões a pôr de parte todas as *fanfreluches* do teu estylo adocicado para emngar a *Epochá*; esta *Epoca* que tem agora segura as orelhas do *Diario*?

Trata-se de elegancia e tu te calas, falla-se em correção e te conservas em silencio... Já não és mais Souvenir!

GEVE.

## LATET ANGUIS

Não vos fleis muito em flôres:  
Ha no jardim mais ameno  
Junto ao aroma o veneno  
Entre as delicias—as dôres.

Da rosa o espinho pungente  
Por certo é monos nocivo  
Do que o perfume expressivo  
Do philtro, que traz latente.

A cada gota de prata  
Que serve a flôr, se mistura  
Uma complexa tintura  
Que ora alimenta, ora mata.

No calix ás vezes corre  
Convertida em mel, mas vêde:  
Insecto que tenha sêde  
E venha a bebel-a, morre.

Mal sabeis, frageis creanças,  
Que as innocentes capellas,  
Com que, para embellece-las,  
Toucaes as virgíneas tranças,

Que as plantas que cultivastes  
Com vossos fransinos dedos,  
Contem terriveis segredos  
De chimica, em suas hastes.

Mal sabeis (ingenua sorte!)  
Que vossa irmã linda Flora,  
Filha do sol e da aurora,  
E' perida mãe da Morte.

AUGUSTO DE LIMA.

## CIVILIZAÇÃO HYBRIDA

Constantemente dá-se e reproduz-se entre nos uma anomalia muito para ser assigualada.

Um phenomeno caracteristico, symptomatico do pequeno grau de avanço que levamos em nossa singular civilização, que em ultima analyse ainda é ficticia e hybrida.

Procuremos um homologo.

Sabe-se que os enxames de borboletas, por mais bellas e por mais doiradas que ellas sejam, só vivem o tempo bastante para morrer. D'ahi, considerar-se o mimoso lepidoptero como o symbolo vivo da inconstancia e da volubildade.

Pois bem: entre nos a arte é uma borboleta.

Como tal, pôde ter passado pelas successivas metamorphoses de larva e de chrysalida, mas só integra a sua evolução precisamente para desintegrar-se acto continuo.

No Brazil a vida artistica, a vida litteraria, na accepção genuina da expressão, não figura no rol das utopias pela consoladora razão de quasi fluctuar ao nivel do ridiculo.

Quando muito concede-se-lhe a fortuna de vagir.

A inclemencia deletéria de um ambiente moral confinado; a azafama um tanto grotesca do progresso de cobolas que, honra lhe seja, já chegou á marayilha de enantecer; a mortalla denominada indifferença publica e o esquite chamado egoismo individual; a nunca assaz famigerada ignorancia das *camadas sociaes*; o esphacelo dos proprios elementos de arte, refractos e dispersos pela immensa região do paiz; tu lo isso e quejandas causas chegaram a por no producto das aspirações litterarias desta terra um zero pyramidal.

Mas isso não é tudo.

Roma deu-nos a civilização antiga representada em Cesar e o novo imperio do Occidente deu-nos a civilização feudal figurada em Carlos Magno.

Pois tambem a alchimia não nos podendo arranjar a famosa pedra philosophal para o duplo fim de engarrafar a nossa bella juventude eterna e de transmutar todos os metaes no fulvo metal que o mundo rege, acertou de nos presentear pelo orgão respeitavel do senhor Razi com o que ella encontrou de mais catholico: o acido sulphurico ou H<sup>2</sup>SO<sup>4</sup>.

E dicto e feito.

O que é certo é que a tal descoberta estava destinada, mais dias menos dias, a riscar do mundo a bussola, a polvora, a imprensa e todos os grandes recursos de que a actividade humana tem lançado mão para expandir-se, como de alavancas, e hoje dá o grau de progresso material de um povo no conflicto da civilização.

E', pois, sm nome da civilização, do

acido eulphurico e do carbono que os eenhores litteratos são intimidados e conjurados a definitivamente abrir mão de suas notaveis panacéas.

Estamos na vida *pratica*: Menenio Agrippa tem a palavra para contar de novo o Apologo dos Membros e do Estomago.

O nosso progresso é um progresso de *bric-à-brac*.

Se quizerdes podemos recitar-vos de côr e salteado um capitulo inteiro de clinica industrial.

E' só pouco? E' só isso ó que sabemos e é só isso o que é preciso saber.

O nariz acaba onde o prato começa. Um limita-se com o outro.

O homem vive só de pão.

A sciencia tem para nós a inestimavel vantagem de andar de rojo, para que não nos transviemos um ponto só da solução pratica de todos os problemas da vida. A theoria evidentemente é uma patada. O empirismo é tudo, é um ovo.

Depois da sciencia vem a industria. Eis ahí os dous polos da vida humana.

A sensibilidade natural não existe, é uma chimera. Os nervos são feitos de mucosas e de musculos.

Conclusão logica: Baumgarten foi um lonco mettido no hospicio de sua Esthetica.

Para que é que serve a esthetica, a philosophia da arte?

Que nos cosste, ainda não serviu até hoje para cousa alguma.

O que então é que desejam os senhores theoristas, os senhores poetas, os senhores litteratos, os senhores criticos? Rhetorica, simplesmente rhetorica.

O mundo vive flagellado pela vorragia do proximo.

Não ha ligação possivel nem correspondencia provavel entre as series subjectivas e as series objectivas da sciencia humana, para que haja theoria.

Não ha enthusiasmo, inspiração, lyrismo, para que haja poetas.

Não ha espirito social a photographar, para que haja litteratos.

E muito menos criterio scientifico, para que tenhamos criticos.

Só aceitamos o que rabeia, o que anda terra a terra.

Felizmente hoje já não poderiam mais existir os taes seculos de Pericles, de Augusto, de Leão X e de Luiz XIV. O 10<sup>o</sup> sim, porque foi o seculo de ferro.

O que é que temos com Homero, com Eschylo, com Sophocles, com Phydias, com Praxiteles?

A que proposito vem Dante, e Miguel Angelo, e Raphael, e Camões, e Tasso, e Shakspeare, e Goethe, e Hugo? e com outros?

Obsessão fatal! Ironia pungente!

Sabe-se que são tres as nossas faculdades cerebraes, as quaes, em ultima analyse podem reduzir-se a uma só—actividades.

Essas tres faculdades constituem fundamentalmente a natureza humena.

O homem só está no gozo o na plenitude de sua força e ds sua liberdads moral quando pods viajar entro ellas a seu talante.

O aperfeiçoadamente maximo da individualidade humana nada mais nada menos é do que o possivel desenvolvimento accorde da intelligencia, da sensibilidade e da actividades. Mas a partir de nossa entidade individual e por uma progressão crescente, constituem-se a entidade collectiva da sociedade, que, por isso mesmo, é um *organismo vivo*, composto de *unidades vivas*.

Assim e analogamente, o desenvolvi-

mento maximo da sociedade, ou a sua civilização, deve ser fatalmente o progresso accorde e simultaneo da sciencia, da arte e da industria.

Fôra disso, tudo é absurdo.

Toda civilização que não representar esse caracter de triplíce alliança e que delle se afastar em linha obliqua, é uma civilização hybrida.

Nesse caso está a nossa.

Não ha hypothese de se fazer isso por menos em quanto a logica não tiver um par de muletas, por isso que em todas as manifestações consciêntes da actividade social, materiaes ou mentaes, praticas ou theoreticas, o que se exige como principio universal de criterio é a fatalidade da logica e a racionalidade da natureza humana.

E' corrente em sociologia que o progresso social pôde desviar-se pela força da intervenção premeditada, mas tambem não é menos corrente que elle jamais será definitivamente transviado.

Em certos casos a intervenção consciêntes pode produzir eclipses parciais na historia modificando o curso normal das cousas e dos acontecimentos e apagando por meio do preconceito e por meio da educação a trajectoria que tinha de ser descripta para que se atingisse uma condição melhor para a humanidade. Mas esse estado anormal é transitorio e pela força mesma de successos posteriores elle tem de ruir por terra.

Ainda bem.

Para que não se cave uma solução de continuidade entre a serie scientifica e a serie industrial, é preciso que se lhes intercale pela ordem logica a serie esthetica.

Ellas tres caminham de braço dado, parallelamente, sem discrepancia e sem attrito, numa perfeita e intima correlação de intuitos e de fins, respectivamente.

Proscrever qualquer uma dellas seria amputar o genero humano e deitar pela janella fóra o immenso patrimonio material e moral que muitos seculos de luctas tem accumulado vasculhando no chaos das trevas a materia prima da luz.

A uma civilização hybrida oppõe-se uma civilização racional, e aquella em face desta é sempre uma contradicção flagrante pelo seu movimento retrogrado.

A passagem ascencional do homogeneo para o heterogeneo, a consequente divisão de trabalho e a successiva differenciação de funções, sempre no equilibrio condicional da ordem, eis o modo perfeito como realiza a sua evolução o progresso humano, o progresso universal.

CANDIDO JUCA'



#### A poesia em suas relações com a função genésica

Não ha duvida que uma irradiação vai pelo universo, exaltando, de horizonte em horizonte, o movimento e integrando a vida; e não foi se não por uma especie de antecipação do espirito inoderno, que o poeta da *Divina Comedia* attribuiu toda a direcção da machina celeste á contracção do amor—daquelle

*Che tuto muove,  
Per l'universo penetra; a risplende  
In una parte più e meno altrove.*

Com effeito, quem ó que, atten lendo ao espectáculo da vida com o espirito

preparado pela synthese; quem é que, abandonando por um instante essa familiaridade obscurecedora da vida pratica e diurna, não reconhecera incógniti que tudo neste mundo se reduz a uma successão de polarisações, e que essa machina insondavel, de que somos diminuta parte, é o producto de uma contracção da materia?

Bastaria que esse facto podesse traduzir-se directamente em uma expansão de ordem inteiramente psychica para que a poesia estivesse explicada como a propria ordem do universo. Não ha observador, por mais fraco que seja, que não se tenha impressionado, mais de uma vez, com a vibração que percorre a região do seu habitat, desde que se manifestam phenomenos atmosfericos depressivos ou vice versa, e que todo ambiente, inclusive as especies vegetaes e animaes e o homem mesmo, entrando no accordo geral, ategram-se, ou enristecem, adolescem ou envelhecem, como se tratasse do qualquer organismo physiologicamente determinado pela sciencia. Não é verdade que em certos momentos a natureza como que entra em uma symphonia? N'um perimetro dado, pelo menos, quando crescem as condições de vitalidade, quando os parenchymas dilatam-se, expandem-se, quando o que bem se pôde chamar o *grande sympathico* da região, permite a exaltação das forças em repouso e das faculdades em acção e coordena a consciencia do lugar, é para mini facto certo que, no conjuncto indielicavel de tudo quanto alli existe, consciêntes ou inconsciêntes, ha um austro indefinivel para o movimento, e raro é que este austro, desprendendo-se em um *crescendo* energico, não se traduza por lú nas manifestações luminosas do sentimento da *solidariedade terrestre*. Quantos poetas não tem sentido, embora vagamente, a presença dessa onda na multiplicidade dos phenomenos exteriores; quantos outros não tem mesmo descripto, com variada nomenclatura e imagens abstruzas, as oscilações dessa electrisação, as cambiantes dessa portentosa circulação de vida!

Entretanto o que é exacto é que um só atomo, uma só molecula, um só vivente não escapa a esse movimento clinico; e momentos ha, em que, por uma especie de hyperestesia dos nossos sentidos, acompanhando a escala zoológica em toda sua extensão chegamos, com um pequeno esforço de attenção, a discernir todas as gradações daquelle *crescendo*, desde as manifestações automaticas dos mais baixos representantes da especie, até as rutilantes elações do genio do homem, que, sentindo a força, projecta-se na linha indefinida das aspirações de augmento e de capacidade cerebral, como um instrumento complexo e timbrado a repercutir todos os sons e adesferir todas as harmonias imaginaveis.

Estes phen menos, todavia, referem-se ao estado physiologico da machina humana e ao equilibrio da machina universal em sua coincidência com todos os movimentos que a ella se subordinam.

Antes, porém, de passar adiante, não seria fora de proposito lançar as vistas ligeiramente para o avesso da medalha, e considerar a parte nocturna do assumpto, isto é, aquillo que pode-se propriamente classificar como excepções ostas ao movimento como embaraços

de integração, ou melhor — como casos de retroacção na marcha parabolica da vida. Quero referir-me a teratologia do amor — aquillo que, applicado ao universo, se poderia chamar *lei da intercorrença* diffusa, e que, limitada ao homem, denomina-se *erotismo*.

Binet em um recente trabalho intitulado *o Fetichismo no amor*, (\*) tratando da especie com rara felicidade designa sob o nome de *ruminantes eroticos* os individuos que, perdendo a noção equilibrada da força, cedendo de mais em mais a propulsão vital, hypertrophiam toda a sua acção na directiz de uma tendencia exclusiva, e muitas vezes em uma subdivisão dynamizada dessa tendencia, chegando aos productos de ordem psychica os mais extravagantes, que se possam prever.

« Haveria, diz este autor, um interesse immenso em mostrar como certas pessoas conseguem satisfazer as suas necessidades geniticas construindo e amontoando na cabeça os mais disparatados romances de amor, substituindo uma sensação por uma imagem, em consequencia de não poderem permitir-se a sensação que acompanha a aproximação sexual. » Não ha quem desconheça os episodios de D. Ceazar de Bazar a degustar cartas de namoro que não lhe foram dirigidas ou a aspirar voluptuosamente as emanações do uma cozinha cujos acápices não lhe chegarão aos labios; o desde o hypocondriaco, citado em mais de um livro de observações clinicas, que, indifferente a mulher propriamente dita, se entregava aos maiores delirios eroticos apenas via os pregos de uma botina de senhora a Luiz XV desde os possessos de *carpophagia* os fetichistas dos olhos, os adoradores de mãos delicadas, os fanaticos por pés mignons, até os idealistas ou grandes fetichistas symptomaticos, taes como Abeillard, Tasso, S. Thereza, J. J. Rousseau e outros muitos delirantes, de que fallam os annaopathologicos dos nevrosiacos, encontra-se uma successão de nuanças, em que facilmente se conteriam muitas hypotheses, muitos casos, que, quer na vida commum, quer na litteraria, andam por ali a exigir da critica uma classificação muito differente daquella com que ainda hoje se apavonam.

Não é o erotismo que reside a poesia, nem nas deliquescencias, nem nas depravações da natureza; como tambem não é o pessimismo que se ha de procurar o diapasão da esthetica contemporanea.

(\*) *Revue philosophique*; fasc. de set., 1887.

ARARIPE JUNIOR.

#### O DIA DESEJADO

Lá vem, depois de tantos, esse dia  
Tão desejado, em que, por fim, te vejo  
Minha e no desejo meu se une o desejo  
Que, intuitivo e vago, o teu amor nutria.

Abracemo-nos doudos de alegria.  
Beijamo-nos... Que doce o rumorejo  
Por nossos labios do primeiro beijo  
Repassado de calida harmonia!

A meu braço te vás caminho em fóra  
Da vida. Em flores nos festeja aberto  
O campo, em luzes nos festeja a aurora;

Mas de tanta ventura duvidamos,  
E, olhos postos no céu, vendo-o deserto,  
Vemos que é sonho o dia que esperamos

ALBERTO DE OLIVEIRA.

## GALERIA ALEGRE

I

O TELHA

Não é Telha — é nma tulha de graça  
Muito fino no espirito e muito grosso  
no corpo, muito leve no estylo e muito  
pesado de membros.

Tem graça e graise — tem Macaquinhos  
no Sotão e macacoas ás vezes.  
Dizem que o seu coração é enorme —  
não pode ser maior do que a cabeça —  
ama e affirmam que é um iman.

Adora as telas e para telas dá tudo.  
Tem muito gosto e gasta muito por  
isso de Agosto em diante é um inverno  
de suor.

Escreve as Notas Politicas e brinca  
como uma criança com os Macaquinhos  
que são os seus leaes companheiros.

Tem apenas um desgosto: — o de não  
ser magro como o *Varias*.

De resto bom typo.

II

O VARIAS

E' uma avaria. Parece feito de espuma...  
de sabão caboclo. E' imperpigado e branco  
chega a ser transparente. Anda com um  
paletot que parece um sudareo.

De longe parece uma couve-flór em  
conserva. De perto é um espargo.

Fez versos quando Noé começou a arca.  
Dizem que toma a serio o amor.  
Em pequeno recitou ao piano.

Ceia cangica.

Adora o Armando Sylvestre e não  
admitte litteratura no paiz.

Zangar-se! nunca se *amofina*...

MACIE.

## POETAS MINEIROS

III

BASILIO DA GAMA

Vamo-nos hoje occupar, postoque  
succintamente, com um illustre contemporaneo  
de Durão, de Antonio Diniz da Cruz e Silva,  
de Pedro Antonio Corrêa Garção: vamo-nos  
referir ao auctor do poema heroico *Uruguay*.

Continuador da escola iniciada por  
Frei José Durão, foi este poeta o que  
melhor, depois de Luiz de Camões o  
antes de Filinto Elysio, conheceu e  
poz em pratica todos os segredos da  
barmonia imitativa; por isso muito  
têm que aprender os cultores da boa  
poesia em sua lição, aos quaes a recomendo  
como a de um classico. (1)

A trilha aberta pelo auctor do *Caramarú*  
foi-lhe ensejo para proseguir imperterrito  
na jornada da poesia americana. E a prova  
de que caminhou altaneiro, glorioso, perlustrando  
sua passagem, ali a temos com a publicação  
do *Uruguay*.

José Basilio da Gama, filho do capitão-mór  
Manoel da Costa Villas Boas e de D. Quiteria  
Ignacia da Gama, nasceu em S. José do Rio  
das Mortes no anno de 1740 e falleceu em  
Lisboa a 31 de Julho de 1785.

Occupou posição saliente na sociedade,  
sendo nomeado official da secretaria do  
marquês de Pombal, então primeiro ministro,  
a 25 de Junho de 1774, e escudeiro-fidalgo da  
casa real por alvará de 6 de Agosto de 1787.  
Alem de cavalleiro da ordem de S. Thiago;  
foi socio da Arcadia Romana desde 1763,

(1) Sotero dos Reis, *Litteratura*, tomo IV,  
pag. 201.

eob o pseudonymo de *Termindo Sipiño*, e correspondente da Academia Real de Sciencias, de Lisboa, desde 11 de Fevereiro de 1795, isto é, pouco tempo antes da sua morte.

Desprovido de meios que o ajudassem nos estudos, foi José Basilio educado no collegio instituido pelos jesuitas no Rio de Janeiro e a expensas destes mesmos religiosos. Tal desenvolvimento demonstrou em os seus estudos, que os padres da Companhia cuidaram desde logo de o attrair á sua ordem. Não seriam elles tão papalvos que deixassem por ali a perder uma intelligencia aproveitavel ao serviço de sua causa, da causa sempre santa de seus lucrativos interesses. Foi, portanto, lançada a roupeta nos hombros de José Basilio. Mas ah! muito em tempo chegou á côrte o decreto que extinguiu a portentosa Companhia de Jesus! Muito a calhar chegou o veredicto abençoado que destronava Torquemada, abatia os principios egoisticos de Ignacio de Loyola, para vingar os supplicios de Antonio José da Silva, de João Hus, de Giordano Bruno e de tantos outros! Após a dissolução da sociedade, teve o poeta de optar por uma modesta congrua, continuando contudo, seus estudos com novos mestres, livre dos balandraus e do mando assás oppressivo daquelles padres, posteadade unica até então reconhecida como tal em todos os Brazis.

Concluidos que foram os seus estudos, seguiu o joven ex-jesuita para Roma, no intuito de se aperfeiçoar nas bellas letras. Em a metropole do Orbe Christão cursou a litteratura italiana, e, por uma distincção ao seu riquissimo talento, mereceu ser admittido na Arcadia Romana. Depois de haver occupado uma cadeira de lente em certo seminario, passou de Roma para Napoléese, de lá para Lisboa, a fim de voltar á patria que tanto estremecia. Mas, triste decepção! o seu regresso lhe guardava duros dissabores. Em chegando ao Rio de Janeiro a intriga para logo tratou de o denunciar como jesuita, e sendo preso foi enviado para a capital portugueza, onde o tribunal da inconfiança o esperava com suas garas aduncas a fim de, depois de julgado, ser enviado para Angola.

«Nesta extremidade recorreu o poeta á sua musa, e fez um soberbo epithalamio, em que, entre os louvores que tributou ao marquez pela reedificação de Lisboa, applaudiu a queda dos jesuitas. Esta poesia valeu-lhe não só a graça do marquez, (2) que, reconhecendo-lhe o talento, e sobretudo quanto podia servir para a justificação de sua politica um ex-jesuita, que reprovava os planos ambiciosos de seus confrades, começou a tratá-lo com affabilidade e distincção.» (3).

Grato ao estímulo do ministro de D. José I, José Basilio resolveu concluir o seu poema, que já havia d'antes esboçado, e cujo assumpto era a obediencia ao governo portuguez dos povos de Missões, ou a extincção do poderio jesuitico naquellas terras. A conclusão do *Uruguay* deve o poeta a illimitada confiança de Pombal, que o fez official da secretaria, e depois conseguiu sua nomeação para o cargo de esculdeiro-fidalgo, signal certo de que á piedosa D. Maria I tambem não deixou-se desagradar.

LAFAYETE DE TOLEDO

(2) Refere-se ao marquez de Pombal.  
(3) Sotero dos Reis, *Litteratura*, tomo LV, pag. 204.

## DESEJO SANTO

Vem! Como a noite é fria e longa!... Atroz inverno!  
Meu leito guarda ainda o teu logar vazio;  
Vem, pois! Sé minha noiva! Arranca-me este inferno  
de um desejar sem fim, de um negro desvario!

Vsm! Dá-me a tua mão! o teu amor tão terno,  
que não sei quem formou tão puro e tão macio!  
Vem, formosa, estancar este gemer eterno  
de um coração que é teu, que a mais ninguém confio!

Serás a boa amiga, a estrella companheira  
no umbroso tactear da existencia — profundo  
abysmo em que me engolfo em lucta passageira

Serás a minha santa! o meu amor fecundo,  
a luz que tanto anhele e que a existencia inteira  
ha de me illuminar na escuridão do mundo!

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

## HYSTERICA I

ELECTRICOS

Passara o dia aborrecida. Uma negra tristeza esmagava-lhe o coração. Não quizera almoçar. Ao jantar tomara apenas uma aza e algumas gottas de vinho do Rueno. De quando em vez, por todo o seu corpo, corria um estremecimento, como um sopro rapido pela superficie do tanque.

Tudo lhe parecia indifferente: o seu canario, o seu piano, as suas flores. Por vezes abriu um livro e tentou ler. Seus olhos resvalavam sobre as paginas, e nenhuma idéa prendia-lhe a attenção. Uma distracção invencível! E tudo por causa de uma maldicta historia, que lhe contavam pela manhã quando fora ao leite...

Já outro dia passara mal, com uma horrivel crise de nervos, por causa de uma historia semelhante... Não sabia para que lhe contavam cousas desta ordem, que lhe faziam tanto mal!

Mas tambem o seu noivo era o seu noivo; e pois não tinha que andar por ahí a fazer a corte a cantoras! Era massante isto! Elle bem devia saber quanto é doloroso para uma mulher ver o eleito de seu amor bateado, exposto... Quizera-o n'uma grande elevação, a quo só ella, ella sómente, podesse attingir com a sua irradiação. Era ciume? Mas neste caso o ciume é uma cousa bem elevada; é uma alvura que tem horror ás nodoas; é uma aza que se debate para fugir á lia, para escapar á vasa. Ella defendia o seu sonho, nada mais. E tinha razão. Amava elle o cantô, a musica? E não era ella tão eximia cantora? não tinha sua educação tão completa? não era formosa? não o amava com toda a vehemencia do seu systema nervoso, do seu temperamento fortemente impressionavel? Que mais queria? que mais aspirava?...

E ella sentiu então nma tão forte vibração interna, que por pouco não deixou escapar um grito. Retirou-se da saccada com grande oppresão. A luz do gaz da rua sombria incommodava-a. Uma impaciencia mortal estava em todo o seu ser. Sentia-se inimiga de todas as cousas que a cercavam; acha-

va-se má; desejava fugir para bem longe, para onde ninguém a visse; para a morte talvez...

Tinha contudo uma idéa fixa que sobrenadava a toda essa tempestade intima, não como farol, não como uma estrella por cima da borrasca; mas como o vulto obstinado e cheio de sombras do cachopo, sempre immovel, sempre identico, no seio mesmo do marulho.

Era a historia que uma maliciosa contou-lhe dos seu noivo com a Paoli, a cantora da moda! Isto exasperava-a terrivelmente. Queria vel-o para expor-lhe em phrase acerba todo o seu máu proceder, despresal-o; restituirlhe a sua palavra; esquecel-o, esquecel-o!

Soffria uma necessidade doentia, inadiavel, de desabafar-se, de sacudir de sobre o seu coração aquella accumulção de amarguras, que desde pela manhã invenavam-lhe a vida!

Havia uma hora que o esperava; a sua impaciencia recrescia, e dentro da sua alma uma oppresão, como de mil athmospheras, esmagava, moia as fontes do seu ser. Era uma especie de affogo!

— Que impaciencia, meu Deus! E batia com o pé, frenetica, quasi desviada!

Sete horas, oito horas! Afinal sóbe alguem a escada. O coração deu-lhe uma forte paucada.

Chio de sorrisos, com o olhar brilhante, feliz, entrou na sala um rapaz de agradável apparencia, vestido á inglaterra, com uma grande flôr branca na botteira.

Elle recebe-o com tristeza. O sorriso apagou-se nos labios do rapaz. Com a voz mais doce que elle encontrou na gamma de sua garganta supplicou:

— Maria! o que tens tu, meu amor? A moça desatou a chorar sem dizer palavra.

Elle veixou-se muito: quiz chamar alguem, mas ella oppoz-se com um gesto. Silencio. Depois levantou os olhos para elle n'um movimento irreflectido e ficou a fital-o desvairada.

O rapaz, assustado, gritou pela mão d'ella, que estava na sala proxima; mas a sua voz mal tinha virado, quando

a rapariga srgueu-se violentamente, com a mão crispada a comprimir o seio, os olhos grandemnts abertos n'uma expressão louca, e soltou um grito nervoso e rispido, grito de quem se affoga, o qual encheu de um sstrremecimento a sala, a casa toda, fugiu pelas escadas, irrompeu pelas janellas até fóra, na rua.

Todos que ouviram-o tiveram um sobresalto.

Elle procurou amparal-a, mas a infeliz repelli-o com um desabrimento nervoso que o constrangeu.

— Ah!... gritou ainda a pobresinha e estendeu-se redondamente no tapete em violentas convulsões.

A luz do gaz, eobre o fundo vermelho da alcatafia, ella, vestida de branco, estendida ao chão, parecia uma rola ferida e agonisante,

Na desordem de movimentos mais de um encanto desvendou-se.

O rapaz tinha-se retirado para outra sala, discretamente.

Levaram-a para a alcova. Desaper-taram-lhe as roupas, vestiram-lhe um penteador e fricionaram-lhe o peito, os braços com perfumes que impunham o ar da sala. Longo tempo durou a crise, que foi terrivel. As convulsões foram a pouco e pouco desaparecendo: por fim sobreveio uma grande prostração, uma especie de modorra, que mais era um relaxamento dos nervos fortemente excitados, do que somno reparador.

Estava etretanto formosissima assim, com aquelle ar de simimorta, a cabecinha de passaro doente mettida nas rendas do travesseiro, o braço roliço e branco pendido num canção mortal.

Ella era pequena e muito alva; uma creaturinha nervosa e delicada.

Tinha uns movimentos felinos nervosamente rythmados, e uma pureza canora do pintacilgo.

Vião-se-lhe na face pallida uns longes de resa, que trajão a recondita lesão. A roda dos bellissimos olhos de corsa tenue sombra de lyrio punha na sua belleza os tons de um romantismo a 1890.

Na pureza da immaculada bocca sentia-se o indefinivel adejar de uma elegia. Era como a tristoza ideal de estrella escondida e solitaria no fundo obscuro dos céos.

Pobresinha! Ainda na noite anterior estivera em casa do Dr. L. Foi nessa occasião que eu tive de vel-a.

O seu noivo, um rapaz, que acaba de cursar direito, espirituoso, alegre, o mesmo que estava agora ali na sala visinha, levou-me pela mão até junto della e apresentou-me.

Achei-a muito amavel, muito original nas suas observações, de uma intelligencia scintillante. Notei porem no seu olhar um que de incerto as vezes. Havia ao canto da bocca, ao fallar, uma covinha de encanto adoravel. Um tic facieiro: simicerrar os olhos para accentuar a phrase. Quando fallava, a perola dos dentes brilhava rapidamente entre a polpa nacarada dos labios. A sua falla era de uma sonoridade harmoniosa de gorgeio, branda e suavissima, como uma cascata de sonhos...

Esteve longo tempo a ouvir-a. Depois vieram buscal-a para o piano. Era uma celebridade essa menina!

Cantou no meio de um silencio cheio de emoções um trecho do Salvator Rosa.

A voz clara, timbrada, extensa, tinha

todas as nuances do sentimento que interpretava. Obteve um triumpho: a sala toda, commovida, applaudo.

Mal sabia a desventurada que dentro de poucas horas todas aquellas felicitações podião transformar-se em um sorriso de piedade para a sua desgraça!

Pobresinha! Agora, alli, no leito a sua garganta encantada tinha a mudez de um *stradivarius* abandonado. Aquella bocca era silenciosa, deserta como a caçoila de que fugira a essencia divina. Bella estatua desfallida!

A mãe, sentada ao pé do leito, tinha entre as suas a mão da filha.

Reinava, em toda casa, um silencio attento.

O pae, na sala, olhava muito triste para o gaz, enquanto o noivo da pobre Maria, meditava encostado á varanda.

Ella, a infeliz menina, socegara; parecia adormecida. Apenas por intervallos, passava um estremecimento, uma especie de espasmo, por todo o seu corpo.

De repente, porem, ergueo-se a meio; apertou fortemente a mão de sua mãe e disse loucamente:

— Não posso... Elle não gosta de ouvir-me... Para que cantar?...

A pobre senhora ficou transida! Sua filha naquelle estado... Procurou redim-la de novo, acariciando-a. Ella, cedeu. Um instante depois:

— Pois bem! Hei de mostrar-lhe... Então viu-se uma couza estranha e dolorosa.

A moça ergueu-se do leito, n'um movimento nervoso, muito pallida; e de pé, junto ao leito, os cabelos soltos, o penteador em desalinho, o braço estendido, os olhos no espaço, tragica, como uma vocação entrou a canção do *Salvator Rosa*:

Mia ptecerella, deh! viene allo mare.

E quando gorgoeu a ultima copla—

Sul mare è il paraizo,  
Sul mare io vuó morir!

Pendeu, como uma flor, no regaço da pobre mãe, enquanto o pae e o noivo soluçavão á seus pés desesperadamente.

LAHORE.

## JUDITH

(Inspirações da «Madona do Campo Santo» conto de Fialho de Almeida)

Era uma flor, e consumia as flores;  
Era uma rosa, e mastigava as rosas;  
Tinba na face bistericos falares,  
E n'alma tinha erupções radiosas.

Não sei... Mas acho que bebia aromas  
Em vez de os labios mergulhar em agua;  
Trahia a dor de uma infinita magua  
No arfar veloz das delicadas pomas.

Como era humsna e ao mesmo tempo etberea  
Ah! Como ria a mascara funeroa  
Da sua face, olympicamente bella,

Quando ella via uma roseira branca!...  
Pobre! Era então que uma alegria franca  
Punha arreboes no doce rosto della!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR

## IDYLLIO AGRESTE

### I

A alguns kilometros da fôz do Sapucaby-mirim, para o lado oriental, junto a uma bella propriedade rural graciosamente emoldurada em um circulo de montanhas, via-se a caminhar pelo macadam da sinuosa estrada que conduzia á rustica vivenda, um moço vestido a paisana com elegancia, mas sem affectação.

O caminho desdobrava-se até uma extensão interminavel, ora por entre as avelludadas alfombras, que orlavam a margem do rio, ora a serpear por sobre o dorso de montanhas cobertas da mais opulenta e exuberante vegetação. Começava o horizonte a tingir-se com todos os aureos cambiantes de luz crepuscular, quando elle conseguiu galgar o cume, algum tanto agudo, de uma collina de consideravel altura, o que tornava-a mais proeminente do que as outras circunjacentes. Nesse aprazivel local parecia reinar uma eterna primavera luminosa.

Alli os festões verdes, esmaltados por milnosas flores de variegado matiz, formavam doceis delicadamente rendilbados, á sombra das arvores collossaes que os abrigavam.

Nada, porém, era comparavel á vista grandiosa e imponente da aprazivel paisagem alpestre, que d'alli se gozava n'um ambiente saturado dos mais suaves e deliciosos perfumes. No espaço comprehendido entre as montanhas e os vrzeados distendiam-se florestas dilatadas em ondulações gradativas por montes, por valles e por altas ribanceiras, até perderem-se no ponto em que a vista já não podia abranger.

Orhystallinas cascatas se despenhavam dos montes e iam espraír as suas aguas, ora suavemente pelas campinas em alveos de finas areias, orlados de tufas de verdura; ora revoltas, rolavam impetuosas pelos penbascos sussurrantes na sua impotente furia, até sumirem-se nos intimos recessos de grotas mysteriosas e profundas. E lá ao longe, muito longe, alvejante por entre o verde lustroso das Iaranjeiras e dos limoeiros, destacava-se em uma amenissima situação, a agraciosa habitação d'onde o moço parecia ter vindo. O sol já quasi occulto dou-rava com os seus ultimos fulgores, de um ouro pallido as proeminencias das serras, ao passo que sorgue-se do fundo dos varzados allumiados por luz esbatida, uma sombra demasiado intensa que lentamente ia invadindo toda a paisagem. O moço que parecia ter-se esquecido de proseguir o seu caminho, deteve se extatico, como se realmente o deslumbrasse o panorama esplendido que tinha ante os olhos, o qual entretanto elle não via, tão absorto estava nas suas tristes cogitações.

Genesio, era o seu nome, em extremo fatigado sentou-se sobre uma pequena pedra musgosa, collocando junto ao tronco de vigorosa palmeira a sua espingarda de caça, da qual ainda se não tinha servido, e nntes pelo contrario d'ella se esquecera completamente, sem embargo de tel-a consigo toda aquella tarde.

Elle era alto, magro, tinha os cabelos e o bigode pretos, a fronte elevada, pensativa e sulcada por signaes quasi imperceptives que pareciam rugas. Nos seus labios assáz descoloridos, pairava um constante sorriso algum tanto des-

denboso que á primeira vista tornava-o pouco sympathico e atrahente.

Quem o observasse porém detidamente, veria na vaga expressão dos seus grandes olhos negros scintillantes, o quer que seja de suave e de mysterioso que prendia e captivava a attenção.

Nas feições desfeitas e sombrias do moço, divisava-se uma extranha expressão de profundo desgosto.

Com a cabeça curvada sobre o peito, meditavn tristemente, em quanto a suavissima melodia d'um sabiá pousado sobre a palmeira vizinha, ecoava-lhe aos ouvidos como uma harmonia extranha; parecendo-lhe que as vibrações d'aquelle canto dulcissimo, reviviam lhe n'alma todas as angustias.

### II

Genesio era orphão, nunca, gozara das santas affeições da familia, e nem mesmo conhecera os seus pais. Desde muito criança foi entregue a um tio fazendeiro opulento, a quem tudo devia.

O tio Vasconcellos, tendo em mira fazer do sobrinbo, a quem sinceramente estimava, o esposo de sua unica filha, bem depressa o enviou a um collegio distante, e pouco tempo depois a Coimbra, onde elle recebeu o gráu de bacharel. Segregado da convivencia dos parentes, acostumado a viver sempre só, a concentrar em si todas as suas impressões, Genesio adquirira o habito da solidão e do isolamento, o que tornara-o um pouco selvatico. Mas atravez da timidez desconfiada do seu caracter excentrico e concentrado, o tio Vasconcellos reconhecera a nobreza e lealdade da alma generosa e boa do sobrinbo, e sentia-se feliz á lembrança de vel-o brevemente ligado á sua querida Olivia. Desde que lhe morrera nos braços a esposa, todo o seu affecto concentrou-se exclusivamente na filha, que resumia em si o seu universo. Essa graciosa creança de olhos negros, labios nacarados, que desabrochava livremente com toda a exuberante florescencia da sua mocidade; aos quinze annos revoltava ainda pela casa alegre, travessa a sorrir, a sorrir sempre com a angelica e ineffavel candura d'um cherubim de Guido. Nam a perspectiva do seu proximo casamento, nem a presença do primo bacharel a quem desde a infancia habituaram-n'a a reconhecer por noivo, nada emfim impedia-lhe de brincar descuidosa pelo jardim ou pelos prados correndo apóz as borboletas multicores.

O tio Vasconcellos desejava vel-a um pouco mais grave e seria ao pé do noivo; mas ella é que não estava disposta a desfazer-se dos seus habitos de criança.

Muitas vezes a passeio em volta das plautações, esquecia-se de repente em presença do noivo dos ademanes de senhora, que affectava para agradar ao pae, e pelo mais insignificante insecto, pela mais simples flor sylvestre, galgava destimida as gargantas dos despenhadeiros, soltando uma gargalhada argentina e doce ao ver os sustos do pae, e a sollicitude do noivo que apressava-se em entender-lhe a mão, como se receiasse a sua queda. A alma ingenua e bondosa da menina desenvolvia-se com todas as bellas qualidades, apazar dos mimos e da excessiva indulgencia do pae, obdiente a todos os seus caprichos.

E' cousa siugular, aquella menina

acostumada á athmosfera do luxo, rodeiada da admiração e lisonjas de todos que a cercavam, jámais e lembra de assumir esse ar desdenhoso e superior, tão commum á nnelles que veem sempre advinhados e satisfeitos todos os seus desejos. O noivo julgava amal-a, e considerava-se feliz a contemplar a suavidade tranquilla da graciosa menina, em cujo semblante irradiava a alegria descuidosa da idade dos sonhos e das illusões.

### III

Estavam as cousas n'este ponto, quando um amigo de Vasconcellos, residente na cidade de Campanba, ficou vivo, e sendo-lhe preciso emprebender uma longa viagem foi obrigado a confiar-lhe a sua filha Evangelina, até o seu regresso. A moça era afilhada do pai de Olivia, e tres annos apénas maie velba do que ella.

As duas orphãs apezar da diversidade de idades e temperamentos, não tardarão a unir-se estreitamente ligadas pelos doces vinculos de irresistivel sympathy. Airosa, flexivel e aerea como as virgens de Schuler, Evangelina era de uma consistencia debil e nervosa. E se o destino collocara-a em situação diversa da amiga quanto aos bens da fortuna, em compensação dotara-a amplamente com todos os dons da belleza e graças do espirito.

O rosto d'um oval fino, era puro como o lyrio, emolduravam-n'o os aneis abundantes dos seus cabelos louros e sedosos. No limpido fulgor dos seus grandes olhos azuis e scismadores, reflectia-se a adoravel candura, a simplicidade desprerenciosa e ingenua d'alma pura como as candidas rosas de Corinto.

Quando Genesio a viu pela primeira vez, ella executava ao piano, uma d'essas tristes melodias de Pergoreze.

A sua organização nimamente debil como a da sensitiva, parecia soffrer então uma forte emoção; é que os sons harmoniosos do instrumento, traziam-lhe á lembrança saudades da mãe que acabava de perder, e por quem ainda vestia lucto pesado.

A notavel belleza da moça, produzio em Genesio uma profunda impressão, uma d'essas impressões que se recebe uma unica vez na vida— e nunca mais se apaga. Quando Evangelina ergueu-se do piano com os olhos marejados de lagrimas, encontrou-se com Genesio. O olhar de ambos crusou-se como um relampago, e n'aquellas duas almas que se encontravam pela vez primeira na vida, passou o que quer de mysterioso; porque instinctivamente estremeceram e abaixaram os olhos. Evangelina por uma d'essas singulares intuições que Deus concede a certos espiritos privilegiaes, tudo advinhara, sentindo-se ao mesmo tempo ferida por uma cruel apprehensão.

«O coração da mulher, diz Octavio Feuillet, é um orgão infinitamente mais delicado que o do homem. Parece que a sua sensibilidade sempre tendida e vibrante é avisada por fluidos mysteriosos, fazendo-a advinhar antes de terem comprehendido. « Quanto a Genesio, lembrando-se da palavra que dera ao tio, e incapaz de transigr com as promessas feitas á noiva, resolveu á todo o custo suffocar os germens da sua recente inclinação. Sentindo instinctivamente a impe-

riosa necessidade da solidão, fugia sempre da casa do tio, evitando-a o mais que lhe era possível, mostrando-se em extremo frio e reservado para com Evangelina, e repellente tacitamente toda a occasião que se lhe offeria de fallar-lhe, nos curtos instantes em que ficava a sós com ella. Muitas vezes mesmo no meio da conversação animada e alegre da noiva, que na sua gentil garridice e quasi infantil loquacidade lhe ia descobrindo todos os bellos predicados que tanto distinguem a amiga, elle arrastado por uma indifinivel melancolia, ficava longo tempo em silencio, a fitar tristemente as formosas nuvens que esmaltavam a cupula celeste, a interrogar sem duvida os arcanos das regiões ignotas do infinito. A ingenua menina acostumada ás excentricidades do noivo, sempre tão calado, tão frio nem de leve suspeitava a mudança d'aquelle coração que já lhe não pertencia.

ANALIA FRANCO.

(Continúa)

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

CONTEMPORANEAS

Lemos de um folego o mimoso livro com que fomos brindado pelo delicado poeta Augusto de Lima.

É um livro synthese—a vitrine de todas as joias da alma artistica do moço. Uma harmonia pereune canta em todas as paginas.

Aqui no esconso montal de rosas o bandurreiro lyrico de uma guala terna, ferido por delicados dedos finos, acolá o estrepito clangoroso das fanfarras fortes reboando pelas quebradas ou levantando um barulho heroico no grande silencio verde.

No perystilo do livro a gente encontra uma theoria de sombras mysteriosas, a psyché vibrante do poeta—todas as illusões em ala funebre, todo o passado do coração de sentinella.

Vai-se passando de petala em petala até que se encontra a plena grandeza, a alma forte, a grande força do poeta nos versos retumbantes, fecundos de luz e de inspiração, bellos no colorido, grandes na concepção, purissimos no alcance. Assim nos *Ferreiros* a par do muito ouro e da musica do soneto, sobe e cresce e enche todos os versos o cycloptico bater do malho laborioso arrancando chispas do ferro, chispas loucas « orvalho de brazas para a flor luminosa do Porvir.»

O *Inquisidor* é uma outra poesia de feição altiva, valente e correctissima na forma e ao lado dessas grandes estatuas ba miniaturss primorosas, bibelots delicados, quadrinhas e sonetos ternos de uma contextura cellinica e de um colorido alegre.

Não cabe mais em uma noticia leve. O nosso amigo Coelho Netto, no proximo numero, tratará nuunciosamente do livro.

LHA.

## NEM VIVER NEM MORRER

Si foi por mal não sei; sei que fizeste  
Nest'alma grande mal! — fizeste-o quando,  
Indo eu me separar de ti chorando,  
Nos braços teus esta prisão lhe deste...

Talvez que todo o mal me não quizesse  
Fazer-lhe... mas na infancia, os dous brincando,  
Ao teu sorriso fui me acostumando,  
Que tu mesma com elle não pudeste.

Hoje, longe de ti, não sei, querida,  
Nem viver, nem morrer!... Eis como a sorte,  
Aguilha enferrujada, vae perdida

A oeste, a leste, ao sul... jámais ao norte:  
Quero morrer... mas como, sem mais vida?  
Quero viver... mas como, si isto é morte?...

EDMUNDO DE BARROS.

## Geoffroy Rudel e Melisanda de Tripoli

(H. HEINE)

No castello de Blay, nas muralhas, vêm-se ostapetes que a condessa de Tripoli bordára out'rota com as suas industriosas mãos.

Bordára n'elles toda a sua alma e lagrimas de amor enospáram essas télas de seda que representam a scena seguinte:

Como a condessa avistou Rudel expirante na praia, o reconheceu logo nas suas feições o ideal dos seus desejos.

Rudel viu tambem ahi pela primeira e ultima vez a dama que sempre o encantára em sonhos.

A condessa inclina-se para elle, abraça-o com amor, e beija sua bocca impallescida pela morte, a sua bocca que a havia cantado tnto.

Ah! o beijo da boa vinda foi ao mesmo tempo o beijo do adeus; esvaziaram conjunctamente a taça de felicidade suprema e da mais profunda dor.

No castello de Blay, todas as noites, ouve se um murmurio, um ruido, frémito vago; as figuras das tapeçarias começam de repente a viver.

O trovador e a dama sacodem os seus membros de phantasmas entorpecidos do somno; sahem da parede, passeiam nas salas. Ouvem-se, então, ditinhos eegredados, graciosos brinquedos, doces e melancolicas intimidades, galanteria posthuma do tempo dos cantores de amor.

« Geoffroy! o meu coração morto ee acorda á tua voz. Nas cinzas apagadas ha muito eu acho um brilho.

— Melisanda! venturosa flor! quando fito os teus olhos, revivo. Nada morreu em mim senão a minha dor, o meu soffrimento terrestre.

— Geoffroy! out'rota nós nos amámos em sonho, hoje nos amamos até na morte. O deus amor fez este milagre.

— Melisanda! Que é o sonho? que é

a morte? Nada mais que vãs palavras. Só no amor é que existe a verdade, e eu te amo ó minha eterna bella.

— Geoffroy! como se está bem n'esta sala, á luz da lua! Jamais desejaria ver o dia e os raios do sol.

— Melisanda! cara louca, tu mesma és a luz e o sol; em toda a parte, por onde passas, floresce a primavera, em toda a parte desabrocham delicias do amor e...le maio.»

Assim fallam, assim andam pelas salas esses graciosos phantasmas, enquanto um raio da lua os escuta na janella arqueada.

Afinal, porém, ao primeiro clarão da manhã, fugiu a apparição encantadora; e elles sumiram-se, espantados, nas tapeçarias da muralha.

HORACIO DE CARVALHO.

## FUGITIVA

Ver-te e querer-te; procurar-te e quando  
Sei que me olhaste já te estás ausente  
E saber que te perco, inconveniente  
Se a todos eu por ti for perguntando;

Sentir que o teu olhar constantemente  
Nos meus olhos andava interrogando,  
E nos teus labios quasi adivinhando  
Um sorriso que a poucos se consente;

Crer-me amado de ti, sem ter ouvido;  
Amar-te e presumir que não te offendo  
E de repente acabar-me eó, perdido,

É' quasi morte! escreve, que se o medo  
Faz que em falsa esperanza eu vá viveudo,  
Antes prefiro um desgano cedo.

GUINARÃES PASSOS.

## COLLABORAÇÃO

CONTOS SINGELOS

NA ALCOVA

Palmira está sentada em um divan de veludo *grenat*, coberto de finissima renda, com a face apoiada a mão fina e branca e os meigos olhos azues fitos no tecto; sob a cascata dourada de seus longos cabellos alvejam-lhe o collo e os hombros nus, os pés pequeninos, rodados, repousam livres no tapete, e ella com a cabeça graciosamente derrejada sobre o encosto do divan scisma, scisma com os olhos fitos no tecto.

Em cima do uma mesinha de pão setim uma lampada cor de rosa eepalha pela alcova perfumosa e tépida uma claridade indeciza e phantastica, que a semelhança de um luar tenuissimo esbate-se suavemente na seda azul celeste da parede.

No mnrmore dos consólos misturam-se em artistica confusão fitas, rendas, luvas, e rosas despençadas; mais adeante brillam as joias abandonadas nas quais se destaca um magnifico diadema de pedras.

Junto a um leque meio aberto ve-se um ramo de violetas murchase ao fundo quasi occulto na penumbra, ergue-se o leito alvo e macio cercado de cortinas transparentes...

Atravez das vidraças, vê-se a massa escura das arvores do parque. Tudo é quieto, mudo; nenhum ruido perturba o mysterioso silencio da noite, e ella, no alcova perfumosa e tepida, com a face apoiada na mão fina e branca, revive na imaginação todos os episodios do baile da vespera...

El e lá estivera, e nas poucas vezes que se aproximara della, nem sequer uma palavra de amor lhe dirigira! Mas porventura é preciso a confissão dos labios quando os olhos se exprimem em uma linguagem mysteriosa e muda, mil vezes mais eloquente e expressiva?...

Com ella só dançara uma walsa; mas que walsa! Entontecedora, delirantes louca!...

Aos primeiros compassos arremesaram-se ao doido turbilhão, e voaram entrelaçados, as respirações confundidas, os olhos embriagadoramente embebidos nos olhos do outro!

E ella cerra docemente as palpebras julgando sentir ainda na cintura a ligeira pressão d'aquelle braço nervoso e tremulo... enlaquece.

La lóra a noite continua placida e eerena, ns estrellas brillam no firmamento e a lua, na sua ultima phase, derrama do alto uma claridade frontxa e mortiga; a aragem da noite passando no jardim leva o odor das boninase das madre-silvas, enquanto uns grillos impertinentes começam com seus gritos asperos um concerto monotono e irritante,

E Palmira, na alcova vagamente illuminada pela lampada cor de rosa, com a face apoiada a mão fria e branca e a

cabeça graciosamente derreida sobre o encanto do divan ecisma, scisma julgando ter na penumbra os olhos della brilhantes e negros, como a noite, nos quaes ella advinhara um poema inteiro de amor o paixão!...

LUCIA.

## THEATROS E DIVERSÕES

## O CACHIMBO DA VOVÓ

Se ha coisa difficil de classificar é uma estrêa. São tão illusorias as promessas humanas! E por isso as revistas allemães adoptaram o systema de logo que recebem um livro, pareça bom, pareça mau, cingirem-se a um extracto substancial do texto, chamando attenção apenas para as novidades da obra. O unico critico que não erra, porque sentecia sobre um inquerito completo, é o tempo. Não faremos todavia com a estrêa do Sr. Soares de Souza Junior o mesmo que os allemães, mas diremos com franquesa e rapidamente a impressõ subjectiva, que recebemos com a audiçõ do *Cachimbo da Vovó*.

A comedia parece-nos uma reminiscencia de um conto de Paulo de Kock, cujo titulo não nos occorre neste instante, mas cujo euredo gira todo sobre o pudor *nicotinic* de um rapaz, que, tendo-se casado com uma linda parizense, que abominava o fumo, e rezeioso de perturbar a paz do lar domestico, para entregar-se as voluptuosidades do vicio, sem ser percebido pela mulher, empregava mil subterfugios compromettedores perante o ciúmo, inclusive o de ir mysteriosamente esconder-se em uma agua furtada no *boulevard* mais proximo.

O *punto* foi, ao que nos parece, bem aproveitado pelo poeta comedigrapho e todas as scenas da comedia desenvolvem-se em torno da mania da *vovó* cujo unico esforço aqui, e felizmente, consiste em esconder das vistas da netiaha o seu *cachimbo* preto o cheio de sarro.

Devemos dizel-o, sinceramente os typos, principalmente o da *vovó*, foram deliniados com apuro, com *amore*, e os versos correm fluidos, picantes, sempre friccionados por um dito a *bout partout*. Quanto ao movimento, porém, é forçoso confessar, ha mais de uma situação em que como que o auctor hesitou; e essa hesitação torna-se tanto mais censível quanto a peça acha-se muitissimo bem ensaiada e por artistas, que para o genero nada deixam a desejar. Tudo isto, porém, pode resolver-se em hesitações do estreadante, e é bem possivel que esse defeito, que não o será para muitos, desapareça em um segundo trabalho, quando o poeta desassombrado de receios e mais senhor da platêa possa atirar-se, com o espirito que tem, a um trabalho que corresponda, em tudo por tudo, as tendencias do publico do Recreio Dramatico.

A execuçõ que os artistas deste theatro deram a comedia foi o mais lisongeiro possivel.

A actriz Balbina apresentou-nos uma photographia de velha *surnoise* como

melhor não se desejará; Magioli foi um boticario amantetico do genero *basilicão*, se não uma perfeita cataplasma com cantharidas. Livia e Mesquita estiveram no diapasão commum.

O Lucinda tem se dado muito bem com *O Homem*, e, por isto, depois de mandal-o passear a Praia Grande, chamou-o a scena, e vai dar-nos hoje, de novo.

A *Princesa Flor de Maio*, voltou mais garrida mais elegante e mais cheia de alegrias. O Heller promette cousa de *estouro* para hoje e amanhã, cousa nova, e... já se sabe muito ao nosso sabor.

No Principe.—Grande baile a phantasia. vai haver o diabo, hoje, e amanhã.

No Polytheama representou-se, na sexta-feira, e em beneficio da Provedencia Domestica, *O Poder do Ouro*.

O Recreio, queríamos dizer, o *Juca*, deu-nos na quinta-feira, em *primiere*, a comedia — *A mim não me embaçam* — em que o Guilherme da Silveira, deu prova de seu bom talento. A peça está escripta com certa ligeireza de phrase, uma phrase ampla, nova e pospontada a ditos chistosos. Boa casa e bem applaudido o *Juca*, digo, a peça.

Hoje dá-nos a dita e a supradita... Graude Avonida.

O nosso collega da *Gazeta da Tarde*, Luiz Reis Junior reuniu no dia 31 de Janeiro, em sua casa, muitos dos seus amigos que o forão cumprimentar pelo seu anniversario natalicio. Deu-nos uma festa muito intima a que satisfeitos assistimos, e d'onde gratas impressões trouxemos.

Muito obrigados pela amabilidade com que nos tratou o collega e amigo Reis Junior e sua gentil senhora.

Immenso, sumptuoso baile familiar, a phantasia, vai ter lugar no Congresso Gymnastico Portuguez, na noite de 11 do corrente. Aquillo vai ficar um brinco.

O Costa Junior, este musico alegre, vivo, e bohemio, está trabalhando para terminar a construcção musical da opera-comica em 3 actos, *Demonio da aldeia*, dos Srs. Figueiredo Coimbra e Azeredo Coutinho. Isto deve sahir uma boa cousa: o Coimbra e o Costa Junior, dois nomes que não são dois... pronomes.

LHA.

## FACTOS E NOTICIAS

DR. PARDAL MALLEY

Cbeou de Pernambuco, o distincto moço Pardal Mallet, litterato de merito artista de tempera, auctor de uma novella *O Hospedo* escripta pelo molde naturalista e de um volume de contos *Meu album*, de que já demos noticia por esta folha.

Comprimental-o.

Está nesta côrte, vindo do Ceará, o nosoio amigo Norberto Coutinho.

## O BERÇO D'ELLA

A BELCAR

Eu me lembro tambem do berço d'ella occulto em meio as nuvens de escumilha desse berço infantil que surge e brilha da tua mente na doirada tela.

Jamais esquecerás, junto d'aquella que o teu pezar e jubilo partilha, o leite em que dormia a tua filha, essa creança interessante e bella.

Entretanto, o que resta dos primores desse berço, de um anjo outr'ora abrigo, desse fructo gentil dos teus amores?

Tu bem o vês, o poeta e velho amigo! Em vez do berço—da tristeza as flores, em vez do fructo—um funebre jazigo.

EDUARDO DE CARVALHO.

## Diversas Publicações

*Revista de Engenharia*. N. 178. An. X. Contem bons trabalhos sobre architectura, industria, bibliographia e metallurgia, fechando o seu summario com as secções *Actos Officiaes*, e *Noticiario*.

*A queda de um anjo*. Tomos o fasc. 47 deste importante romance de Camillo Castello Branco.

*Revista Maritima*. Ns. 5 e 6. Anno VII. Insere bellos artigos sobre organisação do serviço metereologico da Europa, balística externa, theoria das minas subaquaticas e o emprego do oleo para agitações do mar, terminando com a sua excellente secção *Revista das Revistas*.

*Jornal dos Economistas*. N. 2 An. 3.º Traz varios e interessantes artigos sobre assumptos de interesse geral.

*Mequetrefe*. N. 448. Dá-nos boas caricaturas e magnifico texto.

Um exemplar da these inaugural do Sr. Dr. Luiz H. Vieira Souto, que dissertou sobre a—Therapeutica geral dos envenenamentos, do antidotismo e do antagonismo em toxicologia.—E' um trabalho utilissimo mesmo aos não profissionaes, e do seu valor scientifico, melhor do que o que possamos dizer, dil-o a nota de distincção com que foi approvedo pela commissão examinadora.

*Almanack da Casa Branca*, para o corrente anno, organizado pelos Srs. Wenceslau de Almeida e L. de Toledo.

Contem diversas indicações uteis ao publico e uma escolhida parte litteraria.

Prosperidades!

Os estimados papeiteiros os Srs. Guimarães & Ferdinando mimosearam-nos com uma bellissima folhinha.

Mille grazie.

*Trêze annos de magisterio*. E' o titulo que o Dr. Menezes Vieira, distinctissimo educador, deu a um volume de 191 paginas, em que estão reunidas as opiniões da imprensa sobre os trabalhos lectivos do seu collegio, actualmente fechado por motivos imperiosos.

Recebemos o 3 fasciculo das *Notas á Margem*, interessante chronica quinzenal que, a feijão das *Farpas* apparece nesta côrte devida a brilhante penna de Valentim Magalhães.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 31.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machtas e apparelhos para lavoura—Schubert Irmãos & Haas.—Juiz de Fóra.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 23, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase paul creatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica do Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangol.—C. Rua Rua Quitanda n.99 Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho—Medico par teiro; Residencia, rua Viscondado de Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continua a receber icobranças por porcentagem razoavel dade Ouro Fino.

**Escola Normal da Corte.** De ordem do Illm. Sr. director interino, faço publico que do dia 1 a 10 de Fevereiro acham-se abertas na secretaria desta escola as inscrições para os exames da 2ª epoca.

A esta inscripção serão admittidos não só os alumnos, sem dependencia de requerimento quanto ás materias em que estiverem matriculados, como tambem todos os individuos que o requererem, satisfazendo estes ultimos as condições exigidas nos ns. 1 e 3 do art. 11 do regulamento, e mais provando a identidade de pessoa, por meio de attestação escripta de algum dos professores e substitutos da escola ou de duas pessoas conceituadas, residentes no municipio da Corte.

Quando qualquer alumno pretenda prestar exame de matoria em que se não tenha matriculado, deverá requerel-o sem precisar provar identidade de pessoa.

Secretaria da Escola Normal da Corte 31 de Janeiro de 1888. — O Secretario, Joaquim Gomes do Amaral.

**Dr. Aristides Spinola**—Advogado, rua do General Camara n. 36.

**Dr. Rodrigues Lima**—Medico arteiro, rua de S. Pedro n. 56.

**Dr. Virgilio Gordilho**—Advogado, rua do General Camara n. 36.

**Leonel Roza**—Advogado. Encarrega-se de causas, perante o jury.

**Dr. Coelho Lisboa**—Advogado rua dos Ourives n. 21.

**Dr. Ratisbona Filho**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Luiz Murat**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Aristides Lobo**—Advogado, rua dos Ourives n. 21.

**Dr. João Ribeiro**—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA

## DA SETIMA CORRIDA

A REALIZAR-SE

EM 5 DE FEVEREIRO DE 1888

1º pareo—NITHEROY—850 metros—Animaes nacionaes de menos de meio sangue, que não tenham ganho este anno nesta distancia—Premios: 200\$ ao primeiro, 40\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

| Ns. | NOMES           | IDADE   | PELLO         | NATURALIDADE        | PESOS    | PROPRIETARIOS             |
|-----|-----------------|---------|---------------|---------------------|----------|---------------------------|
| 1   | Serodio.....    | 5 annos | Castanho..... | Rio Grande.....     | 56 kilos | Coudelaria Hannoveriana.  |
| 2   | Fidalgo.....    | 2 »     | Zaino.....    | S. Paulo.....       | 52 »     | L. A. R.                  |
| 3   | Barbára.....    | 5 »     | Tordilho..... | Rio Grande.....     | 57 »     | Coudelaria Santa Cecilia. |
| 5   | Madrid.....     | 3 »     | Baio.....     | Rio de Janeiro..... | 51 »     | J. C. Cidade.             |
| 5   | Orione.....     | 5 »     | Alazão.....   | Idem.....           | 56 »     | Oliveira Braga.           |
| 6   | Guacho.....     | 4 »     | Chita.....    | Rio Grande.....     | 56 »     | M. G.                     |
| 7   | B. Pitussu..... | 5 »     | Zaino.....    | Idem.....           | 56 »     | J. Machado.               |
| 8   | Buchinha.....   | 4 »     | Castanho..... | S. Paulo.....       | 53 »     | Idem.                     |
| 9   | Compasso.....   | 4 «     | Vermelho..... | Idem.....           | 55 »     | A. Pinheiro.              |
| 10  | Moema.....      | 5 »     | Zaino.....    | Idem.....           | 57 »     | C. C.                     |
| 11  | Verbena.....    | 4 »     | Castanho..... | Rio de Janeiro..... | 55 »     | Coudelaria Santa Cruz.    |

2º pareo—PROVINCIA—1.300 metros—Animaes estrangeiros de 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

|    |                          |         |               |                   |          |                       |
|----|--------------------------|---------|---------------|-------------------|----------|-----------------------|
| 1  | Aida.....                | 3 annos | Castanho..... | Ingllaterra.....  | 48 kilos | D. Julia Vieira.      |
| 2  | Trumps.....              | 3 »     | Alazão.....   | Idem.....         | 50 »     | L. S. P.              |
| 2  | Rapid.....               | 3 »     | Idem.....     | Idem.....         | 50 »     | Vianna Junior.        |
| 4  | Cinira.....              | 3 »     | Idem.....     | Idem.....         | 48 »     | J. A. S.              |
| 5  | Pharsalia (ex-Victoria). | 3 »     | Zaino.....    | Idem.....         | 48 »     | J. C. Babo.           |
| 6  | Hexe.....                | 3 »     | Idem.....     | Rio da Prata..... | 60 »     | D. A.                 |
| 7  | Girl.....                | 3 »     | Idem.....     | Ingllaterra.....  | 50 »     | P. O.                 |
| 8  | Ormond.....              | 3 »     | Castanho..... | França.....       | 50 »     | F. M.                 |
| 9  | Yara.....                | 3 »     | Idem.....     | Ingllaterra.....  | 48 »     | V. M.                 |
| 10 | Sterlina.....            | 2 »     | Alazão.....   | França.....       | 48 »     | Coudelaria Excelsior. |

3º pareo—HIPPODROMO GUANABARA—1.800 metros—Animaes de qualquer paiz até puro sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

|   |                |         |               |                  |          |                         |
|---|----------------|---------|---------------|------------------|----------|-------------------------|
| 1 | Veloutine..... | 4 annos | Zaino.....    | França.....      | 52 kilos | A. M. P.                |
| 2 | Elza.....      | 4 »     | Idem.....     | Ingllaterra..... | 50 »     | J. P. Castro.           |
| 3 | Walter.....    | 5 »     | Castanho..... | Idem.....        | 54 »     | S. M.                   |
| 4 | Le Loup.....   | 6 »     | Zaino.....    | França.....      | 54 »     | Coudelaria Internaciõr. |
| 5 | Perle.....     | 5 »     | Idem.....     | Idem.....        | 52 »     | Oliveira J. & Lopes.    |

4º pareo—DR. PAULO CESAR—1.500 metros—Animaes nacionaes de meio e puro sangue—Premios: 500\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

|   |               |         |               |                     |          |                      |
|---|---------------|---------|---------------|---------------------|----------|----------------------|
| 1 | Minerva.....  | 3 annos | Castanho..... | Paraná.....         | 48 kilos | A. M. P.             |
| 2 | Mandarim..... | 5 »     | Rosilho.....  | S. Paulo.....       | 54 »     | M. G.                |
| 3 | Monitor.....  | 4 »     | Castanho..... | Idem.....           | 56 »     | F. M.                |
| 4 | Druid.....    | 5 »     | Tordilho..... | Rio de Janeiro..... | 54 »     | Oliveira J. & Lopes. |
| 5 | Violão.....   | 5 »     | Alazão.....   | S. Paulo.....       | 51 »     | Coudelaria Alliança. |

5º Pareo—COMMENTADOR POSSOLO—1.450 metros—Animaes estrangeiros que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

|   |                          |         |               |                   |          |                          |
|---|--------------------------|---------|---------------|-------------------|----------|--------------------------|
| 1 | Siva.....                | 4 annos | Alazão.....   | Ingllaterra.....  | 50 kilos | Coudelaria Hannoveriana. |
| 2 | Aida.....                | 3 »     | Castanho..... | Idem.....         | 48 »     | D. Julia Vieira.         |
| 3 | Pharsalia (ex-Victoria). | 3 »     | Zaino.....    | Idem.....         | 48 »     | J. C. Babo.              |
| 4 | La Broja.....            | 4 «     | Idem.....     | Rio da Prata..... | 50 »     | Mario Souza.             |
| 5 | Scyla.....               | 5 »     | Castanho..... | Ingllaterra.....  | 54 »     | F. M.                    |
| 6 | Perle.....               | 5 »     | Zaino.....    | França.....       | 52 »     | Oliveira J. & Lopes.     |
| 7 | Sterlina.....            | 2 »     | Alazão.....   | Idem.....         | 46 »     | Coudelaria Excelsior.    |
| 8 | Castiglione.....         | 4 »     | Zaino.....    | Idem.....         | 52 »     | Coudelaria Santa Cruz.   |

6º pareo—CONDE DE HERZBERG—1.450 metros—Animaes nacionaes até meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 300\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada

|   |                 |         |                 |                     |          |                      |
|---|-----------------|---------|-----------------|---------------------|----------|----------------------|
| 1 | Intima.....     | 5 annos | Castanho.....   | S. Paulo.....       | 56 kilos | D. A.                |
| 2 | Araby.....      | 5 »     | Alazão.....     | Rio de Janeiro..... | 54 »     | Coudelaria Carioca.  |
| 3 | Catana.....     | 5 »     | Douradilho..... | S. Paulo.....       | 51 »     | J. W.                |
| 4 | Boyardo.....    | 5 »     | Alazão.....     | Idem.....           | 56 »     | M. P.                |
| 5 | Hirondelle..... | 3 »     | Zaino.....      | Idem.....           | 48 »     | P. L.                |
| 6 | Naestro.....    | 4 »     | Tordilho.....   | Idem.....           | 52 »     | A. Pinheiro.         |
| 7 | Druid.....      | 5 »     | Idem.....       | Rio de Janeiro..... | 56 »     | Oliveira J. & Lopes. |
| 8 | Violão.....     | 5 »     | Alazão.....     | S. Paulo.....       | 54 »     | Coudelaria Alliança. |
| 9 | Biscaia.....    | 5 »     | Zaino.....      | Idem.....           | 54 »     | Idem Santa Cruz.     |

Rio de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1888

O 1º secretario, AFFONSO A. NUNES

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 11 DE FEVEREIRO DE 1888  
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 160

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Urbano Duarte,  
Lepoldo Cabral e Candido Jucá

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

|  |                     |
|--|---------------------|
| A «Semana».....                              | O director          |
| Expediente.....                              | Gêbê                |
| Historia dos sete dias.....                  | Augusto de Lima     |
| Vogando, soneto.....                         | Franklin Tavora     |
| Escritores do Norte do<br>Brazil.....        | A. J. Macedo Soares |
| Vocabulario brasileiro.....                  | A. de Oliveira      |
| Apparencias, poesia.....                     | Araripe Junior      |
| Recado ao autor das Con-<br>temporaneas..... | H. de Carvalho      |
| A morte, soneto.....                         | Candido Jucá        |
| A função critica.....                        | V. Magalhães        |
| A proposito de um alma-<br>nach.....         | Luiz dos Reis       |
| Expição, poesia.....                         | Virgilio Varzea     |
| Na roça.....                                 | Raymundo Corrêa     |
| Hero, soneto.....                            | Max                 |
| Galeria alegre.....                          | O. Duque-Estrada    |
| Yoz do coração, soneto.....                  | Lahore              |
| A uma da noite.....                          | H. de Magalhães     |
| Banho de oiro, soneto.....                   | Lafayette de Toledo |
| Poetas mineiros.....                         | H. de Carvalho      |
| A agulha.....                                | Pierrot             |
| Vida alegre.....                             | Alberto Silva       |
| II flor mortale, soneto ..                   | Luca                |
| Collaboração — Contos sin-<br>gellos.....    | Guimarães Passos    |
| No grande bazar, soneto.....                 | Lha                 |
| Theatros e diversões.....                    | J. Moraes Silva     |
| A larangeira, soneto.....                    |                     |
| Factos e noticias.....                       |                     |
| Diversas publicações....                     |                     |
| Anuncios.....                                |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno.....     | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs. :  
Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e de que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguinte livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## A SEMANA

Entrou a fazer parte da redacção effectiva desta folha o illustre Sr. Dr. Urbano Duarte, que, com tempo havia sido convidado.

Tambem assume, d'ora em diante, toda gerencia, Sr. Ismael Marinho Falcão, com quem serão tratados todos os negocios da economia d' *A Semana*.

O DIRECTOR.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Mais um! Era excusado dizer o que, pois de certo os leitores já advinharam do que se trata, mas em todo caso vou repetil-o: mais um suicidio. Ha, actualmente, nesta cidade, uma verdadeira epidemia de suicidio, muito peor que a *amarella*, mais devastadora do que a *variola*,

Hontem, foi uma joven que se viu atraçada pelo noivo, e que, para castigal-o, castigou-se a si propria, ingerindo uma forte dose de arseniato de

cobre; hoje é um menino que se asphyxia; amanhã quem será?

Eu, por ter de fazer esta historia, ou o *Varias* por não ter tirado a sorte grande? Já não é licito duvidar de ninguem. Aqui o que não falta é coragem para empunhar o calix de cieuta, ou cravar no peito o punhal reparador de todas as vicissitudes, que nos occorram na vida.

Pagou aos credores o velho suicida da rua dos Ourives? Melhorou as precarias condições de sua existencia? Aquelles com quem tinha transacções que dirão delle, hoje? Que era um homem honrado, ou que era um refinado espertalhão?

Abre a marcha neste prestito de accoutecimentos o suicidio de um velho. Quem sabe ai, para fechal-a, não terei eu de registrar o de algum pequerrucho que, cansado de viver, asphyxiou-se com o bico da propria mameadeira?

Em guarda aos credores! Quem tiver a iniquidade de ser creder nesta corte, que se revista de coraça protectora aos seus santos tecidos!

Um reforçado e atrevido negro encarregou-se de soltar aos quatro cantos d'esta cidade, a exclamação supra, ao mesmo tempo prudente e ameaçadora.

Cosme — pobre velho —, emprestará-lhe uns cobres, e elle nunca mais se lembrou disso. Aquelle, que, além de ser pobre velho, era um velho pobre; tivera necessidade muitas vezes do dinheiro, e por muitas vezes o pedira a Silva, o devedor, porém sempre de balde.

Ha dias encontraram-se no Campo da Acclamação: Cosme cobrou; Silva negou-se ao pagamento, aquelle ameaçou a este, e este cravou — *capulo tenus* — o seu canivete punhal no hypocondrio esquerdo do velho. Pobre Cosme!

Credores, em guarda!

Mais um felizardo na Siberia: o Barão da Leopoldina. Dizem que, como consequencia da entrada para aquelles gelos, não ha eloquencia que não esfrie, nem fogo que não se apague; é isso uma cousa naturalissima. O que ha de admirar a todos é que o Sr. Leopoldina, agora que para lá entra, passe a ser eloquente como Mirabeau, ou caloroso como o Sr. Nabuco.

Não seria factio para causar extraneidade, seria motivo para se lhe dar os parabens.

Na Bahia continua a corrida com obstaculos entre dois conservadores e um liberal.

Não consta que esteja determinado qual deva ser vencedor neste *steepchase* politico. Ha palpites em todos os parelhios, que são, mais ou menos, da mesma força.

A questão é de jockey... O que for mais perito ha de alcançar o poste do vencedor sem protestos e sem algazarra

Olho vivo é neceaaario, para o caso de que algum que venha descanaado, queira metter a cabeça.

Eu não sympathiso com aquella gente fria, calma, impassivel da rua do Areal, apesar de dar, cá fóra, preferencia ao frio que exija dois cobertores, antes que ao calor que me faça suar duas camisas por dia. Acho que aquelle recinto sombrio é assim como que a ante-camara da morte intellectual dos nosaos mais eminentes oradores e estadistas, não gosto do senado, mas comprehendo bem que aejam quebradas lanças, que aaja queimado o ultimo cartucho para a consecução de uma cadeira alli...

As coisaa não andam boas, a vida está difficil; é o que constantemente é dito por ahi. Escasseiam os empregos, chovem os candidatos, entretanto. Nestas condições, um empregosinho de 75\$000 por dia não é para aer desprezado, tanto mais quanto ninguem o pode tirar senão a morte.

Eu prefiro, comtudo, um logar ao lado do Sr. B. de Carvalho, na camara; prefiro porque não gosto do senado, prefiro com restricções: porque não tenho ainda os quarenta da lei. Quando os tiver, então... então sim.

E' admiravel como nesta nossa malfadada terra são menos presados os interesses do povo, no tocante á saude e á vida.

As epidemias, que aqui se manifestam, têm, em geral, por causa, as emanções putridas dos encanamentos de esgotos ou dos charcos que circumdam a cidade. O mal que destes provém, pôde ser considerado insanavel; o mesmo porém, não se dá, em relação ao que nasce daquelles: para desviar-o basta que no verão aejam evitadas as excavações nas ruas, e a esse respeito ha mesmo ordem superior: entretanto os jornaes reclamam sempre contra este abuso que continúa, a despeito de tudo.

O abuso é, parece, o regimem comum, de todos os que se occupam das coisas publicas. Não raro é que sejam noticiados desastres occorridos nos bonds cujas linhas cortam aa ruas desta ospital. Esta semana ajuda se deram doia.e desses, um trouxe a morte da victima. Ora, em verdade é inqualificavel o comportamento da autoridade a quem cumpre dar execução á ordem do ministro da agricultura, para que todas as linhas de bonds façam uso dos *salva-vidas*, já experimentados. E' occasião de, em nome da vida dos habitantes desta capital, reclamar do governo energicas providencias a esse respeito. O governo que se lembre que o lemma de um ministro francez foi: *salus populi suprema lex!* — e poucas vezes

atingiu esse paiz a tanta gloria e a tanta popularidade como no tempo desse ministro.

Não me occuparei das estréas que se effectuaram esta semana nos theatros. Limitar-me-ei a dar ao nosso compatriota Abdon Milanez os mais sinceros e vivos parabens pela nova partitura que escreveu para a *Dama de Espadas*. Dizem que tem defeitos a musica: que os tenha; quem os não tem como trabalhador e patriota é Abdon Milanez. Demais eu não o applaudo propriamente pela musica, que escreveu, faço-o pelo talento que elle possui e pela actividade de que deu, com ella, mais uma prova.

Ouçõ ao loago os sons rouquenhos do carnaval que se aproxima, com todo o seu cortejo de risos, de alegria, de loucura. Felizmente, para elle e para uossa integridade physica, nada temos a temer do seu peor inimigo: o entrudo. Este desgraçado morreu de inanición. Não deixaram que elle se alimentasse, a prudencia e o bom senso do povo. Que lhe seja leve a terra.

Gosto muito do carnaval e estou ancioso que venha o domiãgo gordo. Dizem-me que entre alguns membros da imprensa ficou resolvido que sabiriam á rua no domingo. Recommeado-os ao publico, apesar de ter iaformações, e essas mesmas muito reservadas, apenas de duas das phantasias. Um delles vai de *Pai João*, isto é, leva ao hombro uma vassoura com a qual vai varrendo os papeis das outras redacções e encaminhando-os para a sua; a cara é de negro retinto, para symbolisar o anonymo; o outro vai vestido de saióte em *jupe doré*, e leva uma *demi masque de velours garnie en dentelles brodées*.

Atirárá beijos ás moças e roceberá, com as lagrimas nos olhos, os seus doces e meigos sorrisos, numa açafata em *satín rouge parfumée à l'essence de Turquie*, que levará ao braço.

A' vista destas informações estou certo que o leitor, quando qualquer delles affautar a voz e lhe perguntar: — Você me conhece? — ha de dizer-lhe que sim, que o conhece muito bem.

E...

Viva o carnaval!

GEVÉ.

## VOGANDO

(A AFFONSO CELSO JUNIOR)

Desliza rio abaixo incerta prõa: ninguém a bordo; preso a duro laço, chora um cahido remo ausente braço. Que porto busca a singular canõa?

Mas cis que além, com rapido fracasso, um rochedo iavisível a abalrõa, e momentos apõz de espaço a espaço, fragmentos soltos vão-boiando atõa...

Mais iafeliz do que o baixel sombrio, vou eu siagrando da existencia o rio, tendo a bordo o cadaver do Passado.

E não achar, como elle, um arrecife Que despedace as taboas deste esquite, Na corrente sem fim arrebatado!

AUGUSTO DE LIMA.

## Escreptores do Norte do Brazil

DR. A. OONÇALVES DIAS

Gonçalves Dias, não é só o primeiro poeta do Brazil, é especialmente o primeiro poeta do norte. As suas inspirações não obedecem á divisõ da litteratura, idéa que me foi suggerida quando já emmudecera de todo a grande harmonia maranhense. No seu tempo não se pensava em semelhante distincção. Os seus trabalhos portanto devem reputar-se estremes de qualquer preoccupação local. Pois bem: os mais importantes trabalhos do immortal cantor brasileiro são filhos do norte, e trazem o fulgor e a originalidade septentrional.

São do norte as *poesias americanas* cuja grandeza, quer na coacepção quer na fórma, prolongou até paizes estrangeiros o nome do poeta de Caxias. Nessas poesias entram sempre Tymbiras, indios do Maranhão, que elle immortalizou. E' do norte o seu poema *Tymbiras*, essa epopéa lyrica, (si estas duas palavras se pod' m ajuntar), de que nos deixou somente os quatro primeiros cantos, poucos em numero, immensos na belleza, na harmonia, nas côres locaes, na ethnographia e theogonia selvagem. O aorte, o seu Maranhão, a sua Caxias, eis as fontes, as miraculosas, oade bebeu os devaneios, a cadencia, a magia que aos seus versos dão uma feição particular e original que ainda nenhum poeta entre nós, por mais inspirado e arrebatado, pôde egualar.

Entre as preciosas gemas que a litteratura nacional deve ao maranhense por tantos titulos illustre, sobresahe o pocaneto *Tabayra*. Este era o nome de um dos mais valorosos chefes dos Tobajaras dominadores de Pernambuco. G. Dias canta no poemeto o valor tradicional, e o papel historico do chefe indio na colonisação da donataria de Duarte Coelho.

A julgar pela magnificencia da producção, o assumpto deverá merecer ao poeta toda a sua predilecção. As melhores cores da sua palheta perennal engrandecem o quadro em que o artista restrata a luta colonial onde, com o portuguez, apparecem os indios allados e os indios que não querem alliança. São esses os Potiguaras; são aquelles os Tabajaras a cujo numero pertence Tabayra.

A belleza e a sumptuosidade de pintura são artisticamente realizadas sem outro fundameato, outra explicação, além do éstro natural do poeta. O assumpto penetra-lhe a alma. O poeta compraz-se em dedicar-lhe as notas mais ternas do seu coração commovido. Quando elle se occupa com objectos do semelhante origem, as suas harmonias são duplicadamente mais maviosas, os seus desenhos falam a linguagem da inspiração e do encanto. O leitor comprehende e reconhece que o poeta está na estancia mais namorada do seu reino de delicias.

Só a dedicatória do poemeto aos pernambucanos, revela a sensação particular que elle experimentou trataado do motivo escolhido.

Foi dali, foi do Norte, que irromperam, como jorros de agua crystalina e doce, essas inspirações que tiveram forças para crear o *indianismo*, escola que domiaou por muitos aanos no Brazil, e em que ainda se inspiram musas modernas e frescas como a de Mello Moraes Filho nos *Cantos do Equador*.

FRANKLIN TAYORA

(Continúa)

## Vocabulario Brasileiro

*Evoluir* v. intr.

*Explosir* v. intr.

Formações eruditas incorrectas, a 1ª sobre o v. fr. *évoluer*, a 2ª sobre o s. port. *explosão*.

Tendo creado o termo scientifico *évolution*, por analogia de *révolution*, já existente, sentiram os francezes a necessidade do verbo; e como não houvessem passado para sua lingua o lat. *volvere* e seus compostos, fizeram do pref. lat. *e+* thema *volu=* *volve+* suff. verb. *er* o v. *évoluer*. Nós, porém, que possuímos do latim *volvere* e seus compostos os verbos *volver*, *convolver*, *desenvolver*, *devolver*, *envolver*, *revolver*, não temos mais do que receber o lat. *volvere* e formar *evoluer*. Deixar esta fonte natural, directa e pura, e ir ao francez pedir a nova palavra imposta pela necessidade, é o cumulo da extravagancia.

O fr. *évoluer* dá o s. *évolution*; o port. *evoluir* porém, não dá *evolução*, e sim *evoluicão*. Comparem-se as formas em *uir*, como *constituir*, *contribuir*, *destituir*, *destruir*, *distribuir*, *influir*, *instaurar*, *prostituir*, *restituir*, *substituir*, e os substantivos correspondentes *constituicão*, *contribuicão*, *destituicão*, *destruicão*, *influiuicão* etc.

« Organismos que se desenvolvem, que evoluem por sua conta, » escreveu um dos nossos mais sabios litteratos, Sylvio Romero. *Evoluir* ao pé de *desenvolver*, para dar idéa de *evoluicão*, é o mesmo que *revoluir* ao pé de *revolver*, para dar idéa de *revoluicão*, *devoluir* para *devoluicão*, etc.

In mare se fluvii evolunt, disse Virgilio: os rios correm para o mar. Admittido o v. *evoluer*, havemos de dar-lhe as formas transitiva e pronominal. Naquelle trecho, *evolunt* traduziremos *envolvem-se*. Comp. os congeneres compostos de *voluer*.

Do *explosão* formar *explodir* equivale a de *applauso* formar *applausir*.

A forma correcta é *explodir*, do lat. *explodere = explaudere* (au — o); assim como *applaudir* de *applaudere*, compostos de *plaudere* bater com força, fazendo barulho, ruído, estampido. Dahi o *explodere* dos italianos, e o port., ou antes o brasileiro *explodir*. E dizemos o brasileiro porque a forma *explodir*, indecisa ainda no Brazil, lutando com *explodir*, está, parece, definitivamente adoptada no Chiado, pois é empregada pelo pontifice Camillo Castello Branco; quanto basta, diria José Jorge, para que nós brasileiros a rejeitemos.

*Expluir* é outro neologismo, succedaneo de *explodir*, e admissivel por metonymia, na significação translata; porque a propria é derramar, botar fora; atirar, lançar de si, fazer sahir; *effundir*. Do b. lat. *expluere*, de que temos exemplo em Du Cange: *Bombarda cerbotana ad longe pillulas suas expluit, quia virtus unita est fortior dispersa.* *Expluir*, porém, não dá a verdadeira idéa de *explodir* rebentar, fazer explosão.

A. J. DE MACEDO SOARES

(Extrah. do Dic. Brazil. da Ling. Port.)

## APPARENCIAS

Quem sobre nós põe a vista,  
Quaado muito, desconfia  
Que entre nós ambos exista  
Um pouco de sympatbia.

Ninguém, jámais, que nascemos  
Um para o outro, que, emfim,  
Se vivo é de teus extremos,  
Se vives é só por mim.

Ninguém suspeita... E em profundo  
Extasi, mudas e calmas,  
Longe dos olhos do mundo.  
Estreitam-se as nossas almas.

Entretanto, um do outro em frente,  
— Tu a scismar, a scismar,  
Eu, quasi que indifferente —  
Só nos podemos olhar.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

## Recado ao auctor das Contemporaneas

Nunca é tarde para mandar-se um brinde a um poeta, a quem as vozes da admiração dos amigos atalham, fazendo-lho uma justa festa de chegança.

Não é verdade que se deveria sempre soltar uma gyrandola de foguetes, ou dar um tiro de bacamarte, como em certas solemnidades se pratica no sertão, quando nasce uma arvore fructifera rara em um pomar ou se descobre uma flôr de especie não classificada?

Com maioria de razão deveriam repicar os sinos da freguezia e a irmandade do SS. Apolo tomar a opa e os tocheiros para levar á pia baptismal o poeta recém-nado, consagrando-o com o nome, pelo qual o mundo das letras o apregoará, tanto na vida, como na morte.

Receba, pois, o poeta das *Contemporaneas* estas palavras sabidas do coração; e, em falta de melhores, guarde-as, não pelo que valem, sendo como são fructos de pouco sabor, mas pelo que, no intento de quem as prefere, ellas pretendem symbolisar, — o entusiasmo franco causado por um livro, — a sensação deliciosa de uma leitura communicativa.

Não critico aquillo de que me apaixono; e o livro que tenho diante dos olhos acha-se perfeitamente neste caso. Sinto-o, como se sente a aura blandiciosa em um clima tropical, morno e anesthesico; percebo-o, como se percebe o garrulo, irriante e festivo guaynumby; observo-o, como se observam os tons coloridos pela luz ecliptica do sol em uma tarde de Agosto; — peaso-o e repenso-o, como se pensa o mysterio da existencia e o movimento do universo. E tenho dito tudo e não tenho dito nada, porque para que a satisfação fosse completa, seria talvez necessario fazer o que fazem as crianças em sua ingenua-perversidade, — abrir de meio a meio o poeta, lascar o brinquedo que nos encanta, que produz tão bellas harmonias, para consultar-lhe as entrannhas, o mecanismo interno, e verificar a explicação de tantos e tão ca-

prichosos effeitos. — e depois... depois como certos aristarchos ou como a boa constrictor, acariciar a victima com a baba para em seguida devoral-a, putrefazer-a nas voltas intestinaes.

Isto, porem, é o que não perpetrarei por forma alguma. Autopsiam-se os defuntos. Com os vivos pomc-nos, apenas em relações de odio ou sympathia.

Demais, a critica já disse quasi tudo; e, pela penna esperançosa de um Livio de Castro, já deu até a formula do poeta. O que poderia eu acrescentar? se não uma palida nota a margem desse justissimos juizos.

Que o talento do auctor das *Contemporaneas* é um talento formosissimo, mas formosissimo em toda a intensidade do superlativo? que esse talento não soffre nem de maculas, nem de hesitações, nem de deliquescencias, nem de pedantismo? Que é um talento sadio e franco, espontaneo e seguro, sereno e azul,—tão sereno como uma manhã de minha terra natal, tão azul como os olhos da Julietta com que provavelmente scisma?

Não. Um poeta assim explica-se por si,—dando-se a lér,—deixando-se que a alacridade adiante de tão lindas paginas traduza-se por si, e que o orgulho nacional se expanda ao ver um specimen de poesia tão nova, tão balsamica, tão nossa!

Não se trata de um parnasiano que se tortura pela forma, nem um *blasé*, um decadente, que refine o sentimento, nem um philosopho que tente as cosmogonias novas, nem um platónico que difinhe a olhar para a lua; mas de um espirito profundamente colorido nos dons de expressão, amante das grandes linhas, que pensa quando sente e que sente quando quer, dando á sua lyra todas as inflexões que comportam uma alma francamente apprehensiva das bellezas da vida e da vida de sua terra.

Nas *Contemporaneas*, e é o que nesse livro mais me apaixonava, a poesia circula como a seiva em uma arvore florida e vigorosa. Cambiante em tudo a imaginação do vate surge em toda a parte e não se deixa apatetar na contemplação exclusiva de um aspecto unico.

Pantheista na poesia — *Atravez dos seculos*, sceptico na que conserva este mesmo titulo, mystico no — *Amor* — atheu nos — *Dous Christos*, fetichista no *Poivo*, *Lagrimas do regato* e na *Colera do mar*; contudo elle váe banhar-se nas forças colossaes do seculo para surgir logo adiante encandescendo de transformismo e irradiante de amor brasílico.

O que resta agora é que o poeta não se deixo cahir na molorra tropical, e saiba viver... viver com toda a força e intensidade a que tem direito o seu genio artistico, e que, neste momento supremo, em que parece que o Brazil gravita para o seu verdadeiro centro economico, e que alguma coisa de novo vibra no organismo nacional, não se engolpe entre as tetas de terra que circumdam-lhe na roça a mansão poetica, e concentrando-se em espirito no poema que actualmente elabora — *A vida* — consagre um canto á festa de recepção dos legionarios do progresso, que diariamente, de todos os pontos da Europa, irrompem, atravez do Atlantico, em demanda das nossas florestas portentosas.

ARARIPE JUNIOR.

## A' MORTE

Ninguem te impede o passo! Omnipotente,  
destroes o rei, destroes o proletario,  
e vais seguindo impune o teu fadario!  
Tudo transformas com teu dedo ingeote!

Mas nada *annullas*! Tulo existe. A gente  
fazes voltar ao ponto originario.  
E, do modo que a flor, — um planetario  
systema esnagas impassivelmente.

Que corpos no Universo não sentiram  
de teu cutello o gume inexoravel?  
— De ti somente os atomos se riram!

Irman dos tempos, força imponderavel,  
o proprio Deus, que os homens construíram,  
tu reduziste a... HYPOTHESE IMPROVAVEL!

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

## A FUNÇÃO CRITICA

A critica é a revolução.  
Por outra, toda a critica é revolucionaria.

Desalijada uma borrasca, o que é que fica na atmospherá?

E' o ozona, cuja principal acção é destruir por sua extraordinaria energia oxydante as poeiras organicas deletérias que fluctuam no ar.

Mas o ozona premedita essa destruição? Não, por certo.

Pois hem: a critica é uma especie de ozona.

Inconscientemente ella varre com luz e purifica com oxígeno a atmospherá mental de nossos erros e de nossos prejuizos.

E' desse ponto de vista que nós dizemos que a critica é revolucionaria.

A função critica, embora rudimentar, é velha como o Diluvio.

Um bello dia decepou-se a formula emphatica de Pythagoras — *Magister dixit* — e partiu-se o fio do methodo syllogistico da Escolastica.

No seculo XIV começou a grassar manifestamente esse grave aclaque do raciocinio e do espirito de liberdade preparando nas trevas o advento social da Renascença para o seculo XV, a crise religiosa da Reforma para o seculo XVI e o cataclysmo universal da Revolução para o seculo XVIII.

Já se vê, pois, que essa função deve estar hoje muito bem definida e muito bem orientada.

Por isso mesmo, para exercer-a integralmente requer-se summa delicadeza de tacto.

Actualmente os processos organicos da critica especulativa são extremamente simples: manipular a sciencia e extrahir della o criterio absoluto da verdade para servir de termo de comparação no jogo das relações subjectivas e objectivas.

Mas tudo isso abstrahindo da palmaria, do tutu e do papão. Caminha-se rectilíneamente, impassivelmente, sem inchar as carotidas, sem injectar os olhos de sangue, sem experimentar calafrios, sem accelerar a circulação, sem soffrer desmaios.

E' precisamente nessa incorruptibilidade da critica que está a sua facultade sempre renovada para revolucionar.

A critica tem por fim assignalar. Quem estuda e quem medita forja para si uma opinião, e já é muito. Essa opinião então lhe passa a servir de unidade.

Um individuo pôde discordar de outra opinião, discordar de uma theoria, ou manifestar-se contrario a um dado estado social.

Nesse caso o individuo nada mais tem a fazer do que estudar, calcular, servir-se do duplo methodo de analyse e de synthese, comparar e deduzir, para depois de todos esses processos essenciaes e preliminares formular com isenção e com religiosa sinceridade o seu juizo parallelamente ao ponto controverso.

Eis ali o que é racional.

A critica expõe, a critica julga, mas não vergasta.

Uma opinião segura é uma religião conquistada.

O individuo. A pôde ser idealista ou realista, classicista ou romantico, phantasista ou naturalista, materialista ou espiritalista, empirista ou criticista, conforme o elemento dominante do seu temperamento e conforme o grau effectivo dos seus conhecimentos, sem que por isso deva suhir á força sem remissão.

Só o que se exige é que elle seja sincero e honesto em sua intenção.

O caracteristico dos phenomenos affectivos são a fatalidade e a expressividade: o homem não pensa como quer, pensa como sente.

Vem aqui muito a proposito o principio de identidade — O que é, é. A=A. Quem escreve uma pagina, reproduz-se nessa pagina.

Hoje em dia já não ha necessidade de mentores.

O que se recebe de um mestre é a sciencia e o que se recebe de um magistrado é a autoridade, mas só na subordinação legal de funções officiaes.

Em que é que se condensa o grande, o immenso programma do futuro?  
Na liberdade.

Uma sociedade é tanto mais adiantada quanto é mais livre.

A liberdade de consciencia contra a religião official, a liberdade intellectual contra as doutrinas classicas, a liberdade da imprensa, a liberdade da discussão pela palavra e pela penna, sem duvida a mais delicada e a mais grave.

Depois é claro que para o mongol da liberdade no exercicio pleno de snas regalias sociaes só ha uma muralha da China: o Codigo Criminal.

Tal é o espirito actual da critica e do livre exame.

Apparece, por exemplo, um desconhecido, um projectil do immenso mundo anonymo social, e firma com mão intremula todas as letras do seu nome em um escripto.

Questiona-se: quem é esse sujeito? de onde veio elle? por onde passou? isso é bico ou cabeça?

Ao que esse emissario da obscuridade devo responder serenamente, dignamente: *Quod scripsi, scripsi*.

E em seguida lavar as mãos no lago puro e crystallino de sua consciencia.

Eis o problema.

Na vasta e intrincada floresta humana, falando em these, o pensador representa positivamente uma individualidade definida, accentuada, autonoma, livre para raciocionar e livre para ngir por conta propria, sem outra escola que não seja o seu criterio scientifico e sem outra opinião que não seja a sua convicção.

Isso pela razão simplissima de que a convicção está para o cerebro assim como o sangue está para o coração.

E' desse modo que se exerce a função critica.

Uma profissão de fé, ou cousa que o valha, foi sempre um dique inextinguivel contra as invasões solemnes da falsa hermeneutica litteraria.

CANDIDO JUCA'

## A proposito de um almanach

Acabo de folhear o almanach d'*O Vasourense*, para este anno, que é o 2º de sua publicação. Para peupar um pouco de tudo quanto se gasta com elogios extensos, desde o adjectivo até á tinta, — direi logo, redundante, que este almanach é o melhor dos que, brasileiros, appareceram este anno. Aquelle superlativo, está claro, é todo de relação. Almanach de cidade provinciana, adstricto apenas ás informações e indicações da cidade e do seu respectivo municipio, a sua importancia é muito limitada; não pôde emparelhar com outros da capital do imperio. Mas quanto ao cuidado que presidio á sua confecção principalmente na parte litteraria — que é, aliás, a de maior monta — parece-me innegavel que elle é o melhor.

Os mais conhecidos e laureados nomes, pertencentes á pleiade brillantissima que fulgio nesta folha, collaboraram no almanach do *Vasourense*, expressamente, com produções inéditas. Entre esses Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima. Encontra-se nelle tambem *O corvo*, a sinistra e estupenda poesia de Edgard Poe, magistral ver-

são de Mnebado de Assis. Outro grande elemento ao agrado publico é uma colleção de 32 obras originalissimas, magnificamente trabalhadas em verso, destinando-se e sendo dedicada cada uma a um escriptor distincto. Não resisto a uma indiscrição: — estas charadas são de Raymundo Corrêa, que é inimitavel nesse genero, difficil e interessante quando tratado com esta grunça correção e novidade. Tem o alumnach 431 paginas, e dá boa copia dos progressos da arte typographica em Vassouras.

Mas não foi propriamente para falar d'este almanach que d'este almanach falei. Foi para dizer tambem um pouco do seu organisador, o Dr. Lucindo dos Passos filho, «o Lucindo filho», como lhe chamam todos. Este distinctissimo homem de letras é por tal maneira modesto, tão poucos ensejos dá á que se occupe a gente com elle, que não ha remedio senão agarrar pelos seus poucos cabellos os pouquissimos que apparecem.

E' o que faço.

Mns descance a bisonha, silvestre e hirsuta modestia do meu amigo: não o incomodarei muito tempo.

Tem muita cousa de parecido com o Arthur Azevedo o Lucindo filho. E' como elle — gordo, pacborrento, myope, bonacheirão, bondoso e alegre. Como o Arthur, consegue milagrosamente multiplicar o tempo, de modo a fazer o chegar para a clinica, para a leitura de uma infinidade de jornaes, de todas as grandes novidades scientificas e litterarias, europens e brasileiras, para traduzir admiravelmente Virgilio, para redigir e revisar *O Vassourense*, conversar com os amigos e beliscar a orelha da sóta.

Da ultima vez que estive em Vassouras estudava o Lucindo tudo o que diz respeito ao hypnotismo, tendo recebido as mais modernas e notaveis publicações sobre o assumpto.

Tem uma bibliotheca superior a tres mil volumes, e toda muito escolhida, com poucos *alcaldes* e algumas preciosidades bibliographicas. Não ha livro brasileiro de algum merecimento que nella não figure, e não, ha positivamente nenhuma publicação feita no Brazil de que elle não tenha noticia. Lê como tresentos diabos e assimilla como seiscentos.

Todos os mezes vem á Côte beijar a mão de seu velbo pae, a quem vénera e ama estremecidamente.

Chega de Vassouras á Côte no ultimo trem, á noite, e volta da Côte para Vassouras no primeiro trem do dia seguinte, de madrugada. De modo que não vé a cidade, nem a cidade o vé. E assim vive elle, calmo, afastado, com sua esposa e seus filhos — uns rapagões endiabrados — e com os seus livros, que lhe constituem segunda familia, lendo tudo, conversando com o Raymundo Corrêa, jogando com o Rodolpho Leite Ribeiro e mais outros intimos, dando a saude aos doentes curaveis e consoladoras esperanças aos perdidos, sendo bom para todos e sendo de todos querido.

Mns o mais interessante é que o Lucindo filho, fazendo tanta cousa, é o maior preguiçoso que tenho a honra de conhecer.

Original patricio!

VALENTIM MAGALHÃES.

## EXPIAÇÃO

Eis-me longe do mundo. A Musa da Agonia,  
Branca da lividez dos funebres sudarios,  
Entôa junto a mim uns cantos funerarios,  
Uma canção sombria,  
E emquanto te divertes  
Do zelo o espinho ntroz o peito me crucia

E, isolado e triste, emquanto nos fulgores  
Do baile queimas tu sem dô e sem piedade  
As rosas de tua alma, as mais formosas flores  
— Amor e mocidade,  
Vou... escrevendo um canto  
Para o qual nem terás um riso de bondade.

Uma tenue lembrança, eu bem sei, num aneio,  
De mim, do sonhador, do triste, — o infortunado,  
Como se fóra só a sombra de um cuidado  
Não ha de ir teu seio  
Solevantar, medrosa,  
Dizendo-te o meu nome, um nome invalidado.

Que importa! Se este amor tão grande e que inda alento  
De ti só mereceu culposa indeffença,  
Ha de encontrar um dia a sua recompensa  
Quando o arrependimento  
Como um juiz severo  
For lavrar contra ti a fulgida sentença.

Folga, mas tem cuidado, a tua crueldade  
Pôde-se converter tambem no teu mártirio,  
Bem pôde esse desdem tornar-se no delirio,  
No horror, na tempestade  
De tremenda paixão;  
Eu creio que já vi na rocha erguer-se um lyrio.

Então, bem pôde ser que eu seja venturoso,  
Que tenba acabado já o que procuro ha tanto,  
Como este immenso amor um outro amor tão santo,  
E que o fado impiedoso,  
Punindo o teu orgulho,  
Nem deixe sequer ir enxugar-te o pranto.

LUIZ DOS REIS

## NA ROÇA

A RAMALHO ORTIGÃO

I

O Cosme, depois que a tia Sabina morrera, dera-se todo á bebidas.

Raramente trabalhava já; e a maior parte do tempo, levava-o, de manhã á noite, na venda do André, a virar vintens d'aguardente.

A sua physionomia, outr'ora esthetica, rosada e limpida, com um riso amavel e um resplandecimento juvenil e doce, acabava-se agora quasi completamente transformada.

Os seus olhos castanhos e transparentes, muito abertos, e que tinham uma expressão e uma luz tão forte que accendiam logo nos virgens corações das raparigas affectos desordenados, arrastando-as ás fúrias da rivalidade assanhada e dos ciúmes convulsos, fazendo-as descomporem-se e esgadanha-rem-se impudentemente nos terços, — viviam agora cerrados sempre e cobertos da rubra e desfigurante bruma do alcool.

Sobre o rustico banco de madeira que corria horisontal ao curto balcão da casa, elle vivia ae horas a dormir, sentado, com uma das pernas dependurada e a outra erguida sobre a taboa — o pé direito espalmado, mostrando uns dedos nojentos, calosos e deformados, onde os dois braços e as mãos fechando em circulo a perna em triangulo, desciam e vinham unir-se enclavinados. A cara, congesta e tumida, apolava-se contra o joelho, e a barba, selosa e fina, estava sulcada de grossos fios de baba.

O cabelo, inculto e longo, todo emaranhado e ruço daquella vida desviada totalmente do bem estar e do trabalho, exausta já de vigor e brio, dava-lhe á cabeça revolta um ar disforme e velbo.

No entanto, bem reparadas, as suas feições conservavam ainda um tom vago e fugidio daquella doçura e virilidade antigas.

II

A tia Sabina era mulhr dos seus 60 annos, alta, magra, com os cabellos

brancos e um pescoço fino e comprido muito sulcado dos cordões das vsias. Fallava pouco e baixo; era devota sabia lér e tinha bom coração.

Todas as noites, depois de fiar o seu bocado de algodão, ceitava, e ficava por muito tempo defronte de uma velha commoda, onde bavia um registro do Bom Jesus de Iguape, em pé, com uma palma verde na mão; ficava alli a orar, com o seu velbo escondido rosario entre as mãos, a passar as contas nos dedos, com um rapido movimento dos labios, e o olhar, ora vagando pelo tecto, ora fixando a imagem pintada; depois ia-se metter na cama mastigando ainda restos de rezas.

Fôra casada 20 annos. O marido havia dois que morrera. Era embarcado, levava a vida por fóra, em viagens, e a ultima que fizera mata-ra-o, porque desembarcara doente, em braços, a bem dizer morto, com uma pneumonia.

Elle então, necessitada de uma companhia, tomou para si o Cosme, que era um rapazinho orphão, magro e amarello, muito timido e desageitado, com uma carinha meiga e uns olhinhos grandes e mansos, e que vivia a favor em casa de uma pobre e numerosa familia da Varzea.

O rapazito não era feio e a tia Sabina desde que o tomava que descobria nelle uma bondade — era obediente e calado, muito docil, alheio a troças e amigo de fazer as voltas da casa.

Por essa razão tratou logo de dar-lhe umas roupinhas e mandal-o todos os dias á escola, acompanhando-o até á porteira e recomendando: — Sé bem ensinado e bom; aprende, meu filho, aprende que é para seres bomem.

E ficava ainda depois a olhar de longe para o pequeno, que ia caminhando, sem se voltar, com o andar atrapalhado e os pes a doerem-lhe e a escorregarem dentro dos tamanquinhos novos.

Tinha então 6 annos.

Quando elle voltava, ao meio dia, e vinha tomar a lição, ella, sentada na caixa grande da sala, com o cesto da costura ao lado, mettia-o entre as pernas magras, e tirava-lhe com meiguice o casaquinho e o bonet, alisando-lhe para traz o cabelo com caricia das mãos, perguntando-lhe:

— Então, soubests hojs a lição?

E beijava-o na testa, enternecida.

Depois, levantava-se, in tirar a comida estendia no chão uma esteira, abria sobre ella uma toalhinha muito alva e com a panella ao lado e uma grande colher de pau enchia o alguidar do rapaz que, sentado, de pernas cruzadas, remecbia e amassava o pirão, mastigando em silencio.

A' meia tardes, o Cosms voltava de novo á escola. E ao entardecer regressava, só, afastado dos companheiros que galhofavam delle, dos seus modos, e que, n'um alarido desenfreado, corriam, jogavam pedradas para as cercas oude os cães se iam refugiar latindo e os passarinhos dobravam nas ramagens altas.

Quando aneiticia, a velha botava-o adiante de si com o catuto na mão, e

desciam ambos para a fonte a buscar água, por entre o cantar metálico dos grillos e as inquietas brasinhas dos pyrilampos.

Assim cresceu o pequeno.

Uma ocasião—já com 18 annos—metten-se-lhe em cabeça casar.

Na casa vieinha, do lado do morro, havia uma rapariga galante e viva, filha de um pescador do logar, que desde muito andava-o tentando com uns olhos magníficos.

A rapariga chamava-se Margarida. Era um demónio; e todas as tardes, havia mezes, vinha ao caminho esperar e rapaz que voltava da rede.

Então fazia-o parar, começava a contar-lhe «cousas», a dizer que o amava, estalando-lhe nas bochechas risadas esplendidas, jogando-lhe beijos com os dedos, entornando-lhe sobre a cabeça turbilhões de petalas!

O Cosme, muito acanhado, corava; sentia-se commovido e satisfeito com aquellas declarações e ria-se, ria-se a valer, sem saber o que dizer, scintindo palavras que lhe passavam na imaginação como faiscas, mas que nunca lhe vinham aos labios!

Apenas podia dizer, çaparvalhadamente:—E eu!... E eu!...

(Continua)

VIRGILIO VARZEA

## HERO

Descamba a noite; rapido farfalha, Crebro, o tufo; ferve o Hellesponto irado, E o céo da Grecia torvo e cnrrregado. Rapido o raio rutillo retalha...

A fria, undosa, liquida mortalha Rasga co'o peito o nadador ousado; Sorri-lhe ao longe o porto desejado Onde o amor brilha e a placidez se espalha!

O louco amor que o impelle inebriante Ao mar, do mar, trahidor, e não socorre, E as vagas cospem-no hirto, agonisante,

E Hero, livida e afflicta; á praia córre, E sobre o corpo inanime do amante Caem sem força, nulloando, a arqueira e morre...

RAYMUNDO CORREA

## GALERIA ALEGRE

III

JOSE' DO EGYPTO

Magro, de pince-nez e de flor á lapella do fraque.

Sem ser nababo distribue notas... á margem. Em outros tempos fabricava-as na *Gazeta de Noticias*, hoje fabrica as *Notas* á margem da *Gazeta*.

Admira o Camillo; gosta do Ramalho escriptor e poseur, e adora o Filinto. Filinto e elle ou elle e Filinto são dois corpos n'um espirito só, não entrando os pés do Filinto, que ficam á margem do espirito, e das Notas.

E' nm temperamento litterario de pri-

meira grandeza. Poeta, jornalista, critico, polemista, dramaturgo, revisteiro, pedagogo do pedagogia e... traductor.

Ufana-se mais quando se lhe falla do *Gran Galeoto* do que da *Mulher-Homem*. Coisas!...

Forte de talento e fraco de corpo. Tem tambem um outro fraco: é bacharel em direito. E como bacharel fez um figurão em Vaseouras, onde pôz no olho da rua um *infeliz* e foi perseguido por um admirador que a cada passo apertava-lhe fortemente as mãos, abraçava-o entusiasticamente e exclamava ainda mais entusiasmado ficta n-do-o:—Moço *quéra!* moço *onça!*... Ah! *monstro!*

Um horror!

No mais o *José do Egypto* não é José, é Antonio... Foi o creador desta grande obra *A Semana*. Não lhe escreveu aqui todo o nome porque seria obrigado a terminar estas linhas em verso. O nome delle é um alexandrino e dos bons.

IV

LELIO

Prosador, poeta, contista (sem ser de Comte) e... empregado publico, para não ser mais pobre.

Nunca fez um discurso por sua propria vontade. Fel-o uma vez obrigado. Desfecharam-lhe uma manifestação no *Globo* obrigada a jantar e á casaca, fizeram-lhe innumerables discursos e o *Lelio* vingou-se: fez um discurso. O meu primeiro e unico discurso! exclamou elle, commovidissimo.

Não chorei! Quem é que não tem sido victima? O *Lelio* por ser um litterato de raça não pôde fugir á raça do entusiasmo dos seus admiradores.

Resignou-se. Elle sabe que o entusiasmo não conhece limites.

E' possivel que sob o pseudonymo de *Lelio* poucos o conheçam, no entanto bem pouco deixaram de saborear as suas deliciosas *balas de estalo* quando o fizeram confeiteiro da *Gazeta de Noticias*.

*Lelio* é sollicito, accede a qualquer chamado de Assis ou de Beltrano.

Não falla mal nem bem de pessoa alguma e, é um *causeur* da primeira ordem e um prosador *hors ligne*.

Quanto a idade, o *Lelio* é... mais moço que o *Variás*.

Acreditem!

Ha um *calembourg* que é do *Lelio* (horror!) feito n'uma rapariga que fallava ou que falla até pelos cotovellos.

Eil-o: *ignez-gotavel*.

Desmaiem.

Isto tem atravessado seculos.

Actualmente o... o... o... o...

Le... li... o é *Mal...* vo... o... ho.

U... ma pe... pe... ro... la!

V

ELOY O—HEROS

E' uma nbiquidade muito bem nutrida. Está em toda parte—elle a a barriga—a barriga e a pilheria.

Não é um Antheu porque tem dois braços—mas não tem mãos a medir.

Gorde como o *vémé* é um finissimo poeta.

Passa por esta cidade de cabeça erguida carregando pacientemente um pince-nez colossal.

E' um *causeur* dos diabos.

Anda sempre atacado de um mal—a poesia dos outros. E' o Gower da musa patria.

MACIE

## Voz do Coração

Eu quizera passar no miserando Mundo, a beber um devneio infindo... A's vezes juncto a ti, rindo e cantando, Ou distante, tambem cantando e rindo.

Só viver para amar-te, e amar-te quando Tu, carinhosa, a meu amor sorrindo, Fores fugindo ao mundo e me alentando E não amando o mundo e me fugindo.

Eis o desejo que meu peito nbriga: E não é novo um tal desejo ardente, Pois é tambem nossa paixão antiga...

Guarda esse affecto... essa paixão consente... Nós viveremos n'uma paz amiga, Sonhando sempre, amando eternamente;

OSORIO DUQUE ESTRADA

## A UMA DA NOITE

— Olha, Chico; sempre estou-te a dizer isto. Não ha vida como a de casado. Não ha. Ha cinco annos que sou tão feliz, que as vezes tenho medo de um castigo do céu; vivo num paraizo. Tenho saude, negria, boas digestões, couros oleosos. Uma plenitude! Casa-te, meu amigo; procura uma mulher, como a minha, e casa-te. Fui feliz. Encontrei um anjo, Chico; mas um njo, como não ha outro, Se a vires, morrerás de inveja. Tem todas as virtudes, todas as prendas. Seu ideal é ser escrava amante e submissa do marido. Nunca lhe senti uma aspereza na voz, um arripio no gesto. E' uma pomba! meu caro Chico. De uma paciencia, de uma submissão, de uma fidelidade de Andromacha. E' escusado dizer que adoro-a de joelhos. Quando volto do loo, como agora, a uma da madrugada, encontro-a sentada a beira do leito a minha espera; e sobre a pequena mesa da alcova, envolvidas em báltea, desañão-me o apetite umas deliciosas torradas, que por um milagre de amor conjugal, ainda se conservão quentinhas. Ah, Chico! é o casamento uma instituição divina!

E o palerma do seu Chico, encostado ao combustor do canto, no silencio somnolento da cidade burgueza, suspirava ralado por uma fina pontinha de inveja.

O feliz marido, aceso por aquella atenção snspirosa, fusilava o infeliz com hyperboles inauditas:

— A familia é um pequeno cosmos! Todas as felicidades alli estão em torno de um centro creador e eterno, a mulher!...

E diecorria. Aquella hora adiantada da noite, a um canto de rua, a voz desse marido phenomenal tinha sonoridades de cornetim.

O Chico, hem vestido, á ingleza, um grosso diamante luzindo-lhe ao dedo, botas despontadas em lança, charuto apagado ao canto da bocca, alongava uma vieta pensativa pela rua mal iluminada ao gaz do Sr. Child. Parecia, com aquelle vago olhar sentimental, procurar ignota vereda que o levasse a um paiz encantado, cheim de mulheres formoaas e brandas, pleno de doçuras inefaveis. Aos seus pensamentos fazia a voz aflautada do amigo que continuava o estranho panegirico.

— E' tarde: Conclnio por fim. Vou para casa; minha mulher espera-me. Amanhã vai jantar comnosco; quero-te apresentar a ella.

O Chico oppoz modestamente um: — Obrigado! não precisa encommodo...

Insistio o outro:

— Minha mulher já te conhece de nome. Por occasião daquelles cem mil réis, que me prestaste, fallamos muito de ti; fiz-te os maiores elogios, como és merecedor.

Gesto do Chico.

— Ora deixa-te de modestia. As grandes virtudes são luzeiros, que todos devem fitar.

O rapaz do diamante baixou a cabeça confuso. Tinha consciencia de não merecer aquellas bondades.

— Não sejas tólo, homem! A modestia tambem prejudica. Ha por ahí figurões, que não valem o que vales, e estão nos annaes da fama!

Chico não pode ainda achar o que dizer a tamanha generosidade; estava esmagado!

Bem! resumiu o marido bemaventurado. Amanhã ás 4 horas... Não ha cerimonia; é como se estivesses em tua casa. Minha mulher é muito simples e inimilga de etiquetas.

— Isto é proprio das almas nobres! bestejou emfim o Chico.

— Pois adeusinho, até amanhã.

Ja para retirar-se e voltou:

— E' verdade. Levas charntos ahí? Esqueci-me...

— Pois não! atalhou o mancebo das pontudas botas, e sacou do bolso uma cheirosa charuteira de couro da Russia, peijada de Regalias.

— Da-me dois... apressou-se em dizer o filizardo.

— Leva-os todos, não tenhas ceremonias comigo.

— Tenho eoffrido de insomnias... foi-se desculpando o outro e afastou-se.

Naquelle momento Chico dava-lhe até a haga do anel, si lhe a pedisse o amigo. Estava deveras preso á aquelle generoso coração. Quando vio-se só, metteo a mão no bolso das calças, e poz-se a raspar o chão com a pontaira da bengala, cheio de inveja daquelle marido que voava faliz para o lar, ao passo que elle iria solitario e aborrecido espichar-se no frio leito de rapaz solteiro!

Entrou em casa o venturoso marido assoviando o *Zé-Pereira*. A mulher, pallida moça de 25 annos, com falta de dentes, mettida ao fundo da cama, embalava por meio de um cordel, o filho que se havia esgoelado por uma boa hora.

— Não assovie, homem: o menino ha duas horas que chora. Agora mesmo é que socegou.

— Ainda bem não chego, já começaes com os teus aborrecimentos.

— Homem de Deus! Pois é aborrecimento pedir para não acordar a creança que ha duas horas me atormenta! Você não pára em casa; se aqui estivesse havia de aguentar...

— E' melhor calaree a tua bocca!

Elle deixou de assoviar e de máo humor foi tratando de despir-se e e deitar-se. A mulher afastou-se um pouco para dar-lhe lugar.

— Amanhã, diese elle se espichando, o meu amigo Chico vem jantar comnosco.

— Que demónio de Chico é esse?

— Tens o costume de maltratar as

peçoas de minha amizade. E's insuportavel.

— E' que você só me traz trabalho para casa. Bem sabe que não tenho creado; e eu é que sirvo para tudo. Já não me atrevo. Você passa o dia na repartição, as tardes na rua, ns noites ao jogo. Só vem a casa para chimpar-me destas.

— Estás hoje pegando a toda isca.

— Não é isca; é você que não comprehendendo que uma casa de familia não é um hotel para de momento a momento metter-se um typo para jantar

— Typo és tu. Olha, que continuas a maltratar os meus amigos!

— Qual amigos! Você o que tem é parceiros de jogo e de pagodes. Si fossem seus amigos, seriam os primeiros a mandal-o para casa a ver seus filhos e me ajudar.

O homem exasperava-se:

— Cala a bocca, que é o melh r: deixa-me descançar.

— Eu é que devia descançar. Passo os dias lidando, as noites acordada com os meninos, e em cima de tudo ir fazer jantar para vadios... Era o que faltava!

— Para que lê casaste?...

— De tola! Hoje não me apanharião mais. Fiei-me em prosas e desgracei-me.

— Então te desgraçaste casando com-migo! Eim?

Pois não é desgraça ter-se um marido, que não pára em casa; que joga o vin-tem que adquire; que deixa sua mulher na cosinba, como uma negra feita um bicho!

— Querias então estar enfeitadinha á janella para te acharem bonita? Não és tão bolla figura...

Bella ou não, assim mesmo...

E interrompeo-se.

Que ias tu dizer? acaba! disse o marido erguendo-se no cotovello.

Nada...

Acaba! gritou elle fulo.

— Também Você pôe-se a atormen-tar-me, a ponto de por-me doida.

Acaba! repeta o venturozo marido.

Acaba que eu quero arrancar estes beijos!

Era brutal! A creança acordou gritando e a pobre mãe desceu da cama e, de pé, em camisa, soluçando, pôs-se a embalar o filho, emquanto o filis marido, o amigo do Obico, vomitava as ultimas palavras de sua indignação:

— Atrevida! Desvergonhada!  
Filizardo...

LAHORE.

## BANHO DE OIRO

Numa noite de luar, calma e saudosa,  
Em teu jardim passeiavas silenciosa.  
Dos beijos desta noite embalsamada,  
Lembras-te? Ia morrendo a serenada,

Alem,—como uma supplica chorosa.  
Cupola azul de perolas crivada,  
Parecia-me o céu; e a vagarosa  
Lua, em meio da cupola engastada,

Lembrava-me um esplendido chuveiro,  
Que em teu jardim,—qual dentro de um han-  
neiro,  
De aromas cbeio,—catadupa irriante

De oiro jorrava; e então, leu corpo inteiro  
Vi, como que afogado, ó minha amante,  
Nas ondas da cascata fulgurante!

HENRIQUE DE MAGALHÃES

## POETAS MINEIROS

III

BASILIO DA GAMA

(Conclusão)

José Basilio da Gama foi muitissimo versado em grego, latim e italiano, cuja litteratura e poetas lhe eram sobremodo familiares, conforme o demonstra em as suas poesias originaes ou traduzidas.

A respeito do poema diz um critico erudito:

« Justo elogio mereceu o sensivel cantor da infeliz Lyndoya, que mais nacional foi que nenhum dos seus compatriotas brasileiros. O *Uruguay* do José Basilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes, sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados: não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional e legitima americana. Magua e que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto Si houvera tomado esse trabalho, desappareciam algumas incorrecções de estylo, algumas repetições e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo é defeito.» (1)

Outro escriptor distincto assim expende o seu juizo:

« O auctor do *Uruguay* principalmente se extremou pelo talento da harmonia imitativa, pelo mechanismo da linguagem, sabendo sempre adjar os sons ás imagens. As vezes faz correr os versos fluidos e naturaes; outros, como nas falas de Cacambo, demora no verso de proposito, porque deseja representar distancia, socego ou brandura. Si a imagem é audaz e viva, com quando fala Cepé, faz precipitar os versos, até dirieis que em casos duros e de batalhas, sobe fazel-os roçar asperadamente uns com outros.» (2)

A opinião de tão emeritos criticos é quanto basta para que Basilio da Gama seja considerado um grande poeta, e poeta verdadeiramente brasileiro.

Já que fomos demasiado longo na apreciação deste poeta, iremos ainda alem, tratando de um soneto sobre que já se levantaram duvidas. *A Semana*, magnifica revista litteraria da Corte, o publicou em o seu n. 50, dando a sua auctoridade como attribuida a Basilio da Gama. *A Penna*, periodico que se publicou no Rio Grande do Sul, em o numero de 31 de Agosto de 1884, o publicou, apenas com pequenas variantes, sob o nome de Camões. E o *Almanak Litterario de S. Paulo* ainda o publica com o nome de Gomes Freire de Andrada, precedido das seguintes palavras: «Poucos conhecem o mimoso soneto, que abaixo publicamos, devido á inspiração do illustre general Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadella.» (3) Aqui o damos:

«Mimoso pintasylo, flor vivente,  
Sonoro ribeirinho, alma do prado!  
Não cantes, lisongeia um desgraçado,  
Não corras, acorra: panha um descontente,

(1) Almeida Garret.

(2) visconde de Porto Seguro.

(3) *Almanak Litterario de S. Paulo* 1878, pag. 75.

Si ahí nesse raminho alegremente,  
Cantando, zombas do meu triste fado,  
Si aqui, por entre seixos debruçado,  
Murmuras, rindo de quem chora ausente

Ah tem lastima de mim, e em breve espaço.  
Voa tu com as penas que aqui passo,  
Sem que os longes te sirvam de embaraço.

Para o que, doce O' pheu, crystal sonoro,  
Voa tu com as penas que aqui passo,  
Corre tu com as lagrimas que aqui choro.»

« Provavelmente, diz o Dr. Valentim Magalhães, os versos primeiro do primeiro terceto e ultimo do segundo, medonhamente errados, não o foram pelo auctor, pois, alem do cuidado com que naquelle tempo se cultivava a fórma da poesia, especialmente do soneto, quem escreveu esses doze versos correctissimos, não perpetraria aquelles dois aleijões. Foi sem duvida corruptella da transmissão oral ou erro de copia.» (4)

Na familia de Gomes Freire não se encontram poetas, contam-se soldados, e que bons soldados! O governador José Antonio Freire de Andrade e o tenente-coronel Francisco de Paulo Freire de Andrade, attestam eloquentemente o seu valor patriotico. (5)

Afóra esta, outra prova concorre em favor de Basilio:

No poema *Uruguay*, Gomes Freire é o herôe da acção, consoante se deprehende destes versos:

« Fermam ainda nas desertas praias  
Lagos de sangue tepidos e impuros.  
Em que ondeam cadaveres despídos,  
Pasto de corvos. Dura inda nos valles

O rouco som da irada artilharia.  
Musa, honremos o herôe, que o povo rude  
Subjugou do Uruguay, e no seu sangue  
Dos decretos reaes lavou a affronta.»

E quem nos diz a nós que alguém, impressionado com a leitura do poema, e confundindo os nomes do autor e do herôe, assignasse erradamente aquelle soneto?

Emquanto a Camões está patente que lhe não pertence aquella joia poetica. Estamos de perfeito accordo com o illustre *couteur* dos *Vinte Contos*: houve por força corruptella na transmissão oral ou erro de copia, pois que Basilio da Gama foi poeta arcadico de merecimento e o famigerado Bobadella, ao que nos consta, jamais teve fóros de poeta.

A nosso ver portanto, o auctor unico de tal poesia é José Basilio da Gama, em quem concorrem precedentes e predicados que o habilitam a subscrevela com todas as regalias reservadas á propriedade.

LAFAYETE DE TOLEDO

(4) Valentim Magalhães, *A Semana*, 1886, vol. II, pag. 92.

(5) O visconde de Porto Seguro, *Historia Geral do Brazil*, escreve Andrade e cita o *Brazil Historico*, I, n. 56, em que se encontra a assignatura correctea de José Antonio Freire de Andrade.

## A AGUIA

Desde aquelle dia em que deixei-te  
no alto de uma collina florida, junto  
ao mar, n'uma tarde de sol, e no seio  
de um immenso e profundo buraco  
aberto no barro vermelho, tão verme-  
lho que tive pesar de ver como se ia  
ensopar nesse profuso e vivo sangue

da terra todo o teu caixãozinho azul e  
a tua branca mortalha de noiva...  
desde esse dia, ó minha perdida  
esperança! ó meu arrebatado ideal!  
que continuamente levo a pensar no  
meu infortunio de te perder para todo  
o sempre, e no tenebroso mysterio da  
morte.

O meu atormentado espirito intentn  
debalda decifrar, esclarecer e rasgar o  
brutal e crasso enigma.

E' tudo em vão.

E quantas vezes, desde esse tempo,  
eu não tenho ido á tua humilde sepul-  
tura, onde florescem os lyrios e as per-  
petuas, espalhar os meus scimares, de-  
ragnar as minhas maguas e saudades  
sobre o frio chão que te cobre!

E, alli, pregado ao logar onde te vi  
enterrar, na ausencia absoluta, esma-  
gadora e cruel de toda a tua pessoa e  
dos teus carinhos, como eu interrogo a  
natureza e as cousas sobre o teu espí-  
rito, sobre a tua gentileza e as tuas  
graças!

Então, na intermittencia do soffri-  
mento, mas n'uma nostalgia recon dita  
de ti e de todos os teus encantos, n'uma  
reconcentração piedosa e mystica in-  
vade-me o peito a vaga consolação de  
que a tua alma gentil e immaculada  
volitará de certo no céu, entre anjos,  
n'um gorgeio infinito, amplamente  
banhada do santo olhar do Seuhor.

Mas, depois, ao lento expirar dessa  
idéa, volto para casa, ancioso, descon-  
solido, soturno.

Então procuro a embriaguez do es-  
quecimento.

Todas as noites, porém, debruçado  
na janella do meu quarto, a olhar o  
infinito, sosinho, alheado de tudo  
n'uma longa e afundada meditação, e  
no meio da natureza que dorme, eu,  
não sei porque, mas completamente  
embebido na tua subtil e delicadissima  
essencia, traspassado da tua lem-  
brança, n'um embevecimento supremo  
e dominador, como que vejo os teus  
olhos sorrirem para mim lá nas altu-  
ras, entre as estrellas,—e, então, o meu  
espirito se eleva n'um vôo muito alto,  
se eleva até os astros, em busca de ti:  
possante e sereno, como uma grande  
agua,

HORACIO DE CARVALHO.

Desterro, Santa Catharina, Janeiro  
de 1888.

## VIDA ALEGRE

FINIANOS

Meia noite tristemente... Qual, tris-  
temente! Mal soaram na torre de  
S. Francisco as duas horas da noite  
já no *Poleiro* dos Finianos não havia  
logar para... nma cabecinha de alfinete.  
Que dilyrio! Que pandega! Aquillo  
alli era dansar, dansar, dansar, ao  
lado de tentadoras, fascinadoras, arre-  
batadoras rymphas e depois... *morire*.  
Ai, que delicias!

O diabo é a gente não ser feita de  
bronze para não cançar nunca. Ha dor  
maior do que esta: Ter a gente de se  
retirar de um *ninho* quente de prazer,  
de alegria, de champagne, de espirito,

de tudo que é tentador... até de olhares doidos fasciantes, lembrando astros desorbitados, só porque o canção, a fadiga, o somno, este maldicto nos aquilla o corpo.

Um hurrah aos Finianos.  
Hurrah!

## TENENTES DO DIABO

Deslumbrante, saracoteante, enorrrme, foi o baile que esta endiabrada associação deu no sabbado ultimo.

O aspecto da caverna era uma cousa oriental, phantastica, idéal, um dilúvio de leques, coltos, musicas, phantasias, risos, brados, danças. Um assombro! Quando a Anora com os seus dedos etc., etc., etc., rasgou etc., etc., do Oriente encontrou ainda os incangaveis tenentes a dançarem, a girarem ao som de entusiasticas polkas, arrebotadouras valsas o de interminaveis quadrilhas.

Bravos! Bravos!

## DEMOCRATICOS

A graça, o espirito, a pilberia, a loucura até, deram *rendes-vous* na noite de sabbado no vasto sallão dos popularrissimos Democraticos.

O castello estava tafulhado e illuminado de *estrellas*. Não havia um recanto onde ellas não hrillhassem, fascinadoramente, e nem sahuiu de lá mortal nenhum que não trouxesse n'alma a recordação d'aquelles corpos tentadores, que á vaga das provocantes musicas das caprichosas phantasias, e das cambiantes luzes, ondulavam, quebraavam-se languidamente, mollemente, como se fossem feitos de espuma e rosas e movimentados por alguma varinha magica vibrada por ignoto e extranho deus.

Um paraíso! Um Eden de alegria e de prazer, encartado neste vale de lagrimas—o mundo.

Ahi Democraticos. Ao champagne! Ao champagne! Ao champagne!  
Hip! Hip! Hurrah...

## CONGRESSO DOS FINIANOS

Magnifico o baile de sabbado! Que entusiasmo! Que transbordamento de alegria!...

Estou aqui, estou embaçado, admirado e convencido de que a hereditarieidade (olhem que eu não sou o Ribot) é um facto. Os congressistas sahiram aos pais. Que *bébé*! Que desenvolvimento precoce têm estes *nénés*! Se vão neste andar estão brevemente tocendo o bigodinho ao lado dos papás e a perguntarem-lhe: *Vocês nos conhecem?*

Que grandes pandegos! Sim senhores! vocês são enorrrmes.  
Viva a pandega!  
Vivam os Congressistas.

## POLITICOS

A elegancia, o *chic* e o espirito estiveram no baile que os Politicos deram no sabbado ultimo Foi uma festa deliciosa aquella!

As *serenas* do amor, modularam as suas tentadoras canções naquella oceano de alegria, e presos aos seus braços quantos *politicos* não se perderam pelo paiz dos sonhos e das chiméras e não se esqueceram da vida e de um cortejo de privações!

Bravos, Politicos! Bravissimos!  
Hurrah...

PIERROT

## IL FIOR MORTALE

Nós seguimos tambem as turbas ledas,  
Tu — distrahida e alegre, eu — meditando;  
Passavam rindo, rindo e segredando  
Phrases que sabes e que não segredas...

Este a cantar seguia... Aquella ás treclas  
Mãos a grinalda atvissima esfolhando...  
Alguns, desviados do ruidoso bando,  
Buscavam as desertas alamedas...

Fomos... Ao fundo escuro da quebrada  
Desci: olhavas cheia de pallor!  
Trouxe-te emlim a rosa desejada,

Trouxe-te a rosa pallida do amor...  
E inda tenho a existencia enveneniada  
Dos espinhos crusis daquella flor!...

ALBERTO SILVA

## CONTOS SINGELOS

## NA ALCOVA

Palmyra, a loira, a meiga Palmyra está sentada em um divan de veludo *grenat* coberto de finissima renda, com a face apoiada á mão fina e branca e os grandes olbos azues fitos no tecto. Sob a cascata doirada de seus longos cabellos alvejam-lhe o collo e os hombros nus, os pés pequeninos, rosados, repousam livres no tapete e ella com a cabeça graciosamente derreida no encosto do divan scisma, scisma, com os olhos fitos no tecto.

Em cima de uma mesinha de pau setim uma lampada cor de rosa espalha pela alcova perfumosa e tépida a doce e consoladora luz de seu bojo delicado e transparente e a tenuissima claridade acaricia os luxuosos moveis, faz scintillar o crystal dos espelhos e se esbate suavemente na seda azul celeste da parede.

No marmore dos consolos misturam-se em artistica confusão fitas, rendas lvas e rosas despencadas, e no centro, juntas em monte, as joias abandonadas ostentam as suas sappiras e os seus hrillhantes, nos quaes a luz põe mil scintillações...

Junto a um leque meio aberto um raminho de violetas murchas exala com o derradeiro perfume o derradeiro alento; e ao fundo quasi occulto na penumbra ergue-se o leito alvo e macio cercado de cortinas transparentes.

Perdera-se ha muito nas vastas e silenciosas salas do palacio o écho da ultima badalada da meia noite e sem que lhe pese nas palpebras o mais leve signal de somno, Palmyra no castissimo recolhimento da alcova perfumosa e tepida revive na imaginação todos os episodios do baile da vespera.

Elle lá estivera, sempre tímido e respeitoso, deixando transparecer o seu amor apenas nos ardentes olhares com que a envolvia de instante a instante, e não ousando dirigir-lhe sequer o mais banal dos complimentos.

Com ella só se animara a dansar uma valsa; mas que valsa!  
Entontecedora, delirante, louca!...

Aos primeiros compassos arremessaram-se no doido turbilhão e voaram entrelaçados, as respirações confundi-

das, os olhos embriagadoramente embebidos no tecto...

E ella cerra docemente as palpebras julgando sentir ainda na cintura a ligeira pressão daquelle braço nervoso e tremulo...

Lá fora a noite vai placida e serena, as estrellas brilham no firmamento e a lua na sua ultima phase derrama do alto uma claridade frouxa e mortiça.

Ondulam em baixo ao leve sopro da aragem as fraucas ramalhudas das arvores do parque e no mysterioso silencio da noite ouve-se apenas o tri-tri aspero e estridente dos grillos num concerto monotono e errante.

E na alcova vagamente illuminada pela lampada cor de rosa Palmyra, a loira, a meiga Palmira com a face apoiada á mão fina e branca e o seio a arfar extranha e impetuosamente sente pungir-lhe n'alma a primeira saudade e julga ver na penumbra os olhos d'elle negros como a noite e luminosos como os astros e nos quaes ella advinhara um poema inteiro de amor e paixão!...

No marmore dos consolos cahem uma a uma as setineas petalas das rosas e esquecido, junto ao leque meio aberto, o raminho de violetas murchas exhala com o derradeiro perfume o derradeiro alento...

LUCIA.

## NO GRANDE BAZAR

(A Osorio Duque—Estrada)

Obra de industria se nos afigura  
O velho turco no divan sentado;  
Cae-lhe por sobre o cafetan bordado  
A barba em toda a nitida brancura.

Com que graça a cabeça lhe emoldura  
O turbante de pedras recamado.  
O narghilé fumando embriagado  
Sonba Stambul—a deslumbrante impura.

Commovido revé a mocidade  
D'aventureiro, o luxo, o aparato...  
—Parece a estatua da immobildade.

Longe do turco os asperos escolhos...  
Masse presente alguém vae como um gato  
Silencioso descerrando os olhos.

GUIMARÃES PASSOS

## THEATROS E DIVERSÖSE

No Sant'Anna subiu á scena ultimamente e, tem agradado bem ao publico, a opera comica de Leterrier e Vauloo: *Roi de Carreau* traduzido do original francez pelo Dr Moreira Sampaio que denominou-a, não sabemos porque, *Dama de Espadas*.

A impressão que nos causou a peça não foi, confessamo-lo, bastante lisongeira e revellou-nos apenas a má orientação de um talento sem originalidade. Apesar da esplendida scenographia, devida a Carrancini, a peça teria desagradado si não fóra o brilhante desempenho dos papeis interpretados com verdadeira correção e talento por Guilherme de Aguiar, Peixoto, Polero, Mesquita, Areias, Lisboa, Herminia e Villiot.

Da musica, que alias não é superior ás precedentes do auctor, resultam trechos de muita graça e originalidade, amplitude e melodia.

O dueto de Agenor e Manoela, o côro dos ladrões, entre outros, agradaram-nos muito.

E' de esperar enfim que a peça abra caminho ao rico dinheiro do publico para o bulgo do Heller e faça até o seu centenário, porque *cousas* ha nella que ahadaram.

## ZAVATAR

Brevemente este distincto professor dará um concerto. Já sabemos quanto é bom ouvir boa musica e por isso esperamos ansiosos o dia em que Zavatar nos encha os ouvidos com seus accordes dulcissimos.

## RECREIO DRAMATICO

A grande Avenida, O cazimbo da óvó, Não me embaçam e O Lucas têm dado a empreza Dias Braga boas receitas.

Está em maré de felicidade o Recreio. Que esteja por muito tempo, quer haja *delormistas* e *belegrandistas*, quer não.

Na proxima semana subirá á scena a comedia *Uma casa de doidos* que dizem ser desopilante e engraçadissima.

## DOUS BENEFICIOS

Durante a semana fizeram beneficio com extraordinario successo as estimadas atrizes Cinira Polonio e Herminia Adelaide.

Esta escolheu para a grande noite *O amor molhado* peça já bem conhecida do publico e que tem voltado á scena por instancias do mesmo.

Foi um mundo de bravos e palmas, duas festas que devem ter deixado fundas impressões no coração das duas atrizes que no susurro das palmas e nas cascatas de flores recebem as expressões de admiração e sympathia que souberam conquistar pelo talento.

O beneficio da Cinira fez-se com o *Capellinho Vermelho*, o bello trabalho de Blum e Tochê traduzido com admiravel talento por Figueiredo Coimbra e Azeredo Coutinho

A festa da Cinira foi esplendida, e todos os artistas que na peça tomaram parte deram-lhe completo desenvolvimento.

LHA.

## A LARANJEIRA

Festiva e engrinalda a laranjeira  
Aponta os seios ao cair das flores,  
E rescendenao virginaes odores  
Lembra a esperanca de mulher solteira.

Talvez seja a Amadryada primeira  
Que ao Jupiter sensual negou amores,  
E esconda agora os feminis primores  
De uma formosa virgem prisioneira.

— O' arvore celeste do peccado,  
A' noite fria, quando o céu sem lua,  
Desvela o corpo esbelto e perfumado,

Despe a tunica verde que fluctua.  
Que entre as sombras lá vem teu desposado,  
E os pomos de ouro lhe offerece nua.

J. DE MORAES SILVA

## FACTOS E NOTICIAS

### MANIFESTAÇÃO

No dia 5 do corrente foi alvo de uma bellissima manifestação de apreço por parte dos moradores da ilha de Paquetá o distincto cavalheiro o Sr. commendador Antonio Martins Lage.

As 4 horas da tarde largou da ponte da Córte uma barca Ferry, levando a seu bordo grande numero de convidados e representantes da imprensa que iam assistir a inauguração solemne da nova ponte de embarque, cuja benção foi lançada pelo Rev. padre Christão de Carvalho em presença do Sr. commendador Lage, sua Exma. familia e grande numero de pessoas que já alli se acharam a chegada da barca.

Finda a cerimonia o Rev. padre Christão cedeu a sua esportula em favor da infancia desamparada da ilha, dirigindo-se após toda a comitiva precedida por tres bandas de musica para a residencia do Sr. Dr. J. da Silva Pinheiro Freire, onde foi servido um opiparo jantar, trocando-se nesta occasião varios e entusiasticos brindes. As 7 1/2 formamto *marche aux flambeaux*, seguiram todos os convidados e se derigiram a casa do Sr. commendador Lage. Ahi chegados o Sr. Dr. Freire proaunciou um brilhante discurso em que realçou os trabalhos e o merito do Sr. commendador Lage, entregando-o por esta occasião um formosissimo album em nome dos moradores de Paquetá. Na primeira pagiaa do album leem se as seguintes lihas: *Homenagem ao commendador Antonio Martins Lage, por serviços prestados a pittoresca ilha de Paquetá: 5 de Fevereiro de 1888.*

Alem do discurso official pronunciam discursos varios cavalheiros presentes. O Sr. commendador Lage agradeceu a manifestação e convidou as pessoas preasentes para um profuso copo d'agua.

A bella chacara do Sr. commendador achava-se brilhantemente illuminada, sendo de grande effeito a distribuição da luz polos copinhos, balões venezianas e luz electrica.

Após a entrega do album houve animadissimo sarau que terminou pela madrugada.

Alem disto queimou-se as 10 1/2 um vistoso fogo de artificio.

Foi em tudo uma festa brilhantissima, digna dos cavalheiros que a formaram e que se firmará gratamente no espirito do Sr. commendador Lage, alvo de todas aquellas manifestações.

Ao Sr. commendador Lage, envia *A Semana* um apertado abraço congratulatorio.

Tem sido muito visitada a exposição que o nosso distincto amigo pintor Rodolpho Amodeo fez, na Academia das Bellas Artes, dos seus bellissimo quadros.

### OCTAVIANO HUDSON

Faz amanhã dous annos que morreu Octaviano Hudson, esse ministro da caridade, em cujo olhar, doce via-se a excellencia de seu coração, essa alma, que era a alma da causa dos infelizes; aquella fronte livida e serena, talento que recolhia a amplitude d'alma do cantor das Peregrinaas.

Em nome desta geração que sente e que pensa curvamos o joelho ante a memoria do grande cidadão que soube por em pratica a religião da Humanidade, e que tanto amor e trabalho despendeu as lettras patrias.

## Diversas Publicações

O numero 24 do 4º anno da *Illustração* excellente revista redigida por Marianno Pina. Traz na primeira pagina o retrato de Sadi-Carnot, o actual presidente da Republica Franceza, e nas outras excellentes illustrações.

Pelo Sr. José Rapozo foram-nos offerecidos os dois primeiros fasciculos do Romance de J. Valero—Pepita Jimenez versão de Luciano Cordeiro e prefaciado por J. Cezar Machado. O Sr. Rapozo é director da Empreza Litteraria Catharinense, que enceta os seus trabalhos com e publicação deste romance. O publico de certo favorecerá esta empreza que, alem de ser nacional e de publicar só bons livros, o faz por preços muito razoaveis.

O digno moço o Sr. José Raposo merece o apoio publico e por nossa parte estamos prompto a prestar-lhe.

A illustre redacção do *Vassourense* nos brindou com o seu interessante Almanack deste anno. Somos-lhe grato.

*Echo das Damas.* O numero que se distribuiu ultimamente tras bons artigos. Este interessante periodico é redigido por um grupo de distinctas Senhoras, que com vantagem, cultivão as lettras.

Como sempre a ultima *Revista Illustrada* veio muito boa. Faz espirito o Angelo, mesmo até quando... dorme.

O n. 4 das *Notas d Margem* primorosa chronica quinzenal do nosso illustre

collega Valentim Magalhães, está excellentemente, como tudo que sae de sua amestrada penna. Todas as questões que formão o seu Summario são tratados com muita critica, e muito espirito.

Que nos venhão sempre assim as *Notas*.

Do Sr. Dr. Filisbello Freire, recebemos um fasciculo, da conferencia que realison, sobre a Evolução da materia, e causas de suas formas, no club das Laranjeiras, na noite de 25 de Novembro de 1887.

O illustre Sr. Conselheiro Dr. Jorge João Dodsworth fez-nos a honra de mandar dois volumes dos Annaes do Parlamento Brasileiro, da Camara dos Srs. Deputados do 4º anno da 2ª Legislatura, e sessão de 1888. E' um trabalho completo de paciencia e util pelos elementos de nossa historia parlamentar que bem coordernados offerece. Agradecidos.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro do Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machtasn e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos & Haas.—Juiz de Fóra.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á estatua. Vinho de pepsina e diastase paul creatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Onro Fino,

Dr. Araujo Filho—Medico par teiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, nº. 36

Julio Cezar Tavaros Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provcia de S. Paulo.

Agrimensores.—Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarregam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Córte. Informa-se na *Semvna*.

Dr. Aristidos Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Rodrigues Lima—Medico arteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgilio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Leonel Roza—Advogado. Encarrega-se de causas, perante o jury.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Luiz Murat.—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Aristidos Lobo—Advogado, rua dos Ourives n. 21.

Dr. João Ribeiro—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

## THEATROS

ESPECTACULOS HOJE

LUCINDA --- Capellino Vermelho,

SANT'ANNA---Amor molhado.

RECREIO---A Grande Avenida.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 18 DE FEVEREIRO DE 1888  
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 161

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Urhano Duarte,  
Lepoldo Cabral e Candido Juca

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

|                             |                   |
|-----------------------------|-------------------|
| Expediente.....             |                   |
| Historia dos sete dias..... | Gêôô              |
| Echos e reflexos, poesia... | Augusto de Lima   |
| Hehe immortal, poesia...    | Raul Pompeia      |
| Lucio de Mendonça.....      |                   |
| Escreptores do Norte do     |                   |
| Brazil.....                 | Franklin Tavora   |
| Dous vasos, poesia.....     | O. Duque-Estrada  |
| Bolhas de sabão.....        | Candido Juca      |
| Sempre eu, poesia.....      | Raymundo Corrêa   |
| Força velha.....            | Araripe Junior    |
| Rimas, soneto.....          | A. Celso Junior   |
| Nivelado.....               | Domício da Gama   |
| As rugas, soneto.....       | E. de Barros      |
| Bellas artes.....           | Emanuel Karnero.  |
| Escrinio, soneto.....       | H. de Magalhães   |
| Expição, poesia.....        | Luiz dos Reis     |
| Um marido.....              | Lahore            |
| Crise psychica, soneto...   | I. Martins Junior |
| Na roça.....                | Virgilio Varzea   |
| A natureza, poesia.....     | E. de Carvalho    |
| Deus, soneto.....           | H. de Carvalho    |
| Factos e noticias.....      |                   |
| Theatros e diversões.....   |                   |
| Collaboração — Scenas po-   |                   |
| pulares no Ceará.....       | Rodolpho Theofilo |
| Diversas publicações.....   |                   |
| Annuncios.....              |                   |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

### CORTE E NICTHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno.....     | 8\$000 |

### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus dehitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarfos da *Semana* os Srs. :

Dr. Virgílio Brígido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.  
F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como hrinde :  
— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## HISTORIA DOS SETE DIAS

O carnaval é uma festa esplendida, digam o que quizerem os pessimistas, mas é preciso que seja carnaval *carnaval*, como foi o deste anno. Quando esta festa popularissima, porém, consiste apenas no *entrudo*, ou, por melhor dizer, em agua, mais ou menos limpa e fria, atirada sobre os que passam, cheios de fadiga e banhados em suor, então deixa de ser um divertimento para ser uma sandice, transforma-se de gracejo em crime, porque é a origem de muitas molestias, quasi sempre de prognostico muito grave.

Em boa hora o chefe de policia lembrou-se de ser o maior folião do entrudo, pondo agua fria na fervura do entusiasmo de todos os foliões desta cidade. O facto de ter conseguido a extincção deste barbaro brinquedo, é para o chefe um grande motivo de gloria, tanto maior quanto foi o unico que conseguiu tal resultado, e isso sem barulho, sem conflictos, muito caladinho, como quem não queria a coisa.

As manifestações parece que cessaram de todo nesta côrte, por que não me consta que alguém tenha projecto de fazer alguma ao Sr. Coelho Bastos. Pois olhem que elle bem a merecia.

Disse que o carnaval foi bom : rectifico : foi optimo.

As sociedades carnavalescas, qual dellas mais espirituosa, mais rica, mais

cheia de esplendor, reanimaram-se, depois de morto o entrudo, e vieram deslumbrar cá fora o povo que os acolhia cheio de admiração e de prazer, batendo palmas e dando *vivas*. Si alguém tentar emitir uma opinião franca sobre qual dellas levou a palma á outra, ha de forçosamente sentir-se em difficuldades serias porque, si os Democraticos por exemplo, foram os primeiros no espirito das criticas que apresentaram, os Fenianos os excederam no luxo, no apurado gosto das vestimentas que trajavam.

Pelas ruas, e afóra as sociedades, foram os carnavalescos em tudo eguaes aos dos outros annos, diminuindo o numero dos classicos *diabinhos*, em cujo disfarcese occultavam muitos caposiras e gatunos, e augmentando consideravelmente o dos *dominós*.

E' ainda forçoso reconhecer que houve alguns mascaras de espirito, e entre elles, eu citarei um *dominó* escarlate que esteve no Cafe da Armada e que por algum tempo trouxe os circumstantes em continua hilaridade, pela graça com que conseguia expôr a chronica de alguns typos, sem offender os nem magoar os. O Dr. 2º delegado de policia não escapou ao engraçado mascara e hem o nosso amavel « Souvenir » a quem elle appellidava Gregorio Manequim de Souvenir, e que com toda a calma e sempre risonho o ouviu até que elle resolveo-se a deixal-o em paz.

O carnaval revive, por conseguinte, do nada a que ficou reduzido o entrudo.

Passou despercebido o suicidio de mais uma criança, filha do general Portocarrero. Um excellento menino, que eu conheci, e cuja morte pranteio. Não commento este acto, que elle, em si proprio extraordinario, está acima de toda a consideração que porventura me approvesse fazer.

Uma criança de excepcional talento conseguiu dos pais que o transformassem em *bilontra*, e por essas ruas andou a encher de admiração a todos, pela vivacidade com que respondia aos que, por acaso, o interpellavam, ou pelo espirito com que tratava aquelles aos quaes tentava ridiculizar. Isto foi no domingo : terça-feira, havia-se feito um vacuo naquelle risonho lar donde sahira um dia antes o *bilontra*, e para onde entrara mais tarde, cheio da vaidade propria das crianças, quando conseguiu um triumpho ; terça-feira, os pais delle deixaram de sorrir : o filho morrerá. Si pode haver magua profundissima neste mundo, essa deve ser a desses pobres pais. Quem lhes diria que ao tingirem de carmin as faces do filho, haviam de vel-as, horas depois, profundamente empallecidas pela mão

inexoravel da morte, contra a qual nem tem poder o amor de uma pobre mãe, nem a força de nm pai extremo ?

A criança morta, vio, talvez, uma só vez, o carnaval em sua vida. Ainda bem que não chegou a reconhecer que naquelles trez dias é justamente quando a gente se desmacara, que a vida toda é um constante carnaval !

Os pais, os pohres pais, é que eu, é que todos, devemos lamentar.

Uns sentenciados que cumpriam pena em Nictheroy, acharam-se mal na prisão e alçaram a voz bradando o *libertas qua sera tamen*, pondo-se, em seguida em fuga pelas ruas da imperial cidade.

Ha por lá muito temor desses seis miseraveis que conseguiram, ferindo o guarda que lhes abria a porta da cadeia, penetrar nas mattas que circundam a capital da provincia. E parece que não ha meio de fazel-os eahir dessas mattas, nem mesmo pelo alvitre lembrado de fazel-os perseguir por matilhas de cães de caça.

Podem caçar-se por esse meio pacas, cutias ou porcos, mas o que nunca se poderá alcançar por elle é a presa de uma onça ou de um tigre, e esses seis gungetos são verdadeiras onças, eão tigres incontestaveis...

Ah ! mas que não cheguem, como já se disse que haviam feito, que não cheguem á Engenhoca ! Ahi existe a musa sagrada do sympathico poeta Alberto Oliveira. Saqueem, devastem o profano, mas não sejam sacrilegos.

Ainda estou commovido, sinto-me ainda tremulo da consternação provocada em mim pela rapida leitura, que fiz, do edital da policia, convidando a gente desocupada a tomar a farda e a empunhar o chanfallo de praça.

O secretario tenente usa de tal linguagem, tão triste, tão melancholica, que a gente sem querer, fica triste.

« Um emprego tão bom, meus senhores, tão suave no trabalho, tão cheio de recompensas, e os senhores deixam-se ficar em casa, vadios, e não preenchem o claro que existe de 162 praças ! 162 logares a preencher ! E' com effeito, admiravel isto, quando é sabido que para uma vaga só apresentam-se, ás vezes 200 ou 300 candidatos. E depois não é só isso : são todos elles logares de accesso. A simples praça terá 1\$700 e mais 590 reis de etapa ; o cabo terá isso e mais a quinta parte, e assim por diante, gradativamente.

Um pau por um olho ! Aposto 100 por 1 que o *claro*, tão lamentado pelo tenente, em pouco será tão negro como, pelo menos, a illustre carapinha do principe Obá, que tambem é militar.

GEVE.

## ECHOS E REFLEXOS

Ao nascer cada um recebe  
Um prisma risonho ou triste:  
Por elle vê quanto existe  
Na propria impressão que bebe.

Não raro a vista mais fina  
Se illude, e aquillo que vemos  
E' uma imagem que trazemos  
Gravada em nossa retina.

Si, as costas á luz voltadas.  
Andamos, eis que adiante  
Uma sombra itinerante  
Nos guia em nossas jornadas.

Falas aos echos? As phrases  
Dos echos soltas disjunctas  
São outras tantas perguntas  
A's perguntas, que lhes fazes...

Comnosco os destinos jogam,  
Mudando os berços em lousas:  
Interrogamos as cousas  
E as cousas nos interrogam.

Si lanças teus olhos a esmo  
Em qualquer ponto da terra,  
Cada phenomeno encerra  
Uma porção de ti mesmo.

Mas si na vaga defesa  
Da alma deres um mergulho,  
Apezar do teu orgulho,  
Naufragarás com certeza.

Nessa vaga escura, immensa  
Morrerás, novo Leandro,  
Mesmo vestindo o scaphandro  
Quer da razão, quer da crença.

AUGUSTO DE LIMA.

## HEBE IMMORTAL

Quando cessassem no ar os canticos  
da vida; e fosse o sol um cadaver, o  
firmamento um sudario aberto, o uni-  
verso todo um espectáculo de deolação  
e de pavor;

E fosse o espaço um chaos de inpre-  
cações longinquoas, gemidos estrangu-  
lados, espolio de infinitas queixas das  
gerações do soffrimento: acabados para  
sempre;

E a noute eterna do fim das cousas,  
passado o longuissimo crepusculo das  
decadencias, houvesse, na garganta ne-  
gra, absorvido o dia ultimo da criação;

Tu viverias ainda, oh Hebe! para  
acordar os ditbyrambos mortos; ob-  
mocidade! para saudar a treva cum-  
plice out'ora das festas e das loucuras  
com a taça de ferro das tuas lihações.

RAUL POMPEIA

## Lucio de Mendonça

De passeio, acha-se entre nós o illus-  
tre escriptor Dr. Lucio de Mendonça.  
Poeta de eleição, *conteur* dos mais feste-  
jado, e querido, entre este meio, que  
actualmente impulsiona a nossa men-  
talidade, o distincto moço é uma das  
individualidades litterarias que mais  
se distingue por sua orientação o pelo  
seu methodo artistico.

A *Semana* que sempre se honrou com  
a collaboração do illustrado escriptor,  
e que, nesta outra sua phase, acaba de  
receber a segurança de continuar a  
reche-la, corteja ao estimavel amigo.

## Escriptores do Norte do Brazil

DR. A. GONÇALVES DIAS

A poesia indiana não era nova no  
Brazil quando fez o seu apparecimento  
a musa privilegiada de G. Dias. Nas-  
cera primeiro no sul com José Bazilio  
da Gama e Santa Rita Durão, poetas  
mineiros. Não tiveram porém echo;  
morrera com estes poetas. Que outro  
poema seguiu o *Uruguay* e o *Caramurú*?  
Nenhum que eu saiba. Por cima destes  
monumentos colonias passou-se um  
seculo. A inspiração americana apagou-  
se no sul como se apagarão os  
Tamoyos, e tantas outras familias de  
indios da região austral ou occidental  
do Brazil.

Quando tudo neste sentido parecia  
extincto, excepto as duas citadas epo-  
péas mineiras, uma grande voz fez-se  
ouvir e logo attrahiu, pela suavidade e  
originalidade, a geral attenção. Vinha  
do norte a singular harmonia, que a  
todos impressionou singularmente.

Era a voz do poeta maranhense que  
revelou desconhecidas fontes de gran-  
deza nacional. Onde estavam occultos  
tão valiosos thesouros? Assim como  
nos *sambaquis* e cavernas se vão desco-  
brindo de dia em dia, em utensis e armas  
de pedra, documentos por onde a an-  
thropologia vai lendo a physiologia de  
nações desaparecidas, assim tambem  
no vocabulario e nos nos domesticos  
ou guerreiros dos selvagens que deram  
assumpto aos cantos do novo poeta, se  
deparou ao artista uma inspiração  
nova, grandiosa e bella que vibrou gra-  
ciosamente, e foi uma como semente  
donde germinaram outras inspirações  
radiantes—revelações do sentir de uma  
raça que parecia de todo morta, mas  
depressa resurgiu como uma visão que  
a todos enceu de grato assombro.

Tinha verdadeiramente nascido o  
*indianismo*. O que antes deste existia  
eram duas concepções certamente me-  
ritorias, mas não communicativas,  
duas concepções amorphas que não vi-  
braram.

Pois não foi por falta de animação.  
Naquelle tempo em que Portugal nos  
dava o tom a tudo, o mais autorisado  
papa não teve força, com haver entre-  
visto o manacil deslisando desconhe-

cido debaixo da vegetação grandiosa  
do novo mundo, para compellir as mus-  
as brasileiras a afinarem pela nova  
harmonia os seus instrumentos.

Do *Caramurú* escrevera Garret:

« O assumpto não era verdadeira-  
mente herico, mas abundava em re-  
quissimos e variados quadros, era vas-  
tissimo campo sobre tudo para a poesia  
descriptiva. O auctor atinou com mui-  
tos dos tons que deviam naturalmente  
combinar-se para formar a harmonia  
de seu canto; mas de leve o fez: só se  
estendeu em os menos poeticos o'je-  
ctos; e d'ahi esfriou muito do grande  
interesse que a novidade do assumpto  
e a variedade das scenas promettia.»

Do *Uruguay* ajuizára o mesmo escri-  
ptor:

« O *Uruguay* de José Bazilio da Gama  
é o moderno poema que mais merito  
tem na minha opinião. Scenas naturaes  
mui bem pintadas, de grande e bella  
execução descriptiva; phase pura e  
sem affectação, versos naturaes sem  
ser prosaicos, e quando cumpre subli-  
mes sem ser guindados; não são quali-  
dades communs. Os brasileiras princi-  
palmente lhe devem a melhor corôa da  
sua poesia, que nelle é verdadeira-  
mente nacional, e legitima americana.  
Mágoa é que tão distincto poeta não  
limasse mais o seu poema lhe não dêsse  
mais amplidão, e quadro tão magnifico  
o acanhasse tanto.» (1)

A sentença porém proferida sobre as  
*poesias americanas* de G. Dias, por um  
juiz do mesino porte de Garret, por  
Alexandre Herculanoo, teye bem di-  
verso effeito. Está concebida em poucas  
linhas, mas accusa o pezar que possui  
o juiz, de não serem bastante nume-  
rosos, as *poesias americanas*, tamanbo  
encanto lhes acabou. « Quizeramos—  
escreve A. Herculanoo—que as *Poesias  
Americanas*, que são como o portico do  
edificio, occupassem nelle maior es-  
paço.»

Lamenta que os poetas transatlanti-  
cos, em vez se de inspirarem e nutrirem  
das riquezas naturaes do Novo Mundo,  
se mostrem ainda possuidos de remi-  
niscencias da Europa.

E conclue o seu juizo, transcrevendo  
por inteiro duas poesias, a primeira  
puramente indiana, a segunda eminen-  
tamente local—« O canto do Guerreiro»  
e o « Mõro do Alecrim.»

A nova escola litteraria propaga-se. Do  
norte estende-se ao sul onde Magalhães  
—o primeiro epico austral e o fundador  
do romantismo no Brazil, passa a pro-  
fessal-a; e o que não tinha realisado a  
leitura do *Uruguay* e *Caramurú*, não  
obstante serem geralmente apreciados,  
conseguiram as poesias americanas de  
G. Dias: Magalhães mette hombro a  
seu poema *A Confederação dos Tamoyos*  
que teve a honra de ser impresso por  
conta de Sua Magestade o Imperador,

FRANKLIN TAVORA

(Continúa)

(1) Garret, *Bosqueijo da historia da poe-  
sia e lingua portugueza*, pag. 209 e 211.

## DOUS VASOS

O conviva nas festas se levanta,  
E erguendo a taça em que o champagne es-  
pumava.  
Vai as gottas do liquido excitante  
Sorvendo nma por uma!

E bebe assim continuamente  
Emquanto inteiro o vaso não se esgota,  
E soffrego por fim virando a taça  
Bebe a ultima gotta.

Do meu peito tambem roubaste um dia  
Do rubro vaso d'ouro a flor mais pura,  
E pagas tanto amor, tantos carinhos  
Com tanta desventura!

—Como á taça que o liquido transborda  
Bebe o conviva alfojarada espuma,  
Bebeste as illusões da minha vida  
Tambem uma por uma!

OSORIO DUQUE ESTRADA

## BOLHAS DE SABAO

Como era bello aquillo!  
Uma encantadora nuvem de crianças,  
risonhas, vivas, rubentas como moran-  
gos, num delicioso revoar de andori-  
nhas, a esfusiarem na despreocupação  
absoluta da vida infantil!

Era uma galhofada transparente de  
risadas crystallinas, um sussurro te-  
pido de vai-vem rodopiante, a azafania,  
emfim, do moto continuo, coisa que  
nunca foi utopia para os bebês.

Caços de louça com agua de sabão  
esparso aqui e alli, e cada um daque-  
les valentes soldados prussianos sope-  
sando, já se vê, o respectivo e respeitá-  
vel tubo de mamoneiro ou de papel, no-  
deliberado e formal intuito de ver quem  
teria só o topete de impellir mais alto  
e com mais equilibrio uma metralha  
de... sabão.

E cada um alternativamente appro-  
ximava-se do pires, immergia o tubo na  
solução, depois tirava-o e começava a  
soprar, para cima ou para baixo, con-  
forme lhe dava a bolha do adoravel  
bestunto.

E a bolha de sabão ia-se formando,  
ia crescendo, irisava-se em annéis colo-  
ridos de amethysta, de esmeralda e de  
rubi, depois desprendia-se, projecta-  
va-se no ambiente, fluctuava, descia ou  
subia conforme a pressão aerea, adejava  
como um colibri de oiro e de brilhan-  
tes fazendo inveja ao sol, crivando-se  
mais e mais de cambiantes reflexos  
metallicos, numa poeira phantastica de  
triumpho, para de subito, ai de mim!  
afundir-se num jacto sinistro de anni-  
quilamento.

E o bambino via consummar-se esse  
eclipse total, e num arrehatamento de  
ventania voltava com o mesmo cantaro  
á mesma fonte, e recommçava, para ou-  
tra vez recommçar...

Eu assistia embevecido e quedo a  
essa scena da infancia, tão vulgar, tão  
simples, tão doce, flsgado pelo anzol de  
uma idéa fixa, e sentindo trotar-me  
pelo cerebro encandecido um pelotão de  
imagens cerradas como um esquadrão  
de cavallaria.

E essas imagens eram espheras que  
fulguravam num relampago fulmineo  
e depois entenehreciam nnn chaos  
nebulosos numa successão isochronica  
de pendulo.

E' que eu sem o saber, phantasiava. Como Christo deveu ter sentido do vortice da tentação de Satan, o homem despenhado na phantasia sente n'alma a vertigem voluptuosa do abysmo.

O moço naturalmente é phantasiasta. Cada um de nós forja nas officinas da illusão immaculada a bolha de sabão que a linguagem humana denomina sonho doirado.

Coração safaro é rocha que não tem toque para nós.

O ideal de um moço, abominavel crime! é a crystallisação do que ha de mais puro, de mais bello, de mais generoso e de mais sublime no planeta da esperança bumana.

Quando pensamos assim, ainda não fomos vaccinados e revaccinados pelo virus prophylatico da vida pratica.

E soprámos a nossa maravilhosa esphera de sabão, e enfunamos a branca vela do nosso batel...

Tambem nesse tempo ainda não sabemos que o Ideal humano foi varejado a repellões para o Index da civilisação social.

Um sonho, por exemplo, que ha de viajar por paizes longinquos e maravilhosos, como um personagem de Julio Verne. Outro imagina que virá a ser millionario como um principe nababo.

Este pensa que será um dia um orador prodigioso e aquelle sonha que deslumbrará com os seus escriptos.

Mas no meio de tudo isso ninguém por certo cae na esparrela de sonhar que um dia acordará!

E deixamos vogar á flux do lago azul da phantasia o mimoso batel das illuções... a vaporosa bolha de sabão...

Sabito... *rac!* sinistro pela proa!... A bolha de sabão extingui-se no vendaval. Desabou sobre ella o temporal desfeito da vida pratica e cavou-se fremeamente a vaga da realidade.

Agora restam, quando muito, estilhaços de esperança e fragmentos de phantasia. Tudo o mais volatilizou-se na ebulição do nada.

E a lagrima sabêa da dor começa então a porejar do coração do moço, e o vinco somôrio da desgraça começa a sulcar-lhe a fronte, e o olhar principia a espelhar em reflexos baços e ardentes a tensão do raciocinio cerrado que lhe vai pelo cerebro, e o primeiro fio de cabello encanece, e o riso converte-se em sorriso, e os labios descerram-se na curva fluctuante e glacial da duvida e da ironia.

Mas um dia jámais coincidirá com outro dia, e amanhã de novo surgirá no sol ridente e claro da existencia outra inflorescencia humana, outra geração de chrysalidas infantis, a qual por sua vez tambem será rubenesca, sadia e palpitante e latejará no infinito oceano da phantasia.

Ah! decididamente a Vida é a Phenix mythologica!

Que bella coisa a aurora rosicler da infancia! que bello sol o sol rutilo da manhã do homem!

E scismando assim, eu contemplava num recolhimento ascetico as cabriolas reaes daquellas destemidas criaturas.

Mas finalmente despertei, e lavado em ondas de santo rubor aqui estou de ponto em branco para protestar em publico e raso contra o accesso sentimental que me accommetteu como uma onda apoplectica.

*Ego sum qui sum.*

Forte para a lucta!

CANDIDO JUCA'

## SEMPRE EU

Ha alguem, que te segue e em te seguir não cança,  
A teus olhos occulto, e, amando-te creança,  
Vê um rastro celeste em cada passo teu;  
E esse alguem, que delira e vive só de amar-te,  
Esse alguem, que, febril, te segue em toda a parte,  
Desculpa-me, sou eu.

Um dia no sofá dormias indolente,  
E outro labio roçou o labio teu dormente,  
De leve, e lacteo e nũ, teu seio estremeceu;  
Sem corar, acordaste ao toque ardente e terno,  
Suppões, que foi, talvez, um osculo materno...  
Enganas-te, fui eu.

E quando, inda mais tarde, em dias bem distantes,  
Tremereis de prazer teus olhos scintillantes  
De noiva, sob o alvor do immaculado véo,  
E um moço te dissér depois na alcova: — «Eu posso  
Beijar-te agora, és minha, eu amo-te!... — «Esse moço  
Quem sabe, serei eu!

1879.

RAYMUNDO CORREA

## FORÇA VELHA

O velho Miguel, tomado do costumeiro ataque de asthma, tossia, esgrouviado; e, no auge da impaciencia, por entre a suffocação que o matava, imprecava o Cosme, que havia mais de uma hora andava a correr atraz das cabras para que entrassem no xiqueiro.

Os animalejos, damnhinos e irritadiços, precipitavam-se, a cada instante, de um lado para outro do terreiro, berrando; e, perseguidos, ora pelo endiabrado menino, ora pelo cão, de vez em quando, varavam a sala deitando por terra bancos, tamboretos, garrafas e cangirões. Por ultimo, como que em resposta ás injunções injuriosas de um, e aos latidos insistentes do outro, atravessaram o alpendre, de roldão, atiraram de pernas para o ar um moxo, em que estava a almofada de rendas de bilros marcados, e foram trepar-se na mesa de cedro, formando um grupo de defeza. A tulha de pratos de louça azul, que ali tinham posto de vespera, lavada e bem arejada, inclinou-se primeiro como uma pequena torre de Piza; depois, desequilibrando — despejou-se no barro, produzindo um harulho horrivel de cacaria espalifada.

O paralytico, que ouvia tudo, já quasi em apoplexia, bolsou um nome, que fez o menino cahir de susto.

— Que demonio de quizilia! Hoje o diabo amanheceu solto? Ind'agora eram os porcos...

E esgançando-se em voz de tiple, chiada e espectorante:

— O' Salú! Salú! ó Salú!

Uma voz timbrada e sonora acudio logo ao chamado; e, ao mesmo tempo, do lado de fóra, pela janella, mostrou-se um rosto moreno, redondo, sympathico, ligeiramente tocado de bexigas.

— Olha o capêta, Salú... ou eu atiro-lhe a mulêta.

Salú, ou antes Salustina, entrou desencalmada e fresca. A repariga voltava do correjo com a saia de chita e cabeção quasi pegados ao corpo, o cabelo

grosso, curto e basto, unido em pastas pela agua que escorria; batento com os tamancos na soleira da porta, ella inclinou a cabeça e o tronco para o lado, torceu a trança de que deslisaram as ultimas gotas d'agua, e sacudindo a juba para as amplas costas, em um movimento de hombros, como só as mulheres sabem fazer, investio o Cosme com um gesto de colera matinal.

O menino, lesto e cheio de petulancia, evitou o puchavante de orelha trepando-se para a mesa, de donde as cabras saltaram do terreiro, passando pelo peitoril da janella.

— Não me dê, siá Salú! Vosmincê não é minha mãe.

Essa petulancia ingenua do rapazinho, unida ao bem estar que o banho produzira naquella natureza planturosa, acabou por quebrar-lhe a raiva e obter o perdão da travessura. Seus olhos, que já tinham frisado o chiqueador pendente do armador da rêde, baixaram sobre o menino, condescendente brilhantes de amor materno, esgarçando-se apenas em um remoque acompanhado de um franzimento de canto de bocca e de uns estalos gutturaes, como se dissessem uma reprehensão. Não era mais do que metter-se em casa um cabrito engeitado, dar-se-lhe cania, comida e criação, e estar-se todos os dias a aturar desaforos como aquelles. Passa fora! Ella um dia ainda mostraria ao patife do Cosme quem é que era sua mãe.

O menino, que conhecia bastante os rompantes do coração bondoso da madrinha, coçou a cabeça franzindo a caro, e foi tratar de recolher ao cercado a criação, sem bulha nem matizada. Estalou os dedos, chamando o Foguete, que correu-lhe no encaço alegre, festivo, a lambar-lhe as mãos, á saltar-lhe nas costas, batendo-lhe com a cauda pelas pernas, e, uma vez no terreiro, em dois minutos arregimentou os animalejose correu as varas da porteira do cercado.

Neste ponto romperam da volta da estrada os sons de um chocalho. Salus-

tina, levada pela cnriosidade, levantou rapidamente o banco, collocou em cima a almofada de rendas, e poz-se a espreitar. Uma nuvem de poeira suspendia-se nos ares do lado da varjota; as primeiras figuras de um comboio delineavam-se na penumbra da estrada, ferida a furto por uma flecha de luz que dardejava pela lombada do serrote. Os sons dos chocalhos tornavam-se mais e mais distinctos e os gritos dos comboeiros cruzavam-se, iam, vinham, desafiavam, perdiam-se no espaço, formando com os choques metallicos dos cascaveis uma algazarra surda de orchestra cryptologica.

O Miguel, entretanto, cochilava encostado ao balcão da bodega, com a perna estirada para cima de um banco e a mulêta encostada ao hombro. Quando tardava-lhe o almoço, a dispepsia tomava aquella forma indolente, o o somno vinha então consolal-o dos desgostos da vida. Soabrindo os olhos, o paralytico perguntou se vinham da villa ou da varjota. Salustina com a voz aveludada pela emoção respondera com o gesto — que de baixo, e a lembrança de que porventura iam ter hospedes da praça, arripou-lhe as carnes numa temulencia voluptuosa, que lhe communicava aos olhos um brilho de ferocidade feminil indiscriptivel.

— Grande homem interesseiro! disse ella, procurando combater os proprios arrepios com uma aggressão ao caracter desconfiado do amigo. Não se me dá que você, seu Miguel, já esteja ahí pensando na espiga que vai metter no tristo que ahí vem pelo caminho.

Fosse por que fosse, suggestão mental ou habito adquirido, o Miguel estremeceira até a medula como se lhe tivessem alta lo em cima alguma cobra venenosa; e ao remoque ferino respondeu-lhe com a palavra — regateira — pronunciada entre dentes, que produziu sobre a rapariga o mesmo effeito que o choque de uma pilha electrica. Cessou tola a sua jovialidade, e, de olhos vesgos pela contrariedade, Salustina murmurou um rosario de ameaças.

— Quem lhe comeu a carne, que lhe róa os ossos, seu Miguel. Não é o que você me quer dizer? Só quem tem ciúmes é que quer bem. Não está mais aqui quem ainda outro dia podia tel-o feito arrastar-se por ahí como um tonto. O Chico Brazil andava atraz de mim; e en tão boa que não o deixei. Se soubesse, seu Miguel, a pena que tenho de você!

Aquella — pena — e aquelle — você — empregados com a inflexão por que foram, feriram no amago d'alma o amor proprio do paralytico. Uma sombra de pavor tomou-lhe o espirito, e á bocca subio-lhe todo o amargor da vida desalentada. A asthma recrudescceu, e, um accesso de tosse o pobre velho emborcou sobre o balcão quasi sem vida.

A perversidade da Salustina era, porrem, inconsciente. A caseira do Miguel era uma mulher ainda frescalhona; apezar dos seus trinta annos, das bechigas que lhe baviam tirado a primitiva lisura das faces e dos maus vestidos em que se embarrilava, guardava um porte seductor e tinha no moreno da cutis suas promessas de vida, de movimento, de deleites, que faziam endoidecer. Era justamente o que estava assassinando o paralytico. E como não havia de ser assim se diante da sua invalidez crescente via todos os dias a espanejar-se em augeos fabricitantes, em inconveniencias lubricas, em trepidações sexuaes, as formas opulentas,

não gastas, antes pouco usadas, apetitosas da trintona!

Diante do perigo imminente de um desprezo, quando segredava-lhe a consciencia muitas vezes: — Deixa a rapariga... que diabo tens com essa mulher, se não tens mais com que alimentar-lhe os autos amorosos? — o desgraçado debatia-se em ancias impossiveis, e deixava-se tomar de um desespero, que muitas vezes chegava quasi a loucura.

As considerações da Salustina, com tudo, em lugar de animal-o, ao contrario, exacerbavam-no, de modo que elle, doído de raiva, punha-se a experimentar as pernas por instantes persuadido que lhe voltaria o vigor antigo; arfava embevecido n'um pensamento de amor possivel, entumecia-se todo, chamava a Salustina para ao pé de ai e começava a afagar-lhe o colo, os cabellos, as costas com os dedos tremulos, cheios do espasmo febril. Esse esforço sobre-humano esgotava-o, por fim, e o velho lubrico, reconhecendo, contra a vontade, a sua decrepitude, cahia no fundo da rede a ranger os dentes como um possesso.

Salustina, que com um er sorna e cheio de enojo igual ao que sentimos quando estamos em contacto com um cadaver, se prestava a estas experiencias Deus sabe como; e logo que podia, afastava-se sorrindo malvadamente, porque de feito, nestes momentos, ella era impiedosa.

Havia mais que motivos para os despeitos do Miguel. Salú não o soccorria. Ruim! Elle não fóra tão bom em outro tempo? Qual a razão porque ella agora o tratava assim, a elle que, a final de contas, se estava assim de pernas bambas, não devia se não nos seus furores juvenis.

A rapariga tinha, entretanto, razão. O seu sangue borbulhava, e injectando-se pela pelle dava a epiderme essa consistencia macia, aveludada e ardente que aquece o amor e o delicia. As suas carnes eram bastante resistentes, tinham vida, palpitavam como palpitam camarões em terra secca. O velho, ao contrario disto, esmorecia, e a sua pelle encarquilhada, cobrindo carnes fiadas e pendentes, era um resfriado continuo, destilando um suor viscoso, abominavel no gesto, no halito, e na palavra. Tudo nelle annunciava a sepultura, a negação da vida; e o amor não vive um minuto em um meio tão hostil. Desta sorte, quando os braços do paralytico enlaçavam-lhe o colo reluzente e cheiroso de baunilha e lima, passavam-lhe uns arrepios singulares; e em vez de percorrer-lhe o sangue uma obama abrasadora, o que ella experimentava era a mesma sensação que experimentalmente se lhe encostassem o couro frio de um sapo ou os aneis de uma serpente. A brnza atirada ao charco, chia ra.

O Miguel, apezar de tudo, sabia tomar suas vinganças; e quando a trintona, orgulhosa da sua pujança, afastava-se zombando, elle n quem rasgavam desejos de beijar, beijar aquelle colo, apertar, esmigalhar aquelles seios, ainda em toda n sua redondeza quasi virginal, acabava por fazer um gesto supremo abraçando-se-lhe aosOMBROS como uma criança gasta, que implora o leite maternal. Então, perdendo o equilibrio, bambeando as pernas, ia com ella de roldão ao barro, e mordida, mordida, até que um grito de raiva punha termo áquella scena triste e degradante.

Com o rosto humedecido pela baba, Salustina erguia-se, deixava o Miguel a estorcer-se na crise de erotismo, e ia lançar-se no corrego como o musulmano impuro.

#### ARARIPE JUNIOR.

(Capitulo extrahido de um romance inedito).

### RIMAS

Andei em longas excursões distantes:  
—Vi palacios, sacraríos, monumentos,  
Fócos de industrias, artisticos portentos,  
Praças soberbas, capiteis gigantes...

Em toda a parte eu lia nos semblantes  
Dores... luctas... identicos tormentos...  
—Onde a patria do riso?!... Desalentos  
Colhi apenas, mais cruéis que d'antes!

Parei, emfim... E o coração da terra  
Pude encontrar! — Só jubilos encerra:  
—E' lbe a innocencia a unica rainha!

Rides?! Qu'importa! Esse paiz de encanto  
E' de meu lar e pequenino canto,  
Em que alveja o teu berço, ó filha minha!

AFFONSO CELSO JUNIOR

### NIVELADO

Chovia eterna, desoladamente. A quantas boras, a quantos dias, a quantos seculos não o podia dizer eu, que sentia-me dissolver, embebido das lagrimas da tristeza immensa da Nuvem. Tristeza da Inimiga — fingida, só para apagar-me o fogo sento da alegria que accendera em mim a chamma luminosa, a que ventura revigorante do bom vinho. Eu tinha bebido muito. Tiveram inveja da minha felicidade. E metteram-me n'um carcere de sombra e melancolia. E a seculos a chuva cahe para vencer este ardor indomito de viver, que sinto. Porque eu ia no passo da conquista, firme e nrogante, com o peito dilatado, respirando livre os aromas idyllicos e nos olhos resplandecentes, encheiram-me a estrada de poças lamacentas, desfolharam-me as flores á rijá ventania, rolaram, encharcaram na enxurrada as folhas seccas, o meu tapete do sonho, cobriram de véus negros, cegantes, os olhos luminosos da minha doce amiga a Noite. E agora quem me visse vacillante e tropego diria que eu estava bebado. Triste é que eu estava. Vencia-me a magoa, embebia-me a sombra, a morte quebrava-me as arrogancias pbsicas. Havia uma força immeusa superior opprimindo-me, procurando desviar-me da posição vertical, empurrando-me por traz dos joelhos para dobralos e derrubar-me. Mas eu, que bem sei qual é em mim o sentido da maior resistencia, inteiriçava-me e caminhava hirtó, inflexível, anquilosado, como quem segue o destino. Sabia que era uma provação aquillo. Bem me tardava repousar, mas não na rua. Nem em casa. Uma modalidade physica do Ideal isinuava-me que não era o melhor o que eu pudesse desejar, porque seria

conea já sabida. Por isso eu não deejava cousa alguma. Caminhava duro, tezo, com o embatimento nos passos de saltimbanco em drama lyrico, com investidas e arrancos tragicos, após longas pausas deliberativas, torvas de decisão explosiva. E nesses impulsos aggressivos retomava-me a alegria be-roica, immotivada, de soldado no assalto, abrindo-me uma porta n phantasia, que entre risos e descantes longinquos, vagos, illuminava-me um recauto escuro do cerebro. Depoia como uma cortina recabindo cerrava-se-me a treva e eu escutava o cahir da chuva, monotono, constante, inexoravel. A quantas horas, a quantos dias, a quantos seculos não sei, toda a minbu longuissima existenci tendo se escoado transida e enlameada sob o perpetuo rorejar dos prantos celestes e terrestres. A lembrança dos sóes, de tão apagada, era mythica. Sempre assim vivi; na solidão soubria, nas lagrimas. O resto, alegrias e luz, são os poetas que sonham. Maos poetas! fazendo-me soffrer... Como se toda ventura não fosse a dos sapos, quo aqui perto, no alagadiço bem cbeio, entoam a potente roncaria epithalamica celebrando os seus castissimos amores. A chuva cahe — fecundante chuva, a lbes nutrir o geruen que será a prole futura ainda implicita nos longos rosarios, que a amorosa femea vai desfando — bendita chuva! E porque não sou sapo eu, que tenho as mãos tão lascivas, a bocca mais lasciva, o corpo todo menos nobre que estea puros animaes? Entendo agora o conselho sybillino do Ideal — seguir o impulso que me leva ao charco, prostrar-me, assepar-me de encontro a essa lama molle, visguenta, convidativa, nivelarme, pobre orgulhoso impotente! O conselho era do Ideal ou da fadiga extrema. Duas idéas de Vogt e de Augusto Comte faziam-me uma carga terrivel — a da localisação da lascivia bactracia, nos dedos e a da inutilidade logica do macho, da sua immoralidade dada a realisação do ideal da virgem-mãe. Então, se os ideaes humanos me annullavam naquillo em que eu mais julgava valer, na minha qualidade de macho, antes sapo, que não tem ideal, ou só tem oe da vida—comida á farta e femeas fecunditas—com uma renunciação quasi mystica aos contactos amorosos. A minha humanidade começava a pezar-me de mais. Uma viravolta poz-me em frente de uma viella estreita, entre um muro fazendo esquina e uma cerca de espinhos negreando sobre um clarão vago amarelento, algum lampeão longe. Encostado ao muro, sentindo falharem-me as pernas, duas brazas por olhos e uma convulsão no queixo, meditei, hesitei longamente antes de aventurar-me pela viella da Baixeza. Eu sentia que entrar alli era decisivo. Havia alguma cousa ou alguém que me puchava para traz, dobrando-me pelo peito, fatigando-me ainda mais. Mas só depois que puz-me em marcha comprehendí que o obstaculo era a flagellante pbraze de Marietta naquella noite em que eu por bravata fazia o elogio da embriaguez — « O homem que eu visse um dia embriagado nunca me poderia entrar no coração.» Na pacifica e honesta eala de jantar entre o calix de Madeira ainda cheio e a chicara de café que ella passava-me, olhando-me com o seu olhar tão direito, tão leal, era mais uma banalidade virtuosa que ella pronunciava com a sua voz preguiçosa, eyllabando lentamente, com uma quasi affectação de exactidão a doçura, graciosissima, eó della, da

boa e carinhosa amiga. Mas aqui, na noite escura, com os pé na lama fria, impellido ao cbarco pela força combinada doe syllogimnos e do alcool, aquella phraze era a minha acentença antecipada. Caminhando eu tiritava ao frio do seu despreso e um soluço bo-lbava-me no peito e desfazia-se sem estalar e refazia-se teimoso. De repente tropecei; faltaram-me as pernas e cabi, como as mãos para diante. Era fogo. Senti frio primeiro nos joelhos e coxas e encolbi a barriga á humidade desagradavel. Depois retirei a mão direita enterrada na lama e desviei um ramo que me arranhava o rosto. Pensei no olhar de repugnancia e nojo de Marietta, se me visse de cara, barba e bocca enlameadas, estirado na estrada como um bebado, e chorei. Não digo como chorei, porque eó o entenderia quem já chorou assim. Acalmou-me por fim o mesmo pranto e sorri dos factos d'ngua lamacenta que as convulsões do peito, batendo nruquejante, fazia saltar. Era brinCADEIRA de porco ou de sapo. Familiarisava-me com a lama. Estendi-me commodamente e como a agua me entrasse no eovaco lembrei-me da carta, que trazia no bolso, do tio Luiz, convidando-me para ir passar com elle uns dias na fazenda e do sorriso da prima Georgina, que era uma caricia... Depois entrei a estudar a melodia de dous pingos d'agua que, ora alternos ora juntos, cabiam de um galho d'arvore em uma poça perto da minha orelha esquerda e parecem-me que a *Marche de pluie* do Richepin ensaiava-se alli para irradiar-se depois, crescente, desoladora. A cabeça rolou-me, desfallecida e, com a face na lama, eopojado, adormeci sem cuidar por quantas horas, por quantos dias, por quantos seculos, acalentado pelo sussurro immeneo da chuva.

14 de Fevereiro 88.

DOMICIO DA GAMA

### AS RUGAS

Vendo o aol de planetas já rodeado,  
Deus disse á natureza: — « Filha n'esse  
Turbilhão de astros, mando que não cesse  
Teu smor... Deixo a terra a teu cnidado...»

Disse, e com outros mundos occupado  
Foi-se. A filha este globo não esquece:  
Põe-lhe sgua; e, de agua aos rumes, vive e  
creece  
Tudo... Tudo ella pint: os céos, o prado...

E a Natureza tem mais gosto e geito  
Pondo em formosa tela  
O rosto da mulher — bello, perfeito...

Mss tudo cança! .. e um dia — scaba-o ella  
Dando a torto e a direito  
Profundas pinceladas a aquarella.

EDMUNDO DE BARROS.

### BELLAS ARTES

Estende-se ainda eobre estas columnas o prestigio d'aquelle que por tão longo tempo e tão desinteressadamente soube bonral-ae.

Luiz Gonzaga Duque Estrada foi, desde a fundação d'A Semana, a vontade inabalavel que alimentou esta sec-

ção, indispensável em uma folha literária, que se levantava com um objectivo mais nobre visando o ideal levantado das letras e das artes.

Pretender preencher o vacuo que ficou nestas columnas seria ousadia que não assenta em quem foi sempre o primeiro a fazer justiça ao valor e ao trabalho do jovem critico de Bellas Artes.

A despeito de todos os dissabores que elle teve como compensação dos seus esforços, recto, incansavel e só, seguiu o rutilo caminho que traçara antes e que ha de ser a derrota da sua vida literaria.

Para amparar o juizo que fazemos d'elle, producto de grandioso esforço e de uma persistencia das mais tenazes, abi está o seu livro, primeira pedra lançada para a historia da arte brasileira. E' o livro mais correcto e mais completo que se podia obter por meio de um processo de pesquisas difficis e de indagações incansaveis.

Tomando sobre meus hombros o aspero encargo desta secção de critica, espero apenas que n lembrança d'aquelle que a creou protegerá como uma estralla a carreira deste outro que o acompanha.

De todos os acontecimentos da Arte brasileira procurarei dar uma noticia circunstanciada e minudenciosa, apontando com sinceridade e com franqueza tudo quanto possn interessar á moderna critica artistic.

Não igaoro as difficuldades que me serão deparadas n cada passo. Procurarei vencer-as de accordo com os recursos de que disponho e uma certa linha de proceder que a mim proprio tracei aa vida publica.

Os principaes acontecimentos artisticos de hontem foram a exposição de paysagens do artista Antonio Parreiras e a outra do pintor historico Rodolpho Amoedo com os dous ultimos quadros pintados em Pariz.

Toda a carreira gloriosa de Parreiras teho-a eu seguido par e passo, juntando o meu applauso ao largo applauso com que o publico tem coroado os seus triumphos.

A sua ultima exposição longe de ser uma surpresa, foi mais um desses degraus que nos habituamos a vel-o subir, todos os dias, em cada nova exposição, corajosamente, apoiado no trabalho, que tem sido o seu bastão, e que ha de levall-o lá muito alto onde chegam todas as intelligencias trabalhadoras.

Creio que dentro em muito poucos dias elle vai partir para a Europa. Faz muito bem em seguir. Vai visitar todos os museus e todos os palacios, ver de perto os prodigios da arte franceza e da arte italiana, nprender a maneira de fazer, o segredo artistico dos grandes mestres.

A exposição de paysagens que fizer de volta do velho mundo mostrará o progresso que elle ha de conseguir.

Tudo quanto se póde esperar de um artista intelligente e trabalhador nós esperamos de Antonio Parreiras, nome que ha de honrar ainda muito alto a nossa pintura nacional.

EMANUEL KARNERO.

## ESCRINIO

Se um mandarim me desse os estofos de riscas,  
Jóias, jarras, marfilas... Oh! muita cousa rara;  
Se um turco o seu serralbo, as nuas odaliscas,  
A ágatha, a esmeralda, eu tudo despresara.

Não quero, não; p'ra que? a pedraria, o oiro,  
O insensu, a escrava, seda, e o sandalo aromado,  
Se eu tenho o cofre meu d'erabile, o meu theoiro,  
Que és tu, Urna de Amor... oh! escritorio adorado?!

Boceta de coral é teu labio e tem perolas;  
Teu esplendido corpo é um jaspe palpitante,  
Que emana um grato odor de heliotropo e jasmim;

Teus seios globos são feitos de madreperolas;  
Nos olhos tens onix:—ô Sultão arrogante,  
Guarda pois teu harem; guarda teu oiro, ô chím.

HENRIQUE DE MAGALHÃES

## EXPIAÇÃO

Eis-me longe do mundo. A Musa da Agonia,  
Branca da lividez dos funebres sudarios,  
Entôa junto a mim uns cantos funerarios,  
Uma canção sombria,  
E enquanto te divertes  
Do zelo o espinho atroz o peito me crucia

Eu, isolado e triste, enquanto nos fulgôres  
Do baile queimas tu sem dó e sem piedade  
As rosas de tua alma, as mais formosas flores  
— Amor e mocidade,  
Vou... escrevendo um canto  
Para o qual nem terás um riso de bondade.

Uma tenue lembrança, eu bem sei, n'um aaceio,  
De mim, do sonhador, do triste,—o infertunado,  
Como se fóra só a sombra de um cuidado  
Não ha de ir o teu seio  
Solevantar, medrosa,  
Dizendo-te o meu nome, um nome invalidado.

Que importa! Se este amor tão grandio e que inda alento  
De ti só mereceu culposa indifferença,  
Ha de encontrar um dia a sua recompensa  
Quando o arrependimento  
Como um juiz severo  
Fôr lavar contra ti a fúlgida sentença.

Folga, mas tem cuidado, a tua crueldade  
Póde-se converter tambem no teu martyrio,  
Bem póde esse desdem tornar-se no delirio,  
No horror, na tempestade  
D'uma paixão tremenda;  
Eu creio que já vi na rocha erguer-se um lyrio.

Então, bem póde ser que eu seja venturoso,  
Que tenha achado já o que procuro ba tanto,  
Como este immenso amor um outro amor tão santo,  
E que o fado impiedoso,  
Punindo o teu orgulho,  
Nem me deixe sequer ir enxugar-te o pranto.

LUIZ DOS REIS

(\*) Por ter sido impressa com alguns erros typographicos em o nosso numero anterior, reproduzimos hoje esta poesia.

## UM MARIDO

— E' uma esplendida creatura! —  
dizia da sacada um rapaz que a vira  
entrar pelo braço do marido.

— Como é feliz o ladrão! — laati-  
mava outro. Depois de tantos annos  
de casados ainda se namorão como  
noivos. E' venturoso, o bandido! Quem  
me déra estar na pelle do miseravel,  
20 minutos apenas!

Isto pensavão e dizião os rapazes.

As senhoras pensavão exactamente  
como elles; mas dizião cousa diversa.  
Aquellas que por ventura tinbão ou-  
vido a opinião desses pandegos, fazião  
um momosinho de desemo e murmu-  
ravão entre si:

— Como vem mal vestida! E' bonita  
mas o *plisê* da golla está á comer-lhe  
as orelhas.

— E' muito exagerada. Olha a an-  
quinha... P'ra que aquillo tudo?

— Repara como estão brancas de pós  
as pestanas. Quem não dirá que antes  
de vir, teve de ir no padeiro!

Rião e continuavão.

— Elle...

Ao marido é que se referião.

— Elle é mais bonito do que ella;  
pelo menos não préga aos labios aquelle  
sorriso assucarado, que não parece  
natural.

— E uma affectação, Jesus! Sempre  
ao pé d'elle, namorando-o para se  
mostrar, como quem quer fazer inveja.  
Que cousa feia!...

— Uma porcaria! esganiçou-se uma  
quarentona, que chegara aquella idade  
patriarchal, sem ter visto as uvas da  
Chanaan chamada casamento.

— Uma porcaria! repetia ella. Si são  
felizes, guardem para casa a sua felici-  
dade, e não venbão fazer papel ridi-  
culo n'uma sala de baile. Out'ora os  
casados erão mais sérios.

Hoje... é aquillo que se vé.

E todos, moças e velhas, rapazes e  
velhotes roião-se desesperadamente de  
inveja.

E o par triumphante entrava na sala,  
illuminado pelo seu mais bello sorriso  
de ventura.

Ella não era tão bonita, como pen-  
savão os moços, nem tão mal-amanhada,  
como dizião as senhoras. Era um termo  
médio, que podia inspirar entusi-  
asmo, e inspirava com effeito; porque a  
brancura de hostia da garganta, a ele-  
gancia toda meridional, a carnção ame-  
ricana, cheia de seiva e de sol, tinhão  
uma certa vibração venusta, que com-  
municava nos corações um suave ma-  
gnetismo e fazia pensar em repouso,  
em sombras frescas. em moatanhas,  
em nesgas de floresta...

Era chic, era mesmo muito *pschut*, o  
demonio.

Elle, o marido, na plenitude de sua  
felicidade, tinha certo ar arrogante,  
que o tornava um tanto imbecil, mas  
que a gente facilmente perdoava; por  
que naquella ebriedade nem podia  
saber o que fazia. Não era bonito, mas  
parecia um homem feliz. Com o sobre-  
casaco inglez abotoado até a golla, uma  
lagrima de diamante entre as dobras da  
gravata, uma *rainha victoria* na *bouton-  
nière*, a pastilha chata luzindo sobre  
a testa, onde vião-se os primeiros  
estragos da calvice. — dava elle aos  
labios grossos e sensnaes um tom de  
suprema ventura ao sentir-se envol-  
vido por um olhar da mulher.

E felizes, risonhos, occupados de si a fazer inveja aos demais, dansavam a noite inteira e retiravão-se ás duas da madrugada, depois de rodopiarem ao ultimo compasso da walsa.

Na rua, quando já ninguem os podia ouvir, continuavão o seu venturoso idyllo.

— Te portaste mal, hoje...

— Como portei-me mal? Não sei o que queres...

— Não me obrigues a dizer claramente as cousas, que sabes perfeitamente.

— Bom! Já sei: temos scena. Deixa isso para amanhã, filho. Vamos dormir que me não incommodão mais as tuas injurias suspeiadas. Não te respondo nada.

Si valsaste tanto... e elle valsava tão bem... Não podias fatigar-te.

— Porque!? Não sei ainda aonde vas dar, mas com certeza é a uma das tuas. Mas dou-te a minha palavra que me não incommodão mais as tuas injurias suspeiadas. Não te respondo nada. E calou-se.

Elle continuou a moer:

« Que era uma vida desesperada, sem socego, porque sua mulher não tinha o espirito bem claro para ver a inconveniencia de certas acções. Que estava determinado a não levar-a mais aos bailes. Bem sabia ella que elle a amava; por isso é que soffria com suas asperezas. Si não amasse-a, que lhe importaria o seu procedimento? Era ciumento; não podia mais negal-o. Muito ciume mesmo! Mas porque não o poupava a essas amarguras? Porque valsava? não lhe tinha pedido tantas vezes? »

E pedia e humilhava-se. Dizia que adorava-a; rogava-lhe que não lhe negasse o seu coração.

A mulher caminhava ao lado, silenciosa, mas visivelmente irritada. Vinham-lhe á mente couzas... de fazer o parvo do marido partir a cabeça nas pedras da calçada.

Mas o importuno continuava a amolar-lhe a paciencia com lamurias, que davão-lhe, a ella, vontade de tel-o debaixo dos tacões.

Entrarão em casa. Duas e meia da madrugada. Uma luz de lamparina allumiava fracamente o corredor.

Ella estava tão irritada, que lançou ao chão a *sabida de baile*, e atirou-se para alcova. Raspou o phosphoro, acendeu o bico de gaz e poz-se a desvestir-se, com os dedos tremulos e uma ruga entre os olhos, que era nella signal de proxima explosão.

O marido entrou apoz ella e sentou-se já também irritado pelo silencio obstinado que ella guardava.

— Mas deves confessar que não é bonito uma senhora casada valsar duas, trez vezes com um rapaz. Sei que és leal, mas o mundo aproveita tudo para fallar e denegrir as reputações. Amo muito o meu nome, e, como minha mulher, tens obrigação de afastar delle qualquer suspeita. Queres então que eu seja ridicularizado por uns imbecis, que nada são e nada valem! Pois é preciso dizer que não recuo nem diante de uma morte para defender. Bem sabes que o meu nome sou capaz...

Ia começar as ameaças, quando a mulher voltou-se rapida sobre os calcanhares e gritou em face:

— O que sei é que tu és um idiota!

Elle perturbou-se e ganhou nma phrase acerba.

— Eis aqui... — continuou a mulher com o espartilho na mão, os hombros

humidos de suor resplandecendo á luz do gaz, o penteado meio desfeito, mostrando as pernas carnudas mettidas em meias cor de granada.

— Eis aqui para que uma mulher se casa: para ouvir de seu marido a injuria que não ouviria de ninguem no mundo. E porque? Somentemente porquo esse marido é um idiota, que se não respeita, que não se conhece, que quer impor-se ao amor de sua mulher, como um prego a um cepo, hrutalmente, a golpes de martello. E porque não consegue, insulta. Fique sabendo, porem, de uma vez por todas, que sei respeitar-me, não por sua causa, mas porque me tenho em muita conta! E faça-me o favor de afastar-se enquanto reformo a toilette.

Era a primeira vez que o despedia. Também nunca elle a tinha tão acerbamente injuriado.

A voz da mulher era tão imperativa, sua mão vibrava tão nervosamente o espartilho, que o marido ergueu-se e sahio.

— Que inferno, meu Deus, exclamou ella de dentes cerrados, feixando o trinco.

Tomou depois um penteador, poz os pesinhos nús u'um pantufo de seda e foi para a cama a pensar naquella marido *cacete* e injusto que a injuriava com seus estupidos ciumes.

Elle, posto fora da alcova, foi-se para a sala, cauteloso para não escandalisar os de casa. Ia desolado o infeliz. O paletot ainda abotoado deixava ver os punhos e o collarinho conspurcados de suor. O cabelo em desordem; a rosa da *boutonniere* desfolhada. Todo elle tinha um ar de fadiga e de desgosto cheio de suspiros tão comicos, como as unhas que deixava crescer enormemente nos dedos mendinhos. A vista da figura até a mulher rir-se-ia, sinão estivesse tão offendida.

Pensou em voltar para a alcova, mas acanhou-se. Proferiu despir o casaco e espichar-se no sofá; e enquanto a mulher mettia-se entre os frescos lenções da cama, o pobre diabo ralava-se, atacado pelas muriçoças.

LAHORE.

## CRISE PSYCHICA

Não sei que cotovia olympica gorgeia  
Dentro de mim...

Guerra Junqueiro

Sinto uma vibração extranha no meu ser:  
Lateja-me no craneo o cerebro, e no peito  
Lateja-me fervente o coração. Si espreiro  
P'ra dentro de mim mesmo, encontro-me a tremer!

Tenho na alma um cahos: um biblico estorcer  
De genese que está se elaborando, em leito  
De mundos a surgir. Não sei o que se ha feito  
De novo, de latente e grande, em meu viver.

Não sei. Mas já não hasta á frivola existencia  
Que arrasto, o entusiasmo e aquella rubra ardencia  
Das lutas idoas que eu vivo provocando

Em prol da eterna Luz! Já não me hasta a paz  
Da consciencia forte, o louro, a gloria... Mas  
Não sei como ha de vir o que me falta, e quando!...

Recife.

## NA ROÇA

A RAMALHO ORTIGÃO

Continuação

Depois, despedia-se e seguia para casa, voltando-se de instante a instante para ella, que ficava de pé, no terreiro, a acompanhá-lo com os olhos—impressionado, cheio de scismas, com uma doçura no coração.

E levava todo o tempo a pensar na rapariga vendo-a pela imaginação, divina, alegre e resplendente, com as mãos nos quadris, sob o abundante ouro do sol.

Havia noites que não dormia, porque necessitava pensar nella, tel-a ao pé de si.

Achava as horas immensas, intermináveis, e parecia-lhe, tristemente, que não havia de amanhecer mais, que não veria o sol depois.

Era uma angustia, uma verdadeira angustia.

Resolveu por isso dizer á tia Sabina que precisava casar-se, senão não poderia mais viver, morreria...

A tia Sabina ovio-o silenciosa e muito de manso disse:

— Tu estás doído, Cosme! Não vês que isto é uma falta de juizo e tu não tens idade nem meios?

— Mas eu quero, quero, porque já não posso mais! retorquiu o rapaz.

E ella, melancolicamente, e com os olhos no chão, poz-se a reflectir, abandonando a cabeça.

Depois, fitando o rapaz, que estava em pé no portal, acrescentou: — O que se hade fazer! — o que se hade fazer!

D'ahi a dias casaram-se.

A Margarida, a principio, era muito boa, muito trabalhadeira, e não deixava a tia Sabina fazer nada que ella não a ajudasse.

A tia Sabina vivia numa satisfação, queria-a muito, e chamava-a sempre: a Santinha.

Mas, decorridos dois annos, a Margarida, que era de um temperamento

revolto, irrequieto e ardente, deu em « virar a cabeça » e não fazia mais do que preparar-se e ir todas as tardes, depois do jantar, dar á « trêla » pela visinhança.

A tia Sabina não lhe agradava aquillo mas, como sempre, permanecia calada; não lhe disse nada!

Um domingo, porem, uma velha camarada de infancia e sua comadre, a Rita Bazilia, a da Varzea Grande, que já ha tempos não via, e que viera á freguezia para ouvir a sua missa, ao passar-lhe na porteira encontrou-a estendendo umas roupas molhadas, e fallando: — Então, como vae o teu Cosme? E a Margarida? Olha, mulher: pois não está tudo cheio que ella é má bisca; que não pára em casa, e vive todo o sauto dia a curricar, enganando o pobre do marido, coitado! O Sabina, olha cá: poe-lhe um « cobro », mulher, vê se a mettes em caminho.

Olha que é uma desgraça...

E como viesse passando gente, despedio-se apressada: — « Adeus; vou á missa, que já basta de perder tantas. Logo eu entro; agora não posso, ouviste? »

E sahio a pressa, bamboleando as suas transbordantes ancas. A mulher madura e pesadissima, no meio do cadenciado estalar e ranger dos tamancos.

A tia Sabina, estendida a roupa, retirou-se cabisbaixa, recolhida, com visiveis signaes de afflicção no rosto.

Quando entrou em casa ia pensando:

— Vou dizer-lhe tudo. Isto não fica bem, não pode ser. Também sahir todas as tardes! Já estão surdindo os mexericos. Virgem Maria! Cae na bocca do mundo, cae na bocca do mundo!

E nisto esbarrou-se com a Margarida que vinha sahindo de casa, com uma radiação de alegria no semblante risonho e um grande mólho de malme-queres, dhalias e perpetuas, direita á ella: — Tia! Olhe, eu vou até lá ao Amaro; vou levar flores para o terço. Passo lá o dia com a Leandra. Pois não sabe? Hoje é dia da Conceição. Ha terço logo á noite.

A tia Sabina, com a sua immensa bondade, vendo-a muito alegre e rosada, d'uma frescura infantil, dentro do seu vestido de chita clara, conteve-se e apenas disse: — Vae; mas toma cuidado, filha. Não sejas leviana. Olha que já fallam...

E ia para concluir, quando a rapariga com um modo estovado e inquieto, pegando-lhe no braço e sacudindo-a: — Vossê vá, tia; deixe isso e vá. Aquillo vae ser bom. Ha dança.

E sahio correndo, com as longas tranças soltas e um ranger de saias engommadas, em direcção ao caminho.

O marido não estava; a noite inteira levava na pesca e como o peixe « era matto », carregara uma canoa, e, sem voltar á casa, sahira para a cidade pela madrugada; e até aquella hora não se sabia delle.

A Margarida, porem, não lhe deu abalo isso; já pouco se importava com elle; até estimava a sua ausencia; e cntretanto o pobre rapaz, nunca lhe fora tão dedicado e carinhoso como agora.

Sempre que entrava de fóra ia logo para ella: abraçava-a num contentamento, intimamente envaidecido e orgulhoso por aquella « prenda chibante que elle quasi não merecia. » Mas, ella enchotava-o como a um cão ruim, toda seria, empurrando-o para longe de si com os seus braços roliços e cor de rosa, rejeitando assim as francas e rudes ca-

IZIDORO MARTINS JUNIOR

ricias do matuto em cujo vasto e sincero peito flori esplendida a nobreza e a ingenuidade dos affectos. E, obstinadamente, «secada», repetia sempre: — Já vem o tolo! o desengraçado! Fosse antes dormir se tinha somno; mas não a viesse inquietar, o tanço.

E assim vivia a maltratal-o constantemente.

No terço do Amaro, á noite, depois do sachristão engrolar a reza e apregoar o juiz e os mordomos que tinham de fazer a festa no outro anno, começou a dança.

Achava-se ahí nessa occasião o José Italiano, mascate, e que de vez em quando rebentava pelo lugar onde a sua mercadoria voava, tendo uma fama e possuindo numerosos freguezes.

O José Italiano era um calahrez sympathico, de uma belleza viril, atrevido e corrupto.

Nas casas onde por acaso assistia e se lhe abriam os corações, o miseravel deixava sempre a desgraça e a deshonra.

Diversas familias foram impiedosamente arrastadas por esse vampiro á corrupção e á miseria.

E a Margarida, já desde muito andava algemada ao seu olhar vencedor e atrabente, onde bebia as tentações e graças, todas as delicias picantes dos amores illicitos.

E profundamente dominada pelas ardentissimas manifestações e arrastamentos do seu indomabilissimo temperamento, relincente de seiva e fartamente embebido em sol, — abriu um escandalo desordenado e terrivel no meio affectuoso e sereno de toda aquella festa, prendendo-se, a noite inteira, nas danças, impudicamente e sem interrupção, ao braço rijo daquelle sujeito audaz que fazia timbré em ostentar affrontosamente, em plena estupefacção geral dos convivas, a paixão descabelada e cynica daquella rapariga douda.

E pelas duas horas da manhã, por entre o cantar secco dos gallos e o reboliço da sahida, escapou-se com elle de tal modo, que ninguém os vio mais.

VIRILIO VARZEA

## A NATUREZA

Il n'y a point de repos dans la nature  
L. BUCENER.

A natureza é para mim um templo de gigantes columnas e de arcadas onde, elevando o meu olhar, contemplo

as vastas creações, agglomeradas pela força constante da materia, e esses milhões de estrellas constelladas suspensas sobre a região etherea.

E' para mim um livro a natureza, um livro immenso onde medito e leio dos seculos passados a grandeza.

Por isso, preso ao limitado meio em que se agita a pobre humanidade, eu nas leis naturass sómente creio e dos astros tambem na eternidade.

EDUARDO DE CARVALHO.

## THEATROS E DIVERSÕES

### COMPANHIA DE ZARZUELA

Estreou ante-hontem, no Lucinda, a companhia do sympathico Sr. Valentim Garrido.

Essa companhia, que tão boas impressões deixou nesta Côte, em sua passagem o anno passado, volta agora com o pessoal augmentado e algumas figuras novas, que nada deixam a desejar a respeito das já conhecidas.

O theatro estava repleto, e não só a Sra. Plá, como a debutante Senorita Sophia Campos, foram recebidas entre palmas e uma chuva de flores.

O Processo do Gau-can foi exhibido aqui, mais de uma vez, por essa mesma companhia, e sendo essa peça mais uma prova choreographica do que lyrica, nada occorre dizer se não que o pessoal bailante, com effeito, melhorou consideravelmente, se bem que achamos exagerado o que os annuncios dizem a respeito do *corpo de baile*. Pelo menos a *Tertulia* não mostrou toda a força da companhia.

No que respeita, porem, á execução da *Menina Pancha*, não podiam ser mais agradaveis as impressões. Garrido, como sempre, foi de uma graça sobria, ligeira e juvenavel; e a Senorita Campos apresentou-nos uma andaluza do genero perigoso daquellas que De Amicis pinta admiravelmente em sua viagem á Hespanha. *Salero, mucho salero!* uma voz gracil e sonora, olhos que dão facudas, e um colear serpentino da linha feminina capaz de provocar a hypnotisação de um publico de sexagenarios. *Hurrah pela seguidilla!* e viva a Andaluzia!

Com taes elementos auguramos ao Sr. Garrido, no *Eden-Concerto*, noites verdadeiramente paradisiacas... nos bastidores e na caixa da porta.  
Ameu.

### RECREIO DRAMATICO

Deu-nos ante-hontem o Recreio Dramatico *Uma casa de doudos*, comedia em um acto, e *Baptistini Junior*, scena comica.

A primeira é uma *pochade* que conservou a platéa em constante hilaridade para a qual contribuiu o desempenho por parte de Guilherme da Silveira, Ferreira e Rangel.

*Baptistini Junior* foi interpretada com espirite pelo Castro que soube disfarçar algumas cousas tedios que posue essa scena comica.

O Club Abolicionista Guttenberg, realisa um grande festival commemorativo ao passamento de João Guttenberg, no dia 24, no Theatro S. Pedro de Alcantara.

### CLUB DO ENGENHO VELHO

Muito agradável o baile familiar á phantasia do club do Engenho Velho.

Amabilidade, animação, espirito, helzeza, tudo concorreu para que cada um guardasse uma boa impressão d'aquella festa.

### CLUB DO RIO COMPRIDO

Este club deu tambem aos seus socios e convidados muitas horas de prazer na sua ultima *soirée* a phantasia.

Um gentilismo *hors ligne*.

### POLITICOS

Esplendidos os bailes de domingo e terça-feiru. Esplendidos!

### FENIANOS

Batemos palmas á victoria que alcançaram com os bailes magníficos, realizados nos dias 12 e 14 do corrente. Insignes!

### DEMOCRATICOS

Como sempre maravilhosos os inexcitaveis Democraticos nos seus bailes. *Hurrah!* pelo brilbantismo que tiveram!

### CONGRESSO DOS FENIANOS

Apezar de contar pouco tempo de existencia, conseguiu esta sociedade que os seus saíões ricos e luxuosos se encubressem de tudo o que ha de mais bello no muudo feminil, e que os bailes que se effecturam domingo e terça-feira fossem de encantos e de esplendores.

Saudamoloos.

## DEUS

Longos seculos tens atravessado, com tão fina esagaz *diplomacia* — que embalde o humano espirito atilado segue o passo, o vôo que extasia!

Cançou-se de buscar-te a Ph'losophia que te banii do seio illuminado!... —mas nunca te encontrou a Astronomia, que tem-te de altas glorias desthronado!

Debalde procurou-te o telescopio! —a mesma sorte teve o microscopio! Não viram-te as Sciencias-Naturaes!

Sem te encontrar te busca tanta gente!. E' que tu és, meu caro *Omnipotente*, Subjectiva existencia e *nada mais!*

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

## FACTOS E NOTICIAS

Os nossos distinctos e talentosos amigos Guimarães Passos e Osorio Duque-Estrada estão extrahindo do romance *Trevas e Luz*, de Hugh Conway, um drama em um prologo e tres actos, do mesmo titulo e destinado á empreza do Recreio Dramatico.

Desde já, sem medo de errar, garantimos um successo para essa peça que ha de ter todas as fulgurações que aquelles dous talentosos rapazes sabem emprestar a tudo o que escrevem.

### RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Reuniu-se hontem em sessão litteraria esta antiga sociedade. Leu-se e approvou-se a acta da ultima sessão.

Receberam-se os seguintes impressos: These do Dr. José Pereira da Costa, relatorio da sociedade Congregação dos Artistas Portuguezes, e revista da Sociedade Central de Immlgração.

Archivou-se a obra do barão de Bazancourt—Cinq mois au camp—, offerta do Sr. Bento Barbosa, e bem assim crescido numero de jornaes.

Por proposta do Sr. Caetano de Castro foi approvedo um voto de louvor ao Sr. José Dias Moreira por ter conseguido da redacção d'*A Semana*, não só a remessa desta folha, como tambem a publicação das actas do Retiro. Foi aceito um voto de pezar do Sr. commendador Rodrigo de Mello e Souza por não erguerem em Portugal uma escola com o nome do estadista Fontes Pereira de Mello para honrar a memoria deste servidor, em vez de lhe levantarem uma estatueta que nada aproveita.

Na segunda parte fez o Sr. Leite Guimarães um bello discurso sobre a religião, seguindo-se-lhe com a palavra os Srs. Caetano de Castro, Claudino Netto e Dr. Celestino Vicente, que fez considerações sobre o Jubileu do Papa.

Recitou o Sr. Dias Moreira alguns sonetos mimosos de lavra propria e outros de diversos poetas.

Na terceira parte o Sr. Leite Guimarães discutiu o thema:—A prostituição é útil ou prejudicial nos grandes centros populosos? O orador combateu-a vigorosamente, por consideral-a prejudicial.

A's 10 horas foi levantada a sessão.

Para o Ceará seguirá, no vapor de 20, o talentoso poeta Alvaro Martins, um menino que sabe fazer versos correctos e bonitos, e que mais tarde fará parte dos nossos meliores poetas.

O Sr. Alvaro Martins, durante o tempo que se demorar no Ceará será um dos nossos correspondentes littorariós, e incumbir-se-ha tambem de negocios da *Semana*.

Que volte bom.

Fará a Confederação Aholicionista uma sessão, no domingo, 19, ao meio-dia, na Sociedade de Gymnastica Francaza, com o fim de resolver sob o meio da libertação total da côte.

Realizou-se hontem o casamento do Sr. Arthur Corrêa Mendes (antigo collaborador d'esta folha) com a Exma Sra. D. Alice Augusta Monteiro de Barros, irmã do Exm. Sr. Barão de Monteiro de Barros.

## COLLABORAÇÃO

## Scenas populares do Ceará

A MOÇA FURTADA

I

Tinha Francisco Pereira  
Uns vinte e um annos talvez ;  
Era moreno, mas branco,  
Poís tinha avô portuguez.  
Dizia ser descendente,  
Rebento de brava gente,  
Que dominou o sertão.  
O typo tem de Mourão.  
Ao vel-o se conhecia  
De sua mãe as feições,  
Do avô materno os brazões:  
Bravatas e valentia.

Comtudo elle era pacato,  
Não era lá máu rapaz ;  
Tinba a mania das armas,  
Gostava dos arsenaes.  
Ouvia os feitos passados,  
Qu'inda boje são celebrados  
Dos seus já mortos avós ;  
D'ouvil-os attento após  
Lhes dava toda razão.  
Suas façanhas louvava,  
Se acaso não initava  
Era temendo a prisão.

Gostava dos arreganhos  
Das fanfarradas boças.  
Tinha talvez guarda-costas  
Em num'ro de seis ou mais.  
Quando sabia, era armado  
De bacamarte embalado,  
Fação na cinta e punbal ;  
Dois cabras, e cada qual  
Feio capaz de assombrar,  
Montados bem o seguiam  
Armados, só pareciam  
Bandidos, que vão lutar.

Tinha Francisco Pereira  
Desde menino affeição  
A' filha d'um fazendeiro  
Rico e tambem fanfarrão ;  
Mãe com quem elle intrigado  
Estava por ter votado  
No partido liberal.  
Fosse por bem ou por mal  
Ninguem os viu mais fallar :  
Cada qual mais presumido,  
Um dito mais, um mezido  
A intriga sempre a augmentar.

Pereira tinha jurado  
De se casar com Victoria.  
E como prova do voto  
Lho mandara uma memoria  
Por uma escrava da casa.  
Tambem a moça o adorava,  
E p'ra provar-lho mandara  
Uma trança, que cortara  
De seus cabellos escuros.  
O velbo pai desconfia  
Do seu amor, que crescia,  
E diz-lhe em termos bem duros :

— Moça, tenho eu reparado  
Na missa certos olbares...  
Se marcba n'este caminho,  
Terá deveras pesares.

Bote n'outro o pensamento,  
Que com meu consentimento  
Com elle uão casa, não !  
A filha, que é de benção,  
Não quer ter para marido  
Um moço, que é mau rapaz,  
Qu'alem de tudo inda mais  
Pertence a um outro partido !..

Corou de pejo Victoria  
E ao velho não respondeu,  
Não negou, nem confirmou  
Aquelle ardente amor seu.  
O velbo poz-se em vigia,  
A filha já não podia  
Nem para missa sahir !  
Mesmo até para dormir  
Fechado o quarto e corrido !  
Quatro fleis agregados  
A' noite, mas bem armados,  
Rondavam com mui sentido !

Sentia muito Victoria  
Aquella injusta oppressão.  
Passava as noites velando  
Na mais penosa afflicção !  
Dizer queria a Pereira  
O seu viver. A barreira  
Ella não pode vencer !  
Quer papel, quer eserever,  
São seus desejos em vão.  
Do roupão de *cassa-tisa*  
Tira um quadro ao guarda-pisa  
Vai escrever com carvão.

Ceará.

RODOLPHO THEOPHILO

## Diversas Publicações

Recebemos *A Divina Comedia* de Dante Alighiere, versão do illustre morto barão da Villa da Barra.

A obra é prefaciada pelo erudito litterato brasileiro Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior.

Sobre o merecimento do grandioso poema e da versão que temos diante dos olhos nada precisamos dizer.

E' nitida a impressão de todo o bello volume que se compõe de quinhentas e tantas paginas.

Sempre que nos chega ás mãos o trabalho de um moço de talento, que o sabe applicar em cousas sérias, sentimentos verdadeira satisfação e lastimamos não ter applausos bastantes para taes commettimentos.

São estas as reflexões que nos provocaram o apparecimento em nossa redacção dos tres primeiros fasciculos dos *Apontamentos de Arithmetica*, devidos ao labor do Sr. Marcondes Pereira.

Vão esses fasciculos até á divisão de numeros inteiros, sendo toda essa materia exposta com clareza e por quem entende.

Nós recommendamos os *Apontamentos de Arithmetica*, e desejamos que tão util publicação encontre o mais franco acolhimento da parte do publico, ficando agradecidos pelos fasciculos com que fomos obsequiados.

Recebemos o Relatorio da Junta dos Corretores de Santos, apresentado pelo seu presidente Walter Wricht em 2 de Fevereiro de 1888.  
Agradecemos.

Temos á vista a theese do Dr. Alexandre Stockler Pinto de Menezes, apresentada á faculdade de medicina para a obtenção do gráu de doutor. E' um trabalho magnificamente escripto e desenvolvido com muito talento pelo autor. Refere-se a these á — responsabilidade legal dos alienados —, e é mais uma excellente prova que deu de si o nosso distincto amigo.

O Sr. Dr. Stockler é um nome já vantajosamente conhecido, e em todo curso da escola de medicina, foi sempre distinguido entre os seus collegas, por seu bello talento e boa orientação.

Felicitemos ao anctor e agradecemos a honra do brinde.

*Revista Illustrada*, n. 484, impregnada do espirito sempre brilhante de Angelo Agostini e com um texto oscripto com bastante *verve*.

*Facho da Civilisação*, flammejante sempre e dando-nos a nota alegre que é a predominante n'aquelles excellentes rapazes que compoem o Club dos Fenianos.

« Resposta do Exmo. Sr. Dr. Ernesto A. de Vasconcellos Obaves, ex-presidente da provincia de Amazonas, ao deputado Clarindo Chaves. »

E' uma questão de administração.

*Ramalhete*, folha recreativa do Congresso Gymnastico Portuguez.

Veu, como sempre, perfumar o ambiente do nosso escriptorio, embora diga modestamente ás Exmas. Sras. que apenas traz «um resabio da primavera passada.»

Perfumoso eempre, o *Ramalhete*.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 8 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

*Alvares matinaes*, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume : 2\$000.

*Constructores de maotasm* e aparelhos para lavoura—Seubert Irmãos & Haas. — Juiz de Fóra.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury Muzambinho— Minas.

Augusto Luzo. — incumbem-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino,

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase pan creatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro ; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavaros Paos encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Agrimensores. —Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarragam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Côte. Informa-se na *Semana*.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Rodrigues Lima—Medico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgilio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Roza — Advogado. Escriptorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Luiz Murat. — Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Aristides Lobo —Advogado, rua dos Ourives n. 21.

Dr. João Ribeiro — Medico e especialista em molestias de criança e sibilis, rua de S. Amaro n. 18.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 25 DE FEVEREIRO DE 1888  
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 162

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Urbano Duarte,  
Lepoldo Cabral e Candido Jucá

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

|  |                   |
|--|-------------------|
| Expediente.....                        |                   |
| Historia dos sete dias.....            | Gêbê              |
| Estancias philosophicas.....           | Augusto de Lima   |
| Escriptores do Norte do<br>Brazil..... | Franklin Tavora   |
| Serenate, e Recordação<br>poesias..... | Vera de Suckow    |
| Força velha.....                       | Araripe Junior    |
| Força e matêrfe, soneto.....           | E. de Carvalho    |
| A corte vista de fóra.....             | Ali               |
| Mãe, poesia.....                       | Alberto Silva     |
| Um primitivo.....                      | Domicio da Gama   |
| Questões de estylo.....                | Candido Jucá      |
| Bucolica, poesia.....                  | Carlos Coelho     |
| O louco.....                           | Lahore            |
| Amor perfeito, poesia.....             | Coelho Lisboa     |
| Na roça.....                           | Virgilio Varzea   |
| Luto do céu, poesia.....               | Guimarães Passos  |
| Theatros e diversões.....              |                   |
| Flava dea, poesia.....                 | E. de Menezes     |
| Factos e noticias.....                 |                   |
| Ella e o céu, soneto.....              | J. Moraes e Silva |
| Perdida, soneto.....                   | José Dias         |
| Diversas publicações.....              |                   |
| Anuncios.....                          |                   |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

|               |       |
|---------------|-------|
| Semestre..... | 48000 |
| Anno.....     | 88000 |

#### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

A empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.  
J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;  
Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterto.

F. Xavier Marquês, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's psssoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem

assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos ds Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adeliná A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Quando, ha cinco ou seis dias, eu li num quarto de pápel entregue a esta redacção, a noticia de que no dia seguinte casava-se em Barra-Mansa, o meu amigo Arthur Mendes, confesso que fiquei verdadeiramente admirado, não porque em si fosse admiravel o facto de casar-se o meu amigo, mas porque, sendo, como é, o Arthur Mendes um rapaz extraordinariamente cortez e delicado, causava-me estranbeza que realizasse o acto mais sério que possa occorrer na vida do homem, sem que se tivesse ao menos lembrado de dirigir-me um cartão, um simples cartãozinho.

Desculpa não haveria para um tal acto, e eu me dispuzera já, não a romper abertamente com elle as boas relações que sempre mantivemos, mas a conservar-me frio, affastado...

Em tempo, porem, veio elle proprio desmanchar a duvida que a seu respeito começara eu a nutrir, publicando em o *Novidades*, uma refutação a tai noticia, e desculpando-se para com os amigos.

Comquanto tenha em breve de deixar-se prender pelo «indissolúvel», comtudo ainda não se casou o ex-secretario desta folha, e um dos seus melhores amigos.

Pois que se referiu aos que o estimam e consideram, eu, como um desses, envio-lbe daqui, alem dos meus parabens, um abraço apertadissimo.

Outro casamento desfeito, mas esse verdadeiramente desfeito, é o do principe D. Pedro. Conforme o que dizem telegrammas, o pai da noiva aceitava o casamento, porem com restricções. Quaes seriam ellas? Que o imperio do Brazil se compromettesse a enviar-lbe todos os annos metade da sua produção de café? Que foase declarada immediatamente a abolição da escravatura no imperio? Que o Sr. Barão de Cotegipe fosse deposto do alto cargo de

presidente do conselho e nomeado para substituil-o o Barão de Cayapó? A esse respeito na da nos dizem as communicções telegraphicas. O que estas nos asseguram é que, não só o quasi uoivo como o seu augusto a rô, não aceitaram as condições, o que me leva a crêr terem sido ellas exhorbitantes.

Não se afflija, porem, o illustre principe: não faltarão por lá princezas que ardentemente o desejem para esposo. Uma perdida, corresponde a cem outras que o procurem.

Princezas d'alem mar! Ha em disponibilidade a mão de um principe, e moço e bonito; recorrei aos vossos mais seductores sorrisos e prendei-o, bem junto, bem juntinho de vós, que, pelo bem que faremos ao coração de uma de vós outras, nos consolaremos da perda do nosso querido principe.

Não é pequena a proporção de surdos-mudos existentes no Brazil. Eleva-se a 12.000 o numero delles, conforme li n'um dos nossos diarios. Para a população deste imperio, que é mais ou menos de 12 milhões, corresponderá aquelle numero á porcentagem de um por mil.

Como, ha, porém, uma lei natural das compensações, cada um desses que ouvem tem ouvidos por dez, e cada qual dos que faltam tem lingua por vinte, o que dá a favor destes uma superioridade de 50 por cento sobre aquelles. Effectivamente, bonra nos seja, que o que não nos faltam são ouvidos para ouvir tudo, e lingua para contar tudo e alguma coisa mas...

Para mim o Sr. Cesario Alvim é um homem de muito talento, e um politico muito sympatbico. Não se infere d'ahi, comtudo, que eu acredite piamente na sinceridade de todas as expressões de sua ultima circular dirigida ao povo mineiro: não acredito.

O illustre deputado quer ser suffragado na eleição senatorial, para ter de seus patricios uma prova de confiança. Para que mais? Não está sufficientemente provado que S. Ex. tem influencia na provincia? As duas eleições ultimas para a vaga de senador não o demonstraram á evidencia? Depois, a asserção de S. Ex. de que a attitudo das camaras municipais de S. Borja e etc., demonstram a tendencia que se vai accentuando de dia para dia, da urgente necessidade de uma reforma constitucional, não é uma affirmação verdadeira. Essa attitudo pôde não exprimir até senão uma subtiliza politica. S. Ex. pôde, entretanto, comprometter-se perante os seus eleitores a pugnar por uma *constituante*, na camara dos deputados, sem que possa garantir ser essa uma aspiração geral.

Antes de tudo, o candidato á vaga senatorial, e poia que affirma não desejar um lugar de renda vitalicia, deve combater na camara a vitaliciedade do se-

nado, para não ser obrigado a, quando lá entrar, supportar aquelle encargo pesadissimo a vida inteira.

Agora, ouça o leitor: o politico tem por norma dizer sempre metade do que sente, ou, e este é o caso mais commum, afirmar sempre o que não sente.

O que nunca lbe acontece é o que succedia áquelle pobre pai que se queixava dos filhos, dos quaes dizia que:

José não diz o que sabe

E João não sabe o que diz.

Não; o politico sabe perfeitamente o que diz, e diz unicamente o que sabe, e o distincto deputado mineiro é um babil politico.

O que eu queria é que me dissessem com franqueza: haverá alguém que, tendo diante de si a perspectiva de 75% (setenta e cinco!) por dia, e enquanto viver, vá fazer barulho para restringir esse prazo, rodzil-o a 10 annos por exemplo? E porque? Não me fallem em patriotismo, que isso só existe... na lingua. Por amor da gloria? Não o creio, porque, em geral, a gloria dos estadistas e oradores não tem nascido nunca do senado: vem já da camara dos deputados. Então porque é? Pelo simples goatinho de ser senador, e ter honras de principe? Pois bem, que se faça uma coisa: as honras de principe continuarão a pertencer ao senador, e esse emprego passará a ser gratuito, revertendo o enorme subsidio que é distribuido com o areopago da rua do Areal, em favor de uns tantos pobres empregados, que trabalbam o dia inteiro, e que não cbegam a ganhar por mez, o que cada um dos pais da patria ganba por dia. Faça isso e eu quero ver quantos serão os candidatos ao logar... Ora, senhores, sejamos francos: é muito bom ser senador, mas muito melhor é metter no bolso os setenta e cinco mil réisinos por dia...

Eu confesso, que, por mim, desprezava gloria, *constituente*, politica, se me dessem 75%... de dois em dois dias.

No dia 28 do corrente termina o prazo para apresentação de planos de *salvavidas* applicaveis aos bonds. O illustre Sr. ministro da agricultura parece querer tomar a serio esta questão, que é importantissima. Eu o felicito em nome da integridade das pernas e braços de todos os habitantes do Rio de Janeiro. Antes tarde que nunca.

Leitor amigo e bondoso — Não pude dar-te uma historia cheia de enredo, em que andassem em jogo o punhal, o revólver ou o verde-Pariz, porqus não houve, na semana que finda, nem um simples suicidio, nem um assassinato qualquer. Não está de certo ao ten paladar a chronica, bem aei; mas releve-me desta vez, que, para outra, eu quasi que te affirmo que vais ficar cheio de jubilo.

GEVÊ.

## ESTANCIAS PHILOSOPHICAS

DO ALBUM DE UM PESSIMISTA

## I

Vae sepultar se alguém: ao feretro que encerra  
os restos, rola o pó no derradeiro abrigo.  
Os amigos em côro exclamam: « Pobre amigo,  
seja-te a terra leve! » E atiram-lhe mais terra.

## II

Triste contradicção que um tribunal degrada!  
Si o direito, afinal, na egualdade descansa,  
porque a justiça, pois, pintaes com a balança,  
tendo junto á balança uma sinistra espada?

Ou incendiado em ira, ou de animo sereno,  
um julgamento arranca um ai! sempre aos vencidos;  
são a halaucha e a espada os symbolos unidos  
da decisão de Brenno!

## III

O homem tem o direito, a fêra tem os dentes;  
mas pela mesma lei rege-se a Natureza:  
o homem e a fêra vão, no ataque ou na defeza,  
vertendo em seu proveito o sangue aos outros entes.

Suga o seio materno a boquinha vermelha  
da creança, a formiga uma colmeia invade.  
Pois não é sempre o sangue, embora a variedade,  
ou no leite materno ou no favo da abelha?

AUGUSTO DE LIMA.

## Escriptores do Norte do Brazil

DR. A. GONÇALVES DIAS

(Conclusão)

Foi um periodo de vasta gloria para o auctor do *Canto do Guerreiro*, o qual, bem longe de trepidar, e muito meuos emmudecer, deslisa cada vez mais suavemente no sulco deixado pelo ar-roio estanque, onde elle fez apparecer a copiosa lymphá. O seu gentil poemeto *Y-juca-pirama* onde se manifesta uma intuição historica e um conhecimento da vida nas aldeias selvagens que verdadeiramente encantam, circulou nas rodas litterarias, merecendo applausos que o tornaram uma das suas mais populares produções. Seguiu-se-lhe o poema — *Os Tymbiras*, cujos quatro primeiros cantos viram a luz em Leipsig (1857), e cujos ultimos (oito) ficaram sepultados com o poeta no oceano, perto da sua amada provincia. Convem notar que o poema *Tymbiras* não foi suggerido a Gonçalves Dias pelo apparecimento da *Confederação dos Tamoyos*, conquanto este sahisse a lume pouco tempo antes daquelle. Nas rodas litterarias era sahido que o poeta maranhense de ha muito trazia entre mãos uma vasta epopéa « com que pretendia cimentar as bases da litteratura nacional, uma como *Illiada*, ou pelo menos uma epopéa em nada inferior á do bardo da Caledonia nem ás *Nibelungen germanicas*; e si não publicou de uma só vez o seu

trabalho, é porque distrahido com varias commissões de que o incumbira o governo, não dispoz de tempo necessario para polir os ultimos cantos.

Mas o indianismo não se limitou ao verso. Longe disso, invadiu os serenos dominios da prosa; e tanto no primeiro como no segundo caso, as produções apparecem sob varios aspectos. Ora revestem uma forma totalmente selvagem, recompondo, pela intuição critica auxiliada pelas chronicas portuguezas, a vida pre-historica nas aldeias; ora revestem uma forma mixta em que tem parte não só o indio, mas tambem o portuguez, o conquistador, nesse crepusculo matutino, onde as sombras e visões da barbaria se casam com as claridades ainda confusas, indecisas, e não raro carregadas, da manhã colonial. *Iracema* de José de Alencar pertence ao primeiro typo, o *Guarany* pertence ao segundo. Seria enfadonha tarefa relacionar os variadissimos e innumeraveis trabalhos que na febre do indianismo, vieram a publico. Tivemos-os de todo pezo e medida.

Muitos outros talentos encaminharão-se na mesma direcção; e o thema indigena, que ao principio so servia de pasto ás obras de arte, passou a ser estudado scientificamente. Nas sociedades historicas, e mais tarde nas anthropologicas o indio é dissecado, analysado; a sua linguagem é objecto de investigações; a sua lingua dá occasião a exames que ainda continuam. Todo este movimento veio do Norte,

e teve a sua raiz na inspiração local do grande poeta maranhense. Si não fóra elle talvez tudo isso ou, ao menos uma grande parte, talvez a mais preciosa, ter-se-ia perdido ingloriamente.

Este poeta trazia em si a grande alma da sua região natal, alma soffredora, amorosa, terna, cujas cordas vibram na dôr e na saudade, na resignação e no trabalho.

Ella está retratada em toda a sua nudez nas palavras do prologo dos *Ultimos Cantos* datado no Rio de Janeiro:

« Minha alma não está comigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, envolta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella! lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira eshelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páu d'arco coberto de flores amarellas. Ali sim, — ali está — desfeita em lagrimas nas folhas das hananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo o que eu amo, e que em hem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de todos os annos que desperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim.»

Com que funda sentimentalidade elle se refere ás selvas da sua região natal na poesia *Solidão*:

« Ou si mais te apraz, zombemos  
Das setas que arroja a sorte;  
Vivamos nas minhas selvas,  
Nas minhas selvas do norte,  
Que gemem nenias sentidas  
No seio da escuridão.  
Não tem doçura o deserto,  
Não tem harmonia os mares,  
Como o rugir dos palmares  
No correr da viração!

« Tu verás como a luz brinca  
Nas folhas de côr sombria;  
Como o sol, pintor mimoso,  
Seus accidentes varia;  
Como é doce o romper d'alva,  
Como é fagueiro o luar!  
Como ali sente-se a vida  
Melhor, mais viva, mais pura,  
Naquelle eterna verdura,  
Naquelle eterno gozar! » (1)

Na propria bocca do selvagem elle não perde occasião de assignalar a sua preferencia, e a primazia da terra onde nasceu:

« Sou bravo, sou forte,  
Sou filho do norte,  
Meu canto de morte,  
Guerreiros ouvi. » (2)

Quereis ver agora como o Zorrilla brasileiro perde parte das suas harmonias, e empallidecem as côres da sua

(1) Obr. cit. tomo 1.º pag. 197.  
(2) Obr. cit. tomo 2.º pag. 19.

palheta tão rica de animação a vida nos assumptos que lhe são agradaveis? Lêde a *Canção do Tamoyo*, inspiração do sul (Obr. cit. tomo 2.º pag. 33) Quão longe está ella, em energia e graça, desse *Y-juca-pirama* rutilante e magestoso, desses *Tymbiras* que parecem uma visão, um sonho, tamanho é nelles o brilho da imaginação e a vivacidade do colorido local, desse *Tabyra* que parece uma inspiração granitica, e, n'outro genero, dessa *Caxias*, onde o poeta teve o berço:

« Quanto és bella, ó Caxias! — no deserto  
Entre montanhas, derramada em valle  
De flores perennas,  
E's qual tenue vapor que a brisa espalha  
No frescor da manhã meiga soprando (3)  
A' flor de manso lago!

FRANKLIN TAVORA

(3) Obr. cit. tomo 1.º pag. 33

Reproduzimos hoje, nesta folha, as duas hellas traducções, que não ba muito abrilhantaram as columnas do *Diario Mercantil*, de S. Paulo, e devidas á penna da Exa. Sra. D. Vera de Suckow.

*Recordação e Serenata* são as primicias do peregrino talento que desabrocha de dezasete primaveras.

A gentil poetiza tem, alem destes, outros trahalhos, com os quaes iremos aos poucos deliciando o fino paladar dos nossos leitores e leitoras.

Acceite a Exma. Sra. D. Vera de Suckow as sinceras saudações da *Semana* pelo modo brilhante com que entra na communhão das letras brasileiras.

## SERENATA

CATULLE MENDES

Tem um andar distrahido,  
Leve como o da gazella;  
Tal um lirio parecido  
Com uma rosa: sou d'ella.

Tem gostos extravagantes  
Em versos, traje e etiquetas.  
Seus olhos insinuantes  
Chamam irmãs — ás violetas.

Porem será ainda hoje  
Como appareceu-me um dia?  
Pois ba muito o tempo foge,  
E eis que de vista perdi-a!

## RECORDAÇÃO

LORD BYRON

Acabou-se! — Entrevi-o nos meus sonhos  
Já não doura a esperanza o meu futuro;  
Quão breves fostes, dias meus risonhos!  
Gelada ao norte de um destino duro,  
Faz-me a aurora da vida em coração;  
Adeus, gozo, esperanza, amores meus!  
Pudesse ainda dizer: Recordação!

VERA DE SUCKOW.

## FORÇA VELHA

Continuação

O eol do dia anterior fóra de rachar, — um sol de janeiro —; na atmosphera euspendia-se um pó subtil; o verde das arvores gritava; e o ar parecia vibrar á propria vista. Os atoleiros formados pela ultima chuvada estavam seccos, encarquilhados, como ferias da terra em via de cicatrizaçáo; apenas, em um ou outro ponto da estrada, havia buracos fundos, cheios de lama, que cospiam jactos pretos nas calças e botas dos transeuntes, quando o cavallo acertava em metter o pé em algum delles.

No rancho, chegavam ao mesmo tempo dois comboios; um da cidade e outro da villa. Tangiam ao primeiro um cabra de alpracatas, chapéu de coiro e roupa de algodão grosso, e dois rapazinhos da mesma casta. Oito quartáus magreirões conduziam duas cargas de malas pretas, tauxiadas, e as restantes de caixões pendurados por alças de cordas ás cangalbas. Sobre uma destas cargas viuha um molecote, a gritar e a cantar tóadas de pé de serra. O comboio, que descia, era de algodão; as primeiras partidas que naquelle anno, remetiam á casa ingleza.

Os cavallos, chegando a sombra das grandes cajazeiras, que enfrentavam a casa, como adivinhando a intenção dos guias, largaram as trilhas lateraes, e, em desordem, começaram a circular em torno dos troncos, uns levando a bélfa ao chão para apanhar nós de canna ou restos de capim, outros escambichando as pernas para verter agua, depois de rufarem o couro nesse movimento de estremeção voluntario, de que só essas alimarias tem o privilegio. Os chocallhos tilintaram descompassadamente e um dos animaes quiz espojar-se na aréa. Os cargueiros, porem, obstaram a legitima intenção, e aos gritos de—ó éua!—ó éua!—circumscreveram logo os quartáus ao terreiro, maneiando-os de pé a mão. Arriaram as cargas de dois estropiados, que mostravam ao ar livre o dorso suado e cheio de raladuras tirantes a bicheira.

O Guedes, o cabra, encostou então o xiquerador ao tronco da cajazeira, e chegando ao balcão da bodega, bateu com dois vintens sobre a madeira.

— Da brauca; que estou tinindo! Como vae isto, seu Miguel.

O paralytico respondeu com um movimento de cabeça, e Salustina, da sala, acende estava pondo a mesa para o almoço, fez um gesto de intelligencia.

— E' bom fechar o corpo, que os tempos não vão bons.

O Miguel poz num copo baço meia terça de cachaça, que o cargueiro virou de um trago, pondo termo com um estalido na lingua.

— O' Gibila! como vae essa força? virou-se o Guedes para o que vinha da villa. Seu Miguel, mais meia terça aqui para o compadre.

O bodegueiro tornou a virar o canjirão, e o Gibila bebeu. A cachaça não tinha espinhas, e o cabra estava generoso; vinha da cidade satisfeito de muitas cousas, acompanhando um senhor doutor de muita população, como se dizia em sua giria, e queria divertir-se, embebedar-se, fallar bem de tudo, gastar o cobre que trazia.

Com o pesçoço esgorjado á caualha, o chapéu cahido sobre o olho, o Guedes riscou um phosphoro, e, acendendo o cachimbo, que sacara do barbicacho, deu duas fumaçadas gostosas; dirigindo-se á Salustina, que viera á janella para fallar-lhe, emittio a saliva por entre os dentes limados em ponta.

— Olhe lá, siá Salti, como vae tratar o moço que ahí vem.

O moço era o doutor, o juiz, que se esperava no termo desde a semana finda. Estava-se em uma quinta-feira, e na hora em que o Guedes fallava, o sol já andava no quadrante. Soavam dez horas. Pelos seus calculos o cavalleiro e as pessoas que o acompanhavam não chegariam antes das doze. Andavam a passo; o doutor montava mal, e deviam ter sahido do sitio da Manguba, a tres leguas d'alli, nunca antes das seis horas; e nesse andar não era possivel que fizessem mais de uma legua por hora.

A Salustina desgarrou ao Guedes um sorriso garrido de promessas. Deixasse estar que ella sabia como se arrumar em casos como aquelle.

ARARIPE JUNIOR.

## A côrte vista de fóra

Leopoldina, 15 de Fevereiro de 1888.

Muito tem-se declamado contra as centralisações de toda ordem: os politicos contra os centros directores, que impoem as candidaturas e absorvem em si a melhor parte do sangue governamental, deixando em profunda anemia o resto do organismo nacional; a lavoura contra os syndicatos da praça commercial; o commercio contra a tyrannia do cambio; a Opinião contra a imprensa da capital; as provincias, emfim, contra o municipio neutro. Os utopistas tem esgotado todos os argumentos da logica e queimado toda a polvora de sua indignação. E apezar de tudo, a Côrte continua a ser nossa directora, todos na Côrte têm os olhos fixos; da Côrte nos vêm a opinião, a moda, as virtudes e os defeitos. A rua do Ouvidor é o canal obrigado da onda do successo. Nada será consagrado senão com a imprescindivel condição de lá passar.

Ha dous pontos de vista para o observador eucrar os acontecimentos um no centro delles e outro fóra de sua circumferencia.

No primeiro, o observador, sugeito á acção do meio, que o cerca, vê os successos nos seus minimos detalhes; mas idéa, que forma para a critica, traz o vicio de origem, por ser a critica congenita com o phenomeno estudado.

As excepções neste sentido, comojem tudo o mais, confirmam a regra.

Quanto ao segundo ponto de vista, si bem que a distancia difficile a plena percepção das cousas estudadas, parece-me, todavia, o mais proprio para que

o observador ajuize dos acontecimentos. Ha minudencias locais, factos ephemericos, cujo destino é nascer e morrer nos grupos dos *causeurs*, nas mezas dos cafés, no entreacto dos espectaculos:—estes escapam á vista do observador *extracivital* e nenhum influxo podem exercer sobre a ordem geral dos successos. O observador externo é imparcial.

E' neeste ultimo ponto de vista que vem se collocar quem traça estas despretenciosas linhas.

De todos os factos noticiados pela imprensa douts impresionaram-me profundamente:—um succedido em Lisboa com um velho escriptor e parlamentar e o outro na Côrte com um pequeno mascarado do carnaval. Começemos pelo mais moço.

A *Gazeta de Noticias* de 14 refere que uma criança por nome Oliverio, que pela sua graça e desenvoltura encantara a quantos o viram percorrer as ruas da capital, vestido de *Bilontra*, no primeiro dia do carnaval, ao voltar para casa fóra accomettida de convulsões, que não cessaram senão para deixal-a succumbir a um accesso pernicioso.

— Triste carnaval o desta criança! accrescenta a *Gazeta*.

E na verdade.

Em todas as festas populares ha uma nota triste:—frequentemente é a fusão de sangue humano. O povo accumulado tem em si o germen de desgraças, que não raro fazem explosões.

A nota dominante e triste do carnaval de 1888, deu-a o innocente Oliverio, que fez-se um pequeno *Bilontra macabro*.

Tanto ospirito, tanta graça, tão precoce intelligencia encheram de inveja a Morte que, sem esperar que findasse o triduo carnavalesco, suggerio ao pae da criança estas extranhas palavras: «Depressa! vai arranjar-me uma veste cor de rosa, talar, uma coróa de flores bonitas e bem alegres, o logo que teu filbo chegue, phantasia-o.»

Verás que bello mascaradinho! » E isto se fez, e o pequeno *dominó* cor de rosa sahi; mas não voltou...

Facécias da Morte.

Hei de sempre me lembrar desse pequeno mascarado, que depois de atravessar as ruas em festas, sobraçando as mais viçosas flores dos applausos, cercado da multidão que lhe atirava beijos de caricias, tonto do successo, tropeçou no tumulto e cahiu, sem mesmo ter tido tempo de compor o rosto e levando para o seio da Natureza invisivel, ainda impresso nos labios innocentes, o riso de sua ultima galanteria.

E se o pai desta criança é catholico, hoje que é quarta-feira de cinza, ao receber a cruz que o grave sacerdote lhe desenha na frente, deve amargamente sentir naquelle pó, as cinzas ainda quentes do seu mallogrado Oliverio.

Quanto a mim, deponho um beijo sobre a sua pequenina campa.

A hora em que escrevo, não eei si tenho a falar de um vivo ou de um morto. Os ultimos telegrammas de Lisboa dão como desesperador o estado de Pinheiro Chagas, victima de uma conspiração dos partidos de Luiza Michel.

Li todo o artigo do *Reporter*, em que o illustre escriptor diz naquelle seu bello estylo tão conhecido, boas verdades sobre a celebre agitadora fran

## FORÇA E MATERIA

La force et la matiere ne peuvent jamais séparées entièrement.

F. MOHR.

Pas de matiere sans force. Mais aussi pas de force sans matiere.

JAC. MOLESCHOTT.

Contra a theoria velha e] decadente que especulava a substancia etherea, a unidade da força e da materia é uma idéa aceita geralmente.

Para os sabios a força antigamente, era uma simples propriedada aerea, e a criação universal, siderea, obra de um ser occulto, omnipotente.

Entretanto, esse ser illimitado, creando, outr'ora, tudo de momento, vive presentemente descaçado.

Hoje, tu crés humano entendimento, que é a materia e a força que hão formado os corpos pelas leis do movimento.

EDUARDO DE CARVALHO.

ceza, e confesso que abundo cordialmente em suas idéas.

Acceito, admitto e louvo que a mulher participe das conquistas gloriosas das sciencias e das artes, tolero mesmo que se aventure pelas arduas regiões da politica e *deixo até passar* que venha olla a occupar algum dia postos elevados nas altas administrações de um Estado. Mas o que não comprehendendo e não posso admitir é que nessas diferentes posições queira conservar intacto, inviolavel, o privilegio creado a favor de seu sexo em attenção a sua fraqueza. Não. A mulher, desde que se faz litterata, é um homem de letras como qualquer outro, está sujeito ás censuras da critica; deputado, ha de soffrer as contrariedades dos debates; governo—as guerras da opposição; propagandista—as arruaças do povo.

Luiza Michel é uma envergadura; a linguagem de suas conferencias tem um collarido vermelho de injurias e sangue; por sua causa tem sido sacrificadas não poucas victimas: que muito era que fosse uma das ellas, sendo a causadora de todas? Mas é uma mulher; —dizem os Quixotes da utopia, que se fazem sicarios e atacam um jornalista que tem a coragem de dizer que Michel renunciou o beneficio do seu sexo no dia em que iniciou sua carreira publica.

E eis que por causa de uma mediocridade intellectual, servida por uma organização viciada de hysterismo revolucionario, cae fulminado um vulto sympathico, benemerito, querido da humanidade e sobretudo dos dous povos irmãos, que falam o idioma de Camões.

Se Pinheiro Chagas succumbir ao thraumatismo, eu lamentarei duplamente a sua morte: pela falta irreparavel que deixa ás letras e por ter cahido aos golpes dos fanaticos discipulos de uma douda.

Esperemos, contudo, que o grande escriptor vença os perigos da convalescença; quero exprimir por *esperança* o desejo.

Quizera me occupar de mais alguns assumptos menos tristes. O calor está suffocante: o thermometro centigrado marca 32° e ainda resoam funebremente, como as notas de um *canto chão*, estas palavras que tanto tem de mysticas, como de rigorosamente scientificas, sobre a origem e o fim do homem: *Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.*

Perdoe-me o jovial *Eloy o heroe*, que se quizer sahorear alegremente a quaresma, venha cá para a roça gozar do bom peixe de rio.

E até a proxima.

ALI

## MÃE

Ella scisma silenciosa  
A' doce luz do luar.  
Que incerta visão radiosa  
Passou nas nevoas do mar?

Como que soluça uma harpa  
Nos ares tristes... Talvez  
Surja uma ondina na escarpa  
Cantando em tod: nudez...

E lhe falle sorridente  
De palacios de coral,  
E lhe estenda a mão albente  
Lá no meio do areal...

Que uma branca vela ondeie,  
Fuja nas soldões azues  
Que importa? e o bosque vozeie  
Torcendo as comas á luz

E o mar, em ruidosas pragas,  
Mostre os dentes des parceiros?  
E estourem, morram as vagas  
Como lugubres tropeis?...

Olha mais uma, outra, um bando  
De estrellas, centenas, mil  
Petalas de oiro, fluctuando  
Esparsas no ceu de anil...

E' que á marinha bafagem  
Uma nevoa esmaeceu  
Como a fria branca imagem  
Do filho quando morreu...

E elle talvez pouse agora  
Naquelle estrella, a brilhar,  
Tão longe da mãe que o chora  
A' doce luz do luar...

ALBERTO SILVA

## Um Primitivo

A L. G. DUQUE ESTRADA

Na casa nova da chacara do capitão Antonio Luiz, uma tarde de fins de Maio de 1850, pronunciaram-se palavras memoraveis.

— Aqui tem você a sala. Está caiadinha e limpa. Pinte-lhe as paredes a vontade. Tem carta branca. Faça ali uns bonecos, umas cousas alegres e engraçadas. Se me agradar a pintura, sou capaz de lhe dar trinta mil reis. Mas não demore, que pelo S. Antonio quero dar aqui um brodio.

Mestre Camillo, sem mostrar attenção passava exame ás paredes, experimentando pelo toque a solidez duvidosa do reboco sobre os engradados de varas com barro amassado. Depois proferiu:

— E' pouco dinheiro e pouco tempo, seu capitão. Por menos de cincoenta...

— Lá o tempo... Mas com a sua habilidade você dá conta disto em trez palhetadas e meia! Não precisa de um servente?

— Servente p'ra que?

— E dou-lhe as tintas e preparos. Enfim, depois veremos. Quando vae principiar?

— Amauhã.

No dia seguinte, desde que houve luz, mestre Camillo começou a composição central de uma triptica symbolisando a seu modo a gloria do trabalho honesto e livre. Trabalhou com affino e quando tres dias depois o dono da casa veio ver a obra, elle cachimbava descançando na contemplação do seu poema.

Era de um lado uma scena representando trabalhadores de machado e serradores no matto, do outro carpinteiros em frente de uma casa em construção e no centro, entre a porta e a janella, que felizmente abriam para

fôra, a gloria furibunda dos ferreiros martellando entre a falseação terrivel do vermelhão em braza. Por cima de tudo — ligação eestial das cousas — uma fachá ultra-cerulea, povoada de andorinhas gigantescas e no alto, sahindo de uma nuvem escurissima de mysterio, uma grande mão aleijada e vermelha, *rubenta dextera*, ameaçava ou abençoava.

O capitão gostou da cousa. Mas como todo profano que se quer fazer de entendido, mette umas objecções lastimaveis. Achou as tintas pouco finas (o pintor levantou os hombros: o que se podia fazer com póe de sapatos, vermelhão, azul, oca e verde de Pariz, pintando a ganache n'uma parede de barro mal caiada?) achou violentas colorações e incongruencia n'aquelle céu servindo tanto para os matteiros de dia como para os ferreiros de noite e desproporção nas figuras em si mesmas e em relação aos planos e mesquinheza no matto feito em capoeira rara para caber sob o ceu o dureza excessiva nos gestos... Ia achando tudo ruim á medida que detalhava, mas o mestre reprehendeu-o.

— Seu capitão não pôde dizer nada por enquaanto. Depois de tudo feito, então...

Sahiram conversando e o fastuoso roceiro suggeriu ao seu pintor a idéa de uma Crucificação ou qualquer outra santidade para cima da porta que dava para a varanda.

A' tardinha, Camillo sentado na soleira da porta olhava para a lagoa a oeste. O occaso respandecia. Para lá do tabual verde e ouro, de um tom suavissimo, em que a viração fazia chamalotes caprichosos, a agua se estendia em larga chapa de bronze despolido de brilho quente, afogueado, até ás serras veladas no horisoute pela poeira luminosa da hora. A esguia cinta mosqueada dos comoros, alem, marcava o fim do mar. Vista de cá a sua longa lamiua de aço escuro aguçando-se em ponta scintillante para o sudoeste parecia uma espada immensa posta alli como separação entre a terra e o céu. E a grande voz enchia, o espaço n'um ribombar contínuo, surdamente. O sol descia, entrava atráz das serras, os cirros esparsos no céu ficavam de ouro, de cobre rutilante: a intensa verberação rubra dava ás cousas todas o tom de magia das horas crepusculares e sobre o fundo incandescente a branco as arvores se recortavam em silueta negra, nitidamente.

De repente Camillo teve o seu Christo. Entre a galhada secca de um cajaeira que morria uma trifurcação muito larga com dilatações e nodosidades dava-lhe a projecção simplificante do Patibulo de Gloria. Um joelho saliente, o flanco derreado e a cabeça exanimé pendida em tudo o que se via da Hostia divina. Bastava isso. Mestre Camillo era naturalmente idealista e sóbrio, como tal. Sobriedade que podia ser pobreza, ou o que quizessem, mas que era uma convicção. Na sua manobra extremamente longa dos decadentes não entrava a mancha de que elle nem fazia idéa. O seu gosto era o traço, que a inhabil mão reduzia, simplificava até ser quasi uma notação apenas. Pintava como quem escreve: depressa e incorrecto. Punha côres, porque achavam bonito, elle não. Não era colorista. Verdade é que ainda não era desenhista. Mas tinha do fogo sagrado o bastante para coser-lhe o pão, mal amassado embora, ganho com o suor do seu rosto.

Brochando no outro dia o fundo de oca triumphante—o fundo de ouro bysantino e doe mysticos primevos na arto italiana — e recortando sobre elle o tetrico Calvario, em que a Magdalena era uma trouxa vaga atirada aos pés da cruz, mestre Camillo eontava que a satisfação do capitão vendo cumprido o seu desejo lhe aeseguraria os almejados cincoenta mil reis. Mas seu capitão Antonio Luiz não tinha nem um boeado de subjectivismo esthetic. Vendo o seu alto de porta elle ficou com a cara de quem não descobre onde está o gato. Achou triste aquillo. Mas não o disse. Só lhe aconselhou que pintase *agora* cousas alegres.

O iconista desabusado atirou-se á parede do outão e cobriu-a de idylls e pantomimas. Sob uma arvore monstruosa poz um galan sumptuoso em azul, amarello e verde, beijando a mão a uma dama, em cujo olhar ternamente enviezado havia uma pouta de loucura. Um cavalleiro passando cortejava-os, pasmo de tanto amor! N'uma praça de villa ou terreiro de fazenda uma gymnasta equilibrado sobre dous cavallos peloticaava com laranjas. Entre a luzida sociedade que da varanda de um casa de telhado rigorosamente encarnado assistia ao espectáculo estava o chapéu do Chile e a barba comprida de seu capitão. O saltimbanco fingia ser o mesmo pintor. Doloroso symbolo! O que alli não fez elle para divertir o capitão e seus amigos! Fez uma brigá de cachorros, gelada. Fez um macaco de jaqueta montado n'um cachorro. Fez um papagaio verde do bico amarello. Fez um caboclo mutando uma cobra, enrolada n'um coqueiro que parecia um espanador velho. Fez uma bandeira do Divino, com folhões e tudo. Fez o diabo! Lá estava elle cabriolando a um canto, de rabo e cornos, mas todo gaiteiro. O capitão approvou e aproveitou a inconveniencia da alegria do diabo para mandar apagar o lugubre Calvario, e substitui-lo por umas armas imperiaes bem catitas. Até os caroços de café, encarnadinhos, tinham muita graça...

E no dia de Santo Antonio, festa de luzimento para a qual muita gente se convidára, não faltaram admirações e applausos ao bom gosto do capitão Antonio Luiz e á habilidade do Camillo. Não faltaram tambem depreciações e zombarias dos escarninhos e maldizentes, recordando o injurioso eognome de sujo que perseguia o honrado pintamonos. Mas o successo popular da quella noite e dos dias seguintes obliterou-o em breve e por fim dos serros do Catimbáu ás vargens de Innoán noava como um symbolo de gloria o nome illustre de Camillo o Pintor.

20 de Fevereiro.

DOMICIO DA GAMA

## QUESTÕES DE ESTYLO

Exordio. Aphorismo de Buffon. Espirito moderno e espirito antigo. Selecção natural. Pessimismo e optimismo. Em que consiste a superioridade do espirito moderado. Estylo moderno.

Saboreei ha coisa de tres mezes as deliciosas paginas que Araripe Junior escreveu sobre naturalismo e pessimismo.

Li-as em separado e eontudo senti logo de relanee que o assumpto era tratado por mão de mestre.

Com effeito, o propecto critico alli desenvolveu conceitoa mui felizes sobre questões de estylo e formulou sentenciosos, juizos reveladores de uma bella orientação mental nas trevas do nosso preteneo chaos intellectual.

Lembre-me hoje, não de voltar, mas de vir á carga, e não para semear idéas ou para improvisar theorias, mas simplesmente para cavaquear.

Um principiante nada melhor e mais galhardamente sabe fazer do que principiar.

Como circumstancia attenuante para mim, devo confessar esta fraqueza, talvez reprehensivel: que aempre liguei tanta importancia ao estylo de um escriptor como ás obras de um autor.

O *savoir-dire*, o modo de expressão, docs ou rude, sem jáca ou ainda em garga, a traducção fiel do original do espirito, a sohpoição quasi mecnica da palavra ao pensamento, pesou-me sempre na balança comoa espada de Breno.

Mas prosigamos.

Se me dessem um ponto para esta these:—O estylo —eu escreveria est'outra— O homem — apesar das espheras pretas que Minerva se dignasse de lançar na urna das reprovações.

Quero assim remontar-me ao sedição, escovado e escovado aforismo de Buffon aforismo chapa, porem verdadeiro e profundo: *O estylo é o homem*.

Bem. Escripto o titulo de minha these, eu ahordaria com unhas e dentes o estudo completo do homem complexo, isto é, estudaria o movel, o homem; a trajectoria, a sua vida; a direcção, o seu temperamento; o movimento, a sua actividade; a força, o meio physico e o meio mental; com relação ao tempo, actualidade; e com relação ao espaço, nacionalidade.

Feito esse historico, eu forçosamente chegaria a um resultado, a uma conclusão, e então diria: esta resultante dá a medida do estylo de tal escriptor, porque representa a expressão approximada do que elle sente, do que elle pensa e do que elle quer em litteratura, emfim, de sua individualidade litteraria.

E' claro que estudando genericamente um typo humano em litteratura, eu estudaria um typo moderno.

Ha ahi muito quem apregoe em prosa a decadencia do espirito moderno e exalte em verso a superioridade do espirito antigo. E' falso.

Ha muito quem escreva com mysteriosa mão diurna e nocturna no meio do festim do progresso actual o *mane, thecei, phares* da legenda biblica. E' erroneo.

Outros ha que obatinadamente fazem passar pelas forcas caudinaa o ideal moderno. E' injusto.

Para que systematicamente confrontações odiosas e gratuitas entre a idade contemporanea e a idade antiga? Demais, para que o julgamento fosse decisivo e scientifico, seria forçoso metter em linha de conta um elemento constante e fatal de transformação: o phenomeno de selecção natural. Mas o que é de selecção é de eleição e o que é natural é eterno.

Nesse caso, pois, a victoria seria nossa.

A selecção natural conaunma-se por este processo: a luta.

A luta no Universo, a luta na Natureza, a luta na Humanidade, luta cega, fatal, ininterrupta, eterna como o moto continuo.

O vacuo não existe e a impenetrabilidade physica é uma propriedade universal. Doie atomos não podem occupar no mesmo tempo o mesmo espaço: a simultaneidade e a ubiquidade unitarias são duas mentiras. Assim, o que ha é a successão, o revezamento entre civilisação e civilisação.

A vida implica tão naturalmente a morte como a morte implica a vida.

A civilisação no Occidente, por exemplo, está-se consummando á custa da harharia do Oriente (que o digam os inglezes), assim como na antiguidade foi precisamente o contrario (que o confirmem os povos orientaes.)

Apesar de Platão, de Christo, de Thomaz Morus e de Comte, nós nunca seremos igulmente civilizados nem igualmente fortes.

Na humanidade entre as nacionalidades e na sociedade entre os individuos, ha de haver sempre antipodas como na esphera terrestre.

Vêde uma halança, symbolo da justiça: em uma pesagem a concha que sohe, sobe á custa da que desce.

Ahi está a imagem viva das civilisações.

Mas quem é o factor do engrandecimento social? E' o homem.

Logo, o espirito moderno está, não direi isolada, mas collectivamente, em plano superior ao espirito antigo.

Simplez questão de scenographia.

O systema que nega isso é o pessimismo. Mas o pessimismo, o scepticismo e o pyrrhonismo são symptomas pathologicos individuaes ou eciaes, assim como tambem o são o optimismo e o dogmatismo desbragados.

A selecção natural é uma força cega e inexoravel que trata, com uma precisão providencial, de eliminar da corrente universal da vida tudo que degenera e tudo que perturba. E' em virtude desses processos apparentemente iniquos, mas realmente justos, que ella condemna irremessivelmente os phthisicos, os cardiacos e os loucos, os individuos incuravelmente affectados dos órgãos essenciaes da vida, sem fallar dos abortos, que ainda não chegaram a viver integralmente, nem dos decrepitos, que já exgotaram a vida. Isso pela razão logica de que a Natureza não empata energia no movimento universal, assim como o negociante hem avisado não empata capital em suas transacções. São condemnados, mas para se regenerarem de suas proprias ruinas no grande estaleiro universal da Natureza.

Sendo assim, nesse eterno conflicto propulsado e presidido pela força de selecção natural, os que saem feridos são pessimistas e os que saem incolumes são optimistas. Quasi sempre.

Assim, a questão de pessimismo e de optimismo é interminavel, sempre houve e sempre havrá.

E' até prescindivel tratar della, e se o fiz foi para sacudir a poeira da estrada que persegue todo transeunte.

(Continúa.)

CANDIDO JUCA'

## BUCOLICA

O sol dardeja a prumo; os passarinhos, festivos, pipilando, longe dos quentes perfumados ninhos, adejam demandando céus e luz; o bosque agita a verdejante côma; nas vastas pradarias a madresilva em flor espalha o aroma—do amor, das nostalgias—, que seduz.

Tudo é encanto e amores:—o murmulho cadente das ribeiras; o ciciar do folhame; o doce arrulho dos pombos nas halseiras; o rumor dulcisono das azas dos insectos, que zumhem no silvado ou que instantes volitam, irrequitos, no seio perfumado de uma flor.

Lá, num grato recanto mysterioso, onde limpido arroio serpenteia, soh um docel de viridos salgueiros, onde as rosas silvestres e as acacias, meigas, ae enlaçam em festões ligeiros, deitada sobre a areia, tendo por travesseiro perfumoso do lírio odoro as pétalas violaceas,

a rainha daquellas cercanias, a loira e eshelta Hortensia, eternecida, das enfadonhas vestes despojada, nessa mansão cheia de luz, ridente, que á soledade, á scisma aprofundada e que ao amor convida, cuida talvez em loucas fantasias,

pobre creanca, sorrindo alegremente.

(—O coração é perfumado ninho, onde geme e dehate-se assustado o amor—esse voluvel passarinho—, presos na mão do caçador ousado.—)

Canta em voz alta. Erguendo-se lasciva, os formosos cahellos sacudindo, com as mãos delicadas e pequenas, prendendo-os no alto da cabeça a rosa, ennastrando-os de acacias e açucenas, inclina-se, sorrindo, para a corrente, que reflecte, esquiva, a sua linda imagem graciosa.

Entra nas aguas transparentes, frescas. As horholetas quedam-se assustadas; dos passaros o modulo dolente já não ae escuta mais; uma por uma, só as vagas da tremula corrente travéssas, nanoradas, vem afagar-lhe as fórmias principescas, num borbulhar de fióculos de espuma..

E ella foge, medrosa, segurando com os dedos de neve nos ramos dos salgueiros, soluçando, com recio que a leve, nos vaivens cadenciados, a lympha, que, dormente logo após, com doçura, cobre de beijo a seu corpo albente, nessa lascivia impura dos harens.

E o eol, ancioso, atira tresloucados olhares indiscretos, doirando as aguas, ternoe, abrazados, de volupia repletos, atravez das folhudas ramagens deliciosas, fitos na doce amada, que, respeitosa, vêm beijar as rosas da curva assetinada de seus pés.

CARLOS COELHO

## O LOUCO

ELECTRICOS

Oe olhos de D. Loló brilharam, o coração deu-lhe uma forte pancada, e com um movimento levemente nervoso, ella voltou-se para a sacada e poz-ae a olhar as arvores da praça fronteira, francamente illuminada pelo reflexo das luzes da sala.

Depois, já tranquilla, correspondeu á cortezia que lhe fazia um rapaz que acanhava de entrar, alto, de homiros largos e olhos muito escuros.

— Já sei; disse elle, muito polido, continuando; já aei que tem compromisso para todas as quadrilhas...]

— Engana-se; faltam-me ainda alguns pares; e sorrio-se com a indifferença mais bem fingida deate mundo.

Deu-lhe uma quadilha, a terceira, e foi sentar-se junto ao pai, um homem de phisionomia idiota, que olhava para ella fito, sem dizer palavra, serio, muito sombrio.

D. Loló era pequena, perfeito typo da mulher cearense, intelligente, viva, muito corajosa. Uma belleza ao mesmo tempo adoravel e respeitavel. Tinha uma grande firmeza nas suae palavras, indicio de character resolutivo. Deixava cabir a phrase inteira, sonora e transparente como um prisma de crystal.

Educou-se esmeradamente em um collegio de Inglaterra, onde desenvolveu as aptidões elevadas de aeu espirito com esse bom senso pratico, esse conhecimento do real, que faz da mulher ingleza o typo da honestidade e da resignação.

Era uma perfeita Ingleza, só lhe faltava a rigidez do gesto, ao que se oppunha o seu sangue equatorial.

Na sua volta da Inglaterra, encontrou em ruinas a casa commercial do pai. O pobre homem, atormentado com penhoras, sequestros, enabargos, com idas e vindas por casa dos advogados, dos juizes, dos escrivães, com o systema nervoso submettido a uma tensão enorme, não poude resistir á catastrophe e perdeu o juizo. Uma loucura pacifica, silenciosa, cheia de olhares fixos.

Em condições taes, pobre, desolada com a demencia do pai, lutando para aalvar do naufragio ao menos com que subsistir, e vendo com o olhar claro do seu espirito pratico, as difficuldades, que lhe adviriam para o futuro, accitou resolutamente o partido que lhe offereceu um excellento simplorio; bom homem, aliás, que levava a sna vida a não pensar n'outra cousa, que não fosse vender mais caro do que comprara; um homem honrado, que lhe offerecia, com o seu nome e sua fortuna nm bom coração burguez, e implorava com os olhos de grande cão fiel, que ella se dignasse de tel-o dehaixo dos seus gentis pesiuhos.

D. Lolô não era romantica; o unico livro de imaginação, que lhe deram para ler foi o de Shakspeare, e, pois, achou que valia muito mais aquelle casca grossa cheio de dedicação e de lealdade, do que todos os sonhos gentis, todas as doces illusões que a mente vê por traz de nuvens cor de rosa e de leite.

Não havia de amal-o, mas com cêrteza o estimaria muito.

Além disso o amor é um facto physiologico que se pôde muito bem illiminar ou adiar; e ella tinha bastante intelligencia e vontade para preparar, assim mesmo, a sua felicidade e a dos que a cercavam.

Acceptou com coragem a situação em que as circumstancias a collocavam e dedicou-se á felicidade dos tres: o pai, o marido e ella.

Havia de conseguil-o; julgava ella e sentia-se bastante forte para cbeigar ao seu fim; estava certa disso.

Assim pensava junto ao pai, em cujo olhar apagado procurava surpreender uma reستا, que revelasse a luz que se estinguira naquelle cerebro deserto.

Costumava leval-o por toda a parte, aos bailes, ao theatro, aos passeios, para distraill-o, para cural-o. Elle pacificamente se submettia a vontade della com uma vaga sensação de involtorios brandos e perfumados. A filha não lhe sabia de ao pé; mesmo, enquanto dansava, tinha a vista sobre elle como se quizesse com a luz dos seus lindos olhos illuminar a noite em que taceava o infeliz.

O marido, que sempre acompanhava-a, não gostava de dansas:

— Não tenho ar; desculpava-se. Nunca aprendi semelhante cousa.

E afastava-se depois de prevenir a mulher de que elle estaria alli perto, na saleta do jogo, fazendo uma partida de loto.

Era tímido e humilde deante da mulher, não obstante toda aquella sua corpulencia de grande animal pacifico, de olhar suave.

Ella, ao contrario, dansava muito. Dava o cavaco por uma valsa, e no collegio passou sempre pela primeira, valsiста; é verdade que para isso concorria muito a sua esbelta elegancia a silhouette fina e aristocratica de mulher de raça.

— Minha senhora, já se deu signal da terceira contradança; se me faz favor... Esse rapaz de olhos escuros sempre se lhe dirigia assim, com um respeito profundo.

As mulheres gostam immenso dessa especie de adoração. A mais irreprochable sempre encontra um sorriso meigo para acolhel-a.

— A terceira? e levantando se, collocou-se com o rapaz alli mesmo junto ao velho.

— Fique socegado; disse ella para o louco, que fitava-a imperturbavelmente.

D. Lolo sentia-se bem pelo braço desse moço. Achava uma caricia recondit nos modos brandos e respeitosos com que se lhe dirigia. Tinha vontade de rir-se muito, de fazer-se familiar, de dizer-lhe as cousas minimas, de perguntar-lhe pelas suas namoradas. Elle percebia isto, e as vezes chegava a contar-lhe muitas cousas intimas, a consultal-a, com uma ingenuidade de irmão mais novo.

N'um intervallo, elle disse-lhe com o seu grande ar de ingenio:

— Sabe que estou pensando em resolver o problema da minha vida?

Ella comprehendeu, mas perguntou sempre:

— Sim? mas que problema?

— O que gyra na cabeça de todo o rapaz solteiro...

— Ah!... Vai casar-se...

Achou muito natural aquillo, já era tempo, precisava methodisar a vida, fundar a sua felicidade; ella mesma desejava muito e muito vel-o feliz, casado com uma mulher intelligente e boa; e se ella pudesse, contribuiria para a ventura delle; era muito sua amiga; achava-o digno de todas as felicidades.

— Pode concorrer; pois não? é por isso que lhe fallo, desejo ouvir o seu parecer; quero a sua opinião, na certeza de que será acolhida como se fosse um conselho de irmã que muito prezasse.

Estes modos do rapaz é que faziam repouzar o systema nervoso da moça.

Ella, nessa confiança a que se abandonava sem querer, deu o seu parecer, aconselhou-o, elogiou muito a noiva, e, pouco a pouco, exaltando-se, sem saber porque, fallou-lhe do amor, da dedicação, com calor, gesto ardente, a palavra rapida, sonora e direita indo, como, estilhaços de diamante, penetrar no fundo d'alma do uancebo. Este por sua vez sentia um bem estar, uma grande frescura que ia-lhe pouco a pouco invadindo o ser ao ouvir aquella ave do paraíso.

O velho, que não desviava os olhos da filha, levantou-se e foi collocar-se por detraz della; viuha ouvir tambem a musica daquella voz, que tantas vezes o embalava.

O salão, illuminado, enchia-se de uma confusão feita de resvalar de pés, de roçar de vestidos, de risos, de palavras dispersas, de vozes intelligíveis, domiadas pelos sons da orchestra, rasos, enfechados, cantando os ultimos compassos da contradança.

A moça continuava na sua exaltação, que embevecia o mancebo; o calor daquellas palavras, que saíam involuntarias, como por uma necessidade de transbordar, lauçava no peito do rapaz a farsca de um pavoroso lucendio.

O louco ouvia, cada vez mais silencioso. Parecia ter imposto silencio á propria loucura para poder ouvir o que diziam.

De repente um raio passou-lhe rapido e electrico pelos olhos e a sua physionomia illuminou-se com uma idea:

— *Don't forge your self!* disse elle pondo a mão no hombro da filha.

Ella, empallidecendo, e o rapaz confuso, cahiram em si e desviaram-se perturbados, evitando o olhar um do outro.

O louco havia comprehendido.

— *Don't forget your self,* repetia elle ainda.

LAHORE

## AMOR PERFEITO

Olivia é d'alma a flôr que envio-te, criança, é qual pomba d'esp'rança, ao naufrago do amor!

Eu sigo-a com fervor! Vê como o espaço a cança, da-lhe o ramo de allança, á mensageira flor.

Desfraldo a branca vella  
No oceano social, sorprende-me a procela!

Em meio o temporal,  
Tu és a minha estrella, Olivia, o meu fanal!

S. Paulo 28—10—87.

## NA ROÇA

### Conclusão

No outro dia euehu-se todo o sitio, que ella tinha fugido com o Zé Italiano para as bandas da Caieira.

O Cosme assim que voltou á casa soube tudo; ficou fulminado e prompou aos soluços, a arrannhar-se e a maldizer-se.

E nas intermitencias da dor, quando a realidade dismanteladora e brutal do caso se restabelecia com nitidez, jurara em altos berros roucos, desfigurado e congesto, como um doudo, convulsamente brandindo a sua aguda faca de roceiro: — Elle ha de pagar-me, o diabo.

A tia Sabina, coitada! que o escutava e estava acabando uma camisola de baeta azul, teve um tremor e uma palidez, mas não disse nada; e apenas o oliou de soslaio, desatou a soluçar baixos, grossas lagrimas como punhos sulcaram-lhe o rosto engeilhado.

Agora como que tinha perdido a sua serenidade: um ligeiro tremor agitava-a toda, e o seu rosto, naquelle iustante, parecia mais abatido e cavado. Quem melhor do que ella conheceria a organisação daquelle rapaz, tão ingenua, tolerante e passiva sempre, mas uma vez atacada, completamente outra, vingativa, cruel e sanguinaria como um lobo.

Ainda trazia bem de memoria a historia do mulato do Reis, que uma noite o fóra esperar no caminho da praia para metter-lhe medo; o que resultou, perder o Cosme a cabeça, e o mulato sahir esfaqueado num braço, em prisco de morrer.

Ella conhecia muito bem o Cosme! D'ahi ha tempos disia-se por toda a parte que o rapaz, tão bom etão ajuizado dantes, profundamente apaixonado pelo abandono em que o lançava a mulher, dera em beber, e ea algumas noites chegava a não se aguentar em pé.

### III

Era por uma noite negra e troviscosca d'inverno.

O Cosme, como sempre, estava na venda do André, sentado no banco, n'uma modorra, bebado, completamente bebado.

Outros lavradores, que costumavam reunir-se alli, todas as noites, para a *sêca*, algazzaravam alegres e expansivos, felizes daquelle santo descanso hem ganho dos rudes labôres do dia, na cultura das terras pelas baixadas e morros, eob a barbara caustica do sol, ou na pesca da enxova, no mar alto, eob as terriveis e açoutantes cordas dos ventos das tempestades, nos bravios costões do Arvoredo!

Falava-se discretamente do Cosmo.

— Como vivia agora aquelle pobre rapaz! Quasi sempre bebado! Que desgraça! Mas era aquelle gosto! E antigamente tão bom que fóra! E um bruto que tinha força que nem um touro! e que de uma vez, elle só, plantara uma roça de mandioca que déra tresentos alqueires!... Nesse tempo ainda a tia Sabina era viva e a douda da mulher não déra pr'aquillo! Tambem ella só não tinha culpa; peor era elle, aquelle cachorro do Zé Italiano, que lá no terço do Amaro — não viram? — levou toda a noite a metter-lhe carminhólas no casco, não se desapegando das saias da rapariga, até que « o raio » da semvergonha deixou tudo por elle. A tia Sabina, Deus lhe dê o céu! é que lhe falou ás direitas, quando elle disse que queria casar: — « Estás doudo, Cosme! Tu não tens juizo?... »

Nisso, o Cosme, acordando daquelle entorpecimento, ouviu ainda algumas palavras, e, com um fusil de colera nos olhos vermelhos, rosnou:

— O Matheus! Que diabo estás tu ahi a dizer? Deixa lá isso, o raio! — o que foi, foi...

O Matheus calou-se; e elle tornou a encostar a cabeça sobre os joelhos.

Lá fóra a chuva cahia em bategas; e fusis continuos, acompanhados de estrondos, abriam na escuridão subitos clarões de fogo rubro-violaceo que deixavam vér pela porta aberta uma paisagem phantastica e lugubre de opera magica.

A chuva batia cerrada.

O Matheus, então, foi até a porta; fincou os olhos na negura espessa, como quem quer vér alguma cousa; olbou para o alto: completamente escuro! — e exclamou:

— Temos agua!

E voltando-se para dentro, com os braços cruzados no peito e os largos hombros encolhidos pelo arrepio da humidade:

— Quem é lá de cima? Na primeira estada, prompto! Quem se vae, vae. Isto aguenta até o dia.

E encostou-se de novo ao balcão, com os olhos pregados na molhadura negada que o sudoeste estendia pelo assoalho, entrando de travez.

Pelo morro do Zefira, que ficava logo adiante, sentiu-se um ruido de patas que se approximava.

Todos puzeram os olhos na porta.

Um cavallo pintado de largas manchas brancas que o lampeão da venda fazia alvejar e luzir, estacou no portaj, com os olhos em braza e as largas ventas resfolegantes da corrida.

Então um homem de botas, atacado num grande ponche, que escorria, ensopado da chuva, alto e moreno, de barba cerrada, tilintando as esporas, apeiou-se e enquanto dosapertava a cilha do animal para desencilhal-o, gritou para dentro em mau portuguez:

— O Andre! Quero-te hoje uma pousada e pasto para o cavallo. O tempo está dos diabos, homem!

Todos exclamaram:

— Ah! E' o só Zé que anda por ahi. Nossa Senhora! Era uma lastima aquelle tempo.

Ella entrou com os arreios de rastos, indo collocal-os a um canto, por detraz da porta; e dando « boas noites » desatacou o poncha e despio-o, deitando-o sobre o balcão onde encostou-se, pedindo cachaça e dando um forte relhaço nas taboas.

O Andre inquerio:

— Donde vinha? Com aquelle tem-

COELHO LISBOA

poral d'agua era uma loucura! Apã-  
nbara-o muito longe?

— Que não; pelo Justino. Mas estava  
fechado senão ter-se-hia arranjado por  
lá. Fora allí por cauza d'umas terras...

O Cosme acordou-se de novo com o  
ruído brutal daquelle relhaço, levantou  
a cabeça e ao dar inesperadamente com  
aquelle homem perto d'elle, de costas,  
roçando-o, levantou-se.

Todos, então, olharam-o.

O Cosme esfregou rapidamente as  
palpebras pegajosas, e, convulso,  
transfigurado, arremetteu contra o  
italiano n'ua impeto, n'uma ferocidade  
bravia, os punhos cerrados, os dentes  
de fóra, os musculosos braços retesos,  
n'um medonho aspecto de furia, e  
e atirando-o violentamente ao chão,  
levou uma das mãos á cinta, onde cos-  
tumava traser a faca. Todos, então,  
correram, procuraram intervir:

— Obega! Obega! Não o mates, não  
o mates!

Mas, o rapaz, subitamente, agi-  
tou o ferro no ar, e varias vezes afo-  
gou-o no corpo do italiano.

E sahíu correndo e rosnando, entre  
allucinado e medroso, n'um tom in-  
disível:

— Matei-o! Matei-o!

VIRGILIO VARZEA

Santa Catharina; Desterro, 18 de No-  
vembro de 1837.

## LUTO DO CÉO

LENAU

Na face do tranquillo firmamento,  
Pesada nuvem de tormentos cheia,  
Passa como um sombrio pensamento.  
E como um homem que lhe falta a calma  
E no leito se estorce, inquieto n'alma,  
E cada vez mais lucha e mais aneia,  
Assim aa vento, a cabelleira hirsuta  
Do acre espinheiro encrespa-se na lucha

O céu no fundo coração ferido,  
Na taba do trovão a magua exbala  
Em surdo e triste e languido gemido.  
Febriíl agita a palpebra soabria,  
Tal como os olhos quando o pranto espia,  
Quando a lagryma dentro d'elles falla,  
E da palpebra triste incandescente  
Pallida luz escapa de repente.

Agora sobem do pantano medonho  
Frias exhalações e nevoeiros  
Leves se formam como um véu tristonho  
O céu, então, de todo mergulhado  
Em sua scisma lugubre, maguado,  
Os dedos debeis como derradeiros  
Raios de um sol que move, estende e volta  
A frouxa mão e o sol com tedio solta.

GUIMARÃES PASSOS

Rio—2—16—88.

## THEATROS E DIVERSÕES

JOÃO GUTEMBERG

Hontem, 420º anniversario do passa-  
mento do inventor da imprensa, João  
Gutenberg, o club abolicionista deste  
nome, o commemorou, promovendo um  
grande festival, com sessão solemne, no

Imperial Theatro S. Pedro de Alcantara

Todo o programma foi perfeitamente  
realizado, e a sessão esteve na altura  
do grande facto. A imprensa da Côte,  
sem nehuma distincção fes-se represen-  
tar, e muitas forão as associações, e  
commissões delegadas presentes. O  
vasto salão do theatro estava cheio, e  
tudo ali estava para engrandecer mais  
a grande solemnidade.

SANT'ANNA

Vai de paz em fóra a empreza do  
Sant'Anna, com as representações da  
*Dama de Espadas*. Todas as noites o  
theatro enche-se para applaudir a Vi-  
liot a Herminia ou Guilherme de Aguiar,  
e, ter mais uma occasião de admirar o  
talento musical de Aldon Milanez. Na  
quarta-feira, para consolar ao Vasques,  
o Heller deu-lhe o *Amor Molhado*, essa  
opereta, onde Massart, a Villiot e Her-  
minia tanto se distinguem, e o Peixoto  
sabe-nos um optimo tenente general  
medieval. Na sexta-feira veio de novo a  
*Dama de Espada*, e hoje a mesma.

RECREIO DRAMATICO

Já completou meio... eentenario a  
*Grande Avenida*. Também quem é, que  
não gosta d'aquillo, que está mesmo ao  
corrente de nosso bom gosto artistico  
Só para se ouvir e se ver a Bellegrand,  
é a gente capás de qualquer sacrificio.  
Que enchentes, e que calor... partidista.  
Está fazendo o diabo o Juca, isto é, o  
Recreio.

LUCINDA

No dia 21—a zarzuela — *O Juramento*,  
musica de Gastambide.

E' uma das melhores peças do reper-  
torio moderno.

Mais uma vez a cantora Plá paten-  
teou a sua accentuadissima organisa-  
ção artistica, superando todas as diffi-  
culdades, que se lhe apresentam em  
todas as peças em que toma parte.  
Voz flexibilissima, accomoda-se a to-  
das as exigencias de musica.

O bailado burlesco — *Hontem e hoje*  
com que terminou o spectaculo agra-  
dou bastante.

Mereceram os applausos da noite a  
Sra. Plá e os Sr. Garrido e Duran.

Agradou immensa a Zarzuela — *Ma-  
rina*, á scena no dia 23.

O tenor D. Romeu, a Sra. Durau e  
Senorita Campos cantaram os princi-  
paes papeis.

CONCERTOS POPULARES

Brevemente terá logar o primeiro  
concerto da segunda serie, desta uti-  
lissima associação fundada e dirigida  
pelo distincto maestro Carlos de Mes-  
quita.

Para provar a influencia destes con-  
certos no gosto do publico, basta notar  
a grande aceitação que tiveram o anno  
passado no theatro S. Pedro de Al-  
cantara.

## FLAVA DÉA

A OZORIO DUQUEU ESTRADA

Das discretas persianas pelas fendas  
Cuidadosos passai, raios brilhantes  
Do sol! segui-os meu olhar! Instantes  
Raros vos mostrão as mais raras prendas.

Como das ondas das pagãs legendas  
Subito surgem deusas triumphantes,  
Saltão-lbe as formas niveas, palpitaes  
Da branca espuma das nevadas rendas.

Agora uma; agora a outra pôma;  
O ventre agora; agora...—que anciedade!—  
Curva por curva o corpo todo assoma.

Sol e olhar, mais avidos! — pois bade  
Ao desprender-se farta a loura côma  
Vellar da Deusa a nua magestade.

EMILIO DE MENEZES

## FACTOS E NOTICIAS

RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Ante-hontem 23, celebrou esta socie-  
dade uma sessão litteraria. Foi admit-  
tido para socio contribuinte o Sr. Do-  
mingos José de Lemos, proposto pelo  
Sr. Manoel Maria de Castro.

Enviou o Sr. Bento José Coelho Bar-  
bosa o livro—*L'oeuvre complète* de Victor  
Hugo.

O Sr. G. Bellegarde enviou a biogra-  
phia do literatto Manoel de Mello.

Da secretaria da camara dos Srs.  
deputados receberam-se 4 volumes dos  
annaes do parlamento brasileiro.

Na 2ª parte occupou a tribuna o  
Sr. Dr. Celestino Vicente e tratou da  
circulação sanguinea nos mamiferos.  
Seguiu-se o Sr. Caetano de Castro e leu  
a primorosa biographia de Manoel de  
Mello feita pelo Sr. G. Bellegarde.

O Sr. Leite Guimarães fez uma con-  
ferencia sobre a vida e obras do illustre  
philosopho francez Emile Littré, sendo  
muito applaudido ao deixar a tribuna.

Recitou o Sr. Antonio de Lima um  
lindo soneto de lavra propria.

Fallou o Sr. Antonio Augusto Cesar  
dos Santos sobre a maçonaria.

Recitou com sentimento o Sr. José  
Dias Moreira um bello soneto seu.

O Sr. José Pereira de Souza recitou  
um soneto do D. João, de Guerra Jun-  
queiro.

Ficou marcada a proxima quinta-  
feira para discutir-se o thema: —O pa-  
pado na actualidade é util ou preju-  
dicial aos povos?

Levantou-se a sessão ás 10 horas.

O nosso particular amigo, o talentoso  
maestro Sr. Alberto Nepomoceno, pre-  
tende, com o apoio de distinctos musi-  
cos e amadores, iniciar uma série de  
concertos, em um dos theatros desta  
côte.

O nosso amigo Sr. Eugenio de Car-  
valho concluiu uma comedia em verso  
ou um acto, intitulada *Como o Demo  
as Armas*. Nos reservamos de dizer ao  
publico, do merito artistico da peça,  
que, por seu auctor o distincto poeta  
Eugenio de Carvalho, se recommenda.

Não a vimos lér, mas, quem a conhece  
nos assegura, que o trabalho do nosso  
amigo é completo, pela correção me-  
trica do verso, phrase ampta, suave e  
bem delineada.

Que nos dê o nosso amigo, o prazer  
de ver a sua peça posta em scena.

Em fins de Março apparecerá em  
volumo o *Inferno* e a *Divina Comedia*,  
traducción terminada em 1883 pelo fal-  
lecido poeta José Pedro Xavier Pi-  
nheiro.

A traducção é feita em versos rí-  
mados.

E' editor o Sr. José Luiz de Freitas.

## ELLA E O CÉO

Arrta o vento, tropego assobia,  
Em cyclones retorcem-se as rajadas;  
O sol tranquillo vae e entre as nuvens  
Não move-se á impulsão da ventania.

Como febril enfermo o ardente dia  
Respira ansioso e turvo ás baforadas  
Neventas franjas de ouro desgrenhadas  
Serpeam pelo espaço á reveria.

Sorrindo a moça distrahida a um canto  
Da janella, pensava no vindouro  
De olhar erguido voluptuoso e santo

Plumoso esvoaça o seu diadema louro:  
Rebrilha o céu azul no olhar, enquanto  
Copia o azul do céu as tranças de ouro.

J. MORAES SILVA

## PERDIDA

Entre a mortiga cinza do passado  
Vive ainda em meu peito o teu amor,  
E agora mais que nunca, anjo adorado,  
E' intenso, voraz, dominador,

Eu bem sei que não mais te lembras, flor,  
D'esse tempo feliz e malogrado,  
Em que a desdita do meu duro fado  
Mudára os risos em tristeza e dor.

Hoje ao ver-te mais bella e seductora  
Só me resta soffrer, chorar agora,  
As caricias que esse amor continha.

Comtudo, na vizão do pensamento,  
Em noite em que o cume é forte e lento,  
Adormeço sonbando q'inda és minha.

JOSE DIAS MOREIRA

Corte—20—2—88.

## Diversas Publicações

*Jornal dos Economistas*, anno 3º, n. 3,  
bem elaborado como sempre e trazendo  
o seguinte summario:

Praça do mercado—Protecção á frau-  
de estrangeira—A agricultura e o livre

cambio—Moinhos de trigo—Productos brazileiros em mercados estrangeiros—Aos collegas da imprensa—Estatistica—Situação economica da Hespanha—Bibliographia—Administração da marinha—Indicações e annuncios.

A *Immigração*, boletim n. 41, excellente periodico incansavel em advogar os interesses do Brazil, tratando com afino da substituição do trabalho.

O *Brazil Medico*, n. 7, anno 2o.

O presente numero desta utilissima revista está, como os antecedentes, digna de attenta leitura.

O *Norte do Brazil*, cuja publicação foi agora encetada na capital da opulenta Amazonas.

Promette o novo collega não se immiscuir em politica, no que achamos que não anda mal, trazendo, contudo, os seus leitores «ao corrente das melhores novidades politicas, sociaes, commerciaes, litterarias, scientificas e artisticas, submettendo-as tanto quanto seja preciso aos commentarios que suggerirem.»

Vida longa é o que desejamos ao collega.

A *Republica*, do Recife, que acaba de entrar no seu segundo anno de existencia pelo terreno da propaganda no qual se tem sabido manter com energia, convicção e independencia.

A *queda de um anjo*, magnifico romance de Camillo Castello Branco.

A publicação desse bello livro, que está sendo distribuido aos fasciculos, ha de trazer numerosos assignantes para a empreza que em tão boa hora se lembrou de faz-la.

*União Medica*, fasciculo 2o do 8o anno. Esta excellente revista do Sr. Dr. Vieira de Mello, cada vez mais eleva os seus credits, e mais, de dia para dia, se torna necessaria não só aos profissionais, como aos leigos em materia de medicina. O presente numero traz excellentes artigos sobre diversos assumptos de palpitante interesse. Recomendamol-o ao publico.

*Notas á margem*, n. 5.

No presente numero, que, como os precedentes, é escripto com o *humour* e correção que só Valentim Magalhães conhece, trata o illustre escriptor exclusivamente de S. Paulo. Não será preciso mais para que a gente conheça a Paulicéa, do que ler as *Notas*. E isso em linguagem amena, facil e fluente. Magnifico o 5o numero das *Notas*.

*Il Brazil*, anno 2o, n. 2.

Incontestavelmente de grande utilidade para a nossa patria, porque leva

ao estrangeiro a noticia das nossas riquezas e da nossa hospitalidade, principalmente no que diz respeito á immigração, é esta revista digna do maior auxilio publico. O numero presente, além de noticias sobre algumas provincias, estuda comparativamente o Brazil e o Egypto e traz um excellente artigo sobre immigração, além de mais outros igualmente dignos de leitura.

Conferencia, feita pelo Dr. Alberto Salles, no Club Republicano, de Campinas—A organização partidaria, e estudo critico sobre disciplina.—

E' esta conferencia mais uma affirmação ao juizo que faziamos da intelligencia e vasta erudição do seu actor.

*Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil* 4o folheto de 1887.

Contem este volume as seguintes materias. A revolução da Bahia de 7 de Novembro de 1837 e o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, pelo Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake; Diccionario Historico e Geographico das campanhas do Estado Oriental do Uruguay e Paraguay pelo major de artilharia João Vicente Leite de Castro; Notas biographicas do commendador José Pedro da Silva; Actos das sessões de 1887; Sessão Magna anniversario do Instituto Historico e Geographico Brazileira, no dia 15 de Dezembro de 1887; discurso do Presidente, commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva; relatório do 1o Secretario, discurso do orador o Exm. Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay; como se vê do summario acima, é um numero cheio de interesse e de instructiva leitura.

Relatório da Comissão Salvadora do Retiro Litterario Portuguez.

Relatório do Retiro Litterario Portuguez, apresentado em 31 de Dezembro de 1887, pela directoria eleita em 21 de Abril do mesmo anno. Este relatório é illustrado com os retratos dos mordomos que serviram durante aquelle anno. Por elle se pôde ver quanto é util essa associação portugueza que no seu longo estadio de 20 annos tem prestado os mais relevantes serviços não só aos seus patricios, como ainda aos brazileiros, quer mantendo aulas onde é gratuitamente fornecida a instrução, quer conservando as suas sessões litterarias semanues, em que muito tem a lucrar os que a frequentam, pela discussão sempre instinctiva e erudita que nellas se trava. Felicítamos ex-corde o Retiro Litterario Portuguez.

Pelo illustrado Sr. Dr. J. M. da Gama Berquó nos foi remettido o seu trabalho de historia dividido em dois volumes, sendo o 1o da do Oriente, e o 2o contendo a da Grecia e Roma.

A encadernação é nitida, e o livro feito com muito zelo, correção, e muita ordem na exposição dos factos. De seu grande valor, e utilidade pratica são os livros do illustre Sr. Dr. Berquó, e

por isso nos eecusamos de recomendar ao publico, e lhe ficamos grato pelo brinde.

A *Grande Reforma*, social e economica do Brazil, é o titulo de um pequeno pampheto que recebemos. Contem estudos de um democrata, e devem ser boas as idéas sustentadas.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos & Haas.—Juiz de Fora.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro do M. Salles — encarga-se de defezas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino,

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase pancreatina, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, n. 96

Julio Cozar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. do Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Agrimensores.—Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarregam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Côrto. Informa-se na *Semana*.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Rodrigues Lima—Medico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgilio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Roza — Advogado. Escriptorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Luiz Murat.—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Aristides Lobo—Advogado, rua dos Ourives n. 21.

Dr. João Ribeiro—Medico e especialista em molestias de criança o siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôdo ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

# LYCEU AMERICANO

EXTERNATO DE HUMANIDADES

42 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 42

ABRIR-SE-HA NO DIA 1 DE MARÇO DO CORRENTE

## CORPO DOCENTE

|                               |  |
|-------------------------------|--|
| Dr. C. Camarano.....          | Geographia e Historia geral.           |
| Eduardo von Sydow.....        | Alemão.                                |
| Dr. Felix C. de Almeida.....  | Physica e Rhetorica.                   |
| Dr. João d'Avila Franca.....  | Mathematicas, Elementar e Superior.    |
| Dr. José de Oliveira.....     | Portuguez e Historia.                  |
| Maximino Maciel.....          | Chimica e Botanica.                    |
| Dr. Peçegueiro do Amaral..... | Francez, Geographia e Hist. do Brazil. |
| Raul Villa Lobos.....         | Inglez e Philosophia.                  |
| Viriato Guimarães.....        |  |

Matriculas do dia 20 em diante do meio-dia ás 2 horas, no estabelecimento.

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 3 DE MARÇO DE 1888

VOL. IV-N. 163

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Urbano Duarte,  
Lepoldo Cabral e Candido Jucá

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

|   |                     |
|---|---------------------|
| Expediente.....                         |                     |
| Historia dos sete dias.....             | U. D.               |
| A descida, soneto.....                  | Augusto de Lima     |
| Força velha.....                        | Araripio Junior     |
| Murmúrios, poesia.....                  | Theophilo Dias      |
| A corte vista de fóra.....              | Alí                 |
| O rio azul, soneto.....                 | Alberto de Oliveira |
| A borboleta e estancias,<br>poesia..... | Vera de Suckow      |
| Questões de estylo.....                 | Candido Jucá        |
| Soneto.....                             | Raymundo Corréa     |
| Nupcias de Jesus.....                   | Emanuel Karner      |
| A atmosphera, soneto.....               | E. de Carvalho      |
| Manhã na roça.....                      | Virgilio Varzea     |
| O rio guerreiro, soneto.....            | E. de Menezes       |
| O homem piedoso.....                    | Lahore              |
| O louco, soneto.....                    | Julio Braga         |
| Contos sigeloz.....                     | Luca                |
| Theatros e diversões.....               |                     |
| Factos e noticias.....                  |                     |
| Anuncios.....                           |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

|               |       |
|---------------|-------|
| Semestre..... | 48000 |
| Anno.....     | 88000 |

### PROVINCIAS

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000  |
| Anno.....     | 108000 |

A empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus o Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso eacriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corréa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Viera.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um doa seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## HISTORIA DOS SETE DIAS

O furor sanguinario das duas feras pertencentes ao 1º batalhão de infantaria deu á semana finda a sua nota predominante.

Em casos como este é que fica patente a necessidade da pena capital, que em nosso codigo é letra morta, por motivo da indefectivel clemencia do poder moderador.

Nos Estados Unidos da America, onde a pena de morte é applicada, não como correctivo ou vingança, mas como exemplo, o povo muitas vezes consumma por suas proprias mãos a justiça summaria, impaciente de esperar as delongas de um processo e a sentença dos magistrados. A barbara lei de Lynch, á força de ser praticada, acabou por encontrar a sanção dos costumes, sanção que tem tanta força como a da lei escripta e codificada.

Na Inglaterra, já as cousas não correm com tanta precipitação, porque o publico inglez deposita a mais absoluta confiança na recfidão dos seus juizes. Ainda ba pouco foi enforcado em Londres o Dr. Cross, homem de prestigio, bem relacionado e millionario.

Quando poderemos no Brazil enforçar um sujeito importante, rico e bem relacionado?

Ah! no dia em que visse dependurado de uma gangorra, lingua de fóra e cara cor de açafrão, um advogado administrativo, certo vereador fluminense e um barão enriquecido pelo trafico, neste dia atacaria cinquenta cartas de bichas como quem tivesse apanhado a sorte grande da loteria de Pernambuco, que seja dita de passagem, é a Bargossi das loterias nacionaes, pois

la mais de tres annos que está andando á rdda... da paciencia publica.

Mas a paciencia publica é realmente inexgotavel.

Depois do teatamento Biblia, que parecia tol-a exgotado, a gazetas estão a encher-se com os seguintes assumptos: abastecimento d'agoa, architecto Magalhães, cães de Santos, notas recolhidas, praça do mercado, chequea falsos e hospedarias para senhoras honestas.

O meu apateiro, que é um leitor furioso de jornaes, tem a cachimonia tão atravancada dos supraditos assumptos, que já mistura alhos com bogalhos e faz uma trapalhada que ninguem percebe.

Outro dia ouvi-o fallar em *abastecimento do Magalhães, cheque do Pedregulho, praça dos architectos, biblia do 26, testamento do mercado*, uma algravia sem nexo.

E por fallar em hospedaria o moralista Florido Valerio, que continúa a quebrar lanca pelo pudor nacional nas columnas do *Diario de Noticias*, pareceo nada mais ter conseguido a não fazer um colossal reclame aos lupanares e prostibulos que a sua pena apoclyptica pretendeu castigar.

Muita gente, inclusive o innocente auctor d'estas linhas, que não conhecia o 26, nem o 89, nem o 69, ficou agora sabendo do manejo, graças ás moralizadoras indiscrições do S. Francisco Xavier do largo do Rocio e ruas adjacentes.

Si eu fosse proprietario de lupanares, organizaria em sua honra uma manifestação de apreço, ua qual os manifestantes seriam individuos de ambos os sexos em fraldas de camisa.

Estes, momento opportuno, apresentariam as ditas fraldas ao redactor Valerio, cantando aquelle bonito côro do *Barberinho de Lava-pês: Camison, camison, camison! Souvenir*, outra solida columna do *Diario*, não se esqueceria de esquecer no dia immediato as toilettes dos festeiros—*en chemise relevée et veston couleur chair fraîche etc, etc, etc, e tal dangué*.

O por ter-me escapado do hico da penna este *dangué* cassange, lembra-me do pagóa que se bateu galhardamente com um guaymú, segunda-feira ultima, no largo de S. Francisco, ambos de navalha em punbo. O ferro reluzia nas suas mãos negras, despedin chispas de favor uma revolução nas tripas do proximo. Os dous emelitos capoeiras duellaram-se por muito tempo, desenvolveram toda a sua estrategia em volta de José Bonifacio (o qual, durante todo o combate, manteve-se impassivel com o seu papel na mão) e seguiram adiante sem que um só policial os incommodasse. Quando alguns transeuntes pretenderam intervir, elles gritaram:—a quem se atravessar na frente eu *risco!*

E como ninguem quiz correr o risco do risco, os illustres representantes da

intrepidez nacional foram procurar outro onmpo de batalha.

Não sendo loucos nem officiaes do marinha, nada deviam temer por parte dos agentca da segurança publica.

Todavia digo-lhes aqui baixinho:—eu não sou d'aquelleo que mais se indignam com a instituição capoeiral; porque entendo que é ella um collarario de outra instituição analoga—*os a pedido*. Esta praia do peixe da imprensa nacional é o terreno em que se degladiam os capoeiras-môres do imperio, tendo por testemunha o balcão e o Romão.

Ainda estamoos assistindo abi a um duello capoeiral, onde a navalha e o porrêtefão substituidos pelo escapello, pelo sonda, pelos purgantes e pelos adjectivos perfurantes e contundentes.

Mas não vá o bom leitor cuidar que me zango com estaa cousas. Qual historia. A melhor philosophia é dançar conforme a musica. Oa a *pedido* são uma consequencia logica da falta de confiança nas justicias do paiz. Eu digo que aquillo é *meu*, você diz que aquillo é *seu*; se recorreremos aos homens do fóro elles dirão:—*aquillo é nosso*.

Ora, se havemos de engordar os advogados e procuradores, engordemoos o jornal; vamos para lá, descompomonos, descompomonos, descompomonos, até acabarmos de nos descompôr. Depois entraremos n'um accordo e ficaremos amigos.

Bem bom systema.

Iato de esperar que os homens da justiça façam justiça é uma historia muito bem contada, mas cá não péga. Vejam só o testamento Biblia. E' maluco ou não é maluco? E enquanto discutem vão-se tornando herdeiros forçados e arcaçando os nickeis do espolio.

Por isso muito aviaado andou o Sr. Araujo Lima, cobrador do Banco do Brazil, e que falleceu recentemente.

A sua furtuna orçava em 550 contos de réis, quasi toda em dinbeiro e titulos ao portador.

Dias antes de morrer, reuniu em caaa alguns parentes e amigos, fez-lhe doação de maia da metade dos seus haveres, de sorte que no testamento só figurou pouco mais de uma terça parte.

O Sr. Lima, que durante toda a sua longa vida não fez mais do que ser cobrador e bonrado, o que já não é pouco, julgou-se no direito de no fim dos seus dias defrandar a fazenda publica em quantia superior á vinte contos de réis de direitos sonegados.

Elle, que era um dos melhorea empregados do banco do Brazil, sahia perfectamente que o dito banco é uma succursal do thesouro nacional. Mas por uma especie de d'altonismo de sua honradex, persundio-se de que rouhaando ao fisco os seus direitos, não era infiel ao banco. Está direito.

Disse a cima que elle andou muito avisado, porque seguindo a minha philoophia, os homens honrados são sempre os mais espertos, pois executam todas as suas espertezas dentro da lei.

Os tratantes é que são uns desaguidados a infelizes, pois no dia em que são pilhados com a bocca na botija viram de catrambias.

Se o leitor tem vontade de ser tratante, mude de rumo. Dou-lhe este conselho de graça.

Mas agora estou notando que em vez de escrever a historia dos sete dias estou a divagar, divagar, sem ir ao longe (ó manes!).

Queiram desculpar. Não tenho o talento do aadoso Filindal, que costumava preparar este pratinho como um bom cozinheiro prepara um cozido: — punha quiabo, sipim, inbame, haana da terra, milbo verde, alho, couve, pimenta de cheiro, repolho, abobora, coentro, giló, nabo, nabeta, toucinho, limão, fiambre, bringela, batata, tomate, maxixe, cebola, msria-gomes, vagem, chnchú, um tudo. Eu só disponho de giló, abobora e maxixe. Quem não gostar mude de meza.

Já ia fazer ponto final quando vejo um telegramma dizendo que Pinheiro Chagaa está bom.

Envio-lhe d'aqui os meus parabens e peço licença para exclamar: — que dia bo de bomem feliz!

Pinheiro Chagas já tinha sido tudo quanto se pôde ser n'este mundo: — historiador, folbetinista, articulista de fundo, publicista, noticiaria, bom rapaz, critico, poeta, romancista, comediographo, professor de litteratura, dramalhonturgo, polemista, nova geração, geração velha, alibiades, nestor, deputado, ministro, orador parlamentar, chefe de opposição, leader do governo, pae de familia, aristocrata, zé-povinho, seu Piubeirinho, sua excellencia, Sr. coaselhiero, o diabo a quatro.

Só lhe faltava uma cousa — aer victima.

Depois do attentado do tal anarchista, Pinheiro Chagas irá para a immortalidade direito como um fuzo.

U. D.

## A DESCIDA

Homem, remove este rochedo e a rara galeria interior contempla e estuda; desce, a da terra pala osada muda leva tua razão de sciencia avara.

Na treva esvae-se a luz ha pouco clara, o arem sulphureo jaz já se transmuda: coragem! desce, e os seculoa saúda, desce mais, desce mais... agora pára.

Mas não! lá fulge um fogo subterraneo: — e mergulha no cerebro do globo, — a lhe penetras de outro lado o craneo.

Desce! não! sobe agora; um brilho intenso invade o corpo, e num heroico arroubo eis-te boiando no oceano immenso.

AUGUSTO DE LIMA

## FORÇA VELHA

Continuação

Os rapazes do Guades tinham se acoradado debaixo da cajszeira mais frondosa, e acareciados pela brisa, que revolvia a folhagem, produzindo uns chiados intermitentes, sentiram-se convidados á uma soneca voluptuosa e reparadora.

O calor tinha-os estafado no ultimo estirão do caminho. A reacção que o repouso lhes trazia agora, mergulhando-os naquella banha de frescura, provocava uma quebreira, a que os proprios irracioses não escapavam. Os quartaus, erguendo-se sobre as patas trazeiras, por não poderem mudar a paasada, aos galões, e supapando os choaalhos, a pouco e pouco, aproximaram-se da margem da estrada, e puzeram-se a raspar a babugem esturricada pela soalheira.

O Gibils, no entento, fez passar o comboio de algodão para a frente e, estalando o chicote de aste de piqui o carrapito longo, fez menção de tomar o arranco da partida; mas, de repente, voltaado-se para o compadre que estava debruçado sobre a janella do rancho, a ver a labutação da Salustina, meteu-lhe, por galbofa, o dedo no savaço.

— Olha cá, amigo velho; ia-me esquecendo de uma coiss.

Mas o Guedes, entretido a principio com a caseira, tinha naquella instante bispado um movimento do Miguel, que o poz de orelha em pé. Impellido com o pé o camarada, fixou toda a attenção no Cosme, que corraera até junto do balcão, a chamado do bodegeiro. Miguel tossio, e deu uma ordem ao menino; este shio immediatamente pelo fundo da casa, puchou para fóra do cereado o cavallo, que fazia o serviço da bolandeira, lançou a pressa sobre o lombo do animal uma pelle de carneiro, montou com a vivacidade propria das creanças encarregadas de uma commissão, e partio pela estrada como uma lançadeira. O Guedes virou-se então para o Gibila. A Salustina podia ouvi-lo; o cargueiro afastou-se portaatado da janella, empurrou o camarada para a frente, a cuspir por entre os dentes dispostados, como era sestro seu, quando acontecia excitarem-lhe a curiosidade, e fallou.

— Aposto que o Miguel mandou aviaar o Chico Brasil.

— Nem eu duvido disto.

— Pois fica sabendo que o patrão é homem que emprenda pelos ouvidos; e se eu lhe conto tudo, isto, ai! aeu Miguel, você me paga.

O Gibila fez um gesto de indifferença; não tinha nada com aquillo; o que elle precisava era de uma pataca para realisar um pagamento na Manguba. O Guedes estava rodado, e, o que valia mais, — com a cachaga alegre, lucida, franca e bemfazeja. Sem o menor movimento de comiseração, puchou o cobre da guela da ema, e passou rapidamente para as mãos do compadre, que, atarantado, nom se despedio, e correu atraz doa sens quartaus.

Quando o Guedes voltou á janella a Justina tinha concluido o seu trabalho, e para não embaraçar os preparos de arrancamento, trouxera o almoço do Miguel, mesmo para ser tomado no balcão — uma tigella de café adoçado á rapadura, uma rosca de milbo e um pedaço de cuscú. O velbo miseravel não peetanejou, e começou a iagerir o

alimento, a olhar com uns olhos cabidos para a trintona. Ella, que nem sempre estava para supportar aquelle olhar de cabra morta, arregaçou, n'um gesto de impaciencia, o cabeção, e tornou á conversa com o cargueiro.

O moleque cantador é que não tinha perdido tempo.

Fervilhara a cssa toda; fóra ao copiar, aonde uma negra velha e cochilona, de hora em hora, ferrava, como um monjolo, uma pancada monotona em um pilão lascado; fizera rodar a bolandeira, atolando os cambitos na tulha de sabugos; corraera depois ao xiqueiro a bodejar ás cabras; e na passagem, de volta, expandira a sua malignidade chicoteando um pé de roseira, todo carregado, o unico que vicejava na esterilidade pbisica e moral daquelle sitio desolado.

O cargueiro murmurou, algum tempo, uns gracejos duvidosos sobre as sympathias do Chico Brasil, que era o seu pratinho predilecto, e por altimo, foi sentar na ponta da calçada, meio pesado do que bebéra, a riacar no chão com a ponta de um graveto. Sentindo alguma coisa a comec-lhe o pé direito, traçou a perna, e com a ponta da faca, que tirara do quarto, poz-se a esgravatar no dedo grande nm ponto negro, que não ponde verificar logo se era eépinho ou o pulez maldicto.

A Salustina, atravez da porta, de dentro, atirou-lhe uma pbraas cbula. Por onde tinha elle andado! Bichos ad pegam a porcos de lameiro ou a negros cambados. Mas o Guedes, no seu lisongeiro parecer, passava por um cabra fazeiro, e n'um samba niaguem esticava melhor uma feira.

— E' para que veja, respondeu elle, com a lentidão preguiçosa de um blasé de estradas. Olhe, meu amor, que bicho mais feio tem você no coração; e este, creia, que nem a ponta do diabo pode-o arrancar.

A allusão agradava a moça, com tanto que o Miguel não os ouvisse.

— E o Chico vem ahi.

Justina arrepelou-se. Assim tão positivo, tambon não! Era preciso salvar as apparencias; e ella, como mulher de temperamento voluptuoso, queate, mas possante, sabia perfeitamente envolver-se naquella hypocrisia sem a qual não é possivel comprehender-se ajustamentos prolongados.

O Guedes, livre do animalculo que o incommodava, derritou-se para a parede, e esperou. A trintona recolheu-se para a cosinha, de onde vinham de vez em quando umas lufsdas de alho, a uns chiados de frigideira ao fogo; de poia voltando á aala, seatou-se á almofada, para encher o tempo, a pontear o bico do renda, que o Cosme com as suas ardilezas deixara embaraçado.

O silencio, então, ao interrompido pelas pancadas intermitentes dos hilros trocados, e pelo resomnar profundo do Miguel, manteve a quebreira até quasi á chegada da comitiva.

Ao pino do dia, na mais completa quietação, pois que quasi todas seateavam, cantou um gallo de subito, e, quasi ao mesmo tempo, o Guedes despertou espantado com o avaaço da hora e com a presença ao pé da ai de um estafeta. Era o Joás de Souza, um africano aça, de abraacelhas e cabelo completamente braaco, que arriava a lata das cartas e o matolão bem em cima da calçada.

A Justina, vendo-o chegar, cospio' cheia de nojo, e continuou a trocar oa hilros.

— Credo! Aquillo aonde cospe, é contar com ferida aberta!

Uma birra como qualquer outra.

O estafeta arrevesou o olhar, e atirou o corpo para a calçada, num gesto de odio largo e profundo. Não chagou a fallar com o cargueiro.

— Meu cuspo abro ferida! ras-mungôu elle.

O Miguel tossio e fungou uma pitada de caoo, despertando.

— Um dia ainda te pespegam um tigoal nesta lata, mulher doa diabos!

— Não tenho culpa de que Deua me fizesse assim. Mas um dia vem atraz de outros; e eu ainda hei de me alugar no aito de seu Chico da Talhada, para ferrar-lhe o gado, o mais uma egua que elle tem. O que eu boto da bocca não é que queima?

A palavra feia sublinhada, como foi, cahio aa alegria da caseira como agua na fervura.

ARARIPE JUNIOR

Continúa.

## MURMURIOS

(FRAGMENTO)

A ESTEVAM LEÃO BOURROUL

Nauta inexperto, sobre o mar da vida,  
Sem rumo divaguei;  
Sossobrei do soffrer na vaga ardente,  
D'onda á onda boiei.  
Todo o oceano rolou sobre o meu peito,  
Rugidor, espumante;  
De cada escolho lacerei meu corpo  
Na ponta penetrante.  
Vida, que és tu? — Cadeia de miaerias!  
Fragil ponte lançada  
Do ser é do não ser no abysmo escuro,  
D'um nada a outro nada!  
Mas não, meu Deus! perdão! Sinto em mim  
mesmo

Um outro, que não eu:  
Ente, que luta na prisão d'argilla,  
D'olhos fitos no céu.  
Cae a palmeira, ai a raiz lhe afrouxa,  
Pressa a um chão de paúes,  
Nem mais as longas palmas murmurantes  
Beijam os céus azues.  
E tu, tu que és tão bom, tu me geraate  
No lodo deste mundo:  
Onda de lama suffocou-me a creença,  
Rolei do abysmo ao fundo.  
Porque não apagaste o germen triste  
De minha geração,  
Quando ideavas na divina meato  
A immensa criação?  
Tão facil fóra a ti! Que te euatava  
A' tua Omnipotencia  
Limpar um ponto negro, que desbota  
O quadro da existencia?  
Acaso com o meu ser ta era forçoso  
Tua obra completar?  
Ob! não! Que importa á duna um grão  
d'areia,

Um pouco d'agua ao mar?  
Que importa a turvo céu mais uma nuvem,  
Mais um raio a tormento,  
Mas uma sombra a noite—que se embebe  
Na treva lutuenta?  
Mais um bafejo de ligeira brisa  
Doa pampas ás soldões,  
Quando coavulsam rabidas uivando.  
Nas garras dos bulções?  
Mais uma hora,— um instante á Eternidade,  
— Um átomo a materia?  
A falta de meu ser—dos outras seres  
A ordem, a harmonia,  
A eterna auecessão perfeita e sabia  
Deatuir podera?  
Foi-te forçoso completar commigo  
Tua obra tão bella,  
A' vida me lançar,— qual mancha d'oleo,  
Coalhada em fina tela?  
Inda uma vez, perdão! Sinto em mim mesmo  
Outro aer que não eu,  
Que se debate na prisão d'argilla,  
D'olhos fitos no céu.  
Errado viajor,— na aelva horreada  
Da vida me perdi;  
Hoje minha alma, que soffreu, mais pura  
Da novo volta a ti.  
Volto-me a ti! O peço da mena diaa  
Do tempo na balança  
A' terra a inclina; — elevo-mo ao teu selo  
Nas azas da esperança.

THEOPHILO DIAS

## A cõrte vista de fóra

Leopoldina 26 de Fevereiro.

Annuncia n imprensa o proximo apparecimento de dois livros destinados a um extraordinario successo.

O que em litteratura chamamos *successo*, até bem pouco tempo, significava entre nós o applauso da imprensa e de uma roda limitada de amigos, que se apressavam de festejar um talento quando uma obra de merecimento era lançada aos ventos da publicidade. Mas, exposta a vendá, vinha a poeira em pouco tempo spultar no olvido das livrarias o maior ou menor numero de exemplares da tiragem.

E o artista, poeta ou prosador, depois de receber os bravos no recinto limitado de suas relações pessoasas, reunia modestamente seus coróas de triumpho e vinha cá fóra, tomar o primeiro trem da aventura para uma *profissão pratica*, que lhe garantisse a subsistencia e enchesse o *deficit* occasionado polos gastos da publicação do livro. Amanuense de secretaria, ndvogados, lavradores, magistrados, parlamentares, eis o rotulo de mais de uma vocação litteraria, rotulo que não raro chega a enfraquacer o precioso licor que assignata.

De certo tempo, porem, a esta parte, observa-se um despertar no povo, de bom agouro para nossas letras. O *successo* já é mais alguma. cousa: — significa tambem o consummo mercantil dos trabalhos litterarios, o que indica que o numero dos leitores augmenta e o gosto pela arte se desenvolve.

Por isso, tenham coragem os editores dos *Esboços e perfis* e da *Via-lactea*, que taes são os livros a quo aprincipio allidimos.

Façam-nos dessas obras umu nitida impressão do luxo, que com isso nada perderão, antes mais realçarão, si ó possivel, o seu merecimento artistico.

A venda é segura.

Os *esboços e perfis* constituem uma colleção de primorosos contos, de Lucio de Mendonça, alguns dos quaes, com suffragio unanime, foram collocados pela critica ao lado das obras primas litterarias. e outros, ainda ineditos, trarão ao publico mais o sainete da novidade.

Lucio de Mendonça é um nome nacional. Ninguém, medianamente lido em nossa litteratura, tem o direito de ignoral-o.

Auctor de alguns volumes de versos, publicados e por publicar, romancista consagrado, critico e jornalista, vai-nos surgir agora por uma face nova; a do *routeur*.

A graça de expressão, o colorido variado, o dom de observação e a propriedade dos termos, eis os dotes que realçam o estylo de Lucio de Mendonça cuja imaginação, alias, viva e creadora servida por uma illustração rica, já tem feito voar sua fama alem do Atlantico.

E, portanto, nada nos surprehenderá si dentro de um mez virem-so os Srs. Lombaerts & C., obrigados a tirar segunda e terceira edições dos preciosos *Esboços e perfis*.

Previendo o prompto consumo, desde já lhes encomniendo um exemplar do primeiro milheiro.

O outro livro n *Via-lactea* é a estellifera condensação do brilhantissimo

engenho poetico de Olavo Bilac, auctor de uma serie de sonetos sob aquelle mesmo titulo e de outras primorosas composições. que corrom mundo pela nossa imprensa.

O culto apaixonado da forma, sem desprezar os irrebatamentos da idea, vai fazer o principal encanto deste livro.

A *Via lactea* é uma obra que ficará, e quando dizemos, — *ficará* — não queremos significar a duração perpetua dessas obras primas que a Arte accumula nos museus das preciosidades frias e mortas, monumentos de engenbo humano que o archivo do Gosto guarda como reliquias do passado; mas sim queremos exprimir a permanencia viva da obra do espirito do dia, interessando-se calorosamente na nossa civilização, nos nossos costumes, na nossa indole.

E' uma obra de actualidade e uma obra duradoura.

Prepare-se o publico para a deslumbrante chuva de estrelas que brevemente lhe cairá da *Via lactea*.

E a firma editora dos Srs. Teixeira Irmão, que desta vez é a *manda chuva!* que não nos tarde com ella.

ALI

## QUESTÕES DE ESTYLO

Exordio. Aphorismo de Buffon. Espirito moderno e espirito antigo. Selecção natural. Pessimismo é optimismo. Em que consiste a superioridade do espirito moderno. Estylo moderno.

Cheguei ao paragrapho em que devo assignalar a superioridade do espirito moderno.

Enfreado assim em formidavel camisa de onze varas e nas competentes calças pardas, eu procurarei comtudo desvenenhar-mo de tão respeitaveis funduras o mais prudentemente possivel, *à vol d'oiseau* e em cinco tiras de papel.

De nossas faculdades cerebraes, assim dispostas por ordem logica—intelligencia, sensibilidade e actividade—derivam respectivamente u a ciencia, a arte e a industria. Começo, pois, pela sciencia e escuso declarar que só me preoccuparei com alguns dos elementos de innovação na ordem material e mental.

A sciencia se baseia em factos e em principios: ora, nunca uns e outros foram tão bem estudados como hoje. Em Logica a methodica está perfeita-

mente definida, s a esse proposito pôde-se dizer que a differença inicial entre a sciencia moderna e a sciencia antiga é a que vai entre Aristoteles de um lado e Bacon e Descartes do outro.

O primeiro creou a theoria do syllogismo e lsgou-a ao peripatetismo na antiguidade e á scolastica na idade média; o segundo fundou o methodo experimental e o ultimo eregiu a *duvida methodica*, duas formidaveis catnpultas vibradas pelo espirito de livre exame contra ns reductos da autoridade medieva.

Encarrilhada assim a locomotiva do pensamento humano, a sciencia pode então sem peias caminhar pela dupla via do Methodo scientifico: analyse e synthese.

A sciencia mathematica, a mais simples em seu objecto e a mais perfeita em seus resultados, vai progressiva e beneficemente calçando com n granito do seu raciocinio os alicerces do edificio scieotifico.

Em astronomia vem n maravilhosa revolução do telescopio e posteriormente a da analyse espectral.

Em physica os prodigios do vapor e da electricidade em innumeradas magnificas applicações quotidianas, bem como a soberba e fecunda hypothese do ether e a brilhante theoria dinamica do calor.

Em chimica, a extraordinaria expausão da parte industrial.

Em biologia bellas sciencias secundarias, e entre ellas n embryologia, a morphologia e a paleontologia estudando comparativamente as series ontogenetica, phylogenetica e paleontologica. O experimentalismo em physiologia e a consequente redução do principio da alma como causa da intellecção humana á energia funcional do cerebro. O tranformismo proscrevendo a fixidade das especies, trazendo á scena a respeitavel individualidade do macaco e dos seus ancestraes e provando que o homem é gorilla pelo pé e pela mão, chimpanzé pelo craneo, orango pelo cerebro e gibbon pelo thorax. A revolução profunda e radical operada pelo microscopio na esfera das investigações biologicas, o qual desvendando á sciencia o mundo infinitamente pequeno accendeu o pharol da medicina e da hygiene modernas.

Ahi estão os trabalhos de Pasteur sobre a fermentação, sobre n carbunculo e sobre a raiva, os trabalhos de Koch sobre a tuberculose e sobre o cholera-morbus e os de Freire sobre a febre amarella e sobre o cancer. E depois, o que se espera da synthese organica nos laboratorios!...

A sociologia ainda é, como se sabe, uma creança, e todavia já se pôde assignalar a tendencia irresistivel do homem contemporaneo para humanisar a politica, a moral e a religião, e para aperfeçoar ns processos organicos da historia fuadando a arte critica ou critica historica.

Tudo isso sem fallar na theoria da unidade das forças naturaes nem no desdobramento progressivo das sciencias occultas em sciencias reaes.

Temos assim o imperio da sciencia ou *O scientifismo*.

Passando á arte, á estnetica, pode-se assignalar o desaparecimento do maravilhoso e do legendario, a indifferença ao classicismo, a morte do romantismo, a supremacia incipiente do realismo, a expansão do romance experimental, o amor á verdade e o continuo estudo de observação as leis da Huma-

## O RIO AZUL

Lembro-me ainda: o bosque era tão verde, a areia tão fina, e em tórno a voz das arvores. Ninguém Nos via, e emquanto ao pé cantava uma sereia N'agua, n'agua ambos nós cantavamos tambem.

Nós, descalços, com os pés sobre a azulada veia, Todo o rio, que o céu no puro olhar retem, Corriamos, á luz de que se veste e arreia O bosque, e a mais o Amor levava-nos alem.

E a agua nos festejava os corpos, e dizia: «Voae! nadae dentro em mim! Quero o vosso calor, A agua eu sou do deserto eternamente fria.»

E ella, emquanto por cima a liana aberta em flor Croava-a, do rio azul nas duas mãos bebia, E dava-me a beber do rio azul do Amor.

ALBERTO DE OLIVEIRA

## A BORBOLETA

(LAMARTINE)

Nascer com a primavera e acabar como as rosas, Na aza da viração vogar num céu de anil Nas corollas, brincar, mais frescas e viçosas; Embrigar-se de azul, de luz, de aromas mil, E espanjeado o pó das azas tenras ainda, Alar-se como um sópro á região infinda, Tal é da borboleta a sorte divina; E' como a inspiração, que inquieta, não repousa, E, sem se contentar, salta de cousa em cousa, Té que em busca do goso aos céos volve afinal.

## ESTANCIAS

(LORD BYRON)

I

Nenhuma d'entra as filhas da Belleza Possui, como possues, tanta magia. Tua voz para mim, toda pureza, E' como sobre as aguas a harmonia Quando se cala para ouvir-a o mar, E os vagalhões brilhantea emmudecem E, extaticos, parecem Os ventos presos entre si sonhar.

II

E o astro da noute entorna n aureo collar fulgente No humido abysmo snorme, Cujos seio palpita arfando docemente, Como o seio gentil do infante quando dorme: Tal se inclina minha alma ante tua presença, Por ouvir tua voz doce e por te adorar, Cheia de uma emoção suavissima e intensa, Bom como a que no estio agita o seio ao mar.

VERA DE SUCKOW

nidade e ás leis da Natureza. Vem assim o imperio racional da arte ou O *naturalismo*.

Na industria a applicação em toda a linha das maravilhosas descobertas das sciencias experimentaes, a ligação dos mares e dos continentes, as exposições internacionaes e nacionaes, o extraordinario consumo do acido sulphurico e do carbono, o programma fundamental da industria manufacturera de produzir depressa, bom e bonito, o que representa a força das correntes estheticas do espirito moderno o o ideal do conforto; o prolapsa da civilização e do commercio do velho mundo para as plagas virgens da America e da Oceania onde a exploração tambem ainda é relativamente virgem.

Vem assim o imperio da industria ou O *industrialismo*.

Considere-se agora a função copulativa do espirito humano, da qual nasce a philosophia.

Pode-se caracterizar o seculo XVIII pelo predominio da philosophia. A partir de então e enumerando successivamente, assignalam-se o criticismo de Kant, o idealismo de Hegel, o positivismo de Comte, o transformismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer e o materialismo de Buchner. Mas procedendo-se a uma discussão fundamental de todos esses systemas philosophicos—excluindo-se o criticismo—parece que a supremacia cabe ao materialismo—*força e materia*—conforme as theorias correntes da mechanica, da physica e da chimica.

Desse modo temos o imperio da philosophia ou O *materialismo*:

Por ultimo pode-se mostrar que da função reflexa do espirito humano origina-se a critica.

A critica, a suprema função da intelligencia do homem, pode assignalar na idade moderna tres grandes acontecimentos da historia universal: na ordem esthetica a Renascença, que se estende de 1453 a 1610, o que despertou do profundo lethargo da idade media as letras, as sciencias e as artes; na ordem religiosa a Reforma em 1517, que elevou a liberdade de consciencia á altura de... um facto, e na ordem politica e social a Revolução de 1789, que desancou positivamente o *antigo regimen*. Honra lhe seja.

Como corollarios dos principios sociais affirmados nessas fecundas revoluções, decorreram o deperecimento progressivo da autoridade omnimoda e a eliminação de formulas odiosas e discricionarias. Subsequentemente vieram a execução summaria do elemento sobrenatural em sciencia e a consequente admissão absoluta do elemento natural, e só delle; a moderna concepção do Universo bifurcado em Natureza e Humanidade, a orientação do ideal moderno para a justiça e para a verdade, a creção artificial do destino humano, do qual cada um de nós é um factor consciente. O revigoramento á liberdade prestado pelo espirito americano oriundo de paizes livres como o pamps, sem tradições e sem preconceitos, e a positividade dos conhecimentos humanos por Augusto Comte. A crescente facultade de discussão na tribuna e na imprensa, que é o sol.

A propria analyse das philosophias correntes no seculo e a creação da

escola critica descendendo em linha média do criticismo, do hegelianismo, do positivismo e do darwinismo.

Assim e finalmente, vem o imperio da critica ou O *criticismo*.

Recapitulando, temos o *scientificismo*, o *naturalismo*, o *industrialismo*, o *materialismo* e o *criticismo*.

E', pois, não na existencia, mas no conjunto harmonico e na expansão complexa desses termos essenciaes da serie racional do espirito humano que repousa a superioridade do espirito moderno.

Bem. Equilibrado assim o ovo de Colombo, vou terminar pelo estylo contemporaneo.

CANDIDO JUCÁ

(Continúa.)

## SONETO

Este o paiz ideal, que em sonhos douro;  
Aqui o aestro das aves me arrebeta,  
E em flores, cachos e festões desista  
A Natureza o virginal thesouro;

Aqui, perpetuo dis ardente e louro  
Fulgura; e, na torrente e na cascata,  
A agua alardea toda a sua prata,  
E os laranjaes e o sol todo o seu ouro...

Aqui, de rosas e de luz tecida,  
Leve mortalha envolva estes destrosos  
Do extinto amor, que fada me pesam tanto;

E a terra, a mãe, aqui, no fim da vida,  
Para a nudeza me cobrir dos ossos,  
Rasgue alguns palmos do seu verde manto.

RAYMUNDO CORRÊA

## NUPCIAS DE JESUS

Sobre os montes que rodeiam Jerusalém a distancia, a tarde caho, como o sonho de um rei do Oriente, toda inflammada de ouro acceso e purpura, que se desdobra, ensanguentando o grande azul, immaculado e vasto do ceu da Arabia ardente.

Sobre o monte das Oliveiras acampa a modesta morada de Lazaro com quem habitam Martha e Maria. E perto d'ahi que é uma hora de Jerusalém, na vertente que olha para o mar morto e o Jordão ha uns cedros, umas figueiras, umas oliveiras a cuja sombra fazem suas tendas os judeus mercadores. Na ramaria escura dos cedros, ao cair da tarde, com uma saravada de neve, recolhem-se as pombas brancas criadas ao ar finissimo do formoso ceu da Judéa.

E' á sombra dessas arvores que a figura austera de Jesus se repousa ao sol poente, antes de recolher á casa de Lazaro, que o abriga. E' ahí que elle sonha os deslumbramentos de sua doutrina, docemente linda e ensaia a palavra magica com que ha de ensinar a ao seu povo.

Ao longe o mar Morto ó como um bloco de chumbo na depressão profunda da sreira. E o Jordão, serpenteadado e só,

atravessa em silencio, ao fim de um dia ardente, a terra vermelha da Palestina.

Mais longe, quasi immeras no azul apagado do ceu as montanhas serenas, desenham no ar os perfis vigorosos e tristes.

O vallo do Cedron dormita na sombra avelludada de tarde extincta. Sobre a vertente que olha para o poente cahem os raios de ouro do grande sol acceso, como os reflexos de um incendio colossal que inflamma a propria aboboda encurvada e serena.

Descança Jesus, chegado de longe, da jornada impernia. Aos trinta annos, criado sob o ceu da Judéa, tem a linha pura da raça e o vigor da sua vida livre. A longa cabelleira negra cabe-lhe pelos hombros como madeixa abundante das mulheres. E a barba, a primeira barba, castanha e fina emoldura o rosto onde o sol da Palestina avigorou o tom moreno dos filhos desses logares. Aos trinta annos Jesus ó ainda virgem. Todo o seu amor tem-se dirigido para o ceu, que elle ideiou, e para a luz, que lhe fecundou o cerebro, e que elle chamou Deus, o seu grande pai invisivel. Toda a sua vida tem sido consagrada a essa idéa que o domina de uma religião de amor e de ternura. E o seu labio por onde passam cantando as palavras dulcissimas das suas predicas immortaes é um labio virgem que não resfolou ainda a tremer, com todo o ardor de sua raça, o seio de uma formosa judia na volupia quente de um amor terreno!

Apenas a seu lado, Maria, assentada sobre as dobras da tunica rustica de Jesus, embebe o olhar profundo na poesia vigorosa e casta que respira a figura serena do pregador immortal.

Já se recolheram na ramaria dos cedros as brancas pombas forasteiras. Os ultimos ardores do dia morrem no poente e a cor do ceu se aprofunda e atrista.

O Cedron está envolto na sombra negra de velludo. Os perfis das montanhas desapparecem ao longe. O mar Morto não se distingue mais; menos o Jordão ainda. Trazido por um vento que vem do valle chega um perfume suave de flores eschidas. Por traz de uma montanha, ao longe, vem nascendo religiosamente a lua.

Jesus assentado, falla meio inclinado para Maria, que, muito aconchegada pendo-lhe do labio, recebendo a palavra ainda quente do seu halito que cheira aos figos da Bethunia. Narra-lhe o Christo os accidentes e as penas da longa jornada fada. Veio pelo caminho dos mercadores, de Guico a Sichem, de Sichem a Jerusalem. De Sichem a Jerusalem a estrada é sombria, coberta de longas arvores copadas. Nos longos dias do verão torna-se meos penosa a viagem na soubra cerrada do arvorado. Mas nos tristes dias fuscões aperta-se o coração ao camilheiro sob essa cupola tristonha. Passa-se junto de Sito e de Bethel, ossas aldeias simples.

Quando Jesus suspende a palavra Maria falla-lhe, cheia de saudade, da outra jornada anterior; lembra-lhe as tardes que suavemente passaram naquella mesmo sitio solitario. Recorda-lhe Martha irritada com a sua ausencia vindo chama-la para o trabalho. Então Jesus sorrindo desculpa a persente a Martha a falta de Maria. Dizia-lhe que voltasse tranquillamente e deixasse que Maria ouvisse do seu labio a doutrina querida de Deus.

A lua continua a subir religiosamente no ceu sereno. O Nazareo prosegue contendo os accidentes do esmiinho meio inclinado para Maria.

A ultima noite é passada em Ain-el-Haramié, sitio encantador de uma profunda poesia sagrada. Toda a montanha é coberta de tumulos. Ahí é que Jesus falla ao coração de seus discipulos aproveitando o retiro manso e eucantador do cemiterio, e dentre as pedras da rocha deriva uma agua, muito negra que é como que a origem do grande rio lugubre do Morte.

Maria estremece e chega-se muito ao narrador quando elle lhe falla nos tumulos. Elle toma-lhe as mãos entre as suas, como para tranquillisar-lhe o animo. Maria debruça a formosa cabeça sobre o seio do meetre.

Os labios de Jesus rogam-lhe accaso pela frente. Ella estremece.

A lua continua a subir religiosamente. E ambos mestre e discipula, meio abraçados, com as mãos juntas, levantam os olhos para o azul purissimo no mysticismo vago de um sonho.

Maria, muito tremula, eobre o collo de Jesus, sente que vai morrer!...

Pendurada quasi em meio do grande azul profundo, rútila como o escudo de um guerreiro fidalgo, a cara pallida da lua envia á terra um grande beijo luminoso e caato.

A noite avança no espaço, serenamento muda n'um silencio religioso e triste.

A branca luz que vem do ceu banha a côpa das figueiras do monte e a figura erguida dos cedros colossaes.

Sob as arvores onde fazem as tendas os judeus mercadores ha brancas vestes que se movem. As pombas desenhadas do cedro escuro vòm douadamente espantadas no meio da noite.

E pola encosta, como dous phantasmas na direcção da casa de Lazaro, descom duas sombras indecisas. Jesus caninha, sobraçando a tunica, apressadamente. Maria segue-o em silencio, com os longos cabellos derramados, soprados pela aragem perfumada do valle. Ha entre elles um silencio meditativo e fundo, uma mudez incomprehenhivel que atterra.

As suas figuras que avançam crescem e se avolumam na gaze fina da nevoa do monte.

E assim, como dous espectros, desapparecem silenciosos, através da noite onluarada e muda.

EMANUEL KARNERO.

## A ATMOSPHERA

A massa azul, elastica, impalpavel, que envolve a terra em vasta transparencia, revela inscossivel eminencia onde a vida se torna irrespiravel,

Composta do ar ou fluido imponderavel comtudo, a atmosphera, em sua essencia conserva um peso, cuja resistencia mantem os corpos em pressão instavel.

Conductora do physicos agentes como luz, som, calor e magnetismo, produz tambem phenomenos frequentes

E é necessaria ao intimo organismo dos animaes e plantas existentea que vão seguindo as leis do transformismo.

EDUARDO DE CARVALHO.

## MANHÃ NA ROÇA

A BERNARDINO LOPES

É pleno inverno.  
Aqui e alem, gallos acordam cantando a approximação do dia.

Vapores diaphaooe diluem-se aos primeiros dourados do sol, que purpúrea o nascente.

Fuadem-se no ar tons delicados de azul e rosa, e eleva-se da floresta a orchestração triumphal da passarada alegre.

Despertam de subito, ao alagamento tepido da luz, as culturnas adormecidas.

Abrem-se as casas.

Pelos terreiros, humidos da serenada da noite, homens de cocoras, em camisa, de cangirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas tetas das patientes e mugidoras vacas que criam amarradas aos finos paus das parreiras, e que, espellindo fumaça no ar frígido, ruminam ainda restos de grama, numa mansidão ingenua do animal digno.

Mulheres de chales pela cabeça, chamam as gallinhas, com um ruido secco de beico tremido, fazendo *brúrrr* e sacudindo-lhes mãos-cheias de milho e pirão esfarellado.

Um carro atopetado de raizea de mandioca, arrancadas de fresco, empoiradas de areia, compridas, tortas, com o aspecto e a cor exquistada das plantas que se avolumam, chia monotonamente, em direitura ao engenho, splavancado pela aspereza do caminho cibilrente e aromatizado por florações vigorosas e germinativas, polas emanções do gado e pelo cheiro acre das arangeiras vermelhas, que cahem de maturidade.

Cantigas rusticas, amorosas, de uma sinceridade ingenua, com tonadas prolongadas e vibrantes, misturam-se á alacridade do campo.

E pela compridão magestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado da rézea.

VIRGILIO VARZEA

Desterro.

## O RIO GUERREIRO)

A Alberto de Oliveira

Rota a vertenté, a rocha rebentando,  
Impetuoso em esguicho o campo irrorra;  
Regato agora; agora largo e brando  
De branca espuma a superficie enflora.

Logo torrente o créspe dorsa impando,  
— Quer seja noite quer o veja a aurora—  
Legua á legua o terreno conquistando,  
Vae candaloso pelo vale á fóra.

Eil-o afinal—o forte curso findo, —  
Num esforço estupendo, soberano,  
Féro, revolto, arroja-se rugindo

Às glaucas roucas vagas do Oceano  
A Porroca o estrondo repetindo  
Eternamente do combate insano.

EMILIO DE MENEZES

## O HOMEM PIEDOSO

Uma manhã esperavão em casa que Jovina deixasse o leito e viesse com as irmãs começar as lides do dia. Seis horas, sete horas são dadas e nada! Jovina tinha desaparecido, era uma moça fugida.

O portuguez, caxeiro da venda proxima, foi o nutro da espartesa.

José depositou a moça n'uma casa do seu conhecimento, em quanto procurasse meios de viver; porque o patrão, o onorino sór João, ao saber da cousa, pol-o no olho da rua.

— Nan aguintava aquella patifaria; Rua!

E o pobre namorado poz-se acima e abaixo, em idas e vindas, a procura de um emprego. Um mez se passou; outro mez foi ainda consumido sem outro resultado alem de uma grande dose de amargura tragada pela alma dos noivos. José vinha todas as noites contar a Jovina os voxames do dia e os seus desapontamentos.

Afinal vio-se elle obrigado a leval-a para um casinha onde morava. Não queria por mais tempo sobrecarregar os seus coahcidos com aquella tão prolongada hospedagem.

Levava os dias inteiros a procura de um arranjo, que pedesse apressar o seu casameato, e fatigado voltava cheio de duvida para o pé de sua noiva, que elle respeitava como uma irmã.

E os dias seguirão-se assim, amargurados, callillos, fatigantes, e as noites succedião-se tristes, cheias de apprehensões sombrias, de sonhos agitados.

Ja ás lojas de seus patricios, contava-lhes a sua historia, fazia-lhes o seu pedido.

— Nan siuhori, nos nau precisamux d'emprugadux, temulos de suvejo.

E o pobre José baixava a cabeça desanimado. Mas a lembrança de Jovina era o acicate que o impellia para diante.

Percorria a cidade toda, faminto, desasocegado, esqualido, como um cão sem dono. Algum vintem que adqueria era para o susteuto de sua noiva, que se mostrava tão resignada, tão cheia de corageu...

Voltava uma noite para casa com uma grande desesperação no coração; nada tinha adquerido, nem mesmo com que haver algumas grammas do pão!

Havia já quatro mezes, que desvivia por aquelle forma; estava magro, com palpitações o olheiras fundas. Tyranna vida, aquella sua! E ainda parecia longe o termo de seu penar.

Nessa noite eucoutrou-se com um senhor, já um tanto idoso. O velho compadecceu-se delle e chamou-o:

— Faz favor?... disse elle com o seu grande ar de bondade.

José pouco acostumado aquellas branduras sentio que se derretia dentro de si o pezar que o esmagava.

Approximou-se com a garganta amarrada por um soluço.

— Sei que soffre privações, que tem uma divida de honra; mas que circunstancias precarias não o deixão solver esse compromisso...

O nó da garganta de José ia-se apertando cada vez mais. A palavra branda e unguida do hom homem produzia-lhe um degélo interior.

— Pois bem, meu filho...

E José desparou a aolugar. Ha muito não fazia isto a pobre creança. Tinha tanto prazer em chorar, sentia essas lagrimas tão suaves, que desejava vertel-as todas no seio de sua amada para ncalmar-lhe os agrores da vida crua que levava por seu respeito.

— Pois bem, meu filho, continuou o homem piedoso, vou dar-lhe o que precisa, venha commigo.

O rapaz seguiu-o chorando. Chegados a um escriptorio commercial o velho entrou, como quem o dono, sentou-se á secretarin, e rabiscou algumas linhas.

— Vá, meu pobre rapaz, levar esta carta a Sr. F. Elle o admitirá hoje moemo como empregado da casa.

José pulou na direcção indicada ao mesmo tempo que o velho sahia n'ontra direcção.

— Sim estava prompto para tudo, mesmo para carregar com uma pillia dos saccos ás costas, de uma vez só, se isto fosse preciso.

Assim respondeu o noivo ao Sr. F., quando perguntou-lhe esto se estava satisfeito com o arranjo e prompto para o trabalho. O ditoso apaixonado naquelle instante não via mais a cara lambida do Sr. F.. via somente a imagem deliciosa de sua Jovina querida.

Co'os diabos! sentia-se agora muito mais forte, muito mais elastico! Que boas lagrimas! que bom homem!

— Abençoodo velhote!

E voava para casa.

— Oh, não ser felizes, não casar, ter a sua casa acceiada, seus arranjos, filhos socego, boas sécas, passeios aos domingós, noites no circo!... Um regalo, aquella vida! E Jovina! Pobresinha! como não estava aborrecida aquella hora, sosinho, esperando por elle, que só elle lhe occupava a mente...

E corria quasi, com uma grandc vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

Chegou emfim diante da porta, impellio-a e entrou.

— Jovina! chamou elle.

Estava tudo escuro. Não teve resposta.

— Jovina! Jovina! repetiu e foi entrando. O relógio da Sé tocava nove horas.

Nada de resposta.

— Jovina!! gritou afinal o desventurado e atirou-se pela porta fóra, como um doudo!

Jovina havia desaparecido!

Para onde?...

A visinha não sabia informar; usas vira, ha pouco mais de meia hora, passar pela sua porta uma uocinha e um senhor idoso com um grande ar de bondade. Ella não os poude conhecer...

José lombrou-se do bom o piedoso homem, e cerrou os olhos com uma dor profunda que rasgava-lhe os seios d'alma. E poz se a chorar, mas essas lagrimas agora queimavão como gottaa de acido carbonico.

LAHORE

## O LOUCO

(A Antonio Nogueira)

Elle era um eute immundo e lazareato,  
Vivia sempre ébrio pela rua;  
Ao vel-o, qual espe'tro de cafua,  
Fugiam-lhe as crenças num momento!

Inda mais... Quando forte vinha a lua,  
Era a furia iocarnada num possesso,  
O horror com as entranhas pelo avesso,  
A blasphemia a galope pela rua!...

Uma vez, ao abrir da madrugada,  
Grossa turba cercava admtrada  
Um quadro que ao traçal-o a mão vacilla...

Etre ondas de sangue que coalhova,  
Stava o louco... Um punhal atravessava  
Contra o peito um retrato de... Dalila!

JULIO BRAGA

## CONTOS SINGELOS

PRIMEIRO ENCONTRO

Uma estranha alegria, um extraordinario contentamento enchia o coração do venturoso rapaz; é que dentro de um mez ia unir-se para sempre pelos sagrados laços do matrimonio a uma formosa e adoravel creatura, a primeira mulher que lhe fez pulsar mais forte o coração insensível até então ás manobras do Deus Cupido.

E agora que era certa a sua felicidade achava um encanto indizível em recordar-se da primeira vez que se encontraram.

— Fóra em um carro da estrada de ferro; elle pouca attenção prestara nos viajantes que iam ao mesmo compartimento; com o cotovello apoiado á janellinha aberta o a face encostada a mão absorvia-se na contemplação das magnificas paysagens e dos quadros mais bellos e variados que a prodiga natureza offerecia aos seus avidos olhos de artista.

E no vertiginoso da corrida ia admirando aqui um prado immenso coberto de relva, oade manadas de gado pastavam satisfeitas; ali uma choça humilde a cuja porta brincava um bando ruidoso de creanças sadias emquanto a mãe trabalhava curvada e com os grossos braços trigueiros ao sol batia roupa no riacho proximo entoando melancolicamente uma saudosa canção sertaneja.

Mais adeante era uma densa matta com suas lianas e suas arvores seculares respeitadas até então pelo machado do homem; desapparecia depois este quadro para dar logar a outro não menos bello talvez; era então caudaloso rio avolumado pela eachente que rolava ntroadoramente ns suas aguas harrentas entre dous pinhascos escarpados, ou um regato manso e limpido correndo docemente sobre um leito de areia doirada, emquanto nas hervas pasteadas da margem as borboletas pousadas ahriam e fechavam vagarosamente as bellas azas matizadas.

Mas a uma curva da estrada o sol,— um ardente sol de verão — penetrará bruscamente pela janellinha aberta e dando-lhe em cheio no rosto obrigará-o a voltar-se para dentro, o passeiando o olhar pelo carro só então reparará naquelle sympathica viajante.

Ella estava sentada a um lado, tam- hem junta a uma janellinha e fitava tristemente o azul ombaciado do hori- zonte longinquo onde desenhava-se a fórma indecisa do cabeça de um monte; ao lado della um velho forte e verme- lho dormitava movendo constantemente a cabeça aos balanços do carro; era o pae.

Elle ponde contemplá-la pois a vou- tade admirando o aveludado da pelle de um moreno fino, transparente, dour- rado, sob o qual via-se correr o sangue, quente, rubro, cheio de vida e mocid- ade...

Os labios entreabertos tinham a appa- rencia e o frescor dos vermelhos moran- gos, e elle sentia inconscientemente um vago desejo de mordel-os a ver se pos- niam o mesmo sabor acre-doce dos fructos maduros.

Os cabellos negros ebano exhalavam fo mesmo aroma delicioso e selvagem das mattas virgens em flor...

A perfeição dos braços apertados nas mangas justas:

O contorno opulento e arredondado do collo completavão-lhe agraça.

Subito porem a locomotiva diminui- ra a marcha e em seguida ouviu-se um silvo prolongado e agudo; ella estre- meceu como se despertasse de um sono e voltando-se para o velho que dormi- tava ainda sacudiu-o brandamente cha- mando-o com meiguise para o desper- tar; depois sahiram do carro e saltaram na estação.

Elle acompanhara todos aquelles mo- vimentos; vira-a descer sobre o rosto o seu azul e seguir pelo braço do pae desaparendo na volta da primeira rua...

Vira... e uma saudade immensa op- primira-lhe o coração...

Depois de breve demora o trem par- tira de novo; e elle com os labios entre- abertos e as narinas dilatadas acredi- tava sorver ainda o suave aroma que exbalavam os cabellos della; aroma delicioso e selvagem das mattas virgens em flor...

LUCIA

## THEATROS E DIVERSÕES

LUCINDA

Vai muito bem a companhia de zar- zuelas. Enche-se este teatro, todas as noites, e todas as noites as Sras. Plá, Garrido e Sophia Campos conquistão mais applausos, e mais reputação para o Lucinda.

Hontem cantou a companhia a zar- zuela *Relógio de Lucerna* que muito agradon, e hoje a repetirá.

## SANT'ANNA

Têm-se dado perfeitamente bem o *Amer molhado* e *Dama de Espada* no San- t'Anna, por isto não pretendem retirar- se tão cedo de scena. Sejam bem felizes e satisfação os desejos do Heller.

## RECREIO DRAMATICO

Não é capaz de retirar-se do Recreio *A Grande Avenida* que á dias se despede do publico e o publico a pedir-lhe que não se vá tão cedo; espere por um cen- tenario.

Ah Bellegrande, Bellegrande...

O Club dos Fenianos no sabbado ul- timo deu uma esplendida festa O *po- leiro* apresentara um aspecto deslum- brante, não só pela sua ornamentação toda feita a capricho como pela pro- fusão de luzes, flores e de *estrelas* de primeira grandeza que nelle gravitavam. A's 11 1/2 horas da noite entrou a comissão dos Tenentes do Diabo que ia fazer entrega aos entrepidos Fen- nianos da victoria por elles conquista- da no carnaval.

Foi servida uma lauta e opipara ceia durante a qual trocaram-se varios e entusiasticos brindes.

Fechoz esta magnifica festa um baile de *arrepica ponto*, todo cheio de *massi- dras* e de circumstancias. Uma delicia. Brayos Fenianos!

Esteve muito concorrida e anima- dissima a reunião que o Club Estber de Carvalho offereceu no sabbado passado aos seus socios e convidados. Foi uma festa em tudo magnifica e de lá trouxe- mos saudosas recordações.

## FACTOS E NOTICIAS

## NETINO LITTERARIO PORTUGUEZ

Na quinta-feira 1 do corrente reuniu- se em sessão litteraria esta sociedade.

Depois da leitura e approvação da ul- tima acta passou-se as seguintes:

Admissão do Sr. Ernesto Gabriel para socio contribuinte, proposto pelo Sr. João Coelho Gomes subrinho. Recepção dos seguintes livros:

Vinte horas de litura, por C. Castello Branco, Acté, por Alexandre Dumas e Les maitres someurs, por George Sand, offertas dos Srs. Antonio Ramalho e Bento José Coelho Barbosa.

Archivaram-se diversos jornaes, e bem assim o relatório da Caixa de Soc- corros D. Pedro V.

Communicou o Sr. secretario que o Retiro representara-se na solemnidade da posse da nova directoria da Caixa de Soccorros D. Pedro V por mei. de uma comissão composta dos Srs. Antonio José Gonçalves de Areias e Caetano de Castro.

Foi unanimemente approvada a pro- posta do Sr. Dr. Domingos Maria Gon- galves, afim de ser creado no Retiro um curso de economia politica dirigido por S. S.

Na 2ª parte occupou a tribuna o Sr. Leite Guimarães e fez o elogio biogra-

phico do notavel orador portuguez Sr. Antonio Candido.

Em seguida fallou o Sr. Claudino Netto sobre navegação aerea.

Na 3ª parte discutiu-se o thema:

O *Papado na actulidade é util ou pre- judicial aos povos?*

Usou da palavra o proponente da thema, o Sr. Leite Guimarães, e, no correr da argumentação, mostrou-se contrario aquella instituição.

A's 10 horas levantou-se a sessão.

A comissão de mineração de As- suruá acaba de levar á effeito o encana- mento das aguas até o ponto de opera- ção actual, trabalho custoso, é consi- derado irrealisavel.

Depois d'isto vae tudo bem.

*A Paulicéa*.— Este importante estabe- lecimento de fazendas, modas, perfu- marias, e objectos de phantasia, acaba de reabrir-se com esplendido e variado sortimento.

Muito conhecida já das familias a *Paulicéa* espera continuar a merecer o seu conceito.

Partio para a Italia no vapor *Du- queza de Genova*, onde vae completar os seus estudos o nosso estimado paysa- gista Antonio Parreiras.

Desejamos-lhe muitos triumphos.

No dia 1º de Março fez annos que falleceu, nesta Côte, um dos homens publicos de mais elevada estatura in- tellectual destes tempos, o Senador Can- dido Mendes.

A historia parlamentar, a jurispru- dencia, a tribuna e a historia patria re- ceberão do eminente homem politico, o sábio Senador, o seu cunho mais ful- garante e accentuado; o por tão extra- ordinararia perda, neste dia, não recensa- mos os sentimentos de pesar, á Patria, as letras, e particularmente a seu il- lustre filho, nosso digno collega do *Di- ario de Noticias*, Dr. Fernando Mendes.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Maga- lhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advoga- do. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotóro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 28000.

Constructores de machinas e appêlhos para lavoura—Schubert, Irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

Advogado—Capitão Timotheo Ri- beiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cer- veja e aguas minerais—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles — en- carrega-se de defezas perante o jury Muzambiubo—Minas.

Augusto Luzo, — incumbe-se gra- tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cebrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino,

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esta- tua. Vinho de pepsina e diastase pan- creatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Araujo Filho — Medico par- teiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, nº. 36

## LYCEU AMERICANO

## EXTERNATO DE HUMANIDADES

42 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 42

ABRIU-SE NO DIA 1 DE MARÇO DO CORRENTE

## CORPO DOCENTE

|                               |  |
|-------------------------------|--|
| Dr. C. Camarano.....          | Geographia e Historia geral.           |
| Eduardo von Sydow.....        | Alemão.                                |
| Dr. Felix G. de Almeida.....  | Physica e Rhetorica.                   |
| Dr. João d'Avila Franca.....  | Mathematicas, Elementar e Superior.    |
| Dr. José de Oliveira.....     | Portuguez e Historia.                  |
| Maximino Maciel.....          | Chimica e Botanica.                    |
| Dr. Peçigueiro do Amáral..... | Francez, Geographia e Hist. do Brazil. |
| Raul Villa Lobos.....         | Inglez e Philosophia.                  |
| Viriato Guimarães.....        |  |

Matriculas do dia 20 em diante do meio-dia ás 2 horas, no estabeleci- mento.

**Julio Cezar Tavares Paes** encarrega-se de liquidações amigáveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

**Hotel das Famílias** dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

**Agrimensores.** —Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarregam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Corte. Informa-se na Semana.

**Dr. Aristides Spinola**—Advogado, rua do General Camara n. 36.

**Dr. Rodrigues Lima**—Médico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

**Dr. Virgilio Gordilho**—Advogado, rua do General Camara n. 36.

**Dr. Leoni Roza**— Advogado. Escriptorio rua do Rozario n. 136.

**Dr. Coelho Lisboa**—Advogado rua dos Ourives n. 21.

**Dr. Ratisbona Filho**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Luiz Murat.** — Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Aristides Lobo** —Advogado, rua dos Ourives n. 21.

**Dr. João Ribeiro** — Medico e especialista em molestias de criança e eiphilis, rua de S. Amaro n. 18.

**COLLEGIO INTERNACIONAL**

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcelos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

**Os Engenheiros, Drs. Buarque de Macedo e Castro Maia,** encarregam-se de trabalhos de construção, estudos ou outro quassquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

**FABRICA DE CHUMBO**

Na rua do Hospicio n. 22. Vendese qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

**A NOIVA**

RUA DOS OURIVES, 14 SALÃO

para pentear senhoras e cortar cabellos  
PERFUMARIAS, MODAS E  
NOVIDADES, NINICHES e FRISETS  
Ultima novidade de 1\$ a 5\$

**ABEL**

Cabeleireiro e professor de penteados  
RIO DE JANEIRO

**DERBY-CLUB**  
**GRANDE PREMIO**  
**INITIUM**

A REALIZAR-SE NO DIA 27 DE MAIO DE 1888

| NS. | NOMES            | PELLO           | FILIAÇÃO                           | PROPRIETARIO          |
|-----|------------------|-----------------|------------------------------------|-----------------------|
| 1   | Primadona.....   | Alazão.....     | Ernest e Pelluda.....              | A. Pinheiro.          |
| 2   | Tenorio.....     | Idem.....       | Idem.....                          | Idem idem.            |
| 3   | Zig.....         | Idem.....       | Douro e Bella Alliança.....        | Coudelaria Paulista.  |
| 4   | Menino.....      | Douradilho..... | Bordor Minstrel e Mulers Maid..... | J. G. Nogueira.       |
| 5   | Jarreta.....     | Idem.....       | Janoit e Bolivia, meio-sangue..... | Idem idem.            |
| 6   | Amburá.....      | Zaino.....      | Janoit e Gayvota.....              | Idem idem.            |
| 7   | Tramoya.....     | Idem.....       | Janoit e Gireanium.....            | Luiz de Pontes.       |
| 8   | Fedora.....      | Alazão.....     | Fil d'Escosse e Debora.....        | E. A. Paes de Barros. |
| 9   | Fieisco.....     | Idem.....       | Damon e Geographia.....            | Idem idem.            |
| 10  | Corneville.....  | Douradilho..... | Corneville e Fosca.....            | Coudelaria Aranha.    |
| 11  | Hebreu.....      | Alazão.....     | Idem e Mulata.....                 | Idem idem.            |
| 12  | Gaulez.....      | Idem.....       | Idem e Venus.....                  | Idem idem.            |
| 13  | Gioconda.....    | Castanho.....   | Boliver e Luiza Michel.....        | Idem Alliança.        |
| 14  | D. Quichote..... | .....           | Tagible e Araponga.....            | Idem Fluminense.      |
| 15  | Derby.....       | .....           | Goldmasper e Pelluda.....          | Idem idem.            |
| 16  | Medea.....       | Alazão.....     | Sans Pareille e Moura.....         | Idem idem.            |
| 17  | Brazão.....      | Douradilho..... | Idem idem e Bonita.....            | Idem idem.            |
| 18  | Pelicano.....    | .....           | Idem idem e Frulanna.....          | Idem idem.            |
| 19  | Vivaz.....       | .....           | Idem idem e Diana.....             | Idem idem.            |

**GRANDE DERBY NACIONAL**

A REALIZAR-SE

EM 15 DE JULHO DE 1888

| NS. | NOMES            | PELLO           | FILIAÇÃO                      | PROPRIETARIO         |
|-----|------------------|-----------------|-------------------------------|----------------------|
| 1   | Primadona.....   | Alazão.....     | Ernest e Pelluda.....         | A. Pinheiro.         |
| 2   | Tenorio.....     | Idem.....       | Idem idem.....                | Idem.                |
| 3   | Zig.....         | Idem.....       | Douro e Bella-Alliança.....   | Coudelaria Paulista. |
| 4   | Menino.....      | Douradilho..... | B. Ministre e M. Maid.....    | J. G. Nogueira.      |
| 5   | Gaulez.....      | Alazão.....     | Corneville e Venus.....       | Coudelaria Aranha.   |
| 6   | Hebreu.....      | Idem.....       | Idem e Mulata.....            | Idem.                |
| 7   | Corneville.....  | Douradilho..... | Douradilho.....               | Inem.                |
| 8   | Tramoya.....     | Zaino.....      | Janoit e Geramina.....        | Luiz de Pontes.      |
| 9   | Fiesco.....      | Alazão.....     | Damon e Geographia.....       | R. A. P. de Barros.  |
| 10  | Fedora.....      | Idem.....       | Fils d'Escosse e Debora.....  | Idem.                |
| 11  | Gioconda.....    | Castanho.....   | Bollivar e Luiza Michel.....  | Coudelaria Alliança. |
| 12  | D. Quichote..... | .....           | Tagibb e Araponga.....        | Idem Fluminense.     |
| 13  | Derby.....       | .....           | Goldmasper e Pelluda.....     | Idem.                |
| 14  | Pelicano.....    | .....           | Sans Pareille e Frulanna..... | M. U. Lemgruber.     |
| 15  | Vivaz.....       | .....           | Idem e Diana.....             | Idem.                |

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1888.

O 2º Secretario. MOREIRA SAMPAIO.

**MACHINAS PARA ARROZ**

DOS SYSTEMAS MAIS APERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

**ARENS IRMÃOS**

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descrições em portuguez

**SEMENTES NOVAS**

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA

HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR, 45

CERVEJA PELOTAS

DA FABRICA

DE

**G. RITTER & IRMÃO**

22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

**A PAULICÉA**  
REABRIR-SE NO DIA 1° DE MARÇO

# A PAULICÉA

## BRILHANTE INAUGURAÇÃO

### NO DIA 1° DE MARÇO

**A PAULICÉA**  
REABRIR-SE NO DIA 1° DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. familias a differença de preços que faz das grandes liquidações que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possível promptificar para hoje o annunciô quo deve mostrar o grande sortimento sem egual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, CORRÊA & FREITAS  
SUCCESORES DE J. M. CORRÊA

**A PAULICÉA**  
**2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2**  
RIO DE JANEIRO

## LABORATORIO CENTRAL HOMŒOPATHICO

DE

A. G. DE ARAUJO PENHA & C.

47 RUA DA QUITANDA 47

RIO DE JANEIRO

Fornecedores da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro e do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia; premiados nas exposições nacionaes de 1873, 1875 e 1881, e internacionaes do Chile e Philadelphia, pela perfeição e pureza de seus remedios

Completo sortimento de medicamentos em tinturas e globulos, livros dos melbores autores e todos os artigos de homœopathia

### ESPECIALIDADES :

**Cereus Braziliensis.**—Remedio poderoso e eficaz, de uma acção prompta para cura das affecções do coração; privilegiado pelo governo imperial.

**Phenolina Penna.**—Cauterio para acelmar instantaneamente as dores de dentes mais rebeldes.

**Chenopodium anthelminticum.**—Vermifugo homœopathico em pó, muito eficaz para expellir as lombrigas das crianças.

**Opo deltoe de guapo.**—Poderoso remedio contra o rhenmatismo, nevralgias, queimaduras, tumores, inchacões e dores em geral. O uso deste linimento é aconselhado pelos medicos mais considerados; sua acção é prompta e seu empre facil. Toda a casa de familia deve possuir este remedio excellente.

Todos estes preparados encontram-se nas principaes phnrmacias drogas e no

LABORATORIO CENTRAL HOMŒOPATHICO

DE

A. G. DE ARAUJO PENHA & C.

47 Rua da Quitanda 47

## LOTERIAS DA VICTORIA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericordia e das sociedades Beneficente da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Autorisadas pelas leis n. 65 de 20 de Dezembro de 1836 e n. 34 do anno passado

**4.000 BILHETES**

SOMENTE

divididos em terços de custo de 900 réis cada terço  
Tem duas finaes, dando cada um 18000 o terço

Distribue 882 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da dívida publica geral da Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanais e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem recebê-los na corte queiram dirigir-se á Rua do Ouvidor n. 51 1º andar, para onde poderão dirigi-los, por carta, ao abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

**Manoel do Couto Teixeira**

VICTORIA

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 10 DE MARÇO DE 1888

VOL. IV-N. 164

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Urbano Duarte,  
Lepoldo Cabral e Candido Jucá

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

|   |                     |
|---|---------------------|
| Expédiente.....                         |                     |
| Historia dos sete dias.....             | Gêdo                |
| As lagrimas do regalo,<br>poesia.....   | Augusto de Lima     |
| Lucio de Mendonça.....                  | V. Magalhães        |
| Fallando ao coração, so-<br>neto.....   | Alberto de Oliveira |
| A sombra das arvores.....               | Coelho Netto        |
| A juventude, soneto.....                | Raymundo Corrêa     |
| Fibra morta.....                        | Domicio da Gama     |
| Da Via-lactea, soneto.....              | Otavo Bilac         |
| O banho.....                            | Lahore              |
| Questões de esthetica, so-<br>neto..... | M. e Albuquerque    |
| Questões de estylo.....                 | Candido Jucá        |
| Tua voz, soneto.....                    | Vera de Sucoú       |
| A travessia.....                        | Virgilio Varzea     |
| Depois de partir, soneto.....           | Peixeira Franco     |
| La terre de Zola.....                   | Emanuel Karnero     |
| Fragmento, poesia.....                  | Ricardo Barboza     |
| Poetas mineiros.....                    | Lafayette de Toledo |
| Tratos á bola.....                      | Myllius             |
| A uma folha, soneto.....                | Ignês Maia          |
| Theatros e diversões.....               |                     |
| Factos e noticias.....                  |                     |
| Anuncios.....                           |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno.....     | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atraso a fizeza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Vou inverter a ordem da semana, como os senhores deputados costumam inverter a ordem do dia, e começar esta chronica justamente por onde devia terminal-a. E', entretanto, tão notavel o ultimo acontecimento destes sete dias, de tal entusiasmo encheu elle a todos os fluminenses, que eu não posso deixar de fazer isso e de, com toda a satisfação, repetir uma, dez, mil vezes: «cahiu o ministerio.»

Já era tempo que o Sr. Cotegipe se despegasse do governo, ao qual se havia agarrado com a energia de uma ostra. Que elle, Cotegipe, é uma ostra verdadeira, prova-o o facto de ter abandonado o logar ao qual se havia prendido unicamente por meio do fogo.

Tristes ultimos dias de vida teve o fallecido ministerio! Ha muito que elle ia aos poucos se liquidando; desde longos dias que era voz unanime que elle não podia continuar a existir, mas, tropego, vacillante, cahé aqui, levanta acolá, ia-se mantendo, a des-

peito da geral opinião de que não podia continuar á testa do governo, um ministro desprestigiado como o Barão de Cotegipe.

Nunca vi, em minha vida, tanto entusiasmo e tanta alegria pela queda de um homem, como no dia 7 pelo trambolhão que levou o Cotegipe.

Este pobre Barão é na verdade um homem caipora na ausencia do Imperador. Já de uma vez houve aqui contra elle uma sublevação da opinião publica e elle, ainda que tentando equilibrar-se na corda bamba do poder graças á maromba do seu rijo e duro caracter, vio-se forçado a pular sem querer, pelo safanão que lhe deu a mão mascula e imperial de D. Pedro II.

Hoje são os militares que alçam a voz contra o govêrno, que o Barão dirige, e, como da primeira vez elle cae, mas desta vez, acredito, para nunca mais levantar-se.

O governo impopularissimo 20 de Agosto convenceu-se de que o povo, e exclusivamente o povo, é que sabe quass os individuos capazes de tomarem a alta direcção dos negocios publicos, e retirou-se cabisbaixo e grunhindo, porque o povo fluminense ergueu-se impetuoso e cheio de indignação brandando que elle lhe roubava as garantias e lhe estorquia os direitos.

Desce o Sr. Cotegipe o sobe o Sr. João Alfredo de degraus do poder. Ha em S. Ex. muita confiança quanto á nova direcção que com certeza dará ás nossas cousas publicas. O illustre pernambucano é ainda hoje, necessariamente, o mesmo homem que era em 1873, por occasião da questão religiosa, e a instrução publica conta que S. Ex. seja tambem o mesmo que n'esse tempo tanto por ella se esforçou.

O povo fluminense, ou antes o povo brasileiro, conta com S. Ex., como um dos mais distinctos patriotas e notaveis estadistas, que possuímos, para levar ávante muitos melhoramentos de que carece o nosso paiz.

Já o notavel pernabumcano começa a mostrar quem é, pelo facto de fazer-se acompanhar, no ministerio que vai organizar, de pessoas capazes de gerirem conscienciosamente as pastas de que se vão encarregar.

Entre outros nomes são apontados os dos senadores Vieira da Silva, Antonio Prado e Taunay.

Não podia, effectivamente, o Sr. João Alfredo dispensar o concurso dos tres illustres senadores que, incontestavelmente occupam, entre os estadistas deste paiz, logar salientissimo pelas suas luzes e talentos. O Sr. Taunay e Antonio Prado, principalmente, pela parte activa que tem tomado, como senadores, na questão do abolicionismo, são figuras obrigadas de qualquer ministerio que se constituir. O paiz in-

teiro conta com elles, e todo o paiz applaude o Sr. João Alfredo pelo facto de os convidar para seus companheiros no ministerio.

S. Alteza a Regente concedeo sem a menor vacillação, o pedido de exoneração que lhe fez o ex-presidente do conselho. Este, com certeza suppunha que a princeza pedisse, instasse, rogasse para que elle não largasse a pasta, mas enganou-se. Foi-lhe satisfeito o pedido com tanta facilidade que a gente, sem ser precisa mesmo grande perspicacia, está vendo que a excelsa regente por essa occasião, dizia intimamente, como nós outros costumamos dizer a certos typos que nos flagellam a paciência: A inais tempo...

Lá se foi o heroe de todos estes acontecimentos: o alferes Baptista. Conforme os jornaes, partio elle uma destas madrugadas para S. Paulo, onde pensa resguardar a pelle das iminentes escovações em que a-via por aqui.

Não se fie, porém, o alferes, que São Paulo o possa livrar da escovadella a que fez jus pelos actos de bravura praticados quando commandante da 5ª estação policial. E quem duvidar, ha dever.

O chefe de policia acompanha o ministerio do qual era um dos mais dedicados servidores.

Pessoas conheço eu que se rejubilam com a sua sahida e que, para festejal-a, preparam já as munições necessarias para a peleja do entrudo vindouro.

O Sr. desembargador Tosta, será como o Sr. Coelho, inimigo das bisnagas e das seringas? Desejo que o seja, mas espero tambem que não seja a sna unica preocupação como foi a do ex-chefe, acabar com ellas, e esquecer-se de tudo mais.

A imprensa toda é unanime em saudar o novo organisador do ministerio, como foi unanime em accusar o que cabio, ante os ultimos acontecimentos. Nós mesmos, que não somos absolutamente partidarios politicos, pomonos inteiramente ao dispor do conselheiro João Alfredo.

Si houver difficuldade em obter gente boa, nesta redacção encontrará S. Ex. rapazes intelligentes, activos e patriotas, que, para serem agradaveis a S. Ex. não se recusarão a tomar conta de alguma pasta sem dono.

O illustre presidente do conselho, merecs-nos, porem, tal sympathia, que faremos por elle esse sacrificio.

GEVE

## AS LAGRIMAS DO REGATO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Na abobada sem sol da região dos fosseis,  
o regato calcareo, os seus meandros doces,  
desenhn pelo vario e tortuoso gyro.  
O feldepatho irisado, o severo porphyro  
e os blocos colossaes do esculptural basalto,  
bnnha, circunda e enflora, e vae de salto em salto,  
e vae do curva em curva o barathro descendo,  
do arboreo crystal fluido os fios estendendo...  
Um delles atravessa a gorja petrea e ossuda  
do elephante primévo, outro em lago se muda:  
este vae esmaltar os veios de pyerite,  
aquelle em gotas cae da dura stalactite,  
como o leite que flue de oxiuberante poma,  
este outro de um repucho a esparsa fórma toma.  
Mas todos vão descendo em impeto fremente,  
porque descer é sempre a sorte da corrente.

É o regato viajar no abysmo solitario,  
depois de completar na terra seu fadario,  
lembra-se com saudades, o misero e mesquinho!  
do tempo em que tocava a roda de um moíinho:  
em que ouvia de tarde as amorosas queixas,  
dos salgueiras banhando as luridas madeixas  
e do sol reflectindo o disco luminoso.  
Quem lhe dá voltar a esse viver ditoso?  
É no silencio, então, das lagrimas supremas,  
vae-so crystallizando em perolas e gemmas...

AUGUSTO DE LIMA

## LUCIO DE MENDONÇA

Faz hoje annos.

— Quantos?

Oh! leitora, que indiscipção!

Não sabe V. E. que os poetas são como as mulheres? — não têm o direito de ter ednde?! A um poeta, como a uma senhora, nunca se pergunta « quantos annos faz » Já não é pouco saber se que elles, como qualquer mortal, estão, sujeitos tambem á contingencia triste, a ridicula contingencia de fazer annos.

Basta que eu garanta, e commigo quantos têm a fortuna de conhecer do perto o cantor das *Alboradas*, que elle ainda é moço bastante para adorar a Luz, a Força, o Movimento, a Vida; para servir á Liberdade e amar o Amor.

Coincidindo o seu anniversario com a sahida d' *A Semana*, quiz vir dar-lhe nestas columnas os meus parabens e o meu abraço, enviando-lh'os d' este posto de luta, que elle tanto illustrou com ns fulgurações de sua penna de ouro, que é uma espada de general, para a cidade de Valença, onde tinha residencia, e que abandonará muito brevemente para vir fixar-se na Corte.

Eu sou velho admirador do Lucio; admiro-o ha mais tempo do que o amo — em que não impidio que viesse a amal-o tanto quanto o admiro.

Quando eu entrava na Academia de S. Paulo sahia elle. Fui encontrá-lo como nuu metéoro a terminar a sua trajectoria declumbrante, ou como o

sol polar despedindo-se dos horizontes brancos e frios para não voltar tão cedo. Ahi conhecemo-nos ligeiramente. Lucio mal poude attentar no caloroso bisinho e lyrico, temeroso de vaias e rimador de asneiras. Somentc tres annos depois creio eu, nos vimos e nos ligamos por uma estima franca e duradoura.

Fundando *A Semana*, vali-me d'ella. Lucio correspondeu gentilissimamente dando a minha folha toda a influencia do seu prestigio, materializada em muitas assignaturas, e toda a protecção de sua penna, traduzida em assidua e preciosa collaboração.

Mas não são apenas esses os titulos d' elle a minha gratidão e á minha amizade. Modesto sem biocos, simplee sem pose, singelo de alma como de modos, o Lucio lendo isto vae dar o *cavaco* e, na primeira oportunidade, saltar a desmentir-me energicamente, com a energin que sobre imprimir a todos os seus actos publicos. Deixal-o. Não o creiam. A verdade fui eu que a disse.

Dentro em poucos mezes teremos d' elle um livro — *Esboços e perfis*. — um livro de mestre. Affirmo porque o conheço todo.

Caso hoje a minha alegria pelo seu anniversario com o que mo dá o proximo apparecimento de seu livro, para, felicitando-o dobradamente, dar-lhe um abraço estreito e longo, profundo, um abraço de quebrar ossos.

10—3—83.

VALENTIM MACALHÃES

## Fallando ao coração

Foi pelas tardes ultimas, queimadas  
Do calor de Janeiro, que a pediste;  
E ella não vinha, e estavas mudo e triste,  
E choravas, olhando estas estradas.

Depois, nas nuvens longe accumuladas,  
Que interrogavas, a visão sentiste,  
E uma se abria e a divindade viste...  
Já lá vão tautas lagrimas passadas!

Hoje, alegre-te emfim! teu doloroso,  
Teu vago sonho um termo tem / Da altura  
Eil-o, chega seu carro esplendoroso!

Tiram-n'a, em meio a um resplendor de auro-  
ra,  
Os minutos que, sendo os da Ventura,  
Galopam, voam pelo tempo afora.

ALBERTO DE OLIVEIRA

## A SOMBRA DAS ARVORES

A PROPOSITO DAS « CONTEMPORANEAS »

No domingo, pela manhãzinha, sa-  
himos os dois — eu e a...

Ella modesta e simples, com um  
grande chapéu de palha, cercado de vio-  
letas, vestidinho de cassa e um sacco  
para apañar borboletas — eu de brim  
pardo, um feltro claro enterrado na  
cabeça, espiagarda atirada a tiracollo  
o a mereuda em umn cesta pequena.

Juntos, como dois noivos, garrulndo,  
tomamos o trem que nos havia de con-  
duzir ao campo.

Chegamos ao mntto justamente quan-  
do o sol levantava o seu disco acima  
dos cabeços verdes dos montes nu-  
blados.

Matta a dentro entramos trauteando  
alegres.

Não havia um passaro vadio — d'aqui  
e d'alli saltavam rólas, d'nqui e d'ailli  
fugiam negros sibiás medrosos.

Proparei a arma e começamos a subir  
uma especie de collina, tapisada de  
verde gaio, um verde doirado que scin-  
tillava ao sol.

Ella sorria para mim, corada como  
uma rosa aberta pelo bafejo beneficio  
da brisa purissima do campo.

Eu, sacudido pelo desejo de matar,  
olhava as ramas, prestava ouvido aos  
carnes lyricos da passarinhada, advi-  
nhava nas montas, bandos e bandos de  
nambús e vagaroso, evitando as folhas,  
com a arma baixa, ia, arrolando os  
cipós, espreitar a vida dos emplumatos  
no silencio, interromper os madrigaes  
sagrados dos pequeninos passaros, en-  
tre as mimosas delicadas.

Porem ella, alegre, alguma cousa de  
nymphia, por ver-se com as arvores  
tranquillas, entre montões rescondentes  
cantava.

Cantava e batia com o saquinho de  
tarlatana nas folhas, espantando os pas-  
sarinhos que pulavam á beira do cam-  
inho.

Pedi, imploréi e a cada um dos meus  
pedidos ella respondia com um beijo  
alegre e eu me deixava vencer, humi-  
lhado pelo frescor da sua bocca rubina  
e cheirosa pondo na minha bocca um  
pouco de harmonia e um pouco de  
perfume.

E por mais que eu fizesse pontaria,  
por mais que eu namorasse as ramas  
não conseguí trazer sequer, na minha  
bolsa de caça, uma saltyra bem que  
voassem aos centos, de ponto em ponto  
chilrando.

Deitêi-me, para fumar, sob uma ar-  
vore copada o olnn, sentou-se a meu  
lado, na relva verde e cheirosa.

Sentou-se e delicadamente tirou de  
um pequenino embrulho o volume das  
*Contemporaneas*, que encontrara sobre a  
minha meza, em casa.

Tirou e offerocen-m'o para que eu  
lesse os versos do poeta alli, n'aquelle  
ediculo mysterioso da natureza, para  
nós dois e mais para as flores e para os  
passarinhos.

Foi n'ossa manhã do caça, entre o  
amor e as nrvores, meu Augusto, que  
eu sorvi todo o elixir com quo tem-  
peraste os versos do teu livro.

Foi n'essa manhã radiosa e lyrica que  
as nossas duae almas se fizeram intimas.

Li todo o teu livro, e estou certo de  
que a tua poesia é sã, verdadeira, pura  
e delicada porque durante toda a lei-  
tura a minha doida companheira, nem  
uma vez, nem uma só vez cantou para  
interromper-me.

Ouvii da primeira á ultima pagina  
tranquillamente, sem importar-se com  
o sussurro das folhas nem com os vóos  
rasteiros dos passarinhos tontos.

Desfolhaste nas *Contemporaneas* toda  
tua alma de poeta, toda a tua alma  
que tem a delicadeza do lyrio e a  
bravura indomada do leão. Sentou-se um  
bem estar agradável na companhia  
d'essa logião de quadros e de rimas.

A gente goza, a gente vive, a gente  
soffre.

Umae vezes a tua poesia e singela —  
musica de avencacampesina lembra as  
pastoraes da Hellade, le bra as canções  
germanicas do Uiland, o delicioso.  
Assim n' *As Lagrimas do Regato* ha como  
quo afusão da bella lyrica pastoril de  
Theocrito com as harmonias altas da  
lyra sonorousa de Virgiljo. Anda nas  
aguas da correnteza a melodia; a pay-  
sagem alegre, ouve-se o marulho da  
lymphia e na brancura albescente das  
espumas advinha-se a lagrima imper-  
ceptível do regato, eaudoso do tempo  
feliz em que, de grotta em grotta, cahindo  
aos cachões — « tocava a roda do um  
moinho » ouvindo as queixas dos sal-  
gueiraes calidos.

O mimo da concepção toma um alto  
relevo artistico encaixado magistral-  
mente na moldura de forma que con-  
seguiste lavar com a tua finura, com  
o teu gosto requintado, com a tua de-  
licadeza de oriental trabalhando em  
marfim ou ambar.

*A Flor Carnívora* é outra poesia de  
genero igual á primeira — mais simples,  
porem conservando a mesma qualidade  
a mesma coloração, o mesmo agradável  
sabor e perfume.

A tua feição característica, a tua  
corda predilecta é que a vibra pela  
*Idéa Nova*.

O teu canto é profundamente guer-  
reiro — ha, no fundo d'aquelle templo  
de delicadesas, soldados armados, hoe-  
tee em pé de guerra, theoriae serenas  
de fundibularios.

O teu instrumento mimoso assume  
taes proporções fortes de tom que a  
gente julga, a ouvil-o, estar em frente

de um esquadrão formidável, entre o retintim das lanças e a algazarra das fanfarras estridentes.

A tua musa é Pallas, Pallas a forte deusa, Pallas a victoriosa.

Uma ou outra vez, atravessa o teu livro, uma lyrica ingenua e mimosa como também ás vezes, passa por diante de nós cantando, em plena cidade, um desses innocentes aertanejos cuja ventura consiste em ver o campo em flor e o ceu semeado de estrellas, o casal alegre e a capellinha de Jesus accesa.

De quando em vez nas armaduras dos teus guerreiros pendurás uma flor das balsas, singela e pequenina como nma violeta.

Digo te agradecido pelo bem que me fizeste e aos passaros, passei uma manhã deliciosa—eu e a minha companheira.

E por ultimo, quando depois de lido todo o livro, levantei-me para atirar a uma rôla ella, a minha formosa tomou-me pelo braço e riado recitou-me esta quadrinha do teu livro:

Olha essa plumagem linda  
iris formoso e suave:  
não sentes remorso ainda?  
que mal te fez a pobre ave?

E eu não atirei lembrando-me do Caçador.

Voltaaos, ao cair do sol—eu sem um passaro na bolsa, ella sem uma borboleta—porem ambos alegres, cbeios de animo, recitando versos pelo meio das arvores, como dois maniacos, vendo em chusma de ramo para ramo, tribus canoras de passaros voando.

Hoje, o meu desejo unico é voltar ao campo com as *Contemporaneas* e a minha companheira para não matar os passarinhos e gozar e gozar e gozar.

COELHO NETTO

## A JUVENTUDE

A ALUIZIO AZEVEDO

Do amor a vaga sensação primeira,  
Primeiro alvor, diluculo da idade,  
O brando rescender da virgindade,  
Mais brando que o da flor da amendoeira;

O espirito, a belleza e a castidade  
—Rara violeta que invisível oheira;  
A ingenua preco—musica fagueira—  
Tudo que ha na mulher que mais agrade;

Tudo nesta estação se atila e apura;  
A moça sonha e o seu sonbar fulgura  
No olhar de luz e de humidade cheio;

Da tez lhe fulge a transparencia rara,  
E, qual fructo de neve, aponta a clara  
Protuberancia olympica do seio.

RAYMUNDO CORREIA

## FIBRA MORTA

Dous espelhos oppostos que se reflectem e n'elles infilerados em pallida galeria interminavel csmorecendo, fundindo-se na sombra, spectros de melancolia, e effigies de miseria, dolorosas imagens do meu eu doloroso. A sombra é como o passado e como o futuro, alternadamente. Entra os dous o balanço angustioso, em que aneia a as-

piração, em que chora a saudade. Lá no fundo a superposição dos dous mysterios fuz o cerrado nevoeiro negro onde lampejam a espaços clarões incertos que o desejo accende e que errantes sopros de duvida apagam. De mim para os dous temerosos muros de treva é a attenação crescente da ruinha figura humilde. Prolongada nos dous sentidos, não sinto, não seatirei jámais o ponto em que deixo de ser. Sei que ainda no invisível vivo, ligado estreitamente ao grande Tudo. Mas viver sem se sentir limitado, preciso, individual; viver assim preso ao universo não é viver, é reflectir vida. Sentila directa, que sonho!... Também d'este ideal soffro que me tortura como uma iuveja iscominada e sem odio soffro; As tristezas antigas eram das alegrias não minhas. Das excitações alheias só me tocam as depressões consequentes, o espolio lamentoso das miserias que foram glorias e galas. De mais resoa em mim perfeitamente, ua corda de bronze vibrando unisona com os gemidos dos outros *eus* infinitos, a nota gravissima, a nota negra em que hulto e pranto e ais do mais fuudo do coração. E quando a alegria cantae e eu decomponho a alegria, da explosão luminosa ficam-mo aos barros negras...

Era festa ainda ha pouco. Dansavam trinta pares n'esta sala. O alvoroço, o ruído, a embriaguez da musica, a aproximação dos sexos em cio, a alogria physica do amor contagioso, com a plastica das figuras em grupos pittorescos ou isolada., diferentes mais ligadas por uma semelhança obscura, movendo-se a um ritmo só de mim sentido, compunham-me a harmonia rara em que sempre espero em vão o accorde que me prostre no spasmus fulminante. E ainda d'esta vez não veio. Vaguei por entre as dansas, dansei, galantiei e ri, sempre frio, sempre vazio de emoção, como um castrado pschyco. A eternamente esquiva Galathéa nem uma ponta de tunica branca mostrou-me fugindo entre os salgueiros do sonho. Apenas no ar deslocada pela sua esquivança de um vago aroma, de cabellos humidos. Aroma ou lembrança de aroma, o bastante para exhaurir-me no desejo. Logo desfalleci. Um biscuit polychromo que eu guiava ua dança abandonava-se nos meus braços, como umollecida ao ardor da valsa. Metteme nojo, quasi e tive vergonha por elle e por mim. Não dahsei mais. O ajuntamento festivo mudou-se-me em soldão que visões dolorosas mais desabrida tomam. Estudei linhas e manchas, mas não pude escapar á obsessão do futuro pelo passado. Havia moços e velhos, carnações rosadas e pergaminhos seccos, esperanza e ruinas, aspirações que vão encontro das desilluções e renunciações lustimosas, não resignadas, chorando pelas rugas e pela devastação dos órgãos ao descambar da vida. Vi flores pisadas pelo chão, vi nos rostos fatigados, nos grupos rareando e nas velas consumidas o fim da festa e toda a fadiga dos outros que tiveram prazer pesou sobre mim e atirou-me sobre esta cadeira entre dous espelhos. O demonio da ironia gargalhava na cadencia da ultima quadrinha. E nem aquella risada que eu escutava, alta e aguda, dilacerando as vestes da mentira o entrechocando ossos de esqueletos e nem a feição macabra que tomava o baile poudé mover-me. Fiquei pensando a mim-me—Narciso lugubre...

Agora entendo a tristeza. E' a morte. E' a dispersão da individualidade que não posso guardar e que, parcellada ao infinito, foge de mim para estas minhas sombras infinitas. Sou como um corpo em que a fibra muscular já não vibra á excitação dos nervos. A força não trabalva em mim, que não resisto. Anceio como um passaro batendo azas no vacuo. Morro dissolvo-me na inanidade do desejo, incapaz, conscio disso. Quero ser um, unico e só, e no entanto a aspiração moribunda agita-ae convulsa n'aquella pupilla negra, ultima a esquerda, que entre os lavores de crystal contempla-me. Sou eu que sou sombra e miro me. E o meu presente miserriimo chora o passado que foi e o futuro que não será elle. A turva que me esmaga nunca mais se dissipará para mim!

8 de Março.

DOMICIO DA GAMA

## DA «VIA-LACTEA»

Deixa que o olhar do muado emfim devasse  
Teu grande amor que é teu maior segredo /  
Que terias perdido, se mais cedo  
Todo o affecto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo  
Aos homens, affrontando-os face a face;  
Quero que os homens todos, quando eu passe  
Invejosos apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! ando tão cheio  
D'este amor, que min'alma se consome  
De te exaltar aos olhos do Universo..

Ouçõ em tudo teu nome, em tudo o leio:  
E, fatigado de calar teu nome,  
Quasi o revelo no final de um verso.

OLAVO BILAC

## O BANHO

As moças desceram para a cachoeira e os homens ficaram da parte de fóra á sombra das arvores, ao ponto de se aborrecerem e procurando matar o tempo a riscar com os dedos na areia fina do caminho, ou rolar pedras pelo despenhado.

Bertha, mais petulante, mais viva, ia adiante a trincar com os alvos dentes uma folha verde que apanhara na passagem.

Levava nos hombros a toalha de rendas. De todo o seu ser partia uma vibração magnetica tão intensa na irradiação de sua belleza, que todos os olhares convergiam para ella, como se fosse uma cousa luminosa. No meio d'aquelles verdores, a borda do corrente, nessa paisagem selvatica, quasi que se-lhe-viam por entre os cabellos dourados a capella de algas de nayade pagã.

Ligeira, pulou sobre uma saliencia e a braço o conjuncto do quadro com um olhar de gulosa. O grosso volume

d'agne transparente, inteiriço como uma peça de crystal, despenhava-se do cima por uma cavidade da rocha e ruia em baixo em caixões de alvissima escuma. O rochedo coberto de limo o meio escondido entre os hervações, fazia lembrar um grande, mastodonte adormecido e mettido n'agua até o ventre.

Uma deliciosa sombra projectada pela cajazeira envolvia em parte a gruta pittoresca.

Por cima, alem, os passarinhos voavam cantando n'um céu azul, que se encurvava sobre a terra, como a tampa de um cofre de esmoralida em que Deus guardasso as suas melhores joias.

Bertha gostava d'aquelle banho. O aroma humido que inapregnavo a ar fazia-lhe um bem... O ruído aotorno da cascata excitava-a, e a agua limpida e fresca, em contacto com sua pelle, dava-lhe sensações agradabilissima. Rolava-se nella com a sensualidade de lagarto aquecendo-se ao sol.

Começou ligeiramente a desarperatar os colxétes, e as suas exhuberancias, cndendo a elasticidade natural, iam irrompendo d'entre as rendas, como de uma prisão que as constrangia. Desabotoa-la, deixou as roupas cahirem uma a uma, a seus pés, formando um circulo alvissimo, que fazia lembrar aquelle que cingia a vaga natal da deusa.

Depois, em camisa, sahio da sua prisão de neve e inclinando-se tomou as roupas e atirou com ellas para cima do rochedo. Desatou os cabellos, cujas tranças foram a recender desenrolando-se pelos hombros, e sentou-se adoravelmente no lagoado para tirar as botinas, que deitou junto a roupa. A meia fina e elastica desenhara a forma esgria do pequenino pé, que ella affagava com a mão carinhosa. Levantou a camisa até a curva, desatou a fita que lhe servia de liga e foi tirando devagarinho a meia, que deixava abastado o louro pellico da perna. Junto ao joelho a liga posera uma cinta vernella, que Bertha comprimia com a pontinha do dedo rosado, entretendo-se em ver fugir e voltar a onda sanguinea. O péshino parecia uma joia de nacar, e Bertha sorria ás feições miudinhas de seus dedos corados que ella destendia para desentorpecer.

Levantou-se. Uma bella estatua em camisa. Pelos boraquinbos da renda, via-se-lhe a pelle rosada e fresca, seus dois peitos rijos brancos impillião o tão rendado da camisa, desafogo de creação proza. Os braços roliços e carnudos erguiam-se para accomodar os cabellos.

As outras moças já se haviam lançado ao corrente, e, accesas pela excitação do banho, precipitavam-se n'uma vozeria alegre para a queda d'agua.

A formosa rapariga avisiuhou-se da borda. Retrahiu-se pudicamente e tirou a camisa; e o sol como uma panthera traiçoeira, atirou-se de subito sobre ella e fel-l resplandecer como uma estatua de prata.

A visão duron um instante. A moça desapareceu nas aguas e os seus compridos cabellos derivaram pela corrente como veia d'ouro em fusão.

(Continúa.)

L'HORRE

## QUESTÃO DE ESTHETICA

Eu assistia á eterna discussão  
de uns quo querem a Forma e outros á Ideia,  
mas a minh'alma, inteiramente alheia  
scismava n'uma intima viação.

Sciavam em ti... Pensava na expressão  
do teu languido olhar que em nós ateia  
um rasto de volúpia e em cada veia  
côa as lavaas ardentes da psixão.

Pensava no teu corpo, maravilha  
como igual certamente outra não hrilha,  
e lembrei — argumento capital —

que não tens animando-te o portento  
da impericivel Fôrma triumphal  
nem um nobre e sublime Pensamento!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

## QUESTÕES DE ESTYLO

Exordio. Aphorismo de Buffon. Espirito moderno e espirito antigo. Selecção natural. Pessimismo é optimismo. Em que consiste a superioridade do espirito moderno. Estylo moderno.

(Conclusão)

Assim como a methodica, a estylistica offerece dois problemas: o do estylo em geral e o do estylo particular ou individual.

Um é a faculdade racional de exprimir em gloho toda a ideação actual em sua mais complicada engrenagem; o outro é a expressão do pensamento segundo o temperamento e seguudo os processos de systematisação de um autor.

No primeiro caso o estylo é um prisma de faces multiplas que tem a capacidade de reflectir todas as cahiantes do espectro mental; machina engenhosa que pôde photographiar todas as idéas revoadss da mais possante civiliação.

E' assim que elle confina com o grau maximo da ideologia do seculo, seu limite extremo, e é tanto mais complexo o tsnto mais intenso quanto mais complexa e quanto mais intensa é essa ideologia.

Sabe-se que cada seculo tem o seu estylo.

O estylo do seculo XIX, por exemplo, é tão hem aparelhado e tão completo que traduz folgadoamente todas as revoluções mentaes que dia a dia se vão consummando e das quaes eu já dei acima um pallido transumpto.

E como todo esse trahalho colossal de expressão se dilue na fôrms litteraria, segue-se que é em litteratura que pôde-se estudar maravilhosamente o estylo.

Entro assim ns segunda phase da questão, o estylo individual.

Ha aqui a conaiderar doia elementos preponderantes: a noção que se tenha da arte e a influencia do temperamento.

Qual é a comprehensão racional da arte moderna?

Arte é a concentração da natureza om um temperamento.

E de que modo é que se manifesta o seu regimen?

Pelo naturalismo, já o disse.

Assim, pode-se affirmar que estamos na epocha positiva da arte—o realismo.

O classicismo petrificou-se: petrificado está o *Fatum* litterario. O romantismo expirou como um corselestaffado: levou a breca o empirismo synthetico e pessoal. O naturalismo, porem, amancebu no oriente da arte moderna espandando turhilhões de luz: gigante ousado que vai escalar o céu fulgente da Natureza e da Humnidade.

Hoje em dia a arte é uma succursal da sciencia e nella como na primeira só ha dois elementos: o elemento natural e o elemento humano.

Todas as concepções e todas as modernas creações artisticas têm de festsamente subordinar-se a essa noção capital.

Como fundamento e como principio suggestivo da arte está proscripto o aereo, o phantastico, o chaotico e o sohrenatural.

Assim, o estylo deve absolutamente reflectir essa nova e decisiva orientação mental e scr antes de tudo e acima de tudo—natural e humano.

O artista de hoje deve dispor de sciencia para analysar, para observar, e de arte psra synthetisar para compor. O duplo processo de analyse e de synthese constitue tão fundamentalmente o methodo artistico como o methodo scientifico.

Por eesa rszão não se pode affirmar peremptoriamente que o estylo contemporaneo seja só analytico. Não: elle é analytico e synthetico.

Já se vê que desse ponto de vista evidentemente pôde-se adduzir um correctivo ou uma restricção ao aphorismo de Buffon: O estylo é o homem, mas na inconsciencia da arte, e não premeditadamente. Quer isso dizer: a posteriori e não a priori.

E' verdade que a nova escola ainda não está inteiramente crystalliada na consciencia univereal. O classicismo e o romantismo esvaram sulcos profun-

dos na cera do espirito humano, de maneira que aos olhos cerrados dos cegos systematicos ainda o realismo hraceja nas vascas do ser e do não ser. Seria, porem, irrisorio retorquir que o triumpho seri em toda a linha e que então o estylo cada vez mais irá so açacalando como aparelho, que é, da expressão.

Alem de humano e de natural o estylo contemporaneo deve ser complexo para condensar o maximo possivel de ideação; simples para não trsusviar o fio do pensamento culminante; intenso para pulverisar os attritos da expressão; vibrante para couflagrar os habitos de apathia e para desemhotar o appetite gusto do paladar do homem moderno; crasico para atingir rectiligneamente o fini collimado e suggestivo para alliciar o temperamento litterario affim. Mas tudo isso na esphera dos principios immutaveis da razão logica, e não arbitrariamente.

Sendo assim, condemnadas estão a morrer de inauição a rhetorica esteril e a declamação banal.

O estylo moderno, o estylo naturalista, é sohrio e não indigesta.

Um instrumento, um aparelho de transmissão, e uão um tramholho.

Por isso elle deve ser nas mãos do escriptor o que é o diamante nas mãos do lapidario.

Vou concluir.

O corpo espherico é o mais completo que existe por ser precisamente o que cota maior numero de elementos no menor espaço.

Pois hem, toda a minha insinuação ae resume neste preceito:

Ecounomicamente o estylo deve ser como a esphera.

E fazendo a consequente applicação, desse preceito pôde-se estabelecer para o estylo contemporaneo e naturalista esta fórmula de suprema economia:

O mais possivel no menos possivel.

CANDIDO JUCA

## TUA VOZ

A OLGA SUCKOW

Tua voz, vae-me coração afôra  
Qual magico pincel — e docemente  
As terras fibras todas lhe colora  
Das rosas de um amor puro e innocente.

Amo ouvir tua voz meiga e sonora  
A vibrar, a vibrar languidamente.  
E' como o canto de ave, quando a aurora  
Rorida e fresca, proxima presente.

Ells thesouros de ternura encerra,  
Ella harmonias do um dulcor infindo  
Esparge no ambiente e pela terra!

Fala-me ainda, assim... terna e tranquilla,  
Que emquanto vou a tua voz ouvindo  
Eu tudo esqueço por somente ouvil-a!

VERA DE SUCOKW

## A TRAVESSIA

A JOSÉ BORTEUX

Corriamos a todo pauno.  
Um sopro rijo do norte, que encrepava a toalha immensa das aguas, enchia as velas e deixava n harco na linha espumosa e marulhante do rumo.  
A tarde estava limpida, transparente, encharcada em aol.

Enchia-nos os pulmões, em amplas aspirações, revoltando os noasos ca-

helloa, a [froscura picante da corrida.

Em frente, contornações doces e recortadaas de montanhas, esfuminhadaa pela poeira azul da distancia, faziam relévos nitidos, levantados, na rubente explosão do occaso.

Espra traz, ao longe, recuando de nós, n'um afastamento saudoso e confuso, via-se esvaecer a brancura recolhida do-frontão da igrejainha da aldeia, que ficava n'um morro, fazendo-me surgir na imaginação de emigrado, o viver illuminado e cantante de outr'ora.

E que nostalgia funda e desconsoladora de minha Mãe, dos meus que ficavam, e da Rita, uma hõa companheira do *Tempo será*, e da aposta a capote, quando rapavamos a mandioca pelas longas e troviscosas noites do inverno, nos engenhos cohortos de palha, mal alumienhos pelas antigas candeias de quatro hicos, no tempo das farinhadas!

Que nostalgia, ó mar!

VIRGILIO VARZEA.

Desterro.

## DEPOIS DE PARTIR

Vim e deixei-te o coração que, embora Martyrisado sempre, é teu escravo;  
Vim sem trazer ao menos um aggravo  
Dos teus impios caprichos de senhora.

Vim, e com risos dissimulado o travo  
De acres venenosos que sorvi outr'ora;  
Indifferente ao mal que me devora  
A setta que me fêre eu mesmo cravo...

Trouxe comigo o eterno morihundo,  
— Tantaló que agonisa, sitiundo,  
Alimentando a sédo que o tortura:

Trouxe comigo o meu amor profundo,  
— Coveiro que, com prantos de amargura  
Ha de fechar-me a triste sepultura.

PEDREIRA FRANCO

S. João d'El-Rey, 87.

## LA TERRE

DE

E. ZOLA

Tenho ainda diante *La Terre*, esse extraordinario romance de Zola, tão atacado e combatido pela imprensa franceza e até por aquelles que haviam sido discipuloa confesosos daquelle talento extraordinario. Foram esses os proprios que ousaram accusar o mestre de venalidade, insinuando que o maior romancista da França moderna deixara-se arrastar pelos calculos mais vergouhosos na composição do seu livro colossal.

*La Terre* está lida. E' um livro monstruoso e disforme, novo é, sem questão, um livro sincero. Pôde-se combater n gosto litterario de Zola, a verdade das suas scenas, a Ingica das suaa deducções, mas injuato

está de certo negar a sus boa fé. O livro que excitou tantas coleras, que revoltou uma litteratura, é a produção de um novrotico, de um organismo desequilibrado, afflicto, onde a pupila, como um luneta de augmento, deforma e exagera todos os objectos e todos os factos que observa.

Muitas vezes se tem dito que atraz do romancista Zola vive um poeta extraordinario. Como poeta elle contemplou as minas e o mundo dos mineiros, como poeta elle exagerou o soffrer duro e infernal de Claude, como poeta elle encorou a terra. A differença está em que a sua poesia é de uma natureza particular, em vez de illuminar e embelesar os objectos augmenta-os e deforma-os. Dahi o relevo extraordinario do algumas figuras, o que de monstruoso e a falsidade das proporções.

No *Germinal* o poço da mina cresce de pagina em pagina, toma proporções prodigiosas e infernaes. No fim do livro esse poço vulgar apparece como uma gurganta viva, perversa, que devora, para matar a fome insaciavel, innumeradas gerações de mineiros. Na *Terre* encontram-se os mesmos symbolos. Já oão é um poço mas a propria terra que devora seus filhos. Ella mata-os e elles adoram-na. E' a um tempo mãe e senhora cruel.

Entre os camponces o amor pela terra atrophica todos os outros sentimentos e é maior que o dever. Desde que se trata de augmentar o patrimonio, ganhar um palmo de terra, não ha mais familia, ternura nem reconhecimento. O camponez é capaz de matar de fome o pai ou a mãe para herdar mais depressa. E' a luta sem treguas, entre todos, parentes e irmãos, luta em que vence o mais forte, que triumpho e enriquece.

E' este, ao que parece, o pensamento fundamental do livro. De um lado a terra serena, impassivel, risonha, docemente adormecida na sua calma magestade, e sobre ella as gerações que se destroem no desejo ardente de possuil-a. Ella assiste a todas essas lutas com o seu olhar placido e frio e recolhe em seu seio immenso todos os lutadores. Vencedores e vencidos vêm deitar-se ahí. Dormem juntos na paz serena do ultimo sono, emquanto fermentam os germens das novas lutas. E a vida segue o seu curso... E' a poesia e a philosophia da obra.

No desenvolvimento desta these grandiosa o illustre romancista foi de um exagero, de uma obdenidade extraordinarias. Todo esse excesso cansa. Ao fim do livro o leitor sente-se mal, incommodado, excitado, e isso é a prova evidente de que o livro não é verdadeiro.

O Sr. Zola pôde ser tudo, menos um naturalista puro como elle quer ser. Nenhum livro seu tem a verdade, a naturalidade serena e simples de Flaubert em *Madame de Bovary*. Para nós Zola é talento tão colossal como o de Victor Hugo e tem um temperamento identico. E elle sentiu bem que Victor Hugo era um obstaculo no seu caminho, um sombra para a sua obra; e combateu-o.

Com uma orientação diversa e um programma outro, estudando os autores antigos e refundindo-os nos seus moldes, elle procura o extraordinario, o colossal, o grandioso, hade tocar fatalmente a gloria do exilado de Jersey.

Terminando este ultimo livro de Zola sente-se necessidade de ar puro e atmosfera nova. E como uma medida hygienica pôde-se ler *La Mare au Diable* ou *François le Champi*. Sem duvida que os camponces de George Sand são mais ingenuos e puros do que o exige a verdade. Mas os heroes de Zola, que apodrecem na abjecção, serão accaso mais verdadeiros? Afastam-se da verdade, tanto uns como outros, mas em sentido opposto.

EMANUEL KARNERO.

Continúa.

## FRAGMENTO

No dia immenso de seu natalicio  
Arranjei o que ha de mais factó  
No meu ditoso officio  
E mandei-lhe um sonoto.

A mãe que o viu, fallou-lhe c'o interesse,  
A ella, o meu ditoso anje querido:  
— Antes elle te desse  
Um côrte de vestido.

RICARDO BARBOZA

## POETAS MINEIROS

V

MELLO FRANCO

A cidade do Paracatú, povoada em 1744, está collocada quasi ao norte da provincia de Minas-Geraes. O lugar em que hoje se assenta a povoação, foi descoberto pelo guarda-mor José Rodrigues Froes, que ali encontrara riquissimas minas de ouro.

Logo que se espalhou a noticia do descobrimento, para lá affluiram muitos mineiros á cata da riqueza. Em o numero destes conta-se uma familia pobre que emigrara de Sabará e á qual pertencia Francisco de Mello Franco. Até hoje encontram-se nesta familia homens muito intelligentes, e todos nascidos em Paracatú, que, com ser central, é um lugar adiantadissimo em materia de instrucção. Entre muitos citamos os seguintes:

1º Dr. Manoel de Mello Franco, que tomou parte activa na revolução de 1842 em Minas;

2º Dr. Bernardo de Mello Franco, que foi politico afamado, distincto medico, e um dos proprietarios do celebre diamante *Estrella do Sul*;

3º Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, juiz de direito de Barbacena;

4º Dr. José de Mello Franco, medico em Paracatú;

5º Dr. Christiano de Mello Franco, advogado na mesma cidade;

6º Julio Cesar de Mello Franco professor na escola normal do mesmo lugar e ex-redactor do *Luxeiro*;

7º Clirindo de Mello Franco, tambem professor daquella escola e poeta de bastante merito.

R. G. D., (iniciaes do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, medico em Campinas) refere-se a um filho de Francisco de Mello Franco, (de maneira honrosa para sua familia. Eis aqui as suas palavras, tratando das antigualhas da cidade de Campinas:

« O primeiro doutor em medicina que habitou Campinas, estabeleceu se aqui no periodo a que se refere a nossa chronica, (1812) e foi este o Dr. Mello Franco, homem formado em Gatington, casado com uma senhora haneveriaua, nobre, de cujo consorcio teve varios filhos. Era este medico filho de outro do mesmo nome que foi medico do paço e auctor de um livro sobre bygiene.» (1)

Nasceu Francisco de Mello Franco em Paracatú a 7 de Setembro de 1757. Fez seus estudos preparatorios no seminario de S. Joaquim, no Rio de Janeiro, matriculando-se depois nas aulas de medicina e philosophia da Universidade de Coimbra. Vendo publicado um poema satyrico, o *Reino da Estupidex*, o tribunal do Santo Officio, vendo nelle seus laivos de heresia, condemnou o auctor a quatro annos de prisão. Cumprida a sentença voltou o joven mineiro de novo aos seus estudos, conseguindo receber o grau de doutor em medicina. Antonio Ribeiro dos Santos e o abbade José Corrêa da Serra o apresentaram na Academia Real de Scienciss, de Lisboa, a que ficou pertencendo como socio effe-tivo.

Mello Franco escreveu o *Tratado de educação physica*, um livro sobre bygiene, um ensaio sobre systema muscular, o relatorio da academia em 1816, um ensaio sobre as febres intermitentes no Rio de Janeiro, o poema citado e o cantico intitulado *Noites sem somno*. Falleceu a 22 de Julho de 1823 em Ubatubó, quando de Santos dirigia-se a Côrte.

Na opinião de Pereira da Silva não é o *Reino da Estupidex* que constitue a gloria poetica de Mello Franco. Julio Ribeiro, o eminente e competentissimo litterato, falando daquelle poema qualifica bem os seus versos dicacissimos. (2) Abaixo offerecemos ao leitor um trecho dessa magnifica satyra, pelo qual poderá ser a mesma avaliada. O poeta dirige-se á Universidade de Coimbra, nestes termos:

« Muito illustres e sabios academicos;  
Per direito divino, e per humano,  
Creio que deve ser restituída  
A' grande estupidez a dignidade  
Que nesta academia gozou sempre.

Ponderae sem paixão, pera que serve;  
As pestenas queimer sobre os entores,  
A estimavel saude arruinando?  
Pra levar este tempo em bom socego,  
Divertir, e passar alegremente,  
Acaso precisas de mais sciencia?  
Se os dias desta breve e curta vida  
Tivessemos co'os livro perturbado,  
Houveramos acaso mais prehendias,  
Mais dinheiro, mais honra, mais estima?  
De que podem servir estes estudos,  
Que mais de mode se cultivem hoje?  
A barbara Geometria tão gabada,  
Que mil proposições todas hereticas  
Aqui fez ensinar publicamente?  
Diga-o a Inquisição, e mais não digo.

(1) Almanach Litterario de S. Paulo, 1880, pag. 39.

(2) Julio Ribeiro, *Cartas Sertanejas* 1885, pag. 87.

Histories-octuraes, Phoroomias,  
Chimicas, Anatomias e outros nomes,  
Difficéis de refer, são as sciencias  
Que virão trazer os Estrangeiros  
Ha coisa mais cruel, mais deshumana,  
Mais cootraría á razão, que ver os medícos  
Um cadever humano espatifado,  
Um corpo, que habitou o Espirito-Sante?

Quem pôde sem desprezo ver um Lente,  
De innumeros estudaotes rodeado,  
Pelos campos vegar, alli colhen'o  
Uma hervinha, uma flor, um gafanhoto?  
Acolá co'um fuzil ferindo as pedras?  
Deixemos, pois, um dis, ó sehia gente!  
Estes prestigios que nos têm cegado;  
Ponhamos, como d'antes, estas coisas  
Em seu antigo ear: como hons filhos  
Recebámos a nossa Protectora,  
O que foi sempre seu em paz governa.» (3)

« Pona foi que tão pouco produzisse  
um engenho poetico que dotára a  
natureza com dotes tão selectos e primorosos », diz o illustrado senador Pereira da Silva, em sua magnifica obra *Os Varões Illustres do Brazil*, no capitulo em que trata da individualidade litteraria, justamente celebre, do Dr. Francisco de Mello Franco.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

(3) Mello Franco, *Reino da Estupidex*, canto III.

## TRATOS A BOLA

A's ordens dos Srs. amadores de mystiforios estamos, que nem para outra cousa nascemos. Nosso forte é charada; nosso fraco charada é.

Neste canto o-seuro vegetamos dispostos a esclarecer a propria claridade, se tal se fizer mystier. E porque não fazemos máu conceito das charadas deitamos-nos a elles.

Os senhores charadistas, sempre que queiram dar que fazer á moleira, não tem mais do que chamar-nos. Sempre promptos, não nos negaremos já mais a chamados, ainda mesmo que por escripto venham.

Da nossa força intellectual avaliem os que estiverem na altura de eniender o nosso estylo arrepiado.

E feita tão ligeiro, quanto conciso programma, entremos no labyrintho das locubrações.

Estas charadas não tem por premio senão o nosso sorriso meigo e a consolação de quem mordel-ss. Mas já é sufficiente, cremos.

O sorriso já o arvoramos; virá mais tarde a consolação.

INVERTIDA

A's direitas peixe vemos,  
D'agua doce, e sem canceira;  
A's avessas, com cedilha,  
Boa fructa brasileira.

TELEGRAPHICAS

Sogra é vasilha?

Vime tem receio?

NOVISSIMAS

4-1- A mestra de musica occupa um cargo honroso!

2-2- E' uso o homem ser d'antiguidade.

1-1- A interjeição do soldado está cercada d'agua.

## LOGOGRIFHO

Das invenções grandiosas  
Alistei-me nas fleiras.  
Sou famosa entre as famosas,  
Sou primeira entre as primeiras. 4, 1, 2, 8

Consolo a todos. O crento  
Nos lábios sempre me traz.  
No templo, devotamente,  
Grande uso de mim faz. 4, 5, 7, 8.

Se grande eu, se me elevo,  
Se nas terras cultas cresço,  
Muitas vozes tambem desço  
E comigo muitos levo. 4, 8, 2, 8, 8.

Ms isto só entre o povo  
Inculto, mais atraçado,  
E não no civilisado  
Que cogita estado novo. 3, 5, 6, 7, 8

Das invenções grandiosas  
Alistei-me nas fleiras...  
Sou primeira entre as primeiras  
Sou famosa entre as famosas.

Só. Os Srs. cbaradistas, se por um  
milagre conseguirem matar qualquer  
destas charadas (o que duvidamos)  
podem mandar as decifrações até terça  
feira de manhã

Ao primeiro se brindará com um  
volume de poesias.

MYLLIYS.

## A uma folha rota

O' que tristeza immensa eu não sinto.  
A olhar para ti, folha sem cor...  
Pareces um cadaver n'um sudario  
Triste, exaague, e sepulto em louca dor...

Diz a folha... quem foi que lacerou-te  
Diz... diz... quem impiedoso te ferio...  
Sobre ti, escrevera um verso casto  
Ditado no sentir que o traduzio...

Diz, folha... d'onde foi que te arrancaram  
Num odio, tão atroz, sem compaixão!...  
A folha tristemente me responde:  
—Rasgaram-me assim... do coração!...

IGNEZ SABINO PINHO MAIA

## THEATROS E DIVERSÕES

## SANT'ANNA

A opereta phantastica *Ramo d'Ouro* da  
peça de Dumanoir e de Ennery, vertida  
pelo Sr. E. Garrido da *La Chate mer-  
veilleuse*, adoptada ao nosso theatro pelo  
illustre comediographo Dr. Moreira  
Sampaio e musica do distincto maestro  
Miguel Cardozo; foi representada no  
theatro Sant'Anna, em *premiers*, na ter-  
ça-feira ultima, com grande concurre-  
ncia.

Commun em todas as magicas, no  
*Ramo d'Ouro*, ha duas forças que se ba-  
tem com poderes superiores *A Fada  
Azul e genio vermelho*, e que entretanto  
não constituem o centro comico da peça  
extranha natureza ao genero que não  
é só o seu deficit.

Duma cousa estamos convencidos:  
luta enorme, luta interminavel ha entre o  
libreto de qualquer genero de trabalho

comico e a partitura: uma cousa nec-  
cessariamente se sacrificará a outra. A  
acção de um facto do libreto exige que  
a musica alli, rigorosamente se acomi-  
modo e guarde, toda a sua construcção,  
e vice-versa, a musica. Desta exigencia  
resulta perder a partitura, no mo-  
mento, a oportunidade, a phrase breve  
ou longa, ao lance estreito, ou vigoroso  
do verso ou da prosa. Isto é um facto  
pratico em todos os libretos de operas,  
—a *Africana* por exemplo.— e em todas  
as operetas. e hom acentuado, no *Ramo  
d'Ouro*

E porque assim pensamos o que de  
pouca expressão em algum periodo se  
recente na musica do *Ramo d'Ouro*, a  
esta circumstancia atiramos a respon-  
sabilidade da falha.

Sem duvida alguma o Sr. Miguel Car-  
dozo é um compositor talentoso, va-  
lente e criador. A sua partitura do  
*Ramo d'Ouro*, si não é um trabalho com-  
pleto e original, é em todo caso uma  
excellente prova de seu grande saher  
musical. Ha tantas bellezas em sua  
composição, que, o que de fraco, des-  
apparece. Melodiosa, leve, as vezes um  
sentimento profundo e doce vihra com  
muito vigor. A canção do 3º acto que  
a Massart canta, invocando a fada azul,  
é uma cousa extraordinaria, e que, ao  
mesmo tempo, que a Massart o vae  
lendo na musica, sente a gente uns es-  
tremecimentos mornos, fortes e estran-  
hos.

E' o que podemos dizer da composi-  
ção do Sr. Miguel Cardozo.

A opereta está montada com muito  
luxo, com este rigor, que só o Heller o  
sabe fazer.

A peça está bem ensaiada, e o Vas-  
ques, o commendador Vasques tem o  
melhor quinhão da peça, e em que fica  
inimitavel.

Hoje vae o *Ramo d'Ouro* em 5ª repre-  
sentação.

Na segunda-feira, 12, a empresa do  
theatro Sant'Anna, dará um especta-  
culo em proveito do illustre maestro  
Dr. Ahdon Milanez, levando a scena a  
opereta—*Dama de Espadas*, de cuja par-  
titura excellente é o distincto composi-  
tor o seu autor.

Desejamos-lhe boa casa.

## LUCINDA

Continúa a companhia hespanhola de  
zarzuelas a levar enchente ao theatro  
Lucinda, e a fazer as delicias do pu-  
blico, extramo amator d'esse genero de  
trabalho.

## RECREIO DRAMATICO

Fez uma viagem a Nictheroy, com a  
*A Grande Avenida*, e deu alli dois es-  
plendidos espectaculos a companhia do  
Recreio.

No dia 19 faz um grande concerto no  
theatro Recreio o digno violoncellista  
Frederico Nascimento, merecedor sem  
duvida do apoio publico.

## FACTOS E NOTICIAS

Para Curitiba seguiu o nosso hom  
amigo José Raposo, que durante al-  
gum tempo collaborou connosco nesta  
folha.

Boa viagem. e seja feliz em seus ne-  
gocios.

Na matriz de Nictheroy, encetou uma  
serie de conferencias religiosas o illus-  
tre Padre Bellarmino José de Souza.  
A manhã fará a sua 4ª conferencia dis-  
sertando sobre materia religiosa, e de  
sua provada capacidade deve-se espe-  
rar completo desempenho. O Padre  
Bellarmino de Souza é um homem de  
muito talento, jornalista distincto e  
perfeito orador da trihuua sagrada.

O illustrado Sr. Dr. Alexandro Sto-  
ckler seguiu a dias para a provincia  
de Minas onde foi visitar a sua digna  
familia, e donde voltará brevemente.  
Boa viagem.

## RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Reuniu-se ante-hontem em sessão lit-  
teraria esta antiga sociedade.

Do Sr. Bento José Caetano Barbosa  
receberam-se 5 obras em 7 volumes.  
Archivaram-se diversos jornaes e igual-  
mente a revista do instituto do Ceará.  
Na 2ª parte dos trabalhos fez o Sr.  
Caetano de Castro uma conferencia,  
tomando por assumpto — a civilidade.

O Sr. Leite Guimarães fez o elogio  
historico do glorioso reinado de D. Ma-  
noel em Portugal, censurando sómente  
que nesse tempo Portugal um homem  
que muito brilho lhe podia dar; esse  
homem foi o pae do celebre philosopho  
Spinosa.

O Sr. João da Fonseca Nogueira reci-  
tou com muito sentimento a linda poe-  
sia de Guerra Junqueiro — *A caridade e  
a justiça*.

Fez o Sr. Claudino Netto a descripção  
do satellite da lua.

Na 3ª parte disetiu-se o thema: — *O  
papado na actualidade é util ou prejudicial  
aos povos?*

Orou o Sr. Leite Guimarães, consi-  
derando ser aquella instituição preju-  
dicial.

Levantou-se a sessão ás 10 horas.

## Diversas Publicações

*Grande Concurso Internacional de Bru-  
xellas de 1888.* — Exhibição. — Os Pa-  
huenses. — A Commissão Executiva do  
Grande Concurso de 1888, acaba de  
fazer uma concessão de 1800 metros de  
terreno, para uma Exhibição interes-  
sante que, por certo, ha de attrahir um  
grande numero de visitantes. Trata-se  
d'uma trihu de Pahuenses indigenas  
que habitão as florestas virgens da  
Africa Central. Esses filhos da grande  
terra equatorial, tão estranha como  
mysteriosa, (ohterão por certo um  
sucesso de curiosidade e offerecerão  
um curioso assumpto de estudos para  
os ethnologietas. A respeito do pitto-  
resco pode-se apreciar quanto seme-  
lhante exhibição deve possuir de ori-  
ginalidade e attractivo. As narrações o  
descripções dos viajantes que explo-  
raram o Gabão serião o melhor dos  
reclamos. Deve-se acreditar tambem  
que os ditos Pahuenses interessam o  
publico em geral visto que um lugar  
espaçoso lhee foi igualmente reservado  
na Exposição franceza de 1889.

Os Srs. Laemmert & C. acabão de  
editar a importante obra de Jonathan

Swft. *As Viagens de Gulliver a Terras des-  
conhecidas* vertida para o portuguez  
pelo professor Carlos Janson.

O livro é feito em edição de luxo,  
ornado com nove chromos bellissimos,  
nitidamente impresso e profaciado pelo  
eminente escriptor, conselheiro Ruy  
Barhoza, cujo nome, alli na obra, é  
uma garantia de seu merecimento.

Recommendamos ao publico livro  
tão bello e tão util, e ficamos agrade-  
cidos pelo brinde que fez-nos de  
um volume.

Do illustre professor da escola de  
Medicina da Córte, o Sr. Dr. Campos da  
Paz, recchemos um folheto de 80 pa-  
ginas, com este titulo. *Vinhos artificiaes*.  
E' uma representação dirigida as As-  
sembleas provinciaes, solicitando dellas  
medidas valentes e repressivas á fabri-  
cação de vinhos artificiaes e uma con-  
demnação ao... acido salycilico de sodp.

Recommendamos tão boa leitura não  
ás Assembleas, que pouco caso fazem  
da hygiene publica, mas aos Srs. Fritz  
Mack, mais interessaes no facto.

Bibliographia Brazileiro, é o titulo  
de uma revista mensal que começou a  
ser publicada nesta Córte, e de seu 1.º  
temos um exemplar. E' um trabalho  
util que merece hom acolhimento.

O illustre professor de tachigraphia,  
o Sr. Sebastião Mestrinho nos fez o  
brinde de um questionario da arte que,  
com zelo, e talento exercio. Agradccidos.

O distincto compositor Costa Junior,  
maestro de muito talento, e muito  
operoso, mandou-nos duae composições  
suas, ultimamente publicadas *L'Ave-  
nir e Ave Maria*, são os titulos das excel-  
lentes, peças que vão fazer as deli-  
cias dos amadores, e mais firmam-  
em o merecimento artistico do nosso  
Costa Junior.

Agradccidos, e não se esqueça o  
amigo de brindee assim, para o futuro.

Do Recife nos foi indereçado o unico  
numero de um jornal, com esta sigela  
denominação *Rabo escondido com o gato  
de fora*. E' um jornal de *arromba*, tra-  
lhado com muito espirito, e com uma  
verve fina, e *sorrídifera*. Pelo numero  
de um tão endiabrado jornal podemos  
julgar do carnaval do Recife.

Ahi vae uma das suas novidades.

Nem tudo Que-luz é... do Minas...

— Sim, porque tambem ha Queluz  
em S. Paulo.

Sensação!...

O *Diario Mercantil*, de S. Paulo, au-  
gmentou de formato, para melhor cor-  
responder a consideração publica de  
que é merecedor. O *Diario* é um dos  
melhores jornaes que conhecemos, mais  
caprichosamente feito, e no seu genero  
litterario é o mais interessante.

Ao nosso illustre collega nossoes  
parahens.

Da casa edictora Campos & C. rece-  
bemos o fasciculo n. 9 do romance de  
Camillo Castello Branco. *A Queda de  
um Anjo*.

O *Garatujó* é o título de um jornal illustrado que appareceu em Rezende, sob a direcção do Sr. Macodo Carvalho. O seu 1º numero que temos sobre a banca, já é uma lisongoira garantia de que possa vir a ser o *Garatujó*, que mais se recommenda ainda pelo texto. Agradecemos a visita do collega.

Vierão-nos esplendidos os dois numeros, deste anno, da *Illustração*, importante revista de Mariano Pina. Primorosas em tudo.

Depois da demora, um tanto para estranhar tivemos o prazer da visita do illustre collega, o *Mequetrefe*; mas como viesse bom, sadio e jovial, está perdoado. Venha-nos sempre.

Na Parahyba do Sul encetou publicação um novo jornal *Nono Distrito*. Feliz bom feliz mesmo seja o collega.

Temos recebido mais. *L'Étoil du Sud*, o n. 133.

*Correire d'Italia* n. 68.

O fasciculo n. 25 das *Farpas* de Raulinho Ortigão, e novamente editadas pela casa Davi Corazzi.

Resumo da Historia do Brazil, para uso das escolas primarias pelo professor Antonio Vieira da Rocha.

*Revista de Engenharia* n. 180.

*Notas á margem*, de Valentin Magalhães, chronica quinzenal n. 6 anno 1º. Muito interessante este numero das *Notas*, e escriptos com muito talento, e muita verve.

Do Instituto historico do Ceará recebemos o 1º tomo de sua importante revista. Aquelles que tomão serio interesse pela historia patria muito acharão dotranscendente na importante revista, em que collaborão os talentos, mais notaveis do Ceará e mais ricos de saber.

Agradecidos pelo brinde que nos fez o Instituto.

O Padre *Francisco Pinto*, ou A Primeira Catecheze de indios, no Ceará, é o título de um panfleto que recebemos do seu illustre auctor, o Sr. Dr. Paulino Nogueira Borgee da Fonseca.

Muito bom o *Jornal dos Economistas*. O n. 4 que temos a mão, traz este Sumario:

A Provincia de S. Paulo. Praça do mercado. As falsificações estrangeiras. As Associações Industriales. Aos collegas da Imprensa. A agricultura e o livre cambio. Bibliographia. Administração da marinha. Indicações e annuncios.

Uma distincta agrimação de moços da escola militar da Corto redige uma revista denominada *Familia Academica*, de que temos agora o n. 5 do 1º anno. Todas as questões escolhidas para este numero, são tratadas com muito talento e muito senso critico.

Seja-lhe prospero o caminho encetado brilhantemente.

Ficou assim composta a Directoria do Congresso Brasileiro.

Presidente, Domingos Lyra; Vice Presidente, capitão José Ferreira Ramos; 1º Secretario, Delfim Horta; 2º Secretario, Arthur Guimarães; Thezourciro, Barboza Castro; Procurador Rodrigues Elvas; Bibliothecario, Manoel Pillar.

Uma *cousinha* bijout foi o jornal que distribuiu no domingo ultimo, o Club dos Fenianos. Vejam os leitores este specimen.

O padre sempre pintaste,  
Sempre piada tiveste,  
Do *Ripetto* fallaste,  
De *Dom Salustiu* disseste

Cousas boas, engraçadas,  
Cousas do arco da velha!  
Marcaste as telhas quebradas  
Nos telhados do *Zé Telha*...

SCHOCKINN.

*The Rio News*. Esta importante revista distribuiu o seu n. 6, e 7 Vol. XV. Como de costume veio prodiga de dados estaticos commerciaes, e boas notas de cambio.

Recebemos o n. 2 da *Revista do Observatorio* trazendo o seguinte Sumario: Notas sobre meteoritos Brasileiros. Eclipse total da Lua a 28 de Janeiro. Pesquisas sobre a repartição da temperatura e da pressão atmospherica na superficie do globo. O «*Meteorologische Istitulo*» em Upsala e o modo de medir as nuvens. Dez annos de progresso da astronomia (1876-1886.) Revista das publicações. Aspecto do céu para o mez de Março. Noticias varias. Revista climatologica do mez de Janeiro. Diario meteorologico feito no Imperial Observatorio no mez de Janeiro. Resumo das observações meteorologicas feitas no mez de Janeiro em Santa-Cruz.

Está muito interessante este numero da Revista.

*These* do Sr. Dr. Miguel Pereira da Motta, sobre a *syphtilis hereditaria tardia*.

O seu auctor foi approvedo plenamente.

*Harpa das selvas*, livrinho de versos do Sr. Francisco Lins, cahido dos prelos de Juiz de Fóra.

O Sr. Lins começa agora, e, por isso, são desculpaveis os defeitos que exhibe.

Trabalho, persevere, e muito poderá fazer.

A *Harpa* é prefaciada pelo Sr. Dr. Valentin Magalhães.

Veio disopillante o ultimo numero da *Revista Illustrada*.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentin Magalhães é eucontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

# DERBY-CLUB

## GRANDE PREMIO

### INITIUM

A REALIZAR-SE NO DIA 27 DE MAIO DE 1888

| NS. | NOMES            | PELLO           | FILIAÇÃO                           | PROPRIETARIO          |
|-----|------------------|-----------------|------------------------------------|-----------------------|
| 1   | Primadona.....   | Alazão.....     | Ernest e Pelluda.....              | A. Pinheiro.          |
| 2   | Tenorino.....    | Idem.....       | Idem.....                          | Idem idem.            |
| 3   | Zig.....         | Idem.....       | Douro e Bella Alliança.....        | Coudelaria Paulista.  |
| 4   | Mouino.....      | Douradilho..... | Bordor Minstral e Mulers Maid..... | J. G. Nogueira.       |
| 5   | Jarreta.....     | Idem.....       | Janoit e Bolivia, meio-sangue..... | Idem idem.            |
| 6   | Amburá.....      | Zaino.....      | Janoit e Gayvota.....              | Idem idem.            |
| 7   | Tramoya.....     | Idem.....       | Janoit e Gireanium.....            | Luiz de Pontes.       |
| 8   | Fédora.....      | Alazão.....     | Fil d'Escosse e Dabora.....        | E. A. Paes de Barros. |
| 9   | Fiesco.....      | Idem.....       | Damon e Geographia.....            | Idem idem.            |
| 10  | Corneville.....  | Douradilho..... | Corneville e Fosca.....            | Coudelaria Aranha.    |
| 11  | Hebreu.....      | Alazão.....     | Idem e Mulata.....                 | Idem idem.            |
| 12  | Gaullez.....     | Idem.....       | Idem e Venus.....                  | Idem idem.            |
| 13  | Gioconda.....    | Castanho.....   | Boliver e Luiza Michel.....        | Idem Alliança.        |
| 14  | D. Quichote..... | Idem.....       | Tagibb e Araponga.....             | Idem Fluminense.      |
| 15  | Derby.....       | Idem.....       | Goldmasper e Pelluda.....          | Idem idem.            |
| 16  | Medéa.....       | Alazão.....     | Sans Pareille e Moura.....         | Idem idem.            |
| 17  | Brazão.....      | Douradilho..... | Idem idem e Bonita.....            | Coronel Barros.       |
| 18  | Pelicano.....    | Idem.....       | Idem idem e Frulanna.....          | Idem idem.            |
| 19  | Vivaz.....       | Idem.....       | Idem idem e Diana.....             | M. U. Lemgruber.      |

# GRANDE DERBY NACIONAL

A REALIZAR-SE  
EM 15 DE JULHO DE 1888

| NS. | NOMES            | PELLO           | FILIAÇÃO                      | PROPRIETARIO         |
|-----|------------------|-----------------|-------------------------------|----------------------|
| 1   | Primadona.....   | Alazão.....     | Ernest e Pelluda.....         | A. Pinheiro.         |
| 2   | Tenorino.....    | Idem.....       | Idem idem.....                | Idem.                |
| 3   | Zig.....         | Idem.....       | Douro e Bella-Alliança.....   | Coudelaria Paulista. |
| 4   | Menino.....      | Douradilho..... | B. Ministre e M. Maid.....    | J. G. Nogueira.      |
| 5   | Gaullez.....     | Alazão.....     | Corneville e Venus.....       | Coudelaria Aranha.   |
| 6   | Hebreu.....      | Idem.....       | Idem e Mulata.....            | Idem.                |
| 7   | Corneville.....  | Douradilho..... | Idem e Fosca.....             | Idem.                |
| 8   | Tramoya.....     | Zaino.....      | Janoit e Geramina.....        | Luiz de Pontes.      |
| 9   | Fiesco.....      | Alazão.....     | Damon e Geographia.....       | R. A. P. de Barros.  |
| 10  | Fedora.....      | Idem.....       | Fils d'Escosse e Dabora.....  | Idem.                |
| 11  | Gioconda.....    | Castanho.....   | Bolivar e Luiza Michel.....   | Coudelaria Alliança. |
| 12  | D. Quichote..... | Idem.....       | Tagibb e Araponga.....        | Idem Fluminense.     |
| 13  | Derby.....       | Idem.....       | Goldmasper e Pelluda.....     | Idem.                |
| 14  | Pelicano.....    | Idem.....       | Sans Pareille e Frulanna..... | M. U. Lemgruber.     |
| 15  | Vivaz.....       | Idem.....       | Idem e Diana.....             | Idem.                |

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1888.

O 2º Secretario, MOREIRA SAMPAIO.

## MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS APERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

**ARENS IRMÃOS**

**147 RUA DA QUITANDA 147**

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descrições em portuguez

**Dr. Ratisbona Filho**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Luiz Murat.**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Aristides Lobo**—Advogado, rua dos Ourives n. 35.

**Dr. João Ribeiro**—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

**Os Engenheiros, Drs. Buarque de Macedo e Castro Maia,** encarregam-se de trabalhos de construcção, estudos ou outro quaesquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

**Agrimensores.**—Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarregam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Corte. Informa-se na Semana.

**Dr. Aristides Spinola**—Advogado, rua do General Camara n. 36.

**SEMENTES NOVAS**

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA

HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR, 45

## A NOIVA

RUA DOS CURIVES, 14  
SALÃO

para pentear senhoras e cortar cabellos

PERFUMARIAS, MODAS E  
NOVIDADES, NINICHES e FRISETS  
Ultima novidade de 1\$ a 5\$

ABEL

Cabelleireiro e professor de penteados  
RIO DE JANEIRO

**FABRICA DE CHUMBO**

Na rua do Hospicio n. 22. Vende-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

**CERVEJA PELOTAS**

DA FABRICA

DE

G. RITTER & IRMÃO

22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

## LOTERIAS DA VICTORIA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericordia e das sociedades Beneficente da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Autorisadas pelas leis n. 65 de 20 de Dezembro de 1836 e n. 34 do anno passado

**4.000 BILHETES**

SOMENTE

divididos em terços de custo de 900 réis cada terço  
Tem duas finaes, dando cada um 1\$000 o terço.

Distribue 882 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da divida publica geral do Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanaes e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem receber-os na corte queiram dirigir-se á **Rua do Ouvidor n. 51 1º andar**, para onde poderão dirigir, por carta, ao abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

**Manoel do Couto Teixeira**

VICTORIA

# A PAULICÉA

**BRILHANTE INAUGURAÇÃO  
NO DIA 1º DE MARÇO**

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais mederno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. familias a differença de preços que faz das grandes liquidacções que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homons.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possivel promptificar para hjje o annuncio que deve mostrar o grande sortimento sem igual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, **CORRÊA & FREITAS**  
SUCESSORES DE J. M. CORRÊA

# A PAULICÉA

**2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2**

RIO DE JANEIRO

**A PAULICÉA**

REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

**A PAULICÉA**

REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 17 DE MARÇO DE 1888

DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 165

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,

Urbano Duarte,

Lepoldo Cabral e Candido Jucá

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

|                               |                    |
|-------------------------------|--------------------|
| Expediente.....               |                    |
| A «Semana».....               | Gêdo               |
| Historia dos sete dias.....   |                    |
| Estancias philosophicas.....  |                    |
| poesia.....                   | Augusto de Lima    |
| Na Serra.....                 | Lahore             |
| Da Via-lactea, soneto.....    | Olavo Bilac        |
| Scherzo.....                  | Domicio da Gama    |
| A roza, soneto.....           | João Barbosa       |
| Gilherme I.....               | V. Magalhães       |
| Sonhando, poesia.....         | Vera de Suckow     |
| Um pessimista.....            | Candido Jucá       |
| A Esperança, soneto.....      | J. Moraes e Silva. |
| La terre de Zola.....         | Emanuel Karnero    |
| Recordação, soneto.....       | Carlos Fróis       |
| O grumete Nogueira.....       | Kininger           |
| Contos populares, poesia..... | R. Theophilo       |
| Um dia no campo.....          | Virgilio Varzea    |
| Depois de partir, soneto..... | Pedreira Franco    |
| Omah.....                     | Flavio Florés      |
| Vitando ruínas, soneto.....   | Pedro Rabello      |
| Factos e noticias.....        |                    |
| Theatros e diversões.....     |                    |
| Diversas publicações.....     |                    |
| Anuncios.....                 |                    |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

Semestre..... 4\$000

Anno..... 8\$000

#### PROVINCIAS

Semestre..... 5\$000

Anno..... 10\$000

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleinss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso ecriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Viera.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## A SEMANA

O nosso companheiro de trabalho e gerente d'*A Semana*, o Sr. Ismael Marinho Falcão, seguirá nestes dias para as provincias de Minas Geraes e São Paulo.

Negocios particulares desta folha, suas cobranças, e alargamento de sua divulgação derão a razão de ser, neste momento, da viagem do nosso gerente.

Encarecemos aos nossos illustres assignantes e amigos todo o apoio e coadjuvação de que possa precisar o nosso amigo Falcão, pelo que ficaremos agradecidos.

O artigo que hoje publicamos do nosso collaborador e fundador d'esta folha, Dr. Valentim Magalhães, faz parte do n. 7 das *Notas á Margem*, que hoje será distribuido. E' pois, inteiramente inédito. Agradecemos ao autor a anticipação que nos permittiu fazer d'elle ao numero da sua interessantissima revista quinzenal, em que tem de apparecer.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

O Sr. conselheiro João Alfredo conseguiu, finalmente, organizar o ministerio de que é presidente, e, forçoso é confessar-lo, difficilmente conseguiu S. Ex. formar outro tão digno de attenção e de respeito como o que constituiu.

Na pasta do imperio está o Sr. Costa Pereira, talento de primeira plana, illustração profunda, que tem conseguido na Camara posição sempre eminente pela sua prudencia, circumspecção e conhecimentos.

Na da justiça, o Sr. Ferreira Vianna, o popular tribuno parlamentar, o juriscusulto notabilissimo, o homem de espirito invencivel, que consegue sempre triumphar da causa mais ingrata, pelo brilantismo da palavra, pelo vigor e colorido da phrase.

Na da guerra, o Sr. Thomaz Coelho, ex-ministro da agricultura na situação conservadora passada, cavalheiro de notavel intelligencia, illustrado, independente e patriota.

Na da marinha, o Sr. Vieira da Silva, o modesto senador maranhense, uma das nossas glorias parlamentares, pela extraordinaria pujança do talento, pela profundissima illustração, pelas suas qualidades apreciabilissimas de orador.

O Sr. João Alfredo tendo por companheiros na direcção da náu, homem como esses, e mais o Sr. Antonio Prado, de certo a levará a bom porto e a salvamento,

Uma duvida, entretanto, assalta-me o espirito: serão solidarios sempre, e em tudo, os novos ministros? Na questão religiosa, por exemplo, o Sr. Ferreira Vianna—orthodoxo—dará as mãos aos Srs. Vieira da Silveira e João Alfredo? No grande golpe que é mister ser dado na escravidão, os Srs. Thomaz Coelho, Costa Pereira e tambem o Sr. Ferreira Vianna, estarão dispostos a empunhar a faca? Não quero, com isto, suppor que haja, em pouco, dissensões no ministerio; exprime, apenas, esta duvida uma duvida maior ainda: que não está, talvez, fadado ao conselheiro João Alfredo, cortar o nó gordio da questão abolicionista. Não affirmo, não nego: duvido. Como quer que seja, porém, eis constituido o ministerio; um bom, excellente ministerio, que, indubitavelmente, muitos e grandes beneficios ha de fazer ao nosso paiz.

Nunca suppoz o pobre e simples grumete André Nogueira que algum dia o seu nome andasse de bocca em bocca, como o de um heroe, ou como o de um martyr; para isso, no emtanto, é mister tão pouco, que elle, com o simples facto de ter saudados da velha mãe e do seu pequeno torrão, e por ter, como um personagem de magica, deixado trucidar-se e depois, dos seus proprios fragmentos, constituir-se integralmente, vê-se hoje cantado e decantado, elevado ao setimo céu e no mesmo tempo rebaixado ao nivel mais raso, justamente como acontece ao homem de merito verdadeiro...

O grumete foi assassinado e surge, são como um péro, em Rezende. Mas então como é isso? Que mysterio ha em tal historia?

O alferes Santos, teetemunha occular do crime, teria sido victima de alguma allucinação? Ou o grumete assassinado era outro que não o pobre André? Eu não posso atinar com a verdade, como

acredito que ninguem com ella atinará; mas tenho convicção de que a verdade ba de apparecer, como appareceu o André Nogueira.

Sem que tenha feito tanto escndalo como o assassinato de André Nogueira, não tem, contudo, deixado de chamar a attenção publica o de Fuão Barroca, um typo felicissimo, que tirou a sorte grande uma porção de vezes. Barróca era, pelo que se diz, um sujeito de baixa extracção, naturalmente acostumado a soffrer todos os rigores de uma posição infima, sem dinheiro, sem conforto, e, talvez mesmo, curtindo fome. Um dia teve uns magros mil réis e tentou centuplical-os: atirou-se á loteria. Tão feliz foi o diabo que a roda, no seu gyro iuconsciente, parou no numero que lhe pertencia, e Barroca conseguiu o que almejava.

Depois, como é natural, tendo vinte contos almejou ter cincoenta, e comprou novo bilhete: nova viravolta da roda, e outra sorte para o Barroca.

O homem, prudente antes de tudo, não alterou na vida: conservou por amante a mesma negra que com elle partilhara a miseris; não transferio para o *Globo*, as modestas refeições que fazia no *frege* proximo; não encomendou ao Raunier roupa que substituisse o seu rafado *jaleco* de zuarts, ou as suas calças de brim, já remendadas e sem côr. Continuou, como antes, a convidar os amigos a tomarem o seu copito de *maduro*, e, como antes, manteve o mesmo aposento na estalagem.

Como, porem, o cobre arranjado chegava de sobra para fazer e representar de rico na terra, elle resolveu-se a partir. Mas como fazel-o, sem que lhe cahissem em cima os parentes, os amigos, a amante? *Argentum in dubio est*, peneou elle; isto é, vou, mas fica-me o rico diheirinho, e eu não estou por essa. E, então, o Barroca lembrou-se de um meio: *assassinar-se*. Tirou as calças, o paletot, a ceroula, a camisa, as meias, as botinas (até as botinas!) borrifou-lhes sangue, retalhou-as á navalba, safou-se.

Alguns affirmam que isto assim não foi, e que houve assassinato; outros, e eu com elles, supponos que o facto é como eu narrei, e que o Barroca está vivo e... longe.

Como quer que seja, tenho eesperança agora, de poder tirar ao menos uma vez, uma sorte qualquer, com o deaparecimento do monopolieador das sortes grandes. Boa viagem, Rottschild em perspectiva!

Em Alagoas foi assassinado um delegado de policia que é o terceiro a quem tal acontece. Não aspirei nunca á honra de ser collega do Sr. Dr. Heitor Cordeiro, mas agora principalmente,

tenho horror a semelhante cargo. Aprel que sêde de sangue delegacia! D'aqui em diante nenhum cidadão quererá tal incumbencia com receio de que tentem explorar lho o tecido a dipôso, ou verificar a penetrabilidade do seu thorax, por meio de uma navalha, faca, ou bala de revolver.

Antes ser padre... Acadêmico.

Uma victima, digna de lastima, o Sr. Capitão Penha. Imagine o leitor que ainda boje, neste tempo, não morreram as inanifestações a olco...

O Capitão Penha, uma verdadeira penha, no caracter e no coração, foi covardemente agredido por uma horda de barbaros que empregaram como arma de ataque o seu retrato a oleo... Pobre Capitão, excellent capitão! Lamento que o houvessem assaltado, mas.. applaudo sinceramente a manifestação de que foi alvo.

CÉVE

## NA SERRA

Bertha voltou-se sorrindo:

— Bem via que eras de minha opinião. Devemos ir; não acha papae?

O velho Rogerio que não parecia muito satisfeito com ter que condescender com este capricho, que o arrancava aos seus commodos, apparecia comicamente por entre as grandes orelhas de um paciente burrinho, em que se escanchava o seu corpo de sexagenarian rheumatico.

A impassibilidade, de que se revestia o seu rosto pallido e pouco intelligente perturbou-se n'um meio sorriso quando a filha convidou-o para voltar; sorriso que transformou-se n'uma careta mal disfarçada ao ouvir-lhe as ultimas palavras.

Não obstante, dou de redea a sua azemola e foi seguindo caminho da serra, acompanhado da cavalgada pittoresca. Não silenciosos. A não ser, a longos intervallos, uma maxima do velho a proposito do que elle não dizia, nem ninguem pensava, e o constante ruido das patas dos animaes nas pedras do caminho, nada mais perturbava o morno silencio da viagem, feita do baixo de um sol de meio dia.

Subião lentamente. O aspecto geral da montanha ia-se modificando a cada ponto de vista. O que de longe, do fundo do valle, parecia um pequeno accidente confundido nas grandes linhas do conjunto, era de perto uma anfractuosidade escabrosa, um socavão medonho, vertiginoso alcantil.

Os viajantes s-ntião-se pequenos ao pé d'aquellas grandezas. O caniuho tortuoso serpenteava como bravia sucuriã, envolvendo nas suas multiplicadas roscas os rochedos, as tocas, os precipicios; desaparecendo de subito no despenhadeiro; mergulhando na sombra densa do arvoredo; repontando aqui e alli na fimbria da floresta, para alvejar por instantes no dorso das lombadas, e perder-se alem no fundo do valle.

Ao chegar ao alto da montanha, no começo de pequena chapada, tiveram de parar um instante para dar alento aos animaes. A temperatura estava sensivelmente outra. Soprava uma

brisa fresca, que acalmava as agitações da penosa ascensão. Parados, voltaram-se os viajantes para o lado de onde tinbão vindo.

Era janeiro. Apenas algumas chuvas haviam cahido. A vejetação que começava a brotar vestia-se de uns tons do verde e cinzento, que fazia contraste com a folhagem secca, de que se cobria o chão, destroços da vida que passara. Andava no ar o aroma dos renovos, saudavel e refrigerante.

A montanha se alongava para os lados como um grande arco. A direita e a esquerda estendia-se com seus precipicios, seus despenhados, seus picos aleantilados, suas lombadas semelhantes ao costado de um monstro informe e desconhecido, que estacara no meio de sua carreira tomada de subito petrificamente.

Pela abertura, entre as duas extremidades do arco, desenrolava-se uma paisagem maravilhosa. A inundação luminosa que enchia o valle, a montanha, o céu, os toques de luz destruidos por um sol de meio dia; a villa que se derramava lá baixo na planicie; ao longe as lagoas q'assemelhaõ-se a bocados de leite cahido sobre o manto verde da plauicie coberta de um tenuissimo pó de luz; alem as cristas reluzentes dos brancos morros, a cinta azul do mar, e os vastos sertões longinuos a esconder-se gradualmente na sombra indecisa do horizonte pardo: — tudo isto, tocado de um caracter alpestre, selvagem, tinha um grandioso effeito imprevisito.

Felippe estava, junto de Bertha e admirava com ella a paisagem. Embora creado nas serras, habitando aquelles golpes de vista, sentia agora ao pé da formosa moça, uma sensação sadia e tonificante.

Por intervallos, uma nuvem branca atravessava o céu lançando sobre a montanha uma sombra fresca que se arrastava lentamente para alem.

LAHORE

## ESTANCIAS PHILOSOPHICAS

(DO ALBUM DE UM PESSIMISTA)

IV

A pragmatica real do despotismo culto prescreve, entre milhões de normas que defino, que diante d'El-Rei o subdito se incline, porque um diminaindo, o outro assume mais vulto.

Tu, liberdade, não! Planeta sempre novo, tens o engaste no céu da consciencia humana; por isso a tua luz serena e soberana so eleva tanto mais, quanto mais alto é um povo!

V

Disse o sublime Mestre (antes nunca o dissesse!):  
«Não saiba a mão sinistra os bens que a dextra presta.»  
Veio a Philanthropia e para ser modesta, com a mão direita occulta em publico apparece.

Disseste-o mal, ó Christo: a caridade ufana de renome melhor derrama os beneficios; mas quizeste riscar do numero dos vicios em prol do bemfeitor, a ingratição humana.

## SCHERZO

De um céu caliginoso entre a monotonia dos pardos tempestuosos surge de repente a evocação de um accorde fulgurante o divo Ariel de azas de ouro. Logo a sombra dos graves adoça-se rasgada por clarões e ao ribombar terrifico das coleras divinas succede a cantrola clara dos regatos e o gott-ear dos pingos crystallinos e o incendio das pedrarias liquidas que o sol irisa nas frondes rorejantes. Canta Ariel pairando. A garrulice dos ninhos pupilla no seu canto — alleluia das almas desoppressas dos terrores negros. Hymno ou canção, esperança e aspiração ou saudade, phrases de magoa e ardor, flautas subindo dos gemidos á voz cantante dos clarins stridulos, como uma filigrana de luz sobre penumbra. encho o espaço intermino a teia subtilissima do sylpho, em notas de magia. Ha um ir e vir do estribillo em canto e echo que diz a agitação contente, o louco esvoagar de borboleta livro. Ar! ha tanto ar e luz que o desafoço da eterna, suprema libertação não será mais beato! O abandono do espirito á delicia de gozar tem a recompensa da embriaguez ineffavel. Nomes cantantes, syllabas sonoras, infinitos de verbos de acção vaga, a inarticulação do desejo gagueja-me na mente. Na mesma nota a alma que canta suspira. Ha uma gaze levissima de melancolia attenuando o brilho excessivo das notas puras. A harmonia faz véu. Em vez da faiscação dos diamantes a brancura fosca das perolas serenas. E a luz diffusa e claridade maior. No resplendor infinito passam trillos vivos, fugaces, como sobre lagos espolhando a festa luminosa das manhões bandos de garças, que o sol nascente doura. Tão altas, tão sem manchas, claras no céu claro, a minha aspiração voa com ellas e funde-se no nirvana de luz. Sinto-me menos, reduzido ao presente, alijado de memorias, simplificado e dividido para as sensações subtis. Sou pluma voando ao vento, voluptuosa, sou poeira doirada vo-

litando na valsa aos raios do sol, sou ainda menos, luz ou vibração o vivo na voz de Ariel. E para que eu viva elle não so calla o mago thema, o sylpho triumphante.

Amarelo pallia com toques de rosa o bordados arabescos em carmin vivo subindo da cintura no colarinho vestindo-lhe o pescoço esguio e o corpete da pianista e d'elle nasce a sedução da musica. As notas do piano vibram soltas e elle as liga á feição das suas linhas de harmonia. Quando ha linha e cor e relevo só o movimento faltá. E cada gesto da mulher que sentes bella é um poema. Em cada um d'elles a mestria que não se ensina. Deixei de virar as paginas para admirar-la. Logo a seguinte terminava em compassos de espera para a esquerda. A graça com que moveu-se aquella mão pallida, lenta, virando e alisando a pagina esperando o instante do ataque brusco ao fim de barpejos morrentes... Graça typica, não individual. De Georgina adoro esse não ser bella em si mas evocar bellezas. Como as formosuras raras ella tem as grandes linhas classicas, correctas, impessoaes. Mas faltan-lhe os traços menores, as inflexões que fixam uma individualidade. Ser filha de artista, de um amoroso da forma em belleza multipla, nascer entre pinturas e sonhos de plastica ideal, crescer brincando com estampas, contemplando estatnas, embeber-se de romantismo esthetico á força de viver no artificio, talvez explique esta representação constante do mulheres que não são ella. Seria assim a atriz que cu sonhei. Piauísta, ella lembraria a visão de Chopin moribundo. Cantora, declamando, o seu gesto variaria da molleza enlaçada dos Myllos á repulsa apavorada de Lady Macbeth. E quando como agora no descanso de compassos facis ella faz os olhos redondos para fascinar-me, nesito entre Leonardo de Vinci e Delaroche. Mas como te enganias commigo, Georgina! Musica és tu, maravilhosa sonata! Da ponta dos teus pés movendo-se continuamente em reforços e abafamentos de som aos anneis revoltos do teu cavallo, onde a luz scintilla, ha phrases infinitas de uma harmonia unica. Só tu me facilitarías a evocação rebelde. Agora tecas em vão, demais...

Chilros de insectos na solidão das espessuras sylvestres ouvem-se mais que o clamor terrivel de feridos subindo entre o estrondo das batalhas. Um valor é uma relação. O que vale um tom só pode dizelo a opposição. Assim da luz, assim do som, assim em todo graduar de sensações. Em plena luz as brancuras opacas irradiando offuscam, e as transparencias incolores atravessadas de claridade tornam-se invisiveis. Ha um limite ao sentir, que eu attingi. D'ahi por diante o ouvido hallucinado de Beethoven. Mais uma vez me affligo a necessidade das sombras para a luz. Os nervos exhaustos vibram dolorosamente á volta insistente, irritante, do thema em dez ou doze notas, todo nã e descorado, como um que volta das illusões. Em quinze paginas de musica as explosões illuminantes cessam e uma claridade crua e despoetizante mostra-me em forma de morcego lugubre, de azas fuscas e membranas, o meu bymno do alegria e luz, o ideal Ariel de azas de ouro.

15 de Março.

AUGUSTO DE LIMA

DOMICIO DA GAMA

## A ROSA

Eu sou a rosa, olhai; a encantadora flor,  
Que exprime a mocidade e exprime a graça e a vida!  
Sou de todas, a flor mais bella e mais querida,  
Seja pela arrogancia, ou seja pela côr.

Guardo dentro de mim o virginal calor  
De um seio de mulher, a nota recolhida  
De um poema ignoto e que a amar convida  
As almas que se furtam á grande luz do amor!

Abro aos raios do sol as pétalas vermelhas  
E meu aroma attrahe os beijos das abelhas  
Que n'um eufame febril voejam pelo ar...

E quando vem a noite e a solidão se espalha,  
Tristemente suspiro e após mou ser desmaia  
Banhado pela luz narcotica do luar!

JOÃO BARBOSA

## GUILHERME I

A morte de Guilherme I, rei da Prússia e Imperador da Alemanha não podia ser e não foi uma surpresa: era um nonagenario. O que admirava era que vivesse ainda um homem que tanto havia lutado e trabalhado; que pudesse funcionar, e regularmente, aquella velha machina humana, em actividade constante quasi um seculo, movida incessantemente por todas as pequenas paixões de um grande rei, que não foi um grande homem.

Particularidade curiosa na biographia de Guilherme I: — foi uma criança debil, de franzina compleição, de quem se não esperava pudesse viver longamente; morreu, no entanto, quasi secular, occupando na Historia o logar do monarcha de mais longa existencia. Quem fez tal milagre? O trabalho. Aquelle principe delicado e fragil não conheceu as mollezas opulentas dos principes ociosos. Aos dez annos era soldado.

A desastrosa guerra franco-prussiana, leviana e criminosamente declarada por Napoleão III em 1870, prudente e matreiramente prevista e preparada por Guilherme I, essa guerra foi o resultado logico, infectível da grande dor que soffreu o principe menino vendo sua patria derrotada em Iena, em 1806, e Napoleão, o Grande, invadir e occupar Berlim com suas tropas victoriosas. A invasão e occupação de Paris, a victoria final sobre a França, em Sedan, entraram desde aquelle memoravel instante historico na ferrea vontade do joven principe: — era a desforra, necessaria, imprescindível, fatal para a sua alma orgulhosa e inflexível e para o seu coração patriótico. Aos treze annos combatia ao lado de seu pae.

Sua constituição, inquietadoramente debil, tomficou-se e enrijeceu com o cheiro da polvora e do sangue e com os exercicios militares. Além de que elle precisava de viver muito, para

tirar a desforra contra a patria de Mussot!

Esse nonagenario foi em toda a sua dilatada carreira — um victorioso e um feliz. *Soube querer*; — virtude rara e preciosissima, força invenível e sagrada! Além dessa virtude soherana — *saber querer*, teve uma outra — o *descarado heroismo de afirmar*, que, batendo na Terra com pé forte, ou pallidamente elevando os olhos ao Céu — cria, através da universal illusão, Sciencias e Religiões. (\*)»

Teve o «descarado heroismo» de afirmar que havia recebido a corôa da Prússia das «propias mãos de Deus», que era rei por direito divino. Chasquearam d'elle; houve revoltas, protestos e motejos, mas elle acabou sendo rei da Prússia e imperador da Alemanha, *realmente, de facto*, por direito divino.

Em toda a sua vida só uma desventura se lhe conleece: — amava apaixonadamente a uma mulher, a princeza Eliza Radzivil e foi obrigado por poderosas razões de Estado, a tomar estado com outra.

No seu coração o amor da patria e a ambição do poder superavam e absorviam todos os sentimentos, não deixando logar para o amor, o amor da mulher, o «puro amor» de que falava tão suavemente o cantor de Nethercia.

Está morto o grande rei, o unificador da Alemanha, como o foi Victor Manoel da Italia; mas o seu braço forte o seu *alter ego*, o «chancellor de ferro» continúa elanceller e de ferro. O *iron-prinz* Frederico Guilherme, successor de seu pae, sob o nome de Frederico III, já manifestou, por meio de uma carta e de um abraço, que precisa do Bismark e que não dispensa os seus grandes serviços. Quer isto dizer que é licito suppor a continuação da mesma politica teutonica e, portanto, da mesma politica europeia.

VALENTIM MAGALHÃES.

(\*) Eça de Queiroz. *A Reliquia*; pag. ultima.

## SONHANDO

Canta, eu soergo o fino cortinado  
Que véla-me ao olhar um alvo leito:  
Um louro anjinho dorme socogado  
O somno da innocencia, calmo o peito.

Cova-lhe a face um candido sorriso  
Que o rosto de luz branda lhe illumina.  
Que aureo senho lhe entreabre o paraise,  
Entreabrindo-lhe a bocca pequenina?

Sonha talvez com perfumados ninhos,  
Entrevistos no arbusto em manhã clara,  
E pensa em vôz, sonoros psarrinhos,  
Que com meigas caricias afagára.

Feliz idade, a da innocencia pura,  
Em que a sorte á um iris de Alliança,  
Consente e manda á mesma creatura.  
Ser passaro, ser anjo e ser creança.

VERA DE SUCKOW

## UM PESSIMISTA

(Ao Dr. Borges Carneiro)

O Dr. Macedo foi o pessimista mais extremado que eu já conheci em toda a minha vida. E digo pessimista na significação mais ampla do termo.

Longo tempo de convivência intima facultou-me o conhecimento absoluto de tão estranha organização.

Macedo também salientava-se pelo physico. Era alto, livido, anguloso e escavariado. Quasi romantico. Cabeça aufractuosa e fronte protuberante. Os seus olhos, fundos e vastos, tinham o brilho intermittente e reverberativo de carvões accessos. Em crises de sossobro intimo esses dois espelhos reflectiam com uma expressão tragica o assomo intenso que lhe vibrava toda a alma num estremção de corola ou de paixão. Tardo no andar, porem de uma loquacidade fremeite, incendiaria. Feio como o peccado. A sua idade orçava pelos quarenta. Uma especie de selvagem catechizado. Morreu do pulmão, ha coisa de tres annos. O Dr. Silveira accrescentava que elle também soffria do coração.

Macedo era medico, formara-se aqui na Côrte. Em materia de habilitações era pretencioso e intransigente. Nunca se considerou discipulo de quem quer que fosse, na firme persuasão de que o homem não é parasita para só sugar, nem armazem para só conter. Importava e exportava idéas igualmente, dizia elle com emphase ridicula. Como se vê, a sua inmodestia tinha fóros de um principio.

Quanto á moral e quanto á religião, as suas opiniões não eram menos singulares. A gente ouvia-as confusamente, com desgosto e com oppressão, mas por fim deixava-se arrastar como um sarrão pela corrente. A sua dialectica era attraheite e viscosa como a boa constricção.

Macedo era um espirito profundamente revolucionario. Atacava tudo como um corrosivo. A sua palavra produzia escharas e a vehemencia do seu pessimismo fulminava o proprio raio. Quanto peor, melhor! era a sua phrase predilecta. Como bom catholico, execrava religiosamente o casamento.

Uma desgraça intima lhe conflagrara violentamente a vida e elle cairá prostrado como uma ave ferida por um tiro. De facto, sobre ser pessimista, elle era também um sceptico. Macedo era, pois, uma ruina. Ha muito que elle começára a esboroar se. Tudo lhe parecia pessimo. A sua Innetá denegria a pomba como a do optimista branqueia o corvo. A vida para elle era um becco sem saída. Agonisava sósiinho, obscuramente. Buscava o olvido como quem procura uma agulha. A sua palavra, espontanea e rapida, distillava peçonha e sangue, como um abcesso putrido.

Eram desoladoras as suas conversações intimas. Evidentemente esse organismo moral era corroído por um cancro.

— Macedo, tacteei eu uma vez, não pôdes occultar que ha em tua vida uma desgraça...

— Eu bem o sei, Fulano, interrompeu-me elle, mas por isso mesmo espero que não me violentes a consciencia. A treva é um balsamo. Depois, acima do homem está a fatalidade e acima da fatalidade está a morte. Eis tudo.

E com essa rajada intempestiva apagou a lampada que poderia illuminar a caligem de uma noite inteira.

Comovido e rechassado, bati em retirada. Estavamos á janella palstrando. No céu as estrellas tinham suntilhações phantasticas e na rua passavam transeuntes indifferentes.

Mais tarde, porem, vim a saber a causa de tudo isso. Imagine-se a repressão violenta de uma paixão insulita; a extrema susceptibilidade de um temperamento posto em jogo nas refregas de uma vida accidentada e por fim, e como consequencia, a acção maledica de uma influencia consumptiva e morbida. Foi por esses degraus nefastos que rolou aquella organização vibratil e excepcional até alogar-se no mar morto do pessimismo.

Eu sou o rei dos pessimistas, dizitome elle sempre, e assim era.

Macedo contraira o habito de encolher desdenhosamente os hombros e nos labios via-se-lhe sempre fluctuar o sorriso glacial e impudente do sarcasmo.

Tal era a singular creatura que a sociedade chamava Dr. Macedo.

Esso desgraçado viveu golfando fel e morreu haurindo a doce, a ineffavel esperança do tenebroso nada.

CANDIDO JUCA

## DA "VIA-LACTEA"

Ao coração que soffre, separado  
Do teu, no exilio em que a chorar me vejo,  
Não basta o affecto simples e sagrado  
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,  
Meu só desejo o teu amor: desejo  
Ter nos braços teu corpo delicado,  
Ter na bocca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem  
Não me envergonham: pois maior baixesa  
Não ha que a terra pelo céu trocar...

E mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre, e, na maior pureza  
Ficar na terra e humanamente amar!

OLAVO BILAC.

## A ESPERANÇA

Lutou continuamente, hora por hora, Sempre a esperança a lbe dolrar o esforço; Tinha por si não ter nenhum remorso, No leito puro a animação da aurora.

Viessem as dores de tropel, embora, Tinha p'ra combstel-ss um reforço; Era o incançavel o intimido corso Avante e affeito pelo mar em fóra.

Si da esposa crescia o desalento, Na supplica, na voz de mel, sincera, Mostrava um céo, dizia novo intento.

Morta arvore, a esperar a primavera, Vendo-a chorar, já no ultimo momento, Morreu dizendo-lhe a sorrir:—Espera!

J. MORAES SILVA

## LA TERRE

DE

E. ZOLA

(Conclusão)

Na ba um só personagem na *Terre* que não seja bebado, assassino ou ladrão. E todo esse povo de bandidos o autor reuniu-o em uma só aldeia e fez d'ella uma aldeia typo.

Entre todas as seiscentas paginas da *Terre* ha umas vinte que são cheias de belleza e de poesia, de sentimento e expressão. Ah! Zola é aquillo que devia ser sempre - um escriptor poderoso.

As planícies da Beauce são aridas; a chuva persiste em conservar-se no seio das nuvens apezar dos votos e orações dos lavradores; por fim ella resolve ceder s o camponez, no limiar de sua caea, começa a vel-a cabir com um prazer infinito.

Como é linda esta pagina:

« Dans la nuit, le ciel s'était couvert, il tombait depuis douze heures une pluie fine, tiède, pénétrante, une de ces pluies d'été qui ravivent la campagne; et Buteau avait ouvert la fenêtre, sur la plaine, il était là depuis l'aube, à regarder tomber cette eau, radieux, les mains dans les poches, répétant:

— Nous v'la bourgeois, puisque le bon Dieu travaille pour nous... Ah! sacré tonnerre! des journées passées comme ça, à foire le feignant, ça vaut mieux que les journées où l'on s'esquinte sans profit.

Lente, douce, interminable, la pluie ruisselait toujours; et il entendait la Beauce boire, cette Beauce, sans rivières et sans sources, si altérée. C'était un grand murmure, un bruit de gorge universel, où il y avait du bien-être. Tout absorbait, se trempait, tout reverdissait dans l'averse. Le blé reprenait une santé de jeunesse, ferme et droit, portant haut l'épi, qui allait se gonfler, énorme, crevant de farine. Et lui, comme la terre, comme le blé, buvait par tous ses pores, détendu,

rafraichi, guéri, revenant se planter devant la fenêtre, pur crier;

— Allez, allez donc!... C'est des pièces de cent sous qui tombent!»

« C'était un grand murmure, un bruit de gorge universel où il y avait du bien-être. »

Composta pbrase é admiravel! Sente-se a sensação dos campos que reverdecem e como que o cbeiro das terras molhadas.

E como esse o livro contem muitos ontros trechos trabalhados por um primoroso artista. Infelizmente, é difficil destaca-os sem truncar o pensamento porque rara é a pagina que não está crivada de palavras e exclamações obceas.

Por outro lado o livro tem os seus senões.

Descrevendo uma das scenas da vindima na Beauce Zola conta a historia de uma bilha de vinbo que havia sido deixada no terreiro. Um burro veio farejar-a e bebeu-a tranquillamente. A bilba continha cerca de vinte litros. E accrescenta.

« Tout y avait passé, son ventre s'était arrondi comme une outre, à éclater du coup; et, quand il releva enfin la tête, on vit son nez ruisseler de vin, son nez de pochard, où une raie rouge eous les yeux indiquait qu'il l'avait enfoncé jusque-là.

» Il était, c'était cette fois le cas de le dire, saoul comme une bourrique, ou, comme on dit chez nous, je n'ai jamais su pourquoi: Comme la bourrique à Robespierre. »

E estende-se com prazer sobre os effeitos da embriaguez do burro, que pula desordenadamente e todos correm atraz do animal endiabrado. A scena termina com estas linhas.

« Alors sous la blancheur éclatante de la lune, on vit l'âne battant la cour en un zig-zag frénétique, avec ses deux grandes oreilles échevelees. On lui avait trop remué le ventre; il en était malade. — Un premier haut-le-cœur l'arrêta; tout ébavirait. Il voulut repartir; il retomba sur ses jambes raidies. Sou cou s'allongeait; une houle terrible agitait ses côtes. Et dans un tangage d'ivrogne qui se soulage— piquant la tête en avant à chaque effort, il dégueula comme un homme. »

Ninguém poderá negar o pittoresco dessa descripção. Mas o que é verdade o que o Zola nunca viu um burro vomitar. E o burro não vomita nem vomitará enquanto tiver o estomago que possue. E esta scena, como outras do illustre romancista, por estarem fora da verdade, estão longe do naturalismo.

Mas os heros de Zola são de ter sempre alguma cousa de epico, de prodigioso, como concepções de um poeta extraordinario.

Nada—se ali, em plena poesia. O cavallo de Homero chora sobre o cadaver de seu dono; o burro de Zola embriaga-se e vomita *comme un homme* á claridade rútila da lua.

EMANUEL KARNERO.

## RECORDAÇÃO

A Alberto Pimentel

Esta é a saudosa e triste penedia Onde em meu braço e custo caminhando, Quando a pouco a pouco estrangulando Ia-lhe a amada vida essa agonia.

Que ao cemiterio fria, inanimada e fria, Levou-a, o sol silenciosa olhando E ella coitada ao peito aconchegando A pequenina mão de dor gemia.

Bordavam flores as margens do caminho E cada ramada humida e cheirose Era a sadia emanação de um ninho.

O lyrio, a açucena, a silva, a rosa Floriam; enquanto triste, exangue Ella o lenço manchava em rubro sangue.

CARLOS FROES

## O GRUMETE NOGUEIRA

I

Na *Hospedaria da Lua*, espelunca da travessa do Cotovello, baluca de jogo e de prostituição reles, ponto da farandula, albergue das raneiras, na noite de 2 de Fevereiro, passava-se alguma coisa estranha.

Pela porta escura, entravam e sahiam sujeitos embuçados—typos de maltá— e de quando em vez um policia, com o chanfallo desenhado e a barretina no alto da cabeça, gingando.

La dentro uma algazarra medonha: gritos, gargalhadas, cantigas obscenas e dichotes canalhas, no grande volapuk da capoeiragem.

Duas mulheres bebidas babavam-se, sentadas em um batente de porta frente á *Hospedaria*, descompondo desbragadamente o dono da locanda.

Uma outra, rota, enlameada, cambaleava, chapinhando na sargeta.

Dentro, em uma sala escura, alumada por um candieiro fumarento, bebiam os da troça, atabaloados commodamente, com as armas accumuladas impudentemente no pinbo gorduroso das mezas.

Era alli o quartel general da maltá. Era alli o reducto da força assalariada—força composta de assassinos e capoeiras, posta ao serviço da policia.

O dono da locanda, um sujeito obeso, de caraça rubra, em mangas de camisa, andava de meza em meza servindo, cheio de sollicite com os freguezes, examinando, aqui uma navalha, mais adiante experimentando uma faca

— O' João Beijo, está baptisada? perguntou virando e revirando uma navalha entre os dedos.

— Baptisada, a Cocota?... ora! Isso nem se pergunta. Então você não se lembra do carcamano!?

— Sim...

— Então... Elle foi a pia...

E o locandeiro rindo passou adiante, carregado de garrafas.

— O' sujo! gritaram de um canto.

— Adeus, Trinca! Como vai a typpographia...

— Varro fóra...

— Bilontra!

Ao fundo, diante de uma meza, o locandeiro estacou meio sorprezo, com os olhos pregados na caea hexigosa e larga de um mulato que batia freneticamente com o punho na meza.

— Qu' é qu'está olhando, seu Bento. Ponba paraty e rode?

— *Zé Boi!* — fez o homem da hospedaria sem tirar os olhos do mulato.

— Qu' é que tem *Zé Boi?* Devo alguma cousa?

— Ob! meu velho... E deixando as garrafas na mesa apertou o mulato nos braços effusivamente — e, todo risonho arrastou para junto da mesa um banco e acaçapou-se.

— Tu por cá!

— E' verdade...

— Quando eahiste?

— Houtem... Mas põe o paraty, bomem.

O Bento encheu o copo do mulato até as bordas.

— Mas ainda não acabou o teu tempo, *Zé!*?

— Não. Acaba em Julho...

— Então...? Como te *piraste?*

— Não pense que eu fugi. Sahi porque os *manatas* me botaram para a rua.

— O que me dizes?

— E' verdade! Isto agora é que está bom. Hontem de manhã a troça toda ganhou o mundo por ordem dos maiores. Não ficou um no *Rebolo*. A gente sahiu por causa do surumbamba que anda agora. E vem tudo disposto a fazer fé cá fóra.

E esvasiou o copo de um trago.

Eu cá estq'u decidido a cortar como gente, mesmo porque a *sardinha* já está se enferrujando.

— Então... foi a policia?...

— Ora...

— E se vocês forem presos de novo?

— Ha muita garantia, seu compadre. Eu não sou cabra de hoje—sel como caio n'agua.

— E' o que serve...

E o Bento, entusiasmado, bobeu tambem um trago para festejar a liberdade do camarada.

— Pois é verdade, seu Bento, cá estou eu!—disse o mulato e passou a manga do palitot pela bocca para limpar os beiços molhados.

— E o Candinho, *Zé Boi?*

— Veiu tambem. Está tudo na rua— a raspaziada de *fiança* toda: o Candinho, o *Trinca*, o *Menino bonito*, o *Calunga*, o *Zé Gostoso*, o *Bumba*, o *Garrafa Vasia*, o *Gereba*... toda a troça.

— E o *Cae n'agua?*

— Isso é um *puia!* Bota paraty, compadre.

E deu uma palmadilha amigavel no hombro do interlocutor que eorria, com os cotovellos enterrados na mesa e o cigarro no canto da bocca.

O mulato esvasiou novo copo e curvando-se para o Bento perguntou, piscando bregeiramente o olho:

— Como vamos de pequenas?

— Mal.

— O mulatame anda vasqueiro hoje. Qu' é da Leopoldima?

— Foi com o Bernardino...

— Qual é o Bernardino... aquelle soldado do 10°?

— Sim.

— Diabo! E a Augusta?

— Está na Santa Casa...

— Mas que *chuva*, bein, seu compadre!

— Uns mulher atoa. E o Bento depois de cuspir para um canto a ponta de cigarro, perguntou com interesse:

— Como vamos de lonas?

— Ah! dinheiro muito! Os patrões *marcharam*. E para provar sacou do bolso um maço de notas e estendeu-as diante do Bento.

— Vinte bodes!

— Que fortuna!

Riram.

Defronte, em um grupo, uma rapari-

guinha ébria mostrava os seios flascidos onde havia uma tutuagem—era um coração. Os do grupo riam e roubavam beijos á desgraçada que, muito bamba e desequilibrada, amparava-se á meza, dizendo palavrões com um cynismo revoltante.

Outra, mais adiante, com as pernas no collo de um creoulo, cantarolava, puxando de quando em quando a fumaça de um charuto.

Um permanente, encostado á porta, contemplava a scena sorrindo voluptuosamente.

— Que deboche, seu Bento... observou o Zé Boi.

— Ora!... Que é que tem... E, baixando a voz, perguntou:

— Esse vocês *espia*rem alguém, seu Zé?

— Não ha novidade. Está tudo prevenido. Hoje a gente pode derrubar sem medo porque a lei está do nosso lado.

— Então... é aproveitar.

— De certo. Eu cá não sou molle nem nada. Olha, o ferro está aqui e vontade de riscar muita. Deixa estourar o *surumbamba* só. Deixa pegar a cousa que você vai ver o bom e o bonito. E' pé aqui — tiro! — pé acolá — tombo!

— Você não toma caminho, disse o Bento sorrindo.

— Ora... Bem, Zé... até já. E o Bento levantou-se e sahio como o Sileno da tasca, rubro, obeso, com a pausa enorme melhada de suor.

Nesse momento fóra, na viella abandonada, levantou-se uma grita medonha. Apitos, vozzeria, tropel da patrulha e o galope longinquo dos animaes correndo pelas ruas silenciosas.

Duas mulheres embriagadas tentaram penetrar na Hospedaria, mas foram empurradas brntalmente pelo loandeiro e rolaram na rua gritando nomes.

Os que enchiam a sala puzeram-se immediatamente de pé e brandindo as armas correram em tumulto para a porta aos gritos de: — *Enche! Enche! mata! mata!*

Zé Boi foi o ultimo a levantar-se. Bebeu ainda um trago, experimentou o fio da navalha e cambando o chapue sobre os olhos sahio gingando.

— You ver a *diferença*... Até logo, Bento.

— Até logo, Zé.

E mal o Bento viu o mulato pelas costas passou o ferrolho na porta e retirou-se para o interior, tocando diante de si o rebanho das mulheres do Inpanar, rotas, ebricas, caindo de somno.

Fóra a grita augmentara e succediam-se as detonações das armas dos policiaes e os gritos de guerra da capoeiragem.

O Bento, voltando para apagar o candieiro, bebeu um novo trago, rosando covardemente.

— Comam-se, canalbas. Com tanto que não venham me aborrecer de novo. E titnbante mettu-se pelo coareador da casa.

KININGER

(Continúa.)

## Scenas populares do Ceará

A MOÇA FURTADA

II

Pereira traga saudade  
Da noiva, que não vive mais.  
Ella pena em soledade,  
Mas ninguém ouve os seus ais!

Mesmo na missa, na egreja  
Em dia santificado,  
Embora seja peccado,  
Victoria não ha quem veja!

Mesmo o velho, o capitão,  
De casa não mais sahio!...  
Domingo perde sermão!  
O que jamais ninguém viu.  
Sua vivenda é tristonha,  
As portas todas fechadas,  
Por *peitos largos* guardadas,  
Tem apparencia medonha!

Nem uma nova em dois mezes  
Seu amor vem confortar!  
Tantara mais de dez vezes  
Noticias d'ella ir buscar;  
Mas sua astucia e valia  
Vencer não podem perigos  
Creados por seus inimigos,  
Que tudo tem em vigia!

Pereira sofre humilhado,  
E ruge de raiva e dor!  
Cresce o odio, mas ao lado  
D'aquelle tão firme amor!  
Uma noite elle scismava  
Sentado em seu *copiã*;  
Um vulto vem.— Quem vem lá?  
— De paz senbor! Me esperava?

— Pensei a morta! dois mezes  
A soffrer sem uma nova!  
Não sei como estes revezes  
Não me botaram na cova!  
— Senhor, coragem! Victoria  
Trazer-lhe manda missiva,  
Ei-la, escreveu a captiva  
Em prantos toda esta historia.

Voltou o vulto e sorriu-se  
No manto da noite escura.  
Um mundo d'esperança abriu-se  
Para Pereira. A leitura  
Não perde tempo em fazer.  
Entra e vai ver a candeia,  
Atiça-a, a chamma s'atêa,  
Com muito afan põe-se a lér:

De pennas tenbo vivido  
De penas hei de morrer;  
N'uma masmorra fui presa,  
E presa por te querer!

Se corre nas tuas veias  
O nobre sangue mourão,  
Vem quebrar os duros ferros  
De minba injusta paixão.

Se não quizeres perder-me  
Vem aqui, vem me tirar  
Na noite do dia doze  
Depois que o gallo cantar.

RODOLPHO THEOPHILO

## UM DIA NO CAMPO

A' Emma, Sra. D. Laura Simas

A minha vida bontem expandiu-se alegre e feliz.

Era o dia da festa do Espirito-Santo no logar onde nasci.

E passei-o com minba tia, n'uma boa paz carinhosa e sagrada, recordando, saudoso, os meus irrequietos dias de infancia consumidos ali, estrefegando em correrias ingenuas, desenfreadas e doudas ou em assaltos aos ninhos, por aquelles campos e montes!

Já lá se vão quinze annos mas não mudou o aspecto das cousas.

A casa que fóra outr'ora de meus paes, cercada de laranjeiras e cafezeiros tufados, com o engenho da farinha ao lado, branca e risonha na loura luz da manhã, uma gloriosa manhã de maio cortada do bom cheiro agreste, saudavel e revigorativo das amexeiras, com as suas folhas de verde escuro e os seus fructos dourados e redondos, que fazem lembrar uma grande vestimenta verde, semcada de guizos, d'al gum gigantesco arlequim que se bouvesse immobilizado numa firmeza apurada e rija de soldado,— brilhava e ria pelas suas janellas abertas, toda penetrada de calor e de vida, numa ampla satisfação de animal tchido e friorento que saboreia, estirado, a morna caricia do sol.

Os outros lares, na maior parte compostos de casinbas vermclbas, mal acabadas, de paredes feitas d'um barro cuja fragilidade se mostra em risquinhos tremidos de myriades de rachas e onde se enchergam, bem fundos, os sulcos das mãos que serviram de colber na sua edificação, espiam, escondidos, o largo e accidentado caminho do sitio, de dentro de altas touceiras de bananeiras, cujas folbas largas e tenras, o vento tesoura em fraoja.

Grupos sonoros e coloridos de lavradores, mulheres e crianças, excursionam até á freguesia, linguarejando e rindo forte, na cadencia regulada e certa do tamanco que bate no calcanbar.

E familias mais abastadas, vindas de longe, apinhadas sobre o estrada dum carro arrastado por nédios bois lúdios, passam, amollentados pelo tedio, amarrotadas, ensomnadas e bocejantes, na lentidão e no chido fastidioso e nostalgico do vehiculo.

Rapazes em geral anarelllos, entre vinte e trinta annos, exhibem-se ante as bellas raparigas palreiras, socadas de hombros e de grossas cinturas carnudas, fazendo pular e atormentando a relhaços, num entusiasmismo prosa de matuto, os seus ossudos e feios cavallos enlameados, que enebem de galopes e ruidos de arreios novos todo o percurso da estrada.

No adro da igreja, donde se avista ao longe, ás vezes, a branca alegria de uma vella latina palpar sobre o mar que faisca ao sol, atinbavam-se, enfeitadas, na direcção da porta principal do templo, dous renques de aguçadas palmeiras desviçadas ja pela soalheira, descendo ladeira abaixo até a uma baraca de lona, onde se leiloava fructos e massas, a grandes berros roucos.

A' noite, novena resada engroladamente pela voz rouca e cbeia de um padre gordo e preguiçoso, de cogote curto, em rosca, como um porco macau.

E depois, já noite avançada, a volta para as casas, a beliscar-se sensualmente, no escuro, o braço roliço da cachopa, que não grita nem diz a mãe, por estar ainda roendo e gosando a offerta de amendoas e broas que a gente mérca, trapasseando e logrando as negras; quitandeiras do adro.

VIRGILIO VARZEA.

Desterro, 30 de Maio de 1886.

## DEPOIS DE PARTIR (\*)

Vim e deixei-te o coração que, embora Martyrisado sempre, é teu escravo;  
Vim sem trazer ao menos um aggravo  
Dos teus impios caprichos de senhora.

Vim, e com risos dissimulo o travo  
De acres venenos que sorvi outr'ora;  
Indifferente ao mal que mo devora  
A setta que me fére eu mesmo cravo!...

Trouxe comigo o eterno moribundo,  
— Tantaló que agonisa, sitibundo,  
Alimentando a séde que o tortura:

Trouxe comigo o meu amor profnndo,  
— Coveiro que, com prantos de amargura  
Ha de fechar-me a triste sepultura.

PEDREIRA FRANCO

S. João d'El-Rey, 87.

(\*) Reproduzimos por ter sahido incorrecto.

## OMATH

E' um incompreensivel, não é um mysanthropo, Omath, este singular individuo que occupa a minha attenção, e me obriga a reflectir, a pensar na vida delle a estudal-a emfim, como se eu tivesses um grande compromisso, um dever sagrado de sabel-a de cor, como qualquer discipulo de — bacadafá — a sua lição. Inteligente, tem o espirito culto e applicado, sua educação é completa e aprimorada; activo de um physico robusto e esbelto.

Vive instruindo-se; ou lê acuradamente, ou manuseia periodicos, revistas, illustrações de maior aceitação. Traja com correcção, uma media mathematica pôde-se dizer entre o figurino de alfaiate e o jarreta historico; sabe vestir-se do bom, do commodo, do duravel como sabe comer do melhor e do mais fino.

Nas suas, nas viagens, nos passatempos não abandona seu companheiro inseparavel o charuto; fuma desmesuradamente; uma tiragem de fumo distende-se bifurcada pelo nariz com pequenas intermittencias.

Não tem aspiração, e nem ambiciona cousa alguma, vive tranquillo; admira um quadro, contempla uma obra d'arte com attenção demorada, mas não se emociona — é frio —; nada o abala, o mais horrendo crime, o mais extravagante factó teratologico, não arranca delle o menor gesto ou palavra, sua plastica fica impertnbavel, acceita tudo como mais natural acontecimento, não aconselha, não discute o merito relativo de consa alguma, diz o que ba e o que sabe quando provoca o sua opinião — é um erudito. Não ri e não chora — é impassivel, dir-se-ia não tem coração; no entretanto é esmolero, generoso, philanthropo, dedicado, em excesso, aerviaçal.

Conbeci — Omath — por occasião do fallecimento do seu pai com quem entretinha boas relações; vendo o sollicito, satisfazendo a uma cousa, e a outra que se apresentava na occasião, dispoendo com grande calma tudo, sem siquer trazer bumedecidos os olbos; a minba curiosidade aguçada levou-me a dirigir-lhe esta pergunta: «E' parentura parente do amigo Omath?»

Ao que respondeu me — Sou filho —

No melo do maior alvoroço, entre prantos, lamentações, abraços, soluços, de todo, nos olhos de Omah sequer regumaram lagrimas.

Extranhel-o d'ahi—, o a minha admiração ain la cresceu, quando soubo que era unanime o conceito de fillo extremo e bom, de que gosava.

E' que elle achava-se mais coherente, e julgava ser mais natural conservar-se impassivel sempre, a derramar prantos, exclamações, angustiar-se naquella dia para lias depois apresentar-se satisfeito e risonho.

Esperou reclueo e inabalavel a missa do actimo dia, tributo ephemero, onde os amigos pensando nos affazeres, nos interesses, nas obrigações auceião pelo abraço consolador da etiquéta.

Era oiteiro.

A sua philosophia, parece-me, era considerar-se exclusivamente espectador, e bem assim a manifestar-se.

«... fosse casado, dizia elle: as distrações, os carinhos, os folguedos dos fillos, e bem assim a dedicacão da esposa não m'o demoveriam dessa indifferença. Não me consideraria mais feliz nem me tornaria mais alegre por ter fillos que me beijassem e abraçassem a minha chegada á casa; tudo isto havia de dar-se e de desaparecer com a idade, até que elles mesmos fossem por sua vez pais e recebessem as meemas caricias dos meus netos, e da sua mulher, e assim os novos descendentes.

O attractivo da familia mais nobre sem duvida, e mais duradouro, não tem como outros, explicacão convincente?

Que explicacão tem o prazer que experimenta um individuo de colleccionar avellos ou moedas? ou o de apurar vegetaes? Que explicacão tem a satisfacão desse outro de distinguir-se como atirador, jogador de armas, de xadrez, etc, ou de elevar-se como jornalista, professor, ou artista?

Tudo é ephemero, e não encontro justificacão á não ser no goso *excentrico* de cada individuo de procurar obter taes e taes sensações»

Que typo?!...

FLAVIO FLORES

## Visitando Ruinas

Vem; vamos percorrer esse castello, outr'ora  
Chelo de risos, luz e indomita alegria,  
Nao te asustes a expressão inhospita e sombria  
Que elle ostenta minaz e silencioso agora.

D'elle, tempos atraz, ao despontar da aurora,  
A alegre multidão p'r'os coçados sahia;  
N'e ostento pinheiral da extensa serraania  
Uma fortes echaor sons de trempa sonora

Hoje em silencio está; lançado e abandonado,  
Como alguém que dormise o seu ultimo somno  
Resta ao fundo do valle em que asseta sombrio,

E, abandonado, têm as entranchas de pedra  
Qual minados da der — a fria dor que vibra  
N'este meu coração marmoreamente frio.

Fevereiro, 1888.

PEDRO RABELLO.

## FACTOS E NOTICIAS

Do estudioso padre Senna Freitas que, já passou em julgado pela critica da lingua portugueza, recebemos o livro intitulado: *Observações criticas e descripções de viagem*.

Confessamos que o desejo de noticiar o apparecimento d'esta obra, apenas permitiu-nos que lessemos aquillo que mais commosco se entendia e depois entao trataremos sobre o que agora em nosso despretençoso juizo emitimos.

Uma revyada de escriptores brazileiros. Foi o capitulo preferido. Com a attenção que nos merce o illustre padre Senna Freitas lemo-lo, e, ou para nosso proveito, francamente, não concordamos.

Depois de algumas observações sobre a formação social do Brazil, o auctor do *Perfil de Castello Branco* estuda a poesia brazileira e acta que:

«A inspiradora da poesia brazileira foi sempre a França»; «A França tomou o *Cader litterario* dos Varellas e Castro Alves, dos Casimiro de Abreu e Luiz Guimarães.»

Porque, perquntamos nós, a nossa inspiradora é a França? Qual é a nota característica da poesia franceza? Era que tempo existio na França um Jordão que baptisou a lyra dos seus poetas, que os tornou originaes ao ponto de, as lyras estrangeiras procurarem algumas gottas privilegiadas para poder em cautiar?

Será talvez culpa da nossa ignorancia porém, sempre cremos que a poesia Lyrica e a poesia epica da França foram a mesma maugurada pelo primeiro lyrico que existiu e pelo primeiro epico que se immortalisou. Pode a forma variar, a corda vibrar com maior ou menor intensidade, ser mais amarga ou mais doce, porém a essencia, a poesia da poesia é a mesma, é eterna.

«Chegou onde eu queria» poderá retorquir-nos o Sr. Senna Freitas, e nós acrescentaremos: Porventura todos os poetas brazileiros tem sentido as mesmas impressões que se tem manifestado no espirito dos poetas francezes?

Oe factos, as couzas, as circumstancias, as luctas, as dores, tem sido as mesmas para ludentificarem os sentidos dos vossos poetas com os dos poetas de lá? Eu absoluto não; iato é; a evolução social, no seu maior desenvolvimento levou, ou antes trouxe toda a humanidade para o *Nihil*; d'ahi a descrença univereal, d'ahi a afinação do toda as lyras na nota triste, desalentadora, satunica ou pessimista e por fim, n'uma so palavra: na melancolia.

A melancolia é a fonte onde bebemos não para alentar oe outros mas para consolal-os consolando-nos.

Eis porque estamos em desacordo com o auctor das *Observações criticas* quanto a sua classificação de escolas litterarias. Eis porque implicamos com o baudelaireanismo em que o Sr. Senna metteu Raymundo Correa e o parna Luiz Guimarães.

Um doe poetas muito apreciado pelo Senhor e em seu estudo citado, Luiz Murat, ao nosso ver, muito bem defenio a poesia quando ha pouco tempo em um dos seus poeiretos *Rouzinões do coração* dizia que como uma ave a voar em torno de um fructo:

... amargoso por fora e capido por dentro,  
Tal da lagrima em torno a poesia se move

No seu frror contra Schopenhauer

já sente o Sr. Senna Freitas repulsão pelo seu patricio Anthero do Quontal e convia os vates brazileiros para a gravidade das couzas graves.

Ficamos na mesma.

Reprovando os descrentes, descobriu a alegria na lyra de Esponceda e — como deria Castello Branco — com uma enorme liberdade geographica chama-o «vate de mais alto coturno que talvez haja em toda a Hespanha (Caramba!). Espronceda, diz o Sr. Senna Freitas, no proprio *Diabo mundo* eleva-se ao

«Dios ese que habla  
O unipoteute en la region del cielo  
Naurar o cye duquiera  
Ja todas horas et uortal le troyca.»

Mas a nota principal saltou o Sr. Senna Freitas, o terceiro verso não é «Nanbrar etc.» é:

«Quien es que inunda á veces de alegría,  
y otras veces cruel con mano limpia  
Llena de angustia y de dolor el suelo?»

Depois haja á vista a introduccão ao poema referido. Se é esta gravidade que deseja nos e o reitornos.

Nas correções que apontou a Raymundo se foi feliz na primeira valha-o a infelicidade da segunda para não repetir o mesmo de outra vez.

No seu auctor de esmugar comprometteu o Filinto d'Almeida quando disse que o seu soneto *No campo* tem 15 linhas. 15 linhas? só contando meia do titulo e a outra meia da assignatura, si não foi a assignatura dar mais pés-de versos ao Filinto.

Quanto á parte em que trata do naturalismo, cremos que a discussão seria fora de proposito, porque já antes de ser contradito o Sr. Senna Freitas chuua os discipulos de Zola de misera-veia.

«As opiniões são como os prégos tanto mais se as bate, mais ellas se euterram» disse o Dumas fillo. Não a aceitamos e nem as discutiremos pois, do Sr. Senna Freitas.

Depois disto, folgamos de reconhecer que o seu livro está primoroeamente escripto, feito com muito vigor de estylo e copiosa somma de estudos.

Agradecidos pela offerta.

FRANKLIN TAVORA

O noeo illustrado e distincto collega de radacção Dr. Franklin Tavora acaba de aofferir um profundo golpe no acouchego doce da digna familia, perdendo a sua estremosa e querida mãe, Exnu. rra. D. Maria de Sant'Anna da Silveira Tavora.

Dupla é a nossa partilha na dor, que neste momento enluta a alma de tão prestimoeo amigo e de tão querido collega.

E a redacção d'*A Semana*, sinceramente magoada, apresenta ao illustre companheiro oa seus sentimentos de pear.

Chegou de Pernambuco o Dr. Arthur Cortines Laxe — um dos moços mais sympathicos da actual geração litteraria e cuja valiosa collaboracão nos está asegurada para maior brilhantismo desta folba que se presa em reunir o eupra-summo do talento e da illustração.

Para S. Paulo voltará brevemente o nosso illustrado amigo e agente litterario, ali, o Sr. Max Fleiuss.

Que continue a ser-nos bom e activo é o que desejamos.

## THEATROS E DIVERSÕES

O espectáculo que ia ter lugar na segunda-feira passada no theatro Santa Anna com a *Dama de Espadas* em beneficio do illustre compositor nosso unigo Dr. Ab'lom Milanez, foi transferido para o dia 19, eegunda-feira.

No Lucinda continúa a companhia hespanhola de zarzuelas, a fazer as delicias do publico que alli está para applaudir as interessantes Pla, Sophia Campos, e ao Garrido, este Garrido cuja presença no palco é um acontecimento de... sadias gargalhadas.

E' um espertalhão o Braga Junior o um filizardo tambem.

O Recreio Dramatico enfeitase atavia-se e espaneja-se para receber de seus frequentadores, e de todo o publico fluminense as saudações pela excellentes peça que lhes vae offerecer. E' a Revista do nosso collega do *Jornal*, Dr. Oscar Pederneiros, intitulada— *O Boulevard da Imprensa*, uma revista magistral, trabalhada com muito primor litterario; com muito espirito, e que critica os factos do anno com muita delicadeza, ao par de muito vigor.

Tudo da revista está feito com muito gosto, e montada caprixosamente. A sua premiere está annunciada para o dia 22 do corrente, e é quasi certo que nesta noite o Recreio não ficará com um só lugar desocupado.

As recitas da semana foram variadas e com boae casas.

Pelo Sant'Anna, vae o Heller alterando os espectaculos, dando ora *O Amor Molhado*, a *Dama de Espadas*, ora *O Ramo d'Ouro*, peça esta que, pelo tumulto que fez levantar na imprensa com a critica de sua excellent musica, tem levado a este theatro enchentes completas. Facto é que, como previamos, o *Ramo d'Ouro* faz caminho em busca d'um meio centenário, e isto eralhe uma divida pelo alto valor da partitura e bem lançado do libreto da peça.

Hoje, a mesma, e amanhã a *Dama de Espadas*.

Abrem hoje os seus salões:

Para um sarão concerto o Congresso Brasileiro:

Baile commemorativo de seu 4º anniversario o Club A. D. Esther de Carvalho.

Partida mensal, Club Hebe, de Nichteroy, do qual é presidente a gentilissima Sra. D. Luiza Pennã, e secretaria a graciosissima Sra. D. L. Torreção.

Sessão solemne de inauguração do novo edificio, e posse da nova administração a Associação Portuguesa de Beneficencia Memoria a Luiz de Gumões.

CONCERTOS POPULARES

Devem começar brevemente os primeiros ensaios de musica desta importante sociedade.

Sabemos que faz parte do programma do 1º concerto a realizar-se em Abril, a grandiosa composição de Maceenet *Les Erynnés*.

O organieador o Sr. Carlos de Mesquita não se tem poupado a esforços a fim de satisfazer ás exigencias do publico.

E' juato que o publico compense diligentemente tamanha dedicacão da parte de um artista como Carlos de Meaquita.

Brevemente terá lugar, em Niotheoy, no theatro Phenix Nicberoyense, a grande festa litteraria em beneficio da bibliotheca municipal, organizada pelos Srs Carlos Frões e Alberto Pimentel.

Consta-nos que serão lidas publicações ineditas dos nossos melhores escriptores.

### Diversas Publicações

*O Occidente*, 11º anno, vol. XI, n. 329, do 11 de Fevereiro deste anno.

Traz como sempre, alem de magníficos artigos, excellentes gravuras: O vinho novo, quadro de Christino da Silva; a Basílica de S. Pedro, em Roma e a casa onde nasceu Leão XIII.

*Amor molhado*, é o titulo de um periodico litterario e theatral, que incetou publicação nesta Corte e cujo primeiro numero recebemos. O interessante collega está escripto com muito gosto, muito talento e muito variado. Que seja-lhe longa a vida e sempre risonha.

Do Ceará nos veio o primeiro numero de *A Revista*, excellente hebdomadario. Agradecemos.

*Fabulas de La Fontaine*, illustrada por Gustavo Doré; com cerca de 600 gravuras e com estudos criticos pelos illustrados escriptores Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga. Os fasciculos ns. 61, 62 e 63 que temos sobre a banca estão excellentes.

As *Farpas* de Ramalho Ortigão. O fasciculo n. 26 que temos, trata do paiz e da sociedade portugueza.

*Revista das Estradas de Ferro*, do illustrado Engenheiro Dr. Francisco Picanço. Veio esplendido o ultimo numero: rica de dados estatísticos e informações uteis. Obrigados.

De um *democrata sincero* recebemos um libreto em que o seu auctor aborda diversas questões, social e economica, sendo materias de presente, a lavoura e a immigração.

Será exposto á venda, por todo este mez, o novo romance—*Lar*, de Pardal Mallet. E' de esperar que neste livro, como no *Hospede* e *Meu Album*, que o precederam, o joven e já apreciadissimo escriptor revele mais uma vez as suas brilhantes qualidades de observador apaixonado da natureza e vigoroso estylista.

Tambem brevemente sahirá á luz o *Quilombo*, romance naturalista do nosso presado e talentoso amigo Coelho Netto. Nas paginas desse livro, vibrantes de inspiração e escriptas em estylo fluentissimo, o distincto litterato desereve com a maior verdade as scenas da escravidão. As columnas da nossa folha em breve serão honradas com a publicação do primeiro capitulo do *Quilombo*.

O leitor terá, então, occasião de apreciar o trabalho monumental do Coelho Netto, que, com certeza terá o prazer de ver esgotadas edições consecutivas do seu romance.

*Revista Typographica*. E' este o titulo de um minioso jornal que apparece sob os auspícios, e immediata direcção e redacção da distincta classe typographica da Corte.

Escripta com muita intelligencia, com muito gosto e muito criterio a *Revista Typographica*, entra para a communhão da imprensa, pura e exempta d'esse mal que vai minando-a aos poucos e inconscientemente—a luta partidaria.

Ao interessante e sympathico collega para quem reservamos todos os nossos sentimentos de muito affeto, e lealdade os nossos cortejos.

*Revista illustrada*, que como sempre vem scintillante de espirito.

*The Rio News*, revista de interesses commerciaes.

Do Sr. José Martini, um livrinho de versos, dividido em tres capitulos *Trovas e Queixas, Musa Reverente e Harpa dos Tumulos*.

Evitamos a responsabilidade de uma critica ao livro do Sr. J. Martini, por uma razão muito simples, porque elle não nos pede. São suas estas palavras incertas ao prologo. « Não peço ao publico que leia o meu livro e menos ainda que o applauda. Outras são as glorias a que me destino, e mais proveitosos do que simples versos, espero serão os fructos de minhas futuras locubrações. »

Façamos-lhe a vontade, e esperemos.

Muito *bijout*, muito *chie* mesmo está o n. 1º do 2º anno d'O *Brazil Contemporaneo*. Este numero que recebemos, alem dos primorozos artigos, bellissimas poesias, traz tambem uma soffrivel photographia de S. A. Imperiaes. Obrigados.

*A Chryzallida*. Está mesmo um minioso casulo, donde se vão desabotoando os lyricos sorrisos das Nymphas, que na *Chryzallida* collaboram. Primorossissimo o n. 11.

O *Correio da Europa*, n. 5, da edição do Brazil. Traz excellentes gravuras e um texto de fino sabor litterario.

Recebemos de eximio compositor uma linda polka, denominada, opportunamente—*O Baptista Pulou Fóra*, e offerecida á distincta officialidade da armada. Só ao pegar-se a bolha composição sente a gente uma vibração, uns estrelecimentos e uns castos desejos de se pular, mesmo ao solavauco das ondas.

Obrigado e o Club Naval para dançar a miniosa polka.

### ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

# DERBY-CLUB

## GRANDE PREMIO

### INITIUM

A REALIZAR-SE NO DIA 27 DE MAIO DE 1888

| NS. | NOMES            | PELLO           | FILIAÇÃO                           | PROPRIETARIO          |
|-----|------------------|-----------------|------------------------------------|-----------------------|
| 1   | Primadona.....   | Alazão.....     | Ernest e pelluda.....              | A. Pinheiro.          |
| 2   | Tenorio.....     | Idem.....       | Idem.....                          | Idem idem.            |
| 3   | Zig.....         | Idem.....       | Douro e Bella Alliança.....        | Condellaria Paulista. |
| 4   | Menino.....      | Douradillo..... | Bordor Minstret e Mulers Maid..... | J. G. Nogueira.       |
| 5   | Jarreta.....     | Idem.....       | Janoit e Bolivia, meio-sangue..... | Idem idem.            |
| 6   | Amburá.....      | Zaino.....      | Janoit e Gayvota.....              | Idem idem.            |
| 7   | Tramoya.....     | Idem.....       | Janoit e Geranium.....             | Luiz do Pontes.       |
| 8   | Fédora.....      | Alazão.....     | Fil d'Escosse e Debora.....        | E. A. Paes de Barros. |
| 9   | Piesco.....      | Idem.....       | Damon e Geographia.....            | Idem idem.            |
| 10  | Corneville.....  | Donradillo..... | Corneville e Fosca.....            | Condellaria Aranha.   |
| 11  | Hebreu.....      | Alazão.....     | Idem e Mulata.....                 | Idem idem.            |
| 12  | Gauléz.....      | Idem.....       | Idem e Venus.....                  | Idem idem.            |
| 13  | Gioconda.....    | Castanho.....   | Boliver e Luiza Michel.....        | Idem Alliança.        |
| 14  | D. Quichote..... | Idem.....       | Tagible e Araponga.....            | Idem Fiuminense.      |
| 15  | Derby.....       | Idem.....       | Goldmasper e Pelluda.....          | Idem idem.            |
| 16  | Mo-léa.....      | Alazão.....     | Sans Pareille e Moura.....         | Coronel Barroe.       |
| 17  | Brazão.....      | Douradillo..... | Idem idem e Bonita.....            | Idem idem.            |
| 18  | Pellicano.....   | Idem.....       | Idem idem e Frulanna.....          | M. U. Lemgruber.      |
| 19  | Vivaz.....       | Idem.....       | Idem idem e Diana.....             | Idem idem.            |

# GRANDE DERBY NACIONAL

A REALIZAR-SE

EM 15 DE JULHO DE 1888

| NS. | NOMES            | PELLO           | FILIAÇÃO                      | PROPRIETARIO          |
|-----|------------------|-----------------|-------------------------------|-----------------------|
| 1   | Primadona.....   | Alazão.....     | Ernest e Pelluda.....         | A. Pinheiro.          |
| 2   | Tenorio.....     | Idem.....       | Idem.....                     | Idem idem.            |
| 3   | Zig.....         | Idem.....       | Douro e Bella-Alliança.....   | Condellaria Paulista. |
| 4   | Menino.....      | Douradillo..... | B. Minstre e M. Maid.....     | J. G. Nogueira.       |
| 5   | Gauléz.....      | Alazão.....     | Corneville e Venus.....       | Condellaria Aranha.   |
| 6   | Hebreu.....      | Idem.....       | Idem e Mulata.....            | Idem idem.            |
| 7   | Corneville.....  | Douradillo..... | Idem e Fosca.....             | Idem idem.            |
| 8   | Tramoya.....     | Zaino.....      | Janoit e Geranium.....        | Luiz do Pontes.       |
| 9   | Piesco.....      | Alazão.....     | Damon e Geographia.....       | R. A. P. de Barros.   |
| 10  | Fédora.....      | Idem.....       | Fils d'Escosse e Debora.....  | Idem.                 |
| 11  | Gioconda.....    | Castanho.....   | Bolivar e Luiza Michel.....   | Condellaria Alliança. |
| 12  | D. Quichote..... | Idem.....       | Tagible e Araponga.....       | Idem Fiuminense.      |
| 13  | Derby.....       | Idem.....       | Goldmasper e Pelluda.....     | Idem idem.            |
| 14  | Pellicano.....   | Idem.....       | Sans Pareille e Frulanna..... | M. U. Lemgruber.      |
| 15  | Vivaz.....       | Idem.....       | Idem e Diana.....             | Idem.                 |

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1888,

O 2º Secretario, MOREIRA SAMPAIO.

**Dr. Cyro de Azevedo.**—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

**Dr. Ratisbona Filho**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Luiz Murat.**—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

**Dr. Aristides Lobo**—Advogado, rua dos Ourives n. 35.

**Dr. João Ribeiro**—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

**Os Engenheiros, Drs. Buarque de Macedo e Castro Maia,** encarregam-se de trabalhos de construcção, estudos ou outro quaesquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

**Dr. Aristides Spinola**—Advogado, rua do General Camara n. 36.

### SEMENTES NOVAS

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA

HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR, 45

## A NOIVA RUA DOS OURIVES, 14 SALÃO

para pentear senhoras o cortar cabellos

PERFUMARIAS, MODAS E  
NOVIDADES, NINICHES e FRISETS  
Ultima novidade de 1\$ a 5\$

## ABEL

Cabelleireiro e professor de penteados  
RIO DE JANEIRO

## FABRICA DE CHUMBO

Na rua do Hospicio n. 22. Vende-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

## CERVEJA PELOTAS

DA FABRICA

DE

G. RITTER & IRMÃO

22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

# LOTERIAS DA VICTORIA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericordia e das sociedades Beneficente da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Auctorizadas pelas leis n. 65 de 20 de Dezembro de 1886 e n. 84 do anno passado

## 4.000 BILHETES

SOMENTE

divididos em terços de custo de 900 réis cada terço  
Tem duas finaes, dando cada um 1\$000 o terço

Distribue 862 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da divida publica geral da Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanaes e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem receber-os na côrte queiram dirigir-se á Rua do Ouvidor n. 51 1º andar, para onde poderão dirigir, por carta, ao abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

**Manoel do Couto Teixeira**

VICTORIA

## MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS PERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

**ARENS IRMÃOS**

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descrições em portuguez

# A PAULICÉA

## BRILHANTE INAUGURAÇÃO

### NO DIA 1º DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. famílias a differença de preços que faz das grandes liquidações que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para bomens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possivel promptificar para hoje o annuncio que dsve mostrar o grande sortimento sem igual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, **CORRÊA & FREITAS**  
SUCESSORES DE J. M. CORRÊA

# A PAULICÉA

## 2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2

RIO DE JANEIRO

**A PAULICÉA**

REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

**A PAULICÉA**

REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 25 DE MARÇO DE 1888  
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 166

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO.

## A PROVINCIA DO CEARÁ

25 DE MARÇO

### REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,  
Urbano Duarte,  
Leopoldo Cabral e Candido Juca

### GERENTE

Ismael Marinho Falcão

### SUMMARIO

|                                |                     |
|--------------------------------|---------------------|
| Expediente.....                |                     |
| A Libertação do Ceará.....     | Diversos.           |
| A «Semana».....                | Gêol                |
| Historia dos sete dias.....    | Augusto de Lima     |
| Côro das espheras, soneto..... | Araripe Junior      |
| Força velha.....               | Cypriano Miranda.   |
| Suicidio, soneto.....          | Lahore              |
| Na Serra.....                  | O. Duque Estrada    |
| Em passeio.....                | Domicio da Gama     |
| Romancile.....                 | Candido Juca        |
| Um optimista.....              | Emilio de Menezes   |
| Soneto mythologico.....        | Coelho Netto        |
| Siryx — O ideal.....           | Alberto de Oliveira |
| Longe da vida, poesia.....     | Emanuel Karner      |
| Pels noite.....                | M. e Albuquerque    |
| Domadores, soneto.....         | Virgilio Varzea     |
| Romance de um rapaz.....       | Kininger            |
| O gramete Nogueira.....        | Avellar Brotéro     |
| Estrellas, soneto.....         | Lafayette de Toledo |
| Poetas mineiros.....           | Lhao                |
| Theatros e diversões.....      | J. Dias Moreira     |
| Teus olhos, poesia.....        | Myllius             |
| Crstos á bols.....             |                     |
| Factos e noticias.....         |                     |
| Anuncios.....                  |                     |

### EXPEDIENTE

#### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICHEROY

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 4\$000  |
| Anno.....     | 8\$000  |
| PROVINCIAS    |         |
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs. :  
Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.  
Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;  
Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.  
Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.  
F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

### BRINDES

A's pessoas que vicrem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :  
— *Symphonias*, versos de Raymundo Corréa, com uma introdução por Machado de Assis.  
— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.  
— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Viera.  
— *Mariposas* de J. Moraes Silva.  
A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde :  
— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.  
— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

### DATA GLORIOSA

Commemora-se hoje o quarto anniversario do inolvidavel dia em que, primeira entre todas, a provincia do Ceará se libertou da escravidão.

Esta commemoração, assume um caracter ainda mais festivo e imponente pelo facto de ser feita sob o dominio do governo sympathico o benemerito que tem, proxivamente de fechar com um grande ponto final de luz a epopea negri-sangrenta da escravidão.

Imaginae um fio de estrelas a estender-se pelo azul da esphera; a mais distante, a de uma das extremidades do fio, é pequenina, a ultima, a da outra ponta é grande, muito maior do que aquella.

Pois bem : a libertação do Ceará representa aquella, o ministerio João Alfredo—Prado representa esta.

Ao Ceará cabe, a gloria de baver partido o primeiro grilhão, ao actual gabinete ha de caber a de rebentar o derradeiro.

Não relembremos os bellos e immorredouros episodios d'aquella santa campanha libertadora, pois estão ainda bem frescos na memoria de todo e

como que a população da Côte ainda tem ante os olhos a grandiosa procissão civic. glorificadora do heroico jangadeiro Nascimento, é as alegres e ruidosas *hermesses*, todas as festas emfim com que se celebrou a data illustre.  
Aponas cumprimos o dever de saudala com enthusiasmo e reconbecimento.

A todos os corações que ella emociona e alvorota se associa *A Semana* para prestar á heroica provincia do Norte e a todos os campeões da guerra incruenta pela Liberdade a homenagem profunda e sincera de brasileiros amigos da sua patria e dignos da honra denascer debaixo d'este céu tropical, sobre estas fecundas e livres terras da America.

*Hurray!* pelo Ceará!

A sociedade brasileira gravitava em torno de um ponto negro — a escravidão; e esse ponto touvo penetrava por modo tal todas as relações da vida nacional, que nenhuma questão se agitava sem que d'ahi bolsassem logo ameaças e o temores.

Não se comprehende, porem, uma sociedade immovel; e se as pyramides se subvertem, muito mais infecundas instituições.

Foi um ponto luminoso que veio um dia prometter a nossa terra uma manha clara e um vida sem assombros. Essa mancha de luz arraiou nas plagas cearenses. Era preciso que o arrebol da liberdade fosse escolher uma região afastada para emergir sem contragolpes.

O movimento se faz em regra pelo lado de menor resistencia; o seguramente o esquecimento dessa lei permittiu que, quando menos pensavam os contradictores do surto libertador, a claridade houvesse attingido o zenith da opinião.

Hoje, que as flamulas da idéa vencedora cobrem festivamente a encosta da montanha, quando os fusis do enthusiasmo lampejam nas cumiadas do Capitolio, só nos resta dar graças á patria, lembrando os nomes dos modestos obreiros do progresso, que tiveram a força de converter-se em legião, transfigurando o Ceará em S. Paulo e S. Paulo na Nação.

20—3—88.

ARARIPE JUNIOR

A logica da fagulba é incendiar e a logica do incendio é propagar-se.

Hontem foi a libertação do Ceará; hoje é a libertação progressiva do Brazil; e o que será amanhã?

Para a escravidão negra veio o abolicionismo e para a escravidão branca virá o socialismo.

E' a historia fatidica da maçã de Newton.

O dia 25 de Março é bello como o sol. Eu o saúdo com alvoroto e d'aqui envio ao Ceará, minha estremecida patria, toda a febre do meu enthusiasmo juvenil.

CANDIDO JUCA

Quando mais tarde a historia passar recolhendo os seus elementos,— do que foi o nosso tempo—; guardará como maiores factores de nosso caracter e da nossa civilização, dois factos de admiravel superioridade: — A emancipação immediata, incondicional, e sem indemnização, da minha Provincia, o Ceará, essa formidavel constancia, essa colossal pertinacia de todos os abolicionistas e da imprensa democrata.

A este dia, por dupla razão, saúdo-o. Côte, 1888.

L. CABRAL

Todos aquelles que se interessam pelo movimento abolicionista que se tem operado no paiz, não devem desconhecer o grande acontecimento, cujo anniversario *A Semana* hoje commemora.

Para esses não são estranhas todas as circumstancias que contribuíram para a formação desse pedaço glorioso da nossa historia.

E' inutil pois,doixar aqui longas narrações, costumadamente adjectivadas, que apenas servirão para afastar do nosso espirito a grata impressão que nos produz a só lembrança dessa data.

Compartilhamos o regosijo que estas recordações trazem ao povo brasileiro.

NUNES CORREIA

Não posso deixar passar despercebida a data de hoje, que relombra o maior facto de gloria para a minha heroica e querida provincia.

Eu, como um de seus filhos, a saúdo com todas as forças dos meus sentimentos.

LUIZ GONZAGA FALCÃO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### A CANÇÃO DO CEARÁ

Podes entrar, forasteiro,  
Sem temor podes entrar;  
E' torrão hospitaleiro  
O que foi herço a Alencar.

Aqui, onde os verdes mares  
Bravios rugem na praia,  
De cantos perfuma os ares,  
Na carnaúba—a jandaia;

O jangadeiro amoroso  
Vai nas ondas a cantar,  
E a jangada aventureiro  
Vai levando sobre o mar.

Enquanto as ondas prateadas  
Vão cantando o seu poema,  
E nas brisas perfumadas  
Ouve-se a voz de Iracema,

Nas campinas de esmeralda,  
Tão verdes! da cor do mar,  
Do sol ao brilho, que escalda,  
Vê-se um povo a trabalhar;

E em toda a extensão dos vastos  
Expansos da lavoura,  
Nas plantações e nos pastos,  
Que o sol fecundando doura,

Pelas campinas floridas,  
Verdes, grandes como o mar,  
Nas rudes, alegres lidas  
D'esse povo a trabalhar,

Já não se escuta o vergalho,  
Nem a grita dos feitores;  
Já não é mais o trabalho  
De escravos para senhores!

Nem mais serões, nem mais eitos  
Nem chicotes a estalar!  
Homens fortes, satisfeitos,  
E mais livres do que o mar!...

Apenas, em desaggravo  
Da antiga ferocidade,  
Lembram-se as dores do escravo  
Nas festas da liberdade...

Vinde, o gentes estrangeiras:  
Podeis sem temor entrar:  
São livres, hospitaleiras  
Estas plagas de Alencar!

VALENTIM MAGALHÃES.

25-8-85.

## AO CEARÁ

Em 25 de Março de 1884

Tu, que luctaste e que venceste agora,  
Região tostada pelos sóes ardentes,  
Vô se tomas uns raios vivos, quentes,  
Do aurigero carcaz da tua aurora!

E com elles verhora o Sul, embora  
Queiram ferir te as vozes maldizentes;  
Que estes raios são settas refulgentes:  
Mãe de guiar-nos pelo tempo e fora

Terra do bem, tás hoje um grande exemplo,  
Tão grande! que eu te vejo e te contemplo  
Como o sol espancando a escuridade.

Has de muito subir, torrão de bravos,  
Pois quem derrota a noite dos escravos  
Recebe em cheio o dia da igualdade!

ALFREDO DE SOUSA.

## A SEMANA

Não podemos ser extranho a qual-quer acto que signifique um avanço de progresso e de civilização para nossa patria, decorra elle, de quem quer que seja.

Ao governo que passou não diviamos fallar: a sua permanencia no poder foi um ultrajar a nossa educação, e uma estagnação do desenvolvimento material deste paiz.

Hoje, porém que, pelo que se diz, e pelo que parece, phase mais lisengier, momento mais prospero vai ter a direcção das cousas publicas; e mais ainda pela influencia deste dia nos destinos do Ceará; offerecemos ao governo do illustre Sr. conselheiro João Alfredo o artigo abaixo, bem curado trabalho do gerente d'A Semana, o nosso amigo e companheiro Sr. Ismael Marinho Falcão, engenheiro pela Escola Polytechnica.

Em nome pois do Ceará pedimos a attenção do digno Sr. Presidente do conselho para o alludido artigo.

### OS AÇUDES NO CEARÁ

Os illustres engenheiros Amarilho de Vasconcellos e H. Floglare, em sua memoria impressa na Fortaleza em 1882 — *O prolongamento da estrada de ferro de Balurité a Cariry e os açudes na provincia do Ceará*— tendo condemnado os projectos e orçamentos do Sr. Révy, não lembraram-se de um grande obstaculo que se pôde oppôr á conservação dos grandes reservatorios, que é algumas correntes subterraneas pelas quaes escapam todas as aguas; além do fóco de miasmas que se desenvolverão, a exemplo do que já se tem verificado nos grandes lagos de Apody, Cauhyte, Pecem, Trahiry, Boqueirão e diversos que demoram entre Acarahú e Camocim, um destes tem mais de quatro leguas de perimetro; os quaes longe de servirem de abrigo aos immigrants que para alli refugiaram-se, foram um elemento de destruição (pela agglomeração de povo), em consequencia das febres de máo caracter e mesmo epidemicas.

— Igual desastre não acontecerá se o governo mandar construir em logar de açudes um paredão de alvenaria ordinaria de pedra e argamassa de cal hydraulica, protegida do lado inferior por uma forte barragem, estabelecendo assim a continuidade da serra Grande onde é cortada pelo rio Poty.

Por este meio represando as aguss deste rio formar-se-hia um lago que oc-

cupará uma área de 1.300 kilometros quadrados appproximadamente, com uma profundidade de 15 metros, e teremos um volume d'agua de 19.500.000<sup>m</sup>3; e por meio de um canal alimentar-se-hão os rios Acarahú e Quiqueramobim.

Ficando a provincia do Ceará com dons rios perenes na extensão de 700 kilometros; uma vez feito este maravilhoso melhoramento, unico efficaz, os habitantes daquella zona, em numero superior a 150 mil, por meio de uma barragem provisoria, que deve ser feita em cada mez de Maio, de custo baratissimo de 20 a 50.000 rs. conseguirão um deposito d'agua de 5.000<sup>m</sup>3 a 50.000<sup>m</sup>3, com a qual estabelecerão a irrigação de todos os terrenos aproveitaveis para agricultura (as cereas ou terrenos de alluviaõ).

Este systema já foi empregado no Arriatú, temo da Imperatriz dando resultado o mais satisfactorio.

Adoptando-se este systema de barragens provisorias estabelecendo uma serie de depositos, teremos: extensão 700.000<sup>m</sup>, largura média 10<sup>m</sup>, profundidade média 1<sup>m</sup>, 20 = 8.400.000<sup>m</sup>3 + 19.500.000<sup>m</sup>3 (do lago) = 27.900.000<sup>m</sup>3 de agua que infuirá infallivelmente para o melhoramento meteorologico e abastecerá uma população de 20.000 habitantes sem trazer os inconvenientes acima alludidos por serem aguas correntes e não mortas.

As despesas a realizar não devem exceder á orçada para os açudes Itacolomy e Quixadá.

Verificada a hypothese de ser mais dispendiosa a construção deste grande reservatorio, o que estou coavencido não se dará, ainda assim é elle preferivel, pois dispensa a conservação e torna-se uma fonte de rendas para o Estado.

Os açudes darão resultados negativos visto como collossaes, como devem ser, absorverão grandes quantias, porque o serviço demanda um subido numero de empregados technicos, e de machinas que, com sua alimentação (sendo movidas a vapor, visto que não haverá queda d'agua nesses açudes) absorvem combustivel e lubrificação em alta escala.

O rio perenne, desde que a parede for convenientemente construida e consolidada, incumbe-se por si mesmo de limpar o leito e a hater as aguas com a correnteza.

Alem disse haverá a maxima vantagem, na facilidade com que os habitantes effectuarão derivações, que levem as aguas a todos os seus terrenos; podendo estes canaes ser traçados de tal modo que, depois de percorrerem consideraveis extensões, possam voltar ao primitivo leito, isto é dar uma volta pelos terrenos das margens, tendo a declividade bastante para que sigão, sempre descendo, até novamente encontrarem o rio.

ISMAEL MARINHO FALCÃO

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Começa o Sr. Ferreira Vianna perfeitamente a sua vida ministerial. A influencia que sobre o espirito e o coração de S. Ex. exerce a religião chistã, é justamente a que deveria exceptar sobre todos os que a aceitam e a seguem.

Foram sempre de consolo e de allivio

aes que soffrom, as palavras e as acções do martyr do Calvario. Quem deixa soffrer uma criancinha, tendo em sua mão meios de remediar-lhe o mal, affirma a sua nullidade moral e intellectual. O illustro ministro da justiça que tem, dizem, um coração generoso e que é uma verdadeira potencia intellectual, reconheceu, em uma só visita que fez ao asylo dos mendigos, que aquillo não podia continuar assim. A imprensa, a cuja frente esteve sempre a *Gazeta de Noticias*, debaldo reclamou contra a falta de hygiene d'aquelle estabelecimento onde se accommodavam promiscuamente 400 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Os ex-ministros talvez até achassem magnifico o asylo. Para mendigos não ha hygiene e nem ha moralidade...

O actual ministro da justiça pensa bem diversamente: aquella casa não é asylo, não é nada senão um chiquiro. E toma elle proprio a resolução de ir pessoalmente solicitar de tres capitalistas a csmola de uma habitação para as pobres criancinhas...

Junto aos dos meus collegas de toda a imprensa, os meus sinceros applauses ao Sr. Ferreira Vianna.

A instrucção publica merece do actual ministro do imperio toda a sua attenção e todo o seu cuidado.

Não se trata apenas de reformar o ensino secundario e o superior; antes destes e como ponto de partida para elles, está o ensino primario. Nos enermes palacetes construidos nesta corte, a gente tem ás vezes occasião de reconhecer quanto são descuidados, entre nós, os assumptos de instrucção primaria. E' assim que, numa escola publica em que perfeitamente poderiam começar a ler e a escrever duzentas ou tresentas crianças, apenas trinta ou quarenta a frequentam com assiduidade. Não haverá meninos que precisem estudar? Ha, e em avultado numero; mas, ou por incuria dos pais, ou por outro motivo qualquer, esses meninos andam de preferencia a garotar pelas ruas, mettem-se com individuos de máo comportamento que os iniciam nos vicios, e as escolas ficam vastias.

O nobre ministro do imperio tornar-se-hia digno da mais sincera admiração se, como lei, estabelecesse a obrigatoriedade do ensino primario.

E já que me dirijo ao ministro do imperio, e que fallo em instrucção: é mister que não fique impune o facto denunciado por um dos nossos diarios. Na Parahyba do Sul ha um professor que leva tão longe a sua vontade de incutir nos alumnos as lições que lhes dá que, si um destes desgraçados não as leva sabidinhas na ponta da lingua elle os flagella collocando-os de quatro pés e cavalgando-os. Enorme cavalgadura que tu és, oh! mestre de uma figa! Si tu obriggs os teus martyres—alumnos de tal mestre são martyres—, si tu os obrigas a ficarem de quatro deverias pelo valor duplo que a respeito delles representas, ficar de oito. E deviam cavalgar-te todos elles, munidos de esporas e de grossos rbanques, para, vingarem as torturas que lhes infligges.

O ministro do imperio, de certo ha de lembrar-se de recompensar este professor, psra o qual faltam requisitos indispensaveis á sua profissão: prudencia, bondads e educação. Com semelhante mestre, quo se pode esperar dos meninos da Parahyba do Sul?

Vem por ali, sem duvida, pensando que assim á guisa de bestas, podem levar os homens...

Hoje é o anniversario da libertação do Ceará, a primeira provincia brasileira que se expurgou dessa chaga hedionda, que lhe corroia os tecidos: a escravidão. Foi um exemplo nobilissimo dado pela terra de Alencar ás outras provincias brasileiras, que, honra lhos seja, vão acompanhando-a de perto.

Os Cearenses ufanam-se de ter sido os primeiros a levar avante a idôa da liberdade, e essa honra lhes cabe, effectivamente.

A *Semana*, cujos proprietarios são do Ceará, apresenta-se hoje toda risonha e contente.

Felicito-a, felicitando todos os Cearenses e felicitando os seus proprietarios.

CÉVE

## CORO DAS ESPHERAS

(Fragmento do poema A Vida)

Os seculos, os dias  
Vão rolando, rolando...

Das nebulosas manam harmonias  
Que em astros novos vão se condensando.

Somos mil, somos uma  
Num infinito só;  
Pois da Materia universal, em summa,  
Cada planeta é um atomo de pó.

E a fracção não destroe a,  
Nós paramos fecundos,  
A grande Vida universal que boia  
Na ondulação harmonica dos mundos.

Aniquilam-se as éras...  
Extingue-se uma luz...  
Juntam-se numa esfera, outras espheras  
Pela lei attractiva, que as seduz.

Das entranhas da Morte  
Surgem vitas palpites,  
E todas vamos ter a mesma sorte  
No incorruptivel ether sem limites.

A Força nos anima  
A conquista, a que vamos...  
Atravez da estellifera campina  
Os grandes astros de Hercules buscamos...

E para além... quem sabe,  
Quem sabe si não ha  
Um mundo novo, que não mais acabe,  
Onde os sóes brilhem como brilham cá?

E vamos na corroute  
Da etherea evolução  
Vogando, morte e vida juntamente,  
Pólos eternos da Transformação...

AUGUSTO DE LIMA

## FORÇA VELHA

(Conclusão)

O estrupido de uma galopada sécca, como exa terreno balfo, chamou a attenção do Guedes para o lado da estrada que ia ter a villa. Na volta, havia uma foiceira de muricyes, aonde terminava um pequeno aréal, que contrastava com o terreno barrunto e umbroso em

que estava situado o rancho. O cavalleiro emergio desse aréal de subito, e o quadrupode, nitrido, ospumante, atacou o barro, equipando forte, elegante, encapotado, a espirrar, cheio desse brio e ardor, que distingue o cavallo de raça ingleza acclimado nos tropicos.

— Pelo bater dos cascos não é senão o caboclo.

— E o mais é que o advogado entende de redea!

— O cavallo, com os seiscentos, é que sim... Aquillo dá até em mão de mamão-eva. Não sabe você quem foi o dono do animal? Não será o que seu Chico Brazil comprou ao patrão da casa ingleza? É por signal que o desgraçado do caboclo o desfeitou...

— Mas que lombrança! O dia-o me parece mesmo castrado! ponderou o estafeta.

Um minuto decorrido, e o cavalleiro quasi em cima delles! Trauspondo o terreiro, como um raio, souu modificar a marcha, o Chico Brazil fez objectivo sobre os dois preopinantes, e, atirando-se de corpo a ré, com as redeas fortemente presas, riscou quasi sobre os pés do cargueiro. O rosillo, sustado repentinamente no impeto, meteu as patas dianteiras a frente, e deixando cair as ancas em sentido inverso raspolu a terra em meia braça.

O cavalleiro corrigio logo a posição do brioso animal, e solando o freio comprimintou a boa companhia. A Salustina, que já o espreitava da janella, sorrio, fazendo um momo de femea que presente a aproximação da febre lubrica. Os olhos brilharam-lhe como se tivessem sido feridos pelo primeiro raio da madrugada, e já o seio ancioso movimentava-se para dizer alguma inconveniencia, quando veio a reflexão e a onda sentimental refiuo para o lado da cabeça. Zuniram-lhe os ouvidos e as faces ficaram enrubecidas como o fructo da pitanga. A pbrase, que ia se esboçando candidamente, envagiuon-se toda nos refohos do coração. Se não fosse aquelle malvado paralytico!

— Ao advogado não passou despercebido o movimento; e duas palavras de cortozia bastaram para fazer aquelle organismo hybrido entrar em si.

— Salustina, você precisa ter juizo.  
— Ora, já se vio que homem, meus peccados! arrulhou a rapariga, embicando-se.

O Guedes piscou o olho para o outro. O Chico, então, agoitando as botas russianas, encostou o rosillo á calçada, erguen-se um pouco sobre os estribos para refrescar a sella, e depois apoiando-se sobre a direita, com o corpo encolhido para o lado da Salú, poz-se a olhar com uma curiosidade petulante do homem traquejado na bohemia sertaneja. Os seus quaranta não lhe tinbam tirado ainda nem o espirito, nem o entusiasmo pelo eterno feminino.

O Miguel resomnava apezar de tudo. O moleque, por seu lado, sentindo o estrepido do cavallo chegara ao cercado e debruçara-se sobre uma corda de sipós numa attitude de satyro donegrado, a fazer caretas.

O Chico Brazil, vendo-o, percebeu logo qual a sua procedencia.

— O rapaz, disse elle, que diabo estás fazendo ali. Olha!

— E mostrou-lhe o chicotinho. O garoto galgou a cerca, e dando uma cambalhota, um assomo de gaitismo infrene veio collocar-se em frente do cavalleiro a gingar como um verdadeiro faquista pernambucano que era.

— Olhe seu matuto; que eu sou da

praia. Não venho da cosinha; e se me faz lambança, já lhe prego á mão na testa, e esta lingua na barrigo.

A lingua era uma quicé que o patife trazia ao quarto para descascar laranjas.

O Chico Brazil rio-se muito da piberia, e impinando o cavallo, negaceou uma investida sobre elle. O moleque, ameaçado por este modo, trepou-se como um gato pelo tronco da cajazeira.

— Desce, diabo. Que bem mostras que teu senhor ainda não perdeu o cheiro de estudante.

E dirigindo-se para o Guedes.

— A que boras cbeiga a gente?

— Não podiam tardar muito, e elle ia partir.

A Salustina interrompeu o advogado, convidando-o para entrar. Mais do que disto estava elle desejoso. Apoiou-se; e dando a redea do rosillo ao moleque, entrou para a casa do rancho, meho tropego, estafado, com a goola a arder da sôde que lhe provocara a soalheira.

ARARIPE JUNIOR

## SUICIDIO

(A LEOPOLDO CABRAL)

Era um sacario aquella alcova rica,  
De perolas, de rosa atapetada:  
Era um céo resumido e ella a virgem  
Dos bomens adorada.

N'aquella frente o raio da esperanza  
Nunca, nunca obumbrado um dia fóra.  
Mas o prazer nem sempre delicia,  
Nem sempre a vida doira.

Um dia entrei na alcova rica, esplendida  
Mui semelhante a dé uma Oriental:  
Que vi? Senhor! Meus Deus! Seria  
Que sonho?

— Um corpo e um punhal.

CYPRIANO DE MIRANDA.

## NA SERRA

(Conclusão)

Um vento monotono fazia gemer brandamente a floresta, em quanto o estalo vibrante da araponga, como uma bigorna perdida, o assobio agudo, impertinente das cigarras, o canto vago das aves na matta, o grito dos macacos pelos talhados, fazião uma aclamação ao sol na sua abrasadora magestade.

Menos fatigados continuarão a ascensão.  
De quando em vez obscurecia-se o céo o uma sombra refrascava a montanha. As nuvens invernosas se agglomeravão e as sombras repassavão mais de entuviada. Ao longe o azul e o sol desaparecião por detraz dos vapores que se accumulavão; e a matta foi se imundecendo como ultimo concerto de uma festa.

Dentro em pouco a calmaria envolveu tudo. Calmaria podre, como se diz no mar. As aves caçarão-se. Os urubus voavão a alturas prodigiosas, como pequenos poutos negros no sitim fascinante do céo.

Por vezes um passaro desgarrado passava e ia esconder-se na espessura. As arvores immoveis como quo sustinhão á respiração para escutar.

No entanto o céo placido deixava arastarem-se os vapores, que envadiam o horizonte como um baudo de brancos mastodontes.

Um calor terrivel, um calor de abafar levantou-se da terra.

Então um ruido surdo e vago approximou-se em rapido crescendo; o em breve as arvores se torcião e as folhas seccas levantavão-se ua aza do vento.

A borrasca mandava o seu primeiro sopro atravez da matta que se movia e voltava a immobilidade a proporção que elle passava como um grito de alarma. Os sopros repetirão-se. Em pouco refrescou o vento o o rumor indefinivel da floresta ergueu-se como uma aclamação.

Essa bafagem fresca tirou o velho ás suas distrações. Lançou em roda o olhar exclamando o apprehensivo, veixado:

— Jesus! Temos chuva, muita chuva! Depressa meninos! meninos! Vamos! Si soubessem que cão terrivel é o mou rheumatismo! Tem horror á chuva... Com a brécal Quem me obrigou a molhar-mo assim! Não fazia mal a ninguém ficando em minha casa. Vamos! Vamos! Si o maldito aguaceiro apanha-me estou fresco, arranjadinho!  
E o velho esquecia-se de tudo para só lembrar-se do seu mal.

Preferia rebentar por aquellas laideiras a baixo, a ser apanhado pela borrasca!

Bertha appproximou o seu cavallo do pae, e affagou o braço do velho com a mãozinha carinhosa e enluvada.

Rogério ficou bumilde, feliz aquelle doce contacto do seu bom anjo.

— Mas veja... disse elle estendendo o braço para os pinaros que a chuva já attingia.

Elle tinha razão. Era preciso voar para cbegar antes da tempestade.

Para o lado do nascente uma massa compacta de vapores bronzada arastava-se pesadamente, velando os cabeços num capuz acinentado, e pondo na serrania proxima os tons de azul carregado.

A chuva caminhava estendendo-se pelas lombadas, como um reposteiro que se vae pouco a pouco desfranzindo.

Rogério incitava o pobre animal para fazel-o transportar as laideiras como um cabrito. O velho tirava do médo uma grande energia, a que não correspondia a natural paciência da cavalgadura muito menos rapida do quo a borrasca que lá caminhava no céo.

Era inutil qualquer esforço, porque as primeiras gottas raras e densas cabião já fazendo levantar se um odor de argila, e chiar as folhas seccas.

Abateu-se vigorosamente o aguaceiro. Num momento tudo ficou alagado inundado.

Bertha ria-se perdidamente; sentia-se accessa com aquelles bramidos das cousas mortas.

Era effectivamente grandioso o espectáculo d'aquella chuva na serra.

O vento, que passava rugindo pelas

quebradas a fóra, vergava, contorcias' derrubava as arvores que tinham aspecto do epileptica. As aguas arrastadas pela impetuosidade do deslize, abriam fundos sulcos que se tornavam regatos.

As pedras daslocavão-se e roinvão pelos despenhadeiros como um espir endemoniado. Os caminhos alagados repercutiam a pancada das patas dos cavallos, galloppando com o, pescoço estendido e a cabeça inclinada para o chão.

A montanha, coberta de vapores, fazia o céu e a terra confundidos...

LAHORE

## EM PASSEIO

Armando e Leonor, nos doces laços Que tece o «Sim» que ns almas enamora, Numa tarde de abril deram se os braços E foram juncos pela estrada em fóra...

Armando vai dizendo-lhe que faça Com que elle goze mais de seu amor, Que todo o encanto seu, que toda a graça Lhe seja o doce noctar de uma flor.

Ella desprends a harmoniosa falla Ediz-lhe presa em tremulo recato : Faz mal aquelle que seua males cala... E tu, Armando és simplesmente ingrato

Juras de amor eterno, immenso, ardente Soguem-se após em magicos idyllios ; Salta-lhes d'alma o riso traasparente Como de estrellas esplendorosos brilhios.

Havis em tudo um msmurmo brando Naquelle doce e divinal ensejo...

Quer fosse um beijo dado por Armando Quer fosse a moça quem lhe desse o beijo

E ella presa de um subtil resabio Via-se então n'um mude paraíso... Treme-lhe o riso quando sao do labio, Treme-lhe o labio quando solta o riso.

Acham-se sempre á hora costumada No ponto em que revellaa seus desejos... Trocam beijos lembrando-se da estrada E a estrada está lhes recordando os beijos!

1887, Abril.

OSORIO DUQUE ESTRADA

## ROMANCITE

Auda aqui um alvorogo litterario que se exprimirá em inumeros romances.

Digo innumeros, porque já passam de viute os annunciados na roda em que todos mais ou menos se conhecem. E é preciso crer que mesmo fóra da roda, tambem ha quem pense e tenha ardores e tenha juventude ociosa; tanto que, spezar das deseryões e das promções frequentes, os claros das fileiras dos litteratos militantes são sempre preenchidos. São os irregulares que vem adxtrar-se sob a disciplina dos veteranos e aprender a manobra sob as vistas dos chefes, que galardoam

e punem. Como para a admisión agora é exigido pelo menos um romance, muito romance deve estar em fabricação para as proxims matriculas.

Não façmos caso d'essas primeiras provas condicionaes, que são como as theses de doutorando, raramente honrosas para os candidatos. O trabalho dos que já tem galões e honras é bastante significativo como caso de estudo para quem aualysa enthusiasmos friamente.

Nós tambem temos como as nações civilizadas poetas que fazem versos e poetas que fazem prosa. Em pequeno numero, é certo; mas temos. Somente entre nós á variedade maior cabe aos versejadores. São elles os capazes de fazer poemas em um verso—pasmosos! e poemas em tres mil — illegiveis... Os prosadores, não. Sonham com um Charpentier fluminense que os infleire a todos em volumes de trezentas paginas sob a monotonia das capas amarellas, a la moda de Paris.

Esta concretisação uniforme da aspiração poetica, que teris de ser variadissima, se independente fosse e não disciplinada, é um signal caracteristico dos tempos. Já houve tempo em que á mocidade heroica se expandia em golpes de espada e cantos de amor. Havia a monotonia da animalidade dominante. A exuberancia da aeiwa juvenil tinha os seus escoamentos naturaes. E, purgado o animal dos seus elementos explosivos, restava o homem capaz. Seria esse então o poeta, o Dante, o Camões ou o Cervantes — a reflexão apoz a acção.

A incapacidade para a acção atira-nos para a contemplação. E o invalido idealisa as batalhas em que entrou. Mas que batalhas pode contar quem nasceu invalido? Que amores pode cantar quem se consome impotente? A vida corre-lhe silenciosa e apathica, lugubrememente. Em outros, porem, a seiva vital transformada em purnlencia desabrocha em romances, que são como a florescencia da sanie. Dá-se então um facto que se estudará na historia litteraria depois de estudado na pathologia cerebral—a morbidez particular, individual, toma a feição geral, dominante e affecta a forma epidemica.

Reina sgora, gravissima, a romancite devastadora.

31 de Março.

DOMICIO DA GAMA

## UM OPTIMISTA

Bem fazia Epicuro oxplicando o mundo pelo acaso. Pois não é que um dia desaparou-se-me o antipoda do personagem que eu tive a subida honra de executar em meu ultimo artigo?

A verdade é que Santoca era tão optimista quão pessimista fóra Macedo. Alma grande e coração vasto. Um bon vivant, lá isso era.

Aquella face unctuosa, jocunda e expansiva á prova de fogo, era um attentado solemne ao louvavel intuito de todas as sociedades de temperança existentes e por existir. Aquelle tronco oleoso e nédio, pacatamente especado

com duas fortes manivelas ds animal bipede, era um poderoso cordão sanitario contra a respeitavel invasão de uma carga de ossos.

Ah! decididamente Santoca descobrira a polvora no genero bemaventuranga! Era homem para o que desse e viesse.

Atravessara uma longa, penosa e honrada existencia de trinta bons janeiros nadando sempre em gordura e em mar de rosas. Era aquillo que se via. Evidentemente esse sujeito chorra na barriga materna. Era dar um passo e esborrachar o nariz em algum poço de felicidade.

Mas um bello dis n desgraça entrou-lhe seriamente de casa, a dentro. Um caixa d'agua pespegou-lhe um gofanhoto. Era o palpito, amanhã andaria a roda. Preço da casa. Um ovo por um real! O nosso homem puxou a pellega, escarrou e cuspiu como convinha a um excellente burguez, pagou ao toma-larguras e foi rodando. No dia seguinte, metta-se em sorte grande!... E, por signal, teve de fugir a uma imponente manifestação a oleo projectada e promovida por seus numerosos amigos e admiradores.

Era por essas e outras que o desalmado so avezara ao notavol descaramento de ver tudo doirado, como o ictérico vé tudo amarello. As cousas lhe corriam ás mil maravilhas. Não alitava no cerebro nenhuma legião de sepi-rações; em materia de utopias não possuia de louça um caco; rosuavam até que elle não sabia que tinha o nariz na cara; mas tudo isso era positivamente falso. A morfina do bom senso injectava-lhe organicamente toda a massa do sangue e todo o tecido adiposo.

Se fosse philosopho, seria Leibnitz, fundaria o systema do optimismo absoluto; e se fosse poeta, seria Pope, para cantal-o; mas por felicidade só era meio philosopho e meio poeta. Disso, porem, é que não o tiravam, nem á mão de Deus Padre. O seu philosophismo era como o sal, não apodrecia nunca. Para doirar uma pilula, para ferrar uma maxima substancial á esclarecida sttenção do proximo, para rolar o Corcovado a golpes de palavras, se preciso fosse, alli estava elle, o Santoca, imperterrito, impavido. Nem mesmo perguntaria quem estava de guarda. Ver para crer.

Mas a sua parlapatice de homem de barriga cheia só subia á invejavel altura de uma congestão cerebral quando o acaso lhe deparava um pessimista, um lamuriendo.

— Ora adeus, viola! Pois tu não vés, filho! E' preciso que haja dor para que haja prazer, fome para que haja appetite e sede para que haja secura! Oh homem! Nem o padre santo!...

E era um pratinho delicioso vel-o então discorrer a trote largo sobre a divina providencia, sobre a harmonia do universo e sobre quanta pomada tem felizmente apodrecido nos alforjes de todos os honrados moralistas deste bello mundo sublinar.

Em sua humilde e obscura opinião tinha um alto e justo sicance esta significativa e feliz expressão—habitar o mundo da lua. Que admirassemos bem a belleza da mulher, a grandoeza do homem, o perfume das flores, o azul turqueza do firmamento, a vastidão do oceano, o roseo perola das nuvens, e não sei que mais, até vir desembocar no doce remanso da familia e na paz armada da sociedade. E terminava sempre e invariavelmente por esta ma-

caçada e estolida cantiga: Dizia Danton audacia e msis audacia! mas digo eu, amor e msis amor!

Em summa, e para concluir, accrescentarei sómente quo esse bemaventurado votava á existencia o mesmo odio profundo e instinctivo que o rato se digna de consagrar ao queijo.

CANDIDO JUCA

## Soneto Mythologico

A. J. MORAES SILVA

Proximo, o lago em que so lança a fonte Onde Canaco a frauta rude escuta, Que lhe diz que o irmão de meiga fronte P'auco vencerá na porfiada luta.

Propicia é a Noite cujo manto enluta De Flora o reino todo—o bosque, o monte. Fóra, a campina, o intermimo horizonte. Deutro, o mysterio na encantada gruta.

O Segredo a espreitar. A sussurrante Aza passa de Amor. No petreo solo De musgo o leite e hera verdejante.

E enquanto fóra os ventos solta Eólo Lá dentro o filho, tremulo, arquejante, Beija da irmã o incestuoso cóllo.

Das Helenicas.

EMILIO DE MENEZES

## SIRYNX-O IDEAL

(A PEQUENINA CORDELLA MURAT)

Na terra do myrtho verde e dos lanranjes doirados por ums madrugada festival e fresca, o capripede Pan, deus dos pastores, o primeiro que soprou na avena—o pae dos madrigaes viu entre os juncos, a formosa Sirynx.

Viu-a e não teve mais o coração calado.

Entrou a suspirar e a perseguil-a, gemendo noite e dia e procurando deter a linda moça fugitiva.

Faunus, vendo-o a chorar, riu do seu choro e os egyptans e os satyros capripinos seguiram os passos do cornuto amante por entre as moutas de loureiros.

Debalde Pan, o pobre Pan chamava. Debalde Pan, o pobre Pan gemia.

A moça, conhecedora de todos os mandros, fugia-lhe dos passos.

Só as lamadryadas e as oreadas dos montes sahiram em soccorro do namorado triste—mas, de subito, a formosa fugitiva, desfeita em lagrimas, quando ia a ser raptada, transformou-se em canigo gemente e sussurrante.

Auras que voavam repetiram o deradeiro suspiro de Sirynx.

Pan, desconsolado, fez uma flauta do canigo verde e sahiu pela floresta tocando a aria sentimental do seu perdido amor.

O poeta é como Pan—o namorado vive a seguir um sonho e a perseguil-o.

Perde noites e dias vagrando Nunca se cança de chamal-o... nunca! Um dia emfim, quando pensa tel-o, esbarre com o lurido juncal do desengano.

O poeta faz d'essa illusão finsda um motivo de cnto e de poema—s, como o deua caprino nunca mais abandona, deliciando a todos com a sua magua rythmada, com a sua lagrima triste posta em musica.

E como Pan, sae pelos bosques, entre os cyparisos, dizendo a todos a sua deixa saudosa do seu amor perdido.

COELHO NETTO

## LONGE DA VIDA

Dá-me teu braço, vamo-noe. Calcula  
Quanto odio ha aqui, como é pequena a vida!  
Dá-mo teu braço, vamo-nos, querida,  
Aonde apenas o céu e o mar se azulava.

Lá naquella soidão vácuca e comprida,  
Em que os Euros, bramando, Eólo açula,  
E ha o pego, a tromba, o vento, o rato, a gula  
Dos requins pela noite indefinida,

Lá, minha pomba candida, de certo  
Mais segura estarás e eu mais seguro  
Que entre essas feras que nos uivam perto;

Feras nossas irmãs, mais verdadeiras  
Que as proprias feras, que o leão mais duro,  
Mais trahidoras, mais vis, mais carniceiras.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

## PELA NOUTE

Ao certo não sei mais o tempo que esta casa habito. Os dias e os mezes fagiram, enovelados numa bruma enfumada e triste, lá para muito longe, onde a lembrança não alcança mais. Depois... quem pôde lá contar os dias, que vive? Quem sabe lá quando é que vive, si se anda sempre a deifnar aos poucos, quasi insensivelmente, roído o coração, como um verme doloroso, por essa triste e silenciosa Dór sagrada?... Depois... a vida é o gozo e gozar é esquecer tudo, desde a hora e da luz até a propria vibração prolongada do prazer. Depois... si o prazer ententece, a alegria escondo no seio a ampulheta da hora, os longos dias mornos em que soluça dentro em nós o triste coração, já não são dias porque já não ha luz esparsa no largo azul siderico e tudo em nós descamba para a immensa noite lugubre da Sombra. Noute nua de estrelas, sem murmúrios, sem susurros, sem ventos, onde mal se escuta a lurguerosa voz extincta da triste dor que nos esmaga.

E voltando para o céu o vago olhar errante, tudo é noute emcima, embaixo e em torno, e nem uma luz de estrella nos fala accesso da vida e da hora do padecer sombrio.

E hei de eu saber ha quanto tempo habito esta morada antiga!...

O que eu apenas sei, porque ainda vejo, é que ntravés da noute que se estende lá fóra, triste como um lamento, apparece-me illuminada uma pequena janella fronteira. Ha quanto tempo eu a vejo assim, aberta, illuminada e silenciosa, como um olho accesso no meio da sombra?

Ali dentro, penso bem commigo mesmo, á chamma vermelhaça daquella luz, alguém trabalha a longas noutes, como um boi de charrua, pertinaz, pela noute a dentro, duraute o tempo em que tudo repousa, no silencio mudo, prescrutando um segredo, cavando um abysmo, tecendo um trapo negro ou um *crachat* de luz para manchar com ello a consciencia.

A's vezes, quando a noute é mais densa, quando ha sussurro na ramaria, gémidos, de troncos que lascam, pios

soltos na sombra, rufar de azas negras fugitivas as minhas conjecturas se atristam e penso e creio é juro a mim mesmo que ha ali alguém que soffre, pallidamente, como um cadaver, estirado entre a roupagem branca de um leito onde o vulto já cavou as fornas. E creio que seja uma mulher.

Porque? Sei lá eu accesso porque creio nisto? Sei por ventura si creio? Sei si penso? Sei si vivo e si soffro?

Entretanto toda a noute, mesmo da caadoira em que trabalho o meu olhar se volta para o clarão daquella janella, coado através d'uma ramaria afastada, encurvada e alta, parecoudo de longe um olho luminoso accesso no meio da sombra, olhando a grande escuridão do céu impassível.

Mas hontem... quasi que posso afirmar que foi hontem, pouco depois da meia noute... Na grande noute da minha dór, como num relógio antigo, bronzeo e funereo, soam-mo dentro do coração as longas horas espaçadas da Magua Impiedosa.

Pouco depois da meia-noute... Hora immensa, hora tristissima, minha tremenda hora lugubre!... Foi... lembro-me agora ainda... Voltei o olhar para a janella illuminada, e ali, onde nunca passou uma sombra reveladora, como a sua silucta colossal, levantou-se desenhado na parede, como que um braço tremendo numa attitude vingadora. Esperei, anciado, com o olhar fixo, penetrante, angustiadamente, como quem espera o tiro de uma arma que lhe apontarm ao coração.

O braço de gigante desceu. Só sei delle a sombra, a sombra apenas... Desceu como um raio... Depois subiu de novo. Alguma cousa subiu com elle em luta. Luta crua, que se desenhava na sombra. Pareceram-me braços agitados, contorcidos, recripados, e uma enorme cabeça desgrenhada com uma expressão de um desespero supplice, infinito. A sombra apenas... Tudo aquillo, disforme e colossal, brncejou e se sacudiu no espaço. De repente desceu tudo, cahiu, sumiu se e nada mais manchou sobre a parede a sua silhueta sinistra.

E muito pouco tempo depois alguma cousa de espectral, de extraordinario, como que uma sombra esguia e longa, alguma cousa de ethereo, de adejante e

triste debruçou-se longamente da janella illuminada e sahiu voando pelo meio da noute, a immensa, a tristonha noute muda.

E nada mais do que isto. Em vão o olhar parado, destumbrado e ardente, o olhar que tem sede, devassa a sombra e interroga a luz. A janella illuminada lá continua, luminosa e só, vigiando a sombra silenciosa. Nada mais perpassa. Nem vislumbre de cousa sobre o muro onde andavam as silhuetas lutadoras.

E o olhar ardente espera.

Apenas, no negror da treva passam azas rufando...

Creio... mas eu nem sei si creio. Parece-me vagamente que penso que todos devem ter uma janella illuminada no meio da noute. Devem ter a todos que tem a sua noute—de sombra impiedosa, de tremenda dor sagrada. O que não sei bem ainda é si todo o olhar descobre, através da ramaria recurvada e alta, contra a parede illuminada as mesmas sinistras sombras lutadoras...

Ah! mas para os miseraveis tristes como é lugubre e funda esta terrível sombra, esta medonha noute, com as suas visões espectraes, tremendas!...

EMANUEL KARNERO.

## DOMADORES

Ha quem pasmie dos fortes domadores, cujo esforço valente e decidido — faz abaixar-se, pávido tranzido, dôrso de feras más, de olhos trnidôres.

E, contudo, dominam-se os terrôres e impõe seu jugo o braço destemido com qualquer ferro em braza enrubescido, e artificios banaes e engana lóres.

Outros ha, todavia, mais valentes que a populaca rude não conhece. São os que domam, vultos imponentes,

esta fera: — a *Palavra*, que carece para acalmar seus impetos insanos — seiva e sangue de cerebros humanos

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## ROMANCE DE UM RAPAZ

A ILLUSTRE POETISA D. REVOCATA DE MELLO

O Americo partia para o sul em busca de um lugar onde melhor se ganhasse a vida e se garantisse o futuro.

Deixava o sitio onde nascera e medrara feliz, porque os paes estavam velhos, cançados, «com os pés para a côva», e elle precisava ajudal-os e casar-se, como promettera á «cachôpa».

E de sacco ás costas, o seu lenço encarnado de chita entrouxando a roupa engommada, preso na mão pelas pontas em nós, elle botou-se a caminho da cidade, para tomar o primeiro vapor que passasse, sob o esplendor meridional de uma clara madrugada azul, em que os passaros trinavam festivamente pela pradaria aromatisada e colorida, e pelos laranjaes floridos, que lembram noivado e exhalam halitos de amores, marginando as brancas estradas risonhas.

A mãe, antes delle partir, abraçada,

pendurada ao seu grosso pescoço queimado pelo sol na capinação das culturas, depois de lhe beijar as faces cheias e amorenadas, sujas da primeira seda escura e rareada da barba nascentes disse-lhe commovida, engasgada psios soluços: — Deus te nbengõe e te faça um homem, filho! e a Leopoldina, que estivera na vespera em sua casa até tarde, e que lhe dera, ao despedir-se, uma tranca lha lusenta e mim sa do seu cabelo escuro e ondeado, cheio de crespinho esvoaçantes na nuca, fez-lhe tambem uma recommendação ingenua: —pedio-lhe «que se lembrasso della e que escrevesso».

E lá foi o Americo installar-se no paquete, triste e saudoso de todos aquellas suavidades que floavam atraz, na sua terra, e a que havia voltado as costas tão precipitadamente, só pela necessidade de indireitar a vida, de tornar-a outra.

E, muitas vezes, acossado pela nostalgia pujante e fignantissima que accommette os que deixam o ninho pela primeira vez, desandou a chorar rijamente, soluçadamente, entalado, por cauza dos grandes balanços do mar alto, na estreiteza de um sujo beliche de 3ª classe,

Mas, um dia depois, o Americo, já familiarizado abordo, conversava, sorria, na alegria e na grande esperanza dos que rolam para um destino novo.

E, cbegado ao Rio-Grande, tratou logo de empregar-se e de «fazer-se um homem» como lhe dissora na mãe.

A principio escrevia cartas para a familia e recobria desta garranchos medonhos, de uma calligraphia impossivel. Mas sabia noticias, andava ao facto das couzas. De repente tudo cessou; houve um longo silencio e somente muitos mezes depois chegou-lhe uma carta, noticiando-lhe a morte dos paes, e, em seguida, da noiva; uma desgraça!

Tove uma grande amargura; mas não podia «arredar pé», sahi; perderia tudo. Resignou-se a ficar, soffrer.

Entretanto, os negocios prosperavam e no fim de alguns annos voltou para a terra, triste com a perda dos seus, mas impellido pelo desejo de tornar a vér, nos objectos e nas pessoas, o seu passado, os seus conhecimentos antigos.

Mas, logo ao desembarcar, o Alexandre da Praia, que andava botando as rédas, correu-lhe ao encontro, e ferozmente torturou-o com interminaveis detalhes do tristissimo viver da familia necessitada e doente, desde o dia da sua partida até o momento em que «Deus serviu-se chamal-os para si».

A Leopoldina, pobresinha! que tantas esperanças tinha nelle, estava debaixo da terra. Morrera das bexigas; já lá iam bastantes annos. E accentuava: parecia que a estava a ver: fria, toda negra, envolta em folhas de bañaneira e amortalhada n'um lençol, deitando mão asco. Foi por uma noite enluadara e fria de Agosto...

O Americo, esmagado por essas ideias pungentes, funerarias, seguia agora do cabeça baixa, o carro de bois que levava as bagagens, um verdadeiro carro de bois tradicional, vagaroso e chiante, que dois bois arrastavam, bando-se, enterrados na areia fina do caminho. Tomou em direcção á freguezia, em busca de uma casa conhecida ou de algum parente, para hospedar-se por aquelles dias.

Logo adiante, porem, agarrou-o a Fortunata Pereira, uma velha parenta afastada, que o conduziu para casa

onde lhe deu café e agasalho n'uma saleta vazia, fazendo muitas perguntas arrumando a bagagem e dizendo « que em nada a encomodava, que a caea era grande e tinha até lisonja nisso. Pois ei ella o tinha visto em fraldinhas, mãe de Deus!»

O Americo, segundo o uso, forrou-se então de lucto, e, n'algumas tardees, ao desfallecimento lento do sol no occaso, subia a ladeira vermelha e pedregosa que ia ter a egrejinha do sitio, para lançar um olhar de angustia e de saudade ao logar onde estavam os seus, ao estreito e humilde cemiterio, verde e florido como um jardim.

E, de pé, sobre o adro gramoso onde se erguia uma grande cruz de madeira preta, doitando um olhar amplo e vago ao redor da paisagem, sentia invadir-lhe o coração, n'uma revolta mansíssima e piedosa, lembranças vivas e luminosas de um outro tempo alegre, fugidio e cantante.

Recordava-se de tudo, das menores cousas que vira em menino; e agora estava elle, n'li, tão só, abandonado, n'uma desolação.

O contraste brutal das situações feria-o pungitivamente.

E, sob essas dolorosíssimas recordações, pensativo e melancólico, cabisbaixo, descia do adro da igreja, vagaroso e soturno, recolhido, como quem pensa na profundidade, no mysterio das cousas.

VIRGILIO VARZEA.

Desterro.

## O GRUMETE NOGUEIRA

II

Quando Zé Boi chegou á rua de D. Manoel duas praças de policia interceptaram-lhe a passagem, cruzando os sabres, com grandes ares de valentia.

Zé Boi deu um salto para traz e descahindo o corpo encostou-se prudentemente á esquina.

— Deixa de massada, gente!

Então qu'è isso? Vocês não me conhecem.

Um dos soldados ndiantou-se e, olhando Zé Boi em face, perguntou:

— Quem é você?

— Eu? Zé Boi, compadre.

Nagôa velho, cabra da *massaranduba*... negro direito no canga-pé bahiano. Deixa de *mollaza*, moço... Abre a *linha*. Eu venho para defender a estação...

— De onde vem você?

— D'onde é qu'eu venho? Hom'essa!

D'onde vem você? Homem deixa de *lambanga*, rapaz. E foi atravessando sem importar-se com os dois estafermos que, de chanfalbo em punho, olhavam-n'o medrosamente.

Zé Boi para anunciar-se começou a assobiar e quando enfrentou com a sentinella da 5ª estação fez a continencia militar e disse, para ser ouvido por todos os soldados que se amontoavam á porta:

— *Secreta!*

— Passe! — disse a sentinella afastando-se. Zé Boi entrou, sempre com o seu passo quebrado e os braços bambos, vagaroso, pisando forte com atrevimento.

Atravessou o corpo da guarda e parou á porta da sala de audiencia.

Poz o cigarro fóra, e levando a mão

ao chapéu, falou com a sua voz de touro:

— Dá licença seu tenente.

— Entre! — disseram de dentro.

Zé Boi entrou, com o chapéu na mão e a navalha empalmada.

— Boa noite!

— Boa noite — respondeu o tenente que fumava, refestelado commodamente em um canapé, com as pernas cruzadas.

Ao lado do canapé havia uma cadeira e em cima della a espada desembainhada, um par de revolvers e uma garrafa de cognac.

O tenente, rapaz de 30 a 32 annos, voltou-se para Zé Boi e olhando-o de frente perguntou:

— Vens para o serviço da estação?

— Sim, senhor... Eu tenho um bilhete para V. S. — e entregou-lhe um cartão.

Depois de ler a apresentação o official voltou-se de novo para o capoeira.

— Estás armado?

— Da Silva.

— Teus revolyer...

— Não, senhor... é a *boneca*.

— Isso não serve. Toma um rowolver.

— Qual, seu tenente... eu não me entendo com arma de fogo. Isso e que é. E deixou ver a navalha na palma da mão.

— Mas... toma cuidado! Os marinheiros estão dispostos.

— Eu não conto com marinheiro, seu tenente:

— Senta-te!

Zé Boi sentou-se e, depois de uma pausa perguntou interessado:

— Estes já vieram cá?

— Estiveram tres, ha pouco, ali na esquina. Mandeí dispersar.

— Isso não serve, seu tenente; se vosmecê estendesse, um os outros não voltavam...

Tome meu conselho, sen tenente: dá cabo de um damnado destes e verá que os outros apanham tal modo que nunca mais em dias de sua vida, se lembrarão de *inicias* com a policia. E' preciso acabar com a *prôa* dessa gente. Isso de tiro é uma historia, uma *saracura* é que é.

— Sim... mas a imprensa...

— Qual imprensa... Então que é que custa á gente mais uma *pontada*. Se nós fizéssemos com os outros o que se fez com o do *Corsario* a cousa mudava de cores.

— E' o que te parece.

— E' a razão... seu tenente. Pois elles tem o direito de dizer quanta cousa qu'orem, de passar *sarabanda* até no chefe e a gente ha de ficar na moita. Nada disso. A mim quem disser um desaforo, *engole*, do confario eu faço caminhar de *pés juntos* para os *sete palmos*. Cá comigo é assim. Eu não tenho nada com os jornaes, seu tenente. Eu sou de quem me dá trabalho. Isso é que é...

— Sim, mas você não tem responsabilidades.

— Não tenho? Quem foi que disse semelhante cousa. Tanto tenho que já fui dar com os ossos na Correção... Eu é que não conto com ollas... Eu sei que a *chacara* não foi feita para os mosquitos. Ora! a gente alli passa melhor do que em outra qualquer parte. Eu cá, quando quero engordar, *risco* um handulho ou *trepo* na *synagoga* de algum portuguez. E' logo — vem a policia... se eu posso *desviar* faço umas *letras*, *quebro* o corpo e *azulo*... se não posso não faço caso. Entro p'ro chilin-

drô e depois *cambo* para a rua do Conde sem me dar por achado. E volto do lá gordo que nem um capado, eeu tenente.

A vida ncolá não é tão feio como se piuta.

— Onde estão os outros? perguntou o tenente.

— Elles sahiram na minha frente. Nós estavamos todos juntos na Hospedaria da Lua, n'li no becco dos Ferreiros, quando ouvimos o *grillo*, juntamos o corpo e ganhamos o *campo*. Era uma *chamuscada* ali para os lados da rua 7. Causa de nada.

Elles, com certeza, ficaram lá pelos kiosques.

— E são bons?

— Ah! gente onça!

Vosmecê pôde estar descansado porque a rapaziada que vem é *direita*.

— Bem—mas eu quero que observem uma unica recommendação minha. Se vocês quiserem fazer alguma cousa tratem antes de espalhar o povo. Nada de arranjar embulhos. Isso de fazer as cousas á vista de todo o mundo é uma refinada asneira. O fazer não é nada, o saber é que é.

— Ah! é que hate o ponto, seu tenente. Comnigo não ha disso.

— E no mais...

— E' cada um fazer o que pudor... Eu cá entendo que—a morrer por morrer; morra meu pai que é mais velho. Não vé que eu podendo furar um *marreco* hei de deixar que elle me *destripe*. Isso não!

Nesse interim appareceu á porta da sala um permanente.

— Seu tenente!

— Que é?

— Elles ahi vem!

— Por onde?

— Pela rua da Misericordia!

— São muitos?

— Creio que sim...

— Vai dar o signal...

O permanente afastou-se. Immediatamente o tenente saltou do canapé e tomando de um rowolver voltou-se para Zé Boi que se conservava impassivel:

— Não ha *nuvem*.

— Vamos esperal-oe...

— Estou prompto. E' só mandar sahir.

O tenente embainhou a espada e sahio da sala com Zé Boi.

Um troço de praças, no posto da guarda, reunia as armas espalhadas, outros punham á mão uma bateria de garrafas, perfiladas em uma das faces da sala, outros finalmente distribuiam revolyeres peloe companheiros.

Zé Boi foi postar-se ao lado da sentinella para saltar logo que apparecessem os marinheiros — dois soldados seguiram para esquina para dar o grito de alarma mal apparecesse o bando.

Os moradores da visinhança batiam as portae, outros appareciam á janella curiosoes, de ver a luta entre os valentes homens do mar e a malta organizada.

Ouvia-se um tropel longinquo, vindo de um pelotão que se approximava em ordem, marchando como para uma batalha.

Zé Boi, saltou para o meio da rua e poz-se a passeiar com a navalha aberta a cabeça baixa meditando.

Subito os dois *ex detas* gritaram « ás armas ». Zé Boi foi o primeiro a avançar aos gritos de: Eh! lá! eh! lá depois os policiaes em magete, decombainhando os sabres, alguns de rowolver em punho.

Levantou-se uma grita atroadora na rua da Misericordia. Todae as casas fecharam com estrepito. Ouviu-se uma detonação, outra e outra e um ruído medonho de combate.

Era o encontro.

KININGER

(Continúa.)

## ESTRELLAS

AO DR. ALFREDO BERTHÉ

No alto oceano azul do firmamento  
Profundo, immenso, põe a noite estrelas  
Estrellas, como lépidas donzellas  
De um olhar todo luz, prazer, alento.

Flores do céu de estranho nascimento,  
Fulgentes como o sol, brilhantes; dellas  
Nenhuma igualará contudo aquellas  
Com que reveste Hugo seu pensamento.

Umás são meros globos que um acaso  
Encheu de luz e sumiram um dia,  
Qual some a essencia num aberto vaso;

E as outras são eternas è harmonia  
Igual ao brilho têm que o ouvido raso  
E a noute poem de limpida alegria.

S. João d'El-Rei.

AVELLAR BROTÈRO.

## POETAS MINEIROS

VI

SILVESTRE DIAS

Pertence este poeta ao numero assás  
avultado daquelles que gozam ingrato  
esquecimento.

Até hoje ninguém mencionou ainda o  
nome de Silvestre Dias de Sá como o  
de um litterato de nomeada. No entanto,  
elle o foi: e seu renome é das  
hellas conquistas litterarias de Minas  
de out'ora, da Minas colonial.

Em os fins do seculo XVIII, justamente  
na época em que os brasileiros  
mais trabalhavam no desbravamento  
de terrenos agricolas e mineracs, ns  
letras tomaram certo incremento o  
constituíram uma das phasees, brilhantes  
daquelle estado.

Na provincia de Minas, e particularmente  
na cidade de Ouro Preto, então  
Villa-Rica, os estudos litterarios eram  
preoccupação geral.

Gonzaga, Claudio Manoel, Alvarenga  
Peixoto, presidiam ao movimento e lhe  
davam o enthusiasmo do seu saber e as  
prímicias de seu talento. Formaram-se  
sociedades para os certamens poeticos.  
A' feição da *Arcadia*, fundada em Lisboa  
no anno de 1720, creon-se em Villa-Rica  
a *Arcadia Ultramarina*, a que pertenciam,  
além dos citados escriptores, o cougo  
Luiz Vieira da Silva, o Dr. Diogo Pereira  
de Vasconcellos, o padre Miguel Eugenio  
de Mascarenhas e tantos outros.

Foi desso fóco que sahiram as terri-  
veis *Cartas Chilenas*, assignadas por  
*Critillo*, esse ridiculo frio, de cuja dis-  
secção não teve pouco que se queixar o  
patusco governador Luiz da Cunha.  
D'ahi nasceram os sublimes e senti-  
mentaes versos de *Dirceu* á pastora *Mar-  
rilia*. D'ahi brotaram talentos *robustos*.

tos, afeiçãoaram-se ahi idéas as mais sympathicas no tocanto ás letras e á politica.

A nota predominante era— emancipar-se o Brazil da metropole portugueza, dando-se-lhe academias, governo democratico e outras medidas de muito alcance para a nova nacionalidade.

A fundação de sociedades litterarias dominava a todos. Os poetas liam em assembléa as suas produções e ahi mesmo faziam-se os commentarios criticos.

Após Villa-Rica foi S. João del-Rei o lugar onde se creou *arcadia*. Joaquim Norberto de Souza e Silva, tratando desse gremio, diz:— « Outro grupo de poetas figurava na comarca do Rio das Mortes, (1) presidido por Silvestre Dias de Sá, conhecido geralmente pelo *padre Silvestre da Paraopeba*. Entre elles distinguiram-se os irmãos Francisco e Domingos Vidal Barbosa, o padroeiro Mathias Alves de Oliveira, etc. » (2) Além destas outras *arcadias* existiram na provincia, mas todas de pequena duração.

O padre Silvestre Dias de Sá nasceu em 1784, na freguezia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo. (3) A seu respeito diz ainda o mesmo ascriptor: « Vivia na freguezia da Piedade da Borda do Campo, o coronel de cavallaria auxiliar José Ayres Gomes, com casa de hospedagem para passageiros e armazem de viveres. Era casado com D. Maria Ignacia de Oliveira senhora de mui ricas prendas, irmã do padre Silvestre Dias de Sá, poeta humoristico, conhecido pelo *padre Silvestre da Paraopeba*, por ahi possuir uma fazenda, e do fazendeiro Manoel Dias de Sá. » (4)

Apezar de muito haver escripto, é hoje muito raro qualquer produção sua.

Esforçamo-nos para desencantear de livros velhos alguma poesia do padre Silvestre Dias, e nada conseguimos. Sómente pudemos saber que o conego Januario da Cunha Barboza incluiu uma sobre a fabula do *Morro do Ramos* em o seu excellente e tão fallado *Parناسo Brasileiro*.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

(1) A cidade de S. João del-Rei ainda pertence á comarca do Rio das Mortes (2) Norberto, *Historia da conjuração Mineira*, pag. 65.

(3) Hoje cidade de Barbacena por lei provincial de 8 de Março de 1840. Foi creada parochia por alvará de 16 de Janeiro de 1752. A 17 de Março de 1833 teve o titulo de *nobre e leal*. Este ultimo nome (Barbacena) foi-lhe dado pelo visconde de Barbacena quando elevou a povoação á categoria de villa. Era um cidadão muito modesto, este Sr. visconde!

(4) J. Norberto, *ob. cit.* pag. 85.

THEATROS E DIVERSÕES

SANT'ANNA

Fez ante-hontem beneficio com a pomposa magica— *Princesa Flor de Maio*, a actriz cantora Delsol. Se o theatro não esteve litteralmente cheio, foi entretanto a concurrencia para satisfazer de alguma sorte a beneficiada.

Hontem foi a scena a opera comica— *Boccacio* estreado muito bem no papel de Beatriz a sympathica cantora Aliverti, contratada para fazer parte do silencio da companhia. A interessante, a

talentosa actriz Rosa Villiot, para quem passou a parte de *Boccacio*, sahio-nos um perfeito galanteador.

E' sensivelmente extranho o que vae pelos theatros, nesta temporada: rara é a noite em que apanhe qualquer empreza uma casa ao menos regular. O Heller, o empresario mais operoso dos que temos, e que não esmorece diante de sacrificio algum, e que, para satisfazer o seu publico e esse outro publico que o visita por incidente, joga todos os recursos, levantando peças custosas como a *Princesa Flor de Maio*, *Amor Molhado*, *Ramo d'Ouro* e *Dama de Espadas* do excellentes efeitos, o sumptuosas pela magnificencia da musica; quasi que desanima, porque os seus esforços, a sua dedicacão e o seu amor pela arte não são comprehendidos nem satisfeitos pelos resultados: o theatro vé se abandonado, vazio, e o seu empresario amofinando se.

E' lamentavel isto, é, e mais doloroso ainda porque, todas as peças, principalmente as que está exhibindo o Santa Anna, são excellentes, pela sua factura, pelo esmero com que estão montadas, e pela correccão do desempenho.

E' preciso que o publico auxilie a quem trabalha com tanto esforço.

LUCINDA

A companhia hespanhola de zarzuelas continúa regularmente os seus trabalhos.

O mesmo mal affecta este theatro— pouca enchente, apezar das escolhidas peças que tem representado.

RECREIO DRAMATICO

Prepara-se para a revista de Oscar Pederneiras— *Boulevard da Imprensa*, e para ella dirige todos os seus esforços e suas esperanças.

ATHENEU DRAMATICO ESTHER DE CARVALHO

Festa anniversaria á 17— Poesias, musica, comedia... um tudo!

Após a classica aventura pela orchestra, uma bella poesia hugoana rociada, pelo Sr. A. Cardoso, e escripta pelo Sr. A. Marques. Versos levantados e fortes que cahião na intelligencia dos espectadores como malho em bigorna.

Em seguida a sympathica Helena, a Helena Cavalier, e mais os Srs. Baptista, F. Pereira e J. Rodrigues representarão a comedia o *Tio Torquato*.

Depois do *Amor por Annazins* foi á scena, como remate final, o entre-acto— *Um grão de areia*.

E depois... lá para a meia noite... ainda estamos com a tontura das esplendidas valsas, polkas e quadrilhas com que terminou a festa.

Os espectadores forão perfumados com a distribuição do—Jasmim.

TEUS OLHOS

Se da vida nos abroelhos  
Vai em p'rgo o meu batel,  
Vem logo a luz dos teus olhos  
Varrer todos os escolhos  
Deste oceano revel.

Sou nauta f.liz então!  
Demandado o teu amor,  
Vejo o mar sereno e bom  
Como a paz do coração  
Depois d'uma grande dor.

E nem tu sabes, bem sei,  
O' minha celeste amada.  
Os p'rgos porqu'eu passei  
Emquanto não encontrei  
Essa luz abençoada.

As tempestades de outr'ora  
E aquellas noites sombrias  
São hoje a fanal aurora  
D'esta minha vida infflora  
De esperanças e alegrias.

E se procenosa o mar  
Eu vou sigrando sereno...  
Me illumina o teu olhar  
Mais branco que o luar  
Da noite de Nazareno.

O ceu onde tu habitás  
— Ninho de eterno socego —  
Não tem as cruéis desditas  
Q'eu outr'ora via escriptas  
No meu horieonte negro.

Essa luz que tu m'envias  
— Sacra luz de puro amor —  
Será sempre a luz dos dias  
Que me restam de alegrias  
Ou que me restam de dôr.

Mas se em meiva tempestade  
Eu naufragar nos abroelhos,  
Só peço por caridade  
Esta suprema vontade  
— Morrer á luz dos teus olhos—

JOSÉ DIAS MOREIRA

TRATOS Á BOLA

Desaíamol-os; não vieram. Fracos, moles ou ainda noviços, que deram-se os Fricinaes. Gloria nós que os trucidamos! Louvores á nós que a calva á mostra lhes puzemos. Verdade é que charadas como as que apresentamos são para mestres. Ainda que assim seja, porem, admiramo-nos imenso de que nembum dos afamados charadistas do Club (Entre parentthesis: como vai elle?) não conseguisse decifrar nada, absolutamente nada!

Vergonhoso é; chega até a ser medonho.

Emfim, estas que hoje offerecemos são maisfacéis, para afflicção não augmentar ao afflicto. D. Josephina B., Fricinaç Vassico, D. Cezar de Bazan, F. S. L., D. Cecam do Prado, M. G. P. M., Nhonhô, D. Guilhermina D., Fausto Junior, e outros em quem poder só nós tivemos, não esbarrarão.

Eil-as:

NOVISSIMAS

1-1— Abaixo de Deus ordeno ao homem.  
2-2— A mulher dá gordura para o peixe?

Lulú

1-3— Esta ilba roda rodando.  
2-1— Quem porfia mata caça.

Botãozinho de Ouro

INVERTIDA

(Ao Nhonhô)

A's direitas um estofo  
No Moraes encontrarão;  
A's avessas não maleitas  
Mas caiporismo verão.—2

Lauro Cortez

TELEORAPHICAS-CONTINUAS

Facha cobre?  
Gelo é genero?  
Raiva é animal?

Lulú.

CONTINUA

Terá valor?  
— Valor não tem,  
Querido bem,  
Mas bom sabor! —2

Maria de S. Rocha.

LOGOGRIFHO

(A Exma. Sra. D. Cecem do Prado)

Eu observo nesta roda—1, 6.  
Uma coisa singular! —5, 2.  
Para tudo ha pretexto—C. 3, 3.  
E não se pode fallar...

Esta agora é muito boa!  
Um sugeito é ferido;  
Porem se escapa da cura  
Pelo medico é detido

Lulú

DECIFRAÇÕES

As do nosso passado numero eram: *Acard, aragá* (invertida) *Professorado, Praxetelles e Chypre* (novissimas), *Talha e medo* (telegraphicas) *Imprensa* (logo-grifho.)

DECIFRADORES

Certos: D. Maria da S. Rocha, que ganhou o premio *Luqras*, de Alfredo de Souza; Zé da Luz, que chegou tarde; Max, Tom & C., idem e Lauro Cortez.

Quasi e incompletos: José Victor da Silva, que só não decifrou *Praxetelles e Chypre*; Gil Braz, idem, e as telegraphicas; Ary Fontenelle (Vassouras) idem, idem, idem; Botãozinho de Ouro da mesma forma.

Ainda assim força é confessar: foram valentes e bem valentes. Contem com a admiração do.

Myllius.

EXPEDIENTE

Sr. Lulú—Queira desculpar as alterações que fizemos.

Sr. Botãozinho de Ouro—A's ordens. Mande mais e assim boas.

Sr. Zé da Luz—Penhora-nos. Mais tarde. Pois não vé que Myllius tem apenas quinze dias de existencia?

Sr. J. S. T.—Não é comnosco, caro Senbor.

Sra. D. Maria da S. Rocha—V. Exa. manda, não pede. Nós obdecemos-lhe, não fungamos.

Decifrações até terça-feira ás 10 horas da manhã.

Premio ao 1º barra que...

MYLLIUS.

FACTOS E NOTICIAS

Sabbado passado, ás 7 1/2 horas da noite ficou inaugurada a Associação de Beneficencia Portuguez Memoria á Luiz de Camões.

Houve sessão solemne, discursos, e distribuição de titulos pelos associados.

A nova directoria impossada está assim composta:

Presidente, Delphino J. Pereira;

Vice-Presidente, José M. Baptista; 1º Secretario, Gregorio G. Seabra; 2º Secretario, M. M. de Oliveira; Thesourero, F. J. Gonçalves Vieira; Procurador, J. J. Cordeiro.

Durante a festa tocou a banda de musica do corpo Policial de Nictheroy.

Da Bahia chegou ultimamente o illustre cavalheiro, nouseo particular e prestimoso amigo Ex. Sr. Dr. Marcolino de Moura.

#### RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Hontem reuniu-se em sessão litteraria esta sociedade. O Sr. Caetano de Castro propoz para socio contribuinte o Sr. Manoel Antonio da Costa.

Do Sr. José Alves Ribeiro de Carvalho receberam-se 75 volumes de diversas obras.

Oraram eobre diversos assumptos os Srs. Caetano de Castro, Leite Guimarães, Dr. Celestino Vicente, Rodrigo de Mello e Souza, Claudino Netto e Dias Moreira.

Na 3ª parte discutiu-se o thema:—O papado na actualidade é util ou prejudicial aos povos?

Orou o Sr. Dr. Domingos Maria Gonçalves, mostrando-se favoravel á existencia do papado pelo lado politico.

Levantou-se a sessão ás 10 horas.

#### ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 8 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado, Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Ratisbora Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Luiz Murat. — Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Aristides Lobo — Advogado, rua dos Ourives n. 35.

Dr. João Ribeiro — Medico e especialista em molestias de criança o siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

Os Engenheiros, Drs. Buarque de Macedo e Castro Maia, encarregam-se de trabalhos de construcção, estudos ou outro quaesquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores do machtaem o appparelhos para lavoura—Schubert irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Urugayana n. 55. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo. — incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, nº. 36

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á estacua. Vinho de pepsina e diastase panitreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Rodrigues Lima—Mico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgílio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Noza — Advogado. Escriptorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis eu judicias na cidade de Muzambinho o seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

#### SEMENTES NOVAS

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA  
HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR 45,

## A NOIVA RUA DOS OURIVES, 14 SALÃO

para pentear senhoras e cortar cabellos  
PERFUMARIAS, MODAS E  
NOVIDADES, NINICHES e FRISETS  
Ultima novidade de 1\$ a 5\$

### ABEL

Cabelleireiro e professor de penteados  
RIO DE JANEIRO

### FABRICA DE CHUMBO

Na rua do Hospicio n. 22. Vende-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

### CERVEJA PELOTAS

DA FABRICA

DE

G. RITTER & IRMÃO

RUA DO OUVIDOR 45, 22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

## MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS APERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

### ARENS IRMÃOS

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descrições em portuguez

**A PAULICÉA**  
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

# A PAULICÉA

## BRILHANTE INAUGURAÇÃO

### NO DIA 1º DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exuas. familias a differença de preços que faz das grandee liquidações que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possível promptificar para hoje o annuncio que deve mostrar o grande sortimento sem igual desta casa, o quo faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, CORRÊA & FREITAS  
SUCESSORES DE J. M. CORRÊA

**A PAULICÉA**  
2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2  
RIO DE JANEIRO

**A PAULICÉA**  
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 8 DE ABRIL DE 1888  
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—Ns. 167 e 168

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima

Urbano Duarte,  
Leopoldo Cabral e Candido Jucá

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

|  |                     |
|--|---------------------|
| Expediente.....                        |                     |
| Historia dos sete dias.....            | Gêô                 |
| Dous desertos, soneto.....             | Augusto de Lima     |
| Viagens de Gulliver.....               | Araripe Junior      |
| Lucto e Caridade, poesia.....          | Luiz Murat          |
| Seu Mendonça.....                      | Lahore              |
| Longe, soneto.....                     | Alberto de Oliveira |
| A côrte vista de fóra.....             | Ali                 |
| Da Viá-lactea, soneto.....             | Olavo Bilac         |
| Bellas Artes.....                      | Emanuel Karnero     |
| Affecto, poesia.....                   | Arthur Mendes       |
| Magister dixit.....                    | Candido Jucá        |
| A um crucifixo, soneto.....            | M. e Albuquerque    |
| Dias de chuva.....                     | Virgilio Varzea     |
| Scenas populares do Ceará, poesia..... | Rodolpho Theophilus |
| Poetas mineiros.....                   | Lafayette de Toledo |
| Recuerdo, soneto.....                  | Cesar Franco        |
| Carlos I.....                          | H. de Carvalho      |
| Contraste, soneto.....                 | J. Dias Moreira     |
| Um pesadelo.....                       | Acacio de Araujo    |
| Theatros e diversões.....              | Lha                 |
| Diversas publicações.....              |                     |
| Factos e noticias.....                 |                     |
| Annuncios.....                         |                     |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE E NICTHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno.....     | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuee e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Destar.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Bem triste acontecimento abre a historia da semana: a morte do Dr. Sesostrys, um pobre provinciano, juiz municipal, que viera á Côrte tratar da sua promoção a juiz de direito, e que, em hora nefasta, lembrou-se de atravessar a rua da Alfandega, sem contar com os grandes inimigos das facilidades e da atrapalhação dos roceiros na Côrte: as carroças e os bonds.

Em verdade que é doloroso para o chronista ter de registrar frequentemente factos desta ordem, comprovadores do abuso que aqui reina em todas as espheras. Os bonds e as carroças são, em geral, dirigidos por individuos incapazes de comprehender a responsabilidade enorme que sobre elles pesa, e que, com certeza, quanto a prudencia e a juizo, são inferiores aos pobres quadrupedes que lhes supportam o peso, os insultos e o chicote.

O Dr. Sesostrys não foi, infelizmente, a ultima victima dos desalmados que conduzem á disparada os seus vehiculos, porque desgraçadamente os cocheiros e conductores que contam com a impunidade, continuarão, como sempre, no mesmo louvavel costume de não attender senão á necessidade maior ou menor, que tenham, de chegar ao seu destino.

Foi publicado na *Gazeta de Noticias*, transcripto do *Correio Paulistano*, o programma do gabinete, com relação ao elemento servil, trabalho de que foi incumbido o Sr. ministro de estrangeiros. Si a camara dos deputados approvar, como é de suppor, o novo projecto,

terá desaparecido a escravidão no Brazil, e isso, ainda que de um só golpe, sem lesão para os interesses dos agricultores, que tem, segundo a letra da lei, garantias seguras quanto ao trabalho e a permanencia dos oscuravos, então trabalhadores livres, nos seus estabelecimentos.

Não deve haver nenhum receio quanto á falta de braços depois da abolição: os fazendeiros têm dois annos para substituir os seus trabalhadores; si o não fizerem, não se queixem da falta de braços; queixem-se da sua falta de previdencia.

Um suicidio notavel o do pobre Ruffier Mertelet! Neste tempo de crua positividade, em que acima de todo sentimento, é collocado o interesse individual, em que o egoismo domina, é facto singular haver alguém que leve ao extremo a manifestação do seu affecto, do seu amor. O pobre velho não poude consolar-se da perda da esposa querida, que durante longos dezoito annos foi a sua companheira nas alegrias, como o foi tambem nos pezares. Morta ella, elle era um homem moralmente morto. Mas depois, ver vasio o lugar que ella occupava sempre ao seu lado, deixar de ouvir-lhe a voz, de sentir-lhe os carinhos, era, para elle, sacrificio acima de suas forças de homem amante. Quiz acompanhá-la tambem na *grande viagem*, e, em falta da natureza, que não quiz nelle cumprir a sua inexoravel lei, resolveu por suas proprias mãos dar um desfecho ao seu martyrio de vida: tomou strychnina, e morreu.

Não sei si este pobre homem é um dos poucos suicidas que podem ter uma attenuante ao seu acto de desespero, mas creio que sim. Em todo caso ainda houve alguém que se matasse por amor, e isso não deixa de ser um consolo para as donzellas pobres: poderem acreditar que a sua falta de dote não seja um impedilho ao easamento.

Pardal Mallet não se esqueceo de mim com um exemplar do seu romance *Lar*.

Que posso eu dizer sobre o livro do distincto litterato, que já não esteja dito e repetido por todos?

Que a linguagem é singular, que a grammatica é, a cada passo, nelle offendida, magoada cruelmente? Isso está sedição já.

Que o auctor pinta com cores muito vivas certos pontos do seu quadro em que a sombra devia predominar? Já o disseram igualmente. Assegñarei, entretanto, que foi optima a impreção que me deixou a letra do livro de Pardal Mallet.

É elle um estudo exacto e verdadeiro de um typo de moços mal educada, feito

por um observador imparcial e talentoso.

As nossas letras, que vão felizmente agora, a que parece, em mar de bonança, devem lisongear-se de ter como um dos seus mais vslorosos cultores a Pardal Mallet, a quem, incontestavelmente, está reservado um dos primeiros logares entre os romancistas brazileiros.

O meu antigo companheiro de estudos deve, entretanto, sujeitar-se ás formulas estabelecidas, no tocante á construcção e á concordancia portugueza. Não ha reforma possivel para um edificio solidamente erguido, cujas bases tem seculos de existencia. O que tentar derrocal-o, antes que tenhs conseguido se quer absfal-o, verá sangrar-lhe as mãos, exaurirem-se-lhe as forças...

Um desejo e sincero eu lhe manifesto nestas linhas: que o *Lar* tenha de edicções, quanto tem de estrellas o céu ou de aréas o mar...

GEVE

## DOUS DESERTOS

(Do Album de um pessimista)

Cerca-me a solidão, vasta ruina de sonhos mortos, arraial funereo, arcabouço tristissimo do imperio, que edifiquei na mente peregrina.

Vivo, porque me lembro, e me calcina ainda a dor humana. O mais mysterio... Nesta arena, theatre e cemiterio, que termo extranho a sorte me destina?

Por fim, a propria dor preço da vida, saciada fera, após lucta renhida, um dia me ha de abandonar de certo.

E insensivel, sem goso e sem tristeza, eu ficarei em frente á Natureza, como um deserto em frente a outro deserto!

AUGUSTO DE LIMA

## VIAGENS DE GULLIVER

Disse-me uma vez um amigo meu que o Sr. Carlos Jansen era o menos allemão de todos os allemães conhecidos. Este juizo quadra perfeitamente ao symphatico professor do collegio Pedro 2º; e não é razão que lhe attribuem uma vivacidade inteiramente franceza. Essa vivacidade é o seu principal caracteristico; nem a idade, nem as enfermidades conseguiram roubar-lhe, a ainda Quando o conheci pela primeira vez

foi em Porto Alegre, nessa cidade brasileira um tanto germanisada, aonde residia e reside ainda Karl von Koseritz, um polemista que faz lembrar a índole de muitos escriptores tentonicos accentuados, e que constitue um verdadeiro contraste posto ao lado de Carlos Jansen, tanto transpira nelle o espirito transrhucano. A impressão, que cutão me deixaram a inepeção de nubes e a coervação do segundo, vibrante, juvenil, matizada de brazilismos, ainda agora dão motivo a que eu tome a penna para lançar no papel phrases, que lembrem um dos perás mais interessantes da colonia allemã ao Rio Grande do Sul. Naquelle tempo o actual professor de humanidades andava muito mettido em negocios de admiastração; era inspector de coloaías e occupava-se exclusivamente de questões de terras, de immigração e de outras questões collectivas, que, á primeira vista, davam ao personagom, antes uma feição de homem de negocios de que de um litterato emérito. Pode-se, pois, calcular qual não foi a minha surpriza, quando de suas mãos recebi um forte volume, que depois verifiquei ser um romance de composição sua. Era *A filha da cigana*— um livro movimentado, cheio de situações commoventes, que elle escrevera de um jacto para uma folha diaria da capital, revelando as mais pronunciadas qualidades de narrador.

Annos depois encontrei-o nesta Côte entreguendo ás labutações pedagogicas e á faina da imprensa. Como folhetanista illustrou por varias vezes as paginas do *Globo*, dando-nos chronicas, muito correntias, perfeitos *coups d'étriers*, d'um estylo limpo e optimista de que só os escriptores parisienses tem o segredo.

Ultimamente, porem, esse espirito vivaz e laborioso, um pouco voltado para o interesse da geração futura, tem se dedicado com afincão digno de uma das causas que mais interessam ao paiz na quadra que atravessamos. Muitos pedagogos no Brazil se tem preocupado com a educação moral, com a educação intellectiva, com a educação physica das creanças. Nenhum, porem, ainda dera a parte da educação referente a esthetica todo o desenvolvimento de que é esta susceptivel. A geração que presentemente influe na direção dos negocios publicos, ou na das industrias, é uma prova viva do quanto foi defectiva a pedagogia transacta neste ponto. A intolerancia por um lado, e a rudeza da forma geradora de tantas luctas estereis por outro, não sera acaso um dos productos da falta de esthesia que caracteriza os nossos homens?

Pois bem, o Sr. Carlos Jansen vio que neste terreno havia muito que respirar, e a exemplo do que na sua terra natal via-se já praticando hojs, mais por instincto do que por calculo, começou a publicar nma serie de obras de imaginação, cujo fim principal é arrancar os espiritos infantis ás peraciosas historias de lobisbomene da *negra velha* e a esterilidade [das impressões do ambiente commum, para familiarisal-os com os monumentos mais comprehensíveis e accessíveis das graades litteraturas.

ARARIPE JUNIOR

## LUCTO E CARIDADE

### I

Horriavel! Arde, queima, redemoinha  
O incendio; fuma o tecto, o solo estruge!  
A morte os torvos esquadros alinbs,  
E remexe no fogo e espreita e rugo.

Pelos matos de carne que se aggrupam  
As labaredas sobem lentamente,  
E em longos sorvos, voluptuosas, chapam  
Os corações áquella pobre gente.

Gritos de Mãe, gemidos de creança,  
Cortam do azul a placidez sombria;  
Morreo nos labios a ultima esperança.  
Morreo nos olhos a ultima alegria.

Os burgalhões d'aquelle mar de fogo,  
Como clarins bramem á tempestade;  
Das furias soltas ouve-se o regougo  
Tripudiando em cima da orpbandade.

Tiorhs de chammas, por dragões sopradas,  
O céu de monstros pavorosos coalham;  
E pelos ventos rapidos, levadas,  
Do luar a longa tunica exovalbam.

Da noite a bocca e o olhar sanguinolento  
Muncham da estrella esrefulgentes tranças,  
E a voz das Mães não sobe ao firmamento,  
— Berço das aves, ninbo das creanças.

### II

Gsdara é um monstro que sem custo póde  
Trazer o Ocesno e a Terra ao espinhaço;  
Se ns barbatanas fulgidas sacóde  
Montanhas d'egua e espuma ergue no espço.

Mastige a pedrs aos priscos monumentos,  
Embrida o obóro ao mar e as vagas rouces,  
E tem para jungir o raio aos ventos  
Milhões de braços e milhões de boccas.

Tal o fogo devasta os altos cimos,  
Tal morde o seio ás mães e a barba aos velhos,  
E emquanto uma montanha de ais suhimos  
Em cada grito lacerando os joelhos,

O incendio faz das rutilas escamas  
Um pavilhão de sangue e de gemidos,  
E em grupos pessão através das chemmas  
Filhos sem paes, mulbres sem maridos.

Correm-lhe n'alma, correm-lhe nas veias.  
Do Estyge ss aguss turhidas e ardeates;  
E' a praia cospe ns suas ondas cheias  
De moribundos e abrasados entes.

Como abrir essas portas de argamassa,  
Esse tremendo circulo de Dante,  
Se já da morte o sequito perpassa  
Em cada heijo e em cada oltar de infante?

Ob! dos aajos a lucida morada  
Eavia á terra o cberubim mais louro.  
Afim de que ao romper da madrugada  
Não se onça mais aem supplica e nem choro.

Os ricos devem soccorrer os pobres,  
Sobem aquelles que ás choupans descem,  
E os homens nobres, tornsm-se mais aobres,  
Quaado a linhegem dos braços esquecem.

LUIZ MURAT.

## SEU MENDONÇA

Uma linda menina, nquella Obiquita Pequena, muito bem feita, de nns olhos...! de um sorriso...! Sobreros, como perolas, brilhavam-lhe entre a poipa carnuda e vermelha dos labios os mais bellos dentes que jamais illuminaram um sorriso. Gostava de rir, talvez mesmo por causa desses dentes bracos e firmes. Era o traço mais scintillante de sua belleza, esse sorriso.

O Mendonça, um rapagão de largos hombros, morria-se por ella. Aiada caxeirava; mas já tiaba as suas economias e fallava em por loja. Chiquita sabia-o, e sentia-se muito seduzida pelo bigode negro e forte que affirmava a virilidade da face morena e burguez do seu namorado.

Ainda pequeao, tendo-lhe morrido o pae, — um lavrador de algodão da Uruburetama, mandaram-no, a elle para cidade empregar-se n'uma casa de commercio, e abi cresceu o pobresinbo sem instrução, rudemente, n'um trabalho fortificador, mas continuo, sem lhe deixar tempo as peralteações da carne.

Soffreu immenso nos primeiros tempos: um martyrio infinito! Filho daquelles sertões incivilizados, creado na siminudez barbara do mattuto, alimentando-se aos filtros, de uma natureza rude e generosa; livre de roupas e de ideias; descalço, os cabellos ao vento, as carnes ao sol pela abertura do peito da camisa, pela rodilha das eoroulias levantadas até os joelhos; solto, tendo por instrução algumas pagiaas mal ruidas do Simão de Nantua; — via-se agora de repente enclausurado entre fardos e caixotes, mettido n'uns sapatões iracundos, n'um collete oprimente, que lhe deixava a camisa em seio escapar dos calções eurtos q'os sapatos mordiam! E todo embaraçado, os movimentos dures e inflexos, cheio de desasos, suava de veixame e de cansaço, sem poder encostar-se, os pés em chamma, a garganta a arder, o sangue a bater-lhe as fontes...

Um penar!  
A's noites, fechado o armazem, atirava-se para o sotão miseravel, cheirando a baño; repelia, com ira, os sapatões infernaes, esses iaimgae rancorosos, que lhe deixavam os seus pobres pés tão vermelhos, tão magoados, tão escoriados! E affagava-os, pensando que lá, na sua terra, elles tambem se feriam, mas nas deliciosas eaçadas ás pombas, aos ninhos das jaçanãs; tambem se magoavam, mas na agrura dos espinhos, na encosta da serra, ao ar livre, na pleaa independeacia dos ventos e da luz. Mas alli, agora, opprimidos, enfeados, mettidos violentamente aaquellas prisões hedioadas, como furões brevis em estreitas gaiolas de pau, que fundo tormento elles padeciam que pena desusada e unica!

Esfoguetava-lhe ontão a meato a lembrança das cousas doces do lar: dos biscoitos da avó, das arapucas na encosta, das enchentes do rio. Revia na sua alma magoada as bellas manhãs ao roçado, por entre o verde milho a c'ic'ar embalando ao vento a baste fecunda e coroada de louros pendões; a casa na falda da coliaa, o joazeiro do pateo, os bois, as tardes roseas, as suas vacas de osso, o seu mondé, a sua facca pequena, o seu chapau de couro, os

sens tamancos de pelle do cobra, em que se regalavam seus pés...

E babava-se o Mendoncinha, n'um choro silencioso e soluçado, com a cara mettida nos dobrns do lençol de chita, triete, infeliz, n'uma desgraça immensa até que, alta noite, ao voltarem da pandega, os companheiros encontravam-o com as pernas para fóra da rede, a cara ainda molhada das lagrimas, atolado no somno pesadão dos doze aanos.

Aos domingos, porem, um desforro! Affogado n'uma gibosa rabona de alpaca, uma gravata vermelha a esfoguetar-lhe o pescoço, baia, com os outros, as calçadas da cidade, e voltava para o sotão, muito alogre da caminhada feita, dos dois vintous de doces comidos, do cigarro fumado, dos pés já um taato rosignados.

Habitou-se por fim. Achou mesmo um corte encanto naquella vida que punha em constante actividade todos os seus musculos que o desenvolvia, que o tornava forte.

A ideia de ganhar dinbeiro, de ser rico, veio-lhe muito cedo e persistiu. Foi economico e sobrio. Divertia-se; mas, nas noites de circó, não despendia mais do que os dez tostões da entrada geral, e gozava tanto quanto os outros que cervejavam queimando eharutos de tostão.

Num perfeito equilibrio phisico, regrado, methodico penteado, com collarinhos tesos manchados de sujo por dentro, não perebia as delicadezas subtis da Arte; applaudia os totaes já triumphantes, por imitação.

Consultou, uma vez, as suas finanças e resolveu dar-se o prazer de um espetáculo lyrico.

— Fallava-se tanto da Francesi!

La ver...

A's oito e meia lá estava no seu banco, calmo, com muito methodo, a bengalã entre os joelhos, a mão sobre o castão ostentando o forte anel com a sua iaicial, a cara bem rapada, o bigode luzindo, chapau de massa clara, uma vistosa gravata em leveadas dobras, cahidas como borboletas, sobre a gola da quinzena cor de avana. Na sombra de espessas sobrancelhas unidas negravam os seus pequenos olhos siaceros e surprehendidos.

Subiu o panno.

O chapau claro descreveu uma curva da cabeça ao joelho, expondo a crueza do gaz as mais bem penteadas melcaas da sala, a mais nitida risca de toda aquella assembléa.

A attenção excitou-se. Grande oavertura, arcadas magistraes, iastrimentação grandiosa, scenario de papello piatado a brocha!

— Muito bem! Curioso aquilo! Rúa bem pintada, aquella! Que arvores verdes! Esplendida... (Elle tinba ouvido esta palavra a uma sua fregueza) Esplendida cauda a do vestido da italiana, com a cabeça no ar, os braços estendidos, a bocca aberta, a voz em grita! Que espadagão arrasta aquelle soldado de calças a cima dos joelhos, expondo umas pernas finas! que usos! Esplendido solitario ao dedo da cantora Esplendida. (Elle gostava da palavra) esplendidos dentes! espleadidos vistantarios! espleadidos...!

E as vozes esgaeteavam e a orchestra estrugia.

(Continúa.)

LAHORE

## LONGE !

*Ella partiu. Que mares do Occidente  
Vão est-a em breve, que p'ra lá caminha ?  
Ah ! que eu não seja, para eternamente  
Segui-a, a aza da garça ou dá andorinhá !*

*Ah ! que eu não seja essa amplidão marinha,  
Que eu não seja esse céu, para contente  
Lá das ondas dizer-lhe:—« Agora és minha !  
—Semos aqui o mar e o céu sómente !»*

*Inda em meu quarto o aroma delicado  
Paço do tempo que deixou, partindo ;  
Inda o leque de pennas espalhado*

*Dorme entre as jarras... e no leito aberto  
Vejo-a, abraço-a chorando, alegre, e rindo,  
E ao peito anoiado o travesseiro aperto !*

ALBERTO DE OLIVEIRA.

## A côrte vista de fóra

Leopoldina, 21 de Março.

Em artigo que, com este mesmo título, escrevi para um dos ultimos numeros d'A Semana, fiz-me réo de uma omissão gravis, que hoje venho confessar e reparar.

Dando noticia do proximo apparecimento do livros, destinados a um successo, deixei de tocar na *Carne* de Julio Ribeiro, abstinencia altamente condemnavel, pois a *Carne* a julgar pelas noticias dos competentes e por um *échantillon*, exhibido nas columnas do *Diario Mercantil* de S. Paulo, é uma preciosidade do Naturalismo applicado ao nosso paiz, cuja variada fauna, cuja opulentissima fóra, cujos usos e costumes foram habilmente utilizados pelo auctor na confecção do romance. Julio Ribeiro vae assim deitar por terra esse velho espantalho do nacionalismo piégas, misturado de indianas praticas theonicas, que já hoje nada significam, naturalizando, por assim dizer, a grande escola actualmente em voga nas litteraturas europeas.

Não sei ainda a these que pretende elucidar o illustre éscriptor.

E', porem, conhecido o modo porque o vae fazer, e já não é pouco.

A *Carne* ha de parecer repugnante á critica pudorosa, e por isso levará algumas dentadas : feliz, então, derramará á vista de todos o seu riquissimo sangue no solo da esthetica nacional. Hade parecer appetitosa aos imitadores, e será retalhada em infinitas fatias e digerida em romancetes, novellas e contos ; mas como a imitação é ephemera, passada a febre do contrabando, ficará intemerato o padrão original e mais glorioso o seu auctor.

A mim, se me affigura a *Carne* sabrosissima vianda, com que no banquete annunciado pelos Srs. Teixeira & Irmão, vae Julio Ribeiro regalar a litteratura brasileira.

E bem temperadinha que é, a julgar pelo pedaço com que Gaspar da Silva gentilmente nos servio.

Leio agora nas scintillantes *Notas á margem*, de Valentim Magalhães, a noticia de mais alguns livros a apparecerem brevemente:—O lar, de Pardal Mallet,

*O Quilombo*, de Coelho Netto, *O supplicio de um marido*, do Dr. Ferreira Leal e *o Cortiço*, de Aluizio Azevedo.

Deste ultimo já a critica consagrou o anno passado, de modo definitivo, o grande talento e a fina observação artistica.

Basta, pois, para augurio de successo assignalar que o *Cortiço* continua o *Homem*.

De Coelho Netto, sei que é um talento complexo e vigoroso, que largamente se prodigalisou no *Rei phantasma*, com que por algum tempo nos deliciau a *Cidade do Rio*.

O romance que agora annuncia palpitante de actualidade. Si a sympathia pessoal, que nutro pelo seu coração de ouro, servisse para afeirir o successo do livro de Coelho Netto, eu diria affoitamente:

*O Quilombo* ha de esgotar-se rapidamente em duas ou tres edições.

Os Srs. Pardal Mallet e Ferreira Leal virão egualmente abrilhantar a grande festa litteraria ; pois são nomes laureados pela critica em trabalhos já conhecidos.

Um mesquinho obituario, o que nos está actualmente offerecendo o *Jornal do Commercio* : — alem de umas tantas molestias de todas as estações do anno, sómente um ou outro caso sporadico de febre amarella, e isto em pleno calor, e no regimen da Hygiene publica. Para esse resultado, não precisava a Côrte de ter a população, que tem, e nem os milhares de causas morbidas que a infestam, desde o canal do Mangue até a Imperial Academia de Medicina.

A' fé que qualquer aldeia deste vasto interior, em tempo de variola ou febre perniciosas, formaria muito mais farto obituario, mesmo sem notabilidades medicas.

Fazendo este reparo a um visinho meu, que é um philosopho muito impertinente, procurou elle explicar, segundo theorias lá suas, a anomalia do caso : e depois de uma longa dissertação physio-sociologica, concluiu dizendo que a ausencia da epidemia era explicavel pelo espirito de anarchia, ora reinante na atmosfera carioca.

Trata-se de um systema original (que não desenvolvo aqui por amor á brevidade), segundo o qual a pathologia invade os dominios da psychologia, e vice-versa ; uma doutrina eversora dos archaismos com que nos vive a impanzinhar a supra dita Imperial Academia.

Depois deste ensino do meu excêntrico visinho, tenho estado a observar, de um lado o obituario, e do outro as noticias dos ultimos conflictos do povo e das velleidades anti-monarchicas de algumas municipalidades ; e com effeito noto com certa admiração, que a mortalidade cresce ou decresce, conforme, na razão inversa, augmenta ou diminue de intensidade a febre insurreccional. Nota para a estatistica.

A ser exacta a doutrina, creio que é tempo do Governo abrir os nossos portos a todos os paizes inficionados pelo cholera ; tão graves são os symptomas que ultimamente se têm manifestado da doença revolucionaria.

Abra-m-so vallas aos mortos ; mas previnam-se as barricadas dos vivos. Morram os cidadãos e salve-se a Patria.

ALI

## « DA VIA-LACTEA »

Longe de ti, se escuto por ventura  
Teu nome, que uma bocca indifferente,  
Entre outros nomes de mulher murmura,  
Sobe-me o pranto ans allos de repente.

Ts! aquelle que, misero, s torturs  
Soffre de amargo exilio, e, tristemente,  
A linguagem natal maviosa e pura  
Ouve falada por estranha gente.

Porque o teu nome é para mim o nome  
De uma patria distante e idolatrada,  
Cuja saudade ardente me consome.

E ouvil-o é ver a eterna primavera  
E a eterna luz da terra abençoada,  
Onde entre flores teu amor me espera.

S. Paulo, 88.

OLAVO BILAC.

## BELLAS ARTES

E' muito natural que o leitor saiba que J. B. Castagneto já voltou da sua excursão artistica aos estados do Rio da Prata.

Não é impunemente que se é artista. De volta de uma viagem, si se é escriptor, traz-se sempre um livro feito ou esboçado apenas. Si se é pintor, junto á bagagem leve de todos elles, vem sempre uns retalhos de panuo, manchados de tinta, que representam muitas vezes um livro, um grande livro, vazada nelle toda a alma arrebatada do artista numa hora longa de mysticismo encantador.

O *marinhista* eximio, o pintor vigoroso, o artista sentimental, trouxe do Prata a sua pequena bagagem gloriosa.

Ha muitos dias que estão expostos na sala da Glace Elegante os quadros pintados por Castagneto, em Buenos Ayres, quadros feitos rapidamente, com a nevrose que domina o pintor, mas de um vigor soberbo, de uma forma franca e larga, com todas as louçanias do seu pincel.

São em numero de seis. Em cima, duas lindissimas *marinhas*, onde uma barca, á vela cheio, meia deitada sobre o mar, corre impellido pelo vento rijo que anda varrendo a agua agitada, do uma verdade sincera, que impressiona profundamente.

Em segundo logar estão duas paysagens lindissimas. A maneira particular de sentir, original, toda propria, que adorna o talento de Castagneto, apparece ali clara, manifesta, nesses azulamentos dos longe, cor suave e vaporosa em que elle traduz as suas intimas melancholias sonhadoras.

Uma luz clara, cantante, destribuida firmemente inunda estas paysagens.

Em baixo, duas telas maiores representam a *doca* de Riachuelo.

Navios fundeados, com a sua floresta de mastros e cordas, immoveis, na mansidão d'agua tranquilla reflectem, como um espelho ondulante, as suas sombras caprichosas. Ao fundo, vê-se a cidade, com suas torres e seus zimbórios brancos, sua paysagem serena.

Ceu claro, ceu luminoso, de uma suavidade melancholica, com suas nuvens de um roxo, apagado, lá no fundo, muito longe sobre o horizonte.

Si alguma cousa ha a notar ali é que os *perfo* d'agua não são ainda perfectos. Mas nem a vista o sote porque estão lá para attrail-a e deslumbra-la os *longe*, onds a agua tem uma verdade delicada e uma transparencia felicissima.

E ba tantos dias que ali estão os triumphos gloriosos de um artista trabalhador á disposição dos amadores brasileiros!... A grande paixão artistica não se moveu ainda. Outros trabalhos de menos valor tem encontrado mais facilmente anciosos pretendentes.

Mas é que amor da pintura só grassa entre nós, de tempos a tempos, como uma monomania. O mais usurario *belchior* de quadros de Pariz daria sem pestanejar, um conto de réis por aquellas seis telas bellissimas. E os amadores nscionaes ainda não offereceram a metade!

E' triste. Mss sejn dito uma vez ainda em bem da verdade, que tem sido bem dura para a pobre arts nacional.

A critica da imprensa, tão rigorosa ás vezes para as faltas, tem sido um tambem tanto avara de elogios parn com esse talentoso pintor do mar.

EMANUEL KARNERO.

## AFFECTO

Essas de petalas rubras  
Que alegram a minha porta,  
Sem que tu mesma descubras,  
O meu olhar não supporta.

Idolatrei as estrellas  
Que fulgem pelo infinito,  
Mas hoje, querida, vel-as,  
Sem que tu saibas, evito.

Os colibris que esvoaçam  
Por sobre as flores viçosas,  
Nem os vejo se elles passam  
Aos poucos beijando as rosas.

Quando a ventura nos cerca,  
D'algum que dá-nos ventura  
Tememos que o olhar se perca  
Em tudo n mais que fulgura.

ARTHUR MENDES

14 de Fevereiro de 1888.

## MAGISTER DIXIT

Eu toun a liberdade de offerecer á gentil atenção dos leitores d'A *Semana* alguns dos bellos trechos do Taine sobre Honoré de Balzac, trechos tão judiciosos n tão verdadeiros que eu não pude resistir á tentação de os verter para o meu charro vasconço de escrevinhador bisonho.

Eil-os :

« Sem uma philosophia o sabio não passa de um trabalhador e o artista

não passa de um curioso. D'ahi a preeminencia de Balzac no romance.

Ese triate e perigoso modo de ver as cousas o é tanto mais quanto Balzac faz dos scleratos homens de genio, quanto dando a theoria do vicio elle o torna involuntariamente interessante e dasculpavel, quanto pinta mediocremante os sentimentos elevados e finos, quanto pinta admiravelmente os sentimentos grosseiros e baixos, e quanto, a espaço, vencido pelo aesumpto, emite maximas contrarias á paz publica e talvez mesmo alarmantes para a honra. Demais, em Balzac essa amarga philosophia não é compensada pelo eu contrapelo natural, a historia, que elle sabia mal; esquecia elle que se hoje o homem offerece muitos vicios o muitas misérias, outr'ora o homem ainda offerecia mais, que a experiencia engrandecida tem diminuido a loucura da imaginação, a cegueira da superstição, o fogo das paixões, a brutalidade dos costumes, a agrura dos effrimentos, e que em cada seculo vemos crescer a nossa ciencia e o nosso poder, a nossa moderação e as nossas garantias. Para philosophar sobre o homem, não basta uma observação exacta, é preciso tambem uma observação completa; e de modo algum é verdadeira a pintura do presente sem a lembrança do passado.

Pois que considerado o passado, somos tentados a achar o presente hello e honesto. A fundo nada é mais illusorio do que essas expressões de belleza e de bondade, e nada é mais perigoso do que empregal-as para julgar o mundo. Cumpre jámais dizer que o mundo é mau, ou o contrario. Se achais o homem miseravel e mau, é porque no fundo do coração tendes uma imagem da vida feliz e justa, e porque approximando della a nossa vida, achais quantos graus está esta abaixo daquella. Mas se considerardes a vida natural e animal, o jogo desenfreado e discordante da imaginação e dos anhelos, o conflito necessario da vontade e das cousas, admirareis a porção de justiça e de felicidade que perdura através dessas tempestades, e louvareis a nobreza da natureza humana, que entre tantas forças desencadeadas e cegas mantem e destaca a razão e a virtude. De sorte que á vontade e segundo esse ponto de partida, o homem vos parecerá virtuoso e vicioso, bello ou feio, feliz ou desgraçado, eem que nenhum desses nomes exprima a sua verdadeira natureza, sem que nenhum desses nomes possa fixar uma regra de governo ou de conducta, e isso porque cada um desses nomes mede sómente a distancia que medeia entre o homem real e um certo homem imaginario que arrançais arbitrariamente, que engran. decais ou amesquinhaes a bel prazer, e que pôde variar em todos os sentidos e ao infinito.

Parece-me que essas considerações de modo algum são ociosas sob o ponto de vista litterario.

Pelo menos são curiosas.

CANDIDO JUCA

### A um cruzifixo

Ha dois mil annos — rude carpinteiro, que o nosao louco desespero fundo nos consome, aegundo por segundo, n'um desgraçado e negro captiveiro...

Ha dois mil annos teu olhar profundo d'esse infamante e tragico madeiro nos promette sereno e sobranceiro balsamo aos desconsoles d'este mundo.

Ha dois mil annos — lúgubre e damninho — teu vulto posto ao meio do caminho para a Ventura nos impede os passos...

Ha dois mil annos que teus labios mentem... Basta! Os povos prostrados hoje sentem ancia de novos céus, novos espaços...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

### DIAS DE CHUVA

A CARLOS JANSEN JUNIOR

Ha seguramente tres dias que eu não vivo, que não vejo o sol, nem falo. E' sabbado: são doz horas da manhã. E ella, a minha adorada Everalda, não veio, não virá mais de certo. E no entanto dizia-me na sua cartinha d'uma letra fina e miuda: « Amanhã, quinta-feira, vou. Estou douda por verte... saudades... não imaginas... »

A chuva tem cahido e cae incessante. O céu pardacento, d'uma claridade esmaecida e igual, verte a agua em fios, como se a passasse por uma peneira gigante.

Um frio horrivel de sezões ania-me nas carnes e o negro e fundo spleen de Merimée ataca-me com furia o coração onde o fêl rebenta em ondas. Tenho as unhas rouxas e a pelle engilhada e fria como um cadaver. Sentado, com o peito atracado á mesa da escripta, o braço direito em angulo apoiando o queixo, voltado para a janella, com os olhos cravados longe, através dos vidros açoitados pelas rijas e sororas bategas, que o vento de léste impelle, a rajadas — eu, mudo e encanizado, n'uma formidanda excitação de nervos, penso profundamente nella e sinto um odio terrivel, uma electrica nevrose de ferocidade animal, que me lucenleia de instante a instante, contra tudo o contra todos ..

Debalde intento lér. O meu livro querido, *O Primo Bazilio*, o livro extraordinario, que está aberto diante do mim, causa-me tédio.

E, quando, de repente, aggride-me o cerebro, como um fusil, a idéa de que ella talvez mentisse-me, a falsa, enche-me o peito um furor e assalta-me uma vontade indomita da estrangular alguem...

VIRGILIO VARZEA.

### Scenas Populares do Ceará

A FARINHADA

A' VIRGILIO BRITO

I

Era em Setembro o mez da farinhaada, No campo qu'alegria!  
A roça enxuta da estação pasaada Vai prover os celeiros esgotados Do pobre lavrador e de abastados Co'o pão de cada dia.

Do pobre na cazinha de palmeira Ha trabalho e prazer.  
Que bello quadro! quanto amor ensina, Que exemplos puros de fraternidade!  
Entre essa gente rude que amizade!  
Como sabem viver!

E não ha jornal! fez-se ajuntamento P'ra roça desmanchar.  
Do visinho pagar chega o momento As dividas, que havia contrahido, E salda rindo o debito vencido O irmão indo ajudar!

II

A's alvoradas do dia Oa homens do ajuntamento Sabiram para o roçado Com grande contentamento.

Mulheres, moças e velhas Ficaram para arrumar Toda casa de farinha E seus quietes amolar.

Chegaram todos a roça, Tomaram todos *carreira*, E cada qual portilava Para ser da dianteira.

Era um quadro qu'alegrava Da visinhança a união, Amenisavam fadigaa Cantando alguma canção.

— Na relação de Cupido Eu fui desonbargador, Mas não me lembro que desse Sentença contra o amor.

— Este páo dá desabafó, Maie de quarta pôde dar E masaa para beijos P'ra muita gente ceiar.

— Arranca, depressa arranca, Pega o páo bem junto ao chão, P'ra não quebrar a batata, Cabra, apruma a tua mão.

— Mais ligeiros, meus amigos, O sol não tarda a pender, E talvez duas fornadas Queira o forneiro mechor.

— Nos barros de minha terra Dá maudloca mourão Para amansar touro bravo Mucambeiro ou barbatão.

— Coragem, cabra de fama, Pega fixo e com valor, A roça está ae sumindo Porque quer Nooso Senhor.

— Basta, hasta, companheiros Vamos á casa voltar, O rodéte, as raspadeiras Não podem más esperar.

III

A casa de farinha era um telheiro A' tres metros do solo suspendido Por seis grossas forquithas de arceira, Sem ladrilho, mas chão mui bem varrido.

A um canto o forno arredondado e baixo Oom leito de tijollos ladrilhado, E bem junto uma prensa com *brinqueto Rodde e caitatá* mui bem dentado.

A' alguns passós da roda vé-se a tulha De mulhéres e meninos rodeada, Mui ligeiros raspando a mandioca P'ra ganhar dos *capotes* a parada.

E um bomem lá na prensa aperta a massa, Que destilla a lethal *manipoeira*; E depois n'um caixão duas mulheres Paseam massa depressa na peneira.

Dois rapazes robustos, corpulentos De camisa amarrada na cintura, Pukam, roda, cançados banha o corpó A gotta de suor a pelle escura.

E a roda mui veloz, veloz se move Rodando o *caitatá* muito ligeira, Emquanto a mandioca des'parece Dentre as mãos serviçaa da cevadeira.

— Raspa, raepa mais ligeira Caboclinha do sertão, O preenseiro está parado, O puxador esbarrado; Não goata disto o patrão.

— Peneira a massa, peneira, Que o forno vai esquentar, Passa a mão com mais sustança, Não tenha medo Esperança De eus dedos callejar.

— Puxe a roda Zé Vicente Que a cevadeira dormiu! Tire a vista da peneira, Não olhe p'ra raspadeira, Aqui você nada viu.

— Menina peneire a massa Que o forno já esquentou, Deixe de palavreado, Esperança tem coxilado, Fui eu só quem reparou.

— Eu não quero ver cantiga Sem proveito me deixar. Tragam maasa peneirada Rosa e Benta Caxiada Que meu rodo está no ar.

— Se aeu rodo está no ar Eu não tenho culpa, não Pegue lá com Zé Vicente Que de molle está dormente, Do forneiro é bem irmão.

IV

Findou-se o dia, vai o ajuntamento Começar o serão.

Sahiu ha pouco a ultima fornada, A prensa ficou cheia, demanhã. Não tem mais qu'esperar o bom forneiro Que venham cevar, não.

Findo o trabalho nova scena agora  
Vai todos alegrar.

Cercam mulheres de massa o esguto coxo,  
Quem breve se evasís, bejús fazem,  
Vão ellas o calor do quente forno  
Depressa aproveitar.

E feita a beijusada se retira  
A turba folgazã.

Uns comendo bejús, outros cantando,  
E voltam para a casa satisfeitos,  
Mas promettem ao dono do roçado  
Voltar pela manhã.

RODOLPHO THEOPHILO.

## POETAS MINEIROS

VII

THOMAZ GONZAGA

Durante algum tempo foi questão debatida o logar em que Gonzaga vira a luz. Muitos persuadiam-se que o poeta nascera na Bahia, onde passara unicamente a sua infancia, como elle proprio o confessa nos seguintes versos:

Pintam que os mares sulco ds Bsbia,  
Aonde passei a flor ds minha idade:  
Que descobri ss palmeiras, e em dois bairros  
Psrtida a grsn cidade.

Ultimamente, porém, verificou-se que seu berço fóra a cidade do Porto, no reino de Portugal, onde nascera em 1744. (1)

Filho de João Gonzaga (brazileiro) e de D. Thomazia Izabel Gonzaga, veio em creança para o Brazil, voltando para Coimbra apenas chegado ao tempo de encetar os estudos academicos.

Formado em direito na universidade daquelle cidade, exerceu por alguns annos o cargo de juiz de fóra em alguns logares de Portugal, sendo depois nomeado ouvidor da comarca de Villa Rica, onde residiu até ser julgado como cúmplice da rebellião de 1789. Em todas as funcções de taes cargos revelou sempre alta comprehensão de seus deveres e a maior isempção de espirito.

Como homem gozou de muitissima sympathia, devido ao seu character delicado e ás suas maneiras distinctas e assás polidas.

Attraido á conjuração pelo seu modo de pensar livremente, teve de curtir dissabores os mais amargos até que o accordam de 18 de Abril de 1792 o condemnou a perpetuo degredo para as Pedras de Angoche, sendo modificada esta pena por um outro accordam que a reduziu a 10 annos de exilio em Moçambique.

Foi este peregrinar de uma dor intensa a pagina negra da vida de Gonzaga.

O que elle sentiu, o que lhe foi n'alma de acerbo e lancinante, nol-o contou a sua imaginação poetica nesse livro admiravel — *Marilia de D'ceu*, nol-o diz elle proprio nestes versos:

« Que diversas que são, Marilia, as horss  
Que passo na masmorra immunda e fris,  
Dessas horas felizes, já psadas,  
Na tua pstria aldeia ! »

(1) O motivo porque incluímos Gonzaga, Alvarenga Peixoto e J. Netto em o numero dos Poetas Mineiros, apparecerá na introdução ao nosso livro,

« Então eu me sjuntsva com Glanceste, (2)  
E, á sombra de alto cedro na csmplina,  
Eu versos te compunhs, e elle os compunha  
A sua esra Eulina. »

« Quando se lhe leu a sentença fatal e comprehendeu a extensão dos seus malees, deixando a terra amada e abandonando n adorada Marilia, não tiveram limites as dores de seu coração e a desesperança de sua alma. » (3)

Quinze annos passou Gonzaga na Africa, periodo de completa vegetação. Os ares do desterro foram-lhe nocivos trouxeram-lhe gravissima enfermidade de que resultou a loucura furiosa. Em um dos intervallos benignos da molestia casou-se com uma senhora de cor, D. Juliana de Souza Mascarenhas, esquecendo aquella que escolhera para a lucta da vida, a sua querida Marilia, a decantada senhora que a lyra do vate mineiro tanto ennobrecera, D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão.

Em 1807 exalou Gonzaga o ultimo suspiro. Seu corpo foi enterrado na Sé de Moçambique.

A face característica das poesias de Thomaz Antonio Gonzaga é a pastoril. Cifra-se o seu poetar em doces canções melodiosas, impregnadas de um perfume suave, plenas de uma simplicidade camponeza que lembra o viver poetico e sereno da gente sertanjsa.

A sua linguagem é devéras encantadora e os seus versos correm fluentes e harmonicos.

« Ha nessas pequenas lyras, que ello denominou de Dirceu a Marilia, tanta coisa linda e encantadora, que rivalisam sem duvida com as canções mais puras e delicadas de Petrarca. Verdade é que alguma semelhança existe na vida e nas obras destes dois poetas. Cantava Petrarca os seus alegres amores nos braços da sua Laura, vagando pelos prados de Axinhão e pelas torrentes solitarias de Vanclusa. Quando Laura o inspirava, era Laura para elle o mundo. Solfejava igualmente Gonzaga as suas melodias deliciosas em honra da sua Marilia, nos valles amenos de Villa-Rica. Repassadas pela linguagem mais pura e enlevadora da paixão, transmittia ao objecto do seu amor os mais doces e ternos suspiros. Quantas divinas descripções mereceu Laura! Quantas pinturas primorosas obteve Marilia! » (4)

Muitos dos versos do poeta são o retrato fiel do seu viver. Outros, como os que seguem, são essencialmente mineiros, si tal designação pôde-se-lhes dar artisticamente:

Tu não verás, Marilia, cem captivos  
Tirarem o cascalho e a rica terra,  
Ou dos cercos dos rios caudalosos,  
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro  
Do pesado esmeril a grossa areia,  
E a brilharem os granetes d'oiro  
No fundo da bateia.

Não verás derribar os virgens mattos,  
Queimar as capoeiras ainda novas,  
Servir de adubo á terra a fertil cinza,  
Lançar os grãos nas covas.

(2) Claudio Manoel da Costa.

(3) P. da Silva, obra citada, vol. II, pag. 77.

(4) P. da Silva, ob. cit., vol. II, pag. 81.

Não verás enrolar negros pacotes  
Das seccas folhas do cheiroso fumo;  
Nem espremer entre as dentadas rodas  
Da doce canna o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa  
Altos volumes de enredados feitos;  
Ver-me-ás folhear os grandes livros  
E decidir os pleitos.

Outros são por demais melancholicos: pertencem á segunda phase de sua vida, ou ao periodo do exilio na Africa. Já não têm aquelle tom jovial, aquella cor característica da alegria e do *humour*; são cheios de um luz tenue a se apagar, de uma sonoridade triste mas consoladora, ás vezes semelhante á das estrophes de Tasso, outras lembrando o poetar canoro de Sylvio Pellico.

« Pôde se dizer, pondéra um auctor já citado, que a sua poesia é a flor d'alma, como são as flores a poesia da terra. Prende, encanta, captiva e arasta, ao som de uma melodia que se não pode definir. Nosso pensamento acompanha a inspiração do poeta, ignorando onde vai, satisfeito porem de segui-o porque é o seu canto terno como o gorgojo do sabiá, nrrebatador como a torrente do deserto, melancholico como a musica de Bellini e as flores do chorão, sublime como a grandeza do Oceano e a voz de Deos. »

Os versos mais ternos da musa de Gonzaga são certamente os que nos vieram da prisão. Nelles desapparecem de vez a graça quasi infantil e o colorido das imagens risonhas, para dar logar ás castas saudades, ao chorar sincero de um crente apaixonado e ferido profundamente no seu coração de poeta.

A seguinte poesia confirma este juizo. E' a descripção que de seu estado faz o proscrito:

Já me vai, Marilia, branquejando  
Louro cabelo que circula a testa,  
Este mesmo, que alveja, vai caindo,  
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,  
E vão-se sobre os ossos enrugando;  
Vai fugindo a viveza de meus olhos,  
Tudo se vai mudando.]

Si quero levantar-me as costas vergam  
As forças dos meus membros já se gastam:  
Vou a dar pela casa uns curtos passos,  
Pesam-me os pés, e arrastam.

Si algum dia me vires desta sorte,  
Vé que assim me não poz a mão dos annos:  
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos  
Fazem os mesmos damnos.

Como estár, muitas outras, enthesouradas em um grosso volume, (5) constituem os louros do illustre poeta Thomaz Antonio Gonzaga.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

(5) Marilia de Dirceu.

## RECUERDO

Foram-se os dias de ventura. Agora  
Em vez de risos, lagrimas e prantos:  
Trocaram-se por dores teus encantos,  
Foram-se em bndo as illusões de outr'or a

Hoje, meu coração, ave que chora  
Ternos sffagos, merencorios cantos,  
Não pulsa, em turbilhão de negros mantos  
Envolto:—lembrao teu smor, senhora.

Lembra os perflios labios que descerras,  
Deixando vér ss perolas que encerras,  
Nessa boquinha rubra, inebriante...

Lembra o teu corpo sensusl, nervoso,  
Teu meigo collo, um ninho gracioso,  
Talhado em vivo msrmore brilhante.

CEZAR FRANCO.

Ouro-Preto, 1888.

## CARLOS I

HENRI HEINE

No seio da floresta, na Escossia, na cabana de um carvoeiro, sombrio e só, está sentado o rei; e junto pousa o berço do filho do carvoeiro, que elle contempla e embala cantando com voz monotona:

« Eynpopéya! (1)

O que é que se agita na palha? — Trazos o signal ua fronte, e sorris, dormindo, de de um modo aterrador.

« Eypopéya!

« O gatinho está morto. — Trazes na fronte o signal: serás bomem e has de vibrar o machado... Já os carvalhos tremem na floresta.

« A velha fé do carvoeiro não existe mais. O filho do carvoeiro. — Eypopéya! — não cré mais em Deus, e ainda menos no rei!...

« Eypopéya! O gatinho está morto, o menino ri-se com alegria. Eu serei um dia objecto de irrisão — Eypopéya! — Deus no céu, e na terra eu, o rei.

« A minha coragem se extingue, o meu coração está doente, e, dia a dia, a doença augmenta mais: — Eypopéya! — e tu, filho do carvoeiro, eu sei, serás o meu algoz.

« O meu canto de morte é a tua canção do berço — Eypopéya! — e tu me ceifarás a cabeça grisalha... Já sinto sobre o meu pescoço o cutelo que freme!

« Eypopéya!

« Que ruido é este na palha? — Tu conquistarás o poder e has de separar-me a cabeça do tronco...

« O gatinho está morto! Eypopéya! O que é que se agita na palha? O gatinho está morto, o menino ri-se com alegria! —

« Dorme, meu pequeno carrasco, dorme!...

HORACIO DE CARVALHO

Desterro, 1888.

(1) Canção com que na Allemanha se embala as crianças.

## CONTRASTE

Quando chegeste, quando transporestes  
D'essa porta o humbral, senti (tão forte  
Commeção de alegria e dor e morte  
Fugirem n'um só beijo, qua me deste.

Pedite p'ra voltar, que sim, disseste.  
D'esperança vivi em hom transporte  
Mago, que foi-se em breve; de tal sorte  
Q'è hoje estou são p'lo beijo que me deste

Emtento não voltaste minhe amante]  
E essa esperança, doce, litigante,  
Que me salvou de leito mortuario,

Teve por fim um singular contraste!  
Tu, mulher, que da morte me salvaste  
Leio hoje o teu nome em Obituario.

JOSÉ DIAS OREIRA

## Um Pesadelo

Descia a noite silenciosa e triste. No firmamento escuro as nuvens escondiam o suave e indefinido tremaluzir dos astros. O vento rolava pelo espaço sacudindo a copa dos arvoredos, e ao doce farfalhar das franças cahiam lugubremente compassadas e monotonas gottas de uma chuva pesada que humedecia a terra enegrecida.

Ao longe no velho convento de Santa Theresa, vibrava a ultima badalada da meia noite na sonoridade surda de um sino rachado.

Como era triste o silencio daquella hora atravessando aquella noite invernosa!

Prostado pelo tedio e pelo cansaço atirei para um lado a caveira em que eu fazia os meus estudos e fechei o *Malnigue* que naquelle momento actuava em meu organismo como um poderoso hypnotico produzindo-me no cerebro um peso somolento. Encostei a frente a mesa de estudo e ao deslizar da chuva e ao agoitar do vento por entre as frestas da veneziana, adormeci sozinho, no meu inconfortavel quarto de rapaz solteiro.

Emquanto o corpo fatigado pelas lides do dia cobrava de Morpheu algumas horas de repouzo naquella indolencia morbida, o cerebro — o rude proletario — exercia silenciosa e continuamente as suas funcões psicbicas. Foi assim que pareceu-me ouvir alguém subir as escadas por entre o tilintar de esporas e de espadas. Vi depois um sujeito trajado ricamente, parecendo um alto personagem, bonito com gestos senhoris e aspecto de fidalgo entrar pelo meu quarto, puxar por uma cadeira e sentar-se ao meu lado, sem mesmo ter notado a minha presença alli. Collocando o chapéu em cima da meza e a mão direita sobre a face do mesmo lado poz-se a manolagar, mas não tão baixo que eu não pudesse ouvi-lo.

Emfim cheguei depois de ter andado a viajar como um nahabo, disse elle. Como se mudão es tempo! Hoje tratão-me por «excellencia» como se eu fóra algum «lord inglez» aquelles mesmos que hontem me corrião como a um cão leproso, ou a um biltre qualquer.

No entretanto eu era honesto e era religioso!

Quando eu via alguma igreja abertin entravn e esjoelhava-me cheio de fé ante n imagem do martyr do Golgotha toda cheia do cicatrizes que pareciam jorrnr sangue! ante n imagem daquello Nazareno cheio de humildade e resignação ou me possuim de verdadeira contricção e lhe enviava as orções que minha mãe ensinara-me om criança. Ia todos os dias n casa do padre-mestre que me ensinava a ler. Ainda me lembra que umn noite não comprehendendo a lição fui a casa do padre-mestre pedir-lhe uma explicção e que encontrei-o com outros padres em fraldas de camisa em companhia de mulheres igualmente vestidas! Quo *santo* homem naquelle padre-mestre! Me disse que estavam em confissão e que eu voltasse no dia seguinte.

Naquelle tempo eu morava por favôr em casa de um tio onde eu servia de copeiro. O meu tio um bom homem, não me dava dinheiro nem roupa, mas em compensação dava-me bastante bordada. Afinal seduzido por uns garotos que jogavão a dinheiro nas praças publicas, eu fugi da casa do meu *amavel* e carinhoso tio. Tornei-me vagabundo; bebia agua nas bicas e comia pão duro o doces que me custavão um snsto e uma carreira. No entretanto eu ia crescendo. Com dezoito annos de idade. Já tinha estado na cadeia tres vezes.

Da cadeia passei para as galés donde safei-me por duas vezes. De noite multava os transeuntes retardados com o punhal na mão. Pronunciavam o meu nome com terror o a noite quando as velhas beatas se doitavam, faziam-me a tremor excommunbão cheias de cruzes e de fúgas, de rozarios e escapularios. Tornei-me então o terror dos pretos fugidos; quantos apanhava vendia. Mudei de nome e principiei a negociar em carne humana. Diminuto a principio o trafico foi tomando maiores proporções. Que negocio esplendido! Afinal tornei-me rico e agora com um nome que é tanto meu como a grande fortuna que adquiri derramando sangue e arrancando lagrimos de dôr e desespero, sou festejado e procurado por aquelles que nté hontem me desconhociam como pobre e me temiam como ladrão e que hoje me oetendem a mão com um sorriso nos labios o me convidam para jantarss e festas e quantn mascarada ha. Hontem eu era o Mal o simbolo dn Treva: hoje eu sou a Luz e o Bem. Hontem quando eu falava era Spinoso que gritavn pela bocca do Terror; hoje é a Sciencia que fala pela bocca da Experiencia. Hoje sou rico; conde de Guiné; adulado e até passo por eabio. Tenho viajado muito; saboreado os gosos da meza e os dn luxuria. Compro criados que me introduzem em alcovas veladas pelo anjo da innocencia, onde em noites delirantes desfolha as rozas que me apeteceem. Emfim o mundo é um verdadeiro lupanar. A consciencia é o dinheiro. A virtude é o dinheiro e o vicio é um sujeito coberto de libras esterlinas...

Eu que até então me couservara calado perguntei ao meu desconhecido parlador: — quem és tu que assim ouzns perturbar a tranquillidade aborrecida que me cerca? Com que direito vens manchar com a lama dos teus crimes o assoalho deste quarto que ha muítos mezes nem si quer tem eido varrido? por que vens com esse luxo provocar a quebra leira que me persegue?... Mancebo ouve: — eu dêvên não ligar importancia a insolsncia de tuas per-

guntas, mas parn te provar que eu não me acho escandalisndo, vou dizer-to quem sou, donde vim e para onde vou. — Eu sou o — Crimo — filho primogénito do Mal o da Corrupção; venho do paiz das Trevas onde Sua M. n Ignorancia, e vou pregar n religião de meus Pais — o obscurantismo. Em uma pelavra eu sou — Escravocrata.

Nieto despertei; olhei em torno de mim, ainda estonteado, e só encontrei a vela quasi gasta — o hyposotico *Mnl-gaigne* o a caveira carcomida á rir-se cynicamente com os seus grandes bigode, feitos com a cumbyna salles, isto é com a tincta do Cunha.

Apaguei a vela depois de acender um cigarro e deitei-me a espere do somno e com medo da segunda edição daquelle maldicto pesadelo.

ACACIO D'ARAÚJO.

## THEATROS E DIVERSÕES

LUCINDA

Muito pouco para satisfzer os desejos e os esforços do Braga Junior, foi a concurrencia da noite, em que a companhia hespanhola representou *La Gran Via*.

Esperada com certa anciedade n importante revista madrilena encheu o espirito publico do successo annunciado. Incontestavelmente *La Gran Via* é uma peça do genero talvez a que mais catou e recolheu elementos de funcionamento local, determinando-os por uma ordem tal de concatenação, que, a attenção do espectador previsa-os necessariamente.

A musica não é hospede entre nós, não é uma cousa alheia ao publico que tantos applausos havia-lhe já tributado, no Recreio. Entretanto, parecia, que as notas vibravam com mais sentimento, eram mais nervosas, e de mnis melodias enchiam as suas phrases.

E' que, da *Grande Avenida*, ella vinha emigrada, e todos sentimos quanto de mutilações sofre uma musica, cujo idioma diverso daquelle para que fóra escripta, tem de se adaptar á exigencias de outro, á acções novas, e a novo temperamento.

A critica da *Gran Vin* está feita pela imprensa diaria, e seu merecimento domina já o concenso publico.

Pela nossa parte só dssejamos é que muito demorada seja a sua passagem pelo Lucinda, e mais lisongeiro o resultado economico em favor do caixa do theatro.

## RECREIO DRAMÁTICO

Até que finalmente, foi satisfeita a curiosidade publica, preparada para receber a revista do noseo illustrado amigo e collega do *Jornal*, Dr. Oscar Pederneiras — *O Boulevard da Imprensa*.

A nossa qualidade de imprensa semanaria coloca-nos em posição de extermar-moe sempre demorado o nosso humilde conceito sobre assumpt; de momento. Poie que assim ficamos na relação da critica resta-noe comente acompanhar a quasi unanimidade da imprensa que eagrou já como de muito merecimento a revista do illustre Dr. Oscar Pederneiras.

Assistimol-a e confessamos, que fran-

camente gostamos da revista. Si não prima pelo cunho de originalidade uma *cousa* de que hoje se occupam todos os espiritos, ha com tudo na revista assumptos trabalhados com tãe fino tacto, com tanta subtilidade, que parecem novos. A phrase é leve, macia e as vezes jogada com tanta habilidade e com tal espirito que distrao a attenção do espectador, curioso de assistir um lance mnie real dn peça.

A musica em alguns trechos é monotonna, frin as vezes e de pouco sentimento; entretanto periodos ha que encantam e que arrebatam. Em complexo a revista numa permuta de bellezas entre a musica e o libreto, é muito boa, é quasi uma peça inteira, o que larga messe de louros recolherá para o seu auctor, o ricos cobres levará a empreza do Recreio.

SANT'ANNA

Neste theatro apnrecou hontem a revista do anno *Notas Recolhidas*, do Srs. Lopes Cardozo e Cardozo de Menezes. Extraordinarin foi a concurrencia, o outra cousa não devia acontecer desde que, se tratava do trabalho d'arte de dois cavalheiros vantajosamente conhecidos e estimados.

E' perfeitamente boa a revista e pelo seu real merecimento conquistará muitos nplausos.

Que seja feliz o Heller, este empresario tño probo e tão trabalhador.

Faz beneficio no dia 16 do corrsnte no theatro Sant'Anna, com a opereta magica *Rnmo de ouro*, o distincto director da orchestra deste theatro, o estimavel Sr. Miguel Cardozo, auctor da partitura d'aquella peça.

Desejmo-lhe muitn cnsa e... já se sabe... ricos cobres.

## FACTOS E NOTICIAS

NETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Na ultima quinta-feira reuniu-se om sessão litteraria esta antiga eociedade.

Foram admittidos socios contribuintes os Srs. Manoel José Marques, Henrique Dins de Sá e João da Silva Lopes, propostos pelos Srs. Caetano de Castro, Leite Guimarães e Manoel da Silva Castanheira.

Archivaram-se 3 obras em 10 volumes e grande numero de jornaes.

O Gabinete Portuguez do Leitura desta cidade e o Atheneu Commercial do Porto enviaram officios agradecendo ao Retiro a remessa do relatorio.

Communicou o Sr. secretario que o Sr. Comendador Vital Fernandes Fan assumira o pagamento das despezas a fazer pelo Retiro no proximo mez de Julho.

O Sr. presidente poz a votos a proposta do Sr. Dr. Celestino Vicente a qual tem por fim levar ao conhecimento do governo portuguez a conveniencia de libertar do penos recolhimento no lazareto em Lisboa, as pessoas que d'aqui se destinam áquella linda cidade.

O Sr. Dr. Domingoa Maria Gonçalvee expoz as bases dessa medida que seguramente é um beneficio para o engrandecimento do nome portuguez e um allivio para esse nome estafado pela maledicencia.

Na ultima parte da sessão discutiu-se o thema: — O papado na actualidade é util ou prejudicial ao povos?

Orou proficientemente o Sr. Leite Guimarães e deixon manifestas as suas idéas contrarias ao papado.

Levantou-se a sessão ás 10 1/4 horas da noite.

Para o Ceará segue no dia 10 o Sr. F. do Nascimento, distincto violoncellista.

Como noticiámos, realizou-se sabado transacto, no salão do Club Familiar em Niteroy, a sessão litteraria em beneficio da Bibliotheca Municipal, e organizada pelos Srs. Carlos Fróes e Alberto Pimentel.

Presidiu a festa o Dr. Luiz Fróes da Cruz que pronunciou um eloquente discurso, evidenciando a influencia da instrução na sociedade. Seguiram-se o Sr. Roberto Silva que leu um conto, e Pimentel que recitou *Tantalo* o bello poema do grande poeta Luiz Delino.

Encerrou a *sófrés* o intelligente moço Carlos Fróes, já conhecido como grande tribuno, que proferiu um discurso, mostrando a necessidade das bibliothecas, como factor do progresso; recebendo ao concluir, um *bouquet* de flores artisticamente preparado.

Do nosso illustrado collega *L'Etoile du Sud*, passamos com muito prazer para nossas colunas a seguinte:

## PRESENTATION

Nous cédon's aujourd'hui la place d'honneur á un debutant.

En ouvrant nos colonnes á un Brésilien, jouissant de ses droits civils et civiques, nous avons voulu affirmer définitivement le droit, que *L'Etoile du Sud* s'est vu discuter quelquefois, de juger des hommes et des choses du Brésil sans que sa redaction ait á restreindre sa pensée.

Chacun, chez nous du mois, a su jusqu'ici garder et occuper dignement sa place, mais, dans l'intérêt de la cause que nous avons prise en mains, nous avons trouvé bon, utile et profitable de nous assurer le concours d'une plume brésilienne.

Nous avons donc l'honneur de présenter á nos lecteurs M. Mario Bulcão, á qui nous sommes attaché depuis de longues années par des liens d'affection et par des relations ininterrompues. Nous l'avons vu enfant; nous avons accompagné, avec la sollicitude la plus tendre, ses premiers pas dans la vie, nous l'avons vu grandir et nous avons pu nous convaincre que, l'homme d'aujourd'hui, adolescentier, ne démentira pas, dans la carrière qui s'ouvre devant lui des traditions de famille qui honorent, non seulement la province de S. Paulo où il a vu le jour, mais le Brésil tout entier pour lequel il va combattre á nos côtés.

## ALBERTO NEPOMUCENO

Pelo vapor que para o norte partirá no dia 10 tomará passagem até o Ceará o nosso particular e distincto amigo Alberto Nepomuceno.

O illustre moço vai alli em despedidas da familia, seguindo logo em viagem para a Italia onde se vai aperfeiçoar em musica, arte que com muito talento cultiva, e é, já nm dos seus mais perfeitos representantes entre nós, entre este publico fluminense que o estima e o admira.

O Alberto é um rapaz de talento superior, prespicaz, de prompta intuição e de admiravel clareza, como

musico o como pianista primeiro entre os primeiros desta terra.

De uma modestia exagerada mas do muita consciencia de seu merito. sente que a sua individualidade se accentua pela justiça dos seus amigos, o dos que o conhecem, e para corresponder este conceito, lá vae elle em demanda d'aquelle cenaculo em quo a musica é uma divindade, e a oxiginação da vida

A musica e o piano para o Alberto, para o nosso presado Alberto não são o resultado de uma circunstantia: elle estuda os como o chimico quo analisa a influencia dos precipitados; sabe-lhes a historia toda, assinilla, e segue-lhes a movimentação, a influencia e o poder. Não é um virtuosi vulgar, destes cujo conhecimento não alcança um ponto além da reforma de Berlioz a quem conheceu apenas de audição.

O Alberto encontrou entre os seus amigos, um que mais o estima, o Bernadelli, o nosso querido Rodolpho Bernadelli que conhecendo de seu enorme talento offereceu-lhe msios de estudar na Italia. O Alberto accedeu o convite do amigo e lá vai-se elle começar a accender o futuro brilhante que o seduz.

D'aqui a tres annos quando tivermos a felicidade de abraçar o nosso estimado Alberto o faremos ao mais distincto e ao mais admiravel maestro brasileiro.

Apanha lá um abraço de despedida, Alberto.

## FALLECIMENHO

No Ceará, victima do beri-beri, falleceu a Exma. Sra. D. Josepha Cabral esposa do Sr. Manoel Pinto Cabral, irmão do director desta folha, Leopoldo Cabral. Era uma senhora distinctissima que enchia do alegrias e de vida o lar domestico, que se vê repentinamente e para sempre, coberto de luto e de dor. Ao nosso amigo e director d'*A Semana*, e a seu digno irmão apresentamos os nossos sentidos pezames.

## Diversas Publicações

O *Guia do Sportman* do Sr. Alcides de Almeida. Já não temos com este *guia*, medo de perder nas corridas.

Efectivamente, com a maior facilidade e rapidez fica o frequentador do *Sport*, com este livrinho, habilitado a jogar com segurança, porque tem nelle a lista, por ordem alfabética, de todos os animaes que têm corrido nestes ultimos seis mezes, com o respectivo peso, e com a determinação dos tempos. É um trabalho paciente e utilissimo, que recomendamos aos frequentadores dos nossos prados.

Do illustre Sr. Dr. Silva Jardim recebemos um opusculo da conferencia que produziu na cidade de Santos em a noite de 28 de Janeiro deste anno, servindo de these Bragança e Orleans.

A distincta escriptora Exma. D. Revocata de Mello, mandou-nos os n. 29 e 30 de sua mimosa revista mensal—o *Corymbo*. Ornão estes numerosos excellentes trabalhos de litteratura, lindas poesias de poetas de raça, como B. Lopes e H. de Carvalho.

Agradecidos.

Recebemos mais:

*O Occidente* n. 332.

*Revista Illustrada*: esplendida.

*Mequetrefe*. Bom e correto.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Luiz Murat. — Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Aristides Lobo — Advogado, rua dos Ourives n. 35.

Dr. João Ribeiro — Modico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

Os Engoneiros, Drs. Buarque de Macedo e Castro Maia, encarregam-se de trabalhos de construção, estudos ou outro quaesquer mister de sua profissão. Rua do Hospicio n. 22.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machtas e aparelhos para layoura—Schubert Irmãos & Haas. — Juiz de Fóra.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica do Cerveja e aguas mineaes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Urugayana n. 55. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo. — incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, nº. 36

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 23, em frente á estatu. Vinho de pepsina e diastase paní creatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Rodrigues Lima—Medico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgílio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Roza — Advogado. Escriptorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Julio Cozar Tavaros Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho o seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

## SEMENTES NOVAS

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

NA

HORTULANEA

RUA DO OUVIDOR 45,

## A NOIVA

RUA DOS OURIVES, 14  
SALÃO

para pentear senhoras e cortar cabellos

PERFUMARIAS, MODAS E

NOVIDADES, NINICHES e FRISSETS

Ultima novidade de 1\$ a 5\$

ABEL

Cabelleireiro e professor de penteados

RIO DE JANEIRO

## FABRICA DE CHUMBO

Na rua do Hospicio n. 22. Vende-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

## CERVEJA PELOTAS.

DA FABRICA

DE

G. RITTER & IRMÃO

22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

## MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS PERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

ARENS IRMÃOS

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettem-se catalogos illustrados com descrições em portuguez

# LOTÉRIAS DA VICTORIA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericórdia e das sociedades Beneficentes da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Autorisadas pelas leis n. 65 de 20 de Dezembro de 1836 e n. 34 do anno passado

## 4.000 BILHETES

SOMENTE

divididos em terços de custo de 900 réis cada terço  
Tem dans finaes, dando cada um 18000 o terço

Distribue 862 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da dívida publica geral do Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanaes e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem recebê-los na corte queiram dirigir-se à Rua do Ouvidor n. 51 1º andar, para onde poderão dirigir, por carta, ao abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

**Manoel do Couto Teixeira**

VICTORIA

# LABORATORIO CENTRAL HOMŒOPATHICO

DE

A. G. DE ARAUJO PENHA & C.

47 RUA DA QUITANDA 47

RIO DE JANEIRO

Fornecedores da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia; premiados nas exposições nacionaes de 1873, 1875 e 1881, e internacionaes do Chile e Philadelphia, pela perfeição e pureza de seus remedios

Completo sortimento de medicamentos em tinturas e globulos, livros dos melhores autores e todos os artigos de homœopathia

### ESPECIALIDADES :

**Cereus Braziliensis.**—Remedio poderoso e eficaz, de uma acção prompta para cura das affecções do coração; privilegiado pelo governo imperial.

**Phenolina Penna.**—Cauterio para acelar instantaneamente as dôres de dentes mais rebeldes.

**Chenopodium antholmisticum.**—Vermifugo homœopathico em pó, muito eficaz para expellir as lombrigas das crianças.

**Opodoidoc de guapo.**—Poderoso remedio contra o rheumatismo, nevralgias, queimaduras, tumores, inchacões e dôres em geral. O uso deste linimento é aconselhado pelos medicos mais considerados; sua acção é prompta e seu empre facil. Toda a casa de familia deve possuir este remedio excellente.

Todos estes preparados encontram-se nas principaes pharmacias drogarias e no

LABORATORIO CENTRAL HOMŒOPATHICO

DE

A. G. DE ARAUJO PENHA & C.

47 Rua da Quitanda 47

# A PAULICÉA

## BRILHANTE INAUGURAÇÃO

### NO DIA 1º DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamente das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. familias a differença de preços que faz das grandes liquidações que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possível promptificar para hoje o annuncio que deve mostrar o grande sortimento sem igual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, CORRÊA & FREITAS  
SUCESSORES DE J. M. CORRÊA

# A PAULICÉA

## 2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2

RIO DE JANEIRO

A PAULICÉA  
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

A PAULICÉA  
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 21 DE ABRIL DE 1888  
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—Ns. 169 e 170

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Dr. Franklin Tavora, Augusto de Lima  
Urbano Duarte,  
Leopoldo Cabral e Candido Jucá

## GERENTE

Ismael Marinho Falcão

## SUMMARIO

|                                  |                      |
|----------------------------------|----------------------|
| Expediente.....                  |                      |
| A Semana.....                    |                      |
| A corte vista de fora.....       | Ali                  |
| Esperança e Saudade, soneto..... | Augusto de Lima      |
| A alma nova.....                 | Domício da Gama      |
| Desesperança, poesia.....        | Adelina A. L. Vieira |
| Seu Meadoça.....                 | Lakore               |
| Fin da jornada, poesia.....      | Isidoro M. Junior    |
| Os criticos do «Lar».....        | Pardal Mallet        |
| Amor aristocrata, poesia.....    | M. o Albuquerque     |
| Gota de orvalho.....             | Paula Barros         |
| Diversas publicações.....        |                      |
| Saudades, poesia.....            | Grey Tavares         |
| Do Intermezzo, poesia.....       | Alvaro Martins       |
| Factos e noticias.....           |                      |
| Annuncios.....                   |                      |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

### CORTE E NICTHEROY

|               |        |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 4\$000 |
| Anno.....     | 8\$000 |

### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na rençssa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias de correlo.

São agentes litterarios da Semana os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Coará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

## A SEMANA

Com o numero de hoje, *A Semana* suspende a sua publicação.

Revista de caracter exclusivamente litterario, impossibilitada pela sua natureza e suas tendencias de influir na marcha dos negocios publicos e de apreciar as occurrencias de interesse geral, *A Semana* só podia agir num circulo muito restricto, que infelizmente não são numerosos os amantes de boas letras!

Desta maneira, muito diminuta era a acção por ella exercida; assim como cheia de precalcos era a vida que levava.

Pareceu-nos, portanto, que melhor serviriamos ao publico em geral e aos que nos tem auxiliado em particular, supprimindo *A Semana* para substitui-la por um jornal diario que, zelando quanto possivel as tradições litterarias desta folha, viesse ao mesmo tempo trazer a sua actividade e a sua força ao nosso meio social, cooperando na medida de suas energias para o seu progresso e desenvolvimento.

Neste presupposto, *A Semana* apresenta hoje ao publico as suas despedidas para dar lugar a *O Dia* que apparecerá a 23 do corrente.

Oriundo de uma folha litteraria, devotado desde a primeira hora exclusivamente ao culto da arte neste ramo de suas manifestações, *O Dia* não terá nenhuma preocupação de ordem politica ou partidaria; não terá inclinações para estas ou aquellas ideias; não servirá a este ou aquelle grupo; procurará unicamente a exclusivamente batalhar pelo justo, pelo util e pelo verdadeiro. Sobretudo, procurará con-

sersar o cunho litterario da *Semana* e esforçar-se ha por fugir ao dogmatismo campão do ridiculo, empregando os maximos esforços para ser um jornal alegre. Conscio de que não vem preencher nenhuma lacuna na imprensa fluminense, *O Dia* lutará para obter o seu lugar tirando de si proprio os elementos a empregar no intuito de captar a confiança e a sympathia do publico.

A empresa pensa que dá sufficiente garantia da probabilidade do executar o programma que rapidamente esboçou noticiando que a redacção da nova folha está confiada aos Srs. Alcindo Guanabara, Augusto de Lima, Olavo Bilac e Viriato Guimarães, nomes que o publico melhor que nós, sabe quanto valem.

Cumpra-nos ainda no momento em que *A Semana* retira-se da publicidade, salientar, como relevante serviço prestado ás letras, o esforço, a tenacidade e a intelligencia dos Srs. Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida que emprenderam um dia a implantar no Rio de Janeiro uma folha deste genero e conseguiram acclimata-la de tal sorte, que se hoje deixa de ser publicada, é pura e simplesmente para ceder o passo a um jornal diario!

## A corte vista de fora

Leopoldina 13 de Abril.

Com *A Patria em perigo*, que de Santos enviou-me Silva Jardim, vieram-me visitar gratas e saudosas recordações dos bellos tempos de S. Paulo, onde nasceu, floresceu e fructificou o vigoroso e irrequieto talento do auctor da *Gente do Mosteiro*.

Silva Jardim matriculou-se na Academia em 1878 e formou-se em 1882, e como astro de primeira grandeza brilhou ao lado de Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, Afonso Celso Junior, Valentim Magalhães, Assis Brazil, e Raulpho Fabrino, isto é, na phase mais interessante e fecunda que tem tido as letras academicas na Paulicéa.

Não sei de moço escriptor algum academico que tanto arruideo conseguisse levantar em tão pouco tempo. Suas primeiras armas foram as da critica severa, dura e sarcastica, mas justa e vasa a noa moldes da philosophia contemporanea.

Odiado, festejado e consagrado, pôde-se assim resumir a sua carreira de escriptor e jornalista até a maldadada hora em que a mordada orthodoxa do *conservismo* o fez calar.

Desde então o redactor da *Tribuna da Comedia* e outros jornais lesappareceu no recolhimento anonymo do alto

positivista, interrompendo bruscamente a carreira do publicista, que tão brilhantemente onçetára, e deixando em meia jornada os companheiros seus.

Um incidente, porem, no-lo restitue. Espirito revól, intelligencia vasta, não podia sujeitar-se ao aephixante molde de mesquinha disciplina. Uma opinião em publico manifestada foi o motivo do rompimento; e, quebrado o vinculo que o ligava á *egrejinha* de Miguel Lemos, seu primeiro signal de reconciliação com a imprensa e com o povo é um grito em nome da liberdade!

O folheto, que tenho sob os olhos, resume a conferencia feita pelo auctor ante um auditorio de cerca de 8000 pessoas, na cidade de Santos, e o assumpto d'elle é já conhecido do publico.

Ainda alli se encontra o bello estylo inelastico e ardente com que Silva Jardim logo em seus primeiros trabalhos, se revelou um habit polemista. O tom aggressivo e ironico é a nota predominante do estylo de Silva Jardim, como o é do seu temperamento nervoso.

Assim tenham cahido em terreno fértil as palavras do illustre orador, como agradou-me a leitura do folheto em que foram impressas.

Aos que vemos *A Patria em perigo*, fica-nos a grande consolação de que ha patriotas talentosos que, como Silva Jardim, a podem salvar.

Dentre as nossas patriotas que dia a dia vão se salientando na litteratura nacional, tenho notado com vivo interesse e crescente admiração o nome da Exma. Sra. D. Vora do Suckow, a mais joven das nossas escriptoras e que, não obstante, já realiza na poesia prodigios de arte e de estylo.

O *Diario Mercantil* de Gaspar da Silva, o pescador de perolas, fez ainda desta vez, quem teve a primazia na exhibição das joias litterarias: em suas columnas foi que, precedidas de phrases de sincera admiração, brilharam as primicias do talento da gentil cantora, a cujo timbre melodioso e suave beza se podem applicar aquelles formosos versos que ella intitulou — *Tua voz* — e que *A Semana* acaba de publicar.

Encho-me de entusiasmo quando vejo destacar-se assim uma nome feminino das vulgaridades das modas do *Monde Elegant*, em que o bom tom é a decifração de enigmas maliciosos como accipie das iatriguinhas de namoro.

Ainda bem que as Exmas. Sras. D. D. Narcisca Amalia, Julia Lopes, Vera de Suckow, Adelina Lopes e outras não meos distinctas escriptoras, ahí estão para provar que a mulher brasileira não sabe somente trajar-se á moda e preparar guizades, mas quando tem talento e quer, sabe dispa-

tar ao coto forte os logares mais eminentes da grande Arto.

Agora uma noticia muito agradável no gabinete do conselheiro João Alfredo: A freguezia da cidade Leopoldina, um dos reductos mais formidaveis do elemento servil, em poucos dias está quasi inteiramente livre, graças ao desinteresse dos lavradores desta zona, que por sua iniciativa particular parecem ter protestado que a lei João Alfredo não terá execução nesta parte do Brazil, sinão a respeito daquelles escravos, que pela situação especial de seus possuidores, só em virtude della podem ser libertados, como as pertencentes a orphãos, legados, etc.

E o mais interessante e digno de registrar-se para honra deste municipio, é que as liberações que vão se fazendo em continas em nada tem alterado a serenidade da ordem publica. Os libertos continuam nas lavouras dos seus ex-senhores estes estabelecem-lhes um salario com promessa de futura participação nas rendas... e eis ahí em aystema colonial inaugurado sem arruado e sem choque.

He de convir commigo que esta Provincia de Minas, si não tem a iniciativa das avonturas arriscadas, sabe em compensação realizar com galhardia os heroicos rasgos que levam a exitos felizes.

O acontecimento que ora presenciamos não será já a aurora do grande Dia da Democracia?

E esta, como todas as auroras, são mais grandiosas, observadas dos picos destas altas serranias mineiras.

ALI

## Esperança e Saudade

Corres fallas a que nos guia a vida!  
Porque ha de ser tão rapida a ventura  
que se a amamos quando é já perdida,  
e depende de uma epoca futura?

O que o presente mal nos affigura  
essa esperança, antes do vir querida,  
e uma vez no passado, eis que fulgura  
como saudado que não mais se olvida.

Ha sempre queixas do actual momento,  
e entre as datas se eleva o pensamento  
como uma ponte do sombrio aspecto.

Em busca da ventura que ignoramos,  
sem saudade ao bem que não gosámos,  
o sonho de illusões, sonho completo!

AUGUSTO DE LIMA

## ALMA NOVA

AO CORDEIRO NETO

Murmura a voz, com murmurejo  
plangente, sem influxo nem calor, e  
sardê começa.

A roda da piano eramos alguns  
homens, mulheres, com alma moedi-  
dade. Lestante para gozar da vida a  
pôrta do bello. Folheando as pastas  
e conversando de musica reviviamos  
pela memoria as horas felizes que a

saudade mais doces torva num pas-  
sado longe, longe, como um echo de  
cantiga perdido entre quebradas. A  
casa era lidalga o vulto; a sala, ornada  
severamente, tinha sobre as paredes de  
púrpura sombria retratos sobre moldu-  
ras sumptuosas, cujo dourado so aver-  
melhava, de antigo. Havia sombra e  
frio, a musica era um aconchego e havia  
muita musica. Tocaram e cantaram.  
Primeiro desfilaram sobre a estante as  
capas lithographadas do Ricordi, os  
romances de letra meiflua e notas  
chorosas dorretidas num sentimental-  
ismo facil. Era como um sacrificio  
propiciatorio á deusa da Harmonia.  
Os maços desbastavam-se, revolvidos  
na procura incontentavel de musica  
molhor. Começaram a apparecer os ca-  
dernos oblongos, capas estampadas em  
primores de gravura com arrojados calli-  
graphicos, edições allemãs ou francezas  
do principio ao meiado do seculo.  
Entre ellas alguns cadernos encardi-  
dos com rubricas amarelletas, regis-  
trando as inspirações fugitivas de al-  
gum amador que não chegou á gloria  
da estampa, cara nesse tempo. Cau-  
teu-se um arietta de Catarina a logo,  
a quatro mãos, tocou-se um concerto  
de Weber. Tocaram bem e com ardor,  
mas na vulgar execução musical eu já  
começava a resentir alguma cousa  
além da melodia e da harmonia, além  
da musica propriamente dita. Era ex-  
tremamente o cansaço da variedade das  
composições que me impressionando e  
excitando diversamente causavam-me  
uma affinação excessiva. O caso é que  
eu vibrava todo como num febre de  
emoção musical e sentia no coração  
oppresso n'estalar a ancia de cantar, eu  
só, humilde voz e solitaria, o hymno  
retumbante da harmonia sem fim.

Quando na noite nllucinada pelo piano  
os clarins entoaram as triumphaes fan-  
farras da Volta do Cruzado, senti nos  
olhos as lagrimas de alegria, que são a  
boa-vinda dos que amam e no coração  
os alvoroços de menino a quem a mu-  
sica e as cores ruidosas agitam. Vi a  
varanda melancolica, donde a castel-  
lan mirava a estrada, fita ondulada que  
um monte cortava além e vi o flamejar  
das bandeiras das lanças e pendões  
da mesnada galopando entre a nuvem  
de poeira. E comecei a viver em tudo  
aquillo. Estava no coração jubilo da  
senhora e ao mesmo tempo na bocca da  
trombeta que assoprava pela tuba de  
bronze o hymno gratulatorio, o desa-  
fego final da nostalgia cruciante e  
dos perigos sem conta. Não mais feridas  
terribes, golpes de inimigos que  
blasphemias envenenam, não mais céus  
de fogo e a sede atroz e a fome sem  
esperança entre os pedregaos e os espi-  
nhos do deserto e os muros altos, in-  
accessíveis da cidade sitiada, não mais as  
panelhas ferventes do fogo maldito que  
nada extingue, não mais o rir dos res-  
tos execrados, as mascaras satanicas  
dos sarracenos adustos levantando sob-  
re as muralhas em cruzeiros lmentoso-  
sas as cabeças esangues dos compa-  
nheiros tomados nos assaltos e sorti-  
das, não mais a desesperança do lar  
tão longe que a sua lembrança era um  
sonho, não mais!... O alto clangor das  
trombetas dizia tudo isso e mais ainda  
o que eu não podia entender: modula-  
ções singulares de sentimentos, per-  
guntas de expressão fugitiva, como pelo  
espelho turvo da percepção a sombra  
fugaz de uma aza de andorinha trin-  
cando, passando, riscando na retina  
parchica o traço indistincto de que em  
breve a memoria extinguirse e ao lar a

sub-memoria informo e vaga, indeci-  
fravel. Aferrei-me á decifração das mo-  
dulações cambiantes e em breve senti  
na percepção a incerteza para discrimi-  
nar o reflexo da impressão directa, a  
sensação primitiva das suas resonan-  
cias infinitas e ochos reboando ainda  
pelos recantos do cerebro quando já  
vinham novas ondas de som mudar á  
affinação interna. Senti na mente a fa-  
diga perturbadora de quem contom  
plando o céu estrellado não sabe se é  
azul negro o céu pingado de ouro ou  
se sobre a faiscção atenuada ao infini-  
to de uma linguinha abobada do  
chamma remeche-se sem cessar um for-  
migueliro de estrellas desvairadas. As-  
sim entrei a vacillar na critica das  
minhas impressões. Depois o terror de  
não poder mais dominar-me acabou de  
me desmontar. O Concert—stuck tinha  
acabado e Maria Flora cantava... Não  
sei o que cantava do dolente e fundo e  
sombrio para afogar-me em luto e des-  
olação. A meza de ebano brilhante do  
piano mostrava-me no fundo de trova  
allucinante um phantasma livido cho-  
rando. Chorando, suando lagrimas de  
desespero, na agonia da substituição  
de uma individualidade por uma forma  
vã. Entre os traços convulsionados  
daquelle rosto miseravel alguns eram  
meus, já poucos e pouco firmes, des-  
truidos pela corrosão da sombra. Não  
sei como direi, mas o phantasma vago  
e tremulo que me roubava a forma era  
feito de som, de musica. Tornou-me a  
angustia de não poder viver mais dentro  
de mim, livre dos sentidos alouca-  
dos. A dispersão da existencia reflexiva  
enfraqueceu-me para sentir uno. Maria  
Flora cantava: prendi-me ao arfar do  
seu collo, ao clarão do seus olhos  
acompanhando o voo sereno da nota  
solta fugindo, com uma saudade, en-  
trei-me da poesia que a envolvia como  
uma atmospha espiritual. Depois os  
retratos das paredes começaram a  
viver o n'fallar-me, a cantar, com  
acompanhamentos diferentes que eram  
os coloridos de cada pintura, harmo-  
nizados os ritmos e tons, cores  
em som, num conjuncto de enlou-  
quecer. Um carro passando a dispa-  
rada pela rua parou do repente como  
se o silencio o engolisse. O phantasma  
livido do meu eu em decomposição  
desfez-se subitamente e no buraco de  
sombra que elle deixou achei-me de-  
bruçado, soluçando... e sem ouvir os  
meus soluços. Dizen que desfalleci e  
quando tornei a mim estava surdo.  
Completamente não: soffri a obses-  
são torturante d'aquella musica ma-  
lefica e ninguém me poderá livrar da  
harmonia infernal que cada dia me  
vae tomando no cerebro o dominio da  
pobre alma atrophada. Sala sombria,  
retratos antigos, véus do cêra em  
candelabros dourados, homens de preto  
em silencio e uma mulher pallida can-  
tando junto a um piano que é um mi-  
serocoso de phantasmas dolentes, um  
choro dilacerante de misérias alter-  
nando com volutas de alegria insensata  
em harmonia do consus que se não  
exprime, começa n' ser o nuceo ex-  
tranho da que será minha alma futura.  
Não sou surdo...

Um dos ouvintes, maldoso, tocou no  
braço do orador e syllabou em frente  
d'elle, accentuando a emissão dos sons:  
— Então se não foi surdo o que tu  
fcaste, foi maluco...

E elle murmurou, sorrindo tris-  
temente.

— Foi... talvez!...

12 de Abril,

DOMICILIO DA CASA

## DESESPERANÇA

A Maria Luiza d'Almeida

Formas de estatua, o andar de uma du-  
queza,  
o porte activo, as mãos em miniatura,  
o olhar, que olhar tão doce! não fulgura  
no céu estrellado assim, de tal pureza.

Alva de neve e pallida, os cabellos  
crespos, finos, revoltos fios d'oiro,  
olhos grandes, azues, serenos, bellos,  
cilios longos e oscuros. Um thesoiro!

Fallando, a sua voz dominadora  
delicia, e arrebatada de improviso:  
no entanto a bocca rubra e encantadora  
poucas vezes se entre-abre num sorriso.

São só as cordas da harpa, confidentes  
d'essa tristeza infanda... esse mysterio!  
e acompanhando o seu cantar sidereo,  
soluçam doloridas e frementes.

Que angustias contará n'aquelle canto?  
ninguém o soube ao certo, mas a ouvir-a  
comprehendemos que soffre, e ardente  
nos turva o olhar e gotta a gotta estilla.

Soffre, talvez, porque uma força ignota  
d'ella afasta os amores,—a ventura! —  
Ninguem a soube amar, que a formosura  
d'essa mulher é tal, que assusta e exgota.

Ninguem a amou ainda! Por trez vezes  
julgou-se amada, a pallida criança!  
Fora illusão... haurio até ás fezes  
a taça da amargura—a desesperança.

Nada mais cre e espera na verdade.  
Vê es homens que amara, tão pequenos!  
e... continuam a fitar, serenos,  
os seus olhos azues a immensidade!!

ADELINA A. LOPES VIEIRA

## SEU MENDONÇA

( Conclusão )

— Rom... rom... ram! rugia o vio-  
lcello; e o piano estridulava umas  
notas de vidro tamborilado.

O gaz ardia com fobre vestindo sên-  
damente tudo aquillo.

Nos camarotes silenciosos, apenas os  
leques agitavam-se, docemente numas  
pandiculações de azas amorosas. Na  
plateia, grave, sentia-se que um ap-  
plauso ia se gerando exactamente como  
na face do mar vae-se a onda levan-  
tando lesta e uniforme até esflorar-se  
em vaga rumorosa...

— Bello! já murmuravam baixinho,  
discretamente.

— Soberbo! suspirou um companhei-  
ro de Mendonça, tocando-lho no hom-  
bro, entusiasmado. Soberbo!... Não  
achas?

O Mendonça respondeu-lhe com um  
ronco. Já dormia o bemaventurado.

Do camarote fronteiro, uma linda,  
mocinha, de dentes claros, descreitava  
no leque aberto uma risada abufada.

Ao abrir o olho entrevio a menina e  
o sorriso, e não sei porque, ficou pen-  
sando nella.

Dias depois debruçada sobre o balcão, ella comprava-lhe umas rendas. Folia demorar o quanto poudo, contente com a sonoridade de sua risadinha de flauta, irisada da alvura dos dentes.

Ella lisongeada, percebendo, fingia-se enfiada com a demora:

— Ande, eeu Mendonça! despacheme...

E ficava, com uma satisfaçãozinha interior, olhando para os punhos fortes do rapaz e para o onergico bigode negro que ensombria-lhe a bocca firme.

Fazia-se afinal, com o seu ombrulho bem atado, voltando, da porta, o rosto para vê-lo em pé a seguila com o olhar cheio de desejos.

A sua ternura tomou grandes proporções. Elle principalmente. Na sinceridade de forte animal sadio, amou-a como por necessidade, pela fatalidade soberana de uma lei, que o impellia, apesar de tudo, para ella. Era porem ciumento, talvez por isso mesmo. Mas ferozmente ciumento! Já, havia tempos, andara aos murros com outro por causa do amores.

Ora, por vezes, tinha elle, agora, encontrado um rapazinho esguio e lonro, com cara displicente, arrimado a um bengalão, olhando muito insistente para a sua Chiquita. Creon, por isso, um grande odio ao bengalão, com muita vontade de quebral-o nas costas do rapazinho.

Faziam-lhe muito mal esses ciumes, tornavam-no muito desgraçado. Num dia em que a viu sorrir para elle amavelmente, teve um desgosto tão profundo que quasi abandonou tudo para esconder-se no sertão a armar as suas velhas arapucas. Não sobreviveria, pensava, á perda d'aquella cabecinha vã de passaro canoro, daquella bocca de romã, onde elle seduzia-se a vor rebrilhar numa immaculada alvura de marfim os mais bellos dentes que já mais morderam o fructo do peccado!

Eram, porem, essee ciumes o acicate que incitava a alimaria de seus desejos. Jurou por em bocados o odioso bengalão... mas no côstado do rapaz de cabellos cõr do milho. Havia de encontrar-o de vez!

Chiquita pelo seu lado impacientava-se. A aurora do vigesimo terceiro anno ia a raiar, e o Mendonça, não obstante os quatro mezes de namoro, tinha guardado inteiro silencio a respeito de casamento. Onde iria parar isto?

Accitou, pois, com alacridade aquolle ciumesinho que atormentava o seu escolhido, e, sem comprometter-se, fez com que a chamma se exacerbasse.

Uma noite ficou o Mendonça só na loja; os caixeiros estavam a outros serviços.

Ouviu de repente a voz de Chiquita na calçada. Bateu-lhe o coração: fitou a porta para vê-la entrar. Demorou-se porem. De um pulo vingou o baleão e chegou a soleira...

Oh, assombro! Oh, ira! Seus olhos amorosos viram pasear, num rapido movimento, da mão do rapaz do bengalão para a mão de Chiquita, um pe-

queno objecto envolto em papel azul! Um mimo, de certo; um penhor da paixão do magricella; a prova evidente de que elle, o Mendonça, o rapaz robusto de bigodes pretos, que já tinha economias e tratava de estabelecer-se, era miseravelmente trahido alli mesmo nas suas barbas, pela sua adorada Chiquita, de riso perenal e dentes deslumbrantes!

E, como panthera que desdobra o salto, atirou-se entre os dois, rrgindo, com uma chamma de Othelo no olhar:

— Ingrata!

Sua mão robusta enlaçou o punho delicado da moça que soltou um pequeno ai magoada.

— Que foi que roceste deste vnreta! Anda! mostra-me! Quero esfregal-o nas ventas do cão!

(O bengalão, prudentemente, foi-se pondo ao fresco.)

— Anda! dizia elle.

Chiquita percebeu logo, e, dominando o momento, tirou partido.

— Mostra isso! repetiu intimativo.

Mas ella oppunha-se:

— Solta-me! Isto é inaudito e grosseiro! Não lhe reconheço direitos sobre mim. Nada tenho com o senhor. Solte-me o punho!

— Ah! rugio paroxico. Has de mostrar-me!

E o anel que cingia o pulso da moça estreitou-se violentamente. Os tondões cederam e o pequeno objecto rolou pela calçada até a sargeta. Mendonça, ligeiro como um gato, cothou-o, dilacerou o euvolucro, correu para a luz e leu na tampa de uma caixinha oblonga:

«Para o Sr. Mendonça, no dia de seus annos!»

Um par de hotões!

O rapaz olhou para Chiquita, humilhado, ridiculo. A moça deu-lhe as costas e foi andando lentamente numa irritação magnifica de deusa indignada.

Mendonça correu para ella, muito dorido.

— Perdõa! minha hoa Chiquita. Sou um miseravel, indigne de ti! Perdoa, ou vás me ver morrer!... Oh, mas esse rapaz... Racho-o, minha querida! racho-o!

Mas ella, muito digna:

— Esse rapaz, que o exaspera, é meu primo, faz-me algumas compras. Eis ahi a explicação do seu procedimento.

— Perdõ! gemia o tourosinho da Urburetama.

Ella esteve a contemplar serenamente a face desolada do caixeiro, em collete, com as mangas da camisa suspensas por duas tiras vermelhas de hor-racha.

Depois, muito grave, cingindo a mão delle, maguetisando-o:

— Quer então o meu perdão e o esquecimento da sua brutalidade?

— Ah!... gemia elle com uma grande fraqueza nos joelhos.

— Tudo perdõ e esqueço; mas ha de pedir-me a papae amalhã. Sinão... adeus!

E retirou-se lenta e serena.

Nessa mesma noite, num sótão, depois das nove horas, um rapaz de bigodes pretos e cabelo bem penteado, borrava um porção de papel a escrever uma carta muito seria ao pae de Chiquita.

LAHORE

## FIM DE JORNADA

A RODRIGO OCTAVIO

Pem. Eu descanso aqui. Tiro as sandalias; jogo O meu hordão á relva e reflecto. E' do fogo O Poente—o travezeiro onde o Sol vaes deitando A cabeça sangrenta. O ar está cantando. Vim subindo, subindo ansiosamente a escarpa. Desejava galgar esta eminencia. A farpa Da ambição me ferroava o peito, pela estrada. Eu queria subir, ascender á inflammada Culminação do monte, em que moram as pompas Da luz, do céu, do azul; queira ouvir as trompas Da floresta, vihrando ao sopro cru dos ventos, Nesta vortiginosa altura, aos luzimentos Do astro que morro alem, como um heroe ferido, Ruhro, soberbo, nu phantastico, incendiado!

Cheguei. Quero estender o olhar pelo caminho Andado. Eil-o: E' tão longe e teve tanto espinho Que eu não sei como pude effectuar a viagem. Esta cota de malha alvissima—a Coragem, O escudo—Enthusiasmo, a lança—Inspiração, Esta visseira—a Idéa, este puhal—Canção, O estofa azul do Verso, a armadura da Prosa, As hallucinações do Ideal, a gloriosa Fehre da Propaganda, o odio ao Erro, o amor A' Humanidade, á Sciencia—arvore sempre em flor— Tudo eu joguei, lancei por essa estrada fóra Como um joven nabaho esturdió, que não chora Os milhões, o ouro em pó, as fulvas pedrarias, Alfaias e coraes, perlas, tapeçarias!...

Vou repousar agora. Esta eminencia tem Astros, fulgurações, seiva, perfumes. Vem Medroso, ahrindo a aza este passaro—a Noite. E eu quero procurar um canto onde me acoitae Entre as vegetações cheias de insectos mansos, Sobre o chão, soh o céu, aos dourados avanços Do laar, que ali surge, e que espiando mudo Por detraz do alcantil—magnetisa tudo!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR

## AOS CRITICOS DO «LAR»

I

Já agora, creio que ninguem tem mais a par de dizer sobre o Lar.

Fallaram a respeito: desde as sumidades da critica até os sumidoures da mesma.

Tive: e a severidade cavalheirosa e sympatica de Ferreira de Araujo e de Arthur do Azevedo; e tive tambem: as asperezas de linguagem de nns não sei quems onde me pareceu haver simplesmente a incivilidade inconsciente do matuto que não sabe comer de faca e garfo.

Cosfesso que por vezes muitas sentime abatido, cheio de desconfanças em mim mesmo, sem uma alma amiga que me desse alento e me desse conforto, escrevendo no Jornal onde dia a dia vou pondo e as minhas alegrias e as minhas tristezas e as minhas observações e os meus scismares: «... e estou doente, com insomnias, não sabendo o que fazer; já agora com vontades de largar este caderno, para que não me punja maie n descripção dos proprios soffreres, para que não solte um grito enorme de desanimo—grito feito e des-

meus nevrotismos e dos meus resalontos.»

Confesso tambem que em outras vezes vieram-me impetos de bravaldade, de sahir cá para fóra commendoando o pelotão dos desaforos, no gesto irreflectido dos homens que deram uma tapada e esbravejam contra a pedra e sapateam-lhe em cima.

E, nesse oscillar de ponludo, ora em perispheras de luz ora em mergulhes de tenebras, lento a lento a parar, cheguei enfim á grande paz serena das convicções arraigadas; detendo-me um boeadinho aqui para dar uma explicação antes de seguir, roteiro em fóra, no compromisso tranquillo de um programma já feito.

II

Nessas meditações minhas, onde me retemperei em crenças, eu encontrei o naturalismo simplesmente como a conclusão logica e fatal de uma argumentação cerrada.

Havia partido desse alicerce dos conhecimentos humanos, disso que talvez seja a maior conquista do século, da classificação hierarchica das sciencias.

Não a aceitei porem completamente. Para bem admirar Augusto Comte e tributar-lhe toda a veneração que me

ros, sinto a necessidade de arrancar-lhe a capa de propheta theologico fazendo libéllos por sobre as quaes se jura mas cujos versiculos se não discut, de não deixal-o um avator de Christo com os quaranta dias de hallucinação lá na montanha, com a lucta nos officiallamos rebibeseos e os mysterios dolorosos da Paixão, com os Jadas-Littrés e ns Magdalias—Clotides; sinto necessidade de humanisal-o e de ceatrapól-o á ai mesmo.

Considero o simplesmente como o grande systematisador aristotelico do seculo XIX, como o homem que, ao iniciar-se a phase mais brilhantemente revolucionaria no mundo do pensar, foi dar o balanço n tudo quanto de intellectual a humanidade havia produzido até então, e que formou a synthese enorme da *Philosophia Positiva*.

Em snas forças não cabia o adivinhar ainda ns descobertas de mais tarde e nem lhe competia a elle, que com a lei dos tres estados e a classificação hierarchica acabava de descobrir a lei da evolução, o pôr um dique ao pensamento e enfechal-o dentro da capa de seus livros.

Quando pois proclamavn irreductiveis os seis phenomenos basicos das correlactas sciencias fundamentaes dizia apenas o que melhor se podia dizer até então, mas não trancava a porta ás descobertas de Darwin e de Haeckel consequentemente theorisando o monismo universal. E, ao krysol destas modernas investigações, reductiveis se tornaram esses phenomenos como as velhas nebulosas que á força de telescopios se converteram em poeira de estrellas; e reduziram-se todos em movimento, porque a astronomia é a mecnica dos astros, porque a physica é a mecnica das moleculas, porque a biologia é a mecnica dos atmos, porque a biologia é a mecnica das celulas e a sociologia a mecnica dos homens.

Mas vae superflua esta digressão.

Tenho necessidade apenas de firmar estes principios:

— Que as sciencias fundamentaes succedem-se hierarchicamente das mais simples ás mais complexas, sendo as primeiras fontes subsidiarias das posteriores.

— Que em seu periodo embryogenico, e antes de chegar á vitalidade completa do estado positiva, percorrem ellas as duas phases: theologica e metaphisica.

— Que a sociologia é a mais complexa de todas as sciencias e só pôde entrar no estado positivo depois que lá chegar a biologia.

Disto eu tiro fundamentos para contestar o caracter positivo, não só a sociologia como a formulou Comte porque ainda não tiuham chegado ao estado positivo nem a sua biologia, nem mesmo a sua chimica, nem mesmo até n sua physica; como tambem tudo quanto de mais moderno existir sobre o assumpto.

Entretanto precisamos todos collaborar para a constituição definitiva de uma sciencia social, e o nosso primordial trabalho deve ser o reunir elementos para ns grandes syntheses futuras.

Esta questão de sociologia desperta umas quaes antipathias, mormente p.r parte daquelles que acreditam ainda no individualismo humano e na propria autonomia. Dizem ser ella impossivel. Dizem que a pedra de toque de uma sciencia está no seu poderio de precisão e que os actos do homem, tão

complexos, são incapazes de entrar no dominio de uma legislação scientifica; que ninguém pode determinar a quo horas precisas cada um adormece o acorda ou o qua come ao almoço e ao jantar.

A objecção já foi respondida por Spencer na *Introdução a sciencia social*: — Pelo facto de não se poder determinar ao certo em quantos pedaços arrebeuta uma mina, qual o tamanho e forma o logar onde cada um cahe não deixa todo este phenomeno de ter si lo presidido por leis immutaveis e fataes.

E vem opportunidade para fazer a minha proffissão de fé fatalista, para dizer que em fructo de observações reconheci o homem com todos os seus actos presos na engrenagem das causalidades.

Reservo porem para mais tarde a desenvolução completa deste pensamento e, continuando na exposição que vao, repito a obrigatoriedade de reunir materias para a futura sociologia.

Não que os não haja actualmente em quantidade. A sciencia social deve ter o mesmo evoluir historico da biologia, com o periodo inicial da inconsciencia na apalpadelas produzindo gigantes como Hyppocrates, com todo o processualismo phantastico das mandragoras e das pedras de Mempus e dos elixires complicados feitos com cozimentos de cabeças de enforcado e outras exquisitices alem, com mais tarde um lento scientificismo invadindo os metodos de investigação começando em Ambrozio Paré e chegando ás experiencias de Claud Bernard.

E nos temos tambem essa inconsciencia inicial: Schakspeare que pôde ser o Hyppocrates da sociologia, e mais uma porção de estudos sobre o documento humano esparso ali pelas obras romanticas.

Não basta porem. E' preciso entrar francamente na phase scientificista; e uma rapida analyse das tendencias modernas palpita a affirmativa de haver ella raizado já para humanidade.

A historia, não aquella que se ostuda nes collegios feita com aneictas sobre os reis e peripecias de guerra, mas a historia — investigação sobre o documento humano no dominio de passado, anda agora toda convulsa em idéas novas, vazando-se nos moldes de Comte e de Buckle, resuscitando gerações inteiras, pincelando o movimento osmótico das raças e reconstruindo os meios.

A critica — a investigação pelas espheras intellectuaes do documento humano no presente, já deixou o velho methodo de confrontação com e codex da rhetorica, lá onde vinha muito explicado em receitas o numero de versos, de metaphoras etc que era necessario misturar para fazer um poema. Já agora ella falla pelas vozes autorisadas de H. Taine e E. Scherer, e se acha muito dignamente representada no Brazil por Sylvio Romero e Araripe Junior.

E, no final das contas, o que são a historia e a critica modernas? — Romances naturalistas. A historia nunca irá alem da *Salambó* e da *Retiquia*; a critica não excederá nunca a *L'oeuvre*. Com nma differença apenas: — o romance naturalista, que é ao mesmo tempo a historia não logrará nunca o reconstruir completamente os meios e pôr de pé os homens dos tempos que foram. A critica estudando um qualquer homem publico deve parar em

certos assumptos. Não lhe é verdadeiramente permitido entrar em investigações uinuciosas, classificar de congenita nua qualquer particularidade pessoal e ir buscar-lhe a origem num avoengo epileptico ou ladrão ou homicida, explicar uns tantos actos pela influencia da familia onde existe talvez uma mulber adultera, ou pelas reminiscencias da vida collegial — dessa vida tão cheia de escabrozidndes e de compromissos para o futuro — deessa vida que no *Atheneu* Raul Pompéa nos está contando com a magia do seu talento e a belleza de sua dicção — dessa vida onde talvez estejam as causas que fez um ministro (caso hypothetico) lezar o thezouro nacional para servir n um amigo que podia mandar.

Vae entretanto ao romance naturalista o direito de fazer tudo isto — a elle que é a grande machina de investigação scientifica no dominio da sociologia.

E' sob este ponto de vista que o considero, que o aceito e que o defendo; e a formula que para si achei foi a seguinte:

A EXPERIMENTAÇÃO PSYCOLOGICA ESTÁ PARA A SOCIOLOGIA ASSIM COMO A EXPERIMENTAÇÃO PHYSIOLOGICA ESTÁ PARA A BIOLOGIA.

Dahi deduzo em primeiro logar a distincção capital entre o naturalismo e as sciencias medicas. Bem verdade que, pela posição que lhe assigno na classificação hierarchica de Comte, o naturalismo — phase embryonaria da sociologia, sciencia a mais complexa de todas, pedindo aos seus professos essa mesma omnisciencia de generalidades que o fundador do positivismo impõe aos seus sacerdotes, tem sempre obrigação de recorrer ás outras sciencias como fontes subsidiarias, mas sem confundir-se com ellas, da mesma sorte que a chimica vae buscar auxilios na physica e na mathematica e a biologia serve-se de todas estas.

E para exemplificar, e não fornecer exemplos senão nacionaes, já que felizmente os existem aqui, no *Homem* o naturalismo não está no estudo da hysteria nem elle é o Dr. Lobão. Aluizio não teve a pretensão de fazer monographia clinica nem de escrever tratado para os internos do Hospicio de Pedro II. E um qualquer erro que no tocante á materin por ventura lhe descubram não vem absolutamente marear a unidade scientifica desse bello romance onde o drama psychologico desenrola-se todo dentro do cranio de Magdá.

E era necessario frizar bem tudo quam tenho dito para estabelecer completa distincção entre o scientificismo do romance naturalista e o romance a Julio Verne, vulgarizador de sciencia ou pretensio tal.

O segundo ponto que deduz-se da formula do romance naturalista em progressão geometrica determinando as suas relações com a sociologia está na impossibilidade para elle em ser moral ou immoral porque nunca ninguém se lembrou de discutir a moralidade de uma equação de 2º grão, de uma observação astronomica ou physica, de uma experimentação chimica ou physiologica.

Eu comprehendo perfeitamente que haja quem prefira «o romantismo piegas, que a ninguém faz corar, nem envergonha.» Mas não tenho nada com isto.

Nós não escrevemos para deleitar ninguém, não somos ama-secca con-

tando historias ás crianças, para adormecolas a quietal-as em lhes embalando o berço; nem fazemos arte para fazer arte.

Somos os obreiros da futura sociologia positiva, os factores do porvir progresso humano. Representamos o connubium sublime da arte, que é apenas uma modalidade, com a sciencia — a aspiração suprema de athropos moderno.

### III

Forto dostas convicções, que me pareciam intuitivas e andar dentro do cerebro de todo o mundo, eu tive para mim sorpresas ao vér a critica fluminense reeditada a logica velharenta do romantismo dextrepito.

Na revista funebre a que procederam aos argumentos já mortos nenhum faitou á chamadn nem mesmo até o celeberrimo: «o naturalismo é muito bom! sobre este ponto estamos todos de accordo! mas é preciso commedimentos! é preciso fazel-o nos moldes de Balzac, nos moldes de Flaubert!»

E lembrei-me de uma phrase que muito se disse aqui no Brazil: «o abolicionismo é muito bom! sobre este ponto estamos de accordo! mas é preciso fazel-o nos moldes da lei Rio Branco, nos moldes da lei Saraiva!»

A cousa é sempre a mesma, é sempre a eterna historia da humanidade: Achega-se-lhe um homem e diz — Vamos até lá!

— Mas, eu estou tão bem aqui.  
— Vamos! Tu tens vida, e a vida é movimento; tu vives de progresso, e o progresso é andar.

— Mas...  
E o homem arrasta-a á força, o olla esbraveja contra elle.

— Porque não fazes como teu antecessor?!

— Não posso! responde-lhe o homem. Elle trouxe-te até aqui; até aqui não posso mais eu trazer-te!  
— Elle era tão bom!...

— Dava-te ns mesumas chicotadas que eu to dou; e tu contra elle gritavas os mesmos insultos que gritas contra mim!

### IV

Não faitou a accusação de immoralidade.

Entendamo-nos. Immoral é o livro — amphrodislaco, o livro que quasi todos leem para excitar-se a si mesmo antes de dar o passeio ás ruas de alem.

Divide-se em dous generos:  
1º o livro — CANTUARIDAS. Tem aqui no Brazil como prototypos o *Serões do Convento* e a *Martinhada*.

Seus caracteres principaes são: vender-se ás escondidas, mencionar na capa a muito conhecida epigraphe — *Leitura para homens* e não mencionar o nome do autor.

Possue-o quasi todo o bom burguez. Anda guardado no fundo de uma gaveta, envolto em um papel que já vao ficando pardo. De tempos em lê-se-o ou sósinho para distrahir o espirito, ou em companhia de um velho amigo para recordar aventuras picarescas do tempo da mocidade. Mas para lê-lo fecha-se a porta do quarto.

2º o *Libro Catulle Mendés*. (Muito propositalmente designo-o assim para perguntar aos jornaes paladinos da moralidade: porque estão continuamente a traduzir os contos de Catulle Mendés. Ainda estou para descobrir o merito do autor. E' um sujeito que

com o mesmo arco de uma só bandalheira arranca uma só nota de uma só corda retesada com vibração unica.) E' um livro decente. Compra-se ostensivamente. Anda ás claras pelas estantes mesmo até pelos aparadores da sala do visitins. Tem foros litterarios. Cochicha aos ouvidos do leitor umas cousinhas titilantes mas brandas como a coega que se faz com pena de galinha.

Tem grande extração e triumpho nos salões fidalgos porque no podre meio aristocratico os duques de Morá tomam pilulas de Jekias.

## V

Ha inda' um outro livro immora, mas inconscientemente immoral, o livro romantico, esse que se dá ás moças, o do Lamartine, de Chatbeaubriand, de Walter Scott...

E' o livro arrastando o espirito para as regiões de além; lá para as banhas das Escossias onde o bello fallar amores no silencio mysterioso dos castellos anegrentados pelo tempo e ensangrentados pelas tradições; lá para a terra das Hespanhas onde o olhar da mulher tem fogo, onde a seguidilha sapateia o coração á gonie, onde a capa farga e o sombreiro vasto foram feitos para abrigar o dualismo da genese; lá para as Italias ferreis nas evocações do antigo onde as condessas trazem o punhal á liga e os maridos o amantea so esfocam ao dobrar a esquina, onde o gondoleiro vai cantando a barcarola sentida de volupias no rythmo das ondas que gemem nostalgicas o beijo de Sorento; lá para as bandas do Levante onde os perfumes do sandalo e as fumaças do opio amolletam o homem por sobre os coxins macios de uns seios de Circassiana e por sobre os sonhos religiosos da creença do Nirvana.

E' o livro immoral, (se vai para admitir-se immoralidade em litteratura, si a falta de talento não é a unica immoralidade possivel no dominio da arte) é o livro que põe calafrios na medula e erethismos no pensar, é esse *Paulo e Virginia* que todo o mundo lê aos 14 annos por entre lagrimas e soluços arfando doridamente o peito casto das meninas.

## VI

E, mais um argumento *ad hominem*.

Tem os jornaes acaso o direito de condemnar o naturalismo em nome da moralidade? elles que são naturalista inconscientes e que mais do que nenhum naturalista fazem timbre em estudar o sujeito!

Sim, que o joraal é naturalista. Elle vive do estudo sobre o documento humano e, não contente do notar os casos particulares, com mais audacia do que ninguem, abalança-se arbitrariamente ás grandos proposições genericas, ás synthesses finaes catheroicamente expressadas n'uma formula qualquer.

Mais do que ninguem, é elle quem apresenta o animal humano na pujança dos seus vicios e no requinte das suas bestialidades. E' elle quem n'uma cidade de 400.000 almas chama ao horror e á perversão da especie quando noticia que 100 homens dormiram no xadrez.

E' elle quem não se importa de saber os heroismos silenciosos que dormem no anonymato—o nome desse pae de familia que volta esfalfado do emprego e vai entretanto ainda fazer endereços de jornaes para dar mais umas fitas ás filhas;—o nome dessa mãe

roida pela phtisica, pelas noites mal dormidas e pelos dias de fome e que trabalha sempre no sublime opico da maternidade para repartir um pedaço de pão mingado aos filhinhos nús; mas que se importa de saber o nome de todos os assassinos e de todos os ladrões e que escreve o artigo tanto mais comprido quanto mais fundo deseou a alma da humanidade, comprazendo-se quando ella chega até o paroxismo do paricidio.

E, bem reflectindo, não vai nesse naturalismo algum, mais antes uma especulação com a nota escandalosa e o desejo que o publico tem em reparar-se no escandalo.

O jornal não se propõe absolutamente á gloriosa tarefa de descobrir mais uma vibração no teclado enorme da psyché humana. Tem simplesmente o desejo de mostrar o sujo. Não se preocupa em saber como nasce e vive e morre o adulterio. Contenta-se em noticiar que o conselheiro X encontrou a esposa com um amante. Não comprehende o gesto sublime do advogado do Phrynéa dizendo que aquella mulher puxou porque estava-lhe nos instinctos, estava-lhe na carne. Repugna-lhe aquelle nú ao mesmo tempo artistico e scientifico. Mas põe a mulher em fraldas de camisa, com o collo á mostra e os tornozellos, irritante como dois vintens de mindubi torrado.

## VII

Para concluir emfim esta questão de moralidade eu poderia transcrever aqui o bello resumo do *Lar* que Nereu (já agora depois de um encomiastico mas justiciero *De palanque* tem-se o direito de chamal-o João Ribeiro) que Nereu publicou em folhetim num numero da *Epocha*.

E do estudo desses factos que eu fui accumulando á força de observações, do conjunto desse epizodio de familia que eu procurei fazer singello, simples e monotono, brotaria a consequencia ultima, a grands lição de moralidade fazendo esse livro proprio para as mães de familia, fazeado-o o roteiro do que se deve evitar na educação de uma moça.

Mas não compete a mim o elogio proprio.

O unico ponto a frizar para mim em toda esta questão vai em que eu obedeci simplesmente aos dictames de uma theoria logica em todo o seu desenvolvimento, em que eu fui o filho do meu tempo e o filho do meu meio, em que trouxe cá para a rua um livro, que pode não prestar pela carencia do talento em seu autor, mas que tem ao menos a honestidade do trabalho e a honestidade das convicções.

## VIII

E agora, a questão de forma que erroneamente chamam de ostylo.

Foi ella o ponto de mira para maioria dos ataques onde, como sempre eu tive a estudar a petulancia caracteristica da falta de talento. (\*)

Que eu não sei grammatica? Em um momento de bom humor Julio Vallés propoz á Commuaa:

« Sendo a grammatica a mais tola das convenções, fica ella abolida desde já. »

(\*) Entenda-se que esta phrase não vai a todos.

Não vou tão longe como o sympathico redactor do *Cri du peuple*. Mas tenho para mim que todo o escriptor verdadeiramente escriptor deve começar por aprender muito bem grammatica, com obrigação porem de esquecer metade do que sabe quando começa a escrever.

A grammatica é uma lei, é um codigo. Como toda a lei, como todo o codigo, nasce cada uma de suas disposições de um movimento revolucionario que triumphou. Dá-se porem no fieri constante da linguagem o mesmo facto que acontece no dominio da legislação. As leis são sempre posteriores ás necessidades que as determinaram e chegam sempre quando já não adiantam mais nada, quando vêm puramente homologar um prezeito já sancionado pela logica dos factos. As leis são como o projecto abolicionista do actual governo que não é de forma alguma um golpe de estado, que não passa do verbo possante da alma brasileira traduzido na linguagem officia do:—Ficam revogadas as disposições em contrario.

E eu gosto dessas comparações assim tiradas á politicagem porque é ella a unica cousa que todo o mundo sabe e a referencia a ella a unica forma de ser entendido.

Imagem pois que cá nas espheras da grammatica existe: um partido conservador emperrado, vivendo da adoração ao passado, querendo dizer ao progresso: que pare! sonhando mumificar a linguagem como os padres egypcios mumificavam os reis—matando-os; existe o partido francamente revolucionario, o que tom simplesmente por divisa:—derrubar tudo quanto está construido, partido de excessos e de audacias mas onde vibra toda a intuiria a psyché moderna; e existe o juste milieu, o partido que faz tudo apropriando e dirigindo as energias da junta da frente e da junta do couce.

Nós aqui no Brazil já temos no Sr. Castro Lopes a muito conhecida junta do couce.

Que diabo! Bastava isto só para me collocar eu muito longe, no extremo opposto.

E é por isto que (sem ser o primeiro aliás) haseio o rubro peadão da revolta para a conquista da bastilha negra do clacissimo.

Os classicos, mas os verdadeiros (é preciso fazer-lhes justiça) andavam com a face voltada para o passado ao tempo em que era essa attitude dos homens de espirito, ao tempo em que essa attitude determinou a Renascença.

Nós de hoje em dia, com a face voltada para o futuro, fazemos o neologismo; temos odio a todos os moldes estabelecidos e a todas as convenções já feitas; entendemos para nós que o verbo é transitivo ou intransitivo quando o quizermos e pela simples razão de ser isto o nosso prazer; acreditamos que uma qualquer palavra pôde ser substantivo, adjectivo, artigo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjunção ou interjeição á nossa vontade; parodiámos a resposta do kzarowitch a seu professor de geographia:—a geographia, faço-a eu com a ponta da minha espada; e dizemos ao mestre-escolas de palmatoria:—a grammatica faço-a eu com a ponta da peana.

## IX

Particularisando.

Afóra o *continuar* a fallarem-se onde Artbur Azevedo teve a bondade de ver apenas um descuido, afóra: *ess'outros* e

*outeiro cima* que são na realidade os erros typographicos de que fallou Ferreira de Araujo, afóra mais uma qualquer cousa que tenha passa lo desaparecida aos criticos e a mim, espantei-me de ver as phrases accusadas de incorrectas.

Para a leitura de todas essas phrases que transcrevo abaixo peço apenas que tenham bem presente: ser a construcção indirecta a genuinamente portugueza—estar a transposição na indolo da lia, gua.

Commeatarei somente o *com peios* que deu tanto quo fazer.

« Pelo anoitecer, no mysterioso sensual da escuridão, corpos unidos, imaginações ambas atrelladas ao mesmo carro das phantasias, com pelo torso uns suores de cansaço, com pela modula umas lubricidades fortes, com pela voz uns murmurios de amor, com pelo peito umas respirações oppressas, ellas duas longamente se fallaram. »

Analyzando, vem em primeiro logar a preposição: *com* que rege a proposição inteira dando ao leitor a idéa abstracta que se vê concretisar mais tarde; vem depois o complemento de logar, a determinação do meio:—*pelo torso*; vem emfim o personagem da phrase:—*suores de cansaço* que apparece quando o leitor já appropriou e a idéa abstracta dominante é o meio em que ella se concretiza.

Ahi vão as outras phrases iucriminadas:

« Ella quizera entretanto, gostar aquellas conversas, sentir pela nuca, tremulejando, a mesma sensação out'ora dispartada pelas historias de ladrões, somente agora desabrochando-lhe ao latejo lascivo de umas palavras abandalhadas e de outras aventuras picarescas. Era-lhe actualmente destes desejos. »

« Era essa a unica de todas que conseguia aquietal-a no insociavel. »

«... a filha da Angela gostava em dar-lhe pancadas. »

«... sim, que para ngradavel não era. »

«... e começam outra ual se levantam logo. »

«... quando esgotada foi a Sagrada Historia. »

« Pondo-lhe no corpo erethismo de risadas e polluções deixando-lhe pelo mundo dos seismaros. »

Si ahi ha erros, eu tenho muito orgulho em reclamar-lhes a paternidade consciente.

## X

Para terminar. Eu agradeço cordialmente áquelles: todos que escreveram sobre o *Lar*.

A critica, já o disse Zola, só mata a quem tem em si os elementos da propria morte.

Quando ella vem sizuda e cheia de sympathias modifica inconscientemente

o autor, onorgulheço e retémpera-o para as luctas do futuro.

Quando ella espoja-se na imbecillidade é o exterior donde podem brotar as melhores e mais perfumosas flores dos livros que se escreverão mais tarde.

Eu quiz dizer isto tudo, quiz dizer que não esmoreci, que estou prompto para todas as batalhas, e que para as agruras da jornada no alforge de peregrino loverei sempre este punhado de convicções.

PARDAL MALLET.

## AMOR ARISTOCRATA

Eu gosto das robustas camponozas, morenas e louçans:  
— fortes, sanguineas e viris bellezas, rijas e sans.

Gosto das filhas másculs do povo, de gesto firme e audaz, que nas arterias têm um sangue novo, quente e vivaz.

Amo tudo o que é bello na opulencia das formas da mulher; tudo o que pode dar-nos a existencia um bem qualquer

Oh! mas prefiro a cútis perfumada a cútis de jasmim que sae da fina trama delicada do nivo setim.

Amo os requintes raros, luxuosos dos nobres boudoirs, onde os leitos parecem, deliciosos, uos convidar...

N'elles abrem as azas, quaes cardumes, de passaros gentis, leves e doces, sensuaes perfumes, quentes, subteis...

Um seio visto pelas suas rendas de custoso lavor pede mais beijos, mais formosas prendas tem mais valor.

E a mulher quando sae de entre os aromas da seda triumphal, mostrando as duras, opulentas pomas, nua, afinal!

Ha um prazer, uma delicia extranha no corpo a lhe correr e toda a essencia que a circumda e banha doído, beber...

Pelos tapetes das alcovas quentes faz gosto repousar, para umas pernas mornas e frementes lento, beijar...

Não me consurem si prefiro a pobre, a classica rudcz, a aristocrata, delicada e uobre, fina nudez

Eu sou um louco sonhador exótico, avido de ideal, temperamento morbido e nevrotico, fraco, sensual,

e aos meus nervos, de moça, effeminados aos meus nervos febris são necessarios gozos refinados, gozos subteis...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## GOTTA DE ORVALHO

(Poesia e Sciencia)

Quando a Noite, no seio a suspirar, Meio acordada pede um beijo ao Dia, Do olhar lhe escapa a luz que se irradia Na flor de orvalho, no sol se levntar.

Oh! como é lindo assim a tremelar O prisma de um orvalho, que a harmonia Das cores traz, na luz que se desvin Ligando o anil do céu a éôr do mar!

Morro por vér-te, perola mimosa, Ao mostrar n Manhã o rosto ameno, Beberes liz na flor a mais formosa.

Gotta de orvalho, alem, ao céu sereno Volta, que és feita, lagrima de rosa, De oxígeno e dobro de hydrogênio. Abril de 88.

PAULA BARROS.

## Diversas Publicações

Pelo illustre Sr. Aprigio Cezarino foinos remetido um opusculo da conferencia que realisou em S. Carlos do Pinhal, sobre a emigração chinesa, no dia 18 de Março ultimo. Adversario decidido de tal emigração o Sr. Cezarino atscou com valentia a idéa que por ali la crescendo de se iniciar a internação do chim como elemento o para trabalho agricola.

Fecundo possa ser o seu esforço é o que tambem desejamos.

No sabbado ultimo distribui-se o 1º fasciculo do *Escandalo*, importante revista escripta de collaboração pelos primorosos escriptores Drs. Lucio de Mendonça e Valentim Magalhães.

Para garantia do alto merito do *Escandalo*, e outra cousa não carece que o grande conceito dos dois festejados litteratos.

Quem nesta terra não conhece o Lucio e o Valentim? e quem como elles tanto se tem elevado pelo talento, pela valentia com que escrevem e pelo criterio com que analysam as cousas litterarias, e as cousas publicas deste paiz?

O *Escandalo*, assim, é uma necessidade em nosso meio, e muito embora

vá magoar a delicada epiderme de muita gente, ha de fazer o seu curso.

Muito sinceros fazemos os nossos cumprimentos aos dois notavos escriptores e nossos particulares amigos, pelo emprehendimento de tão util publicação.

Recchemos:

O n. 13 da *Crhysalida*. Sempre gentil, e sempre bella a mimosa collega.

*Jornal dos Economistas*. N. 7. Bom e variado summario.

*The Rio News*. N. 11. Aproveita sempre o seu tempé, e as suas tabellas cambiacs.

*La Révolte*, ns. 26 e 27, órgão communista e anarehista, que se publica em Paris.

Relatorio da Bibliotheca Rio Grandense, apresentado pela Directoria a Assembléa Geral, em 22 de Janeiro deste anno.

*Revista mensal*, do Club de Engenharia, n. 3 do 2º anno.

*Il Brazille*, n. 4, revista mensal, agricola, commercial, industrial e financeira.

## SAUDADE

Eu tenho ainda saudade D'aquelle tempo de outr'ora; As dores que soffro sgora Eu nunca soffri então; Do tempo da mocidade Eu tenho ainda saudade.

A varzea tinha mais flores, Minh'alma mais alegrias; Só risos e poesias Eu conhecia no mundo; N'aquelle tempo de amores A varzea tinha mais flores.

Ouvia a canção do nauta Sentado á beira do mar; Tinha vontade de amar Até aos aninhos do céu; Ao som de longinqua frauta Ouvia a canção do nauta.

Os sonhos que então souhava Erani esperanças faguicras; Em lindas tranças trigueiras Eu sempre furtava um beijo; Illusões que muito amava... Os sonhos que então souhava.

Hoje, que sou infeliz, Que imploro carpindo a dor, Uma esperanza de amor; Por compaixão acredita: Do tempo da mocidade Eu tenho ainda saudade.

GREY TAVARES

## DO INTERMEZZO

Nos sonhos puros d'aurora Da vida — com tanto ardor! — Amei-te; e, smo-te sgora, Cemo nunca, oh! minha flor: E, si, de novo, cahisse O mundo em ruinaria Das trevas resurgiria Mais fulgido, o nosso amor!

Ceará, 1888.

ALVARO MARTINS

## FACTOS E NOTICIAS

O distincto poeta nosso illustre amigo Dr. Rodrigo Octavio está nesta Côte, de passeio.

Vá lá um abraço ao promotor de Santa Barbara.

Tivemos tambem o prazer da visita de Horacio de Carvalho, nosso collaborador muito distincto o muito festejado.

Horacio de Carvalho veio de S. Paulo para edictar na Côte um seu romance denominado *Chromo*. Conhece já o publico alguma cousa do trabalho do illustro escriptor, e por este tão pequeno excerpto pôde julgar do merecimento do romance. Por isso e tambem por mais alguma cousa que conhecemos do *Chromo* podemos garantir que o romance do Horacio é extraordinariamente bom, e superior a muita cousa que tem feito estropito em nossa litteratura.

Com anciedade espermos o livro do nosso estimado Horacio.

## RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Na ultima quinta-feira reuniu-se em sessão litteraria esta antiga sociedade. Foi lida e approvada sem discussão a acta da ultima sessão. Foram admittidos socios contribuintes os Srs. Domingos Pinto Correia, Albino José Vieira do Barros e Agostinho Manoel de Carvalho, propostos pelos Srs. Dr. Celestino Vicente e Antonio Pires Carrapatoso. O Gremio Litterario Portuguez do Pará enviou um primoroso trabalho de Thomaz Ribeiro *Te-Deum*. O Club de Engenharia enviou a sua revista mensal. Archivaram-se muitos jornaes.

Na 2ª parte fez o Sr. commendador Rodrigo de Mello e Souza uma delicada narrativa dos episodios succedidos por occasião da sua estada no lazareto de Lisboa. O Sr. José Dias Moreira recitou uma delicada poesia de lavra propria. Na 3ª parte discutiu-se o thema: — O papado na actualidade é util ou prejudicial aos povos? Fallaram a favor os Srs. Comendador Rodrigo de Mello e Caetano de Castro, e contra, o Sr. Leite Guimarães. A's 10 horas levantou-se a sessão.

O adoravel poeta, nosso distincto amigo o collaborador desta folha Emilio de Menezes, realisa hoje o seu consorcio com a Exma. Sra. D. Maria Carlota Coruja, gentil filha do Exm. Sr. commendador Coruja.

Para nós, que conhecemos do profundo affecto do nosso Emilio por sua noiva, muito prazer sentimos pela realisação de seus sonhos.

Felicitemos o pois, compartilhamos de suas alegrias.

**LOTÉRIAS DA VICTORIA**

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericórdia e das sociedades Beneficentes da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Autorisadas pelas leis n. 05 de 20 de Dezembro de 1886 e n. 34 do anno passado

**4.000 BILHETES**

SOMENTE

divididos em terços do custo de 900 réis cada terço  
Tem duas finaes, dando cada um 18000 o terço

Distribue 862 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da divida publica geral do Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanais e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem receber-os na corte qui-ram dirigir-se á Rua do Ouvidor n. 51 1º andar, para onde poderão dirigir, por carta, no abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

**Manoel do Couto Teixeira**

VICTORIA

**LABORATORIO CENTRAL  
HOMÉOPATHICO**

DE

A. G. DE ARAUJO PENHA &amp; C.

47 RUA DA QUITANDA 47

RIO DE JANEIRO

Fornecedores da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia; premiados nas exposições nacionaes de 1873, 1875 e 1881, e internacionaes do Chile e Philadelphia, pela perfeição e pureza de seus remedios

Completo sortimento de medicamentos em tinturas e globulos, livros dos melhores autores e todos os artigos de homoeopathia

**ESPECIALIDADES:**

**Coruus Braziliensis.**—Remedio poderoso e eficaz, de uma acção prompta para cura das affecções do coração; privilegiado pelo governo imperial.

**Phonolina Penna.**—Cauterio para accluar instantaneamente as dores de dentes mais rebeldes.

**Chenopodium anthelminticum.**—Vermifugo homoeopathico em pó, muito eficaz para expellir as lombrigas das crianças.

**Opodeldoc de guapo.**—Poderoso remedio contra o reumatismo, neuralgias, queimaduras, tumores, inchagões e dores em geral. O uso deste linimento é aconselhado pelos medicos mais considerados; sua acção é prompta e seu empre facil. Toda a casa de familia deve possuir este remedio excellente. Todos estes preparados encontram-se nas principaes pharmacias drogarias e no

LABORATORIO CENTRAL HOMÉOPATHICO

DE

A. G. DE ARAUJO PENHA &amp; C.

47 Rua da Quitanda 47

# A PAULICÉA

## BRILHANTE INAUGURAÇÃO

### NO DIA 1º DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamento das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. familias a differença de preços que faz das grandes liquidacões que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possível promptificar para hoje o annuncio que dovo mostrar o grande sortimento sem egual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, **CORRÊA & FREITAS**  
SUCESSORES DE J. M. CORRÊA

**A PAULICÉA****2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2**

RIO DE JANEIRO

**A PAULICÉA**  
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

**A PAULICÉA**  
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escritório todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospício 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Raribona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Luiz Murat.—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Aristides Lobo—Advogado, rua dos Ourives n. 35.

Dr. João Ribeiro—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

Os Engenheiros. Ura. Buarque de Macedo e Oestro Mau, encarregam-se de trabalhos de construcção, estudos ou outro quaesquer, e de sua profissão. Rua do Hospício n. 22.

Dr. Aristides Sp. Nova—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Alvoros matinaes, poesias de Carlos S. de Avollar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 20000.

Constructores de machinas e appparehos para lavoura—Schabert Irmãos & Haas.—Juiz de Fóra.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica do Cerveja e aguas minerais—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Urugayana n. 55. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury Muzambiúho—Minas.

Augusto Luzo.—lucumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambiúho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, n. 86

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 23, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase paut cruetinado, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Rodrigues Lima—Medico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgilio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Roza—Advogado. Escritorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambiúho o sen termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leono Mogy-Mirim. Provicia do S. Paulo.

**SEMENTES NOVAS**

DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

**HORTULANEA**

RUA DO OUVIDOR 45,

**A NOIVA**

RUA DOS OURIVES, 14  
SALÃO

para pentear senhoras e cortar cabellos  
PERFUMARIAS, MODAS E  
NOVIDADES, NINICHES E FRISETS  
Ultima novidade de 1\$ a 5\$

**ABEL**

Capelleireiro e professor de penteados  
RIO DE JANEIRO

**FABRICA DE CHUMBO**

Na rua do Hospicio n. 22. Vendê-se  
qualquer quantidade de chumbo de  
caça, e recebe-se encomenda.

**CERVEJA PELOTAS**

DA FABRICA

DE

**G. RITTER & IRMÃO**

22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

**JOCKEY-CLUB**

**PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA**

EM 22 DE ABRIL DE 1888

1º Pareo—A's 11 3/4 horas—Ferreira Lage—1.457 metros—Animaes nacionaes de meio sangue que não ganharam este anno—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

| Nº | NOMES          | IDADES  | NATURALIDADE       | PESOS    | PROPRIETARIOS     |
|----|----------------|---------|--------------------|----------|-------------------|
| 1  | Araby.....     | 5 annos | Rio de Janeiro.... | 56 kilos | Coud. Carluca     |
| 2  | Olarineta..... | 4 »     | S. Paulo.....      | 50 »     | A. Pinheiro       |
| 3  | Regente.....   | 4 »     | Idem.....          | 52 »     | J. Rocha          |
| 4  | Argelia.....   | 3 »     | Idem.....          | 48 »     | O. Junior & Lopes |
| 5  | Biscaia.....   | 5 »     | Idem.....          | 56 »     | Coud. Santa Cruz  |
| 6  | Famalicao..... | 4 »     | Rio de Janeiro.... | 52 »     | Ernesto Escoly    |
| 7  | Odalisca.....  | 4 »     | S. Paulo.....      | 56 »     | Coud. Excelsoior. |
| 8  | Violão.....    | 4 »     | Idem.....          | 52 »     | Ferreira & Irmão. |
| 9  | Boyardo.....   | 5 »     | Idem.....          | 56 »     | Coud. Guanabara   |

2º Pareo—A's 12 3/4 horas—Experioncia—1.200 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro 150\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |                 |         |                 |          |                     |
|---|-----------------|---------|-----------------|----------|---------------------|
| 1 | Bébé.....       | 2 annos | Inglaterra..... | 48 kilos | D. Julia Vieira.    |
| 2 | Dextrina.....   | 2 »     | Idem.....       | 48 »     | Samuel Pires.       |
| 3 | Hannover.....   | 2 »     | Idem.....       | 48 »     | Coud. Hannoveria    |
| 4 | Mistella.....   | 2 »     | Idem.....       | 48 »     | Idem.               |
| 5 | Feniana.....    | 2 »     | Idem.....       | 48 »     | Coud. Excelsoior.   |
| 6 | Paladino.....   | 2 »     | França.....     | 48 »     | A. da Silva.        |
| 7 | Philippina..... | 2 »     | Idem.....       | 48 »     | J. C. Babo.         |
| 8 | Troia.....      | 2 »     | Inglaterra..... | 48 »     | Oliveira J. & Lopes |

3º Pareo—A' 1 1/2 hora—Ypiranga—1.600 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |                |         |                    |          |                   |
|---|----------------|---------|--------------------|----------|-------------------|
| 1 | Espadilha..... | 3 annos | S. Paulo.....      | 50 kilos | Coud. Alliança    |
| 2 | Esmetalda..... | 3 »     | Idem.....          | 50 »     | Idem.             |
| 3 | Erse.....      | 3 »     | Idem.....          | 50 »     | Coud. Excelsoior. |
| 4 | Max.....       | 3 »     | Idem.....          | 52 »     | Rocha & Pacheco   |
| 5 | Tipla.....     | 3 »     | Idem.....          | 50 »     | Pinheiro          |
| 6 | Cecy.....      | 3 »     | Rio de Janeiro.... | 50 »     | Coud. Fluminense  |

4º Pareo—A's 2 1/2 horas—Dozeis de Julho—1.600 metros—Animaes estrangeiros de 3 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|    |                    |         |                 |          |                     |
|----|--------------------|---------|-----------------|----------|---------------------|
| 1  | Sir Telamond.....  | 3 annos | Inglaterra..... | 50 kilos | Coud. Intimidade    |
| 2  | Ormonde.....       | 3 »     | França.....     | 50 »     | F. Moreira          |
| 3  | Hal Way.....       | 3 »     | Inglaterra..... | 48 »     | Coud. Hannoveria    |
| 4  | Black Satin.....   | 3 »     | Idem.....       | 48 »     | Idem.               |
| 5  | Duc.....           | 3 »     | Idem.....       | 50 »     | F. Gonçalves.       |
| 6  | Trumps.....        | 3 »     | Idem.....       | 50 »     | Coud. Itaiyaya.     |
| 7  | Visière.....       | 3 »     | França.....     | 50 »     | J. Paulo de Castro. |
| 8  | Condorcet.....     | 3 »     | Idem.....       | 50 »     | J. Lima.            |
| 9  | Escopez.....       | 3 »     | Inglaterra..... | 50 »     | Coud. Fluminense.   |
| 10 | Kumarita.....      | 3 »     | França.....     | 48 »     | B. Rocha.           |
| 11 | Signorita.....     | 3 »     | Inglaterra..... | 48 »     | J. F. Valle.        |
| 12 | Little Prince..... | 3 »     | Idem.....       | 50 »     | Coud. Progresso.    |
| 13 | Phariseau.....     | 3 »     | Idem.....       | 50 »     | Idem Brazileira.    |
| 14 | Phenix.....        | 3 »     | Idem.....       | 50 »     | Idem.               |
| 15 | Huguenot.....      | 3 »     | França.....     | 50 »     | A. Michel.          |

5º Pareo—A's 3 1/2 horas—Universal (Handicap)—1.800 metros—Animaes de qualquer paiz e idade—Premios: 800\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |                        |         |                    |          |                     |
|---|------------------------|---------|--------------------|----------|---------------------|
| 1 | Contesse d'Olloni..... | 5 annos | França.....        | 56 kilos | Coud. Alliança.     |
| 2 | Amazonas.....          | 4 »     | Inglaterra.....    | 56 »     | Liber. & Courrèges  |
| 3 | Tic Tac.....           | 3 »     | França.....        | 54 »     | D. de Almeida.      |
| 4 | Contralto.....         | 5 »     | S. Paulo.....      | 47 »     | J. Rocha.           |
| 5 | Dr. Jenner.....        | 5 »     | Rio da Prata.....  | 48 »     | J. de Souza.        |
| 6 | Phoenicia.....         | 4 »     | Inglaterra.....    | 62 »     | Coud. Brazileira.   |
| 7 | Druid.....             | 5 »     | Rio de Janeiro.... | 52 »     | Oliveira J. & Lopes |
| 8 | Queenie.....           | 4 »     | Inglaterra.....    | 58 »     | Coud. Fluminense    |

6º Pareo—A's 4 1/2 horas—Guanabara—1.600 metros—Animaes nacionaes—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

|   |              |         |                  |          |                  |
|---|--------------|---------|------------------|----------|------------------|
| 1 | Monitor..... | 4 annos | S. Paulo.....    | 56 kilos | F. Moreira.      |
| 2 | Tour.....    | 4 »     | Idem.....        | 56 »     | J. Rocha.        |
| 3 | Diva.....    | 5 »     | Minas Geraes.... | 51 »     | Coud. Fluminense |
| 4 | Boreas.....  | 5 »     | S. Paulo.....    | 64 »     | Idem Progresso.  |

7º Pareo—5 1/4 horas—Jockey-Club—2.000 metros—Animaes de puro sangue—Premios: 1.200 \$ ao primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

|   |                     |         |                 |          |                  |
|---|---------------------|---------|-----------------|----------|------------------|
| 1 | Satan.....          | 5 annos | França.....     | 51 kilos | Mario de Souza.  |
| 2 | Phrynia.....        | 5 »     | Inglaterra..... | 61 »     | Coud. Fluminense |
| 3 | Babylonia.....      | 4 »     | França.....     | 59 »     | Idem Progresso.  |
| 4 | Phocira.....        | 4 »     | Inglaterra..... | 60 »     | Idem Brazileira. |
| 5 | Orange.....         | 4 »     | França.....     | 59 »     | Idem.            |
| 6 | Scotch Thistle..... | 4 »     | Inglaterra..... | 50 »     | Idem.            |

Os jockeys e animaes que não se acharem no ensilhamento ás 11 horas em ponto, não poderá no 1º pareo, o qual se realizará ás 11 3/4 horas em ponto, qualquer que seja o resultado da casa das apostas apurado até essa hora. As poubes para este pareo vendem-se na secretaria da sociedade, nos dias 20 e 21 do corrente. Forfaits unicamente de Huguenot, Tic-Tac e Queen.

Rio, 19 de Abril de 1888.

A. LISBOA 2º secretario

**MACHINAS PARA ARROZ**

DOS SYSTEMAS MAIS PERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

**ARENS IRMÃOS**

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remettam-se catalogos illustrados com descripções em portuguez







